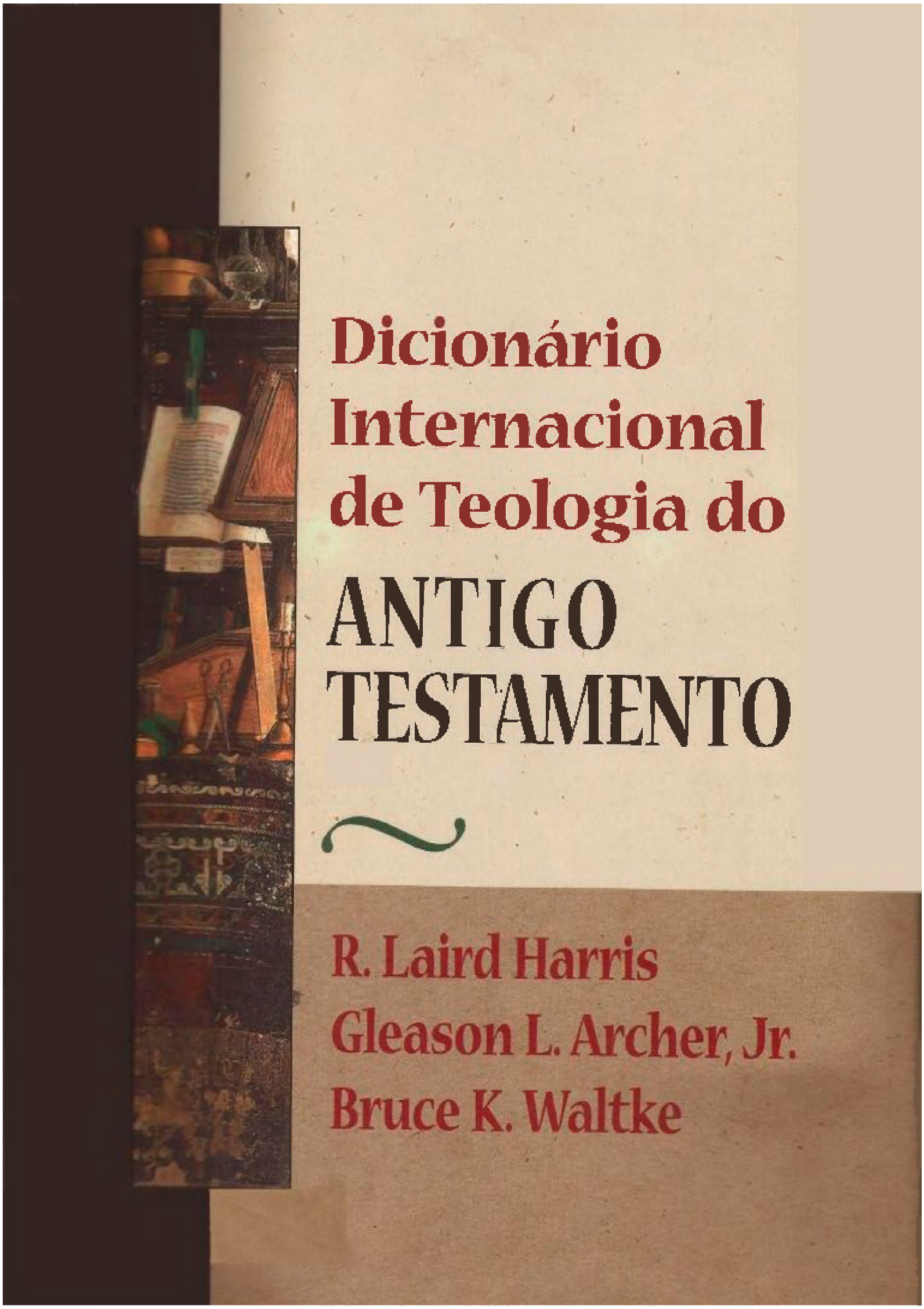
Dicionário
Internacional
de Teologia do
ANTIGO
TESTAMENTO
R. Laird Harris
Gleason L. Archer, Jr.
Bruce K. Waltke

© 1980 de The Moody Bible Institute of Chicago
Título do original: *Theological Wordbook of the Old Testament*
Traduzido com permissão a partir da edição publicada pelo The Moody Bible Institute (Chicago, Illinois, EUA)

Direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21486, São Paulo-SP
04602-970

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves, com indicação de fonte.

1.ª edição: 1998
Reimpressão: 1998[2]

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Revisão • GORDON CHOWN, LUIZ A. T. SAYÃO, WALDEMAR KROEKER, FABIANI S. MEDEIROS E LENITA ANANIAS DO NASCIMENTO

Consultoria • LUIZ A. T. SAYÃO

Capa • MELODY PIERATT

Diagramação • ROGER L. MALKOMES, RICARDO MARTINS MELO E JANETE D. CELESTINO LEONEL

Coordenação de produção • ROGER L. MALKOMES

Coordenação editorial • ROBINSON MALKOMES

Dicionário Internacional de Teologia do ANTIGO TESTAMENTO

R. Laird Harris

Gleason L. Archer, Jr.

Bruce K. Waltke

TRADUÇÃO

Márcio Loureiro Redondo

Luiz A. T. Sayão

Carlos Osvaldo C. Pinto

edições VIDA NOVA

INTRODUÇÃO

Há muito se reconhece o valor de livros que auxiliam no estudo teológico de palavras do Antigo e do Novo Testamento. Os estudos de vocábulos feitos por W. E. Vine são bem conhecidos no campo do Novo Testamento. A principal obra, o *Theological Dictionary of the New Testament*, recebe agora a companhia de um extenso *Theological Dictionary of the Old Testament*, que terá muitos volumes.

O *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* (DITAT) acompanha essa tradição, mas aborda a questão de um ponto de vista prático e menos exaustivo do que as principais obras. O pastor atarefado ou o obreiro cristão dedicado que não possua o tempo nem a bagagem para um estudo técnico e detalhado deve assim mesmo ter à sua disposição uma ferramenta para o estudo das palavras teologicamente significativas da Bíblia hebraica. Os editores estão convictos de que, para a correta compreensão dos termos teológicos do Antigo Testamento, é fundamental crer na verdade da Bíblia. Coisas espirituais "se discernem espiritualmente" (1 Co 2.14). Por essa razão, há aproximadamente 13 anos, eles arregimentaram cerca de 40 especialistas evangélicos que deveriam escrever definições técnicas dos importantes termos teológicos do Antigo Testamento, definições essas que seriam úteis para seus irmãos na tarefa de interpretar as Escrituras.

O estudo dos vocábulos não conduz a uma compreensão total do texto do Antigo Testamento — nem de qualquer outro texto. As palavras devem ser sempre interpretadas em seu contexto. Elas possuem um campo semântico, isto é, um campo de significados, de modo que a palavra hebraica *'āmar* pode às vezes ter o sentido de "falar" e às vezes de "ordenar". Por essa razão, de um lado ela se sobrepõe a *dābar* e de outro, a *tsāwâ*. Assinale-se também que as etimologias das palavras nem sempre determinam seus sentidos. Usamos, no dia-a-dia, palavras de origem pagã que não mais carregam tal conotação. Os nomes dos meses do nosso calendário, por exemplo, têm origem em deuses romanos. Mas, nós não cremos neles. Os hebreus também não inventaram a sua língua. Ela era usada em Canaã antes da conquista. Por isso, algumas palavras hebraicas podem ter origem cananéia, o que não quer dizer que os hebreus as empregassem com a conotação cananéia original. O uso encontrado na Bíblia é, portanto, o melhor critério para verificar o sentido de uma palavra, e para tanto os autores dos verbetes fizeram uso em grande parte de suas concordâncias bíblicas. Mas, embora às vezes o uso da palavra na Bíblia seja limitado, todos os dados disponíveis foram avaliados, cremos nós, criteriosamente. Entre nossos leitores haverá diferenças de opinião quanto a algumas das conclusões aqui apresentadas. Tais diferenças surgirão, em parte, em decorrência de

diferentes pontos de vista sobre o tema. Obviamente os estudos aqui apresentados não são exaustivos nem definitivos, mas os editores e os autores acreditam que as definições apresentadas podem ser bem sustentadas. Esperamos que esta obra resulte na edificação da igreja de Cristo com o auxílio que venha a prestar aos ministros da igreja e aos servos do Senhor.

Muitas vezes não foi fácil decidir quais palavras deveriam ser definidas e, dentre elas, quais deveriam ser objeto de estudo mais extenso. Em muitos casos é possível questionar as decisões tomadas. Em parte devido a isso e em parte devido à vantagem de ter pelo menos mencionadas todas as palavras do Antigo Testamento, decidiu-se incluir também os vocábulos que não foram escolhidos para serem tratados em verbetes e dar-lhes definições de uma linha — em geral seguindo-se o *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, preparado por Francis Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, obra essa que há muito tornou-se padrão no mundo de língua inglesa.

Decidiu-se não incluir nomes próprios do Antigo Testamento, com exceção de uns poucos de especial valor teológico, como é o caso de Abraão, Jerusalém, Jordão e outros. Quanto aos princípios da formação de nomes próprios no mundo hebraico, pode-se consultar o trabalho do Dr. Allan A. MacRae, "The semitic names in the Nuzi Tablets", em *Nuzi Personal Names*, organizado por I. J. Gelb (Chicago, University of Chicago, 1943).

As bibliografias que acompanham muitos dos artigos foram em grande parte preparadas pelos autores dos próprios artigos, mas os editores também procuraram suplementar o material dos autores. O Dr. Tom Finch, que recentemente pós-graduou-se pelo Dallas Theological Seminary, fez uma cuidadosa triagem dos principais periódicos teológicos dos últimos 30 anos, especialmente aqueles em inglês, em busca de artigos que tratassem do sentido das palavras analisadas. Os editores verificaram, então, se esses artigos eram úteis para constar nas bibliografias. Outras fontes foram freqüentemente mencionadas, tais como o *Theological Dictionary of the New Testament* (que possui um índice das palavras hebraicas discutidas) e o *Theologisches Handbuch zum Alten Testament*. O *Theological Dictionary of the Old Testament*, em boa parte, não esteve disponível.

Os vocábulos encontram-se dispostos de acordo com as consoantes do alfabeto hebraico (veja detalhes nas "Sugestões de Uso"). O DITAT reúne vocábulos correlatos e define substantivos, adjetivos e outras classes de palavras junto com a raiz de onde procedem. Reunir palavras correlatas traz a vantagem da comodidade e da economia. Há, talvez, a desvantagem de enfatizar demasiadamente a etimologia em detrimento do uso. Outra desvantagem é que os substantivos com prefixos aparecem fora da ordem alfabética. Para solucionar esse problema, qualquer palavra cuja grafia difira da de sua raiz encontra-se mencionada na devida seqüência alfabética, tendo ao lado uma referência numérica que remete o leitor à raiz. (Novamente, veja detalhes nas "Sugestões de Uso".)

No hebraico, como é bem conhecido, as raízes, na maioria, são verbos, e estes se formam a partir de um modelo triconsonantal. Com apenas 22 consoantes, um sistema de raízes triconsonantais é um tanto quanto limitado. O vocabulário hebraico é bem menor do que o rico vocabulário português com seus milhares de palavras. E o vocabulário bíblico é apenas uma percentagem — uma percentagem desconhecida — das palavras em uso na língua viva. Assim mesmo, algumas combinações de letras formam uma, duas ou

até mais raízes que usam as mesmas consoantes. Essas raízes são indicadas como I, II, III e assim por diante. Na verdade, os vários especialistas divergem: para eles uma raiz tem dois sentidos um tanto quanto diferentes ou há duas raízes distintas em questão. Em tais casos, geralmente os autores analisam o assunto.

O valor do DITAT deve-se, em grande parte, ao trabalho fiel de 46 autores, os quais concordaram em estudar as palavras que lhes foram designadas e sintetizar seu estudo dentro do formato determinado. Seus verbetes são assinados.

Solicitou-se aos autores que estudassem suas palavras do ponto de vista do uso bíblico, da origem etimológica, da comparação com as línguas cognatas, das traduções antigas, dos sinônimos, dos antônimos e do significado teológico. Também que examinassem o uso de suas palavras em passagens especialmente difíceis. Naturalmente nem todos esses itens se aplicam a cada palavra. E os autores sentiram a pressão de fazer o seu estudo caber dentro dos estreitos limites de uma obra em volumes. Muitas coisas que eles gostariam de ter incluído não puderam ser tratadas.

Deve-se explicar que, embora os autores tenham em comum o elevado ponto de vista da fidedignidade da Bíblia e da confiabilidade de seu texto, são de diferentes denominações e tradições exegéticas. No geral os editores deram liberdade aos autores para se expressarem. Por essa razão, é de esperar alguma variação no tratamento. Por exemplo, alguns empregam o nome "Iavé" para designar o Deus de Israel, outros, o nome "Senhor", outros, "Jeová". (Essa questão é analisada sob a possível raiz do nome, *hāyâ*.) Em alguns casos, quando o escritor apresentou apenas um ponto de vista sobre um assunto específico, os editores, para que a obra fosse completa, mencionaram um enfoque diferente. Em casos significativos, esses acréscimos foram submetidos aos autores e aprovados. Em casos de menor importância, os próprios editores acrescentaram tal material adicional, crendo que ele não violava a integridade do pensamento do autor. Se em qualquer desses casos o tempo disponível e as circunstâncias impediram o contato com os autores e as idéias destes não foram devidamente representadas, os editores só podem dizer que lamentam sinceramente e esperam não ter causado dano. Em alguns casos, quando um material adicional considerado útil, talvez especulativo, ou quando outros pontos de vista puderam ser aproveitados, os editores acrescentaram tal material entre colchetes, acompanhados de suas próprias iniciais.

Todos os artigos foram lidos pelo editor. Além disso, os dois co-editores leram, cada um deles, cerca de metade dos artigos. De modo que tudo foi conferido duas vezes. A responsabilidade final sobre o que esteja incorreto é do editor.

A obra levou muito mais tempo do que o esperado. Escolher autores e incentivá-los a cumprir os prazos foi um processo demorado. Vários autores, bem como os editores, estavam bastante envolvidos com a tradução da Bíblia conhecida como *New International Version* e deram prioridade para a tradução. Mas os colaboradores foram cuidadosos e fiéis, e, no devido tempo, o material tornou-se volumoso. Nossa dívida é com Chrisona Peterson (agora Sr.ª Julian Schmidt), copidesque, pois trabalhou longamente, cuidando de revisão, estilo, alfabetação, corte, *paste-up* (*ad infinitum*) e leitura de provas. Já se mencionou o trabalho do Dr. Tom Finch com as bibliografias. Dois alunos do Covenant Seminary, Jeffrey Weir e Ken Wolf, trabalharam no índice de equivalência (entre os números do DITAT e os da concordância de Strong), que se acha no final da obra em inglês. A editora Moody Press e seus representantes, primeiro David R. Douglass e

posteriormente William G. Crider, foram muito prestativos e apoiaram em cada momento. Por fim é preciso agradecer sinceramente à copiadora Xerox e ao processo de impressão "computer tape", que prestou enorme ajuda na produção de um livro de tipografia complicada e de considerável extensão como este.

Com gratidão ao Senhor pelo término desta obra, oramos para que sua bênção esteja sobre ela (SI 90.17).

St. Louis, Missouri, 1980

R. Laird Harris
Gleason L. Archer, Jr.
Bruce K. Waltke

COLABORADORES

Esta lista foi organizada pelo sobrenome do autor.

R.L.A. ALDEN, Robert, L., Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Conservative Baptist Theological Seminary, Denver, Colorado, Estados Unidos

R.H.A. ALEXANDER, Ralph H., Th.D., Professor de Língua e Exegese do Antigo Testamento, Western Conservative Baptist Seminary, Portland, Oregon, Estados Unidos

R.B.A. ALLEN, Ronald B., Th.D., Professor de Língua e Exegese do Antigo Testamento, Western Conservative Baptist Seminary, Portland, Oregon, Estados Unidos

G.L.A. ARCHER, Jr., Gleason L., Ph.D., Professor de Antigo Testamento e Línguas Semíticas, Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Illinois, Estados Unidos

H.J.A. AUSTEL, Hermann J., Ph.D., Deão, North West Baptist Seminary, Tacoma, Washington, Estados Unidos

A.B. BOWLING, Andrew, Ph.D., Professor Adjunto de Bíblia e Religião, John Brown University, Siloam Springs, Arcansas, Estados Unidos

G.L.C. CARR, G. Lloyd, Ph. D., Professor de Bíblia e Estudos Teológicos, Gordon College, Wenham, Massachusetts, Estados Unidos

G.G.C. COHEN, Gary G., Th.D., Reitor, Clearwater Christian College, Clearwater, Flórida, Estados Unidos

W.B.C. COKER, William B., Ph.D., Professor Adjunto de Bíblia, Asbury College, Wilmore, Kentucky, Estados Unidos

L.J.C. COPPES, Leonard J., Th.D., Pastor, Harrisville, Pensilvânia, Estados Unidos

R.D.C. CULVER, Robert D., Th.D., Professor de Antigo Testamento e Hebraico, Winnipeg Theological Seminary, Otterburne, Manitoba, Canadá

C.L.F. FEINBERG, Charles L., Th.D., Ph.D., Ex-Deão e Professor Emérito de Estudos Semíticos e Antigo Testamento, Talbot Theological Seminary, La Mirada, Califórnia, Estados Unidos

M.C.F. FISHER, Milton C., Ph.D., Reitor e Professor de Antigo Testamento, Reformed Episcopal Seminary, Upper Darby, Pensilvânia, Estados Unidos

P.R.G. GILCHRIST, Paul R., Ph.D., Professor de Estudos Bíblicos, Covenant College, Lookout Mountain, Tennessee, Estados Unidos

L.G. GOLDBERG, Louis, Th. D., Professor de Teologia e Estudos Judaicos, Moody Bible Institute, Chicago, Illinois, Estados Unidos

COLABORADORES

V.P.H.	HAMILTON, Victor P., Ph.D., Professor Titular da Divisão de Filosofia e Religião, Asbury College, Wilmore, Kentucky, Estados Unidos
R.L.H.	HARRIS, R. Laird, Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Covenant Theological Seminary, St. Louis, Missouri, Estados Unidos
J.E.H.	HARTLEY, John E., Ph.D., Professor Titular da Divisão de Filosofia e Religião, Azusa Pacific College, Azusa, Califórnia, Estados Unidos
C.D.I.	ISBELL, Charles D., Ph.D., Ex-Professor Adjunto de Antigo Testamento, Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missúri, Estados Unidos
W.C.K.	KAISER, Walter C., Ph.D., Deão e Professor Titular de Antigo Testamento e Línguas Semíticas, Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Illinois, Estados Unidos
E.S.K.	KALLAND, Earl S., Th.D., D.D., Professor Emérito de Antigo Testamento e Ex-Deão do Conservative Baptist Seminary, Denver, Colorado, Estados Unidos
J.P.L.	LEWIS, Jack P., Ph.D., Professor de Bíblia, Harding Graduate School of Religion, Memphis, Tenessi, Estados Unidos
G.H.L.	LIVINGSTON, G. Herbert, Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Asbury Theological Seminary, Wilmore, Kentucky, Estados Unidos
T.E.M.	MCCOMISKEY, Thomas E., Ph.D., Professor de Antigo Testamento e Línguas Semíticas, Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Illinois, Estados Unidos
A.A.M.	MACRAE, Alian A., Ph.D., Reitor e Professor de Antigo Testamento, Biblical School of Theology, Hatfield, Pensilvânia, Estados Unidos
E.A.M.	MARTENS, Elmer A., Ph.D., Reitor e Professor de Antigo Testamento, Mennonite Brethren Biblical Seminary, Fresno, Califórnia, Estados Unidos
J.N.O.	OSWALT, John N., Ph.D., Professor Adjunto de Línguas e Literatura da Bíblia, Asbury Theological Seminary, Wilmore, Kentucky, Estados Unidos
R.D.P.	PATTERSON, R. D., Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Grand Rapids Baptist Seminary, Grand Rapids, Michigan, Estados Unidos
J.B.P.	PAYNE, J. Barton, Ph.D., Falecido Professor de Antigo Testamento, Covenant Theological Seminary, St. Louis, Missúri, Estados Unidos
C.R.	ROGERS, Cleon, Th.D., Reitor, Freie Theologische Akademie, Seeheim, Alemanha
J.B.S.	SCOTT, Jack, B., Ph.D., Ex-Professor de Antigo Testamento, Reformed Theological Seminary, Jackson, Mississipi, Estados Unidos
C.S.	SCHULTZ, Carl, Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Houghton College, Houghton, Nova Iorque, Estados Unidos
E.B.S.	SMICK, Elmer B., Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Gordon-Conwell Theological Seminary, South Hamilton, Massachusetts, Estados Unidos
J.E.S.	SMITH, James E., Th.D., Deão Acadêmico e Professor de Antigo Testamento, Central Florida Bible College, Orlando, Flórida, Estados Unidos
H.G.S.	STIGERS, Harold G., Ph.D., Ex-Professor, Escritor e Conferencista, Glendale, Missúri, Estados Unidos
G.V.G.	VAN GRONINGEN, G., Ph.D., Reitor, Trinity Christian College, Palos Heights, Illinois, Estados Unidos
B.K.W.	WALTKE, Bruce K., Th.D., Ph.D., Professor de Antigo Testamento, Regents College, Vancouver, Colúmbia Britânica, Canadá

C.P.W.	WEBER, Carl Philip, Ph.D., Professor, Letcher High School, Whitesburg, Kentucky, Estados Unidos
W.W.	WHITE, William, Ph.D., Especialista em Línguas Bíblicas, Warrington, Pensilvânia, Estados Unidos
M.R.W.	WILSON, Marvin R., Ph.D., Professor de Estudos Bíblicos, Gordon College, Wenham, Massachusetts, Estados Unidos
D.J.W.	WISEMAN, Donald J., D. Lit., Professor de Assiriologia, School of Oriental and African Studies, Londres, Inglaterra
L.W.	WALKER, Larry, Ph.D., Professor de Antigo Testamento e Hebraico, Mid-America Baptist Seminary, Memphis, Tenessi, Estados Unidos
H.W.	WOLF, Herbert, Ph.D., Professor Adjunto de Antigo Testamento, Wheaton College, Wheaton, Illinois, Estados Unidos
L.J.W.	WOOD, Leon J., Ph.D., Falecido Professor de Antigo Testamento, Grand Rapids Bible Seminary, Grand Rapids, Michigan, Estados Unidos
E.Y.	YAMAUCHI, Edwin, Ph.D., Professor e Diretor de Pós-Graduação do Departamento de História, Miami University, Oxford, Ohio, Estados Unidos
R.F.Y.	YOUNGBLOOD, Ronald F., Ph.D., Deão Adjunto do Curso de Pós-Graduação e Professor de Antigo Testamento, Wheaton College, Wheaton, Illinois, Estados Unidos

SUGESTÕES DE USO

O DITAT é essencialmente um léxico hebraico e pode ser usado como qualquer outra obra do gênero. Contém, no entanto, certas características especiais cujo propósito é facilitar o seu uso, especialmente para os menos familiarizados com a língua hebraica. Esta obra foi basicamente feita para ser uma ferramenta útil para o pastor e para o estudante sério, que desejam estudar com diligência e ter uma compreensão mais completa do texto sagrado.

Transliteração das Letras Hebraicas

Um aspecto do DITAT é o uso que faz da transliteração do hebraico em letras do alfabeto latino. Isso está não apenas em conformidade com a prática nos estudos ugaríticos e acadianos, mas, sem dúvida alguma, será útil para o não-especialista, que não tem muita familiaridade com os caracteres hebraicos. O sistema de transliteração não pretende ser definitivo ou científico; é prático. Na realidade, não há total concordância quanto à antiga pronúncia do hebraico, a duração e a qualidade de suas vogais, *etc.* Mas esse sistema procura dar um equivalente em português de cada consoante; a notação das vogais também oferece uma equivalência unívoca que permite que o hebraico seja plenamente reproduzido a partir de qualquer palavra transliterada.

Como se sabe, apenas as consoantes eram escritas nos primeiros estágios da língua hebraica e, em geral, elas são mais importantes em transmitir o sentido de uma palavra hebraica ao passo que as vogais são mais significativas para assinalar a forma. Existem 22 consoantes (23 caso se faça distinção entre *sin* e *shin*), e a maioria delas possui equivalente em nosso alfabeto. As letras hebraicas *zain*, *lamed*, *mem*, *nun*, *samekh*, *qoph*, *resh* e *shin* são facilmente representadas pelas letras *z*, *l*, *m*, *n*, *s*, *q*, *r* e *sh*. Veja a tabela de transliteração.

Existem seis consoantes hebraicas cuja pronúncia pode ser "oclusiva" ou "fricativa". São as letras denominadas beghadh-kephath: b*eth*, *gimel*, d*aleth*, k*aph*, p*e* e t*aw* (*b*, *g*, *d*, *k*, *p*, *t*). Quando escritas com um ponto "oclusor" no meio, essas letras são pronunciadas tal como o equivalente em português. Caso haja um som vocálico logo antes dessa consoante (e se elas não forem duplicadas), são pronunciadas diferentemente, mas não mudam de significado. Tecnicamente falando, essas letras são oclusivas, mas recebem uma pronúncia fricativa, ou seja, o ponto de articulação não fica inteiramente fechado caso haja um som vocálico a precedê-las. Essa pronúncia variante pode ser representada aproximadamente por b/v, g/gh, d/dh (que equivale ao *th* na palavra inglesa "this"), k/kh, p/f e t/th (que equivale ao *th* na palavra inglesa "thin"). Alguns sistemas de transliteração indicam essa variação nessas seis vogais oclusivas. Mas, uma vez que isso não faz

nenhuma diferença no sentido das palavras, julgou-se preferível representar todas essas letras sempre pelo seu som de oclusivas — a pronúncia "dura". Dessa maneira *beth* é sempre *b*; *gimel*, *g*; *daleth*, *d*; *kaph*, *k*; *pe*, *p* e *taw*, *t*. (Em alguns sistemas de transliteração a pronúncia branda ou suave é assim representada: *bh*, *gh*, *dh*, *kh*, *ph*, *th*; em alguns outros: *ḇ*, *ḡ* [ou *g̱*], *ḏ*, *ḵ*, *p̱* [ou *p̲*], *ṯ*.)

Duas consoantes são chamadas de enfáticas. É difícil determinar com exatidão como foram pronunciadas no passado, mas o *teth* é uma espécie de "t", e o *tsadeh*, uma espécie de "s". São representadas respectivamente por *ṭ* (repare o ponto debaixo do *t*) e por *ṣ*. (Em alguns sistemas de transliteração o *tsadeh* é escrito *s*, com um ponto debaixo do *s*.)

Mais três consoantes não possuem equivalente em português. São sons guturais feitos com a laringe. São geralmente representados da seguinte maneira: *'aleph*, com apóstrofo (*'*); *'ayin*, com apóstrofo invertido (*'*); *he*, com a letra *h*. Esta última consoante equivale ao som indicado pela letra *h* na palavra inglesa *house*. Há casos em que a consoante *he* é muda (veja abaixo). Existe outra consoante gutural usada em ugarítico, árabe e acadiano, mas não em hebraico, pronunciada com a língua não totalmente encostada no céu da boca (tecnicamente uma consoante fricativo-palatal surda). Quando ocorre, é representada por *ḥ*.

Um segundo *s* era, aparentemente, pronunciado exatamente como *samekh*, *s*, embora se pareça com *sin* (que se escreve com um ponto sobre o canto superior esquerdo, ao invés de direito, da consoante). Para fazer distinção entre esta consoante *sin* e o *samekh*, indicamos o *sin* com um acento agudo sobre o *s*: *ś*.

Juntamente com a gutural *he* (ה), as duas demais consoantes, *waw* (ו) e *yodh* (י), são às vezes pronunciadas como consoantes e às vezes como vogais, isto é, às vezes valem como consoante e às vezes como vogal. É possível identificar o uso dessas três letras (ה, ו, י) como vogal pois isso acontece quando vem precedidas (ה ֱ ֲ ֳ וֹ וּ יִ) ou acompanhadas (ֵ e ִ) de determinados sinais vocálicos. Quando pronunciados como consoantes, o *waw* e o *yodh* têm som aproximado de *u* e *i*, sendo uma espécie de semivogais, sendo transliterados respectivamente por *w* e *y* (repare-se que na língua inglesa, por exemplo, as letras *w* e *y* são consideradas consoantes e indicam esse tipo de som meio vocálico e meio consonantal, como nas palavras *word* e *yes*). Em alguns sistemas de transliteração o *waw* é chamado de *vav* e pronunciado como *v* devido à influência alemã no estudo do hebraico no passado. Entretanto, caso essas letras sejam usadas como vogais, a vogal longa resultante é sempre (e só nesses casos) assinalada com um acento circunflexo (^). Há exemplos abaixo.

Todas as consoantes duplicadas (aquelas que em hebraico são assinaladas com um ponto no meio da letra) são simplesmente escritas duas vezes na transliteração.

Para facilitar o uso deste dicionário, ao lado da coluna "Transliteração Adotada" há outra coluna, "Transliterações de Outros Sistemas". Por isso, o leitor que, por exemplo, encontrar num comentário bíblico a transliteração *'iš* e não souber como ela é escrita em hebraico, poderá verificar na tabela que *š* é usado em outros sistemas para representar *sh*. Assim, esse leitor terá condições de passar essa transliteração para o sistema aqui adotado, *'ish*, ou mesmo identificar a forma da palavra em caracteres hebraicos, אִישׁ. Dessa forma, quer como *'ish*, quer como אִישׁ, ele será capaz de localizar o respectivo verbete dentro desta obra. Veja a "Tabela de Consoantes", nas páginas seguintes.

Tabela de Consoantes

Nome da consoante	Letra	Pronúncia provável	Transliteraçao adotada	Transliterações de outros sistemas
'aleph	א	Consoante muda, como o *h* de *homem*	'	
beth	ב	Som equivalente a *b*, só que aspirado; algo parecido com *v*	*b*	*b̲*, *bh*
	בּ	*b*	*b*	
gimel	ג	Som equivalente a *g* de *gato*, porém aspirado	*g*	*g̲*, *ḡ*, *gh*
	גּ	*g* (como em *gato*)	*g*	
daleth	ד	Som equivalente ao *th* da palavra inglesa *this*	*d*	*d̲*, *dh*
	דּ	*d*	*d*	
he	ה	Som equivalente ao *h* da palavra inglesa *his*	*h*	
	הּ (*h* final com valor de consoante)	Som equivalente ao *h* na palavra inglesa *his*	*h*	
waw	ו	*u* (*u* como no ditongo oral *mau*)	*w*	*v* (principalmente em gramáticas alemãs)
zayin	ז	*z*	*z*	
heth (ou heth)	ח	Som equivalente ao *ch* do alemão *Buch* e ao *j* do espanhol *trabajo*	*ḥ*	*ch* (principalmente em gramáticas alemãs)
teth (ou teth)	ט	Som equivalente ao nosso *t*, porém pronunciado mais enfaticamente	*ṭ*	
yodh	י	*i* (como no ditongo oral *pai*)	*y*	*j* (principalmente em gramáticas alemãs)
kaph	כ ou ך	Som equivalente a *k*, porém aspirado	*k*	*k̲*

Nome da consoante	Letra	Pronúncia provável	Transliteraçao adotada	Transliterações de outros sistemas
	ק	*q* (como em *queijo*)	*k*	
lamedh	ל	*l*	*l*	
mem	מ ou ם	*m* (como em *mês*, mas não como em *tem*)	*m*	
nun	נ ou ן	*n* (como em *nó*, mas não como em *hífen*)	*n*	
samekh	ס	Som equivalente a *s*, talvez aspirado mais enfaticamente	*s*	*ç*, *s* (este último no método de Paulo Mendes)
'ayin	ע	Som gutural sem equivalente nas línguas européias, pronunciado com a língua retraída para o fundo da garganta, algo parecido ao som emitido ao gargarejar	'	
pe	פ ou ף	Som equivalente a *p*, porém aspirado; algo parecido com *f* (repare-se a grafia antiga de *farmácia*: *pharmácia*)	*p*	*p̲*, *p̄*, *ph*
	פ	*p*	*p*	
tsadeh	צ ou ץ	Som inexistente em português, equivalente ao *zz* do italiano *pizza*	*ts*	*s*, *ç* (este último na gramática de Guilherme Kerr)
qoph	ק	Som inexistente em português, equivalente ao nosso *q*, só que pronunciado mais enfaticamente com a língua retraída	*q*	*k̲*
resh	ר	*r*	*r*	
sin	שׂ	*s*	*ś*	
shin	שׁ	*x* (como em *xis*)	*sh*	*s̄*
taw	ת	Som equivalente ao *th* do inglês *thin*	*t*	*t̲*
	ת	*t*	*t*	

Tabela de Vogais

Nome da vogal	Vogal	Transliteração adotada	Exemplo com uso da consoante	Transliteração do exemplo e pronúncia aproximada	Transliterações de outros sistemas
pathah	ַ	*a*	מַ	*ma*, como em amarrar	
qamets	ָ	*ā*	מָ	*mā*, como em magro	*á*
qamets final com *he* vocálico	ָה	*â*	מָה	*mâ*, como em magro	
hiriq	מִ	*i*	מִ	*mi*, como em milhar	
	מ	*i*	מִ	*mi*, como em mina	*ī* (ָ [*î*], escrito defectivamente
hiriq com yodh	ִי	*î*	מִי	*mî*, como em mina	
seghol	ֶ	*e*	מֶ	*me*, como em meta	
sere	ֵ	*ē*	מֵ	*mē*, como em medo	
sere com yodh	ֵי	*ê*	מֵי	*mê*, como em lei	
qamets-hatuph	ֹ	*o*	מָ	*mo*, como em moda	
holem	ֹ	*ō*	מֹ	*mō*, como em mofo	
holem com waw	וֹ	*ô*	מוֹ	*mô*, como em mofo	
qibbuts	ֻ	*u*	מֻ	*mu*, como em mudar	
	ֻ	*u*	מֻ	*mu*, como em muro	*ū* (ָ [*û*], escrito defectivamente
shureq (sempre com waw)	וּ	*û*	מוּ	*mû*, como em muro	

Várias outras combinações de vogais e consoantes mudas são auto-explicativas:

Nome da vogal	Vogal	Transliteração adotada	Exemplo com uso da consoante מ	Transliteração do exemplo
qamets com *he* final consonantal	מָה	*āh*	מָה	*māh*
qamets com *'aleph* final vocálico	מָא	*ā'*	מָא	*mā'*
sere com *he* final vocálico	מֵה	*ēh*	מֵה	*mēh*
seghol com *he* final vocálico	מֶה	*eh*	מֶה	*meh*

As semivogais são todas pronunciadas virtualmente da mesma maneira — como o segundo *a* na pronúncia de Portugal da palavra "cama":

Nome da vogal	Vogal	Transliteração adotada	Exemplo com uso da consoante מ	Transliteração do exemplo	Transliterações de outros sistemas
shewa	מְ	'	מְ	*m'*	*ə*
hateph-pathah	מֲ	*ă*	מֲ	*mă*	˚ (*a* suspenso)
hateph-seghol	מֱ	*ĕ*	מֱ	*mĕ*	˚ (*e* suspenso)
hateph-qamets	מֳ	*ŏ*	מֳ	*mŏ*	˚ (*o* suspenso)

SUGESTÕES DE USO

Existem treze vogais plenas e quatro semivogais em hebraico. Outro sinal, que assinala o fim de uma sílaba, o *shewa mudo* ( ), não tem nenhum som e não é indicado neste sistema. No caso da vogal *qibbuts*, alguns sistemas de transliteração adotam *u* quando a vogal hebraica ( ) indica vogal breve em sílaba aberta e *ū* quando indica vogal longa em sílaba fechada. As transliterações dessas vogais e também sua pronúncia aproximada após a letra *mem* (מ) são como nas tabelas das páginas seguintes.

Alguns exemplos de palavras transliteradas são: דָּבָר (*dābar*), דֹּבֵר (*dōbēr*), דִּבְרָה (*dōbʿrâ*), דָּבוּר (*dābûr*), מְדַבֵּר (*mʿdabbēr*), אַדֻּבָּר (*ʾădubbar*).

Para os menos familiarizados com o uso do hebraico transliterado, dedicar uma pequena atenção às tabelas acima tornará fácil a visualização das letras hebraicas equivalentes. Para aqueles que estão menos familiarizados com os caracteres hebraicos, o uso da transliteração tornará plenamente viável o estudo dos vocábulos.

Pode-se acrescentar aqui que a transliteração é a mesma para o aramaico e parecida para o árabe, o ugarítico e o acadiano. Em ugarítico e em árabe existem algumas consoantes a mais: *ḥa*, *ḫ*, que indica outro tipo de *ḥ* palatal, já mencionado; *ghain*, *ǧ* ou *ġ*, que indica outro tipo de *ayin*; *ḏ* e *ḍ*, para indicar outros tipos de *d*; *ẓ*, para indicar outra sibiliante enfática, e *š*, freqüentemente usado em lugar de *sh*. Segue-se o sistema encontrado em L. H. Gray, *Introduction to Semitic Comparative Linguistics* (Columbia University, 1934).

A Localização das Palavras no DITAT

No léxico hebraico padrão, o de Brown, Driver e Briggs (*BDB*), impresso em 1905, as palavras encontram-se organizadas após as raízes de que derivam. Desse modo, para encontrar *mizbēah*, "altar", é preciso procurá-la em *zābah*, "sacrificar". Nos léxicos mais recentes, como o de Koehler e Baumgartner, as palavras são dispostas alfabeticamente. De sorte que a palavra *mizbēah* acha-se sob a letra *m*. No *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, aparecem as vantagens dos dois sistemas. As palavras encontram-se, de fato, organizadas de acordo com a raiz: a raiz verbal e as palavras derivadas são discutidas em conjunto. Mas todos os derivados estão também relacionados em sua correta posição em ordem alfabética, tendo ao lado uma referência numérica que remete à raiz verbal, onde, caso seja teologicamente importante, encontrar-se-á uma análise do significado da raiz verbal e de todos os seus derivados.

Houve empenho em alistar alfabeticamente todos os derivados cujas consoantes diferem das da raiz verbal, mesmo que sua posição em ordem alfabética seja bastante próxima à da própria raiz. A exceção a essa regra é o tratamento de formas femininas de substantivos masculinos, as quais terminam em *â*. Estas são tratadas como derivados em seu devido lugar sob a raiz verbal, mas em geral, caso exista uma forma masculina correspondente, não serão indicadas por meio de referência numérica que remeta à raiz verbal. Desse modo, a palavra מָגוֹר (*māgôr*), da raiz גּוּר (*gûr*), n.º 332, será encontrada sob a letra מ, *m*, e haverá um número de referência, 332a, ao lado da palavra e também debaixo de *gûr*, n.º 332. Mas a forma feminina מְגוֹרָה (*mʿgôrâ*) não será citada sob a letra מ, *m*. Será encontrada procurando-se o substantivo masculino מָגוֹר (*māgôr*), n.º 332a, que remete à raiz n.º 332, na qual tanto o substantivo masculino quanto o feminino aparecem. Os substantivos com consoantes idênticas ao verbo aparecem apenas uma vez, debaixo da respectiva raiz verbal.

Na disposição alfabética, as vogais foram totalmente desconsideradas, com exceção de que *he*, *waw* e *yodh* são tratadas como consoantes mesmo quando funcionam como vogais. Por exemplo, מָוֶת é seguido de מָוָה, depois de מָזוֹן, vindo em seguida מָזוֹג, מָרוֹם, מָרוּחַ, מָרִיחַ e מַרְמֵה.

Observe-se que, na transliteração, as vogais representadas em alfabeto latino com acento circunflexo (*â*, *ê*, *î*, *ô* e *û*) sempre indicam consoantes hebraicas com valor vocálico (*he* ה, *waw* ו ou *yodh* י), e essas letras são levadas em conta na alfabetação; mas as vogais não indicadas com essas três letras não são levadas em conta. A duplicação das consoantes também não é levada em conta na disposição alfabética. É claro que é seguida a ordem do alfabeto hebraico apresentada acima na tabela de transliteração.

Em hebraico existe considerável liberdade de escrever-se o *holem* com ou sem *waw* (respectivamente, escrita plena e escrita defectiva). O mesmo se aplica ao *hiriq* com ou sem *yodh*. Na maioria dos casos, as duas formas são apresentadas e devidamente colocadas em ordem alfabética em dois lugares diferentes. Às vezes, no entanto, caso a grafia divergente seja bem menos importante, pode ter sido desconsiderada. De modo que, por exemplo, caso não se tenha encontrado חֹר, *ḥōr*, debaixo de *heth*, *waw* e *resh*, é recomendável procurar em חר, *ḥōr*, onde de fato aparece. Lembre-se sempre de que, para encontrar na ordem alfabética em hebraico uma palavra transliterada em português, é necessário levar em conta apenas as consoantes, mas isso inclui as vogais indicadas com circunflexo. Assim sendo, *m'gôrá*, que foi mencionada acima, estará alfabetada em *mem* (*m*), *gimel* (*g*), *waw* (*w*), *resh* (*r*) e *he* (*h*).

Nos casos de divergência, no texto hebraico, entre as consoantes escritas (o que é chamado de *kethib*) e as vogais indicadas (o *qere*), nem sempre se assinalam as duas formas, mas houve empenho em relacionar ou uma ou outra leitura. [Os massoretas, judeus, que por volta do ano 1000 d.C. fizeram cópias do texto bíblico, as quais são hoje o texto hebraico aceito, tiveram o extremo cuidado de não mudar as palavras que entendiam dever ser substituídas por outras. Em alguns casos, a palavra original era um erro de cópia; em outros, uma palavra ofensiva; em outros ainda, o nome divino יהוה (Yahweh), que eles achavam ser santo demais para ser pronunciado. Em vez disso, colocaram as vogais da palavra "certa" nas consoantes daquela que achavam que era "errada", escrevendo em alguns casos as consoantes "certas" na margem. O *kethib* são as consoantes da palavra "errada"; o *qere*, as vogais da palavra "certa" e, às vezes, na margem, as respectivas consoantes.]

Todos os vocábulos do hebraico bíblico estão incluídos no DITAT. Aqueles que, por uma razão ou outra, foram julgados de relevância teológica são tratados em definições em forma de artigo. Os demais, sobre os quais não existe divergência especial nem qualquer disputa teológica, são definidos numa linha, geralmente seguindo-se o BDB. Os nomes próprios de pessoas ou lugares não foram incluídos, exceto em casos como Abraão, Jerusalém, Jordão, que são palavras de interesse teológico especial. Talvez não seja necessário pedir escusas pela brevidade das definições. Os estudiosos que desejam fazer uma pesquisa mais aprofundada em determinadas palavras naturalmente desejarão procurar em outros lugares, e as bibliografias que em geral se seguem aos artigos deverão ser de alguma ajuda. Mas o DITAT já está suficientemente volumoso para cumprir seu objetivo — ajudar o estudante da Bíblia e o pastor em sua tarefa séria de interpretar a Palavra de Deus. Um material valioso para o estudo mais avançado das palavras hebraicas pode ser encontrado em *Theological Dictionary of the New Testament*,

organizado por Kittel, e em *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, organizado por Colin Brown. As duas obras possuem índices das palavras hebraicas tratadas em vários lugares.

Por fim, há de se destacar a presença de um índice remissivo em português no final do segundo volume, característica exclusiva da edição brasileira. Exaustivo, esse índice foi elaborado para facilitar a consulta no DITAT a partir dos vocábulos em português. Ali, todas as traduções sugeridas para os vocábulos hebraicos estão alistadas alfabeticamente, e o leitor que as consultar será remetido para o(s) número(s) do(s) verbete(s) que discute(m) a palavra em questão.

ABREVIATURAS

Gerais

a.C.	antes de Cristo
acad.	acadiano
adj.	adjetivo
adv.	advérbio
aram.	aramaico
aram. bíbl.	aramaico bíblico
at.	ativo
AT	Antigo Testamento
c.	*circa*, cerca, em torno de, por volta de
cap., caps.	capítulo, capítulos
cf.	*confer*, confira
cohort.	cohortativo
d.C.	depois de Cristo
D.D.	Doutor em Divindades
e.g.	*exempli gratia*, por exemplo
esp.	especialmente
et al.	*et alii*, e outros
etc.	*et coetera*, e [os] outros.
fem.	feminino(a)
fig.	figura
gr.	grego
hebr.	hebraico
id.	*idem*, o mesmo, autor antes referido
i.e.	*id est*, isto é
imper.	imperativo
imperf.	imperfeito (incompleto)
inf.	infinitivo
inf. abs.	infinitivo absoluto
inf. constr.	infinitivo construto
in loc.	*in loco*, no lugar
lit.	*litteratim*, literalmente, ao pé da letra
juss.	jussivo
marg.	nota marginal ou de rodapé

ABREVIATURAS

masc.	masculino
ms., mss.	manuscrito, manuscritos
n.º, n.ºs	número, números
NT	Novo Testamento
op. cit.	*opus citatum*, obra citada
p., pp.	página, páginas
part.	particípio
pass.	passivo
perf.	perfeito (completo)
Ph.D.	Doutor em Filosofia
pl.	plural
pron. dem.	pronome demonstrativo
pron. pess.	pronome pessoal
pron. poss.	pronome possessivo
q.v.	*quod vide*, o qual se veja
r.	raramente
s.	substantivo
s., ss.	seguinte, seguintes
sing.	singular
suf. pron.	sufixo pronominal
Th.D.	Doutor em Teologia
ugar.	ugarítico
v., vv.	versículo, versículos

Bíblicas

Veterotestamentárias

Ag	Ageu
Am	Amós
Ct	Cantares
1 Cr	1 Crônicas
2 Cr	2 Crônicas
Dn	Daniel
Dt	Deuteronômio
Ec	Eclesiastes
Ed	Esdras
Et	Ester
Êx	Êxodo
Ez	Ezequiel
Gn	Gênesis
Hc	Habacuque
Is	Isaías
Jl	Joel
Jó	Jó

Jn	Jonas
Jr	Jeremias
Js	Josué
Jz	Juízes
Lm	Lamentações
Lv	Levítico
Ml	Malaquias
Mq	Miquéias
Na	Naum
Ne	Neemias
Nm	Números
Ob	Obadias
Os	Oséias
Pv	Provérbios
1 Rs	1 Reis
2 Rs	2 Reis
Rt	Rute
Sf	Sofonias
Sl	Salmos
1 Sm	1 Samuel
2 Sm	2 Samuel
Zc	Zacarias

Neotestamentárias

Ap	Apocalipse
At	Atos
Cl	Colossenses
1 Co	1 Coríntios
2 Co	2 Coríntios
Ef	Efésios
Fm	Filemom
Fp	Filipenses
Gl	Gálatas
Hb	Hebreus
Jd	Judas
Jo	João
1 Jo	1 João
2 Jo	2 João
3 Jo	3 João
Lc	Lucas
Mc	Marcos
Mt	Mateus
1 Pe	1 Pedro
2 Pe	2 Pedro
Rm	Romanos
Tg	Tiago

1 Tm	1 Timóteo
2 Tm	2 Timóteo
1 Ts	1 Tessalonicenses
2 Ts	2 Tessalonicenses
Tt	Tito

Apócrifas

Br	Baruque
Ep Jr	Epístola de Jeremias
Jt	Judite
1 Mc	1 Macabeus
2 Mc	2 Macabeus
Sb	Sabedoria
Sr	Sirácida (tb. conhecido como Eclesiástico)
Tb	Tobias

Livros e Periódicos

AB	Anchor Bible (série de comentários bíblicos citada por autor e livro)
AI	*Ancient Israel: Its Life and Institutions* (Roland deVaux, tradução de 1961)
AisWUS	*Wörterbuch der ugaritischen Sprache* (J. Aistleitner, 4. ed., 1974)
ANET	*Ancient Near Eastern Texts* (ed. J. Pritchard, 3. ed. rev., 1969)
ANEP	*The Ancient Near East in Pictures*
AOOT	*Ancient Orient and the Old Testament* (K. Kitchen, 1966)
BA	*Biblical Archaeologist*
BASOR	*Bulletin of the American Schools of Oriental Research*
BDB	*A Hebrew-English Lexicon of the Old Testament* (Brown, Driver, Briggs, 1905)
BETS	*Bulletin of the Evangelical Theological Society* (posteriormente *Journal of the Evangelical Theological Society*)
Bib	*Biblica*
BJRL	*Bulletin of the John Rylands Library* (2. ed., 1980)
BL	*Historische Grammatik der hebräischen Sprache des A.T.* (H. Bauer & H. Leander, 1922)
BS	*Bibliotheca Sacra*
BWANT	*Beiträge zur Wissenschaft vom Alten und Neuen Testament*
CAD	*The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago* (1956 e ss.)
CBQ	*Catholic Biblical Quarterly*
DBT	*Dictionary of Biblical Theology* (ed. X. L. duFour, 1967)
DTOT	*Theology of the Old Testament* (A. B. Davidson, 1904)
EQ	*Evangelical Quarterly*
ETOT	*Theology of the Old Testament* (W. Eichrodt, 2 vol., trad. de 1965)
Exp	*The Expositor*
ExpT	*The Expository Times*
FSAC	*From the Stone Age to Christianity* (W. Albright, ed. rev., 1957)

GB	*Hebräisches und aramäisches Handwörterbuch* (W. Gesenius, F. Buhl, 17. ed., 1915)
GKC	*Hebrew Grammar* (W. Gesenius, E. Kautzsch, A. Cowley, 2. ed. em inglês, 1910)
HCHL	*Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* (W. Holladay, 1971)
HDB	*Hastings Dictionary of the Bible* (1911)
HIOT	*Introduction to the Old Testament* (R. K. Harrison, 1969)
HTR	*Harvard Theological Review*
HUCA	*Hebrew Union College Annual*
ICC	*International Critical Commentary* (série de comentários bíblicos citada por autor e livro)
IDB	*Interpreter's Dictionary of the Bible* (ed. G. Buttrick, 1962)
IEJ	*Israel Exploration Journal*
ISBE	*International Standard Bible Encyclopaedia* (ed. J. Orr, 1929)
JAOS	*Journal of the American Oriental Society*
JBL	*Journal of the Society of Biblical Literature and Exegesis*
JBR	*Journal of Bible and Religion*
JETS	*Journal of the Evangelical Theological Society* (anteriormente *Bulletin of the Evangelical Theological Society*)
JNES	*Journal of Near Eastern Studies*
JPOS	*Journal of the Palestine Oriental Society*
JQR	*Jewish Quarterly Review*
JSS	*Journal of Semitic Studies*
JTOT	*Theology of the Old Testament* (E. Jacob, 1958)
KAI	*Kanaanäische u. aramäische Inschriften* (H. Donner & W. Rollig, 3 vol., 1964-1966)
KB	*Lexicon in Veteris Testamenti Libros* (L. Koehler & W. Baumgartner, 2. ed., inglês e alemão, 1958)
KD	*Commentary on the Old Testament* (K. Keil & F. Delitzsch)
LAP	*Light from the Ancient Past* (J. Finegan, ed. rev., 1959)
Lis	*Konkordanz zum hebräischen Alten Testament* (G. Lisowsky, 2. ed., 1958)
MMM	*Manuscritos do Mar Morto*
Moscati	*An Introduction to the Comparative Grammar of the Semitic Language* (1964)
NBC	*New Bible Commentary* (2. ed., ed. F. Davidson, A. Stibbs, E. Kevan, publicado no Brasil pela Vida Nova em 1963 sob o título *O Novo Comentário da Bíblia*)
NBD	*New Bible Dictionary* (ed. J. Douglas, publicado no Brasil pela Vida Nova em 1962 sob o título *O Novo Dicionário da Bíblia*)
NTS	*New Testament Studies*
Or	*Orientalia*
OTOT	*Theology of the Old Testament* (G. Oehler, revisão da tradução de G. E. Day, 1883, reimpressão de Zondervan)
OTS	*Old Testament Studies*
PEQ	*Palestine Exploration Quarterly*
PTOT	*Theology of the Older Testament* (J. B. Payne, 1962)
PTR	*Princeton Theological Review*

RB	*Revue Biblique*
RSP	*Ras Shamra Parallels* (L. Fisher, 2 vol., 1972-5)
SJT	*Scottish Journal of Theology*
SOT	*Synonyms of the Old Testament: their Bearing on Christian Doctrine* (R. Girdlestone, 1897, reimpressão de Eerdmans)
SOTI	*Survey of Old Testament introduction* (G. Archer, 2. ed., 1974)
TDOT	*Theological Dictionary of the O.T.* (H. Botterweck & H. Ringren, vol. 1-3, 1974 e ss.)
THAT	*Theologisches Handbuch zum Alten Testament* (E. Jenni & C. Westermann)
ThT	*Theology Today*
TOT	*Theology of the Old Testament* (autor especificado para diferentes títulos)
TS	*Theological Studies*
TWB	*Theological Word Book of the Bible* (A. Richardson, 1950)
TWAT	*Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament (ed. G. J. Boltterweck)*
TWNT	*Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament* (ed. G. Kittel)
UT	*Ugaritic Textbook* (C. H. Gordon, 1965, gramática citada por capítulo e parágrafo; textos citados por capítulo [16] e número da linha; glossário citado por capítulo [19] e número da palavra)
Vos,BT	*Biblical Theology* (G. Vos, 1948)
vRTOT	*Theology of the Old Testament* (G. von Rad, ed. em inglês, 2 vol., 1962-65, publicado no Brasil pela ASTE sob o título *Teologia do Antigo Testamento*)
vS.AkkH	*Akkadisches Handwörterbuch*, (W. von Soden)
VT	*Vetus Testamentum* (*VT Supplements* [ou seja, Suplementos de *VT*] são indicados como *Supp VT*)
WBC	*Wycliffe Bible Commentary* (ed. C. Pfeiffer & E. Harrison, 1962)
WBE	*Wycliffe Bible Encyclopedia* (ed. C. Pfeiffer, H. Vos & J. Rea, 1975)
WJT	*Westminster Theological Journal*
YBIs	*The Book of Isaiah* (E. J. Young, 3 vol., 1965-1972)
YGC	*Yahweh and the Gods of Canaan* (W. Albright, 1968)
ZAW	*Zeitschrift für alttestamentliche Wissenschaft*
Zor	*Lexicon Hebraicum et Aramaicum V.T.* (F. Zorrell & L. Semkowski, 1940 e ss.)
ZPEB	*Pictorial Encyclopedia of the Bible* (ed. M. Tenney, Zondervan, 4 vol., 1975)

Versões da Bíblia

ARA	Versão de Almeida, Revista e Atualizada
ARC	Versão de Almeida, Revista e Corrigida
ASV	American Standard Version
AV	Authorized Version (King James)
BJ	Bíblia de Jerusalém
BLH	Bíblia na Linguagem de Hoje
EP	Edição Pastoral
IBB	Versão da Imprensa Bíblica Brasileira, também conhecida como Versão segundo os Melhores Textos
JB	Jerusalem Bible

KJV	King James Version
LXX	Tradução Grega dos Septuaginta
MM	Versão dos Monges de Maredsous
MS	Versão de Matos Soares
NAB	New American Bible
NASB	New American Standard Version of the Bible
NEB	New English Bible
NIV	New International Version
PIB	Versão do Pontifício Instituto Bíblico
RSV	Revised Standard Version
TB	Tradução Brasileira

Convenções

*	a preceder raiz verbal, indica que, embora citada na forma qal, a referida raiz só aparece nos graus derivados: piel, hifil, *etc.*
†	antes de palavra, indica que esta é especificamente tratada em seguida, no exame dos significados
[ ]	1) número do versículo na Bíblia hebraica quando divergente do número das Bíblias em português; 2) acréscimos de outro autor a verbetes já concluídos
=	indica passagens paralelas
§	parágrafo

א

אָב (*'āb*). Veja o n.º 4a.

אֵב (*'ēb*). Veja o n.º 1a.

אֹב (*'ōb*). Veja o n.º 37a.

1 אבב (*'bb*). **Aceita como raiz de:**

1a אֵב (*'ēb*) ***frescor, gramado verdejante.***

1b אָבִיב (*'ābîb*) ***cevada.***

'ābīb. ***cevada.*** Este substantivo refere-se à cevada madura, embora ainda tenra, cujos graos são usados como alimento, quer moídos, quer assados (*KB*). A ASV e a RSV concordam (veja porém Lv 2.14). A sétima praga trouxe uma saraiva que arruinou a colheita da cevada do Egito pelo menos duas semanas antes que ela amadurecesse completamente e ficasse pronta para a colheita (Ex 9.31). Abibe também era o antigo nome (mais tarde chamado nisā) do primeiro mês do calendário judaico (o mês da Páscoa). Nesse mês a cevada dava as espigas, contudo a época normal da colheita era o segundo mês (iyyar). De acordo com Lv 2.14 a oferta de manjares (cereais) deveria ser os primeiros frutos de *'ābîb*. Essa raiz ocorre dez vezes na Bíblia.

Bibliografia: SMICK, E. B., Calendário, In: *WBE*.

L.J.C.

2 אָבַד (*'ābad*) ***perecer, ser destruído***; piel e hifil, ***destruir.***

2a אֹבֵד (*'ōbēd*) ***destruição*** (somente em Nm 24.20, 24).

2b אֲבֵדָה (*'ăbēdâ*) ***algo perdido*** (*e.g.*, Dt 22.3; Êx 22.8).

2c אִבְדָן (*'abdān*) ***destruição*** (Et 8.6; 9.5).

2d אֲבַדּוֹן (*'ăbaddôn*) ***destruição, ruína, Abadom.***

O verbo *'ābad* é um termo comum para *morrer*, ou, no caso de coisas, reputação, etc., tem o sentido de *desvanecer*. (Os cognatos em acadiano, árabe e ugarítico expressam idéias similares.) No piel e no hifil é usado transitivamente no sentido de *matar* ou *demolir* (casas, ídolos e reinos). O Egito foi destruído (Êx 10.7; KJV, NASB; "arruinado", RSV, NIV), embora faraó não o admitisse. Josué advertiu que, se Israel pecasse, logo haveria de perecer na terra (Js 23.16). A planta de Jonas surgiu em uma noite e morreu

em uma noite (Jn 4.10). O estulto e o inepto perecem (Sl 49.10[11]). O homem sem entendimento perecerá como os animais (Sl 49.20[21]).

A principal questão teológica acerca dessa raiz é provavelmente se ela se refere meramente à morte física ou também à punição eterna. Não é uma questão simples. Evidentemente, a palavra tem quase sempre o sentido de uma grande perda, em muitos casos, a morte. A famosa autodedicação de Ester, "se perecer, pereci" (Et 4.16), tinha em vista sua própria morte sacrificial.

Os versículos que possam levar em conta a vida pós-túmulo para referir-se aos sofrimentos posteriores dos ímpios podem ser relacionados: Sl 49.10[11]; *cf.* vv. 12, 20[13, 21]; 73.27 (*cf.* vv. 18, 19); 83.17[18]; Pv 10.28; 11.7 (*cf.* 24.20) e Ez 28.16. Estes versículos, como muitos outros, podem ser interpretados como referindo-se apenas à morte do corpo. Contudo, encontram-se em um contexto que está considerando a vida futura. Qualquer conclusão será, sem dúvida, influenciada por considerações gerais. Se o AT "não crê na vida pós-túmulo de modo explícito", conforme N. Snaith afirma (DTOT, p. 89), então estes versículos não devem ser forçados a falar de destruição eterna dos ímpios. Mas, se a imortalidade é encontrada repetidamente em Salmos, Provérbios, *etc.*, conforme argumenta M. Dahood, então eles podem estar se referindo a ela (Veja *Psalms*, III, In: *AB*, p. 41-52 e SMICK, E. B., na "Bibliografia").

Os salmos 49 e 73 são muitas vezes citados como salmos que se referem à vida futura. Salmos 49.15 usa a frase significativa "ele me tomará", usando o mesmo verbo utilizado para o traslado de Elias ao céu e também em Salmos 73.24, "me recebes na glória." Nao é ir longe demais, portanto, pensar que termos como "perecer" (*'ābad* ou *dāmâ* II *q.v.*), ou "seus túmulos, suas habitações para sempre", ou "deteriorar na sepultura" (NIV), ou ainda "a morte se alimentará deles" bem podem se referir à destruição eterna. Salmos 83.17 talvez não seja tão claro como os outros, mas a ênfase na ruína total do ímpio é impressionante. Se Ezequiel 28 se refere, como muitos acreditam, a Satanás que teria inspirado o príncipe de Tiro, não trata da punição do ímpio, mas do próprio Satanás. Aquele que uma vez andou no monte santo de Deus, no meio das pedras de fogo, será envergonhado (*hālal*) e destruído (*'ābad*) e, no processo, retirado da (*min*) montanha de Deus e das pedras de fogo. Isso soa a punição eterna.

'abaddôn. ***Destruição, Abadom***. Esta palavra é transliterada em Apocalipse 9.11 e usada como o nome hebraico do diabo, chamado Apoliom em grego. Tal uso não é idêntico ao do AT, embora se trate de um comentário interessante sobre este. O termo aparece seis vezes no AT. Duas vezes corresponde a *sh'ôl* (*q.v.*), (Pv 15.11; 27.20) e uma vez a *qeber* "sepultura" (Sl 88.11[12]). Na sua sexta ocorrência, a palavra aparece sozinha (Jó 31.12). Está claro que a palavra se refere à destruição da sepultura, mas os contextos não são claros o suficiente para provar que ela se refere à destruição eterna. As passagens de Jó e de Provérbios são personificações poéticas e não se referem mais claramente a pecadores do que a justos. O salmo 88 refere-se às tribulações do salmista e, embora bastante poético, dificilmente pode estar-se referindo a um local de tormento. Outras passagens também devem ser consultadas para tais questões (*e.g.*, Jó 27.13-23; Is 66.22-24).

Bibliografia: HEIDEL, A., Death and the Afterlife, In: *The Gilgamesh epic*, 2 ed., Universidade de Chicago, 1949, p. 137-223. — HARRIS, R. L, *Man—God's eternal creation*, Moody, 1971, p. 162-77. — SMICK, E. B., The bearing of new philological data on the subjects of resurrection and immortality in the OT, *WTJ*, 21:1, p. 12-21.

R.L.H.

3 אָבָה (*'ābâ*) ***I, dar lugar a um desejo, aceitar (uma repreensão), querer, estar disposto, consentir*** (A ASV e a RSV fazem exceções semelhantes nos casos onde predominam implicações secundárias.).

Termos Derivados

3a אֶבְיוֹן (*'ebyôn*) ***necessitado***.

3b אֲבִיוֹנָה (*'ăbîyônâ*) ***semente de alcaparra***.

3c אֵבֶה (*'ēbeh*) ***junco, papiro***.

3d אָבוֹי (*'ābôy*) ***oh!*** (etimologia incerta).

O significado principal desta raiz é "a disposição (inclinação) para fazer algo sob obrigação ou mediante pedido." Deve ser distinguida de *nādab*, que implica voluntariedade, de *ratsôn*, que denota uma disposição cheia de prazer por parte do sujeito; de *ḥapats*, que implica uma submissão em conformidade com o que lhe é adequado, ou uma disposição favorável; e de *yā' al*, que indica um esforço por parte daquele que irá realizar alguma coisa. Compare também *'āwâ*, *yā' ab* e *tā' ab*. Esta raiz ocorre 112 vezes. A forma verbal ocorre apenas no qal, sendo que apenas duas destas vezes tal forma aparece com uma partícula negativa (Is 1.19; Jó 39.9). Pelo fato de em algumas línguas cognatas esta raiz ter o significado de "estar com má vontade", G. J. Botterweck conclui que "a ênfase principal aqui não está na intenção como fator psicológico no homem interior (*cf.* *'āmā*, normalmente tendo *nepesh* por sujeito!) mas sim nos principais padrões e ações do comportamento nos quais a intenção é manifesta" (*TDOT*, v. 1, p. 24). Os cognatos, porém, estão possivelmente mostrando apenas uma polaridade do significado.

O sentido básico do verbo é esclarecido naqueles dois casos onde ele é usado de modo positivo (talvez originalmente apenas com significado negativo, JOHNSON, B., *TDOT*, v. 1, p. 24-6). Jó 39.9 fala de asnos selvagens cuja inclinação natural é recusar o serviço ao homem. Em Isaías 1.19 Israel é conclamado a mostrar uma intenção positiva para com Deus e não "recusar" (*mā' an*) e "ser rebelde" (*mārâ*), (Is 1.20). Aqui, como muitas vezes em outras passagens, *'ābâ* aparece com *shāma'*. Botterweck contrasta os dois: "A diferença parece ser que *'ābâ* denota os primeiros indícios de reação positiva, enquanto *shāma'* indica obediência completa (*TDOT*, v. 1, p. 25).

A idéia de exercer a vontade é expressa quando alguém recebe o pedido de acatar a solicitação de outrem (*e.g.*, em 2 Sm 13.25, quando Davi não está disposto a ir com Absalão). Outra dimensão do sentido é acrescentada nos casos em que a vontade é exercida contra a lei ou a mandamento de Deus (Êx 10.27; 2 Sm 13.14). Finalmente, a recusa em ceder pode trazer consigo perversidades distintas, como quando Israel resolve não dar ouvidos a Deus (Is 30.9), a despeito da advertência em Levítico 26.21. A rejeição do povo é resumida nas palavras: "porém vós não quisestes" (Dt 1.26; Is 30.15; *cf.* Mt 23.27).

A palavra também é usada para a indisposição de Deus de destruir o seu povo devido ao seu amor pelos homens de fé e de destaque (*e.g.*, Moisés, Davi, Dt 10.10; 2 Rs 8.19; 13.23) e para se referir à indisposição divina em perdoar o povo quando seu amor e paciência são repetidamente desprezados (2 Rs 24.4).

O caso mais interessante é o de Deuteronômio 2.30. Seom não quis deixar Israel

passar adiante. De modo enigmático, o texto explica que este exercer desempedido de sua vontade deve-se ao fato de ter Deus endurecido o seu coração a fim de entregá-lo nas mãos de Israel.

'ebyôn. ***Alguém em estado de privação, um pobre ou necessitado.*** A etimologia é incerta. A ASV e a RSV fazem traduções semelhantes. *'ebyôn* enfatiza "necessidade", devendo assim ser distinguido de *'onî*, "aflito", *dal*, "pobre", e de *rāsh*, "fraco" (também do particípio do qal de *rîsh*, "destituir"). Este substantivo tem relação questionável com o termo ugarítico *'byn(t)*. Alguns eruditos dizem ser de origem egípcia (HIMBERT, Paul, *Revue de l'histoire des religions*, 32, v. 1, p. 1-6). Já outros acham que sua origem é semítica (BOTTERWECK, G. J. *"ebyôn"*, *TDOT*, v. 1, p. 27-41).

'ebyôn quer dizer pobre no sentido material do termo. É alguém que pode ter perdido a terra de seus ancestrais (Êx 23.11). Pode ser alguém que caiu em estado de pe linte (Dt 15.7, 9, 11); um dos que recebiam donativos especiais na festa de Purim (Et 9.22); alguém carente de roupas (Jo 31.19) ou de comida (Sl 132.15). Com certeza, no sentido de necessidade material, o "pobre" era alguém que tinha decaído em tempos difíceis (Jó 30.25).

O substantivo é usado no sentido social para se referir aos que precisam de proteçao. Na legislação mosaica, Deus provê proteção para os necessitados dentre o povo, ordenando que sejam tratados com justiça e que o pagamento de empréstimos lhes seja perdoado no ano da remissão (Dt 15.1-4). Deus ordena ao seu povo que empreste com liberalidade para o necessitado (Dt 15.7, 9, 11) a despeito da remissão. E se um irmão vender a si mesmo como escravo para pagar suas dívidas, ele servirá nessa situação apenas até o ano do jubileu, quando poderá sair livre e retornar à propriedade de seus pais (Lv 25.39-41). Finalmente, o próprio Deus ajuda o necessitado que é justo quando não há outro que o auxilie (1 Sm 2.8; Jó 5.15; Sl 132.15; observe a descrição da desgraça deles em Jó 24.2-14).

Este sentido social é visto em todo o AT. Em Provérbios, os necessitados são os oprimidos pelos ímpios (30.14). O rei deve ministrar-lhes justiça (31.9), e uma mulher bondosa atenta para a necessidade deles (31.20). Nos profetas (Jeremias, Ezequiel e Amós), os necessitados são os oprimidos (de modo contrário à legislação mosaica) pelos ímpios (Am 4.1) ou alguém que recebe tratamento justo do piedoso (Jr 22.16). Especialmente Amós mostra uma grande preocupação pelos direitos deles. *Cf.* Am 2.6; 5.12; 8.4, 6). O rei Josias é louvado porque "julgou a causa do pobre e necessitado" (2 Rs 22.16). Isaías refere-se aos necessitados como as primícias (os favoritos) de Deus. Ele nos diz que Deus é a fortaleza deles (Is 25.4). Os salmos (onde 33 das 60 ocorrências aparecem) utilizam normalmente a palavra no sentido do justo cuja destituição de bens é causada por inimigos e que espera auxílio somente em Deus. Por isso, Davi pode descrever-se a si mesmo como necessitado (Sl 9.18[19]; 86.1). Os necessitados são os piedosos que andam retamente (Sl 37.14). O verdadeiro povo espiritual de Deus são os necessitados (Sl 72.4) que são oprimidos pelos ímpios (Sl 12.5[6]) em Israel e cuja fortaleza é o próprio Deus (Sl 109.31). Por isso, eles clamam a Deus por socorro (Sl 12.5[6]; 70.5[6], e ele os livra (Sl 40.17[18]).

Salmos 72.12 representa o Messias como o cumpridor da promessa de Deus de auxiliar os necessitados (*cf.* Is 29.19).

Bibliografia: FENSHAN, F. Charles, Widow, orphan, and the poor in Ancient Near Eastern legal and wisdom literature, *JNES*, 21:129-39. — HONEYMAN, A. M., Some

developments of the semitic root 'by, *JAOS*, 64:81-2. — LAMBDIM, Thomas O., Egiptian loan words in the Old Testament, *JAOS* 73:145-55. — PATTERSON, Richard D., The widow, the orphan, and the poor in the Old Testament and the extra biblical literature, *BS*, 130:223-34. — RICHARDSON, *TWB*, p. 168. — VAN DER PLOEG, J., Les pauvres d'Israel et leur piété, *OTS*, 7:237-42. — WARD, William A., Comparative studies in Egyptian and Ugaritic, *JNES*, 20:31-40. — *TDOT*, v. 1, p. 24-41. — *THAT*, v. 1, p. 20-4.

L.J.C.

4 אבה (*'bh*) **II. Aceita como raiz de:**

4a אָב (*'āb*) ***pai, ancestral.*** A expressão *bêt 'āb*, "casa do pai", pode ser traduzida por "família".

4b אַבְרָהָם (*'abrāhām*) ***Abraão***, "pai de uma multidão".

'āb. ***Pai, ancestral.*** Este substantivo primitivo é aparentemente derivado da linguagem infantil dos bebês, tal como no caso de *abba'* (*cf.* Papa, In: *TDNT*, v. 5, p. 960), em vez de proceder da raiz verbal *'bh*, do assírio *abū*, "decidir" (o que sugere que o pai é "o que decide", *BDB*, p. 3). O termo designa principalmente "aquele que gera", ainda que por extensão também designe ancestral e, metaforicamente, um originador, líder ou alguém que possui algum vínculo em alguma medida.

O termo *'āb* aparece 1 191 vezes no AT hebraico, além de outras nove vezes no aramaico (a forma *'ābî*, em Jó 34.36, na KJV "meu desejo", é provavelmente um verbo, "Tu desejo", de *bāyâ*, KB, *cf.* a ASV, "desejaria que"). A maior parte das ocorrências referem-se ao pai, no sentido literal (desde Gn 2.24, mesmo antes do fato da paternidade em 4.1, até Ml 1.6); contudo, *'āb* pode designar qualquer homem que ocupa cargo ou recebe reconhecimento semelhante ao do pai: o "pai" de um servo é o seu senhor (2 Rs 2.12); "um pai para os pobres" (Jó 29.16) é o protetor deles; "o pai dos habitantes de Jerusalém" (Is 22.21) é o governador destes; e "o pai de faraó" (Gn 45.8) é o seu conselheiro. O título "pai" é, portanto, utilizado para alguém que está na posição de autoridade (2 Rs 2.12), quer profeta (2 Rs 6.21), sacerdote (Jz 18.19), rei (1 Sm 24.11[12]), quer até mesmo — como personificação — a sepultura, "Tu és meu pai" (Jó 17.14).

Em outras passagens *'āb* refere-se ao avô (Gn 28.13; 32.9[10]) ou a um ancestral mais antigo (Gn 10.21; 1 Rs 15.11; *cf.* Êx 10.6, "pais dos pais"), especialmente no caso de ter fundado uma unidade tribal, *e.g.*, Abraão como pai dos hebreus (Dt 26.5; Is 51.2; Jo 8.39), embora Jacó seja provavelmente "o primeiro pai que pecou" (Is 43.27); *cf.* v. 28 e *cf.* MCKENZIE, J., *Second Isaiah*, In: *AB*, p. 59). No caso de clã que habitava uma determinada região, o ancestral de tal clã poderia ser então chamado, por exemplo, de pai de Tecoa ou de Hebrom (1 Cr 2.24, 42). Deste conceito, basta um passo para chegar à idéia de um grupo ou uma sociedade, *e.g.*, "o pai de todos que tocam harpa e flauta" (Gn 4.21).

Assim Javé tornou-se o pai de Israel seu filho (Is 63.16) quando formou a nação (Is 64.8[7]; Dt 32.18). Mesmo assim, sua paternidade diz respeito principalmente àquela relação pactual e salvadora, na qual ele amou Israel (Os 11.1; Jr 31.20), "comprou-os" pela redenção do Egito (Dt 32.6) e continuou a lembrar-se do "seu filho e primogênito" (Êx 4.22; Jr 31.9) com direção providencial e cuidado paternal (Jr 31.9-10). Deus demonstra preocupação paternal particular por aqueles que não têm pai (Sl 68.5[6]), pelo pobre e pelo aflito (*cf.* Pv 22.22, 23).

Os apóstatas poderiam até mesmo "dizer a [um ídolo feito de] madeira: Tu és meu pai" (Jr 2.27). Às vezes toda a criação é relacionada com a paternidade de Deus: o seu desafio a Jó, "Acaso a chuva tem pai?" (Jó 38.28), sugere que, embora o homem não a tenha gerado, Deus a fez (vv. 4, 5 e 25-27; *cf.* a posição do *El* ugarítico como literal "pai da espécie humana"). Apesar disso, assim como no NT, o AT (com exceção do uso figurado de "filhos" em Jr 3.19) nunca fala de uma paternidade universal de Deus para com os homens (como reconhece G. B. Steven em sua *The Theology of the NT*, p. 70; *cf.* p. 68). A pergunta de Malaquias, "Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?" (Ml 2.10), é direcionada àqueles que herdam "a aliança de nossos pais".

Num sentido especial Davi, o rei ungido de Iavé sobre Israel e mediador da aliança davídica (Sl 89:3, 28), apelou para Deus como Pai (v. 26[27]); e o Senhor respondeu: "Fá-lo-ei, por isso, meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra" (v. 27[28]). Mas assim como o próximo versículo fala que a descendência de Davi "durará para sempre", assim as palavras "Eu serei seu Pai, e ele será meu filho" (2 Sm 7.14), referem-se a Davi (v. 12) e a Salomão (v. 13a; 1 Cr 22.10a); contudo, eles têm também em vista o Messias eterno (v. 13b) e falam da paternidade singular de Iavé em relação ao seu Filho Jesus Cristo (Hb 1.5). De modo semelhante, em Salmos 2.7 (e em 1 Cr 22.10) Davi, o autor (At 4.25), vê para além de si mesmo o futuro ungido do Deus (heb., *Messiah*, Sl 2.2), o unigênito Filho de Deus. Cristo haveria então, por sua vez, de tornar-se um "pai eterno" para o seu povo (Is 9.6, YOUNG E. J., *New international commentary, Isaiah I*, p. 338-9).

Ainda que Iavé venha a ser "como um pai [...] para com aqueles que o temem" (Sl 103.13), *i.e.*, em relação ao grupo de seus "filhos adotados (redimidos)", será que ele é também pai de um cristão individual, como no NT (Rm 8.15; Gl 4.6)? Jeremias 3.4 afirma: "Pai meu, tu és o amigo da minha mocidade"; todavia, isto pode estar-se referindo à nação personificada em seu discurso (*cf.* a afirmação de H. Schultz: "nada além disso até o NT", *OT Theology*, v. 2, p. 138). Apesar disso, a idéia de individualidade aparece em Salmos 27.10: "Quando o meu e a minha mãe me desampararem, o Senhor me acolherá" (*cf.* a fé pessoal de Davi, 1 Sm 30.6; Sl 23), ou em Pv 3.12, "Porque o Senhor repreende a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem". A raridade do nome divino "Pai" no AT pode ser devida ao abuso de seu uso nos cultos de fertilidade cananeus (BAAB, O., *The theology of the OT*, p. 123, citando Jr 2.27. — *TDNT*, v. 5, p. 968).

Entre os substantivos próprios do AT que empregam o termo *'āb*, o mais conhecido é Abraão, embora quando chamado tivesse o nome mais curto, Abrao (*'abram*, Gn 11.26—12.1), literalmente, "Pai [Deus] (é) alto". Mas quando Iavé estabeleceu a sua aliança com Abrão (17.1, 2), disse: "Teu nome será Abraão (*'abrāhām*), porque por pai de numerosas (*'ab-hamôn*) nações eu te constituí" (v. 5). Alguns propõem que a raiz *rāham* nada mais é do que uma variação de *rûm* "ser alto" (SPEISER. E. A., *Genesis.*, In: *AB*, p. 124. 127). No entanto, à luz do conhecido substantivo árabe *ruhāmun*, "multidão" (*KB*, p. 8), a mudança no sentido que o próprio versículo ensina deve ser sustentada. Com isto muda-se a aplicação de *'āb* de Deus para Abraão, que se torna posteriormente "pai" dos fiéis, tanto com respeito a sua atitude subjetiva (de fé, Gl 3.7; Rm 4.16) como com respeito à sua herança objetiva (de justiça, Gl 3.29; Rm 4 11, 13).

Bibliografia: ANDERSON, K. T., Der Gott meines Vaters, *Studia Theologia*, 16:178-88. — ABRIGHT, W. F., Abraham the Hebrew: a new archaelogical interpretation, *BASOR*, 163:36-54. — ____ . The names *Shaddai* and *Abram*, *JBL*, 54:173-204. — CROSS, Frank Moore. Yahweh and the God of the patriarchs, *HTR*, 55:226-59. — EITAN, I., Two onomatological studies, *JAOS*, 49:30-3. — GIBSON, J. C. L., Light from Mari on the

patriarchs, *JSS*, 7:44-62. — LAGRANGE, M. J., La paternité de Dieu dans l'AT, *RB*, 5:481-99. — LEHMAN, Manfred R., Abraham's purchase of Machpelah and Hittite law, *BASOR*, 129:15-18. — PAYNE, J. B., *Theology of the Older Testament*, Zondervan, 1962, p. 304-7; 425-6. — POPE, Marvin H., *El in the Ugaritic texts*, *Supp VT*, 3:1-116, esp. p. 47 e s. — RICHARDSON, *TWB*, p. 12, 76. — STOGER, A., Father, *Sacramentum Verbi*, v. 1, 1970, p. 260-65. — WILLIAMS, James G., The prophetic "Father", *JBL*, 85:344-8. — WRIGHT, G. E. The terminology of Old Testament religion and its significance, *JNES*, 1:404-14. — YOUNG, E. J., The God of the fathers, *WTJ*, 3:24-40. — *TDNT*, v. 5, p. 929-82. — *TDOT*, v. 1, p. 1-18, 52-8. — *THAT*, v. 1, p. 1-16.

J.B.P.

אֲבוֹי (*'ābôy*). Veja o n.º 3d.

אֲבוּס (*'ĕbûs*). Veja o n.º 10a.

אֲבַטִּחִים (*'ăbattiḥîm*). Veja o n.º 234a.

אָבִיב (*'ābîb*). Veja o n.º 1b.

אֶבְיוֹן (*'ebyôn*). Veja o n.º 3a.

אֲבִיּוֹנָה (*'ăbiyônâ*). Veja o n.º 3b.

אַבִּיר (*'ăbîr*), אַבִּיר (*'abbîr*). Veja o n.º 13c, d.

5 אָבַךְ* (*'ābak*) ***retornar***. Ocorre somente no hitpael (Is 9.17; Jz 7.3).

6 אָבַל (*'ābal*) ***I, prantear, lamentar***. (Traduz-se também por ***afligir-se***.)

Termos Derivados

6a אֵבֶל* (*'ēbel*) ***lamentação***.

6b אָבֵל (*'ābēl*) **I.** ***lamentação, aquele que lamenta***. *cf.* ugarítico.

'ābal descreve os ritos de lamentação pelos mortos, ainda que muitas vezes, de suas 39 ocorrências, seja usada figuradamente, "a terra pranteia" (Is 24.4). Alguns propõem um sentido diferente como "secar", quando *'ābal* é paralelo de *yābēsh* (Jr 12.4; 23.10; Am 1.2; *KB*, p. 6): apesar disso, "pranteia" (a ARA traduz "clama") é a tradução preferível em virtude do contexto (Jr 12.11).

A lamentação pelos mortos apresentada na Bíblia (expressa por *'ābal*, *sāpad*, *etc.*) envolvia emoção, normalmente expressa de modo audível (Jr 22.18; 48.36) e visível (Gn 37.34; Sl 35.14; Mq 1.8), especialmente no falecimento de líderes importantes (2 Cr 35.24-25; Ez 31.15). Carpideiras profissionais podiam ser contratadas (Jr 9.17; Ec 12.5) ou podia-se apenas simular o sentimento (2 Sm 14.2, *'ābal*, no hitpael, "fingir estar de luto"; Mt 11.17). Apesar disso, o AT proibia práticas pagãs como arrancar os cabelos ou ferir a carne por causa dos mortos (Lv 19.28; 21.5; contudo veja Jr 16.6; 41.5); porque o AT continha uma certeza da imortalidade subjacente (Sl 73.24; Jó 19.25-27; Pv 15.24) e sustentava a expectativa da ressurreição do corpo (Sl 16.9-11; Is 26.19; Dn 12.2).

'ēbel. ***Lamentação***. Tal "lamentação" poderia durar sete (Gn 50.10; 1 Sm 31.13; *cf.* 2 Sm 11.27) ou até mesmo 70 dias (Gn 50.3, 4; 30 em Nm 20.29; Dt 34.8). Desde o primeiro

incidente surgiu o nome do local Abelmizraim: *'ābēl*, a lamentaçao, *mitsrayim*, do Egito (Gn 50.11).

Bibliografia: DE WARD, Eileen F., Mourning customs in 1, 2 Samuel, *JJS*, 23:1-27, 145-66. — TUR-SINAI, N. H., The ark of God at Beit Shemesh (1 Sam. VI) and Peres 'Uzza (2 Sam. VI; 1 Chron XIII), VT 1:257-86. — *IDB*, v. 3, p. 452-54. — *TDOT*, v. 1, p. 44-47. — *THAT*, v. 1, p. 27-30.

J.B.P.

7 אבל (*'bl*). **Aceita como raiz de:**

7a אָבֵל (*'ābēl*) **II. *córrego, ribeiro*** (KB, p. 6; *cf.* 2 Cr 16.4, *'ābel māyim*, literalmente, corrente de água), derivou-se de uma raiz, conforme se crê, *'ābal* II, "crescer verde" (?), o que sugere "prado" (?) (*BDB*, p. 5). Agora, porém, o termo está associado com um tipo de forma participial aramaica de *yābal* (*q.v.*) "trazer" (ALBRIGHT, W. F. *BASOR* 89:15); *cf.* Is 30.25, *yiblē māyim*, literalmente, "regos de água"). *'ābēl* aparece apenas em quatro nomes de locais jordanianos ou transjordanianos: Abel-Bete-Maaca (2 Sm 20.14, 15, 18; 1 Rs 15.20 = Abel-Maim, 2 Cr 16.4), Abel-Sitim (Nm 33.49), Abel-Queramim (Jz 11.33, que a KJV traduz como: "planície das videiras", e Abel-Meolá (7.22). (Veja, porém, Jr 12.4; Am 1.2; Jr 12.11, NIV.) *'ābēl*, encontrado em 1 Samuel 6.18, deve ser lido, juntamente com alguns manuscritos, como *'eben*, "pedra" (*cf.* vv. 14-15), conforme visto em Gn 50.11. Veja *'ābēl* I.

J.B.P.

8 אָבַל (*'ābāl*) ***certamente.*** Advérbio. *Cf. bal*, n.º 246d, que pode também ter força asseverativa.

9 אֶבֶן (*'eben*) ***pedra.***

Termo Derivado

9a אֹבֶן (*'ōben*) ***roda, disco.***

'eben. *Pedra.* O significado de *'eben* é quase único: "pedra". Nas línguas semíticas cognatas tanto o sentido como o uso são os mesmos. As pedras são comuns no Oriente Médio. O termo ocorre mais de 275 vezes na Bíblia, contando o hebraico e o aramaico. Em todos os casos, com exceção de alguns citados mais a frente, o significado é simplesmente "pedra".

Em sua primeira ocorrência, *'eben* refere-se às pedras preciosas (Gn 2.12). O sentido normal de *'eben hashshōham* é "pedra de ônix", embora "cornalina" (NEB), lápis-lazúli (Tora e NAB) e outras traduções sejam feitas aqui e em meia dúzia de outras passagens onde estas duas palavras aparecem juntas. A palavra de nossa língua, "safira", tem origem no termo hebraico *sappîr*. Tal termo ocorre juntamente com *'eben* em Ezequiel 1.26 e 10.1. Uma indicação de que a pedra é valiosa é a palavra *millu'îm*, que significa basicamente "cheio". Todavia, o significado é "consagrado". Observe que nesta combinação, em Êxodo 25.7 e em outras passagens, o sentido é o de "pedras de engaste". Algumas

vezes o sentido de *yeqārâ*, "preciosa" ou "cara", modifica *'eben* (2 Sm 12.30 *et al.*). Em 1 Crônicas 29.2, que inclui várias das combinações já citadas, aparecem os modificadores *pûk* e *riqmâ*, traduzidos na ARA "de várias cores" e "coloridas" (RSV), "coloridas" e "listradas" (BJ), "cornalina" e "de mosaico" (NAB). Em Provérbios 17.8 temos a expressão *'eben ḥēn*, que literalmente significa "pedra de graça", normalmente traduzida por "preciosa" ou de modo semelhante. Isaías 54.12 tem duas combinações de palavras a mais, *'eben 'eqdāh* e *'eben ḥēpets*: "carbúnculos" e "pedras agradáveis" (KJV), "granada" e "jóias" (NEB), "cristal" e "pedras preciosas" (BJ). Ezequiel 28.14, 16 fala de "pedra de fogo". Por causa do contexto (especialmente no v. 13 com a expressão *'eben yeqārâ*), esta expressão facilmente traduzida provavelmente refere-se a uma pedra que produz faíscas. Até mesmo hoje os diamantes são freqüentemente descritos como faiscantes.

Uma segunda categoria importante é a da "pedra" no seu estado natural. Gênesis 11.3 é o primeiro uso da palavra como material de construção. Jacó usou uma pedra como travesseiro (Gn 28.11) e Moisés sentou-se em uma pedra (Êx 17.12). As pedras eram utilizadas para cobrir poços (Gn 29.2, 3) e selar cavernas (Js 10.18). As pedras também serviam como pilares ou colunas (Gn 31.45, 46). Naturalmente, pedras eram usadas para a prática do apedrejamento (Lv 20.2) e como armas em fundas (Jz 20.16).

A palavra "pedra" é usada como título para Deus (Gn 49.24, *cf. tsûr*, "rocha) e para o Messias (Is 28.16).

As pedras eram usadas como tábuas para a escrita, como no caso dos Dez Mandamentos (Êx 34.1), ou como reservatórios (Êx 7.19). As imagens das falsas divindades eram esculpidas em pedra (Dt 28.36). A expressão "pedras lavradas" (*'eben gāzît*, Êx 20.25) refere-se às pedras que eram cortadas ou esculpidas em forma retangular.

A palavra *'eben* é usada para denotar as características que uma pedra possui. Êxodo 15.5 refere-se ao seu peso; já o versículo 16 do mesmo capítulo refere-se à sua ausência de movimento. Em algumas outras passagens o aspecto de ser comum é observado (1 Rs 10.27). Jó refere-se à sua força (6.12) e firmeza (41.24[16]). Semelhante a esta última passagem é a alusão de Ezequiel a um "coração de pedra" (11.19).

As pedras eram usadas como pesos (Lv 19.36), embora os nomes e os referenciais de pesos não sejam perfeitamente conhecidos. Observe a "pedra real" de 2 Samuel 14.26. (A ARA traz peso real).

A palavra refere-se também a "granizos" (*e.g.*, Js 10.11) e a "pedras de cal" (Is 27.9).

A palavra "pedra" aparece em nomes de locais. O mais conhecido é "Ebenézer" (heb. *'eben hā'ēzer*, 1 Sm 7.12). Há também a "pedra de Boã" (Js 15.6) e a "pedra de Zoelete" (1 Rs 1.9). O termo *azel* (1 Sm 20.19), quando junto de "pedra", pode ser uma preposição ou um adjetivo, e não um substantivo próprio.

Devemos observar que, se um altar fosse construído de pedras, deveriam ser pedras lavradas, sem dúvida para tornar impossível gravar alguma representação idólatra nelas (Êx 20.25; Dt 27.5).

Bibliografia: DIRINGER, David, the early hebrew weights found at Lachish, *PEQ*, [illegible]. EMERTON, J. A., The meaning of אבן קדש in Lamentations 4:1, *ZAW*, 79:233-[illegible]. — HARRIS, J. S., The stones of the high priest's breastplate, *Annual of Leeds* [illegible], 5:40-62. — LEBAS, Edwin E., Zechariah's climax to the career of the corner-[illegible], *PEQ*, 1950:102-22. — SEITZ, Oscar J. F., What Do These Stones Mean?, *JBL*, 79:247-

54. — SELLERS, Ovid R., Sling stones of Biblical times, *BA*, 2:41-4. — TIEGMAN, Edward F., The stone hewn from the mountain, *CBQ*, 18:364-79. — *TDOT*, v. 1, p. 48-51.

R.L.A.

אֶבְנֵט (*'abnēṭ*). Veja o n.º 256a.

10 אָבַס (*'ābas*) ***alimentar, engordar*** (somente em Pv 15.17 e em 1 Rs 5.3).

Termos Derivados

10a אֵבוּס (*'ēbûs*) ***manjedoura***.

10b מַאֲבוּס (*ma'ăbûs*) ***celeiro*** (somente em Jr 50.26).

אַבַּעֲבֹת (*'ăba'bū'ōt*). Veja o n.º 217a.

11 אבק (*'bq*) **I. Aceita como raiz de:**

11a אָבָק (*'ābāq*) ***pó***.

11b אֲבָקָה (*'ăbāqâ*) ***pó***. Ocorre apenas em Cantares 3.6 na expressão *'abqat rôqēl*, "pós aromáticos do mercador".

12 *אבק (*'ābaq*) **II**, ***lutar***. Ocorre apenas no nifal (Gn 32.25, 26).

13 אבר (*'br*). **Aceita como raiz de:**

13a †אֶבְרָ (*'ēber*), אֶבְרָה (*'ebrâ*) ***pinhão***.

13b אָבַר (*'ābar*) ***voar***.

13c †אָבִיר (*'ābîr*) ***forte***.

13d †אַבִּיר (*'abbîr*) ***poderoso***.

'ēber, 'ebrâ. ***Pena ou asa***. Estes substantivos são provavelmente derivados da mesma raiz. Um verbo denominativo, *'ābar*, "elevar-se" ou "flutuar", aparece somente em Jó 39.26.

O adjetivo *'abbîr*, "poderoso", "forte" ou "corajoso", provavelmente é também derivado desta raiz.

'abîr. ***Poderoso, O Poderoso de***. Este termo ocorre somente em passagens poéticas. A primeira é a da bênção de Jacó sobre o seu filho José (Gn 49.24). A terceira linha métrica do versículo, que contém a palavra, possui a expressão "as mãos do Poderoso" que possui um paralelo na linha anterior na expressão "as mãos foram fortalecidas". A linha seguinte traz "a pedra de Israel", o que está em paralelo com "o Poderoso de Jacó". A palavra "pedra" é *'eben*, cujo som é semelhante a *'ābîr*, "O Poderoso", e enfatiza ainda mais a sua força.

As duas ocorrências da palavra *'ābîr* no salmo 132 (vv. 2, 5) têm como paralelo o nome divino YHWH. Tal fato também é verdadeiro nas três ocorrências de Isaías (1.24;

49.24; 60.16). Vale a pena notar a distribuição do termo por todo o livro, freqüentemente separado em três autores pelos críticos.

O substantivo *'ābîr*, usado como substituto para divindade, pode ser comparado com *paḥad*, o "Temor" de Isaque (*q.v.*, Gn 31.42, 53). Esta palavra, "Temor", também é tida por alguns como substituto de divindade usado especialmente nos tempos patriarcais. É possível traduzi-lo também por "parente". (ALBRIGHT, *FSAC*, p. 248; DAHOOD, *Psalms, I.*, In: *AB*, p. 81).

É inegável o fato de que *'ābîr* tem relação com o termo acadiano *abāru*, "ser forte". Já a conexão com o termo ugarítico *'br*, "touro" ou "búfalo de corcunda", não é tão certa. Apesar disso, como no hebraico, pode ser um elemento em um nome divino no ugarítico. A forma ugarítica *ibrd* pode significar "o Poderoso de Hadd".

'abbîr. ***Cavalo, garanhão, touro, o boi Ápis, líder, poderoso, forte, valente, corajoso, teimoso.*** Veja *'ābîr* no que diz respeito aos derivados e aos cognatos em outras línguas semíticas. Àquela lista deve ser acrescentado um novo cognato egípcio que, a partir do hieróglifo, significa com certeza "garanhão".

A palavra é usada para denotar força ou liderança de um homem (1 Sm 21.8; Jo 24.22; 34.20; Jr 46.15; Lm 1.15), dureza de coração (Sl 76.5); Is 46.12, anjos (Sl 78.25), touros (Sl 22.12; 50.13; 68.30; Is 34.7; Jr 50.11) e cavalos (Jz 5.22; Jr 8.16; 47.3). Alguns destes dois últimos grupos podem ser intercambiados. Isaías 10.13 pode ser lido como "homem forte", "touro" ou "Ápis", o nome do touro sagrado do Egito.

Bibliografia: ALT, A., The God of the fathers. In: *Essays on OT History and Religion* (trad. R. A. Wilson), Blackwell 1966, p. 25 e ss. — *TDOT*, v. 1, p. 42-3. — *THAT*, v. 1, p. 25-6.

R.L.A.

אַבְרָהָם (*'abrāhām*). Veja o n.º 4b.

14 אברך (*'abrēk*). ***Sentido incerto*** (SPEISER, *Genesis*, na *AB*, traduz "atenção"!).

15 אגד (*'gd*). **Aceita como raiz de:**

15a אֲגֻדָּה (*'ăguddâ*) ***fita.***

16 אֱגוֹז (*'ĕgôz*) ***nozes*** (somente em Ct 6.11).

אֲגֻרָה (*'ăgûrâ*). Veja o n.º 23a.

17 אגל (*'gl*). **Aceita como raiz de:**

17a אֶגֶל (*'ĕgel*) ***gota*** (somente em Jó 38.28).

18 אגם (*'gm*). **Aceita como raiz de:**

18a אֲגַם (*'ăgam*) ***tanque agitado***

18b אָגָם (*'āgēm*) ***triste*** (somente em Is 19.10).

19 אַגְמֹן (*'agmōn*)

19 אַגְמֹן (*'agmōn*), אַגְמוֹן (*'agmôn*), ***junco***.

20 אגן (*'gn*). **Aceita como raiz de:**

20a אַגָּן (*'aggān*) ***tigela***.

Uma *'aggān* é provavelmente uma tigela funda, com duas alças, baseada sobre um aro. Esta palavra ocorre apenas três vezes.

Em Êx 24.6 Moisés pega o sangue dos animais em *'aggānôt*. Ele imergia um feixe de hissopo no sangue a fim de aspergir o povo. Em Isaías 22.24 *'agganôt* aparecem como utensílios de casa que podiam ser pendurados em pregos. A palavra aparece em assírio *agan(n)u*, "tigela", e em ugarítico (HONEYMAN, A. H., Os vasos de cerâmica do Antigo Testamento, *Palestine Exploration Fund*, 1939, p. 78-9).

21 אגף (*'gp*). **Aceita como raiz de:**

21a אֹגֶף (*'ăgap*) ***tropa, exército*** (somente em Ez 12.14; 17.21; 38.6, 9, 22; 39.4).

22 אגר (*'ăgar*) ***I, reunir*** (alimento, Pv 6.8; Dt 28.39; Pv 10.5).

23 אגר (*'gr*) **II. Aceita como raiz de:**

23a אֲגֻרָה (*'ăgûrâ*) ***pagamento*** (1 Sm 2.36).

23b †אִגֶּרֶת (*'iggeret*) ***carta***.

'iggeret. *Carta*. Esta palavra significa "carta" (real e geral). Pode ser uma palavra emprestada do acadiano, *egirtu/igirtu*, similar à palavra hebraica em uso, referindo-se a documentos legais tais como contratos (talvez esteja relacionada com o termo persa *angira, angara* [KOBERT, R. *Orientalia* 14:478-79]). Assim *'iggeret* pode ser uma carta escrita em uma tábua de argila. O aramaico da Bíblia atesta o termo *'iggerâ*, "carta". No livro de Ester *'iggeret* é usada como sinônimo de *seper*, a palavra hebraica comum para "carta" (*cf.* Et 9.20, 26). Outro sinônimo é a palavra persa emprestada *nisht'wan*. *'iggeret* aparece dez vezes em passagens posteriores que possuem relações históricas com a Babilônia e a Assíria.

Esta *'iggeret* poderia ser aberta ou fechada (Ne 6.5). Se estamos certos em estabelecer uma equivalência entre *'iggeret* com o termo acadiano *egirtu/igirtu*, então ele se refere à antiga prática de escrever o texto completo em uma tábua de argila e ao ato de cobrir a tábua com um envelope de argila na qual um resumo do conteúdo estava escrito. Finalmente, o envelope era devidamente selado.

Bibliografia: *CAD*, 4, 45, "egirtu".

L.J.C.

אַגַרְטָל (*'ăgartal*). Veja o n.° 380a.

אַגְרֹף (*'egrōp*). Veja o n.° 385a.

אד (*'ēd*). Veja o n.° 38d.

24 אָדַב (*'ādab*) ***afligir***. Ocorre apenas no hifil (1 Sm 2.33).

אֱדוֹם (*'ĕdôm*). Veja o n.º 26e.

אֲדוֹמִי (*'ădômi*). Veja o n.º 26f.

אָדוֹן (*'ādôn*). Veja o n.º 27b.

אַדִּיר (*'addîr*). Veja o n.º 28b.

25 אדם (*'dm*) **I. Aceita como raiz de:**

25a אָדָם† (*'ādām*) ***homem, espécie humana, Adão.***

25b אֲדָמָה† (*'ădāmâ*) ***solo, terra.***

*'ādām. **Homem, espécie humana; humano, alguém; Adão (o primeiro homem).*** Embora a etimologia de *'ādām* não possa ser explicada com certeza (*cf. TDOT*, v. 1, p. 78), a palavra está provavelmente relacionada com a cor avermelhada da pele humana (*cf.* MAAS, F., *'ādām TDOT*, v. 1, p. 78-9). Esta palavra se liga com o fato de o homem ter sido feito à imagem de Deus, a coroa da criação. Deve ser distinguida de *'ish* (homem em contraste com mulher, ou distinto por sua masculinidade), *'ĕnôsh* (homem na qualidade de fraco e vulnerável), *geber* (homem na condição de poderoso e nobre) e de *m'tîm*. O termo ugarítico *'adm* normalmente significa "povo" e tem como paralelo *l'im*. É também usado no título *'ab 'adm*, "pai da espécie humana". *'ādām* aparece unicamente no absoluto singular em suas 562 ocorrências.

'ādām também é usado para se referir ao homem genérico como imagem de Deus e coroa da criação, sendo também um nome pessoal. Por isso esta é a palavra usada quase sempre em Gênesis 1—3. (Em textos bíblicos posteriores é difícil distingui-la de *'ish* quanto ao significado.) No início de Gênesis o homem é distinto do restante da criação pelas seguintes razões: ele foi criado por deliberação divina especial e solene (Gn 1.26); sua criação foi um ato imediato de Deus; foi criado segundo o protótipo divino; foi criado em dois elementos distintos (Gn 2.7); foi colocado em posição de exaltação (Gn 1.28); o propósito para com ele era ainda de uma posição superior (no sentido de posição permanente e completa). Por esta razão, o homem (na qualidade de *'ādām*) é a coroa da criação. Gênesis 1 apresenta *'ādām* como alvo da criação, da qual ele é vice-regente, enquanto o capítulo 2 mostra como a criação foi formada como o cenário da atividade do homem, i.e., foi formada em função de *'ādām*. Nos primeiros três capítulos de Gênesis há um trocadilho com as palavras homem, espécie humana e o primeiro homem, "Adão". *'ādām* conota o homem à imagem de Deus nos seguintes aspectos: alma ou espírito indicando a simplicidade, a espiritualidade, a invisibilidade e a imortalidade essenciais do homem), capacidades ou faculdades físicas (o intelecto e a vontade juntamente com as suas funções), integridade intelectual e moral (conhecimento, justiça e santidade verdadeiros), corpo (como órgão apropriado da alma que compartilha de sua imortalidade e como meio pelo qual o homem exerce o seu domínio) e domínio sobre a criação inferior.

A imagem de Deus no homem tem sido objeto de muita discussão. Engnell, Wildberger e von Rad a relacionam com o domínio do homem sobre o mundo não-humano. Humbert e Koehler argumentam que indica a forma externa do homem, o que parece inadequado em vista da declaração repetida da espiritualidade de Deus. Brunner, Kierkegaard e Berkhouwer pensam que se refere ao relacionamento excepcional com Deus. F. Horst

declara que o homem é uma criatura que "ouve a palavra de Deus, fala com Deus em oração e obedece-lhe em serviço" (*TDOT*, v. 1, p.85). Em contraste com estas abordagens um pouco neo-ortodoxas, a imagem de Deus, no sentido estrito, refere-se ao homem como criatura racional e moral (*cf.* Dt 4.10-12). É significativo o fato de que as primeiras palavras de Deus ao homem são tanto um mandamento como uma proibição (Gn 2.16, 17); somente o homem é responsável por sua decisão, somente ele determina o seu destino por meio de uma escolha volitiva e apenas ele é julgado como justo ou pecador pela lei de Deus. Uma teologia bíblica mais antiga sustenta que a "semelhança divina refere-se antes à dignidade total do homem em virtude da qual a natureza humana é nitidamente distinta da natureza dos animais; o homem, como ser livre, está acima da natureza, e foi criado para manter comunhão com Deus e para ser seu representante na terra" (OEHLER, G. F., *Old testament theology*). Payne observa que "os termos 'imagem' e 'semelhança' [...] são usados intercambiavelmente.[...] Assim, a imagem tem a conotação de 'liberdade' e 'bem-aventurança', como também reflete no homem a soberania cósmica, ética e beneficente do próprio Testador. [...] A imagem divina, portanto, implica todos os vários aspectos da glória e da honra divinas refletidas. [...] Pode ser definida, em suma, como a totalidade das capacidades humanas superiores que o distinguem da criação irracional" (*PTOT*, p. 227). O livro apócrifo de Eclesiástico assim se refere à criação do homem: ele "criou-os à sua imagem. A toda carne inspirou o temor do homem, para que ele domine feras e pássaros. Dotou-os de língua, olhos, orelhas e lhes deu um coração para pensar. Encheu-os de ciência e inteligência e mostrou-lhes o bem e o mal. [...] Eles louvarão o seu santo nome, narrando a grandeza de suas obras". (Sr 17.3-10).

Mesmo depois da queda *'ādām* é usado para se referir ao homem! A imagem de Deus ainda é a distinção fundamental. Por isso, o homicídio é um crime contra a imagem de Deus (Gn 9.6). Apesar disso, a queda tornou inferior a posição do homem diante de Deus (Gn 6.5, 6; 8.21), interrompeu sua comunhão com Deus e trouxe a maldição da morte sobre ele de modo que não cumpriu sua exaltação planejada para o homem. Tal parte da imagem divina que consistia em conhecimento, justiça e santidade verdadeiros foi destruída. Somente em Cristo e por meio dele, o novo Adão (Rm 5.12-21), é que a promessa divina original pode ser concretizada.

'ădāmâ. ***Terra, solo, chão.*** Algumas traduções têm dificuldade de decidir qual a opção adequada em português. Originariamente, a palavra tinha o sentido de solo vermelho arável. A partir daí veio a denotar qualquer solo cultivado ou cultivável e propriedade rural, ou só um dos dois. Às vezes o termo aproxima-se do sentido de "terra natal" (veja especialmente Jn 4.2), ainda que provavelmente não em sentido político (embora haja casos como os de Is 14.2; 19.17 e especialmente a expressão quase exclusiva de Ezequiel, "terra de Israel", *et al.*). Ainda é possível comparar e fazer distinção entre *'ereṣ*, "terra", e *'āpār*, "terra seca, pó". Vale também contrastar *helqâ*, "porção, campo", *yabbāshâ*, "terra seca, solo árido", e *śādeh*, "campo, terra, campo aberto". *'ădāma* ocorre 224 vezes no AT.

A Bíblia estabelece um forte relacionamento entre o homem (*'ădām*) e a terra (*'ădamâ*). Para que isto se torne claro para o leitor, passaremos a transliterar as palavras no texto a seguir. No princípio, Deus fez *'ādām* da *'ădāmâ* para lavrar a *'ădāmâ* (Gn 3.23, para gerar vida?). A *'ădāmâ* era possessão de Deus e estava sob seu cuidado (Gn 2.6). Assim, o primeiro *'ādām* (o homem, Adão) e sua família deveriam agir como servos de Deus, obedecendo-lhe em manter o relacionamento vertical e horizontal

divinamente criado e planejado. Enquanto esta condição foi preservada Deus fez que a *'ădāmâ* desse os seus frutos (bênção) a *'ādām*.

Então veio o pecado. A unidade *'ādām* (Adão e Eva; veja também Rm 5.12) violou a estrutura criada. A *'ădāmâ*, daí em diante, produziu espinhos e cardos em vez de frutificar livremente (Gn 3.17). Visto que *'ādām* provocou o rompimento do estado paradisíaco de produção de vida, foi expulso da *'ădāmâ* paradisíaca e recebeu a sentença de volta à *'ădāmâ* (Gn 3.19). Ele foi levado à terra em vez de a terra ter sido dada a ele. Ele deveria descer ao invés de subir. Sua vida moveu-se em direção à morte ao invés de prosseguir em direção à vida. Contudo, o Criador, por sua graça, não destruiu *'ādām* completamente. Ele prometeu suscitar a partir de *'ādām* alguém que traria vida (Gn 3.15). Como sinal de tal promessa o Criador fez que a *'ădamâ* desse o seu fruto (bênção) para *'ādām* (observe a maldição sobre Caim, Gn 4.12, 14, onde a *'ădamâ* não daria mais sua força a ele). Por causa da desobediência *'ādām* recebeu uma maldição da *'ădāmâ* em vez de receber vida. Assim, vemos que *'ādām*—*'ădamâ* estão profundamente envolvidos no modelo criação—queda—redenção.

Este modelo é repetido por todo o AT. Depois do dilúvio Deus disse que nunca mais amaldiçoaria a *'ādāmâ* por causa de *'ādām* (Gn 8.21). Fez nova aliança (criação) com Noé (Gn 9.1-17), que se tornou o pai de *'ādām* (visto que apenas Noé e sua família estavam na arca, Gn 7.7). Noé tornou-se lavrador da *'ădāmâ* (Gn 9.20), e Deus abençoou os seus esforços. Todavia, Noé pecou. Em Abraão, a promessa (redenção) dada por Deus por meio de Noé e Sem aparece na forma de Paraíso readquirido, *i.e.*, a terra prometida (*'ădāmâ*, Gn 28.14, 15).

Na legislação mosaica Deus dá ou tira a *'ădāma* de acordo com a obediência de seu povo (Lv 20.24). A frutificação da terra depende da obediência do povo (Dt 11.17). Salomão repete este modelo de criação—queda—redenção em torno de *'ādām*—*'ādāmâ* (1 Rs 8.34, 40). Este ciclo governa a história de Israel (1 Rs 13.34; 14.15; 2 Rs 21.8; 25.21). Neemias reconhece o mesmo modelo teológico (Ne 10.37[38]).

No *eschaton* Deus transformará a condição interna de *'ādām* (restauração completa da imagem divina) de modo que elimine a possibilidade de queda e assegure a posse eterna da *'ădāmâ*, que dará o seu fruto livremente (Ez 36.25-30; *cf.* Jr 31.33, 34; 2 Co 5.17; Hb 8.8-12) — a volta ao Jardim do Éden (Ez 36.35).

Bibliografia: ASSELIN, David Tobin, The notion of dominion in Genesis 1-3, *CBQ*, 16:277-94. — BLOOM, Alfred, Human rights in Israel's thought, *Interp*, 8:422-32. — DEFRAINE, J., Individue et société dans la religion de l'áncien Testament, *Bib*, 33:324-55, 445-75. — KOEHER, Ludwig, *Hebrew Man*, Abingdon, 1957. — MAY, Herbert G., Individual responsibility and retribution, *HUCA*, 32:107-20. — OEHLER, G. F., *Old Testament theology*, Funk & Wagnall, 1883, p. 146-47. — PAYNE, J. Barton, *Theology of the Older Testament*, p. 221-31. — PORTER, J. R., The legal aspects of the concept of "Corporate personality" in the Old Testament, *VT*, 15:361-80. — RICHARDSON, *TWB*, p. 14-15. — THOMAS, D. W., ed., *Archaeology and Old Testament study*, Oxford, Clarendon, 1967. — WRIGHT, J. Stafford, *Man in the process of time*, Eerdmans, 1956. — *TDOT*, v. 1, p. 75-87, 88-98. — *THAT*, v. 1, p. 41-56, 57-9.

L.J.C.

26 אדם (*'dm*) II. Aceita como raiz de:

26a אָדֹם (*'ādōm*), אֱדֹם (*'ādēm*) ***ser vermelho***.

26 אדם (*'dm*)

26b אָדֹם (*'ādōm*) ***vermelho.***
26c אֹדֶם (*'ōdem*) ***cornalina.***
26d אֵדֹם (*'ēdōm*) ***nome de tempero.***
26e †אֱדוֹם (*'ĕdôm*) ***Edom.***
26f †אֱדֹמִי (*'ădōmi*) ***edomita.***
26g אַדְמִדָּם (*'ădamiddām*) ***avermelhado.***
26h אַדְמוֹנִי (*'admônî*) ***vermelho, rosado.***

'ādōm, 'ādēm. Ser vermelho. O termo ugarítico *'adm* refere-se ao ato de usar ruge por parte da nobreza após o banho. Observe também a antiga palavra acádica *'adāmu*, "vermelho escuro", usada como vestimenta, o acadiano *adāmatu*, "solo vermelho escuro", e *adamu*, "sangue vermelho", e o aramaico *'ādam*, como sangue. O termo bíblico descreve a cor da pele (como coral, Lm 4.7), escudos de guerra (correlato de escarlate, Na 2.3[4]), vinho fermentado (Pv 23.31), pecado (Is 1.18) e as cortinas do tabernáculo (Ex 25.5). A forma verbal ocorre dez vezes.

'ēdôm. Edom, edomita. Este nome foi dado a Esaú, que preferiu um guisado vermelho à sua primogenitura (Gn 25.30; 36.1). Ele é descrito como "ruivo", *'adderet*, na ocasião do nascimento (Gn 25.25). Os seus descendentes foram identificados ou pelos nomes dele (Edom, Gn 36.9, ou Esaú, Jr 49.8, 10) ou por Seir, a montanha onde ele se estabeleceu (*cf.* 2 Cr 20.22, 23). Os edomitas assimilaram alguns dos povos estabelecidos na terra assim que chegaram (Dt 2.22, *hōrî*, q.v.). Na Bíblia, a região adquiriu o nome dos seus habitantes edomitas. Esta palavra ocorre 98 vezes.

A história de Edom é um cumprimento das declarações de Deus. Em Gn 27.27-29, 39, 40, Isaque profeticamente abençoa Jacó e Esaú. Esaú deveria habitar em um local desolado (*cf.* GLUECK, N. Transjordan., In: THOMAS, D. W., ed., *Archaeology and Old Testament study*, p. 429-53), viver pela espada, e servir a seu irmão. Depois disso, ele haveria de agitar-se e lançar fora o jugo de Jacó. A reação imediata de Esaú foi de hostilidade.

Israel não deveria forçar o caminho para a terra prometida, passando por Edom (Nm 20.14), nem deveria desprezar o seu irmão (Dt 23.7-8). Quando Deus de fato os conduziu e os fez passar pelas fronteiras da terra, ele protegeu cuidadosamente os direitos dos edomitas, a quem ele havia dado a região (Dt 1.4, 5). Apesar disso, os edomitas agiram de forma pouco "fraternal", unindo-se para expulsar Israel. Quando Balaão, o profeta, foi convocado por Balaque, reiterou a supremacia de Jacó, afirmando a futura subjugação deles e a possessão de Edom (Nm 24.18). A história de Israel atesta as repetidas vezes em que Edom foi subjugado, bem como as suas rebeliões. Tão amarga foi a hostilidade edomita para com "Jacó" que eles se regozijaram quando seu irmão foi destruído e levado cativo pelos babilônios (Sl 137.7). Eles alegremente reuniram-se no combate (Am 1.6, 9, 11) atacando Israel com violência. Com desprezo, apropriaram-se da terra de Jacó (Ez 36.5). Os profetas reafirmaram a ordem de Deus. Edom deveria ser punido pelas mãos dos babilônios e subjugado por Israel (Is 11.14; Jr 27.3-6, Ob 1.1-21).

Tal era e deveria ser o padrão da história de Edom, para que o Senhor fosse glorificado fora dos limites de Israel (Ml 1.5). Que ilustração clara da eleição divina: "Amei a Jacó e aborreci a Esaú" (Rm 9.13).

'ădômî. *Edomita*. Este adjetivo é o gentílico de *'ĕdôm*. Ocorre 11 vezes no AT.

Bibliografia: WOUDSTRA, M. H., Edom and Israel in Ezequiel, *Calvin Theological Journal*, 3:21-5.

L.J.C.

אֲדַמִּדִּם (*'ădamiddām*). Veja o n.º 26g.

אַדְמֹנִי (*'admônî*). Veja o n.º 26h.

אדן (*'dn*). **Aceita como raiz de:**

27a אֵדֶן (*'eden*) ***pedestal***.

27b אָדוֹן (*'ādôn*) ***senhor***.

'eden. *Pedestal, base*. O *'eden* era uma base na qual pinos eram colocados a fim de sustentar as firmes tábuas e colunas. A palavra aparece 54 vezes, sendo que, com exceção de duas ocorrências, todas as outras aparecem na legislação mosaica quando se fala do tabernáculo. A palavra enfatiza solidez, pois procede de uma raiz cujo significado é "ser firme".

Estas bases deveriam ser feitas de vários metais dependendo de suas localizações no tabernáculo. A preocupação de Deus com tais detalhes relativos à adoração é um princípio que não pode ser ignorado. O equipamento e o ritual relacionados com a adoração no AT não era de pouca importância. Cada detalhe foi prescrito por Deus, e aqueles que queriam agradá-lo eram obrigados a mostrar obediência. Todavia, não é verdade que a atenção a detalhes externos em detrimento da disposição espiritual interna adequada agradasse a Deus (veja também *'anâ*, "aflito, oprimido, humilde", Dt 6—11).

Jó emprega esta palavra para descrever a atividade criadora de Deus (38.6). Este termo corresponde a "pedra angular". Assim, comparando-se a si mesmo com um construtor, Deus mostra que ele é aquele que estabeleceu os fundamentos da terra, colocou a pedra angular da criação e providenciou a segurança da criação.

'ādôn. *Senhor, SENHOR, mestre, dono*. Não existem dúvidas sobre o significado desta palavra. O termo ugarítico *'adn* significa "senhor" ou "pai", e o acadiano *adannu* tem sentido semelhante: "poderoso".

Em sua forma simples, sem sufixo, ou quando acompanhada de sinais de pontuação sufixal *'ādōnî* ou *'ādōna(y)*, usados como sufixos da primeira pessoa do singular comum ou ainda com outros sufixos pronominais, *'ādôn* refere-se normalmente a homens. Sara usou o termo para se referir a seu marido (Gn 18.12); Ló usou-o quando se dirigiu aos visitantes angelicais (Gn 19.2). O servo de Abraão chamou repetidamente o seu senhor por meio desta palavra em Gênesis 24. O faraó do Egito era chamado por este título (Gn 40.1), bem como José, o seu "vizir" (Gn 42.10). Rute fez uso do termo falando com Boaz antes que se casassem (Rt 2.13). Ana dirigiu-se ao sacerdote Eli com esta palavra (1 Sm 1.15). Os servos de Saul chamaram-no também por este título (1 Sm 16.16). De mesmo modo, oficiais inferiores ao rei, tal como Joabe, eram chamados assim (2 Sm 11.9). Em 1 Rs 16.24 encontramos a expressão singular "Semer, 'dono' do monte Samaria". O profeta Elias também teve o título de "senhor" (1 Rs 18.7).

Apesar disso, há numerosas passagens, particularmente nos Salmos, onde tais formas,

que são as únicas aplicadas aos homens, referem-se a Deus. Êxodo 34.23 combina "o Senhor, YHWH, o Deus de Israel" (*hā'ādōn yhwh 'elōhê yisrā'ēl*). Deuteronômio 10.17 utiliza tanto o singular quanto o plural na construção "Senhor dos Senhores" (*'ādōnê hā'ădōnîm*; *cf.* Sl 136.3). Em Salmos 8.1[2], Deus tem o título "YHWH, nosso Senhor" (*yhwh 'ădōnênû*). O Messias também tem este título em Salmos 110.1.

Vários nomes de pessoas incluem o elemento *'ādônî*: Adoni-Bezeque (Jz 1.5); Adoni-Zedeque (Js 10.1); Adonias (três homens diferentes, 1 Rs 1.8; 2 Cr 17.8; Ne 10.17); Adonicão (Ed 2.13) e Adonirão (1 Rs 4.6).

Quando *'ādôn* aparece na forma plural especial, com um sufixo pronominal da primeira pessoa do singular comum (*'ădōnā[y]*), sempre se refere a Deus. A palavra aparece desta forma mais de 300 vezes, principalmente nos Salmos, em Lamentações e nos profetas posteriores. Assim como *'ĕlōhîm* (Deus) é plural em hebraico, também esta palavra pode igualmente ser considerada um plural intensivo ou um plural de majestade. O sufixo só é traduzido raramente (*cf.* Gn 18.3; Is 21.8; Sl 16.2).

Para evitar o risco de tomar o nome de Deus (YHWH) em vão, os judeus mais religiosos começaram a substituir o nome próprio em si pela palavra *'ădōnā(y)*. Embora os massoretas tenham deixado as quatro consoantes originais no texto, eles acrescentaram as vogais *ĕ* (no lugar de *a*, por outras razões) e *ā* para recordar ao leitor a pronunciar *'ădōnā(y)* sem levar em conta as consoantes. Isto acontece mais de 6000 vezes na Bíblia Hebraica. A maioria das traduções usa letras maiúsculas para escrever o título "SENHOR". Algumas exceções são a Bíblia na Tradução Brasileira que usava "Jeová", a Bíblia de Jerusalém que tem Iahweh e a Bíblia Pastoral que traz Javé. O que foi provocado pela cautela dos judeus é semelhante ao nosso costume de dizer "por exemplo" quando lemos a abreviatura "*e.g.*". Posteriormente os judeus substituíram o nome divino por outras palavras como "o nome", "o bendito" ou "o céu" (*cf.* Mc 14.61, 62).

Nas passagens onde *'ădōnā(y) yhwh* ocorre, *yhwh* recebe a pontuação vocálica de *'ĕlōhîm*, e as traduções em português apresentam "SENHOR DEUS" (*e.g.*, Am 7.1).

Bibliografia: ZIMMERMAN, F., 'El and Adonai, *VT*, 12:190-5. — RICHARDSON, *TWB*, p. 130. — *TDNT*, v. 3, p. 1058-86. — *TDOT*, v. 1, p. 59-72. — *THAT*, v. 1, p. 31-7.

R.L.A.

28 *אָדַר ('ādar) ***ser majestoso*** (ocorre duas vezes no nifal e uma vez no hifil).

Termos Derivados

28a אֶדֶר ('eder) ***glória, magnificência; manto, capa***.

28b *אַדִּיר ('addîr) ***majestoso***.

28c אַדֶּרֶת ('adderet) ***glória, capa***.

Basicamente, esta raiz tem a conotação daquilo que é superior a alguma outra coisa, e que, por conseguinte, é majestoso. Por causa do uso verbal pouco freqüente no hebraico e a sua ocorrência em passagens predominantemente poéticas, *'ādar* pode ser um empréstimo do ramo norte-cananeu. O fenício confirma *'ādar* como verbo ("ser poderoso"), no piel, "engrandecer", adjetivo ("grande", "poderoso") e substantivo ("nobre, de classe superior"). No ugarítico *'dr* significa classe alta ou poderoso. Como adjetivo o

termo se refere ao material do qual o arco de Aqhat foi feito (2 Aqht 6.20-23). O substantivo *'eder* deveria ser diferenciado de *horîm*, "nobres", e *śarîm*, "príncipes". Como adjetivo *'addîr* deveria ser comparado a palavras como *'āmîts, gā'ôn, 'ayil et al.* A raiz ocorre 46 vezes no AT.

Esta raiz é freqüentemente usada para se referir a Deus. Moisés canta que Deus mostrou ser poderoso em santidade por libertar o povo do Egito (Êx 15.10). Aqui a idéia de poder superior é estabelecida (*cf.* v. 6). O seu poder demonstrado sobre o Egito tornou sua majestade conhecida e temida pelos filisteus (1 Sm 4.8). Embora o pecado dos israelitas tenha causado derrotas esporádicas, a soberania do Deus eterno derrotou aqueles reis, um após o outro, que clamavam superioridade temporária (Sl 136.18). O nome de Deus é aclamado como glorioso sobre todos em poder e majestade (Sl 8.1[2]). Seu senhorio exclusivo (poder) sobre as ondas do mar (Sl 93.4) e sobre as montanhas (Sl 76.4[5]) é corretamente expresso por *'ādar*.

Não somente Deus é exaltado, como também ele, de modo soberano, exalta outras coisas, *e.g.* a sua lei (Is 42.21), cuja majestade Deus vindicará. Deus levantou Israel e o vestiu de majestade. Ezequiel utiliza as figuras de uma vinha e de uma árvore para descrever como Deus poda e exalta Israel conforme a sua vontade (Ez 17.8, 23; *cf.* Zc 11.3).

'addîr. ***Poderoso, majestoso, nobre, principal, grandioso.*** Quando usado como substantivo, *'addîr* é paralelo a "poderosos" (Jz 5.13), "príncipes" (Jr 30.21), e está entre "capitães" e "governadores" (2 Cr 23.20) como os líderes do Israel pós-exílico. No versículo difícil do Salmos 16.3 o termo parece se referir aos santos. No *eschaton* o Messias é descrito como aquele que reinará sobre Israel (Jr 30.21) como o *'addir*. Este não será outro além do próprio Jeová (Is 33.21).

'adderet. ***Manto, capa, majestade*** (substantivo); ***nobre, majestoso*** (adj.). O substantivo e o adjetivo são usados de modo intercambiável (Ez 17.8, 23; Zc 11.3). O substantivo "manto" é, a princípio, surpreendente, contudo se refere a uma capa de alto status (Js 7.21) ou ao manto dos profetas, *etc.* (2 Rs 2.8).

Bibliografia: AHLSTROM, G., 'OR, *VT*, 17:1-2.

L.J.C.

28.1 אַדַרְכֹן (*'ădarkôn*) ***dárico***. Este empréstimo persa deve ser provavelmente distinguido de *dark'mōnîm*, "dracma", n.º 453c. (*cf. KB*).

29 אָהֵב (*'āhēb*) ***amar, gostar, apaixonar-se, ser amável.***

Termos Derivados

29a אַהַב (*'ahab*) ***amor.***

29b אֹהַב (*'ōhab*) ***amor.***

29c אַהֲבָה (*'ahăbâ*) ***amor.***

29 אָהַב (*'āhēb*)

Há uma pequena variação no sentido básico deste verbo. A variabilidade do sentido vai desde o amor infinito de Deus por seu povo até os apetites carnais de um glutão preguiçoso.

O verbo aparece em todos os modos do qal além do particípio do nifal e do piel. As 16 formas do piel não são intensivas, mas referem-se normalmente a "amantes" ilícitos. Os profetas Jeremias (22.20, 22; 30.14), Ezequiel (16.36; 23.5 *et al.*) e Oséias (2.5-13) usam a palavra para falar das relações adúlteras de Israel. Zacarias usa a palavra na passagem presumivelmente messiânica: "São as feridas com que fui ferido na casa dos meus *amigos*" (13.6).

'aheb descreve freqüentemente o amor entre seres humanos. O amor do pai pelo filho é exemplificado por Abraão e Isaque (Gn 22.2) e por Israel e José (Gn 37.3). Um escravo poderia "amar" o seu senhor e desejar pertencer a ele pelo resto de sua vida (Êx 21.8). Esta é a palavra usada no mandamento "*amarás* ao teu próximo como a ti mesmo" (Lv 19.18). "Amar" o estrangeiro também é tarefa do fiel (Dt 10.19). Sansão aparentemente disse a Dalila que a "amava" (Jz 14.16; 16.15). Rute "amava" Noemi, a sogra (Rt 4.15), Elcana "amava" a esposa Ana (1 Sm 1.5) e Rebeca "amava" o filho Jacó (Gn 25.28). O "amor" de Hirão por Davi ilustra a fraternidade internacional ou a política de paz entre os dois (1 Rs 5.1). Observe que em nenhuma passagem é mencionado o amor dos filhos pelos pais. Em vez disso, eles devem honrá-los, reverenciá-los e obedecer-lhes.

É possível amar coisas concretas ou abstratas. Isaque "amou" uma comida saborosa (Gn 27.4); de outros se diz que "amaram" o azeite (Pv 21.17), a prata (Ec 5.9) e os presentes (Is 1.23). O salmista "amava" os mandamentos de Deus (Sl 119.47), a lei (v. 97), os testemunhos (v. 119) e os preceitos (v. 159). Os homens podem "amar" o mal (Sl 52.3[5]), ou a morte (Pv 8.36), a vaidade (Sl 4.2[3]), a maldição (Sl 109.17) ou um falso juramento (Zc 8.17). Por outro lado, eles podem "amar" o bem (Am 5.15), a verdade e a paz (Zc 8.19), a salvação (Sl 40.16[17]) e a sabedoria (Pv 29.3).

Deus ordenou que o homem o "amasse" (Dt 6.5). Os salmos contêm testemunhos da obediência a este mandamento (116.1; 145.20). Por outro lado, Deus "ama" os homens, especialmente o seu povo, Israel (Dt 4.37; Is 43.4; Ml 1.2). O Senhor também "ama" outras coisas, tais como as portas de Sião (Sl 87.2), a justiça e o juízo (Sl 33.5) e o templo santo (Ml 2.11). Em algumas passagens o verbo introduz um infinitivo. Jeremias (14.10) acusou o povo de amar o ato de "andar errantes", enquanto Isaías culpou-os de amar o "dormir" (56.10). O próprio verbo aparece às vezes no infinitivo, como em Josué 22.5 e em Isaías 56.6. Pelo menos uma vez ocorre no gerúndio, "tempo de *amar*" (Ec 3.8).

Os particípios quase sempre são traduzidos por "amigo". É de 2 Crônicas 20.7 que vem a noção de que Abraão é o "amigo" de Deus. Conforme já observado, a palavra "amante", que traduz o particípio piel, freqüentemente traz uma conotação depreciadora que implica em prostituição (Os 2.7; 9.12; Ez 16.33, 36, 37; Jr 22.20, 22; 30.14; Lm 1.19; Zc 13.6, *etc.*).

'ahab. ***Amor, amável, amantes.*** Esta palavra é traduzida por amores (ARA) nas suas duas únicas ocorrências (Os 8.9 e Pv 5.19). O trecho de Provérbios tem conotação positiva, "corça de amores". Na passagem de Oséias, porém, a conotação é negativa, "mercou amores".

'ōhab. ***Amor.*** O termo é assim traduzido em Provérbios 7.18. A palavra tem o sentido de objeto de amor em Oséias 9.10, onde tem como correspondentes "vergonhosa idolatria"

e "Baal". Aqui ela pode ser analisada como um infinitivo construto. Em sua única outra ocorrência (Pv 7.18), *'ōhab* tem também um sentido de ilícito.

'ahăbâ. ***Amor***. Típico das abstrações no hebraico, este substantivo é feminino. Assim como os cognatos que compartilham da mesma raiz consonantal, o sentido do termo é "amor".

O substantivo *'ahăbâ* descreve o amor do marido pela esposa, tal como no caso de Jacó por Raquel (Gn 29.20). O "amor" de Deus por seu povo é designado pela mesma palavra (Dt 7.8; 2 Cr 2.11 *et al.*). A afeição de Jonas por Davi também é *'ahăbâ* (1 Sm 18.3; 20.17; *cf.* 2 Sm 1.26).

'ahăbâ ocorre com freqüência na literatura sapiencial e umas poucas vezes nos profetas posteriores. Provérbios utiliza a palavra em sua forma mais abstrata: "o amor cobre todas as transgressões" (10.12), "melhor é um prato de hortaliças onde há amor" (15.17; *cf.* Ec 9.1, 6). Naturalmente, o termo é usado em Cantares. É traduzido por "amor" em vários versículos bem conhecidos. "Seu estandarte sobre mim é o amor" (2.4). "Desfaleço de amor" (2.5; 5.8). "O amor é forte como a morte" (8.6). "As muitas águas não poderiam apagar o amor" (8.7).

Versículos bem conhecidos nos livros proféticos também usam a palavra. "Com amor eterno eu te amei" (Jr 31.3). "Atraí-os [...] com laços de amor" (Os 11.4). "O que o SENHOR pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia" (Mq 6.8), lit. "o amor de misericórdia" (*'ahăbat hesed*).

Bibliografia. AUDET, Jean-Paul, Love and marriage in the Old Testament, *Scripture*, 10:65-83. — MCCARTHY, Dennis J., Notes on the love of God in Deuteronomy and the father-son relationship between Yahweh and Israel, *CBQ*, 27:144-7. — MCKAY, J. W., Man's love for God in Deuteronomy and the father/teacher-son/pupil relationship, *VT*, 22:426-35. — MORAN, William L., The ancient Near Eastern background of the love of God in Deuteronomy, *Interp*, 19:399-411. — TORRANCE, T. F. The doctrine of grace in the Old Testament, *SJT*, 1:55-65. — *TDNT*, v. 1, p. 21-35; v. 9, p. 124-7, 154-9. — *TDOT*, v. 1, p. 99-117. — *THAT*, v. 1, p. 60-72.

R.L.A.

30 אָהָּה (*'āhāh*) ***ah! ai!***

Esta interjeição é comum tanto no hebraico quanto no português; a tradução "ah" é praticamente uma transliteração. Em muitas passagens ela é usada juntamente com "SENHOR Deus" (Js 7.7; Jz 6.22; Jr 1.6; 4.10; 14.13; 32.17; Ez 4.14; 9.8; 11.13; outras ocorrências são Jz 11.35; 2 Rs 3.10; 6.5, 15; Jl 1.15).

Bibliografia: *THAT*, v. 1. p. 73.

R.L.A.

31 אַיֵּה (*'ayyēh*) ***onde*** (Os 13.10, 14).

32 אָהַל (*'āhal*) ***I, armar uma tenda.*** Verbo denominativo.

Substantivo Primitivo

32a אֹהֶל (*'ōhel*) ***tenda, habitação.***

33 *אהל (*'āhal*)

Termos Derivados

32b אָהֳלָה (*'ohŏlâ*) ***Oolá.***
32c אָהֳלִיבָה (*'ohlŏlibâ*) ***Oolibá.***

Este verbo ocorre no qal (Gn 13.12, 18) e no piei (Is 13.20).

'ōhel. Habitação, lar, tabernáculo, tenda.

'ōhel, substantivo masculino, ocorre 340 vezes e é usado para se referir à pele de animal e ao pêlo de cabra (Ct 1.5), à habitação de um povo nômade (Gn 4.20; 13.5; 18.16; 25.27; *etc.*), aos pastores (Jr 6.3), às mulheres (Gn 31.33; Jz 4.17; *cf.* Is 54.2), aos guerreiros (1 Sm 17.54; Jr 37.10; *etc.*) e ao gado (2 Cr 14.14). Também é usado para descrever a tenda nupcial (2 Sm 16.22).

A palavra *'ōhel* continuou a ser usada para uma habitação ou lar (1 Rs 8.66; 12.16; Sl 91.10; Jz 19.9), o que inclui o palácio de Davi (Is 16.5) muito tempo depois de os israelitas terem adotado moradias mais permanentes. *'ōhel* é usada de modo figurado para se referir ao povo de Edom (Sl 83.7), Quedar (Sl 120.5; Ct 1.5), Judá (Jr 30.18), Cusã (Hb 3.7) e outros. A "tenda da filha de Sião" (Lm 2.4) é uma figura de Jerusalém.

O tabernáculo era essencialmente uma tenda, composta de cortinas de tecido e duas cortinas de pele animal estendidas sobre uma estrutura de madeira (Êx 26.7, 14-15). É designada de "tenda da congregação" (*'ōhel mô'ed*, Êx 33.7-11, *etc.*), como também de "tenda do testemunho" (*'ohel 'ēdût*, Nm 9.15; 17.22, 23, *etc.*)

'ohŏlâ, 'ohŏlibâ. ***Oolá, Oolibá.*** Ezequiel utiliza estes nomes simbólicos de Samaria e Jerusalém: Oolá ("tenda dela") e Oolibá ("minha tenda está nela", Ez 23.4, *etc.*). Os nomes Ooliabe ("tenda do pai", Êx 31.6) e Oolibama ("tenda do lugar alto", Gn 36.2, 41) procedem deste substantivo.

Bibliografia: BEN-MORDECAI, C. A., The tent of meeting (Ex 33,7-11), *JQR*, 30:399-401. — CLIFFORD, R. J., The tent of El and the Israelite tent of meeting, *CBQ*, 33:221-7. — GUILLEBAUD, M. L. G., The tent over the tabernacle, *EQ*, 31:90-6. — HARAN, Menahem, The nature of the 'ohel mo'edh in pentateuchal sources, *JSS*, 5:50-65. — MORGENSTERN, Julian, The ark, the ephod, and the tent, *HUCA*, 17:153-265; 18:1-52. — ____, the tent of meeting, *JAOS*, 38:125-39. — *TDOT*, v. 1, p. 118-29.

J.P.L.

33 *אהל (*'āhal*) ***II, clarear, brilhar.*** Ocorre apenas uma vez (no hifil), em Jó 25.5.

34 אהל (*'hl*) **III. Aceita como raiz de:**
34a אֲהָל (*'āhāl*) ***aloés***

אהליבה (*'ohŏlibá*) Veja o n.º 32c.

35 אַהֲרֹן (*'ahărôn*) ***Arão.*** Irmão mais velho de Moisés. Era levita e tornou-se o primeiro sumo sacerdote.

A Bíblia registra que Arão foi filho de Anrão (1 Cr 6.3). Arão era o porta-voz de Moisés, que se queixou a Deus de ser pesado de língua (Êx 4.10-14).

Arão casou-se com Eliseba, filha de Aminadabe, irmã de Naassom (Êx 6.23). Eles tiveram quatro filhos: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Os dois primeiros "ofereceram fogo estranho" e morreram perto do tabernáculo (Lv 10.1-2; Nm 3.4). Os outros dois atuaram como sacerdotes sob a direção de Arão até que este morresse, e então Eleazar tornou-se o sumo sacerdote (Nm 20.26).

Juntamente com Hur, Arão sustentou os braços de Moisés, que sustentava a vara de Deus, durante a batalha contra Amaleque (Êx 17.12).

De acordo com Êxodo 30, os deveres de Arão incluíam queimar o incenso aromático diariamente (v. 7), acender as lâmpadas todas as noites (v. 8) e fazer expiação anualmente (v. 10). Levítico 16 esboça mais responsabilidades. Ele deveria trazer certos sacrifícios para expiação quando entrasse no santuário (v. 3). Vestia a túnica de linho sagrada, as calças de linho, o cinto de linho e a mitra de linho (v. 4). Os demais procedimentos estão descritos nos versículos seguintes de Levítico 16.

Arão foi o culpado pelo incidente do bezerro de ouro (Êx 32.35). Pode-se ouvir algo de insinceridade em seu protesto, "Eu o lancei (*i.e.*, o ouro do povo) no fogo, e saiu este bezerro" (Êx 32.24).

Arão sobreviveu durante a maior parte da jornada pelo deserto e morreu com a idade de 123 anos (Nm 33.39). Moisés e Eleazar testemunharam a sua morte no Monte Hor (Nm 20.25-29).

O nome de Arão aparece apenas poucas vezes nos livros históricos, uma vez nos profetas (Mq 6.4) e apenas oito vezes nos Salmos. A mais conhecida é a passagem do Sl 133.1, 2 (*cf.* Êx 30.25, 30):

> Oh! como é bom e agradável
> viverem unidos os irmãos!
> É como o óleo precioso sobre a cabeça,
> o qual desce para a barba,
> a barba de Arão,
> e desce para a gola de suas vestes.

Evidentemente, era o óleo e não a barba que descia para a gola de suas vestes.

No NT, Lucas (1.5) registra que Isabel descende de Arão. Estêvão refere-se ao pecado de idolatria relevante de Arão no sermão registrado em Atos 7.40. Naturalmente, referências a Arão aparecem em Hebreus (5.4; 7.11; 9.4). Nesta epístola, que enfatiza a superioridade de Cristo em relação a várias outras instituições divinas e personagens do AT (anjos, Moisés, o sacerdócio), Cristo é superior a Arão. Jesus, o filho de Deus, é chamado de o grande sumo sacerdote (4.14), que, ainda que pessoalmente sem pecado, é tocado pelos sentimentos das nossas enfermidades (4.15). Conforme se desenvolve o argumento, o apóstolo assevera que Cristo pertence à descendência de Melquisedeque, um sacerdote-rei pré-levítico (Hb 7.11). Em todo o capítulo 9 da epístola aos Hebreus, o autor enfatiza a superioridade da obra de Cristo e seu ministério permanente: "Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação, não por meio de sangue de

bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção" (vv. 11, 12).

R.L.A.

36 אֹ (ʾô) ***ou, se, por outro lado, também, e, então.***

O cognato ugarítico é *ʾu* e o acadiano é *ʾū*.

Esta conjunção aparece quase 300 vezes na Bíblia Hebraica. Três quartos destas ocorrências estão nos livros de Moisés, particularmente na literatura jurídica. Normalmente, ela introduz uma situação alternativa ou uma exceção de um princípio geral. Em Levítico 13.47-49 ʾô é usado dez vezes.

אוֹ (*ʾaw*). Veja o n.º 40a.

37 אוּב (*ʾwb*). **Aceita como raiz de:**

37a אוֹבֹת (*ʾôb*) ***alguém que tem um espírito familiar.***

As traduções modernas têm uma variedade de termos. Dentre eles temos: médium, espírito, espírito de mortos, necromante e mágico. Em Jó 32.19 a palavra tem o sentido de odres ou vasilhames.

Hoffner relaciona os seguintes cognatos: no sumério, *ab(.làl)*, no hitita, *a-a-bi*; no ugarítico, *ʾeb*, e no assírio, *abu* (veja "Bibliografia").

A dupla *ʾôb* e *yidd*ᵉ*ʿônî* deriva-se da raiz "conhecer" (*yāda*ʿ).

O povo de Deus recebeu o mandamento de se manter longe destes ocultistas (Lv 19.31). Na verdade, a punição para quem se voltasse para tais "médiuns" era a morte por apedrejamento (Lv 20.27). Naturalmente, *ʾob* é incluída na lista completa de abominações semelhantes em Deuteronômio 18.10, 11. Todas estas ocupações lidavam com o oculto. O homem tem desejado, desde tempos imemoráveis, conhecer o futuro. Nos dias antigos alguns ocultistas adivinhavam pelas nuvens, outros por meio de rins (Ez 21.21[26]), enquanto outros ainda consultavam espíritos.

A palavra *ʾôb* refere-se claramente àqueles que consultavam espíritos, visto que 1 Samuel 28 descreve uma destas pessoas em ação. A famosa "pitonisa" de En-dor era uma *ʾôb*. Embora Saul tivesse proibido "feiticeiras" e "mágicos", ele consultou uma delas. Disfarçando-se, pediu que a "médium" trouxesse Samuel dentre os mortos. Ela foi bem-sucedida e, embora ele tenha-se queixado de ter sido perturbado, anunciou a Saul as más notícias de que Deus não estava agradando-se de Saul e que Saul e seus filhos morreriam no dia seguinte.

Uma explicação deste fenômeno é que Deus mostrou-se sensível à fraqueza humana e adaptou-se àquilo que havia proibido. Pode ser que a mulher fosse uma *ʾôb* legítima e bem-sucedida e que suas atividades não tivessem sido embustes. Aparentemente este engano diabólico era uma ameaça real para a fé do povo de Deus. Por outro lado, o contato pode ter ocorrido por meio de uma visão despertadora, enviada por Deus sem nenhuma vinda real de Samuel dentre os mortos, ainda que o aparecimento dela nesta visão tenha conduzido e autenticado a mensagem de Deus. Observe que a própria mulher ficou surpresa.

Isaías desacredita estes "necromantes" e dá a entender pela escolha de suas palavras que os sons dos espíritos invocados não passam de ventriloquismo: "os necromantes e os

adivinhos que chilreiam e murmuram" (8.19). Isaías faz duas outras analogias relativas aos sons produzidos por uma *'ôb*: "... e do pó sairá afogada a tua fala; subirá da terra a tua voz como a de um fantasma, como um cochicho a tua fala desde o pó" (29.4).

Não há aparentemente nenhuma relação entre o tipo de magia negra decorrente da palavra *'ôb*, e o uso da mesma palavra por Eliú em Jó 32.19. A opinião quase universal de que *'ôb* significa "odre" neste versículo indica que qualquer relação entre as duas palavras é muito tênue. Elas podem ser simplesmente homônimas.

Um dos locais de parada durante a peregrinação no deserto foi Obote (*'ôbôt*), que se parece com o plural de *'ôb* (Nm 21.10, 11; 33.43, 44). Apesar disso, o nome do local pode ser traduzido por "local de odres d'água" ou por algo semelhante, o que soa mais adequado para o nome de um local do que para "feiticeiras".

Outros termos usados para adivinhadores e adivinhação são: *'ittî, 'ānan, 'ashshap, hartōm, yidd"ōnî, kāshap, nahash, qāsam*.

Bibliografia: GASTER, M., Divination (Jewish)., In: *Encyclopedia of religion and ethics*, v. 4, Scribners, 1955. — HOFFNER, Harry, Jr., Second millennium antecedents to the Hebrew 'ob, *JBL*, 86:385-401. — LUST, J., On wizards and prophets, *Supp VT*, 26:133-42. — MONTAGUE, Summers, *The history of witchcraft*, University Books, 1956. — RABIN, Chaim, Hittite words in Hebrew, *Or*, 32:113-39. — *TDOT*, v. 1, p. 130-3.

R.L.A.

אוּבַל (*'ûbal*). Veja o n.º 835g.

38 אוד (*'wd*) **Aceita como raiz de:**

38a אוּד (*'ûd*) ***tição.*** (Am 4.11; Zc 3.2; Is 7.4).

38b אוֹדוֹת (*'ôdâ*) ***causa.***

38c אֵיד (*'ēd*) ***aflição, calamidade.***

38d אֵד (*'ēd*) ***neblina.***

'ôdâ. ***Porque, por causa de, concernente a, por amor de, acerca de, de, que, em virtude de.*** Este substantivo feminino ocorre apenas no plural (*'ôdōt* ou *'ōdôt*) e sempre é precedido por uma preposição *'al* com o sentido de "porque" (exceto no caso de 2 Sm 13.16, em que a maioria dos estudiosos admite que *'al* é uma irregularidade ortográfica). Além disso, a palavra aparece em Gênesis 21.11, 25; 26.32; Êxodo 18.8; Números 12.1; 13.24; Josué 14.6; Juízes 6.7 e Jeremias 3.8.

'êd. ***Calamidade, destruição, ruína, desastre, aflição, vingança, tribulação, infortúnio, condenação, terror, queda, perigo.*** Com exceção de uma referência em Ezequiel 35.5, todas as 22 ocorrências de *'êd* aparecem em partes poéticas do AT. O seu uso em Deuteronômio 32.35 é parte do Cântico de Moisés. O uso de 2 Samuel 22.19 é idêntico ao de Salmos 18.18[19].

A expressão "dia da calamidade" constitui um terço das ocorrências. Corresponde a "calamidade" (*'ătîdôt*) em Dt 32.35, a "dia da ira" (*'ābārôt*) em Jó 21.30 e a "tempo do seu castigo" (*p'qūddātām*) em Jeremias 46.31. Observe que Ezequiel 35.5 tem "o tempo da calamidade" correspondente ao "tempo do castigo final" (*'ăwôn qēts*). Em Obadias a expressão "dia da sua calamidade" aparece três vezes em um versículo (13).

Em Jó 31.23 e 30.12 e em Salmos 18.18 (que corresponde a 2 Sm 22.19), o sofredor justo está em vista. Além disso a nação ou pessoa má merece "destruição". Provérbios 1.26, 27 e 6.15 ilustram o primeiro caso enquanto Jeremias 48.16 e 49.32 apontam para o segundo.

Esta palavra deve ser distinguida do empréstimo sumério *'ēd* (אד) com o sentido de "névoa" ou "manancial" (veja o próximo verbete).

'ēd. ***Névoa, neblina, vapor, manancial, corrente***. Estas são várias possíveis traduções de Gn 2.6. A maior parte das traduções traz "vapor" em Jó 36.27.

Baseado nestes dois textos bíblicos e nos cognatos sumério e acadiano, *edû* e A.DÉ.A respectivamente, significados diferentes de "neblina" e "vapor" têm sido sugeridos. Os primeiros tradutores não tinham acesso às línguas de escrita cuneiforme antigas que ajudam a determinar o sentido destas palavras difíceis. Os tradutores da LXX conjecturaram πηγή (primavera) em Gênesis e νεφέλη (nuvem) em Jó. O termo acadiano *edû* refere-se à inundação anual da Babilônia pelo Eufrates bem como à irrigação. Se o Éden era irrigado por mananciais e recebia águas que não fossem de chuva, poderia ter sido localizado em uma região como a do sul da Mesopotâmia onde não chove. Tal localização sugeriria que a situação paradisíaca não era mundial mas peculiar às imediações do Éden.

A passagem de Jó é rica em detalhes meteorológicos. Contudo, "vapor" não é a única tradução; uma das várias opções tais como "corrente" também caberia bem.

Bibliografia: HARRIS, R. Laird, The mist, the canopy, and the rivers of Eden, *JETS*, 11:177-9. — SAEBO, Wayne, Die hebräischen Nomina 'ed und 'ed, *Studia Theologia*, 24:130-41. — *THAT*, v. 1, p. 122-4. — SPEISER, E. A., 'ED in the story of creation, *Oriental and Biblical Studies, Collected Writings*, Univ. of Phila. Press, 1967, p. 23-34.

R.L.A.

39 אוה (*'wh*) **I. Aceita como raiz de:**

39a אי (*'ī*) ***I, costa, região.***

40 אוה (*'āwâ*) **II, *desejar, ansiar, cobiçar, esperar ansiosamente, sentir vontade, suspirar, anelar, querer, ser cobiçoso, preferir.***

Termos Derivados

40a †אָו (*'aw*) ***desejo.***

40b †אַוָּה (*'awwâ*) ***desejo.***

40c מַאֲוַי (*ma'ăway*) ***desejo.***

40d †תַּאֲוָה (*ta'ăwâ*) ***desejo.***

Muitas vezes o sujeito deste verbo é *nepesh*, cujo sentido variável é "si mesmo", "alma", "apetite" (*e.g.*, Dt 12.20; 14.26, 1 Sm 2.16; 1 Rs 11.37, Jó 23.13; Is 26.9). Às vezes o objeto é "carne" (Dt 12.20), "frutas" (Mq 7.1) ou delicados manjares (Pv 23.3, 6). O objeto pode

ser "mal" em si mesmo (Pv 21.10) ou um "reino" (2 Sm 3.21; 1 Rs 11.37). Ocasionalmente o objeto não é especificado. De acordo com Números 11.4, o povo "veio a ter grande desejo" ou "foi tomado de cobiça" (BJ). Outros exemplos são Provérbios 21.26 e Ec 6.2.

O último dos dez mandamentos, conforme Deuteronômio, contém esta palavra "não 'cobiçarás' a casa do teu próximo" (Dt 5.21*b*). Na frase "não 'cobiçarás' a mulher do teu próximo" (Dt 5.21*a*), a palavra hebraica é *hmd*. *hmd* é o único verbo no texto correspondente de Êxodo.

Das 27 ocorrências da palavra somente quatro estão nos profetas. Talvez a mais conhecida seja a de Amós 5.18, "Ai de vós que 'desejais' o dia do SENHOR".

O texto de Números 34.10 usa este verbo (ou outro verbo pronunciado de modo idêntico) de maneira singular. A ARA traduz "marcareis". É possível que o termo seja derivado de *tāwâ* (*q.v.*), cujo sentido no hifil é "fazer um sinal".

'aw. *Desejo*. Em Provérbios 31.4 encontra-se a única ocorrência de *'aw*. Pode ser que se trate de uma forma masculina abreviada do substantivo feminino *'awwâ* (*q.v.*) cujo sentido também é "desejo". Visto que ele aparece no construto, recebe a pontuação *'ēw* (no texto Qere).

'awwâ. *Desejo, concupiscência, vontade.* Este substantivo feminino aparece em Dt 12.15, 20, 21; 18.6; 1 Sm 23.20; Jr 2.24; Os 10.10. Observe que *'awwâ* aparece no construto com *nepesh* (alma/mente), em todas as passagens com exceção da última.

ta'ăwâ. *Desejo, agradável, concupiscência, desejável, avidez, saboroso*. Como outros substantivos formados a partir da raiz *'wh* (*'aw* e *'awwâ*), este substantivo tem o sentido de "desejo", o que se estende a objetos bons e ruins.

Em Números 11.34, 35 e 33.16, 17, este substantivo feminino faz parte do nome do local de parada no deserto, Quibrote-Taavá ("Sepulturas de Avidez"). Em Gênesis 49.26 a palavra significa "limite", embora esta seja provavelmente uma palavra de formação diferente que não venha da raiz *tā'â* "designar" ou trata-se de um substantivo que procede de *'āwâ* II, "uma marca", por conseguinte, "um limite".

R.L.A.

41 *אוָּה (*'āwâ*) ***III, sinalizar, marcar, descrever com uma marca.*** Aparece apenas uma vez no hitpael (Nm 34.10).

Termo Derivado

41a אוֹת ('ôt) ***sinal, marca, indício, insígnia, estandarte, milagre, sinal miraculoso, prova, advertência.***

'ôt. Este é o termo genérico para "sinal" que cobre a plena variação do termo em português e da palavra grega *sēmeion*. No final pedestre da escala o termo inclui o que vem a ser "estandarte" ou "insígnia" (Nm 2.2). Inclui também conceitos importantes como o "sinal" do arco-íris dado a Noé (Gn 9.12, 13, 17).

I. *'ôt* ocorre pela primeira vez em Gênesis 1.14, onde se refere aos luminares que servem como "sinais" para distinguir as estações. Em Jeremias 10.2 a palavra tem um

sentido semelhante.

2. De acordo com Gênesis 4.15, o Senhor pôs um "sinal" em Caim. O significado desta palavra é incerto.
3. Um terceiro uso da palavra é ilustrado em Gênesis 9.12, 13, 17, de acordo com o qual o arco-íris é um "sinal" da aliança. A circuncisão é o "sinal" em Gênesis 17.11. Do mesmo modo, o sábado deve ser um "sinal", conforme Êxodo 31.13, 17 e Ezequiel 20.12. É este uso da palavra "sinal" que está em mente quando os cristãos se referem às ordenanças como "sinais" externos da graça interior.
4. A maioria das 80 ocorrências de *'ôt* refere-se a "sinais miraculosos". Todas as pragas que caem sobre os egípcios são chamadas de "sinais". Nestes casos, a palavra complementar *môpēt* (*q.v.*) com o sentido de "maravilhas" aparece freqüentemente (Êx 7.3; Dt 4.34; 6.22; 7.19; 26.8; Ne 9.10; Is 20.3; *et al.*). Esta palavra, *'ôt*, é usada na famosa profecia dirigida por Isaías a Acaz (7.11, 14). O avanço da sombra nos degraus do palácio era um "sinal" para o rei Ezequias de que estava enfermo (2 Rs 20.9; Is 38.7). Da mesma forma, Deus mostrou a Gideão um "sinal" acendendo fogo na oferta (Jz 6.17).
5. A palavra *'ôt* significa às vezes "indício". Por exemplo, a vara de Arão deveria ser um "sinal (indício) para os rebeldes" (Nm 17.10). Na mesma categoria se encontram as pedras do Jordão (Js 4.6), "as lâminas para cobertura do altar" (Nm 16.38[17.3]) e a coluna de testemunho no Egito (Is 19.19, 20).
6. Um sonhador ou profeta, verdadeiro ou falso, poderia fazer "sinais" conforme Deuteronômio 13.1 e ss. O cumprimento da ameaça de Jeremias de punição foi um verdadeiro "sinal" (Jr 44.29), enquanto Isaías fala de "sinais" dos profetizadores de mentiras.

Naturalmente, estas categorias são artificiais e sobrepostas. O simples fato de que uma palavra hebraica cobre todas estas categorias é prova disto. A palavra "sinal", ou significa o próprio acontecimento incomum, ou, de algum modo, aponta para o acontecimento incomum. Pode também referir-se a fato histórico passado, tal como no caso das pedras do Jordão (Js 4.6) ou a algo futuro, tal como a promessa de um mundo futuro sem espinhos (Is 55.13).

Bibliografia: KNIGHT, Harold, The Old Testament conception of miracle, *SJT*, 5:355-61. — PRITCHARD, James B., Motifs of Old Testament miracles, *Crozer Quarterly*, 27:97-109. — RICHARDSON, *TWB*, p. 152. — ROBINSON, H. W., The nature-miracles of the Old Testament, *JTS*, 45:1-12. — *TDNT*, v. 7, p. 209-29. — *THAT*, v. 1, p. 91-94.

R.L.A.

42 הוֹי (*hôy*). ***Ai! Oh!***

Esta interjeição onomatopaica ocorre 22 vezes no AT. Muitas vezes a preposição "de" seguida de um pronome de primeira pessoa ("mim" ou "nós") servem para indicar desespero. Isaías 6.5 é um exemplo: "Ai de mim! Estou perdido!". Quando usada a segunda ou a terceira pessoa, a interjeição indica ameaça ou acusação. Números 21.29 ilustra isto: "Ai de ti, Moabe!".

Bibliografia: WANKE, Gunther, אוי und הוי, *ZAW*, 78:215-18.

R.L.A.

43 אוה (*'wh*) **IV. Aceita como raiz de:**

43a אי (*'î*) ***II, chacal.***

43b אַיָּה (*'ayyâ*) ***falcão, milhafre.***

אֱוִיל (*'ĕwîl*), אֱוִילִי (*'ĕwîlî*). Veja o n.º 44a, b.

44 אול (*'wl*) **I. Aceita como raiz de:**

44a אֱוִיל† (*'ĕwîl*) ***insensato.***

44b אֱוִלִי† (*'ĕwilî*) ***insensato*** (Zc 11.15).

44c אִוֶּלֶת† (*'iwwelet*) ***loucura, insensatez, insensato.***

'ĕwîl. ***Tolo, insensato, louco.***

Alguns acreditam que *'ĕwîl* é derivado de *yā'al*, "ser insensato", enquanto outra possibilidade é que o termo seja proveniente de uma palavra árabe cujo sentido é "ser grosso" e, conseqüentemente, "grosseiro de mente" ou "tolo".

A NIV traduz a palavra com uma nota de rodapé em Provérbios 1.7: "As palavras hebraicas traduzidas por *tolo* ou *insensato* no livro de Provérbios e muitas vezes em outros livros do AT denotam alguém que é moralmente deficiente". Tal pessoa possui carências em suas faculdades mentais e é normalmente corrupta. Se é possível estabelecer uma gradação nas palavras hebraicas para insensato, *'ĕwîl* estaria um grau abaixo de *k'sîl* e apenas um grau acima de *nābāl* (*q.v.*). Uma palavra ainda mais forte em Provérbios é *lēts*, muitas vezes traduzida por "escarnecedor". O *'ĕwîl* não é apenas um *k'sîl* por causa de suas escolhas. É também alguém insolente.

O *'ĕwîl* identifica-se tão logo abre a sua boca. Ele seria sábio em ocultar sua tolice se permanecesse em silêncio (Pv 17.28). Quando ele começa a falar sem pensar, a ruína está próxima (Pv 10.14). Enquanto um sábio evita contendas, o insensato briga em qualquer ocasião (Pv 20.3). Ele não pode conter-se e dará a conhecer num instante a sua ira enquanto o prudente oculta a afronta (Pv 12.16). Um insensato não mostra equilíbrio em seu relacionamento com os outros. O conselheiro sábio indica que ainda que as pedras e a areia sejam difíceis de carregar, a ira de um insensato é ainda mais intolerável.

Como já indicado *'ĕwîl* refere-se principalmente à perversão moral ou à insolência, tendo uma idéia de pecaminoso em vez de incapacidade mental. Este tipo de insensato despreza a sabedoria e é impaciente com a disciplina. Aquele que não teme a Deus é um insensato e será incapaz de adquirir sabedoria ou qualquer benefício da disciplina divina (Pv 1.7). Enquanto o sábio aceita a instrução divina, o insensato tolo e murmurador que a rejeita cairá na ruína pelo que sai de seus lábios (Pv 10.8). Pelo fato de o insensato sentir que seu próprio caminho é isento de erros, ele não procura nem ouve o conselho como o faz o sábio. O insensato é destruído em suas próprias atitudes visto que possui todas as respostas (Pv 12.15). Um insensato despreza a correção de seu pai, em contraste com aquele que mostra bom senso ao acolher a repreensão (Pv 15.5). Este tipo de insensato também é licencioso, visto que usufruiu de prazeres pecaminosos com mulher de vida irregular (Pv 7.22).

Esta perversão moral é vista na declaração: "Os loucos zombam do pecado" (Pv 14.19). A palavra traduzida por pecado também pode ter o sentido de oferta pela culpa (Lv 5).

Desse modo, o insensato zomba e despreza a restituição das injúrias e dos pecados que ele comete. Ele escarnece de sua responsabilidade para com a comunidade como indivíduo responsável. De modo contrário, o justo (ou sábio) possui boa reputação e é benquisto.

Ainda que alguém pise o insensato com mão de gral entre graos pilados, não se conseguiriam os resultados desejados (Pv 27.22).

Uma situação deplorável foi vista no reino do norte, quando Oséias foi chamado de *'ĕwîl* pelo povo (Os 9.7). O povo havia esquecido a lei de Deus (Os 4.6) e considerava os preceitos da lei algo estranho (8.12). Em sua perversidade eles tinham o ensino do profeta como algo contrário à sua própria visão de mundo. Na verdade, por meio de julgamento torcido, colocaram-se na condição de insensatos. O uso do adjetivo segue a mesma idéia do substantivo relativo à insolência moral. O trágico é que esta condição nunca levará o insensato a conhecer o Senhor (Jr 4.22).

'iwwelet. ***Insensatez, loucura.*** Em cada 12 vezes é associada com o termo *k'sîl* e sofre uma sobreposição de significado. Assim, um insensato espraia a sua loucura, *i.e.*, a sua *'iwwelet* (Pv 13.16). A loucura (*'iwwelet*) dos insensatos é enganadora (Pv 14.8), a pessoa é considerada insensata por causa da sua loucura (*'iwwelet*), visto que a insensatez parece um produto especial dos loucos (*k'silîm*).

Apesar disso o aspecto de insolência moral se destaca. Um homem que se ira rapidamente age loucamente e fará coisas das quais poderá arrepender-se mais tarde (Pv 14.17). Do mesmo modo aquele que se ira rapidamente torna evidente a sua loucura de modo que atrai a atenção de outros (Pv 14.29). Um insensato perverte o seu próprio caminho. O seu tipo de caminho é falha dele e não de Deus (Pv 19.13). A disciplina é importante para as crianças porque a estultícia faz parte da natureza da criança. Um remédio para a correção é a vara da disciplina, que tem o propósito de afastar a estultícia (insensatez) da criança (Pv 22.15). Deve-se ter em mente que esta disciplina é importante para refrear a insolência moral que pode, por sua vez, levar à rebelião contra Deus. Provérbios enfatiza a necessidade de disciplina (13.24; 23.13, 14; 29.15). Contudo, esta deve ser equilibrada com compaixão e preocupação (1.8, 9). A insensatez de alguém que se ira rapidamente é contrastada com o grande entendimento (*t'bûnâ, q.v.*) de alguém que demora para se irar (Pv 14.29). Da mesma forma, o insensato encontra alegria na loucura, enquanto, por outro lado, aquele que anda de modo reto é homem de entendimento.

'ĕwîlî. ***Insensato***. Usado apenas uma vez no sentido de supervisor em Zacarias 11.15, que descreve o pastor insensato que não tinha preocupação pelo povo ao qual ele ministrava.

Bibliografia: DONALD, Trevor, The semantic field of 'folly' in Proverbs, Job, Psalms, and Ecclesiastes, *VT*, 13:285-92. — GREENSTONE, Julius, *Proverbs*, Jewish Publication Society, 1950. — HARRIS, R. Laird, Proverbs, In: *WBC*. — KIDNER, Derek, *Proverbs*, Inter-Varsity, 1964, p. 39-41. — WALKER, W. L., Folly, In: *ISBE*, v. 2, p. 1 124-5. — *TDOT*, v. 1, p. 137-9. — *THAT*, v. 1, p. 77-8.

L.G.

45 אול (*'wl*) **II. Aceita como raiz de:**

45a אול (*'ûl*) ***I, corpo, ventre*** (Sl 73.4).

45b אול (*'ûl*) ***II, líder, nobre*** (2 Rs 24.15).

45c אוּלָם (*'ûlam*) ***I, alpendre.***
45d אַיִל (*'ayil*) ***I, carneiro.***
45e אַיִל (*'ayil*) ***II, porta, poste, batentes, coluna.***
45f אַיִל (*'ayil*) ***III, líder.***
45g אַיִל (*'ayil*) ***IV, terebinto.***
45h אֵלָה (*'ēlâ*) ***terebinto.***
45i אֵלוֹן (*'ēlôn*) ***terebinto.***
45j אֵילָם (*'ēlam*) ***pórtico.***
45l אַיָּל (*'ayyāl*) ***veado.***
45m אַיָּלָה (*'ayyālâ*) **corça.**

'ûlām. *Alpendre, pórtico, saguão.* Algumas vezes equivale a *'êlam*. Ocorre principalmente em 1 Reis e em Ezequiel como parte de um templo ou palácio. Aparentemente era um pórtico ou saguão de entrada anexo, visto que podia ter janelas (Ez 41.26) e é comparado com um palácio (1 Rs 7.8).

A questão do pórtico está relacionada com a reconstrução do templo, o que é incerto. O ponto de vista mais antigo era o de que o templo tinha dois compartimentos como o tabernáculo, um saguão principal e o santo dos santos. Havia também um pórtico em frente, do lado de fora. O ponto de vista adotado por muitos atualmente era o de que se tratava de um templo com três compartimentos, como os templos sírios que têm sido encontrados. W. F. Albright acreditava que os dois pilares do lado de fora não sustentavam nada e estavam totalmente fora da estrutura (*Archaelogy and the religion of Israel*, John Hopkins Press, 1946, p. 143-8). Os estudos mais recentes poderiam sugerir que a frente do edifício era realmente um meio-pórtico ou um vestíbulo tendo a frente aberta. As duas paredes laterais podem ter tido janelas (embora Ez 41.26 possa estar-se referindo a janelas que ficavam na parede da frente do saguão alto principal, que ficava acima do pórtico). De qualquer forma, a parte da frente do vestíbulo teria sido aberta, tendo o teto sustentado pelas paredes laterais e pelas duas grandes colunas que ficavam em frente. Esta construção teria uma entrada bastante imponente, semelhante à do Palácio de Megido e outras mais (USSISHKIN, D. King Solomon's palaces, *BA*, 36:85-98).

A altura do pórtico certamente não era de 120 côvados (2 Cr 3.4 — ARA) mas sim de 20 côvados (*cf.* alguns manuscritos da LXX). É provável que as consoantes da palavra para côvado *'mh* foram invertidas e lidas como se fosse cem *m'h*.

Um "pórtico" ou "saguão" aparece de modo proeminente quando se fala do templo de Salomão, o seu grande templo, e o templo de Ezequiel 40—48. O termo nunca é usado quando o texto se refere a qualquer outro edifício. Conforme 1 Reis 6.3, o saguão em frente do templo de Salomão tinha 20 côvados de largura por dez côvados de fundo. A largura era equivalente à do próprio templo. Este saguão de entrada acrescentava uma terceira parte ao lugar santo e ao santo dos santos do tabernáculo. Em frente deste "pórtico" ou "vestíbulo" foram construídas as duas colunas, Jaquim e Boaz (1 Rs 7.21). Os que escavaram a região de Arade pensaram que tinham encontrado a parte do alpendre do santuário daquela localidade. O altar de holocaustos foi construído em frente do alpendre (2 Cr 4.12). Tal justaposiçao do pórtico e do altar é observada em outras passagens também (2 Cr 15.8; *cf.* Mt 23.35). Em Ezequiel 8.16, ímpios são vistos na

entrada do templo "entre o pórtico e o altar", adorando o sol com suas costas voltadas para Deus. Joel 2.17 descreve sacerdotes piedosos chorando e orando "entre o pórtico e o altar".

O "pórtico" do grande palácio de Salomão não é bem compreendido. O "salão das colunas" é associado com a "Casa do Bosque do Líbano" (1 Rs 7.2, 6). Este salão das colunas, uma estrutura em colunata, media 50 côvados por 30, e pode ter funcionado como saguão de entrada para o "edifício" maior, "Bosque do Líbano". Outro pórtico ficava em frente do Salão de Colunas (v. 6). A mesma palavra é usada para se referir à "Sala do Trono", também chamada a "Sala do Julgamento" (v. 7). A relação exata entre esta sala com os outros "salões" ou "pórticos" do versículo 6 é algo problemático. Podia ser que ela fosse diretamente adjacente à própria residência real. O versículo 8 indica que Salomão construiu uma casa semelhante à "Sala do Trono".

O maior número de referências ao "pórtico" ocorre em Ezequiel 40—46, quando se fala do templo difícil de visualizar, descrito pelo profeta. A expressão "vestíbulo da porta interior" aparece várias vezes (40.7, 8, 15, 39; 44.3). Estes vestíbulos eram pórticos dos portões que ficavam entre a cidade e a área externa, havendo também portões semelhantes entre as áreas interna e externa. Estes portões são descritos de modo que podemos compará-los com os conhecidos portões salomônicos descobertos em Megido, Hazor e Gezer. O "príncipe" deveria entrar e sair do templo por este "vestíbulo da porta" (44.3; 46.2, 8). Havia duas mesas em cada lado deste vestíbulo (pórtico), onde as ofertas de holocausto pelo pecado e pela culpa eram sacrificadas (40.39). É provável que o pórtico fosse também o local onde o príncipe comia pão perante o Senhor (44.3).

Em Ezequiel 40.48, 49 as dimensões do "vestíbulo do templo" são de 20 côvados de comprimento e 11 de largura. Estas medidas são quase idênticas às do pórtico do templo de Salomão. Para chegar ao vestíbulo foi construída uma escada ladeada de colunas (v. 49).

Embora muitos detalhes do "vestíbulo" ou pórtico de Ezequiel permaneçam sem esclarecimento, fica evidente que uma proeminência maior é dada a esta área e que, diferente do templo de Salomão, atividades distintas são associadas com o templo descrito em Ezequiel.

Bibliografia: VINCENT, L. H., *Jerusalém de l'Ancien Testament*, v. 2, Paris, J. Gabalda, 1956, p. 428. — *IDB*, v. 2, p. 513-4, 657. — Veja TAYLOR, John B., *Ezekiel* (Tyndale), no que se refere a um esboço do templo de Ezequiel.

Observe especialmente as possíveis posições das colunas em frente da estrutura ou dentro da entrada do "vestíbulo". A posição posterior é favorecida pelos palácios de Salomão em Megido.

Quanto às portas que separavam as partes, é melhor ver ZIMMERLI, W., *Biblischer Kommentar zum A.T.*, v. 2, p. 1006, 1040.

'ayil. ***I. Carneiro, cordeiro.*** Assim como a palavra "pórtico" (*'ûlam*), "carneiro" é provavelmente derivado de *'ûl*, "ser primeiro, em frente de", o que indica o carneiro como líder do rebanho. O carneiro recebe destaque quando mencionado na Bíblia. Era valorizado por sua lã (2 Rs 3.4) e por sua carne saborosa (Gn 31.38). Jacó apresentou carneiros juntamente com outros animais como presente para Esaú (Gn 32.15). A razão de dez ovelhas para um carneiro é algo comum na criação de ovinos; os machos eram usados como alimento (carne) e as fêmeas eram preservadas para a próxima geração. É notável o fato de que, em sua maioria, os animais sacrificados eram machos. As leis

sacrificiais também eram dadas de modo que fossem praticáveis. Os carneiros ou a sua lã estavam incluídos no pagamento de tributos que o rei moabita Mesa deu a Acabe (2 Rs 3.4) e que os árabes entregaram a Jeosafá (2 Cr 17.11). As regiões conhecidas por seus rebanhos de ovinos eram Basã e Nebaiote, que é provavelmente Nebatéia, a despeito do problema lingüístico existente entre o *t* e o *ṭ*. Peles de carneiro tingidas de vermelho eram uma cobertura importante para o tabernáculo (Êx 25.5).

Os carneiros eram freqüentemente oferecidos em sacrifício. Quando Deus instituiu a sua aliança com Abrão, um cordeiro era um dos animais sacrificados (15.9). No Monte Moriá o cordeiro apanhado no arbusto tornou-se substituto do amado Isaque (Gn 22.13). O "cordeiro da ordenação" foi sacrificado na consagração de Arão e de seus filhos ao sacerdócio (Êx 29.1, 22). Quando o altar do tabernáculo foi dedicado, os cordeiros estavam entre as ofertas apresentadas (Nm 7.15, 21, *etc.*) Ezequiel vê um cordeiro oferecido em holocausto na dedicação de um novo altar (Ez 43.23, 25).

Os cordeiros eram oferecidos em sacrifícios regulares durante todo o ano. Somente um carneiro poderia ser usado para oferta pela culpa (Lv 5.15 e s.; 19.21, 22), chamado "carneiro expiatório" (Nm 5.8). Muitas vezes os carneiros estavam entre os animais oferecidos em holocausto, quando também se ofereciam novilhos e cordeiros. O mandamento era normalmente dado exigindo novilhos, carneiros e cordeiros (Nm 28.11; 1 Cr 29.21). Os carneiros oferecidos em holocausto eram acompanhados por ofertas de cereais (manjares) e de libação (líquidas). A quantidade pedida era menor do que a de novilhos, mas era maior do que a de cordeiros. Eles eram oferecidos na festa de lua nova (Nm 28.11-14), na Páscoa (Nm 28.19, 20), no Pentecoste (Lv 23.18) e no Dia da Expiação (Lv 16.3, 5). Os carneiros também eram oferecidos em oferta pacífica (Lv 9.4 e s.). Um carneiro para uma oferta pacífica foi prescrito para que fosse cumprido o voto de nazireu (Nm 6.14, 17, 19).

Os carneiros são mencionados em várias passagens que condenam a multiplicação de sacrifícios designados a agradar a Deus de modo automático (1 Sm 15.22; Is 1.11; Mq 6.7). Estes verbos familiares, enquanto demonstram a importância de carneiros como animais oferecidos em sacrifícios, indicam a importância da atitude do coração do adorador.

Em Daniel 8, o carneiro simboliza os reis da Média e da Pérsia. Em Ez 34.17, "carneiros" são colocados ao lado de bodes como símbolos dos ricos e poderosos em Israel. Esses tiranos usam os seus chifres para oprimir os fracos do rebanho (v. 21). A implicação é que Deus fará um sacrifício e destruirá estes opulentos e fortes.

'ayil *II. Pilar, coluna.* *'ayil* ocorre uma vez em 1 Reis 6.31 e 21 vezes em Ezequiel 40—41. De acordo com 1 Reis estas "colunas" ou "vergas" totalizavam cinco de cada lado e localizavam-se na entrada do santuário. Conforme descrito em Ezequiel, havia palmeiras nos seus pilares (40.31) e estão associados com as portas da área do templo e com o pórtico do templo. Exemplos da época da monarquia são descritos e apresentados por Albright em *Archaelogy of Palestine*, Pelican, 1961, p. 125-6.

'ayil *III. Poderoso, líder.* Alguns eruditos de peso consideram *'ayil* III uma palavra que nada tem que ver com *'ayil* I, carneiro (*BDB*). Outros, porém, tratam as duas palavras como se tivessem relação de proximidade (*KB*). Há somente cinco possíveis usos desta palavra. O primeiro, em Êxodo 15.15 (ARA — "poderosos"), compara os líderes de Moabe com os príncipes de Edom. A forma plural de cada termo mostra que as referências não se restringem ao rei.

Em Ezequiel, onde "carneiro" é usado simbolicamente (veja *'ayil* I), há três exemplos de uso metafórico. Ezequiel 17.13 refere-se aos "poderosos da terra", os líderes e homens hábeis deportados de Israel por Nabucodonosor. Uma passagem correspondente é a de 2 Reis 24.15 que traz também a palavra *'êlê* como leitura preferível (Qere), ainda que as consoantes em *'ûlê* (Kethib) possam preservar a raiz original *'ûl* (veja *'ayil* I). Estes "homens principais" foram exilados juntamente com o rei Joaquim, sua família e seus oficiais.

A forma singular ocorre em Ezequiel 31.11, referindo-se à "mais poderosa das nações", a Babilônia, cujo rei destruiu o poder da Assíria. Há certa discordância com respeito a Ezequiel 32.21. Muitos manuscritos dizem *'êlê* em vez de *'elê*. Se a primeira forma for correta, a expressão refere-se aos que, uma vez "líderes poderosos", desceram ao Sheol.

'ayil ***IV. Terebinto, carvalho***. Provavelmente derivado de *'ul* significa "estar em frente, ser proeminente" (veja *'ayil* I). O "carvalho de Parã" (El-Parã), de Gênesis 14.6, pode ter sido um importante delimitador de terras por causa de seu tamanho (*cf.* o "carvalho de Moré", em Gn 12.6). Alguns eruditos acreditam que *'ayil* refere-se a uma grande árvore, e não a uma espécie específica. O terebinto cresce no máximo até dez metros.

A palavra tem parentesco bem próximo com *'elâ*, outra designação para o terebinto. Em Isaías 1.29, 30, as duas palavras parecem quase intercambiáveis. Os tradutores de hoje ora usam "carvalho", ora, "terebinto".

De suas cinco ocorrências, as mais importantes são as de Isaías. De acordo com Isaías 1.29, Sião envergonhar-se-á dos carvalhos e jardins que cobiçou. Esta passagem é esclarecida por Isaías 57.5, que se refere ao "abrasamento na concupiscência junto aos terebintos". De acordo com Oséias 4.13, 14, a sombra provida por grandes árvores tornou-os desejáveis como os "lugares altos", *i.e.*, um local de culto.

Outro uso metafórico (Is 61.3) chama os fiéis em Sião de "carvalhos de justiça", firmemente plantados pelo Senhor para resistir ao mal.

Uma possível referência a *'ayil* ocorre em Ezequiel 31.14, em que árvores altas e orgulhosas que representam a Assíria e o Egito são derrubadas pelo Senhor.

'elâ. ***Terebinto.*** A identificação exata desta árvore é motivo de controvérsias. A maioria das traduções traz o termo "carvalho". Esta árvore é pouco mencionada nas Escrituras, sendo encontrada em seis situações históricas distintas: onde Jacó escondeu ídolos (deuses estrangeiros — ARA) (Gn 35.4); onde um anjo encontrou-se com Gideão (Jz 6.11, 19); o vale onde Davi lutou com Golias (1 Sm 17.2, 19); onde Absalão ficou preso pelos cabelos (1 Rs 13.14); onde o profeta de Betel descansou (1 Rs 13.14) e onde os ossos de Saul foram sepultados (1 Cr 10.12.) É usada como símbolo de juízo (Is 1.30; 6.13) e sob seus ramos Israel praticou idolatria (Ez 6.13; Os 4.13).

'ēlôn. ***Terebinto, carvalho***. A ARA tem carvalho(s) ou carvalhais. É geralmente aceito que seja a mesma coisa que *'elâ*. Esta árvore aparece de modo constante nas viagens de Abraão (Gn 12.6; 13.18; 14.13; 18.1). Uma delas, digna de nota, ficava próxima a Ebal e Gerizim (Dt 11.30). Aparentemente algumas destas árvores tornaram-se muito conhecidas como marcos de divisa de terras de geralmente reconhecidos por todos como apropriados para servirem de locais de encontros específicos.

'êlām. ***Pórtico, vestíbulo.*** Com o sentido muito próximo de *'ûlam* e de *'ayil* II, *'êlam* ocorre 16 vezes no AT, apenas em Ezequiel 40.16-36, sempre no plural. Estes "vestíbulos" ou "pórticos" ou as colunatas estão associados com as câmaras e com os pilares laterais das portas do templo (vv. 16, 21, 29, 33, 36). Eram aparentemente anexos laterais ao longo de todo o comprimento do pavimento ou locais maiores no fim do portão. Veja a bibliografia para as disposições sugeridas para estas portas.

'ayyālâ. ***Corça, cerva.*** Este substantivo é o feminino de *'ayyal*, "veado". Também é conhecido em ugarítico (*'yl*). Todas as suas 11 ocorrências estão em passagens poéticas. Três vezes se faz referência à corça dando cria. Em Salmos 29.9 um trovejar chamado de "a voz do Senhor" faz dar cria às corças (*cf.* Jó 39.1). Um ponto de vista alternativo tão antigo quanto R. Lowth (1815) e citado por Dahood ainda que ele mesmo o rejeite (In: AB, *Psalms I*, p. 179). Nesse caso lia-se *'ayyālōt*, "corças", como *'ēlōt* ou *'ēlōt* "carvalhos", e traduziu-se a oração por "faz inclinar os carvalhos". Não é somente difícil sustentar a leitura que diz que a tempestade faz a corça dar cria prematuramente, mas também a próxima expressão fala da tempestade desnudando os bosques — o que favoreceria a leitura "carvalhos" (opção da NIV). Durante uma seca muito forte, a cerva (corça) dá cria apenas para abandonar seus filhotes (Jr 14.5). Isto é obviamente incomum dada a natureza cheia de afeto da corça (Pv 5.19).

Outra tríade de versículos refere-se à corça como animal de andar seguro, capaz de fazer seu caminho em lugares altos, em terreno perigoso. O salmista regozija-se porque Deus tornou os seus pés ligeiros como os da corça, preparando-os para a batalha (Sl 18.33[34] = 2 Sm 22.34). Habacuque usa a mesma ilustração para exultar na segurança que Deus concede (Hc 3.19). Quando Jacó abençoa Naftali, prediz que a tribo será "uma gazela solta" (Gn 49.21), andando por toda parte de modo livre e seguro. A parte de Naftali na vitória sobre Sísera pode estar em vista (Jz 4.6; 5.18).

Duas vezes no livro de Cantares (2.7; 3.5) as filhas de Jerusalém são conjuradas "pelas gazelas e pelas cervas do campo". Provavelmente trata-se de um jogo de palavras relativo a um juramento que usava as palavras "Senhor dos Exércitos" e "deus". O termo "gazelas" é idêntico a "exércitos" (*ts'ba'ōt*) e "cervas" (*'aylôt*) está bem próximo de *'ēlōhîm*.

A expressão "corça da manhã", que introduz o salmo 22, refere-se provavelmente à melodia a ser usada.

Bibliografia: HOWIE, Carl Gordon, The east gate of Ezekiel's tempie enclosure and the solomonic gateway of Megido, *BASOR*, 117:13-9, esp. p. 16.

H.W.

46 אוּלַי (*'ûlay*) ***talvez.***

Este advérbio está freqüentemente associado com crises individuais ou nacionais. Sara expressou esperança de que Hagar haveria de lhe dar um filho (Gn 16.2), e Balaque esperava amaldiçoar Israel por meio de Balaão (Nm 22.6, 11). Jacó temeu que Isaque descobrisse o seu engano (Gn 27.12), e Jó cogitava se talvez seus filhos tivessem blasfemado contra Deus (Jó 1.5). *'ûlay* também expressa zombaria (Is 47.12; 1 Rs 18.27).

H. W.

47 אוּלָם (*'ûlām*)

אוּלָם (*'ûlām*) I. Veja o n.° 45c.

47 אוּלָם (*'ûlām*) ***II, mas, porém, contudo.***

Esta adversativa forte é encontrada dez vezes em Jó, quando Satanás argumenta que Deus deveria provar a Jó (1.11; 2.5) e quando Jó e seus amigos expressam opiniões profundamente divergentes entre si (5.8; 11.5; 13.3). A soberania de Deus poderá ser expressa por meio deste termo (Gn 48.19; Ex 9.16). Contrastes entre o passado e o presente são enfatizados por esta palavra (Gn 28.19; 1 Rs 20.33).

H.W.

48 אָוֶן (*'wn*) **I. Aceita como raiz de:**

48a אָוֶן (*'āwen*) ***sofrimento.***

48b הַאֲוִנִים (*h'unîm*) ***labuta, trabalho.***

'āwen. ***Sofrimento, tristeza, idolatria, maldade, iniqüidade, mal, vazio.*** O significado principal da palavra parece ter dupla face: um lado enfatiza o sofrimento que se move em direção à maldade; o outro, um vazio que se move em direção à idolatria. A palavra é usada 85 vezes. Certo substantivo procedente de uma raiz idêntica, *'wn* II, pronunciado *'ôn*, significa "vigor", "saúde" (*q.v.*).

A raiz não ocorre na forma verbal. Normalmente funciona como substantivo masculino, embora funcione às vezes como adjetivo.

Um dos sentidos básicos de *'āwen* é "sofrimento", o que é claramente evidenciado em Gênesis 35.18. Pouco antes de morrer, Raquel deu nome ao seu recém-nascido de Benoni (filho do meu sofrimento). Em Deuteronômio 26.14 e em Oséias 9.4, *'āwen* designa um pranto associado à morte. *'awen* tem às vezes o sentido próximo de *'āmal*, "trabalho, labuta" (*q.v.*). Em Jó 5.6, Salmos 90.10 e Habacuque 1.3, *'awen* corresponde a *'āmāl* e enfatiza o sofrimento físico. Em Isaías 10.1 e Salmos 7.14[15] (*cf.* Jó 4.8), *'amal* é o resultado de *'āwen* no sentido de que o pecado traz sofrimento. A relação entre *'āwen* e *'āmal* é mostrada mais adiante pela tendência de *'āmal* de adquirir a conotação de palavras enganosas como em Salmos 140.10. Além disso, as duas palavras ocorrem juntamente com outras palavras que têm o sentido de engano em Jó 15.35; Salmos 10.7; 36.3, 4; 55.11 e Isaías 59.4. Observe que em Jó 36.21 *'āwen* é contrastada com outra palavra para aflição, *'ōnî*, e, tanto aqui como em Jó 34.36, *'awen* parece referir-se a um plano ou discurso enganador que leva ao sofrimento e à rebelião.

Neste sentido de engano, *'āwen* está ligado a palavras e pensamentos em Provérbios 17.4; Isaías 32.6; Ezequiel 11.2; Oséias 12.12 e possivelmente Oséias 6.8 (veja LXX). A partir desta base, *'awen* torna-se um rótulo para a idolatria em Isaías 66.3 e para a locução "Bete-Áven", provavelmente um nome de vergonha para Betel (Os 5.8; 10.5, 8; *cf.* Am 1.5; Ez 30.17). A palavra também descreve ídolos em Isaías 41.29 e parece denotar o conceito de não existência em Amós 5.5.

Esta tendência de significado em *'āwen* é enfatizada por sua proximidade com as palavras hebraicas mais comuns para decepção, engano e falsidade em Provérbios 6.12, 18; 19.28; 22.8; Isaías 29.20 e Zacarias 10.2. Pode ser que esta mudança de significado proceda de um possível parentesco primitivo com *'ayin*, que tem o sentido de "nada".

Na maior parte das ocorrências, as versões da Bíblia quase sempre preferem traduzir *'āwen* por "mal", "iniqüidade" ou "maldade". No entanto, uma interessante combinação de palavras aparece cerca de 20 vezes em Jó, Salmos e Provérbios. Trata-se de obreiros da iniqüidade (*'āwen*), que pode designar homens peritos em magia ou rituais idólatras.

Geralmente, os teólogos que crêem na Bíblia têm dado pouca atenção a *'āwen* como termo que possa contribuir para a compreensão do conceito de pecado. Desde que a palavra enfatiza o planejamento e a expressão de decepção e aponta para o sofrimento subseqüente ao pecado, ela deveria receber maior atenção.

t"'unim. ***Labuta, trabalho.*** Este substantivo masculino aparece no plural, possivelmente para intensificar a força da palavra que ocorre apenas em Ezequiel 24.12 ("ferrugem" — ARA). Os tradutores têm tido dificuldade de concordar com o significado preciso do termo.

Bibliografia: GELIN, Albert, *Sin in the Bible*, Desclee, 1964. — GUILLAUME, A., The root *'wn* in Hebrew, *JTS*, 34:62-4. — PORUBCAN, Stefan, *Sin in the Old Testament*, Roma, Herder, 1963 — QUELL, G., *Sin*, Londres, Adam and Charles Black, 1951 — SMITH, C. R., *The Bible doctrine of sin*, Londres, Epworth, 1953. — *TDOT*, v. 1, p. 140-6. — *THAT*, v. 1, p. 81-3.

G.H.L.

49 אָוֶן (*'wn*) **II. Aceita como raiz de:**

49a אוֹן (*'ôn*) ***vigor, riqueza.***

Esta palavra aparece como substantivo apenas 11 vezes. Em Gênesis 49.3; Deuteronômio 21.17, Jó 40.16; Salmos 78.51; 105.36, a palavra designa capacidade de reprodução, conforme evidenciado por meio do filho primogênito. Em Isaías 40.26, 27, o poder criador de Deus é colocado em destaque. A força física e a saúde, ou uma das duas, são denotadas em Jó 18.12; 20.10 e Oséias 12.9.

G.H.L.

50 אוֹפִיר (*'ôpîr*) ***Ofir.***

Este substantivo refere-se ao décimo-primeiro filho de Joctã (Gn 10.29) e a uma região famosa pelo seu ouro. O nome é mencionado com "Sabá" e "Havilá" em Gênesis 10.28, 29 e 1 Crônicas 1.22, 23. Desde que estes dois nomes são nomes de locais, alguns estudiosos acham que o indivíduo "Ofir" deve estar relacionado com o local. Outros estudiosos negam qualquer relação entre os dois.

Ofir é mencionado pela primeira vez quando se relata sobre Davi, que acumulou 3 000 talentos de ouro de Ofir para a construção do templo de Salomão (1 Cr 29.4). Salomão teve a cooperação de Hirão, de Tiro, para enviar navios de Eziom-Geber para Ofir, à procura deste mesmo ouro (1 Rs 9.28). Estes navios também trouxeram grande quantidade de madeira de sândalo e pedras preciosas (1 Rs 10.11), além de muita prata, marfim, bugios e pavões (?) (1 Rs 10.22). Na realidade, o versículo 22 não menciona Ofir, contudo os navios de Társis eram muito provavelmente as grandes naus que navegavam até Ofir a cada três anos (2 Cr 9.21). Em 1 Reis 22.49, o rei Jeosafá construiu "navios de Társis" para viajar a Ofir em busca de ouro, no entanto este empreendimento fracassou no século depois de Salomão, antes que os navios pudessem zarpar de Eziom-Geber. Alguns eruditos acreditam que "Társis" significa normalmente embarcações utilizadas para transportar minérios ou metais.

51 אוּץ (*'ûts*)

Uma referência ao ouro de Ofir foi encontrada em um fragmento de cerâmica pré-exílico descoberto em Tell Qasileh. A inscrição diz: "Ouro de Ofir para Bete-Horom, 30 siclos" (MAISLER, B., Two Hebrew ostraca from Tell Qasile, *JNES*, 10:265-7). Esta descoberta indica que pelo menos um rei que viveu depois de Josafá foi bem-sucedido em sua busca pelo ouro de Ofir.

O valor do ouro de Ofir pode ser percebido em algumas passagens poéticas. Em Isaías 13.12 é comparado ao "ouro puro" (*cf.* Jó 28.15, 16). Em Salmos 45.9[10] a rainha é descrita como adornada de ouro finíssimo de Ofir. Em Jó 22.24 a palavra "Ofir" parece ter o sentido de "o ouro de Ofir".

A localização de Ofir não foi identificada de modo conclusivo. Várias teorias têm sido formuladas, levando em conta os produtos identificados com Ofir e a duração de três anos de viagem. Muito provavelmente os três anos referem-se a um ano e parte dos dois outros. Talvez, a melhor possibilidade seja a de localizar Ofir na República da Somália, país que se situa no extremo oriental da África, antes conhecido como Punt. Os produtos obtidos em Ofir são conhecidos na África, e as palavras hebraicas para as duas espécies de macaco (macacos antropóides e babuínos/bugios?) têm relação com palavras egípcias (*qf* e *ky*).

Uma teoria diferente coloca Ofir na Índia, onde as mercadorias mencionadas também podiam ser encontradas, especialmente se se tratava realmente de madeira de sândalo. Alguns identificam Ofir com Supara, cerca de 100 km ao norte de Bombaim. O comércio entre a Índia e o Golfo Pérsico desde o segundo milênio a.C. é fato comprovado. Jerônimo chegou a traduzir Ofir por "Índia" uma vez (Jó 28.16), refletindo a forte tradição de seus dias.

Uma terceira alternativa é a costa sudoeste da Arábia. A relação próxima entre Ofir e Sabá e Havilá em Gênesis 10.29 apóia esta identificação. Ma'afir no Iêmen tem sido julgada como localização de Ofir. Esta teoria não impede a possibilidade de que algumas das mercadorias fossem originariamente trazidas da Índia para Ofir.

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., *Archaeology and the religion of Israel*, John Hopkins. 1953, p. 133-5, 212.

H.W.

51 אוּץ (*'ûts*) ***apressar-se, precipitar-se, obrigar, ser pressionado*** (com o mesmo significado no árabe).

Este verbo é usado quatro vezes em Provérbios com o propósito de desestimular a pressa de adquirir riquezas (28.20) e as palavras e ações precipitadas (29.20; 19.2; 21.5). Na famosa passagem de Josué 10.13, o sol não se apressou em se pôr.

O território de alguém pode ser muito "estreito" (Js 17.15); é possível também "obrigar" alguém a agir (Êx 5.13; Gn 19.15 — ARA "apertar com").

H.W.

אוֹצָר (*'ôtsār*) Veja o n.º 154a.

52 אוֹר (*'ôr*) ***ser luz, tornar-se luz, brilhar***; no hifil, ***dar luz, produzir brilho***. Corresponde ao ugarítico *'r*, "ser brilhante, iluminar", e ao acadiano *urru*, "dia".

Ocorre de modo pouco freqüente no qal e no nifal, embora ocorra 45 vezes no hifil. Refere-se ao brilho do sol, ainda que seu uso metafórico seja mais comum.

Termos Derivados

52a אוֹרִי (*ôr*) ***luz.***

52b אוֹרָה (*'ôrâ*) ***I, luz.***

52c אוֹרָה (*'ôrâ*) ***II, erva*** (apenas em 2 Rs 4.39).

52d אוּר (*'ûr*) ***chama.***

52e אוּרִים (*'ûrîm*) ***Urim.***

52f מָאוֹר (*mā'ôr*) ***luminar.***

52g מְאוּרָה (*m'ûrâ*) ***abertura (para entrada de luz).***

O conceito de luz nas Escrituras é algo importante, visto que trata de forças pessoais e impessoais tanto no sentido literal quanto no metafórico. A luz está estreitamente ligada à vida e à felicidade, o que justifica as freqüentes comparações entre Deus e a luz. Desde que o mundo antigo quase sempre adorava o sol, o papel de Deus como criador da luz é enfatizado. No final de tudo, ele tornará o sol desnecessário (Is 60.19, 20).

A luz é muitas vezes mencionada como um indicador de tempo, separando o dia da noite (Gn 1.5). A ênfase está no brilho do sol no início da manhã (Gn 44.3; Jz 16.2), de forma que o termo "luz" pode ser às vezes traduzido por "alva" (Ne 8.3). Uma distinção pode ser feita entre "o romper do dia" e a "luz do dia" que sucede (Jz 19.26) o levantar do sol (Is 60.1-3). Amós 8.9 menciona um juízo de trevas que cairá sobre Israel "ao meio-dia".

A luz está naturalmente associada com os corpos que produzem luz, mesmo que seja distinta deles, conforme pode ser visto na criação da luz distinta da dos luminares (Gn 1.3). O sol e a luz são respectivamente o "luminar maior" e o "luminar menor" (Gn 1.16; Sl 136.7), e as estrelas também trazem esta idéia sendo chamados de "estrelas luzentes" (Sl 148.3). "Toda passagem que fala do brilho (*'ôr*, no hifil) ou da luz (*'ôr*) do sol (Gn 1.14-18; Is 30.20; 60.19; Jr 31.35; Ez 32.8; Sl 136.7-9) também se refere à luz da lua e às vezes à luz das estrelas" (*TDOT*, v. 1, p. 151.) Estes luminares celestiais são integrantes da maravilha do cosmo conforme fundamentado pelo Criador e servem de relógio para regular as estações (Gn 1.14; Sl 104.19; Jr 31.35 e s.). O AT evita a idéia de tratar o sol como "a luz" para que os hebreus não sucumbissem diante da tendência de adorá-lo (*cf.* Jó 31.26, 27). Uma outra luz da parte de Deus era a coluna de fogo que iluminava a noite para os israelitas durante as peregrinações pelo deserto (Êx 13.21; Sl 105.39). Isto era provavelmente mais aterrorizante do que brilhante, o que também manifestava a glória de Deus (Sl 77.18[19]; 97.4; Jó 36.32).

Dentre as luzes feitas pelo homem temos o candelabro do tabernáculo (Nm 4.9, 16; 8.2) que lançava sua luz no lugar santo. Candeias que queimavam azeite de oliva eram muito valorizadas pelo seu uso nos lares (Pv 13.9).

'ôr é usado metaforicamente quando a face ou os olhos de alguém são vistos como objetos que têm luz em si. Às vezes uma perspectiva literal está em vista (Sl 38.10[11], provavelmente também no caso difícil de 1 Sm 14.27), embora na maior parte dos casos a "luz do rosto" refere-se a uma face alegre que expressa boa disposição (Jó 29.24). O favor de um rei é visto em sua face (semblante) (Pv 16.15) e "o fulgor do rosto de Deus" indica

a aprovação divina (Sl 44.3[4]; 89.15[15]).

Na famosa bênção sacerdotal de Números 6.25, o hifil do verbo é usado em um contexto semelhante: "O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti". Essa expressão tão antiga e importante aparece cinco vezes nos salmos, invocando o livramento de Deus e a sua presença restauradora em favor dos seus servos (Sl 31.16[17]; 67.1[2]; 80.3, 7, 19[4, 8, 20]; 119.135). Em Daniel 9.17 o grande estadista implora ao Senhor a misericórdia que permita sua face brilhar sobre o seu santuário e reverta a condição desolada de Jerusalém. A expressão encontra um paralelo em ugarítico: "o semblante do sol brilha sobre mim", cujo sentido é: "gozo do favor do rei".

A luz também pode simbolizar "vida" ou "prosperidade" de modo geral. "Ver a luz" equivale a "nascer" (Jó 3.16), e a "luz da vida" é uma referência poética ao fato de estar vivo (Jó 33.30; Sl 56.13[14]).

Alguns, porém, argumentam que esta expressão deveria ser traduzida por "a terra dos viventes", visto ser esse o significado da palavra em fenício. Faz muito sentido em passagens como Jó 33.30. A palavra "terra" é encontrada em Salmos 116.9, um paralelo próximo de Salmos 56.13[14]. Dahood (*Psalms, I, II*, In: *AB*) sugere o sentido de "terra da vida eterna".

Em Salmos 36.9[10] "luz" tem por correspondente a "fonte da vida". Em concordância com este uso Dahood argumenta que "ver a luz" é de fato em muitos casos ver a luz da face de Deus em imortalidade (Sl 36.9[10]; a idéia negativa tem como exemplo Sl 49.19[20]). Esta é a expressão de Isaías 53.11 quando a LXX e os textos DSS falam sobre esta veia de imortalidade para o Servo sofredor (*cf.* Sl 17.15).

Jó 22.28 descreve a prosperidade como uma luz que brilhará nos caminhos de alguém, e uns poucos capítulos depois o "bem" é comparado com a "luz" (30.26). Infelizmente Jó encontrou o "mal" e a "escuridão", uma série de contrastes que está de acordo com a descrição de Amós sobre o dia do Senhor como um dia de trevas e não de luz (5.18). Um dia sem luz anuncia sofrimento e calamidade.

A prosperidade e a vida estão intimamente relacionadas com a alegria, de modo que é apropriado encontrar "felicidade" como um significado para "luz". Os dois conceitos aparecem paralelamente em Salmos 97.11. Em Ester 8.16 (que usa *'ôrâ*), "luz" é uma das várias palavras que descrevem o alívio e a alegria sentida pelos judeus na Pérsia quando o decreto para destruí-los foi anulado. Provérbios 15.30 fala da luz dos olhos que tornam o coração feliz.

Outro uso metafórico de destaque relaciona a luz com a instrução. Quando um homem encontra sabedoria, seu rosto reluz (Ec 8.1). O ensino dos pais de alguém (Pv 6.23) bem como a palavra de Deus são lâmpada para os pés de alguém, são uma luz para o caminho (Sl 119.105, 130). Salmos 19, que compara as Escrituras Sagradas com a natureza e com o sol particularmente, afirma que os mandamentos do Senhor alumiam os olhos (v. 8[9]). De modo bem semelhante o desafio a Israel de "andar na luz do Senhor" denota fidelidade às leis e aos ensinos de Deus (Is 2.3, 5; *cf.* 51.4). Em suma, ao passo que as trevas são associadas com a morte (Jó 3.5; 10.21; Sl 88.6; 91.6), com o fracasso e o sofrimento (Jr 28.12; Am 5.18, 20; Lm 3.2), com a loucura (Jó 37.19; 38.2; Ec 2.13) e com o pecado (Jó 24.16; Sl 74.20; Pv 2.13; Jr 49.9), a luz é associada com a vida (Ml 3.20[4.2]), com a salvação e a prosperidade (Jó 29.3; Is 58.8; Sl 36.10[9]), com a sabedoria (Sl 19.9[8]; 119.105, 130; Pv 6.23; Dn 5.11) e com a justiça (Is 42.1-3; 49.6; 51.4 e s.; Mq 7.8).

A última idéia desenvolvida é de a luz ser comparada com o próprio Deus. O Senhor é a minha luz e a minha salvação (Sl 27.1), embora seja uma labareda que consome as

iniqüidades (Is 10.17). Isaías descreve o Messias como uma grande luz em um terra de profunda escuridão (9.2[1]). Ele será "uma luz para as nações" de modo que a salvação de Deus possa alcançar os confins da terra (42.6; 49.6).

Ainda que o AT seja cuidadoso em não identificar Deus com o sol, a glória resplandecente de Deus é descrita sob o aspecto do sol (Ez 43.2). Ele é o ilustre (que resplandece) (Sl 76.4[5]), trazendo cura em suas asas ou raios (Ml 4.2[3:20]). Na futura era de felicidade, a glória do Senhor se levantará sobre nós (Is 60.1-3), e ele, não o sol, será uma luz perpétua (Is 60.19, 20).

'ûrîm. *Urim*. Esta palavra ocorre sete vezes no AT, aparecendo apenas no plural. Há um possível caso de uso no singular, *'ûr*, em Isaías 31.9, 44.16 e 50.11, "fogo". *'ûrîm* tem também o sentido de Oriente, região da luz (Is 24.15). Em todos os casos, com exceção de duas ocorrências, o Urim aparece juntamente com o Tumim. Ambos eram colocados no "peitoral do juízo" do sumo sacerdote (Êx 28.30; Lv 8.8; veja *hoshen*) e usados na revelação dos juízos de Deus por meio de oráculos (Nm 27.21).

Embora *'ûrîm* seja provavelmente derivado de *'ôr*, "ser luz" (*q.v.*), o ugarítico *'r* (assim EDB, p. 22), outras possibilidades são *'ārar*, "amaldiçoar", e *'ārâ*, "arrancar" (KB, p. 23). Somente em tempos pós-exílicos o Urim e o Tumim aparecem sem o artigo ou o seu equivalente indicando que estas palavras eram originalmente substantivos comuns, com o sentido de "luzes e perfeiçoes" (veja *tāman*), conforme a LXX e o grego posterior, *phōtismoi kai teleotētes*, ou, de modo mais livre, *dēlōsis kai alētheia*, "iluminação e verdade".

O Urim e o Tumim aparecem nas Escrituras sem nenhuma identificação explicativa, com exceção do fato de que eles eram postos "no peitoral [...] e sobre o coração de Arão" (Êx 28.30), o que pode sugerir que estes são nada mais do que termos descritivos para se referir às doze pedras preciosas do contexto imediatamente anterior. Tais pedras eram gravadas com os nomes das tribos de Israel (vv. 17-21) e colocadas no peitoral do juízo sobre o coração de Arão (v. 29). Todavia, conforme Levítico 8.8, eles parecem ser um acréscimo às 12 pedras. Josefo prescreve características de oráculo das doze pedras, afirmando que elas haveriam de brilhar quando Israel estava para vencer uma batalha (*Antigüidades*, 3.8, 9). A tradição talmúdica sugere que a *Shekinah* iluminaria certas letras dos nomes das tribos para soletrar revelações, (*Yoma*, 73, a-b; ainda que cinco das 22 consoantes não apareçam nestes 12 nomes). Na verdade, a combinação de "sonhos, com o Urim e com os profetas" (1 Sm 28.6) indica que, assim como o primeiro e o último termo denotam revelações à mente daquele que pede por meio de um intermediário profético, também o Urim denota uma revelação pessoal correspondente, por meio da mente daquele intermediário sacerdotal que usava as pedras brilhantes do peitoral no santuário de Israel (cf. associação de Moisés do Urim e do Tumim com a tribo de Levi, Dt 33.8), e a busca de direção divina por parte de Davi por intermédio do homem que usava um éfode sacerdotal (*'ēpôd*, *q.v.*) (1 Sm 23.9-12; 30.7, 8), ao qual, por sua vez, o peitoral estava ligado (Êx 28.25-28).

Os críticos de atitude negativa presumem que os *'ûrîm* eram imagens, dados mágicos, discos de adivinhação, tipo "cara e coroa", respondendo um "sim" quando a luz (*'ûr*) ficasse para cima (cf. *IDB*, v. 4, p. 739 e o acréscimo da RSV em 1 Sm 14.41). Contudo *tōm* não significa "escuro". Além disso, os oráculos sacerdotais não se restringiam a respostas do tipo sim e não (Jz 18.5, 6; 2 Sm 5.19) mas dava explicações detalhadas na resposta (Jz 1.1; 1 Sm 10.22; 2 Sm 5.23). As Escrituras condenam a adivinhação pagã e mecânica (Os

4.12). Não aparece mais menção de oráculos oficiais depois da época de Davi (substituidos pelos profetas?). Além disso o peitoral, juntamente com o Urim, parece ter desaparecido no exílio (*cf.* Ed 2.63; *cf.* o relato de Josefo sobre uma destruição na época dos Macabeus, *Antigüidades*, 3.8, 9).

mā'ôr. ***Luz, luminar.*** Este substantivo masculino é um sinônimo próximo de *'ôr*, ocorrendo apenas 20 vezes. É usado para se referir ao candelabro no tabernáculo por várias vezes (Êx 35.14; Lv 24.2; Nm 4.9, 16).

'ôrâ ***I. Luz, alegria.*** Esta forma feminina de *'ôr* ocorre apenas três vezes no AT (Sl 139.12; Is 26.19; Et 8.16).

Bibliografia: LINDBLOM, J., Lot-casting in the Old Testament, *VT*, 12:164-78. — MANGAN, Edward A., The Urim and Thummim, *CBQ*, 1:133-8. — MAY, H. G., Ephod and Ariel, *AJSL*, 56:44-69. — RICHARDSON, *TWB*, p. 129. — ROBERTSON, Edward, The 'Urim and Thummim; what were they?, *VT*, 14:67-74. — *TDNT*, v. 9, p. 316-27. — *TDOT*, v. 1, p. 147-66. — *THAT*, v. 1, p. 84-90.

H.W.

אוֹת (*'ôt*). Veja o n.º 41a.

53 אוּת† (*'ût*) ***consentir, concordar*** (apenas no nifal).

אוּרִים (*'ûrîm*). Veja o n.º 52e.

54 אָז (*'āz*) ***então.***

Termo Derivado

54a מֵאָז† (*mē'āz*) ***no passado, desde há muito, desde.***

Este advérbio aparece 130 vezes. Está relacionado com o termo ugarítico *idk*, "então". O uso no hebraico é enfático, ocorrendo em muitos contextos importantes e, de modo freqüente, em passagens poéticas. Como advérbio de tempo, pode-se referir tanto ao passado como ao presente. Depois da grande vitória sobre o Egito no Mar Vermelho, "então Moisés cantou este cântico ao SENHOR" (Êx 15.1; *cf.* Nm 21.17). "Então" introduz o pedido que Josué fez para que o sol parasse (Jz 10.12). Quando o templo foi dedicado "então Salomão reuniu todo o Israel" (1 Rs 8.1).

'āz também aparece em contextos futuros, especificando o tempo em que os olhos dos cegos serão abertos (Is 35.5) ou o retorno do cativeiro trará regozijo (Is 60.5). Depois que o servo de Abraão tivesse procurado uma esposa dentre os seus parentes, "então" ele estaria livre do seu juramento (Gn 24.41; Êx 12.44).

Os cânticos de vitória de Êxodo 15 e Juízes 5 usam *'āz* de modo enfático. Quando as notícias a respeito do triunfo de Israel foram ouvidas, "ora (então) os príncipes de Edom se pertubaram" (Êx 15.15). Em Juízes 5.8, 11, 13 o termo é usado para descrever a seqüência da batalha com os cananeus.

"Entao" também pode expressar rigorosa seqüência lógica. Se Israel guardar o sábado, "então" se deleitará no Senhor (Is 58.14). Se não fosse a meditação na lei, afirma Davi, "eu teria perecido" (Sl 119.92; 2 Rs 13.19).

mē'āz. ***Desde***. Derivado de *min 'āz*, "de então", como no caso de Jeremias 44.18 (a ARA traz "entre"). Ocorre 18 vezes, sendo sete delas como preposição ou conjunção (Rt 2.7; Gn 39.5). Quando aparece no absoluto refere-se ao passado recente (2 Sm 15.34) ou ao passado mais remoto. Em Isaías um grande grupo de versículos mostra que Deus "desde aquele tempo" predisse o futuro (44.8; 45.21; 48.3, 5, 7, 8). O trono de Deus foi estabelecido "desde a antigüidade" (Sl 93.2), o que aponta para além da criação (Pv 8.22).

H.W.

55 אֵזוֹב (*'ēzôb*) ***hissopo***.

Esta palavra aparece dez vezes, principalmente no Pentateuco. A palavra em português é derivada do termo grego ὕσσωπος, que é apenas uma tentativa de transliterar o hebraico. O hissopo é uma pequena planta que cresce em muros (1 Rs 4.33), devendo ser identificada provavelmente com a manjerona, da família da hortelã. Era usada para a aspersão de sangue e água nas cerimônias de purificação.

A importância do hissopo se verifica desde o Êxodo. Deus disse a Moisés que cada família deveria sacrificar um cordeiro, pegar o maço de hissopo, molhando-o no sangue que estava na bacia, e marcar a verga da porta e suas ombreiras (Êx 12.22). Quando o Anjo do Senhor passasse e visse o sangue, pouparia o filho primogênito daquele lar. Assim, o hissopo funcionava como uma escova que era imersa no sangue.

Em Levítico 14.4-6 o hissopo é usado em uma cerimônia de purificação para um homem curado de lepra. O hissopo, juntamente com uma ave viva, madeira de cedro e estofo carmesim, era imerso no sangue da ave imolada sobre água corrente. O homem a ser purificado era aspergido sete vezes com esta mistura de sangue e água. O mesmo procedimento era aplicado a uma casa que tivesse sinais de "lepra" (provavelmente mofo, veja *tsāra'at*). A casa deve também ser espargida sete vezes com a mesma mistura (Lv 14.49-52).

O procedimento para com pessoas e objetos contaminados pelo contato com um cadáver era semelhante. Era preparada uma cinza especial para a purificação queimando-se o corpo de uma novilha vermelha sacrificada e lançando-se em cima do corpo madeira de cedro, hissopo e estofo carmesim (Nm 19.6). Quando alguém ou alguma coisa tivesse estado próxima a um cadáver, água corrente era acrescentada às cinzas de purificação, e o hissopo era usado para espargir a pessoa ou os objetos contaminados no terceiro e no sétimo dia de impureza ritual (Nm 19.17-19). Qualquer pessoa impura que falhasse em cumprir estas regras deveria ser eliminada de Israel.

Na Mishná (H. Danby, Oxford, 1933) há 17 páginas de regras para a preparação e a aspersão desta água (p. 697-714). É desnecessário dizer que algumas das regras possuíam minúcias que chegavam até mesmo ao ridículo. O elemento espiritual, porém, estava ausente. Tais regras representam as idéias dos fariseus dos dias de Jesus.

A combinação de cedro, hissopo e estofo carmesim encontrada em Levítico e Números é fascinante. O cedro e o hissopo parecem representar respectivamente a árvore mais magnífica e o arbusto mais insignificante (1 Rs 4.33[5.13]). O cedro é símbolo de força,

esplendor e longevidade, e pode enfatizar a importância destes ritos.

Em Hebreus 9.19 há uma referência a Moisés tomando do sangue de bezerros, água, lã carmesim e hissopo a fim de espargir o livro da aliança e todo o povo quando ele estabeleceu a aliança do Sinai, embora a lã carmesim e o hissopo não sejam expressamente mencionados em Êxodo 24.6-8.

Quando Davi, arrependido, clamou a Deus, "purifica-me com hissopo, e ficarei limpo" (Sl 51.7[9]), ele se referia às leis de Números 19. Davi tinha consciência de que se não fosse purificado, ele seria eliminado do seu povo.

Talvez a menção da planta do hissopo dada a Cristo na cruz (Jo 19.29) refira-se simbolicamente à purificação infinita que foi realizada por meio de sua morte.

Bibliografia: HARRISON, R. K., The Biblical problem of hyssop, *EQ*, 26:218-24. — SHEWELL-COOPER, W. E., Flora, *ZPEB*, v. 2, p. 570.

H.W.

אֵזוֹר (*'ēzôr*). Veja o n.º 59a.

אֶזְכָּרְיָה (*'azkāryâ*). Veja o n.º 551d.

56 אָזַל (*'āzal*) ***ir embora, circular.***

Este verbo é usado para se referir a um comprador que se ufana de sua compra depois de tomar o seu caminho (Pv 20.14). Israel também muda sua posição, movendo-se de um aliado para outro (Jr 2.36).

Três vezes o sentido do termo é "ficar exausto". A água "evapora" (Jó 14.11), o poder de Israel se foi (Dt 32.36) e o pão de Saul se acabou (1 Sm 9.7).

Quando combinado com *'ēz*, "bode", a palavra torna-se *'ăzā'zêl*, "Azazel", "o bode que se vai" ou o "bode expiatório" de Levítico 16.

H.W.

57 *אָזַן (*'āzan*) ***I, ouvir, dar ouvidos.***

Este verbo é usado apenas no hifil, indicando seu caráter denominativo.

Substantivo de Origem

57a †אָזֶן (*'ōzen*) ***ouvido.***

Termo Derivado

57b אָזְנַיִם (*'āzēn*) ***ferramentas, instrumentos.***

'āzan ocorre principalmente nos livros poéticos como um paralelo dos verbos *shāma'*, "ouvir", e *hiqshîb*, "prestar atenção". Mesmo quando o termo é usado basicamente em livros não poéticos, ocorre em passagens poéticas, tais como os cânticos de Lameque (Gn 4.23), de Moisés (Dt 32.1) e de Débora (Jz 5.3). A vasta maioria de suas 42 ocorrências aparece na forma do imperativo.

'āzen. *Ouvido, orelha.* Este substantivo ocorre quase 200 vezes e é usado na maior parte das vezes com referência ao homem, ainda que se refira às orelhas de um cão (Pv 26.17) e à orelha de uma ovelha, parcialmente resgatada do poder de um leão (Am 3.12). De maneira antropomórfica Deus é descrito como quem possui "orelhas" ou "ouvidos".

O ouvido talvez possa ser melhor estudado se distinguimos os três sentidos básicos do termo: o órgão da audição, uma parte do corpo sujeita a ações simbólicas e um sinal de receptividade e compreensão. Tais usos estão quase sempre inter-relacionados.

O ouvido, como órgão físico, foi feito por Deus (Sl 94.9), que também pode ouvir. Em contraste, os ouvidos dos ídolos feitos pelo homem não ouvem coisa alguma (Sl 115.6; 135.17). Quando o órgão físico é mencionado, com freqüência "ouvido" é uma boa tradução, em vez de "orelhas". Falar às orelhas de alguém" é melhor traduzido por "falar ao seu ouvido" (Gn 44.18).

Visto que o ouvido representa o atender e a obediência, o termo é usado em ações simbólicas de importância. Se um escravo escolhesse servir o seu senhor de modo permanente, a sua orelha era furada com uma sovela (Êx 21.6; Dt 15.17; *cf.* Sl 40.6[7]). Por meio deste ato legal, o escravo estava obrigado à obediência por toda a sua vida. Na ordenação de Arão e de seus filhos ao sacerdócio, um pouco de sangue do carneiro sacrificado era colocado no lobo da orelha direita, nos polegares direitos do pé e da mão de cada um deles (Lv 8.23, 24; Êx 29.20). O caso de alguém purificado de lepra era semelhante. Tanto o sangue como o azeite eram postos na orelha direita e nos polegares direitos do pé e da mão, no oitavo dia de suas cerimônias de purificação (Lv 14.14-17).

Brincos ("arrecadas", ARA) eram aparentemente dados pelo noivo à noiva no casamento (Ez 16.12) (o pendente dado a Rebeca era usado no nariz [Gn 24.22]), contudo estavam associados com idolatria em Gn 35.4. Os israelitas tiraram os seus brincos de ouro para que Arão pudesse fazer um bezerro de ouro (Êx 32.2, 3). As orelhas e o nariz eram mutilados pelo inimigo enfurecido como sinal de completa rejeição (Ez 23.25).

A maior parte das referências ao ouvido envolve uma resposta daquele que ouve. "Ouvir", "dar ouvidos" ou "inclinar os ouvidos" têm o sentido de prestar muita atenção, *e.g.*, às palavras do sábio (Pv 22.17). Quantas vezes Deus insiste com o Israel desobediente para que ouça e atenda às suas advertências em vista do juízo iminente (Os 5.1; Jr 13.15). Até mesmo o céu e a terra são convocados para ouvirem como testemunhas das promessas da aliança com Israel (Dt 32.1; Is 1.2). As predições de desastres sobre a nação fazem os ouvidos tinir, tão chocante é a mensagem (1 Sm 3.11; 2 Rs 21.12; Jr 19.3).

Duas vezes, o termo "dureza" ou "pesado" é usado com referência aos ouvidos de Israel. Eles impediram seus ouvidos de ouvir a palavra de Deus por intermédio dos profetas (Zc 7.11, 12), porque Deus lhes trouxe surdez como juízo (Is 6.10; *cf.* 2 Cr 24.19; Ne 9.30). Assim como os ídolos, a nação possuía ouvidos mas não podia ouvir (Jr 5.12). Uma vez os ouvidos do povo são chamados de "incircuncisos", sendo que logo em seguida fala-se das palavras do Deus da aliança (Jr 6.10).

Ouvir e compreender estão fortemente relacionados em algumas ocasiões (Jó 13.1), e os "ouvidos" quase possuem o sentido de "mente" (Jó 33.15). Conforme observou Horst: "Os ouvidos são tidos como os instrumentos por meio dos quais o discurso e as ordens são captados, e não o cérebro, conforme pensamos. Desse modo o ouvido é o local da 'percepção'" (*TDNT*, v. 5, p. 546). Provérbios 23.13 condena a recusa de ouvir o clamor do pobre e permanecer desatento à sua queixa. No entanto, o homem que tapa os ouvidos para não ouvir de homicídios é elogiado (Is 33.15). A importância do órgão em relação à vida espiritual de alguém é expressa por Jó: "Porventura o ouvido não submete à prova

as palavras como o paladar prova as comidas?" (Jó 12.11).

Muitas referências dizem respeito à capacidade de Deus de ouvir e agir. A arrogância da Assíria chegou aos seus ouvidos e resultou na destruição daquela nação (Is 37.29). A maioria das passagens fala da resposta de Deus à oração. O salmista luta freqüentemente com Deus para que ouça o seu clamor por socorro (Si 80.1[2]; 54.2[4]) e para que o salve do inimigo. Na dedicaçao do templo, Salomão pediu que os ouvidos de Deus sempre estivessem atentos à oração de seu povo (2 Cr 6.40). Daniel voltou-se em direção ao templo para pedir que Deus inclinasse o seu ouvido e fizesse algo com respeito às ruínas de Jerusalém (Dn 9.18). Quando a oração não é respondida, não é porque Deus se tornou surdo (Is 59.1). O pecado de Israel o impediu de ter uma resposta de salvação (Dt 1.45).

"Destapar o ouvido" (*gālâ 'ōzen*) significa "revelar informações importantes", tal como uma conspiração contra o rei (1 Sm 22.8, 17). Em um contexto legal tem o sentido de "trazer um assunto para a atenção de alguém" (Rt 4.4). Quando Deus é o sujeito, "destapar o ouvido" significa "revelar" a verdade aos seus servos (1 Sm 9.15; 2 Sm 7.27).

Bibliografia: RICHARDSON, *TWB*, p. 104. — *TDNT*, v. 5, p. 546-51. — *THAT*, v. 1, 95-7.

H.W.

58 *אָזַן (*'āzan*) ***II, pesar, testar, provar.*** Somente no piel (Ec 12.9).

58a †מֹאזְנַיִם (*m'zn*) ***balança, pratos de balança.***

Aparecendo sempre no dual, *mo'z'nayim* indica os dois pratos de uma balança, os quais eram usados para pesar prata em uma transação comercial (Jr 32.10). Balanças justas eram o deleite de Deus (Lv 19.36; Pv 11.1), e os profetas condenavam mercadores trapaceiros (Am 8.5; Mq 6.11).

Jó desejava que seu caso fosse pesado por Deus (Jó 31.6). Deus tem a capacidade de pesar as colinas em balanças (Is 40.12), e vê as nações como grãos de pó em balanças (Is 40.15).

As balanças da antigüidade eram uma barra simples suspensa ao meio com pratos em cada extremidade. (Para melhor saber como era uma balança egípcia, veja L. M. PETERSEN, Balance., In: *ZPEB*.

Os pesos eram chamados de *'ăbānîm* (*q.v.*), *i.e.*, pedras, feitas normalmente de pedra trabalhada e polida. A principal oportunidade de trapacear estava nos pesos usados.

H.W.

אֵזֶק (*'ăzēq*). Veja o n.º 577b.

59 אָזַר (*'āzar*) ***cingir, vestir.***

Termo Derivado

59a †אֵזוֹר (*'ēzôr*) ***cinto.***

Este verbo ocorre normalmente no qal e no piel, uma vez no nifal e três vezes no hitpael, principalmente nos livros poéticos. Na maior parte das vezes está em vista a preparação militar.

*'ēzôr. **Cinto**.* De suas 14 ocorrências, oito estão em Jeremias 13.1-11. Elias vestiu-se de um cinto de couro em volta de sua vestimenta de pêlos (2 Rs 1.8), enquanto Jeremias vestiu-se de um cinto de linho bem ajustado (Jr 13.1, 11). Ele o deixou apodrecendo perto do Eufrates como símbolo da natureza corrupta de Israel (Jr 13.10, 11).

O "cinto" caracterizava a vestimenta de um soldado. Os assírios não usavam um cinto solto enquanto conquistavam o sul (Is 5.27; Ez 23.15). Deus é aquele que prepara ou cinge o salmista com força para a batalha (Sl 18.32, 39[33, 40] = 2 Sm 22.40). Deus cingiu Ciro, talvez equipando-o com armadura (Is 45.5). Os fracos são cingidos de força, mas os arrogantes são despedaçados (1 Sm 2.4). Deus desafia as nações a cingir-se para a batalha, mas elas enfrentam a derrota certa (Is 8.9).

Às vezes o sentido militar é substituído por um "preparo para ação". Deus ordena a Jó que cinja os seus lombos como um homem e atenda os argumentos de Deus (Jo 38.3; 40.7). A Jeremias é dada a mesma ordem em preparação para um ministério controverso (Jr 1.17).

Quando Deus mudou o pranto de Davi em dança, ele vestiu-se (cingiu-se) de alegria (Sl 30.11[12]). Uma metáfora semelhante caracteriza o Messias, que se veste de justiça e verdade com um cinto (Is 11.5).

Em Salmos 65.6, Deus, como Criador, é citado como "cingido de poder". O Rei do universo está "vestido de majestade", "cingido de poder" (Sl 93.1).

Bibliografia: WRIGHT, G. E., Israelite daily life, *BA*, 18:50-79.

H.W.

אֶזְרוֹעַ (*'ezrôa'*). Veja o n.º 583b.

אֶזְרָח (*'ezrāḥ*). Veja o n.º 580b.

60 אֲהּ (*'āh*) ***I, ai!***

אֲהּ (*'āh*) ***II, III***. Veja o n.º 66a, 62a.

אוֹהּ (*'ôaḥ*). Veja o n.º 65a.

61 אֶחָד (*'aḥad*) ***um, mesmo, único, primeiro, cada, uma vez***, fem. אַחַת (*'aḥat*).

Esta palavra ocorre 960 vezes como substantivo, adjetivo ou advérbio, como numeral cardinal ou ordinal, freqüentemente usados em um sentido distributivo. Possui uma identificação próxima com *yāḥad*, "ser unido", e com *rō'sh* "primeiro, cabeça", especialmente em conexão com o "primeiro dia" do mês (Gn 8.13). O termo enfatiza a unidade embora reconheça diversidade dentro da unidade.

'ehad pode referir-se a determinado indivíduo (Jz 13.2) ou a uma bênção singular (Gn 27.38). Salomão foi o único escolhido pelo Senhor (1 Cr 29.1). A noção de singularidade também é encontrada em 2 Samuel 7.23 e em Ezequiel 33.24 (para ver o que este versículo diz com referência a Deus, veja abaixo). A expressão "num só dia" pode referir-se ao aspecto repentino de juízo (Is 10.17; 47.9) ou bênção (Is 66.8).

Adverbialmente, *'ehad* significa "uma vez" (2 Rs 6.10). Deus jurou solenemente a Davi "uma vez" que os seus descendentes e o trono durariam para sempre (Sl 89.35[35]).

61 אֶחָד (*'aḥad*)

Em Ageu 2.6 o Senhor adverte que abalaria céu e terra "ainda uma vez, dentro em pouco". Apesar disto, esta predição de abalar as nações provavelmente inclui tanto um cumprimento próximo quando distante (*cf.* Hb 12.26). A expressão "num só dia" denota a rapidez dos atos do Senhor (Is 9.14[13]; Zc 3.9).

Às vezes a expressão "como um homem" pode significar "todos de uma vez" (Nm 14.15), mas quando foi dito a Gideão que ele derrotaria Midiã "como um homem", isto significava, provavelmente, "tão rapidamente como um único homem" (Jz 6.16). A frase também pode-se referir a uma nação que se levantava para agir unida contra a injustiça grosseira (Jz 20.8; 1 Sm 11.7). A afirmação de Sofonias de que o povo servia a Deus "com um só ombro" (ARA de comum acordo) (3.9) significa provavelmente "ombro a ombro", solidamente unidos. Da mesma forma Êxodo 24.3, "a uma só voz", expressa que todo o Israel estava envolvido ao entrar em aliança com Javé.

O conceito de unidade está relacionado com o tabernáculo, cujas cortinas eram juntadas para formar uma unidade (Êx 26.6, 11; 36.13). Adão e Eva são descritos como "uma só carne" (Gn 2.24), o que inclui mais do que unidade sexual. Em Gênesis 34.16 os homens de Siquém sugerem casamento com as filhas de Jacó a fim de se tornarem "um só povo".

Posteriormente Ezequiel predisse que a nação fragmentada de Israel seria de alguma forma reunida outra vez, assim como ele ajunta simbolicamente dois pedaços de pau (37.17). Uma vez mais Judá e Efraim seriam uma nação com um só rei (37.22). Abraão foi visto como "aquele" de quem todo o povo descende (Is 51.2; Ml 2.15), o pai da nação.

A diversidade dentro da unidade também é vista a partir do fato de que *'ehad* tem uma forma plural *'ăḥadîm*. É traduzido por "alguns dias" em Gênesis 27.44; 29.20 e Daniel 11.20. Em Gênesis 11.1 o plural modifica "palavras": "toda a terra tinha uma linguagem e uma só maneira de falar". Aparentemente isto se refere ao mesmo vocabulário, o mesmo grupo de palavras falado por todos na torre de Babel. O primeiro "uma" em Gênesis 11.1 está no singular, o que é análogo à expressão "mesma lei", da Páscoa, que se aplica ao nativo da terra e ao estrangeiro (Êx 12.49; *cf.* Nm 15.16), ou à "lei" de morte certa para quem se aproximasse do rei persa sem convite (Et 4.11).

No famoso Shemá de Deuteronômio 6.4, "Ouve, ó Israel [...] o SENHOR é um", a questão da diversidade dentro da unidade tem implicações teológicas. Alguns eruditos têm pensado que, embora "um" esteja no singular, o uso da palavra abre espaço para a doutrina da Trindade. Ainda que seja verdadeiro que esta doutrina é prefigurada no *AT*, o versículo concentra-se no fato de que há um só Deus e que Israel deve a ele sua exclusiva lealdade (Dt 5.9; 6.5). O *NT* também é estritamente monoteísta embora ensine ao mesmo tempo diversidade dentro da unidade (Tg 2.19; 1 Co 8.5, 6).

[As dificuldades lexicais e sintáticas de Deuteronômio 6.4 podem ser vistas nas muitas traduções apresentadas na NIV. A opção "o SENHOR é nosso Deus, somente o SENHOR" tem a seu favor tanto o amplo contexto do livro quanto o contexto imediato. Deuteronômio 6.4 serve de introdução para motivar Israel a guardar o mandamento de "amar (o SENHOR)" (v. 5). A noção de que o Senhor é o único Deus de Israel concorda admiravelmente com o mandamento (*cf.* Ct 6.8 e s.). Além disso, estas duas noções, a relação singular do Senhor com Israel e a obrigação de Israel de amá-lo, são fundamentais para a preocupação das recomendações dadas a Moisés no livro (*cf.* Dt 5.9 e s.; 7.9; 10.14 e s., 20 e s., 13.6; 30.20, 32.12). Finalmente Zacarias emprega o texto com este sentido e a aplica universalmente com referência ao *eschaton*: "O SENHOR será rei sobre toda a terra; naquele dia um só será o SENHOR, um só será o seu nome" (14.9).

Em Jó 31.15 e Malaquias 2.10, a palavra é usada para denotar que um só e o mesmo Deus criou todos os homens. A referência ao Pastor em Eclesiastes 12.11 indica provavelmente que Deus é a única fonte de sabedoria. B.K.W.]

Bibliografia: KNIGHT, A. F., The Lord is One, *ExpT*, 79:8-10. — *TDOT*, v. 1, p. 193-200. — *THAT*, v. 1, p. 104-6.

H.W.

62 אחה (*'hh*). **Aceita como raiz de:**

62a אח (*'āḥ*) ***II, irmão.***

62b אחוה (*'aḥăwâ*) ***irmandade, fraternidade.***

62c אחות (*'āḥôt*) ***irmã.***

'āḥ. *Irmão, parente, companheiro do mesmo local, amigo.*

Procedente de uma raiz comum a todas as línguas semíticas, *'āḥ* ocorre 630 vezes no AT. Devido à vasta gama de significados e à prática da poligamia, é, às vezes, necessário descrever um irmão no sentido pleno do termo como o filho da mãe de alguém (Dt 13.6[7]; Sl 50.20; Jz 8.19). A relação entre os irmãos da mesma mãe era extremamente próxima de modo que a admoestação de matar um irmão que tivesse se tornado idólatra é deveras severa (Dt 13.6[7]). Espera-se que todo homem seja guardador de seu irmão (Gn 4.9). O AT está repleto de histórias sobre meio-irmãos que possuíam mães diferentes. Abraão era meio-irmão de Sara (Gn 20.5, 12), e seus filhos Ismael e Isaque nasceram respectivamente de Hagar e Sara. A rivalidade entre José e seus meio-irmãos transformou-se em ódio (Gn 37.2-5), e o ódio de Absalão por Amnom resultou em assassinato (2 Sm 13.29). Até mesmo irmãos da mesma mãe como Caim e Abel, ou Jacó e Esaú tiveram experiências semelhantes. Os levitas, porém, de modo apropriado, colocaram a lealdade a Deus acima da solidariedade familiar quando mataram seus próprios filhos e irmãos culpados de idolatria (Lv 32.29).

Os descendentes mais remotos de um pai comum são chamados irmãos. Assim "irmãos" ocorre juntamente com "filhos de Israel" (Dt 24.7). "Irmão" é usado de modo mais amplo com respeito ao sobrinho de Abraão, Ló (Gn 13.8), e o sobrinho de Labão, Jacó (Gn 29.15). Membros de uma mesma tribo são chamados "irmãos", levitas (Nm 16.10) ou simeonitas (Nm 25.6). Os "parentes" de Sansão, dentre os quais ele deveria ter escolhido uma esposa, refere-se provavelmente à sua própria tribo de Dã (Jz 14.3).

O significado também inclui todos os filhos de Israel, de modo geral, conforme mostra o paralelismo com "irmãos" (Lv 25.46; Dt 3.18). Este é, sem dúvida, o pano de fundo do uso no NT de "irmãos" como companheiro na fé. Os compatriotas de Moisés, escravos no Egito, foram chamados "seus irmãos" (Êx 2.11; 4.18). Todos eram descendentes de Abraão e Jacó. Os profetas de Israel (Dt 18.15) e os reis (Dt 17.15) deveriam ser "irmãos" e não estrangeiros. Os israelitas não deveriam tirar vantagem de dificuldades financeiras de outros israelitas (Lv 25.35; Ne 5.8), que deveriam ser considerados como "amigos" ("próximos" rē'a') ou "irmãos" (Dt 15.2). A palavra é usada como correspondente ou sinônimo de "próximo" (Lv 19.17; Jr 9.4[3]). Em Provérbios há referência a um amigo mais chegado que um "irmão" (18.24; 27.10). Quando Davi elogiou Jônatas, chamou-o de "irmão", neste sentido profundo (2 Sm 1.26).

Às vezes várias nações reivindicavam a condição de "irmãs". Israel referia-se a Edom

como "meu irmão" (Nm 20.14), em parte porque Esaú e Isaque eram filhos de Abraão. Por diversas vezes Edom é condenado por maltratar seu irmão Israel (Am 1.11; Ob 10, 12). Hirão, rei de Tiro, chamou Salomão "meu irmão" (1 Rs 9.13), contudo também é Tiro que é julgada por desconsiderar a "aliança de irmãos" (Am 1.9).

"Irmão" também é usado por Jacó para se dirigir de modo educado a estrangeiros (29.4). O velho de Gibeá chama seus vizinhos pervertidos de "irmãos" (Jz 19.23), quando o termo de Jó teria sido mais apropriado: "Sou irmão dos chacais" (30.29). Nas tábuas de Mari e nas inscrições semíticas ocidentais a palavra é usada para se dirigir a pessoas de posição semelhante e para se referir a companheiros de uma mesma profissão bem como a parentes.

Algumas autoridades atribuíram a importância dos irmãos a uma estrutura "fratriarcal". A Lei de irmãos é conhecida no Oriente Próximo, e o comportamento de Labão para com sua irmã Reheca pode ser um exemplo de "fratriarcado". Embora o pai deles ainda estivesse vivo (Gn 24.50), foi Labão quem assumiu o papel de liderança.

Speiser relaciona as alegações de Abraão e de Isaque de que suas esposas eram "irmãs" a um costume semelhante em Nuzi, em que uma esposa nascida em uma família importante era adotada para ser também uma irmã. Isto lhe dava uma condição superior e ajudava a explicar o comportamento destes patriarcas. Infelizmente, o costume não foi reconhecido no Egito e em Gerar. Foi evidentemente derivado de um antigo "fratriarcado". (Para maiores detalhes veja SPEISER E. A., *Oriental and Biblical studies*, Univ. of Pennsylvania, 1967, p. 62-82).

As responsabilidades de irmãos também são conhecidas por meio da instituição do levirato. Se um homem morresse sem ter tido filhos, seu irmão estava obrigado a casar-se com a viúva e dar nome ao primogênito dela de acordo com o primeiro marido, para que, assim, "edificasse a casa de seu irmão" (Dt 25.5-10; Gn 38.7-9). Contudo, era um pecado sério ter relaçoes sexuais com a esposa de um irmão enquanto ele ainda estava vivo (Lv 18.16; 20.21). O irmão mais velho tinha porção dobrada na herança (Dt 21.17). Um sacerdote tinha permissão de se contaminar por causa da morte de um irmão ou de uma irmã (Lv 21.1). Fora estas leis, nenhuma outra que envolve irmãos é mencionada no material jurídico do AT.

'āḥôt. ***Irmã, parenta, amada.*** Derivada da mesma raiz da qual procede "irmão" e com a mesma amplitude semântica, ocorre apenas 114 vezes. Mais uma vez, a distinção entre irmã e meia-irmã não é esclarecida (Gn 20.5). Normalmente, para indicar o fato de ser meia-irmã, menciona-se que o pai é o mesmo (Ez 22.11).

"Irmã" também pode ser usado no sentido de "parenta próxima" (Gn 24.60), uma mulher da mesma nacionalidade (Nm 25.18) ou uma amiga achegada (Pv 7.4). O sentido de "amada" ou "querida" fica claro em Cantares 4.9-12 e 5.1, 2, onde "irmã" é paralela de "noiva" quatro vezes. Isto pode proceder de um costume antigo, de acordo com o qual era permitido casar-se com a irmã (Gn 20.5 e s.). Na sociedade hurrita era também prática dos maridos das classes mais altas adotar suas esposas como "irmãs" para formar um vínculo conjugal mais forte. Esta característica "fratriarcal" pode explicar a freqüente presença do tema esposa—irmã de Gênesis (veja *'āḥ*, "irmão").

Em Levítico 18.9, 11, as relações sexuais com uma irmã ou meia-irmã são proibidas. O estupro praticado por Amnom contra sua meia-irmã Tamar, irmã de Absalão, deve ser entendido sob esta luz (2 Sm 13.1 e s.). Desde que "irmã" é usada na expressão "umas às outras" (Ex 26.3), alguns eruditos interpretam Levítico 18.18 como uma condenação da

poligamia. O contexto, porém, é argumento forte contra esta idéia.

Israel e Judá são chamados "irmãs" em Jeremias 3.7, e Jerusalém é castigada como irmã de Samaria e Sodoma (Ez 16.46).

Bibliografia: GORDON, C. H., Fratriarchy in the Old Testament, *JBL*, 54:223-31. — NEUFELD, Edward, The prohibition against loans at interest in ancient Hebrew laws, *HUCA*, 26:355-412. — RIEMANN, Paul A., Am I my Brother's keeper?, *Interp*, 24:482-91. — SPEISER, E. A., The wife-sister motif in the patriarchal narratives, *Oriental and Biblical studies*, University of Pennsylvania, 1967, p. 62-82. — *TDOT*, v. 1, p. 188-92. — *THAT*, v. 1, p. 98-103. — Para um enfoque diferente, *cf.* KITCHEN, K. A., *The Bible in its world*, Paternoster, 1977, p. 70.

II.W.

63 אָחוּ (*'āḥû*) ***juncos, canas.***

אֲחָוָה (*'aḥăwâ*). Veja o n.º 62b.

אֲחוֹת (*'āḥôt*). Veja o n.º 62c.

64 אָחַז (*'āḥaz*) ***agarrar, pegar, apoderar-se.***

Termo Derivado

64a אֲחֻזָּה (*'aḥuzzâ*) ***possessão, propriedade.***

A maioria das 68 ocorrências do verbo aparece no qal, embora sejam encontradas várias ocorrências no nifal. O uso do termo é exatamente dividido entre o literal e o metafórico, tanto em contextos positivos quanto negativos.

A idéia básica da raiz é "segurar". Jacó "segurou" o calcanhar de Esaú (Gn 25.26); Sansão "pegou" ambas as portas da cidade (Jz 16.3); Rute "segurou" o manto de Boaz, enquanto ele o encheu com seis medidas de cevada (Rt 3.15). As cortinas do palácio de Xerxes eram atadas por cordões de linho em argolas de prata (Et 1.6). Os homens podiam "manejar" ou "levar" espadas (Ct 3.8).

Com respeito à arquitetura, o termo é usado para se referir aos tabuados das câmaras que eram "ligados" ao templo por madeira de cedro (1 Rs 6.10), ou ao estrado pegado ao trono (2 Cr 9.18, a única ocorrência no hofal). A palavra é aplicada uma vez ao bloqueio das portas da cidade (Ne 7.3).

Às vezes "segurar" tem a conotação violenta de "agarrar" ou "prender". Os israelitas prenderam Adoni-Bezeque (Jz 1.6), e Jefté pegou e matou os homens de Efraim incapazes de pronunciar "Chibolete" (Jz 12.6; 2 Sm 2.21). Um carneiro é pego em um arbusto (Gn 22.13), e um peixe é apanhado em uma rede (Ec 9.12). Jó afirma que Deus "pegou-me pelo pescoço, e me despedaçou" (16.12).

"Tomar" também pode se referir à escolha, como no caso dos homens escolhidos por sorte (1 Cr 24.6) ou os dois por cento dos despojos tomados como parte dos levitas (Nm 31.30, 47).

Metaforicamente, o justo é aquele que segue o seu caminho, "apega-se" (Jó 17.9). Alguém pode "reter" uma idéia ou "apegar-se" à loucura (Ec 7.18; 2.3). Deus em sua graça

"me segura pela minha mão direita" como sinal de direção e favor (Sl 73.23; *cf.* Is 45.1, *hāzaq*). Salmos 139.10 fala da mão direita de Deus dirigindo e "sustendo" o salmista. Em Deuteronômio 32.41 o Senhor afia a sua espada "para exercitar o juízo".

Uma expressão comum deve ser "dominado pela" dor, tristeza ou temor, quase sempre no caso de uma mulher no nascimento de uma criança. A agonia apodera-se dos inimigos de Israel (Êx 15.14, 15), embora o próprio Israel sofra dores enquanto enfrenta o exílio (Jr 13.21). O rei Saul foi dominado pela agonia da morte no campo de batalha (2 Sm 1.9), e as nações do mundo sofrem dor e angústia enquanto se aproxima o dia do Senhor (Is 13.8, 9).

No nifal o verbo normalmente significa "adquirir propriedade", sendo uma sobreposição do substantivo *'aḥuzzâ*, "possessão". Às vezes tanto o substantivo quanto o verbo aparecem no mesmo versículo (Js 22.9, 19). O nifal pode atingir este sentido por meio do uso reflexivo, "tomar para si mesmo".

A propriedade em vista é quase sempre terra. Hamor convidou Jacó e seus filhos para "adquirir propriedades" (ARA — ter possessões) em Siquém e Canaã (Gn 34.10). Posteriormente, José deu como possessão ao seu pai e aos seus irmãos o melhor da terra do Egito (Gn 47.11, 27), ainda que apenas como residência temporária.

'āḥuzzâ. ***Possessão, propriedade.*** A maioria das 66 ocorrências diz respeito à possessão da terra (o verbo é usado desta forma apenas no nifal). A palavra também é usada em conjunção com "herança" (*naḥălâ*).

Normalmente a propriedade sob discussão estava localizada na terra de Canaã. Toda aquela terra tinha sido prometida a Abraão como "uma possessão eterna" (Gn 17.8), uma promessa repetida a Jacó (Gn 48.4). Cinco vezes em Gênesis, a aquisição de Abraão da Caverna de Macpela é mencionada (23.4, 9, 20; 49.30; 50.13). Adquirindo a posse desta sepultura para Sara, Abraão fez o pagamento da posse final e completa da terra. Canaã é chamada "a terra da possessão do Senhor" em Josué 22.19, com o propósito de distingui-la da Transjordânia onde as tribos de Rúben, Gade e Manassés escolheram habitar (22.9).

Dentro de Canaã cada família tinha a sua propriedade particular, considerada como sua herança. Ainda que tivesse de ser arrendada para outros, ou fosse consagrada ao Senhor, a terra sempre voltava ao proprietário original no ano do Jubileu (Lv 25.10, 13, 28; 27.24). As filhas de Zelofeade foram bem sucedidas em seu propósito de adquirir propriedade como herança, visto que não possuíam irmãos (Nm 27.7).

Os levitas não receberam terra alguma como possessão, embora tivessem cidades e os seus campos ao redor (Lv 25.33). O *Senhor* era a possessão dos levitas; era a herança e a porção deles (Ez 44.28; Nm 18.20).

Foi o Senhor quem prometeu ao Messias, filho de Davi, que os confins da terra seriam a sua possessão (Sl 2.8).

Uma vez, em Levítico 25.45, 46, pessoas são chamadas de possessão. Os israelitas tinham permissão de manter os estrangeiros que residiam em Israel como possessão permanente.

Bibliografia: YARON, R. A document of redemption from Ugarit, *VT*, 10:83-90. — *THAT*, v. 1, p. 107-9.

H.W.

65 אחח (*'ḥḥ*) **I. Aceita como raiz de:**

65a אֹחַ (*'ōaḥ*) ***chacal***. Ocorre apenas em Isaías 13.21.

66 אחח (*'ḥḥ*) **II. Possível raiz do seguinte termo:**

66a אָח (*'āḥ*) ***III, braseiro.***

67 אחל (*'ḥl*). **Aceita como raiz de:**

67a אַחֲלַי (*'aḥlâ*) ***ah!***

67b †אַחְלָמָה (*'aḥlāmâ*) ***ametista, jaspe.***

'aḥlāmâ. *Ametista*. Encontrada somente em Êxodo 28.19 e 39.12, referindo-se a uma pedra na terceira ordem no peitoral do juízo que o sumo sacerdote vestia. "Ametista" é uma transliteração da palavra da Septuagінta. A identificação é incerta. A ametista é uma pedra de cor violeta, talvez coríndon. O *KB* é a favor da idéia de um jaspe vermelho ou marrom.

68 אָחַר (*'āḥar*) ***tardar, demorar.***

Termos Derivados

68a †אַחֵר (*'aḥēr*) ***outro***.

68b אחר (*'aḥar*) ***após, atrás, depois, posteriormente***; usado como advérbio, "depois", e também como conjunção, com *'ăshĕr* "depois que". Freqüentemente usado no plural. 'aḥărê, especialmente com sufixos. Trata-se de palavra muito comum.

68c אַחֲרֵי (*'aḥărayˌ*) ***depois*** (apenas em Pv 28.23).

68d †אָחוֹר (*'āḥôr*) ***parte de trás, retaguarda***, sendo a maior parte dos casos em orações adverbiais: ***para trás.***

68e אַחֲרַנִּית (*'ăḥōranît*) ***para trás***.

68f אחרון (*'aḥărôn*) ***parte de trás, Ocidente, oeste, atrás, posterior, último, o que vem depois***; a forma feminina *'aḥărônâ* é usada adverbialmente.

68g †אַחֲרִית (*'aḥărît*) ***parte posterior, extremidade, parte posterior, futuro.***

O verbo *'āḥar* é usado apenas 17 vezes, principalmente no piel, e não é tão significativo quanto os seus derivados. Refere-se a situações quando se fica atrás, demorando, esperando (não no sentido de ter esperança como no caso de *yāḥal* ou *qāwâ*).

'aḥēr. *Outro*. Esta palavra é freqüentemente usada em situações comuns, "outro lugar", "outros sete anos", *etc.* Merece destaque apenas a frase tão comum no plural "outros deuses". É usada no primeiro mandamento (Êx 20.3), nas advertências de Deuteronômio 13.2[3] e ss., com respeito às repreensões dos profetas (Jr 7.6 e ss.). Segundo o *BDB*, o termo ocorre 63 vezes. Somente em Salmos 16.4 e em Isaías 42.8, a palavra é usada de

forma absoluta. No difícil versículo de Salmos 16.4, podemos talvez entender a palavra "penas" (*'atsts'bôtam*) da primeira linha, a partir da raiz *'ātsab* II (como faz o Targum), como "seus ídolos". Isto estaria em melhor equilíbrio com "outros [deuses]" no texto paralelo.

'aḥôr. ***Parte de trás, para trás.*** Este derivado é menos usado do que outros (41 vezes). O significado comum é apenas "para trás". Os inimigos são levados a voltar atrás. A palavra é usada no sentido ético em Jeremias 7.24, "andaram para trás e não para diante". O rolo de Ezequiel foi escrito por dentro e por fora (*i.e.*, no verso).

Teologicamente, o único exemplo que levanta discussão é Êxodo 33.23, "tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá". Todavia em nenhuma outra passagem a palavra é usada para se referir às costas de alguém. Este é o caso de *gab*, ou *gaw*, ou ainda *'ōrep*. A palavra *'āḥôr* significa "trás" no sentido de direção. Judá viu que a batalha estava por diante e por detrás (2 Cr 13.14). Ezequiel viu os 25 líderes apóstatas voltados em direção para o oriente de costas para o templo, *i.e.*, o templo estava atrás deles (Ez 8.16). Conseqüentemente, não é provável que na teofania de Êxodo 33.23 a ênfase não esteja em um antropomorfismo extremo que diz que Moisés podia ver as costas de Deus e não a sua face? Em vez disso, o sentido do versículo era que Moisés podia ver a glória e o resplendor deixado pelo Senhor enquanto ele passava, embora a sua própria presença nao podia ser vista. Naturalmente o antropomorfismo é possível e até mesmo difícil de ser refutado, mas uma distinção semifísica entre face e costas não parece ser o sentido rigoroso das palavras.

'aḥărît. ***parte posterior, futuro.*** Usada 61 vezes, esta palavra também não é tão comum como os outros derivados, contudo possui importância teológica. Conforme fica claro a partir dos outros termos derivados, o sentido geral da raiz é "depois", "posterior", "atrás", "seguinte". H. W. Wolf estabeleceu uma relação entre o conceito hebraico de tempo com a visao que um homem tem quando está remando em um bote. Ele vê o caminho por onde passou e está de costas para o futuro (notas de palestra). É verdade que *qedem* tem o sentido de "antes", bem como de "tempos antigos". Assim, a raiz *'āḥar* refere-se tanto ao que está atrás quanto às "coisas futuras". Deve ser observado que isto não é necessariamente devido à psicologia dos hebreus, visto que o uso desta idéia já estava, sem dúvida, estabelecido entre os cananeus antes da chegada dos hebreus. Apesar disso, *'aḥărît* se refere ao futuro.

Há duas questões teológicas sobre este elemento. A primeira é: será que *'aḥărît hayyāmîm* (o fim dos dias) se refere ao futuro de modo geral, ou mais especificamente aos últimos dias, o segmento final dos tempos? O autor tem argumentado em outros escritos que normalmente a expressão refere-se exatamente ao futuro genérico (The last days in the Bible and Qumran., In: *Jesus of Nazareth, savior and Lord*, ed. C. F. H. Henry, Eerdmans, 1966, p. 74-9). A segunda questão é: *'aḥărît* sozinho refere-se algumas vezes à vida futura?

Quanto à primeira questão, a expressão *'aḥărît hayyāmîm* é usada 14 vezes (Gn 49.1; Nm 24.14; Dt 4.30; 31.29; Is 2.2 = Mq 4.1; Jr 23.20; 30.24; 48.47; 49.39; Ez 38.16; Dn 2.28 [aram.] e 10.14; Os 3.5). A ARA quase sempre traduz a expressão por "os últimos dias". Quando se avaliam várias traduções pode-se perceber que nenhuma delas usa a frase como um termo técnico invariável, referindo-se ao segmento final dos tempos. A interpretação depende do contexto. É possível usar a frase tanto com referência ao

eschaton quanto ao futuro genérico pelo fato de, obviamente, toda a escatologia ser futura. Parece claro que em Isaías 2.2 e ss. (Mq 4.1 e ss.) refere-se ao *eschaton* ("últimos dias"), contudo o mudar da sorte de Moabe e Edom são simplesmente profetizados para algum dia futuro (Jr 48.47; 49.39; *cf.* os amonitas, 44.6). O artigo já citado sugere que a frase correspondente do NT na maior parte das vezes também se refere ao futuro genérico, e não ao segmento de tempo final da história. Isto põe em questão a idéia de que a igreja do NT pensava que estivesse vivendo nos "últimos dias". Os "dias difíceis" mencionados em 1 Timóteo 4.1 pode ser apenas uma advertência séria com respeito ao futuro indefinido (cf. Mt 24.6).

Quanto à segunda questão, se *'aḥărît* sozinho refere-se à vida futura, M. Dahood afirma que às vezes isto é bastante claro (*Proverbs and northwest semitic philology*, Pontifical Biblical Institute, 1963, p. 48-9, 51). Há vários versículos inter-relacionados em Provérbios que usam esta palavra. Provérbios 24.14 (paralelo de 23.18) diz que há uma *'aḥărît* (a NIV diz "esperança futura") para o justo. Sua esperança (*tiqwâ*) não será aniquilada. Provérbios 11.7 afirma que quando um ímpio morre, a sua esperança (*tiqwâ*) perece. Para o justo, Provérbios 12.28 promete vida e imortalidade (*'al mawet*, "nenhuma morte", DAHOOD, *op. cit.*, p. 28). Contudo o ímpio não tem esperança futura (*'aḥārit*) e a lâmpada do ímpio se apagará (Pv 24.20). Dahood sustenta que Provérbios 20.20 refere-se à vida futura: apagar-se-lhe-á a lâmpada nas mais densas trevas (*i.e.*, morte). Há assim um inter-relacionamento das palavras *'aḥărît* no sentido de um futuro abençoado após a morte, *tiqwâ*, "esperança" além da morte, e para o justo *'al mawet*, "nenhuma morte". Dahood aponta para o fato de que a mesma colocação (exceto para *tiqwâ*) ocorre em ugarítico, II Aqhat VI 11.26-36, que H. L. Ginsberg traduz assim: "Peça por vida, o Aqhat, ó Jovem, peça por vida (*ḥym*) e eu a darei, por imortalidade (*ḥl mt* = heb., *'al mawet*), e eu a concederei a ti. Farei que conte os anos com Baal. [...] Contudo Aqhat, o Jovem responde. [...] Vida futura (*'uhryt* = heb., *'aḥărît*) — como pode o mortal adquiri-la? Como pode o mortal adquirir vida permanente?". Certamente a colocação dos versículos em Provérbios juntamente com o uso das palavras-chave no ugarítico parecem justificar a conclusão de Dahood de que a "afirmação de uma vida futura [...] parece algo do qual não se pode fugir".

Bibliografia: *THAT*, v. 1, p. 110-7.

R.L.H.

69 אֲחַשְׁדַּרְפְּנִים (*'ăḥashddarp'nîm*) ***sátrapas***.

70 אֲחַשְׁתְּרָן (*'ăḥasht'rān*) ***real***. (Ocorre apenas em Et 8.10-14).

אֵט (*'aṭ*). Veja o n.° 72b.

71 אתד (*'td*). **Aceita como raiz de:**

71a אָטָד (*'ātād*) ***sarça, espinheiro***.

אֵיתָן (*'ēṭân*). Veja o n.° 73b.

72 אתת (*'tt*). **Aceita como raiz de:**

72a אִתִּי (*'ittî*) ***encantador, mágico, adivinhador.***

72b אַט (*'at*) ***gentileza***; como advérbio, ***brandamente***.

'ittî. ***Encantador.*** Esta palavra, que descreve algum tipo de ocultismo, ocorre apenas em Isaías 19.3, onde se encontra no plural (*'ittîm*). Por causa do contexto, uma lista que inclui ídolos, médiuns e mágicos, o sentido da palavra pode ser facilmente entendido. Além disso, o advérbio *'at* é formado dos mesmos radicais "vagarosamente", "brandamente", "gentilmente" ou "secretamente" (*cf.* Gn 33.14; 2 Sm 18.5; 1 Rs 21.27; Jó 15.11; Is 8.6). Há um termo cognato em árabe que significa "emitir um som de gemido ou de chiado". Isaías 8.19 e 29.4 indicam que estes vários tipos de feiticeiras e mágicos emitiam sons baixos, com chilreios e murmúrios. Embora *'ittî* não apareça em outra passagem, a representação geral da necromancia na Bíblia fornece um histórico satisfatório para a compreensão de *'ittî* nestas linhas.

As palavras hebraicas *lā'at*, *la't*, e *lāt* também podem trazer luz. O primeiro verbo provavelmente é derivado de uma forma de *lût* que ocorre como um termo para "cobrir" ou "livrar" em 2 Samuel 19.5. A segunda palavra talvez seja um advérbio que aparece apenas em Juízes 4.21, com o sentido de "brandamente" ou "secretamente". O terceiro *lāt* é traduzido por "ciências ocultas" em Êxodo 7.22; 8.3, 14, e como "de mansinho" e "confidencialmente" em Rute 3.7 e 1 Samuel 18.22 e 24.5 respectivamente.

R.L.A.

אִתִּי (*'ittî*). Veja o n.º 72a.

73 אָטַם (*'āṭam*) ***fechar, calar***.

Termo Derivado

73a אֵטוּן (*'ēṭûn*) ***fio de linho***. Ocorre apenas em Provérbios 7.16.

74 אָטַר (*'āṭar*) ***fechar***. Ocorre apenas em Salmos 69.16.

Termo Derivado

74a אִטֵּר (*'iṭṭēr*) ***fechado, preso***. Este advérbio ocorre apenas em Juízes 3.15; 20.16. A ARA traduz por "canhoto".

75 אַי (*'ay*) ***onde***.

Termos Derivados

75a אַיֵּה (*'ayyēh*) ***onde?***

75b אֵיךְ (*'ēk*) ***como?***

75c אֵיכָה† ('ēkâ) *como? onde?*
75d אֵיכוֹ† ('ēkô) *onde?*
75e אֵיכָכָה† ('ēkākâ) *como?*
75f אַיִן† ('ayin) *onde?*
75g אָן† ('an) *onde?*
75h אֵיפֹה† ('ēpōh) *onde?*

O advérbio interrogativo *'ay* está relacionado com o ugarítico *'y*. A maioria de suas 30 ocorrências aparece em perguntas retóricas. O termo combina-se com outros advérbios para formar *'ēk*, "como"; *'ēkâ*, "como, onde"; *'ēkakâ*, "como"; *'ēpoh*, "onde". A palavra *'ayyēh* é provavelmente uma forma aumentada de *'ay*. O sentido e o uso são quase idênticos. Passagens paralelas usam intercambiavelmente *'ay* e *'ayyēh* (Is 36.19 = 2 Rs 19.13).

O advérbio interrogativo é às vezes usado quando se solicita alguma informação (Gn 18.9; 22.7; 1 Sm 9.18), embora na maior parte das vezes não se espere nenhuma resposta. Isto vale particularmente para as passagens poéticas. Se Deus está ao seu lado, onde está a fúria do opressor (Is 51.13) ou, em Jó 14.10, depois que o homem expira, onde ele se encontra?

"Onde" é freqüentemente usado por homens que questionam a existência e o poder de Deus. Tanto os indivíduos (Mq 7.10) como as nações perguntam: "Onde está o seu Deus?" (Sl 79.10; 115.2), ou "onde está a palavra de Deus (Jr 17.15) ou a justiça de Deus (Ml 2.17)?". Gideão, duvidando, perguntou o que era dos milagres dos quais ele tinha ouvido (Jz 6.13). O mesmo anseio fervoroso caracteriza a queixa pela ação de Deus em Isaías 63.11.

O interrogativo enfatizado também ocorre em Ester 7.5. O rei perguntou onde poderia ser encontrado aquele que atormentava a rainha. As perguntas retóricas juntamente com *zeh* são ilustradas pelos exemplos de 2 Crônicas 18.23 e Jó 38.19.

Quando combinado com *mizzeh*, *'ay* (ou *'ē*) significa "de onde você vem?" Esta construção gramatical é usada por seres humanos (1 Sm 30.13), anjos (Gn 16.8) e até mesmo por Deus quando se dirige a Satanás (Jó 2.2).

'ēk. *Como?* Este pronome interrogativo é usado em perguntas simples, *e.g.*, o oficial de Jeremias pergunta a Baruque: "Como escreveste isto?" (Jr 36.17). Contudo, o termo é usado normalmente em perguntas retóricas que indicam reprovação ("como dizes que me amas", Jz 16.15), desespero ("como caíram os valentes", 1 Sm 1.19), perplexidade ("como cessou o opressor!", Is 14.4), horror ("como ficam de súbito assolados", Sl 73.19) ou desejo ("como te porei entre os filhos", Jr 3.19).

'ēkâ. *Como? onde?* Uma forma mais enfática de *'ēk*, aplicada ao arrazoar (Jr 8.8), à zombaria (Sl 73.11) e a expressões exclamativas (Jr 48.17). As lamentações em geral são enfatizadas (Is 1.21; Lm 1.1; 2.1; 4.1, 2). O significado "onde" também é confirmado (2 Rs 6.13; Ct 1.7).

'ēkô. *Onde.* Encontrado apenas em 2 Reis 6.13, em que o texto escrito traz *'ēkoh*. Este é provavelmente outro exemplo de *'ēkâ*, "onde".

ʾêkāḵâ. ***Como?*** Formado por *ʾê* mais *kāḵâ*, "assim", o termo ocorre duas vezes em Cantares 5.3 no sentido de "devo eu". Em Ester 8.6, a rainha pergunta como poderá ela suportar ver a destruição que viria sobre os judeus.

ʾayin, ***Onde?*** Provavelmente derivado de *ʾay*. Este advérbio sempre forma uma combinação com *min* na forma *mēʾayin*. Trata-se de um sinônimo de *ʾê mizzeh* (veja o verbete *ʾay*). Com freqüência os viajantes eram interrogados, "de onde vens?" (Gn 29.4; Jz 19.17), assim como Deus perguntou a Satanás em Jó 1.7. Isto ocorre em perguntas retóricas que expressam frustração (Nm 11.13; 2 Rs 6.27) ou tristeza (Jr 30.7). De acordo com Salmos 121.1, 2, a ajuda de alguém vem do Senhor. Neste famoso versículo, o texto diz: "Elevo os meus olhos para os montes; de onde me virá o socorro?". A expressão "de onde" foi interpretada por alguns como um pronome relativo, indicando que o socorro era esperado como que vindo dos montes. Contudo parece mais provável que o hebraico seja uma pergunta, e que a resposta esteja no versículo 2 — isto é, o socorro vem do próprio Senhor.

ʾayin pode ser contrastada com a forma *ʾan*, que não forma um composto com *min*.

ʾān. ***Onde?*** Forma contraída de *ʾayin*, o termo aparece com freqüência com o locativo, com os verbos de movimento, fazendo a pergunta "para onde" em perguntas direcionadas ao homem (Gn 32.17[18]) ou a Deus (2 Sm 2.1). O composto *ʿad ʾānâ*, "até quando", é usado por Deus, que se queixa da falta de fé e de obediência persistente da parte de Israel (Êx 16.28; Nm 14.11). Os homens também perguntam a Deus "até quando", *i.e.*, quanto tempo demorará para que Deus dê uma resposta (Hc 1.2; Sl 13.1, 2[2, 3]).

ʾêpōh. ***Onde, que tipo?*** Usado poucas vezes (apenas nove), e comparável a *ʾay* e a *ʾayyê*. Em uma ocorrência tem o sentido de "que homens eram" (que tipo de homens) (Jz 8.18). Trata-se de uma forma composta de *ʾay* (*q.v.*) e *pōh* (*q.v.*).

Bibliografia: MUIR, J., The significance of אין in Genesis 5,24 and Psalm 39,13, *ExpT*, 50:476-7. — *THAT*, v. 1, p. 125-6.

H.W.

76 אִי (*ʾî*) ***III, ai!*** Ocorre apenas em Eclesiastes 4.10; 10.16.

77 אִי (*ʾî*) ***IV, não.*** Este advérbio é usado apenas uma vez (Jó 22.30). Deve ser provavelmente identificado no nome *ʾî kāḇôḏ*, "Nenhuma Glória".

אִי (*ʾî*) ***I, II.*** Veja os n.os 39a, 43a.

78 אִיב (*ʾāyaḇ*) ***ser inimigo.***

Termos Derivados

78a אֵיבָה (*ʾêḇâ*) ***inimizade, ódio.***

78b אִיּוֹב (*ʾîyôḇ*) ***Jó.***

O significado básico do verbo é "ser hostil a", "ser inimigo de ou tratar alguém como tal". Este significado é evidente na única ocorrência da palavra que não aparece no particípio (Ex 23.22) onde Deus torna-se um inimigo dos inimigos de Israel. Em todas as outras ocorrências a palavra é usada na forma participial *'oyēb*, com o sentido de "inimigo".

O termo cognato do ugarítico *'b* traz o conceito de hostilidade quando usado em paralelo com *shn'*, "odiar", em *UT*, 16: Texto 51.7.35, 36.

Ainda que a palavra refira-se simplesmente aos inimigos de uma nação ou de um indivíduo, as implicações teológicas são inerentes em vários contextos. O inimigo derrotado era um sinal da bênção de Deus em Israel (Lv 26.7, 8; Dt 6.19). Contudo, quando Israel abandonava a Deus, só poderia esperar ser derrotado nas mãos de seus inimigos (Lv 26.17, 25, 32, *etc*; Nm 14.42; Dt 1.42; 2 Rs 21.14).

A vitória de Davi sobre os seus inimigos era um sinal do favor de Deus para com ele (2 Sm 7.9, 22.18, 41).

A destruição dos inimigos de Israel era vista como resultado da intervenção divina, de modo que isto se tornava uma evidência da soberania de Deus (Js 23.1; Jz 8.34; 1 Rs 8.46).

Até mesmo Deus tem inimigos, todavia com certeza experimentarão retribuição (Is 66.6; Sl 37.20; 68.1[2]).

A palavra ocorre em vários contextos com um sentido ético. A pessoa não deveria regozijar-se por causa da queda de um inimigo (Pv 24.17). Até mesmo os inimigos de alguém estarão em paz com ele quando os caminhos de tal pessoa agradarem ao Senhor (Pv 16.7).

'êbâ. ***Inimizade, ódio.*** O significado desta palavra, conforme demonstrado pela raiz *'āyab*, é "hostilidade" ou "ódio". Na maior parte das ocorrências conota o ódio no qual é perpetrada uma ação hostil, quer em um contexto jurídico (Nm 35.21, 22), quer em um contexto que descreve os atos hostis dos inimigos de Israel (Ez 25.15; 35.5).

'Iyôb. ***Jó.*** A etimologia deste nome é incerta. Alguns têm entendido que o nome é um derivado de *'āyab*, "ser hostil", a forma participial que é a palavra comum para "inimigo". Esta possível derivação teria o significado literário da descrição da atitude inflexível de Jó em face de suas tribulações enquanto ele recusa o sofrimento imposto sobre ele. Se visto como uma forma passiva de *'āyab*, o nome teria a conotação do conceito de "objeto de hostilidade" (*BDB*), o que descreve Jó como alguém que sofreu nas mãos de Deus. Apesar de tudo isso há pouca comprovação lingüística em favor destes pontos de vista.

Outra hipótese é que o nome seja derivado do árabe *'wb*, "voltar", e tenha a conotação de arrependimento (*BDB*).

Este nome tem sido comprovado em diversas formas, em vários textos semíticos ocidentais, como um nome próprio comum (*KB*) que pode ter ou o sentido de "nenhum pai" ou "onde está (meu) pai?". É muito mais provável que o nome não tenha nenhum sentido literário e deva antes ser visto como o nome de uma antiga personagem cuja conduta na tribulação a tornou exemplo digno da atitude de um homem justo para com o sofrimento.

Jó é citado juntamente com Noé e Daniel em Ezequiel 14.14, 20 como alguém da antigüidade que foi exemplo de justiça.

Bibliografia: BAAB, O. J., The book of Job, *Interp*, 5:329-43. — HAWTHORNE, R. R., Jobine theology, *BS*, 101:64-75, 173-86, 290-303, 417-33; 102:37-54. — POPE, Marvin, *Job*,

79 אֵיד (*'êyḏ*)

In: AB, p. 6-7. — *TDNT*, v. 2, p. 811-3. — *TDOT*, v. 1, p. 212-8. — *THAT*, v. 1, p. 118-21.

T.E.M.

אִיד (*'êḏ*). Veja o n.º 35c.

אִיָּה (*'ayyâh*). Veja o n.º 43b.

אִיָּה (*'ayyêh*). Veja o n.º 75a.

אִיּוֹב (*'iyyôb*). Veja o n.º 78b.

אִיִּים (*'îyyîm*), אִיִּם (*'îyyêm*). Veja o n.º 75.

79 אַיִל (*'ayil*) ***força***.

A conotação de socorro para traduzir esta palavra é sustentada pela forma siríaca da qual esta palavra provavelmente é um empréstimo. A raiz *'ul* ocorre aparentemente no ugarítico, embora seja paralela de *'zz* (*UT*, 19: n.º 164), "força". Em Salmos 88.4[5], a palavra ocorre em dupla na qual o autor descreve a si mesmo como contado entre os mortos, conceito que parece validar a conotação de "força" na expressão "nenhuma força" da segunda linha.

79a אֵילוּת (*'aylût*) ***força***.

O sentido básico desta palavra parece ser "força" (veja *'ayil*). Esse uso abstrato da palavra no feminino ocorre como um substituto para Deus em Salmos 22.20 (sua única ocorrência), em que o termo é usado como paralelo do termo *'ayyâl*. De acordo com o KB trata-se apenas de uma forma feminina de *'ayil*, já descrito. Para palavras nativas relacionadas com o hebraico veja *'ûl*.

T.E.M.

אַיִל (*'ayil*). Veja o n.º 45d, e, f, g.

אַיָּל (*'ayyal*), אַיָּלָה (*'ayyâlâh*). Veja o n.º 45l, m.

אַיָּלוּת (*'ayyâlût*). Veja o n.º 79a.

אֵילָם (*'êlâm*). Veja o n.º 45j.

80 אוּם (*'ûm*). **Aceita como raiz de:**

80a אֵיוֹם (*'êyôm*) ***terrível***.

80b אֵימָה (*'êmâ*) ***temível***.

'êyôm. ***Terrível***. Em suas ocorrências (Gn 6.4, 10; Hc 1.7), a palavra tem a conotação de um terror tremendo inspirado por um exército poderoso. O termo é usado metaforicamente em Cantares 6.4, 10.

'êmâ. ***Terror, temível, temor, horror, ídolo***.

Em todas as suas ocorrências a palavra *'êmâ* tem a conotação de "temor". Ocorre apenas uma vez em um sentido metafórico em Jeremias 50.38, em que tem o sentido

"ídolo"; evidentemente no sentido daquele que deve ser temido.

Bibliografia: *TDOT*, v. 1, p. 219-21.

T.E.M.

81 אַיִן ('ayin) ***exceto, estar ausente, incurável, nem, nunca, não, em nenhum lugar, nada, passado, insondável, sem.***

A palavra é basicamente um substantivo negativo usado mais freqüentemente no construto *'ên*. Conseqüentemente o termo não tem nenhuma tradução específica, e a tradução exata deve ser determinada em cada contexto. O conceito negativo está sempre presente onde quer que a palavra seja usada. Sua característica é ser usada para negar um substantivo ou uma oração substantivada, *cf.* *GCK*, par. 152 *d* e *i-o*.

Conforme indicado acima, a palavra é usada em muitas expressões negativas. Alguns usos básicos desta raiz negativa no AT estão relacionados logo em seguida.

O termo pode expressar a idéia de ausência como em Gênesis 2.5, a ausência do homem para lavrar. Relacionado com este conceito temos a expressão de não-existência (1 Sm 10.14) ou daquilo que se foi, que desapareceu (1 Rs 20.40). Vemos a mesma idéia em Eclesiastes 3.14, em que o termo expressa o nada. É semelhante também o uso em Isaías 44.12, onde o conceito é o de desvanecer ou de fracassar, tendo por referência a força humana. Finalmente, a ausência é vista como principal no conceito negativo de tempo de Ezequiel 28.19, "nunca", "jamais".

Um segundo uso básico desta raiz negativa está na idéia de alternativas. Em Gênesis 30.1, o conceito é o de "ou isso ou aquilo". Em Gênesis 44.26 é expresso como uma condição (a não ser que, exceto). Ainda em Gênesis (45.6), a alternativa negativa é expressa.

O terceiro uso que devemos notar é o de impossibilidade. Isto é expresso de várias maneiras. O cereal ajuntado por José, impossível de ser contado, é assim expresso (Gn 41.49). Limites que não podem ser excedidos são expressos de modo semelhante (2 Cr 20.25). Talvez o uso mais freqüente da raiz para expressar impossibilidade esteja em conceitos compostos negativos tais como "ineurável" (2 Cr 21.18), "insondável" (Jó 5.9) e "infinito" (Na 3.9).

Às vezes a raiz expressa o negativo simples "não" como em Juízes 14.4. Pode também trazer consigo o conceito de "quase" como em Salmos 73.2. Neste uso posterior o termo torna-se próximo em sua função à palavra correlata *kim'at*, cujo sentido também é "quase".

Na maior parte das vezes a raiz é unida a pronomes inseparáveis, formando em uma palavra tanto o sujeito quanto o negativo como Salmos 59.13[14], "Eles não" (*cf.* Sl 73.5; Gn 5.24; Êx 5.10). Às vezes a raiz negativa simples acompanha o pronome independente como em Neemias 4.17.

Outras línguas semíticas possuem palavras semelhantes que trazem consigo este conceito negativo, ainda que a maioria delas não seja cognata desta palavra hebraica. Entre os termos semíticos cognatos usados de modo semelhante estão o moabita *'n*, o assírio *ênu* e particularmente o ugarítico *'yn* (*UT*, 19: n.º 99).

J.B.S.

אֵין ('ayin). Veja o n.º 76f.

82 אֵיפָה (*'êpâ*)

82 אֵיפָה (*'êpâ*) ***efa***.

Trata-se de uma medida de secos, frequentemente mencionada no AT, possivelmente equivalente a uma quantia entre 14 e 24 litros.

Um ômer continha dez efas (acredita-se que um ômer era a carga de um jumento) e um efa continha dez ômers. A seá era provavelmente um terço de um efa. O efa tinha a mesma quantidade da medida de líquidos, o bato.

Há muita incerteza com respeito no valor do bato e do efa. As estimativas variam desde cerca de 22 litros (20 litros para secos) a 45 litros (41 litros para secos), sendo que o primeiro valor é aceito pela maioria dos estudiosos. Cabos de jarros têm sido encontrados com a inscrição *bmlk*, "banho do padrão real". Infelizmente nenhum jarro foi encontrado com pedaços suficientes para reconstruir o jarro e saber a medida da capacidade. Até que isto aconteça, as coisas permanecem incertas.

Moisés e Arão guardaram um décimo de um efa de maná para um memorial (Êx 16.36). Para a oferta do pecado era exigido um décimo de um efa de flor de farinha (Lv 5.11). A mesma quantia também foi exigida na oferta do dia da unção de Arão (Lv 6.20[13]; *cf.* Nm 5.15; 28.5). Em Ezequiel tal quantia foi aumentada para um sexto do efa para algumas ofertas (Ez 45.13; 46.14). Além disso, uma oferta de cereais de um efa deveria acompanhar cada novilho ou carneiro conforme Ezequiel 45.24; 46.5, 11.

Em uma ocasião, a produção de um efa para cada ômer plantado indicava tempos extremamente difíceis (Is 5.10) — essa produção era meramente um décimo da semente plantada!

O efa é usado para medir substâncias secas como farinha, cevada e grãos tostados (Jz 6.19; Rt 2.17; 1 Sm 17.17). Com respeito à medida de tais cereais, advertências severas foram dadas. Diferentes volumes de medida para o efa não eram permitidos (Dt 25.14; Am 8.5; Mq 6.10), em vez disso, era exigido um efa justo (Lv 19.36; Dt 25.15; Ez 45.10).

O efa em Zacarias 5.6-10 é obviamente figurativo e muito maior do que a medida comum.

Bibliografia: *AI*, p. 199-203. — AI-THOMAS, D. R., The ephah of meal in Judges 6,19, *VTS*, 41:175-7. — HUEY, F. B., Weights and measures, In: *ZPEA*. — SEGRE, Angelo, A documentary analysis of ancient Palestinian units of measure, *JBL*, 64:357-75.

J.B.S.

אֵיפֹה (*'êpôh*). Veja o n.º 76h.

אֵיפוֹא (*'êpô'*). Veja o n.º 144.

83 אִישׁ (*'ysh*). Aceita como raiz de:

83a אִשָּׁה (*'ishshâ*) ***homem, espécie humana, vencedor, grande homem, marido, pessoa, todo o que.***

A palavra *'ish* tem a conotação principal de homem como indivíduo, diferindo assim dos conceitos mais gerais inerentes às palavras *'ênôsh* e *'ādām* ("espécie humana").

Duas raízes possíveis têm sido admitidas para a palavra, *'ĕnôsh* e *'ysh* (*'ursh*). Caso seja a segunda forma, a palavra *'ish* pode estar relacionada com o termo acadiano *išdānu*, com o sentido de "forte".

A palavra é usada de modo variado no AT. Na maior parte das vezes o termo denota qualquer indivíduo masculino. De modo menos freqüente tem conotação mais específica de "macho", enfatizando o sexo masculino, distinto do feminino (Êx 35.22; Lv 18.29; 2 Cr 15.13) ou ao homem em seu papel sexual ("conhecer um homem", Gn 19.8, *etc.*). A forma característica desta idéia é *zakár*.

O termo é usado em muitas expressões técnicas tais como "homem da terra" (Gn 9.20), com o sentido de "agricultor", "homem do campo", que tem a conotação de caçador (Gn 25.27), e "homem de Deus", que se refere a um profeta (Dt 33.1, *etc.*).

Freqüentemente a palavra funciona como elemento individualizador que tem a conotação de "cada um", como em "cada pessoa" (Gn 10.15). O termo também funciona com sentido mais abrangente, com o significado de "todo aquele que" (Lv 15.5).

Um dos usos mais comuns de *'ish* é no sentido de "marido". A palavra começa a adquirir este primeiro sentido em Gênesis 2.3, 24 onde a origem da mulher é descrita. Embora a derivação de *'ishshâ* a partir de *'ish*, sugerida por esta passagem é difícil do ponto de vista filológico (pode ser que isto não passe de um jogo de palavras), não há dúvidas de que as palavras "esta [...] é osso dos meus ossos. [...] Será chamada varoa (mulher) porque do varão (homem) foi tomada" (v. 23) comunicam um relacionamento próximo e íntimo que Adão não poderia encontrar longe de alguém que compartilhava de sua própria condição e natureza, sendo de fato a própria vida de Adão. Isto reflete o desejo de Deus de prover o homem de uma companheira que seria sua consorte intelectual e física. A continuidade pretendida no relacionamento está expressa na declaração de que o homem deveria deixar os seus pais e se unir a sua mulher.

Um marido podia divorciar-se de sua esposa sob certas condições (Dt 24.1-4), embora o divórcio não fosse apoiado (Ml 2.16; Jr 3.1).

O relacionamento de marido para com a esposa é utilizado como metáfora para ilustrar o relacionamento de Deus com o seu povo. Este relacionamento é a base de segurança para o povo de Deus no livro de Oséias, em que o relacionamento conjugal tem relevância central (veja Os 2.16).

O homem possui muita dignidade na qualidade de indivíduo no AT, porque qualquer que assassinar um ser humano deve ser condenado à morte (Lv 24.17). Deus observa os caminhos dos homens (Jó 34.21; Pv 5.21) e o convite à sabedoria é enviado a todos os homens (Pv 8.4), o que demonstra a preocupação de Deus para com o indivíduo.

Quanto ao uso de *'ênôsh*, há distinção entre Deus e o homem. Balaão observou que Deus não era homem para mentir (Nm 23.19).

Bibliografia: HALLEVY, Raphael, Man of God, *JNES*, 17:237-44. — HOFFNER, H. A., Symbols for masculinity and femininity, *JAL*, 85:326-34. — MAY, Herbert G., Individual responsibility and retribution, *HUCA*, 32:107-20. — *TDOT*, v. 1, p. 222-35. — *TWAT*, v. 1, p. 130-7.

T.E.M.

אִישׁוֹן (*'îshôn*). Veja o n.º 158a.

84 אַךְ (*'ak*) **certamente** (ênfase afirmativa), **mas** (ênfase restritiva), também como partícula de ênfase, não traduzido. (Há uma grande variedade nas traduções devido à natureza desta partícula. O contexto e a opinião do tradutor determinarão a palavra a ser escolhida ou se não deve ser traduzida).

85 אָכַל (*'ākal*)

Esta partícula transmite principalmente ênfase e, na maior parte das vezes, não é traduzida. Quando traduzida, o sentido é afirmativo enfático (Gn 26.9; 29.14; Êx 31.13; Jr 19.19; Lm 2.16, *etc.*) ou restritivo enfático (Gn 7.23; 9.4; 18.32; Êx 12.16; Lv 11.4; Nm 22.20; Js 22.19; 1 Sm 6.9, *etc.*).

Às vezes qualquer um dos sentidos cabe no contexto, e os tradutores diferem quanto à compreensão do texto.

Muitas vezes nenhuma tradução é preferível a estas duas alternativas. Apenas o aspecto enfático está sendo pretendido; *i.e.*, "Jacó acabara de se retirar" (Gn 27.30); "o primeiro dia" (Êx 12.15); "no décimo dia" (Lv 23.27); "se os jovens guardaram-se de mulheres" (1 Sm 21.4[5]); "não te dispenhas para fazer o mal" (Sl 37.8).

Bibliografia: SNAITH, N. H. The meaning of Hebrew אכל, VT, 14:221-5.

J.E.S.

אֹכֶב (*'okseb*). Veja o n.º 970b.

אֹכֶד (*'oksēr*). אִכָּרִי (*'okkārī*). Veja o n.º 971 a, b.

אִכָּרִיּוּת (*'okkāriyūt*). Veja o n.º 971c.

אֹכֶלָה (*'ōkēlā*). Veja o n.º 85c.

85 אָכַל (***'ākal*) *comer, consumir, devorar, queimar, alimentar.*** (Uma exceção digna de nota é encontrada em Salmos 27.2, em que algumas traduções trazem "caluniar" em vez de "comer as minhas carnes", o que está de acordo com o acadiano e a expressão idiomática do aramaico "comer um pedaço de mim", cujo sentido é "caluniar-me".)

Termos Derivados

85a אֹכֶל (*'ōkel*) ***comida.***

85b אָכְלָה (*'oklā*) ***comida, combustível, carne, comer;*** quase sempre descrevendo um ato de consumir.

85c אֲכִילָה (*'akīlā*) ***algo para comer, refeição, carne.***

85d מַאֲכָל (*ma'ākāl*) ***comida, fruto, carne.***

85e מַאֲכֶלֶת (*ma'ākelet*) *faca.*

85f מַאֲכֹלֶת (*ma'ākōlet*) ***combustível.***

85g מַכֻּלֶת (*makkōlet*) ***comida, gêneros alimentícios.***

Essa mesma raiz ocorre no árabe, no assírio, no aramaico e também no ugarítico (*UT*, 19: n.º 1041). De modo geral, o significado é o mesmo, ainda que em aramaico, conforme visto há pouco, há um uso idiomático com *qeraṣ*, "comer um pedaço de", com o sentido de "caluniar" (Da 3.8).

O sentido básico desta raiz é "consumir". O objeto consumido depende do sujeito. Na maior parte das vezes o sujeito é um homem ou algum animal, e, por conseguinte, o objeto consumido é algum tipo de comida. Se o sujeito é o fogo ou outro consumidor não animal, então o objeto pode ser madeira ou outro tipo de material consumível. De modo figurado,

secas, fomes e pestes aparecem como algo que consome, no sentido de que acabam com tudo. A partir disso deriva-se o uso de opressores que consomem suas vítimas.

O sentido básico de "consumir" é usado pelo menos de seis maneiras diferentes. Em primeiro lugar, este sentido ocorre freqüentemente no contexto de sofrimento, merecido ou não. Seca, fogo, guerra e outra pragas devoram tanto o inocente quanto o culpado (Gn 31.40; Nm 21.28; Jr 2.30; Jl 1.4; 2 Sm 18.8). Os opressores gananciosos, as nações estrangeiras, bem como os pecadores em Israel devoram o inocente (Sl 14.4; 79.7). Às vezes o devorador é um inseto ou um bicho (1 Rs 21.23; Is 51.8). O sofrimento também está associado com o ato de alguém ser forçado a comer, de modo real ou simbólico, o que não é nada agradável (Is 36.12; Gn 3.14; Os 10.13; Sl 127.2). Isto leva ao relacionamento de causa e efeito expresso em Ezequiel 18.2.

Um segundo contexto em que esta raiz é utilizada é o de adoração ou devoção. Certos alimentos ou são comidos (2 Cr 30.18; Êx 23.15), ou recusados (Dn 1.12; 10.3) em devoção ao SENHOR. Da mesma forma, os pecadores comem diante de deuses pagãos (Sl 106.28; Ez 18.11). O descrente é proibido de comer em adoração ao verdadeiro Deus (Êx 12.43).

Um terceiro uso contextual da raiz "comer bem" indica prosperidade (Jl 2.26; Gn 45.18; 2 Rs 18.31; Pv 24.13; Dt 8.3) ou a falta de prosperidade quando a comida não satisfaz (Mq 6.14). Ideia muito próxima desta é o comer o que os outros produziram como símbolo de vitória (Is 61.6), enquanto os outros que comem disso são vistos como símbolo de derrota (Is 65.22).

Um grupo menor de contextos também deve ser levado em consideração. A raiz pode denotar o fato de alguém estar envolvido em algo de modo devotado ou simplesmente sendo consumido (Sl 69.9[10]; Gn 31.15). A comida também pode ser um simples indicador de recompensa pelo trabalho executado (Pv 27.18; Am 7.12). Uma indicação da chegada da bendita esperança dos cristãos é a época em que nenhuma carne, mas apenas os vegetais serão consumidos como alimento (Is 11.7), o que indica o estado de bênção diante do fato da queda de Adão no pecado.

ʾōkel. ***Comida, carne, presa.*** Este substantivo é uma palavra básica para comida. Ocorre pela primeira vez em Gênesis 14.11 referindo-se aos despojos de guerra. O uso principal do termo está no relato sobre José (Gn 41—47). Em todo o texto parece referir-se à comida vista como algo necessário à vida. É usado de modo particular com respeito ao que o Senhor provê. Vemos isto em três estágios: primeiro, aquilo que Deus proveu para os homens e os animais no Éden antes da queda (Gn 1.29, 30); segundo, o que Deus proveu para Noé e sua família durante o dilúvio (Gn 6.21) e terceiro, o que Deus proveu para todos os homens depois do dilúvio (Gn 9.3). Deus é o provedor (Êx 16.15; Lv 11.39). Às vezes, numa ocasião de julgamento, os homens tornam-se o alimento do fogo (Ez 15.4,6; 21.32[37]) e dos animais selvagens (Ez 34.5,8).

ʾoklâ. ***Comida, combustível, carne, comer,*** quase sempre descrevendo o ato de alimentar-se. Este termo é mais geral, referindo-se a qualquer coisa que o Senhor determinou para servir de alimento.

ʾăkîlâ. ***Uma refeição, comida, carne.*** Ocorre apenas uma vez (1 Rs 19.8) e talvez refira-se a algum tipo de alimento singular que sustentou Elias durante 40 dias.

maʾăkāl. ***Comida, fruto, carne.*** Este termo tem sentido bem genérico. Contudo é usado mais freqüentemente com referência a iguarias ou alimentos deliciosos (Gn 2.9; 3.6;

86 אֹכֶל (*'ókhel*)

10.17; 1 Rs 10.5; Jó 33.20; *etc.*). Estes três termos derivados têm uso específico e mais limitado.

ma'akelet. ***Faca, cutelo.*** Esta palavra é usada para denotar o cutelo com o qual Abraão pretendia sacrificar Isaque (Gn 22.6,10) e a faca usada pelo levita para esquartejar a sua concubina (Jz 19.29). O termo também descreve os dentes cortantes e cheios de avidez dos que devoram o pobre. *ma'ăkōlet* (duas vezes) é encontrado somente em Isaías 9 e tem o sentido de "combustível", ocorrendo uma vez em uma passagem de esperança e outra em uma passagem que descreve opressão (9.5[4]; 9.19[18]). *makkōlet* (uma vez) refere-se aparentemente a uma ração de comida.

Bibliografia: TDOT, v. 1, p. 236–41. — THAT, v. 1, p. 138–41.

86 אָכֵן (*'ākēn*) ***certamente, verdadeiramente, de fato.***

A palavra ocorre em quatro contextos básicos, nos quais expressa surpresa ou irritação: temor (Gn 28.16; Êx 2.14; Is 40.7; Jr 3.23; 4.10; 8.6), advertência (Jó 32.8; Sl 82.7; Jr 3.20; Sf 3.7), autoconfiança (1 Sm 15.32) e fé em Deus (Sl 31.22[23]; 66.19; Is 45.15; 49.4; 53.4; Jr 3.23). Dentre as línguas semíticas o termo ocorre de modo singular no hebraico.

Bibliografia: GOLDBAUM, Frederic J., Two hebrew quasi-adverbs: לָכֵן and אָכֵן. *JNES*, 23:132-5.

J.B.S.

87 אָכַף (*'ākaf*) ***incitar, pressionar.*** Ocorre apenas em Provérbios 16.26.

Termo Derivado

87a אֵכֶף (*'ekef*) ***peso.*** Ocorre apenas em Jó 33.7.

88 אכר (*'kr*). **Acelta como raiz de:**

88a אִכָּר (*'ikkār*) ***lavrador, agricultor.***

89 אל (*'al*) **Possível parte integrante dos seguintes termos.**

89a אֶלְגַּבִישׁ (*'elgabish*) ***saraiva.*** Ocorre apenas em Ezequiel 13.11, 13; 38.22.

89b אַלְגּוּמִּים (*'algûmim*) ***uma árvore*** do Líbano.

89c אַלְמֻגִּים (*'almuggîm*) ***uma árvore*** do Líbano. Ocorre apenas em 1 Reis 10.11, 12.

89d אַלְגֻּמִּים (*'algûm*) *pelotão* (Pv 30.31).

90 אַל (*'al*) ***II, não,*** *nem* (este advérbio de negação pode ser percebido nas várias traduções, embora a escolha da tradução varie).

Esta partícula expressa o negativo ou como um desejo (Gn 13.8; Jz 19.23) ou como uma preferência (Pv 17.12), o que indica sua intenção mais reservada do que o termo *lō'*. Em coerência com este conceito, quando quer que seja usado com um verbo, o verbo está no jussivo (que muitas vezes é indistinguível do imperfeito). *Cf.* GCK, 109. *c-e*.

O advérbio אַל־נָא pode ser usado em um mandamento (2 Rs 9.15) mas nunca com um imperativo. O mandamento negativo é normalmente *lā'*, aparecendo com o indicativo como no caso dos Dez Mandamentos.

Finalmente, embora o termo expresse preferência, ocorre quase sempre em orações a Deus (Dn 9.19; Sl 31.1[2]; 71.1), onde introduz um argumento — "não seja eu...".

Bibliografia: BRIGHT, John. The apodictic prohibition: some observations. JBL, 92:184-204.

J.E.S.

אֵל (*'el*). Veja o n.º 93a.

91 אֵל (*'el*) *para, em, ao lado, contra, com referência a.*

A preposição expressa principalmente a idéia de movimento em direção a alguém ou a alguma coisa. Como tal, o termo ocorre em uma ampla variedade de contextos, expressando a idéia de movimento, atitude, direção ou localização.

O movimento físico, "em direção a", é o primeiro conceito expresso por esta preposição em numerosos exemplos (*e.g.* Gn 1.9; 14.7). A idéia de movimento às vezes tem o sentido de "para dentro" daquilo de que alguém se aproxima, como no caso de Gn 6.18, "entrarás na arca".

Uma idéia próxima é o conceito de movimento mental conforme visto na tristeza de Deus "em" seu coração (Gn 6.6).

Vemos também o uso de expressar movimento "em direção a", no sentido de "com referência a", um tipo de gesto não visto (Gn 20.2), em que Abraão fala *com referência a* sua esposa, e não *a* ela (*cf.* também 1 Sm 3.21, "com referência à" tomada da arca).

Às vezes o sentido de movimento se perde completamente e a descrição de um estado ou condição prevalece, *e.g.*, Gênesis 24.11, "junto a um poço de água"; ou 2 Samuel 14.30, "pegado no meu", em vez de "para o meu". Por esta razão, aparentemente, a preposição veio a ser intercambiável com *'al* às vezes, *e.g.*, Gênesis 22.12, "sobre o rapaz"; Josué 5.14 "sobre o seu rosto". Este intercâmbio entre *'al* e *'el* pode ter ocorrido nas línguas vivas; contudo pode ocorrer em parte devido à mudança de escribas. Foi em virtude da circunstância que Arão não usa *'el* mas sim *'al* (de *'ālal*, "entrar"; no sentido do hebraico *'el*; *cf.* BDB, p.41.

Finalmente, a preposição também pode ter o sentido de "contra", embora a idéia de movimento "em direção a" seja evidente, como no caso de Gênesis 4.8, em que Caim "levantou-se contra Abel". Neste caso, *'el* sem dúvida retém algo do sentido original de movimento tanto físico como mental.

J.B.S.

אֶלְגָּבִישׁ (*'elgābīsh*). Veja o n.º 89a.

אֶלְגֻּמִּים (*'algummīm*). Veja o n.º 89b.

92 אֵלֶּה (*'ēlleh*)

92 אֵלֶּה (*'ēlleh*) ***estes.***

Este pronome demonstrativo é o plural de *zeh*. Quando aparece sozinho, sem um substantivo ou pronome que o acompanhe, tem o sentido de "estas coisas" (Dt 18.12).

Geralmente aparece em aposição a um substantivo, com ou sem um sufixo (Ex 19.1). Como adjetivo, pode também aparecer na posição predicativa. Nesse caso o verbo "ser" está implícito (Gn 2.4 "Estas são as gerações").

Este pronome leva o artigo somente quando aparece depois de substantivos que são determinados pelo artigo.

O pronome ocorre de modo semelhante em formas cognatas no árabe, etíope, siríaco e aramaico.

J.B.S.

93 אלה (*'lh*). **Aceita como raiz de:**

93a אֵל (*'ēl*) ***deus, Deus.***

93b אֱלוֹהַּ (*'ĕlōah*) ***deus, Deus.***

93c אֱלֹהִים (*'ĕlōhîm*) ***deuses, Deus.***

'lh é aceita como raiz de *'ēl*, *'ĕlōah* e *'ĕlōhîm*, que significam "deus" ou "Deus". O termo ugarítico para "deus" ou o "deus principal" é *'il*, cujo plural é *'ilm*, às vezes *Ilhm* (*cf.* GORDON, C., *Ugaritic Manual*, 19: n.º 183). O termo fenício é *'l*, "El"; o plural é *'lm*, que parece ser construído às vezes como um singular (*cf.* HARRIS, Z., *Grammar of the Phoenician language*, Jewish Publication Society, 1936, p. 77). O aramaico é *'ĕlāh*, cujo plural é *'ĕlāhîn*. A forma do acadiano é *ilu*.

O ponto de vista de que os três termos hebraicos procedem de uma só raiz é muito discutido, e não se estabeleceu uma conclusão final. Alguns sustentam que os dois são distintos, derivando-se *'ēl* da raiz *'wl* (forte). Outros vêem *'ĕlōhîm* como derivado da raiz *'lh*, como também seria o caso de *'ĕlōah*, cujo sentido da raiz é "temor". Há ainda outros que defendem a idéia de que tanto *'ēl* quanto *'ĕlōhîm* procedem de *'ĕlōah*.

A opinião mais provável é que *'ĕlōhîm* procede do *'ĕlōah* como um desenvolvimento singular nas Escrituras Hebraicas e representa principalmente a pluralidade de pessoas da Trindade existentes na divindade (veja *'ĕlōhîm*).

'ĕlōah também é um termo básico no hebraico para se referir ao Deus de Israel, embora seja usado de modo menos freqüente neste sentido (veja *'ĕlōah* e *'ēl*, termo particular, embora seja talvez um termo genérico para se referir a Deus).

'ēl. Deus, deus, poderoso, forte. O uso comum da palavra denota ou o termo genérico "deus" ou "o Deus" de Israel. Todavia, há alguns usos específicos do termo que são traduzidos de formas diferentes nas diversas versões da Bíblia.

Os significados principais desta raiz conforme apresentados nas Escrituras são "deus" (deus pagão ou falso), "Deus" (o Deus verdadeiro de Israel) e, do modo menos freqüente, "o poderoso" (referindo-se aos homens ou aos anjos). O uso absolutamente predominante diz respeito ao verdadeiro Deus, e é a este uso que daremos maior atenção.

O substantivo "El" é um termo semítico muito antigo. Trata-se também do nome mais amplamente conhecido entre os povos de língua semítica para se referir à divindade, com

exceção do etíope. Pope, no estudo sobre "El" no ugarítico, observa que este é o nome que ocorre com maior freqüência dentre os nomes próprios que se referem à divindade em todo o mundo semítico antigo (POPE, Marvin. *El in the Ugaritic texts*, p. 1).

Temos de concordar com Pope que etimologicamente a profundidade da pesquisa alcançou pouco sucesso (POPE, *El in the Ugaritic texts*, p. 19). De modo muito freqüente aparecem teorias de que o sentido original do termo seria "poder" ou "temor". Contudo isto tem sido amplamente refutado e muito discutido. [Deve ser observado que até mesmo se a origem da palavra no cananeu ou no proto-semítico for de uma raiz cujo sentido é "poder", de modo algum isto indica a conotação do termo no uso religioso hebraico. Nossa palavra "divindade" procede de uma conhecida raiz no sânscrito que tem o sentido de "céu", ainda que não adoremos um deus-céu. N.T.H.]

A questão do relacionamento entre o uso bíblico de *'ēl* e os conceitos semíticos de El tem recebido muita atenção especialmente desde a descoberta dos textos ugaríticos, os quais aparentemente confirmaram o fato de que o termo El era usado com referência a um deus pessoal e não meramente como um termo genérico no mundo semítico antigo.

O tamanho deste artigo não nos permitirá desenvolver os vários pontos de vista sobre este assunto. O artigo de Frank M. Cross, publicado em 1975, no primeiro volume do Theological Dictionary of the Old Testament, dá muita atenção a esta questão. Com certeza não temos de aceitar o ponto de vista que pressupõe um politeísmo antigo em Israel que foi gradualmente melhorado de modo que os vários deuses tais como El, Shaddai e Elyon finalmente se fundiram no monoteísmo hebraico sob a liderança de Elohim ou Javé. A bibliografia do fim deste artigo sugere leituras mais profundas para aqueles que gostarem de pesquisar sobre este assunto.

A. B. Davidson observou a tendência bem clara nas Escrituras de *'ēl* ser acompanhado de epítetos. De fato, à medida que estudamos a palavra conforme usada nas Escrituras, temos de concluir que quase sempre o termo é qualificado por palavras ou descrições que definem a palavra posteriormente. Isto levou A. B. Davidson a concluir que estas qualificações tanto elevam o conceito de El nas Escrituras como também distinguem o termo, conforme usado na Bíblia, de outros que poderiam ser assim nomeados (DAVIDSON, A. B., *Theology of the Old Testament*, p. 61).

Um estudo das várias descrições que acompanham "El" onde este substantivo ocorre nas Escrituras leva-nos à sólida conclusão de que, desde o princípio do uso deste termo nas Escrituras, a intenção era distinguir o verdadeiro El (Deus) de todos os falsos usos do mesmo nome encontrado em outras culturas semíticas.

Observamos a princípio o uso de El nos termos que denotam a grandeza e a superioridade de Deus sobre todos os outros deuses: *hā'ēl haggādôl*, "o grande El" (Jr 32.18; Sl 77.13[14]; 95.3); *hā'ēl 'ōsēh pele'*, "El que faz maravilhas" (Sl 77.14[15]); *'ēl 'elîm*, "Deus dos deuses" (Dn 11.36); *'ēl 'ĕlōhê hārûhōt lĕkol-bāśār*, "El, o Deus dos espíritos de toda carne" (Nm 16.22; 27.16).

Em segundo lugar, consideremos os epítetos relativos à posição de El: *'ēl hashshamāyim* "El do céu" (Sl 136.26); *'ēl mimta'al*, "El que está acima" (Jó 31.28); *'ēl 'elyôn*, "El altíssimo" (Gn 14.18-19,20.22; Sl 78.35).

Além disso, por precaução contra uma familiaridade demasiada com Deus por causa do uso de um termo semítico comum, Deus é descrito como *'ēl mistatēr*, "El que se esconde" (i.e., conhecido apenas por auto-revelação, Is 45.15). Apesar disso, Deus nos vê todas as vezes da maneira como afirmou Abraão, *'ēl rō'î*, "El que me vê" (Gn 16.13).

De modo ainda mais especial "El" aparece nas Escrituras acompanhado por aqueles

epítetos que o descrevem como o Deus Salvador de Israel. Como tal ele é chamado *hā'ēl hanne'ĕmān*, "El Fiel" (Dt 7.9); *hā'ēl haqqādôsh*, "El Santo" (Is 5.16); *'ēl 'ĕmet*, "El de verdade" (Sl 31.5[6]; Dt 32.4); *'ēl shaddāy*, "El todo-poderoso" (Gn 17.1; 28.3; 35.11; 48.3; Êx 6.3; Ez 10.5); *'ēl gibbôr*, "El, o herói" (Is 9.6[5]; 10.21); *'ēl dē'ôt*, "El do conhecimento" (1 Sm 2.3); *'ēl hakkābôd*, "El de glória" (Sl 29.3); *'ēl 'ôlām*, "El da eternidade" (Gn 21.33); *'ēl-tsaddîq*, "El Justo" (Is 45.21); e *'ēl qannā'*, "El zeloso" (Êx 20.5; Dt 4.24; 5.9; 6.15; Js 24.19; Na 1.2).

Em distinção absoluta a todos os "els" (deuses) falsos, ele é declarado *'ēl hay*, o "El Vivo" (Js 3.10; 1 Sm 17.26,36; 2 Rs 19.4,16; Sl 42.2[3]; 84.2[3]; Is 37.4; Jr 10.10; 23.36; Dn 6.20, 26[21,27]; Os 1.10[2.1]. Em conformidade com o monoteísmo bíblico estrito, ele é, por conseguinte, *'ēl 'ĕḥād*, o único El (Ml 2.10). Já na passagem mais clássica do Antigo Testamento, El é descrito em termos daqueles atributos pelos quais Deus desejara ser conhecido pelo seu povo (Êx 34.5-7; *cf.* Dt 4.31; 2 Cr 30.9; Ne 9.17,31; Sl 103.8; Jl 2.13, *etc.*).

O relacionamento pessoal entre o "El" das Escrituras e os seus fiéis é visto nos seguintes epítetos: *hā'ēl bêt-'ēl*, "o El de Betel" (Gn 31.13; 35.7); *'ēl ṣûrî*, "El, minha rocha" (Sl 42.9[10]); *'ēl y'shû'ātî*, "El, meu Salvador" (Is 12.2); *'ēl ḥayyāy*, "El da minha vida" (Sl 42.8[9]); *'ēl gômēr 'ālāy*, "El que por mim tudo executa" (Sl 57.3); "o El de..." (Gn 49.25, *etc.*); *'ēlî*, "meu El" (Sl 89.26[27]; 102.24[25]; 118.28); *hā'ēl mā'ôzî* "El, minha fortaleza" (2 Sm 22.33); *hā'ēl hannōtēn n'qāmôt lî*, "o El que me concede a vingança" (Sl 18.32[33]); *hā'ēl hannōtēn n'qāmôt lî*, "o El que me vinga" (Sl 18.47; 2 Sm 22.48).

Assim, em um sentido evangelístico, ele é descrito com epítetos tais como *'ēl m'ḥôlelkā*, "El que te formou" (Dt 32.18); *'ēl môshî'am*, "El, o Salvador deles" (Sl 106.21); *'ēl môtsî'ô mimmitsraim*, "El que os trouxe do Egito" (Nm 24.8; 23.22); *'ēl y'shurûn* "El de Jesurum" (Dt 33.26); e *'ēl 'ĕlōhê yiśrā'ēl*, "El, o Deus de Israel" (Gn 33.20).

Conseqüentemente, encontramos com freqüência o termo "El" a formar uma unidade ou associado com o nome pessoal do Deus de Israel, Javé (Js 22.22; Sl 85.8[9]; 118.27; Is 42.5, *etc.*), o que testifica que ele é de fato *'ēl nôśē'*, "El, o que perdoa" (Sl 99.8), e, por conseguinte, *hā'ēl y'shû'ātēnû*, "El da nossa salvação" (Sl 68.19, 20[20, 21]).

Não se sabe se o nome El pode ser identificado etimologicamente ou não com o conceito de temor; no entanto o termo está claramente associado com esta idéia nos epítetos bíblicos. Ele é chamado *hā'ēl haggādôl w'hannôrā'*, "El, grande e terrível" (Ne 1.5; 4.14; 9.32; Dt 7.21; 10.17; Dn 9.4) ou, simplesmente, *'ēl nôrā'*, "El terrível" (Sl 89.7[8]). Ele também é descrito como *'ēl g'mulôt*, "El de recompensas" (Jr 51.56), ou, mais severamente *'ēl nōqēm*, "El, o vingador" (Sl 99.8; Na 1.2), e, às vezes, simplesmente, *'ēl n'qāmîm*, "El de vinganças" (Sl 94.1). Ficar indignado é uma característica constante de El nas Escrituras (Sl 7.11[12]).

Somente em Jó encontramos um uso ímpio de "El" sem epítetos. Neste caso o termo é usado por Jó e por seus amigos como o termo comum para se referir ao verdadeiro Deus. De modo diferente de outras partes das Escrituras, o termo ocorre muito mais do que Elohim (*q.v.*).

'Ĕlôah. *Deus, deus.* O relacionamento exato entre este nome para Deus e *'ēl* e *Ĕlōhîm* é discutido e está longe de alcançar solução. A palavra ocorre em parte da poesia mais antiga do AT (Dt 32.15,17) e muito freqüentemente (41 vezes) nos debates entre Jó (e os crentes da antigüidade) e seus amigos. Parece, portanto, que se trata de uma palavra antiga para Deus que mais tarde caiu em desuso durante a maior parte da

história até a época do exílio, e daí em diante, quando houve uma grande preocupação em se retornar aos fundamentos mais antigos. O termo não é usado largamente em outros livros além de Jó. Aparece uma vez em Isaías, uma vez em Provérbios, duas vezes em Habacuque, quatro vezes nos Salmos, e por fim nos livros pós-exílicos: 2 Crônicas, Neemias e Daniel, num total de cinco vezes.

Em seu livro, *El in the Ugaritic texts*, Marvin Pope observou que *'Eloah* nunca aparece com o artigo, embora apareça com a determinação do sufixo (Hc 1.11) e seja encontrado quatro vezes no construto (Sl 114.7). Posteriormente ele ressalta que o termo nunca ocorre formando um novo vocábulo com outro nome divino.

Daremos atenção a princípio ao uso do termo fora do livro de Jó. Três vezes o termo ocorre em paralelo com "rocha" como termo descritivo para Deus (Dt 32.15; Sl 18.31[32]; Is 44.8). O termo é encontrado uma vez em um contexto no qual Deus é descrito como escudo para aqueles que nele se refugiam (Pv 30.5). Três vezes a palavra é usada em um contexto de pavor para os pecadores (Sl 50.22; 114.7; 139.19).

Isto sugeriria que o termo dava ao povo de Deus conforto e segurança, ao passo que transmitia temor aos seus inimigos. Os conceitos de força e poder existentes no termo são vistos mais tarde nos três versículos consecutivos da visão de Daniel sobre o grande antideus (Dn 11.37-39). Nesse caso o deus do antideus (*'Elôah*) parece ser "forte" em si mesmo. Em Habacuque 1.1 o termo é usado de modo semelhante.

Em Habacuque 3.3 o profeta fala de *'Eloah* vindo de Temã. Em Jó, Temã está associado a um dos três amigos de Jó, Elifaz (Jó 4.1). É interessante que o termo *'Elôah*, usado para se referir a Deus, é predominantemente usado em Jó pelo próprio Jó e por Elifaz quando dialogam com si. Apenas em um contexto Zofar utiliza o termo (11.5-7). Bildade nunca o faz. Naturalmente, Eliú o utiliza, talvez repetindo o que os primeiros disseram (seis vezes nos capítulos 33—37). O próprio Deus quando fala a Jó usa o termo duas vezes: uma em um contexto de providência e outra em paralelo com o termo "o Todo-Poderoso" (veja nossa abordagem sobre o conceito de poder associado ao nome).

Este termo para Deus era quase sempre usado de modo claro para se referir ao Deus de Israel, o Deus verdadeiro. Isto torna-se evidente a partir do fato de que os levitas, no período pós-exílico, usaram o termo ao citar a revelação descritiva de Deus dada em Êxodo 34.6, 7, em que a revelação original dada a Moisés usava os termos "El" e Javé (Ne 9.17).

A palavra hebraica é muito semelhante ao termo aramaico *'ilah*, o nome mais comum para Deus no aramaico bíblico. Tem sido sugerida que o termo veio a aparecer, via aramaico, a partir de dois elementos: El e Ah (forma abreviada de Ahyeh, Ex 3.14, "Eu-serei" [Eu sou, ARA], a designação de Javé na primeira pessoa; PEIOIN, Samuel I., The origin of elôh "God". In Hebrew, *JNES*, 3:259). Isto sugere a possibilidade de que originariamente dois deuses distintos estavam envolvidos e posteriormente formaram uma unidade. Tal sugestão não parece provável, visto que o termo é quase sempre usado nas Escrituras como designação do Deus verdadeiro.

O termo tem provavelmente afinidade com El. Estava em uso desde tempos mais antigos, e então, após um período de descuido do povo de Deus, o termo voltou a ser usado de modo limitado, talvez pelo fato de ter entrado em contato com o aramaico, que tinha um termo correlato em uso permanente.

'Elôhim. ***Deus, deuses, juízes, anjos.*** Às vezes as várias traduções trazem o termo de modo diferente em um mesmo versículo. Esta palavra, geralmente vista como plural de *'Elôah*, é muito mais encontrada nas Escrituras do que *'El* e *'Elôah* em referência ao

verdadeiro Deus. A terminação plural é normalmente descrita como um plural de majestade, não sendo a intenção de ser um plural comum quando usado para se referir a Deus. Isto pode ser visto no fato de que o nome *ʾĕlōhîm* é corretamente usado com o verbo no singular, bem como com adjetivos e pronomes também no singular.

Albright sugeriu que o uso deste plural de majestade procede da tendência no antigo Oriente Próximo a um universalismo: "Encontramos no canaanu uma tendência crescente de empregar o plural Ashtarôth, 'astartes', e Anatôt, 'anaths', no sentido claro de totalidade de manifestação da divindade" (ALBRIGHT, W. William. *From the stone age to Christianity*, 2. ed., p.213). Contudo, uma razão melhor pode ser vista nas próprias Escrituras, onde, já no primeiro capítulo de Gênesis, é encontrada a necessidade de um termo que comunique a unidade de um Deus único e, ainda assim, permita uma pluralidade de pessoas (Gn 1.2,26). Isto é posteriormente apoiado pelo fato de que a forma *ʾĕlōhîm* ocorre apenas no hebraico e em nenhuma outra língua semítica, nem mesmo no aramaico bíblico (OEHLER, Gustav F., *Theology of the Old Testament*, p. 88).

O termo ocorre no sentido geral de divindade 2.570 vezes nas Escrituras. Apesar disso, conforme indicou Pope, é difícil detectar alguma discrepância quanto ao uso entre as formas *ʾēl*, *ʾĕlōah* e *ʾĕlōhîm* nas Escrituras (POPE, Marvin H., *El in the Ugaritic texts*, p. 10).

Quando se refere ao verdadeiro Deus, *ʾĕlōhîm* funciona como sujeito de toda atividade divina revelada ao homem e como objeto de todo temor e reverência genuínos por parte do homem. Quase sempre *ʾĕlōhîm* aparece acompanhado pelo nome pessoal de Deus, Javé (Gn 2.4, 5; Êx 34.23; Sl 68.18[19], etc.).

Embora as ocorrências do termo *ʾĕlōhîm* em relação a Deus sejam muito numerosas para serem tratadas aqui, alguns apostos e locuções adjetivas associados com este nome serão aqui apresentados. Estas palavras descritivas que aparecem junto com o substantivo *ʾĕlōhîm* servem realmente de títulos, por meio dos quais o povo de Deus veio a conhecê-lo. O termo *ʾĕlōhîm* é o mais usado nestes títulos. Normalmente eles aparecem unidos pelo construto, por uma oração relativa ou por frases participiais traduzidas por títulos.

A primeira categoria de títulos pertence à obra da criação: Isaías 45.18, "Deus, que formou a terra"; Jonas 1.9, "Deus do céu que fez o mar e a terra".

Uma segunda categoria de títulos expressa a soberania de Deus: Isaías 54.5, "Deus de toda a terra"; 1 Reis 20.28, "Deus dos montes"; Jeremias 32.27, "Deus de toda carne", "O Deus de todos os reinos da terra" (*cf.* Is 37.16); Deus dos céus (Ne 2.4, 20); "Javé Deus dos céus" (Gn 24.7; 2 Cr 36.23); Deus nos céus (2 Cr 20.6); "O SENHOR Deus dos céus e Deus da terra" (Gn 24.3; veja Dt 4.39; Js 2.11); e finalmente "Deus dos deuses e SENHOR dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível que não faz acepção de pessoas, nem aceita suborno" (Dt 10.17). Todos estes títulos podem ser resumidos na expressão menor "Deus Altíssimo" (Sl 57.2[3]).

Como Deus soberano, *ʾĕlōhîm* é frequentemente descrito como juiz: simplesmente como "Deus que julga" (Sl 50.6; 75.7[8]) ou "Deus que julga na terra" (Sl 58.11[12]).

Outra categoria de títulos focaliza-se em torno da majestade ou da glória de Deus. Entre eles encontramos "Deus da eternidade" (Is 40.28); "Deus de justiça" (Is 30.18); "Deus que dirá amém" (Is 65.16); "Deus vivo" (Jr 10.10) e "Este Deus santo" (1 Sm 6.20).

A categoria de título que apresenta uma frequência muito superior a qualquer outra é a relativa ao Deus salvador. Aqui podemos incluir muitos construtos nos quais Deus possui uma relação com certos indivíduos que o têm chamado: "Deus deles" (Hb 17.8); "O

Deus de Abraão" (Gn 28.24); "O Deus de Abraão [...] e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó" (Êx 3.6), *etc.* (Mais de uma centena de títulos como estes são encontrados no Antigo Testamento.) Às vezes o nome pessoal de Deus, Javé, é acrescentado a estes títulos (Gn 24.12).

Semelhantemente, encontramos títulos que ligam Deus, por meio do constructo, a Israel como um todo ou de modo parcial: "Deus dos exércitos de Israel" (1 Sm 17.45) ou "Deus de Jerusalém" (2 Cr 32.19).

Todos esses títulos representam Deus como salvador de seu povo assim como o faz a simples expressão "Deus da salvação" (1 Cr 16.35; Sl 18.46[47]; *etc.*; *cf.* Sl 88.1[2]).

Alguns títulos refletem os atos de Deus a favor de seu povo realizados no passado: "O Deus vivo, que fala do meio do fogo" (Dt 5.23[26]); *cf.* 1 Rs 18.24); "Deus, que tira os cativos para a prosperidade (Sl 68.7), "Deus que te fez sair água da penha" (Dt 8.15); "O SENHOR vosso Deus, que vos separei dos povos" (Lv 20.24).

Finalmente, temos títulos que expressam a intimidade de Deus com o seu povo: "O Deus de perto" (Jr 23.23); "O teu Deus em quem confias" (2 Rs 19.10); "assim te disciplina o SENHOR teu Deus" (Dt 8.5); "O Deus que me sustentou durante a minha vida até este dia" (Gn 48.15); "Deus da minha justiça" (Sl 4.1[2]); "Deus da minha misericórdia" (Sl 59.17[18]); "Deus da minha fortaleza" (Sl 43.2) e "o nosso Deus é misericordioso" (Sl 116.5).

Com referência a uma passagem particularmente difícil do ponto de vista da interpretação que, por conseguinte, tem apoio na tradução, Cyrus Gordon disse: "insisto no argumento de que aqui (Êx 22.8, 9[7, 8]) *'élōhîm* não tem o sentido de "Deus", conforme reduz a LXX, nem de "juízes", conforme é a interpretação da Peshitto e do Targum de Onkelos, seguida por Rashi e por Iba Ezra, e também por várias versões inglesas, além do Lexicon" (GORDON, Cyrus H., *'élōhîm* in its reputed meaning of rulers, judges, *JBL*, 54:140, 149). Ele prossegue demonstrando para sua própria satisfação que, com base em nosso conhecimento das tábuas de Nuzi, podemos concluir que "deuses" é a melhor tradução e que a passagem se refere aos "ritos dos deuses" a que chama de "o processo de tribunal oriental antigo mais bem documentado". Consequentemente, ele vê este texto como um resquício pagão que sobreviveu na legislação mosaica, que foi rejeitado nas reformulações deuteronômicas e sacerdotais posteriores.

Isto é inaceitável do ponto de vista de que as Escrituras se declaram Palavra de Deus e de sua clara doutrina da existência de um único Deus. A questão de dever "Deus" ou "juízes" ser usado aqui é difícil de decidir. Se "Deus" for a tradução correta, entendemos pela passagem que todo homem é, em última instância, responsável diante de Deus e permanece ou cai perante Deus independentemente do juízo que os homens possam fazer.

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., The names Shaddai and Abram, *JBL*, 54:175-92. — ____, *From the stone age to Christianity*, Johns Hopkins, 1957. — ____, *Archaeology and the religion of Israel*, Johns Hopkins, 1942. — BAILEY, Lloyd R., Israelite El Šadday and Amorite Bel Sade, *JBL*, 87:434-8. — CROSS, Frank Moore, Yahweh and the God of the Patriarchs, *HTR*, 55:226-59. — ____, El and Yahweh, *JSS*, 1:25-37. — ____, "My God" in the Old Testament, *EQ*, 19:7-20. — DAVIDSON, A. B., *The theology of the Old Testament*, Edimburgo, T & T Clark. — DELLA VIDA, G. Levi, El Elyon in Genesis 14:18-20, *JBL*, 63:1-9. — DRAFKORN, Ann E., Ilani/Elohim, *JBL*, 76:216-24. — EERDMANS, B. D., *The religion of Israel*, Leiden, Universitaire pers Leiden, 1947. — FEIGN, Samuel J., The origin of 'Elob, God,' in Hebrew, *JNES*, 3:259. — GORDON, Cyrus H., Elohim in its repeated meaning of rulers, judges, *JBL*, 54:140-4. — JACOB, Edmond, *The theology of the Old*

Testament, Harper Brothers, 1955. — KEIL, Karl F., *Manual of historico-critical introduction to the canonical scriptures of the Old Testament*, v. 1, Eerdmans, 1952. — KELSO, James A., The antiquity of the divine title, *JBL*, 20:50-5. — KOHLER, Ludwig, *Old Testament theology*, Westminster, 1957. — KUHN, H. B., God, names of, *In:* — APER. MAY, H. G., El Shaddai, *JBL*, 60:114-45. — _____, The patriarchal ideal of God, *JBL*, 60:113-28. — MILLER, Patrick D., El the warrior, *HTR*, 411-31. — POPE, Marvin H., *El in the Ugaritic texts*, Brill, 1955. — RICHARDSON, *TWB*, p. 89. — SEGAL, M. H., El, Elohim, and YHWH in the Bible, *JQR*, 46:89-116. — THOMAS, D. Winton, A consideration of some unusual ways of expressing the superlative in Hebrew, VT, 3:209-24. — VAN ALLMAN, J. J., *A companion to the Bible*, Oxford, 1958. — WEDGREEN, J., The construct-genitive in Hebrew syntax, VT, 4:50-9. — WILSON, Robert Dick, The names of God in the Old Testament, *PTR*, 18:460-92.

J.B.S.

94 אָלָה (*'ālâ*) ***II. jurar, fazer um juramento solene.*** O termo é usado para expressar juramentos solenes entre os homens e entre Deus e o homem.

Termos Derivados

94a אָלָה (*'ālâ*) ***um juramento, declaração solene, promessa, maldição.*** (usado para juramento quebrado) Ocorre mais frequentemente do que o verbo.

94b אָלָה (*'ālâ*) ***maldição*** (punição por um juramento quebrado), apenas uma vez, Lamentações 3.65.

'ālâ. ***Juramento.*** Em sua forma mais básica vemos o substantivo usado no sentido de uma promessa solene entre dois homens (Gn 24.41; 26.28). Por esta razão o termo também é aplicado às declarações solenes de testemunho dadas em um tribunal (Lv 5.1; Pv 29.24) e diante de Deus (Nm 5.21 e ss.; Jz 17.2; 1 Rs 8.31; 1 Sm 14.24; Ne 10.29[30]; Ez 16.59; 17.13 e ss.).

A partir disto podemos ver como esta palavra foi usada para expressar o pacto de vera solene entre Deus e o seu povo (Dt 29.12[11]), e, mais particularmente, as advertências de juízo vinculadas àquele pacto iriam demonstrar que povo não é fiel (Dt 29.14-21[13-20]). O termo é usado neste último sentido também em Isaías 24.6; Jeremias 23.10; 29.18; 42.18; 44.12 e Daniel 9.11.

ta'ălâ. ***Maldição.*** Este substantivo aparece apenas uma vez em Lamentações 3.65. Aplica-se aos inimigos do povo de Deus e é descrito como dureza de coração.

Bibliografia: BLANK, Sheldon H., The curse, blasphemy, the spell, and the oath, *HUCA*, 23:73-95. — RICHTER, Herbert C., The problem of "curse" in the Hebrew Bible, *JBL* Monograph Series, v. 13, Society of Biblical Literature and Exegesis, 1963. — LEHMAN, Manfred R., Biblical Oaths. *ZAW*, 81:74-92. — PRICE, J. M., The oath in court procedure in early Babylonia and the Old Testament, *JAOS*, 49:22-9. — SCHARBERT, Josef, "Fluchen" und "Segen" im Alten Testament. *Bib*, 39:1-26. — TUCKER, G. M., Covenant forms and contract forms. VT, 15:487-503. — *TDNT*, v. 5, p. 452-61. — *TDOT*, v. 1, p. 261-6.

J.B.S.

95 אָלָה (*'ālâ*) ***III, lamentar.*** Somente em Joel 1.8.

95a אַלְיָה (*'alyâ*) ***cauda gorda*** (de gado ovino).

Esta parte do carneiro foi mencionada como elemento distinto na oferta nos casos das ofertas movidas (Êx 29.22), das ofertas pacíficas (Lv 7.3) e da oferta da consagração no instante da ordenação de Arão e seus filhos ao ofício sacerdotal. Os carneiros de cauda gorda ainda são comuns na Palestina.

J.B.S.

אָלָּה (*'allâ*). Veja o n.º 100a.

אָלָה (*'ālâ*). Veja o n.º 45h.

96 אָלָּה (*'illâ*) **se.** Somente em Eclesiastes 6.6; Ester 7.4.

97 אֱלוּל (*'ĕlûl*) ***Elul,*** o sexto mês. Ocorre apenas em Neemias 6.15. Com respeito aos nomes dos outros meses, veja o n.º 613b.

אֵלוֹן (*'ēlôn*). Veja o n.º 45i.

אַלּוֹן (*'allôn*). Veja o n.º 100b.

אַלּוּף (*'allûp*). Veja o n.º 109b.

98 אָלַח (*'ālaḥ*) ***ser moralmente corrupto.*** Aparece apenas no nifal.

אַלְיָה (*'alyâ*). Veja o n.º 95a.

99 אלל (*'l*) **I. Aceita como raiz de:**

99a אֱלִיל (*'ĕlîl*) ***algo sem valor*** (particularmente enquanto objeto de adoração), ***deuses, ídolos.***

Talvez este termo venha de uma raiz cujo sentido é "ser fraco, deficiente". É usado nas Escrituras principalmente para descrever vãos objetos de adoração, i.e., os deuses deste mundo, quer ídolos feitos por mãos humanas, quer riquezas, quer homens enganosos.

Em Levítico 19.4, em sua primeira ocorrência, a palavra corresponde a "deuses fundidos" (*cf.* 26.1). Também é aplicada a quaisquer obras feitas pela mão de alguém que seja objeto de culto (Is 2.8; Hc 2.18).

Nos dias de Isaías, Jerusalém e Samaria foram descritas como reinos de ídolos, *i.e.*, um povo que adorava coisas vãs (Is 10.10, 11). Tais ídolos foram relacionados a adivinhação e mentiras (Jr 14.14). Evidentemente não serviam para nada (Is 2.20; 31.7).

Tais ídolos chegaram até mesmo a incluir pessoas nas quais os homens confiavam, embora fossem enganosas e sem valor algum (Jó 13.4; Is 19.3; Zc 11.17).

Nas Escrituras tais ídolos são contrastados com o verdadeiro Deus, o Senhor, o Criador (Sl 96.5), o, diante dele, os ídolos tremem (Is 19.1), são envergonhados (Sl 97.7) e

destruídos (Is 2.18).

Bibliografia: **TDOT**, v. 1, p. 265-6. — *THAT*, v. 1, p. 167-8.

J.B.S.

100 אלל (*ll*) **II. Aceita como raiz de:**

100a אַלָּה (*'allâ*) ***carvalho.***

100b אֵלוֹן (*'allôn*) ***carvalho.***

'allâ. Carvalho. Esta palavra vem provavelmente da raiz *ll* e ocorre apenas uma vez em Josué 24.26. O significado da passagem é duvidoso. Ela se refere a um carvalho no lugar santo do Senhor sob o qual Josué erigiu uma pedra como testemunho contra Israel, depois de o povo confirmar sua obediência à aliança de Deus.

'allôn. Carvalho. O termo refere-se a uma das maiores árvores da floresta (Is 44.14). Por três vezes está particularmente associado com Basã, onde simboliza orgulho (Is 2.13; possivelmente Ez 27.6), e com florestas muito densas (Zc 11.2). Em outra passagem também é usado para simbolizar força (Am 2.9).

Em Isaías 6.13, o tronco do carvalho é comparado ao remanescente de Israel que sobrevive depois de ser cortado.

Uma vez o carvalho é citado como local de culto pagão (Os 4.13). Foi também a árvore onde Débora, a ama de Rebeca, foi sepultada (Gn 35.8).

J.B.S.

101 אַלַּי (*'allay*) ***ai de mim!*** Aparece apenas em Miquéias 7.1; Jr 10.19.

102 אָלַם (*'alam*) ***amarrar, emudecer*** (nifal).

Termos Derivados

102a אַלְמָה (*'almmâ*) ***feixe.***

102b אֵלֵם (*'êlem*) ***silêncio.***

102c אִלֵּם (*'illêm*) ***mudo.***

אַלְמֻגִּים (*'almuggîm*). Veja o n.º 89c.

103 אַלְמָן (*'almân*) ***enviuvado, abandonado, abandonada como viúva.***

O adjetivo ocorre uma vez em Jeremias 51.5 no sentido de que Israel foi abandonado por Deus, como uma viúva cujo marido morreu.

J.B.S.

104 אָלַם (*'âlamân*) ***atuar.***

Este substantivo é usado para descrever a situação da Babilônia após o julgamento de Deus, na sua única ocorrência em Isaías 47.9.

J.B.S.

105 אַלְמָנָה (*'almānâ*) **viúva.** A palavra tem apenas um sentido básico, que é "viúva".

O sentido principal, "viúva" pode ser visto em todos os casos nas Escrituras. A palavra ocorre pela primeira vez em Gênesis 38.11, no relato de Judá com sua nora, **Tamar**, da viuvez após a morte de seu marido.

Os vários contextos nos quais vemos o termo ser usado nas Escrituras ajudam-nos a perceber o seu sentido na Palavra de Deus. Em primeiro lugar, notamos o cuidado de Deus e sua preocupação para com as viúvas. Deus ouve o seu clamor (Êx 22.21, 22) e executa justiça em favor delas (Dt 10.18). Por conseguinte, Deus as trata com compaixão excepcional, como pessoas indefesas. Ele é juiz delas de modo especial (Sl 68.5[6]), tratando-as com a mesma misericórdia demonstrada para com os órfãos (Sl 146.9). Deus também protege a herança das viúvas (Pv 15.25). Quando outros são julgados, um chamado especial à fé é dirigido a elas (Jr 49.11). No final do período do AT, Deus expressa a sua preocupação para com as viúvas (Ml 3.5).

O fato de uma mulher ficar viúva, porém, trazia restrições em alguns relacionamentos, ainda que nem em todos. Elas não podiam se casar com sacerdotes (Lv 21.14; Ez 42.22), a não ser que fossem viúvas de sacerdotes. Contudo, as viúvas filhas de sacerdotes podiam voltar à casa do pai e comer novamente da comida sagrada destinada aos sacerdotes (Lv 22.13). Ficar viúva não anulava os votos de ninguém (Nm 30.9[10]). Tudo isto indica que elas eram um grupo singular em Israel em conformidade com a legislação divina e devido a uma visão especial por parte do povo.

A existência de viúvas não era indicação de bons tempos e a presença de muitas viúvas na terra de Israel mostrava o desfavor de Deus para com o povo, sendo uma punição para eles (Êx 22.24[23]; Jr 15.8). De fato, em duas ocasiões, as cidades sob juízo divino foram chamadas viúvas: Isaías 47.8 (Babilônia); Lamentações 1.1 (Jerusalém).

Devido à solicitude de Deus para com as viúvas, o povo era quase sempre exortado a proteger e a prover para as viúvas, sendo cuidadoso ao executar justiça em favor delas. O povo era abençoado quando supria as necessidades das viúvas (Dt 14.29). Os líderes tinham a responsabilidade de defendê-las, tendo o cuidado de que a justiça fosse feita a elas (1.17,23).

A razão desta preocupação é evidente. As viúvas eram quase sempre idosas, tinham poucos recursos, sendo presas fáceis de pessoas inescrupulosas. Em uma situação social semelhante, a igreja do NT recebeu o mandamento de cuidar daquelas que eram "viúvas verdadeiramente viúvas", i.e., viúvas em necessidade (1 Tm 5.3-11).

Até mesmo na época de Jó a maneira de se tratar as viúvas era um indicador de caráter moral. Jó foi acusado de maltratar viúvas por Elifaz, que supunha que os problemas de Jó eram provenientes de uma conduta pecaminosa (Jó 22.9). Jó negou veementemente ser maltratado as viúvas e alegou ter feito o bem para elas (Jó 29.13; *cf.* 31.16).

Assim, a opressão de viúvas tornou-se exemplo comum de maldade entre os homens e as nações (Sl 94.6; Is 10.2, *etc.*).

106 אַלְמָנוּת (*'almānût*)

A raiz cognata é encontrada no assírio e no ugarítico (*UT*, 19: n.º 126) referindo-se tanto a "viúva" como a "viuvez".

106 אַלְמָנוּת (*'almanût*) ***viuvez.***

Por duas vezes o termo é aplicado às vestimentas de Tamar, viúva dos filhos de Judá (Gn. 38.14,19). É aplicado à condição em que viviam as concubinas de Davi, desonradas por Absalão (2 Sm 20.3). Refere-se também a Israel de modo figurado (Is 54.4).

Bibliografia: FENSHAM, F. Charles. Widow, orphan, and poor in Ancient Near Eastern legal and wisdom literature. *JNES*, 21:129-39. — PATTERSON, Richard. The widow, the orphan, and the poor in the Old Testament and the extra-biblical literature. *BS*, 130:223-34. — *TDNT*, v. 9, p. 444-8. — *THAT*, v. 1, p. 169-72.

J.B.S.

107 אַלְמֹנִי (*'almōnî*) ***alguém, determinada pessoa.***

108 אָלַף (*'ālap*) ***I. aprender*** (qal); ***ensinar*** (piel).

Termos Derivados

108a אֶלֶף (*'elep*) ***rebanho, gado.***

108b אַלּוּף (*'allûp*) ***dócil.***

'ālap é um termo raro, que aparece apenas quatro vezes (três em Jó). Em dois contextos (Pv 22.25; Jó 15.5), o mestre é mau. Nos outros dois contextos Elifu usa o termo, uma vez apresentando-se a si mesmo como mestre, e outra pondo palavras na boca de terceiros (Jó 33.33; 35.11). Se as palavras de Elifu são sem conhecimento (Jó 38.2), então esta palavra tem provavelmente, nas Escrituras, apenas más conotações e não expressa o ensino ou o aprendizado que é válido.

'**allûp** ***I. Dócil*** (adjetivo), ***amigo*** (substantivo). O sentido principal diz respeito a alguém que está sempre em companhia de outrem, i.e., um guia, companheiro ou amigo. Nesse sentido, espera-se que um amigo não seja um traidor (Sl 55.13[14]); ele não deve ser abandonado (Pv 2.17); é trágico quando dois amigos são separados (Pv 16.28; 17.9). Contudo, há ocasiões quando não se pode confiar neles (Mq 7.5).

J.B.S.

109 אָלַף (*'ālap*) ***II. produzir milhares*** (aparece apenas no hifil, Sl 144.13). Trata-se de um verbo denominativo.

Substantivo de Origem

109a אֶלֶף (*'elep*) ***mil.***

Termo Derivado

109b אַלּוּף (*'allûp*) *chefe*.

O verbo derivado do substantivo é usado apenas uma vez (Sl 144.13), em uma oração que suplica as bênçãos de Deus para que as ovelhas multipliquem-se aos milhares.

'elep. Mil. Esse numeral, que é um substantivo feminino, precede normalmente o que o acompanha. Quando o substantivo que o acompanha o precede, o numeral está no plural. Se outros números são acrescentados a *'elep*, eles normalmente o precedem. O sentido básico do termo é "mil", contudo muitas vezes deve ser entendido no sentido figurado.

Esse numeral é normalmente empregado em tábuas genealógicas, em recenseamentos e em outras enumerações no sentido básico do algarismo 1 000 (Gn 20.16; 24.60; Êx 12.37; Nm 1.21 e ss.).

Há, todavia, vários usos específicos. Um deles encontra-se no sentido básico da maior divisão de liderança de ordem política ou militar (Êx 18.21; Nm 1.16; 31.4; Dt 1.15; 1 Cr 13.1; 27.1; Am 5.3).

A partir deste uso, desenvolveu-se outro que é aplicação do termo representando um valor extremo, i.e., um número de anos extremo (Ec 6.6). Isto, por sua vez, está relacionado com a prática de tornar um numeral representativo do extremo oposto daquilo que é muito pequeno ou numericamente irrelevante (Dt 32.30; Js 23.10; Jó 9.3; Is 30.17). Às vezes o conceito parece simplesmente representar aquilo que é excessivo (Mq 6.7; Ct 8.12).

Um uso notável do termo aparece relacionado com Deus. Em tais contextos, a idéia básica parece ser "indefinível" ou "inumerável", e.g., a misericórdia do Senhor será demonstrada para com milhares (Êx 20.6; 34.7; Dt 5.10; Jr 32.18). Esta misericórdia também deve se estender em mil gerações (Dt 7.9), conforme o seu mandamento (Sl 105.8). O gado que está em milhares de colinas pertence a Deus (Sl 50.10). Mil anos são como um dia à vista do Senhor (Sl 90.4).

Estes exemplos mostram como Deus usa o termo com referência a si mesmo de modo figurado, uma quantia indefinida ou inumerável. Esta mesma prática é vista no NT, e.g., 2 Pedro 3.8-10 e provavelmente também em Apocalipse 20.2, 6.

A raiz ocorre em várias línguas semíticas além do hebraico, e.g., aramaico, árabe e ugarítico (*UT*, 19: n.º 133) com o mesmo sentido básico de mil.

[Alega-se às vezes que, desde que *'elep* tem o sentido de uma companhia de mil homens, poderia significar qualquer unidade militar, ainda que de força reduzida. A partir daí o termo veio a significar uma unidade familiar ou clã, ainda que pequeno. Isto significa que os milhares de soldados postos em revista em Números 1 e 26 deveriam ser reduzidos a um grupo menor de acordo com a vontade do comentarista. A jornada pelo deserto e o suprir milagroso também é reduzido a proporções naturalistas. Todavia, deve ser lembrado que a conquista da Transjordânia e da Palestina não foi concluída por um punhado de homens. Além disso, tal artifício deve também alterar o texto das passagens de Números que pela soma de seus totais falam claramente de milhares de soldados. R.L.H.]

110 אָלַץ (*'ālats*)

'allûp. ***Chefe, comandante de mil.*** A palavra ocorre exclusivamente para descrever uma ordem nas famílias ou clãs de Edom (Gn 36.15 e ss; Êx 15.15; 1 Cr 1.5 e ss.). Este uso é provavelmente o pano-de-fundo da leitura de Mateus, quando em 2.6 os "príncipes" de Judá refletem que o texto aponta para *'allûp* em Miquéias 5.2.

Bibliografia: DAVIS, John J., Biblical numerics, *Grace Journal*, 5:30-4. — ___, The rhetorical use of numbers in the Old Testament, *Grace Journal*, 8:40-8. — WENHAM, J. W., Large numbers in the Old Testament, *Tyndale Bulletin*, 18:19-53. — WOLF, C., Terminology of Israel's tribal organization, *JBL*, 65:45-9. — *TDNT*, v. 3, p. 467-9.

J.B.S.

110 אָלַץ (*'ālats*) ***importunar.*** Aparece apenas uma vez, em Juízes 16.16 (piel).

111 אִם (*'im*) ***se, não, quando, desde.***

O sentido básico do termo é "se". Tal sentido pode ser visto na maioria de suas ocorrências. Nas centenas de passagens onde esta palavra ocorre, vários tipos de contextos básicos podem ser vistos.

Em primeiro lugar, a palavra aparece mais freqüentemente em orações condicionais, *e.g.*, Gênesis 4.7; Juizes 13.16; 1 Samuel 20.14, *etc.*

Além disso, encontramos muitas ocorrências de *'im* em contextos de juramento nos quais, na realidade, um contexto maior está sendo levado em conta. Nos contextos maiores, já se leva em conta um contexto de juramento, que apenas raramente são explicitados por completo (2 Rs 9.26; *cf.* Jó 1.11).

Às vezes o juramento envolve um elemento negativo como no caso de 2 Samuel 19.14. Aqui Davi está prometendo tornar Amasa, o seu novo comandante, em lugar de Joabe. Ele clama ao Senhor que o julgue severamente (o julgamento nunca é expressado, talvez por ser tão terrível a ponto de ser inexprimível) *se* Amasa não se tornar o comandante de Davi.

Outros exemplos de juramento pleno são encontrados em 1 Reis 20.10 (usado por Ben-Hadade), 2 Reis 6.31 (também Ben-Hadade). Isto sugere que o juramento era utilizado em outras nações além de Israel; pelo menos entre os semitas.

A partir desta forma mais completa do juramento, vemos a prática freqüente de abreviar o juramento, omitindo "o Senhor faça-me assim e ainda mais". Assim temos em Gênesis 14.23, " se eu tomar um fio ou uma correia de sandália ou qualquer coisa de ti", em outras palavras, "eu não tomarei". Outros exemplos dessa forma abreviada, mesmo em ocasiões em que Deus aparentemente jura por si mesmo, são os seguintes: Números 14.30 (Deus declara que ninguém, exceto Calebe e Josué, entrará na terra "____ se entrares" = "você não entrará"; 1 Samuel 17.55, "____ se eu souber" = "eu não sei", *etc.*).

O resultado peculiar desta expressão idiomática é que em tais contextos *'im* tem força negativa; *'im lō'* é positivo. Esta expressão idiomática hebraica, proveniente da LXX é corretamente interpretada em Habacuque 3.11,18, embora seja omitida em 4.3,5.

O terceiro contexto no qual *'im* aparece é o de alternativas. Quase sempre esta idéia é sustentada pelo duplo uso de *'im*, *e.g.*, Êxodo 19.13, " *se* animal *se* homem..." = "quer animal quer homem"; 1 Crônicas 21.12, "*se* três anos [...] e *se* três meses [...] e *se* três dias..." = "ou [...] ou [...] ou...".

Em alguns contextos *'im* parece ter a força de "quando" como em Gênesis 38.9. No

entanto, mesmo aqui o sentido de "se" é visto na idéia de condição que continua: " toda vez que possuía [...] deixava cair..." ou "se possuísse...", isto é o que ele fazia. Aqui vemos o *waw* ligado ao verbo como *waw* consecutivo, tornando-o de fato um imperfeito.

Encontramos também vários casos do uso de *'im* no sentido de "desde". Em Jó 14.5, por exemplo, "visto que os seus dias estão contados" também pode ser "se os seus dias...", e, em Jó 22.20, "porquanto o nosso adversário foi destruído" pode igualmente ser lido "certamente o nosso adversário..." ou até mesmo "*se* o nosso adversário...". Em Jeremias 23.38, podemos ler, ou "*se* dizeis", ou "porque dizeis" ou "visto que dizeis".

Muitas vezes encontramos *'im* usado como partícula interrogativa. Em Gênesis 38.17 por exemplo, podemos ler a resposta de Tamar a Judá "dar-me-ás..." ou "*se* me deres...". Quando a estrutura é acompanhada pela marca do interrogativo como em Josué 5.13, então não há dúvida. Na verdade é bastante comum ter um *he* interrogativo com sua função exercida por *'im* (*cf.* Questões disjuntivas e duplas, *GKC*, 150 *g,h*).

Bibliografia: DAUBE, David, Direct and indirect causation in Biblical law, *VT*, 11:246-69. — EITAN, I., Three 'im particles in Hebrew, *JAOS*, 54:295. — LELIMAN, Manfred R., Biblical oaths, *ZAW* 81:74-92. — VAN LEEUWEN, C., Die Partikel אִם, *OTS*, 18:15-48.

J.B.S.

אֵם ('ēm). Veja o n.º 115a.

112 אָמָה ('āmâ) ***serva, escrava.***

O termo é aplicado tanto a escravas no sentido literal quanto àquelas que de modo figurado chamam a si mesmas por este termo, expressando humilhação e submissão.

A primeira ocorrência da palavra refere-se às servas de Abimeleque (Gn 20.17). Sabemos também que os patriarcas tinham servas como esta: Hagar (de Sara), Bila (de Raquel), *etc.* Até mesmo os israelitas que voltaram do exílio contavam com servas entre as suas posses (Ed 2.65). Elas também eram encontradas no Egito (Êx 2.5) e em Nínive (Na 2.7[8])

Quando Deus deu a lei a Israel, levou em consideração os servos e servas. Eles tinham direitos (Êx 21.7, 20, 26, *etc.*). Deus estava evidentemente preocupado com o bem-estar deles bem como com as suas necessidades físicas e espirituais (Êx 20.10; Lv 25.6). Eles deviam adorar juntamente com a família a quem pertenciam, em comunhão espiritual (Dt 12.12, 18). Apesar disso, eram considerados uma propriedade.

Fazia-se distinção entre escravos estrangeiros e servos hebreus. Estes últimos tinham mais direitos e liberdade (*cf.* Lv 25.44 e Dt 15.12-18). Todavia, fica claro que Deus esperava que seus filhos mostrassem bondade e consideração pelas necessidades destas escravas (Jó 19.15; 31.13).

Vários são os usos figurados do termo também encontrados nas Escrituras. Uma esposa ou uma mulher prestes a casar quase sempre referia-se a si mesma ou era assim chamada no que diz respeito ao seu homem, *e.g.* Rute em relação a Boaz (Rt 3.9); Abigail em relação a Davi (1 Sm 25.14); Bate-Seba em relação a Davi (1 Rs 1.17).

Às vezes, uma mulher assim se referia a si mesma quando em conversa com alguém, como no caso de Ana ao falar com Eli (1 Sm 1.16 — *cf.* 2 Sm 6.22; 14.15; 1 Rs 3.20).

Finalmente, num sentido mais específico, mulheres piedosas chamavam-se a si

mesmas da mesma forma como Paulo o fez no NT, como foi o caso de Ana (1 Sm 1.11). Esta mesma atitude é vista no salmista que se refere à sua mãe como serva de Deus, quando ele se dirige ao Senhor (Sl 86.16;116.16; o que, todavia, é entendido por Dahood como procedente de *'emet*, sendo traduzido por "filho de fato". "Psalms", *AB*, *in loc.*, também em M. MANSOR, *JEL*, 76, p. 145, com base no texto DSS).

A raiz cognata é encontrada em várias línguas semíticas, até no ugarítico (UT, 19: n.° 147).

Bibliografia: FENSHAM, G. Charles, The son of a handmaid in northwest Semitic, *VT*, 19:312-22. — RUPPRECHT, A., Christianity and the slavery question, — *JETS*, 6:64-8.

J.B.S.

אַמָּה (*'ammâ*). Veja o n.° 115.

אִמָּה (*'ummâ*). Veja o n.° 115e.

113 אָמֹן (*'amôn*) ***I, Amom,*** um deus egípcio.

O termo "Amom" aparece duas vezes nas Escrituras (Jr 46.25; Na 3.8) e refere-se a uma divindade egípcia, e, por conseguinte, à cidade de tal divindade, *i.e.*, "a cidade de Amom". Desde que o termo egípcio para "cidade" é "no", a ARA traz "No-Amom" e "Amom de No". A RSV identifica, com base na opinião comum, a cidade com a famosa cidade de Tebas.

Visto que Tebas tornou-se proeminente no Egito, o deus da cidade veio a ser cada vez mais reconhecido, sendo finalmente identificado com o grande deus egípcio, Re ou Ra, *i.e.*, Amom-Re.

A cidade é citada duas vezes nas Escrituras. Em Jeremias 46.25, ela é mencionada como objeto da ira de Deus, que com certeza há de cair nas mãos de Nabucodonosor, por ser ela símbolo do orgulho do Egito. Em Naum 3.8, ela aparece como exemplo por sua queda, dando certeza da queda de todas as cidades do mundo, particularmente da queda de Nínive.

J.B.S.

אָמוֹן (*'āmôn*). Veja o n.° 116m.

אֱמוּנָה (*'ĕmûnâ*). Veja o n.° 116e.

אָמוֹץ (*'āmôts*). Veja o n.° 117c.

אַמִּיץ (*'ammîts*). Veja o n.° 117d.

אָמִיר (*'āmîr*). Veja o n.° 118d.

114 אָמַל* (*'amal*) ***desfalecer, ficar esgotado.***

Termos Derivados

114a אֲמֵלָל (*'ămēlāl*) ***frágil.***

114b אֻמְלַל (*'umlal*) ***frágil.***

O verbo ocorre principalmente no pual, descrevendo um estado de exaustão ou extremo. É usado para expressar o estado no qual se encontram quaisquer objetos da punição e disciplina de Deus: a mãe orgulhosa que se gloria sobre sua rival estéril (1 Sm 2.5); Moabe (Is 16.8); Egito (Is 19.8); o mundo inteiro (Is 24.4).

Palavras associadas a este termo são "murcho", "pranto" e "lamento" (Is 24.4; 33.9; Jr 14.2).

De modo ainda mais particular o termo descreve o estado de Israel e seu povo depois da vinda da punição divina (Is 33.9; Jr 14.2); este também é o caso de Jerusalém, após a queda (Lm 2.8). Fica claro que o objetivo de Deus com tal disciplina era abater o seu povo, como advertência, e levá-lo a humilhar-se (Os 4.3; Jl 1.10,12).

Como adjetivo, a palavra era usada pelos inimigos de Israel como termo de desdém (Ne 4.2[3.34]), bem como pelo fiel verdadeiramente humilde como expressão de sua contrição e reconhecimento da necessidade do socorro de Deus (Sl 6.2[3]).

'umlal. ***fraco, frágil.*** O adjetivo é usado apenas uma vez como expressão do coração contrito do salmista perante Deus (Sl 6.2[3]).

'ămēlāl. ***frágil.*** Ocorre apenas uma vez como adjetivo que descreve os judeus, sendo utilizado pelos seus inimigos (Ne 4.2[3.34]).

J.B.S.

115 אמם (*'mm*). **Aceita como raiz de:**

115a אֵם (*'em*) ***mãe.***
115b אַמָּה (*'ammâ*) ***I, cidade mãe.***
115c אַמָּה (*'ammâ*) ***II, côvado.***
115d אַמָּה (*'ammâ*) ***III,*** somente em Isaías 6.4. Sentido duvidoso.
115e אֻמָּה (*'ummâ*) ***tribo, povo.***

'ēm. ***Mãe, ponto de partida*** (uma só vez). A palavra sempre, exceto em uma ocorrência, tem o sentido de "mãe". Na maioria das ocorrências o termo se refere à mãe no sentido literal. Às vezes, a palavra é usada em sentido figurado.

'ēm refere-se a Eva, figuradamente como mãe de todos os viventes (embora ela fosse também mãe no sentido literal, Gn 3.20); a Débora, como mãe em Israel (Jz 5.7); a uma cidade como mãe de seus habitantes (Is 50.1; Ez 16.44; Os 2.2[4]; e até mesmo aos vermes como mães de Jó (Jó 17.14).

Em algumas ocasiões o termo é aplicado para mães que não são humanas (Êx 34.26; Dt 22.6).

Ao se estudar os contextos nos quais esta palavra é usada bem como os seus sentidos, podemos notar algumas particularidades interessantes. Em primeiro lugar, há textos que se referem aos deveres da mãe. Ela deve ser fonte de consolo (Is 66.13), ensinadora (Pv 31.1) e disciplinadora (Zc 13.3).

Notamos também o que lhe devem os seus filhos. Tais obrigações podem ser definidas como deveres imperativos e proibitivos. Quanto aos deveres imperativos vemos que os seus filhos lhe devem obediência (Gn 28.7), devem bendizê-la (Pv 30.11), devem-lhe honra

(Êx 20.12), temor (*i.e.*, respeito, Lv 19.3) e lamento quando ela vier a morrer (Sl 35.14). Quanto aos deveres proibitivos, seus filhos não podem feri-la (Êx 21.15), roubar-lhe algo (Pv 28.24), mandá-la embora (Pv 19.26), envergonhá-la (Pv 29.15; Lv 18.6), desprezá-la (Dt 27.16), nem abandonar a sua lei (Pv 1.8). Isto mostra claramente a grande importância de uma mãe em uma sociedade redimida.

Apesar disso, o papel da mãe na vida de seu filho já adulto era evidentemente subordinado ao papel que a própria esposa do filho exercia (Gn 2.24). Os deveres para com sua mãe não poderiam suplantar ou ter precedência sobre os deveres para com sua esposa.

Uma mulher pagã poderia de fato amar seu filho, e é bem possível que um filho pagão sentisse um senso de dever para com sua mãe (Jz 5.28).

O sentido de culpa expresso por Jó e pelo salmista (Jó 31.18; Sl 51.5[7]) não indica nenhuma mácula específica em suas mães, mas sim expressa a doutrina conhecida como doutrina do pecado original.

A ocorrência da palavra em Ezequiel 21.21 é singular e tem evidentemente o sentido de "o ponto de partida (ARA traz "entrada"), na encruzilhada, da estrada". Aqui há a idéia de começo (mãe) da estrada.

A raiz cognata é encontrada na maioria das línguas semíticas com os mesmos sentidos básicos que os do hebraico: fenício, árabe, etíope, aramaico e ugarítico (UT, 19: n.º 155).

'ammâ. ***Côvado,*** medida linear. O termo tem sempre este sentido, exceto nas ocorrências onde tem um sentido figurado (Is 6.4; Jr 51.13).

O termo é usado basicamente para descrever uma medida linear utilizada no mínimo desde os dias de Noé. Ocorre por todos os textos bíblicos relativos ao período pós-exílico.

A medida possivelmente tinha cerca de 45 centímetros, isto é, a distância média entre o cotovelo e a extremidade do dedo médio. Tal medida tem alguma confirmação com base na informação existente na inscrição de Siloam, que afirmava ter o túnel 1 200 côvados de comprimento (540 metros). Isto torna o côvado então utilizado (nos dias de Ezequias) equivalente a aproximadamente 45 centímetros.

O côvado foi usado na construção da arca de Noé (Gn 6), do tabernáculo e seus pertences (Êx 25 e ss.), do templo de Salomão (1 Rs 6 e ss.) e do templo visto por Ezequiel (Ez 40 e ss.). Com ele também se mediu a distância entre a arca da aliança e o povo quando eles entraram na terra prometida (Js 3.4).

Golias tinha mais de seis côvados de altura (1 Sm 17.4). A forca de Hamã tinha 50 côvados de altura (Et 5.14). A parte do muro das lamentações reconstruída nos dias de Neemias tinha 1 000 côvados de comprimento.

Às vezes o termo é usado de modo figurado como no caso de Isaías 6.4, onde a medida diz respeito ao fundamento do limiar do templo na visão de Isaías. Semelhantemente, em Jeremias 51.13, o termo se refere à extensão da cobiça ou do lucro perverso.

Com base em sua vasta ocorrência em outras línguas semíticas fica claro que este termo tinha uso generalizado como medida padrão em todo o antigo oriente próximo. Apesar disso, a medida varia um pouco de lugar para lugar e de época para época.

Bibliografia: *AI*, p. 196-9. — HARRISON, R. K., The matriarchate and the Hebrew legal succession, *EQ*, 29:29-34. — HUEY, F. B., Weights and measures, *ZPEB*.

J.B.S.

116 אָמַן (*'āman*) ***confirmar, sustentar*** (qal); ***estabelecer-se, ser fiel*** (nifal); ***estar certo,*** i.e., ***crer em*** (hifil).

Termos Derivados

116a אֹמֶן (*'ōmen*) ***fidelidade.***
116b אָמֵן (*'āmēn*) ***verdadeiramente, de fato, amém.***
116c אֻמָּן (*'ommān*) ***artista, de mão firme.***
116d אֱמוּן (*'ĕmun*) ***fiel, confiante.***
116e אֱמוּנָה (*'ĕmûnâ*) ***firmeza, fidelidade, constância.***
116f אֹמְנָה (*'omnâ*) ***I, criação, nutrição.***
116g אָמְנָה (*'omnâ*) ***II, verdadeiramente, de fato.***
116h אֲמָנָה (*'ămānâ*) ***fé, sustento, certo, seguro.***
116i אֻמְנָם (*'umnām*) ***verdadeiramente, de fato.***
116j אָמְנָם (*'omnām*) ***verdadeiramente, de fato.***
116l אֱמֶת (*'ĕmet*) ***firmeza, verdade.***
116m אָמוֹן (*'āmôn*) ***II, artífice, arquiteto.***

Este conceito tão importante da doutrina bíblica é prova clara do significado bíblico de "fé" em contraste com muitos conceitos populares do termo. No âmago do sentido da raiz está a idéia de certeza. Isto é sustentado pela definição de fé do NT encontrada em Hebreus 11.1.

A idéia básica da raiz é a de firmeza ou certeza. No qal o verbo expressa o conceito básico de sustento e é usado no sentido de braços fortes que sustentam uma criança necessitada. A constância que a idéia do verbo encerra é vista mais tarde quando o termo ocorre no qal apenas como particípio (que expressa continuidade). A idéia de sustento também é vista em 2 Reis 18.16, onde se refere a colunas que servem de sustentáculo.

No hifil (causativo), tem basicamente o sentido de "tornar certo, convicto", "ser assegurado". Neste sentido a palavra no hifil é a palavra bíblica para "crer" e mostra que a fé bíblica é algo seguro, uma certeza, em contraste com conceitos modernos de fé que falam de algo possível, que se espera ser verdadeiro, ainda que não seja certo.

Prosseguindo daí em diante, encontramos a palavra no particípio passivo do qal usado com um sentido passivo, "alguém que é estabelecido" ou "alguém que é confirmado", i.e. "o fiel" (2 Sm 20.19; Sl 12.1[2]; 31.23[24]).

No nifal o sentido é "ser estabelecido" (2 Sm 7.16; 1 Cr 17.23; 2 Cr 6.17; Is 7.9). O particípio do nifal tem o sentido de "ser fiel, certo, dependente" e descreve os que crêem (Nm 12.7; 1 Sm 2.35; Ne 9.8). Esta forma também é usada para descrever aquilo sobre o que toda a certeza descansa: o próprio Deus (Dt 7.9) e sua aliança (Sl 89.28[29]).

Uma ilustração interessante sobre a relação entre "crer" e "estar estabelecido" (permanecer) pode ser vista em Isaías 7.9. Acaz fica sabendo que, a não ser que creia (hifil), ele não permanecerá (será estabelecido — nifal), *i.e.*, sem fé ele não terá estabilidade.

Os vários termos derivados refletem o mesmo conceito de certeza e dependência. A

palavra derivada *'āmēn*, "verdadeiramente", veio a aparecer no Novo Testamento na palavra *amēn*, de onde procede nossa palavra "amém" em português. Jesus usou a palavra com freqüência (Mt 5.18, 26, *etc.*) para enfatizar a certeza do que ele estava falando. As formas grega e hebraica do termo aparecem no final de orações e hinos de louvor (Sl 41.13[14]; 106.48; 2 Tm 4.18; Ap 22.20, *etc.*). Isto indica que o termo assim usado em nossas orações deve expressar certeza e segurança no Senhor, a quem dirigimos nossa oração.

'ōmen. ***Fidelidade, verdade.*** O substantivo é usado apenas uma vez para descrever o conselho de Deus (Is 25.1).

'āmēn. ***Verdadeiramente, de fato, amém.*** A palavra expressa uma afirmação certa em face de algo que foi dito. É usada após o pronunciamento de maldições solenes (Nm 5.22; Dt 27.15 e ss.; Ne 5.13; Jr 11.5) e após orações e hinos de louvor (1 Cr 16.36; Ne 8.6; Sl 41.13[14], *etc.*). Por duas vezes o termo é usado para descrever o Senhor (Is 65.16), e apenas uma vez para aprovar as palavras de um homem (1 Rs 1.36). Finalmente, Jeremias usa o termo uma vez de modo sarcástico, em resposta aos falsos profetas (Jr 28.6).

'ēmun. ***Fidelidade, confiança; fiel, confiante.*** O termo é aplicado a nações como medida de sua justiça e aceitação diante de Deus (Dt 32.20; Is 26.2). Aplica-se também àqueles que são contrastados com os maus (Pv 13.17) e os mentirosos (Pv 14.5). Aquele a quem o termo se aplica é de fato muito raro (Pv 20.6).

'ēmûnâ. ***Firmeza, fidelidade.*** (Em Hc 2.4, a palavra é traduzida por "fé" em vez de "fidelidade", o que está de acordo com o uso que Paulo faz do versículo em Rm 1.17 e Gl 3.11).

Existem pelo menos dez categorias distintas nas quais este substantivo é usado nas Escrituras. Em sua primeira ocorrência, ele expressa o sentido de mãos firmes, o que é uma idéia bastante básica (Êx 17.12). A partir deste uso mais geral, as Escrituras quase sempre passam a empregar a palavra com relação a Deus ou àqueles que têm relação com ele.

Normalmente o termo é aplicado ao próprio Deus (Dt 32.4) para expressar o fato de que tudo depende dele. É muitas vezes relacionado entre os atributos de Deus (1 Sm 26.23; Sl 36.5[6]; Sl 40.10[11]; Lm 3.23). Descreve as obras divinas (Sl 33.4) e as suas palavras (Sl 119.86; 143.1).

'ēmûnâ também é usado para se referir àqueles cujas vidas Deus estabelece. Deus espera fidelidade da parte deles (Pv 12.22; 2 Cr 19.9). De fato, tal fidelidade ou tal vida de fé é característica daqueles que são justificados à vista de Deus (Hc 2.4). A palavra da verdade da parte de Deus estabelece o caminho de fidelidade e verdade de um homem (Sl 119.30).

A partir desta idéia podemos ver o conceito de se confiar uma responsabilidade a um fiel que se torna encarregado (responsabilidade fiel, 1 Cr 9.22; 2 Cr 31.15, *etc.*).

'omnâ ***I. Criada, sustentada, nutrida.*** Este substantivo refere-se ao fato de Ester ter sido sustentada (fortalecida e instruída) por Mordecai quando criança (Et 2.20).

'omnâ ***II. Realmente, de fato, verdadeiramente.*** Nos dois contextos em que o advérbio ocorre, aquele que fala está talvez procurando desculpar-se por seu erro. Assim, "de fato" pode ser a melhor tradução (Gn 20.12; Js 7.20).

'ămānâ. ***Provisão ou sustento determinado.*** Este substantivo é usado com relação a um firme compromisso da parte do povo de Jerusalém nos dias de Neemias (Ne 9.38[10.1]). Além disso, aplica-se também a uma porção fixa determinada para os cantores da época (Ne 11.23).

'umnām. ***Verdadeiramente, realmente.*** Esta palavra é encontrada sempre em frases interrogativas, sugerindo dúvida da parte daquele que pergunta: a dúvida de Sara de que ela teria um filho (Gn 18.13); a dúvida de Balaão do poder de Balaque para promovê-lo (Nm 22.37); a dúvida de Salomão de que Deus habita apenas na terra (1 Rs 8.27; 2 Cr 6.18); a dúvida do salmista de que os deuses pagãos julgam com justiça (Sl 58.1[2]).

'ĕmet. ***Verdade, fidelidade, veracidade.*** Esta palavra tem sentido enfático de certeza, confiança.

Nós a encontramos em várias categorias de contextos, dos quais todos estão relacionados direta ou indiretamente com Deus.

Em primeiro lugar, o termo é quase sempre usado com referência a Deus com uma característica de sua natureza. Em Gênesis 24.27, por exemplo, descreve a Deus que leva o servo de Abraão à esposa certa para Isaque. Em Êxodo 34.6 o termo aparece como uma das descrições verbais de Deus que constituem a bondade de Deus. Outros exemplos são Salmos 25.5; 31.5[6]; Jeremias 4.2; 10.10.

Trata-se de termo adequadamente aplicado às palavras de Deus (Sl 119.142, 151, 160; Dn 10.21).

Como característica de Deus revelada aos homens, a palavra torna-se, por conseguinte, o meio pelo qual os homens conhecem e servem a Deus como salvador (Js 24.14; 1 Rs 2.4; Sl 26.3; 86.11; 91.4; Is 38.3). Tal característica deve ser encontrada naqueles que de fato vêm a Deus (Êx 18.21; Ne 7.2; Sl 15.2; Zc 8.16).

Visto que se trata de um atributo de Deus que se manifesta na salvação do homem e na vida de serviço como filho de Deus, a palavra aparece muitas vezes associada com outro atributo de Deus também relacionado com a nossa salvação, "misericórdia" ou "amor" (*hesed*, Gn 24.27; Sl 61.7[8]; 85.10[11]; 115.1; Pv 14.22; 16.6; 20.28).

Pelo fato de estes atributos da verdade e da misericórdia de Deus levarem a paz divina aos pecadores salvos pela graça de Deus, a palavra também aparece com freqüência associada à paz (Is 39.8; Jr 33.6).

Quando estudamos seus vários contextos, torna-se evidente que não há verdade no sentido bíblico do termo, *i.e.*, verdade válida, fora de Deus. Toda verdade procede de Deus e é verdade porque está relacionada com Deus.

'āmôn ***II. Artífice(?), povo(?)*** (Há dúvida considerável sobre esta palavra e seu uso e se ela deve ser lida como *'āmôn* ou uma variação de *hāmôn*, "povo". Por isso as traduções podem variar.) A palavra aparece duas vezes. Em Provérbios 8.30, o sentido parece ser o de artífice (alguém perito com as mãos e hábil). Em Jeremias 52.15, pode ter o sentido de "povo" ou talvez "os habilidosos" (que permaneceram em Jerusalém).

Bibliografia: BRIGHT, John, Faith and destiny, *Interp* 5:3-26. — NAPIER, B. D., On creation-faith in the Old Testament, *Interp*, 16:21-42. — PERRY, Edmund, The meaning of 'emuna in the Old Testament, *JBR*, 21:252-6. — RAMSDELL, Edward T., The Old Testament understanding of truth, *JR*, 31:264-73. — RICHARDSON, *TWB*, p. 75, 269. — *TDNT*, v. 1, p. 232-8; 335-6; v. 6, p. 183-91; 194-202. — *TDOT*, v. 1, p. 292-322. — *THAT*, v. 1, p. 177-99.

117 אָמַץ (*'āmēts*) ***ser valente, forte, alerta, corajoso, duro.***

Termos Derivados

117a †אֹמֶץ (*'ōmets*) ***força.***
117b †אַמְצָה (*'amtsá*) ***força.***
117c †אָמוּץ (*'āmûts*) ***forte*** ou ***malhado.***
117d †אַמִּיץ (*'ammîts*) ***forte.***
117e †מַאֲמָצָה (*ma'ămātsá*) ***poder, força.***

Este verbo é encontrado 41 vezes no AT. O ugarítico confirma um paralelo do termo.

No piel o verbo pode ser traduzido por "tornar firme", "fortalecer", "segurar", "endurecer" (no sentido de insensibilizar a mente). O hifil manifesta o conceito de "mostrar força", "sentir-se forte". No hitpael a tradução é "fortalecer-se", "persistir", "mostrar-se superior a", "tornar-se alerta". A primeira ocorrência do verbo está em Gênesis 25.23 no qal. O Senhor revelou a Rebeca, antes que seus filhos nascessem, que eles seriam progenitores de duas nações, e que um seria mais forte do que o outro. Davi cantou um cântico de libertação pela misericórdia que o Senhor lhe concedeu ao livrá-lo de Saul, um inimigo mais forte do que ele (2 Sm 22.18, que é paralelo de Sl 18.17[18]). Davi expressou um sentimento semelhante em sua oração na caverna (Sl 142.6[7]). Nos dias da rebelião de Jeroboão contra a dinastia davídica, o Senhor derrotou o reino do norte e sua força, entregando-o nas mãos de Abias de modo que o exército de Judá "prevaleceu", a despeito de uma emboscada bem planejada (2 Cr 13.18).

Como termo paralelo do verbo mais usado, *hăzaq*, a palavra é empregada repetidamente quando Deus ordena a Josué que seja forte para a árdua tarefa que ele assumiu após a morte de Moisés (Js 1.6, 7, 9, 18). Moisés disse palavras de encorajamento semelhantes a estas ao seu discípulo (Dt 31.7, 23). Ele encarregou o povo desta tarefa de igual modo (Dt 31.6).

O piel traz consigo o conceito de tornar o coração de alguém obstinado ou endurecido contra o que é certo, como é o caso de Seom, rei de Hesbom (Dt 2.30). O endurecimento do coração de Faraó antes do Êxodo é descrito por dois verbos sinônimos. Amós emprega também o piel em sua advertência a Israel de que, quando o Senhor começar a visitar o povo com a sua ira, os fortes não poderão confiar em suas próprias forças, nem os ágeis na sua capacidade de fugir (Am 2.14).

Em uma descrição poética de sabedoria notável, o escritor sagrado indica que a sabedoria estava presente quando Deus firmou (tornou firmes) os céus (Pv 8.28). A restauração do templo feita por Joás foi bem-sucedida por causa da dedicação dos trabalhadores que fortaleceram a estrutura (2 Cr 24.13). *'āmēts* é usado no piel, tendo

diversos termos por sujeito, inclusive a força física da mulher virtuosa para as suas numerosas tarefas domésticas (Pv 31.17), o poder que o guerreiro precisa para executar suas tarefas militares (Na 2.1[2]) e o fortalecimento do poder real de Roboão quando da derrota das tribos do norte (2 Cr 11.17). A clássica ridicularização que Isaías faz da idolatria fala de como o idólatra assegura para si a árvore de sua escolha (para fazer um ídolo) (Is 44.14).

O hitpael serve para designar a força da conspiração contra Roboão (2 Cr 13.7) e a determinação de Rute em seguir Noemi (1.18).

O hifil expressa força de fé e esperança (Sl 27.14; 31.25).

'ōmets. ***Força.*** Este substantivo é encontrado apenas uma vez, em Jó 17.9, onde se refere ao justo que aumenta a sua força.

'amtsâ. ***Força.*** A única referência do AT a esta palavra está em Zacarias 12.5, onde expressa a confiança dos chefes de Judá nos habitantes de Jerusalém.

'āmōts. Este adjetivo ocorre apenas no plural e somente em Zacarias 6.3, 7, onde mostra cavalos equipados com carros. A ARA traduz o termo por "baios". A palavra é usada para descrever o quarto par de cavalos de uma série. Os primeiros três pares são descritos por sua cor. Parece, portanto, estranho que o último par seja chamado de "forte" ou "baio". *KB* define o termo como "malhado", da raiz *'amets* II, que tem cognatos no árabe.

'ammîs. (soletrado de modo inadequado *'ammits*). ***Forte.*** A primeira ocorrência refere-se à conspiração bem planejada de Absalão (2 Sm 15.12). Jó fala do poder de Deus (9.4, 19). Isaías fala de Deus, que é forte para castigar Israel (28.2) e mostra o seu poder na criação (40.26). Amós usa o termo, referindo-se àquele que sobrevive ao juízo de Deus (2.16).

ma'āmātsâ. ***Poder, força.*** Este substantivo aparece apenas uma vez, em Jó 36.19, no construto plural, quando Eliú questiona Jó.

Bibliografia: *TDOT*, v. 1, p. 323-7. — *THAT*, v. 1, p. 209-10.

C.L.F.

118 אָמַר (*'amar*) ***dizer, falar, dizer consigo mesmo (pensar), pretender, ordenar, prometer.***

Termos Derivados

118a אֹמֶר (*'ōmer*) ***discurso, palavra.***
118b אִמְרָה (*'imrâ*) ***discurso, fala.***
118c אֶמְרָה (*'emrâ*) ***discurso, fala.***
118d אָמִיר (*'āmîr*) ***topo, copa de árvore.***
118e בְּאֹמֵר (*bə'ōmar*) ***palavra, ordem.***

O nifal pode ser traduzido por "é dito" ou "ser chamado". O hifil tem o sentido de "levar a dizer". O hitpael traz a idéia forte de "agir orgulhosamente". O verbo aparece no AT quase 5 000 mil vezes. Este verbo comum, como também ocorre com os seus cognatos em outras línguas, tem ampla variedade de sentido.

O verbo compartilha com outros quatro (verbos *pe-aleph*) a peculiaridade da quiescência da consoante inicial em um *o* longo, o que revela a perda do valor consonantal do *aleph*.

O uso mais comum do verbo é visto no discurso direto, seja o sujeito Deus (Gn 1.3), a serpente no jardim do Éden (3.1), Adão, amedrontado, tentando esconder-se de Deus (3.10), a jumenta de Balaão na tentativa de advertir o profeta teimoso (Nm 22.28), o cavalo de guerra pronto para a batalha (Jó 39.25) ou as árvores da floresta na busca por um rei (Jz 9.8). Torna-se evidente que o verbo serve em contextos literais, de personificação, em alegorias e em narrativas. Uma variedade de substantivos, orações, advérbios, frases preposicionais é empregada após o verbo. Até mesmo quando verbos sinônimos são usados (*dibbēr, tsāwâ, 'ānâ, shāba', nādar, etc.*), o verbo *'āmar* pode ser usado no infinitivo com a preposição, *i.e., lē'mōr*, para introduzir um mandamento, um voto, uma resposta, *etc.*

Um uso quase sempre confundido e interpretado incorretamente, com base em um estudo feito apenas nas traduções, é "dizer no coração" (Dt 8.17; Sl 14.1). O sentido é "pensar", um falar sem voz.

Embora haja apenas poucos exemplos do uso, o verbo significa, às vezes, "prometer". Esta é a força do verbo em uma passagem que aponta para a promessa de Deus a Davi de uma dinastia perpétua (2 Rs 8.19), na promessa que Israel haveria de possuir a terra prometida (Ne 9.15), e na promesa de Hamã a Assuero, de pagar ao rei a oportunidade de destruir todos os judeus do seu reino (Et 4.7).

Embora a língua hebraica apresente um uso bem documentado e freqüente para dar a idéia de "ordenar" (*tsāwâ, q.v.*), *'āmar* também é usado com este sentido. Tal uso é encontrado na ordem de Deus dada a Josué (Js 11.9), na ordem de Ezequias relativa às ofertas após a purificação do templo (2 Cr 29.24) e na ordem de Assuero, por cartas, de reverter o edito de matar os judeus, enforcando Hamã e seus filhos (Et 9.25).

Como nas línguas modernas, o nifal é empregado com o sentido de "é dito", "diz-se", com o sentido de um ditado (Gn 10.9; 22.14; Jr 16.14).

Um uso interessante, ainda que não freqüente, é o de "fazer declarar", "fazer dizer". Quando Moisés se dirige ao povo, ele lembra a Israel que eles tinham prometido, por seu intermédio, ter Deus como Senhor (Dt 26.17, 18).

O uso do verbo como "agir orgulhosamente" é encontrado em Salmos 94.4 (hitpael). Em Isaías 61.6 o sentido parece ser "gloriar-se", no bom sentido do termo.

A origem de *'āmar*, conforme Wagner (*TDOT*, v. 1, p. 328) já não é mais discutida. A raiz ocorre em todas as línguas semíticas ou com o sentido de "ser visível", "tornar visível", "ver" (acadiano, etíope, ugarítico) ou 'dizer", "ordenar" (hebraico, aramaico, árabe). Parece provável que o sentido "ver" ou "tornar visível" é o original. O desenvolvimento semântico de "esclarecer" para "dizer" é natural.

Dentre os mais de 5 000 usos da raiz, a maioria dificilmente precisaria de algum comentário. Estão próximos do equivalente português "dizer". Na verdade, o infinitivo com o *l* torna-se quase sempre apenas um sinal de discurso direto, algo como os dois pontos que introduzem uma citação em português.

Todavia, a palavra "dizer" reúne várias conotações, dependendo do contexto onde é

usada. Em alguns casos o contexto é de interesse teológico. Contudo, permanece em dúvida quantas vezes estes significados especiais são inerentes à palavra *'āmar* e quantas vezes isto se deve ao contexto.

Por exemplo, *'āmar* às vezes quer dizer "ordenar". Estes casos são aqueles onde a palavra é dita por Deus ou por alguma autoridade humana competente. Deus ordenou (*'āmar*) a Abraão que saísse de sua terra (Gn 12.1). O Senhor havia dito (*'amar*) a Josué e Josué executou a palavra como um mandamento (*tsāwâ*) (Js 11.9). No caso dos dez mandamentos, porém, o sinônimo *dābar* é usado para introduzi-los. Ao fim deles o Senhor disse (*'āmar*) a Moisés: "Assim dirás (*'āmar*) aos israelitas". Por isso a diferença entre *'āmar* e *dabar* não precisa ser enfatizada demais.

A palavra *'āmar* é usada repetidamente por Deus para introduzir alguma revelação. Alguém poderia supor que tal uso enfatize que a revelação de Deus é algo falado, transmissível, proposicional, assunto definido. A "palavra" não a torna uma revelação. Deus concede a revelação às pessoas assim como uma pessoa transmite conhecimento à outra — pela palavra falada. A palavra *dābar* também é usada em tal contexto, "Deus falou (*dābar*) a Noé" (Gn 8.15). A fórmula é freqüente em Levítico: "O Senhor falou (*dabar*) a Moisés dizendo (*lē'mōr*), fala (*dābar*) aos filhos de Israel" (Lv 12.1, 2).

A palavra de Deus é criativa. Gênesis 1 usa a frase "Deus disse" (*'āmar*) dez vezes. Em metade delas "Deus disse: haja", e então aquilo se sucedeu. Em outras vezes "Deus disse, haja" e então deu prosseguimento à criação. Esta palavra criadora de Deus é reconhecida em Salmos 33.9: "Ele falou (*'āmar*) e tudo se fez; ele ordenou e tudo passou a existir". O termo paralelo "ordenou" (*tsâwâ*) e o caso de Gênesis 1 podem dar-nos uma palavra de alerta contra a idéia de que a "palavra criadora realiza o que ela diz" (*TDOT*, v. 1, p. 336), como se tal palavra tivesse um poder independente de Deus. Ao invés disso, é Deus, o Criador, que faz a sua vontade. Esta vontade divina é expressa em palavras de ordem que são eficazes porque ele assim as fez.

[A palavra de Deus foi dada aos profetas desde Moisés até Malaquias. Eles falaram e escreveram tais palavra ao povo. Especialmente os profetas da monarquia citam a palavra com a fórmula: "Assim diz (*'āmar*) o SENHOR". Desde a obra de H. W. Wolff e C. Westermann (*Basic forms of profetic speech*, traduzida do alemão para o inglês por H. C. White, Westminster, 1967) e de outras mais, isto tem sido entendido como uma fórmula de mensagem semelhante àquela de uso secular, quando um mensageiro que traz uma carta fala em nome de quem a enviou. A ênfase está na fonte das mensagens proféticas. A mensagem não é uma invenção do profeta. Esta fórmula ocorre mais de 130 vezes apenas em Jeremias. De fato, a fórmula coloca ênfase em Deus, aquele que revela. Deve ser lembrado, porém, que a comissão a Jeremias é dada apenas uma vez no começo do livro. Todo o livro, e não apenas as partes dele introduzidas pela fórmula, eram as palavras de Deus por intermédio de Jeremias enviadas aos seus coevos rebeldes. Observe a falta de fórmula, mas mesmo assim a reivindicação de revelação, no que diz respeito à escrita do rolo: "Todas as palavras que te falei (*dābar*) contra Israel [...] desde o dia em que te falei (*dābar*) até hoje" (Jr 36.2). Não há mágica alguma no vocábulo *'āmar*. O poder está em Deus, aquele que fala. R.L.H.]

'ōmer. ***Discurso, palavra, coisa, algo.*** Esta palavra de amplo campo semântico (*cf. dābar*) é traduzida de modo variável em diferentes contextos. Assim, este termo tem sido traduzido por "discurso", "ditado", "assunto", "promessa", "plano", "propósito", "decreto", "mandamento", "designação", *etc.* É encontrada seis vezes no AT. As referências são Jó

119 אֵמֹרִי (*'ēmōrî*)

22.28; Salmos 19.2, 3[3, 4]; 68.11[12]; 77.8[9]; Habacuque 3.9. Elas aparecem apenas em passagens poéticas e no estilo elevado da profecia (poesia). (Deve ser dito aqui que *'ēmer* é usado 49 vezes; alguns léxicos relacionam as citações de ambas as palavras juntas.) Os paralelos desta palavra são "mandamento", "palavras", "voz", "meditação", "oração" e "lei (instrução)". Inquestionavelmente, o termo mais freqüentemente empregado para "palavra" é *dābār*, que é usado para se referir a Deus 394 vezes com a força de "mandamento", "profecia", "admoestação" ou "encorajamento". Em Jó 22.28, Elifaz aconselha Jó a encontrar a sua alegria e firmeza em Deus, para que, se ele decidir sobre algum "assunto", este lhe possa ser realizado. O salmista, em Salmos 19.2, 3[3, 4], refere-se ao "discurso" da criação natural. O uso em Salmos Sl 68.11[12] possivelmente está relacionado com o mandamento de Deus na frente do seu exército sendo anunciado por arautos (fem. de oficial) por entre as fileiras. A força em Salmos 77.8[9] está na "promessa" de Deus ao justo. A referência no texto admitidamente difícil de Habacuque 3.9 parece apontar para os "juramentos" (isto é, as promessas) feitos às tribos de Israel.

'imrâ. ***Palavra, discurso, ditado, expressão oral.*** A palavra é usada 56 vezes no AT, principalmente na literatura poética (19 referências no salmo 119; sete em outros salmos) no coletivo singular. Visto que o conceito é muito importante, é natural que sejam empregados sinônimos para evitar repetições.

Bibliografia: HEINSCH, P., *Das Wort im Alten Testament und im Alten Orient*, 1922. — JACOBS, E., *Old Testament theology*, 1955, p. 127-35. — MAY, E., The logos in the Old Testament, *CBQ*, 8:393-8. — MOWINCKEL, The spirit and the word in the pre-exilic prophets, *JBL*, 53:199. — RICHARDSON, *TWB*, p. 232. — RINGGREN, H., *Word and wisdom*, 1947. — RUNDGREN, F., Hebräisch basar "Golderz" und 'amar "Sagen", Zwei Entomologien, *Or*, 32:178-83. — *TDNT*, v. 4, p. 91-100. — *TDOT*, v. 1, p. 328-47. — *THAT*, v. 1, p. 216-9. — *TWNT*, v. 4, p. 69 e s.

C.L.F.

119 אֱמֹרִי (*'ĕmōrî*) ***amorreus*** (coletivo).

O nome aparece 87 vezes no AT. Foi empregado para se referir aos habitantes da Palestina em geral. São designados no lugar dos cananeus como o povo a quem Israel iria destruir(Gn 15.16; 2 Rs 21.11). Os habitantes mais antigos de Judá foram chamados amorreus (Js 10.5, 6). Os amorreus estavam localizados na margem ocidental do mar Morto (Gn 14.7), em Hebrom (Gn 14.13), Siquém (Gn 48.22), Gileade, Basã (Dt 3.10) e Hermom (Dt 3.8; 4.48).

Os amorreus viviam nas montanhas, como também os heteus e jebuseus (Nm 13.29). Talvez o nome amorreus signifique "habitantes da montanha".

Na época de Abraão os amurrus eram o povo de destaque da Ásia Ocidental. No terceiro milênio a.C. o reino amorreu estendeu-se pela maior parte da Mesopotâmia e da região siro-palestina, sendo que esta foi designada como a "terra dos amorreus". Portanto, o nome pertence ao primeiro período babilônico da história do Oriente Próximo. Uma dinastia de amorreus governou na Babilônia do norte, tendo Babilônia como capital e Hamurabi como um dos seus reis. Os reinos amorreus duraram até a época em que Israel conquistou Canaã, fato comprovado pelas tábuas de Amar e pelos relatos heteus. Depois da derrota de Seom, rei dos amorreus, o reino deles desapareceu.

Bibliografia: CLAY, Albert F., *The empire of the Amorites*, Yale Oriental Series, Researches. 6, Yale University, 1919, p. 192. — GIBSON, J. C. L., Light from Mari on the patriarchs. *JSS*. 7:44-62. _____, Observations on some important ethnic terms in the pentateuch, *JNES*. 20:217-38. — LEWY, Julius, Amurritica, *HUCA*, 32:31-74. — TUR-SINAI, H., The Amorite and the Amurru of the inscriptions. *JQR*, 39:249-58. — VAN SETERS, John. The term "Amorite" and "Hittitel" in the Old Testament, *VT*, 22:64-81. — LIVRANI, M., The Amorites., In: *Peoples of OT times*, ed. K. A. Kitchen, Clarendon Press, 1973.

C.L.F.

120 אֵמֶשׁ (*'emesh*) ***ontem.***

אֱמֶת (*'emet*) Veja o n.º 116l.

121 אֹן (*'ōn*), אוֹן (*'ôn*). ***Om.***

O nome aparece apenas três vezes no AT: Gênesis 41.45, 50 e 46.20. Era uma cidade do Baixo Egito onde viveu Potífera, sacerdote de Om e sogro de José. O nome egípcio era An, Ant e Annu; mais tarde, esta cidade recebeu o nome de Heliópolis, "Cidade do sol". Era conhecida pelo culto ao Deus sol Ra. O nome ocorre em Êxodo 1.11, na LXX. Tendo agora o nome de Tell Hisn e Matariyeh, Om foi desde os tempos antigos o importante centro de adoração do sol. Tem sido sugerido que Avem, que tem as mesmas consoantes hebraicas do nome *On*, em Ezequiel 30.17, é a mesma Om de Gênesis (a NTV traz Heliópolis). Havia duas Ons no Egito, uma no Baixo Egito e a outra no Alto Egito. A Om bíblica é a primeira. Ficava a cerca de 15 quilômetros ao nordeste da Cairo de hoje. A história de Om está revestida de obscuridade. No tempo dos textos da Pirâmide, gloriava-se de ser um grande santuário. Havia um templo do sol dedicado a Ra e a Atum. Acredita-se que Bete-Semes ("casa do sol") é um pseudônimo para Om em Jeremias 43.13. Aparecendo na história egípcia no levante contra o rei assírio Assurbanipal, Om ficou deserta desde o ano 525 a.C.

C.L.F.

אֵן (*'ān*). Veja o n.º 75g.

122 אָנָּא (*'ānnā'*) ***Ah, agora! Eu te imploro.***

123 אָנַב (*'nb*). **Aceita como raiz de:**

123a אַרְנֶבֶת (*'arnebet*) ***lebre.***

124 אָנָה (*'ānā*) ***I, lamentar.***

Termos Derivados

124a אֲנִיָּה (*'ănîyâ*) ***lamentação.*** Este substantivo ocorre apenas em Isaías 29.2 e em Lamentações 2.5.

125 אנה (*'nh*)

124b תַּאֲנִיָּה (*ta'ănîyâ*) ***lamentação***. Ocorre apenas em Isaías 29.2 e em Lamentações 3.5.

125 אנה (*'nh*) **II. Aceita como raiz de:**

125a *אֳנִי (*'ŏnî*) ***navios, esquadra.***

125b *אֳנִיָּה (*'ŏnîyâ*) ***navio.***

O substantivo *'ŏnîyâ* aparece 31 vezes no AT. Trata-se da palavra mais comum para se referir a um navio (Jn 1.3). Além disso, já foi comprovada a sua existência nos textos de Tell el-Amarna. O singular deste substantivo, que é feminino, designa um único navio. O plural deste substantivo e a sua forma coletiva mais curta (*'ŏnî*, "esquadra") aparecem com freqüência. A expressão *'anshê 'ŏnniyôt*, "marinheiros", refere-se aos que manejam tais embarcações (1 Rs 9.27). Visto que os israelitas não tinham bons portos na parte norte do litoral do Mediterrâneo e pelo fato de os filisteus controlarem a costa sul da Palestina, o mar não era uma boa possibilidade de tráfego para os hebreus. Contudo, durante o famoso reinado de Salomão, a nação tomou parte no transporte marítimo, ainda que não tanto pelo Mediterrâneo, mas sim pelo Golfo de Ácaba. A familiaridade de Israel com as naus que percorrem os mares data do contato deles com os fenícios.

Bibliografia: BARNETT, R. D., Early shipping in the Near East, *Antiquity*, 32:220-30. — SASSON, Jack M., Canaanite maritime involvement in the second millenium B.C., *JAOS*, 86:126-38.

C.L.F.

126 *אָנָה (*'ânâ*) ***III, ser oportuno, adequado.***

O verbo ocorre apenas quatro vezes, três vezes com o sentido ou do piel ou do pual com a idéia de "libertar", ou no passivo, com a idéia de "acontecer". No hitpael a idéia que se desenvolve é a de "procurar uma contenda".

Termos Derivados

126a תַּאֲנָה (*ta'ănâ*) ***ocasião, tempo do cio*** (de uma jumenta, Jr 2.24).

126b תְּאֹנָה (*tĕ'ănâ*) ***oportunidade*** (para uma contenda), Juizes 14.4.

אֱנוֹשׁ (*'ĕnôsh*). Veja o n.º 136a.

127 *אָנַח (*'ānaḥ*) ***gemido, suspiro, grito sufocado.***

Termo Derivado

127a אָנַח (*'ānâḥâ*) ***gemer, suspirar.***

'ānaḥ ocorre 12 vezes, apenas no nifal e, na maioria, em passagens poéticas. O termo ocorre no ugarítico. Este verbo não é o mais freqüente do AT para se referir

ao ato de se lamentar. *sāpad* e *'ābal* referem-se mais aos atos públicos de lamentação e pranto como no caso de um funeral. *bākâ* refere-se ao choro por qualquer tristeza como no caso de *'ānah*. O dever de se lamentar em um funeral era tão importante que a omissão era caso de sério infortúnio (1 Rs 14.13, *sāpad*). Aqueles que se envolviam diretamente neste lamento eram os membros da família do falecido (Gn 50.10, *sāpad*). Além dos funerais, a lamentação pública estava relacionada com arrependimento (Êx 33.4, *'ābal*; Jl 1.13, *sāpad*; 2.12, 13, *mispēd*). Nas práticas pagãs, imitadas por Israel de seus vizinhos idólatras, mutilações e ferimentos acompanhavam as lamentações (*cf.* os profetas de Baal no monte Carmelo). Dentre as 12 ocorrências do verbo, quatro aparecem em Lamentações de Jeremías (1.4, 8, 11, 21) e quatro aparecem em Ezequiel (9.4; 21.11 [duas vezes], 12). As passagens restantes estão em Ezequiel 2.23; Provérbios 29.2; Isaías 24.7; e Joel 1.18. Todos os exemplos de Lamentações de Jeremias estão relacionados com a destruiçao de Jerusalém em 587/586 a.C. As referências de Ezequiel apontam para o esforço de coraçao por parte daqueles que clamaram pela condição espiritual desesperada de Israel.

'ănāḥâ. ***Gemer, suspirar.*** Este substantivo refere-se ao gemer por causa de sofrimento de ordem física ou mental. O termo aparece 11 vezes no AT, apenas nos livros poéticos (seis vezes em Salmos e em Jó) e nos livros proféticos (três vezes em Isaías, uma em Jeremias e uma em Lamentações).

C.L.F.

128 אֲנַחְנוּ (*'ănaḥnû*) ***nós.***

O termo aparece 188 vezes, menos do que se poderia esperar (veja a forma mais curta *naḥnû*). Assim como no caso de outros pronomes hebraicos, o uso é quase sempre enfático (também nos casos de pronomes oblíquos), "nós mesmos". O sufixo da primeira pessoa do plural aparece com freqüência. O ugarítico não possui forma independente completa. Pode ser argumentado que a forma proto-semítica não tinha o *aleph* inicial e que esta forma mais comprida com o *aleph* se desenvolveu por analogia com a forma singular *'ănî* e *'ănōkî*.

128a נַחְנוּ (*naḥnû*) ***nós,*** entendido como forma mais curta de *'ănaḥnû*.

O ugarítico não tem cognato desta forma, embora possua um sufixo relacionado com ela. A palavra aparece apenas seis vezes (Gn 42.11; Êx 16.7, 8; Nm 32.32; 2 Sm 17.12 e Lm 3.42). Esta forma mais curta do pronome pode ser a original.

C.L.F.

אֲנִי (*'ănî*). Veja o n.º 125a,b.

אֲנִיָּה (*'ănîyâ*). Veja o n.º 124a.

129 אֲנִי (*'ănî*) ***eu.***

Não surpreende que a tão importante primeira pessoa do singular ocorra centenas de vezes no AT. A presença do pronome é comprovada no ugarítico, embora se acreditasse que a palavra fosse um dos elementos característicos do documento posterior chamado "P".

129.1 אֲנָךְ (*'ănāk*)

A forma mais longa do pronome *'ănōki* também é usada no ugarítico. Em sua forma independente o pronome é encontrado como sujeito de orações nominais. Visto que este é o pronome que se refere a quem fala, não é necessária indicação específica de gênero. Visto que um particípio não manifesta elementos do verbo finito, o pronome pessoal é essencial para indicar o sujeito da oração. Quando o verbo é acrescentado ao verbo finito, traz o aspecto enfático, como em 2 Samuel 12.28: "...para não suceder que, tomando-a eu...". Ainda que no hebraico mais recente a ênfase não esteja tão claramente delimitada, no hebraico mais antigo, pelo menos na prosa, tal ênfase é inconfundível.

Três tipos de ênfase com o pronome independente podem ser percebidos. 1) É encontrado após um verbo com o sufixo pronominal de primeira pessoa como em Gênesis 27.34, onde Esaú suplica: "Abençoe também a mim, meu pai". 2) Ocorre após um substantivo acompanhado de sufixo pronominal de primeira pessoa como em 2 Samuel 18.33[19.1]: "Quem me dera que eu morrera por ti" (*lit.*, quem me dera a minha morte, até mesmo a minha). 3) Aparece após uma preposição com o sufixo pronominal em 1 Samuel 25.24: "Sobre mim, até mesmo sobre mim (literalmente)".

Bibliografia: *THAT*, v. *i*, p. 216-9.

C.L.F.

129.1 אֲנָךְ (*'ănāk*) ***prumo***. Talvez uma palavra emprestada.

130 אָנֹכִי (*'ānōkî*) ***eu***.

Esta forma do pronome de primeira pessoa do singular ocorre mais de 200 vezes no AT. Contudo, tal freqüência é inferior à da forma mais curta. O pronome é encontrado em assírio, em ugarítico e em outras línguas semíticas, embora esteja ausente no aramaico, no árabe e no etíope. Tem sido sugerido que as duas formas do pronome (a mais curta e a mais longa) tiveram desenvolvimento paralelo, sendo que a forma mais longa teve acréscimo de um elemento demonstrativo (como o hebraico *kōh*, "aqui"). Em certos exemplos, os dois pronomes são usados de modo intercambiável. Em outros casos manifesta-se uma escolha definida entre os dois, ou por causa da exigência do ritmo, ou por causa da aparente preferência dos autores do período exílico pela forma mais curta. Quando o pronome acompanha o verbo para marcar ênfase, a forma mais curta é quase sempre utilizada (Dt 12.30; Jr 17.18). No estilo retórico de Deuteronômio a forma mais longa é empregada. Frases particulares aparecem ora com um pronome, ora com outro. A forma mais curta sempre aparece na expressão: "tão certo como eu vivo" (Nm 14.21). A forma mais longa é regularmente empregada com um predicativo (2 Sm 1.8). Nos livros exílicos do AT o uso da forma mais curta ocorre muito mais do que a outra: Ezequiel emprega a primeira 138 vezes e a segunda apenas uma vez (36.28).

C.L.F.

131 אָנַן (*'ānan*) ***queixar-se, murmurar***. Ocorre apenas no hitpoel (Lm 3.39; Nm 11.1).

132 אָנַס (*'ānas*) ***compelir, constranger***. Somente em Ester 1.8.

133 אָנַף (*'ānēp*) ***estar irado, indignado.***

Termos Derivados

133a אַף (*'ap*) ***I, narina, face, ira.*** O pe duplo do plural mostra a sua derivação de *'ānēp*.

133b אֲנָפָה (*'ănāpâ*). ***certa ave imunda*** (Lv 11.19; Dt 14.18). Sua derivação é incerta.

'ānep é usado para expressar a atitude de ira do Senhor para com o povo da aliança quando este pecava, *e.g.*, Moisés (Dt 1.37), Arão (Dt 9.20), o povo (Dt 9.8). Os homens reconhecem a prerrogativa divina, mas suplicam que ele não permaneça irado.

'ap. *Narina, face, ira.* O termo *'ap*, em hebraico, refere-se em primeiro lugar a uma parte do corpo, especificamente ao nariz, à narina (focinho de porcos, Pv 11.22) e também à face (2 Sm 25.23) ou ao semblante (*cf. UT*, 19: n.° 264, uma abertura do corpo, ou possivelmente o próprio corpo, *e.g.*, nariz, mamilo). É considerada parte vital do corpo. Deus tornou o homem um ser vivente ao soprar em suas narinas, nariz (Gn 2.7). O nariz, ainda que se refira ao órgão do olfato (Dt 33.10) ou a uma parte do corpo próprio para ornamentos (Is 3.21) ou para anzóis, pelos quais se levam cativos (2 Rs 19.28), também é considerado órgão necessário à continuidade da vida de um homem ou animal (Is 2.22).

Por meio das alterações da respiração as emoções podem ser exprimidas. Talvez tenha sido observado que o nariz fica dilatado quando se está irado. Diz-se que Deus está *'erek 'appayim* (*lit.*, "demorando-se de ira", *i.e.*, demorando-se para ficar irado) em passagens como Êxodo 34.6; Números 14.6; Salmos 86.15; Neemias 9.17. A idéia é que Deus toma um longo e profundo suspiro enquanto mantém a sua ira em suspenso. Um príncipe pode ser considerado persuadido por uma demonstração de clemência, paciência, *i.e*, "o demorar da respiração" (Pv 25.15).

O principal uso de *'ap* refere-se à ira dos homens e de Deus. Esta ira expressa-se na manifestação das narinas. *'ap* dá ênfase específica ao aspecto emocional da ira e do furor, onde os seus sinônimos e termos relacionados dão expressão particular a outros aspectos.

A ira de Deus está particularmente relacionada com o pecado do seu povo, o que lhe é doloroso e o desagrada profundamente (2 Rs 13.3). O pecado ofende e fere o amor divino. A resposta emocional a isto é a ira de Deus. Tal ira, ainda que furiosa (Jr 25.37), não é pecaminosa, má, nem procede de atitudes caprichosas. Contudo, ela se expressa em punições (Sl 6.1; Is 12.1) e castigos (2 Sm 6.7; Jr 44.6).

A ira do homem pode ser legítima (2 Sm 12.5). Todavia, as Escrituras do AT advertem que a ira pode ser demasiada (Pv 27.4) e provocar contenda (Pv 29.22). Em contraste com isso, é dito que o homem tardio em irar-se apazigua a contenda (Pv 15.18) e que um sábio se desvia dela (Pv 29.8).

Bibliografia: ERLANDSSON, S., The wrath of Yhwh, *Tyndale Bulletin*, 23:111-6. — HANSON R. P. C., The wrath of God, *ExpT*, 58:216-8. — MCKENZIE, John L., Vengeance is mine, *Scripture* 12:33-39. — MORRIS, L. L. The wrath of God, *ExpT, 63:142-5.* — TDNT, v. 5, p. 392-418. — *TDOT*, v. 1, p. 348-60. — *THAT*, v. 1, p. 220-4.

G.V.G

134 אָנַק (*'ānaq*)

134 אָנַק (*'ānaq*) ***clamor, gemido.***

Termos Derivados

134a אֲנָקָה (*'ănāqâ*) ***I, clamor, gemido.***
134b אַנְקָה (*'ănāqâ*) ***II, furão ou doninha.***

135 אָנַשׁ (*'ānash*) ***I, desesperado, incurável, desesperadamente perverso, muito doente, desastre.***

O sentido básico da palavra é "ficar doente" (2 Sm 12.15), contudo, na maioria das vezes é usada para descrever um ferimento ou um sofrimento incurável, conforme comprovado pelos contextos de Jeremias 15.18; 30.12. É usado de modo metafórico em Isaías 17.11; Jeremias 17.16. Em Jeremias 17.9, o termo descreve o estado espiritual desesperado do coração em termos de enfermidade.

136 אנשׁ (*'nsh*) ***II. Aceita como raiz de:***

136a אֱנוֹשׁ (*'ĕnôsh*) ***homem, homem mortal, pessoa.***

O sentido básico de *'ĕnôsh* é "homem", no sentido de "espécie humana". A palavra pode-se referir a um indivíduo apenas no sentido mais geral (*e.g.*, "bendito é o homem que assim procede [Is 56.2]) e carece da especificidade de *'ĭsh*. O termo é usado principalmente no material poético do AT.

A raiz verbal de *'ĕnôsh* é desconhecida. Se o termo é derivado de *'ānash*, "ser fraco, doente", a ênfase fundamental seria sobre a fraqueza ou a mortalidade humana, conotação permitida por alguns contextos, particularmente os que enfatizam quão insignificante é o homem (*e.g.*, Sl 8.4[5]; Jó 7.17). A palavra pode ser derivada de uma raiz diferente, *'ns*, não comprovada no hebraico, mas encontrada no árabe e no ugarítico. No árabe, o termo tem a conotação de amizade ou sociabilidade, e, no ugarítico, há o conceito semelhante de camaradagem. Se o termo é derivado desta raiz, a ênfase fundamental de *'ĕnôsh* está sobre o homem como ser social.

Embora seja verdade que a palavra enfatiza com freqüência a fragilidade do homem e sua condição como ser humano, estes conceitos podem ser derivados da estrutura teológica com a qual os antigos hebreus percebiam o ser humano e não necessariamente de um significado inerente à raiz. A palavra quase sempre tem sentido geral e aparece em paralelo com outras expressões gerais para designar o homem tal como *'ādām* (Sl 73.5; 144.3). Além disso o uso do termo associado à "terra dos viventes" (Jó 28.13) parece favorecer a derivação da forma não comprovada *'nsh*. A ênfase estaria então no homem como representante da raça humana.

O sentido básico "espécie humana" é evidente em passagens tais como Jó 28.13; 36.24; Salmos 90.3; Isaías 13.12 e em Deuteronômio 32.36; Jó 7.1; Isaías 24.6, onde se fala do homem como um daqueles que habitam a terra.

Um conceito teológico importante subjacente ao uso desta palavra é a distinção fundamental entre Deus e o homem. Eliú estabelece este conceito em sua afirmação de

que Deus é maior do que o homem (Jó 33.12). O salmista clama a Deus que exerça o seu poder para que o homem reconheça a sua insignificância diante dele (Sl 9.19, 20[20, 21]). Esta diferença fundamental é a base da afirmação de Salmos 10.17, 18, que diz: "o homem que é da terra" não mais trará terror. A esfera de atuação do homem é a terra e não o céu. Ele é mortal e não divino, de modo que não pode prevalecer contra Deus. A distinção também é evidente na mortalidade humana (Sl 90.3) e na imortalidade divina (vv. 2,4). A natureza de Deus é oposta à do homem, o que pode ser visto em perguntas do tipo: "Vês tu como vê o homem?" (Jó 10.4) e "os teus anos são os anos de um homem?" (Jó 10.5).

A insignificância humana em vista da vastidão do universo é confirmada por meio da pergunta: "Que é o homem?" (Sl 8.4). A sorte do homem na terra é difícil (Jó 7.1; 14.19), contudo ele goza da providência divina (Sl 104.15; *cf.* v. 14).

A palavra *'ĕnôsh* lembra ao homem a sua transcendência e sua posição humilde diante do Todo-Poderoso.

O Messias é descrito como o filho do homem (*'ĕnôsh*, Dn 7.13), termo que descreve sua proximidade para com a raça humana. (Observe que nesta passagem de Daniel há um contraste com os quatro símbolos de reinos que aparecem antes, os quais são bestas.)

Bibliografia: *TDOT*, v. 1, p. 345-7.

T.E.M.

137 אִישׁ (*'nsh*) III. **Aceita como raiz de:**

137a אִשָּׁה (*'ishshâ*) ***mulher, esposa, fêmea, cada uma, toda.***

A palavra *'ishshâ* é explicada em Gênesis 2.23,24. É descrita como a cópia física do homem, digna de sua lealdade inabalável. É neste contexto (vv. 24, 25) que a palavra é usada pela primeira vez com o sentido de "companheira" ou "esposa".

A Bíblia tem a mulher na mais alta estima e apresenta a "graciosidade" (Pv 11.16) e a "dignidade" (Rt 3.11) como ideais femininos. Todavia, a beleza sem discrição é condenada (Pv 11.22).

As mulheres tinham uma posição de prestígio no AT. A mulher sábia de Tecoa, Débora, e Ester são apenas poucas das muitas mulheres de influência na história do AT.

No entanto, há advertências contra a mulher adúltera e a prostituta. Unir-se a elas trará punição certa (Pv 6.24-29) e até mesmo morte espiritual (Pv 2.16-19).

A expressão "nascido de mulher", *y'lûd 'ishshâ*, usa *'ishshâ* em um sentido coletivo, tendo a conotação de mortalidade humana associada à sua fragilidade inerente (Jó 14.1; 15.14; 25.4).

As mulheres eram proibidas de vestir roupas de homem (Dt 22.5). Veja Hoffner (bibliografia). Era permitido tomar mulheres como despojo na conquista de uma cidade (Dt 21.10, 11).

A palavra *'ishshâ* ocorre em algumas expressões específicas, *e.g.*, *'ishshâ n'bî'a*, profetisa, e *'ishshâ zônâ*, prostituta.

Uma mulher nobre representa metaforicamente a sabedoria (Pv 9.13), uma mulher tola, porém, representa tudo aquilo que se opõe à sabedoria.

A palavra é usada com frequência no sentido de "esposa". A boa esposa é muito honrada no AT. Aquele que encontra uma, encontra uma fonte de bênção (Pv 18.22) e honra (Pv 12.4). Uma esposa fértil é sinal de bênção (Sl 128.3). Sua posição de honra é clara em vista do fato de que ela "vem do Senhor" (Pv 19.14). A figura conhecida da esposa ideal é apresentada em Pv 31.10-31. Uma mulher briguenta, porém, pode ser uma

fonte de contendas (Pv 19.13; 21.9, 19; 25.24; 27.15).

O papel legal de uma esposa é claramente delimitado no AT. O adultério recebe pena de morte para ambas as partes (Dt 22.22). Uma mulher suspeita de adultério poderia ser levada a fazer um juramento de inocência e ser exposta a um tipo de teste detector de mentiras por seu marido no recinto sagrado a fim de determinar sua culpa ou inocência (Nm 5.11-31). Os servos hebreus podiam ter esposas (Êx 21.3). Se o senhor de um servo lhe desse uma esposa, o servo corria o risco de ficar separado de sua esposa quando terminasse seu período de serviço (Êx 21.4, 5). A esposa recém-casada não poderia ser separada de seu marido (Dt 24.5), e a viúva não ficava abandonada no sistema do levirato (Dt 25.5).

O papel da esposa é usado como metáfora em certo número de passagens importantes. O adultério (Ez 16.32) e o divórcio (Jr 3.1) aparecem de modo expressivo na mensagem profética denunciadora do erro. Israel era visto como esposa do Senhor, figura expressiva de amor profundo. Apesar disso, Israel rejeitou a Deus, como uma esposa teimosa rejeita a seu marido. Em Ml 2.14, o início do relacionamento conjugal entre o Senhor e o seu povo é a aliança mosaica.

Bibliografia: BOEL, Franz M. Th., The position of women in ancient Babylonia and Israel, *BS*, 77:4-13, 186-97. — BROOKS, Beatrice Allard, Some observations concerning ancient Mesopotamian women, *AJSL*, 30:187-94. — CROOK, Margaret B., The marriageable maiden of Prov 31:10-31, *JNES*, 13:137-409. — HOFFNER, H. A., Symbols for masculinity and femininity, *JBL*, 85:326-35. — SCHOFIELD, J. N., Some archaeological sites and the Old Testament (Nuzu), *ExpT*, 66:315-8. — YARON, Reuven, Aramaic marriage contracts from Elephantine, *JSS*, 3:1-39. *THAT*, v. 1., p. 247-50.

T.E.M.

138 אשׁה (*'ishsh*) **Aceita como raiz de:**

138a אָשׁוֹן (*'ăsôn*) ***dano, mal, prejuízo, ferimento.***

O substantivo aparece cinco vezes, sempre sem o artigo. As passagens em Gênesis (42.4, 38; 44.29) estão relacionadas com a preocupação de Jacó pelo bem-estar de Benjamim. As referências de Êxodo (21.22, 23) dizem respeito ao dano feito a uma mulher grávida.

C.L.F.

אָשׁוֹן (*'ăsôn*). Veja o n.º 138a.

אָשׁוּר (*'ĕsôr*). Veja o n.º 141a.

אָשׁוּר (*'ăsîr*), אָסִיר (*'āsîr*). Veja o n.º 141b,c.

139 אסם (*'āsam*) **Aceita como raiz de:**

139a אָסָם (*'ăsām*) ***celeiro.*** Ocorre apenas em Deuteronômio 28.8; Provérbios 3.10.

140 אסף (*'āsaph*) ***reunir, remover, recolher*** (uma colheita).

Termos Derivados

140a אָסֵף (*'āsēp*) ***ajuntamento.***
140b †אָסִיף (*'āsîp*) ***colheita, ceifa.***
140c אָסֹף (*'āsōp*) ***o que é colhido, armazenado.***
140d †אֲסֵפָה (*'ăsēpâ*) ***uma coleta, colheita.***
140e אֲסֻפָּה (*'ăsuppâ*) ***arrecadação.***
140f †אֲסַפְסֻף (*'ăsapsup*) ***arrecadação, ajuntamento de pessoas.***

No nifal o verbo é traduzido por "ser reunido" (por morte), "ajuntar-se", "ser removido", "perecer". O pual aparece como "ser reunido", enquanto o hitpael tem a força de "reúnem-se a si mesmos". O verbo tem o mesmo sentido no ugarítico.

Este verbo aparece 199 vezes no AT. O ugarítico também tem uma raiz cognata. As duas principais palavras para "reunir", "ajuntar" são *'āsap* e *qābats*. Quando transitivo o verbo denota "trazer para junto", "reunir"; quando intransitivo, o sentido é de "vir para junto de", "ajuntar". A frase "reunido aos seus pais" é muitas vezes usada para se referir à morte (Gn 25.8, 17; 49.29, 33; Dt 32.50; 2 Rs 22.20).

Há alguns eruditos que são de opinião que esta frase indica, ainda que de modo indefinido e vago, uma crença antiga de que na vida após a morte haveria o reconhecimento das pessoas amadas. Todavia, pode-se tratar apenas de um eufemismo para a morte sem importância teológica evidente. A força transitiva pode denotar o ajuntar muitas pessoas (Sl 27.10; *cf.* Is 52.12).

Um uso importante da palavra está relacionado com a colheita, cuja palavra hebraica comum é *qātsîr*. Visto que Israel era um povo agrícola, esta colheita (*qātsîr*) tinha grande significado para eles (Gn 8.22; 45.6). Os eventos eram contados a partir das colheitas, ou com base nelas (Gn 30.14; Js 3.15; Jz 15.1; Rt 1.22; 2.23; 1 Sm 6.13; 2 Sm 21.9; 23.13). As três festas principais do calendário judaico estavam relacionadas com três épocas de colheita (Êx 23.16; 34.21, 22). A festa da Páscoa acontecia na época da colheita da cevada, a festa de Pentecostes acontecia na época da colheita do trigo (Êx 34.22) e a festa dos Tabernáculos no final do ano durante a colheita das frutas. Entre a colheita da cevada e a do trigo caíam algumas chuvas que aumentavam a colheita do trigo (*cf.* Am 4.7). Da época da colheita do trigo até a das frutas não chovia (2 Sm 21.10; Jr 5.24). A lei mosaica abrangia a colheita com leis definidas com respeito ao tempo das espigas (Lv 19.9), dos primeiros frutos (Lv 23.10) e com respeito à proibição de ceifar uma colheita para a qual não se tinha trabalhado (Lv 25.5).

O calendário de Gezer estabelece as épocas de colheita do Israel antigo. As azeitonas eram colhidas desde os meados de setembro até os meados de novembro. As árvores eram balançadas com varas compridas (Dt 24.20; Is 17.6). O linho era colhido entre março e abril, quando era cortado e lançado ao chão, permitindo assim que as hastes fossem amaciadas (processo conhecido como maceramento) pelo orvalho ou por outro tipo de umidade (Js 2.6). Em abril ou no início de maio ocorria a colheita da cevada, enquanto a do trigo ocorria entre maio e junho. A colheita de figos, uvas, romãs e frutas de verão ocorria durante agosto e setembro.

O termo também é usado no sentido figurado. A destruição de uma colheita indicava o castigo divino (Jó 5.5; Is 16.9; Jr 5.17). O "tempo da colheita" frequentemente denotava

um período de destruição (Jr 51.33; Os 6.11; Jl 3.13[4.13]). A alegria de uma colheita indicava um grande regozijo. A colheita do Nilo indicava uma ceifa enorme (Is 23.3). Uma colheita já passada indicava uma oportunidade perdida e irrecuperável (Jr 8.20).

Um uso derivado do verbo ocorre com o sentido de "tirar" ou "remover". Quando Saul ouviu a agitação dos filisteus no acampamento deles (1 Sm 14.19), ordenou ao sacerdote que tirasse a sua mão da arca de Deus.

'āsîp. ***Colheita, ceifa*** (de cereais ou frutas). Este substantivo aparece duas vezes, em Ezequiel 23.16 e 34.22. O primeiro texto trata das três festas de peregrinação do calendário sagrado de Israel; o segundo trata das mesmas festas de forma resumida.

'āsēpâ. ***Ajuntamento, colheita.***

Este substantivo é um *hapax legomenon* (Is 24.22), aparecendo no conhecido apocalipse de Isaías (caps. 24—27), estando relacionado com o que alguns exegetas acreditam ser uma revelação escatológica. Pelo menos fica claro que a ressurreição está em vista (Is 25.8).

'āsapsup. ***Ajuntamento popular.*** Este substantivo masculino coletivo aparece apenas em Números 11.4 referindo-se à mistura heterogênea que seguia Israel vinda do Egito.

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., *BASOR* 92:16ff. — WRIGHT, G. E., *Biblical archaeology,* Westminster, 1957, p. 180ss.

141 אָסַר (*'āsar*) ***amarrar, prender, cingir, armadura.***

Termos Derivados

141a אָסִיר (*'ēsûr*) ***preso, ligado.***

141b †אָסִיר (*'āsîr*) ***prisioneiro, cativo.***

141c †אֲסִירִים (*'assîr*) ***prisioneiros.***

141d אֶסֶר (*'issār*) ***obrigação moral, responsabilidade.***

141e †מָסֹרֶת (*māsōret*) ***obrigação, vínculo.***

141f †מוֹסֵר (*môsēr*) ***vínculo, ligação, faixa.***

Este termo aparece 34 vezes no AT. A raiz é encontrada no ugarítico, tendo a força de "ligar". Quando junto de *milhāmâ* o sentido é "começar uma batalha", "atacar". No nifal a tradução é "ficar atado", "estar preso"; o pual pode ser traduzido por "ser levado prisioneiro". Outro uso do termo é o de prender-se a si mesmo por meio de juramento ou obrigação.

Certo número de palavras hebraicas indica o conceito de prender, tais como *rākas*, "ligar" (Êx 28.28), e *tsûr*, "amarrar" (Dt 14.25). O termo também é empregado no sentido de levar alguém prisioneiro (Jz 15.10; Sl 149.8[9]). O ato de aprisionar é muitas vezes mencionado no AT, o que mostra que esta era uma forma de punição comum entre os israelitas e as nações estrangeiras (Gn 40.3; 42.19; Nm 15.34; 1 Rs 22.27; Jr 37.15,21). Entre os hebreus não havia prisões propriamente ditas até provavelmente o período pós-exílico. Na Assíria e no Egito essas construções existiam. Em Israel, certos quartos ou

fossos ligados ao palácio real ou à casa de oficiais da corte serviam para tal finalidade.

Há diversos casos em que a liberdade de determinados indivíduos foi restringida: os irmãos de José foram mantidos sob guarda durante três dias (Gn 42.19); Simei foi impedido de sair de Jerusalém (1 Rs 2.36); o homem que apanhou lenha no sábado foi preso (Nm 15.34); Micaías foi preso por Acabe (1 Rs 22.27); Hanani foi preso por Asa (2 Cr 16.10); Oséias, após sua tentativa infrutífera de fazer aliança com o Egito, acabou preso por Salmaneser (2 Rs 17.4); Jeoaquim e Zedequias foram aprisionados por Nabucodonosor na Babilônia (2 Rs 25.27; Jr 52.11).

O livro de Jeremias tem muito a dizer a respeito da prática do aprisionamento em Israel durante os últimos anos da dinastia davídica. O profeta foi preso por correntes, no portão superior de Benjamim (Jr 20.2), por ter avisado o povo de antemão a respeito da queda de Judá. Quando a capital foi tomada, Jeremias foi preso na corte da guarda, na residência do rei (32.2), aparentemente nos quartos da sentinela que guardava o palácio. Finalmente, o profeta foi acusado de traição e preso na casa de Jonatã, o escriba. Acredita-se que o local não era uma residência privativa, mas sim um edifício com esse nome, que tinha sido designado para servir de prisão. Isso torna-se ainda mais evidente quando se lê que a casa tinha um calabouço e algumas celas.

Durante pouco tempo o profeta ficou no calabouço ou cisterna (*bôr*) de Malquias (Jr 38.6).

Os prisioneiros eram tratados de acordo com a gravidade de seus delitos. Sansão foi obrigado a trabalhar arduamente (Jz 16.21), sendo também fisicamente mutilado quando lhe cegaram os olhos. Adoni-Bezeque foi deixado aleijado; seus polegares da mão e do pé foram cortados (Jz 1.6). Dieta e trajes específicos eram designados para os prisioneiros (1 Rs 22.27; 2 Rs 25.29). A prisão como punição era aparentemente desconhecida no antigo Oriente Médio, na Grécia e em Roma. No Códice Justiniano, o aspecto de custódia do aprisionamento foi instituído devido à perspectiva de que "a prisão existe como confinação e não como punição".

'āsîr. ***Prisioneiro, cativo.*** Termos paralelos são encontrados no ugarítico, no árabe e no aramaico. Catorze referências aparecem com o termo no AT, dentre as quais duas são leituras marginais (Gn 39.20, 22). Ao contrário dos conceitos ocidentais de aprisionamento, a lei antiga não delimitava o encarceramento como punição. As prisões serviam de lugar de confinação temporária até posterior revisão e decisão da questão em jogo. As prisões diferiam entre si; algumas eram casas particulares (Jr 37.15), calabouços subterrâneos (Jr 37.16), a corte da guarda (Jr 32.2) ou talvez até mesmo uma cisterna (Jr 38.6). Em Gênesis 39.20, 22 José, erroneamente acusado, foi preso com dois oficiais de Faraó. Por meio da soberana orientação divina José é tirado desta situação e elevado a uma posição inferior somente a Faraó. O juiz Sansão foi aprisionado por seus inimigos, os filisteus, porque estes queriam vingar-se dele por suas vitórias contra eles (Jz 16.21, 25). Isaías emprega o conceito de modo figurado quando descreve a atividade do rei da Babilônia prendendo multidões de toda a terra (Is 14.17). A profecia pós-exílica de Zacarias compara os exilados com presos já livres na esperança (Zc 9.12). Os termos paralelos desta palavra são interessantes: solitário (Sl 68.6[7]); pobre ou necessitado (Sl 69.33[34]); os condenados à morte (Sl 102.20[21]); os habitantes das trevas e das sombras da morte (Sl 107.10).

142 אָסִר (*'ap*)

'assîr. ***Prisioneiros, presos.*** O conceito da raiz é encontrado no ugarítico. Há três referências no AT, todas nas profecias de Isaías (10.4; 24.22; 42.7). Os textos de Êxodo 6.24, 1 Crônicas 6.22, 37[7, 22] trazem o nome próprio "Assir". Em 1 Crônicas 3.17, a palavra *'assîr* é entendida por alguns como o primeiro filho de Jeconias. Outros traduzem o termo por "Jeconias (o cativo)", que parece adequar-se melhor ao contexto. O AT menciona prisioneiros egípcios, assírios, judeus, babilônios e filisteus. Salomão prendeu a Simei ben Gera na cidade de Jerusalém (1 Rs 2.36, 37). As cidades de refúgio foram construídas para homicidas que eram inocentes de assassínio intencional (Nm 35). Quando Isaías apresentou a lista de pecados específicos de Israel, predisse que a Assíria seria o instrumento da ira de Deus contra Israel. Aprisionamento e morte seriam as consequências (Is 10.4). Em sua bem conhecida parte apocalíptica (caps. 24—27), Isaías previu a visitação cataclísmica de Deus sobre os reis e líderes da terra. Eles serão reunidos como prisioneiros em uma cisterna, confinados ali, e posteriormente punidos com a ira final (Is 24.22). No primeiro cântico do Servo, Isaías prediz que o Messias libertaria os prisioneiros de Satanás, uma declaração figurada da graça redentora do Messias (Is 42.7). Assir (Êx 6.24; 1 Cr 6.22, 37) era filho de Coré, chamado filho de Ebiasafe; ele recebeu seu nome de seu tataravô.

māsōret. ***Obrigação, vínculo.*** A ARA traz disciplina. A palavra aparece apenas uma vez (no construto) em Ez 20.37, referindo-se ao julgamento de Israel por parte de Deus.

môsēr. ***Vínculo, ligação, faixa.*** O ugarítico apresenta um termo paralelo. Os 11 usos desta palavra são encontrados no AT. A tradução "vínculo" ou "ligação" coincide no caso da tradução de algumas palavras hebraicas nas Escrituras. Em seu sentido literal um vínculo é alguma coisa que liga, fecha, prende ou fortalece. O uso figurativo denota aquilo que castiga ou restringe. Jeremias (5.5) evidencia a maldade de Israel, na qual os líderes da nação tinham ido além das restrições divinas. Jeremias usa cadeias de modo literal para transmitir a advertência de Deus para com Israel de que, assim como as nações circunvizinhas, eles também seriam colocados sob o domínio de Nabucodonosor (27.2).

A libertação espiritual do pecado está em vista no caso de Salmos 116.16. Em Isaías 52.2 as cadeias mencionadas são as do cativeiro de Sião. Em uma referência evidentemente escatológica em Salmos 2.3, as nações aliadas da terra são descritas como definitivamente opostas ao governo divino soberano e cheio de restrições. Um retrato especialmente belo de amabilidade redentora aparece em Salmos 107.14, onde a ênfase sobre cadeias no sentido literal e espiritual aparece de modo alternado.

Bibliografia: ELON, M., Imprisonment, *Encyclopedia Judaica*, v. 8, 1972, p. 1 299-1 303. — GORDON, C. H., *UT*, 19: n.° 284. — SHEEHY, D. F., Prisons, *New Catholic Encyclopedia*, v. 11, 1967, p. 791-3.

C.L.F.

אַף (*'ap*) I. Veja o n.° 133a.

142 אַף (*'ap*) ***II, também, de fato.***

Esta conjunção ocorre mais de 120 vezes no AT. Pode denotar aquilo que é acrescentado a uma declaração com a força de "também", "de fato". Um exemplo disto é encontrado na resposta rebelde dada a Moisés em Números 16.14: "Nem tão pouco [*sic*]

nos trouxeste a uma terra que mana leite e mel". *'ap* raramente ocorre na prosa, aparecendo com maior freqüência na poesia como afirmação de um novo pensamento (Sm 2.7). Na prosa de linguagem mais elevada, o termo aparece em Levítico 26.16 e nos versículos em seguida. Com grande intensidade de emoção Isaías constrói um "crescendo" em Isaías 48.12, 13, 15 e em outras partes entre os capítulos 40—48 de seu livro. O que está quase sempre em vista é algo inesperado, "até mesmo", "de fato" (Jó 14.3; 15.4). Tanto na poesia como na prosa uma declaração prévia é transformada em um argumento *a fortiori*, "quanto mais" (depois de uma frase positiva), ou "quanto menos" (depois de uma frase negativa). Os usos podem ser resumidos como um uso adicional, "também"; enfático, "de minha parte"; antitético, "mas"; locuções, "de fato, verdadeiramente"; condicional, "quando". *'ē* aparece juntamente com esta conjunção como no caso de Provérbios 11.31. no sentido interrogativo, como em Gênesis 3.1: "É assim que Deus disse"?

C.L.F.

142.1 אֵפוֹד (*'ēpôd*), אֵפֹד (*'ēpōd*) ***éfode, estola sacerdotal.***

Esta palavra é encontrada quarenta e oito vezes no AT. Termos paralelos são encontrados no assírio e no ugarítico. Nos textos capadócios *epadum* parece ter o sentido de vestimenta em xadrez. Em Ras Shamra foi encontrado um hino ugarítico (c. de 1400 a.C.), que se referia a uma estola sacerdotal, provavelmente uma vestimenta da deusa Anate. Não se tem certeza se há correspondência com a vestimenta sacerdotal hebraica. Há até mesmo alguma dúvida sobre a tradução correta da passagem. Um ponto de vista erudito é que a estola sacerdotal do AT juntamente com a arca sagrada, era um tipo de templo em miniatura. A estola sacerdotal tem sido até mesmo comparada com um relicário semelhante a uma tenda levado à guerra por certas tribos árabes. O ponto de vista mais aceito é que esta estola era uma vestimenta do sumo sacerdote em Israel.

Originalmente tratava-se de uma veste sagrada feita para os sumos sacerdotes (Êx 28.4 e ss.; 39.2 e *ss.*). Era feita de ouro, estofo azul e purpura, carmesim, linho fino retorcido, unida por duas ombreiras e por um cinto de obra esmerada. Duas pedras de ônix, sobre as quais eram gravados os nomes das tribos de Israel, eram colocadas nas ombreiras. A estola sacerdotal podia estender-se até abaixo dos quadris ou restringir-se apenas até a cintura. Um peitoral com 12 pedras preciosas em quatro ordens era preso à estola com correntes de ouro puro. Sob a estola estava a sobrepeliz azul da estola que ia até os pés do sacerdote.

As estolas sacerdotais foram usadas por outras pessoas. Samuel cingiu-se com uma estola de linho enquanto ministrava sob a direção do sacerdote Eli (1 Sm 2.18). Os 85 sacerdotes de Nobe vestiram-se com estolas sacerdotais de linho (1 Sm 22.18). Davi estava usando uma estola de linho quando acompanhou a multidão que trazia a arca para Jerusalém (2 Sm 6.14). Sem dúvida a estola do sumo sacerdote era mais elaborada e ornamentada do que as usadas pelos adoradores leigos.

Em tempos de crise a vontade do Senhor era procurada por meio da estola sacerdotal (*cf.* Davi em 1 Sm 23.9; 30.7). Em Israel tanto a profecia como a estola eram meios autorizados de discernimento da vontade de Deus. A expressão técnica relativa à consulta da estola com o Urim e o Tumim era "entrar perante o SENHOR" (Êx 28.30; Jz 20.27; 1 Sm 14.18,41).

Quando os hebreus caíram em idolatria, usaram terafins e imagens gravadas

juntamente com a estola (Jz 17.5; 18.14,15,17,20; Os 3.4). É seguro afirmar que nestes casos a estola era uma vestimenta sacerdotal (*cf.* a que foi feita por Gideão, Jz 8.27), talvez adornada com pedras preciosas caras (como no caso de Mica, Jz 17.1-5).

Depois do cativeiro, a estola não tinha a função descrita na legislação do Pentateuco (Ed 2.63; Ne 7.65). Alguns crêem que a influência espiritual dos profetas servia para ofuscar este meio de discernimento da vontade de Deus.

Outra forma da palavra é *'ăpuddâ*, encontrada em Êx 28.8; 39.5; Is 30.22. Tem sido sugerido que a veste que possuía sinos dourados pode ter sido considerada uma "estola sacerdotal".

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., Are the ephod and the teraphim mentioned in Ugaritic Literature?, *BASOR*, 83:39ff. — ___, *Yahweh and the gods of Canaan*, Doubleday, 1968, p. 171, 184, 177, 179, 197, 200-5. — ARNOLD, W. R., *Ephod and the ark*, Harvard University, 1917. — FOOTE, T. C., The ephod, *JBL*, 21-147. — GRINTZ, Y. M., Ephod, *Encyclopedia Judaica*, 1972, v. 6, p. 804-6.

C.L.F.

142.2 אַפְּדֹן (*'appedden*) ***palácio.*** Palavra emprestada do persa.

143 אָפָה (*'ăpâ*) ***assar.***

Termo Derivado

143a מַאֲפֶה (*ma'ăpeh*) ***algo assado*** (Lv 2.4).

No qal, *'ăpâ* é traduzido conforme já indicado; no nifal a tradução é "ser assado" (com fermento). Há 25 referências no AT. O verbo é encontrado em ugarítico. O particípio do qal é usado substantivamente e traduzido quase sempre por "padeiro".

O termo e o seu derivado referem-se especificamente ao assar de pães e bolos feitos com farinha de trigo e óleo. Tal alimento assado era um elemento básico na dieta diária dos hebreus e seus vizinhos (Gn 19.3; 1 Rs 17.12, 13). Visto que o pão era uma mercadoria importante no Oriente Próximo, os padeiros eram trabalhadores importantes, como no Egito (Gn 40.1) e na Assíria, onde o padeiro principal era destacado por um epônimo. Assar pão era essencial para a preparação das refeições sagradas (Gn 14.18) e de certas ofertas sem sangue (Lv 21.6), especialmente em relação aos pães da proposição do santuário. Estes pães e as ofertas de assados faziam parte da adoração em Israel (Lv 2.4 e ss., 24.5). Os pães eram normalmente assados em forno, tarefa caseira das mulheres. O verbo hebraico é freqüentemente usado como sinônimo de cozinhar em geral (Êx 16.23).

C.L.F.

144 אֵפוֹ (*'ēpô*), אֵפוֹא (*'ēpô'*), אֵיפוֹא (*'êpô'*) ***assim, então.***

Tem sido sugerido que a palavra veio originalmente de *pô* ou *poh*, uma partícula com força demonstrativa e um *aleph* protético. O uso adverbial da partícula é traduzido por "totalmente", "assim", "portanto". A palavra ocorre 15 vezes no AT. Quando empregada como pronome interrogativo, é traduzida por "onde". A partícula é usada juntamente com

pronomes interrogativos e advérbios. Em Gênesis 27.33 Isaque pergunta a Esaú: "Quem é, pois, aquele?". O termo é usado com um advérbio interrogativo em Isaías 19.12: "Onde estão os teus sábios?". Outro uso da partícula é o de uma ordem ou um desejo, *e.g.*, Jó 19.23: "Quem me dera fossem agora escritas as minhas palavras!". O termo também aparece depois de *'im*. Gênesis 43.11 diz: "Se é tal, fazei, pois, isso".

Para resumir, a partícula é encontrada em frases que contêm uma pergunta, ordem ou desejo. Ela aparece depois, separada e antes de partículas interrogativas; depois de uma expressão de desejo, *mî yitēn*; após as palavras *'im* ou *'im-lô'*, "se agora"; em seguida e separada de *'im*; e em exortações com o sentido de "então".

C.L.F.

אַפּוּנָה (*'apûnâ*). Veja o n.º 146c.

אָפִיל (*'āpîl*). Veja o n.º 145d.

אָפִיק (*'āpîq*). Veja o n.º 149a.

145 אפל (*'pl*). **Aceita como raiz de:**

145a אֹפֶל (*'ōpel*) ***trevas, escuridão.***

145b †אָפֵל (*'āpēl*) ***escuro.***

145c †אֲפֵלָה (*'āpēlâ*) ***escuridão.***

145d אפיל (*'āpîl*) ***tarde.***

145e מַאְפֵל (*ma'ăpel*) ***trevas.***

145f †מַאְפֵלִיָּה (*ma'pēlyâ*) ***trevas profundas.***

'ōpel. ***Escuridão, trevas*** (poético), ***calamidade*** (figurativo), ***trevas espirituais.***

Há nove ocorrências da palavra no AT. A maioria delas aparece em Jó, duas estão nos Salmos e uma em Isaías. Este substantivo é usado com menos frequência do que *hōshek*.

Luz e trevas são termos opostos bem conhecidos na Palestina. Ali a luz não decresce gradualmente após o ocaso. O pôr do sol é precedido por muito brilho que logo muda com o desaparecimento do sol. Dentro de uma hora o pôr do sol já deu lugar às trevas da noite.

Há usos simbólicos de trevas como também de luz. Assim como a luz prediz glória, bênção, pureza, as trevas antecipam desastres.

A luz de Deus é necessária para revelar as trevas humanas e expulsá-las (Jó 34.21, 22; Sl 139.11, 12; Mq 7.8, 9).

Jó (3.6) lamenta o dia do seu nascimento e a noite em que foi concebido. Ele deseja que somente as trevas profundas apoderem-se daquela noite, de modo que ela não venha mais a ser reconhecida dentre os meses ou anos. Ele suplica por um pouco de descanso antes que vá para o lugar onde apenas as trevas reinam (10.22). Ele desejava (23.17) poder ter sido cortado da terra antes que a calamidade o atingisse, para que pudesse ter sido poupado de sua agonia. A destreza do homem em sua pesquisa dos segredos e dos fenômenos da terra, caracterizada por trevas, é apresentada em Jó 28.3, enquanto em 30.26 Jó lamenta que sempre que procurou uma fonte de esperança (luz), esta se tornou em mal (trevas).

O salmista fica aflito diante da inimizade extrema que o perverso demonstra contra o justo, porque eles se utilizam do oculto das trevas para executar seus assaltos (Sl 11.2).

146 פְּאֵר (*pn*)

Em um salmo que suspira pela proteção de Deus sobre si mesmo, o salmista assegura ao coração confiante que nenhuma peste da noite atingirá a alma que habita em Deus (Sl 91.6).

Isaías olha para um dia de bênção de Deus sobre Israel quando o próprio Deus lhes dissipará a ignorância (29.18).

'ăpēlâ. ***Trevas, densas trevas, calamidade, escuridão.*** O termo é usado literalmente, como no caso de quando as trevas caem sobre a terra do Egito por três dias durante a ocasião das dez pragas (Êx 10.21, 22). A palavra também é usada de modo figurado, referindo-se à calamidade ou aflição. Trevas simbolizam a falha moral e a sua punição (Pv 4.9). A maioria dos seus dez usos ocorrem nos livros proféticos.

ma'apēlyâ. ***Trevas profundas.*** Ocorre apenas em Jeremias 2.31 onde Jeremias censura Israel por sua apostasia em relação a Deus.

Bibliografia: *IDB*, v. 3, p. 130-2. — MAY, H. G., The creation of light in Gen 1:3-5, *JBL*, 58:203-11.

C.L.F.

146 אפן (*'pn*). **Aceita como raiz de:**

146a אוֹפָן (*'ôpan*), אוּפָן (*'ôpān*) ***roda.***

146b אֹפֶן (*'ōpen*) ***circunstância, condição*** (somente em Pv 25.11).

146c אפונה (*'apûnâ*) ***desespero*** (sentido incerto). Ocorre apenas em Salmos 88.16.

'ôpan. ***Roda.*** O substantivo para roda, no dual, é encontrado no ugarítico. Das 35 referências à roda no AT, 25 estão no livro de Ezequiel. O uso mais freqüente do termo ocorre em referência à roda de um carro (carruagem) (Êx 14.25; Na 3.2; Ez 1.15 e ss.). As rodas mais antigas já descobertas são moldes de barro de rodas de carruagens e partes de uma roda de cerâmica (*cf.* Jr 18.3) datando do quarto milênio a.C. As primeiras rodas eram feitas de tábuas de madeira juntadas por pinos. As rodas mais leves apareceram por volta de 1500 a.C., usadas com cavalos. Isto possibilitou aos egípcios uma vantagem militar decisiva. Esta roda também foi usada no templo de Salomão, onde os suportes de bronze tinham pequenas rodas de carro com seus eixos, cambas, raios e cubos (1 Rs 7.33). Estas rodas formavam as bases das guarnições do templo. Tanto Ezequiel (1.10) como Daniel (7.9) tiveram visões do trono de Deus que estava sobre uma plataforma com rodas. As conhecidas rodas dentro de rodas de Ezequiel 1 tinham eixos colocados em ângulos de 90° graus, algo como um giroscópio, de forma que a plataforma podia deslocar-se imediatamente em qualquer uma das quatro direções possíveis, sem que houvesse um mecanismo de direção. Todo este quadro simbolizava a onipresença do SENHOR e a rapidez com que ele executa o juízo em seu domínio sobre a terra. As rodas eram empregadas com equipamentos capazes de tirar água (*cf.* Ec 12.6, *galgal*). As rodas de um carro que debulha são mencionadas em Provérbios 20.26 e em Isaías 28.27. O hebraico posterior utiliza normalmente *galgal* como sinônimo (*q.v.*), uso metonímico de carro (Ez 23.24).

C.L.F.

147 אָפֵס (*'āpēs*) ***falhar, cessar, chegar ao fim.***

Termos Derivados

147a †תֶּאֱפֶס (*'epes*) ***cessação.***

147b אֶפֶס (*'ōpes*), אֲפָסַיִם (*'opsayim*) ***as extremidades*** (dual), *i.e.*, solas do pé ou calcanhares (Ez 47.3).

As quatro referências são Gênesis 47.15, 16; Isaías 16.4; 29.20. A raiz é comum na forma substantiva "confins da terra" ou "extremidades da terra".

'epes. ***Cessar. Fim, extremidade, inexistência, nada.*** O AT traz 40 referências ao termo, inclusive mais três do advérbio *'apsî*, sendo que a vogal final é entendida por alguns como um *yodh* paragógico. Os textos ugaríticos contêm a palavra em um contexto que fala do fim de um trono, isto é, o seu ponto alto.

O uso que Isaías faz da palavra para expressar a idéia de inexistência é de fato marcante. Quando descreve o cataclismo apocalíptico dos últimos tempos que destruirá os inimigos do Senhor, ele declara que os nobres e os príncipes não estarão lá para serem chamados (34.12). Quando ele enaltece a grandeza transcendente do Senhor da terra, o mesmo profeta avalia todas as nações como nada, comparadas ao Senhor (40.17). Nas denúncias mais sarcásticas já registradas contra a idolatria, Isaías ataca os ídolos das nações pagãs, especialmente os da Babilônia, como se nada fossem. A obra deles não é coisa alguma e suas imagens como coisa de nenhum valor (41.12, 24, 29). Relembrando a história da nação, ele relata que o Egito tirou vantagem de Israel quando este peregrinou ali. Os assírios os oprimiram sem razão, isto é, sem causa alguma (52.4).

'epes ocorre como partícula de negação principalmente na poesia. É, portanto, sinônimo da partícula comum *'ên*. Tal uso é encontrado no pronunciamento de Isaías do ai sobre as nações ímpias em seu cântico à vinha. Elas se lançam por toda a parte para adquirir o máximo possível de posses, de modo que não sobre lugar para outros (5.8). Amós utiliza a palavra de maneira semelhante ao descrever a dizimação que se dará no cativeiro de Israel (6.10).

Visto que Israel ficou desanimado por ter sido subjugado pelos babilônios idólatras e por ter sido levado a pensar que os deuses dos pagãos eram mais poderosos do que o Deus de Israel, Isaías lembra-os repetidamente de que não há ninguém no mundo natural ou sobrenatural que possa ser igual a ele (47.8,10). Uma boa tradução do texto é: "Eu sou, e não há ninguém mais além de mim". Ouça o belo refrão em Isaías 45.5, 6, 18, 21.

'epes também é usado como advérbio de limitação. Os israelitas tinham permissão de receber juros de estrangeiros. No entanto, não podiam fazer o mesmo com os seus irmãos da terra, para que alguns deles não caíssem na pobreza (Dt 15.4).

O plural denota as extremidades da terra com relação ao poder de Deus contra os seus inimigos (Dt 33.17), ou a extensão mundial da salvação de Deus (Is 52.10), ou o alcance do Reino do Messias (Zc 9.10). Os limites últimos da terra conhecidos dos antigos hebreus eram a Índia e a Etiópia (Et 1.1). Não há provas de que os israelitas, mesmo em época de apostasia, tivessem adorado a terra, como o fez o povo de Ugarite e da Fenícia. A terra era uma das esposas de Baal e a fonte da criação do céu e da terra.

Bibliografia: BDB, no verbete. — GASTER, T. H., Earth, *Encyclopedia Judaica*, 1972,

p. 338-40. — *Myth, legend and creation in the Old Testament*, Harper and Row, 1969, p. 56, 98, 103, 144, 188, 294. — GORDON, C. H., *Ugaritic textbook*, 1965, n.º 309 do Glossário. — *IDB*, v. 2, p. 2-3. — *KB*, no verbete.

C.L.F.

†אֶפְעָ (*'epa'*), אֶפְעָה (*'ep'â*). Veja o n.º 1791a, b.

148 אָפַף (*'āpap*) ***rodear, cercar.***

149 †אָפַק (*'āpaq*) ***segurar, ser forte.***

Termo Derivado

149a אֲפִיק (*'āpîq*) ***canal*** (de água).

150 אפר (*'pr*) **I. Accita como raiz de:**

150a †אֵפֶר (*'ēper*) ***cinzas.***

A palavra é encontrada 21 vezes no AT, tendo grande variedade de usos. É muitas vezes empregada paralelamente a outra palavra de som semelhante, *'āpār* (pó). Diz respeito àquilo que resulta da queima de algo. É usada de modo figurado para algo sem valor (Is 44.20) ou repugnante (Jó 30.19). Significa miséria (Sl 102.9[10]), vergonha (2 Sm 13.19), humilhação perante Deus (Gn 18.27; Jó 42.6), e arrependimento e contrição (Dn 9.3; Mt 11.21). As cinzas de uma novilha vermelha, juntamente com a chamada água de separação, foram usadas no ritual de purificação (Nm 19.9, 10, 17). As cinzas dos sacrifícios eram misturadas com águas correntes para purificar da contaminação; eram também um sinal de jejum (Is 58.5; Jn 3.6). Panos de saco e cinzas eram as indicações comuns de arrependimento e humilhação freqüentemente associados ao jejum (Jó 42.6; Et 4.1; 1 Mc 3.47). As cinzas acompanhadas de pó eram os sinais costumeiros de luto (Is 61.3). O enlutado ou penitente lançava as cinzas para cima (em direção ao céu), de modo que estas caíam de volta sobre ele, especialmente em sua cabeça, costume este comprovado também entre outros povos. Em casos de angústia profunda, sentava-se em montes de cinzas (Jó 2.8). Cinzas sobre a cabeça eram também sinal de humilhação e vergonha (2 Sm 13.19). O rei de Tiro (*q.v.*) mencionado em Ezequiel 28.18 seria reduzido a cinzas pelo juízo de Deus.

Bibliografia: DEWARD, Eileen F., Mourning customs in 1, 2 Samuel, *JJS*, 23:1-27, 145-66. — RICHARDSON, *TWB*, p. 70.

151 אפר (*'pr*) **II. Accita como raiz de:**

151a אֵפֶר (*'ăpēr*) ***venda, cobertura*** (somente em 1 Rs 20.38).

151b אַפִּרְיוֹן (*'appiryôn*) ***palanquim*** (Ct 3.9.).

151c †אֶפְרַיִם (*'epraym*) ***Efraim.***

'eprayim. ***Efraim.*** O nome aparece 139 vezes no AT com várias conotações, conforme será mostrado abaixo. Diz-se que o nome tem o sentido de "fruto duplo", naturalmente por causa da terminação no dual. Efraim foi o mais novo dos dois filhos de José e Asenate que lhe nasceram no Egito. Juntamente com seu irmão Manassés foi adotado por Jacó, tornando-se assim o progenitor de uma tribo israelita. Jacó, ao abençoar Efraim com prioridade em relação a Manassés (Gn 48), estava predizendo o proeminência vindoura da tribo que procedeu dele (Gn 41.50 e ss.; 48.20 e ss.). No final da bênção de Jacó, ele incluiu ambos os netos com o nome de José (40.22 e ss.). No Êxodo os homens de guerra de Efraim totalizaram 40 500; contudo, quando foram mobilizados uma segunda vez, diminuíram para 32 500 (Nm 1.33; 26.37). Durante a marcha pelo deserto, Manassés e Benjamim juntaram-se a Efraim do lado ocidental do tabernáculo (2.18 e ss.). Oséias, filho de Num, era o efraimita dentre os espias enviados a Canaã (13.8). Quando Moisés abençoou as tribos antes de sua morte, falou da futura superioridade desta tribo (Dt 33.17).

Josué, membro desta tribo, foi o sucessor de Moisés como líder da nação. Siquém e Siló, ambos no território dado aos filhos de José, tornaram-se o local das assembléias nacionais e o centro da adoração do povo. A liderança de Samuel, o profeta, posteriormente ressaltou a proeminência de Efraim. Desde a era da conquista da Palestina, a tribo era totalmente zelosa de seu prestígio (Jz 7.24; 8.1; 12.1 e ss.). Sua lealdade e seu apoio a Saul como primeiro rei podem provar a existência dos vínculos fortes entre José e Benjamim. No entanto, nunca parecem ter ficado satisfeitos com a transferência da prerrogativa real para Judá no reinado de Davi (2 Sm 2.8 e ss.).

Na revolta de Absalão, viram uma oportunidade para enfraquecer a influência da tribo de Judá (2 Sm 15.13). Quando a extravagância de Salomão e a incapacidade de Roboão trouxeram descontentamento geral com a dinastia davídica, o efraimita Jeroboão tirou plena vantagem da situação. Desde a queda do reinado salomônico até a conquista de Samaria (722/721 a.C.), Efraim adquiriu uma liderança tão indiscutível que Efraim e Israel tornaram-se nomes intercambiáveis para reino do norte.

Os filhos de José tiveram a sua porção de território na parte central da Palestinal ocidental, e tudo indica que o território de Efraim e Manassés era comum (Js 16; 17.14). Eles não expulsaram os cananeus de suas cidades, embora os tenham subjugado (Js 16.10; 17.13). A região era bastante produtiva, de maneira que o povo desfrutava de vida próspera. Infelizmente, a medida da bênção material deles não encontrou correspondência no poder espiritual; pelo contrário, houve declínio e decadência (Is 28.1,4; Jr 31.18; Os 9.13; 10.11).

Conforme observado, o território de Efraim era a região montanhosa da Palestina central. Em redor do vale central existem outros vales, as serras e os picos. A região é uma das mais férteis de toda a nação. Atualmente encontra-se cultivada com oliveiras. alfarrobeiras, romãzeiras, dentre outras. Antes da conquista a região era um bosque (Js 17.18), e os animais selvagens rondavam as plantações durante a época da monarquia (2 Rs 2.24).

O portão de Efraim era um portão importante no muro de Jerusalém (Ne 8.16; 12.39).

Bibliografia: AHARONI, J., *The land of the Bible*, Westminster, 1967, p. 236-7. — EWING, W., Ephraim, *ISBE*, v. 2, 1952, p. 963. — ROTH, Cecil, Ephraim, *Encyclopedia Judaica*, v. 6, p. 806-9.

C.L.F.

152 אפת (*'pt*). **Aceita como raiz de:**

152a מֹפֵת (*môpēt*) ***maravilha, milagre, sinal, feito.***

Este substantivo masculino é de etimologia desconhecida. Nenhum verbo ou substantivo utiliza as mesmas letras desta raiz. Apesar disso, o sentido de *môpēt* não é questionado. Quase sempre o termo aparece em correspondência a *'ôt* (*q.v.*), que também tem o sentido de "sinal", "símbolo", "feito", "maravilha" ou "milagre" (Êx 7.3; Dt 4.34; 6.22; 7.19; 13.1 e ss.; 26.8; 28.46; 29.2; 34.11; Ne 9.10; Sl 135.9; Is 8.18; 20.3; Jr 32.20 *et al.*). "Juízos" e "feitos" são paralelos de *môpēt* em 1 Crônicas 16.12 e Salmos 105.5. A LXX traduz *môpēt* como *tērata*, "prodígios", "maravilhas".

As primeiras ocorrências de *môpēt* no AT estão em Êxodo 4.21; 7.3,9; 11.9, 10. Nestes versículos o termo refere-se à vara de Moisés que se transforma em serpente (7.9), bem como às dez grandes pragas do Egito. A maior parte dos usos nas passagens de Deuteronômio refere-se tanto aos castigos milagrosos como às obras maravilhosas de Deus, que trouxeram provisão ao seu povo no deserto (*e.g.*, água, o maná, codornizes e a coluna de fogo). Relacionado com isto observe também Neemias 9.10; 1 Crônicas 16.12; Salmos 78.43; 105.5,27; 135.9; Jeremias 32.20.

Deuteronômio 13.1 e ss. e 28.46 são exceções. Na perícope anterior *môpēt* refere-se a um "feito" ou talvez a uma predição operada por um profeta ou sonhador questionável. Se o *'ôt* (sinal) ou o *môpēt* (maravilha) acontecesse, o possível profeta seria confirmado, caso contrário, acabaria condenado. A passagem de Deuteronômio 28.46 está no texto em jogo. Israel, como nação, tornar-se-á "sinal" ou "maravilha", *i.e.*, espetáculo ou demonstração dos resultados da desobediência. Salmos 71.7; Isaías 8.18; 20.3; Ezequiel 12.6, 11; 24.24, 27 e também Zacarias 3.8 utilizam a palavra de modo semelhante. O salmista ou os profetas são, eles próprios, a lição.

Outros milagres descritos por esta palavra são o rompimento do altar para que fosse autenticada a predição a respeito da vinda de Josias (1 Rs 13.3,5), a recuperação de Ezequias de uma enfemidade mortal (2 Cr 32.24,31), e a restauração do discurso de Ezequiel (Ez 24.24, 27). Joel usa a palavra para descrever manifestações celestiais e terrenais do poder de Deus "no grande e terrível dia do SENHOR" (2.30[3.3, 4]). Pedro faz uma paráfrase deste versículo em Atos 2.19, utilizando os sinônimos gregos no plural *tērata* e *sēmeia*.

R.L.A.

אֹצֶל (*'ātsil*), אֲצִיל (*'atstsil*). Veja o n.º 153b,c.

153 אצל (*'ātsal*) ***pôr de lado, reservar, tirar, deter.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

153a אֵצֶל (*'ētsel*) ***ao lado, perto, próximo.***

Termos Derivados

153b אָצִיל (*'ātsil*) ***lado, canto, parte principal.***

אֲצִיל ('atstsil) *junção, ligação.*

אֵצֶל *Ao lado, perto, próximo.* Preposição que aparece 59 vezes no AT. Não há uso particularmente especial ou singular da palavra. Ela é usada simplesmente, como mostra ser possível o seu significado, para denotar proximidade *de local*: perto de Gibeá (Jz 19.14), perto da fonte de Rogel (1 Rs 1.9), ao lado da planície de Moré (Dt 11.30), perto de Belém (Jr 41.17); *de posição*: ao lado do altar (Lv 1.16), o leão ao lado da carcaça, (1 Rs 10.19), dois leões que ficam ao lado dos braços do trono (1 Rs 10.19) ao lado de sua casa (Ne 3.23); *de alguma outra pessoa*: coloque os meus ossos ao lado dos seus ossos (1 Rs 13.21), ele se aproximou de onde eu estava (Dn 8.17); eu permaneci ali com os reis da Pérsia (Dn 10.13), trouxe-os aos seus irmãos (2 Cr 28.15) a rainha estava sentada perto dele (Ne 2.6), ao lado de Esdras (Ne 8.4).

Por diversas vezes a preposição é usada em um contexto metafórico, pelo menos três vezes em Provérbios. Provérbios 7.8 refere-se ao homem despreocupado que, sem cuidado, vagueia pela rua "próxima" à esquina onde vive a mulher adúltera (louca). E de fato, ela está à espreita "em" cada esquina (7.12). A sabedoria, pelo contrário, tem estado "ao lado" de Deus desde o princípio (8.30).

Nos dias de Samuel os filisteus levaram a arca dos israelitas e tentaram colocá-la em um de seus templos "ao lado" de Dagon (1 Sm 5.2). O resultado foi muito desastroso. E sempre tem sido assim. Deus desafia qualquer falso deus que eu tente colocar ao lado dele em minha vida.

V.P.H.

154 אָצַר ('ātsar) ***armazenar, ajuntar,*** usado muito pouco no AT, uma vez no qal, Amós 3.10 (embora *KB*, p. 80, acrescente 2 Rs 20.17 e Is 39.6); uma vez no nifal (Is 23.18) e uma vez no hifil (Ne 13.13).

Termo Derivado

154a †אוֹצָר ('ôtsār) ***tesouro, estoque, depósito.***

O termo aparece 80 vezes no AT (de acordo com o *KB*, p. 23), na maior parte das vezes em 1 Crônicas (13 vezes) e em 2 Crônicas (oito vezes). É desnecessário aceitar a emenda freqüente em Zacarias 11.13: "arroja isto no tesouro (*'ôtsār*)" por "arroja isto ao oleiro (*yôtsēr*)", na conhecida passagem sobre as 30 peças de prata (veja Torrey, "Bibliografia").

Há pelo menos nove palavras no hebraico bíblico para 'tesouro", sendo esta uma delas. O termo é usado ou em sentido literal, referindo-se ao tesouro da casa do rei ou do templo, ou ainda aos bens particulares de alguém; ou em um sentido cósmico, referindo-se à fonte dos bens e das bênçãos divinas. Existem especificamente dez referências ao "tesouro(s) da casa do rei" (*e.g.*, 1 Rs 14.26) e nove referências ao "tesouro(s) do templo do SENHOR" (*e.g.*, 1 Rs 7.51).

Muitas destas referências estão em um contexto militar. Uma nação derrotada era obrigada a perder os seus tesouros para a vencedora. Tanto Asa (1 Rs 15.18) como Joás (2 Rs 12.19) deram aos arameus Ben-Hadade e Hazael tanto os tesouros do templo como os reais. Nabucodonosor levou ambos (2 Rs 24.13), como também o fez o rei egípcio, Sisaque, muito antes (1 Rs 14.25).

Individualmente, um tesouro devia ser aceito com alegria e usufruído, embora sem abusos (Pv 8.21). Se se tornasse um fim em si mesmo as conseqüências seriam terríveis (Pv 10.2; 15.16; 21.6, 20).

Há várias referências aos depósitos (reservatórios) divinos, *e.g.*, Salmos 33.7; 135.7; Jó 38.22. O tesouro da casa de Deus está nos céus (Dt 28.12). Em Jeremias 50.25 há uma referência ao "arsenal" de Deus.

Bibliografia: TORREY, C. C., The foundry at Jerusalem, *JBL*, 55:247-60. — WOLF, C. U., Treasure, treasurer, treasury, *IDB*, v. 4., p. 693-4.

V.P.H.

155 אַקּוֹ (*'aqqô*) ***cabra montês.*** Ocorre somente em Deuteronômio 14.5, na lista dos animais limpos.

אֲרִאֵל (*'ărī'ēl*). Veja o n.º 159a.

156 אָרַב (*'ārab*) ***ficar à espreita, fazer emboscada.***

Termos Derivados

156a אֹרֵב (*'ereb*) ***alguém à espreita.***
156b אֹרֶב (*'ōreb*) ***emboscada.***
156c אָרְבָּה (*'orbâ*) ***artifício.***
156d †אֲרֻבָּה (*'ărubâ*) ***janela, comporta.***
156e מַאְרָב (*ma'ărāb*) ***cilada.***

O verbo é usado 40 vezes no AT, de modo mais freqüente em Juízes (14 vezes) e em Josué (sete vezes). Na maioria destes 21 exemplos, a cilada ou emboscada é descrita como uma maneira de prejudicar a outrem.

Conforme demonstrou Yadin, havia cinco maneiras de conquistar uma cidade fortificada: 1) entrar na cidade por meio de força, desde a parte de cima das fortificações; 2) através de obstáculos, barreiras; 3) por debaixo das barreiras (cavando um túnel); 4) sitiando; 5) por meio de astúcia.

Há pelo menos duas ilustrações deste último método no AT, ambas utilizando o verbo *'ārab*. A primeira é o caso da tomada de Ai (Js 8), a outra é a da guerra santa feita contra os benjamitas por seus irmãos israelitas por causa da atitude vergonhosa dos primeiros, que desculparam o fato de alguém dentre eles ter violentado a filha de um levita (Jz 20). Em ambos os exemplos a estratégia era a mesma: 1) o posicionamento de uma emboscada atrás da cidade; 2) a fuga enganosa das tropas de ataque para tirar os que defendiam a cidade de dentro dela para persegui-las; 3) o ataque à cidade pelas forças da emboscada; 4) as tropas de ataque "em fuga" voltam-se agora para o contra-ataque.

Os inimigos dos justos são descritos freqüentemente como aqueles que "estão à espreita", esperando pelo indivíduo desavisado: Salmos 10.9; 59.3[4]; Lamentações 4.19; Esdras 5.31. Até mesmo Deus é visto como um urso "à espreita" que se voltou contra o seu povo (Lm 3.10). O verbo provavelmente descreve as atitudes de criminosos antes de

atacarem: 1 Samuel 22.8,13; Miquéias 7.2; Provérbios 1.11,18; 7.12; 12.6; 23.28. Contra isto deve haver vigilância constante.

'ărubâ. ***Janela, chaminé, comporta.*** A palavra é usada duas vezes para descrever uma das duas fontes de águas do dilúvio (Gn 7.11; 8.2). Além da chuva que caiu houve também uma fonte extra, "as fontes do grande abismo", *i.e.*, águas subterrâneas. A expressão "comportas dos céus", no contexto do dilúvio, tem sido traduzida de modos diferentes nas versões mais recentes: "diques", "janelas". Não há razão para não se acreditar que o autor de Gênesis, quando usou "comportas dos céus", estava bem consciente de sua linguagem figurada que procurava descrever um derramar torrencial de águas.

Se Deus envia as águas de juízo e purificação através destas janelas ou comportas, também envia a sua bênção através destas mesmas comportas (Ml 3.10). Da mesma maneira, compare 2 Reis 7.2, 19, onde Eliseu predisse uma redução inacreditável do preço dos alimentos, apesar do descrédito do capitão do rei. Assim, tais aberturas são os meios de purificação ou bênção divinas.

Dois usos singulares de *'ărubâ* são 1) janela, no sentido de "uma chaminé" através da qual sai a fumaça (Os 3.13), e 2) a pequena abertura de um pombal (Is 60.8).

A referência aos "olhos que se escurecem nas janelas" (Ec 12.3) não é provavelmente uma referência poética aos olhos que se tornam embaçados com a idade avançada, mas sim a alguma prática em situações fúnebres (Dahood) ou a algum desastre de natureza impossível de se identificar (Sawyer).

Bibliografia: DAHOOD, M., Canaanite-Phoenician influences on Qoheleth, *Bib*, 33:213-5. — GASTER, T., Cosmology, *IDB*, v. 1, p. 702-9. — ___, Old Testament Notes, *VT*, 4:79. — SAWYER, J. F. A., The ruined house in Ecclesiastes 12: a reconstruction of the original parable, *JBL*, 94 519-31. — HARRIS, R. L., The Bible and cosmology, *JETS*, 5:15. — YADIN, Y., *The arts of warfare in Biblical lands*, McGraw-Hill, 1963, v. 1, p. 16, 100, 110-1, v. 2, p. 262-3.

V.P.H.

157 אָרַג (*'ārag*) ***tecer.***

Termos Derivados

157a אֶרֶג (*'ereg*) ***tear.*** Aparece somente em Juízes 16.14 e Jó 7.6.

157b אַרְגָּמָן (*'argāmān*) ***púrpura.***

'argāmān. ***Púrpura,*** o que inclui muito provavelmente todas as matizes desta cor desde o vermelho bem escuro até o violeta. É comum em português associar as cores com o humor ou com os sentimentos. Assim tradicionalmente se diz que o vermelho está associado com raiva, vergonha; o amarelo com covardia, medo; o verde com náusea e assim por diante. O AT aproxima-se desta idéia quando expressa com freqüência a ira de Deus como "as suas narinas tornaram-se vermelhas". A cor púrpura, porém, nunca é usada desta maneira.

Como já é bem conhecido, a púrpura foi simbolicamente a veste dos deuses, da realeza e, às vezes, da nobreza. As fontes clássicas com certeza sustentam isto (HOMERO,

Ilíada, v. 4, 141-5 e SUETÔNIO, *A vida dos doze césares*, 6. 32, sobre a opinião do infame Nero sobre o assunto). O mesmo é dito dos reis de Midiã nos dias de Gideão (Jz 8.26). Mordecai foi de igual modo ornamentado pelo rei persa Assuero (Et 8.15). Qualquer que for capaz de informar o perturbado Belsazar sobre o significado dos "dedos que escreviam" recebe a promessa, entre outras coisas, de que será vestido em púrpura (Dn 5.7. 16, 29). Às vezes o termo tem sido traduzido por escarlate. Há uma palavra aramaica, *'arg'wān*, que tem o sentido de um matiz entre o vermelho e o púrpura. Nos livros apócrifos está relatado que a roupa púrpura era vestida pelo sumo sacerdote e pelo príncipe (1 Mac 10.20, 62, 64; 11.58; 14.43; 2 Mac 4.38). O NT associa a púrpura com a Roma imperial e pagã, vestida com vestes específicas (Ap 17.4; 18.16). Em uma tentativa diabólica de fazer Jesus parecer o mais ridículo possível, os seus acusadores vestiram-no em púrpura na ocasião do seu julgamento (Mc 15.17; Jo 19.2, 5). Jesus aparentemente vestia-se como todo mundo, de modo que nesse aspecto era indistinguível, tanto é que os seus acusadores tiveram de usar os serviços de Judas para que este o identificasse. Ele não usava púrpura e não tinha auréola.

No AT, deve ser observado que a púrpura é claramente reservada para o uso litúrgico. As cortinas do templo eram púrpuras (Êx 26.1), como também o véu (Êx 26.31) e a estola sacerdotal, uma espécie de peitoral usado pelo sumo sacerdote (Êx 28.6).

A púrpura era obtida a partir de um molusco das praias orientais do Mediterrâneo. O pigmento era uma secreção de uma glândula nas imediações do estômago. O próprio nome "Canaã" significa "terra de púrpura" e o nome "Fenícia" deve ser relacionado com o termo grego *phoinos*, "vermelho-púrpura". Foi neste tipo de trabalho de tingimento que Lídia, a primeira convertida a Cristo da Europa se empregou, "uma vendedora de púrpura" (At 16.14). O preparo da púrpura real da época clássica é detalhado em "The Magic Lure of Sea Shells", de P. A. Zahl e V. R. Boswell (*National geographic*, 135:401).

A raiz *argmn* aparece no ugarítico com o sentido claro de "presente para alguém proeminente", mas se tem também o sentido de "púrpura" é uma questão aberta (Rabin).

Bibliografia: JENSEN, L. B., Royal purple of Tyre, *JNES*, 22:104-18. — LANDSBERGER, B., Ueber Farben im Sumerisch-Akkadischen, *JCS*, 21:158-62. — RABIN, Chaim. Hittite words in Hebrew, *Orientalia*, 32:116-8.

V.P.H.

158 אָרָה (*'ārâ*) ***I, tirar, reunir.***

Termos Derivados

158a אֲרִי (*'ărî*), אַרְיֵה (*'aryēh*) ***leão.***

158b אֲרִיָּה (*'aryâ*) ***manjedoura, berço.***

'ărî, 'aryēh. *Leão.* Estas são duas das sete palavras que são traduzidas por "leão" no AT. Não existem diferenças demonstráveis entre estas duas. Assim 1 Reis 10.19 refere-se aos leões (*'ărāyôt*) que serviam de decoração perto dos braços do trono de Salomão. Os 12 leões que aparecem no versículo seguinte são descritos pelo termo *'aryēh*.

Deus é comparado a um leão que quebrou os ossos de Ezequias (Isaías 38.13) e, de [illegible] semelhante, no livro anônimo de Lamentações (Lm 3.10). O "leão", porém, pode-se tornar o caçador de leões contra aqueles que perseguem Israel como um leão (Jr 49.19;

50.44). Esta é uma figura de linguagem comum para designar os inimigos de Israel, um quadro de orgulho, força e rapina: Jeremias 4.7; 5.6 (Nabucodonosor?); Joel 1.6; Naum 2.11-13[12-14]. Contudo, outra vez, Deus pode enviar leões contra os leões: 2 Reis 17.25, 26. Nos salmos de lamentação, os inimigos do autor são muitas vezes descritos como leões: 7.2[3]; 10.9; 17.12; 22.13, 21[14, 22].

No NT Satanás é descrito como um "leão que ruge" (1 Pe 5.8), mas mesmo ali ele é vencido pelo "leão da tribo de Judá" (Ap 5.5). A ênfase aqui não está na ferocidade, mas no regozijo.

Bibliografia: *TDOT*, v. 1, p. 374-87. — *THAT*, v. 1, p. 225-8. — GLÜCK, J. J., "*ri* and *lavî* (*labî'*): an etymological study, *ZAW*, 81:232-5. — PORTER, J. R., Samson's riddle: Judges XIV 14, 18, *JTS*, 13:106-9. — ULLENDORFF, E., Contribution of south Semitics to Hebrew, *VT*, 6:192-3.

V.P.H.

159 אֲרֵה (*'rh*) **II. Aceita como raiz de:**

159a אֲרִיאֵל (*'ări'ēl*) ***Ariel***; אֲרִאֵל (*'ări'ēl*) ***fornalha.***

Estas duas palavras podem ser consideradas juntas. A última é usada em Ezequiel 43.15, 16. Trata-se de um objeto usado no culto, um forno de altar posto sobre a base do altar, tendo também chifres em suas quatro pontas. Poderia ser também as duas partes superiores de um altar em três fileiras. Comparações têm sido feitas entre esta palavra no livro de Ezequiel e a expressão da Inscrição de Mesha, *'r'l dwdh*, a qual Mesha, rei de Moabe, afirmou ter arrastado até diante do deus de sua nação, Camos. Será que foi um altar que levou, ou seria *'r'l* um nome de alguém, "minha luz é meu Deus", ou seria outra coisa? É difícil ter certeza. *Cf.* 2 Samuel 23.20 e 1 Crônicas 11.22.

Em ambos os versículos de Ezequiel há tanto uma tradição *Kethib* ("escrita") como uma tradição *Qere* ("falada"). A *Kethib* é *'ăriêl* e a *Qere* é *'ări'el*.

A palavra "Ariel" ocorre em um oráculo profético em Isaías 29.1, 2, 7. Foi um nome dado a Jerusalém. Deus trará a desgraça sobre Ariel (Jerusalém) e a tornará como um Ariel.

Há pelo menos três possíveis etimologias para a palavra Ariel conforme utilizada em Isaías. Uma delas é relacionar o termo com a palavra hebraica *'ărî* e *'ēl*, "o leão de Deus". A segunda é relacionar o termo com um verbo não utilizado em hebraico, *'ārâ*, "queimar", com um "*l*" aformativo. A terceira seria relacionar a palavra com o termo acadiano *aralû*, o nome dado tanto ao mundo inferior como ao mundo das montanhas. Embora a etimologia seja incerta no oráculo de Isaías, o significado é claro. Israel se tornará, sob o juízo de Deus, um Ariel, um forno de altar, isto é, uma cena de holocausto. Não será queimado nenhum animal, mas o próprio Israel será a vítima. Contudo, a intervenção divina impedirá a aniquilação total (29.7).

Bibliografia: Sobre a expressão *'r'l dwdh* na Inscrição de Mesha: ANDERSON, F. I., Moabite syntax, *Or*, 35:90. — LIPINSKI, E., Etymological and exegetical notes on the mesh'", *Qr*, 40:332-4.

Sobre Ariel: ALBRIGHT, W. F., The Babylonian temple tower and the altar of burnt offering, *JBL*, 39:137-42. — MAY, H. G., Ephod and Ariel, *AJSL*, 56:44-69. — FEIGIN, S., The meaning of Ariel, *JBL*, 39-131-7.

V.P.H.

160 ארז (*'rz*)

אָרוּז (*'ārûz*). Veja o n.º 160e.

אֲרוֹן (*'ărôn*). Veja o n.º 166a.

160 ארז (*'rz*). **Aceita como raiz de:**

160a אֶרֶז (*'erez*) ***cedro.***

160b אַרְזָה (*'arzâ*) ***madeiramentos de cedro*** (somente em Sf 2.14).

160c אָרוּז (*'ārûz*) ***firme, forte*** (somente em Ez 27.24).

'erez. Cedro. Árvore da família do pinheiro que cresce melhor em regiões altas e secas. O Talmude (*Rosh Hashana* 23a), diz que os habitantes da Palestina chamavam dez diferentes tipos de árvore de cedro. No entanto, é o *cedrus libani*, o cedro do Líbano, que é a árvore mais citada quando se usa a palavra *'erez* na Bíblia.

Não foram somente os israelitas que perceberam o valor de se fazer uso desta madeira. Já no reinado de Urnammu — por volta de 2000 a.C. — os antigos reis da Mesopotâmia chegavam à região com o propósito de exportar o cedro do Líbano para a terra natal deles. O Líbano é chamado, em um texto de Naram-sin, de "a montanha do cedro" (ANET, p. 268). Na literatura egípcia, Wenamom, oficial do Templo de Amom em Carnac, é enviado a Biblos para buscar cedros do Líbano para se construir uma grande barca cerimonial do deus Amom-Re. Isto aconteceu no período do último reinado, perto do fim da vigésima dinastia. Na poesia cananéia do segundo milênio a.C., quando um palácio de Baal estava para ser construído, os construtores foram "ao Líbano e às suas madeiras, ao Shirion e aos seus cedros mais escolhidos" (*llbnn w'ṣh lšryn mḥmd arzh*), UT, 16: Texto 51: VI: 20-1).

O tamanho médio de tais cedros é de cerca de 28 m, embora alguns tenham alcançado mais de 33 m. A circunferência do tronco pode chegar a medir 12 m. Não é raro acontecer que o diâmetro do alcance horizontal dos ramos da árvore seja equivalente à sua altura. Também é comum que esta árvore espalhe suas raízes entre rochas, conseguindo assim uma base bem segura.

O cedro do Líbano é usado principalmente em construções na Bíblia. Um óleo especial do cedro impede-lhe a destruição pelo apodrecimento ou por insetos. Tal cedro foi utilizado na parte interna do Templo (1 Rs 6.15,18); na parte externa também (1 Rs 7.12); no altar do incenso (1 Rs 6.20). Um tipo de madeira semelhante foi utilizado no segundo templo (Ed 3.7; Ct 1.17[?]). Além de ser usado em construções, o cedro também era útil na confecção de mastros de navio (Ez 27.5) e em ritos religiosos (Lv 14.4, 49, 51, 52; Nm 19.6).

É perfeitamente natural que esta árvore alta, bem enraizada, fosse utilizada como metáfora para descrever o caráter moral de uma pessoa ou de uma nação. Pode ser usada em sentido positivo ou negativo. Balaão descreve Israel como um "cedro ao lado de águas" (Nm 24.6). A nação tanto tem segurança como prosperidade. O efeito oposto pode ser encontrado na metáfora de Jeremias 22.23. Jeoaquim supunha que o seu "ninho entre os cedros" o tornasse inatingível e imune ao juízo. Israel, pela graça de Deus, tem crescido, tanto quanto os ramos de um cedro (Sl 80.10[11]). Outros "cedros" fortes, porém, floresceram por meio de violência, e não pela boa graça divina (Is 2.13; Ez 31.3; Zc 11.1, 2). Tais cedros, tão fortes quanto possam ser, precisam ser tombados pelo poder de Deus (Jr 22.7; Sl 29.5).

Bibliografia: HAUPT, Paul, Ileb. *ʾārz*, Cedar, Ass. *irêšû*, balsamic juice, *JAOS*, 45:322-3. — SHESELL-COOPER, J. E., Cedar, *ZPEB*.

V.P.H.

161 אָרַח (*ʾāraḥ*) ***vaguear, viajar, manter-se acompanhado de.***

Termos Derivados

161a אֹרַח (*ʾōraḥ*) ***caminho, vereda.***

161b אֲרֻחָה (*ʾăruḥâ*) ***refeição, porção (de comida).***

161c אֹרְחָה (*ʾōrḥâ*) ***caravana.***

O verbo é usado cinco vezes no AT. Jó é acusado de "permanecer em companhia" dos obreiros da iniqüidade (34.8). Normalmente, o sentido é "viajante", alguém que está de mudança (Jz 19.17; 2 Sm 12.4; Jr 14.8, onde o termo é aplicado a Deus; Jr 9.2[1]).

ʾōraḥ. ***Caminho, vereda.*** Embora a palavra apareça 58 vezes no AT, 45 delas estão limitadas a três livros: Provérbios, 19 vezes; Salmos, 15 vezes, e Jó, 11 vezes. *ʾōraḥ* é usado muito freqüentemente de modo figurado, descrevendo o caminho da vida ou da morte. Muitas vezes o termo é paralelo à palavra *derek*, tendo o sentido de "caminho, estilo de vida". "Ensina-me, Senhor, o teu caminho (*derek*) e guia-me por vereda (*ʾōraḥ*) plana (?)". "Não entres na vereda (*ʾōraḥ*) dos perversos, nem sigas pelo caminho (*derek*) dos maus" (Pv 4.14; *cf.* Sl 139.3; Pv 2.8; 12.28; Jó 6.18; Is 30.11).

O contraste existente é entre o caminho do pecado (ou da morte) e o caminho da obediência (ou da vida). Estas são as únicas opções disponíveis ao homem. O homem faz sua própria escolha mas não pode escolher suas próprias conseqüências. O caminho de vida (Sl 16.11; Pv 2.19; 5.6; 10.17; 15.24) corresponde à vereda da integridade (Sl 27.11), à vereda da retidão (Pv 2.13), à vereda da justiça (Pv 2.8; 17.23; Is 26.8; 40.14), à vereda do juízo (Pv 8.20). Por outro lado, a pessoa deve-se desviar da vereda do mal (Sl 119.101), pois trata-se de um falso caminho (Sl 119.104, 128).

Seguir a vereda da verdade e da vida é seguir a própria vereda de Deus (Sl 25.4,10; 44.18[19]; 119.115, onde a palavra é um sinônimo da Torah divina; Is 2.3).

O caminho que alguém escolhe determina o seu próprio destino. Existe algo chamado "caminho" sem retorno (Jó 16.22). Bildade fala das "veredas (ou destino)" de todos os que se esquecem de Deus (Jó 8.13). É interessante notar que a LXX traduz *ʾōraḥ* aqui como *ta eschata*, "o fim". Provérbios 1.19 ("tal é a sorte de todo ganancioso") indica que as conseqüências do mal comportamento são intrínsecas a tal ação e não impostas como castigo. Portanto, a Bíblia pode dizer que o caminho (*derek*) do transgressor é difícil.

Quando Jesus contrasta os dois caminhos, as duas portas e os dois destinos no Sermão do Monte (Mt 7.13, 14), ele está repetindo basicamente o conceito de *ʾōraḥ* e *derek*, conforme ensinado na literatura sapiencial hebraica. Quando nosso Senhor se refere a si mesmo como "o caminho, e a verdade e a vida" está dizendo que ele, Jesus, é o caminho para a verdade a respeito da vida. Ele não é a resposta. Isto seria simplificar demais a questão. Ele é o caminho que leva à resposta. Somente depois que se dá alguns passos no caminho descobre-se que Jesus é a verdade a respeito da vida. A literatura

sapiencial também nos desafia a andar no caminho certo, o caminho de vida, o caminho que leva à vida.

V.P.H.

אָרִי (*'ărî*), אַרְיֵה (*'aryēh*). Veja o n.º 158a,b.

אֲרִיאֵל (*'ărî'ēl*). Veja o n.º 159a.

אֲרִיוֵה (*'uryô*). Veja o n.º 158h.

162 אָרַךְ (*'ārak*) ***alongar.***

Termos Derivados

162a †אֹרֶךְ (*'ōrek*) ***comprimento.***

162b †אָרֵךְ (*'ārēk*) ***comprido.***

162c †אָרֹךְ (*'ārōk*) ***comprido.***

162d אֲרוּכָה (*'ărûkâ*) ***cura.***

O verbo é usado apenas três vezes no qal: Gênesis 26.8; Ezequiel 12.22; 31.5. As 31 ocorrências restantes estão no hifil, tendo o sentido de "prolongar". Como veremos, o verbo é encontrado mais freqüentemente em Deuteronômio (11 vezes), principalmente na fórmula: "para que te vá bem e se prolonguem os teus dias sobre a terra".

Não se pode negar que Deus teve a intensão de dar às suas criaturas, entre outras bênçãos, a bênção de uma vida longa. Mortes prematuras são exceção na Bíblia. *'ārak* é usado pela primeira vez no contexto de vida longa no quinto mandamento: "honra a teu pai e a tua mãe (cuidado dos idosos?) para que se prolonguem os teus dias sobre a terra que o SENHOR teu Deus te dá" (Êx 20.12).

É em Deuteronômio que se encontra o uso mais freqüente da frase: "para que se prolonguem os teus dias" (Dt 4.26, 40; 5.33[30]; 6.2; 11.9; 17.20; 22.7; 25.15; 30.18 e 32.47). Em cada caso a promessa é dada em função de um elemento moral. Somente se Israel guardar as leis e os mandamentos de Deus (Dt 4.40) haverá segurança garantida em sua terra.

É importante saber que a longevidade por si mesma não é algo sagrado. Os antediluvianos (Gn 5) foram maus o suficiente no século I de suas vidas, piores nos séculos II e III de suas vidas, e, nos séculos VIII e IX, eles se tornaram tão irremediavelmente incorrigíveis que Deus teve de purificar a terra. Muitos anos não produziram o arrependimento, mas apenas dureza de coração.

Os obituários dos patriarcas revelam a mesma coisa. No fim da vida de Abraão (175 anos), é dito que "ele morreu em ditosa velhice, avançado em anos" (Gn 25.7, 8). Quase o mesmo é dito a respeito de Isaque, que viveu 180 anos (Gn 35.28, 29). No entanto, Jacó, em contraste, afirma que sua vida (130 anos) consistiu de apenas poucos anos infelizes (Gn 47.8, 9). Esta pode ser a maneira de a Bíblia dizer que o dom da vida é mais importante do que a duração da mesma. Não vale muito o tanto que se vive, mas sim quão bem se vive.

'ōrek. ***Comprimento.*** Aparece quase sempre como medida de algo construído, como no caso da arca (Gn 6.15), do tabernáculo ou de parte deste, ou ainda de uma cidade. Neste último exemplo pode-se lembrar da visão de Zacarias de um homem que sai para medir o "comprimento" e a largura de Jerusalém prestes a ser reconstruída (Zc 2.2[6]). Um anjo chama o homem de volta, pois Deus tornará Jerusalém maior do que poderia fazê-lo o ser humano. Ela será uma cidade sem muros. O substantivo também é usado com freqüência com a palavra "dia(s)", para exprimir um longo período: Salmos 21.4[5]; 91.16; Provérbios 3.2,16; Deuteronômio 30.20. O "comprimento de dias" pode significar, em alguns contextos, o período eterno pós-vida, conforme Dahood (Sl 23.6; 91.16; Is 53.10, *yā'ārik*).

'ārēk. ***Comprido.*** O termo aparece somente no construto *'erek*, e nunca no absoluto. É utilizado 15 vezes no AT. Ocorre dez vezes com relação a Deus, quatro vezes com relação ao homem (Pv 14.29; 15.18; 16.32; Ec 7.8) e apenas uma vez com referência à envergadura das asas de uma ave (Ez 17.3).

Quando aplicado com referência a Deus ou ao homem, o termo é mais freqüentemente usado no construto junto com a palavra *'appayîm*, sendo traduzido por "longanimidade, tardio em irar-se". Quando a Bíblia diz que Deus é longânimo, diz literalmente que "Deus tem ira adiada" (Êx 34.6; Nm 14.18; Sl 86.15, *etc.*). Quando ele se ira, adia o castigo. Pode muito bem ser questionado se, na língua da época as expressões idiomáticas já não tinham perdido a força de suas associações etimológicas e se as expressões não tinham meramente o sentido de longanimidade e ficar irado. Quando Deus tem compaixão a sua ira fica adiada, tanto assim que, na verdade, demoraria eternamente para que ela se cumprisse completamente.

'ārōk. ***Comprido, prolongado.*** Termo usado apenas três vezes. "Durou 'muito tempo' a guerra entre a casa de Saul e a casa de Davi" (2 Sm 3.1; compare Jr 29.28 e Jó 11.9).

V.P.H.

163 אָרָם (*'ărām*) ***Arã, Síria.***

As origens do povo conhecido como arameu está envolta em mistério, ainda que o ponto de vista mais comum seja o de que eles eram um grupo de semitas ocidentais, tribos de língua aramaica que chegaram ao Crescente Fértil por volta de 1500 a 1250 a.C. A região de origem deles foi provavelmente o deserto sírio-árabe.

Foi somente muito tempo depois, porém, por volta da última metade do século X a.C, para ser mais específico, que os arameus atingiram o ápice de seu domínio político na Alta Mesopotâmia (noroeste). O ápice do poder arameu na Síria é alcançado por volta do século IX a.C., encontrando correspondência e inter-relacionamento com os primórdios da monarquia dividida em Israel.

Tanto bíblica quanto geograficamente, Arã está associada com a Alta Mesopotâmia do Período Patriarcal. Abraão é irmão de Naor e avô de Arã (Gn 22.20, 21). Tanto Isaque (Gn 25.20) como Jacó (Gn 28.5) casaram-se com esposas araméias. O próprio Jacó é descrito como um "arameu estrangeiro" (Dt 26.5). Finalmente, deve-se observar a extraordinária referência de Amós 9.7. Ali é relatado que Deus não somente trouxe os israelitas do Egito (sul) como também os filisteus de Caftor (o ocidente) e os arameus de Quir (nordeste, Elão?). Uma vez mais, pode-se encontrar a afirmação das Escrituras de

que é Deus quem controla as migrações e o destino de todas as nações.

Depois destas três gerações de patriarcas não há mais referências na Bíblia até a época de Saul, um intervalo de pelo menos 500 anos. Os israelitas tiveram seu primeiro contato hostil com os arameus perto do final do século XI a.C., durante o reinado de Saul (1 Sm 14.47, rei(s) de Zobá), o empreendimento atingiu até onde hoje está a Síria (Damasco). Esta batalha seria um evento precursor fatal daquilo que ocorreria entre estes dois povos. Embora Davi tenha sido bem-sucedido em subjugar os arameus (2 Sm 8.3; 10.6-19), eles reconquistaram sua autonomia uma geração após o reinado de Rezom, durante o período de declínio de Salomão (1 Rs 11.23-25). Pela segunda vez, Deus suscitou a Rezom como um "satã" (adversário) contra Salomão (1 Rs 11.23).

Asa, o terceiro rei de Judá, foi o primeiro a procurar o apoio destes arameus contra Baasa, rei de Israel (1 Rs 11.16-22). Parece que Asa nunca percebeu a anomalia da situação: fiéis em disputa apelando a infiéis a fim de receber apoio militar. Tal política de aliança com estrangeiros perturbaria os profetas intensamente.

A luta constante entre os arameus e os israelitas do reino do norte começa realmente durante o reinado de Acabe (874-853, 1 Rs 20, 22). Neste último caso, Acabe é impelido a agir pelos 400 profetas de Baal. Em oposição a estes mercenários religiosos, o profeta de número "401", Micaías, clamou para que não houvesse tal envolvimento, mas foi ignorado por Acabe. Tais desentendimentos entre estes dois povos tão próximos, só interrompidos pela ameaça comum a ambos postulada pelos assírios, durariam mais de 100 anos, até a época de Jeroboão II (783-743 a.C., 2 Rs 14.25, 28).

Não é coincidência o fato de que os profetas literários surjam-se exatamente depois desta guerra de um século de duração, uma guerra que produziu no mínimo uma sociedade profundamente dividida em Israel entre as massas populares empobrecidas e alguns poucos ricos. Foi a esta divisão, com toda a corrupção social que a acompanhou, que os primeiros profetas se dirigiram. A guerra e as suas conseqüências haviam criado mais problemas do que soluções.

Bibliografia: DUPONT-SOMMER, A., Sur les debuts de l'Histoire Arameenne, *Supp VT*, 1:40-9. — GIBSON, J. C. L., Light from Mari on the patriarchs, JSS, 7:44-62 — ___, Observations on some important ethnic terms in the Pentateuch, *JNES*, 20:217-38. — KITCHEN, K. A., *NBD*, p. 55-9. — MALAMAT, A., In: *Peoples of Old Testament times*, ed. K. A. Kitchen, Oxford, Clarendon, 1973, p. 134-55. — MAZAR, Benjamin, The Aramean empire and its relations with Israel, *BA*, 25:98-120. — TADMOR, H., The southern border of Aram, *Israel Exploration Journal*, 12:114-22. — UNGER, M. F., *Israel and the Arameans of Damascus*, James Clark, 1957.

V.P.H.

164 אֲרַם (*'rm*). **Aceita como raiz de:**

164a אַרְמוֹן (*'armôn*) ***cidadela, palácio.***

Este substantivo é muitas vezes traduzido por "palácio". Em Provérbios 18.19 a tradução é "castelo". O termo descreve uma habitação fortificada, normalmente parte das dependências reais. Speiser relacionou o termo hebraico *'armôn* com a raiz assíria *ramû*, que significa principalmente "estabelecer morada, habitar".

Das 32 ocorrências de *'armôn*, 22 delas encontram-se nos livros proféticos, sendo que 11 estão em Amós (1.4, 7, 10, 12, 14, *etc.*). Em cada uma delas, a idéia essencial é que

Deus queimará "os palácios" de certo indivíduo ou nação no juízo divino. Pode ser o caso do arameu Ben-Hadade (Am 1.3); da cidade filistéia de Gaza (Am 1.7); da cidade fenícia de Tiro (1.10); de Edom (Am 1.12); de Amom (1.14). Não se pode ocultar a imagem de uma guerra santa em tais passagens. Por causa de sua arrogância, a nação será privada de um ou mais de seus edifícios mais imponentes.

Contudo, Deus não garante que seu próprio povo estará imune a tal juízo. As cidadelas de Jerusalém também serão queimadas (Am 2.5; *cf.* Os 8.14). Israel sofrerá a mesma sorte (Am 3.11). Deus até mesmo odeia as suas cidadelas (Am 6.8), porque elas estão cheias de violência e extorção (Am 3.10; *cf.* Lm 2.5,7; Jr 17.27). O juízo divino não poupará a casa de Deus; na verdade ele começará por ela.

Bibliografia: SPEISER, E. A., The etymology of "Armoni", *JQR*, 14:329.

V.P.H.

165 אֹרֶן ('rn) **I. Aceita como raiz de:**

165a אֹרֶן ('oren) ***cedro*** (apenas em Is 44.14.).

166 אֹרֶן ('rn) **II. Aceita como raiz de:**

166a †אָרוֹן ('ărôn) ***arca, caixão, baú.***

A LXX traduz por *kibotos*; a Vulgata, por *arca*. Este é um substantivo masculino que ocorre 193 vezes no AT. Aceita-se que seja derivado da raiz *'rn*.

O substantivo designa uma caixa usada para diversos propósitos. Os restos mortais de José foram colocados em um caixão no Egito para o seu futuro sepultamento na Palestina (Gn 50.26). Muito dinheiro para o reparo do templo foi recolhido em uma caixa (2 Rs 12.10, 11; 2 Cr 24.8, 10, 11).

'ărôn é mais freqüentemente usado para se referir à arca da aliança. A embarcação de Noé, chamada de "arca" na Bíblia em português, aparece como *tēbâ* no hebraico e não como *'ăron*. Conforme é descrito em Êxodo, Bezalel fez a arca de madeira de acácia. Havia argolas de ouro nos cantos da arca, por meio das quais foram colocadas varas para que pudessem carregá-la (Êx 25.10-21; 37.1-9). Quanto ao tamanho, a arca tinha as medidas de 2,5 x 1,5 x 1,5 côvados, sendo revestida de ouro por fora e por dentro (Êx 25.11). Sobre ela estava o propiciatório (*kappōret*) e os querubins com suas asas abertas. A arca continha as tábuas da lei, feitas de pedra (Dt 10.1-5; Êx 40.20), uma porção de maná e a vara de Arão que floresceu (Hb 9.4). O Documento de Damasco, cujos fragmentos foram encontrados em Qumran, traz a tradição peculiar de que um cópia da Lei estava na arca e ela foi selada, o que explicaria porque Davi não a tinha lido! (C. D. C., 5, 3). A arca foi colocada no lugar santíssimo do tabernáculo.

No deserto a arca foi carregada pelos levitas (Dt 10.8) na frente do povo em marcha. Uma fórmula litúrgica era recitada quando ela era transportada (Nm 10.35, 36). A arca teve especial relevância na travessia do Jordão (Js 3 e 4) e na tomada de Jericó (Js 6 e 7). Ficou em Gilgal (Js 7.6), Siquém (Js 8.33), Betel (Jz 20.27, 28) e posteriormente em Siló (1 Sm 8.33). Foi levada para a batalha contra os filisteus em Afeque. Eles a levaram (1 Sm 4.3-11), mas ela trouxe pragas às cidades filistéias (1 Sm 6.3, 4). Foi devolvida a Israel e por 20 anos permaneceu na casa de Abinadabe em Quiriate-Jearim. Finalmente Davi a trouxe para Jerusalém (1 Sm 7.1, 2; 2 Sm 6.1 e ss.; Sl 132.1-8). Ao ajudar a

transportar a arca, Uzá caiu morto por tê-la tocado (2 Sm 6.6-11). Após tal incidente, ela permaneceu três meses na casa de Obede-Edom. Mais tarde, a arca foi levada em uma expedição militar contra os amonitas (com base na interpretação de 2 Sm 11.11), mas permaneceu em Jerusalém na rebelião de Absalão (2 Sm 15.24 e ss.). Salomão colocou-a no Santo dos Santos do templo (1 Rs 8). O destino último da arca é um mistério. Jeremias 3.16-17 pode dar a entender a sua existência até a época de Nabucodonosor. Ela foi assunto de uma lenda judaica posterior (2 Mc 2.4 e ss.; *T. Sota*, 13.1; *The lives of the prophets*, ed. Torrey, v. 1. p. 36). Não havia nenhuma arca nem no templo de Zorobabel nem no de Herodes (*cf.* JOSEFO, *Wars*, 5.5.5).

Quase sempre chamada de "a arca" (*hā-'ārôn*), é também "a arca do SENHOR" (Js 4.11, *etc.*) e "a arca de Deus" (1 Sm 3.3, *etc.*). É chamada "a arca do Deus de Israel" pelos filisteus (1 Sm 5.2-11, *etc.*). A arca é mais freqüentemente conhecida por "a arca da aliança" (*'ārôn habb'rît*, Nm 10.33, *etc.*; 184 vezes), "a arca do testemunho" (*'ārôn hā-'ēdût*, Êx 25.22, *etc.*; 13 vezes); "a arca da tua fortaleza" (Sl 132.8) e uma vez "a arca santa" (*'ārôn haqqōdesh*; 2 Cr 35.3).

A escola de Wellhausen relaciona a descrição da arca com o documento P e a considera conseqüentemente de um período posterior. Os esforços de fazer da arca o trono vazio de Deus não está baseado em provas bíblicas concretas. Sendo em primeiro lugar um receptáculo das tábuas de pedra, a arca era sinal visível da presença de Deus no santuário. Apesar disso, ela foi também levada para a batalha (Js 6.11). Como símbolo poderoso da presença divina, a arca tinha de ser tratada com o devido respeito. A calamidade atingiu os filisteus, os homens de Bete-Semes, e também a Uzá, que fracassou na hora de mostrar a devida reverência por ela.

Bibliografia: *AI*, p. 297ff. — DAVIES, G. Henton, The Ark of the covenant, *IDB*, v. 1, p. 222-6. — GUTMANN, J., The history of the ark, *ZAW*, 83:22-30. — HARAN, M., The ark and the cherubim: their significance in Biblical ritual, *Israel Exploration Journal*, 9:30-8, 89-94. — ____, The disappearance of the ark, *Israel Exploration Journal*, 13:46-58. — MORGENSTERN, Julian, The ark, the ephod, and the tent, *HUCA*, 17:153-265; 18:1-52. — RICHARDSON, *TWB*, p. 174. — TUR-SINAI, N. H., The ark of God at Beth Shemesh (I Sam 6) and Peres Uzza (II Sam 6; I Chron 13), *VT*, 1:275-86. — WOUDSTRA, Marten H., *The ark of the covenant from conquest to kingship*, Presbyterian and Reformed, 1965. — *TDOT*, v. 1, p. 363-73.

J.P.L.

אַרְנֶבֶת (*'arnebet*). Veja o n.° 123a.

167 אֶרֶץ (*'erets*) *terra, cidade(-estado), mundo (inferior).*

De acordo com *KB* (p. 37), esta palavra aparece aproximadamente 2 400 vezes no AT. Mais especificamente, THAT, p. 229, observa que *'erets* é o quarto substantivo mais usado no AT, aparecendo 2 504 vezes no hebraico e 22 vezes no aramaico.

Os dois principais sentidos da palavra são, de longe, os mais importantes. Isso quer dizer que *'erets* designa "a terra" a) no sentido cosmológico ou b) no sentido de uma designação territorial específica, principalmente com referência à terra de Israel.

Quanto ao primeiro sentido, somos informados a princípio (Gn 1.9-13) que Deus criou a terra no terceiro dia. Tudo aqui é feito pelo *fiat* divino. A terra não é produto de uma

substância primordial, como no caso do Enuma Elish babilônico, onde a terra é formada a partir do cadáver do deus Tiamate caído e morto. Trata-se de uma esfera que está totalmente sob o controle da soberania divina. A terra é do Senhor (Sl 24.1). Ele é o seu rei (Sl 47.2[3]) e o seu senhor (Sl 97.5). Como tal, o mundo é bom, e não deve ser descrito como intrinsecamente mal, como obra do demiurgo. Nem mesmo um mínimo sinal de "mentalidade escapista" é encontrado no AT. Aquele que lê as Escrituras não pode deixar de notar quão relativamente silencioso o AT se mostra com respeito à vida futura ou a outro mundo. Em contraste com isto, este é um tema dominante em outras literaturas do antigo Oriente Próximo. Será que esta é uma das maneiras de a Bíblia enfatizar que a terra, o aqui e o agora são bons?

Pelo fato de a terra pertencer ao SENHOR, ela deve satisfação a ele. Como o pecado aumentou muito, Deus decidiu destruir a terra (Gn 9.11). Contudo, no final das contas, o nosso Deus justo não tem prazer no simples juízo, porque isto apenas destrói o ímpio. É o oposto de criar. A última palavra a respeito da justiça não é nem "des-criar" nem voltar atrás no tempo. É a justiça redentora que é a justiça final. Esta é a razão por que temos a aliança do arco-íris. A intenção de Deus é estabelecer um novo céu e uma nova terra (Is 65.17; 66.22; Ap 21.1).

O segundo uso principal de *'erets* é designar um território particular. Aqui as referências à Palestina são de significado especial. As fronteiras desta nova terra, prometida a Abraão e à sua semente, são pela primeira vez mencionadas em Gênesis 15.18. É interessante notar que esta promessa só foi cumprida geograficamente duas vezes, por pouco tempo durante a época de Davi, e em uma segunda ocasião na época dos hasmoneus, no período intertestamentário.

Esta terra pertence ao SENHOR, como também todo o mundo. É sua herança (1 Sm 26.19). A terra é santa somente porque o Deus de santidade deu-a ao seu povo. Não há nada intrinsecamente sacrossanto com relação a esta terra mais do que há com respeito a Jerusalém ou ao templo. Se Deus se ausenta, a santidade também se vai.

O mundo da Bíblia é dividido em duas partes: Israel e as nações. Um é puro, o outro é impuro. Embora Deus governe todos os lugares, a área de sua santidade e auto-revelação está limitada às fronteiras da terra de Israel. Nas terras estrangeiras o povo nem mesmo era capaz de adorar ao SENHOR (Sl 137). Isto é ilustrado no livro de Jonas. Embora seja dito pelo próprio profeta que o Senhor dos céus governa o mar e a terra seca (1.9), ele tenta fugir da presença de Deus (1.3, 10). Isso somente pode significar que Jonas tenta fugir da região onde se dá a revelação divina. Aqui ele espera que a mão de Deus não pesará sobre ele. Não é estranho então que as mensagens do profeta aos que estão no exílio ressoem com esta chamada: Deus trará o seu povo de volta para a terra. O sentido "mundo inferior" (não encontrado no *BDB*) é duvidoso e parece depender da comparação do uso de alguns versículos dos salmos com conceitos semelhantes da literatura pagã.

Bibliografia: 'erets *como mundo inferior*: CROSS, F. & FREEDMAN, D., *JNES*, 14:247-8. — DAHOOD, M., *Bib*, 40:164-6 e outros trechos. — HOLLADAY, W. L., *VT*, 19:123-4. 'erets *como cidade-estado*: DAHOOD, M., *Bib* 44:297-8. — ___, *Supp VT* 16:46-7. — ___, *Bib* 50:337. — WATSON, W. E. G., *Bib* 53:92-3. — BARR, *JSS*, 20:149-64. — DE GUGLIELMO, Antonine, The fertility of the land in the messianic prophecies, *CBQ*, 19:306-11. — DELCOR, M., Les attaches litteraires, l'origine et la signification de l'expression Biblique "Prendre a temoin le ciel et la terre", *VT*, 16:8-25. — HENREY, K. H., Land tenure in the Old Testament, *PEQ* 86:5-15. — MILLER, Patrick, D., The gift of God, *Interp*, 23:451-65.

— UNGER, Merrill F., The Old Testament revelation of the creation of angels and the earth, *BS*, 114:206-12. — WHITCOMB, John C., The creation of the heavens and the earth, *Grace Journal*, 8:26-32. — *TDOT*, v. 1, p. 388-404 — *THAT*, v. 1, p. 228-35.

V.P.H.

168 אָרַר (*'ārar*) ***amaldiçoar.***

Termo Derivado

168a מְאֵרָה (*m'ērâ*) ***maldição.*** (Usado cinco vezes: Dt 28.20; Pv 3.33; 28.27; Ml 2.2; 3.9.)

É fato digno de nota que há muitas palavras hebraicas geralmente traduzidas por "amaldiçoar". A lista inclui pelo menos seis: *'ārar, qalal, 'ālâ, qābab, nāqab* e *zā'am*. Agrupá-las todas sob o equivalente geral em português "amaldiçoar" é traduzi-las de modo muito superficial. A distinção entre cada uma foi exaustivamente desenvolvida em uma monografia de Brichto (veja a bibliografia).

O verbo *'ārar* ocorre 63 vezes no AT, na maioria das quais aparece no qal (54). No qal a forma mais comum, de longe, é o particípio passivo (*'ārûr* e suas formas relativas). Esta forma é usada 40 vezes (Dt 27.15 e ss e 28.16 e ss. somam um total de dezoito delas). O verbo também é usado 12 vezes como antônimo de *bārak*, "abençoar" (Gn 9.25, 26; 12.3; 27.29; *etc.*).

Com base no acadiano *arāru*, "capturar, prender", e no substantivo *irritu*, "armadilha, funda", Brichto, seguindo Speiser, apresenta a interpretação de que o hebraico *'ārar* significa "prender (por encantamento), cercar com obstáculos, deixar sem forças para resistir". Assim, a maldição original de Gênesis 3.14,17, "maldito és mais do que todos os animais" e "maldita é a terra por tua causa", tem o sentido de "você está banido (ou anatematizado) de todos os outros animais" e "condenado está o solo (*i.e.*, a fertilidade destinada aos homens está banida) por sua culpa". Semelhantemente, a palavra de Deus dirigida a Caim, "maldito és tu desde a terra", quer dizer que Caim está banido do solo, ou mais especificamente, ele está banido de usufruir de sua produtividade. (*Cf.* também Js 9.23; Jz 21.18; 1 Sm 26.19; 2 Rs 9.34 impedido de ter um sepultamento adequado; Ml 2.2). Alguém pode lembrar-se da passagem onde o rei Balaque de Moabe paga a Balaão para que "amaldiçoe" os israelitas (Nm 22.6 e ss). O rei deseja que o mágico diga alguma palavra ou recite algum encantamento que venha a "imobilizar" os israelitas, dando ao rei de Moabe a oportunidade necessária para derrotar o seu adversário numericamente superior. Naturalmente isto não tinha efeito automático. Conforme Kaufmann, "a idéia israelita separava as atividades mágicas do poder autônomo e metadivino que possuíam e os fazia servir de veículo para a manifestação da vontade de Deus (KAUFMANN, Y., *Religion of Israel*, p. 84).

Deve ser observado que a maioria dos dizeres de "maldição" com *'ārar* encontra-se em uma das três categorias gerais: 1) declaração de punição (Gn 3.14, 17); 2) proferir de ameaças (Jr 11.3; 17.5; Ml 1.14), 3) proclamação de leis (Dt 27.15-26; 28.16-19). É interessante notar que todas estas maldições proferidas são um reflexo da violação do relacionamento com Deus por parte de alguém. Como exemplo temos Deuteronômio 27.15-26: a idolatria (v. 15), o desrespeito pelos pais (v. 16), o enganar ao próximo (vv. 17, 24),

a manipulação dos desfavorecidos (vv. 18, 19), as aberrações sexuais (vv. 20, 21, 22, 23), o suborno (v. 5) e o deixar de observar a lei de Deus (v. 26). Todos estes casos trazem a condenação da maldição.

Que tais fórmulas existiram por todo o mundo antigo ninguém nega. Mas a diferença entre elas e as do AT são adequadamente ilustradas nesta citação de Fensham: "A execução mágica e mecânica da maldição [...] aparece em tremendo contraste com a abordagem egoteológica dos escritos proféticos [...] o ego do Senhor é o elemento central da ameaça, a execução e a punição de uma maldição. [...] As maldições do antigo Oriente Próximo, que aparecem fora do AT, são dirigidas contra a transgressão da propriedade privada [...] mas a obrigação ético-moral relacionada com o dever que se tem perante Deus de amar ao próximo não é sequer mencionada" (p. 173-4).

Bibliografia: BLANK, Sheldon H., The curse, blasphemy, the spell, and the oath, *HUCA*, 23:73-95. — BRICHTO, H. C., *The problem of "curse" in the Hebrew Bible*, JBL, Monograph Series, v. 13, 1963. — FENSHAM, F. C., Common trends in curses of Near Eastern treaties and Kudurru-inscriptions compared with the maledictions of Amos and Isaiah, *ZAM*, 75:155-75. — GERSTENBERGER, Erhard, The woe-oracles of the prophets, *JBL*, 81:249-63. — GERVITZ, Stanley, West-semitic curses and the problem of the origins of the Hebrew law, *VT*, 11:137-58. — LEHMAN, Manfred R., Biblical oaths, *ZAW*, 81:74-92. — RICHARDSON, *TWB*, p. 58. — SCHARBERT, J., "Fluchen" und "Segnen" im Alten Testament, *Bib*, 39:5-8. — SPEISER, E. A., An angelic "Curse": Exodus 14:20, *JAOS*, 80:198-200. — *TDOT*, v. 1, p. 405-18. — *THAT*, v. 1, p. 236-40.

V.P.II.

169 אֲרָרָט (*'ărārat*) ***Ararate.*** Famoso nome do monte onde parou a arca de Noé.

Nas Escrituras o termo Ararate refere-se tanto a uma terra como a um monte. É-nos dito em 2 Reis 19.37 e em Isaías 37.38 que os filhos do rei assírio Senaqueribe fugiram para esta terra (no acadiano, *Urartu*) depois de ter assassinado a seu pai. Urartu era uma nação importante que ficava ao redor do Lago Van, na Armênia. Estaria hoje dividida entre a Turquia, a antiga União Soviética, o Irã e o Iraque. Seu período de relevância e poder foi desde o século IX a.C. até a sua destruição no século seguinte pelo assírio Tiglate-Pileser III. Em 612 a.C., a nação caiu nas mãos dos medos, *cf.* Jeremias 51.27.

Uma leitura cuidadosa de Gênesis 8.4 mostra que a Bíblia não afirma que a arca parou no "monte Ararate". O que o texto diz é que a arca parou nas "montanhas (*hārê*) de Ararate". Por essa razão a NEB traduz Gênesis 8.4 por "uma montanha no Ararate". Nesse conjunto de montanhas a que é atualmente chamada monte Ararate é de fato a mais imponente, chegando a 5 200 m acima do nível do mar. Depois de reunir as provas históricas e textuais antigas, Cassuto conclui: "Nenhuma das identificações do Ararate bíblico com uma montanha específica tem alguma base no texto bíblico, pois a expressão *nas montanhas de Ararate*, corretamente interpretada, apenas tem o sentido de uma determinada montanha na terra de Ararate" (p. 105).

O debate ainda continua entre os "arcólogos" a respeito de haver ou não uma arca ou alguma coisa no alto do atual monte Ararate. Há aqueles que sao esperançosos e otimistas (Montgmery, Morris) e também os que não estão convencidos de nada e são até mesmo céticos (Stiebing). O último ponto de vista afirma que a história do dilúvio é uma adaptação de uma história correlata babilônica, a Epopéia de Gilgamesh, na qual se fala

da barca de Utnapishti que "no Monte Nitsir a embarcação parou (ou Monte Nitsir segurou bem a embarcação), não permitindo movimento algum". Naturalmente, não é necessário ser cético, como Stiebing, para ter reservas a respeito do que está sendo encontrado no monte Ararate. Se o material achado mostrar-se como restos da arca, teremos uma confirmação maravilhosa do acontecimento; caso isto não aconteça, a história de Gênesis ainda permanece de pé.

Bibliografia: CASSUTO, U., *Commentary on Genesis*, v. 2, Jerusalem: Central Press, 1964, p. 103-5. — MONTGOMERY, J.W., *The quest for Noah's ark*, Minneapolis, Bethany, 1974. — MORRIS, J. D., *Adventure on Ararat*, San Diego, Institute for Creation Research, 1973. — STIEBING, W. H., A futile quest: the search for Noah's ark, *BAR*, 2:1-2, 13-20. — WESTERMANN, C., *Genesis* (*Biblischer Kommentar Altes Testament*), 1973, p. 594-6.

V.P.H.

170 אָרַשׂ (*'āraś*) ***fazer contrato de casamento.***

171 אָרַשׁ (*'ārash*) **Aceita como raiz de:**

171a אֲרֻשָׁה (*'āreshet*) ***desejo, pedido.*** Este substantivo feminino ocorre somente em Salmos 21.3.

172 אֵשׁ (*'ēsh*) ***fogo.***

Termo Derivado

172a אִשֶּׁה (*'ishsheh*) ***oferta queimada.***

'ēsh aparece mais de 375 vezes na Bíblia. Na maior parte das vezes, estas referências ocorrem num contexto da revelação de Deus a respeito de si mesmo ao homem (teofania) ou da aproximação do homem em relação a Deus (adoração e sacrifício).

Conforme Gênesis 3.24, o clímax da criação é uma palavra de fogo (*lahaṭ haḥereb*) colocada no oriente do jardim do Éden. A única maneira que o homem teria de voltar seria passar através do fogo. Como clímax da aliança de Deus com Abraão, uma tocha de fogo (*lappîd 'ēsh*) move-se entre as partes separadas dos animais (Gn 15.17) como se fosse a assinatura de Deus do contrato. O Senhor aparece a Moisés em (como) uma chama de fogo (Êx 3.2), um fogo que purificava a sarça de todo bicho que ali estivesse e protegia a sarça de qualquer abutre que aterrissasse ou de uma cabra faminta. A reação de Moisés foi cheia de temor e fascinação. Ele foi "tomado de terror e atingido pelo anseio". A coluna de fogo noturna que precedia e seguia o povo de Deus no deserto garantia aos fiéis que eles estavam sendo levados e seguidos pela presença divina. Não é difícil crer que o pulso e as batidas do coração de Moisés aceleraram consideravelmente quando ele subiu ao monte Sinai, envolto em fumaça (Êx 19.18). Para citar outra passagem bíblica, veja a literatura profética, no primeiro capítulo de Ezequiel, por exemplo. A vida do profeta começa com uma visão de Deus de caráter determinador para o resto de sua vida. Trata-se de uma visão caracterizada pelo fogo (Ez 1.26, 27). Podemos compreender o problema de Ezequiel. Ele está tentando explicar algo que nunca havia visto antes, *i.e.*, Deus.

Que significa o fogo no Antigo Testamento? Por um lado, simboliza julgamento. Era

ele que separava da árvore de vida (Gn 3.24). Sodoma e Gomorra foram consumidas pelo fogo (Gn 19.24). Nadabe e Abiú, os filhos de Arão, foram consumidos pelo fogo por terem oferecido "fogo estranho" (Lv 10.1 e ss.). Teria isto acontecido por terem tomado do fogo em um lugar fora da área do altar? Estariam sob a influência do álcool? Por que razão? O fator crucial é que eles foram desobedientes na questão do culto. Fato semelhante aconteceu com os filhos de Coré (Nm 16.1 e ss.). Ezequiel viu um ser angelical espalhando brasas acesas sobre a Jerusalém apóstata (Ez 10.2).

Por outro lado, o fogo pode simbolizar purificação. Assim que acabou a guerra contra Midiã (Nm 31) o sacerdote disse que aquilo que passasse pelo fogo ficaria limpo (Nm 31.21-24). Isaías viu o templo cheio de fumaça, viu a glória de Deus e foi purificado (Is 6). *Cf.* Malaquias 3.2 a expressão "fogo do ourives". Isso quer dizer então que, para um, fogo significa morte e, para o outro, tem o sentido de vida. Para alguns tal fogo significa julgamento eterno; para outros, bênção eterna. A ira do Senhor está sobre tudo que é impuro.

'ishsheh. ***Fogo oferecido, oferta feita pelo fogo.*** A etimologia desta palavra (de *'ēsh* ou outro termo) é discutida (Driver). Ela pode ser aplicada a qualquer oferta total ou parcialmente consumida pelo fogo. Assim, ela é usada para a oferta queimada (Lv 1.9,13); a oferta de cereais (manjares — ARA) (Lv 2.3); a oferta pacífica (Lv 3.3); a oferta pela culpa (Lv 7.5); a oferta da consagração (Lev 8.28). A palavra é usada mais de 60 vezes no AT.

Bibliografia: DRIVER, G. R., Ugaritic and Hebrew words, in *Ugaritica VI*. Paris, 1969, p.181-4. — GRADWOHL, R., Das "Fremde Feuer" von Nadab und Abihu, *ZAW*, 75:288-96. — MILLER, Patrick D., Fire in the mythology of Canaan and Israel, *CBQ*, 27:256-61. — MORGENSTERN, Julian, *The fire upon the altar*, Quadrangle, 1963. — *TDNT*, v. 6, p. 934-41. — *TDOT*, v. 1, p. 418-28. — *THAT*, v. 1, p. 242-6.

V.P.H.

173 יֵשׁ (*'ish*) **existe, existem.** Forma mais cortez do termo comum *yēsh*. É usado em 2 Samuel 14.19 e em Miquéias 6.10.

174 אשׁד (*'shd*). **Aceita como raiz de:**

174a אֶשֶׁד (*'eshed*) ***declive, fundo.***

174b אַשְׁדָּה (*'ăshēdâ*) ***fundação.***

'eshed. ***Declive, parte inferior.*** Construto de *'āshēd* (não encontrado no AT), aparece apenas em Números 21.15, "e o 'declive' do vale".

Esta é uma citação do desconhecido "Livro de Guerras do Senhor", testemunhando o fato de que o AT não constitui a realização total da literatura do Israel antigo.

A forma plural é *'ăshēdôt* (ou *'ashdôt*), "região montanhosa" (Js 10.40; 12.8). A ARA traz Asdote-Pisga (Js 12.3) e faldas de Pisga (Js 13.20; Dt 3.17; 4.49). Trata-se de uma referência à parte mais baixa do monte Pisga, na Transjordânia. Foi de lá que Moisés avistou a terra prometida antes de sua morte. [Provavelmente também é o caso de Dt 33.2; *cf.* NIV. R.L.H.].

V.P.H.

175 אשה (*'shh*). **Aceita como raiz de:**

175a אָשְׁיָה (*'oshyâ*) ***baluarte, escora.*** Ocorre somente em Jeremias 50.15.

אִשָּׁה (*'ishsheh*). Veja o n.º 172a.

אִשָּׁה (*'ishshâ*). Veja o n.º 137a.

176 אַשּׁוּר (*'ashshûr*) ***Assur, Assíria.*** Um dos filhos de Sem, ancestral epônimo dos assírios (Gn 10.22).

A terra da Assíria recebeu o seu nome a partir da cidade de Assur, cidade da margem ocidental do Tigre, onde situa-se o atual Iraque. A cidade, por sua vez, recebeu o nome da divindade Assur, que foi principalmente um guerreiro e conquistador, cujo símbolo era um arqueiro com um disco alado. Este deus é o símbolo da cidade e do estado. O deus Assur é o estado de Assur.

A Assíria entra em cena pela primeira vez, ainda que brevemente, como um estado independente no final da terceira dinastia de Ur, cerca de 2000 a.C. Depois desse período de autonomia, o estado assírio caiu sob o controle de governantes estrangeiros por cerca de 500 anos, primeiro sob os amorreus e depois sob os hurritas.

A primeira pessoa que reivindicou o título de "rei da terra da Assíria" foi Assurubalit (*c.* 1362-1327 a.C.). O império atingiu o seu ápice em sua primeira expansão sob o reinado de Tukultininurta I (*c.* 1244-1208 a.C.), o período da conquista e dos juízes, ainda que não tenha tido contato com Israel nesta época. Com exceção do reinado de Tiglate-Pileser I (*c.* 1115-1077 a.C.), a Assíria entrou uma vez mais em vários séculos de enfraquecimento e ocaso. Nunca foi uma ameaça para Israel durante o período da Monarquia Unida.

Todavia, é no período da monarquia dividida, especialmente no século IX a.C., que ocorre um ressurgimento assírio que representaria uma ameaça para Israel nunca encontrada antes, algo que Israel nunca teve de enfrentar contra os antigos filisteus, moabitas, *etc.* Tal ameaça é o aparecimento terrível de um povo militante e hostil, com ambições de conquistar o mundo. Já não se trata de uma preocupação apenas com a luta pelas fronteiras. Agora há uma luta pelo direito de existir. De certo não é por acidente nem por coincidência que pouco depois do ressurgimento assírio apareça em Israel uma nova instituição, os clássicos profetas literários que colocarão estas nações poderosas sob uma perspectiva histórica e teológica.

É o rei assírio Salmaneser III (859-825 a.C.) o iniciador deste revigoramento e precursor de coisas ainda piores que viriam sobre Israel. Tudo tem início na batalha de Carcar (não mencionada na Bíblia), no rio Orontes, em 853 a.C. Este foi um confronto entre Salmaneser e uma coligação que incluía, entre outros, a Síria e Israel (sob o domínio de Acabe). Quaisquer esperanças que Israel tivesse de sobrevivência foram praticamente destruídas um século mais tarde por Tiglate-Pileser III (745-727 a.C.). Foi ele que iniciou a política de incorporar os territórios conquistados ao império na categoria de províncias. Foi ele também que utilizou em maior extensão a política de transportar povos conquistados para outro lugar. Sob o reinado de Salmaneser V, Israel caiu em 721 a.C., o que era, naquele momento, pouco mais do que uma formalidade.

Os profetas literários viram nestes eventos, que culminaram em 722 a.C., o primeiro cumprimento decisivo de sua interpretação coletiva da história. Isaías tinha visto a

Assíria como instrumento do Senhor para castigar o seu povo (5.26-29; 10.5-19). Contudo, é interessante observar que nenhum rei assírio específico recebe um título em Isaías, como é o caso de Nabucodonosor da Babilônia ("meu servo") ou o persa Ciro ("meu ungido"). No final das contas, a Assíria destruiu o povo de Deus somente depois que o povo de Deus tinha destruído a si mesmo.

V.P.H.

אַשּׁוּר (*'āshûr*). Veja o n.º 183c.

אַשִּׁישָׁה (*'ăshîshâ*). Veja o n.º 185d.

אִשָּׁה (*'oshyâ*). Veja o n.º 175a.

177 אֶשֶׁד (*'eshek*) ***testículo.*** Aparece apenas em Levítico 21.20 na frase *m'rôah 'āshek*.

178 אֶשְׁכּוֹל (*'eshkôl*) ***cacho (uvas).***

A palavra é usada três vezes em Cantares de Salomão para descrever a atração física entre aqueles que se amam: ela em relação a ele (Ct 1.14); ele em relação a ela (Ct 7.7, 8[8, 9]).

Tais "cachos" eram deliciosos para comer (Mq 7.1; Dt 32.32), sendo também usados na preparação da fabricação de vinho (Is 65.8). Eram utilizados na bebida servida ao faraó egípcio, conforme é mostrado pelo sonho do companheiro de prisão de José, o copeiro-mor (Gn 40.10).

Números 13.23, 24 refere-se ao vale de Escol, lugar de águas perto de Hebrom (provavelmente ao norte), descoberto pelos espias hebreus que haviam sido enviados por Moisés para inspecionar a terra de Canaã. Este nome foi dado ao vale por causa dos "cachos" de uvas que ali se encontravam, cachos tão grandes que tinham de ser carregados em uma vara levada por dois homens. Uma das características da terra prometida era a sua exuberância e fertilidade, uma terra que manava leite e mel. Acontecerá o mesmo no dia escatológico; será uma terra onde haverá muito vinho.

Herdner afirma ter encontrado a mesma raiz em um texto ugarítico, *'utkl*, ainda que Gordon não tenha relacionado tal palavra em seu glossário ugarítico.

Bibliografia: HERDNER, A., Un nouvel exemplaire du rituel RS 1929 n.º 3, *Syria*, 33:104.

V.P.H.

179 אשׁל (*'shl*). **Aceita como raiz de:**

179a אֵשֶׁל (*'ēshel*) ***tamargueira.***

180 אָשַׁם (*'āsham*) ***ficar desolado, ser culpado, causar ofensa, reconhecer uma ofensa, transgredir.*** Outras possibilidades utilizadas na NEB são "reparação", "compensação", "pena" e "punição".

180 אָשַׁם (*'āsham*)

Termos Derivados

180a אָשֵׁם (*'āshēm*) ***em falta.***

180b אָשָׁם (*'āshām*) ***culpabilidade.***

180c אַשְׁמָה (*'ashmâ*) ***pecado.***

O sentido principal da palavra *'āsham* parece ser o de culpa. Todavia, o sentido varia desde a ação que traz culpa até a condição de culpa e, ainda, até o ato de punição. Em dada passagem bíblica é muitas vezes difícil verificar a nuança da palavra. A palavra é usada com os seus derivados 103 vezes. Sinônimos como *'āwôn* e *rāsha'* são freqüentemente traduzidos pela palavra "culpado", ainda que normalmente os significados sejam "iniqüidade" e "perverso", respectivamente. A palavra é usada no cognato ugarítico *'tm* (*UT*, 19: n.º 422; *Ais WUS*, n.º 474).

O verbo *'āsham* ocorre no Pentateuco, em Levítico, nos capítulos 4, 5 e 6, e em Números, 5.6, 7. O contexto é cultual, embora também ético. Qualquer pessoa que tivesse pecado era pessoa culpada. Um processo de como tirar a culpa é apresentado. Normalmente a restituição deveria ser feita de acordo com o valor financeiro do erro mais 20% de multa. Um animal de valor determinado era trazido ao sacerdote, o pecado era confessado e o animal sacrificado de modo específico. O alvo de tudo era a propiciação e o perdão.

Em Juízes 21.22 o verbo parece referir-se às conseqüências de se ter quebrado um voto. Em 2 Crônicas 19.10, o primeiro uso de *'āsham* enfatiza a culpa como o resultado de se ter quebrado a lei de Deus; ao passo que o segundo aplica-se aos juízes que precisam advertir o povo de que o pecado tem conseqüências.

Um contraste entre punição e redenção está em Salmos 34.21, 22[22, 23]. Neste exemplo, *'asham* é a própria punição. A dor de um sentimento interior de culpa está ausente também em Provérbios 30.10, porque o texto aponta para a possível falsa acusação feita contra um escravo.

Uma exortação (Os 4.15) para não se tornar culpado é dirigida a Judá. O que Judá não deveria era agir como prostituta, à semelhança de Israel, ou não incorrer em culpa? Compare o texto com 5.15, onde Efraim é mostrado sendo punido por Deus e com o dever de se reconhecer culpado, isto é, que ele era pecador. O próximo versículo, 5.1, indica a possível salvação.

Oséias 10.2 diz que Israel está em falta, é culpado. A culpa é entendida como conseqüência da adoração de ídolos e de um coração dividido ("falso" — ARA), embora a punição ainda estivesse por vir. Em Oséias 13.1, "culpado", refere-se a atos pecaminosos, mas o próximo versículo mostra Israel ainda em pecado, e a punição não é mencionada até 13.3. Isaías 24.6 e Joel 1.18 caracterizam *'āsham* como o resultado final do pecado, atingindo até mesmo os animais.

Jeremias (2.3) declarou que aqueles que devoraram Israel se fizeram culpados. Será que o sentido de *'āsham* é a ação do pecado, a condição de culpa ou o resultado final de punição? Visto que a última parte do versículo 3 fala de um mal futuro, o sentido da ARA, "se faziam culpados", parece estar correto. O mesmo vale dizer com relação a Jeremias 50.7.

Em Ezequiel 6.6 a culpa é a condição depois que a punição aconteceu. Por outro lado, em 22.4, a culpa é conseqüência da adoração de ídolos, ainda que antes da punição (*cf.* v.

15). Este também é o caso de 25.12 e de Habacuque 1.11. Em resposta à pregação de Zacarias. os líderes da nação afirmaram não serem culpados (11.5), ainda que estivessem matando o povo. Contudo, a falta de sentimento de culpa não impedirá um julgamento.

Em suas diversas ocorrências no AT, *'āsham* varia em sua ênfase. Pode denotar atos pecaminosos, a responsabilidade pelo pecado, a punição e até mesmo o que ocorre depois da punição. Talvez alguém possa sustentar a idéia de que *'āsham* diz respeito à totalidade do alienar-se de Deus e até às conseqüências disso.

'āshām. ***Culpabilidade, oferta pelo pecado, pecado, transgressão, oferta pela culpa.*** Com poucas exceções, este substantivo masculino denota a oferta pela culpa. Em Gênesis 26.10 Abimeleque refere-se a um possível pecado e à culpabilidade resultante. Em Levítico 5.7,15 temos a oferta pela culpa. Em todas as 21 vezes que o termo aparece em Levítico, o sentido é o de "oferta pela culpa". O mesmo acontece com respeito a Números 5.7, 8; 6.12; 18.9; 1 Samuel 6.3, 4, 8, 17; 2 Reis 12.16; Ezequiel 40.39; 42.13; 44.29; 46.20 e Isaías 53.10. Mas em Salmos 68.21[22] *'āshām* quer dizer pecado, e a punição aparece como ameaça. Que dizer de *'āshām* em Provérbios 14.9? A ARA diz "zombam do pecado"; outras traduções variam entre si, todavia, nenhuma traz o conceito de culpa para *'āshām*.

'ashmā. ***Pecado, motivo de transgressão, oferta pelo pecado, culpa.*** As traduções variam, embora na maioria das vezes os termos escolhidos são "pecado", "culpa", "iniqüidade". O sentido é, às vezes, o de "ações pecaminosas" ou "culpabilidade", como no caso de Levítico 4.3; 22.16. Joabe argumenta que o recenseamento de Israel foi motivo de culpa em 1 Crônicas 21.3. Em 2 Crônicas 24.18; 28.10,13; 33.23, o sentido é o de culpa. Será que o substantivo designa as ações pecaminosas ou a responsabilidade que envolve punição diante de Deus? Tais observações são válidas também nos casos de Esdras 9.6, 7, 13, 15; 10.10, 19. Em Salmos 69.5[6] a idéia é de pecados, erros cometidos. Em Amós 8.14 algumas versões apresentam o termo hebraico transliterado como se fosse um nome de uma deusa.

'āshēm. ***Aquele que está em falta.*** Este adjetivo é traduzido por culpado em Gênesis 42.21. Este é um raro exemplo onde um sentimento de culpa está associado com a palavra. 2 Samuel 14.13 tem um aspecto mais legal. Davi está em falta, ou é culpado. O sentido de Esdras 10.19 deve ser "culpado", o que é melhor do que "oferta pela culpa".

Em suma, a raiz *'āshām* inclui as ações pecaminosas, a responsabilidade por elas, a punição e o que se sucede, ou, como alternativa, a propiciação. A palavra denota qualquer violação da aliança de Deus com Israel e qualquer ato divino que trate dela, quer como punição quer como propiciação.

Bibliografia: KELLERMAN, Diether, 'Āšām in Ugaritic?, *ZAW*, 76:319-22. — KIDNER, F. D., *Sacrifice in the Old Testament*, London, Tyndale, 1952. — MORRIS, Leon, 'asham, *EQ*, 30:196-210. — RICHARDSON, *TWB*, p.207, 226-9. — RINGGREN, Helmer, *Sacrifice in the Bible*, Association Press, 1963. — SNAITH, N. H., The sin offering and the guilt offering, *VT*, 15:73-80. — *TDOT*, v. 1, p. 429-37. — *THAT*, v. 1, p. 251-6.

G.H.L.

181 אָשַׁף (*'ashshāp*) ***astrólogo, encantador, exorcista, prestidigitador, necromante.***

A palavra *'ashshāp*, que descreve uma variedade de ocultistas, aparece tanto no hebraico como no aramaico. Na forma aramaica a letra do meio não é duplicada. Todas as ocorrências estão no livro de Daniel (1.20 e 2.2[heb.]; 2.10,27; 4.4; 5.7,11,15 [aram.]). O termo assírio *âshipu* tem o mesmo significado.

O significado desta palavra deve ser verificado apenas pelo contexto, visto que não se tem certeza sobre a etimologia do termo. Talvez seja um empréstimo da Babilônia, relacionado com o termo assírio *shiptu* ("conjuração"). Visto que a palavra é encontrada somente em Daniel, isto parece ser muito provável. A palavra hebraica *'ashpâ* constrói-se com as mesmas letras e tem o sentido de "tremer" (Jó 39.23; Sl 127.5; Is 22.6, 49.2; Jr 5.16; Lm 3.13). Apesar disso qualquer relação de sentido seria hipótese, ainda que se usassem flechas na adivinhação (Ez 21.21[27]).

Em Daniel 1.20 *'ashshāpîm* aparece em paralelo com *hartummîm* (mágicos, *q.v.*), enquanto em 2.2 eles também são agrupados com os *m'kashsh'pîm* (feiticeiros) e *kaśdîm* (caldeus). A palavra aramaica *gāz'rîn* (videntes ou astrólogos), nas listas de Daniel 4.7, 5.7, 11, equivale ao hebraico *m'kashsh'pîm*, usado em outras passagens.

Bibliografia: CORNFELD, G., Magic, Divination and superstition, In: *Pictorial Biblical encyclopedia*, Macmillan, 1964.

R.L.A.

182 אשׁף (*'shp*). **Aceita como raiz de:**

182a אַשְׁפָּה (*'ashpâ*) ***aljava.*** Derivação incerta.

182.1 אֲשְׁפָּר (*'āshpār*) ***bolo de tâmara.*** Sentido incerto.

183 אָשַׁר (*'āshar*) ***ir (reto), andar.***

Termos Derivados

183a †אֶשֶׁר (*'esher*), אָשֵׁר (*'āshār*) ***felicidade, bênção.***

183b †אָשֻׁר (*'ōsher*) ***felicidade.***

183c †אַשּׁוּר (*'ăshûr*), אַשֻּׁר (*'āshûr*) ***passo, andar.***

183d †אַשֻּׁר (*'ăshur*) ***passo, andar.***

183e †אַשֵּׁר (*'ashēr*) ***Aser.***

183f אֲשֻׁרִים (*'āshurîm*) ***caixa de madeira.***

183g תְּאַשּׁוּר (*t'ashshûr*) ***árvore.***

183h אֲשֵׁרָה (*'ăshērâ*), אֲשֵׁרָה (*'ăshêrâ*) ***Asera, poste-ídolo.***

O verbo ocorre no qal somente em Provérbios 9.6, "andai [ou ide] pelo caminho do entendimento". É usado no piel 11 vezes com diversas nuanças, dentre as quais destaca-se "abençoar, chamado abençoado": Gênesis 30.13; Malaquias 3.12, 15; Jó 29.11; Salmos 72.17; Provérbios 31.28; Cantares 6.9. O pual aparece em duas ocorrências, Salmos

41.2[3]; Provérbios 3.18. A relação, se é que há alguma, entre o qal, "ir", e o piel, "abençoar", não é perceptível. Dois termos derivados procedem do sentido de "abençoar", e outros dois procedem de "andar".

Existem dois verbos hebraicos com o sentido de "abençoar". Um deles é *bārak* e o outro é *'āshar*. Pode-se verificar alguma diferença entre eles? O verbo *bārak* é usado com referência a Deus quando ele "abençoa" alguém. Contudo, não existem exemplos onde *'āshar* seja pronunciado por Deus. Quando alguém "abençoa" (ARA — "bendiz") a Deus, o verbo usado é *bārak* e nunca *'āshar*. Uma teoria dada para explicar esta distinção forte, *i.e.*, que *'āshar* é reservado ao homem, é o fato de ser *'āshar* um termo que expressa um desejo invejoso, "ser invejado com desejo é o homem que confia no Senhor". Deus não é um homem, e, portanto, não há fundamento para se aspirar à condição dele, nem sonhando! Do mesmo modo, Deus não inveja o homem e nunca deseja nada que o homem é ou possui, algo que Deus não tenha, mas gostaria de ter. Por conseguinte, Deus nunca diz "abençoado" (bendito) com relação ao homem (*'āshrê*) (Janzen). Deve ser também destacado que quando *bārak* é utilizado, a iniciativa procede de Deus. Deus pode conferir a sua bênção mesmo quando o homem não a merece. Por outro lado, para ser abençoado, (*'ashrê*), o homem tem de fazer alguma coisa. Por fim, *bārak* é uma bendição, enquanto *'āshar* é mais uma congratulação. O primeiro é traduzido por *eulogētos* na LXX, já o segundo aparece como *makarios*.

Para ser "abençoado" (*'ashrê*), o homem tem de fazer algo. Normalmente se trata de algo feito de modo positivo. Um homem "abençoado", por exemplo, é alguém que confia em Deus inteiramente: Salmos 2.12; 34.8[9]; 40.4[5]; 84.5[6]; 84.12[13]; 146.5; Provérbios 16.20. Um homem "abençoado" é aquele que se coloca sob a autoridade da revelação de Deus: a sua Tora (Sl 119.1; 1.2; Pv 29.18); a sua palavra (Pv 16.20); os seus mandamentos (Sl 112.1); o seu testemunho (Sl 119.2); o seu caminho (Sl 128.1; Pv 8.32). O homem benigno para com o pobre é abençoado (Sl 41.1[2]; Pv 14.21). Observe a abordagem baseada em negativos do salmo 1, "bem-aventurado o homem que não". Ele se isola e evita a companhia de certas pessoas, os ímpios. O salmo termina com a observação de que serão exatamente os ímpios os que, por fim, ficarão isolados. Eles não prevalecerão no juízo. Eles são destacados pela sua ausência, porque perecerão.

'esher. ***Felicidade, alegria, bem-aventurança.*** Aparece sempre como *'ashrê*, normalmente definido como o construto plural masculino do substantivo *'esher* (o singular não existe na Bíblia Hebraica), "Ó que felicidade(s) a de". Talvez "alegre" seja uma tradução melhor. O termo é usado 44 vezes no AT, 26 delas no Saltério e oito em Provérbios. No Pentateuco ocorre apenas em Deuteronômio 33.29, nos livros históricos somente em 1 Reis 10.8 (= 2 Crônicas 9.7) e nos profetas em Isaías 30.18; 32.20 e 56.2.

'ōsher. ***Felicidade.*** Um *hapax legomenon* usado apenas em Gênesis 30.13: "É a minha felicidade!".

'ăshûr, 'ăshshûr. ***Passo, pés.*** A última forma ocorre apenas em Jó 31.7 e Salmos 17.11.

Ambas as palavras reduzem seu uso a Salmos (seis vezes), Jó (duas vezes) e Provérbios (uma vez). Dahood (veja a bibliografia) tem argumentado em favor da existência da palavra em Eclesiastes 7.26. O termo que aparece em hebraico é *'ăsher*, de onde se deriva *'ăshûrē*.

Deve ser observado que nas seis passagens de Salmos o substantivo é quase sempre usado em paralelo com uma parte do corpo. Em Salmos 17.15, o termo é paralelo de *pa'am*, "pé"; em Salmos 37.31 de *lēb*, "coração"; em Salmos 40.2[3] e 73.2, de *regel*, "pé"; e finalmente em Jó 31.7, aqui juntamente com *lēb*, "coração", e *'ayin*, "olho". Tudo isto leva a crer na possibilidade de *'āshûr* referir-se também a alguma parte do corpo, pés ou pernas.

Nas Escrituras a palavra é usada metaforicamente, com um sentido como "estilo de vida". O termo pode também enfatizar a fidelidade daquele que crê no caminho de Deus: Salmos 17.5; 44.18[19]; 73.2; Jó 31.7; Provérbios 14.15. A palavra pode também ser usada em um contexto que afirme a fidelidade de Deus em ajudar a alguém a se manter em seu caminho: Salmos 40.2[3]; 37.31.

'āshēr. *Aser.* Segundo filho de Jacó por intermédio de Zilpa, serva de Lia. Cronologicamente, é o oitavo filho de Jacó. O nome deve ser relacionado com o verbo *'āshar*, no piel, cujo sentido é "abençoar", alguém "feliz, afortunado", sendo análogo ao nome Félix, que aparece no Novo Testamento.

A etimologia específica da palavra é encontrada em Gênesis 30.13: "Então disse Lia: É a minha felicidade! (*b'oshrî*) porque as filhas me terão por venturosa (*'ishsh'rûnî*); e lhe chamou Aser (*'āshēr*)". Albright descobriu uma palavra semelhante, ainda que feminina, análoga a Aser em uma lista de escravos egípcios do século VIII a.C. O termo aparece ali como *'sh-ra*. Referências posteriores a Aser no Pentateuco podem ser encontradas na bênção de Jacó (Gn 49.20) e na bênção de Moisés (Dt 33.24-26). Tanto a primeira passagem como a segunda enfatizam a fertilidade da terra.

Na divisão da terra feita por Josué, o território designado para a tribo de Aser é o antepenúltimo (Js 19.24-31), seguido apenas de Naftali e Dã. Era um território localizado na parte noroeste da Palestina, próximo às cidades fenícias de Tiro e Sidom. O Israel bíblico não parece ter sido homogêneo. O seu sistema de 12 tribos continha grupos de pessoas que possuíam estilos de vida contrastantes. Aser, juntamente com Zebulom e Dã, dedicou-se à navegação. Nesse sentido, eles tinham mais em comum com os fenícios e filisteus do que com os hebreus do interior que trabalhavam a terra. A semelhança entre eles seria como a de um homem de Minas Gerais e outro da região litorânea do Nordeste brasileiro.

A tribo de Aser nunca produziu um líder político ou religioso em toda a história, nem mesmo durante os dias quando apareciam com freqüência os juízes carismáticos. Débora teve até mesmo do repreendê-los por seu desinteresse em participar da luta contra os cananeus. Eles preferiam ficar nas redondezas mais conhecidas, a região costeira, a se comprometer a lutar contra os inimigos e tornar-se vulneráveis (e não somente os aseritas foram culpados disto!).

'āshērâ. *Asera, poste-ídolo.* No AT o termo refere-se tanto a uma deusa cananéia como a um objeto de culto de madeira. A palavra é traduzida por "bosque" provavelmente com base no *alsos* da LXX e no *nemus* da Vulgata. Antes de examinarmos o AT, devemo-nos voltar para os famosos textos ugaríticos de Ras Shamra. São eles que nos falam sobre quem era Asera. O nome é um particípio feminino do verbo ugarítico *'ṯr* (heb., *'āshar*, "ir"). Um dos títulos delas é *rabbatu atiratu yammi*, "Senhora Atirat do Mar", ou "a senhora que anda sobre o mar". Ela é a consorte ou esposa do divino El e, como tal, usa o título de *qaniyatu elima*, "progenitora (ou criadora) dos deuses". O seu filho mais

famoso era Baai. Uma característica comum a toda a literatura mitológica é a idéia de que "no princípio eram dois". Na Bíblia, porém, encontramos "no princípio era um". A questão não é apenas aritmética. O fato de que não se encontra algo sobre a "Sr.ª Deus" em Gênesis 1 e 2 pode significar que esta é uma maneira de a Bíblia declarar que somente Deus é completo em si mesmo.

Em um dos famosos textos mitológicos de Ugarite, a epopéia de Kret, é predito a Kret que sua noiva "lhe dará sete filhos/e um oitavo (que será uma filha) 'Octavia'/ela lhe dará o jovem Yasib/que sugará o leite de Asera". Desse modo, a vida (divina) é garantida e deixada para a posteridade.

De volta ao AT, não encontramos nenhuma descrição propriamente dita de Asera. Será que era uma árvore, uma estaca, algum tipo de símbolo de árvore ou uma imagem? Aparentemente não era um objeto natural mas sim algo feito pelo homem, um artefato. Era algo "feito": 1 Reis 16.33; 2 Reis 17.16; 21.3; era "levantado": 2 Reis 17.10; 2 Crônicas 33.19; Isaías 27.9; era "edificado": 1 Reis 14.23. Apenas em uma ocorrência o verbo "plantar" é usado, Dt 16.21, onde o sentido é "implantar". A conclusão é que a Asera do AT ocupa o lugar da deusa cananéia representada por uma imagem esculpida em madeira presa ao chão, normalmente ao lado de um altar dedicado ao deus Baal, localizado no alto de uma colina, sob uma árvore frondosa (Patai).

Foi no período da monarquia dividida que o culto a Asera floresceu tanto em Israel como em Judá, ainda que sua existência anterior esteja comprovada pelo mandamento de Êxodo 34.13, pela proibição de Deuteronômio 16.21 e pelo incidente no início da vida de serviço de Gideão a Deus (Jz 6.25 e ss). A carreira de Roboão marca o princípio deste culto em Judá (1 Rs 14.23). No norte o culto recebeu um grande impacto por causa do incentivo de Jezabel, que era responsável pela presença de "400 profetas de Asera" (1 Rs 18.19). Até mesmo reis de mente reformadora como Asa (1 Rs 15.13) e posteriormente Ezequias (2 Rs 18.4) foram incapazes de acabar com o movimento. Chegou a ser bem enfraquecido, mas não foi destruído. Houve um reaparecimento quase inevitável mesmo no despertamento da reforma. Compare a política do filho, Manassés (2 Rs 21.7, que chegou ao ponto de colocar a imagem no templo), logo em seguida da reforma de seu pai, Ezequias (2 Rs 18.4). Apostasia e idolatria logo depois do reavivamento! Aquilo que uma geração tenta destruir, a geração seguinte pode trazer de volta, a despeito de quão repreensível tal prática possa ser. Muito freqüentemente este tem sido o padrão de comportamento da raça humana.

Bibliografia: *'āshar, 'ashrê: TDOT*, v. 1, p. 445-8. — *THAT*, v. 1, p. 257-60. — DAHOOD, M., Hebrew-Ugaritic lexicography I, *Bib*, 44:298. — HILLERS, D. R., Delocutive verbs in Hebrew, *JBL*, 86:321-2. — KASER, W., Beobachtungen zum altestamentlichen Makarismus, *ZAW*, 82:225-250. LIPÍNSKI, E., Macarismes et psaumes de congratulation, *RB*, 75:321-67.

'āshēr: ALBRIGHT, W. F., Northwest Semitic names in light of Egyptian slaves from the eighteenth century B. C., *JAOS*, 74:229. — WITFALL, W., Asshur and Eber, or Asher and Eber?, *ZAW*, 82:110-3.

'āshērâ: TDOT, v. 1, p. 438-44. — ALBRIGHT, W. F., *Yahweh and the gods of Canaan*, Doubleday, 1968, p. 121-4. — BARR, J., Seeing the wood for the trees? An enigmatic ancient translation, *JSS*, 13:11-20. — PATAI, R., The goddess Asherah, *JNES*, 24:37-52. — REED, W. L., *The Asherah In The Old Testament*, Texas Christian University, 1949.

V.P.H.

184 אֲשֶׁר (*'ăsher*) ***que, o qual.***

Pronome (partícula) relativo usado muito freqüentemente na Bíblia hebraica (a concordância de Mandelkern ocupa quase 20 páginas, com letras pequenas e quatro colunas em cada página, para alistar todas as ocorrências).

Em contraste, a partícula relativa *she-* é usada apenas esporadicamente em vários livros da Bíblia. Juízes, Salmos, Cantares de Salomão são exemplos. Em Eclesiastes o pronome relativo *she-*, porém, é usado tanto quanto *'ăsher* (89 vezes para *'ăsher* e 68 vezes para *she-*, conforme o *BDB*, p. 979b, embora Dahood, em *Bib*, 33:45 apresente a relação 89/67).

Levando em consideração o uso prolífico de *'ăsher* no hebraico bíblico, é interessante observar que o equivalente ugarítico aparece uma única vez nos textos existentes naquela língua: *UT*, 16: Texto 2060:34-35, *'atr it bqṯ w stn ly*, "descubra o que está disponível e escreva para mim".

Com certeza, o uso preponderante de *'ăsher* é como pronome relativo, normalmente acompanhado de um termo antecedente explícito. Williams (veja a bibliografia) relaciona sete usos sintáticos da partícula e, certamente, outros usos poderiam ser acrescentados por outros gramáticos da língua hebraica. Por exemplo, um dos usos de *'ăsher* é expressar resultado: "'De maneira que' se alguém puder contar o pó da terra" (Gn 13.16). Outro uso é expressar propósito: "Guarda, pois, os meus estatutos [...] 'para que' te vá bem a ti" (ou expressa resultado?, Dt 4.40); "Deixa-me ir ao campo, e apanharei espigas 'a fim de encontrar' favor aos seus olhos" (Rt 2.2 — A ARA, como algumas outras traduções [KJV e RSV; Sasson, *Interpretation*, 30:418], não traduz todo o texto). Um terceiro uso é introduzir uma afirmação causal: "...saquearam a cidade, 'porque' sua irmã fora violada (ou por causa de sua irmã)" (Gn 34.27). Outro uso não observado por Williams é o de Salmos 71.20: "'ainda que' tenhas me feito ver muitas angústias [...] me restaurarás a vida" (a ARA traduz diferentemente). Trata-se de um uso concessivo de *'ăsher* (observe como a ARC insere uma palavra em itálico para que o texto faça sentido, uma vez que *'ăsher* foi traduzido por "que").

Em diversas ocasiões *'ăsher* aparece unido a preposições, como no caso de *ba 'ăsher* (19 vezes). Ainda muito mais freqüente é a expressão *kᵉ-ka 'ăsher* (veja os sentidos adequados no BDB, p. 455).

Bibliografia: *BDB*, p. 81-4. — ARCHER, G., *A survey of Old Testament introduction*, Moody, 1964, p. 465-6. — ARCHER, Jr., Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento?*, São Paulo, Vida Nova. — GAENSSLE, C., The Hebrew particle *'shr*, *AJSL*, 31:3-66, 93-159. — GEVIRTZ, S., On the ethymology of the Phoenician particle *'sh*, *JNES*, 16:124-7. — GORDON, C., *Ugaritic textbook*, p. 369. — WILLIAMS, R. J., *Hebrew sintax: an outline*, University of Toronto, 1967, p. 77-8.

V.P.H.

185 אשׁשׁ (*'shsh*). **Aceita como raiz de:**

185a אֲשִׁישָׁה (*'ăshîshâ*) ***bolo de passas.***

A palavra ocorre no ugarítico na forma *'atit*, embora a etimologia precisa não seja clara. Driver a relaciona com uma raiz árabe, cujo sentido é "florescer da vinha", e em

vista da tradução em Aquila (*oinanthē*), sugere que *'ăshîshâ* significa: 1) o florescimento da palmeira repleta de flores e de uma videira coberta de uvas, e 2) um bolo de passas semelhante a um amontoado de uvas apertadas até se tornarem uma massa sólida.

A palavra é usada apenas cinco vezes no AT. Em 2 Samuel 6.19 (= 1 Crônicas 16.3), é-nos dito que Davi, quando trazia a arca para Jerusalém, deu ao povo um bolo de pão, algumas tâmaras (?) e um bolo de passas (ARA, "passas"). O fato de que tal artigo alimentício era delicioso é confirmado pelo terceiro uso de *'ăshîshâ*, em Cantares 2.5: "Sustentai-me com passas [...] com maçãs". Veja também Isaías 16.7.

A última referência é Oséias 3.1, "... como o SENHOR ama os filhos de Israel, embora eles olhem para outros deuses e amem os bolos de passas". A última parte do versículo também pode ser traduzida: "para outros deuses que amam os bolos de passas". O sentido não é claro. Muito provavelmente a referência aqui é algo semelhante aos "bolos sacrificiais" (*kawwānîm*), que o povo fazia ou oferecia à "rainha dos céus", *i.e.*, Ishtar, a deusa assíria da fertilidade (Jr 7.18; 44.17-19). O que está em vista então é que o amor de Deus por seu próprio povo é um amor longânimo. Até mesmo a participação em ritos pagãos revoltantes pelos povos da aliança não levaria Deus a anular o seu amor por eles.

Bibliografia: DRIVER, G. R., Hebrew notes on "Song of Songs" and "Lamentations", In: *Festschrift Alfred Bertholet*, Tübingen, J.C.B. Mohr, 1950, p. 144.

V.P.H.

186 אֵת (*'ēt*) **I. Partícula não traduzida.**

Partícula não traduzida do hebraico para o português, quase sempre descrita nas gramáticas (um pouco superficialmente) como o sinal do objeto direto de um verbo transitivo. Sua origem é desconhecida. O ponto de vista prevalescente é que *'ēt* era originariamente um substantivo que significava "essência, substância, ser", significado que foi posteriormente perdido no desenvolvimento histórico da língua.

Quando *'ēt* é usado com o sentido de um acusativo (*nota accusativit*), ele o é geralmente, embora nem sempre, na prosa e quando o objeto do verbo é determinado pelo artigo definido. Mais importante do que a indicação de um acusativo, a função de *'ēt* é enfatizar a palavra à qual ele aparece ligado.

Por esta razão observa-se que *'ēt* é usado não somente com o acusativo mas também com o sujeito (*nota nominativi*) de verbos intransitivos e passivos. Muitos exemplos poderiam ser dados, mas dois serão suficientes. No caso de *'ēt* como sujeito de um verbo intransitivo, veja 2 Reis 6.5: "...o machado caiu na água" (*w'ēt-habbarzel nāpal 'el-hammāyim*). No caso de *'ēt* como sujeito de um verbo passivo, veja Gênesis 17.5: "Abrão já não será o teu nome (*'et-shimkâ*)".

Resumindo, *'ēt* era originariamente um substantivo; foi usado para enfatizar o substantivo ao qual estava ligado. Com o tempo, o sentido enfático se perdeu e *'ēt* tornou-se uma partícula sem nenhum sentido distinto.

Bibliografia: *Com respeito a uma partícula semelhante em outros textos e línguas semíticos:* ANDERSEN, F. I., Moabite syntax, *Orientalia*, 35:117-8. — LEAHY, T., Studies in the sintax of IQS, *Bib*, 41:152-4.

Quanto ao hebraico bíblico 'ēt: HOFTIJZER, J., Remarks concerning the use of the particle 'ēt in classical Hebrew, *Oudtestamentische Studiën*, 14:1-99. — MACDONALD, J., The particle 'ēt in classical Hebrew, *VT*, 14:263-75. — SAYDON, P. P., Meanings and uses

of the particle *'t*, *VT*, 14:192-210. — WALKER, N., Concerning the function of *'eth*, *VT*, 5:314-5.

V.P.H.

187 אֵת (*'ēt*) ***II, com, juntamente com.***

Às vezes há uma nuança diferente de sentido. Como exemplos temos: "Adquiri um varão 'da parte' (*'et-*) do SENHOR" (Gn 4.1). "O SENHOR [...] pelejará por vós (*lākem*), segundo a tudo o que fez 'por' nós (*'it-t'kem*) no Egito (Dt 1.30); A ARA difere na tradução destes dois versículos. "Não sou eu, portanto, quem pecou contra ti (*lak*)! Porém tu fazes mal 'contra' mim (*'ittî*) para lutar 'contra' mim (*bî*)" (Jz 11.27).

Voltando ao sentido básico "com", esta preposição é usada freqüentemente em um contexto teológico particular. Isto ocorre em a) promessas divinas ao homem: "Eu sou (serei) contigo"; b) afirmações da parte dos homens de que Deus está de fato com eles; c) orações de petições para que Deus esteja com eles. As Escrituras têm em toda parte a idéia de que Deus chama o seu povo para a comunhão consigo mesmo, no jardim do Éden, na odisséia de Abraão, na condição de aliança no Sinai, no tabernáculo, no deserto, na travessia do Jordão, na entrada em Canaã, e assim por diante. Neste aspecto devemos observar que o NT é bastante diferente. É Marcos (3.13-15) quem nos fala que a principal razão de Jesus chamar os doze foi "para que eles estivessem com ele". A chamada à comunhão sempre precede a chamada para o serviço.

Todavia, uma olhada rápida pela história bíblica e pós-bíblica mostra que nada é mais difícil do que andar com Deus. E nós não somos o problema — Deus o é! Com certeza Adão e Eva não poderiam ser bem-sucedidos nisto por muito tempo. Em Gênesis 3, eles anseiam por um passado que se foi para sempre. Observe os israelitas. Por volta de 586 a.C. o cântico de Deus tinha findado e Ezequiel viu a presença de Deus deixando, em primeiro lugar, o templo e, depois, a cidade.

A razão está na natureza de Deus, no seu amor santo e zeloso e no fato de que, toda vez que Deus encontra o homem, faz uma exigência moral em relação a este. É a obediência e a sensibilidade para com o Santo que permitem que Deus e a minha pessoa estejam em harmonia.

Bibliografia: MEEK, Theophile J., Translating the Hebrew Bible, *JBL*, 79:328-35. — *TDOT*, v. 1, p. 449-63.

V.P.H.

אֵת (*'ēt*). III. Veja o n.º 192a.

אֵת (*'at*). Veja o n.º 189a.

188 אִתָּה (*'ātâ*) ***vir.***

Termo Derivado

188a אִיתָן (*'itôn*) ***entrada.*** Este substantivo masculino ocorre somente em Ezequiel 40.15.

A palavra mais comum para "vir" é *bô'*, que é usada mais de 2 500 vezes no AT. Em contraste, *'ātâ* é usado somente 20 vezes, 21 se aceitarmos a emenda proposta por Dahood em Salmos 74.9: "Já não vemos os nossos símbolos; já não há profeta; nem, entre nós, quem tenha 'vindo' (*'ittānû* > *'ātānû*), que saiba até quando". Dezoito das 20 estão no qal e duas no hifil (Is 21.14; Jr 12.9) com o sentido de "trazer". Nas partes aramaicas do AT, *'ātâ* ocorre exclusivamente para dizer "vir". Isto ocorre 16 vezes. Observe também que todas as ocorrências em hebraico aparecem em passagens poéticas, e nunca na prosa.

A raiz aparece em Isaías nove vezes, em sua maioria na segunda parte do livro, exceto em 21.12, 14. Nenhuma relação particular marca as sete passagens restantes: a vinda do futuro (41.23; 44.7; 45.11); a vinda de Ciro (41.25); aqueles que vêm a se corromper (56.12); a vinda de animais selvagens para devorar o povo de Deus (56.9; *cf.* Jr 12.9) e a humanidade em geral (41.5).

O verbo é usado para descrever a "vinda" de Deus somente em Deuteronômio 33.2. É usado com o sentido de "vir" a Deus em Jeremias 3.22. A raiz aparece quatro vezes em (Jó 3.25; 16.22; 30.14 e 37.22).

Bibliografia: DAHOOD, M., Hebrew-Ugaritic lexicography I, *Bib*, 44:299. — GORDON, C., *Ugaritic glossary*, n.° 407. — *TDNT*, v. 5, p. 861-5. — *THAT*, v. 1, p. 267.

V.P.H.

189 אַתָּה (*'attâ*) ***tu.***

O cognato no ugarítico e em outras línguas semíticas é comum. Este pronome da segunda pessoa do singular (masculino) ocorre algumas centenas de vezes no AT. É acrescentado ao lado de verbos por razões de ênfase. O uso em casos oblíquos (genitivo e acusativo) existe para dar ênfase a um sufixo precedente.

Termos Derivados

189a אַתְּ (*'at*) ***tu*** (fem.).

189b אַתֶּם (*'attem*) ***vós*** (masc.).

189c אַתֶּן (*'atten*) ***vós*** (fem.).

C.L.F.

אָתוֹן (*'ātôn*) Veja o n.° 190a.

אָתוֹק (*'ātôq*) Veja o n.° 191a.

אַתִּיק (*'attîq*) Veja o n.° 191b.

190 אתן (*'tn*) **Aceita como raiz de:**

190a †אָתוֹן (*'ātôn*) ***jumenta, fêmea do asno.***

A fêmea do asno é tida por posse de valor: Gênesis 12.16; 32.16; Jó 1.3; 42.12. Pope observa que elas (*'ātôn*) estão relacionadas entre as posses de Jó, enquanto os asnos machos (*ḥămōr*) não. Ele continua: "As fêmeas do asno são mencionadas porque excedem

os machos em número e em valor, por causa de seu leite e da procriação. Elas também são melhores de montar que os machos" (*AB*, *Job*, p. 7).

Não é estranho, pois, que Quis tenha enviado seu filho Saul para procurar as jumentas que tinham-se perdido (1 Sm 9.3, 5, 20; 10.2, 14, 16). Saul, porém, não encontrou aquilo que estava procurando (como Colombo). Não encontrou as jumentas, mas acabou encontrando uma coroa para a sua cabeça. Da mesma maneira, será que sobre o dorso de um jumento (*hămor*), um filhote, cria de uma jumenta (*ben-'ătōnôt*) que o Messias entrará em Jerusalém (Zc 9.9). Speiser (*AB*, *Genesis*, p. 362) relaciona este versículo com a expressão de Gn 49.11, *b'nî 'atōnô*, "a cria (ou o filho) de sua jumenta", que ele traduz por "puro sangue". Ele estabelece uma relação do termo com a expressão dos textos de Mari, *mar atānim*, "escolha, asno seleto, de puro sangue".

Por fim, foi sobre uma *'ātôn* que o adivinho Balaão apareceu montado (Nm 22 e ss.). A jumenta até mesmo falou a Balaão (Nm 22.28; *cf.* a serpente que fala em Gn 3.1 e ss.). É improdutivo querer saber se a jumenta pronunciou um som audível ou foi meramente uma experiência na mente de Balaão, ou as duas coisas. O que é importante é que a história demonstra que o domínio de Deus sobre a natureza é tão pleno e completo, e sua palavra tão poderosa, que ele pode usar um animal mudo como porta-voz de sua palavra.

V.P.H.

אֶתְנָה (*'etnâ*), אֶתְנָן (*'etnan*). Veja os nos. 2524a, 2529a.

191 אתק (*'tq*). **Aceita como raiz de:**

191a אָתוֹק (*'ātôq*) ***galeria, pórtico.*** Ocorre apenas em Ezequiel 41.15.

191b אַתִּיק (*'attîq*) ***galeria.*** Ocorre apenas em Ezequiel 41.15, 16; 42.3, 5.

192 אתת (*'tt*). **Aceita como raiz de:**

192a אֵת (*'ēt*) ***III, relha de arado.***

ב

193 בְּ (*bᵉ*).

Preposição muito comum que possui ampla gama de sentidos. *BDB* relaciona principalmente: em, a, por, com (de acompanhamento ou de instrumento), complemento verbal de sentido específico, usado com o infinitivo construto para introduzir uma oração temporal. Atualmente, reconhece-se que as preposições hebraicas têm uma gama ainda maior de sentidos. O testemunho ugarítico indica que *bᵉ* também possui quase sempre o sentido de "da parte de", como é o caso da preposição *lᵉ* (GORDON, C., *UT*, 19: n.º 435; *AisWUS*, 486).

R.L.H.

בְּאֹה (*biʾâ*). Veja o n.º 212a.

194 *בָּאַר (*bāʾar*) ***declarar, esclarecer.***

Termos Derivados

194a †בְּאֵר (*bᵉʾēr*) ***poço, fonte, cova.***

194b †בְּאֵר לַחַי רֹאִי (*bᵉʾēr lahay roʾî*) ***fonte daquele que vive e me vê.***

194c †בְּאֵר שֶׁבַע (*bᵉʾēr shebaʿ*) ***Berseba.***

194d †בּוֹר (*bōʾr*) ***cisterna, fonte, poço, cova.***

194e †בּוֹר (*bôr*) ***cova, cisterna, poço, fonte.***

Este verbo ocorre somente no piel. Descreve o ato de escrever sobre tábuas de pedra de modo claro e distinto (Dt 27.8) ou um escrito legível sobre tábuas mesmo num olhar de relance (Hc 2.2). No uso figurativo, o verbo tem o sentido de esclarecer por meio de explicação (Dt 1.5).

bᵉʾēr. ***Fonte, poço, cova.*** Substantivo feminino, provavelmente de "aplainar", mas a relação é incerta.

As fontes de água eram cavadas na terra (Gn 21.30; 26.18, 21, 22, 25) e a descoberta de águas se tornava ocasião de regozijo, celebrado em cântico (Gn 26.32; Nm 21.17, 18).

Normalmente a água tinha de ser tirada (Gn 24.11, 20), de maneira que um manancial ("águas vivas") era particularmente providencial. Em uma terra onde a água era escassa, os poços eram motivo de contenda (Gn 26.19-21). Israel prometeu que não beberia de nenhuma água dos poços de Edom e de Amom se recebessem a permissão de passar pelo território deles (Nm 20.17). Quando não estava sendo usado, o poço poderia ser protegido por uma pedra que o cobria (Gn 29.2 e s). Coberto, o poço serviu de esconderijo para os informantes de Davi (2 Sm 17.18-21). A água era tirada pelas mulheres, e o poço serviu de local de encontro para o servo de Abraão e Rebeca (Gn 24.11 e s.), para Jacó e Raquel (Gn 29.2 e ss.) e para Moisés e Zipora (Êx 2.15 e ss.).

b'ēr também designa um poço de lodo ou de betume (Gn 14.10) como também o abismo, como local de destruição (Sl 55.23; 69.15).

b'ēr também é usado de modo figurado. A mulher estranha é como uma cova (Pv 23.27), mas a amada é fonte de águas vivas (Ct 4.15). A esposa de um homem é a sua própria fonte (Pv 5.15).

O substantivo também é usado para formar nomes como Berseba, Beer (Nm 21.16) e Beer-Elim (Is 15.8).

b'ēr lahay rō'î. ***Fonte daquele que vive e me vê.*** Este é o nome de uma determinada localidade entre Cades e Berede, ainda não identificada. Era o lugar de habitação de Isaque (Gn 24.62; 25.11) e o local onde Hagar foi salva da sede (Gn 16.14). O nome está relacionado com a frase "tu és um Deus que me vê" (Gn 16.13), mas é um assunto de muita conjectura.

b'ēr sheba'. ***Berseba.*** *Fonte de Sete* ou *Fonte do Juramento*, que marcava o extremo sul da Palestina, "de Dã até Berseba", ou o inverso (Jz 20.1; *etc.*; 1 Cr 21.2, *etc.*). Era um santuário (Gn 21.33; 46.1-5; Am 8.14; 5.5). Duas explicações dadas ao nome são apresentadas em Gênesis. Uma estabelece a origem do termo no juramento (*shebu'â*) entre Abraão e Abimeleque, confirmado por sete (*sheba'*) cordeiros (Gn 21.30, 31). A segunda faz uma relação do termo com um juramento (*shebû'â*) feito por Isaque (Gn 26.31). [Este é provavelmente um exemplo de explicação de um nome que não tinha a intenção de ser etimológica, mas antes, de ser um jogo de palavras por certo interesse e melhor recordação dos acontecimento ali sucedidos. O local pode ter sido chamado Berseba antes de os eventos serem descritos. Outro exemplo claro de jogo de palavras nada etimológico foi o caso de Babel em Gênesis 11.9. Babel em acadiano significa "porta de Deus". Todavia, o termo soa ao verbo *bālal*, "confundir". R.L.H.]

bō'r. ***Cisterna.*** Este é um substantivo masculino que vem da raiz *bōr* (Jr 2.13 e *Kethib* de 2 Sm 23.15, 16, 20; veja *bôr*). Uma cisterna cavada em rocha que armazenava água na estação da chuva. No decorrer do tempo a água ficava estagnada, e os terremotos rachavam a rocha e o reboco, Jeremias contrasta Jeová, um poço artesiano, com a idolatria, uma cisterna parada e rota.

bôr. ***Cisterna, calabouço, fonte, abismo, cova, poço.*** *bôr* está relacionado com *bō'r* (cisterna, Jr 2.13), bem como com *b'ēr* (poço), termo a que corresponde (Pv 5.15). É um substantivo masculino talvez proveniente da raiz *b'r*, que tem o sentido de "escrever claramente". A palavra ocorre 65 vezes.

bôr pode referir-se a um grande buraco na terra. Um dos valentes de Davi matou um

leão em uma cova (2 Sm 23.30; 1 Cr 11.22). No clima seco da Palestina (já nos tempos pré-israelitas, Dt 6.11; Ne 9.25), as cisternas eram cavadas na rocha e depois rebocadas. Elas armazenavam água ajuntada durante a estação da chuva para ser usada na estação da seca. Não se sabe ao certo quando começava o rebocamento. Alusões à abertura de cisternas e poços são feitas de modo freqüente (2 Cr 26.10), como também ao ato de retirar água deles (2 Sm 23.16). Beber água da própria cisterna é uma promessa que Rabsaqué fez da vida, como ela deveria ser (2 Rs 18.31; Is 36.16). *bôr* deve ser distinguido de "fonte que jorra" (*ma'yān*; Lv 11.36). As leis de Israel reconheciam o perigo de animais caírem dentro de uma cova aberta, tornando o dono da cova responsável pelos prejuízos decorrentes de tal situação (Êx 21.33, 34). Tal perigo também é reconhecido em Qumran (*CDC*, 11,13), onde é especificado que um animal não deveria ser retirado no sábado.

Covas e cisternas, com suas paredes verticais lisas serviam de prisões excelentes (*cf.* Is 24.22). Por isso, os irmãos de José conservaram-no preso em uma cova até que ele fosse vendido aos midianitas (Gn 37.20-29). No Egito ele foi posto em uma masmorra (Gn 40.15; 41.14). A última praga que caiu sobre o Egito atingiu até mesmo tais presos (Êx 12.29). Os opositores de Jeremias lançaram-no em uma cisterna, mas Ebede-Meleque o libertou (Jr 38.6-13). *bêt habbôr* (casa da cova — ARA: enxovia, calabouço) podo também ser uma palavra genérica para masmorra (Êx 12.29; Jr 37.16). As cisternas serviam de locais adequados para se lançarem cadáveres (Jr 41.7, 9) e também de lugares de esconderijo em tempos de perigo (1 Sm 13.6).

As cisternas bem conhecidas serviam de referência geográfica, *e.g.*, o poço de Belém (2 Sm 23.15, 16), o poço de Sirá (2 Sm 3.26), o poço de Bete-Equede (2 Rs 10.14) e o poço grande que estava em Secu (1 Sm 19.22).

Quanto ao uso figurado, é dito que o ímpio que prepara uma cilada é como um homem que cava uma cova profunda e cai dentro dela (Sl 7.15[16]). A esposa de alguém é a sua própria cisterna e deve-se encontrar satisfação com ela (Pv 5.15). A morte é o desfazer da roda junto ao poço (Ec 12.6). Sara é a cova ou pedreira da qual Israel foi cavado (Is 51.1, 2). Experimentar grande perigo pode ser comparado a ser lançado vivo em uma cova de onde se pode clamar ao SENHOR (Lm 3.53,55) e ser libertado (Sl 40.2). Ter a libertação do cativeiro é ser libertado de uma cova em que não há água (Zc 9.11).

Morrer é descer à cova (Sl 28.1). Por isso, os mortos são os que descem à cova (Sl 88.4, 5[6, 7]; 143.7). A cova é, em certo sentido, sinônimo do Seol (*q.v.*; *cf.* Pv 1.12; Is 14.15, 19; 38.18). Todavia, Ezequiel, distingue entre eles (32.18-32). O salmista aflito clama por libertação da cova (Sl 30.3[4]) e compara a sua recuperação ao ter sido tirado de poço horrível (Sl 40.2[3]). Povos como Tiro (Ez 26.20), o Egito (Ez 31.14, 16; 32.18), a Assíria (Ez 32.23), Elão (Ez 32.24), Edom (Ez 32.29) e Sidom (Ez 32.30) são ameaçados de serem lançados à cova.

Bibliografia: HEIDEL, A., Death and the afterlife, In: *The Gilgamesh Epic and O. T. parallels*, 2. ed., University of Chicago, 1949, p. 137-223. — SUTCLIFFE, Edmund F., *The Old Testament and the future life*, 2. ed., Newman Bookshop, 1947. — TRUMP, Nicholas, J., *Primitive conceptions of death and the nether world in the Old Testament*, Pontifical Biblical Institute, 1969. — *TDOT*, v. 2, p. 463-5.

J.P.L.

195 בָּאַשׁ (*bā'ash*) ***cheirar mal, aborrecer.***

196 בְּבָה (*bābâ*)

Termos Derivados

195a בְּאֹשׁ (*bᵉ'ōsh*) ***cheiro desagradável.***

195b בְּאֻשָׁה (*bo'shâ*) ***(algo que tem cheiro desagradável) o que tem cheiro ruim ou ervas daninhas.***

195c בְּאֻשִׁים (*bᵉ'ushîm*) ***algo que tem mau cheiro ou que não tem valor, uvas bravas.***

Quando Moisés feriu a água do Nilo, os peixes morreram e o rio ficou cheirando mal (Êx 7.18,21). Depois das pragas das rãs, a terra também cheirou mal. Quando algumas pessoas tentaram guardar sua porção determinada de maná, o maná deu bichos e cheirou mal (Êx 16.20). Contudo, a porção dobrada guardada no sexto dia não cheirou mal (Êx 16.24). Esta palavra, cheirar mal, também é usada pelos supervisores hebreus para se referirem à força de trabalho escravo. Esses supervisores se queixaram a Moisés e a Arão de que estes haviam tornado Israel (um cheiro) odioso na presença de Faraó (Êx 5.21).

Há ainda outros usos do termo: Davi clama porque as suas chagas se tornaram infectas e purulentas por causa de sua loucura (Sl 38.5[6]). Jacó diz a Levi e a Simeão que o comportamento deles o tornou odioso ao povo de Canaã com drásticas conseqüências (Gn 34.30). O Coelet (o pregador de Eclesiastes) afirma que moscas mortas fazem o ungüento do perfumador exalar mau cheiro (Ec 10.1).

A idéia de ser detestável é vista na decisão de Davi de lutar pelos filisteus. Eles pensaram que Davi havia-se tornado odiado (ARA — aborrecível) *pelos* israelitas (1 Sm 27.12). A atitude de Absalão com as concubinas de seu pai deveria tornar Absalão detestável por Davi e trazer desentendimentos entre pai e filho (2 Sm 16.21). Outras nuanças de sentido são vistas nas atitudes dos ímpios desprezíveis (ou que agem de modo revoltante, Pv 13.5).

Portanto, esta palavra descreve algo que possua odor desagradável, maus relacionamentos que causam ódio entre as pessoas e o princípio geral de que os males praticados são tão detestáveis que produzem um mau cheiro nas narinas de Deus.

L.G.

196 בָּבָה (*bābâ*) ***menina do olho*** (*i.e.*, pupila). Derivação incerta.

197 בָּבֶל (*bābel*) ***Babel, Babilônia.***

Babilônia é a grafia grega do nome próprio que, em hebraico, aparece uniformemente como *bābel*. "Babel". A palavra ocorre cerca de 290 vezes e designa uma antiga cidade na margem oriental do rio Eufrates, cerca de 32 km ao sul de Bagdá, perto do atual vilarejo de Hilla, no Iraque. Parece que a língua acadiana deriva esse nome de *bābilī* (*m*) ou de alguma antiga fonte sumeria. Mas, tanto num caso como no outro, a palavra significa "Porta de Deus". Gênesis 11.9 apresenta o nome como "Babel" (talvez da raiz *bālal*, "confundir"), mas provavelmente o objetivo de relacionar o nome próprio com a idéia de confusão seja de ironia, num jogo de palavras que alude ao que aconteceu quando as línguas foram confundidas.

A primeira ocorrência segura de *bab-ili* (*m*) encontra-se nos textos da III Dinastia de

Ur (2300-2200 a.C., por volta da época de Abraão), embora as Escrituras afirmem que Babilônia, juntamente com Ereque e Acade, era uma das mais antigas cidades ao sul (Gn 10.10).

A cidade experimentou grande proeminência sob o reinado de Hamurábi, que alguns identificam com a data de 1792-1749 a.C., e outros, com a de 1728-1686 a.C., e que se destacou por seu código de leis. O poderio da Assíria impediu (a partir de 1100 a.C.) a Babilônia de se sobressair, embora Tiglate-Pileser III (745-727 a.C.) lhe tenha dado destaque, nela governando com o nome de Pulu, nome que ocorreu na Bíblia como "Pul" (2 Rs 15.19). Merodaque-Baladã, em aproximadamente 700 a.C., liderou a resistência à Assíria e, sem dúvida alguma, estava em busca de aliados (Is 39.1). A cidade foi destruída por Senaqueribe em 689 a.C. em virtude da rebelião, mas foi reconstruída pelo monarca assírio seguinte, Esar-Hadom (680-669 a.C.)

Os caldeus ocuparam a região da Babilônia em 626 a.C. sob o comando de Nabopolassar e, com o grande sucessor deste, Nabucodonosor II, passaram a erigir o império neobabilônico. Em 612 a.C., Assur, capital de Assíria, caiu. Nabucodonosor conquistou Judá em 606-605 a.C. (Dn 1) e anexou-a em 587-586 (2 Rs 25). O império ampliou seu domínio até as fronteiras do Egito, e, tendo Nabucodonosor como rei, Babilônia tornou-se uma cidade imponente. Seguiram-se governantes menos hábeis, e em 539 os persas conquistaram a Babilônia (Dn 5). O império persa caiu 200 anos depois. A Babilônia manteve alguma importância sob o domínio dos selêucidas e, em seguida, dos partos, mas por fim desmoronou-se.

A primeira ocorrência da palavra na Bíblia aparece no relato sobre a torre de Babel, em que os homens, numa titânica revolta social, procuraram livrar-se do governo divino e alcançar unidade e paz sem Deus. O símbolo de sua unidade foi a torre, e a força de sua unidade era seu idioma comum. Como conseqüência, Deus julgou-os e confundiu-lhes o idioma. De acordo com a epopéia sumérica de Enmerkar (141-46), em certa época os homens louvavam a Enlil "com língua", possivelmente um reflexo deste evento na história secular.

A grandeza e a reputação da Babilônia refletem-se nas fontes bíblicas (Is 13; Mq 4.10), até mesmo a referência de Jeremias aos muros da Babilônia (5.12, 58). Seu sistema religioso venerava Marduque e Bel ou um dos dois como deuses da cidade. Os dois nomes são conhecidos na Bíblia (Is 39.1?; Jr 50.2). Enuma Elish, o antigo relato babilônico da criação, menciona um panteão de deuses e deusas. Mesmo numa época tão posterior quanto o século I d.C., João referiu-se ao sistema religioso, Babilônia, como a "a mãe das meretrizes e abominações da terra" (Ap 17.5). Não é de admirar que Deus tenha levado Judá para a Babilônia a fim de preservar um remanescente ao permitir-lhes que experimentassem de primeira mão a terrível loucura que é a idolatria (por essa razão, mais da metade de todas as referências bíblicas encontra-se em Jr).

Conquanto Nabucodonosor tenha vislumbrado a soberba cidade que usurpou a liderança de Jerusalém como uma cabeça de ouro (Dn 2), Daniel enxergou o seu verdadeiro caráter animalesco como de um leão (Dn 7). Daniel baseou sua oração pela libertação de Israel na predição de Jeremias de que o cativeiro duraria 70 anos (Jr 25.11, 12; 29.10; Dn 9.2 e ss.). Mas embora Jeremias tenha predito a duração do cativeiro, Isaías previu a maneira como Israel sairia da Babilônia através da conquista por Ciro (Is 41; 43.14; 45.1 e ss., *etc.*).

Bibliografia: Babylon, In: *Encyclopedia Judaica*, v. 4, p. 30-4. — JACOBSEN, T., Babel e Babylon, *IDB*, v. 1, p. 334-8. — WISEMAN, D. J., Babylon, O.T., *ZPEB*, v. 1, p. 439-

48. — KRAELING, E. G. H., The towers of Babel, *JAOS*, 40:276-81. PARROT, A., *Babylon and the Old Testament*, Philosophical Library, 1958. — SAGGS, H. W. F., *The greatness that was Babylon*, Glasgow, McClelland, 1962. — SIFF, Myra *et al.*, Babel, tower of, In: *Encyclopedia Judaica*, v. 4. — *TDOT*, v. 1, p. 466-9.

L.G.

בָּג (*bāg*). Qere diz *baz*, n.º 225a.

198 בָּגַד (*bāgad*) ***agir traiçoeiramente, agir enganosamente, agir com infidelidade, ofender.***

Termos Derivados

198a בֶּגֶד (*beged*) ***I, traição.***

198b בֹּגְדוּת (*bōg'dôt*) ***traidor.***

198c בָּגוֹד (*bāgôd*) ***traidor.***

198d בֶּגֶד (*beged*) ***II, vestimenta.***

As várias formas verbais aparecem 47 vezes, 21 como particípio usado no papel de substantivo para descrever aquele que age traiçoeiramente. Trata-se de alguém que não honra um acordo. A raiz no árabe meridional tem o sentido de "enganar".

O verbo é usado para denotar infidelidade em várias relações distintas. É usado com relação à infidelidade conjugal. O objeto da falta de fidelidade pode ser a esposa (Êx 21.8, uma serva; Ml 2.14, mulher da mocidade) ou o marido (Jr 3.20). Esta última passagem também mostra que a palavra é usada para descrever a infidelidade de Israel para com o Senhor (Jr 9.2[1]). Além da metáfora da infidelidade no casamento, que descreve a rebelião de Israel contra o Senhor, o Senhor ou a sua aliança é, às vezes, o objeto explícito do verbo (1 Sm 14.33; Sl 78.57; 119.58). Até mesmo o questionar de sua justiça é uma atitude de traição (Sl 73.15). A infidelidade para com a aliança do Senhor pode estar relacionada com a infidelidade para com o próximo (Ml 2.10 e ss.). Assim, a palavra também é usada para se referir à violação de acordos humanos e de responsabilidades previstas no relacionamento humano comum. Os homens de Siquém agiam traiçoeiramente com Abimeleque a quem tinham feito seu rei (Jz 9). Jó sentiu-se traído por seus amigos (Jó 6.15), e, nos tempos de Jeremias, os direitos relativos à propriedade foram violados por homens pérfidos (traidores) (Jr 12.6).

O vinho (conforme o TM) como também as riquezas (conforme 1Q Hc 8.3) podem levar os homens a proceder desta maneira (Hc 2.5).

Os traidores são às vezes recompensados na mesma medida (Jz 9; Is 33.1). De qualquer modo, o Senhor julgará tais pessoas mentirosas (Sl 25.3; Pv 2.22; 11.6; 21.18).

beged ***I. Traição.*** Aparece duas vezes, em Isaías 24.16, como parte de um jogo de palavras e, em Jeremias 12.1, onde se refere a traidores agindo com traição (ARA — perfidamente).

bōg'dôt. ***Traidor.*** Aparece em Sofonias 3.4 traduzido por pérfidos na ARA. Poderia parecer que a idéia de traidor é relevante, visto que uma tradução enfática é necessária para acentuar que os falsos profetas são traidores que enganam uma nação inteira.

bāgôd. ***Traiçoeiro.*** Aparece duas vezes (Jr 3.7, 10).

beged ***II. Vestimenta.*** A relação desta palavra com a raiz acima citada não é clara. O *KB* fala de um desenvolvimento semântico correspondente no árabe do substantivo "roupa" para o verbo "disfarçar". Contudo, os destalhes são desconhecidos.

beged é termo genérico e pode-se referir a qualquer tipo de vestimenta, desde as roupas usadas por ricos e poderosos até os trapos dos pobres e leprosos. É usada para se referir às vestes santas do sumo sacerdote e também para o pano usado para cobrir os utensílios do tabernáculo (Nm 4.6-13) ou para cobrir uma cama (1 Sm 9.13).

Bibliografia: *TDOT*, v. 1, p. 470-2. — *THAT*, v. 1, p. 261-3.

L.G.

199 בַּד (*bad*) ***I, linho branco.***

Existe dúvida a respeito da derivação deste substantivo. O *KB* estabelece sua origem em *bad* II (201a), peça de tecido. Foi aplicado ao menino Samuel com sua estola sacerdotal de linho (1 Sm 2.18). Os sacerdotes de Nobe vestiam estolas sacerdotais de linho (1 Sm 22.18). Davi dançou perante o Senhor usando uma estola sacerdotal de linho (2 Sm 6.14). Os sacerdotes usavam calções de linho, mitras, tiaras, capas, túnicas de linho (Êx 28.42; 39.28; Lv 16.4). Os anjos aparecem em vestimentas de linho (Ez 9.2, 3; 10.2, 6).

L.G.

בַּד (*bad*) II. Veja o n.º 201a.

בַּד (*bad*) III. Veja o n.º 202a.

200 בָּדָא (*bādā'*) ***planejar, inventar (sentido negativo).***

201 בָּדָד (*bādad*) ***somente.*** Ocorre apenas três vezes.

Termos Derivados

201a †בַּד (*bad*) ***II, sozinho, por si mesmo, uma parte, além de.***

201b †בְּדָד (*bādād*) ***solitário, sozinho.***

O conceito fundamental é "ficar separado ou isolado". Pode também ter a idéia de dividir em partes. Este verbo enfatiza a idéia de isolamento, *e.g.*, o pássaro solitário nos telhados (Sl 102.7), o jumento montês (figura de Efraim) que vai solitário para a Assíria (Os 8.9) e o soldado solitário errante.

bad ***II. Sozinho.*** Este termo derivado é usado mais de 100 vezes, normalmente na forma composta *l'bad*. Pode ter conotação positiva, negativa ou neutra. Quanto ao uso chamado positivo, a palavra é usada para se referir à incomparabilidade e à singularidade do Senhor em sua reivindicação exclusiva de divindade, conforme se vê em suas obras extraordinárias (Dt 4.35; 32.12; Jó 9.8; Is 44.24; Ne 9.6), ou em sua exaltação esplêndida (Sl 72.18; 148.13; Is 2.11, 17). Além disso, ainda no uso positivo, Balaão celebrou a habitação solitária de Israel (Nm 23.9), o que parece referir-se à posse da terra de Canaã unicamente por Israel e à sua segurança ali (*cf.* Jr 49.31).

Quanto ao uso negativo, o isolamento deplorável de Israel é resultado do julgamento do Senhor sobre a nação (Is 27.10; Mq 7.14; Lm 1.1). Ao comentar esta última passagem, Rudolph observou: "Este não é o 'esplêndido isolamento' de Números 23.9 e de Deuteronômio 33.28, mas sim a solidão de uma mãe que fica sem os filhos" (citado no *TNDT*, v. 1, p. 476).

A palavra adquire também conotação negativa quando se refere a um homem abandonado por sua comunidade ou por Deus. Assim, o leproso impuro precisava sofrer sozinho, longe da comunhão com os outros (Lv 13.46), e Jeremias reclamava que, por causa de seu chamado singular, ele não podia assentar-se na roda dos que se alegram (Jr 15.17). O salmista sob a mão disciplinadora de Deus sente-se solitário — separado dos homens e abandonado por Deus (Sl 102.1-7[2-8]).

Este contraste entre a solidão causada pelo abandono e pela singularidade na exaltação ajuda-nos a melhor entender o Senhor Jesus Cristo, que, sofrendo a solidão da cruz, alcançou um lugar à destra de Deus (Fp 2.6-11).

Assim, também não é bom que o homem viva *só*, sem esposa (Gn 2.18). Um homem sozinho pode ficar exposto ao perigo (2 Sm 17.2). Pode-se sentir a triste solidão de Jacó enquanto ele esperava solitário durante a noite, antes de encontrar-se com Esaú, até que se mostrou encorajado somente depois que recebeu a bênção do anjo (Gn 32.24[25]).

A palavra é usada de modo mais neutro nestas passagens tão conhecidas: "não só de pão viverá o homem" (Dt 8.3) e "pequei contra ti, contra ti somente" (Sl 51.4[6]).

Como advérbio de limitação o termo aparece em Isaías 26.13: "Graças a ti somente é que louvamos o teu nome". *Já l'bad* seguido de *min* torna-se equivalente à locução prepositiva "sem contar", "além de": os filhos de Israel [...] sem contar crianças (Êx 12.37); cidades fortificadas [...] além de outras cidades sem muro (Dt 3.5). Há casos quando *min* aparece como prefixo, *e.g.*, *mill'bad*, que pode ser a forma invertida *l'bad min*: nenhum outro há senão ele (*mill'badô*, Dt 4.35).

Outra tradução possível é a de uma parte definida, *e.g.* cada um de igual peso (*bad b'bad*, Êx 30.34), bem como o plural (*baddîm*), que denota alguma coisa que decorre de outra, *e.g.*, força ("membros", de um homem, Jó 18.13); ramos de uma videira (Ez 17.6; 19.14); varas (ARA — varais) usadas para transportar a arca da aliança (Êx 25.13); a mesa dos pães da proposição (Êx 25.27); ou o altar da oferta queimada (Êx 27.6, 7), o altar do incenso (Êx 30.4, 5). O termo também é usado para se referir aos ferrolhos de uma fortaleza (Os 11.6).

bādād. ***Sozinho, solitário, desolado, somente.*** O conceito básico é o de solidão: o leproso deve viver sozinho, em isolamento (Lv 13.46), Israel habita sozinho em segurança (livre de ataque) (Dt 33.28), somente o Senhor guiou Israel (Dt 32.12).

L.G.

202 בדד (*bdd*) **Aceita como raiz de:**

202a בַּדִּי (*bad*) ***III, mentiroso, mentira.*** Possivelmente oriundo da raiz *bd'*.

A etimologia desta palavra é incerta. O seu sentido básico é o de conversa vazia, vã. O orgulho vão de Moabe mente (Is 16.6). A expressão "faladores vazios" descrevia falsos profetas, *e.g.*, os que transmitem oráculos (adivinhadores -- ARA, "gabarolas"; Jr 50.36). Os presságios do que se vangloria são como discurso vazio (Is 44.15).

L.G.

203 *בדל (*bādal*) ***separar-se, ser separado*** (nifal), ***fazer diferença, dividir, separar, cortar*** (hifil).

Termos Derivados

203a בָּדָל (*bādāl*) ***pedaço, pedaço cortado.***
203b מִבְדָּלָה (*mibdālâ*) ***local separado.***
203c בְּדִיל (*b'dîl*) ***amálgama, estanho, refugo.***
203d בְּדֹלַח (*b'dôlaḥ*) ***bdélio.***

Este verbo, usado somente no nifal e no hifil, tem o sentido básico de "ser separado" ou "separar", "dividir". Este sentido pode ser visto em passagens como Gênesis 1.6, onde o firmamento foi separado das águas; Gênesis 1.14, 18, onde os luminares celestiais são vistos como criadores da distinção entre dia e noite; e Êxodo 26.33, onde o véu é apresentado como elemento divisor das duas partes do templo.

A palavra ocorre várias vezes em contextos nos quais se vê a separação entre Israel e os seus vizinhos (Ed 6.21; Ne 9.2; 10.28[29]). Este era um ideal da comunidade pós-exílica que refletia o desejo deles de preservar a integridade étnica da nação. Em Levítico 20.24, a palavra é usada de modo semelhante, exceto pelo fato de que é Deus quem separou Israel das nações, dando-lhe um lugar privilegiado. Conseguintemente, Israel deve fazer distinção (*bādal*) entre os animais puros e os imundos (v. 25).

A palavra também era usada em um sentido um pouco técnico. Podia ter o sentido de separar tropas (2 Cr 25.10), ou de designar cidades para um propósito especial (Dt 4.41; 19.2, 7), ou de indivíduos separados para o serviço (1 Cr 25.1; Ez 39.14). Em Esdras 10.8 o termo é usado no sentido de "banir", referindo-se aos membros infiéis da comunidade pós-exílica.

O conceito de separação inerente a *bādal* foi usado para descrever a atividade especial de Deus ao separar Arão para ser consagrado às coisas santas (1 Cr 23.13) e a separação dos levitas (Nm 16.9; Dt 10.8). Israel foi separado para ser herança de Deus (1 Rs 8.53).

A palavra também descreve a separação de Deus, que é o resultado do pecado (Is 59.2).

b'dîl. ***Prumo, estanho.*** Esta palavra (separar) denota o que é separado de um metal precioso ou de um minério. Por isso, no texto de Isaías 1.25, o termo refere-se a um metal

que, combinado com um metal precioso, reduz o segundo a refugo. O termo é usado com este sentido quando fala figuradamente de Israel (Ez 22.18). Em vários contextos o sentido é "estanho". Quando misturado com o cobre, o estanho produz um amálgama, que é o bronze. Por conseguinte, o estanho era bastante importante na antigüidade. Társis, na Espanha, era aparentemente a fonte principal do metal. A expressão "pedra de estanho" refere-se a um prumo (ARA) em Zacarias 4.10 (não é a mesma palavra usada em Am 7.7, 8).

b^edōlah. ***Bdélio.*** Possivelmente uma pedra (pérola?) ou talvez uma resina (*cf.* KB), *b^edōlah* era um produto da terra de Havilá (Gn 2.12). A cor do maná foi comparada com a do bdélio (Nm 11.7). A derivação é desconhecida.

T.E.M.

בְּדִיל (*b^edîl*). Veja o n.º 203c.

בְּדֹלַח (*b^edōlaḥ*). Veja o n.º 203d.

204 בָּדַק (*bādaq*) ***emendar, reparar.*** Talvez um termo denominativo do substantivo abaixo relacionado.

204a בֶּדֶק (*bedeq*) ***brecha, buraco, fissura.***

205 בהה (*bhh*) **Aceita como raiz de:**

205a בֹּהוּ (*bōhû*) ***vazio, oco.***

Sempre acompanhado por *tōhû*, "sem forma" (*q.v.*), *bōhû* descreve a condição primeira da terra, "vazia" no começo da criação (Gn 1.2), ou "tornada vazia" pelo juízo de Deus (Is 34.11; Jr 4.23). É provável que a descrição feita em Isaías sobre a desolação de Edom e a que em Jeremias se refere a Israel tenham usado esta frase a partir do quadro do caos inicial de Gênesis.

Bibliografia: YOUNG, Edward J., The interpretation of Genesis 1:2, WTJ, 23:151-78.

E.A.M.

בָּהִיר (*bāhîr*). Veja o n.º 211b.

206 בַּהַט (*bahaṭ*) ***pedra de preço elevado, talvez o pórfiro.***

207 בָּהַל (*bāhal*) ***ser perturbado, perturbar, alarmar, aterrorizar; apressar.***

Termo Derivado

207a בְּהָלָה (*behālâ*) ***terror repentino, alarme.***

O verbo בָּהַל ocorre 50 vezes no AT, 11 das quais aparece na parte aramaica de Daniel, tendo significado semelhante. Seus sinônimos são *hārad*, "tremer, estar temeroso",

pahad, "ter medo", e *yagor*, palavra genérica para "temer". *yārē'* refere-se a um temor reverente. *bāhal* normalmente expressa uma reação emotiva de alguém que é surpreendido por algo inesperado, ameaçador ou desastroso (*e.g.*, Israel diante das notícias da morte de Abner, 2 Sm 4.1; ou os benjamitas na ocasião de uma emboscada, Jz 20.41).

Deus perturba as nações, às vezes, a ponte de chegarem ao pânico. Por isso Edom ficou alarmada quando ouviu que Deus interveio a favor de Israel no mar dos Juncos (Êx 15.15). O salmista antecipa o pânico que cairá sobre os seus inimigos à medida que Deus se coloca contra eles (Sl 6.10[11]; 83.17[18]). O dia do Senhor será especialmente marcado por nações alarmadas, como no caso de Babilônia (Is 13.8). Com o aparecimento do rei escolhido, Deus se dirigirá contra as nações conspiradoras e "no seu furor as confundirá" (*bāhal* — "aterrorizará") (Sl 2.5). Assim a derrota psicológica preliminar do inimigo é parte dos feitos de Deus em tal guerra.

Todavia, certos indivíduos também conhecem a perturbação de suas emoções provocada pela mão de Deus (*cf.* Jo 23.15). *bāhal* é um termo freqüente em Daniel, aparecendo nos contextos de sonhos e visões do livro, tanto do profeta (4.5) como do rei (5.6).

Esta conotação de temor da acareação com o sobrenatural é vista no terror de Saul diante do aparecimento de Samuel (1 Sm 28.21) e no temor de Israel na presença da morte repentina (Lv 26.16; Sl 78.33).

Outro sentido de *bāhal*, "apressar", "ser rápido", é encontrado na literatura de cunho narrativo (*e.g.* 2 Cr 35.21; Et 2.9; Dn 2.25) e nos trechos sapienciais, onde o termo é associado às atitudes impulsivas ou imediatas de preservar a riqueza (*e.g.*, Ec 5.2[1]; 7.9; Pv 20.21; 28.22).

behālâ. ***Terror repentino.*** Nas quatro passagens onde *behālâ* é empregado, Deus é sempre o sujeito que traz terror sobre Israel. Deus ameaça com terror (Lv 26.16), ou afirmasse que ele trouxe *behālâ* sobre eles (Jr 15.8; Sl 78.33) por causa da indiferença que têm para com ele. Parece que ambos os sentidos de *bāhal*, "alarme" e "pressa", estão incluídos no substantivo *behālâ*, "terror repentino".

E.A.M.

בהם (*bhm*). **Aceita como raiz de:**

208a בְּהֵמָה (*b'hēmâ*) ***fera, animal, gado.***
208b בְּהֵמוֹת (*b'hēmôt*) ***hipopótamo.***

bhēmâ. ***Fera, animal, gado.*** Usado 137 vezes, *b'hēmâ* refere-se a animais de quatro patas, sendo distinto dos pássaros (Gn 6.7), peixes, e répteis (1 Rs 4.33[5.13]).

b'hemâ está em contraste com o homem (*'ādām*) (e.g., Êx 9.9, 10) e ainda que ambos estejam sob a categoria de coisas vivas (*hayyā*), em nenhuma parte o homem é classificado como animal. *b'hēmâ* pode-se referir tanto à fera selvagem, embora o uso exclusivo como fera selvagem seja menos freqüente (*cf.* Jr 7.33), como aos rebanhos domésticos (ARA — animais domésticos). Quando se refere aos rebanhos domésticos, *b'hēmâ* inclui o gado de porte maior (*bāqār*, *q.v.*) e os ovinos (*tsō'n*), mas nunca as "criaturas rastejantes" (*remeś*), que rastejam sobre a terra. Estes talvez sejam animais

menores como lagartos, roedores, *etc.*

b'hēmâ, quase sempre coletivo, é criação de Deus (Gn 1.26) e é preservada por ele por meio de sua provisão (Sl 36.6[7]; *cf.* 104.14).

O domínio do homem sobre o mundo animal não deve ser interpretado como exploração. O tratamento cruel para com os recursos naturais, dentre os quais os animais, acarreta em julgamento (Hc 2.17). Na verdade, a vida moral do homem está tão relacionada com a natureza que os pecados trazem devastação no mundo natural (Os 4.1-4) Jeremias declara que o mal moral humano trará falta de animais (Jr 9.10[9]; *cf.* 9.4 e ss.). Os justos cuidam dos animais (Pv 12.10).

Diversas proibições são dadas com respeito à relação do homem com os animais. Ele é proibido de fazer uma imagem de Deus à semelhança dos animais (Dt 4.17). Os seres humanos não podem ter relações sexuais com os animais sob pena de morte (Êx 22.10, 19[9, 18]; *cf.* Lv 18.23). Certos animais, principalmente — mas nem sempre — aqueles que não ruminam nem têm o casco fendido, eram impróprios para a alimentação (Dt 14.4-8), provavelmente por razões de higiene (*cf.* Lv 11.46; 20.25, veja HARRIS, R.L. *Man—God's eternal creation*, Moody, 1971, p. 139-44).

Na literatura apocalíptica os animais (ARA — bestas) são símbolo de nações más, embora outro termo seja usado ali (*e.g.*, Dn 7.7).

b'hēmôt. ***Hipopótamo.*** Embora usada somente uma vez (Jó 40.15), *b'hēmôt* tem produzido considerável discussão. Como uma extensão do plural de *b'hēmâ* (*q.v.*), semelhante ao superlativo em português, *b'hēmôt* se refere a um animal de porte, à besta selvagem por excelência. Com base na descrição de Jó 40.15, o *b'hēmôt* é um animal terrestre, em contraste com o leviatã (*liwyātan*, *q.v.*), que é provavelmente um monstro marinho, embora alguns considerem o *b'hēmôt* uma criatura aquática.

O debate existente é se o *b'hēmôt* deve ser considerado um animal natural, o hipopótamo, ou se há uma referência a um monstro dos mitos do antigo Oriente Médio, que, segundo se alega, funcionava como adversário da figura do herói, o qual o herói, semidivino, derrotou. O *b'hēmôt* é melhor compreendido como animal de grande porte cujos hábitos são conhecidos e descritos. Contudo, como é comum na poesia, pode simbolizar outra coisa aqui, como a estranha besta da mitologia. Portanto, é possível que exista alusão a uma besta mitológica na passagem de Jó, mas tal alusão não deve ser interpretada como legitimadora da veracidade destes mitos como verdadeiros. (Veja a discussão de tais alusões mitológicas em *tûah*). O conceito pagão, se estiver de fato em vista, é modificado pelo acréscimo da expressão "que eu criei" (Jó 40.15). A declaração de que o *b'hēmôt* é "a primeira das obras de Deus" (Jó 40.19) é uma referência, não à cronologia, mas ao tamanho do *b'hēmôt* ("ele é a obra-prima dos feitos de Deus", diz a ARA). [Se o *b'hēmôt* é a criatura real, a descrição de que a "sua cauda é como um cedro" é estranha. Será que a palavra *zānāb*, "cauda", foi também usada para se referir a outros membros externos — como talvez à tromba de um elefante? Nesse caso, o elefante seria um candidato ainda mais provável. R.L.H.]

A menção do *b'hēmôt* fortalece o impacto da passagem que afirma ser ele a criatura mais forte da criação de Deus. Os gregos, tem sido observado, foram atraídos pelo belo como expressão da divindade; já os hebreus foram impressionados pelo imenso, ainda que feio, como representação do poder da divindade.

E.A.M.

בְּהֵמוֹת (*b'hêmôt*). Veja o n.º 208b.

209 בחן (*bhn*). **Aceita como raiz de:**

209a †בֹּהֶן (*bōhen*) ***polegar das mãos e dos pés*** (sempre usada com ambos os sentidos ao mesmo tempo).

Aplicava-se sangue ao polegar da mão direita e ao polegar do pé direito por ocasião da consagração do sumo sacerdote (Êx 29.20) e de seus filhos (Lv 8.23, 24), sendo aplicado também sobre a orelha direita. A cerimônia poderia afinal sugerir que o sacerdote deveria ouvir, trabalhar e andar para o Senhor. Também o azeite, além do sangue, era igualmente aplicado ao leproso que devia purificar-se (Lv 14.14). Na conquista de Canaã, Adoni-Bezeque, o rei cananeu, quando capturado, foi humilhado com a amputação dos polegares dos pés e das mãos, ficando incapaz de reinar (Jz 1.6, 7).

E.A.M.

210 בחק (*bhq*). **Aceita como raiz de:**

210a בֹּחַק (*bōhaq*) ***erupção benigna na pele*** (Lv 13.39).

211 בחר (*bhr*). **Aceita como raiz de:**

211a †בַּהֶרֶת (*baheret*) ***sinal branco na pele.***

Termo encontrado somente em Levítico 13 e 14, *baheret* é um possível sinal de uma doença na pele (*tsārā'at*, *q.v.*). A averiguação do sintoma pelo sacerdote enfatiza a preocupação que a Bíblia apresenta para com a higiene corporal.

E.A.M.

211b בָּהִיר (*bāhîr*) ***brilho, brilhante, da luz.***

212 בוא (*bô'*) ***entrar, vir.*** No hifil "trazer".

Termos Derivados

212a †בְּאָה (*bi'â*) ***entrada.***

212b †מָבוֹא (*mābô'*) ***entrada.***

212c †תְּבוּאָה (*t'bû'â*) ***produto.***

bô', o quarto verbo de maior ocorrência no AT, é usado 2 570 vezes, na maior parte das vezes tendo o sentido cotidiano de "ir, chegar, entrar em uma casa", ou, de maneira mais idiomática, "morrer" (ir aos pais), ou para se referir às relações sexuais (entrar nela). Um de seus sinônimos é *hālak*, "ir"; um dos antônimos é *yātsā'*, "sair".

Teologicamente, o verbo *bô'* aparece em contextos diversos mas significativos. Quatro aspectos do verbo podem ser identificados.

Em primeiro lugar, *bô'* é encontrado com referência a YHWH quando este aparece como aquele que vem até o seu povo. Na fundação de Israel como nação, ele veio em nuvens espessas ao monte Sinai (Êx 19.9; 20.20). Do Sinai ele veio com seus dez milhares para lutar por seu povo (Dt 33.2-5; Hc 3.3). De acordo com sua promessa, de que ele viria a cada lugar escolhido por ele para fazer que seu nome fosse lembrado (Êx 20.24), ele veio ao Monte Sião com seus dez milhares de santos (Sl 68.17[18]). Por isso ele vem para lutar por Israel através da história (Is 30.27), o que é uma segurança de que no futuro ele dará a Israel uma vitória final e universal sobre o mal (Sl 96.13; 98.9). Assim como ele cumpriu a sua promessa no passado de julgar as nações (*cf.* Is 19.1; Jr 25.31), também virá no futuro para julgar os ímpios (Is 66.15). Ele virá como guerreiro poderoso, trazendo de volta o seu povo dos confins da terra (Is 40.9-11), e habitará em Jerusalém (Zc 2.10[14]). A idéia de que o Senhor é um Deus que vem trazer salvação é resumidamente captada por Oséias: "Conheçamos e prossigamos em conhecer ao SENHOR: como a alva a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra" (6.3). Esta antecipação que caracteriza o AT acha o seu cumprimento parcial em Jesus Cristo, de quem se pode anunciar com entusiasmo: "Bendito é o que vem (entra — *bô'*) em nome do SENHOR" (Sl 118.26). A vinda de Deus para salvar é essencialmente uma intervenção e quase sempre é vista como iminente.

Todavia, ele também vem para julgar o Israel pecaminoso (Sl 50.3). Na verdade, uma das últimas profecias do AT afirma que YHWH virá repentinamente ao seu templo como fogo purificador (ARA — do ourives) (Ml 3.1).

Além dessas afirmações com respeito à sua vinda pessoal, outros textos revelam várias maneiras nas quais ele vem: em um sonho a Abimeleque (Gn 20.3); por meio de mensageiros muito identificados com ele, mas ainda distintos dele (Jz 6.11; 13.6-10); juntamente com a arca (1 Sm 4.6, 7); e na palavra de um profeta (Nm 22.38; 1 Sm 2.27).

Em segundo lugar, "vir" (*bô'*) está associado com o tema do cumprimento da promessa. O veredicto relativo às palavras (*i.e.*, promessas) de Deus por intermédio de Josué é que "todas vos sobrevieram (*bô'*)" (Js 23.14). John Bright observa que, quanto lhe é possível afirmar, em toda ocasião em que *bô'* é usado com respeito ao propósito da palavra de Deus, o termo tem a força de "sobrevir", "realizar" (DURHAM, John & PORTER, J. R. eds., *Proclamation and presence*, John Knox, 1970, p. 206). O teste de um verdadeiro profeta consiste em que as suas palavras de fato se cumprirão (Dt 18.22). Naturalmente, as palavras de um falso profeta também podem-se cumprir, e, por conseguinte, é preciso examinar também o conteúdo teológico da palavra profética (Dt 13.3).

Executando suas ameaças ou suas promessas, YHWH demonstra o seu domínio sobre a história (Js 23.15; 2 Rs 19.25; Is 31.2). Com freqüência as predições usam o hifil causativo de *bô'*, que mostra claramente que é YHWH quem dirige a história com soberania (Ex 11.1; 1 Rs 21.29 *passim*). Em uma passagem que exalta YHWH acima das imagens de escultura, lê-se: "Eis que as primeiras predições já se cumpriram" (Is 42.9). Os deuses são desafiados a declarar "as coisas que hão de vir" (*bô'*) (Is 41.22). A promessa dada aos patriarcas da terra e da multiplicação da descendência é apenas uma das muitas promessas-predições que vieram a cumprir-se e que demonstram a superioridade de YHWH.

Uma expressão característica referente ao futuro, embora não necessariamente aos dias finais da história mundial, é "vêm dias" (particípio de *bô'*). Embora seja empregada por Amós (8.11; 9.13) e Isaías (27.6; 39.6), é Jeremias quem mais a utiliza como introdutória que às vezes anuncia julgamento (*e.g.*, Jr 9.26[24]; 19.6; 48.12; 49.2), mas que

também anuncia salvação (Jr 16.14), e até o estabelecimento da nova aliança (Jr 31.31) e o aparecimento de um messias que reinará (Jr 23.5).

Em suma, *bô'* é usada para anunciar ameaças e promessas. Por isso, ainda que *bô'* seja usada na proclamação de juízo contra Eli (1 Sm 2.31) e contra Ezequias (2 Rs 20.17), os profetas pré-exílicos usam-na na forma de um perfeito profético com referência ao julgamento iminente sobre Israel (Am 8.2; Os 9.7; Mq 1.9; 7.12). Para Sofonias é a vinda do dia do furor da ira do Senhor (2.2); para Jeremias, é um dia de calamidade também para o Egito (46.22) e para a Babilônia (50.27); para Ezequiel, é o dia da turbação (Ez 7.7, 10); e, para Joel, um dia de destruição de Shadai (Jl 1.15). Este juízo virá porque o povo recusou arrepender-se (Is 5.19; Jr 25.8-11; Sf 2.3).

Este verbo também é usado nas proclamações de salvação de que Israel voltará à terra (Mq 4.8; Is 35.10; 51.11; Sf 3.20; Ez 11.16; 34.13). Além disso, Ezequiel viu a glória do Senhor entrando no novo templo (43.4), e Ageu previu a riqueza de todas as nações que viria ao templo (2.7). Esdras estava entre aqueles da Diáspora que voltaram à casa de Deus (3.8).

Em terceiro lugar, a palavra é usada em contextos relacionados com o Messias "que vem" e trará salvação. Embora Gênesis 49.10 esteja repleto de questões crítico-textuais, pelo menos fica claro que Jacó fala de um dirigente que virá da tribo de Judá. Ezequiel e Zacarias aprofundam esta esperança por aquele "que vem" (Ez 21.27[32]; Zc 9.9 e ss.). De acordo com Zacarias, este rei triunfante é pobre e vem montado em jumento, símbolo de sua humildade.

Por fim, *bô'* é usado com referência ao homem que vem ao santuário juntamente com sua comunidade para orar e trazer sacrifícios (Dt 12.5; 31.11; 2 Sm 7.18; Is 30.29; Jr 7.2, 10; Sl 5.7[8]; 42.2[3]). Enquanto os sacerdotes precisavam satisfazer regras específicas para entrar neste recinto sagrado (Êx 28.29 e ss.; 29.30; *etc.*), todos os que ali entram devem mostrar um comportamento justo (Sl 15; 24). Os estrangeiros também podiam vir para orar (1 Rs 8.41), mas os eunucos eram excluídos da comunidade cultual (Dt 23.1[2]). Quando o povo vinha ao santuário, eles também iam aos sacerdotes (Dt 17.9). Também iam ao profeta para ouvir do Senhor (*e.g.*, 1 Rs 14.3, 5; 2 Rs 4.42; Ez 14.4, 7).

bi'â. ***Entrada.*** Usada apenas uma vez, *bi'â* refere-se a uma entrada dentro do templo onde a repugnante imagem dos ciúmes foi erigida (Ez 8.5).

mābô'. ***Entrada, pôr-do-sol.*** Embora *mābô'* refira-se concretamente à entrada de uma cidade (Jz 1.24) ou de um templo (2 Cr 23.13), *etc.*, o termo é utilizado em sentido abstrato na expressão "sair e entrar" (2 Sm 3.25), que em hebraico tem o sentido de "toda a extensão da vida de um homem" (*cf.* os contextos de bênção em Dt 28.6, de vigilância em 1 Sm 29.6, de súplica em 1 Rs 3.7, de promessa em Sl 121.8 e de juízo em Is 37.28).

t'bû'â. ***Produzir, frutificar.***

Usado 42 vezes, de maneira mais freqüente em Levítico, Deuteronômio e Provérbios, *t'bû'â* refere-se ao fruto do solo, colheitas de cereais ou de frutos. A literatura profética e poética amplia este sentido para se referir ao "resultado" de algo. O fruto (*t'bû'â*) da sabedoria é melhor do que a prata escolhida (Pv 8.19). O rendimento (*t'bû'â*) do ímpio é o pecado e a tribulação (Pv 10.16; 15.6). Jeremias identifica Israel com as primícias da colheita de YHWH (*t'bû'â*) (Jr 2.3).

Três afirmações podem ser feitas com respeito à produção do solo. A primeira é que

é Deus quem torna possível o frutificar (*t'bû'â*). Israel recebeu a garantia de que, mesmo no ano sabático e no ano do jubileu, a produção seria suficiente para atender às necessidades do povo (Lv 25.3 e ss., 12. 19 e ss.). Deus é louvado por conceder fartas colheitas (Sl 107.37; *cf.* Dt 33.14). Ele promete bênçãos em forma de produtividade (Dt 16.15; *cf.* Is 30.23).

Em segundo lugar, o recolhimento da produção (*t'bû'â*) se dava por ocasião da celebração. Havia duas festas de colheita além da festa dos pães ázimos. A festa das semanas (das primícias do cereal) era realizada entre maio e junho (Dt 16.9 e ss.). A colheita do fim do ano, em outubro, principalmente uma colheita de frutas, encerrava as festas com a observância da festa dos tabernáculos (Lv 23.39; *cf.* Dt 16.13 e ss.).

Em terceiro lugar, tanto na literatura jurídica como na sapiencial, as primícias da colheita (*t'bû'â*) são designadas para YHWH (*cf.* Pv 3.9; Dt 14.22). Israel devia dar o dízimo (*'āśar*) de toda a produção do campo anualmente. A cada três anos o dízimo agrícola era designado especificamente para os levitas, os peregrinos, os órfãos e as viúvas (Dt 26.12; *cf.* 14.28).

Bibliografia: BLANK, Sheldon H., Some observations concerning biblical prayer, *HUCA*, 32: 75-90. — *DRIVER*, G. R., Hebrew notes, *VT*, 1:241-50. — SPEISER, E. A., "Coming" and "Going" at the city gate, *BASOR*, 144: 20-3. — *TDNT*, v. 5, 861-5. — *TDOT*, v. 2, p. 20-49. — *THAT*, v. 1, 264-8.

E.A.M.

213 †בּוּז (*bûz*) ***desprezar, tratar como insignificante.***

Termos Derivados

213a †בּוּז (*bûz*) ***desprezo, desdém.***

213b †בּוּזָה (*bûzâ*) ***desprezo, desdém.***

Juntamente com os seus derivados, *bûz* aparece 24 vezes, quase inteiramente na literatura sapiencial e poética. Os sinônimos do termo são *bāzâ*, "desprezar", e *nā'ats*, "desprezar ao ponto de rejeitar". Um exemplo de antônimo é *yārē'*, "reverenciar", "dar atenção". *bûz*, é provavelmente uma forma secundária de *bāzâ* (*q.v.*).

Alguém pode desprezar (*bûz*) um povo ou os seus ditados, ou, para incluir um sinônimo bem próximo, alguém pode desprezar (*bāzâ*) também juramentos (Ez 17.16), direitos de primogenitura (Gn 25.34) e até mesmo o próprio Deus (Ml 1.6). Contudo, proceder assim é incorrer na ira de Deus. Desprezar (*bûz*) a sabedoria é característico dos tolos (Pv 1.7; 23.9). A destruição é o resultado final daqueles que desconsideram, *i.e.*, desprezam (*bûz*) a lei (Pv 13.13).

Aos jovens é aconselhado: "não desprezes a tua mãe" (Pv 23.22). Desprezar o próximo é algo muito sério evidenciado por outro provérbio que descreve tal atitude como que carente de senso (Pv 11.12) ou como pecaminosa (Pv 14.21). As Escrituras enfatizam a dignidade do homem (Sl 8.5[6]); e torna-se culpado de pecado todo o que desrespeitar tal dignidade, quer por razões de diferenças raciais, quer por diferenças de padrão econômico, quer por diferenças de faixa etária. Por esta razão há punição, *e.g.*, para aquele que zomba dos pais (Pv 30.17). Desprezar o próximo é falhar em amar o próximo como a si mesmo. A razão de Jesus para que os adultos não desprezassem as crianças (*kataphroneō*,

Mt 18.10) é que no céu os anjos delas contemplam a face do Pai, *i.e.*, Deus lhes dá atenção. É pecado desprezar o inocente.

bûz. ***Desprezo, desdém.*** O oposto de *bûz* é *hillēl*, "louvar" (Pv 12.8).

O desprezo é característico do ímpio (Pv 18.3) e é quase sempre dirigido contra o justo (Sl 31.18[19]), que então clama pela misericórdia e pela intervenção de Deus (Sl 123.3, 4; *cf.* Sl 119.22). Ser visto por outros como sem importância e insignificante é o prazer daqueles que estão seguros (Jó 12.5). Todavia, isto é irritante, e até doloroso, para aqueles que são objetos de *bûz* e que compreensivelmente o evitam (Gn 38.23). Jó ficou apavorado pelo "desprezo das famílias" (líderes de clãs?), de maneira que buscou a Deus, que trataria com ele de modo justo (Jó 31.34, 35).

Por outro lado, a justiça e a vindicação do direito exigem que o ímpio seja tratado com desprezo. Por duas vezes é dito que Deus derrama desprezo (*bûz*) sobre um príncipe. No contexto onde a grandeza de Deus é descrita, Jó usa a expressão para indicar que Deus não é intimidado por príncipes (Jó 12.21). O salmista convoca o povo a louvar a Deus por seus feitos, dentre os quais está o desprezo de Deus pelo príncipe (Sl 107.40). Pela fé Isaías advertiu os arrogantes invasores assírios de que Jerusalém olhava para as hordas assírias orgulhosas com desprezo e escárnio (2 Rs 19.21; Is 37.22). Isto está de acordo com o provérbio que diz: "mas o perverso de coração será desprezado" (Pv 12.8).

bûzâ. ***Desprezo, desdém.*** Usado na oração de Neemias (Ne 4.4), *bûzâ*, conforme ilustrado pela observação única de Tobias, é razão suficiente para clamar a Deus por intervenção.

Alguém pode ter outrem em tão alta estima, por causa do amor, que, em contraste, despreza (*bûz*) a casa da riqueza (Ct 8.7). No entanto, fora deste uso do verbo, *bûz* é visto como algo inadequado, e até mesmo pecaminoso.

E.A.M.

214 בּוּךְ* (*bûk*) ***confuso, perplexo.*** Aparece apenas no nifal.

Termo Derivado

214a מְבוּכָה (*m^ebûkâ*) ***confusão*** (Mq 7.4)

215 בּוּל (*bûl*) ***Bul, o oitavo mês.*** Derivação incerta. Para os nomes de outros meses, veja o n.º 613b.

בּוּל (*bûl*). Veja o n.º 835d.

216 בּוּס (*bûs*) ***pisar, pisotear.***

Termos Derivados

216a יְבוּסִי (*y^ebûsî*) ***jebuseu.***

216b מְבוּסָה (*m^ebûsâ*) ***opressão, subjugação.***

216c תְּבוּסָה (*t'bûsâ*) ***opressão, ruína, queda.***

Este verbo aparece 12 vezes. Quase sempre com o termo "inimigos", *bûs* tem principalmente o sentido de ação destruidora (*e.g.*, Zc 10.5) e difere de seus sinônimos, *dārak*, "marcha", "prensar (do vinho)", e *rāmas*, "marcha", "pisar (o barro)", que pode, ainda que não necessariamente, denotar destruição.

Deus é freqüentemente o sujeito a quem se pede que pisoteie (*bûs*) o inimigo (*e.g.*, Sl 44.5[6]) ou ele próprio promete pisar (*bûs*) os povos (Is 63.6), tais como os assírios (Is 14.25). *bûs* é usado de maneira antropomórfica, mas não se deve omitir a emocionalidade cheia de ira que acompanha o termo (*cf.* Is 63.6).

Metaforicamente, *bûs* é usado no sentido de "dessacralização" (*e.g.*, santuário, Is 63.18).

y'bûsî. ***Jebuseu(s).*** Descendentes de Canaã (*q.v.*; Gn 10.16), estes povos viveram nas colinas do sul da Palestina (Nm 13.29) e ocuparam a região que durante a época do rei Davi foi capturada e ficou conhecida como Jerusalém (2 Sm 5.6; *cf.* Js 18.28). Como habitantes das colinas, estavam relacionados com os amorreus (*cf.* Js 15.63; 10.5).

Os jebuseus são alistados nove vezes como membros de um grupo de uma nação de seis povos (Êx 3.8, 17; 23.23; 33.2; Dt 20.17; Js 9.1; 11.3; 12.8; Jz 3.5), cuja boa terra Deus estava dando a Israel (Êx 13.5). Deus prometeu expulsar os jebuseus de diante de Israel (Êx 23.23). Eles deveriam ser destruídos de maneira que Israel não aprendesse as suas práticas abomináveis (Êx 34.11). Contudo, Israel, particularmente a tribo de Benjamim, fracassou na expulsão deles (Jz 1.21). Conseqüentemente os jebuseus acabaram se casando com os israelitas e tornaram-se em parte a razão da idolatria e da apostasia de Israel (Jz 3.5 e ss.).

O fato de, no reinado de Davi, a fortaleza dos jebuseus ter-se tornado o local do templo e também a capital ilustra não somente o cumprimento de uma promessa de Deus, mas também a mudança decisiva de um local pagão ser transformado em algo para a glória de Deus.

Em Josué 15.63 é dito também que Judá fracassou em expulsar os jebuseus que viviam em Jerusalém. Jerusalém ficava na fronteira entre Judá e Benjamim. As duas tribos falharam. Por isso não é contraditório o fato de ter Judá uma vez tomado Jerusalém e queimado a cidade (Jz 1.8). Houve um local que trocou tanto de mãos na guerra da Coréia que foi chamado "colinas do desgosto"! Estes são os benefícios da guerra. Os jebuseus não foram expulsos até a época das campanhas de Davi (2 Sm 5.6-9).

Embora os jebuseus sejam apresentados de modo negativo como grupo e descritos como *nokrî* (estrangeiros, Jz 19.11), um jebuseu, tal como Araúna (ou Ornã, que ofereceu sua eira ao rei Davi), é visto como um homem generoso, cheio da graça (2 Sm 24.18 e ss.; *cf.* 1 Cr 21.18 e ss.). Araúna é provavelmente um nome hurrita que significa "senhor", "nobre" (veja KAISER, W. C. "Araunah" em *ZPEB*, v. 1, p. 257-8), o que está de acordo com a presença dos horreus entre a população não-israelita de Jebus. A condenação de um grupo não inclui a justiça de indivíduos que nele estejam. O ponto de vista de alguns de que o sacerdote Zadoque, induzido por Davi, era anteriormente um sacerdote de um santuário jebuseu tem provas insuficientes e está em contradição com a descrição bíblica (2 Sm 8.17).

E.A.M.

217 בּוּעַ (*bu'*). **Aceita como raiz de:**

217a אֲבַעְבֻּעֹת (*'ăba'bu'ōt*) ***tumores, pústulas*** (Êx 9.9).

218 בּוֹץ (*bwts*). **Aceita como raiz de:**

218a בֵּיצָה (*bêtsâ*) ***ovo.***

219 בּוּץ (*bûts*) ***linho fino (bisso), tecido fino branco e caro.***

Um sinônimo do termo é *shēsh*, palavra egípcia emprestada que ocorre desde a literatura mais antiga até a época do livro de Ezequiel. *bûts*, tecido caro, era artigo importado de luxo (Ez 27.16) e, por conseguinte, apropriado para a corte real (1 Cr 15.27; *cf.* Et 1.6, Mordecai dirigiu-se ao rei da Pérsia vestido de manto feito deste tecido, 8.15). O véu do templo de Salomão era feito de *bûts* (2 Cr 3.14) como também o eram as vestes dos sacerdotes (2 Cr 5.12). As Escrituras não deixam fora a apreciação pelas coisas finas.

Bibliografia: LAMBDIN, Thomas O., Egyptian loan words in the Old Testament, *JAOS*, 73:145-55.

E.A.M.

220 בּוּק (*bwq*). **Aceita como raiz de** (forma secundária de בּקק):

220a בּוּקָה (*bûqâ*) ***vazio*** (Na 2.11).

220b מְבוּקָה (*m'bûqâ*) ***vazio*** (Na 2.11).

בּוֹקֵר (*bôqēr*). Veja o n.º 274b.

221 בּוּר (*bûr*) ***declarar*** (?), ***explicar, provar.***

Possivelmente uma forma secundária de *bā'ar*. Em Eclesiastes 9.1, o infinitivo construto qal de *bûr* é usado como verbo finito (veja BAUER-LEANDER, p. 435; *GKC*, sec. 113, n.º 4a). Na Mishná, "tornar claro", "provar" (JASTROW, 197b). A raiz, a forma e o significado são discutíveis. A LXX interpreta por "meu coração viu". A ARA diz "entender". Outras traduções, seguindo a Vulgata, entendem o termo juntamente com *tûr*, "explorar", "examinar".

J.P.L.

בּוֹר (*bôr*). Veja o n.º 194e.

222 בּוֹשׁ (*bôsh*) ***ficar envergonhado; deixar envergonhado, desconcertado, desapontado.***

Termos Derivados

222a בּוּשָׁה (*bûshâ*) ***vergonha.***

222b בֹּשֶׁת (*boshnâ*) ***vergonha.***

222c בּשֶׁת (*bōshet*) ***vergonha.***

222d מָבוֹשׁ (*mābôsh*) ***vergonhas, partes pudendas do homem.*** Ocorre somente em Deuteronômio 25.11 no plural masculino *m'bûshîm*.

O sentido primeiro desta raiz é "cair em desgraça, normalmente por meio de um fracasso, quer de si mesmo, quer de algo em que se confiava". Se contado com os seus derivados, o termo ocorre 155 vezes, todas, exceto 25 delas, nos profetas e em Salmos. Nada menos de 38 ocorrências são encontradas em Jeremias e 20 em Isaías. A palavra muitas vezes corresponde *k"lam*, "ser humilhado", e de maneira menos freqüente com *hātat*, "ser destruído, aterrorizado". Conforme sugerem estes paralelos, a força de *bôsh* está em contraste, em parte, com o sentido principal da expressão "ficar envergonhado" em português. Em nossa língua a ênfase está na atitude interna, no estado da mente, enquanto no hebraico o sentido é "vir à vergonha", o que enfatiza o sentido de desgraça pública, um estado físico. Da mesma maneira, em acadiano o grau G desta raiz tem o sentido de "vir à vergonha" e o grau D, de "deixar envergonhado".

bôsh e os seus derivados são usados em cinco maneiras distintas. Em primeiro lugar, é usado idiomaticamente para expressar uma longa demora ou pausa. Em Juízes 3.25 e em 2 Reis 2.17 e 8.11, o termo é usado para expressar o sentido de confusão que aquele que espera ou o esperado sentem quando há uma demora excessiva. As duas ocorrências do polel também são usadas para expressar esta idéia idiomática, *e.g.*, Êx 32.1, onde o povo de Israel diz que Moisés estava "envergonhado" (ARA, "tardava") para descer do monte.

Ainda que o uso idiomático de *bôsh* para expressar uma interrupção possa ser relacionado com o que foi dito acima, é mais provável que ele seja intercambiável em termos de significado com *yābēsh*, "secar". Quatro das cinco ocorrências deste uso estão em Joel 1.10-17, onde são usadas as formas do hifil indistinguíveis das de *yābēsh*. (*Cf.* GESENIUS-KAUTZSCH-COWLEY, 2. ed., p. 220).

O segundo uso de *bôsh* expressa aquele sentimento de confusão, embaraço e apreensão em alguém quando as coisas se sucedem de modo contrário às expectativas de tal pessoa. Por isso, Jó fala da vergonha dos que viajam em caravanas, quando estes não encontram água onde tinham certeza de que encontrariam (6.20). De igual modo, Israel ficará envergonhado quando Deus cortar a chuva (Jr 14.3). Em sentido mais profundo, Israel e as nações serão envergonhados pelos seus ídolos quando caírem em fracasso (Is 42.17; Jr 22.22; Os 10.6).

O terceiro uso — e o mais comum — leva em conta a idéia anterior e expressa de maneira mais profunda a humilhação decorrente da vitória dos inimigos, quer em uma batalha, quer de outra forma. Particularmente, a vergonha terrível de ser exposto como cativo é levada em conta (Mq 1.11; *cf.* também Jr 2.26). Aqui estão envolvidas todas as nuanças de confusão, desilusão, humilhação e fracasso contidas na palavra. O profeta usa a palavra com este sentido normalmente, prometendo a Israel que, a não ser que a nação se arrependa e volte de seus caminhos idólatras, com certeza ela experimentará a vergonha da derrota e do exílio. (*Cf.* Is 1.29; 30.5; Jr 2.36; 9.19[18]; Ed 9.6; Dn 9.7, *etc.*).

A idéia de confiança está intimamente associada com este terceiro uso da palavra. Se Israel procurar assegurar a sua própria glória recusando-se a confiar em Deus, antes confiando nos ídolos (Is 1.29) ou em nações estrangeiras (Is 20.5; 30.3,5), nunca alcançará glória, mas apenas vergonha e desgraça. Por outro lado, se alguém se submeter

humildemente a Deus, descobrirá sua verdadeira glória, pois Deus não deixará tal pessoa envergonhada (Is 29.22; Jl 2.26,27; Sf 3.19). É esta a promessa que o salmista continuamente relembra a Deus (Sl 25.3; 31.17[18]; 37.19; 119.46).

Da mesma maneira, embora os inimigos de Israel possam triunfar sobre a nação por certo período, eles serão levados, inevitavelmente, por causa de sua idolatria e falta de confiança em Deus, à vergonha extrema (Is 41.11; Jr 46.24; 51.47). Outro exemplo: é a expectativa fervorosa do salmista de que, pelo fato de eie confiar em Deus, aqueles que tentarem destruí-lo serão, eles mesmos, levados à ruína (Sl 6.10[11]; 22.6; 40.14[15]; 109.28).

Em quarto lugar, a vergonha é o resultado de uma atitude imprudente ou imoral. Tal uso é encontrado em 1 Samuel 20.30. Da perspectiva de Saul, Jônatas fez-se de tolo não apenas por ter cometido uma grave injustiça contra o rei governante, mas também por ter posto em jogo a posição de sua mãe, que haveria de fazer parte do harém de Davi. De modo semelhante, Joabe acusou Davi de não refletir adequadamente e agir com loucura (2 Sm 19.5[6]). Contudo, tal uso é bastante restrito ao livro de Provérbios. Todas as ocorrências são particípios do hifil em referências que descrevem explícita ou implicitamente os feitos daqueles que trazem ruína sobre seus pais ou seus cônjuges (Pv 10.5; 12.4; 14.35, *etc.*).

O último uso de *bôsh* é aquele que coincide muito de perto com o sentido comum da língua portuguesa: um sentimento de culpa por ter feito algo de errado. Jeremias (6.15) fica horrorizado porque o povo não estava envergonhado de ter cometido abominação (idolatria). De igual modo, Ezequiel (16.63) mostra que a graça de Deus, manifesta na restauração, não diminuirá e sim aumentará o sentimento de vergonha de Judá. Isso não aconteceria até que o povo visse quão terrível é confiar nos ídolos em vez de confiar no Deus vivo. Esdras, ao descobrir a situação de Jerusalém, clama que está envergonhado porque "as nossas iniqüidades são mais altas do que as nossas cabeças".

Evidentemente, tal sentimento de horror pela idolatria observa-se na mudança dos nomes do filhos de Saul: Isbaal (homem de Baal) e Mefibaal (oráculo de Baal) para Isbosete (Ish-*bosheth* — homem de vergonha) e Mefibosete (Mephi*boshet* — oráculo de vergonha — 2 Sm 2.8; 9.6; *etc.*). Esta substituição de "baal" por "vergonha" tem um desenvolvimento posterior na substituição das vogais de *bosheth* em outras palavras. Portanto, é provável que *molech* seja a palavra correspondente a "rei", *melek* (*i.e.*, o rei divino), com a substituição de outras vogais. Na verdade, pode ter sido pronunciado *boshet*. De igual modo, *sikkut* e *kyiun* podem ser vocalizadas a partir de *shiqqûts*, "abominação" (Am 5.26).

Nas poucas ocorrências do termo cognato do ugarítico, parece que é usado neste último sentido. *E.g.*, Asera repreende Baal por matar Yam, dizendo: "Vergonha, vergonha". É dito então que Baal fica envergonhado e retira-se (68:28-31).

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 50-9. — *THAT*, v. 1, p. 269-71.

J.N.O.

בַּז (*baz*). Veja o n.º 225a.

223 בָּזָא (*bāzā'*) ***dividir, cortar através*** (aparece apenas em Is 18.2, 7).

224 בָּזָה (*bāzâ*) ***desprezar, desdenhar, manter sob desdém.***

225 בָּזַז (*bāzaz*)

Termo Derivado

224a בִּזָּיוֹן (*bizzāyôn*) ***desprezo.***

bāzâ aparece com os seus derivados 43 vezes no AT. O sentido básico da raiz é "dar pouco valor a alguma coisa". Embora tal atitude possa ou não incluir sentimentos explícitos de desprezo ou desdém, o uso bíblico indica que a própria atitude de subvalorizar algo ou alguém implica desprezo.

O uso de *bāzâ* mostra que a desobediência ao Senhor está fundamentada no "desprezo" em relação a ele. Por isso, o adultério de Davi com Bate-Seba é considerado desprezo pelo Senhor (2 Sm 12.10) e pela sua palavra (v. 19). Da mesma maneira, "desprezar um juramento" equivale a quebrar a aliança do Senhor (Ez 16.59; 17.16,18). Alguém que despreza o Senhor desvia-se de seus caminhos (Pv 14.2). O oposto de *bāzâ* é *kābēd*, "honrar" (1 Sm 2.30), *yārē'*, "temer" (Pv 14.2), e *shāmar*, "guardar" mandamentos (Pv 19.16).

Aquele que age de modo contrário à comunidade baseada no "temor do SENHOR" deve ser eliminado dela (Nm 15.31); aqueles que tratam o Senhor com desprezo, também serão por ele desprezados (Ml 1.6, 7, 12; 2.9) e morrerão (Pv 19.16). Aqueles que trataram os mensageiros de Deus com desrespeito experimentaram a sua ira (2 Cr 36.16).

O Senhor também condena à insignificância aqueles que desprezam o que ele escolheu: Esaú, por ter desprezado a sua primogenitura (Gn 25.34); os indivíduos inúteis (filhos de Belial), que desprezaram a escolha de Saul (1 Sm 10.27); Golias, por ter desprezado a juventude de Davi (1 Sm 17.42) e Mical, por ter desprezado o entusiasmo religioso de Davi (2 Sm 6.16).

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 60-5.

B.K.W.

בִּזָּה (*bizzâ*). Veja o n.º 225b.

225 בָּזַז (*bāzaz*) ***despojar, pilhar, saquear.***

Termos Derivados

225a בַּז (*baz*) ***despojar.***

225b בִּזָּה (*bizzâ*) ***despojar, saquear, pilhar.***

A palavra e os seus derivados ocorrem 77 vezes na Bíblia hebraica. Destas ocorrências 17 estão em Ezequiel, 12 em Isaías e 12 em outros livros proféticos. O termo está sempre associado com guerra e violência, indicando a tomada de posse de bens ou pessoas por meio de força, normalmente numa ocasião de vitória militar.

Esta raiz é usada de duas maneiras. O primeiro grupo de ocorrências é muito encontrado na literatura narrativa. Estes usos apenas relatam um acontecimento quando ocorre um saque sem indicar um relacionamento teológico necessário. Tal uso aparece em Gênesis 34.27, 29, onde é dito que os filhos de Jacó saquearam Siquém. (*Cf.* também Et 3.13; 1 Sm 14.36; *etc.*)

O segundo grupo de usos é muito maior do que o primeiro. Nestas ocorrências saquear ou ser saqueado está bastante relacionado com a obediência a Deus. Se Israel fosse obediente a Deus, haveria de triunfar sobre os seus inimigos e os despojaria. Esta havia sido a experiência da nação durante a última parte do período no deserto e durante a conquista de Canaã (Nm 31.9, 32, 53; Js 8.2, 27; *etc.*). Deus se agradou em dar-lhes os espólios, reservando para si apenas o que foi chamado de *herem*, algo devotado a Deus. Com a mesma expressão, é prometido que nos últimos dias Israel uma vez mais despojará os seus inimigos (Is 11.14, Zc 2.9; *etc.*). Deus agirá de modo tão poderoso em favor de Israel que até o aleijado recolherá despojos (Is 33.23). Todavia, isto não acontecerá simplesmente porque Israel é Israel, mas pelo fato de que a nação se tornará obediente então e porque o fruto da arrogância de seus inimigos terá atingido a sua plena maturidade (Ez 26.5; Jr 36.4; Jr 30.16).

Nesse meio tempo, porém, um Israel e um Judá desobedientes foram fadados a ser espoliados não somente por inimigos externos, mas também por outro (2 Cr 28.8 [*cf.* v. 5]; Jr 20.5; Ez 23.46; Am 3.11). Contudo, no fim daquele tempo, Israel despojará aqueles que o despojaram (Is 42.22,24; Jr 30.16; Ez 39.10). Recusar-se a confiar em Deus é como ser deixado sem socorro diante de lobos vorazes (Ez 34.8).

Em seu sentido mais verdadeiro, foi por sua obediência final e expressa que Cristo pôde despojar os principados e potestades e levá-los em marcha triunfante pelos portais celestiais (Cl 2.15).

baz. ***Despojo, presa.*** Este substantivo é usado como objeto (acusativo cognato) de *bāzaz* seis vezes (*lit.*, "despojar o despojo", *cf.* Ez 29.19). O termo aparece também duas vezes (Is 8.1, 3) no nome do filho de Isaías *Maher-shalal-hash-baz*, "O despojo se apressa, o saque se aproxima". De modo geral, sua amplitude de usos duplica o verbo.

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 56-8.

J.N.O.

בִּזָּיוֹן (*bizzāyôn*) Veja o n.º 224a.

226 בּזק (*bzq*) **Aceita como raiz de:**

226a בָּזָק (*bāzāq*) ***brilho de relâmpago*** (Ez 1.14). Significado incerto.

227 בָּזַר (*bāzār*) ***dispersar.***

בָּחוֹן (*bāḥôn*). Veja o n.º 230c.

בָּחֹן (*bāḥōn*). Veja o n.º 230d.

בָּחוּר (*bāḥûr*). Veja o n.º 231a.

בְּחוּרִים (*bᵉḥûrîm*). Veja o n.º 231b.

בָּחִיר (*bāḥîr*). Veja o n.º 231c.

228 בָּחַל (*bāḥal*) ***I. sentir aversão.***

Esta palavra ocorre uma vez, em Zacarias 11.8. Ali o termo expressa a reação do

rebanho, Israel, para com o Bom Pastor. O uso do cognato siríaco, "ficar com náusea por causa de", sugere a força da palavra. A aversão de Israel para com o Senhor de sua aliança é expressa em outras partes do AT por meio de palavras como *gā'al* e *bāzâ* (*q.v.*).
J.N.O.

229 *בָּחַל (*bāḥēl*) **II.** Ocorre apenas no pual, em Provérbios 20.21, *nāḥălâ m'bōḥelet*, "a posse antecipada de uma herança".

230 בָּחַן (*bāḥan*) ***examinar, testar, provar.***

Termos Derivados

230a בָּחוּן (*bōḥan*) ***provado.***
230b בַּחַן (*baḥan*) ***torre de vigia.***
230c בְּחוּנָיו (*baḥûn*) ocorre somente com o sufixo, *baḥûnâyw*, suas torres firmes.
230d בֹּחֵן (*bāḥôn*) ***contrasteador, que prova metais; avaliador de metais.***

Esta raiz e os seus derivados ocorrem 32 vezes no AT, principalmente em Jó, em Salmos e em Jeremias. O termo aparece freqüentemente em paralelo com *nāsâ* (נָסָה) e *tsārap* (צָרַף), tendo um significado mais ou menos entre o sentido destas palavras. *nāsâ* tem o sentido de "pôr à prova", enquanto *tsārap* tem o sentido de "fundir, refinar". *bāḥan* partilha de ambos os significados desde que denota o exame que determina qualidades essenciais, especialmente a integridade. [Enquanto *bāḥan* sempre tem Deus por seu sujeito, *nāsâ* ocorre quase de igual modo tendo o homem por sujeito. *tsārap*, quando usado no sentido religioso, tem apenas Deus por sujeito e o homem por objeto. Todavia, *bāḥan*, em contraste com os outros dois, é usado quase exclusivamente no sentido espiritual ou religioso. Além disso, enquanto *tsārap* e *nāsâ* denotam conhecimento alcançado mediante teste, *bāḥan* parece denotar conhecimento intelectual ou intuitivo. Por isso, o termo parece ter as conotações mais espirituais destes três sinônimos. B.K.W.]

Em apenas cinco das ocorrências, *bāḥan* é usado sem referência teológica explícita. Estas ocorrências estão em Gênesis 42.15, 16; Ez 21.13[18]; Jó 12.11; 34.3.

Todas as ocorrências restantes (22 vezes), à exceção de três delas, referem-se ao teste de Deus com o seu povo. Nas exceções é Deus quem é provado. É evidente que tal procedimento não é normal. Em Salmos 95.9, o povo é lembrado da loucura de provar a Deus em Meribá. Em Malaquias, é somente por causa da apatia do povo que Deus os convoca a prová-lo (3.10,15).

Conforme indicado em Hebreus (12.5-8), parte do privilégio de ser povo de Deus é a realidade de sermos provados (Jr 20.12; Sl 11.5; 139.23). Ao contrário da doutrina egípcia, em que o coração é pesado depois da morte, Iavé prova os corações de seu povo para que no final esse povo possa estar como o ouro (Zc 13.9; Jó 23.10).

bōḥan. ***Provado.*** Aparece apenas em Isaías 28.16, quando é usada para adjetivar *'eben*, "pedra". No NT (1 Pe 2.4-6; Rm 9.33) esta pedra é interpretada como Cristo, a pedra angular do reino de Deus. Alguns escritores acreditam que a palavra nada tem que ver com "provado", sendo derivada de uma raiz homônima que significa "fortaleza, torre", *etc.*

Sendo assim, esta palavra poderia significar "forte, seguro", *etc.*

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 69-72. — *THAT*, v. 1, p. 269-71.

J.N.O.

231 בָּחַר (*bāḥar*) ***escolher, eleger, decidir por.***

Termos Derivados

231a †בָּחוּר (*bāḥûr*) ***jovem.***
231b †בְּחוּרִים (*bᵉḥûrîm*) ***juventude.***
231c †בָּחִיר (*bāḥîr*) ***escolhido.***
231d †מִבְחָר (*miḇḥār*) ***o escolhido, o melhor.***
231e †מִבְחוֹר (*miḇḥôr*) ***escolha.***

A raiz e os seus derivados ocorrem 198 vezes com este sentido. A idéia da raiz é evidentemente "dar uma olhada penetrante em algo" (*KB*), o que esclarece a conotação de "testar ou examinar" encontrada em Isaías 48.10 e no uso do nifal em Provérbios (*e.g.*, 10.20, "prata escolhida"). Tem-se pensado também que a raiz está relacionada com o termo árabe *bahara*, "dividir, cultivar o solo, (na ciência) penetrar", o que permite nuanças de sentido como "distinguir". Todavia o termo acadiano *bêrum*, "escolher", e, de maneira mais rara, "testar", é o paralelo semítico mais importante.

bāḥar é usado somente em poucos exemplos sem conotações teológicas específicas. Um exemplo típico seria Gênesis 13.11: "Ló escolheu a planície". (*Cf.* também Êx 18.25; Dt 23.16[17]; *etc.*). É importante notar, porém, que o termo sempre implica uma escolha cuidadosa e bem pensada (*cf.* 1 Sm 17.40; 1 Rs 18.25; Is 1.29; 40.20).

Afora estas exceções, a palavra é usada para expressar a escolha que tem significado último e eterno. Por um lado Deus escolhe um povo (Sl 135.4), certas tribos (Sl 78.68), indivíduos específicos (1 Rs 8.16; 1 Cr 28.5; 1 Sm 10.24; 2 Sm 6.21) e um lugar para o seu nome (Dt 12.5, *etc.*). Em todos estes casos a capacidade em vez da simples arbitrariedade é o âmago da escolha. Assim Javé escolheu Israel para ser santo e então servir de sua testemunha entre as nações (Dt 14.6). Todavia, a eleição de Israel não está baseada em sua própria grandeza, mas sim na grandeza do amor do Senhor (Dt 7.7 e ss.). A escolha de Israel é confirmada pelo exílio e pela restauração, porque de uma nova forma Israel agora dá testemunho do Senhor às nações (Is 41.8 e ss.; 43.10; 48.10). A doutrina espiritual da capacidade divina de escolher demonstra que propósito e personalidade, e não um mecanicismo cego, estão no centro do universo. Desde que Deus escolhe cuidadosamente certos indivíduos para uma tarefa específica, também pode rejeitá-los caso se desviem desse propósito (1 Sm 2.27 e ss.).

bāḥûr ***I. Jovem.*** Tanto *bāḥûr* quanto o seu derivado *bᵉḥurîm* podem ser entendidos como derivados de *bāḥar*, "escolher", no sentido em que os homens escolhidos ou eleitos em um contexto militar são normalmente os jovens. Mas, embora *bāḥûr*, "jovem", possa às vezes ser confundido com *bāḥûr*, "escolhido" (*cf.* Sl 78.31), o seu sentido é geralmente bem distinto, especialmente quando usado como antônimo de *zāqēn*, "velho", ou em correspondência a *bᵉtûlâ*, "virgem". Por conseguinte, a maioria dos lexicógrafos percebe

dois sentidos diferentes da raiz.

Na maioria de suas ocorrências, esta palavra é usada no contexto do julgamento de Deus sobre Israel. A questão é que, mesmo o jovem, símbolo de vigor, de força, e, de fato, da existência perpetuada da nação, será destruído.

bāḥûr ***II. Eleito, escolhido.*** Particípio passivo do qal usado quase que inteiramente em uma terminologia militar, *e.g.*, Jz 20.15, 16, "setecentos mil homens *escolhidos*". O termo é usado 15 vezes assim, todas elas, com exceção de duas ocorrências, estão em contextos de enumerações.

bᵉḥûrîm. ***Juventude*** (período da). Substantivo plural abstrato (*cf.* Ges, § 124d), que aparece uma vez no masculino (Nm 11.28) e duas vezes no feminino, *bᵉḥûrôt* (Ec 11.9; 12.1).

bāḥîr. ***Escolhido, eleito.*** Este derivado é usado exclusivamente para indicar o relacionamento do eleito com Deus. O termo ocorre normalmente em uma citação direta de Deus, tendo o sufixo da primeira pessoa do singular do possessivo anexado a ele. Assim, Deus confirma que tal pessoa ou nação é objeto de sua própria escolha pessoal. (*Cf.* Is 42.1; Sl 89.3[4]; *etc.*).

mibḥār. ***Escolhido, escolha.*** Esta palavra aparece normalmente no construto com outro substantivo. Como tal é freqüentemente traduzida por um superlativo (*GKC*, § 133g). *Cf.* Gênesis 23.6: "Na mais escolhida de nossas sepulturas" (ARA — "nossas melhores sepulturas"). A idéia parece referir-se àquilo que foi examinado e achado como melhor e mais útil.

mibḥôr. ***Escolhido, escolha.*** Ocorre duas vezes. Seu uso é semelhante ao de *mibḥār*.

Bibliografia: ALTMANN, Peter *Erwählungs-theologie und Universalismus im AT*, Berlin, Topelmann, 1964. — BERKOUWER G. C., *Divine election*, Eerdmans, 1960. — CLEMENTS, R. E., Deuterouomy and the Jerusalem cult tradition, *VT*, 15:300-12. — PALACHE J. L., *Semantic notes on the Hebrew lexicon*, Brill, 1959. — RICHARDSON, *TWB*, p. 43. — ROWLEY, H. H., *The Biblical doctrine of election*, London, Lutterworth, 1959. — WRIGHT, G. E., *The Old Testament against its environment*, *SCM*, 1950, p. 46-54. — *TDNT*, v. 4, p.145-72. — *TDOT*, v. 2, p. 73-87. — *THAT*, v. 1, p. 275-99.

J.N.O.

232 בָּטָה (*bāṭâ*), בָּטָא (*bāṭā'*) ***I, falar imprudentemente, impensadamente.***

Termos Derivados

232a מִבְטָא (*miḇṭā'*) ***oráculo imprudente.*** Ocorre apenas em Números 30.7, 9.

233 בָּטַח (*bāṭaḥ*) ***I, confiar, sentir-se seguro, estar confiante, estar despreocupado.***

Termos Derivados

233a †בֶּטַח (*beṭaḥ*) ***segurança.***
233b †בִּטְחָה (*biṭ'hâ*) ***confiança.***
233c †בִּטָּחוֹן (*biṭṭāḥôn*) ***confiança.***
233d †בַּטֻּחוֹת (*baṭṭuḥôt*) ***segurança.***
233e †מִבְטָח (*miḇṭaḥ*) ***confiança.***

Esta é uma das duas palavras usadas no AT para expressar confiança ou dependência. A outra palavra é *ḥāsâ* (*q.v.*). Não existe cognato conhecido em outras línguas semíticas embora o KB veja uma relação do termo com a palavra árabe *baṭaḥa*, "estar estendido, ser rígido" (*cf.* especialmente o grau VII). A idéia básica estaria então relacionada com firmeza ou solidez. Seja como for, em hebraico, *bāṭaḥ* expressa aquele sentido de bem-estar e de segurança resultantes de possuír algo ou alguém em quem depositar confiança. É significativo o fato de que a LXX nunca traduz esta palavra por πιστευω, "crer em", mas sim por ελπιζω, "ter esperança", no sentido positivo, "descansar em Deus", ou por πειφομαι, "ser persuadido", com a noção negativa de confiar naquilo que se mostra decepcionador. Isto pareceria indicar que *bāṭaḥ* não se refere à receptividade à revelação plenamente intelectual e volitiva que está contida na "fé", antes enfatiza o sentimento de estar a salvo ou seguro. Da mesma maneira, todos os derivados têm o mesmo sentido de "sentir-se seguro", "estar despreocupado".

[A palavra *bāṭaḥ* tem conotação ambivalente quando usada em referência aos relacionamentos humanos. O povo "que vivia em paz" com os seus vizinhos sofreu por causa de sua credulidade e ingenuidade, enquanto outros que tiraram vantagem de uma postura descuidada foram censurados: *cf.* a falsa segurança dos siquemitas contra a crueldade de Levi e de Simeão (Gn 34.25), de Israel contra Deus (Ez 38.10, 11). Provérbios 3.29 adverte explicitamente contra a atitude de tirar vantagem do próximo que demonstra confiança. B.K.W.]

De modo geral o AT contrasta a validade do sentimento de confiança que procede do descanso em Deus com a loucura de ter qualquer outro tipo de segurança. É deixado bem claro que tal confiança terminará em ruína e vergonha (Sl 31.14[15], veja *bôsh*), enquanto aqueles cuja esperança está apenas em Deus, serão livrados de seus inimigos (Sl 22.4[5]); as suas orações serão respondidas (1 Cr 5.20); eles andarão em veredas retas (Pv 3.5); receberão alegria e regozijo (Sl 16.9; 33.21); conhecerão paz interior e ausência de temor (Sl 4.8[9]; Is 26.3); *etc.* Por isso há a admoestação repetida para que se confie no Senhor (Pv 16.20; Is 30.15, Jr 17.7).

Os salmos, que mostram o maior número de ocorrências do termo (50 num total de 181), expressam de modo mais coerente o valor de confiar em Deus. Eles também apontam para o fato de que a causa da esperança não está no mérito de alguém em relação a Deus ou em algum tipo de contrato na base do "olho por olho", mas apenas na *ḥesed* de Deus (*q.v.*), sua lealdade firme, sua bondade graciosa. Ezequiel 33.13 deixa claro que ninguém ousa ter esperança da vida com base em sua própria justiça, e Jeremias 7.4, 8, 14 mostra a loucura de confiar em fórmulas e estruturas sagradas. Nesse sentido o AT antecipa o NT na sua proclamação de que há esperança para aqueles que aceitam o dom de Deus da vida eterna por meio de Jesus Cristo.

Esta esperança em Deus não é um tipo de desejo incômodo, mas sim uma expectativa confiante. De maneira diferente das religiões pagãs, em que a ansiedade constante era a regra, a religião hebraica conhecia um Deus cuja característica principal era fidelidade e confiabilidade (Dt 33.28; 1 Sm 12.11; Sl 27.3). Este contraste entre ansiedade e confiança torna-se plenamente nítido quando se recorda que o pagão nunca era deixado sem mecanismos pelos quais sentisse que tinha algum controle sobre o seu destino, enquanto o hebreu piedoso tinha consciência de estar plenamente sem recursos pessoais. Mas é melhor ser totalmente dependente de um Deus gracioso e soberano do que ser deixado à mercê de si mesmo em um mar de deuses inconstantes, demônios vingativos e forças mágicas inescrutáveis. Em vista destes fatos — o controle soberano de Deus sobre o destino humano e a dependência total de Deus — ter confiança em qualquer outra coisa além de Deus é visto como algo plenamente destituído de fundamento. Contudo, confiar em Deus não é uma garantia de proteção automática contra qualquer e todo tipo de mal. Nem o fato de recusar a Deus necessariamente leva alguém ao caminho da pobreza e da necessidade. Diante da segurança insípida de seus consoladores, Jó apresenta estas aparentes contradições de forma muito sarcástica (12.6; 24.33). Apesar disso, até mesmo Jó em sua angústia tinha de admitir que qualquer outra fonte de segurança é, no fim das contas, sem valor (31.24; cf. 39.11; *cf.* também Isaías 50.10).

O AT trata dessas fontes de falsa segurança com algum detalhe a fim de mostrar por contraste a excelência da esperança em Deus. A lista inclui o homem (Sl 118.8, 146.3; Pv 25.19; Jr 17.5); a impiedade (Is 47.10); a violência e a opressão (Sl 55.23[24]; 62.10[11]; Is 30.12); as riquezas (Sl 49.6[7]; 52.7[9]; Pv 11.28); os ídolos (Sl 31.6[7]; 115.8; Is 42.17; Hc 2.18); o poder militar (Dt 28.52; Sl 44.6[7]; Is 31.1; Jr 5.17; Os 10.13); a religião (Jr 7.4,8,14); a justiça própria (Ez 33.13; Os 10.13); as alianças com estrangeiros (Is 36.4 e ss; Ez 29.16). A Bíblia, particularmente, amontoa desdém sobre os que vivem de maneira tranqüila, sem nunca avaliar a frágil base para tal tranqüilidade (Is 32.9-11; Ez 30.9; Am 6.1).

Talvez a passagem onde as questões centrais em torno de *bāṭaḥ* são vistas mais claramente em um breve episódio seja 2 Reis 18 e 19, onde o assírio Rabsaqué desafia a validade da confiança de Ezequias em Deus e onde tal confiança é plenamente vindicada. A palavra ocorre 20 vezes aqui e nas passagens paralelas (Is 36 e 37; 2 Cr 32). Nas relações humanas, apenas uma área em que deve haver confiança é apresentada: um marido que confia em uma esposa de caráter nobre (Pv 31.11).

beṭaḥ. ***Segurança, despreocupação.*** Usada quase que exclusivamente em construções adverbiais. Usada freqüentemente com *yāshab*, "habitar", *e.g.*, Jeremias 23.6, onde é prometido que Deus libertará Israel no futuro e fará segura a morada da nação. De modo geral, a palavra é usada de duas maneiras: a promessa de que aqueles que estão em correto relacionamento com Deus habitarão em segurança (Lv 25.18; Sl 16.9) e a indicação da natureza transitória de qualquer segurança que não a proveniente de Deus (Jz 18.7; Is 47.8; Ez 30.9).

biṭḥâ. ***Confiança.*** O termo aparece apenas em Isaías 30.15, onde é usado em um contexto que expressa resignação e interrupção dos esforços de alguém.

baṭṭuḥot. ***Segurança.*** Ocorre em Jó 12.6, onde Jó diz de maneira sarcástica que aqueles que provocam a Deus estão em segurança.

mibṭāḥ. ***Confiança.*** Usada nas mesmas duas maneiras dos termos anteriores. Aparece apenas nas passagens poéticas.

Bibliografia: EICHRODT, W., *Theology of the Old Testament*, v. 2, p. 268-90. — KÖHLER, L., Hebräische Vokabeln, *VT*, 55: 172-3. — RABIN, Chaim. Three Hebrew terms from the realm of the social psichology, *Supp VT*, 16:219-30. — *TDNT*, v. 2, p. 521-9; v. 6, p. 191-202. — *TDOT*, v. 2, p. 88-93. — *THAT*, v. 1, p. 300-4.

J.N.O.

234 בטח (*bṭḥ*) **II. Aceita como raiz de:**

234a אבטחים (*'ăbaṭṭiḥim*) ***melancias*** (apenas em Nm 11.5).

בִּטָּחוֹן (*biṭṭaḥôn*). Veja o n.º 233c.

235 בטל (*bāṭal*) ***cessar.*** Ocorre apenas em Eclesiastes 12.3.

236 בטן (*btn*) **I. Aceita como raiz de:**

236a בֶּטֶן (*beṭen*) ***ventre, barriga, corpo.***

O sentido básico desta palavra, de acordo com os cognatos semíticos, é "interior"; em hebraico a palavra denota "o abdômen inferior" e tem o mesmo sentido nas tábuas de Amarna. Como tal pode-se referir ao ventre (útero) de uma mulher ou ao estômago, ou ainda ser usado de modo figurado para expressar a natureza física do homem. O termo tem uma amplitude de sentido consideravelmente maior do que *reḥem*, "ventre (útero)", do qual é paralelo. A referência a Eúde, que enfiou a espada na *beṭen* de Eglom, rei de Moabe, sugere um toque de justiça poética, porque este governante bem satisfeito, este "homem muito gordo", vivia dos despojos de suas vítimas.

A prostração da *beṭen* de alguém no chão expressa humilhação (*cf.* Sl 44.25[26], relevos egípcios e tábuas de Amarna).

As expressões "do ventre" e "fruto do *beṭen*" são expressões idiomáticas que querem dizer, por um lado, "desde o nascimento" e, por outro, "procedente do corpo" ou "filhos".

beṭen é usado várias vezes na literatura sapiencial para expressar os elementos mais íntimos da pessoa e a fonte dos desejos, ou um desses (*cf.* Jó 15.35; 20.20; Pv 18.8, 18.20; *etc.*). Também é usado em paralelo com *nepeš*, "alma", para expressar a totalidade da pessoa humana. "Corpo" é antes uma tradução sem força para uma referência às "vísceras", que é o sentido de *beṭen* nestas referências (Sl 31.9[10]; 44.25[26]; Mq 6.7).

As referências a Deus relacionadas com *beṭen* indicam que ele é aquele que forma e modela o feto (Jó 3.3-11; 31.18; Sl 139.3; Jr 1.5; *cf.* Sl 51.15[17]), aquele que faz que a criança saia do ventre (Sl 22.9[10]; Is 46.3) e supervisiona a vida da criança desde os primeiros momentos (Sl 71.6; Is 49.1). O fruto do ventre é a sua recompensa (Sl 127.3; *cf.* Dt 7.13; 28.4, 11; 30.9). O ímpio, porém, desvia-se "do ventre *mērāḥem* e diz mentiras" desde o nascimento *miḇḇeṭen* (Sl 58.3[4]). Deus amaldiçoa o ventre da adúltera (Nm 5.21).

Provavelmente como uma polêmica contra a crença babilônica de que os seus deuses chamavam os seus reis desde o ventre, Isaías proclama que foi o Senhor que formou o Servo e o chamou desde o ventre (Is 44.2,24; 49.5).

237 בטן (*bṭn*)

Bibliografia: DAHOOD, M., Hebrew-Ugaritic lexicography, *Bib*, 44:301. — PEDERSON, J., *Israel, its life and culture*, Londres, Oxford, 1946, p. 170-3. — *TDOT*, v. 2, p. 94-8.
J.N.O.

237 בטן (*bṭn*) **II. Aceita como raiz de:**
237a בָּטְנִים (*boṭnîm*) ***pistácia*** (Gn 43.11).

238 בָּיַי (*bāyay*), בַּי (*bay*) ***súplica.***
238a בִּי (*bî*) ***desculpe, por favor.*** Partícula de súplica.

239 בין (*bîn*) ***entender, considerar, perceber, ser prudente, discernir.***

Termos Derivados

239a בֵּין (*bên*) ***entre.***
239b בִּינָה (*bînâ*) ***entendimento.***
239c תְּבוּנָה (*t'bûnâ*) ***entendimento.***

O verbo e os seus derivados são usados 247 vezes. A tradução mais usada em português é "entendimento" ou "percepção". A idéia subjacente do verbo é "discernir", a qual acompanha os substantivos derivados e a relação próxima derivada do substantivo *bayin* (veja adiante), do qual procede a preposição *bên*, "entre". A combinação destas palavras, "discernir entre", é usada em 1 Reis 3.9: "para que prudentemente discirna entre bem e mal". *bîn* inclui o conceito de distinção que leva ao entendimento.

O verbo se refere ao conhecimento superior à mera reunião de dados. É necessário saber usar o conhecimento que se possui (*pirke abot*, 3.12). O verbo *yāda'* (*q.v.*) também pode significar "entendimento" no sentido de capacidade (*e.g.*, Esaú na qualidade de caçador habilidoso). Pode também ter o sentido de "ser capaz de perceber" (Sl 73.22). Todavia, *yāda'* descreve geralmente o processo pelo qual alguém adquire conhecimento por meio da experiência com objetos e circunstâncias. *bîn* é uma capacidade de captação julgadora e perceptiva e é demonstrada no uso do conhecimento.

Uma pessoa pode captar dados importantes com os sentidos: com os olhos, pode discernir (Pv 7.73; com os ouvidos, pode entender palavras (Pv 29.19). O entendimento também pode ser visto como sentimento (Sl 58.10), e o discernimento pode ser percebido até por meio do paladar (Jó 6.30).

É possível ouvir sem perceber. Daniel não entendeu o que ouviu (Dn 12.8). É dito em um sentido de menosprezo que o ímpio não pode entender o conhecimento que possui (Pv 29.7). Outros exemplos enfatizam uma observação ou consideração atentas: Moisés, de maneira acusadora, pediu ao povo que considerasse com diligência os anos da experiência de todas as gerações (Dt 32.7), e Davi percebeu o destino dos ímpios (Sl 73.17).

O hifil enfatiza especialmente a capacidade de entender. Esdras leu a palavra de Deus na presença dos homens, das mulheres e daqueles que podiam compreender, *i.e.*, com idade suficiente (Ne 8.3). Deus pode fazer uma pessoa compreender os seus caminhos (Sl 119.34,73). O seu anjo veio para dar entendimento a Daniel (Dn 10.14). A forma participial refere-se a um mestre, *i.e.*, alguém que dá discernimento aos seus alunos (Ed 8.16).

Com base em vários exemplos, a percepção ou a compreensão moral é um dom de Deus (Dn 2.21) e não o fruto da experiência. Alguém pode orar por isso (Sl 119.34), e, visto que esta percepção é unicamente de Deus, ele pode revelá-la ou concedê-la (Is 29.14). A fonte de percepção é o coração, e é o coração que discerne (ou deixa de discernir) as obras do Senhor (Sl 28.5), o temor do Senhor (Pv 2.5), a justiça e a retidão (Pv 2.9) e a vontade de Deus quando a sua palavra é obedecida (Sl 111.10).

Embora o entendimento seja um dom de Deus, não aparece automaticamente. Conquistá-lo exige diligência persistente. É mais do que ter QI; tem a idéia de caráter. Quem não o possui está em falta e, na verdade, se não o persegue, incorrerá na punição de Deus (Pv 2.1 e *ss*; Rt 1.21 e *ss*.). Quando alguém age a fim de apresentar de modo objetivo a revelação de Deus, alcançará o ideal do sentido do entendimento.

bên. ***Entre et al.*** Derivado de *bayin*, substantivo que expressa a noção de "intervalo", "espaço entre". Aparece muitas vezes (*BDB* escolhe apenas 24 casos principais), e em algumas situações, em que ocorre repetição, quando o segundo uso de *bîn* para separar um par de palavras não é traduzido em português.

O termo é usado como preposição, "no intervalo", "entre", *e.g.*, entre os pedaços (Gn 15.7), entre os teus olhos (Êx 13.9), entre os dois muros (Is 22.11) *et al.* Em um exemplo incomum a palavra é usada com um singular entre o Ulai, *i.e.*, em suas margens (Dn 8.16). Para indicar o espaço que separa dois objetos, *bên* é repetido: no intervalo de Betel e no intervalo de Ai (Gn 13.3). Às vezes este resultado é alcançado quando se usa *bên* seguido de uma preposição *l* indicando um intervalo com respeito ao objeto, *e.g.*, entre ti e entre o teu Deus (Is 59.2).

bên também é usado com a idéia de tempo, durante o intervalo de dez dias (Ne 5.18), bem como com algumas outras preposições que têm a idéia de entre (Ez 31.10; Is 44.4) e com a preposição *min* (Gn 49.10 *et al.*). Há também o plural *bênôt*, entre as rodas (Ez 10.2), e o dual, *bênayim*, o homem dentre o espaço que separava os dois exércitos, Golias, *i.e.*, um campeão (1 Sm 17.4).

bên também é usado com verbos que têm a idéia de julgar, conhecer, ensinar, *etc.*, o que envolve a noção de distinguir, *e.g.*, discernir entre o bem e o mal (1 Rs 3.9), julgar entre as nações (Is 2.4).

bînâ. ***Entendimento.*** Este substantivo é usado de maneira variada. Refere-se ao entendimento, como na predição de que Israel nunca mais ficará exposto a uma língua estrangeira difícil de entender (Is 33.19), ou na declaração de que Daniel tinha entendimento sobre cada assunto que Nabucodonosor lhe perguntou (Dn 1.20). *bînâ* também se refere à própria faculdade do entendimento. Não se deve confiar no próprio entendimento (Pv 3.5). Deve-se desistir do entendimento próprio para tentar atingir grande riqueza (Pv 23.4). Aqueles que se envolvem no pecado e na iniqüidade são pessoas sem entendimento (Is 27.11). O povo é encorajado a buscar tal faculdade de entendimento (Pv 4.5, 7).

bînâ também é usado como o objeto do conhecimento. Jó questionou com respeito ao lugar do entendimento (Jó 28.12, 20) e respondeu parcialmente a questão dizendo que apartar-se do mal é ter entendimento (Jó 28.28 onde *hokmâ*, sabedoria [*q.v.*], e *bînâ* são sinônimos próximos). A sabedoria aconselha que se deve andar pelo caminho do entendimento (Pv 9.6) e que o conhecimento do Santo é entendimento (Pv 9.10).

Entendimento e sabedoria (*hokmâ*) são personificados (Pv 2.3; 7.4 e especialmente

em Pv 8.14 e s., onde há implicações importantes). Esta personificação também aparece em Eclesiástico 24.9, 23, onde a função do espírito de Deus mediava entre Deus como totalmente outro e o mundo. A questão tem sido levantada se a sabedoria é algum aspecto de uma hipóstase com Deus, ou se temos um princípio abstrato que se tornou pessoal no uso da poesia. Há uma objetivação misteriosa de conceito-palavra de Deus na sabedoria por meio da qual o mundo existe bem como por quem recebemos sabedoria e poder.

t'bûnâ. ***Entendimento.*** Sinônimo de *bînâ*, o termo é usado com a mesma ampla variedade, embora em passagens diferentes. Pelo entendimento Deus abate Rahab (ARA — o adversário) (Jó 26.12). Esta faculdade é tal que um homem de entendimento anda em uma vereda de retidão (Pv 15.21). Da mesma forma, o entendimento pode-se referir ao objeto do conhecimento quando se obtém entendimento (Pv 3.13). *t'bûnâ* também é personificada como uma mulher que levanta a sua voz (Pv 8.1). Aqui entendimento é paralelo a sabedoria e visto, portanto, como mestre. Em apenas uma passagem *bînâ* e *t'bûnâ* aparecem em um paralelismo sinonímico: "se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a tua voz" (Pv 2.3); os substantivos referem-se ao objeto do conhecimento.

Bibliografia: GIRDLESTONE, R., *Synonyms of the Old Testament*, Eerdmans, 1897, p. 74. — KIDNER, Derek, *Proverbs*, Inter-Varsity, 1964. — HARRIS, R. L., Proverbs, *WBC*, p. 553-4. — ORLINSKY, Harry M., The Biblical prepositions táhaṯ, bēn, ba'ad, and Pronouns "ānū (ou 'anū), zo'ṯāh, *HUCA*, 17:267-92. — *TDOT*, v. 2, p. 99-106. — *THAT*, v. 1, p. 305-7.

L.G.

בִּיצָה (*bêtsâ*). Veja o n.º 218a.

240 בִּירָה (*bîrâ*) ***palácio.***

O *BDB* é de opinião que esta é uma palavra emprestada do acadiano. O cognato aparece no aramaico bíblico (Ed 6.2). É usado com respeito ao templo em Jerusalém (1 Cr 29.1.19). Em Neemias 2.8, "cidadela" pode também ser traduzido por "palácio", "castelo" ou "fortaleza", enquanto em Neemias 7.2 o termo é traduzido por "castelo". Em Neemias 1.1 e Ester 1.2, 5; 2.3, 5, 8 *et al.*, aparece "a cidadela" de Susã. A ordem das palavras na última ocorrência *b'shûshān habbîrâ* mostra que é possível "em uma fortaleza na cidade" (*BDB*). A forma *bîrânît* é identificada com o plural no *GB*.

L.G.

241 בַּיִת (*bayît*) ***casa, lar, local, templo, parte interior, família*** *et al.*

Termos Derivados

241a †בֵּית אֵל (*bêt 'ēl*) ***Betel.***

241b †בֵּית לֶחֶם (*bêt lehem*) ***Belém.***

241c †בִּיתָן (*bîtān*) ***casa, palácio.***

A palavra é comum ao aramaico, ao árabe, ao acadiano e ao ugarítico. Em contraste, *'ohel* é "tenda", *me'ārâ*, "caverna", *bîrâ*, "palácio, castelo", *hēkāl*, "palácio, templo", *hāser*, "estabelecimento", *mōshāb*, "habitação", *mā'ôn*, "refúgio", *miqdāsh*, "santuário", e *mishkān*, "tabernáculo".

É usado no sentido de habitação. Os arqueólogos têm descoberto algumas casas impressionantes feitas com paredes grossas que datam do início da Idade do Bronze (3000-2100 a.C.). Em Debir foram descobertas paredes grossas de uma casa que se acredita ser do período da Idade do Bronze Média (2100-1500 a.C.). A casa de Ló em Sodoma, também desta época, tinha paredes bem construídas que impediram a invasão da multidão. Outras casas, não tão bem construídas, não teriam resistido. Quanto às primeiras construções de casas veja KENYON, K. M., *Archaelogy in the Holy Land*, Praeger, 1961, pl. 5B e MELLAART, J., *The Neolithic of the Near East*, Scribners, 1975, esp. p. 35-49.

A palavra é usada para se referir a casas comuns (Êx 12.7 *et al.*), casas para habitar (Lv 25.29), casas feitas de material sólido com umbrais (Dt 11.20), paredes (Lv 14.37) de pedras, madeira e reboco (Lv 14.45). Possivelmente as paredes eram retangulares com um pátio (quintal) em frente. Para a porta havia provavelmente uma viga de madeira como a verga e duas colunas eretas como umbrais. Havia também um espaço para os animais domésticos e um quarto de dormir. A comida era normalmente feita do lado de fora. As janelas eram provavelmente abertas com uma cobertura entrelaçada, enquanto o teto pode ter sido feito de vigas unidas com argamassa. Alguns degraus levavam ao telhado. As casas maiores e as construções oficiais eram sustentadas por colunas (Jz 16.26 e s.). Albright mostra uma casa de um patrício romano da época da monarquia, tendo o primeiro andar fechado por três lados e o segundo sustentado sobre o quarto lado por quatro colunas (*Archaeology of Palestine*, Penguim, 1960, p. 141). Uma casa com sete colunas seria de fato luxuosa (Pv 9.1). Algumas das melhores casas eram construídas sobre as muralhas de uma cidade (Js 2.15) e também tinham telhados onde era possível descansar (2 Sm 11.12). A palavra "casa" também é usada para designar o templo e a casa do rei em Jerusalém (1 Rs 5.3; 7.51), bem como o templo de Ezequiel (Ez 40 e s.).

bayit também pode ser usada no construto para denotar construções distintas ou partes de uma grande construção. Portanto o termo pode ser usado para se referir à casa do rei (1 Rs 10.12), a uma prisão (Jr 37.15), a um tesouro (Is 39.2), ainda que de maneira mais significativa se refira a um templo: a casa de uma divindade.

Muitos nomes de lugares cananeus provêm da divindade neles localizada; *e.g.*, Bete-Semes (= Templo do deus-sol Shemesh), Beth-horon, Beth-shan. Israel, por contraste, dava o nome de pessoas aos locais: Hinom, *etc.*

A casa mais importante em Israel, naturalmente, era a casa do Senhor, primeiramente mencionada na literatura extrabíblica na óstraca de Arade. (Veja Y. AHARONI, *BA*, 31:16 e s.) Pelo fato de o Senhor estar singularmente presente aqui, o salmista celebrava Sião e ansiava para aparecer diante dele em adoração (Sl 26.8; 122.1). Todavia, quando Israel tornou-a um covil de ladrões, Deus ameaçou destruí-la, assim como tinha destruído sua residência em Siló (Jr 7).

Os aposentos de uma grande casa podem ser chamados de *bayit*. Assim a palavra é usada no construto para designar o saguão do banquete do vinho de Assuero (Et 7.8), o seu harém (Et 2.3) e a casa de inverno, um aposento particular do palácio em Jerusalém (Jr 36.22).

O termo casa é aplicado a locais, *e.g.*, local dos sepulcros dos meus pais (Ne 2.3), ou

a Betel como local da casa do rei (Am 7.13). *bayît* é usada especificamente como "lugar", vasilhames ou recipientes, lugares para os varais (argolas, Êx 25.27), caixas de perfumes (Is 3.20).

É importante perceber que a palavra casa é aplicada aos que nela viviam ou à família: a casa de Jacó (Gn 35.2), família de descendentes de um grupo. Também é o caso da casa de Abraão (Gn 18.19) e da casa de Davi (2 Sm 7.11), do povo hebreu como casa de Jacó (Gn 46.27) e da casa de Israel (Êx 16.31), da casa do pai no sentido de um clã ou família (Nm 1.2). No AT há uma solidariedade entre um homem e a sua casa (Js 2.12; 6.22; 7.1-5; 1 Rs 7.15). Por isso, Josué informa aos israelitas que ele e a sua casa servirão ao Senhor (Js 24.15).

Usada como metonímia a palavra pode denotar o que está dentro da casa. Esta é a força do décimo mandamento que proíbe cobiçar a casa do próximo (Êx 20.17; *cf.* Gn 30.30; Nm 22.18; 24.13; *etc.*).

Bibliografia: AHLSTROM, G. E., Der Prophet Nathan und der Tempelbau, *VT*, 11:113-27. — DICKIE, A. C. House, In: *ISBE*, v. 3, p. 1434-8. — HYATT, J. Philip, The deity Bethel and the Old Testament, *JAOS*, 59:81-98. — LANDSBERGER, Franz, The house of the people, *HUCA*, 22:149-55. — POPE, Marvin H., El in the Ugaritic texts, *Supp VT* 2:1-116, esp. p. 59f. — RAINEY, Anson F., Family relationship in Ugaritic, *Or*, 34:10-22. — SELLERS, O., House. In: *IDB*, p. 657. — STIGERS, Harold G., House, *In: ZPBD*, p. 217-21. — WARD, William A., Egyptian titles in Genesis 39-50, BS, 114:40-59. — *TDOT*, v. 2, p. 107-15. — *THAT*, v. 1, p. 308-12.

bêt 'ēl. ***Casa de Deus.*** Indica a cidade e o santuário cujo nome é lido em português como uma só palavra, "Betel". O termo é mencionado 65 vezes, mais do que qualquer outra cidade exceto Jerusalém.

Betel foi uma cidade cananéia e israelita, localizada a uns 15 quilômetros ao norte de Jerusalém, no cruzamento da estrada norte—sul, que vai pelo alto das colinas, com a estrada leste—oeste, que vai para as planícies de Jericó e para a planície costeira. Ficava na fronteira norte de Benjamim (fronteira sul de Efraim).

O estabelecimento de Betel parece ter acontecido no fim do terceiro milênio a.C. No período patriarcal inicial a cidade foi chamada Luz (Gn 28.19). Quando Jacó parou ali, ele esteve no "lugar" (Gn 28.11), possivelmente onde Abraão ofereceu sacrifícios (Gn 18.8) e onde ele havia avistado o vale do Jordão (Gn 13.9 e s.), a leste da cidade. Quatro fontes próximas tornaram tal estabelecimento inevitável. Quando Jacó despertou de seu sono, edificou uma coluna de pedras na qual havia dormido, derramou óleo sobre elas e chamou o local de *bêt-'ēl*, enfatizando a revelação do próprio Deus ali. Jacó voltou ao local quando retornava de Padã-Arã para se encontrar com Deus (Gn 35.2, 3, 7). Foi ali que a ama de Rebeca, Débora, morreu e foi sepultada sob "o carvalho" próximo do local (Gn 35.8).

Há muita história associada a Betel (Jz 20.18). Era uma cidade cananéia real (Js 12.16), foi capturada por Josué (8.7) e dada a Benjamim (18.22). Betel foi provavelmente recapturada pelos cananeus no início do período dos juízes, mas tomada novamente pela casa de José (Jz 1.22 e s.) para permanecer território efraimita (1 Cr 7.28).

Provavelmente a arca foi localizada em Betel (Jz 20.18) e tornou-se um centro de adoração importante (1 Sm 10.3). Estava no percurso de Samuel quando ele julgou Israel (1 Sm 7.16). Betel permanecesse próspera, perdeu a proeminência temporariamente quando a Tribo de Saul e a Jerusalém de Davi e Salomão se distinguiram. Quando o reino se dividiu Jeroboão I designou Betel como o principal santuário do norte, desafiando

o templo em Jerusalém e desacostumando o povo com relação a este (1 Rs 12.26-33). O ritual do bezerro de ouro e o santuário de Betel permaneceram centrais até a época de Amós (3.14; 4.4; Os 4.15). A revolta do norte foi completa em todos os sentidos: politicamente, *etc.* e especialmente na síntese da adoração de Javé e em outras práticas rituais do Egito, de Canaã e de outras nações do Oriente Médio. Deus condenou a atitude, primeiro por uma advertência feita por um homem de Deus que pronunciou a destruição de Jeroboão (1 Rs 13) e por Amós e Oséias, que ridicularizaram Betel chamando-a de *bét 'awen* (casa da iniqüidade).

Aparentemente Betel foi poupada quando Samaria caiu diante da Assíria (nenhuma prova arqueológica sugere a destruição feita pela Assíria). Parece que os sacerdotes ainda ensinavam ali depois da destruição de Samaria (2 Rs 17.28). Josias a capturou, destruiu o altar e profanou o local (2 Rs 23.15), enquanto os babilônios destruíram a cidade em sua segunda invasão (587-576 a.C.).

No período persa Betel foi incluída no território de Judá (Ed 2.28; Ne 7.32). Durante o período dos combates dos hasmoneus, o local foi fortificado pelos selêucidas (1 Mac 9.50; JOSEFO, *Antiquities*, 13.1.3). Vespasiano capturou o local quando se aproximava de Jerusalém (JOSEFO, *Wars of the Jews*, 4.9.9).

Betel também está associada tanto com um santuário como com a divindade. Para os cananeus *bêt-'ēl* era uma cidade-santuário dedicada à divindade *'ēl* (*q.v.*). *'ēl* era um nome genérico para Deus no antigo Oriente Médio, mas os israelitas identificaram *'el* com as experiências de Jacó (Gn 28.10-22; 35). Os documentos babilônicos de Nabucodonosor utilizaram a palavra em nomes de pessoas, enquanto o povo judeu em Elefantina (*cf.* os papiros de Elefantina) tinha nomes que combinavam com *bêt-'ēl*, indicando diversos atributos de Deus.

Há também um local com o mesmo nome não muito longe de Berseba (1 Sm 30.27), no território de Simeão (que ficava dentro de Judá), embora exista um provável erro textual, visto que o termo aparece como *b'tûl* (Js 19.4) e *b'tû'el* (1 Cr 4.30). O local da cidade ainda é desconhecido.

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., *Archeology and the religion of Israel*, Johns Hopkins, 1942, p. 168-74. — ALBRIGHT, W. F. & KELSO, J. L., The excavation of Bethel, *BASOR*, 39. — FAUER, Jose, Idolatry, & BACON, Gershon, The view of Kaufmann, In: *Encyclopedia Judaica*, p. 1227-33. — KELSO, The second campaign at Bethel e The third campaign at Bethel, *BASOR*, 137, 151. — ROWLEY, H. H., *From Joseph to Joshua*, Oxford, 1950, p. 19, 111, 138. — AVI-YONAH, Michael, Bethel, In: *Encyclopedia Judaica*, v. 4, p, 728-30.

bêt lehem. ***Casa do pão.*** Em português o termo aparece designando a cidade com uma única palavra "Belém". O termo aparece 43 vezes, como *bêt-hallhamî*, belemita, que designa alguém que pertence a Belém. Este nome pode-se referir ao local (casa) de luta (visto que a raiz *lhm* refere-se também à luta ou ao local (casa) do deus *lahamu* provavelmente das cartas de Amarna, onde uma queixa é registrada dizendo que *bit lahamu* estava nas mãos dos invasores), embora toda esta etimologia seja incerta.

A região é pela primeira vez mencionada nas Escrituras quando Raquel é sepultada por Jacó no caminho para Efrata, especificamente em Belém (Gn 35.19). Está localizada cerca de 8 km ao sul de Jerusalém no território da Judéia.

A cidade com os seus arredores era o centro da tribo de Judá. Uma família bem conhecida, descendente de Perez, estabeleceu-se ali, e no período dos juízes alguns desta família eram Boaz, ancestral de Davi, e Jessé, pai de Davi. Desta região procede a piedosa

família de Rute e Boaz.

Infelizmente Belém foi a habitação do levita que se tornou o sacerdote de Mica em Efraim e posteriormente dos danitas (Jz 17; 18). O povo judeu até o dia de hoje despreza este homem porque, embora fosse neto de Moisés, tornou-se uma vergonha. Por conseguinte, a fim de ocultar a genealogia dele, o texto bíblico diz Manassés (com um *n* acima da linha) em vez de Moisés (Jz 18.30). O levita de Efraim tinha uma concubina de Belém, e foi a morte dela nas mãos do levita que causou a guerra civil entre Israel e Benjamim (Jz 19).

A proeminência de Belém no AT estava no fato da sua associação com Davi. Foi o lar dele (1 Sm 17.12; 20.6) e onde Samuel o ungiu rei (1 Sm 16.1, 13). Possivelmente Belém foi um dos centros de adoração da época de Samuel. Alguns dos companheiros de Davi que eram seus guerreiros pessoais, filhos de Zeruia, também nasceram ali. Perto do fim do reinado de Saul, os filisteus se alojaram ali (2 Sm 23.14-16). Foi o lugar de sepultamento de Asael, irmão de Joabe (2 Sm 2.32).

A história posterior pode ser abreviada. Roboão fortificou-a (2 Cr 11.16). Alguns dos assassinos de Gedalias pararam em Belém a caminho do Egito (Jr 41.16, 17). Esdras 2.21 e Neemias 7.26 registram mais de 100 emigrantes belemitas, sendo alguns cidadãos proeminentes. Os judeus continuaram vivendo em Belém na época do NT, e no período posterior ao NT, e o *Lam Rabbah*, 1.15, registra que uma guarnição romana estabeleceu-se ali para destruir qualquer vestígio do exército de Bar Kokhba. Atualmente não existem judeus em Belém.

Por causa da passagem messiânica (Mq 5.2[1]), os primeiros cristãos judeus que reconheceram Jesus como Messias enfatizaram Belém como o lugar do seu nascimento (Mt 2.1, 5; Lc 2.4, 15; Jo 7.42). Justino Mártir menciona que o local do nascimento de Jesus foi em uma caverna.

Assim o Filho de Deus humilhou-se a si mesmo a ponto de nascer em uma caverna com animais, em uma cidade tão pequena e insignificante, que quando a terra foi distribuída, não foi sequer mencionada entre as 46 cidades de Judá (Js 15.20-63; Mq 5.2). Em 325, Helena, mãe de Constantino, levantou uma igreja sobre a caverna. A igreja foi destruída em 529 d.C. no levante samaritano contra os bizantinos. Justiniano (527-65) a reconstruiu, e a Igreja da Natividade reflete hoje o modelo justiniano. No começo dos anos 400 d.C., Jerônimo estabeleceu-se em Belém e viveu em uma caverna perto da caverna da natividade. Enquanto ficou em Belém, os estudiosos judeus ensinaram hebraico a Jerônimo. O seu trabalho na referida caverna, de tradução do AT do hebraico para o latim, tornou-se a base da Vulgata, acrescentado ao seu trabalho de tradução do NT.

Belém de Judá não deve ser confundida com a cidade de mesmo nome em Zebulom (Js 19.15). Esta está localizada cerca de 11 km a noroeste de Nazaré.

Bibliografia: CROWFOOT, J. W., Early churches in Palestine, Oxford, 1941, p. 22-40. — MASTERMAN, E. W., Bethlehem, em *ISBE*, v. 1, p. 449-50. — ORNI, Ephraim, Bethlehem, em *Encyclopedia Judaica*, v. 4, p. 739-45. — VAN BEEK, G., Bethlehem, em *IDB*, v. 1, p. 394-5.

L.G.

242 בָּכָא (**bākā'**) ***árvore do bálsamo*** *(ARA — amoreira)* (2 Sm 5.23, 24 = 1 Cr 14.14, 15; Sl 84.7).

243 בָּכָה (*bākâ*) ***chorar, lamentar, derramar lágrimas.***

Termos Derivados

243a בֶּכֶה (*bekeh*) ***choro.***
243b בְּכִי (*bᵉkî*) ***choro.***
243c בְּכוּת (*bakût*) ***choro.***
243d בְּכִית (*bᵉkît*) ***choro.***

Esta raiz ocorre em todas as principais línguas, dentre as quais o árabe, o acadiano e o ugarítico. O termo é usado aproximadamente com a mesma amplitude de significado. Em hebraico tem o sentido de "chorar por motivo de alegria ou tristeza, o que inclui lamento, queixa, remorso ou arrependimento". A raiz aparece bastante como paralela de *dāma'*, "derramar lágrimas", e de *sāpad*, "lamentar". Mas, ao passo que as lágrimas estão associadas aos olhos, o choro está associado à voz; os semitas não choram silenciosamente, mas sim em alta voz. Estes paralelismos ocorrem com freqüência no ugarítico (Fisher). Contudo, no ugarítico, bem como no acadiano e no árabe, a ênfase no arrependimento, que é vista na relação de *bākâ* com *tsûm*, "jejuar", está ausente. Outro sinônimo é *'ābal*, que enfatiza o luto formal pelos mortos.

Por todo o AT o choro é a expressão natural e espontânea de uma emoção forte. *bākâ* é especialmente proeminente na literatura narrativa, embora o termo também ocorra com freqüência nos livros poéticos e proféticos. O número total de ocorrências é 141.

A raiz é usada de cinco maneiras diferentes. Embora o choro esteja normalmente associado com aflição e sofrimento, também é um sinal de alegria. É bastante interessante que todas as ocorrências que expressam isso aparecem na narrativa de Jacó. Jacó chorou de alegria quando encontrou Raquel depois de ter viajado desde Canaã (Gn 29.11). Assim também fizeram Jacó e Esaú quando se encontraram outra vez depois de longa separação (Gn 33.4). José e Jacó choraram juntos quando se encontraram no Egito (Gn 46.29), *etc.*

Um uso muito mais freqüente do termo é o choro de aflição. Por isso o bebê Moisés começou a chorar na presença da filha de Faraó (Êx 2.6). Da mesma maneira Esaú chorou amargamente, cheio de frustração quando descobriu o engano de Jacó (Gn 27.38). Jó diz que ele merece punição se tiver cometido algum dos vários pecados, dentre os quais encontra-se o que faz os "sulcos da terra" chorarem por causa do abuso (Jó 31.38). Israel chorou por causa da ameaça do inimigo (1 Sm 11.4; 30.4; *etc.*); eles choraram no exílio (Sl 137.1; *cf.* Jr 31.15); e o salmista chorou por aqueles que desprezaram a lei de Deus (Sl 119.136). A aflição não precisava ser da própria pessoa que chorava; o choro podia ser uma reação simpática para com a aflição de outrem (*cf.* Jó 2.12; 30.25; Is 16.9; Jr 48.5; Ez 27.31).

Um tipo específico de aflição é a que se manifesta na ocasião da morte. A forma de lamentação é vista claramente em 1 Samuel 1, onde Davi chora pela morte de Saul e de Jônatas. A magnanimidade de Davi, demonstrada em seu choro por Saul, é vista novamente quando ele chora por Abner, seu general inimigo (1 Sm 3.32). É evidente, em muitas passagens, que a ocasião do lamento era cuidadosamente prescrita (Gn 50.4; Dt 34.8; *etc.*). As carpideiras (lamentadoras profissionais) eram convocadas para chorar quando alguém morresse (2 Sm 1.24; Jr 49.3; Sl 78.64; Jó 27.15). Isto serviu o duplo

propósito de assegurar que o falecido fosse lamentado adequadamente e também de garantir que o lamento não se perpetuasse indefinidamente.

Tal lamentação pelos mortos fazia parte dos cultos da fertilidade, quando o deus vegetal morto era pranteado durante o outono. Numerosas referências a estes ritos são encontradas na literatura ugarítica (*e.g.*, textos 62; 67:VI; *cf.* 1 Rs 18.26-29, onde um ritual semelhante era evidentemente celebrado). Ezequiel ficou horrorizado quando descobriu que tais práticas estavam acontecendo dentro do próprio templo (8.14).

Outro tipo de choro seria aquele que está associado com uma queixa ou reclamação. Ana derramou lágrimas amargas quando implorava a Deus por um filho (1 Sm 1.7-10). De igual modo, Ester chorou diante do imperador persa suplicando pela vida do povo (Et 8.3). *Cf.* também Ezequias (2 Rs 20.3). Este tipo de choro pode rapidamente tornar-se lamúria, como testemunham a mulher de Sansão, que o importunava para que desse a resposta de seu enigma (Jz 14.16), e o clamor dos israelitas por carne (Nm 11.4-20).

O último uso de "chorar" é singular no AT. Em outras culturas do antigo Oriente Médio, o choro de remorso ou de tristeza por causa da punição é conhecido, mas nunca deixa transparecer tristeza por se ter ofendido a divindade. Ambos ocorrem no AT. Um exemplo do primeiro pode ser encontrado em Juízes 21.2, onde os israelitas choram pela loucura de terem dizimado Benjamim. Como exemplo do segundo caso, temos o choro de Josias ao ler a Lei (2 Rs 22.19), ou o choro de Israel quando este se volta para o seu Deus (Jr 31.9; 50.4). Quando a Lei foi lida perante os que voltaram do exílio, e eles viram o quanto tinham caído, tiveram de ser lembrados de que um dia sagrado não deveria ser de pranto (Ne 8.9; *cf.* também Ed 10.1; Os 12.4[5]). Tal choro foi o de Pedro, quando percebeu como havia negado o seu Senhor (Mt 26.75). Pode ser dito que não existe arrependimento genuíno sem um sentimento incômodo de tristeza por causa dos próprios pecados, tristeza tão profunda que bem pode traduzir-se adequadamente em choro. No *eschaton* Deus porá um fim a todo choro (Is 65.19; *cf.* 25.8).

bekeh. ***Choro.*** Ocorre em Esdras 10.1, onde é dito que o povo chorou com grande choro (*lit.*, "multiplicou o choro").

bᵉkî. ***Choro.*** Ocorre 30 vezes, cinco das quais são acusativos cognatos (*cf.* Jz 21.2).

bākût. ***Choro.*** Nome do carvalho onde a ama de Rebeca foi sepultada (Gn 35.8).

Bibliografia: COLLINS, T., The physiology of tears in the OT, *CBQ*, 33:8-38, 185-97. — DE-WARD, Eileen F., Mourning customs in 1, 2 Samuel, *JJS*, 23:1-27, 145-66. — FISHER, L. R., *Ras Shamra parallels*, v. 1, Pontifical Biblical Institute, 1972, p. 142-4. — HVIDBERG, F. F., *Weeping and laughter in the Old Testament*, Brill, 1962. — WESTERMANN, C. Struktur und Geschichte der Klage im AT. *ZAW* 25:44-80. *TDOT*, v. 2, p. 116-20. — *THAT*, v. 1, p. 313-5.

J.N.O.

בְּכוֹר (*bᵉkôr*). Veja o n.º 244a.

בִּכּוּרִים (*bikkûrîm*). Veja o n.º 244e.

בְּכוּת (*bākût*). Veja o n.º 243c.

בְּכִי (*b'kî*). Veja o n.º 243b.
בְּכִירָה (*n'kîrâ*). Veja o n.º 244d.
בְּכִית (*b'kît*). Veja o n.º 243d.

244 בָּכַר* (*bākar*) ***nascer primeiro.***

Termos Derivados

244a בְּכוֹר (*b'kôr*) ***primogênito.***
244b בִּכְרָה (*bikrâ*) ***filhote de camelo.***
244c בְּכֹרָה (*b'khorâ*) ***direito de primogenitura.***
244d בְּכִירָה (*b'kirâ*) ***primogênita.***
214e בִּכּוּרִים (*bikkûrîm*) ***primeiros frutos.***
244f בִּכּוּרָה (*bikkûrâ*) ***primeiros frutos.***

Das 158 ocorrências desta raiz e de seus derivados, somente quatro estão na forma verbal, sendo todas elas em graus derivados. Isto sugere que a idéia básica no hebraico é a nominal, "o primogênito", e que as formas verbais são derivadas. No árabe, a raiz *bakara* tem o sentido de "levantar, ser primeiro, vir antes", e esta é, provavelmente, a idéia da raiz da qual procede o sentido do hebraico.

b'kôr. ***Primogênito, primeiro, filho mais velho.*** O árabe, o etíope, o aramaico e provavelmente o acadiano possuem uma forma nominal equivalente ao hebraico *b'kôr* para dizer "primogênito", o que indica que este é o sentido original do substantivo. Esta forma substantiva atinge 118 do total de ocorrências da raiz. Nas construções no singular e no plural são usadas formas masculinas. Todavia, nas quatro ocorrências em que uma forma plural absoluta é usada, ela aparece no feminino בְּכֹרֹת: Deuteronômio 12.6; 14.23; Neemias 10.37 [duas vezes].

bikkûrîm. ***Primeiros frutos, primícias, primeira colheita.*** O termo aparece somente no plural masculino e refere-se especialmente às primícias do cereal e dos frutos (pão, Êx 23.16; uvas, Nm 13.20; figos, Na 3.12), cuja porção deveria ser dada ao Senhor em oferta de gratidão e utilizada para o sustento do sacerdócio (*cf.* Lv 2.14; Nm 18.12, 13).

b'khorâ. ***Direito de primogenitura.*** Aparece somente no feminino singular e sempre com este sentido específico. A idéia envolve especialmente as reivindicações legais do filho mais velho de uma porção dupla da herança e de alguns outros direitos que lhe poderiam pertencer por causa de sua posição como filho mais velho.

b'kirâ. ***Primogênita, filha mais velha.*** Termo complementar feminino de *b'kôr*. Aparece somente seis vezes, sendo cinco delas em Gênesis. Destas cinco, quatro estão em Gênesis 19 (vv. 31, 33, 34, 37), onde a filha mais velha de Ló induz sua irmã a imitá-la, tendo relações sexuais com seu pai.

Em Israel, bem como no restante do antigo Oriente Próximo, o filho mais velho,

Rúben, gozava de uma posição de honra e favor. Ele é chamado "o primeiro da força (procriadora)" do pai (Gn 49.3). Exceções a esta regra eram tão dignas de nota que se tornaram, nas palavras de C. H. Gordon, "dignas de saga". Tais exceções constituíram um tema literário na Bíblia (Gn 25.23; *etc.*) e em outros textos (*cf.* Ug. Text 128: III:16). O fato de o Senhor ter escolhido Abel em vez de Caim, Jacó em vez de Esaú, José e Judá em vez de Rúben, Efraim em vez de Manassés, Moisés em vez de Arão, Davi em vez de seus irmãos, Salomão em vez de Adonias, mostram que ele é o Senhor da história sagrada e transcende as normas culturais.

Muitas das ocorrências de *b'khôr* simplesmente delineiam um filho específico como primogênito, o que indica a importância de sua posição (esp. em 1 Crônicas, ainda que de modo mais freqüente em outras partes do AT). Entre outros, o primogênito tinha o direito a uma porção dupla da herança (Dt 21.7), à bênção do pai (Gn 27; *cf.* também 48.17-19) e a um tratamento preferencial (Gn 43.33). Se houvesse dois filhos, o primogênito receberia dois terços da herança, se três, receberia dois quartos, *etc.* O primogênito podia vender sua herança (como na lei de Nuzi — *cf.* Gn 25.31-34). Este conceito é transferido ao dom profético no caso de Elias para mostrar sua superioridade sobre os outros profetas (2 Rs 2.3ss.). Israel é chamado de o primogênito do Senhor (Êx 4.22; *cf.* Jr 31.9) para mostrar que, embora fosse a mais nova das nações, ocupava a posição de liderança e privilégio sobre elas.

Ao mesmo tempo, porém, os israelitas parecem ter sustentado a crença, juntamente com o restante do antigo Oriente Próximo, de que a divindade, como senhor das terras, estava destinada a receber não só o melhor, mas também as primícias de toda a produção. Isso quer dizer que os primeiros frutos da agricultura, da pecuária e do homem pertenciam à divindade. Normalmente isto significava que estas coisas só podiam ser usadas nas práticas e no sustento do templo da divindade. A qualquer custo, tudo isto era oferecido à divindade. Este é o sentido básico da morte dos primogênitos do Egito executada pelo Senhor. Não era Faraó, nem os deuses egípcios que tinham direito sobre o primogênito do Egito. Era o Senhor. Ele é o verdadeiro senhor do Egito. Esta experiência no Egito tornou-se fundamental para o conceito hebraico de primogênito (*cf.* Êx 11.5; Nm 8.17; *etc.*).

É com respeito ao primogênito, porém, que a prática hebraica difere nitidamente da pagã. Ambas tratam as primeiras colheitas e crias como um *tabu*, tornando as mesmas utilizáveis apenas como sacrifício. Os pagãos levavam esta lógica mais longe, sacrificando normalmente o filho mais velho também. Embora os hebreus tenham voltado a esta prática durante a monarquia dividida (*e.g.*, 2 Rs 16.3) e talvez tenham até interpretado o mandamento do Senhor de dedicar o primogênito desta forma (Êx 11.5; Ez 20.26), o Antigo Testamento mostra uma rejeição especial pelo sacrifício de crianças (veja a discussão no termo *tôpet*). Onde quer que seja mencionado, é visto com horror (*cf.* Js 6.26; 2 Rs 3.27; Jr 32.35; Mq 6.7). Pelo contrário, o paradigma de tratamento do primogênito é encontrado na narrativa do quase-sacrifício de Abraão. Trata-se de uma redenção por meio de substituição. Como tal, prevê a propiciação substitutiva de Cristo. Com base no direito, a vida desta criança deve ser entregue a Deus. Contudo, Deus não deseja tirar a vida da criança, visto que providenciou um meio de escape. O principal meio de substituição após o Sinai era pelos levitas. A família levítica foi consagrada a Deus em lugar do primogênito (Nm 3.1-45). Os primogênitos extras, além dos que eram levitas, eram redimidos por cinco siclos por cabeça (Nm 3.46-51). Aparentemente Números 18.15, 16 refere-se a esta transação. Daí em diante apenas o primogênito de animais foi exigido (Dt 15.19).

Bibliografia: *AI*, p. 441-6, p. 490-3. — GASTER, T. H., Sacrifices, In: *IDB*, v. 4, p. 148. — KOOY, V. H., Firstborn, In: *IDB*, v. 2, p. 270-2. — MENDLESOHN I., On the preferential status of the eldest son, *BASOR*, 156:38-40. — MICHAELIS, W., πρωτότοκος, πρωτοτοκεία, In: *TDNT*, v. 6, p. 872-6. — PEDERSEN, J., *Israel, its life and culture* v. 3, 4, Londres, Oxford, 1940, p. 300-22. — RICHARDSON, *TWB*, p. 83. — *TDOT*, v. 2, p. 121-7.
J.N.O.

בַּל (*bal*) Veja o n.º 246d.

בַּל (*bēl*). Veja o n.º 262c.

245 בָּלַג (*bālag*) ***brilhar, sorrir.***

Termo Derivado

245a מַבְלִיגוּת (*mablîgût*) ***felicidade, risonho*** (Jr 8.18).

246 בָּלָה (*bālâ*) ***tornar-se velho, desgastar-se.***

Termos Derivados

246a בָּלֶהּ (*bāleh*) ***desgastado.***
246b בְּלוֹא (*b'lô'*) ***coisas desgastadas, trapos.***
246c תַּבְלִיתּ (*tablît*) ***destruição.***
246d בַּלּ (*bal*) ***não.***
246e בְּלִיּ (*b'lî*) ***desgaste.***
246f בְּלִימָהּ (*b'limâ*) ***nada.***
246g בְּלִיַּעַלּ (*b'liya'al*) ***Belial, inutilidade.***
246h בִּלְעֲדֵי (*bil'adê*) ***sem, exceto.***
246i בֶּלֶתּ (*bēlet*) ***não, exceto.***

bālâ aparece 16 vezes e é confirmado nos textos ugaríticos pela forma *bly* (*UT*, 19: n.º 474, *blym alpm*, "Os bois estão desgastados", *i.e.*, incapazes de arar).

Seu sentido básico é usado para se referir às vestimentas israelitas que não se desgastavam (Dt 8.4; 29.4; Ne 9.21) no deserto. Os gibeonitas reivindicavam o oposto com respeito às suas vestimentas em Js 9.13.

A mesma idéia é usada em uma expressão figurada relativa aos céus e à terra (Is 50.9; 51.6; Sl 102.27). Enquanto outras passagens ensinam a perpetuidade dos céus e da terra, esta se refere à condição de desgastamento dos mesmos. Os novos céus e a nova terra consistirão dos antigos renovados; de igual modo, nossos corpos ressurretos terão muitas características de continuidade em relação aos nossos corpos atuais.

Diz-se do desgaste de homens e mulheres por causa de idade, preocupação ou doença (Gn 18.12; Jó 13.28; Sl 32.3; Lm 3.4). Na sepultura, a forma corporal se esvai (Sl 49.15). Os ímpios ou o inimigo em ataque podem tornar desgastado ou exausto o justo (1 Cr 17.9;

cf. 2 Sm 7.10; Dn 7.25, no aramaico).

Finalmente, *bālâ* pode ter o sentido de "desgastar-se pelo uso" ou "usar ao máximo", como em Isaías 65.22 ou Jó 21.13.

bāleh. ***Desgastado.*** Este adjetivo é usado apenas duas vezes, em Josué 9.4, 5 e em Ezequiel 23.43. O contexto em Josué é o do artifício utilizado pelos gibeonitas. Eles mostraram a Josué sacos e odres desgastados (v. 4), além de sandálias e roupas na mesma situação (v. 5). Em Ezequiel 23.43, *baleh* é usado de modo figurado. A adúltera (Judá) está envelhecida (desgastada) por seus adultérios. A RSV considera obscuro o hebraico nesta passagem, já Eichrodt o vê como intraduzível; todavia é possível traduzir o termo conforme a ARA, "envelhecida em adultérios".

tablît. ***Destruição.*** Substantivo encontrado apenas uma vez, em Isaías 10.25. Seis manuscritos dizem *taklîtām*, "consumação", mas estão provavelmente confundindo o termo com outro mais familiar. Logo a indignação do Senhor finalmente viria contra Israel e seria voltada para (*'al*) a destruição dos invasores assírios. O machado havia esquecido que o Senhor o estava utilizando (Is 10.15).

bal. ***Não.*** Advérbio que aparece 69 vezes no AT. Tanto o fenício como o ugarítico confirmam esta partícula negativa. É principalmente usado na poesia em lugar de *lo'*, que aparece normalmente na prosa.

Em Isaías 40.24, *bal* pode reunir o sentido de "raramente" ou "dificilmente". Alguns argumentam, porém, em favor de uma construção "não, nem" (Hahn, Koenig) ou que o negativo pode ser simplesmente usado em uma estrutura hiperbólica.

Alguns estudiosos têm argumentado que *bal* tem um sentido positivo como no ugarítico (*UT*, 19: n.º 466, "Certamente porei", ou II Aqht 1:21, "Certamente ele não tem filho"). Também *cf.* DAHOOD, *AB*, sobre Salmos 10.15: talvez 15b poderia ser traduzido: "Esquadrinha-lhes a maldade — certamente a acharás".

bᵉlî. ***Desgaste.*** Há 57 exemplos desta forma. O único exemplo de um substantivo é encontrado em Isaías 38.17, "a cova da corrupção", que se refere ao Sheol.

Normalmente o termo funciona como advérbio de negação com adjetivos ou particípios (2 Sm 1.21; Sl 19.4; Os 7.8). Aparece muitas vezes junto a um substantivo com o sentido de "sem" (Jó 8.11; 24.10; 31.19 *et al.*). Raramente o termo é encontrado com um verbo finito (Gn 31.20; Is 14.6).

Quando usado com a preposição *min* expressa a idéia de causa e é traduzido por "da necessidade de", "da falta de" ou "porque não". Esta combinação ocorre 20 vezes (*e.g.*, Dt 9.28; Êx 14.11).

Com a preposição *bᵉ*, o sentido é "sem" (Dt 4.42; 19.4). A preposição *lᵉ* o torna "em estado de" ou "sem, a despeito de" (Is 5.14; Jó 41.25). Finalmente, com *'ad* tem o sentido de "até" ou "se não" (Sl 72.7; Gn 31.20; Ml 3.10). Estas locuções prepositivas são responsáveis por metade dos usos do termo, e cada contexto tem sua própria nuança de sentido.

bᵉlîmâ. ***Nada.*** De *bᵉlî* e *mâ*: "nem o mínimo". Encontrado somente em Jó 26.7. O Senhor "faz pairar a terra sobre o nada", notável visão da terra sendo sustentada no espaço pelo poder de Deus.

b^eliya'al. ***Belial, inutilidade.*** Belial vem de *b'lî* e *ya'al:* "não, sem" e "ser de uso, útil, lucrativo". *Cf.* ugarítico *bl-mt*, "não-morte" = "imortalidade" ou *bl-mlk*, "não-rei" = 'cidadão comum". Outros derivam o termo a partir de *bl'*, "engolir", daí o "engolidor" (*Cf.* F. CROSS, D. N. FREEDMAN, *JBL*, 22 (1953) e D. Winton THOMAS, no *Biblical and patristic studies*, ed. J. N. Birdsall e R. W. Thomson, Freiburg, 1963, p. 11-9). Veja, porém, a discussão abaixo sobre Salmos 18.5.

O termo aparece 27 vezes. A KJV e a Vulgata tratam-no como substantivo próprio em 16 e oito ocorrências respectivamente. A LXX o traduz conforme o contexto pelos termos *paranomos, anomia* e *aphrōn, i.e.* "sem lei, anomia, sem discernimento".

Normalmente a palavra ocorre em expressões como "filho(s) de Belial" (Dt 13.14; Jz 19.22; 1 Sm 2.12; 2 Cr 13.7), uma "filha de Belial" (1 Sm 1.16), "homem ou homens de" (1 Sm 25.25; 2 Sm 16.7; 1 Rs 21.13; Pv 16.27) ou uma "testemunha do Belial" (Pv 19.28). O termo aparece sozinho em 2 Samuel 23.6 e em Jó 34.18.

Em Provérbios 6.12, "o homem de Belial" é equivalente ao "ímpio", *'ish 'āwen*. Ele cava o mal (Pv 16.27) como também é "conselheiro vil" (Na 1.11), sendo alguém que zomba da justiça (Pv 19.28). Nos salmos, *b'liya'al* é usado para as torrentes de perdição e destruição que envolveram o salmista (Sl 18.5; *cf.* 2 Sm 22.5), para se referir ao que é "mortal" (Sl 41.9) ou a algo de mal (101.3). Muitos relacionam a referência de Davi em Salmos 18.5 com a ideia mitológica do deus cananeu da morte, *Mot*, com sua boca aberta, o "engolidor" do mundo dos mortos. Se este é um conceito adequado, trata-se apenas de um palavreado emprestado e não da ideologia subjacente. A LXX entende de maneira mais realista a metáfora de "correntes" ou "ondas" em Salmos 18.5 como uma entre as outras frequentes referências das Escrituras a inimigos que se apressam como torrentes.

Este conceito de Belial tornou-se um substantivo próprio para se referir ao príncipe do mal, Satanás, na literatura pseudepigráfica: o Documento Sadoquita e o Manuscrito da Guerra dos Manuscritos do Mar Morto. Veja também 2 Coríntios 6.15 e 2 Tessalonicenses 2.3.

bēlet. ***Não, exceto.*** É usado como advérbio, conjunção e com preposições para expressar propósito 116 vezes. O termo não ocorre no AT com o sentido de "fracasso".

Aparece como advérbio de negação com um adjetivo em 1 Samuel 20.26, com um substantivo em Isaías 14.6 e com um verbo finito em Ezequiel 13.3.

Quando segue termo negativo, adquire o sentido de "exceto" (Gn 21.26; Êx 22.19; Js 11.19; Os 13.4).

A forma *billî* da mesma maneira segue um negativo expresso ou implícito. Em Números 11.6, Isaías 10.4 e Daniel 11.18, o termo é usado no sentido de "exceto", *i.e.*, "não há nada senão", isso quer dizer, nada deixado. Observe também Amós 3.3, 4, "se não".

A forma também aparece após infinitivos com três preposições diferentes: negação de *l^e*, "para que não" (Gn 4.15); negação de *min*, "porque não", (Nm 14.16; Ez 16.28); e *'ad*, "até não" (Is 8.22).

Bibliografia: COOPER, Jacob, The end of the material universe, *Reformed Church Review*, 7:536-67. — DAHOOD, M., *Proverbs and northwest semitic philology*, Rome, 1963, p. 31. — GOETZE, A., Ugaritic negations, em *Studia Orientalia Ioanni Pedersen*, 1953, p. 123, n.º 26. — HOPE, J. E., Belial in the OT, *AJSL*, 44: 56-8. — LABUSCHAGNE, C. J., Ugaritic BLT and BILTI in Isa X.4, *VT*, 14:97-9. — O'CALLAGHAN, Roger T., Echoes of Canaanite literature in the Psalms, *VT*, 4:164-76. — SMITH, Wilbur, New heavens and new earth, em *Biblical doctrine of heaven*, Moody, 1968, p. 223-36. W.C.K.

247 *בָּלַה (*bālah*)

247 *בָּלַה (*bālah*) ***problema.*** Ocorre apenas no piel (Ez 4.4)

Termos Derivados

247a בַּלָּהָה (*ballāhâ*) ***terror, destruição.***

בְּלוֹא (*b'lô'*). Veja o n.º 246b.
בְּלִי (*b'lî*). Veja o n.º 246e.
בְּלִיל (*b'lîl*). Veja o n.º 248a.
בְּלִימָה (*b'limâ*). Veja o n.º 246f.
בְּלִיַּעַל (*b'liya'al*). Veja o n.º 246g.

248 בָּלַל (*bālal*) ***misturar, confundir.***

Termos Derivados

248a בְּלִיל (*b'lîl*) ***forragem.***
248b בָּלַל (*bālal*) ***dar provisão.*** Verbo denominativo derivado de *b'lîl*.
248c שַׁבְּלוּל (*shabb'lûl*) ***caracol.***
248d תֵּבֵל (*tebel*) ***confusão.***
248e הִתְבַּלֵּל (*t'ballul*) ***obscuridade.***

Termo ritualista usado para se referir à mistura do óleo com a farinha ou à porção da oferta de cereal até que cada parte da farinha fosse misturada e untada com óleo (*bālûl bashshemen*; Êx 29.2,40; Lv 2.4, 5; 7; e com freqüência em Nm 7, 15, 28 e 29).

Uma forma incomum, que expressa a amplitude desta idéia, é encontrada em Salmos 92.11. O salmista exclama: "Sou ungido com óleo fresco". Embora o verbo seja diferente, esta idéia é semelhante à de Salmos 23.6.

Uma forma do hitpael é encontrada em Oséias 7.8. Ali Efraim "mistura-se com outros povos".

A única testemunha do sentido "confundir" está na narrativa da Torre de Babel, onde o Senhor disse: "Desçamos e confundamos ali a sua linguagem" (Gn 11.7). Este incidente provê a base para um jogo de palavras de assonância (Gn 11.9). O local é chamado Babel porque ali o Senhor confundiu (*bālal*) a linguagem de toda a terra. Babel por si mesmo não quer dizer "confuso"; soa suficientemente parecido com *bālal* para que haja uma paronomásia.

Provavelmente o exemplo único do hifil em Isaías 61.5 seja derivado da raiz *nābal*, "desvanecer", em vez de proceder de *bālal*.

A forma em Juízes 19.21 é um denominativo de *b'lîl*, "forragem"; daí então "dar provisão".

tebel. ***Confusão.*** Esta palavra é usada somente duas vezes no AT. Ambos os casos dizem respeito à inversão da ordem das coisas pretendida por Deus quanto à sexualidade.

Levítico 18.23 assim denomina a bestialidade, e Levítico 20.12 usa este mesmo termo para se referir a quaisquer relações sexuais com a nora, *i.e.*, incesto.

ballet. ***Obscuridade.*** Encontrado somente em Levítico 21.20. A ARA diz "belida no olho". O sentido exato permanece desconhecido.

W.C.K.

249 בָּלַם (*bālam*) ***colocar limites, refrear*** (apenas em Sl 32.9).

250 בָּלַס (*bālas*) ***juntar figos, cuidar de pés de sicômoros*** (apenas em Am 7.14).

251 בָּלַע (*bāla'*) ***I, engolir.***

Termos Derivados

251a בְּלִעָה (*bela'*) ***ato de engolir.***
251b בִּלְעָם (*bil'ām*) ***Balaão.***
251c בָּלְעָה (*bālā'*) ***II, confundir.***

Usado para se referir a homens (Is 28.4), um peixe (Jn 2.1), serpentes (Êx 7.12) e animais (Gn 41.7, 24).

Em duas ocasiões diferentes, o Senhor fez a terra abrir-se e engolir grupos de homens vivos, como juízo sobre eles: no mar Vermelho (Êx 15.12) e na rebelião de Coré, Datã e Abirão (Nm 16.30, 32, 34; 26.10; Dt 11.6; e Sl 106.17).

Na maioria das vezes a palavra é usada como símbolo de destruição e ruína: Lamentações 2.2, 5, 8; Isaías 3.12; 49.19, *etc.*

bela'. ***Ato de engolir, devorar.*** Este substantivo ocorre apenas duas vezes no AT. Em Salmos 52.4[6], Davi o utiliza para se referir com desgosto às "palavras que devoram" da parte de Doegue. Em Jeremias 51.44, o Senhor diz que fará sair da boca do ídolo Bel "aquilo que ele engoliu".

bil'am. ***Balaão.*** Mencionado 51 vezes em Números 22—24; também em Números 31.8, 16; Deuteronômio 23.5, 6; Josué 13.22; 24.9, 10; Miquéias 6.5; Neemias 13.2; 2 Pedro 2.15; Judas 11; Apocalipse 2.14.

O antigo léxico de Gesenius analisa o nome como composto de *bal* e *'am*, "não-povo", com o sentido de "estrangeiro", *i.e.*, (aquele que pertence) "não (ao) povo". Todavia, isto é impossível. O ponto de vista de Simonis e Hengstenberg deve ser preferido: *bela'* e *'ām*, "destruição do povo", o que está de acordo com a reputação de Balaão como encantador e mágico. (Alguns têm sugerido que *Nikolaos*, "conquistador do povo", em Ap 2.6, 15, é uma tradução desse nome.) Contudo, Albright entende o nome como amorreu *Yabil'ammu*, "o tio (divino) traz" (*AJSL*, 44:31 e s.; *JBL*, 63:232, n. 142).

Embora Balaão fosse fonte de autêntica revelação de Deus (Nm 22—24), não foi, automaticamente, aprovado em tudo que fez ou disse, como é demonstrado pelo seu

conselho enganoso que deu ao rei de Moabe e Midia (Nm 31.16; *cf.* Nm 25:1-3; Sl 106:28, 29). Balaão foi um adivinhador pagão. Balaque, de acordo com um costume e uma crença antigos, não lutaria contra Israel sem uma premonição favorável. Tais premonições eram com freqüência feitas repetidas vezes para saber a hora certa de atacar. Dando muito poder a Balaão, o Senhor frustrou o ataque de Balaque.

bālaʿ *II. Confundir.* O salmista ora em Salmos 55.9: "Destrói, SENHOR, e confunde os seus conselhos", todo o sentido é reminiscente de *bālal* (Gn 11.7,9) na ocasião da Torre de Babel. Também *cf.* Salmos 107.27; Isaías 9.15; 19.3 e 28.7.

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., The oracles of Balaam, *JBL*, 63:207-33. — HENGSTENBERG, E. W., The history of Balaam and his prophecies, em *Dissertations of the genuineness of Daniel and the integrity of Daniel*, Edinburgh, Clark, 1847, p. 337-56. — *TDOT*, v. 2, p. 136-8.

W.C.K.

בִּלְעָדִי (*bil'adî*). Veja o n.º 246h.

בִּלְעָם (*bil'am*). Veja o n.º 251b.

252 בָּלַק* (*bālaq*) ***desperdiçar, lançar fora.*** Não ocorre no qal.

בֶּלֶה (*bĕlel*). Veja o n.º 246i.

253 בָּמָה (*bāmâ*) ***cume, local elevado, lugar alto, alto*** (nome técnico para um local cúltico).

Um termo cognato é encontrado no acadiano e no ugarítico. *bāmâ*, que em 80 de 100 ocorrências refere-se a um lugar de adoração (ou talvez uma estrutura), tem o sentido básico de "costas", "cume" ou "local elevado". Isso concorda com o *KB*. No ugarítico tem o sentido de "costas" de uma pessoa ou de um animal (*UT*, 19: n.º 480). Quando *bāmâ* se refere a um lugar de adoração, o termo é traduzido por "alto". A expressão "pisar sobre os altos" comunica a noção de posse de um lugar importante e significa, portanto, "estar em firme controle". Pisar *bāmâ* é uma promessa dada a Israel (Dt 33.29; *cf.* Isaías 58.14); também é descritiva com relação a Deus (Mq 1.3).

Um estudo recente bastante sustentado pelo ugarítico e pela arqueologia, de modo totalmente convincente, argumenta que o sentido básico não é "alto" mas sim "prisão de barras", "flanco" com sentidos derivados como "colinas", "local cúltico" (construído de pedras naturais) e, por extensão, "altar" e até mesmo "santuário" (Vaughn). [Schrunk propõe como primeiro sentido do termo "lugar alto cúltico" ou "lugar cúltico" (veja o *TDOT* na bibliografia).

Os lugares cultuais pagãos estavam localizados em regiões altas (1 Sm 9.13 e ss.; 10.5; 1 Rs 11.7; 2 Rs 17.9, 29; 23.5, 8). Eram cheios de ídolos (2 Cr 33.19), uma *ʾăshērâ*, um poste de madeira que simbolizava a deusa da fertilidade e uma *matstsēbâ*, uma ou mais colunas que simbolizavam a divindade masculina (2 Rs 3.2). O altar (2 Rs 21.3; 2 Cr 14.3[2]), construído de pedras, era separado da *bāmâ* ou de parte dela. A *bāmâ* continha uma tenda ou aposento onde os vasos cúlticos eram guardados e as porções

sacrificiais eram comidas (1 Rs 12.31; 13.32; 2 Rs 17.29; 23.19). B.K.W.]. Além disso, seis atividades ali ocorridas podem ser relacionadas: queima do incenso, sacrifícios, as refeições sacrificiais, preces, prostituição e sacrifício de crianças (*cf. bāmâ* no vale, Jr 7.31).

Além deste uso como "alto" ou "local elevado", *bâmâ* é essencialmente um lugar de adoração. Mas que tipo de adoração? O pensamento crítico do passado argumentou que Israel normalmente adorava nestes santuários locais até que a reforma de Josias centralizasse a adoração em Jerusalém. Todos os locais altos eram legítimos e comuns. As referências pejorativas a eles, conforme se diz, devem-se aos editores super-ortodoxos posteriores a Josias.

Antes da monarquia, quando o tabernáculo de Siló estava em ruínas, e antes da adoração no templo de Jerusalém, a adoração era praticada na *bāmâ*, dentre as quais Gibeão era a principal, sendo também o local onde Deus falou com Salomão por meio de um sonho (1 Rs 3.2 e ss). Antes disso, Samuel freqüentava os lugares altos, oficiando ali (1 Sm 9.12 e ss.).

Depois da construção do templo de Salomão, as referências a *bāmâ* são pejorativas, porque construir uma *bāmâ* representa o envolvimento pecaminoso de Israel na adoração pagã. Há apenas uma exceção, durante os dias conturbados de Manassés (2 Cr 33.17). A atitude clara de Deus, já indicada em Levítico 26.30, é a de colocar-se "contra" a *bāmâ*. "Destruirei as suas *bamá*" (Ez 6.3; *cf.* 1 Rs 13.2). Antes da entrada na terra, Israel recebeu o mandamento de destruir os altos pagãos (Nm 33.52; *cf.* 2 Rs 17.11). A razão pelo juízo de Deus é que uma *bāmâ* representa um culto competidor. Em certas ocasioes Israel substituiu as divindades pagãs pela adoração de YHWH, mas em outras, como em Samaria, depois da queda do reino do norte, foi feita uma tentativa de adorar ao mesmo tempo tanto YHWH como outros deuses (2 Rs 17.29). A atitude de Deus contra a *bāmâ*, primeiro de ameaça e depois de execução, mostra-se como testemunha principal do sentido do primeiro mandamento: "Não terás outros deuses diante de mim" (Éx 20.3).

A aversão de Deus pela *bāmâ* é citada na primeira menção da construção de uma *bāmâ* na nação de Israel. Salomão construiu altos para os deuses Camos, de Moabe, e Moloque, dos amonitas, a fim de agradar suas mulheres (1 Rs 11.7). Somente na época de Josias, 300 anos depois, eles foram destruídos (2 Rs 23, um capítulo-chave sobre *bāmâ*). O homem de Deus, não se sabe seu nome, protestou contra a instituição de *bāmâ* feita por Jeroboão (1 Rs 13.2). A longa explicação em 2 Reis 17, relativa ao exílio das tribos do norte, observa que o povo construiu para si mesmo *bāmâ* "em todas as suas cidades" (2 Rs 17.9). Embora o profeta Isaías fique em silêncio sobre as *bāmâ* cultuais, provavelmente porque na época de Ezequias elas haviam sido removidas (2 Rs 18.4), Jeremias, em dois discursos proféticos de juízo, anuncia que as *bāmâ*, que em seus dias eram locais de sacrifícios humanos, constituíam parte da razão da catástrofe vindoura (Jr 19.5; 32.35).

Na verdade, a adoração nos altos parece ser uma atitude decisiva e culminante do mal. Na época de Roboão, Judá começou a construir altos, cometendo assim mais pecados do que seus pais (1 Rs 14.22, 23). O grande entusiasmo de Jeroboão pelos altos e sua prática de ali estabelecer sacerdotes "tornou-se um pecado para a casa de Jeroboão, de modo que foi destruída" (1 Rs 14.33).

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., The high place in the ancient Palestine, *Supp VT* 4:242-58. — IWRY, Samuel, Massebah and Bamah in 1Q Isaiah ^6[13], *JBL*, 76:225-32. — MCCOWN, C. C., Hebrew high places and cult remains, *JBL*, 69:205-19. — *TDOT*, v. 2, p. 139-44.

E.A.M.

254 בֵּן (*bēn*)

בְּמוֹ (*b'mô*). Veja o n.º 153.

254 בֵּן (*bēn*) ***filho, neto, membro de um grupo.***

Termos Derivados

254a בִּנְיָמִין (*binyāmîn*) ***Benjamim.***
254b בַּת (*bat*) ***filha.***

Ocorrendo quase 5 000 vezes, *ben* é basicamente, ainda que não de maneira exclusiva, uma referência ao descendente masculino de pais humanos. O termo também é usado de modo idiomático para se referir às crianças de modo geral, aos descendentes, *i.e.*, netos, aos filhotes de animais, à designação da idade (*e.g.*, "filho de oito dias", Gn 17.12) e às pessoas ou coisas que pertencem a uma certa categoria ou grupo (*e.g.*, "filhos dos profetas"). Um sinônimo da palavra é *yeled*, "criança".

Juntamente com outras literaturas do antigo Oriente Próximo, tal como a epopéia ugarítica de Keret, o AT dá muito valor a ter filho. A vida original de Deus e a imagem de Deus são passadas adiante no filho (Gn 5.3; 9.6). Um homem alcança continuidade social por meio de seu filho (Dt 25.6; 2 Sm 18.8). É sob estes valores que a dor da perda de um único filho deve ser compreendida (Gn 22.2; Zc 12.10). A mulher encontra grande medida de realização ao dar à luz filhos (Gn 30.1; 1 Sm 1; Sl 113.9). Um tema persistente de Gênesis até o NT é a promessa de um filho (*bēn*) a pais que não têm nenhum. As características de tais narrativas são: o aparecimento de um mensageiro, normalmente um anjo; a promessa, que inclui uma descrição das atividades do filho ou o nome deste; uma atitude de surpresa, e até mesmo de incredulidade, e um relato da concepção e do nascimento (*e.g.*, Gn 12.2; 17.6; Jz 13.7; 2 Rs 4.16; Lc 1.13). Mais extraordinária é a promessa feita a Isaías: "Eis que a virgem (jovem) conceberá, e dará à luz um filho (*bēn*)" (7.14); veja *'almâ*, que alguns sustentam ter tido cumprimento imediato, mas que foi inquestionavelmente cumprido por fim na vinda de Jesus Cristo (Mt 1.23; *cf.* Is 9.6[5]).

Os pais piedosos são plenamente recompensados com um filho sábio (Gn 27.46; Pv 10.1). Grande ênfase é dada sobre a responsabilidade dos pais de instruir o filho na Lei (Êx 13.14; 20.10; Dt 11.19; Js 4.6). Quanto aos filhos, devem honrar seus pais. É importante observar que o verbo "honrar" em outras partes do AT tem como objeto uma pessoa ou algo que possui caráter sacro.

Outro tema que envolve o termo *bēn* é o procedimento de adoção (*cf.* Gn 15.2 e ss.), que era especialmente comum na lei de Nuzi. Moisés foi levado à casa da filha de Faraó e "tornou-se filho dela" (Êx 2.10). Certas declarações que Deus dirigiu tanto ao povo quanto a indivíduos são mais bem entendidas em um contexto de linguagem figurada associado com adoção ou legitimação baseada em promessas da aliança, *e.g.*, "Israel é o meu primogênito" (Êx 4.22). Com respeito ao descendente de Davi, Deus declara: "Ele será meu filho" (2 Sm 7.14) e de Israel é dito que são "filhos do Deus vivo" (Os 1.10[2.1]). De igual modo, é dito sobre certo rei que será coroado, ainda que seja, por fim, uma referência a Cristo: "Tu és meu filho, hoje eu te gerei" (Sl 2.7; veja *māshâh*). Está claro que nestes contextos *bēn* especifica um relacionamento íntimo (*cf.* Sl 103.13). Isto funciona para mostrar a distância entre Javé e seu "filho", a posição subordinada do "filho" e seu

direito de partilhar da autoridade de Deus.

Outro tema é o da bênção—maldição sobre o filho. Os patriarcas, tais como Isaque e Jacó, proferem bênçãos sobre seus filhos (Gn 27.28, 29; 48.14 e ss.), como também o faz Moisés para abençoar Israel antes de sua morte (Dt 33.1). A punição, por outro lado, é destinada aos filhos da terceira e da quarta geração dos pais que fazem o mal (Êx 20.5; 34.7; *cf.* Jr 6.21).

Outro tema importante é o da separação do primogênito macho (*cf. b'khôr*) para o Senhor. Naturalmente, as crianças não eram sacrificadas como no caso dos primogênitos dos animais; todavia, tinham de ser remidas (*pādâ*, *q.v.*) por um preço de cinco siclos (Êx 13.13; 34.20; Nm 18.16). Além disso, dar nomes a crianças para comunicar uma mensagem, como faziam os profetas, é algo digno de nota (*e.g.*, "Não-meu-povo", Os 1.9; *cf.* Os 1.3; Is 7.3; 8.3).

Uma fórmula característica com o termo *bēn* é "filhos de Israel", frase que ocorre 630 vezes e pode ser traduzida por "povo de Israel", "israelitas". É comparável à expressão "filhos de Amom", *i.e.*, amonitas. Outra fórmula importante é "filho do homem", que equivale a "homem" como o esclarece o paralelismo poético (Nm 23.19; Sl 8.4[5]; Jó 25.6; 35.8). *ben-ādām* ("filho do homem") aparece como título para o profeta em Ezequiel (93 vezes), onde a frase designa simplesmente "homem" ou "indivíduo", mas enfatiza a finitude do profeta que se defronta com a transcendência de Deus. O fato de Cristo ter-se utilizado do título "Filho do homem" tem relação com o uso anterior do termo no aramaico, em Daniel 7.13, passagem (embora as interpretações variem) em que a palavra acentua a identificação de Cristo com a humanidade e combina características tanto de sofrimento como de glória. Os "filhos de Deus" (*'ĕlōhîm*), mencionados em Gênesis 6, podem ser seres angelicais, ou governantes, *i.e.*, reis (*cf.* Sl 82.6), ou mais provavelmente a linhagem piedosa de Sete. Em contraste com outras religiões, "filhos de Deus" raramente ocorre no AT — esta mesma expressão aparece apenas mais três vezes — e geralmente tem o sentido de criaturas celestiais (Sl 29.1, *'ēlîm* [com um paralelo em 96.7]; Jó 1.6, *'ĕlohîm*; 38.7, *'ĕlōhîm*) ou Israel (*e.g.*, Dt 14.1; 32.19; e também 32.8; *cf.* DSS).

binyāmîn. ***Benjamim.*** Literalmente, "filho da mão direita" ou "filho do sul".

Benjamim, o filho mais novo de Jacó e Raquel, é importante na história de seu irmão mais velho, José (Gn 42—45). A tribo de Benjamim estabeleceu-se na Palestina central (Js 18.21-28) entre Efraim e Judá, mas não expulsou totalmente os cananeus (*e.g.*, Jerusalém, Jz 1.21).

A história do tratamento brutal e vergonhoso dado pela cidade benjamita de Gibeá ao viajante levita e a sua concubina, embora ilustre as condições sociais, revela muito de negativo sobre os benjamitas (Jz 19—21). Confrontados pelo mal que fizeram, os benjamitas lançaram seu sustento atrás de Gibeá. Quando a lealdade ao clã ou à família cega os homens quanto à indignação moral, a situação se torna violenta; a guerra civil resultante quase aniquilou Benjamim.

O tamanho de Benjamim recebe às vezes menção nas Escrituras. Ainda que afamada por seus valentes soldados (Jz 20.15; *cf.* 1 Cr 8.40; Gn 49.27), sua população nunca foi muita, nem seu território destacado pelo tamanho (*cf.* Sl 68.27). O primeiro rei de Israel confirma a sua indicação, observando que vem da menor das tribos de Israel (1 Sm 9.21; *cf.* Sl 68.27[28]). Apesar disso, a escolha de Saul por parte de Deus ilustra o princípio de que Deus, com freqüência, deixa de lado os de alta posição e alcança os tidos como insignificantes (*cf.* Dt 33.12).

Não deve deixar de ser observado que o ministério de Samuel ocorreu principalmente na região de Benjamim e que pertencem aos benjamitas não somente Saul mas também Jeremias (Jr 1.1), Ester (2.5) e o apóstolo Paulo (Rm 11.1).

O nome Benjamim aparece nas cartas de Mari do século XVIII a.C. designando uma tribo específica que parece ter algo de nômade. Ali o termo significa sem dúvida "filhos do sul". Jacó escolheu o nome para seu filho por causa do outro significado.

bat. ***Filha.*** Como na maioria das línguas semíticas, o sentido principal nas 587 ocorrências de *bat* é o de menina de uma casa. O hebraico pode usar a forma composta *bānim ûbānōt*, "filhos e filhas", para se referir à "prole" (aproximadamente 110 vezes). Como filho (*bēn*), *bat* no plural pode-se referir ao fato de ser membro de certo grupo, como no caso de "filhas dos filisteus", *i.e.*, filistéias. Em expressões tais como "Hesbom e suas filhas", a referência diz respeito às cidades e às aldeias satélites (Nm 21.25). Quando personificada, *bat* especifica uma terra ou cidade, como em "ó virgem filha de Babilônia" (Is 47.1).

Ainda que seja dada menos ênfase às filhas do que aos filhos (c. 585 referências contra 4 850 respectivamente), elas tinham grande valor. A continuidade da vida dependia das filhas — Eva é a "mãe de todos os viventes" —, e uma filha era valorizada por seu trabalho (Gn 24.15; 29.9; Êx 20.10). Na ocasião do casamento era pago o preço da noiva ao pai da filha, embora ele normalmente restituísse o valor a ela como dote (Gn 31.15). O dote podia ser ainda superior ao preço (*cf.* PLAUTZ, W. Die Form der Eheschliessung im AT, ZAW, 76:298-18). O amor de um pai por sua única filha é ilustrado pela tristeza de Jefté diante da perda de sua filha (Jz 11.34-40; *cf.* 2 Sm 12.3). Se um homem não tivesse filhos, suas filhas herdavam suas propriedades, desde que elas se casassem dentro da mesma tribo (Nm 27.1-11; 36.1-12).

O nascimento de uma filha trazia duas vezes mais tempo de impureza para a mãe do que o nascimento de um filho. As filhas de uma cultura cananéia trouxeram ruína para Israel (Nm 25.1 e s.; Dt 7.3; Jz 3.6; 1 Rs 11.1, *etc.*), mas as filhas araméias da família de Abraão abraçaram a fé de seus maridos (Gn 21.6; 24.58; 27.46; 29.32), ainda que no caso das mulheres de Jacó isso não tenha acontecido de modo perfeito (Gn 31.1 e s.; 35.2). As filhas de Ló fugiram de Sodoma com ele, deixando seus maridos para trás (Gn 19.14-16), embora elas tenham tido relações incestuosas com Ló (19.30 e ss.). As filhas acompanhavam seus pais nas festividades religiosas e, na era prometida, elas compartilharão de igual modo com os filhos quanto aos dons do Espírito (Jl 2.28[3.1]). Por meio de personificação, os profetas fazem três afirmações teológicas. A primeira diz respeito à expressão "filha (de) Sião", entendida não como filha pertencente a Sião, mas sim como a filha que é Sião, ou o conglomerado dos habitantes da cidade. Embora a expressão apareça na literatura histórica (2 Rs 19.21) e na poesia hínica (Sl 9.14[15]), entre os profetas é Isaías quem a usa com maior freqüência relacionada com o que é conhecido por teologia de Sião. Sião, uma parte de Jerusalém, é um termo poético para se referir a Jerusalém como um todo, e em algumas passagens aparece como símbolo de toda a terra de Israel. Sião foi escolhida por Deus. Sua presença, bênção e proteção está sobre Sião, e, ainda que tida por inabalável para o povo, os profetas pronunciaram juízo sobre Sião. Apesar disso, eles também declaram que a "salvação dela vem" (Is 62.11). E. J. Young defende a idéia de que a expressão "filha de Sião" também tem a intenção de transmitir ternura (*Isaiah*, v. 1, p. 55).

Jeremias fala da "filha do meu povo", expressão encontrada em seu livro e em

Lamentações 13 vezes; a expressão raramente aparece em outros livros do AT e ocorre principalmente nos contextos de calamidade iminente ou acontecida. Jeremias observa a ferida suportada por seu povo (Jr 8.19, 21) e descreve sua tristeza diante da destruição da "filha de seu povo" (Jr 14.17; *cf.* Lm 2.11; 3.48). John Bright traduz "Minha Filha-Meu Povo", explicando que os substantivos estão em aposição e comenta: "O termo é uma expressão poética e bela do povo, e é especialmente usado por Jeremias" (*Jeremiah*, 1965, p. 32). R. K. Harrison afirma: "Esta expressão incomum mostra o senso que Jeremias tem da afinidade de Deus com Israel" (*Jeremiah*, p. 71).

Ezequiel desenvolve uma analogia elaborada sobre o tema da filha, referindo-se a Jerusalém por filha de uma hetéia (Ez 16.45). Esta figura de linguagem possibilita ao profeta falar sobre a criação da filha, arrematando com o provérbio: "Tal mãe, tal filha" (Ez 16.44), a fim de enfatizar a degradação crescente de ser prostituta e de comparar finalmente as irmãs, Samaria e Sodoma, que quando comparadas a Jerusalém, parecem justas.

Bibliografia: ANDERSEN, H. G., Benj[illegible], *ZAW*, v. 1, 521-2. — BERNEY, Leroy, An exegeticai study of Gen 6:1-4, *JETS*, 13:43-51. — BOSS, S. Herbert, The term "Son of God" in the light of Old Testament idiom, *Grace Journal*, 6:16-23. — BRIGHT, J., *History of Israel*, Westminster, 1949, p. 70. — COLEROM, J. E., The sons of God in Genesis 6, 2, *TS*, 2:488-509. — COOKE, Gerald, The Israelit King as Son of God, *ZAW*, 73:202-25. — _____, The Sons of the Goddess, *ZAW*, 76:22-47. DELEKAT, G., Zum hebräischen Worterbuch, *VT*, 14:7-66. DEBOER, P. A. H., The Son of God in [illegible] Testament, *OTS*, 15:188-207. — EMERTON, J. A., The origin of the son of man [illegible], *JTS*, 9:225-42. — FENSHAM, F. Charles, The son of a handmaid in Northwest Semitic, *VT*, 29:302-22. — Kur[illegible], Meredith G., Divine kingship and Genesis 6:1-4, *WTJ*, 24:187-204. — LONGENECKER, Richard N., Son of man imagery: some implications for [illegible], *JETS*, 13:43-52. — McKENZIE, John L., The divine sonship and in[illegible], *CBQ*, 7:32-47. — _____, The divine sonship of man in the Old Testa[illegible], *CBQ*, 7:225-32. — _____, The divine sonship of Israel and the covenant, *CBQ*, 8:300-31. — _____, The divine sonship of the angels, *CBQ*, 5:293-300. — MENDELSOHN, I., A[illegible] parallel to the adoption of Ephraim and Manasseh, *Israel Exploration Journal*, 2:233-38. — _____, The family in the Ancient Near East, *BA*, 11:24-40. — MUILENBE[illegible], The son of man in Daniel and Ethiopic Apocalypse of Enoch, *JBL*, 79:197-209. — [illegible], Anson F., Family relationships in Ugaritic, *Or*, 34:10-22. — RICHARDSON, *TDNT*, p. 230. — WILLIAMS, James G., The prophetic "Father", *JBL*, 85:344-8. — WINTER, P., Der Begriff "Sohne Gottes" im Moselied Dt 32, 1-43, *ZAW*, 67:40-8. — *TDOT*, v. 2, p. 148-65. — *THAT*, v. 1, p. 316-24.

E.A.M.

255 בָּנָה (*bānâ*) ***construir, edificar, reconstruir.***

Termos Derivados

255a בִּנְיָה (*binyâ*) ***estrutura, construção.***
255b בִּנְיָן (*binyān*) ***estrutura.***
255c מִבְנֶה (*mibneh*) ***estrutura.***
255d תַּבְנִית (*tabnit*) ***modelo, planta.***

bānâ como construção refere-se a casas, cidades, torres, altares, *etc.* e, idiomaticamente, a crescer em termos de descendência (Gn 16.2). *bānâ* ocorre 376 vezes nos graus qal e nifal.

Seus sinônimos são *kûn*, "estabelecer" (2 Sm 7.13; Sl 89.4[5]), e *'āsâ*, "fazer". Um antônimo do termo é *hārats*, "destruir" (Jr 1.10; Sl 28.5).

O significado teológico do verbo *bānâ* pode ser percebido quando se considera o uso do verbo tendo em primeiro lugar Deus como sujeito e depois o homem.

1) Deus como Construtor. YHWH é apresentado nas Escrituras como o grande construtor tanto da ordem criada como da ordem histórica. A palavra é usada metaforicamente com relação ao seu ato final na criação em favor do bem do homem quando ele "construiu" a costela que havia tirado de Adão, tornando-a uma mulher (Gn 2.22). Em outros textos, os poetas bíblicos descrevem o universo ordenado como uma construção que YHWH planejou e edificou (Am 9.6; *cf.* Sl 104.2, 3).

YHWH, o sábio, poderoso e bom arquiteto da ordem criada, é também o senhor soberano e moral, edificador da história temporal. Sua soberania sobre a história é vista na predição de Josué de que custaria a um homem o seu primogênito para reconstruir Jericó (Js 7.26); Hiel, o betelita, cumpriu esta terrível predição 800 anos depois (1 Rs 16.34). Como planejador da história, destrói os feitos dos ímpios enquanto constrói seu próprio reino. Com respeito à sua soberania em destruir as obras dos ímpios, Jó afirma: "Com Deus está a sabedoria e a força; ele tem conselho e entendimento. O que ele deitar abaixo não se reedificará" (Jó 12.13, 14a). Por causa de sua perfeição justa o salmista previu: "E visto que não atentam (os ímpios) para os feitos do SENHOR, nem para o que as suas mãos fazem, ele os derrubará e não os reedificará" (Sl 28.5). Na ocasião de seu julgamento ele destruirá as cidades dos ímpios de maneira que nunca serão reconstruídas. Este foi o destino dos cananeus (Dt 13.16[17]) e de Tiro (Ez 26.14). Em uma doxologia, Isaías exclamou: "Ó SENHOR, tu és o meu Deus; exaltar-te-ei a ti, e louvarei o teu nome [...]; a fortaleza dos estranhos já não é cidade, e jamais será reedificada" (Is 25.1, 2). Em uma palavra, aquilo que é edificado pela injustiça é instável e cairá. Até mesmo Jerusalém ficará em ruínas porque os seus líderes construíram Sião com o derramamento de sangue e Jerusalém com violência e injustiça (Mq 3.10), e Jeoaquim será sepultado como um jumento teimoso porque construiu para si mesmo uma casa ampla por meio da iniqüidade e da injustiça (Jr 22.13-19; *cf.* Hc 2.12). YHWH sujeitou sua cidade escolhida ao mesmo destino que infligiu aos cananeus, dando as casas novas da cidade ao inimigo antes que Israel as tivesse ocupado (Dt 28.30; Sf 1.13). Embora as nações, como Edom, possam resolver ser edificadas em oposição a Deus e aos seus decretos, elas não irão adiante (Ml 1.4).

Outros textos, porém, afirmam a sua soberania em conformidade com seus propósitos justos em edificar seu reino por meio de seus eleitos. Ele também prometeu edificar a Jeroboão I uma casa permanente se o rei guardasse os estatutos de YHWH (1 Rs 11.38). Diferentemente de Davi, porém, Jeroboão I fracassou em agir como um verdadeiro servo de YHWH.

Além de edificar as casas de seus sacerdotes e reis fiéis, ele é também o grande edificador de Sião e do templo. Até mesmo nos dias de Moisés, ele dera instruções de como seus altares deveriam ser construídos (Êx 20.25; Dt 27.5). Na época de ouro do reino unido de Israel, ele escolheu a ocasião, o local e a pessoa para construir sua casa (1 Rs 8.16-20). Davi prometeu a Salomão que, com a bênção de YHWH, ele garantiria o material e a habilidade necessários para a construção do templo (1 Cr 22.11; 2 Cr 2.7 e ss.). Assim

cumpriu sua promessa quando fundou a nação com o propósito de escolher um local para o seu nome (Dt 12.5). Uma quantidade extraordinária de instrução detalhada é dada a respeito da construção destas estruturas das quais YHWH se agrada (*cf.* 1 Rs 6; Ez 40; Ne 3).

Além disso, embora castigue a casa de Davi e Sião, abalando-as por certo tempo, mesmo assim seu propósito de trazer salvação não pode ser frustrado para sempre.

Desde que o uso que Jeremias faz, combinando "edificar e plantar", segue um ato destrutivo de julgamento de Deus, tal uso ilustra o fato de que Deus, em sua graça, "edifica novamente" (Jr 1.10; 18.7-10; 42.10). A promessa de YHWH ao povo destinado ao exílio é impressionante: "Ainda te edificarei, e serás edificada, ó virgem de Israel" (Jr 31.4; *cf.* 24.6; 33.7). No uso metafórico, desta dupla de palavras, YHWH sempre é o sujeito; e em Jeremias, o objeto, quando aparece, é sempre um grupo de pessoas, principalmente Israel. Tal dupla de palavras tem relação com a mensagem de salvação e enfatiza a iniciativa de YHWH bem como sua solicitude. Assim, Deus chamou Ciro para reconstruir o templo (2 Cr 36.23; Ed 1.2-4) e prometeu reconstruir a casa de Davi (Am 9.11). Talvez como indicação de sua intenção de usar Israel para trazer salvação universal, usou os fenícios para construir o primeiro templo e o incircunciso Ciro na reconstrução do segundo.

Porque Deus é soberano sobre todas as coisas, é loucura edificar algo sem a sua bênção. "Se o SENHOR não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam" (Sl 127.1). Todas as casas e cidades estão à disposição dele, como ele mostrou quando prometeu dar aos seus escolhidos cidades e casas que eles não tivessem construído (Dt 6.10 e s.; Js 24.13) e ameaçou destruir as cidades dos apóstatas (Dt 13.16[17]). Os equipamentos de segurança e as fortalezas não têm valor algum longe de Deus (Pv 15.25; *cf.* 21.22[27]). Davi dependeu de Deus adequadamente para edificar os muros de Jerusalém (Sl 51.18[20]).

2) O homem como Construtor. As estruturas construídas pelo homem são julgadas por Deus como boas ou más de acordo com sua conformidade com o caráter e propósito divinos. Por isso ele aceitou os altares edificados por Noé (Gn 8.20), pelos patriarcas (12.7, 8; 13.8,18; 22.9; 26.25; 35.7), por Moisés (Êx 17.15; 24.4) e por Josué (Js 8.30). Em contraste, Deus rejeitou os altos e os altares aos deuses estranhos construídos por Arão (Êx 32.5), Salomão (1 Rs 11.7), Roboão (1 Rs 14.23), *etc.*

As cidades, objeto mais freqüente de *bānâ*, também precisam ser avaliadas pelos mesmos critérios. Assim Deus alegra-se nos cânticos sobre Sião (Sl 122.3), mas não encontra deleite na cidade construída por Caim (Gn 4.17) nem na Nínive da Assíria (Gn 10.11). Embora Tiro fosse famosa por sua beleza confirmada por seus hábeis artífices (Ez 27.3 e ss.), foi destruída por causa de seu pecado (27.26 e ss.). A mesma sina caiu sobre Samaria, ainda que tivesse casas de pedras lavradas (Am 5.1; *cf.* Is 9.10[9]) e ornamentadas com marfim (1 Rs 22.39; Am 3.15).

A atividade de construção está freqüentemente associada com a ação salvadora de Deus. Sob a bênção de Deus Salomão não apenas edificou Sião mas também construiu cidades-armazéns e cidades fortificadas (2 Cr 8.5). Ezequiel antecipou o dia em que Israel novamente construiria casas (Ez 28.26; 36.10, 33, 36), e o salmista conclama os céus e a terra para que louvem a Deus porque os seus servos iriam novamente construir as cidades de Judá (Sl 69.35[36]). O leitor regozija-se com os cantores da época de Neemias, os quais contruíram para si aldeias nos arredores de Jerusalém (Ne 12.29).

As casas tornaram-se importantes na história de Israel quando o povo passou a ter uma vida sedentária. A primeira notícia de que Jacó edificou uma casa e fez palhoças para seu gado aparece depois de sua volta de Padã-Arã e de sua separação de seu irmão

Esaú (Gn 32.17). Antecipando o fato de que se estabeleceriam na terra, Moisés instruiu o povo para que fizesse um parapeito em seus terraços para que ninguém pudesse cair de lá (Dt 22.8); ele permitia que deixasse o serviço militar o homem que ainda não tivesse consagrado sua nova casa (Dt 20.5).

A palavra também é usada para se referir a uma mulher que edificava uma família, cuidando dos filhos. Raquel e Lia são mencionadas na bênção de casamento como tendo edificado a casa de Israel (Rt 4.11). O casamento por levirato foi instituído para que a "casa", ou seja, a família pudesse ser edificada (Dt 25.9).

tabnît. ***Projeto, plano, forma, imagem, semelhança.*** *tabnît* ocorre 20 vezes no AT.

Os sinônimos de *tabnît* não são facilmente diferenciáveis entre si. *t'munâ*, que vem da raiz *mîn*, "espécie", sugere "semelhança", "representação" (Nm 12.8). *d'mût*, da raiz *damâ*, "parecer", é usado no sentido de "cópia", "semelhança" ou "imagem". *tô'ar* refere-se a uma "forma atraente" (Gn 29.17; Jr 11.16). Onde *tabnît* se refere a estruturas, o termo é mais bem entendido como "planta", *e.g.*, Davi deu a Salomão *tabnît* ("especificações", "modelos") para os itens do templo (1 Cr 28.11,19). Em outros contextos *tabnît* é mais bem traduzido por "semelhança" e não é necessariamente diferente de *t'munâ* (Dt 4.16-18; *cf.* Êx 20.4).

O tabernáculo e sua mobília deveriam ser feitos de acordo com o *tabnît* (modelo) que Deus havia mostrado a Moisés no monte (Êx 25.9, 40). As especificações para o tabernáculo, a arca da aliança, a mesa dos pães da proposição, *etc.* incluíam dimensões, material, forma e até mesmo cores (Êx 26.1), ainda que nem sempre fossem dadas as medidas (*cf.* candelabro, Êx 25.31).

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 166-80. — *THAT*, v. 1, p. 325-6.

B.K.W.

256 בנה (*bnt*). **Aceita como raiz de:**

256a †אֵבְנֵט (*'abnēṭ*) ***cinto.***

A palavra denota o cinto do sumo sacerdote, dos sacerdotes comuns e dos altos oficiais. Há nove ocorrências deste termo no AT: todas, exceto uma (Is 22.21), são encontradas em Êxodo e Levítico. O *'abnēṭ* era um cinto usado pelo sumo sacerdote e seus assistentes. Era feito de linho bordado nas cores azul, púrpura e carmesim (Êx 28.4, 39, 40). Era usado igualmente por altos oficiais (Is 22.21). *'abnēṭ* é uma das cinco palavras do AT traduzidas por "cinto". Há apenas outra que se refere ao aparato sacerdotal. Josefo apresenta alguns detalhes do cinto, conforme usado em sua época. Envolvia o peito e, depois de algumas voltas, era amarrado e ficava então pendente até o tornozelo. Assim era o cinto que o sumo sacerdote usava quando atuava no serviço religioso. Enquanto oferecia sacrifícios, para ter maior liberdade de movimento, lançava o cinto do lado esquerdo, colocando-o por sobre o ombro (JOSEFO, *Ant* 3.7.2). Alguns eruditos do AT acreditam que o cinto era uma estola solta bem tecida. Ainda que Deuteronômio 22.11 proibisse explicitamente a mistura de lã e linho em uma veste, isto era permitido neste caso, pelo menos no caso da lã bordada, embora Êxodo 39.2*a* o chame de cinto de linho. O cinto era parte comum das vestes dos sacerdotes. O "cinto da estola sacerdotal" (*hesheb ha'ēpôd*) era especialmente bordado, sendo vestido pelo sumo sacerdote.

Bibliografia: LEVIN, Moshe, *Melekhet hammishkhan* (em hebraico), Tel Aviv, 1968. — WRIGHT, G. E., Israelite Daily Life, *BA*, 18:50-79.

C.L.F.

בִּנְיָה (*binyâ*). Veja o n.º 255a.

בִּנְיָמִין (*binyamîn*). Veja o n.º 254a.

בִּנְיָן (*binyân*). Veja o n.º 255b.

257 בסר (*bsr*). **Aceita como raiz de:**

257a בֹּסֶר (*bôser*) ***uvas verdes ou azedas.***

258 בעד (*b'd*). **Aceita como raiz de:**

258a בַּעֲד (*ba'ad*) ***atrás, através, em volta de, a favor de.***

Usado principalmente como preposição, *ba'ad* é teologicamente significativo. *ba'ad* ocorre a princípio em contextos de súplica, "a favor de" (*ba'ad*) alguém. O povo pede um líder espiritual para que ore (normalmente o hitpael de *pālal*) a favor deles, *e.g.*, Faraó pedindo a Moisés (Êx 8.28[24]); o povo a Samuel (1 Sm 12.19); Ezequias a Isaías (2 Rs 19.4); indivíduos representativos a Jeremias (Jr 21.2; 42.2). Declarações também são feitas com respeito a líderes espirituais de que eles já intercederam ou ainda intercederão, *e.g.*, Abraão (Gn 29.7) e Moisés (Nm 21.7; Dt 9.20). Jeremias recebe a ordem de não orar a favor (*ba'ad*) do povo (Jr 7.16; 11.14). A preposição enfatiza sempre a função mediadora dos líderes, entre os quais os profetas, na questão da intercessão.

As instruções dadas aos sacerdotes contêm a expressão "façam propiciação por (*ba'ad*)". Arão recebe a instrução de fazer propiciação (*kāpar*, *q.v.*) por si mesmo e por sua casa (Lv 9.7). No templo descrito por Ezequiel, as ofertas pelo pecado devem ser observadas "para fazer propiciação pelo" (*ba'ad*) povo (Ez 45.17, 22). As descrições do ritual do Dia do Perdão repetiam a mesma expressão (Lv 16.6, 11, 17, 24). Talvez seja presunçoso argumentar meramente a partir de *ba'ad* que o sacrifício deve ser entendido como substitutivo. Todo o ritual precisa ser levado em conta. É dito também sobre a oração como algo que "faz propiciação pelo pecado" (Êx 32.30). Contudo, não pode haver dúvida de que o sacrifício, o sacrifício supremo de Cristo, é "pelo benefício" e "a favor" de outros.

Os usos não teológicos do termo têm a idéia de: longe de, atrás, da parte de ou através, conforme o contexto apropriado.

E.A.M.

בִּעוּתִים (*bi'ûtîm*). Veja o n.º 265b.

259 בָּעָה (*bā'â*) ***buscar, crescer.***

bā'â sugere uma busca por algo que está oculto ou selado (Is 21.12; Ob 6). Pode também sugerir a idéia de um aumentar da água que ferve (Is 64.2) ou de uma protuberância de um muro (ARA — "barriga" — Is 30.13). Tem os mesmos dois sentidos no árabe.

E.A.M.

260 בעז (*b'z*) **Aceita como raiz de:**

260a בֹּעַז (*bō'az*) ***I, Boaz.***

Rico dono de terras de Belém que aparece de maneira proeminente no livro de Rute (Rt 2.1-3). Através de sua atitude bondosa para com a viúva Rute, Boaz é um exemplo de justiça da qual tanto fala a Bíblia (*e.g.*, Dt 27.19). Visto que Boaz funciona como parente resgatador (*gō'ēl*, *q.v.*) sua atitude tem sido vista como que apontando para Cristo, o redentor da humanidade. Como bisavô de Davi, Boaz é mencionado nas genealogias (1 Cr 2.12), até mesmo nas genealogias de Cristo (Mt 1.5; Lc 3.32).

Boaz era também o nome de uma das duas grandes colunas laterais da entrada do templo de Salomão. Boaz ficava ao norte; a outra coluna (*yākîn*) ficava ao sul (1 Rs 7.15-21). A maioria dos estudiosos acredita que elas tinham função puramente ornamental e simbólica. Todavia, W. F. Albright acredita que elas fossem enormes recipientes de incenso (*Archaelogy and the religion of Israel*, 1949, p. 138-48). Outros sustentam que elas simbolizavam a presença de Deus ou que, juntamente com o capitel, simbolizavam o senhorio de Iavé sobre os elementos naturais (terra e água). R. B. Y. Scott observa adequadamente que, desde que o rei "ficava junto à coluna" em ocasiões importantes (2 Rs 11.14; 23.3), as inscrições podem ter significado dinástico. Boaz pode lembrar: "Na força (*b'ōz*) de Iavé, o rei se alegra" (Sl 21.1[2]; *JBL*, 58:143 e ss.). Jean Quellette, porém, argumentou recentemente que as colunas não ficavam ali por acaso, mas tinham um valor funcional. (The basic structure of Solomon's temple and archaelogical research, in *The temple of Solomon*, ed. Joseph Gutmann, Scholars Press, 1976.) Veja também USSISHKIN, D., King Solomon's palaces, *BA*, 36:84-8. Veja BUSINK T. A., *Der Tempel von Jerusalem*, Leiden, 1970, p. 312 e s. no que toca a um panorama adequado da vasta literatura acadêmica sobre o assunto.

E.A.M.

261 בְּעָט (*bā'aṭ*) ***chutar.***

בְּעִיר (*b'ir*). Veja o n.º 264a.

262 בָּעַל (*bā'al*) ***possuir, ter, governar, casar-se, dominar.***

Termos Derivados

262a בַּעַל (*ba'al*) ***dono, marido, Baal.***

262b בַּעֲלָה (*ba'ălâ*) ***dona, possuidora.***

262c בֵּל (*bēl*) ***Bel.***

O verbo com os seus derivados, não contando o seu uso em termos compostos ou como nomes próprios, ocorre mais de 100 vezes. Alguém pode possuir (*bā'al*) uma casa (Êx 22.7), ou governar (*bā'al*) um território (*cf.* 1 Cr 4.22). Um homem pode tomar (*lāqaḥ*) uma mulher e casar-se (*bā'al*) com ela (Dt 24.1).

Focalizar o verbo *bā'al* do ponto de vista teológico leva-nos a um exame da terminologia matrimonial empregada por Deus ao definir o seu relacionamento com seu povo. "Porque o teu Criador é o teu marido; o SENHOR dos Exércitos é o seu nome" (Is 54.5 e ss.). Em Jeremias o relacionamento matrimonial existente torna-se motivo de arrependimento: "Porque eu o sou o vosso esposo" (Jr 3.14). Exatamente na conhecida passagem sobre a nova aliança, a aliança anterior é descrita como tendo sido quebrada, situação que é a mais séria e chocante por "eu os haver desposado (*ba'al*), diz o SENHOR" (Jr 31.32; cf. Ml 2.11).

Os deleites futuros que Deus terá com seu povo redimido são enfatizados em Isaías, onde a elite da terra se casará (*bā'al*, nifal), obviamente com YHWH. O nome da terra Beulá (particípio passivo de *bā'al*) significa tanto a intimidade como a alegria de YHWH com relação à terra (*'ereṣ*, q.v.; Is 62.4). O pano de fundo que tal termo propicia no NT ao conceito de Cristo como noivo ou marido de seu povo, a igreja, é óbvio (*cf.* Ef 5.21 e s.). De qualquer modo não se pode deixar de lado o vínculo de aliança próxima que esta metáfora sugere, não somente de amor mas também de lealdade entre Deus e seu povo.

ba'al. ***Senhor, possuidor, marido, Baal.*** O ugarítico tambem tem o duplo sentido de senhor e do nome de uma divindade. A raiz, na maioria das línguas semíticas, quer dizer ou "senhor" ou, quando seguida de um genitivo, "dono".

Além de *ba'al* ter o sentido de possuidor de coisas, tal substantivo no plural é usado para se referir aos cidadãos (*ba'alîm*) de uma cidade (Js 24.11). Ex: Juízes 9, onde o substantivo ocorre 16 vezes, o termo é normalmente traduzido por homens ou cidadãos. *ba'al* pode-se referir a um parceiro ou aliado (Gn 14.13). Idiomaticamente, *ba'al* como senhor de algo caracteriza o indivíduo (*e.g.*, *ba'al* de ira, Pv 22.24; de apetite, Pv 23.2; de sonhos, Gn 37.19) ou identifica a ocupação (*e.g.*, capitão da guarda, *ba'al* da guarda, Jr 37.13).

Além de aparecer nos nomes compostos do povo e de lugares (*e.g.*, Jerubaal, Jz 9.16; Baal-Zefom, Êx 14.2), *ba'al* é o nome de um grande deus ativo no panteão cananeu e tem outras conotações religiosas.

O deus Baal encontrado no AT é o deus semítico ocidental da tempestade, *bʿl* (sing.) e *bʿlm* (pl.), verificado em textos egípcios (do século XIV a.C. em diante), nas cartas de Tell Amarna (século XIV a.C.), nas tábuas de Alalakh (século XV a.C.), nos textos ugaríticos (século XIV a.C.), nos nomes próprios amorreus de Mari, Tell al-Rimah e Chagar Bazar e, posteriormente, em textos fenícios e púnicos. Tanto na Bíblia como fora dela o nome aparece ou no absoluto ou no construto com nomes de locais (*e.g.*, Baal-Peor (Nm 25.3, 5), Baal-Berite (Jz 9.40), Baal-Zebube (2 Rs 1.2). (Baal-Zebube, "senhor das moscas", é uma paródia de seu nome encontrado em outros textos, *bʿl zbl*, "Príncipe Baal".) Estes nomes não denotam vários deuses com o epíteto "senhor", mas venerações locais da mesma divindade semítica ocidental da tempestade e da fertilidade conhecida simplesmente por Baal, "Senhor".

Os eruditos costumavam pensar que a forma plural com o artigo, "os Baalim", denotasse divindades locais distintas; contudo, a forma plural do nome ocorre fora da Bíblia e a menção de "amantes" e "estrangeiros" (Jr 2.25) sugere outro uso do plural diferente do plural de número. O artigo ocorre com freqüência no hebraico com nomes próprios cujo sentido é claro.

Visto que os autores bíblicos não tinham a intenção de ensinar a religião cananéia, sabemos mais a respeito do papel, das consortes e do culto de Baal a partir da literatura

extrabíblica do que do AT; todavia, a figura de Baal apresentada no AT está bem de acordo com as fontes extrabíblicas.

Ele também foi chamado Haddu (=Hadade). Está acima de todo deus da tempestade que dá a chuva suave que faz renascer a vegetação. Os anos secos eram atribuídos ao seu cativeiro temporário ou até mesmo à sua morte. No entanto, em sua revivificação, campos, rebanhos e famílias tornavam-se produtivos. Além disso, ele é um deus da guerra e uma divindade da fertilidade que se une a Anate (mais tarde igualada a Astarte). Tanto pelo recitar do mito de seu papel de trazer de volta a vida na festa outonal do ano novo como pelo ritual mágico do casamento sagrado, representado no culto pelo rei, a rainha e uma sacerdotisa, os semitas ocidentais esperavam assegurar a fertilidade da terra. [Este ritual é atestado na Babilônia, mas não de modo claro em Canaã (*cf.* H. FRANKFORT, *Kingship and the Gods*, também *cf.* KITCHEN, K. A., *Ancient Orient and the OT.*, Inter-Varsity, 1966, p. 104). Deve ser observado que a identificação de Baal, deus que morre e renasce todo ano, com o Tamuz babilônico, sofreu modificações recentemente. Tábuas sumérias recentes publicadas por S. Kramer mostram que Tamuz morria de uma vez por todas, e C. H. Gordon argumentou que Baal também não passava por uma morte e ressurreição anual. Veja toda a discussão com referências em E. M. YAMAUCHI, Tammuz and the Bible, *JBL*, 84:283-90. R.L.H.] Objetos cúlticos arqueológicos com características sexuais exageradas, bem como os próprios mitos, confirmam os dados do AT a respeito das atividades degradadas moralmente associadas com o culto.

Por todo o período dos juízes, Israel sucumbiu a este culto contagioso (Jz 2.11 e ss.; 6.25) e tinha de ser resgatado de suas conseqüências trágicas pelos juízos de Javé. Durante o período da dinastia de Onri, a adoração de Baal tornou-se a religião oficial do estado no reino do norte (1 Rs 16.31). Leah Bronner argumentou de modo convincente que os milagres de Israel feitos por Elias e Eliseu serviram de polêmica em favor de Deus contra os mesmos poderes atribuídos a esta divindade pagã da natureza, ou seja, fogo (1 Rs 18.17 e ss.; 2 Rs 1.9-16), chuva (1 Rs 17.1; 18.41-46), alimento (1 Rs 17.1-6, 8-16; 2 Rs 4.1 e ss.); crianças (2 Rs 4.14-17); revivificação (1 Rs 17.17-23; 2 Rs 4.18-37; 13.20-22 (*The stories of Elijah and Elisha as polemics against Baal worship*, Leiden, 1968). Todavia, seus milagres não livraram a terra do culto degradado e trouxeram o cativeiro do reino do norte (Oséias).

O culto também infiltrou-se no reino do sul (2 Rs 11.18; 21.2 e ss.), e, apesar da reforma de Josias (2 Rs 23.4 e ss.), foi levada a nação ao exílio (Ez 16.23, *etc.*).

O discurso de Oséias descreve como Israel, que recebeu as bênçãos do cereal e do óleo da parte de YHWH, usou tais coisas para a adoração de Baal (Os 2.8[10]). O capítulo, com razão, começa a usar o termo *ba'al*, não somente para mencionar o(s) deus(es) cananeu(s) (*e.g.*, Os 2.8[10]; 2.13[15]; e 2.17[19]), mas também no uso figurado comum de Deus como marido de Israel. Israel chamará o Senhor seu marido (*'îsh*, Os 2.16[18]; *cf.* 2.2[4]; 2.7[9]) e não mais o chamará, aparentemente junto com a lista de outros deuses, meu Baal (*ba'ál*).

A supremacia de Deus sobre Baal é constantemente afirmada. Todavia a preocupação humana desde aquela época até o presente é antes com sexo e tecnologia do que com a devoção devida ao Deus poderoso da história, que também é o Deus da aliança.

B.K.W.

ba'ālâ. ***Dona, possuidora.*** Usado muito pouco, *ba'ălâ* significa dona de alguma coisa (**e.g., casa.** 1 Rs 17.17). Como *ba'al*, o termo é usado para caracterizar uma pessoa (*e.g.*,

encantadora; *lit.*, "possuidora de encantos". Na 3.4; *cf.* 1 Sm 28.7). Em contraste com *ba'al*, *ba'ălâ* não é usada no AT para se referir a uma deusa, exceto no caso da forma feminina que aparece nos nomes de localidades (*e.g.*, Js 15.9).

bel. ***Bel.*** Nome de um antigo deus do céu babilônico, talvez correlato do deus sumério Enlil, que posteriormente foi unificado com Marduque. Bel ("senhor"; *cf.* o hebraico *ba'al*) foi então acrescentado como título a Marduque. Bel, a divindade patrona da Babilônia, é incorporada a nomes como Belsazar (Dn 5.1). A forma babilônica do nome deve-se à perda das laringais na língua acadiana.

Bel, a forma babilônica, é mencionado somente três vezes em dois profetas. A despeito das repetidas declarações de que não existiam outros deuses além de YHWH, o AT menciona as divindades pagãs para contrastar certos aspectos de Javé (*cf.* I Co 8.5, 6).

Isaías, bastante polêmico contra os deuses e ídolos pagãos em geral (*cf.* Is 40.18 e ss.; 41.20 e *ss.*; 45.20), dá os nomes de Bel e Nebo, ambos divindades babilônicas, e descreve-os como incapazes de salvar suas próprias estátuas na hora da calamidade.

Em uma passagem que distingue mais claramente um deus e sua representação por uma imagem, o autor contrasta os deuses cujas estátuas precisam *ser levadas* com o Deus que *leva* o seu povo (Is 46.1 e ss.). A discussão concernente às divindades pagãs enfatiza o contraste com YHWH. A declaração sobre a derrota de Bel abre o oráculo de Jeremias (Jr 50.2; *cf.* 51.44) e acentua outro tema relativo às divindades pagãs. Aqui e em outras partes o AT insiste em que nenhuma divindade pagã pode concorrer com YHWH, e que YHWH é Deus supremo e completo.

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., The north-canaanite poems of Al'eyan Ba'al and the "Gracious Gods", *JPOS*, 14:101-40. — _____, *Yahweh and the gods of Canaan*, Doubleday, 1968. — AP-THOMAS, D. R., Elijah on Mount Carmel, *PEQ*, 92:146-55. — BRONNER, Leah, *The stories of Elijah and Elisha as polemics against Baal worship*, Leiden, 1968. — CASSUTO, U., Ba'al and Mot in the texts of Ugarit, *BJPES*, 9:45-51. — _____, Baal and Mot in Ugaritic texts, *Israel Exploration Journal*, 12:77-86. — _____, The death of Ba'al: table I *AB from Ras-Shamra, *Tarbiz*, 12:169-80. — DIESSARD, R., Le vrai nom de Ba'al, *Rev Hist Rel*, 113:5-20. — EISSFELDT, O., Ba'alsnamen in Jahwe, *ZAW*, 16:1-31. — MENDELSOHN, I., The family in the Ancient Near East, *BA*, 11:24-40. — MORGENSTERN, Julian, The book of the covenant, II, *HUCA*, 7:19-258. — _____, Beena marriage (matriarchate) in ancient Israel and its historical implications, *ZAW*, 47: 91-110. — OLDENBURG, Ulf, *The conflict between El and Baal in Canaanite religion*, Brill, 1969. — PFEIFFER, C. F., *Ras Shamra and the Bible*, Baker, 1962. — RAINEY, Anson F., Family relationships in Ugaritic, *Or*, 34:10-22. — RICHARDSON, *FSB*, p. 138-40. Worden, T., The literary influence of the Ugaritic fertility myth on the Old Testament, *VT*, 3:273-97. — YAMAUCHI, E. M., Tammuz and the Bible, *JBL*, 84:283-90. — YARON, Reuven, Aramaic marriage contracts from Elephantine, *JSS*, 3:1-39. — *TDOT*, v. 2, p. 181-200. — *THAT*, v. 1, p. 325-7.

E.A.M.

263 בָּעַר (*bā'ar*) ***I, queimar, consumir, acender.***

Termo Derivado

263a בְּעֵרָה (*b'ērâ*) ***fogo.***

Das várias palavras hebraicas traduzidas por "queimar" duas são mais freqüentemente usadas de modo figurado. Trata-se de *bā'ar* e *hārâ*. As outras, tais como *śārap*, *yāqad* e *yātsat*, têm que ver, a princípio, com o sentido literal de queimar, enquanto as duas primeiras são normalmente utilizadas para descrever ira, paixão, intriga, *etc*. *hārâ* é usada quase somente com o sentido de ira, enquanto *bā'ar* enfatiza as qualidades de consumir e de espalhar-se do fogo, especialmente no contexto religioso.

Nos graus derivados (piel, pual e hifil), a raiz é normalmente usada de modo literal. Como se poderia esperar destes graus, a ênfase cai sobre "fazer queimar", ou atear fogo (*e.g.*, Êx 22.6[5]). Quase todos eles, porém, são casos especiais e têm que ver com o queimar cerimonial. Por isso os sacerdotes recebem o mandamento de queimar lenha no altar continuamente (Lv 6.12[5]; Ne 10.35); as lâmpadas no santuário devem ser acesas todas as vezes (2 Cr 4.20; 13.11). Os protótipos de todos estes casos são as teofanias em que as aparições do Senhor estão associadas com a sarça permanentemente ardente (Êx 3.2, 3) e o monte Sinai em fogo (Dt 4.11; 5.23; 9.15), sendo que ambos parecem representar o próprio caráter do Deus justo e purificador (2 Sm 22.9; Is 10.17; Ez 1.13; *cf.* também Is 33.14; Hb 12.29). Assim *bā'ar* é usado juntamente com "fogo" quando é um instrumento de Deus para consumir o ímpio (Nm 11.1; Is 1.31; 9.18[17]). Ser alguém de natureza alienada para com Deus é ser como uma palha seca diante de uma chama (Is 10.17). Esta, prometeu o profeta, seria a experiência do Israel rebelde diante de um Deus santo (Is 30.27; Jr 7.20; Sl 83.14[15]; *etc.*).

A palavra também é usada para descrever emoções intensas (Sl 39.3[4]; Jr 20.9).

b'ērâ. ***Fogo.*** Aparece uma só vez em Êx 22.6[5], onde é usado como acusativo cognato com *bā'ar*, "aquele que acendeu o fogo".

264 בָּעַר (*bā'ar*) ***II, ser selvagem.*** (Verbo denominativo)

Substantivos de Origem

264a †בְּעִיר (*b'îr*) ***besta, gado, animais.***

264b †בַּעַר (*ba'ar*) ***pessoa irracional.***

As formas verbais desta raiz bem podem ser denominativas a partir da forma substantiva "besta". Por outro lado, é uma tentação ver uma ligação entre a palavra e o piel de *ba'ar*, "pastar". Contudo, tal ligação deve permanecer muito tênue. A raiz parece contrastar a capacidade humana de raciocinar e entender com a incapacidade dos animais para assim proceder (Pv 30.2).

b'îr. ***Bestas, gado, animais.*** O termo não parece enfatizar o aspecto irracional dos animais, mas dá a idéia de ser simplesmente um sinônimo de *b'hēmâ* ou *miqneh*.

ba'ar. ***Pessoa irracional.*** Ocorre cinco vezes em Salmos e Provérbios. Tal pessoa é alguem que se recusa com teimosia a aceitar a graça de Deus (Sl 73.22). O uso da figura em Provérbios 30.2 mostra a humilhação de Agur.

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 201-4.

J.N.O.

264.1 *בער (bā'ar) ***III, afastar, tirar, alimentar-se de, desperdiçar.***

Esta raiz ocorre 27 vezes, duas no hifil e o restante no piel. Outros lexicógrafos (*cf. KB, GB, BDB*) admitem que a idéia da raiz é derivada de seu sentido "queimar". Tal derivação é facilmente entendida, especialmente visto que *bā'ar*, "queimar", parece enfatizar o aspecto consumidor do fogo. Todavia, os estudos mais recentes sustentam uma raiz distinta, especialmente pelo fato de *bā'ar*, "queimar", ter o piel com o sentido de "acender, atear fogo".

O uso mais comum da palavra tem que ver com o mal ou a influencia má que se remove da terra (20 vezes, 10 das quais estão em Deuteronômio). Se alguém cometeu algum pecado flagrante (idolatria, homicídio, fornicação, prostituição, adultério, escravização de hebreus), não só ele deve ser executado, mas por meio de sua morte o mal que já se manifesta precisa ser tirado (Dt 13.1-5[2-6]; 2 Sm 4.1; 1 Rs 14.10, *etc.*). A necessidade disto é vista posteriormente na provisao feita para eliminar o mal quando é encontrado um corpo e o assassino não e conhecido (Dt 21.1-9). O mal não pode ser deixado de lado. Tem de ser tratado, e em termos de vida e morte.

J.N.O.

265 *בעת (bā'at) ***ser tomado de súbito terror, aterrorizar.*** (Apenas no nifal e no piel)

Termos Derivados

265a בְּעָתָה (b'ātâ) ***terror, medo, aflição.***

265b בִּעוּתִים (bi'ûtim) ***terrores, situações de alarme ocasionadas por Deus.***

Metade das ocorrências (das 15) encontra-se na literatura poética. Dois sinônimos do termo são *pāhad*, "tremer", e *hātat*, "estar cheio de terror". *bā'at* é a palavra mais próxima de *hātat*, ainda que seja possível traduzir *bā'at* por um termo mais forte como aterrorizar" (*cf.* Et 7.6; Jó 13.11; 15.24).

Embora os homens possam ser a causa do terror (*e.g.*, Et 7.6; cf. Jó 13.11), é principalmente Iave quem proporciona terror. Davi fica aterrorizado (*ba'at*) quando confrontado com o anjo que traz uma espada (1 Cr 21.30). Saul ficou aterrorizado (*bo'at*) por um espírito mal da parte de Iave (1 Sm 16.14). As visões, tidas como da parte de Deus, trazem terror, conforme demonstrado no relato de Elifaz (Jó 4.14 e ss.) e no comentário de Jó (Jo 7.14).

A vinda de Deus, mesmo por meio do anjo Gabriel, traz terror ao coração de Daniel, de modo que este servo piedoso prostra-se com o rosto em terra (Dn 8.17). Esta experiência é útil para que se entenda o pano de fundo de Jó quando este faz a sua

queixa, pois Deus não o intimida (*bā'at*) com seu poder e terror (Jó 9.34; 13.21). O ímpio tem toda razão para ficar aterrorizado, pois ele levanta sua mão contra Deus (Jó 15.24 e ss.).

bā'at é a reação tanto do santo como do pecador que tem experiência com Javé. *bā'at* enfatiza a grandeza e o tremendo poder de Deus. Diante de tal Deus, a reverência e o assombro são, no mínimo, uma exigência.

E.A.M.

בֹּץ (*bōts*). Veja o n.º 268a.

בְּצָה (*bitstsā*). Veja o n.º 268b.

בְּצִר (*bātsīr*). Veja o n.º 270f.

266 בצל (*btsl*). **Aceita como raiz de:**

266a בְּצָל† (*bātsāl*) ***cebola*** (Nm 11.5)

267 בצע (*batsa'*) ***cortar, conseguir, adquirir, ser cobiçoso, ser avarento, terminar*** (piel).

Termo Derivado

267a בְּצַע† (*betsa'*) ***lucro.***

bātsa' e seu derivado aparecem 39 vezes no AT. Dalman argumentou que se trata de um termo técnico usado por tecelões para designar a ação de cortar um pedaço de pano sem auxílio de um tear, depois que o pano já foi tecido (*cf.* também KB). Isaías 38.12 sustenta esta idéia quando fala de Ezequias contemplando o fim de sua vida nestes termos. Jó (6.9) também pede que Deus lhe tire a vida. Isto explica o sentido do piel, "completar, terminar". Todavia, a conotação mais comum da raiz está baseada em um aspecto levemente distinto de "cortar". O sentido é cortar o que não pertence a alguém ou, na gíria de hoje, "enfiar a faca", isto é, ser cobiçoso, avarento.

Os usos derivados das línguas semíticas sugerem que "cortar", "tirar" eram os sentidos originais do termo.

betsa'. ***Lucro, ganho injusto, cobiça.*** Vantagem pessoal derivada de alguma atividade. Muito usado no sentido negativo, como no caso de alguém que pratica a extorsão e "tira" a sua parte dos lucros de um negócio nada legítimo. Em sete ocorrências (de um total de 23), a conotação negativa aparece menos. *E.g.*, Rúben questiona seus irmãos quanto ao "lucro" de matar José (Gn 37.26), e os amigos de Jó argumentam que não há *lucro* para Deus mesmo que Jó fosse inculpável (Jó 22.3), *etc.* Contudo, a predominância dos usos negativos indica que é muito fácil que a aquisição de bens pessoais se torne a principal motivação da vida de alguém, obscurecendo o dever, a honestidade e os direitos de outros.

Os contextos nos quais *bātsa'* e *betsa'* ocorrem enfatizam dois pontos importantes relativos à concupiscência do lucro pessoal. O primeiro é que esta é uma tentação especial para líderes, por isso os que mostram tal inclinação nesse sentido não estão qualificados para a liderança (Êx 18.21). O líder que sucumbe a esta tentação de usar sua posição a favor de seus próprios fins com certeza enganarão o povo (Ez 22.27). Por diversas vezes

no AT foi o desejo de lucro pessoal por parte dos líderes que levou Israel à ruína (*cf.* 1 Sm 8.3; Is 56.11; Jr 8.10; 22.17, *etc.*).

Em segundo lugar, o forte desejo pelo lucro pessoal está em contradição direta com a devoção altruísta devida a Deus (Sl 10.3; 119.36; Is 33.15) e vai inevitavelmente destruir a pessoa que sucumbe a ele (Pv 1.19; 15.27; Hc 2.9). Talvez seu resultado mais desastroso seja sua tendência de trazer insensibilidade diante da palavra de Deus (Ez 33.31).

Bibliografia: DALMAN, G. H., *Arbeit und Sitte in Palästina*, v. 5. p. 123f. — DELLING, G., πλεονέκτης, em *TDNT*, v. 6, p. 269f. — *TDOT*, v. 2, p. 205-8.

J.N.O.

268 בָּצַץ (*btsts*). **Aceita como raiz de:**

268a בֹּץ (*bōts*) ***lama*** (Jr 38.22).

268b בִּצָּה (*bitstsâ*) ***pântano*** (Jó 8.11; Ez 47.11).

269 בָּצַק (*bātsaq*) ***gastar-se.***

Termo Derivado

269a בָּצֵק (*bātsēq*) ***massa de farinha.***

bātsaq ocorre duas vezes (Dt 8.4[, Ne 9.21) em passagens paralelas, onde o cuidado de Deus pelos israelitas durante o período do deserto é relatado. A despeito de sua jornada, andando de um lugar a outro, os pés do povo não se gastaram, nem suas roupas e sandálias envelheceram (Dt 29.5[4]).

J.N.O.

270 בָּצַר (*bātsar*) ***reunir, restringir, tirar, cercar, fortificar.***

Termos Derivados

270a בֶּצֶר (*betser*) ***minério precioso.***

270b בָּצְרָה (*botsrâ*) ***cercado.***

270c בִּצָּרוֹן (*bitstsārôn*) ***fortaleza.***

270d בְּצֹרֶת (*batsōret*) **deficiência.**

270e בַּצֶּרֶת (*batstsārâ*) ***carestia, deficiência, destituição.***

270f בָּצִיר (*bātsîr*) ***vindima.***

270g מִבְצָר (*mibtsār*) ***fortificação.***

O *KB* sustenta que estão envolvidas aqui pelo menos três raízes homófonas, uma tem o sentido de "reunir", outra de "reduzir", "humilhar" (somente em Sl 76.12 — a *ARA* diz "quebrantar"), e ainda outra que aparece apenas no nifal e no piel, tem o sentido de

"inacessível", "impossível". Pode ainda haver uma quarta raiz, com o sentido de "testar, analisar", conforme o Ugarítico 2067:3 (*UT*, 19: n.° 500; *cf.* Jr 6.27).

Das 73 ocorrênciaas de *bātsar* e seus derivados, todas, exceto oito, têm que ver com a idéia de fortificação (ou macessibilidade). Destas oito, sete têm que ver com a colheita da uva. Em Jeremias 6.9; 49.9 e Obadias 5, é indicado que, quando Deus, em seu julgamento, reúne a colheita de Israel, sua vinha, não serão deixadas nem respigas (veja Dt 24.21).

Na maior parte das vezes, a expressão cidade "fortificada" (ou cercada) é utilizada como expressão de designação, indicando os locais de habitação maiores e mais importantes (*cf.* 2 Rs 17.9). Tais cidades eram muito importantes estrategicamente, desde que elas eram quase inatingíveis até o aperfeiçoamento das técnicas de sitiar uma cidade desenvolvidas pelos assírios (Jr 5.17). Este fato foi de significado especial para a conquista israelita (*cf.* Js 10.20, *etc.*).

Desde que as cidades fortificadas eram tão fortes, era uma grande tentação para os israelitas depositar a confiança nelas em vez de confiar em Deus. Por isso, os profetas, a duras penas, tentam mostrar a loucura de tal confiança (Is 17.3; Lm 2.5; Os 10.13. 14, *etc.*). Somente Deus é a fortaleza da humanidade (*cf.* Sl 27.1; *mā'ôz*).

Bibliografia: DAHOOD, M., *Ugaritic-Hebrew philology, Biblia et Orientalia*, XVII, Pontifical Biblical Institute, 1965, p. 53.

J.N.O.

בִּצָּרוֹן (*bitstsārôn*). Veja o n.° 270c.

בִּקְבֻּק (*baqbuq*). Veja o n.° 273a.

בְּקִיעַ (*b'qîa'*). Veja o n.° 271c.

271 בָּקַע (*bāqa'*) ***rachar, dividir, quebrar, dissolver, rasgar.***

Termos Derivados

271a בֶּקַע (*beqa'*) ***meio siclo.***

271b בִּקְעָה (*biq'â*) ***vale, planície.***

271c בְּקִיעַ (*b'qîa'*), בָּקִיעַ (*bākîa'*) ***fissura, brecha.***

Esta raiz com seus derivados aparecem 73 vezes no AT. Os termos cognatos são encontrados em ugarítico (*bq'*), em árabe (*faqa'a*) e em etíope. A idéia básica parece ser "uma limpeza exaustiva de material recalcitrante" (GREENFELD, HUCA). Como resultado da limpeza, o conteúdo pode "romper" (*cf.* Is 58.8, *etc.*), mas fica claro que este significado é secundário e não principal como é o caso com raízes como פצח (*pātsah*), ou פרץ (*pārats*).

bāqa' é usada em cinco situações, sendo que todas expressam a força da ação de rompimento. Destas, somente a primeira vê tal ação como vinda de dentro, como no caso do eclodir de ovos (Is 34.15; 59.5), do romper de odres de vinho (Js 9.4.13), da aurora que rasga os céus (Is 58.8; *cf.* a Insc. de Mesha 1.15), *etc.*

O segundo uso expressa a ação de cortar, que ocorre na vida diária como no caso do ato de rachar lenha (Gn 22.3; 1 Sm 6.14) ou de quebrar pedras (Sl 141.7).

Em terceiro lugar, a palavra é usada com referência ao fender-se da terra. Em todos os casos, exceto 1 Reis 1.40, onde este fender-se e atribuído ao barulho do júbilo por causa da coroação de Salomão, é visto como obra do Senhor (Nm 16.31, *etc.*). Duas referências aqui são de especial importância, visto que elas indicam que a terra se fenderá na volta do Senhor (Mq 1.4; Zc 14.4). A criação não poderá permanecer quando o Criador voltar em sua glória.

Em quarto lugar, *bāqa'* está associado com guerra e violência. É usado várias vezes para expressar a ação de tropas que invadem uma cidade, um acampamento ou um território (2 Rs 25.4; 2 Cr 21.17; Ez 30.16). Os resultados de tal conquista eram freqüentemente horríveis. Os cativos e as criancinhas eram muitas vezes atirados dos altos de maneira que eram "despedaçados" nas rochas abaixo (2 Rs 8.12; 2 Cr 25.12). As mulheres grávidas eram também "rasgadas" em muitos casos (2 Rs 15.16; Am 1.13, *etc.*).

O último uso está associado com a produção da água e com o fato de que por trás disso está a criação. Estas atividades criadoras têm um paralelo direto com os atos redentores de Deus a favor de Israel. Aquele que antes abriu fontes e ribeiros (Sl 74.15) também foi capaz de repeti-lo no deserto do Sinai (Sl 78.13; Is 48.21). Aquele por cujo conhecimento os grandes abismos se romperam (Pv 3.20) (e outra vez nos dias de Noé [Gn 7.11]) pôde novamente exercer o seu senhorio sobre as águas dividindo as águas do mar Vermelho a favor de seu povo (Êx 14.16; Is 63.12, *etc.*). Na epopéia acadiana da criação, é dito que Marduque dividiu o corpo de Tiamate, o Grande Abismo, como base da criação. É difícil concluir se existe alguma relação entre o material bíblico e o acadiano (*cf.* Sl 74.12-17; Is 51.9-11). De qualquer maneira, a criação de Deus é apresentada como *ex nihilo* e não como resultado de alguma batalha de deuses. Todavia, o peso destas passagens não está apenas no fato de que Deus possui tal poder terrível como o de partir rochas e dividir águas, *etc.*, mas, na realidade, de que aquele que possui tal poder é capaz de redimir a criação perdida. A respeito disso a narrativa acadiana nada sabe. Veja a discussão em *t'hôm*, n.º 2495a.

beqa'. ***Meio siclo.*** Um siclo "dividido". Aparece somente em Gênesis 24.22 e Êxodo 38.26. Deve também ser entendido com base no peso dos escudos de ouro de Salomão (2 Cr 9.16), que, de acordo com 2 Reis 10.17, pesavam três minas cada (150 siclos, 300 becas).

biq'â. ***Vale, planície.*** Originariamente uma fenda nas montanhas. Por isso a planície de Megido (Zc 12.11) é o mesmo vale que fica entre a cadeia do Carmelo no sul e os planaltos da Galiléia no norte, perto do passo de Megido através da cadeia do Carmelo. Como tal, a palavra deve ser distinguida de *'ēmeq*, que significa apenas "lugar baixo". Das 20 ocorrências, 11 são usadas para designar lugares (conforme exemplo acima). Os casos restantes aparecem em paralelo com "montanhas", por cujo contraste, a totalidade da terra é indicada (*cf.* Is 40.4).

J.N.O.

271 בקק (*bāqaq*) ***I, ser exuberante*** (Os 10.1).

273 בקק (*bāqaq*) ***II, vazio.***

274 *בָּקַר (*bāqar*)

Termo Derivado

273a בַּקְבּוּק (*baqbuq*) ***frasco.***

274 *בָּקַר (*bāqar*) ***buscar, investigar*** (somente no piel).

Termos Derivados

274a בָּקָר (*bāqār*) ***gado, rebanho, boi.***
274b בּוֹקֵר (*bôqēr*) ***boiadeiro.***
274c בֹּקֶר (*bōqer*) ***manhã.***
274d בַּקָּרָה (*baqqārâ*) ***cuidado, preocupação***
274e בִּקָּרוֹן (*biqqōret*) ***compensação.***

bāqar é encontrado sete vezes. Muito mais freqüentes são os seus sinônimos *bāqash*, "buscar", "assegurar", e *dārash*, "buscar", "estudar", "buscar (*i.e.*, orar a) uma divindade".

bāqar pode ser proveniente do cognato árabe cujo sentido original era "cortar", "dividir" e, posteriormente, "discernir". O uso bíblico é intenso em contextos de adoração, *e.g.*, "o examinar" da purificação ritual (Lv 13.36; *cf.* Lv 27.33), ou "investigar" no sentido de meditação, possivelmente auto-exame (Sl 27.4; *cf.* 2 Rs 16.15). Somente em Ezequiel, *bāqar* refere-se à busca de animais (Ez 34.11, 12).

No aramaico, *b'qar*, encontrado somente em Esdras, refere-se à "investigação", principalmente de registros.

bāqār. ***Gado, rebanho, boi.*** É improvável que *bāqār* (180 ocorrências), muitas vezes usado no sentido coletivo, deva ser relacionado com *bāqār* (veja o verbete anterior), "cortar", mais especificamente "arar". O termo é usado nas cartas de Mari, no fenício, no aramaico e no árabe. Embora *bāqār* refira-se ao uso de animais de carga como bois, o termo é usado para se referir ao gado doméstico, inclusive touros, vacas, novilhas e bezerros. *bāqār* distingue-se de "ovelhas, rebanho" (*tsō'n*), que denota o gado miúdo tal como ovinos e caprinos. *tsō'n* e *bāqār* com freqüência referem-se aos rebanhos domesticados em geral. *b'hēmâ* também se refere ao gado em geral, com inclusão de ovinos e caprinos.

Para os povos do antigo Oriente Médio, até mesmo os hebreus, o gado era uma riqueza. De fato, para os patriarcas seminômades, a riqueza era medida pelo gado. Hamor e Siquém, habitantes das colinas, possuíam gado (Gn 34.28) como também os patriarcas tais como Abraão, que também era rico em gado (Gn 13.2-7). Os filisteus tinham inveja de Isaque por causa de seu gado (Gn 26.12-14). A parábola de Natã descrevia o rico como alguém que possuía *bāqār* (2 Sm 12.2; *cf.* Ec 2.7). Rebanhos de gado eram uma recompensa na guerra (Nm 31.33; 1 Sm 27.9). Pelo menos nos tempos patriarcais, dava-se gado na ocasião do estabelecimento de uma aliança (Gn 21.27-31). *bāqār* devia ser restaurado cinco vezes quando roubado (Êx 22.1). A fertilidade no gado era evidentemente importante, por isso os deuses cananeus, adorados como aqueles que traziam fertilidade, eram uma tentação para os hebreus. Contudo as Escrituras insistem em afirmar que o aumento do gado deve-se a bênção do Senhor (Gn 24.35; Jó 42.12).

Na qualidade de riqueza, *bāqār* podia ser dado como presente (Gn 21.27). Num gesto de generosidade, Abraão preparou um novilho para o mensageiro angelical (Gn 18.7). José trocou pão por gado (Gn 47.17). Davi tinha rebanhos reais (1 Cr 27.19). *bāqār* era importante na mordomia. Um dízimo do rebanho (*bāqār*) era consagrado ao Senhor (Lv 27.32). São interessantes os dados registrados em Números 7.12 e ss. Para Israel o dízimo dificilmente podia ser algo exclusivamente particular, a respeito do qual a comunidade não tinha informações. O avivamento na época de Ezequias trouxe um senso de mordomia e as ofertas voluntárias em *bāqār* (2 Cr 31.6).

A existência de uma família dependia normalmente de seu gado ovino e bovino. Por isso Faraó sentiu-se seguro em deixar Israel ir, se eles deixassem seus rebanhos para trás (Êx 10.24). Como parte da casa, o gado participou do arrependimento em Nínive (Jn 3.7) e os servos que deles cuidavam são mencionados depois dos animais (Gn 12.16; 26.14).

bāqār era oferecido em sacrifício pelos não-israelitas, como é o caso de Balaque (Nm 22.40). *bāqār* é designado por Deus como especialmente apropriado para sacrifícios, sem dúvida por causa do princípio de que a vida da carne está no sangue (Lv 17.11), mas talvez também porque *bāqār* representa uma posse especial de um homem. Geralmente as ofertas deviam ser feitas com gado tirado do rebanho (*bāqār*) ou do gado miúdo (Lv 1.2; *cf.* Nm 15), e, na sua maioria, os animais deviam ser machos, ainda que nem sempre (1 Sm 16.2). As vezes, como em dedicações, tanto um novilho do rebanho (*bāqār*) quanto um carneiro do rebanho miúdo eram exigidos (Êx 29.1; Lv 16.3). Ofertas queimadas para votos e ofertas voluntárias (Lv 22.17-19) e também ofertas pelo pecado (Lv 4.3) exigiam um animal macho. A grande quantidade de sacrifícios de *bāqār* feitos por Salomão na ocasião da dedicação do Templo é uma amostra tanto de sua riqueza como de sua piedade (1 Rs 8.5, 63). A maior parte de tais ofertas era comida pelos adoradores. O grande número de sacrifícios era proporcional à multidão de pessoas.

Os *bāqār* eram usados como animais de trabalho pelos fazendeiros fixos (1 Sm 11.5; 1 Rs 19.19; Jó 1.14) e como fonte de carne e coalhada (Dt 32.14; Is 22.13) em todas as economias da Palestina desde o fim da Idade da Pedra (BODENHEIMER, F. S., *Animal and man in Bible lands*, 1960, p. 36s.). Sendo animais limpos (Dt 14.4), eram usados como alimento em ocasiões especiais (Gn 18.7; 1 Rs 1.9) na corte real (1 Rs 4.23[5.3]) e, de modo geral, como alimento vital (Jl 1.18). É interessante o fato de que o gado de porte maior era evidentemente mais comum na antiga Palestina do que agora. O gado bovino exige mais pastagem e comida do que o ovino.

Deve-se notar, o que está de acordo com a teologia da ecologia, o cuidado de Deus pelos animais. O livro de Jonas cita a bondade de Deus não só para com os seres humanos mas também para com os rebanhos (Jn 4.11). *bāqār* e os rebanhos de gado miúdo participaram do jejum proclamado pelo rei (Jn 3.7). A era vindoura de felicidade é descrita como um tempo quando haverá mudança também nos hábitos dos animais, pois "o leão comerá palha como um boi" (*bāqār*, Is 11.7; *cf.* 65.25).

bōqer. ***Manhã, aurora.*** Ligado à raiz *bāqar*, *bōqer* (c. de 200 vezes) denota o irromper da luz matinal e, por conseguinte, da aurora, ou seja, da manhã. Este substantivo é peculiar ao hebraico ainda que a raiz não o seja.

Termo freqüente nas partes narrativas do AT, *bōqer* denota um indicador de tempo como no caso da expressão "levantou-se, pois, Josué, de madrugada (manhã)" (Js 3.1). *bōqer*, quando aparece junto com tarde (*'ereb*), pode-se referir a um dia completo (Gn 1.5); nas frases "desde a tarde até pela manhã" designa o período noturno (Lv 24.3), e na

expressão "desde a manhã até a tarde (ARA — ao pôr do sol)" (Êx 18.13), refere-se ao período diurno. Às vezes *bōqer* refere-se ao "amanhã".

Na poesia, *bōqer* é mais freqüentemente mencionado do que tarde (*'ereb*). A voz do adorador será ouvida pela manhã, na oração (Sl 59.16[17]) ou na petição (Sl 88.13[14]). Os justos estão atentos a Deus de manhã pela oração e pelas ofertas (Sl 5.3[4]); em contraste, os ímpios também estão em atividade em seus planos perversos (Mq 2.1; *cf.* Is 5.11).

bōqer pode denotar "cedo" ou "imediatamente" como no caso de "Deus a ajudará bem cedo" — ARA - "desde a antemanhã", Sl 46.5[6]; *cf.* Sl 90.14; 101.8), *etc.* Contudo, o argumento não pode ser provado. Por outro lado, em algumas destas passagens, *bōqer* pode ter um sentido latente de "tempo adequado de salvação".

baqqārâ. ***Cuidado, preocupação.*** Forma verbal empregada para comparar o cuidado de Deus em sua busca por seu rebanho como faz um pastor (Ez 34.12).

biqqōret. ***Compensação, açoite.*** Se a palavra puder ser analisada a partir da raiz acadiana *baqāru*, em vez de *bāqar*, refere-se à compensação paga em um caso que envolve um homem ou um noivo, ainda que com uma moça solteira e escrava (Lv 19.20; a única ocorrência do termo — veja NOTH, M., *Leviticus*).

Bibliografia: DELEKAT, L., Zum hebräischen Wörterbuch, *VT*, 14:7-66. — *TDOT*, v. 2, p. 209-28.

E.A.M.

276 *בָּקַשׁ (*bāqash*) ***buscar, exigir, desejar*** (somente no piel e no pual).

Termo Derivado

276a בַּקָּשָׁה (*baqqāshâ*) ***petição.***

Esta raiz denota basicamente a busca entusiasmada de alguém por algo ou alguma pessoa que existe ou acredita-se existir. A intenção é que o objeto seja encontrado (*mātsā'*) ou adquirido (Êx 4.19). O objeto desta questão pode ser especificado ou entendido, de modo concreto ou abstrato. O sentido específico de *bāqash* é determinado por seu objeto em um certo contexto. Ao contrário de *dārash* (*q.v.*), seu sinônimo mais próximo, *bāqash* raramente tem uso cognitivo (veja, porém, Jz 6.29). Outras palavras paralelas (sinônimas) são *rādap*, "buscar", *shā'al*, "perguntar", *pāqad*, "visitar", *bāhar*, "escolher", *etc. Cf.* o ugarítico *bqt*, *UT*, 19: n.º 505, e o fenício *bqsh*, *KAI*, p. 5.

O primeiro tema teológico significativo de *bāqash* está enraizado no conceito expresso em Deuteronômio 4.29 (*cf.* Dt 6.6; Mt 22.37; *dārash*), onde Deus obriga seu povo a amá-lo e a servi-lo como o primeiro princípio de suas vidas. Faraó foi incapaz (ou relutante) de ver o relacionamento entre o pedido de Moisés (de Arão) e o fato de que as condições do pedido haviam sido divinamente estipuladas (Êx 10.11). Assim, ele estava disposto a deixar os homens irem "adorar" o Deus deles, mas considerou o restante do pedido deles um artifício injustificado para escapar da escravidão. As alianças de Deus, porém, exigem que seu povo o busque onde e conforme Deus estipula (Êx 33.7; *cf.* Is 1.12). Tal "busca" encontra seu objeto final no Senhor (Sl 24.6; Sf 1.6) e, de modo imediato, em suas

provisões da aliança (Am 8.12; Sl 34.14[15]), promessas (Ez 7.26) e exigências (Sf 2.3; Mq 6.8). Visto que os falsos profetas dirigiam os "que buscam" para longe de Deus (Lv 19.31), privando-os da verdadeira vida, eles receberiam a pena capital (Dt 13.10[11]; *cf.* Gn 9.5). Israel entregou-se finalmente a tais líderes falsos; contudo, foi repetidamente desafiado a buscar a Deus de todo o coração (Jr 29.13; 50.4; Dt 30.1-10). A busca de Deus dissimulada de tais profetas (Ez 7.25; Os 5.6), o conselho (Ez 7.26) e a palavra (Am 8.12) deles eram em vão, visto que não o procuraram com mãos puras (Sl 77.2[3], *ngr*) nem de corações puros (Sl 24.6). De acordo com a sua graça, Deus buscou o seu povo no exílio (juízo), lembrando-os da antiga promessa (Is 45.9) e despertando-os para um arrependimento e restauração (Is 51.1; 65.1). O NT confirma o sentido mais pleno do anterior (Rm 9.30; 10.20), quando ele não só apareceu inesperadamente (ou repentinamente) em seu templo (Ml 3.1; Jn 2.13 e ss.; Hb 12.22-24; 9.1-28), mas também ressuscitou os gentios para uma vida verdadeira (Zc 8.21, 22; Jr 31.31 e ss.). [Alguns também sustentam que estes cumprimentos espirituais das promessas do AT serão também alcançados pelos cumprimentos literais com respeito a Israel (Rm 11.26). R.L.H.]

É digno de nota que Moisés, que fugiu do Egito para escapar daqueles que estavam "justamente" buscando matá-lo (Êx 3.15; 4.19), foi confrontado por Deus, que procurava pela vida de Moisés (Êx 4.24). Assim, a desobediência da aliança (Moisés não tinha circuncidado seu filho) merecia pena de morte, e o ensino também é (provavelmente) que excluir os filhos de alguém da aliança equivale a um assassinato (*cf.* Gn 9.5). A idéia de Deus "buscando" (exigindo) a vida de alguém por causa da violação da aliança aplica-se tanto às alianças que Deus faz com o homem (*e.g.*, aliança da criação da vida, Gn 9.5; a aliança mosaica, Ez 3.18,20) como às alianças sancionadas por Deus (1 Sm 20.16; 2 Sm 4.11).

baqqāshâ. ***Petição, pedido.*** Este substantivo, formado com base em um infinitivo pael (aramaico), é um termo técnico (freqüentemente paralelo ao seu sinônimo *sh'ēlâ*) que denota uma petição ou um pedido de um vassalo a um rei, para que conceda um desejo específico. O termo ocorre sete vezes.

Bibliografia: SELLERS, O. R., Seeking good in the Old Testament. *JBR*. 21:234-7. — *TDOT*, v. 2, p. 229-41. — *THAT*, v. 1, p. 333-35.

L.J.C.

277 בַּר (*bar*) ***I, filho.***

Substantivo comum no aramaico com o sentido de "filho" (Ed 5.1; Dn 3.25; *etc.*). O termo ocorre apenas três vezes sem problemas no hebraico do AT, sendo que a palavra mais comum é *bēn* (*q.v.*). Três das ocorrências estão em um único versículo, Provérbios 31.2, que forma a introdução à instrução de Lemuel. Típico de tal literatura, a instrução é dirigida da parte de um pai para seu filho (*cf.* Pv 1.8; 2.1, *etc.*).

A ocorrência final é muito mais problemática. É encontrada em Salmos 2.12: "Beijai o filho para que não se ire". Isso tem sido entendido como uma referência a Cristo, desde os primórdios cristãos. Todavia, com exceção do siríaco, nenhuma das antigas versões contêm a leitura (*e.g.*, LXX: "aceita correção"). Mesmo assim há pouca concordância entre as versões com base em como reconstruir um texto hebraico, nem existem formas variantes vindas de Qumran.

Em segundo lugar, tem sido argumentado que desde que *bēn* aparece no versículo

7, *bar*, no versículo 12, deve ser uma forma corrompida. Isso pressupõe, porém, que *bēn* e *bar* nunca foram termos contemporâneos, sendo um deles usado sempre em época diferente do outro. Trata-se de muita pressuposição em vista de tanta incerteza com respeito ao nosso conhecimento da disseminação e do uso do aramaico.

A interpretação permanece problemática; no entanto, até que alguma prova textual sólida venha à luz, qualquer emenda é um expediente nada garantido. Caso se aceite a interpretação, a ação provavelmente em jogo é o beijar dos pés do filho, um ato de honraria bem comprovado em fontes babilônicas e egípcias.

Bibliografia: BARNES, W. E., The Psalms, v. 1., In: *Westminste· Commentaries*, ed. W. Lock e D. C. Simpson, Londres, Methuen, 1931, p. 11 e s. — BERTHOLET. A., Eine Crux Interpretum, *ZAW*, 28:58-9 (*cf.* também p. 193). — BRIGGS, C. A., Psalms, v. 1., In: *ICC*, p. 23f. — DAHOOD, M., Psalms, 1-50., In: *AB*, p. 13f. — *TDNT*, v. 8, p. 340-62. — *TDOT*, v. 2, p. 308-12.

J.N.O.

בַּר (*bar*) II, III. Veja o n.º 288a, b.

בֹּר (*bōr*) I, II. Veja os n.ºs 288c, d.

בַּר (*bar*) Veja o n.º 288f.

278 בָּרָא (*bārā'*) ***I. criar, fazer, Criador*** (qal); ***escolher, cortar, despachar*** (piel); ***ser criado, ser feito*** (nifal).

Termo Derivado

278a בְּרִיאָה (*b'rî'â*) ***coisa nova.***

A raiz *bārā'* tem o sentido básico de "criar". E diferente de *yātsar*, "modelar", pois este enfatiza principalmente o ato de dar forma a um objeto enquanto *bārā'* enfatiza o início do objeto.

A questão do significado da raiz *bārā'* é complicada pelo fato do sentido que o piel tem de "cortar" (Js 17.15,18; Ez 23.47). Este sentido também pode ser obtido no uso da palavra em Ezequiel 21.19[24] (onde não há necessidade de que o termo tenha a conotação de esculpir um marco indicador, pois pode significar apenas o ato de cortar um ramo ou um arbusto como marco indicador). Se este sentido está de acordo com a forma concreta do qal, a palavra pode significar "formar", "modelar", no sentido de esculpir ou cortar. Todavia, é possível que a forma do piel possa representar uma raiz inteiramente diferente. O *KB* (2. ed.) pressupõe uma segunda raiz usada no sentido do piel, "cortar". O *THOT* (*in loc.*) segue o *KB* afirmando que há uma raiz com o sentido básico de "separar", "dividir". Isto explicaria os usos do piel, mas, como freqüentemente é o caso, não é decisivo para explicar a nuança do sentido "criar" no qal. E, visto que a palavra é usada neste sentido tão distinto no qal, é melhor considerar o sentido da raiz apenas com base no uso dela.

A palavra é usada no qal somente com referência à atividade de Deus, sendo, portanto, termo puramente teológico. Este uso distinto da palavra é especialmente apropriado ao conceito de criação por meio do *fiat* divino.

A raiz *bārā'* denota o conceito de "iniciar alguma coisa nova" em um certo número

de passagens. Em Isaías 41.20, a raiz é usada com respeito às mudanças que se darão na Restauração, quando Deus tornar efetivo aquilo que é novo e diferente. É usada com respeito à criação de coisas novas (*hădāshôt*) em Isaías 48.6, 7 e à criação de novos céus e nova terra (Is 65.17). Maravilhas nunca antes vistas são descritas por esta palavra (Êx 34.10). Jeremias utiliza o termo, referindo-se a uma mudança fundamental que ocorrerá na ordem natural (Jr 31.22). O salmista orou para que Deus criasse nele um coração puro (Sl 51.10[12]) e acrescentou a isto a petição de que Deus pusesse nele um novo espírito (veja também Nm 16.30; Is 4.5; 65.18).

A palavra também possui o sentido de "trazer à existência" em várias passagens (Is 43.1; Ez 21.30[35]; 28.13,15).

Não é surpreendente que esta palavra, com sua ênfase distintiva, seja usada de modo mais freqüente para descrever a criação do universo e dos fenômenos naturais (Gn 1.1, 21, 27; 2.3; *etc.*). Os usos do termo neste sentido apresentam uma teologia bem definida. A magnitude do poder de Deus é exemplificada na criação. Isto tem implicações para os fracos (Is 40.26; *cf.* vv. 27-31) e para o desenrolar dos propósitos de Deus na história (Is 42.5; 45.12). A criação mostra a majestade (Am 4.13), a ordem (Is 45.18) e a soberania (Sl 89.12[13]) de Deus. Antropologicamente, a criação do homem é um apelo pela unidade em Malaquias 2.10. O homem é visto como criado em vão em Salmos 89.47.

O *THAT* argumenta que esta palavra é usada somente no documento "P" e em literatura posterior. Naturalmente, este ponto de vista só pode ser sustentado se os documentos forem divididos e datados posteriormente.

A limitação deste mundo com respeito à atividade divina indica que o campo semântico delineado pela raiz ultrapassa a esfera da capacidade humana. Visto que a palavra nunca ocorre com o objeto de material e visto que a ênfase principal da palavra recai sobre a novidade do objeto criado, o termo empresta-se bem ao conceito de criação *ex nihilo*, embora tal conceito não seja necessariamente inerente ao sentido da palavra.

bᵉrî'â. ***Algo novo.*** A palavra denota algo novo ou extraordinário (Nm 16.30). Reflete, portanto, um sentido básico da raiz *bārā'* (Êx 34.10; Is 48.6; Jr 31.22).

Bibliografia: ANDERSON, Bernhard W., The earth is the Lord's, *Interp*, 9:3-20. — ARBEZ, Edward P. & WEISENGOFF, John P., Exegetical notes on Genesis 1:1-2, *CBQ*, 10:140-50. — HANSON, Howard E., Num. XVI 30 and the meaning of bara', *VT*, 22:353-9. — KNIGHT, Harold, The Old Testament conception of miracle, *SJT*, 5:355-61. — LANE, William R., The iniciation of creation, *VT*, 13:63-73. — STUHMUELLER, Carroll, The theology of creation in Second Isaias, *CBQ*, 21:429-67. — UNGER, Merril F., The Old Testament revelation of the creation of angels and the earth, *BS*, 114:206-12. — *TDNT*, v. 3, p. 1005-28. — *TDOT*, v. 2, p. 242-8. — *THAT*, v. 1. p. 336-8.

T.E.M.

279 בּרא (*bārā'*) ***II, ser gordo.***

Termo Derivado

279a בּרִיא (*bārî'*) ***gordo, mais gordo, alimentado, cevado, firme, farto, abundante.***

Esta palavra ocorre com seu sentido básico "gordo" em Juízes 3.17. Embora sempre

retenha este sentido original, adquire diversas nuanças. E usada para descrever seres humanos saudáveis (Dn 1.15), animais bem nutridos (Gn 41.2) e espigas cheias (Gn 41.5). É usada com respeito à melhor porção de comidas apetitosas (Ez 34.3) e também apóia o sentido secundário de prosperidade (Sl 73.4; Hc 1.16).

T.E.M.

בַּרְבֻּרִים (*barburîm*). Veja o n.° 288g.

280 בָּרַד (*bārad*) ***cair granizo.*** Provavelmente um verbo denominativo.

Substantivo de Origem

280a בָּרָד (*bārād*) ***chuva de pedras, saraiva.***

Termos Derivados

280b בָּרוֹד (*bārōd*) ***maculado, marcado.***

bārad é usado como verbo no qal uma vez (Is 32.19).

bārād. ***Chuva de pedras, saraiva.*** Ocorre 29 vezes, dentre as quais 22 estão relacionadas com a sexta praga do Egito (Êx 9.18-33; Sl 18.13, 14; *etc.*). Em outros lugares, o termo é usado de modo figurado para descrever uma força destruidora, especialmente a que vem sobre o Israel desobediente (Is 28.2), ou é utilizado literalmente como uma manifestação do poder e da glória de Deus (Sl 148.8).

J.N.O.

281 בָּרָה (*bārâ*) ***I, comer.***

Termos Derivados

281a בִּרְיָה (*biryâ*) ***comida*** (2 Sm 13.5, 7, 10; Ez 34.20).

281b בָּרוּת (*bārut*) ***comida*** (Sl 69.22).

282 בָּרָה (*brh*) **II. Aceita como raiz de:**

282a בְּרִית (*b'rît*) ***aliança;*** entre nações: *tratado, aliança de amizade;* entre indivíduos: *acordo ou trato;* em uma obrigação entre um monarca e seus subordinados: *uma constituição;* entre Deus e o homem: *uma aliança acompanhada de sinais, sacrifícios e um juramento solene que selava o pacto com promessas de bênção para quem guardasse a aliança e de maldição para quem a quebrasse.*

A etimologia da palavra é incerta. Pode estar relacionada com a palavra acadiana *burru*, que significa "estabelecer uma situação legal por meio de um testemunho acompanhado de juramento" (*CAD*, *baru*, p. 125); alguns, porém (O. LORETZ, *VT*, 16:239-41), relacionam o termo com a palavra acadiana *birtu*, "grilhão", que é um derivado da palavra que tem o sentido de "entre" (preposição). L. Köhler sustenta que a palavra está relacionada com a raiz *brh*, que tem relação com a comida e a porção envolvida na refeição da aliança (*JSS*, 1:4-7). A raiz não é usada em parte alguma como verbo no AT, como também nenhum derivado desta raiz; todavia, a ação que envolve o estabelecimento de uma aliança emprega a expressão "cortar (fazer — ARA) uma aliança" (Gn 15.18, *etc.*), isto é, fazer um sacrifício de sangue como parte do ritual da aliança. Köhler teria assim o animal comido na refeição da aliança.

A aliança como tratado ou acordo entre nações ou indivíduos deve ser entendida com base no fato de as partes serem equivalentes ou ser uma delas superior a outra. Em Gênesis 14.13, Abraão e os amorreus eram partes equivalentes em um tratado, mas não é o caso de Israel (sob o comando de Josué) e dos gibeonitas (Js 9). Aqui o aspecto do juramento da aliança se mostra de suma importância. Apesar de os vassalos gibeonitas estarem sujeitos a uma maldição por haverem mentido (9.22, 23), Josué e Israel ainda estavam obrigados a prover proteção para eles. Muito depois, quando Saul fracassou em cumprir estas obrigações dos juramentos da aliança, sua família sofreu punição (2 Sm 21).

Era prática comum levantar uma coluna de pedra em sinal de que um tratado tinha sido estabelecido entre duas casas ou nações (*cf.* Jacó e Labão, Gn 31.44-47). Em ambos os lados é feito um apelo à divindade como testemunha, demonstrando que a aliança é inalterável. Além disso, como no caso do Sinai, Jacó e Labão ofereceram um sacrifício na montanha e tomaram juntos uma refeição (Gn 31.54, 55). Eram usados outros sinais que selavam tal acordo, tal como um casamento entre duas casas reais (1 Rs 9.16). Todavia, a melhor maneira de estabelecer uma aliança veio a ser o documento escrito em que as palavras da aliança, seus termos na forma de promessas e condições, eram lidas, testemunhadas, assinadas e seladas. Tais documentos existem em grande quantidade (*cf.* HILLERS, D. R., *Covenant: the history of a Biblical idea,* Baltimore, 1969). Behm conclui: "Não há garantia mais firme de segurança legal, paz ou lealdade pessoal do que a aliança" (*TDNT*, v. 2, p. 115; *cf.* Am 1.9).

Deixando de lado os vínculos de sangue, a aliança era o meio pelo qual o povo do mundo antigo formava relacionamentos mútuos mais amplos (MCCARTHY, D. J., *Treaty and covenant*, Roma, 1963, p. 1975). Os registros do relacionamento entre Davi e Jônatas são a única menção inequívoca de um pacto entre dois indivíduos no AT (1 Sm 18.3; 20.8; 23.18). Fala-se como que de uma "aliança do SENHOR" porque o Senhor testemunhou a transação e protegeu a ordem legal.

Na monarquia de Israel a aliança entre o povo e o rei propiciava um tipo de monarquia constitucional limitada que era singular no mundo daquela época (2 Sm 3.21; 5.3; 1 Cr 11.3).

Todo este procedimento pactual provê o contexto cultural em que o relacionamento de Deus com o seu povo é formulado. Estudos modernos sobre o significado e a forma da "aliança" na teologia bíblica têm sido profundos desde o aparecimento da obra de George Mendenhall, *Law and covenant in Israel and the Ancient Near East* (Pittsburgh, 1955; veja também BA. 17:27-46, 49-76 e MCCARTHY, *Old Testament covenant: a survey of current opinions*, Richmond, 1972). McCarthy inclui uma bibliografia excelente sobre os estudos relativos à aliança, pp. 90-108. Sobre uma perspectiva teológica evangélica do

assunto baseada nas fontes, veja as obras intituladas *Treaty of the great king* (Grand Rapids, 1963) e *By oath consigned* (Grand Rapids, 1967), de M. G. Kline. Kline mostra que o tratado de suserania encontrado no antigo Oriente Próximo é a chave para a compreensão da forma de aliança de Deus com o antigo Israel. Ele sustenta que os Dez Mandamentos, todo o livro de Deuteronômio e textos como Josué 24 estão todos baseados em um modelo de aliança que contém: 1) um preâmbulo no qual o suserano é identificado; 2) um prólogo histórico que descreve a relação anterior entre as partes; 3) as condições e as exigências do suserano; 4) juramento de lealdade acompanhado de maldições e bênçãos, isto é, a ratificação da aliança; 5) testemunhas e direcionamento para que se cumpra o acordo (veja *treaty of the great king*, p. 14, 28). Acrescentada às condições, pode haver uma cláusula em prol da preservação e da releitura regular da aliança.

A idéia de que não existia aliança entre Deus e o homem nos estágios iniciais da história israelita, conforme apresentada em Gênesis e Exodo, não pode mais ser levada a sério. O ponto de vista de que Iavé era uma divindade tribal no antigo Israel, ligado ao seu povo por vínculos naturais e não éticos, como exige uma aliança, também é um ponto de vista que está declinando.

D. J. McCarthy alerta que o conceito de aliança do AT apresenta uma tradição complexa e muito rica e que a aliança não é em primeiro plano legalista ou moralista, mas sim cultual, isto é, vinculada à prática religiosa. Ele vê outras analogias além da forma do tratado como importantes, especialmente a analogia da família — o relacionamento entre pai e filho na Aliança Davídica (2 Sm 7) e o relacionamento entre marido e mulher em Oséias. A teologia da aliança que coloca toda a revelação bíblica na estrutura da aliança tem agora o apoio de especialistas do AT como W. Eichrodt, que torna o conceito de aliança o tema central e unificador do AT (*Theology of the Old Testament*, Londres, 1967, *cf.* também PAYNE, J. Barton, *The Theology of the Older Testament*). Eichrodt acha que o conceito de aliança prova que a religião de Israel era histórica, isto é, não a imaginação das gerações posteriores. Isto também deu a Israel grande segurança em um Deus bondoso em uma época em que as divindades eram consideradas originadoras arbitrárias do mal. Alguns eruditos sustentam que a *b'rît* era algumas vezes parcial, sendo uma promessa incondicional por uma das partes. Este ponto de vista é contrariado por Eichrodt e Kline, embora seja defendido por J. Begrich (ZAW, 60: 1-11) e Murray (*The covenant of grace*, Londres, 1954). Kline defende que todas as alianças divino-humanas no AT acarretam em um compromisso de obediência sancionado e selado. A lei e os aspectos da promessa da aliança de Deus com o seu povo não se violam mutuamente. Deuteronômio 29.13, 14 mostra que a Aliança Sinaítica era uma extensão da Aliança Abraâmica, sendo que ambas são chamadas aqui de "aliança com juramento". A renovação do Sinai apenas enfatizou a responsabilidade humana onde a Aliança Abraâmica enfatizava a promessa de Deus. Muitos concordam com Hillers (*Covenant*, p. 129-31) em que a tradição da aliança (tratado) aparece nos escritos dos profetas no modelo conhecido como litígio (*rîb*). Os profetas indiciam o povo como os que quebraram a aliança, às vezes relacionando isto com o modelo de aliança, chamando os céus e a terra por testemunhas (*cf.* Is 1.2, 3.10-20; Jr 2.4-12; Mq 6.1-8; Sl 50).

A Aliança Sacerdotal de Números 25.12, 13, a Aliança Davídica de 2 Samuel 7 e a Nova Aliança de Jeremias 31.31 são todas aspectos administrativos da mesma aliança, a Aliança da Graça de Deus. Esta aliança atinge o seu clímax na encarnação, quando Cristo, representando seu povo, cumpriu todas as exigências da aliança e suportou a maldição que o povo merecia por tê-la quebrado (*cf.* FENSHAM, F. C. Aliança, promessa e

expectativa na Bíblia, *Theologische Zeitschrift*, 23:305-22).

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., The Hebrew expression for making a covenant in pre-Israelite documents, *BASOR*, 121:21-2. — BEGRICH, J., Berith. Ein Beitrag zur Erfassung einer alt. Denkform, *ZAW*, 60:1-11. — BRAULIK, Georg, Die Ausdrücke für "Gesetz" im Buch Deuteronomium, *Bib*, 51:39-66. — BROWN, P. E., The basis of hope, *Interp*, 9:35-40. — BUIS, Pierre, Les formulaires d'aliance, *VT*, 16:396-411. — CAMPBELL, K. M., Rahab's covenant, *VT*, 22:243-4. — DELCOR, M., Les attaches literaires, l'origine et la signification de l'expression biblique "pendre a temoin le ciel et la terre", *VT*, 16:8-25. — COPPENS, J., La nouvelle alliance en Jer 31, 31-34, *CBQ*, 25:12-21. — EICHRODT, Walther, Covenant and law, *Interp*, 20:302-21. — FENSHAM, F. Charles, Clauses of protection in Hitite vassal-treaties and the Old Testament, *VT*, 13:133-43. — _____. The covenant as giving expression to the relationship between Old and New Testament, *Tyndale Bulletin*, 22:82-94. — _____, Did a treaty between the Israelites and the Kenites exist?, *BASOR*, 175:51-4. — _____. The treaty between Israel and the Gibeonites, *BA*, 27:96-100. — _____, The treaty between the Israelites and the Tyrians, *Supp VT*, 17:70-87. — FREEDMAN, David Noel, Divine commitment and human obligation, *Interp*, 18:419-31. — FRANKANA, R., The vassal-treaties of exarhaddon and the dating of Deuteronomy, *OTS*, 14:122-54. — GERSTENBERGER, Erhard, Covenant and commandment, *JBL*, 84:38-51. HILLERS, Delbert R., A note on some treaty teminology in the Old Testament, *BASOR*, 176:46-47. — KEVAN, E. F., The covenants and the interpretation of the Old Testament, *EQ*, 26:19-28. — KITCHEN, K. A. *The Bible in its world*, Paternoster, 1977, esp. The covenant at Sinai and in Moab, p. 79-85. — KLINE, Meredith G., Dynastic covenant, *WJT*, 23:1-15. KUTSCH, Ernest, Gesets und Gnade, *ZAW*, 79:18-35. — L'HOUR, Jean, L'Alliance de Sichem, *RB*, 69:5-36, 161-84, 350-68. — LANG, G. H., God's covenants are conditional, *EQ*, 30:86-97. — LINCOLN, C. F., The development of the covenant theory, *BS*, 100:134-63. — _____, The Biblical covenants, *BS*, 100:309-23, 442-9, 565-73. — MCCARTHY, Dennis J., Berit and covenant in the Deuteronomistic history, *Supp VT*, 23:65-85. — _____, Covenant in the Old Testament: the present state of inquiry, *CBQ*, 27:217-40. — _____, Hosea XII 2: covenant by oil, *VT*, 14: 214-21. — _____, Three covenants in Genesis, *CBQ*, 26: 179-89. — MENDENHALL, G. E., Covenant forms in Israelite tradition, *BA*, 17:50-76. — MITCHELL, John J., Abram's understanding of the Lord's covenant, *WTJ*, 32:24-48. — MUILENBURG, James, The form and structure of the covenantal formulations, *VT*, 9:374-67. — RAND, James Freeman, Old Testament fellowship with God, *BS*, 108:227-36, 323-33; 109: 47-54, 151-63, 226-38. — ROBINSON, T. H., "Covenant" in the O. T., Exp *T*, 53:298-99. — ROGERS, Cleon L. Jr., The covenant with Abraham and its historical setting, *BS*, 127:241-56. — ROWLEY, H. H., Moses and the Decalogue, *BJRL*, 34:81-118. — SILVING, Helen, The state contract in the Old Testament, *JR*, 24:17-32. — THEIL, Wilfried, Sefer berit, *VT*, 20:214-29. — THOMPSON, J. A., The significance of the Ancient Near Eastern treaty pattern, *Tyndale House Bulletin*, 13:1-6. — TSEVAT, M., The neo-Assyrian and neo-Babylonian vassal oaths and the Prophet Ezekiel, *JBL*, 78:199-204. — TUCKER, Gene M., Covenant forms and contract forms, *VT*, 15:487-503. — VAN DER PLOEG, J., Studies in Hebrew law, *CBQ*, 12:248-59. — WEINFIELD, M., Covenant terminology in the Ancient Near East and its influence on the West, *JAOS*, 93:190-99. — _____, The covenant of grant in the Old Testament and in the Ancient Near East, *JAOS*, 90: 184-203. — _____, Traces of Assyrian treaty formulae in Deuteronomy, *Bib*, 56:417-27. — WHITELEY, C. F., Covenant and commandment in Israel, *JNES*, 22: 37-48. — WIDENGREN, George, King and

covenant, *JSS*, 2:1-32. — *TDNT*, v. 2, 106-24, 126-9. — *TDOT* v. 2, p. 253-78. — *THAT*, v. 1, p. 339-52.

E.B.S.

בְּרוֹשׁ (*b'rôsh*). Veja o n.º 289a.

בְּרוּת (*bārût*). Veja o n.º 281b.

283 ברז (*brz*). **Aceita como raiz de:**

283a בַּרְזֶל (*barzel*) ***ferro.***

Palavra emprestada do sumério *BAR.ZIL via* o termo acadiano *parzillum* ou possivelmente do hitita. O uso do ferro terrestre (em oposição ao ferro de meteoritos, que tem uma quantidade de níquel diferente) no terceiro e quinto milênio a.C. foi agora comprovado. Por isso o ferro aparece legitimamente em Gênesis 4.22. O amplo uso do ferro, na Idade do Ferro Antiga, na Palestina, coincidiu evidentemente com a vinda dos filisteus por volta de 1200 a.C. Os sucessos militares dos filisteus sem dúvida ocorreram em parte devido ao "monopólio filisteu do ferro" (ALBRIGHT, W. F., *Archaeology of Palestine*, Penguin, 1960, p. 110). Isso aparentemente se devia ao uso que faziam do ferro temperado, segredo militar que ocultavam dos hebreus (1 Sm 13.19). Em 20 das 75 ocorrências de ferro, o termo é usado em sentido figurado, normalmente no construto com outros substantivos para denotar tribulação (Dt 4.20; 1 Rs 8.51; Jr 11.4), escravidão (Dt 28.48; Jr 28.14), infertilidade (Dt 28.23) e obstinação (Is 48.4).

Bibliografia: MELLAART, J., *Anatolian studies*, 14:111,114. — KAISER, W. C., The literary form of Genesis I-XI., In: *New perspectives on the OT*, ed. J. Barton Payne, Word, 1970, p. 55, nn. 30-3. — WRIGHT, G. E., Iron in Israel, *BA*, 1:5-8.

W.C.K.

284 בָּרַח (*bārah*) ***fugir, escapar, perseguir, expulsar, colocar em fuga, alcançar, estender, sair depressa.***

Termos Derivados

284a בָּרִיחַ (*bārîah*) ***fugitivo*** (adj.).

284b בְּרִיחַ (*b'rîah*) ***barra.***

284c מִבְרָח (*mibrah*) ***fugitivo.***

bārah significa basicamente "ir" ou "atravessar", e também "fugir" ou "apressar-se". Ocorre principalmente em narrativas, referindo-se à fuga de um inimigo.

[No fenício-púnico, Donner e Röllig interpretam a raiz *brh* com o sentido de "fugir" ou "perder", enquanto Cyrus Gordon propõe "controlar", "governar". Para o ugarítico e o hebraico, Gordon (*UT*, 19: n.ºs 514-6) propõe três raízes homófonas: *brh* I, "fugir", *brh* II, "mal" (= *bārîah* em Is 27.1; *cf.* o árabe *barh*, "mal"), e *brh* III, "haste, vara" (= *bārîah* em Jn 2.7). Embora a análise de Gordon seja contestada, conforme se vê abaixo, é óbvio que mais de uma raiz semítica pode estar por trás das formas verbais, adjetivas e substantivas discutidas neste verbete. B.K.W.]

Quase todos os 66 usos do verbo referem-se à fuga de um inimigo, de inimigos ou de um lugar. O primeiro êxodo é descrito como uma "fuga" do Egito (Êx 14.5). Talvez a ordem de Isaías para que os exilados "fugissem" (ARA — "saíssem") de Babilônia (48.20) tenha sido um artifício retórico para despertar os exilados para a nova oportunidade miraculosa de voltar à terra e reconstruir Jerusalém. Em alguns exemplos a fuga se dá em direção a uma pessoa ou a um local (*e.g.*, 1 Sm 22.20).

O verbo tem o sentido básico de "atravessar" em Êx 26.28 e 36.33, onde a barra do meio que segurava as extremidades das tábuas do tabernáculo estendia-se até as extremidades, no comprimento das tábuas.

A forma causativa do verbo descreve a expulsão dos residentes de Gate para fora de sua cidade (1 Cr 8.13), a expulsão do povo da Palestina do sul para longe de seus vales (1 Cr 4.16), a expulsão de um genro de Sambalate por Neemias (Ne 13.28), o leviatã, que não pode ser desviado de seu curso por setas, e um filho que vergonhosamente manda embora sua mãe (Pv 19.26).

bārah é usado como sinônimo de *hālak*, "ir" (Sl 139.7), de *mālat*, "escapar" (1 Sm 19.12, 18), e de *nus*, "fugir" (Jz 9.21).

bārîah é um adjetivo cujo sentido possível é "fugitivo", "tortuoso" ou "penetrante". Em Isaías 43.14, usado como substantivo, tem sido traduzido de modo variado: "nobres", "varas", "barras de uma prisão" e "enquanto fogem". É usado para descrever uma serpente em Jó 26.13 como "retorcida", "fugitiva" (ARA — "dragão veloz"). Em Isaías 27 a ARA traduz *bārîah* por "veloz" e *'āqallātôn* por "sinuosa". Outras traduções possíveis para *bārîah* aqui são "fugitiva" ou "retorcida".

A passagem de Isaías 27.1 tem um paralelo próximo no ugarítico (67 I:1-2), onde o termo é aplicado a uma serpente fugitiva, *ltn* (veja a discussão no artigo sobre *liw'yatan*). Gordon (*UT*, 19: n.º 595), sustenta que há uma segunda raiz *bārah* com o sentido de "ser mal", por causa de uma raiz árabe; todavia, outros questionam tal posição, mostrando que o contexto da referência ugarítica também não é claro (FISHER, L. *Ras Shamra parallels*, v. 1, p. 36). Os autores bíblicos usam o nome de Raabe como símbolo do Egito (Jó 26.12; Sl 87.4; Is 30.7). Leviatã pode, às vezes, ser usado desse modo. Parece ser o mesmo que *ltn*, com vogais diferentes. Era algum tipo de serpente e obviamente má. Tanto o adjetivo "fugitiva" como "má" poderiam ser usados, mas o sentido "fugitivo (ou veloz)", em Jó 26.13 e Isaías 27.1, parece satisfatório.

Em Jó 26.13, Gameroni (*TDOT*, v. 2, p. 252) acredita que o sentido é o de uma constelação, provavelmente por causa do paralelo e de uma raiz *brh* no acadiano com o sentido de "brilhar, ficar radiante", às vezes usada com o determinativo para estrela (*CAD*, v. 2, p. 101). Tal sugestão, no entanto, dificilmente cabe em uma oração imediata. B.K.W.]

b'rîah. ***Barra, algo em posição atravessada.*** Refere-se às travessas que sustentavam as tábuas eretas que formavam as paredes do tabernáculo (Êx 26.26-29; 35.11; 36.31-34; 39.33; 40.18; Nm 3.36; 4.31), e às travas que fortificavam e fechavam as portas de uma cidade. As travessas para as tábuas do tabernáculo eram cinco de cada lado, colocadas em argolas de ouro e revestidas de ouro.

As travas das portas das cidades eram, sem dúvida, principalmente de madeira, embora algumas sejam mencionadas como feitas de bronze e outras de ferro. Invariavelmente se referem às cidades bem defendidas, fechadas ou carentes de tal segurança, caso estas travas estivessem ausentes. Quando Jerusalém é destruída, as suas travas são quebradas (ARA — "ferrolhos") (Lm 2.9) e, quando restaurada, suas portas são

reconstruídas com travas (ferrolhos) (Sl 147.13; Ne 3.3, 6, 13-15).

As travas das portas das cidades são usadas para se referir figuradamente à estabilidade da Terra (Jó 38.10; Jn 2.7) ou à teimosia (Pv 18.19). Em Isaías 15.5 alguns gramáticos e comentaristas traduzem *bᶜriah*, ou por fugitivos, ou ainda, neste versículo e em Amós 1.5, por nobres ou grandes homens (*cf.* NEB).

mibrah. Substantivo masculino cujo significado é "fuga" ou "fugitivo" (Ez 17.21), mas a partir das noções contextuais tem o sentido de "golpe" (NAB).

Bibliografia: RABIN, C., Bariʾh, *JTS*, 47:38-41. — *TDOT*, v. 2, p. 249-52.

E.S.K.

בָּרִיא (*bārîʾ*). Veja o n.º 279a.

בְּרִיאָה (*bᶜrîʾâ*). Veja o n.º 278a.

בִּרְיָה (*biryâ*). Veja o n.º 281a.

בְּרִיחַ (*bārîaḥ*). Veja o n.º 284a.

בְּרִיָּה (*bᶜriah*). Veja o n.º 294a,b.

בְּרִית (*bᶜrît*). Veja o n.º 282a.

בֹּרִית (*bōrît*). Veja o n.º 288d.

285 בָּרַךְ (*bārak*) ***ajoelhar, abençoar, louvar, saudar, amaldiçoar*** (usado de modo eufemístico).

Termos Derivados

285a בֶּרֶךְ (*berek*) ***joelho.***

285b בְּרָכָה† (*bᶜrākâ*) ***bênção.***

285c בְּרֵכָה† (*bᶜrēkâ*) ***tanque, reservatório, lago.***

Esta raiz e os seus derivados ocorrem 415 vezes. A maioria das ocorrências está no piel (214), que é traduzido por "abençoar". O particípio passivo do qal, "abençoado", aparece 61 vezes. O sentido de "ajoelhar" aparece somente três vezes, duas no qal (2 Cr 6.13; Sl 95.6) e uma única vez no hifil (Gn 24.11). Com base nisto, alguns argumentam que *bārak* é um verbo denominativo de *berek*, "joelho", que não tem nada a ver com *bārak*, "abençoar". Todavia, pode-se ter percebido alguma associação entre ajoelhar-se e o ato de receber uma bênção (*cf.* 2 Cr 6.13; o árabe *baraka* também apresenta a mesma amplitude de sentido). Abençoar no AT quer dizer "conceder poder para alcançar sucesso, prosperidade, fecundidade, longevidade, *etc*". O termo é muitas vezes contrastado com *qālal*, "reverenciar com indiferença, amaldiçoar" (*cf.* Dt 30.1,19).

berek. ***Joelho.*** Termo usado em relação à submissão e à obediência (Is 45.23), ao temor e à fraqueza (Na 2.10[11]), à oração (1 Rs 8.54), ao cuidado maternal (colo) (2 Rs 4.20), *etc.*

A grande fórmula de bênção, a bênção araônica, ainda usada em algumas ocasiões

nas igrejas de hoje, era, a princípio, uma oração que solicitava a presença, a graça e o po r permanente do SENHOR. Isto foi resumido na expressão: "porão o meu nome sobre os filhos de Israel", *i.e.*, o próprio Deus seria o Deus deles (Nm 6.23-27).

De modo geral, a bênção é transmitida do maior para o menor. Isto pode envolver o pa em relação ao filho (Gn 49), os irmãos em relação à irmã (Gn 24.60), o rei em relação a eus subordinados (1 Rs 8.14). A bênção podia ser comunicada em ocasiões especiais d despedidas (2 Cr 6.3) ou de apresentação de alguém (Gn 47.7,10). Sua função principal pare e ter sido conferir vida abundante e produtiva a algo (Gn 2.3; 1 Sm 9.13; Is 66.3) ou a alguém (Gn 27.27 e ss.; Gn 49). (Quanto a esta questão, observe que Mical, desprezando a bê ção de seu marido, foi ferida de esterilidade, 2 Sm 6.20-23). Todavia, tal expressão podi -se tornar apenas algo formal. Isto era válido sobretudo no caso de saudações (1 Sm 2:10; 25.14; Sl 118.26).

A bênção verbal, conforme já discutida, era normalmente voltada para o futuro. Tod via, podia ser descritiva, sendo um reconhecimento de que aquele a quem ela se dir ia estava evidentemente cheio deste poder para que tivesse uma vida abundante e prod tiva (Gn 14.19; 1 Sm 26.25, *etc.*). Tal tratamento tornou-se um meio formal de expr ssar agradecimento e louvor a certa pessoa pelo fato de ela ter compartilhado dos ben fícios de sua vida. É bastante comum que o Senhor seja tratado desta maneira. E sign ificativo que *hesed*, "bondade", e *'ĕmet*, "fidelidade", sejam os atributos pelos quais Deus é louvado (*e.g.*, Sl 31.21[22]; 106.48). Fica claro que para o AT a vida abundante fundar enta-se diretamente sobre a natureza amorosa e fiel de Deus.

Qualquer que tenha sido a concepção do antigo Oriente Próximo sobre a fonte de bênç io, o AT vê Deus como a única fonte. Como tal, ele tem o controle sobre a bênção e a ma ldição (Nm 22 e s.). Sua presença confere bênção, e é somente em seu nome que outros podem conferir bênção a alguém (Dt 10.8, *etc.*). Na verdade, o nome de Deus, a man ifestação de sua natureza pessoal, redentora e que mantém sua aliança, é o centro de toda bênção.

Por conseguinte, aqueles cujo relacionamento com Deus está errado não podem abençoar (Ml 2.2) nem ser abençoados (Dt 28). Nem mesmo uma palavra poderosa pode alter ar isto. Os que são abençoados manifestam a *hesed* e a *'ĕmet* de Deus (Dt 15.14; 1 Sm 23.21; 1 Rs 10.9; *etc.*). A pessoa que confia na existência de uma aliança entre ela e Deus mas não manifesta a natureza dele está-se abençoando e provocando desgraça (Dt 29:18 e s.)

A transposição de bênção e maldição por vida e morte em Deuteronômio 30.19 e em outras partes atinge o âmago do conceito do AT de bênção. Desde Adão, a humanidade tem estado sob a maldição de morte, em todas as suas obras, em todos os seus relacionamentos. O poder de gerar vida era compreendido até mesmo pelos pagãos como uma bênção sobrenatural (*cf. Ug*, 128:III:17; II Aq 1:35; *etc.*). Deus demonstra, de Gênesis 12 em diante, que somente ele tem poder para conferir tal bênção. Nas narrativas patriarcais, a bênção está relacionada de modo bem específico com poderes de reprodução. A lição é clara. Deus dá vida. Nenhum, nem o homem nem rito algum pode fazê-lo. Nem Deus precisa ser bajulado para que dê a sua bênção. Ele quer dá-la a todos os que nele confiam (Gn 12.3). Com base nisto, a compreensão de Deus como aquele que dá vida é ampliada até sua última expressão em Jo 3.16 e s.; 10.10; *etc.*

b'rakâ. *Bênção.* O ato de conceder verbalmente boas coisas ou uma expressão coletiva para se referir às próprias boas coisas (Ez 34.26; Ml 3.10, *etc.*). O termo ocorre 67 vezes.

Bibliografia: EICHRODT, W., *Theology of the Old Testament*, v. 2, tr. J. A. Baker, Westminster, 1967, p. 349-51, *etc.* — GUILLET, J., Le langage spontané de la bénédiction dans l'Ancien Testament, *Recherches de Science Religieuse*, 57:163-204. — HEMPEL, J., Die israelitische Anschauungen von Segen und Fluch im Lichte altorientalischer Parallelen, *Zeitschrift der Deutschen Morgenlandischen Gesellschaft*, 79:20-110. — MOWINCKEL, S. *Psalmenstundien*, v. 5, Amsterdam, Schippers, 1961. — _____, *The Psalms in Israel's worship*, v. 2, tr. D. R. Ap-Thomas, Oxford, Blackwell, 1962, p. 44-51. — MURTONEN, A., The use and meaning of the words l'bārek and b'rākāh in the Old Testament, *VT*, 9:158-177. — PEDERSEN, J., *Israel, its life and culture*, v. 1-2, Londres, Oxford, 1926. — RICHARDSON, *TWB*, p. 33 Scharbert, J., "Fluchen" und "Segnen" im Alten Testament, *Biblica*, 39:1-26. — *Die Geschichte der bāruk Formel, Biblische Zeitschrift*, 17:1-28. — TOWNER, W. S., "Blessed be Yahweh" and "Blessed art Thou' Yahweh" — The modulation of a Biblical formula, *CBQ*, 30:386-99. — WESTERMANN, C., *Das Segnen in der Bibel und im Handeln der Kirche*, Munique, Kaiser, 1968. — *TDNT*, v. 2, p.755-61. — *TDOT*, v. 2, p. 279-307. — *THAT*, v. 1, p. 353-75.

J.N.O.

286 ברם (*brm*). **Aceita como raiz de:**

286a בְּרֻמִּים (*b'rōmîm*) ***tecido misto*** (Ez 27.24).

287 בָּרָק (*bārāq*) ***lançar*** (relâmpago, raio).

Termos Derivados

287a בָּרָק (*bārāq*) ***I, relâmpago, raio.***

287b בָּרָק (*bāraq*) ***II, Baraque.***

287c בָּרֶקֶת (*bāreqet*) ***uma pedra preciosa.***

287d בָּרְקַת (*bār'qat*) ***uma pedra preciosa.***

287e בַּרְקָנִים (*barqānîm*) ***sarças.***

No TM *bāraq* ocorre apenas uma vez (Sl 144.6), mas o *BDB* e outros sugerem que o texto hebraico seguido pela LXX continha *bāraq* também em 2 Samuel 22.15 e em Salmos 18.14[15] (*cf.* o *KB* também em Ez 21.33). A ARA parece seguir a LXX em Salmos 18.14, quando traduz "multiplicou os seus raios".

A forma verbal da raiz *brq* no acadiano, no arábe e no etíope tem o sentido de "brilha"; o termo cognato egípcio denota "resplendor (de água)". As formas nominais da raiz no ugarítico e no hebraico significam "relâmpago, raio". De fato, o verbo árabe *baraqa* pode ter o sentido de "lançar setas de relâmpago (de uma nuvem)".

bārāq. *Brilho, resplendor, relâmpago.* A forma substantiva é usada de modo muito mais amplo do que o verbo.

Com respeito ao substantivo *bārāq*, o *BDB* distingue corretamente o seu uso literal, "relâmpago", de seu uso metafórico, que denota o "brilho" de uma arma: de uma espada (Ez 21.10, 15, 28[15, 20, 33]), de uma lança (Na 3.3), da ponta de metal de uma seta (Jó

20.25) e de um carro (Na 2.4[5]).

As 14 ocorrências que têm o sentido de "relâmpago" são teologicamente significativas porque, em todos estes exemplos, relâmpago sempre está associado ao Senhor. Este fenômeno do céu inspira admiração e revela a grandeza e a separação de Deus em relação ao homem mortal e acompanha a Deus em suas teofanias.

Para humilhar o descobridor de falhas intrépido, Jó, o Senhor o desafiou com uma pergunta: "Ordenarás aos relâmpagos que saiam?" (Jó 38.35). Daniel foi deixado sem forças quando o Senhor lhe apareceu em uma visão como um homem cuja face tinha a aparência de um relâmpago (Dn 10.6 e s.).

Relâmpagos acompanharam o Senhor quando ele deu a sua lei justa ao seu povo no Sinai (Ex 19.16). Em outros lugares o termo aparece associado com a vinda de Deus em juízo contra os seus inimigos perversos. Na famosa visão de Ezequiel, o relâmpago resplandecente dentre os seres viventes falou do justo juízo de Deus sobre a terra (Ez 1.13). De igual modo, os poetas de Israel descrevem as epifanias do Senhor dos Exércitos quando ele julga os seus inimigos, acompanhado por relâmpagos. Provavelmente, com referência as numerosas vitórias do Senhor sobre os seus inimigos por meio das quais ele demonstrou seu reino universal, o salmista celebra o relâmpago que participou destas vitórias (Sl 97.4; *cf.* Sl 135.7). Mais especificamente, a vitória de Deus sobre o Egito no Êxodo (Sl 77.18[19]), por meio de Davi, diante de seus adversários (2 Sm 22.15 = Sl 18.14[15]), e de Israel sobre a Grécia (Zc 9.14) são todas enaltecidas, como tendo ocorrido com relâmpagos.

A associação de um relâmpago com o Senhor também serve de polêmica contra Baal, a principal divindade cananéia da natureza. Os textos e os artefatos ugaríticos retratam Baal como o deus do relâmpago, do fogo e da chuva. Por isso um texto reza: "Baal fez brilhar seus trovões" (*'nt*, IV, 70), e ainda um outro diz: "Ele brilhou relampejando até a terra" (*Text 51*, V. 71). Em uma estela ele é representado exibindo uma clava em uma das mãos e segurando um raio estilizado na outra (SCHAEFFER, C. F. A., *The cuneiform texts of Ras Shamra-Ugarit* (1936), placa XXXII, fig.2). A estela indica que Baal tinha poder sobre o fogo e sobre o relâmpago. É contra tal pano de fundo que se deve ler a advertência de Jeremias: "Não aprendais o caminho dos gentios, nem vos espanteis com os sinais dos céus. [...] Mas o SENHOR é verdadeiramente Deus; ele é o Deus vivo e o rei eterno; do seu furor treme a terra. [...] Os deuses que não fizeram os céus e a terra desaparecerão da terra e de debaixo destes céus. [...] Fazendo ele ribombar o trovão, logo há tumulto de águas no céu. [...]; ele cria os relâmpagos para a chuva, e dos seus depósitos faz sair o vento" (Jr 10.2-13; *cf.* 51.16). Na verdade Baal desapareceu da terra, mas o Senhor, o Criador-Redentor continua a ser adorado como Rei.

bārāq. *Baraque.* Nome do filho de Abinoão, comandante militar de Quedes em Naftali, convocado pela profetiza Débora para formar um exército de israelitas do norte para fazer uma guerra contra os cananeus.

O Baraque mencionado dez vezes em Juízes 4 e três no capítulo 5 convocou 10 000 homens das tribos do norte, Zebulom e Naftali. Com tal exército ele expulsou e destruiu os exércitos cananeus de Jabim, sob o comando de Sísera. Ainda que Baraque tenha sofrido em comparação com Débora e Jael, duas mulheres notáveis daquele tempo, sua coragem e vitória são exaltadas no Cântico de Débora e Baraque, e no livro neotestamentário de Hebreus, onde ele é alistado no rol dos homens de fé, sem dúvida, como alguém que "subjugou reinos" (Hb 11.33).

bāreqet. ***Pedra preciosa, carbúnculo***(?). Este substantivo ocorre duas vezes no AT (Êx 28.17; 39.10) para designar a terceira pedra preciosa na primeira ordem de pedras do peitoral do sumo sacerdote.

bārᶜqat. ***Pedra preciosa, carbúnculo***(?). Sem dúvida o mesmo substantivo citado acima com uma alternância vocálica. Era uma pedra que cobria o príncipe de Tiro (Ez 28.13). A ARA traduz estas palavras por "carbúnculo", mas a maioria dos estudiosos de hoje considera-as esmeraldas.

B.K.W.

בַּרְקָנִים (*barqānîm*). Veja o n.º 287e.

288 בָּרַר (*bārar*) ***purgar, purificar, escolher, limpar ou tornar brilhante, testar ou provar.***

Termos Derivados

288a בַּר (*bar*) ***II, puro, limpo.***
288b בַּר (*bar*) ***III, grão, cereal.***
288c בֹּר (*bōr*) ***I, álcali usado no refinamento de metais.***
288d בֹּר (*bōr*) ***II, limpeza, pureza.***
288e בֹּרִית (*bōrît*) ***sabão, álcali, produto usado para lavar.***
288f בַּר (*bar*) ***campo.***
288g בַּרְבֻּרִים (*barburîm*) ***aves engordadas para a mesa de Salomão.***

Enquanto o *BDB* relaciona este verbo com o árabe *barra*, "ser reverente, diligente, devotado; ser bondoso, caridoso, benevolente, virtuoso, bom", o *GB* entende, por outro lado, que esta palavra árabe retrocede ao termo árabe *barira*, "ser livre, limpo ('de', especialmente, culpa ou mancha)". O verbo acadiano *barāru* tem o sentido de "brilhar", e o seu adjetivo, *barru*, quer dizer "puro" (de metal). O cognato ugarítico tem o sentido de "ser puro, limpo" e é relacionado por Gordon a duas outras raízes, *brr* I e *brr* II, com o sentido de "metal" e "ser livre" respectivamente. Todavia, ele sugere que todos os sentidos podem ser derivados de uma única raiz (*UT*, 19: n.º 526). No antigo árabe do sul, *brr* (causativo) tem o sentido de "purificar". Os cognatos hebraico e árabe medievais com o sentido de "separar" e "escolher" são provavelmente um desenvolvimento secundário, sentido comprovado tanto no AT como em Qumran. Há outra raiz árabe, *bwr*, "estar sem cultivo", possivelmente a raiz do substantivo *bār*, "campo". Embora a situação não esteja clara, podemos apresentar os derivados sob uma única raiz como o *BDB*.

"Purgar" ou "purificar" é encontrado em Ezequiel 20.38, onde o Senhor Deus diz que ele purificará (ARA — separará) os transgressores rebeldes do Israel disperso. Em Daniel 11.35 e 12.10, é dito que muitos se purificarão a si mesmos. Sofonias fala de um linguajar puro (3.9). Contudo, em Jó 33.3, a ARA traduz a fala de Eliú como "os meus lábios proferem o puro saber", objeto que pode ser traduzido por "claramente" ou "sinceramente". No Cântico de Libertação de Davi, *bārar* ocorre duas vezes, com um belo jogo de palavras,

justapondo o nifal e o hitpael, "com o puro te mostrarás puro" (*'im nābār titbārār*) (2 Sm 22.27; Sl 18.26[27]), e em sua declaração de que o Senhor o recompensara conforme a pureza de suas mãos e de acordo com a sua pureza aos olhos de Deus (2 Sm 22.21,25; Sl 18.20, 24 [21. 25]).

O autor de Crônicas e Neemias usam formas participiais para indicar "escolha", ou homens ou ovelhas "escolhidos" (1 Cr 7.40; 9.22; 16.41).

Isaías usa *bārar* para descrever o servo como uma flecha ou seta polida (49.2), figura que Jeremias também utiliza em 51.11. Neste caso o *GB* e o *CHL* de Holladay citam estas passagens sob o verbete *brr* II, "afiar", possivelmente relacionado com o árabe *bary*, "afiar (uma pena, *etc.*)". O ministério do servo seria então comparado à adequação de uma seta igualmente afiada. Isaías 52.11 declara que aqueles que levam os vasos do Senhor deveriam estar "purificados". Um mandamento enigmático para que não haja purificação está em Jeremias 4.11.

A ARA traduz *bārar*, em Eclesiastes 3.18, por "prove", no sentido de que Deus prova ou testa os homens para verem que são como animais. Outra possível tradução é "manifeste".

bar. (s. ou adj.) ***Semente, grão de trigo;*** ou ***limpo, puro.*** O substantivo *bar* aparece 14 vezes, em vários lugares, como "semente" ou "grão de trigo". Em Salmos 65.13; 72.16, o termo refere-se ao grão que ainda está no campo.

Os salmistas usam o adjetivo para descrever aqueles cuja mente está singularmente voltada para Deus como "o *puro* de coração" (Sl 24.4; 73.1), e para louvar os mandamentos do Senhor como *puros* (Sl 19.8). Zofar repreende a Jó por sua reivindicação de que seu comportamento ético era *puro* (livre de falha moral) (Jó 11.4 — é paralelo de *zkk*, "ser brilhante, puro, limpo"). Enquanto em todas estas três passagens o adjetivo denota qualidade de pureza moral, o discutido *bar*, em Provérbios 14.4, é traduzido na NIV por "*vazia*", referindo-se a uma manjedoura.

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 308-12.

E.S.K.

289 ברש (*brsh*). **Aceita como raiz de:**

289a בְּרוֹשׁ (*b'rôsh*) ***cipreste, pinho, junípero, zimbro.*** *b'rôt* é a forma aramaica do mesmo termo.

Árvore sempre verde e bastante comum na Palestina e no Líbano da antigüidade. A ARA costuma traduzir o termo por "cipreste". Os tradutores da atualidade têm traduzido o termo por "cipreste", "pinho", "junípero" e "zimbro", ainda que de modo não coerente. A palavra é encontrada no acadiano. O pinheiro de Aleppo, por causa de sua utilidade e tamanho, é o que melhor se enquadra com as descrições bíblicas, embora o KB prefira o junípero fenício.

Hirão, rei de Tiro, enviou *b'rôsh* e cedro a Salomão para a construção do templo. Foi usado como assoalho do templo (1 Rs 6.15) e como tábuas das portas duplas da entrada (6.34). O templo principal teve o teto revestido de *b'rôsh*, coberto de ouro (2 Cr 3.5).

Os pinheiros de Hermom foram usados para construir navios em Tiro (Ez 27.5) e para a fabricação de instrumentos musicais (2 Sm 6.5).

Estas árvores são mencionadas como a casa da cegonha em Salmos 104.17. Isaías afirma que Senaqueribe destruiu os ciprestes escolhidos do Líbano (2 Sm 19.23; Is 37.24), que os ciprestes se regozijarão pela queda de Babilônia, e que, em uma época de restauração, os ciprestes, entre outras árvores, serão plantados no deserto (41.19) e crescerão no lugar do espinheiro (55.13).

Quando Israel voltar para o Senhor, Efraim dirá: "Sou como o cipreste verde" (Os 14.8), mas em Zacarias há um gemido porque "os cedros caíram" (11.2).

Em Naum 2.4, *b'rôsh* refere-se evidentemente a uma lança, seta, embora tradutores atuais, seguindo a LXX, tragam *pārāshîm*, "cavaleiros".

E.S.K.

290 בֹּשֶׂם (*bśm*). **Aceita como raiz de:**

290a †בֹּסֶם (*bōsem*), בֹּשֶׂם (*beśem*), בֹּשֶׂם (*bāsām*) ***especiaria, tempero, perfume, cheiro ou aroma agradável.*** Seus cognatos no aramaico e no acadiano significam "ser doce" e "ser agradável", respectivamente. O *KB* deriva o termo grego *balsamon* da raiz árabe *bshm*.

bōsem significa normalmente "especiaria", mas quando usado com uma especiaria específica tem o sentido de "doce, agradável". Em Êxodo 30.23, 25 onde os ingredientes da unção com óleo sagrado são relacionados, a ARA traz "cinamomo odoroso" e "cálamo aromático". O *GB* identifica o *qinn'·mon besem* e *q'neh besem* como o cinamomo puro perfumado e *calamus odoratus*, dos gregos e dos romanos respectivamente.

Isaías profetiza (3.24) que em Sião haverá "podridão" em vez de "perfume". A ARA afirma em Ester 2.12 que as mulheres do rei Assuero purificavam-se por seis meses com especiarias (perfumes, produtos de cheiro agradável).

O pedido de Moisés de material para o tabernáculo, seus pertences e serviço incluiu especiarias (especialmente para o óleo da unção, Êx 25.6).

As especiarias eram parte significativa do luxo e da riqueza da época. A rainha de Sabá trouxe a Salomão muitas especiarias como presente real (1 Rs 10.2, 10; 2 Cr 9.1, 9, 24), e Salomão recebia anualmente especiarias como tributo (1 Rs 10.25). Ezequias mostrou sua riqueza, da qual as especiarias, aos enviados de Babilônia como exemplo de suas posses (2 Rs 20.13). As especiarias faziam parte da mercadoria procedente de Tiro (Ez 27.22). Os levitas que retornavam da Babilônia foram feitos supervisores dos estoques de especiarias.

Asa, em sua morte, foi posto em uma cama de especiarias (2 Cr 16.14).

As especiarias são muitas vezes mencionadas como atraentes em Cantares de Salomão (Ct 4.10-16; 5.13; 6.2; 8.14). O *BDB*, o *G·B*, o *KB* e o *HCHL* de Holladay identificam o termo *bāśām*, de Cantares 5.1, com o arbusto bálsamo *Balsamodendrium Opolbasamun*. Alguns destes léxicos também entendem que o bálsamo também está em vista em 5.13; 6.2 e 8.4. (*cf.* LÖW, Immanuel *Die Flora der Juden*, v. 1, p. 299 e ss.).

E.S.K.

291 בָּשַׂר (*bāsar*) ***tornar público, dar*** (boas) ***notícias, pregar, mostrar.***

Termos Derivados

291a בָּשָׂר (*bāsār*) ***carne.***

291b בְּשֹׂרָה (*b'sōrâ*) ***notícias.***

Esta raiz e seu derivado ocorrem 30 vezes no *AT*. Dezesseis delas estão nos livros de Samuel e de Reis e sete em Isaías. Trata-se de uma raiz comum nas línguas semíticas, encontrada no acadiano, no árabe, no ugarítico, no etíope, *etc.* O sentido da raiz é "trazer novas, especialmente relativas a encontros militares". Normalmente são boas novas, mas (contra FRIEDRICH, *TDNT*, v. 2, p. 707) não necessariamente (1 Sm 4.17; 2 Sm 18.20 onde *tôb* é acrescentado de modo específico). O acadiano sustenta tal posição, pois essa palavra é muito usada de modo neutro na língua acadiana.

Na literatura histórica, as ocorrências de *bāsar* reúnem dois eventos: a morte de Saul (1 Sm 31.9; 2 Sm 1.20; 4.10) e a derrota e morte de Absalão (2 Sm 18.19 e s.). Embora Davi tenha recebido as notícias de modo diferente, ambas foram entendidas como boas pelo mensageiro que as trouxe.

Este conceito de mensageiro recém-chegado do campo de batalha encontra-se no âmago dos usos mais teologicamente fecundos em Isaías e em Salmos. Aqui é o Senhor que é vitorioso sobre os seus inimigos. Por causa de sua vitória, ele vem agora libertar os cativos (Sl 68.11[12]; Is 61.1). A sentinela espera ansiosamente pelo mensageiro (Is 52.7; *cf.* 2 Sm 18.25 e s.), que trará as boas novas. A princípio, somente Sião conhece a verdade (Is 40.9, 41.27), mas finalmente todas as nações contarão a história (Is 60.6). A realidade deste conceito só é finalmente encontrada em Cristo (Lc 4.16-21; 1 Co 15.54-56; Cl 1.5, 6; 2.13-15).

bāsār. ***Carne*** (*r. pele, parente, corpo*). Esta palavra ocorre 273 vezes no AT, das quais 153 estão no Pentateuco. Parece ser uma raiz semítica ocidental, pois não existem cognatos certos no acadiano (contra o *BDB* e o *TDNT*, *cf. Chicago Assyrian Dictionary*, B, 270a). No árabe *bašara* significa "pele" e há um verbo correspondente com o sentido de "tirar a pele", *etc.* O cognato ugarítico (*bsr*) ocorre somente quatro vezes, mas mostra uma amplitude de significado bastante semelhante à do hebraico. No hebraico a palavra refere-se basicamente à musculatura animal, mas, por extensão, pode-se referir ao corpo humano, às relações de parentesco, à espécie humana, aos seres vivos, à própria vida e à vida criada em oposição à vida divina.

bāsar ocorre com seu sentido básico de modo muito freqüente, especialmente no Pentateuco, na literatura relativa a práticas sacrificiais (*e.g.*, Lv 7.17), mas também nas prescrições relativas às doenças da pele (Lv 13, *etc.*). O paralelismo comum com *'etsem*, "osso", para comunicar a idéia de "corpo", denota o sentido central da palavra de modo muito claro (*cf.* Jó 2.5, *etc.*).

Todavia, *bāsar* pode estender seu sentido a ponto de significar "corpo", ainda que não haja qualquer referência a ossos (Nm 8.7; 2 Rs 4.34; Ec 2.3, *etc.*). Como tal, o termo refere-se apenas à forma externa de uma pessoa, o que é visto como uma das partes do ser humano, sendo os outros especialmente o *lēb*, "coração", e o *nepesh*, "alma" (Sl 16.9; *etc.*). Contudo, seria impróprio pensar que os hebreus concebiam que uma alma viva habitasse um corpo que por si só estaria morto. Em vez disso, eles viam a realidade humana como permeadora de todas as partes, sendo esse conjunto a pessoa.

Portanto, "alma" e "corpo" aparecem como paralelos diretos em vários lugares, especialmente nos Salmos (*cf.* 84.2[3], "A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do SENHOR; o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo!"). Assim, referir-se a alguém como da própria "carne e osso" de outrem (Gn 2.23) queria dizer mais do que o fato de que eles compartilhavam da mesma herança física. Além disso, dizer que um homem e uma mulher tornam-se uma só carne no contato sexual (Gn 2.24) quer dizer mais do que ser unidos fisicamente.

Se "corpo" pode-se referir ao homem, pode também se referir à espécie humana (Is 66.16,24, *etc.*) e, mais profundamente, a todas as criaturas vivas (Gn 6.19, *etc.*). É neste sentido que "carne" é vista em contraste com espírito (*ruah*) de Deus (Gn 6.3; Sl 56.4[5]; Is 31.3; 40.6; Jr 17.5). A carne é transitória, fraca e mortal. Como então aqueles que são carne se exaltarão contra Deus? Isto não significa, no entanto, que o AT utiliza o termo "carne" como símbolo da rebelião humana. O problema não tem a ver com a carne do homem, mas sim com o seu "coração" (Ez 11.19; 44.7), um desejo de se rebelar que esquece que o homem é apenas carne (Ec 5.5). Para que haja certeza disso, a base para o uso que Paulo faz de "carne" no NT está presente no AT no sentido em que o Deus espiritual é contrastado com o homem carnal. Todavia, a idéia de que o princípio do pecado é algo residente na carne é intertestamentária.

Bibliografia: BRUEGGEMANN, Walter, Of the same flesh and bone (Gn 2, 23a), *CBQ*, 32:532-42. — BURTON, E. G., *Spirit, soul and flesh*, University of Chicago, 1918. — JOHNSON, A., *The vitality of the individual in the thought of ancient Israel*, Cardiff, University of Wales, 1949, p. 39-41. — LYS, D., *La chair dans l'Ancien Testament*, Paris, Editions Universitaires, 1967. — MURPHY, R. F., Bsr in Qumran literature and sarks in the Epistle to the Romans, *Sacra Pagina*, 2:60-7. — NORTH, Robert, Flesh, covering and response, Ex xxi 10, *VT*, 5:204-6. — PEDERSEN, J., *Israel: its life and culture*, v. 1-2, Londres, Oxford, 1926, p. 170-81. — RICHARDSON, *TWB*, p. 83. — SANDER, O., Leib-Seele-Dualismus im AT?, *ZAW*, 77:29-32. — SCHARBERT, J., *Fleisch, Geist und Seele im Pentateuch*, Stuttgart Biblical Series: 19, Stuttgart, Katholisches Bibelwerk, 1967. — *TDOT*, v. 2, p. 313-31. — *THAT*, v. 1, p. 376-8.

J.N.O.

292 בשל (*bāshal*) ***ferver, assar, tostar, cozinhar*** e ***amadurecer.*** A ARA traduz a palavra muitas vezes por "cozer". Um verbo cognato no acadiano, no etíope e no árabe (grau IV) significa "cozido" e, no siríaco e no acadiano, significa "amadurecer".

Termos Derivados

292a בָּשֵׁל (*bāshēl*) ***cozido, fervido.***

292b מְבַשְּׁלוֹת (*m'bashsh'lôt*) ***lugares de cozinhar.***

Em mais de uma dúzia de lugares em que *bāshal* é usado para descrever o preparo de bolos ou animais no sistema sacrificial, o termo pode descrever qualquer tipo de processo de cozimento: "assar" (Nm 11.8), "tostar" (Dt 16.7; 2 Cr 35.13) ou "ferver" (Lv 8.31; Ez 46.20, 24). Isto não significa que a palavra seja usada indiscriminadamente. A páscoa devia ser assada (*bāsnal*) no fogo (2 Cr 35.13), mas as ofertas consagradas deviam

ser cozidas (*bāshal*) em panelas. Uma distinção ainda mais clara é feita em Êxodo 12.9, onde o cozido em água (*bāshal*) é contrastado com o assado ao fogo (*tsālâ*), exigido para a Páscoa.

Os filhos de Eli transgrediram a lei, exigindo carne crua para si em certos sacrifícios em vez de aceitarem a carne cozida (1 Sm 2.13, 15). Algumas mulheres arranjaram um meio de cozer e comer os seus filhos durante o sítio de Samaria (2 Rs 6.29) e, no sítio final de Jerusalém, o mesmo tipo de acontecimento horrível se sucedeu (Lm 4.10).

Onde *bāshal* está relacionado com a época de amadurecimento da colheita (Gn 40.10; Jl 3.13[4.13]), a referência parece ser à ceifa ou às uvas prontas para o uso, assim como o cozer torna o alimento pronto para ser comido.

bāshēl. ***Fervido.*** Esta forma adjetiva ocorre apenas duas vezes com o significado de cozido ou fervido (Êx 12.9; Nm 6.19).

E.S.K.

293 בשן (*bshn*) **Aceita como raiz de:**

293a בָּשָׁן (*bāshān*) ***plano, fértil, Basã.*** Há 60 ocorrências.

Região fértil delimitada pelo rio Jaboque ao sul, o mar da Galiléia a oeste, uma linha que vai do monte Hermom para o leste ao norte e a cadeia de Hauram a leste. Esta era a terra de Ogue antes de ser capturada por Israel sob o comando de Moisés. Tornou-se o território da metade da tribo de Manasses ou Maquir (Js 13.30; 21.6). Golã era uma cidade de refúgio dessa região (Js 20.8). As cidades levitas também ficavam ali (Js 21.6). Embora controlada por Davi e Salomão, mais tarde ficou sujeita a mudar de domínio sob o poder do Reino do Norte e da Síria. Jeremias profetiza que Israel pastará outra vez no Carmelo e em Basã (Jr 50.19).

Os animais das montanhas e os carvalhos são objetos de expressões figuradas. No Cântico de Moisés (Dt 32.14) é feita uma referência aos "carneiros que pastam em Basã" e, em Salmos 22.12, "os fortes touros de Basã" são uma figura dos perversos inimigos do Messias. Ezequiel profetizou que, na derrota de Gogue e Magogue, a carne e o sangue do povo e dos animais, "todos engordados em Basã", serão devorados pelos pássaros e pelos animais (Ez 39.18).

Tiro fez remos dos "carvalhos de Basã" (Ez 27.6). Isaías 2.13 afirma que o soberbo como os carvalhos de Basã será "abatido" no dia do Senhor.

E.S.K.

בּשְׁנָה (*bôshnâ*). Veja o n.º 222b.

294 בָּשַׁס (*bāshas*). Ocorre apenas em Amós 5:11, *bôshasʿkem* "vosso tropel" (A ARA traz "pisais").

בּשֶׁת (*bôsheṯ*). Veja o n.º 222c.

בַּת (*baṯ*) I, II. Veja os n.ºs 254b, 298a.

בַּתָּה (*battâ*), בָּתָּה (*bātâ*). Veja o n.º 298b, c.

295 בתל (*btl*)

בְּתוּלָה (*b'tûlâ*). Veja o n.º 295a.
בְּתוּלִים (*b'tûlîm*). Veja o n.º 295b.

295 בתל (*btl*). **Aceita como raiz de:**

295a בְּתוּלָה (*b'tûlâ*) ***virgem.***
295b בְּתוּלִים (*b'tûlîm*) ***virgindade.***

b'tûlâ. Virgem, jovem, moça; provavelmente derivada de um verbo não usado, *bātal*, "separar". Embora os léxicos de hebraico e as traduções modernas traduzam geralmente *b'tûlâ* por "virgem", G. J. Wenham (B'tûlāh, "A girl of marriageable age", VT, 22:326-48) e Tsevat (*TDOT*, v. 2, p. 338-43) contestam que este seja o sentido geral e preferem "uma jovem em idade de casar". Mas enquanto Wenham não aceita o sentido de "virgem" em nenhum texto, Tsevat aceita tal sentido em três das 51 ocorrências do termo (Lv 21.13 e s.; Dt 22.19 e Ez 44.22). De qualquer forma, um grande argumento pode ser levantado sobre a possibilidade de *b'tûlâ* não ser um termo técnico para *virgo intacta* no AT, conclusão importante para se conhecer o sentido de *'alma* em Isaías 7.14.

As Línguas Cognatas. Um estudo da palavra nas línguas cognatas sustenta a discussão de C. H. Gordon de que *b'tûlâ* nas línguas do Oriente Próximo não tem por si só o sentido de *virgo intacta* (*JBR*, 21:240-1).

A palavra egípcia especialmente paralela a esta palavra hebraica é *hwn.t*. Ainda que a palavra possa denotar "moça", "virgem", pode também denotar uma mulher em idade de casar ou uma jovem que tenha tido relações sexuais. Assim a palavra é usada nos Textos da Pirâmide da protetora do rei, que é explicitamente chamada de sua mãe, e de Ísis, de quem se diz num oráculo de um sarcófago que está misteriosamente grávida. Tsevat conclui: "Pode ser afirmado que *hwn.t* não é usado para denotar virgindade biológica, mas antes vigor juvenil e maternidade em potencial" (p. 339).

O cognato acadiano, *batultu*, denota "em primeiro plano um grupo de certa faixa etária: somente em contextos específicos [...] o termo assume a conotação de 'virgem'" (*CAD*, v. 2, p. 174). J. J. Finkelstein (Sex offences in Sumerian laws, *JAOS*, 86:355-72) e B. Landsberger (Jungfräulichkeit: Ein Beitrag zum Thema "Beilager und Eheschliessung", In: *Symbolae Juridicae* ... M. David ... ed. J. A. Ankum ..., II Leiden, 1968, p. 41-105) têm enfatizado em estudos independentes que a palavra é normalmente melhor entendida como "jovem (solteira)". De fato, não há outra palavra para "virgem" no sumério ou no acadiano. Tal conceito é expresso de modo negativo pela expressão "a que não foi deflorada".

No ugarítico, *btlt* é um epíteto freqüente para Anat, esposa de Baal, que repetidamente mantém relação sexual (*cf.* SELMS, A. van, *Marriage and family life in ugaritic literature*, Londres, 1954, p. 69, 109).

Em uma tradição xiíta, Fátima, ainda que mãe de Hasan e Hussein e de outros filhos, tem o título de *batūl* (VIROLLEAUD, C., *Le théâtre Persan*, Paris, 1950, p. 37). Em um texto aramaico de Nippur, Montgomery interpreta a frase, *btwlt*, "trabalhando sem suportar", como que denotando uma esposa desafortunada sofrendo por seus fracassos e enfermidades femininas (*Aramaic incantation texts from Nippur*, Filadélfia, 1913, p. 131).

Tsevat concluiu que a palavra "não significa 'virgem' em nenhuma língua, nem exclusivamente (aramaico), nem principalmente (hebraico), nem de modo geral (acadiano [e ugarítico?])" (p. 340).

Uso do AT. Se *b'tûlâ* é usada no sentido genérico, "jovem", ou no sentido mais específico, "virgem", isso não pode ser concluído com base em Êxodo 22.16[15] e s.; Deuteronômio 22.28, 29; Levítico 21.2, 3; *etc.* Todavia, em Levítico 21.13, 14 e Ezequiel 44.22, onde *b'tûlâ* é contrastada com vários tipos de mulheres que já haviam tido experiência sexual, parece provável que o conceito de "virgem" está em vista.

O argumento de Wenham de que as orações qualificadoras de *b'tûlâ*, tais como "que ainda não teve marido" (Lv 21.2, 3) ou "a quem nenhum homem havia possuído" (Gn 24.16; Jz 21.12), não têm sentido se a palavra tiver o significado de "virgem", não é convincente, pois não se pode verificar se tais orações são restritivas ou explicativas. *Cf.* 2 Sm 14.5, passagem semelhante).

Contudo, Wenham questiona a conclusão de que a palavra deva ter o sentido de "virgem" em Deuteronômio 22.13-21, porque ele oferece uma interpretação aparentemente digna de confiança, assumindo o sentido geral de "adolescente nubente". No primeiro caso, *b'tûlîm*, "símbolos de virgindade" (vv. 14, 15, 17, 18), possui morfologicamente a forma regular de substantivos abstratos no hebraico bíblico que designam faixas etárias (*cf. n'ûrîm*, "juventude", *z'qûnîm*, "velhice"). Além disso, de acordo com ele, os "símbolos de virgindade", assim chamados pelos anciãos, não são os lençóis relativos à noite de núpcias, mas sim as roupas manchadas de sangue do último fluxo da jovem. Com tais roupas, os pais da moça podiam refutar a queixa do marido cheio de ciúme de que sua esposa já estava grávida de outro homem enquanto ainda vivia na casa de seu pai. Finalmente, ele argumentou que sua interpretação corresponde admiravelmente à frase que afirma que, se tais provas não pudessem ser apresentadas, a moça seria apedrejada até a morte, "pois fez loucura em Israel, prostituindo-se *na casa de seu pai*" (Dt 22.21). Assim, estas roupas serviam de teste, o que provava que ela não estava grávida quando se casou. Se ela não estivesse grávida, era aceita como virgem. Se tal interpretação de *b'tûlîm* está correta, ela então sustentaria a tese de que *b'tûlâ* é uma "jovem em idade de casamento", visto que o início da menstruação seria o sinal mais claro de que ela já tinha alcançado tal idade.

Visto que Wenham apresentou um argumento forte de que o teste da interpretação não era de virgindade, mas sim de castidade, pode-se admitir que *b'tûlîm* ou *b'tûlâ* certamente não fala de virgindade neste texto tão discutido.

Em oito passagens a palavra *b'tûlâ* é contrastada ou combinada com a palavra hebraica para moço (Dt 32.25; 2 Cr 36.17; Sl 148.12; Is 62.5; Jr 51.22; Lm 1.18; 2.21; Zc 9.17). Nestes textos as expressões têm apenas o sentido de moços e moças. Em Ezequiel 9.6 a palavra (no plural) refere-se a jovens juntamente com crianças e a mulheres que serão mortas por causa da perversidade de Israel.

Todavia, em Joel 1.8, onde a *b'tûlâ* é convocada para lamentar a morte de seu *ba'al*, "marido", a palavra provavelmente não tem o sentido de "virgem", pois em outros textos *ba'al* é a palavra comum para "marido" e a tradução "noivo" de algumas versões não pode, por sua vez, ser confirmada. De igual modo em Ester 2.17, as *b'tulôt* que passaram a noite com o rei Assuero não são virgens, a não ser que se trate de uma figura de linguagem para dizer "as que tinham sido virgens". Em uma parábola Ezequiel fala de Oolá e Oolibá prostituindo-se e tendo os seios de sua *b'tûlîm* apalpados (23.3). Aqui também a noção de virgindade não é precisa. Finalmente, em Jó 31.1 até mesmo a NEB traduziu por "moça" em inglês e a ARA diz "donzela", pois não seria pecado para Jó fixar os olhos em uma

virgem. A não ser que se trate de um epíteto para uma deusa cananéia, o termo designa provavelmente uma jovem casada (*cf.* vv. 8 e ss.).

Conforme o grego *parthenos*, o latim *virgo* e o alemão *Jungfrau*, *bᵉtûlâ* significava originalmente "jovem em idade de casamento", mas desde que ela era normalmente uma virgem, não era difícil que tal sentido viesse a ser incluído na palavra. Este significado mais técnico é um desenvolvimento posterior no hebraico e no aramaico e é claramente o seu sentido na era cristã. Não está claro quando a mudança ocorreu.

O que fica claro é que alguém pode argumentar que, se Isaías (7.14), em seu famoso oráculo dirigido a Acaz, teve a intenção de se referir a uma virgem, ele poderia ter utilizado o termo *bᵉtûlâ*, termo mais preciso do que *'almâ*.

bᵉtûlâ é usado em várias expressões figuradas que se referem a cidades ou países como jovens: Sião (Is 37.22); Babilônia (Is 47.1); Israel (Jr 18.13); *etc.* *Cf.* a freqüente expressão "filha de Sião".

Bibliografia: BEEGLE, Dewey, M., Virgin or young woman?, *Asbury Seminarian*, 8:20-34. — GORDON, C. H., 'Almah in Isaiah 7:14, *JBR*, 21:106. — KNIGHT, G. A. F., The virgin and the Old Testament, *RTR*, 12:1-13. — YOUNG, Edwin J., The Immanuel prophecy, *WTJ*, 15:97-124; 16:23-50. — *TDNT*, v. 5, p. 831-4. — *TDOT*, v. 2, p. 338-43.

B.K.W.

296 *בתק (*bātaq*) ***cortar, tirar, abater.*** Ocorre apenas no piel, em Ezequiel 16:40.

297 בתר (*batar*) ***cortar em dois*** (Gn 15.10).

Termo Derivado

297a בתר (*beter*) ***parte, pedaço.***

298 בתת (*btt*) **Aceita como raiz de:**

298a בת (*bat*) ***medida de líquido, cerca de 22 litros***. Veja *ZPEB*, v. 5, p. 916.

298b בתה (*bāttâ*) ***precipício, declive íngreme*** (Is 7.19).

298c בתה (*bātâ*) ***fim, destruição*** (Is 5.6).

ג

גֵּא (*gē'*). Veja o n.º 299a.

299 גָּאָה (*gā'â*) ***levantar-se, crescer, ser exaltado em triunfo.***

Termos Derivados

299a גֵּא (*gē'*) ***orgulhoso.***
299b גֵּאֶה (*gē'eh*) ***orgulhoso.***
299c גַּאֲוָה (*gē'â*) ***orgulho.***
299d גַּאֲוָה (*ga awâ*) ***majestade, orgulho.***
299e גָּאוֹן (*gā'on*) ***exaltação.***
299f גְּאוּת (*gē'ût*) ***majestade.***
299g גַּאֲיוֹן (*ga'ăyôn*) ***orgulhoso.***
299h גֵּוֶה (*gēwâ*) ***orgulho.***

O sentido primeiro desta raiz é "levantar". O termo ocorre sete vezes no AT. Em duas destas passagens (Ez 47.5; Jó 8.11) a tradução comum é preservada. A raiz também aparece quatro vezes no "Cântico à beira do Mar" (Êx 15.1: 15.21). Neste caso encontramos um fenômeno comum da língua hebraica, em que, por razões de ênfase, a forma finita do verbo é precedida do infinitivo absoluto. Assim, a maioria das versões traduz as duas formas verbais juntas por "triunfou gloriosamente". O sentido é que Deus "se levantou" (como uma onda) por sobre os seus inimigos. O sétimo uso da raiz está em Jó 10.16. A tradução exata é problemática. A passagem diz literalmente: "se ele se levanta a si mesmo, tu (Deus) caças-me como um leão".

A idéia básica de levantar-se ou crescer é percebida nas seguintes passagens: 1) Isaías 9.17 refere-se a uma "coluna" (*gē'ut*) ascendente de fumaça, metáfora dos efeitos causados pelo pecado em tudo que ele tocar; 2) Salmos 46.3[4] refere-se ao "barulho" ou "tumulto" (*ga'ăwâ*) de montanhas em uma cena de distúrbio cataclísmico; 3) Salmos 89.9[10] fala da "fúria (*gē'ût*) do mar", território governado pelo Senhor. Jó 38.11, parte do discurso de Deus, refere-se às ondas "orgulhosas" (*gā'ôn*). Com relação a estas referências às águas espumejantes, pode-se comparar também a expressão "na floresta (*gē'on*) do Jordão" em Jeremias 12.5; 49.19; 50.44 e Zacarias 11.3. Esta última é uma descrição da área de vegetação rica e densa que se localiza nos dois lados da parte sul do

vale do Jordão. (*Cf.* GLUECK, N., *The river Jordan*, p. 63.) A floresta pode ser assim chamada por causa de seu crescimento rápido e por sua grande quantidade de águas nas enchentes. O nome árabe para ela é *Zor*.

A palavra "orgulho" (ou os seus sinônimos) pode ser usada tanto de maneira positiva como negativa no Antigo Testamento. No sentido positivo, duas aplicações podem ser discernidas. A primeira seria a daqueles versículos que falam da terra de Israel sob o aspecto da excelência: Salmos 47.4[5]; Ezequiel 24.21; Deuteronômio 33.29; Naum 2.3 e Isaías 4.2. Em cada um destes casos o significado da terra tem tal conotação apenas por causa do seu relacionamento com Iavé. Não se trata de uma característica intrínseca.

Em segundo lugar poderíamos relacionar os versículos que falam do "orgulho (ou majestade, ou excelência)" de Deus: Êxodo 15.7; Isaías 2.10, 19, 21; 24.14; Miquéias 5.3; Jó 37.4; 40.10 (*gā'on*); Deuteronômio 33.26; Salmos 68.35 (*ga'ăwâ*); Salmos 93.1; Isaías 12.5 e 26.10 (*gē'ût*). Na maioria destas passagens a palavra hebraica específica é traduzida na LXX por *doxa* ou por um termo equivalente e não por *hubris*. Por fim podemos observar o nome do espia da tribo de Gade, enviado por Moisés, chamado Geuel (Nm 13.15), "El é majestoso".

Todavia, é no sentido negativo que o AT usa de maneira preponderante este conceito. As partes da Bíblia que empregam o termo com maior freqüência em um contexto de condenação são: 1) os profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel e 2) Salmos, Provérbios e Jó. Existem 53 exemplos desse uso nestes seis livros. Tal acusação é feita muitas vezes contra os povos que não pertencem à aliança como: Moabe (Is 16.6); o Egito (Ez 30.6); os filisteus (Zc 9.6); a Assíria (Zc 10.11) e assim por diante.

Contudo, é sobre Israel que vem o juízo mais severo. A atitude é tão antiga quanto Sodoma (Ez 16.49 e *cf.* Sl 10.2). A acusação exata diz respeito à arrogância, à insensibilidade descarada para com as necessidades dos outros e à presunção. É tanto uma disposição como um tipo de procedimento (sendo que ambos estão intrinsecamente relacionados). O orgulho leva inevitavelmente à destruição (Pv 15.25; 16.18; Jr 13.9; Is 13.11, *et al*).

Portanto podemos observar que o orgulho não é intrinsecamente errado. Descreve parte do caráter de Deus. Deve-se tornar parte do estilo de vida do crente (Jó 40.10 e Dt 33.29). O pecado entra em cena quando a confiança final que se deve ter em Deus como fonte e objeto de nossa fé é alterada em direção a nós mesmos.

gē'â. ***Orgulho.*** Esta palavra é encontrada somente em Provérbios 8.13 (a ARA traz "arrogância").

gē'eh. ***Orgulhoso.*** O adjetivo descreve o homem presunçoso.

gē'. ***Orgulhoso.*** Esta palavra é encontrada somente em Isaías 16.6 e deve obviamente estar relacionada com *gē'eh* como o paralelo exato de Jeremias 48.29 indicará.

ga'ăyôn. ***Orgulhoso.*** Aparece somente em Salmos 123.4.

Bibliografia: DRIVER, G. R., "Another Little Drink" in Isaiah 28:1-22, In: *Words and meanings*, ed. P. Ackroyd e B. Lindars, Cambridge, The University Press, 1968, p. 48-50. — A respeito do uso da raiz *g'h* em Ugarítico, 2 Aqht VI, 42-5, *cf.* LOFFREDA, S. Raffronto ira un testo ugaritico (2 Aqht VI, 42-5) e Giobbe 40, 9-12, *Bibliotheca Orientalis*, 8:103-16. — TDNT, v. 8, p. 299-305. — TDOT, v. 2, p. 344-9. — THAT, v. 1, p. 379-82. — TWNT, v. 8, p. 299-302. — HAR-EL, The pride of the Jordan, BA, 41:68-9. V.P.H.

גָּוָה (*ga'ăwâ*). Veja o n.º 299d.
גְּאוּלַי (*g'ûlay*). Veja o n.º 300a.
גָּאוֹן (*gā'ôn*). Veja o n.º 299e.
גֵּאוּת (*gē'ut*). Veja o n.º 299f.
גַּאֲיוֹן (*ga'ayôn*). Veja o n.º 299g.

300 גָּאַל (*gā'al*) ***I, redimir, vingar, resgatar, livrar, cumprir o papel de resgatador.***

Termos Derivados

300a גְּאוּלַי (*g'ûlay*) ***redenção*** (apenas em Is 63.4).
300b גְּאֻלָּה (*g'ullâ*) ***redenção, direito de redenção, preço da redenção, parente.***
300c גֹּאֵל (*gō'el*) ***I, redentor.***

A forma participial do qal do verbo tornou-se praticamente um substantivo com todos os seus atributos, ainda que possa corretamente ser considerada apenas uma forma do verbo.

O sentido original desta raiz é o de cumprir o papel de resgatador, redimindo portanto seu parente da dificuldade ou do perigo. O termo é usado juntamente com os seus derivados 118 vezes. Uma diferença entre esta raiz e a raiz muito semelhante *pādâ*. "redimir". é que normalmente há uma ênfase em *gā'al* na redenção como privilégio ou dever de um parente próximo. A forma participial do qal tem sido de fato traduzida por muitos por "parente-resgatador" ou por "resgatador", como faz a ARA. A raiz deve ser distinguida de *gā'al* II, "manchar. macular".

A raiz é usada em quatro situações básicas que abrangem o que um homem bom e veraz faria por seu parente. Em primeiro lugar, é usada na legislação do Pentateuco para se referir ao resgate de um campo que fora vendido em tempos de necessidade (Lv 25.25 e ss.), ou para se referir à libertação de um escravo israelita que se vendera a si mesmo em tempos de miséria (Lv 25.48 e ss.). Essa aquisição e essa restituição eram tarefas do parente mais próximo. Em segundo lugar, ainda que associado com este uso, havia a "redenção" da propriedade ou de animais não sacrificáveis dedicados ao Senhor, ou ainda do primogênito dos animais imundos (Lv 27.11 e ss.). A idéia era que um homem poderia dar ao Senhor algo equivalente em troca, mas o preço da redenção deveria ser um pouco maior para evitar trocas desonestas. Nestes casos, o redentor não era um parente, mas sim o dono da propriedade. Em terceiro lugar, a raiz é usada para se referir ao parente mais próximo, que é o "vingador de sangue" em caso de um homem assassinado. A expressão inteira, "vingador de sangue", é quase sempre usada (*cf.* Nm 35.12 e ss.). Claramente a idéia é que o parente mais próximo deveria efetuar o pagamento de vida por vida. Assim como uma casa é resgatada e um escravo é redimido por meio de pagamento. também a vida perdida de um parente deveria ser paga pelo equivalente, a vida do assassino. O parente é o vingador *de sangue*. Este sistema de execução deve ser distinguido dos conflitos sangrentos, pois o *gō'el* era um executor sem culpa, não devendo ser morto por isto.

Finalmente, há o uso muito comum, proeminente nos Salmos e nos profetas, de que Deus é o Redentor de Israel que se levantará em favor de seu povo e os vindicará. Pode haver uma alusão à proximidade de parentesco do Pai ou ao senhorio no uso desta palavra. O preço de redenção não é normalmente citado, embora a idéia de julgamento sobre os opressores de Israel como resgate seja incluída em Isaías 43.1-3. Deus, por assim dizer, redime seus filhos de um cativeiro pior do que a escravidão.

Talvez o exemplo mais conhecido de redenção do pobre esteja nos livro de Rute, que é o mais extenso testemunho do AT sobre a lei do levirato. De acordo com Deuteronômio 25.5-10, uma viúva sem filhos deveria ser tomada pelo irmão de seu marido para perpetuar a semente e, assim, assegurar a herança da terra que estava ligada aos descendentes do sexo masculino. O parente próximo aqui é chamado de *yābām*. A raiz *gā'al* não é usada. Na situação de Rute, duas coisas são mencionadas: o campo e o casamento de levirato. O parente próximo estava disposto a comprar o campo, mas não a casar-se com Rute.

A questão é que quando Noemi, em sua pobreza, teve de vender o campo, o parente mais próximo ficou obrigado a comprá-lo de volta para ela. Ele estava disposto a fazer isto a favor da viúva de seu irmão, que ficara sem filhos. No final das contas, a terra presumivelmente seria devolvida a ele, de alguma forma. Quando ele entendeu que precisava casar-se com Rute e ter filhos que manteriam a herança deles, recusou-se, e Boaz entrou em cena. Todavia, as duas coisas, a redenção pelo parente mais próximo e o casamento de levirato, devem ser distinguidas. A palavra *gō'ēl*, "redentor", não se refere a esta segunda instituição.

No famoso versículo de Jó 19.25, a palavra *gō'ēl* é traduzida por "redentor" na ARA, e alguns a entendem como uma referência à vinda de Cristo em sua obra propiciatória. Isto seria expresso mais caracteristicamente pela palavra hebraica *pādâ* (*q.v.*). Esta palavra em Jó 19.25 refere-se mais especificamente à obra de Deus, que, como amigo e parente resgatador, por meio da fé, por fim redimiria Jó do pó da terra. A enigmática frase "da minha pele", do v. 26, poderia muito bem ser lida com vogais diferentes, significando "depois que eu despertar" (veja a nota de rodapé da NIV e também Jó 14.12-14, onde a pergunta de Jó sobre a ressurreição atinge o clímax pela sua esperança de que Deus atentará para ele por fim e que Jó, como uma árvore, terá um segundo "crescer" — *hălîpâ*, v. 14, que corresponde ao *hālap* do v. 7). De qualquer forma, Jó espera, por fim, ver a Deus, o seu *gō'ēl*, com os próprios olhos.

Bibliografia: JOHNSON, A. R., The primary meaning of the root *g'l*, *Supp VT*, 1:67-77. — *AI*, 11-2, 21-3. — LEGGETT, Donald A., *The levirate goel institutions of the OT*, Presbiterian & Reformed Press. — *TDOT*, v. 2, p. 350-5.

R.L.H.

301 גָּאַל (*gā'al*) ***II, contaminar, macular.***

Termo Derivado

301a גֹּאֵל (*gō'ēl*) ***contaminação,*** usado apenas em Neemias 13.29, referindo-se à "contaminação do sacerdócio" pelos sacerdotes infiéis.

Esta raiz, sem dúvida, deve ser distinguida de *gā'al* I, "redimir". Parece ser uma formação secundária da raiz semelhante *gā'al*, encontrada também no aramaico, com o

sentido de "detestar", "abominar". É usada 12 vezes.

A contaminação especificada pelo verbo deve-se ao sangue do assassino (Is 59.3; Lm 4.14), o sangue da vingança (Is 63.3) ou ao pecado em geral (Sf 3.1; Ne 13.29). A palavra é usada para se referir à contaminação cerimonial dos sacrifícios imperfeitos (Ml 1.7,12), à dieta do rei pagão (Dn 1.8) e à linhagem incerta dos sacerdotes depois do exílio (Ed 2.62; Ne 7.64). Assim, a contaminação especificada decorre de qualquer infração da lei moral ou cerimonial. A categoria de Jó 3.5 é incerta. A ARA traduz por "reclamar", entendendo o termo como *gā'al* I. Talvez o contexto favoreça esta tradução. O dia escuro do seu nascimento deve, de acordo com a maldição de Jó, ser "adquirido" pelas trevas e habitado pela sombra da morte.

R.L.H.

גַּב (*gab*) Veja o n.º 303a.

גֵּב (*gēb*) I. Veja o n.º 304a.

גֵּב (*gēb*) II, III. Veja o n.º 323 a, b.

302 גבא (*gb'*). **Aceita como raiz de:**

302a גֵּבְא (*gebe'*) ***cisterna, tanque*** (Is 30.14; Ez 47.11)

303 גבב (*gbb*). **Aceita como raiz de:**

303a †גַּב (*gab*) ***dorso***.

O substantivo é usado 13 vezes no AT. Sete delas estão em Ezequiel (1.18; 10.12; 16.24, 31, 39; 43.13). A palavra pode ser masculina ou feminina. Assim, Ezequiel 1.18 diz: "As suas bordas [ou rodas] (*gabbêhem*) [...] e as suas bordas [ou rodas] (*gabbōtām*) eram...". No singular, o termo é sempre masculino. No plural, aparece no masculino seis vezes e no feminino duas (Ez 1.18 e Lv 14.9).

Embora o sentido dado acima para *gab* seja "dorso", esta tradução só aparece em Salmos 129.3. O poeta, falando por Israel, reclama do tratamento duro ao qual Israel foi submetido pelos seus inimigos: "Sobre o meu 'dorso' lavraram os aradores". Idéia e fraseologia semelhantes são usadas em Isaías 51.23, embora ali a palavra para "dorso (ou corpo)" seja *gaw*, sinônimo de *gab*.

O sentido básico parece ser algo como "curvado" ou "arredondado". Jó 15.26 menciona a grossura do escudo de Deus (*gabbê māginnāw*) e a futilidade da tentativa de Jó de se lançar sobre ele. Nas visões de Ezequiel, esta palavra refere-se aos aros das rodas dos carros mostradas pelos quatro seres viventes: Ezequiel 1.18; 10.12 e *cf.* 1 Reis 7.33.

Três vezes em Ezequiel (16.24, 31, 39), Judá é condenada por edificar para si mesma, como uma prostituta, um "prostíbulo de culto" e elevados altares (*rāmâ*). Isto pode ser uma referência a uma colina construída artificialmente, sobre a qual cultos proibidos eram realizados (talvez um jogo de palavras entre *rāmâ* e *bāmâ*). Por isso, a LXX traduz *gab* aqui por *oikēma pornikon*, "bordéis".

gab aparece em Jó 13.12: "os vossos 'baluartes' são 'baluartes' de barro". No contexto, Jó está refutando a idéia de que há alguma substancialidade nos diagnósticos e soluções de seus críticos.

Bibliografia: COHEN, A., Studies in Hebrew lexicography, *AJSL*, 40:153-85, esp. 165-6, relaciona *gab* em Jó 13.12 com a raiz rabínica *gbb*, "limpar folhas", e traduz Jó 13.12*b*

por "como partículas inúteis de barro é o seu amontoado de argumentos". — GUILLAUME, A., The Arabic background of the Book of Job., In: *Promise and fulfillment*, Edimburgo, Clark, 1963, p. 106-27, esp. p. 112, traduz Jó 13.12*b* por "suas réplicas são respostas empoeiradas".

V.P.H.

304 גבה (*gbh*). **Aceita como raiz de:**

304a גֵּב (*gēb*) ***I, gafanhoto*** (somente em Is 33.4)
304b גֹּב (*gôb*) ***gafanhotos*** (somente em Na 3.17)
304c גֹּבַי (*gōbay*), גֻּבַּי (*gôbāy*) ***gafanhotos*** (Am 7.1; Na 3.17).

305 גבה (*gābah*) ***ser alto, exaltado.***

Termos Derivados

305a גָּבוֹהַּ (*gābōah*) ***alto, exaltado.***
305b גַּבְהַּ (*gōbah*) ***altura, exaltação.***
305c גַּבְהוּת (*gabhût*) ***altivez*** (somente em Is 2.11, 17)

A raiz *gābah* e os seus derivados são usados 94 vezes no AT. O verbo aparece no qal 24 vezes, com o sentido básico de "ser alto ou elevado", e no hifil dez vezes, com o sentido de "tornar alto, exaltar". *gābōah* aparece 41 vezes, o substantivo *gōbah* 17 vezes e o substantivo *gabnut* apenas duas. A raiz é usada somente três vezes no Pentateuco (Gn 7.19; Dt 3.5; 28.52), mas. em contraste, nos profetas encontramos 14 ocorrências em Isaías, sete em Jeremias e 22 em Ezequiel.

Quando a raiz é usada no sentido básico, descreve a altura de pessoas, objetos, locais e fenômenos naturais. Portanto, o verbo *gābah* designa o crescimento de uma árvore (Ez 17.24; 31.5, 10, 14); o caule de uma videira (Ez 19.11); os céus em contraste com a terra (Sl 103.11; Jó 35.5). Saul é descrito como "mais alto" do que qualquer um de seu povo (1 Sm 10.23). Qualifica o muro alto que Manasses construiu em volta de Jerusalém (2 Cr 33.14). Pode ter o sentido de "voar alto" como uma águia (Jr 49.16; Ob 4).

De igual modo, o adjetivo *gābōah* designa uma ou mais montanhas altas (Gn 7.19; Is 30.25; 40.9; 57.7; Jr 3.6; Ez 17.22; 40.2; Sl 104.18); colinas altas (1 Rs 14.23; 2 Rs 17.10; Jr 2.20; 17.2); os portões altos da Babilônia (Jr 51.58); muralhas altas (Sf 1.16); torres altas (Is 2.15); a forca alta preparada para Mordecai (Et 5.14; 7.9); os chifres da visão de Daniel (Dn 8.3). Um levantamento semelhante poderia ser feito com respeito ao uso do substantivo *gōbah*.

Em vários lugares a palavra é usada em sentido muito positivo com respeito ao homem, tanto como uma qualidade de vida digna de posse como um termo que se refere ao próprio Deus. Quanto ao primeiro caso compare as palavras de Deus a Jó: "Orna-te, pois, de excelência (*gā'ôn*) e grandeza (*gōbah*)" (40.10; *cf.* 36.7) e de 2 Crônicas 17.6: "Tornou-se-lhe ousado [elevado] o coração em seguir os caminhos do SENHOR". Quanto ao segundo exemplo, a posição de Deus é apresentada como que "nas alturas" (Sl 113.5; Jó 22.12), e seus caminhos são "mais altos" do que os do ser humano (Is 55.9).

A nuança comum por trás das palavras em discussão é a de orgulho e altivez. E

interessante o uso negativo da palavra relacionado com alguma parte do corpo humano. Por exemplo, o orgulho é vinculado ao coração em: Ezequiel 28.2,5,17; Salmos 131.1; Provérbios 18.12; 2 Crônicas 26.16; 32.25 (todos com o verbo); Provérbios 16.5; 2 Crônicas 32.26 (com o adjetivo e o substantivo). Isaías 2.11; 5.15 e Salmos 101.5 relacionam o orgulho aos olhos. Provérbios 16.18 e Eclesiastes 7.8 vinculam o orgulho ao espírito humano, enquanto Salmos 10.4 o faz com o "nariz" (ou semblante) do homem. Em poucas ocasiões alguns indivíduos são considerados culpados especificamente por causa do pecado do orgulho: Uzias (2 Cr 26.16); Ezequias (2 Cr 32.25, 26); o príncipe de Tiro (Ez 28.2,17). Por outro lado, Isaías fala do servo sofredor, que será exaltado (*rûm*), elevado (*nasa'*) e mui sublime (*gābah*) (52.13).

Na LXX a palavra é traduzida por *hupsos* ou por *hupsēlos*, mas nunca por *hubris*.

Bibliografia: TDOT, v. 2, p. 356-60. — *THAT*, 1, p. 394-7.

V.P.H.

306 גבה (*gbh*). **Aceita como raiz de:**

306a גבה (*gibēah*) ***possuir uma antecalva*** (somente em Lv 13.41).

306b גבחת (*gabbahat*) ***antecalva*** (somente em Lv 13).

גבהות (*gabhût*). Veja o n.º 305c.

גבול (*g'bul*), גבולה (*g'bûlâ*). Veja o n.º 307 a, b.

גבור (*gibbôr*). Veja o n.º 310b.

גבורה (*g'bûrâ*). Veja o n.º 310c.

גבי (*gôbay*). Veja o n.º 304c.

גבינה (*g'bînâ*). Veja o n.º 308b.

גביע (*g bîa'*). Veja o n.º 309b.

גבירה (*g'bîrâ*). Veja o n.º 310d.

גבש (*gābîsh*). Veja o n.º 311a.

307 גבל (*gābal*) ***dividir fronteira.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

307a גבול (*g'bûl*) ***fronteira.***

307b גבולה (*g'bûlâ*) ***fronteira, termo.***

307c גבלת (*gablut*) ***distorção.***

307d מגבלת (*migbālôt*) ***retorcidas***, i.e., ***cordas.***

O verbo aparece apenas cinco vezes: Deuteronômio 19.14; Josué 18.20; Zacarias 9.2, no qal; Êxodo 19.12, 23, no hifil, "marcar limites".

A raiz *gbl* é encontrada no local denominado Gebal ou Biblos, cidade marítima fenícia na costa do Mediterrâneo, provavelmente no sentido do termo árabe Jebel, "montanha" — montanhas que estabelecem uma fronteira natural.

307 גָּבַל (*gabal*)

g'bul. ***Fronteira, limite, território.*** Usado com muita freqüência nos livros do Antigo Testamento nos quais se dedica muita atenção e detalhe às divisões geográficas, como é o caso da última parte de Josué.

Este substantivo aparece 216 vezes no AT. É encontrado com maior freqüência em Josué (66 vezes); Ezequiel (39 vezes, de modo preponderante nos capítulos de 40 a 48) e em Números (25 vezes). O substantivo é usado para designar ou um limite geográfico ou o território como um todo. Em poucas ocasiões o termo é usado no sentido figurado.

Há três usos principais de *g'bûl*:

1) *g'bûl* indica um limite dado por um dos quatro pontos cardeais: "sul" (Nm 34.3; Js 15.2,4); "norte" (Nm 34.7; Js 15.5); "leste" (Nm 34.10; Ez; 45.7); "oeste" (Nm 34.6; Js 15.4, 12).
2) Uma fronteira demarcada por uma corrente de águas: Números 22.36; o Arnon; Josué 15.5, o mar.
3) Os limites de uma terra que pertencem a uma nação ou a uma subdivisão dentro de tal nação. Aqui pode ter o sentido de "termo", como no caso do Egito (1 Rs 4.21[5.1]); de Edom (Js 15.1); de Moabe (Nm 21.13); de Amom (Nm 21.24).
   O substantivo pode também ser traduzido por "território", como em Gênesis 47.21 (Egito); Juízes 11.18 (Moabe); Juizes 1.36 (amorreu). Podemos também observar as referências à expressão "em (todo) o *g'bûl* de Israel (Jz 19.29; 1 Sm 11.3,7; 27.1 *inter alia*), que deve sempre ser traduzida por "em (todo) o território de Israel", com exceção de 2 Reis 14.25. Por isso a expressão é um sinônimo de "a terra (*'erets*) de Israel".
4) A palavra pode designar os termos ou a extensão mais distante das posses de indivíduos ou grupos de indivíduos: "termos de sua terra" (Dt 19.3); "os termos de sua herança" (Js 16.5), "o território da sua sorte" (Js 18.11), "os termos da sua cidade de refúgio" (Nm 35.26).
5) Sempre que *g'bûl* é usado com um nome de cidade, deve ser traduzido por "território": Asdode, 1 Samuel 5.6; Tifsa, 2 Reis 15.16; Gaza, 2 Reis 18.8; *inter alia*.
6) Figuradamente a palavra e usada para descrever "os limites das trevas" (Jó 38.20); "a terra da perversidade" (Ml 1.4); "terra da santidade de Deus" (Sl 78.54).

No antigo Oriente Próximo havia, pelo menos no papel, grande respeito pelos limites do outro, quer se tratasse de fronteiras nacionais, quer individuais. Violar tais limites era violar algo que Deus tinha ordenado. Ele tinha estabelecido os limites de todos os povos (Dt 32.8). Ele fixou os termos de todas as terras (Sl 74.17; 104.9). Colocou as praias como limite para o mar (Jr 5.22).

Não é estranho, portanto, que a Bíblia proíba mudar os limites de uma propriedade antiga do próximo (*g'bûl*) (Dt 19.14). Quem assim fizer deverá ser "amaldiçoado" (Dt 27.17). A transgressão, naturalmente, não era a violação da tradição, mas o roubo da propriedade — uma propriedade real inalienável. Nada menos do que uma imprecação bíblica levantada contra o violador era suficiente.(*Cf.* também Os 5.10; Jó 24.2-4; Pv 22.28; 23.10). Em tais crimes, quem os comete são os fortes e ricos, e as vítimas, os fracos, os órfãos e as viúvas. Com base nos vários manuscritos encontrados no mar Morto, descobrimos que aqueles que abandonavam a seita de Qumran eram conhecidos por "removedores do marco da terra".

A luz da raiz ugarítica *gbl* e do cognato árabe, várias ocorrências do hebraico *g'bûl* podem ser mais precisamente traduzidas por "montanha": 1 Samuel 13.18, "a montanha que aparece por sobre Zeboim", e o Sl 78.54, "E conduziu-os até o limite do seu santuário, até este monte que a sua destra adquiriu" (ARC).

g'bûlâ. ***Fronteira, limite, marco da terra.*** Com exceção de Isaías 28.25, todos os usos desta palavra aparecem no plural.

Bibliografia: DAHOOD, M., Hebrew-Ugaritic lexicography II, *Bib*, 45:383-412, esp. p. 396. — ELON, M., Hassagat gevul, *Encyclopedia Judaica*, v. 7, p. 1460-66. — RABIN, C., *The Zadokite documents*, Oxford, Clarendon, 1954, p. 4, 20, 42. — ROSS, J. F., Landmark, *IDB*, v. 3, p. 66-7. — *TDOT*, v. 2, p. 361-6.

V.P.H.

308 גבן (*gbn*) **Aceita como raiz de:**

308a גִּבֵּן (*gibbēn*) ***corcovado*** (somente em Lv 21.20).

308b גְּבִינָה (*g'bînâ*) ***coalhada, queijo*** (somente em Jó 10.10).

308c גַּבְנֹן (*gabnōn*) ***pico, monte elevado*** (somente em Sl 68.16).

גִּבְנֹן (*gabnōn*). Veja o n.º 308c.

309 גבע (*gb'*). **Aceita como raiz de:**

309a גִּבְעָה (*gib'â*) ***colina.***

309b גָּבִיעַ (*gābia'*) ***copo, tigela.***

309c מִגְבָּעוֹת (*migbā'ôt*) ***turbante.***

309d גִּבְעֹל (*gib'ōl*) ***botão de flor.***

gib'â. ***Colina.*** O substantivo, usado 60 vezes no AT, pode-se referir a um local natural menos alto do que uma montanha, ainda que de modo mais freqüente, como veremos, aparece como um lugar de adoração ilícita. O mesmo termo também é usado para o local chamado Gibeá, cidade benjamita onde nasceu Saul.

Dos 60 usos de *gib'a* no hebraico bíblico, a grande maioria pode ser encontrada nos profetas (13 vezes em Isaías, nove em Jeremias e oito em Ezequiel). É particularmente interessante aqui o uso da expressão "em cada colina alta (*gib'ā*) e sob cada árvore verde", ou suas variações, como referência ao local dos cultos de fertilidade em Israel e Judá.

Esta frase ocorre 16 vezes no AT. Algumas destas passagens são: Deuteronômio 12.2; 1 Reis 14.23; 2 Reis 17.10; Jeremias 2.20; 17.2; Ezequiel 6.13; Oséias 4.13; 2 Crônicas 28.4. Cada um destes versículos condena uma prática cananéia pagã que tinha sido adotada pelos hebreus.

Se tal prática nada ortodoxa deve ser igualada a práticas semelhantes nas quais se envolveram os israelitas, as quais estavam relacionadas com os "altos" (*bāmâ*), então a razão para a denúncia profética torna-se clara. Não há nada inerentemente errado com a adoração a Deus em "montes". A experiência do povo no deserto corrobora isto! Mas neste caso, parece que os israelitas adotaram ritos cultuais de imoralidade, populares entre grupos agrícolas que tinham sua fé em Baal(s), o deus da fertilidade que dava a chuva e as colheitas, e em Asera, a deusa da fertilidade. Por que tais práticas de deleite eram vistas pelos profetas com abominação e horror não é difícil de imaginar.

migbā'ôt. ***Turbante, tiara, aparato para a cabeça.*** Usado apenas quatro vezes: Êxodo 28.40; 29.9; 39.28; Levítico 8.13. Talvez fosse convexo em sua forma, sendo traduzido por "quepe" pela RSV. Era usado pelos sacerdotes comuns e deve ser diferenciado do turbante

usado pelo sumo sacerdote (*mitsnepet*).

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., The high place in ancient Palestine, *Supp VT*, 4:242-58. — HAMLIN, E. John, The meaning of "mountains and hills" in Isa. 41:14-16, *JNES*, 13:185-90. — HOLLADAY, W. L., On every high hill and under every green tree, *VT*, 11:170-6. — MCCOWN, C. C., Hebrew high places and cult remains, *JBL*, 69:205-19.

V.P.H.

גִּבְעֹל (*gib'ol*). Veja o n.º 309d.

310 גָּבַר (*gabar*) ***prevalecer, ser poderoso, ter força, ser grande.***

Termos Derivados

310a גֶּבֶר (*geber*) ***homem.***
310b גִּבּוֹר (*gibbôr*) ***homem poderoso.***
310c גְּבוּרָה (*g'burâ*) ***poder.***
310d גְּבִירָה (*g'birâ*) ***senhora, rainha*** (masc. senhor, Gn 27.29, 37).
310e גְּבֶרֶת (*g'beret*) ***senhora, rainha.***

Esta raiz e os seus derivados ocorrem 328 vezes no AT, das quais o verbo é responsável por 26. O termo cognato é bastante comprovado nas outras línguas semíticas, aparecendo no acadiano, no árabe, no aramaico, no fenício e no moabita. Até o momento só é conhecido como substantivo próprio no ugarítico. De modo geral, o mesmo significado está presente nas outras línguas. No árabe o sentido básico da raiz é "levantar, levantar-se, restaurar", com a idéia de "ser forte", "prevalecer", "vencer", somente nas construções derivadas. O hebraico pode ter uma amplitude de sentido semelhante, que pode ser vista no hitpael, onde a idéia não é tanto fazer que alguém prevaleça sobre Deus, mas de levantar-se com arrogância e permanecer diante de Deus (Jó 15.25; 36.9; Is 42.13). A raiz hebraica está normalmente associada a combate e tem relação com força e vitalidade do guerreiro bem-sucedido.

Na primeira análise, a força e os homens poderosos eram motivos de celebração no AT. Durante a maior parte do período bíblico, Israel esteve numa era heróica. Por isso, os feitos e as realizações de seus heróis eram motivo de deleite e de recordação por meio de histórias. Um feito como estes foi o dos três valentes de Davi, quando romperam as linhas filistéias a fim de trazer água de Belém (1 Cr 11.15-19). 1 Samuel 1 é um lamento pelos heróis que caíram, Saul e Jônatas, exaltando seus feitos valentes. De maneira semelhante, 2 Samuel 23 registra as glórias de vários poderosos. 1 e 2 Crônicas contêm muitas referências aos valentes de Israel, empregando normalmente a frase *gibbôr hayil*, "poderosos de valor" para descrevê-los. Embora Crônicas geralmente utilize o termo para expressar "guerreiro" ou "soldado", há indícios de que originariamente este fosse um termo técnico para se referir aos homens de certa classe social, "nobres" que tinham o privilégio de prestar serviço militar a seus reis (*cf.* Rt 2.1; 1 Sm 9.1; 2 Rs 15.20, *etc.*, onde "guerreiro" é uma tradução muito parcial).

Não é surpreendente que numa sociedade como esta, Deus fosse muitas vezes descrito como guerreiro. Deus é o verdadeiro protótipo do homem poderoso, e, se os feitos de um guerreiro terrestre são relembrados, quanto mais deveriam ser os de Deus. Por isso

os salmistas relembram os poderosos atos de Deus (106.8; 145.4,11,12; *etc.*) e, em vários lugares, os atributos que se esperariam de um rei-guerreiro — sabedoria, poder, conselho e entendimento —, atributos divinos por excelência (Jó 12.13; Pv 8.14). Isaías (9.6; *cf.* 10.21) declara que estes serão os atributos do Rei vindouro, cujo nome é Deus Forte, bem como Príncipe da Paz; todavia, ele também deixa claro que justiça e eqüidade acompanharão o seu poder (*cf.* Sl 89.13, 14[14, 15]).

O poder de Deus delineia os limites do poder humano, porque a capacidade humana deve receber sua glória enquanto não ultrapassar os limites devidos. Quando o homem vê seu poder como tudo o que ele precisa para uma vida bem-sucedida, ele está iludido (Sl 33.16; 90.10; Ec 9.11). Quando ele, na arrogância de sua força, coloca-se contra o Deus-Guerreiro, ele será destruído (Sl 52; Jr 9.22; 46.5; *etc.*). Em vez disso, o poder precisa ser temperado com sabedoria (1 Sm 2.9; Pv 16.32; 21.22), e a maior sabedoria de todas é confiar em Deus. Por isso é dito que é um *geber* (macho no ápice de sua força) aquele que confia em Deus (Sl 40.4[5]). O homem possuído de poder que, apesar disso, desconfia de suas próprias forças e, pelo contrário, confia nas de Deus é mais adequadamente chamado de "homem" (Jó 38.3; Jr 17.7; Mq 3.8). Este é o "novo homem" de Paulo, pois ele terá descoberto que, embora as transgressões tenham prevalecido contra ele (Sl 65.3[4]), a misericórdia do Senhor prevalecerá sobre elas (Sl 103.11) e o Senhor é de fato "poderoso para salvar" (Sl 80.3).

geber. ***Homem.*** Como termo distinto de outras palavras de sentido mais genérico para homem como *'ādām, 'ish, 'enōsh, etc.*, esta palavra diz respeito especificamente a um homem no ápice de suas forças. Como tal, descreve a humanidade em seu nível máximo de competência e capacidade. Há 66 ocorrências.

gibbôr. ***Poderoso, forte, valente, homem poderoso.*** Traduzido também por "guerreiro". Os heróis ou campeões dentre as forças armadas. Ocorre 156 vezes.

g"bûrâ. ***Poder.*** Refere-se especialmente ao poder real. Como tal, o termo refere-se comumente a Deus. São 63 ocorrências.

Bibliografia: FREDRIKSSON, H., *Jahwe als Krieger*, Lund, Gleerup, 1945. — KOSMALA, Hans, *Hebraer-Essener-Christen*, Brill, 1959, p. 208-39. — _____, The term *geber* in the Old Testament and in the scrolls, *Supp VT*, 17:159-69. — KRAELING, E. G., The significance and origin of Gen 6: 1-4, *JNES*, 6:193-208. — MILLER, Patrick D., The divine council and the prophetic call to war, *VT*, 18:100-7. — _____, God the warrior, *Interp* 19:39-46. — PALACHE, J., *Semantic notes on the Hebrew lexicon*, Leiden. Brill, 1959, p. 18. — VAN DER PLOEG, J., Le sens de gibbor hail, *RB*, 50:120-5. — WRIGHT, G., *The Old Testament and theology*, Harper, 1969, p. 121-50. — *TDOT*, v. 2, p. 367-81. — *THAT*, v. 1, p. 398-401.

J.N.O.

311 גבש (*gbsh*). **Aceita como raiz de:**

311a גביש (*gābîsh*) ***cristal*** (somente em Jó 28.18).

312 גג (*gāg*) ***telhado, cobertura de casa.***

Esta palavra aparece trinta vezes no AT e normalmente significa o ponto mais alto

de um edifício, com exceção de Êxodo 30.3; 37.26 (o "chifre" do altar do incenso) e Ezequiel 40.13 (a medida da porta oriental do pátio externo desde as "costas" de um lado ate as "costas" do outro).

O telhado, ao qual o termo se refere, era plano e não em forma de cunha. Isto se torna evidente a partir de várias passagens. Os exilados que voltaram ergueram cabanas e observaram a festa dos tabernáculos no terraço (telhado) de suas casas (Ne 8.16). Saul dormiu no telhado quando, ainda jovem, visitou Samuel (1 Sm 9.25, 26). Foi deste ponto de observação que Davi viu Bate-Seba banhando-se, e a concupiscência foi gerada em sua imaginação (2 Sm 11.2). A casa de Urias foi edificada muito provavelmente em torno de um pátio central, a céu aberto. O palácio de Davi, o edifício mais alto do complexo, dava vista para as casas que ficavam abaixo. No caso de Sansão (Jz 16.27), o telhado era grande o suficiente para suportar 3 000 pessoas. Raabe escondeu os espias nas canas de linho de seu telhado (eirado) (Js 2.6, 8). É provável que ela tivesse deixado o linho para ser macerado pelo orvalho.

Talvez a palavra hebraica tenha mais sentido do que a própria raiz. Provérbios 21.9 e 25.24 acham possível (ou afirmam!) que é melhor aceitar a solidão e o desconforto (em hebraico, *pinnat gāg*, "canto do eirado") do que viver com uma mulher rixosa (briguenta). Isto pode bem significar que é melhor, em tal situação, ser alojado precariamente no canto do eirado (*telhado*) (*cf.* a LXX *hupaithrou*, "ao ar livre"). Pode ser também uma referência a um sótão limitado que um hóspede poderia usar numa ocasião de emergência (*cf.* 1 Rs 17.19; 2 Rs 4.10, embora a raiz *gāg* não seja usada aqui).

O teto era um local onde a idolatria era invocada: Isaías 15.3; 22.1; Jeremias 19.13; 32.29; 48.38. Três vezes (Sl 129.6; 2 Rs 19.26; Is 37.27) na forma de maldição, aparece a fórmula "que eles sejam como a grama nos 'eirados'". A analogia refere-se à grama que nasce rapidamente no teto plano das casas que eram cobertas de terra batida. Não tendo a profundidade do solo para se enraizar, a grama murcha e morre (*cf.* a parábola do Semeador contada por Jesus em Mt 13.3 e s.).

Bibliografia: Com respeito ao uso da raiz *gg* em Ugarítico, veja GORDON, *UT*, 19: n.º 556. — KOEHLER, L., Hebräische Etymologien, *JBL*, 59:35-40, esp. p. 37-8 derivam ambos, tanto o hebraico quanto o ugarítico *gg* do egípcio D3 D3, "cabeça, forro".

V.P.H.

גַּד (*gad*) I, II. Veja o n.º 313c,d.

גָּד (*gād*). Veja o n.º 313e.

313 גָּדַד (*gādad*) ***cortar, invadir.***

Termos Derivados

313a גְּדוּד (*g'dûd*) ***I, grupo saqueador.***
313b גְּדוּד (*g'dûd*) ***II,*** גְּדוּדָה (*g'dûda*) ***sulco, incisão.***
313c גַּד (*gad*) ***I, coentro.***
313d גַּד (*gad*) ***II, sorte.***
313e גָּד (*gād*) ***Gade.***

Este verbo é usado 11 vezes no AT. Sete delas estão no hitpoel e, com duas exceções, todas as ocorrências referem-se a um ato de autoflagelação num ritual de adoração ou ao costume de lamento. A passagem mais conhecida é o episódio dramático do monte Carmelo, entre Elias e os profetas de Baal. Na tentativa de invocar o poder de Baal, os profetas clamaram em alta voz e "feriram-se" depois do ritual com espadas e lanças (1 Rs 18.28). Qual era exatamente a prática por trás destes ferimentos auto-infligidos não se sabe com certeza. Tudo tem sido mencionado como possibilidade, desde a idéia de que o ritual era um substituto do sacrifício humano até a idéia de que a efusão do sangue estabelecia uma aliança entre a divindade e o adorador. Muito provavelmente, visto que o sangue era algo tão vital, a autoflagelação era um ato de magia imitadora, e, como os adoradores abnegavam parte de seu próprio eu, a divindade seria induzida a liberar o seu poder da maneira que fosse reivindicada em determinado momento (neste caso, fogo).

Desde que a Bíblia rejeita a idéia pagã de que Deus pode ser coagido, também proíbe tais práticas, conforme descrito em 1 Reis 18.28. Assim, *cf.* Deuteronômio 14.1: "Não vos dareis golpes". Por três vezes aparecem referências a esse comportamento em Jeremias: 16.6; 41.5; 47.5, no último caso com respeito aos filisteus.

Aparecendo duas vezes no hitpoel, o verbo não tem nenhuma relação com a idéia de ferir alguém. Os exemplos são: 1) Jeremias 5.7: "... e em casas de meretrizes 'se ajuntaram em bandos' " e 2) Miquéias 5.1[4.14]: "Agora ajunta-te em tropas, ó filha de tropas (*g'dûd*)". (A NIV tem uma nota de rodapé que diz: "Fortaleça os seus muros, ó cidade murada", *cf.* o aramaico *gûddā'*, "muro" — talvez da raiz hebraica *gādâ*?).

Esta referência de Miquéias mostra a nuança comum de *gādad* quando usado no qal: *cf.* Miquéias 6 e Salmos 94.21. Em ambas as vezes é o invadido que fala do invasor em uma situação de incerteza. Finalmente podemos notar o uso do verbo *gādad* em Gênesis 49.19, juntamente com a "bênção de Jacó" sobre Gade. O texto diz: "Quanto a Gade (*gād*), uma guerrilha (*g'dûd*) o acometerá (*y'gûdennû*); mas ele a acometerá (*yāgud*) por sua retaguarda (*'āqēb*)". Obviamente, este versículo está cheio de trocadilhos conforme ilustrado pela aliteração deliberada.

g'dûd. ***Grupo saqueador, tropa.*** Este substantivo aparece 32 vezes no AT, exceto em Salmos 65.10[11], onde *g'dûd* deve ser traduzido por "sulcos" e é paralelo de *t'lāmeyhā*, "leivas", e em Jeremias 48.37, *g'dudōt*, "incisões".

A palavra refere-se normalmente àqueles que tomam parte em uma investida militar, mas pode vez por outra referir-se à própria investida: 2 Samuel 3.22. Na maior parte das vezes, o substantivo não se refere às próprias tropas de Israel, mas sim às de seus inimigos: 1 Samuel 30.8, 15, 23; 1 Reis 11.24; 2 Reis 5.2; 6.23; 24.2. Em certas situações Deus pode permitir que estes descrentes inflijam dano sobre o seu próprio povo a fim de castigá-lo (Jr 18.22).

Um *g'dûd* podia funcionar oficialmente sob o patrocínio real: 2 Samuel 3.22 (Davi); 2 Samuel 4.2 (Isbosete); 2 Crônicas 22.1 (Acazias); 2 Crônicas 25.9, 10 (Amazias); 2 Crônicas 26.11 (Uzias). A função de tais tropas, talvez mercenárias, não era conquistar terra, mas antes manter pressão sobre os povos já reduzidos à condição de vassalos para que ficassem submissos. Em alguns casos estas tropas tornaram-se principalmente espoliadoras. Este é o caso da "tropa" de amalequitas mencionada em 1 Samuel 30.8, 15, 23. Há poucas referências na Bíblia a *g'dûd* que agiam de modo independente, como é o caso da "horda de salteadores" de Oséias 6.9; 7.1.

Por duas vezes o livro de Jó refere-se ao *g'dûd* de Deus: 19.12; 25.3, análoga à expressão *Yahweh ts'bā'ôt*, "Senhor dos exércitos". O próprio Jó afirma que fora, certa

vez, como um rei entre as suas "tropas" (Jó 29.25).

gad ***II. Sorte.*** Esta palavra aparece apenas duas vezes no AT. Em Gênesis 30.11 aparece como um trocadilho com o nome de Gade. E disse Lia: Afortunada!, ou como traduz a ARC: "vem uma turba", dividindo o *bāgād* do TM em algo como *bā 'l gād*. A tradução de Speiser na *Anchor Bible* é "quão propício". Parece preferível traduzir o termo como um apelativo e relacioná-lo com nomes próprios tais como Gadiel (Nm 13.10), "El é minha sorte"; Gadi (2 Rs 15.14-17) e o profeta Gade (1 Sm 22.5).

O outro único lugar onde esta palavra é usada é em Isaías 65.11: "Mas a vós outros, os que vos apartais do SENHOR, [...] que preparais a mesa para a deusa Fortuna (ou para Gade), e misturais vinho para o deus Destino (ou para Meni)". Gade aqui parece referir-se a uma divindade da sorte equivalente em significado à deusa Tique grega. O rito descrito aqui é o *lectisterium*, *i.e.*, ritual no qual se espalhava comida diante de uma imagem da divindade.

gād. ***Gade.*** Nome do primeiro filho de Jacó dado por Zilpa, ama de Lia. Posteriormente tornou-se uma das tribos que se estabeleceu na região transjordânica. O nome deve ser relacionado com *gādad / g'dûd*. Já discutimos Gênesis 49.19, que aponta para a capacidade de Gade em assuntos militares. Deuteronômio 33.20 compara Gade a uma leoa feroz, pronta para despedaçar sua vítima. De acordo com 1 Crônicas 5.18, Gade é "hábil na guerra". A aparência leonina de Gade também é enfatizada em 1 Crônicas 12.8. Os gaditas também eram belos e ágeis como uma gazela.

V.P.H.

314 גדה (*gdh*). **Aceita como raiz de:**

314a גָּדָה (*gadâ*) ***margem do rio.***

314b גְּדִי (*g'dî*) ***cabrito.***

314c גְּדִיָּה (*g'diyâ*) ***cabritos,*** somente no plural.

g'dî. ***Cabrito.*** A etimologia da palavra é incerta. Na pecuária de Israel um filhote macho do rebanho caprino era o animal de maior consumo, de menor valor, por exemplo, que um cordeiro. Os filhotes machos eram úteis pela carne; as fêmeas eram conservadas para a procriação. Assim, um cabrito servia muito bem de alimento: Gênesis 27.9,16; Juízes 6.19; 13.15; 15.1; 1 Samuel 10.3; 16.20 (e *cf.* Lc 15.29, embora, por mais que se queira ser gentil, não está na mesma categoria de um "bezerro cevado"). O cabrito podia servir também de presente, como no caso de Judá, que o entregou à sua cunhada Tamar (Gn 38.17, 20, 23). Quando Isaías nos dá um relance da era escatológica, diz que "o lobo habitará com o cordeiro (*kebes*) e o leopardo se deitará junto ao cabrito" (*g'dî*, Is 11.6).

É especialmente interessante a tríplice repetição contra cozinhar "um cabrito no leite de sua mãe" (Êx 23.19; 34.26; Dt 14.21). Até recentemente a razão de tal proibição era um enigma. Esta lei é a base da proibição judaica Kashrut, que proíbe preparar ou consumir qualquer alimento no qual carne seja misturada com leite ou derivados de ambos.

Os cabritos podiam ser usados em sacrifício, como indica Números 15.11 e ss. Todavia, não podiam ser cozidos no leite. A resposta à questão vem dos textos ugaríticos cananeus, especialmente da história agora conhecida popularmente por "O nascimento dos deuses" ou "A história de Shahar ('aurora') e Shalim ('ocaso')", em GORDON, *UT*, 19: n.º 52. As linhas 15 e 16 desta história dizem:

15: *'l · 'ist · sb'd · gzrm · tb(h · g)d · bhlb · 'nnh · bhm't*

15: Sobre o fogo, por sete vezes os sacrificantes cozerão um cabrito no leite e um cordeiro (ou hortelã [?]) na manteiga.

O contexto indica que um cabrito é cozido no leite em certos sacrifícios pagãos, possivelmente das primícias, como parte de uma refeição sacrificial que asseguraria uma boa colheita para os anos seguintes. A Bíblia repudiará tal orientação favorável aos cultos da fertilidade. A bênção do solo fértil vem de Deus e não da magia.

Bibliografia: DAUBE, D., A note on a Jewish dietary law, *JTS*, 37:289-91. — RADIN, M., The kid and its mother milk, *AJSL*, 40:209-18. — *TDOT*, v. 2, p. 382-9. — *TWBAT*, v. 1, p. 922-6.

V.P.H.

גְּדוּד (*g'dûd*). I,II. Veja o n.º 313a,b.

גְּדוֹל (*gādôl*). Veja o n.º 315d.

גְּדוּלָה (*g'dûlâ*). Veja o n.º 315e.

גְּדוּפָה (*g'dûpâ*). Veja o n.º 317a.

גְּדוּפִים (*g'dupîm*). Veja o n.º 317b.

גְּדִי (*g'dî*). Veja o n.º 314b.

גְּדִיָּה (*g'dîyâ*). Veja o n.º 314c.

גְּדִישׁ (*gādîsh*). Veja os n.ºs 319a, 320a.

315 גָּדַל (*gādal*) ***crescer, tornar-se grande ou importante, promover, tornar poderoso, louvar, (magnificar), fazer grandes coisas.***

Termos Derivados

315a גָּדֵל (*gādel*) ***tornar-se grande, crescer.***

315b גֹּדֶל (*gōdel*) ***grandeza.***

315c גְּדִלִים (*g'dilim*) ***fios retorcidos.***

315d גָּדוֹל (*gādôl*) ***grande.***

315e גְּדֻלָּה (*g'dûllâ*) ***grandeza.***

315f מִגְדָּל (*migdāl*) ***torre.***

315g מִגְדּוֹל (*migdôl*) ***torre.***

A raiz é usada com respeito ao crescimento físico de alguém e de quaisquer outros seres vivos bem como com respeito ao aumento de coisas concretas ou não, quer objetos, sons, sentimentos, quer autoridade. Seu sentido sobrepõe-se ao de *rābab* e *rābâ*, mas, diferentemente dessas raízes, nunca se refere ao ser grande em número, mas sim em tamanho, importância, *etc.* Combina-se com o nome de Deus para formar nomes pessoais, sendo o mais freqüente Gedalias, que significa "o SENHOR é grande" (2 Rs 25.22-25). Em 1 Samuel 26.24, a palavra tem o sentido de dar um grande valor à vida de alguém. Em Jó 2.13, o termo é usado para expressar tristeza imensa, enquanto em 1 Reis 10.23 refere-se à importância (grandeza) de um rei. Fala muitas vezes da grandeza de Deus (2 Sm 7.22), e o Messias é descrito como alguém que "será grande até os confins da terra" (Mq 5.4[3]).

O sentido "fazer crescer" ou "cuidar" de filhos, plantas, *etc.* limita-se ao piel. Tanto no piel quanto no hifil, no entanto, tem o sentido de "magnificar" ou "considerar grande". E dessa maneira que o salmista usa a palavra com freqüência, convocando o adorador a atribuir grandeza ao SENHOR e ao seu nome (Sl 35.27; 40.16[17]; 70.4[5]).

Em Ezequiel 38.23, o verbo é usado reflexivamente para mostrar como Deus magnifica-se a si mesmo por meio de seus feitos na natureza e na história, para mostrar às nações que ele é o Senhor. Mas em Isaías 10.15 a mesma forma é empregada para mostrar como o ímpio tenta engrandecer-se a si mesmo contra o Senhor, e em Daniel 11.36, 37 esta é exatamente a palavra usada para descrever o que o Anticristo fará no fim dos tempos quando procurar mostrar-se onipotente.

gādēl. ***Tornar-se grande, rico*** (Gn 26.13), ***crescer*** (1 Sm 2.26).

gōdel. ***Grandeza*** de um rei ou de uma árvore (Ez 31.2-7,18), do braço de Deus (Sl 79.11), da misericórdia de Deus (Nm 14.19) e do próprio Deus (Dt 3.24; 5.21[24]; 9.26; 11.2; 32.3; Sl 150.2). Isaías usa a palavra referindo-se ao orgulho (insolência) do coração humano (Is 9.8; 10.12).

gādôl. ***Grande***, adjetivo com parte da amplitude de sentido do verbo acima, significando "muito(s)" em número e em outros conceitos de intensificação como "altura" (de som), ser cheio de anos, grande em importância.

g'dûllâ. **Grandeza**, especialmente como atributo de Deus.

migdāl. ***Torre***, provavelmente originária dos tempos mais antigos quando a torre era a maior estrutura construída de uma cidade.

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 390-415. — *THAT*, v. 1, p. 402-8.

E.B.S.

316 גדע (*gāda'*) ***abater, cortar fora, cortar em dois, rapar a barba.***

Termo Derivado

316a גִּדְעוֹן (*gid'ôn*) ***Gideão.***

O verbo *gāda'* freqüentemente refere-se à derrubada de ídolos (Ez 6.6; Dt 7.5; 12.3; 2 Cr 14.2; 31.1; 34.4, 7). Em Deuteronômio 7.5 e 2 Crônicas 14.2; 31.1, os objetos a serem derrubados são os postes de Aserá, objetos de adoração pública em honra dessa deusa cananéia da fertilidade. Isaías emprega o verbo para descrever a derrubada do rei de Babilônia, que faz de si mesmo um deus (Is 14.12). Sebna, o ímpio tesoureiro, é comparado por Isaías a uma estaca firmemente cravada no chão e que será derrubada (Is 22.25; ARA, "arrancada"). Por outro lado, Isaías prediz que as trancas de ferro das cidades serão cortadas ao meio de maneira que Ciro possa conquistá-las. Em outros lugares, o verbo simplesmente significa derrubar árvores (Is 9.9; 10.33). Isaías também o emprega para indicar o rapar a barba como sinal de luto (Is 15.2).

gid'ôn. ***Gideão***, juiz em Israel (Jz 6—8). Outros nomes próprios derivam desta raiz:

Gideoni, um benjamita (Nm 1.11; 2.22; 7.60, 65), e Gidom, lugar do território de Benjamim (Jz 20.45).

Podemos presumir com segurança que o nome de Gideão teve origem no fato de que ele era um *gibbôr hayil*, traduzido por "homem valente" na ARA (Jz 6.12). A expressão também poderia ser traduzida por "herói do exército". Seu nome, Gideão, está ligado a essa ocupação, ou seja, ele era alguém que "derrubava" o inimigo. Certamente ele não estava vivendo à altura do sentido de seu nome quando o anjo do Senhor apareceu-lhe em Juízes 6.11, 12. Mas o seu feito de derrubar o altar de Baal tinha muita ligação com o seu nome. Mas, depois, num gracejo dirigido aos adoradores de Baal, seu nome foi mudado para Jerubaal ("Baal contenda"; Jz 6.32). Ele se tornou um dos principais juízes ou governantes de Israel depois de sua memorável vitória sobre Midiã (Is 10.26; Sl 83.11).

E.B.S.

גִּדְעוֹן (*gid'on*). Veja o n.º 316a.

317 גָּדַף (*gādap*) ***injuriar (pessoas), blasfemar (contra Deus).***

Termos Derivados

317a גְּדוּפָה (*g'dûpâ*) ***escárnio.***

317b גִּדֻּפִים (*giddûpîm*) ***palavras injuriosas.***

Parece que o verbo deriva de uma raiz que significa "cortar" ou "ferir".

Salmos 44 nos diz qual deve ser a atitude do cristão quando Deus permite que ele se torne objeto de "escárnio e zombaria" (v. 13 [14]) da parte "dos gritos [daquele] que afronta e blasfema" (v. 16 [17]). "Tudo isso nos sobreveio", diz o salmista, "entretanto não nos esquecemos de ti, nem fomos infiéis à tua aliança. Não tornou atrás o nosso coração, nem se desviaram os nossos passos dos teus caminhos. [...] Mas, por amor de ti, somos entregues à morte continuamente, somos considerados como ovelhas para o matadouro" (vv. 17 [18], 18 [19], 22 [23]). É este último versículo que Paulo citou em Romanos 8.36, ao descrever o derradeiro espírito do triunfo cristão sobre o mundo, a carne e o diabo, dizendo: "Em todas estas coisas, porém, somos mais do que vencedores, por meio daquele que nos amou" (v. 37).

A raiz *gādap* também significa "blasfemar", ou seja, "injuriar a Deus". A ilustração clássica disso encontra-se nas passagens paralelas de 2 Reis 19.22 e Isaías 37.23. Ali os servos do rei da Assíria ficaram diante dos muros de Jerusalém e pregaram, na língua hebraica, um sermão que foi todo ele uma blasfêmia contra o Deus de Israel. A resposta verbal da parte do Senhor veio mediante seu profeta, em Isaías 37.22-36 (2 Rs 19.21-34). Sua resposta histórica veio por meio de seu anjo, que destruiu o exército de Senaqueribe.

g'dûpâ. ***Insulto, injúria.*** Compare Ezequiel 5.15, onde o profeta diz acerca de Jerusalém: "serás objeto de ludíbrio e de insultos [...] para as nações que te cercam..." (BJ).

giddûpîm. ***Palavras de insulto, ultraje.*** Pelo profeta Isaías Deus adverte que permitirá que Israel seja tratado com injúria (Is 43.28; BJ, "ultrajes"; ARA, "opróbrio"). Mas

318 גדר (*gādar*)

Deus também consola a nação quando ela é tratada dessa maneira (Is 51.7). Ele promete até mesmo castigar as nações que assim procederem. Por meio de Sofonias ele diz: "Ouvi [...] as injuriosas palavras dos filhos de Amom [...] os filhos de Amom [se tornarão] como Gomorra" (Sf 2.8).

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 416-8.

E.B.S.

318 גדר (*gādar*) ***murar, fechar com muro.***

Termos Derivados

318a גדר (*gādēr*) ***muro, muralha.***

318b גדרה (*g'dērâ*), גדרת (*g'deret*) ***muro, muralha.***

319 גדש (*gdsh*). **I. Aceita como raiz de:**

319a גדיש (*gādîsh*) ***pilha, amontoado*** (Êx 22.5; Jz 15.5; Jó 5.26).

320 גדש (*gdsh*). **II. Aceita como raiz de:**

320a גדיש (*gādîsh*) ***túmulo*** (Jó 21.32, somente).

321 גהה (*gāhâ*) ***ser curado.*** Baseado no uso aramaico, a raiz significa "ser liberto de culpa, dor e doença" (*cf.* Os 5.13).

Termo Derivado

321a גהה (*gēhâ*) ***remédio, cura.*** Este substantivo é empregado em Provérbios 17.22: "o coração alegre é bom remédio" (ARA), ou "uma mente alegre é um bom remédio" (Beck).

322 גהר (*gāhar*) ***encurvar-se, agachar-se*** (1 Rs 18.42; 2 Rs 4.34, 35).

323 גוב (*gûb*) ***cavar*** (2 Rs 25.12).

Termos Derivados

323a גב (*gēb*) ***cova, trincheira, poça*** (*e.g.*, Jr 14.3; 2 Rs 3.16).

323b גב (*gēb*) ***viga, caibro*** (1 Rs 6.9, somente). Significado incerto.

גוב (*gôb*). Veja o n.º 304b.

324 גוג (*gôg*) ***Gogue*** é o governante da terra de Magogue e príncipe de Rôs, Meseque e Tubal (Ez 38; 39). Gogue é também o nome de um rubenita, em 1 Crônicas 5.4.

324a מגוג (*māgôg*) ***Magogue***, o nome da terra governada por Gogue (*q.v.*).

Ezequiel antevê esse príncipe na condição de líder de uma imensa horda de tropas armadas que incluem pessoas da Pérsia, Cuxe, Pute, Gômer e Bete Togarma (BLH, 38.6; ARA. "casa de Togarma"). Eles marcharão contra Israel numa época em que o povo de Deus tiver voltado para sua terra e estiver vivendo completamente indefeso. Mas tudo isso será permitido pelo Senhor para que ele possa demonstrar sua santidade entre eles. O povo de Deus não terá de lutar, pois o próprio Deus destruirá os exércitos de Gogue (Ez 38.19-23). Apocalipse 20.7-9 situa esse acontecimento após "se completarem os mil anos", quando Satanás for "solto [...] e [sair] a seduzir as nações [...] Gogue e Magogue, a fim de reuni-los para a peleja".

Todos os esforços por determinar a origem do nome Gogue são meras tentativas. Alguns identificam o nome com Giges, da Lídia, que expulsou os cimérios (Gômer). Outros enxergam a palavra num nome mencionado em registros assírios, *Gâgu*, o chefe de uma tribo montes do norte da Assíria (*cf.* BDB). Teologicamente não é importante que sejamos capazes de remontar lingüisticamente à origem do nome ou identificá-lo historicamente. A maioria dos cristãos interpreta essas passagens escatologicamente. As interpretações divergem em seus detalhes. Alguns entendem que a passagem é um grande símbolo da luta final entre a igreja e as forças do mal. Outros, numa interpretação muito literal, dizem que a nação de Israel será atacada depois do milênio, quando Satanás for solto para, em seguida, ser finalmente destruído, sendo lançado no lago de fogo. Outros consideram as referências em Apocalipse 20.7-9 como alusões, não sendo decisivas quanto à época do cumprimento, identificando a época do cumprimento com a batalha de Armagedom, antes do milênio.

māgog. ***Magogue.*** Usada em Ezequiel 32.2; 39.6 e Apocalipse 20.8 nesse sentido escatológico. Entretanto, na tabela das nações, em Gênesis 10 (texto paralelo a 1 Cr 1.5), Magogue é o nome de uma nação que descendia de Jafé (v. 2). Aqui Magogue tem alguma conexão com outros povos relacionados com Jafé, tais como Gômer (cimérios?), Madai (medas?), Javã (jônios), Tubal, Meseque e Tiras, alguns dos quais são também mencionados em Ezequiel 38 e 39. Todos eles são povos que viviam mais ou menos ao norte de Israel e eram de origem não-semítica.

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 419-25.

E.B.S.

325 גוד (*gûd*) ***invadir, atacar*** (*e.g.*, Gn 49.19; Hc 3.16).

גו (*gaw*). Veja o nº 326a.

גו (*gew*). Veja o nº 326b.

326 גוה (*gwh*). **Aceita como raiz de:**

326a גו (*gaw*) ***costas.***

326b גו (*gēw*) ***costas.***

326c גוה (*gēwâ*) ***costas.***

326d גויה (*g'wiyâ*) ***corpo, cadáver.***

326e גוי (*gôy*) ***nação, povo.***

g^ewiyâ. ***Corpo, carcaça, cadáver, corpo de morto (de pessoa ou animal).*** O termo refere-se ao corpo como objeto, quer morto (como no caso do corpo do leão, Jz 14; 8, 9, e do cadáver de Saul, 1 Sm 31.10, 12), quer vivo (os egípcios referem-se a si mesmos dessa maneira, Gn 47.18). Corpos de criaturas vivas (Ez 1.11, 23) e também do "homem" angelical (Dn 10.6) aparecem em visões; desse modo, sustenta-se a objetividade de tais visões.

gôy. ***Gentio, pagão, nação, povo.*** As versões às vezes divergem e às vezes concordam em vários casos. É difícil chegar à exata definição do termo. Entretanto, se se levarem em conta os vários usos e também alguns termos aparentemente relacionados (*gaw*, *gēw*, *gēwâ*, que indicam a parte de trás do corpo; *gew*, palavra aramaica que designa meio; e *g^ewîyâ*, corpo vivo ou morto [veja abaixo]), deve-se concluir que a idéia básica é a de um corpo específico, ou de um grupo de pessoas, ou de uma área grande e determinada de certo corpo. Em geral o contexto indicará que qualidade ou característica se deve entender.

[O sinônimo *'am* é amplamente empregado para designar ou um grupo de pessoas ou pessoas em geral. Às vezes, porém, especialmente em paralelos poéticos com *gôyim*, *'am* pode referir-se a uma nação; quer uma nação estrangeira, quer Israel. Por outro lado, *gôyim* com maior freqüência refere-se a nações, especialmente as nações pagãs ao redor de Israel. *l^e'ōm* é usada principalmente como sinônimo poético de ambas as palavras em seus dois sentidos. R.L.H.]

O termo *gôy* é especialmente empregado para referir-se especificamente a grupos de pessoas em seu aspecto político, étnico ou territorial, sem o objetivo de atribuir a tais pessoas uma conotação religiosa ou moral específica. Desse modo, em Gênesis 10.5, o escritor fala de grupos distintos de pessoas de acordo com seus territórios. Quando Deus fala a Abraão que o Egito é uma nação forte, usa-se o termo *gôy*. Eliseu orou para que aquele *gôy* que estava invadindo Israel, a saber, a Síria, fosse cegado (2 Rs 6.18). Nesse sentido étnico genérico, pode-se usar o vocábulo para designar até mesmo a semente de Abraão. Assim sendo, Deus disse a Abraão, "de ti farei uma grande nação" (Gn 12.2; 17.20; 21.18). Em Êxodo 33.13, Moisés, referindo-se a Israel, um grupo de pessoas com identidade própria, diz: "este *gôy* (*i.e.*, nação) é teu *'am* (povo)". Em Deuteronômio 4.6, 7, Moisés fala acerca da nação israelita como um grupo político e étnico (*gôy*) que é um povo (*'am*) sábio e entendido, que possui uma identidade nacional específica (Sl 83.4 [5]) e que, como tal, é reconhecido por outras nações. É preciso ressaltar que as Escrituras falam da existência de Israel como uma nação distinta na época de Moisés por causa do equívoco generalizado de que Israel tornou-se uma nação só depois de entrar em Canaã. Israel era uma nação na época de Moisés da mesma maneira que o era na época de Josué (Js 3.17; 4.1; 5.6). Assim também ocorre nos dias de Jeremias e mesmo depois, a despeito do exílio (Jr 31.36).

A palavra *gôyim* é usada de várias e específicas maneiras. Quando se faz referência a algumas nações em particular, é esta forma plural que é usada, e os tradutores têm vertido por "nações" (Gn 10.31; Jz 2.23; Is 61.1 1) ou "povos" (Gn 49.10). A forma plural também é empregada para referir-se aos povos que habitavam em Canaã e ao redor; esses eram grupos distintos do ponto de vista étnico, político e territorial, os quais Israel, como nação, desalojaria (Dt 4.38; Js 23.13), ou entre os quais Israel teria de viver, para ser provado e julgado (Jz 2.21, 23). Mas a forma plural também é vez por outra usada para designar as várias nações que surgiriam de Abraão (Gn 17.4-6). Sara também seria mãe de nações (Gn 17.16).

Assim que os descendentes de Abraão se tornaram um grupo étnico e político bem definido e reconhecido, o qual estava numa aliança específica com Iavé, o termo *gôy* (plural *gôyim*) assumiu cada vez mais o sentido de "gentios" ou "pagãos", falando dos povos incrédulos, que não participavam da aliança e eram considerados países. Entretanto, repetidamente ainda se faz referência a Israel também como *gôy*, por exemplo, quando se menciona que Israel está-se apossando de território (Js 3.17) ou quando estrangeiros falam dela (Dt 4.6). Fala-se de Israel como uma nação (*gôy*), por ter estabelecido uma aliança com Iavé, por sua redenção e por sua circuncisão (Js 5.8). No entanto, na regra os incircuncisos é que são os *gôyim* (Jr 9.25).

As nações ao redor manifestam seu caráter pagão na sua impiedade (Dt 9.4, 5), suas abominações (Dt 18.9; 2 Cr 33.2) e por fazerem deuses próprios (2 Rs 17.29). Sobre essas nações, diz-se que levantam-se contra Deus e oprimem o povo da sua aliança, mas o Senhor zomba delas (Sl 59.8 [9]) e faz com que desapareçam (Sl 10.16). Moisés e particularmente os profetas advertiram Israel de que, caso o povo vivesse e adorasse como os *gôyim*, participaria do julgamento que aguardava os pagãos (Dt 32.28; Is 1.4; Ml 3.9).

Entretanto, mesmo diante disso não se deve concluir que as nações ao redor, os *gôyim* (ainda que citados como gentios e pagãos), estivessem irremediavelmente perdidas, sem Deus e sem esperança. Pelo contrário, elas deverão, por fim, participar de todas as bênçãos que Deus promete dar a Abraão e sua descendência, sob a condição de crer. O povo da aliança, Israel, é o povo de Deus, mas por ele os *gôyim* estão destinados a ser abençoados por Deus em tempos futuros (Gn 12.1-3). Nesse interim, Deus usará as nações para castigar o seu povo infiel (Jr 4.7; Hc 1.5 e ss.); por outro lado, algum dia eles contribuirão para a glória de Israel (Is 60.10 e ss.; Ag 2.6 e ss.). Eles também são convidados a buscar o Messias, para que seja uma luz para eles (Is 11.10; 42.6). Aliás, os *gôyim* devem juntar-se à grande procissão até o monte Sião (Is 2.2 e ss.), e sobre seus filhos declara-se que este e aquele outro nasceram em Jerusalém (Sl 87.4 [5]). Desse modo, haverá basicamente apenas um povo de Deus, constituído de fiéis de todas as tribos, línguas, povos e nações; entretanto, na época do AT, era mediante o povo da aliança, o *'am*, que as bênçãos de Deus se revelavam para os *gôyim* e eram a eles concedidas.

Bibliografia: CODY, Aelred, When is the chosen people called a goy?, *VT*, 16:1-6. — GIRDLESTONE, R. B., *Synonyms of the Old Testament*, Eerdmans, 1951. — MORAN, William L., A kingdom of priests, In: *The Bible in catholic thought*, Herder and Herder, 1962, p. 7-20. — ROST, L., Die Bezeichnungen für Land und Volk im Alten Testamentum, In: *Festschrift Otto Procksch*, Leipzig, 1934. — SPEISER, E. A., "People" and "Nation" of Israel, *JBL*, 79:157-63. — WATTS, John D., The people of God, *ExpT* 67:232-7. — *TDNT*, v. 2, p. 364-9. — *TDOT*, v. 2, p. 426-37.

G.V.G.

גְּוָה (*gēwâ*). Veja os n.os 299h, 326c.

327 גּוּז (*gûz*) ***trazer, cortar fora.***

gûz transmite a idéia (em várias línguas semíticas, tal como o árabe *ğûza*) de "passar". A vida de pessoas idosas passa (Sl 90.10). Um vento fez codornizes passarem pelo local (Nm 11.31). No AT este verbo refere-se a uma causa não humana.

G.V.G.

328 גוע (*gāwa'*)

גּוֹזָל (*gôzāl*). Veja o nº 337c.
גּוּחַ (*gûah*). Veja o nº 345.
גְּוִיָּה (*g'wîyâ*). Veja o nº 326d.
גּוֹי (*gôy*). Veja o nº 326e.
גּוֹלָה (*gôlâ*). Veja o nº 350a.

328 גָּוַע (*gāwa'*) ***estar (ser) morto, morrer, render o espírito, perecer, preparar-se para morrer.***

Verbo freqüentemente usado juntamente com *mût* (Gn 25.8, 17; 35.29; *cf.* 49.33; Nm 20.29; Jó 3.11, 14.10; Lm 1.19). Em Números 17.12 e s. [17.27 e s.] é paralelo de *'abad*.

Abraão era "avançado em anos", isto é, já se deparava com a morte, quando enviou Eliézer a Padã-Harã para encontrar uma esposa para Isaque (Gn 24.1; 25.8). Isaque "não sabia o dia da sua morte" quando quis abençoar Esaú (Gn 27.2). Speiser sugere que Isaque não necessariamente pensava que seu fim estava próximo, mas que na verdade estava fazendo um testamento, empregando a terminologia legal que encontra paralelo em Nuzi. Entretanto, ele tinha a morte em mente. Jacó expirou depois de estabelecer certas expectativas para seus filhos (Gn 49.1, 33).

Jó estava preparado para morrer caso alguém fosse capaz de apresentar acusações contra ele (Jó 13.19) e prometeu a seus falsos amigos que estava pronto a manter sua integridade até morrer (Jó 27.5). Quando se resiste às aflições enviadas por Deus, elas resultam em morte, um destino que Israel, no início, temeu, depois que o Senhor se colocou ao lado de Moisés e Arão em face da queixa do povo (Nm 17.12, 13 [17.27, 28]), mas que depois desejou quando faltou água em Zim (Nm 20.3). Acã morreu por causa de sua iniqüidade (Js 22.20), e toda a vida depende de Deus (Sl 104.29).

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 438. — SPEISER, E. A., I know not the day of my death, *Oriental and biblical studies*, Univ. of Penn., 1967, p. 89-96.

H.G.S.

329 גּוּף (*gûp*) ***trancar, fechar.*** Este verbo ocorre apenas uma vez, no hifil (Ne 7.3).

Termo Derivado

329a גּוּפָה (*gûpâ*) ***corpo, cadáver.***

330 גּוּר (*gûr*) ***I, residir, ajuntar-se, ser estrangeiro, morar (em/com), reunir, permanecer, peregrinar, habitar.***

Termos Derivados

330a גֵּר (*gēr*) ***peregrino.***
330b גֵּרוּת (*gērût*) ***hospedaria.***
330c מָגוֹר (*māgôr*) ***I, lugar de residência temporária.***
330d מַגּוּרָה (*m'gûrâ*) ***armazém, celeiro.***

330e מְמַגֻּרוֹת (*mamm'gurôt*) ***armazém, celeiro.***

A raiz significa viver entre pessoas que não são seus parentes consangüíneos; desse modo, em vez de desfrutar os direitos civis dos naturais do lugar, o *gēr* dependia da hospitalidade, a qual desempenhava um papel importante no antigo Oriente Médio. Quando os israelitas viveram junto aos povos vizinhos, em geral foram tratados como cidadãos protegidos; em Israel os estrangeiros eram em grande parte considerados prosélitos.

Com freqüência, devido à fome, os israelitas viveram como cidadãos protegidos fora da terra prometida: Abraão no Egito (Gn 12.10); Israel no Egito (47.4); Isaque com Abimeleque de Gerar (26.3). No entanto, no caso dos patriarcas, eles se tornaram cidadãos "protegidos" na terra prometida mediante o chamado de Deus (Gn 17.8; 20.1; 23.4). Hebreus 11.9, 13 descreve-os como peregrinos e estrangeiros, uma prova de que não se consideravam membros do mundo de pecado. Muitas passagens ilustram este sentido. Abraão, Isaque e Jacó só peregrinaram em Canaã (Êx 6.4), embora Isaque e Jacó tenham nascido ali. A terra não lhes fora dada porque ainda não se tinha enchido a medida da iniqüidade dos amorreus (Gn 15.16). Os israelitas são chamados de peregrinos (*gērîm*) no Egito (Dt 10.17-19; Êx 22.20), sendo no início forasteiros e no fim de sua estada ali praticamente escravos.

Jacó refere-se à sua estada com Labão como uma peregrinação, pois esperava retornar a Canaã. Ló residia em Sodoma, mas, quando discutiu com os homens da cidade, foi desdenhosamente chamado de peregrino, ou seja, estrangeiro, alguém sem voz ativa nos negócios da comunidade (Gn 19.9).

Quanto a Israel em seu exílio na Mesopotâmia, declara-se que era peregrino ali (Ed 1.4), pois estavam exilados de sua terra natal, a terra da aliança. Os cananeus tornaram-se *gērîm* depois da conquista (Êx 20.10; 22.20; 23.9), pois seu pecado havia cancelado qualquer privilégio que pudessem ter recebido sob a graça comum de Deus. Até mesmo Israel é chamado de peregrino no sentido de que o direito à posse da terra só prevalecia enquanto honrasse a aliança.

Na era vindoura o lobo será o cidadão protegido do cordeiro (Is 11.6). O mal jamais desfrutará esse privilégio com Deus (Sl 5.4 [5]); mas o salmista se considera peregrino perante o Senhor (Sl 39.1-13; 1 Cr 29.15). De fato, mesmo depois da conquista, Israel ainda é um peregrino na terra, pois esta pertence ao Senhor (Lv 25.23).

gēr. ***Forasteiro, peregrino, estranho,*** referindo-se a alguém que não desfrutava dos direitos que o residente geralmente possuía. O sentido mais claro do substantivo *gēr* se vê quando empregado para designar Israel em sua peregrinação no Egito (Êx 23.9; Gn 15.13). Moisés chamou o seu filho de Gérson em memória de sua estada em Midiã (Êx 18.3), pois tinha estado exilado tanto do Egito quanto de Canaã. Abraão, Isaque e Jacó viveram como estranhos em Canaã (Êx 6.4), o que significa que ali não possuíam direitos à propriedade.

Em Israel o *gēr* era em grande parte considerado prosélito. Devia estar presente à solene leitura da Lei (Dt 31.12), demonstrando que estava debaixo de suas exigências. A lei dos "pães asmos" aplicava-se tanto a ele quanto ao nativo da terra (Êx 12.19), e um *gēr* circuncidado podia celebrar a Páscoa (Êx 12.48 e s.; Nm 9.14). Ele também participava da festa do grande Dia da Expiação (Lv 16.29), e esperava-se que comemorasse a Festa dos Tabernáculos (Dt 16.14). Da mesma forma que o nativo, ele era ameaçado com a pena de morte, caso oferecesse sacrifício a um deus estrangeiro (Lv 17.8

e s.), e era proibido de comer sangue (17.10, 12, 13). Embora, em contraste com o nativo, pudesse comer o que tivesse morrido por si mesmo ou que tivesse sido dilacerado (Dt 14.21), à semelhança do nativo ele devia passar por purificações especiais (Lv 17.15 e s.). Ele também estava obrigado aos rituais de purificação com as cinzas da novilha vermelha (Nm 19.10). As leis de recato sexual aplicavam-se tanto a ele quanto ao nativo (Lv 18.26), o que também acontecia com as leis sobre o sábado (Êx 20.10; 23.12). Em suma, ele devia demonstrar a mesma fidelidade para com o Senhor (Lv 20.2).

Ele também desfrutava de muitos dos direitos dos nativos e não devia ser oprimido (Êx 22.21 [20]; Lv 19.3; Jr 7.6; 22.3). Ele é mencionado lado a lado com o pobre (Lv 19.10; *cf.* 23.22) e com os órfaos e as viúvas (Dt 14.29; 16.11, 14; 24.17; 26.13; 27.19). Com eles ele partilhava dos feixes deixados no campo (24.19) e da respiga das oliveiras e videiras (24.20, 21), junto com o dízimo a cada três anos (14.27; 26.12). Devia ser tratado com justiça nos julgamentos (1.16; 24.17; 27.19), e as seis cidades de refúgio também eram cidades de refúgio para ele (Nm 35.15). Em resumo, o Senhor ama o *gēr* (Dt 10.18). Os israelitas não deviam oprimi-lo porque eles próprios foram oprimidos e sabiam o que era experimentar isso (Êx 22.21 [20]; Dt 10.19). Deviam amá-lo como a si mesmos (Lv 19.34).

Davi empregou-os para lavrarem pedras (1 Cr 22.2), e eles serviram no exército (2 Sm 1.13). Salomão incumbiu-os de talhar pedras e carregar cargas (2 Cr 2.17 e s. [16 e s.]). Na fórmula de maldição de Deuteronômio 27 está predito que haveria uma inversão da ordem social e que o *gēr* se tornaria a cabeça e Israel a cauda.

mãgôr. ***Habitação, peregrinação, o local em que alguém peregrina ou onde é um estrangeiro.*** Ocorre apenas no plural, *m'gûrim*. Usa-se a palavra para designar os locais em que Abraão, Isaque e Jacó habitaram em suas peregrinações (Gn 36.7). A ilustração que Jó utiliza de uma casa vazia em decorrência do juízo (Jó 18.19) indica que ela se tornou um local de peregrinação, uma morada temporária. Salmos 119.54 apresenta um uso parecido. O ponto central parece ser que, onde quer que o homem viva, sua existência é basicamente transitória e dependente da graça de Deus. Mas, quando ele vive em obediência à vontade de Deus, sua vida está repleta de expectativas e certezas quanto àquela vida eterna vindoura (*cf.* Hb 11.9-10, 13-14, 16).

Bibliografia: *TDNT*, v. 5, p. 8-28, 842-51; v. 6, p. 728-42. — *TDOT*, v. 2, p. 439-49. — *THAT*, v. 1, p. 409-12. — LEVISON, Nahum, the proselyte in Biblical and early post-Biblical times, *SJT*, 10:45-56. — MARMORSTEIN, Emile, the origins of agricultural feudalism in the Holy Land, *PEQ*, 85:118-23. — NEUFELD, Edward, The prohibitions against loans at interest in ancient Hebrew laws, *HUCA*, 26:355-412. — NORTH, Robert, Biblical jubilee and social reform, *Scripture*, 4:323-35.

H.G.S.

331 גּוּר (*gûr*) ***II, ajuntar-se, acutilar, provocar guerra, suscitar contenda.***

331a גּוֹר (*gôr*) ***filhote (de animais selvagens).***

331b גּוּר (*gûr*) ***filhote (de animais selvagens).***

Em árabe esta raiz significa "agir com maldade contra". Provavelmente é uma forma dependente de *gārâ*, "atacar".

A raiz significa provocar problemas ou dificuldades para alguém ou no meio do povo.

Em Isaías 54.15 ocorre o infinitivo absoluto com o imperfeito, mas na forma é indistinguível de *gûr* I (*q.v.*), de modo que pode ser traduzido tanto como "ajuntar-se" (TB)

quanto como "suscitar contendas" (ARA). "Juntar multidão" (*KD*) favorece a primeira possibilidade, mas confira a BLH, "atacar".

A ARA, em Salmos 56.6 [7] ("ajuntar-se") e 59.3 [4] ("reunir-se"), seria uma tradução mais expressiva se fosse "suscitar contenda", devido ao paralelo com "[para] me darem cabo da vida". *Cf.* a expressão árabe *gâr 'al*, "agir com maldade contra", com *gûr*, em Salmos 59.3.

Em Salmos 140.2 [3] a ARA, com sua tradução "vivem forjando contendas", está bem de acordo com a outra metade do paralelismo, "maquinam iniqüidades".

Em Oséias 7.14 a BLH traduz *yitgôrārû* por "eles se cortam", do verbo *gāda*, o que se baseia em ler *daleth* em vez de *resh*.

H.G.S.

332 גּוּר (*gûr*) ***III, estar temeroso, ter medo, ficar atônito.*** Esta é, provavelmente, uma forma paralela de *ygr*, "estar temeroso".

Termos Derivados

332a מָגוֹר (*māgôr*) ***II, medo, terror.***

332b מְגוֹרָה (*mᵉgôrâ*) ***medo, terror.***

Esta raiz tem o sentido de estar intimidado diante de um ser ou coisa mais forte ou superior. Emprega-se para designar o medo que alguém tem de homens, de animais ou de Deus. Os moabitas temeram os israelitas quando estes apareceram no horizonte, devido ao seu grande número (Nm 22.3).

Os juízes são instruídos a não "temerem a face de ninguém", isto é, a não deixarem que a posição social de qualquer das partes em litígio os intimide ou os influencie no julgamento (Dt 1.17).

As ameaças de um falso profeta não deveriam fazer o povo se desviar de Deus (Dt 18.22).

Embora Davi fosse apenas um rapazinho, os dotes com que fora aquinhoado impressionaram e, em seguida, assustaram Saul (1 Sm 18.15).

Jó rejeita a acusação insinuada de pecado oculto, afirmando sua inocência e declarando que veria a Deus na carne; por esse motivo, seus caluniadores deviam temer o juízo (Jó 19.29).

O "leviatã" (IBB, Jó 41.1; ARA, "crocodilo") causa medo até mesmo nos homens poderosos da terra (Jó 41.25 [17]).

Deuteronômio 32.27 descreve o Senhor como alguém que teme a zombaria dos pagãos caso ele castigue Israel (Dt 32.27). Mas Samaria deve temer as conseqüências dos ídolos de Betel (Os 10.5).

māgôr, mᵉgôrâ. ***Medo, terror.*** Este substantivo, "pavor" em *KB*, ocorre menos vezes do que *yārē'* ou *pāhad*. *māgôr* tem o sentido mais extremo de pavor, terror, em contraste com *yārē'*, não tão forte (Sl 31.13, [14]; *cf.* Sl 111.10 e 19.9 [10]; Jr 20.4; *cf.* Pv 14.26). Repousa em Deus o livramento do medo, que resulta da inconstância humana (Sl 34.4 [5]; *cf.* o cabeçalho do salmo [1]; *cf.* também a conhecida frase de Jeremias, *māgôr missābîb*, "terror por todos os lados", 6.25, *etc.*).

H.G.S.

333 גוש (*gwsh*)

גּוֹרָל (*gôrāl*) Veja o nº 381a.
גֹּמֶץ (*gûmats*) Veja o nº 362a.

333 גוּשׁ (*gwsh*). **Aceita como raiz de:**

333a גֹּשׁ (*gûsh*) ***torrão, massa informe*** (Jó 7.5, somente)

גֵּז (*gēz*) Veja o nº 336a.

334 גִּזְבָּר (*gizbār*) ***tesoureiro*** (Ed 1.8, somente)

335 גזה (*gâzâ*) ***cortar, cortar fora, decepar.***

Termo Derivado

335a גְּזִית (*gāzît*) ***corte, lavragem.***

Usa-se a palavra especialmente para designar pedras lavradas. Esse tipo de pedra era proibido no altar original prescrito em Êxodo 20.25. Empunhar uma ferramenta para dar forma às pedras do altar era contaminá-lo. A razão não era, como alguns sugeriram com base em Deuteronômio 27.5, que o ferro fosse um metal tabu (observe-se que o texto de Êxodo não menciona ferro), mas simplesmente que um altar talhado e ornamental poderia tornar-se objeto de adoração em lugar do Senhor do altar. Uma idéia semelhante ocorre em 1 Reis 6.7, onde se dava forma às pedras do templo antes de trazê-las para o local da construção, "de maneira que nem martelo, nem machado, nem instrumento algum de ferro se ouviu na casa quando a edificavam". Tais pedras foram usadas no palácio de Salomão (1 Rs 7.9, 11), bem como em todos os grandes edifícios da época do AT (Am 5.11; Is 9.10). A única referência a pedra lavrada no templo visionário de Ezequiel encontra-se em 40.42, onde havia determinação de quatro mesas de pedras lavradas, nas quais seriam preparados os holocaustos.

E.B.S.

גִּזָּה (*gizzâ*) Veja o nº 336b.

336 גזז (*gāzaz*) ***tosquiar*** (ovelhas), ***aparar*** (mato, grama), ***podar*** (cabelo ou nação).

Termos Derivados

336a גֵּז (*gēz*) ***tosquia.***
336b גִּזָּה (*gizzâ*) ***tosão.***

gēz. *Tosquia* ou *aparagem*. Amos 7.1 pode estar referindo-se a qualquer um dos dois sentidos, mas Salmos 72.6 claramente refere-se a aparagem.

gizzâ. ***Velo.*** Usado apenas para designar o velo de Gideão, em Juízes 6.37-40.

Jó rasgou as roupas e cortou o cabelo em sinal de luto, quando recebeu a notícia da morte violenta de seus filhos. De modo semelhante, Miquéias (1.16) clama à nação, e Jeremias (7.29) clama a Jerusalém, para que cortem o cabelo e estejam calvos, em pranto pela destruição iminente. Naum utiliza o verbo *gâzaz* para descrever a poda (destruição) da Assíria. Isaías emprega o termo para ilustrar a mansidão com que o Servo Sofredor recebe o castigo em lugar daqueles que se perderam no pecado: "e, como ovelha, muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca" (Is 53.7).

E.B.S.

גזית (*gāzît*) Veja nº 335a.

337 גזל (*gāzal*) ***apoderar-se, arrancar, puxar para fora, tirar à força, roubar.***

Termos Derivados

337a גזל (*gāzēl*) ***roubo*** (Lv 5.21; Sl 62.11; Is 61.8), ***algo saqueado*** (Ez 22.29).

337b גזלה (*g'zēlâ*) ***roubo*** (Ez 18.7), ***bens roubados*** (Ez 33.15; Is 3.14; Lv 5.23)

337c גוזל (*gôzāl*) ***filhotes*** (de aves). Derivação incerta.

Em Juízes 9.25 tem-se um quadro de pessoas que ficam à espreita e roubam aqueles que vêm pela estrada. Nessa raiz existe o sentido de violência que vai além de simplesmente roubar ou tirar os pertences de alguém, mas inclui roubar à força, arrancar. Uma das coisas mais horrorosas e violentas do mundo antigo era a prática de esfolar pessoas, isto é, tirar a pele delas ainda vivas. Era uma das atrocidades cometidas pelos exércitos da Assíria. Embora empregando o verbo um tanto quanto figuradamente, o profeta Miquéias tem essa prática em mente quando utiliza o verbo em Miquéias 3.2: "[vós] que aborreceis o bem, e amais o mal; e deles arrancais a pele, e a carne de cima dos seus ossos".

Em outros contextos o verbo se refere a feitos igualmente pavorosos; por exemplo, arrancar uma criancinha sem pai do peito que a amamenta (Jó 24.9), tomar com violência poços d'água (Gn 21.25), casas (Jó 20.19) e campos (Mq 2.2). Eclesiastes utiliza a raiz para designar violência política, o destroçamento da justiça e da retidão num país (5.8). Provérbios 4.16, ao descrever as pessoas verdadeiramente ímpias, diz literalmente que "o sono lhes é roubado, caso não façam alguém tropeçar".

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 456-60.

E.B.S.

338 גזם (*gzm*). **Aceita como raiz de:**

338a גזם (*gāzām*) ***gafanhoto.***

Substantivo derivado do verbo *gāzam*, "cortar fora". Ocorre em apenas três passagens: Joel 1.4; 2.25; Amós 4.9. A TB (e também a ARC) traduzem a palavra por "lagarta", acompanhando a LXX, que traz *kampē*.

O *gāzām* talvez seja um gafanhoto ainda novo, num certo estágio de

desenvolvimento. Em geral os gafanhotos só atacam as folhas de oliveiras depois de todas as outras coisas terem sido consumidas. Assim, Amós 4.9 descreve uma situação de devastação absoluta.

E.M.Y.

339 גזע (*gz'*). **Aceita como raiz de:**

339a גזע (*geza'*) ***toco, cepo*** (Is 11.1; 40.24; Jó 14.8).

340 גזר (*gāzar*) ***derrubar (cortando), cortar fora, cortar em dois, dividir, arrancar, decretar.***

Termos Derivados

340a גְּזֶרֶת (*gezer*) ***parte.***

340b גְּזֵרָה (*g'zerâ*) ***separação.***

340c גְּזִרָה (*gizrâ*) ***corte, separação.***

340d מַגְזֵרָה (*magzērâ*) ***instrumento cortante, machado.***

A raiz e seus derivados ocorrem 41 vezes, 16 das quais no nome próprio Gezer, cidade levítica na fronteira de Efraim. À semelhança de seu sinônimo *kārat*, esta raiz tem o sentido básico de "romper".

O verbo descreve a divisão de um objeto em partes (1 Rs 3.25; 2 Rs 6.4) e até mesmo o mastigar a comida (Is 9.19). Quando seguido pela preposição *min* ("da parte de"), tem a conotação de um rompimento violento com um antigo estilo de vida. A separação pode ser do aprisco (Hc 3.17), da adoração (2 Cr 26.21), do cuidado protetor de Deus (Sl 88.5 [6]) ou da própria vida (Is 53.8). O nifal sem a preposição refere-se de forma mais geral à morte ou à destruição (Ez 37.11; Lm 3.54). Em Ester 2.1 e Jó 22.28, o verbo tem a conotação, comum em aramaico, de fazer um pronunciamento; *cf.* o nosso vocábulo "decidir", que procede do latim "cortar de".

gezer. ***Parte ou pedaço (separado).*** Empregado apenas no plural para designar as metades de animais (Gn 15.17) e as porções divididas do mar Vermelho (Sl 136.13).

g'zērâ. ***Separação, desabitado.*** Usado em Levítico 16.22 para referir-se, literalmente, à "terra de separação" (ARA, "terra solitária"), onde um bode vivo era levado e abandonado no dia da expiação.

Era assim chamada porque a área encontrava-se separada de águas (*KB*) ou de habitações. Posteriormente os mestres judeus interpretaram *g'zērâ* com o sentido de precipício, de onde o bode devia ser lançado abaixo.

J.E.S.

גָּחוֹן (*gāhôn*) Veja o n.º 342a.

341 גחל (*ghl*). **Aceita como raiz de:**

341a גַּחֶלֶת (*gahelet*) ***carvão, brasas.***

O carvão de madeira (em contraste com *peham*) era usado para cozinhar (Is 44.19), aquecer (Is 47.14) e queimar incenso (Lv 16.12). As brasas ardentes referem-se figuradamente a relâmpagos (Sl 18.9), ao herdeiro único de uma casa em extinção (2 Sm 14.7), à contenda (Pv 26.21), à vergonha (Pv 25.22) e ao juízo divino (Sl 120.4; 140.10 [11]).

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 461-5.

J.E.S.

342 גָּהַן (*ghn*). **Aceita como raiz de:**

342a גָּהוֹן (*gāhôn*) ***ventre (de répteis)*** (Gn 3.14; Lv 11.42).

343 גַּיְא (*gay'*) ***vale*** (acidente geográfico).

Diversas palavras hebraicas são usadas para designar os vários tipos de vales que fazem parte da topografia de Canaã. As planícies mais largas são chamadas de *biq'â* e *'ēmeq nahal* sugere um vale com ravina. Parece que *gay'* restringe-se a depressões compridas e de fundo achatado.

Talvez o mais famoso do AT seja o vale de Hinom, logo ao sul de Jerusalém. Ali se adorava Moloque com crianças imoladas (2 Cr 28.3; 33.6). Depois que Josias aboliu essa prática e profanou o vale (2 Rs 23.10), passaram a associar o vale com o juízo de pecadores (Jr 7.32; 19.6). Mais tarde o local foi transformado num depósito de lixo. Por meio do aramaico, os escritores do NT transliteraram *gay' hinnōm* em grego e aplicaram o termo *geena* ao local de castigo eterno.

Usa-se figuradamente a palavra *gay'* para designar um obstáculo que tem de ser transposto (Is 40.4) e um sério perigo que alguém pode experimentar (Sl 23.4). Na escatologia do AT o "vale dos Passantes" (BJ, marg.; ARA, "vale dos Viajantes"), a leste do mar Morto, é indicado como o local de sepultamento dos exércitos hostis de Gogue (Ez 39.11, 15). Uma via de escape na forma de um vale é preparada para o povo de Deus na segunda vinda de Cristo (Zc 14.4, 5).

J.E.S.

344 גָּיַל (*gyl*). **Aceita como raiz de:**

344a גִּיד (*gîd*) ***tendão*** (*e.g.*, Gn 32.33; Is 48.8)

345 גִּיחַ (*gîah*), גּוּחַ (*gûah*) ***irromper.***

Termo Derivado

345a גִּיחוֹן (*gîhôn*) ***Giom.*** Nome próprio derivado de uma raiz que significa "irromper" ou "fazer sair" (*BDB*), e a partir daí tem o sentido de "jorrador" ou "borbulhador".

Giom é empregado uma vez para designar um rio e cinco vezes uma fonte d'água. O segundo dos quatro tributários que se juntavam para formar o rio do Éden é chamado de Giom (Gn 2.13). Na ARC, marg., a terra de Cusi (ARA, "Cuxe"), que é circundada pelo rio, é identificada com a Etiópia. Embora no AT em geral *kûsh* refira-se à Etiópia, aqui a

referência é à terra dos cassitas, localizada a leste do Tigre. O verbo *sãbab*, traduzido por "circundar" (ARA) ou "rodear" (IBB), é melhor traduzido por "percorrer serpenteando". O rio Giom primitivo deve ter sido um dos vários rios que desciam das montanhas a leste para juntar-se ao rio Tigre na planície da Mesopotâmia. Muito provavelmente deve-se identificar o Giom ou com o rio Diyala, ou com o Kerkha.

Junto à fonte de Giom, no lado leste de Jerusalém, Salomão foi aclamado rei (1 Rs 1.33 e ss.). Desde as épocas mais remotas essa fonte teve papel proeminente no sistema de abastecimento de água de Jerusalém. Ezequias construiu um túnel cavado na rocha, que levava água de Giom para dentro das fortificações da cidade (2 Cr 32.30). Geralmente Giom é identificado com a Fonte dos Degraus, que jorra intermitentemente ao longo do dia.

Bibliografia: HARRIS, R. L., The mist, the canopy and the rivers of Eden, *JETS*, 4:177-9. — SIMON, J., *Jerusalem in the Old Testament*, Brill, 1952. — SPEISER, E. A., The rivers of Paradise, em *Oriental and Biblical studies*, University of Pennsylvania, 1967, p. 23-34. — *TDOT*, v. 2, p. 466-8.

J.E.S.

גִּיחוֹן (*gîhôn*). Veja o n.º 345a.

346 גִּיל (*gîl*) ***regozijar-se, estar contente.***

Termos Derivados

346a גִּילַל (*gîl*) ***I, regozijo.***

346b גִּיל (*gil*) ***II, círculo, idade.***

346c גִּילָה (*gîlâ*) ***regozijo.***

O significado da raiz é "dar voltas", a partir do qual idéias como a de "rodear de alegria" derivam diretamente. O significado da raiz é mais aplicável a expressões vibrantes de júbilo; mas no AT este verbo e seus derivados servem de termos poéticos e proféticos para designar vários tipos de alegria.

gîl, na maioria das vezes, refere-se ao regozijar-se com as obras ou atributos de Deus. Exemplos típicos são o regozijar-se com a obra de Deus em geral (Sl 118.24), com a restauração que ele opera em seu povo (Is 49.13), com seu livramento dos inimigos (Sl 9.14 [15]) e sua proteção dos inimigos (Sl 31.7, 8), com a glória e o juízo de Deus (Sl 97.8) e com o governo de Deus (1 Cr 16.31). Outros motivos para tal júbilo são um filho sábio (Pv 23.25), uma noiva linda (Ct 1.4), a partilha de despojos (Is 9.3 [2]) e o infortúnio do inimigo (Sl 13.4 [5]). Os ímpios regozijam-se no mal (Pv 2.14).

"Alegrai-vos com tremor" (Sl 2.11) pode ser uma alusão ao movimento físico associado com o significado da raiz da palavra.

gîl. ***Alegria, regozijo, satisfação*** (Em Provérbios 23.24 é usado o infinitivo absoluto do verbo, que pode ser traduzido por "grandemente".) Esse termo expressa ampla gama de sentimentos de alegria, desde o regozijo exuberante de um cortejo nupcial oriental (Sl 45.15 [16]) até a alegria mais tranqüila dos desanimados, cujos ais terminam com a morte (Jó 3.22). Outros sentimentos expressos por essa palavra são aqueles do pai satisfeito (Pv 23.24), do adorador de Deus (Sl 43.4) e da prosperidade dada por Deus (Sl 65.12 [13]).

Também expressa a alegria afastada pelo juízo (Is 16.10; Jl 1.16).

gîl. ***Idade.*** (Palavra proveniente de "rodear".) Refere-se ao círculo de contemporâneos de Daniel (Dn 1.10).

gilâ. ***Alegria, regozijo.*** Forma feminina de *gîl*, acima. Duas vezes refere-se às alegrias que ocorrem quando Deus restaura seu povo (Is 35.2; 65.18).

J.P.L.

347 גּוּר (*gyr*). **Aceita como raiz de:**

347a גּוֹר (*gir*) ***giz, cal*** (Is 27.9, somente).

גַּל (*gal*). Veja o n.º 353a.

גֵּל (*gel*). Veja o n.º 353b.

348 גלב (*glb*). **Aceita como raiz de:**

348a גַּלָּב (*gallāb*) ***barbeiro*** (Ez 5.1).

גִּלְגַּל (*galgal*). Veja o n.º 353i.

גִּלְגָּל (*gilgāl*). Veja o n.º 353j, 1.

גֻּלְגֹּלֶת (*gulgōlet*). Veja o n.º 353m.

349 גלד (*gld*). **Aceita como raiz de:**

349a גֵּלֶד (*geled*) ***pele*** (humana) (Jó 16.15).

350 גָּלָה (*gālâ*) ***descobrir, tirar.***

Termos Derivados

350a גּוֹלָה (*gôlâ*) ***cativeiro.***

350b גָּלוּת (*gālût*) ***cativeiro.***

350c גִּלָּיוֹן (*gillāyôn*) ***tábua, tabuinha.***

O hebraico *gālá*, com o sentido transitivo de "revelar", tem vínculos mais estreitos com o semítico ocidental do norte (*cf.*, em fenício, a Inscrição de Ahiram, "... e *descobriu* esse sarcófago", e o aramaico imperial na Palavra de Ahiqar, "não *revele* seus segredos a seus amigos") e o árabe *ğalā*, "tornar(-se) claro".

Com seu sentido intransitivo de "tirar", "ir para o exílio", a palavra tem uma relação remota com o verbo ugarítico de movimento *gly*, "partir" (Gordon) ou "chegar em" (Aistleitner), e também com o árabe *ğalā*, "emigrar". Com esse sentido ocorre como um empréstimo no neo-aramaico e no acadiano.

O sentido de "descobrir" ocorre nos graus qal, nifal, piel, pual e hitpael, e o sentido de "partir", "ir para o exílio" ocorre nos graus qal, hifil e hofal.

A luz desses dados, fica aberta a questão de estarmos ou não lidando com uma ou

duas raízes. De qualquer forma, analisaremos o verbo em função desses dois significados principais: "descobrir" e "partir", "ir para o exílio".

Revelar. No qal o verbo é, com freqüência, empregado com os órgãos do sentido por objeto: a orelha (1 Sm 9.15, *passim*) e o olho (Nm 24.4).

A expressão idiomática "destapar a orelha" significa simplesmente "mostrar", "revelar". Tendo o homem por sujeito, ela aparece na relação de Saul com Jônatas (1 Sm 20.2), de Jônatas com Davi (1 Sm 20.12, 13), dos assistentes com Saul (1 Sm 22.8), dos sacerdotes com Saul (1 Sm 22.17), de Boaz com o parente mais próximo (Rt 4.4). Tendo Deus por sujeito, na relação deste com Samuel (1 Sm 9.15), com Davi (2 Sm 7.27 = 1 Cr 17.25), com pessoas comuns (na fala de Eliú, Jó 33.16; 36.10). Uma vez que a expressão é usada tanto para Deus quanto para o homem, não se deve entender como termo técnico designativo da revelação de Deus. A Samuel Deus revela-se diretamente (*cf.* Is 22.14) e a Davi às vezes passa sua revelação por meio do profeta Natã. Às pessoas comuns ele se revela em sonhos ou visões (Jó 33.16) ou em experiências difíceis (Jó 36.10).

Amos empregou *gālâ*, tendo usado *sōd* ("segredo") por objeto, em sua clássica declaração sobre a revelação de Deus a seus profetas: "Certamente o SENHOR não fará coisa alguma, sem primeiro *revelar* o seu segredo aos seus servos, os profetas" (Am 3.7). (O verbo também tem *sōd* por objeto em Pv 20.19.)

Quando Deus revelou-se a Balaão, os olhos de Balaão foram "abertos", "desvendados" (Nm 24.4, 16). Parece que, dessa maneira, Balaão viu algo que, de outra forma, não estaria vendo.

Além dessas revelações particulares, o qal de *gālâ* é usado para designar uma comunicação generalizada. Durante a intriga e a disputa entre Hamã e Mordecai, os editos do rei foram divulgados a toda a população das províncias anunciando aquilo que tanto Hamã (Et 3.14) quanto Mordecai (8.13) haviam escrito. O particípio passivo de qal é usado em Jeremias 32.11, 14 para indicar um documento "aberto" em contraste com um selado.

No nifal a ação acontece ao próprio sujeito, seja de forma passiva, seja reflexiva. Assim sendo, num sentido passivo ela significa "expor": a nudez (Êx 20.26; Is 47.3), as roupas íntimas (Jr 13.22) e os fundamentos do mundo (2 Sm 22.16 = Sl 18.16), onde o verbo está em paralelo com o nifal de *rā'â*, "estar visível". Desse modo também significa "ser conhecido" (Is 23.1) e "ser revelado", referindo-se a uma palavra de Deus a Daniel (Dn 10.1).

No sentido reflexivo significa "desnudar-se" (três vezes aplicado a Davi em 2 Sm 6.20) ou "mostrar-se/revelar-se", referindo-se a Jônatas em relação aos filisteus (1 Sm 14.8), às portas da morte em relação a Jó (Jó 38.17), e a Deus. Tendo Deus como sujeito, usa-se o verbo neste sentido para designar sua teofania a Jacó (Gn 35.7; *cf.* Gn 28). A palavra também é empregada três vezes para indicar a revelação de Deus durante a infância de Samuel: sua revelação aos antepassados de Eli (1 Sm 2.27), a Samuel (1 Sm 3.21; *cf.* 1 Sm 3.7). Aqui, como também na expressão idiomática "destapar a orelha" e na declaração clássica de Amos, ela denota a revelação de Deus a um profeta.

Em Deuteronômio 29.28 emprega-se o particípio nifal com uma noção passiva para indicar as ameaças e as promessas ostensivas reveladas a Israel naquele livro. De acordo com Isaías 40.5, a glória do Senhor — sua vitória triunfante na terra através de seu governo em Israel — será revelada a toda carne. Tem o mesmo sentido em Isaías 56.1 e é usada em Isaías 53.1 para indicar a revelação à humanidade da obra de Deus por intermédio do Servo Sofredor.

Assim, embora não seja um termo técnico indicativo da revelação divina, o verbo

gālâ tem freqüentemente este sentido.

Semelhantemente, no piel sempre denota "revelar" algo que, de outra forma, está normalmente oculto. Assim, significa "abrir" os olhos — para ver um anjo (Nm 22.31) ou coisas maravilhosas na lei (Sl 119.18); "tornar conhecido, revelado, manifesto": referindo-se a Jeremias em sua queixa ao Senhor (Jr 11.20; 20.12), ao Senhor em sua revelação de paz e verdade a Israel (Jr 33.6) e de sua justiça a eles (Sl 98.2); "trair", referindo-se a fugitivos (Is 16.3), segredos (Pv 11.13; 25.9); "revelar", "expor", referindo-se ao esconderijo de Esaú (Jr 49.10), aos mistérios das trevas (Jó 12.22), aos fundamentos (Mq 1.6), ao pecado (Jó 20.27; Lm 2.14; 4.22) e aos pés (Rt 3.4,7).

É, contudo, usado um maior número de vezes neste grau para indicar atividade sexual proscrita. Ocorre 24 vezes em Levítico 18 e 20 na expressão "descobrir a nudez", que indica relação sexual em condições proibidas, geralmente incesto; *cf.* também Deuteronômio 22.30 [23.1]; 27.20. Também é usado para indicar o descobrir ou remover daquilo que cobre: a saia da mulher (Is 47.3; Na 3.5), a proteção de Judá (Is 22.8) e a couraça do crocodilo (ARA) ou leviatã (IBB, Jó 41.13 [5]). Em muitas passagens têm, portanto, a conotação de "envergonhar".

Lado a lado com Levítico 18 e 20, ocorre na queixa profética de que Israel "descobriu sua nudez", metáfora que indica que atirou fora sua lealdade para com o Senhor. Em reação a isso, o Senhor ou os antigos amantes dela "descobrirão a nudez" da nação infiel, ou seja, envergonhá-la-ão (Os 2.12; Ez 16.36); *cf.* a ameaça contra Nínive (Na 3.5) e Babilônia (Is 47.3).

Tirar, ir para o exílio. O sentido básico da forma intransitiva *gālâ* aparece em Ezequiel 12.3, onde o profeta recebe a ordem de "sair" e no lamento da esposa de Finéias, a qual estava em trabalho de parto: "Foi-se a glória de Israel". Sentido semelhante se vê no lamento de Isaías, "já se foi o prazer da terra" (IBB, Is 24.11), e na descrição que Zofar apresenta do destino dos ímpios, "as rendas de sua casa ir-se-ão" (IBB, Jó 20.28). Também tem este sentido simples de "partir" em Provérbios 27.25 e Oséias 10.5.

Nas 20 passagens restantes no qal o verbo tem o sentido mais preciso de "ser levado ao cativeiro". Além disso, ocorre 39 vezes no hifil com o significado de "levar exilado" e sete vezes no hofal, com um sentido semelhante ao do qal. O verbo figura com destaque nos anúncios de juízo feitos por Amós (1.5; 5.5, 27; 6.7; 7.11, 17) e Jeremias (13.19; 20.4; 22.12; 27.20; *cf.* Lm 1.3; *veja* também Is 5.13).

Em várias passagens o Senhor é designado como o sujeito que leva Israel para o cativeiro (Jr 29.4,7, 14; Ez 39.28; Am 5.27; Lm 4.22; 1 Cr 5.41 — o único lugar onde se menciona explicitamente o agente humano [Nabucodonosor]; *cf.* acerca de outras pessoas em 2 Rs 17.11). Mas em geral Israel (Judá) ou sua glória é o sujeito do verbo.

O juízo do Senhor em tirar Israel da terra e conduzi-la ao cativeiro contrasta apropriadamente com a ação divina de cumprir a promessa de dar-lhes a terra como dádiva ao início de sua história. Semelhantemente, as repetidas promessas aos pais de dar-lhes a terra contrastam fortemente com suas repetidas advertências, feitas pelos profetas, de tirá-los da terra. Em 2 Reis 17.11 a expulsão de Israel da terra é visivelmente comparada com o destino dos cananeus, a quem Deus expulsou em favor de Israel, quando entrou na terra.

É instrutivo assinalar que o verbo jamais ocorre em Deuteronômio. Neste livro a ameaça de serem postos fora da terra expressa-se com outras expressões, tais como "perecer (*'bd*) depressa da terra" (ARC, Dt 4.26; 11.17) e "espalhar" (*pûts*, hifil). Caso as supostas falas mosaicas de Deuteronômio sejam, na verdade e como geralmente se alega, de data posterior, parece estranho que não se use a palavra *gālâ*, a qual é comumente

empregada pelos profetas dos séculos IX ao VII para designar a expulsão da terra.

gôlâ. ***Cativeiro, cativo, os deportados*** **ou** ***mudança.*** Este substantivo feminino que se refere a qualquer pessoa levada cativa ou ao cativeiro em si ocorre 41 vezes nos profetas e em Reis, Crônicas, Esdras, Neemias e Ester. Na maioria das vezes a referência é ao cativeiro babilônico de Judá, que foi resultado de sua desobediência pecaminosa contra Deus.

gālût. ***Cativeiro*** **ou** ***cativo levado ao cativeiro.*** Nas 15 ocorrências do substantivo feminino *gālût*, faz-se referência a um grupo de cativos (Is 20.4; 45.13; Jr 24.5; 28.4; 29.22; 40.1; Am 1.6,9; Ob 20) ou a um período de cativeiro especificado de diversas maneiras, como o cativeiro de Joaquim (2 Rs 25.27; Jr 51.31; Ez 1.2) ou como o nosso cativeiro (Ez 33.21; 40.1), mas quase todas referindo-se ao cativeiro de Judá na Babilônia.

Bibliografia: *TDOT*, v. 2, p. 476-88. — *THAT*, v. 1, p. 415-7.

B.K.W.

גֻּלָּה (*gullâ*). Veja o n.º 353c.

גלול (*gillûl*). Veja o n.º 353h.

גלום (*g'lôm*). Veja o n.º 354c.

גלות (*gālût*). Veja o n.º 350b.

351 גָּלַח (*gālah*) ***tosquiar, rapar, barbear-se.***

(A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante, exceto que "cortar" aparece em lugar de "tosquiar".) Parece que a raiz significa "estar desnudo, sem pelo, nu". Tem um sentido mais amplo do que *qārah*, que se refere à calvície. O verbo ocorre 22 vezes nos graus intensivos.

Entre os semitas o rapar a barba era sinal de pranto e aflição (Jr 41.5; *cf.* Am 8.10). No entanto, os sacerdotes eram proibidos de seguir esses costumes de lamento (Lv 21.5; Ez 44.20). Às vezes o rapar-se simbolizava purificação, como no caso de uma pessoa curada de uma doença da pele (Lv 13.33; 14.8) ou de uma mulher cativa que estava em via de casar-se com um israelita (Dt 21.12). Na época de sua consagração os levitas deviam "fazer passar a navalha (*he'ĕbîr ta'ar*) [...] sobre todo o seu corpo" (Nm 8.7). As opiniões divergem quanto a deverem apenas aparar os pêlos ou rapá-los totalmente. Quando um nazireu concluía o seu voto, o seu cabelo era rapado e queimado no fogo do altar (Nm 6.18, 19).

Em outras circunstâncias, cortar a barba era considerado uma grande indignidade (2 Sm 10.4). Entretanto, prevalecia no Egito um costume diferente (Gn 41.14). Não está inteiramente claro por que Absalão cortava periodicamente o cabelo (2 Sm 14.26).

Num sentido figurado, o rapar referia-se ao despojamento completo da terra pelo inimigo (Is 7.20).

Bibliografia: FENSHAM, F. Charles, The shaving of Samson: a note on Judges 16:19, *EQ*:97-8.

J.E.S.

גִּלְיוֹן (*gillāyôn*). Veja o n.º 350c.

גְּלִיל (*gālil*). I, II. Veja o n.º 353e, f.
גְּלִילָה (*g'lilâ*). Veja o n.º 353g.

352 גלל (*gll*). **I. Aceita como raiz de:**
352a גַּלַּל (*gālāl*) ***motivo.*** Ocorre somente no construto com a preposição *b'*: *biglal*, "por causa de", "por amor de".

353 גָּלַל (*gālal*) ***II, entregar, retirar, confiar, correr abaixo, procurar ocasião, chafurdar, rolar, e rolar abaixo ou rolar juntos.***

Termos Derivados

353a גַּל (*gal*) ***pilha (de coisas), onda.***
353b גֵּל (*gēl*) ***esterco.***
353c גֻּלָּה (*gullâ*) ***vaso, bacia.***
353d גָּלָל (*gālāl*) ***esterco.***
353e גָּלִיל (*gālîl*) ***I, giratório, dobradiço.***
353f גְּלִיל (*gālîl*) ***II, cilindro, vara, circuito.***
353g גְּלִילָה (*g'lîlâ*) ***circuito, fronteira, território.***
353h גִּלּוּל (*gillûl*) ***idolos.***
353i גַּלְגַּל (*galgāl*) ***roda, turbilhão, redemoinho.***
353j גִּלְגָּל (*gilgāl*) ***I, roda.***
353l גִּלְגָּל (*gilgāl*) ***II, Gilgal.***
353m גֻּלְגֹּלֶת (*gulgōlet*) ***crânio, cabeça.***
353n מְגִלָּה (*m'gillâ*) ***rolo.***

gālal significa mover um objeto por meio de movimento rotatório. Tal movimento pode dar-se em, dentro de, sobre ou contra alguma coisa, junto com algo, afastando-se de algum ponto, indo na direção de alguma coisa ou para baixo. Este verbo é empregado para indicar o rolar-se sobre o Senhor, ou seja, o confiar nele (Sl 22.8 [9]) ou o entregar o próprio caminho ou vida ao Senhor (Sl 37.5; Pv 16.3) ou o retirar coisas não-materiais como opróbrio e desprezo (Sl 119.22).

O ato físico de rolar algo ou alguém (*gālal*) aparece em apenas quatro episódios e possivelmente em duas ou três observações. O primeiro é a história do encontro de Jacó com Raquel junto ao poço de Parã, onde se menciona a necessidade de rolar a pedra de cima do poço e de Jacó fazê-lo (Gn 29.3, 8, 10).

Quando Josué descobriu os cinco reis amorreus numa caverna durante a batalha de Gibeom, deu ordens para que seus homens rolassem grandes pedras até a boca da caverna para mantê-los presos até o fim da batalha (Js 10.18).

Ao saber que o povo faminto estava comendo carne com o sangue ainda dentro, determinou a seus homens que rolassem uma grande pedra até ele, na qual os animais poderiam ser devidamente abatidos (1 Sm 14.33).

Depois de Joabe ter atravessado sua espada traiçoeiramente em Amasa, este

revolveu-se em seu sangue junto à estrada (2 Sm 20.12).

Numa figura de linguagem, Jeremias compara a Babilônia com uma montanha quando diz a seu respeito: "e te revolverei dos penhascos abaixo" (IBB, 30.14). Certamente o sábio escreve metaforicamente: "a pedra rolará sobre quem a revolve" (Pv 26.27). Isaías utiliza o verbo em duas expressões marcantes: os céus "se enrolarão como um pergaminho" (34.4) e "veste revolvida em sangue" (9.5), numa frase que descreve o estado de beligerância em contraste com o reinado do príncipe da paz.

Josué utilizou *galal* simbolicamente quando disse, depois da circuncisão dos israelitas, "hoje revolvi de sobre vós o opróbrio do Egito" (Js 5.19), e o lugar foi chamado Gilgal, um trocadilho com *gālal*.

Bem próxima do sentido de fazer rolar um objeto encontra-se a metáfora de Amos: "Antes corra [abaixo: *cf.* TB] o juízo como as águas, e a justiça como ribeiro perene" (Am 5.24).

Outros usos de *gālal* estão mais distantes da idéia de rolar um objeto. Entre as ofensas que Jó sofreu está a ação de jovens que se revolveram contra ele — provavelmente na forma de um exército rompendo as defesas (Jó 30.14). Os irmãos de José temem que ele esteja procurando pretexto (*gālal*) contra eles a fim de escravizá-los (Gn 43.8).

Em quatro lugares *galal* assume o sentido de confiar, entregar ou retirar. A ideia é de "deixar rolar seu próprio peso" sobre alguém ou para longe de si (*cf.* KB). Aqueles que estigmatizam a vítima do salmo 22 dizem: "Confiou no SENHOR! livre-o ele, salve-o" (v. 8 [9]), enquanto em Salmos 37.5 e Provérbios 16.3 somos desafiados a entregar ao Senhor nossas obras e caminho. Em Salmos 119.22 o salmista suplica: "Tira de mim o opróbrio e o desprezo, pois tenho guardado os teus testemunhos".

gal. ***Pilha*** (de coisas), ***onda, vagalhão e manancial.*** Um substantivo masculino que aparentemente procede da idéia de rolar, empilhar ou amontoar coisas. É usado para designar um monte de pedras como destroços de uma cidade (2 Rs 19.25) ou como um memorial (Gn 31.46-52). Da mesma maneira, *gal* pode indicar a água que jorra em ondas ou vagalhões (Sl 42.7 [8]; Is 48.18; Jr 5.22; Jn 2.3) e o borbulhar de um manancial (Ct 4.12).

O local de despedida de Labão e Jacó foi um monte de pedras que os homens de Jacó empilharam como um testemunho da aliança entre ele e Labão. Jacó deu ao lugar o nome de Galeede, "montão de testemunha" (Gn 31.46-52). O nome que Labão deu ao local significa a mesma coisa em aramaico. Uma grande pilha de pedras foi posta sobre os restos de Acã e sua família (Js 7.26). O rei de Ai teve o mesmo tratamento depois de ser capturado (Js 8.29), e assim aconteceu com Absalão depois de morto (2 Sm 18.17).

Por meio de Isaías e Ezequias o Senhor enviou uma mensagem a Senaqueribe, dizendo-lhe que o Senhor o usara para reduzir "a montões de ruínas as cidades fortificadas" (2 Rs 19.25; Is 37.26).

Isaías louva o Senhor porque foi ele que "da cidade fez um montão de pedras" (25.2), e Jeremias diz que tanto Jerusalém quanto Babilônia tornar-se-ão montões de ruínas (51.37), ao passo que Oséias declara que os altares de Gilgal são "como montões de pedras nos sulcos dos campos" (12.11).

gullâ. ***Fontes, taças.*** Água corrente em Josué 15.19; Juízes 1.15 descreve fontes ou tanques (ou possivelmente assim chamados por serem tanques redondos).

No alto das colunas em frente ao templo foram colocadas obras de fundição em forma de taças (BLH, 1 Rs 7.41; 2 Cr 4.12, 13); *cf.* a taça no candelabro (ARA, "vaso", Zc 4.2, 3).

Em Eclesiastes 12.6 o "copo de ouro que se despedaça" descreve a morte na velhice.

gālil. ***Dobradiço ou argolas.*** Adjetivo que descreve as folhas das portas do templo em Jerusalém (a maioria das traduções traz "dobradiço", mas *cf.* BJ, "giratório", 1 Rs 6.34).

Substantivo masculino traduzido por "argolas", nas quais eram pendurados elementos decorativos (Et 1.6). Em Cantares 5.14, as mãos do noivo são "anéis" (ARC; ARA, "cilindro"; *KB, BDB*, "cilindro, vara").

gillûl. ***Ídolos, imagens.*** Uma dentre as aproximadas dez palavras que basicamente designam ídolos no AT. A palavra significa tora, bloco, coisa sem forma (*BDB*). É utilizada desse modo para polemizar contra as nações pagãs. Esse plural masculino ocorre bem poucas vezes (nove) fora de Ezequiel (38 vezes).

Em Levítico 26, Moisés, estando no monte Sinai, adverte os israelitas acerca de afastarem-se do Senhor e adorarem ídolos, dizendo que, se isso acontecer, o Senhor lançará os seus cadáveres sobre os cadáveres de seus deuses (26.30). A NEB traduz com certa liberdade: "Amontoarei vossos cadáveres podres em cima das toras podres que eram vossos ídolos." Em Deuteronômio, Moisés fala nesse linguajar quando renova a aliança e refere-se aos ídolos (*gillûlîm*) do Egito e àqueles de madeira, pedra, prata e ouro, que eles viram durante sua peregrinação (29.17).

Asa, descendente de Davi, retirou da terra todos os ídolos que seu pai, Abias, havia feito (1 Rs 15.12). Bem ao contrário, Acabe, instigado por Jezabel, fez coisas muito abomináveis e seguiu aos ídolos tal como o faziam os amorreus (1 Rs 21.26).

O reino do norte é formalmente acusado de servir aos ídolos, desobedecendo especificamente ao mandamento do Senhor de não fazê-lo (2 Rs 17.12). Mais tarde Manassés agiu mais impiamente do que os amorreus ao fazer com que Judá pecasse com os ídolos que ele adotara, e seu filho Amom fez o mesmo (2 Rs 21.11, 21). Josias, contudo, em obediência ao Senhor, pôs tais ídolos de lado depois de ler o livro que Hilquias encontrou no templo (2 Rs 23.24).

Jeremias diz que as imagens (*gillûlîm*) da Babilônia seriam destruídas. Aqui *gillûlim*, traduzido por "ídolos", é paralelo de *'ătsabbîm*, palavra traduzida por "imagens" e cognata de um verbo que significa "entristecer-se" ou "causar tristeza".

Ezequiel, onde aparecem 38 das 47 ocorrências de *gillûlîm*, denuncia a idolatria como infidelidade e prostituição (16.36; 37.23). Os bons israelitas não "levantaram os olhos para os ídolos", ao passo que os ímpios o fizeram (18.6, 12, 15). Ezequiel lembra ao povo o fato de Deus ter dito que não se contaminassem "com os ídolos do Egito". Entretanto, "o seu coração andava após os seus ídolos" (20.7,8, 16, 18, 24). Eles não deveriam "se contaminar" com ídolos (20.31). Numa ironia marcante, o profeta diz: "Ide; cada um sirva os seus ídolos" (20.39). Novamente ele anuncia que, com sua idolatria, Israel age contra si mesmo e se contamina (22.3, 4; 23.7). Eles estão contaminados com os ídolos da Babilônia e da Assíria (23.30) e foram atrás da idolatria pagã a ponto de matarem seus filhos em sacrifícios aos ídolos e, dessa maneira, "carregarão os pecados dos seus ídolos" (23.39, 49), mas o Senhor destruirá os ídolos do Egito (30.13).

Quando Ezequiel fica sabendo que Jerusalém foi destruída, ele diz que o povo não possuí a terra por causa de sua idolatria (33.25; 36.18, 25). Só mais duas vezes Ezequiel se refere aos ídolos, e agora faz de forma bem diferente. Ele prediz que Judá e Israel serão unidas em sua terra e que elas não se contaminarão mais com ídolos (37.23). Na restauração os sacerdotes e levitas que se desviaram serão castigados com rebaixamento e serão incumbidos de uma atividade menos importante no novo santuário. Somente os

sacerdotes zadoquitas que permanecerem fiéis ao Senhor servirão no elevado ofício de sacerdote (44.10, 12). [Não existe no AT uma única palavra isolada para "ídolo". Os ídolos são chamados de várias maneiras pelos profetas, dependendo da caracterização que entendessem seria a mais eficaz no momento. Basicamente são cinco as palavras usadas: 1) *gillûl*, "toras", "blocos" (embora KB sugira que essa é uma palavra pejorativa pela qual chamavam-se os ídolos de bolotas de excremento): é a palavra usada com maior freqüência, mas a maioria das vezes por Ezequiel; 2) *pesel*: "imagem esculpida"; 3) *massēkâ*: "imagem fundida"; 4) *matstsēbâ*: "imagem de pedra em pé"; 5) *'ātsāb*: "motivo de tristeza". É de nosso interesse que as primeiras quatro sejam caracterizações que surgem da natureza física da imagem, referindo-se especialmente a como era feita. Os profetas ridicularizavam os ídolos como coisas feitas por mãos humanas. Aliás, essa expressão é algumas vezes empregada como substituto da palavra ídolo (*e.g.*, Is 2.8). Os profetas não admitiam que o ídolo fosse uma mera representação do deus em questão. Eles afirmavam que o objeto material em si era o deus dos pagãos — e, com o animismo que prevalecia, sem dúvida alguma eles estavam certos. Com esse enfoque, Isaías lança no ridículo o idólatra que usa metade de uma tora para se aquecer e a outra metade para fazer um deus (Is 44.9-20).

Outras palavras designativas de ídolo são: *tselem*, "imagem", que enfatiza seu caráter representativo (usada sete vezes); *tsēmel*, de etimologia incerta (usada cinco vezes); *t'rāphîm*, aparentemente com o sentido de "coisa vergonhosa", palavra empregada para designar os ídolos domésticos que Raquel roubou de Labão; *mipp'letset*, "coisa horrorosa"; *'ĕlîl*, "coisa vazia ou sem sentido"; e *'āwen*, "coisa pecaminosa", *BDB* (*KB* sugere "coisa misteriosa" a partir de uma etimologia possível, mas *BDB* parece melhor com base no uso de *'āwen*). Também deve-se mencionar as *'ăshērâ*, que são, sem dúvida, objetos de culto, talvez postes sagrados, mas são mais símbolos da deusa *'ăshērâ* do que ídolos no sentido normal da palavra. R.L.H.]

galgal. ***Roda.*** Palavra assim traduzida nove vezes na KJV, mas em Isaías 17.13 é "uma coisa revolvente", e em Salmos 77.18 [19], "nos céus". As traduções modernas de Salmos 77.18 [19] em geral usam "redemoinho" (*e.g.*, 1BB; a BJ traz "cardo seco, que voa rodopiando", marg., em Sl 83.13 [14]; a ARA, "folhas impelidas por um redemoinho").

Vários tipos de roda são: aquelas usadas em carros de guerra (Is 5.28; Jr 47.3; Ez 23.24; 26.10), para tirar água (Ec 12.6) e as da visão do profeta Ezequiel da partida da glória de Deus (Ez 10.2, 6, 13), embora Ezequiel empregue mais freqüentemente outra palavra para indicar as rodas dessa sua visão (veja *ôpān*).

gilgāl. ***II, Gilgal*** **(um círculo de pedras?).** Parece existir cinco lugares chamados Gilgal. Deuteronômio 11.30 situa Ebal e Gerizim "defronte de Gilgal", que parece estar próximo de Siquém.

O Gilgal de Elias e Eliseu fica perto de Betel (2 Rs 2.1; 4.38). Ali Eliseu purifica para os filhos dos profetas a comida indicada pela expressão "morte na panela".

Acredita-se que o rei das nações de Gilgal tenha vivido na borda da planície de Sarom.

Gilgal é também uma cidade limítrofe de Judá mencionada em Josué 15.17 e que fica na estrada que vai de Jericó a Jerusalém (Js 18.17).

A Gilgal citada com mais freqüência foi o primeiro lugar em que os israelitas se acamparam depois de atravessarem o Jordão. Ficava a leste de Jericó (Js 4.19), mas sua exata localização ainda é incerta. Com base no AT, em estudos onomásticos por Josefo e

Eusébio e em sítios arqueológicos (*BASOR*, 140:11-27), Muilenburg propôs Khirbet el-Mefjir. Nesse local, um monte com 12 pedras tiradas do Jordão serviu de lembrança de sua travessia do rio. Ali também aquela geração foi circuncidada, Deus "revolveu de sobre eles o opróbrio do Egito", celebrou-se a primeira Páscoa na nova terra e o maná cessou (5.9-12). Os gibeonitas vieram até o quartel-general de Josué, em Gilgal, e ali posteriormente Josué dividiu a terra mediante sorteio (Js 9.6; 10.6, 7, 9, 15, 43; 14.6).

Em Juízes 2.1 o anjo do Senhor sobe de Gilgal a Boquim para profetizar contra os israelitas. Gilgal faz parte das cidades percorridas por Samuel (1 Sm 7.16; 10.8) e permanece sendo um centro importante durante a época de Saul (1 Sm 11.14, 15; 13.4, 7, 8, 12, 15; 15.12, 21, 33) e de Davi (2 Sm 19.15, 40).

Oséias e Amos referem-se afrontosamente à adoração pecaminosa e ímpia em Gilgal que ocorria em sua época (Os 4.15; 9.15; 12.12; Am 4.4; 5.5).

[Harmonizando os relatos da conquista encontrados em Josué com o subseqüente estabelecimento na terra apresentado em Juízes, Y. Kaufmann salienta que as guerras de Josué tinham como objetivo destruir e exterminar o inimigo e não ocupar a terra. Ele escreveu: "Josué faz total distinção entre as *guerras* e a *ocupação da terra*. Ele mantém o povo *acampado* [durante algum tempo em Gilgal] durante toda a duração da guerra. Não importa onde o exército lute, ele sempre volta ao acampamento. [...] Ele se vê forçado a impedir que o povo ocupe suas porções de terra até o fim da guerra, pois não tem certeza de que conseguirá reuni-los para a guerra em geral caso eles se envolvam em reivindicar terras" (*The biblical account of the Conquest of Palestine*, 1953, p. 92). B.K.W.]

gulgōlet. ***Crânio, cabeça* ou *pessoa.*** O cognato acadiano é *gulgullu* e *gulgullâti*. Significa "homem", "cabeça" ou "crânio". Palavra em geral usada para indicar a contagem de pessoas (Êx 16.16; 38.26; Nm 1.2, 18; 3.47; 1 Cr 23.3, 24). Mas também refere-se à fratura do crânio de Abimeleque (Jz 9.53), do crânio de Jezabel (2 Rs 9.35) e da cabeça de Saul, quando ela foi presa à parede do templo de Dagom (1 Cr 10.10). *Cf.* o aramaico "Gólgota", nos evangelhos (Mt 27.33; Mc 15.22; Jo 19.17).

m'gillâ. ***Volume, rolo.*** *m'gillâ* ocorre junto com *sēper*, "livro", o rolo do livro (Jr 36.2,4; Ez 2.9, Sl 40.7 [8]).

Jeoaquim cortou e queimou o rolo de Jeremias (Jr 36). Ezequiel vê um rolo quando de sua chamada (2.9; 3.1-3), e Zacarias, um rolo voador que continha as maldições de Deus contra a impiedade (5.1, 2). Esdras menciona o rolo em que estava registrado o decreto de Ciro para reconstruir o templo (6.2).

Rolos egípcios e provavelmente muitos daqueles usados na Palestina eram feitos de papiro (observe-se a facilidade com que foi queimado o rolo de Jeremias). Os Rolos do mar Morto foram feitos de peles unidas mediante costura. O livro (códice) veio a ser usado a partir dos séculos primeiro e segundo depois de Cristo. Os rolos eram escritos do lado de dentro e, quando necessário, também do lado de fora (*cf.* Ez 2.10).

E.S.K.

354 גָּלַם (*galam*) ***enrolar, dobrar*** (2 Rs 2.8, somente).

Termos Derivados

354a גְּלוֹם (*g'lôm*) ***invólucro, roupa*** (Ez 27.24, somente).

355 *גלע (*gala'*)

354b גֹּלֶם (*gōlem*) ***embrião*** (Sl 139.16, somente).
354c גַּלְמוּד (*galmud*) ***duro, estéril*** (*i.e.*, Is 49.21; Jó 15.34).

גַּלְמוּד (*galmûd*). Veja o n.º 354c.

355 *גלא (*gāla'*) ***expor, desnudar.*** Ocorre somente no hitpael (*e.g.*, Pv 17.14; 18.1).

356 גִּלְעָד (*gil'ād*) ***Gileade.***

Termo Derivado

356a †גִּלְעָדִי (*gil'ādî*) ***gileadita.***

Às vezes Gileade refere-se à região da Transjordânia entre os rios Arnom e Jaboque, às vezes ao encontro entre o Jaboque e o Jarmuque e às vezes a toda a área.

Quando Jacó voltava para Canaã, Labão o alcançou no monte Gileade (Gn 31.21, 23, 25), e os ismaelitas de Gileade compraram José e o levaram para o Egito (Gn 37.25).

Como Gileade era uma terra de boas pastagens, Gade e Rúben ficaram com a região sul (Nm 32.1, 26, 29). Moisés deu o norte de Gileade para Maquir, filho de Manassés (Nm 32.39, 40). Esta partilha é confirmada em Deuteronômio 3.13, 15, 16; 4.43.

Seom. rei dos amorreus, reinou sobre metade de Gileade (Js 12.2), e Ogue, rei de Basã, sobre a outra metade (12.5). Josué 13.25 diz que Moisés deu Gileade a Gade, mas o versículo 31 afirma que metade foi entregue a Maquir.

O cântico de Débora e Baraque faz afronta aos homens de Gileade por deixarem de participar da guerra contra Jabim, rei de Hazor (Jz 5.17).

Jair, um gileadita, julgou Israel durante 22 anos (Jz 10.4).

Os homens de Gileade, em busca de alguém para liderá-los contra os amonitas, apelaram para Jefté, cujo pai era Gileade e cujo meio-irmão o tinha expulsado da região anos antes (Jz 11.1, 2; 10.8-18; 11.5-29). Jefté, ainda que vitorioso contra os amonitas, incorreu, no transcorrer dos eventos, na oposição dos efraimitas. Durante esse confronto os gileaditas identificaram os efraimitas por estes não conseguirem pronunciar corretamente a palavra "chibolete" (Jz 12.4, 5, 7; *veja* SPEISER, E. A., The Shibboleth incident, *Oriental and Biblical studies*, Univ. of Penna., 1967, p. 143-50).

Os homens de Gileade serviram na guerra contra Benjamim (Jz 20.1). Entretanto, como ninguém de Jabes-Gileade participou desses combates, os israelitas mataram todos os seus moradores, à exceção de 400 virgens, para dar esposas para alguns benjaminitas que sobreviveram à guerra (Jz 21.8-14).

Gileade foi governada por Is-Bosete durante o reinado de Davi em Hebrom (2 Sm 2.9), mas Davi refugiou-se ali durante a revolta de Absalão, e a batalha que resultou na morte de Absalão transcorreu em Gileade (2 Sm 17.26). Gileade foi um dos lugares onde levantou-se o censo pecaminoso de Davi.

Jabes-Gileade tinha motivo para apoiar Saul porque ele rompeu um cerco dos amonitas e salvou os homens e a cidade de profunda humilhação e sofrimento (1 Sm 11.1, 9). Os homens de Jabes-Gileade, por sua vez, resgataram dos muros de Bete-Seã os corpos de Saul e seus filhos (1 Sm 31.11; 2 Sm 2.4, 5; 1 Cr 10.11). Mais tarde Davi fez subir de Jabes-Gileade os ossos de Saul e Jônatas e os enterrou no sepulcro do pai de Saul.

Ramote-Gileade teve proeminência nas guerras com os sírios, e Acabe foi morto ali perto (1 Rs 4.13; 22.3-29; 2 Cr 18.2-28). Jorão, filho de Acabe, foi ferido em Ramote-Gileade (2 Rs 8.28; 2 Cr 22.5). Eliseu envia um jovem profeta a Ramote-Gileade para ali ungir Jeú como rei (2 Rs 9.1, 4, 14; 1 Cr 6.80). Posteriormente Jeú perde Gileade para Hazael (2 Rs 10.33) e ainda mais tarde Tiglate-Pileser toma Gileade de Peca (2 Rs 15.29).

Jeremias exclama "Acaso não há bálsamo em Gileade?" para enfatizar a disponibilidade da cura pelo Senhor (8.22). No entanto, o próprio bálsamo de Gileade não é para curar o povo (46.11). De qualquer maneira, seu bálsamo era proverbial. Uma vegetação luxuriante cobria seus montes e servia de símbolo de abundância, juntamente com o Líbano e o Carmelo (Jr 22.6; 50.19; Zc 10.10). Suas cabras também eram famosas (Ct 4.1; 5.5).

Amós amaldiçoa os amonitas por rasgarem o ventre das grávidas de Gileade (1.13) e o povo de Damasco porque trilhou Gileade com instrumentos de ferro. Oséias diz que Gileade é uma cidade ímpia (6.8).

Quando Israel voltar do cativeiro, Gileade tornará a ser possuída (Ob 19; Zc 10.10), e o povo se alimentará em Gileade (Mq 7.14) e ali se fartará (Jr 50.19). Na visão que Ezequiel teve da reconstrução, Gileade fica na fronteira oriental.

Faz-se menção ao gadita Gileade (1 Cr 5.14) e a Gileade, filho de Maquir, filho de Manassés (Nm 26.29, 30; 27.1; 36.1; Js 17.1, 3).

gil'ādî. ***Gileadita.*** O patronímico ocorre 13 vezes (Nm 26.29; Jz 10.3; 11.1, 40; 12.2, 4, 7; 2 Sm 17.27; 19.31; 1 Rs 2.7; 2 Rs 15.25; Ed 2.61; Ne 7.63).

Bibliografia: KRAUS, Hans-Joachim, Gilgal, *VT*, 1:181-99. — MAUCHLINE, John, Gilead and Gilgal: some reflections on the Israelite occupation of Palestine, *VT*, 6:19-33. — MUILENBURG, J., The site of ancient Gilgal, *BASOR*, 140:11-27. — BALY, Denis, *The geography of Palestine*, Harper, 1957, p. 225-31.

E.S.K.

357 גָּלַשׁ (*gālash*) ***sentar-se, soerguer-se*** (quem estava deitado), ***possivelmente reclinar-se.*** Ocorre somente em Cantares 4.1; 6.5.

גַּם (*gam*). Veja o n.º 361a.

358 גָּמָא (*gāmā'*) ***engolir*** (líqüidos). Ocorre no piel (Jó 39.24) e hifil (Gn 24.17).

Termo Derivado

358a גֹּמֶא (*gōme'*) ***caniços, junco, papiro*** (*e.g.*, Is 18.2; Jó 8.11).

359 גמד (*gmd*). **Aceita como raiz de:**

359a גֹּמֶד (*gōmed*) ***côvado*** (Jz 3.16, somente).

359b גַּמָּדִים (*gammādîm*) ***homens de coragem*** (Ez 27.11; a ARA traz "gamaditas").

גְּמוּל (*g'mûl*). Veja o n.º 360a.

360 גמל (*gamal*)

360 גמל (*gamal*) ***negociar, recompensar, amadurecer*** (ASV: "fazer", "negociar", "retribuir", "recompensar"; RSV: "negociar", "retribuir", "tratar bondosamente").

Termos Derivados

360a גְּמוּל (*g'mûl*) ***recompensa.***
360b גְּמוּלָה (*g'mûlâ*) ***recompensa***
360c תַּגְמוּל (*tagmûl*) ***benefício.***
360d גָּמָל (*gāmāl*) ***camelo.***

Este verbo ocorre nos graus qal e nifal. No qal tem o sentido de fazer o bem ou o mal a alguém. Em algumas passagens as duas idéias estão em contraste (Pv 31.12; 1 Sm 24.17 [18]); em outras algum mal é feito (Gn 50.15, 17; Pv 3.30); em ainda outras o bem é feito (Is 63.7). Às vezes a idéia é de tratar bondosamente alguém (Sl 13.6; 116.7, *etc.*) ou de dar recompensa (2 Sm 19.36 [37]). As vezes existe uma retribuição num sentido negativo (Sl 7.4 [5]; Dt 32.6; Sl 137.8)

A forma qal pode ter o sentido de desmamar uma criança (1 Sm 1.23, 24; 1 Rs 11.20; Os 1.8), de sorte que a palavra se refere à criança desmamada (*gāmûl*; Sl 131.2) ou à criança desmamada do leite (*g'mûle mēhālāb*).

gāmal pode também, no qal, ter o sentido de produzir amêndoas maduras (Nm 17.8 [23]) ou de amadurecer, referindo-se a uvas (Is 18.5).

gāmal ocorre três vezes no nifal, duas vezes para indicar o desmame de Isaque (Gn 21.8) e uma vez o de Samuel (1 Sm 1.22).

g'mûl. ***Recompensa, retribuição, benefício, negócio.*** Este substantivo ocorre 18 vezes. Diz respeito à recompensa dada por Deus (Is 3.11; 35.4; 59.18; 66.6; Jr 51.6; Lm 3.64; Ob 15; Jl 3.7 [4.7]) e pelo homem (Jl 3.4 [4.4]; Sl 137.8), aos benefícios concedidos por Deus (Sl 103.2; 2 Cr 32.25) e aos feitos de alguém (Jz 9.16; Pv 12.14; Is 3.11). O salmista invoca a Deus, o Deus de recompensa (Jr 51.56; *cf.* Dt 28), para que este dê aos ímpios aquilo que merecem (Sl 28.4; 94.2).

g'mûlâ. ***Negócio, recompensa.*** Usa-se este substantivo feminino para designar a recompensa que Davi ofereceu a Barzilai pelo favor que demonstrou para com Davi quando este fugia de Absalão (2 Sm 19.37). Uma forma plural nos profetas descreve a retribuição de Deus aos seus adversários (Is 59.18), em particular à Babilônia, pois o Senhor é um Deus que retribui (Jr 51.56).

tagmûl. ***Benefício.*** Este é um substantivo masculino abstrato (*GKC*, 85*r*) derivado da raiz *gāmal*. Ocorre no plural com um sufixo aramaico, *tagmulôhî* (*GKC* 91*l*; Sl 116.12). A ASV *traduz "benefício", e a RSV, "generosidade". Tendo-se recuperado de uma enfermidade*, extasiado com a bondade de Deus com ele, o salmista indaga o que deveria dar de volta por tais benefícios. Sua resposta foi autodedicação, sacrifício e pagamento de votos.

gāmāl. ***Camelo.*** LXX, *kamēlos*. Animal de carga mencionado por todo o AT, desde os relatos patriarcais até o período pós-exílico. Usados basicamente para locomoção (Gn 24.61,63; 31.17; 1 Sm 30.17; Is 21.7) e transporte de cargas, os camelos também forneciam

leite (Gn 32.15, 16). A carne de camelo é considerada comestível pelos árabes. Mas as leis alimentares de Israel proibiam-na, visto que os camelos ruminam mas não têm casco fendido (Lv 11.4; Dt 14.7).

A capacidade que o camelo tem de passar longos períodos sem água tornou-o apropriado para o comércio de especiarias (2 Cr 9.1), para transportar alimentos por alguma distância, para transportar produtos de Gileade para o Egito (Gn 37.25), para transportar tributos (2 Rs 8.9 e s.; 1 Cr 12.41) e para transportar dádivas para o Senhor (Is 60.6). As caravanas eram de diversos tamanhos (Gn 24.10). Fazer os camelos ajoelhar-se (Gn 24.11), descarregá-los e dar-lhes de comer (Gn 24.32) era tarefa costumeira durante a viagem. Tirar água do poço para dar para os camelos, num ponto de parada, era trabalho árduo; a disposição de Raquel em fazê-lo deu mostras de seu caráter e respondeu à oração de Eliezer (Gn 24.10, 19, 20, 44, 46).

Os atacantes iam montados em camelos (Jz 6.5; 7.12; 8.21, 26) e freqüentemente apoderavam-se dos camelos de seus inimigos (Jó 1.17; Jr 49.29, 32; 1 Sm 15.3; 27.9; 2 Cr 14.15 [14]; Is 30.6). Um episódio relaciona os despojos de 50 000 camelos (1 Cr 5.21). Senaqueribe relaciona camelos entre os despojos que ele tomou de Judá. Os camelos eram um meio rápido de fuga (1 Sm 30.17). Rabá de Amom é ameaçada de tornar-se pastagem para camelos (Ez 25.5).

A riqueza de homens como Abraão (Gn 12.16; 24.35), Jacó (Gn 30.43) e Jó era contada (juntamente com seus outros rebanhos) pelo número de seus camelos. Jó teve 3 000 antes de sua aflição e 6 000 depois (Jó 1.3; 42.12). Davi tinha uma pessoa especialmente encarregada de seus camelos (1 Cr 27.30). À semelhança de outros tipos de rebanho, os camelos foram vítimas de uma das pragas no Egito (Êx 9.3; *cf.* Zc 14.15). Os que voltaram do Egito possuíam 435 camelos (Ed 2.67; *cf.* Ne 7.68).

Albright tem argumentado que o camelo não chegou a ser extensamente domesticado senão na Idade do Ferro (c. 1200 a.C.). Ele sustenta que as referências patriarcais são um tanto quanto anacrônicas e que o nômade comum daquela época dependia do jumento (*SAC*, p. 164-5). Ele, no entanto, admite que "a domesticação parcial e esporádica pode ter ocorrido alguns séculos antes". J. P. Free reuniu indícios de uso de camelos em data mais remota, embora os dados que ele apresenta não precisem ser forçados a ponto de dizer que o nomadismo com jumento não era o mais comum (FREE, J. P., *JNES*, 3:187-93). Depois disso K. Kitchen trouxe a lume mais dados que demonstram que o camelo já estava domesticado na Idade do Bronze Antiga (*veja* PARROT, Andre, *Syria*, 32:323).

Bibliografia: FREE, Joseph P., Abraham's camels, *JNES*, 3:187-93. — ISSERLIN, B. S., On some possible occurrences of the camel in Palestine, *PEQ*, 50-3. — LAMBERT, W. G., The domesticated camel in the second millennium: evidence from Alalakh and Ugarit, *BASOR*, 160:42-3. — *THAT*, v. 1, p. 426-8.

J.P.L.

361 גמם (*gmm*). **Aceita como raiz de:**

361a חַם (*gam*) ***de novo, igualmente.***

361b מִגְמָה (*m'gammâ*) Significado incerto, talvez ***"hordas"***. (Ilc 1.9).

gam. ***Novamente, igualmente, tanto, mas, até mesmo, semelhantemente, de igual modo, da mesma forma que, então, embora, com, mesmo.*** Partícula que ocorre mais de 750 vezes, *gam* dá a idéia de acréscimo. É muitas vezes repetida numa sentença, caso em que as traduções mais freqüentes são: tanto... quanto; ou... ou; nem... nem. Às vezes,

em traduções em português, *gam* é totalmente ignorado.

gam tem pelo menos dez usos distintos no AT. 1) Às vezes *gam* serve simplesmente de partícula indicativa de acréscimo ou acúmulo de um item (Gn 7.3). 2) Quando duas ou mais pessoas ou objetos são vistos como participantes de uma ação conjunta, *gam* pode servir de partícula de abrangência (Jz 9.49; Pv 17.15). 3) À semelhança da partícula conectiva *waw*, *gam* pode ter função conjuntiva, unindo dois substantivos (Jl 1.12), ou dois verbos (Sl 137.1), ou duas orações (Jz 5.4). 4) Tal como *'ap*, *gam* pode funcionar como partícula intensiva no início de uma afirmação enfática (Pv 17.26; Jl 2.29 [3.2]). 5) Na condição de partícula enfática, *gam* é usada para destacar uma palavra em particular dentro da frase, especialmente pronomes e substantivos com sufixos pronominais (Gn 4.26; 10.21; 27.34).

6) Além disso, *gam* possui um uso correlativo que indica correspondência entre duas ações (Gn 20.6). 7) As vezes *gam* possui força de conseqüência e é usada para introduzir uma ação que é conseqüência lógica de uma ação antecedente. Por vezes usa-se *gam* para introduzir a reação justa e apropriada de Deus ante a transgressão (Jz 2.21; Jr 4.12) ou o arrependimento (2 Sm 12.13). No mesmo sentido, emprega-se *gam* para indicar a reação racional do homem diante da graça de Deus (Js 24.18; 1 Sm 1.28). 8) *gam* também possui um uso adversativo em que introduz oposição ou antítese (Ez 16.28; Sl 129.2). 9) Em seu uso confirmatório, *gam* serve para salientar ou confirmar uma declaração direta ou um impacto que se causou (Gn 29.30; Os 9.12). 10) *gam* também é usado para indicar clímax (Gn 27.33; Dt 23.3, 4). [Um uso interessante de *gam*, aparentemente por motivo de ênfase, encontra-se na seqüência de usos de *gam hû'* em 1 Samuel 19.19-24. Saul mandara mensageiros até Ramá para prender Davi. Cada vez que os mensageiros viram Samuel e os outros que profetizavam, eles também profetizaram, ou, melhor, "até eles profetizaram". Finalmente "também ele", Saul, foi e "também ele" profetizou e "também ele" esteve deitado e despido a noite inteira. Mas o uso de *gam hu'* não significa que, necessariamente, os outros também se tivessem despido enquanto profetizavam nem que esse comportamento seja inerente ao profetizar. É possível que a frase esteja sendo aqui usada por motivo de ênfase e signifique que até Saul profetizou e até Saul se despiu. Provavelmente a IBB, TB e a ARC estejam exagerando ao afirmar que ele estava deitado nu. Ele havia tirado seus mantos reais e especialmente sua espada e armadura, dessa forma dando a Davi a oportunidade de fugir com uma vantagem de doze horas! A ação de Saul foi um caso especial com um propósito especial, e *gam* apenas enfatiza o fato. R.L.H.] J.E.S.

362 גמץ (*gmts*). **Aceita como raiz de:**

362a גומץ (*gûmāts*) ***cova*** (Ec 10.8; Pv 26.27).

363 גמר (*gamar*) ***cessar, terminar, deixar de, consumar, realizar.*** (A ASV traduz de forma semelhante; a RSV traz "cumprir" em vez de "consumar" ou "realizar".)

Termo Derivado

363a גמר (*gōmer*) ***Gômer, nome próprio.***

gamar ocorre apenas cinco vezes (todas elas no livro de Salmos) e tem o sentido básico de "completar" ou "terminar". É de sentido parecido com o de *apēs*, *pāsas* II e

shābat. Negativamente o verbo refere-se ao fim abrupto e aparentemente definitivo daquilo que anteriormente existia.

O salmista preocupa-se com o fato de que os homens piedosos deixaram de existir na terra (Sl 12.1 [2]). Ele ora para que Deus acabe com a impiedade (Sl 7.9 [10]) e fica cogitando se a promessa feita a Abraão foi cancelada definitivamente. Positivamente *gāmar* refere-se a como o Senhor completa ou realiza na vida de seus santos tudo aquilo que ele empreende (Sl 57.2 [3]; 138.8).

Gômer foi o nome da esposa infiel de Oséias (Os 1.3). O relacionamento do profeta com ela era símbolo do relacionamento de Deus com o volúvel Israel. O filho mais velho de Jafe também tinha o nome de Gômer, sem dúvida alguma de uma palavra originariamente não-semítica (Gn 10.2. 3). Seus descendentes são usualmente identificados com os cimérios, que, no século XVIII a.C., deixaram a região ao norte do mar Negro e entraram para a história. Gômer é mencionada como uma das nações dos confederados de Gogue na batalha escatológica contra o povo de Deus (Ez 38.6).

Bibliografia: DAHOOD, Mitchell, The root GMR in the Psalms, *TS*, 14:595-7.

J.E.S.

גַּן (*gan*). Veja o n.º 367a.

364 גָּנַב (*gānab*) ***levar embora, roubar, sair furtivamente*** (A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante, exceto que esta última traz uma vez "lograr" e duas vezes "enganar".)

Termos Derivados

364a גְּנֵבָה (*g'nēbâ*) ***roubo, coisa roubada.***

364b גַּנָּב (*gannāb*) ***ladrão.***

Basicamente o verbo significa "tirar aquilo que pertence a outrem sem o conhecimento ou consentimento deste". Restringe-se aos atos de roubo feitos ocultamente. Os verbos relacionados *gāzal* e *'āshaq* enfatizam o aspecto violento de apoderar-se dos bens de outrem. *gānab* e seus derivados ocorrem aproximadamente 60 vezes.

O oitavo mandamento condena o furto (Êx 20.15; Dt 5.17), o que inclui arrombamento (Êx 22.2) e rapto (Êx 21.16). O furto era considerado com o mais profundo desdém em Israel (Lv 19.11; Jr 2.26; *cf.* Pv 6.30). Em um caso apenas, *gānab* é motivo de elogio (2 Rs 11.2).

O castigo para o roubo em Israel não era tão severo como em algumas das nações vizinhas, onde a punição era a morte. A Lei determinava que o ladrão devolvesse à sua vítima duas vezes o valor do que ele havia roubado (Êx 22.7). Dessa maneira o ladrão perdia a exata quantia que ele tinha esperado obter. Os castigos eram dobrados e até mais do que dobrados, caso o ladrão matasse ou vendesse um animal roubado. Só em caso de seqüestro (Êx 21.16) ou roubo de "anátema" (IBB, Js 7.11, 25) o ladrão era morto.

gānab é usado figuradamente para descrever a ação do vento ao arrebatar algo inesperadamente (Jó 21.18; 27.20). No hitpael usa-se a palavra para descrever movimentos furtivos de desertores militares (2 Sm 19.4). "Roubar o coração" é uma expressão idiomática que significa "enganar". O sentido é corretamente traduzido pela ARA em Gênesis 31.20, 26, 27 ("lograr"), mas perdido em 2 Samuel 15.6. J.E.S.

365 גנז (*gnz*)

גנה (*ganná*). Veja o n.º 367b.

365 גנז (*gnz*). **Aceita como raiz de:**

365a גנזים (*g'nāzim*) ***arcas*** (significado incerto, Ez 27.24); ***tesouros*** (Et 3.9; 4.7).

366 גנזך (*ganzak*) ***tesouraria*** (1 Cr 28.11).

367 גנן (*gānan*) ***defender*** (A ASV e a RSV também traduzem "por um escudo em volta de" e "proteger".)

Termos Derivados

367a גַּן (*gan*) ***terreno cercado, jardim.***

367b גִּנָּה (*gannâ*) ***jardim.***

367c מָגֵן (*māgēn*) ***escudo.***

367d מִגִּנָּה (*m'ginnâ*) ***capa.***

367e *מָגַן (*māgan*) ***render-se.*** Verbo denominativo derivado de *māgēn*. Ocorre somente no piel.

O verbo e seus derivados ocorrem cerca de 130 vezes. A idéia básica do verbo é cobrir-se e, dessa maneira, proteger-se do perigo.

Usa-se *gānan* apenas para referir-se ao cuidado protetor de Deus. De suas oito ocorrências, seis relacionam-se com a crise assíria nos dias de Ezequias. Isaías assegurou ao rei de que Deus cuidaria de Jerusalém tal qual uma ave que paira com as asas abertas sobre os filhotes no ninho (Is 31.5). Nessa crise Deus protegeria Jerusalém por amor de si e de Davi (Is 37.35). O livramento de Jerusalém demonstraria ao mundo que Deus era fiel às suas promessas e poderoso para livrar dos opressores o seu povo. Duas vezes Zacarias emprega o mesmo verbo para descrever a proteção divina sobre o povo de Deus em suas guerras contra os filhos da Grécia (9.15) e sobre Jerusalém nos últimos dias (12.8).

gan, gannâ. ***Jardim.*** Um jardim (***gan***, ***gannâ***) é um pedaço de terra protegido por um muro ou uma sebe. Com freqüência essas áreas eram irrigadas (Is 58.11) e usadas para cultivar flores, frutas e vegetais (Ct 5.1; 6.2). Durante os meses quentes do verão, tais jardins propiciavam um refúgio contra o calor sufocante (Ct 5.2; 8.13). A residência do rei provavelmente incluía um jardim sofisticado ou uma praça particular (2 Rs 25.4). Muitas vezes os jardins eram usados como local de sepultamento (2 Rs 21.18, 26). Isaías condenou o povo de sua época por transformar seus jardins em centros de adoração pagã (Is 1.29; 65.3; 66.17). Um jardim fechado e frutífero tornou-se o símbolo da mulher recatada (Ct 4.12) e da prosperidade nacional (Nm 24.6; Jr 29.5; Am 9.14). A destruição de tais jardins tipificava a devastação (Am 4.9).

O jardim primitivo de Gênesis 2 e 3 é, talvez, o mais famoso jardim do AT. Esse jardim estava localizado numa área denominada Éden (*q.v.*; Gn 2.8, 10) e, conseqüentemente, veio a ser conhecido como o jardim do Éden (Gn 2.15; 3.23, 24). Um estudo cuidadoso dos detalhes geográficos de Gênesis 2 sugere que o jardim estava

localizado perto da foz dos rios Tigre e Eufrates no golfo Pérsico. Não é improvável que o local verdadeiro esteja sob as águas do golfo. Posteriormente este jardim, conhecido também como o "jardim do SENHOR", veio a ser usado como símbolo da terra que é coberta de vegetação luxuriante (Gn 13.10; Is 51.3; Ez 36.35; Jl 2.3). Numa passagem, o "jardim de Deus" representa o mundo criado, e as árvores do jardim, os reis da terra (Ez 31.8-18). Um jardim primitivo aparece em Ezequiel 28.12-19. Essa passagem é famigeradamente difícil. Provavelmente o melhor é considerá-la uma alusão irônica a uma versão cananéia e corrompida da história do Éden.

māgēn. ***Escudo, broquel, defesa, governante, homem armado, escamas,*** **e agora também sugere-se** ***suserano.*** O substantivo *māgēn* refere-se a um objeto que proporciona cobertura e proteção ao corpo durante um combate. Dentre as seis palavras traduzidas pela KJV por "escudo" ou "broquel", apenas *māgēn*, *tsinnâ* e possivelmente *shelet* referem-se àquilo que pode ser apropriadamente chamado de escudo. É óbvio que *māgēn* e *tsinnâ* referem-se a tipos diferentes de escudo, mas as traduções em português não têm sido coerentes em manter a distinção, traduzindo as duas palavras indiscriminadamente por "escudo" ou "broquel". *māgēn* indica o tipo menor e mais comum de escudo redondo usado pela infantaria ligeira e por oficiais. *tsinnâ* é o escudo retangular que cobria toda a parte da frente do corpo.

Tendo em vista o fato de que Deus é aquele que sempre protege (*gānan*) o seu povo, não é de surpreender que seja com tanta freqüência chamado de escudo (*māgēn*) de Israel. Ele é o escudo em volta de seus servos (Gn 15.1), da casa de Arão (Sl 115.10), da nação de Israel (Dt 33.29) e de todos aqueles que agem corretamente e nele colocam a confiança (Pv 2.7; 30.5). Usa-se também a palavra *māgēn* figuradamente quanto a príncipes como protetores de seu domínio (Sl 89.18 [19]; 47.9 [10]; Os 4.18).

Embora a palavra não esteja especificamente relacionada no vocabulário de Gordon (*UT*, 19) ou de Aisleitner (*AisWUS*), *māgēn* também pode ter o significado de "suserano". Dahood defendeu convincentemente a idéia em seu comentário sobre Salmos na série *AB* (p. 17 *et al.*, *veja* índices). Com base no sentido de *māgan*, "outorgar uma dádiva", amplamente confirmado em púnico e no ugarítico (*UT* e *AisWUS*, *in loc.*), ele sustenta que o substantivo refere-se a quem outorga as dádivas, o suserano, o benfeitor (do ponto de vista do suserano!). Ele assinala que os generais cartagineses eram chamados de *māgōn*, traduzido para o latim por *imperator*. Existem, de fato, nos Salmos, lugares onde a tradução "suserano" encaixa-se muito bem, embora seja difícil ter certeza a seu respeito, pois um suserano afirma ser tanto seu benfeitor quanto protetor. Dessa maneira, numa passagem como Salmos 89.18 "escudo" poderia ser usada figuradamente para indicar príncipe ou poderia ser traduzida diretamente por "suserano".

m'ginnâ. ***Tristeza.*** Ocorre apenas uma vez, na expressão "tristeza de coração", figura que indica teimosia ou "cegueira de coração" (ARA, Lm 3.65; a IBB traz "dureza de coração"; a PIB, "obtusão da mente").

māgan. ***Entregar, render-se.*** (RSV, "outorgar", "entregar"; ASV, "lançar fora".) Verbo denominativo derivado de *māgēn* e usado apenas três vezes, todas no piel, ou, segundo Dahood, verbo separado. A idéia é de que alguém está tão cercado que não existe perspectiva alguma de escapar do perigo iminente. Esse verbo é sinônimo do piel de *sāgar*.

J.E.S.

368 געה (*gā'â*)

368 געה (*gā'â*) ***mugir*** (Jó 6.5; 1 Sm 6.12).

369 געל (*ga al*) ***detestar, repugnar, ser vergonhosamente expulso, cair.***

Termo Derivado

369a געל (*gō'al*) ***repugnante.***

Esta raiz indica a aversão intensa que, por vezes, expressa-se numa ação punitiva ou adversa.

Se Israel guardasse a lei do Senhor, o Senhor não o detestaria, mas continuaria a habitar no meio dele (Lv 26.11); mas, caso detestasse os estatutos divinos, então Deus traria juízo sobre o povo (26.15). A atitude que o Senhor teria com aqueles os quais visitasse para julgar é expressa mediante esta raiz (26.30), indicando rejeição daquelas pessoas. A repugnância divina encontra paralelo na repugnância e no desprezo do povo pelos estatutos e ordenanças do Senhor (26.43). Mas a aversão do Senhor por eles não chegaria a ponto de destrui-los na terra do exílio, nem de esquecê-los (26.44). O juízo predito em Levítico 26 cumpre-se na época de Jeremias, que empregou essa palavra para descrever a atitude do Senhor para com o povo de Israel quando os afligiu de conformidade com as fórmulas de maldição da aliança. A aversão à santidade dos votos matrimoniais é a raiz de onde surgem transgressões cada vez mais sérias, ilustradas pelo estado espiritual cada vez pior das "filhas" de Sodoma e Jerusalém, em comparação com seu "pai", o amorreu, e sua "mãe", a hetéia (Ez 16.45). Davi deixa implícito que a morte ultrajante de Saul e Jônatas é incompatível com a posição social deles (2 Sm 1.21), salvo que a rejeição de Deus pode resultar naquele tipo de morte.

B.K.W.

370 גער (*gā'ar*) ***corromper, repreender, reprovar.***

Termos Derivados

370a גערה (*g'ārâ*) ***repreensão.***

370b מגערת (*mig'eret*) ***repreensão.***

Esta raiz indica a ação de confrontar uma ou mais pessoas com admoestações ou ações enérgicas.

Jacó repreende José quando este relata o sonho sobre o sol, a lua e as 11 estrelas que se curvam perante ele (Gn 37.10). As nações agressoras fogem da presença de Deus quando ele confronta as ações delas contra o povo dele (Is 17.13). Deus repreende a tentativa de Satanás de impedir a adoração em Jerusalém (Zc 3.2).

Rute não é impedida de respigar nos campos de Boaz, muito embora seja moabita (Rt 2.16). Deus impede a ação normal da água e das ondas quando empurra o mar Vermelho para trás (Sl 106.9).

g"ārâ. ***Repreensão, censura.*** Os mares não podem impedir a revelação dos segredos enterrados em suas profundezas, pois a repreensão do Senhor pode fazê-los retroceder a

fim de exporem tudo o que ali está (2 Sm 22.16). *g'ārâ* descreve a rejeição do conselho sábio pelo escarnecedor (Pv 13.1). Igualmente descreve o poder existente na ordem divina de secar o mar (Is 50.2), de fazer os céus tremerem (Jó 26.11), de suplantar o guerreiro (Sl 76.6 [7]) e de destruir o moral da tropa, tendo como resultado a fuga de diante do inimigo (Is 30.17). A repreensão sábia é eficaz nos corações daqueles que a aceitam (Pv 17.10; Ec 7.5), mas o escarnecedor rejeita o conselho sábio. Em contraste com o rico, que talvez tenha de pagar resgate por sua vida, o pobre nem sequer escuta uma ameaça (Pv 13.8).

mig'eret. ***Repreensão*** (RSV, "frustração"). Este substantivo é usado uma vez como paralelo das palavras "maldição" e "confusão" (*hamm'ĕrâ* e *hamm'hûmâ*, Dt 28.20), indicando o resultado infrutífero das atividades de um povo que se distancia de Deus.

Bibliografia: MACINTOSH, A. A., A consideration of Hebrew נער. *VT*, 19:471-9. — *TDNT*, v. I, p. 429-30.

H.G.S.

371 גָּעַשׁ (*gā'ash*) ***agitar, tremer*** (*e.g.*, Sl 18.8; 2 Sm 22.8).

גַּף (*gap*). Veja o n.º 373c.

372 גֶּפֶן (*gpn*). **Aceita como raiz de:**

372a גֵּפֶן (*gepen*) ***vide, videira.***

Palavra com o mesmo significado em ugarítico. Em acadiano denota um "arbusto, planta com gavinhas". Essa raiz designa toda e qualquer espécie de videira (*cf.* Jó 15.33; Jr 8.13).

Após o dilúvio, Noé foi o primeiro a cultivar uvas, embora esta palavra não seja utilizada naquele relato. A videira era cultivada no Egito pré-dinástico, e há desenhos de videiras carregadas de uvas.

O plantio e o cuidado de uma vinha (*kerem*, *q.v.*) encontra-se descrito em Isaías 5.1-6, que indica que as uvas podiam ser boas (doces) ou bravas (azedas). Preparava-se o chão retirando-se as pedras, sendo que as maiores eram aproveitadas para fazer muros ao redor. Às vezes a vinha era a única fonte de renda, o que talvez explique a recusa de Nabote em vender a sua para Acabe (1 Rs 21.1-4).

O favor do Senhor expressa-se mediante a dádiva de vides e vinhas (Os 2.12, 15 [14, 17]). A vide aparece em visões (Gn 40.9, 10) e parábolas (Jz 9.12), indicando sua proeminência; é símbolo da esposa frutífera (Sl 128.3). As vinhas podiam ser alugadas. (Estas não são *gepen*.) Conservavam-se as uvas transformando-as em passas ou fazendo vinho.

Behm assinala que a metáfora da videira é comum na literatura israelita e judaica. "É usada", escreve ele, "para referir-se ao povo de Israel em Oséias 10.1; Jeremias 2.21; Ezequiel 15.1 e ss.; 19.1 e ss.; Salmos 80.9 e ss; [...] ao messias, o qual é como uma videira [...] à sabedoria, em Sr 24.17; à esposa em Salmos 128.3" (*TDNT*, v. 1, p. 342). É no contexto do fracasso de Israel em produzir o fruto que o Senhor estava procurando, a saber, justiça e retidão (Is 5.1-6), que se deve interpretar a proclamação de Jesus de que ele é a videira verdadeira (João 15.1 e ss.).

373 גפף (*gpp*)

Bibliografia: BROWN, J. P., *The Mediterranean vocabulary of the vine*, VT, 19:146-70. — FORBES, R. J., *Studies in ancient technology*, 3:70-8.

H.G.S.

373 גפף (*gpp*). **Aceita como raiz de:**

373a גף (*gap*) ***corpo, sozinho*** (Êx 21.3, 4); ***alturas, altos*** (Pv 9.3).

374 גפר (*gôper*) com עץ (*'ets*) ***madeira de gôfer***. Significado desconhecido.

O único uso desta palavra no AT ocorre em Gênesis 6.14. Por ser semelhante a *kāpar*, "recobrir", alguns acreditam que houve erro de escrita, aparecendo *g* em lugar de *k*, e que. portanto, dever-se-ia traduzir *gōper* por madeira resinosa, tal como abeto ou pinheiro (*cf. BDB*; HEIDEL, A., *Gilgamesh epic and O.T. parallels*, Univ. of Chicago Press, p. 233). Caso a palavra derive do acadiano *gipāru*, poderia ser um empréstimo do sumério (HEIDEL, *ibid.*), mas o equivalente em hebraico seria *gipâr*. O hebraico *gōper* pressupõe uma forma acadiana *gūpru* (vocábulos análogos: *kūpru, kôper*, Gn 6.14). *gūpru* foi encontrado em duas ou três passagens (HEIDEL, p. 234), mas com o sentido de "tábuas", e uma vez na versão babilônica da Epopéia de Gilgamesh, tab. II, col. 2, linha 33 (*ibid.*, p. 28; *Orientalische Literaturzeitung*, 24: col. 269). Pode-se explicar da seguinte maneira o uso da madeira na arca de Noé (*q.v.*): a palavra "compartimentos" talvez deva ser traduzida por "juncos", visto que outros usos da palavra estão no singular e visto que o assunto é a construção em geral. Caso se aceite "juncos", depreender-se-ia uma estrutura de madeira de gôfer com junco entrelaçado. Na verdade, dificilmente se pode usar o sucinto relato bíblico para obter detalhes da construção (*cf.* ULLENDORF, E., The Construction of Noah's ark, *VT*, 4:95-6).

H.G.S.

375 גפרית (*goprît*) ***enxofre*** (*e.g.*, Gn 19.24; Sl 11.6)

גר (*gēr*). Veja o n.º 330a.

גר (*gir*). Veja o n.º 347a.

376 גרב (*grb*). **Aceita como raiz de:**

376a גרב (*gārāb*) ***coceira, sarna*** (Lv 21.20; 22.22; Dt 28.27).

גרגר (*gargar*). Veja o n.º 386c.

גרגרות (*garg'rôt*). Veja o n.º 386d.

377 גרד* (*gārad*) ***raspar, coçar-se***. Ocorre somente uma vez, no hitpael (Jó 2.8).

378 גרה (*gārâ*) ***suscitar, ser provocado, contender, intrometer-se, enfrentar***.

Termos Derivados

378a גרון (*gārôn*) ***pescoço, garganta.***
378b תגרה (*tigrâ*) ***contenda, luta.***

Com freqüência usa-se a raiz no contexto de guerra. Assim, Israel recebeu ordens para entrar em combate com o amorreu Seom, a fim de que os amorreus fossem despejados e sua terra fosse tomada pelos israelitas (Dt 2.24). A idéia de guerra também está claramente em vista no relacionamento de Israel com Moabe durante a conquista (Dt 2.9) e está implícita em seu relacionamento com Edom e Amom (Dt 2.5,19). Entretanto, Israel foi proibido de entrar em combate com Edom, Moabe e Amom porque eram parentes consangüíneos. Um envolvimento em combate também é o propósito de Amazias, rei de Judá, em seu desafio a Jeoás, rei de Israel, a fim de que Amazias (à custa de Jeoás) aumentasse o seu território (2 Rs 14.9, 10). De forma semelhante, os usos em Daniel 11 claramente indicam a idéia de guerra, neste caso entre o Egito e a Síria (vv. 10, 25).

Usa-se a palavra fora do contexto militar para indicar a oposição do povo de Deus àqueles que abandonam a lei divina (Pv 28.4). Uma das características dos soberbos (Pv 28.25) e dos irados (15.18) é suscitar contenda. Cega devido à sua oposição a Deus, a Babilônia é pega desprevenida numa armadilha (Jr 50.24).

Salmos 39.10 [11] apresenta o único uso de *tigrâ*, descrevendo o golpe que a mão de Deus desferiu contra Davi.

B.K.W.

גרה (*gērâ*). Veja o n.° 386a, b.
גרון (*gārôn*). Veja o n.° 378a.
גרושה (*g'rushâ*). Veja o n.° 388b.

379 *גרז (*gāraz*) ***cortar, cortar fora.*** Ocorre apenas uma vez, no nifal (Sl 31.23).

Termo Derivado

379a גרזן (*garzen*) ***machado*** (*e.g.*, Dt 19.5; 1 Rs 6.7).

380 גרטל (*grtl*). **Aceita como raiz de:**
380a אגרטל (*'ăgartāl*) ***bacia, cesto*** (Ed 1.9; 2 Rs 10.7).

381 גרל (*grl*). **Aceita como raiz de:**
381a גורל (*gôrāl*) ***sorte, quinhão.***

Ocorre 77 vezes (excetuado Pv 19.19, Kethib; Qere, *gdl*) e é sempre traduzido na KJV por "sorte" ou "porção". Provavelmente o substantivo está relacionado com o árabe *garwal*, "seixo, pedregulho" (*KB*) e, por metonímia, veio a ser usado com o sentido de "sorteio", porque se usavam pequenas pedras para lançar sortes. *BDB* chama aqui a atenção para o grego *psēphos*, "pedregulho", "voto", e *kuamos*, "feijão", "sorteio". A palavra refere-se, então, a algum objeto, como uma pedra, que era jogado ou deixado cair de modo

que determinasse uma escolha. Em alguns casos não apenas o ato em si mas também aquilo que era escolhido era chamado de "sorte" (Jz 1.3), e as circunstâncias que alguém experimenta ou mesmo toda a sua vida são a sua sorte (Sl 16.5). O castigo ou recompensa pode ser a sorte de alguém (Is 17.14; Dn 12.13).

Conquanto o hebraico do AT utilize seis verbos com o sentido de atirar, dar ou fazer cair para descrever o método de determinar a escolha por sorteio, a KJV traduz cada um deles por "lançar sortes" (Lv 16.8; Js 18.6, 8; Pv 16.33; Is 34.17; Jl 4.3). Quanto à sorte, o texto bíblico diz que ela saiu, caiu (ou recaiu) sobre ou para uma pessoa ou coisa.

Em nenhum trecho o AT explica o que vem a ser sorte ou como se lançavam sortes. Provérbios 16.33 menciona que "a sorte se lança no regaço", e Miquéias fala de "lançar o cordel" pela sorte (2.5); mas essas observações não proporcionam indícios mais concretos quanto à natureza do sorteio ou ao método de lançar sortes. É bem possível que tenhamos de pressupor técnicas diferentes para os vários locais, épocas e ocasiões. É desconhecida sua exata relação com o Urim e o Tumim.

O uso de sorteio para determinar a mente e a vontade de Deus continua por todo o AT, e Provérbios 16.33 explicitamente declara que isso está sob controle divino: "A sorte se lança no regaço, mas do SENHOR procede toda decisão".

Um dos usos mais importantes de sorteio aconteceu na divisão da terra da Palestina entre os israelitas após as conquistas de Moisés e Josué. Sob a direção de Moisés, Rúben, Gade e a meia-tribo de Manassés receberam terras a leste do Jordão. Sob Josué as terras a oeste do mar Morto, do Jordão e do mar da Galiléia foram distribuídas, mediante sorteio, às demais tribos. Esse sorteio foi feito parcialmente em Gilgal (Js 14—17) e parcialmente em Siló (Js 18; 19). Os levitas receberam cidades em áreas de várias tribos. Essas cidades também foram distribuídas por sorteio (Js 21).

A manutenção do patrimônio familiar encontra-se ilustrada no caso das filhas de Zelofeade, que não deveriam casar-se fora de sua tribo para que a herança que possuíam não ficasse fora da sorte que coube à tribo de seu pai (Nm 36.1, 2). Por metonímia, usa-se a palavra para designar a porção de terra outorgada a uma tribo ou família e, desse modo, torna-se equivalente a *nahălâ*, "herança", *heleq*, "porção", *y'rushshâ*, "posse", *ahuzzâ*, "possessão", *etc*. A partir daí o substantivo passa a denotar "quinhão", "parte", "destino" (*cf.* Is 17.14; 34.17; 57.6; Jr 13.25; Sl 16.5 [*cf.* BLH]). No fim dos dias o homem ressurreto levantar-se-á em seu "quinhão" (IBB; ARA, "herança", Dn 12.13).

No dia da expiação o destino de dois bodes era determinado por sorteio (Lv 16.8-10) — um era sorteado para o Senhor e o outro para ser o bode expiatório. O bode em que recaísse a sorte do Senhor era oferecido sobre o altar, enquanto os pecados dos israelitas eram confessados sobre o outro bode, que era enviado para longe, no deserto. Esse ato indicava que os pecados tinham sido levados embora — retirados do meio dos israelitas. Era assim que, tipicamente, fazia-se expiação e removiam-se os pecados.

Os vencedores lançavam sortes para dividir os despojos de guerra em geral, de Jerusalém (Ob 11), dos nobres tomados a Tebas (Na 3.10), do devastado povo de Israel (Jl 3.3 [4.3]) e das roupas do Messias (Sl 22.18 [19]; *cf.* Jo 19.24). Sorteavam-se também tarefas a serem cumpridas: os homens que deviam lutar contra Gibeá (Jz 20.9), os sacerdotes que deviam servir no templo (1 Cr 24.5), as pessoas que deviam morar em Jerusalém (Ne 11.1) e aqueles que deveriam fornecer madeira para o fogo do altar (Ne 10.34 [35]). Além disso, usou-se o sorteio para descobrir a vontade de Deus na identificação de uma pessoa culpada no caso de Acã (Js 7.14) (?) e de Jonas (Jn 1.7). Arraigada na convicção de que Deus controlava a história de Israel e o destino do indivíduo, a sorte servia para resolver disputas (Pv 18.18).

Lançar sortes para decidir questões governamentais ou judiciais era algo praticado por outros povos antigos, como aconteceu com Hamã, na época de Ester. Foi mediante o lançar *pûr* ("sorte", um sinônimo de *gôrāl*) que Hamã, o inimigo dos judeus, determinou a época certa do massacre destes, pelo que enviou mensagem a todas as províncias dominadas por Assuero de que os judeus deviam ser destruídos (Et 3.7; 9.24). Mas, pelo fato de Mordecai, com a ajuda de Ester, ter conseguido frustrar essa tentativa de Hamã, o dia de Purim (plural hebraico de *pûr*) tornou-se uma época de regozijo ao invés de tristeza. Ao longo do livro, a hora oportuna e providencial dos acontecimentos protege decisivamente os judeus de Hamã.

Bibliografia: LINDLOM, J., Lot-casting in the OT, *VT* 12:164-6.

E.S.K.

382 גרם (*gāram*) ***pôr de lado, deixar, salvar.*** Ocorre somente em Sofonias 3.3.

Termos Derivados

382a גֶּרֶם (*gerem*) ***osso*** (Pv 17.22), ***força*** (Gn 49.14), ***pessoa*** (2 Rs 9.13).

382b *גרם (*gāram*) ***quebrar ossos.*** Este verbo denominativo ocorre apenas no piel (Nm 24.8; Ez 23.34).

383 גרן (*grn*) **Aceita como raiz de:**

383a גֹּרֶן (*gōren*) ***celeiro, chão de celeiro, eira, local de debulha, praça, espaço aberto.***

Quando cheia, a eira era ao mesmo tempo símbolo de abundância e de riqueza e alvo para atacantes (1 Sm 23.1). Era vulnerável a ataques porque tinha de estar aberta para que a brisa facilitasse o joeiramento do cereal. A eira de Araúna, que Davi comprou e onde posteriormente Salomão construiu o templo, era um lugar assim. Caso estivesse localizada perto da cidade, a *gōren* era um local comunitário, estando próxima da porta (1 Rs 22.10, "praça", IBB, isto é, um espaço aberto). Rute encontra Boaz na eira, que provavelmente estava tomando conta dos feixes recém-colhidos ou do cereal debulhado.

Vê-se simbolizada a bênção divina na eira cheia (Jl 2.24). Dela saía a oferta movida ao Senhor (Nm 15.20) e o dízimo da produção (o acréscimo sobre o que fora plantado, 18.30).

Os feixes eram espalhados sobre a superfície dura da eira e então pisados por animais ou prensados por um malho ou um rolo, a fim de tirar os grãos das espigas, sendo que isso se repetia um número suficiente de vezes para que a separação acontecesse.

Bibliografia: AHLSTROM, G. W., Der Prophet Nathan und der Tempelbau, *VT*, 11:113-27. — GRAY, John, Tell El Fara by Nablus: a "mother" in ancient Israel, *PEQ*, 84:110-3. — ____, The Goren at the city gate: justice and the royal office in the Ugaritic text 'AQHT, *PEQ*, 85:118-23. — LAMBERT, W. G., Two Akkadian cognates, *JJS*, 5:40-1. — MARGET, Arthur W., גרן נכון in II Sam 6,6, *JBL*, 39:70-6. — SMITH, Sidney, The threshing floor at the city gate, *PEQ*, 78:5-14. — WRIGHT, G. E., *Biblical archaeology*, 1957, p. 182.

H.G.S.

383 גרן (*grn*)

גרס (*gāras*). Veja o n.° 387.

384 גרע (*gāra'*) ***aparar, diminuir, restringir, tirar de, afastar-se, reduzir, eliminar, reprimir.***

Termo Derivado

384a מגרעה (*migrā'â*) ***redução, diminuição.***

Esta raiz tem o sentido de redução de quantidade de coisas ou de atividades sociais ou religiosas.

Os israelitas, durante sua escravidão no Egito, não tiveram autorização de diminuir sua produção de tijolos, mesmo quando forçados a juntar sua própria palha (Êx 5.7, 8). A inevitável redução na produção foi atribuída à ociosidade deles (5.17).

As mulheres não tinham permissão de se casar fora de suas tribos caso fossem herdeiras de bens, a fim de evitar a diminuição da situação econômica da sua tribo (Nm 36.1-7). Alguém que se tivesse tornado impuro por ter encostado em algum cadáver não era proibido de comer a Páscoa, mas deveria fazê-lo um mês depois (Nm 9.7). Quanto às ordenanças de Deus, não se lhes deve tirar nem acrescentar nada, por menor que seja, a fim de que Israel experimente as bênçãos maiores (Dt 4.2; *cf.* Ap 22.18, 19). A prole numerosa prometida aos fiéis ser-lhes-ia diminuída caso se desviassem de Deus (Ez 5.11).

Conquanto Elifaz acuse Jó de reter a meditação perante Deus e de limitar a sabedoria para si mesmo, Jó aprende que Deus não abandona os justos, isto é, não se afasta deles, o que amplia sua perspectiva (Jó 36.7).

No relacionamento matrimonial, uma esposa relegada a segundo plano a favor de outra não pode ter diminuídos seus direitos a comida, roupa ou relações íntimas (Êx 21.10).

H.G.S.

385 גרף (*gārap*) ***varrer*** (Jz 5.21, somente).

Termos Derivados

385a אגרף (*'egrōp*) ***punho*** (Êx 21.18; Is 58.4).

385b מגרפה (*megrāpâ*) ***pá*** (Jl 1.17, somente).

386 גרר (*gārar*) ***arrastar, levar embora*** (*e.g.*, Hc 1.15; Pv 21.7).

Termos Derivados

386a גרה (*gērâ*) ***I, bolo alimentar de ruminante*** (*e.g.*, Lv 11; Dt 14).

386b גרה (*gērâ*) ***II, gera (medida de peso), a vigésima parte de um siclo*** (*e.g.*, Êx 39.13; Lv 27.25).

386c גרגר (*gargar*) ***bago (referente a frutos)*** (Is 17.6, somente).

386d גרגרות (*garg'rôt*) ***pescoço*** (*e.g.*, Pv 1.9; 3.22).

386e מְגֵרָה (*m'gērâ*) ***serra*** (1 Rs 7.9; 2 Sm 12.31).

387 גָּרַס (*gāras*) ***ser (estar) esmagado*** (Sl 119.20; Lm 3.16, aí escrito com *samek*).

Termo Derivado

387a גָּרֶשׂ (*gereś*) ***esmagamento*** (Lv 2.14, 16).

388 גָּרַשׁ (*gārash*) ***repudiar, expulsar, divorciar, pôr fora, enxotar, jogar fora, perturbar.***

Termos Derivados

388a גֵּרֶשׁ (*geresh*) ***produção.***

388b גְּרוּשָׁה (*g'rûshâ*) ***ato de expulsar.***

388c מִגְרָשׁ (*migrāsh*) ***arredores.***

A raiz denota separação de fato entre pessoas ou grupos, expulsão. O ugarítico confirma o sentido de "expulsar".

Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden pelo anjo que tinha a espada flamejante e impedidos de voltar (Gn 3.24). Caim foi expulso da presença de Deus e obrigado a tornar-se peregrino indefeso entre os homens (Gn 4.14), o castigo pelo fratricídio que cometeu. Israel devia desalojar os cananeus da terra prometida e expulsá-los (Êx 23.31). Balaque esperava expulsar os israelitas (Nm 22.11) pela força. Davi empregou a palavra para descrever sua fuga de Saul (1 Sm 26.19), porque ela se deu sob a ameaça de violência (daí a palavra *gārash*, expulsão à força ou com violência). Os homens que pediram a Faraó para liberar os israelitas foram expulsos da sua presença (Êx 10.11), provavelmente sob açoites desferidos pelos guarda-costas e os oficiais do Faraó. Ao que parece, embora o contexto deva explicitar o método, a palavra chega a incluir alguma idéia de uso de força física. Uma ilustração do meio empregado se vê em Josué 24.12, onde vespões são (figuradamente) o meio de provocar o êxodo dos cananeus de Israel. É óbvio que a palavra de autoridade do rei ou juiz bastava para determinar a expulsão do cargo ou função. 1 Reis 2.27 declara que Salomão despojou Abiatar do sacerdócio por causa de suas tramas contra Davi. Deuteronômio 24.1-4 trata da carta de divórcio, que separava marido e mulher.

gārash expressa a execução da ira divina quanto à expulsão dos cananeus da terra (Êx 23.31) e, mais tarde, dos israelitas (Os 9.15). A inveja é o motivo da expulsão de Jefté por seus irmãos (Jz 11.7). Medo e pavor levaram Faraó a, finalmente, expulsar os israelitas (Êx 11.1; 12.31).

gārash é palavra aplicada figuradamente aos ímpios, em Isaías 57.20. Nem sempre eles estarão escondidos, mas, assim como o mar lança à praia os restos de naufrágio e a carga jogada no mar, de igual maneira os ímpios serão postos a nu. Paulo (Gl 4.29, 30) refere-se alegoricamente à expulsão de Hagar (Gn 21.10), descrevendo a diferença básica entre os que trabalham para salvar-se e os que crêem nas promessas de Deus, inferindo que, de igual forma, os primeiros serão expulsos do reino de Deus.

389 *גָּשַׁם (*gāsham*)

geresh. ***Produção.*** Termo poético, usado para designar o produto da terra que chega a seu tempo, como se fosse produzido pelo sol ou pela lua (Dt 33.14).

gᶜrûshâ. ***Ato de expulsar, uma violência.*** Usado para designar ações de opressão contra os povos (Ez 45.9).

migrâsh. ***Arredores, coisas ou pessoas postas para fora.*** Palavra que, no contexto de uma cidade importante, é usada para designar aldeias dependentes, que são como entidades separadas em torno de uma cidade importante. Talvez derivada de *gārash*, "conduzir", de onde a idéia de pastagem para onde os rebanhos eram conduzidos. Não está clara a relação da palavra com a raiz.

H.G.S.

389 *גָּשַׁם (*gāsham*). Este verbo denominativo ocorre no pual, ***receber chuva*** (Ez 22.24), e no hifil, ***fazer chover*** (Jr 14.22).

Substantivo de Origem

389a גֶּשֶׁם (*geshem*) ***chuva, aguaceiro*** (*e.g.*, Gn 7.12; Am 4.7).

390 גֹּשֶׁן (*góshen*) ***Gósen.*** Distrito do Egito.

É sinônimo de "terra de Ramessés" (Gn 47.6, 11). A localização do distrito depende da localização da cidade de Ávaris (também chamada Tânis), capital da dinastia hicsa. Mais tarde conhecida como Pi-Ramessés, Ávaris era onde se localizava o trono dos faraós durante a época de José. Por tal motivo, o distrito de Gósen deve ter ficado próximo de Pi-Ramessés, que alguns localizaram nas ruínas de Khata'naQantir, às margens do Nilo bubastita. A cidade de Tânis, junto ao lago Menzalé, não é uma candidata muito provável pois não foi fundada senão na Dinastia XXI (1065 a.C. e depois). A ligação direta por terra entre a capital e as regiões asiáticas, o que está implícito na narrativa de José, não seria o caso desta última Tânis.

Foi comprovado que o nome "Gósen" encontra-se no nome "Phacusa" (atual Faqus). Esse nome, lido por alguns, a partir do egípcio, *šsmt*, na verdade deve ser lido como *gšmt*, hebraico *goshem*, grego *gesem*. De acordo com a narrativa da abadessa Astheria, Gaqus fica a apenas 6 km de Pi-Ramessés (com o que se localiza a cidade), o que coloca Gósen perto da capital egípcia.

Bibliografia: UPHILL, E. P., Pithom and Raamses: their location and significance, *JNES*, 27:291-316; 28:15-39. — STIGERS, H. G., *Genesis*, Moody, 1975. — VAN SETERS, John, *The Hyksos: a new investigation*, Yale, 1966. — KITCHEN, K. A., Raamses, *ZPEB*, v. 5, p. 14. — ____, *The Bible in its world*, Paternoster, 1977, p. 76-8.

H.G.S.

391 *גָּשַׁשׁ (*gāshash*) ***sentir com as mãos, afagar.*** Este verbo ocorre apenas uma vez, no piel (Is 59.10).

גַּת (*gat*). Veja o n.º 841a.

גִּתִּית (*gittît*). Veja o n.º 841b.

ד

392 דָּאַב (*dā'êb*) ***desfalecer, estar abatido*** (Jr 31.13, 25; Sl 88.10).

392a דַּאֲבָה (*d'ābâ*) ***fraqueza, desmaio*** (Jó 41.14).

392b דַּאֲבוֹן (*d'ābôn*) ***fraqueza, abatimento*** (Dt 28.65).

דְּאָבוֹן (*d'ābôn*). Veja o n.º 392b.

393 דָּאַג (*dā'ag*) ***ter medo, ser cauteloso.***

Termo Derivado

393a דְּאָגָה (*d'āgâ*) ***cautela, apreensão.***

A raiz *dā'ag* tem o sentido de apreensão, havendo em alguns casos uma nuança de temor.

Saul abandonou a busca das jumentas de seu pai porque ficou apreensivo de que seu pai ficasse tomado de uma ansiedade causada pelo tempo gasto na busca (1 Sm 9.5; 10.2). Jeremias descreve a atitude de alguém que confia em Deus em meio à invasão como a de não ficar abalado (não-apreensivo) com tais acontecimentos (17.8, parafraseando o salmo 1), pois tal pessoa alimenta-se e fortalece-se com os recursos divinos.

Zedequias rejeita a idéia de render-se aos babilônios (Jr 38.19) por estar preocupado com os judeus que passaram para o lado dos babilônios, temendo que eles o maltratassem.

Isaías pergunta à prostituta, Israel, o que foi que causou nela tanto temor e preocupação a ponto de se voltar para a idolatria e não se interessar pelo Senhor (Is 57.11).

d"'āgâ. ***Cuidado, preocupação, receio, tristeza, peso no íntimo.*** As tribos que se estabeleceram a leste do Jordão revelaram um receio justificado de que seus descendentes se esquecessem de Deus. Por esse motivo erigiram um altar, não para sacrifício, mas sim para lembrar as futuras gerações de seu dever de servir ao Senhor juntamente com as tribos que viviam a oeste do Jordão.

H.G.S.

394 דָּאָה (*dā'â*)

394 דָּאָה (*dā'â*) ***voar com rapidez, atravessar rapidamente o ar*** (*e.g.*, Dt 28.49; Sl 18.11).

Termos Derivados

394a דְּאָה (*dā'â*) ***ave de rapina*** (Lv 11.14; Dt 14.13).
394b דַּיָּה (*dayyâ*) ***ave de rapina*** (Is 34.15).

דב (*dōb*) Veja o n.º 396b.

395 דבא (*db'*) **Aceita como raiz de:**

395a דֹּבֶא (*dōbe'*) ***descanso*** (Dt 33.25). Significado incerto.

396 דָּבַב (*dābab*) ***mover-se suavemente, deslizar, planar sobre.***

Termos Derivados

396a דֹּב (dōb) ***urso.***
396b דִּבָּה (*dibbâ*) ***difamação, relatório negativo.***

dōb. ***Urso, Ursinus Syriacus (o urso da Síria).*** Quando privado dos filhotes, esse animal torna-se perigoso (2 Sm 17.8; cf. Pv 17.12); às vezes sai bramando de frustração (Is 59.11). Às vezes atacava seres humanos (*cf.* Am 5.19); uma vez atacou como cumprimento da maldição de Elias sobre pessoas que foram insolentes contra Deus (2 Rs 2.24).

O urso é empregado como metáfora para descrever a atividade tanto dos ímpios quanto de Deus. No primeiro caso a palavra sugere que os ímpios são basicamente animalescos — cruéis, insensíveis, egoístas e sem sensibilidade espiritual (Pv 28.15; *cf.* outras passagens onde os ímpios são descritos como animalescos: Sl 22.12 e ss.; Dn 7.1-8). No outro caso, a palavra sugere a ferocidade da ira de Deus lançada contra Israel em pecado (Lm 3.10; Os 13.8).

dibbâ. ***Difamação, relato negativo, infâmia, calúnia.*** Esta palavra refere-se à difamação e talvez à calúnia dita em voz baixa, caso esteja ligada à raiz *dābab*, "mover-se suavemente". É empregada para designar um relato negativo (Gn 37.2). Os espias abatidos apresentam um relato pessimista sobre Canaã (Nm 13.32). A fala do insensato é caracterizada pela *dibbâ* (Pr 10.18). Israel é uma *dibbâ*, um escândalo público, e será julgado por Deus (Ez 36.3).

Em acadiano a raiz significa "falar, acusar, tramar"; num derivado aramaico, "caluniar"; em egípcio, "processo legal ou jurídico".

H.G.S.

דִּבָּה (*dibbâ*) Veja o n.º 396b.
דְּבוֹרָה (*d'bôrâ*). Veja o n.º 399f.

דְּבִיר (*d'bîr*). Veja o n.º 399g.

397 דבל (*dbl*). **Aceita como raiz de:**

397a דְּבֵלָה (*d'bēlâ*) ***massa de figos espremidos*** (*e.g.*, 1 Sm 39.12; 1 Cr 12.40).

398 דָּבַק (*dābaq*) ***apegar-se a, agarrar-se a, grudar em, ficar junto de, seguir de perto, apanhar, ficar perto de, unir-se a, alcançar.***

Termo Derivado

398a דֶּבֶק† (*debeq*) ***juntas, solda.***

dābaq é usada com bastante freqüência no AT para designar coisas físicas que se grudam umas às outras, em especial as partes do corpo. Jó afirma que seus ossos apegam-se à sua pele (19.20) e que outrora a língua de homens importantes apegavam-se ao céu da boca quando ele estava presente (29.10). Essa figura de linguagem de a língua apegar-se em silêncio ao céu da boca também ocorre em Salmos 137.6 e Ezequiel 3.26. Em outra passagem Jó declara sua inocência, dizendo que não havia coisa alguma grudada às suas mãos (Jó 31.7) — uma figura bastante conhecida no mundo moderno.

Na descrição que Deus faz do leviatã, ele menciona que "os músculos da sua carne estão pegados entre si" (Jó 41.23[9]), referindo-se às placas do couro de um crocodilo ou às escamas de uma serpente (?).

Em outras passagens a palavra é usada para indicar uma situação desafortunada: "Os meus ossos já se apegam à pele" (Sl 102.5[6]) e "A língua da criança que mama fica pegada pela sede ao céu da boca" (Lm 4.4), uma figura também empregada em Salmos 22.15 acerca da sede experimentada pelo Messias sofredor (*cf.* Lc 23.36).

Diz-se que partes do corpo grudam-se a vários objetos. Salmos 44.25 diz "o nosso corpo [está] como que pegado no chão", e Salmos 119.25, "A minha alma está apegada ao pó". Conta-se que um dos valentes de Davi matou os filisteus "até lhe cansar a mão e ficar pegada à espada" (2 Sm 23.10).

dābaq também tem o sentido de apegar-se a alguém por afeto e lealdade. O homem deve apegar-se à sua esposa (Gn 2.24). Rute apegou-se a Noemi (Rt 1.14). Os homens de Judá apegaram-se ao seu rei, Davi, durante a revolta de Seba (2 Sm 20.2). Siquém amou Diná e apegou-se a ela (Gn 34.3), e Salomão apegou-se às suas esposas por amor (1 Rs 11.2).

Mas, mais importante do que isso, os israelitas deviam apegar-se ao Senhor por afeto e lealdade (Dt 10.20; 11.22; 13.4[5]; 30.20; Js 22.5; 23.8), para que recebessem as bênçãos divinas. Em Jeremias 13.11 lemos que o Senhor fez com que os israelitas se apegassem a ele, e Ezequias recebeu aprovação porque apegou-se ao Senhor. Nesses versículos, as palavras e as expressões paralelas que descrevem esta devida atitude para com o Senhor são: temer, servir, amar, obedecer, jurar pelo seu nome, andar em seus caminhos e guardar seus mandamentos.

dābaq também significa ficar perto de alguém, e não há dúvida de que este sentido esteja presente em passagens em que se admoesta o povo de Deus a apegar-se a ele. Mas Deus jamais é o sujeito do verbo.

Boaz aconselha Rute a estar perto de suas servas (IBB, "ajunta-te às minhas moças", 2.8; "seguirás de perto os meus moços", 2.21), e assim ela fez (v. 23). Na forma causativa, *dābaq* significa ficar no encalço de alguém ou mesmo alcançar tal pessoa, geralmente num sentido hostil. Labão alcança Jacó em Gileade (Gn 31.23), e Mica alcança os filhos de Dã (Jz 18.22), mas os israelitas seguiram "de perto" um grupo de benjamitas (Jz 20.45) e, posteriormente, os filisteus (1 Sm 14.22). Os filisteus também "cercaram" (BLH) Saul (1 Sm 31.2; 1 Cr 10.2).

Com referência a doença ou peste, também se diz que ela alcança as pessoas ou se gruda a elas (Gn 19.19; Dt 28.21, 60; 2 Rs 5.27). Mas o ferro e o barro nos dedos do pé da imagem de Daniel 2 não se ligarão um ao outro (v. 43).

debeq. ***Juntas, solda.*** Ocorre apenas três vezes; duas vezes para designar as juntas da armadura de proteção usada por Acabe, quando este tentava reverter a profecia divina de sua morte (1 Rs 22.34; 2 Cr 18.33), palavra que o BDB traduz por ligadura entre as lâminas da armadura e por solda, na descrição da construção de ídolos em Isaías 41.7. Obviamente a referência é a alguma coisa presa a outra.

Bibliografia: *THAT*, v. 1, p. 421-32.

E.S.K

399 דבר (*dābar*) ***falar, declarar, conversar, ordenar, prometer, advertir, ameaçar, cantar,*** etc.

Termos Derivados

399a †דְּבָר (*dābār*) ***palavra, fala, discurso, coisa,*** etc.
399b †דֶּבֶר (*deber*) ***pestilência.***
399c דֹּבֶר (*dôber*) ***pastagem.***
399d דֹּבְרוֹת (*dōbrôt*) ***bóias, balsas.***
399e †דִּבְרָה (*dibrâ*) ***causa, motivo, maneira.***
399f דְּבוֹרָה (*dᵉbôrâ*) ***abelha.***
399g דְּבִיר (*dᵉbîr*) ***I, oráculo.***
399h †דְּבִיר (*dᵉbîr*) ***II, Debir*** (cidade de Judá).
399i †דִּבֵּר (*dibbēr*) ***orador, palavra.***
399j †דַּבֶּרֶת (*dabberet*) ***palavras.***
399l מִדְבָּר (*midbār*) ***I, boca.***
399m †מִדְבָּר (*midbār*) ***II, deserto.***

Alguns lexicógrafos identificam duas raízes para o hebraico *dbr*: 1) "estar por trás, dar as costas", cognato do árabe *dub*[*u*]*r*, que tem o mesmo sentido, e do acadiano *dabāru*, "empurrar para trás". Palavras derivadas desta raiz incluem *dᵉbîr*, "câmara posterior", *dōber*, "pastagem (em local remoto)", *dōbrôt*, "balsa [arrastada atrás de um navio]" e *midbār*, "planície extensa". 2) "palavra", vocábulo encontrado principalmente no substantivo *dābār*, "palavra, coisa", e no verbo, no piel, com o sentido de "falar,

dirigir-se a". Etimologicamente relacionadas com *dbr* II encontram-se *dibrâ*, "coisa", *dibbēr*, forma nominal rara do verbo, e *midbār*, "boca", com *mem* instrumental. Conquanto Seeligman (VT, 14:80) identifique *dabberet*, "palavra", com a raiz I, o que parece mais plausível é a palavra ser derivada da raiz II. Embora o BDB e o GB não façam distinção entre as ocorrências do verbo *dbr* em suas duas raízes, KB atribui *dbr* à raiz I, no piel, para os textos de Jó 19.18 e 2 Crônicas 22.10, e, no hifil, para Salmos 18.47[48] e 47.3[4]. Limitaremos nosso exame do verbo à raiz putativa II.

Até o momento não foi sugerida uma etimologia convincente para *dbr*. O acadiano possui o vocábulo *dabābu* — substantivo e verbo — com significados bastante semelhantes aos do hebraico. Como substantivo, significa "fala" ou "assunto legal" e, como verbo, "falar" (CAD.D.2-14). No entanto, o hebraico também tem uma raiz *dbb*, confirmada no substantivo *dibbâ*, "cochicho, calúnia". É incerto se a semelhança entre o acadiano *dbb* e o hebraico *dbr* é uma questão de acaso ou de verdadeira identificação etimológica.

A raiz ocorre nos óstracos de Laquis e na inscrição do túnel de Siloé. Fora do hebraico a raiz ocorre no fenício-púnico com o mesmo sentido do hebraico e do aramaico bíblico na forma nominal *dibrâ*, "assunto".

dābar é provavelmente um verbo denominativo proveniente de *dābār*, já que é usado quase exclusivamente no piel, no pual, no hitpael e no particípio do qal. O material descoberto em Ugarite não revela nenhum uso de *dābar* (nem de *'amar*, "dizer"), mas apresenta casos do uso de *midbar* II, "deserto".

Em qualquer idioma o verbo que tem o sentido básico de falar e o substantivo "palavra" só podem ser de suprema importância. O verbo *dābar* e o substantivo *dābār* possuem essa importante característica na Bíblia hebraica. No *TWNT* Procksch afirma que o substantivo é a forma básica e o verbo provém do substantivo.

Essas duas palavras aparecem mais de 2 500 vezes no AT: o substantivo, mais de 1 400 vezes e o verbo, mais de 1 100. A origem das palavras não está clara, embora sejam comuns em línguas semíticas.

Algumas palavras cobrem um campo vasto espalhando-se por muitas áreas de pensamento, e, nesse processo, criam problemas para os comunicadores — especialmente para aqueles que tentam traduzir idéias para outras línguas. Na KJV *dābar* é traduzida por aproximadamente trinta palavras diferentes, e *dābār* por mais de oitenta. Algumas dessas palavras são sinônimas, mas muitas não. Todas, no entanto, transmitem alguma idéia de processo mental, de comunicação ou de temas ou meios de comunicação. O substantivo *dābār* cobre toda uma gama de sentidos, desde aquilo que se pode identificar com a palavra "coisa" até a noção mais sublime e dinâmica da palavra de Deus.

Muitos sinônimos encontram-se no salmo 119, onde a palavra de Deus é exaltada. Não há dúvida de que os sinônimos mais importantes são *'āmar*, "dizer", e os substantivos masculino e feminino *'ēmer* e *'imrâ*, que são quase sempre traduzidos por "palavra". Em seu estudo de sinônimos para a palavra de Deus, Girdlestone menciona *'āmar*, "dizer", *millâ*, "palavra", *nā'am*, "expressar", *peh*, "boca", *tôrâ*, "lei", *dāt*, "edito", *hōq*, "estatuto", *tsāwâ*, "mandamento", *piqqûdîm*, "incumbência", *orah*, "vereda", *derek*, "caminho", *mishpat*, "juízo", e *'ôd*, "testemunho".

Nesta lista de sinônimos, os primeiros quatro estão relacionados com o uso comum da raiz *dābār*. A palavra *'āmar*, "dizer", é muito parecida com *dābar*, mas em geral segue-se-lhe o objeto que designa a coisa que é dita. *millâ*, "palavra", foi por muito tempo considerada sinônimo com origem no aramaico posterior, mas agora é simplesmente reconhecida como expressão poética e menos usual para PALAVRA. *nā'am* é uma palavra

quase totalmente restrita à forma nominal *n'ʾūm*, que significa "oráculo profético". A palavra *peh*, "boca", com o sentido de fala, não passa de um uso figurativo do órgão da fala. As demais palavras da lista de Girdlestone (edito, estatuto, mandamento, *etc.*) são expressões variantes que em alguns contextos designam a palavra autorizada indicada por *dābar* (ou *ʾōmer* ou *ʾimrâ*).

[Embora *ʾmr* seja o sinônimo mais próximo de *dbr*, seu sentido básico contrasta-se claramente com o de *dbr* (piel). No caso de *ʾmr*, a ênfase recai sobre o conteúdo daquilo que se fala, mas no caso de *dbr* a atenção é dirigida principalmente para a atividade de falar, o produzir palavras e frases. Conquanto não se possa empregar *ʾmr* absolutamente (sem informar o conteúdo daquilo que é dito), *dibber* pode ser usada (*cf.* Gn 24.14; Jó 1.16; 16.4, 6). Ademais, embora *ʾmr* possa ter variedade de sujeitos por meio de personificação (terra, animais, árvores, noite, fogo, obras, *etc.*), *dbr* quase sempre tem por sujeito pessoas ou designativos de seus órgãos da fala (boca, lábios, língua, *etc.*). Os dois verbos também se distinguem com relação àquele com quem se fala. Enquanto no caso de *ʾmr* seja suficiente usar a preposição mais fraca *lᵉ*, *dbr* normalmente requer a preposição *ʾel* (aproximadamente dez vezes mais freqüente do que *lᵉ*). Essas diferenças, no entanto, não desvalorizam a importância do que é dito como objeto de *dbr*, o que inclui a maioria de temas pertinentes a valores morais e ideais. Como ocorre com alguns outros verbos empregados principalmente no piel, as ocorrências no qal são quase exclusivamente no particípio ativo e designam na maioria das vezes aquele que fala alguma coisa como um mandamento ou que se expressa em virtude de um impulso íntimo. Dessa maneira é usado com: verdade (Sl 15.2), mentiras (ou falsidade) (Jr 40.16; Sl 5.6[7]; 58.3[4]; 63.11[12]; 101.7), direito (Is 33.15; 45.19; Pv 16.13), bem-estar (Et 10.3), loucura (Is 9.17[16]), insolência (Sl 31.18[19]). Também é usado para designar tanto anjos que levam a mensagem de Deus (Gn 16.13; Zc 1.9, 13, 19[2.2], *etc.*) quanto a fala de grande relevância (Nm 27.7; 36.5). B.K.W.]

Na KJV algumas das traduções menos comuns de *dābar* incluem: "respondeu" (2 Cr 10.14), em paralelo com *ʿānâ*, "responder", no v. 13 (onde Roboão responde a seus críticos); "apresentar súplicas" (Pv 18.23); "passar sentença" ou "pronunciar juízo", em Jeremias 4.12 e 39.5 (com *mishpāṭîm*); "publicar" (Et 1.22); e "falar-se em favor de" (Ct 8.8). A KJV traz "sujeitar" (*cf.* ARC, IBB), onde alguma noção deste tipo é necessária para fazer paralelo com "vingar", na primeira parte da frase. Esse salmo também ocorre em 2 Samuel 22.48, onde a palavra hebraica para "fazer descer" é empregada em lugar de *dābar*. Isso corrobora o raro significado de "sujeitar (ou subjugar)" para *dābar* em Salmos 18.47 e 47.3. As traduções modernas também oferecem esse sentido nessas passagens.

Uma expressão importantíssima referente ao uso de *dābar* no AT, reiterada em repetidas oportunidades (c. 400 vezes), é que Deus "falou". O Pentateuco está repleto de afirmações como "O SENHOR disse", "O SENHOR prometeu" e "O SENHOR mandou", todas essas traduções de *dābar*. Os porta-vozes de Deus são contestados com freqüência da mesma maneira que Moisés foi por Miriã e Arão, quando estes disseram: "Porventura tem falado o SENHOR somente por Moisés?" (Nm 12.2). Mas o SENHOR sempre sustenta sua palavra e seu porta-voz.

dābār. ***Palavra, fala, discurso, coisa, qualquer coisa, tudo*** (com *kôl*), ***nada*** (com negativos), ***mandamento, assunto, ação, evento, história, relato, negócio, causa, motivo*** e, construída com preposições, ***devido a, por causa de.*** Esse substantivo é traduzido de 85 maneiras diferentes na KJV. Isso é resultado da necessidade de traduzir

uma palavra tão rica pelo sentido que ela possui em contextos variados. Como "palavra" *dābār* basicamente significa aquilo que Deus disse ou diz.

O decálogo, "as dez palavras" (Êx 34.28; Dt 4.13; 10.4), são dez declarações ou afirmações, como em Deuteronômio 10.4, as dez palavras (*d'bārîm*) que o Senhor falou (*dibbēr*). As dez palavras são mandamentos por causa da forma sintática como foram enunciadas. As dez palavras são o que Deus disse; são dez mandamentos por causa da maneira como Deus as disse.

A *dābār* é às vezes o que é feito e às vezes um relato daquilo que é feito. De modo que, com frequência em Crônicas, lê-se acerca dos feitos (*dibrê*) de um rei, os quais estão escritos num determinado livro (*dibrê*). "Os atos, pois, do rei Davi [...] estão escritos nas crônicas [livros], registrados por Samuel, o vidente, nas crônicas [livros] do profeta Natã e nas crônicas de Gade, o vidente" (1 Cr 29.29). Em 2 Crônicas 33.18 *dābar*/*dābār* são respectivamente traduzidos na ARA por quatro palavras diferentes: atos, palavras, falaram e história. O nome hebraico de Crônicas é "o livro das palavras [atos] das épocas" (*sēper dibrê hayyamîm*). Aqui a expressão "palavras [atos] das épocas" equivale a "história" — "anais".

A obra reveladora de Deus é freqüentemente indicada com "a palavra do Senhor veio" a alguém ou sobre alguém (1 Cr 17.3 e com freqüência nos profetas). Acerca de Eliseu, Josafá diz que "Está com ele a palavra do SENHOR" (2 Rs 3.12). Quando a atividade profética era silenciada, como durante a infância de Samuel, "A palavra do SENHOR era de muita valia" (ARC; ARA, "mui rara"). Mas Moisés diz que Israel possui a palavra bem próxima, pois refere-se ao livro da lei que há pouco tempo lhes fora dado, conforme revela o contexto imediatamente anterior. Em 2 Samuel 16.23 encontra-se a afirmação de que o conselho de Aitofel era como o conselho de um oráculo (IBB). Aqui *dābār* é traduzida por "oráculo", embora *massā'*, "peso", seja freqüentemente traduzida por oráculo nas versões modernas.

[Gerleman assinala que a estrutura no construto singular *d'bar YHWH*, "a palavra do SENHOR", ocorre 242 vezes, e quase sempre (225 vezes) a expressão aparece como uma forma técnica para a revelação profética (*THAT*, v. 1, p. 439). Ele também assinala que a estrutura no construto plural *dibrê YHWH*, "as palavras do SENHOR", ocorre 17 vezes e com muito mais freqüência do que o construto singular após verbos que expressam ação de falar: *ngd* [hifil], "expor" (Êx 4.28); *spr* [piel], "relatar" (Êx 24.3); *dbr* [piel], "contar" (Nm 11.24, Jr 43.1; Ez 11.25); *'mr*, "dizer" (1 Sm 8.10); *qr'*, "clamar" (Jr 36.6, 8; *THAT*, v. 1, p. 439). Em sete passagens o *d'bar YHWH* possui caráter judicial (Nm 15.31; Dt 5.5; 2 Sm 12.9; 1 Cr 15.15, 2 Cr 30.12; 34.21; 35.6). B.K.W.]

Certas características da palavra do Senhor são enunciadas nos Salmos. Algumas delas são: "a palavra do SENHOR é reta" (33.4), "está firmada [...] no céu" (119.89), é "lâmpada para os meus pés [...] e luz para os meus caminhos" (119.105) e é "verdade" (119.160).

A eficácia da palavra do Senhor é com freqüência citada em certas orações, como "segundo a palavra que o SENHOR [...] havia dito" (1 Rs 13.26) ou "cumprirei a minha palavra" (1 Rs 6.12).

O cronista diz que o Senhor levantou Ciro "para que se cumprisse a palavra do SENHOR proferida pela boca de Jeremias" (IBB, 2 Cr 36.22). Por meio de Isaías o Senhor diz que a sua palavra será como a chuva e a neve que tornam a terra produtiva. "Não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a designei" (Is 55.11). Jeremias também promete que o Espírito e a palavra do Senhor

jamais se afastarão de seu povo e declara que essa palavra é como "fogo [...] e martelo que esmiuça a penha" (Jr 23.29).

[Além disso, a palavra do Senhor é personificada em passagens tais como: "O SENHOR enviou uma palavra contra Jacó, e ela caiu em Israel" (Is 9.8[7]); "Enviou-lhes a sua palavra e os sarou" (Sl 107.20); "Ele envia as suas ordens à terra, e sua palavra corre velozmente" (Sl 147.15). Não há como negar que, devido à figura empregada, parece que a palavra de Deus tinha uma existência divina independente do próprio Deus, mas Gerleman acertadamente questiona a interpretação quase universal que vê a palavra nessas passagens como hipóstase, um tipo de mitologização. Gerleman acha possível que esse uso nada mais seja do que a tendência normal de dar vida às abstrações e personificá-las. Assim sendo, as emoções e os atributos humanos também são tratados como se tivessem existência independente: impiedade, perversidade, angústia, esperança, ira, bondade e verdade (Sl 85.11 e s.; 107.42; Jó 5.16; 11.14; 19.10) (THAT, 1:442). B.K.W.]

deber. ***Pestilência, praga mortal, peste.*** Este substantivo masculino é usualmente mencionado junto com palavras tais como fome, mal, sangue, juízo, espada e bestas-feras. Jeremias nas suas predições de calamidades freqüentemente combina espada, fome e pestilência (14.12; 21.7, 9; 24.10; 27.8, 13; 19.17-18; 32.24, 36; 34.17; 38.2; 42.17, 22; 44.13).

A palavra indica qualquer tipo de peste que resulte em morte. Com exceção de cerca de cinco casos, todos os usos de *deber* referem-se à peste enviada por Deus como castigo. Em sua oração de dedicação do templo, Salomão fala da possibilidade de pestilência como um motivo de oração (1 Rs 8.37; 2 Cr 6.28). No entanto, Deus diz em sua resposta: "Se [eu] enviar a peste" (2 Cr 7.13). Josafá fala como Salomão, mas refere-se à possibilidade de pestilência como motivo de oração feita na direção do templo pela boca do povo (2 Cr 20.9). Salmos 91.3, 6 refere-se a Deus salvar a pessoa da peste perniciosa. Todas as demais referências são ou afirmações de acontecimentos históricos, ou ameaças, ou profecias de castigo da parte do Senhor.

dibrâ. ***Causa, propósito, intento, condição, posição, fim, consideração.*** *dibrâ* ocorre sete vezes (Jó 5.8; Sl 110.4; Ec 3.18; 7.14; 8.2; Dn 2.30; 4.17). Em Salmos 110.4 *dibrâ* é geralmente traduzida por "ordem [de Melquisedeque]", mas a NEB traz "sucessão".

Quanto ao composto *'al dibrat*, veja M. Dahood, *Bib* 33:47 s.

dibbĕr. ***Palavra, aquele que fala*** (?). Forma em Jeremias 5.13 uniformemente traduzida por *dābār*. "A palavra não está com eles".

dabberet. ***Palavras.*** Substantivo feminino singular, cognato de *dābār*, encontrado somente em Deuteronômio 33.3. Provavelmente um coletivo poético designativo de tudo o que Moisés disse.

dᵉbîr. ***Oráculo, santuário, Debir.*** Como nome próprio, Debir é: 1) o nome de um rei de Eglom que somou forças com a coligação do sul na luta contra os gibeonitas e os israelitas comandados por Josué; 2) o nome de uma proeminente cidade cananéia, anteriormente chamada Quiriate-Sefer (Js 15.15, 49; Jz 1.11); 3) uma cidade dos gaditas, a leste do Jordão (Js 13.26) e 4) outra cidade, na fronteira setentrional de Judá (Js 15.7).

d'bîr é palavra que também se refere ao Santo dos Santos e é traduzida 16 vezes na KJV e na ASV por "oráculo", mas a RSV e as versões modernas traduzem por "santuário", "santuário interno", "templo interno", "sala interior" e outras expressões semelhantes. Não é empregada para designar o santo dos santos do tabernáculo no deserto.

Debir (Quiriate-Sefer) era uma cidade proeminente na região montanhosa de Judá perto de Hebrom. Josué destruiu Debir totalmente durante a campanha do sul (Js 10.38, 39; 11.21; 12.13), mas a cidade ou foi reconstruída e reconquistada por Otniel, ou então a destruição por Josué é uma afirmação genérica, e Otniel foi quem de fato tomou a cidade. Juízes 1.13 afirma que Calebe deu a filha Acsa por esposa a Otniel, porque ele conquistou Debir em combate. Debir foi mais tarde dada aos filhos de Arão (Js 21.15).

midbār. ***Deserto.*** *midbār* é usada para descrever três tipos de terreno em geral: pastagens (Js 2.22; Sl 65.12[13]; Jr 23.10), terra não habitada (Dt 32.10; Jó 38.26; Pv 21.19; Jr 9.1) e áreas extensas em que oásis ou cidades e vilarejos existem aqui e ali. O deserto de Judá possui pelo menos meia dúzia de cidades, o deserto do Jordão (uma planície de aluvião) tem cidades, e o deserto do Sinai possui um bom número de oásis. *midbār* também é empregada de modo figurado (Os 2.5; Jr 2.31).

As maiores regiões chamadas *midbār* são o Sinai, o Neguebe, o vale do Jordão e o deserto da Arábia.

Desertos específicos são: Berseba (Gn 21.14), Para (Gn 21.21; Nm 10.12; 12.16; 13.3, 26; 1 Sm 25.1), Sim (Êx 16.1; 17.1; Nm 33.11, 12), Sinai (Nm 1.19, *etc.*; Êx 19.1, 2; Lv 7.38), Zim (Nm 13.21 *etc.*; Dt 32.51; Js 15.1), Bete-Áven (Js 18.12), Judá (Jz 1.16; Sl 63, título), Zife (1 Sm 23.14, 24; 26.2), Maom (1 Sm 23.24, 25), Gibeom (2 Sm 2.24), Damasco (1 Rs 19.15), Edom (2 Rs 3.8), Jeruel (2 Cr 20.16), Sur (Êx 15.22; 16.1; Nm 1.19 *etc.*), Etã (Nm 33.8), Quedemote (Dt 2.26), Tecoa (2 Cr 20.20), Cades (Sl 29.8; Sl 63, título) e Egito (Ez 20.35).

Com freqüência se descreve negativamente o deserto como algo sem uvas, fontes, açudes, rios e locais agradáveis — ou, como se lê numa declaração notável: "Pode, acaso, Deus preparar-nos mesa no deserto?" (Sl 78.19).

Bibliografia: BRAULIK, Georg, Die Ausdrücke für "Gesetz" im Buch Deuteronomium, *Bib*, 51:39-66. — MCKENZIE, John L., The Word of God in the Old Testament, *TS*, 21:183-206. MILIK, J. T., Deux documents inédits du désert de Juda, *Bib*, 38:245-68. — MOWINCKEL, S., The "spirit" and the "word" in the pre-exilic reforming prophets, *JBL*, 53:199-227. — ___, The Decalogue of the holiness code, *HUCA*, 26:1-27. — ___ A postscript to the paper "The spirit and the word in the pre-exilic reform prophets", *JBL*, 56:261-65. — O'CONNELL, Matthew J., The concept of commandment in the Old Testament, *TS*, 21:351-403. — OUELETTE, Jean, The solomonic d"bîr according to the hebrew text of I Kings 6, *JBL*, 89:338-43. — PLOSSMAN, Thomas, Notes on the stem d-b-r, *CBQ*, 4:119-32. — RICHARDSON, *TWB*, p. 232, 283-5. — *THAT*, v. 1, p. 433-42.

E.S.K.

400 דבש (*dbsh*). **Aceita como raiz de:**

400a דבשׁ (*d'bash*) ***mel***

400b דבשת (*dabbeshet*) ***corcova*** **(de camelo).**

d'bash. *Mel.* Dentre as 53 ocorrências de *d'bash*, 17 são terra que mana leite e mel, uma antecipação da terra que Deus daria a Israel ou então reminiscência daquela promessa.

Si-nuhe, oficial egípcio do Reino Médio que se exilou voluntariamente na Síria-Palestina, oferece a seguinte descrição da terra no período patriarcal: "Era uma boa terra, denominada Yad. Nela havia figos e uvas. Tinha mais vinho do que água. Era rica em mel e abundante em azeitonas. Havia cevada e trigo. Não havia limite para qualquer (tipo de) gado" (*ANET*, p. 19).

O mel foi um dos produtos que Jacó enviou ao Egito em troca de cereais (Gn 43.11). Era muito mais valorizado do que hoje em dia porque, visto que não havia açúcar, era o principal adoçante que possuíam.

O maná tinha gosto de "bolos de mel" (Êx 16.31).

O mel não deveria acompanhar as oferendas de carne; não deveria ser queimado no altar (Lv 2.11), mas ser dizimado e trazido como primícias (2 Cr 31.5).

O cântico de Moisés diz que Deus fez Israel "sugar o mel do rochedo" (PIB, Dt 32.13; *cf.* Sl 81.16[17]). O mel constituiu parte do enigma de Sansão, que sua esposa o induziu a contar, a fim de relatar ao povo dela (Jz 14.8, 9, 18).

O fato de Jônatas ter provado um pouco de mel fez com que Saul deparasse com uma rebelião no seu exército e conseqüentemente visse seu voto ser frustrado (1 Sm 14.25-29, 43).

Os ímpios não verão "rios transbordantes de mel e de leite" (Jó 20.17), diz Zofar. Palavras agradáveis e amor são como o mel e o favo de mel (Pv 16.24; 24.13; 25.16, 27; Ct 4.11; 5.1). Em Salmos 19.10[11] e 119.103 as palavras de Deus são "mais doces do que o mel e o destilar dos favos", e Ezequiel descobriu que o rolo que Deus lhe deu era "doce como mel" em sua boca (Ez 3.3).

O menino Emanuel terá manteiga e mel para comer (Is 7.15) e num dia futuro e mais feliz todos os que restarem na terra terão também o mesmo para comer (7.22).

E.S.K.

דָּג (*dăg*) Veja o n.º 401a.

401 דָּגַד (*dāgâ*) ***multiplicar, aumentar.***

401a דָּג (*dāg*) ***peixe.***

401b דָּגָה (*dāgâ*) ***peixe.***

401c דִּיג (*dîg*) ***pescar.*** Verbo denominativo.

401d דַּוָּג (*dawwāg*), דַּיָּג (*dayyāg*) ***pescador.***

401e דּוּגָה (*dûgâ*) ***pescaria.***

dāg, dāgâ. Peixe. O masculino *dāg* e o feminino *dāgâ* aparecem no AT sem, aparentemente, qualquer diferença de significado. Os peixes são mencionados como criaturas de baixa inteligência e com pouco controle sobre seus destinos (Gn 9.2; 1 Rs 4.33; Jó 12.8; Ec 9.12; Hc 1.14; Gn 1.26, 28; Êx 7.18, 21) ou então como alimento (Nm 11.5, 22; Ne 13.16). A palavra era empregada para designar uma das portas de Jerusalém, a Porta do Peixe (2 Cr 33.14; Ne 3.3; 12.39; Sf 1.10). Nos tempos bíblicos eles eram apanhados com lanças (Jó 41.7), anzóis (*cf.* Jó 41.1, 2; Is 9.8) e redes (Hc 1.15; Ec 9.12). Veja gravuras em ANEP, p. 34.

Peixes sem nadadeiras e escamas eram imundos para Israel. Albright sugeriu que essa lei protegia Israel de parasitas e doenças transmitidas por peixes que vivem na lama, mariscos, lesmas, *etc.* (ALBRIGHT, *YGC*, p. 178; HARRIS, R. L., *Man — God's Eternal Creation*, Moody, p. 140).

E proibido esculpir imagem com algo que se assemelhe a qualquer tipo de peixe (Dt 4.18). A ira de Deus alcançará os peixes (Ez 38.20; Os 4.3; Sf 1.3), mas na era futura as águas provenientes do templo sararão o mar Morto de modo que ele terá em abundância peixes de muitas espécies (Ez 47.9, 10).

O Senhor preparou um grande peixe para ensinar a Jonas a impossibilidade de fugir dele (Jn 1.17; 2.1, 11). E desconhecida a identidade ou classificação biológica desse grande monstro marinho, pois Jonas não nos oferece detalhes sobre o milagre. Veja *ZPEB*, V, p. 925.

E.S.K.

דָּגוֹן (*dāgôn*). Veja o n.° 403b.

402 דָּגַל (*dāgal*) ***olhar, notar*** (Ct 5.10, somente).

Termos Derivados

402a דֶּגֶל (*degel*) ***estandarte, bandeira*** (*e.g.*, Nm 1.52; 2.3, *etc.*)

402b דָּגַל (*dāgal*) ***empunhar, erguer um estandarte*** (Sl 20.6; Ct 6.4, 10)

403 דָּגַן (*dgn*) **Aceita como raiz de:**

403a דָּגָן (*dāgān*) ***cereal, grãos.***

403b דָּגוֹן (*dāgôn*) ***Dagom.***

dāgān. ***Cereal, grãos,*** traduzido por "cereal" na KJV em todas as 40 ocorrências, com exceção de Numeros 18.12 e Jeremias 31.12, onde é traduzido por "trigo".

dāgān é palavra genérica, não especificando o tipo de cereal, mas sempre é uma safra ideal e valiosa. Em descrições sobre a produtividade da terra, geralmente mencionam-se cereal, vinho (*q.v. tîrôsh*), azeite e rebanhos, mas "cereal, vinho novo e azeite" (NIV), ou apenas cereal e vinho são usados para designar a produção agrícola. Tanto o cereal quanto outros produtos deviam ser dizimados, e os dízimos deviam ser dados aos sacerdotes e levitas (Nm 18.12; Dt 18.4), os quais deviam fazer uma oferta com os dízimos (Nm. 18.27). Dízimos de cereais não deviam ser comidos em casa, mas somente "perante o SENHOR" (Dt 12.17; 14.23).

O aumento de grãos, vinho, azeite e rebanhos era uma bênção de Deus em conseqüência da obediência do povo (Dt 7.13; 11.14). A diminuição ou cessação de tal produtividade era castigo por desobediência (Dt 28.51; Lm 2.12; Os 2.11; Jl 1.10, 17; Ag 1.11).

Depois da reforma que empreendeu, Ezequias construiu armazéns para guardar a abundância de grãos, vinho e azeite (2 Cr 31.5; 32.28). Os profetas predisseram que cereais, vinho, azeite e rebanhos seriam abundantes na futura era de bênçãos (Jr 31.12; Ez 36.29; Jl 2.19; Zc 9.17).

E.S.K.

dāgôn. ***Dagom***. Nome do deus dos filisteus, mencionado apenas duas vezes além das 11 ocorrências em 1 Samuel 5, onde está registrado o relato da captura da arca da aliança.

Há debate entre os estudiosos sobre Dagom estar ou não etimologicamente relacionado com o hebraico *dag*, "peixe", caso em que seria um deus-peixe, ou com o hebraico *dāgān*, "cereal", sendo assim uma divindade do campo, ou ainda com o árabe *dagga, dágā, dagana*, "estar nublado", "chuvoso", dessa maneira sendo um deus da tempestade. Desde a virada do século, nenhum estudioso moderno segue Jerônimo e Kimchi, que sugeriram, com base na etimologização popular, que Dagom fosse um deus-peixe. Na atualidade muitos seguem Philo Byblios e W. F. Albright, que entendem que ele era um deus-cereal, mas Albright acha que a palavra hebraica para grão deriva do nome do deus e não *vice-versa* (*Archaeology and the Religion of Israel*, 1953, p. 77, 22).

No entanto, F. J. Montalbano, muito embora aceite a fragilidade da relação com o árabe, reúne fortes indícios de que, pelo menos na Mesopotâmia, Dagom era um deus da tempestade (Canaanite Dagon: origin, nature, *CBQ*, 13:381-97). Seus indícios incluem: 1) um texto acadiano da época de Hamurábi, que registra "Dagan é Enlil" (o deus sumério da tempestade); 2) em Larsa ele é mencionado junto com Enlil e é chamado de um dos grandes deuses, título que na Mesopotâmia não era dado aos deuses da fertilidade; 3) num selo do período neo-sumeriano (2070-1960), seu nome aparece antes do de sua esposa, *Sha-la-ash*, possivelmente o mesmo que *Sha-la*, esposa de Adade, o deus das condições climáticas; 4) anteriormente Gelb havia chegado à conclusão de que Dagan, dos hurrianos, era nada menos que Teshupe, o deus hurriano das condições climáticas. Mas Montalbano acha que os semitas ocidentais acolheram-no em seu panteão como o deus dos cereais, muito embora em Ugarite tenha sido identificado como o pai de Hadade, o afamado deus da tempestade na região do Levante. Em defesa dessa tese há o fato de que em um dos textos ugaríticos o nome do deus é sinônimo da palavra para cereal. É óbvia a associação entre deus da tempestade e cereal.

Encontramos o nome Dagom pela primeira vez em nossas fontes literárias da Mesopotâmia numa importante inscrição histórica de Sargão, na qual ele nos conta que fez uma parada em Tutuli (no alto Eufrates) para adorar Dagan. Naram-Sin, neto de Sargão, atribui a Dagan as suas conquistas desde o Eufrates até o litoral da Síria. A partir desse momento encontramos, ao longo da história da Mesopotâmia, nomes próprios compostos onde um dos componentes é Dagan. Hamurábi (1728-1530) declara-se "o guerreiro de Dagom, seu criador...", e em Mari Zimri-Lim oferece a esse deus valiosos presentes em resposta a uma revelação de Dagan que o capacitava a derrotar os benjaminitas. Shamsi Adade I (1748-1716), rei da Assíria, construiu um templo a Dagan num local 60 km ao norte de Mari. Além disso, de acordo com inscrições assírio-babilônicas posteriores (900-640), seu nome é freqüentemente invocado pelos reis assírios.

No ocidente, em Ebla, Dagan é mencionado como um dos deuses (2400-2250). Podemos aqui mencionar "Dagan de Tuttul", "Dagan de Sivad", "Dagan de Canaã", exatamente como em "Dagan dos filisteus". Observe também a menção a Canaã nessa época remota (Giovanni PETTINATO, The royal archives of Tell Mardikh-Ebla, *BA*, 39:48). Paolo Matthiae relaciona Dagan como um dos grandes deuses de Ebla (Ebla in the late early Syrian period, *BA*, 39:110). Em Ugarite, no litoral norte da Síria, arqueólogos descobriram duas estelas comemorativas com o nome do deus, e nos textos ugaríticos Baal é chamado "filho de Dagan" 12 vezes, e quatro vezes o nome Dagom aparece isolado.

Na Palestina ele foi a principal divindade dos filisteus durante o período bíblico. Foi por eles adorado em Gaza (Jz 16.21-23), Asdode (1 Sm 5.2, 3; 1 Mac 10.83-85) e em Bete-

Seã (1 Sm 31.10; 1 Cr 10.10). De acordo com Sanchuniathon, ele tinha um papel de destaque no panteão fenício. Outros santuários dedicados a ele são indicados pelo nome. Houve uma Bete-Dagan em Judá (Js 15.41), outra em Aser (Js 19.27). O nome aparece na lista das cidades conquistadas por Ramsés III (1197-1167), embora tal lista possa ter sido copiada de uma mais antiga, de Ramsés II (1301-1234). Esta *byt-dgn* provavelmente é a mesma que Senaqueribe (704-681) chama de *bit-daganna*, situada nas planícies de Sarom. Mazar escavou um templo filisteu em Tell Qasile, cujas ruínas, inclusive duas colunas que tinham entre si o comprimento da envergadura de um homem e situadas defronte do altar, enquadra-se muito bem na descrição literária do templo de Dagom em Gaza (Jz 16.23-31) (*IEJ*, 24:77-88).

Vê-se, portanto, que o culto a Dagom foi importante na Assíria, na Babilônia, na Síria e na Palestina a partir de pelo menos 2400 a.C. até o período pré-exílico. Em contraste com este contexto, as vitórias do Senhor sobre Dagom mediante Josué (Js 19.27), Sansão (Jz 16) e, acima de tudo, por meio de sua arca, que continha sua lei moral (2 Sm 5), tornam-se muito mais gloriosas e significativas nos eventos em que ele estabelece seu domínio sobre a terra por meio de Israel.

Bibliografia: DELCOR, M., Jahweh et Dagon, *VT*, 14:136-54. — MONTALBANO, F. J., Canaanite Dagon: origin, nature [with complete bibliography], *CBQ*, 13:381-97.

B.K.W.

404 גָּגַר (*dagar*) ***reunir-se como ninhada*** (Jr 17.11; Is 34.15)

405 דַּד (*dad*) ***seio, peito, bico do seio*** (*e.g.*, Pv 5.19; Ez 23.3, 21)

406 דָּדָה (*dādâ*) ***mover-se lentamente.*** Ocorre apenas no piel (Sl 42.5) e hitpael (Is 38.15; Sl 42.5).

דּוֹדָה (*dōdā*) Veja o n.º 410b.

407 *דָּהַם (*dāham*) ***surpreender, confundir***. Ocorre apenas uma vez, no nifal (Jr 14.9).

408 דָּהַר (*dāhar*) ***precipitar-se, arremeter*** (Na 3.2, somente).

Termos Derivados

408a דַּהֲרָה (*dahărâ*) ***investida, arremetida*** (Jz 5.22, somente).

408b תִּדְהָר (*tidhār*) ***olmeiro*** (Is 41.19).

409 דּוּב (*dûb*) ***definhar, morrer*** (Lv 26.16; 1 Sm 2.33).

דַּוָּג (*dawwāg*) Veja o n.º 401d.

דּוּגָה (*dûgâ*) Veja o n.º 401e.

410 דוד (*dwd*)

410 דוד (*dwd*). **Aceita como raiz de:**

410a דּוֹד (*dôd*) ***amado, amor, tio.***

410b דֹּדָה (*dôdâ*) ***tia.***

410c דָּוִד (*dāwid*), דָּוִיד (*dāwîd*) ***Davi.***

410d דּוּדָי (*dûday*) ***mandrágoras.***

410e דּוּד (*dud*) ***panela, vasilhame, jarra.***

dôd. ***Amado, amor, tio.*** Das 58 ocorrências da palavra na KJV, 38 são "amado" (todas em Cantares, com exceção de Is 5.1), 8 são "amor" e 17 "tio". A Sulamita emprega *dôd* para referir-se a seu amado, como também o fazem aqueles que falam sobre ele. Ele a chama *ra'yâ*, "companheira" ou "amada".

Em seu cântico da vinha, Isaías refere-se ao Senhor como "amado" (5.1).

dôd como "amor" propriamente é exaltado ou descrito em expressões como "melhor é o teu amor do que o vinho" (Ct 1.2), "do teu amor nos lembraremos, mais do que do vinho" (1.4), "que belo é o teu amor" e "quanto melhor é o teu amor do que o vinho" (4.10), e "dar-te-ei ali o meu amor" (7.12).

Ezequiel fala da bondade do Senhor com Israel quando "o teu tempo era tempo de amores" (16.8). Mas os babilônios "vieram ter com ela [...] para o leito dos amores" e contaminaram-na (23.17).

Em Provérbios 7.18 a prostituta diz ao jovem desajuizado: "Vem, saciemo-nos de amores até pela manhã" (IBB).

dôd é "tio" em Levítico 20.20, onde deitar-se com a própria tia é proibido (*gâlâ, q.v.*). Fazer assim é descobrir "a nudez de seu tio". Entre aqueles que deviam redimir um homem vendido a outro por motivo de pobreza estão "seu tio, ou o filho de seu tio" (IBB, Lv 25.49). Outras referências a "tio" são meras identificações.

dāwid. ***Davi.*** Davi, filho de Jessé, rei de Israel. Acredita-se que o nome provenha de *dôd*, "amado", mas não há certeza sobre a etimologia. A palavra tem sido comparada com o termo identificado em Mari, *dawidum*, "líder", mas isso é bastante incerto (JNES, 17:130).

A maior parte das mais de mil ocorrencias desse nome encontra-se nos livros históricos que contam sobre sua vida e reinado: Samuel, Crônicas e Reis. Devido à sua proeminência, à natureza ideal de sua pessoa e reinado e à aliança messiânica feita com ele, referências a Davi também aparecem em Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oséias, Amós e Zacarias.

Seu nome é mencionado no título de 75 salmos e também 13 vezes no corpo de salmos específicos. Referências nos títulos indicam autoria davídica ou apontam para inclusão de certos salmos numa antiga coleção davídica.

O nome de Davi aparece pela primeira vez em 1 Samuel 16.13, na narrativa de sua unção como rei por Samuel, num acontecimento de natureza particular. Sua vida pode ser dividida em quatro partes: os primeiros anos, que incluem sua unção por Samuel, seus préstimos a Saul (acalmando o espírito de Saul com a música que tocava) e sua vitória sobre Golias; os anos de exílio, tempo em que foi perseguido por Saul e durante o qual reúne em torno de si um exército particular e consolida seu controle sobre uma grande parte de Judá; os sete anos de seu reinado sobre Judá, tendo Hebrom como capital, e de crescente influência sobre o norte; e finalmente os 33 anos de governo sobre todo o Israel,

com guerras vitoriosas, expansão das fronteiras de Israel, centralização religiosa e administrativa em Jerusalém e crescente influência e prosperidade material no mundo de sua época.

O impacto teológico da vida de Davi é da maior importância. Conquanto seja alguém que, revelando brutalidade nas guerras e arrogância como líder, reflita o espírito de sua época, Davi é, ainda assim, o exemplo de devoção a seu Senhor e aos ideais da palavra revelada de Deus. Isso se vê não apenas nos salmos mas também nas narrativas dos livros históricos. É Davi quem traz a arca para Jerusalém e esforça-se por estabelecer a vida religiosa revelada por meio de Moisés. É Davi quem, devocionalmente, guia o povo com seus salmos, os quais constantemente falam de fidelidade e da obediência ao Senhor. E Davi quem faz preparativos para a construção e o serviço do templo, muito embora não tenha recebido permissão da construção propriamente dita.

O mais importante significado teológico de Davi repousa, contudo, em seu reconhecimento da relação que existe entre o rei ungido e o Senhor. A partir desse entendimento surge a doutrina do messias (de *māshah*, "ungir"). Davi foi um perfeito recebedor da aliança que prometeu não apenas uma dinastia eterna, mas um filho que também seria "filho de Deus", governando para sempre sobre o reino de Deus (2 Sm 7.11-16; 1 Cr 17.10-14). Referências específicas a Davi como alguém que prefigurava o Messias são: Ezequiel 34.23, 24; 37.24, 25; Oséias 3.5; Jeremias 30.9. Existem, além disso, expressões figurativas acerca do Filho maior do grande Davi, "rebento" ou "renovo" ou "raiz de Jessé" (Is 11.1, 10). O "renovo justo" de Davi (Jr 23.5; 33.15), o tabernáculo (*sukkâ*) de Davi (Am 9.11) e o tabernáculo (*'ohel*) de Davi (Is 16.5).

O nome Davi é empregado nas seguintes expressões descritivas: cidade de Davi (2 Sm 5.7, 9), casa de Davi (2 Sm 3.1, 6), trono de Davi (2 Sm 3.10; 1 Rs 1.37), sepulcro de Davi (Ne 3.16; 2 Cr 32.33), torre de Davi (Ct 4.4), instrumentos musicais de Davi (Ne 12.36), Deus de Davi (2 Rs 20.5) e misericórdias de Davi (2 Cr 6.42; Is 55.3).

Bibliografia: AP-THOMAS, D. R., Saul s "uncle", *VT*, 11:240-45. — STAMM, J. J., Der Name des Königs David, *Supp VT*, 7:165-83.

E.S.K.

דּוֹדִי (*dûday*) Veja o n.º 410d.

411 דָּוָה (*dāwâ*) ***enfermidade.***

Termos Derivados

411a †דָּוַי (*d'way*) ***abatido.***

411b דָּוֶה (*dāweh*) ***fraco.***

411c †מַדְוֶה (*madweh*) ***doença.***

411d †דַּוַּי (*dawway*) ***fraco.***

411e דְּיוֹ (*d'yô*) ***tinta***

O ugarítico *dw* e o árabe *dawiya* significam "estar doente".

Levítico 12.2 diz que as secreções que seguem o nascimento de uma criança tornam a mãe impura. O contato com um cadáver também deixava a pessoa impura. Neste último

caso era necessário que a pessoa se purificasse mediante aspersão com água misturada com as cinzas de uma novilha vermelha (Nm 19.14-19). Evitar a contaminação provocada pelo fluxo menstrual fazia parte da prática genérica de evitar excreções do corpo, muitas das quais são perigosas por provocarem infecções. Essa prática generalizada de evitar contaminação contribuía para a saúde pública de Israel. Ao mesmo tempo, ela recebia sanção religiosa ao ser supervisionada pelos sacerdotes. Toda impureza tornou-se um tipo de pecado, o qual devia ser purificado mediante redenção. A lei acerca da menstruação inculcava o estar alerta contra a contaminação (Lv 15). Conforme se vê pelo contexto, o perigo previsto na lei é a excreção anormal, fruto de enfermidade. Aqueles que tivessem relações sexuais estando um dos parceiros nessa condição eram passíveis de castigo (Lv 20.18). Contudo não estão claros os detalhes da lei — se a referência é a relações sexuais dentro do casamento (o texto não diz "sua esposa") ou a um caso em particular de estupro ou adultério.

dawway. ***Fraco,*** indicando uma fraqueza temporária do corpo ou da alma. É apropriado o sentido de "fraco" para traduzir *dawway* (Is 1.5), visto que Israel gastou todas as suas forças na idolatria. A condenação que aguarda Israel deixa Jeremias fraco (Jr 8.18), pois ele não consegue enxergar nenhum alívio para seu povo.

dᵉway. Abatido, triste. Jó, que é aconselhado a aceitar suas aflições como a devida retribuição por algum pecado secreto, rejeita o conselho como algo repugnante (*dᵉway*. 6.7), não vendo qualquer motivo para essas aflições.

madweh. Doença. Ugarítico *mdw*, "enfermidade". Em Deuteronômio 7.15 e 28.60, *madweh* acentua o caráter repugnante das doenças do Egito: elefantíase, disenteria e oftalmia (KLINE, *Treaty of the great king*, p. 69).

H.G.S.

412 דּוּח (*dûah*) ***jogar fora, purificar, lavar.***

A raiz significa purificar por meio de lavagem.

O ritual de sacrifício no templo de Salomão, ao contrário daquele do tabernáculo, tinha instalações separadas para purificar as ofertas. Havia cinco pias no norte e cinco no sul, onde as ofertas queimadas (*'olâ*) eram lavadas antes de colocadas no altar (2 Cr 4.6). As pernas e os órgãos internos das ofertas queimadas eram lavados a fim de eliminar a contaminação provocada pelo contato com as fezes dos animais durante o abate e o desmembramento.

Isaías (4.4) utiliza esta imagem ao descrever a purificação futura de Israel. Deus lavará os pecados, a transgressão e a idolatria do povo quando, ao passarem por aflição e juízo, eles se arrependerem e se voltarem para o Senhor.

A destruição de Judá e Jerusalém por Nabucodonosor é descrita como um "lançar fora" (IBB, ARC, Jr 51.34).

A idéia de lavar é retomada no NT, tornando-se o pensamento central da expressão "lavar regenerador" (Tt 3.5), mediante a qual o fiel (cristão) é lavado do velho homem do pecado.

H.G.S.

דִּוַּי (*d'iway*). Veja o n.º 411a.

דַּוַּי (*dawway*). Veja o n.º 411d.

דָּוִיד (*dāwîd*). Veja o n.º 410c.

413 דּוּךְ (*dûk*) ***triturar, bater*** (em pilão, Nm 11.8)

Termo Derivado

413a מְדֹכָה (*mᵉdōkâ*) ***pilão, gral.***

414 דּוּכִיפַת (*dûkîpat*) ***ave imunda, talvez poupa*** (Lv 11.19; Dt 14.18).

415 דום (*dwm*). **Aceita como raiz de:**

415a דּוּמָה (*dûmâ*) ***silêncio.***

415b דֻּמִיָּה (*dûmîyâ*), דְּמִיָּה (*dᵉmîyâ*) ***silêncio, descanso.***

415c דֻּמָּם (*dûmām*) ***mudo, calado.***

dumâ. ***Silêncio.*** Em ugarítico significa "manter silêncio"; em árabe, "durar", "estar imóvel" (com referência a água); e em etíope, "estar estupefato".

A palavra tem também a conotação de "silêncio [fruto] da morte". O salmista louva o Senhor por ter escapado por um triz da terra do silêncio (Sl 94.17) e assinala que a glória do Senhor não é exaltada por aqueles cujo louvor é silenciado pela morte (115.17).

dûmîyâ. ***Silêncio, descanso.*** Às vezes é bom manter silêncio, mas em outras horas isso é mau. O Messias lamenta que, uma vez que Deus aparentemente deixou de responder à sua oração, ele não encontra descanso ou alívio algum para sua situação (Sl 22.12). Davi descobriu que, quando guardava silêncio por medo de seus inimigos, sua aflição piorava (Sl 39.2). Seria errado manter-se em silêncio quando se deve prestar louvor, de forma que o louvor está à espera de Deus em Sião (Sl 65.1). De outro lado, é bom esperar em Deus em silêncio (Sl 62.1). No entanto, nesta passagem a palavra pode provir de *dāmâ*, "parecer-se com" (como traduz a KJV). Talvez "O louvor espera por ti, ó Deus, em Sião" (NIV; rodapé "é apropriado a").

dûmām. Mudo, calado. Palavra empregada para descrever ídolos mudos (Hc 2.19). Às vezes o silêncio é provocado pelo juízo, mas em outras oportunidades é fruto da fé. Por essa razão deve a Babilônia daqui por diante estar calada porque Deus acabou com a sua glória (Is 47.5). Mas uma atitude de não lamuriar deve caracterizar aqueles que confiam em Deus (Lm 3.26).

דְּמִיָּה (*dûmîyâ*). Veja o n.º 415b.

דֻּמָּם (*dûmām*). Veja o n.º 415c.

דּוֹנַג (*dônag*). Veja o n.º 444a.

416 דוּץ (*dûts*)

416 דוּץ (*dûts*) ***saltar, pular, dançar*** (Jó 41.14, somente).

417 דוּק (*dwq*). **Aceita como raiz de:**
417a דִּיק (*dāyēq*) ***baluarte, trincheira*** (*e.g.*, 2 Rs 25.1; Ez 4.2)

418 דוּר (*dûr*) ***amontoar, empilhar, habitar.***

Termos Derivados

418a דּוּר (*dûr*) ***círculo, bola.***
418b דּוֹר (*dôr*), דֹּר (*dōr*), ***geração.***
418c מְדוּרָה (*m'dûrâ*) ***pilha*** (de madeira, *etc.*)

Às vezes existe uma palavra hebraica em que, para se descobrirem antigos padrões de pensamento, a etimologia é de suma importância na identificação do contexto de vida em que a palavra deve ser entendida. É o que ocorre aqui. Todos os estudiosos concordam que o substantivo *dôr* deriva do verbo *dûr*. O sentido básico e simples, não encontrado de forma expressa em nenhum texto bíblico, é mover-se em círculo, dar voltas. Pelo fato de as cinzas, os cereais, a farinha e outras coisas, quando amontoados, formarem um círculo no chão, os antigos semitas empregaram essa palavra para "amontoar" ou "empilhar alguma coisa" — pensando concretamente na forma da pilha em sua base em vez de, como fazemos, na altura ou contorno da elevação criada. De igual maneira, visto que as casas eram geralmente um grupo de aposentos em torno de um pátio central e, talvez pelo fato de serem circulares algumas casas bem antigas, a palavra foi empregada com o sentido de "habitar". Essa análise encontra forte apoio no fato de que *dûr*, substantivo que ocorre apenas duas vezes e igualmente provem de *dûr* (verbo), deve ser traduzido por "bola" (Is [illegible]18), "derredor" (Is 29.3) e "pilha" (Ez 24.5). Desse modo um significado original de "andar em círculos" (o que é confirmado em cognatos árabes e assírios e inferiu-se mediante um raciocínio *a posteriori*, em que se buscou identificar um elo comum entre as idéias de empilhar e habitar), embora aparentemente desusado na época do AT, fornece a base para uma palavra de importante significado teológico.

dôr, dōr. ***Geração.*** Mediante uma figura plenamente compreensível, a vida de uma pessoa, começando pelo ventre da terra e para lá voltando (Gn 3.19), é um *dôr;* de modo análogo, a partir da concepção e o nascimento de alguém até a concepção e o nascimento de seus filhos tem-se também um *dôr*. Um período de tempo mais longo e vários outros sentidos correlatos seriam inevitáveis numa língua inclinada a metáforas.

Assim sendo, a seguinte análise do uso concreto de *dôr* no AT surge de forma bem natural:

1. O ciclo da vida de alguém, do nascimento à morte. Esse é o significado aparente de Gênesis 15.16, onde quatro gerações cobrem um período de 400 anos (*cf.* Gn 15.13). Isso está de conformidade com a grande longevidade dos patriarcas hebreus (KEIL, *Commentary*, p. 216). "Na época dos patriarcas era visto como um período de cem anos. [...] É assim que, entre os romanos, a palavra *seculum* originariamente tinha o sentido de uma era ou geração e mais tarde passou a denotar século" (GESENIUS, *Lexicon*, trad. Edw.

Robinson, 26. ed., 1891). Essa idéia está presente nas passagens que falam de uma geração como algo que se vai, em vez de algo que é sucedido por outra (Dt 1.35; 2.14).

2. Com maior freqüência, o ciclo de vida de uma pessoa desde sua concepção e nascimento até a concepção e nascimento de seus filhos. Exemplos conhecidos estão na repetida frase "até a décima geração" (Dt 23.2[3]; 3[4]) e em "os filhos que lhes nascerem na terceira geração" (Dt 23.8[9]). Usos mais amplos relacionados abaixo baseiam-se neste sentido.

3. Período ou era de tempo. *dôr* é empregado em variadas combinações para expressar tal idéia: *dôrôt sh'lāmîm* (Is 51.9); *dôr wādôr* (Dt 32.7); *l'dōr dōr* (Êx 3.15); *b'kol dōr wādôr* (Sl 45.18); *ad dōr wādôr* (Sl 100.5); *b'dōr dōrîm* (Sl 102.25). Existem outras. Em algumas, *dôr* indica uma época ou período do passado (Is 51.9), do futuro (Êx 3.15), do passado e futuro (Sl 102.24). Em muitas ocorrências o objetivo é indicar um período interminável, *i.e.*, a eternidade, freqüentemente em paralelo com outros termos concretos, como *'ôlām*, "para sempre" (Sl 89.1[2]) ou *'im shemesh* e *w'lipnê yārēah*, literalmente, "com o sol e diante da lua".

4. Grupo — em oposição a uma só pessoa — em relação a outro por descendência natural (Jz 2.10). Esse é um grupo de posteridade, como no caso da "quarta geração" dos descendentes de Jó (Jó 42.16) e em referências tais como "no decurso das suas gerações" (Gn 17.7, 9) e "por todas as vossas gerações" (IBB, Gn 17.12; veja também Êx 12.14, 17, 42 *et al.*).

5. Um uso especial do quarto sentido acima é simplesmente "contemporâneos", por exemplo, "e quem dentre os da sua geração considerou [...]?" (IBB, Is 53.8; *cf.* Gn 6.9 *dôrōtāyw*, "em sua própria geração e naquelas imediatamente contíguas" [BDB]).

6. Mediante uma transição natural, esta palavra é amplamente empregada em sentido metafórico para indicar uma classe de pessoas que se caracterizam por determinada qualidade moral ou espiritual. Assim sendo, Deus "está com a linhagem do justo" (Sl 14.5), e aqueles cujas "mãos" e "corações" estão limpos são "a geração dos que [...] buscam" a face de Deus (Sl 24.6). Os ímpios "pais" existentes em Israel foram uma "geração obstinada e rebelde, geração de coração inconstante" (Sl 78.8). Esse emprego é bastante usual (veja Pv 30.11, 12, 13, 14; Jr 2.31; 7.29).

Por meio da LXX, na palavra *genea*, esse uso torna-se um hebraísmo que ocorre com marcante freqüência na boca de Jesus no NT grego (*e.g.*, Mt 11.16; 12.29, 45; 16.4; 17.17, *etc.*). João Batista e Jesus empregaram *gennēma*, *genēma*, com semelhante sentido (Mt 3.7; 12.34; 23.33; Lc 3.7).

Na LXX *dôr* é com mais freqüência traduzida por *genea*, raramente *genēsis*; jamais *gennēma*, *genēma* (HATCH and REDPATH, *Concordance to the* LXX).

No AT o uso cronológico é predominante (item 3, acima), embora o metafórico (item 5) seja teologicamente o mais significativo.

Deve-se assinalar que, no sentido cronológico, esse vocábulo é apenas um dos muitos termos bíblicos que designam tempo, demonstrando que a revelação apresenta o tempo como fenômeno com duração e mensurável. A duração não pode ser excluída da idéia bíblica de tempo.

Bibliografia: ACKROYD, P. R., The Meaning of Hebrew דור considered, *JSS*, 13:3-10. — NEUBERG, Frank J., An unrecognized meaning of hebrew DÔR, *JNES*, 9:215-17. — *THAT*, v. 1, p. 443-44.

R.D.C.

419 דוּשׁ (*dûsh*)

419 דוּשׁ (*dûsh*), דִּישׁ (dîsh) **pisar, trilhar.**

Termos Derivados

419a דִּישׁ (dayish) **debulha.**
419b מְדֻשָׁה (m'dushâ) **aquilo que é debulhado.**
419c דִּישׁן (dîshōn) **um animal limpo.**

O aramaico é igual, e no acadiano a palavra, aplicada a bois que debulham, significa "pisar em". Existem apenas duas referências ao debulhamento propriamente dito (1 Cr 21.20; Is 28.27, 28). Oséias (10.11) emprega *dûsh* para indicar uma atitude.

Isaías 28.27 menciona que diferentes métodos eram usados para diferentes tamanhos de grãos: os maiores eram debulhados mediante trilhamento e o cominho, com vara.

Raramente os instrumentos de debulha são mencionados, embora Isaías fale da roda de carro (28.28) e do trilho dentado (41.15). Os grãos eram separados da palha por joeiramento quando o vento era favorável. O abanador (ARA, "pá", 30.24) ou vassourinha era utilizado para varrer fora a poeira quando ela se assentava.

Finalmente o cereal era passado por uma peneira para separar da sujeira (*cf.* Am 9.9; Is 30.28; Lc 22.31).

dûsh também é usado no sentido figurado. A debulha, com seu rompimento da casca do cereal, fala da derrota dos adversários de Hazael de Damasco (2 Rs 13.7). *dûsh* é usado na ameaça que Gideão faz contra os anciões de Sucote (Jz 8.7) e para descrever a conquista de Gileade pela Síria (Am 1.3). Também é empregado para referir-se à vitória de Israel sobre seus inimigos (Mq 4.13; Is 41.15). Sobre este último versículo, veja HAMLIN, E. J., *JNES*, 13:185-90. Hamlin sustenta que em Isaías 41.15 e ss. os montes e as colinas são mencionados por serem locais de adoração pagã.

H.G.S.

420 דָּחָה (*dāhâ*) ***perseguir, transbordar, atirar, impelir com força, cambalear, expulsar, ser expulso, derrubar.***

Termos Derivados

420a דַּחִי (*dᵉhî*) ***queda.***
420b מִדְחֶה (*midheh*) ***ruína.***

A raiz tem a conotação de "perseguir e derrubar", com o objetivo de ferir. Ela ocorre duas vezes como um infinitivo absoluto intensivo. Em árabe significa "impelir".

O salmista descreve Israel como alguém que vem sendo pressionado duramente por seus inimigos com o objetivo de provocar a sua queda (Sl 118.13). Em uma ocasião Davi compara-se a um muro instável por se ver atacado pelos ímpios (Sl 62.3[4]). Em outra oportunidade ele se queixa de que os ímpios estão tentando passar-lhe rasteira nos pés, isto é, provocar sua queda (Sl 140.4[5]). Mas em outra passagem ele louva a Deus por não deixar seus pés cair (Sl 56.13[14]; *cf.* 116.8). Jeremias prediz que a busca da impiedade pelos profetas e sacerdotes ímpios conduzirá, por fim, a caminhos escorregadios e

tenebrosos, aonde serão levados e cairão (Jr 23.12), e o sábio assevera que, enquanto os justos encontram refúgio na hora da morte, os ímpios são empurrados a uma ruína definitiva na hora da calamidade (Pv 14.32). Ele também conclui que uma língua lisonjeira provoca uma grande queda (Pv 26.28). Davi ora para que o anjo de Deus persiga os ímpios e provoque a sua destruição (Sl 35.5). Isaías antevê o dia em que os expulsos de Israel serão reunidos e trazidos de volta da Diáspora (Is 11.12; 56.8).

H.G.S.

421 *דָּהָה (dāhāh) ***ser jogado ao chão.*** Ocorre apenas uma vez, no nifal (Jr 23.12).

דְּהִי (*d'hî*). Veja o n.º 420a.

422 דהן (*dhn*) **Aceita como raiz de:**

422a דֹּחַן (*dōhan*) ***painço*** (Ed 4.9, somente).

423 דָּחַף (*dāhap*) ***impelir, apressar*** (*e.g.*, Et 3.15; 6.12).

Termo Derivado

423a מַדְחֵפָה (*madhēpâ*) ***golpe*** (Sl 140.12, somente).

424 דָּחַק (*dahaq*) ***atirar, empurrar, amontoar, oprimir*** (Jl 2.8; Jz 2.18).

425 דַּי (*day*) ***suficiência, o bastante***, combinado com preposições: בְּדֵי, מִדֵּי, *etc.*

דִּיג (*dîg*) Veja o n.º 401c.

דַּיָּג (*dayyāg*). Veja o n.º 401d.

דַּיָּה (*dayyâ*). Veja o n.º 394b.

דְּיוֹ (*d'yô*). Veja o n.º 411e.

426 דִּין (*dîn*) ***julgar, contender, suplicar, pleitear.***

Termos Derivados

426a דִּין (*dîn*) ***julgamento.***

426b דַּיָּן (*dayyān*) ***juiz.***

426c מָדוֹן (*mādôn*) ***luta, contenda.***

426d מְדִינָה (*m'dînâ*) ***província.***

Esta palavra, junto com o substantivo que lhe é derivado, *dîn*, tem significado quase idêntico ao de *shāpat* (*q.v.*) e do substantivo derivado *mispāt* (*q.v.*). Aparece apenas 23 vezes, uma fração das vezes em que *shāphat* e *mishpāt* aparecem. Das 23 vezes, cinco

são paralelos de *shāpat* (Jr 5.28; 22.16; Pv 31.8; Sl 7.8[9]; 9.8[9]), e em duas outras a palavra está associada no texto com *mishpāt* (Sl 72.2; Jr 21.12). Desse modo, um terço das ocorrências revela o quão intimamente a idéia de *dîn* estava identificada ou associada com a raiz *shāpat*. O verbo também ocorre em ugarítico e em paralelo com *tpt* (o cognato de *shāpat*) (FISHER, *RSP*, v. 1, p. 166). De igual modo, uma lista semelhante de termos associados com *dîn* (lista esta quase idêntica apesar de suas limitações) demonstra uma identidade bastante próxima de sentido com *mêshārîm*, "retidão", "eqüidade" (Sl 96.10; *cf.* Sl 75.2) e com *gāsha'* (Sl 54.1[3]; *cf.* Sl 72.4). Tal como acontece com *shāpat*, *dîn* representa o domínio de Deus tanto entre seu *povo* [Israel] como entre todos os povos (Sl 135.14 "povo"; Sl 7.8[9] "povos"; *cf.* Sl 72.2; Sl 9.8[9]). Dentro das limitações impostas pelo pequeno número de ocorrências, pode-se dizer que a gama de significados é exatamente a mesma: governar, em todo o elenco de atividades de governo: legislativa, executiva, judiciária ou ainda outra. Veja a análise de *shāpat* e *mishpāt*. A diferença entre os termos é simplesmente que *dîn* é poético e provavelmente também arcaico e mais elegante. Das 23 ocorrências, somente uma encontra-se fora dos livros classificados pelos protestantes como poéticos e poético-proféticos. A exceção é a única forma passiva — um particípio nifal (2 Sm 19.9[10]).

O grande significado teológico dessa palavra é que aparentemente, à semelhança de *shāpat*, ela incorpora a idéia de governo, em qualquer de seus âmbitos e em todos os seus aspectos.

Bibliografia: SPEISER, E. A., YDWN, Gen 6:3, *JBL*, 75:126-29. — *THAT*, v. 1, p. 448-50.

R.D.C.

דִּיק (*dāyēq*). Veja o n.º 417a.

דִּישׁ (*dîsh*). Veja o n.º 419.

דַּיִשׁ (*dayish*). Veja o n.º 419a.

דִּישׁוֹן (*dishôn*). Veja o n.º 419c.

דַּךְ (*dak*). Veja o n.º 429a.

427 *דָּכָא (*dākā'*) ***ser esmagado, estar contrito, quebrantado.***

Termos Derivados

427a †דַּכָּא (*dakkā'*) ***I, contrito, esmagado.***

427b דַּכָא (*dakkā'*) ***II, pó (aquilo que é esmagado).*** De acordo com Sl 90.3. Deus faz o homem voltar ao pó.

dākā' é empregado no piel e no pual, e duas vezes no hitpael (Jó 5.4; 34.25). Esse verbo é usado somente em poesia. (*Cf. dākak*, *dākâ*, e o acadiano *dakāku*.)

dākā' e seus termos derivados são usados apenas com referência a pessoas, com exceção de Salmos 89.10[11], que menciona o esmagamento de Raabe, provavelmente uma referência à vitória de Deus sobre o Egito. Com freqüência Deus é o sujeito do verbo. É ele quem esmaga os opressores (Sl 72.4) e os ímpios (Jó 34.25), mas não esmaga os pres[illegible] sob seus pés (Lm 3.34). Jó pede a Deus que o esmague e acabe com sua miséria (6.9). De

acordo com Isaías 53.10, Deus chegou a esmagar seu servo. O versículo 5 indica que ele foi "moído pelas nossas iniqüidades". Isso destaca o sofrimento emocional e espiritual do Salvador quando se fez pecado por nós (*cf.* Sl 51.8[10]).

Várias vezes são os ímpios ou os inimigos que estão esmagando os justos (Sl 94.5; 143.3). Até mesmo os líderes de Israel eram culpados de esmagarem o seu povo (Is 3.15). Os pobres e os necessitados são, às vezes, esmagados no tribunal (Pv 22.22; *cf.* Jó 5.4).

A fragilidade humana se vê na brevidade da vida, quando o homem volta ao pó (Sl 90.3). Jó 4.19 contrasta o homem com os anjos e assinala que ele é esmagado mais facilmente do que uma traça.

dakkā' I. ***Contrito, esmagado.*** "Esmagado" também pode ter as nuanças positivas de "humilde, contrito". Deus está perto daqueles que têm o coração quebrantado e estão contritos (Is 57.15; Sl 34.18[19]). Ele condena Israel por deixar de se humilhar mesmo depois da queda de Jerusalém (Jr 44.10).

H.W.

428 דכה (*dākâ*) ***ser esmagado, estar quebrantado, contrito.***

Termo Derivado

428a דכי (*dokî*) ***esmagamento, pancada*** (Sl 93.3, somente).

Este verbo é uma forma variante de *dk'*, que também significa "esmagar", e de *duk*, "triturar, bater". É usado somente em Salmos, duas vezes no nifal (38.8[9]; 51.17[19]) e duas no piel (44.19[20]; 51.8[10]). A forma que aparece em Salmos 10.10 é objeto de disputa, conquanto seja possivelmente um uso do qal. A maioria das traduções traz "abaixa-se" (ARA. IBB), embora "ele é esmagado" também seja plausível.

O verbo ocorre apenas em lamentos e é coerentemente empregado para designar aquele que está física e emocionalmente oprimido por causa de pecado ou do ataque de um inimigo. Em Salmos 51.8[9] e provavelmente 38.8[9], o salmista fala de seus ossos serem quebrados por causa de seu envolvimento no pecado. O salmo 51 refere-se ao adultério de Davi com Bate-Seba e à subseqüente convicção de pecado que ele experimentou. No versículo 17[19] ele assinala com um certo consolo que Deus não despreza um coração "compungido e contrito" (heb., "esmagado"). O mesmo paralelo (com o uso de *dk'*) ocorre em Salmos 34.18[19]. Em Salmos 74.21 "oprimido" é paralelo de "aflito" e "necessitado".

Em Salmos 44.19[20] parece que a situação refere-se a uma derrota militar em que a nação foi "esmagada". Nesse salmo não se faz nenhuma menção de pecado e, assim mesmo, a terra foi humilhada e tomada por chacais (*cf.* Jr 9.11). Provérbios 26.28 assinala que um mentiroso odeia as pessoas que ele atinge.

H.W.

429 דכך (*dkk*). **Aceita como raiz de:**

429a דך (*dak*) ***esmagado, oprimido*** (*e.g.*, Sl 74.21; Pv 26.28).

429b דכה (*dakkâ*) ***esmagamento*** (Dt 23.2, somente).

430 דָּלַג (*dālag*)

דָּל (*dāl*), דַּל (*dal*). Veja os n.ºs 431a, 433a.

430 דָּלַג (*dālag*) ***saltar*** (*e.g.*, Sf 1.9; 1 Sm 5.5).

431 דָּלָה (*dālâ*) ***tirar*** (água).
- 431a דַּל (*dāl*) ***porta.***
- 431b דָּלָה (*dālâ*) ***porta.***
- 431c דַּלִּי (*dalî*) ***balde.***
- 431d דָּלִיּוֹת (*dālîyôt*) ***ramo, galho.***
- 431e דֶּלֶת (*delet*) ***porta.***

delet. *Porta, portão, folha* (de uma porta). Este substantivo é usado 86 vezes no AT e, com uma única exceção, sempre se refere à porta de uma casa, de um cômodo da casa, de um templo, ou às portas de uma cidade. Às vezes é utilizado metaforicamente (Ct 8.9; Jó 3.10; 38.8; 41.14[6]; Sl 78.23). Numa única passagem, Jeremias 36.23, parece que a palavra descreve algum tipo de tabuinha em que Baruque anotou o que Jeremias ditava. Este último sentido de *delet* é agora confirmado por descobertas feitas no ugarítico e no fenício, onde *dlt* pode significar tanto "porta" quanto "tabuinha". Também nas cartas de Laquis (em hebraico, século VI a.C.), carta n.º 4, linha 3, encontra-se a frase *ktbty 'l hdlt*, "escrevi na tabuinha". Pode-se também comparar com a palavra grega *deltos*, "tábua de escrever".

Nos tempos bíblicos as portas eram feitas de tiras ou pranchas de madeira unidas por tiras de metal, geralmente bronze ou ferro. Na realidade a porta era um conjunto que, além da porta propriamente dita, incluía: duas ombreiras (*mᶜzûzâ*), que são os lados verticais da porta; uma arquitrave (*mashqôp*), o lado horizontal superior da porta; e uma soleira (*sap*), o lado horizontal inferior da porta. Portas mais largas, como aquelas usadas na entrada de cidades ou em grandes prédios tinham uma terceira coluna vertical em que duas folhas de porta, cada uma presa no respectivo batente, se juntavam quando fechadas. Isso está implícito nas inúmeras vezes em que *delet* é usado no dual na Bíblia. A porta, que geralmente abria para dentro, não possuía dobradiças como hoje. Um dos lados verticais da porta tinha uma vara vertical que girava apoiada em cavidades. A cavidade inferior era geralmente uma pedra lavrada. A cavidade superior consistia de uma estrutura de metal ou um buraco feito na arquitrave.

Deve-se fazer distinção entre *delet* e outras palavras de sentido semelhante. Com relação a *sha ar*, "portão", *delet* representa somente a parte móvel, enquanto *sha'ar* denota a estrutura toda (Ne 3.1, 6, 13-15). Com relação a *petah*, "porta, entrada". *petah* é a entrada, o acesso, da casa. *delet* é um instrumento para fechar e abrir a entrada. Além disso, *delet* é usado somente em relação a uma casa construída. Desse modo, compare-se a palavra dita por Deus a Caim, "Eis que o pecado jaz à porta" (*petah*, Gn 4.7). "Apareceu o SENHOR a Abraão [...] à entrada (*petah*) da tenda" (Gn 18.1).

Isso faz lembrar que Deus disse a seu povo, logo antes do êxodo do Egito, para passar sangue nas ombreiras (*mᶜzûzâ*) e na arquitrave (*mashqôp*), mas não na porta em si (Êx 12.7). O anjo da morte passaria longe daquelas casas onde essas providências tivessem sido tomadas.

Em Deuteronômio 6.4 e ss. e 11.20 existe uma referência ao costume antigo e ainda hoje vigente de pendurar a *mᶜzûzâ* na ombreira. No judaísmo contemporâneo a *mᶜzûzâ* refere-se não à ombreira em si, mas ao rolo de pergaminho que é preso à porta. Num dos lados do rolo encontram-se aquelas palavras de Deuteronômio. No verso do pergaminho existe a palavra *shadday*, que é não apenas um dos nomes de Deus, "Todo-poderoso", mas também o acrônimo de *shômēr daltôt yisrā'ēl*, "Guardião das portas de Israel". Quão apropriado então é Jesus dizer "Eu sou a porta das ovelhas" (Jo 10.7).

V.P.H.

דַּלָּה (*dallâ*). Veja o n.º 433b,c.

432 דָּלַל (*dālah*) ***turvar*** (Ez 32.2).

דַּלִּי (*dᵉlî*). Veja o n.º 431c.
דַּלְיוֹת (*dālîyôt*). Veja o n.º 431d.

433 דלל (*dālal*) ***estar baixo, ficar dependurado.***

Termos Derivados

433a דַּל (*dal*) ***aquele de condição humilde.***
433b דַּלָּה (*dallâ*) ***fio da urdidura.***
433c דַּלָּה (*dallâ*) ***o mais pobre, inferior.***

Esta raiz tem a conotação de humildade, quer como condição quer como objetivo. Ocorre 62 vezes. Usado metaforicamente, o verbo descreve um estado de privação que, devido à extrema penúria, expressa um clamor a Deus. Às vezes refere-se ao debilitamento físico (Jz 6.6). O substantivo *dallâ* 1 descreve cabelo (Ct 7.5[6]) e linha que pende da urdidura (Is 38.12). Aparentemente *dālal* é aplicado a mineiros suspensos por cordas (Jó 28.4) e às pernas do coxo (Pv 26.7), que "pendem bambas". Também descreve cursos d'água que estão secos (Is 19.6).

dal. ***Aquele de condição humilde.*** Esta raiz ocorre com maior freqüência na forma adjetiva. Ao contrário de *'ānî*, *dal* não enfatiza dor nem opressão; ao contrário de *'ebyôn*, ela basicamente não enfatiza necessidade; e, ao contrário de *rāsh*, ela representa aqueles que têm necessidades mas não em nível absoluto. Podemos considerar *dal* como palavra que se refere a alguém das classes mais pobres de Israel (*cf.* 2 Rs 24.14; 25.12). Em *dal* predomina a idéia de privação física (material). Compare também *dallâ*, que denota o oposto de gordo (Gn 41.19) e os mais pobres e de nível mais baixo em Israel, os quais os babilônios deixaram ficar (2 Rs 24.14). Gideão citou a fraqueza (*dal*) de seu clã quando questionou o chamado divino para que fosse libertar Israel (Jz 6.15, *cf.* 2 Sm 3.1). *dal* descreve a aparência de Amom enquanto ele estava obcecado por Tamar (2 Sm 13.4).

dal denota a falta de bens materiais (Pv 10.15) e de poder social (Am 2.7). Tais

pessoas são contrastadas com os ricos (Êx 30.15; Rt 3.10) e os grandes (Lv 19.5). Deus ordena sua proteção (Êx 23.3; Lv 14.21; Is 10.2) e promete-lhes justiça (Is 11.4). Só raramente *dal* é usado para designar pobreza espiritual (*cf.* Jr 5.4), e na maioria das vezes tais usos são paralelos de *'ebyôn*, necessitado (Is 14.30).

L.J.C.

434 דָּלַף (*dālap*) ***deixar cair, gotejar*** (Jó 16.20; Sl 119.28; Ec 10.18).

Termo Derivado

434a דֶּלֶף (*delep*) ***gotejamento*** (Pv 19.13; 27.15).

435 דָּלַק (*dālaq*) ***perseguir incansavelmente*** (*e.g.*, Gn 31.36; Ob 18).

Termo Derivado

435a דַּלֶּקֶת (*dalleqet*) ***inflamação*** (Dt 28.22).

דָּלֶת (*delet*). Veja o n.º 431e.

436 דָּם (*dām*) ***sangue***.

Esta importante palavra aparece 360 vezes no AT, grande número de vezes em Levítico (88 vezes) e em Ezequiel (55 vezes), seguindo-se Exodo (29 vezes), Deuteronômio (23 vezes) e Salmos (21 vezes). Pode-se dividir essas ocorrências em duas categorias gerais, na proporção aproximada de dois para um: 1) o derramamento de sangue mediante violência e destruição, geralmente resultando em morte, como ocorre na guerra ou num homicídio; 2) o derramamento de sangue, sempre com a ocorrência de morte, num sacrifício a Deus.

Hoje em dia o debate teológico gira em torno do significado do que a palavra bíblica "sangue" simboliza num contexto de sacrifício. Em resumo, foram feitas duas sugestões. Uma é de que o sangue simboliza vida. O sangue da vítima é a vida que se foi com a morte. Desse modo, dizer que alguém é salvo pelo "sangue de Cristo" significa que somos salvos pela vida de Cristo ao participarmos de sua vida. Aqui dá-se muita ênfase a vários versículos do AT, todos dizendo substancialmente a mesma coisa: "A vida da carne está no sangue" (Gn 9.4; Lv 17.11,14; Dt 12.23).

A segunda interpretação, que é aceita neste artigo, enfatiza que no AT o sangue denota não a vida, mas a morte, ou, mais precisamente, a vida que é ofertada pela morte. Em face disso, deve-se assinalar que no AT não existe absolutamente nada que se assemelhe à preocupação mórbida com as sinistras divindades do além-túmulo, tais como as encontradas nos rituais cruentos dos vizinhos de Israel, onde a ênfase também estava no sangue como símbolo de morte.

As três passagens citadas acima não devem apresentar nenhum problema. Em vez de dizer que sangue é vida, elas simplesmente dizem que o sangue é a fonte de vida, o meio pelo qual a vida tem continuidade. Retirar o sangue é acabar com a vida. Por isso

surge daí no AT uma triplice proibição: 1) a santidade de vida; uma pessoa não pode derramar o sangue de outra. Em tais casos de homicídio é responsabilidade de um dos parentes agir como "remidor de sangue", *gô'ēl hā-adām* (ARA, IBB, ARC, "vingador de sangue"), em favor do falecido, matando o assassino (Nm 35.19; Dt 19.12). Em casos onde Deus é o vingador de sangue, o verbo empregado nunca é *gā'al*, mas *nāqam* — vingar (Dt 32.43) — ou *dārash* — buscar, exigir (Gn 9.5). Relacionados com isso estão aqueles casos em que um indivíduo cometeu uma infração da lei moral que requer a pena de morte. A expressão utilizada na Bíblia para descrever tal pessoa é "o seu sangue cairá sobre ele" (Lv 20.9, 11-13, 16, 27) ou "o seu sangue lhe cairá sobre a cabeça" (Js 2.19; 1 Rs 2.37).

2) O segundo princípio que emerge da relação entre sangue e vida é que, antes que o sacrifício de um animal pudesse ser oferecido a Deus, todo o sangue deveria ser tirado do animal e derramado ou no altar, ou no chão, ou em outro lugar (Lv 1.5; 4.6; Dt 12.24; Êx 12.7).

3) Comer sangue é proibido (Lv 3.17; 17.10-13; 1 Sm 14.31-35; Ez 33.25). A razão é bastante simples. Fazia-se expiação pelos pecados mediante o sacrifício da vida de animais em substituição à vida da própria pessoa; e o derramamento de sangue era o elemento mais importante na expiação do pecado. Daí a proibição de ingerir sangue. Ele era sagrado demais para o homem comum manipular.

Não resta dúvida de que teologicamente o ensino básico do AT sobre o sangue é de seu papel no perdão dos pecados. Deus promete expiação do pecado e purificação mediante o sangue de um substituto inocente. Quão lógico será então para o NT levar este conceito a seu pleno cumprimento e desdobramento. Somos reconciliados com Deus mediante a morte de seu Filho, e seremos salvos por sua vida (Rm 5.10).

Bibliografia: DEWAR, L., The biblical use of the term "blood", *JTS*, 4:204-208. — KOCH, M., Der Spruch "Sein Blut bleibe auf seinem Haupt" und die israelitische Auffassung vom vergossenen Blut, *VT*, 12:396-416. — MCCARTHY, D., The symbolism of blood and sacrifice, *JBL*, 88:166-76. — ___, Further notes on the symbolism of blood and sacrifice, *JBL*, 92:205-10. — MORRIS, L., The biblical use of the term "blood", *JTS*, 3:216-27. ———, *JTS*, 6:77-82. — REVENTLOW, H., Sein Blut komme über sein Haupt, *VT*, 10:311-27. — RICHARDSON, *TWB*, p. 33. — STEINMULLER, J., Sacrificial blood in the Bible, *Bib*, 40:556-67. — STIBBS, A., *The meaning of the word 'blood' in Scripture*, 3. ed., Londres, Tyndale, 1962. — *WOOD, Bryant, G., "In the blood is life" — A common belief in ancient times, Bible and spade*, 2:105-14. — *TDNT*, v. 1, p. 172-77. — *THAT*, v. 1, p. 448-50.

V.P.H.

437 דָּמָה (*dāmâ*) ***I, parecer, assemelhar.***

Termos Derivados

437a דְּמוּת (*d'mût*) ***semelhança.***

437b דְּמְיוֹן (*dimyōn*) ***semelhança.***

Este verbo aparece 30 vezes no hebraico bíblico e duas vezes no aramaico bíblico (Dn 3.25; 7-5). No grau Qal o verbo é empregado a maioria das vezes por pessoas e referindo-se a pessoas, quer na forma de declaração direta (Sl 144.4; 102.6[7]; Is 1.9), quer na forma

de pergunta retórica (Ez 31.2. 18; *cf.* v. 8, com relação ao Faraó egípcio). Uma pergunta semelhantemente estruturada encontra-se em Isaías 46.5, onde Deus expressa sua própria incomparabilidade. O verbo também é ideal para o autor de Cantares, onde os amantes procuram, cada um, figuras de linguagem apropriadas para descrever a profundidade do amor que têm um pelo outro: 2.9, 17; 7.8; 8.14; 1.9 (piel).

No grau piel o verbo assume o significado de "comparar, imaginar, pensar, pretender". São aqui de especial interesse aquelas referências nos capítulos finais de Isaías, onde o Senhor diz a seu próprio respeito que não existe nada nem ninguém a quem ele possa ser comparado (Is 40.18,25; 46.5; *cf.* Sl 50.21, onde Deus repreende o povo por tentar fazê-lo à imagem do homem). O corolário deste tema em Isaías seria algo mais ou menos assim: "Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há salvador" (Is 43.11). A questão básica desses versículos não é que Deus está dizendo que ninguém se compara a ele em aparência ou ser, mas que ninguém se lhe compara em ministério e função.

dᶜmût. ***Semelhança.*** Embora este substantivo seja usado apenas 26 vezes no AT, é uma palavra bastante importante. Ela aparece na seção teofânica de Ezequiel (1.5, 10, 13, 16, 22, 26, 28; 10.1, 10, 21, 22), e com bastante freqüência justaposta a *kᶜmarê*, "como a aparência de". Ezequiel toma todo cuidado para jamais dizer que viu a Deus, *'ĕlōhîm* (ao contrário do que fez Isaías em sua profecia (6.1), onde o objeto ou conteúdo da visão é *'ădōnāy*), mas apenas que ele viu a semelhança de Deus ou a semelhança do séquito que está em volta de Deus. Em tal prática ele se compara a Daniel (Dn 10.16) e a João no livro de Apocalipse (Ap 1.13), e talvez a Hebreus 7.3 (a apresentação de Melquisedeque). Todas essas passagens em Ezequiel referem-se a semelhanças visuais, mas Isaías 13.4 mostra que *dᶜmût* também pode ser empregado para designar semelhanças sonoras e semelhanças estruturais, no sentido de ser um padrão ou modelo (2 Rs 16.10, onde a palavra é paralela a *tabnît*).

Assinalamos, por fim, duas passagens importantes em que se afirma que o homem foi criado "à [imagem e] semelhança de Deus" (Gn 1.26; 5.1) e uma passagem onde se diz que Adão gerou um filho, Sete, "à sua semelhança" (Gn 5.3).

O nosso objetivo aqui não é examinar a doutrina da *imago Dei* em si. É enorme o número de estudos a respeito. Procuraremos verificar especificamente a relação, em Gênesis, entre *tselem* ("imagem", *q.v.*) e *dᶜmût* ("semelhança"). Em nenhuma outra passagem do AT esses dois substantivos são paralelos ou relacionados um com o outro. As seguintes sugestões foram feitas: 1) A teologia católica romana tem sustentado que "imagem" refere-se à semelhança estrutural do homem com Deus, uma imagem natural, que sobreviveu à queda, e "semelhança" indica a imagem moral do homem, com a qual ele é sobrenaturalmente dotado, e é essa semelhança que foi destruída na queda. 2) Das duas palavras, a mais importante é "imagem", mas para evitar a implicação de que o homem é uma cópia precisa de Deus, ainda que em miniatura, o termo menos específico e mais abstrato *dᶜmût* foi acrescentado. Dessa maneira *dᶜmût* define e limita o significado de *tselem* (Humbert, Barr). 3) Não se deve procurar estabelecer nenhuma distinção entre essas duas palavras. Elas são totalmente intercambiáveis. Em Gênesis 1.26, que descreve a resolução divina de criar, ambas as palavras são usadas. Mas no versículo 27, o ato real de criação, apenas *stelem* aparece, e não *dᶜmut*. As duas palavras estão tão mescladas entre si que nada se perde no significado com a omissão de *dᶜmût*. Mencione-se também que a LXX traduz *dᶜmût*, em Gênesis 5.1, não com a usual *homoiosis*, mas com *eikon*, o equivalente grego do hebraico *tselem* (Schmidt). 4) Não é *tselem* que é definida e limitada

por *d'mût*, mas o contrário. Aqui há duas coisas importantes: a) a semelhança entre *d'mut* e a palavra hebraica para "sangue", *dām*; b) na tradição mesopotâmica os deuses de fato criaram o homem a partir do sangue divino. Ao afirmar que *stelem* especifica a semelhança divina referida por *d'mut*, a saber, a aparência corpórea do homem, e não tem nenhuma ligação com o sangue que corre em suas veias, Gênesis representa, então, uma rejeição consciente do ensino pagão e entra em polêmica contra tal idéia (Miller). 5) O vocábulo "semelhança", ao invés de limitar a palavra "imagem", na verdade desenvolve esta última e especifica seu sentido. O homem não é apenas uma imagem, mas uma imagem de semelhança. Ele não é apenas representativo, mas representação. O homem é o representante visível, corpóreo, do Deus invisível, incorpóreo. *d'mût* assegura que o homem é um representante adequado e fiel de Deus na terra (Clines).

Bibliografia: AUSSELIN, David Tobin, The notion of dominion in Genesis 1-3, *CBQ*, 16:277-94. — BARP, J., The image of God in the book of Genesis -- a study of terminology, *BJRL*, 51:11-126. — CLINES, D. J. A., The image of God in man, *Tyndale Bulletin*, 19:53-103. — HUMBERT, P., *Études sur le récit du paradis et de la chute dans la Genèse*, Neuchâtel, Sécretariate de l'Université, 1940. — JENNI, E., *THAT*, p. 451-56. — LABUSCHAGNE, C. J., *The incomparability of Yahweh in the O.T.*, Leiden, Brill, 1966. — MILLER, J. M., In the "Image" and "likeness" of God", *JBL*, 91:289-304. — PIPER, J., The image of God: an approach from biblical and systematic theology, *Studia Biblica et Theologica*, 1:15-32 (defendendo a interpretação ontológica, substancialista, da doutrina da "imagem de Deus"). — SCHMIDT, W. H., *Die Schöpfungsgeschichte der Priesterschrift*, Neukirchen-Vluyn, Neukirchener Verlag, 1964. — WYNKOOP, M. B., *A Theology of love*, Beacon Hill Press, 1972, esp. caps. 6 e 7 (criticando a interpretação ontológica da doutrina da "imagem de Deus"). — BUSWELL, J. O., *A systematic theology*, 1:232-42. — RICHARDSON, *TWB*, p. 226.

V.P.H.

438 דָּמָה (*dāmâ*) ***II, cessar, cortar fora, destruir, perecer.***

Termo Derivado

438a דֳּמִי (*dŏmî*) ***descanso, silêncio.***

A raiz em exame é usada quase exclusivamente em livros ou contextos proféticos. Desse modo, o verbo é achado em textos de gênero não-profético apenas em 2 Samuel 21.5 e Salmos 49.12, 20[13, 31]. O verbo significa concluir, mas sempre é um fim violento: Isaías 15.1; Jeremias 47.5; Oséias 4.5, 6; 10.15.

Entretanto, num contexto diferente esse verbo é usado por Jeremias em seu anseio de que as lágrimas que derramou por causa de seu povo não "cessem" (Jr 14.17; *cf.* Lm 3.49). Isaías também utiliza o verbo (no perfeito do nifal) na conhecida expressão "Ai de mim! Estou perdido!" (6.5).

dāmâ é usado 17 vezes no AT, sendo 12 no nifal.

dŏmî. *Descanso, silêncio,* ocorre quatro vezes: Isaías 62.6, 7; Salmos 83.1[2]; Isaías 38.10. Esta última referência representa algum problema de tradução, conforme se evidencia nas opções "tranqüilidade" (IBB, ARC), "metade" (TB) e "pleno vigor" (ARA), e na

falta de unidade entre as antigas versões. Pode ser que aqui a origem de *dŏmî* não seja *dāmâ* II, mas sim *dāmam* II, "estar de luto, prantear"; nesse caso a tradução seria: "Na minha tristeza eu disse".

Bibliografia: Acerca do uso de *dŏmî* em Is 38.10, *cf.* DAHOOD, M., Textual problems in Isaiah, *CBQ*, 22:400-409, esp. p. 401. Sobre a relação entre as raízes *dum / dāmâ / dāmam*, todas com o sentido básico de "cessar, estar calado", *cf.* DRIVER, G. R., A confused hebrew root (דום, דמה, דמם), In: *Sepher N.H. Tur-Sinai*, Publicationes Societatis Invest. Script, v. 8, 1960.

V.P.H.

דְּמָה (*dummâ*). Veja o n.º 439b.

דְּמוּת (*dᵉmût*) Veja o n.º 437a.

דָּמִי (*dŏmî*). Veja o n.º 438a.

דִּמְיוֹן (*dimyŏn*). Veja o n.º 437b.

439 דָּמַם (*dāmam*) ***I, estar calado, imóvel; esperar.***

Termos Derivados

439a דְּמָמָה (*dᵉmāmâ*) ***cochichar*** (1 Rs 19.12; Jó 4.16; Sl 107.29).

439b דָּמֵד (*dummâ*) ***aquele que é silenciado, destruído*** (Ez 27.32, somente).

dāmam é cognato do ugarítico *dmm*, "estar calado". Ocorre 29 vezes no qal e cinco no nifal. E encontrado basicamente em poesia.

dāmam é freqüentemente encontrado num contexto de catástrofe e luto. Arão e Ezequiel tiveram de se manter em silêncio apesar da morte de seus entes queridos (Lv 10.3; Ez 24.17). Os anciões de Judá assentaram-se calados tendo pó sobre as cabeças (Lm 2.10). Às vezes, no entanto, a idéia de pressão emocional está ausente, como em Jó 29.21.

O julgamento das nações faz com que o sentido se aproxime do de "destruir". As cidades de Moabe (Jr 48.2) e a ilha-fortaleza de Tiro (Ez 27.32) são silenciadas, e aos homens de guerra é imposto o silêncio da morte. Jeremias aplica a idéia às tropas de Damasco (49.26) e da Babilônia (50.30; *cf.* Is 23.2). O único uso do verbo no hifil refere-se ao Senhor condenando Israel (Jr 8.14). Os ímpios (1 Sm 2.9; Sl 31.17[18]) e os egípcios no mar Vemelho (Êx 15.16) também são silenciados com a morte.

Em 1 Samuel 14.9 aparece a conotação de "esperar" ou "estar imóvel". Parece que esse é o sentido quando Josué pede ao Senhor que fizesse o sol "deter-se" e a lua "parar" para que ele pudesse perseguir os amorreus (Js 10.12, 13). Aqueles intérpretes que explicam o milagre em termos de silenciamento do calor do sol se véem em dificuldades, especialmente em vista do paralelismo com a lua.

Em algumas oportunidades nos Salmos este verbo é usado para indicar o estar imóvel perante o Senhor meditando tranqüilamente (4.4[5]; 131.2). Devemos descansar no Senhor e esperar pacientemente por ele (Sl 37.7). No entanto, o livramento dos problemas fez o salmista terminar com o seu silêncio e cantar louvores ao Senhor (Sl 30.12[13]).

440 דָּמַם (*domam*) ***II, chorar em alta voz*** (Is 23.2).

441 דמן (*dmn*) **Aceita como raiz de:**

441a דֶּמֶן (*dōmen*) ***esterco*** (*e.g.*, Jr 8.2; Sl 83.11).

441b מַדְמֵנָה (*madmēnâ*) ***estrumeira*** (Is 25.10, somente).

442 דָּמַע (*dāma'*) ***chorar*** (Jr 13.17, somente).

Termos Derivados

442a דֶּמַע (*dema'*) ***suco*** (Êx 22.28[29], somente).

442b דִּמְעָה (*dim'â*) ***lágrimas*** (*e.g.*, Sl 80.6; Ec 4.1).

dim'â. *Lágrimas.* Palavra que ocorre 23 vezes, a maioria delas em textos poéticos em Jeremias e Salmos e é cognata do ugarítico *dm't* e do acadiano *dimtu*. É um substantivo coletivo, mas o plural, *d'mā'ôt*, é encontrado em Salmos 39.5[6] e Lamentações 2.11.

A palavra "lágrimas" geralmente ocorre num contexto de pranto e lamento. Jeremias chorou profusamente devido à queda de Judá (Jr 14.17) e ao conseqüente cativeiro (13.17). Seus olhos tornaram-se uma "fonte de lágrimas" (Jr 9.1[8.23]) e um "ribeiro" (Lm 2.18) enquanto ele chorava pelos seus compatriotas mortos. Isaías encharcou a terra de Moabe com lágrimas enquanto chorava por causa do julgamento daquele povo (16.9), mas Ezequiel não teve licença de chorar mesmo quando sua esposa morreu (24.16). O salmista chorou por causa de seus inimigos (6.6[7]; 56.8[9]), mas regozijou-se quando Deus o livrou da morte (116.8).

Em algumas oportunidades as lágrimas estão associadas com a oração (Sl 39.12[13]; Lm 2.18). Deus respondeu à oração que, em lágrimas, Ezequias lhe fez e o sarou de uma doença fatal (2 Rs 20.5 = Is 38.5). Em Jeremias 31.16 a promessa de Israel voltar do cativeiro acaba com as lágrimas do povo (*cf.* Sl 126.5), e Isaías olha com expectativa para aquele dia bendito quando Deus "enxugará [...] as lágrimas de todos os rostos" (25.8).

Em duas oportunidades as lágrimas são consideradas comida e bebida (Sl 42.3[4]; 80.5[6]), e o conceito de medir a quantidade de lágrimas (80.5) também é encontrado no ugarítico: "Suas lágrimas caem como sicios no chão" (Keret, 1:28).

H.W.

443 דַּמֶּשֶׂק (*dammeśeq*) ***Damasco.***

Em Amós 3.12 o texto hebraico traz *d'mesheq*, que as antigas versões traduziram por "Damasco", mas os comentaristas modernos geralmente traduzem por pedaço, parte, canto, *etc.* Em Crônicas e em aramaico, Damasco é escrita *darmeseq*. Em egípcio o nome é *tymshqw* e em acadiano *dimashqi*.

Damasco, cidade muito antiga, é citada na Bíblia desde a época de Abraão, que diante de um grupo atacante vindo da Mesopotâmia, perseguiu-o até Hobá, perto de Damasco, onde libertou a Ló (Gn 14.15). O mordomo de Abraão era Eliezer de Damasco (Gn 15.2).

444 דמשק (*dng*)

A cidade estava situada num oásis na planície a leste do monte Hermom, sendo banhada pelos rios Abana e Farfar.

Damasco só volta a ser mencionada no AT quando Davi amplia seu reino para o norte e conquista a Síria e os sírios de Damasco (2 Sm 8.5, 6; 1 Cr 18.5, 6). A partir dos dias de Davi até quando Damasco foi conquistada pelos assírios, a tensão entre a Síria (à qual freqüentemente a Bíblia se refere pelo nome de sua capital, Damasco) e Israel resulta em guerras esporádicas em que a vitória às vezes está de um lado e às vezes do outro.

Rezom, líder entre os sírios de Zobá, fugiu para Damasco junto com seus seguidores, tornou-se rei e constituiu um problema para Salomão durante o reinado deste (1 Rs 11.24). Mais tarde, porém, Acabe tem suficiente domínio daquela região para estabelecer um tratado que lhe deu controle sobre certas áreas de Damasco (1 Rs 20.34). Por essa época Naamã, comandante do exército da Síria, é curado por Eliseu (2 Rs 5.12 e ss.).

Seguindo instruções do Senhor (1 Rs 19.15), Elíseu vai a Damasco e informa Hazael que o rei Ben-Hadade morrerá e que ele, Hazael, se tornará o rei e atacará Israel com violência (2 Rs 8.7 e ss.).

Mais tarde Jeroboão II retoma o controle de Damasco (2 Rs 14.28).

Quando Acaz se torna rei de Judá, Síria e Israel se unem para ir à guerra contra Judá. Isso dá ensejo à famosa profecia de Isaías acerca de uma virgem que conceberá um filho, cujo nome será Emanuel e que será sinal de que o Senhor estará com Judá e de que a aliança entre Israel e Síria será destruída pela Assíria. Acaz, no entanto, não aceita o sinal e manda a prata e o ouro do templo em Jerusalém e os tesouros de seu palácio (*cf.* 2 Cr 16.2; 24.23) para Tiglate-Pileser da Assíria, o qual conquistou então Damasco e levou seus moradores cativos para Quir (2 Rs 16.8, 9). Numa visita a Tiglate-Pileser em Damasco, Acaz sentiu-se atraído por um altar e erigiu um semelhante no templo de Jerusalém e sacrificou aos deuses de Damasco (2 Cr 28.23).

Isaías profetizou que Jerusalém seria destruída tal como Damasco (7.8; 8.4; 10.9; 17.1-3).

Amós também profetizou contra Damasco (1.3, 5) e anunciou que Israel iria a um cativeiro além de Damasco (5.27).

Nos últimos anos do reino de Judá, Jeremias profetiza que o juízo cairá sobre Damasco (49.23, 24, 27).

Nas últimas referências no AT, Ezequiel e Zacarias mencionam Damasco ao descrever as fronteiras do país após a volta do cativeiro (Ez 47.16, 17, 18; 48.1; Zc 9.1). Ezequiel, na sua descrição da glória de Tiro, também menciona Damasco como comerciante (27.18), e na descrição da noiva, no Cântico dos Cânticos, se diz: "O teu nariz [é] como a torre do Líbano, que olha para Damasco" (7.4).

Bibliografia: REIDER, J., דמשק in Am 3.12, *JBL*, 67:245-8. — UNGER, Merrill F., Some comments on the text of Genesis 15.2, 3, *JBL*, 72:49-50.

E.S.K.

444 דנג (*dng*). **Aceita como raiz de:**

444a דונג (*dônag*) **cera** (*e.g.*, Mq 1.4; Sl 22.15).

דעא (*dĕa'*). Veja o n.º 848a.

דעה (*de'ā*). Veja o n.º 848b.

445 דָּעַךְ (*dā'ak*) ***apagar, ser apagado*** (*e.g.*, Is 43.17; Pv 20.20).

דַּעַת (*da'at*). Veja o n.º 848c.

446 דפה (*dph*). **Aceita como raiz de:**

446a דֹּפִי (*dŏpî*) ***defeito, mácula, falha*** (Sl 50.20, somente).

447 דָּפַק (*dāpaq*) ***bater à porta, forçar*** (Gn 33.13; Ct 5.2; Jz 19.22).

448 דָּקַק (*dāqaq*) ***esmagar, moer, despedaçar***

Termos Derivados

448a דַּק (*daq*) ***fino, delgado, magro.***

448b דֹּק (*dōq*) ***véu, cortina.*** Ocorre somente em Isaías 40.22, onde os céus são comparados a um tênue véu.

dāqaq ocorre a maioria das vezes no qal e no hifil. É empregado tanto literal quanto figuradamente (compare com *dk'*, *dkh*). Três vezes é usado junto com o verbo que descreve a ação de trilhar ou debulhar (Is 28.28; 41.15; Mq 4.13).

O verbo e o adjetivo *daq* referem-se cada um uma vez a comida. Em Isaías 28.28 existe uma descriçao da moagem de grãos para fazer pão. Em Êxodo 16.14 o maná é descrito como uma coisa "fina e semelhante a escamas", tendo a aparência de geada. Duas passagens referem-se ao incenso aromático usado pelos sacerdotes. Uma mistura especial de especiarias e incenso puro era moída até virar pó e colocada em frente do "testemunho" (Êx 30.36). No Dia da Expiação, Arão devia levar ao santo dos santos brasas e dois punhados de incenso bem moído (Lv 16.12).

O adjetivo ocorre seis vezes em Gênesis 41, texto que relata o sonho de Faraó interpretado por José. Faraó ficou perplexo com as sete vacas feias e magras (v. 3, 4) e com as sete espigas delgadas ("mirradas", ARA, v. 6, 7, 23, 24), ressecadas pelo vento oriental. A aparência física também é a questão central de Levítico 21.10, onde anões são desqualificados para o sacerdócio (*cf.* Lv 13.30).

Várias passagens falam de triturar ídolos e imagens até virarem pó. A mais famosa é o incidente do bezerro de ouro, em que um Moisés irado pôs o pó na água e fez o povo bebê-la (Êx 32.20; Dt 9.21). Esse tornou-se o modelo para o rei Asa de Judá, que derrubou um poste dedicado a Aserá, esmigalhou-o e queimou-o no vale de Cedrom (2 Cr 15.16). Josias agiu de modo igual, esmigalhando postes dedicados a Aserá em Jerusalém (2 Rs 23.6) e Betel (2 Rs 23.15). Em todo o país ele fez o mesmo com os altares e imagens pagãos, espalhando o pó sobre as sepulturas dos adeptos desses deuses (2 Cr 34.4, 7).

Metaforicamente as Escrituras falam de calcar os inimigos, moendo-os até se tornarem pó fino. Com a ajuda do Senhor, Israel será capaz, na guerra, de esmagar muitas nações (Is 29.5; 40.15; Mq 4.13), da mesma maneira que Davi foi capaz de sujeitar seus inimigos (2 Sm 22.43). Isaías ressalta a insignificância das nações, quando comparadas com um Deus todo-poderoso, chamando-as de "grão de pó na balança" (40.15).

449 דָּקַר (*dāqar*)

daq. ***Fino, delgado, magro.*** Ocorre na maioria das vezes no Pentateuco (11 dentre 14 usos) e, tal qual o verbo, por vezes tem um sentido negativo. Pode ser aplicado a pessoas, animais e coisas.

Em 1 Reis 19.12 *daq* refere-se ao "cicio tranqüilo e suave" com que Deus falou a Elias depois de o profeta ter fugido para o Monte Sinai.

H.W.

449 דָּקַר (*dāqar*) ***traspassar, perfurar, atravessar de um golpe.***

Termo Derivado

449a מַדְקֵרָה (*madqārâ*) ***perfuração, estocada (de arma branca)*** (Pv 12.18, somente).

dāqar é usado seis vezes no qal, uma no nifal e três no pual, sendo que no pual todas as três ocorrências são formas participiais nos escritos de Jeremias (37.10; 51.4; Lm 4.9). Normalmente o traspassar resulta em morte. Mas em Jeremias 37.10 o termo designa homens que estão seriamente feridos. A arma associada com *dāqar* é geralmente a espada, embora a lança seja o instrumento em Números 25.8.

Várias vezes *dāqar* refere-se a uma morte vergonhosa. Em seu único uso no Pentateuco, o termo é usado para designar o golpe infligido pelo sacerdote Finéias e que matou um homem israelita e uma mulher midianita (Nm 25.8). Foi essa ação drástica que interrompeu a praga que atingia os israelitas e era resultado de idolatria e imoralidade relacionadas com a adoração de Baal de Peor. Em dois casos, governantes israelitas pediram a seus servos que os traspassassem para evitar que morressem vergonhosamente. Abimeleque queria evitar que dissessem que uma mulher o matara (Jz 9.54), e Saul teve medo de sofrer nas mãos dos filisteus (1 Sm 31.4 = 1 Cr 10.4). Com referência a este último episódio, a alegada contradição com o registrado em 2 Samuel 1.9 explica-se com o fato de que o amalequita provavelmente distorceu a história a fim de receber o crédito da morte de Saul e obter recompensa. Ele conseguiu mais do que queria!

A palavra aparece duas vezes em Zacarias, uma vez mais com a conotação de vergonha. Em 12.10 refere-se à nação de Israel que finalmente, por ocasião da segunda vinda de Cristo, volta-se para aquele "a quem traspassaram". O capítulo seguinte prediz que naquele dia nenhum falso profeta conseguirá viver, pois seus próprios pais traspassá-lo-ão (13.3).

Quatro vezes *dāqar* é usado com referência aos exércitos da Babilônia. As forças caldéias serão bem-sucedidas contra Judá (Jr 37.10; Lm 4.9), mas elas também cairão perante os exércitos invasores dos medos e persas (Is 13.15; Jr 51.4).

H.W.

דּוֹר (*dōr*), דָּר (*dar*). Veja os n.ºs 418b, 454a.

450 דָּרָא (*drʾ*). **Aceita como raiz de:**

450a דְּרָאוֹן (*dērāʾôn*) ***aversão, repulsa*** (Is 66.24; Dn 12.2).

דְּרָאוֹן (*dērā'ôn*). Veja o n.º 450a.

451 דרב (*drb*). **Aceita como raiz de:**

451a דַּרְבָּן (*dorbān*) ***aguilhão*** (1 Sm 13.21, somente).

451b דַּרְבָּנָה (*dorbōnâ*) ***aguilhão*** (Ec 12.11, somente).

דַּרְבָּן (*dorbān*). Veja o n.º 451a.

452 דרג (*drg*). **Aceita como raiz de:**

452a מַדְרֵגָה (*madrēgâ*) ***lugar íngreme. despenhadeiro*** (Ct 2.14; Ez 38.20).

דַּרְדַּר (*dardar*). Veja o n.º 454e.

דָּרוֹם (*dārôm*). Veja o n.º 454d.

דְּרוֹר (*dᵉrôr*). I, II, Veja o n.º 454b,c.

452.1 דָּרְיָוֶשׁ (*daryāwesh*) ***Dario.***

Dario foi o nome de três reis da Pérsia mencionados no AT e de Dario, o Medo, mencionado em Daniel 5.30; cap. 6; e 11.1, cuja identidade é objeto de disputa.

Dario I, o Grande, filho de Histaspes, reinou de 521 a 486 a.C. Durante seu reinado o segundo templo foi concluído (516 a.C.). A obra no templo começou sob Ciro, o Grande (559-530), por volta de 539 a.C. A obra foi interrompida pelos opositores e também parou durante o reinado de Cambises (532-530). Dario era um governante que não era filho de Cambises, e a obra reiniciou instada por Ageu e Zacarias e sob a liderança do governador Zorobabel e do sumo sacerdote Josué. Foi completada em 516, sob o apoio de Dario, que reinou de 521 a 486. Este é o Dario mencionado em Esdras 4.5, 24 e em Ageu e Zacarias. Depois dos reinados de Xerxes (Assuero de Ester, 486-465) e de Artaxerxes I (464-424), da época de Esdras e Neemias, veio Dario II (Ochus, 424-404). Este foi o Dario de Neemias 12.22. Em Neemias 12 encontra-se uma genealogia de levitas que descendem de Jesua, que havia retornado do cativeiro: Joiaquim, Eliasibe, Joiada, Jônatas, Jadua. Estes homens cobrem o período de 539 a 404 a.C., uma situação nada improvável. Não há nenhuma necessidade de identificar este Dario de Neemias 12 com o rei Dario III, Codomano (335-331 a.C.). Josefo chega a dizer que Jadua foi sumo sacerdote nos dias de Dario III. Mas pode ter havido dois Jaduas, da mesma forma como sabemos que houve dois Sambalates (WONDER, A. W., Sanballat, *WBE*, v. 2, p. 1 517). Ou Josefo, que foi um autor que viveu muito depois, pode ter confundido os reis Dario II e Dario III.

Dario, o Medo (de Daniel 5.30; cap. 6; 11.1), continua sendo um problema de identificação. Daniel diz que ele tomou o reino da Babilônia após a queda de Belsazar, mas a história diz que Ciro, o Grande, conquistou a Babilônia. Muitos acham que no livro de Daniel há o engano de confundir Ciro, o Grande, com Dario, o Grande. Seria um engano grosseiro para um livro que, em outros detalhes, é tão preciso. Existem duas soluções propostas. J. C. Whitcomb, em seu livro *Darius the Mede* (Eerdmans, 1963), sustenta com grande número de detalhes que a descrição desse Dario cai bem em Gubaru, um sub-rei da Babilônia, durante o reinado de Ciro. D. J. Wiseman sugere, com base

numa placa daquele período, na qual há referência (evidentemente) a Ciro como rei dos medos, que Dario, o Medo, era apenas um segundo nome que Ciro usava para seus súditos medos. Não existe nada de improvável nisso, mas são necessários mais dados para chegar-se a uma conclusão. Veja WISEMAN D. J., *et al.*, *Notes on some problems in the book of Daniel*, 1965, p. 9-16.

R.L.H.

453 דָּרַךְ (*dārak*) ***pisar, curvar; conduzir*** (hifil).

Termos Derivados

453a דֶּרֶךְ (*derek*) ***caminho, estrada.***

453b מִדְרָךְ (*midrāk*) ***lugar para pisar.*** (Dt 2.5).

453c דַּרְכְּמוֹן (*darkᵉmôn*) ***unidade de medida,*** talvez ***dracma.***

Verbo basicamente usado no qal, embora também ocorram alguns exemplos no hifil. Normalmente aparece em textos poéticos, freqüentemente nos livros proféticos e nos salmos. Deus é muitas vezes o sujeito desse verbo, especialmente quando usado em sentido metafórico.

O conceito básico por trás de *dārak* relaciona-se com pôr os pés em território ou em objetos, às vezes com o sentido de calcá-los. Em Deuteronômio e Josué usa-se o verbo para indicar a tomada de posse da terra prometida. Israel receberá como herança toda a terra em que pisar a sola de seus pés (Dt 1.36; 11.24; Js 1.3; 14.9). Numa ocasião é o exército assírio que invade Israel e pisoteia suas fortalezas (Mq 5.5[4]). Esse conceito de "marchar" é provavelmente visto também em Juízes 5.21. Salmos 91.13 refere-se a pisar ou calcar o leão e a serpente.

Uma expressão idiomática comum é "pisar sobre os altos da terra" (Dt 33.29; *cf.* Hc 3.15), indicando controle sobre o inimigo, ou, quando aplicada a Deus, sua soberania como Criador dos céus e da terra (Am 4.13; *cf.* Jó 9.8). Em Miquéias 1.3 Deus desce dos céus para julgar seu povo pecaminoso. Alguns intérpretes acham que nessas passagens os "altos" referem-se aos cumes dos montes, quando o Senhor passar pela face da terra.

Outra expressão idiomática padrão é "pisar" ou "curvar" o arco (*dārak qeshet*), ou seja, alguém pisa no arco a fim de arqueá-lo e pôr-lhe a corda. Um exército que está equipado e pronto para o combate tem espadas desembainhadas, flechas afiadas e arcos arqueados (Is 5.28; 21.15). A Babilônia é o alvo dos arqueiros por causa da sua pecaminosidade (Jr 50.14), e em Zacarias 9.13 o Senhor arqueia Judá como o seu arco a fim de atacar a Grécia. No entanto, por causa do pecado de Israel, o Senhor arqueou seu arco contra o seu povo (Lm 2.4), e até mesmo Jeremias se sentiu como se ele mesmo fosse o alvo mirado por Deus. (Lm 3.12).

O justo e o aflito por vezes descobrem que os ímpios preparam seus arcos e apontam para eles (Sl 11.2; 37.14). Às vezes o arco dos ímpios é comparado à sua língua (Jr 9.3[2]), que atiram "palavras amargas" como flechas contra os piedosos (Sl 64.3[4]; *cf.* Sl 58.7[8]).

Oito vezes nos livros proféticos faz-se referência a "pisar uvas" ou "pisar o lagar", pois o método normal de obter suco de uva era pisando-a descalço. Às vezes pisar a uva é associado com júbilo e alegria, na antecipação de beber do fruto da videira (Am 9.13, Jz

9.27). Gritos de alegria acompanhavam o pisar a uva (Is 16.10; Jr 48.33). Aparentemente às vezes as azeitonas eram espremidas de modo semelhante (Mq 6.15; Jó 24.11). Num maior número de vezes os profetas relacionaram o esmagar a uva com o juízo, e, neste simbolismo, o suco de uva representa o sangue daqueles que estão sendo pisoteados (Is 63.2, 3; Lm 1.15). O grito daqueles que pisam a uva torna-se um grito de guerra contra o inimigo (Jr 25.30).

Quando o verbo ocorre no grau hifil, ele invariavelmente refere-se a Deus na sua ação de conduzir os justos por veredas retas. Isso pode significar a estrada que vem do deserto ou da Babilônia (Sl 107.7; Is 42.16; *cf.* Is 11.15) ou, mais comumente, o caminho metafórico de retidão ou verdade (Pv 4.11, Sl 25.5, 9). O melhor caminho é seguir os mandamentos de Deus (Sl 119.35).

derek. *Caminho, estrada, jornada, maneira, trabalho.* Relacionada com o verbo *dārak*, "pisar, pisotear", esta palavra refere-se primeiramente ao caminho gasto, batido, de tanto andar-se nele. Gênesis 3.24 menciona "o caminho da árvore da vida", bloqueado depois da queda do homem. Hagar estava na estrada de Sur quando um anjo a encontrou (Gn 16.7). A frase também poderia ser traduzida por "a caminho de Sur" (*cf.* Gn 38.21; Êx 4.24). Às vezes *derek* pode indicar uma estrada importante, tal como a estrada real (*derek hammelek*), que cortava a Transjordânia de norte a sul (Nm 20.17; 21.22). O "caminho do mar" (Is 9.1[8.23]), que veio posteriormente a ser conhecido como Via Maris, estendia-se de Gaza a Damasco. Êxodo 13.17 menciona a estrada litorânea que saía do Egito e penetrava na Filístia.

derek também pode significar "jornada", geralmente uma de vários dias de duração. José preparou suprimentos para a jornada de seu pai para o Egito (Gn 45.23), e os gibeonitas enganaram Josué afirmando que tinham chegado de "mui longo caminho" (Js 9.13; BJ, "jornada"). Elias ridicularizou os profetas ao sugerir que os seus deuses talvez estivessem "de viagem" (1 Rs 18.27). Em Gênesis 24.21 o servo de Abraão agradece a Deus o tornar bem-sucedida a sua viagem (ou "missão") à Mesopotâmia.

Mais numerosos são os usos metafóricos de *derek*. A palavra com freqüência refere-se às ações e ao comportamento do homem, o qual segue ou o caminho dos justos, ou o caminho dos ímpios (SI 1 .6). O caminho dos justos está intimamente ligado ao "caminho do Senhor". Os pais devem ordenar a seus filhos que "guardem o caminho do SENHOR" (Gn 18.19; *cf.* Pv 22.6), que se encontra nos estatutos e mandamentos da lei de Deus (1 Rs 2.3). Os caminhos de Deus são muito mais elevados do que os dos homens, e os ímpios são instados a abandonar seus caminhos pecaminosos (Is 55.7-9).

Deus enviou o dilúvio porque o homem "havia corrompido o seu caminho" (Gn 6.12), e, mesmo depois da outorga da lei, Israel rapidamente se desviou do caminho do Senhor (Dt 9.16), embora lhe tivesse sido dito que seus caminhos não seriam bem-sucedidos (Dt 28.29). Durante o reino dividido, os governantes de Israel constantemente andaram no caminho de Jeroboão e desrespeitando a Deus (1 Rs 16.26). Eles escolheram um caminho que parecia certo, mas no final ele conduziu à morte (Pv 14.12).

Em Provérbios 30.19 o comportamento de um homem a cortejar uma jovem é comparado com o movimento inexplicável de uma águia no céu, de uma serpente nas rochas e de um navio no mar.

Por vezes *derek* significa "maneira" ou "costume". As filhas de Ló cometeram incesto com o pai porque pensaram que, depois da destruição de Sodoma, o "costume" normal do casamento seria impossível (Gn 19.31). Mais tarde, ainda em Gênesis, Raquel desculpou-

se por não levantar-se na presença do pai porque tinha "o costume das mulheres" (isto é. o seu período menstrual; ARC, 31.35).

Duas vezes em Jó e uma em Provérbios, *derek* refere-se à obra de Deus num contexto de criação. Em Jó 40.19 o poderoso Beemote (ARC, TB, IBB marg.; "hipopótamo", ARA, IBB) é chamado de "o primeiro das obras de Deus" ("obra-prima dos feitos de Deus", ARA). Em Provérbios 8.22 a mesma expressão idiomática (*rē'shît derek*) talvez se refira à sabedoria personificada como sendo também a primeira das obras de Deus. Em Jó 26.14 a manifestação do poder de Deus na criação e na história é chamada de "as orlas dos seus caminhos" (ARA) ou de "as bordas dos seus caminhos" (TB).

"Caminhos" possui o sentido incomum de "favores sexuais" em Jeremias 3.13 e Provérbios 31.3.

Em ugarítico o substantivo cognato *drkt* é claramente empregado com o sentido de "domínio, tronos de autoridade" (*AisWUS*, n.º 792; UT, 19:702, "governo, domínio"). A relação entre o sentido de "estrada" e "domínio" não é clara, mas pode-se vê-la no significado citado por Gordon (*UT*, *id.*), "marchar". A idéia de "pisar" poderia, por extensão, ter o sentido de calcar com autoridade ou de pisar uma estrada ou caminho. De qualquer maneira, existem passagens do AT que parecem elucidadas com a tradução "domínio, poder, força, autoridade". Pope acha duas em Jó: 17.9 e 26.14 (Jó, *AB*, *in loc.*); Dahood defende esse sentido em várias passagens de Salmos e outros textos (*Bib*, 38:306-20). As passagens que ele sugere em seu comentário sobre Salmos (em AB) incluem: Sl 1.1, 6; 67.2[3]; 77.13[14]; 90.16; 101.2; 102.23[24]; 119.37; 138.5; 146.9. Em alguns desses casos a sugestão é convincente, em outros não. O significado é abonado em HCHL e deve, sem dúvida alguma, ser adotado em uns poucos contextos no AT.

dark^{e}môn. ***Dracma*** (ARA, BJ), dáricos (ARC, IBB, TB). Essa palavra é usada somente em Esdras 2.69 e Neemias 7.70-72 para designar o ouro ofertado para a reconstrução tanto do templo (Ed 2.69) quanto de Jerusalém. Os chefes de famílias deram 61 000 dessas moedas a Zorobabel, enquanto o governador, os chefes de famílias e o restante do povo contribuíram com um total de 41 000 dracmas para a obra chefiada por Neemias.

Caso a tradução correta seja "dracma", pode-se comparar a palavra com o genitivo plural grego *drachmōn*. Dracmas gregas datadas a partir do período persa foram descobertas em Bete-Zur (*cf.* FREE, J. P., *Archaeology and Bible History*, p. 253). Não restam dúvidas de que, no século V a.C., os gregos estavam envolvidos com comércio (ALBRIGHT, W. F., *Archaeology of Palestine*, p. 143). No entanto, a dracma era uma moeda de prata, ao passo que o termo em questão refere-se somente a moedas de ouro. Esse fator levou alguns a identificarem *dark^{e}mōnîm* com *'ădarkōnîm*, o "dárico" persa mencionado em 1 Crônicas 29.7 e Esdras 8.27. O dárico era uma moeda de ouro assim chamada por causa do rei Dario. Qualquer que seja a etimologia correta, a moeda provavelmente pesava cerca de oito gramas e meio. Veja o n.º 28.1.

Bibliografia: ARCHER, G. L., Coins, *ZPEB*, v. 1, p. 903.

H.W.

454 דרר (*drr*). **Aceita como raiz de:**

454a דַּר (*dar*) ***pérola ou madrepérola*** (Et 1.6).

454b †דְּרוֹר (*d'rôr*) ***I, libertação, liberdade.***

454c דְּרוֹר (*d^{e}rôr*) ***II, andorinha*** (Sl 84.3[4]; Pv 26.2).
454d דָּרוֹם† (*dārôm*) ***sul.***
454e דַּרְדַּר (*dardar*) ***abrolhos*** (Os 8.10, somente).

d^{e}rôr. ***Libertação, liberdade.*** Palavra cognata do acadiano *andurāru*, "liberdade". Expressão técnica que se refere à libertação de escravos hebreus e de bens a cada 50 anos no ano do jubileu (Lv 25.10 — esse versículo encontra-se escrito no Sino da Liberdade, nos Estados Unidos). Os escravos tinham permissão de voltar a suas famílias; e as terras que, por motivo de penúria, tinham passado às mãos de terceiros, eram devolvidas a seus proprietários originais. A única referência a esse livramento na história israelita ocorreu durante o reinado de Zedequias, quando Jerusalém estava sitiada pelos babilônios (por volta de 587 a.C.). Zedequias fez uma aliança com o povo e "apregoou a liberdade" para os escravos (Jr 34.8). Entretanto, quando o cerco foi temporariamente suspenso, o povo mudou de idéia e retomou os escravos (34.11). Por causa de sua hipocrisia, o profeta Jeremias anunciou que o povo encontraria a "liberdade"... para a espada, a peste e a fome (vv. 15-17).

Isaías emprega uma vez o termo (61.1) para anunciar boas notícias para os aflitos, inclusive uma proclamação de liberdade para os cativos. Este texto, que descreve o retrocesso material e espiritual de Jerusalém, foi citado por Cristo na sinagoga de Nazaré para referir-se ao seu próprio ministério. Mas o povo da cidade recusou-se a acreditar em suas afirmações.

A última ocorrência de *d^{e}rôr* acha-se em Ezequiel 46.7, onde o futuro príncipe recebe permissão para presentear com propriedades imóveis os seus servos, até o ano da liberdade.

dārôm. ***Sul.*** Palavra usada com parcimônia e a maioria das vezes em poesia, com exceção de um punhado de ocorrências em Ezequiel 40—42, que descreve em detalhes o futuro templo. Algumas portas, câmaras ou passagens estavam voltadas para o sul ou estavam no lado sul (40.24, 27, 44; 41.11; 42.12-13). Em Ezequiel 20.46[21.2], *dārôm* aparece junto com dois outros sinônimos para "sul", *têmān* e *negeb*, quando o Senhor ordena o profeta a pregar contra essa região da terra de Israel.

A palavra ocorre apenas uma vez no Pentateuco, na bênção de Moisés em Deuteronômio 33.23. Ali a herança da tribo de Naftali é descrita como "o lago e o sul" (ARA) ou "para o sul na direção do lago" (NIV). Em Eclesiastes 1.16 e Jó 37.17 *dārôm* refere-se ao vento, que sopra alternadamente para o sul e para o norte. Jó observa que o vento sul pode ocasionar uma situação de um calor bastante desconfortável. Eclesiastes 11.3 também trata da chuva e de ventos que podem fazer uma árvore cair ou para o sul ou para o norte.

H.W.

455 דָּרַשׁ (*dārash*) ***procurar com cuidado, indagar, exigir.*** A ASV e a RSV geralmente traduzem da mesma maneira, sendo que em algumas passagens a tradução da RSV é superior, *e.g.* Is 8.19; 19.3; Sl 9.12[13]; Ed 7.10, *etc.*, e inferior em alguns lugares, *e.g.*, Dt 17.9; Sl 10.4; 2 Cr 25.15. Ambas são inadequadas em Sofonias 1.6.

Termo Derivado

455a מִדְרָשׁ† (*midrāsh*) ***registro escrito.***

Esta palavra distingue-se daquela com que está freqüentemente em paralelo e que lhe é equivalente, *bāqash* (*q.v.*) (*dārash-baqash*, Sl 38.12[13]; Ez 34.6; *baqash-dārash*, Jz 6.29; Dt 4.29), uma vez que: 1) significa "procurar com cuidado" (1 Sm 28.7); 2) com freqüência tem o sentido cognitivo (o objetivo é "saber, conhecer"); e 3) raramente rege um infinitivo. Quanto a outros sinônimos, veja *bāqash*. *Cf.* o ugarítico *drsh* (*UT*, 19:709). O verbo ocorre 164 vezes.

O sentido de "procurar com cuidado" (idéia cognitiva) ocorre em Levítico 10.16, onde Moisés procura descobrir com detalhes o que aconteceu com a oferta pelo pecado, e em 2 Samuel 11.3, onde Davi procura saber quem era Bate-Seba (*cf.* Dt 23.6[7]; Jr 29.7). Israel é orientado a procurar cuidadosamente o lugar que Deus haveria de escolher (Dt 12.5) e a justiça (Is 1.17; *cf.* 16.5!). No fim dos tempos Jerusalém, o lugar que ninguém procura (Jr 30.17), será cidade "procurada" (Is 62.12; ou que recebe "cuidado", Dt 11.12). Ademais, são os gentios que procurarão o rei messiânico (Is 11.10). Seu lugar de descanso é glorioso (Nm 10.33; Dt 12.9).

Intimamente ligado ao que foi dito acima está o significado de "cuidar de". O salmista retruca que não há "ninguém que por mim se interesse" (Sl 142.4[5]). A Israel se diz para buscar o bem-estar da cidade de seu exílio (Jr 29.7). Talvez 1 Crônicas 15.13 e 2 Crônicas 1.5 refiram-se ao "cuidado" com a arca e o altar de bronze.

Outro tema teológico desenvolve-se a partir de Deuteronômio 4.29 (*cf. bāqash*), onde Israel é advertido a não abandonar a Deus no futuro e admoestado a adorar de todo o coração (Dt 6.6; Mt 22.37). O cronista avalia a história de Israel sob o aspecto de "buscarem" a Deus (1 Cr 22.19; 28.9; 2 Cr 31.21, *etc.*) ou a ídolos (2 Cr 25.15). Isaías relata a recusa de Israel de buscar a Deus a despeito do castigo divino (Is 9.13[12]; *cf.* Jr 10.21). Deus lembra-os da antiga promessa (Is 55.6; Jr 29.13, Os 10.12). Reprova-os por "buscarem-no" ao mesmo tempo em que continuam em suas transgressões (Is 58.2), mas promete bênçãos nos últimos tempos para aqueles que o buscarem de verdade (Is 65.10). É interessante que mesmo aqueles que não buscarem a Deus encontrá-lo-ão (Is 65.1; Is 11.10; Rm 10.20).

Procurar a Deus também tem a conotação de inquirir por conhecimento, conselho e compreensão num problema específico (Gn 25.22). Deve-se fazer tal inquirição mediante um profeta, isto é, um porta-voz divino (Êx 7.1; Êx 18.15 e ss.; 1 Sm 9.9; Jr 21.2, *etc.*), ou por meio de um sacerdote que inquira mediante "sortes" (*shā'al*; Dt 17.9). Buscar a palavra de um deus falso freqüentemente envolvia rituais complexos (Dt 12.30; 2 Cr 25.15 (?); 2 Sm 11.3; Ez 21.21[26]). Intimamente ligado a isso encontra-se o uso "legal" de nosso verbo, a saber, procurar que Deus se manifeste como juiz (Êx 18.15; Dt 17.4, 9; *cf.* Mt 18.5-20; 1 Co 6; 1 Tm 3) mediante a consulta a "juízes" divinamente autorizados.

Finalmente essa é usada para designar a vingança divina sobre aqueles que matam alguém. Com diligência Deus procurará a restituição de uma vida por outra (Gn 9.5; *cf. bâqash*). Em pelo menos um caso essa determinação é invocada e divinamente executada (2 Cr 24.22. 24: Sl 9.12[13]; 10.4). Deixar de declarar a obra de Deus coloca um "pastor" debaixo desta sentença divina (Ez 33.6). Caso sejam coerentes com a revelação prévia e mesmo que acrescentem algo novo a tal revelação (Dt 18.22; Jo 7.40; At 3.22 e ss.), todos

os pronunciamentos por mensageiros divinos (profetas) exigem aceitação e obediência por parte dos homens, quer tais palavras sejam confirmadas quer não por milagres (Dt 13.1 e ss.). Em última instância Deus exige justiça, misericórdia e um comportamento humilde (Mq 6.8; *cf.* Ez 20.40).

midrāsh. Registro escrito. A ASV e a RSV divergem apenas em 2 Crônicas 13.22. Essa palavra indica um registro histórico escrito (um lugar para "procurar alguma coisa". É usada no judaísmo posterior para designar a exegese fantástica ou obscura. Ocorre duas vezes.

Bibliografia: LUST, J., On wizards and prophets, *Supp VT*, 22:133-42. — SELLERS, O. R., Seeking God in the Old Testament, *JBR*, 21:234-37. — *THAT*, v. 1, p. 460-66.

L.J.C.

456 דָּשָׁא (*dāshâ'*) ***germinar, brotar, reverdecer*** (Jl 2.22; Gn 1.11; Jr 50.11).

Termo Derivado

456a דֶּשֶׁא (*deshe'*) ***relva tenra e nova, grama verde, vegetação.*** Palavra cognata do acadiano *dishu*, "grama de primavera, pasto novo" (*CAD*, p. 163).

Verbo usado com um cognato acusativo em Gênesis 1.11, onde a terra faz brotar "vegetação" ou "relva" no terceiro dia da criação. Deus faz a relva crescer como comida para os animais (Jr 14.5; Jó 6.5; 38.27), e essa relva verde e tenra cresce caracteristicamente depois da chegada das chuvas (Dt 32.2; 2 Sm 23.4). Em época de seca a relva morre (Is 15.6).

Metaforicamente o crescimento dessa relva tenra é comparado, em 2 Samuel 23.4, ao governo de um rei justo. Sobre os ossos de um homem feliz diz-se que eles "reverdecerão como a erva tenra" (IBB, ARC; Is 66.14). Em Salmos 23.2 o Senhor faz suas ovelhas deitarem em pastos verdes e desfrutarem um local ideal de descanso. Talvez o descanso venha após um período em que elas estiveram alimentando-se na relva verde.

Quando ligada a *yereq*, "erva verde", *deshe'* indica a grama que facilmente seca e morre. Os inimigos da Assíria têm pouca força, como a erva do campo (2 Rs 19.26 = Is 37.27). Em Salmos 37.2 os piedosos são aconselhados a não invejar os ímpios, pois estes desaparecem rapidamente como a erva (*cf.* Is 15.6)

H.W.

457 דָּשֵׁן (*dāshēn*) ***ser gordo, próspero, engordar; ungir.***

Termos Derivados

457a דֶּשֶׁן (*deshen*) ***gordura, cinza gordurosa*** (*e.g.*, Lv 1.16; Sl 63.6).

457b דָּשֵׁן (*dāshēn*) ***gordo*** (Is 30.23; Sl 92.15; 22.30).

O verbo *dāshēn* é usado apenas em poesia, com exceção do Pentateuco, uma vez no qal (Dt 31.20), geralmente no piel ou no pual refere-se às cinzas gordurosas que sobram

da queima sacrificial de animais (Êx 27.3; Nm 4.13). O juízo de Deus sobre Edom é comparado a um grande sacrifício em que tanto a espada de Deus quanto o chão estão cobertos de "gordura" (Is 34.6, 7).

Uma vez que os animais gordos eram considerados os mais saudáveis e a gordura era vista como a melhor parte dos animais de sacrifício (*cf.* Sl 20.3[4]), facilmente se entende o emprego metafórico de "próspero" ou "rico". O homem justo é descrito como uma árvore frutífera, cheio de "seiva" em sua velhice (Sl 92.14[15]). Em Provérbios, o homem generoso, o homem diligente e aquele que confia no Senhor são chamados de "prósperos" ou "fartos" (11.25; 13.4; 28.25). As boas notícias "engordam os ossos" (IBB, Pv 15.30; "fortalecem", ARA). Salmos 23.5 refere-se à cabeça "ungida com óleo" para descrever as bênçãos de Deus.

Em Deuteronômio 31.20 aparece a advertência de que quando o povo de Deus tiver-se "fartado e engordado" (isto é, prosperado), ele abandoná-lo-á e adorará outros deuses.

H.W.

458 דָּת (*dāt*) ***decreto, lei, edito, prescrição.***

Este empréstimo lingüístico do persa *dāta* aparece 20 vezes em Ester, uma em Esdras (8.36) várias vezes nos trechos aramaicos de Esdras e Daniel. É grafado da mesma maneira tanto em hebraico quanto em aramaico. Uma vez que todos esses três livros tratam de reis persas, facilmente se explica o uso desse termo estrangeiro. Ele se sobrepõe com o uso às palavras hebraicas *tôrâ*, *mishpāṭ* e *hōq*. A relação entre "decreto" e "lei" era bastante íntima, e "a lei dos medos e dos persas" não podia ser revogada (Et 8.8; *cf.* Dn 6.12[13]).

Em essência a lei era aquilo que o rei queria. Seus desejos rapidamente se tornavam lei, conforme se ilustra no fato de que a "palavra do rei" é relacionada com a lei em quatro oportunidades no livro de Ester (TB, 2.8; 4.3; 8.17; 9.1). Isso fica ilustrado no episódio que envolveu a rainha Vasti, que se recusou a mostrar sua beleza para os convidados do rei. Expediu-se um edito que depunha Vasti da condição de rainha, e isso imediatamente tornou-se parte das "leis dos persas e dos medos" (1.19). Tais editos eram escritos e, então, enviados por todo o reino para que todos o soubessem (1.20; 3.14).

Um segundo edito, mais importante, foi preparado por Hamã, estabelecendo-se que todos os judeus podiam ser mortos no dia 13 do mês de adar (3.14). Essa terrível ameaça levou Mordecai e Ester a suplicar pela vida do seu povo. As intenções assassinas de Hamã foram anuladas por um contra-decreto, de autoria de Mordecai, que dava aos judeus o direito de se defenderem (8.13, 14). A pedido de Ester, a determinação desse edito foi prolongada por um dia para dar aos judeus mais tempo para destruir os inimigos.

A coragem de Ester em aproximar-se do rei Assuero sem ter sido chamada ilustra a severidade da lei persa. Ela sabia que, de acordo com a lei, caso o rei não lhe estendesse o cetro, ela haveria de morrer (4.11, 16). A experiência de Vasti foi justamente o oposto. Recusando-se a vir quando convocada, ela se colocou em posição de ser condenada pela lei (1.13, 15, 19).

Na realidade Hamã acusou os judeus da prática de leis diferentes — leis supostamente incompatíveis com as dos persas (3.8). Neste sentido "leis" chega próximo do sentido de "costumes" e "práticas religiosas". Os inimigos de Daniel tentaram provocar a sua queda estabelecendo uma distância parecida entre "a lei do seu Deus" e a lei do rei

Dario (Dn 6.5, 8[6, 9]).

Outro uso menos técnico de "lei" ocorre em Ester 2.12, onde um período de purificação de 12 meses estava prescrito para que, então, uma mulher pudesse ser levada ao rei. À semelhança de todas as outras "leis", essas regras eram seguidas com rigor.

O significado de "lei" em 1.8 é mais difícil, uma vez que parece que a determinação era de que cada pessoa podia beber quanto quisesse. Aparentemente "lei" podia ser entendida como a ordem real que dava essa liberdade individual àqueles convidados para o banquete do rei.

No hebraico, fora do livro de Ester, a única ocorrência de *dāt* refere-se aos decretos de Artaxerxes, em que este apoiava os esforços de Esdras para fortalecer os exilados que retornaram a Jerusalém (Ed 8.36; *cf.* 7.12-24).

H.W.

ה

459 ה (*ha*) **o, a, os, as.**

Todas as línguas semíticas ocidentais desde o primeiro milênio a.C. (hebraico, aramaico, fenício), e também o árabe, possuem um morfema que funciona como artigo definido. Em nenhuma dessas línguas o artigo definido é uma palavra separada, como em português, sendo antes prefixado à palavra que define. A exceção é o aramaico, no qual o artigo é posposto (*i.e.*, afixado ao final da palavra). O artigo definido não tem distinções de gênero ou número (como o grego ou o português). Uma única forma, *ha*, funciona para masculino, feminino, singular e plural. Tampouco existe no hebraico bíblico uma palavra que corresponda ao artigo indefinido (um/uma, uns/umas). Às vezes esta categoria gramatical pode ser expressa pelo numeral "um", *'ehād*: 1 Sm 6.7, "um carro novo".

É bem provável que o artigo definido fosse, originariamente, um pronome demonstrativo, com forma primitiva semelhante a *hal-* ou *han-*, embora o artigo não possa ser morfologicamente aparentado a qualquer forma antiga. No hebraico bíblico, portanto, o "l" ou o "n" de *hal* e *han* é assimilado pela primeira consoante da palavra, produzindo a sua reduplicação (ou geminação). Assim, *hal/n-shemesh*, "o sol", transforma-se em *hashshemesh*. Quando a primeira consoante da palavra determinada for uma gutural, a vogal do artigo mudará, num processo que envolve ou prolongamento compensatório ou dissimilação (ou reduplicação virtual).

O artigo é acrescentado não apenas a substantivos, mas também a adjetivos, quando estes funcionam atributiva, não predicativamente. Por exemplo, a expressão *hā'îsh hat-tôb* equivale a "o bom homem" ou "o homem bom", ao passo que a expressão *hā'îsh tôb* é traduzida por "o homem é bom". Por estranho que possa parecer, o artigo pode ser acrescentado a verbos. Em tais ocasiões, parece assumir a força de um pronome relativo. *Cf.* 1 Crônicas 26.28: "... tudo quanto havia dedicado Samuel (*hahiqdish*)"; Josué 10.24: "... aos capitães do exército que haviam subido com ele (*hehālʿkû'*)". O artigo também pode ser afixado a uma preposição, como no caso da expressão "a coxa com o que havia nela" (*wʿheʿālehâ*, 1 Sm 9.24).

Há várias situações em que o hebraico evita o artigo definido, mas uma boa tradução em português exigirá sua presença. Quando se expressa uma relação genitiva entre duas palavras (substantivos ou adjetivos), o hebraico coloca a primeira palavra (*nomen regens*) no caso construto em relação à segunda (*nomen rectum*), que permanece no caso absoluto. A regra gramatical é que a palavra no caso construto jamais vem com o artigo, exceto em algumas ocorrências anômalas. O substantivo no caso absoluto, se for definido, terá o

artigo de acordo com o uso normal do hebraico. O substantivo no construto será definido ou indefinido de acordo com a definição ou indefinição do substantivo no absoluto. Assim, a expressão "(o) cavalo do rei" seria escrita *sus ham-melek*, nunca *has-sûs ham-melek*.

Em contrapartida, há uma variedade de situações em que o hebraico adiciona o artigo, mas uma tradução fluente exigiria sua exclusão. Uma ilustração de tal fato seriam as referências a Satanás no AT. Preponderantemente, quando se refere a Satanás como o inimigo sobrenatural de Deus e do homem, o AT utiliza a expressão "o Satã". Isto se verifica nas 14 vezes em que Satanás é mencionado nos capítulos 1 e 2 do livro de Jó, e também em Zacarias 3.1, 2 (duas vezes). Assim, Jó 1.7 afirma literalmente: "Então o Senhor perguntou ao Satanás". O significado do artigo em tais passagens é demonstrar que Satanás não é nome próprio, mas apenas um título. A única passagem que usa "Satanás" como nome próprio é 1 Crônicas 21.1 (*i.e.*, ali a palavra aparece sem artigo); deve-se comparar este versículo com seu paralelo em 2 Samuel 24.1 (*cf.* GKC 126,e). Por outro lado, especialistas em hebraico têm usado esta regra de que os nomes próprios são definidos *sui generis* para argumentar que a palavra hebraica *t'hôm*, "abismo", em Gênesis 1.2, é realmente uma referência velada ao nome babilônico Tiamat, ou, pelo menos, seu equivalente filológico. Tiamat é a personificação dragontina do oceano primitivo nas tradições babilônicas sobre a criação do mundo. De fato, *t'hôm* (*q.v.*) nunca é usado com o artigo definido na Bíblia, o que é característico dos nomes próprios. No entanto, quando tudo é considerado, isto não parece ser prova suficiente para que se estabeleça uma identidade entre os substantivos. Dahood chega à conclusão de que "o substantivo bíblico *t'hôm* equivale ao ugarítico *thm*, e não deriva diretamente de fontes babilônicas, como afirmado por uma geração anterior de estudiosos" (AB, *Psalms* III, p. 36).

Pode-se acrescentar que o artigo é raro na poesia bíblica - um fenômeno semelhante ao do ugarítico, que não tem um uso específico de artigos.

Bibliografia. A maior parte das gramáticas hebraicas convencionais oferece informações sobre a morfologia e a sintaxe do artigo definido, mas *cf.* especialmente a *Hebrew grammar*, de Gesenius (Oxford, Clarendon Press, § 126). — HONEYMAN, A. M., Ugaritic and semitic usage, *JAOS*, 75:121-2, que afirma que o termo ugarítico *hn* é o ancestral do artigo definido cananeu. — LAMBDIN, T., The junctural origin of the west semitic definite article, em *Near Eastern studies in honor of William Foxwell Albright*, ed. GOEDICKE, H., Baltimore, Johns Hopkins, 1971, p. 315-33.

V.P.H.

460 ה (*ha*). **Partícula interrogativa.**

hă é prefixado à primeira palavra de uma sentença ou expressão e envolve, principalmente, perguntas diretas. Dependendo da primeira consoante e da vogal da palavra a que é prefixada, a partícula interrogativa *hă* pode-se tornar *ha, he* ou *ha* seguido de *dagesh forte*.

Normalmente, a pergunta direta em hebraico é introduzida pela partícula interrogativa *hă*. Às vezes, todavia, esta partícula não está presente e o sentido interrogativo da frase é bem óbvio. Por exemplo, "Reinará Saul sobre nós?" (1 Sm 11.12) não contém nenhum indicador de interrogação.

Quando *hă* aparece em uma pergunta, tal pergunta não busca prioritariamente informação, servindo antes de pergunta retórica para a qual se espera, costumeiramente, uma resposta negativa ("Sou eu guardador de meu irmão?", Gn 4.9) e apenas vez por

outra uma resposta afirmativa.

Isto fica bem claro na literatura profética, da qual usaremos Jeremias como exemplo. Em muitas ocasiões a partícula é usada como paralelo de *'im*. Em Jeremias 18.14 lemos: "Acaso a neve deixará o Líbano (*hă*)? [...] Ou faltarão as águas que vêm de longe (*'im*)?". Estas duas perguntas obviamente exigem respostas negativas. No entanto, o profeta continua seu pensamento no versículo 15 e afirma que o povo de Deus o esqueceu. Assim, duas perguntas retóricas são usadas para intensificar a severidade da ira de Deus por causa dessa separação antinatural entre ele e seu povo. Jeremias pode usar a dupla pergunta retórica (*hă [...] 'im*) para reformular uma pressuposição geralmente aceita para depois contestá-la (2.14, 31; 3.5; 8.4), ou para expressar dogmas religiosos tradicionais (8.19. 22; 14.19, 22).

De especial interesse é a fórmula usada por Jeremias, *hă—'im—maddu'*. *Cf.* 2.14. "acaso é Israel escravo (*hă*), ou servo nascido em casa (*'im*)? Por que (*maddû'*), pois, veio a ser presa?". A mesma fórmula se encontra em Jeremias 2.31; 8.4, 5; 8.19; 8.22; 22.28; e 49.1. Em cada um desses casos as primeiras duas perguntas estabelecem as pressuposições de seu sermão e uma área de concordância entre o profeta e sua audiência, ao passo que a terceira pergunta extrai as implicações do acordo recém-estabelecido. Tal como Jó, Jeremias é homem de debates.

Bibliografia: GKC. parágrafo 100 k-n (quanto à morfologia); § 150 a-i (quanto à sintaxe). Quanto ao uso de perguntas em Jeremias, BRUEGGEMANN, W. M., Jeremiah's use of rhetorical questions, *JBL* 92:358-74. — HOLLADAY, W. L. The so-called "Deuteronomic gloss" in Jer. VIII: 19b, *VT*, 12:494-8.

V.P.H.

461 הֵא (*hē'*) ***eis.*** (Gn 47.23; Ez 16.43)

462 הֶאָח (*he'āh*) ***Agora sim! Bem feito! Ah-ah!*** (*e.g.*, Sl 35.21, 25; Ez 25.3).

הַבְהַב (*habhab*) Veja o n.º 849b.

463 הָבַל (*hābal*) ***agir de maneira vã, tornar-se vão.*** Verbo denominativo.

463a הֶבֶל (*hebel*) ***vapor, sopro***.

O verbo denominativo aparece cinco vezes no AT, quatro no qal e uma no hifil (Jr 23.16). Particularmente interessantes para este estudo são as passagens paralelas Jeremias 2.5 e 2 Reis 17.15: "... indo após a nulidade dos ídolos e se tornando nulos eles mesmos". Dois princípios inexoráveis são ilustrados aqui: 1) toda pessoa assume, até certo ponto, o caráter e a natureza do deus que adora; 2) a característica de todos os falsos deuses é que destroem seus adoradores.

hebel. ***Vapor, sopro, vaidade.*** Este substantivo é traduzido quase exclusivamente na ARC por "vaidade". Salvo nas ocorrências em Eclesiastes, onde concorda com a ARC, a ARA utiliza palavras diferentes como "ídolos", "nulidade" ou "sopro". O substantivo ocorre 71 vezes no AT. Destas, 36 se dão em Eclesiastes, onde a palavra ocorre pelo menos uma vez em cada um dos 12 capítulos, exceto o capítulo 10.

463 הֶבֶל (*hābal*)

O nome próprio Abel, o segundo filho de Adão, também se grafa *hebel*. Uma possível conexão entre esse nome e a raiz aqui estudada é questão à parte. A maioria dos léxicos hebraicos relaciona "Abel" à cognata acadiana *ablu* ou *aplu*, "filho". Deve-se observar que Abel é mencionado em Gênesis 4 sem nenhuma explicação, fato que não pode deixar de ter significado, já que quase todos os nomes próprios em Gênesis são explicados por assonâncias.

O significado básico de *hebel* é "vento" ou "sopro". As passagens que melhor ilustram isto são Isaías 57.13, "Leva-los-á o vento (*rûah*): um sopro (*hebel*) os arrebatará a todos", e Provérbios 21.6, "Obter tesouros com língua mentirosa é um sopro fugidio (*hebel niddāp*)". O verbo *nādap*, que significa "impelir", é usado freqüentemente para descrever o vento como a força que impele ou carrega algo (Sl 1.4; 68.2[3]).

Há três categorias básicas ou contextos em que *hebel* é usado. Primeiramente, é usado como designação dos falsos deuses adorados pelo povo de Deus e, por isso, é traduzido em tais contextos por "ídolos" ou palavras cognatas na ARA: Deuteronômio 32.21; 1 Reis 16.13, 26; 2 Reis 17.25; Jeremias 2.5; 8.19 (paralela a *pesel*); 10.8, 15; 51.18 Jonas 2.9; Salmos 31.6[7].

Em segundo lugar, o termo representa os sentimentos individuais e, às vezes, exasperantes das pessoas. Isaías 49.4, onde o servo, Israel, diz: "Debalde tenho trabalhado (*rîq*), inútil (*tōhû*) e vãmente (*hebel*) gastei as minhas forças". Jó reclama da brevidade e da incerteza de sua vida (7.16). Compare a idéia semelhante no saltério: Salmos 39.5, 6, 11[6, 7, 12]; 62.9[10]; 78.33 (em que *hebel* é paralelo a *behālâ*, "apressar"); 94.11; 144.4 (*hebel* paralelo a *tsēl*). Daí, *hebel* parece possuir o sentido de "breve", "efêmero".

Em terceiro lugar há o grupo de referências encontradas em Eclesiastes (36). Estas referências podem ser agrupadas em várias subdivisões. Primeiramente há as passagens em que o autor afirma sua incapacidade de encontrar realização em seu trabalho, tanto por não conseguir ser criativo quanto por não conseguir controlar o livre uso e o destino de suas posses; isso é "vaidade": 2.11, 19, 21, 23; 4.4, 8; 6.2. Depois vêm aqueles versículos em que o autor luta com a idéia de que a conexão entre pecado e juízo, justiça e livramento nem sempre é direta ou óbvia. Isso é uma anomalia da vida e é "vaidade": 2.15; 6.7-9; 8.10-14. O significado de *hebel* aqui seria "sem sentido". Por fim, há aqueles versículos em que o autor lamenta a brevidade da vida: isso também é "vaidade": 3.19; 6.12; 11.8, 10. A vida, em sua qualidade, é "vazia" ou "vacuidade" (e assim insubstancial), e em sua quantidade é "transitória".

Em vez de entender as observações acima como conclusões definitivas sobre a vida por parte do autor de Eclesiastes, devemos vê-las como indicação do método que ele usou e de sua premissa oculta. Ele pode estar tentando demonstrar a incapacidade humana de encontrar sentido para a vida sem ajuda da revelação e da intervenção divinas. Tal tentativa independente sempre resultará em inutilidade.

Bibliografia: GORDIS, R., *Koheleth: the man and his world*, 3. ed., Schocken, 1968. — GUILLAUME, A., Paranomasia in the Old Testament, *JSS*, 9:282-90, esp. p. 282-3, onde se encontra uma proposta de etimologia do nome próprio "Abel" derivada do árabe. — KINLAW, D. F., Ecclesiastes *The Wesleyan Bible Commentary*, v.2, Eerdmans, 1968. — MEEK, T. J., Translating the Hebrew Bible, *JBL*, 79:328-35, esp. p. 330-1. — STAPLES, W. E., The "vanity" of Ecclesiastes, *JNES*, 2:95-104. — *THAT* 1:467-9.

V.P.H.

464 הֹבְנִי (*hobnî*) ***ébano*** (apenas em Ez 27.15).

465 הָבַר (*hābar*) ***dividir*** (apenas em Is 47.13).

466 הגג (*hgg*). **Aceita como raiz de:**

466a הֲגִיג (hāgîg) ***murmúrio, gemido, meditar*** (Sl 5.2[3]; 39.3[4]). Da raiz hipotética *hgg*, mas intimamente relacionado a *hāgâ*.

467 הָגָה (*hāgâ*) ***I. murmurar, gemer, meditar, planejar, imaginar***.

Termos Derivados

467a הֶגֶה (*hegeh*) ***resmungo, rosnado, gemido*** (Jó 37.2; Ez 2.10; Sl 90.9).

467b הֲגוּת (*hāgût*) ***meditação, fala*** (Sl 49.3[4], única ocorrência).

467c הִגָּיוֹן (*higgāyôn*) ***meditação***.

hāgâ ocorre principalmente em poesia, sobretudo em Salmos e Isaías. É usado no qal, à exceção de Isaías 8.18 (hifil).

O sentido básico de *hāgâ* e seus cognatos é o de som baixo, característico do arrulhar de uma pomba (Is 38.14; 59.11) ou do rugir de um leão depois de capturar sua presa (Is 31.4). É usado ocasionalmente em contextos de lamentação, como os gemidos pelo julgamento que cairia sobre Moabe (Is 16.7; Jr 48.31), ou os sussurros do inimigo depois da queda de Jerusalém (Lm 3.62). Os feiticeiros são conhecidos por seus sussurros e murmúrios ao praticarem o ocultismo (Is 8.19). Em sua angústia o salmista suspira e clama a Deus por ajuda (Sl 5.1[2]).

Freqüentemente o termo se refere a planos malignos originados no coração de homens ímpios ou nações pagãs, e que se manifestam em palavras mentirosas e enganosas (Sl 2.1; Pv 24.2). As palavras perversas são apresentadas como procedentes tanto do coração (Is 59.13) quanto da língua (Is 59.3). O justo também é capaz de "planejar" ou "ponderar" uma resposta adequada (Pv 15.28), e assim falar sobre sabedoria (Sl 37.30) ou sobre a justiça de Deus (Sl 35.28; 71.24). Em Salmos 19.14[15], "a meditação do meu coração" é frase paralela a "palavras da minha boca", num contexto em que o salmista compara sua própria fala àquilo que Deus revela na natureza e nas Escrituras.

Outro uso positivo se relaciona ao meditar na Palavra de Deus, atividade que, como os planos malignos do perverso (Sl 38.12[13]), acontece dia e noite (Js 1.8; Sl 1.2). Talvez as Escrituras fossem lidas a meia voz durante o processo de meditação. O salmista também fala sobre meditar em Deus (Sl 63.6[8]) e em suas obras (77.12[13]; 143.5).

higgāyôn. ***Meditação, sussurro, melodia***. O substantivo *higgāyôn* refere-se à música produzida pela harpa (Sl 92.3[4]). É possível que a referência a "Iligaiom" em Salmos 9.16[17] seja uma notação musical, mas "meditação" é uma interpretação alternativa. Informações sobre termos afins se acham na discussão do termo *selâ* (*q.v.*).

H.W.

468 הָגָה (*hāgâ*)

468 הָגָה (*hāgâ*) ***II, remover, expulsar***.

Este verbo ocorre apenas três ou quatro vezes, dependendo do tratamento dado a 2 Samuel 20.13. Provérbios 25.4, 5 usa o infinitivo absoluto *hāgô* para começar uma série de frases. A passagem estabelece uma comparação entre os efeitos benéficos de remover a escória da prata e o perverso da presença do rei. Os resultados serão um vaso mais puro e um governo mais justo. Isaías também usa o verbo no qal para descrever a maneira pela qual Deus "expulsou" Judá de sua terra (27.8). O "forte sopro" é comparado ao quente vento oriental que sopra sobre Israel vindo do deserto. Nesses três exemplos a remoção é difícil de conseguir. sendo, entretanto, essencial para produzir pureza.

A forma *hōgâ* em 2 Samuel 20.13 é considerada um hifil de *yāgâ* pelo *BDB*, mas o *KB* sugere que a raiz seja associada a *hāgâ*. O termo se refere à remoção do cadáver de Amasa do caminho, depois de Joabe ter traiçoeiramente assassinado o homem que Davi indicara para substituí-lo.

H.W.

הָגוּת (*hāgût*). Veja o n.º 467b.

הָגִיג (*hāgîg*). Veja o n.º 466a.

הִגָּיוֹן (*higgāyôn*). Veja o n.º 467c.

הָגִין (*hāgîn*). Veja o n.º 469a.

469 הגן (*hgn*). **Aceita como raiz de:**

469a הָגִין (*hāgîn*) ***conveniente, adequado, de acordo***. Significado incerto em Ezequiel 42.12.

470 הגר (*hgr*). **Aceita como raiz de** (Esta raiz, que significa "fugir", está presente no nome árabe da famosa fuga de Maomé, a *Hégira*):

470a הָגָר (*hāgār*). ***Hagar*** (ARA); ***Agar*** (ARC).

Hagar é o nome da serva egípcia de Sara, mãe de Ismael, filho de Abraão. O nome é semítico, não egípcio.

As informações bíblicas sobre Hagar se encontram em Gênesis 16 e 21. Sara, ainda sem filhos aos 75 anos, ofereceu Hagar a Abraão para que desse à luz por meio dela. Tal prática era costumeira, conforme se depreende das fábulas da antiga Nuzi (*cf.* New Kirkuk documents relating to family laws, *The Annual of the American Schools of Oriental Research*, *10* [1930]:32). Raquel e Lia também entregaram suas servas a Jacó para, por meio delas, terem filhos (Gn 30.1-13).

Depois de ter concebido, Hagar sentiu-se superior a Sara, que passou a maltratá-la, provocando assim a sua fuga. Durante essa fuga um anjo lhe prometeu posteridade e lhe ordenou que voltasse à casa de sua senhora.

Ismael tinha 14 anos quando Sara deu à luz Isaque. Pouco depois Hagar e Ismael foram definitivamente mandados embora. Quando Hagar receava que fossem morrer de sede, Deus lhe prometeu que faria de Ismael uma grande nação, e depois lhe indicou um poço. Passaram a viver em Parã, e Hagar conseguiu uma esposa egípcia para Ismael.

[Pode-se observar que a perigosa situação em que Hagar se encontrou no deserto próximo a Berseba (Gn 21.14-21) se deveu a um acaso. Abraão a despediu e ela partiu rumo ao sul, presumivelmente no caminho para Sur (a estrada para o Egito), pela qual

já viajara antes (Gn 16.7). É preciso recordar que ela era egípcia. Segundo o texto hebraico de Gênesis 21.14, ela aparentemente se perdeu (*tā'â*. "vagar", "errar", *cf.* SI 119.176, "como ovelha desgarrada", e Is 53.6). As conseqüências de perder-se no deserto são muito sérias. O livramento de Hagar veio sobrenaturalmente. O ato de Abraão ao despedir Hagar pode parecer cruel, mas estava de acordo com a antiga legislação mesopotâmica (particularmente o Código de Hamurábi). O filho de Hagar pertencia legalmente a Sara. As leis de Nuzi especificavam que em tal situação o filho natural da esposa legal recebesse os direitos de primogenitura. Parece, porém, que Hagar não estava satisfeita com isso. Por isso surgiu sua animosidade violenta. Neste caso, o fato de Abraão ter dependido da lei civil e não da promessa de Deus produziu amargos frutos. R.L.H.]

Paulo usou (Gl 4) o relacionamento de Sara e de Hagar numa alegoria, com Hagar representando a escravidão dos filhos nascidos segundo a carne e o esforço humano, e Sara, a esposa livre de Abraão, representando os fiéis da nova aliança da promessa e da graça.

Bibliografia: TDNT, 1:55-6.

C.P.W.

471 הדד (*hdd*). **Aceita como raiz de:**

471a הֵידָד (*hêdād*) ***grito, gritaria, júbilo***.

471b הֵד (*hēd*) ***grito***. Ocorre apenas na expressão "alegria sobre os montes" (Ez 7.7).

471c הֲדַד (*hădād*). ***Hadade***.

hădād. *Hadade*. Nome de vários edomitas de linhagem real, incluindo dois reis que são alistados entre os monarcas de Edom: um filho de Bedade, que derrotou Midiã (Gn 36.35, 36; 1 Cr 1.46, 47). e um rei posterior (1 Cr 1.50, 51; e a grafia alternativa *hădār*, Gn 36.39).

Hadade era o nome de um adversário de Salomão, possivelmente identificado com o segundo rei mencionado acima (1 Rs 11.14-21, 25; com uma grafia alternativa. *'ădad*, 11.17). Quando Joabe, o general de Davi, dizimou os edomitas, Hadade, jovem edomita de linhagem real, foi levado ao Egito pelos servos de seu pai. Permaneceu no Egito, protegido e preparado por Faraó, até a morte de Davi e Joabe. Voltou, então, para Edom, para agitar os edomitas contra Salomão.

O nome Hadade é a designação do antigo deus semita da tempestade. O nome edomita "Hadade" mencionado acima pode ser uma abreviação de nomes compostos que utilizavam o título divino. É usado como componente de diversos nomes: Ben-Hadade, rei da Síria (1 Rs 15.18), Hadadezer, rei de Zobá (2 Sm 8.3) e Hadadrimom, nome teofórico composto, que, entretanto, indica, mais provavelmente, uma localidade da região de Megido (Zc 12.11). Hadade pode ser equivalente do termo ugarítico *hd*, nome alternativo para Baal (veja *UT*, 19:749) e do termo babilônico Adad ou Addu.

Bibliografia: Sobre Ben-Hadade, rei da Síria, consultar MALAMAT, A. The Arameans, *Peoples of OT times*, ed. WISEMAN, D. J., Oxford, 1973, p. 152, nota 24.

C.P.W.

472 הָדָה (*hādâ*) ***estender (a mão).***

473 הדך (*hādak*)

473 הדך (*hādak*) ***pisar, calcar*** (Jó 40.12, única ocorrência).

474 הדם (*hdm*). **Aceita como raiz de:**

474a הדם (*hădōm*) ***estrado, escabelo***. Sempre se refere ao estrado dos pés do Senhor (Sl 110.1; Is 66.1, ***etc.***).

475 הדס (*hădas*) ***murta, murteira*** (árvore), (Is 41.19; Ne 8.15; Zc 1.8).

476 הדף (hādap) ***lançar fora, expulsar, expelir, repelir***.

O significado básico é "empurrar", "empurrar para longe". É usado 11 vezes no AT, sempre negativamente. O objeto é normalmente uma pessoa ou um grupo de pessoas, freqüentemente inimigo.

O inimigo pode ser uma nação, como os inimigos de Israel a quem o Senhor expulsaria da terra (Dt 6.19; 9.4; Js 23.5), e o Egito, que o Senhor abateu diante de seus inimigos (Jr 46.15). Não importando se o objeto do verbo é o exército egípcio, sua liderança, ou Ápis, o deus-boi (aqui a ARA segue a LXX), a passagem indica uma derrota militar do Egito.

O objeto pode ser ainda um indivíduo, como no caso de Sebna, o administrador, a quem Deus promete expulsar de seu cargo (Is 22.19), ou ainda no caso da mulher que Geazi tentou afastar de Eliseu (2 Rs 4.27). Bildade retrata o homem ímpio sendo lançado da luz para as trevas (Jó 18.18). A ação descrita por esta palavra se aplica ao ato de empurrar alguém e causar sua morte acidental (Nm 35.20, 22).

A palavra, usada figurativamente para pessoas, descreve ainda ovelhas gordas empurrando as magras (Ez 34.21). De acordo com Provérbios 10.3, o Senhor "rechaça" o desejo dos perversos.

C.P.W.

477 הדר (*hādar*) ***honrar, adornar, glorificar.***

Termos Derivados

477a הדר (*heder*) ***esplendor, glória*** (Dn 11.20, única ocorrência).

477b הדר (*hādār*) ***ornamento.***

477c הדרה (*hădārâ*) ***adorno, glória.***

O verbo ocorre sete vezes no hebraico bíblico (com uma leitura duvidosa em Is 45.2, onde em lugar do TM, *hădûrîm*, 1QIs^a traz *hărârim*) e três vezes na porção aramaica do Antigo Testamento.

O verbo é usado principalmente para descrever as relações humanas. Os jovens devem honrar os mais velhos (declarado afirmativamente em Lv 19.32 e negativamente em Lm 5.12). Daí se conclui que por trás da palavra se encontra a idéia de "mostrar respeito". Outras idéias envolvidas incluem demonstrar "parcialidade" (ao pobre, envolvido numa disputa legal, simplesmente porque é pobre, e não por ser inocente: Êx 23.3). Por outro lado há proibições de cortejar os ricos, bajulá-los em busca de atenção, ou fazer vista

grossa à sua conduta digna de repreensão: Levítico 19.15; Provérbios 25.6. Em apenas uma passagem (Is 63.1), o verbo é usado (em sua forma participial passiva) numa descrição da aparência de Deus, que é chamado de "glorioso".

Nas passagens aramaicas o verbo sempre significa "honrar/glorificar [a Deus]". Em Daniel 4.34[31] aparece como paralelo dos verbos *b'rak* e *sh'bah*; em Daniel 4.37[34] com *rum* e *sh'bah*, e em Daniel 5.23 com *sh'bah*.

hādār. ***Ornamento, esplendor, honra.*** Este substantivo aparece 29 vezes no AT, 16 das quais se acham nos Salmos.

O substantivo *hādār* é associado: 1) à glória da natureza à medida que reflete a bondade de Deus (Lv 23.40; Sl 111.3; Is 35.2); 2) ao homem (Is 53.2, com respeito ao Servo Sofredor, "formosura"); ao homem como criatura de Deus (Sl 8.6); às cãs dos idosos (Pv 20.29); à esposa ideal (Pv 31.25); 3) a cidades: Jerusalém (Is 5.14); Sião (Lm 1.6) e às regiões da Pérsia, Lude e Pute (Ez 27.10); 4) às tribos de José (Dt 33.17) e talvez a toda a Palestina (Dn 11.20, *heder*). Várias dessas passagens lidam com a partida da glória do povo de Deus. Os filhos de Deus não possuem glória intrínseca. Se Deus parte, a glória parte. Assim, é um dom de Deus, mas é um dom revogável.

Com maior freqüência o substantivo se aplica, ou a) a um rei e à sua majestade real, ou b) ao próprio Deus. Na primeira categoria podemos notar as seguintes passagens: Salmos 21.5[6]; 45.3, 4[4, 5]; Provérbios 14.28 (*hădārâ*). Não se trata apenas de privilégio da realeza, mas é também uma atividade digna da realeza, conforme ilustrado por Nabucodonozor (Dn 4.34 [aram., 31] e 4.37 [aram., 34]) e Belsazar (Dn 5.23).

Nas passagens que se seguem, o termo descreve a pessoa de Deus: Salmos 29.4; 90.16; 96.6 (= 1 Cr 16.27); 104.1; 111.13; 145.5, 12. Especialmente interessante é o paralelismo entre as expressões "a glória de sua (de Deus) majestade", *hădār g'ônô* e "o terror (*pahad*) do Senhor" (Is 2.10, 19, 21). O profeta adverte os homens de Judá a se esconderem de ambos. Tal sugestão vem logo depois de uma lista devastadora de pecados que precisam ser julgados. Obviamente Isaías não aconselha o povo a se esconder na esperança de que possam escapar à investigação divina. O que ele diz é que o povo é tão réprobo e apóstata que de maneira nenhuma pode ter comunhão com um Deus de pura luz e majestade. Assim, não se trata de conselho e sim de imprecação.

A expressão *hădrat qōdesh* merece comentário especial. Aparece quatro vezes no AT: Salmos 29.2; 96.9; 1 Crônicas 16.29; 2 Cr 20.21, havendo ainda uma ocorrência da expressão correlata, *hadrê qōdesh*. A ARA sempre traduz esta expressão por "beleza da santidade" (no que acompanha a AV), enquanto a ARC entende que o segundo substantivo se refere à santidade de Deus, traduzindo por "beleza da sua santidade". A BJ utiliza "átrios sagrados" (o que implicaria mudar o primeiro substantivo de *hadrat* para *hatsērâ*). A RSV emprega uniformemente a expressão "vestes santas" para traduzir *hadrê qōdesh*, com exceção de Salmos 110.3, onde opta pela tradução "santos montes" (lendo um texto hebraico diferente). Assim, em Salmos 29.2, a RSV traz "adorai o Senhor com vestes santas". Um paralelo desta expressão é *bigdê qōdesh*, "vestes sagradas", em Levítico 16.4. Além disso, em várias ocasiões o verbo *hādar* (Is 63.1) e o substantivo *hādār* (Sl 104.1; Jó 40.10; Pv 31.35) estão relacionados ao verbo *lābash* ("vestir"), e em Ezequiel 16.14 ao verbo *sûm* ou *sîm*, talvez indicando uma cerimônia de investidura.

Há, ainda, uma terceira opção, surgida à luz de material arqueológico ugarítico. No poema épico de Kret canto A, versos 154, 155, lemos:

Krt · yht · whlm
'bd · il · whdrt
Krt olhou e era um sonho
o servo de El e era uma aparição (divina).

Em nossas passagens bíblicas, então, a ênfase maior seria no Senhor e em sua aparição, não no adorador, exceto à medida que a percepção da presença real de Deus evoca uma sensação de profundo temor. Essa terceira tradução poderia ser: "Prostrai-vos perante o Senhor quando ele aparecer em sua santidade".

Bibliografia: Quanto à expressão *hădrat qōdesh*, consultar ACKROYD, P. R., Some notes on the Psalms, *JTS*, 17:392-9, esp. p. 393-6. — CROSS, F. M., Notes on a Canaanite Psalm in the Old Testament, *BASOR*, 117:19-21, esp. p. 21. — CAQUOT, A., In splendoribus sanctorum, *Syria*, 33:36-41. — DAHOOD, M. *Psalms*, *AB*, v. 3, p. 116. — DONNER, H., Ugaritismen in der Psalmenforschung, *ZAW*, 79:322-50, esp. p. 331-3. — GORDON, C., *UT*, 752. — VOGT, E., Der Aufbau von PS 29, *Bib*, 41:17-24, esp. p. 24. — *THAT* 1:469-72.

V.P.H.

478 הָה (*hāh*) ***Ah!*** (Ez 30.2)

479 הוֹ (*hô*) ***Ai!*** (Am 5.16)

480 הוּא (*hû'*), הִיא (*hî'*) ***ele, ela, ele mesmo, ela mesma, o mesmo, a mesma, que, o qual, a qual, quem*** (ARA e ARC são semelhantes).

Estas palavras são os pronomes pessoais do caso reto da terceira pessoa do singular, "ele" e "ela".

Na maioria das vezes, tal como pode acontecer em português, o hebraico não exige o uso do pronome pessoal precedendo o verbo na forma finita quando o sujeito é omitido. Quando aparece com o verbo, o pronome geralmente sugere ênfase. Também é usado em outros tipos de construções gramaticais.

Entre tais construções se acha a oração nominal, isto é, uma oração que não possui verbo em forma finita, mas onde um substantivo ou adjetivo (até mesmo o particípio funcionando como adjetivo verbal) funciona como predicado. A tradução de frases desse tipo deve conter uma forma do verbo "ser". Em tal construção o pronome é necessário se o sujeito for omitido: com um substantivo funcionando como predicativo, "Este (é) o meu senhor" (Gn 24.65, ARC); com um adjetivo, "e estava ele cansado" (Gn 25.29, ARC); com um particípio, "quando ele (estava) assentado à porta da tenda" (Gn 18:1, ARA).

Quando tais orações nominais estiverem relacionadas a palavras anteriores, podem ser traduzidas como se o pronome pessoal fosse um pronome relativo: "Bela, que é Zoar" (Gn 14.2), "Esaú, que é Edom" (Gn 36.1). Por vezes o pronome segue o predicativo: assim, "impuro ele" deve ser traduzido "(ele) será impuro" (Nm 19.15); "vinte geras ele" deve ser traduzido "que é (de) vinte geras" (Nm 18.16). Este fenômeno aparece especialmente em orações subordinadas introduzidas pela conjunção *kî*, que significa "que", "porque", "pois". Assim, "pois imundo ele" deve ser traduzido "porque é imundo" (Lv 13.11); "porque muitos eles" se traduz por "porque eram muitos" (Nm 22.3). Este fenômeno também é comum com *'ăsher*, que significa "que", "o(a) qual": "de todo animal que não [é] limpo [ele]" (Gn 7.2); "que não (é) da tua semente ele" (Gn 17.12). Em tais casos o pronome é chamado de

pronome retrospectivo.

Algumas vezes em orações nominais o pronome aparece entre o sujeito e o predicativo, numa posição em que o português traria uma forma do verbo "ser": "José, ele [era] governador" (Gn 42.6). O pronome, que é redundante em português, não é um substituto do verbo "ser". mas é utilizado para dar ênfase. De igual modo, depois de uma interrogação o pronome pessoal pode ser acrescentado para dar ênfase: "quem [é aquele que] me condenará?" (Is 50.9, onde a ARC retém a construção hebraica).

O pronome pode ser usado antes de verbo quando toda uma oração separa o sujeito do verbo: "A mulher que me deste, ela me deu" (Gn 3.12) e "aquele que será gerado de ti, esse será teu herdeiro" (Gn 15.4). A não ser que haja razão para ênfase, este uso do pronome é redundante em português e geralmente não é traduzido pela ARA, embora algumas vezes a ARC use o demonstrativo equivalente (Gn 15.4).

O pronome também é usado para acrescentar uma descrição extra do sujeito depois do predicado: "voltou José para o Egito, ele, e seus irmãos" (Gn 50.14).

Acompanhado do artigo o pronome pode funcionar como demonstrativo, "aquele ou aquela" (correspondendo a *zeh*, *zō't*, "este, esta"), "aquele lugar" (Gn 21.31), "naquele dia" (Gn 15.18, indicando naquele "mesmo" dia).

hû' pode ser usado simplesmente para dar ênfase: "eu sei que *ele* fala fluentemente" (Êx 4.14); ou "o SENHOR, *ele* [é] Deus" (Sl 100.3). Tal ênfase pode ser indicada em português pelo uso do pronome enfático *mesmo*; "o Senhor mesmo de nós o demande" (Js 22.23). Quando usado para reforçar um sufixo pronominal antecedente, o pronome tem tradução difícil, pois o equivalente em português seria dar ênfase no pronome possessivo equivalente ao sufixo hebraico: "o que ele dirá", isto é, o que Husai dirá, em contraposição ao que Aitofel havia dito. Literalmente o hebraico diz: "ouçamos o que [está] na sua boca, também ele" (2 Sm 17.5).

O *waw* e o *yod* presentes nos pronomes não são apenas indicadores de vogais historicamente longas. conforme demonstrado pelos pronomes ugaríticos *huwa*, "ele", e *hiya*, "ela" (*hw* e *hy*).

Permanece inexplicado o uso de *hw'* no Pentateuco e em alguns outros livros tanto para "ele" (vocalizado como *hû'*) como para "ela" (sempre vocalizado alternativamente como *hî'*). No passado. alguns estudiosos pensavam que *hw'* era o pronome original que servia para ambos os gêneros, mas o ugarítico nega tal conclusão. Aparentemente tal situação se deve a diferenças de dialeto ou à extravagância de certa escola de escribas.

Bibliografia: MONTGOMERY, J. A., The Hebrew divine name and the personal pronoun *hû'*. *JBL*, 63:161-3.

C.P.W.

481 הָוָא (*hāwā'*) ***cair*** (Jó 37.6, única ocorrência).

482 הוד (*hwd*). **Aceita como raiz de:**

482a †הוֹד (*hôd*) ***esplendor, majestade, vigor, glória, honra.***

O substantivo é usado 24 vezes no AT, aparecendo com mais freqüência no Saltério (oito vezes). Freqüentemente se encontra em justaposição com a palavra correlata, *hādār*, que também significa "majestade" ou "honra", sempre na ordem *hôd w'hādār*: Salmos 21.6; 45.3[4]; 96.6 (= 1 Cr 16.26); 104.1; 111.3; Jó 40.10 (sete vezes). A LXX traduz *hôd* por *doxa* (nove vezes), por *exomologēsis* (quatro vezes) e por várias outras palavras. Até aqui

não se encontrou nenhuma palavra cognata de *hôd* em outras línguas semíticas. Trata-se de uma palavra exclusivamente hebraica.

Este substantivo é usado como característica ou atributo de: a) um homem: Números 27.20, Moisés e Josué; Provérbios 5.9, o filho sábio; Daniel 10.8, Daniel (traduzido na ARC por "formosura" e na ARA por "rosto"); Oséias 14.7, os israelitas do norte depois de seu arrependimento e reintegração na bênção divina; Jeremias 22.18, Jeoaquim; b) animais, especificamente o cavalo, Jó 39.20 e Zacarias 10.3; c) plantas: Oséias 14.7. a oliveira.

Preponderantemente o substantivo está relacionado a Deus. Sua majestade pode ser vista na criação: Salmos 8.2, "pois expuseste nos céus a tua majestade", ou "é entoada pelos céus", se a passagem estiver tratando da música das esferas; Salmos 148.13, a glória divina está acima da terra e do céu; Habacuque 3.3. "a sua glória cobre os céus". Quando os autores bíblicos olham para a obra das mãos de Deus no universo nada podem fazer exceto falar da glória de Deus, Salmos 145.4. Esta glória é parte do vestuário de Deus (Sl 104.1). Pode ser ouvida (Is 30.30: Sl 8.2). Deus a concede ao homem que vive em comunhão com ele: Salmos 21.6; 1 Crônicas 29.25 (Salomão). Este atributo é finalmente predicado do Messias, que reconstruirá o templo e terá honra real (Zc 6.13).

Além do paralelo com *hādār* observado acima, podemos observar o seguinte: em 1 Crônicas 29.11 *hôd* é agrupado com as seguintes palavras hebraicas, todas elas descritivas da natureza divina: *g'dullâ* (grandeza); *g'bûrâ* (poder) *tip eret* (glória); *nētsah* (vitória). Em Jó 40.10, além de *hādār*, *hôd* é usado com as palavras *gā on wāgōbah* (excelência e grandeza, ARA). Em Habacuque 3:3, 4 *hôd* aparece ao lado de palavras como *t'hillâ* (louvor), *nōgah* (brilho) e *'ōz* (força).

Finalmente, podemos observar o uso de *hôd* em nomes próprios como Hodias (Ne 8.7), "Iavé é meu esplendor"; Hodeva (Ne 7.43), "Iavé é majestade"; Abiúde (1 Cr 8.3), "meu pai é majestade"; Amiúde (1 Cr 9.4), "meu povo é majestade", e talvez no nome de Eúde, o juiz benjamita.

Bibliografia: Embora a raiz *hôd* não tenha ainda surgido em nenhuma das línguas semíticas senão no hebraico, há palavras naquelas línguas que sugerem "um esplendor apavorante". Comparar, por exemplo, em babilônio, OPPENHEIM, A. L., Akkadian pul(u)h(t)u and melammu, *JAOS*, 63:31-4. — CASSIN, E., *La splendeur divine*. Introduction à l'étude de la mentalité mésopotamienne, Paris, La Haye, Mouton Co., 1968. — MENDENHALL, G. E. *The tenth generation*, Baltimore, John Hopkins, 1973, cap. 2, The mask of Yahweh. — *THAT* 1:472-4.

V.P.H.

483 הָוָה (*hāwâ*) *I, cair.*

Termos Derivados

483a הַוָּה (*hawwâ*) ***calamidade.***

483b הַיָּה (*hayyâ*) ***calamidade.***

483c הָוָה (*hōwâ*) ***desgraça.***

A única ocorrência de *hāwâ* I no AT (Jó 37.6) é um imperativo e descreve a queda física. Sua forma, *hĕwē'*, foi denominada "um uso arabizante". *BDB* p. 217; é mais

provável, entretanto, que o uso do *aleph* sirva para diferenciá-lo de *hāwâ* II (*KB*, p. 227).

O verbo *hāwâ* I retrata a queda literal da chuva e da neve (Jó 37.6). Os substantivos dele derivados, todavia, descrevem queda no sentido metafórico, como uma mudança negativa de destino. Assim, *hayyâ* identifica as calamidades que caíram sobre Jó (Jó 6.2; 30.13), e *hōwâ*, as que viriam subitamente sobre Babilônia (Is 47.11) ou sobre Judá, "miséria sobre miséria" (Ez 7:26). O substantivo mais comum, *hawwâ*, vai além de identificar o fato da calamidade (Sl 57.1), como as que um filho insensato traz sobre seus pais (Pv 19.13), indicando também a causa da calamidade, *i.e.*, deficiência moral. Salmos 5.9[10] pode, portanto, ser assim traduzido: "o seu íntimo é todo crimes" (ARA) ou "maldades" (ARC). Outros salmos falam sobre um trono de "iniqüidade" (Sl 94.20) e da "destruição" que os governantes humanos planejam (Sl 52.2[4]; evidentemente Saul era o "homem poderoso" do versículo 1[2], não o mercenário Doegue, *cf.* ALEXANDER, J. A. *The Psalms*, II, 13). O justo, porém, pode perceber tais "cousas perniciosas" (Jó 6.30). Nas Escrituras, todas essas quedas estão sujeitas ao controle soberano de Deus e podem ser superadas por uma fé sincera (Sl 38.12, 13; 94.19, 20).

hawwâ. ***Calamidade, iniqüidade, desejo maligno.*** Também ***desejo, cobiça.*** (Pv 10.3; Mq 7.3). Deriva de *'āwâ*, "desejar" (*q.v.*). (*KB*, p. 228).

hayyâ. ***Calamidade.*** Variante de *hawwâ* constante do Kethib, no texto de Jó.

hōwâ. ***Desgraça.*** No sentido de calamidade, tragédia.

J.B.P.

484 הָוָה (*hāwâ*) ***II***, forma arcaica e sinônimo raro de *hāyâ* (*q.v.*), ***ser, estar, tornar-se*** (ARA usa "ficar" em Ec 11.3).

Termos Derivados

484a יְהוָה (*yhwh*) ***Iavé, SENHOR.***

484b יָהּ (*yāh*) ***Iavé, SENHOR.***

A raiz indica ou existência, *e.g.*, de um tronco de árvore, que fica onde caiu (Ec 11.3), ou desenvolvimento, *e.g.*, do suposto plano de Neemias para tornar-se rei de Judá (Ne 6.6). Somente três outras ocorrências de *hāwâ* II foram preservadas no AT (Gn 27.29; Ec 2.22; Is 16.4), embora *hāwā'* subsista como a forma padrão do verbo "ser" no aramaico.

Iavé. O tetragrama YHWH, o SENHOR, ou Iavé, o nome pessoal de Deus e sua mais freqüente designação nas Escrituras, com um total de 5 321 ocorrências (*TDNT*, v. 3, p. 1067) no AT (*ARC* utiliza "Senhor", exceto em algumas passagens onde mantém "JEOVÁ", *e.g.*, Sl 83.18[19] e Is 12.2); ao passo que *ARA* emprega "SENHOR", exceto em passagens onde o título "Senhor" já ocorre, quando emprega "Deus", *e.g.*, Is 48.16).

yāh. Forma contraída de Iavé. Ocorre 50 vezes (traduzida em português como o verbete anterior, exceto na *ARC* em Salmos 68.4[5], onde o nome é enfatizado).

Também aparece em numerosos nomes próprios compostos com formas abreviadas do nome divino "Iavé", *e.g.*, *y'hônātān*, Jeonatã, "Iavé concedeu", abreviado para *yônātān*, "Jonatã", nome alternativo para a mesma pessoa (comparar 1 Sm 13.2, 3 e 14.6, 8; 2 Sm

17.17, 20 e 1 Rs 1.42, 43); e *y'hôshāpāt*, Jeosafá, "Iavé julgou", grafado alternativamente *yôshāpāt*, Josafá, aplicado apenas a dois subordinados (1 Cr 11.43; 15.24).

A importância teológica de *hāwâ* II vem do seus substantivos derivados que identificam o nome pessoal da divindade, Iavé, ou suas formas contraídas.

O tetragrama YHWH não é normalmente escrito com suas vogais próprias em hebraico. Entretanto, parece provável que a pronúncia original tenha sido YaHWeH, tanto por causa da forma verbal correspondente, o imperfeito de *hāwâ*, arcaicamente escrito *yahweh*, e de representações mais recentes desse nome em grego pelas palavras *iaoue* e *iabe*. Uma forma apocopada de *hāwâ* no imperfeito, a qual ocorre em Eclesiastes 11.3, é *y'hû'* (*aleph* ocioso, *GKC*, p. 211). Tal forma pode explicar a forma mais curta do nome, YHW, encontrada nos chamados Papiros de Elefantina, datados do século V a.C., bem como os elementos iniciais *y'hô-*, *yô-*, e *yē-* (*KB*, p. 369) em nomes como Jeozadaque, "Iavé (é) justo", ou Joel, "Iavé (é) Deus".

[Outra possibilidade para a pronúncia original do tetragrama deve ser mencionada. Na verdade, há um problema com a pronúncia "Iavé". É uma combinação de elementos arcaicos e recentes. A primeira comprovação extrabíblica do nome é a Pedra Moabita, datada de cerca de 850 a.C. Naquele tempo as vogais estavam começando a ser usadas em hebraico. Se YHWH representa uma grafia anterior a 900 a.C. (como parece provável), o "*h*" final deveria ser pronunciado. A pronúncia "Iavé" presume a terminação de um verbo *lamed-hê*, mas tais verbos terminavam num "*y*" no tempo de Moisés (*cf.*, quanto ao verbo *bānâ*, o imperfeito *ybny* em ugarítico). Assim, a terminação "*eh*" é forma recente. Todavia, no hebraico de tempos mais recentes um "*w*" que começasse palavra ou sílaba se transformava em "*y*" (como nos verbos *pe-waw* e no próprio verbo *hāyâ*). Assim, o "*w*" de Iavé representa uma pronúncia pré-mosaica, mas o "*eh*" final representa, provavelmente, uma forma pós-davídica.

Em vista de tais problemas, pode ser melhor simplesmente dizer que YHWH não deriva do verbo *hāwâ* (presumivelmente *hawaya* em sua forma mais antiga). Há muitos lugares no AT onde hoje se reconhece que a correspondência entre um nome e seu significado não é necessariamente etimológico. Por exemplo, 1 Samuel 1.20 provavelmente não significa que o nome Samuel derive do verbo *shāma'*, "ouvir". Gênesis 11.9 não indica que Babel venha do verbo *bālal*, "confundir", mas apenas que as palavras têm sons semelhantes. De igual modo, afirma-se que Jacó significa tanto "calcanhar" (Gn 25.26) quanto "suplantador" (Gn 27.36). Há muitos outros exemplos deste recurso literário, que deve ser entendido como paronomásia ou jogo de palavras, e não como etimologia. Podemos, portanto, sustentar a tese de que YHWH não deriva do verbo *hāwâ*, que é citado na primeira pessoa do singular, *'ehyeh*, "eu serei", mas é uma palavra antiga, de origem desconhecida, cuja pronúncia era semelhante à do verbo *hāwâ* no tempo de Moisés. Neste caso, não saberemos qual era a pronúncia, cabendo-nos apenas especular sobre ela. Contudo, se a palavra era grafada com quatro consoantes no tempo de Moisés, é de esperar que tivesse mais de duas sílabas, pois na época as vogais ainda não eram utilizadas. Todas as consoantes eram sonorizadas.

No fim do período do AT os Papiros de Elefantina escrevem a palavra YHW e indicam uma pronúncia *yāhû* (como em nomes próprios, *e.g.*, Semaías, *sh'māyāhû*) ou *yāhô* (encontrada em nomes como Jeozadaque, *y'hôtsādāq*). A pronúncia *yāhô* seria favorecida pela forma grega mais recente *iaō*, encontrada em fragmentos gregos de Qumran (séculos II ou I a.C.) e em material gnóstico dos primeiros séculos da era cristã. Teodoreto, no século IV d.C., afirma que os samaritanos pronunciavam o tetragrama *iabe*. Clemente de

Alexandria (início do século III d.C.) o vocalizou *iaoue*. Tais testemunhos são muito recentes e parecem contradizer testemunhos judaicos bem mais antigos como os Papiros de Elefantina e os elementos teofóricos dos nomes hebraicos, nenhum dos quais terminava em "*eh*".

Quanto ao significado do nome, estaremos em terreno mais seguro se buscarmos o caráter de Deus em suas obras e em suas descrições nas Escrituras em lugar de depender de etimologias questionáveis do seu nome. (Veja ainda as observações deste escritor em "The pronunciation of the tetragram", em *The law and the prophets*, ed. SKILTON, J. H., Presbyterian & Reformed, 1974, p. 215-24). R.L.H.]

Entre os nomes mais comuns que empregam este elemento estão *y'hônātān*, "Jônatas", atribuído a 17 personagens diferentes no AT (*ISBE*, v. 3, p. 1580, 1730). Entre esses se incluem o bis(tetra)neto apóstata de Moisés (Jz 18.30), o filei amigo de Davi, filho de Saul (1 Sm 18.1) e o jovem mensageiro de Davi, filho de Abiatar (2 Sm 15.27; 1 Rs 1.42). *y'hôshāpāṭ*, "Josafá", identifica seis indivíduos (*ISBE*, v. 3, p. 1581-2, 1743) incluindo o escrivão real de Davi e Salomão (2 Sm 8.16; 1 Rs 4.3) e o quarto rei de Judá depois da divisão, 848-872 a.C. O nome reaparece na profecia de Joel sobre o vale de Josafá (Jl 3.2, 12[4.2, 12]), onde Deus vai triunfar sobre as nações reunidas para se oporem ao seu glorioso advento. Em lugar de designar o local da antiga vitória de Josafá (Beraca, entre Hebrom e Belém, 2 Cr 20.26), este título parece identificar um local próximo a Jerusalém (Jl 3.17[4.17]), tradicionalmente o vale do Cedrom, abaixo do monte das Oliveiras (Zc 14.4). Pode ser que indique menos o nome de um local do que a descrição profética do evento de *y'hôshāpāṭ*, "Iavé julgou".

y'hôshûă'-yēshûă' identifica dez líderes hebreus (*ISBE*, v. 3, p. 1622, 1743) a partir do sucessor de Moisés (Nm 13.16) até o sumo sacerdote pós-exílico (Ed 3.2; Ne 12.10). O nome do primeiro foi mudado de Oséias, a forma do infinito do hifil (*hôshēă'*), para Josué, com sua conotação espiritual mais profunda, "Iavé (é) salvação" (Nm 13.8, 16). Ambos são chamados de "Jesus" em grego (At 7.45; 1 Ed 5.48), *i.e.*, *yeshûa'* é o nome hebraico de nosso Senhor, "pois ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21). Pode tratar-se de uma forma abreviada pela omissão do elemento divino, com significado de "ele salvará".

A forma abreviada independente do nome divino, Yah, ocorre principalmente em poesia e na exclamação Aleluia, *hall'lû-yah*, "exaltai a Iavé". Serve também de elemento conclusivo de nomes como Elias: *'ēlîyâ* (ou *'ēlîyāhû*), "Deus (é) Iavé".

No período pós-exílico, a reverência pelo inefável nome "Iavé" fez com que fosse suplantado na leitura na sinagoga (mas não na grafia) pelo nome *'ădōnāy*, "meu senhor" ou Senhor. A seguir, quando os estudiosos judeus começaram a inserir vogais para acompanhar o texto consonantal do AT, adicionaram a YHWH os sinais massoréticos da palavra *'ădōnāy*; a grafia final passou a ser um intolerável *YăHōWāH*, popularizado pela ASV como "Jeová".

O nome de Deus identifica sua natureza, de modo que um pedido para conhecer seu "nome" equivale a uma pergunta sobre seu caráter (Êx 3.13; Os 12.5[6]). A especulação crítica sobre a origem e o significado de "Iavé" parece ser infindável (*cf.* KOHLER, L., *OT theology*, p. 42-6; *IDB*, v. 2, p. 409-11); a explicação bíblica em Êx 3.14, todavia, é que o nome representa um simples imperfeito (qal) do verbo *hāwâ*, "ser", "EU SOU [É] O que SOU". O nome exato, Iavé, surge quando outros falam dele na terceira pessoa, *yahweh*, "ele é". Albright, é verdade, advogou um sentido causativo, "Eu trago à existência, faço existir, crio" (*From the Stone Age to Christianity*, 2. ed. 1946, p. 198; FREEDMAN, D. N., *JBL*, 79:151-6), mas tal proposta é corretamente criticada como "a invocação de uma forma

(hifil) inexistente" (N. WALKER, *JBL*, 79:277).

Alguns chegaram a sugerir que o significado da forma do qal para Iavé deve ser a imutabilidade de Deus para com seu povo (Êx 3.15; VOS, G., *Biblical theology*, p. 134). Todavia, como o próprio Moisés indicou (Êx 3.13), o fato de Iavé ter sido o antigo Deus dos patriarcas era insuficiente para fazer frente às necessidades de Israel naquela situação; além disso, o AT tem pouco a dizer sobre abstrações como a "imutabilidade da divindade" (embora no NT Jesus tenha usado Êx 3.14 para apresentar o pensamento de sua eterna existência divina, Jo 8.58). A promessa divina a Moisés imediatamente anterior tinha sido "eu serei contigo" (Êx 3.12). Assim, sua afirmativa no versículo 14 poderia estar dando a entender "eu estou presente é o que eu sou". De fato, a promessa fundamental de sua aliança é "eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo" (Êx 6.7, *etc.*; em contraste com Os 1.9); assim, "Iavé", "presença fiel", é a natureza, ou o nome pactual ou testamental de Deus (Êx 6.2, 4; Dt 7.9; Is 26.4).

O uso de Iavé como nome divino remonta aos tempos mais primitivos (Gn 4.1, 26; 9.26), embora a documentação quanto a seu emprego entre outras culturas primitivas pareça ser questionável (*IDB*, v. 2, p. 409). Em Êx 6.3 o Senhor explica a Moisés que não se dera a "conhecer" aos patriarcas pelo seu nome Iavé, querendo dar a "conhecer" (ver *yādaʿ*) o sentido mais amplo e profundo da palavra: o nome estava em uso (Gn 12.8; 15.2, 7, 8) mas não era entendido com o significado redentor que adquirira no tempo de Moisés (MOTYER, J. A., *The revelation of the divine name*). Mesmo o suposto documento P, que segundo os críticos contradiz as alegações bíblicas de que Iavé foi usado bem cedo (*Ibid.*, p. 3-6), utiliza-o em nomes próprios pré-mosaicos (Joquebede, Êx 6.20; Nm 26.59).

Começando com os juízes mais recentes (1 Sm 1.3), o nome Iavé é freqüentemente combinado com o termo *tsʿbā'ôt*, "hostes", "exércitos" (*q.v.*). O tetragrama ocorre em todos os livros do AT, exceto Eclesiastes e Ester. Aparece na inscrição moabita de Mesa (linha 18), datada do século IX a.C. A partir do século VIII a.C., o elemento "Yau-" é empregado em nomes aramaicos e em referências mesopotâmicas a governantes hebreus. Somente em tempos mais próximos do NT é que o nome pessoal de Deus foi substituído pelo título mais formal *'ădōnāy* (gr., *kurios*), "Senhor".

As Escrituras falam do tetragrama como o "nome glorioso e terrível" (Dt 28.58) ou simplesmente "o nome" (Lv 24.11). Ele conota, porém, a proximidade de Deus, seu cuidado com o homem e a revelação de sua aliança redentora. Em Gênesis 1.1—2.3, o termo geral *'ĕlōhîm* (*q.v.*), "Deus", "divindade", é apropriado para o Deus transcendente da criação; em 2.4-25, porém, aparece Iavé, o Deus imanente das revelações feitas no Éden. Em 9.26, 27, Eloim engrandece a Jafé, mas Iavé é o Deus de Sem; o último nome é usado especialmente em referências ao Deus de Israel. No salmo 19 os céus declaram a glória de *El* (vv. 1-6), mas a lei de Iavé é perfeita, e Iavé é "rocha minha e redentor meu" (vv. 7-14[8-15]; *cf.* MANLEY, G. T., *The book of the law*, p. 41). Tal distinção, todavia, não é difusa: os salmos 14 e 53 são praticamente idênticos, exceto no caso dos nomes divinos utilizados; o primeiro livro do saltério (Sl 1—41) simplesmente prefere Iavé, ao passo que o segundo livro (42—72) prefere Eloim. Em última análise, as conotações do nome Iavé se cumprem na "aliança de paz", quando o Deus que está presente desde o princípio estará plenamente presente também no fim (Is 41.4); *cf.* a ênfase de Ezequiel sobre "o meu santuário no meio deles para sempre" (Ez 37.26) e o nome que dá à cidade escatológica, *YHWH shāmmâ*, "Iavé está ali".

Bibliografia: ABBA. R., The divine name Yahweh, *JBL*, 80:320-8. — ALBRIGHT, W. F., *Yahweh and the gods of Canaan*, p. 168-72. — FREEDMAN, D. N., The name of the God

of Moses, *JBL*, 79:151-6. — HARRIS, R. L., The pronunciation of the tetragram., In: *The law and the prophets*, ed., SKILTON, J. H., Presbyterian and Reformed, 1974, p. 215-24. — JACOB, E., *Theology of the OT*, Harper, — 1958, p. 48-54. — MOTYER, A. J., *The revelation of the divine name*, London, Tyndale. 1959. — PAYNE, J. B., *Theology of the Older Testament*, Zondervan, 1962, p. 147-54. — *TDNT*, v. 3, p. 1058-81.

J.B.P.

485 הוֹי (*hôy*) ***Ah! Ai!*** (ARC e ARA semelhantes)

Interjeição que normalmente expressa lamento ou dor. Ocorre 50 vezes nos profetas e apenas uma vez fora deles. Seis ocorrências se referem a lamentos pelos mortos (como em 1 Rs 13.30), e 40 envolvem advertências negativas ou ameaças de castigo físico por parte de Deus. Em Isaías 55.1, todavia, a palavra introduz um convite positivo para vir e comprar coisas boas sem dinheiro, nem preço (*cf.* Zc 2.6, 7).

Bibliografia: CLIFFORD, R. J., The use of *hôy* in the prophets, *CBQ*, 28:458-64. — GERSTENBERGER, Erhard, The woe-oracles of the prophets, *JBL*, 81:249-63. — WANKE, Gunther, *'ôy* and *hôy*, *ZAW*, 78:215-8. — *THAT*, v. 1, p. 474-6.

C.P.W.

הוֹלֵלָה (*hôlēlâ*). Veja o n.º 501a.

הוֹלֵלוֹת (*hôlēlôt*). Veja o n.º 501b.

486 הוּם (*hûm*) ***ser mudado, soar de novo, fazer grande barulho.***

Termo Derivado

486a מְהוּמָה (*m'hûmâ*) ***destruição, perturbação, tumulto, dificuldade, confusão, pasmo, comoção.*** (A ARC e a ARA são semelhantes na tradução desta palavra, mas não usam o termo "destruição". Outras versões usam a palavra "pânico" ou "distúrbio". O significado deste substantivo é "confusão", "comoção" ou "distúrbio".)

O sentido básico desta raiz parece ser o de uma perturbação grave, daí o uso de verbos como "pasmar", "agitar" ou "comover".

O verbo é usado seis vezes, uma no qal (Dt 7.23). Aqui, usado com o acusativo cognato, refere-se a Deus como aquele que perturbou (afligiu) grandemente os inimigos até que estes foram destruídos. No nifal o verbo se refere à agitação de uma cidade que "se comoveu" (Rt 1.19; 1 Rs 1.45), ou de um acampamento militar (1 Sm 4.5). O sujeito da ação é a terra (ou solo), que se agita ou ressoa com a gritaria de gente entusiasmada. O hifil pode ser traduzido por "agitar" ou "causar distúrbio" (Sl 55.2[3]; Mq 2.12), mas a opinião dos eruditos sobre como traduzir tais passagens está dividida.

Em dez de suas 12 ocorrências o substantivo retrata a ação de Deus contra os inimigos de Israel (Dt 7.23), ou contra o próprio Israel (Dt 28.20).

A raiz *hûm* é, sem dúvida, um derivado de *hāmam*, e possivelmente de *hāmâ* (*q.v.*).

C.P.W.

487 הוּן* (*hûn*) ***estar pronto.***

Termo Derivado

487a הוֹן (*hôn*) ***suficiência, riquezas, posses, riqueza.***

O verbo é usado apenas uma vez (no hifil, Dt 1.41). Nessa passagem significa "considerar fácil", "menosprezar", possivelmente "ousar" ou "desafiar". É usado para caracterizar a tentativa dos israelitas de conquistar Canaã depois de Deus ter-lhes dito que precisavam esperar. P. C. Craigie comenta aqui: "Havia um delicado equilíbrio na natureza da aliança, o qual os israelitas constantemente deixavam de perceber. Primeiramente, não conseguiam confiar no Senhor, que por eles lutaria e os protegeria. Depois, quando alcançaram uma confiança superficial no Senhor, esqueceram-se da seriedade de sua tarefa" (*The Book of Deuteronomy*, Eerdmans, 1976, p. 106).

hôn. ***Suficiência, riquezas, posses, riqueza, basta.*** O substantivo significa "riqueza", mas seu uso é poético. É usado 26 vezes, em Provérbios (19 vezes), em Ezequiel, em Salmos e no Cântico dos Cânticos.

O significado básico da palavra é "bens" ou "posses" em quantidade suficiente para serem considerados "riquezas" ou "riqueza" (Pv 3.9, *etc.*). Se, conforme se presume, este substantivo deriva do verbo acima, o sentido de "bens" ou "riqueza" pode ter-se desenvolvido da idéia daquilo que é necessário para "tornar a vida fácil". A palavra é usada em contraste com *dal*, "pobre", "fraco" ou "indefeso" (Pv 19.4; 28.8). *hôn* é usado como paralelo de *'ōsher*, a palavra comum para "riquezas" (Sl 112.3; Pv 8.18). A palavra normal para "propriedade" ou "bens", *r'kûsh*, tem seu uso restrito basicamente a passagens narrativas em prosa.

Em Salmos 44.12[13] a tradução "por um nada" ou "por nada" (ARC) vem do hebraico *b'lō' hôn*, "sem riquezas". Deus teria vendido seu povo sem sequer pedir preço por eles. A tradução "basta!" em Provérbios 30.15, 16 é exigida pelo contexto. A idéia pode ser a de suficiência, mas neste caso sem referência a riqueza.

A atitude do AT para com *hôn* é ambígua. Há a boa e a má riqueza. O ladrão busca riqueza (Pv 1.13), mas o bom homem honra ao Senhor com sua riqueza (Pv 3.9). As riquezas não livram no dia da ira (Pv 11.4), mas o conhecimento traz consigo riquezas preciosas e agradáveis (Pv 24.4). As riquezas de Tiro são condenadas (Ez 27.12), mas em Salmos 112.3 as riquezas são a recompensa do justo (veja *'āshar*).

C.P.W.

488 *הוּת (*hût*) ***gritar***. Ocorre apenas uma vez, no poel (Sl 62.4).

489 חָזָה (*hāzâ*) ***dormir.*** Esta palavra é usada apenas em Isaías 56.10. É usada para descrever cães adormecidos que representam os falsos líderes de Israel. O sentido mais provável é "sonhar". Alguns pensam que a forma é um erro de cópia da palavra *hōzeh*, "vidente", que de fato é o texto de alguns manuscritos; a LXX, todavia, sustenta o TM.

C.P.W.

490 הִי (*hî*) ***lamentação, lamento, gemido*** (apenas em Ez 2.10).

הִיא (*hî'*). Veja o n.º 480.

הֵידָד (*hêdād*). Veja o n.º 471.

הֵידוֹת (*huy'dôt*). Veja o n.º 847a.

491 הָיָה (*hāyâ*) ***ser, tornar-se, existir, acontecer.***

Este verbo ocorre 3 540 vezes no hebraico bíblico, todas elas no qal, exceto os 21 usos no nifal. O verbo é relacionado a outra palavra hebraica que significa "tornar-se", *hăwâ* (ocorre apenas cinco vezes: Gn 27.29; Is 16.4; Ec 2.22; 11.3; Ne 6.6) e ao mesmo verbo em aramaico bíblico, *hăwâ* (71 ocorrências). Em acadiano, o seu equivalente fonético, *ewû*, significa "transformar-se em, tornar-se como". Para expressar o ser ou a existência, o acadiano não usa *ewû* mas *bashû* (de modo semelhante ao termo *kun* do ugarítico e do fenício).

Apenas raramente no AT o verbo *hāyâ* é utilizado para denotar a simples existência ou a identificação de um ser ou de uma coisa. Isto pode ser ilustrado por um simples exame de quase toda página da ARC, onde o leitor encontrará várias formas do verbo ser em itálico, indicando que tais formas são adições que os tradutores julgaram necessárias para uma tradução fluente, e que não existem no hebraico. Em tais casos, o hebraico emprega o que se conhece em gramática como uma oração nominal, que podemos definir da maneira mais simples como uma frase que não tem verbo normal nem verbo de ligação, por exemplo: Eu (sou) o Senhor teu Deus; o Senhor (é) sol e escudo; a terra (é) boa; no NT, bem-aventurados (são) os pobres. Esta ausência quase total de *hāyâ* como verbo de ligação ou partícula de existência levou alguns a usar este fenômeno como prova de que o pensamento "estático" era desconhecido dos hebreus, que só pensavam em categorias "dinâmicas" (ver Boman na bibliografia abaixo).

O hebraico possui uma maneira alternativa de expressar existência além da oração nominal, utilizando a partícula *yesh* (em orações afirmativas) e a partícula *'ayin* (nas negativas). Isto é, na verdade, apenas mais uma forma de oração nominal, como "talvez haja cinqüenta justos na cidade" ou "... não há Deus". Ambas as partículas são de natureza mais substantival que verbal, e se assemelham, em função, ao francês *il y a* e ao alemão *es gibt*.

Há situações, todavia, em que *hāyâ* é usado com predicativo: a) na descrição de uma situação passada que já não se verifica: "A terra era (*hay'tâ*) sem forma e vazia" (Gn 1.2); b) em narrativas históricas: "A serpente era (*hāyâ*) mais sagaz que todos os animais ..." (Gn 3.1); c) na expressão de uma verdade universal: "Não é bom que o homem esteja (*heyôt*) só" (Gn 2.18). Observe-se a justaposição da oração verbal com *hāyâ* com a oração nominal, sem o verbo: "Sereis (*tihyu*) santos porque eu (sou) santo (*qādosh 'ănî*, Lv 19.2). Boman explicaria a ausência do verbo de ligação na parte final da sentença dizendo que o predicativo (santo) é inerente ao sujeito (Deus), sendo o verbo, assim, desnecessário. Acrescentaria ainda que o primeiro verbo "ser" realmente significa "tornar-se". Pular dessa observação, todavia, para a conclusão de que o sentido básico de *hāyâ* na Bíblia é "tornar-se" parece injustificado.

Especialmente importante é o uso do verbo *hāyâ* nas fórmulas da aliança: "Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo" (Jr 7.23; 11.4; 24.7; 31.33, *etc.*), e no contexto das promessas divinas de bênção e julgamento: "de ti farei uma grande nação [...] e tu serás uma bênção" (Gn 12.2). Uma tradução freqüente, embora talvez imprecisa, de *hāyâ* é, como observado acima, "vir". Isto aparece com mais freqüência com respeito à "vinda" do Espírito de Deus sobre um indivíduo (Jz 11.29; 1 Sm 19.20), e em passagens onde a

palavra de Deus "vem" a alguém (Gn 15.1; 1 Sm 15.10; 2 Sm 7.4; Jr 36.1).

Uma palavra final e breve deve ser dita sobre o significado e a interpretação de Jeová ou Iavé. Parece fora de dúvida que o nome contém o verbo *hāyâ*, "ser" (veja todavia o artigo YHWH). A questão é determinar se o verbo estaria no qal, "ele é", ou no hifil. "ele faz ser", "traz à existência", ponto de vista cujo defensor maior foi W. F. Albright. A mais forte objeção a tal interpretação é que ela exige uma alteração do texto chave de Êx 3.14: "Eu sou o que sou". Mais provavelmente o nome deveria ser traduzido: "Eu sou aquele que é" ou "Eu sou aquele que existe", conforme é refletido pela tradução da LXX, *ego eimi ho ōn*. Um eco de tal interpretação seguramente se acha no NT, em Apocalipse 1.8. Mais do que talvez qualquer outra coisa, a ontologia de Deus expressa tanto sua presença quanto sua existência. Nenhum dos dois conceitos pode ser rotulado como mais importante que o outro.

Bibliografia: BARR, James, *The semantics of biblical language*, Oxford University Press, 1961, esp. p. 58-72, em oposição a Boman e sua ênfase no caráter "dinâmico" e não "existencial" de *hāyâ*. — BOMAN, T., *Hebrew thought compared with Greek*, trad. J. L. Moreau, London, SCM, 1960, esp. p. 38-49. — DEVAUX, R., The proclamation of the divine name YHWH, In: *Proclamation and presence*, ed. — DURHAM J. I. & PORTER, J. R. London, SCM, 1970. p. 48-75, com citação de bibliografia apropriada de estudos sobre o significado do tetragrama. — PREUSS, H. D., Ich will mit dir sein, *ZAW*, 80.139-73. — SCHILD, E., On Exodus iii 14: "I am that I am", *VT*, 4:296-302. — *THAT*, v. 1, p. 477-85.

V.P.H.

הָיָה (*hayyâ*). Veja o n.º 483b.

492 הֵיךְ (*hêk*) ***como?!***

Esta grafia secundária de *'ek* também introduz uma pergunta ou exclamação de indignação ou espanto (*GKC*, 148). O primeiro sentido é evidenciado em 1 Crônicas 13.12, quando Davi demonstra sua ira, e o segundo em Daniel 10.17. O cognato ugarítico é *'k* (*UT*, 19:147). *hêk* ocorre duas vezes.

L.J.C.

493 הֵיכָל (*hêkāl*) ***palácio, templo, santuário, nave.***

A ARC e a ARA utilizam a palavra de modo semelhante. Como na literatura extrabíblica. esta palavra, que foi tomada por empréstimo ao sumeriano ou acadiano (*É.GAL/ekallu*; Ugarítico *hkl*, *UT*, 19:763) representa a moradia do rei, *i.e.*, um palácio. Na Bíblia, os palácios não são feitos necessariamente de pedra (Sl 18.6[7]), nem têm proporções gigantescas (1 Rs 6.3). Nossa palavra tem uma vasta gama de sinônimos: *'armôn* (*harmôn*, Am 4.3; *'almôn*, Is 13.22), uma moradia ampla e luxuosa, que nunca é usada para descrever a casa de Deus; *bîrâ*. talvez uma palavra emprestada do persa para indicar "palácio, cidadela"; *m'tsād*, "fortaleza, forte", *etc*. Outras palavras para a moradia de Deus são: *bêt* (Gn 33.17, onde uma tenda, *sukkôt*, é chamada de *bêt*), também chamada de *ohel* (1 Sm 2.22), *miqdāsh* (qualquer lugar santificado por Deus na terra da Palestina, Êx 15.17, ou o santuário propriamente dito, Lv 16.33; veja *qōdesh*); *bāmôt*, topos de montes ou colinas (2 Sm 1.19; Dt 32.13), que freqüentemente serviam de locais de adoração, quer legítima (1 Sm 9.12; 1 Rs 3.4), quer ilegítima (Lv 26.30). Note-se especialmente o uso mitológico (*e.g.*, Am 4.13); e, por fim, *mishkān* (moradia em geral) e

māqôm (o lugar escolhido por Deus; ver *qûm*). Essa palavra ocorre 80 vezes.

Usos da palavra *hêkāl* fora da Palestina dizem respeito apenas ao domicílio real (2 Rs 20.18, e assim Os 8.14, ARA). Em Israel, *hekāl* refere-se à moradia do Grande Rei, Deus (Ed 3.6). O termo acadiano *ekallu* (*CAD*, E, I, p.52) representa o palácio real, a propriedade real, ou o salão principal (de recepções?) de uma casa particular. É interessante que o AT oferece conotações semelhantes. Observe-se especialmente que essa palavra não aparece no AT até 1 Samuel, o documento histórico que surgiu depois que a monarquia foi instituída em Israel. Esse sentido (o palácio de Deus) ocorre nas preces dos salmistas quando descrevem a vida de bem-aventurança (Sl 65.4[5]). Figurativamente, o próprio Davi ora no sentido de poder habitar na casa ou templo de Deus (Sl 27.4). Ele certamente não está solicitando uma mudança na lei pela qual ele, que não era sacerdote. pudesse entrar (na verdade, morar) no templo. Assim é por um estado de bem-aventurança que Davi ora, pedindo que sempre se ache sob o favor de Deus. Sem sombra de dúvida. é para o palácio ou templo terreno de Deus que Davi direciona sua oração, embora o alvo a quem se dirija seja o próprio Deus (Sl 5.7[8]; 138.2). Deus não está limitado ao espaço do templo (1 Rs 8.27). Todavia, o lugar escolhido por Deus é o seu templo, e este deve ser respeitado em proporção ao respeito devido ao Criador (Jr 7.4). Desonrar o templo terá como conseqüência o juízo divino (Jr 50.28). Deus mesmo levantará um servo para restaurar o seu templo (Ciro, Is 44.28), prefigurando a edificação de um templo perfeito por um homem chamado Renovo (Zc 6.12; *cf.* Is 11.1; Jr 23.5; 33.15; quanto à compreensão da igreja como este templo, compare Malaquias 3.1, Mateus 3.10-12, 1 Coríntios 3.3-15 e 2 Coríntios 6.16). Paulo usa a palavra *naos*, que pode referir-se a todo o edifício (ARNDT, p. 535).

Deve-se notar que o termo *hêkāl* foi aplicado à casa de Deus quando ainda uma tenda (1 Sm 1.9; 3.3). No salmo 27, a estrutura provisória em que Davi colocou a arca é chamada de casa (*bēt*), templo (*hêkāl*), pavilhão (*sukkâ*) e tabernáculo (*'ohel*).

Essa palavra também é aplicada a toda a "propriedade" de Deus. Por isso Davi afirma que tudo no templo de Deus proclama "glória" (Sl 29.9).

hêkāl também se refere ao salão principal do templo. Primeiramente, o salão de recepções de Deus (1 Rs 6.3; 7.50; 2 Cr 4.7) era o lugar onde Samuel dormia (1 Sm 3.3). Já que apenas aos sacerdotes era permitida a presença naquela área, é possível que Samuel não fosse tão jovem quanto se costuma pensar (Nm 4.3). Ali os reis ímpios colocavam seus ídolos (2 Cr 29.16) e foi este lugar sagrado que Uzias profanou (2 Cr 26.16). Mais tarde os inimigos de Neemias tentaram enganá-lo para que entrasse ali. Se Neemias o tivesse feito, seus inimigos teriam sido capazes de desacreditá-lo publicamente (Ne 6.10 e ss.).

Por fim, o verdadeiro templo e trono de Deus estão nos céus (Sl 11.4; Mq 1.2; Hc 2.20; Jn 2.4[5], 7[8]). Na visão de Isaías (Is 6.1 e ss.). o santuário celestial não contém separação entre o local do trono de Deus (arca, o Santo dos Santos) e o altar sobre o qual se acham as brasas (o lugar santo). Isto revela o estado perfeito em que não há outro mediador senão o próprio Deus.

Um ponto de vista diferente pode encontrar-se em SCHUNCK, K. D., Zentralheiligtum, Grenzheiligtum, und Höhenheiligtum in Israel, *Numen*, 18:132-40.

Bibliografia: KAPELRUD, Arvid S., Temple building, a task for gods and kings, *Or*, 32:56-62. — RICHARDSON, A., *TWB*, p. 173, 209. — USSISHKIM, D., King Solomon's palaces, *BA*, 36:78-106. — WRIGHT, G. R., Shechem and the league shrines, *VT*, 21:572-603. — WRIGHT, G. E., Solomon's temple resurrected, *BA*, 4:17-30. — _____, The

significance of the temple in the Ancient Near East, *BA*, 7:41-88. — ZEITLIN, Solomon, The temple and worship, *JQR*, 51:209-41.

L.J.C.

הילל (*hêlêl*). Veja o n.º 499a.

494 הִין (*hîn*) ***him***. (A ARC e a ARA usam a mesma palavra.)

Talvez tomada por empréstimo de uma palavra egípcia, *h( )n(w)* ou *hn(n)w*, que descrevia uma medida líquida de aproximadamente 450 ml. Essa medida egípcia, todavia, era de apenas um oitavo de him.

O "him" é uma unidade de medida líquida. Fontes posteriores ao AT afirmam que era um sexto de um bato ou doze logues. O bato é a medida líquida equivalente ao efa (*q.v.*), que era usado para medidas secas. O bato era equivalente a aproximadamente 22 l, o que daria ao him um valor de aproximadamente 3,67 l.

A palavra é usada 22 vezes no AT. É usada 20 vezes para medir o azeite e o vinho (uma vez "bebida forte"), usados com os sacrifícios (Nm 15, 28 *et al.*). Frações do him, metade, um terço e um quarto eram utilizadas, e até mesmo um him inteiro, mas nunca mais que um. Como uma lição visualizada, Ezequiel recebeu permissão de beber apenas a sexta parte de um him (cerca de 600 ml) de água por dia para representar as condições de sobrevivência em Jerusalém depois de um cerco prolongado (Ez 4.11). A lei mosaica exigia o uso de um "him justo" (Lv 19.36), assim como exigia medidas e pesos justos de toda espécie.

Bibliografia: *AI*, p. 195-209. — HUEY, F. B., Weights and measures, *ZPEB*.

C.P.W.

495 הכר (*hākar*) Ocorre só em Jó 19.3, na frase *lō' tēbōshû tahkᵉrû-lî*. O sentido é dúbio, talvez "desavergonhadamente vocês me atacaram".

הכרה (*hakkārâ*). Veja o n.º 1368e.

496 *הלא (*hālâ'*) ***lançar para longe***. Este verbo denominativo ocorre apenas uma vez, no nifal (Mq 4.7).

Advérbio de Origem

496a הלאה (*hāl'â*) ***longe, bem longe, para frente*** (*e.g.*, Gn 19.9; Jr 22.19).

הלול (*hillûl*). Veja o n.º 500a.

497 הלז (*hallāz*), הלזה (*hallāzeh*), הלזו (*hallēzû*) ***este(a) aqui, este(a) ali.***

Este pronome demonstrativo secundário e raro intensifica a designação. A forma abreviada pode ser tanto masculina (Jz 6.20) quanto feminina (2 Rs 4.25), ao passo que a forma *hallēzú* é feminina (*GKC*, 34f). Estas formas podem ter sido desenvolvidas do

demonstrativo regular, *zeh*, mais o artigo definido, mais o chamado *lamed* enfático (NOTSCHER. *VT*, 3:372-80).

L.J.C.

הָלִיךְ (*hālîk*). Veja o n.º 498a.

498 הָלַךְ (*hālak*) ***ir, andar.*** A ARC e ARA são bem semelhantes, sendo esta última mais sensível à tradução.

Termos Derivados

498a הֹלֵךְ (*hēlek*) ***viajante, caminhante.***
498b הֲלִיךְ (*hālik*) ***passo.***
498c הֲלִיכָה (*hălîkâ*) ***caminho, procissão, cortejo.***
498d מַהֲלָךְ (*mahălak*) ***caminhada, jornada.***
498e תַּהֲלוּכָה (*tahălûkâ*) ***procissão, cortejo.***

Essa palavra denota movimento em geral, embora usualmente o descreva em relação a pessoas. Por isso pode ser empregada com várias conotações (até mesmo em Js 17.7) e em vários contextos. Devemos notar especialmente o uso imperativo interjectivo (Gn 37.13, 20; Gn 19.32; 31.44), o uso do infinitivo absoluto para estender a ação de outro verbo (Gn 8.3, 5; veja *GKC*, 113u) e o uso de formas finitas para concretizar a ação de outro verbo (Gn 27.14; 50.18; 2 Rs 3.7; Is 2.3). Como sinônimos encontramos *rut*, "correr", *bó*. "vir", "entrar", *yasta'*, "sair", *'alâ*, "subir", e *shûb*, "voltar". Seus antonimos são *yāshab*. "assentar-se", e *'āmad*, "ficar de pé". Esta raiz ocorre 1 562 vezes. É uma raiz semítica comum (acadiano *alāku*, *CAD*. A.I, p. 300-28; ugarítico ***hlk***, *UT*, 19:766).

A aplicação específica deste verbo aos diversos tipos de ir ou andar permite traduções bem variadas: *e.g.*, o "rastejar" de uma cobra (Gn 3.14), o "vaguear" das raposas (Lm 5.18), o "navegar" dos navios (Gn 7.18), o "fluir das águas", o "soar" de trombetas (Êx 19.19), o "caminhar" dos homens (Ex 14.29), *etc*. Noutro uso especial este verbo denota o fim de, *e.g.*, chuva (Ct 2.11), orvalho (Os 6.4), vento (Sl 78.39), tristeza (Jó 16.6), vida humana (Gn 15.2; Js 23.14), *etc*.

Este verbo pode ser aplicado tanto a supostos deuses (Sl 115.7) quanto ao Senhor Deus. Embora outros verbos sejam geralmente usados em relatos teofânicos (SCHNUTENHAUS, Frank, Das Kommen und Erscheinen im Alten Testament, *ZAW*, 76:1-22), há pelos menos um uso claro de *hālak* num tal contexto (Gênesis 18.33). Talvez Gn 3.8 também seja um contexto teofânico, embora o particípio possa referir-se a *qôl* e não ao "SENHOR Deus". e em tal caso a tradução teria de ser: "... a voz do Senhor Deus a qual passava pelo jardim na brisa do dia". Numa concepção antropomórfica, Deus caminha sobre as nuvens (Sl 104.3) ou nos céus (Jó 22.14). Mais freqüente e mais importante é o uso de *hālak* para descrever a vinda do Senhor ao seu povo em julgamento ou em bênção (2 Sm 7.23; Sl 80.2[3]), especialmente durante a peregrinação pelo deserto (*e.g.*, Êx 33.14; 13.21). Neste último contexto, observe-se o novo Exodo (Is 45.2). Assim como o povo seguira a Arca de Deus pelo deserto, assim a seguiam em seu ritual (ocasionalmente expresso por *hālak*; *cf*. Js 3.6; Nm 10.32-36).

A apostasia é descrita como "ir após" outros (falsos) deuses (Êx 32.1; Jr 5.23), "andar"

nos próprios conselhos malignos (Jr 7.24; Sl 1.1) ou segundo o próprio coração (Jr 11.8), ou caminhar nas trevas (Is 9.2[1]), e Deus caminha em sentido contrário a ela para julgá-la (Lv 26.24). A pessoa verdadeiramente piedosa segue a direção de Deus em tudo que faz (*i.e.*, obedece os seus mandamentos, 1 Rs 3.14; Sl 119.1 e ss.). Esta idéia pode ser expressa apenas por *hālak* (sem *'ahărê* e palavras como *ts'dāqôt* [Is 33.15]), *etc.* O hitpael é usado em tais ocasiões para enfatizar a continuidade da ação. Exemplos notáveis de homens que assim viveram perante Deus são Enoque, Noé e Abraão (Gn 5.22; 6.9; 17.1).

hălîkâ. ***Caminho, procissão, cortejo.*** A ARC e a ARA trazem traduções diferentes desta palavra. Este substantivo (*GKC*, 84ª1) concretiza várias conotações do verbo, seja ele concebido como o processo de ir (Sl 68.24[25]; Na 2.5[6]; Hc 3.6; ugarítico *hlk.kbkbm*; Albright, *BASOR*, 82:49) seja como o processo da vida (Pv 31.27), seja como aquilo que passa (Jó 6.19). Para relacionar os cognatos ver o termo acadiano *alaktu* (*CAD*, A.I., p. 297-300). Essa palavra ocorre seis vezes.

tahălukâ. ***Procissão, cortejo.*** A ARC e a ARA usam a mesma tradução. Este *hapax legomenon* (*GKC*, 85r) concretiza o caminhar ritualista formal.

Bibliografia: BLANK, Sheldon H., Some considerations concerning biblical prayer, *HUCA*, 32:75-90. — SPEISER, E. A., The durative Hithpa'el: a tan-form, *JAOS*, 75:118-21. — *THAT*, v. 1, p. 486-92.

L.J.C.

499 הָלַל (*hālal*) ***I, brilhar.***

Termo Derivado

499a הֵילֵל (*hêlēl*) ***Helel.*** A ARC e ARA traduzem por "estrela da manhã".

Essa raiz representa a produção de luz por corpos celestes. Talvez a expressão ugarítica *bnt.hll* (filha de Helel?) como um nome de *ktrt* (*UT*, 19:769) mostre um significado semelhante. A raiz ocorre cinco vezes (talvez seis; KD, Jó 25.5).

O verbo é usado no livro de Jó em passagens altamente poéticas para descrever o fulgor do sol (29.3; 31.26). Em ambas as passagens o contexto deixa claro este significado. Também em Isaías 13.10 se vê este contraste entre este aspecto dos astros e o escurecimento do sol e da lua. Esses dois astros são simbólica ou figuradamente escurecidos como sinal de bênção (Is 60.19; Jl 2.31[3.4]) e julgamento ou as duas coisas, quer histórico (Is 13.13; Ez 32.7), quer escatológico (Jl 2.10). Todos os usos desse verbo aparecem em contextos com ligações mitológicas. Isto não significa que os autores bíblicos aceitassem mitos pagãos como realidade. Na verdade, como Jó (41.18[10]) tenta deixar claro. Deus, e apenas ele, subsiste como divindade. Os deuses pagãos são criações das mentes de seus adoradores (Is 2.8). O Leviatã é um brinquedo nas mãos de Deus, *i.e.*, ele zomba das religiões pagãs. É interessante que, em Jó 41.18[10], a linha paralela à que contém o verbo em estudo alude a *shahar* (*q.v.*; *cf.* MCKAY, J. W., Helel and the Dawn-Goddess, *VT*, 20:456 e ss.), que provavelmente deve ser entendido como o nome de uma deusa. McKay (*op. cit.*) afirma que na alusão encontrada em Isaías 14.12-15 há uma versão cananéia do mito grego de Féton, intermediado e influenciado pela cultura fenícia durante a "era heróica". O desenvolvimento da versão cananéia é complexo e tem afinida-

des com o mito ugarítico que envolve Atar, filho de Atirat, que foi incapaz de ocupar o trono de Baal. Foi Féton que tentou subir às alturas do céu e, como a estrela da alva, foi condenado a ser sempre lançado no Hades (*sh'ôl*, *q.v.*). Mesmo que os argumentos de McKay não sejam aceitos, é importante notar as seguintes peculiaridades filológicas: 1) *har mô'ēd* (Is 14.13) e o ugarítico *gr.ll* ("O monte de Lala"), onde se reunia o *phr.m'd* ("O Corpo Reunido", *ANET*, p. 130 — *UT*, 16, texto 137:20) e 2) o nome *tsāpôn* (Is 14.13), que é bem conhecido em ugarítico como a montanha dos deuses. O Deus de Israel não está entronizado em Safom; ele reina desde os próprios céus (*cf. hêkāl*). Qualquer interpretação de Isaías 14 que não leve em conta sua alusão mitológica comete uma injustiça contra o que ali é dito. [Pode ser útil acrescentar que esta passagem muito discutida, com possíveis paralelos na mitologia pagã, é, na verdade, na forma, uma citação das palavras de um rei pagão. Seria perfeitamente natural que um rei pagão se vangloriasse de exaltar seu trono acima dos deuses ou acima da montanha onde ele cria que os deuses se reunissem. R.L.H.]

hêlēl. ***Helel*** (ARC e ARA trazem "estrela da manhã"). Este nome próprio é um *hapax legomenon* que descreve o rei da Babilônia (Is 14.12).

L.J.C.

500 *הלל (*hālal*) ***II, exaltar, louvar, vangloriar*** (somente no piel, pual e hitpael).

Termos Derivados

500a תְּהִלּוֹת (*hillûl*) ***júbilo, exultação, louvor.***

500b מְהֻלָּל (*mahălāl*) ***louvor.***

500c תְּהִלָּה (*t'hillâ*) ***louvor.***

Esta raiz conota as idéias de estar sincera e profundamente agradecido e de estar satisfeito em elogiar alguma(s) qualidade(s) superior(es) ou grande(s) feito(s) do objeto da ação. Seus sinônimos são *yādâ* (hifil), "louvar, dar graças"; *rānan*, "cantar ou gritar de júbilo"; *shîr*, "cantar (louvores)"; *bārak* (piel), "louvar, bendizer"; *gādal* (piel), "engrandecer"; *rum* (polel), "exaltar"; *zāmar* (piel), "cantar, tocar, louvar" — que devem ser todos consultados. Quanto a cognatos, ver o acadiano *alālu*. 1. *atlalu*, "gritar, vangloriar-se"; 2. *sululu*, "saudar, aclamar, gritar, demonstrar alegria" (*CAD* A.I, p.331 e s.); e o ugarítico *hll* (*UT*, 19:769). A raiz em estudo ocorre 206 vezes.

O verbo pode ser usado para exaltar a beleza humana (Gn 12.15; 2 Sm 14.25) ou o entendimento humano (Pv 12.8). O substantivo *t'hillâ* é usado em relação ao renome de cidades (Jr 48.2). *hālal* também pode descrever o elogio devido a uma boa dona de casa (Pv 31.28, 31), a um diplomata sábio (1 Rs 20.11) e que procede de um rei (Sl 63.11[12], *etc.* Normalmente, entretanto, a raiz em estudo se refere ao louvor de divindades, mesmo que sejam falsos deuses (Jz 16.24).

O uso mais freqüente desta raiz diz respeito ao Deus de Israel. Quase um terço de tais passagens ocorrem nos salmos. Destas, o maior número é o de imperativos, de convocações ao louvor. A freqüência e o modo de ocorrência enfatizam a necessidade vital de tal ação. A centralidade do culto para o entusiasmo nacional de Israel confirma ainda mais essa necessidade, como também o faz o fato de que a hinódia religiosa de Israel

estava fortemente ligada a Davi, o rei idílico. Os temas relacionados e incluídos nas expressões verbais de louvor (os salmos) demonstram que o imperativo que Deus seja reconhecido em sua divindade (Sl 102.21[22]) e que a plenitude dessa divindade seja confirmada e declarada. Isto deve ser oferecido numa atitude de prazer e regozijo. A fé e a alegria estão inextricavelmente entrelaçadas. Em segundo lugar, é significativo que a maioria dessas ocorrências esteja no plural (exceto Sl 146.1; 147.12, que é coletiva). Isto nos mostra, tal como faz o uso dos salmos no culto israelita, que o louvor a Javé era especialmente, embora de modo algum exclusivamente (Sl 146.1), congregacional. Este louvor podia envolver coros e instrumentos musicais. Podia ser expresso pela fala (Jr 31.7), pelo canto (Sl 69.30[31]) e pela dança (Sl 149.3). Tal louvor era um elemento essencial do culto público formal em Israel. É importante notar a forte relação entre o louvor e o conteúdo intelectual. Toda a criação, tanto terrestre (Sl 148.1 e ss.) quanto celeste (Sl 148.2) é convocada a louvar a Deus. Isto não implica, todavia, que tal atividade fosse qualquer coisa menos que inteligente. Tais personificações (Rm 8.20 e ss.) enfatizam a responsabilidade de toda a criação de dar a Deus o que lhe é devido (Sl 150.6). O louvor e o culto são constantes na obrigação e no privilégio do homem perante seu Criador e Salvador (Sl 106.1). É interessante que, durante o exílio o culto público foi mantido, mas à parte do templo. Para enfatizar sua "alegria" reduzida nessa adoração, os piedosos penduraram suas harpas (Sl 137.2) para retomar o uso de instrumentos musicais apenas depois da restauração (Sl 147.7). Além disso, a era messiânica testemunhará o cantar de um novo cântico (Is 42.10; *cf.* Ap 5.9). A comunidade adoradora do NT chegou à percepção de que constituía o templo de Deus (1 Co 3.16; ver *hêkāl*). A adoração no templo era a mais exuberante e se expressava com cânticos novos e antigos.

O verbo *hālal* é usado no sentido volitivo, no qual o piedoso declara sua intenção de louvar a Deus. Tais declarações acontecem, ou no princípio (Sl 145.2), ou no final (Sl 22.22[23]), embora geralmente *yādâ* (hifil) seja usado em tais salmos. Mesmo o louvor declarativo do indivíduo ocorre num contexto de culto público (Sl 22.22[23]; 35.18). *t'hillâ* também pode ser usado em tais salmos (145.1; 9.14[15]; 109.1). Esta afirmação individual exibe aceitação do modo imperativo expresso em *hālal*. Aqui também a importância da atividade de louvar na vida do indivíduo é enfatizada por sua prolongada expressão verbal (Sl 63.5[6]; 34.2[3]). Exaltar publicamente assim a pessoa (Dt 10.21; Jr 17.14) e a obra (Sl 106.2) de Deus equivale a afirmar a própria vida. Os livros históricos (*e.g.*, Crônicas) presumem tal resolução e observam especialmente a disposição e o estabelecimento da ordem do culto, atribuindo tal estabelecimento da adoração musical a Davi.

Outro uso da raiz *hālal* reflete sobre a natureza e o conteúdo do louvor a Deus. Ele é o único e exclusivo objeto e o conteúdo do verdadeiro louvor (Sl 65.1[2]; 147.1; *cf.* Jr 17.14). Deus está, de fato, inseparavelmente ligado ao louvor (Sl 109.1; Dt 10.21; Sl 22.3[4]). Além disso, a existência humana e o louvor a Deus estão intimamente relacionados (Sl 119.175). Sobrevindo a morte, este louvor no culto público, naturalmente, cessa (Sl 115.17; *cf. sh'ôl*, e COPPES, L., Sheol, what is it?, *Covenanter Witness* 92:14-7). A mais profunda riqueza da vida humana produz um contínuo louvor (Sl 84.4[5]).

A conotação profana (no sentido de uma qualidade louvável) é vez por vez aplicada a Deus. Isso é expresso especialmente no hitpael e pelo substantivo *t'hillâ*. O único e contínuo motivo de glória de um indivíduo deve ser a pessoa de Deus (Sl 105.3). Gloriar-se em Deus é, na verdade, a prova da piedade de alguém (Sl 64.10[11]; observe-se o seu paralelo, *sāmah*). O louvor de Deus (paralelo de *hôd*) enche a terra (Hc 3.3). *t'hillâ* também tem *kābôd* como paralelo (Is 42.8), e Deus afirma que não permitirá que outro

receba o que lhe é devido. No entanto, o louvor a Deus é proclamado (Is 42.10), é transmitido a outras gerações (Sl 78.4) e crescerá (Sl 71.14). Considerado em seu sentido objetivo, seu louvor está ligado aos seus atos históricos de livramento em favor de seus eleitos (Êx 15.11; Sl 78.4; 106.47), que demonstram o interesse pactual de Deus e sua atividade na história. Ele não é um Deus absolutamente transcendente (Jó 38-41), nem simplesmente um abstrato ser-em-si-mesmo.

Os profetas declaram que Israel é a "glória" (*t^ehillâ*) de Deus quando se acha numa condição divinamente exaltada e abençoada (Is 62.7; Jr 13.11). Os profetas também convocam os eleitos, o próprio mundo inteiro (Is 61.11), a louvar e a se regozijar pela salvação prometida (Is 43.21). O cumprimento antevisto (Is 62.7) se estende ao estado messiânico (Jl 2.26).

hillûl. ***Júbilo festivo, canções de louvor, festas.*** A ARC e a ARA variam na tradução desta palavra. Esses alegres festivais de louvor realizados pelos israelitas e pelos cananeus aparentemente aconteciam no quarto ano de colheita. O ritual das primícias santificava a vinha ou o campo com uma refeição sacrificial (*KD*, *Joshua, Judges, Ruth*, p. 366 e s.).

mahălāl. ***Louvor.*** Esse substantivo representa o grau de louvor ou a falta dele tributado a outrem (Pv 27.21, *KD*). É aquilo por que um homem é posto à prova, e que é comparado a um cadinho ou um crisol, em que ouro e prata são provados.

t^ehillâ. ***Louvor, atos dignos de louvor.*** Este substantivo representa os resultados de *hālal*, bem como os atos divinos que merecem a atividade humana do louvor como resposta. Este último uso ocorre tanto no singular (Sl 106.47) quanto no plural (Êx 15.11; Sl 78.4). Palavras paralelas são *kābôd*, "honra" (Is 42.8), e *shēm*, "nome" (Sl 48.10[11]; Is 48.9). Essa palavra ocorre 57 vezes.

Bibliografia: *TDNT*, v. 8, p. 493-98. — *THAT*, v. 1, p. 493-501.

L.J.C.

501 הָלַל (*hālal*) ***III, ser louco.*** A ARC e a ARA têm traduções semelhantes.

Termos Derivados

501a הוֹלֵלָה (*hôlēlâ*) ***loucura, insensatez.***

501b הוֹלֵלוּת (*hôlelût*) ***loucura, insensatez.***

Esta raiz enfatiza o aspecto irracional da insanidade, ao passo que *shāga'* (*q.v.*) enfatiza o aspecto comportamental. Conseqüentemente, essa raiz é paralela a *siqlût/siqlût*, "insensatez", "loucura", *kesel*, "estultícia", e é o antônimo de *hokmâ*, "sabedoria". A raiz ocorre 16 vezes.

O sentido básico da raiz aparece mais claramente em Eclesiastes 2.12. Conotações significativas são reveladas em 1 Samuel 21.13[14] e Jeremias 25.16 (*cf.* 51.7), onde um homem louco e um bêbado são descritos. Além disso, a maior parte das ocorrências apresenta uma aplicação a processos irracionais de pensamento (*e.g.*, Ec 1.17). Essa raiz, de modo interessante, é aplicada ao ímpio (*rāshā'*) nos salmos (Sl 5.5[6]; 73.3; 75.4[5]; *cf.* Ec 7.25), descrevendo a mentalidade e o comportamento alvoroçados e incoerentes (*KD* em

SI 5.5[6]). O pecado, especialmente a idolatria (Jr 50.38), é irracional à vista da natureza de Deus, da criação e da humanidade (Ec 10.13) e, no entanto, enche o coração do homem (Ec 9.3). O Deus soberano dá ao homem de beber do vinho de sua ira, fazendo com que ele aja ainda mais insanamente (Jr 51.7; 25.16) do que de costume, como fazem os bêbados. Ele controla e frustra os falsos profetas (Is 44.25) e líderes (Jó 12.17).

hôlēlôt, hôlēlût. ***Loucura, insensatez.*** Este substantivo, derivado da forma do qal particípio indica o estado de ser ***hālal***. Ocorre cinco vezes, somente em Eclesiastes.

L.J.C.

הַלְמוּת (***halmût***). Veja o n.º 502a.

502 הָלַם (***hālam***) ***martelar, golpear, socar*** (*e.g.*, Jz 5.22; Is 16.8).

Termos Derivados

502a הַלְמוּת (***halmût***) ***martelo, malho, maço*** (Jz 5.26).

502b יָהֳלֹם (***yahălōm***) ***pedra preciosa***, talvez jaspe (Ex 28.18; 39.11; Ez 28.13).

502c מַהֲלֻמוֹת (***mahălumôt***) ***golpes, açoites*** (Pv 18.6; 19.29).

503 הֲלֹם (***hălôm***) ***cá, aqui*** (*e.g.*, Êx 3.5; Jz 18.3).

504 הֵמָּה (***hēmmâ***), הֵם (***hēm***), הֵנָּה (***hēnnâ***) ***eles(as), estes(as), os(as) mesmos(as), quem et al.***

Estes são os pronomes pessoais independentes da terceira pessoa do plural, "eles", "elas". Estas são as formas plurais de ***hu' (hî')***, verbete que deve ser consultado para um tratamento mais detalhado, já que o uso é semelhante.

Embora não seja exigido antes de um verbo em forma finita, este pronome é utilizado em frases ou orações nominais, "eles (estão) clamando" (Êx 5.8), ou com o pronome seguindo o predicativo, "desorientados, eles, na terra", *i.e.*, "Estão desorientados na terra" (Êx 14.3), e, com a conjunção ***ki***, que significa "que", "porque", "pois" — "porque poucos eles (são)" (Js 7.3).

O pronome pode ser usado antes de um verbo de forma finita quando uma oração separa o sujeito do verbo, "Mas os sacerdotes levíticos [...] que cumpriram as prescrições [...], eles se chegarão a mim ..." (Ez 44.15).

O pronome é usado quando se acrescenta outro sujeito depois do predicado: "Então se aproximaram as servas, elas e seus filhos ..." (Gn 33.6), e como pronome retrospectivo em orações adjetivas.

hēm (raramente ***hēmmâ***) é usado com o artigo (***bayyāmim hahēm***) como pronome demonstrativo, "naqueles dias" (Dt 17.9). Ao contrário do singular, o pronome da terceira pessoa do plural às vezes se combina com as preposições, "por elas" (Hc 1.16, *etc.*). ***hēnnâ*** é a forma feminina.

Como no singular, o plural é usado para ênfase e é às vezes traduzido por "eles(as) mesmos(as)": "... e toda causa simples julgaram eles mesmos" (Êx 18.26).

505 הָמָה (*hāmâ*) ***clamar, gemer, bramir, enfurecer-se, rugir, soar; fazer ruído, tumulto; ser barulhento, inquieto, comovido, perturbado, alvoroçado.***

Termos Derivados

505a הָמוֹן (*hāmôn*) ***abundância, tumulto.***

505b הֶמְיָה (*hemyâ*) ***som, música.***

Esta raiz, usada 34 vezes, significa "clamar", "fazer ruídos altos" ou "ser turbulento". É uma palavra forte, indicando agitação, comoção, emoções fortes, ou barulho.

Este verbo é difícil de traduzir uniformemente e a maneira de expressá-lo será diferente de uma passagem para outra e de tradutor para tradutor. Assim em Isaías 17.12 a ARA e a ARC traduzem por "bramir", enquanto a BLH usa o substantivo "rugido". Aparecem como sujeitos deste verbo pessoas (SI 77.3[4]), nações (Is 17.12), ondas (Jr 5.22), cidades (1 Rs 1.41), o coração (Jr 4.19), e as entranhas (Ct 5.4, ARA "coração se comoveu", ARC "entranhas se estremeceram"; Jr 31.20, ARA "comove-se por ele o meu coração", ARC "... se comovem por ele as minhas entranhas"). A tradução da ARA "do alto dos muros" em Provérbios 1.21 ignora o TM que traz *hōmiyyôt* em favor da leitura da LXX, *hômôt*. A ARC e a BLH preferem o TM, com a primeira usando a palavra "tumulto" e a segunda parafraseando com a frase "lugares onde o povo se reúne", explicitando a metonímia.

hāmôn. ***Abundância, companhia, multidão, barulho, riquezas, rugido, sonido, provisão, tumulto.*** Este substantivo, embora traduzido de várias maneiras diferentes, significa "multidão" ou "hoste", com ênfase na agitação, turbulência, ou barulho.

Em 64 das 84 ocorrências a "multidão" é composta de pessoas, muitas vezes soldados. Às vezes a ênfase recai no som produzido pela multidão, daí traduções como "alvoroço" (2 Sm 18.29) ou "estrondo" (Jr 47.3). "O arruído das tuas entranhas" na ARC é melhor traduzido por "os desejos do teu coração" (*cf.* ARA). A tradução "orgias" (ARA em Jr 3.23) presume o propósito das multidões reunidas nos altos (ARC "multidão das montanhas"). A palavra em estudo aparece em Ezequiel 39.11, 15 na expressão "vale das forças de Gogue" (ARA), "vale da multidão de Gogue" (ARC), "vale dos exércitos de Gogue" (BLH), referindo-se ao local onde serão enterrados os exércitos que Deus destruirá quando vierem invadir Israel desde o norte.

A raiz *hāmâ* pode ser relacionada a *hāmam* ou a *hûm*, cujos sentidos são semelhantes.

C.P.W.

הָמוֹן (*hāmôn*). Veja o n.º 505a.

הֶמְיָה (*hemyâ*). Veja o n.º 505b.

506 חָמַל (*hāmal*). **Aceita como raiz de:**

506a חַמֻלָּה (*hămullâ*), חֲמוּלָה (*hămûllâ*) ***tempestade, rugido (de água)*** (Jr 11.16; Ez 1.24).

507 חמם (*hāmam*)

507 חמם (*hāmam*) ***quebrar, consumir, esmagar, destruir, alvoroçar, atormentar, conturbar, confundir, aterrar (= aterrorizar).*** A ARA e a ARC usam verbos iguais ou alternativos (*e.g.*, alvorotar/alvoroçar).

O sentido básico desta palavra parece ser "dar atenção a" num sentido negativo, ou seja, "incomodar, perturbar", freqüentemente com o propósito de criar pânico.

O verbo é usado 13 vezes. Dez vezes Deus é o sujeito do verbo. Destas, cinco vezes o objeto da ação são os inimigos de Israel, a quem Deus aflige com um santo pânico por amor ao seu povo. (Veja 1 Sm 7.10; Êx 14.24; 23.27; Js 10.10; Jz 4.15; e também 2 Cr 15.6, com um objeto mais genérico.) Assim, o verbo denota um aspecto importante da guerra santa.

O verbo é usado como paralelo de "espalhar" em 2 Samuel 22.15, Salmos 18.14[15] e Salmos 144.6 (passagens paralelas). Deus usa setas e relâmpagos para alvoroçar os seus inimigos. (Alguns preferem traduzir *hāmam* por "pôr em movimento", em referência às setas e aos relâmpagos.) A palavra também é usada para indicar o efeito das rodas de um carro sobre o cereal (ARC, "esmiuçar" em Is 28.28). Alguns, porém, preferem fazer da roda o objeto do verbo e traduzem "fazer passar" (ARA).

A palavra descreve o tratamento dispensado por Deus aos israelitas maiores de 40 anos até que morressem no deserto. Ele cuidou para que perecessem ali (Dt 2.15). Outros sujeitos deste verbo são: Nabucodonozor contra Jerusalém (Jr 51.34) e Hamã contra os judeus (Et 9.24).

A raiz *hāmam* está relacionada ao verbo *hûm*, que tem sentido semelhante.

Bibliografia: *THAT* v. 1, p. 502-3.

C.P.W.

508 חמס (*hms*). **Aceita como raiz de:**

508a חמס (*hemes*) ***gravetos, lenha*** (Is 64.2[1]).

509 חמר (*hmr*). **Aceita como raiz de:**

509a מחמרה (*mahḥmōrâ*) ***inundação, abismo*** (ARA), ***cova profunda*** (ARC). Usado apenas em Salmos 140.10[11].

510 הן (*hēn*) ***eis, se, embora*** (A ARA e a ARC têm usos semelhantes).

Esta é uma interjeição que demanda atenção de quem a ouve — "Veja!", "Olhe bem!" — mas às vezes, de acordo com o contexto, significa "se". É usada 100 vezes. Em algumas ocorrências é uma forma abreviada de *hinneh* (*q.v.*). Ambas as formas são refletidas no ugarítico *hn*, que tem sentido semelhante.

hēn é usado principalmente para enfatizar a informação que o segue. "Eis que hoje vos comprei a vós outros ..." (Gn 47.23), embora às vezes a ênfase recaia sobre uma pessoa: "Eis o meu servo ..." (Is 42.1). A informação oferecida pode ser simples pressuposição, "Eis que não crerão em mim ..." (Êx 4.1). Quando a pressuposição for uma condição, será traduzida apenas por "se", *e. g.*: "Se eu cerrar os céus [...] ou se ordenar aos gafanhotos ..." (2 Cr 7.13). Nesta passagem, *hen* é paralelo de *'im*, introduzindo uma oração condicional plena. A ARC traduz *hēn* por uma conjunção concessiva em Jó 13.15: "Ainda que ele me mate ...", mas a ARA traduz por "eis que ele me matará, e a BLH utiliza uma frase afirmativa. Outro uso condicional de *hēn* se acha em Jeremias 2.10, com o

sentido de possibilidade: "... vede se jamais sucedeu coisa semelhante". Este uso de "se" pode não ter nenhuma ligação com "eis", sendo antes derivado do aramaico *hēn*, que significa exclusivamente "se". O ugarítico *hn* aparentemente não é usado com o sentido de "se".

Mais da metade das ocorrências desta palavra se acham em Isaías e Jó, com as outras limitadas principalmente ao Pentateuco. Isto contrasta com o uso de *hinnēh*, que está igualmente distribuído em todo o AT.

510a הִנֵּה (*hinnēh*) ***eis, vede!*** (Às vezes, "se" na ARA). Esta é uma interjeição que demanda atenção de quem a ouve — "Veja!". Ocorre mais de mil vezes. Ver também a forma abreviada, *hēn*.

510b הֵנָּה (*hinnēh*) ***aqui***. Quando usado em pares, "aqui e ali". A derivação é incerta.

hinnēh é às vezes usado como um predicativo de existência, segundo T. O. Lambdin: "Difere de *yesh* pelo fato de enfatizar a proximidade, o caráter imediato da situação" (*Introduction to Biblical Hebrew*, Scribner's Sons, 1971, p. 168).

hinnēh pode ser usado para designar coisas (monte e coluna. Gn 31.51; aliança, Gn 17.4), mas é mais freqüentemente usado para designar pessoas, "eis a minha serva" (Gn 30.3). Com freqüência sufixos pronominais são afixados à interjeição, especialmente a primeira pessoa do singular: "... eis estava eu de pé ..." (Gn 41.17); ou para ênfase o pronome é repetido: "e eu, eis que eu trago um dilúvio ..." (Gn 6.17), e freqüentemente a expressão idiomática, *hinnēnnî*. "eis-me aqui" (*i.e.*, "aqui estou eu", 1 Sm 3.4 e s.).

Além disso, ainda segundo Lambdin, "a maioria das orações com *hinnēh* ocorre em discurso direto [...] e serve para introduzir um fato sobre o qual se baseia uma afirmação ou mandamento que o segue" (*Ibid*., p. 169). Assim, "eis que a tua serva está em tuas mãos; procede segundo melhor te parecer" é equivalente a "já que a tua serva ..." (Gn 16.6). Com o sufixo da primeira pessoa seguido da partícula *hinnēh* é usado freqüentemente nos profetas como afirmação do que Deus fará: "... eis que eu vos apregôo a liberdade [...] para a espada..." (Jr 34.17). Especialmente com o particípio *hinnēh* aponta aquilo que está prestes a acontecer (Êx 4.23; 7.17, *etc.*).

Em poucas ocorrências *hinnēh* é usado para enfatizar uma possibilidade específica e pode ser traduzido por "se": "se [...] a praga tiver sarado" (Lv 13.5, ARA).

Um fato ou ação importante pode seguir palavras introdutórias: "Quanto a Ismael [...] eis que o abençoarei ..." (Gn 17.20). "No meu sonho eis que eu estava de pé ..." (Gn 41.17). O pronome pode ser omitido se estiver subentendido. "... eis que está entre Cades e Berede", *i.e.*, o poço previamente referido estava assim localizado (Gn 16.14).

Bibliografia: LABUSCHAGNE, C. J., The particles *hēn* and *hinnēh*, *OTS*, 8:1-14. — WARD, William A., Comparative studies in Egyptian and Ugaritic, *JNES*, 20:31-40.

C.P.W.

הֵנָּה (*hēnnâ*). Veja o n.º 504.

הִנֵּה (*hinnēh*). Veja o n.º 510a, b.

511 הס (*has*)

511 הס (*has*) ***Cale(m)-se! Fique(m) quieto(s)!*** (A ARA e a ARC são semelhantes na tradução desta palavra.)

Uma interjeição de forca imperativa que significa "cale-se" ou "silêncio!". É usada sete vezes: serve para ordenar as pessoas que deixem de falar (Am 6.10) ou de lamentar (Ne 8.11), para exigir um silêncio respeitoso e temeroso diante do Senhor (Hc 2.20) e para manter silêncio em luto pelos mortos (Am 8.3).

C.P.W.

512 הפך (*hāpak*) ***virar, subverter, transformar, mudar, voltar.***

Termos Derivados

512a הפך (*'hepek*) ***contrário.***

512b הפכה (*hāpēkâ*) ***subversão.***

512c הפכפך (*hāpakpak*) ***torcido, distorcido***

512d מהפכה (*mahpēkâ*) ***subversão, destruição.***

512e מהפכת (*mahpeket*) ***tronco, cepo.***

512f תהפכה (*tahpukâ*) ***perversidade.***

Esta raiz e seus derivados aparecem 118 vezes no AT. O verbo aparece na maioria delas, sendo usado 94 vezes (qal, 55 vezes; nifal, 34 vezes; hofal, uma vez; hítpael, quatro vezes).

A raiz *hāpak* aparece proeminentemente ligada a três temas das Escrituras. Primeiramente aparece associada com a expressão da ira e do furor divinos contra as impenitentes Sodoma e Gomorra: Gênesis 19.21, 25, 29; Deuterônimo 29.23[22]; Isaías 13.19; Jeremias 20.16; 49.18; 50.40; Amós 4.11; Lamentações 4.6. Talvez o uso deste verbo esclareça a natureza exata da catástrofe. Parece pouco provável que tenha-se tratado de uma erupção vulcânica. Por outro lado, traduzir *hāpak* em tais circunstâncias por "aniquilar" ou "subverter" sugeriria os efeitos desastrosos de um terremoto, acompanhado de raios que incendiaram os gases naturais da área do vale do Jordão, produzindo um terrível incêndio generalizado (e *cf.* Jó 28.5).

Por extensão. Deus promete o mesmo tratamento a Jerusalém (2 Rs 21.13), a Nínive (Jn 3.4), às nações pagas (Ag 2.22, *hāpak* paralelo de *shāmad*) e aos ímpios em geral (Pv 12.7). O homem também é capaz de subverter (*i.e.*, reduzir a vassalagem) uma cidade (1 Cr 19.3; 2 Sm 10.3) ou até mesmo montanhas (Jó 28.9, algo que Deus também faz, Jó 9.5).

O segundo tema das Escrituras em cujo desenvolvimento *hāpak* aparece freqüentemente é o dos milagres relacionados ao êxodo de Israel do Egito e sua peregrinação pelo deserto. Na maioria das vezes o verbo descreve as ações de Deus em transformar as águas do Nilo em sangue (Êx 7.17, 20; Sl 78.44; 105.29, e *cf.* a referência ao fato de os ribeiros de Edom se transformarem em piche em Is 34.9). O coração de Faraó e de seus oficiais foi "transformado" ao ouvirem da fuga dos israelitas (Êx 14.5). Deus mesmo "mudou" o coração dos egípcios para que odiassem o seu povo (Sl 105.25). Para possibilitar a fuga de Israel, Deus "converteu" o mar em terra seca (Sl 66.6). O Senhor "mudou" (ARA, "fez soprar"; ARC, "trouxe") um forte vento oeste que lançou os gafanhotos no mar Vermelho (Êx 10.19). Deus havia "transformado" a vara numa

serpente (Êx 7.15). Ele transformou a rocha num lençol de água (Sl 114.8). Enquanto passava pelo território de Moabe, Israel tornou-se o objeto de uma tentativa de maldição pelo vidente mercenário Balaão, mas Deus "transformou" a maldição do vidente em bênção para Israel (Dt 23.5[6]; Ne 13.2).

O terceiro tema é a descrição bíblica dos sintomas de lepra conforme descritos em Levítico 13. Neste único capítulo a raiz *hāpak* aparece nada menos que nove vezes (vv. 3, 4, 10, 13, 16, 17, 20, 25, 55), principalmente com respeito ao fato de o pêlo tornar-se branco e servir de sinal de lepra.

Em outras partes das Escrituras é interessante notar que *hāpak*, na tradução "tornar", "mudar", "transformar", é neutro em seu significado, como o é um de seus sinônimos, *shûb*. Isto quer dizer que pode significar uma mudança do bem para o mal, tendo como sujeito tanto Deus quanto o homem. "Converterei vossas festas em luto" (Am 8.10). "Ele volveu contra mim a sua mão" (em julgamento, não em bênção, Lm 3.3). Com o homem como sujeito, *cf.* "pois te tornaste [...] uma vide brava" (Jr 2.21); "e até os que eu amava se tornaram contra mim" (Jó 19.19); "... haveis tornado o juízo em veneno..." (Am 6.12). Pode indicar uma mudança de atitude de alegria em pesar ou humilhação (no homem, Lm 1.20; em Deus, Os 11.8).

Por outro lado, *hāpak* pode ser usado positivamente no sentido de transformar o entristecido em alegre, o mau em bom. *Cf.* "tornarei o seu pranto em júbilo" (Jr 31.13 e também Sl 30.11[12]). "... antes trocou em bênção a maldição ..." (Dt 23.5[6] e Ne 13.2). "E tu (*i.e.*, Saul) serás mudado em outro homem" (1 Sm 10.6). Esta raiz é usada para descrever a mudança de sorte dos judeus dispersos que viviam no império persa no tempo de Assuero (Et 9.1, 22).

hepek. ***Contrário, perversidade***, substantivo que ocorre três vezes no AT: Ezequiel 16.34 (duas vezes), uma descrição de forte realismo da vida de prostituição de Judá, e Isaías 29.16: "Que perversidade a vossa (de Israel)".

hăpēkâ. ***Subversão***, substantivo usado apenas em Gênesis 19.29, com relação ao castigo de Sodoma e Gomorra.

mahpēkâ. ***Subversão***. Cinco dos seus seis usos se referem à ação de Deus contra Sodoma e Gomorra. A única exceção é Isaías 1.7 (num contexto em que, todavia, Jerusalém é comparada a Sodoma e Gomorra).

mahpeket. ***Tronco, cepo*** (Jr 20.2, 3; 29.26; 2 Cr 16.10). Não está claro a forma desses antigos troncos. Provavelmente eram diferentes dos utilizados no tempo da colonização e da escravatura, mas os detalhes não são definidos.

tahpûkâ. ***Perversidade***. De seus nove usos, oito se acham em Provérbios (*cf.* também Dt 32.20). Esta palavra é regularmente traduzida por "perversidades" na ARC, sendo que a ARA usa um pouco mais de variação. É um pecado ligado mais diretamente à boca (Pv 2.12; 10:31, 32; 16.30), ao coração (Pv 6.14), aos olhos (Pv 16.30) e à mente (Pv 23.33).

Bibliografia: Sobre *hāpak* e o objeto direto *yd*, "mão", em Lamentações 3.3, 1 Reis 22.34, 2 Reis 9.23 e 2 Crônicas 18.33, ver FITZGERALD, A, Hebrew *yd* = "love" and "beloved", *CBQ*, 29:368-74. Sobre a expressão *nhpk b* em Jó 19.19, veja PENAR, T., Job

513 הֹצֶן (*hōtsen*)

19.19 in the light of Ben Sira 6, 11, *Bib*, 48:293-5. Quanto a *hāpak* em relação ao incidente de Sodoma e Gomorra, veja SARNA, N., *Understanding Genesis*, McGraw-Hill, 1967, esp. p. 137 42.

V.P.H.

513 הֹצֶן (*hōtsen*) ***arma*** (Ez 23.24). O significado e a derivação deste vocábulo são incertos. A ARA adota uma leitura derivada da LXX (*mitstsāpōn*), "do norte"; a BLH faz o mesmo mas assinala a tradução "armas" numa nota de rodapé, enquanto a ARC simplesmente omite a palavra.

הַר (*har*). Veja o n.º 517a.

הַרְאֵל (*har el*). Uma forma do n.º 159a (*q.v.*).

514 הָרַג (*hārag*) ***destruir, matar, assassinar, ferir, golpear; assassino.*** Usada num total de 172 vezes, esta raiz é traduzida principalmente por "matar".

Termos Derivados

514a הֶרֶג (*hereg*) ***matança***.

514b הֲרֵגָה (*hărēgâ*) ***matança.***

Esta raiz inclui as idéias de assassinato e execução judicial, bem como a morte de animais.

O primeiro uso da palavra (Gn 4.8) relata o crime de Caim, quando este derramou o sangue de Abel, que "clamava a Deus", *i. e.*, por vingança. Davi ordenou a execução dos assassinos de Isbosete (2 Sm 4.11, 12). A mesma palavra é usada tanto para assassinio como para morte judicial em concordância com a ordem de Gênesis 9.6. O assassino deve ser executado com base em que a negligência em fazê-lo significa compactuar com o crime e quebrar a aliança com Deus. Além disso, nega a imagem de Deus no homem.

Se um proprietário matasse um ladrão que invadisse sua casa durante a noite, não seria culpado do sangue, pois supunha-se que o invasor noturno até mataria para cumprir seu propósito.

Há poucos paralelos às leis bíblicas sobre assassinato na literatura da Mesopotamia. Lá, a perda de vida podia ser compensada pelo pagamento de uma multa. Somente em casos muito graves é que se impunha a pena de morte.

Há muita sobreposição no uso das várias palavras equivalentes a "matar". Esta palavra raramente é usada em relação a matar animais. Normalmente é usada em relação a homens, e numerosas vezes descreve morte violenta, por intriga ou na guerra. Nunca é usada para descrever o abate de animais sacrificiais, e apenas raramente descreve a morte de animais para alimentação. A palavra é comum no relato das vidas dos juízes e na monarquia, uma vez que a ação que representava se tornara muito comum. Várias dessas ocorrências descrevem assassínios (para os quais a raiz *rātsah* é mais característica, *cf.* Êx 20.13), mas muitas se referem a eventos como Jezabel ordenando a execução dos profetas do Senhor (1 Rs 18.13), Levi e Simeão matando os siquemitas (Gn 34.26) e o assassínio de Abner por Joabe (2 Sm 3.30). A palavra é usada às vezes em relação aos castigos judiciais impostos por Deus, *e.g.*, a morte dos

primogênitos do Egito (Êx 13.15), mas tais usos são raros. No massacre do exército de Senaqueribe pelo anjo, a palavra *nākâ* é usada. Normalmente *hārag* é usada para descrever a morte violenta de um homem causada por outro homem — às vezes com razão, às vezes sem, infelizmente!

Bibliografia: AMARAN, D., Retaliation and compensation, *JQR*, 2:191-211. — DAUBE, D., Error and accident in the Bible, *Revue Internationale des Droits de l'Antiquité*, 2:393-416. — PRITCHARD, J. B., ed., *ANET*, p. 161-97, onde se acha uma comparação entre as leis bíblicas e as leis do Oriente Médio antigo. — SAALSCHUTZ, *Das Mosaische Recht mit Berücksichtigung des spateren Judentums*, v. 2, 1848, p. 437-592.

H.G.S.

515 הָרָה (*hārâ*) ***conceber, engravidar; ser progenitor; ser concebido.***

Termos Derivados

515a הָרָה (*hārâ*) ***grávida***.

515b הָרִיָּה (*hārîyâ*) ***grávida***.

515c הֵרָיוֹן (*herāyôn*) ***concepção, gravidez.***

Três palavras são usadas em relação ao processo de geração: *hārâ*, "conceber", *yālad*, "gerar, dar à luz", e *hûl*, "ter dores de parto", "estar em trabalho de parto". Outra palavra para conceber é *yāham*, mais usada, todavia, para animais no cio (*cf.*, porém, Sl 51.5[7]). A primeira descreve o fato da concepção, e as duas últimas a culminação do processo.

Geralmente *hārâ* é usada para descrever o resultado de relações sexuais. Nesse contexto há freqüentemente uma conexão com alguma fase do programa redentor de Deus. Isto é, as concepções de que fala o AT são de crianças que desempenham papel importante na história da redenção. Embora seja um assunto secundário na estrutura de Gênesis, o registro da concepção de Ismael (Gn 16:4, 5) pode ser considerado um lembrete da insensatez de usar meios humanos para atingir os propósitos de Deus: "a semente prometida não vem da natureza, mas da graça" (DODDS, *The book of Genesis*, London, 1896, p. 148). A fé de Sara não pôde suportar a tensão da demora.

Os nascimentos sucessivos de Caim, Abel e Sete nos propõem a esperança da redenção pessoal. Nem todos seguiram pelo caminho de Caim, e a mensagem da graça foi preservada até Noé e por intermédio dele. O poder seletivo, monergístico de Deus é demonstrado na concepção de Isaque (Gn 21.2), mostrando que somente o poder de Deus é capaz de realizar seus propósitos redentores, pois tanto Abraão quanto Sara já eram velhos demais para gerar filhos. O homem deve confiar somente no poder de Deus, não em suas próprias tentativas desesperadas.

Rebeca era estéril, e Isaque orou para que ela concebesse (Gn 25.21). Isaque presumivelmente esperava filhos cedo em seu casamento, algo muito natural, já que vivera sob a promessa de que Abraão se tornaria pai de muitas nações (Gn 17.4). Somente quando recorreu a Deus em oração é que foi concedido a Rebeca conceber, o que enfatizou mais uma vez que a criação da santa linhagem estava nas mãos de Deus.

No caso de Jacó, a questão era um número quase que excessivo de filhos. A história do nascimento de seus onze filhos em Padã-Arã é apenas esboçada (Gn 29.32 e ss.). Mas os mesmos princípios são ali verificados. Primeiramente, não há dúvida quanto à identidade dos herdeiros da terra da promessa. Em segundo lugar, as pessoas que

transmitem os oráculos de Deus são claramente definidas. Em terceiro lugar, é claro que o verdadeiro povo de Deus deve, a todo tempo, ser reconhecido por meio da fé entregue a Abraão.

O poder criador de Deus manifesta-se definitivamente no nascimento do Messias, pois ele deveria ser gerado por Deus, o Espírito, no ventre da virgem (Is 7.14), completando assim a longa obra divina da redenção. O nascimento do filho da virgem, à luz de seu contexto, surge como uma repreensão das idéias de Acaz sobre como garantir segurança para Israel, e o caráter divino do filho anuncia que paz e segurança só virão quando o próprio Deus governar a terra.

[Alega-se agora que a fraseologia de Isaías 7.14 se encontra em ugarítico (*UT*, 16:77, 11.5, 7), e que não passa de uma fórmula que anunciava a chegada de um herdeiro real, nascido naturalmente. Não é bem este o caso. No texto ugarítico o verbo *hry*, "estar grávida", não é sequer usado. O texto fala de uma virgem (*btlt*) que mais tarde dará à luz um filho de maneira natural. É interessante que o texto ugarítico usa como paralelo a palavra cognata do hebraico para virgem, *'almâ* (*q.v.*), de Is 7.14. A questão é outra em Isaías. Ali o profeta fala de uma virgem grávida, usando o particípio (ou adjetivo) de *hārâ*. O anúncio é semelhante àquele feito a Hagar (Gn 16.11), que havia concebido e estava grávida. No que diz respeito à gramática, a profecia poderia corresponder a uma virgem grávida da mesma época do profeta ou ainda no futuro, mas a referência à virgindade demonstra que a gravidez é milagrosa. R.L.H.]

O nascimento de Samuel (1 Sm 1.20) também demonstra o poder redentor de Deus. O desejo de Ana por filhos é usado por Deus para prover um líder espiritual para seu povo numa hora em que um sacerdote dedicado e um mestre da lei eram uma necessidade premente. De igual modo, mesmo em face do decreto de Faraó, o nascimento de Moisés e sua sobrevivência na corte real parecem ser a frustração quase irônica da vontade faraônica pelo Deus dos céus, com o propósito de cumprir seus desígnios.

O uso figurativo da raiz aparece em seu uso para dizer que a origem das mentiras está no coração, na alma do homem, o primeiro passo para o pecado aberto. As dores de parto de uma mulher grávida são usadas como comparação para descrever o pavor que se apodera da alma humana quando o julgamento de Deus é lançado sobre ela (Is 26.17).

H.G.S.

חֵרוֹן (*hērôn*). Veja o n.º 515c.

חַרְיָה (*harîyâ*). Veja o n.º 515b.

חֵרָיוֹן (*hērāyôn*). Veja o n.º 515c.

חֲרִיסָה (*hărîsâ*). Veja o n.º 516b.

חֲרִיסוּת (*hărîsut*). Veja o n.º 516c.

516 חָרַס (*hāras*) ***abater, derribar, derrubar, quebrar, romper, destruir, subverter, arrojar, arruinar; destruidor.***

Termos Derivados

516a חֶרֶס† (*heres*) ***subversão, destruição.***

516b חֲרִיסָה (*hărîsâ*) ***ruína.***

516c חֲרִיסוּת (*hărîsût*) ***subversão, destruição.***

Esta raiz significa destruir por meio de derrubada, *e.g.*, muralhas, casas e fortalezas. Seu primerio uso acontece em Êx 15.7, referindo-se à destruição dos exércitos egípcios no mar Vermelho. No Sinai Moisés foi instruído a erigir barricadas em torno do monte para impedir que o povo traspassasse e chegasse perto demais. Tal rompimento e aproximação seriam uma ação destrutiva contra a santidade de Deus.

Gideão começa a sua obra de libertação derribando o altar que seu pai construíra a Baal (Jz 6.25), quando o próprio pai chamou a atenção do povo para a impotência de tais ídolos (vv. 28-35). Nos dias de Elias, foi o povo quem derrubou os altares do Senhor (1 Rs 19.10, 14), mas, no reavivamento que se seguiu, o culto a Baal foi destruído em Israel, ao menos por algum tempo.

Quanto aos cananeus, Israel deveria destruí-los (Êx 23.24) e quebrar os seus ídolos, atingindo assim o seu moral e derrotando-os.

Objetos de destruição incluíam muralhas (Ez 13.14), alicerces (Ez 30.4), celeiros (Jl 1.17), cidades (2 Rs 3.25; 1 Cr 20.1), tanto por Deus (Lm 2.22; Êx 15.7) quanto pelos homens (1 Cr 20.1). A mulher insensata derruba sua casa com as próprias mãos (Pv 14.1) e de igual modo o rei que aceita suborno (influenciando assim o seu julgamento) destrói o reino que deveria sustentar. Era prática costumeira de guerra destruir cidades que não se rendiam quando suas muralhas eram rompidas (1 Cr 20.1; *cf.* Dt 20.10-14). As idéias perversas que os ímpios disseminam nas cidades provocam sua destruição (Pv 11.11), solapando a moralidade e a vontade de resistir ao invasor. A negligência do preguiçoso podia provocar a deterioração dos muros do jardim que marcavam os limites da propriedade (Pv 24.31).

Parte da missão de Jeremias era derribar a falsa religiosidade de Israel para que a verdadeira obra de Deus pudesse ser erguida em seu lugar (Jr 1.10).

heres. ***Subversão, destruição,*** o resultado de atividades destruidoras (ocorre apenas em Is 19.18), aplicado num trocadilho à cidade egípcia de On (Heliópolis, cidade do Sol, *heres*), numa pequena mudança de *h* para *h*. A ARC mantém a palavra *heres*, "destruição", enquanto a ARA e a BLH modificam o TM a fim de que reze *heres*, "sol".

hărîsâ, hărîsût. ***Subversão, destruição, ruína.*** A segunda palavra dá o sentido abstrato de "ruína".

517 הרר (*hrr*). **Aceita como raiz de:**

517a הַר (*har*) ***colina, outeiro, região montanhosa, monte, montanha.***

A antigüidade, a majestade, o poder e a altura das montanhas que se erguiam até o céu, acima das nuvens, naturalmente levou os homens a associá-las aos deuses. Os povos da antiga Mesopotâmia pensavam que em Kammer Duku, a montanha brilhante ao leste, os deuses fixavam o destino no dia de Ano Novo, e que em Mashu, ao oeste, o céu e o mundo subterrâneo se encontravam, oferecendo assim entrada ao reino dos mortos. Na Síria-Palestina as montanhas eram adoradas e serviam de local de cultos pagãos. Segundo os textos de Ram Shamra, Zafom, o atual monte Cassius, ao norte de Ram

Shamra, era adorado e considerado a morada de Baal.

O AT usa montanhas com conotações teológicas de pelo menos quatro modos diferentes. Primeiro, o Senhor é maior que as montanhas; ele as estabelece (Sl 65.6[7]; 90.2), pesa (Is 40.12), quebra em pedaços (1 Rs 19.11; Hc 3.6), trilha e mói (Is 41.15), ateia-lhes fogo (Dt 32.22; Sl 83.14[15]; 104.32), derrete-as (Mq 1.4; Is 63.19) e as remove (Jó 9.5). Isaías retrata a vinda do Senhor e o retorno dos exilados de Israel sob o aspecto do nivelamento dos outeiros (Is 40.4; 45.2; 49.11).

Segundo, as montanhas são símbolos de poder: Babilônia é chamada de montanha destruidora (Jr 51.25); a oposição a Zorobabel é comparada a uma montanha que se transformará numa planície (Zc 4.7), e o reino que durará por toda a eternidade é simbolicamente retratado como uma montanha que enche a terra (Dn 2.44).

Terceiro, o Senhor dá ao seu povo um sentido de sua proximidade escolhendo montes para sua adoração e revelação. Moisés e Elias oram sobre uma montanha (Êx 17.9; 1 Rs 18.42); bênçãos e maldições eram invocadas sobre os montes Ebal e Gerizim (Dt 11.27; 27.12 e s., Js 8.33), a adoração é oferecida sobre vários montes (*cf.* Gn 22.2; Js 5.3; 1 Sm 9.12 e s.; 1 Rs 3.4) e a arca foi colocada sobre um outeiro (1 Sm 7.1; 2 Sm 6.3).

Acima de tudo e de todos, porém, o Senhor escolheu a Sinai e Sião como os lugares onde se revelaria. No monte Sinai a lei foi outorgada e o culto nacional estabelecido. Foi para Horebe que Elias fugiu e recebeu novos suprimentos de graça e poder. Em Sião ele colocou o seu nome, e o monte se tornou o lugar central e definitivo de adoração (Ex 15.17; Dt 12.1). Ali as tribos se reuniam para adorar (Sl 122; 133).

Há no AT mais do que um indício de que a Sião terrena é apenas um símbolo daquilo que no NT se torna explicitamente a Jerusalém celestial. O "monte de Deus" em Salmos 68.15[16] é entendido por *BDB* e por Dahood (*Psalms* II, *AB*) como uma referência geral a uma alta montanha, mas, apesar disso, o quadro é o da subida triunfante de Deus e da montanha celestial (*cf.* Ef 4.8-10). Nos últimos dias Sião será a exaltada fonte da lei de Deus e o centro de seu domínio, a Jerusalém celestial na terra (Is 2.2, 3; Mq 4.1, 2).

Quarto, empregando a imagem das nações vizinhas, o AT denota a morada divina por referências à montanha do extremo norte (Sl 48.2). Em Isaías 14.12 e ss. e em Ezequiel 28.11-19, os reis pagãos da Babilônia e de Tiro, respectivamente, são descritos como homens que buscam tornar-se deuses subindo à montanha mitológica dos deuses. Porém, como Foester observa corretamente: "A questão decisiva, porém, é que aqui o mito pagão é usado ironicamente em cânticos que zombam da queda dos reis pagãos". Em outros lugares a mitologia pagã é deliberadamente colocada em segudo plano (*TDNT*, v. 5, p. 483). Alguns entendem que estes dois deuses são alusões a Satanás e vêem a montanha ao norte como um símbolo do céu.

Bibliografia: HAMLIN, E. John, The meaning of mountains and hills in Isa 41:14-16, *JNES*, 13:185-90. — *TDNT* v. 5, p. 479-83.

B.K.W.

518 הָתַל (*hātal*) ***enganar, zombar***. Este verbo ocorre apenas uma vez, no piel (1 Rs 18.27).

518a הִתֻּלִים (*hātulîm*) ***zombaria, zombadores*** (Jó 17.2, somente).

הָתַת (*hātat*). Veja o n.º 488.

ו

519 ו (*wā*), ־ו (*w^e*), ו (*û*) *e, então, assim, quando, agora, ou, mas, que* e vários outros significados. A vocalização varia.

Este é um prefixo inseparável, usado como conjunção ou partícula introdutória, e geralmente traduzido por "e".

O uso fundamental do prefixo é o de uma simples conjunção "e", ligando palavras ("dias e anos", Gn 1.14), orações ("e fazerem separação", Gn 1.18) e períodos inteiros (ligando Gn 2.11 ao versículo 12). É usada com mais freqüência, todavia, numa variedade muito maior de construções, do que o conectivo português "e".

E usada com freqüência no começo de frases, razão pela qual versões antigas começavam muitos versículos com um "e" inexplicável. Este uso pode ser entendido como uma leve partícula introdutória, que pode ser traduzida por "ora", por "pois" (ARC em Êx 1.1) ou mesmo deixada sem tradução (como fazem a ARA e a BLH em Êx 1.1; *cf.* ainda Gn 3.1 e 4.1).

A palavra que se segue ao prefixo nem sempre é um elemento extra, diferente daquilo que o precedeu: "Judá e Jerusalém" (Is 1.1), destacando Jerusalém como uma parte importante e representativa de Judá; "em Ramá, e em sua própria cidade" (1 Sm 28.3), corretamente traduzido por "que era a sua própria cidade", num uso explicativo, pois Samuel vivia em Ramá. Quando a segunda palavra especifica a primeira, a construção é chamada uma "hendíadis", *i.e.*, duas palavras com apenas um sentido. Por exemplo, "em tenda e em habitação", em 2 Samuel 7.6, significa "uma habitação em forma de tenda" (*cf.* ARC).

O prefixo pode significar "ou", ou ainda o negativo "nem" (Êx 20.10); caso contrário, idéias opostas, pode funcionar como o adversativo "mas" (Gn 3.3; 4.2). Pode acrescentar um sujeito adicional de maneira pouco comum em português: "jejuarei eu, e as minhas servas" (Et 4.16). A palavra conectada pelo prefixo pode denotar o propósito da palavra anterior, como na expressão "divida e conquiste". Usado duas vezes, o sentido do prefixo pode ser "tanto [...] quanto" (Nm 9.14). O que em hebraico é literalmente "um peso e um peso" (Dt 25.13) é corretamente traduzido por "pesos diversos". O prefixo é usado ainda para conectar duas idéias num mesmo provérbio: "Água fria para o sedento, e boas novas de um país distante" (Pv 25.25), indicando a semelhança entre os conceitos. Estes usos não são na verdade sentidos diferentes da conjunção. Vêm do fato de o hebraico ser uma língua muito mais paratática do que o português. Subordinamos certas orações e especificamos os relacionamentos na oração. O hebraico freqüentemente coloca as orações e as locuções lado a lado, deixando ao sentido e à justaposição a responsabilidade de

especificar o relacionamento exato.

O prefixo é muitas vezes usado para introduzir uma oração circunstancial, sendo mais bem traduzido por "quando", "desde que", "se", "com", *etc.* "Por que está triste o teu rosto, e (*i.e.*, "se", "já que") não estás doente?" (Ne 2.2). O prefixo pode muitas vezes ser traduzido por "então", como uma conseqüência que introduz a segunda parte de uma oração condicional: "Mas, se não as lavar [...] [então] levará sobre si a sua iniqüidade" (Lv 17.16) — o chamado *waw* da apódose.

Um uso muito comum deste prefixo ocorre com uma forma abreviada da conjugação prefixada do verbo, numa construção especial em que a primeira letra depois do *waw* é (geralmente) reduplicada. Esta forma, geralmente chamada de "*waw* consecutivo", normalmente denota seqüência numa narrativa de tempo passado. Algumas vezes, todavia, a ação não é seqüencial no sentido estrito da palavra. Pode indicar seqüência lógica (*cf.* Gn 2.1; 23.20; Dt 3.8). ou ação que é, na verdade. anterior ao verbo precedente, *i.e.*, funcionando como um mais-que-perfeito (*cf.* Gn 19.27; Nm 1.48; 2 Sm 12.27; 1 Rs 12.13; *passim*). W. Martin refere-se a este último uso como uma "narrativa descronologizada" (Dischronologized narrative in the Old Testament, *VT*, Congress Volume, Rome, 1968, 179-86). Este uso explica a aparente contradição entre Gênesis 1.24-26 e Gênesis 2.19. A última passagem significa: "o Senhor tinha criado...".

[A origem e o próprio significado do *waw* consecutivo têm sido muito discutidos. O tratamento do assunto em *GKC* está de acordo com o de S. R. Driver (*Use of the Tenses in Hebrew*). Afirma, em resumo, que esta forma encontra-se apenas em seqüências e que deriva seu significado do verbo principal. Um verbo principal no perfeito será seguido por esta forma que representa uma continuação da ação passada vista como incompleta sob o prisma de um horizonte passado. Semelhantemente, para a seqüência de um verbo principal no imperfeito viria um perfeito precedido de *waw* consecutivo.

Uma opinião alternativa foi apresentada por Zellig S. Harris, em *The development of the Canaanite dialects* (New Haven, American Oriental Society, 1939), nas p. 47-9. O autor argumentou que este *waw* preservara um antigo pretérito ugarítico que, por acidente, era semelhante em forma ao imperfeito, que se desenvolvera depois.

G. H. Gordon demonstra de maneira bastante convincente que o alegado pretérito ugarítico era idêntico em forma ao imperfeito do hebraico. Todos admitem, entretanto, que este tempo preformativo em ugarítico tinha tanto um uso narrativo pretérito quanto um uso imperfeito. R. Laird Harris (*Introductory Hebrew grammar*, Eerdmans, 1950, p. 33-4) modificou a posição de Zellig S. Harris, afirmando que o *waw* consecutivo é a forma preservada do antigo sentido ugarítico do tempo imperfeito, que era usado com sentido pretérito acompanhado ou não do *waw*. Na poesia hebraica o imperfeito também demonstra esse sentido pretérito com ou sem o *waw*. *Cf.* a seqüência de verbos em Salmos 18.4-12.

G. Douglas Young argumentou que este *waw* é um reflexo do uso egípcio (The origin of the waw consecutive, *JNES*, 12:248-52).

O *waw* com a pontuação costumeira (*shewa* simples) é usado com o imperfeito e chamado de *waw* conjuntivo. O sentido dessa forma também é debatido. Não parece referir-se ao futuro — o que exigiria um perfeito com *waw* consecutivo. Aliás, normalmente atribui ao verbo uma força subjuntiva, expressando resultado, propósito, volição, *etc.* Freqüentemente recebe um sufixo *â*, característico do coortativo.

A mesma conjunção é usada comumente em ugarítico, mas aparentemente como palavra a parte, pois geralmente aparece separada da palavra seguinte por uma espécie

de hífen. M. Dahood defende ainda a existência do *waw* enfático, do *waw* explicativo e do *waw* vocativo (*Psalms* III, *AB*, p. 400-2). R.L.H.]

Bibliografia: BLAKE, Frank R., The Hebrew waw conversive, *JBL*, 63:271-95. — MEEK, Theophile J., Translating the Hebrew Bible, *JBL*, 79:328-35. — POPE, Marvin, "Pleonastic" waw before nouns in Ugaritic and Hebrew, *JAOS*, 73:95-8. — YOUNG, G. D., The origin of the *wāw* conversive, *JNES*, 12:248-52. — WERNBERG MØLLER, P., "Pleonastic" waw in classical Hebrew, *JSS*, 3:321-6.

C.P.W.

520 וָו (*wāw*) ***gancho, grampo.***

O sentido básico da palavra é "gancho", "grampo". E usado 13 vezes no AT, mas apenas no plural e em Êxodo 26, 27, 36 e 38. É usado para descrever os ganchos de prata e de ouro aos quais eram presas as cortinas do tabernáculo. Embora não usada assim no AT, a palavra também descreve o *waw*, a sexta letra do alfabeto hebraico, provavelmente em virtude de sua forma.

C.P.W.

521 זוּר (*wzr*) **Aceita como raiz de:**

521a זָר (*wāzār*) ***culpado*** (ARA, "carregado de culpa"; ARC, "perverso"; BLH. "culpado").

Os tradutores da Versão Autorizada inglesa (KJV) leram a palavra como se fosse *wā*, "e", acompanhado de *zār* (qal particípio de *zûr*), "estranho", mas *BDB*, *KB* e outros a traduzem por "culpado" (Pv 21.8, apenas). Pode ser relacionado a um cognato árabe que significa "carregar um fardo" ou ainda a outro cognato que significa "ser culpado".

C.P.W.

יָלַד (*wālād*). Veja o n.º 867a.

NOTA: A PÁGINA 374 NÃO CONSTA, POIS ERA EM BRANCO

ז

522 זאב (*z'b*). **Aceita como raiz de:**

522a זאב (*z'eb*) ***lobo*** (*e.g.*, Gn 49.27; Jr 5.6).

זאת (*zō't*). Veja o n.º 528.

523 זבב (*zbb*). **Aceita como raiz de:**

523a זְבוּב (*z'bûb*) ***moscas.***

Encontrado apenas seis vezes no AT, incluindo quatro ocorrências como parte do nome composto "Baal-Zebube". Eclesiastes 10.1 usa a palavra como parte de um provérbio: "A mosca morta faz o ungüento do perfumador exalar mau cheiro". Em Isaías 7.18, a mosca (ou "moscas") é simbólica dos exércitos do Egito, que descerão sobre a terra de Israel a mandado do Senhor e devastarão a terra. Uma das pragas do Egito agora assolará os hebreus.

Em 2 Reis 1, Acazias, rei de Israel, enviou mensageiros para interrogarem o deus filisteu Baal-Zebube, o deus de Ecrom. Acazias fora ferido numa queda e queria saber se haveria de recuperar-se (1.2). Por ordem de Deus, Elias confrontou os mensageiros, repreendeu-os por estarem indo consultar um deus pagão e predisse a morte de Acazias (1.3, 6). Mais tarde Elias pessoalmente declarou ao rei que sua falta de fé no Deus de Israel selara seu destino (1.16).

Uma vez que Baal-Zebube significa "senhor das moscas", intérpretes do AT acreditam que "moscas" seja uma alteração escarnecedora de *z'bûl*, "príncipe", "alto" ou "trono". Na literatura ugarítica, Baal é tratado de príncipe. A mudança de "príncipe" para "moscas" seria paralela ao uso de *bôshet*, "vergonha", em lugar de "Baal", em nomes como Isbosete e Mefibosete. No NT "Belzebu" é chamado "o príncipe dos demônios". A maioria dos manuscritos gregos traz *beelzeboul*, embora a versão siríaca e manuscritos similares usem *beelzeboub*.

H.W.

524 זבד (*zābad*) ***conceder, presentear, dotar*** (Gn 30.20).

525 זָבַח (*zābah*)

Termo Derivado

524a זֶבֶד (*zebed*) ***dote, presente*** (Gn 30.20).

זְבוּב (*z'bub*). Veja o n.º 523a.
זְבוּלוּן (*z'bûlûn*). Veja o n.º 526b.

525 זָבַח (*zābah*) ***sacrificar, abater.***

Termos Derivados

525a זֶבַח (*zebah*) ***sacrifício.***

525b מִזְבֵּחַ (*mizbēah*) ***altar.***

O verbo *zābah* é usado principalmente em relação ao abate de animais para o sacrifício. Ocorre mais freqüentemente no qal, embora o piel ocorra 19 vezes em relação aos sacrifícios idolatras realizados nos altos (Os 11.2; 2 Rs 12.3). Em três ocorrências o piel refere-se aos numerosos e legítimos sacrifícios oferecidos por Salomão (1 Rs 8.5; 2 Cr 5.6) e por Ezequias (2 Cr 30.22).

zebah. ***Sacrifício.*** Substantivo genérico freqüentemente ligado às ofertas (Sl 40.6[7]) ou aos holocaustos (1 Sm 6.5; Êx 10.25). É várias vezes associado às ofertas pacíficas (*sh'lāmîm*, *cf.* Lv 3.1; 17.5), mas por vezes é distinguido delas (Nm 15.8; Js 22.27). Freqüentemente *zebah* é o acusativo cognato de *zābah*, mas sacrifícios também podem ser "feitos" (Nm 6.17 [ARA, "oferecer"; ARC "sacrificar"]; 1 Rs 12.27), "trazidos" (Am 4.4; Dt 12.6) ou "aproximados" (Lv 7.11, [ARA e ARC, "oferecer"]).

mizbēah. ***Altar.*** Lugar de sacrifício. Usada 401 vezes, esta palavra aparece principalmente no Pentateuco e nos livros históricos. Altares de pedra (Js 8.31), de terra (Êx 20.24), de madeira e bronze (Êx 38.1) e de madeira e ouro (Êx 30.1-6) são encontrados. Algumas vezes os altares recebem nomes, como o altar de Jacó em Siquém ("El, o Deus de Israel", Gn 33.20), o de Moisés em Refidim ("O Senhor é minha bandeira", Êx 17.15) ou o de Gideão em Ofra ("O Senhor é paz", Jz 6.24). Há muitas referências a altares ilegítimos, freqüentemente associados a postes-ídolos (Êx 34.13) e aos altos (2 Rs 23.15).

A importância dos sacrifícios é vista logo no início do livro de Gênesis. Depois do dilúvio, Noé construiu um altar e sacrificou animais e aves "limpos" ao Senhor. Abrão adorou ao Senhor que lhe aparecera, construindo um altar em Siquém ao chegar à terra da promessa. Outros altares foram construídos pelos patriarcas Isaque e Jacó, em Berseba e Betel, para comemorar a bênção de Deus (Gn 26.25; 35.7). Isaque foi colocado sobre o altar no monte Moriá por seu pai Abraão, mas seu lugar acabou ocupado por um cordeiro, no que foi o mais claro exemplo do significado do sacrifício substitutivo no AT. O sacrifício do cordeiro pascal e o conseqüente livramento dos primogênitos comunicavam o mesmo significado (Êx 12.27).

Gênesis também registra o sacrifício oferecido por Jacó ao concluir uma aliança com Labão (31.54). A refeição simbolizava a amizade entre as duas partes e sua intenção de

manter as promessas feitas. Quando Israel fez aliança com o Senhor, Moisés construiu um altar ao pé do monte Sinai e ali ofereceu holocaustos e ofertas pacíficas (Êx 24.4, 5). Salmos 50.5 refere-se aos que "comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios".

No monte Sinai, Moisés recebeu instruções sobre os altares e os sacrifícios relacionados ao tabernáculo. O altar designado aos sacrifícios de animais era o altar de bronze, ou "altar do holocausto". Media cerca de 2, 25 m de cada lado por 1, 40 m de altura, tendo em cada um dos vértices superiores uma ponta ou chifre que formava "uma só peça com o altar". Era feito de madeira de acácia e recoberto de bronze (Êx 38.1, 2). Uma grelha ou grade de bronze, varas de madeira e utensílios de bronze eram acessórios do altar (Êx 30.28; 35.16). Os sacrifícios eram queimados sobre o altar e o sacerdote aplicava parte do sangue às pontas do altar e derramava o restante à sua base (Lv 4.7, 25). Este grande altar ficava localizado no átrio do tabernáculo, de frente para a porta de entrada (Êx 40.7).

O outro altar era chamado o "altar do incenso" ou "altar de ouro" (Êx 39.38; 40.5). Tinha cerca de 45 cm de cada lado por 90 cm de altura, com quatro chifres e um friso (ARA, "bordadura"; ARC, "coroa") de ouro ao redor. Também era feito de madeira de acácia, mas era revestido de ouro (Êx 30.1-6). O sangue da oferta pela culpa era colocado sobre os chifres deste altar (Lv 4.7). Por causa do incenso perfumado queimado sobre este altar, ele ficava no lugar santo, de frente para a cortina sagrada.

A purificação do altar do holocausto é, às vezes, relacionada à consagração de toda a tenda da congregação (Êx 29.44). O sangue era aspergido sobre o altar para fazer expiação por ele, bem como pelo lugar santíssimo no Dia da Expiação (Lv 16.20, 33; *cf.* 8.15). Há também várias referências à dedicação do altar. Várias ofertas foram apresentadas (Nm 7.10, 11, 84), e o altar foi ungido com óleo (Êx 40.10). Quando Arão e seus filhos foram consagrados, o óleo da unçao foi aspergido sete vezes sobre o altar (Lv 8.11).

O rei Salomão construiu um altar de holocausto de 10 m de cada lado e 5 m de altura (2 Cr 4.1). Mesmo assim, o altar não foi grande o bastante para as ofertas de dedicação do templo (1 Rs 8.54), a "casa do sacrifício" (2 Cr 7.12).

Os sucessores de Salomão às vezes negligenciavam o altar, mas reis bons como Asa (2 Cr 15.8) e Ezequias (2 Cr 29.18) o purificavam. Acaz o substituiu por outro, construído segundo o modelo de um altar sírio que vira em Damasco (2 Rs 16.14, 15). Uzias também pecou ao usurpar funções de sacerdote e queimar incenso sobre o altar de ouro (2 Cr 26.16).

Vários outros altares importantes são mencionados nas Escrituras. Josué construiu um altar de pedras não lavradas sobre o monte Ebal quando Israel renovou sua aliança com Deus (Js 8.31). As duas tribos e meia que se haviam estabelecido na Transjordânia erigiram um altar "em memória", próximo ao rio Jordão, altar que não servia "para holocausto, nem para sacrifício" (Js 22.11, 26). Davi construiu um altar sobre o monte Moriá, que seria o lugar do futuro templo, quando o anjo destruidor lhe apareceu ali (2 Sm 24.25). Elias, por seu turno, tomou doze pedras — uma para cada tribo — e consertou o altar do Senhor no monte Carmelo (1 Rs 18:30-32).

Os chifres ou pontas do altar eram considerados local de refúgio, mesmo para um assassino (Êx 21.14). Adonias segurou as pontas do altar, e Salomão poupou-lhe a vida (1 Rs 1.50, 51). Quando Joabe, porém, tentou o mesmo recurso, Salomão ordenou que fosse morto (1 Rs 2.28).

A centralidade dos sacrifícios no culto israelita acabou por produzir um desfile

ritualista de animais ao altar, e Deus teve de advertir o seu povo que o queimar de gordura e o derramamento de sangue não conquistavam automaticamente o seu favor. "Obedecer é melhor que sacrificar" (1 Sm 15.22) e Deus prefere "lealdade [*hesed*] a sacrifício" (Os 6.6). Isaías afirma que Deus está "farto" das ofertas hipócritas dos israelitas (1.11). Retidão e justiça são mais importantes que sacrifício (Pv 21.3). Somente quando os corações estão corretos perante Deus é que os sacrifícios são aceitáveis e capazes de produzir grande alegria (Ne 12.43). Nos salmos, gratidão e quebrantamento de espírito são considerados sacrifícios que honram a Deus (Sl 50.14, 23; 51.17[19]).

Infelizmente Israel era constantemente tentado a se envolver com sacrifícios pagãos. Deus os advertira a destruir os altares cananeus e a despedaçar seus postes-ídolos (Êx 34.13; Dt 7.5), mas em vez disso os israelitas derrubaram os altares de Deus e mataram seus profetas (1 Rs 19.10). Às vésperas de entrar na terra prometida, Israel foi convidado a sacrificar aos deuses de Moabe, e a idolatria e a imoralidade que se seguiram marcaram um dos capítulos mais tristes de sua história (Nm 25.2 e ss.). Na Palestina os israelitas caíram como presa fácil do culto a Baal, construindo altares e até mesmo templos àquele deus cananeu (Jz 6.30; Os 11.2; 1 Rs 16.32). Jeú liderou um ataque maciço contra o baalismo depois do desastroso reinado de Acabe (2 Rs 10.19), e Josias derrubou os altares (até mesmo altares de incenso) de Baal em sua grande reforma religiosa (2 Cr 24.4, 7). Jeroboão I é famoso pelo altar que construiu em Betel e pelos sacrifícios oferecidos aos bezerros de ouro (1 Rs 12.32). Não foi senão nos dias de Josias (*c.* 621 a.C.) que este santuário foi destruído (2 Rs 23.15). Entre outras perversões, Acaz sacrificou aos deuses de Damasco (2 Cr 28.23), e Amom ofereceu sacrifícios às imagens de escultura introduzidas por Manassés (2 Cr 33.22).

Freqüentemente os escritores bíblicos condenavam os altos, onde o povo (1 Rs 22.43[44]), e vez por outra os reis (2 Rs 16.4), sacrificavam e queimavam incenso. Embora esses "santuários sobre os montes" pudessem reivindicar alguma legitimidade antes da construção do templo (*cf.* 2 Cr 1.3), a tendência forte em tais locais era a adoração de Baal ou dos bezerros de ouro de Jeroboão.

O culto pagão envolvia, às vezes, sacrifício aos demônios (Lv 17.7; Dt 32.17), incluindo mesmo o oferecimento de crianças aos ídolos de Canaã (Sl 106.37, 38). Tais rituais hediondos são citados por Ezequiel como uma das principais razões para o juízo de Deus contra o povo de Israel (16.20-21).

Embora o uso primário de *zābaḥ* e *zebaḥ* diga respeito ao abate de animais para sacrifício, por vezes a idéia de "abate" ocorre sem nenhum contexto sacrificial. Era permitido aos israelitas abater animais para consumo de carne em suas cidades (Dt 12.5, 21). Acabe abateu um grande número de ovelhas e bois para oferecer um suntuoso banquete a Josafá e seu séquito (2 Cr 18.2). Quando Eliseu abandonou a agricultura para associar-se a Elias, matou uma junta de bois e compartilhou a comida com o povo (1 Rs 19.21).

As idéias de "abate" e de "sacrifício" são poderosamente combinadas em passagens que retratam o juízo divino. Josias "abateu ou sacrificou" os sacerdotes dos altos nos próprios altares em que serviam (2 Rs 23.20; *cf.* 1 Rs 13.2). O dia do Senhor é descrito como um "sacrifício" em que príncipes e exércitos serão destruídos. Um tempo de sacrifício estava reservado para Israel (Sf 1.7, 8), para o Egito (Jr 46.10) e para Edom (Is 34.6; veja *dāshēn*). A carne dos exércitos de Gogue e Magogue será oferecida como sacrifício sobre os montes de Israel para servir de banquete às aves de rapina e aos animais selvagens (Ez 39.17-19).

Outras passagens futurísticas apresentam as nações sob ótica mais favorável. Isaías 19.21 declara que um dia os egípcios conhecerão o Senhor e lhe trarão sacrifícios e ofertas (*cf.* 2 Rs 5.17). Em Israel os sacerdotes tinham a promessa de uma responsabilidade perpétua de oferecer sacrifícios em favor do povo (Jr 33.18; Ez 44.11).

Bibliografia: KIDNER, F. Derek, *Sacrifice in the Old Testament*, London, Tyndale, 1951. — AI, p.415-510.

H.W.

526 זבל (*zābal*) ***exaltar, honrar***. Usado somente em Gênesis 30.20, num jogo de palavras com o nome Zebulom.

Termo Derivado

526a זְבֻל (*z'bul*) ***habitação, altura.***

526b זְבוּלֻן (*z'bulún*) ***Zebulom***.

z'bul. ***Habitação, altura, alta morada***. Este substantivo é encontrado apenas cinco vezes. A vogal é invariavelmente defectiva. Provavelmente é cognato do ugarítico, *zbl*, "príncipe (principado)" (*cf. UT*, 19: 815).

O termo *z'bul* ocorre pela primeira vez em 1 Reis 8.13 (= 2 Cr 6.2), quando, na dedicação do templo, Salomão se dirigiu ao Senhor e disse: "Na verdade edifiquei uma casa para tua morada..." (ARA). As versões portuguesas são uniformes na tradução.

Em duas pasagens *z'bul* é associado com o céu. Isaías 63.15 insta com Deus a olhar para baixo desde sua santa e gloriosa "habitação" e intervir em favor de seu povo exilado. Em Habacuque 3.11 há uma referência ao longo dia de Josué, quando o sol e a lua ficaram parados "nas suas moradas", (*cf.* Js 10.12, 13).

A última ocorrência se acha em Salmos 49.14[15], passagem que lamenta o destino dos insensatos. Mesmo os ricos estão destinados à sepultura, "... o lugar onde habitam" (ARA), ou "por não terem mais onde morar" (ARC), ou ainda "longe de seus lares" (BLH).

Cada uma dessas referências tem algum elo com "esplendor" ou "majestade", e o sentido básico da palavra pode ser "eminência" (*cf.* SPEISER, *Genesis*, *AB*, p. 231). Um dos títulos de Baal na literatura ugarítica é *zbl b'l ars*, "Príncipe Senhor da Terra". O deus de Ecrom mencionado em 2 Reis 1.2-6, Baal-Zebube, "Senhor das moscas", pode ser uma corruptela intencional de "Baal-Zebul" (*cf. z'búb*).

z'bûlûn. ***Zebulom***. Nome do sexto filho de Lia e décimo filho de Jacó. "Zebulom" pode significar "honra" (*cf.* Gn 30.19, 20), e Speiser relacionou o nome ao acadiano *zubullû*, "presente dado pelo noivo" (*Genesis*, *AB*, p. 231; *cf.* também *z'bul*).

A tribo de Zebulom era a quarta maior tanto no começo quanto no final da peregrinação pelo deserto (Nm 1.31; 26.26). Em listas das 12 tribos, Zebulom normalmente segue Issacar (Nm 1.9; 2.7), mas na bênção de Moisés, Zebulom é mencionada primeiramente (Dt 33.18). Zebulom se associou à desqualificada tribo de Rúben para proclamar as maldições sobre o monte Ebal (Dt 27.13).

A herança tribal de Zebulom é descrita em Josué 19.10-16. Seu território ficava na extremidade norte do vale de Jezreel, ao norte de Manassés e de Issacar e ao sul de Aser e Naftali. Tanto Gênesis 49.13 quanto Deuteronômio 33.19 associam Zebulom com o mar.

Talvez isso se refira basicamente ao comércio entre o mar Mediterrâneo e o mar da Galiléia, que enriqueceu a tribo de Zebulom.

Zebulom foi uma das tribos que não conseguiu expulsar os cananeus (Jz 1.30), mas seus guerreiros foram altamente elogiados por sua bravura nas vitórias sobre Sísera e os cananeus (Jz 4.6, 10; 5.14, 18) e, posteriormente, sobre os midianitas (Jz 6.35; *cf.* SI 68.27[28]). Quando Davi se tornou rei de todo o Israel, Zebulom enviou-lhe um grande contingente de 50 000 soldados e amplas provisões (1 Cr 12.33[34], 40[41]). Durante o reinado de Ezequias, alguns sobreviventes da tribo de Zebulom aceitaram o seu convite para celebrar a Páscoa em Jerusalém (2 Cr 30.10-19). A tribo também é mencionada com Naftali como contemplada com a honra de receber Cristo na Galiléia quando de seu advento (Is 9.1[8.23]).

H.W.

זָג (*zāg*). Veja o n.º 527a.

זֵד (*zēd*). Veja o n.º 547a.

זָדוֹן (*zādôn*). Veja o n.º 547b.

527 זוּג (*zwg*), זיג (*zyg*). **Aceita como raiz de:**

527a זָג (*zāg*). Nome de um subproduto da uva, proibido aos nazireus (Nm 6.4). As versões (portuguesas) traduzem uniformemente por ***"casca"***.

528 זֶה (*zeh*), זֹאת (*zō't*) ***este, esta, esse, essa, tal.***

Este é o pronome demonstrativo normal, usado às vezes como coletivo (Lv 11.4; Jz 20.16). A forma singular pode ser usada com numerais, como em "estas dez vezes" (Nm 14.22; *cf.* "estes muitos anos" em Zc 7.3). Quando modifica substantivo no *nomen rectum*, normalmente segue os demais adjetivos. Se precede adjetivo, como em Ageu 2.9, *habbayit hazzeh ha ahārôn*, o adjetivo final, "a última", provavelmente modifica o *nomen regens*. Daí o versículo dever ser traduzido "a última glória desta casa" e não "a glória desta última casa". Raramente *zeh* é usado com nomes próprios, senão especialmente na expressão "este Jordão" (Gn 32.10[11]; Dt 3.27; Js 1.2, 11). "Este Líbano" também ocorre (Js 1.4).

zeh é muitas vezes usado independentemente com o significado de "este indivíduo" ou "este homem", de maneira que dirige atenção concentrada para a pessoa. Em Gênesis 5.29, Noé é destacado como "este" que "nos dará descanso", e em Isaías 66.2 o Senhor diz: "... o homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito...". Miquéias 5.5[4] declara enfaticamente: "Este [Deus] será a nossa paz".

Várias vezes refere-se ao indivíduo em questão de modo sarcástico ou desdenhoso. Quando Saul foi ungido rei, alguns céticos indagaram: "Como pode este salvar-nos?" (1 Sm 10.27). Aquis, rei filisteu, reclamou a seus comandados que já tinha loucos de sobra, quando "este" (Davi) fingiu estar louco para escapar dos filisteus (1 Sm 21.15[16]). O próprio Davi referiu-se ao sovina Nabal como "este" cuja propriedade Davi tinha aparentemente protegido em vão (1 Sm 25.21).

Em Juízes 5.5 e Salmos 68.8[9], Deus é chamado de *zeh Sînāy*, "aquele do Sinai", emprego semelhante ao do árabe *dû*, "o dono de" ou "o que pertence a". Deus se revelara a Israel em grande poder no monte Sinai, de modo que quando entrava em ação a favor

de seu povo, este pensava nele sob o aspecto de sua revelação por excelência no Sinai (*cf.* o raro demonstrativo e relativo hebraico *zû*).

O uso pejorativo de *zeh* também se vê em versículos em que pode ser traduzido "tal". Quando Bildade descreve as calamidades que sobrevêm ao ímpio, afirma: "Tais são, na verdade, as moradas do perverso..." (Jó 18.21). O próprio Jó lamenta a fragilidade do homem e pergunta a Deus: "E sobre tal abres teus olhos...?" (Jó 14.3).

zeh também é ligado enclíticamente a uma variedade de pronomes interrogativos com o propósito de fortalecê-los. O Senhor pergunta enfaticamente: "Onde (*'ê zeh*) está a casa que me edificareis vós?" (Is 66.1). Um Deus todo-poderoso jamais poderia ser contido num templo feito por homens. Muitas vezes este tipo de pergunta envolve emoções fortes. Observe-se o clamor de Moisés perante Deus: "... Por que, afinal, (*lāmmâ zeh*) me enviaste?" (Êx 5.22), ou a queixa dos israelitas a Moisés: "Por que, afinal, saímos do Egito?" (Nm 11.20). Em tais exemplos, "afinal" é uma tentativa de expressar a presença de *zeh*.

zeh (ou seu feminino *zō't*) também é usado em combinação com preposições. Por exemplo, *bāzō't* pode significar "a despeito disso" (Lv 26.27; Sl 27.3). A forma *bāzeh* significa "aqui" em Gênesis 38.21, 22 e Números 23.1, provavelmente uma elipse de "neste lugar".

H.W.

529 זהב (*zhb*). **Aceita como raiz de:**

529a זָהָב (*zāhāb*) ***ouro.***

Este é o mais básico de vários termos hebraicos para ouro, embora seja modificado por uma série de adjetivos que se referem a tipos diversos de ouro. A maior parte das referências a ouro no AT está relacionada ao tabernáculo ou ao templo e ao palácio construídos por Salomão.

Ouro "bom" é mencionado em conexão com o jardim do Éden, em Gênesis 2.12. Ouro puro (*tāhôr*) aparece várias vezes em Êxodo. A arca da aliança foi revestida de ouro puro, e havia um friso de ouro à sua volta (Êx 25.11). O castiçal foi feito de ouro puro batido (*miqshâ*) em uma única peça, sua base, haste e braços (37.17, 22). Os querubins também foram feitos de ouro puro batido (25.18). Fios de ouro foram usados para fabricar a estola sacerdotal usada pelo sumo sacerdote (Êx 28.6).

Na era salomônica o ouro puro é chamado de *sāgur*, talvez cognato do acadiano *sakru*. Pode ter sido ouro batido em folhas finas para ser usado em revestimentos. O Santo dos Santos do templo era revestido com este ouro puro (1 Rs 6.20), e do mesmo material foram feitos os candelabros (1 Rs 7.49). Os utensílios que Salomão usava na casa do Líbano também eram de ouro puro (1 Rs 10.21 = 2 Cr 9.20). Salomão fez escudos de ouro batido (*shahût*), em liga com algum metal para torná-los mais resistentes (1 Rs 10.16). Seu trono de marfim foi revestido de "ouro refinado" (*mûpāz*, 1 Rs 10.18). Muito ouro foi levado da região de Ofir para Israel durante o reinado fabuloso de Salomão (1 Rs 9.28; *cf.* Sl 45.9[10].

Os israelitas foram advertidos a não fazer ídolos de prata ou ouro, mas a adoração ao bezerro de ouro foi um problema constante (Êx 32.3, 4; 1 Rs 12.28). Quando Deus castigou os filisteus por terem-se apoderado da arca da aliança, eles fizeram cinco réplicas em ouro das suas hemorróidas ou tumores (*cf. 'ōpel*) e cinco ratos de ouro como oferta pela culpa ao Senhor (1 Sm 6.4).

530 *זָהַם (*zãham*)

Em Salmos a palavra de Deus é considerada mais valiosa do que o ouro (Sl 19.10[11]), e a sua lei, melhor que milhares de peças de ouro e prata (119.72, 127). O próprio Deus é descrito como vindo em "áureo esplendor", em Jó 37.22.

H.W.

530 *זָהַם (*zãham*) ***ser impuro, abominável.*** Ocorre apenas no piel (Jó 33.20).

531 *זָהַר (*zãhar*) ***I, brilhar, reluzir.***

Termo Derivado

531a זֹהַר (*zõhar*) ***brilho, claridade.***

Paralelos bem próximos ocorrem no aramaico e no árabe. O verbo e o substantivo são usados apenas uma vez no AT (no grau hifil) e empregados para dizer que os sábios que levarem muitos à justiça "resplandecerão, como o fulgor do firmamento" (Dn 12.3).

L.J.W.

532 *זָהַר (*zãhar*) ***II, ensinar, avisar, advertir, admoestar.***

Tanto o *BDB* quanto o *KB* sustentam ser essa uma raiz homônima, ao passo que edições mais antigas de Gesenius tomam este como um segundo sentido da mesma raiz, considerando-o relacionado ao primeiro. A raiz é usada 21 vezes, todas no hifil ou no nifal, sendo esta última a forma passiva da primeira.

"Ensinar" é provavelmente o sentido básico da raiz, mas não é usado com freqüência. Um exemplo claro ocorre quando Jetro, sogro de Moisés, aconselha o legislador a limitar seu trabalho a "ensinar" as leis ao povo (Êx 18.20). O sentido mais freqüente é "avisar", que é usado 14 vezes em apenas dois capítulos, Ez 3 e 33, passagens clássicas que tratam da responsabilidade dos atalaias em avisar as pessoas sob seu cuidado (*cf.* Ez 3.17-21; 33.3-9). O sentido de "admoestar" é ilustrado na afirmação proverbial de que é melhor ser um jovem pobre, mas sábio, do que um rei velho e tolo, "que não se deixa admoestar" (Ec 4.13).

O *Zohar* é o nome de um influente comentário místico sobre o Pentateuco, escrito por Moses Leon no século XIII.

L.J.W.

533 זִו (*ziw*) ***nome do segundo mês, aparentemente parte do sistema cananeu***. Com respeito a outros nomes de meses, veja o n.º 613b.

זִו (*zû*), זוֹ (*zô*). Veja o n.º 528.

534 זוּב (*zûb*) ***fluir, jorrar, emitir, manar.***

Termo Derivado

534a זוֹב (*zôb*) ***fluxo, descarga.***

A idéia básica é a de movimento de um liqüido, fluindo de um lugar para outro. A

raiz é usada apenas no qal, ocorrendo 54 vezes, incluindo o verbo e o substantivo.

A palavra normalmente ocorre em um de três contextos. 1. O movimento de água numa correnteza. Diz-se que a água "manou" ou "jorrou" da rocha ferida por Moisés no deserto (Sl 78.20; *cf.* Sl 105.41; Is 48.21).

2. Uma descrição clássica da Palestina; diz-se que a terra "mana leite e mel". Esta frase ocorre muitas vezes no AT (*e.g.*, Êx 3.8, 17; 13.5; 33.3; Dt 6.3; 11.9; *etc.*).

3. Um fluxo (ou descarga) patológico ou normal, do trato geniturinário. Com três exceções, (Lv 22.4; Nm 5.2; 2 Sm 3.29), todos os usos ocorrem em Levítico 15. É usado nos versículos 2 a 15, 32 e 33 (11 vezes no caso do verbo, sete vezes no do substantivo) para referir-se a uma descarga patológica masculina (provavelmente com diarréia); nos versículos 19 a 24 (verbo e substantivo uma vez cada) para o fluxo menstrual normal da mulher; e nos versículos 25 a 30 (verbo, uma vez; substantivo, cinco vezes) a um fluxo sangüíneo anormal na mulher.

L.J.W.

זוד (*zûd*). Veja o n.º 547.

534.1 זוה (*zwh*). **Aceita como raiz de:**

534.1a זָוִית (*zāwît*) ***esquina, canto, ângulo*** (Sl 144.12; Zc 9.15; Lv 1.5).

534.1b מָזוּ (*māzû*) ***despensa*** (Sl 144.13).

535 זוז (*zwz*) **I. Aceita como raiz de:**

535a זִיז (*zîz*) ***seres que se movem.***

535b מְזוּזָה (*m'zûzâ*) ***portal, umbral, ombreira.***

zîz. ***Seres que se movem, animais selvagens.*** Este substantivo é usado três vezes; em duas delas significa "seres que se movem" (ARA, "animais que pululam"; ARC, "feras do campo") no campo (Sl 50.11; 80.13[14]), e é provável que derive da raiz acima. A terceira ocorrência, em Isaías 66.11, significa "abundância" (ARC, "resplendor"), e provavelmente deriva de outra raiz não utilizada no AT (também o *BDB*, embora o *KB* defenda outra raiz não usada, que proporciona a tradução "seio").

m'zûzâ. ***Portal, umbral, ombreira***. Este substantivo é usado 18 vezes. Sua relação com a raiz acima não é certa. A palavra é usada uma vez para as ombreiras do portão de Gaza, que Sansão arrancou e carregou para longe junto com o portão (Jz 16.3). É usada uma vez para o portal do átrio do tabernáculo, ao lado do qual aparentemente havia uma cadeira onde o idoso Eli costumava assentar-se (1 Sm 1.9). É também usada em relação às ombreiras do templo, tanto as construídas por Salomão (1 Rs 6.31, 33) quanto as mencionadas por Ezequiel (41.21).

Os israelitas aplicaram sangue às duas *m'zûzîm* de suas casas no dia de sua libertação do Egito (Êx 12.7, 22, 23). Assim fazendo, salvaram da morte os primogênitos (Êx 12.29).

Bibliografia: THORNES, D. W., The meaning of zîz in Ps 80.13, *Exp T*, 76:385.

L.J.W.

536 זוז (*zwz*) **II. Aceita como raiz de:**

536a זיז (*zîz*) ***abundância, plenitude*** (apenas em Is 66.11).

זָוִית (*zāwît*). Veja o n.º 534a.

537 זול (*zwl*) **I. Aceita como raiz de:**

537a †זוּלָה (*zulâ*) substantivo derivado, provavelmente, da raiz *zûl*, "remover", não usada no AT. Usado principalmente como advérbio, com os significados de "exceto, apenas, salvo que, senão", todos derivados da idéia de "remoção".

Ocorre 16 vezes, na maioria delas como advérbio de exclusão (Js 11.13; Dt 1.36; Sl 18.31[32]; Is 45.21, *etc.*).

L.J.W.

538 זול (*zûl*) ***II, gastar, esbanjar*** (apenas em Is 46.6).

539 *זון (*zûn*) ***alimentar.*** Este verbo ocorre apenas uma vez, no hofal (Jr 5.8).

Termo Derivado

539a מָזוֹן (*māzôn*) ***alimento, sustento*** (Gn 45.23; 2 Cr 11.23).

540 זוע (*zua'*) ***tremer, estar aterrorizado***.

Termo Derivado

540a †זוּעָה (*z'wā'â*), זַעֲוָה (*za'ăwâ*) ***horror, espanto***.

Os indícios contextuais não nos permitem designar um sentido dogmático ou preciso para este termo e seus derivados. Todavia, idéias como "tremor" e "medo" são possíveis em todos os casos. Aparentemente descreve os tremores da mandíbula na idade avançada (Ec 12.3). Refere-se ao fato de Mordecai não ter "tremido" perante Hamã (Et 5.9), embora outro movimento menos específico, típico da cortesia oriental, possa estar sendo descrito pela palavra. Uma forma causativa (pilpel) é traduzida em Habacuque 2.7 por "abalar" (ARA, ARC), e "ficarão com medo" (BLH).

z'wā'â, za'ăwâ. *Horror, espanto*. Termo usado para descrever o povo de Deus depois de sofrer o juízo divino. A severidade e a extensão do castigo de Deus são tamanhas que os israelitas se tornam um "horror" ou "espanto" para as nações que os observam (Dt 28.25; Jr 15.4; 34.17). Em outros contextos a extensão do juízo e o horror decorrente são aumentados pelo desdém (2 Cr 29.8) e por sofrer o saque de invasores (Ez 23.46).

541 זור (*zûr*) ***I, ser estranho***.

KB oferece "voltar-se, desviar-se", como o sentido básico. *BDB* cita a raiz *sûr*, semelhante mas aparentemente não relacionada, que tem esse significado.

Além de seu uso participial, a palavra aparece apenas quatro vezes no qal, duas no

nifal e uma no hofal. Jó 19.13 é uma passagem típica, pois ali o patriarca afirma que seus antigos amigos "como estranhos se apartaram" dele. Os usos no nifal e hofal são passivos.

zûr é usado principalmente em sua forma participial, *zâr*, que aparece 69 vezes. Tem força de substantivo e é assim alistada no *KB*. É usada para descrever uma ação estranha à lei (Lv 10.1) e uma pessoa estranha a determinada família (Dt 25.5), simplesmente outra pessoa (Pv 14.10), e outra terra (Os 7.9). O sentido básico é desconhecimento e ausência de relacionamento. A forma feminina "a estranha", em Provérbios, é freqüentemente a mulher adúltera.

Bibliografia: SNIDERS, L. A., The meaning of *zr* in the Old Testament, *OTS*, 10:1-154.

L.J.W.

542 זור (*zûr*) ***II, ser repugnante.***

Termo Derivado

542a זרא (*zārā'*) ***coisa repugnante.***

Este verbo é usado apenas uma vez (Jó 19.17), mas é considerado por *BDB*, *KB* e algumas versões modernas como derivado de uma raiz diferente de *zûr* I, "ser estranho", porque o seu cognato árabe se grafa com *d* em vez de *z*, como acontece com o cognato árabe de *zûr I*.

543 זור (*zûr*) ***III, apertar, espremer.***

Termos Derivados

543a זר (*zēr*) ***tiara, borda, friso.***

543b זרזיר (*zarzîr*) ***cingido, alerta.***

543c מזור (*māzôr*) ***ferida, ferimento.***

A raiz aparece apenas quatro vezes, todas no qal. Gideão apertou, espremeu a lã com que fizera o teste, para ver se continha água (Jz 6.38).

zēr. Tiara, friso, borda. A idéia básica da palavra parece ser a de algo localizado no exterior ou na beirada de um corpo central, algo que é como que pressionado para fora desse corpo. A palavra é usada dez vezes no AT, sempre em referência à "bordadura" (ARA) ou "coroa" (ARC), ou "remate" (BLH) em volta da arca (Êx 25.11), da mesa da proposição (Êx 25.24, 25) e do altar de incenso (Êx 30.3, 4). Jamais é usada para descrever a coroa de um rei.

L.J.W.

544 *זחח (*zāhah*) ***remover, deslocar.*** Ocorre apenas no nifal (Êx 28.28; 39.21).

545 זהל (*zāhal*) ***I, recuar-se, rastejar.*** Ocorre apenas duas vezes, no particípio, traduzido por "serpentes" (Dt 32.24) e "répteis" (Mq 7.17).

546 זחל (*zāhal*)

546 זחל (*zāhal*) ***II, temer, ter medo*** (apenas em Jó 32.6).

547 זיד (*zîd*), זוד (*zûd*) ***ferver, fervilhar, agir orgulhosamente, agir com presunção, rebelar-se, agir com soberba.***

Termos Derivados

547a זד (*zēd*) ***soberbo, arrogante.***

547b זָדוֹן (*zādôn*) ***soberba, orgulho, arrogância.***

547c זדון (*zêdôn*) ***orgulhoso; fervilhante, turbulento.***

547d נזיד (*nāzîd*) ***alimento cozido, cozinhado.***

Pelo fato de a raiz propriamente dita não aparecer no AT, sua grafia, com *yod* ou *waw* médio, não é certa. O verbo aparece apenas nos graus qal e hifil, sem distinção clara de sentido entre eles. Na esfera física significa "ferver"; na esfera psicológica significa "agir com soberba". Contando todos os termos derivados, a raiz ocorre 40 vezes no AT.

O verbo é usado apenas uma vez em relação a ferver ou cozinhar (Gn 25.27-34). O texto afirma que Jacó tinha feito um "cozinhado" (ARC, "guisado", v. 29).

A forma verbal é usada oito vezes com referência a personalidade, e três dos termos derivados são usados apenas nesse campo semântico. A idéia básica é de orgulho, de sensação de auto-importância, que freqüentemente é exagerada para incluir desafio e até rebeldia. Em Provérbios 11.2, por exemplo, o orgulhoso é contrastado com o humilde (*cf.* Pv 13.10). Uso semelhante se acha em Jeremias 49.16; 50.31, 32; Ezequiel 7.10, com a implicação adicional de que Deus se opõe fortemente a tal orgulho.

zîd é freqüentemente usado para referir-se a três aspectos específicos do orgulho. Um deles é a presunção. A pessoa orgulhosa age presunçosamente demais a seu favor, especialmente no que diz respeito à autoridade. O falso profeta, por exemplo, era alguém que se atrevia a falar em nome de Deus, tomando por certo ter autoridade para fazê-lo sem, no entanto, ter sido chamado (Dt 18.20; *cf.* v. 22, onde ocorre o substantivo derivado do verbo). Os falsos deuses também são denunciados como seres que arrogam para si autoridade que não têm (Êx 18.11); Babilônia, por sua vez, reivindicou demais para si mesma em contrariedade ao Santo de Israel (Jr 50.29). A mesma presunção se mostrou nos egípcios quando sujeitaram os israelitas à escravidão (Ne 9.10).

O segundo aspecto é a rebeldia ou desobediência. A pessoa orgulhosa sustenta sua opinião a ponto de se rebelar contra quem esteja em posição de autoridade sobre ela. Os israelitas impuseram assim a sua vontade contra a vontade de Deus quando subiram para enfrentar os cananeus, apesar de Deus lhes ter proibido fazê-lo (Dt 1.43). O mesmo pensamento está contido em Neemias 9.16, 29. Eliabe, irmão mais velho de Davi, acusou-o de ter vindo ao campo de batalha com os filisteus por puro orgulho (1 Sm 17.28, onde *zādôn* é usado com o sentido de *hybris*, "prepotência" ou "arrogância").

O terceiro, intimamente relacionado ao segundo, traz consigo o elemento adicional da decisão voluntariosa. Se uma pessoa agisse de maneira arrogante e premeditadamente matasse o seu próximo, sua própria vida era exigida como punição. Se o homicídio não fosse intencional, todavia, havia um local de refúgio disponível para ela (Êx 21.14). Na verdade, se uma pessoa intencionalmente desobedecesse ao sacerdote, acarretando ou não homicídio, teria de pagar com a vida (Dt 17.12, 13, onde tanto *zîd* quanto *zādôn* são

usados). Isto parece explicar a distinção feita por Davi no salmo 19 entre os pecados que lhe eram "ocultos" e a "soberba" (Sl 19.12, 13[13, 14]). Ele ora para que seja purificado dos "ocultos", assim admitindo sua culpa nesta área; quanto à "soberba" (*i.e.*, pecados de presunção), ele pede para ser guardado dela.

zēd. ***Orgulhoso, arrogante, presunçoso.*** Adjetivo que se refere 12 vezes a pessoas e uma a pecados.

zādôn. ***Orgulho, soberba, arrogância.*** Este substantivo é usado 11 vezes. As formas adjetivas e substantivas de *zîd* são usadas em contextos que apresentam o orgulho em oposição a Deus, o que é um pecado capital. Pessoas caracterizadas como orgulhosas são descritas por paralelos como "praticantes da iniqüidade", que "tentam a Deus" (Ml 3.15[13]) e "todos os que agem impiamente". Por conseguinte, serão queimados como restolho no dia do iminente juízo de Deus (Ml 4.1[3.19]). Freqüentemente, tais pessoas são retratadas em oposição aos que desejam fazer a vontade de Deus (Sl 19.14; Sl 119.51, 69, 78, 122; Jr 43.2).

zēdôn. ***Orgulhoso; fervilhante, turbulento.*** A única ocorrência desta palavra (um adjetivo) refere-se figurativamente a águas "orgulhosas", que representam problemas avassaladores (Sl 124.5). O pensamento parece ser o de um poder lançado contra uma pessoa ao ponto de matá-la.

nāzîd. ***Cozido, cozinhado.*** Este substantivo é usado seis vezes. Todos os seis usos se referem a comida cozida ou ensopada (Gn 25.29, 34). Três vezes a palavra descreve um "cozinhado" que ficou venenoso por conter plantas venenosas e foi restaurado por um milagre de Eliseu (2 Rs 4.38-41). O sexto uso acontece em Ageu (2.12), que usa a palavra para descrever um tipo de comida que aparece ao lado de pão, vinho, azeite e carne.

L.J.W.

זֵדוֹן (*zêdôn*). Veja o n.º 547c.

זִז (*ziz*). Veja o n.º 535a, 536a.

זִיקָה (*zîqâ*). Veja o n.º 573.

זֵירוֹן (*zêrôn*). Veja o n.º 582d.

548 זַיִת (*zayit*) ***oliveira, azeitona*** (derivação incerta).

A oliveira era e é uma árvore comum e valiosa no Oriente Próximo, famosa por seu fruto, seu óleo e sua madeira. O óleo, especialmente, era um elemento básico da vida na região, sendo usado na alimentação como gordura (Lv 2.4-6), em candeias para produzir luz (Êx 27.20) e no ritual religioso para unções (Êx 29.7). Reis e sacerdotes eram ungidos com azeite de oliveira (*e.g.*, Elias ungiu Eliseu para sucedê-lo como profeta). O azeite era usado medicinalmente e como perfume (Sl 104.15; Ez 16.9). A prática de ungir reis é comprovada apenas raramente fora de Israel, mas De Vaux a cita em relação aos reis hititas (*AI*, p. 104). A unção de reis é claramente um símbolo da concessão do Espírito de Deus (1 Sm 10.1, 10; 16.13). Tal símbolo também era apropriado à unção de sacerdotes (que De Vaux data bem recentemente, devido a seus pontos de vista sobre o chamado

documento P: "Todos reconhecem que estes textos em sua totalidade sofreram revisão depois do Exílio" [*Id.*, p. 105]!). O candelabro de sete hastes, com suas lâmpadas alimentadas a azeite, também é interpretado como símbolo do Espírito de Deus (Zc 4.2-6). É possível que o simbolismo da identificação do azeite com o espírito não fosse difícil para os antigos hebreus, pois diariamente observavam o azeite de suas candeias sumir no ar de suas casas. Além disso, a palavra hebraica para "espírito" é a mesma para "vento". É óbvio que a palavra neotestamentária para Messias — Cristo deriva da palavra usada no AT para o rei ungido, também chamado de Messias. Deve-se notar, porém, que o AT usa a palavra "messias" muito esparsamente. Em lugar disso, fala nele como o Renovo de Davi, o Filho de Davi, o Tabernáculo de Davi, o Renovo ou simplesmente Davi (Ez 34.23; 37.24). Tal uso se reflete também nos *MMM*, n*O Rei Messiânico* e no *Florilégio* (GASTER, T. H., *The Dead Sea scriptures*, ed. rev., Doubleday, 1964, p. 334-8). Mas em Salmos 2.2. em Daniel 9.25, 26, e possivelmente em poucos outros salmos, o título real torna-se o título especial do Filho maior de Davi, que o NT e parte da literatura pré-cristã adotam e usam livremente. Veja mais detalhes em *mashîah*.

Bibliografia: HARRIS, R. L., Messianic promises in the OT., in: BUSWELL, J. O., *A systematic theology of the Christian religion*, v. 2, Zondervan, 1963, p. 543-51. — *AI*, p. 102-6.

R.L.H.

זָךְ (*zāk*). Veja o n.º 550a.

זְכוּכִית (*z'kôkît*). Veja o n.º 550b.

זָכוּר (*zākûr*). Veja o n.º 551f.

549 זָכָה (*zākâ*) ***ser claro, limpo, puro.***

Cognato de *zākak* e do acadiano *zaku*. Este vocábulo é usado apenas em poesia e com sentido moral. O piel significa "limpar", "purificar", o hitpael, "limpar-se", "purificar-se" (ocorre apenas em Is 1.16).

O termo aparece duas vezes em Jó (15.14; 25.4), e em ambas as ocasiões os amigos de Jó indagam como um homem pode tornar-se puro perante Deus. Em ambos os versículos *zākâ* é paralelo de *tsādaq*, "ser justo". Uma pergunta semelhante aparece em Provérbios 20.9, onde o autor admite que ninguém jamais conseguiu manter puro e sem pecado o seu coração. Aqueles, porém, que andam de acordo com a palavra de Deus podem viver vidas puras (Sl 119.9). O salmista também observa que às vezes os ímpios parecem levar vidas mais alegres que aqueles que mantêm puro o coração (73.13), mas que no fim os ímpios serão arruinados. Em Isaías 1.16, Deus adverte o povo de Judá a que se lave e se purifique para não enfrentar o juízo severo.

Por duas vezes o verbo é usado em relação a Deus. Em Salmos 51.4[6], Davi admite que Deus foi "justificado" quando o julgou por seu pecado com Bate-Seba. A interpretação de Miquéias 6.11 é difícil. Estaria Deus perguntando se "poderia inocentar balanças falsas" (ARA, ARC) ou "perdoar pessoas que usam balanças falsas" (BLH)? A idéia do versículo parece ser a de que Deus não considerará "puro" quem assim peca.

H.W.

550 זָכַךְ (*zākak*) ***ser brilhante, limpo, puro.***

Termos Derivados

550a זַךְ (*zak*) ***puro, limpo.*** Usado em relação a azeite e incenso em Êxodo e Levítico, ao passo que em Jó e Provérbios é usado apenas metaforicamente.

550b זְכוֹכִית (*z'kôkît*) ***vidro*** (Jó 28.17).

zākak é provavelmente uma forma derivada de *zākâ*, que às vezes ocorre em proximidade a *zākak* (Jó 15.14, 15; 25.4, 5). Ambos os verbos são usados como paralelo de *rāhats*, "lavar" (*cf.* Jó 9.30; Is 1.16).

As referências no Pentateuco tratam do tabernáculo. O azeite para as lâmpadas tinha de ser puro, e as lâmpadas queimavam continuamente, *i.e.*, toda a noite (Êx 27.20; 30.7, 8; Lv 24.2). Êxodo 30.34 menciona que incenso puro era combinado com especiarias para fazer um tipo especial de incenso ritual. Esse mesmo incenso era colocado sobre cada fileira de pães na mesa dos pães da proposição no lugar santo (Lv 24.7).

Os ineptos consoladores de Jó negavam que ele fosse puro e reto (Jó 8.6), embora Eliú relembre Jó de que este dá a impressão de se considerar "puro e sem pecado" (33.9). Em duas ocorrências a condição do homem é comparada à natureza. De acordo com Jó 15.15 e 25.5 nem o céu nem as estrelas são consideradas puras perante Deus; como poderia, então, o homem reivindicar infalibilidade? Apesar disso, Lamentações 4.7 afirma que antes do cerco de Jerusalém os príncipes de Judá eram mais "puros" (BLH) ou "alvos" (ARC, ARA) como o leite e a neve. A descrição de seus corpos enfermos e macilentos no versículo 8 sugere que a pureza e a alvura estavam relacionadas a corpos saudáveis, e não à sua condição moral e espiritual.

Várias passagens em Provérbios relacionam pureza a conduta. Uma pessoa pode pensar que seus caminhos são "puros" (ARA) ou "limpos" (ARC), mas o Senhor pesa o espírito, *i.e.*, avalia os motivos (16.2). Em contraste com o engano característico dos ímpios, a conduta do "puro" (ARC) ou "honesto" (ARA) é correta (21.8). Mesmo a criança pode demonstrar um caráter piedoso por meio de um comportamento puro e reto (20.11).

Em Jó 11.4 Zofar questiona a alegação feita por Jó de que suas "crenças" ou "ensinos" eram puros e sem falhas, tornando-o puro aos olhos de Deus. Jó protesta sua própria inocência em 16.7, pois não agira com violência e sua oração era pura.

H.W.

זָכַר (*zākar*) ***pensar, meditar, dar atenção; lembrar, relembrar, recordar; mencionar, declarar, recitar, proclamar, invocar, comemorar, acusar, confessar.***

Termos Derivados

551a זֵכֶר (*zēker*) ***lembrança.***

551b זִכָּרוֹן (*zikkārôn*) ***memorial.***

551c זְכַרְיָהוּ (*z'karyāhu*), זְכַרְיָה (*z'karyâ*) ***Zacarias.***

551d אזכרה (*'azkārâ*) ***porção memorial.***

551e זכר (*zākār*) ***macho.***

551f זכור (*zākûr*) ***macho.***

Há três grupos de significado: 1) para atos completamente interiores como "lembrar" ou "prestar atenção"; 2) para tais atos mentais quando acompanhados de atos externos apropriados; e 3) para formas de fala audível com sentidos como "recitar" ou "invocar". As comprovações nas línguas cognatas indicam que o terceiro grupo é o mais próximo do sentido básico do verbo. Este espectro semântico demonstra a mesma fusão ou sobreposição entre estados mentais e ações externas encontrada em outros termos hebraicos (*e.g.*, o hebraico *shāma'*, "ouvir").

A maioria das ocorrências de *zākar* no qal diz respeito a ações mentais, sem nenhuma referência a atos externos correspondentes. Exemplos de tais ações mentais são as lembranças dos judeus de Jerusalém (Sl 137) e sua recordação de que tinham sido escravos (Dt 5.15). "Lembrar-se" é contrastado com "esquecer-se" (Sl 74.22, 23). A idéia básica por trás do verbo "pensar", em Jó 21.6, onde os ímpios são o objeto, e Salmos 63.6[7], onde Deus é o objeto, é a de "meditar". Quando Deus é desafiado a "lembrar-se", o sentido do verbo é mais apropriadamente o de "prestar atenção", já que nada escapa à sua onisciência (Sl 89.47[48]). Freqüentemente é difícil decidir qual dos dois sentidos acima melhor se coaduna com uma passagem específica.

Numerosas passagens acrescentam ao significado acima a implicação de agir em consonância com o pensamento. A lembrança que Deus deve fazer da aliança implica libertar o seu povo (Êx 2.24) ou preservá-lo (Lv 26.44, 45). Por outro lado, lembrar o pecado pode ser equivalente a reter manifestações de favor (Os 7.1, 2). Lembrar-se da fidelidade passada de Ezequias resultou em cura (2 Rs 20.3) e lembrar-se de Noé equivaleu a fazer as águas baixarem (Gn 8.1). Para Deus, não se lembrar da iniqüidade era equivalente a perdoar e reter ou suspender o juízo adicional (Ps 79.8, 9).

Para o homem, também, lembrar resulta em ação. "Lembrar-se" pode significar arrependimento (Ez 6.9) ou obediência aos mandamentos (Nm 15.40), especialmente o relativo ao sábado (Êx 20.8). Para os "confins da terra", lembrar-se é arrependimento e conversão a Deus (Sl 22.27[28]). Em relações políticas, não lembrar uma aliança significa quebrá-la (Am 1.9). (Veja o *BDB* sobre uma lista muito abrangente de tais usos). Alguns de tais casos são exemplos claros de causas e efeitos distintos; noutros casos, todavia, a relação entre a lembrança e a ação concomitante é tão íntima que estão virtualmente identificadas na mente do autor (*cf.* a íntima relação entre "ouvir" e "obedecer" no hebraico bíblico).

Há relativamente poucos casos em que formas do qal se referem claramente à fala. Palavras audíveis são mencionadas em Naum 2.5[6], "chamados" (ARA; ARC, "se lembrará" [mais literal]; BLH, "dá ordem"). Uma récita dos valentes, comparável à récita dos heróis encontrada em Homero, é uma possibilidade razoável de interpretação para este versículo. A viúva pediu a Davi um voto ou declaração audível para a proteção de seu filho sobrevivente (2 Sm 14.11). A "lembrança" de Jonas no ventre do peixe pode bem ter sido uma invocação audível em oração (Jn 2.8). Se a possibilidade de sentidos como "recitar" e "invocar" for aceita, o "relembrar" dos atos maravilhosos de Deus poderia ser uma récita pública de tais atos (1 Cr 16.12; *cf.* v. 8, "fazei conhecidos, entre os povos, os seus feitos"; veja ainda Salmos 105.5) e deveria ser traduzido por "recitai suas obras maravilhosas...".

A categoria dos salmos que relembram ou anunciam as grandes obras de Deus pode

oferecer exemplos de tais récitas (Sl 104, 105, 106).

O hifil de *zākar* geralmente é traduzido de duas maneiras: 1) "mencionar", "invocar" ou "declarar" e 2) "relembrar" alguém de alguma coisa, *i.e.*, o sentido causativo de "lembrar". No primeiro grupo de significados, o hifil designa a invocação audível do nome de Deus (Êx 23.13; observar a expressão "de vossa boca"). Refere-se à invocação dos nomes de deuses falsos (Js 23.7; observar outros elementos rituais no contexto: "jurar", "sirvais" e "adoreis"). Expressa o desejo de José de ser mencionado pelo copeiro-chefe diante de Faraó (Gn 40.14). Em Isaías 49.1, o paralelo contextual "chamou" indica que uma menção audível é o sentido de "fez menção do meu nome". A menção audível da arca acarretou a morte de Eli (1 Sm 4.18). Uma proclamação oficial pode ser assim descrita; a ARC está mais próxima do sentido de uma proclamação ao traduzir *zākar* por "contar" em Isaías 12.4 (ARA, "relembrar"). Salmos 20.7 se refere à proclamação pública, apesar de o significado exato não ser claro. O hifil particípio designa a função do "cronista" (2 Cr 34.8). Isto poderia significar o indivíduo que "proclama" ou "faz conhecidos" por meio de registros escritos, não por declarações audíveis.

No entanto, para o segundo grupo de significados, "relembrar", não há exemplos indisputáveis. As passagens assim traduzidas podem ser entendidas como exemplos do grupo de significados mencionado acima. O ato de "conservar a memória" desejado por Absalão (2 Sm 18.18) poderia ter sido facilmente uma cerimônia audível demonstrando respeito filial. O pequeno grupo de passagens que envolve trazer pecados à memória provavelmente se refere a acusações judiciais públicas (1 Rs 17.18; possivelmente Nm 5.15). Em outras passagens Deus desafia seu povo a acusá-lo (Is 43.26; ARA, "desperta-me a memória") para que o caso possa ser publicamente julgado. Para o copeiro-chefe, este termo descreve a confissão pública de erros pessoais (Gn 41.9). "Proclamar" o nome de Deus encaixa-se bem com o contexto de Salmos 45.17 (ARA, "farei celebrado"). De igual modo, uma forma qualquer de declaração pública (BJ, "celebremos"; BLH, "cantaremos") é apropriada em Cantares 1.4. (O sentido exato dos verbos no hifil em títulos de salmos — 38, 70 — é incerto, embora tenham sido entendidos normalmente como "invocar"; *cf.* 1 Crônicas 16.4, onde, se o sentido for "invocar", provavelmente haja uma referência à prática litúrgica do uso de salmos como o 38 e o 70.) Com base nos exemplos acima, este autor conclui que o sentido "relembrar" para o hifil é dúbio.

O nifal oferece a forma passiva tanto para o qal quanto para o hifil. Expressa "ser lembrado" (Jó 24.20). "Ser lembrado" pode ser seguido pelo ato apropriado de "ser liberto" (Nm 10.9). É possível que a meretriz cantasse para "ser notada" ou para que "se lhe desse atenção" (Is 23.16), tanto quanto para "ser recordada". A idéia passiva "ser invocado" ocorre em Oséias 2.17[19] (ARC, "não virão mais em memória") e Zacarias 13.2 (ARA, "deles não haverá mais memória").

zēker. ***Lembrança, comemoração, invocação, nome***. A gama de significados deste substantivo indica que é um substantivo verbal geral para toda a amplitude de significados do verbo *zākar*. Refere-se ao ato mental da memória: a perda da memória ou da lembrança de um grupo expressa a sua destruição total, como no caso dos amalequitas (Êx 17.14), dos ímpios (Jó 18.17) ou do próprio homem em geral (Ec 9.5). Pode designar a comemoração de uma festa (Et 9.28). "Notar" ou "prestar atenção" descreve bem a permanente "lembrança" dos justos (Sl 112.6; "Ele não é abalado; o justo é para atenção [de Deus] eterna" — tradução literal).

Outros contextos lidam com formas variadas de expressão audível ou pública. A

palavra refere-se à invocação de Deus, o nome pelo qual Deus seria "lembrado" (Êx 3.15). A "invocação" (ou "lembrança") de Deus é um eufemismo para o termo "Deus" (Sl 30.4[5]; 97.12; e talvez 102.12[13], onde a ARA usa a palavra "memória"). Se houver insistência no uso da palavra "nome", este deve ser entendido como um "nome para invocação", não um simples "nome memorial". Duas passagens usam esta palavra como uma referência à "récita" dos grandes atos de Deus. "Destilarão a récita da tua muita bondade" (Sl 145.7; tradução do autor; ARA, "Divulgarão a memória da tua muita bondade") e "Ele fez a récita de suas maravilhas" (Sl 111.4; tradução do autor; ARA, "ele fez memoráveis as suas maravilhas").

zikkārôn. ***Memorial, recordação, lembrança, registro.*** *zikkārôn* é um objeto ou ato que relembra alguém de alguma coisa, ou que representa alguma coisa. Como tal, pode ser um "memorial", uma "recordação", um "registro" histórico ou uma "lembrança" física que faz recordar uma divindade. A festa da Páscoa era um memorial (Êx 12.14) de um grande evento histórico. A festa dos Pães Asmos era como um "memorial entre os teus olhos" (Êx 13.9). Os incensários de Coré foram transformados em memorial de uma importante verdade (Nm 16.40[17.5]). O "livro dos feitos memoráveis" (Et 6.1) continha um registro escrito dos atos de Mordecai. As máximas dos amigos de Jó, como todos os provérbios, eram lembretes das verdades abstratas que expressavam (Jó 13.12). Em Isaías 57.8, os símbolos eróticos (ARA), que relembravam o adorador de seu deus, eram provavelmente pequenas imagens do ídolo, mas o termo enfatiza sua função como um lembrete mais do que seu caráter como representação. Em Eclesiastes 1.11 e 2.16, a questão enfocada é que não há registros ou objetos que sirvam de lembrança ou memória do homem sábio, do tolo, das coisas por vir ou das coisas passadas; as passagens não estão negando o ato mental de recordar tais coisas.

z'karyâ, z'karyāhû. ***Ya*** **ou** ***Yahu*** **(i.e.,** ***Iavé) se lembrou. Zacarias.*** Mais de 20 homens receberam este nome no AT (a lista completa se acha em *BDB*), dos quais três serão discutidos aqui.

1) Zacarias, o filho de Joiada, o sacerdote, que repreendeu a apostasia religiosa de Joás e, como conseqüência, foi martirizado no átrio do templo (2 Cr 24.20; *c.* 800 a.C.).

2) O mestre que exerceu influência positiva sobre o rei Uzias (2 Cr 26.5; *c.* 750 a.C.).

3) Zacarias, filho de Baraquias, filho de Ido (Zc 1.1, 7), cujo ministério de animar o povo a reconstruir o templo (c. 520 a.C.) e de comentar sobre o cenário político de seu tempo está registrado no livro que leva seu nome. É provável que a expressão "filho de Ido" indique o clã ao qual pertencia Zacarias, não um grau de parentesco próximo. O clã de Ido é destacado nitidamente na comunidade pós-exílica (Ne 12.12, 16; note-se que "cabeças de famílias" indica chefes de clãs). Conjectura-se que Zacarias teria sido jovem demais para assumir o ofício profético antes de 520 a.C. (*NDB*) e que era o sumo sacerdote na ocasião (*EncJud*), mas nenhuma das duas conjecturas tem apoio suficiente.

No tempo do NT, um homem de nome Zacarias tinha-se tornado um mártir bem conhecido (Mt 23.35; Lc 11.51). A designação "filho de Baraquias" indica que a referência é ao profeta Zacarias. Todavia, dúvidas quanto à originalidade desta designação, bem como o local e tipo de morte de Zacarias, indicam que o mártir proeminente poderia ser o filho de Joiada. Outra possibilidade é que o mártir do NT tenha sido uma pessoa não mencionada no AT.

'azkārâ. ***Porção memorial.*** Este é um termo técnico que designa aquela parte da oferta de grãos (*minhâ*, *q.v.*) que era queimada como a porção destinada a Deus (Lv 2.2, 9, 16). Sua derivação indica um significado como "memorial" ou "lembrança". Também se refere ao "memorial" que era queimado dos pães da proposição (Lv 24.7). Este "memorial" em particular se referia ao incenso, já que o pão propriamente dito era comido pelos sacerdotes, e não queimado (v. 9: veja o *KB* quanto a outros pontos de vista).

A.B.

zākār. ***Macho, homem, menino, humanidade.*** (A ARC e a BLH traduzem por "filho" em Is 66.7). A palavra *zākār* indica o macho de humanos e de animais. É usada em Gênesis 1.27 no seu sentido básico, ocorrendo ali lado a lado com "fêmea" (*n'qēbâ*) e denotando os dois sexos dos humanos (Gn 5.2; Lv 12.7, *etc.*). Em resumo, é usada para o sexo masculino quando se quer indicar distinção sexual.

A palavra é usada para os machos que participam do ritual da circuncisão (Gn 17.10; 34.15; Êx 12.48, *etc.*) e freqüentemente conota homens da sociedade israelita que eram contados no censo (Nm 1.2; 3.15; Ed 8.3; *etc.*).

A palavra *zākār* ocorre em passagens que proíbem relações sexuais entre homens (Lv 18.22; 20.13) e é usada em relação ao parceiro sexual masculino nas relações sexuais normais (Nm 31.18, 35; Jz 21.12). Ezequiel usa o termo em relação às imagens masculinas com as quais os israelitas idolatras cometiam fornicação idolatra (16.17). A palavra também é usada para descrever o sexo masculino como incapaz de conceber filhos (Jr 30.6).

Os machos eram objeto de extermínio (Gn 34.25; Nm 31.7) e objeto de votos ao Senhor (Lv 27.3, 7). A palavra é usada para os descendentes homens (Js 17.2) bem como para meninos de colo (Lv 12.2; Jr 20.15).

Também descreve os machos dos animais que eram usados em sacrifícios rituais (Êx 12.5; Lv 1.3, 10; Dt 15.19; *etc.*).

zākûr. ***Macho, homem, menino.*** Esta palavra, que ocorre com sufixos possessivos em hebraico, sempre se refere a machos como tal. Em três ocorrências (Êx 23.17; 34.23; Dt 16.16) refere-se à participação dos homens israelitas nas festas religiosas, e em uma ocorrência (Dt 20.13) é usada para a população masculina das cidades conquistadas pelos israelitas.

Bibliografia: BLAU, J., Reste des I-Imperfekts von ZKR, Qal, *VT*, 11:81-6. — CHILDS, Brevard. *Memory and tradition in Israel*, SCM, 1962. — RICHARDSON, A., *TWB*, p. 142-3. — *THAT* 1:507-17.

T.E.M.

זִכְּרוֹן (*zikkārôn*). Veja o n.º 551b.

זְכַרְיָהוּ (*z'karyāhû*). Veja o n.º 551c.

552 זלג (*zlg*). Aceita como raiz de:

552a מַזְלֵג (*mazlēg*) ***garfo de três dentes*** (instrumento sacrificial; 1 Sm 2.13).

552b מִזְלָגָה (*mizlāgâ*) ***garfo*** (instrumento sacrificial usado no tabernáculo [Ex 27.3] e no templo [1 Cr 28.17]).

זַלְזַל (*zalzal*). Veja o n.º 553a.

553 זלל (*zālal*)

553 זָלַל (*zālal*) ***I, tremer, sacudir*** (A ARA e a BLH usam "tremer"; a ARC usa duas vezes "escoar" e uma vez "derreter", entendendo a palavra como derivada de outra raiz, *nāzal* ("escoar, escorrer").

Termo Derivado

553a זַלְזַל (*zālzal*) ***sarmentos*** (Is 18.5), ***montes.***

As três ocorrências da palavra em que é traduzida por "montes" se referem ao tremor de uma montanha (Jz 5.5; Is 64.1, 3[63.19; 64.2]). *BDB* e *KB* concordam que *zālal* é a raiz desta palavra. *KB*, todavia, classificam as duas raízes como uma só.

L.J.W.

554 זלל (*zālal*) ***II, ser leve, sem valor; zombar, fazer pouco caso de; desperdiçar, ser glutão; ser vil.*** As versões em português utilizam principalmente "comilão" para traduzir esta palavra.

Termo Derivado

554a זֻלֻת (*zullut*) ***vileza, baixeza.***

A palavra é usada duas vezes intransitivamente, significando "vil", "insignificante". Como tal é contrastada com *yāgār*, "precioso", em Jeremias 15.19. É usada transitivamente quatro vezes, com o sentido de "fazer pouco caso de" algo, com o resultado de que tal bem ou objeto vem a ser desperdiçado. Tais ocorrências parecem indicar uma pessoa glutona ou comilona (Dt 21.20; Pv 23.20, 21; 28.7). Somente na segunda passagem há menção de comida. É possível que a referência não seja à quantidade de alimento ingerido (*i.e.*., glutonaria), mas à maneira em que é comido (a Versão Autorizada inglesa traduz "desordeiros comedores de carne"). A condenação geral da glutonaria se baseia fundamentalmente na interpretação desta raiz nas passagens em debate. É provável que em Deuteronômio 21.20 o crime capital se refira a alguma baixeza outra que não à glutonaria (*cf.* BLH, que traz "gasta dinheiro à toa"). Se a raiz empregada em Lamentações 1.8 for esta e não *zûl* (assim sugere *BDB*), haverá um uso no hifil, com o significado de "fazer pouco caso", no sentido de "desprezar".

zullut. ***Vileza, baixeza.*** Este substantivo é usado uma vez e significa "vileza", aquilo que é exaltado entre os homens quando os ímpios predominam na terra (Sl 12.8[9]).

L.J.W.

555 זלעף (*zl'p*). **Aceita como raiz de:**

555a זַלְעָפָה (*zal'āpâ*) ***indignação, ardor*** (*e.g.*, Sl 119.53; Lm 5.10).

זֻלֻת (*zullut*). Veja o n.º 554a.

זִמָּה (*zimmâ*). Veja o n.º 556b.

זְמוֹרָה (*z'môrâ*). Veja o n.º 559b.

זָמִיר (*zāmîr*). Veja os n.ºs 558b, 559a.

556 זָמַם (*zāmam*) ***planejar, considerar, tramar, tencionar, fazer propósito.***

Termos Derivados

556a זָמָם (*zāmām*) ***plano, trama*** (mau sentido, Sl 140.9).

556b זִמָּה (*zimmâ*) ***plano, trama, projeto, maldade***. Usado sempre com sentido negativo, exceto em Jó 17.11.

556c מְזִמָּה (*m'zimmâ*) ***plano, propósito, trama.***

zāmam se encontra apenas no qal. É usado principalmente em relação à execução dos propósitos divinos pelo Senhor, trazendo juízo contra as nações pagãs ou contra os ímpios que tramam contra Deus e contra os justos.

Fora de Zacarias 1.6 e 8.14 e Jó 42.2, as referências em que tanto o verbo quanto o substantivo se referem a Deus ocorrem em Jeremias. As passagens dividem-se entre o propósito divino de castigar Israel (Jr 4.28; 23.20; 30.24; Lm 2.17; Zc 1.6) e julgar Babilônia (Jr 51.11, 12), ironicamente o próprio instrumento que ele usaria para castigar Israel! Para ambas as nações, o propósito de Deus envolvia severa destruição. Zacarias 8.14, 15 contrasta o propósito divino de causar o mal com seu novo propósito de fazer o bem a Jerusalém. Segundo Jó 42.2, nenhum plano de Deus pode ser frustrado.

Quando fazem referência ao homem, tanto o verbo quanto o substantivo normalmente falam de planos e tramas perversos. Em Gênesis 11.6 a extensão de tais planos humanos se demonstra no projeto de construção da torre de Babel. A única outra ocorrência no Pentateuco é em Deuteronômio 19.19, onde a falsa testemunha recebe o castigo que planejara causar a outrem. Em Salmos e Provérbios os ímpioos tramam contra o justo, rangendo os dentes contra ele (Sl 37.12), ou planejando matá-lo (Sl 31.13[14]; *cf.* Pv 30.32). O orgulho impele o homem mau a perseguir o piedoso em parte porque em seu pensamento (*m'zimmôt*) não há Deus (Sl 10.4). Jó reclama quanto aos pensamentos de seus consoladores, que destroem sua reputação (Jó 21.27).

Duas vezes o substantivo é ligado com o verbo "fazer" (Sl 37.7; Jr 11.15), sugerindo que o autor queria dizer "uma ação má". No entanto, o sentido pode ser o de que os ímpios estão "executando" planos malévolos, o que preservaria o referencial básico do termo *zāmam*.

Em Salmos 17.3 ocorre o único uso positivo do termo. Ali o salmista planeja que sua boca não o levará a pecar.

O livro de Provérbios contém o mais amplo espectro de significados para este termo. Há uma divisão bem definida entre o conceito de "homens que planejam o mal" e o conceito positivo de "discernimento". O primeiro ocorre apenas com os substantivos "homem" (*'ish*, Pv 12.2; 14.17) e "mestre" (*ba'al*, Pv 24.8), e em ambos os casos a palavra *m'zimmôt* é usada. Um "homem de perversos (maus) desígnios" é prontamente condenado e odiado (Pv 12.2; 14.17).

A forma singular *m'zimmâ*, todavia, recebe constantemente o sentido positivo de "bom siso", "discernimento" nas cinco vezes em que ocorre. Isso se confirma em Provérbios 1.4; [illegible]12, onde a palavra é associada a "conhecimento" e "prudência". Em Provérbios 2.11 e 3.21, o "discernimento", como suas virtudes irmãs, *t'bunâ* (ARA, "inteligência") e *tushîyâ* [illegible] "sensatez"), protege do perigo a vida do indivíduo. Assim, no contexto de Provérbios 1—[illegible] "discernimento", "bom siso", surge como um dos termos-chave empregados pelo autor [illegible] descrever a sabedoria.

557 זָמַן (*zāman*)

O verbo só ocorre duas vezes, ambas em Provérbios, uma vez com o sentido normal de "tramar" (Pv 30.32) e uma vez no sentido de "considerar" (31.16). Este último sentido se acha no epílogo do livro, um poema que exalta a mulher que exemplifica o ápice da sabedoria. Esta mulher ideal "considera um campo e o compra". Em vez de perder seu tempo sonhando projetos indignos, ela faz planos que trarão grande benefício à sua família.
H.W.

557 זמן (*zāman*) ***ser fixo, designado*** (em relação a tempo, Ed 10.14; Ne 10.35; 13.31).

Termo Derivado

557a זְמַן (*z'mān*) ***prazo, tempo determinado*** (Ne 2.6; Ec 3.1; Et 9.27).

558 *זמר (*zāmar*) ***I, cantar, cantar louvor, fazer música.***

Termo Derivado

558a זִמְרָה† (*zimrâ*) ***canção, música.***

558b זָמִיר† (*zāmîr*) ***canção, cântico.***

558c מִזְמוֹר† (*mizmôr*) ***salmo.***

zāmar ocorre apenas no piel. É cognato do acadiano *zamāru*, "cantar", "tocar um instrumento". E usado apenas em poesia, quase exclusivamente em Salmos.

A vasta maioria das ocorrências do verbo e de seus termos derivados focaliza o louvor ao Senhor. O povo de Israel levantava sua voz e seus instrumentos para louvar a Deus durante toda a sua vida (Sl 104.33; 146.2). Várias vezes esse louvor é dirigido ao "nome" do Senhor, pois o "nome" representa o próprio Deus (Sl 66.4; 18.49[50]; 135.3).

O cântico de louvor ocorre pela primeira vez em Êxodo 15.2, onde Moisés celebra a vitória sobre os egípcios no mar Vermelho. O verbo é usado em Juízes 5.3, o cântico de triunfo composto por Débora para celebrar a humilhante derrota imposta a Sísera e suas poderosas carruagens (*cf.* Sl 68.4[5], 32[33]). A música se levanta dos fiéis para louvar a Deus pelo "que ele fez" (Sl 9.11[12]), pelas "coisas grandiosas" ou "maravilhas" (Is 12.5; Sl 105.2). A "bondade e a justiça" do Senhor evocam o louvor em Salmos 101.1, e, segundo Salmos 119.54, os decretos do Senhor são o motivo dos cânticos do salmista.

Em Isaías 24.16, as palavras do cântico são: "Glória ao Justo". Salmos 47.7[8] afirma que uma vez que Deus é o Rei de toda a terra, os homens devem entoar-lhe um *maskîl*, termo de significado incerto, também encontrado no título do salmo 45.

Uma variedade de termos serve de paralelo para *zmr*, dentre os quais *shîr*, "cantar" (Jz 5.3; Sl 27.6; 101.1; 104:33), *rānan*, "gritar de alegria" (Sl 71.23; 98.4), *yādâ*, "louvar" (Sl 57.9[10]; 33.2), e *hālal*, "louvar" (Sl 149.3). O íntimo relacionamento entre *zmr* e "louvar" reflete-se no fato de que o nome hebraico para o livro de Salmos (que é o plural do hebraico *mizmôr*) é "Louvores" (*t'hillîm*). Quando aparece em paralelismo com outro verbo, *zāmar* quase sempre vem por último. Em Salmos 98.5 o imperativo *zamm'rû* e o cognato *zimrâ* começam e terminam o versículo, formando uma espécie de *inclusio*, um parêntese temático.

Às vezes *zāmar* é diretamente ligado a um instrumento musical, assim como *zimrâ*

veja acima). A lira (Sl 71.22), o saltério de dez cordas (Sl 33.2; 144.9), a harpa (Sl 98.5) e o adufe (Sl 149.3) são todos usados para "fazer música" em louvor ao Senhor. A linha paralela em Salmos 149.3 fala sobre louvar ao Senhor com a dança. À luz destas referências, nem sempre o cântico está implícito quando *zāmar* ou seus cognatos ocorrem.

Duas passagens referem-se a canções com uma conotação negativa. Em Isaías 25.5, o Senhor mostra sua fidelidade aos pobres e carentes silenciando o "hino triunfal dos tiranos". Em Amós 5.23 o Senhor se recusa a ouvir os cânticos e a música das festas religiosas de Israel porque a nação abandonou a justiça e a retidão.

zimrâ. ***Cântico, música.*** Em três de sete ocorrências esta palavra é usada juntamente com harpa ou com adufe [tamborim] (Sl 81.2[3]; 98.5; Am 5.23). No cântico de Moisés ocorre o famoso verso: "O Senhor é a minha força e a minha canção" (Êx 15.2). Esta linha poetica é repetida em Isaías 12.2 e Salmos 118.14.

zāmîr. ***Cântico.*** Usado no plural, exceto em Isaías 25.5. Em 2 Samuel 23.1 Davi é chamado "o doce cantor de Israel" (ARA, "mavioso salmista de Israel").

mizmôr. ***Salmo.*** Aparece no título de 57 salmos, normalmente em conexão com um nome ou um título. Em 34 salmos segue a expressão *lam'natstsēah*, "ao mestre de canto", e 23 dos mesmos títulos também têm *l'dāwid*, "de Davi". Cinco vezes é precedido por *shîr*, "cântico", e oito vezes é seguido pela mesma palavra (*cf.* Sl 65 e 66). No salmo 98, *mizmôr* aparece sozinho no título. Com respeito a outros termos musicais, veja-se fim do verbete 1506.

H.W.

559 זָמַר (*zāmar*) ***II, aparar, podar*** (Lv 25.3, 4, qal; Is 5.6, nifal).

Termos Derivados

559a זָמִיר (*zāmîr*) ***podar, aparar*** [ARA, "cantar"] (apenas em Ct 2.12).

559b זְמוֹרָה (*z'môrâ*) ***ramo, galho, renovo*** (*e.g.*, Nm 13.23; Ez 8.17).

559c מַזְמֵרָה (*mazmērâ*) ***podadeira*** (Is 2.4; 18.5; Mq 4.3).

559d מִזְמֶרֶת (*m'zammeret*) ***espevitadeiras*** (*e.g.*, 2 Rs 25.14; Jr 52.18).

560 זָמַר (*zmr*) **III. Aceita como raiz de:**

560a זִמְרָה (*zimrâ*) ***produtos preciosos*** (apenas em Gn 43.11). Sentido incerto.

560b זֶמֶר (*zemer*) ***cabra montes*** (apenas em Dt 14.5). Sentido incerto.

561 זַן (*zan*) ***tipo, espécie*** (Sl 144.3; 2 Cr 16.14). Derivação incerta.

562 זָנַב (*zānab*) ***cortar***. Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

562a זָנָב (*zānāb*) ***cauda***.

563 זָנָה (*zānâ*)

Substantivo, provavelmente da raiz *zānab* (não usada no AT e de sentido incerto), que significa "cauda". É empregado dez vezes, em contextos bem conhecidos. Por exemplo, Moisés recebeu a ordem de pegar a serpente pela "cauda" (Êx 4.4). Sansão amarrou as 300 raposas pelas "caudas" (Jz 15.4). É usado figuradamente para expressar a idéia do "mais inferior em valor ou importância". Deus advertiu os israelitas de que, se não permanecessem fiéis a ele, os gentios seriam a cabeça e Israel seria apenas a "cauda" (Dt 28.44). Também é usado figurativamente com o significado de "toco". Os dois reis inimigos que cercavam Jerusalém foram comparados a "tocos de tições fumegantes" (Is 7.4). [O uso em Jó 40.17 apresenta um problema se o *behemot* for o hipopótamo, como as versões têm traduzido. Será possível que aqui a palavra simplesmente se refira a um apêndice corporal externo, sugerindo, assim, a tromba de um elefante, que pode mais apropriadamente ser comparada a um cedro? R.L.H.]

L.J.W.

563 זָנָה (*zānâ*) ***cometer fornicação, praticar prostituição.***

Termos Derivados

563a †זְנוּנִים (*z'nunîm*) ***fornicação.***

563b †זְנוּת (*z'nût*) ***fornicação.***

563c †תַּזְנוּת (*taznût*) ***fornicação.***

KB identifica uma segunda raiz que usa estas mesmas consoantes, para a qual dá o significado de "estar irado, aborrecer-se" (Jz 19.2). Não há prova que atribua tal significado quando "praticar fornicação" é perfeitamente possível. A maioria das autoridades (*BDB* inclusive) afirma que há apenas uma raiz. O verbo aparece 89 vezes no qal, uma vez no pual e nove no hifil. Cinco das ocorrências no hifil exigem sentido causativo. A idéia básica da palavra é "ter relação sexual ilícita" (especialmente em relação a mulheres).

Este verbo é usado tanto literal quanto figuradamente. Neste último caso, a idéia que comunica pode ser relações internacionais proibidas, de uma nação (especialmente Israel) fazer acordos com outra nação. Pode-se referir também a relacionamentos religiosos, nos quais Israel adorava deuses falsos.

O sentido literal diz respeito a relações heterossexuais ilícitas. A palavra normalmente se refere a mulheres; apenas duas vezes diz respeito a homens (Êx 34.16; Nm 25.1). A forma feminina do particípio é usada regularmente para indicar a prostituta (Gn 34.31). Tais pessoas recebiam pagamento (Dt 23.19), tinham marcas características que as identificavam (Gn 38.15; Pv 7.10; Jr 3.3), tinham suas próprias casas (Jr 5.7) e deviam ser evitadas (Pv 23.27). Raabe, que escondeu os espias enviados por Josué, é designada por esta palavra. O argumento de que ela era simplesmente uma hospedeira baseia-se em determinar a raiz *zûn*, "alimentar", e não a raiz *zānâ* como a origem da palavra *zônâ*, mas há poucas provas para isso.

Existem certas distinções entre *zānâ* e a raiz paralela *nā'ap*, "cometer adultério". *nā'ap* normalmente se refere a homens e não a mulheres, indicando relações sexuais entre uma pessoa casada e qualquer outra pessoa que não o seu cônjuge (Lv 20.10). As duas palavras aparecem num contraste significativo em Oséias 4.13-14, onde as "filhas" se prostituem (*zānâ*) e as "noras" adulteram (*nā'ap*). Poucas vezes a mulher com quem o

ato é cometido é definitivamente identificada como mulher casada (Lv 20.10; Jr 29.23). Nunca se afirma que tal pessoa seja solteira. As palavras são suficientemente próximas, entretanto, para poderem aplicar-se à mesma pessoa (Os 3.1, 3, com respeito a Gômer; Ezequiel 16.32-36, com respeito a Israel como nação infiel). Uma terceira distinção é que *nā'ap* não é usada para designar a prostituta profissional. Uma semelhança entre as duas raízes é que ambas são usadas literal e figuradamente; além disso, no sentido figurado, são ambas empregadas para descrever os mesmos conceitos básicos.

zānâ também se refere figuradamente a Israel e sua prática de prostituição nacional (Ez 16.26-28). Tiro (Is 23.17) e Nínive (Na 3.4) também são mencionadas dessa forma. A idéia subjacente parece ser a de estabelecer relações com outras nações com vistas a obter benefícios políticos e monetários, embora no caso de Nínive exista também o elemento adicional de empregar táticas atraentes mas enganosas que acabavam por produzir domínio opressivo sobre outros povos.

Ainda uma terceira figura se acha em Isaías 1.21, onde a apostasia dos israelitas dos padrões morais estabelecidos por Deus é chamada de prostituição.

Os três termos derivados são usados como sinônimos quase exatos, e cada um deles é usado literal e figuradamente. O terceiro (*taznût*) é incomum, sendo empregado apenas por Ezequiel, e apenas em dois capítulos: 16 (nove vezes) e 23 (11 vezes). Embora Ezequiel também use os outros dois termos derivados (num total de cinco vezes), sua preferência por *taznût* é clara.

Bibliografia: BROOKS, Beatrice A., Fertility cult functionaries in the Old Testament, *JBL*, 60:227-53. — GORDIS, Robert, Hosea's marriage and message: a new approach, *HUCA*, 25:9-35. — RABINOWITZ, Jacob J., The "great sin" in ancient Egyptian marriage contracts, *JNES*, 18:73. — RICHARDSON, A., *TWB*, p. 16. — ROWLEY, H. H., The marriage of Hosea, *BJRL*, 39:200-33. — TUSHINGHAM, Douglas A., A reconsideration of Hosea, chapters 1-3, *JNES*, 12:150-9. — WISEMAN, D. J., Rahab of Jericho, *Tyndale House Bulletin*, 14:8-11. — *TDNT*, v.6 p. 584-90.

L.J.W.

זְנוּנִים (*z'nûnîm*). Veja o n.º 563a.

זְנוּת (*z'nût*). Veja o n.º 563b.

564 זָנַח (*zānah*) ***I, rejeitar, repudiar, lançar fora.***

Relacionado a uma raiz árabe que significa "ser remoto, repelido", o termo *zānah* tem o sentido básico de desaprovação ou desprazer forte. A palavra é usada 16 vezes no qal e três no hifil, sem distinção clara de significado. O qal é usado em Salmos 43.2, onde o salmista clama a Deus: "por que me rejeitaste?". As versões brasileiras são uniformes no uso do verbo "rejeitar" em Salmos 60.1[3], onde Davi afirma: "Ó Deus, tu nos rejeitaste", ao passo que algumas versões inglesas usam o verbo "expulsar". O hifil é usado por Davi ao instruir Salomão e dizer-lhe que, caso Salomão abandonasse a Deus, Deus o rejeitaria para sempre (1 Cr 28.9).

L.J.W.

565 זָנַח (*zānah*) ***II, cheirar mal, exalar mau cheiro.*** (A ARA e a BJ trazem a idéia de cheirar mal; a ARC usa o verbo "apodrecer".)

566 *זָנַק (*zānaq*)

Tanto o *BDB* quanto o *KB* consideram esta uma segunda raiz homônima. É usada apenas uma vez, no hifil, descrevendo o rio Nilo, que, em decorrência do julgamento escatológico de Deus, cheirará mal (Is 19.6).

Bibliografia: YARON, Reuven, The Meaning of ZANAH, *VT*, 13:237-9.

L.J.W.

566 *זָנַק (*zānaq*) ***saltar.*** Este verbo só ocorre uma vez, no piel (Dt 33.22).

זְעֵה (*zĕ'ê*). Veja o n.º 857b.

זַעֲוָה (*za'ăwâ*). Veja o n.º 540a.

זְעִיר (*z'ʿêr*). Veja o n.º 571a.

567 *זָעַךְ (*za'ak*) ***extinguir, apagar.*** Ocorre apenas em Jó 17.1 (nifal).

568 זָעַם (*zā'am*) ***estar indignado, mostrar indignação, denunciar.***

Termo Derivado

568a †זַעַם (*za'am*) ***ira, indignação.***

A idéia básica deste termo é experimentar ou expressar intensa ira. Este termo é paralelo de *qātsap*, exceto que sua expressão recebe forma mais específica, especialmente de denúncia. A palavra ocorre 11 vezes no qal e uma vez no nifal.

O verbo é usado para indicar tanto o estado de indignação quanto a atividade que dá expressão a tal estado. É usado com referência ao homem, porém mais freqüentemente em relação a Deus. Isaías prediz o dia em que a "indignação" de Deus será experimentada pelos inimigos de Israel (Is 66.14). Em Números 23.7, 8, *zā'am* é usado como paralelo dos verbos *'ārar*, *nāqab* e *qābab*, cada um dos quais significa "amaldiçoar", quando a princípio Balaque, rei de Moabe, pede a Balaão: "Vem, amaldiçoa-me (*'ārar*) a Jacó, e vem, denuncia (*zā'am*) a Israel". Então Balaão responde: "Como posso amaldiçoar (*nāqab*) a quem Deus não amaldiçoou (*qābab*)? Como posso denunciar (*zā'am*) a quem o Senhor não denunciou (*zā'am*)?".

za'am. ***Ira, indignação.*** Este substantivo é usado 22 vezes. É traduzido regularmente por "indignação", referindo-se mais freqüentemente a Deus que ao homem. *za'am* é usado como paralelo de *qātsap*, quando Jeremias afirma que a terra tremerá ao furor de Deus (*qetsep*) e as nações não suportarão a sua indiganação (*za'am*) (Jr 10.10; *cf.* Sl 102.11).

Bibliografia: BRICHTO, Herbert C., *The problem of "curse" in the Hebrew Bible*, na Série de Monografias do *Journal of Biblical Literature*. v. 13, publicado pela Society of Biblical Literature, 1963, p. x, 232. — SCHARBERT, Josef, Fluchen und Segnen im Alten Testament, *Bib*, 39:1-26.

L.J.W.

569 זָעַף (*zā'ap*) ***estar perturbado, turbado, abatido.***

Termos Derivados

569a זַעַף† (*za'ap*) ***indignação, furor.***

569b זָעֵף (*zā'ēp*) ***indignado, mal-humorado.***

A raiz deste verbo, segundo o cognato aramaico *z'ap*, "agitar", "enfurecer-se", significa soprar, respirar fortemente, agitar. É assim usada em Jonas 1.15, com referência ao mar revolto. *KB* sugere "estar amargurado contra", "estar desanimado". *BDB* acrescenta "estar enfurecido".

Uma pessoa enfurecida é alguém em cujo seio há uma tempestade rugindo. Uma pessoa assim perturbada ou agitada pode parecer triste, abatida (Dn 1.10).

O padeiro e o copeiro tinham razão para estarem perturbados de coração; seus sonhos eram reais mas não haviam sido interpretados. A incerteza causa insegurança; eles se preocuparam e ficaram abatidos (Gn 40.6). O sábio de Provérbios, todavia, aponta para uma tempestade ainda mais trágica no coração do homem; é o caso do insensato, cuja insensatez o conduz à merecida ruína, o que produz em seu coração ira contra Deus (Pv 19.3). O cronista (2 Cr 26.19) relata a grandeza e o orgulho do rei Uzias, que o levaram a profanar o templo e o altar do incenso. Quando repreendido, Uzias *se enfureceu* e ao expressar seu furor no santuário foi imediatamente acometido de lepra (2 Cr 26.19).

O testemunho bíblico é que não há paz, saúde ou felicidade para a pessoa em cujo coração ruge uma tempestade.

za'ap. Este substantivo é usado para descrever o estado em que se achava o rei Asa quando foi repreendido pelo profeta Hanani (2 Cr 16.10). Pelo fato de Asa ter dependido dos reis vizinhos de Judá e não do Senhor, o profeta, enviado pelo Senhor, acusou-o de ter agido insensatamente. Quando a insensatez real foi denunciada, formou-se uma tempestade no coração do rei. Essa fúria interior levou o rei Asa a cometer atrocidades. Ele permaneceu endurecido em seu pecado, tanto assim que quatro anos depois, ao adoecer, recusou recorrer ao Senhor. Essa fúria no coração do homem é como o rugir do leão, feroz e assustador (Pv 19.12). É comparável ao mar em meio a uma violenta tempestade (Jn 1.15).

O termo é usado duas vezes para descrever a atitude do Senhor. Os assírios, que se regozijavam ao massacrar Israel, haveriam de ver o caráter feroz e tempestuoso da ira de Deus contra eles (Is 30.30). Miquéias afirma que suportaria a ira do Senhor trazida pelos inimigos, mas também confiava que o Senhor traria luz e libertação depois que passasse a tempestade de seu furor.

G.V.G.

570 זָעַק (*zā'aq*) ***gritar, clamar, chamar, invocar.***

Termo Derivado

570a זְעָקָה (*z'āqâ*) ***grito, clamor.***

O sentido básico desta raiz é "gritar por socorro em tempo de aflição". Ela é usada principalmente no qal, mas ocorre algumas vezes no nifal e no hifil, onde apresenta significados peculiares. É paralela em significado a *tsā'aq*. As duas raízes são, sem dúvida, meras variantes, o que não é incomum com letras sibilantes de pronúncia semelhante.

570 זעק (*zā'aq*)

No qal a palavra é usada quase exclusivamente com referência a um grito ou clamor de um coração angustiado, necessitado de algum tipo de ajuda. O grito não é um pedido de ajuda a alguém, e sim a expressão de uma necessidade sentida. Mais freqüentemente, o grito é dirigido a Deus. Quando os israelitas estavam sendo invadidos anualmente pelos midianitas, lançaram este clamor (Jz 6.6, 7). Às vezes o clamor é dirigido a um falso deus (Jr 11.12), e uma vez a um rei (2 Sm 19.29). Algumas vezes a palavra é usada não para um clamor dirigido a alguém, mas como uma mera expressão de alarme. Toda a cidade de Siló gritou assim quando a Arca foi capturada pelos filisteus (1 Sm 4.13). O clamor pode ser lançado em favor de outra pessoa (Is 15.5). Pode ser um lamento em face de notícias ruins (Jr 47.2), ou até mesmo um grito de protesto (Jó 31.38). Em apenas uma ocorrência há a idéia de uma convocação, quando Jefté conclamou os efraimitas a ajudá-lo na luta contra os amonitas (Jz 12.2). Ainda assim, era um pedido de ajuda.

O grau nifal é usado seis vezes, sempre com o sentido de reunir um grupo de pessoas. Assim, esse grupo pode ser considerado "os chamados" ou "os convocados" (Js 8.16).

O grau hifil ocorre sete vezes, mas apenas uma vez com sentido causativo (Jn 3.7). Quatro vezes conota a idéia de assembléia, correspondendo assim ao sentido do nifal, mas no sentido ativo (2 Sm 20.4, 5). Uma vez é usado para descrever um grito de alarme, como um dos usos no qal, e uma vez com o significado de chamar a atenção de alguém para comunicar-lhe uma mensagem (Zc 6.8).

A distinção entre *zā'aq* e *tsā'aq* parece ser a de que *tsā'aq* foi usado mais cedo. Esta é uma distinção relativa, todavia, pois *zā'aq* também é encontrado no Pentateuco, e *tsā'aq* também se acha em escritos pós-exílicos. Uma contagem das ocorrências de cada verbo em cada período, todavia, sustenta essa distinção geral. Em escritos que provavelmente foram produzidos até o período da monarquia unida, *tsā'aq*, tanto em forma verbal quanto nominal, é encontrado 44 vezes (num total de 76 vezes no AT), ao passo que *zā'aq* aparece apenas 36 vezes (de um total de 89 no AT). Em escritos pós-exílicos, *tsā'aq* aparece apenas duas vezes, enquanto *zā'aq* aparece oito. Em Jeremias, em Ezequiel e em Zacarias, a contagem é de 21 a 7 em favor de *zā'aq*.

No significado, as duas raízes são muito próximas. Ambas indicam o sentido básico de grito ou clamor por ajuda numa situação de angústia. Ambas descrevem tal grito ou clamor sendo dirigido a Deus, a falsos deuses e a homens, embora *tsā'aq* seja usado várias vezes nesta última situação, enquanto *zā'aq* é usado assim uma única vez. No nifal o uso das duas raízes apresenta sentidos paralelos. Alguma diferença existe no hifil, já que *tsā'aq* aparece apenas uma vez, num dos sentidos de *zā'aq*, o de convocar ou reunir uma assembléia.

z^e'āqâ. ***Grito, clamor.*** O substantivo derivado de *zā'aq* é usado 18 vezes, das quais 16 correspondem de perto à idéia do qal, ou seja, designam um grito de ajuda diante de uma situação de angústia. A palavra é usada, por exemplo, para descrever o clamor dirigido a Neemias pelos judeus que estavam sendo oprimidos por seus vizinhos ricos (Ne 5.6). Mordecai soltou um grito assim ao ouvir sobre o plano de Hamã para exterminar os judeus (Et 4.1). *z^e'āqâ* também é usado numa referência abstrata ao clamor insensato de um governante mau (Ec 9.17) e para o clamor contra Sodoma, que chegara aos ouvidos de Deus (Gn 18.20).

L.J.W.

571 זער (*z'r*). **Aceita como raiz de:**

571a †זְעֵיר (*z'ʿêr*) ***um pouco.***

571b †מִזְעָר (*miz'ār*) ***pouco, pequeno.***

miz'ār. ***Pouco, pequeno, pequenez.*** Esta palavra ocorre apenas quatro vezes, todas no livro de Isaías. Três ocorrências são em conjunção com *m"at* (que tem o mesmo sentido). Usadas juntas, em duas ocorrências, as palavras indicam literalmente "pouco" ou "pequeno" tempo, produzindo assim expressões como "em pouco tempo" (29.17) e "bem pouco" (10.25). As outras duas ocorrências (16.14 e 24.6) dizem respeito a números. Em Isaías 16.14, por exemplo, onde é novamente empregada com *m"at*, uma tradução literal seria "um resto pouco e pequeno". *Cf.* a raiz *tsā'ar* que tem sentido semelhante. Esta palavra pode ser apenas uma variação fonética.

L.J.W.

572 זֶפֶת (*zepet*) ***betume, piche*** (Êx 2.3; Is 34.9).

573 זֵק (*zēq*) ***flecha, seta*** (Pv 26.18; Is 50.11).

זֵק (*zēq*). Veja o n.º 577a.

זְקוּנִים (*z'qûnîm*). Veja o n.º 574e.

574 זָקֵן (*zāqēn*) ***ser velho, tornar-se velho.***

Termos Relacionados

574a †זָקָן (*zāqān*) ***barba, queixo.***

574b †זָקֵן (*zāqēn*) ***velho, ancião.***

574c †זֹקֶן (*zôqen*) ***velhice.***

574d †זִקְנָה (*ziqnâ*) ***velhice.***

574e †זְקוּנִים (*z'qûnîm*) ***velhice.***

zāqēn é provavelmente um termo derivado de *zāqān* (barba). É um verbo de estado que, no qal, denota a condição posterior à de ser jovem (Sl 37.25). Encontramos a expressão "velho e avançado em anos" (Gn 24.1; Js 13.1; *cf.* 1 Sm 17.12) ou ainda "velho e farto de dias" (1 Cr 23.1). A palavra descreve tanto homens quanto mulheres. Durante este período de vida as perspectivas de casamento (Rt 1.12) e geração de filhos cessam (Gn 18.12, 13; 2 Rs 4.14). Aparecem os cabelos brancos (1 Sm 12.2). A vista (Gn 27.1; *cf.* 1 Sm 3.2; 4.15), o metabolismo e a mobilidade (1 Rs 1.1, 15) começam a falhar, e as quedas passam a ser uma ameaça (1 Sm 4.18). Uma descrição do avanço da idade em símbolos poéticos se acha em Eclesiastes 12.1-5. A morte passa a ser uma possibilidade iminente (Gn 19.31; 24.1; 27.1, 2; Js 23.1, 2). A liderança deve ser passada adiante (Js 13.1; 1 Sm 8.1, 5; 1 Cr 23.1). Apesar disso, a pessoa em tal condição deve ser respeitada (Lv 19.32) e jamais desprezada (Pv 23.22).

O hifil do verbo denota o envelhecimento de pessoas (Pv 22.6) e da raiz de uma árvore (Jó 14.8).

A idade de 60 anos parece separar os maduros dos velhos (Lv 27.1-8), embora evidentemente os levitas se "aposentassem" aos 50 anos (Nm 4.3, 23, 30). O salmista sugere 70 anos como a duração normal de uma vida e 80 anos como um marco incomum (Sl 90.10). No período dos reis um homem de 80 anos era considerado uma pessoa de idade muito avançada (2 Sm 19.32[33]).

zāqān. ***Barba.*** Substantivo masculino da raiz *zāqēn*. A forma ugarítica era *dqn* (*AisWus*, n.° 782). A barba de um homem (2 Sm 20.9) e de um leão (1 Sm 17.35) podia ser firmemente agarrada. Para ser purificado, o leproso tinha de rapar a barba (Lv 14.9). Era proibido aos israelitas e sacerdotes (Lv 19.27; 21.5) cortar os cantos da barba. Em tempos de angústia a barba era arrancada (Ed 9.3) ou rapada (Is 15.2; Jr 41.5; 48.37). Ezequiel recebeu a ordem de rapar a barba em sinal da destruição vindoura de Jerusalém (Ez 5.1).

zāqēn. ***Idoso, antigo, ancião, velho, mais velho.*** A LXX traduz regularmente por *presbuteros*. *zāqēn* é um adjetivo derivado de *zāqēn*, "ser velho", que é um verbo denominativo, derivado de *zāqān*, "barba".

zāqēn, usado como adjetivo atributivo ou como substantivo, descreve a pessoa, homem ou mulher, que, em contraste com o jovem (*na'ar*; Gn 19.4; *cf.* Sl 37.25), atingiu aquele estágio da vida chamado de velhice. O semitismo "velho e farto de dias (anos)" é encontrado várias vezes (Gn 25.9; 35.29; Jó 42.17). A sociedade hebraica normal tinha não só meninos e meninas brincando nas ruas, mas também velhos e velhas apoiados em seus bordões (Zc 8.4). "Jovens" e "velhos" constituem o todo da sociedade (Êx 10.9; Js 6.21; 2 Cr 36.17; Et 3.13).

O ancião deve ser honrado (Lv 19.32; *cf.* Lm 5.12). Os jovens devem esperar até que os velhos tenham falado (Jó 32.4). Seu valor como conselheiros (*cf.* Ez 7.26) é reconhecido no relato da rejeição de seu conselho por Roboão em favor do conselho dos mais jovens (1 Rs 12.6 e ss.). Por outro lado, o conselho dos anciãos salvou a vida de Jeremias (Jr 26.17). O velho é adornado por seus cabelos brancos (Pv 20.29) e seus filhos são a sua coroa (Pv 17.6).

zāqēn como substantivo, geralmente plural, é termo técnico que ocorre cerca de 100 vezes. Somente o contexto pode determinar se ele se refere a pessoas idosas ou ao grupo de pessoas que exerciam o poder. O AT não é claro com respeito à idade exigida para que alguém passasse a ser um *zāqēn*, nem quanto a detalhes de indicação para esta categoria social.

Há anciãos numa casa, *e.g.*, na casa de Faraó (Gn 50.7; Sl 105.22) ou na de Davi (2 Sm 12.17). O grupo governante de uma cidade israelita, bem como nas cidades de povos como os moabitas e midianitas (Nm 22.4, 7), e também os gibeonitas (Js 9.11) era constituído dos anciãos. Tal instituição era conhecida em Mari e em Babilônia. do período de Hamurábi em diante. Anciãos e chefes (*sārîm*) freqüentemente se reuniam para formar o grupo governante. Anciãos assentados à porta da cidade (Dt 21.19; 22.15; Pv 31.23; Lm 5.14) resolviam questões como dúvidas quanto à virgindade (Dt 22.15), ratificavam acordos sobre propriedades (Rt 4.9, 11) e julgavam casos de homicídio (Dt 19.12; 21.1 e ss.; Js 20.4).

Já no Pentateuco, encontramos "anciãos de Israel" (Êx 3.16; 18.12). Eles testemunharam quando Moisés feriu a rocha (Êx 17.5, 6). No deserto um grupo de 70

testemunhou a cerimônia da aliança (Êx 24.1, 9). Eles julgaram casos enquanto Moisés permaneceu na montanha (Êx 24.14). Os anciãos impunham as mãos sobre a cabeça da oferta pelo pecado quando toda a congregação tinha pecado (Lv 4.15). Eles receberam o Espírito na tenda da congregação (Nm 11.16, 24, 25). Vinte e cinco anciãos testemunharam o fim de Datã e Abirão (Nm 16.25). Dez homens constituíam o governo de uma localidade (Rt 4.2). Os anciãos estavam lado a lado com os juízes perante a arca na cerimônia da leitura da Lei (Js 8.33; *cf.* 23.2; 24.1).

Os anciãos de Israel solicitaram um rei a Samuel (1 Sm 8.4). Mesmo depois do estabelecimento da monarquia, a escolha de um rei repousava sobre os ombros dos anciãos de Israel, de modo que Davi fez uma aliança com eles antes que o ungissem em Hebrom (2 Sm 5.3). Absalão obteve o favor dos anciãos (2 Sm 17.4, 15) e Davi só retornou ao poder depois de obter permissão dos "anciãos de Judá" (2 Sm 19.11[12]). Eles continuaram a ser um grupo de conselheiros do rei na história posterior (1 Rs 20.7) e retiveram autoridade independente (1 Rs 21.8). Josias os convocou para a leitura do recém-descoberto livro da lei (2 Rs 23.1).

Os anciãos continuaram a ser influentes mesmo durante o exílio (Jr 29.1; Ez 8.1; 14.1; 20.1) e na comunidade pós-exílica (Ed 10.8, 14). O papel dos anciãos continuou, sob formas modificadas, na sinagoga e na igreja. Na comunidade de Qumran, todavia, quem exercia o governo não eram os "anciãos".

zōqen. ***Velhice.*** Substantivo masculino derivado da raiz *zāqan* (Gn 48.10), refere-se à idade como qualidade. Ao contrário do que aconteceria com Moisés (Dt 34.7), a senilidade de Jacó trouxe consigo fraqueza na visão.

ziqnâ. ***Velhice.*** Este substantivo feminino, derivado da raiz *zāqan*, ocorre nos estados absoluto e construto. E usado para descrever a idade avançada de Sara, de Salomão e de Asa (Gn 24.36; 1 Rs 11.4; 15.23). Representa um tempo de enfermidade crescente ao qual se estende o cuidado de Deus (Sl 71.9; Is 46.4).

z'qunîm. ***Velhice.*** Este substantivo masculino refere-se a um estado ou condição de vida (Gn 21.2, 7; 37.3; 44.20). No caso de Abraão, indica a condição incomum do nascimento de Isaque. Explica também o favoritismo de Jacó por José e Benjamim.

Bibliografia: BORNKAMM, G., Presbuteros, em *TWNT*, v.6, p. 651-83. — EVANS, Geoffrey, Ancient Mesopotamian assemblies, *JAOS*, 78:1-11. — JACOBSON, Thorkild, Primitive democracy in ancient Mesopotamia, *JNES*, 2:159-72. — MCKENZIE, Donald A., Judicial procedure at the town gate, *VT*, 14:100-4. — MCKENZIE, John L., The elders in the Old Testament, *Bib*, 40:522-40. — MALAMAT, Abraham. Kingship and council in Israel and Sumer, *JNES*, 22:247-53. — NOTH, Martin, *The history of Israel*, London, Black, 1958, p. 107-8. — PEDERSEN, Johannes, *Israel*, v. 1, 2, London, Oxford, 1940, p. 36 e s. — *TDNT*, v. 6, p. 655-61.

J.P.L.

575 זָקַף (*zāqap*) ***levantar, aprumar, erguer*** (Sl 145.14; 146.8).

576 זָקַק (zāqap) ***I, refinar, purificar.***

577 זקק (*zqq*)

A idéia básica é a de tornar algo puro (*cf.* ***tsārap***, que conota pôr algo à prova para testar seu grau de pureza). A raiz é usada duas vezes no qal, uma vez no piel, e quatro vezes no pual. O qal aparece em Jó 28.1, que fala de um lugar em que o ouro é refinado. O piel ocorre em Malaquias 3.3, onde se afirma que Deus "refinará" (ARC, "afinará") os levitas como se faz com o ouro e à prata. O pual de *zāqaq* sempre ocorre como um particípio. Tome-se como exemplo a parte daquilo que Davi separou para a construção do templo e que foi designado como ouro "refinado" (1 Cr 28.18). Em todas as ocorrências, menos duas, o termo refere-se ao refino de metais que era feito, é claro, por meio do fogo. Em Isaías 25.6 o refino de vinhos é mencionado, descrevendo um processo de decantação, não de filtragem (conforme sugere *KB*), *cf.* Jeremias 48.11. A referência em Jó 36.27 é de difícil solução. Pope (comentário de Jó na *Anchor Bible*) traduz "que destilam chuva da enchente". Será que o processo de evaporação estaria sendo aqui descrito metaforicamente como refino?

L.J.W.

577 זקק (*zqq*). **Aceita como raiz de:**

577a זק (*zēq*) ***grilhões*** (***e.g.***, Na 3.10; Is 45.14). A derivação desta palavra é incerta. *GB*, ao contrário de *BDB*, a deriva de *znq*, por causa de cognatos árabes e siríacos.

577b אזק (*'ăzēq*) ***cadeias*** (usado apenas em Jr 40.1).

זר (*zēr*). Veja o n.º 543a.

זרא (*zārā'*). Veja o n.º 542d.

578 *זרב (*zārab*) ***ser queimado, escorchado***. Ocorre apenas no pual.

Termo Derivado

578a זרבבל† (*z'rubbābel*). ***Zorobabel*** (nome próprio).

Zorobabel era neto do rei Joaquim (1 Cr 3.16-19), que fora levado cativo por Nabucodonosor em 597 a.C. (2 Rs 24.11-16). Era, portanto, herdeiro do trono de Judá. É freqüentemente apresentado como "filho de Sealtiel" (Salatiel, Ed 3.2, 8; Ne 12.1; Mt 1.12; *etc.*), mas como filho de Pedaías em 1 Crônicas 3.17. É provável que Sealtiel tenha morrido sem deixar filhos. Como sobrinho, Zorobabel teria sido considerado seu herdeiro legal e, portanto, foi chamado de filho (*cf.* Êx 2.10), ou então Pedaías cumpriu os deveres do levirato, casando-se com a viúva de Sealtiel, e em tal caso o primeiro filho dessa união seria considerado filho do falecido (Dt 25.5-10).

Zorobabel foi o líder civil (chamado de *pahat*, "governador", Ag 1.14; 2.2, 21) dos judeus que voltaram do exílio babilônico, sob a permissão de Ciro, c. 537 a.C., e liderou a primeira leva de repatriados. A reconstrução do templo foi começada *c.* 536 a.C. (Ed 3.8-13), mas cessou (Ed 4.24) logo depois do término do alicerce. Dezesseis anos depois (520 a.C., no segundo ano de Dario, Ag 1.1; Zc 1.1), os profetas Ageu e Zacarias começaram a pregar e instar com o povo para que recomeçasse a construção. Zorobabel, juntamente com Josué, o sumo sacerdote, respondeu ao chamado (Ed 5.1, 2; Ag 1.12). A obra foi completada

na primavera de 515 a.C. Além de dirigir a reconstrução, Zorobabel restaurou os turnos dos sacerdotes e as divisões dos levitas (Ed 6.18) e fez provisão para seu sustento (Ne 12.47). Nada se sabe de Zorobabel depois do término da construção do templo; também não há registro de sua morte.

[E voz corrente entre os eruditos contemporâneos que Zorobabel, que era da família real, tinha pretensões ao trono. Teria, supostamente, liderado um movimento de independência que fora rapidamente reprimido pelos persas e sofrido morte prematura. Não há prova inequívoca para esta teoria. Ela presume que Zacarias 6.11 não apresenta Josué como sumo sacerdote que tipifica o Messias, e que original continha "Zorobabel", que fora o objeto da profecia. Tal ponto de vista não considera Zorobabel um rei-sacerdote. Favorece a tradução "haverá um sacerdote junto ao seu trono" (6.13). *Cf.* a nota de rodapé sobre o v. 11 na BJ: "... o texto devia ter aqui, originariamente, o nome de Zorobabel...". Este ponto de vista foi defendido por KRAELING, E., *Commentary on the Prophets, v. 2, Daniel to Malachi*, Nelson, 1966, p. 299-300). R.L.H.]

L.J.W.

זְרֻבָּבֶל (*z'rubbabel*). Veja o n.º 578a.

579 זָרָה (*zārâ*) ***soprar, espalhar, lançar fora, limpar; dispersar; ser espalhado, disperso.***

Termo Derivado

579a מִזְרֶה (*mizreh*) ***forquilha.***

A idéia básica do verbo é agitar o ar para produzir um efeito de separação e espalhamento. Todavia, o simples ato de espalhar também é sugerido, *e.g.*, Moisés espalhou ouro em pó sobre a água (Êx 32.20). Os sacerdotes infiéis teriam esterco espalhado em seus rostos (Ml 2.3).

O termo *zārâ* é usado em várias formas verbais para indicar separação ou espalhamento por razões de purificação ou castigo. O grão é purificado da palha quando, depois de lançados para o alto, o vento a sopra para longe. O povo da aliança de Deus também necessita de tal purificação, mas esta será uma experiência disciplinadora; por isso, Jeremias afirma metaforicamente que o Senhor os "jogou contra o vento" (BLH; ARC, "padejar"; ARA, "cirandar"), e, por conseguinte, os israelitas seriam dispersos como palha por vários lugares distantes. Moisés afirmara que isso aconteceria se Israel abandonasse a aliança (Lv 26.33). Jeremias (49.32) e Zacarias (1.19; 2.2) referiram-se a como Israel fora disperso entre nações estranhas pelos invasores gentílicos. Foi também predito que tais nações usadas para castigar Israel um dia seriam, elas mesmas, lançadas ao vento e espalhadas para todo o sempre (Is 41.16).

A dispersão de Israel é descrita com vários sinônimos que expressam outros aspectos ou nuanças do processo disciplinador de Deus; *cf. nāpats* e *pûts* "esmagar", "espalhar"; *pārats*, "quebrar", "dispersar", *pārad*, "espalhar", e *pāzar*, "dispersar".

[O uso difícil em Salmos 139.3 pode ser uma expansão semântica de raiz no sentido de "examinar" ou, conforme sugerido pelo *BDB* e afirmado pelo *KB* e Dahood (*Psalms* III, *AB*), verbo denominativo, *zārâ*, "medir", derivado do substantivo *zeret*, "palmo". R.L.H.]

G.V.G.

580 זרח (*zārah*)

זרוע (*zĕrûa'*). Veja o n.º 582b.
זרוע (*z'rôa'*). Veja o n.º 583a.
זרזיף (*zarzîp*). Veja o n.º 584a.
זרזיר (*zarzîr*). Veja o n.º 543b.

580 זרח (*zārah*) ***levantar-se, erguer-se, subir, brilhar.***

Termos Derivados

580a זרח (*zerah*) ***aurora, brilho.***
580b אזרח (*'ezrāh*) ***natural da terra.***
580c מזרח (*mizrāh*) ***leste, nascer do Sol.***

BDB não alista "brilhar" como um dos significados, mas *KB* sugere "brilhar", "reluzir". *zārah* significa "erguer-se", "levantar-se", e é usado de três maneiras. Em primeiro lugar, refere-se ao surgimento dos sintomas da lepra (*tsara'at*, *q.v.*; 2 Cr 26.19). Depois, é usado para o aparecimento do Sol, sem referência à difusão de sua luz (Ec 1.5; Jn 4.5), sendo assim uma referência ã hora do dia, e também irradiando sua luz pela manhã (2 Sm 23.4). Por fim, é usado em sentido figurado para falar de salvação, luz, glória, resultados da entrada de Deus na vida de uma pessoa (Sl 112.4; Is 58.10; 60.1). A idéia é de que assim como o Sol aparece pela manhã sem nenhum esforço por parte do homem, e apesar disso inunda de luz seu ambiente e dispersa a escuridão, assim o Senhor é soberano no conceder sua salvação, que traz luz e glória. O termo é usado duas vezes em relação ao próprio Deus, que aparecerá trazendo salvaçao (Is 60.2) e justiça ao seu povo (Ml 4.2[3.20]). Em ambos os casos, há uma profecia relativa à vinda de Jesus Cristo como Salvador e Senhor.

'ezrāh. ***Natural da terra, alguém que vem de sua terra natal.*** Este substantivo se refere a uma pessoa que vem de sua terra natal. Na legislação mosaica o termo é usado freqüentemente para indicar a origem nativa específica (Nm 15.29, como uma árvore, Sl 37.35) dos descendentes dos patriarcas que pertencem à terra prometida (Êx 18.19).

mizrāh. ***Leste, oriente, nascer do Sol, levante.*** Este substantivo é usado em íntima ligação com *zārah*. Usado em relação ao Sol nascente, refere-se especificamente ao lugar ou área do nascer do Sol. Freqüentemente é traduzido por "leste" ou "oriente". É usado num sentido estritamente locativo (Is 41.2; Js 11.8), mas também recebe sentido figurado em profecias de lamento (Am 8.12) e de bênção (Zc 14.4).

G.V.G.

581 זרם (*zāram*) ***arrastar na torrente, levar embora numa inundação*** (Sl 90.5, *qal*; Sl 77.18, poel).

Termos Derivados

581a זֶרֶם (*zerem*) ***torrente, enxurrada*** (*e.g.*, Is 4.6; Hc 3.10).
581b זִרְמָה (*zirma*) ***descarga, fluxo*** (*i.e.*, sêmen, Ez 23.20).

582 זָרַע (*zāra'*) ***I, espalhar semente, semear.***

Termos Derivados

582a †זֶרַע (*zera'*) ***semeadura, semente, descendência.***
582b †זְרוּעַ (*zĕrû'a*) ***o que é semeado.***
582c זֶרַע (*zĕrôa'*) ***vegetal.***
582d זֶרְעֹן (*zĕr'ōn*) ***vegetal.***
582e †יִזְרְעֶאל (*yizr'e'l*) ***Jezreel.***
582f מִזְרָע (*mizrā'*) ***local de plantio.***

Este verbo aparece 56 vezes: em 46 destas ele ocorre no qal, uma vez no pual, seis vezes no nifal e uma vez no hifil. A etimologia de *zr'* é tremendamente intrigante, pois apesar de aparecer em árabe, no siríaco e no ugarítico, apontando assim para uma raiz proto-semítica *zr'* e dando a impressão de ser uma fusão das duas raízes, *zr'*, "semear", e *drw*, "espalhar", o *d* de *dr'* não permanece em ugarítico, pois o verbo aparece como *dry* (*cf.* UT, 5:3-4; 19:702, 705; observar, porém, 19:733, *ḏr'*, "braço").

Literalmente, *zāra'* refere-se à ação de semear a semente nos campos (Gn 26.12; Is 37.30). É usado com o acusativo do tipo da semente plantada, *e.g.*, semear trigo (Jr 12.13) ou com o acusativo do campo semeado (Êx 23.10; Lv 25.3). Por vezes, também é seguido pelo duplo acusativo tanto da semente quanto do campo (*e.g.*, Lv 19.19; Dt 22.9, "Não semearás a tua vinha com duas espécies de semente"). Nesta proibição, sem dúvida se faz referência ao ritual cananeu que conduzia à fertilidade. Por fim, este verbo também é usado em relação a cobrir com sal toda a área de uma cidade conquistada (Jz 9.45).

Metaforicamente, a ação denota o semear de Israel (plantá-lo ou estabelecê-lo) na terra da Palestina pelo Senhor num tempo ainda futuro (Os 2.25), ou sua confissão de que embora tenha espalhado (*i.e.*, semeado) Israel entre as nações da terra, ele ainda os recolherá no futuro (Zc 10.9). *zāra'* também é usado figuradamente em relação a ações morais: semear a justiça (Pv 11.18), a retidão (Os 10.12), a luz, *i.e.*, a felicidade (Sl 97.11), a impiedade (Pv 22.8), a angústia (Jó 4.8) e o vento (Os 8.7). Em Isaías 17.10 o verbo retrata Israel praticando a idolatria ao plantar árvores ou mudas a deuses estranhos, enquanto em Salmos 126.5 o verbo retrata o árduo trabalho de semear e os alegres resultados que se seguem. O verbo também retrata os reinados de reis e príncipes ilustrados por árvores (Is 40.24). Finalmente, no nifal, refere-se a uma mulher que engravidou (Nm 5.28) ou que leva no ventre uma criança (hifil, Lv 12.2).

zera'. ***Semeadura, semente, descendência.*** Este substantivo é usado 224 vezes. Seus usos dividem-se em quatro categorias semânticas básicas: 1) a época da semeadura; 2) a semente que é semeada ou que resulta do plantio; 3) semente no sentido de sêmen; e 4)

a Semente como a descendência da linhagem prometida a Abraão, Isaque e Jacó, ou até mesmo em outros grupos distintos do povo da promessa.

O sentido básico vem do mundo da agricultura. A semeadura ou o plantio, em contraste com a colheita, ocorrerá seguidamente segundo um padrão prometido por Deus a Noé depois do Dilúvio (Gn 8.22; *cf.* Lv 26.5). Esta semeadura ou plantio acontece nos campos (Ez 17.5) e, portanto, ajusta-se bem ao significado do termo acadiano *zēru*, "terra cultivada". A própria semente que é plantada em tais campos tem o mesmo nome (Gn 47.19, 23; Lv 11.37-38; Nm 24.7; Dt 28.38; Is 55.10; Am 9.13). O produto da semente plantada recebe a mesma designação (*e.g.*, a semente das ervas e árvores em Gn 1.11, 12, 29 ou a semente [grão] recolhida ao celeiro em Jó 39.12; *cf.* Dt 14.22; Is 23.3). Assim, todo o ciclo agrícola é praticamente resumido na palavra *zera'*; do ato de semear à semente plantada e à colheita realizada. *zera'* é usada figuradamente em relação à idolatria de Judá (Is 17.11). O povo plantava árvores formosas e mudas estrangeiras. Isto se refere ao termo ugarítico *n'mn*, freqüente no culto a Tamuz-Adonis, ou talvez à insensatez de semear espinhos e abrolhos e esperar uma colheita de flores e legumes.

zera' refere-se a sêmen em Números 5.28, "e conceberá (*lit.*, 'e será impregnada com semente')". Freqüentemente ocorre com a expressão "emissão do sêmen" (Lv 15.16, 32; 22.4). Também é usado como acusativo de modo e traduzido eufemisticamente como "com quem homem se deitar com semente da cópula" (ARC, 15.18; 18.20; Nm 5.13). Note-se o mesmo na promessa de Jeremias 31.27. O Senhor semeará as casas de Israel e Judá com a semente do homem e a semente dos animais nos últimos dias.

O uso teológico mais importante encontra-se na quarta categoria. Começando com Gênesis 3.15, a palavra "semente" é regularmente usada com sentido coletivo no singular (nunca ocorre no plural). Este termo técnico é um aspecto importante da doutrina da promessa, pois o hebraico jamais se vale do plural desta palavra para referir-se a "posteridade" ou "descendência". Os Targumim aramaicos pluralizaram o termo vez por outra, *e.g.*, o targum de Gênesis 4.10, mas o aramaico também se limita ao singular nas passagens que tratam da linhagem prometida. Assim a palavra designa toda a linhagem de descendentes como unidade, sendo, no entanto, suficientemente flexível para denotar, quer uma pessoa que seja a epítome de todo o grupo (*e.g.*, o homem da promessa e, em última análise, Cristo), quer as muitas pessoas em toda a linhagem de descendentes naturais e espirituais ou um dos dois.

Precisamente é isso que acontece em Gênesis 3.15. Uma dessas linhagens é a linhagem da mulher, em contraste com a linhagem inimiga, os seguidores de Satanás. Surpreendentemente o texto anuncia que um descendente macho obterá, por fim, uma vitória esmagadora sobre o próprio Satanás.

Esta promessa feita a Eva foi ampliada e mais especificada na Aliança Abraâmica. Deus concederia uma terra e uma descendência numerosa por intermédio do filho de Abraão e seus descendentes; Gênesis 12.7; 13.15, 16; 15.13, 18; 16.10; 17.7-10, 12, 19; 22.17, 18; 24.7; 26.3, 4, 24; 28.4. 13, 14; 32.13; 35.12; 48.4. Esta linhagem cresce e a promessa continua em Êx 32.13; 33.1; Dt 1.8; 11.9; 34.4; Js 24.3.

O mesmo se pode dizer a respeito de Davi e seus descendentes. A promessa é continuada em 2 Samuel 7.12; aparece como paralelo do termo "Messias" em Salmos 18.50[51] (veja 2 Sm 22.51) e é repetida no comentário de Etã sobre a Aliança Davídica de 2 Samuel 7, em Salmos 89.4, 29, 36[5, 30, 37].

Esta identificação coletiva encontrada na semente de Eva, de Abraão e de Davi recebe

comentários teológicos em Isaías 41.8; 43.5; 44.3; 45.19, 25; 48.19; 53.10; 54.3; 59.21; 61.9; 65.9; 66.22; Jr 31.36, 37; 33.26; 2 Cr 20.7.

yizr'e'l. Nome próprio que significa ***Deus semeia*** ou ***Deus semeará; Jezreel.***
Há cinco empregos diferentes do nome. Três são localizações geográficas: 1) uma cidade em Issacar ao pé do monte Gilboa (Js 19.18; 1 Rs 21.1 e ss.); 2) uma cidade em Judá, da qual viera uma das esposas de Davi (1 Sm 25.43); e 3) o vale de Jezreel, que ligava o vale de Esdralon, a oeste, ao vale do Jordão, a leste.

Jezreel é também o nome de um dos descendentes de Judá (1 Cr 4.3).

O uso teológico mais importante é o nome dado ao primeiro filho da união entre o profeta Oséias e Gômer (Os 1.4, 5). O profeta dá ao filho o nome de "Jezreel", que em Oséias 2.23[25] envolve um jogo de palavras com o significado do verbo *zāra'*, "semear" ou "espalhar". Em 1.4, todavia, a referência é ao incidente histórico da ascenção sanguinária de Jeú ao trono de Israel (2 Rs 9.30—10.11). Segundo Oséias 1.3, Gômer concebeu este filho de Oséias; não foi, portanto, fruto de adultério ou prostituição. Devemos rejeitar o ponto de vista de que Deus ordenou ao profeta que tomasse por esposa uma mulher meretriz com filhos já nascidos ilegitimamente. Antes, a ordem em Oséias 1.2 envolve uma figura de linguagem conhecida como zeugma, na qual o(s) verbo(s) principal(is) ["vai", "casa"] controla(m) dois objetos gramaticalmente, mas apenas um logicamente. A expressão é elíptica, pois é preciso suprir a expressão "e gera filhos". O estigma das ações posteriores da mãe é transmitido aos filhos de modo que eles são chamados "filhos de prostituição", embora não o sejam literalmente. Finalmente, no que pode ser considerado uma afirmação de propósito, Oséias 1.2 é mais provavelmente uma construção que indica resultado, sendo portanto semelhante a Isaías 6.9-12.

A despeito da apostasia e da prostituição espiritual de Israel, espelhadas pela prostituição posterior de Gômer, Deus ainda semeará Israel em sua terra nos últimos dias (Os 1.11[2.2]).

Bibliografia: *TDNT*, v. 7, p. 538-44.

W.C.K.

583 זרע (*zr'*) **II. Aceita como raiz de:**

583a זרוע (*z'rôa'*), זרע (*z'rôa'*) ***braço, ombro, força.***

583b אזרוע (*'ezrôa'*) ***braço.***

A etimologia desta raiz não é inteiramente clara, mas ela aparece no acadiano, no ugarítico, no árabe, no aramaico e no etíope.

O sentido literal de "braço" é o uso raro da palavra, ocorrendo em pouco mais de uma dúzia dentre mais de 90 referências, *e.g.*, Juízes 15.14; 16.12; 2 Samuel 1.10. Por duas vezes a palavra se refere às espáduas de um animal sacrificado (Nm 6.19; Dt 18.3).

Com maior freqüência, *z'rôa'* é usado metaforicamente. O "braço da carne", que simboliza a força do homem, é impotente quando comparado ao poder de Deus (2 Cr 32.8). No plural, "braços" é equivalente a forças políticas ou a exércitos (Dn 11.15, 22, 31). Assim, "quebrar os braços" de um inimigo é uma expressão figurada (1 Sm 2.31; Jó 22.9; 38.15; Sl 10.15; 37.17; Jr 48.25; Ez 30.21, 22, 24, 25) para a destruição da força, do poder ou da violência do inimigo e, portanto, de sua capacidade de empreender guerras.

Mais freqüentemente ainda, o braço é usado como figura antropomórfica para o poder de Deus. A mais vívida dessas ocorrências acha-se em Isaías 30.30, em que o relâmpago é descrito como "o golpe do seu braço que desce com indignação de ira". Deus revela o poder

de seu "braço estendido" na criação (Jr 32.17) e em sua libertação do povo de Israel do Egito (Êx 6.6; 15.16; Dt 4.34; SI 77.15[16]; Is 63.12). De modo semelhante, este braço ou poder do Senhor operará outra libertação nos últimos dias (SI 98.1; Is 40.10; 51.9 e ss.; 52.10; 63.5; Ez 20.33 e ss.). Entre esses dois eventos, por baixo de Israel, os braços eternos do Senhor se estendem para proteção e preservação do seu povo (Dt 33.27; SI 89.13[14]; Is 33.2). Estes mesmos braços foram usados em favor de indivíduos em duas ocasiões (2 Cr 6.32; Is 40.11). Em Isaías 53.1 "o braço do Senhor" é usado como metonímia para a palavra redentora que o Senhor conseguiu por meio de seu servo.

Bibliografia: GINSBERG, H. L., The arm of YHWH in Isaiah 51-63 and the text of Isa 53:10-11, *JBL*, 77:152-6. — *THAT*, v. 1, p. 522-3.

W.C.K.

584 *זָרַף (*zārap*) ***gotejar, pingar, descer.*** Este verbo ocorre apenas uma vez [uma vez adotada a sugestão do editor da *Biblia Hebraica Stuttgartensia*] no hifil (SI 72.6).

Termo Derivado

584a זַרְזִיף (*zarzîp*) ***pingo, respingo*** (somente em SI 72.6).

585 זָרַק (*zāraq*) ***espalhar, aspergir.***

Termo Derivado

585a מִזְרָק (*mizrāq*) ***bacia.***

O verbo *zāraq*, que significa "lançar", "jogar", "espalhar em abundância" (*cf.* *BDB*) aparece 35 vezes; seu sinônimo, *nāzâ*, aparece 24 vezes. Ambos são traduzidos por "aspergir", com apenas algumas exceções; *e.g.*, "espalhar" semente (Is 28.25); "espargir" o pó dos ídolos sobre as sepulturas (2 Cr 34.4); manchas de branco nos cabelos de uma pessoa (Os 7.9). A LXX traduz *zāraq* por "derramar", quando a palavra se refere a sangue dos sacrifícios sobre o altar.

zāraq é usado em cerimônias religiosas para dois propósitos específicos. 1) Na aspersão de sangue solenizando um elo inviolável entre Deus e o homem (T. LEWIS, *ISBE*, 2487). A aspersão do sangue sobre o povo e o altar (Êx 24.6-8) confirmava o altar como o caminho aberto para os aspergidos, *i.e.*, o povo confirmado na aliança, chegarem a um Deus que era santo, justo, mas também amoroso (*cf.* ainda 2 Rs 16.15). 2) A aspersão era parte do rito de purificação. O sangue era aspergido para indicar ou confirmar a santificação (Êx 29.20; Lv 1.5), bem como para propósitos higiênicos que tinham significado religioso definido (Lv 17.6).

Finalmente, *zāraq* é usado de outras maneiras profundamente religiosas. O termo fala de julgamento: Moisés *lançou* poeira no ar para trazer a praga das úlceras contra o Egito (Êx 9.8). Ezequiel usa *zāraq* para descrever a aspersão de água pura (36.25) em conexão com a obra regeneradora do Senhor nos corações do povo da aliança em seu exílio.

mizrāq. *Bacia.* Este termo é usado duas vezes em referência a uma taça ou vasilha (Am 6.6; Zc 9.15) e 30 vezes para bacias usadas em vários contextos religiosos e cerimônias rituais. Eram consideradas de grande valor, porque o sangue dos sacrifícios era contido nelas, e a partir delas era aspergido, esfregado ou derramado.

G.V.G.

586 *זרר (*zārar*) ***espirrar.*** Este verbo ocorre apenas no poel (Jó 41.10; 2 Rs 4.35).

587 זרת (*zeret*) ***palmo*** (*e.g.*, Is 40.2; Êx 25.10).

ח

חֹב (*hōb*) Veja o n.º 589a.

588 חָבָא (*hābā'*) ***esconder.***

Termos Derivados

588a מַחֲבֵא (*mahăbē'*) ***esconderijo***, somente em Isaías 32.2, (estado construto).

588b מַחְבֵא (*mahăbō'*) ***esconderijo***, somente em 1 Samuel 23.23.

hābā', em 25 de suas 30 ocorrências, refere-se a pessoas que se escondem com medo da morte. Assim, os cinco reis da confederação sulista esconderam-se numa caverna com medo de Josué (Js 19.27), e Adão e Eva esconderam-se por terem tomado consciência de sua alienação do Senhor Deus (Gn 3.8). Outras ocasiões incluem: Saul escondendo-se do público (por modéstia?) ao ser proclamado rei (1 Sm 10.22); os jovens que se "escondiam" em respeito ou temor a Jó (Jó 29.8); e Jacó, que fugiu "secretamente" de Labão ("escondeu-se para fugir", Gn 31.27). O uso mais destacado está em Gênesis 3.8, 10, onde Adão e Eva se esconderam do Senhor depois de seu pecado. O contexto diz que se esconderam com medo, possivelmente recordando a ameaça de morte certa por sua transgressão e sentindo sua culpa na presença do Deus justo.

Em duas ocorrências, o que se esconde não é uma pessoa. Em Jó 29.10 os nobres "esconderam" as suas vozes. Em Jó 38.30 as águas escondem-se como uma pedra, isto é, a água como tal desaparece ao tornar-se gelo.

No hifil o uso deste verbo é transitivo. Assim, Raabe "escondeu" os espias (Js 6.17, 25, *et al.*). A única ocorrência no hofal é o passivo do uso anterior, descrevendo pessoas que são escondidas em prisões (Is 44.22). O uso no nifal, no hitpael, bem como a ocorrência única no pual (Jó 24.4), é geralmente intransitivo, com poucas ocorrências de uso passivo, como Joás ao ser "escondido" de Atalia (2 Rs 11.3 e 2 Cr 22.12).

hābā (*q.v.*) é, provavelmente, uma grafia alternativa de *hābā'*, e os dois vocábulos devem ser analisados juntamente.

C.P.W.

589 חָבַב (*hābab*) ***amar*** (Dt 33.3).

590 חָבָה (*hābâ*)

Termo Derivado

589a חֹב (*hōb*) ***seio, regaço*** (Jó 31.33).

590 חָבָה (*hābâ*) ***esconder, ocultar.***

Termo Derivado

590a חֲבִיוֹן (*hebyôn*) ***esconderijo, refúgio***, somente em Habacuque 3.4.

Esta palavra significa "esconder"; é usada intransitiva ou reflexivamente quando as pessoas se escondem ao temerem por suas vidas. A exceção é 2 Reis 7.12, onde um exército esconde-se para emboscar o inimigo. O uso ocorre no nifal, exceto em Isaías 26.20, que usa o qal. É, provavelmente, uma grafia alternativa de *hābā'* e deveria ser considerado juntamente com aquele vocábulo.

C.P.W.

חֲבוּרָה (*habburâ*) Veja o n.º 598g.

591 חָבַט (*hābat*) ***sacudir, agitar, malhar, bater***.

A palavra é usada para descrever a colheita ou a preparação de certas lavouras: as oliveiras são sacudidas (Dt 24.20), o trigo é malhado (Jz 6.11) e a cevada é debulhada (Rt 2.17; por meio de batidas). Algumas espécies são sacudidas com um ramo (Is 28.27). O outro único uso é figurativo, referindo-se à ação de Deus em reunir Israel e trazê-lo de volta à sua terra (Is 27.12).

C.P.W.

חֲבִיוֹן (*hebyôn*) Veja o n.º 590a.

592 חָבַל (*hābal*) As palavras ***"amarrar"***, ***"empenhar"*** e ***"sofrer dores de parto"*** são tratadas no BDB numa única raiz.

Parece haver várias palavras, uma originariamente iniciada com *h*, com o significado de "amarrar" (raiz I no *KB*), que tem cognatos em árabe e em ugarítico; uma segunda palavra, originariamente começada com *h*, com significado de "empenhar" (raiz II no *KB*), que tem um cognato árabe na raiz *Ishtafel*; uma terceira, originariamente começada com *h*, com o significado de "destruir" (raiz III no *KB*), e um cognato em árabe; um quarto homônimo, que começava com *h*, significava "sofrer dores de parto" (raiz IV no *KB*). A quinta raiz, "aconselhar", não tem equivalente em árabe. A análise de *KB*, semelhante à de *GB*, será seguida aqui.

592a חָבַל (*hābal*) ***I, amarrar*** (forma verbal não usada no AT).

Termos Derivados

592b חֶבֶל (*hebel*) ***I, corda, cordão, bando, companhia.***

592c חֹבֵל (*hôbēl*) ***marinheiro***, usado em Ezequiel 27.8, 27-29 para descrever

os mestres do mar de Tiro e em Jonas 1.6 com relação ao capitão do navio.

592d חִבֵּל (*hibbēl*) ***mastro***, usado somente em Provérbios 23.35. O significado exato é incerto.

hebel I. ***Corda, cordão, laço, cabo, cordame, linha, sorte, porção, região, país, costa, bando, companhia.***

O uso básico do substantivo hebel é "corda" ou "cordão". Pode descrever uma corda forte, para usos gerais, capaz de sustentar a descida dos espias pela janela (Js 2.15), introduzir Jeremias na cisterna e retirá-lo de lá (Jr 38.6), derrubar paredes de uma cidade (2 Sm 17.13) ou de reforçar o mastro do navio e segurar as velas (daí o uso de "cordame" em Is 33.23). Pode ter uso decorativo, feita de linho puro (Et 1.6), ou ser usada sobre a cabeça em sinal de luto (1 Rs 20.31). Pode ser usada como laço ou armadilha (Jó 18.10). O uso figurativo em relação à morte (Sl 116.3) ou o Seol (2 Sm 22.6) pode representar a morte como um laço, ou algo que amarra. Numa visão alternativa, estas formas podem ser consideradas derivados de *hēbel*, "dor" (como no parto; veja abaixo). Na maioria das ocorrências estes dois substantivos são indistinguíveis em forma. Algumas versões usam palavras como "dor" e "sofrimento". Outros usos figurativos incluem: o fio de prata, que ilustra a vida (Ec 12.6), "com cordas humanas", ou seja, "compassivamente" (Os 11.4), as "cordas" ou "laços" do pecado (Pv 5.22) *et al.*

Cordas ou fios podem ser usados para medir, como no caso em que Davi mediu duas linhas de moabitas para a morte e uma para ser poupada (2 Sm 8.2). Especificamente, um fio de medir é chamado de *hebel middâ* (Zc 2.1). A terra é medida ou dividida com o uso de cordas ou fios (Am 7.17; Sl 78.55). Com base nisso, a área medida passou a ser chamada de *hebel*, uma porção ou sorte (era obtida pelo lançamento de sortes), especialmente a herança de uma tribo (Js 17.5) ou de um indivíduo (Sl 105.11). A palavra também denota um "país" ou "região" (Dt 3.4s.). Se tal região fica próxima ao mar a palavra é traduzida por "costa" ou "litoral" (Sf 2.5-7). A ARC traduz *hebel* por "quinhão" em Josué 19.29, mas a ARA usa o termo "região". Algumas versões inglesas preferem tratar *hebel* como um nome próprio nesta passagem.

hebel deve ser traduzido como "bando" ou "grupo" em 1 Samuel 10.5, 10. Possivelmente isto também deva ser feito em Salmos 119.61, "bandos de ímpios", embora "laços" de ímpios também seja aceitável no contexto. O uso de *hebel* com o sentido de "bando" ou "grupo" é comprovado em ugarítico, onde é usado para descrever um bando de pássaros e um grupo de pessoas. Seu uso como "corda" também é comprovado (veja GORDON, Cyrus H., *UT*, 19:832).

hebel é um símbolo de cativeiro ou sujeição (1 Rs 20.31) e é usado figuradamente com respeito às armadilhas preparadas para os ímpios (Jó 18.10; Pv 5.22, a escravidão do pecado) ou pelos ímpios (Sl 140.5[6]; 119.61). O salmista descreve sua situação antes de sua libertação pelo Senhor como a de alguém que estava preso pelas cordas da morte (Sl 18.5[6]; 116.3).

593 חָבַל (*hābal*) **II, *colocar sob penhor, tomar em penhor, reter.*** O verbo, conforme usado no AT, significa "reter como penhor ou garantia". E usado apenas no qal (oito vezes), e possivelmente no nifal (Pv 13.13).

Termo Derivado

593a חֲבֹל *(hăbōl)* ***penhor, garantia.***

Usada três vezes em Ezequiel, esta palavra refere-se a um penhor tomado (ou registrado) como garantia de um empréstimo. Outra palavra usada para penhor é *'ērābôn* (*q.v*), que foi transliterada para o grego e aparece no NT grego como *arrabôn*, "penhor" (Ef 1.14).

Os detalhes da tomada de um penhor não são inteiramente claros. E. A. Speiser, num artigo muito útil, traça um paralelo próximo entre a lei em Levítico 25.35-54 (Leviticus and the critics, *Oriental and biblical studies*, University of Pennsylvania, 1967, p. 123-42) e as leis da Mesopotâmia. Ele observa que "na Mesopotâmia os juros eram cobrados antecipadamente. O termo técnico para tal dedução adiantada era *hūbullû* (não um empréstimo sem juros, como é às vezes erroneamente traduzido, mas empréstimo com juros previamente deduzidos). Speiser afirma que a passagem de Levítico (que chama o empréstimo de *neshek*, *q.v.*) demonstra que os israelitas ofereciam empréstimos descontados; se o devedor não pudesse pagar, era tomado como servo como pagamento do empréstimo. Todavia, a esta altura, já não se cobrariam juros — este segundo tipo de juros caracterizaria *neshek*, "usura". Speiser, seguindo Koschaker, também sugere que a capa tomada como penhor (Êx 22.26[25]) — ou as sandálias que confirmavam um negócio (Rt 4.7; Am 2.6) — não servia de penhor do empréstimo, mas de sinal simbólico da validade da transação. Aparentemente era tomada como prova e depois deveria ser retornada imediatamente (Of shoes and shekels, *idem*, p. 154-5).

C.P.W.

594 חבל *(hābal) III, destruir, estragar; agir corruptamente, ser corrupto, ofender.*

Termo Derivado

594a חֶבֶל *(hebel) destruição.*

O uso principal deste verbo é no piel, significando "arruinar", "destruir". No qal o significado é "agir corruptamente".

O uso deste verbo no qal, "ser muito mau", é limitado a Jó 34.31, "ofender", e Neemias 1.7, "agir corruptamente", algo praticado contra Deus em ambas as passagens. *hābal* pode ocorrer no nifal em Provérbios 13.13, "ser destruído" ou "trazer sobre si mesmo destruição". Alguns, todavia, consideram esta forma derivada de *hābal* I, "tomar penhor".

O uso no piel, "destruir" ou "arruinar", pode ser um sentido intensivo do qal, "agir corruptamente". A destruição pode ser executada por Deus (Ec 5.5), por uma nação (Is 13.5), um criminoso ou vilão (Is 32.7), ou pelas "raposinhas que destroem as vinhas" (Ct 2.15). O verbo é usado com o cognato *hebel*, destruição, em Miquéias 2.10.

O pual, "ser destruído", é usado apenas duas vezes; numa delas há uma referência ao jugo opressivo da Assíria (Is 10.27), e, na outra, uma reclamação de Jó de que seu espírito "está quebrado".

hebel II, "destruição" (Mq 2.10 e possivelmente Jó 21.17), está relacionado a *hābal* III.

Na maioria das formas, *hēbel* (veja abaixo) não se distingue de *hebel*, exceto pelo

contexto. Por esta razão há algum desacordo quanto a que palavra esteja presente em muitos contextos, e a análise é, às vezes, arbitrária. Parece melhor classificar sob *hēbel* apenas aqueles contextos que se referem às dores de parto, quer literais (Is 26.17), quer figurativos (Jr 13.21). Outros usos (dentre os quais Jó 21.17, "dores") deveriam ser vistos como derivados de *ḥebel* I ou II. O singular deste substantivo é usado apenas em Isaías 66.7. Muitas vezes em que *hēbel* é traduzido por "dores" poderiam ser igualmente classificadas com *hebel* (Sl 18.4, 5 *et al* [5, 6]).

C.P.W.

595 חבל* *(hābal)* ***IV, dar à luz, ter dores de parto***. Usado somente no piel. A consoante inicial, como demonstrado pelo cognato árabe, era originariamente *h*. É usado apenas em Salmos 7.15 e Cantares 8.5.

Termo Derivado

595a חֶבֶל *(hēbel)* ***dor, dor de parto, tristeza.*** Este substantivo significa "dor", especificamente a dor de parto. Na maioria das formas *hēbel* é indistinguível de *hebel* (acima). A palavra ocorre com esta definição oito vezes.

596 חבל *(hābal)* ***V.*** Este verbo é representado no AT exclusivamente pelo seu derivado.

Termo Derivado

596a תַּחְבֻלָה *(tahbulâ)* ***bom conselho, conselho (sábio)***. A ARA usa também "direção" e "prudência" como traduções.

O substantivo é usado seis vezes, sempre no plural. O *BDB* e muitos comentaristas, contudo, relacionam esta palavra a *hbl* I como termo náutico, referindo-se a puxar cordas e, assim, dirigir um navio, idéia que é usada figuradamente para dar conselhos sábios (Pv 1.5; 11.14; 20.18; 24.6).

tahbulâ é "direção" ou "orientação" (talvez do uso de cordas para dirigir um navio). É usado em relação à orientação que Deus dá às nuvens (Jó 37.12) ou à "orientação" ou "conselho" dos ímpios (Pv 12.5). Em geral a palavra significa "direção sábia" ou "bom conselho" (embora a ARA traduza por "habilidade" em Provérbios 1.5). É usada somente em Provérbios, a não ser pela referência já mencionada em Jó.

596.1 חֲבַצֶּלֶת *(hăbatstselet)* ***açafrão; lírio(?), narciso*** [*narcisus tazetta*] (Ct 2.1; Is 35.1).

597 חָבַק *(hābaq)* ***abraçar, dobrar.***

Termo Derivado

597a חִבֻּק *(hibbuq)* ***dobrar, cruzar*** (braços, mãos).

hābaq basicamente designa uma expressão de afeto demonstrada pela posição ou

ação das mãos ou dos braços do indivíduo. Três aspectos específicos do amor são descritos por esta palavra.

O primeiro uso do termo expressa a idéia de abraçar alguém para demonstrar amor ou afeição. Assim, Labão abraçou seu sobrinho Jacó (Gn 29.13), e José a seus irmãos depois de revelar sua identidade (Gn 48.10). A "grande mulher" (ou profetisa) de Sunem recebeu a promessa de que daria à luz um filho a quem haveria de tomar em seus braços (2 Rs 4.16). Jó usa o termo em relação à pessoa que procura uma rocha de refúgio na qual encontrar consolo e segurança (24.8).

O segundo uso de ***hābaq*** descreve o abraço de amantes. Este abraço pode indicar um relacionamento puro (Ct 2.6) ou o abraço adúltero do seio da mulher estranha.

Por fim, a idéia de dobrar ou cruzar os braços é uma designação implícita de amor próprio ou egoísmo. Este cruzar dos braços (o substantivo *hibbuq* é usado duas vezes, Pv 6.10; 24.33) é uma demonstração de preguiça e falta de preocupação. Todavia, o Pregador diz que o insensato cruza os braços e come [a própria, ARC] carne, ao passo que o homem esforçado e preocupado corre atrás do vento. Sua lição é que nem a preguiça nem o esforço do egocêntrico produzem paz ou satisfação duradouras.

G.V.G.

598 חָבַר (*hābar*) ***ser ajuntado, ligado, reunido, ajuntado; ter comunhão com; ser compacto; fazer encantos.*** O *BDB* acrescenta "unir, dar um nó mágico".

Termos Derivados

598a חֶבֶר (*heber*) ***companhia, associação; encanto.***

598b חברה (*hebrâ*) ***associação, companhia.***

598c חבר (*hābēr*) ***unido, associado, companheiro.***

598d חֲבֶרֶת (*hăberet*) ***cônjuge, consorte,*** i.e., ***esposa***, somente em Malaquias 2.14

598e חֲבֹרֶת (*hōberet*) ***algo que é ajuntado; algo que ajunta; agrupamento, ajuntamento***; usado apenas em relação às cortinas do tabernáculo (Êx 26.10; 36.17).

598f חַבַּר (*habbăr*) ***associado, sócio, companheiro de profissão ou chamado,*** apenas em Jó 40.30.

598g חַבּוּרָה (*habbûrâ*), חַבָּרָה (*habburâ*), חַבְרָה (*habrâ*) ***pancada, golpe.***

598h חַבְרְבֻרָה (*hăbarburâ*) ***golpe; marca, mancha*** (apenas em Jr 13.23).

598i חֶבְרוֹן (*hebrôn*) ***Hebrom.***

598j מַחְבֶּרֶת (*mahberet*) ***agrupamento, ajuntamento.***

598l מַחְבֶּרָה (*mahbb'râ*) ***juntura, juntas.***

Em ugarítico o termo aparece como designação da cidade com o significado de "comunidade", e é comumente considerado como relacionado à raiz semítica comum que

significa "ser ajuntado" (*UT*, 19:924), sendo traduzido por "amarrar" em assírio.

A idéia principal de *hābar* no AT é "ajuntar" ou "unir" duas ou mais coisas. Entretanto, o sentido básico do termo, "amarrar", também aparece, especialmente no conceito de "lançar um encanto". Somente em Deuteronômio 18.11 este termo aparece sob forma verbal com o sentido de "lançar um encanto", *i.e.*, amarrar alguém por meio de mágica. O ato do encantamento é apresentado como ato idolatra, diametralmente oposto ao recebimento da revelação de Deus por meio de profetas por ele designados (Dt 18.15).

O verbo *hābar* no sentido de "ajuntar" é usado com quatro referências específicas: 1) Os objetos eram ajuntados, *e.g.*, as cortinas do tabernáculo foram ajuntadas para que se completasse cada um dos lados da tenda; as ombreiras foram ajuntadas na confecção das santas vestes sacerdotais (Êx 28.7) e as asas dos querubins sob a carruagem divina se ajuntavam umas às outras (Ez 1.9). 2) Os homens se ajuntavam em atividades políticas e militares. Cinco nações da confederação de Sodoma e Gomorra se uniram com propósitos militares contra invasores do leste (Gn 14.3), mas sua união resultou numa derrota conjunta. Josafá fez uma união política com Acazias, o ímpio rei de Israel, tendo em mira objetivos comerciais, mas tal união foi denunciada pelo profeta de Deus (2 Cr 20.35-37). Daniel viu reis que se ajuntavam numa liga (hitpael) que estava destinada ao fracasso (Dn 11.6, 23). 3) Os homens estão unidos de maneira geral por pertencerem à raça dos viventes (Ec 9.4) e de maneira específica como um grupo de pessoas que constituem uma cidade unificada e forte (Sl 122.3). 4) Os homens de Judá erradamente se ajuntaram aos infiéis de Israel em empreendimentos militares e políticos (2 Cr 20.35) e com isso desagradaram a Deus; pessoas que se ajuntaram aos ídolos e seus adoradores desagradaram-no ainda mais (Sl 94.20). A queixa lancinante de Deus contra Efraim é que este se havia ajuntado aos ídolos (Os 4.17). Ajuntar-se aos ídolos significa ter abandonado a Deus.

heber. ***Companhia, associação; encanto; companheiro, neto.*** Forma variante de *hābēr*, *heber* reflete o sentido de "amarrar, lançar um encanto", exceto em algumas passagens (Pv 21.9). A tradução costumeira é "encantos", referindo-se aos meios pelos quais os encantadores ou mágicos influenciavam as pessoas, ou aos resultados de seus atos mágicos (Dt 18.11). Todos os aspectos dessa magia eram proibidos ao povo da aliança.

O significado "companheiro" é encontrado três vezes em Juízes 4. O sentido de "neto" (derivado talvez da íntima conexão genética entre filho e neto) ocorre em Gênesis 46.17; Números 26.4; 1 Crônicas 4.18; 7.31 e 8.17.

hābēr. ***Unido, associado, companheiro*** (ARA e ARC, "companheiros"; BLH, "amigos").

Esta palavra é usada como adjetivo e como substantivo para referir-se a laços íntimos que existem entre duas ou mais pessoas (*cf. UT*, 19:834). Em aramaico o termo indica o relacionamento de intimidade entre Daniel e seus três amigos graças à sua fé comum e à sua lealdade a Deus (Dn 2.13-18). O salmista expressamente afirma que o temor de Deus é o elo entre os "companheiros" (Sl 119.63).

O termo *hābēr* também é usado para expressar o relacionamento bem íntimo que existe entre pessoas de diferentes condições de vida. Os israelitas se uniram "como um só homem" em sua guerra contra os benjamitas, motivada pelo crime hediondo por eles cometido (Jz 20.11). Os homens podem unir-se intimamente como ladrões (Is 1.23), como destruidores (Pv 28.24) e como sacerdotes corruptos, comparados a salteadores emboscados (Os 6.9).

hăberet. ***Cônjuge, consorte,*** **i.e.,** ***esposa.*** Este substantivo feminino, sinônimo de "esposa" (Ml 2.14), indica o tipo de relacionamento íntimo, próximo, expresso pela raiz *hābar*.

hōberet. ***Algo que é ajuntado; algo que ajunta; agrupamento, ajuntamento.*** Este substantivo feminino refere-se à junção ou ao ajuntamento de duas partes ou peças do tabernáculo (Êx 26.10) e do templo (2 Cr 34.11).

hebrôn. ***Hebrom.*** Este nome próprio é considerado derivado do verbo *hābar*, e assim o seu significado poderia ser considerado como "confederação, associação, liga", ou possivelmente "encantador". Alguns eruditos têm tentado associar o nome Hebrom a certas atividades militares conjuntas ou organizadas em união. Apesar de Abraão, pai dos israelitas, ter vivido naquela região (Gn 23) e de Davi, que também ali vivera, ter unido o povo de Israel e ali reinado por sete anos e meio (2 Sm 5), e também de Absalão ter tentado ali unir o povo numa revolta contra Davi, estes episódios não indicam necessariamente que o lugar tenha recebido seu nome, Hebrom, em decorrência dessas várias atividades.

Hebrom era, provavelmente, a cidade mais alta da Palestina (ficava a uma altitude de 1 000 m). Abraão construiu o seu terceiro altar nas vizinhanças da cidade (Gn 13.18), ali viveu e enterrou sua amada Sara (Gn 23). Hebrom foi dada a Calebe como parte de sua herança (Js 14.13, 14). Continuou a ter significado religioso em Israel por ter sido feita cidade de refúgio (Js 1.13) e por ter sido cenário do estabelecimento da monarquia teocrática davídica (2 Sm 2.4; 5.3). Continuou a ser um centro de adoração (2 Sm 15.7, 8), mesmo depois de Davi ter transferido sua capital para Jerusalém. Pode-se observar que durante aqueles anos o tabernáculo em Siló estava destruído e o templo de Salomão ainda não havia sido levantado. Havia, então, lugares distintos reconhecidos oficialmente como lugares de adoração legítima a Deus, dos quais Hebrom era um, Gibeão era outro, havendo ainda outros mais.

mahberet. Este substantivo feminino não é traduzido por uma palavra específica. Refere-se a coisas que são unidas, *e.g.*, as partes das cortinas do tabernáculo (Êx 26.4, 5) ou as ombreiras das vestes sacerdotais (Êx 39.20). Refere-se também ao lugar onde ocorre a junção de duas ou mais partes.

G.V.G.

חֲבַרְבֻּרָה (*hăbarburâ*). Veja o n.º 598h.

חֶבְרוֹן (*hebrôn*). Veja o n.º 598i.

חֲבֶרֶת (*hăberet*). Veja o n.º 598d.

חֹבֶרֶת (*hōberet*). Veja o n.º 598e.

599 חָבַשׁ (*hābash*) ***amarrar, selar, atar, governar.***

Usado nos graus qal, piel e pual. Este verbo é cognato do ugarítico *hbsh* (*UT*, 19:835), do acadiano *abāshu*, e do árabe *habasa*, "confinar, restringir". Ocorre 33 vezes.

hābash significa "atar" as tiaras usadas pelos sacerdotes em Êxodo 29.9; Levítico 8.13; Ezequiel 24.17. Jonas fala das algas que se "enrolaram" em sua cabeça (Jn 2.5[6]).

O verbo é usado freqüentemente com relação a "selar" ou "arrear" um animal de

montaria: Gênesis 22.3; Números 22.2; 2 Samuel 17.23; 1 Reis 13.13; *etc.*

Em Ezequiel 7.24 o particípio passivo é usado para descrever enfeites feitos com cordas trançadas ou "torcidas".

hābash é usado algumas vezes para "atar" no sentido de colocar uma atadura ou bandagem, servindo de termo médico para tratar, medicar os feridos.

Em Jó 34.17 *hābash* tem o sentido de "governar" ou "reger". Já em Jó 40.13, *hābash* assume o sentido do árabe *habasa*, "aprisionar" (a ARA traz "encerrar"; a BLH, "amarrar").

Muitos eruditos (Dhorme, Dahood, Pope, Rowley) e algumas traduções modernas (BLH) interpretam *hibbēsh*, em Jó 28.11, como uma variante de *hippēs*, "buscar", com base na Vulgata, em Áquila e em confirmações do ugarítico, em vez de aceitar a forma como um piel de *hābash* (ARC e ARA, "tapa"). Se for esse o caso, o minerador apareceria não represando os veios d'água, mas buscando as origens ou cabeceiras dos rios.

E.Y.

600 חבת (*hbt*) **Aceita como raiz de:**

600a חֲבִתִּים (*hābittîm*) ***pães fritos (?); aquilo que se prepara na assadeira*** (somente em 1 Cr 9.31).

600b מַחֲבַת (*mahābat*) ***assadeira, grelha; frigideira*** (*e.g.*, Lv 2.5; 6.14; Ez 4.3).

חֲבִתִּים (*hābittîm*). Veja o n.º 600a.

חג (*hag*). Veja o n.º 602a.

חָגָא (*hāgā'*). Veja o n.º 602b.

601 חגב (*hgb*) **Aceita como raiz de:**

601a חָגָב (*hāgāb*) ***gafanhoto.***

A palavra pode ser derivada de uma raiz que em árabe significa "cobrir" ou "esconder", numa alusão à cobertura do solo ou ao obscurecimento do sol pelas nuvens de gafanhotos. O termo *hgb* aparece em ugarítico (*UT*, 19:836). No Talmude a palavra torna-se o termo geral para gafanhoto.

A palavra ocorre cinco vezes, e a tradução normal das versões em português é "gafanhoto".

hāgāb ocorre em Eclesiastes 12.5 numa passagem de difícil intepretação que descreve a senilidade progressiva do homem. A BJ traz "o gafanhoto torna-se pesado", a ARC e a ARA, "o gafanhoto for um peso" e a BLH omite esta frase(!). Duas idéias possíveis são a perda de vigor, que tornaria um gafanhoto pesado, ou a perda de mobilidade dos idosos. Com base num cognato árabe, alguns sugerem que a palavra aqui é um termo para "quadril". Veja também *'arbeh*.

E.Y.

602 חגג (*hāgag*) ***celebrar, observar uma festa religiosa.***

Termos Derivados

602a †חג (*hag*) ***festa, festa religiosa.***

602b חָגָא (*hāgā'*) ***espanto*** (BJ, "vergonha"; cambaleio[?]). Usado apenas em Isaías 19.17. A derivação de *hāgag* não é certa.

A idéia básica desta raiz é "observar uma festa" ou "celebrar um dia santificado", mas a palavra geralmente se refere às três principais festas-peregrinação de Israel. O verbo é usado 16 vezes, ao passo que o termo derivado *hag* (abaixo) é usado 61 vezes.

Na maioria das vezes o verbo (às vezes com o acusativo cognato) é usado especificamente para a celebração de uma das três festas principais (Êx 23.14), a Páscoa com a Festa dos Pães Asmos, a Festa das Semanas ou das Primícias e a Festa dos Tabernáculos ou Festa da Colheita.

A Páscoa, instituída no Êxodo (Êx 12), celebrava o fato de Deus ter poupado os israelitas quando os primogênitos do Egito foram mortos. Acontecia no décimo quarto dia do primeiro mês (abibe ou nisã, entre a metade de março e a metade de abril). Era seguida, no décimo quinto dia, pela Festa dos Pães Asmos, que durava uma semana, com uma celebração especial no último dia (Êx 13.3-10; Lv 23.4-8; Dt 16.1-8). Essas duas são normalmente consideradas uma só festa. Com esta celebração Israel não apenas expressava sua alegria interior pela libertação oferecida pelo Senhor, mas recordava também a devoção que devia à Lei (Êx 13.9).

A Festa das Semanas ou das Primícias, mais tarde conhecida como Pentecostes, por ser observada 50 dias depois do primeiro dia da Festa dos Pães Asmos (15 de nisã), embora mais exatamente 50 dias depois do primeiro feixe de cereais ser movido perante o altar (o que ocorria no sábado, de modo que Pentecostes sempre caía num domingo, Lv 23.9-21), e que marcava o começo da colheita (Dt 16.9-11). A festa, portanto, celebrava os primeiros 50 dias da colheita.

A Festa da Colheita ou da Sega durava uma semana, começando com o décimo quinto dia do sétimo mês (Ethanim ou Tishri, meio de setembro a meio de outubro), e celebrava o fim da colheita (Êx 23.16). Ocorria em conjunção com a Festa dos Tabernáculos (heb., *sukkoth*), que comemorava o tempo em que os israelitas viveram em tendas. Durante toda uma semana os israelitas de nascença deviam habitar em cabanas feitas de ramos de árvores, para recordarem outra época (Lv 23.33-43; Dt 16.13). As duas festas eram consideradas uma só, e com a adição do Dia da Expiação e do Ano Novo, o sétimo mês era especialmente festivo. Hoje ele é chamado o tempo dos grandes dias santos.

O verbo é usado mais genericamente em Salmos 42.4[5] e Na 2.1, mas a referência é provavelmente a uma ou a todas as festas mencionadas acima. É usado também por Moisés para solicitar a Faraó que permita aos filhos de Israel saírem para celebrar uma festa.

Davi encontrou seus inimigos, os amalequitas, "espalhados sobre toda a região, comendo, bebendo e fazendo festa" (1 Sm 30.16), ou seja, agindo como se estivessem numa celebração. Salmos 107.27 é mais difícil de traduzir. O contexto retrata marinheiros num navio açoitado pela tempestade, cambaleando como bêbados. Um paralelo de cambaleio neste contexto dificilmente seria festejo, mas as ações de alguém festejando ou dançando numa festa poderiam simbolizar os movimentos dos marinheiros, e daí a tradução "cambalearam como ébrios".

hag. ***festa (solene), festa religiosa.*** O substantivo significa uma "festa de peregrinos" ou simplesmente "dia santificado", um dia ou período de alegria ligada à religião. O cognato árabe, *haggun*, é usado para descrever a peregrinação a Meca.

O uso deste substantivo é limitado principalmente às três festas principais mencionadas acima. Em quatro ocorrências é usado para cada uma das três num mesmo contexto (Êx 23.15, 16; 34.18-22; Dt 16.16; 2 Cr 8.13). Além disso, o substantivo aplica-se com maior freqüência (20 vezes) à Festa dos Tabernáculos ou da Colheita, depois (11 vezes) à Festa dos Pães Asmos (ou Páscoa) e uma vez à Festa das Semanas (Dt 16.10).

hag é usado para descrever a festa instituída por Jeroboão I para substituir a Festa dos Tabernáculos (1 Rs 12.32, 33). O termo é usado em duas ocasiões para festas específicas que não são identificadas (Jz 21.19; Sl 81.3[4]). Há nove referências genéricas a festas.

Em Êxodo 23.18 a frase "gordura da minha festa" é paralela de "sangue do meu sacrifício". Esta mesma associação encontra-se em Salmos 118.27, onde a ARC traduz *hag* por "vítima *da festa*", pois o altar é mencionado e há referência a amarrar com cordas. Algumas das versões recentes consideram que esse ato de amarrar seja figurado ou decorativo, sugerindo a idéia de procissão (BLH e BJ). O termo foi usado por Moisés para referir-se à festa para cuja celebração ele pedira a Faraó que os israelitas se ausentassem (Êx 10.9). Também é usado para descrever a festa idolatra realizada em honra ao bezerro feito por Arão (Êx 32.5).

O termo *môʿēd*, "ocasião designada", também é usado para "festa", mas tem sentido mais amplo, que inclui sábados, luas novas, *etc.*

[Os estudiosos de abordagem mais crítica debatem o desenvolvimento dessas festas. Eissfeldt afirma: "Assim, por exemplo, em J e E (Êx 34.18a, 22; 23.15a, 16), as conexões das três festas agrícolas com a natureza é bem clara. Estas conexões também permanecem reconhecíveis em D (Dt 16.3a, 9-11, 13-15), sem importar se as afirmações ali contidas são originais ou não, e o mesmo ocorre em H (Lv 23.9-12, 15-21, 39-43) (*Old Testament introduction*, trad. P. R. Ackroyd. Harper, 1965, p. 207). O assunto mereceu tratamento extenso, de uma perspectiva semelhante, por parte do estudioso francês De Vaux (*AI*, p. 484-501).

Sem dúvida é verdade que essas festas têm aspecto agrícola. Isto é enfatizado, como disse Eissfeldt, em Êxodo, em Levítico e em Deuteronômio. De Vaux argumenta que uma festa como a Páscoa não era agrícola, mas acabou fixando-se junto à festa agrícola dos pães asmos em data bem posterior. Tudo isso não passa de suposição. É bem natural que a instituição da Páscoa em Êxodo 12 não enfatizasse o aspecto agrícola. As provisões posteriores, feitas em vista da entrada próxima na terra prometida, enfatizavam tal aspecto.

Aparentemente a época da Páscoa, com a apresentação do molho das primícias (Lv 23.10), sinalizava o começo da colheita de cevada. A Festa das Semanas, no fim de maio ou começo de junho, assinalava o fim da colheita do trigo. A Festa dos Tabernáculos ou da Colheita celebrava o fim da colheita das frutas e frutos (uvas, azeitonas, tâmaras, *etc.*). Essas festas eram festivais de peregrinação, *i.e.*, todos os homens tinham de comparecer ao santuário e trazer suas ofertas, que eram feitas em espécie (Êx 23.15). R.L.H.]

Bibliografia: HARAN, Menahem zebah hayyamim, *VT*, 19:11-22. — LEWY, Hildegard e Julius, The origin of the week and the oldest Asiatic calendar, *HUCA*, 17:1-152. — MORGENSTERN, Julian, Supplementary studies in the calendars of ancient Israel, *HUCA*, 19:1-148. — RICHARDSON, *TWB*, p. 211-3. — SEGAL, J. B., The Hebrew festivals and the calendar, *JSS*, 6:74-94. — SNAITH, Norman H., Time in the Old Testament., In: *Promise and fulfillment*, ed. F. F. Bruce, Edinburgh, T. & T. Clark, 1963, p. 175-86. — STEWART, Roy A., The Jewish festivals, *EQ*, 43:149-61. C.P.W.

603 חגה (*hgh*)

603 חנה (*hgh*). **Aceita como raiz de:**

603a חגוים (*hăgăwîm*) ***fendas, reentrâncias, esconderijos.*** (Ct 2.14; Jr 49.16; Ob 3).

חגור (*hăgôr*). Veja o n.º 604a.

חָגוֹר (*hāgôr*). Veja o n.º 604b.

604 חגר (*hāgar*) ***cingir.***

Termos Derivados

604a חגורה (*hăgôr*) ***cinta, cinto.***

604b חָגוֹר (*hāgôr*) ***cingido*** (apenas em Ez 23.15).

604c חגורה (*hăgôrâ*) ***cinta, cinto.***

604d מחגרת (*mahăgôret*) ***cinta, faixa.***

hāgar é cognato do acadiano *agāru*, "cercar", do ugarítico *hgr*, "cingir" (*UT*, 19:837), e do árabe *hagara*, "restringir". Aparece 44 vezes na Bíblia.

O verbo refere-se a colocar uma cinta ou cinto e prender outras partes do vestuário (Êx 29.9; Lv 8.7, 13; *etc.*) E usado para descrever o ato de cingir os lombos com pano de saco, o tecido rústico e grosseiro de pêlo de cabra, usado em tempos de luto ou penitência (2 Sm 3.31; 1 Rs 20.32; Is 22.12, 32.11; Lm 2.10).

hāgar é freqüentemente usado para cingir uma espada, como em 1 Samuel 17.39; Salmos 45.3[4]. Em 1 Samuel 25.13 algumas versões inglesas sugerem o verbo "afivelar", e a BLH populariza para "pôr a espada no cinto". Em Juízes 18.11 os homens "armados" estão literalmente "cingidos" de armas.

O dito proverbial de 1 Reis 20.11, "não se gabe quem se cinge como aquele que vitorioso se descinge", significa, como indica o Targum. "quem se cinge para descer à batalha não deve se vangloriar como aquele que já venceu e retorna da batalha". A tradução da BLH "um verdadeiro soldado se gaba depois de uma batalha e não antes" não reflete a intenção do texto hebraico, que aponta a incerteza do resultado, não a qualidade do lutador.

O costume de prender as vestes esvoaçantes no cinto antes de qualquer atividade física mais extenuante ou de empreender caminhada ou corrida logo deu origem à expressão "cingir os lombos".

Um emprego importante do termo aparece em Salmos 76.10[11], onde a ARA traz: "Até a ira humana há de louvar-te; e do resíduo das iras te cinges". Isto significa que Deus se cinge, como que de uma veste, dos derradeiros e fúteis esforços da ira humana. A BJ e a BLH oferecem uma alternativa, a de que Deus se cinge, como que de uma veste, dos que escaparam à ira humana.

Por outro lado, algumas versões revocalizam *'ādām* (homem) como *'ĕdôm* (Edom) e *hēmôt* (iras) como *hămāt* (Hamate, cidade da Síria) e seguem a LXX ao adotar o equivalente hebraico do grego *heortasei*, que pressupõe o verbo *hāgag*, "celebrar festa religiosa", obtendo a seguinte tradução: "Pois Edom, o irado, te glorificará, e os sobreviventes de Hamate observarão as tuas festas". Já a NIV traz: "Tua ira contra os

homens redundará em glória para ti, e os sobreviventes da tua ira serão contidos".

A presença do verbo *yahg'rû*, em 2 Samuel 22.46, parece ser um erro textual que tomou o lugar de *yahr'gû*, "eles saíram".

hăgôrâ, hăgôr. ***Cinta, cinto.*** A forma feminina *hăgôrâ* é usada cinco vezes, e a masculina, *hăgôr*, três.

A *hăgôrâ* foi a primeira peça do vestuário humano, "cintas" (BLH, "tangas"), improvisadas às pressas por Adão e Eva com folhas de figueira (Gn 3.7).

A *hăgôrâ* usada pelas mulheres não era uma roupa de baixo, conforme sugere a palavra "cinta" em seu uso moderno, e sim um cinto ornamentado ou uma faixa ornamental semelhante ao *obi* dos japoneses (Is 3.24; Pv 31.24).

Para os homens, a *hăgôrâ* ou o *hăgôr* era a peça de vestuário da qual pendia a espada (1 Sm 18.4). A expressão que designava jovens aptos para o serviço militar era "todos os que cingiam cinto [*hăgôrâ*]" (2 Rs 3.21). Esse cinto militar era altamente valorizado como troféu de batalha (2 Sm 18.11); Cyrus Gordon crê que este versículo aponta para uma tradição de luta do cinto. Sobre uma ilustração desse tipo de combate veja *ANEP*, fig. 219. Quanto a sinônimos, veja *'abnēt*, *'ēzôr*, *hēsheb* e *mēzah*.

Bibliografia: GORDON, Cyrus H., Belt-wrestling in the Bible world, *HUCA*, 1950-1, p. 131-6; fig. I-V. — HÖNIG, H. W., *Die Bekleidung des Hebräers*, Zurich, Brunner, Bodmer, 1957, p. 26-7, 76-7.

E.Y.

חַד (*had*). Veja o n.º 605a.

605 חָדַד (*hădad*) ***ser afiado, agudo*** (*e.g.*, Hc 1.8; Is 44.12).

Termos Derivados

605a חַד (*had*) ***agudo, afiado*** (*e.g.*, Ez 5.1; Is 49.2).

605b חַדּוּד (*haddûd*) ***afiado, pontiagudo*** (Jó 41.22).

606 חָדָה (*hădâ*) ***I, ser agudo, afiado*** (Pv 27.17).

607 חָדָה (*hădâ*) ***II, exultar, alegrar-se*** (no qal); ***alegrar*** (no piel).

Termo Derivado

607a חֶדְוָה (*hedwâ*) ***alegria, júbilo.***

O verbo é usado apenas uma vez no piel, em Salmos 21.6[7], "... tu o encheste de gozo com a tua presença" (ARA).

É usado no qal em Êxodo 18.9 para descrever a alegria de Jetro quando ouviu o relatório de Moisés. Outra ocorrência foi sugerida em Jeremias 31.13, alterando-se a vocalização do hebraico *yahdāw*, "juntos", para *yahdû*, "se alegrarão", uma leitura apoiada pela LXX e adotada pela ARA e pela ARC. A leitura do TM é adotada pela BJ, e por John Bright.

608 חָדָה (*hādâ*)

Bibliografia: BRIGHT, John, *Jeremiah*, Doubleday, 1965, p. 274. — DAHOOD, M., Ugaritic and the Old Testament, *Ephemerides Theologicae Lovanienses*, 44:51.

E.Y.

608 חָדָה (*hādâ*) ***III, ver, contemplar;*** no nifal, ***aparecer.***

Além da raiz hebraica comum *hāzâ*, que reflete o ugarítico *hdy*, M. Dahood propôs em numerosos artigos e livros que também deveríamos reconhecer muitas ocorrências em que o texto hebraico preservou a variante *hādâ*, "ver".

Essas opiniões não foram incorporadas em traduções recentes, mas algumas de suas sugestões mais plausíveis foram alistadas no léxico de Koehler-Baumgartner (*cf. HCHL*).

Em Salmos 33.15, onde a maioria das versões em português traz "ele forma o coração de todos eles" (*yahad*), Dahood sugere "o criador inspeciona (*yahd[eh]*) suas intenções". Em Salmos 49.10[11], em lugar de "...e perecer 'assim' o estulto 'como' o inepto" (ARA), Dahood sugere "se ele 'contempla' os estultos". Em lugar da tradução da ARA para Jó 34.29, "'seja' um povo ou 'seja' um homem", ele propõe "ele 'examina' nações e homens".

Em Gênesis 49.6 e Jó 3.6, em vez de ler os verbos como formas de *yāhad*, "ser unido, ligado", Dahood os lê como nifal de *hādâ* e os traduz por "aparecer".

Bibliografia: DAHOOD, M. Some ambiguous texts in Isaiah, *CBQ*, 20:46-8. — ____, Hebrew-Ugaritic lexicography, *Bib*, 45:407-8. — ___ , Ugaritic lexicography, in: *Mélanges Eugène Tisserant*, I, Vatican, Biblioteca Apostolica Vaticana, 1964, p. 88. — ____, Psalms *I*, in: *AB*, Doubleday, 1966. — GINSBERG, H., Lexicographical notes, In: *Hebräische Wortforschung*, Leiden, Brill, 1967, p. 71-2. — SMICK, E., Suggested new translations of Old Testament Poetry, *BETS*, 11:90-1.

E.Y.

חַדּוּד (*haddûd*). Veja o n.º 605b.

חַדְוָה (*hedwâ*). Veja o n.º 607a.

609 חָדַל (*hādal*) ***I, cessar, parar, abster-se, desistir, deixar.***

Termos Derivados

609a †חֶדֶל (*hedel*) ***cessaçao.***

609b †חָדֵל (*hādêl*) ***passageiro, rejeitado.***

Esta palavra é cognata do árabe *hadala*, "deixar", "abandonar"; a raiz é desconhecida em ugarítico. O verbo ocorre 55 vezes.

hādal significa, na maioria das vezes, deixar ou parar de fazer algo, como em Gênesis 11.8; Juízes 15.7; Jó 3.17; 1 Samuel 12.23; Jeremias 44.18; 51.30.

Pode significar "abster-se" ou "evitar" fazer alguma coisa, como em Jó 16.6. A pergunta apresentada aos profetas em 1 Reis 22.6 era: "Subirei [...] à batalha ou me absterei de subir?". Em 2 Crônicas 25.16 o imperativo significa "pára!" (ARA) ou "cala-te!" (BJ).

Na parábola das árvores em Juízes 9.9, 11, 13, *hādal* significa "deixar" no sentido de desistir, abrir mão de algo.

Em Números 9.13, a palavra significa "descuidar-se", "negligenciar".

Em Jó 19.14 o verbo pode ter sentido transitivo, os parentes de Jó o desampararam ou abandonaram (ARA), ou pronominal, "afastar-se" de (BLH).

Em Êxodo 24.12 *hādal* significa "deixar em paz". Jó pede a Deus por duas vezes que o deixe em paz (Jó 7.16; 10.20). Em Isaías 2.22 o profeta adverte seus ouvintes a que "deixem" o homem ou dele se afastem, *i.e.*, não mais confiem nos seres humanos (BLH).

hādal é usado oito vezes no sentido absoluto de "cessar", "terminar".

hedel. ***Cessação.*** Em Isaías 38.11, ocorrência única da palavra, a palavra *hedel* é normalmente emendada para se ler *heled*, "mundo". Uma vez que 1QIs^a contém a mesma leitura do TM, Dahood sugere que *hedel* é correto e deve significar "cessação".

hādēl. ***Passageiro, rejeitado.*** Esta palavra aparece três vezes em três sentidos diferentes. Em Êxodo 3.27 significa "alguém que se abstém" ou que se recusa a ouvir as profecias. Em Salmos 39.4[5], traduzida por "fragilidade", a palavra significa "transitoriedade" ou "efemeridade".

Em Isaías 3.3, o Messias é descrito como "rejeitado pelos homens". A sugestão alternativa de Thomas, "que abandona os homens", é seguida pela NEB, que traz: "ele se afastava da vista dos homens". Calderone sugere "insensível", derivando-o de uma raiz *hādal* II, "ser gordo"(*q.v.*). Nenhuma das duas alternativas é recomendável.

Bibliografia: DAHOOD, Mitchell, *hedel* "cessation" in Isaiah 38, 11, *Bib*, 52:215-16. — GORDIS, Robert, Studies in Hebrew roots of contrasted meanings, *JQR*, 27:33-58. — THOMAS, D. WINTON, Some observations on the Hebrew root *hdl*, *Supp VT*, 4:8-16.

E.Y.

610 חָדַל (*hādal*) ***II(?), ser gordo, ser próspero.***

Citando o árabe *hadula*, "engordar; tornar-se gordo", Thomas e Calderone sugerem que em algumas passagens *hādal* reflete uma raiz completamente distinta. Isto pode ser plausível para 1 Samuel 2.5, que então leria: "os famintos engordaram". Em Jó 14.6 teríamos "para que ele se sacie de comida", em lugar de "para que ele tenha repouso".

Em Provérbios 19.27 Calderone prefere ler "prosperar [...] ouvindo a instrução"; em Provérbios 23.4, "prospera por meio da tua sabedoria".

Bibliografia: CALDERONE, Philip J., *hdl*-II in poetic texts, *CBQ*, 23:451-60. — ___, Supplementary note on *hdl*-II, *CBQ*, 24:412-9.

E.Y.

611 חָדַק (*hdq*) **Aceita como raiz de:**

611a חֲדַק (*hédeq*) ***espinheiro, espinho*** (Mq 7.4; Pv 15.19).

612 חָדַר (*hādar*) ***rodear, encerrar.*** Ocorre apenas em Ezequiel 21.14[19], como particípio feminino singular do qal, *hahōderet lāhem*, "que os rodeia".

Termo Derivado

612a חֶדֶר (*heder*) ***câmara, aposento, interior, quarto.***

A palavra significa um "compartimento", "quarto" ou "cômodo" (dentro de uma construção) que ofereça privacidade. Uma palavra genérica para "câmara" é *lishkâ*. Outro

termo, *'ăliyyâ*, refere-se a um aposento arejado, construído no telhado de uma casa. *heder* é usado 39 vezes, das quais sete são usos figurados.

heder designa principalmente um aposento onde pessoas, mesmo governantes, podem desfrutar de privacidade (Gn 43.30, José; 1 Rs 1.15, Davi; Jz 3.24, Eglom). Pode ser que a *heder* à qual Eglom se dirigiu se tratasse de um aposento dentro da "sala de verão" (*'ăliyyâ*), não a sala de verão em si. Especificamente, *heder* é usado com referência ao aposento do monarca (*hădar mishkāb*), que seria invadido pelas rãs (Êx 8.3[7.28]). Isbosete (2 Sm 4.7) e o rei da Síria (2 Rs 6.12) foram assassinados em tais aposentos. *heder* é a alcova do noivo (Jl 2.16), o local de nascimento da noiva e o local aonde ela deseja levar seu amado (Ct 3.4), e o aposento em que Sansão planejava encontrar sua esposa (Jz 15.1).

heder é um local para se esconder: ali pessoas se escondem (Is 26.20); ali os homens armaram uma emboscada para Sansão (Jz 16.9, 12), Joás foi escondido de Atalia ("numa câmara interior", *hădar hammittôt*, 2 Rs 11.2 = 2 Cr 22.11); Ben-Hadade escondeu-se de Acabe (1 Rs 20.30). A última passagem traz no original "uma câmara numa câmara", expressão que foi traduzida por "de câmara em câmara" (ARA, ARC) e "no quarto dos fundos" (BLH). A mesma expressão é usada por Micaías ao anunciar, ao falso profeta Zedequias onde este se esconderia (1 Rs 22.25 = 2 Cr 18.24), e por Eliseu, ao instruir o profeta sobre aonde levar Jeú para ungi-lo (2 Rs 9.2). O *heder* é um lugar onde pessoas praticam o mal em segredo: Amnom (2 Sm 13.10 e s.); os anciãos de Israel (Ez 8.12).

De maneira mais geral, a palavra é usada para as câmaras interiores do Templo ("câmaras interiores", 1 Cr 28.11) e para depósitos ("câmaras" [ARA, ARC]; "quartos" [BLH], Pv 24.4). Em Deuteronômio 32.25 é usada em contraste com "fora", donde a tradução "dentro" da ARC. Os terrores e a destruição atingirão ambos os lugares. A palavra jamais é usada para o Santo dos Santos, quer no templo, quer no tabernáculo.

heder é usado figurativamente quatro vezes, referindo-se a câmaras dentro do ventre. "As palavras do maldizente [...] descem para o mais interior do ventre" (Pv 18.8; 26.22). A mesma região é investigada (Pv 20.27) e purificada pelos açoites (Pv 20.30). A expressão "câmaras da morte" (Pv 7.27) pode referir-se a uma vida após a morte; é mais provável, todavia, que se refira a túmulos ou a um cemitério. E paralela a "Seol" (*cf.* The meaning of the word sheol, *JETS*, 4:129-35).

A palavra também é usada figuradamente em Jó 37.9, da câmara de onde sai o redemoinho ou pé-de-vento (*sûpâ*, *q.v.*). A ARC acrescenta "do sul" para indicar a origem do redemoinho, mas a ARA é mais correta ao dizer simplesmente "das suas recâmaras sai o pé-de-vento". As "recâmaras do sul" (Jó 9.9) podem ser o nome de uma constelação ou da região onde ela aparece.

C.P.W.

613 חדש (*hādash*) ***renovar, restaurar, reparar.***

Termos Derivados

613a חָדָשׁ (*hādash*) ***novo, fresco, recente; coisa nova.***

613b חֹדֶשׁ (*hōdesh*) ***mês; lua nova; mensal.***

hādash é usado no sentido de "reparar", "consertar" ou "reconstruir", referindo-se a cidades (Is 61.4), ao templo (2 Cr 24.4, 12) e ao altar (2 Cr 15.8). Também é usado

figuradamente. Sob a liderança de Samuel o reino foi renovado em Gilgal (1 Sm 11.14). Davi queria um espírito correto, equivalente a um coração limpo, renovado dentro de si (Sl 51.10[12]). O profeta suplicou por renovação como dantes (Lm 5.21). Deus renova a face do solo, isto é, concede nova vida (Sl 104.30), e renova o vigor do homem (Sl 103.5). Jó reclamou que Deus estava trazendo novas testemunhas contra ele (Jó 10.17).

O uso do verbo, bem como de seus termos derivados, é comprovado no ugarítico (veja *UT*, 19:843).

hādāsh. ***Novo, fresco, recente; coisa nova.*** Este adjetivo, que normalmente funciona atributivamente, qualifica, como em português, uma variedade de objetos físicos (*e.g.*, casa, esposa, cordas, espada, roupas, vaso, oferta de manjares, rei, portão, *etc.*). Também é usado para conceitos não-materiais como nome (Is 62.2), cântico (Sl 149.1), aliança (Jr 31.31), as misericórdias de Deus (Lm 3.23), coração e espírito (Ez 36.26). Enquanto sofria, Jó ansiava pelo tempo em que sua honra se renovaria dentro de si (Jó 29.20).

hōdesh. ***Mês; lua nova; mensal.*** Embora esta palavra signifique basicamente "lua nova", é comumente usada como equivalente de nossa palavra "mês", porque para os hebreus o mês começava quando a lua crescente aparecia pela primeira vez ao pôr-do-sol. Era usada ao lado da palavra *yerah*, menos comum e derivada de *yārēah*, que significa "lua". (Notar especialmente 1 Rs 6.1, 37, 38 e 8.2, onde os termos são usados intercambiavelmente. Embora *yerah* jamais seja usada como mês numerado, seu uso com o nome do mês é atestado tanto em ugarítico quanto no AT. Veja *UT*, 19:1151). O calendário hebreu usava meses lunares adaptados a um ano solar. Isso era feito adicionando-se um mês a aproximadamente cada três anos, pois a soma dos dozes meses era aproximadamente onze dias menor que o ano solar. No Israel antigo, o primeiro dia de cada mês, ou lua nova, era determinado pelo toque de trombetas. Os meses tinham a duração de 30 dias (observar Gn 7.11; *cf.* 8.3, 4), exceto quando a lua nova era observada antes.

Somente quatro dos nomes dos meses usados na história mais antiga de Israel estão registrados no AT: abibe, o primeiro mês (Êx 13.4), zive (zife), o segundo mês (1 Rs 6.1), etanim, o sétimo mês (1 Rs 8.2), e bul, o oitavo mês (1 Rs 6.38). Com maior freqüência os meses eram designados por seu número. (Notar especialmente 1 Cr 27.1-15, onde todos são alistados por número.) Mais tarde, nomes babilônicos foram incorporados na língua hebraica. Destes, sete são mencionados no AT: nisã, o primeiro (Ne 2.1), sivã, o terceiro (Et 8.9), elul, o sexto (Ne 6.15), quisleu, o nono (Zc 7.1), tebete, o décimo (Et 2.16), sebate, o décimo primeiro (Zc 1.7) e adar, o décimo segundo (Et 3.7).

O primeiro mês, abibe/nisã, começava na primavera com o equinócio vernal. Isso foi ordenado em Êxodo 12.2, 18. De acordo com Êxodo 23.16 e 34.22, todavia, a Festa da Colheita (celebrada no sétimo mês, Lv 23.39) era celebrada ao final do ano (provavelmente o ano agrícola). A Festa das Trombetas (Lv 23.23-25; Nm 29.1-6) era celebrada no primeiro dia do sétimo mês, e é hoje celebrada como o ano novo judaico (Rosh Ilashanah). Assim, há indícios de um calendário alternativo mais velho, que começava no outono. O uso de *hōdesh* para "os consumir com as suas porções" (Os 5.7) pode significar que os falsos adoradores seriam destruídos no mês seguinte. É possível ainda que a oferta vã dos impenitentes traga com ela a sua ruína (*cf. KD*), ou ainda que a participação numa festa pagã à lua nova cause a ruína dos ímpios (*cf.* IB).

Quando *hōdesh* se refere apenas ao início do mês, é naturalmente traduzido por "lua nova", que indicava um dia festivo. Era uma das festas designadas e se acha alistada

juntamente com o sábado e as festas de peregrinação como ocasião de sacrificar holocaustos (2 Cr 8.13 *et al.*) também, sendo caracterizada pelo toque de trombetas (Sl 81.3 [4]; Nm 10.10). Por tratar-se de um dia de festa, a ausência de Davi da mesa de Saul na lua nova era especialmente notável (1 Sm 20.5 e s.).

Bibliografia: MORGENSTERN, Julian, The three calendars of ancient Israel, *HUCA*, 1:13-78. — ____ , Supplementary studies in the calendars of ancient Israel, *HUCA*, 10:1-148. — WRIGHT, G. Ernest, Israelite daily life, *BA*, 18:50-79. — *THAT*, v. 1, p. 524-9.

C.P.W.

614 *חוּב (*hûb*) ***tornar culpado***. Este verbo é usado apenas uma vez no grau piel. Em Daniel 1.10, ao lado da palavra *rō'sh*, significa colocar a própria vida em risco. A ARA e a BJ traduzem bem especificamente "poríeis a minha cabeça em perigo".

Termo Derivado

614a חוֹב (*hôb*) ***débito, dívida.*** Ocorre apenas em Ezequiel 18.7.

E.Y.

615 חוּג (*hûg*) ***traçar um círculo.*** Usado apenas uma vez, tendo como objeto a palavra *hōq* (Jó 26.10).

Termos Derivados

615a חוּג (*hûg*) ***circuito, círculo, compasso.***

615b מְחוּגָה (*m'hûgâ*) ***compasso***. Ocorre apenas em Isaías 44.13.

Em Jó 26.10 o Criador "marcou um limite à superfície das águas" (ARC), ou, conforme a tradução mais literal da ARA, "traçou um círculo à superfície das águas". Isto pode significar o estabelecimento de um limite na distância, o horizonte, ou a costa, o litoral (*cf.* Jó 38.8,11). Este é também o pensamento encontrado no uso do substantivo em Provérbios 8.27, "quando compassava ao redor a face do abismo" (ARC), ou "quando traçava o horizonte sobre a face do abismo" (ARA), ou "estendeu o horizonte sobre o oceano" (BLH).

Jó 22.14 (ARC) declara que Deus "passeia pelo circuito dos céus" (*hûg shāmayim*); a ARA e a BJ trazem a expressão "abóbada do céu", e a BLH simplesmente usa "céu".

Isaías 40.22 (ARC) afirma que o Criador assenta-se sobre o "globo da terra", ao passo que a ARA e a BJ preferem "redondeza da terra". A BLH parafraseia com "seu trono no céu". Os poetas do AT descreviam seu universo fenomenologicamente, *i.e.*, como se lhes aparecia, humanos sobre a Terra, olhando à volta e para cima. Esta perspectiva difere daquela empregada pelo pensamento científico moderno, que assume um ponto de vista exterior à Terra. Ambos são exatos e úteis segundo as suas perspectivas.

Alguns afirmam que Isaías 40.22 implica a esfericidade da Terra. Pode até ser, mas pode simplesmente se referir ao Senhor, entronizado acima da Terra com seu horizonte obviamente circular. Observe-se o conceito notável apresentado em Jó 26.7.

m'hûgâ. ***Compasso.*** Esta palavra ocorre apenas em Isaías 44.13, onde descreve um instrumento usado por um artífice ao esculpir um ídolo em madeira. A LXX traduz por

metron, "medida" ou "régua". As versões em português são quase unânimes no uso de "compasso". A exceção é a BLH, que parafraseia as duas palavras hebraicas usadas no versículo com a palavra genérica "ferramentas".

E.Y.

616 חוּד (*hûd*) ***propor um enigma.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

616a חִידָה† (*hîdâ*) ***enigma, parábola, problema.***

Uma derivação sugerida para este vocábulo vem do aramaico *'ăhad*, "segurar", "cobrir", que fornece o vocábulo aramaico *'ahîdâ*, "enigma" (*cf.* Dn 5.12). O *hîdâ* é um dito enigmático, uma pergunta ou história cujo significado precisa ser determinado pelo público.

A palavra é usada 17 vezes. A ARC a traduz 12 vezes por "enigma", duas vezes por "adivinhação", e uma vez cada por "parábola", "dito agudo" e "figura".

E usada oito vezes em Juízes 14 em relação ao "enigma" proposto por Sansão aos hóspedes filisteus na cerimônia de seu casamento. Tais enigmas eram "charadas" que envolviam trocadilhos ou jogos de palavras em que havia uma competição de inteligências, algo que ainda hoje é uma fonte de entretenimento para os árabes. *Cf.* a disputa entre os guardas em 1 Esdras 3.4-24.

Em um nível social mais elevado os *hîdôt* em 1 Reis 10.1 (2 Cr 9.1) eram "problemas [teóricos] difíceis" formulados pela rainha de Sabá para pôr à prova a reputação de sábio que tinha Salomão. Josefo (*Antiguidades*, 8.5.3 [143]) descreve como Hirão de Tiro enviou a Salomão "problemas ardilosos e ditos enigmáticos".

Em Salmos 49.4[5] o salmista fala do "enigma" da vida, da morte e da redenção.

Em Números 12.8, as "figuras" (ARA, "enigmas") denotam revelações indiretas comumente concedidas pelo Senhor, em contraste com a comunicação direta, face a face, concedida a Moisés.

Veja também *māshāl*, que ocorre lado a lado com *hîdâ* em Salmos 49.4[5], Provérbios 1.6; Ezequiel 17.2 e Hacubuque 2.6.

Bibliografia: RINALDI, G., Alcuni termini ebraici relativi alla letteratura, *Bib*, 49:274-6.

E.Y.

617 הָוָה (*hwh*) I. Aceita como raiz de:

617a הַוָּה (*hawwâ*) ***aldeias*** (*i.e.*, vilas de tendas; *e.g.*, Dt 3.14; Js 13.30).

618 הָוָה (*hāwâ*) *II, mostrar, contar, declarar*

Termo Derivado

618a אַהֲוָה (*'ahwâ*) ***declaração***, usado somente em Jó 13.17.

hāwâ é usado no grau piel cinco vezes em Jó e uma vez em Salmos. Em Jó é usado em relação aos esforços condescendentes de Elifaz e de Eliú para instruir a Jó (15.17; 32.6, 10, 17; 36.2; *cf.* Sr 16.25).

Em Salmos 19.2[3] uma noite "revela" (ARA) conhecimento a outra noite (ARC, "mostra").

O verbo correspondente em aramaico é usado nos graus pael e (h)ael nada menos que 14 vezes em Daniel. Os estudiosos têm apontado para os usos do verbo em Jó como aramaísmos.

O verbo aparece freqüentemente nos Papiros de Elefantina, escritos em aramaico, e no Apócrifo de Gênesis (2.5, 6, 21; 5.9; 22.3).

Bibliografia: VOGT, Ernestus, *Lexicon Linguae Aramaicae Veteris Testamenti*, Pontifical Biblical Institute, 1971, p. 60-1. — WAGNER, Max, *Die lexikalischen und grammatikalischen Aramaismen im alttestamentlischen Hebräisch*, Berlin, Töpelmann, 1966, p. 53.

E.Y.

619 חָוָה (*hāwâ*) ***III***, (exclusivamente no grau eshtafal) ***hishtahăwâ, "prostrar-se"; "adorar".***

Anteriormente as ocorrências deste verbo eram analisadas como um hitpael da raiz *shāhâ* (*q.v.*). Cognata do ugarítico *hwy*, "curvar-se" (*UT*, 19:847), usada em paralelo com *kbd*, "honrar", o verbo ocorre 170 vezes, na maioria dos casos indicando adoração a Deus, deuses ou ídolos.

Em seu sentido original o verbo significava prostrar-se no solo, como em Neemias 8.6, "adoraram" (ARC, ARA), porém mais corretamente "prostraram-se" (como na BJ), como é exigido pela expressão *'ărtsâ* ("até o solo").

Esse ato de prostrar-se era bem comum como prova de submissão diante de um superior. Vassalos de Faraó afirmaram, nas cartas de Amarna: "aos pés do rei [...] sete vezes, sete vezes eu caio, para frente e para trás" (*cf.* ANEP, fig. 5). Jeú e seus servos, ajoelhados, se curvam com a fronte tocando o solo, perante Salmanaser III, no Obelisco Negro (*cf.* *ANEP*, fig. 351).

Os muçulmanos realizam sua oração, *salah*, com um gesto elaboradamente prescrito, chamado *sugûd* (*cf.* heb. *sāgad*, "curvar-se", "prostrar-se"), em que a testa deve encostar no chão.

A palavra grega *proskuneō*, que é a tradução grega para *hishtahăwâ* em 148 vezes na LXX, teve um desenvolvimento semântico semelhante ao de sua equivalente hebraica. Tal como aquela, *proskuneō* pode significar tanto "prostrar-se" quanto "adorar". Se a *proskunēsis* que Alexandre, o Grande, recebeu implicava "adoração" ou simples "reverência" era incerto para seus contemporâneos, e ainda o é para os estudiosos.

A prostração era um ato comum de auto-humilhação, realizado perante parentes, estranhos, superiores e, principalmente, da realeza. Abraão se prostrou diante dos heteus de Hebrom (Gn 23.7, 12). Prostrou-se, também, perante os três estranhos que o visitaram em Manre (Gn 18.2), tal como Ló diante dos dois visitantes angelicais que chegaram até ele em Sodoma (Gn 19.1). Nenhum dos dois homens reconheceu, imediatamente, estar diante de seres sobre-humanos. Balaão, porém, percebeu que era um anjo quem bloqueava o seu caminho e "prostrou-se" (Nm 22.31).

Seguindo o protocolo egípcio, os irmãos de José fizeram reverência perante ele (Gn 42.6; 43.26, 28), cumprindo assim o seu sonho (Gn 37.7, 9, 10).

Por causa da infidelidade dos filhos de Eli, sua posteridade seria forçada, pelo juízo

de Deus (1 Sm 2.36), a "prostrar-se" (BJ), "inclinar-se" (ARA, ARC), "curvar-se" (BLH) diante do sacerdote a ser indicado por Deus, *i.e.*, viver na mendicância. No episódio de En-Dor, Saul reconheceu a aparição de Samuel e se prostrou (1 Sm 28.14, ARA).

Foi em desafio aberto à etiqueta palaciana da Pérsia que Mordecai se recusou a prostrar-se perante Hamã (Et 3.2, 5; *cf.* Heródoto 1.134; 3.86; 8.118). O Targum e o Midrash explicam a recusa de Mordecai com base na presença de um suposto ídolo no manto de Hamã. Mordecai pode ter-se horrorizado com a idéia de curvar-se perante um amalequita ou agagita (Et 3.1; *cf.* 1 Sm 15.32, 33).

O verbo é usado em 1 Crônicas 29.20 em conjunto com duas expressões, "prostraram-se perante o SENHOR e perante o rei" (ARC). A ARA, como a RSV inglesa, supre outro verbo para fazer a distinção, "adoraram o Senhor e se prostraram perante o rei". Assim, os egípcios se curvariam perante Moisés, pedindo-lhe que os israelitas saíssem, e reis e princesas se prostrarão perante a Sião redimida (Êx 11.18; Is 45.14; 49.23).

O verbo é usado menos freqüentemente para a adoração prestada ao Senhor por um indivíduo. A caminho de sacrificar Isaque, Abraão afirma que vai adorar (Gn 22.5). Perturbado, Saul pede perdão para que possa adorar (1 Sm 15.25, 30, 31). E usado com mais freqüência para atos específicos de adoração, *e.g.*, o servo de Abraão que inclinou sua cabeça e adorou (Gn 24.26, 48), e de Gideão (Jz 7.15) ao receber a graça de Deus. Tal ato freqüentemente envolvia uma prostração "até o solo", como no caso do servo de Abraão (Gn 24.52), Moisés (Êx 34.8), Josué (Js 5.14) e Jó (Jó 1.20).

Em Êxodo há três casos de adoração comunitária espontânea: quando o povo ouviu que Deus havia falado a Moisés (Ex 4.31), quando receberam a instrução sobre a Páscoa (Êx 12.27) e quando viram a coluna de nuvem (Êx 33.10). Em 2 Crônicas 20.18, Josafá e o povo "se prostraram perante o SENHOR e o adoraram" ao ouvirem sua promessa de vitória.

Ordens ou convites à adoração são apresentados a Moisés, a Arão e aos anciãos em Êxodo 24.1, "sobe [...] e adorai de longe", e na ocasião das primícias, "então as porás perante o SENHOR, teu Deus, e te prostrarás perante ele" (Dt 26.10; a não ser quando indicadas especificamente, todas as outras citações deste artigo serão da ARA). O salmista exorta: "vinde, adoremos e prostremo-nos, ajoelhemos diante do SENHOR que nos criou" (Sl 95.6).

Depois da morte do filho de Bate-Seba, Davi entrou na sua tenda para adorar (2 Sm 12.20). Seu filho Salomão completou o templo (2 Cr 7.3), que se tornou o foco da adoração organizada. Embora houvesse santuários rivais, como confirmou a arqueologia, Ezequias insistiu em que a adoração fosse realizada apenas "perante este altar em Jerusalém" (2 Rs 18.22; Is 36.7; 2 Cr 32.12; *cf.* 29.29, 30). O salmista declara: "... e me prostrarei diante do teu santo templo, no teu temor" (Sl 5.7[8]; *cf.* 138.2). Jeremias falou para os que adoravam no templo sobre sua necessidade de arrependimento (Jr 7.2; 26.2). Como não se arrependessem, Nabucodonosor destruiu o templo, mas Ezequiel previu, numa visão, um novo templo em que o príncipe e seu povo adorariam (Ez 46.2, 3, 9).

Os salmos e os profetas antevêem o dia em que os gentios também adorarão. Os que hão de adorar o Senhor incluem: "toda a terra" (Sl 66.4); "toda a carne" (Is 66.23); todas as nações (Sl 22.27[28]); 72.11; Sf 2.11; Zc 14.16, 17); reis e príncipes (Is 49.7; *cf.* Sl 72.11); "todos os opulentos" (Sl 22.29[30]), que a BJ interpreta como "poderosos".

Perante o Senhor, adoram não apenas os homens, mas também os *b'nê 'elîm* (Sl 29.1, 2), "filhos de Deus" (ARA), provavelmente uma referência aos anjos (BLH; *cf.* Sl 89.6[7], mas também Sl 96.7). Neemias 9.6 declara que o exército dos céus adora o Senhor

que criou os céus, a terra e o mar. Segundo Salmos 97.7, "todos os deuses se curvam diante dele".

O segundo mandamento proíbe a adoração de qualquer imagem fundida ou de outros deuses (Êx 20.5; 34.14; Dt 5.9). Os israelitas foram advertidos a não adorar os deuses dos amorreus, dos heteus, *etc.* (Êx 23.24; Sl 81.9[10]).

Apesar de tais advertências, Israel repetidamente adorou outros deuses (Dt 29.26[25]; Jz 2.12, 17; Jr 13.10; 16.11; 22.9). Tais deuses incluíam as divindades dos moabitas (Nm 25.2), dos edomitas (2 Cr 25.14), Astarote dos sidônios, Quemos de Moabe, Milcom dos amonitas (1 Rs 11.33) e Baal de Sidom (1 Rs 16.31; 22.53[54]).

Numa passagem interessante o verbo é usado tanto para "adorar" quanto para "curvar-se" sem a atitude de adoração. Depois de sua cura e conversão à adoração monoteísta ao Senhor (2 Rs 5.17), Naamã, o oficial sírio, pediu a Eliseu: "nisto perdoe o SENHOR a teu servo; quando o meu senhor entra na casa de Rimom para ali adorar, e ele se encosta na minha mão, e eu também me tenha de encurvar na casa de Rimom quando assim me prostrar na casa de Rimom, nisto perdoe o SENHOR a teu servo" (2 Rs 5.18). Eliseu não fez objeções e disse: "vai em paz".

Uma passagem problemática é Gênesis 37.41, onde Jacó, antes de morrer, "se inclinou sobre a cabeceira da cama" (*mittâ*). A LXX, todavia, traz: "e Israel adorou, apoiado na extremidade de seu bordão", entendendo que as consoantes hebraicas apontavam para a palavra *matteh*, "bordão," "cajado". A versão siríaca e a antiga versão latina (Ítala) concordam; Hebreus 11.21 cita a LXX. Neste contexto, Speiser sugere: "o termo 'curvar-se' não precisa significar aqui nada mais que um simples gesto de apreço silencioso...". *Cf.* ainda 1 Rs 1.47, onde Davi, moribundo, encurva-se sobre sua cama.

Veja também *kākap, kāra', qādad, sāgad, 'ābad.*

Bibliografia: AP-THOMAS, D. R., Notes on some terms relating to prayer, *VT*, 6:229-30. — CRANFIELD, C. E. B., Divine and human action, *Interpretation*, 12:387-98. — DAVIES, G. Henton, Worship in the OT, *IDB*, v. 4, p. 879-83. — DRIVER, G. R., Studies in the vocabulary of the Old Testament, *JTS*, 31:279-80. — ROWLEY, H. H., *Worship in ancient Israel*, London, S.P.C.K., 1967. — WATTS, John D. W., Elements of Old Testament worship, *JBR*, 26:217-21. — *TDNT* v. 6, p. 758-63. — *THAT*, v. 1, p. 530-2.

E.Y.

620 חוה (*hwh*) Aceita como raiz de:

620a הוֹה (*hôah*) ***espinheiro.***

620b חח (*hāh*) ***gancho, anel, broche.***

hāh ocorre sete vezes. Na lista de ornamentos pessoais dedicados ao Senhor (Êx 35.22), a palavra significa "broches" (ARA e ARC, "braceletes"; BLH, "pulseiras").

Em todas as outras passagens a palavra refere-se a ganchos ou anéis usados para capturar e controlar pessoas, empregando métodos normalmente usados para prender ou puxar animais de carga. A advertência contra Senaqueribe (2 Rs 19.28; Is 37.29) pode ser derivada de uma prática costumeira, pois há um alto-relevo assírio que mostra cativos que traziam anéis que perfuravam seus lábios. (*ANEP*, fig. 447; *cf.* fig. 524).

E.Y.

621 חוּת (*hwt*). Aceita como raiz de:

621a חוּט (*hût*) ***corda, fio, trança.*** Esta palavra ocorre sete vezes.

Abraão recusou aceitar do rei de Sodoma até mesmo "um fio, uma correia de sandália" (Gn 14.23; *cf.* Apócrifo de Gênesis 22.21). Esta sinédoque, a substituição do todo por uma parte, usando nesse caso objetos insignificantes para indicar a totalidade, encontra-se de maneira ligeiramente diferente nos papiros aramaicos (COWLEY, 15:25), *mn hm 'd hwt*, "de palha a fio".

O sinal de Raabe para os israelitas (Js 2.18) foi um cordão feito de fio escarlate. Sansão foi capaz de arrebentar as cordas dos filisteus como se fossem um fio (Jz 16.12).

Veja ainda *pātîl, hebel, 'ăbōt.*

Bibliografia: SPEISER, E. A., A figurative equivalent for totality in Akkadian and West Semitic, *JAOS*, 54:200-3.

E.Y.

622 חֲוִילָה (*hăwîlâ*) ***Havilá***, nome de uma série de tribos e lugares. Pode ser derivado de *hôl*, podendo significar "lugar arenoso".

O Pisom, o primeiro a ser mencionado dos quatro rios que partiam do jardim do Éden, passava por Havilá, terra onde havia ouro (Gn 2.11). É impossível estabelecer onde ficava tal terra. As opiniões vão desde a Índia, passando por Colcis e pela Arábia, até a Etiópia setentrional e o Sudão oriental. (Veja a discussão do termo *'ēd.*)

Na tabela das nações, Havilá é relacionada entre os filhos de Cuxe (Gn 10.7; 1 Cr 1.9). Outra Havilá é relacionada juntamente com os filhos de Joctã (Gn 10.29; 1 Cr 1.23). A tribo anterior, a Havilá "africana", pode ter-se localizado na costa da Eritréia e da Somália, no nordeste da Africa, correspondendo a *Abalitai* ou *Aualitai* de textos clássicos, localizada ao sul do estreito de Bab el-Mandeb. A outra tribo, a Havilá "árabe", pode ter-se localizado na região do Iêmen, a sudoeste da península arábica, onde uma inscrição sabeana registra um local de nome *Haulān*.

Uma quarta Havilá é a região que forma a extremidade oriental de uma rota que, a oeste, terminava em Sur, a noroeste da península do Sinai. Os ismaelitas radicaram-se no território entre essas duas extremidades (Gn 25.18). Saul perseguiu os amalequitas desde Havilá até Sur (1 Sm 15.7). Eratóstenes, citado pelo geógrafo Estrabão (16.4.2) alista os *Chaulotaioi* próximos aos nabateus, ao descrever a rota de Petra a Babilônia; Plínio (6.32.157) também alista os *Avalitae* como vizinhos dos nabateus. Esta Havilá pode ser, portanto, uma região no noroeste da Arábia, a leste do Sinai e de Petra, a noroeste de Teimã e do grande deserto de Nafud.

Bibliografia: SIMONS, J., *The geographical and topographical texts of the Old Testament*, Brill, 1959, p. 40-1. — WISSMAN, I. & HÖFNER, M., *Beiträge zur historischen Geographie des vorislamischen Südarabien*, Wiesbaden, Steiner, 1953, p. 239-41. — YAHAUDA, A. S., *The language of the Pentateuch*, London, Oxford University, 1933, p. 190-1.

E.Y.

הוּה (*hāh*). Veja o n.º 620b.

623 הוּל (*hûl*) ***I, ter dores de parto, estar angustiado, sofrer dor; dançar, voltear, contorcer-se; temer, tremer.*** (As versões adotam, em geral, o mesmo espectro

semântico, embora individualmente alguns versículos possam ser interpretados diferentemente.)

Termos Derivados

623a חֹל (*hōl*) ***areia.***

623b חִיל (*hîl*) ***dor, agonia, tristeza.***

623c חִילָה (*hîlâ*) ***dor (?).***

623d חֵל (*hel*), חֵיל (*hêl*) ***baluarte, antemuro, fortaleza.***

623e חֵילָה (*hêlâ*) ***baluarte, fortaleza.*** Ocorre apenas em Salmos 48.14.

623f חַלְחָלָה (*halhālâ*) ***contorção.***

623g מָחוֹל (*māhôl*) ***dança.***

623h מְחִילָה (*m'hôlâ*) ***dança.***

O verbo contém duas idéias básicas: 1) voltear, descrever movimentos circulares (sentido refletido nos derivados *māhôl* e *m'holâ*) e 2) contorcer-se em dores de parto (refletido em *hîl* e *hîlâ*). Esta distinção pode ser vista ou como duas raízes diferentes com forma semelhante (*KB*), ou como ênfases diferentes da mesma raiz (*BDB*). Este artigo adota o segundo ponto de vista. Tal como outros verbos de movimento (*e.g.*, *hārad* e *pāhad*), o sentido desta raiz também pode incluir as emoções e atitudes associadas ao movimento. (Nota: *Englishman's Hebrew and Chaldee Concordance* lista, erradamente, as formas das raízes *hûl* II e *yāhal* sob este termo.)

Movimentos físicos de várias espécies estão associados às referências bíblicas à dança (Jz 21.21), ao tremor das montanhas (Hc 3.10) e, talvez, aos revoluteios de uma espada (Os 11.6). Por duas vezes, quantidades abstratas são figuradamente descritas como entidades físicas que se movem e se contorcem até alcançarem seus objetivos: a maldição sobre Joabe é assim retratada (2 Sm 3.29; "rodeie ela sobre a cabeça de Joabe...", tradução do autor) como na ira do Senhor (Jr 23.19, onde o verbo é ligado ao movimento de um redemoinho). Outro exemplo de tal representação figurada de uma quantidade abstrata como entidade real e concreta é o "pecado", que jaz de tocaia à porta, para destruir a Caim (Gn 4.7).

Este verbo descreve os movimentos de contorção que acontecem durante o trabalho de parto (Is 45.10), embora possa também lembrar as alegrias da concepção que são negadas à estéril (Is 54.1) juntamente com a dor. Muitas vezes ele descreve aqueles que se acham angustiados à vista do juízo de Deus (Is 23.5; Ez 30.16; Jl 2.6; Mq 4.10). Em tais casos, a idéia de angústia mental interior pode desalojar o conceito de contorcer-se de dor, como quando o Egito se angustia ao receber notícias sobre a queda de Tiro (Is 23.5). A queixa de Jeremias de que os julgados não experimentaram angústia (Jr 5.3) refere-se à angústia mental ou remorso. A palavra também descreve a angústia do homem bom que é oprimido pelos ímpios (Sl 55.4 [5]).

Paralelos contextuais demonstram que ela pode referir-se a contorcer-se ou tremer de terror (Sl 77.16[17]; Jr 5.22). A mesma expressão idiomática está por trás de símiles poéticas nas quais a terra treme ou se contorce (Sl 97.4; 114.7).

Várias passagens difíceis devem ser observadas. A interpretação de que Saul fora "ferido" pelos arqueiros filisteus (1 Sm 31.3, BLH e BJ) não tem nenhum apoio nos usos de

hûl; seu melhor apoio é a possibilidade de revocalização do texto para que se leia a palavra hebraica *hālal*, "perfurar" (*wayyāhōl*). Como a vocalização existe, todavia, é preferível ler "ser angustiado" ou "ficar aterrorizado". Duas passagens ordenam à terra que "trema" (1 Cr 16.30; Sl 96.9). No entanto, em contraste com os contextos mencionados acima, em que a terra tremeu, esses dois contextos estão completamente crivados de atos positivos de adoração (1 Cr 16.28, 29, 31; Sl 96.7, 8, 10). Por esta razão, é melhor nestes contextos interpretar *hûl* como termo positivo, que expressa adoração, quer como "dança" (*i.e.*, a *m'hôlâ* como dança religiosa), quer como um alegre "tremor" em adoração. O uso deste termo em Lamentações 4.6 (ARA, "subvertida") permanece impreciso.

O hifil é causativo, "fazer tremer" ou "causar angústia" (*BDB*; Sl 29.8. Observe que outros hifil são mais apropriadamente derivados de *yahel*: Gn 8.10; Jz 3.25; Lm 3.26). O hofal é passivo, "ser gerado", portanto "nascer", que é intransitivo em português (Is 66.8).

A maioria dos polel é mais corretamente entendida como intensiva no seu sentido, em lugar de causativa. Dar à luz (Jó 39.1), o contorcer-se dos "mortos" (ARA) ou das "sombras" (BJ) e a dança (Jz 21.23) são todos expressos de forma intensiva. Nessa forma, "dar à luz" é expandido em seu sentido, vindo a significar "formar" ou "criar" (Sl 90.2). Numa expressão semelhante, o vento norte "traz" chuva (Pv 25.23). Apenas uma ocorrência do polel parece ter sentido causativo; Salmos 29.9, onde o texto vocalizado se traduz "faz dar cria as corças" (ARA) ou "faz parir as cervas" (ARC), pode, alternativamente, com apenas ligeira modificação das vogais, ser traduzido "retorce os carvalhos" (JB) ou "sacode os carvalhos" (BLH), que oferece melhor paralelismo poético.

O pulal é o passivo do polel, e novamente em português é traduzido pelo intransitivo "nascer" (Jó 15.7; Sl 51.5[7]). Esta expressão pode ser usada como referência à criação ou a origens em escala cósmica (Pv 8.24, 25).

O hitpolel ocorre duas vezes, descrevendo a tempestade que redemoinha (Jr 23.19) e o tormento de um homem sofredor (Jó 15.20). Estas referências são mais facilmente entendidas como intensivas, embora possam, com alguma engenhosidade, ser entendidas como reflexivas. De igual modo, o hitpalpel é intensivo quando descreve a grande agitação ou o desespero de Ester ao tomar conhecimento do decreto contra seu povo (Et 4.4).

hōl. ***Areia.*** Geralmente usado como símile para grande número ou vastidão em qualquer outro respeito. O número de grãos de areia freqüentemente é a medida do número do povo de Deus. A Abraão foi prometido que sua descendência seria comparada à areia em número (Gn 22.17), e também assim a Jacó (Gn 32.13). A expressão descreve o número do povo de Israel sob a autoridade de Salomão (1 Rs 4.20) e também durante outros períodos de bênção especial (Is 48.19; Os 1.10 [2.1]). A comparação do número de israelitas à areia do mar é contrastada com o pequeno número que sobreviverá ao juízo divino (Is 10.22).

A areia também ilustra a quantidade de cereal (Gn 41.19), de soldados (Jz 7.12) e de codornizes enviados para alimentar os hebreus (Sl 78.27). A extensão do juízo divino é demonstrada pela referência ao fato de o número de viúvas ser como o da areia (Jr 15.8). Em duas passagens a areia ilustra o peso, em lugar da quantidade numérica (Jó 6.3; Pv 27.3). A areia ainda relembra a soberania de Deus em demarcar os limites dos mares (Jr 5.22). Não está claro se a frase "cativos como a areia" (Hc 1.9) refere-se ao número dos cativos ou à sua pouca importância. A quantidade ilimitada pode ser o significado da areia na expressão "os tesouros escondidos das areias" (Dt 33.19).

hîl. ***Dor, agonia, sofrimento.*** Esta palavra é usada quatro vezes antes de descrições de desastres iminentes para descrever dor ou agonia semelhantes à da mulher em trabalho de parto (Jr 6.24; 22.23; 50.43; Mq 4.9). Em duas passagens, o paralelismo contextual indica o sentido de "contorcer-se de terror" (Êx 15.14; Sl 48.6[7]). Em ambos os casos, as contorções físicas expressam o terror íntimo provocado pelo conhecimento dos grandes atos de Deus.

hîlâ. ***Dor(?), agonia(?).*** Aparentemente, forma feminina do substantivo anterior e, portanto, semelhante em significado. É usada num contexto difícil, no qual nenhum sentido definido pode ser determinado (Jó 6.10).

halhālâ. ***Contorção, agonia, terror.*** Contorções causadas, ou por angústia (Is 21.3), ou por terror (Ez 30.9).

māhôl. ***Dança.*** A dança pode significar alegria; alegria contrastada com o luto (Sl 30.11[12]; Lm 5.15) e as alegrias que virão com as bênçãos futuras de Deus (Jr 31.4, 13). A dança é, ainda, uma forma aceitável de louvor (Sl 149.3; 150.4).

mᶜhôlâ. ***Dança.*** Em nada difere semanticamente de *māhôl*. Expressa a alegria e a celebração por uma vitória militar (Êx 15.20; Jz 11.34; 1 Sm 18.6), ou ainda refere-se a uma dança puramente religiosa (Êx 32.19; Jz 21.21). A prova atualmente disponível não nos permite interpretação clara da "dança de Maanaim" (Ct 6.13 [7.1]; ARA).

A.B.

624 חוּל (*hûl*) ***II, ser firme, perdurar.***

Termo Derivado

624a חיל (*hayil*) ***força, poder.***

O sentido básico deste verbo é "ser firme, forte". É usado apenas duas vezes: os caminhos do ímpio aparentemente são "firmes" ("prósperos", ARA), e a "prosperidade" (dos ímpios) não perdurará (Jó 20.21). Outras formas semelhantes são consideradas derivados de *hûl* I.

hayîl. ***Poder, força, vigor; capaz, valente, virtuoso(a), valor; exército, hoste, forças; riqueza, riquezas, bens, posses et al.*** O sentido básico do substantivo é "força", do qual derivam "exército" e "riqueza". É usado 244 vezes.

No sentido de "força", "poder" em geral, *hayil* é usado cerca de 20 vezes: em relação a Deus (Sl 59.11[12], como vinda de Deus (Sl 18.32[33]), como a força física natural ao homem (Ec 10.10) e até mesmo do vigor dos vegetais (Jl 2.22).

Como a riqueza está freqüentemente ligada ao poder, *hayil* é assim usado com o significado de "riqueza" cerca de 30 vezes, sendo variadamente traduzida por "riqueza", "posses", "bens" ou "valor". Pode referir-se à riqueza de uma nação (Tiro, Ez 28.4, 5), de um indivíduo (*e.g.* Jó, Jó 31.25), dos ímpios (Jó 15.29) ou concedida por Deus (Dt 8.18).

Aproximadamente 85 vezes *hayil* é usado como atributo de pessoas. Segue a palavra *'îsh*, "homem" ("homem valente", 1 Rs 1.42), a palavra *bēn*, "filho" ("herói", 2 Sm 17.10)

e, na maioria das vezes, a palavra *gibbôr*, "valente" ("homem de grande valor"). O indivíduo assim designado parece ser o guerreiro de elite, similar ao herói dos épicos de Homero, e bem pode ser que o *gibbôr hayil* fosse membro de determinada camada social. Embora na maioria dos contextos estivesse envolvido seu heroísmo militar, tal indivíduo era rico o suficiente para pagar impostos especiais (2 Rs 15.20, onde o contexto sugere a tradução "poderosos e ricos"). O uso em 1 Reis 1.52 indica que a expressão *bēn hayil* (traduzida por "homem de bem") indicava uma pessoa honrada e de boa reputação. A vida de Adonias estava em perigo não por falta de dinheiro ou poder, mas por causa de sua traição. *hayil* também designa homens hábeis, capazes de cuidar das ovelhas de José (Gn 47.6) ou de julgar o povo (Êx 18.21, 25). Quando o termo é usado para descrever uma mulher (Rt 3.11; Pv 12.4; 31.10), é traduzido por "virtuosa", mas bem pode ser que uma mulher de tal calibre possuísse todos os atributos de seu equivalente masculino.

O uso de *hayil* para designar uma classe de pessoas raramente se acha fora dos livros históricos (de Js a 2 Cr). Além disso, a tradução muitas vezes obscurece a ocorrência, como "homens capazes", "homens valentes" (2 Rs 24.16), "homens ricos", "homens poderosos", "homem de bens" (1 Sm 9.1), homens fortes (BJ, Dt 3.18).

hayil segue *'āsâ*, "fazer", numa expressão idiomática que significa "agir nobremente" (Rt 4.11), "virtuosamente" (Pv 31.29) para mulheres, e "agir valorosamente" (Sl 60.12[14] *et al.*) para homens.

Como resultado do significado "força", *hayil* é usado mais de cem vezes (das quais cerca de metade se acham em Jeremias e Ezequiel) no sentido de "exército", ou "hoste", ou "forças". Nesses contextos pode também ser traduzido por "tropa de homens" (1 Sm 10.26), "exército" (Ed 8.22) e por "militares", na expressão "chefes militares" (2 Cr 33.14).

Num sentido relacionado, *hayil* é usado para descrever a comitiva que acompanhava a rainha de Sabá em sua visita a Salomão (1 Rs 10.2; 2 Cr 9.1; traduzido por "comitiva" [ARA e ARC], "grupo de servidores" [BLH] e "riquezas" [BJ]).

C.P.W.

625 חוּם (*hwm*). **Aceita como raiz de:**

625a חוּם (*hûm*) ***negro, escuro, marrom escuro*** **ou** ***preto*** (Gn 30.32, 33, 35, 40).

חוּמָה (*hômâ*). Veja o n.º 674c.

626 חוּס (*hûs*) ***ter compaixão, poupar.***

O sentido básico de *hûs* é "olhar com compaixão", freqüentemente com a conotação de "poupar". Refere-se ao sentimento de empatia para com quem se acha em dificuldades (*cf.* *KB*, p. 282). Deve ser distinguido do verbo *hāmal*, "poupar", e de *rāham*, "amar", "ter misericórdia de", embora as distinções às vezes desvaneçam. A palavra ocorre 24 vezes.

Esta palavra ocorre sobretudo em Deuteronômio e nos profetas, especialmente em Ezequiel. O povo recebe a ordem de não ter compaixão de assassinos (Dt 19.13), dos que dão falso testemunho (Dt 19.21) ou da mulher que agarra pelos órgãos genitais um homem envolvido numa briga (*cf.* Dt 25.12). Todos esses merecem seu castigo e não devem ser poupados por motivo de compaixão. Em Deuteronômio 13.8 é usado com sentido negativo ao lado de *hāmal*. Assim Deus descreve como ele quer que seu povo reaja diante do idolatra: "teus olhos não terão piedade deles. Não os poupes! Eles mereceram o castigo que terão". Assim, os israelitas não deveriam sentir tristeza pelos cananeus (Dt 7.16), que não deveriam ser poupados. Ezequiel lembra o povo de que eles receberam tratamento

especial em seu nascimento como nação por parte do próprio Deus que se compadecera deles (*hûs*) e os poupara (*hāmal*) da destruição certa (16.5). O povo é relembrado de sua subseqüente falta de resposta obediente e amorosa por ter-se envolvido em idolatria. Por isso, Deus pronuncia o juízo de Deuteronômio 13.8[9] (Ez 5.11; 7.9 *et al.*), ou seja, a morte. As versões alternam a tradução de *hûs* ("poupar" [ARA], "compadecer-se" [BJ]) e *hāmal* ("ter piedade" [ARA], "poupar" [BJ]), mas não parece haver razão para tal troca de significados, especialmente porque os usos desses verbos por Ezequiel claramente aludem a Deuteronômio 13.8[9], onde ambas adotam o significado natural. Jeremias usa *hûs* duas vezes, com *hāmal* e com *rāham*. Veja ainda *rāham*.

O sentido básico de *hûs* aparece em Ezequiel 24.14, onde o verbo aparece entre "tornar atrás" e "arrepender-se", aparentemente como paralelo de ambos. Os três verbos descrevem ações divinas, numa recusa em cancelar o julgamento vindouro. Assim, essa palavra denota a recusa divina em poupar o povo do juízo antecipado devido à sua compaixão. De igual modo, em Jonas 4.10, Deus relembra o profeta de que este se sentira compadecido da planta da mesma maneira que ele se entristecera e se compadecera de suas criaturas (nenês e animais; *KD*, *in. loc.*) em Nínive. Faraó fala à família de José que abandone a maior parte de suas posses materiais e não se apegue a elas emocionalmente, *i.e.*, não se compadeça (*hûs*) delas (Gn 45.20).

Às vezes é difícil distinguir entre *hûs* e *hāmal* ("poupar"), como em Ezequiel 20.17, onde aparece como paralelo de "eu não os destruí" (*cf.* Sl 72.13, em que é paralelo de "salvar"). Em outros lugares parece aproximar-se do sentido de *rāham*, o sentimento íntimo de compaixão nascida de um elo natural (ou, no caso de Deus, de adoção). *Cf.* Ne 13.22, onde ele pede a Deus que se recorde dele com base em *hûs* e misericórdia.

L.J.C.

חוֹף (*hôp*). Veja o n.º 710a.

627 חוּץ (*hwts*) **I. Aceita como raiz de:**

627a חוּץ (*hûts*) ***fora, exterior, rua.***

627b חִיצוֹן (*hîtsôn*) ***externo, exterior.***

hûts. ***Fora, campo, estrada, para fora, rua, exterior.***

Este substantivo, que ocorre 164 vezes, significa basicamente "fora". Pode referir-se à superfície externa da estrutura ou do objeto em questão, ou pode ser a área externa adjacente. A palavra é freqüentemente combinada com vários afixos e traduzida adverbialmente, "(para) fora". Refere-se especificamente, muitas vezes, à área externa das casas, especialmente às "ruas".

hûts é usado aproximadamente 54 vezes com referência a uma comunidade, quer uma cidade, quer o primitivo arraial israelita. No Pentateuco é freqüentemente usado dessa maneira. Os leprosos deveriam ficar fora do arraial (Nm 5.3; 12.14); parte da oferta pelo pecado era queimada fora do arraial (Lv 4.12). De igual modo, *hûts* pode referir-se à região adjacente a uma cidade, fora de suas muralhas. Ló e sua família foram deixados fora de Sodoma (Gn 19.16); os mercadores pernoitavam fora de Jerusalém no sábado (Ne 13.20). No sentido de área específica fora da cidade, é traduzido por "campo(s)"; é usado para descrever o lugar onde nascem as ovelhas (Sl 144.13; ARC, "ruas") e como sinônimo

de *sādeh*, "campo" (Pv 24.27).

A palavra também é usada cerca de 35 vezes com referência a uma estrutura, tal como uma tenda (Lv 14.8), uma casa (Êx 12.46; Js 2.19), um templo (Ez 41.25) ou simplesmente fora de uma construção qualquer (Ed 10.13). Dentro de uma cidade, a palavra *hûts* significa "rua", e é assim traduzida cerca de 50 vezes, especialmente no plural (Jr 5.1; 11.13 *et al.*). A referência a *hûst* em 1 Reis 20.34 provavelmente envolve comércio, e por isso a ARA acertadamente traduz por "bazares". É usada como paralelo de *rᵉhôb*, "praça". *hûts* pode ser identificada como uma rua específica, como a Rua dos Padeiros (Jr 37.21).

"Fora" pode referir-se a um local dentro de um prédio, mas fora de um aposento específico (Êx 26.35). Pode referir-se à superfície externa de um objeto tal como a Arca da Aliança (Êx 25.11) ou a arca de Noé (Gn 6.14), e em tal caso é usado em contraste com *mibbayit*, "por dentro" (derivado da palavra *bayit*, "casa"). A palavra pode significar ainda "fora" de um determinado clã ou família imediata (Dt 25.5; Jz 12.9).

O uso em Eclesiastes 2.25 (ARA, "separado"; ARC, "melhor") é problemático. Se o sentido é o de "mais", *hûts* deve significar "fora" no sentido de "além". A tradução da ARA, "separado deste", mantém o sentido original de *hûts* e se encaixa bem no contexto, mas substitui o pronome original hebraico "mim" ou "eu" pela terceira pessoa, "este" (Deus), seguindo a LXX.

A palavra é parte do topônimo Quiriate-Huzote (Nm 22.39), "a cidade das ruas", cidade de Moabe cuja localização ainda não foi identificada.

hîtsôn. ***Externo, exterior.*** Esta palavra é uma forma adjetiva de *hûts*, cujo significado básico é "externo" ou "exterior".

É usada 25 vezes, 17 delas em Ezequiel 40—46, onde em geral se refere ao pátio externo. A maioria das outras ocorrências refere-se à localização de estruturas. Duas vezes (1 Cr 26.29 e Ne 11.16) a palavra aplica-se aos deveres e responsabilidades dos oficiais. Este uso pode ser figurado, designando a natureza secular do serviço ("profanos", BJ). "Obra de fora" (ARC) foi substituída nas versões mais recentes.

C.P.W.

628 חוץ (*hwts*) **II. Aceita como raiz de:**

628a חיץ (*hayits*) ***parede interna, parede fina*** (Ez 13.10).

629 חוק (*hwq*), חיק (*hyq*). **Aceita como raiz de:**

629a חֵיק (*hêq*) ***sulco, dobra, colo, regaço, seio.***

A idéia básica da palavra é a de uma forma côncava ou cavidade, de onde as idéias de um sulco formado pela dobra de uma veste na região do peito e a concavidade do colo humano são derivadas.

Essa idéia de concavidade é mais bem ilustrada, em seu sentido literal, pelo "fundo" do carro de guerra de Acabe, no qual se ajuntou o sangue do rei (1 Rs 22.35). Todavia, o significado da palavra em Ezequiel 43.13, 14, 17 (ARA, ARC, BJ e BLH, "base") é difícil de discernir. Algumas sugestões incluem "canal para o sangue" (*KB*), "moldura" (*KB*), "fundo côncavo do altar" (*BDB*), e "fundo" (*ASV*). "Pôr no regaço" é um eufemismo ligado a relações sexuais (Gn 16.5, ARC).

Uma variedade de idéias abstratas e figurativas é expressa por este termo. É possível enfatizar a intimidade familiar (Dt 28.54; Mq 7.5). O cuidado atencioso e o desvelo podem ser por ele expressos, como no caso do desvelo do pobre para com sua ovelha (2 Sm 12.3), do cuidado da viúva para com seu filho enfermo (1 Rs 17.19) e da promessa divina de carregar seu povo junto ao seio (Is 40.11). Colocar as esposas do rei morto ou deposto no regaço do novo rei representava a autoridade desse monarca (2 Sm 12.8; *cf.* também 2 Sm 16.20-23). Noemi colocou formalmente o filho de Rute no seu "regaço" como símbolo de que o menino era seu legítimo herdeiro (e também herdeiro de seu falecido marido; Rt 4.16).

O "regaço", como outros termos físicos (*e.g.*, "ossos", "rins" e coração"). pode servir de termo enfático, íntimo para designar a própria pessoa. Julgamento "no regaço" destaca o objeto do julgamento com intimidade especial (Is 65.6; *cf.* Jr 32.18). A ira acumulada no "íntimo" dos insensatos (Ec 7.9), fogo no "seio" (Pv 6.27) e a oração que volta ao "peito" de quem ora (Sl 35.13, ARC) são outros exemplos típicos deste tema (*cf.* ainda Sl 89.50[51]; Jó 19.27, *lit.*, "meus rins no meu regaço se acabaram").

A.B.

630 חָוַר (*hāwar*) ***ser branco, pálido; empalidecer*** (apenas em Is 29.22).

Termos Derivados

630a חוּר (*hûr*) ***tecido branco*** (Et 1.6; 8.15).

630b חוּרָי (*hûrāy*) ***pano branco*** (ARC); ***pano de algodão*** (ARA).

630c חֹרִי (*hōrî*) ***pão alvo*** (ARA), ***pão branco*** (ARC, Gn 40.16).

חוּרָי (*hûrāy*). Veja o n.º 630b.

631 חוּשׁ (*hûsh*) ***I, apressar, apressar-se.***

Termo Derivado

631a חִישׁ (*hîsh*) ***rapidamente.*** Usado apenas em Salmos 90.10, em relação à curta duração da vida humana.

hûsh é cognato do acadiano *hāshu*, "mover-se rapidamente", e do ugarítico *hsh*, "apressar-se" (*UT*, 19: 849). O verbo ocorre 20 vezes, nos graus qal e hifil.

Isaías 5.19 denuncia aqueles que, insinceramente, dizem: "apresse-se Deus e leve a cabo a sua obra para que a vejamos". Embora Deus às vezes demore para entrar em ação, ele declara: "Eu, o SENHOR, a seu tempo, farei isto prontamente" (Is 60.22).

E por esta razão que os salmistas tão freqüentemente insistem: "apressa-te em socorrer-me" (Sl 22.19[20]; 38.22[23]; 40.13[14]; 70:1, 5 [2, 6]; 71·12; 141.1).

Isaías (8.1, 3) foi instruído a dar a seu filho o nome de *Mahēr-shālāl-hāsh-baz*, "Rápido-despojo-ligeira-presa", dando a entender que a queda de Damasco e de Samaria diante dos assírios era iminente. Um nome egípcio da décima oitava dinastia, *is h 'k*, significa algo parecido, "Apressa-te-toma-o-despojo".

Bibliografia: HUMBERT, Paul, Mahēr sālāl hās baz, ZAW, 50:92.

E.Y.

632 חוש (*hûsh*) ***II, ser ou estar agitado, preocupar-se; desfrutar (?).***

Cognato do acadiano *hāshu*, "preocupar-se", do aramaico *hăshash*, "sofrer", "preocupar-se", do siríaco *hash*, "sentir", e do árabe *hassa*, "sentir". Este termo aparece em duas passagens, possivelmente numa terceira. Em Jó 20.2, Zofar não se refere à sua pressa interior, mas à sua agitação.

Eclesiastes 2.25 é entendido como "desfrutar" por muitos comentaristas, de modo que a pergunta é formulada: "sem Deus, quem pode comer ou desfrutar a vida?", com base em Eclesiastes 2.24 e no acadiano *hashāshu*, "ser feliz". Ellermeier, todavia, afirma que o verbo significa "preocupar-se", no sentido de que Deus é responsável não apenas por situações que nos são agradáveis, mas também por aquelas que nos causam preocupação.

Em Isaías 28.16, em lugar de "aquele que crê não foge", Driver sugere "não ficará agitado". Talvez, ainda, as letras *hsh* reflitam um erro de grafia a partir de *bsh*, "ser envergonhado" (*cf.* LXX e Rm 9.33; 1 Pe 2.6).

Bibliografia: DRIVER, G. R. Studies in the vocabulary of the Old Testament II, *JTS*, 32:253-4. — ELLERMEIER, Friedrich, Das Verbum hûsh in Koh 2:25, *ZAW*, 75:197-217.

E.Y.

633 חזה (*hăzâ*) ***I, olhar, ver, contemplar, profetizar, prover.***

Termos Derivados

633a חָזוֹן (*hăzōn*) ***visão.***

633b חֹזֶה (*hōzeh*) ***vidente.***

633c חָזוֹת (*hăzôt*) ***visões.*** Ocorre apenas em 2 Crônicas 9.29.

633d חֲזוּת (*hăzût*) ***visão.***

633e חִזָּיוֹן (*hizzāyôn*) ***visão.***

633f מַחֲזֶה (*mahăzeh*) ***visão.***

633g מֶחֱזֶה (*mehĕzâ*) ***luz; lugar de visão, janela.*** Ocorre apenas em 1 Reis 7.4, 5.

Como a palavra "contemplar" em português, esta palavra ocorre quase exclusivamente em poesia ou em prosa elevada. É usada exclusivamente no qal, mas aparece em todas as formas desse grau. Com mais de 50 ocorrências, esta palavra é, aparentemente, termo clássico de uso muito freqüente.

hăzâ e *hăzā'* paralelas ao uso do hebraico.

A palavra *rā'â*, usada aproximadamente 1 400 vezes no AT, apresenta um escopo semelhante de usos literais, metafóricos e secundários, como acontece com seus equivalentes em português, "olhar", "ver" e "contemplar".

Qualquer palavra que signifique "ver com os olhos", a mais vívida forma de sensação, parece fadada a ser empregada para descrever qualquer sensação (por meio dos olhos, dos ouvidos, do nariz, da língua e da pele), bem como para percepções mentais ou espirituais. Observe-se como pelo menos dois sentidos diferentes são atribuídos aos olhos na mais notável metáfora mista de toda a literatura, quando os israelitas reclamam com Moisés e Arão: "fizestes nosso sabor feder aos olhos de Faraó" (tradução literal de Êx 5.21). No

caso de *hāzâ* o sentido literal absoluto é raro. Sentidos metafóricos e especiais são mais comuns, como se segue:

1) O sentido literal, percepção com os órgãos físicos da visão (Jó 27.12; Pv 22.29; 29.30).

2) A maneira especial em que o(a) amante de Cantares olha para sua(seu) amada(o) (Ct 6.13 [7.1]).

3) Providenciar algo, *i.e.*, prover (do latim *pro-videō*, "tratar de"). A idéia é a de assegurar a existência de algo necessário em determinada ocasião ou necessidade (Êx 18.21; a frase final de Is 57.8 pode ser uma referência à provisão feita por Israel de objetos para rituais idolatras).

4) Esta palavra é levada para o campo do puro entendimento espiritual em duas passagens notáveis (Jó 36.25 e Sl 63.2[3]).

5) Metaforicamente ela descreve o conhecimento divino das ações, boas ou más, praticadas entre os homens (Sl 11.4; 17.2).

6) A visão imediata de Deus por parte de pessoas especialmente escolhidas (Êx 24.9-11).

7) A visão reveladora concedida por Deus a mensageiros escolhidos, *i.e.*, os profetas. Tal era, aparentemente, a experiência de Balaão, filho de Beor (Nm 24.4, 16). Esta visão dos profetas acontecia, algumas vezes, enquanto despertos, mas também "no espírito" (veja Nm 24.2). As vezes, a experiência de "ver" um sonho revelador é designada por *hāzâ* e *hăzā'* (aram.). Veja Dn 2.26; 4.5, 9 [2, 6]; *etc.*

8) A visão de Deus que todos os santos terão depois da morte, sem referência a nenhum órgão físico de visão, é designada por *hāzâ* em duas passagens muito importantes (Sl 17.15; Jó 19.26, 27, possivelmente também Sl 11.7; Is 33.17).

9) Dada a importância da visão reveladora como veículo do conhecimento especial das coisas divinas pelos profetas, a palavra às vezes significa "falar como profeta" (Is 30.10, "não profetizeis para nós o que é reto"). Pode ser que este sentido ativo (profetizar, falar como profeta) e não o sentido passivo de receber revelação profética, esteja presente em Isaías 1.1 ("que ele viu", *etc.*) e em outras passagens similares (Is 2.1; 13.1; Lm 2.14; Ez 13.8; Am 1.1; *etc.*). Mesmo falar como falso profeta pode ser descrito pela palavra *hāzâ* (Zc 10.2). O sentido ativo é praticamente certo nesta última passagem, a íntima associação de *hāzâ* e das formas derivadas *hōzeh*, *hāzôn* e outras com a profecia é vista na maneira pela qual o "vidente" é por vezes definido pelo termo técnico *nabî'* (2 Sm 24.11; veja especialmente Ez 12.27).

hāzôn. ***Visão.*** Esta palavra tem um escopo de utilização semelhante ao de *hizzāyôn*, *mahăzeh* e outros derivados de *hāzâ*. Como *hāzôt*, é usada nos títulos de certos livros proféticos (Naum e Isaías).

hōzeh. ***Vidente.*** Derivado de *hāzâ*. Das 22 ocorrências desta palavra, 11 estão relacionadas com o nome de uma pessoa em particular, indicando seu ofício profético (Gade, 2 Sm 24.11; 1 Cr 21.9; 1 Cr 29.29; 2 Cr 29.25; Hemã, 1 Cr 25.5; Ido, 2 Cr 9.29; 12.15; Hanai, 2 Cr 19.2; Asafe, 2 Cr 29.25; Jedutum, 2 Cr 35.15; Amós é designado como um *hôzeh*). A identidade dos ofícios de *nābî'* (vários mss) e *hôzeh* (em aposição) é demonstrada em 2 Reis 17.13. Tal ponto de vista é reforçado por Amós 7.12, onde Amós é descrito como um *hōzeh* que profetiza, *viz. hōzeh [...] tinnābē'*. Isaías 29.10 une ainda mais *hōzeh* e *nābî'*. Parece, portanto, que *hōzeh* é apenas uma palavra mais elegante que

rō'eh, mas de sentido quase idêntico (*cf.* 1 Sm 9.9). Três palavras podem designar um profeta do AT. "Os atos, pois, do rei Davi, [...] estão escritos nas crônicas registradas por Samuel, o vidente [*rō'eh*], nas crônicas do profeta [*nābî'*] Natã, e nas crônicas de Gade, o vidente [*hōzeh*]" (1 Cr 29.29).

Seja qual for a derivação de tais palavras, as Escrituras testificam de que *nābî'* significa porta-voz de Deus (Êx 7.1, 2; *cf.* Êx 4.16; Jr 23.16; Is 1.20; Zc 7.12; Am 3.8; 7.16). *rō'eh* e *hōzeh* preservam para nós a percepção de que Deus às vezes fazia revelações aos profetas por meio de visões, *i.e.*, pela visão.

(Consultar o excelente tratamento do assunto em FREEMAN, Hobart E., *An introduction to the OT prophets*, Moody, 1968, p. 37-41).

hāzût. ***Visão, visibilidade***. Ocorre cinco vezes no AT. Em três delas mal se distingue em sentido do segundo significado de *hizzāyôn* (*q.v.*) — mensagem, discurso ou oráculo proféticos. Duas vezes, em Daniel, tem o sentido mais adjetivo de algo que é claramente visível (Dn 8.5, 8).

hizzāyôn. ***Visão.*** Este é um dos muitos substantivos derivados de *hāzâ*. É muito próximo de *mahăzeh* (que aparece apenas três vezes, Gn 15.1; Nm 24.4; Ez 13.7, sempre com referência a visões reveladoras legítimas ou ao menos assim alegadas). Das nove ocorrências de *hizzāyôn* no AT, cinco referem-se à função profética. Como no caso de *hāzâ* (ver, ter uma visão), pode designar uma mensagem-oráculo vinda de Deus, *e.g.*, as "palavras" proféticas de Natã a Davi (2 Sm 7.17) são chamadas de *hizzāyon* (especificamente *haddᵉbārîm hā'ēlleh* é paralelo de *hāhizzāyôn hazzeh*). Os amigos de Jó utilizam a palavra quatro vezes, aparentemente com o mesmo sentido (Jó 4.13; 7.14; 20.8; 33.15).

Bibliografia: PFEIFFER, R. H., Wisdom and vision in the O.T., *ZAW*, 11:93-101. — RICHARDSON, *TWB*, p. 277. — ROWLEY, H. H., Ritual and the Hebrew prophets, *JSS*, 1:338-60. — SCOTT, R. B. Y., Oracles of God. *Interp*, 2:131-42. — *THAT* 1:533-7.

R.D.C.

634 חזה (*hzh*) II. Aceita como raiz de:

634a חזהּ (*hăzeh*) ***peito de animal sacrificado.*** A palavra aparece 13 vezes em Êxodo, em Números e especialmente em Levítico.

As porções do peito do "carneiro da ordenação de Arão" (Êx 29.26, 27; *cf.* Lv 8.29), das ofertas pacíficas (Lv 7.30, 31, 34; 9.20, 21) e da oferta dos nazireus (Nm 6.20) eram "movidas" (Nm 6.20; Lv 7.34; 10.14, 15; *etc.*), ou seja, num movimento horizontal que simbolizava sua apresentação a Deus. Depois disso, tornavam-se as porções dos sacerdotes.

Embora a palavra hebraica seja usada apenas em relação a animais, o cognato aramaico *hădēh* aparece uma vez em sua forma plural para descrever o tórax da imagem vista por Daniel (Dn 2.32). No Apócrifo de Gênesis 20.4, o dual *hdyh* é usado na descrição de Sara: "Quão belos são seus seios".

E.Y.

חָזוֹן (*hāzôn*). Veja o n.º 633a.

635 חזז (*hzz*)

חֲזוֹת (*hāzôt*). Veja o n.º 633c.

חֲזוּת (*hāzût*). Veja o n.º 633d.

635 חזז (*hzz*). **Aceita como raiz de:**

635a חָזִיז (*hăzîz*) ***raio, relâmpago, nuvens de chuva*** [ARA] (Jó 28.26; Zc 10.1).

חִזָּיוֹן (*hizzāyôn*). Veja o n.º 633e.

חָזִיז (*hăzîz*). Veja o n.º 635a.

חָזִיר (*hăzîr*). Veja o n.º 637a.

636 חָזַק (*hāzaq*) ***ser (tornar-se) forte; fortalecer; prevalecer, endurecer, ser corajoso, ser severo.***

Termos Derivados

636a †חָזָק (*hāzāq*) ***forte.***

636b †חֶזְקָה (*hezqâ*) ***força*** (uma vez na forma masculina *hēzeq*).

636c †חֹזֶק (*hōzeq*) ***força.***

636d †חָזְקָה (*hōzqâ*) ***força.***

O sentido básico desta palavra no qal é "ser (tornar-se) forte". No geral, o piel é o sentido causativo do qal, "fortalecer". O hifil significa "tomar posse", "agarrar", "assenhorar-se", ao passo que o hitpael indica "fortalecer-se" e, num sentido derivado, "ser corajoso", "ter coragem". O uso de *hāzaq* é similar ao de *'āmēts* e de *'āzaz*, exceto no hifil, que é mais semelhante ao qal de *'āhaz*. Este verbo é usado 291 vezes.

A forma do qal, usada 82 vezes, significa "ser forte" ou "tornar-se forte". Na maioria dos casos pode ser assim traduzido, mas muitas vezes a variedade de contextos estimula ou exige variedade de traduções. Na maioria das vezes a palavra é usada para força ou valor em combate (1 Rs 20.23). A exortação a ser forte em combate pode ser simplesmente uma exortação a demonstrar coragem (e é assim traduzida em 2 Sm 10.12).

Em Gênesis 41.56 "forte" é usado no sentido de "severa", descrevendo a fome em Canaã. De igual modo, uma batalha pode ser "severa" ou "renhida" (2 Rs 3.26). No contexto, "ser mais forte que" passou a significar "prevalecer sobre", no sentido de que a palavra de Davi prevaleceu sobre a de Joabe (2 Sm 24.4), Davi prevaleceu contra o filisteu (1 Sm 17.50) e Jotão sobre os amonitas (2 Cr 27.5). Quando usada em relação ao coração de Faraó, o sentido é de "endurecer" (Êx 7.13 e s).

[O endurecimento do coração de Faraó é um velho problema, de natureza mais teológica do que lingüística. O verbo *hāzaq* é usado 12 vezes na narrativa (Êx 4—14), na maioria das vezes tendo o Senhor como agente. Quatro vezes, porém, é usado no sentido passivo ou de estado ("o coração de Faraó se endureceu"). Além disso, o verbo *kābēd* é usado cinco vezes, tendo como agente tanto o Senhor quanto Faraó, e também aparece no sentido passivo. O verbo *qāshâ* é usado uma vez, com o Senhor como agente. Não há diferença perceptível no uso dessas palavras. É claro que Faraó era um pecador

impenitente desde o princípio (cap. 5). Talvez seja suficiente indicar esse fato e observar que todo o endurecimento divino desse pecador obstinado era judicial em sua natureza, e foi feito para que a libertação divina de Israel se tornasse ainda mais memorável. Isso, também, estava no plano de Deus (Êx 9.16), embora seja também inexplicavelmente verdade que Faraó pecou de livre vontade e foi, portanto, terrivelmente culpado (*cf.* At 4.25-28). R.L.H.]

Outros sentidos resultantes incluem "ser seguro" (Dt 12.23), "esforçar-se" (Js 23.6), "prender-se" (2 Sm 18.9, da cabeça de Absalão presa ao carvalho; o causativo deste sentido é comum no hifil), "recuperar-se" (Is 39.1, Ezequias de sua doença), "duras" (as palavras do povo contra Deus, Ml 3.13).

A forma do verbo no qal é usada duas vezes (2 Cr 28.20; Is 28.22) com o sentido de "fortalecer", próprio do piel.

O sentido básico do grau piel (usado 64 vezes) é um causativo do qal, "fortalecer". Como no qal, ocorre freqüentemente em contextos de batalha ou combate. Muitas vezes o objeto do verbo são as mãos ou os braços de uma pessoa. "Fortalecer as mãos" pode significar "ajudar" (Ed 1.6) ou, com mais freqüência, "encorajar", "animar" (1 Sm 23.16). A pessoa encorajada pode ser o objeto direto do verbo (2 Sm 11.25; Is 41.7). "Fortalecer" pode ser simplesmente traduzido por "ajudar", "auxiliar" (2 Cr 29.34).

O piel é usado 16 vezes no sentido de "reparar", "consertar" (2 Rs 12.5 e s.). Como no qal, quando o objeto do verbo é o coração (dez vezes), o verbo é traduzido "endurecer" (Êx 4.21 e s.). É usado duas vezes no sentido de "prender, fixar", como pelo uso de pregos (Is 41.7; Jr 10.4).

O hifil freqüentemente (63 vezes) significa "segurar", "agarrar", "prender". É usado 34 vezes em Neemias no sentido de "reparar", referindo-se à reconstrução dos muros de Jerusalém. Outros usos são variados: "prevalecer" (Dn 11.7), "sustentar" (Lv 25.35), "comportar" (2 Cr 4.5), "reter" (Jz 7.8), "constranger" (2 Rs 4.8), "animar" (2 Sm 11.25), "amparar", *i.e.*, "fortalecer a mão" (Ez 16.49), "aderir" (Ne 10.29) e "fazer reparação [ARA]", "trabalhar com todas as forças [BLH]" (Ne 5.16).

O hitpael (usado 27 vezes) é traduzido por uma variedade de maneiras, mas costumeiramente assinala o reflexivo de algum uso do grau qal, ou seja, "fortalecer-se", "animar-se".

ḥāzāq. ***Forte, poderoso, duro.*** Este adjetivo significa "forte" no sentido de "poderoso" (incluindo o poder de resistir). De suas 57 ocorrências, 23 se referem à "forte mão", que na maioria das vezes indica o poder de Deus, como no Êxodo. A palavra também se refere à força do homem (Calebe, Js 14.11), do vento (Êx 10.19; 1 Rs 19.11) e da espada (uso figurativo, Is 27.1). Embora a palavra freqüentemente se refira à mão poderosa de Deus, não parece servir de designação substituta da divindade (como acontece com *'elyôn*).

Este adjetivo é traduzido de várias maneiras porque ocorre em muitos contextos distintos. Quando aplicado ao toque de uma trombeta, significa "alto" (Êx 19.16). Quando aplicado a uma doença (1 Rs 17.17) ou fome (1 Rs 18.2), é apropriadamente traduzido por "severa", "grave". Em referência à guerra a ARA e a ARC utilizam a palavra "forte" (1 Sm 14.52), ao passo que a BLH usa o advérbio "ferozmente" e a BJ usa o adjetivo "encarniçada").

Quando a referência é ao rosto, à testa ou ao coração, *hāzāq* implica teimosia inamovível ou forte resistência (Ez 2.4; 3.7, 8, variadamente traduzida por "obstinada e dura de coração" (ARA), "teimosos e rebeldes" (BLH), "de rosto obstinado e dura de coração"

(ARC), e "nuca inflexível e coração empedernido" (BJ). Também é usado como substantivo, "forte" (Ez 34.16), "poderoso" (Jó 5.15).

ḥezqâ. ***Força, forte, ser forte.*** Este substantivo é usado quatro vezes com o sentido de "força", mas traduzido como verbo em alguns contextos.

ḥōzeq. ***Força.*** O substantivo, usado cinco vezes, significa "força", mas sempre no sentido de bravura na guerra.

ḥōzqâ. ***Força.*** Usado em construções preposicionadas com sentido adverbial: ***duramente, fortemente, à força.***

C.P.W.

637 חזר (*ḥzr*). **Aceita como raiz de:**

637a חֲזִיר (*ḥăzîr*) ***porco, javali*** (*e.g.*, Lv 11.5; Dt 14.8).

638 חָטָא (*ḥāṭā'*) ***errar, sair do caminho, pecar, tornar-se culpado, perder, purificar da impureza.***

Termos Derivados

638a †חֵטְא (*ḥēṭ'*) ***pecado.***

638b †חַטָּא (*ḥaṭṭā'*) ***pecador.***

638c †חַטָּאָה (*ḥaṭṭā'â*) ***pecado, coisa pecaminosa.***

638d †חֲטָאָה (*ḥăṭā'â*) ***pecado, oferta pelo pecado.***

638e †חַטָּאת (*ḥaṭṭā't*) ***pecado, oferta pelo pecado.***

Esta raiz aparece cerca de 580 vezes no Antigo Testamento e é, assim, a principal palavra para descrever o conceito de pecado. O sentido básico da palavra é o de errar um alvo ou um caminho. É usada duas ou três vezes em ugarítico para significar "pecado" (*UT*, 19:952, *Ais WUS*, 1019).

As formas verbais ocorrem em contextos seculares com freqüência suficiente para oferecer um quadro básico do significado da palavra. Em Juízes 20.16 os benjamitas canhotos que atiravam com a funda tinham tal perícia que arremessavam pedras contra alvos minúsculos e não "erravam". Num contexto diferente, Provérbios 19.2 fala do homem precipitado que "erra em seu caminho" (BLH). Uma idéia semelhante de não encontrar o alvo aparece em Provérbios 8.36; o conceito de falha ou fracasso fica implícito.

O verbo tem a conotação de violação da lei civil, *i.e.*, a falha em viver segundo as expectativas, em Gênesis 40.1. Compare a nuança internacional de 2 Reis 18.14 e o tom acusatório da palavra "culpa", em Exôdo 5.16. Os egípcios tinham deixado de fornecer palha para a fabricação dos tijolos. Rompimentos sérios de relacionamentos pessoais são destacados pelo uso do verbo, com ênfase negativa em 1 Samuel 19.4 e 24.12, mas positivamente na confissão de Saul, em 26.21. Compare ainda Juízes 11.27.

Exemplo do sentido de ter falta de alguma coisa acha-se em Jó 5.24, onde as versões portuguesas modernas captaram bem o sentido. Nesta passagem o verbo *ḥāṭā'* significa "ter menos que o total". Um corolário no campo das relações interpessoais acha-se em Gênesis 43.9; 44.32. Judá propõe que seja considerado "culpado" caso deixe de cumprir

promessa. Estendido a obrigações religiosas, a forma *hātā' min*, em Levítico 4.2, [illegible]a falha ou incapacidade de observar as leis de Deus e, em Levítico 5.16, denota ação [illegible] não foi suficiente, uma insuficiência no cumprimento de um dever religioso.

Quando *hātā'* é seguido por *l'*, indica que houve falha em respeitar os direitos e os interesses de outra pessoa, *e.g.*, Gênesis 20.9; Juízes 11.27; 2 Crônicas 6.22, ou até mesmo de Deus, *e.g.*, Êxodo 10.16; 1 Samuel 2.25. Freqüentemente Deus é o objeto do verbo.

Seguido de *b'*, todavia, *hātā'* denota forte oposição. Veja Gênesis 42.22; 1 Samuel 14.4 e s.; Jó 2.10; Neemias 9.29. Em resumo, pode-se dizer que *hātā'* mais *l'* é bem pessoal, ao passo que *hātā'* mais *b'* denota idéias mais físicas.

Nas muitas ocorrências em que o verbo ocorre no qal o objeto é Deus ou suas leis, ou então o verbo é intransitivo. Quando age desse modo, o homem está-se desviando do alvo ou do padrão que Deus tem para ele; está deixando de obervar os requisitos de uma vida santa, ou ficou aquém de uma inteireza espiritual. O particípio parece designar o pecador em Provérbios 13.22; Isaías 65.20 e em todas as ocorrências em Eclesiastes. Em Isaías 1.4, todavia, designa a condição de ser menos que aceitável perante Deus.

Assim, como outras palavras relacionadas ao conceito de "pecado", *hātā'* presume um padrão ou uma lei absoluta. Todavia, enquanto *pesha'* significa uma "revolta contra o padrão" e *'āwâ* significa "desviar-se de um padrão" ou "torcer o padrão", *hātā'* significa "errar o alvo", "ficar aquém do padrão". A palavra grega *anomia*, "pecado", consiste do prefixo privativo com a palavra para "lei", significando assim "sem lei". O julgamento, portanto, é implícito, pois a lei é vigente mesmo que o pecador pense que está "sem lei".

No grau piel, o verbo tem conotação privativa, de exclusão ou perda, como em Gênesis 31.39, onde Jacó teve de "sofrer o dano" por qualquer animal que se perdesse. No sentido religioso, a maioria das ocorrências do piel denota uma cerimônia de limpeza ou purificação durante a qual o pecado era expurgado, *e.g.*, Êxodo 29.35; Levítico 14.29; Números 19.19; Salmos 51.7[9] e todas as ocorrências em Ezequiel. Ver também o mesmo sentido no grau hitpael (Nm 8.21; 19.12, 13, 20; 31.19, 20, 23; Jó 41.25[17]). Em Levítico 9.15 e 2 Crônicas 29.24 esta forma verbal significa "apresentar uma oferta pelo pecado".

No grau hifil o verbo significa "fazer alguém pecar". Êxodo 23.33 adverte os israelitas por permitirem que os cananeus os induzissem ao pecado. O pecado de Jeroboão era o padrão pelo qual os maus reis do reino do Norte eram julgados (1 Rs 14.16; 15.30; *etc.*); cf. Neemias 13.26. O verbo parece ter o sentido de culpa em Deuteronômio 24.4. A idolatria é o pecado contra o qual as advertências são fundamentalmente dirigidas.

חֵטְא. ***Pecado, castigo.*** Esse substantivo masculino é o ato de *hātā'*, que se constitui num desvio do alvo, um desvio da obediência, uma falta de inteireza ou de aceitação perante Deus. Aparece 35 vezes no AT.

Secularmente a palavra refere-se a uma quebra da lei civil ou das estipulações de um monarca, como em Gênesis 41.9 e Ec 10.4.

Em um bom número de ocorrências (Nm 27.3; todas as ocorrências em Deuteronômio; 2 Rs 10.29; Sl 103.10; Is 38.17; Lm 1.8; Dn 9.16) o substantivo designa ou implica um ato de desobediência a Deus. Deuteronômio 21.22 e 22.26 referem-se a um pecado de morte, i.e., um pecado que deveria ser punido com a morte.

Uma vez que o hebraico não possui palavra distinta para "culpa", algumas das palavras para "pecado" sustentam esse conceito. Este substantivo é um dos que funcionam dessa maneira. A ARC freqüentemente indica esse pensamento com o uso da expressão "levar o pecado". Exemplos acham-se em Levítico 20.20; Números 9.13; Isaías 53.12 e Ezequiel 23.49. A ARA acrescenta à lista Levítico 19.17.

hĕt' inclui o conceito de castigo ou punição em Lamentações 3.39.

hāttā'. ***Pecador, pecaminoso.*** Este é outro substantivo masculino. *hāttā'* aparece 18 vezes no AT. Designa um pecador contumaz que é sujeito a castigos por causa de suas práticas. Numa ocorrência, 1 Reis 1.21, a palavra é secular em sua orientação e refere-se a um provável castigo. A qualidade de pecaminosidade acha-se em Números 32.14.

hattā'â. ***Pecado, coisa pecaminosa.*** Este substantivo feminino é usado apenas três vezes. Em Êxodo 34.7 é ligado a *'āwôn* e *pesha'* como ações ou atitudes perdoáveis, e também tem sentido abstrato em Isaías 5.18. Uma forma aramaica acha-se em Esdras 6.17, com o sentido de "oferta pelo pecado".

hătā'â. ***Pecado, oferta pelo pecado.*** Outro substantivo feminino é *hătā'a*, que aparece oito vezes e normalmente tem conotação abstrata. Em todas as ocorrências, exceto em Salmos 32.6 (onde significa "oferta pelo pecado"), a palavra significa "pecado". Em Gênesis 20.9; Êxodo 32.21, 30, 31; e 2 Reis 17.21 é modificada pelo adjetivo *gādôl* e normalmente se refere à idolatria. Em Salmos 32.1 e 109.7 designa o pecado como tal.

hattā't. ***Pecado, oferta pelo pecado.*** *hattā't* é a forma substantiva mais extensamente usada no AT e ocorre quase 290 vezes. Em Gênesis 18.20 o substantivo refere-se ao pecado como condição. Em Gênesis 31.36; 50.17 é acompanhado por *pesha'*, outro termo comum para pecado. Em Levítico e Números o substantivo aparece muitas vezes alternando o sentido entre pecado, a realidade da desobediência a Deus, e a oferta pelo pecado, o meio de remover a culpa e a penalidade do pecado perante o Senhor por meio do sistema sacrificial. Em tais contextos, o substantivo é intimamente associado a *'āshām*, que é freqüentemente traduzido por "oferta pela culpa".

Tanto o substantivo quanto o verbo servem para dar ênfase em Deuteronômio 9.18. O substantivo é usado para descrever o pecado particular do povo de Israel, o bezerro de ouro (9.21), sendo acompanhado de *peshā'* no versículo 27. Em Deuteronômio 19.15 aparece junto a *'āwôn*, que é freqüentemente traduzido por "iniqüidade". O ajuntamento de *hattā't* a outras palavras do campo semântico de pecado é bastante freqüente nos escritos proféticos e sapienciais. O significado de "oferta pelo pecado" aparece com bastante freqüência em 2 Crônicas, Esdras, Neemias e Ezequias. O termo tem o sentido de "culpa" em 2 Crônicas 28.13; Salmos 32.5; de castigo em Lamentações 4.6 e Zacarias 14.19; de purificação em Números 8.7; 19.9, 17.

Na maioria dos casos *hattā't* denota pecado(s) contra o homem, *e.g.*, 1 Samuel 20.1; Salmos 59.3, ou contra Deus, principalmente na literatura histórica e profética.

O homem só pode lidar com o pecado por meio das ofertas sacrificiais ligadas à confissão e ao abandono do pecado com a conseqüente volta a Deus. Deus pode lidar com o pecado punindo aqueles que nele continuam (Js 24.19; 1 Rs 14.16; Ne 9.37; *etc.*), ou perdoando os pecados conforme indicado em 1 Reis 8.36; 2 Crônicas 6.25, 27; Salmos 32.5; Jeremias 36.3, ou ainda expurgando o pecado como em Salmos 51.2[4]; Isaías 6.7; Zacarias 13.1.

Uma vez que no Oriente Médio antigo o pecado era entendido como violação do *status quo* na vida cultual, política e social, cada país retendo suas ênfases particulares, os povos pagãos só podiam agir contra suas conseqüências por meio da prática da magia. Em Israel, o povo aprendera por revelação que o pecado era uma desobediência à vontade de Deus e uma exploração ou desconsideração dos direitos de outras pessoas. O pecado foi

declarado questão extremamente séria que só podia ser tratada por Deus com um ato criativo e gracioso de perdão misericordioso. Tal cura era eficaz, trazendo nova vida de alegria e produtividade.

Para o povo de Israel havia esperança de mudança de vida, tanto para o indivíduo quanto para a nação, pois Deus se dispunha a desviar sua ira contra o pecado (principalmente idolatria, mas também pecados de natureza social) e fazer coisas maravilhosas por aqueles que contritamente abandonassem o pecado, confessassem suas faltas, fizessem restituição e se entregassem a Deus e a seu caminho de salvação. Muitos dos cânticos em Salmos declaram a realidade do livramento do peso da culpa e da penalidade do pecado.

Bibliografia: COGGAN, F. D., The meaning of *ht'* em Jó 5.24, *Journal of the Manchester Egyptian Oriental Society*, 17:53-6. — GELIN, Albert, *Sin in the Bible*, Desclee, 1964. — HARTMAN, Louis F., Sin in paradise, *CBQ*, 20:26-40. — KIDNER, F. D., *Sacrifice in the Old Testament*, London, Tyndale, 1952. — MILGROM, J., The function of the *hattā't* sacrifice, *Tarbiz*, 40:1-8. — _____, Sin-offering or purification-offering, *VT*, 21:237-9. — PORUBCAN, Stefan, *Sin in the Old Testament*, Herder, 1963. — QUELL, G., *Sin*, London, Adam and Charles Black, 1951. — RABINOWITZ, Jacob J., The "Great Sin" in ancient Egyptian marriage contracts, *JNES*, 18:73. — RICHARDSON, *TWB*, p. 207. RINGGREN, H., *Sacrifice in the Bible*, Association, 1963. — SMITH, C.R., *The Bible doctrine of sin*, London, Epworth, 1953. — SNAITH, Norman H., Sacrifices in the Old Testament, *VT*, 7:308-17. — _____, The sin-offering and the guilt-offering, *VT*, 15:73-80. — STAPLES, W. E., Some aspects of sin in the Old Testamente, *JNES*, 6:65-79. — UNGER Merrill F., The Old Testament revelation of the beginning of sin, *BS*, 114:326-33. — SINK, J. K., Uncleanness and sin, *VT*, 17:354-61. — *TDNT* v. 1, p. 268-93. — *THAT*, v. 1, p. 541-8.

חַטָּאת (*hattā't*). Veja o n.º 638e.

639 חָטַב (*hātab*) ***I, cortar ou ajuntar madeira, normalmente lenha*** (*e.g.*, Ez 39.10; Dt 19.5).

640 חטב (*htb*) ***II.*** **Aceita como raiz de:**

640a חֲטֻבוֹת (*hătubôt*) ***tecido de cor escura, panos coloridos*** (Pv 7.16).

חֲטֻבֹת (*hătubôt*). Veja o n.º 640a.

חִטָּה (*hittâ*). Veja o n.º 691b.

641 חָטַם (*hātam*) ***reter, conter*** (Is 48.9).

642 חָטַף (*hātap*) ***arrebatar, enlaçar*** (Jz 21.21; Sl 10.9).

643 חטר (*htr*) **Aceita como raiz de:**

643a חֹטֶר (*hōtēr*) ***ramo, raminho*** (Is 11.1); ***vara*** (Pv 14.3).

חִידָה (*hîdâ*). Veja o n.º 616a.

חַי (*hay*). Veja o n.º 644a,b.

644 חָיָה (*hāyâ*). ***viver, ter vida, permanecer vivo, sustentar a vida, viver prosperamente, viver para sempre.*** Também ***ser vivificado, restabelecer-se de doença, desânimo e até mesmo da morte.***

Termos Derivados

644a חַי† (*hay*) ***I, vivo, vivente.***

644b חַי (*hay*) ***II, parentes.***

644c חַיָּה† (*hayyâ*) ***I, ser vivente.***

644d חַיָּה (*hayyâ*) ***II, comunidade.***

644e חָיֶה (*hāyeh*) ***vivo, vivaz, que tem o vigor da vida.***

644f חַיִּים† (*hayyîm*) ***vida.***

644g חַיּוּת (*hayyût*) ***Ocorre na frase*** **ʿalmānôt hayyût**, "viuvez da vida", *i.e.*, uma mulher que foi separada de seu marido.

644h מִחְיָה† (*mihyâ*) ***preservação da vida.***

Como verbo esta raiz aparece em três graus no hebraico. O qal denota o sentido básico de "viver" ou "ter vida", enquanto os graus derivados se sobrepõem no sentido de "dar ou restaurar a vida".

Em todo o AT a posse da vida é um bem intrínseco. "Tudo que um homem tem dará pela sua vida" (Jó 2.4), e "um cão vivo é melhor que um leão morto" (Ec 9.4). "O alongar-se da vida" está na mão direita da sabedoria (Pv 3.16). Contra tais estimativas da vida podem-se contrastar as profundezas do desespero de Jó quando desejou desistir de sua vida (Jó 3.17 e s.).

A vida física originariamente veio de Deus (Gn 2.7). Depois da Queda, a morte entrou na experiência humana. O fruto da árvore da vida teria dotado o homem de imortalidade (Gn 3.22). Deus continua a ser a fonte da vida (Sl 36.9; 139.13 e ss.) e o Senhor da vida e da morte (Nm 27.16; Dt 32.39; Jó 12.10).

O AT fala da vida como a experiência da vida, não como um princípio abstrato de vitalidade que pode ser distinguido do corpo. Isto se deve à natureza holística da visão que o AT tem do homem, ou seja, sua função como corpo, mente e espírito é um todo unificado do qual se fala em termos bem concretos. A vida é a capacidade de exercer ao máximo todo o poder vital do indivíduo; a morte é o oposto. O verbo *hâyâ*, "viver", envolve a capacidade de ter vida em algum ponto da escala entre o mais pleno desfrute de todos os poderes do ser individual, com saúde e prosperidade em um extremo, e a descida ao sofrimento, à doença e à morte no outro. As vezes o salmista invoca o Senhor a que o salve da beira da morte (Sl 30.3[4]). Ele pede que seja preservado com vida e revivido para que possa desfrutar da terra dos viventes. Alguns têm chegado ao extremo de afirmar que esta "terra dos viventes" é o céu, ao passo que outros chegam ao outro extremo sustentando que os israelitas não entendiam o homem como ser dotado de espírito, mas apenas como corpo animado. Alguns têm citado versículos como Isaías 26.14, "mortos não tornarão a viver" para provar que a visão israelita era de morte completa. De fato, há versículos que dizem que somente os vivos, não os mortos, louvam ao Senhor, mas estes

versículos são expressões de simples observação física. O fato é que, em contraste com idéias mesopotâmicas da criação, nas quais o homem fora criado para ser mortal, no AT ele foi criado para a vida imortal, não como espírito, mas como homem total, corpo e alma (Life, *ZPEB*, 3:927). A chegada da morte era vista como algo antinatural.

A palavra *hāyâ* tem, no AT, uma amplitude de significados que inclui "prosperar", "sustentar a vida" ou "nutrir" (Gn 27.40; Gn 45.7; 2 Rs 18.32; 1 Sm 10.24; 2 Sm 12.3) ou "restaurar à saúde", "curar", "recuperar" (Js 5.8; 2 Rs 1.2; 8.10).

Em contraste com o antigo Oriente Médio, onde as pessoas buscavam ligar-se às forças da vida, que eram concebidas sob o aspecto das divindades da natureza, por meio de récitas de mito acompanhadas de rituais mágicos apropriados, no AT a vida é decidida por uma relação com os padrões justos da Palavra de Deus. Moisés coloca o povo na posição de ter de decidir entre a vida e a morte colocando diante dele a Palavra de Deus (Dt 30.15-20). Israel é exortado a escolher a vida, "porque esta palavra não é para vós outros cousa vã, antes é a vossa vida" (Dt 32.47). Bultmann observa que Ezequiel "liberta a vida de todos os falsos apoios e obrigações e a relaciona inteira e totalmente à Palavra de Deus (Ez 3.18 e ss.; 14.13 e ss.; 18.1 e ss.; 20.1 e ss.; 33.1 e ss.)" (*TDNT*, v. 2, p. 845). Em Provérbios o homem é mais uma vez chamado a decidir pela vida abraçando a Sabedoria (Pv 2.19; 5.6; 6.23; 10.17; 15.24). Apegando-se a Deus, os justos têm vida (Hc 2.4; *cf.* Am 5.4, 14; Jr 38.20).

Por outro lado, há também o sentido um tanto abstrato em que alguém "vive" pelas palavras de Deus, "não só de pão" (Dt 8.3; Sl 119.50, 93). Alguns insistem em que isto se refira à prosperidade como recompensa pela obediência, e não à qualidade espiritual da vida, como Jesus parece ter interpretado Deuteronômio 8.3. Se considerarmos, todavia, a unidade bíblica da natureza humana, a passagem obviamente se refere a ambos os conceitos.

Embora seja difícil demonstrar qualquer conceito desenvolvido de imortalidade incorpórea no AT, há bom número de passagens em que o verbo *hāyâ* significa "restaurar à vida", o que significaria triunfar sobre a morte. Uma vez que a terminologia do AT usa "morte" e "vida" com grande variedade de nuanças, em algumas passagens é difícil determinar onde o autor quer indicar doença ou perigo de extrema gravidade ou aquilo que hoje chamaríamos de "morte". (O leitor deve lembrar-se de que a medicina moderna, a despeito de toda a sua sofisticação tecnológica, tem dificuldades em definir a morte real.) Duas dessas passagens são 2 Reis 13.20, 21, onde o corpo de um homem "revive" ou é "restaurado à vida" ao tocar os ossos de Eliseu. A outra passagem é 1 Reis 17.17-24, onde Elias "restaura à vida" o corpo do filho da viúva. Ambas as passagens parecem lidar com ressurreição de mortos, mas seria difícil provar, exclusivamente a partir da terminologia, se tais pessoas foram ressuscitadas ou simplesmente revividas. Todavia, as [illegible]oas envolvidas em 2 Reis 13.20, 21 estão tratando o homem como morto, ou seja, enterrando-o, ao passo que ao menino "não restava mais fôlego". Assim, em ambos os casos a pessoa foi recebida de volta à vida daquilo que os hebreus denominavam "morte".

O salmo 49, apesar de usar a palavra *hāyâ* apenas duas vezes (vv. 9, 18 [10, 19]) é muito instrutivo quanto à opinião do salmista sobre a vida e a morte. Ele ensina que os ímpios perecem. Não há meio de redimi-los para que continuem a viver para sempre sem ver a morte (vv. 7, 8 [8, 9]). Apesar disso, o salmista não é totalmente negativo quanto à morte. Ele expressa sua fé na promessa divina de resgatá-lo do poder da sepultura (Seol), pois afirma: "Deus me receberá" (tomará, raptará, como Enoque e Elias, ver *lāqah*). Esta passagem deveria ser ligada a Salmos 17.15, "ao acordar me satisfarei com a tua

semelhança", e também a Salmos 16.11, onde "o caminho da vida" e a vitória sobre a morte predizem ressurreição de Jesus Cristo (At 2.24-29). Bultmann acrescenta: "Há em Salmos 73.23 e ss. uma expressão notavelmente simples de que o relacionamento de graça vai continuar, que a comunhão iniciada por Deus não pode ser destruída. Pode-se afirmar que aqui a crença veterotestamentária no pós-vida encontra sua formulação mais pura. Esta expectativa não é mágica, nem mítica, nem especulativa, nem mística. É uma certeza produzida no justo pelo conceito da graça pura" (*TDNT*, v. 2, p. 848).

Um dos significados da palavra *hayyîm*, "vida sem fim", foi geralmente reconhecido no passado como um uso bastante recente da palavra. (Ver *BDB* sobre Dn 12.2, p. 313). M. Dahood (*Psalms*, 1:16, 2:17 e 3:17a, *AB*) trouxe contribuições da literatura ugaritica quanto ao uso antigo da palavra.

Embora Daniel 12.2 seja freqüentemente citado nos léxicos como o uso de *hayyîm* para vida eterna, Dahood o vê usado ali como nos salmos. Ele se refere ao precedente ugarítico em 2 Aqht VI. 27—29 (*AB*, p. 91, 170)

> Pede vida eterna (*hym*)
> e eu ta darei,
> imortalidade (*bl·mt*)
> e eu ta concederei.
> Farei teus anos se igualarem aos de Baal
> e com os deuses contarás teus meses.

Provérbios 12.28 usa *'al-māwet* (não há morte) como paralelo de *hayyîm* (vida). A expressão ugarítica *bl·mt*, traduzida acima por "imortalidade", é equivalente. A RSV diz que o hebraico é incerto, e dá uma tradução baseada num texto emendado. Entretanto, Ewald, Bertheau, Franz Delitzsch e Saadia, o especialista medieval em hebraico e árabe, afirmaram que *'al-māwet* significa "imortalidade". Suas afirmações foram confirmadas pela expressão ugarítica *bl·mt* conforme usada na citação acima. Dahood traduz este versículo:

> No caminho da virtude há vida eterna (*hayyîm*),
> em andar pela sua vereda está a imortalidade (*'al-māwet*).

M. Pope (*JBL*, 85:455-66) faz objeção a essa tradução com base em que o paralelismo sinônimo vai contra o contexto mais amplo, que consiste numa série de pares em paralelismo antitético e, "portanto, morte e não imortalidade fornece a antítese apropriada". Mas será que existe aqui um contexto mais amplo? Não serão estes provérbios apenas uma lista de pensamentos independentes? Não é incomum, na verdade, que provérbios, mudem subitamente de uma para outra forma de paralelismo (*cf.* 17.21, 22; 19.4, 5; *etc.*). Pope afirma que a tradução de *hayyîm* como vida eterna não é justificada pelo paralelismo entre *hym* e *bl·mt* em ugarítico, porque a resposta do herói, Aqhat, demonstra que ele não cria que um mortal pudesse desfrutar da imortalidade e, portanto, acusava a deusa Anate de mentir para ele. A implicação é de que, se o herói ugarítico não acreditasse que os mortais pudessem ter imortalidade, os escritores do AT compartilhariam tal ceticismo. A questão, todavia, não é aquilo em que os habitantes de Ugarite criam, mas o fato de que, usavam *hym* para "vida eterna", enquanto os léxicos hebraicos geralmente listam apenas Daniel 12.2 como uso distinto de *hayyîm* para

denotar vida eterna por causa de sua alegada origem macabeana.

Outro uso semelhante de *hayyîm* acha-se em Provérbios 15.24, onde a palavra aparece em antítese a Seol:

> O caminho da vida acima pertence aos sábios,
> porque leva para longe do Seol embaixo.

Se esta passagem é pertinente ao nosso assunto, depende de como se interpreta Seol (*q.v.*) aqui e em outros lugares do AT. Seol freqüentemente significa apenas "a sepultura" no uso veterotestamentário. Se for este o sentido aqui, então *hayyîm*, como antítese, pode significar apenas "vida terrena". Se, por outro lado, Seol significa "o mundo inferior", então *hayyîm* pode significar "vida após a morte". Este escritor defende a posição de que Provérbios sustenta o conceito de que "morte" (*māwet*) e Seol envolvem mais do que a sepultura. Provérbios 2.18, 19 faz um paralelismo entre a morte e o lugar em que se acham as sombras (*r'pā'îm*). Provérbios 9.18 faz o mesmo paralelo com Seol. Isto pelo menos abre a possibilidade de que Provérbios 15.24, "o caminho da vida acima", possa significar vida eterna no céu em contraste com Seol, onde jazem as sombras.

Alguns estudioso do AT rejeitam esta idéia, embora estejam prontos a admitir que *hayyîm* possa significar "vida sem fim" na terra. Lembramo-nos, por outro lado, da idéia muitas vezes repetida no AT de que Deus vive no céu (Dt 4.36, 39; 1 Rs 8.27; Jó 22.12; Sl 20.6[7]; 80.14[15]; *etc.*), onde se acha o seu trono (Sl 11.4) e que o salmista anseia por ver sua face (Sl 17.15). Amós (9.2), profeta que os críticos aceitam amplamente como alguém que viveu no século VIII a.C., considera tanto o céu quanto o Seol lugares aonde um indivíduo poderia ir. Embora Dahood possa ser extremista em sua aplicação deste sentido de *hayyîm*, seus críticos também são extremistas ao rejeitar inteiramente a idéia. Por exemplo, em que sentido o rei recebe vida eterna na presença de Deus (Sl 21.4, 6 [5, 7])? E em que sentido o monte Sião permanece para sempre (Sl 125.1)? A resposta é semelhante em ambos os casos. O monte Sião terreno tem seu correspondente (*cf.* Sl 123.1), e a prosperidade do rei sobre a terra é somente o começo de toda a eterna bondade de Deus para com ele (Sl 16.11). É muito interessante (Sl 30.5) observar o contraste entre a ira do Senhor e o seu favor. Sua ira é apenas por um momento, mas seu favor é para a "vida eterna", não apenas para "a vida inteira" como traduz a ARA.

hav. ***Vivo, vivente.*** Este adjetivo é usado freqüentemente como epíteto de Deus (Js 3.10; Os 2.1; Sl 42.3; *etc.*), mas também em relação aos homens, aos animais e à vegetação, em contraste com aquilo que está morto ou seco. A forma plural descreve água doce ou corrente (Gn 26.19; Lv 14.5, 6; Nm 9.17; *etc.*). Jesus fez um jogo de palavras com este sentido da palavra (Jo 4.10).

hayyâ. ***Ser vivente, animal.*** O termo é usado principalmente em relação a animais selvagens, em contraste com animais domesticados. Salmos 104.25 usa esta palavra para descrever os seres que vivem nas águas. Ezequiel 1 emprega o termo para descrever os "seres viventes" de sua visão, que tinham uma natureza composta, com características humanas e animais. Mais raramente significa qualquer coisa que viva (Ez 7.13).

hayyîm. ***Vida,*** como uma idéia abstrata, significando o estado de estar vivo, em contraste com o estar morto. É a vida no que tem de melhor, é saúde, é vida sem fim.

mihyâ. ***Preservação da vida*** (Gn 45.5), o aparecimento de carne viva (Lv 13.10), alimento, subsistência (Jz 6.4; 17.10).

Bibliografia: GREENBERG, Moshe, The Hebrew oath particle *hay/he*, *JBL*, 76:34-9. — GRUENTHANER, Michael J., The Old Testament and retribution in this life, *CBQ*, 4:101-10. — LEHMAN, Manfred R., Biblical oaths, *ZAW*, 81:74-92. — O'CONNELL, Matthew J., The concept of commandment in the Old Testament, *TS*, 21:351-403. — RICHARDSON, *TWB*, p. 127-8. — RUST, Eric C., The destiny of the individual in the thought of the Old Testament, *Review and Expositor*, 58:296-311. — SAWYER, John F. A., Hebrew words for ressurrection of the dead, *VT*, 23:218-34. — *TDNT*, v. 2, p. 843-61. — *THAT*, v. 1, p. 549-56.

E.B.S.

חַיּוּת (*hayyût*). Veja o n.º 644g.

חַיִּים (*hayyîm*). Veja o n.º 644f.

חִיל (*hîl*). Veja o n.º 623b.

חִיל (*hayil*). Veja o n.º 624a.

חֵיל (*hêl*). Veja o n.º 623d.

חֵילָה (*hêlâ*). Veja o n.º 623e.

חִין (*hîn*). Veja o n.º 694c.

חַיִץ (*hayits*). Veja o n.º 628a.

חִיצוֹן (*hîtsôn*). Veja o n.º 627b.

חִיק (*hêq*). Veja o n.º 629a.

חִישׁ (*hîsh*). Veja o n.º 631a.

חֵךְ (*hēk*). Veja o n.º 692a.

645 חָכָה (*hākâ*) ***aguardar, esperar.***

Cognato da palavra acadiana *hakūm*, "aguardar", que ocorre num texto de Mari (*Archives Royales de Mari*, 4.22.9). Ocorre 13 vezes no piel e uma vez como um particípio do qal (Is 30.18). A palavra é normalmente traduzida por "esperar" ou "aguardar", à exceção de 2 Reis 9.3, onde a ARA usa o verbo "deter-se".

Dos criminosos, dizem que esperam emboscados (Os 6.9). Jó fala do desespero daqueles que esperam ou desejam a morte (Jó 3.21).

O livro de Daniel termina com uma bênção para os que esperam o cumprimento das profecias (Dn 12.12). Habacuque 2.3 exorta os fiéis a esperarem pela visão ainda que ela demore. O Senhor declara: "esperai-me, pois, a mim" (Sf 3.8). As expressões "esperar no Senhor" em Isaías 8.17 e "esperar nele" em Isaías 64.4[3] conotam uma atitude de expectativa intensa e esperança confiante.

Veja também *qāwâ*.

Bibliografia: THOMSON, J. G. S. S., Wait on the Lord, *ExpT*, 65:196-8. — WAGNER, M., Beiträge zur Aramaismenfrage im alttestamentlichen Hebräisch", *Supp VT*, 16:361-2. — *TDNT*, v. 4, p. 583-5; v. 6, p. 193-202.

E.Y.

646 חָכַל (*hkl*). **Aceita como raiz de:**

646a חכלילי (*haklîlî*) ***embotados com o vinho (?)***. As versões em português diferem muito quanto ao significado: a ARA traz "cintilantes", a BJ traz "turvos", a ARC e a BLH trazem "vermelhos" (provocado pelo vinho, Gn 49.12).

646b חכלילות (*haklîlût*) ***embotamento*** (dos olhos em virtude da embriaguez, Pv 23.29). Aqui a BJ traz "turvos", e as demais, "vermelhos".

חכלילי (*haklîlî*). Veja o n.º 646a.

חכלילות (*haklîlût*). Veja o n.º 646b.

647 חכם (*hākam*) ***ser sábio, agir sabiamente.***

Termos Derivados

647a חכמה (*hokmâ*) ***sabedoria.***

647b חכם (*hākām*) ***sábio*** (como adjetivo e substantivo).

O verbo é usado 26 vezes, e a maioria dos usos é no qal, com o significado de "ser sábio". No grau piel o sentido é "tornar [alguém] sábio" ou "ensinar". Dentre todas as palavras que denotam inteligência, este verbo e seus derivados são as mais freqüentes, ocorrendo cerca de 312 vezes no AT hebraico. Cerca de três quintos das ocorrências se acham em Jó, em Provérbios e em Eclesiastes.

[Os principais sinônimos são *bîn*, *bînâ* e *t'bûnâ*. O verbo *bîn* é usado mais amplamente para conotar "entender", "discernir", "perceber", mas os substantivos são sinônimos próximos de *hokmâ* e são usados especialmente em Jó e em Provérbios. No versículo bem conhecido de Provérbios 4.7, "entendimento" não é um estágio superior à "sabedoria", mas um sinônimo poético utilizado para dar ênfase. A raiz *sākal* também é usada amplamente para a inteligência e para a habilidade comum. É freqüentemnte usada para descrever a sabedoria que conduz ao sucesso — até mesmo à prosperidade. Esta sabedoria foi possuída por Davi (1 Sm 18.14) e caracterizará o Messias (Jr 23.5; Is 52.13). O particípio do hifil é usado particularmente em Provérbios como outro sinônimo de *hokmâ*. Esta palavra, *maskîl*, também é usada largamente para designar um tipo de salmo. *tûshîyâ*, como *sākal*, tem o sentido duplo de sabedoria e do sucesso que é o resultado da sabedoria. R. L. H.]

A idéia essencial de *hākam* representa um modo de pensar e uma atitude para com as experiências da vida, incluindo questões de interesse geral e moralidade básica. Tais assuntos se relacionam à prudência em negócios seculares, habilidades nas artes, sensibilidade moral e experiência nos caminhos do Senhor.

O assunto "sabedoria" era discutido amplamente no antigo Oriente Médio. A sabedoria mesopotâmica, que se originara nos sumérios, enfatizava as experiências humanas, o caráter e os conselhos a respeito de questões práticas. Os problemas de morte e sofrimento eram discutidos. A sabedoria egípcia incluía o conceito de *ma'at* ("verdade", "inteligência", "justiça"), segundo o qual existia uma ordem no universo inteiro. J. A. Wilson caracteriza-a como retidão criada e herdada, que a tradição moldou até chegar a uma estabilidade bem ordenada (*The culture of ancient Egypt*, University of Chicago, 1951, p. 48). Os deuses e os homens estavam sujeitos a esta ordem de conduta, que era ensinada pelos sacerdotes. Alguns consideram que muito da sabedoria palaciana, que grandes líderes comunicavam a seus alunos, foi importada da sabedoria egípcia (*e.g.*, Pv

23.13 e ss. teria sido tomado por empréstimo dos ensinos de Amenemope, embora seja mais provável que uma fonte original reflita uma revelação de sabedoria). A literatura ugaritica também possui um tipo de máximas com respeito ao relacionamento pai—filho, que possivelmente reflete a sabedoria cananéia. Um derivado árabe posterior do verbo *hākam* denota "impedir que alguém aja de maneira maligna".

A sabedoria do AT, todavia, é bem diferente de outras cosmovisões antigas, embora a forma da literatura sapiencial seja semelhante à de outras culturas. A sabedoria do AT reflete o ensino de um Deus pessoal santo e justo, o qual espera que quem o conhece exiba o seu caráter nas questões práticas da vida. Esta perfeita combinação entre a vontade revelada de um Deus santo e as experiências práticas da vida humana também é distinta da sabedoria especulativa dos gregos. A dinâmica ética da filosofia grega concentrava-se no intelecto; se o indivíduo tivesse um conhecimento perfeito poderia viver uma vida perfeita (Platão). O conhecimento era virtude. A ênfase da sabedoria do AT era que a vontade humana, no campo das questões práticas, deveria ser sujeita às causas divinas. A sabedoria hebraica, portanto, não era teórica e especulativa. Era algo prático, baseado nos princípios revelados de certo e errado, e devia ser praticada na vida cotidiana.

Nos livros históricos e proféticos, a palavra *hokmâ* é às vezes usada para referir-se à inteligência ou às habilidades normais (Êx 35.35; Dn 1.4), mas, mesmo aí, algumas vezes, o que se tem em vista é a sabedoria moral e divina.

A literatura sapiencial, embora por vezes use "sabedoria" com o sentido de prudência ou sagacidade, concentra-se no aspecto ético e na conduta espiritual. Por Deus ter-se revelado a Israel, sua literatura sagrada tem o efeito de um imperativo divino; *hākam* refere-se a uma sagacidade e perícia divinas que resultam em ações práticas. Aquele que ouve (Pv 8.33; 23.19; 27.11) será operoso, saberá falar, e sua vontade estará cativa à vontade de Deus. Ele terá vida. Isso lhe valerá a aprovação divina.

hokmâ. ***Sabedoria.*** Os usos de *hokmâ* cobrem toda a gama da experiência humana. A sabedoria é vista na habilidade para o serviço técnico de confeccionar as roupas do sumo sacerdote (Êx 28.3), na perícia em metalurgia e ourivesaria (Êx 31.3, 6), bem como na execução de táticas militares (Is 10.13). A sabedoria é um requisito para os governantes e chefes de estado na administração da nação (Dt 34.9; 2 Sm 14.20), incluindo tanto pagãos quanto israelitas (Ez 28.4, 5). O Messias demonstrará sabedoria e discernimento em seu papel de líder de seu povo (Is 11.2).

A sabedoria manifesta-se em sagacidade. A mulher de Tecoa evitou um morticínio em sua cidade com sua petição inteligente em favor dela (2 Sm 20.22). A pessoa sagaz, todavia, não deve gabar-se do dom que recebeu (Jr 9.22). A avestruz demonstra sua falta de inteligência ao agir de maneira tola e egoísta (Jó 39.17). O dom da sagacidade pode ser usado de maneira ímpia para negar a onisciência de Deus (Is 47.10).

A prudência, aspecto da sabedoria, é expressa por aqueles que falam com sabedoria (Sl 37.30; Pv 10.31) e pelos que usam sabiamente o tempo (Sl 90.12). Esse tipo de sabedoria nas questões práticas da vida é derivado da revelação de Deus (Is 33.6).

A fonte de toda a sabedoria é um Deus pessoal santo, justo e reto. Sua sabedoria é expressa contra o pano de fundo de sua onipotência e onisciência. Por sua sabedoria Deus numerou as nuvens (Jó 38.37), fundou a terra (Pv 3.19) e fez o mundo (Jr 10.12). A sabedoria, por ser encontrada em Deus, é considerada um atributo divino (Jó 12.13). Ele, somente, conhece a sabedoria em seu sentido mais verdadeiro (Jó 28.20, 23). A sabedoria de Deus não se acha na especulação humana. Ele e somente ele pode providenciar esta

sabedoria para orientar o homem de modo que este possa viver a melhor vida moral e ética possível (Pv 2.6; Jó 11.6).

De maneira típica da literatura proverbial, a Bíblia personifica a sabedoria divina, mas fica aquém de dar-lhe existência independente. Esta sabedoria foi estabelecida antes de todas as coisas (Pv 8.22-31). Ela construiu uma casa e preparou um banquete para quem se dispuser a escutá-la (Pv 9.1 e ss.). Ela chega a ensinar nos logradouros públicos (Pv 1.20; 8.1, 6, 11, 12). Por meio de sua instrução seus alunos recebem um espírito divino (Pv 1.23), os ingênuos tornam-se sábios, líderes políticos tornam-se sábios e os que recebem de sua riqueza são coroados com honra e bens (Pv 8.1-21).

Esta personificação da sabedoria é peculiar. Embora houvesse no antigo Oriente Médio deuses e deusas considerados possuídores do dom da sabedoria, é improvável que qualquer deles tenha existido com o nome de "Sabedoria". A figura da sabedoria no AT jamais veio a ser considerada uma divindade independente do Senhor, embora expressões que aparentemente sugiram isso achem-se em Provérbios 8. Tais expressões freqüentemente foram consideradas prefigurações de Cristo. A sabedoria atingiu certo grau de personificação, com características que não eram, de modo algum, abstratas. A sabedoria não deveria ser considerada Deus, mas pertencente a Deus; é um de seus atributos. A sabedoria tem uma existência pessoal na palavra viva do NT, mas não é, em si mesma, o Logos (DELITZSCH, *Proverbs*, p. 183). O fato de a sabedoria ser personificada como mulher em Provérbios 1—9 deve-se parcialmente ao gênero feminino do substantivo. Nessa divisão do livro a Dama Sabedoria é contrastada com a Mulher Loucura, que é a personificação do pecado. Observe-se o estudado contraste entre Provérbios 9.4-6 e 9.16-18. Tal personificação da sabedoria não é encontrada fora desses capítulos.

Para o homem, a sabedoria não significa apenas ser humanamente sábio, mas também temer ao Senhor, pois este é o princípio de toda a sabedoria (Jó 28.28). Para o homem, a verdadeira sabedoria envolve conhecer o Santo. Assim, os homens devem ouvir a sabedoria de Deus com ouvidos atentos (Pv 2.2). Na verdade, a felicidade interior só acontece quando o homem alcança esta sabedoria (Pv 3.13) por meio de uma busca intensa (Pv 2.4), que é, de fato, a busca pelo próprio Deus (Pv 2.5). Os céticos jamais encontrarão esta sabedoria e jamais conhecerão o pleno significado da vida (Pv 14.6 e s.). No grande poema de Jó 28, a sabedoria (neste sentido bíblico especial) é praticamente definida como confiança em Deus e afastamento do pecado. (*Cf.* a ênfase em *hokmâ* como referência à sabedoria moral em contraste com a insensatez pecaminosa, em HARRIS, R. L., Proverbs, WBC, p. 553-4.)

hākām. ***Sábio; astuto***. Reflete os usos de *hokmâ* ao descrever o homem sábio. Ele é perito em vários tipos de trabalhos técnicos, *e.g.*, como artesão (do tabernáculo e da mobília do templo, Êx 35.10) e como ourives (Jr 10.9). O homem sábio sabe administrar as questões de estado (1 Rs 5.21) e é também astuto, *e.g.*, a mulher de Tecoa, que soube lidar com uma questão delicada diante de Davi (2 Sm 14.2). O plural da palavra indica os eruditos e estudiosos, astrólogos e magos de muitas nações: Egito (Gn 41.8), Babilônia (Is 44.28), Pérsia (Et 6.13). A prudência também descreve a atitude dos sábios em relação aos reis (Pv 16.14), a sua prudência em se conformar à palavra de Deus (Dt 4.6); a insensatez descreve a falta de sabedoria de quem dá de ombros com a vontade de Deus (Is 13.13).

Os sábios constituíam uma terceira classe ou ofício em Israel, usando a sabedoria em harmonia com o desempenho dos outros dois ofícios (Jr 18.18). Assim, o sábio dava

conselhos práticos baseados na revelação divina e também em suas próprias experiências e observações.

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., Some Canaanite-Phoenician sources of Hebrew wisdom, In: *Wisdom in Israel and in the Ancient Near East*, ed. M. Noth e D. Winton Thomas, Brill, 1960. — BLANK, S. H., Wisdom, *IDB*, p. 852-61. — CRENSHAW, J. L., Method in determining wisdom influence upon "historical" literature, *JBL*, 88:129-42. — GORDIS, Robert, The social background of wisdom literature, *HUCA*, 18:77-118. — HARRIS, R. L., Proverbs na *WBE*. — HUBBARD, D. A., The wisdom movement and Israel's covenant faith, *Tyndale Bulletin*, 17:3-33. — IRWIN, William, Where shall wisdom be found?, *JBL*, 80:133-42. — KNOX, Wilfred, The divine wisdom, *JTS*, 38:230-7. — KRAMER, Samuel N., Sumerian wisdom literature: a preliminary survey, *BASOR*, 122:28-31. — MALFROY, Jean, Sagesse et loi dan les Deuteronome études", *VT*, 15:49-65. — MARCUS, R., The Biblical hypostases of wisdom, *HUCA*, 23:157-71. — MONTGOMERY, J. W., Wisdom as gift, *Interp*, 16:43-57. — MURPHY, Roland E., Assumptions and problems in Old Testament wisdom research, *CBQ*, 29:407-12. — PFEIFFER, Robert H., Wisdom and vision in the O.T., *ZAW*, 11:93-101. — PRIEST, John F., Where is wisdom to be placed?, *Journal of Bible and Religion*, 31:276-82. — REINES, C. W., Koheleth on wisdom and wealth, *JSS*, 5:80-4. — RICHARDSON, *TWB*, p. 282. — SCOTT, R. B. Y., *The way of wisdom*, Macmillan, 1971. — TALMON, S., "Wisdom" in the book of Esther, *VT*, 13:419-55. — VAN IMSCHOOT, P., Sagesse et esprit dans l'A.T., *RB*, 47:23-49. — WHYBRAY, R. N., *Wisdom in Proverbs*, London, SCM, 1965. — *TDNT*, v. 7, p. 476-514. — *THAT* v. 1, p. 557-66.

L.G.

חֹל (*hōl*). Veja o n.º 623a e 661a.

חֵל (*hēl*). Veja o n.º 623d.

648 חָלָא (*hālā'*) *I, estar doente, adoentado; sofrer.*

Termo Derivado

648a חַחֲלוּאִים (*tahălu'îm*) ***doenças***. A palavra ocorre cinco vezes, sempre no plural.

Derivado de *hālâ*, *hālā'* é cognato do acadiano *halu*, "doença", "dor". O verbo ocorre uma vez no qal (2 Cr 16.12) e uma vez no hifil (Is 53.10).

Em 2 Crônicas 16.12 somos informados de que Asa foi acometido de uma doença grave nos pés, talvez gota ou gangrena (NEB). Embora os médicos e o tratamento médico não sejam condenados *per se* (*cf.* Is 38.21; Jr 8.22), Asa foi acusado de ter consultado médicos, e não ao Senhor. Além do mais, não sabemos que rituais proibidos esses "médicos" (*rōpa'îm*) possam ter praticado.

Em Isaías 53.10, agradou ao Senhor "fazê-lo enfermar" (ARA, ARC; BLH, "sofrer"), que é uma tradução bem literal. A idéia do versículo é a de que aprouve a Deus fazer com que seu servo sofresse. A BJ traduz "Iahweh quis feri-lo, submetê-lo à enfermidade".

tahălu'îm. ***Doenças.*** Jeorão morreu de uma "enfermidade incurável", que pode ter sido uma espécie de disenteria que resultou num prolapso do reto. De acordo com 2 Crônicas

21.19 Jeorão morreu "com terríveis agonias" (ARA; BLH, "dores terríveis").

Jeremias 14.18 fala das "doenças da fome", que as versões parafraseiam "os debilitados pela fome". A desnutrição profunda pode causar numerosas doenças.

O salmista louva ao Senhor que perdoa todas as suas iniqüidades e sara todas as suas enfermidades (Sl 103.3). Aqui, como em Isaías 53, pecado e doença estão intimamente relacionados. Pecado e doença estão relacionados a culpa e castigo. Além disso, ambos são condições inescapáveis às quais apenas Deus pode dar alívio. Em Isaías 53 ambas acham sua solução definitiva na morte vicária do Servo do Senhor.

Bibliografia: HARRISON, R. K., Disease, In: *IDB* v. 1, p. 847-51.

E.Y.

649 חלא (*hl'*) **II. Aceita como raiz de:**

649a חֲלְאָה (*hel'â*) ***ferrugem*** (Ez 24.6, 12).

650 חלב (*hlb*) **I. Aceita como raiz de:**

650a חָלָב (*hālāb*) ***leite, iogurte, queijo.***

Cognato acadiano *hilpu*, do ugarítico *hlb* (*UT*, 19:862) e do árabe *halab*. A palavra ocorre 44 vezes no TM.

O leite humano é mencionado em Isaías 28.9; a criança costumava ser desmamada por volta dos três anos de idade (*cf.* 2 Mac 7.27).

O *t'lēh hālāb* (*lit.*, "cordeiro de leite"; "cordeiro de mama", ARC) que foi oferecido por Samuel (1 Sm 7.9) era um "cordeiro que ainda mamava" (ARA).

Os israelitas utilizavam leite de vaca, de cabra e de ovelha (Dt 32.14; Pv 27.27). Por causa do clima quente, os povos do antigo Oriente Médio geralmente usavam, em lugar de leite e manteiga, iogurte e coalhada.

Quando Sísera chegou à tenda de Jael, ela ofereceu-lhe um odre de leite. O leite fresco sacudido e armazenado em odres de couro ficaria coalhado pelas bactérias deixadas na superfície interna do odre e seria servido como coalhada (Jz 4.19; 5.25) ou *hem'â*, que não significa "manteiga". Chamado de *leben* pelos árabes, ainda hoje é servido aos hóspedes pelos beduínos. *Cf.* Gênesis 18.8.

Quando espremido e torcido fortemente dentro de um pano, esse leite azedo produzia uma espécie de queijo (Pv 30.33). *Cf.* Isaías 7.22. Davi levou comida para seus irmãos e dez queijos, literalmente "cortes de leite", para seu comandante (1 Sm 17.18).

Aos israelitas foi proibido "cozer", *i.e.*, ferver o cabrito no leite da própria mãe (Êx 23.19; 34.26; Dt 14.21). Uma vez que um texto ugarítico (*UT*, 16:52:14) especifica "eles cozinham o cabrito no leite", a injunção bíblica pode ter sido dirigida contra um rito de fertilidade cananeu. A interpretação judaica posterior afirmava que tais preceitos proibiam comer carne e derivados de leite na mesma refeição.

O leite é usado em várias expressões simbólicas ou metafóricas. O Senhor prometeu levar os israelitas a uma terra que manava leite e mel (Êx 3.8, 17, *etc.*). A imagem é a de uma terra fértil, com pastos e flores, que representaria um contraste agudo com o desolado deserto do Sinai. Alguns israelitas protestaram contra Moisés por não os ter conduzido a uma terra assim, tendo-os tirado, antes, de uma terra com tais características, o Egito (Nm 16.13).

O leite é usado em outras expressões que falam de prosperidade e fertilidade (Dt 32.14; Jl 3.18 [4.18]).

O processo de desenvolvimento do embrião é comparado em Jó 10.10 à coagulação do leite. (*Cf.* SI 139.13-16; Ec 11.5; Sab 7.1, 2; 2 Mac 7.22, 23).

Sião, em sua futura glória, sorverá o "leite das nações" e se alimentará "ao peito dos reis" (Is 60.16, ARA).

Na descrição que Jó faz do homem próspero (Jó 21.24), a maioria dos estudiosos prefere seguir as versões, lendo *heleb* (gordura) em lugar de *hālāb* ("leite", ARC, ARA). A palavra difícil é *'ăṭîn* (ARA, ARC, "baldes"), que ocorre apenas aqui. A LXX a traduz por *egkata*, "entranhas", e a Vulgata, por *viscera*. Alguns conjecturaram que a palavra representa o aramaico *'ăṭam*, "flanco", e por isso propuseram a tradução "coxas". A BJ traduz "seus flancos bem roliços"; a BLH parafraseia fortemente, "com saúde e cheio de força". A NIV traz "seu corpo bem nutrido".

Veja também *hem'â*, *hēmâ*, *mahâmā'ot*, *hēleb*.

Bibliografia: FISHER, Loren R., ed., *Ras Shamra Parallels*, v. 1, Pontifical Biblical Institute, 1972, p. 29-32, 182. — GASTER, Theodor H., *Customs and folkways of Jewish life*, Sloane, 1955, p. 211-4. — KOSMALA, H., The so-called ritual decalogue, *Annual of the Swedish Theological Institute*, 1:50-7, 60-1.

ANEP apresenta gravuras relativas ao leite e à ordenha (figs. 76, 97, 99, 100 e 600).

E.Y.

651 חלב (*hlb*) **II. Aceita como raiz de:**

651a חֵלֶב (*hēleb*) ***gordura, banha.***

Cognato do púnico *hlb*, do siríaco *helba*, do ugarítico *hlb* e do árabe *hilbun*, "gordura da barriga". Ocorre 90 vezes, referindo-se costumeiramente à gordura de animais sacrificados, especialmente em Levítico, onde aparece 45 vezes. Deve ser distinguida de *hālāb*, "leite", cujo cognato ugarítico é *hlb* e o árabe é *halab*.

A ARA geralmente traduz *hēleb* por "gordura". Exceções acham-se em Salmos 63.5[6], onde é traduzida por "banha" (ARC, "tutano"), em Salmos 119.70, "sebo", e em Números 18.12, 29, 30, 32, onde a metáfora é explicitada e a ARA traduz por "melhor". O mesmo ocorre em Salmos 81.16[17], onde o adjetivo "mais fino" é usado.

A gordura dos sacrifícios animais, especificamente a gordura que cercava os rins e os intestinos, era queimada pelos sacerdotes (Lv 3.3, 4, 10, 14-16). Em alguns casos a gordura da cauda dos carneiros, que chegava a pesar 5 kg, era oferecida (Lv 3.9; Êx 29.22).

A gordura era queimada nas seguintes ofertas: 1) no holocausto ou oferta queimada (Lv 1.8, 12, onde a palavra *peder* é utilizada e traduzida por "redenho" na ARA e na ARC); 2) na oferta pacífica ou sacrifício de comunhão (Lv 3.9 e ss.; 7.15 e ss.); 3) na oferta pelo pecado (Lv 4.8-10); e 4) na oferta pela culpa (Lv 7.3, 4).

Tal como o sangue, a gordura não devia ser comida (Lv 3.17; 7.23, 25). Se esta proibição se aplicava a toda e qualquer gordura animal ou apenas às porções especificadas é ainda uma questão de debate. A gordura do animal que morrera de causas naturais ou tivesse sido morto por outros animais poderia ser utilizada como banha (Lv 7.24).

Várias teorias têm sido propostas para explicar por que a gordura era sacrificada com o sangue. Há, é claro, a razão funcional de que a gordura queima bem e produz pouco cheiro, e seria assim uma boa porção representativa das ofertas pacíficas, que eram oferecidas em grande número nos festivais religiosos e que depois eram comidas pelos

sacerdotes e pelos ofertantes. Alguns vêem na gordura o centro da vida, o centro da força ou até mesmo a comida dos deuses (*cf.* Ez 44.7). Em contraste com os deuses pagãos, que dependiam de sacrifícios para seu sustento (*cf. A Epopéia de Gilgamesh*, 11.159-61), Iavé declara: "comerei eu a carne de touros ou beberei o sangue de bodes?" (Sl 50.13).

O sacrifício feito por Abel das primícias de seu rebanho e da gordura deste (Gn 4.4) indica seu desejo de oferecer o melhor a Deus. A oferta da gordura, que era a parte mais saborosa, simbolizava o desejo do ofertante de oferecer o melhor para Deus. Tais ofertas, portanto, eram recebidas de bom grado por Deus (Is 43.24), mas o oferecimento mecânico até mesmo da gordura não era um substituto aceitável da obediência (1 Sm 15.22).

Um bom número de passagens descreve o homem egoísta e rebelde que revela sua glutonaria em sua figura obesa. Em Jó 15.27 o ímpio esconde sua face na gordura. Em Salmos 17.10 os ímpios se encerram na sua gordura (ARC; ARA, "cerram o coração"). Provavelmente é melhor entender "fecham suas entranhas" (ou, como no cognato árabe, "barriga"), consideradas a sede das emoções. Os olhos dos ímpios "saltam-lhes da gordura" (ARA) ou "estão inchados de gordura" (ARC) (Sl 73.7). O coração dos ímpios é insensível como sebo (Sl 119.70, ARA). Quando Jesurum, *i.e.*, Israel, "engordou-se", "engrossou-se", abandonou a Deus (Dt 32.15; *cf.* Jr 5.28). Com respeito a Jó 21.24 veja *hālāb*.

hēleb é usado idiomaticamente para o melhor da terra (Gn 45.18). Em Ezequiel 34.3, a BLH e a BJ seguem a LXX e a Vulgata, lendo *hālāb*, "leite", em lugar de *hēleb*.

Bibliografia: HELLER, J., Die Symbolik des Fettes im AT, *VT*, 20:106-8.

Veja ainda *bārā', bārî', dāshēn, mishman, mashmanîm, peder, shāman, shāmēn*.

E.Y.

652 חלבְּנָה (*helb'nâ*) ***gálbano*** (ARA, ARC e BJ; BLH, "resina medicinal").

653 הלד (*hld*) **Aceita como raiz de:**

653a חֶלֶד (*heled*) ***duração da vida; vida; o mundo.***

Zofar admoesta Jó a que faça o bem e afaste o mal de sua tenda para que sua "vida seja clara como o meio dia" (Jó 11.17). O salmista lamenta o fato de sua vida ser tão efêmera: "deste aos meus dias o comprimento de alguns palmos; à tua presença o prazo da minha vida é nada" (Sl 39.5[6]). Salmos 89.47[48] emite uma nota semelhante: "lembra-te de como é breve [que duração tem] a minha existência".

O outro sentido de *heled* é relacionado ao anterior. O termo "mundo" não é usado para designar apenas a terra, mas toda cena da vida e da ação que ocorre na terra. Salmos 49.1 usa a palavra claramente com esse sentido: "povos todos, escutai isto; dai ouvidos, moradores da terra". A tradução de Salmos 17.14 é mais difícil, mas a maioria dos comentaristas concorda que ali *heled* também significa "mundo". O sentido pode ser "pela tua mão, ó Senhor, elimina-os do mundo" ou "salva-me (v. 13) com a tua mão, ó SENHOR, dos homens do mundo" (ARC).

E.B.S.

654 חלד (*hld*). **Aceita como raiz de:**

654a חֹלֶד (*hōled*) ***doninha*** (ARA, ARC); ***toupeira*** (BJ, BLH); Lv 11.29.

655 חָלָה (*hālâ*) ***I, adoecer, ficar doente, fraco, enfermo, entristecido.***

Termos Derivados

655a †חֳלִי (*hŏlî*) ***doença, enfermidade.***

655b †מַחֲלֶה (*mahăleh*) ***doença, enfermidade.***

655c מַחֲלָה (*mahălâ*) ***doença.***

655d †מַחֲלוּי (*mahălûy*) ***doença.***

O sentido básico desta raiz é "estar (ficar) doente" ou "desfalecer". O verbo é usado 59 vezes. Devido à natureza do verbo, há pouca ou nenhuma diferença em traduzir-se "estar" ou "ficar" doente.

Em muitos contextos (*e.g.* Gn 48.1; Ez 34.16) não se precisa fazer distinção entre estar "doente" ou estar "fraco" (este último estado sendo derivado do primeiro). Em Juízes 16.7, 17, todavia, não há doença em questão, porque "estar fraco" (em contraste com *kōah*, "força") é aqui definido explicitamente como ser "como outro homem qualquer". Os outros usos deste verbo podem ser entendidos sempre como contendo a implicação de algum tipo de doença, mas isto muitas vezes não é necessário. Assim, em Isaías 57.10, a palavra é aplicada ao que provavelmente é o resultado de uma longa jornada (ARC, "adoeces"; ARA, "desfaleces").

O "estar doente" inclui as condições [produzidas por ferimentos físicos, acidentais ou provocados por outros: por espancamento (Pv 23.35; ARA, "me doeu"), por ferimentos de guerra (2 Rs 8.29), em decorrência de uma queda (2 Rs 1.2). É usado num sentido geral (como em português) para doenças quaisquer, independentemente de causas, que às vezes provocam a morte: Jacó (Gn 48.1), Ezequias (2 Rs 20.1). É usado mais especificamente em relação a uma enfermidade em particular, como no caso dos pés de Asa (1 Rs 15.23). É usado ainda com relação a animais impróprios para sacrifício (Ml 1.8, 13).

O verbo também é usado no sentido de estar "doente do coração" ou da "mente", como a jovem amante de Cantares estava "doente de amor" (Ct 2.5; 5.8). Saul reclamou que ninguém estava "doente", *i.e.*, "triste" por sua causa (1 Sm 22.8).

A forma não-física da doença é mais evidente nos usos do grau nifal. Amós fala das pessoas que "andam à vontade em Sião", mas não se afligem (*i.e.*, não adoecem) "com a ruína de José" (Am 6.1, 6), e Isaías fala de um "dia de adoecer" (traduzido por "dia da tribulação", ARA, Is 17.11). Além disso, o nifal também é usado em relação às ovelhas "doentes" (Ez 34.4) e sobre pessoas que se "cansaram" (Jr 12.13). Nesta última referência, Jeremias usa a palavra para descrever o esforço de plantar trigo (que resulta numa colheita de espinhos). O particípio do nifal também é usado com o sentido de "grave", "severo" quando se refere a golpes recebidos e a ferimentos daí resultantes (Jr 10.19).

O hifil, "tornar doente", "fazer adoecer", é usado quatro vezes em contextos diversos. Miquéias 6.13, que literalmente é traduzido por "eu tornei doente o golpe que recebeste", deveria provavelmente ser entendido assim: "eu te feri com um golpe que te enfraqueceu", ou seja, com um golpe severo. A BJ e a ARA preferem ler com as versões o verbo "começar" (*hālal*). O hifil é usado para denotar os sentimentos ("a esperança que se adia faz adoecer o coração", Pv 13.12), e também a doença que decorre do uso do vinho (Os 7.5).

Isaías 53.10 (ARC) diz: "todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar", *i.e.*, "ele o fez ficar doente" do sentido de angústia mental. Poderia descrever sofrimento físico

também, *i.e.*, ele o feriu. Isto seria paralelo ao passivo correspondente (hofal) que é usado três vezes, sempre no sentido de "estou ferido" (da batalha) (1 Rs 22.34; 2 Cr 18.33, Acabe; 2 Cr 35.23, Josias).

O hitpael é usado apenas três vezes — todas referentes a Amnom, com o sentido de "se fazer adoecer". Ele causou sua própria doença com seus desejos incontrolados por sua meia-irmã (2 Sm 13.2), e depois assumiu a aparência de doente (vv. 5 e 6).

O piel é causativo em Deuteronômio 29.22 (a ARA usa o verbo afligir para evitar o acusativo cognato). A única outra ocorrência do piel é um infinitivo traduzido por "aflição" (ARA, Sl 77.10[11]). Quanto a outras formas do piel, veja *hālâ* II. O pual é usado uma vez: "também tu estás enfraquecido?" (Is 14.10).

hŏlî. ***Doença, enfermidade.*** Este substantivo segue o verbo ao denotar "doença", como resultado, quer de causas físicas (a queda de Acazias, 2 Rs 1.2), quer patológicas (a enfermidade dos pés de Asa, 2 Cr 16.12; das entranhas de Jeorão, 2 Cr 21.15). Pode ser aplicada figurativamente a uma nação (Os 5.13). É usada para descrever determinada situação como calamidade (Ec 6.2, ARA "aflição").

A BLH traduz o plural de *hŏlî* por "sofrimentos" em Isaías 53.4, embora a tradução "enfermidades" seja mais adequada, quer físicas, quer espirituais. O paralelo é *mak'ôb*, que significa "dor". Jeremias (caps. 6—7) usa o termo para descrever a depravação espiritual de Jerusalém. Em Jeremias 10.19 a palavra "enfermidade" também é usada (ARC), mas o uso no contexto é semelhante a Ec 6.2 (acima) e talvez deva ser traduzido por "calamidade" ou "aflição".

mahăleh. ***Doença, enfermidade.*** Esta palavra é usada duas vezes (2 Cr 21.5; Pv 18.14).

mahălûy. ***Doença ou ferida.*** Usada apenas em 2 Crônicas 24.25 sobre a condição de Joás em virtude de seu conflito com os siros. C.P.W.

656 *חָלָה (*hālâ*) ***II, rogar, solicitar, pedir, suplicar, apelar.***

Termo Derivado

656a מַחֲלָת (*mahălat*) ***Maalate*** (ARC; ARA, "cítara").

Este verbo é usado 16 vezes, sempre no grau piel com o advérbio *p'nê*, "perante", "diante de". Quando assim acompanhado tem sempre o sentido de "solicitar", "buscar o favor".

Treze das 16 ocorrências referem-se a buscar o favor do Senhor. Normalmente isto envolve uma oração por misericórdia ou socorro diante de algum perigo ou ameaça. O perigo pode ser a própria mão de Deus (Êx 32.11, em decorrência do bezerro de ouro) ou a de inimigos (2 Rs 13.4, os sírios contra Jeoacaz).

Quando aplicado a outros, Zofar afirma a Jó que, se este seguisse o caminho do bem, "muitos procurarão obter o teu favor" (Jó 11.19). Em Provérbios 19.6, vemos que "muitos adulam" o generoso (ARC, "muitos suplicam a face do príncipe"). Segundo Salmos 45.12[13], "os mais ricos do povo" pedirão favores à filha do Rei, que é identificado em Hebreus 1.8, 9 como o Filho de Deus.

Alguns chamam atenção para o uso invariável de *p'nê* e insistem em que se trata de expressão idiomática que indica um tipo de carícia feita no rosto de outra pessoa, tor-

nando-a, assim, propícia ao pedido do suplicante, mas isto parece ser uma etimologização extrema. A origem da expressão pode não ser clara. O sentido, todavia, conforme determinado pelo uso, é claro. Outras palavras para "rogar" são *hānan* e *pālal* (*q.v.*).

C.P.W.

mahălat. ***Maalate; citara(?)*** Este termo técnico musical de significado incerto encontra-se nos títulos hebraicos dos salmos 53 e 88 [53.1 e 88.1]. A maioria das versões simplesmente translitera o termo. A NASB sugere uma conexão com *hālâ* I, "ser doente, fraco", e daí sugere uma melodia triste. Outros a relacionam ao termo *m'hōlâ*, uma dança de roda. Em Salmos 88, onde é acompanhada da palavra *l'annôt*, a NIV sugere o título de uma melodia, "O Sofrimento da Aflição". A BLH opta por "instrumentos de cordas e para dois coros", modificando o texto hebraico; a BJ trata como dois substantivos, "Para a doença. Para a aflição". Quanto a outros termos semelhantes veja *selâ*.

H.W.

657 חלה (*hlh*). **Aceita como raiz de:**

657a חֲלִי (*hălî*) ***adorno*** (Pv 25.12; Ct 7.2).

657b חֲלִיָּה (*helyâ*) ***jóia cara*** (ARA), ***gargantilha*** (ARC), ***colar*** (BJ) (Os 2.13[2.15]).

חוֹלָה (*hallâ*). Veja o n.º 660b.

חלון (*hallôn*). Veja o n.º 660c.

חֲלוֹם (*hălôm*). Veja o n.º 663a.

חֲלוֹף (*hălôp*). Veja o n.º 666b.

חלוּשָׁה (*hălûshâ*). Veja o n.º 671b.

חַלְחָלָה (*halhālâ*). Veja o n.º 623f.

658 הלט (*hālat*) ***tomar, captar (uma palavra).*** Usado apenas em 1 Reis 20.33.

חֳלִי (*hŏlî*). Veja o n.º 655a.

חֲלִי (*hălî*). Veja o n.º 657a.

חֲלִיָּה (*helyâ*). Veja o n.º 657b.

חָלִיל (*hālîl*). Veja o n.º 660d.

חֲלִילָה (*hălîlâ*). Veja o n.º 661c.

חֲלִיפָה (*hălîpâ*). Veja o n.º 666c.

חֲלִיצָה (*hălîtsâ*). Veja os n.ºs 667a, 668a.

659 חלך (*hlk*). **Aceita como raiz de:**

659a חֶלְכָּה (*hēlkâ*) ***infeliz, desafortunado, pobre*** (ARC).

A palavra é utilizada apenas como substantivo e apenas num contexto, o de Salmos 10.8-14. O salmo trata da traição dos ímpios, que ficam à espreita para destruir suas

vítimas desafortunadas. O ímpio acha que Deus não dará atenção a isso. mas ele vê sim (vv. 11-14). Os infelizes são exortados a se dedicar ao Senhor, que é o ajudador dos órfaos. A raiz parece ser usada três vezes, embora alguns sugiram que o uso no versículo 10 tenha outro sentido ("patife", *cf.* HOLLADAY, *A concise Hebrew and Aramaic lexicon*, p. 105). E verdade que a grafia no versículo 10 é ligeiramente diferente, mas a raiz é sem dúvida alguma a mesma. É possível que no versículo 10 a palavra seja o denominado "plural abstrato". O versículo pode ser assim traduzido: "ele [o ímpio] esmaga[-o]; ele afunda e cai desamparado por causa da sua força".

E.B.S.

660 חלל (*hālal*) ***I, ferir (fatalmente), perfurar, traspassar.*** Sobrevive no árabe ***halla***, "traspassar". Incluindo-se os derivados, ocorre 96 vezes.

Termos Derivados

660a חָלָל (*hālāl*) ***morto, fatalmente ferido.***
660b חַלָּה (*hallâ*) ***bolo furado.***
660c חַלּוֹן (*hallôn*) ***janela*** (vista como um furo ou buraco na parede).
660d חָלִיל (*hālîl*) ***flauta.***
660e חָלַל (*hālal*) ***tocar flauta.*** Verbo denominativo.
660f מַחֲלָה (*mᵉhillâ*) ***buraco.*** Ocorre somente em Isaías 2.19 (como paralelo de caverna nas rochas).

O verbo em si é usado apenas oito vezes e principalmente em poesia. Geralmente implica um ferimento fatal em pessoas, como também acontece com o adjetivo *hālāl*. Duas vezes refere-se à serpente em fuga, como paralelo da ação do Senhor de ferir Raabe até a morte (Is 51.9; Jó 26.13; embora nesta última passagem a ARC leia *hālāl* com o sentido de "criar", "formar").

Na passagem messiânica de Isaías 53.5, "traspassado" (ARA; IBB, ARC, "ferido") é conseqüência de ser ferido por Deus (v. 4). A forma poel usada (*mᵉhôlāl*) é semelhante à de Isaías 51.9; *cf.* "traspassados à espada" (pual, Ez 32.26). A citação em João 19.37 ("eles verão aquele a quem traspassaram") é de Zacarias 12.10, mas este versículo usa outro verbo (*dāqar*, "traspassar fatalmente" [geralmente em retribuição]). Em Jeremias 51.4 e em Lamentações 4.9, *dāqar* é usado como sinônimo de *hālal*.

Não é necessário interpretar Salmos 77.11 como "minha enfermidade" (*hălōtî*; TB, ARC, IBB; ARA, "minha aflição") em vez de "minha ferida" (*halōtî*), uma idéia já expressa em Salmos 109.22 (a ARA traz "ferido", mas o contexto é de morte). Provérbios 26.10 deve ser lido "como um flecheiro que a todos fere" (ARA), em vez da hipotética tradução "o grande [Deus] que formou [criou] todas as coisas" (KJV).

hālāl. Morto, fatalmente ferido. A tradução "traspassado" apóia-se em sua provável derivação de *hālal* I. Esse adjetivo é usado 87 vezes, sendo que em um quarto dessas vezes ele está qualificado pela expressão "à espada". Que a ação fosse fatal é algo confirmado pelo contexto e por dados circunstanciais na maioria dos casos. Incluía o ato de ferir e os gemidos resultantes. Os ferimentos eram geralmente infligidos em combate,

mas também como resultado de perseguição (Sl 69.26[27]) ou fome (Lm 4.9), e terminavam em morte. Por essa razao às vezes a ARC confunde "feridos" com "mortos" (*e.g.*, 1 Cr 10.1). (Em Lv 21.7, 14 o feminino *ḥălālâ* refere-se a uma mulher que tinha sido violentada.)

hallâ. Bolo. Esse substantivo feminino ocorre 14 vezes e é um termo técnico designativo de um tipo especial de bolo assado feito de farinha fina (Lv 2.4) e azeite (Lv 7.12; Nm 6.15). Com base numa suposta derivação de *ḥālal* I, acredita-se que ele tivesse alguns furos característicos (talvez no centro; *cf.* o alemão *Ringbrot*). Esse bolo fazia parte da oferta das primícias (Nm 15.20) e era colocado no altar (Lv 8.26) como parte das ofertas queimadas (Ex 29.23). Era, contudo, comido pelos participantes como parte da oferta (de comunhão) pacífica (2 Sm 6.19; Êx 29.2; Nm 6.19).

hallôn. Janela. Este substantivo (masculino e feminino) ocorre 34 vezes e não há dúvidas quanto a seu sentido no AT. Geralmente é entendido como uma abertura que é um furo feito na parede (de *ḥālal* I). Era uma abertura num edifício que proporcionava iluminação e ventilação, ficando em geral, por razões de segurança, bem no alto da parede e abaixo do telhado. A etimologia é incerta, e a palavra não pode ser ligada à característica arquitetônica síria do pórtico (*bit ḥilāni*; *cf.* o acadiano *hitlanni* e o hitita *hilammar*).

As janelas são encontradas em muitos tipos de construção, tanto em paredes internas quanto externas. Elas não tinham vidros e raramente possuíam venezianas. Serviam de passagem para o ar, como na arca (Gn 8.6). Podiam ser feitas com esquadrias quadradas (1 Rs 6.4) e eram suficientemente grandes para uma pessoa passar por elas (Js 2.15; 1 Sm 19.12; 2 Co 11.33).

Excepcionalmente uma pessoa, como um ladrão, poderia entrar através delas (Jl 2.9), embora fossem protegidas por barras ou treliça (Jz 5.28; Pv 7.6; *cf.* 2 Rs 1.2). Através delas uma pessoa poderia tanto ser vista do nível da rua quanto olhar para fora (2 Rs 9.30-32), embora seja arriscado identificar essa "mulher à janela" com práticas religiosas e representações artísticas.

A expressão "janelas do céus" (ARA, *e.g.*, Ml 3.10) é tradução de outro termo (*'ărubbâ*, *q.v.*), que deve ser vertido por "comportas". Tal como os olhos (Ec 12.3), a fornalha (Os 13.3) ou o pombal (Is 60.8), estas podiam ser abertas (Gn 7.11) ou fechadas (Gn 8.2). Desse modo, figuradamente, Deus controla a irrigação de modo que deixe cair uma inundação destrutiva (Gn 8.2; *cf.* Is 24.18) ou as chuvas de fartura (2 Rs 7.2), um símbolo de bênção (Ml 3.10).

mᵉhillâ. *Buraco.* Este substantivo feminino ocorre apenas uma vez, em Isaías 2.9, onde é paralelo de caverna nas rochas.

D.J.W.

661 חָלַל (*ḥālal*) ***II, profanar, contaminar, poluir; começar*** (hifil apenas)

Termos Derivados

661a חֹל (*ḥōl*) ***profanidade, usualidade.***

661b חָלָל (*ḥālāl*) ***II, profanado, desonrado, não santificado.***

661c חָלִילָה (*hālîlâ*) ***longe de [alguém] fazer [alguma coisa]; não permita Deus que...***, substantivo enfático usado como partícula ou interjeição negativa.
661d תְּחִלָּה (*t'hillâ*) ***início, primeiro.***

A etimologia e o significado básico dessa raiz são desconhecidos. A comparação com o árabe *hll*, "desobrigar de deveres religiosos", e com o uso em ugarítico (uma única vez, *Ugaritica* V, 3.11.6, "profanação das mãos", UT, Sup, p. 552) pode indicar seu domínio semântico.

O verbo e seus derivados são usados 83 vezes. *halal* é associado com impureza (*tum'â*) e termos semelhantes em que os aspectos físicos, rituais e éticos se sobrepõem.

A raiz *hll* é usada para assinalar o ato de rebelar-se contra a lei estabelecida por Deus (Sf 3.4), quebrar a aliança (Sl 55.21) ou os estatutos divinos (Sl 89.31 [32]). Por essa razão, profanar é usar de forma errada o nome de Deus (Lv 18.21), o sábado (Êx 31.14) ou o lugar santo, violando assim o seu caráter santo.

As leis levíticas tinham como um dos objetivos proteger os sacerdotes de se macularem no caráter, no corpo ou nos rituais. Eles poderiam ficar pessoalmente impuros devido a contato com cadáveres (Lv 21.4). Com respeito a relações sexuais, as regras eram bastante estritas. O sacerdote poderia casar-se somente com uma virgem do seu próprio povo (Lv 21.7-15). Nos rituais, o sacerdote não deveria tornar impuras aquelas coisas que eram santas ao ingerir sacrifícios fora do período estabelecido (quando a comida se teria estragado naturalmente, Lv 19.8). O lugar santo devia ser protegido mediante proibição da entrada de "estrangeiros, incircuncisos de coração e incircuncisos de carne" (Ez 44.7).

É possível que o uso primitivo da palavra tenha sido no contexto de relações sexuais, visto que ela é empregada para designar a profanação, por Rúben, da linhagem de seu pai (Gn 49.4) ou então a relação sexual com parente próximo, o que era proibido por lei. Tais ações eram consideradas fornicação e prostituição. A palavra pode, portanto, ser usada para indicar qualquer ação que vá contra a ordem planejada por Deus.

Em Isaías 47.6 o próprio Deus diz "profanei a minha herança", indicando com isso que estava entregando o povo à Babilônia quando estes transgrediram a lei e foram exilados. Deus fez o mesmo com seus sacerdotes quando eles foram mandados para a Caldéia (Is 43.28). Assim ele estava agindo de forma a evitar que seu Nome fosse profanado, isto é, considerado não-santo pelas nações pagãs, muito embora isso significasse que o santuário, a coroa e o reino de Judá fossem "profanados".

O grau hifil do verbo é usado apenas duas vezes: uma para referir-se ao Nome ("nunca mais deixarei profanar o meu santo nome", Ez 39.7) e à necessidade de os homens não "violarem" a palavra dada quando essa fosse um voto ou um juramento envolvendo o nome do Senhor (Nm 30.2). Por essa razão o uso freqüente do hifil (106 vezes) com o sentido de "iniciar" provavelmente não tenha origem na mesma raiz (veja *t'hillâ*, abaixo), a menos que, possivelmente, ele tenha-se desenvolvido a partir do conceito de libertar-se de uma obrigação com o intuito de agir de certa maneira, mediante o lançar-se na empreitada de ficar livre.

hōl. Profanidade, usualidade; comum. Este substantivo masculino é usado sete vezes. Em primeiro lugar , para descrever local não-sagrado (Ez 42.20; 48.15) ou qualquer coisa não-santa, isto é, ao fazer distinção entre o santo e o comum, até mesmo entre o limpo e o impuro (Lv 10.10; Ez 22.26; 44.23). Em segundo lugar, em 1 Samuel 21.5, 6, a palavra

descreve pão "comum", em contraste com o pão da proposição (*lit.*, "não havia ali pão comum, senão os pães da proposição"). Aqui também a palavra é usada para descrever o oposto do que é "santo".

hālāl. Não-santificado, profanado, desonrado. Este adjetivo (veja *hālal* II) ocorre quatro vezes. Em cada caso a ênfase recai na quebra concreta ou simbólica das leis sexuais. Em Levítico 21.7, 14, a palavra é usada para designar mulheres associadas com prostitutas (ou talvez elas próprias prostitutas). Na lista de pessoas com quem um levita não poderia casar-se, encontramos a viúva ou a divorciada (aqui possivelmente também sinônimos de prostituta). Semelhantemente o adjetivo descreve Israel como "profano e perverso" (Ez 21.25; TB, "ímpio mortalmente ferido", traduzindo como *hālal* I).

hālîlâ. *Longe de [alguém] fazer [alguma coisa]; não permita Deus que...* Esta expressão, que ocorre 19 vezes, introduz uma negação incisiva ou desaprovação de algum ato. É dita por um rei ou por algum alto funcionário, ou, coletivamente, por pessoas numa solene situação legal (Gn 44.7). Seu uso é atestado só até a monarquia. Jó 27.5; 34.10 reitera um contexto semelhante ao daquele em que Abraão usa a palavra com referência a Deus (Gn 18.25). O vocábulo é usado pelo próprio Deus (1 Sm 2.30), para Deus (Gn 18.25) e sobre ele (Jó 34.10). A expressão toda e possivelmente com sentido mais forte, tendo a força de juramento, inclui o nome de Deus ("tal não suceda! como vive o Senhor..." — 1 Sm 14.45; 24.7; 2 Sm 20.20).

Uma vez que a palavra está geralmente associada a *hālal* II pode ter o sentido de *ad profanum*. Mas não se pode ter certeza disso. Pode ser uma forma reduplicativa (*cf.* o acadiano *hâlu*, "gotejar sangue", e desse modo a vida se esvai) em que se clama uma maldição sobre a pessoa que viesse a cometer um ato proibido; mas esse sentido é improvável em vista de o próprio Deus usar a expressão.

t^ehillâ. Início, primeiro (numa seqüência). Este substantivo feminino, derivado do hifil de *hālal* (palavra examinada acima), é usado 22 vezes em três categorias. Em primeiro lugar, ele indica o primeiro duma seqüência de eventos, o início, como de uma viagem (Gn 13.3; 41.21) ou o primeiro a atacar (Jz 1.1). Em segundo, naquele que é o sentido mais comum, ele se refere ao "início" de um período especificado, *e.g.*, a colheita de cevada (Rt 1.22), o crescimento da vegetação (Am 7.1) ou a ocupação de Samaria pelos deportados vindos da Babilônia (2 Rs 17.25). E usado para designar as primeiras palavras de uma oração (Dn 9.23) ou as primeiras palavras da fala de uma pessoa impiedosa (Ec 10.13). Terceiro, num sentido abstrato, ela denota o "princípio primeiro" da sabedoria, que é o temor do Senhor (Pv 9.10).

Bibliografia: BLANK, Sheldon H., Isaiah 52,5 and the profanation of the name, *HUCA*, 25:1-8. — RICHARDSON, *TWB*, p. 272. — *THAT*, v. 1, p. 570-5. D.J.W.

662 חָלַם (*hālam*) ***I, ser forte, saudável*** (Jó 39.4, qal; Is 38.16, hifil).

663 חָלַם (*hālam*) ***II, sonhar.***

Termo Derivado

663a חֲלוֹם (*hălôm*) ***sonho.***

Palavra aparentemente derivada do verbo *hālam*, "sonhar", e certamente equivalente em todos os sentidos a *hēlem*, "sonho", na porção aramaica de Daniel. Este artigo tratará o vocábulo hebraico e seu correspondente aramaico *hēlem* como totalmente equivalentes. Seja o verbo *hālam*, "sonhar", seja um homônimo, seja um sentido mais primitivo de *hālam*, "ser forte" é algo controverso, mas é interessante que, caso "ser forte" seja o sentido primitivo, ele veio a significar "sonhar" em virtude de que sonhos eróticos dos homens, acompanhados de polução, ligam a idéia de "ser forte" com a de "sonhar". Prova disso encontra-se no cognato árabe. O *KB* coloca as duas raízes sob um único verbete. Em hebraico, no AT, não existe nenhuma palavra mais para designar sonho.

O uso da palavra facilmente se encaixa em duas categorias: 1) Sonhos comuns, tais como aqueles que todos têm periodicamente enquanto dormem. Podem ser assustadores (Jó 7.14); são transitórios (Jó 20.8; Is 29.7, 8); e têm causas naturais (Ec 5.2). Isso é teologicamente significativo por deixar claro que os autores das Escrituras não defendem nenhuma teoria geral de significado psíquico ou religioso dos sonhos.

Existem, contudo, alguns casos que mostram que pode ter existido entre os israelitas e seus vizinhos uma crença geral de que às vezes os sonhos têm significado religioso. O copeiro e o padeiro de Faraó, que estavam presos, assim pensaram (Gn 40), como também o fizeram alguns combatentes hebreus da época de Gideão (Jz 7.13-15). 2) Sonhos reveladores, em que Deus transmite informações à humanidade. Estes sonhos, no caso de profetas mentirosos, são falsos já de início, isto é, inventados pelas pessoas que começaram a divulgá-los (*veja* Jr 23.14-40). "Falam as visões do seu coração, não o que vem da boca do SENHOR" (v. 16). "Não mandei esses profetas, todavia eles foram correndo; não lhes falei a eles, contudo profetizaram" (v. 21). Quanto a revelações genuínas mediante sonho, existem vários níveis. Em algumas Deus aparece (embora não saibamos em que figura ou forma) e de modo bem direto informa o recebedor, que dorme. O sonho de Abimeleque, rei de Gerar, é desse tipo (Gn 20.3-7); também de Jacó, em Betel (Gn 28.10-19). Outro tipo são os sonhos em que a revelação divina ocorre por meio de coisas, pessoas e ações simbólicas. A pesssoa que sonha fica intrigada e exige a ajuda de um intérprete humano. O intérprete (profeta) é o agente primário da revelação, sendo que o sonho foi apenas a ocasião para a revelação (Gn 40, 41; Dn 2.4). Em alguns casos, à semelhança dos citados acima, o sonho é inexplicável sem a ajuda de Deus, mas o agente da explicação é um mensageiro divino (anjo) que aparece dentro do sonho (ou visão). Um exemplo é Daniel 7 (veja v. 16). Às vezes o sonhador-profeta acorda e, lembrando-se do sonho, fica intrigado e, normalmente acordado, recebe a visita de um mensageiro divino (anjo) que vem explicar o sentido do sonho (Dn 8, veja vv. 15-27).

Tanto os sonhos quanto as visões (veja *hōzeh* e *hāzôn*) eram maneiras freqüentes de Deus se comunicar com os profetas de Israel. Números 12.6-8 trata especificamente da questão. Não está bem claro se esses eram os modos exclusivos de comunicação divina, muito embora os sonhos e as visões fossem característicos. (Veja Is 1.1 e compare com Jr 1.1, 2 — "visão" *versus* "palavra" e "palavras".) Hebreus 1.1 sugere muitos modos de comunicação.

Parece que "sonho" designa o estado dormente de receptividade profética, e "visão", o segmento individual dentro do sonho. Daniel 7, por exemplo, fala de "um sonho" em que

havia "visões da sua cabeça [...] em sua cama" (IBB, v. 1; veja vv. 2, 7, 13).

Em si as visões e os sonhos não tornavam aquele que reivindicava tê-los em um autêntico portador da verdade divina a menos que a pessoa (profeta) apresentasse suas credenciais. Claro está que o sonho *não* era suas credenciais. (Veja Dt 18; 13.) Santos com capacidade de discernimento lamentavam a ausência desses profetas, de seus sonhos e visões e de seus "sinais" (1 Sam 3.1; *cf.* v. 20; SI 74.9).

Bibliografia: Dream, In: *Dictionary of New Testament Theology*, ed. Colin Brown, v. 1. — OPPENHEIM, L., *The interpretation of dreams in the Ancient Near East*, 1956. — RUBLE, Richard L., The doctrine of dreams, *BS*, 125:360-4.

R.D.C.

664 חַלְמוּת (*hallāmût*) ***uma planta insossa, beldroega ou malva*** (BJ). Outras versões em português seguem o Targum e traduzem por "clara de ovo" (Jó 6.6). Derivação e sentido incertos.

665 חַלְמִישׁ (*hallāmîsh*) ***pederneira.***

A palavra é usada apenas cinco vezes no AT. É uma raiz quadriliteral que provavelmente vem de uma fonte não-semítica desconhecida. Em Números 20, no relato em que Moisés faz sair água da rocha, outra raiz (*sela'*) é usada. Mas em Deuteronômio 8.15, onde novamente menciona-se esse acontecimento, as palavras *tsûr hallāmîsh*, "rocha pederneira" (IBB), são usadas. A linguagem poética de Salmos 114.8 divide a terminologia de Deuteronômio 8.15, separando as palavras entre os dois lados do paralelismo: "o qual converteu a rocha [*tsur*] em lago de águas, a pederneira em manancial" (IBB).

Jó emprega o vocábulo em seu poema de sabedoria (cap. 28) para falar da capacidade tecnológica de homens que conseguem "[estender] a mão contra a pederneira e [revolver] os montes desde as suas raízes" (IBB, v. 9) e assim mesmo são incapazes de encontrar sabedoria. Deuteronômio 32.13 utiliza a palavra em sentido metafórico para contar como Deus abençoou materialmente o seu povo. O Senhor fez o seu povo "chupar mel da rocha e azeite da dura pederneira". Num símile marcante, Isaías utiliza a palavra para designar aquela firme determinação baseada na fé no Senhor Deus: "o Senhor Jeová, porém, me ajudará; [...] por este motivo pus o meu rosto como uma pederneira, e sei que não serei envergonhado" (TB, Is 50.7).

Bibliografia: LANDSBERGER, B., Akkadisch-Hebräische Wortgleichungen, *Sup VT*, 16:176-204.

E.B.S.

666 חָלַף (*hālap*) ***passar adiante, desaparecer, atravessar, trocar;*** o piel e o hifil usualmente têm o sentido de "trocar" de roupa, *etc.*

Termos Derivados

666a חֵלֶף (*hĕlep*) ***em troca de.***

666b חֲלוֹף (*hălôp*) ***falecimento, desaparecimento, pessoa ou objeto destinado à destruição.***

666c חֲלִיפָה (*hălîpâ*) ***ato de trocar (de roupa), substituição.***
666d מַחֲלָף (*mahălāp*) ***faca (que corta de um lado a outro?).***
666e מַחֲלָפָה (*mahălāpâ*) ***tranças, mechas (de cabelo).***

O ugarítico tem um cognato do último derivado, *mhlpt*, "mecha de cabelos" (AISTLEITNER, *WUS*, n.º 1035). O árabe *halafa* é usado com o sentido de "substituir", "vir depois de". Daí vem a palavra "califa", título dos antigos governantes turcos.

No qal o uso do verbo é ilustrado em Juízes 5.26. Jael traspassou as têmporas de Sísera (*cf.* Jó 20.24). Tufoes, conquistadores e espíritos passam diante das pessoas ou por elas (Is 21.1; 8.8; Jó 4.15). O verbo também é empregado para designar o crescimento da relva (SI 90.5, 6) e para o renovo que brota do cepo de uma árvore (Jó 14.7).

Este último uso é de particular interesse, pois baseia-se no conceito de Jó acerca de uma vida futura (3.11-15). Então ele suplica o alívio divino, pois parecia que Deus estava a ponto de destruí-lo (10.8, 9). Em seguida, num versículo difícil, ele afirma sua esperança (13.15) e sua certeza de vindicação (13.18). No capítulo 14 ele tece considerações explícitas sobre a vida após a morte. Em primeiro lugar, ele cita o caso de uma árvore que, quando derrubada, "torna a brotar" (TB, IBB, v. 7, hifil de *hālap*). Não é assim com o homem. Valendo mais que uma árvore, ele morre e não se levanta. Jó considera isso impensável e suscita a pungente pergunta: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?". A partir de sua ilustração da árvore, ele responde a seu próprio clamor com uma declaração de fé. Jó ainda aguarda que aconteça o seu próprio "tornar a brotar" (v. 14, *hălîpa*). Ele está certo de que Deus terá respeito por ele, ansiará por Jó, obra de suas próprias mãos. Interpetada à luz da palavra-chave *hālap*, a passagem prepara para uma passagem mais famosa sobre o assunto, Jó 19.23-27.

Bibliografia: HARRIS, R. L., The book of Job and its doctrine of God, *Grace Journal*, 13:28-29.

R.L.H.

667 חָלַץ (*hālats*) ***I, tirar, retirar, retirar-se*** (qal); ***salvar, ser salvo*** (piel, nifal).

Termos Derivados

667a חֲלִיצָה (*hălîtsâ*) ***aquilo que é arrancado de uma pessoa, como despojo, na guerra.*** Ocorre apenas em 2 Samuel 2.21 e Juízes 14.19.
667b מַחֲלָצָה (*mahălātsâ*) ***veste cerimonial.***

Na Bíblia este verbo é usado com o sentido acima no grau qal apenas quatro vezes (Dt 25.9; Is 20.2; Lm 4.3; Os 5.6). Em Levítico a palavra tem este sentido duas vezes no piel (Lv 14.40, 43). O outro sentido, "salvar", "livrar", é encontrado apenas em material poético em Jó, Salmos e Provérbios. Nesses livros o verbo é encontrado 16 vezes com o sentido de "salvar", a maioria delas em Salmos. Esse uso no AT reflete-se em nomes teofóricos fenícios, tais como *hālatsba'al* (Baal salvou). Os dois significados estão dentro do mesmo domínio semântico. O salmista está em dificuldades e clama ao Senhor para "livrá-lo" de sua aflição. Em Salmos 7.4[5] o próprio salmista é o agente, em vez de o objeto, de livramento. Aqui ele aborda o sublime tema de fazer o bem aos inimigos,

afirmando: "antes livrei ao que me oprimia sem causa" (ARA). O amor aos inimigos, conforme as palavras de Jesus (Mt 5.43, 44), não é tema exclusivo do NT.

Bibliografia: THOMAS, D. W., A note on Jud. 14, 18, *JTS*, 34:165.

E.B.S.

668 חָלַץ (*hālats*) ***II, equipar para a guerra, vestir um cinturão de guerreiro, cingir-se ou armar-se, preparar-se para o combate, revigorar, tornar forte.***

Termos Derivados

668a חֲלִצָה (*hălitsâ*) ***cinturão.***

668b חֲלָצַיִם (*hālātsayim*) ***lombos.***

Com esses sentidos a raiz é usada a maioria das vezes no qal, às vezes no nifal e uma única vez no hifil.

O emprego mais comum dessa raiz é com o sentido de "armar" ou "equipar para a guerra". Em Números 32.21, *etc.*, e em Josué 4.13; 6.7, 9, 13, onde os israelitas estão-se preparando para invadir a terra prometida como soldados armados, usa-se o particípio passivo do verbo. O particípio descreve os soldados de Davi (1 Cr 12.23, 24), de Josafá (2 Cr 17.18; 20.21), de Peca (2 Cr 28.14) e do rei de Moabe (Is 15.4).

hălitsâ. ***Cinturão.*** Cinturão de soldado (herói), com o qual ele se cingia. *Cf.* o acadiano *halisu*, "cinturão", "tira de couro" (CAD, v. 6, p. 43). Embora outras palavras hebraicas também sejam usadas (*hăgôr*, *'ēzôr*), esta enquadra-se bem na figura de Efésios 6.14. "Permanecei, pois, firmes, tendo o cinturão da justiça bem firme ao redor de vossa cintura" (NIV). Uma vez que este era o símbolo da bravura do soldado em combate, tirá-lo era prova de que o soldado estava derrotado. A luta-livre de cinturão, que era praticada no mundo do AT (*cf. ANEP*, 218, 219), reflete-se nas duas passagens onde este substantivo é empregado. Em 2 Samuel 2.21, onde provavelmente está em andamento uma competição de luta-livre de cinturão, Abner tenta inutilmente fazer com que Asael enfrente um jovem e "tome seu cinturão". Em Juízes 14.19 Sansão enfrenta 30 filisteus e toma-lhes os cinturões.

hālātsayim. ***Lombos,*** como fonte de vigor e lugar de onde procede a semente de alguém (Gn 35.11; 1 Rs 8.19). Alguns usos ressaltam o cingir os lombos (Jó 38.3; 40.7; Is 5.27; 11.5; 32.11).

E.B.S.

669 חָלַק (*hālaq*) ***I, repartir, dividir, designar, alotar, dar como porção, atribuir.***

Termos Derivados

669a †חֵלֶק (*hēleq*) ***parte, porção, território.***

669b †חֶלְקָה (*helqâ*) ***parte, pedaço, porção, terreno.***

669c חלקה (*hăluqqâ*) ***parte, porção,*** só em 2 Crônicas 35.5.

669d מחלקת (*mahălōqet*) ***divisão, parte, distribuição.***

A palavra possui conotações legais semelhantes às de *nahălâ*, "entregar como posse", mas com a implicação mais específica daquilo que é concedido. Difere radicalmente das várias raízes hebraicas que têm o sentido de "dividir" e são usadas no sentido de "partir em pedaços". O verbo, usado apenas no qal e no piel (62 vezes), é empregado, incluindo-se seus termos derivados, aproximadamente 194 vezes.

Em geral o verbo é usado para a distribuição de partes de terra (ARA, "repartir a terra". Nm 26.53), seja mediante sorteio (Nm 26.53), seja herança (Pv 17.2), seja ainda por outras formas de divisão (Pv 29.24). O verbo pode referir-se a qualquer tipo de coisa a ser dividida: comida num banquete (2 Sm 6.18), roupas (Sl 22.19) ou despojos de guerra (Pv 16.19). Desse modo, as pessoas podem ser divididas em grupos não especificados (Gn 14.15; embora neste caso a palavra talvez derive de outra, equivalente ao árabe *hlq*, "rodear", "circundar"), em duas facções (1 Rs 16.21), ou em grupos específicos, como no caso dos sacerdotes e levitas designados para o serviço do templo (veja *mahălôqet*).

Deus faz a divisão. A pergunta que se faz é se é ele quem "reparte" dores em sua ira (Jó 21.17), a qual "divide" os ímpios. O coração "dividido" de Oséias 10.2 (IBB, ARC, TB) talvez deva ser traduzido por coração "falso" (ARA, BJ) ou "bajulador" (veja *hâlaq* II). É Deus quem "reparte" o sol, a lua e as estrelas como guias (não como deuses para serem adorados) de todos os povos (Dt 4.19). Visto que alguns comentaristas judeus consideram que isso desculparia a idolatria entre os gentios, eles e a Vulgata traduzem *hlq* como um equivalente do árabe *halaqa*, "criar". Deus é a fonte de luz, a qual "se reparte" entre os homens (IBB, ARC, Jó 38.24). Conquanto o verbo não seja diretamente usado para indicar a distribuição de terras pelo Senhor, o uso do substantivo (veja *hēleq*) mostra que, em última instância, era ele quem o fazia.

hēleq. ***Parte, porção, território.*** Esta palavra ocorre 62 vezes. É usada como sinônimo de "sorte" (*gôrāl*), quando esta é uma parte do despojo dividido entre os vencedores (Gn 14.24) ou das ofertas entre os sacerdotes (Lv 6.10). Com maior freqüência ela refere-se a uma parte numa herança. No início do AT a palavra é usada com uma nuança técnica de porção de terra dada a todas as tribos, quando elas entraram na terra. Nesse uso o termo faz paralelo com "herança" (*nahălâ*). Com base no princípio de que "a terra é herança do SENHOR", a porção de terra veio a ser considerada sinônimo de "porção de terra" (*hebel*) dada às tribos mediante sorteio. Alguns acham que aqueles que viviam fora da "terra de Deus", que fora designada, isto é, a terra a leste do Jordão (Js 22; *cf.* Ez 48), eram vistos como pessoas a quem fora negado ter "parte no SENHOR" (Js 22.25-27; Zc 2.16). Desse modo a terra, como parte da promessa da aliança de Deus, foi dada a seu povo como possessão (Mq 2.4) e parte na justiça de Deus (Ne 2.20).

Mas Arão e os levitas, consagrados para o serviço a Deus, não tinham nenhuma porção de terra. Para eles, "o SENHOR é a sua herança" (Dt 10.9; Nm 18.20). *Cf.* a afirmação em Salmos 16.5 (salmo messiânico): "O SENHOR é a porção da minha herança; tu és o arrimo da minha sorte (*gôrāl*)". Esse relacionamento especial teve como resultado disposições para o sustento do pessoal do templo a partir das ofertas e não de qualquer terra em que eles próprios fossem trabalhar.

Esse relacionamento entre Deus e o povo definia-se num conceito espiritual: "Deus

é [...] a minha herança" (Sl 73.26), "o SENHOR é a sua herança" (Dt 7.9), assim como é o seu refúgio (Sl 142.5[6]) e, conseqüentemente, sua suficiência. Os levitas e, por desdobramento, aquele que teme a Deus, encontram aqui "uma expressão total e completa de tudo o que seu relacionamento com Deus lhes garante" (Rad, G. von *The problem of the Hexateuch*, 1966, p. 263).

Em vista das implicações espirituais da palavra, não é de admirar que ela tenha constituído um elemento popular na formação de antropônimos entre os israelitas, por exemplo, Hilquias.

helqâ. ***Parte, pedaço (de território), porção, gleba ou lote (de terra).*** *Cf.* o aramaico *hălāq* e o acadiano *eqlu*, "campo".

A principal fração ou quinhão de terra no AT teve origem na distribuição de terra às tribos (veja *hēleq*), de modo que o substantivo feminino *helqâ* na maioria das vezes denota a porção ou divisão da terra outorgada às várias tribos de Israel após a conquista. Assim, Deus é visto como alguém que, sendo comandante e tendo, portanto, o direito de escolha, concedeu a melhor porção (Dt 33.21). A múltipla propriedade de terras já se vê confirmada na necessidade que Jacó teve de comprar terra ("parte do campo") de alguns filhos da família de Siquém (Gn 33.19; Js 24.32). Mais tarde, parece que Boaz cultivava apenas parte das terras de Elimeleque (Rt 2.3; 4.3). Na época da monarquia, o termo passou a genericamente designar "campo" (2 Rs 3.19), mas freqüentemente com a conotação de herança (2 Rs 9.21). Jeremias vê a terra de Israel como campo de Deus (12.10; *cf.* 1 Co 3.9). A "porção" de Jó 24.18 pode muito bem ter o sentido de "campo", devido ao paralelismo com "vinhas", e, neste caso, todos os usos deste substantivo podem ser traduzidos por "campo" no sentido antigo. Apenas em 2 Crônicas 35.5 o substantivo *hăluqqâ* designa "parte", "porção", ao passo que o aramaico *hălāq* é usado com esse sentido em Esdras 4.16 e Daniel 4.12, 20.

No antigo Oriente Médio não era incomum dar aos campos o nome de algum acontecimento em vez do nome do proprietário. Helcate-Hazurim (2 Sm 2.16), próximo de Gibeom, onde os homens de Isbosete foram mortos pelas tropas de Davi comandadas por Joabe, era o "campo do gume das espadas" ou, possivelmente, lendo-se *hatstsorîm*, o "campo dos conspiradores".

mahălōqet. ***Distribuição (tribal de terras), divisão.*** Este substantivo feminino, de *hălaq* I, é usado 32 vezes. É empregado em Josué (11.23; 12.7; 18.10) para designar porções específicas de terra dadas por Josué a Israel, idéia reiterada em Ezequiel 48.29. Nos períodos exílico e pós-exílico, o termo é freqüentemente empregado (26 vezes em Crônicas) para indicar os grupos ou subdivisões tecnicamente estabelecidos dos sacerdotes e levitas para o trabalho no templo de Jerusalém e, mais raramente, as divisões militares dispostas por Davi (1 Cr 23.6, *etc.*), sendo que os dois usos [*sic*] originaram-se na legislação mosaica (Ed 6.18).

Bibliografia: KAMHI, D. J., The Root HLQ in the Bible, *VT*, 23:236-39. — *THAT*, v. 1 p. 576-8. D.J.W.

670 חלק (*hālaq*) ***II, ser macio, escorregadio (também figuradamente), lisonjear.*** *Cf.* o ugarítico *hlq* e o árabe *halaqa*, "ser macio". Incluindo os derivados, ocorre 28 vezes.

Termos Derivados

670a חֵלֶק (*hēleq*) ***maciez, lisonja, sedução (de palavras).***

670b חָלָק (*hālāq*) ***macio, liso.***

670c חֶלְקָה (*helqâ*) ***maciez, lisonja.***

670d חַלֻּק (*halluq*) ***liso.*** Ocorre uma única vez, no construto plural (1 Sm 17.40).

670e חֲלַקּוֹת (*hălaqqâ*) ***maciez, promessas agradáveis.*** Ocorre apenas como plural abstrato (Dn 11.32).

670f חֲלַקְלַקּוֹת (*hālaqlaqqôt*) ***maciez, lisura, escorregadio, lisonja, promessas agradáveis.***

670g מַחֲלָקוֹת (*mahl'qôt*) ***maciez.***

O verbo é usado uma vez para designar o processo literal de alisar o metal para fazer um ídolo, batendo-o numa bigorna com um martelo de ferreiro (Is 41.7). Seu uso principal (qal e hifil) é o de fala suave ou lisonja, isto é, palavras que eram mais macias que manteiga e eram como óleo (Sl 55.2[22]). Esse uso da língua é sempre condenado (Sl 5.9[10]; e acaba com aquele que fala sendo pego numa armadilha (Pv 29.5). É característico da mulher sedutora, a qual se deve evitar (Pv 2.16; 7.5). A referência ao homem misterioso que "em seus próprios olhos se lisonjeia" (IBB, Sl 36.2[3]) talvez possa ser mais bem traduzida por "seu Deus destruí-lo-á com um olhar, quando ele descobrir sua ímpia calúnia" (*cf.* DAHOOD, M., Psalms I, AB, p. 271), interpretando a palavra a partir de mais um significado possível: "perecer". O ugarítico *hlq*, "perecer", é paralelo de *mt*, "morrer" (*UT*, 19:969) e do acadiano *halâqu*, "desaparecer". "O seu coração está dividido" (IBB, ARC, Os 10.2) é mais bem interpretado como "é falso" (ARA), isto é, figuradamente indica o coração volúvel.

hālāq. Macio, liso. Este adjetivo é usado para descrever a pele macia de Jacó em contraste com a pele cheia de pêlos de Esaú (Gn 27.11), e as pedras lisas de um uádi (Is 57.6), algumas das quais (*lit.*, "as lisas das pedras", isto é, possivelmente, "as mais lisas"; *cf.* TB) Davi utilizou para matar Golias (1 Sm 17.40, *halluq*). Um dos pontos distintivos dos penhascos desnudos junto ao mar Morto era chamado de "monte calvo" (ARC, Js 11.17; 12.7; a ARA, a IBB, a TB traduzem como nome próprio, "monte Halaque"). Alguns comentaristas associam esta palavra com o árabe *hlq*, "alto". Figuradamente, o adjetivo descreve a boca do lisonjeador (em paralelo com a "língua mentirosa", Pv 5.3; *cf.* 26.28). Um dia a adivinhação lisonjeira, à semelhança da visão falsa, seria eliminada de Israel (Ez 12.24).

helqâ. *Parte lisa, macia, maciez, lisonja.* Este substantivo é empregado cinco vezes e denota algo macio, suave (Is 30.10), como o pescoço (Gn 27.16) ou locais escorregadios onde alguém pode cair (Sl 73.18).

hālaqlaqqôt. Semelhante em significado a *helqâ*. Palavra usada como substantivo abstrato para descrever o comportamento dos maus, o qual será escuro e escorregadio (Sl 35.6). Uma vez que o paralelo é "trevas", alguns vêem nesta palavra um raro uso de *hlq*

(*cf.* árabe *'ahlawlq*, "trevas", ou *hālaq*, "destruição"; veja também *hālaq* II). Referindo-se à fala macia, este substantivo é claramente usado para designar palavras sedutoras ou lisonjeiras (Pv 6.24) com as quais alguns tentaram conquistar reinos, conceito enfatizado em Daniel (11.21, 34).

mahlᵉqôt. ***Lisura, maciez.*** Este substantivo feminino plural ocorre apenas em 1 Samuel 23.28 no topônimo Selá-Hamalecote (IBB, ARC, TB). Caso a palavra provenha de *hālaq* II, o sentido poderia ser de "rocha de maciez", ou seja, pedra escorregadia (como sugerido em BDB), mas é possível que este não seja um nome próprio. Caso derive de *hālaq* I, supõe-se que o sentido era de "rocha de divisões" (*cf.* BJ, "Garganta das Separações"), o local onde Saul e Davi se separaram. No entanto, com este sentido, a palavra é empregada apenas para designar a divisão dos sacerdotes (veja *mahălōqet*). A "Pedra de Escape" (ARA) pode ter a confirmação do acadiano *halāqu*, "fuga".

Bibliografia: KAMHI, D. J., The root *hlq* in the Bible, *VT*, 23:235-39. D.J.W.

חֲלַקְלַקּוֹת (*hălaqlaqqôt*). Vide n.º 670f.

671 חָלַשׁ (*hālash*) ***estar fraco, prostrado*** (*e.g.*, Êx 17.13).

Termos Derivados

671a חָלַשׁ (*hallash*) ***fraco*** (Jl 4.10).
671b חֲלוּשָׁה (*hălûshâ*) ***fraqueza, prostração*** (Êx 32.18).

חָם (*hām*). Veja o n.º 674a.
חַם (*ham*). Veja o n.º 677b.
חֹם (*hōm*). Veja o n.º 677a.

672 חמא (*hm'*) **Aceita como raiz de:**
672a חֲמָאָה (*hem a*) ***coalhada.***

673 חָמַד (*hămad*) ***desejar, ter prazer em.*** *Cf.* o ugarítico *hmd*, "ser agradável", mas também "cobiçar, ter concupiscência de" (a ASV e a RSV traduzem de forma semelhante, mas nos contextos positivos [11 dentre 21 vezes] preferem a tradução menos ambígua "ter prazer em"). O árabe *hamida* significa louvar, e o nome Maomé provém da raiz.

Termos Derivados

673a חֶמֶד (*hemed*) ***desejável, agradável, aprazível.***
673b חֶמְדָּה (*hemdâ*) ***desejo***, também adjetivo, ***agradável, precioso.***
673c חֲמוּדוֹת (*hămûdôt*) ***desejabilidade, preciosidade.***
673d מַחְמַד (*mahmad*) ***coisa agradável.***

673e מַחְמַד (*mahmōd*) ***coisa agradável.***

Em suas primeiras ocorrências, de um lado o verbo *hāmad* descreve as árvores "agradáveis" postas por Deus no Éden (Gn 2.9); de outro, a árvore proibida para Adão, a qual tornou-se pecaminosa quando "desejada" (o mesmo particípio nifal) para tornar alguém sábio (3.6). Semelhantemente, o substantivo *hemed* refere-se tanto a campos "aprazíveis" (Is 32.12; *lit.*, "campos de desejo") quanto a jovens assírios, pagãos, "de cobiçar" (Ez 23.6, 12, 23), que mostraram ser o tropeço de Israel.

Num sentido positivo, Salmos 39.11[12] fala da "beleza" do homem (ARC, particípio passivo; ASV, marg., substantivo coletivo, "prazeres"; ARA, IBB, TB, "o que [ele] tem de precioso"); *cf.* o substantivo *hămuddîm*, "coisas agradáveis", ou fausto (Lm 1.11; *cf.* Pv 21.20). Por isso, quando Ageu prediz que "virá o Desejado de todas as nações" (ARC, 2.7), provavelmente não está-se referindo ao Messias (como no v. 9*b*), mas sim às contribuições de coisas preciosas (ARA, IBB, TB; *hemdâ*) para a restauração do templo de Zorobabel (o mesmo substantivo, 2 Cr 36.10). A Sulamita senta-se junto de seu amado "com grande gozo", *hāmad*, piel (IBB, TB, Ct 2.3; *lit.*, "Que eu me deleite e me assente"); ela diz que ele é inteiramente "amável" (KJV, *mahmad*, um "desejo", 5.16). O próprio Deus "desejou" que Jerusalém fosse sua morada (IBB, Sl 68.16[17]; *cf.* 106.24; Jr 3.19; 12.10), e as determinações do Senhor são mais "desejáveis", *nehmādîm*, do que o ouro (Sl 19.10[11]; veja Ed 8.27, objetos de cobre chamados *hămûdôt*, "preciosidade", como o ouro).

Mesmo quando escarnecedores "se deleitam" em suas zombarias (IBB, Pv 1.22b), esse deleitar-se parece-lhes algo bom, fazendo paralelo com "amar" (1.22a; *cf.* 12.12; Jó 20.20). De modo análogo, para Judá as imagens tornaram-se as "suas coisas mais desejáveis" (IBB, Is 44.9; TB, "coisas que os deleitam"; veja 2.16); mas essa reação "é basicamente psicológica e apenas secundariamente ética" (*TWB*, p. 64).

Num sentido negativo, porém, o décimo mandamento prescreve: "Não cobiçarás (*hāmad*)" (Ex 20.17), o que se refere a um "desejo desordenado, incontrolado, egoísta" (*BDB*, p. 326). Israel não devia "cobiçar" (Dt 7.25) o ouro que enfeitava os ídolos, nem prostitutas (Pv 6.25), nem pedaços de terra (Mq 2.2; *cf.* Êx 34.24). O pecado de Acã em Jerico foi que ele desejou (*hāmad*, Js 7.21) os despojos. Quando altos funcionários de Arã referiram-se a tudo aquilo que era *mahmad*, "aprazível" aos olhos (1 Rs 20.6), eles procuravam para saquear os mais desejáveis tesouros de Samaria.

Em linguagem religiosa, "o desejo (*hemdâ*) de mulheres" (Dn 11.37) provavelmente era referência ao deus Tamuz-Adônis (*KB*, p. 308; Ez 8.14; *ICC*, "Daniel", *in loc.*). Conquanto o rei ungido por Deus surja como o desejo de Israel (1 Sm 9.20; compare 2 Cr 21.20), Isaías teve de prever para o servo messiânico uma ausência de beleza a fim de que o desejássemos (*hāmad*), para que fôssemos atraídos para ele (53.2).

hemed, hemdâ. ***Desejável, agradável.*** Com mais freqüência ocorre a forma feminina *hemdâ* (17 vezes em contraste com as cinco ocorrências de *hemed*), "desejo"; também adjetivo, "agradável", "precioso".

hămûdôt. A qualidade daquilo que é desejável, precioso; substantivo plural traduzido por "[homem] mui amado" (Dn 9.23; 10.11, 19), "pão agradável" (10.3; *KB*, p. 309, "[comida] fina"), "melhor roupa" (Gn 27.15) ou "jóias preciosas" (IBB, 2 Cr 20.25), mas também por

plurais verdadeiros, referindo-se a coisas agradáveis ou preciosas (Dn 11.38, 43). Ocorre nove vezes.

mahmad. Num sentido concreto, uma coisa (quatro dentre 13 vezes) ou pessoa agradável, por exemplo, a esposa de Ezequiel, "a delícia dos [seus] olhos", ou o templo de sua época (Ez 24.16, 21, 25); há também traduções da palavra como adjetivo: amado, amável. agradável.

mahmōd. Só no plural, *mahāmuddîm*, coisas agradáveis (Lm 1.7, 11).

Bibliografia: BÜCHSEL, F., em *TDNT*, III:169-70. — COATES, J. R., Thou shalt not covet [Ex 20:17], *ZAW*, 11:238. — GAMBERONI, J., Desire, em *Sacramentum Verbi*, v. 1, Herder & Herder, 1970, p. 206-209. — *THAT*, v. 1, p. 579-80.

J.B.P.

674 חמה (*hmh*). **Aceita como raiz de:**

674a חם (*hām*) ***sogro.***

674b חמות (*hāmôt*) ***sogra.***

674c חומה (*hômâ*) ***muro.***

hām. ***Sogro.*** A ASV e a RSV traduzem da mesma maneira. Este substantivo denota o pai do marido. Seu cognato acadiano é *emu* (*CAD*, E, p. 154 e ss.), que geralmente representa um parente do sexo masculino: sogro, genro, ou filho da esposa ou irmã. Essa palavra ocorre quatro vezes.

hāmôt. Sogra. A forma feminina do substantivo acima. Seu cognato acadiano é *emētu* (*CAD*, E, p. 149). Essa palavra ocorre 11 vezes.

Que a palavra significa o sogro (sogra) está claro não apenas com base nos cognatos acadianos, mas na própria Bíblia. Em Gênesis 38.13, 25, é evidente que Judá, que foi enganado por Tamar para cumprir o seu dever de levirato, era o pai dos dois falecidos maridos dela. Igualmente claro é o uso em 1 Samuel 4.19, 21, onde a esposa de Finéias, filho de Eli, morre lamentando pela sua família e dando à luz um filho, Icabode. O substantivo feminino contrapõe-se a *kallāt*, em Rute 2.23, e claramente significa sogra. É interessante que Miquéias (7.6) deplore a profunda corrupção moral demonstrada na ruptura dos laços sociais, especialmente os laços entre sogra e nora.

L.J.C.

חֵמָה (*hēmâ*). Veja o n.º 860a.

חַמָּה (*hammâ*). Veja o n.º 677c.

חֲמוּדוֹת (*hămûdôt*). Veja o n.º 673c.

חֲמֹץ (*hāmôts*). Veja o n.º 681 a.

חַמּוּק (*hammûq*). Veja o n.º 682a.

חֲמוֹר (*hămôr*). Veja o n.º 685a.

חֲמוֹת (*hāmôt*). Veja o n.º 674b.

675 חמט (*hmt*) **Aceita como raiz de:**

675a חֹמֶט (*hômet*) ***espécie de lagarto*** (Lev 11.30).

חָמִיץ (*hāmîts*). Veja o n.º 679c.

(*hămîshî*). Veja o n.º 686d.

676 חמל (*hāmal*) ***poupar, ter compaixão de.***

Termos Derivados

676a חֶמְלָה (*hemlâ*) ***misericórdia.***

676b מַחְמָל (*mahmal*) ***objeto de profunda afeição.***

As traduções ASV e RSV refletem a amplitude de sentido desta raiz e a subseqüente dificuldade de traduzi-la. Esta raiz sugere basicamente aquela reação emocional que resulta (ou pode resultar) em uma ação para livrar seu objeto (e/ou seu sujeito) de uma dificuldade iminente. Deve-se distingui-la de *hûs* e *rāham*. Ocorre 45 vezes.

Em Jeremias 50.14, onde Deus dá ordens ao exército de Ciro para não economizar flechas, claramente se vê a idéia de "poupar". Obviamente, não há nenhum elemento emocional íntimo de compaixão com as flechas envolvidas nesse ato de não poupar. Jó confessa que sua dor não o poupa (IBB, Jó 6.10). De outro lado, quando o homem ciumento se vinga, ele não tem compaixão (Pv 6.34), isto é, ele não se contém, é impiedoso. Os ímpios têm prazer no mal que cometem e retêm-no na boca (Jó 20.13). Eles guardam-no para si.

Em Deuteronômio 13.8[9] esta palavra é empregada negativamente com *hûs* para descrever como Deus quer que seu povo reaja diante dos idolatras. Samuel determinou que os amalequitas (idolatras), os quais recusaram dar passagem a Israel, não fossem poupados (1 Sm 15.3, 9, 15). A ordem era para destruí-los totalmente! Mas Saul desobedeceu. Ciro recebe ordens para não poupar a Babilônia (Jr 51.3; *cf.* Hc 1.17). Nesses casos não deve haver nenhuma emoção que seja obstáculo a uma destruição total e absoluta. No cativeiro as coisas estarão tão ruins que até mesmo haverá falta de afeição natural e as pessoas não poupariam seus próprios irmãos (Isaías 9.19[18]); as pessoas cairiam no canibalismo! Que contraste com os tempos de restauração, quando Deus poupar o seu povo (Ml 3.17, em que é difícil distinguir *hāmal* de *rāham*, *q.v.*).

Essa raiz também pode ser aplicada ao sentimento que leva (ou tende a levar) alguém ao ato de poupar. Em Êxodo 2.6, a filha de Faraó vê o pequenino Moisés e tem compaixão dele (ARA), isto é, seu coração é movido por amor. Israel rejeitou as constantes admoestações divinas, trazendo sobre si a ira de Deus. Deus tinha sido paciente porque tinha compaixão (interesse amoroso) deles (2 Cr 36.15 e s.). Ezequiel (16.5) lembra Jerusalém de que só Deus apiedou-se (veja *hûs*) e teve compaixão (*hāmal*) dela como de uma criancinha, salvando-a da destruição certa (*cf.* Moisés e a filha de Faraó).

Essa raiz também pode exprimir a emoção de piedade (*cf. hûs*). Natã conta a parábola (2 Sm 12.4) do rico que poupa suas próprias ovelhas (ARA, "não quis"), mas não tem piedade alguma do pobre (v. 6). Essa mudança de sentido fica clara com base no contexto. O rico não tinha aquele sentimento de preocupar-se pelos outros, o qual o levaria

a poupar ao pobre a dor da perda da sua única e amada cordeirinha. Deus diz que os que ensinam em Israel engordam suas "ovelhas" para a matança e não têm o mais leve sentimento (piedade) quando suas "ovelhas" são mortas (Zc 11.5). De igual maneira, durante o exílio parecia que Deus não tinha nenhum sentimento para com o seu povo (Lm 2.2, 3.43), mas eles próprios criaram essa situação com a sua idolatria (*cf.* Dt 13.8[9]). Isso mostra quão terrível era o pecado que resultou no exílio; quão profundamente Deus odeia a idolatria. Em contraste com isso observa-se quão maravilhosos serão os tempos de restauração (Ml 3.17; Jl 2.18).

Finalmente, esta raiz é usada para designar a reação de Deus quando o seu nome era profanado por aqueles que zombavam de Israel no cativeiro. Ele afirma que tem compaixão (ARA, TB) ou consideração (BJ) por seu nome, ou seja, ele não pode permitir que seu nome (e, portanto, sua pessoa) pareça impotente para livrar o seu povo. Por isso ele diz que trará o seu povo de volta (Ez 36.21).

hemlâ. ***Misericórdia.*** Este infinitivo absoluto do qal é usado duas vezes para descrever a misericórdia de Deus em livrar e/ou proteger do perigo. Deus foi misericordioso com a família de Ló ao tirá-los de Sodoma, conduzindo-os pela mão (Gn 19.16). Em Isaías 63.9 ***hemlâ*** é paralelo de *'āhab*, "amor", e descreve o sentimento de angústia de Deus por Israel afastar-se do seu amor.

mahmal. ***Objeto de profunda afeição.*** Em Ezequiel 24.21 o santuário é descrito como objeto de orgulho, de satisfação e de profundo anseio (*hāmal*) de Israel. Dessa forma, o santuário é aquilo que eles amam e querem preservar da destruição ou da profanação.

L.J.C.

677 חָמַם (*hāmam*) ***estar quente, morno.*** (A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante; *cf.* Is 57.5.)

Termos Derivados

677a חֹם (*hōm*) ***calor, quente.***
677b חַם (*ham*), חַמִּים (*hammîm*) ***morno.***
677c חַמָּה (*hammâ*) ***sol, calor.***
677d חַמָּן (*hammān*), חַמָּנִים (*hammānîm*) ***altares de incenso.***

Esta raiz refere-se ao calor físico, isto é, aquele produzido pelo sol, pelo corpo humano, por roupas e por um forno. Aparece na maioria das línguas semíticas (acadiano, *emmu*, CAD, E, p. 150 e s.; ugarítico, *hm*, UT, 19:870). Alguns usos de *hōreb* e *shārab* são paralelos do sentido de "calor produzido pelo Sol" ou de "pele". Calor num sentido emocional é, geralmente, representado por *hēmâ* e seus termos derivados (*cf.* Is 57.5; Jr 51.39; Sl 39.3[4]). Essa raiz ocorre 39 vezes.

hōm. ***Calor, quente.*** Este substantivo indica uma coisa tipificada pelo calor, a saber, uma estação (Gn 8.22; Jó 24.19; Jr 17.8; KB) e pão (1 Sm 21.6[7], usado como adjetivo).

O infinitivo de *hāmam* aparece com a mesma forma deste substantivo. O substantivo ocorre quatro vezes.

ham, hammîm. ***Morno.*** Este adjetivo modifica a palavra, aplicando-lhe a qualidade resultante de *hāmam*. Ocorre duas vezes.

hammâ. ***Sol, calor produzido pelo Sol.*** Geralmente este substantivo (com exceção de Sl 19.6[7]) é uma alternativa poética para *shemesh*, "sol". Pode deixar alguém "denegrido" (ou bronzeado), como acontece com o luto (IBB, Jó 30.28; *cf.* ARA). Na hora do juízo ele escurece-se (Is 24.23) e torna-se mais luminoso na hora da redenção (Is 30.26), embora um único acontecimento histórico possa produzir ambos os resultados. É significativo que essa palavra seja paralela de *shahar* (*q.v.*; veja também *hālal* e *l'banâ*) e possa ser um nome próprio cananeu designativo do deus-sol e poucas vezes identificado (Ct 6.10). Essa ocorre seis vezes.

hammānîm. Altares de incenso. Este substantivo refere-se a pequenos objetos de culto (2 Cr 34.4) usados na adoração pagã e é paralelo de *'ashērîm* (Is 17.8). Inscrições nabateanas e de Palmira confirmam essa identificação. Talvez os pequenos objetos de pedra em forma de cálice descobertos em escavações por toda a Palestina sejam *hammānîm* (*AI*, v. 1, p. 286). A palavra ocorre oito vezes.

Bibliografia: LEWY, Julius, The old west semitic sun-god Hammu, *HUCA*, 18:429-81. — WRIGHT, G. E., "Sun-image" or "altar of incense"?, *BA*, 1:9-10.

L.J.C.

חַמָּן (*hammān*). Veja o n.º 677d.

678 חָמַס (*hāmas*) ***injustiçar, ser violento com, tratar violentamente.*** Usado sete vezes no qal, uma vez no nifal. O cognato árabe significa "ser duro, exigente, severo".

Termos Derivados

678a חָמָס (*hāmās*) ***violência, mal, injustiça***

678b תַּחְמָס (*tahmās*) ***avestruz macho.***

Este substantivo e o verbo são, no total, usados 67 vezes, e a maioria dos tradutores parece satisfazer-se com a idéia de violência (KJV, RSV, NIV). Pode-se, no entanto, assinalar que a palavra *hāmās* é usada no AT quase sempre com a idéia de violência pecaminosa. Ela não se refere à violência das catástrofes naturais nem à violência vista numa perseguição policial em filmes de televisão. A palavra é, com freqüência, sinônimo de extrema impiedade. Foi uma das causas do dilúvio (Gn 6.11. 13, onde a palavra é paralela de "corrupção"). Outros empregos são: uma testemunha "maldosa" (Êx 23.1; *cf.* "iniqua", IBB, Dt 19.16); ódio "cruel" (Sl 25.19); "violência" (Sl 72.14, paralelo de "opressão"); "violência" tornada em "vara perversa" (Ez 7.11, uma vara para punir a iniqüidade, NIV). O aspecto de pecaminosidade é também ilustrado com o verbo, que em duas vezes refere-se à "transgressão" da lei de Deus (Ez 22.26; Sf 3.4).

De especial interesse é a enigmática reação de Sara frente ao desprezo manifestado por sua serva. Ela diz a Abraão: "Minha violência seja sobre ti" (Gn 16.5). Speiser (*Genesis*, *AB*, p. 116-8) interpreta a frase como uma construção objetiva, "a injustiça feita a mim". Segundo Speiser, "*hāmās*, 'ilegalidade, injustiça' [...] é termo estritamente jurídico que o tradicional vocábulo 'violência' deixa de representar satisfatoriamente". Pode ser que Sara estivesse declarando Abraão responsável pelo que acontecera ou pode até mesmo sugerir que ela está dizendo que cabe a ele corrigir aquela injustiça.

R.L.H.

679 חָמֵץ (*hāmēts*) ***I, estar azedo, fermentado.***

Termos Derivados

679a חֹמֶץ (*hāmēts*) ***aquilo que está fermentado.***

679b חֹמֶץ (*hōmets*) ***vinagre.***

679c חָמִיץ (*hāmîts*) ***temperado.*** Ocorre somente em Jó 30.24.

679d מַחְמֶצֶת (*mahmetset*) ***qualquer coisa fermentada.*** Ocorre somente em Êxodo 12.19, 20.

O verbo aparece cinco vezes no qal, duas vezes no hifil e uma no hitpael.

Esta raiz designa a ação e o resultado do fermento, *s'ôr*, na massa de pão, a qual é ***lehem hāmēts***. O significado básico é tornar-se fermentado ou azedo. Oséias 7.4 apresenta uma breve descrição de um padeiro que trabalha na massa fermentada até que ela esteja pronta para ir ao forno. Essa idéia de tornar-se azedo é aplicada às atitudes negativas de uma pessoa em Salmos 73.21 e provavelmente em Salmos 71.4, onde é traduzida por "cruel".

O principal significado religioso da palavra é que o fermento era excluído de certas práticas religiosas dos hebreus. O paralelo hifil do verbo é empregado numa enérgica determinação de que qualquer um que comer pão feito com fermento durante a festa da Páscoa deve ser eliminado de Israel (Êx 12.19, 20). Êxodo 12.39 assinala que o pão da Páscoa não era feito com fermento, porque os hebreus saíram às pressas do Egito, não tendo, portanto, tempo para fazer a massa crescer. Desse modo, isso tinha o valor simbólico de ensinar Israel que, tendo sido redimidos do Egito, ele devia abandonar rapidamente sua velha vida e, pela fé, partir para a terra prometida.

hāmēts. ***Levedura, pão com fermento.*** Esta é a palavra básica para designar comida que está em processo de fermentação ou que fermentou. Normalmente, ela se limita a comidas de cereais: trigo, cevada e espelta. No AT esses cereais tinham significado teológico porque, quando moídos e misturados com fermento, seu uso era proibido em certas atividades religiosas. No exame da forma verbal, assinalou-se que todo aquele que, durante a Páscoa, comesse pão feito com fermento deveria ser excomungado. O substantivo é empregado neste contexto (Êx 12.15), e, em Êxodo 13.3, 7, menciona-se que é proibido ter pão de fermento na casa ou na mesa durante a Páscoa por causa do evento do Êxodo e do ato divino de tirar rapidamente os hebreus do Egito (veja também Dt 16.3).

O pão de fermento também era proibido nas ofertas de sacrifícios que envolvessem

sangue (Êx 23.18; 34.25). Nem esse pão nem mel podiam ser queimados como oferta de manjares (Lv 2.11); o pão também não podia ser queimado sobre o fogo da oferta de manjares (Lv 6.15). Mas o pão de fermento podia ser comido com a oferta de gratidão (Lv 7.13; Am 4.5) e com a oferta de primícias (Lv 23.17).

No pensamento judaico posterior o pão de fermento tornou-se símbolo de corrupção e impureza, como também ocorreu nos ensinos de Jesus (Mt 16.2; Mc 8.15) e em uma observação feita por Paulo em 1 Coríntios 5.8.

Bibliografia: BEAK, H. F., Leaven, em *IDB*, v. 3, p. 104-5. — LEWIS, J. P. Leaven, *ZPEB*, v. 3, p. 901-903. — WHITE, H. A., Leaven, In: *A Dictionary of the Bible*, v. 3, Charles Scribner's Sons, 1903, p. 90. — Hamez, em *Encyclopaedia Judaica*, v. 7, p. 1235-6.

G.H.L.

680 חָמַץ (*hāmats*) ***II, estar (ser) vermelho*** (Is 63.1; Sl 68.24).

681 חָמַץ (*hāmats*) ***III, ser cruel, implacável*** (Sl 71.4).

Termo Derivado

681a חֲמֹץ (*hāmôts*) ***aquele que é cruel, o implacável*** (Is 1.17).

682 חָמַק (*hāmaq*) ***desviar-se*** (Ct 5.6, qal; Jr 31.22, hitpael).

Termo Derivado

682a חֲמֻק (*hammûq*) ***encurvado, curva*** (Ct 7.2).

683 חָמַר (*hāmar*) ***I, fermentar, ferver, espumar.***

Termos Derivados

683a חֶמֶר (*hemer*) ***vinho.***
683b חֵמָר (*hēmār*) ***betume.***
683c חֹמֶר (*hōmer*) ***argamassa, cimento.***
683d חָמַר (*hāmar*) ***calafetar com piche*** (Êx 2.3, somente).

Esta raiz confunde-se às vezes com outra de consoantes idênticas, que significa "estar (ser) vermelho" (raiz III).

A forma verbal desta raiz se vê ilustrada em Salmos 46.3[4], na oração "ainda que as águas [...] espumejem" (ARA; "...se perturbem", TB). Uma extensão às emoções humanas é encontrada em Lamentações 1.20; 2.12 "Onde há pão e vinho?". O verbo provavelmente significa "estar vermelho" (IBB, "inflamado") em Jó 16.16.

hemer. ***Vinho.*** Substantivo masculino que ocorre apenas em Deuteronômio 32.14 e Isaías 27.2.

hēmār. ***Betume, piche.*** Este substantivo masculino pode ter origem no borbulhar do piche ou no seu afloramento à superfície da terra do mar Morto, ou ainda à sua cor marrom avermelhada. Esse material era usado como na Babilônia (Gn 11.3), abundante na região do mar Morto (Gn 14.10) e importado pelo Egito (Êx 2.3) para uso como argamassa e selador.

hōmer. ***Argamassa, barro.*** Este substantivo também designava o barro avermelhado daquela região, em particular da Palestina. Veja Isaías 29.16; 45.9 (personificado); Jeremias 18.4; e *cf.* Jó 30.19; Isaías 10.6. Em um caso as vestes são comparadas a barro (Jó 27.16).

Jó ampliou o sentido deste termo para designar corpos humanos em 4.19; 10.9; 13.12, e então comparar metaforicamente a relação entre o Criador e o homem como criatura com a relação oleiro—barro. Dentro dessa mesma linha de pensamento, Isaías 45.9 personifica o barro que se revolta contra o oleiro, para indicar que a idolatria é inatural e ilógica.

[Ou pode ser que essa passagem signifique que simples homens, o barro, não devem questionar os caminhos do Soberano da história, o Oleiro. O desafio que especificamente se faz aqui pode ser o de alguém que questiona o uso, pelo Senhor, do rei persa incircunciso, Ciro, para servir tanto na condição de seu pastor para restaurar Israel como na de seu ungido para esmigalhar a oposição ao seu povo (Is 44.28—45.1), e, dessa forma, fazer brotar a justiça de Deus (Is 45.8). B.K.W.]

Esse tema também aparece em Isaías 64.7 como uma humilde afirmação da relação que o homem, como criatura, tem com Deus. Jeremias recebeu instruçao de Deus para ir à olaria e observar o oleiro transformar o barro em utensílios (Jr 18.1-4), então Deus assemelhou Israel e as nações a barro nas mãos de um oleiro. A diferença crucial encontra-se na capacidade que o homem tem de dizer "sim" ou "não" e o direito que Deus tem de reagir com graça ou juízo. Paulo empregou em seu raciocínio a mesma metáfora para demonstrar a soberania de Deus sobre o homem (Rm 9.20-23).

G.V.G

684 חָמַר (*hāmar*) ***II, amontoar, empilhar.*** Em Habacuque 3.15 alguns tradutores confundem esta com a primeira raiz (*e.g.*, BJ, "turbilhão").

Termos Derivados

684a חֹמֶר (*hōmer*) ***I, montão.***

684b חֹמֶר (*hōmer*) ***II, hômer*** (traduzido também por ômer).

684c חֲמֹר (*hămōr*) ***montão.***

A forma verbal encontra-se no AT caso a forma de Habacuque 3.15 seja um particípio. Em Êxodo 8.10 a forma nominal é duplicada no plural por questão de ênfase, tendo origem no substantivo masculino *hōmer*. Medida hebraica de capacidade, a palavra *hōmer* possivelmente vem do ato de encher ("amontoar") de cereal um recipiente ou de derramar líquido dentro de um jarro. Como medida de cereais, o hômer (IBB) continha 10 efas, o que perfazia um total de 220 l de cereais, tendo-se por base o efa a 22 l. Como medida de volume, o hômer comportava dez batos (22 l), equivalentes a 220 l de líquido (veja a análise de medidas no verbete "efa"). Essas medidas são mencionadas em vários

contextos religiosos (Lv 27.16; Nm 11.32; Ez 45.11, 13, 14).

O substantivo masculino *hămôr* aparece de forma redundante em Juizes 15.16 para realçar a magnitude da vitória de Sansão sobre os filisteus.

685 חמר (*hāmar*) ***III, estar (ser) vermelho.*** A forma verbal encontra-se possivelmente em Jó 16.16.

Termos Derivados

685a חֲמוֹר (*hămôr*) ***jumento.***

685b יַחְמוּר (*yahmûr*) ***corço.***

Não está claro se este substantivo masculino provém da raiz que significa "vermelho", visto que no Oriente Médio bem poucos jumentos são de cor avermelhada. Desde tempos remotos este animal tem servido ao homem de animal de carga, de meio de transporte e de animal para a lavoura. Ele está entre aquelas criaturas relacionadas como impuras para alimentação (Lv 11.1-8; Dt 14.3-8), mas 2 Reis 6.25 diz que sua carne foi comida em época de fome desesperadora. A força do animal é metaforicamente aplicada a Issacar (Gn 49.14), e seu sepultamento à morte ignominiosa do rei Jeoaquim (Jr 22.19).

Em contraste com a mula e o cavalo, que eram associados com a guerra, o jumento era associado com paz e humildade (2 Sm 19.27) e, desse modo, foi relacionado com o Messias em Zacarias 9.9 e em Mateus 21.5, 7. Há um quê de desprezo em Ezequiel 23.20, que se refere aos órgãos genitais de um jumento.

O jumento e o boi não podiam arar juntos (Dt 22.10), mas tanto um quanto o outro se beneficiavam do descanso sabático (Dt 5.14). As crias eram sujeitas à lei dos primogênitos (Êx 13.13), mas entre os hebreus o jumento não podia ser sacrificado em rituais religiosos, ainda que em Mari um jumento fosse morto em cerimônias de estabelecimento de aliança (McCarthy, D. J., *Treaty and covenant*, Pontif. Biblical Inst., 1963, p. 53). De forma interessante, o Senhor usou um jumento para frustrar Balaão em algumas de suas maquinações (Nm 22—24).

Bibliografia: Cohon, Samuel, Ass, In: *ISBE*, v. 1, p. 287-8. — McCullough, W. S., Ass, In: *IDB*, v. 2, p. 260-1. — Mckenzie, J. L., Ass, In: *Dictionary of the Bible*, v. 1, Bruce, 1965, p. 62-3.

G.H.L.

686 חמשׁ* (*hāmash*) ***I, apanhar uma quinta parte.*** Este verbo denominativo ocorre somente no piel (Gn 41.34).

Substantivo de Origem

686a חֵמֶשׁ (*hāmesh*), חֲמִשָּׁה (*hamishshâ*) ***cinco.***

686b חֹמֶשׁ (*hômesh*) ***quinta parte*** (Gn 47.26 somente).

686c חֲמִשִּׁים (*hămishshim*) ***cinqüenta.***

687 חמשׁ (*hmsh*)

686d חֲמִישִׁי (*hămîshî*), חמישית (*hămîshît*) ***quinto*** (número ordinal).

687 חמשׁ (*hmsh*). **II. Aceita como raiz de:**

687a חֹמֶשׁ (*hōmesh*) ***barriga, abdome*** (*e.g.*, 2 Sm 2.23; 3.27).

688 חמשׁ (*hmsh*). **III. Aceita como raiz de:**

688a חֲמֻשִׁים (*hămushîm*) ***em formação de combate*** (*e.g.*, Êx 13.18; Js 1.14).

689 חמת (*hmt*). **Aceita como raiz de:**

689a חֵמֶת (*hēmet*), חֲמַת (*hemet*) ***odre*** (Gn 21.14, 15, 19).

חן (*hēn*). Veja o n.º 694a.

690 חָנָה (*hānâ*) ***declinar, curvar, acampar, sitiar.***

Termos Derivados

690a חֲנוּת (*hānût*) ***cela*** (abobadada). (Somente em Jr 37.16.)

690b †חֲנִית (*hănît*) ***lança.***

690c †מַחֲנֶה (*mahăneh*) ***acampamento.***

690d תַּחֲנָה (*tahănâ*) ***acampamento.*** Ocorre somente em 2 Reis 6.8.

O verbo é usado 143 vezes no AT, sendo 74 em Números. Estes dados são de esperar num livro da Bíblia que trata em grande parte das viagens do povo de Deus de um lugar para outro, ou de um acampamento para outro.

mahăneh. ***Acampamento.*** No AT um "acampamento" é uma área cercada para proteção temporária (nunca permanente) de uma tribo ou exército. Deriva do verbo *hānâ*, "curvar", e, por isso, pode ser que os acampamentos hebreus (ou os antigos acampamentos semitas, pois a palavra não se limitava aos hebreus) eram originariamente em círculo. Possivelmente tais acampamentos circulares, ou seja, tendas armadas num círculo protetor ao redor do rebanho, tenham tido origem em períodos seminômades do passado. Ou a palavra talvez se origine da disposição das forças atacantes em círculo numa situação de cerco.

No entanto, uma rápida olhada no acampamento descrito nos primeiros capítulos de Números (1.47—2.34; 3.14-16; 10.11-28) revela que o acampamento israelita foi armado num quadrado em torno do tabernáculo do encontro. Numa disposição esquematizada, três tribos, cada uma com sua insígnia, ficavam estacionadas nos quatro lados do tabernáculo, estando os levitas numa posição especial.

Não é fácil escolher um local para acampar quando se está ou espera-se estar o tempo todo atacado por forças contrárias. A Bíblia indica que pelo menos dois fatores eram levados em conta na escolha de um local para acampar: 1) disponibilidade de água (Js 11.5; Jz 7.1, e daí a vantagem de acampar num oásis em vez de num local dependente

do fluxo de um rio) e 2) linhas de defesa natural que formassem uma barricada (1 Sm 17.3; 26.3).

De maior relevância, o acampamento, tal como descrito no Pentateuco, adquire importância porque é adjacente ao tabernáculo, o local em que habita a presença de Deus. Conseqüentemente, deve-se observar e manter certas condições. De um lado, a limpeza no acampamento é imperativa (Nm 5.1-4; Dt 23.10-14). Os mortos eram enterrados fora do acampamento (Lv 10.4, 5). Os leprosos eram banidos do acampamento (Lv 13.46). Encostar em qualquer coisa morta tinha por castigo a exclusão do acampamento durante sete dias (Nm 31.19). Os criminosos eram executados fora do acampamento (Lv 24.23, e *cf.* Hb 13.12, "também Jesus [...] sofreu fora da porta"). O acampamento está demasiadamente perto da presença de Deus para se permitir que pecado ou impureza nele penetrem. A idéia de "acampamento de Deus" também se aplica ao templo permanente, conforme se vê em 2 Crônicas 31.2.

A tradução de *maḥănēh* por *parembolē*, na LXX, também é aplicada no NT à igreja (Ap 20.9), "o acampamento dos santos".

hănît. Lança. Arma mortal, a lança era uma arma curta e podia ser atirada (1 Sm 18.10, 11; 20.33). Mesmo a parte inferior, pela qual era empunhada, podia ser usada como arma (2 Sm 2.23). Um bom número de vezes menciona-se essa arma como a arma pessoal de Saul: 1 Samuel 18.10; 19.9, 10; 22.6; 23.21; 26.7, 16, 22; 2 Samuel 1.6; 1 Crônicas 11.23. Possivelmente seja símbolo de autoridade. Assim sendo, no texto ugarítico, 125:47, o filho do rei Krt, estando numa missão importante, carrega sua lança, presumivelmente como sinal de sua realeza.

Golias também tinha uma lança (1 Sm 17.7; 21.9; 1 Cr 20.5). Em seu combate, ou duelo de campeões, com Davi, este não se contém e declara: "O SENHOR salva, não com espada, nem com lança" (1 Sm 17.47). Este não é o tipo de arma que Deus armazena em seu arsenal (*cf.* 2 Co 10.4). Sem dúvida esta idéia é importantíssima aos olhos dos profetas à medida que antecipam a era vindoura de paz, quando os homens "converterão as suas espadas em relhas de arados, e suas lanças em podadeiras" (Is 2.4; Mq 4.3).

Bibliografia: *AI*, v. 1, p. 241-6. — YADIN, Y., *The art of warfare in Biblical lands*, v. 1-2, 1963. — UNGER, M. F., *Unger's Bible Dictionary*, Moody, 1957, p. 169-70.

V.P.H.

חַנּוּן (*hannûn*). Veja o n.º 694d.

חֲנוּת (*hānût*). Veja o n.º 690a.

691 חָנַט (*hānat*) ***temperar, tornar temperado, embalsamar***

Termos Derivados

691a חֲנֻטִים (*hanutîm*) ***embalsamamento***, somente em Gênesis 50.3.

691b חִטָּה (*hittâ*) ***trigo.***

O substantivo vem da raiz *hānat*, que significa talvez "projetar" ou "amadurecer", porque, quando amadurecem, os grãos de trigo projetam-se da espiga. Na Bíblia a palavra

é citada 30 vezes, e, com sete exceções, aparece no plural. O singular tem forma feminina, e o plural, forma masculina.

Na Palestina é plantado depois que as chuvas de outono tornaram a terra mole o bastante para ser arada, o que ocorre em novembro—dezembro, e é colhido na primavera, entre abril e junho. A "ceifa do trigo" (*q'tsîr hittîm*) é mencionada em Gênesis 30.14; Êxodo 34.22; Juízes 15.1; Rute 2.23; 1 Samuel 6.13; 12.17. Das espécies de cereal citadas na Bíblia, o trigo (*hittâ*) é geralmente considerado a mais valiosa. Observe-se que, dentre as sete espécies com que Israel é abençoado quando entra em sua nova terra, o trigo aparece primeiro (Dt 8.8). Existe até mesmo uma tradição no Talmude de que a árvore do conhecimento, provada por Adão e Eva, era uma *hittâ* (*Sanhearin*, 70b).

Este trigo era "colhido" (Rt 2.23; 1 Sm 6.13) e "malhado" (Jz 6.11; 1 Cr 20.21). Também aparece com destaque como parte das obrigações assumidas por Salomão na aliança que estabeleceu com Hirão, o rei da cidade fenícia de Tiro. Além de azeite de oliva, Salomão tinha de entregar trigo (1 Rs 5.11[25]; 2 Cr 2.10, 15 [9, 14]) a Hirão.

Duas vezes o salmista emprega simbolicamente a palavra para referir-se ao cuidado e à provisão divina: Salmos 81.16[17]; 147.14. Deus promete "o mais fino trigo" (IBB; *hēleb hittâ*), literalmente, "a gordura de rins do trigo" (*cf.* Dt 32.14). Espinhos são o oposto de trigo (Jó 31.40; Jr 12.13).

Jesus, é claro, apelou para a analogia do "grão de trigo" em João 12.24 para deixar bem clara a necessidade de sua própria morte. Paulo, em 1 Coríntios 15.36 e s., emprega a mesma analogia para dizer que o corpo não pode ser transformado na nova vida da ressurreição a menos que morra.

Bibliografia: FELIKS, J., Wheat, em *Encyclopaedia Judaica*, v. 16, p. 480-1. — KISLEV, M. E., Hitta and Kussemet: notes on their interpretations, *Lĕsonénu*, 37:83-95 (em hebraico). — TREVER, J. C., Wheat, In: *IDB*, v. 4, p. 839-40.

V.P.H.

וְחָנְתִים (*hanutîm*). Veja o n.º 691a.

חָנִיךְ (*hanik*). Veja o n.º 693a.

חֲנִינָה (*hănînâ*). Veja o n.º 694e.

חֲנִית (*hănît*). Vide o n.º 690b.

692 חנך (*hnk*). **I. Aceita como raiz de:**

692a חֵךְ (*hēk*) ***palato, boca.*** A ASV e a RSV são semelhantes na tradução, embora a RSV duas vezes traga "fala" quando a ASV traz "boca" (Pv 5.3; Ct 5.16).

Metade das ocorrências de *hēk* encontra-se em Jó, onde, traduzido freqüentemente por "boca", encontra-se num contexto de paladar ou fala.

Teologicamente o termo é significativo em dois aspectos. Como órgão vital da fala, *hēk*, à semelhança de "boca" (*peh*, *q.v.*), está ligado ao que se diz de verdadeiro e de falso. A sabedoria, personificada, recomenda-se aos homens, ao dizer: "São justas todas as palavras da minha boca (*hēk*)" (Pv 8.8). Jó afirma ser inocente porque, quando provocado, não permitiu que sua boca (*hēk*) pecasse.

Além de indicar sede, a expressão "língua presa no palato" (*cf.* BJ, Ez 3.26) é uma expressão idiomática hebraica para a pessoa que não tem o que dizer. A mudez de

Ezequiel pode indicar a gravidade da iminente destruição de Jerusalém ou talvez a importância de aguardar para falar apenas a palavra de Iavé. A expressão era usada em imprecações e juramentos (*cf.* SI 137.6).

E.A.M.

693 חָנַךְ (*hānak*) ***II, dedicar, inaugurar.***

Termos Derivados

693a חָנִיךְ (*hānîk*) ***servo treinado.***
693b חֲנֻכָּה (*hănukkâ*) ***dedicação.***
693c חַכָּה (*hakkâ*) ***gancho preso na mandíbula, anzol.***

O verbo ocorre apenas cinco vezes tendo "casa" como objeto, seja particular (Dt 20.5) seja religiosa (*e.g.*, 1 Rs 8.63). Conquanto seja geralmente traduzido por "dedicar", uma tradução mais precisa é "começar" ou "iniciar". Veja Provérbios 22.6, quanto a *hānak* traduzido por "ensinar", "treinar" (uma criança). São sinônimos: *qādēsh*, "separar" (uma noção que não é inerente a *hānak*), e a expressão *mālē' yad*, "encher a mão" (com oferta?) para Iavé (*cf.* Jz 17.5, 12; Êx 29.24 e s.), expressão utilizada com respeito a "povo".

hānak é mais bem entendido como "inaugurar". Não há no termo em si nenhuma noção de dedicação a alguém ou para alguma coisa, embora esse conceito esteja presente nos sinônimos. Com uma exceção (Pv 22.6, onde o sentido é de "começar"; *cf.* NEB), *hānak* e seus derivados referem-se a uma ação relacionada com estruturas, tais como um edifício (1 Rs 8.63), um muro (Ne 12.27), um altar (Nm 7.10) ou uma imagem (Dn 3.2).

hānak, com quase toda certeza, é uma ação comunitária que, no caso de estruturas religiosas, envolve oferendas. A cerimônia de dedicação (*hănukkâ*) do altar de Salomão prolongou-se por sete dias (2 Cr 7.9). A dedicação do templo de Salomão, bem como do templo da época de Esdras, foi assinalada por numerosos sacrifícios (1 Rs 8.63; Ed 6.17).

A julgar pela prática israelita, o início do uso de uma estrutura religiosa recebia importância especial. O término de um projeto era marcado com uma inauguração da estrutura, evento devidamente acompanhado de sacrifícios e júbilo. Os rituais de inauguração têm o seu lugar. Em outras passagens, com o uso de outros vocábulos, dá-se ênfase maior à consagração do povo a Deus.

hānîk. ***Servos treinados, homens treinados.*** Um *hapax legomenon* que ocorre em Gênesis 14.14. A palavra é agora traduzida por "servo armado", empregada por chefes palestinos, conforme mencionado nos textos egípcios de execração (século XIX a.C.), e numa inscrição cuneiforme do século V a.C., encontrada em Taanach, Israel. É de significado textual o fato de que este *hapax* tem bons paralelos no segundo milênio a.C. Não tem maior significado o número de servos armados nascidos na casa de Abraão (318). Nem deve ser comparado em detalhes com o Escaravelho de Amenófis III, que registra que a princesa Giluquipla chegou de Naaraim (Harã) com 317 mulheres do harém (DEBUCK, A., *Egyptian reading book I*, 1948, p. 67).

hănukkâ. Dedicação, inauguração. O termo ocorre oito vezes no hebraico e duas em cada uma das porções aramaicas de Esdras e Daniel. O substantivo é muito conhecido por

causa de seu uso no período intertestamentário, quando designa o reestabelecimento da adoração no templo após a profanação por Antíoco Epifânio. Esta festa de *hānukkâ* é mencionada em João 10.22. Ocorre no final de dezembro.

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., *JBL*, 58:96. — _____, *BASOR*, 94:24. — LAMBDIN, Thomas O., *JAOS*, 73:150. — REIF, S. C., Dedicated to חנך, *VT*, 22:495-501. V.P.H.

חִנָּם (*hinnām*). Veja o n.º 694b.

693.1 חֲנָמֵל (*hănāmēl*) ***granizo com neve, chuva com neve.***

694 חָנַן (*hānan*) ***I, ser gracioso, compadecer-se;*** no grau hitpael, ***suplicar, implorar.***

Termos Derivados

694a חֵן (*hēn*) ***favor, graça.***
694b חִנָּם (*hinnām*) ***de graça, por nada.***
694c חִן (*hîn*) ***graça.*** Ocorre somente em Jó 41.4.
694d חַנּוּן (*hannûn*) ***gracioso.***
694e חֲנִינָה (*hănînâ*) ***favor.***
694f תְּחִנָּה (*t'hinnâ*) ***súplica.***
694g תַּחֲנוּן (*tahănûn*) ***súplica.***

Palavra cognata do acadiano *enēnu, hanānu*, "conceder um favor", do ugarítico *hnn*, "ser gracioso, demonstrar favor" (*UT*, 19:882) e do árabe *hanna*, "sentir solidariedade, compaixão".

É usado 56 vezes no qal, 17 vezes no hitpael, uma vez no hofal. uma vez no piel, duas vezes no polel e uma vez no nifal.

O verbo *hānan* descreve uma reação sincera de uma pessoa que tem algo a dar para alguém com necessidade. A sugestão de Ap-Thomas de que o verbo provém de uma raiz biliteral "curvar, inclinar", ou seja, condescender, não é convincente. De acordo com Flack, o verbo descreve "a ação que parte de um superior na direção de um inferior que não tem nenhum direito a tratamento clemente".

Reagindo a estudos prévios, Neubauer, em sua recente monografia, define o verbo como a intervenção de Deus para salvar e ajudar seu servo ou nação fiel, repousando a ênfase na lealdade em vez de na graça e no amor. Ele chega a essa conclusão com uma extrapolação das relações sociais para as relações teológicas. Sua tentativa de perceber tal nuança nas várias ocorrências de *hănan* e seus derivados conduz a interpretações forçadas.

Para traduzir o verbo, a LXX usa *oikteireō*, "ter piedade ou compaixão", *eleō*, "demonstrar misericórdia ou solidariedade", e, no grau hitpael, *deisthaō*, "suplicar".

O verbo é empregado em contextos sociais ou seculares bem como teológicos. Com freqüência tem o sentido de demonstrar bondade para com os pobres e necessitados.

Jó implora a seus amigos: "Compadecei-vos de mim, amigos meus, compadecei-vos

de mim" (Jó 19.21).

O grau hitpael significa "rogar", como em Gênesis 42.21, onde os irmãos se recordam de como José havia implorado a eles. O capitão sírio suplicou a Elias em favor de sua vida e das de seus soldados (2 Rs 1.13). Ester implorou ao rei com lágrimas (Et 8.3; *cf.* 4.8).

O aparente nifal de Jeremias 22.23, *nēhant*, é provavelmente um erro textual de uma forma derivada do verbo *'ānah*, conforme o demonstram a LXX, a Peshita e o Targum. As traduções modernas seguem a LXX, *katastenaxeis*, e traduzem por "gemerás".

O surpreendente número de usos no grau qal, cerca de 41 casos, tem Iavé como sujeito. A súplica *honnēnî*, "tem compaixão de mim", aparece 19 vezes nos Salmos. O salmista pede que Iavé lhe seja favorável em vista da sua solidão (Sl 25.16[17]), angústia (Sl 31.9[10]), transgressões (Sl 51.1[3]), onde o favor que ele pede é que Deus apague a acusação que há contra ele, *etc.* *Cf.* Isaías 33.2.

O Senhor deu graciosamente filhos a Jacó (Gn 33.5) e o fez prosperar (Gn 33.11). A bênção de José sobre Benjamim (Gn 43.29) e a bênção de Arão (Nm 6.25) pedem que Deus seja gracioso no seu lidar.

Amós (5.15) insta seus ouvintes a estabelecerem a justiça para que Deus seja gracioso com eles. Em última análise, o Senhor é soberano em agir graciosamente com aqueles a quem escolhe (Êx 33.19).

O hitpael é usado em súplicas a Deus: por Moisés, que implora para ver a Terra Prometida (Dt 3.23); por Salomão, na dedicação do templo (1 Rs 8.33, 47, 59; 9.3; 2 Cr 6.24, 37); pelo salmista (Sl 30.8[9]; 142.1[2]); e por Oséias (12.4[5]), ao referir-se ao apelo de Jacó ao anjo com quem lutava. Jó, que é aconselhado por Bildade a implorar a Deus (Jó 8.5), consente que, embora ele fosse justo, este seria o único recurso de que dispunha (Jó 9.15).

Em vez de interpretar *hannôt* como infinitivo em Salmos 77.9[10], "esqueceu-se Deus de ser benigno?", Dahood sugere interpretá-lo como substantivo que faz paralelo com *rahămāyw*, "entranhas" (BJ; ARA, "misericórdias"). Ele traduz: "Secaram-se *as partes mais íntimas* de Deus?".

O verbo *hânan* e seus derivados são elementos componentes dos nomes de 51 pessoas. Estes incluem: Baal-Hanã, Elanã, Hananeel, Ilanani, Ilananias, Ana, Hanum, Henadade, Jeoaná, Joanã, Teína. *Cf.* os nomes púnicos Hano e Aníbal.

O antropônimo feminino *hannâ*, isto é, Ana, deu origem a Anna, Ann, Nan, Nancy (inglês), Anita (espanhol) e Annette (francês). *yôhānān* (Joanã) deu-nos o nome João: John (inglês), Jean (francês), Giovanni (italiano), Juan (espanhol), Johann e Hans (alemão), Jan (holandês) e Ivan (russo).

Quanto a sinônimos de *hānan*, *etc.*, veja especialmente *hesed* e *rahûm*.

hēn. ***Favor, graça, encanto, etc.*** Esta palavra ocorre 69 vezes, das quais 43 vezes na frase "achar favor aos olhos de", sete vezes com o verbo "dar" e três vezes com o verbo "alcançar" (Et 2.15, 17; 5.2), o que nos deixa com 14 usos independentes da palavra.

O vocábulo jamais aparece com artigo ou no plural; uma única vez é acompanhado de sufixo possessivo (Gn 39.21).

A grande maioria dos usos da palavra é de significado secular e não teológico. Em contraste com o verbo *hânan*, o centro da atenção não recai sobre aquele que concede o favor, mas no que recebe tal favor. Em contraste com as freqüentes ocorrências do verbo e outros derivados, nos Salmos *hēn* aparece apenas duas vezes: "o SENHOR dá graça" (84.11[12]); "nos teus lábios [isto é, do noivo] se extravasou a graça" (45.2 [3]).

hēn aparece 13 vezes em Provérbios, freqüentemente com significado estético de

encanto ou beleza.

Conforme ressaltado por Neubauer, muitas das passagens em que se encontra esta frase dizem respeito à relação de um superior para com um inferior, por exemplo, de um rei para com seu súdito. Mas é ir longe demais sustentar que a expressão é um *terminus technicus* em que, em Gênesis 32.5, Jacó estaria, de fato, reconhecendo-se como vassalo de Esaú.

A frase é encontrada na passagem crucial sobre a justificação para divórcio, em Deuteronômio 24.1, a qual era o fundamento para o debate entre Hillel e Shammai. O rabi Akiba sustentava que um homem poderia se divorciar de sua esposa "caso encontrasse outra mais formosa do que ela, porquanto está escrito: 'se ela não for agradável aos seus olhos'".

No uso teológico, o texto bíblico declara que Noé e Moisés acharam graça diante do Senhor (Gn 6.8; Êx 33.12). Foi o Senhor que fez com que José achasse favor perante o carcereiro-chefe (Gn 39.21) e os israelitas encontrassem favor perante os egípcios (Êx 3.21; 11.3; 12.36). Em Números 11.15, Moisés está pura e simplesmente dizendo ao Senhor: "Faze-me um favor e mata-me".

Em Zacarias 12.10 é dito que será derramado sobre a casa de Davi e os moradores de Jerusalém "o espírito de *hēn* e *tahănûnîm*". O Targum traz "um espírito de misericórdia e compaixão"; Unger interpreta isso como o Espírito Santo.

Os gritos de aclamação, quando do término do templo de Zorobabel em Zacarias 4.7, literalmente, "*hēn, hēn*", são interpretados por Unger como "Que coisa graciosa (bela)!". Sellin sugeriu: "Bravo, bravo!".

Em diversas passagens, *hēn* significa "encanto" ou uma personalidade atraente que cria uma impressão favorável. Nos Provérbios Aramaicos de Ahiqar, encontramos a frase *hn gbr hymnwth*, "pois o encanto de um homem é a sua veracidade" (*ANET*, n.º 132, p. 429). É dar atenção à sabedoria que produz esse favor: Provérbios 3.4; 13.15; Eclesiastes 9.11; 10.12. A mulher com essa graça ou encanto, e não apenas com beleza física (Pv 11.16; *cf.* 11.22), é digna de honra.

A mulher que teme ao Senhor é louvada, em contraste com aquela que simplesmente possui encanto enganoso e beleza vã (Pv 31.30). Naum 3.4 compara Nínive a uma prostituta que é *tôbat hēn*, expressão que a LXX traduz por *kalē kai epicharis* e a Vulgata como *speciosae et gratae*, isto é, "bela e agradável". *Cf.* ARA, "bela e encantadora"; NEB, "bela de aparência".

hinnām. ***De graça, por nada, injustamente, sem causa, em vão.*** *Cf.* latim *gratis*, português *gratuitamente*. Este advérbio ocorre 32 vezes. Não possui nenhum significado religioso intrinseco.

Pode significar "de graça", como em Gênesis 29.15. Em Êxodo 21.2, 11, designa o escravo hebreu libertado; em Números 11.5, o alimento que era comido de graça no Egito; em Isaías 52.3, os judeus que se venderam para a escravidão "por nada".

Em Provérbios 23.29 o alcóolatra tem feridas "sem causa" (ARA) ou, melhor ainda, "por um nada" (PIB). A NEB parafraseia: "Quem ganha um machucado sem saber por quê?".

O salmista queixa-se de que seus inimigos planejam "sem causa" o mal para ele (Sl 35.7; NEB, "sem serem provocados"). *Cf.* Salmos 109.3; 119.161.

Emprega-se a palavra *hinnām* com diferentes sentidos em Jó. Satanás indaga (Jó 1.9) se Jó teme a Deus "debalde", isto é, sem outras intenções. Deus responde (Jó 2.3) a

Satanás afirmando que este o incitara "sem causa" ou "sem justificativa" contra Jó. Mais tarde Jó (Jó 9.17) queixa-se de que suas feridas se multiplicaram "sem motivo algum" (JB). Elifaz acusa Jó de tomar penhores "injustamente" (PIB, Jó 22.6).

A palavra também pode ter o sentido de "em vão", como em Provérbios 1.17 (PIB), referindo-se à armadilha para aves preparada inutilmente. Em Ezequiel 6.10 Iavé adverte que ele não falou em vão.

Dahood sugeriu que *hinnām*, por exemplo, em Salmos 35.7, deve ser traduzido por "secretamente, furtivamente", com base no ugarítico *hnn*. No entanto, a tradução usual faz bom sentido.

O verbo aramaico cognato do hebraico *hānan* é usado no grau peal, em Daniel 4.27[24], no conselho de Daniel a Nabucodonosor para este "usar de misericórdia" para com os pobres, e no grau hitpael, em Daniel 6.11[12], para indicar a súplica de Daniel.

hannûn. ***Gracioso.*** Esta palavra aparece 13 vezes, 11 das quais em combinação com *rahûm*, "misericordioso, compassivo". Geralmente a LXX traduz por *eleēmōn*, "misericordioso". O adjetivo descreve os atos graciosos de Iavé. Sua graça revela-se juntamente com sua justiça, pois a maioria das passagens que falam dele como *hannûn* também falam de ele julgar o mal, por exemplo, Joel 2.13.

Todas as ocorrências de *hannûn* referem-se a Deus (Êx 22.27[26]; 34.6; 2 Cr 30.9; Ne 9.17, 31; Sl 86.15; 103.8; 111.4; 116.5; 145.8; Jl 2.13; Jn 4.2). Em Salmos 112.4, a RSV substitui "ele" por "o SENHOR" como o sujeito da expressão "é [...] misericordioso", mas a descrição provavelmente designa o homem justo que partilha das características divinas.

Talvez o uso mais marcante desta palavra seja a grande proclamação do nome de Deus para Moisés no monte Sinai (Êx 34.6). Em passagens posteriores o versículo é mencionado repetidas vezes (Nm 14.18, mas não emprega esta frase; Sl 86.15; 103.8, 145.8; Jl 2.13; Jn 4.2).

hănînâ. ***Favor, piedade.*** Ocorre apenas uma vez, em Jeremias 16.13. A LXX traduz por *eleos*, "piedade, misericórdia". Devido à apostasia de Judá, o Senhor diz que já não concederá sua piedade.

tᵉhinnâ. ***Súplica, misericórdia.*** O vocábulo ocorre 24 vezes e, com duas exceções, quando tem o sentido de "misericórdia", significa uma oração em que se pede graça. Metade das ocorrências está na oração de Salomão, por ocasião da dedicação do templo (1 Rs 8 e 9; 2 Cr 6).

Em Josué 11.20 *tᵉhinnâ* indica a "misericórdia" do vitorioso para com o derrotado, e em Esdras 9.8, a "graça" (ARA) ou "misericórdia" (NAB) de Iavé para com o remanescente de seu povo. Nos dois casos a LXX traz *eleos*, "misericórdia".

taḥănûn. Sempre empregado no plural *taḥănûnîm*. ***Súplicas.*** Em geral semelhante à palavra anterior, mas representando um apelo menos formal (usado uma única vez na oração de Salomão em 2 Cr 6.21) do que no extravasamento de uma alma atribulada; usado como paralelo de "pranto" em Jeremias 3.21; 31.9. E usado sete vezes nos Salmos, sempre, com uma só exceção, na frase *qôl taḥănûnay*, "a voz das minhas súplicas" (IBB), "meu grito por misericórdia" (NEB).

Bibliografia: AP-THOMAS, D. R., Some aspects of the root HNN in the Old Testament, *JSS*, 2:128-48. — FLACK, E. E., The concept of grace in Biblical thought, *Biblical Studies in Memory of H. C. Allemen*, ed. J. M. Myers, Augustin, 1960, p. 137-54. — LOFTHOUSE, W., Hen and Hesed in the Old Testament, *ZAW*, 51:29-35. — REED, William L., Some implications of HĒN for Old Testament religion, *JBL*, 73:36-41. — RICHARDSON, *TWB*, p. 80, 100. — SNAITH, N. H., *The distinctive ideas of the Old Testament*, London, Epworth, 1944, p. 127-31. — TORRANCE, T. F., The doctrine of grace in the Old Testament, *SJT*, 1:55-65. — *TDNT*, v. 9, p. 376-81. — *THAT*, v. 1, p. 587-96. E.Y.

695 חָנַן (*hānan*) **II, ser repugnante** (Jó 19.17, somente).

696 חָנֵף (*hānēp*) ***ser (estar) maculado, contaminado, profanado, corrompido.*** (A ASV traduz de forma semelhante; a RSV traz "contaminar" em lugar das traduções escolhidas pela KJV.)

Termos Derivados

696a חֹנֵף (*hōnep*) ***hipócrita.***

696b חָנֵף (*hānēp*) ***hipócrita.***

696c חֲנֻפָּה (*hănuppâ*) ***profanidade, contaminação,*** somente em Jeremias 23.15.

A noção fundamental é de inclinar-se para o que não é certo, enquanto em árabe pode ter o sentido de tender para uma posição correta. Em aramaico a raiz significa "agir falsamente com", "agir com hipocrisia"; em acadiano (correspondência de Amarna), "ser cruel com" (BDB). O verbo aparece 11 vezes, sete das quais no qal.

O verbo pode referir-se ao fato de a terra ser contaminada por várias razões. No qal há menção da transgressão das leis, violação dos estatutos e quebra da aliança, sendo todas elas coisas que contaminam a terra (Is 24.5). A quebra dos votos matrimoniais para casar-se com outra pessoa impede uma volta para o primeiro cônjuge; da mesma maneira, um povo favorecido que oscila entre a devoção aos ídolos e o Senhor contamina a terra (Jr 3.1). A prova da imoralidade e de outras formas ostensivas da perversão do culto à fertilidade em Canaã se via no alto de cada colina da terra, desse modo contaminando-a (Jr 3.2, 9). Por causa de muitos pecados, Sião arriscava-se a ser disciplinada por Deus, ao contaminar-se com nações pagãs (Mq 4.11).

O grau hifil descreve a contaminação da terra. O assassino que havia derramado sangue inocente era considerado alguém que contaminava a terra (Nm 35.33).

O profeta e o sacerdote podiam contaminar-se. Suas ações más podiam ser vistas mesmo na casa do Senhor, e sua contaminação atingia o templo (Jr 23.11). A predição de Daniel acerca de Antíoco Epifânio indicava que ele lisonjearia (na verdade, contaminaria) aqueles que já tivessem quebrado a aliança. Alguns governantes mal orientados, na verdade, serviriam a seus próprios interesses na corrupção do santuário, mas as forças contrárias daqueles que conheciam a Deus (os macabeus) entrariam em ação contra esse mal (Dn 11.32).

O adjetivo denota homem ímpio, alguém que se esquece de Deus (Jó 8.13) e vive em

oposição a tudo o que é direito (Jó 17.8; Is 9.17; 10.6). Das 13 vezes em que o vocábulo é empregado, aparece oito vezes em Jó, enfatizando a atividade e a tragédia dos ímpios. Desaparecerá qualquer esperança que os ímpios possuem (Jó 8.13). Os ímpios jamais poderão entrar na presença de Deus (Jó 13.16). A associação com os ímpios é uma experiência estéril (Jó 15.34). Os ímpios têm prazeres, mas momentâneos (nunca para sempre, Jó 20.5). Os ímpios não devem ter cargos no governo para que o povo não caia numa armadilha (Jó 34.30). Aquele que se esquece do temor a Deus é ímpio, uma ameaça para a sociedade. Ele será julgado.

Davi mostra o caráter pervertido dos ímpios. Aqueles que se voltaram contra ele foram comparados com o gracejo grosseiro às mesas de banquetes dos ímpios (Sl 35.16). Deus julgará o caráter dos ímpios, o seu ser e suas ações. A retribuição virá tão rapidamente que até mesmo os ímpios tremerão e ficarão aterrorizados (Is 33.14).

hōnep. ***Hipocrisia,*** Isaías 32.6. O "louco" (ARA; IBB, "tolo"; *q. v. nābāl*, palavra mais pesada), com quem ninguém consegue arrazoar, é aquele que pratica impiedade ou profanidade.

hānēp. ***Hipócrita*** (adjetivo e substantivo). (A ASV, a RSV e a NIV em geral traduzem esta palavra por "ímpio", o que, dada a idéia básica da raiz, é possivelmente a melhor tradução.)

L.G.

697 חָנַק (*hānaq*) ***estrangular***. Ocorre no nifal (2 Sm 17.23) e no piel (Na 2.13).

Termo Derivado

697a מַחְנָק (*mahănāq*) ***estrangulamento.***

698 חסד (*hsd*). **Aceita como raiz de:**

698a חֶסֶד (*hesed*) ***bondade, bondade amorosa, misericórdia*** e palavras semelhantes (KJV). (A RSV geralmente traz amor inabalável, às vezes lealdade; a NASB, bondade amorosa, bondade, amor; a NIV, amor infalível.)

698b חָסִיד (*hāsîd*) ***aquele que é santo, piedoso.*** (A RSV traduz por fiel, piedoso, leal; a NIV, por santo, piedoso.)

698c חֲסִידָה (*hăsîdâ*) ***cegonha*** (talvez porque se acreditasse que ela era bondosa com seus filhotes).

Durante séculos a palavra *hesed* foi traduzida por palavras como misericórdia, bondade, amor. A LXX geralmente utiliza *eleos*, e o latim, *misericordia*. O Targum e a Siríaca geralmente empregam um cognato de *tob*. A raiz não é encontrada em acadiano nem em ugarítico. Até no *BDB* e no *GB* (que indicava *Liebe, Gunst, Gnade*, amor, bondade, graça) os léxicos eram semelhantes. O *KB*, contudo, traz "responsabilidade mútua daqueles [...] que pertencem um ao outro".

Em 1927 Nelson Glueck, precedido pouco antes por I. Elbogen, publicou em alemão uma tese de doutorado, a qual foi traduzida para o inglês por A. Gottschalk, *Hesed in the*

Bible, com uma introdução por G. A. LaRue; essa dissertação é um divisor de águas do assunto. Suas idéias têm tido ampla aceitação. Em poucas palavras, Glueck teve como ponto de partida o crescente pensamento de que Israel estava ligado à sua divindade por meio de alianças, tais como os tratados dos hititas e de outros povos. Ele sustentava que Deus é descrito como alguém que se relaciona com Israel basicamente dessa maneira. Os Dez Mandamentos, *etc.*, eram estipulações da aliança; as vitórias de Israel, recompensas por guardar a aliança; sua apostasia, violação da aliança; e a *hesed* divina não era basicamente misericórdia, mas lealdade em face das obrigações da aliança, uma lealdade que os israelitas também deviam demonstrar. Glueck foi, em grande parte, seguido por W. F. Lofthouse (1933), N. H. Snaith (1944), H. W. Robinson (1946), Ugo Masing (1954) e muitos outros.

Houve, porém, outros que discordaram. F. Assension (1949) defendeu a idéia de misericórdia, baseando seu ponto de vista nas versões do *AT*. H. J. Stoebe (dissertação de doutorado em 1951, também artigos em *VT*, 1952, e em *THAT*) defendeu cordiabilidade, bondade. Sidney Hills e também Katherine D. Sakenfeld (*The meaning of hesed in the hebrew bible: a new inquiry*) sustentou que, de modo geral, *hesed* denota atos espontâneos de resgate ou livramento, que, no linguajar profético, inclui fidelidade. Quanto a esse apanhado histórico e as respectivas referências, veja SAKENFELD, p. 1-13 (doravante chamado Sak.); veja também LaRue, no livro de Glueck (doravante chamado G.).

Este escritor ressalta que há considerável diferença teológica entre entender os Dez Mandamentos, por um lado, como estipulações de uma aliança restrita a Israel, à qual Deus permanece fiel e para as quais ele exige lealdade, e, por outro, como princípios eternos que têm origem na natureza de Deus e sua criação, aos quais todos os homens estão obrigados e com base nos quais Deus julgará com justiça ou, indo além disso, mostrará amor, misericórdia e bondade.

Quanto ao sentido da palavra *hesed*, é conveniente partir, como o fizeram G. e Sak., do uso secular, ou seja, entre uma pessoa e outra. G. sustenta que *hesed* é praticado numa relação que eticamente vincula parentes, hóspedes, aliados, amigos e governantes. É fidelidade a obrigações da aliança, explícitas ou implícitas. Sak. analisa o mesmo material e conclui que, de fato, há um relacionamento presente (o amor quase torna necessária a relação sujeito—objeto), mas a *hesed* é gratuitamente concedida. É essencial a "liberdade para decidir". A ajuda é vital, alguém está em posição de ajudar, e o ajudador o faz dentro de sua própria liberdade. Portanto, esse "é o aspecto central em todos os textos" (p. 45).

Parece que G., seguramente, encontra a idéia de obrigação onde ela é inexistente. Stoebe analisa extensamente *hesed* em *THAT* (p. 599-622) e comenta (p. 607) que 1 Reis é um caso em que a *hesed* é inesperada. Ben-Hadade estava derrotado. Ele não podia reivindicar direito algum. Ele esperava por misericórdia, bondade. Stoebe também cita os homens de Jabes (2 Sm 2.5). Saul havia morrido derrotado. Parece que o cuidado para com o corpo de Saul foi claramente um ato espontâneo de bondade.

Da mesma forma, a disposição de Labão de enviar Rebeca para Isaque não tinha origem em nenhuma obrigação da aliança (embora G. cite o apelo à providência, Gn 24.50). Ele facilmente poderia ter dito "não". A bela história de Rute perde o brilho caso se considere a ação de Rute como motivada por obrigações contratuais. O Senhor não tinha nenhuma obrigação de conseguir para as viúvas novos maridos em Moabe (1.8, 9). Rute foi com Noemi por puro amor. Boaz reconheceu como bondade o ato de Rute (2.11, 12) e chama-o de *hesed* em 3.10. Até mesmo G. inclinou-se aqui para a idéia de bondade. A ação de Raabe foi de bondade (Js 2.12). Natural e legalmente a sua lealdade seria para

com o seu rei e sua cidade. Em Gênesis 19.19 os anjos dificilmente estavam presos a obrigações da aliança — ou quaisquer outras obrigações — com Ló. Na verdade, o versículo 16 afirma que eles agiram por compaixão (*cf.* Is 63.9). Em Gênesis 21.23 Abimeleque cita a *hesed* que anteriormente demonstrara como motivo para fazer a aliança com Abraão, o que requeria ainda mais *hesed*. G. força um pouco 1 Samuel 20.8, 14, 15, onde Davi e Jônatas juram amizade. Essa aliança, diz G., era a base da *hesed*. Talvez este seja o principal erro de G. Ele esquece-se de que alianças surgem com base em relacionamentos e que as obrigações são, com freqüência, mais profundas do que a aliança. O versículo 17 mostra que o amor de Jônatas levou-o a fazer a aliança. Quando Jônatas morreu, Davi pranteou por amor, não por obrigação (2 Sm 1.26). O texto bíblico diz que a *hesed* de Davi para com a casa de Saul era por causa de Jônatas, e não devido a alguma obrigação legal (2 Sm 9.1, 3, 7). Parece que G. erra estrondosamente quando afirma que isso não era graça nem misericórdia, mas um relacionamento fraterno exigido pela lealdade da aliança. Tal ponto de vista tem deixado de perceber a profundidade do caráter de Davi. Stoebe dá a isso o nome de prova espontânea de atitude amistosa e cordial (*herzlich freundliche Gesinnung*). Há necessidade de omitir outros exemplos, mas eles são semelhantes. Todos concordam que em Ester 2.9 a palavra é usada com o sentido de favor, bondade, mas alguns tentam tornar incomum esse uso, sob a alegação de que é pós-exílico.

Quando chegamos à *hesed* divina, o problema é que, obviamente, Deus estava em aliança com os patriarcas e com Israel. Desse modo, a sua *hesed* pode, sem contradição, ser chamada de *hesed* da aliança. Mas, dentro do mesmo raciocínio, a retidão divina, seu juízo, sua fidelidade, *etc.*, poderiam ser chamados de juízo da aliança, *etc.* A questão é: os textos atribuem sua *hesed* às suas alianças ou a seu amor eterno? Por acaso não é a *hesed*, conforme Dom Sorg observou (veja Bibliografia), de fato o reflexo no AT de "Deus é amor"?

Um emprego bem antigo e proeminente encontra-se na declaração que Deus faz de seu próprio caráter: Êxodo 20.6, paralelo a Deuteronômio 5.10, e também Êxodo 34.6, 7. Essas passagens são analisadas por G., Sak. e Stoebe, primeiramente a partir do ponto de vista da divisão documentária. Mas, fora isso, Sak. enfatiza a liberdade da *hesed* divina em todas essas passagens. Ela observa a proximidade de palavras que designam misericórdia em Êxodo 34.6, 7 e comenta que é "esse aspecto da *hesed* de Deus (como sua misericórdia) que assume maior importância nos escritos exílicos e pós-exílicos" — dos quais ela faz uma boa imagem — (p. 119). Ela, no entanto, considera Êxodo 20 e Deuteronômio 5 dentro de um "contexto da aliança" (p. 131) e sustenta que "aqueles que são leais (isto é, amam) receberão *hesed* enquanto os desleais (isto é, os que odeiam) serão castigados" (p. 131). Ela é levada a essa ênfase na aliança devido à idéia prévia de que, uma vez que tratados seculares tratam de amor, fraternidade e amizade entre suserano e vassalo, essas são, portanto, palavras de aliança e mostram que pelo menos uma aliança estava implícita. Esse ponto de vista esquece-se de que amor é uma palavra da aliança porque reis tomaram-na emprestado do uso geral para tentar tornar as alianças eficazes. Eles tentavam fazer com que o vassalo agisse como um irmão, amigo e marido. Disso não decorre que o amor de Deus seja um simples fator em uma aliança; ao contrário, a aliança é o sinal e a expressão do amor divino. É mais aceitável o que diz McCarthy: "a forma do relato do Sinai, em Êxodo 19—24, a qual reflete-se no texto sem acréscimos posteriores, não confirma a alegação de que a história está organizada de acordo com a forma de aliança". Seu ponto de vista é de que o poder e a glória de Iavé e as cerimônias realizadas

efetuaram a união "mais do que história, juramento, ameaça e promessa" (McCarthy, D. J., *Treaty and covenant*, Pontif. Bib. Inst., edição de 1963, p. 163).

O texto em si de Êxodo 20 e Deuteronômio 5 simplesmente afirma que o amor (*hesed*) de Deus para com aqueles que o amam (*'āhab*) é o oposto daquilo que ele mostrará àqueles que o odeiam. Certamente o contexto desses mandamentos é a vontade de Deus para toda a humanidade, embora seu cuidado especial, na verdade sua aliança, seja com Israel. No entanto, é uma pressuposição falaz que essa *hesed* referir-se-ia apenas a essa aliança e não à bondade divina eterna que está por trás da aliança.

O texto de Êxodo 34.6, 7 é mais completo e mais solene, por vir após a grande apostasia. Ele apresenta uma terna revelação do eu divino a Moisés. Sak. está certa aqui ao dizer "que o perdão deveria ter estado sempre latente [pelo menos!] no uso teológico de *hesed*", mesmo antes do exílio (p. 119). A associação com a misericórdia divina é, sem dúvida, patente nas palavras e no contexto do evento da apostasia. A palavra *rahum*, com suas nuanças de amor materno, e *hannûn*, "graça", combinadas com a expressão "tardio em irar-se", todas elas enfatizam o caráter de Deus, que é amor. Ele é grande em *hesed* e *'emet* (sobre o que falaremos mais adiante). Ele mantém a sua *hesed* para com milhares, o que é imediatamente relacionado com perdão de pecados. Parece trivial que tudo isso apenas diga que Deus mantém o seu juramento. O juramento é mantido porque é o Deus amoroso que faz o juramento.

Sak. reúne habilmente as várias passagens baseadas em Êxodo 34.6, 7. São elas: Números 14.18, 19; Neemias 9.17; Salmos 86.15; 103.8; 145.8 (*cf.* 9 e 10); Joel 2.13; e Jonas 4.2. Dessas passagens, apenas Salmos 86.15 inclui a palavra *'emet* depois de *hesed*. Todas elas falam do amor do Senhor, e algumas mencionam seu perdão. Nenhuma fundamenta a *hesed* especificamente na aliança.

Alguns acreditam que a frase *hesed* e *'emet*, "verdade", mencionada acima, favoreça o conceito de lealdade ou fidelidade em *hesed*. A frase ocorre cerca de 25 vezes com aproximadamente sete outras numa relação menos próxima entre as duas palavras. A maioria crê que temos aí uma hendíadis, e um substantivo serve para descrever o outro. Desse modo a frase tem o significado de "amor fiel", ou "bondade verdadeira", ou algo do gênero. Bondade e fidelidade constituem uma hendíadis equivalente e satisfatória em português. Parece que a combinação delas dificilmente acentua, na palavra *hesed*, a idéia de fidelidade a uma aliança. Caso o termo já significasse isso, por que acrescentar-se-ia o qualificativo "fiel"? Em geral, como no uso de *hesed* isoladamente, não há nenhuma aliança expressa para a qual haja o dever de fidelidade. Tal aliança é suposta em 1 Reis 3.3, e, embora a *hesed* de Deus para com Davi em fazer seu filho reinar de fato ocorresse de acordo com uma aliança, esse evento também se dava de acordo com o amor divino por trás da aliança. O texto não o atribui a lealdade da aliança. Stoebe destaca que, no salmo 89, a aliança do versículo 3[4] baseia-se na *hesed* do versículo 2[3] (*THAT*, p. 615).

Outro par de substantivos é aliança, *b'rît*, e *hesed*, empregado sete vezes com alguns outros casos de uso em contextos próximos. O principal uso é Deuteronômio 7.9, 12, que tem ecos em 1 Reis 8.23; 2 Crônicas 6.14; Neemias 1.5; 9.32; e Daniel 9.4. O texto em si é chamado, por Stoebe (*THAT*, p. 616), de paráfrase de Êxodo 34.6. Ele observa que Deuteronômio 7.8 já baseia todo o favor de Deus em seu amor. Caso esse par de vocábulos seja traduzido por "amor da aliança" ou "aliança e amor", deve-se lembrar que o amor está por trás da aliança. Essa idéia é ilustrada por Jeremias 2.2, onde a *hesed* que Israel demonstrou na sua juventude é comparada ao amor de uma noiva. O amor de uma noiva é o fundamento da promessa e não o seu resultado.

Deve-se mencionar que, cerca de 15 vezes, *hesed* também forma par com substantivos que indicam misericórdia, como *rahûm*, por exemplo, Salmos 103.4; Zacarias 7.9 (e *cf.* Êx 34.6, 7, acima), *hēn*, por exemplo, Gênesis 19.19; Salmos 109.12, *tanhûm*, Salmos 94.18, 19; *etc.* Esses casos geralmente constituem pares de substantivos que não estão realmente numa relação adjetiva. A implicação é que *hesed* é uma das palavras que descrevem o amor de Deus.

Dessa maneira, é óbvio que Deus encontrava-se numa aliança com Israel, que também ele expressava essa relação em *hesed*, que a *hesed* de Deus era eterna (observe-se o refrão do salmo 136) — embora a *hesed* de Efraim não o fosse (Os 6.4). Entretanto, está claro que a *hesed* não envolve necessariamente uma aliança nem significa fidelidade a uma aliança. Stoebe defende que a palavra refere-se a uma disposição mental bem como a ações. Essa atitude é paralela ao amor, *rahûm*, bondade, *tôb*, *etc.* É um tipo de amor que inclui misericórdia, *hannûn*, quando o objeto está numa condição lastimável. Freqüentemente se usam verbos de ação, "fazer", "guardar", e desse modo a palavra refere-se a atos de amor bem como ao atributo de amor. A expressão "bondade amorosa", embora arcaica (é usada na KJV), não está longe do sentido pleno de *hesed*.

hāsîd. ***Aquele que é santo, piedoso.*** Não está claro se o povo de Deus no AT era chamado *hāsîd* porque se caracterizava pela *hesed* (como parece provável) ou se era assim chamado porque era objeto da *hesed* divina. O vocábulo é utilizado 32 vezes, 25 delas em Salmos. É usada no singular e no plural. Uma vez, Salmos 16.10, refere-se ao Santo que viria. Nos dias dos macabeus a palavra passou a designar o partido ortodoxo.

Bibliografia: DENTAN, R. C., The literary affinities of Exodus 34:6 ff., *VT*, 13:34-51. — FREEDMAN, D. N., God compassionate and merciful, *Western Watch*, 6:6-24. — GLUECK, Nelson, *Hesed in the Bible*, trad. por A. Gottschalk, Hebrew Union College Press, 1967. — KUYPER, Lester J., Grace and truth, *Reformed Review*, 16:1-16. — SAKENFELD, Katherine D., *The meaning of hesed in the Hebrew Bible: a new inquiry*, Scholars Press, 1978. — SNAITH, N.H., *The distinctive ideas of the Old Testament*, Schocken, 1964, p. 94-130. SORG, Dom Rembert, *Hasid in the Psalms*, Pro decimo Press, 1953. — STOEBE, H. J., Die Bedeutung des Wortes Häsäd im Alten Testament, *VT*, 2:244-54. — YARBROUGH, Glen, The significance of *hsd* in the Old Testament, Tese não publicada de Ph.D., Southern Baptist Theological Seminary, 1959. — *TDNT*, v. 1, p. 696-701. — *THAT*, v. 1, p. 599-622.

R.L.H.

699 חָסַד (*hāsad*) ***II, ser vituperado, envergonhado.*** Esse verbo ocorre uma única vez, no piel (Pv 25.10).

Termo Derivado

699a חֶסֶד (*hesed*) ***vergonha, vilupério*** (Lv 20.17; Pv 14.34).

700 חָסָה (*hāsâ*) ***buscar refúgio, fugir em busca de proteção*** e, desse modo, figuradamente, ***depositar a confiança em*** (Deus), ***confiar, esperar em*** (Deus ou pessoa). A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante.

700 חָסָה (*hāsâ*)

Termos Derivados

700a חָסוּת (*hāsût*) ***refúgio, abrigo***, só em Isaías 30.3.

700b מַחְסֶה (*mahseh*) ***refúgio, abrigo.***

A raiz deve, provavelmente, ser distinguida de *bātah*, "depender de", "refugiar-se em", por denotar uma ação mais repentina. A etimologia é duvidosa. Com os seus derivados, a raiz é usada 56 vezes, predominantemente nos salmos e em literatura poética e hínica semelhante.

Embora empregada literalmente para o ato de abrigar-se de uma tempestade (Is 4.6; 25.4; Jó 24.8) ou de ir para os montes em situação de perigo (Sl 104.18), a palavra, com maior freqüência, designa figuradamente a ação de procurar refúgio e, conseqüentemente, pôr sua confiança seja em algum deus (Dt 32.37), seja na "sombra" de qualquer potência importante, tal como o Egito (Is 30.2; *cf.* o espinheiro na parábola de Jz 9.15).

Essa idéia de refugiar-se pode muito bem ter origem na experiência comum das pessoas em situação de guerra, sejam refugiados, sejam combatentes, para quem os montes adjacentes significavam um imediato ponto elevado e seguro, ou rocha firme, para os quais o defensor desamparado podia correr em busca de proteção. Dessa maneira o substantivo *mahseh*, "lugar de refugio", é usado como sinônimo de *mā'ôz*, "fortaleza", *misgāb*, "alto refúgio", ou *mānôs*, "lugar de escape".

Como acontece com os termos paralelos "rocha" (*tsûr*, Sl 62.7), "a rocha do meu refúgio" (IBB, *tsûr mahsî*, Sl 94.22), "meu escudo" (*māgēn*, Sl 144.2; Pv 30.5) ou "asas", palavra que denota proteção (Rt 2.12; Sl 17.8; 36.7[8]), o "Refúgio" é usado como um titulo de Deus. Ele é, acima de tudo, o Refúgio (*mahseh*, Sl 14.6; 46.1[2]; 62.8; 91.9), o Abrigo (Sl 61.3[4], BJ), o "forte refúgio" (Sl 71.7) e Fortaleza (IBB, Sl 91.2). Deus é sempre o único refúgio para seu povo. A confiança nele (piedade) protege o indivíduo devido à solidariedade que ela cria (Pv 14.26; Jo 4.10). O grau qal de *hāsâ* é basicamente usado para designar o homem que confia em Deus como seu Rochedo (2 Sm 22.3), Força (BJ, Sl 18.2[3]) e Fortaleza (NEB, "refúgio seguro", Na 1.7). É sempre melhor confiar em Deus do que confiar (*bātah*) em príncipes (Sl 118.8, 9). Ele age como o escudo ou proteção (*māgēn*) de todos os que se refugiam nele (2 Sm 22.31; Sl 18.30[31]).

A analogia de refugiar-se em Deus pode, às vezes, referir-se ao templo de Deus em Jerusalém, onde os aflitos de seu povo sempre podiam encontrar refúgio (Is 14.32; *cf.* Sl 61.4). Esse foi um desdobramento do antigo costume pelo qual o criminoso fugitivo podia pegar as pontas do altar e, assim, achar-se a salvo de vingança (1 Rs 1.50). A interpretação de Provérbios 14.32 ("mas o justo até na sua morte acha refúgio", IBB) é difícil, mas o texto deve provavelmente ser emendado de *b'môtô* ("na sua morte") para *b'tummô* (invertendo o "m" e o "t"), para ler-se "busca refúgio em sua integridade" (assim traduz a LXX), em contraste com o ímpio, que se afasta cada vez mais com sua impiedade.

"Buscar refúgio" ressalta a insegurança e a insuficiência até mesmo dos homens mais poderosos. Ela enfatiza o aspecto defensivo ou externo da salvação em Deus, o imutável em quem "encontramos abrigo" (*cf.* KIDNER, F. D., *The Psalms*, 1973, *ad loc*; Sl 46.1). Davi pôde ver a caverna para onde fugiu como fortaleza, enquanto outros a veriam como armadilha.

O resultado de refugiar-se em Deus é ser "bem-aventurado" (Sl 2.12) e experimentar Deus como "Salvador" (Sl 17.7). Tal pessoa deve regozijar-se (Sl 5.11[12]), encontrar

bondade (Sl 31.19[20]) e "possuirá a terra" (IBB, Is 57.13).

A raiz ocorre em nomes próprios. Um ancestral de Baruque e Seraías é chamado Maaséias (*mahᵉsēyâ*, "o Senhor é um refúgio", Jr 32.12; 51.59). Hosa, levita relacionado como porteiro da porta ocidental do templo, a porta de Salequete (1 Cr 16.38), teve 16 filhos e irmãos em serviço semelhante (26.10, 11, 16). Hosa também era um topônimo em Aser (Js 19.29).

Bibliografia: DELEKAT, L., Zum Hebräischen Wörterbuch, *VT*, 14:7-66. — TSEVAT, M., A study of the language of the Biblical Psalms, Monografia, *JBL*, 9:4 e ss., 48 e ss.

D.J.W.

חֲסוּת (*hāsût*). Veja o n.º 700a.

חָסִיד (*hāsîd*). Veja o n.º 698b.

חָסִיל (*hāsîl*). Veja o n.º 701a.

חָסִין (*hāsîn*). Veja o n.º 703c.

701 חָסַל (*hāsal*) ***acabar com, consumir***. Usado acerca dos gafanhotos que destroem plantações (Dt 28.38).

Termo Derivado

701a חָסִיל (*hāsîl*) ***gafanhoto.***

A palavra deriva do verbo *hāsal*, "consumir" (Dt 28.38). Ocorre seis vezes. A LXX erroneamente traduz quatro vezes por *erusibē*, "ferrugem (de planta)", e duas vezes como *brouchos*, "gafanhoto sem asas". A IBB traduz por "lagarta" (*cf.* ARA, "larva"). A sugestão de KB, "barata", é improcedente. A palavra aparece em ugarítico como *hsn*, "gafanhoto", paralelamente a *irby*, "locusta" (*UT*, 19:883).

Em Joel 1.4 e 2.25, *hāsîl* é usado para designar o gafanhoto novo, "devorador".

Veja também *'arbeh*.

E.Y.

702 חָסַם (*hāsam*) ***represar, entupir, amordaçar*** (Dt 25.4; Ez 39.11).

Termo Derivado

702a מַחְסוֹם (*mahsôm*) ***mordaça*** (Sl 39.2).

703 חסן (*hsn*). **Aceita como raiz de:**

703a חֹסֶן (*hōsen*) ***riquezas, tesouro.***

703b חָסֹן (*hāsōn*) ***forte*** (Am 2.9; Is 1.31).

703c חָסִין (*hāsîn*) ***forte, poderoso*** (Sl 89.9).

hōsen. ***Riquezas, tesouro.*** (A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante, a KJV também

traz "força".) A palavra é empregada cinco vezes. O sentido é de "riqueza"; geralmente, "prosperidade material". A exceção é a referência de Isaías ao Senhor como "riqueza de salvações, sabedoria e conhecimento" (*cf.* ARA, "abundância de salvação...", Is 33.6). A KJV traduz aqui por "força" e também (acompanhando a LXX) em Jeremias 20.5 (veja *hûn*).

C.P.W.

704 חַסְפַּס (*haspas*) ***semelhante a escamas*** (Êx 16.14, somente). Derivação incerta.

705 חָסַר (*hāsēr*) ***carecer de, ter necessidade, estar faltando (algo).***

Termos Derivados

705a חֶסֶר (*heser*) ***pobreza*** (ocorre duas vezes).
705b חֹסֶר (*hōser*) ***privação, carência*** (ocorre duas vezes).
705c חָסֵר (*hāsēr*) ***necessitado, carente.***
705d חִסָּרוֹן (*hesrôn*) ***deficiência*** (ocorre uma vez).
705e מַחְסוֹר (*mahsôr*) ***necessidade, pobreza.***

A mais antiga ocorrência deste verbo descreve a diminuição das águas que prevaleciam sobre a terra no dilúvio (Gn 8.3, 5). A idéia de algo que falta se vê na progressiva diminuição do possível número de justos em Sodoma, isto é, na inexistência de até mesmo cinco justos a partir dos 50 que Abraão propôs de início (Gn 18.28).

hāsēr é, com maior freqüência, empregado para expressar a suficiência da graça de Deus para atender as necessidades de seu povo. Ele nunca têm necessidade. No deserto, quando o povo obedecia ao mandamento de Deus, jamais tivera falta de maná (no que dependia do fornecimento diário por Deus; Êx 16.18). Moisés os fez recordar isso logo antes de entrarem em Canaã (Dt 2.7), e isso tornou-se a base de sua esperança em Canaã (Dt 8.9).

Isso revelou-se real para aqueles que confiavam no Senhor, por exemplo, a viúva (1 Rs 17.14), o salmista Davi (Sl 23.1), todos os que buscam o Senhor (Sl 34.10[11]) e aqueles que adoram o Senhor (Is 51.14). Quem tem uma esposa boa e temente a Deus experimentará por meio dela a abundância que vem de Deus (Pv 31.11).

De outro lado, a falta de pão ou de outras bênçãos aponta para o desfavor divino devido à falta de fé (Is 32.6; Ez 4.17).

Em última análise, por causa da falta de fé do povo, ele não apenas sentiria a falta de bênçãos, mas até mesmo atribuiria isso ao fato de não servir aos deuses pagãos de Canaã (Jr 44.18). Vemos como Deus os entregou a suas mentes pervertidas.

A raiz ocorre em outras línguas semíticas, tais como o aramaico, o árabe e o etíope, mas não, pelo menos até agora, em ugarítico.

hāsēr. ***Carente, com necessidade de.*** (Palavra traduzida, de forma geral, da mesma maneira na ASV e na RSV.) Este adjetivo é, na forma, igual ao verbo *hāsēr* (veja acima). É, basicamente, empregado para referir-se à falta de sabedoria e entendimento. Desse modo, ele ocorre com maior freqüência na literatura de sabedoria e basicamente em Provérbios (13 das 19 vezes).

O adjetivo aparece poucas vezes com o sentido de falta de coisas, como ocorre com o verbo, por exemplo, falta de doidos (1 Sm 21.15[16]), falta de pão (2 Sm 3.29; Pv 12.9), falta de azeite (1 Rs 17.16).

Usa-se basicamente este adjetivo para expressar a condição espiritual dos homens de falta de sabedoria ou entendimento, os quais levam a Deus. Aqueles que não têm entendimento cometem pecado (Pv 6.32), merecem a vara (Pv 10.13), fazem pouco caso de seu próximo (Pv 11.12), procuram o que não tem valor (Pv 12.11), alegram-se com a estultícia (Pv 15.21), fazem promessas tolas (Pv 17.18) e são preguiçosos diante de um campo cheio de ervas daninhas (Pv 24.30). Se for um governante, torna-se opressor cruel (Pv 28.16). Embora talvez não lhe faltem coisas materiais, quem não tem a Deus não tem condições de desfrutar plenamente disso tudo (Ec 6.2). Em suma, se alguém tem falta de sabedoria, tal pessoa mostra em todos os lugares que é tola, até mesmo em público (Ec 10.3).

Entretanto, se alguém percebe essa carência, pode conseguir sabedoria voltando-se para o provedor de sabedoria, o Senhor (Pv 9.4). Aquele que tem carência pode ser admoestado pela sabedoria de Deus a procurar a sabedoria (Pv 9.16).

J.B.S

חִסְרוֹן (*hesrôn*). Veja o n.º 705d.

חָפ (*hap*). Veja o n.º 711a.

706 חָפָא (*hāpā'*) ***fazer em segredo.*** *hāpâ* ocorre apenas uma vez, no piel (2 Rs 17.9).

707 חָפָה (*hāpâ*) ***cobrir, revestir.*** (A ASV traz "revestir" nos textos de Crônicas, ao passo que a RSV emprega "cobrir" e, uma vez, "forrar o teto".)

O qal é empregado para designar o ato de cobrir a cabeça ou o rosto num momento de vergonha, tal como a experimentada por Hamã (Et 6.12; 7.8) ou por Davi e aqueles que o acompanharam quando fugiu de seu filho Absalão (2 Sm 15.30; *cf.* também Jr 14.3, 4).

O piel é utilizado para indicar o revestimento de um objeto com outro, como no revestimento de ouro na construção da casa do Senhor (2 Cr 3.5, 7, 8, 9).

Em cada caso parece que a idéia é esconder o menos atraente debaixo do mais atraente. Isso é confirmado pelas línguas cognatas, especialmente o árabe, que usa a raiz para, basicamente, exprimir o ato de esconder. Não ocorre em ugarítico.

Bibliografia: GORDIS, Robert Studies in Hebrew roots of contrasted meanings, *JQR*, 27:33-58.

J.B.S.

חֻפָּה (*huppâ*). Veja o n.º 710b.

708 חָפַז (*hāpaz*) ***apressar, fugir, temer, estar aterrorizado*** (A RSV muitas vezes prefere "estar temeroso" ou "fugir", em vez do "apressar-se" da KJV.)

Termo Derivado

708a †חפזון (*hippāzôn*) ***pressa*** (?).

Não existe distinção clara de significado entre as formas qal e nifal. Em dois contextos a palavra é paralela do termo que tem o sentido de temor (Dt 20.3, "tremer"; Sl 48.5[6], "fugir", ms.; "debandar às pressas", BJ). Alguns contextos dão apoio, embora não decisivo, à idéia de "apressar-se" (isto é, estando apavorado). A fuga apressada da ama de Mefibosete (2 Sm 4.4) e a retirada apressada dos arameus (2 Rs 7.15) são exemplos. Numa oportunidade o termo serve de paralelo poético de "fugir" (Sl 104.7). "Estar aterrorizado" encaixa-se bem no contexto de Salmos 116.11 (ARA, "perturbação"), Salmos 31.22[23] (ARA, "pressa") e 1 Samuel 23.26 ("Davi esteve temeroso, de sorte que foi embora", tradução do autor). É obscuro o significado desse termo em Jó 40.23 (ARA, "apressar-se"; IBB, "tremer"). "Fugir apavorado" talvez resuma o significado.

hippāzôn. ***Pressa (?), temor (?), fuga (?).*** Termo técnico de significado incerto que descreve a maneira como os hebreus deveriam comer a primeira Páscoa (Êx 12.11) e o modo como deixaram o Egito (Dt 16.3). Nesses contextos tanto "às pressas" como "com medo" são traduções possíveis. O paralelo poético de "fugir" (Is 52.12, na ARA) sugere algo como "fuga apressada" ou "fuga temerosa".

J.P.L.

חפזון (*hippāzôn*). Veja o n.º 708a.

709 חפן (*hpn*). **Aceita como raiz de:**

709a חפן (*hōpen*) ***palma da mão*** (*e.g.*, Ec 4.6; Ez 10.7).

710 חָפַף (*hāpap*) ***I, cobrir, abrigar.***

Termos Derivados

710a חוף (*hôp*) ***litoral, costa.***

710b †חפה (*huppâ*) ***dossel.***

O verbo *hāpap* ocorre apenas na bênção de Moisés (Dt 33.12), quando descreve a segurança de Benjamim. Ele é amado pelo Senhor, que "todo o dia [...] o protegerá".

huppâ. ***Dossel, recâmara.*** Palavra usada três vezes no AT. Em Isaías 4.5 parece que a idéia de proteção é a que mais se sobressai, e *huppâ* está relacionada com *sukkâ*, palavra que designa "tenda" ou "abrigo" (v. 6). Essa passagem importante descreve a glória futura de Sião em termos da peregrinação no deserto. Da mesma maneira que a coluna de nuvem e fogo protegeu Israel dos egípcios, um pavilhão protetor proporcionará, para o monte Sião, sombra e refugio contra a tempestade.

Em duas ocasiões *huppâ* está relacionada com casamento. Em Joel 2.16 ela é paralela de *hēder*, que significa "quarto de dormir, câmara interna". A noiva é instruída a sair de

seu quarto de dormir, e o noivo, de sua recâmara, para suplicarem ao Senhor que poupe seu povo do juízo. As alegrias costumeiras são interrompidas durante essa crise espiritual.

Há dúvidas quanto ao fato de a recâmara ser uma tenda especial onde se consumava o casamento ou uma cobertura protetora sobre a cerimônia de casamento propriamente dita. Salmos 19.5[6] compara o sol que nasce em sua força com um noivo que sai de sua recâmara. Isso exprime a alegria do amor da juventude enquanto o noivo prevê uma nova vida com sua noiva, talvez referindo-se especificamente à trajetória do sol como uma alegre procissão matrimonial (*cf.* Mt 25.6-10).

H.W.

711 חָפַף (*ḥpp*). **Aceita como raiz de:**

711a חַף (*ḥap*) ***inocente, puro*** (ARA), ocorre somente em Jó 33.9, onde Eliú acusa Jó de alegar-se "inocente", "puro", "sem culpa" (NEB). Derivada do verbo *hāpap*, "apagar, purificar", a palavra significa "limpo".

E.Y.

712 חָפֵץ (*hāpēts*) ***I, ficar encantado com, agradar-se de, desejar.***

Termos Derivados

712a †חָפֵץ (*hāpēts*) ***que tem prazer em.***

712b †חֵפֶץ (*hēpets*) ***prazer.***

O sentido básico é o de sentir grande satisfação com alguma coisa. Seu sentido difere do das raízes paralelas, *hāmad*, *hāshaq* e *rātsâ*, pelo fato de elas indicarem menor envolvimento emocional. *hāmad* e *hāshaq* são geralmente traduzidas por "desejar", e *rātsâ*, por "aceitar", sendo que nessas três raízes o objeto da ação é o prazer resultante da necessidade. No caso de *hāpēts*, o objeto busca aprovação mediante suas próprias qualidades intrínsecas. O sujeito é facilmente atraído pelo objeto por causa da desejabilidade deste. Uma quarta raiz, *gîl*, ligeiramente paralela, dá idéia de um envolvimento emocional ainda maior. Aqui o sujeito expressa sua satisfação numa atitude e conduta jubilosa. A raiz *hāpēts* é usada mais freqüentemente do que as outras palavras, num total de 123 vezes, incluindo-se aí o verbo e seus derivados.

hāpēts ocorre apenas no qal e significa "experimentar satisfação emocional". Essa satisfação pode ser sentida pelos homens ou por Deus. Os homens experimentam-na com relação a mulheres. Siquém, filho de Hamor, "se agradou" de Diná, filha de Jacó (IBB, Gn 34.19). As participantes do concurso de beleza do rei Assuero não voltavam a ele depois de ele as ver pela primeira vez a menos que o rei se tivesse agradado delas (Et 2.14; "desejasse", ARA). Os homens também tinham esse tipo de experiência com outros homens. Quando o rei Saul quis que Davi se casasse com sua filha Mical, instruiu seus servos para que informassem Davi de que o rei tinha "afeição" por ele (1 Sm 18.22).

Essa satisfação ou prazer pode ser experimentada com relação a assuntos e coisas. Joabe utilizou a palavra quando perguntou a Davi por que ele insistia em fazer o recenseamento, ou em alistar o exército (veja *pāqad*), isto é, por que ele tinha "prazer" nisso (2 Sm 24.3). A palavra também é empregada com referência a pessoas que têm satisfação em certas atividades. O rei Assuero perguntou a Hamã o que se deveria fazer

a quem o rei "se agrada" em honrar (IBB, Et 6.6). Ainda outro uso da palavra é no sentido absoluto, conforme se vê numa repetida expressão de Cantares: "nem desperteis o amor, até que este o queira" (2.7; 3.5; 8.4).

A palavra é empregada para designar a satisfação que Deus tem em certas pessoas. No cântico de livramento de Davi, este diz que Deus supriu-lhe as necessidades porque ele "se agradou" do salmista (2 Sm 22.20). A rainha de Sabá bendiz a Deus porque ele "se agradou" de Salomão (1 Rs 10.9). Deus experimenta esse tipo de satisfação diante das boas obras dos homens. Por exemplo, ele tem prazer em que seus sábados sejam guardados, e sua lei observada (Is 56.4), bem como em que haja "misericórdia" e "conhecimento de Deus" (Os 6.6) e "verdade" (Sl 51.6[8]). Com respeito a si próprio, Deus lança-se a atividades em que ele faz conforme "lhe agrada" (Sl 115.3; 135.6). O pai de Sansão, Manoá, temeu pela sua vida e pela de sua esposa porque o anjo do Senhor lhes aparecera, mas sua esposa replicou que, se Deus tivesse satisfação em (ARA, "quisesse". Jz 23) matá-los, não teria recebido os sacrifícios que tinham feito.

hāpēts. ***Que tem prazer em, que se agrada de.*** Este adjetivo, usado de maneira semelhante ao verbo, ocorre em dez passagens, nove das quais descrevem alguma atividade humana. Deus alegra-se com aqueles que "têm prazer" na causa justa de Deus (Sl 35.27). Neemias ora para que Deus preste atenção à oração daqueles que "se agradam" em temer o seu nome (Ne 1.11).

hēpets. ***Prazer, satisfação.*** O substantivo *hēpets* é usado com maior freqüência, 39 vezes, e em contextos variados. É empregado em expressões como "terra de delícias" (BJ, Ml 3.12) ou "palavras agradáveis" (*lit.*, "palavras de satisfação", Ec 12.10), onde a referência é ao prazer que a "terra" ou as "palavras" dão. Acerca do justo, Salmos 1.2 diz que seu "prazer" está na lei do Senhor. As pessoas podem ser objeto desse prazer quando elas agradam outras pessoas (Sl 16.3). *hēpets* pode ser usado para indicar aquilo que alguém tem forte desejo de fazer ou ter. Por exemplo, Salomão deu à rainha de Sabá tudo o que ela desejou (*lit.*, "todo o seu prazer", 1 Rs 10.13). Jó afirma que não reteve o que os pobres desejavam (*lit.*, "o desejo [ou satisfação] dos pobres", Jó 31.16). A palavra, além disso, é utilizada para designar o grande interesse de alguém, a sua atividade. Um dos interesses de Israel estava em jejuar, e em Isaías 58.3 lemos que isso constituía o seu "prazer". Isaías escreve que a "satisfação" de Deus prosperará nas mãos de Cristo (ARA, "vontade", 53.10).

A palavra também é usada com referência àquilo em que Deus tem satisfação. O rei persa Ciro faria tudo o que "apraz" a Deus (Is 44.28).

Bibliografia: STAPLES, W. E., The meaning of hēpets in Ecclesiastes, *JNES*, 24:110-12. — *THAT*, v. 1, p. 621-2.

L.J.W.

713 חָפַץ (*hāpēts*) ***II, pender, encurvar.***

Deve-se fazer distinção entre esta raiz e *hāpēts* I, "agradar-se de", por causa de seu único uso em Jó 40.17: "[Ele] pende (ARA, 'endurece') a sua cauda como cedro". A raiz também é encontrada em árabe, significando "abaixar". Esta palavra não tem nenhum derivado em hebraico e é de sentido incerto. No comentário sobre Jó, em AB, Pope defende

"encurvar" como um movimento apropriado para a cauda. O problema é que muitos entendam que esta é uma referência ao hipopótamo, o qual possui cauda pequena. Poderia a palavra "cauda" significar uma extensão do corpo, funcionando como uma espécie de membro extra? Nesse caso tal apêndice poderia ser o tronco esticado (Lisowsky) como um cedro.

L.J.W

714 חָפַר (*hāpar*) ***I, escavar, procurar.*** (A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante.)

Termo Derivado

714a חַפַּרְפָּרָה (*hăparpārâ*) ***toupeira,*** apenas em Isaías 2.20 (uma única palavra nos mss. e alguns testemunhos gregos.)

A idéia básica é de cavar o chão por alguma razão, e, com base nisso, a palavra é paralela de *kārâ*. Também significa procurar um objeto. É usada 22 vezes no qal. Com freqüência a palavra é utilizada para cavar um poço. Nesse sentido ela é empregada com referência a Abraão (Gn 21.30) e Isaque (Gn 26.15, 18, 19, *etc.*). É usada para cavar um buraco como armadilha (Sl 7.15[16]), para cavar à procura de um objeto escondido (Jr 13.7) e até mesmo para o escarvar de cavalos enquanto pastam (Jó 39.21). A idéia de procurar é empregada com menos freqüência, mas o sentido é claro. Por exemplo, a palavra é utilizada com referência ao trabalho dos espias de Josué, enviados para investigar Jerico (Js 2.2, 3). É usada com referência à águia enquanto procura (ARA, "descobre") a sua presa (Jó 39.29).

L.J.W

715 חָפֵר (*hāpēr*) ***II, sentir-se envergonhado, estar confuso.*** (A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante.)

A idéia básica diz respeito à perda de posses mediante humilhação, constrangimento ou confusão. Tem sentido bastante próximo do da raiz *bôsh*. Aliás, em 14 das 19 vezes em que é usada, a palavra é paralela de *bôsh*. *bôsh* é usado com maior freqüência, o que sugere que *hāpēr* é principalmente uma palavra que acentua o sentido. Exemplo típico em que as duas aparecem no mesmo contexto ocorre quando Miquéias prediz um dia em que os "videntes se envergonharão" (*bôsh*) e os "adivinhadores se confundirão" (*hāpēr*, Mq 3.7). Num contexto como esse não existe nenhuma diferença perceptível de significado entre as duas raízes. Ambas as palavras incluem a conotação de decepção, conforme se vê em Jó 6.20, onde Jó fala dos "viajantes de Sabá" que vêm e procuram água em vão e, desse modo, experimentam *bôsh* e *hāpēr*.

Um uso no hifil é de natureza claramente causativa: o filho "envergonha" (*bôsh*) os pais e os "desonra" (*hāpēr*) quando não lhes presta o devido respeito (Pv 19.26). Dois usos no hifil falam da vergonha que se manifesta; por exemplo, Israel é instada a não ter medo porque ela não seria "envergonhada" (*bôsh*) nem "confundida" (BJ, *hāpēr*). Nessa passagem (Is 54.4) o pensamento é de que a terra não apresentaria um quadro de sofrimento e destruição.

L.J.W.

716 חפשׂ (*hāpas*)

חַפַּרְפָּרָה (*hăparpārâ*). Veja o n.º 714a.

716 חָפַשׂ (*hāpas*) ***buscar, procurar, disfarçar-se.***

Termo Derivado

716a †חֶפֶשׂ (*hēpes*) ***trama.***

hāpas é basicamente usado no piel e no hitpael (oito vezes em cada grau), raramente no qal, no nifal e no pual (seis vezes). "Ocultar-se", isto é, "fazer-se procurado", é o uso costumeiro do hitpael.

As poucas ocorrências no qal empregam "buscar" num sentido metafórico. Pode-se buscar a "sabedoria" (Pv 2.4) ou examinar o próprio comportamento (Lm 3.40), realizando um cuidadoso auto-exame (Pv 20.27).

Usa-se o piel para situações concretas, ou seja, para vasculhar uma casa à procura de despojos (1 Rs 20.6) ou de profetas de Baal (2 Rs 10.23). Deus sairá em busca dos ímpios de Jerusalém (Sf 1.12) assim como Saul sai em busca do fugitivo Davi (1 Sm 23.23; Am 9.3). Uma taça perdida e ídolos perdidos são objetos de busca por parte de José (Gn 44.12) e Labão (Gn 31.35).

No difícil texto de Salmos 64.6[7], existe alguma procura mental. Os ímpios estão maquinando "planos bem traçados" (IBB), talvez um estratagema "bem refletido" para apanhar o servo de Deus numa armadilha. Nesse versículo a raiz *hāpas* aparece três vezes.

O hitpael "esconder-se" geralmente refere-se a reis que efetuam o disfarce ao porem de lado suas vestes reais. Saul enganou a médium de En-Dor (1 Sm 28.8), mas nem Acabe (1 Rs 22.30 = 2 Cr 18.29), nem Josias (2 Cr 35.22) sobreviveram às guerras onde entraram disfarçados. Uma vez um profeta pôs uma venda sobre os olhos para impedir que Acabe o reconhecesse (1 Rs 20.38).

hēpes. ***Trama, recurso capcioso.*** Este substantivo masculino ocorre somente em Salmos 64.6[7], em conjunto com o particípio pual.

H.W.

717 *חָפַשׁ (*hāpash*) ***ser (estar) livre.***

Termos Derivados

717a חֹפֶשׁ (*hōpesh*) ***mantas para cavalo***, somente em Ezequiel 27.20. Sentido incerto.

717b †חָפְשָׁה (*hupshâ*) ***liberdade***, somente em Levítico 19.20.

717c †חָפְשִׁי (*hopshi*) ***livre.***

717d חָפְשִׁית (*hopshît*) ***liberdade, condição de estar apartado***, somente em 2 Reis 15.5 (=2 Cr 26.21).

hāpash ocorre no pual apenas em Levítico 19.20, referindo-se a uma escrava que é prometida em casamento a um homem, mas comete fornicação com outro. Tanto ela quanto o homem que a violou têm de ser castigados. Não devem ser mortos, visto que ela não é livre e, presumivelmente, não teve condições de se defender.

hupshâ. ***Liberdade.*** Este substantivo feminino aparece somente em Levítico 19.20, onde se refere à jovem escrava que não foi liberta.

hopshî. ***Livre.*** Adjetivo, provavelmente afim com o ugarítico *hbt*, "soldado" ou "plebeu livre" (*UT*, 19:930), e o *hubshu* das cartas de Amarna. A maioria das 16 ocorrências refere-se à liberdade da escravidão. Um escravo ou escrava hebreus deviam ser libertados no sétimo ano sem pagamento (Êx 21.2, 5). Na verdade o proprietário devia fornecer ao escravo libertado provisões de cereais, vinho e animais do rebanho (Dt 15.12, 13, 18). Evidentemente os proprietários relutavam em obedecer a esse mandamento. Durante o cerco de Jerusalém, no reinado de Zedequias, foi concedida liberdade a escravos hebreus, mas, quando os babilônios retiraram-se temporariamente, os proprietários imediatamente reivindicaram seus escravos. Jeremias atacou essa hipocrisia (Jr 34.9-11, 14, 16).

Se alguém, com um soco, fizesse um escravo perder o dente ou destruísse seu olho, o escravo era libertado como compensação (Êx 21.26, 27). Isaías fala que num jejum genuíno os oprimidos são deixados livres (58.6).

O Seol é um lugar onde o escravo finalmente se vê livre de seu senhor (Jó 3.19), mas a "liberdade" da morte é identificada com o ser abandonado pelo Senhor, na difícil passagem de Salmos 88.5[6].

O pai de Davi foi liberado (*ya'ăseh hopshî*) de impostos e outras obrigações como recompensa por Davi ter matado Golias (1 Sm 17.25).

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., Canaanite Hofši, 'free', in the Amarna tablets, *JAOS*, 4:169. — ____, Canaanite Hapsi and hebrew Hofsi again, — *JAOS*, 6:106. — GORDIS, Robert, Studies in Hebrew roots of contrasted meanings, *JQR*, 27:33-58. — HENRY, K. H., Land tenure in the Old Testament, *PEQ*, 86:5-15. — MENDELSOHN, I., The Canaanite terms for Free Proletarian, *BASOR*, 83:36-39.

H.W.

חָפְשִׁי (*hopshî*). Veja o n.º 717c.

חָפְשִׁית (*hopshît*). Veja o n.º 717d.

חֵץ (*hēts*). Veja o n.º 721b.

718 חָצַב (*hāsēb*) ***escavar, dividir, talhar, talhador*** (A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante, com a exceção de que a RSV traduz "erigir" em Pv 9.1, "refulge" em SI 29.7 e às vezes "cortadores de pedra".)

Termo Derivado

718a מַחְצֵב (*mahtsēb*) ***talhamento.*** Sempre ocorre na expressão *'abnê mahtsēb*, "pedras lavradas".

O sentido básico da palavra é "talhar", "cortar ou cavar mediante golpes com uma ferramenta ou instrumento". É empregada com esse sentido básico em Isaías 10.15 para designar o cortar com um machado, e em Jó 19.24 para indicar o esculpir com um instrumento de ferro. É usada com bastante freqüência com o sentido de escavar cisternas ou cavar poços (Dt 6.11; Is 5.2; Jr 2.13; Ne 9.25; 2 Cr 26.10) e é usada uma vez com o sentido de cavar um túmulo (Is 22.16).

A palavra também tem o sentido de "minerar" ou de "extrair de pedreira", como na mineração de cobre (Dt 8.9) e extração de pedra (2 Cr 2.2, 18 [1, 17]). Na forma participial a palavra tem a conotação de "cortadores de pedra" ou "pedreiros" (*e.g.*, 1 Cr 22.2).

Pode-se usar o vocábulo com o significado de "dar forma", como com as colunas de Provérbios 9.1, e de "cortar em pedaços" (Is 51.9).

Metaforicamente o verbo dá a conotação do efeito devastador que as palavras dos profetas tinham em Israel (Os 6.5). Também é empregado para descrever o talhar a nação de Israel como que a partir de uma rocha informe (Is 51.1). Em Salmos 29.7 é usado acerca do fender-se do fogo, numa aparente referência a raios bifurcados que eram causados pela voz do Senhor.

T.E.M.

719 חָצָה (*hātsâ*) ***dividir, viver metade (da vida).***

Termos Derivados

719a חֲצוֹת (*hĕtsôt*) ***divisão, meio.***

719b חֲצִי (*hătsî*) ***metade.***

719c חֵצִי (*hētsî*) ***flecha***, forma alternativa de ***hēts***.

719d מֶחֱצָה (*mehĕtsâ*) ***metade*** (dos despojos), somente em Números 31.36, 43.

719e מַחֲצִית (*mahătsît*) ***metade, meio.***

Este verbo ocorre basicamente no qal, 11 vezes, e também quatro vezes no nifal. E usado para designar a ação de dividir todo tipo de quantidade, inclusive grupos de pessoas.

O conceito de "dividir" é aplicado a coisas, pessoas e tempo. Às vezes se especificam quantidades exatas, tais como "metade de um him" de azeite ou vinho, que acompanhava certas ofertas (Nm 15.9, 10; 28.14). Todas as vezes em que se levantava o censo, pagava-se exatamente meio siclo (*mahătsît*) por pessoa (Êx 30.13). Quando Israel derrotou os midianitas, o povo dividiu o saque igualmente entre os combatentes e o restante da congregação (Nm 31.27, 29 e s., 42, 47). A largura de cada tábua do tabernáculo era de um côvado e meio (Êx 26.16).

Metade do sangue de uma oferta era despejada em bacias, a outra metade era aspergida sobre o altar (Êx 24.6). Para insultar Davi, os amonitas rasparam a metade da barba de seus servos e cortaram fora suas roupas pela metade, ou seja, na altura dos quadris (2 Sm 10.4). O rio Jordão foi dividido por Elias e mais tarde por Eliseu (2 Rs 2.8, 14), e o monte das Oliveiras será dividido ao meio, do oriente para o ocidente, na volta do Senhor (Zc 14.4).

Grupos de pessoas também são divididos. Jacó dividiu os filhos entre as esposas ao se aproximar Esaú (Gn 33.1), e Gideão repartiu seus trezentos homens em três companhias (Jz 7.16; 9.43). "Metade do povo de Israel" uniu-se a Judá para reentronizar Davi como rei (2 Sm 19.40[41]), e durante a guerra civil em Israel metade seguiu Tibni enquanto a outra metade apoiou Onri (1 Rs 16.21). O império de Alexandre o Grande foi dividido em quatro partes (Dn 11.4). Também em Gênesis 33.1 a divisão é em *quatro* grupos e não em *dois*, que é a tradução mais comum. Ezequiel antevê o dia em que Judá e Israel já não serão dois reinos separados (37.22).

A "meia tribo de Manassés" é termo técnico que se refere à parte da tribo que se instalou na Transjordânia. Em geral a palavra usada é *hătsî* (Nm 32.33; Js 1.12), mas às vezes *mahătsît* (Js 21.25; 1 Cr 6.71[55]).

Referências ao tempo incluem a expressão "no meio da noite". Embora algumas traduções vertam a expressão por "meia-noite", não foi necessariamente à meia-noite que o Anjo do Senhor matou os primogênitos do Egito (Êx 12.29). Nem foi exatamente à zero hora que Sansão levou embora a porta de Gaza (Jz 16.3). O salmista ora para Deus não levá-lo "na metade de minha vida" (102.24[25]). São na verdade os ímpios que "não chegarão à metade dos seus dias" (Sl 55.23[24]). Fortunas obtidas de forma ilegítima desaparecerão no meio da vida (Jr 17.11).

A importante referência, em Daniel 9.27, à "metade da semana" aparentemente significa o ponto intermediário no período de sete anos chamado de "a Grande Tribulação" (Dn 12.1, 7 [*cf.* v. 11]; Ap 11.3). Parece que a metade final deste período é detalhada como 1 290 dias em Daniel 12.11.

hătsî. ***Metade, meio.*** Este substantivo masculino ocorre 123 vezes e apresenta ampla gama de empregos.

mahatsit. ***Metade, meio.*** ***mahătsît***, substantivo feminino, é usado 14 vezes. É sinônimo bastante próximo de ***hătsî***.

H.W.

חֲצוֹת (*hĕtsôt*). Veja o n.º 719a.

חֲצִי (*hătsî*). Veja o n.º 719b.

חֵצִי (*hētsî*). Veja o n.º 719c.

חֲצִיר (*hătsîr*). Veja os n.ºs 723b, 724a, 725a.

720 חָצַן (*hsn*). **Aceita como raiz de:**

720a חֵצֶן (*hētsen*) ***regaço, peito*** (Sl 129.7).

720b חֹצֶן (*hōtsen*) ***regaço, peito*** (Ne 5.13; Is 49.22).

721 חָצַץ (*hătsats*) ***dividir.***

Termos Derivados

721a חֲצָץ (*hātsats*) ***cascalho.***

721b †חֵץ (*hēts*) ***flecha.***

721c *חָצַץ (*hātsats*) ***atirar flechas*** (no piel apenas, Jz 5.11). Talvez este verbo seja derivado de *hets*.

hēts. ***Flecha.*** A maior parte de seus 56 usos ocorre em poesia. Flechas são armas mortíferas normalmente atiradas de um arco, mas Uzias construiu uma catapulta que podia atirar flechas ou pedras (2 Cr 26.15). Exércitos poderosos eram equipados com flechas afiadas (Is 5.28), embora Deus tenha impedido a Assíria de atirar uma só flecha na Jerusalém de Ezequias (2 Rs 19.32 = Is 37.33). O exército (Nm 24.8) e os reis (Sl 45.5[6]) de Israel também tinham flechas afiadas. A grafia *hētsî*, derivada de *hātsá*, também é usada.

As flechas foram consultadas pelo rei da Babilônia como meio de adivinhação, juntamente com ídolos e fígado (Ez 21.21[26]). Eliseu fez o rei Joás atirar uma flecha e ferir o chão com suas flechas (2 Rs 13.15, 17, 18) em sinal de vitória.

Os homens ímpios atiram flechas para derrubar os justos (Sl 11.2). Com freqüência isto refere-se metaforicamente a palavras amarguradas e violentas desferidas contra os piedosos (Sl 57.4[5]; 64.3[4]; Jr 9.7). Deus é aquele que torna sem efeito essas flechas perigosas (Sl 58.7[8]; 91.5) e torna suas flechas embriagadas com o sangue de seus inimigos (Dt 32.42).

No entanto, as flechas do juízo de Deus estão apontadas para Israel (Dt 32.23), e o salmista, Jó e Jeremias queixam-se de que as flechas de Deus penetraram profundamente neles (Sl 38.2[3]; Jó 6.4; Lm 3.12). Em teofanias, os relâmpagos são muitas vezes indicados como flechas (Sl 18.14[15]; 144.6; Hc 3.11).

Salmos 127.4 compara os filhos às flechas nas mãos de um soldado, e, em Isaías 49.2, o Servo do Senhor é chamado de flecha escolhida (polida?).

Já perto do fim do período do AT, o exército persa dependia em grande parte de seus arqueiros. Carregavam grandes aljavas nas costas e eram treinados para atirar com grande rapidez.

H.W.

חֲצֹצְרָה (*hătsōtsrâ*) Veja o n.º 726a.

חצצר (*htstsr*) Veja o n.º 726b.

722 חצר (*htsr*) **I. Aceita como raiz de:**

722a †חָצֵר (*hātsēr*) ***pátio, átrio, recinto fechado.***

Palavra cognata com o ugarítico *hzr* e sua forma dialetal *htr* (*UT*, 19:855, 852a), "pátio"; *cf.* o aramaico *hutrā*, o fenício *htsr*, o árabe *hazırat*, "um cercado para ovelhas". Ocorre 120 vezes no singular, 20 no feminino plural e cinco no masculino plural. A LXX geralmente traduz a palavra por *aulē* e às vezes por *epaulis* ou *skēnē*.

As casas no Oriente Médio eram construídas ao redor de um pátio. Nesse pátio poderia existir um poço (2 Sm 17.18). Na praga dos sapos, estes morreram nas casas, nos pátios e nos campos (Êx 8.13[9]).

A maioria das referências a pátios diz respeito a edifícios sagrados ou reais. O palácio de Assuero, em Susã, tinha um pátio "exterior" e um "interior". Hamã esperou no pátio

"exterior" (Et 6.4), pois ninguém tinha permissão de entrar no pátio "interior" sem a permissão do rei (Et 4.11).

Em Êxodo e em Números há muitas referências ao pátio do tabernáculo, amplo espaço retangular de 100 côvados por 50. Tais passagens descrevem em particular as cortinas e as colunas ao seu redor. O pátio era funcional, havendo espaço para os adoradores se reunirem, abaterem animais e comerem. Simbolizava o adorador aproximando-se de Deus e, ao mesmo tempo, Deus ficando à parte no próprio templo.

O complexo de edifícios construído por Salomão em Jerusalém incluía: o pátio "interior" do templo (1 Rs 6.36; 7.12); o pátio do palácio (1 Rs 7.8), talvez o pátio "intermediário" de 2 Reis 20.4 (de acordo com a leitura do Qere); e o "grande" pátio, que cobria toda a área dos edifícios (ARA, "grande átrio", 1 Rs 7.9, 12).

O templo que Ezequiel enxergou em suas visões tinha um pátio exterior e um interior (Ez 40.17-19). As pessoas reuniam-se no pátio exterior, que era cercado por 30 quartos (Ez 40.17). No sábado e na lua nova a porta do pátio interior era aberta para que o príncipe pudesse adorar no limiar da porta (Ez 46.1-3).

Embora muitos tenham afirmado que o templo de Salomão possuía apenas um pátio, a visão de Ezequiel e outras referências (1 Rs 6.36; 7.12; 2 Rs 21.5; 23.12; 2 Cr 4.9; 33.5) indicam que o primeiro templo tinha um pátio interior, dos sacerdotes, e um pátio exterior. O segundo templo, existente na época do Novo Testamento, possuía um pátio dos gentios e um pátio interior, que era subdividido nos pátios das mulheres, de Israel e dos sacerdotes.

Mesmo na época do AT, o salmista já havia convidado as nações a virem até os pátios do Senhor (ARA, "átrios", SI 96.8). O salmista declara que ele anseia pelos pátios do Senhor (SI 84.2[3]), pois mesmo um único dia em seus pátios é melhor do que mil em outro lugar (SI 84.10[11]).

E.Y.

723 חצר (*htsr*). **II. Aceita como raiz de:**

723a חֲצֵרָה (*hātsēr*) ***aldeia.***

723b חֲצִיר (*hātsîr*) ***habitação, abrigo (de animais, ladrões)*** (Is 34.13; 35.7).

hātsēr. ***Aldeia, povoado.*** Palavra cognata do acadiano *hasārum*, encontrado em Mari; *cf.* o árabe *hadara*, "habitar", e o árabe do sul *hdr*, "acampamento fechado". Ocorre 46 (32 em Josué), sempre no masculino plural. A LXX geralmente traduz por *kōmē*, às vezes por *epaulis*.

Em alguns casos *hātsēr* pode ter sido simplesmente um assentamento de tendas de beduínos (Gn 25.16; Is 42.11). Em contraste com as cidades, as aldeias não eram muradas (Lv 25.31). Na distribuição da terra, em Josué, 114 cidades foram entregues a Judá juntamente com aldeias periféricas ou satélites (Js 15.32, 36, 41, 44).

Bibliografia: ORLINSKY, H., Hātsēr in the Old Testament, *JAOS*, 59:22-37. — WOLF, C. U., Village., In: *IDB*, v. 4, p. 784.

E.Y.

724 חצר (*htsr*). **III. Aceita como raiz de:**

724a חָצִיר (*hātsîr*) ***mato, erva.***

Derivada de uma raiz com o significado de "estar verde", *cf.* o árabe *hadira*. Aparece como *htsr* no texto de Sefira I.A 28, no aramaico antigo, e no tratado acadiano de Assurnirari V (Rev 4.20) como *sēri*, "verde", no sentido de erva.

Na Palestina o mato cresce rapidamente depois das chuvas de inverno e da primavera. Murcha com igual rapidez com o calor do verão ou com o *khamsin*, o vento seco e ressecante do deserto.

Dada sua natureza efêmera, a erva é, muitas vezes, usada como símbolo da transitoriedade da existência humana: os ímpios em breve ressecarão como a erva (Sl 37.2); os homens são como a erva, que viceja de manhã, mas à tarde murcha (Sl 90.5; *cf.* Sl 103.15). A natureza passageira do homem, o qual é como a erva, é contrastada com o caráter permanente da Palavra de Deus (Is 40.6-8; *cf.* Tg 1:10, 11). Pelo fato de ser o Criador quem nos consola, não devemos temer o homem mortal, que é como a erva (Is 51.12).

Os telhados planos das casas da Palestina permitiam até mesmo que alguma erva ali brotasse, a qual secava antes mesmo de crescer bastante, porque o solo não era suficientemente profundo. De igual forma os inimigos de Israel secariam perante o Senhor (2 Rs 19.26; Is 37.27; Sl 129.6).

725 חצר (*htsr*). **IV. Aceita como raiz de:**

725a †חָצִיר (*hātsîr*) ***alho-poró.***

Vocábulo derivado de uma raiz que significa "ser estreito", pois o alho-poró se parece com uma cebola comprida. A palavra aparece uma única vez, em Números 11.5, na lista das comidas egípcias de que os israelitas sentiam falta no Sinai. O *Allium porrum*, chamado *iaqet* pelos egípcios, aparece em textos tais como o calendário Medinet Habu, o papiro Ebers, a Lenda do Marinheiro Náufrago, *etc.* Plínio (*História Natural*, 19.33) menciona que o alho-poró mais apreciado procede do Egito e afirma que Nero, em certos dias do mês, alimentava-se exclusivamente de alho-poró picado.

Veja também *deshe'*, *yereq*, *'ēseb*.

Bibliografia: *Fauna and flora of the Bible*. Londres: United Bible Societies, 1972. SHEWELL-COOPER, W. E., Flora. In: *ZPEB*, v. 2, p. 571, 578.

E.Y.

726 חצר (*hsr*). **Aceita como raiz de:**

726a †חֲצֹצְרָה (*hātsōtsrâ*) ***trombeta***

726b *חִצְצֵר (*htstsr*) ***tocar a trombeta.*** Este verbo denominativo ocorre apenas no piel e no hifil (*Qere*, *חִצֵּר).

hătsōtsrâ. ***Trombeta.*** Talvez originária de uma raiz com o sentido de "ser estreito", descrevendo sua forma, a palavra ocorre 29 vezes, sempre no plural, com exceção de Oséias 5.8. Dessas ocorrências, 16 encontram-se em 1 e 2 Crônicas. É traduzida por *salpigx* na LXX e por *tuba* na Vulgata, tendo ambas as palavras o sentido de "trombeta".

A trombeta era feita de prata batida (Nm 10.2). Segundo Josefo, em *Antigüidades* 3.12.6 (291), "de comprimento um pouco maior do que um côvado, ela é um tubo estreito, ligeiramente mais grosso do que uma flauta....". As trombetas do templo de Herodes estão

desenhadas no Arco de Tito e em moedas de prata no valor de um denário de Bar Cochba. Exemplos egípcios bem antigos foram encontrados no túmulo de Tutancâmon. Deve-se fazer distinção entre a trombeta e o *shôpār*, a trombeta curva feita de chifre de carneiro.

Moisés recebeu ordens para fazer um par de trombetas (Nm 10.2). O número de trombetas foi aumentado para sete (1 Cr 15.24) e 120 (2 Cr 5.12).

Com a possível exceção de seu uso na coroação de Joás (2 Rs 11.14; 2 Cr 23.13), as trombetas eram usadas pelos sacerdotes (Nm 10.8; 1 Cr 15.24; 16.6; 2 Cr 23.13; *cf.* Sir 50.16).

As trombetas eram usadas com vários propósitos. Eram utilizadas para convocar as tribos ou seus líderes e para indicar que era hora de levantar acampamento (Nm 10.24). Eram tocadas enquanto os holocaustos eram oferecidos no ritual ordenado por Ezequias (2 Cr 29.27, 28; *cf.* Nm 10.10).

Embora o chifre de carneiro (*shôpār*) fosse geralmente empregado com objetivos militares, em tempos de guerra, às vezes, os sacerdotes usavam as trombetas para que o Senhor respondesse (Nm 10.9; 31.6; 2 Cr 13.12, 14).

Em Oséias 5.8 o profeta determina o toque do *shôpār* e da trombeta como sinal da aproximação do inimigo.

As trombetas deviam emitir som alto e estridente. Os sinais dependiam do número de trombetas usadas, dos tipos de som e da seqüência destes. A *t'rû'â* (TB, "alarme") parece ter sido uma rápida sucessão de três notas (*Mishnah*, Rosh ha-Shanah, 4.9). Ao primeiro "alarme" levantavam acampamento os que estavam a leste, e assim por diante (Nm 10.5). A maneira usual de tocar a trombeta (*tāqa'*) produzia um som demorado. A escavação de Mazar descobriu em 1968 um fragmento do templo de Herodes com a inscrição "para a casa do toque (da trombeta)", indicando onde, junto ao parapeito, o sacerdote ficava para tocar a trombeta: *LBYT HTQY'H*.

Veja também *shôpār*, *qeren*, *yôbēl*.

Bibliografia: FINESINGER, Sol Baruch, Musical instruments in the OT, *HUCA*, 3:21-75, esp. p. 61-3. — YADIN, Yigael, *The scroll of the war of the sons of light against the sons of darkness*, London, Oxford University, 1962, p. 87-113. — *TDNT*, v. 7, p. 76-85.

E.Y.

חֹק (*hōq*). Veja o n.º 728a.

חֵק (*hēq*). Veja o n.º 629a.

727 חָקָה (*hāqâ*) ***esculpir, retratar.*** (A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante, e também trazem "estabelecer um limite".)

A raiz é paralela a *hāqaq*, "entalhar", e ocorre quatro vezes no AT: três vezes como particípio pual e uma vez na forma hitpael. As portas do templo eram adornadas com obra esculpida (*hammehuqqeh*, 1 Rs 6.35). Ezequiel viu os ídolos de Israel retratados em esculturas entalhadas nas paredes do pátio do templo (Ez 8.10). Em sua idolatria Oolibá viu homens retratados na parede (Ez 23.14).

A forma hitpael (Jó 13.27) é de difícil interpretação. *GKC* 54 e s. sugere o sentido de "traçar uma linha para si". A LXX traduziu o verbo por *aphikou* ("alcançar"), e a Vulgata por *considerasti* ("considerar"). Intérpretes mais antigos estabeleceram um paralelo entre esta passagem e Jó 14.15, chegando ao sentido de que Deus limitou Jó ao traçar uma

linha em torno de seus pés, a qual ele não poderia transpor. Esse ato pode ser comparado aos limites impostos por Salomão a Simei (1 Rs 2.36, 37). Daí a tradução da ARC: "marcas os sinais dos meus pés"; e da ARA: "traças limites à planta dos meus pés". A NEB e M. Pope, em seu comentário sobre Jó, em *AB*, pressupõem o costume de marcar com um corte os calcanhares de um escravo, de modo que, ao andar, ele deixe uma trilha identificável no chão. De modo análogo, para Jó é impossível escapar.

J.P.L.

728 קָקַק (*hāqaq*) ***entalhar, retratar, determinar, inscrever, decretar, governar.*** (A ASV e a RSV são semelhantes na tradução, mas a ASV traduz a forma participial por "governador", e a RSV emprega "comandante" quando o contexto é militar.)

Termos Derivados

728a חֹק (*hōq*) ***estatuto.***

728b חֻקָּה (*huqqâ*) ***estabelecimento (de uma lei).***

hāqaq ocorre um total de 19 vezes nos graus qal, polel e hofal e tem o sentido básico de cortar ou entalhar pedra, como no escavar um sepulcro na rocha (Is 22.16) e no fazer um desenho num tijolo (Ez 4.1) ou num muro (Ez 23.14). Também pode descrever a ação de escrever na palma da mão (Is 49.16) ou num livro (Is 30.8; Jó 19.23). Aparece lado a lado com *kātab* ("escrever") em Isaías 30.8. Deus traçou um círculo sobre a face do abismo e assinalou os fundamentos da terra (Pv 8.27, 29).

Esta raiz ocorre no grau polel. *hāqaq* refere-se à ação legislativa (Is 10.1; Pv 8.15; *cf.* Jr 31.35), daí que a forma participial (*mᵉḥōqēq*) designa um governante, legislador (Gn 49.10; Is 33.22) ou comandante (Jz 5.9, 14). A raiz também pode ser paralela de *shēbet* ("cetro"), designando o cetro de governante, que é o símbolo de sua autoridade (Nm 21.18; SI 60.7[9]; 108.8[9]).

Gênesis 49.10 é uma passagem messiânica significativa (veja HARRIS R. L. Excursus, In: J. O. BUSWELL, *Systematic theology of the christian religion*, v. 2, Zondervan, 1963, p. 544). Quer *mᵉḥōqēq* seja traduzido por "legislador" (KJV), quer por "cetro" (ARA), ele é claramente um símbolo de governo e, portanto, promete o direito de reinar a Judá. Autores de postura crítica procuram datar esta predição após o evento, mas Gênesis 49 é amplamente reconhecido como anterior à monarquia. A LXX toma o versículo de forma ainda mais clara, traduzindo "de entre seus pés" por "de entre seus lombos". O rei seria dos descendentes de Judá. É interessante que um dos fragmentos dos papiros do mar Morto cita este versículo e aplica-o à "vinda do (rei) legitimamente ungido, o renovo de Davi", por quem aguardavam (GASTER, T. H. *The Dead Sea scriptures*, ed. rev., Doubleday, 1964, p. 334).

O particípio pual descreve aquilo que é decretado.

hōq. ***Estatuto, costume, lei, decreto.*** (A ASV e a RSV também traduzem por "ordenança", "dever", "obrigação".) O substantivo masculino *hōq* provém da raiz *hāqaq*, que significa "riscar" ou "entalhar" e, daí, "escrever". Ocorre 128 vezes, e a forma feminina equivalente *hūqqâ* aparece 102 vezes.

Era prática comum entre os antigos entalhar suas leis em pranchas de pedra ou

metal e colocá-las em local público (*e.g.*, o código de Hamurábi, entalhado em diorito). Mas essa raiz não se limita à ação de escrever leis em pedras. A LXX utilizou principalmente três palavras para traduzir *hōq*: *prostagma*, "ordem" ou "injunção", *dikaiōma*, "regra" ou "exigência", e *nomimon*, "mandamento". O uso de *hōq* em Qumran é semelhante ao encontrado no AT.

hōq ocorre juntamente com outras palavras designativas de lei: *d'bārîm* (palavras), *tôrâ* (lei), *mishpāt* (julgamento), *'ēdût* (testemunho) e *mitswâ* (mandamento). Essas palavras são usadas quase indiscriminadamente. Em uns poucos casos *hōq* e *mishpāt* são usadas como se houvesse o objetivo de sintetizar dois tipos de leis israelitas (Êx 15.25; Js 24.25; Ed 7.10). Contudo, esforços para fazer uma clara distinção entre as várias conotações não têm tido pleno sucesso. Albrecht Alt sugeriu tal distinção em suas categorias de leis casuísticas e apodíticas, mas admite que *hōq* não se limita à forma apodítica. Esforços mais recentes em que se procura mostrar que *hōq* indica aquilo diante do que os homens devem reagir obedientemente são, em geral, válidos, mas encaixam-se em apenas alguns dos casos.

No sentido de "regra" ou "prescrição", *hōq* pode designar deveres impostos por Deus (Êx 18.16) ou pelo homem (Gn 47.26; 2 Cr 35.25; Jz 11.39). No caso deste último, a palavra transmite o recebimento de "estatutos" ou "costumes", como ocorre na frase "estatutos de vossos pais" (Ez 20.18; 1 Sm 30.25). O verbo que, num maior número de vezes, é usado com *hōq* é *shāmar*, "guardar", o qual enfatiza o conceito de que *huqqîm* (plural) são preceitos e regras a serem obedecidos. Quando usado junto com *b'rît* (aliança), denota as exigências que Deus fez ao povo da sua aliança. O decreto do Senhor dá ao rei direitos e deveres sobre o povo de Deus (SI 2.7).

As vezes *hōq* designa um direito legal. José dá a Faraó um quinto do que a terra produz (Gn 47.26). Isaías (10.1) faz alusão a leis injustas, mediante as quais roubava-se os pobres. Mesmo leis naturais, como o "termo" do mar (Pv 8.29), dão ao mar o direito de agitar-se. Existem regras para os corpos celestes (SI 148.6), a chuva (Jó 28.26) e o mar (Jr 5.22; Jó 38.10).

hōq, às vezes, designa "privilégio" ou "dever". Os sacerdotes egípcios tiveram o direito de não ter de vender suas terras (Gn 47.22). A porção que o sacerdote tinha no sacrifício era um direito perpétuo (Êx 29.28; *cf.* Lv 24.9), estabelecido por decreto divino.

hōq, com o sentido de "costume", se vê no caso do memorial estabelecido por causa da filha de Jefté (Jz 11.39), e também na exigência de que Israel não ande segundo os costumes (*hūqqâ*) de Canaã (Lv 18.3, 30; 20.23).

huqqâ. ***Estabelecimento (de uma lei), estatuto, ordenança, maneira.*** (A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante, mas, ao tratarem de rituais pagãos, traduzem por "costume"; Lv 18.30; 20.23; 2 Rs 17.8; Jr 10.3).

É substantivo feminino proveniente da raiz *hāqaq*, "inscrever" ou "entalhar". *huqqâ* é empregado na frase *huqqôt 'ôlām* ("estatuto perpétuo") para designar uma ordenança dada por Deus e que é de obrigação permanente, por exemplo, as regras sobre a Páscoa (Êx 12.14), a festa dos Pães Asmos (Êx 12.17; *cf.* 13.10), a festa dos Tabernáculos (Lv 23.41), o Dia da Expiação (Lv 16.29, 31, 34), o sacerdócio araônico (Êx 29.9), a lâmpada permanentemente acesa (Êx 27.21; Lv 24.3), a veste de linho do sacerdote (Êx 28.43), o toque das trombetas (Nm 10.8), as leis acerca do estrangeiro peregrino (Nm 15.15) e as leis sobre a imundícia (Nm 19.10, 21).

Certas proibições também são chamadas de estatuto perpétuo; por exemplo,

proibições de comer gordura e sangue (Lv 3.17), de um sacerdote beber vinho e bebida forte quando entrar na tenda do encontro (Lv 10.9), de sacrificar a demônios (sátiros?; Lv 17.7), de comer certas comidas (Lv 23.14), de os levitas herdarem terra (Nm 18.23).

Existem também ordenanças acerca da Páscoa (Êx 12.43; Nm 9.12, 14; *cf.* 9.3), do altar (Ez 43.18), da casa do Senhor (Ez 44.5), da lei (Nm 31.21; 19.2), de herança (Nm 27.11), da vida (isto é, que favorecem a vida, Ez 33.15) e dos estatutos de Onri (isto é, os costumes de Onri, Mq 6.16).

Em algumas passagens *huqqâ* é paralelo de "juízo" (*mishpāt*, 2 Sm 22.23; Sl 18.22[23]) e "mandamento" (*mitswâ*, Dt 6.2; 28.15, 45; 30.10). Ocorre em séries de palavras de natureza legal, "mandamentos [...] juízos [...] estatutos" (Dt 8.11), "mandamentos [...] estatutos [...] juízos" (Dt 30.16), "lei [...] estatutos [...] testemunhos" (IBB, Jr 44.23), e "preceitos [...] estatutos [...] juízos [...] mandamentos" (Dt 11.1; *cf.* 1 Rs 2.3).

Bibliografia: BLANK, Sheldon H., The LXX renderings of Old Testament terms for law, *HUCA*, 7:259-60. — BRAULIK, Georg, Die Ausdrücke für Gesetz im Buch Deuteronomium, *Bib*, 51:39-66. — FALK, Zeev W., Hebrew legal terms, *JSS*, 5:350. — JONES, G. H., The decree of Yahweh (Ps II.7), *VT*, 15:336-44. — MORGENSTERN, Julian, The Book of the covenant, II, *HUCA*, 7:19-258. ____, The decalogue of the holiness code, *HUCA*, 26:1-27. — VAN DER PLOEG, J., Studies in Hebrew law, *CBQ*, 12:248-59, 416-27; 13:28-43, 164-71, 296-307. — VICTOR, Peddi, A note on *hōq* in the Old Testament, *VT*, 16:358-61. — *THAT*, v. 1, p. 626-32.

J.P.L.

729 חָקַר (*hāqar*) ***sondar, investigar, examinar.***

Termos Derivados

729a †חֵקֶר (*hēqer*) ***sondagem, investigação.***

729b מֶחְקָר (*mehqār*) ***âmbito, esfera*** (como lugar a ser explorado). Somente em Salmos 95.4 (*cf.* Jó 38.16).

hāqar é basicamente usado no grau qal, mas também quatro vezes no nifal e uma vez no piel (Ec 12.9). Pode referir-se às fases iniciais de uma busca ou ao resultado final, mas sempre tem a conotação de procura diligente e difícil.

Este é um conceito comum à literatura sapiencial e em que o interesse está em examinar casos legais (Pv 18.17) e a situação dos necessitados (Jó 29.16), em analisar um tema em particular (Jó 5.27; 8.8; 28.27) ou estudar provérbios (Ec 12.9). Uma investigação pode ter por objetivo obter informações sobre uma cidade (2 Sm 10.3 = 1 Cr 19.3), ou um país (Jz 18.2), ou até mesmo sobre o potencial de mineração (Jó 28.3). Às vezes a procura é infrutífera, por exemplo, a tentativa de calcular o peso do bronze usado no templo (1 Rs 7.47) ou de localizar os fundamentos da terra (Jr 31.37).

Muitas vezes o caráter ou os sentimentos de alguém são avaliados. Jônatas procurou "sondar" a atitude de seu pai para com Davi (1 Sm 20.12). O Senhor é quem nos examina e nos conhece (Sl 139.1; Jó 13.9). Ele prova o coração e esquadrinha a mente (Jr 17.10) e, caso haja pecado e infidelidade, ele não é enganado (Sl 44.21 [22]).

hēqer. ***Sondagem, investigação, exame, procura, escrutínio, perscruta.*** Este substantivo é empregado para designar o auto-exame da tribo de Rúben, que deixou de ajudar Débora e Baraque na luta contra os cananeus (Jz 5.16; *cf.* ARA, "entre as facções de Rúben houve grande discussão").

Geralmente a ênfase recai sobre o impossível. O coração dos reis é insondável (Pv 25.3). Seis das dez vezes em que a palavra é usada, ela refere-se à natureza insondável de Deus, por exemplo, sua grandeza (Sl 145.3) e seu entendimento (Is 40.28). Seus feitos milagrosos são inescrutáveis (Jó 5.9; 9.10), e o número de seus anos é incalculável (Jó 36.26).

H.W.

חֹר (*hor*). Veja os n.os 757a, 758a.

חֻר (*hur*). Veja o n.º 758b.

730 חרא (*hr'*). **Aceita como raiz de:**

730a חֲרֵא (*here'*) ***excremento*** (Is 36.12; 2 Rs 18.27), isto é, *ḥ'rê yônîm*, "excremento de pomba".

730b מַחֲרָאָה (*mahărā'â*) ***latrina*** (2 Rs 10.27).

731 חרב (*hărēb*) ***I, secar; estar em ruínas; estar devastado; desolar.***

Termos Derivados

731a †חָרֵב (*hārēb*) ***seco, desolado.***

731b †חֹרֶב (*hōreb*) ***I, sequidão, desolação.***

731c †חֹרֵב (*hōreb*) ***II, Horebe.***

731d †חָרְבָה (*horbâ*) ***ruínas.***

731e †חֲרָבָה (*hărābâ*) ***terra seca.***

731f †חַרְבֹנָה (*ḥĕrābôn*) ***seca.*** Usado somente em Salmos 32.4, como metáfora para designar calor febril.

hărab é usado nos graus qal, nifal, pual, hifil e hofal, e é cognato do acadiano *harābu*, "estar desolado", do ugarítico *hrb*, "ficar seco" (*UT*, 19:1000), e do árabe *hariba*, "não ter água nem vegetação". O verbo ocorre 37 vezes, das quais 12 em Isaías. O *BDB* divide o verbo em duas raízes: "estar seco" e "estar em ruínas". Neste verbete seguimos o *KB*, que entende esta palavra como uma única raiz com um prolongamento semântico.

O verbo *hărab* originariamente significava "estar seco". Secundariamente ele e seus derivados denotavam, de um lado, o calor que causava sequidão e, de outro, a desolação de áreas desérticas, a devastação causada pelas guerras.

Emprega-se o verbo no qal para indicar as águas que secaram após o dilúvio (Gn 8.13) e no pual para designar as cordas de arco que não tinham secado e que foram usadas para amarrar Sansão (BJ, Jz 16.7). Gideão procurou testar o Senhor com a lã, uma

vez molhada e outra vez seca. (*hōreb*, Jz 6.37, 39-40). Em Isaías 48.21 *horbâ* significa "desertos".

No grau hifil o verbo é usado para indicar a arrogância de Senaqueribe de que seus soldados eram tão numerosos que tinham secado rios com as solas dos pés (2 Rs 19.24; Is 37.25). Jó 14.11 assemelha à morte o rio que seca.

Uma das características do poder de Iavé é sua capacidade de secar os mares e os rios (Is 44.27; 50.2; Na 1.4). Ele secou o mar dos Juncos (BJ; ARA, "mar Vermelho") para os israelitas poderem passar (Sl 106.9; Is 51.10).

Quando Judá abandonou o manancial de águas vivas do Senhor, Jeremias clamou aos céus para ficarem "estupefatos", literalmente, "extremamente secos", diante de tal traição (Jr 2.12).

Em alguns trechos *hōreb* refere-se ao "calor" em vez de à "sequidão". Jacó queixou-se a Labão de que fora consumido pelo calor (KJV, "seca") de dia e pelo frio à noite (Gn 31.40). O cadáver de Jeoaquim devia ser exposto ao calor do dia e ao frio da noite (Jr 36.30). Jó queixa-se de que "os meus ossos queimam em febre" (Jó 30.30).

Em Isaías 4.6; 25.4, 5, a proteção do Senhor é comparada à sombra refrescante que as nuvens proporcionam contra o calor.

Especialmente nos escritos de Isaías, Jeremias e Ezequiel, que tanto previram quanto testemunharam as devastações dos exércitos invasores assírios e babilônicos, a palavra *hārab* e seus derivados denotam desolação e ruína.

Emprego raro da palavra num período mais remoto é sua ocorrência como particípio do hifil para descrever Sansão como o "destruidor" (TB, Jz 16.24) da terra filistéia.

No período pós-exílico Neemias fica entristecido ao saber que Jerusalém ainda se encontra em ruínas (Ne 2.3, 17), mas Esdras agradece a Deus a graça de permitir que os judeus reparassem as ruínas do templo (Ed 9.9).

Quando, porém, vacilou o empenho dos judeus na reconstrução do templo, o profeta Ageu repreendeu-os com uma paronomásia, ou jogo de palavras. Ele anunciou que, pelo fato de a casa do Senhor ter permanecido "em ruínas" (*hārēb*, Ag 1.4, 9), o Senhor traria uma "seca" (*hōreb*, Ag 1.11) sobre a terra.

Iavé advertiu que traria desolação sobre o seu próprio povo, caso este se voltasse para os ídolos (Lv 26.31, 33). Tal desolação foi enviada primeiramente contra Israel (Am 7.9) e depois contra Judá (Jr 7.34; 22.5; 25.9; Ez 6.6), por causa de sua desobediência e apostasia.

No caso de Judá, a desolação teria duração limitada (Jr 25.11) e o objetivo de consertar a situação (Ez 12.20; Sf 3.67). Jeremias 33.10 promete que no lugar desolado "sem homens, sem moradores e sem animais" voltariam a ser ouvidas uma vez mais vozes de alegria. Ezequiel 36.38 profetiza que as cidades desertas serão cheias de "rebanhos de homens", e Ezequiel 36.35, que a terra desolada vicejará como "o jardim do Éden".

Mas é principalmente o profeta Isaías que anuncia uma promessa de ressurreição a partir das ruínas do juízo de Deus. E o Senhor que soerguerá as ruínas de Jerusalém (44.26). Um dia os seus lugares desolados serão pequenos demais para a população aumentada (49.19). O Senhor consolará os lugares desertos de Sião e os transformará num Éden (51.3). As ruínas de Jerusalém irromperão em canto (52.9), à medida que forem reconstruídas (58.12; 61.4).

Em Sofonias 2.14 o texto hebraico traz "desolação (*hōreb*) encontra-se no limiar". Seguindo a Vulgata e a LXX, que traz *korakes*, numa tradução do hebraico *'ôrēb*, a BJ traduz "corvo", e a NEB, "abetarda", numa indicação de que Nínive se tornará covil de aves

e animais selvagens.

Veja também ***dālal***, ***yābēsh***, ***shā'â***, ***shāmam***.

hārēb. ***Seco, deserto, desolado.*** O adjetivo ocorre duas vezes no sentido de "seco" (Lv 7.10; Pv 17.1) e oito vezes no sentido de "desolado".

hōreb. ***Sequidão, seca, calor, desolação.*** Este substantivo ocorre 16 vezes. Compare com o nome próprio Horebe.

hōreb. ***Horebe.*** Nome alternativo para o monte Sinai, derivado de ***hārab***. Significa "região desolada". Ocorre 17 vezes, das quais nove em Deuteronômio. A hipótese documentária sugere que este nome que designa a montanha de Deus é característico de D e E (Êx 3.1; 17.6; 33.6), ao passo que Sinai é usado nas seções de J e P (veja, porém, Dt 33.2).

Parece que em algumas passagens Horebe indica uma área maior do que o monte Sinai (Dt 4.10; 9.8; 18.16). Moisés bateu na rocha na região de Horebe (Êx 17.6), mas não no monte Sinai, onde os israelitas chegaram só mais tarde (Êx 19.1).

Teorias quanto à localização de Horebe ou Sinai têm incluído: 1) a montanha vulcânica al-Hrob, em Midiã, no sudeste de Aqaba; 2) Jebel al-Halal, 50 km a oeste de Cades-Barnéia; 3) Sinn Bishr (600 m de altura), 50 km a sudeste de Suez e 4) um dentre três picos no sul do Sinai.

Deuteronômio 1.2 indica que era uma viagem de 11 dias de Horebe a Cades-Barnéia. Em sua fuga Elias andou durante 40 dias e 40 noites até Horebe (1 Rs 19.8). As duas referências encaixam-se bem em algum local no sul do Sinai, como também a identificação de Parã com o uádi Feiran.

Picos no sul do Sinai que foram identificados com Horebe ou Sinai incluem: 1) Jebel Serbal (2 048 m), identificado já à época de Eusébio; 2) Ras es-Safsafeh (2 022 m); e 3) Jebel Musa (2 209 m), o local preferido, de onde se avista abaixo o mosteiro de Santa Catarina, fundado por Justiniano no século VI.

O salmista relembra como os israelitas fizeram um bezerro em Horebe (Sl 106.19). Quando Salomão instalou a arca, ela continha apenas duas tábuas de pedra que Moisés nela colocara em Horebe (1 Rs 8.9; 2 Cr 5.10). Uma das exortações finais do AT é a injunção de lembrar da lei de Moisés, que o Senhor lhe ordenou em Horebe (Ml 4.4 [3.22]).

horbâ. ***Lugares desertos ou desolados, ruínas.*** A palavra ocorre 42 vezes, das quais 26 no plural, a maioria das vezes em Isaías, Jeremias e Ezequiel.

hārābâ. ***Terra seca.*** A palavra ocorre oito vezes. Com duas exceções (Gn 7.27; Ag 2.6), em todas elas a terra ficou seca mediante a miraculosa intervenção divina: no mar dos Juncos (BJ; ARA, "mar Vermelho", Êx 14.21); no Jordão (Js 3.17, 4.18; 2 Rs 2.8); e no Nilo, como uma ameaça de Iavé (Ez 30.12).

hērābôn. ***Calor ou seca.*** Ocorre somente uma vez, em Salmos 32.4. O salmista declara que, antes de confessar seu pecado, sua força tinha secado com o "calor [ou seca] do verão" (*cf.* BJ; ARA, "sequidão de estio").

Bibliografia: HYATT, J. P., *Exodus*, London, Oliphants, 1971, p. 203-7. — PHYTHIAN-

732 חָרַב (*hārab*)

ADAMS, W. J., The mount of God, *Quarterly of the Palestine Exploration Fund*, 1930:135-49, 193-209. — ROTHENBERG, Beno & AHARONI, Yohanan, *God's wilderness*, Thomas Nelson, 1962. E.Y.

732 חָרַב (*hārab*) ***II, abater, lutar.***

Termo Derivado

732a חֶרֶב (*hereb*) ***espada.***

Palavra cognata do árabe *haraba*, "saquear", e *harbu*, "guerra", "batalha". Ocorre somente nas seguintes passagens: no qal, em Jeremias 50.21, 27, no sentido de "matar à espada" (ARA); no nifal, em 2 Reis 3.23, "Certamente os reis se destruíram" (ARA; TB), "sem dúvida os reis são destruídos" (KJV).

hereb. ***Espada, punhal;*** raramente faca ou cinzel. Cognata do acadiano *harbu*, do ugarítico *hrb*, "espada", "faca" (*UT*, 19:893), do egípcio *hrp*, do árabe *harbatu*, "azagaia", do grego *harpḗ*, "foice", e do latim *harpe*, "foice".

hereb, que ocorre 407 vezes, é a arma mencionada com maior freqüência no AT. A LXX traduz 195 vezes por *rhomphaia*, "espada", 165 vezes por *machaira*, "espadim", "adaga", "faca", oito vezes por *xiphos*, "espada reta", e quatro vezes por *egcheiridion*, "adaga".

A partir de dados arqueológicos e iconográficos sabemos que as espadas geralmente usadas no terceiro e segundo milênios a.C. eram bem curtas, retas e feitas de bronze. No segundo milênio uma espada curva, em forma de foice, que os egípcios chamavam de *khopesh*, "perna dianteira", tornou-se popular. Yadin acredita que a expressão "ferir ao fio da espada", por exemplo, nas campanhas de Josué, refere-se a este tipo de espada. Espécimes foram recuperados de Siquém e Gezer.

No final do segundo milênio, os filisteus e outros povos do mar introduziram a espada de ferro longa e reta (*cf.* 1 Sm 13.19), que podia ser usada para cortar e espetar. Tais espadas de ferro têm sido encontradas em Beit Dagon e Tell el-'Ajjul (veja ilustrações no livro de Yadin citado na bibliografia).

As espadas eram carregadas numa bainha (*ta'ar*, 1 Sm 17.51), que era pendurada num "cinto" (veja *hāgar* e *hāgôrâ*). A bainha normalmente ficava do lado esquerdo.

Aparentemente a arte de temperar o ferro para fazer aço próprio para espadas era um segredo militar que os filisteus guardavam dos israelitas. Essa vantagem foi sustentada pelos filisteus até os dias de Davi. A passagem de 1 Samuel 13.19-22 preserva uma análise bastante precisa da época em que os filisteus tinham as espadas compridas de ferro, e os israelitas, apenas as adagas curtas de bronze.

Eúde, canhoto, conseguiu esconder sua arma junto ao cinto, no lado direito. Ele fez para si uma espada curta de dois gumes, com aproximadamente 45 cm de comprimento e um pequeno punho (Jz 3.15, 16, 21, 22).

Nos dias do reino unido, os israelitas adotaram as espadas pesadas dos filisteus, as quais podiam penetrar a couraça (1 Sm 17.5, 38, 51; 21.9). Como ela também tinha ponta para perfurar, Saul usou uma espada dessas para suicidar-se (1 Sm 31.4).

Numa vez, em Salmos 89.43[44], a expressão *tsûr*, literalmente "rocha", "pederneira", denota o fio da espada, refletindo uma prática arcaica, quando as lâminas eram feitas de

pederneira; *cf.* o acadiano *surru*, *surtu*, "pederneira", "lâmina".

A expressão hebraica geralmente traduzida por "fio da espada" é *pî-hereb*, literalmente "boca da espada" (Êx 17.13; Nm 21.24; Js 6.21; *etc.*). A expressão hebraica que literalmente é "uma espada de bocas" ocorre em Salmos 149.6 e Provérbios 5.4. Tal frase é traduzida por "espada de dois gumes", acompanhando a LXX, *distomos*, literalmente "de duas bocas", mas que significa "de dois gumes". (*Cf.* Hb 4.12; Ap 1.16; 2.12.) Diz-se que a espada "devora" suas vítimas (Dt 32.42; 2 Sm 2.26; 11.25; *etc.*).

Em Ezequiel 21 há uma descrição vívida da "espada de Iavé" em ação como instrumento de seu juízo. Nos versículos 1-7 [6-12] sua espada está desembainhada para agir. Então, no impetuoso Cântico da Espada (vv. 8-17 [13-22]), vemos a espada polida, brandida e até mesmo tratada como objeto vivo (v. 16[21]). Conquanto seja o rei da Babilônia que empunhe a espada contra Judá (vv. 18-27 [23-32]) e contra Amom (vv. 28-32 [33-37]), na verdade é o próprio Iavé quem exerce o juízo divino (v. 17 [22]).

Nas seguintes passagens usa-se a palavra como metonímia para "guerra": Levítico 26.25; 2 Crônicas 29.9; Jeremias 14.15; 24.10; Ezequiel 7.15; 33.2 e ss.; *etc.* Em Salmos 22.20[21] *hereb* é empregado como metáfora para designar um fim violento.

Numa símile diferente, palavras duras e línguas afiadas são comparadas a espadas. Provérbios 12.18 descreve palavras precipitadas como "estocadas" (PIB). Os inimigos do salmista têm línguas como "espada afiada" (Sl 57.4[5]). Os ímpios "afiam a língua como espada" (Sl 64.3[4]). *Cf.* Salmos 55.21[22], onde as palavras maliciosas são comparadas a "espadas desembainhadas", e Salmos 52.2[4], onde a língua é chamada de "navalha afiada".

Sucumbir à mulher que tenta é um encontro tão fatal quanto cair diante de "uma espada de dois gumes" (Pv 5.4).

Cassuto e Von Rad explicaram a "espada refulgente" que estava nas mãos dos querubins que guardavam o Éden como a objetificação do relâmpago (*cf.* Sl 104.3, 4). Ela é, na verdade, o símbolo da santidade e do juízo divinos.

Numas poucas passagens *hereb* pode representar ferramenta ou faca, em vez de espada ou adaga. Em Jeremias 5.17 um inimigo estrangeiro derrubará as cidades com a *hereb*, expressão omitida pela NEB e pela JB como acréscimo impróprio. Mas, como foram descobertas imagens em relevo feitas pelos assírios e que mostram sapadores minando, com suas adagas, as muralhas de uma cidade sitiada, a expressão não é tão incompreensível. Talvez se tenha em mente a mesma prática em Ezequiel 26.9, onde a IBB traz "com os seus machados"; *cf.* NAB, "armas"; ARA, "ferros"; BJ, "máquinas"; PIB, "engenhos".

Embora Ezequiel (Ez 5.1) possa muito bem ter usado uma espada afiada para se barbear, uma "lâmina" menor (JB) teria sido mais fácil de manusear.

Os instrumentos usados para a circuncisão eram "facas de pederneira" (Js 5.2, 3; *cf.* Êx 4.25). Para uma ilustração egípcia do ritual de circuncisão com o uso dessa faca, veja *AEP*, fig. 629. Os primeiros altares de pedra a Iavé não deviam ser construídos nem entalhados com "ferramenta" (Êx 20.25; Dt 27.5).

Há algumas passagens em que a leitura de *hereb* no texto apresenta problemas. Numa lista de catástrofes naturais em Deuteronômio 28.22, a vocalização preferível (*cf.* LXX, Vulg) é *hōreb*, "seca" (ARA, "secura"). Em Lamentações 5.9, a *hereb* do deserto é lida como *hōreb*, "calor", pela NEB e pela NAB.

Jó 5.15 diz que Deus salva *mēhereb mippîhem*, literalmente "de uma espada, da sua [deles] boca". A NAB interpreta a frase como uma forma da expressão usual, "o fio da

espada", mas a RSV, a NEB e a JB omitem *mēhereb* em suas traduções; a BJ revocaliza para *mohrāb*, "arruinado"; e a PIB omite *mippîhem*.

Em Isaías 1.20 a NEB escolheu revocalizar *hereb* como *hărûb*, uma palavra que não aparece no AT, mas que é conhecida de textos judaicos posteriores, e traduz: "alfarroba será sua única comida".

Bibliografia: MEEK, Theophile J., Archaeology and a point in Hebrew syntax, *BASOR*, 122:31-33. — WEVER, J. W., Sword, In: *IDB*, v. 4, p. 469-70. — YADIN, Yigael, *The art of warfare in Biblical lands*, London, Weidenfeld and Nicolson, 1963, p. 134-6, 140-5, 172-5, 194-5, 204-9, 222-3, 228, 232-7, 340-1, 344-5, 348-50, 358-9, 384-5, 420-5, 438. — ___ , *Warfare in the second millennium B.C.E.*, In: *The world history of the Jewish people: II*, Patriarchs, ed. Benjamin Mazar, Rutgers, 1970, p. 129-33.

E.Y.

חרבון (*hērābôn*). Veja o n.º 731f.

733 חָרַג (*hārag*) ***terremoto*** (Dt 32.25; Sl 18.46).

734 חרגל (*hrgl*). **Aceita como raiz:**

734a †חַרְגֹּל (*hargōl*) ***espécie de gafanhoto.***

Sua etimologia é incerta. A palavra aparece somente em Levítico 11.22[23], na lista de insetos saltitantes considerados comestíveis. A LXX traduz por *akris*, "locusta" (NEB, "locusta verde"). Tanto a KJV, "besouro", quanto a TB, "grilo", dificilmente estão corretas, visto que esses insetos são onívoros e, portanto, impróprios para a alimentação.

Veja *'arbeh*.

735 חָרַד (*hārad*) ***estremecer, ir de um lado para outro, ser (estar) agitado, assustado, tremer, ser (estar) temeroso;*** graus causativos: (fazer) mover, aterrorizar (a RSV enfatiza o pavor e o pânico).

Termos Derivados

735a †חָרֵד (*hārēd*) ***temeroso, trêmulo.***

735b †חֲרָדָה (*hărādâ*) ***tremor, medo.***

O significado da raiz é "sacudir", a partir do qual derivam sentidos como o de "tremer" e "temer". No sentido concreto, o verbo descreve o tremer do monte Sinai (Êx 19.18). O tremer da terra serve de figura poética para designar o tremor humano (Is 10.29, 41.5; Ez 26.18). Em 2 Reis 4.13 é possível que a idéia central tanto deste verbo quanto de *hărādā* seja a de movimento físico, na referência ao ir e vir solícito da típica hospitalidade do Oriente Médio (*cf.*, porém, a sugestão de BDB, "estar *ansiosamente* preocupado" e "cuidado *ansioso*"). "Tremendo virão" (Os 11.10, 11) provavelmente enfatiza a noção de movimentos como das aves (v. 11!) e talvez refira-se a movimentos provocados por júbilo ou pavor.

A maioria das ocorrências refere-se ao tremor causado por agitação emocional diante

de uma circunstância excepcional. Isaque treme ao perceber que foi enganado por Jacó (Gn 27.33). Os convidados de Adonias reagem semelhantemente ao saberem que Salomão foi coroado (1 Rs 1.49). O despertar assustado de Boaz no meio da noite é descrito com a mesma palavra (Rt 3.8; ARA, "assustando-se"). Pode descrever uma tropa militar, quer passivamente desmoralizada (1 Sm 13.7), quer tomada de pânico (1 Sm 14.15).

O hifil tem o sentido causativo de "fazer mover" ou de "amedrontar". Descreve a ação de impor terror a um exército (Jz 8.12; 2 Sm 17.2). Na maioria das vezes os usos no hifil encontram-se em duas expressões idiomáticas que ocorrem repetidas vezes: a descrição da desolação como a ausência de quaisquer pessoas para espantar os animais selvagens (Dt 28.26; Is 17.2; Jr 7.33) e a descrição da segurança como a ausência de qualquer pessoa que aterrorize (Jó 11.19; Jr 30.10; Ez 34.28).

hārēd. ***Com medo, trêmulo.*** O sentido da raiz talvez apareça na descrição dos covardes do exército de Gideão como "trepidando" (PIB, Jz 7.3; *cf.* BJ, "tremendo de medo"). A ansiedade de Eli quanto à arca é assim descrita: "o seu coração estava tremendo" (1 Sm 4.13). Quatro passagens falam dos que tremem perante a palavra ou o mandamento de Deus. Em Isaías 66.2, 5, tais são os penitentes e fiéis; em Esdras (9.4, 10.3) a palavra refere-se, talvez como termo técnico, àqueles líderes sensíveis à palavra de juízo de Deus e apoiam as reformas de Esdras. Em todas as quatro passagens há uma sugestão de "temor" ou "reverência" (*cf.* usos análogos de *pāhad* e *yārē'*).

hărādâ. ***Tremor, medo, cuidado (?)*** (RSV, "pânico"). O substantivo basicamente descreve o tremor humano diante de algum acontecimento estranho ou temível. Exemplos típicos são o pavor experimentado pelos companheiros de Daniel em face de uma visão (Dn 10.7) e o tremor das nações com a queda de Tiro (Ez 26.16). O pavor de um exército desmoralizado é chamado de "terror de Deus" (1 Sm 14.15; IBB, "grande pânico"; nota: embora essa expressão possa significar "grande pânico", ela também pode enfatizar a origem milagrosa e divina do pânico!). Não está claro se o "grito de pavor" (BJ, Jr 30.5; ARA, "voz de tremor") refere-se ao brado que provoca pânico ou ao grito aterrorizado dos que estão em pânico. Quanto a "desvelo" em 2 Reis 4.13, veja abaixo.

A.B.

736 חָרָה (*hārâ*) ***queimar, estar aceso*** (de indignação). (A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante, com exceção de que a RSV evita *wroth* [indignado], geralmente empregando *angry* [irado].)

Termos Derivados

736a †חָרוֹן (*hārôn*) ***calor, ardor*** (de indignação).

736b †חֳרִי (*hŏrî*) ***calor, ardor*** (de indignação).

Esta palavra tem relação com uma rara raiz aramaica que significa "fazer o fogo queimar" e com uma raiz árabe que significa "sensação de queimação" (na garganta, *etc.*). O verbo hebraico sempre é empregado em referência à ira. O sentido da raiz difere de palavras que designam "ira", tais como *'ānap*, *zā'am* e *qātsap*, pelo fato de enfatizar o "acender" a ira, tal como o acender o fogo, ou então o "insuflar" a ira, quando ela já está

presente. O verbo e seus derivados são usados um total de 139 vezes.

hārâ é usado para referir-se à ira tanto do homem quanto de Deus e de formas parecidas. Com respeito ao homem, o substantivo *'ap*, "ira", freqüentemente ocorre como sujeito do verbo, "a ira acendeu-se". Por exemplo, a "ira" de Potifar, de quem José era escravo no Egito, "se [...] acendeu" contra ele, por causa da acusação falsa feita por sua esposa (Gn 39.19). Outro uso também comum é sem o sujeito, apresentando, assim, um sentido médio-passivo. Gênesis 31.36 diz literalmente que "ardeu-se com referência a Jacó", indicando que sua ira foi acesa quando ele soube que Labão o perseguia.

Com respeito a Deus, o substantivo *'ap* é empregado como sujeito em Números 11.1. A "ira" do Senhor "acendeu-se" contra Israel por causa de sua insistente murmuração. Exemplo de voz médio-passiva encontra-se em 2 Samuel 22.8 (*cf.* Sl 18.7[8]), onde, literalmente, se lê que os "fundamentos dos céus balançaram e tremeram, porque ardeu-se com referência a Deus". Apenas uma vez "Deus" é o sujeito do verbo: "é contra os rios, SENHOR, que estás irado"; literalmente, "é contra os rios, SENHOR, que estás aceso" (Hc 3.8; *cf.* BJ, "Será contra os rios, Iahweh, que a tua cólera se inflama?").

No grau nifal, a raiz aparece três vezes, e em cada uma delas, ao contrário do que acabou de se assinalar quanto ao qal, ela possui ou deixa implícito um sujeito pessoal, indicado num sentido passivo. Por exemplo, em Cantares 1.6 a noiva sulamita diz que os filhos de sua mãe "se indignaram" (literalmente, "foram acesos") contra ela.

No grau hifil, a raiz aparece só duas vezes, e nenhuma delas num sentido causativo. Em Jó 19.11, ela é usada da mesma maneira e com o mesmo sentido do qal, quando se emprega o sujeito *'ap*. Em Neemias 3.20, ela possui o sentido incomum de intensificar uma idéia; o texto diz que Baruque, alguém que trabalhava no muro de Jerusalém, reparou a parte que lhe cabia "com grande ardor", isto é, "com todo empenho".

O grau hitpael ocorre 4 vezes, sempre com o sentido de "não te indignes" (Sl 37.1, 7, 8; Pv 24.19). O pensamento reflexivo é: "não se acenda" por causa dos malfeitores, *etc.* Uma vez mais está implícito um sujeito pessoal.

Um aspecto incomum desta raiz é que ocorrem dois casos do grau tifel (causativo, Jr 12.5; 22.15). Ambos deixam implícita a existência de um sujeito pessoal: um fala de alguém "competir" (literalmente, "arder para suplantar em corrida") com cavalos; o outro, de "competir" (*cf.* BJ; literalmente, "arder para suplantar em brilho") com outras pessoas que buscam posição social pelo uso do cedro.

hārôn. ***Calor, ardor*** (de indignação). Este substantivo derivado, que ocorre 41 vezes, é empregado só com referência a Deus. Grande número de vezes seu uso vem seguido de *'ap*, com o que se tem a seguinte tradução literal: "o ímpeto (ou ardor) da ira do SENHOR" (Nm 25.4). Muitas vezes o substantivo é seguido simplesmente de *'ap* com um sufixo: "o ímpeto (ou ardor) da sua (vossa, minha, *etc.*) ira" (Dt 13.18). Poucas vezes a própria palavra leva o sufixo, sem o uso de *'ap*, mas tais usos são infreqüentes. Com referência a Jeremias 25.38 pode-se acrescentar que *hārôn*, que se vê em alguns textos, é mais bem entendido como variante de *hereb*, "espada".

hŏrî. ***Calor, ardor*** (de indignação). Este substantivo, que tem o mesmo sentido de *hārôn*, é usado duas vezes para referir-se a Deus e quatro vezes para referir-se ao homem. Vem sempre seguido de *'ap*. Por exemplo, Jônatas saiu da presença de seu pai, Saul, no "ímpeto (ardor) da ira" (ARA, "todo encolerizado"), por causa da atitude de seu pai com Davi (1 Sm 20.34).

Bibliografia: BLANK, Sheldon H., 'Doest thou well to be angry?', *HUCA*, 26:29-41. — *THAT*, v. 1, p. 633-4.

L.J.W.

חָרוּז (*hārûz*). Veja o n.º 737a.

חָרוֹן (*hārôn*). Veja o n.º 736a.

חָרוּל (*harûl*). Veja o n.º 743a.

חָרוּץ (*hārûts*). Veja os n.ºs 752a,b, 753a.

737 חרז (*hrz*). **Aceita como raiz de:**

737a חָרוּז (*hārûz*) ***colar*** (Ct 1.10).

חַרְחֻר (*harhur*). Veja o n.º 756b.

738 חרט (*hrt*). **Aceita como raiz de:**

738a †חֶרֶט (*heret*) ***ferramenta de entalhar.***

738b †חַרְטֹם (*hartōm*) ***mago*** (Êx 8.7[3], 18, 19[14,15]; Dn 4.7[4]).

heret. ***Ferramenta de entalhar, pena*** (de escrever). Arão utilizou uma *heret* para esculpir o bezerro de ouro (Êx 32.4). Algumas versões modernas parafraseiam a expressão para dar idéia de fundir num molde (*cf.* BJ, PIB).

A única outra ocorrência da palavra encontra-se em Isaías 8.1, onde Deus ordena ao profeta que escreva numa tábua o nome Maer-Salal-Has-Baz (IBB) com uma "*heret* de homem". A tradução de Berkeley traz "caligrafia comum"; a versão *Amplified* traz "com uma ferramenta de entalhar *e* em caracteres usuais [que o mais humilde dos homens consiga ler]"; a JB reza "com um estilete comum"; a PIB, "em estilo corrente"; e a NAB, "cartas comuns".

hartōm. ***Mago, adivinho, escriba.*** Esta palavra, que descreve algum tipo de ocultista, aparece tanto no hebraico (*hartummîm*) quanto no aramaico (*hartummîn*). É a palavra que designa os "magos" do Egito (Gn 41.8, 24; Êx 7.11, 22; 8.7, 18, 19; 9.11) e os da Babilônia (Dn 1.20; 2.2, 10, 27; 4.4, 6; 5.11). As últimas cinco referências encontram-se na porção em aramaico de Daniel. Somente 2.10 utiliza *hartōm* no singular.

De acordo com Gênesis 41.8, faraó convocou todos os seus *hartummim* ("magos") e *hăkamîm* ("sábios"). A palavra é paralela de *mᵉkashshᵉpîm* ("feiticeiros"), *ʾashshāpîm* ("encantadores", *q.v.*) e *kasdîm* ("caldeus") em Daniel 2.2. Na relação, em aramaico, de Daniel 2.27, *gāzᵉrîn* (IBB, "adivinhadores") substitui *mᵉkashshᵉpîm*, enquanto *hakkîmîn* (IBB, "sábios"; a palavra é omitida na ARA) substitui *kasdîm*.

Como parece que a palavra está relacionada com *heret* (*q.v.*), que significa "estilete" ou algo parecido, algumas traduções interpretam *hartōm* como "escriba". (Veja *Young's Literal Translation*, ASV, marg., a *Improved Edition Bible* [de 1913] e a versão de Berkeley nas passagens de Gênesis e Êxodo.)

Pode, no entanto, ser um empréstimo do egípcio. A raiz é composta de quatro consoantes, ao contrário da maioria das palavras semíticas, que possui três. Existe uma

palavra egípcia, *hrj-tp*, que pode ter o sentido de "magos" ou "sacerdotes", embora geralmente signifique "governador", "chefe de clã", "conselheiro".

Bibliografia: CORNFELD, G., Magic, divination and superstition, In: *Pictorial Biblical Encyclopedia*, Macmillan, 1964. — LOEWENSTAMM, Samuel E., The making and destruction of the golden calf, *Bib*, 48:481-90. — WARD, William A., Egyptian titles in Genesis, *BS*, 114:40-59. — ZUCK, Roy B., The practice of witchcraft in the Scriptures, *BS*, 128:352-60. R.L.A.

739 חרט (*hrt*). **II. Aceita como raiz de:**

739a חרית (*hârît*) ***sacola, bolsa*** (2 Rs 5.23; Is 3.22).

חרתם (*hartōm*). Veja o n.º 738b.

חרי (*hŏrî*). Veja o n.º 736b.

740 חרי (*hōrî*), חורי (*hôrî*) ***horeu***. (A ARC e a ARA traduzem assim.)

Parece que este substantivo é um empréstimo lingüístico. Anteriormente acreditava-se que estava relacionado com a raiz *hrr* III, que indica a idéia de buraco ou caverna, embora geralmente *hrr* se refira a um buraco pequeno. Agora em geral se aceita que seja a grafia hebraica do acadiano *hurru* (ugar., *hry*). Deve-se distinguir de *hōrî*, "pão ou bolo branco". Ocorre dez vezes, duas como antropônimo.

As fontes extrabíblicas confirmam claramente a presença de hurritas na Palestina depois de 1550 a.C. (*cf.* os textos ugaríticos, as tábuas de Amarna, tábuas cuneiformes de Taanaque e Siquém e certos escritos egípcios; NOTH, *The Old Testament world*, p. 233, 240 e ss.). Durante a segunda metade do segundo milênio, os egípcios conheciam o sudoeste da Ásia pelo nome de *Hr*. Nomes hurritas aparecem no Oriente Médio em inscrições desse período (o que é confirmado por tábuas horéias de Boghazköy). Albright diz que, no AT, os nomes dos horeus são hurritas, por isso, "não resta dúvida de que esta [o hurrita] é a língua falada pelos horeus da Bíblia" (*From the Stone Age to Christianity*, 1947, p. 36).

O nosso problema é que os horeus citados na Bíblia residiam em Edom, não na Palestina. Parece que os horeus eram os moradores hurritas de Edom (Gn 36.20), os quais foram expulsos da região pelos descendentes de Esaú (Dt 2.12, 22). Por isso tem-se sugerido que os horeus são os hurritas que não moravam na Palestina, e os heveus são os hurritas da Palestina (THOMAS, *Archaeology and Old Testament study*, p. 81). Isso explicaria como Zibeão podia ser um heveu (Gn 36.2) e ao mesmo tempo filho do horeu Seir (Gn 36.20). Sendo assim, eles ocuparam alguns lugares na Palestina central, inclusive Siquém (Gn 34.2) e Gibeão (Js 9.6, 7). A leitura da LXX, "horeu", reforça esta sugestão.

Deve-se fazer distinção entre, de um lado, os hurritas e, de outro, os sumérios, os semitas e os indo-europeus. Eles tiveram origem nas montanhas a leste e a nordeste da Mesopotâmia, onde gradualmente se infiltraram. Por volta do século XV a.C., eles se vangloriavam de ter um reino Mitani. Durante essa era, parece que seus nobres eram indo-europeus (o que se confirma pelos seus nomes).

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F., *From the Stone Age to Christianity*, Doubleday, 1947.

— GELB, I. J., *Hurrians and Subarians*, 1949. — NOTH, M., *The Old Testament world*, v. 1, Edinburgh, Clark, 1964. — SPEISER, E. A., *Introduction to Hurrian*, *ASOR*, Annual, 1941. — THOMAS, D. Winton, *Archaeology and Old Testament study*, Oxford, Clarendon, 1967. L.J.C.

חָרִיט (*hārît*). Veja o n.º 739a.

חִרְיֹנִים (*hiryônîm*, *i.e.*, *hᶜrê yônîm*). Veja o n.º 730a.

חָרִיץ (*hārîts*). Veja o n.º 752c.

חָרִישׁ (*hārîsh*). Veja o n.º 760c.

חֲרִישִׁי (*hărîshî*). Veja o n.º 760e.

741 חָרַךְ (*hārak*) ***I, pôr em movimento, iniciar*** (Pv 12.27).

742 חרך (*hrk*). **II. Aceita como raiz de:**

742a חַרַכִּים (*hărakkîm*) ***grade, treliça ou qualquer outra abertura através da qual alguém pode olhar*** (Ct 2.9).

743 הרל (*hrl*). **Aceita como raiz de:**

743a חָרוּל (*hārûl*) ***espécie de erva daninha, talvez grão-de-bico*** (*e.g.*, Pv 24.31; Sf 2.9).

744 *חָרַם (*hāram*) ***I, proscrever, consagrar, destruir totalmente.*** (A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante, com exceção de que ambas preferem "consagrado" ou "coisa consagrada" em passagens que não tratam de destruição.)

Termos Derivados

744a †חֵרֶם (*hērem*) ***coisa consagrada, interdito.***

744b †חרמון (*hermôn*) ***Hermom.***

A raiz *hrm* é empregada apenas nos graus causativos: 48 vezes no hifil e três no hofal. O sentido básico é impedir o uso ou o abuso de um objeto por parte do homem e entregá-lo irrevogavelmente a Deus. A palavra tem a ver com uma raiz árabe que significa "proibir, especialmente para o uso comum". A palavra "harém", que significa os aposentos especiais das esposas muçulmanas, provém dessa raiz. Também está relacionada com uma raiz etíope que significa "proibir", "pôr debaixo de maldição". Entregar algo a Deus significava consagrar tal coisa ao serviço de Deus ou pô-la sob interdito com vistas à sua total destruição.

A idéia de consagrar um objeto para o serviço a Deus aparece em Levítico 27.28. O que quer que seja consagrado ao Senhor, seja um homem, um animal, seja outro bem, é considerado santíssimo por Deus e, portanto, não deve ser vendido nem redimido mediante sua substituição por outra coisa. De acordo com Números 18.14 e Ezequiel 44.29, todos esses objetos devem ser dados aos sacerdotes para o sustento das cerimônias

religiosas. Por exemplo, o ouro, a prata, o bronze e o ferro de Jerico tiveram essa destinação (Js 6.19, *qōdesh layhwh*).

Geralmente *hāram* significa o interdito de alguma coisa para sua total destruição, a consagração compulsória de algo que impede o trabalho de Deus ou a ele resiste e que é considerado amaldiçoado perante Deus. A idéia aparece pela primeira vez em Números 21.2, 3, onde os israelitas fizeram voto de que, se Deus lhes permitisse derrotar certo rei do sul de Canaã, eles iriam "destruir totalmente" suas cidades (*i.e.*, considerá-las consagradas a Deus e, portanto, destruí-las totalmente). Emprega-se essa palavra com referência a quase todas as cidades que as tropas de Josué destruíram (*e.g.*, Jerico, Js 6.21; Ai, Js 8.26; Maquedá, Js 10.28; Hazor, Js 11.11), desse modo indicando a base lógica para assim procederem. Em Deuteronômio 7.2-6 encontra-se a ordem de que se destruísse dessa maneira, vindo em seguida a explicação de que, de outro modo, essas cidades seduziriam os israelitas para longe do Senhor (*cf.* Dt 20.17, 18). Qualquer cidade israelita que acolhesse idolatras devia ser "completamente destruída" (Dt 13.12-15; *cf.* Êx 22.19).

Um homem que fosse o objeto consagrado a Deus ficava debaixo do mesmo interdito. Levítico 27.28, 29 declara que tal pessoa devia ser morta. Dificilmente ela poderia ser designada para o serviço cerimonial, pois esse era o trabalho dos levitas. No entanto, para harmonizar esta regra com o sexto mandamento (Êx 20.13; *cf.* 21.20), a idéia deve ter sido de que as pessoas assim consagradas eram prisioneiros de guerra, tais como os de Jerico, ou outros sob interdito, por exemplo, os amalequitas (1 Sm 15.3).

Como a raiz *qādash*, "ser santo", também transmite a idéia de separar do uso ordinário numa entrega a Deus (especialmente no piel), devemos fazer distinção entre objetos separados por serem "consagrados" e os separados por serem "santos". Num texto considerado acima, Levítico 27.28, 29, os dois sentidos são colocados juntos pelo fato de que a coisa consagrada era considerada santíssima para Deus. Isso sugere que ambas as idéias estavam intimamente relacionadas e eram válidas quanto a objetos consagrados para o serviço cerimonial. Mas quanto aos objetos que deviam ser destruídos, eram considerados ofensivos a Deus e danosos para o seu trabalho. Objetos separados por serem santos eram agradáveis a ele e úteis.

Poucas vezes a raiz é usada com respeito a nações estrangeiras que "destruíram totalmente" uma cidade ou país (*cf.* 2 Rs 19.11; 2 Cr 20.23). A inscrição de Mesha talvez esclareça a questão. Na linha 17 o rei Mesha (*cf.* 2 Rs 3.4) emprega a palavra ao explicar que matou todos os moradores de Nebo porque tornou a cidade "consagrada" ao seu deus Camos.

hērem. ***Coisa consagrada, devoção, interdito.*** Este substantivo derivado é usado 28 vezes no AT para designar ou o objeto consagrado, ou o próprio interdito. O relato da queda de Jerico diante de Israel oferece exemplos claros do primeiro uso. A cidade inteira é literalmente chamada de "coisa consagrada" (Js 6.17; *cf.* BJ, "consagrada como anátema"), e todos os israelitas são advertidos para não ficarem com nada da "coisa consagrada", o que provavelmente é uma referência ao que existia dentro da cidade, sendo que deveria ser queimado tudo o que fosse inflamável, e o que não fosse deveria ser dado a Deus. Quando Acã desobedece e apanha algumas dessas coisas, o exército de Israel é derrotado pelo povo de Ai, e Deus diz que agora Israel tornou-se ele próprio "coisa consagrada" até que a "coisa consagrada" (Acã no seu pecado) seja destruída do meio do povo (Js 7.12, 13). Dessa maneira, Jerico, a cidade pagã, foi "consagrada" porque estava no meio do caminho que Deus queria percorrer através de Israel, que era conquistar

Canaã. Em seu pecado, Acã tornou-se "consagrado" porque foi motivo de tropeço para o povo de Deus.

Observem-se também passagens que empregam *hērem* para designar o próprio interdito. De acordo com 1 Reis 20.42, Ben-Hadade, o rei sírio, era um homem sob interdito divino (*lit.*, "um homem sob meu interdito"). Isaías 34.5 diz que Edom era um povo sob o interdito de Deus (*lit.*, "um povo do meu interdito"; *cf.* IBB). O reino de Judá foi entregue ao interdito no sentido de que a Babilônia teve permissão de levá-lo cativo (Is 43.28).

hermôn. ***Hermom.*** O nome do monte Hermom, que significa "sagrado". Também chamado de *siryôn* e *sᵉnîr* (Dt 3.9) ou *sî'ôn* (Dt 4.48).

Bibliografia: MALAMAT, Abraham, The ban in Mari and in the Bible, In: ***Biblical Essays***, p. 40-9. — RICHARDSON, *TWB*, p. 68 *THAT*, v. 1, p. 635-8.

L.J.W.

745 חָרַם (*hāram*) ***II, fender, mutilar.*** (A ASV emprega "achatado"; a RSV, "mutilado".)

Termo Derivado

745a חֵרֶם (*herem*) ***rede.***

hāram é palavra relacionada com a raiz árabe que significa "fender" ou "perfurar" a separação entre as narinas para inserir um anel, e é usada apenas uma vez, em Levítico 21.18. A forma é um particípio passivo e descreve um rosto (nariz) como "mutilado", uma das deformidades que desqualificariam um sacerdote para o serviço.

herem. ***Rede.*** Este substantivo ocorre nove vezes. Seu sentido deriva da idéia de algo perfurado. Duas vezes é usado com referência à rede de um caçador (Mq 7.2; Ec 7.26), e sete vezes para designar a rede de pesca (Ez 26.5, 14; 32.3; 47.10; Hc 1.15-17).

L.J.W.

חֶרְמוֹן (*hermôn*). Veja o n.º 744b.

746 חַרְמֵשׁ (*hermēsh*) ***foice*** (Dt 16.9; 23.25[26]). Derivação incerta.

747 חָרָן (*hārān*) ***Harã.***

Harã foi a cidade onde Abraão e sua família se instalaram depois de saírem de Ur (Gn 11.31, 32). Após a morte de Terá, pai de Abraão, este e sua família começaram sua viagem para Canaã (Gn 12.1). Harã é chamada em Gênesis 24.10 de "a cidade de Naor", porque Naor, irmão de Abraão, estabeleceu-se ali. Harã era a terra de Labão, irmão de Rebeca. Rebeca incentivou Jacó a fugir para a casa de Labão, em Harã, quando Esaú supostamente ameaçou a vida do irmão (Gn 27.43). A sorte de Jacó melhorou bastante durante sua longa estada com Labão. O relato da chegada de Jacó em Harã encontra-se descrito em Gênesis 29.1-8.

748 חרס (*hrs*)

Rabsaqué, em seu arrogante desafio a Ezequias, mencionou Harã entre as cidades destruídas pelos assírios (2 Rs 19.12; Is 37.12). Ezequiel 27.23 cita a cidade como um centro de comércio. A cidade foi durante algum tempo uma capital provincial da Assíria e também a capital de Assur Ubalit depois da destruição de Nínive.

T.E.M.

748 חרס (*hrs*). **Aceita como raiz de:**

748a חרס (*heres*) ***Sol*** **(Jó 9.7; Jz 14.18).**

חרס (*heres*). Veja os n.os 748a, 759b.

חרסות (*harsôt*). Veja o n.º 759c.

749 חרף (*hārap*) ***I, reprovar, blasfemar, desafiar, pôr em perigo, insultar, repreender, censurar.***

Termo Derivado

749a חרפה (*herpâ*) ***censura.***

Basicamente a palavra significa "censurar", com a conotação específica de culpar ou desdenhar alguém.

A conotação de culpar é evidente em Jó 27.6, onde Jó protesta dizendo que seu coração não o reprova por qualquer dia de sua vida. Em Provérbios 27.11, aquele que ensina sabedoria deseja que seu aluno seja sábio para que o professor não seja acusado por outros. Parece que em Neemias 6.13 a palavra é usada no sentido de "difamar", ou seja, imputar falha ou culpa a alguém a fim de causar dano à sua reputação.

Na maioria dos casos a palavra é empregada no sentido de escarnecer. Em Salmos 74.10 a palavra ocorre em paralelo com *nā'ats*, "desdenhar, condenar", e em Provérbios 14.31 ela é a antítese de *kābēd*, "honra", e pode ser entendida como "vergonha" ou "desonra". Em Juízes 5.18 descreve-se o povo de Zebulom como um povo que despreza sua própria vida (*cf.* TB, "temerariamente se expôs à morte"; PIB, "desafia a morte").

Em contextos em que um adversário repreende com desdém ou ofensa, "escarnecer" (IBB) é uma tradução aceitável (Jz 8.15; Sl 119.42). Quando se descreve alguém que trata outra pessoa com desprezo ou desdém, a palavra pode ter a nuança de "zombar" (ARA, "afrontar"; 2 Rs 19.22). A conotação de "desafiar" evidencia-se nos contextos em que alguém reputa em nada a força do inimigo (IBB, 1 Sm 17.10 e ss.).

T.E.M.

750 חרף (*hārap*) ***II, gastar o tempo da colheita.*** Este verbo denominativo ocorre somente em Isaías 18.6.

Substantivo de Origem

750a חרף (*hōrep*) ***tempo da colheita, outono.***

751 חרף (*hārap*) ***III, adquirir.*** Este verbo ocorre só uma vez, no nifal (Lv 19.26).

752 חרץ (*hārats*) ***I, agir, decidir, decretar, determinar, mutilar, mudar.***

Termos Derivados

752a חרוץ† (*hārûts*) ***I, afiado, diligente.***
752b חרוץ (*hārûts*) ***II, trincheira, fosso***, somente em Daniel 9.25.
752c חרוץ (*harîts*) ***fatia, coisa cortada, instrumento cortante.***
752d חרצנים (*hartsannîm*) ***produto extraído da vinha, sementes de uva (?).***

Básicos para o sentido de *hārats* são os conceitos de "cortar" ou "afiar" e "decidir". (O primeiro sentido é representado pelo substantivo *haruts* e pelo cognato acadiano *harāsu*, que significam "cortar", "cortar fora", "deduzir" e também "determinar" e "esclarecer").

Vê-se mais claramente a conotação "cortar" em Levítico 22.22, onde a palavra ocorre numa proibição do uso de animais deformados em sacrifícios.

Outros usos da palavra com a conotação de "cortar" ocorrem em passagens mais metafóricas. Em Josué 10.21 usa-se a palavra numa expressão que significa "falar contra". A tradução "mover" (*e.g.*, ARA, IBB) quase não encontra base no uso quer hebraico, quer acadiano. A expressão significa literalmente "afiar a língua" e evidentemente tem a conotação de, com hostilidade, falar contra alguém. O mesmo sentido parece estar presente no uso da palavra em Êxodo 11.7, onde se refere ao cão e expressa a idéia de um rosnar irado. Em 2 Samuel 5.24 Davi recebeu ordens para ser "afiado" (atento) quando ouvisse um barulho nas árvores, isto é, ele devia agir rapidamente. (O Cronista usa "sai à peleja" para indicar esta ordem.)

O conceito de "decidir, determinar" é bem evidente em 1 Reis 20.40, onde alguém decidiu a sua própria sentença. Em todos os demais casos a palavra tem o sentido de "determinar" e refere-se a algo que não pode ser mudado. Talvez a idéia básica de "cortar" seja evidente aqui, pois, uma vez feito um corte, este não pode ser alterado.

hārûts. ***Decisão, coisas pontiagudas, instrumento afiado para debulhar, muro.*** A idéia de algo cortante, inerente ao verbo, fica evidente no substantivo *hāruts*, quando é usado para designar um malho de debulhar (Is 28.27; 41.15; Am 1.3; Jó 41.30[22]). Metaforicamente a palavra designava o ser "afiado" como um atributo, *i.e.*, a diligência (Pv 10.4; 12.24, 27; 13.4; 21.5).

O conceito de "cortar" é evidente em sua referência a um fosso (Dn 9.25). Metaforicamente se usa a palavra para indicar uma decisão firme, pois não se pode alterar aquilo que foi cortado (Jl 3.14 [4.14]).

753 חרץ (*hrts*). **Aceita como raiz de:**

753a חרוץ (*hārûts*) ***III, ouro*** (*e.g.*, Zc 9.3; Pv 3.14).

754 חרצב (*hrtsb*)

754 חרצב (*hrtsb*). **Aceita como raiz de:**

754a חַרְצֻבָּה (*hartsubbâ*) ***amarras, algemas*** (Is 58.6), ***tormento*** (Sl 73.4).

חַרְצַנִּים (*hartsannîm*). Veja o n.º 752d.

755 חָרַק (*hāraq*) ***ranger os dentes*** (*e.g.*, Jó 16.9; Lm 2.16).

756 חָרַר (*hārar*) ***I, ser (estar) queimado, torrado.*** A ASV traduz por "queimado", exceto em Salmos 69.3[4]. A RSV concorda em todas as passagens, exceto em Isaías 24.6, onde traduz por "chamuscado", e em Salmos 69.3[4], onde traduz por "ressecado".

Termos Derivados

756a חָרֵר (*hārēr*) ***lugar árido.*** Somente em Jeremias 17.6, referindo-se figuradamente à vida dos que não têm Deus.

756b חַרְחֻר (*harhur*) ***calor inclemente, febre***, somente em Deuteronômio 28.22.

Esta raiz sugere basicamente o produto que resta daquilo que queimou (*cf.* ugar., *hrr*, "assar"). Não se deve confundir esta raiz com *hrr* II, que tem a ver com nobreza de nascimento ou com o nascer livre, e *hrr* III, que tem a idéia de buraco. Também não se deve confundir com *hārâ*, "arder" (geralmente de ira). *hārar*, "queimado", "torrado", é, na maioria das vezes, uma raiz poética. É usada 12 vezes.

Esta raiz descreve os moradores da terra que eram objeto da ira de Deus (Is 24.6), aquilo que sobra depois que o fogo queimou os ossos (Ez 24.10, 11), metal ou madeira (Ez 15.4; Sl 102.3[4]). Também pode designar o efeito interno da febre (Jó 30.30) e o ressecamento da garganta por causa de choro excessivo (Sl 69.3[4]). Ocorre apenas uma vez no grau piel (indicando uma ação repetida rapidamente), expressando a agitação contínua (ARA, "para acender rixas"; Pv 26.21) do homem contencioso em fomentar e manter a animosidade.

757 חרר (*hrr*). **II. Aceita como raiz de:**

757a חֹר (*hōr*) ***nobre*** (geralmente ocorre no plural).

A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante, exceto em Eclesiastes 10.17, onde a RSV traz "homem livre" (ASV, "nobres"), e em Isaías 34.12. Geralmente *hōr* é identificado com a raiz *hrr* II, a qual (com base em estudos de cognatos semíticos) tem a idéia de ser ou tornar-se livre. Existe uma possível conexão entre *hōr*, "nobre", e a raiz *hwr*, "ser ou ficar pálido, branco" (os príncipes de Israel tinham a fama de serem alvos, Lm 4.7). Faça-se distinção entre essa raiz e *hōr*, "buraco", e *hōr*, "pano branco". Essa palavra ocorre 13 vezes.

Os *hōrîm*, junto com os anciãos, eram líderes de cidades (1 Rs 21.8), tendo autoridade para levar alguém a julgamento. Eram pessoas de razoável proeminência a

ponto de escaparem de ter de lutar com as próprias mãos e foram achados na parte interna do palácio durante o cerco dos babilônios. Junto com os príncipes eles foram mortos diante de Zedequias (Jr 39.6), em cumprimento de uma profecia (Is 34.12). Posteriormente os *hōrîm* foram relacionados ao lado dos sacerdotes e governantes (*s̄ĕgānîm*) como os líderes de Israel durante a reconstrução pós-exílica (Ne 4.14[8], 19[13]). Parece que eles são os cabeças do povo, talvez equivalentes aos *śarîm*, "príncipes" (*cf.* Ed 9.2). Uma vez que a palavra ocorre em contextos onde Israel tem um contato bastante próximo com povos de língua aramaica, é bem possível que tenha sido tomada emprestada do aramaico.

Os *hōrîm* supervisionaram a construção do muro durante a reconstrução (Ne 4.14[8]). Eles tinham recursos suficientes para emprestar para o povo em geral (Ne 5.7). Eles controlavam a agricultura e o comércio (Ne 13.17). Eles tinham acesso imediato à classe dirigente (Jr 39.6; Ne 6.17) e constituíam um grupo a sempre ser levado em conta.

Às vezes *hōrîm* parece ser quase sinônimo de *śarîm* (*cf.* Jr 27.20 e 2 Rs 24.14). Caso seja de fato sinônimo, então o seu uso no contexto da monarquia indica administradores e chefes de famílias influentes, ou seja, homens de posição, enquanto o uso pós-exílico dá a idéia de "pessoas de influência". Com base numa identificação com *śarîm*, estes *hōrîm* não eram "nobres" no sentido de aristocracia fundiária.

Bibliografia: McKkenzie, John L., The elders in the Old Testament, *Bib*, 40:522-40. — Van der Ploeg, J., Les chefs du peuple d'Israel et leurs titres, *RB*, 57:57-8.

L.J.C.

758 חרר (*hrr*). **III. Aceita como raiz de:**

758a חר (*ḥōr*), חוֹר (*ḥôr*) ***buraco*** (*e.g.*, 2 Rs 12.9 [10]; Ct 5.4).

758b חר (*ḥūr*), חור (*ḥûr*) ***buraco*** (Is 42.22; 11.8).

759 חרשׁ (*hrś*). **Aceita como raiz de:**

759a חֶרֶשׂ (*hereś*) ***louça de barro.***

759b חֶרֶס (*heres*) ***enfermidade caracterizada por erupções cutâneas*** (Dt 28.27).

759c חרסות (*hrswt, Kethib*), חַרְסִית (*ḥarsît, Qere*) ***cacos de louça de barro*** (Jr 19.2).

Essa palavra, que ocorre 17 vezes, representa a obra do oleiro (Is 45.9), que é seca e queimada (Sl 22.15[16]), ou até mesmo esmaltada (Pv 26.23). Garrafas (*baqbūq*), tigelas (*kᵉlî*) e potes ou cântaros (*nēbel*) são feitos desse material. É em utensílios feitos de *hereś* que os documentos eram guardados (Jr 32.14). *hereś* pode designar recipientes de forma geral (Pv 26.23) ou pode indicar cacos de louça de barro suficientemente grandes para tirar brasa do fogo ou para apanhar água e bebê-la (Is 30.14). Dessa maneira, *heres* é o barro queimado tão freqüentemente encontrado por arqueólogos.

Por ser poroso, ele absorvia a gordura de coisas santas e a impureza de coisas impuras. Por esse motivo devia ser quebrado quando tivesse tido contato ou com santidade ou com impureza (Lv 6.28[21]; Nm 15.12). Um utensílio de barro devia ser empregado no julgamento de casos de ciúme (Nm 5.17) e nos rituais de purificação da lepra, com isso simbolizando que todos os homens são iguais perante Deus. O salmista

compara profeticamente a força do Messias a um pedaço de barro (caco de louça de barro, SI 22.15[16]) seco e cozido. Durante o exílio os "mais preciosos" dentre a realeza de Israel tornaram-se de tão pouco valor e ordinários quanto potes de barro (BJ, Lm 4.2). Deus faz o povo lembrar-se de seu valor relativamente insignificante e de sua vulnerabilidade ao compará-lo com utensílios de barro (Is 45.9). Jeremias (19.1) comprou (e em seguida quebrou) um pote de barro para simbolizar como Israel tinha absorvido tanto o pecado que tinha de ser destruído de acordo com a lei de Deus acerca de utensílios de barro (Lv 11.33).

L.J.C.

760 חָרַשׁ (*hārash*) ***I, entalhar, lavrar, arar, delinear, maquinar.***

Termos Derivados

760a חָרָשׁ (*hārash*) ***entalhador.***

760b חָרֹשֶׁת (*hărōshet*) ***obra de entalhe.***

760c חָרִישׁ (*hărîsh*) ***aradura, época de aradura.***

760d מַחֲרֵשָׁה (*mahărēshâ*), מַחֲרֶשֶׁת (*mahăreshet*) ***relha de arado.***

760e חֲרִישִׁי (*hărîshî*) ***inclemente.*** Usado apenas em Jemerias 4.8. Incerto quanto ao significado e quanto a que raiz *hārash* a palavra está relacionada. KJV, "violento"; BJ, "ardente"; PIB, "sufocante".

A idéia básica é a de fazer um corte em algum material, por exemplo, o metal a ser talhado ou o solo a ser arado. O vocábulo é empregado 26 vezes, sendo 23 no qal, duas no nifal e uma no hifil. O substantivo ugarítico *hrsh* significa "artífice". Outra palavra ugarítica, *hrt*, cognata do hebraico *hārash*, significa "arar". Isso favorece duas raízes que, no hebraico, estariam sobrepondo-se.

hārash é usado poucas vezes para indicar a idéia de entalhar metal. Por exemplo, um dos artesãos especialistas de Tiro, a quem Salomão convocou para trabalhar no templo, é descrito como "um homem [...] que trabalhava" (*lit.*, "entalhador"; 1 Rs 7.14) em bronze. Usa-se a palavra um maior número de vezes para designar o arar o solo. Na história de Eliseu conta-se que, quando Elias o chamou para o serviço, ele estava "lavrando" com 12 juntas de bois (1 Rs 19.19). Uma das leis mosaicas estipulava que não se devia "lavrar" com boi e jumento trabalhando juntos (Dt 22.10).

A idéia de "lavrar" também se usa figuradamente. Ela simboliza a atividade ímpia (Os 10.13), sendo Israel acusado de ter "arado" iniqüidade. Em Salmos 129.3 ela também representa a opressão, pois o salmista clama: "sobre o meu dorso lavraram os aradores". Um terceiro uso é o de "maquinar", geralmente o mal. Por exemplo, um provérbio afirma: "não maquines o mal contra o teu próximo" (Pv 3.29). *hārash* refere-se tanto ao mal quanto ao bem em Provérbios 14.22. Os que "maquinam o mal" erram, e os que "maquinam o bem" (ARA, "planejam") recebem misericórdia e verdade. *hārash* ocorre duas vezes no nifal com referência à predição de Miquéias (Jr 26.18 citando Mq 3.12) de que Jerusalém seria "lavrada" como um campo. O único uso no hifil não revela nenhuma diferença clara do qal, pois afirma-se acerca de Saul que ele "maquinava" o mal contra Davi (1 Sm 23.9).

hārāsh. ***Obra de entalhe, carpinteiro, ferreiro, pedreiro.*** Enquanto a ênfase do verbo recai sobre o lavrar o solo, seu substantivo derivado, que ocorre 35 vezes, ressalta o entalhamento, geralmente de metal, mas também de madeira ou pedra. Em Jeremias 10.9 afirma-se que o ouro originário de Ufaz é obra de "artífice" (*lit.*, "entalhadores"). Davi declara que, nos preparativos para construir o templo, ele havia juntado ouro e prata que seriam trabalhados por "artífices" (*lit.*, "entalhadores") da época (1 Cr 29.5). No entanto, um grande número de vezes a palavra refere-se a mais do que ao trabalho de entalhar. Por exemplo, o bezerro de ouro, que Jeroboão erigiu em Israel, foi feito por "artífices", sendo que o contexto deixa implícita toda a atividade envolvida em fazê-lo, tais como fundir o metal e também entalhá-lo (Os 8.6). Em Isaías 40.19 *hārāsh* é usado para designar o "artífice" que funde uma imagem entalhada. Também é corretamente traduzida por "ferreiro" em 1 Samuel 13.19, que se refere a pessoas capazes de afiar instrumentos de ferro. Esse versículo está agora elucidado com a leitura de *hārāsh* como ferreiro. Trabalhadores em cobre estavam em atividade já fazia muito tempo em Israel, mas os filisteus tinham sido os pioneiros na Idade do Ferro e guardaram como segredo militar o conhecimento de como trabalhar e especialmente temperar o ferro. Os israelitas não tiveram acesso às novas e compridas espadas de ferro. Apenas os ferreiros filisteus conseguiam afiar as pontas de arado, o que eles faziam aquecendo-as, removendo-as com pancadas e temperando-as novamente (FINEGAN, *LAP*, p. 149). Veja *hereb*.

hārash é usado poucas vezes com referência a madeira e pedra. Nos dias do bom sumo sacerdote Joiada deu-se dinheiro para os "carpinteiros" (*lit.*, "cortadores de madeira") e demais trabalhadores que reparavam o templo (2 Rs 12.11[12]). Êxodo 28.11 afirma que o trabalho especializado e que era necessário para gravar os nomes das 12 tribos em duas pedras de ônix foi de um "lapidador" (*lit.*, "entalhador de pedra"). Em 2 Samuel 5.11 *hārash* refere-se tanto a pedra quanto a madeira (o mesmo ocorre em 1 Cr 14.1), quando diz que Hirão, rei de Tiro, enviou a Davi "carpinteiros" (*lit.*, "entalhadores de madeira") e "pedreiros" (*lit.*, "entalhadores de pedra") para a construção do palácio em Jerusalém.

A palavra é usada inúmeras vezes sem indicar nenhum tipo de material. Por exemplo, faz-se referência a Nabucodonosor ter levado cativos todos os "artífices" e ferreiros de Judá. A palavra também é usada para descrever o trabalho de Bezalel e Aoliabe, especialmente escolhidos para liderar a construção do tabernáculo, esforço que sem dúvida alguma envolveu vários tipos de material (ARA, "mestre"; Êx 35.35; 38.23). Num caso específico, a palavra é utilizada para referir-se a alguém que é "mestre" em causar destruição (Ez 21.31[36]).

Bibliografia: MENDELSOHN, I., Guilds in ancient Palestine, *BASOR*, 80:17-21. ____, Guilds in Babylonia and Assyria, *JAOS*, 60:68-72.

L.J.W.

761 חָרַשׁ (*hārēsh*) ***II, estar calado, sem fala, surdo.***

Termos Derivados

761a חֵרֵשׁ (*hērēsh*) ***surdo.***

761b חֶרֶשׁ (*heresh*) ***silenciosamente, secretamente***, somente em Josué 2.1.

A idéia básica é não-comunicação, manifesta tanto em não falar quanto em não ouvir. Ou seja, a palavra pode referir-se ao sujeito como calado ou ao objeto como surdo. A raiz *dāmam* tem sentido paralelo ao de *hārēsh*, "estar calado".

O verbo é usado apenas sete vezes no qal, 38 no hifil e uma no hitpael. No qal geralmente diz respeito ao silêncio no falar. Sempre se refere a Deus. Por exemplo, Davi clama a Deus para não se calar, isto é, para falar com ele, numa hora de necessidade (Sl 35.22). Em Salmos 83.1[2], o salmista ora de forma semelhante, empregando *hārēsh* e *dāmam* em paralelo. Só uma vez o grau qal é usado explicitamente com o sentido de "estar surdo", a saber, em Miquéias 7.16, onde o profeta fala de, num dia futuro, nações estarem "surdas" com referência a Israel. Quando usado no grau hifil, geralmente indica silêncio no falar, mas, em contraste com o qal, quase sempre se refere ao homem. O resultado, no entanto, é exatamente o mesmo. Por exemplo, o servo de Abraão permaneceu "em silêncio" (*lit.*, "estando em silêncio") enquanto observava Rebeca, cogitando se ela seria a escolha de Deus para esposa de Isaque. Só em Jó 11.3 é que o hifil transmite uma idéia claramente causativa. Em um caso o hifil significa "estar surdo", a saber, quando o povo instou com Samuel a "não cessar" (*lit.*, "não ser surdo") de clamar a Deus em favor deles, pois os filisteus vinham se aproximando. Uma vez a palavra aparece no hitpael, com o esperado sentido reflexivo (Jz 16.2)

hērēsh. ***Surdo.*** Embora o verbo raramente seja usado com a idéia de não ouvir, o adjetivo derivado tem este sentido em cada uma das nove vezes em que é usado, requerendo a tradução "surdo" (Êx 4.11; Lv 19.14; Sl 38.13[14]; *etc.*).

L.J.W.

762 חרשׁ (*hrsh*). **III. Aceita como raiz de:**

762a חֹרֶשׁ (*hōresh*) ***madeira, elevação frondosa*** (*e.g.*, Is 17.9; Ez 31.3).

763 חרשׁ (*hrsh*). **IV. Aceita como raiz de:**

763a חֶרֶשׁ† (*heresh*) ***magia ou, possivelmente, ofício de artesão.***

Este substantivo é empregado apenas em Isaías 3.3. O *BDB* favorece o sentido de "magia", apresentando em apoio raízes aramaicas e etíopes. O *KB* e Gesenius concordam. Dessa maneira, as frases "mago hábil" e "encantador perito" são paralelas. *KD* e E. J. Young favorecem "ofício de artesão" e entendem que as duas frases estão em contraste mútuo: "artífice hábil" e "encantador perito" (*cf.*, *e.g.*, ARA). O ugarítico emprega o substantivo *hrsh* na esfera da magia e da feitiçaria (AISLEITNER, *WUS*, n.º 976).

L.J.W.

764 חָרַת (*hārat*) ***gravar, entalhar*** (Êx 32.16).

חָשִׂיף (*hāsip*). Veja o n.º 766a.

765 חָשַׂךְ (*hāsak*) ***reter; manter sob controle; abster-se.***

A ASV e a RSV traduzem de forma parecida, cada uma procurando transmitir a

mesma idéia. A raiz refere-se à ação voluntária de reter algo ou alguém (também usado intran·itivamente, Ez 30.18; Jó 16.5. Veja DRIVER, G. R., *JTS*, 34:380.). Quem age tem o poder sobre o objeto. Deve-se fazer distinção entre esta raiz e *mana'*, "reter", "negar". O ugarítico *hśk* significa "dominar". A nossa raiz ocorre 28 vezes.

Eliseu poupou Naamã, ou seja, restringiu-o, impediu-o de pagar por sua cura (2 Rs 5.20). Um sentido um tanto quanto diferente ocorre quando Jó assinala que palavras de consolo podem atenuar a dor, mantendo-a sob controle e contendo-a (Jó 16.5, 6). Em Jeremias 14.10 o povo é condenado porque não se controlou, mas de todo o coração cedeu ao mal. É interessante que Deus diz a Isaías (Is 58.1) que ele de igual modo não se contenha em denunciar esse pecado. Na era escatológica as bênçãos incontidas de Deus estão num contraste marcante com o pecado presente do homem. Aquelas que estão na situação de maior desamparo (as estéreis, visto que somente Deus controla o ventre, *cf. rehem/raham*) devem, sem nenhuma restrição, construir moradas numa antevisão daquela bênção (ARA, "não o impeças", Is 54.2).

Deus tem capacidade de limitar a pecaminosidade humana. Desse modo, ele impede Abimeleque de tomar Sara (Gn 20.6) e Davi de matar Nabal (1 Sm 25.39). Assim o salmista suplica a Deus que não lhe permita cair no pecado da soberba (SI 19.13[14]).

L.J.C.

766 חָשַׂף (*hāsap*) ***desnudar, tirar aquilo que cobre.***

Termos Derivados

766a חָשִׂיף (*hāsîp*) ***pequenos rebanhos*** (1 Rs 20.27). Significado incerto.

766b מַחְשֶׂפֶת (*mahsōp*) ***ato de deixar aparecer, de desnudar*** (Gn 30.37).

A ASV e a RSV em geral concordam conceitualmente, mas variam um pouco na escolha das palavras. O sentido básico é de tirar fora aquilo que cobre, de modo que deixe inteiramente visível aquilo que está coberto. *hāsap* ocorre quase exclusivamente na literatura poética e é muito parecido, se não igual, ao verbo mais usual *gālâ*. Essa raiz ocorre nove vezes (ou dez vezes; veja SI 29.9).

Usa-se esta palavra para descrever os exércitos que, à semelhança dos gafanhotos que desnudam as árvores de suas folhas e casca, devastarão Israel (Jl 1.7). Dessa maneira Deus, em juízo, desnudará Edom (Jr 49.10). Juízo e humilhação são resultados de ter as roupas arrancadas abaixo da cintura (como com escravos cativos, Is 20.4, ou prostitutas, Jr 13.26). Deus causa essa extrema humilhação mesmo em seu próprio povo (Jr 13.26). Emprega-se também para designar a ação do Senhor quando ele "desnuda" seu braço a fim de operar salvação perante os olhos de toda a terra (Is 52.10).

O ugarítico (*hsp*) sugere outro sentido radical para *hāsap*, a saber, tirar o líqüido de um grande recipiente, "tirar [como que com concha]": *cf.* Isaías 30.14; Ageu 2.16.

L.J.C.

767 חָשַׁב (*hāshab*) ***pensar, planejar, fazer juízo, imaginar, calcular.*** (A ASV e a RSV traduzem, em grande parte, de forma parecida, embora a RSV evite as traduções "imaginar" e "calcular".)

Termos Derivados

767a חֹשֶׁב (*hēsheb*) ***obra engenhosa.***
767b חֶשְׁבּוֹן (*heshbôn*) ***juízo, cálculo.***
767c חִשְׁבּוֹן (*hishshābôn*) ***engenho, invenção.***
767d †מַחֲשָׁבָה (*mahăshābâ*) ***pensamento, intuito, estratagema.***

A idéia básica da palavra é o emprego da mente na atividade de pensar. A ênfase não está na "compreensão" (*cf. bîn*), mas na criação de novas idéias. A raiz aparece principalmente no qal, mas também no nifal e no piel, e uma vez no hitpael. Apenas o verbo aparece 121 vezes.

No AT é possível distinguir seis claras variações da idéia básica desta raiz. A que é usada com maior freqüência é a de "planejar", "intentar". Essa variação é empregada para referir-se tanto ao homem quanto a Deus e aparece tanto no qal quanto no piel. Os israelitas, por exemplo, são advertidos a não "intentar" o mal contra um irmão (Zc 7.10). Em um versículo, Gênesis 50.20, o verbo é usado tanto para o homem quanto para Deus, quando José utiliza duas vezes a palavra: primeiro, ao dizer que seu irmãos "intentaram" mal ao lidarem anteriormente com ele, e, em seguida, ao dizer que Deus "intentou" (IBB) aquilo para o bem.

O segundo uso mais freqüente apresenta a idéia de "fazer juízo". Tal uso também é empregado tanto com referência ao homem quanto a Deus e aparece no qal e no nifal. O conhecido texto de Isaías 53.4 usa o verbo: "nós o reputávamos por [julgávamos] aflito, ferido de Deus e oprimido". Deus é o sujeito da sentença proferida por Jó: "[Deus] me considera como seu inimigo" (33.10). Os usos no nifal são simplesmente o passivo do qal.

Um terceiro uso, que aparece bem menos vezes, é o de simplesmente ter pensamentos passando pela mente, de meditar (qal e piel). Malaquias fala elogiosamente daqueles que temiam o Senhor e "pensaram" no seu nome (TB, 3.16). Emprega-se o piel (sem nenhuma distinção clara de sentido) quando Davi demonstra, ao tratar da identidade do homem, surpresa de que Deus dele "tome conhecimento" (Sl 144.3).

Uma quarta variação significa "imputar", sendo, na realidade, um sentido especializado de "fazer juízo". Esta variação ocorre três vezes no qal e três no nifal, sendo que este último é simplesmente o passivo do primeiro. Refere-se tanto a Deus quanto ao homem. Simei, depois de amaldiçoar ostensivamente a Davi, suplica a Davi que não lhe "impute" pecado (2 Sm 19.19). Abraão creu em Deus, e Deus "imputou-lhe isto como justiça" (IBB, Gn 15.6; Rm 4.3). Davi declara que é bem-aventurado o homem a quem o Senhor não "atribui" iniqüidade (Sl 32.2; Rm 4.8).

Uma quinta variação significa "inventar", um uso encontrado apenas no qal. É empregado para referir-se a Bezalel, escolhido por Deus para liderar a construção do tabernáculo, descrevendo uma parte de seu trabalho como "elaborar" (inventar) produções artísticas, com uso de ouro, prata e bronze (Êx 31.4; 35.32, 35). Uzias, rei de Judá, colocou em Jerusalém máquinas para a guerra "inventadas" por peritos (IBB, 2 Cr 26.15).

A última variação significa "calcular", "contabilizar" e é usada somente no piel. Na época do idoso sumo sacerdote Joaiada, quando se faziam reparos no templo, a palavra é usada para dizer que os sacerdotes não "pediam contas" aos trabalhadores acerca do dinheiro para o projeto porque estes eram honestos. Na legislação mosaica a palavra é usada várias vezes para indicar a contagem necessária para determinar o valor flutuante

de bens permanentes e bens de consumo, em vista de um ano de jubileu que se aproximava (Lv 25.27, 50, 52; 27.18, 23). O único uso do hitpael é apenas um emprego reflexivo da segunda variante assinalada, "fazer juízo" (Nm 23.9).

maḥăshābâ. ***Pensamento, estratagema.*** Este substantivo derivado aparece com três sentidos básicos: "pensamento", "plano" e "invenção", todos eles correspondentes às variações básicas do verbo. E usado com o sentido de "pensamento" em Gênesis 6.5: "toda a imaginação dos 'pensamentos' de seu coração era má continuamente". O segundo uso, "planos", "projetos", ocorre quando se afirma que os israelitas, em contraste com a vontade de Deus para eles, diziam que seguiriam seus próprios "projetos, e cada um fará segundo a dureza do seu próprio coração" (Jr 18.12). O terceiro uso é com referência a um operário especializado que Hirão, de Tiro, enviou a Salomão para trabalhar no templo. Ele foi descrito como capaz de produzir quaisquer "invenções" necessárias para aquela tarefa (2 Cr 2.14). L.J.W.

חֶשְׁבּוֹן (*heshbôn*). Veja o n.º 767b.

חִשָּׁבוֹן (*hishshābôn*). Veja o n.º 767c.

768 חָשָׁה (*hāshâ*) ***calado, parado, inerte.***

A ASV tende a traduzir por "manter a tranqüilidade", enquanto a RSV traduz por "ficar em silêncio", isto é, estar parado, especialmente com referência ao falar; também é empregado acerca das ondas (Sl 107.29). Esta é uma raiz poética que tem fortes paralelos com *hārash* e *dāmam* (*cf.* Is 42.14).

O salmista oferece uma introvisão da natureza do pecado ao relatar que o seu silêncio em face da falta cometida deixou-o com pecado dentro de si (Sl 39.2[3]; *cf.* v. 8[9], também Mc 7.20).

Dentre os profetas, só Isaías usa esta palavra. Deus, comparando-se a um guerreiro, diz que esteve calado, mas que agora falará contra o pecado de seu povo (Is 42.14). Quando ele não falou, o povo não o considerou (Is 57.11; *cf.* Rm 2.4). Agora ele falará em juízo (Is 65.6). No entanto, os réus devem protestar contra o seu silêncio como a causa da aflição que experimentam. No *escatom* o Servo do Senhor se lança numa atividade febril até que resplandeçam os justos de Jerusalém (62.1). Ele designará vigias para estarem sobre as portas da cidade a fim de clamarem continuamente a Deus em favor dela (64.6) até que Deus responda. Não cabe ao homem produzir a restauração, seja instigando-a (o homem precisa de um mediador), seja alcançando-a (a justificação é um ato de Deus). L.J.C.

חָשׁוּק (*hāshûq*). Veja o n.º 773b.

חִשּׁוּק (*hishshûq*). Veja o n.º 773d.

חִשּׁוּר (*hishshûr*). Veja o n.º 774b.

769 חָשַׁךְ (*hāshak*) ***ser (estar) escuro, estar escurecido, preto, sombrio, turvo, escondido.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

769a †חֹשֶׁךְ (*hōshek*) ***trevas.***

769b חָשׁוֹךְ (*hāshōk*) ***obscuro, baixo,*** somente em Provérbios 22.20.

769c †חֲשֵׁכָה (*ḥăshēkâ*) ***trevas.***

769d †מַחְשָׁךְ (*mahshāk*) ***trevas.***

Não existe praticamente dúvida alguma quanto ao sentido deste verbo denominativo, que procede do substantivo *hōshek* (trevas). Ocorre 18 vezes, 17 das quais em livros poéticos. Êxodo 10.15 é a única ocorrência de *hashak* num texto em prosa. Ali o verbo diz respeito à praga de trevas no Egito. Em outras passagens a palavra é usada para indicar juízo ou maldição (veja Jó 3.9; 18.6; Sl 105.28; Is 5.30; 13.10; Jr 13.16; Ez 30.18; Am 5.8; 8.9; Mq 3.6).

O autor de Eclesiastes utilizou *hashak* para descrever a vista enturvada por causa da idade: "no dia em que [...] se escurecerem os teus olhos nas janelas" (12.3*b*). Lamentações 5.17 usa a palavra de forma parecida. É possível que o salmista esteja orando para que a maldição de cegueira caia sobre seus inimigos quando, em Salmos 69.23, ele pede que "obscureçam-se-lhes" os olhos.

Em Lamentações 4.8, *hashak* refere-se à pele queimada de sol dos exilados.

Um cognato acusativo aparece em Salmos 139.12: "para ti a escuridão não é escura" (NAB; *cf.* BJ). Somente Jó 38.2 transmite claramente a idéia de esconder-se nas trevas. Ali Deus indagou ao paciente herói: "quem é este que escurece o conselho com palavras sem conhecimento?" (IBB).

hōshek. ***Escuridão, trevas, obscuridade, noite, crepúsculo.*** O substantivo *hōshek* é a palavra usual para "trevas", "escuridão" e, em aproximadamente metade de suas 80 ocorrências, significa literalmente o oposto de luz.

Gênesis 1.2 utiliza *hōshek* ao referir-se às "trevas" que no princípio cobriam o mundo. No versículo 4 os luminares celestes fizeram separação entre as "trevas" e a luz (*cf.* v. 18). Em outras passagens *hōshek* equivale a "noite" ou é paralela dessa última palavra, como em Josué 2.5; Jó 17.12; 24.16 e Salmos 104.20.

Essa palavra é empregada para designar a praga de trevas que caiu sobre os egípcios (Êx 10.21, 22; Sl 105.28). "Escuridade" acompanhou a aparição divina no monte Sinai (Êx 14.20; Dt 4.11; 5.23).

Em alguns lugares a palavra indica as "trevas" da sepultura (1 Sm 2.9; Jó 10.21; 18.18; 34.22; Sl 88.12[13]; Ec 6.4).

A palavra ocorre com uma freqüência bem maior em Jó, Salmos e Isaías do que em todos os demais livros reunidos. Muitas vezes tem um sentido figurado, conforme assinalado no parágrafo acima. Entre tais sentidos encontram-se os de "ignorância" (Sl 18.28[29]; 107.10; Is 9.2[1]); "mal" (Is 5.20); "ocultação" (Sl 18.11[12]; 139.11, 12); "cegueira" (Jó 12.25; 22.11; Isa 29.18) e "juízo" (Jó 3.4; Sl 35.6; Is 47.5; 59.9). Nas poucas vezes em que os demais profetas empregam *hōshek*, é quase sempre com este último sentido (*cf.* Ez 32.8; Jl 2.2, 31 [3.4]; Am 5.18, 20; Na 1.8; Sf 1.15).

ḥăshēkâ. ***Escuridão, trevas, lugares escuros.*** À semelhança do verbo (*hāshak*, *q.v.*)

e dos substantivos masculinos (*hōshek* e *mahshāk*), este substantivo feminino também significa "trevas" nos poucos lugares em que ocorre.

A primeira ocorrência de *hăshēkâ*, "trevas", e a única num trecho em prosa, encontra-se em Gênesis 15.12. Ali elas são "trevas" sobrenaturais, sendo paralelo da palavra hebraica *tardēmâ*, que significa "profundo sono" (ARA) ou "torpor" (BJ).

Salmos 82.5 e 139.12 empregam *hăshēkâ*; aliás, 139.12 também traz *hōshek*. As duas passagens referem-se a trevas que são incapazes de esconder ou limitar a Deus.

Duas vezes a palavra aparece em Isaías. Em 8.22 ela é paralela de *tsarâ*, "angústia", *mûp tsûqâ*, "sombras de ansiedade", e *'ăpēlâ mᵉnuddāh*, "densas trevas". Em 50.10, como em Salmos 82.5, é linguagem figurada para designar "ignorância", "mal" ou "incredulidade".

É possível que esta palavra ocorra em Miquéias 3.6, mas, uma vez que os gramáticos não conseguem distinguir entre esse substantivo feminino e uma forma feminina do verbo *hāshak*, na terceira pessoa do singular, existem diferenças de opinião. Mas, mesmo assim, o sentido do versículo não é alterado em um ou outro caso.

mahshāk. ***Escuridão, trevas, lugar escuro, esconderijo.*** O substantivo *mahshāk* aparece apenas em passagens poéticas. Em Salmos 88.6[7] *mahshāk* está em paralelo com "cova" (*cf.* Sl 143.3; Lm 3.6). Ele é ainda usado em associação com impiedade (Sl 74.20; Is 29.15), pavor (Sl 88.18[19]) e cegueira (Is 42.16).

R.L.A.

770 *חשׁל (*hāshal*) ***despedaçar***. Usado só uma vez, no nifal.

770.1 חַשְׁמַל (*hashmal*) ***uma substância brilhante, âmbar ou electro.***

771 חַשְׁמַן (*hashman*) ***embaixador***. Ocorre somente em Salmos 68.31[32]. Significado e derivação incertos.

772 חשׁן (*hshn*). **Aceita como raiz de:**

772a †חֹשֶׁן (*hōshen*) ***peitoral.*** (A KJV e a ASV traduzem de forma semelhante, "colete"; a RSV traduz como "peitoral".)

Ocorre 23 vezes no AT. Cognatos árabes indicam que a palavra significa "beleza", apontando para seu valor e importância entre as vestes sagradas do sumo sacerdote. Era feito dos mesmos materiais que o éfode (Êx 28.15; ARA, "estola"). Era uma algibeira quadrada com um palmo (cerca de 22 cm) de lado, com anéis de ouro nos cantos. Nela estavam afixadas 12 pedras preciosas em que estavam gravados os nomes das 12 tribos de Israel. Cordões de ouro prendiam os anéis superiores às pedras preciosas que estavam no ombro do éfode. O peitoral simbolizava a unidade da nação, a dependência que o povo tinha da pessoa e do ministério do sumo sacerdote, a presença deles perante Deus como um povo amado e o canal de revelação da vontade de Deus. Nele também estavam o Urim e o Tumim, mediante os quais a vontade de Deus era transmitida ao povo (Êx 28.15-30). A LXX chama-o de "oráculo do juízo" em vez de "peitoral do juízo" ou "peitoral da decisão (oracular)", que é como está no hebraico. Era considerado o artigo mais importante dentre

as vestes distintivas do sumo sacerdote. O relato de Josefo acerca do peitoral desce a minúcias, mas não é confiável (*Antigüidades dos Judeus* 3.7.5).

Bibliografia: *AI*, p. 350 e s.

C.L.F.

773 חָשַׁק (*hāshaq*) ***estar afeiçoado a, amar.*** A ASV e a RSV em geral concordam com a KJV, melhorando a tradução de Deuteronômio 10.15, Salmos 91.14 e Isaías 38.17 (mas a RSV, "desejou edificar" [veja também ARA], dificilmente é aceitável em 1 Rs 9.19 = 2 Cr 8.6).

Termos Derivados

773a חֵשֶׁק (*hēsheq*) ***desejo, coisa desejada.***

773b חֹשֶׁק (*hāshûq*) ***colchete ou gancho preso numa coluna do tabernáculo.***

773c *חשׁק (*hshq*) ***prover de colchetes ou ganchos.*** Verbo denominativo usado apenas no piel e no pual.

773d חִשּׁוּק (*hishshûq*) ***raio*** (de roda) (1 Rs 7.33).

hāshaq enfatiza aquilo que se apega a algo ou alguém; no caso de emoções (às quais limita-se o uso no AT), a palavra indica aquele amor que já está ligado ao seu objeto. Deve-se distinguir de *'āhab*, "amar", *'āwâ*, "desejar", "querer", *hāmad*, "desejar", "comprazer-se em". Contraste-se também com *hāshaq* II, "pregar, prover de colchetes ou ganchos". A raiz ocorre 12 vezes.

Esta raiz pode ter o sentido do desejo forte que um homem sente por uma mulher bonita (Gn 34.8), a qual poderia ser deixada de lado caso não correspondesse às expectativas (Dt 21.11-14).

Uma íntima e profunda afeição (num sentido positivo) descreve o amor de Deus para com Israel (Dt 10.15). Deus estava ligado a eles por sua própria vontade (amor), e não por causa de qualquer coisa boa ou desejável que tivessem (Dt 7.7). É à afeição de Deus que Ezequias atribui seu livramento (Is 38.17). Este é o amor que não abandona. Se alguém tiver essa afeição para com Deus, será livrado (Sl 91.14).

hēsheq. ***Desejo, coisa desejada.*** Em 1 Reis 9.1, 19 (2 Cr 8.6), o templo e o palácio, e também outros edifícios necessários ao funcionamento do reino, são descritos como *hēsheq* de Salomão. Não foram construídos simplesmente para sua própria satisfação. Mas ele estava emocionalmente ligado a eles devido a seu gosto de agradar a Deus (*cf.* 1 Rs 9.1).

L.J.C.

774 חשׁר (*hshr*). **Aceita como raiz de:**

774a חֲשַׁרָה (*hashrâ*) ***ajuntamento, massa*** (2 Sm 22.12).

774b חִשּׁוּר (*hishshûr*) ***cubo*** (de roda) (1 Rs 7.33).

775 חשׁשׁ (*hshsh*). **Aceita como raiz de:**

775a חָשַׁשׁ (*hăshash*) ***palha*** (Is 5.24; 33.11).

776 חת (*hēt*) ***Hete.***

Um dos filhos de Canaã e ancestral epônimo dos *hittî* (Gn 10.15; 1 Cr 1.13). O nome aparece 14 vezes, duas na expressão "filhas de Hete" (Gn 27.46) e dez em "filhos de Hete" (Gn 23.3, 5, 7, 10 [duas vezes], 16, 18, 20; 25.10; 49.32). É bem evidente que, em face da colocação dessa expressão com *hittî* (*cf.* Gn 23.10; 25.9, 10; 49.30, 32), elas são equivalentes.

776a חִתִּי (*hittî*) ***hitita, heteu.***

Termo étnico que aparentemente é, mas não com certeza, cognato do hitita *HATTI*, do egípcio *ht*, do acadiano *hattû*, do ugarítico *ht*, *hty* (*UT*, 19:1021, 1024). O nome é transliterado pela LXX como *khettaios*. Ocorre 48 vezes, inclusive 20 nas listas dos habitantes de Canaã, junto com grupos tais como os amorreus, cananeus, girgaseus, jebuseus e fereseus.

Deixando de lado as listas por distribuição geográfica (Nm 13.29; *cf.* Gn 10.15; 1 Cr 1.13) e a lista ampliada de Gênesis 15.19 e s., os heteus ocupam cinco vezes o primeiro lugar (Dt 7.1; 20.17; Js 9.1; 12.8; 2 Cr 8.7) e dez vezes o segundo (Êx 3.8, 17; 13.5; 23.23; Js 3.10; Jz 3.5; 1 Rs 9.20; Ed 9.1; Ne 9.8). Em proeminência os heteus só ficam atrás dos cananeus.

Nas narrativas patriarcais de Gênesis os heteus ocupam as regiões de Hebrom e Berseba. Números 13.29 relata que, juntamente com os jebuseus e os amorreus, eles dominavam as regiões montanhosas. Para sepultar Sara, Abraão adquiriu de Efrom, o heteu, a caverna de Macpela (Gn 23.10).

Esaú aborreceu seus pais ao se casar com as filhas de Hete, aparentemente na região de Berseba (Gn 26.34; 27.46). Essas mulheres são também chamadas de "filhas da terra" e "filhas de Canaã" (Gn 27.46; *cf.* 28.1; 36.2).

A partir do período da Conquista e dos Juízes, com exceção das listas, existem apenas duas ocorrências da palavra. Em Josué 1.4, promete-se a Josué que ele receberá "toda a terra dos heteus até ao Grande Mar". Como a referência aos heteus é omitida na LXX, é possível que seja uma glosa. Em Juízes 1.26 um homem de Luz (Betel), que ajudou os israelitas a combaterem contra sua própria cidade, partiu para a terra dos heteus. Os heteus também são mencionados em associação com Davi e Salomão (1 Sm 26.6; 1 Reis 11.1; *etc.*).

Numa passagem em que lamenta as abominações de Jerusalém, Ezequiel (Ez 16.3, 45) declara que o pai da cidade foi um amorreu e sua mãe uma hetéia.

Uma análise dos nomes de nove indivíduos que são identificados como heteus indica que todos eles têm nomes semitas: Efrom (Gn 23.10); seu pai, Zoar (Gn 23.8); as esposas de Esaú, Judite, Basemate e Ada (Gn 26.34; 36.2); e Aimeleque (1 Sm 26.6). Urias (2 Sm 11.3) pode ser um nome derivado da palavra hebraica *'ûr*, "luz", "fogo", ou da palavra hurrita *iwri*, "senhor".

Em referências não-bíblicas o designativo "heteu" pode ter vários sentidos. Em raros casos pode indicar os hateus, povo natural da Anatólia. Em geral designa os indo-europeus (nesitas e luvitas) que invadiram a Anatólia em aproximadamente 2000 a.C. e estabeleceram um poderoso império que floresceu no período de *c.* 1700-1200 a.C. Os remanescentes desse império, na forma dos reinos de Carquemis, Hamate, *etc.*, localizados no norte da Síria, são denominados neo-hititas pelos estudiosos. Os assírios e babilônios

usaram, no primeiro milênio a.C., a expressão *māt Hatti*, "terra de Hatti", para designar a Síria e a Palestina.

Está bem claro que as referências aos heteus durante os dias de Davi, Salomão e Eliseu (1000-900 a.C.; *cf.* 2 Rs 7.6) são provavelmente aos neo-hititas da Síria. Alguns estudiosos, como Montgomery, Noth, Gurney e Van Setters, acreditam que referências anteriores refletem alusões anacrônicas aos neo-hititas.

De outro lado, a despeito da natureza não-conclusiva das provas extrínsecas outros estudiosos, como Bruce, Gordon, Kitchen, Simons e North, sustentam que os heteus do período patriarcal podem muito bem ter-se originado dos hititas imperiais do segundo milênio a.C. O nome de Tidal (Gn 14.1) tem sido comparado com o nome do rei hitita Tudhaliyas. M. Lehmann sugeriu que Gênesis 23 revela familiaridade com um contexto legal hitita. Um texto hitita de Mursilis II menciona uma migração do povo de Kurushtama, que saiu da Anatólia e entrou em território egípcio em aproximadamente 1350 a.C., que pode muito bem ter sido a Palestina.

E. Speiser, no que é seguido por Gelb e Gray, acredita que a designação *hittî* pode ser um erro textual, quando o certo seria *hōrî* (*q.v.*) ou "horeus/hurritas". Conforme assinalou-se acima, é possível que o nome de Urias fosse hurrita. Sabemos que havia muitos hurritas na Palestina central no segundo milênio a.C.; no período de Amarna (século XIV) o rei de Jerusalém tinha o nome de Abdi-Hepa (ou Warad-Hepa, caso a primeira metade do nome também seja lida como hurrita), isto é, "escravo da deusa hurrita Hepa". O TM e a LXX fazem, mais de uma vez, confusão com os designativos "heteus", "hurritas ou horeus" e "heveus".

Bibliografia: BRUCE, F. F., Hittites., In: *NBD*, p. 528-9. — GELB, I. J., Hittites., In: *IDB*, v. 2, p. 612-5. — GURNEY, O. R., *The Hittites*, ed. rev., Penguin, 1966. — HOFFNER, H. A., The Hittites and Hurrians, In: *Peoples of Old Testament times*, ed. D. J. Wiseman. Oxford, Clarendon, 1973, p. 197-228. —____ Some contributions of Hittitology to Old Testament study, *Tyndale Bulletin*, 20:27-55. — LEHMANN, Manfred R., Abraham's purchase of Machpelah and Hittite law, *BASOR*, 129:15-8. — NORTH, Robert, The Hivites, *Bib*, 54:43-62. — SPEISER, E. A., *Genesis.*, In: *AB*. — TUCKER, Gene M., The legal background of Genesis 23, *JBL*, 85:77-84. — VAN SETERS, John, The terms "Amorites" and "Hittites" in the Old Testament, *VT*, 22:64-81.

E.Y.

חה (*hat*). Veja o n.º 784a,b.

777 חתה (*hātâ*) ***apanhar*** (geralmente) ***fogo, brasas.***

Termo Derivado

777a מחתה (*mahtâ*) ***incensário, braseiro, bandeja de brasas.***

Este substantivo feminino parece estar relacionado com a raiz *hth*, que significa "apanhar" ou "tomar", referindo-se ao fogo (*cf.* Sl 52.5[7]; Pv 6.27; 25.22; Is 30.14). (O substantivo *m'hittâ* difere apenas nas vogais e no *dagesh* e significa "destruição" ou "ruína".)

mahtâ ocorre pela primeira vez associada à descrição do tabernáculo e seus

apetrechos para o serviço. Eram feitos de ouro (Êx 25.38; 37.23; Nm 4.9) e eram parte do candelabro de sete lâmpadas ou eram usados junto com este. Alguns, usados com o altar, eram de bronze (Ex 27.3; 38.3; Nm 4.14). E claro que numa cultura em que não havia fósforos, braseiros ou, no cotidiano, fragmentos de barro seriam usados para transportar brasas para acender um fogo a partir de outro.

De acordo com 1 Reis 7.50 e 2 Crônicas 4.22, Salomão fez novos braseiros para o templo, os quais mais tarde foram tomados como presa de guerra pelos babilônios vencedores (2 Rs 25.15; Jr 52.19). Estes são os utensílios de bronze associados com o altar.

Em Levítico 10.1, 16.12, e Números 16, *mahtâ* refere-se a outra coisa que não os utensílios usados com o candelabro ou o altar. A maioria dos tradutores verte, nessas passagens, *mahtâ* como "incensário". Números 16 descreve a rebelião de Coré. A terra engoliu os rebeldes, mas seus "incensários" foram transformados em lâminas para o altar (16.39-40 [17.45]).

R.L.A.

חִטָּה (*hittâ*). Veja o n.º 784d.

חִטּוּל (*hittûl*). Veja o n.º 779b.

חִטְחַט (*hathat*). Veja o n.º 784e.

חִטִּי (*hittî*). Veja o n.º 776a.

חִטִּית (*hittît*). Veja o n.º 784f.

778 *חתך (*hātak*) ***estão determinadas*** (ARA, ARC); ***estão decretadas*** (IBB, TB); ***foram fixadas*** (BJ, PIB); ***foram separadas*** (NEB).

Este verbo aparece apenas no grau passivo (nifal) e somente em Daniel 9.24, a famosa passagem das "70 semanas". Em hebraico rabínico a raiz *htk* tem o significado básico de "cortar", daí a tradução "decretar" em várias versões. (Veja JASTROW, Marcus, *Dictionary of the Targumin, the Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*, v. 1, Pardes, 1950, p. 513).

R.L.A.

779 *חתל (*hātal*) ***enlaçar, enfaixar.*** Ocorre somente no pual e no hofal (Ez 16.4).

Termos Derivados

779a חִתֻּלָה (*hātullâ*) ***fralda*** (Jó 38.9).

779b חִתּוּל (*hittûl*) ***bandagem*** (Ez 30.21).

780 חתם (*hātam*) ***apor um selo, lacrar com selo.*** Este verbo ocorre no qal, nifal e hifil.

Termos Derivados

780a †חוֹתָם (*hōtām*) ***selo, sinete.*** (A ASV e a RSV traduzem da mesma maneira,

com exceção de que a RSV traz "anel de selar" em Ag 2.23).

780b חֹתֶמֶת (*hôtemet*) ***selo de sinete.***

O sentido básico desta raiz é o de "selar". Vários tipos de documentos eram autenticados apondo-se-lhes marcas de selo a partir de carimbos ou cilindros de selagem. O carimbo era aposto sobre barro ou cera, enquanto o cilindro era passado como um rolo sobre esse material, e em ambos os casos ficava ali uma marca impressa. Cartas (1 Rs 21.8), decretos de reis (Et 3.12; 8.8, 10; Dn 6.17, 18), alianças (Ne 10.1[2]), escrituras de aquisição de terras (Jr 32.10, 11, 44) e livros (Dn 12.4) eram selados. Acerca de uma profecia também se diz, numa símile, que ela foi selada (Is 29.11).

Desse modo, a selagem indica aquilo que está com toda segurança trancado (Dn 12.9) por estar sob selo (Dn 12.9), por exemplo, as estrelas (Jó 9.7), um tesouro (Dt 32.34) ou a transgressão de alguém (Jó 14.17). Isaías devia selar seus ensinos em seus discípulos, ou seja, mantê-los em segurança (Is 8.16). Fonte selada é metáfora para mulher recatada (Ct 4.12).

A raiz também tem o sentido de cerrar as mãos dos homens para que não consigam trabalhar no inverno (Jó 37.7) e também daquilo que está cerrado (Jó 24.16), como quando se interrompe o vazamento que sai de uma ferida ou fluxo seminal (Lv 15.3).

hōtām. ***Selo, sinete.*** Este substantivo masculino, derivado da raiz *hātam*, "selar", refere-se a um selo feito de pedra entalhada impresso em barro ou cera para autenticar um documento. Se fosse um selo cilíndrico, tal como aqueles utilizados na Mesopotâmia, ficaria pendurado em volta do pescoço com o auxílio de um cordão (Gn 38.18). Um selo de carimbar, como os que eram mais comuns na Palestina, era transportado ou usado num dedo (Jr 22.24). No entanto, *taba'at* é a palavra usual para anel de selar. Jezabel usou o selo de Acabe para autenticar a ordem para matar Nabote (1 Rs 21.8; *cf.* Sir 42.6). Grande número de sinetes de carimbo e sinetes cilíndricos têm sido encontrados em escavações arqueológicas na Palestina.

As pedras e a lâmina de ouro das vestes do sacerdote eram gravadas como sinetes de joalheiro (Êx 28.11, 21, 26; 39.6, 14, 30). Por ser um bem característico de seu proprietário, um selo serviu para comprovar que Judá havia estado com Tamar (Gn 38.18; mas o v. 25 traz *hôtemet*). "O anel do selo da mão direita" simboliza aquilo que é particularmente precioso para alguém (Jr 22.24; Ag 2.23).

Em figuras de linguagem o amado deseja ser como o selo sobre o coração e sobre o braço de sua amada (Ct 8.6). Fala-se da manhã que transforma a terra como o barro sob o selo (Jó 38.14), onde a figura provavelmente derive do selo cilíndrico que rola sobre o barro; das escamas do dorso do "leviatã" (IBB; ARA, "crocodilo") bem unidas, como que com um selo (Jó 41.15[7]); e de um rei como o sinete da perfeição (Ez 28.12).

hôtemet. ***Sinete.*** Usado para imprimir em documentos, o cilindro de selagem era amplamente conhecido no antigo oriente médio. Sendo marca que indicava o seu dono, o selo, praticamente uma assinatura, foi uma prova irrefutável de que Judá tinha estado com Tamar (Gn 38.25; *cf.* v. 18).

Bibliografia: TUFNELL, O., Seals and scarabs, *IDB*, p. 254-9 HUEY, F. B. Seal, *ZPEB*, v. 5, p. 319-24.

J.P.L.

781 חתן (*htn*). **Aceita como raiz de:**

781a חתן (*hōtēn*) ***sogro.*** *KB* emprega a palavra *hōtēn* no sentido de genro (KJV, ASV, RSV, "sogro"). A palavra ugarítica é *htn* (*UT*, 19:1025), sendo que o verbo é "casar", e o substantivo, "genro". A palavra aparece 22 vezes, e, com apenas quatro exceções, todas elas referem-se a Jetro, sacerdote de Midiã e sogro de Moisés. KB inverte as pessoas, chamando Moisés de genro.

781b *חתן (*hātan*) ***fazer-se genro.*** Verbo denominativo.

Termos Derivados

781c חתן (*hātān*) ***genro, noivo.***

781d חתנה (*hătunnâ*) ***casamento, matrimônio,*** somente em Cantares 3.11.

O verbo denominativo ocorre somente no hitpael, "fazer-se marido da filha", "tornar-se genro de alguém". (Em Js 23.12 a ARA, a ARC e a PIB trazem "aparentar-se"; a IBB e a TB, "contrair matrimônio".)

Em sua mensagem final a Israel, Josué advertiu explicitamente o povo a não aparentar-se com os cananeus da terra para que, mais tarde, isso não se tornasse uma armadilha para o povo de Deus (Js 23.12, 13). Assim que Salomão instalou-se no trono de Israel, começou a bem conhecida prática de contrair matrimônios com propósitos políticos (1 Rs 3.1). A nação fora advertida justamente quanto a isso no que se refere a nações já residentes na terra da promessa (Dt 7.3). O valor questionável de casamentos acertados para resolver problemas entre povos já tinha sido comprovado no caso dos filhos de Jacó e do heveu Siquém, o qual havia violado a santidade do lar de Jacó. O rei Saul seduziu Davi a tornar-se seu genro a fim de dar satisfação a seu ciúme descontrolado (1 Sm 18.26, 27). Vêem-se exemplos da relação entre genro e sogro nas histórias de Jacó (Gn 29—31) e Moisés (Êx 2.20-22; 4.18).

hătān. ***Genro, noivo.*** A primeira designação mostra a relação com o pai da noiva; a segunda, com a noiva. (A KJV, a ASV e a RSV traduzem da mesma maneira.) Cerca de 20 referências ao substantivo são encontradas no AT. A raiz aparece em ugarítico como substantivo e como verbo.

Estar casado era a situação normal entre os hebreus. A família era a unidade social básica. O matrimônio tinha importantes conseqüências familiares e tribais. Caso uma mulher se revelasse insatisfatória para seu marido, ela voltava para a casa de seu pai, com o resultado de relações hostis entre as famílias (Jz 14.20; 1 Sm 18.19). O procedimento natural era, então, que as famílias envolvidas estabelecessem as condições da união. Isso não excluía automaticamente o consentimento do casal (Gn 24.8), e casamentos por amor também eram possíveis (Gn 29.20; 34.3; Jz 14.1; 1 Sm 18.20). O marido era o senhor da esposa (Is 62.4), mas essa não era uma norma absoluta (Gn 21.10 e ss.). Quando o marido era incorporado à tribo de sua esposa, os filhos eram considerados pertencentes à tribo ou família dela (*cf.* Jacó e Labão, Gn 31.31, 43; Moisés e Jetro, Êx 2.21; 4.18).

Entre os antigos israelitas o noivado era um contrato que estabelecia obrigações e era considerado uma parte do casamento (Gn 24.58, 60). Pagava-se um dote aos pais da noiva, e este era o elemento central do noivado. No caso de Jacó o dote tomou a forma de um número estipulado de anos de serviço; para Davi envolveu realizar uma tarefa específica para Saul (1 Sm 18.25). O noivado consistia no estabelecimento dos termos do casamento na presença de testemunhas. A união poderia ocorrer alguns meses ou mesmo anos depois do noivado. A infidelidade de um dos noivos era considerada adultério (Dt 22.23; veja também Mt 1.19).

No momento do casamento, a procissão nupcial era a primeira parte das cerimônias (Sl 45.15). Os amigos do noivo (Jo 3.29) saíam, de regra à noite, para apanhar a noiva e os familiares e convidados dela e levá-los à casa do noivo (Mt 9.15), acontecimento marcado por muita alegria (Jr 7.34). O banquete de casamento ocorria no lar do noivo, uma refeição tão requintada quanto lhe permitissem os meios. Ao contrário de nossos costumes, nenhuma cerimônia religiosa formal fazia parte da cerimônia de casamento. A união consumava-se na câmara ou tenda nupcial (Gn 24.67).

A base bíblica do casamento encontra-se em Gênesis 2.18, 24. Ele deve ser monogâmico (Gn 2.24). A poligamia era comum (Jz 8.30; 2 Sm 5.13), mas a monogamia é a pressuposição implícita em Salmos 128 e Provérbios 12.4; 31.10-31. Os profetas empregaram o casamento como símbolo do amor de Deus para com Israel (Is 61.10; 62.5; Os 2.21, 22; Ct). Eram proibidos casamentos que envolvessem parentes próximos (mas não primos co-irmãos, Lv 18, 20). Os filhos eram uma bênção, e a esterilidade um infortúnio (Sl 127.3-5). Quase nada se sabe acerca da cerimônia de casamento. O evento é mencionado como "tomar por esposa" (BJ, Êx 2.1). Algum tipo de banquete era dado para comemorar (Gn 29.22). Cortejos para os noivos eram uma parte importante da celebração.

Bibliografia: BURROWS, M., *The basis of israelite marriage*, American Oriental Society, 1938. — EPSTEIN, L. M., *Marriage laws in the Bible and the Talmud*, Harvard University Press, 1942. — GOODMAN, P. & H., *The Jewish marriage anthology*, Jewish Publishing Co., 1965. — KAHANA, K., *The theory of marriage in Jewish law*, Brill, 1966. — NEUFELD, E., *Ancient Hebrew marriage laws*, Longmans, 1944.

C.L.F.

חֲתֻנָּה (*hătunnâ*). Veja o n.º 781d.

782 חָתַף (*hătap*) ***prender, arrebatar*** (Jó 9.12).

Termo Derivado

782a חֶתֶף (*hetep*) ***presa, vítima*** (Pv 23.28).

783 חָתַר (*hătar*) ***cavar, remar*** (*e.g.*, Jn 1.13; Am 9.2).

Termo Derivado

783a מַחְתֶּרֶת (*mahteret*) ***arrombamento, roubo*** (Jr 2.34).

784 חָתַת (*hātat*) ***(estar) quebrantado, aniquilado, com medo, aterrorizado***, graus causativos: quebrar, aterrorizar, apavorar (RSV, "estar em pânico", "entrar em pânico"; ASV, "estar rachado").

Termos Derivados

784a †חַת (*hat*) ***I, pavor, medo.***

784b חַת (*hat*) ***II, despedaçado, espatifado, aterrorizado.***

784c †חֲתָתַת (*hătat*) ***pavor,*** apenas em Jó 6.21.

784d †חִתָּה (*hittâ*) ***pavor,*** apenas em Gênesis 35.5.

784e †חַתְחַת (*hathat*) ***pavor,*** apenas em Eclesiastes 12.5.

784f †חִתִּית (*hittît*) ***pavor.***

784g †מְחִתָּה (*mᵉhittâ*) ***destruição, ruína, pavor.***

A idéia básica é a de "estar quebrado", a partir da qual derivam-se outras idéias abstratas e secundárias, tais como "estar aniquilado" ou "estar em pânico". No uso da palavra e seus derivados foram confirmadas quatro gamas de significados: 1) quebra física ou literal, 2) destruição num sentido abstrato, 3) desmoralização e 4) pavor.

As formas no qal e nifal do verbo são estativas. Os dois graus podem referir-se tanto ao ser ou estar quebrado quanto a idéias derivadas, tais como temer ou estar desmoralizado. Pode-se fazer uma ligeira distinção entre os dois pelo fato de que o qal refere-se à idéia mais ampla de desmoralização ou estar aterrorizado, enquanto o nifal claramente assumiu o sentido de "temer".

Quanto ao qal, a quebra física ou literal é indicada ao descrever a terra "fendida", isto é, rachada, por causa da seca (ARC, TB, Jr 14.4; PIB, "gretada"; ARA, "deprimida"). A referência à "destruição" de "Misgabe" (Jr 48.1; ARA, "abatimento", e "fortaleza" em vez de "Misgabe") talvez esteja preservando o sentido da raiz.

A palavra, no entanto, tem, na maioria das vezes, significados secundários. Descreve o pavor ou pânico de líderes militares cuja coragem foi quebrada (Is 31.9). Com o sentido mais amplo de "desmoralizado", muitas vezes traduzida por "apavorado", ela pode descrever nações derrotadas (Is 20.5; Jr 48.20, 39), deuses de nações derrotadas (Jr 50.2) ou classes de pessoas (Jr 8.9). Em consonância com este sentido, o típico paralelo para o grau qal do verbo é *bôsh*, "estar envergonhado", como ocorre na maioria dos exemplos acima. A desmoralização que procede da frustração pode ser expressa por este verbo, conforme se vê aplicado aos três amigos de Jó depois de desistirem de discutir com ele (Jó 32.15).

Aplicado a pessoas, o nifal tem o significado de quebrar ou destruir: Efraim é despedaçado (Is 7.8), e os inimigos de Deus serão esmigalhados (1 Sm 2.10). Entretanto, a justiça de Deus jamais será quebrada (Is 51.6).

O sentido de "temer" é atestado algumas vezes em passagens onde o nifal é paralelo de outros termos indicativos de "medo". Descreve o pavor do exército hebreu ante o desafio de Golias (1 Sm 17.11) e aparece no mandamento negativo para não temer (Dt 1.21; Js 8.1). À semelhança de outros verbos que se referem a temer (*cf. yārē'* e *pāḥad*), pode indicar o respeito e a reverência diante do nome de Deus (Ml 2.5).

Outros graus derivados desenvolvem os sentidos mencionados acima. O piel é causativo, "[tu] me espantas" (Jó 7.14; observação: a maioria dos estudiosos considera o piel de Jeremias 51.56 um erro textual e traduz passiva ou declaradamente a palavra: "estão quebrados os seus arcos"). O hifil é causativo e significa "quebrar" (Is 9.4[3]) e "apavorar" (Jó 31.34; observe-se também a difícil passagem de Hc 2.17).

ḥat. ***I. Pavor, medo.*** Duas vezes a palavra refere-se à emoção íntima do medo (Gn 9.2; Jó 41.33[25]).

ḥat. ***II, quebrado, desmoralizado.*** Uma vez descreve os arcos quebrados dos poderosos (1 Sm 2.4) e outra vez descreve a desmoralização emocional (Jr 46.5; PIB, "aterrorizado").

ḥătat. ***Calamidade*** (KJV, "abatimento"; ASV, "pavor"). Descreve o estado de Jó (Jó 6.21). "Calamidade" ou "infortúnio", originários da idéia de "quebrar", é a tradução que melhor se encaixa no contexto.

ḥittâ. ***Pavor, medo.*** Palavra usada apenas uma vez (Gn 35.5) para indicar o pavor sobrenatural que se abateu sobre as cidades circunvizinhas após o massacre de Siquém.

ḥathat. ***Medos, pavores.*** Aparece apenas uma vez e no plural, referindo-se aos medos da velhice (Ec 12.5).

ḥittît. ***Pavor.*** Empregado apenas em Ezequiel 32.24-32 para descrever o pavor que se abateu sobre as nações graças a Tiro e ao poder militar de outras nações ali relacionadas.

mᵉḥittâ. ***Destruição, ruína, terror*** (KJV, ASV, "pavor"; RSV, "horror"). Três significados: 1) ruína física literal (Sl 89.40); 2) descrição de uma destruição num sentido abstrato (*e.g.*, Pv 10.14; 18.7) e 3) algo externo que causa pavor (Jr 17.17; 48.39). Em algumas passagens não está claro se a palavra descreve ruína em sentido abstrato ou pavor de origem externa (*e.g.*, Pv 10.15; 10.29). Não existem exemplos claros em que este termo se refira à emoção interna de pavor.

A.B.

ט

785 *טאטא (*tē'tē'*) ***varrer.*** Ocorre somente em Isaías 14.23, *wetē'tē'tîhā b'mat'ătē' hashmēd*, "varrê-la-ei com a vassoura da destruição".

Termo Derivado

785a מַטְאֲטֵא (*mat'ătē'*) ***vassoura.*** Ocorre somente em Isaías 14.23.

טְבוּל (*t'bûl*). Veja o n.º 788a.

טְבוּר (*tabbûr*). Veja o n.º 790a.

786 טָבַח (*tābah*) ***abater, trucidar, matar, massacrar.*** (A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante.)

Termos Derivados

786a טֶבַח (*tebah*) ***abate, matança, animal.***
786b טִבְחָה (*tibhâ*) ***carne de animal abatido, carne, abate, matança.***
786c טַבָּח (*tabbah*) ***cozinheiro, guarda-costas, guarda.***
786d טַבָּחָה (*tabbāhâ*) ***cozinheira.***
786e מַטְבֵּחַ (*matbēah*) ***matança.***

O sentido literal e básico desta raiz é o de "abater ou carnear deliberadamente um animal para servir de alimento", mas esse conceito é, na maioria das vezes, empregado metaforicamente para indicar a matança de pessoas. O sinônimo *zābah*, ainda que semelhante em suas nuanças básicas, transmite além disso a idéia de "matar para sacrifício", do qual o ofertante freqüentemente participa. *hārag* (*q.v.*) e *shāḥaṭ* (*q.v.*) são paralelos de *tābah*; *hārag* tem o sentido de matar violentamente num combate ou conflito, ao passo que *shāḥaṭ* enfatiza espancar a pessoa ou o animal a fim de matá-lo, pois o acadiano *shahātu* significa "tirar a pele", "matar para o sacrifício", o que por vezes incluía esfolamento.

O sentido central da raiz ocorre apenas três vezes (Gn 43.16; Êx 22.1[21.37]; 1 Sm 25.11). Usa-se a raiz predominantemente no sentido metafórico, apresentando o juízo do

Senhor sobre Israel e sobre a Babilônia como uma matança. Coloca-se a ênfase sobre os líderes de Israel, os "pastores", que ironicamente estão sendo abatidos. Essa carnificina é executada pela invasão de Nabucodonosor em 586 a.C. (Jr 25.34; Ez 21.10[15]), que deixa cadáveres trucidados nas ruas de Jerusalém (Lm 2.21). A maldição de Israel foi prometida na aliança mosaica (Lv 26; Dt 28), na qual Deus anuncia que, em última instância, amaldiçoará a rebeldia de Israel, privando-o de seus próprios rebanhos, os quais serão confiscados por estrangeiros e abatidos para servir de comida (Dt 28.26, 31). Embora a Babilônia seja a "espada" usada por Deus para "abater" Israel no juízo, a própria Babilônia também perecerá como um cordeiro levado ao matadouro pela ira do Senhor (Jr 51.40). Essa comparação com um cordeiro levado para o matadouro, enfatiza dois aspectos que essa raiz apresenta acerca do juízo. Primeiro, a vítima abatida não percebe as conseqüências da maldição em que está incorrendo, conforme está implícito na descrição que Jeremias faz de si como cordeiro levado para o matadouro pelos homens de Anatote, sem ter nenhuma consciência dos planos deles (Jr 11.19; *cf.* Jr 51.40). Essa idéia é vividamente transmitida pela palavra *tebah*, quando usada para descrever o jovem que não percebe as conseqüências de ser seduzido por uma prostituta (Pv 7.22). Segundo, o aspecto de planejamento por parte de quem executa a matança está bem claro em contextos onde se usa essa raiz (*cf.* Jr 11.19; Pv 7.22). Salmos 37.14 descreve os ímpios tramando "abater" os justos.

Um sentido peculiar de *tebah* e *tābah* ocorre em Provérbios 9.2, onde a "sabedoria" é personificada como alguém que está preparando uma refeição de "carne" (*tābhâ tibhāh*) para a humanidade tola comer.

tebah. ***Abate, matança, animal.*** tibhâ. ***Carne de animal abatido, carne, abate, matança.*** matbēah. ***Matança, matadouro.*** Usam-se estes três derivados para indicar a vítima abatida. O sentido de animal que é abatido se vê apenas em *tebah*, em Gênesis 43.16, e em *tibhâ*, em 1 Samuel 25.11 (como cognatos acusativos). Em outros casos, usa-se *tebah* para basicamente designar pessoas como vítimas de massacre, especialmente pelo juízo divino (*cf.* as duas exceções estudadas acima em Pv 7.22; 9.2). Em última instância, todas as nações experimentarão a vingança do Senhor demonstrada na matança delas (Is 34.2) por meio das campanhas militares da Babilônia (de 586 a.C. e posteriores) e no fim dos tempos. Israel será abatido pela "espada" do Senhor, a Babilônia (Ez 21.10, 15[15, 20] — observe-se a relação com *hārag*, "abater", *hălălîm* e *retsah*, "matança", em Ez 21.11, 14, 22[16, 19, 27]); Edom, Moabe, Amom e Babilônia serão levados pelo Senhor para o matadouro (Is 34.6; Ez 21.28[33]; Jr 50.27; *cf. matbēah* em Is 14.21). *tebah* enfatiza o juízo divino, mediante o qual Deus intenta castigar aqueles que se recusam a responder a seu chamado (Is 65.12) — aqueles que deixaram de compreender que a derradeira conseqüência de deixar de ouvir quando Deus fala é a destruição física.

Emprega-se *tebah* para descrever a morte do Messias por causa do pecado, enfatizando seu silêncio por meio de comparação com um cordeiro quando abatido (Is 53.7). Conquanto o cordeiro esteja calado por desconhecer o seu destino, certamente o Messias tinha plena ciência da vontade do Pai em sua morte, cujo aspecto pavoroso é transmitido pela figura do "matadouro".

O substantivo *tibhâ* é usado (em paralelo com *hārag*) em Jeremias 12.3 para indicar o julgamento dos ímpios e em Salmos 44.22[23] para referir-se à aflição de Israel, que os justos suportam por estarem ao lado do Senhor. Aparentemente *ebhâ* (Ez 20.15[21]) é um erro de escrita ou uma forma alternativa de *tibhâ*.

tabbah. ***Cozinheiro, guarda-costas, guarda.*** **tabbābâ.** ***Cozinheira.*** Estes dois derivados transmitem a idéia de um "cozinheiro" que abate um animal e prepara a carne: *tabbāh*, "cozinheiro" (apenas em 1 Sm 9.23, 24), e *tabbāhâ*, "cozinheira" (também só uma vez, em 1 Sm 8.13). O uso costumeiro de *tabbāh* descreve um "guarda-costas" ou "guarda". Gênesis emprega o termo junto com *sar* e *sārîs* para descrever Potifar e o carcereiro, altos funcionários no Egito. A nuança básica de "carrasco" permeia o desenvolvimento do substantivo, embora tanto na história de José no Egito (Gn 37—41) quanto na função de Nebuzaradã, o "chefe (*rab*) da guarda" de Nabucodonosor, em 2 Reis 25 e Jeremias 39—52, o sentido do termo tornou-se o de "alto oficial". Confirmação disso encontra-se no fato de outros oficiais serem mencionados paralelamente em Jeremias 39.13 — "eunuco-chefe" (PIB; ARA, "Rabe-Saris") e "mago-chefe" (PIB; ARA, "Rabe-Mague") — e no substantivo cognato aramaico encontrado em Daniel 2.14, que descreve um alto funcionário da corte encarregado de executar os sábios da Babilônia. Essa passagem talvez confirme que a função de "carrasco" ainda é responsabilidade de oficiais que recebem esse título. Seja no Egito, seja na Babilônia, o funcionário com esse título é o representante do rei para executar a disciplina, o juízo e a liderança.

Bibliografia: *TDNT*, v. 7, p. 929-33.

R.H.A.

787 טבל (*tābal*) ***I, mergulhar, imergir.*** (A ASV e a RSV traduzem de forma semelhante.)

O verbo transmite a idéia de imergir um objeto em outro: "pão" em "vinagre" (IBB; ARA, "vinho"; Rt 2.14), os "pés" na "água" (Js 3.15), uma "túnica" em "sangue" (Gn 37.31). *baptō* é a palavra geralmente usada pela LXX para traduzir essa raiz.

Usa-se o "mergulhar" no ritual religioso de purificação em Israel. (Veja em 1 Sm 14.27 um caso de "mergulhar" no sentido literal.) Na oferta pelo pecado, mediante a qual se faz expiação pela iniqüidade (seja do indivíduo, seja da nação), o sacerdote mergulha o dedo no sangue do animal sacrificado e borrifa-o perante o véu ou coloca-o sobre os cantos do altar (Lv 4.6, 17; 9.9). O pecador é identificado com o sangue derramado do animal, sangue este que representa a morte paga por causa do pecado. Hebreus 9.19-22 baseia-se nessa figura de purificação mediante o sangue. De modo semelhante, na Páscoa passava-se sangue nos batentes das portas, simbolizando assim o sangue do cordeiro que, como substituto, foi morto no lugar dos primogênitos (Êx 12.22). A idéia de identificação também ocorre no ritual de purificação dos leprosos (Lv 14.6, 16, 51; 2 Rs 5.14) e de quem encostar em algum cadáver (Nm 19.18). Mergulha-se hissopo, ou o dedo do sacerdote, em água ou óleo, agentes purificadores, e então borrifa-se sobre o objeto impuro para identificá-lo como algo purificado.

Jó 9.31 emprega a raiz para mostrar Bildade fazendo Jó "submergir" em sórdidas acusações. Alcançar bênção é descrito como "mergulhar" os pés em azeite (Dt 33.24; *cf.* Jó 29.6).

Bibliografia: *TDNT*, v. 1, p. 535-6.

R.H.A.

788 טבל (*tbl*) **II. Aceita como raiz de:**

788a טְבוּל (*t'bûl*) ***turbante.*** Ocorre somente em Ezequiel 23.15.

789 טבע (*tāba'*) ***abaixar, afundar, enterrar, afogar, fixar, plantar.***

Termo Derivado

789a טַבַּעַת (*tabba'at*) ***argola, anel, anel de sinete.***

O sentido central é de "afundar em algo". O sentido literal da raiz é claramente visto na pedra que afundou no crânio de Golias (1 Sm 17.49). Entretanto, em geral usa-se a raiz metaforicamente. Estar "atolado na lama" (Jr 38.6) transmite a idéia de alguém preso a determinada circunstância, quer indeciso e confuso (Jr 38.22), quer em meio ao pecado (Sl 9.15[16]), quer desesperado pela aflição e pela angústia (Sl 69.2, 14[3, 15]). A obra divina da criação é descrita em termos de "afundar" um alicerce (*lit.*; ARA, "fundar"; Jó 38.6 — em paralelo com "assentar a pedra angular") e de "firmar os montes" (Pv 8.25). Essa raiz transmite a idéia de destruição na queda da porta de Jerusalém ("sepultadas na terra", IBB, Lm 2.9) e no afogamento do exército egípcio no mar Vermelho (Êx 15.4).

tabba'at. ***Argola, anel, anel de sinete.*** Este termo denota um anel oficial de selagem de reis ou faraós e que, mediante sua marca, torna oficiais os decretos (Gn 41.42; Et 3.10, 12; 8.2, 8, 10). O sinônimo *hôtām* (*q.v.*) possui a mesma nuança e deixa implícito que o Messias, representado por Zorobabel, será o selo oficial divino e a garantia de todos os seus decretos (Ag 2.23). Esse sentido, ou o de um anel comum, aparece em Êxodo 35.22, Números 31.50 e Isaías 3.21. Emprega-se o substantivo 28 vezes em Êxodo para descrever as argolas usadas para manter o tabernáculo de pé, para transportar os móveis do tabernáculo e para prender na estola o peitoral do sacerdote.

R.H.A.

790 טבר (*tbr*). **Aceita como raiz de:**

790a טַבּוּר (*tabbûr*) ***parte mais elevada, centro.*** Ocorre somente em Juízes 9.37 e em Ezequiel 38.12.

791 טֵבֵת (*tēbet*) ***décimo mês (dezembro—janeiro).*** Este substantivo é um empréstimo do acadiano e ocorre em Ester 2.16. (Quanto a outros nomes de meses, veja o n.º 613b.)

טָהוֹר (*tāhôr*). Veja o n.º 792d.

792 טהר (*tāhēr*) ***ser (estar) puro, limpo.***

Termos Derivados

792a טֹהַר (*tōhar*) ***claridade.***

792b בְּהֹרֶת (*t'hār*) ***limpeza.***
792c טָהֳרָה (*tŏhorâ*) ***purificação.***
792d טָהוֹר (*tāhôr*) ***limpo, puro.***

A raiz *thr* é cognata do ugarítico *thr* (variante *zhr*), usada para designar as gemas de lápis-lazúli (*UT*, 19:1032); *cf.* o árabe do sul *thr*, "puro", e o árabe *tahara*, "ser (estar) puro, limpo". O verbo ocorre 94 vezes nos graus qal, piel, pual e hitpael. E empregado quase exclusivamente para designar pureza ritual ou moral. Contudo, uma vez no piel refere-se à ação de os ventos limparem os céus: "o vento que deixa [o céu] limpo" (Jó 37.21), e uma vez como particípio piel refere-se à purificação da prata (Ml 3.3).

No total, *tāhēr* e seus derivados ocorrem 204 vezes. Na grande maioria dos casos, aparecem na literatura sacerdotal: aproximadamente 44% em Levítico e Números, aproximadamente 16% em Êxodo (especialmente para designar o ouro puro destinado à adoração) e aproximadamente 14% em Crônicas e Ezequiel.

A LXX em geral traduz *tāhēr* e seus derivados por *katharizō*, *katharos*, *katharismos*, *etc.*, "purificar", "puro", "pureza".

Num sentido material, o adjetivo *tāhôr* é empregado para descrever o ouro puro dos acessórios do tabernáculo em várias passagens de Êxodo: da arca (25.11), do propiciatório (25.17), da mesa (25.24), de vários utensílios (25.29), do candelabro (25.31), da lâmina (28.36), do altar de incenso (30.3), *etc.* Fizeram-se vestes para Arão com cordões como de ouro puro (Êx 39.15); *cf.* Êxodo 37, *passim*. O candelabro de ouro também é descrito como candelabro puro (TB, Êx 31.8; 39.37).

Também de ouro puro eram os acessórios do templo (1 Cr 28.17), sua decoração interna (2 Cr 3.4) e o trono de Salomão (2 Cr 9.17). A "mesa puríssima" dos pães da proposição (ARA, 2 Cr 13.11) é interpretada pela IBB como "mesa de ouro puro".

O Senhor instruiu Moisés a fazer incenso aromático que seria "puro e santo" (Êx 30.35).

O valor da sabedoria excede o de pérolas, topázio e ouro puro (Jó 28.18-19). As palavras do Senhor são "palavras puras" (ARA), "sem mistura" (BJ, Sl 12.6[7]), como a prata.

Na visão de Zacarias (Zc 3.5), o sumo sacerdote Josué devia trocar suas vestes imundas por trajes ricos, inclusive um "turbante limpo" (IBB, "mitra limpa"). A pureza cintilante desse turbante simbolizaria a nova condição santificada de Josué.

A palavra *tāhēr* é usada para designar a purificação, quer pelo fogo, quer pela "água purificadora" (Nm 31.23), de despojos tomados na guerra. O verbo e seus derivados são, na maioria das vezes, usados para indicar a purificação necessária para restaurar alguém que ficou impuro (veja *tāmē'*) a uma condição de pureza, de maneira que essa pessoa possa participar das atividades rituais (Lv 22.4-7).

Após o nascimento de uma criança, a mãe tinha de aguardar certo período e, então, trazer certas ofertas a fim de ser purificada "do fluxo do seu sangue" (Lv 12.7, 8). Um homem que tivesse um fluxo aguardava sete dias e, então, lavava suas roupas e banhava-se a fim de ficar limpo (Lv 15.13). É incerta a identificação do fluxo (veja *zûb*). Seria diarréia? Ou qualquer ferida com secreção?

Um leproso que tivesse sido curado tinha de passar por uma cerimônia complexa para ser declarado limpo (Lv 14): era preciso apresentar duas aves "limpas" e vivas; o sacerdote matava uma das aves, mergulhava a que estava viva no sangue, borrifava o

homem com o sangue, declarava-o limpo e, então, soltava a ave (vv. 4-7); em seguida o homem tinha de lavar as roupas, rapar os pêlos e banhar-se (v. 8) e repetir tudo isso uma semana depois (v. 9); então o sacerdote sacrificava as oferendas que a pessoa fazia de cordeiros, cereais e azeite, e ungia partes do corpo da pessoa com sangue e azeite (vv. 11-20). Para os pobres estavam prescritas oferendas menos caras (vv. 21-32). O leproso curado por Jesus foi instruído a apresentar-se perante o sacerdote e oferecer, por causa de sua purificação, aquilo que Moisés ordenara (Mc 1.44; Mt 8.4; Lc 5.14; *cf.* Lc 17.14). Uma casa que tinha "lepra" era purificada mediante um processo semelhante (Lv 14.48-53). Veja *tsāra'at*, "lepra", "doença".

Para a purificação da contaminação resultante de contato com algo relacionado com morte, seja um cadáver, um túmulo, *etc.*, era preciso borrifar com uma "água purificadora" especial preparada com as cinzas de uma novilha vermelha (Nm 19); depois de a novilha ser queimada, uma pessoa limpa tinha de juntar as cinzas e colocá-las fora do acampamento num local limpo (v. 9); ao terceiro dia e ao sétimo dia de sua semana de impureza, a pessoa contaminada devia ser borrifada com essa água (vv. 11, 12); depois disso ela lavaria as roupas, banhar-se-ia e, então, estaria limpa (v. 19).

Soldados que matassem em combate também tinham de passar por essa purificação (Nm 31.19). Na visão que Ezequiel tem de Gogue, Israel passaria sete meses enterrando a multidão de cadáveres para purificar a terra (Ez 39.12, 14, 16).

Em particular, sacerdotes e levitas tinham de ser purificados para cumprir suas funções rituais. Moisés recebeu ordens de aspergir "a água da expiação" sobre os levitas para purificá-los (Nm 8.5-22). Mais tarde o dever dos levitas passou a incluir a purificação de tudo o que era santo no templo (1 Cr 23.28). Durante a reforma de Ezequias eles purificaram o templo (2 Cr 29.15).

No período pós-exílico, quando o templo foi reconstruído, os sacerdotes e os levitas se purificaram para que fosse possível comemorar a Páscoa (Ed 6.20). De modo análogo, quando da dedicação dos muros de Jerusalém, os sacerdotes e os levitas purificaram a si mesmos, o povo, as portas e os muros (Ne 12.30, 45). Quando Neemias voltou a Jerusalém pela segunda vez, ele purificou as câmaras do templo, que tinham sido contaminadas por Tobias (Ne 13.9), e determinou a purificação dos levitas e sacerdotes de tudo o que fosse estrangeiro (Ne 13.22, 30). Quando o Senhor voltar, ele purificará os filhos de Levi tal qual um "purificador" (*m'tahēr*) de prata (Ml 3.3).

O propósito da pureza ritual era ensinar a santidade de Deus e sua pureza moral. Levítico 16.30 declara: "Porque naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o SENHOR". Diz Hauck: "Pelo fato de a religião de Israel enfatizar tão vigorosamente a santidade de Deus, desenvolve com igual energia o conceito de pureza. A lei elabora toda uma série de regras. Algumas purificações são preparatórias. Colocam o homem num estado necessário de santidade para encontrar-se com Deus (Êx 19.10; Nm 8.15). Algumas são expiatórias. Restauram a pureza perdida mediante limpeza (Lv 16.1 e ss., 19.23 e ss.; Ez 39.12; 2 Cr 29.15; 34.3, 8)" (*TDNT*, v. 3, p. 416).

Em última instância não era a purificação ritual pelo sacerdote oficiante o que importava. mas o perdão de Deus, que tornava os homens limpos perante ele. Ezequias orou em favor daqueles que sinceramente buscavam o Senhor, embora talvez não observassem todas as regras de purificação ritual: "Porque uma multidão do povo, muitos de Efraim [...] não se tinham purificado, e contudo comeram a páscoa, não como está escrito; porém Ezequias orou por eles, dizendo: 'O SENHOR, que é bom, perdoe a todo

aquele que dispõe o coração para buscar o SENHOR Deus [...] ainda que não segundo a purificação exigida pelo santuário" (2 Cr 30.18, 19).

A santificação e a purificação rituais podiam ser feitas por idólatas ao se prepararem para adorar (Is 66.17). Por outro lado, conquanto o infiel Israel tenha apresentado oferendas insatisfatórias para o Senhor (Ml 1.7-10), um dia os gentios trariam uma oferta pura (Ml 1.11).

Não é a aparência externa, mas uma atitude interior que se exige para a verdadeira pureza. "O que ama a pureza do coração [...] terá por amigo o rei" (Pv 22.11). Acompanhando a LXX em Provérbios 15.26 a IBB traz: "Os desígnios dos maus são abominação para o Senhor; mas as palavras dos limpos lhe são aprazíveis". (A ARA segue o TM: "palavras bondosas [...] são aprazíveis".)

Nenhuma pessoa tem condições de alcançar a verdadeira pureza por si mesma. Ao contrário, "há aqueles que são puros aos seus próprios olhos, e que jamais foram lavados da sua imundícia" (Pv 30.12). Elifaz indaga: "Seria acaso o homem puro diante do seu Criador?" (Jó 4.17).

Apenas Deus pode purificar. A bem da verdade, existem aqueles que não serão purificados. O Senhor indaga a Jerusalém: "Até quando ainda não te purificarás?" (Jr 13.27). Mas, quanto a outros, o Senhor promete: "Purificá-los-ei de toda a sua iniqüidade, com que pecaram contra mim" (Jr 33.8).

O Senhor promete purificar em várias passagens fundamentais de Ezequiel: "Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados: de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei" (36.25; *cf.* 36.33); "Nunca mais se contaminarão com os seus ídolos [...] livrá-los-ei [...] e os purificarei" (37.23).

Que essa purificação não era apenas para o povo de Deus no futuro mas também para indivíduos se vê naquele que é o mais pessoal dos Salmos (Sl 51), em que o escritor, identificado no cabeçalho como Davi após seu pecado com Bate-Seba, exclama: "Lava-me completamente da minha iniqüidade" (v. 2[4]); "Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo" (v. 7[9]); "Cria em mim, ó Deus, um coração puro" (v. 10[12]).

Veja também *bar*, *bōr*, *bārar*, *zāk*, *zākâ*, *zākak*, *kābats*, *nāqî*, *rāhas*; quanto a "impureza", veja *tāmē'*.

tōhar. ***Claridade, purificação.*** Este substantivo é usado apenas uma vez para designar a claridade do céu, em Êxodo 24.10, "azul cristalino" (NEB), e duas vezes para indicar a purificação ritual, em Levítico 12.4, 6.

ṭ'hār. ***Limpeza, pureza.*** Este *hapax legomenon* ocorre em Salmos 89.44[45], passagem que fala do poder do Senhor em atirar o trono do rei ao chão. A KJV traz "fizeste cessar a sua *glória*". Alguns MSS. hebraicos trazem **mithār*, talvez "pureza, esplendor". A ARA traduz por "esplendor". Seguindo a emenda conjetural *matteh*, encontram-se a BLH, "sua autoridade", a BJ (marg.), "seu cetro de esplendor"; *cf.* NEB, "seu governo glorioso".

ṭōhorâ. ***Purificação, limpeza.*** Este substantivo é empregado 13 vezes, sempre designando pureza ritual.

ṭāhôr. ***Puro, limpo.*** O adjetivo ocorre 94 vezes e é usado em sentido literal, como em ouro "puro", em sentido ritual e em sentido ético.

Bibliografia: GIRDLESTONE, R. B., *Synonyms of the Old Testament*, Eerdmans, reimpressão, 1953, p. 142-6. — GISPEN, W. H., The distinction between clean and unclean, *Oudtestamentische Studiën* 5:190-6. — RINALDI, Giovanni, Note Ebraiche: Lev. c. 12 (טָהֵר; טָהֳרָה), *Aegyptus*, 34:50-5. — HUPPENBAUER, Hanswalter, טהר und טהרה in der Sektenregel von Qumran. *Theologische Zeitschrift*, 13:350-1. — VAUX, Roland de, *Ancient Israel*, 1961, p. 460-4 — MILGROM, Jacob, The biblical diet laws as an ethical system, *Interpretation*, 17:288-301. — HAUCK, F., & MEYER, R., katharos, *TDNT*, v. 3, p. 413-23. — NOTH, Martin, *Leviticus*, SCM, 1965. — SNAITH, N., *Leviticus and Numbers*, Nelson, 1967. — PASCHEN, Wilfried, *Rein und unrein*, Kösel-Verlag, 1970. — NEUSNER, Jacob, *The idea of purity in ancient Judaism*, Brill, 1973, p. 7-31. — LEVINE, Baruch, *In the Presence of the Lord*, Brill, 1974, p. 77-91. — HARRIS, R.L., *Man — God's eternal creation*, Moody, 1971, p. 139-44. E.Y.

793 טוֹב (*tôb*) ***(ser) bom, prestativo, agradável, favorável, feliz, direito.*** Hifil, "fazer o bem".

Termos Derivados

793a טוֹב (*tôb*) ***bom, bem (substantivo).***

793b טוּב (*tûb*) ***coisas boas, bondade.***

793c טוֹבָה (*tôbâ*) ***bem, bem-estar.***

Esta raiz refere-se ao "bem" ou à "bondade" em seus sentidos mais amplos. Podem-se assinalar cinco áreas gerais de significado: 1) o bem prático, econômico ou material; 2) a bondade abstrata, tal como a vontade de possuir, o prazer e a beleza; 3) valor qualitativo ou preço elevado; 4) a bondade moral e 5) o bem filosófico. Este verbete encontra-se organizado como segue: 1) o verbo *tôb*; 2) o adjetivo *tôb*, junto com seus empregos como substantivo; 3) o substantivo *tûb*. Com freqüência é difícil fazer distinção entre derivados do verbo *tôb* e do adjetivo *tôb*. Em vista do objetivo deste estudo, essa dificuldade é insignificante, visto que tanto o verbo quanto o adjetivo cobrem a mesma gama de sentidos.

Freqüentemente o verbo ocorre com um sujeito impessoal, "é bom que...". Essa expressão idiomática pode descrever um estado de felicidade ou bem-estar como quando descreve o bem-estar ilusório dos hebreus no Egito (Nm 11.18), o bem-estar de um escravo que possui um bom senhor (Dt 15.16) e a satisfação descontraída que Saul experimentou com a música de Davi (1 Sm 16.16). Ser bom para com alguém ou aos olhos de tal pessoa indica o desejo ou vontade daquele que é bom. Foi bom aos olhos de Deus (isto é, foi da vontade de Deus) abençoar Israel (Nm 24.1). Jó indaga a Deus se era da vontade de Deus oprimi-lo (Jó 10.3). Balaão viu as tendas de Israel como boas, apropriadas, belas ou atraentes (Nm 24.5). O prazer ou a vontade de possuir é o sentido quando se diz que o amor de uma mulher é "melhor" do que o vinho (Ct 4.10). O adjetivo *tôb* também indica a alegria produzida pelo beber vinho (Et 1.10).

O hifil tem o sentido de engajar-se ativamente no bem, em contraste com o sentido estativo do qal. Pode referir-se ao fazer algo prático e bom a outra pessoa, como o que os hebreus prometeram a Hobabe (Nm 10.29, 32), ou então ao fazer aquilo que é certo. Tanto Jeú (2 Rs 10.30) quanto Davi (1 Rs 8.18) são por isso elogiados. (Alguns supostos exemplos do hifil deste verbo são mais bem classificados como formas de *yātab*, *q.v.*).

tôb. ***Bom, agradável, belo, que dá prazer, alegre, jubilante, precioso, correto, justo.*** (Os substantivos *tôb* e *tôbâ* são tratados como usos substantivados do adjetivo, visto que não existe nenhuma distinção de sentido entre eles.) O hebraico muitas vezes emprega *tôb* quando, em português, usamos uma palavra mais específica, tal como "belo" ou "caro", "dispendioso".

Inúmeras passagens confirmam o uso de "bom" para designar o benefício prático ou econômico. As frutas do Éden (Gn 2.9) e o cereal do sonho de Faraó (Gn 41.5, 36) eram bons para comer. O "bem" que foi José ser feito escravo (Gn 50.20) incluiu benefícios práticos como comida e sobrevivência do povo. Desvantagens para a prática administrativa estavam envolvidas no modo de Moisés julgar, que "não [era] bom" (Êx 18.17). Outros bens de natureza prática e indicados por este termo são: a promessa de vitória negada a Acabe (2 Cr 18.7); hospitalidade e amizade (Gn 26.29); conselho benéfico (2 Sm 17.7, 14); prosperidade econômica geral (1 Rs 10.7); prosperidade na lavoura (IBB; Os 10.1; *cf.* ARC, "bondade da terra"); e as intenções divinas (Am 9.4). Acerca da vida violenta (Pv 16.29) e de ações que minavam o moral da nação (Ne 5.9), diz-se que isso "não é bom". O "bem" do trabalho pode ser referência ao ganho que se obtém com ele (Ec 3.13; mas *cf.* RSV, "prazer").

"Bom" ou "bem" é empregado para indicar uma ampla variedade de perspectivas abstratas. No que diz respeito à fama e à reputação, um bom nome é melhor do que descendentes (Is 56.5). Na sua lealdade com Aquis, seu senhor feudal, Davi é descrito como "bom" (1 Sm 29.9; RSV, "inculpável"; BLH, "fiel"). Eliú desafiou seus companheiros a determinar o que era bom no que dizia respeito ao que era verdadeiro e de valor (Jó 34.4). Para os sábios, a lentidão em irar-se era mais desejável do que a força violenta do guerreiro ideal (Pv 16.32). De forma semelhante, a criança pobre e sábia era "melhor" do que o rei obstinado (Ec 4.13).

O vocábulo pode também ter a denotação de bondade estética ou sensual. Descreve a beleza, ou desejabilidade, das "filhas dos homens" para os "filhos de Deus" (Gn 6.2), a beleza de Rebeca (Gn 24.16) e a beleza de Bate-Seba (2 Sm 11.2). 1 Samuel 16.12 diz que Saul era de "boa" aparência. O prazer experimentado por meio dos órgãos do sentido está implícito ao descrever certa cana aromática como "melhor" (Jr 6.20), e na opinião de Naamã de que as águas de Damasco eram "melhores" do que as águas barrentas do Jordão (2 Rs 5.12). A desejabilidade daquilo que agrada aos sentidos está presente na descrição de uma vindima como melhor do que outra (Jz 8.2).

Com freqüência, "bom" significa "feliz". Descreve o momento feliz do casamento de um rei (Sl 45.1[2]). Pode-se descrever um banquete alegre como um "dia bom" (*lit.*, Et 8.17; ARA, "festas"; *cf.* 1 Sm 25.8). O "coração bom" descreve felicidade (*lit.*, 2 Cr 7.10 [ARA, "contente"]; Pv 15.15). A felicidade pode ser induzida pelo álcool (Ec 9.7).

Uma expressão idiomática relacionada é "bom aos olhos de..." para expressar preferência ou vontade. Exemplos são a preferência de um escravo fugido por residir em determinado local (Dt 23.16; ARA, "onde lhe agradar") e a escolha de maridos pelas filhas de Zelofeade (Nm 36.6). A vontade de Deus pode ser expressa dessa maneira (1 Sm 3.18). A expressão também descreve desejos pervertidos, pecaminosos (Gn 19.8; Jz 19.24). Em tais casos, a expressão idiomática não tem, em si só, significado moral.

tôb pode incluir idéias de qualidade superior ou de valor relativo. Desse modo descreve o ouro "puro" de Havilá (Gn 2.12) e a alta qualidade de óleos aromáticos (Ct 1.3; ARA, "ungüentos"). A obra artesanal de qualidade é assim designada (Is 41.7), como também a qualidade ou nobreza do caráter humano.

Um uso importante deste termo refere-se à bondade moral. A ordem "aparta-te do mal e pratica o que é bom" (Sl 34.14[15]) claramente faz um contraste entre "o que é bom" e o mal moral. O "bom caminho" que Deus ensinará a seu povo relutante refere-se à vida moral (1 Rs 8.36). "Bom" e "reto", *yāshār*, são muitas vezes paralelos para designarem a bondade moral (2 Cr 14.1; 31.20).

Finalmente, Eclesiastes emprega *tôb* no sentido filosófico de *summum bonum*. Eclesiastes 2 diz ao leitor que não há bem maior do que a vida de prazer hedonístico (v. 24) e, nesse contexto, levanta a questão de qual é o "bem" que o homem deve procurar. Outras referências podem ser interpretadas da mesma maneira (Ec 3.22; 8.15).

Alguns usos mesclam dois ou mais dos campos semânticos analisados acima. "Terra boa" era, na antiga aliança, uma expressão que incluía nuanças práticas, econômicas e estéticas (Dt 1.25; Js 23.13). De igual forma, o conceito de Deus como "bom" é rico em nuanças de todos os sentidos possíveis do termo "bom" (1 Cr 16.34; Sl 145.9). À luz do estudo acima, cada uso em particular deve ser claramente examinado para verificar quais dos sentidos acima são possíveis.

Várias expressões literárias requerem um tratamento à parte. "Bem e mal" serve de expressão idiomática para designar universalidade (Nm 24.13; 2 Sm 13.22). Alguns têm sugerido que a árvore do conhecimento do bem e do mal não envolve nada mais do que essa idéia de universalidade (Gn 2.9), mas o contexto total dos capítulos iniciais de Gênesis baseia-se num significado moral da frase. Reconhecer como "boa" a palavra dita por outrem era indicar anuência ou aceitação; o juízo moral não está em jogo (2 Rs 20.19; *cf.* 1 Sm 20.7). Os "olhos bondosos" (IBB) indicam generosidade (Pv 22.9; *cf.* ARA). Em Eclesiastes, "ver o bem" é traduzido por "experimentar as coisas boas ou os prazeres da vida" (Ec 5.18[17]; ARA, "gozar do bem"; Ec 6.6; ARA, "não gozar o bem").

tûb. ***Bens, prosperidade, bondade, formosura, afabilidade.*** As mesmas categorias de significado do adjetivo examinado acima aplicam-se ao substantivo, com exceção do uso técnico no campo de filosofia. Refere-se a coisas materiais nos acertos entre José e sua família (Gn 45.18, 20, 23) e nos bens levados na procura de uma noiva para Isaque (Gn 24.10), embora este último caso envolva valor tanto qualitativo como econômico. Quanto a sentidos abstratos, "bondade de coração" refere-se a alegria (Dt 28.47; Is 65.14). A beleza estética está envolvida em Oséias 10.11 (*lit.*, "formosura do pescoço", ARA; possivelmente também Zc 9.17). A "bondade" de Deus, à qual pode-se recorrer em busca de perdão (Sl 25.7), tem algo a ver com a benignidade ou a atitude de graça. O "bom juízo e conhecimento" podem ser referência ao acerto naquilo que se pensa (Sl 119.66; *lit.*, "justeza de juízo e conhecimento"). Com base no contexto (vv. 17-20), a bondade moral de Deus é o objeto de louvor em Salmos 145.7. Esses exemplos mostram que os significados desse termo são quase tão amplos quanto os do adjetivo; por isso, toda a gama de sentidos possíveis para o adjetivo deve ser levada em conta na exegese desses termos.

Bibliografia: *TDNT*, v. 1, p. 13-5. — *THAT*, v. 1, p. 652-63.

A.B.

794 טָוָה (*tāwâ*) ***fiar*** (Êx 35.25, 26).

Termo Derivado

794a מַטְוֶה (*matweh*) ***aquilo que é fiado***, isto é, o fio (Êx 35.25).

795 בּוּחַ (*tûah*) ***revestir, rebocar com argamassa, recobrir, sujar***.

Termos Derivados

795a בִּיחַ (*tîah*) ***revestimento,*** somente em Ezequiel 13.12.

795b תְּחוֹתִי (*tuhôt*) ***partes interiores.***

O sentido básico desta raiz é o de cobrir algo com outra coisa. É empregada para descrever o revestimento com prata das pedras do templo (1 Cr 29.4) e o processo de purificar uma casa infectada com uma praga ("lepra"?; Lv 14.42-48). Os sacerdotes removem o reboco ou pedra infectados, onde estava a doença, e consertam a casa com novas pedras e reboco. Em liguagem figurada, os falsos profetas *tûah*, "rebocam" (IBB) com argamassa (ARA, "caiam") para esconder a verdade divina (Ez 13.10-15) ou a impiedade dos políticos (Ez 22.28).

tuhôt. ***Partes interiores.*** Este substantivo (encontrado duas vezes no AT) descreve um objeto coberto, escondido ou oculto. Salmos 51.6[8] claramente tem o sentido de "íntimo" — o homem interior coberto pelo corpo. *tuhôt* é paralelo de *sātum*, "local trancado" (ARA, "recôndito"), e com o centro da natureza pecaminosa (v. 5), que denota a morada da verdade ou fidelidade, em outros lugares mencionada como "coração" (Sl 15.2; *cf.* 1 Sm 12.24). Há divergência quanto à etimologia desta palavra em Jó 38.36, e o sentido da palavra que lhe faz paralelo poético é objeto de debate. Entende-se *tuhôt* como: 1) o "ser interior do homem" (*cf.* Sl 51.6[8]); 2) "nuvens" (no sentido daquilo que é coberto; ARA, "camadas de nuvens"); ou 3) "Toth", isto é, íbis, ave adorada pelos egípcios (no que seria paralelo de "galo", possível tradução de *sekwî*; ARA, "meteoro"). O contexto descreve a incapacidade humana de controlar a tempestade e as nuvens de chuva. O versículo 36 deixa implícito que Deus é a fonte de sabedoria implantada quer no homem interior (talvez a melhor tradução), quer numa nuvem, para fazê-la dar a chuva, quer na íbis. [Quanto a uma análise deste terceiro ponto de vista, o de que *tuhôt* é o deus egípcio da sabedoria e de que *sekwî* é "galo" ou o planeta Mercúrio (com base no copta *souchi*; assim interpreta Pope em seu comentário sobre Jó, em *AB*, p. 302), veja os comentários de Albright em *YGC*, p. 244-8. Com base no ugarítico ele sustenta que *tuhôt* de fato refere-se a Toth, mas que *sekwî* significa "marinheiro" (ugar., *thkt*, "navio", *UT*, 19:2680). Afirma ele que *souchi*, palavra copta para Mercúrio, é um equívoco de estudiosos modernos de copta. A tradução possível seria, então: "Quem põe sabedoria em Toth (ou na íbis, símbolo de Toth) ou quem dá entendimento ao marinheiro?". Levando-se tudo em conta, o primeiro ponto de vista, conforme indicado acima, é provavelmente o preferível. R.L.H.]

R.H.A.

796 טוּת (*twt*), טִיט (*tyt*). **Aceita como raiz de:**

796a טִיט (*tît*) ***lodo, lama, pó molhado, barro, lamaçal.***

797 טִיל* (*tûl*)

O termo indica terra molhada, sedimento ou barro de construção. *yāwēn* tem sentido semelhante; *repesh* possui a nuança de "borra". Usa-se *'āpār* em paralelismo antitético de *tît* — o pó seco em contraste com o molhado. Desconhece-se o sentido da raiz verbal (*BDB*), embora haja um cognato acadiano, *titu*.

Existem dois sentidos literais básicos: "lama" ou "lodo", que se sedimenta numa cisterna (*cf.* Jr 38.6), e barro usado para fazer tijolo (Na 3.14). Duas vezes emprega-se o sentido literal em símiles. O leviatã (Jó 41.1, IBB) é representado como um crocodilo (ARA) cujas escamas deixam marcas na "lama" (Jó 41.30[22]), e o desassossego dos ímpios é descrito como um mar turbulento que agita o "lodo" que há no fundo (Is 57.20).

Figuradamente, usa-se esse substantivo para apresentar o livramento dos inimigos que Deus concede aos crentes (2 Sm 22.43), ou o juízo divino contra seus adversários (Mq 7.10; Zc 10.5), ao neles pisar como se pisa a "lama" ou o pó nas ruas. A figura de alguém afundar num "charco de lodo" é usada para descrever a instabilidade, a solidão e a necessidade de alguém em desespero. (IBB, *tît yāwēn*, *lit.*, "lama de lodo"; Sl 40.2[3]; veja também 69.2, 14[3, 15]; *cf.* ARA, "tremedal de lama"). A muita "lama" nas ruas antigas é usada para descrever a riqueza que Tiro possuía em ouro (Zc 9.3).

R.H.A.

טוֹטָפוֹת (*tôtāpôt*) Veja o nº 804a.

797 *טוּל (*tûl*) ***atirar, jogar.*** Não ocorre no qal.

Termo Derivado

797a טַלְטֵלָה (*taltēlâ*) ***arremesso.*** Ocorre somente em Isaías 22.17.

טוֹפַח (*tôpah*), טֹפַח (*tōpah*). Veja o nº 818c.

798 טוּר (*twr*). **Aceita como raiz de:**

798a טוּר (*tûr*) ***fila.***

798b טִירָה (*tîra*) ***acampamento, fileira de pedras, ameia.***

799 טוּשׁ (*tûs*) ***atirar, lançar.*** Ocorre somente em Jó 9.26, *k'nesher yātûs 'ălê 'ōkel*, "como a águia que se lança sobre a presa".

800 טָחָה (*tāhâ*) ***atirar, lançar.*** Ocorre somente em Gênesis 21.16 (no palel), *harhēq kimtahāwê qeshet*, literalmente, "tornando distante como atiradores de arco", isto é, aproximadamente à distância de um tiro de arco.

טָחַח (*tuhâ*), טָחוֹת (*tuhôt*). Veja o nº 795b.

טְהוֹן (*t'hôn*) Veja o nº 802a.

טְהוֹר (*t'hôr*) Veja o nº 803a.

801 טָחַח (*tāhah*) ***ser (estar) besuntado.*** Ocorre somente em Isaías 44.18.

802 טָחַן (*tāhan*) ***moer, esmagar.***

Termos Derivados

802a טְחוֹן (*t'hôn*) ***mó.*** Ocorre somente em Lamentações 5.13.
802b טְחֲנָה (*tahănâ*) ***moinho.*** Ocorre somente em Eclesiastes 12.4.

tāhan significa reduzir a pó mediante atrito entre dois objetos mais duros (*cf.* Êx 32.20; Nm 11.8; Dt 9.21).

Num sentido figurado, *tāhan* descreve a opressão política extremada contra os pobres (como paralelo de *dākā'*, Is 3.15), a submissão da esposa mediante o desempenho das tarefas domésticas costumeiras (Jó 31.10), a humildade de realizar atividades vis em conseqüência de julgamento (Is 47.2) e os dentes (Ec 12.3).

R.H.A.

803 טחר (*thr*). **Aceita como raiz de:**

803a טְחוֹרִים (*t'hôr*) ***hemorróidas, tumor.***

Um inchaço ou tumor. *UT*, 19:1034 (*thr*), não oferece nenhum significado. *t'hôr* (sempre no plural) é seis vezes a leitura do TM (qere) para a palavra *'ōpel*; *t'hôr* é utilizada duas vezes sem ser emendada (1 Sm 6.11, 17). A raiz verbal não é encontrada em hebraico, mas significa "ejetar" em aramaico e "fazer força ao evacuar" (*BDB*).

t'hôr, como leitura emendada (qere), foi provavelmente usada pelos massoretas como eufemismo em lugar de *'ōpel*. Deuteronômio 28.27 relaciona *'ōpel* com o termo genérico *sh'hîn*, "furúnculo" ou "erupção", e com outras doenças da pele — escorbuto e sarna. Esses são problemas físicos que Iavé trará sobre Israel como juízo por desobedecerem à aliança mosaica. Em 1 Samuel 5 e 6, muitos traduzem o termo por "tumor" devido à sua descrição como "praga" (*maggēpâ*) e à sua associação com "ratos", conhecidos como transmissores da peste bubônica, a qual se caracteriza por inchaços nas glândulas linfáticas da virilha, axilas, *etc.* (1 Sm 6.3, 4). Foi possível visualizar essa doença com imagens. Os filisteus fizeram imagens de ouro dos "tumores" e dos "ratos" para servirem de ofertas pela culpa (*'āshām*) em que incorreram ao violarem os direitos de Iavé. Deram-se essas imagens do juízo de Iavé sobre os filisteus como uma restituição pela sua culpa (1 Sm 6.3) a fim de assegurar a cura de uma forma talvez homeopática.

R.H.A.

804 טטף (*ttp*). **Aceita como raiz de:**

804a טוֹטָפוֹת (*tôtāpôt*) ***filactérios, frontal, faixa, sinal.***

Em hebraico, sempre no plural. A palavra denota marca ou sinal colocado na testa, entre os olhos, como memorial. Debate-se o fato de a raiz verbal ser *ttp* (*BDB*), "circundar", ou *tpp*, "bater" ou "bater de leve".

A colocação de "frontais" na testa está sempre associada com fazer "sinais na mão". Uma maneira comum de identificar escravos no antigo Oriente Médio era marcar-lhes as mãos e as testas ou uma das duas. Talvez esses "frontais" estivessem marcando os israelitas como servos do Senhor, que deveriam ser identificados ao deixar que a lei permeasse seus pensamentos e ações. O "sinal" literal (qualquer que fosse sua forma) adquiria seu sentido básico na identificação figurada dos mandamentos de Deus com os "frontais" — os estatutos da festa dos pães asmos (Êx 13.1-10), as leis acerca dos primogênitos (Êx 13.11-16) e as determinações gerais da aliança mosaica (Dt 6.8; 11.18). Esses "frontais" deviam ser um "memorial" na testa (*cf.* a substituição de *tôtāpôt* por *zikkārôn* em Êx 13.9), lembrando os israelitas de meditarem nos mandamentos do Senhor e de guardá-los. Mais tarde houve judeus que usaram esses "frontais" de forma literal e ostensiva e foram repreendidos por Jesus (Mt 23.5). Eles amarravam caixinhas nas testas e nos pulsos e nelas colocavam versículos bíblicos para servir de lembrete. Um desses filactérios foi encontrado nas cavernas de Qumran.

טִיחַ (*tîaḥ*) Veja o nº 795a.

טִיט (*tît*) Veja o nº 796a.

טִירָה (*tîrā*) Veja o nº 798b.

טַל (*tal*) Veja o nº 807a.

805 טָלָא (*tālā'*) ***remendar, manchar.***

806 טלה (*tlh*). **Aceita como raiz de:**

806a טָלֶה (*tāleh*) ***cordeiro, cordeirinho.*** Um "cordeiro novo" (*cf.* 1 Sm 7.9). A raiz *tlh* é desconhecida (*BDB*).

A ternura e a bondade divinas mostram-se no pastorear os súditos de seu reino como "cordeirinhos" (Is 40.11). O ambiente perfeito do milênio — sem nenhum medo ou risco — é visualizado por meio de um cordeiro indefeso alimentando-se ao lado de seu eterno destruidor (Is 65.25).

R.H.A.

טַלְטֵלָה (*taltēlâ*) Veja o nº 797a.

807 טלל (*tll*). **I. Aceita como raiz de:**

807a טַל (*tal*) ***orvalho.***

Ugarítico *tl*, "orvalho", e verbo *tll*, "orvalhar" (*UT*, 19:1037). Este substantivo masculino provém da raiz aceita, *tālal*. A grande diferença de temperaturas entre o dia e a noite na Palestina provoca um forte orvalho, o que mantém viva a vegetação durante o verão. A quantidade de orvalho varia nas diferentes regiões, mas em Gaza cai orvalho 250 noites por ano. A Bíblia com freqüência assinala essa característica. Passar a noite do lado de fora significava ficar com a cabeça "cheia de orvalho" (Ct 5.2). Considerado uma dádiva dos céus (Dt 33.28; Pv 3.20), o orvalho foi retido por Deus por causa de

desobediência (Ag 1.10), foi retido junto com as chuvas devido à oração de Elias (1 Rs 17.1), mas foi concedido em épocas do favor divino (Zc 8.12). Uma vez que o orvalho era considerado uma bênção (Gn 27.28) e a sua falta era uma privação (Gn 27.39) ou uma maldição (2 Sm 1.21), Jó é incapaz de responder quem lhe dava origem (Jó 38.28).

O orvalho matinal do deserto era acompanhado de maná, que permanecia no chão após o orvalho ter evaporado (Êx 16.13, 14; Nm 11.9). O sinal dado a Gideão — haver orvalho no tosão de lã mas não no chão ao redor — foi, então, invertido: o chão ficou molhado, e o tosão, seco (Jz 6.37-40), o que seria tão incomum quanto o primeiro sinal.

Figuradamente, o favor de Deus e do rei (Pv 19.12), a fala do homem (Dt 32.2) e a bênção que é a unidade entre irmãos (Sl 133.3) são comparados com o orvalho que cai. O olhar atento e tranqüilo de Deus é como uma nuvem de orvalho (Is 18.4). A prosperidade primeira de Jó é comparada a orvalho sobre os ramos (Jó 29.19). Um ataque inesperado (2 Sm 17.12), a influência de Jacó sobre as nações (Mq 5.7[6]) e o vigor da juventude (Sl 110.3) também são comparados ao orvalho. Em sua infidelidade Israel era como o orvalho que cedo vai embora (Os 6.4; 13.3).

Bibliografia: BALY, Denis, *The geography of the Bible*, 1957, p. 43-5.

J.P.L.

808 *טָלַל (*tālal*) ***II, cobrir, telhar.*** Ocorre somente no grau piel (Ne 3.15; Gn 19.8).

809 טָמֵא (*tāmē'*) ***ser (ficar) impuro, imundo.***

Termos Derivados

809a טְמֵאָה (*tāmē'*) ***impuro, imundo.***

809b טֻמְאָה (*tum'a*) ***impureza.***

809c טֹמְאָה (*tom'â*) ***impureza,*** somente em Miquéias 2.10.

tāmē' é cognato do aramaico judeu *t'mā'*, do siríaco *tama'*; *cf.* o árabe egípcio *tamy*, "lama de aluvião", derivado de *tamā*, "transbordar". O verbo ocorre 155 vezes nos graus qal, nifal, piel, pual hitpael e hotpaal. Ocorre apenas uma vez no grau pual, em Ezequiel 4.14, e uma vez no hotpaal, em Deuteronômio 24.4.

No total, *tāmē'* e seus derivados ocorrem 279 vezes, sendo aproximadamente 64% em Levítico e Números e 15% em Ezequiel. A LXX traduz essas palavras por *akathartos* 121 vezes, *akatharsia* 38 vezes, e *miainō* 94 vezes, que significam, respectivamente, "impuro", "impureza" e "contaminar".

Os animais e os alimentos eram considerados puros ou impuros conforme a sua natureza. As pessoas e os objetos podiam tornar-se cerimonialmente impuros. Era possível incorrer em impureza pessoal mediante o nascimento, a menstruação, os corrimentos do corpo, a lepra, as relações e as faltas sexuais e o contato com algo morto. Os sacerdotes e os levitas tinham especial interesse nas questões de pureza e impureza.

A maior impureza era a idolatria, que contaminava o templo e a terra. Os profetas, ao denunciar a impureza moral, empregaram a impureza cerimonial como metáfora para indicar a impiedade que somente Deus é capaz de purificar.

A maioria das ordenanças que tratavam da impureza ritual aparece em Levítico

11—15: o capítulo 11 trata de animais limpos e imundos; o capítulo 12, do nascimento: os capítulos 13 e 14, da lepra; e o capítulo 15, de fluxos do corpo e da menstruação.

Levítico 7.19-21 estipula que alguém que tivesse tido contato com qualquer coisa impura não deveria comer do sacrifício. Alguém impuro que o fizesse deveria ser morto. (Uma pessoa impura poderia comer carne não consagrada, Dt 12.15, 22.) A pessoa impura deveria ser mandada para fora do acampamento, pois no meio dele habitava o Senhor (Nm 5.1-4; *cf.* Lv 15.31).

Gênesis 7.2 fala de animais limpos e imundos que Noé levou para dentro da arca. e Gênesis 8.20 fala dos animais limpos que ele sacrificou ao Senhor. Os animais imundos que estão relacionados em Levítico 11 incluem: o camelo, a lebre e o porco (vv. 1-8); seres marinhos sem barbatanas ou escamas, por exemplo, a enguia (vv. 9-12); aves como o corvo e o urubu, que comem carniça (vv. 13-19); a maioria dos insetos, com exceção do gafanhoto (veja *'arbeh*, vv. 20-23); e animais rastejantes, tais como a doninha, o rato e o lagarto (vv. 29-31). *Cf.* Deuteronômio 14.3-21.

Era necessário quebrar ou jogar fora coisas como utensílios de barro, fornos, comida e bebida que tivessem sido contaminadas, por exemplo, por um rato (Lv 11.33-35).

Foi com o objetivo de não se contaminarem com alimentos que os judeus consideravam não-*kosher*, isto é, imundos, que, na Babilônia, Daniel e seus amigos decidiram ingerir apenas vegetais e água (Dn 1.8; *cf.* 1 Mc 1.62, 63; 2 Mc 7).

Depois de dar à luz um filho, a mulher era considerada impura por sete dias, até a circuncisão do menino, e, então, por mais 33 dias, até "purificar-se do seu sangue" (Lv 12.2-4). Caso tivesse tido uma menina estaria impura durante 80 dias (Lv 12.5). O nascimento não era apenas um processo misterioso; envolvia também impureza cerimonial (*cf.* Gn 8.21; Jó 14.1, 4; 15.14; 25.4).

As relações sexuais resultavam por si só em impureza cerimonial até o pôr-do-sol. Tanto o homem quanto a mulher deviam banhar-se em água para serem purificados (Lv 15.18). As relações eram proibidas durante a impureza menstrual da mulher (Lv 15.24; 18.19).

A menstruação normal da mulher tornava-a impura por sete dias (Lv 15.19-24). Quando Davi, olhando do terraço do palácio, observou Bate-Seba a banhar-se, ela estava "se purificando da sua imundícia" (2 Sm 11.4).

Uma mulher com fluxo de sangue além do seu período normal era considerada impura até sete dias após o término desse fluxo (Lv 15.25-28). Desse modo, a mulher com o problema de hemorragia e que foi curada por Cristo, continuamente contaminava tudo ao redor. Mas, em vez de Jesus ser contaminado, a mulher foi purificada (Mt 9.20 e ss.; Mc 5.25 e ss.; Lc 8.43 e ss.).

Um homem que tivesse fluxo ou emissão do seu "corpo" era considerado impuro por sete dias (Lv 15.2-13). Embora a descrição do fluxo não seja explícita, provavelmente era um fluxo anormal pelo pênis, mas pode ter incluído qualquer ferida supurada, diarréia ou corrimento em alguma ferida.

Aparentemente a enfermidade representada pela palavra hebraica *tsāra'at* em Levítico 13 e 14 não era lepra de verdade, a *elephantiasis graecorum* ou, como é denominada hoje em dia, hanseníase. No entanto, a LXX e a Vulgata traduziram-na por *lepra*; *cf.* NEB, "doença maligna da pele"; BLH, "doença contagiosa". Parece que a "lepra" (ARA) de Levítico 13 e 14 refere-se a doenças da epiderme, entre as quais, furúnculo, exantema, impetigo e tinha. Eram cerimonial e biologicamente contagiosas. Eram, talvez, mais significativas as doenças contagiosas e perigosas associadas com sintomas na pele.

tais como escarlatina e varíola.

Ao aparecer a "lepra", o paciente devia ser examinado pelo sacerdote, depois de uma quarentena de uma ou duas semanas (Lv 13.45). Caso declarado impuro, devia, até se recuperar, vestir roupas rasgadas, deixar o cabelo desgrenhado, cobrir o lábio superior e gritar "imundo, imundo!" (Lv 13.45, 46; *cf.* Lm 4.14, 15). Uma vez curado, devia apresentar-se ao sacerdote, que declará-lo-ia limpo (Lv 14.1-32; veja *tāhēr*).

A palavra *tsāra'at* também é empregada para designar o mofo, bolor ou fungo que se espalhasse em roupas (Lv 13.47-59) e nas paredes de um prédio. Queimavam-se tais roupas caso a "lepra" persistisse, e o prédio tinha de ser posto abaixo (Lv 14.45) se a "lepra" continuasse.

A morte era especialmente contaminante. O sacerdote não devia contaminar-se com a morte, com exceção da de seus parentes mais chegados (Lv 21.1-3; Ez 44.25). O sumo sacerdote não devia contaminar-se nem mesmo por causa de seu pai ou sua mãe (Lv 21.11).

Aqueles que tivessem ficado impuros por terem tocado algo morto deveriam comer a páscoa um mês depois (Nm 9.6-11). Encostar num túmulo transmitia impureza (Nm 19.16). Isso, posteriormente, levou ao costume de caiar os sepulcros para advertir aqueles que passavam por perto da existência dos sepulcros (*cf.* Mt 23.27; At 23.3).

A fim de purificar tal contaminação, o sacerdote empregava a água das cinzas da novilha vermelha (Nm 19.1-22, veja *tāhēr*).

Quem devia ter cautela muito grande para não se contaminar encostando em um cadáver ou mesmo entrando num quarto onde jazia um morto (Nm 6.6) era o nazireu. Se alguém de repente caísse morto ao seu lado e encostasse nele, o nazireu ficava impuro e tinha de se purificar e reiniciar a contagem dos dias de seu voto de nazireu (Nm 6.9-12). O nazireu Sansão também teve de se precaver para não comer nenhuma coisa imunda (Jz 13.4, 7, 14).

Os sacerdotes deviam ensinar o povo a fazer distinção entre o que era limpo e o que era imundo (Lv 10.10; *cf.* Ez 22.26; 44.23). Os sacerdotes não deviam aproximar-se das coisas sagradas enquanto estavam impuros (Lv 22.1-9). Arão devia fazer expiação pelas impurezas do povo imolando o bode da oferta pelo pecado (Lv 16.15, 16).

O templo de Deus devia ser protegido da contaminação. Joiada colocou guardas no templo para que ninguém que estivesse impuro pudesse entrar (2 Cr 23.19). Lamentavelmente eram os sacerdotes durante o reinado de Zedequias que tornavam o templo impuro (2 Cr 36.14). Devido à apostasia de Israel, o Senhor permitiu que seu templo fosse contaminado pelos pagãos (Sl 79.1), por abominações (Jr 7.30; 32.34), assassinatos (Ez 9.7), idolatria, adultério e sacrifícios humanos (Ez 23.37-39).

A terra era contaminada caso se deixasse pendurado, de um dia para outro, um criminoso que tivesse sido executado (Dt 21.23; *cf.* Gl 3.13). O sacrifício de crianças inocentes contaminava a terra com sangue (Sl 106.38).

A idolatria contaminava a terra (Ez 36.18; *cf.* Gn 35.2). O Senhor perguntou a Judá: "Como podes dizer, 'não estou maculada, não andei após os baalins'?" (ARA; Jr 2.23; *cf.* IBB, "... contaminada ..."). Israel tinha-se contaminado com os ídolos que fizera (Ez 22.4; *cf.* 14.11; 36.25; 37.23).

Visto que o povo havia-se tornado impuro em virtude da idolatria (Ez 20.7, 18, 30, 31), Iavé contaminá-lo-ia com as dádivas que oferecesse (Ez 20.26), isto é, com a prática terrível do sacrifício de crianças. Os israelitas seriam exilados e forçados a "comer" alimento imundo na Assíria (Os 9.1-4). Amazias, o sacerdote que se opôs a Amós, havia

de morrer numa terra imunda (Am 7.17).

Qual era o fundamento para as várias regras acerca da impureza? Baruch Levine chegou a ponto de sugerir que a impureza era a "forma concreta de forças demoníacas", que até mesmo ameaçavam a Deus. Em seu ponto de vista, a impureza possui um poder praticamente independente.

Certos elementos da impureza eram associados com doenças contagiosas e com a morte. As leis de impureza proporcionaram para a saúde pública de Israel um sistema de quarentena bem eficaz. Algumas questões relacionadas à impureza tinham origem em aspectos esteticamente repulsivos. E possível que outros elementos tenham sido associados à idolatria.

Quaisquer que sejam as teorias levantadas para explicar as leis sobre a impureza, as Escrituras mesmas associam-nas com a santidade de Deus. A denominada Lei da Pureza (Lv 11—16) foi colocada lado a lado com a Lei da Santidade (Lv 17—26). Nas passagens que relacionam alimentos imundos, enfatiza-se a santidade de Iavé como a razão para evitar esses alimentos.

As regras sobre impureza separaram Israel do meio das demais nações. Aquelas eram lições práticas ou prefigurações (Hb 8.5; 10.1) da santidade de Deus, a qual não poderia coexistir com a impureza do pecado.

Especialmente entre os profetas, as idéias de impureza cerimonial foram usadas como metáfora da impureza moral. Ageu empregou a natureza contagiosa da contaminação pela morte para denunciar o comportamento imoral de Israel, que contaminava até mesmo suas oferendas (Ag 2.13, 14). O comportamento de Judá é comparado por Ezequiel com a impureza de uma mulher com suas regras (Ez 36.17).

Oséias (5.3; 6.10), Jeremias (2.23; 13.27) e, acima de tudo, Ezequiel (23.7, 13, 17; 24.13; 43.7) denunciaram a infidelidade de Israel como adultério ou prostituição contaminantes. *Cf.* Salmos 106.39.

Miquéias condenou como impureza os crimes de injustiça (Mq 2.10; *cf.* 2.1-7). Isaías percebeu que era um homem de "lábios impuros" (Is 6.5) e confessou: "Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia" (Is 64.6[5]).

Infelizmente, o discernimento ético que os profetas tiveram dos preceitos sobre impureza foram substituídos por uma preocupação cada vez maior com detalhes cerimoniais. A última divisão da Mishnah, os *Tohororoth* e seus 12 tratados, trata da casuística da impureza.

Foi como protesto contra a ênfase exagerada na pureza cerimonial que Jesus denunciou a hipocrisia dos fariseus (Mt 15.10-20; 23.25-28). Mediante sua exclusiva palavra, Jesus declarou limpos todos os alimentos (Mc 7.19, RSV; *cf.* 1 Tm 4.4, 5). Foi de uma suprema ironia que os líderes judeus, que denunciaram Jesus, fossem escrupulosos a ponto de não entrarem onde Pilatos haveria de julgar Jesus para que não se contaminassem e ficassem sem condições de comer a páscoa (Jo 18.28).

Veja também *gā'al* II, *hālal*, *hānēp*. Quanto a pureza e purificação, veja *tāhēr*.

Bibliografia: Veja no verbete *tāhēr*.

E.Y.

810 טמה (*tāmâ*) ***ser tolo.*** Ocorre somente no nifal, em Jó 18.3, ou possivelmente seja uma variante de *tāmē'*, "ser (estar) impuro".

811 טָמַן (*tāmēn*) ***esconder, ocultar, enterrar.***

Termo Derivado

811a מַטְמוֹן (*matmôn*) ***tesouro.***

O significado básico desta raiz é o de "esconder um objeto de sorte que não seja encontrado". O sentido normal da raiz também deu origem à nuança específica de "esconder enterrando", especialmente com referência a coisas importantes ou preciosas (Gn 35.4; Êx 2.12; Js 7.21, 22; 2 Rs 7.8). A literatura dos hinos e de sabedoria do AT normalmente utiliza essa raiz para transmitir a idéia de alguém que, literal ou figuradamente, é pego numa armadilha por meio dos estratagemas dos ímpios ou dos inimigos. A ênfase recai sobre: 1) a localização desconhecida dessas armadilhas para a vida, as quais estão à espera do justo; e 2) as petições do justo, bem como suas expectativas, para que um Deus onisciente, o qual conhece seus caminhos e enxerga as armadilhas, o liberte delas (*cf.* Sl 31.4[5]; 142.3[4]). Jó invoca armadilhas parecidas sobre os ímpios (Jó 18.10; 20.26; 40.13). Jó também emprega o verbo para descrever o pecado íntimo, oculto à vista humana (Jó 31.33). Isaías ordena a Israel que se esconda, por motivo de segurança e proteção, na época do juízo de Iavé (Is 2.10).

matmōn. ***Tesouro, tesouro escondido.*** (A ARA traduz como "depósito escondido" em Jr 41.8.) Este derivado, semelhante ao particípio passivo de Deuteronômio 33.19, transmite a idéia de um tesouro suficientemente precioso para escondê-lo (normalmente prata e riquezas, mas até mesmo alimentos). Figuradamente a palavra descreve a preciosidade de algo que é muitíssimo desejado: sabedoria, discernimento (Pv 2.4) e a morte (Jó 3.21).

R.H.A.

812 טְנָא (*tn'*). **Aceita como raiz de:**

812a טֶנֶא (*tene'*) ***cesto.***

813 *טָנַף (*tānap*) ***sujar, contaminar.*** Ocorre somente no grau piel, em Cantares 5.3.

814 טָעָה (*tā'â*) ***vaguear, desviar, ir sem rumo, errar.*** (Devido à forma hifil, a TB traduz por "seduzir"; a ARA, "enganar"; e a IBB, "desviar".)

O sentido básico é de "desviar-se daquilo que é certo". *tā'â* é empregado só uma vez (Ez 13.10) e designa falsos profetas que induziram Israel ao erro, ao tolerarem práticas errôneas (que a aliança mosaica condenava) e ao declararem "paz", quando o juízo era iminente.

R.H.A.

815 טַעַם (*ta am*) ***provar (alimento), comer; perceber.***

Termos Derivados

815a טַעַם† (*ta'am*) ***sabor.***

815b מַטְעַם (*mat'am*) ***comida saborosa, petisco.***

O significado básico da raiz é "experimentar, ou avaliar, com a língua, normalmente com o objetivo de ingerir caso o sabor seja agradável". O acadiano *tēmu* possui um campo semântico parecido. Uma diferença importante entre este verbo e *bîn* é que *bîn* enfatiza tanto a compreensão quanto a tomada de decisão. *bîn* é também mais abrangente. incluindo a percepção mediante todos os sentidos. O sinônimo *nākar* enfatiza o reconhecimento e a aceitação de algo.

Usa-se a raiz em três situações básicas. Primeiro, ela é empregada para designar o ato de ingerir comida, ato que também incorpora o processo normal de "experimentar" o sabor (1 Sm 14.24, 29, 43). Próximo deste primeiro uso, encontra-se o segundo — o conceito "experimentar" para verificar o sabor (2 Sm 19.35[36]). Utiliza-se esse sentido em comparação com a função do ouvido de testar as palavras (Jó 12.11; 34.3), o que mostra como o sentido final deste verbo se desenvolveu — a idéia de avaliação e decisão, ou seja. de percepção. O "discernimento" é a experiência da esposa, quando ela verifica que são bons os frutos de seu trabalho (Pv 31.18), e do salmista, que, ao decidir refugiar-se em Iavé, descobre que a proteção fiel de Deus é boa (Sl 34.8[9]).

ta'am. ***Gosto, capacidade de julgamento, ponderação, juízo, discernimento, decreto.*** (A ARA, a IBB, a TB e a ARC trazem, em 1 Sm 21.13[14], "contrafazer-se" como tradução de *wayshannû 'et-ta'mô*, provavelmente um verbo com duplo acusativo, onde o sentido literal seria "e ele enganou-o [isto é, a Aquis] com ou pelo seu comportamento": a mesma expressão é traduzida na ARA por "fingir-se amalucado" no cabeçalho do salmo 34, mas a IBB omite completamente o cabeçalho, que se encontra no texto original. A ARA usa o advérbio "bem" e o substantivo "entendimento" para traduzir *ta'am* em Pv 26.16 e Jó 12.20, respectivamente.)

Embora o substantivo derivado seja usado para transmitir a idéia mais básica de "sabor" (Êx 16.31; Nm 11.8), o uso predominante é para denotar "capacidade de julgamento" e "discernimento". O bom "juízo" procede somente dos mandamentos divinos (Sl 119.66) e está sob o controle soberano de Deus (Jó 12.20). Uma mulher de ponderação recebe elogios (1 Sm 25.33), enquanto aquela sem discernimento piedoso é comparada a um porco que tem um anel de ouro no focinho (Pv 11.22).

Descobre-se outra nuança neste substantivo quando Davi muda o comportamento e age como doido diante de Aquis (1 Sm 21.13[14]). Davi tomou a decisão de agir de forma diferente quando avaliou que a situação assim o exigia. Ele alterou sua "avaliação da situação" ou seu "comportamento". Outro sentido variante é o de "decreto". Isso ocorre depois de fazer um juízo e, em seguida, formalizá-lo (Jn 3.7). A influência aramaica de *t'ēm* pode ter afetado esse uso pelo rei assírio.

R.H.A.

816 טָעַן (*tā'an*) ***I, colocar a carga.*** Ocorre somente em Gênesis 45.17.

817 *טָעַן (*tā'an*) ***II, traspassar.*** Ocorre somente no pual, em Isaías 14.10.

טַף (*tap*) Veja o nº 821a.

818 טָפַח (*tāpah*) ***estender, espalhar.***

Termos Derivados

818a טַפָּחִים (*tippuhîm*) ***embalo,*** Lamentações 2.20.
818b טֶפַח (*tepah*) ***palmo, largura da mão.***
818c טֹפַח (*tōpah*) ***palmo, largura da mão.***
818d מִטְפָּחַת (*mitpahat*) ***manto.***

O sentido básico é o de "esticar, estender ou tornar mais longa uma superfície". *tāpah* ressalta o aspecto "espaço", enquanto *nātâ* enfatiza a "ação" e a "direção" do estender, *pāras* acentua "desdobramento", freqüentemente com nuança de cobrir algo, *pāśâ* transmite a idéia de "contágio", e *shātah* ressalta a "dispersão".

A raiz descreve a criação da expansão celeste, demonstrando os atributos soberanos, onipotentes e externos de Deus (Is 48.13).

tôpah. ***Palmo, largura da mão.*** *tôpah* é permutável com *tepah*, possuindo ambas as palavras significado idêntico. A raiz da forma plural é incerta (talvez de *taphâ*, *KB*).

Os derivados são medidas lineares equivalentes na largura da mão à altura da base dos dedos. O *tôpah* (aproximadamente 7,5 cm) é aparentemente a diferença entre o côvado comum e o longo em Ezequiel 40.5. Em contraste com isso, *zeret*, "palmo" (*q.v.*), eqüivale à distância entre o polegar e o dedo mínimo com a mão totalmente aberta. *tepah* e *tôpah* são basicamente usados para dar medidas das estruturas e utensílios do tabernáculo e do templo. Davi compara a brevidade da vida a poucas larguras de mão (SI 39.5[6]). O significado da palavra, na descrição arquitetônica de 1 Reis 7.9, é incerto; talvez seja o de "capa", "cobertura" ou de "beira" (ARA; *cf.* Êx 25.25).

R.H.A.

טֹפַח (*tōpah*), também טֹפַח (*tôpah*). Veja o nº 818c.

819 טָפַל (*tāpal*) ***sujar, recobrir.***

820 טִפְסָר (*tipsar*) ***escriba, autoridade do governo.*** Provavelmente um empréstimo lingüístico do sumério, através do acadiano *dup sharru*.

821 טָפַף (*tāpap*) ***saltitar, dar passos curtos e ligeiros,*** somente em Isaías 3.16.

822 טָפַשׁ (*tāpash*)

Termo Derivado

821a טַף (*tap*) ***filhos, filhinhos, pequeninos.*** (A ARC e a TB trazem "famílias" e "filhinhos", respectivamente, em Gn 47.12.)

O significado básico é de "seres humanos de até 20 anos de idade, com ênfase nas idades mais novas" (*cf.* Nm 14.29-31). Uma raiz semelhante, *'ôlēl*, enfatiza a criança bem nova. Outro sinônimo, *bēn*, oferece a conotação bem mais ampla de "pessoas", que pode ser limitada a "filhos". Sempre se emprega *tap* no singular, no sentido genérico. A raiz verbal de onde deriva o substantivo é, segundo alguns, *tpp* (*BDB*) e, segundo outros, *tnp* (*KB*), com o que o verbo *tāpap*, "saltitar", seria um verbo denominativo.

Este substantivo é, em geral, usado para indicar os seres humanos não-adultos (*e.g.*, Js 8.35), embora, às vezes, limite-se àqueles *bānîm* de Israel que ainda não conheceram o bem nem o mal (Dt 1.39; *cf.* 2 Cr 20.13; 31.18) ou a pessoas do sexo feminino que não tiveram relações sexuais (Nm 31.17, 18). Com freqüência usa-se o termo em contextos militares, onde os "pequeninos" (IBB) devem ser protegidos ou levados como despojo de guerra — determinação específica da Lei (Dt 20.14). "Pequeninos" (IBB) são mortos quando uma nação é exterminada (Jz 21.10). Quando o juízo divino cair sobre Israel, todos os ímpios, até mesmo as "criancinhas" (IBB), experimentarão a ira do Senhor (Ez 9.6).

R.H.A.

822 טָפַשׁ (*tāpash*) ***ser grosseiro.***

823 טָרַד (*tārad*) ***perseguir, correr atrás de, ser incessante.***

824 טרה (*trh*). **Aceita como raiz de:**

824a טֹרִי (*tārî*) ***fresco.***

טְרוֹם (*tᵉrôm*) Veja o nº 826.

825 *טָרַח (*tārah*) ***labutar, estar sobrecarregado.*** Ocorre somente no hifil, em Jó 37.11, *'ap-bᵉrî yatrîah 'āb*, literalmente "também sobrecarrega a(s) nuven(s) de umidade".

Termo Derivado

825a טֹרַח (*tōrah*) ***fardo.***

טֶרִי (*tᵉrî*) Veja o nº 824a.

826 טֶרֶם (*terem*), טְרוֹם (*tᵉrôm*) ***ainda não, antes disso.*** Advérbio de tempo. Não encontrado em línguas cognatas.

827 תָּרַף (*tārap*) ***rasgar, despedaçar.*** (A ARA traduz o hifil do verbo, em Pv 30.8, como "dar", e a PIB, como "sustentar".)

Termos Derivados

827a טֶרֶף (*tārāp*) ***recém-colhido,*** somente em Gênesis 8.11.
827b טֶרֶף (*terep*) ***presa, comida, folha.***
827c טְרֵפָה (*ṭᵉrēpâ*) ***animal despedaçado (por feras).***

O sentido básico desta raiz é o de "apanhar uma criatura por meio de rapinagem, dilacerar a carne e consumi-la". Uma raiz semelhante, *gāzal* (*q.v.*), enfatiza a idéia de "arrancar e tomar posse"; *pāraq* ressalta o "repartir", como em "rasgar em pedaços"; *qāra'* é semelhante a *pāraq* e é basicamente usado para designar o "rasgar roupas".

Embora a raiz seja empregada para transmitir o sentido básico, o verbo é predominantemente usado para ilustrar a natureza predatória de pessoas que conquistam e destroem outras. As tribos de Benjamim e Gade são comparadas, respectivamente, a um lobo devorador (Gn 49.27) e a uma leoa (Dt 33.20); os reis de Israel e de Judá são vistos como leõezinhos que destroem seu povo (Ez 19.3, 6), ao passo que a Assíria e Edom são descritos como leões ferozes em suas conquistas (Na 2.12[13]; Am 1.11). Os falsos profetas de Israel são apresentados como leões que devoram os israelitas, tirando-lhes os bens como pagamento por profecias que consumiam suas vidas. Os príncipes de Israel eram lobos devoradores que caíam sobre as pessoas, derramando sangue em troca de ganhos desonestos (Ez 22.25, 27). O juízo divino é comparado a uma besta que dilacera sua presa (Sl 50.22), embora, no final, Deus vá curar as feridas que seu povo sofrer no juízo (Os 6.1). No reino de Iavé, Israel será um instrumento de juízo tal como um leão em rapinagem (Mq 5.8[7]).

ṭᵉrēpâ, ***Um animal dilacerado (por feras), carne dilacerada.*** (A ARA traduz "presa" em Na 2.12[13].) *ṭᵉrēpâ* é usado predominantemente nas estipulações da aliança mosaica: 1) Quando alguém estivesse guardando o animal doméstico de outrem e o animal fosse morto por uma besta-fera, não se fazia restituição ao dono, pois a morte do animal tinha sido acidental (Êx 22.13[12]). 2) A lei proibia comer a carne de um animal dilacerado por feras (Êx 22.31[30]); esta lei aplicava-se especialmente aos sacerdotes, quando estes ministravam, pois o sacerdote que profanasse as coisas sagradas haveria de morrer (Lv 22.8). Ezequiel praticou esse princípio (Ez 4.14), e esta lei será válida também para os sacerdotes do milênio (Ez 44.31). 3) A ingestão da gordura de um animal dilacerado era proibida, embora essa gordura pudesse ser usada para outros fins (Lv 7.24). 4) Se alguém comesse carne dilacerada, havia estipulações para purificação de tal pessoa (Lv 17.15; *cf.* Lv 22.8). 5) Cada uma das proibições sobre comer carne de um animal dilacerado encontra-se num contexto de proibição de ingerir sangue, pois os animais dilacerados não são devidamente sangrados e, portanto, encontram-se também debaixo desse interdito.

R.H.A.

NOTA: No Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento a página "580" está em branco.

י

828 יָאַב (*yā ab*) ***anelar, desejar.*** Ocorre somente em Salmos 119.131.

829 יָאָה (*yā â*) ***convir, ser apropriado.*** Ocorre somente em Jeremias 10.7.

830 יָאַל (*ya al*) ***I, ser tolo ou louco, tornar-se tolo, agir com tolice, ser tolamente perverso.***

O sentido básico dessa raiz é "exibir um comportamento moral que demonstre falta de compreensão dos justos caminhos de Deus". O sentido é semelhante ao de *nābal*.

O termo implica tanto uma ignorância dos caminhos de Deus quanto uma insensibilidade e oposição ao procedimento justo e conhecido que Deus espera de seu povo para o próprio bem deste.

Quando o Senhor lida com nações estrangeiras, a ênfase da raiz recai sobre a falta de entendimento dos propósitos e dos caminhos de Deus. Os príncipes do Egito desviaram o seu povo do caminho por não compreender os propósitos do Senhor para o Egito (Is 19.13). Termos paralelos existentes no contexto indicam que esses líderes foram "enganados" (*nishsh^e'â*) e eram "néscios" (*'ĕwilîm*; 19.11), moralmente reprováveis. De igual forma, o Senhor condenou os adivinhos babilônios por suas palavras e gabolices estarem desprovidas dos justos caminhos de Deus (Jr 50.36).

Quando empregada para descrever os israelitas, geralmente essa raiz se refere à ausência de um comportamento moral à altura de sua compreensão da justa revelação de Deus. Miriã agiu deliberadamente contra a verdade revelada de Deus quando, por ciúme, questionou a humildade e a liderança de Moisés (Nm 12.11). Jeremias declara que o povo de Jerusalém, por ser fraco (*dallîm*), agiu incorretamente não procurando cumprir a verdade ou justiça de Deus; antes, jurou falsamente, não quis arrepender-se e rejeitou obstinadamente a correção e a instrução (Jr 5.4).

R.H.A.

831 יָאַל (*yā'al*) ***II, consentir, ser do agrado, estar decidido, lançar-se a (fazer algo), começar ou iniciar.***

832 יָאַר (*y'ōr*)

O significado básico desse verbo é "tomar, por vontade própria, a decisão de dar início a determinada atividade". A LXX normalmente emprega *archomai* para traduzir esse verbo hebraico.

Essa decisão volitiva de começar a agir mostra com clareza a função que a mente da pessoa exerce ao iniciar algo. Esse aspecto causativo do verbo é ressaltado pelo fato de que ele ocorre apenas no grau hifil. O verbo concentra-se no elemento volitivo, não em fatores emocionais ou motivacionais. Acentua o ato voluntário da vontade do indivíduo de envolver-se em dado empreendimento e não o que pode tê-lo levado a essa decisão.

Esse conceito básico expressa-se de três maneiras no AT. Em primeiro lugar, emprega-se o verbo num contexto de cortesia ou modéstia, como quando Abraão declara que "atreveu-se a falar" (Gn 18.27, 31). A pessoa está decidida a agir, mas enuncia sua decisão com cortesia. As pessoas empregam esse verbo com essa conotação para fazer convites (Jz 19.6) e para estimular (*cf.* 2 Rs 5.23; 6.3; Jó 6.28).

Em segundo lugar, a idéia essencial encontrada nesta raiz pode assumir a forma de "disposição". O indivíduo "consente em fazer algo" (*cf.* Êx 2.21; Js 7.7; Jz 17.11). Davi, levado à humildade em razão do grande alcance da aliança davídica, pede modestamente a Deus que "consinta em [esteja disposto a] abençoar" os descendentes do próprio Davi (BJ, 2 Sm 7.29). Samuel lembra o povo de que o Senhor não abandonará Israel, pois "aprouve ao SENHOR" tornar Israel o seu povo (1 Sm 12.22). Nos dois incidentes, o Senhor tomou a iniciativa de escolher Israel como seu povo e os descendentes de Davi como a linhagem messiânica. Por isso Deus há de abençoá-los.

Finalmente, o sentido central desse verbo assume a nuança de "determinação" e "resolução". Tanto cananeus quanto amorreus tomaram a resoluta decisão de fixar residência na terra de Canaã (*cf.* Js 17.12; Jz 1.27, 35). De forma análoga, Efraim esteve decidido a começar a andar nos caminhos do homem, que contrastavam com as estipulações da aliança mosaica (Os 5.11). Devido a essa vontade obstinada de Efraim, o Senhor o julgou.

Teologicamente, esse verbo oferece um forte apoio ao conceito do livre-arbítrio do homem, pois o homem pode tomar decisões de iniciar qualquer ação em particular (dentro do controle humano), mas Deus considera-o responsável por essa decisão de sua vontade.

R H A

832 יְאֹר (*y'ōr*) ***Nilo, canais do Nilo, rio, curso d'água, canal***

O significado básico é "um rio ou curso d'água que claramente forma um canal ao longo da terra, geralmente referindo-se ao Nilo e/ou a seus canais". A palavra é, provavelmente, um empréstimo lingüístico do egípcio *'io'r*, *'iotr*. Sinônimos são: *nāhār*, termo genérico para um "rio" maior (freqüentemente o Eufrates); *nahal*, que indica um "uádi seco"; *'āpîqq*, que descreve o "leito de rio" e *peleg*, que às vezes sugere um "canal artificial".

Emprega-se esse substantivo de cinco maneiras básicas. Primeiro, refere-se ao rio Nilo. Em contextos de julgamento, a seca do Nilo descreve a destruição da fonte de vida do Egito (Is 23.3); a predominância do Nilo sobre a terra do Egito é comparada à abrangência do julgamento do Egito (Is 19.6-8; Ez 29.3-10) e de outras nações (Is 23.10); a alteração do nível do Nilo é comparada à ascensão e queda de nações (Jr 46.7-8; Am 8.8). Segundo, os canais do Nilo são descritos mediante o plural desta palavra, com

freqüência descrevendo a imensidão do Egito (Is 7.18). Terceiro, este substantivo às vezes traduz a idéia geral de "rio" (Is 33.21). Quarto, Daniel usa o termo com referência ao rio Tigre (ou Hidequel, ARC; *cf.* Dn 10.4 e Dn 12.5-7). Quinto, Jó utiliza este substantivo para descrever a capacidade humana de abrir canais na rocha (Jó 28.10; *cf. peleg*).

Bibliografia: *TDOT*, v. 6, pp. 596-601.

R.H.A.

833 *יאש (*ya ash*) ***desesperar.*** Ocorre somente nos graus nifal e piel.

יאתון (*y'twn*) Veja o nº 188a.

834 *יבב (*yabab*, ***gritar de forma estridente.*** Ocorre somente no grau piel, em Juízes 5.28.

יבול (*y'bûl*) Veja o nº 835c.

יבוסי (*y'busi*) Veja o nº 216a.

835 יבל (*yābal*) ***trazer, levar, guiar, conduzir.***

Termos Derivados

835a יבל (*yābāl*) ***curso d'água (para irrigação).*** Ocorre somente em Isaías 30.25, 44.4, no construto plural, *yiblê* (*-māyim*).

835b יובל (*yubal*) ***ribeiro,*** somente em Jeremias 17.8.

835c †יבול (*y'bûl*) ***produto (da terra).***

835d †בול (*bul*) ***produto (da terra), resultado, fruto,*** somente em Jó 40.20; Isaías 44.19.

835e †יובל (*yôbēl*), יבל (*yōbēl*) ***trombeta.***

835f יבל (*yabbal*) ***supurante, com corrimento,*** somente na fórmula feminina singular *yabbelet,* como substantivo em Levítico 22.22.

835g אובל (*'ubal*) ***curso d'água, rio***, somente em Daniel 8.2, 3, 6.

835h †תבל (*tēbēl*) ***mundo.***

O significado básico desta raiz é "fazer um objeto ser transportado de um lugar para outro". O verbo ocorre apenas nos graus causativos. O ugarítico é semelhante. O acadiano *wabālu*, "trazer", também possui uma variante, *tabālu*, com o mesmo sentido.

A raiz transmite duas nuanças essenciais. Primeiro, usa-se o sentido básico de "trazer" quando o objeto do verbo é inanimado. O objeto é normalmente: 1) um presente (*shay*) oferecido como sinal de respeito a Yahweh, como resposta à sua presença (Sl 76.11 [12]), especialmente em épocas de juízo (Is 18.7) e em seu templo (Sl 68.29 [30]); ou 2) um presente dado a outros. A deportação de Israel para a Assíria é vista como um presente para a Assíria (Os 10.6), e Israel levou óleo para o Egito para comprar o apoio do Egito (Os 12.1 [2]). Emprega-se o verbo com essa nuança e na forma passiva para descrever a

expansão de Tiro (Is 23.7).

Segundo, quando o objeto são pessoas, o sentido da raiz é normalmente de "guiar". Esse verbo apresenta Yahweh guiando de três maneiras. Primeiro, ele guiará Israel de volta a Canaã quando da restauração futura de Israel. Então, no reino milenar, Yahweh guiará Israel por caminhos em que eles não tropeçarão (Jr 31.9). Segundo, todos os que buscam a Yahweh serão guiados por ele até as bênçãos davídicas (Is 55.12). Terceiro, Yahweh conduzirá Israel ao juízo (SI 60.9 [11]; 108.10 [11], *et al.*). Também é significativo que o próprio Messias deve ser conduzido como um cordeiro para o matadouro em favor dos pecados do povo (Is 53.7).

yᵉbûl. ***Produto da (terra), aumento, fruto.*** (A ARA traduz como "riquezas" em Jó 20.28.) *yᵉbûl* refere-se basicamente àquilo que cresce diretamente da terra. O sinônimo *pᵉrî* indica o "fruto" tanto de árvores quanto de outras plantas (*cf.* Ez 37.24). *tᵉbû'â* enfatiza o "ganho" ou a "renda" obtidos com o produto. *yᵉbûl* está basicamente associado às bênçãos e maldições de Yahweh. Na aliança mosaica, a terra é abençoada ou amaldiçoada em função da obediência ou desobediência de Israel à aliança (Lv 26.4, 20; Dt 11.17; 32.22), embora, no final, ela vá receber as bênçãos da terra no milênio (Ez 34.27; Zc 8.12). O juízo freqüentemente se manifesta através da destruição da produção agrícola de uma nação por Yahweh ou por uma outra nação (Jz 6.4; Sl 78.46; Ag 1.10). Figuradamente, até mesmo aquilo que uma casa produz pode se perder no dia do juízo (Jó 20.28).

yôbēl. ***Trombeta, chifre de carneiro, jubileu.*** Este substantivo muito provavelmente deriva da raiz *yābal* (*BDB*), embora alguns creiam que o mais aceitável é a raiz ser *ybl*. "jogar", ou o fenício *ybl*, "carneiro". A julgar pelo uso, parece que é possível duas raízes estarem representadas na forma do substantivo no singular. O chifre usado para convocar as assembléias e anunciar a presença de alguém em Êxodo 19.13 e Josué 6 muito provavelmente deriva do fenício *ybl*, "carneiro", visto que a trombeta provavelmente era feita do chifre de carneiro. Este termo distingue-se de *shōpār*, que é a palavra genérica e mais comum para designar qualquer tipo de trombeta ou chifre. Alguns acham que o *yôbēl* de Josué 6 se refere à mesma "trombeta" usada no início do ano de jubileu. Por outro lado, esse substantivo em Levítico e Números jamais é traduzido, mas transliterado pela palavra "jubileu". O contexto dessas passagens é o "ano de jubileu", quando o campo fica sem ser cultivado, todos os bens (especialmente a terra, o produto dela e os escravos) retornam aos proprietários originais, e o alimento para o povo é providenciado pela bênção de Yahweh sobre a terra no ano anterior. Portanto, parece que "jubileu" deriva de *yābal*, "trazer, fazer produzir". O produto da terra é "produzido" a fim de sustentar o povo durante o ano de jubileu, quando a terra não será cultivada, e os bens e propriedades são "trazidos" ou "devolvidos" a seus donos originais. O "ano de jubileu" começa com o toque do *shōpār* no Dia da Expiação a cada cinqüenta anos. E um ano que é santo (separado) para Yahweh (Lv 25.10-15).

bûl. Produto da terra, alimento. (A ARA traduz a palavra, em Is 44.19, como "pedaço".) *bûl* é usado apenas duas vezes no AT. Em Isaías 44.19 usa-se o vocábulo para designar um ídolo feito de madeira (que é produto da árvore). Em Jó 40.20 esse termo refere-se ao produto comestível das árvores.

tēbēl. ***Mundo.*** Emprega-se este substantivo em três situações básicas. Primeiro, usa-se para representar a massa global chamada terra, incluindo-se aí a atmosfera ou os céus (*cf.* Sl 89.12; 2 Sm 22.16; *et al.*). Muitas vezes *tēbēl* está em paralelo ou aposição com *'erets* (1 Sm 2.8; Is 26.9; 34.1; *et al.*), quando *'erets* encontra-se usada em seu sentido mais amplo de "o mundo". O "mundo" foi criado por Deus, não por deuses falsos (Jr 10.12; Sl 93.1), e pertence exclusivamente a ele (Sl 24.1). A eternidade de Deus é ilustrada por sua existência antes da criação do "mundo" (Sl 90.2), e sua sabedoria (talvez uma personificação de Cristo) estava presente antes da criação do mundo (Pv 8.26, 31). A própria criação dá testemunho em todo o "mundo" acerca da glória de Deus (Sl 19.4 [5]), o que deve redundar no louvor de Yahweh (Sl 98.2). Yahweh julgará este "mundo", esvaziando-o (Is 24.4), embora no milênio Deus vá fazer Israel florescer e encher o mundo inteiro com seu fruto (Is 27.6).

Segundo, *tēbēl* às vezes limita-se a "países" ou o "mundo habitado". Esse sentido está mais intimamente ligado ao sentido da raiz. Refere-se ao mundo onde a terra é cultivada. Isso se observa na mensagem de juízo contra o rei da Babilônia (e não contra Satanás) por abalar violentamente o "mundo (habitável)" (Is 13.11; 14.17). O texto bíblico diz que os relâmpagos iluminam o "mundo" — sem dúvida uma referência a uma área geográfica limitada (Sl 77.18 [19]; 97.4).

Terceiro, *tēbēl* pode também referir-se aos habitantes que vivem sobre toda a terra. Isso se vê no paralelismo de *tēbēl* com *l'umîm* (Sl 9.8 [9]) e com *'ammîm* (Sl 96.13; 98.9). O contexto dessas referências é o juízo de Yahweh sobre os moradores do mundo — um juízo que é tanto executado com retidão quanto instrutivo da retidão de Yahweh (Is 26.9; 34.1).

Em várias passagens claramente se observa o sentido de *tēbēl* como a terra na sua totalidade junto com seus moradores. Tudo pertence a Yahweh como sua criação (Sl 50.12). Yahweh controla sozinho este mundo (Jó 34.13; Na 1.5), e seu poder está sobre toda a terra, que sempre reage diante de sua presença (Jó 37.12; Sl 97.4).

Bibliografia: *TDNT*, v. 7, pp. 75-85.

R.H.A.

836 יָבַם (*yābam*) ***cumprir o dever de cunhado.***

Substantivo de Origem

836a †יָבָם (*yābām*) ***irmão do marido, cunhado.***

836b †יְבִמָה (*y'bēmâ*) ***esposa do irmão, cunhada.***

O sentido básico deste verbo denominativo é o de "assumir a responsabilidade de casar-se com a cunhada viúva a fim de suscitar um herdeiro homem para o irmão falecido". A raiz verbal é provavelmente um verbo denominativo no piel derivado do substantivo *yābām* ("irmão do marido" *BDB*), mas que desenvolveu um sentido específico a partir da função que o irmão do falecido marido desempenhava conforme a lei do casamento de levirato. A raiz ugarítica significa "gerar", "criar", e o substantivo derivado *ybmt* possivelmente significa "progenitora", usado como um epíteto para a deusa Anate (*cf.* DAHOOD, *Biblica* 46:313; UT 19: nº 1 065).

A raiz verbal é usada apenas em dois contextos do AT: Gênesis 38 e Deuteronômio

25. Em Gênesis 38.8 Judá emprega o verbo para incentivar seu filho Onã a casar-se com Tamar, cunhada de Onã, e ir a ela e suscitar "descendência" (lit., "semente") para seu irmão Er. O contexto indica claramente que Onã devia ter relações sexuais com Tamar a fim de gerar um descendente de sexo masculino que desse continuidade ao nome de Er.

Esse princípio, ilustrado em Gênesis 38, é conhecido como a "lei do casamento de levirato". Essa lei, delineada em Deuteronômio 25.5-10, tinha como propósito dar um herdeiro de sexo masculino a um homem que tivesse morrido sem filho varão, de modo que o "nome" do falecido não desaparecesse (isto é, que ele "tivesse edificada a sua casa") em Israel e mantivesse sua propriedade em seu nome. A lei só se aplicava quando um homem falecesse sem um descendente do sexo masculino. O primogênito da união entre a viúva e o cunhado levava o nome do pai "legítimo" do filho (o primeiro marido da mãe), muito embora ele tivesse sido concebido numa situação em que o tio representava o pai. A importância de manter o nome na família se vê ressaltada no fato de que a lei proibia a viúva de se casar fora da família do marido. É claro que o costume mantinha a propriedade das terras dentro do clã.

O ato de assumir a responsabilidade de cumprir esse dever para com o falecido irmão é a essência do significado de *yābam*. Caso o cunhado se recusasse a esse dever de suscitar um herdeiro varão para seu falecido irmão, então, perante os anciãos, a cunhada viúva publicamente desonraria o irmão de seu marido, tirando-lhe a sandália e cuspindo-lhe no rosto. Daquele momento em diante, ele seria conhecido em todo Israel como "a casa do descalço".

yābām. ***Irmão do marido, cunhado.*** Este substantivo masculino é usado apenas na passagem de Deuteronômio 25 e refere-se ao "cunhado" que deve cumprir a obrigação acima descrita para com seu falecido irmão. Um dos exemplos mais conhecidos acerca da execução da lei do casamento de levirato encontra-se no livro de Rute, onde Boaz cumpre esse dever para com seu falecido parente ao se casar com Rute e suscitar herdeiros para aquele que morrera. Entretanto, outro princípio bíblico distinto é também elemento fundamental no enredo do livro de Rute — o da redenção de parentes, mediante a qual Boaz redimiu a terra que Noemi tinha de vender devido à pobreza. *yābām* refere-se ao cumprimento da obrigação descrita na lei do casamento de levirato, enquanto se usa *gō'ēl* para descrever a função de "redenção" da propriedade.

No livro de Rute o parente mais chegado estava desejoso de adquirir a propriedade que Noemi tinha de vender devido à pobreza, mas, quando ele descobriu que também devia cumprir a obrigação do casamento de levirato e casar-se com Rute, recusou-se a cumprir ambos os deveres. Foi a essa altura, que Boaz assumiu essas responsabilidades.

yᵉbēmâ. ***Esposa do irmão, cunhada.*** *UT* 19: nº 1 065 traduz o vocábulo como "cunhada viúva" e também propõe "progenitora (de heróis)". Vocalizações variantes são *yᵉbâmâ* e *yᵉbāmeh*. *yᵉbēmâ* é usado em Deuteronômio 25 para designar a "cunhada" viúva. No livro de Rute, emprega-se a palavra fora do contexto do casamento de levirato para simplesmente se referir à "cunhada" de Rute (Rt 1.15).

Bibliografia: SPEISER, E. A., "Of shoes and shekels", *in Oriental and Biblical studies*, Univ. of Pennsylvania, 1967, pp. 151-56.

R.H.A.

837 יָבֵשׁ (*yābēsh*) ***ser ou ficar seco, estar totalmente seco, secar, ressecar.***

Termos Derivados

837a יָבֵשׁ (*yābesh*) ***ressecado, seco.***

837b יַבָּשָׁה (*yabbāshâ*) ***terra seca.***

837c יַבֶּשֶׁת (*yabbeshet*) ***terra seca,*** somente em Salmos 95.5; Êxodo 4.9.

O sentido básico desta raiz é o de "ser ou ficar seco, sem a umidade de líqüidos necessários ou normais". O sinônimo *hārab* quase equivale a *yābēsh*, embora se empregue *hārab* um maior número de vezes para indicar massas d'água que vão secando, ao passo que *yābēsh* é usado com maior freqüência para indicar a secura da vegetação.

Embora a raiz verbal seja usada para transmitir os conceitos de plantas que secam por falta de umidade interna e de terra que fica estorricada por falta de chuva, o AT emprega a raiz fundamentalmente para comunicar quatro verdades teológicas básicas. Primeiro, usa-se este verbo para descrever dois milagres importantes do AT: a condição seca da superfície da terra, provocada por Deus após o dilúvio (Gn 8.7, 14), e a condição seca do chão onde caminharam os filhos de Israel quando atravessaram o mar de Juncos (no êxodo do Egito) e o rio Jordão (na conquista de Canaã; Js 2.10; Sl 74.15). A segunda verdade teológica tem íntima relação com a primeira. Esta raiz é usada para apresentar certos atributos de Deus. Observa-se a imutabilidade divina quando ele faz secar o rio Jordão da mesma maneira como, anteriormente, fizera secar o mar de Juncos (Js 4.23). A soberania de Deus é enfatizada em sua capacidade de fazer plantas e terras secarem por ordem sua (Is 40.24; Ez 17.24; *et al.*). A onipotência de Deus claramente se vê nos milagres mencionados acima (*cf.* Jó 12.15).

A terceira verdade comunicada por este verbo é o juízo. O juízo literal de Yahweh, em que, ao reter a chuva e ao secar toda a água e toda a produção agrícola de uma determinada terra, ele a torna estéril, é comum em todo o AT. Esse tipo de juízo é derramado sobre Moabe (Is 15.6), Egito (Is 19.5-7; Zc 10.11), Babilônia (Jr 50.38; 51.36) e, acima de tudo, Israel e Judá (Jr 12.4; Is 42.15; Jl 1.20; *et al.*). A dispersão de Israel até o fim dos tempos é simbolizada nos "ossos secos" (Ez 37.11). Indivíduos que se opõem a Deus são, às vezes, condenados com o mirrar de um membro (1 Rs 13.4; Zc 11.17), e aqueles que se esquecem de Deus perecerão como uma planta ressequida (Jó 8.12; 15.30; 18.16).

Por fim, a fragilidade do homem e da vida é comparada à erva que seca (Is 40.7-8). A brevidade da duração normal da vida humana é assemelhada à erva que cresce de manhã, mas seca e morre à tarde (Sl 90.6). Isto, por sua vez, contrasta-se com o caráter duradouro da Palavra de Deus (Is 40.7-8). Num dos salmos messiânicos, o aspecto passageiro da vitalidade e força do homem é assemelhado à secura de um caco de barro (Sl 22.15 [16]), ao passo que a aflição (Sl 102.4, 11 [5, 12]) e morte do homem (Jó 14.11) são comparadas uma vez mais com a erva que seca. Um espírito quebrantado pode produzir até mesmo doenças psicossomáticas ("faz secar os ossos", Pv 17.22).

yābēsh. ***Ressecado, seco.*** Embora possuindo forma idêntica à da raiz verbal, esta palavra é, provavelmente, uma forma participial que se cristalizou como um adjetivo —

todas as três formas são iguais em muitos dos verbos estativos.

yābēsh é basicamente empregado no sentido figurado. Os juízos do Senhor são comparados com o queimar de material seco (Ez 20.47 [21.3]; Na 1.10). Outros conceitos transmitidos pela idéia de algo "seco" são o assédio (Jó 13.25), o Israel cativo (Ez 37.2, 4), a soberania de Yahweh (Ez 17.24), o desejo de comer (Nm 11.6), e a esterilidade de um eunuco (Is 56.3).

yabbāshâ. ***Terra seca, chão seco.*** O sinônimo *hārābâ* tem sentido equivalente, ao passo que *tsiyyâ* enfatiza a "seca".

yabbāshâ ressalta a "terra seca", em contraste com as massas de água (*cf.* Jn 2.11). Dois eventos teológicos fundamentais são parcialmente descritos por esse substantivo: a separação entre a "terra seca" e as águas, quando da criação (Gn 1.9-10), e a travessia do mar de Juncos e do rio Jordão, respectivamente no êxodo e na conquista (Êx 14.16-29; Ne 9.11).

R.H.A.

יַבֶּשֶׁת (*yabbeshet*) Veja o nº 837c.

838 יָגַב (*yāgab*) ***lavrar (a terra), ser lavrador.***

Termo Derivado

838a יָגֵב (*yāgēb*) ***campo.***

839 יָגָה (*yāgâ*) ***I, sofrer, lamentar, afligir.***

Termos Derivados

839a †יָגוֹן (*yāgôn*) ***lamento, tristeza, aflição.***

839b †תּוּגָה (*tûgâ*) ***lamento, tristeza, pesar.***

O sentido básico é o de uma aflição mental resultante de sofrimento. *yāgâ* enfatiza a tristeza mental decorrente do sofrimento. *kā'ab* acentua a dor. *'ānâ* ressalta a humilhação.

Em Lamentações a raiz descreve o lamento de Jerusalém resultante do juízo divino em 586 a.C. As grandes iniqüidades de Jerusalém provocaram esse julgamento, que Deus não queria trazer. Israel também sofrerá nos juízos dos finais dos tempos (Sf 3.18). No fim essa "tristeza" será tirada e posta sobre os atormentadores de Israel por causa da fidelidade de Deus e de sua compassiva restauração de Israel (Lm 3.32-33; Is 51.11, 23; *cf. yāgôn* em Is 35.10).

yāgôn. ***Lamento, tristeza, sofrimento, aflição.*** Usa-se esta palavra para descrever tanto a tristeza individual experimentada em momentos de dificuldade (*e.g.*, Davi quando perseguido por inimigos, Sl 31.10 [10]) quanto o lamento nacional (Ez 23.33). O

julgamento em que Deus faz uso do "sofrimento" demonstra o seu poder (Sl 107.39), embora Deus tenha "tristeza" por causa da rebelião de Israel (Jr 8.18).

tûgâ. ***Lamento, tristeza, pesar.*** Este substantivo ressalta o aspecto emocional da tristeza. Tal tristeza alcança os pais de um filho insensato (Pv 10.1) e o coração do perverso (Pv 14.13). Só a Palavra de Deus traz alívio dessa condição mental (Sl 119.28).

R.H.A.

840 יָגָה (*yāgâ*) ***II, afastar.*** Ocorre somente no hifil, em 2 Samuel 20.13.

יָגוֹן (*yāgôn*). Veja o nº 839a.

יָגוֹר (*yāgôr*). Veja o nº 843a.

יָגִיעַ (*yāgıa'*). Veja o nº 842d.

841 יגן (*ygn*). **Aceita como raiz de:**

841a גַּתּ (*gat*) ***lagar, tonel de vinho.***

841b גִּתִּית (*gittît*). Significado desconhecido. Provavelmente um instrumento musical.

gat. ***lagar, tonel de vinho.*** Provavelmente derivado de *ygn* (*BDB*). O sentido básico **é** o de "tina para pisar e espremer o suco das uvas" (sinônimo de *pura*). *yeqeb* descreve o **r**ecipiente que recebe o suco do *gat*.

A lei proibia o uso de lagares no sábado (*cf.* Ne 13.15). O juízo divino é comparado **c**om o pisar as uvas (*cf.* Lm 1.15; Is 63.2).

A palavra é pelo menos tão velha quanto as cartas de Amarna, nas quais aparece em **t**opônimos na forma *Gi(n)t-*.

R.H.A.

gittit. ***Gitite.*** (A ARA traz "lagares" como tradução deste substantivo; a IBB translitera **p**ara "Gitite", com letra inicial maiúscula.) Este é um termo musical de sentido incerto, **t**alvez relacionado com a cidade filistéia de Gate, e ocorre no cabeçalho de três salmos (8; **8**1; 84). Em cada oportunidade ele vem precedido pela preposição *'al*, "sobre", "de acordo **c**om" ou mesmo "no estilo de". Uma vez que *gat* também **é** usado para designar "lagar", **a**lguns acham que *gittît* refere-se à comemoração da colheita da uva por ocasião da Festa **d**os Tabernáculos. Todos os três salmos são hinos bem alegres de louvor. Outros **i**ntérpretes pensam que "gitite" seja uma melodia ou um instrumento bem conhecido em **G**ate. Davi passou alguns meses como vassalo do rei de Gate **e**, durante esse tempo, **p**oderia ter se familiarizado com tal instrumento. Quanto a outros termos do gênero, veja **v**erbete 1506.

H.W.

-42 יָגַע (*yāgēa'*) ***afadigar-se, labutar, ficar (estar) exausto.***

Termos Derivados

842a יָגָע (*yāgā'*) ***ganho (produto do trabalho),*** somente em Jó 20.18.

842b יָגֵעַ (*yāgēa'*) ***exausto, enfadonho.***

842c יְגֵעָה (*y'gi'â*) ***esgotante.***

842d יְגִיעַ (*yāgîa'*) ***exausto,*** somente em Jó 3.17, como um construto plural, na frase *y'gî'ê kôah*, lit., "exauridos de força", isto é, esgotados pelo trabalho.

842e †יְגִיעַ (*y'gîa'*) ***labuta, produto (do trabalho).***

O significado básico é o de "trabalhar até ficar cansado e exausto". Os dois sinônimos, *yā'ēp* e *lā'â* (*q.v.*), tendem a ressaltar a nuança de "exaustão". O adjetivo *yāgē(a)'* tem forma idêntica e pode ser traduzido como "exausto, enfadonho, trabalhoso".

Usa-se a raiz para transmitir duas idéias básicas: 1) uma ênfase no esforço do trabalho árduo; e 2) a exaustão resultante desse trabalho. Deus quis que a labuta resultasse nos benefícios do produto final do trabalho. Isso é especialmente válido no cultivo da terra (Js 24.13). Entretanto, sempre que Israel "se cansou" (lit., "labutou"; Is 57.10) da idolatria e "se enfadou" dos caminhos de Deus (Ml 2.17), colheu o fruto de seu trabalho: o juízo divino. Este juízo freqüentemente assumiu a forma de seca, fome e devastação, de modo que Israel foi incapaz de colher o fruto da terra. Isto, por sua vez, levou Israel a se queixar de que "tem trabalhado" apenas em vão na terra (Is 49.4). No entanto, o Senhor promete que no milênio Israel já não trabalhará em vão, mas colherá os frutos da terra — o produto de seu trabalho (Is 62.8; 65.23). Um tipo parecido de juízo cai sobre a Babilônia por causa da feitiçaria em que se "fatigou" (Is 47.12, 15). Para a Babilônia, porém, não há livramento (Jr 51.58; Hc 2.13).

As Escrituras advertem contra labutar em busca de riqueza, pois a labuta de um tolo só o fatiga (Pv 23.4; Ec 10.15).

Por ficar "exausto" dos caminhos do Senhor devido à prática da idolatria, Israel também ficará "exausto" com os juízos de Deus (Lm 5.5). Os indivíduos ficam física e emocionalmente extenuados, mas o Senhor jamais "se fatiga" em suas obras e caminhos (Is 40.28-31; Sl 6.8 [7]). O Senhor só "se cansa" com as iniqüidades dos homens (*cf.* Is 43.24).

y'gîa'. ***Trabalho árduo, labuta, produto (do trabalho), ganho.*** (A ARA traduz por "riqueza" em Isaías 45.14.)

Este substantivo denota o trabalho de seres que resulta num produto. É basicamente empregado para descrever o fruto do esforço no cultivo do campo e no pastoreio de animais. É bênção de Deus poder comer o produto do próprio trabalho (Sl 128.2), mas, caso Israel se desviasse dos caminhos de Deus e o "fruto do seu trabalho" (IBB; ARA, "suor"; Is 55.2; Os 12.8 [9]) fosse iniqüidade, Deus prometia julgar o povo com a fome (Dt 28.33, *cf.* Jr 3.24; Ag 1.11). Neste sentido o substantivo enfatiza a destruição do produto final do "trabalho", ao passo que o verbo destaca a ação de "labutar" que produzia o resultado final. O Egito foi julgado de modo parecido (Sl 78.46) através das pragas. Neemias adverte acerca de uma ação disciplinadora semelhante (Ne 5.13), enquanto as imprecações de Davi contra seus inimigos consistem em juízos análogos (Sl 109.11).

R.H.A.

843 יָגֹר (*yāgōr*) ***recear, temer, aterrar.***

Termo Derivado

843a יָגוֹר (*yágôr*) ***receoso,*** somente em Jeremias 22.25; 39.17.

O sentido básico é o de "ter grande receio (medo) de algo" (sentido semelhante ao de *pāhad*, *q.v.*). *yāre'* (*q.v.*) tem nuanças de "reverência". Este verbo é, provavelmente, uma forma variante de *gûr*, "recear" (*q.v.*).

Basicamente a raiz designa o "medo" que alguém, que desobedeceu ou pensa que desobedeceu aos caminhos de Deus, tem da disciplina divina (Dt 28.60; Jó 9.28; Sl 119.39). Moisés "temeu" quando fizeram o bezerro de ouro (Dt 9.19).

R.H.A.

844 יָד (*yād*) ***mão, braço, força, monumento, eixo (de roda), encaixe, lado, parte, tempo.***

O sentido básico deste substantivo é o da "parte final do braço e que é usada para realizar funções determinadas pela vontade da pessoa".

Usa-se esta palavra literalmente para designar a mão humana, a qual realiza atividades normais de trabalho (Gn 5.29), quer boas quer más (Gn 4.11). A *lex talionis* ou lei de talião (a lei do "olho por olho") determina a destruição de partes do corpo como castigo por partes do corpo destruídas a outrem (*cf.* HARRIS, R. L., *Man — God's eternal creation*, Moody, 1971, pp. 117-8).

De importância teológica são as múltiplas maneiras como se usa a palavra "mão" em expressões idiomáticas. Tais expressões surgem da versatilidade da mão. A frase "nas mãos de" (ou "às mãos de") sugere autoridade, envolvendo responsabilidade por (e também cuidado de e domínio sobre) alguém ou algo. A pessoa pode estar sob a custódia dessa autoridade. Nas cartas de Amarna, a glosa cananéia *ba-di-ú* significa "nas mãos dele". A humanidade deve ter o restante da criação sob suas "mãos" (Gn 9.2). A autoridade de Sara sobre Hagar (Gn 16.6, 9), a de José sobre a casa de Potifar (Gn 39.3-8), a de Moisés e Arão sobre Israel (Nm 33.1) e a de Davi sobre a Síria (1 Cr 18.3) são expressas com essa frase. Yahweh deve ter autoridade sobre nossas vidas. Colocamos nossos corações e espíritos sob os cuidados, soberania e juízo dele (Sl 31.5, 15; [6, 16]; 2 Sm 24.14). Ademais, essa expressão idiomática designa a "vitória sobre alguém" quando esse alguém é "entregue nas mãos de" outrem. Muitas vezes Yahweh prometeu a Israel que entregaria os inimigos em suas "mãos" (Gn 49.8; Js 6.2) e que livrá-lo-ia "da mão dos inimigos" (Êx 3.8). Cidades de refúgio proporcionavam "acolhimento" para aquele que, inocentemente, tivesse matado a outrem, livrando-o "da mão" do vingador de sangue (Nm 35.15).

A mão simbolizava "poder" ou "força" (ARA, "braço"; Dt 8.17). Deuteronômio 32.36 descreve a perda de poder por Israel ao dizer, literalmente, que "as suas mãos se foram" (*cf.* BJ, "sua mão vai fraquejando"). A mão de Moisés foi contundentemente usada para demonstrar poder nas pragas contra o Egito (Êx 10.12-25). O uso mais notável dessa metáfora fala da transmissão do poder de Deus. 1 Crônicas 29.12 declara que nas mãos de Yahweh estão o poder e a força (*cf.* Sl 89.13 [14]). Sua mão não está "encolhida" (ou

"fraca", Is 59.1; *cf.* BLH), mas é poderosa. Viu-se uma demonstração significativa de seu poder quando livrou Israel do Egito (Êx 13.3-16; Nm 33.3). Todo o mundo testemunhou o poder de Yahweh manifestado através desse evento (Js 4.24). Sua mão criou o mundo (Sl 8.6; 95.5) e opera a verdade e a justiça (Sl 111.7). Ele, com a mão, sustenta e dirige os justos (Sl 37.24; 139.10). Continuamente ele ergue a mão em nosso favor (Sl 10.12). Uma idéia decorrente é a de "capacidade" para realizar uma tarefa. A expressão "estar ao alcance das mãos de" denota a habilidade de fazer ou obter algo (ARA, "as posses permitirem", Lv 14.21-32).

Estar de "posse" de algo é uma função comum da mão. Por isso, "nas mãos de (alguém)" tem, com freqüência, esta conotação. Os ismaelitas tinham José em sua posse (IBB, "mão", Gn 39.1). Yahweh declarou que tiraria o reino davídico do filho de Davi (1 Rs 11.12, 31-35).

Indica-se "submissão" através da expressão "colocar-se debaixo da mão de" (IBB, "se submeteram", 1 Cr 29.24). Yahweh exortou Israel a não se revoltar, mas a "submeter-se" a ele.

"Estender a mão" transmite duas idéias. Expressa o "ataque" a um objeto (Js 8.19. 26); segundo, descreve o anelo que o salmista sente pelo Senhor (Sl 143.6).

"Lançar as mãos a" fazer algo expressa "trabalho" e a atividade em que a pessoa está envolvida (Dt 2.7; 30.9), "em toda obra da tua mão", *b'kol ma'ăsēh yādekā*!. "Fortalecer as mãos de alguém" é ajudar essa pessoa (*cf.* a ajuda prestada por Jônatas a Davi, lit., "fortaleceu a sua mão em Deus", 1 Sm 23.16).

A rebeldia obstinada é indicada pela expressão "mão altiva" (ARA, "atrevidamente". Nm 15.30). De outro lado, a mesma expressão designa o ato poderoso com que Deus livra Israel do Egito (Êx 14.8). "Agitar a mão" simbolizava a advertência divina acerca do juízo e a destruição dele decorrente (PIB; ARA, "agitar o punho", Is 10.32; 19.16). O desprezo também é igualmente visualizado mediante esse símbolo (Sf 2.15).

"Pôr as mãos sobre" possui quatro conotações básicas. Primeiro, essa expressão era empregada para descrever o ato de matar (Gn 37.22, 27). Segundo, designava um gesto feito na cerimônia ritual da bênção (*cf.* Gn 48.17). Terceiro, o comissionamento para uma função ou tarefa específica era normalmente seguido da imposição de mãos (*cf.* o acontecimento em que Moisés dá posse a Josué como líder e também At 13.1-3). Quarto, o importante conceito teológico de substituição foi continuamente apresentado através da imposição de mãos sobre um animal sacrificial. No Dia da Expiação, o sumo sacerdote transferia os pecados da nação para o bode ("substituição") mediante a imposição de mãos sobre o animal. As pessoas indicavam que seus pecados tinham sido transferidos para o animal e haviam sido por este carregados através desta expressão (Êx 29.10-19; Lv 1.4). Derradeiramente, esta figura de linguagem cumpriu-se quando Cristo carregou nossos pecados na cruz (Cl 2.14).

A "mão erguida" tinha várias nuanças. Primeiro, simbolizava a oração quando alguém erguia as mãos na direção do santuário (Sl 28.2). Segundo, a mão erguida periodicamente acompanhava uma benção pública (Lv 9.22). Terceiro, era comum alguém erguer as mãos ao fazer um juramento. Quando Abrão jurou que não tomaria despojos de guerra, na presença do rei de Sodoma ele ergueu as mãos para o Senhor (Gn 14.22). Outro meio de expressar um voto era colocar a mão debaixo da coxa da outra pessoa, como o fez o servo de Abrão ao jurar que seria fiel à incumbência dada por seu senhor (Gn 24.2, 9). Os votos mais significativos nas Escrituras são aqueles feitos antropomorficamente por Deus. Dentre os juramentos registrados nas Escrituras que se fazem acompanhar desse

gesto, o mais lembrado é o da aliança incondicional e eterna em que Deus promete fazer de Abrão uma nação, Israel (Gn 12.1-3; *cf.* Êx 6.8; Nm 14.30, lit., "ergui a mão"; ARA, "jurei"; *cf.* BJ). Deus também jurou vingar o sangue de seus servos (Dt 32.40).

O ato de consagração era indicado pela expressão "encher as mãos" (ARA, "consagrar", Êx 29.9-35; 16.32). Alguns sugerem que o sentido de encher significa que as mãos estavam cheias e não tinham tempo para qualquer outra atividade, embora outros achem que "enchiam-se" as mãos com uma porção do sacrifício, uma vez que esta frase era predominantemente usada no comissionamento de sacerdotes. A purificação ritual era simbolizada pelo "lavar as mãos" (Lv 15.11), o que tornava a pessoa ritualmente justa (2 Sm 22.21). Essa ação simbólica também denotava "absolvição de culpa" (Dt 21.6-7; *cf.* Mt 27.24).

Dar algo a alguém era "abrir-lhe a mão" (Dt 15.8, 11), enquanto "fechar as mãos" significava reter (Dt 15.7). Deus abre a mão para satisfazer o desejo de cada ser vivente (Sl 145.16).

Aquele que "afrouxa a mão" (ARA, "retira...") é alguém que abandona outrem (Js 10.6); o indolente "enterra a mão num prato" (ARA, "mete...", Pv 19.24). O calado põe "a mão na (à) boca" (Pv 30.32).

É interessante que se emprega "mão" para indicar uma "determinação" (Ed 3.10) ou um "monumento" (*cf.* as estelas rituais em Hazor), usado talvez para estabelecer uma aliança ou como uma comemoração religiosa (1 Sm 15.12; Is 56.5). A lei foi simbolicamente colocada na mão dos israelitas para lembrá-los do seu caráter central para a vida (Dt 6.8). Expressava-se a instrumentalidade de quem transmitia mandamentos e a palavra de Deus com "pelas mãos de".

Talvez o dar as mãos levou ao uso de *yād* para denotar os "eixos" que mantinham em seu lugar as rodas do mar de fundição (1 Rs 7.32-33) e os "encaixes" que fixavam as tábuas do tabernáculo ou do templo (Êx 26.17-19; 1 Rs 7.35-36). A mão solta ao lado do corpo muito provavelmente levou ao uso de *yād* com o sentido de "lado, beira, margem ou fronteira" (Êx 2.5; Nm 2.17, ARA, "lugar"; 34.3). O gesto de estender as mãos denotava bastante espaço (ARA, "espaçosa"; lit., "larga de mãos", Gn 34.21), ao mesmo tempo em que "mão" também significava "porção" ou "parte" (Gn 43.34; 47.24). Uma raiz diferente, *ydd*, "amar", talvez ofereça a base para a tradução de *yād* como "pênis" no contexto de Isaías 57.8, 10 (ARA, "nudez" no v. 8 e "o que buscas" no v. 10; *cf. UT* 19: nº 1 072).

Bibliografia: *TDOT*, v. 9, pp. 426-9. — *THAT*, v. 1, pp. 667-73.

R.H.A.

845 ידד (*yādad*) ***I, lançar sortes.***

846 ידד (*ydd*). **II. Aceita como raiz de:**

846a ידיד (*yādîd*) ***amado, amável.***
846b ידידות (*y'dîdôt*) ***cântico de amor.***
846c ידידות (*y'dîdût*) ***ente amado.***

yādîd. ***Amado, amável.*** O sentido básico deste substantivo é o de "alguém profundamente amado" por Deus ou por outra pessoa. O substantivo deriva do verbo

847 יָדָה (*yādâ*)

"amar" (*ydd*; *BDB*, *KB*).

Usa-se este substantivo basicamente para descrever a nação de Israel (ou Judá) e indivíduos como aqueles que são profundamente amados pelo Senhor. Esse amor divino traz proteção (*cf.* Benjamim; Dt 33.12) e prosperidade (Sl 127.2) sobre as pessoas amadas. Esse amor demonstra a razão da contínua fidelidade de Deus para com seu povo Israel, mesmo quando eles desobedeciam e eram infiéis (Jr 11.15). E com base nesse amor de Deus por Israel que ele suplica ao Senhor para que ouça e o livre do juízo (Sl 60.5 [7]; 108.6 [7]). Isaías descreve o Senhor, o viticultor do infiel Israel, como seu amado (Is 5.1), demonstrando seu grande amor pelo Senhor. O salmista se regozija com os tabernáculos dizendo que são "amáveis", ou seja, o local onde ele se deleita em adorar o Senhor (Sl 84.1).

y^edîdôt. ***Cântico de amor.*** O sentido básico deste substantivo é o de "amor" ou "entes amados". A forma é gramaticalmente equivalente ao feminino plural de *yādîd*, sendo entendido dessa forma por *BDB*, mas relacionado separadamente por *KB*.

Este substantivo é empregado apenas uma vez no AT, sendo usado para descrever uma canção de amor, ou uma canção sobre entes amados, que muito provavelmente cantavam, no casamento, para o noivo ou o casal como uma música nupcial (Sl 45, cabeçalho [1]). A forma plural provavelmente indica o amplo uso desse salmo como hino nupcial.

R.H.A.

847 יָדָה (*yādâ*) ***confessar, louvar, dar graças, agradecer.*** No qal e no piel o verbo significa "jogar, lançar".

Termos Derivados

847a הֵידוּת (*huyy^edôt*) ***cânticos de louvor,*** somente em Neemias 12.8.

847b תּוֹדָה (*tôdâ*) ***confissão, louvor.***

847c יְדוּתוּן (*y^edûtun*), יְדוּתֻן (*y^edutûn*) ***Jedutum.***

O sentido básico desta raiz é o de "reconhecer ou confessar o pecado, o caráter e as obras de Deus ou o caráter do homem". A diferença básica entre este verbo e seu sinônimo, *hālal*, é que este último tende a destacar a "aclamação", a "exaltação" ou a "glorificação" de um objeto, ao passo que *yādâ* enfatiza o "reconhecimento" e a "declaração" de um fato, seja ele bom, seja mau. A LXX normalmente traduz *yādâ* por *exomologeō*.

Emprega-se a raiz verbal de três maneiras básicas. Primeiro, a raiz era usada para indicar o reconhecimento ou a confissão de pecados, seja individual seja nacionalmente. A idéia básica claramente se vê na confissão pessoal de Davi, em Salmos 32.5, onde o paralelismo poético demonstra que a confissão era tornar o pecado conhecido diante de Deus e não escondê-lo. É importante assinalar que a confissão de pecados há de ser feita a Deus. A síntese da confissão nacional encontra-se na cerimônia do Dia da Expiação, quando o sumo sacerdote impunha as mãos sobre a cabeça do bode, mediante o que

simbolicamente transferia os pecados da nação para o bode enquanto confessava em voz alta todos os pecados da nação de Israel (Lv 16.21). Emprega-se normalmente a forma hitpael quando esse verbo é usado para indicar a confissão de pecados da nação. Esse grau também era empregado quando as grandes confissões dos pecados de Israel foram feitas por Daniel (Dn 9.4, 20), Esdras (Ed 10.1), Neemias (Ne 1.6) e pelo povo de Israel (Ne 9.2-3), durante e após o cativeiro babilônico. Confissões nacionais de pecado eram normalmente públicas. Deus deseja muito que reconheçamos nossos pecados perante ele (*cf.* 1 Jo 1.9) a fim de mantermos um relacionamento correto com ele.

Segundo, usava-se este verbo predominantemente para expressar a proclamação ou a afirmação (confissão) pública dos atributos e obras de Deus. Este conceito encontra-se no âmago da idéia de louvor. Louvor é uma confissão ou afirmação de quem Deus é e do que faz. Este termo é, com bastante freqüência, traduzido por "agradecer", mas, de acordo com Westermann, essa não é uma tradução realmente adequada:

> No Antigo Testamento... não existe verbo algum que signifique apenas "agradecer". *Hōdāh*, que geralmente é traduzido por "agradecer", não é usado uma única vez no Antigo Testamento como expressão de gratidão entre homens. Desse modo, de início fica claro que não se pode equiparar este *hōdāh* com o nosso "agradecer", o qual pode ser dirigido igualmente a Deus e aos homens. Naquelas passagens do AT onde muito claramente se vê entre os homens aquilo que chamamos de "agradecer", o verbo usado é *bērēk*, que não tem o sentido básico de "louvar", mas que significa "abençoar".
>
> Em vista desses fatos, está claro que o AT não possui o nosso conceito autônomo de agradecimento. A expressão de gratidão a Deus está incluída no louvor, *é um modo de louvor*. (WESTERMANN, Claus, *The praise of God in the Psalms*. Richmond: John Knox Press, 1965, pp. 26-27.)

A melhor tradução do termo é "confissão", pois a pessoa confessa ou declara os atributos e obras de Deus, conforme se vê corriqueiramente no saltério (*cf.* Sl 89.5 [6]; Sl 105; Sl 106; Sl 145) e em outras passagens (*cf.* 1 Cr 29.13). Por essa razão, *yādâ* é uma das palavras-chave para "louvar". É continuamente encontrada na poesia hebraica em paralelo com termos de louvor, tais como *hālal*, "louvar", *zāmar*, "louvar com instrumentos musicais", *rûm*, "exaltar", *zākar*, "lembrar", *kābad*, "glorificar", *nāgad*, "anunciar". A ação de graças acompanha o louvor, pois quando alguém declara os atributos e obras de Deus, não pode deixar de ser agradecido por isso. O louvor conduz regularmente à ação de graças. [Westermann chamou a atenção para uma questão importante. No entanto, é possível questionar que sua formulação seja necessária em todos os detalhes. Se às vezes a gratidão está incluída no louvor, então pode-se muito bem equiparar aqueles inúmeros casos em que se usa *yādâ* para louvar a Deus *por* algum feito ou coisa com o nosso conceito de dar graças, especialmente se um dos sentidos básicos da raiz é "reconhecer", conforme sugerido em *BDB*. R.L.H.]

O louvor normalmente tem Yahweh, ou o seu Nome, como objeto (Sl 97.12; 99.3; 136.1-3, 26). Somente os vivos, não os mortos, louvavam a Deus (Is 38.18-19; Sl 6.5 [6]; 30.9 [10]; 88.10 [11]). Entre os que conclamavam ao louvor incluíam-se indivíduos justos (Sl 140.13 [14]), o povo de Israel (Sl 106.47), as nações (Sl 45.17 [18]), todos os reis da terra (Sl 138.4), os céus (Sl 89.5 [6]) e a ira dos homens (Sl 76.10 [11]). Todos estes confessaram o grande caráter de Deus e suas obras admiráveis. O louvor a Yahweh era público, encontrado entre as nações (2 Sm 22.50) e na grande assembléia do povo de Israel (Sl 35.18). Quando um indivíduo ou um povo vinha louvar Yahweh, davam louvores

oralmente, quer por palavra quer por cântico (Sl 109.30; 28.7), freqüentemente acompanhados por instrumentos musicais (2 Cr 5.13; Sl 33.2; 43.4). Louvor assim era normalmente dado no tabernáculo (ou templo; Sl 100.4; 122.4) sob a direção daqueles levitas nomeados por Davi para se dedicarem exclusivamente ao ministério da celebração pelo louvor e confissão da pessoa de Yahweh (1 Cr 16.4). Esse era um aspecto importante da adoração, o qual devia ser levado a efeito a cada manhã e a cada tarde no tabernáculo (1 Cr 23.30). Esse louvor era para ser dado de todo o coração (Sl 86.12; 111.1), tendo a pessoa um coração íntegro (Sl 119.7), de acordo com os justos caminhos de Yahweh (Sl 7.17 [18]). Tal louvor devia ser contínuo — para sempre (Sl 30.12 [13]).

Terceiro, usava-se *yādâ* também para indicar o louvor de um ser humano por outro ser humano, a confissão de alguma verdade sobre alguém (Sl 49.18 [19]). O nome "Judá", que significa "louvor", provém desta raiz, pois os irmãos de Judá iriam louvá-lo (ou confessá-lo; Gn 29.35).

tôdâ. ***Confissão, louvor, sacrifício de louvor, agradecimento, ação de graças, oferta de gratidão.*** Sendo derivado de *yādâ*, este substantivo cognato basicamente significa "confissão", quer de pecados quer do caráter e obras de Deus. Usava-se o termo com um sentido todo especial dentro do contexto do sistema sacrificial de Israel. Era possível oferecer um "sacrifício de gratidão" (ou "sacrifício de louvores", ARA) em que o ofertante faria declarações de louvor a Deus e/ou confissão de pecado a Deus, enquanto oferecia seu sacrifício. Quando a confissão feita junto com o sacrifício dizia respeito a pecado, a oferta era classificada como "oferta pacífica" e era assim oferecida a fim de que o indivíduo fosse aceito perante Deus (*cf.* Lv 7.12-15; 22.29). Tal oferta e confissão glorificavam a Deus, revelando sua retidão em contraste com o pecado da pessoa (Sl 50.23), e era um meio pelo qual a pessoa endireitava seu caminho.

Quando o sacrifício se fazia acompanhar de louvor (confissão) de Deus, era especialmente um tempo de júbilo (Sl 95.2; Jr 17.26; 33.11). Deus era engrandecido com tal louvor (Sl 69.30 [31]). O salmo 100 é um salmo típico de louvor para esse tipo de ocasião, conforme se vê tanto em seu cabeçalho quanto em seu conteúdo. Parece que cantar era um meio usual de confessar a grandeza de Deus (Sl 147.4). Também parece que, em determinadas situações, muitos faziam votos de que viriam ao tabernáculo (ou templo) e ofereceriam um sacrifício de louvor e confissão quando Deus os livrasse das circunstâncias que experimentavam (Sl 56.12 [13]; 116.17; *cf.* Jonas em Jn 2.10 e Manassés em 2 Cr 33.16).

Existem casos em que a confissão se fazia sem sacrifício. Os que voltaram do exílio na Babilônia deram louvor; Israel louvou a Deus pela reconstrução dos muros de Jerusalém (Ne 12.31-40); Acã confessou seus pecados a Yahweh diante de Josué (Js 7.19-21).

y'dûtun. ***Jedutum.*** Nome de um dos três líderes das corporações musicais do tabernáculo (e do templo) sob o rei Davi (1 Cr 9.16; 25.1-7; 2 Cr 5.12; 29.14; 35.15). Essas corporações perpétuas receberam a incumbência de celebrar, confessar e louvar Yahweh com cânticos e instrumentos musicais. O instrumento principal da corporação de Jedutum era a harpa, embora talvez também se usassem trombetas, liras e címbalos (1 Cr 16.42; 2 Cr 5.12). No cabeçalho dos salmos 39, 62 e 77, a referência a "Jedutum" é muito provavelmente uma referência a ele e a seu grupo, na condição de músicos que deviam apresentar o salmo instrumental e/ou vocalmente. É, por isso, interessante que o nome

"Jedutum" derive muito provavelmente de *yādâ*, um dos principais termos para designar louvor (*cf.* ***BDB***, p. 392-3).

R.H.A.

יְדוּתוּן (*y'dûtûn*). Veja o nº 847c.

848 יָדַע (*yāda'*) ***conhecer, saber.***

Termos Derivados

848a דֵּעָ (*dea'*) ***conhecimento, opinião.***

848b דֵּעָה (*de'â*) ***conhecimento.***

848c דַּעַת (*da'at*) ***conhecimento.***

848d יִדְּעֹנִי (*yidd"ōnî*) ***espírito familiar, mágico, agoureiro, adivinhos.***

848e מוֹדָע (*môda'*), מֹדַע (*mōda'*) ***parente.***

848f מֹדַעַת (*mōda'at*) ***pessoa aparentada, parentesco,*** somente em Rute 3.2.

848g מַדָּע (*maddā'*) ***conhecimento.***

848h מַדּוּעַ (*maddûa'*), מַדֻּעַ (*maddua'*) ***por quê?***

Esta raiz, que ocorre 994 vezes, é usada em todos os graus e expressa uma variedade de aspectos de conhecimento adquirido pelos sentidos. Seus sinônimos mais proximos são *bin*, "discernir", e *nākar*, "reconhcer". A raiz é encontrada em acadiano, ugarítico e nos textos de Qumran.

Usa-se *yāda'* para designar o conhecimento que Deus tem do homem (Gn 18.19; Dt 34.10) e de seus caminhos (Is 48.8; SI 1.6; 37.18), conhecimento este que principia antes mesmo do nascimento (Jr 1.5). Deus também conhece as aves (SI 50.11).

Usa-se também *yāda'* para designar o conhecimento que o homem e igualmente os animais possuem (Is 1.3).

O particípio ocorre em frases que descrevem a destreza no caçar (Gn 25.27), no aprender (Is 29.11-13), no lamentar (Am 5.16), no viajar pelos oceanos (2 Cr 8.18) e no tocar um instrumento (1 Sm 16.16).

Em certos contextos significa "distinguir". "Conhecer o bem e o mal" (Gn 3.5. 22) é o resultado de desobedecer a Deus. Fazer distinção entre um e outro é algo necessário para o rei (2 Sm 19.36). As crianças são incapazes de distinguir entre a mão esquerda e a direita (Jn 4.11) e entre o bem e o mal (Dt 1.39; Is 7.15). O contexto desta última passagem e a afirmação semelhante de Isaías 8.4 talvez indiquem que a referência é à incapacidade da criança de distinguir entre o que é benéfico e o que é prejudicial. Embora costumeiramente adquirido pela experiência, o conhecimento também é a percepção contemplativa que os sábios possuem (Pv 1.4; 2.6; 5.2; Ec 1.18).

yāda' é usado para expressar familiaridade com uma pessoa em frases como "Conheceis a Labão?" (Gn 29.5; Êx 1.8; 2 Sm 3.25). O particípio pual designa pessoas aparentadas (2 Rs 10.11, *etc.*) e conhecidos (Jó 19.14; Rt 2.1, *etc.*). *yāda'* também é usado para os relacionamentos mais íntimos. Deus conhece Moisés pelo nome e face a face (Êx 33.17; Dt 34.10). Ele conhece o sentar e o levantar do salmista (Sl 139.2).

Para designar a relação sexual por parte tanto do homem quanto da mulher, também

se usa *yāda'* no conhecido eufemismo "conheceu Adão a Eva, sua mulher" (IBB, Gn 4.1; 19.8; Nm 31.17, 35; Jz 11.39; 21.11; 1 Rs 1.4; 1 Sm 1.19). Usa-se para descrever perversões sexuais como sodomia (Gn 19.5; Jz 19.22) e estupro (Jz 19.25).

Além do conhecimento de assuntos seculares, *yāda'* também é empregado para indicar o relacionamento de alguém com a divindade, seja com outros deuses (Dt 13.3, 7, 14) ou com Javé (1 Sm 2.12; 3.7). O pagão não conhece a Deus (Jr 10.25), nem tampouco Israel, de acordo com os profetas (Jr 4.22). As pragas do Egito foram enviadas para que os egípcios soubessem que Javé é Deus (Êx 10.2, *etc.*). Ele destruirá (Ez 6.7) e restaurará Israel, de sorte que saberão que ele é Deus (Is 60.16). O profeta Ezequiel, em particular, utiliza em suas ameaças a frase "para que saibais" (Ez 6.7, 10, 13, 14; 7.4, 9, 27, *etc.*).

dē'â. ***Conhecimento.*** Este substantivo feminino é traduzido por *gnôsis* na LXX e por *scientia* na Vulgata. O Senhor é um Deus de todo conhecimento (Jó 36.4; 1 Sm 2.3). Os ímpios questionam o conhecimento que Deus tem (Sl 73.11). Deus é o objeto do conhecimento humano, e Isaías antevê uma terra repleta do conhecimento do Senhor (Is 11.9). O profeta prega o conhecimento (Is 28.9), e o governante ideal governa com tal conhecimento (Jr 3.15). Este substantivo talvez seja apenas uma outra forma de *da'at* (veja abaixo). O substantivo masculino *dēa'* é bem parecido.

da'at. ***Conhecimento, astúcia.*** Este substantivo feminino deriva da raiz *yāda'*, "conhecer". A raiz expressa o conhecimento adquirido de diversas maneiras pelos sentidos. O substantivo ocorre 93 vezes no AT, a maioria das vezes na literatura de sabedoria, com 41 casos em Provérbios, dez em Jó e nove em Eclesiastes. É usado 42 vezes nos textos de Qumran e em ugarítico e acadiano.

da'at é um termo genérico que indica conhecimento, especialmente aquele de natureza pessoal e experimental (Pv 24.5). Também é usado para indicar o conhecimento técnico ou uma habilidade específica, tal como o que foi necessário para a construção do tabernáculo e do templo (Êx 31.3; 35.31; 1 Rs 7.14). Também se usa *da'at* para indicar o discernimento (Sl 119.66). Tanto aquilo que é feito sem intenção (Dt 4.42; 19.4; Js 20.3, 5; *b'lî da'at*) quanto opiniões equivocadas são "sem conhecimento" (*lō' da'at*, ARC, Pv 19.2).

da'at é algo que também Deus possui (Jó 10.7, Sl 139.6; Pv 3.20), de quem ninguém pode se esconder (Sl 139.1-18). Ele ensina *da'at* ao homem (Sl 94.10; 119.66; Pv 2.6). A palavra aparece em paralelo com sabedoria (*hōkmâ*) e entendimento (*t'bûnâ*), instrução (*mûsār*) e lei (*tôrâ*). "Sabedoria" é vocábulo usado em grupos de palavras onde também aparece "ciência" (*maddā'*, Dn 1.4) e é o oposto de "estultícia" (*'iwwelet*, Pv 12.23; 13.16; 14.18; 15.2). Dessa maneira, *da'at* é a percepção contemplativa do sábio (Pv 1.4; 2.6; 5.2; Ec 1.18).

da'at também é empregado para indicar a cognição moral. Assim, a árvore no jardim do Éden era uma árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.9, 17). Ao comer do seu fruto, o homem veio a conhecer de uma forma comparável ao conhecimento que Deus tem (veja acima). Essa importante referência também pode ser interpretada como uma figura de linguagem conhecida como merisma para indicar a consciência objetiva de todas as coisas, tanto boas quanto más. Nesse sentido, a dor do pecado assumiu de fato dimensões divinas (Gn 3.22). Diz Cassuto: "Antes de comerem da árvore do conhecimento, o homem e sua esposa eram como criancinhas que nada sabem do que existe ao redor" (U. Cassuto, *Genesis*, v. 1, p. 112).

Particularmente distintivo é o conceito profético de "conhecimento de Deus" (*da'at*

'ĕlōhîm), que é especialmente proeminente em Oséias (4.1, 6; 6.6; *cf.* Pv 2.5). O conhecimento de Deus deriva daqueles destacados acontecimentos históricos em que Deus deu provas de si mesmo e revelou-se a indivíduos escolhidos, tais como Abraão e Moisés. Essas revelações devem ser ensinadas a outros. "Conhecimento de Deus" aparece em paralelo com "temor do SENHOR" (*yir'at YHWH*, Is 11.2; cf. 58.2; Jr 22.16) como descrição da religião verdadeira. Aquele que tem uma relação correta com Deus confessa-o e obedece-lhe. Exercitar o juízo e a justiça e julgar a causa do pobre e do necessitado é conhecer a Deus (Jr 22.15-16). Por outro lado, onde não há nenhum conhecimento de Deus, existe o perjúrio, a mentira, o homicídio, o roubo, o adultério e a quebra de todos os limites (Os 4.1-2). Isso trará destruição sobre o povo (Os 4.6; *cf.* Is 5.13). O conhecimento de Deus lhe é mais agradável do que sacrifícios (Os 6.6). A idéia que os profetas tinham da era messiânica era de um tempo em que o conhecimento de Deus cobriria a terra assim como a água cobre o mar (Hc 2.14; *cf.* Is 11.9).

yidd"ōnî. ***Espírito familiar*** (TB); ***mágico*** (ARA, ARC); ***agoureiro*** (IBB); ***adivinhos*** (BJ, PIB). Uma vez que a raiz de *yidd"ōnî* é o verbo *yāda'*, "conhecer", está, portanto, implícito no título um conhecimento esotérico que não está ao alcance da pessoa comum.

yidd"ōnî sempre ocorre em paralelo com *ob* (espírito adivinhador, *q.v.*). A palavra pode estar descrevendo *'ôb* ou pode ser o seu equivalente masculino.

Deus proibiu seu povo de consultar *yidd"ōnî* (Lv 19.31; 20.6, 27; Dt 18.11) e também outros adivinhadores. A despeito de Saul tê-los tornado ilegais, ainda assim consultou uma *'ôb*, "espírito", conforme relatado em 1 Samuel 28. A maneira como os reis israelitas tratavam com esses praticantes de espiritismo era um fator significativo na caracterização do rei como bom ou mal (2 Rs 21.6; 23.24; 2 Cr 33.6). Isaías referiu-se a eles com profundo desdém (8.19; 19.3).

mōda'. ***Parente.*** A LXX segue o *kethib*, traduzindo este substantivo feminino como *gnōrismos*, "pessoa conhecida", a partir de uma forma participial no piel. A Vulgata e as traduções em português seguem o contexto, onde Boaz é um parente consangüíneo (Rt 2.1; *cf.* 2.20; 3.2, 12; 4.3).

Em Provérbios 7.4 emprega-se *mōda'* figuradamente, em paralelo com "irmã", para descrever a sabedoria.

mōda'at. ***Parente.*** A LXX traduz este substantivo feminino como *gnōrismos*, "pessoa conhecida", mas a Vulgata verte como *propinquus*, "parente". As versões em português seguem a Vulgata e o contexto (Rt 3.2; *cf.* 2.20; 4.3). Quanto ao costume do casamento de levirato, veja Gênesis 38; Deuteronômio 25.5; Mateus 22.23, e *cf. yābam*.

madda'. ***Conhecimento, ciência, pensamento.*** Este substantivo masculino é utilizado em contextos em que aparece a palavra *hokmâ*, "sabedoria". O pedido de Salomão foi por sabedoria e conhecimento (2 Cr 1.10-12). Os jovens hebreus ultrapassaram os demais em conhecimento (Dn 1.4, 17; ARA, "conhecimento"; IBB, "instrução"). A palavra encontra-se em paralelo com aquilo que é feito em segredo, daí "pensamento" (IBB; ARA, "leito", Ec 10.20). Também ocorre em Eclesiástico 3.13; 13.8.

maddûa'. ***Por quê? por qual razão?*** *BDB* e *KB* sugerem que a palavra é uma contração

de *mâ yadûa'*, literalmente "o que sendo conhecido", isto é, "com base em que motivo". É traduzida de diversas maneiras pela LXX: *tís*, *dia tí*, *hína tí*, *hína tí toûto*, *tí hotí*, *hôs tí*. Assim, esse advérbio interrogativo é empregado para indagar acerca de um motivo (cf. Gn 26.27), como uma pergunta indireta (*cf.* Êx 3.3) ou como um recurso de retórica, como em Isaías 5.4 s., "por que, quando eu esperava que ela desse uvas boas, deu apenas uvas azedas?" (BJ).

Bibliografia: BAUMANN, E., "*yada'* und seine Derivate", ZAW 28:25-41, 110-41 — DAVIES, T. W., *Magic, divination and demonology*, reimpressão, KTAV, 1969. — DENTAN, Robert C., *The knowledge of God in ancient Israel*, Seabury, 1968. — MCKENZIE, John L., "Knowledge of God in Hosea", *JBL* 74:23 ss. — PIPER, O. A., "Knowledge", em *IDB*, pp. 42-4. RICHARDSON, *TWB*, pp. 121-2. — THOMAS, D. W., "Additional notes on the root *yd'* in Hebrew", *JTS* 15:54-7. — *TDOT*, v. 1, pp. 696-703. *THAT*, v. 1, pp. 682-700.

J.P.L. / P.R.G.

יִדְּעֹנִי (*yidd'ōnî*). Veja o nº 848d.

יָהּ (*yāh*). Veja o nº 484b.

849 יָהַב (*yāhab*) ***dar, vir***. Aramaico *y'hab*, "dar".

Termos Derivados

849a יְהָב (*y'hāb*) ***presente, cuidado.***

849b הַבְהָב (*habhab*) ***presente, dádiva, oferta.***

yāhab é usado umas 33 vezes e apenas no imperativo do qal. O aramaico é usado 38 vezes em diferentes tempos. O sinônimo mais comum é *nātan*, traduzido pela LXX por *didōmi*, "dar". Entretanto, *didōmi* também é usado, quase exclusivamente, para traduzir o aramaico *y'hab*. A nossa palavra enfatiza a noção de apresentar ou colocar um objeto ou pessoa em algum local. A LXX verte o substantivo *y'hāb* por *merimna* (Sl 55.22 [23]), "o que foi-te dado" (ARA, "cuidados").

O verbo é usado apenas no imperativo do qal e apenas das seguintes maneiras: 1) Como uma interjeição, "vinde!" (Gn 11.3, mais quatro vezes), traduzida na LXX pelo advérbio *deute*, a maioria das vezes usado como uma partícula exortativa (*cf.* Is 1.18, LXX). 2) A idéia básica expressa-se através de "dá!" É usado acompanhado do objeto direto, aquilo que deve ser dado, e do indireto. Em Gênesis 29.21, "dá-me minha mulher", a idéia é de fazer com que ela fosse apresentada a Jacó, e em Deuteronômio 1.13, "tomai-vos homens sábios, entendidos e experimentados", onde a idéia é de tomar, ou seja, apresentar homens para serem indicados para uma tarefa específica. A noção de escolher ou nomear estaria envolvida aqui. Um desdobramento disso é "ponde", como em 2 Samuel 11.15. "Ponde a Urias na frente da maior força da peleja".

3) O sentido mais importante do ponto de vista teológico é o mandamento para "dar" glória ao nome do Senhor (PIB, Dt 32.3; Sl 29.1-2; 96.7-8; 1 Cr 16.28-29). É interessante notar que, embora essas passagens sejam praticamente as mesmas, a LXX traduz 1 Crônicas por *didōmi*, "dar", e os textos de Salmos por *pherō*, que basicamente significa "trazer, apresentar, levar", seja um fardo ou um presente. "Tributar" (ARA, Sl 29.12), com

o sinônimo de "atribuir", sugere "inferir causa, qualidade ou autoria". Por isso as passagens exigiriam que todos reconhecçam o Senhor Yahweh como o grande rei e ofereçam tal reconhecimento de glória e grandeza proporcionalmente à sua majestade. *Cf.* Apocalipse 21.24, que faz alusão a Isaías 60.11, onde os reis da terra trarão (*pherō*) sua glória à nova Jerusalém.

Nas porções aramaicas de Daniel e Esdras, o cognato possui o sentido mais geral do hebraico *nātan*, "dar". No aramaico bíblico, no grau simples o verbo *y'hab* não é usado no imperfeito. e o verbo *n'tan* é empregado apenas no imperfeito. Em muitas dessas passagens, Deus, em sua soberania, é apresentado como aquele que dá sabedoria (Dn 2.21, 23), vida (Dn 7.12), reinos, poder, força e esplendor (Dn 2.37-38; 5.18-19), livramento de perigos físicos (Dn 3.28), e como quem controla o destino das pessoas e das nações (Ed 5.12, Dn 7.12, 25, 27).

y'hab. ***Presente, cuidado.*** Os dois substantivos derivados (veja também *habhab*) são, em *KB*, considerados corruptelas ou são deixados sem explicação. Em Salmos 55.22 [23] *y'hab* é traduzido como "fardo" (IBB; TB, "carga"; a RSV, que também traduz como "fardo", acrescenta, em nota marginal, "aquilo que ele te deu", interpretando a palavra como um perfeito do verbo). Instrutiva é a versão que a LXX faz nesta passagem, *merimna*, "cuidado, ansiedade, fardo", palavra usada quatro vezes para traduzir *d'āgâ*, "cuidado ansioso". Em Eclesiástico 34.1 e 42.9 a palavra está ligada à perda do sono. A idéia seria, então, de que a providência divina, quer ela pressagie bem ou mal, não deveria induzir medo ou provocar ansiedade, mas, pelo contrário, deveria levar a pessoa a se voltar tranqüila e confiadamente para o Senhor, que dá uma nova perspectiva para a vida. Deus não garante, então, satisfazer os nossos desejos, mas é, isto sim, aquele que conhece as nossas necessidades melhor do que nós mesmos.

habhab. ***Presente.*** Oséias 8.13 é variadamente traduzido: "Amam o sacrifício, por isso sacrificam, pois gostam de carne e a comem" (ARA); "eles oferecem os sacrifícios que amam, comem a carne" (BJ); "quanto aos sacrifícios das minhas ofertas, eles sacrificam carne, e a comem" (IBB, TB; a ARC traz "dons" em lugar de "ofertas"); "sacrifiquem à vontade suas vítimas fumegantes e comam-lhes as carnes!" (PIB). *KB* considera esta palavra uma corruptela e emendaria tanto aqui como em 4.18 para uma forma de *'āhab*, "amar". A ARA considera as duas passagens pouco claras e, por isso, acompanha *KB*. Mas a forma *habhab* não é uma reduplicação incomum.

P.R.G.

850 *יָהַד (*yāhad*) ***tornar-se judeu.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

850a יְהוּדִי (*y'hûdî*) ***judeu*** (adjetivo usado muitas vezes substantivadamente).
850b יְהוּדִית (*y'hûdit*) ***judia*** (adjetivo).
850c יְהוּדָה (*y'hudâ*) ***Judá.***

yāhad ocorre só uma vez, em Ester 8.17, "muitos, dos povos da terra. se fizeram

judeus", onde é um particípio do hitpael. Assinalamos aqui o uso, por Senaqueribe, de *Ya-ú-di* para referir-se à terra de Judá e de *Ha-za-qi-a-ú Ya-ú-da-ai*, "Ezequias, o judeu".

yᵉhûdî. ***judeu,*** um adjetivo usado 14 vezes. Seu plural, ***yᵉhûdîm***. "judeus, homens de Judá", é usado como substantivo 71 vezes.

yᵉhûdît. ***Judia*** é o adjetivo feminino usado seis vezes para referir-se à língua dos judeus (Is 36.11, 13; Ne 13.24). Nessas passagens é um adjetivo usado adverbialmente (*B*).

yᵉhûdâ. ***Judá.*** Este nome próprio é usado para referir-se a pessoas e a um território. Ocorre mais de 800 vezes, sem contar os derivados. Perdeu-se o sentido original da raiz, não sendo encontrado nem em ugarítico, nem em assírio. Em Gênesis 29.35 e 49.8, oferece-se uma explicação com o uso de *yādâ* no hifil com o sentido de "dar graças, elogiar, louvar". No entanto, esses nomes dos filhos de Jacó devem, muitas vezes, ser considerados como um jogo de palavras e não como explicação que ofereça a definição ou derivação de determinada palavra. Na primeira vez Lia deu nome ao seu quarto filho, Judá, dizendo: "esta vez darei graças a Yahweh" (ARA, "louvarei", Gn 29.35). Na segunda, Jacó, ao abençoar o filho, faz um jogo de palavras, "Judá, teus irmãos te louvarão" (Gn 49.8), e então prossegue com promessas específicas.

Judá foi o nome do quarto filho do patriarca Jacó, nascido de Lia. É o nome de diversos indivíduos no período pós-exílico (Ed 3.9; 10.23; Ne 11.9; 12.8, 36). No relato patriarcal Judá ocupa um papel secundário.

Entretanto, Gênesis termina com uma significativa promessa, onde se antevê a proeminência de Judá na história posterior da aliança. O episódio de Judá e Tamar (Gn 38) contrasta com o padrão de comportamento ético, de fato, aliancístico, que José teve (Gn 39.9), o qual reconheceu que o adultério com a esposa de Potifar seria acima de tudo pecado contra um Deus santo. A graça soberana de Deus estava, porém, atuando na vida de Judá, tanto no fato de ele se tornar um líder entre seus irmãos (Gn 43.3; 44.14; 46.28) quanto no de ser ele quem mais se destacou em arrependimento e confissão pelo pecado contra José (Gn 43.8 s.; 44.16-34). A bênção de Jacó prometeu liderança, vitória e reinado (Gn 49.8-12), antecipando a linhagem real estabelecida pela aliança com Davi e, derradeiramente, com o Senhor Jesus Cristo, o qual haveria de combinar em sua pessoa o rei suserano e o ungido (Messias). Veja a análise do versículo 10 no verbete *shēbet*.

Ao longo do Pentateuco pouco destaque se dá aos descendentes de Judá, exceto por liderarem o grupamento de vanguarda na peregrinação pelo deserto (Nm 2.9). Claro está que a essa altura Judá era o nome de uma tribo que não teria maior realce até que Davi, filho de Jessé, fosse ungido rei sobre Judá e, posteriormente, sobre todo Israel (2 Sm 2.4; 5.3). A contribuição religiosa significativa de Judá foi o estabelecimento de Jerusalém (no território de Judá) como "o lugar que o SENHOR vosso Deus escolher... para ali pôr o seu nome" (Dt 12.5, 11, 14, 18, 21, 26, *etc.*; cf. 2 Sm 7.5-6, 13).

Depois da apostasia de Salomão (1 Rs 11.1-13), Deus separou Israel (dez tribos) de Judá, que desde os dias de Josué incluía o território de Simeão (Js 19.9). Embora os profetas falassem do povo de Israel e dos filhos de Judá como sendo o povo de Deus por causa de um relacionamento aliancístico (*cf. 'ammî*, "meu povo") que tinha origem na época de Abraão, Isaque, Jacó e Moisés (*e.g.*, Am 2.4, 6; 3.1 s.; 9.14; Os 1.11 [2.2]; 12.13), assim mesmo o relacionamento aliancístico prosseguiu através de Judá somente após a desastrosa queda de Samaria e do reino do norte. Usa-se o nome "Israel" mais

especificamente para designar o povo com quem Deus estabeleceu aliança, denotando a totalidade dos eleitos, que estão unidos a Yahweh, mas, depois da queda de Samaria, Miquéias, Isaías e outros escritores usam o termo "Israel" ao falarem de Judá, que em essência é um nome político. *Cf.* Isaías 5.7; 8.18; Miquéias 2.12; 3.1, 8-9; 4.14; 5.1. Mas Judá, como nação, haveria de durar pouco mais de um século, antes de sua derrocada em 586 a.C. Os profetas estiveram continuamente chamando o povo de Deus a voltar para o verdadeiro relacionamento aliancístico (*e.g.*, Jr 4.4). Com o exílio babilônico, Judá não perde sua identidade básica, embora fosse um povo que já não estava em sua própria terra. Durante esse período o povo de Deus é chamado de *y'hûdî*, notadamente em Zacarias 8.23 e Daniel 3.8, 12. Uma pequena porcentagem retornou para sua pátria durante o período persa, embora os dois grupos tenham, em última instância, participado da atuação providencial de Deus. O remanescente que voltou à terra tornou-se o canal pelo qual veio o Messias prometido, nascido na cidade natal de Davi, Belém. O povo da dispersão serviu de ponte para a proclamação apostólica e a aceitação do Evangelho. Com respeito a isso, deve-se fazer uma menção especial a Ester 8.17, "muitos, dos povos da terra [em cada uma das províncias], se fizeram judeus", havendo no NT várias referências a prosélitos (At 2.10; 10.1 s.) e a sinagogas (At 13.14 ss.; 13.43; 14.1).

Muitos crêem que Judá e Israel serão restaurados e tornarão a experimentar o favor da aliança devido à fidelidade resoluta e soberana de Yahweh. Devem-se comparar afirmações explícitas de Oséias (1.9, 10 [2.1]; 3.5; 14.4), Amós (9.8-12), Jeremias (33.3-26) e Ezequiel (37.16-28) com o ensino de Paulo (Rm 9—11) e a revelação que João teve (Ap 7.4-8).

Bibliografia: *TDOT*, v. 3, pp. 359-65.

P.R.G.

יְהוּדָה (*y'hudâ*). Veja o nº 850c.

יְהוּדִי (*y'hûdî*). Veja o nº 850a.

יְהוּדִית (*y'hûdît*). Veja o nº 850b.

יְהוָה (*yhwh*). Veja o nº 484a.

851 יהר (*yhr*). **Aceita como raiz de:**

851a יָהִיר (*yāhîr*) ***orgulhoso, altivo, arrogante.***

A LXX traduz por *alazōn*. Palavra usada apenas duas vezes no AT, em Provérbios 21.24 e Habacuque 2.5. Os paralelos das duas passagens em hebraico e mais a tradução grega aclaram o significado. Em Provérbios as palavras em paralelo são *zēd*, "soberbo, altivo". e *lēts*, "zombador" (*q.v.*), que são em seguida descritos pela expressão "ele procede com insolente orgulho" (IBB; ARA, "procede com indignação e arrogância"; *zādôn*). Em Habacuque o homem altivo e "arrogante" é aquele que, traído pelo vinho, se deixa levar pela inveja. Em resumo, sua confiança não está no Senhor, que controla o destino de todos os homens.

Em Sabedoria 5.8 *alazoneia* ("que proveito nos trouxe o orgulho?", BJ) é posto em contraste com os caminhos do Senhor e, destarte, separa de Deus.

O uso de *alazoneia* pelo NT aclara ainda mais os significados envolvidos. Em Romanos 1.30 e 2 Timóteo 3.2 a palavra aparece em listas de características que descre-

vem a pessoa não-regenerada, a qual merece morrer por causa dessas pecaminosas. 1 João 2.16 declara que a "soberba da vida" não tem origem no Pai. ela procede do coração pecaminoso que, arrogante e desafiadoramente, toma o Deus soberano. De outro lado, aquele que verdadeiramente ama o Pai e exalt soberano, exibe sua fé e consagração ao fazer a vontade do Pai. Tiago coloca es numa perspectiva bem clara quando fala do homem arrogante que toma decisões pudesse controlar o futuro, sem levar em conta que, em última análise, Deus é em todos os aspectos da vida. "Em vez disso, devieis dizer: 'Se o Senhor quiser. viveremos, como faremos isto ou aquilo.' Agora, entretanto, vos jactais das arrogantes pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna" (4.15-16). Hi citação de Ribbeck em que ele define *alazōn* como aquele que "se apresenta como mais" do que aquilo que realmente é, "dizendo que possui mais e melhores coisas tem ou até mesmo o que não tem", e que "promete aquilo que não terá condições de (em *TDNT*, v. 1, p. 226).

Em suma, *yāhîr* reflete uma pessoa egocêntrica e arrogante.

יָהִיר (*yāhîr*). Veja o nº 851a.
(*yahdlōm*). Veja o nº 502b.
יוּבַל (*yubal*). Veja o nº 835b.
יוּבָל (*yôbēl*). Veja o nº 835e.

852 יוֹם (*yôm*) ***dia, tempo, ano.***

Termo Derivado

852a יוֹמָם (*yômām*) ***de dia.***

Esta palavra é o "mais importante conceito de tempo no AT, pela qual expressar tanto um instante quanto um período de tempo". A palavra também é comi em ugarítico. Ela pode denotar: 1) o período de iluminação natural (em contraste com período de escuridão); 2) o período de vinte e quatro horas; 3) a idéia geral e indefini de "tempo"; 4) um instante no tempo; 5) o período de um ano (caso em que a pala aparece no plural; 1 Sm 27.7; Êx 13.10, *etc.*). Observe-se especialmente os seguinte significados especiais: *b'yôm* (freqüentemente com o sentido de "quando"; *b'* pode ser substituído por *min* ou *'ad*). *hayyôm* (freqüentemente denotando "hoje" ou algum dia em particular), *bîmê*, "no tempo de", *y'mê*, "enquanto" (Gn 8.22). O acadiano *ūmu*, "dia", é por vezes combinado com *ina*, "em", na forma *inūma*, *enūma*, com o sentido de "quando" (*e.g.*, *enūma elish*), exatamente como no hebraico *b'yôm*. Não existem sinônimos de verdade para esta palavra, embora ela se compare a *'ēt* ("tempo") e *'ôlām* ("eternidade") em alguns contextos (Ez 21.25 [30]; Nm 13.20, *etc.*). Outras palavras hebraicas às vezes traduzidas por "dia" são: *or*, "luz", *bōqer* (palavra que geralmente designa "manhã", o período de iluminação natural antes do meio-dia; Jz 19.26), *shahar* (palavra do semítico do noroeste designativa de "deusa da manhã"; veja *shahar*, *hālal*, *UT* 19: nº 2 399; Gn 32.25). Finalmente, usada adverbialmente, *yôm* (*kōl-hayyôm*, Jó 1.5; Gn 6.5) tem sentido

paralelo ao de *tāmîd* ("continuamente"; Nm 4.7). Antônimos de *yôm* são: *layʿlâ*, "noite" (Gn 8.22) e *ʿereb*, "tarde" (Gn 1.5; *cf.* Dn 8.14). Esta palavra, uma raiz semítica comum (*UT* 19: nº 1 100), e o conceito de tempo que a cerca não oferecem uma compreensão única de tempo. (Jenni, *THAT*, v. 1, *yôm*, "Tag"). A raiz ocorre 2 358 vezes.

E importante assinalar que o dia claro não era dividido regularmente por horas, mas de acordo com fenômenos naturais (Êx 18.13; Gn 43.16; 15.12; 18.1, *etc.*). A noite, porém, era dividida em três vigílias (talvez Lm 2.18; Jz 7.19; Êx 14.24). Ademais, aparentemente existe uma certa dualidade na determinação do início e do fim do dia, sendo que o fim às vezes é a tarde (Et 4.16; Dn 8.14) e às vezes a manhã (Dt 28.66-67; *AI*, v. 1, p. 180 ss.).

A palavra "dia" é cercada de muitos temas teológicos relacionados à soberania de Deus. Sendo eterno, Deus precede (Is 43.13; Dn 7.9) e transcende o tempo (Sl 90.4). O tempo ("dias") foi criado por Deus (Gn 1) e está sob seu controle (Sl 74.16). Observe-se especialmente o "dia" miraculoso de Josué (*SOTI*, p. 259 ss.). O homem é chamado a reconhecer essa soberania conformando sua vida às divisões do tempo estabelecidas por Deus (Êx 20.11; 31.17, *etc.*). Deus garantiu a regularidade do tempo (Gn 8.22), mas isso não significa que a regularidade seja uma lei à qual Deus esteja sujeito. Na verdade, um dia ela será suspensa por Deus (Zc 14.7). A semelhança do tempo cosmológico e terrestre, a duração da vida humana está escrita (Sl 90.10), determinada (Sl 139.16) e é controlada (Dt 30.20; Sl 55.23 [24]; 91.16; Is 38.5) por Deus. A Bíblia apresenta repetidas indicações do interesse de Deus pelo tempo e por seus acontecimentos (Gn 26.33; 24.55). Além disso, nela se exibe uma filosofia peculiar (ao mundo antigo) e sempre presente da história.

[Os formuladores de mito no antigo Oriente Médio não concebiam o tempo em termos de uma seqüência horizontal e linear de acontecimentos, que ia de um princípio histórico até uma consumação final de todas as coisas. Em vez disso, consideravam o tempo como cíclico, com a reestruturação e revitalização anuais do universo. Seus mitos da criação eram recitados em festas anuais de ano novo como palavras mágicas que deviam acompanhar um ritual de magia a fim de reconcretizar a cosmologia original, a saber, a passagem do caos para o cosmos. No pensamento mitopoéico o tempo não tem nenhuma significação nem a história tem sentido algum.

Mas Gênesis 1 deixa perceber uma noção totalmente diferente do tempo. Aqui o tempo é concebido como linear, e os acontecimentos vão ocorrendo sucessivamente dentro dele. Ademais, do ponto de vista bíblico o comportamento do homem hoje determina sua condição no futuro. O tempo é a arena finita em que se demonstrará que a retidão é recompensada com a vida e o mal é castigado com a morte. Tal ponto de vista atribui ao tempo de que dispõe o homem o mais elevado valor moral, e a história serve de instrumento pelo qual pode-se ver o caráter de Deus. B.K.W.]

Deve-se também prestar especial atenção à significação teológica de algumas construções e frases. Emprega-se *yôm ʾăsher*, "o dia quando", preponderantemente para introduzir acontecimentos de especial importância na história da salvação (Dt 4.32; Nm 15.23, *etc.*; veja também o uso com *shā*). O período "quarenta dias e quarenta noites" indica, com freqüência, um tempo de reforma (Gn 7.4; Êx 16.3 5; 24.18) e/ou juízo (Jn 3.4). Às vezes a palavra *hayyôm* tem o sentido de um período (se não instante) redentivo, quando Deus conclama ao arrependimento (Sl 95.7), outorga salvação (Sl 118.24) ou opera adoção (Sl 2.7). Quanto ao sentido da frase "dias da antigüidade" (ARA, "antigüidade"), veja *qādam*. Uma das ocorrências mais controvertidas de *yôm* é o seu uso no relato da criação. Muitos fatores ajudam a complicar as dificuldades já existentes para a exegese (veja E. J. Young, *Studies in Genesis one*, Presbyterian and Reformed, 1964, p. 43 ss.). Tal

como Young, este escritor acredita que os dias de Gênesis 1 seguem um modelo intencional, cronológico, de duração indeterminada, havendo-se iniciado em 1.1 e tendo como objetivo tanto mostrar passo a passo como Deus "transformou a terra inabitável e informe do versículo dois no mundo bem estruturado do versículo trinta e dois" quanto apresentar uma "história objetiva e fidedigna" (*ibid.*, p. 103 ss.). Outra frase de sentido bastante debatido é "o dia do Senhor". Ela pode ser usada escatológica e não-escatologicamente. É um dia de juízo e/ou bênção (Is 2). Por isso, o sentido escatológico abrangido por essa idéia tem como decorrência toda a escatologia profética (George A. Gay, "Day", *Baker dictionary of theology*, p. 156; Jenni, *op. cit.*, *loc. cit.*; K. D. Schunck, "Der Tag Jahwehs", *VT* 14:319-30). Expressões semelhantes são: ***bayyôm hahû***, "naquele dia", que pode referir-se a acontecimentos ordinários e esperados (Is 21.6) ou a escatológicos; e *'aharît hayyamim*, "o fim dos dias" (ARA, "últimos dias"), que pode-se referir a acontecimentos no futuro em geral (Dt 31.29) ou ao *eschaton* (R. L. Harris, "The last days in the Bible and Qumran", in *Jesus of Nazareth Savior and Lord*, C. F. H. Henry, ed., Eerdmans, 1966).

yômâm. ***De dia.*** Este advérbio modifica a atividade verbal ao especificar que ela ocorreu enquanto estava claro. Seus antônimos são *lay'lâ*, "de noite" (Êx 13.21), e *bā'ereb*, "à tarde" (Ez 12.34). Esta palavra ocorre 51 vezes.

Bibliografia: *TDNT*, v. 2, pp. 943-8. — *THAT*, v. 1, pp. 707-26.

LJJ

יוֹמָם (*yômām*). Veja o nº 852a.

853 יוֹן (*ywn*). **I. Aceita como raiz de:**

853a יָוֵן (*yāwēn*) ***lamaçal*** (Sl 40.2 [3]; 69.2 [3]).

854 יוֹן (*ywn*). **II. Aceita como raiz de:**

854a יוֹנָה (*yônâ*) ***pomba, pombo,*** palavra usada 32 vezes, além do nome pessoal ou título de salmo (56.1).

Substantivo traduzido na LXX por *peristera*, a pomba do campo ou dos penhascos, que em Levítico é traduzida como "pombinho". Já em épocas antigas este animal foi domesticado para uso como alimento e como pombo-correio. Deve-se distingui-lo de *tôr*, "rola", LXX *trugôn*. Entretanto, o termo *yônâ* pode ser usado genericamente para todas essas diferentes espécies.

O *yônâ* é prescrito no código levítico como um sacrifício a ser oferecido pelo pobre em lugar dos mais caros touro e ovelha no holocausto (Lv 1.14) ou na oferta pelo pecado: "se suas posses não lhe permitirem trazer uma cordeira, trará ao SENHOR como oferta, pela culpa que cometeu, duas rolas (*tôr*), ou dois pombinhos (*yônâ*); um como oferta pelo pecado, e o outro como holocausto" (Lv 5.7). Além disso, nos rituais de purificação, a mulher que tivesse dado à luz devia trazer um cordeiro e um pombinho ou uma rola para o duplo sacrifício, mas, "se as suas posses não lhe permitirem trazer um cordeiro, tomará então ... dois pombinhos" (Lv 12.6, 8). *Cf.* Lucas 2.24, onde Maria cumpre sua obrigação de acordo com o determinado para os pobres. Os pombos ainda assim representavam um bem pessoal valioso.

Os pombos eram tão familiares a uma casa israelita que seus hábitos eram uma excelente fonte de símiles ou metáforas. Seu arrulho era usado em símiles para indicar pranto ou lamento, por exemplo, as palavras de Ezequias: "[eu] gemia como a pomba" (Is 38.14). *Cf.* Isaías 59.11; Naum 2.7 [8]. Em Salmos 55.6 [7] Davi diz que gostaria de ter "asas como de pomba", para voar, fugindo dos perigos que prevaleciam sobre ele. *Cf.* Jeremias 48.28. Os vôos sem sentido, para lá e para cá, servem de símile para a vacilação de Efraim entre a Assíria e o Egito, isto é, "como uma pomba ingênua" (BJ, Os 7.11). Oséias também emprega a figura de pombas que voltam de sua migração para descrever a volta dos exilados da Assíria.

P.R.G.

855 יָוָן (*yāwān*) ***Grécia, Jônia, jônios.*** Transliterado como Javã. Aparece 11 vezes no AT, além de uma vez numa passagem discutida, Ezequiel 27.19. Um empréstimo lingüístico.

Nas genealogias de Gênesis 10 e 1 Crônicas, Javã é relacionado como um dos filhos de Jafé, ao lado de Gômer, Magogue, Tubal, Meseque e outros. Os filhos de Gômer são alistados, seguidos pelos filhos de Javã, que, entre outros, incluem Társis e Quitim. Os nomes mencionados acima são imediatamente reconhecidos como topônimos significativos em outras passagens das Escrituras. Além disso, Gênesis 10.5, 20, 30-31 menciona explicitamente que essas são genealogias de nações. Finalmente, a LXX, ao traduzir por *Iōuan*, claramente identificou esse nome com Jônia, uma das repúblicas da Grécia.

Quando Isaías fala de "Javã" entre um grupo de nações, refere-se a elas como distantes países marítimos que não conheceram a glória do Senhor (Is 66.19). Assinalamos de passagem que, nos profetas, a LXX traduz por *Hellas* ou *Hellēnes*. Ezequiel refere-se a Javã como uma das nações que comerciava com Tiro (27.13). Ademais, Daniel faz várias referências à Grécia. Embora não citada especificamente nos capítulos 2 e 7, parece que incluía-se como um dos quatro impérios. É, entretanto, mencionada explicitamente em 8.21: "mas o bode peludo é o rei da Grécia; o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei".

Está claro que temos aqui uma referência a Alexandre, o Grande, pois o versículo seguinte refere-se a "quatro reinos [que] se levantarão deste povo".

Em 10.20, Daniel faz referência ao anjo da guarda da Grécia, com quem o ser angelical lutou quando veio ajudar Daniel. Daniel também se refere à Grécia num violento e imenso confronto com o exército do império persa (11.2). Daí por diante segue-se uma série de episódios históricos identificáveis até a época do selêucida Antíoco Epifânio, que aparentemente é um tipo do anticristo escatológico.

Zacarias refere-se uma vez à Grécia, em 9.13: "suscitarei a teus filhos, ó Sião, contra os teus filhos, ó Grécia." Não está suficientemente claro se esta referência é a um acontecimento histórico dentro do século quinto, ou às guerras dos selêucidas no século segundo, ou possivelmente a um futuro evento escatológico.

P.R.G.

יוֹנָה (*yônâ*). Veja o nº 854a.

יוֹנֵק (*yônēq*). Veja o nº 874a.

856 *יָזַן (*yāzan*)

יוֹנֶקֶת (*yôneqet*). Veja o nº 874b.
יוֹסֵף (*yôsep*). Veja o nº 876a.
יוֹרֶה (*yôreh*). Veja o nº 910a.
יוֹתֵר (*yôtēr*). Veja o nº 936d.

856 *יָזַן (*yāzan*). Ocorre somente no pual, em Jeremias 5.8, possivelmente com o sentido de "provido de pesos", isto é, testículos, como se derivado de *azan* II, mas isso é incerto. *GB* deriva a palavra do siríaco *zûn*, "alimentar", daí o sentido "bem alimentado".

857 יזע (*yz'*). **Aceita como raiz de:**

857a יֵזַע (*yeza'*) ***suor.*** Este substantivo masculino ocorre somente em Ezequiel 44.18, "não se cingirão a ponto de lhes vir o suor".
857b זֵעָה (*zē'â*) ***suor.*** Um substantivo feminino que ocorre apenas em Gênesis 3.19, "no suor do rosto comerás o teu pão".

יִזְרְאֶל (*yizr'el*). Veja o nº 582e.

858 יָחַד (*yāhad*) ***ser (estar) unido.*** Ocorre três vezes no qal e uma no piel.

Termos Derivados

858a יָחִיד (*yāhîd*) ***único, filho unigênito.***
858b יַחַד (*yahad*) ***união.***
858c יַחְדָּו (*yahdāw*) ***junto.***

yāhîd. *Único, filho unigênito, amado, solitário.* Aparece 11 vezes. (A ARA traduz como "minha vida", por causa do paralelo poético com *napshî*, "minha alma", em Sl 22.20, [21]; em 35.17, como "minha predileta", embora o paralelo seja o mesmo; em 68.6 [7], como "solitário".) A LXX traduz sete vezes por *agapētos*, "amado", e quatro vezes por *monogenês*, "unigênito". O cognato ugarítico é *yhd*.

Teologicamente, *yāhîd* é importante pelas marcas que deixa na cristologia do NT. Basicamente a palavra refere-se a um filho único (*cf.* ugar. *yhd*, "ou 'uma pessoa sem amigos e parentes' ou 'um filho único' sujeito ao serviço militar apenas em circunstâncias excepcionais", *UT* 19: nº 410). A filha de Jefté é descrita com essa palavra: "era ela filha única; não tinha ele outro filho nem filha" (Jz 11.34). Analise-se também as emoções despertadas por Amós 8.10, onde descreve-se o juízo divino como um tempo de "luto por filho único" (*cf.* Jr 6.26; Zc 12.10). Entretanto, em Gênesis 22 Abraão recebe a ordem "toma teu filho, teu único filho (*yāhîd*), Isaque, a quem amas (*'āhab*), e vai-te à terra de Moriá". Aqui a LXX usa *agapētos*, "amado", em vez de *monogenês*, "unigênito", como em Juizes 11.34. *monogenês* talvez seja mais específico. Se for esse o caso, não poderia ser aplicado a Isaque, que tinha um meio-irmão, Ismael. Deve-se, porém, destacar que mesmo *monogenês* pode "ser usado genericamente, sem referência à sua derivação etimológica

no sentido de 'único', 'sem paralelo', 'incomparável'" (*TDNT*, v. 1, p. 738; veja especialmente nn. 5-6).

Em que sentido Isaque é um *yāhîd* = *agapetos*? Obviamente, um filho único é especialmente querido aos seus pais. É tentador ver aqui a idéia de "incomparável" e "sem paralelo", idéia esta antecipadora do Messias em seu relacionamento "único" com o Pai, que declara-o como *ho huios mou ho agapetos*, "meu Filho amado" (Mt 3.17; 17.5, e passagens paralelas). Essa expressão encontra equivalente naquela de João, *ho monogenēs huios*, "o filho unigênito", isto é, "o filho único, singular" (Jo 1.14, 18; 3.16, 18; 1 Jo 4.9). O ato supremo de Deus é prova de seu amor pelo mundo. Isso foi profeticamente tipificado na disposição de Abraão de sacrificar Isaque. Em Salmos 22.20 [21] e 35.17, *yāhîd* = *monogenēs* é traduzido de variadas maneiras (TB, ARC, ARA [só em 35.17], "minha predileta"; BJ, "meu único ser" e "meu único bem") que se referem à singularidade da vida.

[E, portanto, justificada a idéia de que em João o termo *monogenēs* não se refere ao fato de que o Filho proceda do Pai, como nas famílias humanas, mas à singularidade e ao amor do relacionamento trinitário. A doutrina da geração eterna do Filho jamais implicou tal derivação. Na verdade, ela foi adotada como reação à teologia ariana de que o filho teve um "princípio" e foi "criado". R.L.H.]

Outro uso de *yāhîd* é "solitário", "isolado", "a sós". A palavra é usada para referir-se a pessoas, como quando Davi clama "volta-te para mim e tem compaixão, porque estou sozinho e aflito" (Sl 25.16). Deus manifesta seu interesse por tais pessoas em Salmos 68.5-6 [6-7]: "Pai dos órfãos e juiz das viúvas, ... Deus faz que o solitário more em família; tira os cativos para a prosperidade". Dahood, mediante a revocalização da forma verbal *yaḥēd*, que aparece no TM de Salmos 86.11, para *yāhîd*, traduz assim: "Ensina-me, Yahweh, o teu caminho, para que fielmente eu ande somente na tua direção; ensina o meu coração a reverenciar o teu nome". (*Cf.* Sl 88.17 [18], "fecham o cerco em torno de mim somente", em contraste com "circundam-me completamente".) Ele então comenta: "O rei promete fidelidade só a Yahweh visto que só ele é Deus, conforme afirmado no versículo precedente" (*AB*, *Psalms*, v. 2, p. 295). Em geral, *yahad* descreve a comunidade em ação, fazendo coisas em conjunto. Em Salmos 34.3 [4]; Is 52.9, a comunidade celebra junto o louvor a Deus. Especialmente para o povo de Deus, essa unanimidade é belissimamente ressaltada pelo uso que a LXX faz de *homothumadon* ("com a mesma emoção", *i.e.*, "com a mesma mente"). Demóstenes insta o povo a pôr de lado sentimentos pessoais, substituindo-os por *homothumadon* a fim de resistir a Filipe. Por esse motivo, os sentimentos pessoais não devem ser considerados na "unidade". O NT enfatiza a unidade interna da igreja, como em Romanos 15.5-6, "Deus ... vos conceda o mesmo sentir uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, para que *concordemente* e a uma só voz glorifiqueis ao Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo". Veja também Atos 1.14; 2.1, 46; 4.24; 5.12, 15.25.

yaḥad. ***União,*** substantivo usado como advérbio quando na função acusativa: ***em união, junto, completamente.*** Também o advérbio **yaḥdāw,** ***junto, igualmente.*** As duas palavras aparecem 134 vezes ao todo. A LXX traduz basicamente por *homothumadon*, "de uma só mente, unanimemente".

P.R.G.

859 יָחַל (*yāhal*)

יַחְדָּו (*yahdāw*). Veja o nº 858c.
יָחִיד (*yāhîd*). Veja o nº 858a.
יָחִיל (*yāhîl*). Veja o nº 859a.

859 יָחַל (*yāhal*) ***esperar, aguardar.***

Termos Derivados

859a יָחִיל (*yāhîl*) ***espera,*** usado somente em Lamentações 3.26.
859b תּוֹחֶלֶת (*tôhelet*) ***esperança.***

yāhal ocorre 18 vezes no piel, 15 no hifil e três no nifal, com a idéia de "aguardar longamente" e "confiar, esperar com confiança". A LXX traduz 19 vezes por *elpizō* e *epelpizō*, "esperar".

Nos três casos em que se usa *yāhal* no nifal, ele possui o conceito simples de esperar por um curto período de tempo, como, por exemplo, com Noé, que "esperou ainda mais sete dias" antes de enviar a pomba (Gn 8.12). *Cf.* Ezequiel 19.5. Essa noção também se expressa no piel (Jó 14.14) e no hifil (1 Sm 13.8). Contudo, *yāhal* é também usado para designar a "expectativa, esperança" que, para o fiel, está intimamente ligada a "fé, confiança" e resulta numa "espera paciente". O sentido de expectativa pode ser positivo, ou seja, de aguardar que o futuro seja bom. Ezequiel 13.6 é um exemplo, onde as pessoas confiam nas declarações dos falsos profetas e "esperam o cumprimento da palavra". *Cf.* Salmos 71.14, "Quanto a mim, esperarei sempre". Visto que *yāhal* é basicamente traduzido por *elpizō* na LXX, com a idéia de aguardar algo bom, a noção oposta (heb. *z'wā'â*, "medo" ou "pavor", em Is 28.19) é traduzida por *elpis ponēra*, lit., "esperança do mal". Este *yāhal*, "esperança", não é um desejo pacificador pelo qual a imaginação se livra das dificuldades nem é algo incerto (como ocorre no conceito grego); em vez disso, *yāhal*, "esperar", é, para os justos, o terreno sólido de suas expectativas. Nessa condição *yāhal* é voltado para Deus. O salmista ordena duas vezes: "Espera, ó Israel, no Senhor! pois com o Senhor há benignidade (*hesed*), e com ele há copiosa redenção" (Sl 130.7; *cf.* 131.3).

Em épocas de desespero, o salmista encoraja-se a si mesmo dizendo: "Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu" (Sl 42.5 [6]; também 42.11 [12]; 43.5).

No entanto, não há maior testemunho de tal confiante expectativa do que quando Jó clama: "Ainda que ele me mate, nele esperarei; contudo os meus caminhos defenderei diante dele" (ARC, Jó 13.15). A ARA, entretanto, traduz assim o versículo: "Eis que me matará, já não tenho esperança"; nisso ela segue o kethib do TM, em vez de qere, o qual tem o apoio da LXX e outras versões. Neste caso a impaciência de Jó demonstra sua recusa em "esperar pacientemente" pelo Senhor (*cf.* Jó 6.11). No entanto, *yāhal*, "esperar", é um sinônimo bastante próximo de *bātah*, "confiar", e *qāwâ*, "aguardar", como em Miquéias 7.7: "Eu, porém, ... esperarei no Deus da minha salvação: o meu Deus me ouvirá". A última frase mostra claramente a confiança que o justo tem na ação futura por parte de Deus, numa ocasião quando o pecado for julgado. Mas, além disso, o versículo reflete não apenas o fundamento da fé — o próprio Senhor —, mas a atividade salvadora de Deus. Em suma, aquilo que se espera não é algum profundo anseio que brota da mente humana,

mas se espera no próprio Deus e naquilo que ele se proponha a realizar. Isso nos faz lembrar da confiança do cristão como expressa em Romanos 8.28-29. Por tal razão os piedosos podem descansar confiantemente na palavra de Deus, como, por exemplo, "Os que te temem me verão e se alegrarão, porque tenho esperado na tua palavra (IBB, Sl 119.74; a RSV enfraquece o sentido ao traduzir "porque aguardo tua palavra"). *Cf.* também 119.43, 81, 114, 147; 130.5. Ele também pode estar confiante acerca do amor fiel que Deus tem por causa da aliança, por exemplo: "Eis que os olhos do SENHOR estão sobre os que o temem, sobre os que esperam na sua misericórdia (*hesed*)" (Sl 33.18). *Cf.* também Lamentações 3.21, 24.

A "esperança" traz alívio não apenas dos problemas presentes. No sentido escatológico, a "esperança" na ajuda divina e a derradeira salvação darão cabo de toda aflição. É preciso olhar para Isaías 51.5, onde Deus promete dar sua ajuda onipotente: "Perto está a minha justiça, aparece a minha salvação, e os meus braços dominarão os povos; as terras do mar me aguardam e no meu braço esperam". *Cf.* também Jeremias 29.11; 31.17; Miquéias 7.7.

tôhelet. ***Esperança.*** [Em dois versículos de Provérbios esta palavra talvez se refira a uma confiança numa vida futura. Em Provérbios 10.28 a jubilosa *tôhelet* dos justos contrasta com a falta de esperança (*tiqwâ*) dos ímpios. O versículo precedente trata de vida longa e morte repentina, de maneira que as questões acerca da eternidade estão sendo enfocadas. Provérbios 11.7 parece apoiar esta idéia; com a morte dos ímpios, sua esperança se vai. As palavras *'ahărît* e *tiqwâ* (*q.v.*) estão abertas a interpretações semelhantes em Provérbios 23.18; 24.14, 20. Nessas passagens declara-se que o justo possui um *'ahărît* (NIV, "esperança futura"; ARA, "bom futuro"), em contraste com o ímpio, que não tem nada assim e cuja lâmpada se apagará. Salomão, à semelhança de Jó, encontrou a solução para as antinomias desta existência nos juízos de uma vida futura. R.L.H.].

Bibliografia: *TDNT*, v. 4, pp. 583-5; v. 6, pp. 193-202. — *THAT*, v. 1, pp. 727-9.

P.R.G.

860 *יָהַם (*yāham*) ***estar quente;*** piel, conceber.

Termo Derivado

860a חֵמָה (*hēmâ*) ***calor, desprazer intenso, indignação, ira, raiva, veneno.***

O substantivo *hēmâ*, segundo *BDB*, deriva do verbo *yāham*, "estar quente", o qual é usado apenas no piel e significa "estar no cio" ou "conceber". Também é totalmente possível que o substantivo *hēmâ* derive do verbo *hāmam*, "estar ou ficar morno", "ficar quente", pois todos os seus vários termos derivados (*hōm*, *ham*, *hammâ*) apontam para o calor, como o do sol, ou para o fogo. O ugarítico emprega a palavra *hm*, "calor", mas não usa a nenhum dos dois verbos (*UT* 19: nº 870). Na realidade, os dois verbos podem ser formas variantes; seus significados são semelhantes. Entretanto, visto que se usa *hēmâ* no AT para designar o calor dentro de uma pessoa, isto é, no coração, na mente, *etc.*, a palavra poderia muito bem ter relação com a raiz *yāham*, que refere-se basicamente à concepção.

O AT possui vários sinônimos para *hemâ*, cada um com uma ênfase específica (veja em *qatsap* uma análise deles).

O termo *hēmâ* é usado algumas vezes para indicar o calor físico no sentido de febre ou veneno que provoca febre (Dt 32.24, 33). Contudo, de regra usa-se o termo para transmitir o conceito de um ardor íntimo, de natureza emocional, o qual brota e é ati ado em variados níveis. Geralmente o contexto dá uma indicação de que tradução se deve preferir. quer seja raiva, ardente desprazer, indignação, ira, cólera ou furor. Por isso, em Salmos 37.8, o salmista diz: "Deixa a ira (*'ap*), abandona o furor (*hēmâ*)". (*Cf.* ta mbém Jr 20.)

O AT fala do *hēmâ* do homem. A reação que Esaú teve diante do engano de seu irmão foi de intensa indignação (Gn 27.44); essa também poderia ser a reação de um rei diante da morte de seus soldados (2 Sm 11.20). Naamã foi embora encolerizado (2 Rs 5.12). Assuero ficou furioso com Hamã (Et 7.7, 10). O ciúme de uma pessoa é fonte de "furor" (Pv 6.34). Os profetas falaram da fúria dos opressores (Is 51.13), e Ezequiel de s ua própria excitação (Ez 3.14). Esses exemplos apontam para uma variedade de motivos para esse "calor nos homens" e mostram que "cólera" e "furor" podem ser conside rados traduções legítimas em muitos casos.

Em vários lugares onde aparece *hēmâ*, a palavra refere-se à reação de Deus diante do seu povo, que é infiel à aliança (Dt 9.19; Jr 42.18). Deus é levado a um grande c:alor porque ele, um Deus ciumento, vê o povo que ele ama desobedecer-lhe e recorrer a pecadores ou falsos deuses ou associar-se a tais (BLH "com ira e ciúmes", Ez 36.6). Outras nações que violam suas intenções e sua Palavra também experimentam o desprazer de Deus através do furor divino que é derramado (Jr 10.25; Na 1.2, 6). A indignação e fúria divinas são atenuados e aplacados depois de Deus tê-las despejado em meio ao juízo (Jr 42.18). O remorso e o arrependimento não iriam evitá-la (2 Rs 22.13-17). No entanto, Finéias, tomado por um ciúme divino, ao matar os transgressores da lei, desviou de Isr ael o ardor divino (Nm 25.11). Parece que a questão central está clara: assim que Deus é provocado ao *hēmâ*, precisa haver algum tipo de satisfação mediante a execução de julgamento sobre o que o provocou.

G.V.G.

יַחְמוּר (*yaḥmûr*). Veja o nº 685b.

861 יָחַף (*yḥp*). **Aceita como raiz de:**

861a יָחֵף (*yāḥēp*) ***descalço.***

862 *יָחַס (*yāḥas*) ***arrolar, ser arrolado.*** Verbo denominativo usado no hitpael.

Substantivo de Origem

862a יֹחַס (*yaḥas*) ***genealogia.***

863 יָטַב (*yāṭab*) ***ser bom, estar bem, estar contente, agradar.***

Termo Derivado

863a מֵיטָב (*mêṭāb*) ***o melhor.***

yāṭab é usado 42 vezes no imperfeito do qal e 63 vezes no hifil. O infinitivo do hifil é usado adverbialmente, "diligentemente", "completamente". Quanto ao perfeito do qal, o AT emprega *ṭôb* (*q.v.*).

Quando Davi ora em Salmos 51.18 [20], "Faze bem a Sião, segundo a tua boa vontade", ele reconhece que o Senhor da aliança é a fonte de tudo que é bom e agradável para a humanidade. Esse "fazer bem" não ocorre por capricho, mas baseia-se no relacionamento aliancístico revelado aos patriarcas (o que, por sua vez, baseava se na misericórdia e na escolha livre de Deus), por exemplo, quando Jacó se prepara para se defrontar com Esaú, ele ora: "Deus de meu pai Abraão ... ó SENHOR, que me disseste: 'Torna à tua terra, e à tua parentela, e te farei bem [lit., "serei bom contigo"]; sou indigno de todas as misericórdias [*hesed*, "amor baseado na aliança", *q.v.*] e de toda fidelidade, que tens usado para com teu servo'" (Gn 32.9 [10]). A prosperidade que se tem em vista (veja também v. 12 [13]) está no contexto da relação de aliança, conforme se vê no uso das palavras Senhor (*yhwh*), misericórdia (*hesed*), fidelidade (*'emet*, "verdade") e servo (*'ebed*). Isso ajuda a entender por que Deus tratou bem as parteiras (Êx 1.20) e Salomão (1 Rs 1.47). A idéia de Deus "fazer bem" ao seu povo é algo que permeia o livro de Deuteronômio na fórmula freqüentemente repetida "para que te vá bem" (4.40; 5.16, 29 [26]; 6.3, 18; 12.25, 28; 22.7) e também aparece várias vezes em Jeremias (7.23; 38.20; 40.9; 42.6).

De outro lado, a reação aliancística do servo deverá agradar sempre ao seu Senhor. Por isso, a oração de Salomão recebe elogios, pois "agradou ao SENHOR" (lit., "foi boa aos olhos de"; 1 Rs 3.10). *Cf.* Salmos 69.31 [32]. Jeremias, em 4.22, lamenta pelos judeus decadentes, "são ... néscios, e não entendidos; são sábios para o mal, e não sabem fazer o bem", e Isaías (1.17) conclama-os a uma decisão radical de arrependimento, "aprendei a fazer o bem; atendei à justiça; repreendei ao opressor; defendei o direito do órfao", *etc.* Cf. Gênesis 4.7. Jeremias 13.23, e os vários apelos dos profetas a "emendar os caminhos e as obras" (*e.g.*, Jr 7.3; 26.13).

Esse relacionamento vertical é o fundamento teológico para o relacionamento horizontal entre os homens, como em Gênesis 34.18, "tais palavras agradaram a Hamor". Veja Neemias 2.5-6. Esse relacionamento interpessoal que satisfaz torna jubiloso ou alegre o coração. *Cf.* Eclesiastes 7.3; Provérbios 15.13; 17.22.

Todas essas noções convergem para o Senhor Jesus Cristo, que, na condição de Deus-Homem, sintetiza-as, pois ele "andou por toda parte, fazendo o bem" (*i.e.*, curando, *etc.*; At 10.38), sempre agradando ao Pai que o havia enviado.

[Fora esses usos em que *yāṭab* se refere à atitude e ações em que Deus trata bem o seu povo, parece que o verbo diz respeito à beneficência em geral, quer isso esteja ou não associado com fidelidade e retidão de caráter. Por exemplo, usa-se o vocábulo com relação ao ardil dos filhos de Jaco em Siquém (Gn 34.18), à satisfação de Faraó com a ida de Jacó para o Egito (Gn 45.16), à satisfação do sacerdote idolatra em juntar-se aos danitas (Jz 18.20), ao acordo de Davi com Joabe para ficar longe do combate (2 Sm 18.4 [5]). Também se emprega a palavra no sentido de fazer algo bem ou diligentemente. E até mesmo usada para designar a diligência no pecar (Mq 7.3)! R.L.H.]

P.R.G.

864 יַיִן (*yayin*) *vinho.*

Provavelmente um empréstimo lingüístico. Possui cognatos em línguas indo-européias: grego, *oinos*; latim, *vinum*; português, *vinho*; alemão, *Wein*. Também aparece nas línguas semíticas: acadiano, *īnu*; árabe, *wayn* (que significa "uvas pretas"); e ugarítico, *yn* (*UT* 19: nº 1 093). A palavra é empregada 140 vezes, 12 delas em combinação com *shēkār* (ARA, "vinho e bebida forte"; BLH, "vinho e cerveja"). Suas propriedades embriagantes são mencionadas pelo menos 20 vezes. E mencionado como uma bebida comum, como um dos componentes de banquetes e como material usado em "libações" (ARA; BLH, "oferta de vinho"), embora neste caso não fosse ingerido. O verbo hebraico relacionado (*nāsak*) significa "derramar". Essas ofertas eram derramadas sobre os sacrifícios que estavam no altar de bronze (Êx 29.40 e 30.9), mas, com sarcasmo, fala-se que os deuses pagãos comem as ofertas de manjares e bebem as ofertas de bebida que lhes são oferecidas (Dt 32.38).

Enquanto ministravam, os sacerdotes eram proibidos de beber vinho (Lv 10.9, esta é uma possível indicação de que Nadabe e Abiú profanaram o santuário [Lv 10.1-7] enquanto bêbados). Também os nazireus e a futura mãe de Sansão não deviam beber vinho nem *shēkār* (BJ, "bebida fermentada"; Jz 13.4; Nm 6.3). Os israelitas "não comeram pão nem beberam vinho" durante os 40 anos no deserto (Dt 29.6). Os reis deviam evitá-lo para poderem governar com mente lúcida (Pv 31.4-5). Salomão adverte contra o uso do vinho por causa de suas conseqüências finais trágicas (Pv 23.30-31).

A abundância de vinho é, porém, interpretada como um símbolo de opulência (Gn 49.11-12; 1 Cr 12.40; Ez 27.18). Existem lugares que falam da alegria trazida pelo vinho (Zc 10.7; 2 Sm 13.28; Et 1.10; Sl 104.15; Ec 9.7-10; 10.19; Is 55.1). Pode-se questionar se nesses versículos o vinho é exaltado por causar essa alegria ou se os versículos utilizam a desinibição da embriaguez incipiente como um símbolo de fartura e bênção — *cf.* a referência de Natã à poligamia como um símbolo de que Deus lhe deu riquezas (2 Sm 12.8).

Emprega-se também o vinho para, simbolicamente, referir-se à bebida que a sabedoria mistura (Pv 9.2), à ira do Senhor (Jr 25.15, *etc.*), à calamidade (Sl 60.3 [5]), ao juízo da Babilônia (Jr 51.7), à violência (Pv 4.17) e a beijos e carícias (Ct 1.2; 4.10).

O vinho era a mais embriagante bebida conhecida nos tempos antigos. Todo vinho era um vinho leve, isto é, não recebia acréscimo de álcool extra. O álcool concentrado só se tornou conhecido na Idade Média, quando os árabes inventaram a destilação ("álcool" é uma palavra de origem árabe), de modo que nos tempos bíblicos não se conheciam bebidas destiladas ou fortes (ou seja, uísque, rum, aguardente, *etc.*) nem os vinhos de alto teor alcoólico, como os de vinte graus. Fazia-se cerveja de diversas maneiras, mas o seu teor alcoólico era baixo. A força dos vinhos naturais é limitada por dois fatores. A percentagem de álcool será metade da de açúcar no mosto. E, caso o teor alcoólico ultrapasse bastante os dez ou onze por cento, as células de levedura morrem e interrompe-se a fermentaçao. Os vinhos antigos provavelmente ficavam entre sete e dez por cento. A embriaguez, portanto, era obviamente um mal antigo, mas o alcoolismo não era tão comum ou tão grave como hoje em dia. E num contexto agrícola, seus efeitos eram menos mortais do que agora. De qualquer forma, mesmo naquela época, tinha os seus perigos, e Provérbios 20.1 e 23.29-35 são enfáticos em suas advertências. Para evitar o pecado da embriaguez, praticava-se a mistura de vinho com água. Os rabinos da época

do NT especificaram como se devia fazer a diluição do vinho que se costumava beber na Páscoa. Originariamente, a Páscoa não incluía vinho (Dt 20.6).

Palavras afins são *shēkār*, provavelmente "cerveja", *'āsîs*, talvez vinho feito com outras frutas (Ct 8.2), e *tîrôsh* (*q.v.*), aparentemente o suco fresco das uvas e jamais ele próprio associado com a embriaguez.

R.L.H.

865 *יָכַח (*yākah*) ***decidir, resolver, comprovar, repreender, corrigir.***

Termos Derivados

865a תּוֹכֵחָה (*tôkēhâ*) ***repreensão, censura.***

865b תּוֹכֵחָה ***argumento, repreensão.***

yākah não ocorre no qal. E usado 54 vezes no hifil e três no nifal.

A idéia jurídica de *yākah* fica claramente estabelecida por um dos seus empregos mais antigos: Labão, tendo alcançado a Jacó, que dele fugia, e tendo revistado em vão todos os bens de Jacó, procurando seus amuletos preciosos, recebe uma repreensão de Jacó nos seguintes termos: "Qual é a minha transgressão? Qual o meu pecado, que tão furiosamente me tens perseguido? Havendo apalpado todos os meus utensílios, que achaste de todos os utensílios de tua casa? Põe-nos aqui diante de meus irmãos e de teus irmãos, para que julguem entre mim e ti" (Gn 31.36 s.). Em seguida, referindo-se ao sonho de Labão na noite anterior, assevera: "Deus me atendeu ao sofrimento [...] e te repreendeu ontem à noite." A BJ traz: "... fez-me justiça" (v. 42). Ver também 1 Cr 12.17 ("repreender"); Jó 9.33 ("árbitro"). Há testemunho de ainda outros usos da palavra, *e.g.*, Gn 24.14, 44, "designar".

O uso forense fica mais claro no contexto de controvérsias e contendas jurídicas no tocante à aliança. Ver Huffmon, *JBL* 78:286-95. Considera-se que Salmos 50.8, 21, Oséias 4.4 e Miquéias 6.2 dizem respeito a ocasiões em que Iavé, no seu relacionamento pactual com um povo que repetidas vezes violou a aliança, passa a processá-lo juridicamente, segundo o modelo de Deuteronômio 32. Dahood traduz Salmos 50.21*c*: "Eu te acusarei e abrirei processo diante dos teus olhos" (AB, 16, p. 304; ARA traz "argüirei", BJ, "Eu te acuso e exponho tudo aos teus olhos"). Refere-se a Jó 40.2, em que fica claramente presente o matiz do particípio *môkîah*, "aquele que acusa" a Deus (ARA. "que argúi"), e assim entenderam as versões antigas. No entanto, o texto bíblico mais familiar em que ocorre *yākah* é Isaías 1.18, dentro do contexto de um processo jurídico que envolve a aliança. Em seguida a um histórico de rebeldia, no qual Iavé, o querelante, condena Judá pelas suas festas religiosas, as quais a nação elaborou por conta própria, Isaías faz um apelo ao arrependimento (1.16-20). E dentro desse contexto, portanto, que devemos interpretar a palavra "arrazoemos" no sentido de "debatamos a nossa causa em juízo". Miquéias 6.2 apóia esse conceito e fala da "controvérsia do SENHOR", vindo, em seguida, em paralelo com uma repetição de "controvérsia" (*rîb*, "causa jurídica," "processo forense"), a frase "com Israel entrará em juízo" (ARA, ARC, corretamente). E daqui que temos *yākah* no seu elemento jurídico, que é o seu significado básico, e seu nítido fundamento teológico se vê em Isaías 11.3, em que as atividades do "Rebento de Jessé, o Renovo" são descritas assim: "não julgará (*shāphat*) segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá (*yākah*) segundo

o ouvir dos seus ouvidos". Esse paralelismo reforça o nosso argumento. Além disso, o **v.** 4 emprega esses mesmos dois verbos: "Mas julgará (*shāphat*) com justiça os pobres, e decidirá (*yākah*) com eqüidade a favor dos mansos da terra" em conexão com a sempre amorosa solicitude em favor da parte inocente, dos pobres, das viúvas, dos órfaos, que são oprimidos pelos cobiçosos implacáveis (*cf.* Is. 1.17, 23; Mq 6.8). Mas é exatamente por causa da aliança que Iavé age dessa maneira e exige que seu povo revele na sua vida esse elemento da *imago dei*.

Não é sem relevância que Levítico 19.17 conclama o povo de Deus a confrontar seu próximo no caso do pecado deste: "repreenderás o teu próximo". Essa expressão deve ser entendida à luz do mandamento: "Santos sereis, porque eu, o SENHOR vosso Deus, sou santo" (v. 2). Mas essa confrontação vem acompanhada de dois motivos para isso: a fim de evitar que surja ódio contra o próximo e evitar a cumplicidade no pecado deste. O v. 18 amplia ainda mais essa atuação, com o segundo grande mandamento: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Deve ser considerado, portanto, que a confrontação, a repreensão e a correção fazem parte do amor fraternal.

Repreender, corrigir, convencer ou redargüir não somente envolveriam o desmascaramento do pecado, mas também conclamariam a pessoa ao arrependimento. Incluem um movimento teópeto que aponta, não para o pecado, mas para o arrependimento para com Deus. Daí a implicação tremenda em favor da disciplina na igreja — não somente para purificar o corpo de Cristo, mas também para restaurar os desviados ao viver santo e ao serviço segundo a aliança (cf. Mt 18.15; Ef 5.11; 1 Tm 5.20; 2 Tm 4.2 *etc.*).

Além disso, quando examinamos os muitos textos bíblicos que falam da correção amorosa de Deus (*e.g.*, Pv 3.12; "Porque o SENHOR repreende a quem ama"; Jó 5.17), achamos o termo paralelo *yāsar*, "instruir, disciplinar", ou *mûsār*, "disciplina, instrução" (SI 6.1 [2]; Jó 5.17; Pv 3.11 [12]; 10.17; 12.1; 13.18; 15.5 *etc.*). Fica evidente que há uma força pedagógica por trás de *yākah* e *yāsar*. Mas, ao passo que *yāsar* contém a idéia da disciplina paterna (evidenciada pelo fato de a LXX traduzir por *paideuō*), *yākah* denota a educação e a disciplina como resultado das ações jurídicas de Deus. "Esse conceito abrange todos os aspectos da educação, desde a convicção do pecado até a correção e o castigo, desde a instrução dos justos mediante provas severas, até a sua orientação mediante o ensino e a admoestação" (Buschel, em TDNT, II, p. 473). [Veja, para ter um conceito um pouco diferente do tema do processo jurídico segundo a aliança, os artigos sobre *mishpāt* e *rîb*. R.L.H.]

tôkēhâ. ***Repreensão, censura, correção*** (só quatro ocorrências). Traduzida na LXX por *elegchos*, "refutação, correção, disciplina, castigo" (estas duas últimas na ARA).

tôkahât. ***Argumento, repreensão, correção.*** Freqüentemente usado em paralelo com *mûsār* (q.v.), "disciplina, instrução, correção".

Bibliografia: THAT, I, p. 730-1.

866 יָכַל (*yākōl*) ***ser capaz, prevalecer, dominar.***

yākōl é traduzido na LXX na maioria das vezes por *dunamai*, "consigo, sou capaz", que é empregado num sentido bastante diluído, em contraste com *ischuō*, "ser forte, poderoso". Usa-se *yākōl* para designar a habilidade ou capacidade num sentido físico, ético ou religioso. A partícula negativa é empregada em cerca de 85 por cento das 199 vezes em que a palavra ocorre no AT. Enquanto a palavra hebraica expressa uma tênue habilidade, o aramaico *y'kl* parece exprimir um poder bem maior.

O sentido básico de "ser capaz" é usado basicamente para referir-se ao homem. Indica (com a partícula negativa) a falta de autocontrole, como quando José não conseguiu se conter (Gn 45.1; *cf.* v. 3), ou então a incapacidade de controlar as circunstâncias, como quando a mãe de Moisés não conseguia mais ocultá-lo (Êx 2.3; veja também Gn 13.6; Êx 7.21). O verbo também foi usado para referir-se à incapacidade de os magos imitarem os milagres de Moisés (Êx 9.11) e de as tribos de Israel expulsarem o inimigo para fora de seu território recém-herdado (*e.g.*, Js 15.63; 17.12; Jz 2.14; *cf.* também Dt 31.2; Is 36.14; Lm 1.14).

No sentido moral ou religioso, existe a imposição de limites, freqüentemente traduzida por "não poderás" (IBB), como em Deuteronômio 17.15, "Não poderás pôr sobre ti um estrangeiro [como rei]" (*cf.* também Dt 7.22; 12.17; 16.5; 21.16, *etc.*, todos no imperfeito do qal). Talvez o exemplo mais marcante de um mandamento divino a limitar o poder humano seja a afirmação de Balaão: "Ainda que Balaque me desse a sua casa cheia de prata e de ouro, eu não poderia traspassar o mandado do SENHOR" (Nm 22.18; 24.13).

No entanto, *yākōl* é acertadamente traduzido por "prevalecer, vencer", quando usado para referir-se a homens em luta ou em combate. Um exemplo destacado seria a luta de Jacó com o Anjo de Yahweh (Gn 32.25 ss.). O Anjo não vence Jacó, e então o nome de Jacó é mudado para "Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste". Em 1 Samuel 17.9, Golias apresenta alternativas ao exército de Saul: "Se ele puder pelejar comigo e me ferir, seremos vossos servos; porém se eu o vencer. e o ferir, então sereis nossos servos, e nos servireis".

Usa-se também *yākōl* com referência aos deuses. Em 2 Crônicas 32.13-15, Senaqueribe faz pouco caso e ri da incapacidade dos vários deuses das nações de protegê-las do seu poderoso exército. Mas colocar o Deus de Israel no mesmo nível das divindades de cada nação é a causa da queda de Senaqueribe (*cf.* v. 19), pois Yahweh dos exércitos, o Deus soberano do universo, é, na realidade, capaz de livrar das mãos de Senaqueribe o povo da sua aliança. Ele é o Deus da história, criador e sustentador do mundo, e seu poder e vontade afetam o destino de nações e indivíduos. Esse poder de Deus é reconhecido por Moisés quando ele intercede pelos israelitas, que merecem ser destruídos. Mas isso levaria as nações da terra a dizer que, "não podendo o SENHOR fazer entrar este povo na terra que lhe prometeu com juramento, os matou no deserto" (Nm 14.16; Dt 9.28). Mas é justamente "com a tua grande força (*b'kōhākâ haggādōl*) e com o teu braço estendido" (Dt 9.29) que Yahweh demonstra o grande poder que tem para livrar e redimir seu povo.

O poder soberano de Deus é, claramente, para onde converge a idéia do cognato aramaico *y'kl* no livro de Daniel. Em Daniel 3.17 s. os três amigos de Daniel fazem uma eloqüente confissão de fé: "Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, pode nos livrar da fornalha de fogo ardente" (IBB; *cf.* 3.29, a declaração em que Nabucodonosor faz um contraste entre o poder de Deus e o de deuses pagãos). Nabucodonosor, por sua experiência pessoal, afirma o poder soberano que Deus tem de controlar o destino dos

soberbos e poderosos (4.37, [34]; *cf.* Dn 6.20 [6.21]).

Com referência ao conceito de poder, força e onipotência de Deus, devem-se assinalar vários substantivos e adjetivos: ***hayil***, "habilidade, poder, competência, força", como em Salmos 84.7 [8]: "Vão indo de força em força". Um sinônimo mais forte é ***kōah***, "força, poder", palavra usada para referir-se ao poder de Deus na criação (Jr 10.12; 51.15; Sl 65.7) e governo do universo (Sl 29.4). Conforme assinalado acima, em Deuteronômio 9.26-29 os israelitas foram redimidos pelo grande ***kōah*** de Yahweh, um termo de sentido muito mais forte do que a raiz ***yākōl*** poderia transmitir, pois nessa passagem ele expressa o emprego do poder de Deus em larga escala. Finalmente, ao referir-se a alguém que, como um governante, "pode fazer algo" (procurando demonstrar poder, força ou controle), o hebraico usa ***gibbôr***, "homem forte, poderoso, valente" (Jz 6.12); ***hāzāq***, "forte, intrépido, poderoso" (Is 28.2; Am 2.14); ***sar***, "chefe, governante, capitão, príncipe" (Dn 11.5).

Bibliografia: GRUNDMANN, In: *TDNT*, v. 2, p. 284 ss.

P.R.G.

867 יָלַד (*yālad*) ***dar à luz, gerar, produzir, procriar, estar em trabalho de parto.*** O ugarítico *yld* tem sentidos semelhantes.

Termos Derivados

867a וָלָד (*wālād*) ***criança*** (Gn 11.30).

867b יֶלֶד (*yeled*), יַלְדָּה (*yaldâ*) ***criança, filho, jovem.***

867c יַלְדוּת (*yaldût*) ***juventude, infância.*** Este substantivo, que ocorre apenas três vezes, talvez indique a época em que se é jovem ou a qualidade de ser jovem.

867d יָלוּד (*yillôd*) ***nascido.*** Adjetivo equivalente ao particípio passivo de *yālad*.

867e יָלִיד (*yālîd*) ***nascido.*** Usado apenas no estado construto.

867f מוֹלֶדֶת (*môledet*) ***parente, parente consangüíneo.*** Às vezes erroneamente traduzido por "nascimento".

867g תּוֹלְדוֹת (*tôlēdôt*) ***descendentes, gerações.*** Usado sempre no plural, seja no construto, seja com um sufixo pronominal.

A raiz *wld* (*yld* em semítico do noroeste) é uma raiz semítica comum (*cf.* árabe *walada*, acadiano (*w*)*aladu*, ugarítico *yld* e inscrições fenícias *yld*).

Em seu sentido mais restrito, *yālad* descreve o ato de uma mulher dar à luz uma criança (*e.g.*, Êx 1.19; 1 Rs 3.17-18), mas às vezes indica o papel do pai em tornar-se genitor (*e.g.* Gn 4.18; 10.8, 24, 26; 22.23, 25.3; 1 Cr 1.10-20, Pv 23.22). Pode-se usá-la referindo-se a todo o processo que envolve gerar uma criança (*e.g.*, Gn 38.27-28) ou pode-se até mesmo aplicá-la especificamente às dores experimentadas pela mulher antes do nascimento propriamente dito (*e.g.*, Gn 35.16; Mq 5.33). Conquanto predominantemente usada com referência a seres humanos, às vezes é empregada para animais (*e.g.*, Gn 30.39; 31.8; Jó 39.1-2, Jr 14.5; Ez 31.6). O papel do homem na geração de uma criança é geralmente indicado pelo hifil, mas às vezes usa-se o qal. [As vezes os críticos explicam esse uso como conseqüência da divisão documentária. Afirmam que o uso do hifil, como em Gênesis 11, é característico de P e que o qal, como em Gênesis 10, é indicativo de J.

O mais provável é que formas diferentes signifiquem coisas diferentes. Em praticamente todos os casos indica-se a paternidade real com o hifil, e um relacionamento mais genérico, como o relacionamento entre povos (a Tabela das Nações, Gn 10), emprega o qal. Desse modo, Salmos 2.7 não emprega o grau causativo, mas o qal, pois refere-se a uma relação de amor. R.L.H.] No piel o verbo significa "exercer a função de parteira". Com exceção de Êxodo 1.16, esse uso limita-se ao particípio do piel. Tanto o nifal quanto o pual são empregados como passivo do qal. Ocasionalmente utiliza-se o hofal com o mesmo significado (Gn 40.20, Ez 16.45). O hitpael é usado uma única vez, com o sentido de "anunciar sua linhagem" ou "registrar segundo os antepassados" (Nm 1.18).

Com freqüência emprega-se a palavra num sentido figurado. Assim, o verbo pode referir-se a uma cidade ou nação como tendo dado à luz seus habitantes (*e.g.*, Is 23.4; 51.18; Ez 16.20). Pode referir-se aos ímpios como aqueles que deram à luz iniqüidade, mentiras ou palha (*e.g.*, Jó 15.35; Sl 7.14 [15]; Is 33.11). "Dar à luz vento" é uma vívida figura da frustração (Is 26.18). Muitas vezes utiliza-se *yālad* como símile para a aflição (*e.g.*, Is 42.14; Jr 30.6; Mq 4.10). Em uma oportunidade o vocábulo fala do dia como se desse à luz os eventos que ao longo dele ocorrerão (Pv 27.1). Fala-se de Deus como tendo dado à luz Israel (Dt 32.18). O verbo pode ser seguido de um acusativo, mas com freqüência é usado sem um objeto. Quando usado no passivo, o agente efetivo é geralmente introduzido pela preposição *l*.

A palavra não remete necessariamente para uma geração que imediatamente se segue. No pensamento hebraico, um indivíduo, mediante o ato de gerar uma criança, torna-se pai ou ancestral de todos os que vierem a descender dessa criança. Assim como Cristo é chamado de filho de Davi e filho de Abraão, *yālad* pode mostrar o início do relacionamento de um indivíduo com qualquer descendente.

Os vários derivados indicam aspectos ou relacionamentos especiais que, de alguma maneira, estão ligadas com o nascimento, embora às vezes essa relação seja bem distante.

Emprega-se a palavra em várias conexões teológicas importantes.

Uma ameaça constante à promessa de que a semente dos patriarcas seria incontável e uma bênção a todas as famílias da terra era a esterilidade de suas esposas (Gn 16.1; 17.17; 18.13; 25.21). Mas Deus cumpriu sua promessa, fazendo com que seus ventres estéreis concebessem. Então, também naqueles tempos de crise na vida de seu povo, o Senhor demonstrou que tinha um controle soberano e salvador de seus destinos ao prometer que mulheres escolhidas dariam à luz filhos que salvariam seu povo (Jz 13.3, 5. 7; 1 Sm 1.2-10). A consumação desse tema é o nascimento de Jesus Cristo (Is 7.14; 9.5; Mt 1).

O nascimento de um filho era acompanhado de grande alegria. Mas alguns experimentaram tantas atribulações em suas vidas que desejaram jamais ter nascido (Jó 3.3; Jr 15.10; 20.14). No entanto, o mais trágico é o caso de Judas Iscariotes, que, por ter traído Jesus, melhor seria jamais ter nascido (Mt 26.24).

A apostasia de Israel torna-se mais dolorosa e trágica à luz da realidade de que o Senhor o "gerou", uma metáfora que denota que ele lhe deu vida e cuidou dele durante seus primeiros anos (Dt 32.18; *cf.* Ez 17.20; 23.4, 37). Veja *'āb*, "pai", e *ben*, "filho".

Em Salmos 2.7 *yālad* (observe-se que o grau não é hifil) é referência ao relacionamento de amor entre o Pai e o Filho. O NT interpreta essa passagem como indicativa da ressurreição de Cristo e do seu sentar-se à destra do Pai (At 13.33; Hb 1.3-5; 5.5; *cf.* BUSWELL, J. O., *Systematic theology of the Christian religion*, Zondervan, 1962, v. 1, pp. 107-12; v. 2, p. 18).

yeled. ***Criança, adulto jovem, filho, menino, fruto.*** **yaldâ.** ***Menina, donzela.*** Essas palavras em geral designam crianças bem novas, mas podem referir-se a adolescentes e, às vezes, até mesmo a adultos jovens (*e.g.*, 1 Rs 12.8-14; 2 Rs 2.24; 2 Cr 10.8-14). Em uma oportunidade *yeled* refere-se a um feto (Êx 21.22). Em Jó 38.41; 39.3 e Isaías 11.7. emprega-se o plural para indicar os filhotes de animais. Em um caso a palavra é usada para indicar descendentes (Is 29.23). É usada num sentido figurado para representar os israelitas como "filhos da transgressão" (Is 57.4) ou "filho das delícias" (Jr 31.20).

yālîd. ***Nascido, crianças, filhos.*** Este substantivo, que só é encontrado no estado construto. possui o mesmo significado do particípio passivo de *yālad*. É em geral empregado para indicar as crianças filhas de escravos já possuídos por um israelita (sete ocorrências). É também usado três vezes para referir-se aos filhos de Anaque e duas vezes para indicar os "filhos do gigante" (IBB; 2 Sm 21.16, 18). Willesen tenta provar que a palavra sempre se refere a escravos, pois ele acha que seria demasiadamente vasto o campo semântico da palavra caso se referisse tanto a nobres quanto a escravos. Com dados tão tênues, a argumentação não possui uma base sólida. Observe-se a amplidão de sentidos de palavras como *p'quddâ* e *miqpād*.

môledet. ***Parente consangüíneo, nascimento, nascido, gerado, nativo.*** Este substantivo deveria ser basicamente interpretado como "parente" ou "parente consangüíneo" (ocasionalmente referindo-se a um indivíduo. mas em geral usado como coletivo). É possível interpretar todas as suas ocorrências em função deste sentido, embora em uns poucos casos talvez uma explicação se faça necessária (veja abaixo).

Sugeriu-se que *môledet* deve significar "local de nascimento", visto que o prefixo *m-* às vezes é empregado para formar substantivos indicativos de lugar. Entretanto, esse prefixo também forma substantivos de outros tipos, que nada têm que ver com lugar. Com freqüência *môledet* tem um sentido genérico (seis vezes seguindo-se o construto de "terra" e cinco vezes em paralelo com "terra" ou "país"). Muitas vezes "parente consangüíneo" ou "local de nascimento" encaixar-se-iam igualmente bem. Mas existem uns poucos contextos em que *môledet* possivelmente não poderia significar "local de nascimento". Em Gênesis 48.6, onde o substantivo aponta para a posteridade de José, "parentes" ficaria bem, mas "nascimento" ou "local de nascimento" deixaria o texto totalmente sem sentido. Em Ester 8.6, e provavelmente também em Ester 2.10 e 2.20, "parente consangüíneo" ajusta-se ao contexto, mas "nascimento" ou "local de nascimento" não. Em Ezequiel 16.3-4 parece que a palavra refere-se mais a pessoas do que a local. Em Ezequiel 16.4 a tradução "nascimento" simplesmente repetiria a idéia expressa nas palavras seguintes, ao passo que "parente consangüíneo" apontaria para a indiferença dos parentes. Em Gênesis 43.7, "parente consangüíneo" encaixa-se muito melhor do que "nascimento" ou "local de nascimento".

Caso o vocábulo fosse interpretado como "local de nascimento" em Gênesis 24.4, contradiria a afirmação de Gênesis 11.28-31 de que Abrão veio originalmente de Ur dos Caldeus. Pressupor tal contradição é totalmente desnecessário, visto que o significado "parente consangüíneo" se aplicaria tão bem como nos demais casos, e muitos dos parentes de Abrão tinham-se mudado para Harã.

Poder-se-ia pressupor uma dificuldade em Levítico 18.9, 11. Contudo, ao que parece, nesses dois versículos o relacionamento, e não o nascimento em si, é o que de fato importa.

tôledôt. ***Gerações, nascimento.*** O significado exato desse derivado de *yālad*, "gerar", será examinado abaixo. Ocorre apenas no plural e apenas no estado construto ou com um sufixo pronominal.

A tradução costumeira, "gerações", não transmite o significado da palavra para leitores modernos. A palavra "geração" atualmente limita-se quase inteiramente a dois sentidos: 1) o ato de produzir algo ou a maneira como esse algo é produzido; 2) um grupo total de pessoas que vivem no mesmo período de tempo ou a duração média de vida das pessoas desse grupo. Nenhum desses dois sentidos se encaixa no uso de *tôlēdôt*.

Conforme usado no AT, *tôlēdôt* refere-se àquilo que é produzido ou levado a existir por alguém ou àquilo que procede de tal pessoa. Em nenhum caso em Gênesis a palavra inclui o nascimento do indivíduo cuja *tôlēdôt* ele introduz (exceto em Gn 25.19, onde a história da vida de Isaque é introduzida mediante referência ao fato de que ele era o filho de Abraão). Depois da conclusão do relato em que Jacó foi a principal personagem, Gênesis 37.2 diz "Estas são as gerações (*tôlēdôt*) de Jacó" (IBB) e passa a contar a respeito de seus filhos e dos acontecimentos em que eles estão envolvidos.

De conformidade com esses usos, é razoável interpretar Gênesis 2.4, "Estas são as gerações (*tôlēdôt*) do céu e da terra" (TB), como referência não ao surgimento do mundo, mas aos acontecimentos que se seguiram ao estabelecimento dos céus e da terra. Assim sendo, o versículo é acertadamente colocado como introdução do relato detalhado da criação e queda do homem. Não é um sumário dos acontecimentos que precedem Gênesis 2.4.

A afirmação muitas e muitas vezes repetida de que o livro de Gênesis está dividido em seções naturais pela palavra *tôlēdôt* não resiste a um exame mais detido. As vezes, como em Gênesis 36.9, ela simplesmente introduz uma tábua genealógica.

Em Gênesis 10.32, 25.13, Êxodo 6.16, 19, e em oito das nove ocorrências em 1 Crônicas, a palavra é introduzida pela preposição *l*, e em Êxodo 28.10, é introduzida por *k*. Não é claro o significado da preposição, especialmente porque não dispomos de nenhum outro dado relacionado à história dos filhos de Ismael (Gn 25.13) ou à disposição das pedras no peitoral (Êx 28.10). Por essa razão, não sabemos que princípio determinou o seu uso. Nos dois casos a palavra "nascimento" deve ser considerada como meramente um palpite.

Bibliografia: WILLESON, Folker, "The Yālīd in Hebrew society", *Studia Theologica* 12:192-210. — *TDNT*, v. 1, pp. 665-75; v. 5, pp. 636-54. — *THAT*, v. 1, pp. 733-5.

יַלְדוּת (***yaldût***). Veja o nº 867c.
יִלּוֹד (***yillôd***). Veja o nº 867d.
יָלִיד (***yâlîd***). Veja o nº 867e.

868 *יָלַל (***yâlal***) ***uivar, lamentar.***

Termos Derivados

868a יְלֵל (***y'lēl***) ***uivo,*** somente em Deuteronômio 32.10.
868b יְלָלָה (***y'lâlâ***) ***uivo, lamento.***

868c תּוֹלָל (*tôlāl*) ***opressor.*** Ocorre somente em Salmos 137.3. Derivação incerta.

yālal é usado 29 vezes, todas no hifil e apenas nos profetas.

O paralelo do verbo com *zā'aq*, "clamar, chamar" (*q.v.*), aponta para o aspecto de ansiedade, tristeza e aflição. Mas o paralelo com *sāpad*, "prantear, lamentar" (*q.v.*), deixa claro que o que se tem em vista é o pranto pelos mortos e o lamento devido à destruição. Para traduzir esta palavra, a LXX usa *threneō*, "estar de luto, lamentar". A ênfase recai não em cantar uma música fúnebre, embora às vezes seja esse o caso (*cf.* Am 8.3), mas, numa lamentação violenta, Joel (1.5, 8, 11, 13) convoca sacerdotes e bêbados, cidade e campo, lavradores e ministros a "uivarem" por causa da calamidade que aconteceria no dia do Senhor. O profeta Miquéias experimenta esse uivar (1.8). Todavia, não apenas o povo de Deus é chamado a uivar (o que é, em essência, um chamado ao arrependimento do pecado), mas as nações gentílicas também são chamadas por um Deus soberano a uivarem por causa da destruição que as espera (*e.g.*, Babilônia, Is 13.6; Moabe, Is 15.2 *etc.*).

Quanto ao conteúdo do pranto e do lamento, veja Lamentações, Jeremias 9.18-20, Amós 5, Isaías 14. Veja também o verbete *qînâ*, "elegia. lamento". (Um artigo interessante sobre os costumes de luto no antigo oriente médio encontra-se em STAHLIN, *TDNT*, v. 3, pp. 148 ss.).

P.R.G

יָלַע (*yāla'*). Veja יוּלַע nº 1 098.

869 יָלַף (*ylp*). **Aceita como raiz de:**

869a יַלֶּפֶת (*yallepet*) ***sarna, crosta (na pele), doença eruptiva.*** Ocorre somente em Levítico 21.20; 22.22.

870 יָלַק (*ylq*). **Aceita como raiz de:**

870a †יֶלֶק (*yeleq*) ***gafanhoto novo.***

Talvez derivado do verbo *lāqaq*, "lamber, beber (lambendo)". A palavra ocorre nove vezes. A LXX traduz por *brouchos*, "gafanhoto sem asas" (*cf.* TB, PIB, "brugo"). A BJ utiliza "larva" (Jl 1.4, marg.).

Em Joel 1.4 e 2.25, o *yeleq* talvez represente o gafanhoto em seu estágio larval inicial; a NEB e a JB sugerem "gafanhoto saltador". Mas em Jeremias 51.27 o *yeleq* é descrito como "eriçado", numa alusão aos pseudochifres que cobrem as asas rudimentares do estágio ninfeu. Em Naum 3.16 indica-se o último estágio ninfeu, quando o gafanhoto metamorfoseia-se e então abre as asas.

Veja também *'arbeh*.

E.Y

יַלְקוּט (*yalqut*). Veja o nº 1 125b.

יָם (*yām*). Veja o nº 871a.

יְמִם (*yēmim*). Veja o nº 871b.
יָמִין (*yāmîn*). Veja o nº 872a.
יְמִינִי (*y'mînî*). Veja o nº 872b.

871 יָמַם (*ymm*). **Aceita como raiz de:**
871a יָם (*yām*) ***mar, ocidente, na direção do ocidente.***
871b יְמִם (*yēmim*) Significado dúbio. Ocorre somente em Gênesis 36.24.

yām é palavra usada mais de 300 vezes para indicar "mar" e mais de 70 vezes para referir-se a "ocidente" ou "na direção do ocidente". Em uma oportunidade (Sl 107.3) o sentido é de "sul", mas esse deve ser um erro de manuscrito, embora em Isaías 49.12 *yām* também esteja em oposição ao norte.

Na Bíblia há menção de mares específicos, a saber: 1) o Mediterrâneo, chamado de "mar Grande" (Nm 34.6), "mar ocidental" (Dt 11.24), "mar dos filisteus" (Êx 23.31), e "mar de Jope" (ARA, "mar, para Jope", Ed 3.7); 2) o mar Morto, denominado "mar Salgado" (Nm 34.3), "mar do Oriente" (Ez 47.18), e "mar do Arabá" (Dt 3.17); 3) o mar Vermelho, *yām sûp*, literalmente, "mar de algas" (BJ, "mar dos Juncos"; ARA, "mar Vermelho", Êx 10.19), "mar do Egito" (Is 11.15) e, no NT, "mar Vermelho" (At 7.36); 4) o mar da Galiléia, conhecido como *kinneret* (Nm 34.11), às vezes com uma ligeira modificação na ortografia; em 1 Macabeus 11.67 temos "águas de *Genesar*" (BJ), e então, na época do NT, o mar de Genesaré (ARA, "lago de Genesaré"; Lc 5.1) ou da Galiléia (Mt 4.18) ou de Tiberíades (Jo 21.1). *yām* também é usado para designar o rio Nilo (Na 3.8), sem dúvida por causa de sua imensidão; o mesmo acontece com o Eufrates (Jr 51.36; *cf.* Is 21.1, onde a referência talvez seja ao golfo Pérsico). E, com freqüência, usado genericamente, em contraste com terra ou céus. De acordo com 1 Reis 7.23 ss., o pátio do templo de Salomão tinha uma imensa pia chamada "mar de fundição". Todavia, é mera conjectura qualquer simbolismo associado com *yām*. Não há dúvida de que assim se chamava devido ao seu tamanho.

No pensamento hebraico em particular e no semítico em geral, a localização do Mediterrâneo pode muito bem ter dado origem ao uso da palavra com o sentido de "ocidente". O ugarítico possui um cognato semelhante para "mar". Israel jamais se destacou por seus empreendimentos marítimos. Salomão chegou a ter uma marinha mercante, mas possivelmente contratou marinheiros fenícios para tripular sua frota.

O AT fala do Senhor como o criador do mar (Gn 1.10), o qual também impôs limites às suas águas (Sl 104.6-9; Pv 8.29). O imenso poder de Deus, que controlou o Mar Vermelho por ocasião do Êxodo, torna-se a causa de celebração naquela oportunidade (Êx 15) e mais tarde (Sl 78.13; 136.13). Isto, por sua vez, torna-se um símbolo da vitória que se espera que o mesmo Deus onipotente tenha; por essa razão fazem-se orações e votos com plena confiança (Is 51.10; *cf.* Sl 107.23-32). As nações pagãs são comparadas com o mar que brame (Is 17.12), mas serão repreendidas pelo Senhor e fugirão (17.13).

Em Daniel, os poderes do mundo satânico assumem a imagem de bestas-feras que surgem do mar (7.3), mas, em consonância com o poder soberano do criador, o altíssimo derrota essas feras quando estabelece seu reino eterno.

Para o antigo povo de Israel, o mar deve, de uma forma geral, ter sido visto como um lugar pavoroso, repleto de perigos. Jonas 2.2 s. exprime a íntima relação entre o Sheol e o mar de onde Jonas foi livrado. Pode muito bem ser que este medo dos mares seja o que

dá origem à visão escatologica de João, "o mar já nao existe" (Ap 21.1).

Bibliografia: *TDNT*, v. 9, pp. 585-91.

P.R.G.

872 יָמִין (*ymn*). **Aceita como raiz de:**

872a †יָמִין (*yâmîn*) ***destra, mão direita, lado direito.***

872b יְמִינִי (*y'mînî*) ***à direita.***

872c יָמַן (*yâman*) ***ir para a direita, escolher o lado direito, usar a mão direita.*** Verbo denominativo.

872d יְמָנִי (*y'mānî*) ***mão direita, (lado) direito.***

872e †תֵּימָן (*têmān*) ***I, sul, na direção sul.***

872f †תֵּימָן (*têmān*) ***II, Tema.***

yāmîn. *Mão direita, lado direito.* A palavra ***yâmîn*** é usada literalmente com o sentido de "mão direita", em oposição a ***s'm'ôl***, "mão esquerda" (que também é usada para referir-se ao "norte"). Uma excelente ilustração disso encontra-se em Gênesis 48.13-14, que, ao relatar que Jacó abençoou os dois filhos de José, diz que Jacó "estendeu a mão direita e a pôs sobre a cabeça de Efraim, que era mais novo, e a sua esquerda sobre a cabeça de Manasses, cruzando assim as mãos, não obstante ser Manasses o primogênito". José ficou aborrecido e tentou mudar a posição das mãos de Jacó, pois já existia um significado relacionado com a mão direita. Quando Jacó recusa tirar a mão direita de cima da cabeça de Efraim, ele explica: "Ele [Manassés] também será um povo, também ele será grande: contudo o seu irmão menor será maior do que ele, e a sua descendência será uma multidão de nações" (v. 19). Começa a despontar a idéia de favor e poder sendo transmitidos através da mão direita que abençoa. Deve-se assinalar que Benjamim, "filho da minha destra", é um nome em que claramente se vê o favor e a posição especiais desfrutados pelo filho mais novo de Jacó. O nome também foi usado anteriormente nas tabuinhas de Mari para indicar uma tribo de semitas. Nesse caso, provavelmente tinha o outro sentido de "filhos do sul". Há de se mencionar ainda um outro uso. Jonas 4.11 conclui com a manifestação de amor e interesse aliancísticos por aqueles em Nínive "que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda".

O uso mais importante para a consideração teológica é a expressão figurada "a destra do Senhor", que fala da onipotência de Deus, especialmente em favor de seu povo Israel. Uma das declarações mais remotas e explícitas a respeito encontra-se no cântico de triunfo de Moisés depois de os israelitas terem atravessado o mar Vermelho e de o exército egípcio ter sido destruído. Em Êxodo 15.6 ele afirma: "A tua destra, ó SENHOR, é gloriosa em poder; a tua destra, ó SENHOR, despedaça o inimigo." Esta última frase é ainda mais explícita quando posta lado a lado com 15.1*b*, "Lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro", e, mais adiante, "Estendeste a tua destra: a terra os tragou" (v. 12). Dessa forma, o poder supremo de Deus é descrito através de sua destra como um instrumento para livrar dos inimigos o povo de Deus. Isto, por sua vez, torna-se o tema de muitos salmos de louvor, por exemplo, Salmos 98.1: "A sua destra e o seu braço santo lhe alcançaram a vitória." *Cf.* também Salmos 20.7; 21.9. Ademais, é a destra do Senhor que se torna a esperança e a confiança do povo de Deus em tempos de necessidade. Isaías 41.10*b* explicitamente associa a força e o auxílio ao uso instrumental da mão direita: "Eu

te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel". Veja também Isaías 41.13; Salmos 18.35 [36]. Em Isaías 45.1, acerca de Ciro da Pérsia afirma-se que ele é tomado "pela mão direita". Entendemos com isso que a mão direita de Ciro foi fortalecida pelo Senhor.

As Escrituras também reconhecem que o poder da destra de Deus fortaleceu o povo na conquista de Canaã e, mais especificamente, no santo monte Sião (Sl 78.54). Estar situado "na destra" de Deus é especificamente indicado em Salmos 16.11 como estar num lugar onde pessoas piedosas experimentam prazeres e alegrias eternos. O vocábulo também é usado escatologicamente para designar o trono do Messias, "Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés" (Sl 110.1). Isso começa a ter cumprimento na ascensão de Cristo, conforme assinalado por Pedro em Atos 2.33-35: "Exaltado, pois, à destra de Deus." Com referência à segunda vinda de Cristo, afirma-se que ele fará separação entre ovelhas e cabritos (Mt 25.33, "porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda"), declarando àqueles à sua direita: "Vinde, benditos de meu Pai! entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (v. 34). Isso acrescenta uma nova dimensão ao significado de Salmos 16.11, mencionado acima. Respondendo ao sumo sacerdote na noite de sua traição, Jesus disse: "[eu] vos digo que vereis em breve o Filho do homem assentado à direita do Poder" (IBB, Mt 26.64). Ao citar Salmos 110.1, Jesus demonstra claramente a onipotência divina mediante o acréscimo *tês dunameōs*, "do poder" (*cf.* a visão que Estêvão tem do Cristo exaltado, em At 7.55).

Em função locativa *yāmîn* é usado na expressão "qual muro à sua direita e à sua esquerda" (Êx 14.22, 29); também é usado com significado direcional, como em Deuteronômio 2.27: "Deixa-me passar pela tua terra; ... não me desviarei nem para a direita nem para a esquerda." Esse emprego direcional também pode expressar figuradamente a possibilidade de afastamento moral e espiritual da lei de Deus (Dt 17.11, 20; Js 1.7; 23.6, *etc.*). Usa-se *yāmîn* também em referência a outras partes do corpo, por exemplo, o ombro, a coxa.

Finalmente, *yāmîn* é traduzido como "sul", uma vez que, olhando para o oriente, a mão direita fica para o sul. Observe-se especialmente Salmos 89.12 [13], *tsāpôn w'yāmîn*, na frase "O Norte e o Sul, tu os criaste". O Iêmen, país no sul da Arábia, mostra ainda hoje em seu nome este sentido de "sul".

É interessante observar que o ugarítico *ymn* é um cognato exato, em que a única exceção é a noção escatológica acerca do Messias. Deve-se assinalar que, pela maneira egípcia de se orientar, era necessário "olhar rio [Nilo] acima (desse modo 'direita = ocidente')" (*UT* 19: nº 411).

têmān. ***I. Sul, na direção sul, vento sul*** (lit., "o que está do lado direito [como quando alguém olha para o oriente]").

Usada com maior freqüência (mais de 100 vezes) para designar o Neguebe, que é a palavra mais comum. *têmān* é, muitas vezes, usada poeticamente, conforme observado em *BDB*. Jó 39.26 fala do falcão que atravessa o céu, "estendendo as asas para o sul". Jó 9.9 menciona "o Órion, o Sete-estrelo e as recâmaras do sul". Zacarias 9.14 fala dos "redemoinhos [ou ventanias] do sul". Associado a isso, Asafe refere-se ao controle soberano de Deus sobre o "vento do Oriente" e acrescenta que, "pelo seu poder, conduziu o vento sul", enquanto trazia as codornizes e o maná para os israelitas, que recentemente haviam sido redimidos do Egito (Sl 78.26). Cf. Cantares 4.16.

873 יָנָה (*yānâ*)

têmān. ***I Temã.*** Nome de um dos netos de Esaú, filho de Elifaz e líder edomita (Gn 36.11, 15). Sete vezes a palavra designa um distrito a nordeste de Edom (Jr 49.20; Ez 25.13), sobre o qual cairá fogo conforme predito por Amós (1.12), e que era conhecido por seus sábios poderosos (Ob 8 s.; Jr 49.7). Algo aparentemente incongruente é a visão de Habacuque em que o santo Deus vem de Temã. O paralelo talvez explique a dificuldade: Deus é visto como vindo daquela direção genérica como no êxodo e na experiência no deserto. Nelson Glueck identifica Temã com Tawilan, em *The other side of Jordan*, p. 25 s.

P.R.G

יְמָנִי (*y^emānî*). Veja o nº 872d.

873 יָנָה (*yānâ*) ***oprimir, irritar, fazer mal.***

Das 20 vezes em que o verbo é usado, apenas seis estão no qal; as demais estão no hifil. No entanto, em Ezequiel 46.18 ele é traduzido como "esbulhá-los da sua possessão". A LXX emprega *thlíbô* e *thlipsis* como tradução de *yānâ* bem como de vários sinônimos hebraicos, dos quais o mais comum é *tsārar*, "tratar alguém com hostilidade", hifil "constranger". Em hebraico essas palavras expressam toda uma gama de aflições. Parece que *yānâ* é usado no sentido de "fazer mal" a alguém, como na legislação mosaica, que protege os direitos do *gēr*, "estrangeiro residente" (ARA, "forasteiro"). Êxodo 22.21 [20] determina "Não fareis mal (*yānâ*) ao peregrino, nem o oprimireis (*lāhats*, 'pressionar, esmagar, oprimir')" (TB), e então acrescenta a justificativa, "pois *gērîm* fostes na terra do Egito". Veja ainda mais Levítico 19.34, onde o oposto de *yānâ* é "amar o próximo como a si mesmo". Semelhantemente Deuteronômio 23.16 [17] expressa o interesse que o grande rei tem de que o escravo que foge de uma terra estrangeira e procura asilo não seja maltratado. Ademais, a legislação levítica protege os direitos econômicos de pessoas que facilmente poderiam ser prejudicadas financeiramente devido a um uso errado da lei referente ao ano do jubileu (Lv 25.14, 17). Em resumo, as estipulações da aliança proibiam que os ricos e poderosos maltratassem os pobres e fracos.

Os profetas da crise babilônica empregam o particípio de *yānâ* para referir-se a Jerusalém, a "cidade opressora", porquanto seus governantes civis haviam-se afastado do Senhor e se comportavam como "leões que rugem", profanando o sagrado e violentando a lei. Jeremias 46.16 fala da "espada que oprime" (*cf.* 50.16).

Os profetas consideravam essas atividades opressivas como sendo nada menos do que pecado contra Deus. Por tal razão, a opressão política e os maus tratos de escravos foram denunciados como contrários à vontade de Deus para o povo da aliança do Senhor.

P.R.G.

יְנִיקָה (*y^enîqâ*). Veja o nº 874c.

874 יָנַק (*yānaq*) ***mamar, chupar, amamentar.***

Termos Derivados

874a יוֹנֵק (*yôneq*) ***lactente, renovo.***

874b יוֹנֶקֶת (*yôneqet*) ***rebento.***

874c יְנִיקָה (*y'niqâ*) ***rebento, ramo.*** Encontrado apenas em Ezequiel 17.4.

Comparem-se o ugarítico *ynq*, "mamar", acadiano *eniqu*, "mamar", *musheniqtu*, "ama-de-leite", egípcio *snq*, "amamentar". A palavra aparece cerca de 62 vezes no AT.

Propriamente falando, o verbo indica a ação de uma criancinha mamando no seio da mãe (Jó 3.12; Ct 8.1; Jl 2.16). Por vezes ocorre como um substantivo, criança lactente ou bebê (Nm 11.12; Dt 32.25).

O sentido então alarga-se para tornar-se uma metáfora de abundância e honra. Em Deuteronômio 33.19, Issacar e Zebulom "chuparão a abundância dos mares e os tesouros escondidos da areia". Isaías 60.16 emprega a mesma figura para predizer a grande riqueza e poder que Jerusalém receberá dos gentios convertidos, pois eles darão as energias de suas vidas tal qual uma mãe dá o leite para seu filhinho. Na verdade, Israel "mamará o peito dos reis" (TB). Isto faz lembrar um tema freqüentemente visto na arte do antigo oriente médio. Um jovem príncipe é apresentado sendo amamentado pela deusa que outorgou realeza ao futuro governante da nação pagã. Em Isaías 66.11-12 esse é um quadro de satisfação e bem-estar.

O grau hifil significa "dar de mamar a, amamentar". É usado na forma participial para designar uma ama-de-leite (Êx 2.7; Gn 24.59). Esse grau também é usado com referência a animais (Gn 32.15 [16]; Lm 4.3) e, numa expressão figurada, para indicar o fazer alguém chupar mel (Dt 32.13). Outra expressão metafórica do gênero fala de reis e rainhas das nações gentílicas sendo padrastos e amas-de-leite de Israel.

yônēq. ***Lactente, renovo, planta nova.*** Esta forma aparece apenas uma vez, a saber, numa referência messiânica (Is 53.2). Ela é paralela a *shōresh*, "raiz". Para os homens, o servo parecia-se com um renovo que cresce a partir do talo principal e que deve ser podado, pois extrai ou suga forças da planta principal.

yôneqet. ***Rebento, ramo.*** Este substantivo aparece apenas seis vezes. Em Jó 14.7 refere-se a "rebentos" que brotam em torno do toco de uma árvore derrubada. Jó emprega essa idéia como argumento de sua esperança de imortalidade, pois, assim como as árvores tornam a brotar depois de terem sido abatidas, de igual forma a pessoa deve aguardar até que aconteça sua "mudança" ou "livramento" ou "segundo crescimento" (v. 14; veja *hālap*). Anteriormente Bildade tinha feito menção de "renovos" espalhando-se pelo jardim (8.16). Então Elifaz repetiu o tipo de argumento usado por Bildade (15.30). Esses dois homens aplicaram esta palavra aos ímpios.

Em Salmos 80.11 [12] temos a descrição clássica (*cf.* Sl 44.2 [3]) de Israel como uma videira. Ali fala-se que os rebentos da videira descem até o rio. Mas em Oséias 14.6 [7] Israel é um ramo de choupo, caso se leia *lib'neh* em lugar de *l'bānôn*, que é como está no TM (*cf.* Os 4.13).

A passagem mais significativa, semelhante à forma abreviada encontrada em Isaías 53.2, é Ezequiel 17.22. Ali se diz que o Senhor tomará um "broto" (IBB, *tsammeret*), o que por interpretação é um descendente da casa de Davi, do alto do cedro. Então, dentre o mais alto dos ramos, ele partirá um que é "tenro" (*rak*), ou seja, o próprio Messias.

875 יָסַד (*yāsad*)

Observe se a solidariedade corporativa de toda a linhagem de Davi; assim mesmo seu representante final e derradeiro é Jesus Cristo.

W.C.K.

יַנְשׁוּף (*yanshûp*). Veja o nº 1 434b.

875 יָסַד (*yāsad*) ***estabelecer, fundar, lançar alicerces.***

Termos Derivados

875a יְסוֹד (*y'sud*) ***alicerce, início,*** somente em Esdras 7.9.

875b יְסוֹד (*y'sôd*) ***alicerce, base.***

875c יְסוּדָה (*y'sûdâ*) ***fundamento,*** com o sentido de cidade fundada. Ocorre somente em Salmos 87.1.

875d מוֹסָד (*mûsād*) ***lançamento de alicerces, alicerce.***

875e מוֹסָדָה (*mûsādâ*) ***alicerce.***

875f מוֹסָד (*môsād*) ***alicerce.***

875g מַסָּד (*massad*) ***alicerce.***

O significado básico de *yāsad* é o de "fundar, fixar com firmeza", do qual derivam os significados dos principais substantivos, ou seja, "alicerce", principalmente de um prédio. Por essa razão, o verbo é traduzido por "fundar" uma cidade, *etc.* Poucas vezes é usado no sentido literal, como em Esdras 3.12: "[os] idosos, que viram a primeira casa, choraram em alta voz quando à sua vista foram lançados os alicerces desta casa [*i.e.*, o segundo templo]". O piel e o pual são empregados com maior freqüência nesse sentido (*i.e.*, com referência ao templo, 1 Rs 5.31; Ed 3.6, 10; Zc 4.9, *etc.*) e também para designar a fundação de uma cidade. Tanto Josué 6.26 quanto 1 Reis 16.34 mencionam que a maldição de reconstruir Jerico seria a morte de um dos filhos daquele que lançasse tais alicerces. Observe-se também a fundação de Sião, Isaías 14.32. Evidentemente se usa *y'sôd* para indicar os "alicerces" do muro de uma cidade. O templo de Salomão tinha grandes blocos de pedra (3,6m x 4,5m), sobre o qual ele foi construído. Veja 1 Reis 5.17; 6.37. O NT utiliza a palavra *themelios* para este sentido literal de alicerce de casas, torres e cidades (*cf.* Lc 6.48 s.; 14.29; At 16.26; Hb 11.10; Ap 21.14, 19).

O uso metafórico teria o sentido de algo que não se pode mover. No NT *katabolē*, "lançar ou assentar", é muitas vezes empregado para designar a "fundação do mundo" (IBB; *e.g.*, Mt 13.35; Ef 1.4). Este uso cosmológico reflete muitas passagens do AT, *e.g.* Salmos 24.2, "Fundou-a [isto é, a terra] ele sobre os mares". Veja também Salmos 78.69; 89.11 [12]; 104.5.

Algumas passagens mencionam lado a lado a fundação da terra e dos céus, como Provérbios 3.19, "O SENHOR com sabedoria fundou a terra, com inteligência estabeleceu (*kônēn*) os céus" (veja também SI 102.26; Is 48.13; 51.13, 16). Existem algumas outras referências cosmológicas à fundação das montanhas e terras bem como dos céus e da terra. E, ao mesmo tempo, num versículo significativo, Jó diz que Deus "faz pairar a terra sobre o nada" (Jó 26.7).

Isaías 54.11 fala do futuro de Israel, "Eis que eu assentarei as tuas pedras com

argamassa colorida, e te fundarei sobre safiras". Este comentário escatológico antevê a Nova Jerusalém descrita em Apocalipse 21—22 como uma cidade de pedras e metais preciosos.

Em Salmos, dois versículos apresentam um uso incomum de *yāsad* no nifal: "Os reis da terra se levantam (*yityatsts'bû*), e os príncipes conspiram (*nôs'du*) contra o SENHOR e contra o seu Ungido" (Sl 2.2; *cf.* Sl 31.13 [14]). Conforme o expressa *BDB*, aqui o sentido é de "colocar-se ou sentar-se bem próximo um do outro, assentar-se em um conclave", o que está num paralelo bastante próximo do primeiro verbo, *yātsab* (*q.v.*), que está no hitpael. A noção é de pessoas que decididamente se colocam contra alguém, aqui especificamente o Messias.

Isso leva a mais um uso na profecia messiânica, a saber, o de Isaías 28.16. O Senhor fala: "Eis que ponho em Sião como alicerce uma pedra, uma pedra provada, pedra preciosa de esquina, de firme fundamento; aquele que crer não se apressará" (IBB). O contexto é uma mensagem de juízo para os "bêbados de Efraim" (28.1) e, mais especificamente, para os "homens escarnecedores, que dominam este povo que está em Jerusalém" (28.14), que agora se vangloriam de terem feito um "pacto com a morte e com o Sheol" (IBB) e de "fazerem da mentira o seu refúgio, e debaixo da falsidade se esconderem" (IBB). Por essa razão acalentam a falsa esperança de que o "flagelo transbordante" (IBB) não os alcançará. Isaías, como muitas vezes se disse antes dele, sustenta que a única base para uma esperança real é a fé no Senhor da aliança. O apóstolo Pedro oferece a interpretação inspirada de nossa passagem quando se refere a Jesus Cristo como a "principal pedra, angular ... preciosa", aliás, até mesmo como "pedra viva" (IBB), sobre a qual os crentes, "vós também, quais pedras vivas, sois edificados como casa espiritual" (1 Pe 2.4-8). Paulo também confirma isso em Romanos 9.32 s., onde, no entanto, ele combina Isaías 28.16 com Isaías 8.14, que fala de uma "pedra de tropeço", que Isaías usa para referir-se a Emanuel, que será para ambas as casas de Israel como "pedra de tropeço e rocha de ofensa" (Is 8.13-15). É importante assinalar que as referências do NT, no que seguem a LXX, acrescentam *ep' autō*, "nele", após "aquele que crer" (28.16). O TM não deixa isso explícito. A frase *yissad b'tsiyyôn*, literalmente, "estabeleço como alicerce em Sião", faz referência à cidade santa como a cidade de Deus, mas ampliando o sentido de modo a incluir o povo de Deus, a igreja, e seus alicerces. É essa idéia de um alicerce firme e sólido que é o contexto para compreender a afirmação de Jesus de que "sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (Mt 16.18). Também em Efésios 2.20, o apóstolo ensina que a família de Deus foi "edificada sobre o fundamento (*themelios*) dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular". Veja também Apocalipse 21.14, 19 s., onde bem pode haver um significado cristológico e eclesiológico.

yᵉsôd. ***Alicerce, base.*** Sete das 18 vezes em que a palavra é usada referem-se à "base" do altar (*e.g.*, Êx 29.12). Uma vez é empregada para designar a "restauração" do templo (2 Cr 24.27).

mûsādâ. ***Alicerce.*** Empregada apenas duas vezes, sendo uma em Isaías 30.32, onde diz respeito a uma vara de "castigo" (IBB).

Bibliografia: *THAT*, v. 1, pp. 736-37.

P.R.G.

876 יָסַף (*yāsap*)

יסוד (*y'sôd*). Veja o nº 875b.
יסודה (*y'sûdâ*). Veja o nº 875c.
יסור (*yissôr*). Veja o nº 877a.
יָסָךְ (*yāsak*). Veja סוּךְ, nº 1474.

876 יָסַף (*yāsap*) ***acrescentar, aumentar, tornar a fazer.***

Termo Derivado

876a יוֹסֵף (*yosep*), יְהוֹסֵף (*y'hosēp*) ***José.***

yāsap ocorre quase 200 vezes, a maioria delas no qal e no hifil (seis vezes no nifal). A LXX geralmente traduz por *prostithemi*. Não se encontrou qualquer cognato em ugarítico.

Um uso bastante comum de *yāsap* é o de "tornar a fazer", como em Gênesis 4.2, "[Eva] tornou a dar à luz um filho" (IBB, *cf.* 38.5). No caso de Abraão, que tomou Quetura como esposa, Gênesis 25.1 afirma que "desposou Abraão outra [lit., acrescentou ou tornou a tomar] mulher". As vezes, especialmente quando acompanhado de uma partícula negativa, é traduzido como "nunca mais", como na tocante cena em que Judá cita as palavras de José: "Se vosso irmão mais novo não descer convosco, nunca mais me vereis o rosto" (lit., "não acrescentareis a"; veja Gn 44.23).

A idéia literal de "acrescentar" é claramente evidente em Levítico 27.13, 15, 19, 27, onde repetidamente Moisés, ao escrever acerca da pessoa que faz um voto, determina que "ele acrescentará a quinta parte à avaliação" caso queira resgatar um objeto ou bem. O caso de Ezequias também diz respeito aqui, pois, em resposta à sua oração, o Senhor promete: "Acrescentarei, pois, aos teus dias quinze anos" (Is 38.5). Raquel, ao dar nome ao seu primogênito, ora, dizendo: "Dê-me o SENHOR ainda outro filho" (lit., "acrescente-me", Gn 30.24). Tanto Isaías quanto Raquel reconhecem que longevidade e filhos são assuntos do soberano arbítrio de Deus. Com respeito a isso, observe Provérbios 10.27, "O temor do SENHOR prolonga os dias." Veja também Provérbios 9.11.

Existe um aspecto negativo ligado a *yāsap*. É o problema ético humano do pecado. O primeiro caso é o de Faraó: "Tendo visto Faraó que cessaram as chuvas, as pedras e os trovões, tornou a pecar [lit., acrescentou a pecar], e endureceu o seu coração" (Êx 9.34). Mas isso acontece até mesmo com o povo de Deus, como se vê na expressão que se repete pelo livro de Juízes: "Tornaram, então, os filhos de Israel a fazer o que era mau [lit., acrescentaram a fazer o mal] perante o SENHOR" (3.12; 10.6, *etc.*). Este aumentar algo não precisa ser somente negativo. Em Salmos 71.14 diz o salmista: "[eu] te louvarei mais e mais" (lit., acrescentarei louvor).

Há, no entanto, casos em que o sentido é positivo. A incorporação de pessoas a um grupo social ocorre várias vezes. Um episódio marcante é a preocupação expressa pelos egípcios com o crescimento da população israelita: "Eia, usemos de astúcia para com ele [o povo de Israel], para que não se multiplique, e seja o caso que, vindo guerra, ele se ajunte com os nossos inimigos, peleje contra nós e saia da terra" (Êx 1.10). O salmista ora: "O SENHOR vos aumente bênçãos mais e mais, sobre vós e sobre vossos filhos" (Sl 115.14). *Cf.* Isaías 14.1. Deve-se observar o uso análogo, pelo NT, em Atos 2.41, 47; 5.14; 11.24,

onde os crentes eram continuamente acrescentados ao Senhor, isto é, o Senhor estava acrescentando-os à igreja (voz passiva em vez de média, caso em que o sentido teria sido de que "eles estavam se unindo"). Ligado a isto existe no AT uma esperança escatológica relacionada com a doutrina do remanescente, o que se vê em 2 Reis 19.30, 31: "O que escapou da casa de Judá, e ficou de resto, tornará a lançar raízes para baixo, e dará fruto por cima; porque de Jerusalém sairá o restante, e do monte Sião o que escapou." Reconhecidamente esta profecia pode ter-se cumprido parcialmente após a dizimação do exército ou então depois do exílio babilônico; entretanto, caso este autor compreende Romanos 11 corretamente, o apóstolo Paulo aguardava confiantemente um cumprimento ainda maior e mais glorioso. (*Cf.* Na 1.15 [2.1].) Num enfoque parecido, Jeremias, ao falar do povo de Israel reajuntado, diz. "A sua alma [isto é, do povo] será como um jardim regado, e nunca mais desfalecerão" (31.12). Observe-se também Isaías 52.1, onde Jerusalém é conclamada a despertar: "porque não mais entrará em ti nem incircunciso nem imundo" (*cf.* Ap 22.14-15).

yāsap é, muitas vezes, usado como parte de um juramento, como, por exemplo, quando Rute suplica a Noemi que não a force a deixá-la: "Porque aonde quer que tu fores, irei eu; e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo será o meu povo, o teu Deus será o meu Deus.... Assim me faça o Senhor, e outro tanto [lit., e assim ele acrescente], se outra coisa que não seja a morte me separar de ti" (IBB, Rt 1.16, 17). *Cf.* também 1 Samuel 3.17; 2 Samuel 3.9; 19.13 [14].

Parece que a frase "me faça ... e outro tanto" envolve uma elipse, que pode ser compreendida quando se completa com uma possível expressão literal, tal como "e assim ele acrescente maldições sobre mim caso ...". Isso é plausível quando se lê, nos tratados de reis de países vizinhos, a lista de bênçãos para a obediência mas uma lista muito mais longa de maldições para a desobediência ou rebelião.

yôsēp, yᵉhôsēp. *José.* A forma *yᵉhôsēp* é encontrada uma única vez, em Salmos 81.5 [6]. O nome próprio aparece mais de 200 vezes no AT, referindo-se basicamente ao filho mais velho de Jacó e Raquel. E usado para designar a tribo, isto é, Efraim e Manassés (Dt 33.13; Js 14.4; 17.1 s.)., o reino do norte (Am 5.6, 15; Zc 10.6) e toda a nação de Israel (Sl 80.1 [2]; 81.5 [6]). Quatro outros homens do AT têm esse nome: 1) um homem de Issacar (Nm 13.7); 2) um dos filhos de Asafe (1 Cr 25.2, 9); 3) um dos que tomaram uma esposa estrangeira (Ed 10.42); 4) um sacerdote (Ne 12.14).

O antropônimo deriva de *yāsap*, "acrescentar, aumentar, tornar a fazer" (*q.v.*). Raquel, ao dar nome ao seu filho José, diz especificamente: "Dê-me [lit., acrescente-me] o SENHOR ainda outro filho" (Gn 30.24). Dessa forma, já no início da vida de José há um reconhecimento da graça soberana de Deus, a qual de forma magnificente antecipa a providência de Deus em favor de seu povo, conforme se vê na vida de José (Gn 37—50). Observe que, no versículo 23, há um jogo de palavras entre *yāsap* e *'āsap*, "tirar, remover", que faz assonância com José. Em Gênesis, José deve ser considerado um personagem histórico. Sem dúvida alguma seu nome não é empregado no apelativo patriarcal para Deus, como em "Deus de Abraão, Isaque e Jacó", porque houve 12 irmãos em sua geração. Ele, entretanto, se torna o importante elo de ligação entre, de um lado, a criação e a revelação patriarcal, e, de outro, a grande revelação por ocasião do êxodo do Egito.

José não deve ser visto apenas como um exemplo de conduta ética (Gn 39). O

procedimento que teve com seus irmãos quando jovem talvez revele algo a seu respeito (Gn 37). No entanto, Gênesis 39.9 claramente aponta para a base teológica de sua ética: "Como, pois, cometeria eu tamanha maldade, e pecaria contra Deus?". Na verdade, ao longo da narrativa, o centro da atenção é a atividade divina na história de seu povo. Isto se vê cristalinamente na insistência de José de que, "para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós" (45.5, idéia que é repetida em 45.6-9 para que não se perca a mensagem). Depois da morte de Jacó, ele uma vez mais enfatiza o "bem" dessa providência divina, mesmo quando o "mal" é que havia sido desejado (50.20 s.). Além disso, em seu leito de morte José fundamenta sua fé nas promessas da aliança que, sob juramento, Deus fez a seus antepassados. Com base nessa certeza ele requer que seus restos mortais sejam sepultados na terra prometida (50.24 s.; *cf.* Hb 11.22).

A explicação de José acerca dos sonhos de Faraó, de que "Deus manifestou a Faraó o que há de fazer" (41.25, 27, 32, 39) também deve aplicar-se aos próprios sonhos de José (cap. 37). Veja também 40.8. Finalmente, sua vida deu claro testemunho de que andou junto do Senhor (39.3). Mesmo ao dar nome a seus dois filhos, tinha consciência da atividade graciosa de Deus (41.51 s.).

P.R.G.

877 יָסַר (*yāsar*) ***disciplinar, repreender, instruir.***

Termos Derivados

877a יְסוֹר (*yissôr*) ***aquele que reprova.*** Somente em Jó 40.2.

877b מוּסָר (*mûsār*) ***disciplina.***

A LXX traduz basicamente como *paideuo*, que enfatiza a noção de educação. O cognato ugarítico *ysr* significa "repreender, instruir" (*UT* 19: nº 1 120).

A partir do uso e de paralelos no AT, deve-se concluir que *yāsar* e *mûsār* denotam a correção que resulta em educação. A disciplina tem seu fundamento teológico na aliança que Yahweh estabelece com seu povo. Estas palavras são encontradas quase 90 vezes, sendo nove no Pentateuco, 26 nos profetas e 50 nos hagiógrafos (36 em Pv). Em Levítico 26.18, 28 usa-se *yāsar* na fórmula "tornarei a castigar-vos sete vezes mais", que tem um paralelo bastante claro no versículo 24: "[eu] vos ferirei sete vezes mais" (*nākâ*, "espancar, ferir, bater"). A disciplina corretiva de Deus procura que o povo mude (v. 23). Os outros seis usos no Pentateuco encontram-se em Deuteronômio, o importantíssimo documento de renovação da aliança. Deuteronômio 11.2 ss. é chave para a compreensão de *mûsār*: "Considerai ... a disciplina do SENHOR vosso Deus,... a grandeza do SENHOR,... e também os seus sinais, as suas obras, que fez no meio do Egito a Faraó,... e o que vos fez ao exército do Egito,... e o que fez no deserto". Em suma, o *mûsār* de Yahweh é a sua atividade poderosa na história da aliança, atividade mediante a qual ele se revela (*cf.* v. 7 com 4.35 s.).

Não se deve interpretar negativamente a disciplina de Yahweh, pois as dificuldades do deserto tiveram como contrapartida aquilo que ele proveu miraculosamente, sendo que tanto um quanto outro tiveram como objetivo testar "o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos" (Dt 8.2). Por essa razão, através da fome e também do maná que Deus providenciou eles deviam "entender que não só de pão viverá

o homem, mas de tudo o que procede da boca do SENHOR" (8.3). Dessa forma eles deviam conhecer em seus corações que Yahweh estava disciplinando-os (8.5). Essa disciplina pode, então, ser considerada como educação teocêntrica e que realmente parte de Deus. É evidente que a expressão "como um homem disciplina a seu filho" tem significado teológico e relacionado com a aliança. Os tratados antigos freqüentemente referem-se ao rei suserano como o pai e ao vassalo como seu filho (*cf.* MCCARTHY, *CBQ* 27:144-7). No cântico da aliança de Moisés, Yahweh é chamado de Pai (Dt 32.6; *cf.* 1.31; Is 1.2) do povo da aliança (embora Êx 4.22; Dt 1.31 ensinem o mesmo conceito). Por essa razão, está na aliança a base teológica para um pai terrestre disciplinar o filho. Ele tem em si a imagem do seu Senhor, o Senhor da aliança, e como tal tem uma relação análoga com seus filhos — repreendendo, corrigindo, instruindo, atendendo às necessidades — coisas que são expressões de um relacionamento interpessoal de amor. Esse também é o sentido dos 30 usos em Provérbios e outras passagens, por exemplo, Provérbios 3.11-12, onde se diz que *mûsār* e *tôkahat*, "repreensão, correção", procedem de Yahweh, "porque o SENHOR repreende (*yākah*) a quem ama (*'āhab*), assim como o pai ao filho a quem quer bem". Por esse motivo, a disciplina transmite certeza de que *realmente* se é filho daquele que disciplina, pois *mûsār* aponta para um estilo de vida teocêntrico e, só num segundo plano, para o comportamento ético. Provérbios 1.7 estabelece um paralelo de tal disciplina com o "temor do SENHOR"; e 1.8, com *tôrâ*, "instrução, ensino". Isso também explica o valor incalculável do *mûsār* (8.10) e o motivo pelo qual os insensatos o desprezam (15.5, 32). Provérbios e outros textos de literatura sapiencial falam da disciplina com ênfase na instrução. É tentador ver que apenas na aliança as noções aparentemente díspares de correção e instrução confluem harmonicamente.

Como se ministrava a disciplina? Provérbios 22.15 fala da "vara da disciplina". Mas, um maior número de vezes, o *mûsār* é instrução oral, daí a íntima associação com a *tôrâ*. Em Jó 5.17 ss., ao conclamar Jó a não "desprezar a disciplina do Todo-Poderoso", Elifaz revela possuir uma percepção das maneiras que Deus pode usar para disciplinar seus filhos: dor e ferimentos, fome e guerra. Amós acrescentaria seca, pragas na lavoura, gafanhotos, epidemias e terremotos (4.6-11).

Os profetas desenvolvem o tema de *mûsār* tal como visto em Deuteronômio 11.2, revelando a disciplina divina através de seus atos poderosos na história do povo de Israel e Judá em particular e das nações em geral. Deus lida com seu povo tendo como ponto de partida a advertência e a correção. É assim que se deve entender a severidade do exílio (*cf.* Os 5.2; 7.12; Is 8.11). Mas todos esses atos de disciplina tornam-se inúteis com a resistência e obstinação daqueles que a recebem (*cf.* Jr 2.30; 5.3; 7.28; 17.23; 32.33). Isaías 53.5 acrescenta que "o castigo que nos traz a paz estava sobre ele". Este é claramente um contexto de expiação substitutiva. Aqui apresenta-se o Servo do Senhor como alguém que assume vicariamente o terrível "castigo", revelando de modo mais claro os métodos misericordiosos de Deus tratar o seu povo rebelde (*pesha'*, ARA. "transgressões") através de julgamento e sofrimento redentivos.

Bibliografia: *THAT*, v. 1, pp. 738-41.

P.R.G.

יָע (*yā'*). Veja o nº 879a.

878 יעד (*yā'ad*) ***designar, prometer em casamento, reunir, encontrar. estabelecer.***

Termos Derivados

878a עֵדָה (*'ēda*) ***congregação.***

878b מוֹעֵד (*mô'ēd*) ***local determinado.***

878c מוֹעַד (*mô'ād*) ***local de assembléia,*** somente em Isaías 14.31.

878d מוּעָדָה (*mû'ādâ*). Ocorre somente na frase *'ārê hammuādâ*, "cidades designadas" (Js 20.9).

O sentido básico desta raiz é o de "designar", sentido em que ocorre no Rolo de Guerra, nos Salmos de Ação de Graças e na Regra da Comunidade Messiânica de Qumran. Em Êxodo 21.8 a ARA traz "desposar", e a BJ "destinar". Em Amos 3.3 a ARA traz "haver acordo".

Usa-se a raiz no qal para designar o noivado de uma mulher (Êx 21.8), um certo tempo (2 Sm 20.5) e local de encontro, e indicar uma vara (IBB, Mq 6.9; ARA, "tribos").

A forma nifal é usada para referir-se ao encontro de Deus com Israel no santuário (Êx 25.22; 29.43 s.; 30.6, 36) e ao ato de a congregação reunir-se para adoração (Nm 10.3; 1 Rs 8.5; 2 Cr 5.6) ou outras atividades. É de interesse notar que o encontro de Deus com o representante de Israel junto ao "propiciatório" (*kappōret*, *q.v.*) é um encontro marcado (Êx 25.22, PIB, "ali me encontrarei contigo"; ARA, "ali virei a ti"). Assim também acontecia com referência a outras ocasiões em que Deus se encontrava com o povo diante do tabernáculo. Esperava-se que o povo viesse aonde Deus havia prometido encontrar-se com eles. Deus não falta a seus compromissos.

Também pode-se usar o nifal com a preposição *'al*, "contra", para indicar um ajuntamento rebelde contra o Senhor (Nm 14.35; 16.11; 27.3). É empregado para referir-se a reis que somam forças (Js 11.5).

Pode também indicar a ação de marcar um compromisso (Am 3.3; Jó 2.11; Sl 48.4 [5]). O hifil significa designar (Jr 49.19) ou, em alguns casos, intimar (Jr 50.44; Jó 9.19).

O particípio hofal, *mû'ādim*, significa aquilo que é determinado ou estabelecido (Jr 24.1; Ez 21.16 [21]).

'ēdâ. ***Assembléia, congregação, multidão, povo, enxame.*** *'ēdâ* ocorre com freqüência nos escritos de Qumran como um designativo dado pela própria comunidade.

'ēdâ é um substantivo feminino oriundo de *yā'ad*, "designar", indicando uma assembléia reunida por convocação. Aparecendo pela primeira vez em Êxodo 12.3, o substantivo ocorre 145 vezes no AT e é traduzido 127 vezes pela LXX como *synagōgē*. Entretanto, o nome em si não deixa implícito o propósito da reunião; dessa forma ele pode indicar um enxame de abelhas (Jz 14.8) e uma multidão de touros (Sl 68.30 [31]). Pode ser um ajuntamento dos justos (Sl 1.5), mas existe também a assembléia de malfeitores (Sl 22.16 [17]), de homens violentos (Sl 86.14) e de ímpios (Jó 15.34). Os seguidores de Coré (Nm 16.5) e Abirão (Sl 106.17-18) são, muitas vezes, chamados de "grupo". *'ēdâ* designa a assembléia do povo reunido em juízo perante o Senhor (Sl 7.7 [8]). Semelhante é a designação de uma assembléia das autoridades divinas (Sl 82.1), designação

praticamente idêntica a uma expressão ugarítica indicativa de uma assembléia de deuses subordinados no panteão (texto 128:II, 7, 11).

A despeito do fato de que "assembléia e congregação" aparecem lado a lado (*qāhāl w'ēdâ*, Pv 5.14), parece que *qāhāl* e *'ēdâ* são sinônimos para todos os propósitos práticos. *'ēdâ* também é usado para referir-se a grupos de animais, mas *qāhāl* não o é. *'ēdâ* ocorre a maioria das vezes em Êxodo, Levítico e Números e apenas três vezes nos profetas (Jr 6.18; 30.20; Os 7.12). Por outro lado, *qāhāl* aparece poucas vezes naquelas porções do Pentateuco, mas é freqüente em Deuteronômio. O livro de Crônicas emprega *qāhāl* inúmeras vezes, mas *'ēdâ* apenas uma vez (2 Cr 5.6 = 1 Rs 8.5). Uma pessoa pode ser excluída da *'ēdâ* (Êx 12.19), mas o mesmo também é válido para a *qāhāl* (Nm 19.20). Bastardos, amonitas e moabitas são excluídos até a décima geração; mas edomitas e egípcios são barrados só até a terceira.

O que é muito característico do AT é o uso de *'ēdâ* para referir-se à congregação de Israel. "A congregação" (*hā'ēdâ*) ocorre 77 vezes em Êxodo, Levítico, Números e Josué. Temos também "a congregação do Senhor" (Nm 27.17; 31.16; Js 22.16-17); "a congregação de Israel" (Êx 12.3; Js 22.20) e "toda a congregação". Existe "a assembléia da congregação de Israel" (IBB, *q'hal'ādat yisrā'ēl*, Êx 12.6; ARA, "o ajuntamento da congregação de Israel") e "a assembléia da congregação dos filhos de Israel" (IBB, *q'hal 'ădat b'nê yisrā'ēl*, Nm 14.5; ARA, "a congregação dos filhos de Israel").

Moisés chefiou a *'ēdâ* quando ela se encontrava no deserto, mas havia outras autoridades designadas: príncipes (Êx 16.22; 34.31; Nm 4.34, *etc.*), anciãos (Lv 4.15; Jz 21.16), cabeças das casas paternas (Nm 31.26) e pessoas de renome (Nm 1.16, BJ; a ARA é obscura: 26.9). Os homens em idade de combate eram "os arrolados da congregação" (ARA, Êx 38.25; PIB, "os recenseados da comunidade").

A *'ēdâ* recebia sinal para reunir-se quando duas trombetas de prata eram tocadas (Nm 10.2). Ela se reunia para a guerra (Jz 20.1), para tratar de casos de quebra da aliança com o Senhor, de assuntos das tribos, de adoração (1 Rs 8.5; Sl 111.1) e em épocas de catástrofe nacional. Reunia-se para coroar um rei (1 Rs 12.20) e para outras questões políticas. Agia como uma unidade ao enviar homens para a guerra (Jz 21.10, 13). O termo *'ēdâ* aparece pela última vez na literatura histórica (em 1 Rs 12.20) por ocasião da divisão do reino. Sua ausência em Crônicas e Esdras-Neemias é um argumento contra a idéia de que a palavra foi cunhada pela comunidade pós-exílica.

mô'ēd. ***Sinal combinado, tempo determinado, estação determinada, local de assembléia, festa designada.***

Este substantivo masculino ocorre 223 vezes. Freqüentemente designa um tempo ou local determinados sem maior atenção para o propósito desse tempo ou local. Pode ser a época para o nascimento de uma criança (Gn 17.21; 18.14; 21.2), a vinda de uma praga (Êx 9.5), a estação migratória de uma ave (Jr 8.7), um tempo combinado (1 Sm 13.8; 20.35), o momento de cumprir uma visão (IIc 2.3), os tempos do fim (Dn 8.19), ou a época de festas (Lv 23.2) e solenidades (Dt 31.10).

Os corpos celestes existem para determinar as estações (Gn 1.14; Sl 104.19). Cada festa é um *mô'ēd*, mas coletivamente elas são as "festas fixas do SENHOR" (*mô'ădê YHWH*, Lv 23.2, *etc.*). Aparecendo às vezes (Os 9.5) junto de *hag* (que designa as três grandes festas anuais), deve-se imaginar *mô'ēd* como uma palavra de amplo uso, indicando todas as assembléias religiosas. Jerusalém tornou-se a cidade das assembléias (Is 33.20; *cf.* Ez 36.38), que caracterizavam-se por um grande regozijo e cuja falta foi

grandemente sentida durante a época do exílio (Sf 3.18; Lm 1.4).

Em uma oprotunidade *mô'ēd* é um sinal combinado (Jz 20.38), mediante o qual os homens deveriam agir.

O Senhor encontrava-se com Moisés na "Tenda da Reunião" (BJ, PIB; *'ōhel mo'ēd*; ARA, "tenda da congregação"). Ele aparecia na nuvem junto à entrada da tenda e falava com ele "face a face, como qualquer fala a seu amigo" (Êx 33.7, 11; Nm 12.8). O propósito de Yahweh encontrar-se com Moisés e Israel é revelacional (Êx 29.42; 33.11; Nm 7.89). A LXX traduz mais de uma centena de vezes *'ōhel mô'ēd* por *skēnē marturiou* ("tenda do testemunho"), o que provavelmente associa incorretamente *mô'ēd* com *'ēd* ou *'ûd*. Mas a idéia geral transmitida, a de local de revelação, é correta. De acordo com algumas passagens, a tenda ficava fora do acampamento (Êx 33.7-11; Nm 11.24-30) mas, segundo outras, estava localizada dentro (Êx 25.8). Críticos literários têm tradicionalmente explicado essas passagens como originárias de duas fontes, E e P, sendo que P não refletiria uma situação histórica. Contudo, é totalmente possível que tenham existido duas tendas sucessivas e chamadas de *'ōhel mô'ēd*. A primeira era a tenda de Moisés, que foi usada antes do término do tabernáculo, o qual foi chamado também de *'ōhel mô'ēd* bem como de *mishkān*.

mô'ēd também designa um "conselho", como na frase "homens escolhidos do conselho" (Nm 16.2; ARA, "eleitos por ela"; PIB, "membros do conselho"). Na história de Wen Amun (*JNES* 4:245) Wilson descobriu um paralelo com o conselho da cidade de Zakar-Ba'al de Gebal. O rei da Babilônia sonha com um trono no "monte da congregação" (*har mô'ēd*), no norte (Is 14.13), uma frase semelhante à expressão ugarítica que designa o concílio dos deuses (veja acima). Estudiosos têm visto um paralelo entre essas expressões e as palavras que se referem à corte que cerca o Senhor ou ao ajuntamento dos ministros de Deus, o que é descrito como "congregação de Deus" (*'ădat ēl*; Sl 82.1), onde ele se encontra e julga.

mô'ēd é também a assembléia adoradora do povo de Deus, por isso os adversários de Yahweh bramam no meio das suas assembléias (Sl 74.4). É possível que essa seja uma antiga designação da sinagoga ("lugares designados de Deus", *mô'ădê ēl*, Sl 74.8; ARA, "lugares santos de Deus"). Entretanto, é objeto de disputa se essa frase de fato refere-se a antigas sinagogas.

Bibliografia: HARAN, Menahem, "The nature of the *'Ohel Mo'edh* in pentateuchal sources", *JSS* 5:50-55. — POPE, M. H., "Congregation", in *IDB*, p. 669-70. — SCOTT, John A., "The pattern of the tabernacle", Tese de doutorado não-publicada, University of Pennsylvania, 1965. — WEINFELD, Moshe, "Congregation", In *Encyclopedia Judaica*, v. 3, pp. 893-6. — *THAT*, v. 1, pp. 742-5.

J.P.L.

879 יָעַה (*yā'â*) ***arrebatar conjuntamente.*** Ocorre somente em Isaías 28.17.

Termo Derivado

879a יָא (*yā'*) ***pá.***

יָעוֹר (*yā'ôr*). Veja o nº 888a.

880 יעז* (*yā'az*). Ocorre somente como um particípio do nifal, em Isaías 33.19, *'am nô'āz*, "um povo bárbaro (?)".

881 יעט (*yā'at*) ***cobrir***. Ocorre somente em Isaías 61.10, *m'îl ts'dāqâ y'ātānî*, "ele me cobriu com um manto de justiça".

882 יעל* (*ya'al*) ***I, lucrar, ter proveito, aproveitar***. Ocorre apenas no hifil, usado 23 vezes. A LXX traduz 19 vezes por *ōphelō*, *etc.*, com o sentido de "ajudar, auxiliar, proveitar, ser de utilidade para".

Existe uma conotação predominantemente negativa no uso de *yā'al* conforme aparece no AT. Parece que não é usado em ugarítico. Até mesmo *ōphelō*, que é usado no NT, transmite uma idéia negativa. Do ponto de vista religioso, os ídolos não são de proveito algum, por exemplo, na famosa sátira que Isaías faz da fabricação de ídolos: "Todos os que fazem ídolos são nada, e as coisas em que se deleitam não são capazes de nada [lit., 'são de nenhum proveito']..... Quem faz um Deus funde uma imagem que presta para nada" (Is 44.10, conforme traduzido por C. Westermann). Em Jeremias 2.8, 11, Israel é causticamente repreendido por trocar o Senhor por aquilo que não é deus, "Todavia o meu povo trocou a sua glória por aquilo que é de nenhum proveito". Veja também Jeremias 16.19; Habacuque 2.18; 1 Samuel 12.21.

Do ponto de vista político, os profetas advertem contra a futilidade de confiar em alianças com países estrangeiros, como quando Isaías 30.5 fala de uma aliança com o Egito: "Todos serão envergonhados dum povo que de nada lhes valerá, não servirá nem de ajuda nem de proveito, porém de vergonha e de opróbrio".

Os bens não têm qualquer valor quando a questão é o destino eterno. Provérbios 11.4, "As riquezas de nada aproveitam no dia da ira, mas a justiça livra da morte", deve ser comparado com as palavras de Cristo, "Que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Mt 16.26).

Mesmo quando *yā'al* possui uma denotação positiva (apenas três vezes), ainda assim existe uma conotação negativa, como em Jó 30.13 (aqueles que lucrariam com a destruição de Jó) e Isaías 47.12 (a Babilônia, que poderia tirar proveito com suas feitiçarias). Isaías 48.17 é o único uso positivo, que engrandece o Senhor como aquele que traz benefícios para seu povo: "Eu sou o SENHOR, o teu Deus, que te ensina o que é útil, e te guia pelo caminho em que deves andar." Isso reflete claramente o conceito bíblico de mordomia. ou seja, tudo aquilo que alguém tem e possui lhe pertence somente por causa da graciosa provisão divina (*cf.* 2 Co 8.9; 9.8).

Bibliografia: *THAT*, v. 1, p. 746-87.

P.R.G.

883 יעל (*y'l*). **II. Aceita como raiz de:**

883a יעל (*ya'ēl*) ***bode montes.***

883b יעלה (*ya'ălâ*) ***cabra montes.***

יען (*ya'an*). Veja o nº 1 650e.

884 יָעַן (*y'n*)

884 יָעַן (*y'n*). **Aceita como raiz de:**

884a יַעֲנָה (*ya'ănâ*) ***avestruz*** (somente em Lm 4.3).

884b יַעֲנָה (*ya'ănâ*). Somente na frase *bat ya'ănâ*. ***Avestruz*** (*BDB*, *GB*) ou ***coruja.***

885 יָעֵף (*ya'ēp*) ***II, estar exausto, desmaiar.***

Termos Derivados

885a יָעֵף (*ya'ēp*) ***exausto, desmaiado.***

885b יָעֵף (*y'āp*) ***fraqueza, desmaio.***

886 יָעַף (*y'p*). **II. Aceita como raiz de:**

886a תּוֹעֲפָה (*tô'ăpâ*) ***eminência.***

887 יָעַץ (*yā'ats*) ***sugerir, aconselhar, decidir, inventar (um plano), planejar.***

Termos Derivados

887a עֵצָה (*'ētsâ*) ***conselho, propósito, desígnio.***

887b מוֹעֵצָה (*mô'etsâ*) ***conselho, plano.***

Em mais de 70 vezes a LXX traduz este verbo por *bouleuō* ou algum de seus compostos, "dar conselho, deliberar, decidir, determinar". A primeira ocorrência de *yā'ats* encontra-se em Êxodo 18.19. Jetro, vendo o imenso fardo que estava sobre Moisés, diz: "Eu te aconselharei, e Deus seja contigo". Ele então oferece a Moisés um plano organizacional e lhe sugere como dar conta das responsabilidades administrativas de governar e julgar o povo. Jetro aconselha com base em sua idade e/ou experiência. Recorde-se a rejeição, por Roboão, do "conselho" (*'ētsâ*) dos anciãos (1 Rs 12.8, 13). Moisés, na condição de principal administrador do povo de Deus, não estava obrigado a aceitar aquele conselho. Um caso ilustrativo é a rejeição, por Absalão, do bom conselho de Aitofel, conselho este que foi rebatido pelo mau conselho dado por Husai (2 Sm 17). Jetro, como conselheiro, apresenta um plano cuidadosamente elaborado juntamente com providências para sua implementação. Em 2 Reis 18.20 a expressão "conselho e poder para guerra", com a qual Rabsaqué demonstra seu menosprezo por Ezequias, sugere as costumeiras e cuidadosas decisões que integram o plano de combate, neste caso para defesa.

Salmos 33.10 fala de nações e povos que têm seus conselhos e planos (*mahăshābâ*, "pensamento, estratagema, plano, propósito"; ARA, "intentos"), embora não de acordo com os "designios (*'ētsâ*) e intentos" de Deus (*cf.* Is 8.10; 30.1).

Em contraste com os conselhos dos homens e das nações, o AT fala do "conselho do Senhor". Salmos 33.10s. apresenta este tópico de forma claríssima: "O Senhor desfaz o conselho das nações, anula os intentos dos povos. O conselho do Senhor permanece para sempre, e os intentos do seu coração por todas as gerações" (IBB). Vale assinalar aqui o poder que Deus tem de cancelar e frustrar os planos dos homens. O caso do conselho de

Aitofel é esclarecedor. Em 2 Samuel 15.31 Davi ora para que o Senhor "transtorne em loucura o conselho de Aitofel". Com isso ele reconhece que Deus soberanamente descarta o que o homem propõe. Além do mais, em 2 Samuel 17.14, depois de Absalão escolher o conselho de Husai em detrimento do de Aitofel, o autor inspirado faz o seguinte comentário teológico: "Pois ordenara o SENHOR que fosse dissipado o bom conselho de Aitofel, para que o mal sobreviesse contra Absalão." *Cf.* Neemias 4.15 [9].

O conselho do Senhor é eterno; ele "dura para sempre" (Sl 33.11). O caráter duradouro do conselho e plano do Senhor está alicerçado na imutabilidade do próprio Deus. Os "desígnios do seu coração" podem ser identificados com as "coisas ocultas" (Is 48.6; Jr 33.3) que pertencem ao Senhor nosso Deus. É Deus quem assegura o cumprimento de seus decretos eternos. Isaías integra essas idéias com muita propriedade: "Lembrai-vos das coisas passadas da antigüidade; que eu sou Deus e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer, e desde a antigüidade as coisas que ainda não sucederam; que digo: 'O meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade'; que chamo... de uma terra longínqua o homem do meu conselho [lit., o homem que executa o meu propósito, *i.e.*, Ciro]. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei" (46.9-11). Vale recordar que *'ētsâ* é traduzido na LXX por *boulē*, uma palavra repleta de significado teológico no NT (veja At 2.23; 4.28; 5.38-39; 20.27; Ef 1.11, onde "o conselho da sua vontade" expressa a preordenação imutável da vontade divina; *cf.* Hebreus 6.17, "a imutabilidade do seu propósito").

A partir da interpretação teológica conceitual surgem conclusões antropológicas e éticas. Moisés prevê que Israel será um povo inconstante, caracterizando-o como uma "gente falta de conselhos", *i.e.*, que não segue os planos e propósitos de Deus (Dt 32.28). Jó reconhece que, por falta de conhecimento, ele obscureceu (ARA, "encobriu") o conselho (42.3; *cf.* 38.2). Em Provérbios, quem rejeita e despreza o conselho o faz para seu próprio prejuízo (1.25, 30), mas "o sábio dá ouvido aos conselhos" (12.15). Com base em Provérbios 19.20-21 entendemos que o conselho que os piedosos são instados a ouvir é o "conselho" do Senhor (v. 20), o qual permanecerá, em contraste com os "muitos propósitos ... [do] coração do homem" (v. 21). O homem bem-aventurado de Salmos 1.1 é aquele que "não anda no conselho dos ímpios". Ademais, em Salmos 32.8, o salmista é encorajado tanto pela instrução e ensino do Senhor quanto pela palavra de que, "sob as minhas vistas, te darei conselho (*yā'ats*)" (*cf.* 73.24).

É preciso analisar duas passagens cristológicas relacionadas a isto. Isaías afirma que a única esperança de Judá poderá ser encontrada na pessoa do Messias, que é caracterizado por quatro nomes compostos, sendo que o primeiro é "Conselheiro Maravilhoso" (BLH, 9.6). A criança que há de nascer e sobre cujos ombros repousará o governo do mundo é alguém cujos planos, propósitos, desígnios e decretos para o seu povo são maravilhosos. Em 11.2 ficamos sabendo também que "conselho" é uma dádiva do próprio Espírito Santo de Deus. Conseqüentemente, Jesus Cristo é apresentado como o conselheiro por excelência.

Bibliografia: *THAT*, v. 1, pp. 748-52.

P.R.G.

888 יָעַר (*y'r*). **I. Aceita como raiz de:**

888a יַעַר (*ya'ar*) ***floresta, bosque, mata cerrada.*** A LXX traduz como *drumos*.

O cognato ugaritico *y'r* é bastante comum, sendo usado como antropônimo, topônimo e adjetivo pátrio.

Florestas específicas são identificadas no AT, por exemplo, as florestas do Líbano (1 Rs 7.2), de Efraim (2 Sm 18.6), de Herete (1 Sm 22.5), do Sul (Ez 20.47 [21.3]), do Carmelo (MS, embora uma melhor tradução talvez seja "sua floresta mais densa", 2 Rs 19.23; Is 37.24). Josué designa a área de floresta na região montanhosa de Efraim como possessão dos filhos de José, incentivando-os com as seguintes palavras: "Se és grande povo, sobe ao bosque e abre ali clareira" (Js 17.15; *cf.* v. 18).

Aparentemente, na época do AT, as florestas eram suficientemente densas para animais selvagens ficarem vagando à vontade, por exemplo, ursos (2 Rs 2.24), um leão rugindo (Am 3.4; Mq 5.8 [7]; Jr 5.6; 12.8), javalis (Sl 80.13 [14]) e bestas-feras em geral (Is 56.9; Ez 34.25).

Salmos 29.9 rende glória a Deus ao declarar que "a voz do SENHOR faz dar cria às corças [ou 'retorce os carvalhos', BJ], e desnuda os bosques". Outras metáforas ou símiles fazem referência aos juízos do Senhor, como, por exemplo, no julgamento da Assíria em Isaías 10.18, "Também consumirá a glória da sua floresta e do seu campo fértil". *Cf.* Salmos 83.14 [15]; Jr 21.14. Às vezes, a idéia de juízo é apresentada de forma totalmente oposta, de maneira que, ao invés de destruição da floresta, descreve-se o juízo como permissão para transformar-se numa selva, como em Miquéias 3.12, "Sião será lavrada como um campo, e Jerusalém se tornará em montões de pedras, e o monte desta casa em lugares altos dum bosque" (IBB), isto é, num local tomado de vegetação espessa.

O simbolismo da floresta não é, entretanto, totalmente negativo. O ato poderoso de salvação e perdão operado pelo Senhor requer gritos de júbilo, como em Isaías 44.23, "retumbai com júbilo, vós, montes, vós, bosques e todas as suas árvores, porque o SENHOR remiu a Jacó". Num contexto ligeiramente diferente, a noiva de Cantares de Salomão, referindo-se a seu noivo, diz que "qual macieira entre as árvores do bosque, tal é o meu amado entre os jovens; desejo muito a sua sombra, e debaixo dela me assento, e o seu fruto é doce ao meu paladar" (2.3).

P.R.G.

889 יָעַר (*y'r*). **II. Aceita como raiz de:**

889a יַעַר (*ya'ar*) ***II, favo de mel.***

889b יַעְרָה (*ya'râ*) ***favo de mel.***

890 יָפָה (*yāpâ*) ***ser belo, lindo.***

Termos Derivados

890a יָפֶה (*yāpeh*) ***belo, lindo.***

890b יְפֵה־פִיָּה (*y'pēh-pîyâ*) ***muito lindo.*** A reduplicação do adjetivo em sua forma diminutiva intensifica a idéia de beleza, lit., "lindo-lindinho", isto é, "mui lindo".

890c יְפִי (*y'pî*) ***beleza.***

yāpâ aparece somente oito vezes, inclusive em Salmos 45.2 [3], *yopyāpîtâ*, que

muitos procuram emendar. Mas Dahood sugere que nessa passagem a palavra talvez seja uma forma dialetal genuína, como no ugarítico *d'd'*, que segundo ele é forma "bem conhecida" e derivada de *yd'*, e em *ysmsmt*, "beleza" (em *AB*, *Psalms*, v. 1, p. 271). As consoantes podem ser interpretadas como mera reduplicação do adjetivo *y'pî*, o qual torna-se então um verbo estativo.

yāpeh. ***Belo, lindo, excelente.*** Traduzido pela LXX como *kalos*, "lindo, útil, bom". O ugarítico possui uma palavra provavelmente cognata *yp*(?) (*UT* 19: nº 412).

Esteticamente *yāpeh* denota "beleza no sentido de aparência exterior". Por exemplo, em Gênesis 12.14 acerca de Sara, "Tendo Abraão entrado no Egito, viram os egípcios que a mulher era sobremaneira formosa". No caso de Raquel (Gn 29.17), ela "era formosa de porte e de semblante" (*y'pat tō'ar wîpat mar'eh*, lit., "bela de forma e bela de se olhar"). *Cf.* Cantares 7.6 [7]; 2 Samuel 13.1 acerca de Tamar; 1 Reis 1.3, 4, acerca da sunamita Abisague. Nas demais passagens essas palavras descrevem rapazes, por exemplo, em Gênesis 39.6, "José era formoso de porte e de aparência". *Cf.* 2 Samuel 14.25 acerca de Absalão; 1 Samuel 17.42 acerca de Davi; Cantares 1.16. Tratada como uma mulher, Jerusalém é chamada de "formosa elevação" (PIB, SI 48.2 [3]). *Cf.* também Ezequiel 16.13, 14, 15, 25. Tiro (Ez 27.3) e Egito também são chamados de belos, este último numa metáfora com o diminutivo reduplicado em Jeremias 46.20, "Novilha mui formosa é o Egito". A palavra é, porém, empregada literalmente para referir-se a vacas em Gênesis 41.2, 4, 18, onde, no sonho de Faraó, vacas "formosas e gordas" contrastam com as "feias e magras". Outros objetos belos mencionados nas Escrituras são oliveiras e cedros (Jr 11.16; Ez 31.3), pés (Ct 7.2), olhos (1 Sm 16.12). Em Ezequiel 33.32, o ministério do profeta é descrito como "uma canção de amores, canção de quem tem voz suave [ou 'bela', 'agradável'], e que bem tange [um instrumento musical]" (IBB). Eclesiastes 3.11 declara que "tudo fez Deus formoso no seu devido tempo".

Essas palavras são empregadas algumas vezes em Ezequiel 28 para descrever o rei de Tiro e a sabedoria pela qual aquela cidade era conhecida. Os inimigos de Tiro "desembainharão as suas espadas contra a formosura da tua sabedoria, e mancharão o teu resplendor" (v. 7). O próprio rei é descrito como "cheio de sabedoria e formosura" (v. 12). Mas isto revelou ser o motivo de sua queda, pois o versículo 17 declara que "elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor". Caso o rei de Tiro simbolize Lúcifer, pode-se ter uma idéia do potencial de sedução do povo de Deus. Jeremias fala de artífices que embelezam o ídolo de madeira que fazem: "com prata e ouro o enfeitam" (10.4).

Existem duas passagens messiânicas que empregam estas palavras. Em Salmos 45.2 [3], num cântico que celebra o casamento do rei, o escritor diz: "Tu és o mais formoso dos filhos dos homens; nos teus lábios se extravasou a graça; por isso Deus te abençoou para sempre." Ao profetizar que a esperança futura de Israel estava na pessoa do Messias, Isaías diz: "Os teus olhos verão o rei na sua formosura, verão a terra que se estende até longe" (Is 33.17). A LXX traduz por *doxa* (em vez de *kalos*), pensando em sua glória celeste. Mas esta tradução de *y'pî* é incomum.

Caso essas sejam referências messiânicas, então qual seria o sentido de Isaías 53.2: "não tinha aparência nem formosura"? Não há qualquer menção a "beleza" em Isaías 53. Ademais, o servo é visualizado em seu sofrimento, especialmente na cena da crucificação. Em vista de 52.14, "o seu aspecto estava muito desfigurado, mais do que o de outro qualquer", e à luz da descrição que o NT faz da tortura brutal infligida a Cristo (*e.g.*, a

coroa de espinhos enterrada em sua cabeça), concluímos que em seu sofrimento Cristo não exibiria a beleza descrita em outras passagens. Alguns teólogos têm-se oposto à idéia de um Cristo feio com base na noção helênica de que a beleza é intrínseca à divindade. Caso seja válida a interpretação da igreja de que Cantares de Salomão é um texto messiânico, então os vários usos de *yāpeh*, *etc.*, para referir-se ao noivo parecem favorecer nosso ponto de vista de um Cristo belo. O fato de que a beleza pode ser definida no sentido espiritual de beleza interior não deve ofuscar o fato da beleza exterior de nosso Senhor.

Deve-se fazer menção de uma última referência. Zacarias 9.16 s. fala do povo de Deus resgatado, "O SENHOR seu Deus naquele dia os salvará, como ao rebanho do seu povo: porque eles são pedras de uma coroa, e resplandecem na terra dele. Pois quão grande é a sua bondade! E quão grande a sua formosura!" Que o povo de Deus reflita já agora a beleza do Senhor nosso Deus (*cf.* Sl 90.17).

P.R.G.

יְפֵה־פִיָּה (*y'pēh-piyyâ*). Veja o nº 890b.

891 *יָפַח (*yāpaḥ*) ***soprar***. Esta forma variante de *pûah* ocorre somente no grau hitpael, em Jeremias 4.31, *tityappēah*, "ofegante" (ARA).

Termo Derivado

891a יְפֵעַ (*yāpēaḥ*) ***soprar, arfar***. Ocorre somente em Salmos 27.12, *wîpēaḥ hāmās*, "arfar violência".

יְפִי (*y'pî*). Veja o nº 890c.

892 *יָפַע (*yāpa'*) ***resplandecer, fazer brilhar***. Usado oito vezes e apenas no hifil. Em Jó 10.3 a ARA traduz por "favorecer".

Termo Derivado

892a יְפִעָה (*yip'â*) ***brilho, esplendor***. Usado em Ezequiel 28.7, 17 para referir-se ao rei de Tiro.

yāpa' é usado para referir-se ao Senhor que resplandece desde o monte Parã (Dt 33.2), Sião (Sl 50.1), entre os querubins (Sl 80.1 [2]). Sem dúvida alguma essas são referências ao majestoso esplendor de sua santidade, conforme revelada no fulgor teofânico da glória Shekinah. Mas, posteriormente, o resplendor da glória do Senhor fica explicitado na afirmação de Jesus de que é a luz do mundo. Em Jó 37.15 talvez a referência seja literalmente à luz, possivelmente relâmpagos, os quais Deus criou.

A queixa de Jó em 10.3 menciona a luz divina a brilhar favoravelmente sobre os ímpios, enquanto ele próprio sente profundamente a sua condição tenebrosa. Semelhantemente, ao amaldiçoar o dia em que nasceu, Jó expressa o desejo de que não "resplandeça sobre ele a luz" (3.4), isto é, que aquele dia não seja visto com simpatia nem seja motivo de alegria nem comemoração. Muito mais tarde, o derivado *yip'â*, "resplendor",

é empregado para descrever a posição elevada e exaltada do rei de Tiro, da qual ele caiu devido ao orgulho.

É interessante observar que o ugarítico *yp'* é o cognato semântico, aparecendo tanto em textos como em muitos nomes pessoais (*cf. yp'b'l* "Baal resplandeça"). Mas a raiz ugarítica não se refere claramente a uma teofania no sentido do AT. Aisleitner (*AisWUS* nº. 1 21[illegible]) traduz como "ser sublime" (*hehr sein*).

Bibliografia: *THAT*, v. 1, pp. 753-54.

P.R.G.

893 יָצָא (*yātsā'*) ***sair, vir para fora, avançar.***

Termos Derivados

893a יֹצִיא (*yātsî'*) ***aquilo que sai (de algo)***, ocorre em 2 Crônicas 32.21.

893b †נְאֵצָא (*tse'ĕtsā'*) ***descendência, fruto da terra.***

893c †מוֹצָא (*môtsa*) ***ato de sair, local de saída.***

893d †מוֹצָאָה (*môtsā'â*) ***origem*** (Mq 5.1), ***locais de expelir,*** isto é, latrina (2 Rs 10.27). Ocorre somente no plural.

893e †תּוֹצָאָה (*tôtsā'a*) ***saída, limite.***

yātsā' ocorre mais de mil vezes no qal e no hifil, mas apenas cinco vezes no hofal. O hifil possui o sentido causativo usual, "fazer sair, trazer para fora, conduzir para fora".

A noção básica de *yātsa'* é a de "sair". É usada literalmente para indicar o movimento de sair de um lugar ou de diante da presença de alguém. Usa-se a palavra com referência à natureza, isto, é, água que sai da rocha, o sol que sai do oriente, *etc.* Com vistas ao nosso estudo, analisaremos os seguintes usos. Primeiro, a palavra é freqüentemente usada para designar o grande evento do êxodo, que constitui o principal foco de atenção teológica no AT. O hifil, com sua função causativa, é usado amplamente. Moisés é o elemento humano que tira o povo de Deus para fora do Egito (*e.g.*, Êx 3.10 ss.; 14.11). Arão é mencionado junto com Moisés em Êxodo 6.13, 26 s. Mas uma ênfase bem maior é atribuída a Yahweh, o Senhor Deus, que está envolvido neste grande ato de redenção do Egito. O próprio Moisés, em Êxodo 13.3, dá ênfase a obra de Deus enquanto se dirige ao povo de Deus naquele dia memorável: "Lembrai-vos deste mesmo dia, em que saístes do Egito, da casa da servidão; pois com mão forte o SENHOR vos tirou de lá." O acontecimento histórico foi registrado em 12.50 s. Quatro vezes Moisés reitera o grande poder de Deus na redenção do êxodo de forma a ressaltar a revelação que esse grande milagre anunciou. (*Cf.* 13.3, 9, 14, 16). Tanto a consagração dos primogênitos quanto a festa da páscoa servirão como lembretes constantes. Ademais, no registro escrito da aliança sinaítica, tudo o que era preciso dizer à guisa de prólogo histórico para identificar a atividade benevolente do grande Rei é mencionar sua ação salvífica: "Eu sou o SENHOR teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão" (Êx 20.2). O registro mostra que a história tem um significado teológico, o grande evento de "saída" devia simbolizar a poderosa redenção com que o povo de Deus foi tirado dos grilhões do pecado mediante a irresistível e soberana graça de Deus. Em Deuteronômio 4.37 apresenta-se um motivo: "Porquanto amou teus pais e escolheu a sua descendência... e te tirou do Egito, ele mesmo

presente [isto é, pessoalmente]" (*cf.* Ef 1.4). Ao longo da história de Israel o povo da aliança com Deus é chamado a recordar essa redenção operada por Deus e a viver à altura. (*Cf.* Dt 6.12; 26.8; Jz 2.12; 1 Sm 12.8; 1 Rs 8.16; Jr 11.4; Dn 9.15 e inúmeras referências em Salmos, particularmente SI 136.11, mas observe também 106.6-12.)

Um segundo uso tem origem no próprio tema do êxodo. Num sentido técnico *yātsa'* é empregado para designar a emancipação do escravo hebreu, provavelmente alguém que se vendeu como escravo. Êxodo 21.2 estabelece o limite máximo de seis anos de serviço: "mas ao sétimo [ano] sairá forro, de graça." U. Cassuto ressalta que o objetivo dessas leis era proteger certos direitos do escravo hebreu e, na verdade, diziam ao israelita: "Fostes escravos hebreus no Egito e, portanto, deveis agir com amor e compaixão com aqueles que são escravos hebreus, da mesma maneira como o fostes, não importando qual seja a sua origem racial." Parece significativo que esse trecho tenha tanta semelhança com o preâmbulo do Decálogo, lembrando o povo de Deus que, assim como eles saíram do jugo egípcio, de igual forma devem sair livres aqueles que tiveram de se vender como escravos.

Relacionado em parte com isso existe um uso técnico com o sentido de "reverter (a uma situação anterior)". Levítico 25.8-55 registra as estipulações para o ano de jubileu. Bens ou moradias que tinham sido vendidos devido à pobreza e que nenhum parente chegado fora capaz de resgatar voltarão para a posse de seus antigos donos: "Nesse ano o terreno voltará [lit., 'sairá'] a pertencer ao primeiro dono" (BLH, 25.28, 30, 31, 33). É bem possível que Isaías tivesse as duas idéias acima em mente quando pronunciou a mensagem evangélica de "proclamar libertação aos cativos, e ... pôr em liberdade os algemados; ... apregoar o ano aceitável do SENHOR" (61.2-3).

Outro uso teológico de *yātsa'* é um desenvolvimento do tema do êxodo. Os profetas enxergam a corrupção irremediável de Israel e Judá, a qual inevitavelmente leva ao exílio, mas, depois disso, a um retorno. Ezequiel, ele próprio uma vítima inocente de tal juízo, cita a promessa do Senhor de uma nova atividade, semelhante ao êxodo, em que Deus redimirá seu povo do exílio. "Agradar-me-ei de vós como de aroma suave, quando eu vos tirar dentre os povos e vos congregar das terras em que andais espalhados" (20.41; *cf.* v. 34). Seu verdadeiro cumprimento se dará somente quando o bom pastor "[tirá-las] dos povos e as [congregar] dos diversos países e as [introduzir] na sua terra" (34.13). Desse modo introduz-se uma nota de esperança escatológica.

Às vezes usa-se *yātsa'* com uma ênfase especial na fonte ou origem, especialmente quando essa fonte é o próprio Senhor, como no caso do fogo (Lv 9.24), orientação providencial (Gn 24.50) ou salvação (Is 51.5). Também designa palavras que saem da boca de alguém que fala, como em Jó 8.10; Provérbios 10.18; Neemias 6.19. Em Deuteronômio 8.3, Moisés enuncia um dos princípios basilares da vida espiritual: "Para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede (*môtsā'*) da boca do SENHOR." (*Cf.* o uso que Cristo faz desse trecho em Mt 4.4.) Embora tanto Ezequiel quanto Daniel usem uma vez essa expressão, apenas Isaías enfatiza a noção de a palavra de Deus sair com eficácia. Após um convite universal à salvação, o Senhor assegura a validade de tal convite com um juramento: "Por mim mesmo tenho jurado; da minha boca saiu o que é justo, e a minha palavra não tornará atrás. Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua" (45.23). Semelhantemente, num contexto evangélico de convite para buscar o Senhor e suplicar a ele, Isaías emprega a analogia da chuva vivificante que desce dos céus para ilustrar a operação eficaz da Palavra divina: "Assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a designei" (Is 55.11). É tentador considerar que

essas passagens podem ter sido a gênese da teologia joanina de Jesus como o Verbo de Deus. Considere-se a relação que Salmos 33.6 pode ter com João 1.3. Também se deve notar a interpretação cristológica que Paulo, em Filipenses 2.10 s., apresenta de Isaías 45.23. Sendo isto verdade, é de cogitar se Isaías não tinha uma pessoa em mente quando falou da "palavra" que sai (*cf.* Jo 16.28) e não volta vazia, mas "[prospera] naquilo para que a designei" (*cf.* Jo 17.4).

tse ětsā'. ***Descendência, fruto da terra.*** Palavra usada 11 vezes (todas no plural) em Isaías e Jó.

môtsā'. ***Ato de sair, local de saída,*** daí ***declaração, fonte,*** tal como uma fonte de água ou mina (de prata). Usada 27 vezes.

môtsā'â. ***Origem.*** Local de onde se vem ou para onde se vai. Usado apenas duas vezes em sentidos totalmente diferentes. Em 2 Reis 10.27 significa "latrina". O significado da palavra em Miquéias 5.2 [1], onde está no plural, é objeto de debate. A tradução "origem" (RSV, referindo-se ao futuro rei; *cf.* ARA) é inadequada como referência messiânica. O sentido da IBB, "saídas", é obscuro. A NIV, "cujas origens são desde o passado, desde os tempos antigos", concorda com a idéia de que a linhagem do esperado governante remonta à época de Davi e também à cidade de Davi. A NEB, "raízes", é semelhante.

tôtsā'â. ***Saídas, limites.*** Palavra usada 23 vezes (todas no plural), principalmente em contextos geográficos.

Bibliografia: *THAT*, v. 1, pp. 755-60.

P.R.G.

894 יָצַב (*yātsab*) ***ficar, posicionar-se, apresentar-se*** (apenas no hitpael). *paristēmi, histēmi, arithistēmi* mais outros compostos de *histēmi*. As palavras hebraicas mais usuais são *'āmad* e *nātsab*, que *KB* identifica como variante de *yātsab*. Aparece 45 vezes no TM.

A palavra aparece em ugarítico apenas como o nome do filho de Keret.

Um exemplo de uso comum é Êxodo 2.4, onde Miriã, a irmã de Moisés, "ficou de longe, para observar o que lhe haveria de suceder". Habacuque também emprega a palavra de forma parecida: "Pôr-me-ei na minha torre de vigia,... e vigiarei para ver o que Deus me dirá" (2.1). *Cf.* 2 Samuel 18.13, TB, onde o verbo é traduzido por "esquivar-se". No entanto, a idéia não se limita a simplesmente ficar ou permanecer em algum local.

O verbo é usado para designar aqueles que se opõem a outros. Especificamente, no conhecido salmo messiânico, "Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido" (Sl 2.2). Dessa maneira, significa "opor-se" ou possivelmente "oprimir", conforme a frase paralela talvez também indique. Inclinando-se para a metáfora, Números 22.22 expressa a ira de Deus contra Balaão de sorte que "o Anjo do SENHOR pôs-se-lhe no caminho por adversário". Num sentido militar, a palavra é usada em 1 Samuel 17.16, onde Golias se pôs em atitude de desafio contra o Senhor e o exército de Israel. *Cf.* Jeremias 46.4. No entanto, várias vezes encontramos a promessa divina de que o inimigo não conseguirá ficar na presença dos piedosos, isto é, opor-se a

eles. A passagem mais conhecida é a de Josué 1.5, "Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida" (*cf.* Dt 7.24; 11.25). Às vezes o povo de Deus é orientado a tomar posição, aguardando passiva e sossegadamente o poderoso livramento do Senhor, como em Êxodo 14.13 s., "Não temais! aquietai-vos [lit., ficai] e vede o livramento do SENHOR que hoje vos fará.... O SENHOR pelejará por vós, e vós vos calareis" (*cf.* 1 Sm 12.7, 16 e 2 Cr 20.17).

Ademais, Deus conclama os fiéis a assumir posição contra o mal: "Quem se levantará (*qûm*) a meu favor, contra os perversos? Quem estará (*yātsab*) comigo contra os que praticam a iniqüidade?". (Sl 94.16; *cf.* 2 Cr 11.13, onde os sacerdotes e levitas das dez tribos do norte ficaram ao lado de Roboão, quando Jeroboão dividiu o reino.)

Num outro uso, *yātsab lipnê* significa "apresentar-se diante de". Moisés recebeu a seguinte ordem: "Apresenta-te a Faraó" (lit., coloque-se diante de; Êx 8.20 [16]; 9.13). Deuteronômio 31.14 é instrutivo porque Deus diz a Moisés e a Josué para "apresentarem-se" na tenda da congregação para que Deus dê ordens a Josué, ou seja, emposse-o em seu serviço. Semelhantemente, em Josué 24.1, os anciãos, cabeças, juízes e oficiais de Israel devem se apresentar perante Deus ao se prepararem para assumir suas funções. *Cf.* 1 Samuel 10.19; Juízes 20.2. Este aspecto de serviço se mostra mais claramente em Zacarias 6.5: "[Estes] são os quatro ventos [ou espíritos] do céu, que saem donde estavam perante o SENHOR de toda a terra." São descritos como emissários de Deus, realizando a obra divina. Tal idéia esclarece Jó 1.6; 2.1, que afirma que "os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, [e] veio também Satanás entre eles". A malévola ação satânica de rodear a terra não necessariamente diminui a importância do elevado serviço prestado pelos filhos de Deus. Além disso, não precisamos considerar o serviço desempenhado como sendo servil, mas, sim, uma tarefa honrosa. É essa idéia que, indubitavelmente, se encontra por trás do provérbio "Vês a um homem perito na sua obra? perante reis será posto; e não entre a plebe" (Pv 22.29). Alguém que, agindo assim, se coloca perante reis está implicitamente tornando-se disponível e pronto para servir. *Cf.* as memoráveis palavras de Milton no soneto que escreveu sobre sua cegueira: "São servidores também os que só ficam em pé, vigiando".

Pode-se considerar ainda uma outra idéia. Se aqueles que estão na presença dos reis são servos e mensageiros prontos a servir, muito mais aqueles que se apresentam perante o grande rei, o Senhor dos senhores, devem estar submissos à vontade e ordem divinas. Parece que esse é o pensamento de Êxodo 19.17: "E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte." O povo respondeu com uma obediência reverente: "Tudo o que falou o SENHOR, faremos e obedeceremos" (24.3, 7).

P.R.G.

895 יָצַג (*yātsag*) ***pôr, colocar, estabelecer.***

Verbo usado 16 vezes, somente no hifil e no hofal. É um sinônimo de *sûm*, sendo que seu sentido básico é o de pôr ou colocar. Pode-se ver em Jó 17.6 a noção de colocar algo ou alguém numa posição tal que todos possam ver: "Mas a mim me pôs por provérbio dos povos; tornei-me como aquele em cujo rosto se cospe." Oséias 2.3 [5] tem sentido semelhante: "para que eu não a deixe despida, e a ponha como no dia em que nasceu".

P.R.G.

יִצְהָר (*yitshār*). Veja o nº 1 883c.

יָצוּעַ (*yātsûa'*). Veja o nº 896a.
יָצְחָק (*yitshāq*). Veja o nº 1 905b.
יָצִיא (*yātsi'*). Veja o nº 893a.
יָצִיעַ (*yātsîa'*). Veja o nº 896b.

896 *יָצַע (*yātsa'*) ***estender, espalhar***. Ocorre somente no hifil e no hofal.

Termos Derivados

896a יָצוּעַ (*yātsúa'*) ***divã, cama.***
896b יָצִיעַ (*yātsia'*) ***superfície plana.***
896c מַצָּע (*matstsā'*) ***divã, cama.*** Ocorre somente em Isaías 28.20.

897 יָצַק (*yātsaq*) ***derramar, transbordar, fundir*** (*metal*).

Termos Derivados

897a יְצֻקָה (*y'tsuqâ*) ***fundição*** (de metal), somente em 1 Reis 7.24.
897b מוּצָק (*mutsāq*) ***fundição,*** somente em 1 Reis 7.37; Jó 38.38.
897c מוּצֶקֶת (*mûtseqet*) ***tubo*** (Zc 4.2), ***fundição*** (2 Cr 4.3).

yātsaq é empregado cerca de 50 vezes, sendo que em aproximadamente um quarto delas refere-se a fundir metal ou a derramar metal fundido. O ugarítico *ytsq* possui a mesma gama de significados.

O sentido básico é o de "derramar um líqüido". O verbo pode referir-se ao derramar água (Eliseu, por exemplo, derramou água nas mãos de Elias, 2 Rs 3.11), óleo (a viúva encheu os recipientes derramando óleo neles, 2 Rs 4.45), e sopa ou outra comida (Eliseu derramou comida de uma panela, 2 Rs 4.40-41).

Cerimonialmente, usa-se a palavra para indicar a ação de derramar óleo quando da unção, por exemplo, sobre a cabeça do sacerdote (Êx 29.7, Lv 21.10) ou de um rei (2 Rs 9.3, 6; 1 Sm 10.1). A idéia de posse ou de ordenação para o ofício está claramente presente. Mas talvez haja, implícita, outra idéia mais sutil, a de representação e solidariedade. Quando Salmos 133.2 menciona o óleo que escorreu da cabeça para a barba de Arão e até as bainhas dos mantos sacerdotais, o que está sendo simbolizado com isso é a bênção divina tanto sobre o povo quanto sobre o sacerdote. Nisso reside o significado do "óleo de alegria" (Is 61.3). Conforme Levítico 2.1, 6, para ser agradável ao Senhor, a oferta de manjares devia ter óleo derramado sobre ela e ser misturada com incenso, como uma oferta de aroma suave que simbolizava a total consagração do indivíduo ao Senhor. Além disso, no sistema sacrificial, o sangue era derramado na base do altar, fazendo expiação por Arão e seus filhos (Lv 8.15).

Escatologicamente, através de Isaías (44.3) o Senhor promete "derramar água sobre o sedento, e torrentes sobre a terra seca" e no paralelismo que segue ("derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade, e a minha bênção sobre os teus descendentes") ele faz

alusão à profecia de Joel 2.28. Não há como negar as implicações disso para a doutrina da Trindade no AT, mas também não se deve perder de vista as bênçãos maiores por acontecer após o cumprimento da profecia em Atos 2. Não se deve pensar no Espírito Santo como um líquido derramado, mas, sim, como manifestando suas atividades entre o povo de Deus nesses "últimos dias".

É interessante observar que a palavra jamais é empregada para a fundição de imagens de ídolos. É usada com freqüência para designar a fundição de utensílios de ouro para o templo e a grande fundição em bronze realizada por Salomão no vale do Jordão — um notável feito de engenharia para aquela época (1 Rs 7.46).

P.R.G.

898 יָצַר (*yātsar*) ***modelar, formar, amoldar.***

Termos Derivados

898a יֵצֶר (*yētser*) ***forma.***

898b יְצָרִים (*y'tsurîm*) ***moldes, membros,*** somente em Jó 17.7, onde se refere a partes do corpo como tendo sido modeladas.

O sentido básico desta raiz é o de "formar", "modelar". Conquanto a palavra esteja em várias passagens em paralelismo sinônimo com *bārā'*, "criar", e *'asâ*, "fazer", sua ênfase fundamental é a de moldar o objeto envolvido ou dar-lhe forma.

Como ocorre com muitas outras palavras hebraicas de significado teológico, pode-se usar a raiz *yātsar* para indicar agência tanto humana quanto divina. Quando utilizada no sentido secular, ocorre a maioria das vezes na forma participial que significa "oleiro", isto é, aquele que dá forma (ao barro). Essa forma é usada freqüentemente nos profetas, onde "o oleiro" propicia um veículo adequado para a comunicação da mensagem profética (Is 29.16; Jr 18.2, 4, 6; Zc 11.13).

O conceito de "dar forma" é particularmente claro em Isaías 44.9-10, 12, onde se descreve um ídolo sendo "modelado" (EP, *yātsar*; ARA, "formar") com martelos. Veja também Habacuque 2.18. O mesmo conceito fica evidente no uso da palavra em Salmos 94.20, onde maus governantes utilizam a lei para maquinar ou modelar maneiras de agir erradamente.

Quando diz respeito à agência divina, a raiz refere-se, na maioria das vezes, à atividade criadora de Deus. Descreve a função que o oleiro divino teve de formar o homem e os animais a partir do pó da terra (Gn 2.7-8, 19). Ocorre associada com *bārā'*, "criar", e *'āsâ*, "fazer", em passagens que se referem à criação do universo (Is 45.18), da própria terra (Jr 33.2), e dos fenômenos naturais (Am 4.13; Sl 95.5). Veja também Salmos 33.15; 74.17; 94.9; Jeremias 10.16; 51.19; Zacarias 12.1.

A palavra também aparece no sentido de Deus modelar ou idealizar algo em sua mente. É usada para designar seus propósitos preestabelecidos (2 Rs 19.25; Is 37.26; 46.11; Sl 139.16) bem como seus planos atuais (Jr 18.11).

Usa-se também a raiz para indicar a ação divina de formar a nação de Israel no sentido de trazê-la à existência. Com esse sentido é usada apenas por Isaías e sempre conota essa atividade de Deus (Is 43.1, 7, 21; 44.2, 21, 24).

A forma participial que significa "oleiro" é aplicada a Deus em Isaías 64.7, onde se

descreve a humanidade como obra das suas mãos.

Quando aplicada aos objetos do trabalho criador de Deus, a ênfase da palavra recai sobre a ação de dar forma a esses fenômenos ou estruturá-los. O vocábulo fala do modo de criação de tais fenômenos apenas na medida em que o ato de modelar um objeto ou dar-lhe forma também deixa implícita a origem desse objeto. Dessa forma, a raiz *yātsar* é um substituto apropriado para *bārā'*, mas não um sinônimo exato.

yētser. ***Forma.*** O substantivo *yētser*, que traduz o conceito de "forma", pode referir-se tanto ao formato de um objeto quanto ao próprio objeto, ou seja, àquilo que foi formado. Refere-se à forma externa de um ídolo em Habacuque 2.18, mas à louça de barro em Isaías 29.16. Neste último sentido, o seu uso mais freqüente é com referência àquilo que se forma na mente, por exemplo, planos e objetivos (Gn 6.5; 8.21; Dt 31.21), ou até mesmo ao estado mental (Is 26.3).

Bibliografia: *TDNT*, v. 2, pp. 1005-28. *THAT*, v. 1, pp. 761-64.

T.E.M.

יָצַר (*yātsar*). Veja o nº 1970, *tsārar* I.

899 יָצַת (*yātsat*) ***queimar, acender, incendiar.***

A palavra mais comum para designar a ação de queimar é *bā'ar*. *yātsat* é bastante usado pelos profetas para descrever a desolação vindoura. A palavra sempre é empregada para expressar a destruição pelo fogo. Para a queima costumeira, como a de madeira no altar, *bā'ar* ou *yāqad* seriam empregados, embora estas duas palavras também tenham muitas vezes uma conotação de destruição.

Emprega-se *yātsat* em Josué 8.8, 19, onde a cidade de Ai foi destruída a fogo. Isto aconteceu devido a ordens expressas dadas pelo Senhor. *Cf.* Juízes 9.49, onde a torre de Siquém foi incendiada. Usa-se o vocábulo para designar a ação de incendiar campos (2 Sm 14.30 s.), florestas (Jr 21.14), portas (Ne 1.3; 2.17), espinhos (Is 33.12), casas (Jr 51.30). Jeremias utiliza 15 vezes essa palavra, a maioria delas para predizer a ardente destruição de Jerusalém e Judá. Mas tal destruição não haverá de vir apenas sobre Judá, mas também sobre nações estrangeiras, por exemplo, o Egito (46:19), Amom (49.2), Damasco (49.27), Babilônia (50.32; 51.30). Jeremias lamenta (Lm 4.11) com profunda amargura que Sião tenha sido totalmente destruída pelo fogo: "Deu o SENHOR cumprimento à sua indignação, derramou o ardor da sua ira; acendeu fogo em Sião, que consumiu os seus fundamentos."

O uso que Jeremias faz de *yātsat* talvez tenha sido fruto da impressão nele deixada com a descoberta do rolo da lei durante o reinado de Josias. Josias manifestou interesse por aquilo que lhe foi lido, ordenando então ao sacerdote Hilquias e a outros: "Ide, e consultai o SENHOR por mim ... porque grande é o furor do SENHOR, que se acendeu contra nós, porquanto nossos pais não deram ouvidos às palavras deste livro, para fazerem tudo quanto de nós está escrito" (2 Rs 22.13).

Quanto ao uso metafórico da ardente ira do Senhor, veja o verbete *yāqad*.

P.R.G.

900 יקב (*yqb*). **Aceita como raiz de:**

900a יְקֵב (*yeqeb*) ***lagar.***

901 יָקַד (*yāqad*) ***queimar, acender.***

Termos Derivados

901a יְקוֹד (*yᵉqôd*) ***queima,*** somente em Isaías 10.16.

901b מוֹקֵד (*môqēd*) ***queima, lareira,*** usado somente duas vezes (Sl 102.4; Is 33.14).

901c מוֹקְדָה (*môqᶜdâ*) ***lareira,*** usado só uma vez (Lv 6.9 [2]).

As palavras mais comuns para indicar a ação de queimar são: *bāʿar* e *yâtsat* (no sentido literal); *qāṭar*, "queimar incenso"; *ḥārâ*, usada figuradamente na expressão "ira ardente"; e várias outras de menor importância.

yāqad e seus derivados são na maioria das vezes usados em conexão com o altar de bronze. É usado várias vezes em Levítico 6, onde são dadas instruções para as ofertas queimadas, por exemplo, "o holocausto ficará na lareira (*môqᶜdâ*) do altar toda a noite até pela manhã, e nela se manterá aceso (*yāqad*, hofal) o fogo do altar" (Lv 6.9 [2]; *cf.* 6.12 [5]; 6.13 [6]).

De um modo geral, essas palavras são utilizadas metaforicamente para referir-se à ira de Deus no juízo. Conquanto *ḥārâ* seja usualmente empregada, assim mesmo *yāqad* é usada nesse sentido, como em Deuteronômio 32.22: "Porque um fogo se acendeu (*qādaḥ*) no meu furor, e arderá (*yāqad*) até ao mais profundo do inferno, consumirá a terra e suas messes, e abrasará (*lāḥaṭ*) os fundamentos dos montes." Isaías 10.16 retoma essa figura de um juízo ardente. Jeremias usa a mesma metáfora em 15.14, e em 17.4 acusa Judá de acender o fogo da ira de Deus. Numa ligeira alteração na metáfora, Isaías revela a frustração divina com o recalcitrante povo de Judá, declarando a ele as palavras de Deus: "És no meu nariz como fumo de fogo que arde o dia todo" (Is 65.5).

O cognato aramaico *yᶜqad* é usado oito vezes em Daniel 3 como um particípio, "sobremaneira aceso", adjetivando a fornalha ardente. Também, numa passagem escatológica, a quarta besta de Daniel 7 é morta "e o seu corpo desfeito para ser queimado pelo fogo" (v. 11), o que antevê o "lago de fogo e enxofre" onde o diabo, a besta e o falso profeta são lançados (Ap 20.10).

P.R.G.

902 יקה (*yqh*). **Aceita como raiz de:**

902a יִקְוָה (*yiqhâ*) ***obediência.***

Palavra usada apenas duas vezes, em Gênesis 49.10 e Provérbios 30.17. Presumivelmente deriva de *yāqah* (verbo não usado em hebraico). A passagem de Gênesis é a conclusão da conhecida profecia sobre Siló: "até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos [lit., e a ele a obediência dos povos]". No entanto, a LXX traduz o substantivo por *prosdokía*, "expectativa" (como se derivada de *qāwâ*), expressando a esperança dos povos

que aguardam a chegada de Siló. Provérbios 30.17, "quem despreza a obediência à sua mãe", é traduzido na BLH por "despreza a sua mãe, quando ela fica velha", no que segue a LXX, *gēras*, "velhice". O paralelo com "zomba do pai", o cognato árabe *waqhat*, "obediência", e o uso em Gênesis 49.10 parecem sugerir que aqui o que se tem em vista é a obediência tanto ao pai como à mãe. Tal desprezo pelos olhos (de um filho) seria julgado com severidade.

P.R.G.

יְקוֹד (*yĕqôd*). Veja o nº 901a.

יְקוּם (*yᵉqûm*). Veja o nº 1 999f.

יְקוֹשׁ (*yāqôsh*). Veja o nº 906a.

יְקוּשׁ (*yāqûsh*). Veja o nº 906b.

יְקִיר (*yaqqîr*). Veja o nº 905c.

903 יָקַע (*yāqaʿ*) ***estar alienado, deslocar*** (qal); ***enforcar*** (hifil).

Dos oito usos deste verbo, metade é no grau causativo. Gênesis 32.25 [26], "deslocou-se a junta da coxa de Jacó, na luta com o homem", estabelece claramente as bases para o sentido metafórico de "estar alienado, separado". O hifil tem claramente a idéia causativa, embora sirva eufemisticamente para designar a execução por enforcamento ou, mais provavelmente àquela época, por empalação (como em Nm 25.4, que a NASB traduz por "e os *executou* à luz do dia ... para que a ardente ira do Senhor se desviasse de Israel"). Normalmente, no Israel antigo, as execuções eram efetuadas por apedrejamento (*sāqal* ou *rāgam*, *q.v.*). Quanto à maldição associada com o enforcamento, veja Deuteronômio 21.23 e o sinônimo *tālâ*, "enforcar". As várias referências a corpos pendurados talvez não digam respeito a morte por enforcamento, mas à exibição dos cadáveres daqueles que foram mortos de alguma outra maneira (*cf.* 2 Sm 21.12; Js 10.26).

P.R.G.

904 יָקַץ (*yāqats*) ***acordar.***

Termo Derivado (?)

904a *†יָקִיץ (*qîts*) ***acordar.*** Apenas no hifil.

É difícil determinar a exata relação entre *yāqats* e *qîts*. BDB trata-os em verbetes separados. É possível que remontem a uma raiz comum semítica bi-radical. *KB* entende que *yāqats* é uma forma variante de *qîts*. Uma tabuinha em ugarítico refere-se ao convite de El aos deuses para um banquete como *tsh l qts*, "ele grita para acordá[-los]" (*UT* 19: nº 474).

A maioria dos usos é de natureza narrativa, contando-se o fato de que uma pessoa "acordou" do seu sono, por exemplo, Noé (Gn 9.24), Jacó (Gn 28.16), Faraó (Gn 41.4), Sansão (Jz 16.14), Salomão (1 Rs 3.15), *etc.*

Nos Salmos o verbo é várias vezes associado com o despertar de alguém que, em

seguida, descobre a presença fortalecedora de Deus. Salmos 139.18 exalta a onipresença de Deus; "quando acordar, eu me satisfarei com a tua semelhança" (Sl 17.15). Numa ligeira alteração metafórica, Provérbios 6.22 fala da atividade orientadora da lei: "quando te deitares, te guardará; quando acordares, falará contigo." O pensamento e claro: Deus se revela através da revelação escriturística e não por experiência mística. A mitologia antiga expressa que uma das limitações dos deuses é precisarem dormir, daí a necessidade de gritar para acordá-los. (*Cf.* o exemplo ugarítico mencionado acima e 1 Rs 18.27.) Vários salmos aludem a isso com referência ao Senhor, por exemplo, Salmos 78.65: "Então o SENHOR despertou como de um sono, como um valente que grita excitado pelo vinho." Do ponto de vista humano, pode-se falar dessa maneira acerca do Senhor, que fica calado enquanto o pecado e a rebeldia prosseguem sem arrependimento. No entanto, a nossa teologia é, isto sim, edificada sobre Salmos 121.3-4: "Não dormitará aquele que te guarda. É certo que não dormita nem dorme o guarda de Israel."

Finalmente, *qîts* é empregado quatro vezes com o sentido de "despertar dentre os mortos", ou seja, ressuscitar. Antes de Eliseu trazer o filho da sunamita de volta à vida, Geazi relatou: "O menino não despertou" (2 Rs 4.31).

Jó, num trecho pessimista, fala do homem que se deita e não torna a levantar: "Não acordará, nem será despertado do seu sono" (Jó 14.12; veja também v. 14). Todavia, Jó tinha a esperança da ressurreição (19.25; 14.14b [NIV, "até que chegasse a minha renovação"; *cf.* MM]; veja *hālap*). No apocalipse de Isaías a esperança de ressurreição é explicitamente declarada com respeito a Judá: "Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó" (26.19).

E, no entanto, Daniel (12.2) quem apresenta a mais clara expressão da esperança escatológica da ressurreição: "Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno." O NT segue a LXX e usa *egeirō* e *exegeirō* para expressar os conceitos literal e figurado de *yāqats* e *qîts*.

P.R.G.

905 יָקַר (*yāqar*) ***ser precioso, valioso, caro, ter em alta conta.***

Termos Derivados

905a †יָקָר (*yāqār*) ***precioso.***

905b יְקָר (*y'qar*) ***preciosidade, honra, esplendor, pompa.***

905c יַקִּיר (*yaqqîr*) ***muito precioso.***

A raiz e seus derivados são empregados 65 vezes. Provém de uma raiz semítica que transmite a idéia de "pesado", "honra", "dignidade". Um objeto é considerado precioso ou valioso devido a seu valor intrínseco ou à sua raridade.

Algumas coisas consideradas preciosas são a sabedoria, que é mais preciosa do que jóias (Pv 3.15; *cf.* Jó 28.16), a benignidade de Deus (Sl 36.7 [8]), a morte dos santos aos olhos de Deus (Sl 116.15), os lábios instruídos (Pv 20.15). Quando alguém visita com pouca freqüência o seu próximo, isso é precioso na verdadeira amizade (Pv 25.17, "não sejas freqüente", ARA; lit., "torne raros os teus pés"). Outra coisa preciosa são os pensamentos de Deus, que são inesgotáveis para o crente (Sl 139.17; *cf.* Jr 15.19). Aqui o verdadeiro valor reside na qualidade, não na quantidade. De outro lado, a frase

"naqueles dias a palavra do SENHOR era mui rara [lit., preciosa]" (1 Sm 3.1) significa que ela quase não era recebida.

A idéia de honra também se encontra associada a esta raiz. Aquele que realiza um feito destacado é honrado pelo rei (Et 6.3, 6). As filhas de um rei são chamadas de "damas de honra" (Sl 45.9 [10]). Também se faz referência aos cidadãos de Israel como "os nobres filhos de Sião, comparáveis a ouro puro" (Lm 4.2).

A raiz aparece muitas vezes com a palavra "pedra" ou mesmo sozinha para indicar jóias e outros objetos de valor. Ao construir o templo, Salomão preparou pedras enormes e bem lavradas para servir de alicerce para o templo (1 Rs 5.17 [31]; 7.9 s.). São lendários a fama e o esplendor daquele templo. Os objetos dentro do templo também eram valiosos. Quando um rei estrangeiro conquistou a terra, a primeira coisa que fez foi procurar esses tesouros para saquear (*cf.* Jr 20.5). Isaías previu a construção de um novo templo alicerçado sobre "uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular" (Is 28.16). O conteúdo dessa profecia adquire importância à luz do templo de Salomão e indica a vinda de um novo templo dentro de uma nova ordem de achegar-se a Deus.

No AT a vida é encarada como tendo grande valor. Davi não quis matar Saul mesmo quando esteve em posição de superioridade, pois considerou preciosa a vida do rei (1 Sm 26.8-11, 21; 2 Rs 1.13 s.). Uma mulher adúltera causa enormes danos porque quer se assenhorear daquilo que o homem tem de mais precioso, a sua vida (Pv 6.26). Deus também protege e livra o seu povo da opressão porque considera precioso o seu sangue (Sl 72.14). A vida do homem ultrapassa em muito o valor de sua capacidade de resgatar-se a si mesmo (Sl 49.7 s. [8 s.]). Conseqüentemente, apenas Deus é capaz de remir o homem e, por amor, ele proporcionará a redenção necessária, mesmo que o custo seja elevado (Is 43.1-4).

yāqār. ***Precioso, raro, esplêndido.*** Em Jó 31.26 a palavra é empregada na expressão "a lua que caminhava esplendente". Em Provérbios 17.27 é usada junto com "espírito" para indicar serenidade ou autocontrole.

J.E.H.

906 יָקַשׁ (*yāqōsh*) ***preparar uma armadilha, apanhar com armadilha.***

Termos Derivados

906a יָקוּשׁ (*yāqôsh*) ***aquele que prepara armadilha, caçador de aves,*** somente em Oséias 9.8.

906b יָקֻשׁ (*yāqûsh*) ***aquele que prepara armadilha, caçador de aves.***

906c מוֹקֵשׁ (*môqēsh*) ***armadilha.***

yāqōsh e seus derivados ocorrem 40 vezes. Refere-se à ação de preparar uma armadilha para apanhar algum animal, mas na maioria das vezes, num sentido metafórico, indica o apanhar pessoas num ardil.

Metaforicamente uma armadilha é algo que seduz alguém, desviando-o de seu propósito, e então o destrói. A luz disso, Saul, com o intento de arruinar Davi, deu-lhe sua filha Mical como esposa, a fim de que ela se tornasse uma armadilha para Davi (1 Sm

18.21). Os servos de Faraó consideraram Moisés uma armadilha para o Egito (Êx 10.7). Semelhantemente, um governante ímpio é uma armadilha para o povo (Jó 34.30). Devido a seu controle inescapável, o poder da morte é chamado de "laços de morte" (IBB, Sl 18.5 [6]). Outras armadilhas incluem a perversidade (Pv 29.6), o medo de outros homens (Pv 29.25), votos apressados (Pv 20.25) e ter amizade com alguém que facilmente se encoleriza (Pv 22.24 s.).

Os ímpios procuram enlaçar os justos (Jr 5.26). Aquele que faz a defesa dos justos ou apresenta um caso justo perante o tribunal reunido à porta da cidade também constantemente confronta as tentativas dos ímpios de apanhá-lo numa armadilha (Is 29.21). Assim também acontece com o profeta que procura fazer o povo se voltar para Deus (Os 9.8). Por esse motivo os retos se voltam a Deus em oração a fim de não cair nessas armadilhas (Sl 141.9).

Aqueles que seguem os caminhos da idolatria estão presos em armadilha e já não conseguem servir a Yahweh (Êx 23.33). Gideão fez uma estola sacerdotal com os despojos da batalha. A estola sacerdotal tornou-se uma armadilha para ele próprio e sua família, pois caíram na adoração daquele objeto (Jz 8.27). Por essa razão Deus incumbiu o povo de destruir totalmente os moradores de Canaã, até mesmo os objetos feitos por eles, a fim de que jamais servissem os deuses dos cananeus e abandonassem Yahweh (Dt 7.16, 25; Êx 23.32 s.; mas *cf.* Sl 106.34 ss.).

Deus, por outro lado, prepara uma armadilha para seus adversários. Estes tornam-se tão auto-suficientes em sua oposição a Deus que não têm consciência da armadilha (*cf.* Jr 50.24). Inicialmente são pegos pela armadilha do seu próprio pecado (Pv 29.6). Embora o pecado seja por si só destrutivo, cabe a Yahweh intervir diretamente para lacrar a armadilha e julgar a vítima (Sl 9.16 [17]). As palavras e os feitos de Deus preparam a armadilha. Aqueles que resistem e fazem pouco caso da palavra proclamada são quebrados e pegos na armadilha (Is 28.13). Emanuel também será uma pedra de tropeço, uma rocha de ofensa, um laço e uma armadilha; as pessoas tropeçarão nele, cairão e serão pegas na armadilha (Is 8.14 s.). Esta figura de linguagem enfatiza o clímax da resistência de Israel à comunicação divina através da palavra e da encarnação.

môqēsh. ***Armadilha.*** G. R. Driver sustenta que essa é a parte superior, móvel, de uma armadilha tipo queixada (*pah*, "gatilho"; ARA, "armadilha"); a palavra pode então designar a armadilha no seu conjunto, especialmente na linguagem metafórica.

Bibliografia: DRIVER, G. R., Reflections on recent articles, II Heber *Môqēsh* 'Striker', *JBL* 73:131-6. GILMAN, Henry S., Notes on *môqsh*, *JBL* 58:277-81. HEATON, Eric W., *Everyday life in Old Testament times*, Londres, B. T. Batsford, 1956. *TDNT*, v. 7, pp. 340-4.

J.E.H.

907 יָרֵא (*yārē'*) ***I, temer, ter medo, reverenciar.***

Termos Derivados

907a יְרֵאִי (*yārē'*) ***temeroso, com medo.***

907b יִרְאָה (*yir'â*) ***temeroso, temor.***

907c מוֹרָא (*môrā'*) ***temor.***

907d מוֹרָה (*môrâ*) ***terror*** (sentido provável). Ocorre somente na frase ***shîtâ môrâ lāhem***, "infunde-lhes ... o medo", ou seja, apresenta uma exibição aterrorizante de poder (Sl 9.20 [21]).

Nesta análise os usos bíblicos de *yārē'* são divididos em cinco categorias gerais: 1) a emoção do medo; 2) a previsão intelectual do mal, sem que haja ênfase na reação emocional; 3) reverência ou respeito; 4) comportamento íntegro ou piedade; e 5) adoração religiosa formal. No AT os principais sinônimos incluem *pāhad*, *hātat* e *hārad*, bem como várias palavras que se referem ao tremor como resultado do medo.

Exemplos típicos do medo como reação emocional são o temor dos judeus diante do fogo no monte Sinai (Dt 5.5) e o temor dos judeus em Mispa ao ouvirem da mobilização dos filisteus (1 Sm 7.7). Outros exemplos dão mais ênfase à previsão do mal sem que, necessariamente, se indique uma reação emocional. Exemplos disso são a reação de Davi, enquanto estava na corte de Aquis, de que sua reputação representava um risco para sua própria vida (1 Sm 21.13) e a previsão de Jacó de que sua família poderia ser-lhe tirada (Gn 31.31).

Essas duas nuanças estão em mente quando se usa, numa expressão de conforto ou numa saudação, a ordem negativa de não temer (*e.g.*, Gn 50.19-20). Em tais casos com freqüência usa-se *yārē'* em paralelo com um ou mais sinônimos (*e.g.*, *hātat*, "ser desmoralizado"; *'ārats*, "estar aterrorizado"). Um tema semelhante é a definição de segurança como ausência de temor (*e.g.*, Sl 56.4).

Existem muitos exemplos do terceiro uso citado acima. Tal reverência é devida aos pais (Lv 19.3), lugares santos (Lv 26.2), Deus (Sl 112.1) e o nome de Deus (Sl 86.11). O temor de Habacuque diante das obras de Deus (Hc 3.2, EP, "aprendi a respeitar as tuas obras") e o temor dos amigos de Jó ao verem a miséria de seu estado são, num melhor entendimento, este tipo de temor (Jó 6.21).

Em várias passagens, "temer" e ter uma vida correta estão tão intimamente ligados que são praticamente idéias sinônimas (Lv 19.14; 25.17; 2 Rs 17.34; Dt 17.19). É bem possível que esse uso de "temer" como virtual sinônimo de ter uma vida correta ou piedosa surgiu como resultado de ver o "temor" — em todos os seus sentidos acima — como a motivação que produzia a vida justa. Esse temor prático e atuante é o tipo de temor que levou Deus a recompensar as parteiras egípcias (Êx 1.17, 21). Esse tipo de temor era mais apropriadamente aprendido mediante a leitura da Lei (Dt 31.11-12). Uma ação correta, repetida e enfaticamente associada com o "temor" a Deus, é a bondade para com o estrangeiro que residia no meio do povo (*e.g.*, Dt 10.18-20; 25.18).

O exemplo mais claro de "temor" como adoração religiosa formal ocorre na descrição dos sincretistas religiosos do reino do norte, os quais "temiam" ao Senhor com respeito à adoração pública (2 Rs 17.32-34), embora não "temessem" ao Senhor com respeito à justa obediência à sua lei. Os elementos de adoração pública formal mencionados em Deuteronômio 14.22-23 sugerem que esse é o tipo de temor a ser aprendido naquele contexto. À luz da análise acima e do contexto de Josué 22, a BLH provavelmente está certa em ali traduzir o verbo como "adorar" (v. 25).

Há umas poucas passagens em que parece que "temer" significa "ser devoto ou seguidor". Tal uso pode estar refletindo ou o quarto ou o quinto uso, examinados acima. Exemplos substantivais afins serão analisados abaixo em *yārē'*, mas possíveis exemplos

verbais são encontrados em Jó 1.9 e 2 Crônicas 6.33.

Temor de várias espécies pode ser causado pelos grandes feitos de Deus (Êx 14.31;Js 4.23-24; 1 Sm 4.7-9), pelo juízo (Is 59.18-19), pela lei de Deus (Dt 4.10) e também por vários agentes humanos (1 Sm 7.7; 15.24).

No piel, *yārē'* significa "atemorizar" (2 Sm 14.15; Ne 6.9, 14, 19; 2 Cr 32.18). No nifal, o sentido é passivo, "ser temido" (Sl 130.4, IBB). Usa-se freqüentemente o particípio nifal para descrever coisas como "terríveis", "temíveis" ou "aterrorizantes". Este é um bom exemplo do caráter gerundivo do particípio nifal, "ser temido" (*GKC*, 116*e*). Pode descrever lugares (Gn 28.17), Deus (Êx 15.11), o nome de Deus (Dt 28.58), os feitos de Deus (Êx 34.10), um povo (Is 18.2) e o dia do Senhor (Jl 2.31 [3.4]).

A análise de *yārē'* é complicada pela necessidade de fazer distinção entre aqueles exemplos que são genuinamente substantivos — e, portanto, analisados nesta seção — e aqueles que estão envolvidos na forma verbal perifrástica e são, assim, analisados acima, com o verbo. Nem sempre essa distinção é claramente feita nas traduções e por vezes não precisa ser feita. O uso mais freqüente do substantivo é para referir-se àquele que teme a Deus (pode-se empregar diferentes nomes ou expressões para designar Deus). São encontrados exemplos claramente substantivais (*e.g.*, Êx 9.20; Dt 20.8; Jz 7.3) que mostram o temor como uma emoção (primeiro sentido acima) ou como uma previsão do mal (segundo sentido acima). Num maior número de vezes a ênfase recai no respeito ou reverência, em vez de no terror (Sl 112.1; Ec 8.12).

Aquele que "teme" a Deus concretizará seu temor numa retidão ou piedade que se manifesta na prática. Jó, como alguém temente a Deus, evita o mal (Jó 1.1). Em Salmos 128.1 a pessoa que "teme" ao Senhor anda nos caminhos de Deus. Os que temem ao Senhor podem ser aqueles cuja piedade pessoal se manifesta numa reação positiva à mensagem divina. Aquele que "teme" a Deus é contrastado com o perverso (Ec 8.13). É algo desejado que aqueles que ocupam cargos de governo sejam tementes a Deus (Ne 7.2). Bênçãos são dadas àqueles que temem a Deus: felicidade (Sl 112.1, "bem-aventurado"), bondade da parte de Deus (Sl 31.19 [20]), atendimento das necessidades (Sl 34.9 [10]), proteção (Sl 33.18-19 [19-20]), misericórdia intensa (*i.e.*, *hesed*; Sl 103.11) e promessa de desejos cumpridos (Sl 145.19).

Um uso interessante desse termo encontra-se no salmo 22. Ali a frase "vós que temeis o SENHOR" está em paralelo, de um lado, com "descendência de Jacó" e "posteridade de Israel" (v. 23 [24]) e, de outro, com a "grande congregação" (v. 25 [26]). Esses paralelos, especialmente o último, sugerem que o termo é usado para referir-se à congregação que adora, reunida para adoração. Existem dois outros possíveis exemplos desse uso (Sl 115.10, 11, 13; Sl 118.3-4).

môrā'. ***Medo, terror.*** O vocábulo pode referir-se à emoção do medo, como no caso do medo causado por Noé nos animais (Gn 9.2) ou à reverência para com Deus (Ml 1.6). *môrā'* também pode indicar motivos exteriores de medo. No exemplo mais claro, *môrā'* (Is 8.12, lit., "não temais o temor dele") é paralelo a um assombramento vindo de fora ("nem ... vos assombreis", ARC). Em outras passagens, o vocábulo é paralelo aos grandes sinais e maravilhas de Deus e, desse modo, pode ser interpretado como uma referência aos motivos exteriores de medo (Dt 26.8; 34.12; Jr 32.21). Deve-se assinalar a grafia variante hebraica, *môrâ*, em Salmos 9.20 [21]. É mais fácil ver essa forma como uma variante ortográfica aceitável em vez de entrar no terreno de emendas textuais (*e.g.*, *KB*).

yārē'. ***Temente, com medo*** (freqüentemente "que teme"). Uma forma adjetiva que serve tanto como substantivo quanto como particípio do verbo *yārē'*. Tem quase a mesma gama de significados do verbo.

yir'â. ***Temente, medo, etc.*** Usado quer como substantivo quer como infinitivo de *yārē'*. Palavra encontrada em todos os usos de *yārē'* (veja acima), com exceção do quinto sentido.

Os usos deste substantivo são semelhantes aos do verbo. Pode referir-se à emoção de terror ou medo (Sl 55.5 [6]; Ez 30.13). Esse terror pode ser colocado pelo próprio Deus nos corações dos homens (Êx 20.20; Dt 2.25). Isaías 7.25 emprega o termo para referir-se a uma fria previsão do mal. Quando Deus é o objeto de temor, a ênfase novamente recai no respeito ou reverência. Essa atitude de reverência é a base da verdadeira sabedoria (Jó 28.28; Sl 110.10; Pv 9.10; 15.33). E de fato, a expressão estabelece o tema do livro de Provérbios. E usada em 1.7, torna a ocorrer em 9.10 e em 12 outros versículos. O temor do Senhor é aborrecer o mal (8.13), é fonte de vida (14.27), conduz à vida (19.23) e prolonga os dias (10.27). Inúmeras passagens relacionam esse temor de Deus com o ter uma vida piedosa e correta (Jr 32.40). O temor de Deus resulta em tratar bem os estrangeiros (Gn 20.11). Governo justo é aquele feito no temor de Deus (2 Sm 23.3). O temor do Todo-Poderoso deve conduzir à manifestação de bondade por parte de amigos (Jó 6.14). Abusos econômicos contra compatriotas judeus eram contrários ao temor de Deus (Ne 5.9). O temor do Senhor faz com que os homens se desviem do mal (Pv 16.6).

Bibliografia: *TDOT*, v. 9, pp. 197-208. *THAT*, v. 1, pp. 765-77.

A.B.

908 יָרָא (*yārā'*) ***II, atirar, derramar.*** Sem dúvida alguma uma variante de יָרָה (*q.v.*). O único caso do hofal, Provérbios 11.25, parece vir de *rāwâ*. Existem variações entre os manuscritos hebraicos.

909 יָרַד (*yārad*) qal: ***descer, ir para baixo, baixar, marchar abaixo, pôr-se (o sol)***; hifil: ***baixar, trazer para baixo, entornar, tirar (ornamentos).***

Termos Derivados

909a מוֹרָד (*môrād*) ***descida, encosta, lugar íngreme, pender*** (1 Rs 7.29).

909b יַרְדֵּן (*yardēn*) ***Jordão.***

A região montanhosa da Palestina é flanqueada a oeste pelo mar Mediterrâneo e a leste pela profunda fenda de Arabá, bem abaixo do nível do mar. Desse modo, por qualquer lugar que se viaje em Israel o caminho sempre será ou para cima ou para baixo. Uma vez que Jerusalém é geograficamente o ponto central da atenção, um viajante ou "sobe" (*'ālâ*) ou "desce" (de onde derivam as palavras que em hebraico moderno designam respectivamente o "imigrante" e o "emigrante"). Em uns poucos lugares usa-se *yārad* quando o destino é, na verdade para cima; nesses casos parece que o sentido é de ir para o sul ou de sair da cidade na direção do campo ou ainda de ir por altos e baixos (*cf.* Is 15.3, *yōrēd babbekî*, "choram abundantemente", ARA; "desatando-se em lágrimas", TB;

ou, possivelmente, "vão para baixo e para cima enquanto choram"). Há também o sentimento de passar de uma posição de proeminência para uma de menor importância, isto é, do templo ou palácio para uma casa particular (*e.g.*, 2 Sm 11.9 s.). Além do mais, descer significa abandonar o seu local de prestígio para humilhar-se (Is 47.1; Jr 48.18). Com freqüência significa uma manobra militar para enfrentar o inimigo em combate. Com a derrota na batalha, soldados, cidades e muros caem (lit., descem; Ag 2.22; Dt 20.20; 28.52), e todo aquele que é levado para baixo é por isso mesmo derrotado (*cf.* Jr 51.40; Os 7.12). Outros usos incluem desmontar algo, apear de um animal, sair de um carro, trono ou cama, baixar coisas ao chão, cair chuva, verter lágrimas e marinheiros irem ao mar (*cf.* Is 42.10; a PIB emenda o texto).

"Descer ao Egito" tem a nuança de deixar a terra prometida para habitar no meio de pessoas que estão fora da aliança. A primeira vez que os filhos de Jacó foram ao Egito para ali se estabelecer, Deus teve de aparecer a Jacó e instruí-lo quanto ao seu propósito em levá-los para o Egito (Gn 46.2 ss.). Então, depois de terem obtido o controle da Palestina, "descer ao Egito" era sinônimo de abandonar a Deus e buscar auxílio humano, o qual falharia (Is 30.2; 31.1).

Uma vez que se considera que o Sheol (*q.v.*) está localizado embaixo da terra, todo aquele que morre desce para o Sheol (*e.g.*, Nm 16.30). O apetite do Sheol é grande e engolirá tudo o que descer (Is 5.14). Provérbios enfatiza que todo aquele que seguir a mulher adúltera há de descobrir que "a sua casa é caminho para a sepultura [heb., *shᵉ'ôl*], e desce para as câmaras da morte" (7.27).

Em uma teofania a descrição é de Deus descendo. Ele deixa sua morada e vem para comunicar-se com o homem, quer diretamente através da palavra quer indiretamente através de algum instrumento. Deus desceu em fogo sobre o monte Sinai (Êx 19.18; *cf.* 2 Cr 7.1 ss.), e sobre o tabernáculo ele apareceu numa coluna de nuvem (Êx 40.34 s.; Nm 12.5). Para aliviar a carga que Moisés levava, Deus desceu entre os anciãos e distribuiu entre eles parte do seu Espírito que estava sobre Moisés (Nm 11.17). Além disso, Deus desce para trazer salvação ao seu povo: por exemplo, ele apareceu para livrar seu povo da escravidão egípcia (Êx 3.8). Por outro lado, Deus também desce para julgar. Mas antes de julgar, ele desce para investigar se a impiedade humana é fato real (*e.g.*, no caso da torre de Babel, Gn 11.5, e de Sodoma e Gomorra, Gn 18.20 s.). Convencido da pecaminosidade, ele desce e pisa os lugares altos (Mq 1.3), isto é, começa o julgamento pela destruição dos centros de adoração de ídolos. Então passa a forçar para baixo as nações rebeldes, levando-as à derrota (*cf.* Ob 4).

yardēn. ***Jordão.*** A maioria dos estudiosos entende que este topônimo deriva do verbo *yârad*, "descer", daí o sentido de "aquele que desce". O nome ocorre em egípcio como *ya-ar-du-na*. Cyrus Gordon compara esse nome com os rios *Iardanos*, de Creta e da Grécia, e conclui que o nome de todos eles tem origem numa palavra do Mediterrâneo Oriental que significa "rio". O fato de que, com exceção de passagens poéticas (Jó 40.23; Sl 42.6 [7]), quase todas as 183 ocorrências da palavra vêm com o artigo definido, indica que originalmente a palavra era um substantivo comum. A LXX translitera a palavra como *Iordanēs*.

O Jordão é formado por quatro afluentes. O Nahr Banias tem origem em Paneas (atual Banias, a Cesaréia de Filipe da época do NT), no sopé do monte Hermom. O Nahr el-Leddan forma-se em Dã (Jz 18.29), a cidade mais setentrional de Israel. O Nahr Hasbani corre 38 quilômetros ao longo de um vale a oeste do monte Hermom

(possivelmente o "vale de Mispa", Js 11.8). O Nahr Bareighit, um pequeno ribeiro, a oeste do anterior, corre a partir de Merj 'Ayun (*cf.* Ijom, 1 Rs 15.20).

O Jordão flui por 11 quilômetros ao longo de uma região outrora pantanosa até aquilo que era um pequeno lago, o lago Hula, drenado em 1955. Logo ao sul, onde fica a ponte das Filhas de Jacó, situa-se o local em que a antiga estrada internacional para Damasco pode ter sido atravessada a vau; a grande área de Hazor fica seis quilômetros e meio a oeste. O Jordão corre então por 13 quilômetros em meio a um desfiladeiro em basalto até o mar da Galiléia (o mar de Quinerete, Nm 34.11). Nesse percurso o rio já desceu da altura de 69 metros acima do nível do mar, na região ao norte do Hula, para 209 metros abaixo desse nível no mar da Galiléia.

O rio volta a correr a partir do lado sul do mar da Galiléia e desce para o mar Morto, 395 metros abaixo do nível do mar, o local mais baixo da superfície da terra. Desse modo o rio flui ao longo de um trecho da Grande Fossa Africana, que vai desde um ponto entre as montanhas do Líbano e a Cordilheira do Antilíbano até os grandes lagos da África. A distância em linha reta entre os dois lagos é de 104 quilômetros, mas em seu traçado sinuoso o rio Jordão percorre quase 320 quilômetros. Exceto em épocas de inundação, a profundidade do rio varia apenas entre noventa centímetros e três metros e sessenta centímetros.

O Jordão pode ser atravessado a vau em cerca de 60 locais. Jacó atravessou o Jordão para chegar a Arã e posteriormente tornou a atravessá-lo com a família que havia formado (Gn 32.10 [11]). Depois de Eúde matar Eglom, rei de Moabe, os israelitas tomaram os vaus e mataram muitos dos moabitas que ficaram presos no lado ocidental do Jordão (Jz 3.28-29). Depois de derrotar os midianitas em Moré, Gideão convocou os efraimitas para tomarem os vaus (Jz 7.24-25).

Sob o comando de Josué os israelitas puderam atravessar o Jordão, perto de Jerico, a seco, pois o Senhor represou as águas rio acima (Sl 114.3, 5; Js 3.16), desde Adã (25 quilômetros ao norte) até Zaretã (Tell es-Sa'idiyeh, 16 quilômetros mais acima). Sabe-se de deslizamentos de terra que represaram o Jordão: durante dez horas em 1267 e durante 21 horas em 1927. A conquista (Js 1—11) começa com a travessia do Jordão e com a captura de Jerico; a distribuição da terra (Js 13—21) termina nesse rio. Esse procedimento corresponde à orientação dada por Moisés (Nm 34.12).

A largura do vale do Jordão passa de seis quilômetros e meio logo abaixo do mar da Galiléia para 22 quilômetros logo acima do mar Morto. O desfiladeiro Ghor, ou vale superior, pode ser cultivado ao norte de Gileade. Nas áridas regiões meridionais ao sul do Ghor encontram-se as estéreis colinas de calcário denominadas Qattara. A verde planície inundável é conhecida como Zor, palavra árabe que significa "vegetação cerrada".

Esta última área era conhecida como a *gā'ôn* do Jordão, sendo traduzida por "floresta". Essa região destacava-se como o hábitat de animais selvagens, tais como leões (Jr 49.19; Zc 11.3). Indaga-se a Jeremias como se sairia num local perigoso como a "floresta do Jordão", se não se sente seguro numa terra de paz (Jr 12.5).

A natureza inóspita de Zor e Qattara tornava o rio Jordão uma barreira geográfica eficaz. Moisés tentou evitar que as tribos de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés, que receberam territórios a leste do Jordão, não ajudassem seus irmãos que tinham de conquistar a Cisjordânia, a oeste (Nm 32). Num período relativamente curto de tempo surgiram diferenças dialetais. Os efraimitas do oeste traíram sua identidade quando, passando pelos vaus, diziam "Sibolete" em vez de "Chibolete", que era como pronunciavam

os gileaditas de Jefté, que moravam a leste (Jz 12.6). A palavra "chibolete" significa "rio" e era um teste natural.

O lado oeste do rio Jordão tem como afluentes o Nahr Jalud, que procede de Bete-Seã, e o Uádi Farah, que vem de Tirza. As principais localidades eram Jerico, Gilgal e Bete-Seã; textos egípcios revelam que Reobe ficava ao sul de Bete-Seã, e Jenoã ao norte.

Do lado oriental o Jordão tem dez afluentes perenes. O Jarmuque, que deságua no Jordão oito quilômetros ao sul do mar da Galiléia, contribui com tanta água quanto o próprio Jordão, mas não é mencionado na Bíblia. O rio Zerca (que na Bíblia tem o nome de Jaboque) começa perto de Amã e tem sua foz no Jordão logo acima de Adã.

Nelson Glueck identificou 35 locais povoados entre os séculos XIII e VI a.C. O AT menciona apenas nove localidades no vale do Jordão. Peniel, onde Jacó lutou com o anjo, estava localizada perto do Jaboque (Gn 32.22-32). Sucote, onde Jacó fez palhoças para o seu gado (Gn 33.17), cidade que se recusou a ajudar Gideão (Jz 8.5-8), estava situada junto do Jaboque.

Quando Abraão e Ló vieram a se separar, Ló viu que o *kikkar* do Jordão (IBB, "planície"; BLH, "vale"; ARA, "campina"; Gn 13.10) tinha boa irrigação. Nesse caso, o *kikkar* (lit., "formato redondo") incluía a região ao sul do mar Morto. Salomão fundiu objetos de cobre no *kikkar*, que talvez seja a depressão oval do Jordão entre Sucote e Zaretã (1 Rs 7.46). *Cf.* Gênesis 19.17, 25; Deuteronômio 34.3.

A expressão *yardēn y'rēhô* (lit., "Jordão de Jerico"), que ocorre em Números 22.1, 33.50, 34.15, Josué 13.32, 16.1, 20.8 e 1 Crônicas 6.78 [63], é traduzida pela ARA como "Jordão, na altura de Jerico". Uma vez que a frase talvez indique não apenas o território a leste de Jerico (Js 16.1), mas toda a fronteira oriental de Efraim e Manassés, Elmer Smick sugeriu que se deve tratar *yardēn* como um substantivo comum, de sorte que a frase significaria "rio de Jerico", ou seja, o rio Jordão em sua totalidade.

Caso o animal designado como *b'hēmôt* em Jó 40.15 ss. seja o hipopótamo (*cf.* ARA), o *yardēn* de 40.23 talvez possa ser simplesmente um "rio" qualquer, não especificamente o Jordão. Havia hipopótamos no rio Orontes, na Síria, até por volta de 1500 a.C., e no Baixo Nilo até o século XII d.C., mas não no Jordão.

Bibliografia: COHEN, S. Jordan. In: *IDB*. DRIVER, G. R. Driver. Mistranslations. *Palestinian Exploration Quarterly* 79:1 236-26. _____. *'lh* 'Went Up Country' and *yrd* 'Went Down Country'. *ZAW* 69:74-77. GLUECK, Nelson. *The river Jordan*. Westminster, 1946. LESLAU, Wolf. An Ethiopian Parallel to Hebrew *'lh* 'Went Up Country' and *yrd* 'Went Down Country'. *ZAW* 74:322 s. (Leslau demonstra a existência em idioma etiópico de *yrd* com o sentido de "embaixo, no sul" ou "o oeste"). SMICK, Elmer B. *Archaeology of the Jordan valley*. Baker, 1973. *TDNT*, v. 6, pp. 608-13.

E.Y.

יַרְדֵּן (*yardēn*). Veja o nº 909b.

910 יָרָה (*yārâ*) ***lançar, atirar, jogar*** (qal); ***ensinar*** (hifil).

Termos Derivados

910a יוֹרֶה (*yôreh*) ***primeiras chuvas***, em contraste com *malqôsh*, "últimas chuvas". As primeiras chuvas caíam entre o fim de outubro e o início de dezembro.

910b מוֹרֶה (*môreh*) ***I, chuva tempora***, somente em Joel 2.23; Salmos 84.7.

910c מוֹרֶה (*môreh*) ***II, mestre.***

910d תּוֹרָה (*tôrâ*) ***lei.***

A idéia básica da raiz *yārâ* é de "jogar" ou "atirar", com um forte sentido de controle por parte do sujeito da ação. Lançaram-se sortes com o objetivo de dividir a terra entre as várias tribos (Js 18.6). Deus lançou o exército egípcio no mar Vermelho (Êx 15.4; *cf.* Jó 30.19). Tendo pedras como objeto da ação, o verbo traz a idéia de colocá-las num determinado lugar; Deus lançou a pedra angular ou alicerce do mundo (Jó 38.6), e Labão ergueu uma pilha de pedras e uma coluna para servir de testemunha da aliança de paz que Jacó e ele próprio fizeram (Gn 31.51 s.). Os três usos mais freqüentes desta raiz dizem respeito a atirar flechas, mandar chuvas e ensinar.

Entre os antigos, armas terrivelmente mortais eram o arco e a flecha. Eles podiam atirar à distância e ao abrigo de uma proteção. Alguns mísseis eram atirados a partir de engenhos especialmente feitos para isso (2 Cr 26.15). Três dos reis de Israel caíram no campo de batalha por terem sido atingidos por arqueiros, a saber, Saul (1 Cr 10.3), Acabe (1 Rs 22.35) e Josias (2 Cr 35.23). Metaforicamente, os ímpios, em posição de emboscada, atiram repentinamente nos inocentes (Sl 64.4 [5]; *cf.* Sl 11.2). De outro lado, também descreve-se Deus ao atirar uma flecha nos ímpios e ferindo-os repentinamente a fim de proteger os justos (Sl 64.7 [8]). Além disso, atirar flechas poderia ser usado como um sinal (1 Sm 20.20; *cf.* 2 Rs 13.17).

yôreh. ***Primeiras chuvas.*** Deus dá as primeiras e últimas chuvas para garantir uma colheita abundante (Dt 11.14). Joel compara as bênçãos futuras com a chegada das primeiras e últimas chuvas (Jl 2.23; *cf.* Os 6.3; Tg 5.7). Deus tornará a dar ao seu povo uma colheita abundante; essa promessa abrange bênçãos tanto materiais quanto espirituais, como, por exemplo, Oséias 10.12: "É tempo de buscar ao SENHOR, até que ele venha e chova a justiça sobre vós."

tôrâ. ***Lei, ensino.*** A palavra é usada 221 vezes.

Ensinar é a tarefa especial da escola de sabedoria, conforme se vê ao longo do livro de Provérbios, e do sacerdócio. Este último deve ensinar uma religião revelada. Os sacerdotes devem ensinar a lei dada por Moisés (Lv 10.11; Dt 33.10); por exemplo, o rei Joás agiu corretamente porque foi instruído pelo sumo sacerdote (2 Rs 12.2 [3]). O sacerdote Esdras ensinou fielmente a Lei de Moisés durante a Festa dos Tabernáculos, no outono, de acordo com as determinações deuteronômicas (Dt 31.9-11; Ed 8.1 ss.). Infelizmente nem sempre os sacerdotes eram fiéis a Deus; ensinavam por dinheiro e tornaram-se mestres de mentiras (Is 9.15 [14]; Mq 3.11). Semelhantemente, um ídolo é visto como "mestre de mentiras" (Hc 2.18 s.).

O ensino está associado com a unção pelo Espírito Santo. Bezalel e Aoliabe foram inspirados a ensinar suas habilidades artesanais de maneira que se pudesse construir o tabernáculo e seus apetrechos (Êx 35.34). O próprio Deus é especificamente descrito como um mestre. Ele ensinou a Moisés tanto o que fazer quanto o que dizer (Êx 4.15). Ele também ensina aos pecadores o caminho da retidão (Sl 25.8) e instrui aqueles que o temem quanto ao caminho que devem escolher (Sl 25.12). Por essa razão, o salmista com

freqüência procura a Deus para que o ensine a guardar os estatutos e a andar no caminho da verdade (Sl 27.11; 86.11; 119.33; *cf.* Jó 6.24; 34.32). Deus promete que, nos últimos dias, dará ao povo de Jerusalém um mestre a quem verão (Is 30.20). As nações também virão a Jerusalém para que Deus as ensine (Is 2.3). Não é de surpreender que Jesus, como Deus encarnado, tenha assumido o título de mestre e desempenhado grande parte de seu ministério como mestre.

Âmbito da Palavra

A palavra *tôrâ* basicamente significa "ensino", quer se refira ao sábio a instruir seu filho, quer a Deus a instruir Israel. Os sábios proporcionam uma compreensão de todos os aspectos da vida, de sorte que os jovens podem saber como se conduzir e como viver uma vida longa e abençoada (Pv 3.1 s.). Com Deus também é assim. Motivado pelo amor, ele revela ao homem a compreensão básica de como viver uns com os outros e como se aproximar de Deus. Através da lei Deus mostra seu interesse por todos os aspectos da vida humana, a qual deve ser vivida debaixo da direção e cuidado divinos. A lei de Deus está em paralelo com a palavra do Senhor para indicar que a lei é a revelação da vontade de Deus (*e.g.*, Is 1.10). Nesse sentido ela se torna a sabedoria e o entendimento da nação, de modo que outros ficarão maravilhados com a qualidade do estilo de vida distintivo de Israel (Dt 4.6). Por tal razão, entende-se que o papel do ensino, com seus resultados na escola de sabedoria e na instrução sacerdotal, e o papel da lei, com seus resultados para todo o povo da aliança, estão bastante ligados.

Especificamente, a palavra "lei" refere-se a qualquer conjunto de regulamentos; por exemplo, Êxodo 12 contém a lei a respeito da observância da Páscoa. Algumas outras leis específicas incluem aquelas a respeito das várias ofertas (Lv 7.37), da lepra (Lv 14.57) e do ciúme (Nm 5.29). A luz disso, por vezes considera-se a lei algo constituído de estatutos, ordenanças, preceitos, mandamentos e testemunhos.

O significado da palavra adquire uma perspectiva mais ampla à luz de Deuteronômio. De acordo com Deuteronômio 1.5, Moisés lança-se a explicar a lei; ali a lei abrangeria a lei moral, tanto em suas formulações apodícticas e casuísticas, e a lei cerimonial. O que há de excepcional em Deuteronômio é que o livro interpreta a lei exterior à luz do efeito desejado nas atitudes interiores do homem. Ademais, o próprio livro mostra que a lei tem um sentido amplo, que abrange a história, as regulamentações e suas interpretações, e exortações. Não é uma mera relação de declarações casuísticas, como no caso do código de Hamurabi. Mais tarde a palavra experimentou uma ampliação de sentido de modo a incluir os primeiros cinco livros da Bíblia em toda a sua diversidade.

Lei e Aliança

A aliança precede a lei; e a lei foi dada apenas à nação que entrou em aliança com Deus [embora, no sentido de princípio moral, a lei seja tão antiga quanto o pecado humano e o governo divino, Gênesis 3.7; 9.6; 26.5. R.L.H.]. A lei são, especificamente, as estipulações da aliança. Mas, no sentido amplo de lei, a saber, de ensino de Deus, a aliança desempenha o papel central. Lei e aliança podem ser paralelas uma à outra (*e.g.*, SI 78.10). Por estarem tão intimamente ligadas, infringir uma é infringir também a outra. A demonstrar a relação entre ambas temos ainda o fato de que as tábuas do testemunho

foram colocadas na arca da aliança e de que uma cópia do livro da lei foi colocada ao seu lado, como testemunho perpétuo da aliança entre Deus e seu povo (Êx 40.20; Dt 31.26).

A lei, bem como a aliança, traz consigo bênçãos e maldições. Aquele que segue seus preceitos será abençoado (Dt 29.9 [8]), mas todo aquele que a violar será amaldiçoado (Dt 29.20-21 [19-20]). Obedecer à lei é fonte de vida; torna a vida uma alegria e prolonga os dias (Dt 6.1-2). De outro lado, sendo um padrão, ela testa Israel para ver se seguirá completamente a Deus ou não (Dt 8.2; Jz 3.4).

Com freqüência o AT diz que Moisés escreveu a lei e refere-se ao livro da lei (*e.g.*, Dt 30.10; 31.9; Js 24.26). Essas referências revelam a importância dada a um código escrito desde o início da história de Israel. Esse código tornou-se o padrão objetivo a partir do qual se interpretava a lei (*cf.* Dt 17.8-11). Além disso, a lei devia ser lida e meditada para que seus preceitos se tornassem uma parte integrante do estilo de vida do povo (*cf.* Js 1.7 s.). Era seu livro-guia; mais do que isso, era sua constituição. Israel era um estado religioso; nessa condição, o documento fundamental que determinava o seu caráter era a lei dada através de Moisés. Por exemplo, o rei devia ter a sua própria cópia e lê-la todos os dias de sua vida, para que aprendesse a temer a Yahweh mediante a guarda de todas as palavras da lei (Dt 17.18-19). Uma vez que a lei escrita era superior ao rei em Israel, o rei jamais poderia tornar-se um deus ou um inovador religioso. Seu direito de governar estava subordinado à lei.

Há numerosas referências à lei escrita ou à lei de Moisés nos livros históricos. Por conveniência e para consulta, podem-se alistar as mais significativas: Deuteronômio 17.18; 28.61; 29.21 [20]; 30.10; 31.9, 24; Josué 1.7, 8; 8.31 s.; 23.6; 1 Reis 2.3; 2 Reis 14.6; 22.8; 23.25; 2 Crônicas 23.18; 30.16; Esdras 3.2; 7.6; Neemias 8.1-2.

O Bem Peculiar dos Sacerdotes

A lei era o bem peculiar dos sacerdotes. Estes deviam ensinar os seus preceitos e seguir suas regulamentações (Dt 17.8-11; 33.10). Eles eram conhecidos como "os que tratavam da lei" (Jr 2.8). Mas, infelizmente, o sacerdócio ficou cego e arrogante. Esqueceram-se de Deus (Os 4.6). Sem dúvida alguma tinham memorizado a lei, mas deixaram de enxergar suas dimensões espirituais. Em vez disso, transformaram-na num meio de aumentar o seu próprio poder e riqueza (Ez 22.26; *cf.* Sf 3.4). Por esse motivo Deus mandou seus profetas para chamar o povo de volta à verdadeira observância da lei (2 Rs 17.13). A tarefa dos profetas era aplicar a lei à sua própria situação. Sua mensagem baseava-se na lei; eles atacavam a aplicação errada que dela se fazia.

A Lei na Época de Esdras e Neemias

Na comunidade pós-exílica liderada por Esdras e Neemias a lei tornou-se o centro da vida da comunidade. Os dois líderes atacaram a vida indulgente e egoísta que as pessoas estavam levando e, mediante o ensino da lei, procuraram fazê-los voltar à verdadeira adoração de Deus. Esdras fez leitura da lei diante da assembléia e interpretou-a de modo que o povo entendesse com segurança a sua aplicação (Ne 8.2-8). Ao ouvir a lei, o povo chorou (Ne 8.9). Mas Neemias e Esdras consolaram o povo e levaram-no a comemorar a festa dos tabernáculos de acordo com a lei (Ne 8.13-17), conforme Moisés ordenara que se fizesse (Dt 31.10-11). A lei foi lida a cada dia da festa (Ne 8.18). Depois disso o povo

se arrependeu de seus pecados e fez uma aliança de seguir a lei na sua inteireza (Ne 9.3; 10.29-31). As atividades desses dois homens levaram o povo de volta a Deus, e o uso que fizeram da lei tornou-se formativo para a vida da comunidade, com efeitos que perduraram mesmo depois da destruição de Jerusalém, em 70 d.C.

Louvor para a Lei

Alguns salmos rendem louvor à lei. O principal deles, é claro, é o salmo 119. O salmista anseia pelo entendimento para que possa guardar a lei, que é objeto de seu deleite e amor (vv. 1, 61, 92). Salmos 19 fala de Deus comunicar sua glória através dos céus e através de sua palavra falada. Esta última comunica direta e especificamente a vontade de Deus. A lei faz a pessoa toda voltar-se para Deus (ARA, "restaura a alma"). Dessa forma ela ilumina, dá sabedoria e é motivo de júbilo (vv. 7-8 [8-9]). Ela também adverte contra o mal e impede que alguém inadvertidamente se afaste de Deus (v. 11 [12]). Não é de admirar que seu valor seja superior ao do ouro mais puro e o seu sabor seja mais doce que o mel (v. 10 [11]).

A Lei na Era Vindoura

Devido à constante desobediência de Israel, os profetas aguardavam uma época em que, uma vez mais, a lei, vinda diretamente de Deus, se espalharia a partir de Jerusalém (Is 2.3). Nessa época o próprio Deus irá tanto ensinar quanto julgar de acordo com a lei. Essa é uma parte da tarefa do servo sofredor, a saber, ministrar juízo de acordo com a verdade e apresentar um novo ensino ou lei (Is 42.3 s.). Esta nova lei ou ensino sobrepujará a lei mosaica porque terá origem num novo líder-profeta. Ela não colidirá com a antiga, mas sobre ela será edificada. Além disso, o seu alcance será universal. Jeremias antevê o estabelecimento de uma nova aliança em que a lei será escrita nos corações (Jr 31.33). Brotando do seu íntimo para o exterior, os homens terão condições de obedecer a Deus. Então concretizar-se-á plenamente o verdadeiro propósito da lei, a saber, conduzir o homem a uma vida frutífera e abundante de comunhão com Deus.

Bibliografia: COLE, R. A. Law in the OT. In: ZPEB, v. 3, p. 883-94. — DAVIES, W. D. *Torah in the Messianic age and / or the age to come*. Society of Biblical Literature, 1952. — JACOB, Edmond. *Theology of the Old Testament*. Trad. por Arthur W. Heathcote e Philip J. Allcock. Harper & Row, 1958. — MANLEY, G. T. *The book of the Law*. Inter-Varsity, 1957. — PAYNE, J. Barton. *The theology of the Older Testament*. Zondervan, 1962. — VRIEZEN, Th. D. *An outline of Old Testament theology*. Branford, 1966. — ZIMMERLI, W. *The Law and the Prophets*. Trad. por R. E. Clements. Oxford: Basil Blackwell, 1965. — ZUCK, Roy B. Hebrew words for 'teach'. BS 121:228-35.

J.E.H.

911 יָרַה (*yārah*). Usado apenas uma vez (Is 44.8). Palavra que provavelmente deve ser lida como derivada de *yārē'*, "ter medo" (como nos MMM).

יָרוֹק (*yārôq*). Veja o nº 918c.

912 יְרוּשָׁלַיִם (*y'rûshālayim*), יְרוּשָׁלֵם (*y'rushālam*) *Jerusalém*.

Antiga cidade do sul de Canaã, capital da dinastia davídica e centro religioso do judaísmo até sua rejeição de Jesus e sua conseqüente destruição por Tito em 70 d.C. Era vista também como um símbolo da igreja cristã, foi profetizada como o centro do futuro reino messiânico e é o protótipo da derradeira Nova Jerusalém, que vem após o juízo divino final. Mencionada pelo nome 669 vezes no AT apenas, Jerusalém é a cidade de maior significado no mundo (Sl 48.1-2 [2-3]). Foi o local da habitação de Deus na terra (1 Rs 8.13), o cenário da ressurreição de Cristo (Lc 24.47) e será o local de sua volta gloriosa (Zc 14.5).

Embora objetos do período paleolítico tenham sido recuperados a sudeste da atual Jerusalém, parece que o povoamento urbano teve início com os cananeus da Idade do Bronze Antiga (3000-2000 a.C.). A escolha do local parece ter sido ditada pela presença de um entroncamento de estradas, a vantagem militar do monte Ofel, ou Sião, e a água perene da fonte de Giom, no vale de Cedrom, a leste da cidade. A primeira menção da cidade ocorre no final desse período, quando Abraão dá honras ao rei-sacerdote de Jerusalém, Melquisedeque (Gn 14.20), que é um tipo de Cristo (Sl 110.4; Hb 7) em sua dupla função. No monte adjacente de Moriá (2 Cr 3.1) Abraão estava disposto a oferecer seu filho Isaque como um sacrifício a Deus (Gn 22.2, aproximadamente 2050 a.C.).

Conforme relatos preliminares, a cidade é mencionada pela primeira vez nas tabuinhas de Ebla (KITCHEN, K. A. *The Bible in its world*. Paternoster, 1977. p. 53). É então mencionada nos Textos Egípcios de Execração da Décima Segunda Dinastia, da Idade do Bronze Média (2000-1600), como *Urusalimum*, "alicerce (?) de Salém". Essa forma provavelmente deve ser lida nas cartas de Amarna (século catorze a.C.) como *Ursalimmu*. Portanto, em hebraico antigo a palavra era pronunciada *yerushalem*, com o provável sentido de "alicerce de Salém", em que *shalem* seria um deus conhecido a partir de um texto mitológico ugarítico, mas que em hebraico veio a significar paz ou segurança.

Sua designação inicial na Bíblia, no texto mosaico de Gênesis (aproximadamente 1450 a.C.), é simplesmente "Salém" (14.18; *cf.* Sl 76.2 [3]), *shālēm*, que significa "completo, próspero, pacífico". Sua forma em aramaico bíblico, *y'rûsh'lem* (Dn 5.2), e na LXX, *ierousalēm*, é, portanto, provavelmente mais correta do que o hebraico medieval dos massoretas, *y'rûshālayim*, que talvez tenha sido influenciado por *mitsrayim*, o substantivo dual que designa o Egito.

Embora capturada por Josué na Idade do Bronze Recente (Js 10.1) e ocupada durante um breve período após a sua morte (Jz 1.8, aproximadamente 1390 a.C.), Jerusalém continuou em mãos cananéias (jebuséias) (1.21) até sua captura por Davi em 1003 a.C. (2 Sm 5.6-9). Ao trazer a arca da aliança para uma tenda especial (6.17), Davi fez de Sião o trono da presença de Deus (Sl 132.13). Em 959 a.C. Salomão concluiu a construção do templo definitivo, que, embora destruído por Nabucodonosor em 586 a.C., foi reconstruído por Zorobabel, 520-515 a.C., no qual mais tarde Jesus entrou com a verdadeira paz de Deus (Ag 2.9). Dessa forma Jerusalém é "a cidade do grande Rei" (Sl 48.2 [3]; Mt 5.35). Parece que "nascer em Sião" equivalia a ter participação na salvação divina (Sl 87.45), não importando a real nacionalidade da pessoa (v. 6; *ICC*, *Psalms*, v. 2, p. 240; *cf.* Gl 4.26). O nome da cidade passa a designar o próprio céu (Hb 12.22-23).

Bibliografia: KENYON, K. *Jerusalem: Excavating 3000 years of history*. McGraw-Hill, 1967. — PAYNE, J. B. Jerusalem. In: *ZPEB*. — SIMONS, J. *Jerusalem in the OT*. Brill, 1952. — YADIN, Yigael, ed. *Jerusalem revealed*. Yale, 1976.

J.B.J.

913 יָרַח (*yrh*). **Aceita como raiz de:**

913a יְרֵחַ (*yārēah*) ***lua.***

913b יֶרַח (*yerah*) ***mês.***

yārēah. ***Lua.*** A palavra ocorre 27 vezes. "A lua", que freqüentemente está em paralelo com "o sol", foi criada por Deus para governar a noite e para indicar as estações, especialmente as ocasiões das festas (Sl 104.19; 136.9). No oriente médio a lua proporciona luz suficiente para a realização de muitas tarefas, e durante a lua cheia é possível viajar à noite. Pessoas com certos distúrbios mentais eram consideradas por alguns como atormentadas pela lua (Sl 121.6). [Em gr. a palavra que algumas versões trazem como "epilético" (TB) deriva de palavras que significam atormentado pela lua, ou "lunático" (ARA; Mt 4.24). A etimologia da palavra não é, necessariamente, um argumento a favor da idéia de que naquela época se pensava que a lua causava tal enfermidade. *Cf.* a nossa palavra "lunático", que em sua etimologia reflete noções muito mais antigas. Obviamente a lua não causa dano algum, mas, conforme observado por Dahood (*Psalms*. In: *AB*, v. 3, p. 202), muitos antigos não criam assim. Davi declara que ela não pode fazer dano ao crente. Também é possível que Davi tivesse em mente as divindades pagãs: o deus-sol e o deus-lua são irreais. R.L.H.] A lua era vista como algo que tinha um efeito poderoso sobre a vida.

Sin, o deus-lua, era a principal divindade adorada em Ur, no sul da Babilônia e em Harã, no noroeste da Mesopotâmia. Ele estava associado com a ordem e a sabedoria. Essas duas cidades estiveram profundamente ligadas à vida de Abraão antes de ele partir para seguir a Deus. Os movimentos da lua eram cuidadosamente observados e faziam-se vários presságios com base em sua relação com o sol, considerado seu filho. Um eclipse era um mau presságio, e realizavam-se rituais especiais para evitar qualquer calamidade. Por esse motivo, a crença no deus-lua tinha uma profunda influência na vida no antigo Oriente Médio. Tal adoração era, no entanto, estritamente proibida em Israel (Dt 4.19). Qualquer um que fosse levado a esse ato de idolatria incorria na penalidade de apedrejamento (Dt 17.3 ss.). Jó, para afirmar sua inocência, declarou que jamais fora seduzido por qualquer um desses corpos celestes, inclusive a lua (Jó 31.26 ss.).

Em Israel constantemente declarava-se que a lua era criação de Yahweh. Ela não tinha nenhum poder externo. Por esse motivo, aquele que peregrinava para Jerusalém não precisava ficar com medo de ser atormentado pela lua, pois com toda certeza Yahweh o protegeria (Sl 121.6). Na condição de criatura de Yahweh, a lua deve louvá-lo (Sl 148.3). Por estar a lua sujeita a Yahweh, Josué pôde dar ordens a ela e ao sol para pararem enquanto ele terminava a batalha (Js 10.12 s.).

Quando o dia do Senhor vier, todos os corpos celestiais serão afetados. Joel fala de o sol e a lua tornarem-se escuros (Jl 2.10; 3.15 [4.15]) e de a lua transformar-se em sangue (2.31 [3.4]; *cf.* Mc 13.24; Lc 21.25; Ap 6.12). Isaías 13.10 confirma que a lua não dará a sua luz durante o dia de Yahweh. Isaías antevê que na era vindoura não haverá

qualquer necessidade seja do luar seja dos dias e estações assinalados pela lua (Is 60.19 s.).

E interessante que a aliança com a casa de Davi para esta governar Israel é apresentada firmemente estabelecida, como a lua (Sl 89.37 [38]). Sem dúvida alguma nisto há uma indicação tanto da certeza quanto do caráter temporário dessa aliança. Enquanto houver lua, a aliança permanecerá firme, mas na era vindoura, quando já não houver mais necessidade da lua, também não haverá necessidade daquela aliança.

yerah. *Mês.* Aramaico, "lua nova", também em ugarítico. Este substantivo é usado 12 vezes. A unidade básica de tempo no mundo semítico é o mês (com maior freqüência denominado *hōdesh*, *q.v.*), especialmente para assinalar festas. Entre os nomes dos meses que se fazem acompanhar de *yerah* estão *ziw*, segundo mês (1 Rs 6.37); *'etānîm*, sétimo mês (1 Rs 8.2); e *bûl*, oitavo mês (1 Rs 6.38). Os nomes desses três meses, juntamente com um quarto, *'ābîb*, são provavelmente os antigos nomes cananeus. Dois deles (*bûl* e *'ētānîm*) são também encontrados em fenício. Com maior freqüência o AT indica o mês por um número — por exemplo, sétimo mês, *etc.* Nos livros exílicos e pós-exílicos (Et, Ne, Zc) mencionam-se os nomes babilônicos nisã, sivã, elul, quisleu, tebete e sebate. Os hebreus contavam o tempo com base no mês lunar, mas, para manter o sincronismo com o calendário solar, acrescentavam um mês intercalar a cada três anos. Dessa forma a festa da primavera sempre acontecia na primavera, e as festas de inverno, no inverno. Veja também *hôdesh*, nº 613b.

Um "mês de dias" (lit.; ARA, "mês") significava um mês completo; uma jovem cativa tinha permissão para prantear a morte dos pais durante um mês inteiro antes de ser desposada (Dt 21.13). O número de meses cumpridos talvez indique o tempo que leva para um animal nascer (Jó 3.6; 39.2). Semelhantemente, com respeito à colheita, a palavra aparece na bênção dada a José, a saber. ele há de ser abençoado "com o que é mais excelente daquilo que o sol amadurece, e daquilo que os meses produzem" (Dt 33.14). A duração de certos acontecimentos é contada pelo número de meses. A mãe de Moisés escondeu-o em casa durante três meses (Êx 2.2). Salum reinou um mês em Samaria (2 Rs 15.13; *cf.* Zc 11.8). Nesses casos "mês" indica um período curto de tempo, mas, quando empregado para referir-se ao sofrimento ou aos anseios de alguém, aponta para um longo período. Jó lamentou "assim me deram por herança meses de desengano, e noites de aflição me proporcionaram" (Jó 7.3), e "Ah! quem me dera ser como fui nos meses passados, como nos dias em que Deus me guardava!" (Jó 29.2).

Bibliografia: CONTENEAU, George. *Everyday Life in Babylon and Assyria*. Norton, 1966. — HOOKE, S. H. *Babylonian and Assyrian religion*. Londres, Hutchinson House, 1953. — LILLEY, J. Calendar. In: *ZPEB*.

J.E.H.

914 יָרַט (*yārat*) ***agir irrefletidamente, precipitar (algo).*** (Nm 22.32).

יָרִיב (*yārîb*). Veja o nº 2 159b.

915 יְרִיחוֹ (*yᵉrîhô*), יְרִיחֹה (*yᵉrıhōh*), יְרֵחוֹ (*yᵉrēhô*) ***Jerico.***

Em suas várias formas, o nome próprio aparece 38 vezes. Jerico encontra-se

localizada aproximadamente 270 metros abaixo do nível do mar e 16 quilômetros ao norte do mar Morto. Sua planície é verdejante devido a um manancial de águas abundantes, conhecido como a Fonte de Eliseu. Seu clima é quase sempre moderado e seco, agradável no inverno e quente no verão. Com sua localização a cidade controlava as estradas menos usadas que percorriam a Arabá e também um vau permanente no rio Jordão. A colina conhecida como Tell es-Sultan é a Jerico do AT e é uma das mais antigas cidades muradas que se conhece, remontando a pelo menos o oitavo milênio a.C.

Depois da longa peregrinação pelo deserto os israelitas, comandados por Josué, atravessaram o Jordão e acamparam-se em Gilgal. Para consolidar sua posição, tinham de capturar Jerico, uma cidade que à época tinha uma área entre vinte mil e trinta e dois mil metros quadrados e era cercada de muros inacessíveis. Os israelitas marcharam ao redor da cidade durante seis dias consecutivos. Ao sétimo dia, marcharam sete vezes em torno da cidade; então, na sétima vez, através da intervenção miraculosa de Deus em meio ao toque de trombetas e ao grito do povo, os muros ruíram, provocando o caos total entre os moradores de Jerico e a sua derrota (Js 6). A família de Raabe escapou apenas devido à fé daquela mulher e ao fato de ter tomado posição ao lado de Israel (Js 6.22 s; Tg 2.25). Em seguida a cidade foi queimada, mas os utensílios de valor passaram a fazer parte dos tesouros da casa do Senhor (Js 6.24). A queda de Jerico tornou-se um símbolo do poder de Deus e de seu propósito de dar a terra aos israelitas, estabelecendo firmemente a liderança de Josué como o sucessor de Moisés. A maneira decisiva como ela foi tomada tornou-se o padrão para ataques futuros. Ai deveria ser capturada do mesmo modo (Js 8.2). Esses feitos poderosos também davam testemunho aos habitantes de Canaã de que Israel era uma força a ser levada em conta, pois Deus estava ao seu lado. Os homens de Gibeom perceberam isso, enganaram os israelitas quanto à verdadeira localização de sua cidade e fizeram aliança com Josué (cap. 9). Depois de Adoni-Zedeque, rei de Jerusalém, ficar sabendo o que havia acontecido com Jerico e Ai, ele convocou a Jerusalém um grupo de reis para formar uma coalizão e planejar um esforço militar combinado contra Israel. Com a ajuda de Deus, aquela coalizão foi estrondosamente derrotada, e os reis, mortos (Js 10.1-28).

Escavações feitas por Garstang e K. Kenyon em Jericó trouxeram a lume artefatos significativos e suscitaram um imenso debate sobre a queda da cidade diante dos israelitas. Garstang defende que a queda teria ocorrido perto do fim do século XV a.C., e Kenyon, perto do fim do século XIV. Entretanto, Kenyon afirma que não existe quase nenhum vestígio da cidade que foi tomada por Josué; por essa razão o arqueólogo não tem muitas condições de lançar luzes sobre aquela cidade ou sobre a data exata de sua queda.

À derrota de Jerico seguiu-se a maldição lançada por Josué contra todo aquele que ousasse reconstruí-la (Js 6.26). Nos dias do rei Acabe, o betelita Hiel lançou-se a essa empreitada, e isso custou a vida de seus dois filhos (1 Rs 16.34). A cidade, segundo se menciona, era a fronteira entre Benjamim e José e pertencia a Benjamim (Js 16.1, 7; 18.12). Nessa área, à época de Davi, havia uma povoação, pois os servos de Davi recuperaram-se ali da humilhação sofrida nas mãos de Hanum, rei de Amom (2 Sm 10.1-5). Além disso, durante os dias de Elias e Eliseu ali esteve instalada uma escola de profetas, e Eliseu miraculosamente curou a fonte que tinha-se tornado salobre (2 Rs 2.5, 19-22).

Bibliografia: GARSTANG, John, & J. B. D. *The story of Jericho*. Londres: Marshall, Morgan and Scott, 1948. — GARSTANG, John. The walls of Jericho. *Palestinian Exploration Quarterly* 63:186-96. — KENYON, Kathleen M. *Digging up Jericho*. Londres:

Ernest Benn, 1957. — SMICK, E. B. *Archaeology of the Jordan valley*. Baker, 1972, p. 63-6. — VINCENT, L. H. The chronology of Jericho. *Palestinian Exploration Quarterly* 63:104s.

J.E.H.

יְרִיעָה (*yᵉrîʿâ*). Veja o nº 917a.

916 יָרַךְ (*yrk*). Aceita como raiz de:

916a יָרֵךְ† (*yārēk*) *coxa, lombo.*

916b יַרְכָה† (*yarᵉkâ*), יְרֵכָה (*yᵉrēkâ*) *flanco, lado.*

yārēk. *Coxa, lombo, lado, pedestal.* A expressão "que saíram da sua coxa" (IBB) significa "descendência" (*e.g.*, Gn 46.26; *cf.* ARA); veja também Juízes 8.30. A coxa simboliza o que se poderia chamar de parte firme do homem (*e.g.*, o lugar de cingir a espada; *cf.* Jz 3.16, 21) e a fonte da vida. Dessa maneira, a mão colocada sob a coxa sinalizava o mais solene do juramento, especialmente durante a época patriarcal (*cf.* Gn 24.9). E bater na coxa tinha o sentido de profundo arrependimento (Ez 21.12 [21]; Jr 31.19). Os hebreus reconheceram a beleza da coxa feminina (Ct 7.1 [2]). No entanto, uma mulher que, por desconfiança do marido, fosse acusada de adultério tinha de beber água amarga e pronunciar uma maldição. Caso fosse culpada, seu corpo incharia e sua coxa descairia (Nm 5.21 s.); talvez isso indique o aborto espontâneo de um filho ilegítimo. A palavra também refere-se ao "lado" do tabernáculo (Êx 40.22) e do altar (Lv 1.11) e ao pedestal do candelabro (Êx 25.31).

Não é de admirar que o anjo, em sua luta com Jacó em Peniel, atingiu a coxa de Jacó. Ele demonstrou sua força superior e indicou que a própria base da vida de Jacó fora mudada, o que foi também indicado pela mudança do nome do patriarca. Um lembrete permanente desse acontecimento foi dado a Jacó por ter de coxear constantemente e à nação por ser proibida de comer o tendão da coxa (Gn 32.25, 31 s. [26, 32 s.]).

yarkâ. *Flanco, lado, parte posterior, extremidades, partes mais intimas, profundezas, regiões longínquas.* Aparece 28 vezes. A palavra refere-se ao lado de trás ou mais distante de qualquer coisa. É empregada para indicar os fundos de uma edificação, a extensão de uma fronteira (Gn 49.13), região interiorana (Jz 19.1), a parte mais profunda de uma caverna e as partes internas de um navio (Jo 1.5). "Ao mais interior do Líbano" indica onde os cedros cresciam (2 Rs 19.23). O Sheol é chamado de as profundezas da cova (Is 14.15; TB, "extremidades do abismo"; *cf.* Ez 32.23).

As regiões mais remotas, especialmente o norte longínquo, são vistas como afastadas de Deus. Todos os países, à exceção do Egito, tinham de chegar a Jerusalém vindos do norte, por causa do deserto e do mar. Conseqüentemente, imaginavam-se os inimigos de Deus, naquelas regiões remotas, a reunirem-se e a planejarem seu ataque contra Jerusalém. Jeremias anteviu a destruição que se avizinhava de Jerusalém como "uma grande nação [que] se levanta dos confins da terra" (Jr 6.22; *cf.* 25.32; 50.41; Ez 38.6, 15; 39.2). As regiões longínquas podem-se estender mesmo fora do globo terrestre. A Babilônia, planejando dominar o mundo inteiro, declarou: "no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do norte" (Is 14.13).

917 יָרַע (*yāra'*)

Embora as regiões longínquas sejam um refúgio para os adversários de Deus, ainda assim eles jamais estão fora do controle divino. Desde os pontos mais remotos da terra Deus trará seu povo de volta (Jr 31.8). O monte Sião é posto figuradamente no extremo norte para mostrar que a cidade de Deus governa o mundo inteiro (Sl 48.2 [3]). [Com uma menor ênfase usa-se também a palavra para significar simplesmente "fim", "parte final" (Êx 26.22-23, *etc.*; *cf.* BJ, "fundo da Habitação"; 1 Rs 6.16; Ez 46.19). É possível que o sentido de Salmos 48.2 [3] seja apenas de que o templo situava-se no lado norte de Jerusalém, embora um ponto de vista comum seja que Sião é figuradamente colocado no extremo norte. Uma variante desse ponto de vista é que Sião é figuradamente semelhante ao monte Zafom, que fica também ao norte e é sagrado para os fenícios. R.L.H.]

J.E.H.

917 יָרַע (*yāra'*) ***estremecer,*** somente na frase *napshô yār'â lô*, "a sua alma treme dentro dele", isto é, está aterrorizada e aflita.

Termo Derivado

917a †יְרִיעָה (*y'rî'â*) ***cortina.***

Palavra que ocorre 51 vezes. Visto que tendas eram feitas de cortinas, essas duas palavras são muitas vezes paralelas no AT. A cor das tendas era bastante escura (Ct 1.5), e as crianças ajudavam a armá-las (Jr 10.20). Em tempos de guerra, juntamente com a totalidade dos rebanhos e demais bens, as cortinas eram mantidas como despojo (Jr 49.29; 4.20). O tabernáculo era feito de dez cortinas tecidas com linho retorcido e estofo azul, púrpura e carmesim (Êx 26.1). As cortinas eram mantidas presas mediante uma série de laçadas. Uma cobertura sobre o tabernáculo consistia em 11 cortinas feitas de pêlos de cabra; uma meia-cortina pendia sobre os fundos do tabernáculo. Imaginava-se a arca da aliança em meio a cortinas (2 Sm 7.2; 1 Cr 17.1; ARA, "tenda"). Em linguagem simbólica descreve-se Deus a estender os céus como uma tenda (ou cortina, Sl 104.2). Com essa expressão sugere-se quase nenhum esforço de sua parte, e, ao mesmo tempo, com isso enfatiza-se o seu controle total.

É de algum interesse que todas as cortinas do tabernáculo tinham quatro côvados (1,8 m) de largura (o que era a largura padrão de um tear egípcio horizontal), com exceção das cortinas que ficavam pendentes no pátio, que tinham cinco côvados de largura. O côvado a mais pode ter sido acrescentado a partir de um pedaço de pano tecido no tear manual baixo, que tinha aproximadamente um côvado de largura.

Depois do grande ato salvífico de Deus através do servo sofredor, antecipa-se o resultado de tal ato na ordem dada a Israel: "Alarga o espaço da tua tenda; estenda-se o toldo da tua habitação" (Is 54.2). Essa exortação significa que o número de pessoas alcançadas pela revelação de Deus torna-se cada vez maior.

Bibliografia: DICKSON, H. R. P. The tent and its furnishings. In: *People and Cultures of the Middle East*. Ed. por Ailon Shiloh. Random House, 1969.

J.E.H.

918 יָרַק (*yrq*). **I. Aceita como raiz de:**

918a יֶרֶק (*yereq*) ***verde, verdor.***
918b יָרָק (*yārāq*) ***erva, verdura.***
918c יְרוֹק (*yārôq*) ***coisa verde*** (somente em Jó 39.8).
918d יֵרָקוֹן (*yērāqôn*) ***míldio, palidez.***
918e יַרְקְרַק (*y'raqraq*) ***esverdeado, verde claro.***

919 יָרַק (*yāraq*) ***II, cuspir.***

יֵרָקוֹן (*yērāqôn*). Veja o nº 918d.

יַרְקְרַק (*y'raqraq*). Veja o nº 918e.

920 יָרַשׁ (*yārash*) ***tomar posse de, desalojar, herdar, deserdar, ocupar, apoderar-se de, ser herdeiro, empobrecer*** (qal); ***empobrecer, ser (estar) pobre*** (nifal); ***devorar*** (piel; Dt 28.42, o gafanhoto devora as árvores e o que brota do chão); ***herdar, expulsar, lançar fora, desalojar, destruir, tornar pobre*** (hifil).

Termos Derivados

920a יְרֻשָׁה (*y'rēshâ*) ***possessão,*** somente em Números 24.18.
920b יְרֻשָׁה (*y'rushshâ*) ***possessão, herança.***
920c †רֶשֶׁת (*reshet*) ***rede.***
920d †מוֹרָשׁ (*môrāsh*) ***possessão.***
920e †מוֹרָשָׁה (*môrāshâ*) ***possessão.***

Com seus derivados (à exceção de *reshet*) a palavra é usada 260 vezes. Em questões civis o verbo significa tornar-se herdeiro (*cf.* Jr 32.8). No linguajar militar tem o sentido de obter o controle de uma determinada região mediante a conquista e a expulsão de seus atuais moradores. À luz disso, a palavra veio a ter o sentido de "desalojar", "expulsar". "lançar fora" e "apoderar-se de".

Possessão e Aliança

Na história de Israel, no contexto de aliança, a raiz tem duplo significado: herdar e desalojar. Deus fez com Israel uma aliança segundo a qual eles se tornariam o povo especial e particular de Deus (*e.g.*, Êx 19.5 s.). Do lado de Israel um benefício importante foi a promessa de uma herança, a saber, uma terra onde eles poderiam se desenvolver e se tornar uma nação santa (Gn 15.8; Êx 6.8). Israel, porém, tornou-se povo ainda no Egito, antes de ocupar uma terra. Por isso, para tornar-se uma nação, tinha de obter a posse de uma terra. Os israelitas partiram do Egito, aceitaram a aliança no Sinai e então prosseguiram para tomar a Palestina como sua possessão. No entanto, passaram-se 40 anos entre o Sinai e a primeira tentativa bem-sucedida de conquista.

O Tomar Posse da Terra Segundo Deuteronômio

O livro de Deuteronômio foi escrito à luz do fato de que o povo, depois de longos anos no deserto, estava na iminência de iniciar a conquista. Conseqüentemente o maior número de ocorrências de *yārash* aparece em Deuteronômio. O programa de conquista descrito em Deuteronômio enfatiza que o povo tinha de viver de acordo com a lei dada no Sinai, a fim de contar com a ajuda divina na conquista (Dt 6.17 ss.). Acima de tudo, tinha de cuidar de levar uma vida justa (Dt 16.20). Dessa maneira Deus se obrigava a ajudá-lo a derrotar as nações e possuir a terra (Dt 12.29). No entanto, antes de Deus poder agir, era imperativo que o povo viesse até a terra, isto é, tinha de responder com fé, esperando que Deus vencesse os inimigos enquanto o povo arriscava a própria vida no campo de batalha. Em outras palavras, tinha de se apresentar para receber a promessa. Enquanto fosse obediente, Deus iria adiante dele para desalojar os moradores da terra, embora fossem em maior número e mais poderosos do que Israel (Dt 7.1; 11.23; 31.3; Sl 44.2 s. [3 s. Deuteronômio antevia que, se necessário, Deus expulsaria os moradores de forma espetacular, como, por exemplo, enviando "vespões" entre as nações (Dt 7.20). Aqui residia o equilíbrio crucial entre a ação divina e a participação ativa do povo, sendo que ambas eram necessárias para alcançar o propósito divino (Dt 9.3). Não havia dúvida alguma de que era Deus que dava ao povo a terra e a vitória para possuí-la; no entanto, o povo tinha de responder com uma participação ativa, tomando posse para que o plano de Deus se concretizasse. Ademais, Deus agia através de seu povo, mas também através da natureza e das circunstâncias, de maneira que o resultado alcançado fosse o melhor.

Havia uma base plenamente moral para a conquista. Gênesis diz que Abraão não poderia possuir a terra porque o pecado dos amorreus ainda não estava completo (Gn 15.16). Levítico 18.24-30 ensina que a moralidade de um povo permite-lhe ocupar a terra, ou então faz com que a terra o expulse. A razão de Israel possuir Canaã mediante o desalojamento dos amorreus era que o pecado de seus moradores abundou a tal ponto que Deus já não lhes permitiu ocupar aquela terra. A luz disso, Israel tornou-se o meio do julgamento de Deus àquelas nações (Dt 9.1-5; 18.12). Assim como, mais tarde, a Assíria foi a vara divina para a punição de Judá (Is 10.5 s.), Israel não teve permissão para expulsar os amorreus por ser maior ou mais nobre do que estes; antes, estando exclusivamente debaixo da soberania de Deus, é que Israel serviu como instrumento divino de juízo e, estando exclusivamente debaixo do seu amor, tornou-se aquele que recebeu a herança (Dt 4.37 s.). Existe um claro padrão teológico estabelecido aqui. Aliança resulta em herança, mas é preciso vir até a herança a fim de obtê-la. E deve-se estar disposto a enfrentar todos os adversários para obter a herança. E, no entanto, na realidade é Deus quem derrota os adversários e permite a obtenção da herança.

[Pode-se encontrar no plano secular ainda outra justificativa. Nos séculos XV e XIV a.C. Canaã era nominalmente parte do império egípcio, que então estava perdendo seu controle sobre a região. Os israelitas haviam pago com um serviço extenuante no Egito cada côvado da terra que o Senhor lhes deu em Canaã! R.L.H.]

Depois de possuírem a terra mediante a expulsão e destruição de seus habitantes, os israelitas deviam nela se instalar e criar um estilo de vida baseado na obediência ao amor de Deus (Dt 11.31 s.). Para esse estilo de vida se concretizar, eles receberam a lei como possessão (Dt 33.4). Mantendo-se este modo de vida, a terra seria deles para sempre (1 Cr 28.8). O seu direito à propriedade da terra era eterno, mas o direito de ocupá-la dependia de sua obediência a Deus. Caso se desviassem de Deus e seguissem práticas

pagãs abomináveis, perderiam o direito de viver ali. No entanto, enquanto fossem obedientes a Deus, ele lhes permitia que continuassem ocupando a terra ao ajudá-los a vencer os inimigos (*e.g.*, 2 Cr 20.5-17).

A Resposta de Israel

Sob o comando de Josué, Israel expulsou muitas nações e ocupou grandes áreas da terra (Js 12). Entretanto, ficou muita terra por ser possuída (Js 13.1-6; Jz 1). Deus usou as nações que permaneceram para testar Israel a fim de determinar se a obediência de Israel à lei era total (Js 23.12 s.; Jz 2.3, 21 ss.). Quando Israel caiu na falsa adoração, tornou-se fraco e enfrentou a ira de Deus, que levou essas nações a oprimir Israel. Mas, quando eles se voltavam para Deus, ele lhes dava livramento. Esse padrão de comportamento prosseguiu até Israel cair cativo diante da Babilônia (Ne 9.26-31). Antes disso eles sofreram toda espécie de infortúnios, que tinham como objetivo levá-los ao arrependimento. Mas a maioria do povo continuou obstinadamente a agir em desobediência; por essa razão Deus permitiu que outras nações possuíssem os israelitas como justo castigo (Ez 7.24; 33.23-24). Sob o domínio persa, um remanescente voltou para instalar-se na terra, mas, o fato de continuarem na posse da terra dependia da sua obediência à lei de Deus (*cf.* Ed 9.10-15).

O Conceito de Possessão Generalizado em Salmos

Os Salmos desenvolvem este tema de viver na terra ao enfatizarem que a possessão da terra pertence àqueles que temem ao Senhor (25.12 s.), aos que esperam no Senhor (37.9), aos mansos (37.11), àqueles abençoados pelo Senhor (37.22) e aos justos (37.29). Aqueles que entram em aliança com Deus recebem uma herança, mas devem agir para tomar posse dela e devem ter uma vida direita para manter a sua herança. Sem dúvida alguma essa idéia fornece o contexto para as palavras de Jesus em Mateus 5.5: "Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra."

Seu Uso Escatológico

Os profetas retomam os temas que giram em torno de *yārash* à medida que antevêem Deus estabelecendo seu reinado no fim dos tempos. O povo experimentará um novo êxodo e novamente possuirá a terra (Jr 30.3). Isaías olha para a época em que os descendentes de Israel possuirão as nações, isto é, em vez de derrotar as nações em combate, estas também se tornarão povo de Deus (Is 54.3; *cf.* Am 9.12). Uma vez que o povo de Deus experimentará uma transformação de modo a poder seguir o que é reto, ele sempre manterá a terra (Is 60.21). Essa idéia é mantida na nova aliança, na qual o povo da fé tem a promessa de uma herança, e, ao mesmo tempo, antes que essa herança seja desfrutada na sua plenitude, é preciso que se realize a conquista final de seu maior adversário, Satanás.

môrāsh. ***Possessão.*** Em Jó 17.11 *môrāshê l'bābî* (lit., "as possessões do meu coração") é traduzido como "as aspirações do meu coração" (ARA; TB, "pensamentos do meu coração"; *BDB* traz "meus pensamentos acalentados").

môrāshâ. ***Possessão, herança*** (TB; *cf.* Ez 33.24, ARA, "possuir"). Veja também Êxodo 6.8 (ARA, "possessão"; TB, "herança").

reshet. ***Rede.*** Aparece 22 vezes. "Rede" é um instrumento usado para apanhar caça, tais como aves (Pv 1.17); era feita de cordas entrelaçadas. Às vezes estendia-se a rede sobre uma cova; o animal ficava preso na rede quando caía no buraco. Também indica a grelha de bronze colocada sob o altar e que se estendia até a metade da altura entre o chão e o altar (ou até o meio do altar?) e tinha quatro argolas de bronze em seus cantos (Êx 27.4 s.; 38.4 s.). A expressão "uma grelha de bronze em forma de rede" é tradução de *mikbār ma'ăseh reshet n'hōshet*, literalmente "uma grelha, obra de rede de bronze" (Ex 27.4).

Emprega-se a palavra metaforicamente para descrever pessoas que são pegas numa armadilha por seus inimigos. Os ímpios estendem redes para sobrepujar os justos (Sl 140.5 [6]), e os arrogantes lançam uma rede com suas adulações (Pv 29.5). Entretanto, eles freqüentemente vêem-se pegos por suas próprias ações (Jó 18.8). Sacerdotes e governantes também estendem uma rede para o povo ao enredá-lo no pecado (Os 5.1). Por outro lado, Deus estende uma rede para apanhar a desobediente Israel (Os 7.12; Ez 12.13; 17.20; *cf.* 19.8) e Faraó (Ez 32.3). Isso significa que Israel será levado em cativeiro. Essa ilustração baseia-se na vida real, pois uma pintura em *ANEP* (nº 288) mostra um rei mesopotâmico que mantém cativos seus inimigos com o auxílio de uma rede (*cf.* Lm 1.13). Os justos. porém, escapam da rede dos ímpios ao confiadamente clamarem a Deus, que é o seu refúgio (Sl 25.15; 31.4 [5]).

Bibliografia: MILLER, Patrick D. The gift of god: the deuteronomic theology of the land. *Interp* 23:451-65. — RICHARDSON, *TWB*, p. 112. — WEINFELD, Moshe, *Deuteronomy and the deuteronomic school*. Oxford: Clarendon, 1972.

J.E.H.

יִשְׂחָק (*yishāq*). Veja o nº 1 905b.

921 יֵשׁ (*yēsh*) ***existência, existe(m).***

Como substantivo esta palavra ocorre apenas em Provérbios 8.21, onde a ARA traz "bens", e a EP, "riquezas". Nas demais passagens aparece como partícula que chama a atenção para a existência ou presença de um objeto ou qualidade, o oposto da partícula negativa *'ayin*. Em geral segue-se-lhe um substantivo; por exemplo, "havia mantimento no Egito" (Gn 42.1). É dessa forma usada para chamar a atenção para a presença dinâmica de Deus com seu povo neste mundo (*cf.* 1 Sm 17.46; Gn 28.16). Às vezes, para maior ênfase, um substantivo precede *yēsh* (*e.g.*, 1 Sm 21.4 [5]). Com um particípio esta partícula enfatiza que existe alguém que exibe a ação ou qualidade denotada pelo verbo, por exemplo, "há o que finge ser rico e nada tem" (*yēsh mit'ashshēr*, BJ, Pv 13.7). A palavra também pode levar um sufixo pronominal e vir seguida pelo verbo para indicar que a ação denotada por esse verbo está, na realidade, sendo realizada por aquela pessoa (*e.g.*, Gn 24.42, 49). Depois de perguntas, a partícula pode vir sozinha para indicar uma resposta afirmativa (*cf.* 1 Sm 9.11 s.). Entretanto, quando usada numa pergunta, pode expressar uma dúvida sobre aquilo de que se pergunta; por exemplo, "Acaso haverá entre os ídolos dos gentios algum que faça chover?" (Jr 14.22).

Com freqüência a partícula é seguida da preposição *l* para indicar possessão; por

exemplo, "tenho fartura" (lit., "há para mim tudo", Gn 33.11). Com o infinitivo precedido de *l* sugere a possibilidade da ação indicada pelo verbo (*e.g.*, 2 Cr 25.9). Também aparece com outras preposições e advérbios de lugar (*e.g.*, Jo 4.11; Jz 4.20). Usado com *'et* ou *'im* (ambas as preposições têm o sentido de "com"), a partícula indica companhia. *yēsh 'ăsher*, em Números 9.20 s., é traduzido por "às vezes". De interesse é a expressão *'im yēsh 'et-napsh'kem*, "se me permitis" (EP) ou "se é do vosso agrado" (ARA, Gn 23.8), literalmente "se existe com a vossa alma".

J.E.H.

922 יָשַׁב (*yāshab*) ***sentar-se, permanecer, habitar.***

Termos Derivados

922a שֶׁבֶת (*shebet*) ***assento, morada.***

922b שִׁבְחָה (*shîbâ*) ***peregrinação,*** somente em 2 Samuel 19.32 [33].

922c מוֹשָׁב (*môshāb*) ***assento, assembléia.***

922d תּוֹשָׁב (*tôshāb*) ***peregrino.***

Este verbo é usado 1090 vezes. A raiz *yshb* aparece na maioria das línguas semíticas. Em ugarítico é *yṯb*, "sentar-se". Um desenvolvimento da idéia verbal é que, quando *ytb* ou o acadiano *washābu* aparece junto com *kussi*, "trono", o verbo traz o sentido de "ascender ao trono" (*e.g.*, 1 Rs 1.46).

Alguns têm sustentado que esse verbo, *yāshab*, jamais é empregado para referir-se a Yahweh "habitando" na terra ou a qualquer aparição de Yahweh a Israel. De acordo com esse ponto de vista, o verbo *shākan* e seus derivados são reservados para quaisquer conceitos acerca da imanência de Deus ou de sua "tabernaculação entre os homens" do AT. Em geral afirma-se que o Senhor habita nos céus (Sl 2.4; 9.7 [8]; 29.10; 55.20; 102.13; Lm 5.19) ou que está "entronizado entre os querubins" (1 Sm 4.4; 2 Sm 6.2 = 1 Cr 13.6; 2 Rs 19.15; Sl 99.1). Em passagens onde se diz que o Senhor habita nos céus ou em Sião, a idéia é de que ele está entronizado. Ele também está "entronizado entre os louvores de Israel" (Sl 22.3 [4]), o que talvez seja uma metonímia do santuário, onde o Senhor era louvado. A idéia dos querubins não deve ser tão intimamente associada com a arca do tabernáculo, visto que o verbo não tem o sentido de "residir (um espírito ou força superior) dentro de", e em outras passagens os querubins são empregados em várias automanifestações de Yahweh (*e.g.*, Sl 18.11; Ez 1.10). De acordo com M. Woudstra, tal expressão "servia na verdade para dirigir a atenção do adorador para o santuário celeste com seu Ocupante celeste, da qual o santuário terrestre tinha o propósito de ser uma imagem fiel" (M. Woudstra, *The ark of the covenant*, 1965, p. 70). *shākan* seria, então, uma habitação temporária na terra, mas, conforme indaga Salomão, "Porém habitará [*yēshēb*, de modo permanente] verdadeiramente Deus sobre a terra?" (1 Rs 8.27, TB). A resposta é clara. De outro lado, pode-se sustentar que alguns versículos referem-se ao Senhor habitar sobre a arca da aliança, por exemplo, Salmos 9.11 [12] diz: "Cantai louvores ao SENHOR, que habita em Sião." E as afirmações de ele estar entronizado entre os querubins também podem ser referência à arca.

Usa-se também o verbo *yāshab* com relação a pessoas. O grau qal pode ser dividido

em quatro categorias: 1) sentar-se sobre algo; 2) permanecer, ficar, demorar-se; 3) morar numa casa, cidade ou território; e 4) ser habitado um local, cidade ou país.

A primeira categoria inclui algumas situações especiais, tais como o sentar-se os juízes para julgar (Sl 9.4 [5]; Is 10.13; Êx 18.14) e os reis em seus tronos (1 Rs 1.35, 46). A segunda é, em geral, seguida de um acusativo de lugar ou um dativo de pessoa. Mesmo objetos inanimados, tal como um arco, podem "permanecer" firmes (Gn 49.24). No terceiro campo semântico, um dos versículos-chave do ponto de vista teológico é Isaías 45.18. Deus formou a terra para ser habitada, isto é, para os homens nela morarem, e não para ser uma desolação ou caos. Aqui uma das formas mais freqüentes é o particípio ativo do qal, "morador, habitante" (215 vezes de acordo com *BDB*). Portanto, quando os profetas predizem a desolação e o despovoamento da terra, eles falam de ficar "sem habitantes" (Is 6.11; Jr 4.7; Sf 2.8). O oposto desse despovoamento é a quarta categoria, que indica uma terra, cidade ou país ser habitado (Is 13.20; Jr 17.6; Ez 26.20; Zc 2.4 [8]).

Apenas uma vez o verbo é usado no grau piel (Ez 25.4), e quinze vezes no nifal, cerca de 40 vezes no hifil e três vezes no hofal.

shebet. ***Assento, habitação, local.*** Há apenas seis ocorrências desta palavra usada como substantivo (em vez de como um infinitivo de *yāshab*) no AT. O seu sentido básico está expresso em seu uso como o assento do trono de Salomão (1 Rs 10.19; 2 Cr 9.18). Literalmente o texto diz "o lugar de sentar".

Em Amós 6.3, a palavra refere-se ao "trono [ou assento] de violência". Este sentido abstrato emprega "assento" ou "trono" como um termo técnico designativo do local onde senta o juiz. *Cf.* as evidências ugaríticas em favor deste novo significado.

Obadias 3 usa o vocábulo para referir-se ao local onde Edom morava. Números 21.15 e 2 Samuel 23.7 ilustram seu uso como lugar, localização, sítio. A primeira passagem menciona o "sítio [ou localização] de Ar" (MM), enquanto a segunda diz que "serão totalmente queimados no seu lugar". Esses usos são semelhantes aos de *môshāb* em 2 Reis 2.19 e Ezequiel 8.3 (veja abaixo).

shîbâ. ***Peregrinação, permanência.*** Esta forma do substantivo é encontrada apenas em 2 Samuel 19.32 [33]. E uma forma bastante incomum, visto que ocorre uma aférese do yodh inicial e a introdução de um yodh médio como se a palavra tivesse sido influenciada pela raiz *shûb*, "voltar, retornar". O significado da leitura corrigida, *b'shibtô*, "durante sua peregrinação" ou "enquanto ele permanecia", está claro.

môshāb. ***Assento, assembléia, morada, moradores.*** Este substantivo masculino aparece 45 vezes. Básico para os demais significados é o assento de Davi ou Saul à mesa do banquete (1 Sm 20.18, 25; *cf.* Jó 29.7) ou mesmo o assento entre os deuses, o qual o rei de Tiro havia imaginado em sua mente (Ez 28.2). Coletivamente, muitos assentos reunidos referem-se a oficiais (1 Rs 10.5), ímpios (Sl 1.1) ou anciãos (Sl 107.32) assentados ou mesmo reunidos em assembléia.

Também o local em que estava situada uma cidade, tribo ou povo foi assim designado (Gn 10.30; 27.39; Nm 15.2; 31.10). Sião é chamado de morada de Yahweh (Sl 132.13). Mesmo casas podiam ser mencionadas como moradia (Lv 25.29; Êx 12.20, *etc.*). O povo que nelas morava foi chamado de moradores ou habitantes (2 Sm 9.12).

Algumas aplicações incomuns aparecem: o local ou localização de uma cidade (2 Rs 2.19), a localização de um ídolo (Ez 8.3) e, por metonímia, o tempo em que Israel morou

no Egito (Êx 12.40).

Muitos comentaristas e versões preferem alterar "suas habitações" (TB) em Ezequiel 37.23 para "suas apostasias" (ARA), lendo aí a palavra *meshûb*. A evidência textual limita-se à versão siríaca; a LXX traz "suas abominações".

tôshāb. ***Peregrino.*** Ocorrendo 14 vezes, sendo sete em Levítico 25, este substantivo refere-se ao assalariado temporário e sem terra. Junto com *gēr*, "estrangeiro residente permanente", o termo é usado para descrever Abraão em Canaã (Gn 23.4) e os israelitas aos olhos de Deus (Lv 25.23, 35; Sl 39.12 [13]; 1 Cr 29.15). Também é usado como sinônimo de servo contratado (Êx 12.45; Lv 22.10; 25.40). O *tôshāb* não podia comer a Páscoa, e seus filhos estavam sujeitos a ser vendidos como escravos (Lv 25.45). Mas podia buscar a proteção das cidades de refúgio (Nm 35.15).

De modo que sua liberdade não era tão grande quanto a do *gēr*, muito embora ele participasse de alguns dos privilégios deste.

Bibliografia: CROSS, Frank. The priestly tabernacle. In: *Biblical archaeologist reader*. Ed. por G. Ernest Wright e David N. Freedman. Doubleday, 1961. v. 1, pp. 225-7. — DEVAUX, R. *Ancient Israel*. McGraw-Hill, 1961. pp. 75-6. — WOUDSTRA, Martin. *The ark of the covenant from conquest to kingship*. Presbyterian and Reformed, 1965. pp. 68-77.

W.C.K.

923 יָשָׁה (*yshh*). **Aceita como raiz de:**

923a תּוּשִׁיָּה (*tûshîyâ*) ***sabedoria, conhecimento judicioso.*** Delitzsch (*Proverbs*, p. 77) sugere "uma implementação daquilo que é vantajoso", em especial a verdadeira sabedoria. (Quanto a sinônimos, veja ***hokmâ***.)

Entre os usos deste termo técnico encontra-se a sabedoria prática e eficiente, isto é, o conhecimento judicioso, a sabedoria que conduz ao sucesso prático. Desse modo, o filho encontrará vida e honra, caso siga o conhecimento judicioso (ARA, "verdadeira sabedoria") do pai (Pv 3.21 s.). Pelo fato de a sabedoria personificada outorgar esta qualidade aos reis, eles governam com eficiência. De outro lado, Deus frustra os astutos de sorte que suas mãos não tenham sucesso (Jó 5.12; ARA, "projetos"). O conhecimento judicioso baseia-se no caráter justo do governo divino. Os retos possuem uma sabedoria judiciosa escondida dentro de si (Pv 2.7). Mas Jó indagou se sua sabedoria, sua capacidade de ser bem sucedido, fora-lhe tirada em sua adversidade (Jó 6.13).

L.G.

יְשׁוּעָה (*y'shû'â*). Veja o nº 929b.

924 יָשַׁח (*yshh*). **Aceita como raiz de:**

924a יֶשַׁח (*yeshah*) ***vazio (de fome).*** Significado suposto a partir do contexto. Ocorre somente em Miquéias 6.14.

925 *יָשַׁט (*yāshaṭ*) ***estender.*** Ocorre somente no hifil (Et 4.11; 5.2; 8.4).

926 יִשְׁכָּי (*yishcy*)

926 יִשַׁי (*yishay*) ***Jessé.*** Derivação incerta.

O nome próprio aparece 17 vezes. Jessé, um morador de Belém de Judá, teve oito filhos, incluindo o rei Davi. Jessé era um homem piedoso e dava todo apoio ao seu pai. Davi é, com freqüência, chamado de filho de Jessé, e existem referências ao Messias como a raiz ou renovo de Jessé (Is 11.1, 10), bem de acordo com a tendência de usar expressões alternativas para indicar a promessa à linhagem de Davi. *Cf.* o "renovo de Davi" (Jr 23.5) o "tabernáculo de Davi" (Am 9.11) e, provavelmente, a cidade de Davi, "Belém" (Mq 5.2 [1]).

Bibliografia: BAUER, H. Die hebräischen Eigennamen als sprachliche Erkenntnisquelle. ZAW 48:77. — CLINES, D. J. A. X, X Ben Y, Ben Y: Personal Names. VT 22:266-87. Ele defende persuasivamente que as referências a Davi como filho de Jessé não são pejorativas. — DRIVER, G. R. New aramaeo jewish names in Egypt. JEA 25:175 s.

יְשִׁימָה (*y'shîmâ*). Veja o nº 927a.

יְשִׁימוֹן (*y'shîmôn*). Veja o nº 927b.

יָשִׁישׁ (*yāshîsh*). Veja o nº 931b.

927 יָשַׁם (*yāsham*) ***ser (estar) desolado, estar em ruínas.***

Termos Derivados

927a יְשִׁמָּה† (*y'shîmâ*) ***desolação.***

927b יְשִׁימוֹן† (*y'shîmôn*) ***deserto, ermo.***

yāsham e seus derivados ocorrem 18 vezes. A raiz denota basicamente a condição desolada da terra árida, a maioria das vezes a terra desértica em torno do mar Morto, do Neguebe e do Sinai.

Durante os anos de fome no Egito, à época de José, os egípcios venderam suas terras e a si mesmos em troca de alimento e compraram sementes para a terra a fim de que esta não ficasse desolada (Gn 47.19). Três das quatro ocorrências do verbo acham-se em Ezequiel para descrever o iminente juízo sobre Judá. Exércitos estavam em vias de percorrer todo o país, destruindo plantações, poluindo campos férteis e freqüentemente queimando e arrasando fortalezas e cidades. Como conseqüência a terra ficaria desolada (Ez 12.19; 19.7). Havia uma destruição dirigida especificamente para os lugares altos, aqueles bosques tranqüilos com vegetação exuberante, locais frescos onde se erigiam altares aos deuses da fertilidade. (Ez 6.6). A desolação desses santuários mostrou ao povo que aqueles deuses eram falsos, incapazes de ajudar em tempos de angústia.

Depois do êxodo do Egito, Deus conduziu o povo pelo deserto. Ele os cercava e os protegia de seus inimigos (Dt 32.10). De acordo com Salmos 107:4 ss., Deus encontrou Israel vagueando pelo deserto e tornou-se o seu guia e proteção. Foi ali que Deus apareceu através de muitos fenômenos naturais e falou ao povo diretamente e também através de Moisés (*cf.* Sl 68.7 s. [8 s.]). Entretanto, antes e depois do Monte Sinai, o povo testou a Deus, queixando-se de suas condições e implorando por comida e água (Sl 106.14). A cada vez Deus pôde atender suas queixas e suprir suas necessidades: entretanto, em geral

algum tipo de juízo contra a incredulidade acompanhava o atendimento do pedido. Isaías, na parte final de sua profecia, retoma o tema dos novos eventos salvadores de Deus, que serão um novo êxodo. Uma vez mais o povo, ao deixar a terra do seu cativeiro e ao retornar a Jerusalém, terá de passar pelo deserto desolado. Tal como no primeiro êxodo, Deus fará um caminho pelo deserto e proporcionará rios de água para matar a sede inclemente do povo (Is 43.19).

yᵉshîmâ. ***Desolação*** (Sl 55.15 [16]). A ARA aceita o Qere (*yashshîmāwet*), "A morte os assalte", isto é, quando descerem ao "Sheol" (IBB; ARA, "cova"). O kethib, "A desolação os assalte", faz sentido, pois não existe local mais desolado que o Sheol.

yᵉshimôn. ***Deserto, ermo.*** Com freqüência *yᵉshîmôn* é paralelo a *midbār*, "deserto", e é traduzido por "ermo". A ARA interpreta o vocábulo como um topônimo, "Jesimom", em 1 Samuel 23.19, 24; 26.1, 3; possivelmente é um nome próprio em Números 21.20; 23.28 (*cf.* IBB, mg.); com toda probabilidade o local está situado no Arabá, perto da margem norte do mar Morto e ao norte e a oeste da colina de Haquilá e ao norte de Maom. Nessa vizinhança Davi escondeu-se de Saul.

J.E.H.

928 יָשֵׁן (*yāshēn*) Qal: ***dormir, estar dormindo;*** piel: ***fazer alguém dormir*** (Jz 16.19).

Termos Derivados

928a יָשֵׁן (*yāshēn*) ***dormente, que dorme.***

928b יָשָׁן (*yāshān*) ***velho.***

928c שְׁנָה (*shēnâ*), שְׁנָא (*shēnā'*), שֵׁנָת (*shᵉnāt*) ***sono.***

O sono é uma bênção; ele proporciona descanso e refrigério. Aquele que trabalha arduamente, apesar de pobre, tem um sono suave; mas aos ricos, em sua fartura, nega-se esse refrigério (Ec 5.12 [11]; *cf.* Sl 3.5 [6]; 4.8 [9]). Não se deve amar o sono, porque isso levará à pobreza (Pv 6.10 s.; 20.13). Tampouco se deve furtar ao sono para aumentar os bens (Sl 127.2). O sono pode, porém, dar a um adversário a oportunidade de conquistar vantagem; por exemplo, Dalila roubou a força de Sansão durante o sono deste (Jz 16.20).

Na era vindoura Yahweh fará uma nova aliança de paz, restaurando novamente a harmonia entre o homem e a natureza. Então o homem deitará para dormir no meio do bosque sem receio da natureza (Ez 34.25).

Deus pode comunicar uma mensagem durante o sono da pessoa; por exemplo, Deus fez Faraó sonhar acerca da fome que se avizinhava (Gn 41.1-7). Enquanto Adão dormia profundamente, o Senhor tirou parte do seu lado e criou Eva (Gn 2.21 s.).

O sono foi uma qualidade atribuída a deuses pagãos. Note-se o exemplo do escárnio de Elias quanto a Baal estar dormindo (1 Rs 18.27). Em contraste, o salmista diz acerca de Yahweh que "é certo que não dormita nem dorme o guarda de Israel" (Sl 121.4). Em meio a um contexto politeísta, essa declaração era de um conteúdo impressionante. Assim mesmo aquele que ouviu, mas não experimentou os grandes feitos de Yahweh atribui-lhe

figuradamente o sono por causa de sua aparente inatividade (Sl 44.23 [24]). Semelhantemente, diz-se que Yahweh está acordando do sono quando ele se lança à ação (Sl 78.65 s.).

O sono pode também ser um eufemismo para designar a morte (Sl 13.3 [4]). Nos últimos dias Yahweh ressuscitará aqueles "que dormem no pó da terra" (Dn 12.2). Eles então experimentarão ou a vida eterna ou a vergonha eterna.

J.E.H.

929 *יָשַׁע (*yāsha*ʿ) nifal: ***ser salvo, ser liberto***; hifil: ***salvar, livrar, conceder vitória, ajudar; ser (estar) seguro; vingar-se, preservar.***

Termos Derivados

929a יֵשַׁע (*yēsha*ʿ) ***salvação, livramento.***
929b יְשׁוּעָה (*yᵉshuʿâ*) ***salvação.***
929c †שֹׁעַ (*shôaʿ*) ***independente, nobre.***
929d מוֹשָׁעָה (*môshāʿâ*) somente como *el môshāʿôt*, "Deus de atos salvadores" (Sl 68.20 [21]; ARA, "Deus salvador").
929e תְּשׁוּעָה (*tᵉshûʿâ*) ***salvação, livramento.***

*yāsha*ʿ e seus derivados são usados 353 vezes. Em árabe o sentido da raiz é "alargar" ou "tornar suficiente"; essa raiz está em contraste com *tsārar*, que tem a idéia básica de "estreitar" e significa "estar limitado" ou "afligir". Aquilo que é largo dá a idéia de liberdade de opressão e a capacidade de atingir os próprios objetivos. Para ir da aflição para a segurança é preciso haver livramento. Em geral o livramento deve vir de algum ponto exterior ao da parte oprimida. No AT os vários tipos de aflição, tanto nacional quanto individual, incluem inimigos, catástrofes naturais, tais como pragas e fome, e enfermidades. Aquele que traz livramento é conhecido como o "salvador". A palavra pode, no entanto, ser usada no dia-a-dia sem ênfases teológicas exageradas; por exemplo, junto a um poço Moisés salvou as filhas de Reuel de serem expulsas por pastores (Êx 2.17). Mas, de um modo geral, no AT o vocábulo possui um forte significado religioso, pois foi Yahweh que operou o livramento. Por isso afirma-se que "Deus é a nossa salvação" (Sl 68.19 s. [20 s.]). Embora fosse possível a salvação vir através de um agente humano, ela acontecia apenas porque Deus dava poderes ao agente. No NT a idéia de salvação significa basicamente perdão dos pecados, livramento do poder do pecado e a derrota de Satanás. Embora o AT comece a apontar nessa direção, a maioria das referências à salvação falam de Yahweh a conceder livramento de inimigos materiais e de catástrofes também materiais.

Tipos de Salvação

Em várias ocasiões Israel, oprimido por outras nações, tinha de ir à guerra para vencer e manter sua liberdade. Nesses combates a nação se voltava para Deus em busca de ajuda. Os israelitas acreditavam que o resultado da batalha pertencia a Yahweh (1 Sm 17.47). Por isso eles se lançavam ao combate na certeza da vitória. No AT o ponto central da obra salvadora de Deus foi o livramento de Israel da escravidão egípcia (Êx 14.30).

Com isso eles se tornaram conhecidos como um povo salvo por Yahweh (Dt 33.29). Esses feitos salvíficos tornaram-se um testemunho do senhorio de Yahweh não apenas para as gerações futuras, mas também para as nações ao redor (*cf.* Sl 106.8; 1 Sm 4.6 ss.). Mais tarde, quando os israelitas anteviam a entrada na terra prometida, Moisés disse: "O SENHOR vosso Deus é quem vai convosco a pelejar por vós contra os vossos inimigos, para salvar" (Dt 20.4). Deus cumpriu essa promessa através de Josué, que conduziu o povo a tomar posse de Canaã. Depois disso, quando Israel era oprimido por uma das nações ao redor, Deus o livrava através de um juiz (Jz 2.16). O padrão repetido era Yahweh outorgar seu Espírito ao juiz a fim de que este pudesse derrotar os inimigos de Israel. Mais tarde, durante a monarquia, Israel derrotou os inimigos através de um rei justo que foi ungido e ajudado por Yahweh (1 Sm 9.16; Sl 20.6 [7]). O líder que realmente confiava em Yahweh aventurava-se no espírito das palavras de Jônatas: "para o SENHOR nenhum impedimento há de livrar com muitos ou com poucos" (1 Sm 14.6). A salvação da parte de Deus era a glória do rei e firmemente estabelecia sua autoridade sobre o povo (Sl 21.5 [6]). A medida que a nação ia crescendo em poder e prestígio, tornava-se imperativo que o rei e o povo percebessem que a salvação não vem através de um exército poderoso, mas unicamente pelo poder de Deus (Sl 44.1-8 [2-9]). Conquanto Deus, em geral, empregasse agentes humanos para trazer salvação, os obstáculos vencidos eram tão impressionantes que, sem dúvida alguma, tinha de haver ajuda especial da parte do próprio Deus (*cf.* Pv 21.31). Aqui reside a tensão criativa entre a ação divina e a resposta humana, tensão esta que estabelece o propósito de Deus na terra e ao mesmo tempo forma o caráter de seu povo. As vezes Deus pode fazer a obra na sua totalidade, e tudo o que o homem tem de fazer é esperar e ver os feitos poderosos do Senhor (2 Cr 20.17; *cf.* Os 1.7). Tendo por base esse padrão histórico em que Deus operava salvação através de um líder carismático, surgiu o conceito de um futuro salvador que desempenharia o papel de um rei ungido com o Espírito de Deus (*cf.* Jr 23.5 s.).

A salvação pode ser não apenas de ataque, mas também de defesa. Quando surge oposição, é possível esconder-se num refúgio em busca de proteção. Com freqüência Deus é visto como um refúgio para o seu povo: "De Deus depende a minha salvação e a minha glória; estão em Deus a minha forte rocha e o meu refúgio" (Sl 62.7 [8]). Aquele que experimenta salvação não precisa ficar atormentado pela ansiedade íntima. É verdade que ele terá de suportar a oposição, mas Deus assegurará que seus adversários não o destruam. Vê-se a natureza protetora da salvação em outras expressões, a saber, "o escudo do teu salvamento" (Sl 18.35 [36]), "o capacete da salvação" (Is 59.17; Ef 6.17), "vestes de salvação" (Is 61.10). Assim, a salvação não é apenas uma vitória momentânea no campo de batalha; é também a segurança e tranqüilidade necessárias para levar uma vida sem receio de numerosos perigos. Ao olhar para a cidade de Deus no fim dos tempos, o AT vê que seus muros serão chamados de "Salvação" (Is 60.18). Essa cidade é apenas para os justos e proporciona toda a segurança que acompanha a salvação (Is 26.1).

Significado Espiritual

O verbo "salvar" desenvolveu um significado teológico de que Deus salva mediante o perdão dos pecados e a transformação do caráter da pessoa; por exemplo, "livrá-los-ei de todas as suas apostasias em que pecaram" (Ez 37.23). Davi percebeu essa realidade e orou: "Livra-me dos crimes de sangue, ó Deus, Deus da minha salvação" (Sl 51.14 [16];

cf. Sl 79.9). Em Jeremias 17.14 "salvar" é paralelo a "curar", ou seja, a salvação torna-se uma força dinâmica que traz bem-estar emocional e físico.

Salvação e Justiça

Todos os feitos salvadores de Yahweh fundamentam-se na justiça, refletidos no fato de que "justiça" e "salvação" são muitas vezes paralelos (*e.g.*, Is 51.8). Embora cada ato de livramento contenha um elemento de juízo, aqueles que são julgados são culpados e, por isso, merecem essa justiça (*cf.* Sl 76.8 s. [9 s.]). De outro lado, sendo fiel à aliança e à criação do homem à sua própria imagem, Deus age de modo a proporcionar ao homem um meio para livrar-se de sua desobediência original. Nesse aspecto Deus cumpre sua responsabilidade de Redentor ao ser um Salvador. Yahweh é, portanto, conhecido como "Deus justo e Salvador" (Is 45.21).

Revelado o Caráter de Deus

A salvação realizada por Deus revela o seu reinado universal (*cf.* Is 33.22). Seu reino sobre o mundo inteiro permite-lhe operar a salvação para quem ele quiser. Ainda outros feitos salvíficos aniquilam os propósitos das forças do mal, freqüentemente personificadas como o mar e o monstro marinho (Sl 74.12 ss.). Por essa razão, cada vitória caminha na direção da salvação final para todo o seu povo. A capacidade de Deus dar salvação constitui a base para o homem adorá-lo; ou seja, somente um deus que consiga salvar é digno de adoração. Por isso, uma polêmica freqüente com a idolatria é desafiar os outros deuses a trazerem livramento para seus seguidores oprimidos (Is 46.7; Jz 6.31). O fracasso em responderem a esse desafio demonstra que tais deuses não existem e leva à confissão de que além de Yahweh não existe nenhum outro salvador (Is 43.11; Os 13.4). Para assegurar que os atos salvíficos não sejam vistos como um mero acidente da história, Yahweh revela aquilo que vai fazer antes mesmo de isso acontecer (Is 43.12). Ele, então, é fiel à sua palavra e cumpre o que disse. Depois disso o ato é interpretado e anunciado. O ato salvador determina, então, a natureza do relacionamento de cada geração com Yahweh, e sua proclamação inspira a fé para o estabelecimento e manutenção desse relacionamento (*cf.* Is 52.7).

Ademais, a salvação dá testemunho do fato de que Deus se importa com seu povo. A salvação brota do seu amor (*cf.* Dt 7.7 s.). Por entenderem a graça de Deus, em momentos de aflição os fiéis voltam-se para ele em busca de livramento (Sl 6.4 [5]; 109.26). A salvação é, portanto, o amor de Deus em ação.

A salvação também dá testemunho da presença ativa de Deus entre seu povo e com os seus líderes. Muitos que foram comissionados com uma tarefa receberam a promessa de sua presença de um modo especial. Deus prometeu a Jeremias: "Eu sou contigo para te livrar" (Jr 1.8, 19; *cf.* Mt 28.20). Mais tarde Jeremias foi preso, e, em várias oportunidades, sua vida correu perigo, mas seus adversários jamais conseguiram destruí-lo. Moisés também foi bem-sucedido através desta promessa (Êx 3.12). Desse modo, a presença de Deus entre seu povo livra-o de adversários e de problemas.

Preparo e Resposta do Povo

A. Arrependimento e Confiança. É preciso preparar-se para receber a salvação de Deus. Quando aflita, a pessoa deve buscar a Deus em oração (*e.g.*, Jz 3.9; Sl 69.1 [2]), isto é, deve reconhecer sua própria necessidade e humilhar-se diante de Deus com um coração contrito (*cf.* Jó 22.29; Sl 34.18 [19]). Voltar-se para Deus envolve abandonar os pecados, pois o pecado impede Deus de ajudar aqueles em aflição (Is 59.1 s.).

Uma vez que a pessoa se tenha sinceramente voltado para Deus, deve expressar sua confiança em Deus, esperando pela salvação (Is 30.15). Deus escolhe a hora de agir; o homem deve aguardar com esperança. Deus espera que, com fé, seu povo suporte circunstâncias difíceis enquanto ele mesmo escolhe o momento mais oportuno para trazer salvação. Enquanto aguarda a salvação, a pessoa está ativamente envolvida em buscar a justiça e expressar o amor (Is 56.1; Os 10.12; 12.6).

B. Hinos de Louvor. A reação imediata do homem diante dos feitos salvadores de Deus, quer passados quer futuros, encontra-se em hinos de louvor. O Cântico do Mar foi composto e cantado imediatamente após o livramento no mar Vermelho (Êx 15.1-18). A descrição de Isaías da salvação através do Messias prometido é seguida de um cântico no capítulo 12, e três das profecias do servo terminam em cântico: 42.10 ss.; 49.13; 54.1 ss. Cantar dá vazão ao regozijo que acompanha a salvação de Deus. O regozijo é muitas vezes mencionado como a reação íntima do homem frente à vitória divina (*e.g.*, Sl 13.5 [6]). Além disso, aqueles que receberam a ajuda de Yahweh sentem-se compelidos a partilhá-la com outros: "Não ocultei no coração a tua justiça; proclamei a tua fidelidade e a tua salvação" (Sl 40.10 [11]). Por essa razão, a salvação divina faz a vida ficar cheia de sentido e alegria.

Salvação Futura

A volta de Israel do cativeiro é antevista no linguajar da salvação. Yahweh diz: "eis que te livrarei das terras de longe" (Jr 30.10; Zc 8.7). Uma vez que Deus considera o povo como seu rebanho, ele anuncia: "livrarei as minhas ovelhas, para que já não sirvam de rapina" (Ez 34.22).

Visto que não existe salvação alguma sem Yahweh, ele estende o convite: "Olhai para mim, e sede salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro" (Is 45.22; *cf.* Sl 67.2 [3]). Os profetas falam do tempo quando a salvação afetará todas as nações e será eterna. Isaías prevê que esta salvação virá através do servo sofredor. Pelo fato de o servo suportar obedientemente o sofrimento, Deus promete: "[eu] te dei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra" (Is 49.6). Em outras palavras, os atos de salvação no AT se acumulam na direção do ato final de salvação que incluirá todas as pessoas debaixo de sua bênção possível (Is 52.10).

shô'a. ***Nobre, ilustre, rico.*** É objeto de debates se a raiz desta palavra é *ysh'* (*BDB*) ou *shw'* (*KB*). Em Isaías 32.5 o vocábulo é paralelo a *nādîb*, "nobre", e em Jó 34.19 contrasta com *dal*, "pobre". A palavra provavelmente indica aqueles que são reconhecidos devido à abundância de seus bens. Mas Deus não concede favor especial às pessoas ilustres em detrimento das pobres, pois tanto estas quanto aquelas são obra da mão divina. E, durante o reinado do justo rei, os falsos valores do mundo serão modificados de sorte que

os desonestos não mais serão considerados ilustres.

Bibliografia: FOERSTER & FOHRER. Sōzō. In: *TDNT*, v. 7, pp. 965-1024. — PEDERSEN, Johs. *Israel, Its life and culture*. v. 1-2. Londres: Geoffrey Cumberlege, 1964. — BARR, James. An aspect of salvation in the OT. In: *Man and his Salvation*. Ed. por E. J. Sharp & J. R. Hinnels. Manchester Univ. Press, 1973. pp. 39-52. — RICHARDSON, *TWB*. pp. 219-20. — *TDNT*, v. 7, pp. 970-89; 1012-5; v. 3, pp. 284-93. — *THAT*, v. 1, pp. 785-89.

J.E.H.

929.1 יַשְׁפֵה (*yāshpeh*) ***jaspe.***

930 יָשַׁר (*yāshar*) ***ser (estar) plano, reto, direito, correto, justo, legal, honesto.***

Termos Derivados

930a יָשָׁר (*yāshār*) ***reto, correto.***

930b יֹשֶׁר (*yōsher*) ***retidão, honestidade.***

930c יְשָׁרָה (*y'shārâ*) ***retidão.***

930d †יְשֻׁרוּן (*y'shurûn*) ***correto, observador da lei; Jesurum.***

930e †מֵישָׁר (*mêshār*) ***retidão, honestidade.***

930f †מִישׁוֹר (*mîshôr*) ***lugar plano, retidão.***

A raiz *yshr* é empregada de pelo menos três maneiras.

1. Literalmente. "Ir reto pelo caminho" (1 Sm 6.12; ARA, "... se encaminharam diretamente"), mas, um maior número de vezes, no intensivo (piel), "endireitar (um caminho)", por exemplo, orientar, aplainar e livrar de obstáculos, como nos preparativos para receber um rei. Essa é a obra de Deus a favor do homem (Pv 3.6; KJV, "dirigirá"), mas também do homem para Deus (Is 40.3). É "olhar diretamente diante de ti" (Pv 4.25): é fazer algo "ajustado", como no caso do revestimento de ouro nos querubins no templo de Salomão (1 Rs 6.35, TB; ARA, "acomodado"); é "fazer correr em linha reta", como no aqueduto construído por Ezequias e que levou água para a parte oeste de Jerusalém (2 Cr 32.30, IBB; ARA, "canalizou").

2. Eticamente. Retidão como estilo de vida é uma característica dos íntegros (Pv 11.5) e dos homens de discernimento (Sl 119.128, "Portanto retos em tudo considero todos os teus preceitos", TB). Destarte, o fato de que Deus fez o homem reto (Ec 7.29) deve ser interpretado como que o criador lhe concedeu a capacidade de reconhecer a lei divina, em vez de alguma virtude inata, como honestidade ou retidão (como na BLH). Acerca do imprudente diz-se que sua alma não é reta dentro dele (Hc 2.4), e isto conduz à soberba e ao fracasso.

yāshār. ***Reto.*** O adjetivo é usado para enfatizar um atributo de: 1) Deus, descrevendo seu reinado sobre seu povo (Dt 32.4), seus caminhos (Os 14.10), suas palavras (Sl 111.8) e seus juízos (Sl 119.137); 2) pessoas especialmente qualificadas, como paralelo para justos (Sl 33.1) ou perfeitos (Jó 1.1, 8). É uma qualidade do coração e da mente (Sl 7.11; 11.2, *et al.*) que capacita a pessoa a manter-se leal a qualquer contrato ou aliança que lhe

imponha obrigações legais (2 Rs 10.15). Nem sempre é possível saber com certeza se o caminho "reto" (Jr 31.9) deve ser entendido no sentido ético de um estilo de vida ou então literalmente. Certamente os substantivos que significam "retidão" são usados para designar uma qualidade moral do coração (*yōsher*, Dt 9.5; 1 Rs 9.4), como muitas vezes em Provérbios (2.13; 4.11) que resulta em "veredas da retidão", isto é, veredas retas tanto moral quanto praticamente (Jó 33.23). Essa era uma característica da vida de Davi (1 Rs 3.6, *y'shārâ*, somente nesta passagem). O vocábulo designa palavras quer faladas (Jó 6.25) quer escritas (Ec 12.10).

3. Como uma expressão idiomática com "olhos". "Parecer justo [ARA, 'bem'] aos olhos de (alguém)" é ter a aprovação desse alguém mediante a obediência aos seus mandamentos. É usada com referência a Deus (Nm 23.27; Jr 27.5), talvez inclusive na ilustração do Oleiro (Jr 18.4). Quando Sansão (Jz 14.3, 7), Saul e Davi (1 Sm 18.26) assim se expressaram com referência ao casamento, pode-se traduzir a expressão como "legalmente válido", significado também existente em ugarítico (*yshr*; Van Zijl, *Alter Orient und Altes Testament* 10:83). O mesmo sentido ocorre quando um tratado (2 Sm 17.4) ou ação religiosa (2 Cr 30.4) era ratificado por uma assembléia.

A frase mais completa "fazer o que é reto [*hayyāshār*] diante dos olhos do SENHOR" está ligada à obediência a suas ordens (Êx 15.26; Dt 6.17-18) e aliança (Dt 12.28; 13.19). É comumente empregada pelo historiador denominado deuteronomista na avaliação resumida que faz dos reinados dos reis de Israel e Judá. Dessa maneira, diz-se que Davi seguiu as ordens do Senhor (1 Rs 15.5-7) e a lei de Moisés (1 Rs 14.8), como também procedeu Salomão ao seguir os estatutos de seu pai, que eram os mesmos que os do Senhor (1 Rs 3.3, 14). Asa (1 Rs 15.11; 2 Cr 14.1) e Josias (2 Rs 22.2) foram semelhantemente descritos como reis que fizeram o que era reto. E Josafá fez o mesmo que Asa (2 Cr 20.32); Azarias o mesmo que Amazias (2 Rs 15.3; cf. 2 Cr 25.2); e Amazias o mesmo que Joás (2 Rs 14.3). Ezequias fez o que era reto pelo fato de que guardou os mandamentos que o Senhor havia ordenado a Moisés (2 Rs 18.6). Observe-se que essa frase deixa implícitos a existência e o conhecimento da lei de Deus e que entendia-se que cada rei devia guardá-los. Isto acontecia quando o rei tomava providências (as denominadas reformas) para assegurar que o povo também guardasse a Lei. Tais providências caracterizavam-se por decretos públicos que podiam incluir remissão de débitos, libertação de legislação opressiva (Js 9.23 ss.) e observância de festas religiosas (Páscoa). Mesmo quando se dizia que um rei fizera o que era reto, claramente se assinalava qualquer omissão mais importante em endossar a totalidade da lei ("tão-somente não ..."). No caso de Ezequias, a providência pública tomada começou no primeiro ano completo de seu reinado. "Ele fez o que era reto perante o SENHOR" (2 Cr 29.2) e, nesse afã, expediu uma série de ordens para que se obedecesse à lei de Moisés (2 Cr 31.20, 21). Já se assinalou que existia uma prática parecida entre os reis da Mesopotâmia, que convalidavam a lei e as regras vigentes mediante a edição de *mēsharum*, "decretos" (WISEMAN, D. J. The laws of Hammurabi again. *JSS* 7:167-8). Nesta frase, o AT emprega *yāshār* com a idéia de obediência à lei, de agir justamente de acordo com a lei, a qual era a norma (da mesma forma como o acadiano *ishartu* é empregado para designar aquilo que é normal na escrita).

mîshôr. ***Lugar plano, retidão.*** **mêshār.** ***Retidão, honestidade (no governo), justiça.*** *mêshārîm* e *mîshôr* bem podem ser traduzidas como "justamente" (isto é, com justiça) ou "legitimamente" (como no texto ugarítico 'Anat 3.3) e descrevem a maneira como se

ministra a justiça (Sl 58.1 [2]; 75.2 [3], TB, "com eqüidade"). Com o verbo "julgar", o vocábulo significa "decidir com bondade" (*KB*). E a maneira pela qual um povo devia ser julgado (Sl 67.4 [5]; KJV, "retamente"; ARA, "com eqüidade"; BLH, "com justiça"). Proceder assim é ser fiel à aliança (Ml 2.6). E o Senhor que fala "o que é reto" (Is 33.15), e este sentido da palavra continua existindo (Dn 11.6, *la'āsôt mēshārîm*, "para fazer um acordo justo"; ARA, "para estabelecer a concórdia"). Ocasionalmente esses substantivos são claramente empregados num contexto legal (Pv 2.9; *cf.* Sl 17.2). Não são realmente sinônimos de "justiça" (*tsedeq*), embora com freqüência sejam usados com essa palavra, com "bem" (*tôb*) e com "juízo" (*mishpāt*). *Cf.* também o ugarítico *tsdq*. Em documentos acadianos "justiça" também aparece como uma divindade (^{d}*Misharum*; *Ugaritica* 5:220, linha 166), a saber, o filho do deus-sol Shamash, que na Mesopotâmia era o principal deus de justiça.

y^{e}shûrûn. ***Jesurum.*** Jesurum é um nome próprio empregado apenas em quatro passagens para designar Israel. O paralelo de Jacó e Israel com Jacó e Jesurum (Dt 32.15; Is 44.2, IBB; ARA, "ó amado") deixa claro que a referência é necessariamente a Jacó sob o nome de Israel (como em Dt 33.5). O Senhor é "Deus de Jesurum" (Dt 33.26, TB).

Conquanto a palavra possa designar Israel como uma nação ideal e correta (como na LXX e na Vulg., *rectissimus*, *dilectus*), o mais provável é que o apropriado aqui seja o sentido de guardar a lei ou manter a justiça. Eles são um *Rechtsfolk* que possui a lei. Não tem base a antiga interpretação etimológica da palavra como sendo um diminutivo de *yāshûr*, "pequeno e bom povo", pois não há qualquer prova da existência de tal formação diminutiva no hebraico; de igual forma o título não deve ser um aposto. Antropônimos terminados em *-un* de fato ocorrem (possivelmente com sentido hipocorístico), e o nome possivelmente contemporâneo de Jeser, filho de Calebe (1 Cr 2.18), o nome *Mishara*, encontrado em Ras Shamra (*Ugaritica* 5, *RS* 17:325), e o ugarítico *bn mshrm*, "filho de retidão" (*UT* 19: nº 1 566) podem ser comparados com Jesurum, muito embora não tenham a terminação.

O "livro de Jasar" (Js 10.13, IBB) é apresentado como a fonte ou o registro das informações sobre a derrota infligida por Israel aos amorreus. Ele também registrou a derrota e a morte de Saul e Jônatas às mãos dos filisteus e o lamento de Davi por eles (2 Sm 1.18). Continha informações que podiam ser citadas ou ensinadas. Embora a maioria dos estudiosos considere que esse livro era uma coletânea de antigas poesias nacionais, pode muito bem ter sido parte dos registros pré-monárquicos da nação, os quais teriam incluído acordos escritos e outros documentos públicos semelhantes aos *mshrm*, "decretos".

O substantivo *mîshôr*, derivado de *yāshār*, significa basicamente "um lugar plano" e é usado em descrições geográficas e também com a conotação de "justiça", conforme visto acima com relação a *mêshārîm*.

Assim sendo, a palavra indica a "planície" em contraste com os montes (1 Rs 20.23-25) ou os vales (Is 40.4; lit., "como planície"; ARA, "retificado"). Em Isaías 42.16 pode ser traduzido como "caminhos planos" (ARA) ou "caminhos direitos" (TB). Conforme empregada nas orações de Davi (Sl 26.12; 27.11; 143.10), a palavra poderia significar um lugar plano ou, figuradamente, um local de segurança, conforto e prosperidade (*BDB*). Pode denotar justiça ou a bênção que resulta de guardar a lei e invocar o Senhor como juiz (Sl 26.1 s.). Em Jeremias 21.13, "Rocha da planície" (BJ; ARA, "rocha da campina") parece ser referência a um determinado e exato ponto topográfico em Jerusalém (*KB*) ... talvez o palácio em Ofel (BJ, mg.).

Em vários versículos *mîshôr* assinala uma região específica do Jordão, ao norte do rio Arnom e que foi capturada pelos hebreus. Ficava no deserto (Dt 4.43), onde havia pastagem (2 Cr 26.10). Dentro da área havia aldeias (Dt 3.10) bem como uma das cidades de refúgio (Js 20.8).

Bibliografia: FINKELSTEIN, J. J. Some new *misharum* material with its implications. In: *Studies in honor of B. Landsberger*. Ed. Hans G. Güterbock & Thorkild Jacobsen. Chicago, University Press, 1965. — RICHARDSON, *TWB*, p. 273. — *THAT*, v. 1, pp. 790-93.

D.J.W.

יְשֻׁרוּן (*y'shurûn*). Veja o nº 930d.

931 יָשַׁשׁ (*yshsh*). **Aceita como raiz de:**

931a יָשֵׁשׁ (*yāshēsh*) ***idoso, decrépito.*** Ocorre somente em 2 Cr 36.17.

931b יָשִׁישׁ (*yāshîsh*) ***idoso.*** Ocorre exclusivamente em Jó (12.12; 15.10; 29.8; 32.6).

932 יָתַד (*ytd*). **Aceita como raiz de:**

932a יָתֵד (*yātēd*) ***estaca, prego, pino.***

Aparece 24 vezes. Usavam-se estacas para firmar tendas e estacas de bronze mantinham o tabernáculo de pé (Êx 27.19). Pregos também eram fincados na parede para pendurar objetos; pinos eram usados com o tear (Jz 16.14). Em sua parábola Ezequiel assinala que, quando uma vide deixa de dar fruto, que é a única coisa para que serve, não pode ser usada nem mesmo para servir de estaca (Ez 15.3). Os israelitas receberam instruções para levar uma estaca consigo (ARA, "pau") para cavar um buraco em caso de necessidade (Dt 23.13 [14]). Em sua tenda, Jael, enquanto distraía Sísera, realizou o feito heróico de cravar uma estaca em seu crânio (Jz 4.21 s.; 5.26).

É interessante que se usa o vocábulo num sentido positivo com referência às bênçãos de Deus. Esdras fala acerca das bênçãos que Deus concedeu em termos de dar uma "estaca" (TB; ARA, "estabilidade") em seu santo lugar (Ed 9.8). Para enfatizar a importância cada vez mais ampla do ministério do servo, Isaías exorta a alargar a tenda, esticar as cordas e firmar as "estacas" (Is 54.2). Analogamente Jerusalém tornar-se-á uma "tenda que não será removida, cujas estacas nunca serão arrancadas" (Is 33.20). A certeza e a estabilidade do trono de Davi são visualizadas como uma estaca fincada em lugar firme (Is 22.23; *cf.* Zc 10.4). Entretanto, antes de Deus estabelecer o verdadeiro reino, o falso domínio será arrancado, tal qual uma estaca firmemente fincada, e tudo o que nela se apóia (Is 22.25).

J.E.H.

יָתוֹם (*yātôm*). Veja o nº 934a.

יָתוּר (*yātûr*). Veja o nº 936 (particípio passivo).

933 יתח (*yth*). **Aceita como raiz de:**

933a תּוֹתָח (*tôtāh*) ***nome de arma, talvez porrete ou clava*** (Jó 41.21[29]).

934 יתם (*ytm*). **Aceita como raiz de:**

934a יָתוֹם (*yātôm*) ***órfão.***

Ocorre 41 vezes. O órfao, geralmente associado com o estrangeiro e a viúva, é objeto de especial atenção. Mede-se a qualidade da devoção de alguém pela maneira como trata a viúva e o órfao. Deve haver um empenho especial em fazer-lhes justiça (Dt 24.17); caso contrário a maldição divina vem sobre a congregação (Dt 24.19). Embora eles tenham motivo para prantear, não são excluídos das festas de peregrinação. São convidados a juntar-se aos demais e regozijar-se da mesma forma como são convidados todos os filhos de Deus (Dt 16.11-14). Uma sociedade corrupta extorque o estrangeiro, faz mal ao órfao e à viúva e demonstra desprezo pelo pai e pela mãe (Ez 22.7; *cf.* Is 10.2); por exemplo. pessoas assim levam embora o jumento do órfao e apoderam-se do boi pertencente à viúva como penhor (Jó 24.3). Aqueles que maltratam o órfao e a viúva são postos em pé de igualdade com adúlteros, feiticeiros e perjuros em Malaquias 3.5. Mas o próprio Deus atende às necessidades básicas desses desafortunados (Dt 10.18) e é conhecido como "Pai dos órfãos" (Sl 68.5 [6]). Esse fato reflete-se nas leis que proíbem apanhar gavelas caídas ao chão ou tornar à videira e à oliveira para colher seus frutos uma segunda vez (Dt 24.19 ss.). Juntamente com os levitas, tais pessoas recebem uma parte dos dízimos da produção agrícola de cada três anos (Dt 14.28 s.). A palavra ocorre também em ugarítico (*UT* 19: n.º 1 168), onde se diz que o deus maior El trata o órfao e a viúva com beneficência. Não é de surpreender essa consciência comum de misericórdia. Não foram preservadas as leis de Ugarite específicas sobre tais questão.

J.E.H.

935 יתן (*ytn*). **Aceita como raiz de:**

935a אֵיתָן (*'êtān*) ***I, perene, que flui continuamente.***

935b אֵיתָן (*'êtān*) ***II, Etã.***

'êtān, I, Perene, que flui continuamente, permanente, duradouro. Palavra usada 13 vezes. Refere-se à existência contínua de um fenômeno da natureza, tal como as águas que sempre correm num rio perene (Dt 21.4). Tais cursos d'água são de um valor todo especial na Palestina, onde a maioria dos uádis fica seca a maior parte do ano. O sétimo mês tem o nome de "mês de etanim", isto é, o mês do fluir constante, talvez indicando a época em que esses são os únicos cursos de água existentes (1 Rs 8.2). Também significa o movimento ininterrupto do mar, o qual Deus interrompeu apenas o tempo necessário para permitir que Israel o atravessasse com segurança (Êx 14.27; ARA, "força"; PIB, "fluxo normal"). Salmos 74.15 descreve este grande feito como o secar de "rios perenes" (IBB). Por esse motivo Amós 5.24 comunica uma imagem marcante: "Antes corra o juízo como as águas, e a justiça como ribeiro perene." A justiça é realmente a qualidade permanente, duradoura, que cada crente busca e que se tornará o alicerce do reino de Deus. As montanhas são consideradas os alicerces inabaláveis da terra. Portanto, devido à sua existência contínua, elas estão em condições de testemunhar a favor do Senhor e contra Israel quando do grande juízo (Mq 6.2).

Esta palavra também é aplicada à esfera da vida humana. Por exemplo, o homem se defronta com o contínuo problema do conflito em seu corpo (Jó 33.19); isso é reflexo da

natureza duradoura da maldição que o homem carrega por causa de seu pecado original. Em Jó 12.19, onde é traduzida por "os poderosos", a palavra provavelmente indica os nobres, cuja posição social é transmitida continuamente por hereditariedade, mas que assim mesmo podem ser derrubados por Deus. Ademais, algumas nações são consideradas inabaláveis (ARA, "robusta", Jr 5.15; *cf.* Nm 24.21). A nação aqui mencionada é a Babilônia, que ao longo da história de Israel foi para esta última um instrumento da retribuição divina. Embora a habitação do homem possa parecer inabalável (IBB, "morada forte"; *cf.* PIB, "pastagens de perene verdor"), tal como os apriscos próximos ao Jordão, Deus pode destruí-la, até mesmo mediante um leão voraz (Jr 49.19; 50.44; *KB* interpreta a frase como "pastagem junto ao rio perene"). Aqui o conceito não é tanto de força, mas o fato de que essas pastagens têm existido há tanto tempo que parecem permanentes.

A bênção de Jacó apresenta José no meio de um combate intenso, tendo o arco "firme" nas mãos e disparando flechas uma atrás da outra (Gn 49.23 s., Skinner). Outro texto difícil é Provérbios 13.15, "o caminho dos pérfidos é imutável" (ARA, "intransitável": BJ, "duro"). O TM faz bastante sentido, pois a falta de fé cria costumes arraigados, para os quais não há saída.

'êtān. ***II, Etã.*** O nome próprio ocorre oito vezes. Pelo menos três homens diferentes tiveram esse nome.

1. Etã foi conhecido por sua sabedoria e encabeça a lista da qual também fazem parte Hemã, Calcol e Darda. A sabedoria de Salomão, em comparação com a de Etã, sobrepujava-a (1 Rs 4.31 [5.11]). Aliás, Etã deve ter sido alguém cujas histórias passaram a fazer parte da tradição popular. Ele tem seu nome alistado como um dos filhos de Zerá (1 Cr 2.6), que era da tribo de Judá; seu filho foi Azarias (1 Cr 2.8). Ele é chamado de ezraíta (o filho de Zerá). O salmo 89 tem o seguinte cabeçalho: "Masquil de Etã, ezraíta". "Masquil" (veja *maskîl*) poderia ser um cântico de sabedoria composto para instruir. Esse salmo diz respeito à aliança eterna de Deus com Davi para governar Israel.

2. Outro Etã, filho de Cusaías, da família levítica de Merari, é mencionado como um cantor levítico, juntamente com Hemã e Asafe (1 Cr 15.17, 19; 6.29). Eles dividiam entre si uma grande parte da responsabilidade pela música no templo e tocavam os címbalos enquanto cantavam. Ele talvez também tivesse o nome de Jedutum, que aparece ocupando a mesma função junto com Asafe e Hemã em 1 Crônicas 25.1, 6; 2 Crônicas 5.12; 35.15.

3. Um terceiro Etã é mencionado como filho de Zima, da família levítica de Gérson (1 Cr 6.42 [27]).

Bibliografia: DRIVER, S. R. *Deuteronomy*. In: *ICC*. v. 5, pp. 241 s. — POPE, Marvin H. *Job*. In: *AB*. v. 15. — SKINNER, John, *Genesis*. In: *ICC*. v. 1. — SMEND, Rudolf, *Die Weisheit des Jesus Sirach*. Berlim, Georg Reime, 1906. pp. 373 s.

J.E.H.

936 יָתַר (*yātar*) ***deixar para trás, abandonar***; hifil: ***fazer sobrar, preservar, deixar escapar*** (Ez 12.16), ***ter preeminência.***

Termos Derivados

936a יֶתֶר (*yeter*) ***I, resto, remanescente.***

936b יֶתֶר (*yeter*) ***II, corda, corda de arco.***
936c יִתְרָה (*yitrâ*) ***abundância, riquezas.***
936d יוֹתֵר (*yôtēr*), יֹתֵר (*yōtēr*) ***mais, melhor, vantagem.***
936e יְתֶרֶת (*yōteret*) ***acessório.***
936f יִתְרוֹן (*yitrôn*) ***vantagem, excelência.***
936g מוֹתָר (*môtār*) ***lucro, abundância.***
936h מֵיתָר (*mêtār*) ***fio, corda.***

yātar e seus derivados são usados 227 vezes. A palavra refere-se a uma porção de algo que foi dividido. Em geral é a porção menor e às vezes é a porção de menor qualidade. Pode referir-se à porção de menor qualidade mas de maior quantidade (Jz 7.6); por exemplo, em Neemias inclui o povo além dos sacerdotes, nobres e oficiais (Ne 2.16; 4.14 [8], 19, [13]). Também pode ser usada no sentido de "vantagem" ou "mais do que".

O conceito de resto ocorre numa ampla variedade de contextos. Comida que sobra é indicação de que as necessidades da pessoa foram amplamente supridas (Rt 2.14; 2 Cr 31.10). O povo contribuiu liberalmente para a construção do tabernáculo de sorte que houve objetos que sobraram (Êx 36.7). A maioria dos sacrifícios devia ser comida no dia em que eram oferecidos; o que sobrasse devia ser queimado (Êx 12.10; Lv 8.32). Mas uma oferta votiva ou voluntária podia ser queimada apenas ao terceiro dia (Lv 7.16 s.).

Refere-se ao futuro da vida de alguém como os anos restantes (Is 38.10). Os acontecimentos não registrados do reinado de um rei são citados como "o restante dos atos de" (ARA, "os mais atos de"). Em Gênesis 49.3 s. a palavra tem a idéia de preeminência; ali Jacó disse a Rúben: "tu és ... preeminente em dignidade e preeminente em poder. Descomedido como a água, não reterás a preeminência" (IBB). Em Provérbios 17.7 *s'pat yeter* (lit. "um lábio de abundância") é interpretado por *BDB* como "fala arrogante", pela IBB como "fala excelente", e pela BJ como "língua distinta".

A escola de sabedoria, em especial Eclesiastes, muitas vezes emprega esta raiz para designar a busca da verdadeira vantagem ou da verdadeira excelência na vida. Provérbios enfatiza que a abundância pode ser adquirida com o trabalho árduo e o esforço diligente (Pv 14.23; 21.5). Mas a abundância de bens não deve se tornar o objetivo da vida, porquanto, depois de satisfeitas as necessidades, aquilo que sobra passa a ser herança dos familiares (Sl 17.14).

O escritor de Eclesiastes utiliza essa família de palavras para transmitir muitas de suas idéias. Não se deve ser excessivamente sábio nem excessivamente justo; isto é, não se pode querer passar para os outros uma idéia de seu próprio valor mediante a exibição de sua sabedoria ou retidão de modo que elas pareçam maiores do que realmente são (Ec 7.16). Na verdade, a melhor vantagem pertence àquele que tem sabedoria (Ec 7.11). Ele emprega *yitrôn* no sentido de "vantagem", "ganho" ou "lucro". Para uma comunidade agrícola existe vantagem em ter um rei, sem dúvida alguma porque a produção agrícola pode ser totalmente consumida (Ec 5.9 [8]). Esse escritor também entende que a sabedoria tem vantagens ou benefícios em relação à loucura (Ec 2.13). A sabedoria mostra ao homem como vencer um problema difícil, e o conhecimento permite que a sabedoria preserve a vida de quem o possui (Ec 7.12; 10.10). Provérbios assinala que o trabalho árduo tem vantagem sobre a preguiça (Pv 14.23). Mas Eclesiastes examina mais

profundamente ao indagar continuamente que vantagem alguém tem com o seu labor (Ec 1.3; 3.9). A resposta é nada, especialmente se a pessoa está acumulando bens que não podem ser levados na morte (Ec 2.11; 5.15). Aqui Eclesiastes percebe a plena força da maldição que caiu sobre o trabalho do homem, a qual faz com que esse trabalho seja árduo, e ele claramente vê que o sentido derradeiro não pode estar no trabalho do homem nem nos resultados de tal trabalho.

Em contextos militares, esta raiz freqüentemente indica os sobreviventes do povo que foi derrotado (Js 12.4; 23.12). Pode também referir-se àqueles que sobreviveram a uma conspiração (*e.g.*, Jz 9.5). Um acontecimento realmente devastador é aquele quando não sobra ninguém (Js 11.11, 22). Às vezes alguém sobra e sente-se bastante solitário; veja-se, por exemplo, a queixa de Elias: "Só eu fiquei dos profetas do SENHOR" (1 Rs 18.22). Com respeito a Israel, a palavra designa aqueles que escaparam da destruição de Jerusalém pela Babilônia (Ez 6.8; 12.16; *cf.* Is 1.9; mas na maioria das vezes a idéia de "remanescente" provém da raiz *sh'r*). Os sobreviventes tornar-se-ão a arma divina para punição de outras nações (Sf 2.9). Mas no fim dos tempos os sobreviventes nunca mais serão varridos de Jerusalém (Zc 14.2).

yeter. ***Corda, corda de arco, corda de tenda.*** Palavra usada seis vezes. Na série de tentativas de Dalila descobrir a origem da força de Sansão, este lhe disse para amarrá-lo com sete cordas novas, ainda não secas; elas certamente apertariam intensamente quando secassem. Enquanto ele dormia, amarraram-no dessa maneira; mas, ao acordar, conseguiu arrebentar as cordas (Jz 16.7 ss.). A tentativa de os ímpios destruírem os justos é visualizada como pôr "a flecha na corda para, às ocultas, dispararem contra os retos de coração" (Sl 11.2). Com referência à vida, o afrouxamento da corda significa que a saúde encontra-se quebrantada de modo que a morte está próxima (Jó 4.21; 30.11).

mêtār. ***Corda, fio, corda de tenda.*** Esta palavra ocorre nove vezes. Na maioria das vezes aparece junto com as estacas e bases do tabernáculo (Êx 35.18). As cordas da nova tenda terão de ser encompridadas (Is 54.2). De outro lado, cordas rompidas indicam um povo na iminência de sucumbir diante de seus inimigos (Jr 10.20). Em Salmos 21.12 [13] a palavra é empregada no lugar do arco para indicar o instrumento que os justos utilizam para derrotar os planos agressivos e enganosos de seus inimigos.

Bibliografia: *TDNT*. v. 4, pp. 196-208.

J.E.H.

יִתְרוֹן (*yitrôn*). Veja o nº 936f.

יִתְרָה (*yōteret*). Veja o nº 936e.

Nota do digitalizador: A página 692 no "DITAD" está em branco por motivo de mudança da letra hebraica.

כ

937 כְּ (*k*^{e}) ***como, tal (alguma coisa), tanto quanto, a semelhança de.***

Basicamente um substantivo, esta palavra é com freqüência usada como uma preposição comparativa ligada à palavra que é comparada. Quantitativamente, especialmente quando empregada com numerais e palavras designativas de tempo, pode ter o sentido de "aproximadamente". Qualitativamente, pode significar "de acordo com" (Gn 1.26, ARA, "conforme"). Numa expressão correlativa a preposição aparece duas vezes; por exemplo, "o meu povo [é] como o teu povo" é, literalmente, "tal meu povo tal teu povo" (1 Rs 22.4). Antes de um infinitivo expressa o tempo em que ocorre a ação, ou seja, "quando", "enquanto", "no tempo em que". Pode exprimir a idéia de algo acontecendo simultaneamente ("enquanto") melhor do que mediante o uso de *b*^{e} com um infinitivo, que é melhor traduzido por "quando".

938 כְּמוֹ (*k*^{e}*mô*) ***como, quando.***

A palavra *k*^{e} aparece 56 vezes isoladamente e, quando isso acontece, ela sempre ocorre na forma expandida *k*^{e}*mô*. Essa é a forma empregada em combinação com os sufixos leves, por exemplo, *kāmônî*, "como eu", *kāmôkā*, "como tu", e é às vezes usada com os sufixos pesados, por exemplo, *k*^{e}*môhem* ou *kāhēm*, ambos significando "como eles". Em ugarítico o uso é parecido. As preposições *b*^{e} e *l*^{e} também empregam a forma com o *mem* enclítico, mas um menor número de vezes do que acontece com *k*^{e}.

939 כַּאֲשֶׁר (*ka'ăsher*) ***como, quando, de acordo com.***

Em combinação com *'ăsher*, *k*^{e} ainda significa "como, quando, de acordo com", talvez com alguma ênfase, mas também pode indicar uma força casual, "visto que, por causa de".

940 כְּאַב (*kā'ab*) ***estar dolorido, ter dores, estar pesaroso.***

941 *כָּאָה (*kā'á*)

Termos Derivados

940a †כְּאֵב (*kᵉ'ēb*) ***tristeza, pesar.***

940b †מַכְאוֹב (*mak'ôb*) ***tristeza, pesar.***

kā'ab ocorre 30 vezes junto com seus derivados e, com quatro exceções, sempre em poesia. Conquanto a raiz não apareça em ugarítico, acha-se em aramaico, acadiano e árabe. As duas primeiras enfatizam o aspecto de dor, ao passo que o árabe ressalta a tristeza e o pesar. Embora se possa usar a raiz para designar o sofrimento físico, num número muito maior de vezes ela tem que ver com a aflição mental.

Apenas em quatro vezes *kā'ab* refere-se à dor física. Gênesis 34.25 refere-se à dor da circuncisão; Jó 14.22 e 33.19, à dor física a que toda a humanidade está sujeita; e Ezequiel 28.24, aos espinhos que causam dor (embora a palavra seja usada figuradamente para indicar os inimigos de Israel).

Entretanto, na maioria das vezes em que esta palavra é usada é impossível fazer distinção entre o sofrimento mental e o físico. Um exemplo disso seria Êxodo 3.7, que fala da compaixão de Deus pela aflição do seu povo. Certamente eles estavam experimentando dor física, mas a situação toda deles também era motivo de aflição.

Devido à incapacidade de Israel de servir fielmente a Deus, eles foram atirados de volta nesse sofrimento durante o exílio (Lm 1.12, 18). Mas a palavra de esperança é que Jesus carregou todo esse sofrimento, toda essa "tristeza" (Is 65.14), para que fôssemos curados (Is 53.3-4).

kᵉ'ēb. ***Tristeza, pesar, dor.*** A palavra ocorre seis vezes.

mak'ôb. ***Tristeza, pesar, aflição, dor.*** São 16 ocorrências, das quais pelo menos 11 têm que ver com sofrimento mental.

J.N.O.

941 *כָּאָה (*kā'â*) ***estar desanimado, intimidado.*** Ocorre somente nos graus nifal e hifil (*e.g.*, Dn 11.30; Ez 13.22).

Termo Derivado

941a כָּאֶה (*kā'eh*) ***intimidado*** (Sl 10.10).

942 כבב (*kbb*). **Aceita como raiz de:**

942a כּוֹכָב (*kôkāb*) ***estrela.***

As nações ao redor de Israel adoravam as estrelas, quer isoladamente quer como constelações. Astrólogos e sábios estudavam cuidadosamente os movimentos das estrelas para determinar a vontade e a mensagem desses deuses, mas em vão (Is 47.13). Isso fora-lhes destinado por Yahweh (Dt 4.19; *cf.* Am 5.26), mas Israel recebera estritas proibições de adorá-las. No pensamento de Israel as estrelas influenciavam a vida, mas apenas na condição de agentes de Yahweh. Deus criou as estrelas para darem luz e governarem a

noite (Gn 1.16 s.; Sl 136.9). Ele "conta o número das estrelas, chamando-as todas pelos seus nomes" (Sl 147.4). Nenhuma estrela existe sem Yahweh, e o destino delas é determinado por ele. O imenso número de estrelas era também um símbolo da promessa divina a Abraão de que este teria muitos descendentes (Gn 22.17; 26.4).

Às vezes as estrelas são personalizadas. Podem ser identificadas com os filhos de Deus, que exultaram com louvor quando da criação (Jó 38.7; *cf.* Sl 148.3). Entretanto, Deus é indubitavelmente superior até mesmo às mais altas estrelas (Jó 22.12). Deus empregou as estrelas para lutarem do lado de Israel a fim de derrotarem Sísera (Jz 5.20). No texto de Números 24.17, o indivíduo que há de trazer salvação a Israel é profetizado como sendo "uma estrela [que] procederá de Jacó". Jesus, em Apocalipse, diz: "Eu sou ... a brilhante estrela da manhã" (Ap 22.16; *cf.* 2 Pe 1.19). Então os fiéis, que diligentemente labutam para fazer as pessoas se voltarem para Deus, também resplandecerão para sempre como as estrelas (Dn 12.3; *cf.* 1 Co 15.41 s.).

J.E.H.

943 כָּבֵד (*kābēd*) ***ser (estar) pesado, pesaroso, duro, rico, honrado, glorioso.***

Termos Derivados

943a †כְּבֵד (*kābēd*) ***I, grande.***

943b †כְּבֵד (*kābēd*) ***II, fígado.***

943c כֹּבֶד (*kōbed*) ***grande.***

943d כָּבוֹד (*kābôd*) ***I, glorioso***, ocorre somente na forma feminina singular *kᵉbûddâ* (Ez 23.41; Sl 45.14).

943e †כָּבוֹד (*kābôd*) ***II, glória.***

943f כְּבוּדָּה† (*kᵉbûddâ*) ***abundância, riquezas.*** Somente em Juízes 18.21.

943g כִּבְדָה (*kᵉbēdut*) ***peso***, somente em Êxodo 14.25.

Esta raiz e seus derivados ocorrem 376 vezes na Bíblia hebraica. É especialmente proeminente em Salmos (64 ocorrências) e Isaías (63), bem como em Êxodo (33), Ezequiel (25) e Provérbios (24). De todas as ocorrências, 114 são como verbo. Essa é uma raiz comum às línguas semíticas, aparecendo em todas as línguas à exceção do aramaico, onde parece que *yāqār* é usado em seu lugar. O sentido básico é o de "ser pesado", um significado que só raramente é usado literalmente; o sentido figurado (*e.g.*, "pesado com o pecado") é mais comum. A partir desse uso figurado há uma curta distância até o conceito de uma pessoa "de peso" na sociedade, alguém que é honrado, marcante, digno de respeito. Este último sentido prevalece em mais da metade das ocorrências.

O uso literal do termo ocorre apenas em 1 Samuel 4.18, "Eli ... era ... pesado" (*kābēd*, adjetivo), e 2 Samuel 14.26, "quando [o cabelo de Absalão] lhe era pesado" (lit.; *kābēd*, substantivo).

Geralmente *kābēd* tem uma conotação negativa. Os graus qal e hifil constituem a maior parte das ocorrências da forma verbal, enquanto *kābēd* e *kōbed* são os substantivos que se enquadram na categoria. De um modo genérico, os usos figurados classificam-se em três grupos. O primeiro refere-se a partes do corpo, expressando lerdeza,

desajeito ou implacabilidade. O segundo diz respeito a acontecimentos ou experiências, descrevendo sua severidade em termos de serem pesados. O terceiro indica tamanho ou número em tais termos.

O primeiro uso acha-se na maioria das vezes relacionado a Faraó, em sete passagens (Êx 7.14; 8.15 [11], 28 [32]; 9.7, 34; 10.1; 1 Sm 6.6). A recusa de Faraó em sensibilizar-se com a situação dos hebreus ou de atender seus clamores é chamada de peso ou endurecimento do coração (*cf.* o estudo por Girdlestone, *SOT*, p. 66-7). Analogamente, os ouvidos (Is 6.10; 59.1; Zc 7.11), a língua (Êx 4.10) e os olhos (Gn 48.10) podem tornar-se embotados e insensíveis, ao passo que as mãos podem ficar pesadas, isto é, exaustas (Êx 17.12). Nos três últimos casos há uma enfermidade física envolvida, mas o primeiro expressa problemas espirituais.

Usa-se chamar alguma coisa de pesada, a fim de indicar sua severidade, com referência ao trabalho (Êx 5.9, *etc.*), à servidão (1 Rs 12.10, *etc.*), à guerra (Jz 20.34, *etc.*) e às epidemias (Gn 41.31, *etc.*). Três vezes expressa-se a severidade de tais infortúnios como se fosse a mão do Senhor a pesar sobre eles (*cf.* 1 Sm 5.6, 11; Sl 32.4). Da mesma maneira, as mãos de alguém podem ser pesadas sobre outrem (Jz 1.35, Jó 33.7). E também uma pessoa, mesmo sem necessariamente assim desejar, pode tornar-se um peso para outra (2 Sm 13.25, 2 Cr 10.10, 14; 25.19; Ne 5.15). O fato de que a severidade da escravidão é, com freqüência, indicada por meio da expressão figurada "jugo pesado" (1 Rs 12.4; 2 Cr 10.4, 11) torna ainda mais significativa a afirmação de Jesus "o meu jugo é suave" (Mt 11.28).

É bem curta a transição da idéia de severidade para a de magnitude, e em vários casos não é fácil identificar claramente qual a conotação da palavra, por exemplo, a declaração de que o pecado de Sodoma e Gomorra era muito pesado (Gn 18.20). Quer isso dizer que o pecado era grande ou que era sério? Da mesma forma também em Isaías 24.20; Salmos 38.4 [5]; Jó 6.3, *etc.* De qualquer forma, está claro que o pecado é um peso que prostra aquele que o carrega, tornando a própria pessoa pesada e insensível (Is 1.4; Pv 27.3). Outros usos, porém, são bastante claros. *Cf.*, por exemplo, Números 20.20, "Edom saiu com um povo pesado" (lit.), ou 2 Reis 6.14, "um exército pesado" (lit.). Referências semelhantes seriam Êxodo 12.38; 2 Crônicas 9.1; Isaías 36.2. Habacuque 2.6 usa a palavra com esse sentido quando ataca aqueles que a si mesmo "se carregam" de penhores (isto é, acumulam-nos; *cf.* Na 3.15). Em um caso afirma-se que Abraão era bem pesado (Gn 13.2), e o contexto deixa claro que a referência é à magnitude de sua riqueza. Isso é significativo para os usos posteriores.

No segundo principal grupo de conotações o uso figurado do termo é levado ainda mais adiante. Neste caso a idéia é de algo pesado no sentido de ser digno de menção ou marcante. Traduções usuais são "honroso, honrado, glorioso, glorificado". Os graus nifal e piel têm, normalmente, essas conotações.

A reputação da pessoa é de importância fundamental nesses usos. Assim sendo, a pessoa de elevada posição social e com a decorrente riqueza era automaticamente alguém honrado, ou de peso, na sociedade (Nm 22.15, *etc.*). Tal posição, suas riquezas e uma vida longa eram usualmente consideradas como a justa recompensa de uma vida direita (1 Cr 29.28, *etc.*). Embora quem chegasse a atingir esse nível fosse automaticamente honrado, também está claro que se esperava que a pessoa fizesse jus a tal honra e glória. O livro de Provérbios deixa claro que os adornos de glória sem a correspondente magnitude de caráter era uma ofensa à vida (21.21; 22.4; 26.1; *etc.*).

Analogamente, pessoas em posição de responsabilidade e autoridade mereciam honra

(Êx 20.12; Ml 1.6). É significativo recordar que dar honra ou glória é dizer que alguém é merecedor de respeito, atenção e obediência. Uma vida que com suas ações não respalda as palavras honrosas que a pessoa profere é hipocrisia em alto grau. Israel foi repetidas vezes culpado de honrar a Deus com os lábios ao mesmo tempo em que na prática tratava-o como sem nenhum valor (Is 29.13).

A honra também é recebida como resultado de feitos heróicos de coragem, lealdade, *etc.* Os homens valorosos de Davi foram assim tratados (1 Rs 11.21, *etc.*). Essas foram pessoas que, sozinhas, fizeram o seu próprio nome. Nesta linha de raciocínio Deus também deve ser honrado. O nome de Deus é glorioso em retidão, fidelidade, juízo e salvação (Sl 66.2; 79.9; Is 40.5). Ele é o rei da glória (Sl 24.7-10), que tem agido gloriosamente. Por isso ele deve ser honrado não somente por causa de sua posição como cabeça soberano do universo, mas também por causa de seu inigualável caráter em todas as áreas.

Os adornos de glória eram em geral marcantes por sua beleza. Assim, as vestes dos sacerdotes foram expressamente feitas para serem de uma beleza ímpar, a fim de transmitirem algo da grande dignidade e importância do ofício (Êx 28.2, 40). A glória dos grandes reinos é comumente comparada aos esplendores e beleza da grande floresta do Líbano (Is 8.7; 10.18). Parece que a beleza específica do ser humano é sua capacidade de reação racional e moral (Gn 49.6; Sl 108.1 [2]; Jr 2.11).

É, no entanto, na questão dessas manifestações de beleza que a Bíblia fala da forma mais arrasadora possível acerca da transitoriedade de toda glória, exceto a de Deus. De um modo especial, cita-se Isaías neste mister. Quão rapidamente a glória se vai. Quão repentinamente uma grande floresta de cedros pode ser reduzida a um definhante campo de tocos (Is 10.18). Quão facilmente o homem consegue trocar suas verdadeiras glórias por aquilo que realmente o avilta e destrói (Sl 106.20). Qualquer característica marcante ou notável que o homem, em seu próprio orgulho e arrogância, criou para si está fadada à destruição (Is 16.14; 17.4; 21.16).

[Umas poucas referências à "glória" (*kābôd*) podem ser mais bem interpretadas como erros de vocalização em que o certo seria a palavra "fígado" (*kābēd* II), que para os semitas tinha a conotação que "coração" tem para nós. Assim, Salmos 16.9, "minha glória exulta" (lit.; *cf.* TB), pode significar "meu fígado exulta" (*cf.* ARA, "meu espírito exulta"). Observe-se a menção a partes do corpo no contexto. É claro que não é o fígado que literalmente exulta, mas a pessoa. Corretamente, então, a LXX e o NT traduzem "a minha língua exulta". R.L.H.]

Em contraste com a transitoriedade da glória humana e terrena encontra-se a beleza imutável do Deus manifesto (Sl 145.5). Nesse sentido o substantivo *kābôd* assume seu sentido mais incomum e característico. Em 45 ocorrências essa forma da raiz diz respeito a uma manifestação visível de Deus, e, sempre que se menciona "a glória de Deus", deve-se levar em conta esse uso. A força desse significado é tão grande que transforma o sentido de *doxa*, que nos clássicos gregos tinha a idéia de opinião de homens, em algo absolutamente objetivo na LXX e no NT.

A maior parte das ocorrências em que a glória de Deus é uma manifestação visível está relacionada ao tabernáculo (Êx 16.10; 40.34; *etc.*) e ao templo, na visão ezequieliana do exílio e da restauração (Ez 9.3, *etc.*). Essas manifestações estão diretamente relacionadas com a auto-revelação de Deus e seu desejo de habitar entre os homens. Nessa condição elas são geralmente associadas à sua santidade. Deus almeja habitar com os homens, deseja que sua realidade e seu esplendor sejam conhecidos dos homens. Mas

isso só é possível quando eles levam em conta o impacto da santidade divina e começam, pela fé e pela obediência, a deixar que esse caráter se manifeste em suas vidas (Nm 14.10; Is 6.3; Ed 10; 11).

As várias referências que falam da glória de Deus a encher a terra e/ou tornando-se visível são instrutivas. De um lado, elas referem-se com muita legitimidade àquela reputação de grandeza que apenas Deus merece, não só por causa de sua posição natural como rei, mas por causa de sua inigualável atividade como libertador e salvador. No entanto, conforme se assinalou acima, há ainda uma outra idéia. Não é apenas a reputação de Deus que enche a terra, mas é a própria realidade da sua presença. E seu desejo é que todas as pessoas alegremente o admitam e o experimentem. O primeiro passo que ele deu para alcançar esses objetivos foi encher o tabernáculo — e posteriormente o templo — com sua presença.

Todavia, em nenhuma outra parte se vê a realidade e o esplendor de sua presença e caráter como em seu filho (Is 4.2). Aqui se apresenta a qualidade quase cegante de sua glória: "E vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Jo 1.14; *cf.* 17.1-5). Através dele e através de sua presença na igreja, a glória de Deus está de fato enchendo a terra.

kābēd. ***I. Grande, pesaroso, duro, pesado.*** Esta palavra, como adjetivo, não ocorre com o sentido de "honrado" ou "honroso". Ademais, esta palavra e a seguinte distinguem-se das demais formas da raiz pelo fato de que às vezes têm a conotação de número ou volume (onze dentre quarenta vezes no caso de *kābēd*; uma dentre quatro vezes no caso de *kōbed*), enquanto nas outras formas isso raramente acontece.

kābēd. ***II, fígado.*** São 14 ocorrências, das quais nove em Levítico 3—9.

kābôd. ***Glória, glorioso, honra, honroso.*** Um substantivo, freqüentemente em construto com uma palavra precedente, assumindo assim um aspecto adjetival ("Rei da Glória", SI 24.8, equivale a "rei glorioso"). Ocorre 200 vezes, jamais tendo diretamente a idéia de peso.

kᵉbûddâ. ***Gloriosa, imponente, formosa.*** Um adjetivo empregado somente no feminino. Em Salmos 45.13 [14], onde a IBB traz "esplendente", a RSV traduz "riqueza". Em Juízes 18.21 a IBB traduz por "bagagem", evidentemente com o sentido de "coisas a serem transportadas" (ARA, "bens").

Bibliografia: CASPARI, Wilhelm. *Die Bedeutung der Wortsippe* כבד *im Hebräischen*. Leipzig, 1908. — CAIRD, G. B. The glory of God in the fourth gospel. *New Testament studies* 15:265-77. — FORSTER, A. H. The Meaning of δόξα in the Greek Bible. *The Anglican Theological Review* 12:311-6. — KITTEL, Gerhard. δόξα in the LXX and Hellenistic apocrypha. In: *TDNT*. v. 2, p. 242-5. — MORGENSTERN, Julian. Biblical theophanies. *Zeitschrift für Assyriologie* 25:139-193; 28:15-60. — RICHARDSON. *TWB*. p. 175. — VON RAD, Gerhard. כָּבוֹד in the Old Testament. In: *TDNT*. v. 2, pp. 238-42. — *TDNT*. v. 2, pp. 238-47. — *THAT*. v. 1, pp. 794-811.

J.N.O.

כִּבְדוּת (*kᵉbēdût*). Veja o nº 943g.

944 כָּבָה (*kābâ*) ***extinguir, apagar; ser extinto, apagado.***

kābâ ocorre 24 vezes, 13 nos profetas. A raiz também aparece em árabe com o mesmo significado. Sempre tem que ver com fogo e com o ato de extinguir o fogo. Não se deve confundir com *dā'ak* (*q.v.*), que tem um sentido semelhante, pelo fato de que *dā'ak* comumente se refere a uma lâmpada que se apagou enquanto *kābâ*, em mais da metade de suas ocorrências, refere-se a um fogo que não pode ser extinto por ninguém mais senão Deus (onde o fogo é referência à ira divina).

Das seis referências literais ao fogo, cinco o são a algum fogo que não se apaga. Dessas cinco, quatro são a lâmpadas e a fogo no templo (Lv 6.12-13 [5-6]; 1 Sm 3.3; 2 Cr 29.7). Essa preocupação de que algo não se apague também se reflete nos usos figurados, onde a vida (2 Sm 14.7; 21.17) e o amor (Ct 8.7) são representados pelo fogo.

A maioria dos usos figurados diz respeito à ira de Deus, a qual somente ele é capaz de extinguir. De um modo particular os profetas utilizam esse linguajar, conclamando ao arrependimento a fim de que o "fogo" não irrompa (Jr 4.4, *etc.*). Jesus, ao tratar do inferno em Marcos 9.48, retoma vocábulo e idéias semelhantes. Mas, ao mesmo tempo, quando o Messias vier, sua brandura será tal que ele nem mesmo apagará o pavio fumegante (Is 42.3), isto é, não extinguirá os fracos e pobres — nem mesmo os apáticos — da sociedade; pelo contrário, salvá-los-á.

J.N.O.

כָּבוֹד (*kābôd*). Veja os n.os 943d, e.

כְּבוּדָּה (*kᵉbûddâ*). Veja o n.º 943f.

כַּבִּיר (*kabbîr*). Veja o n.º 947a.

כָּבִיר (*kābîr*). Veja o n.º 948a.

945 כבל (*kbl*). **Aceita como raiz de:**

945a כֶּבֶל (*kebel*) ***grilhões*** (Sl 105.18; 149.8).

946 כָּבַס (*kābas*) ***lavar, ser lavado, pisoar.***

Esta raiz ocorre 51 vezes, sempre em formas verbais e, com apenas nove exceções, sempre no Pentateuco, sendo 31 vezes em Levítico e 21 em Levítico 13—15. Também aparece em árabe ("apertar, pressionar, marcar com selo") e acadiano ("pisar"). Em hebraico significa "pisoar", isto é, "limpar e amaciar tecido pisando-o, torcendo-o e batendo-o em água fria" (*KB*, p. 422). Dessa forma ele é sempre usado com referência a "lavar roupas" e jamais é empregado para o "lavar o corpo", onde se usa o verbo *raḥats* (*q.v.*), ou para o "enxaguar", que é indicado por *shāṭap*.

Com apenas uma exceção (2 Sm 19.24), lavar é associado à pureza cerimonial. Tanto os sacerdotes quanto o povo deviam estar com roupas limpas quando aparecessem diante de Deus (Êx 19.10, 14; Nm 8.7; 19.7). A participação em rituais que tratavam especificamente da expiação e da morte resultavam em impureza cerimonial e requeriam a lavagem das roupas (Lv 16.26, 28; Nm 19.7, 8, 10, 19, 21).

A maior parte das referências diz respeito à lavagem de roupas que de um modo ou

de outro ficaram contaminadas (28 vezes). Como elementos contaminantes de particular importância, havia a lepra e doenças afins, pois, sem levar em conta o fator higiênico. pareciam tipificar o pecado. Esse quadro vívido é retomado em Salmos 51 (2 [4], 7 [9]) e Jeremias 2.22 e 4.14. O fato de Davi descrever seu pecado como lepra contagiosa é ademais confirmado por sua petição de que Deus use hissopo, o instrumento empregado na purificação dos leprosos (Lv 14.6-7). Jeremias 2.22 e 4.14 são significativos porque. embora falem da impossibilidade de lavar e tirar a mácula, proclamam a necessidade de tal purificação. Em Malaquias 3.2 encontra-se a resposta para esse dilema, naquele que seria como fogo de ourives e sabão de lavandeiro para tratar dos pecados do seu povo.

J.N.O.

947 *כָּבַר (*kābar*) ***I, multiplicar, haver em abundância.***

Termos Derivados

947a כַּבִּיר† (*kabbîr*) ***muitos, poderoso.***

947b כִּבְרָה† (*kibrâ*) ***distância.***

947c כְּבָר (*kᵉbār*) ***I, já.*** Ocorre nove vezes, somente em Eclesiastes.

947d כְּבָר† (*kᵉbār*) ***II, Quebar.***

Esta raiz e seus derivados ocorrem 24 vezes, sendo apenas duas vezes na forma verbal. Esses dois usos verbais aparecem no hifil em Jó (35.16; 36.31). Parece provável que ambos sejam formas denominativas. O significado da raiz é "ser muito". Talvez deva-se distingui-lo de *rāb* (*q.v.*) em função de sua ênfase no volume ("impetuosas águas", Is 17.12; 28.2) em vez de na quantidade, mas não se deve forçar demais essa distinção. Os sentidos são semelhantes em acadiano, aramaico e árabe; *cf.* a expressão árabe *Allah akbar*, "Alá é grande".

Usa-se a palavra com sentido tanto positivo quanto negativo. Do ponto de vista negativo, seus usos ressaltam a futilidade da grandeza sem Deus. Aqueles que consolavam Jó achavam vã a abundância de palavras ditas por ele (8.2; 35.16). Semelhantemente, os homens poderosos que se levantarem contra Deus serão quebrantados (Jó 34.24) até que enxerguem sua própria pequenez (Is 16.14).

Somente Deus é a fonte da verdadeira força (Jó 36.5). Em suas mãos há abundância de poder (Is 17.12), justiça (Jó 34;17) e provisões (Jó 36.31).

kabbîr. ***Muito, muitos, poderosos, fortes, a maioria de.*** Nove ocorrências, seis das quais em Jó. Palavra comumente usada como adjetivo, salientando a grandeza do substantivo modificado.

kibrâ. ***Pequeno caminho.*** Este sentido deriva da construção *kibrat-'erets*, literalmente "muito de terra", que é a maneira como esta palavra é encontrada nas três vezes que ocorre. A tradução "grande caminho", que seria de se esperar com base na etimologia, parece ser contradita tanto pelos contextos quanto pela LXX.

kᵉbār. ***Quebar.*** Um canal do rio Eufrates que dele parte na altura de Babilônia e volta

a juntar-se a ele perto de Warka (96 quilômetros ao sul). O grupo de judeus cativos do qual Ezequiel fazia parte foi levado a fixar residência ao longo do Quebar (Ez 1.1; 3.15). Foi ali que Ezequiel teve a visão que determinou a forma do restante do seu ministério (1.1, 3; *cf.* 3.23; 43.3, *etc.*).

J.N.O.

948 כבר (*kbr*). **II. Aceita como raiz de:**

948a כְּבִיר (*kābîr*) ***tecido como rede, quer um acolchoado de retalhos, quer um mosquiteiro estendido sobre o rosto de alguém que dorme*** (1 Sm 19.13, 16).

948b כְּבָרָה (*kᵉbārâ*) ***peneira*** (um instrumento com aparência de rede), somente em Amós 9.9.

948c מַכְבֵּר (*makbēr*) ***coberta trançada.*** Somente em 2 Rs 8.15.

948d †מִכְבָּר (*mikbār*) ***grade, grelha.***

A raiz deste substantivo não ocorre na forma verbal, mas esta evidentemente significava algo como "trançar, entrelaçar". *mikbār* aparece seis vezes, todas em Êxodo e sempre designando uma grelha que se estendia ao redor do altar dos holocaustos em seu ponto central. Desconhece-se a sua função. Em suas quatro extremidades havia argolas por onde passavam varas para o fim do transporte do altar portátil do tabernáculo.

J.N.O.

949 כֶּבֶשׂ (*kebeś*), כֶּשֶׂב (*keśeb*) ***cordeiro, ovelha.***

Esta raiz e seus derivados ocorrem 128 vezes no AT, sendo que apenas 17 não aparecem no contexto de sacrifício. A forma *kebeś* ocorre 106 vezes, com apenas seis em contexto não-sacrificial. Como seria de esperar, do total de ocorrências, 105 estão no Pentateuco, mas Números possui uma alta proporção: 63, com 26 no capítulo 7, 14 no capítulo 28, e 23 no capítulo 29.

Essa raiz é confirmada em acadiano, em que também significa "cordeiro", e em árabe (*kabshun*), em que significa "carneiro novo". É interessante assinalar que *kbs* não é confirmado em ugarítico e que o termo ugarítico usual para designar o cordeiro sacrificial, *'imr*, se é que essa palavra chega a aparecer em hebraico, só o faz em uns poucos nomes de sacerdotes. Isso talvez reflita um repúdio consciente, por parte dos hebreus, de certos termos técnico-religiosos dos cananeus.

950 כִּבְשָׂה (*kibśâ*), כִּשְׂבָּה (*kiśbâ*) ***cordeira, ovelha.*** Forma feminina de *kebeś*. Na oferta pelo pecado, exigia-se o sacrifício de uma cordeira ou ovelha (Lv 4.32; 5.6; 14.10; Nm 6.14).

Parece que *keśeb* é forma metatética de *kebeś* (*cf. GKC* 19*n*). No entanto, tem-se a impressão de que era usada de forma ligeiramente diferente, já que normalmente ocorre em circunstâncias em que se faz distinção entre os dois tipos de animais do rebanho: ovelhas e bodes. Em apenas dois casos (de um total de 13) isso não acontece.

Embora, em sua maior parte, as instruções iniciais acerca do sacrifício (Lv 1—8) não

especifiquem que cordeiros devem ser oferecidos em vez de ovelhas crescidas, está claro, com base em passagens precedentes e seguintes, que cordeiros (ovelhas de menos de um ano) eram elementos importantes no sistema sacrificial.

Em quatro circunstâncias exigiam-se cordeiros: na comemoração da Páscoa (Êx 12.5; Lv 23.12); na oferta pelo pecado (Lv 4.32, *etc.*); em certas cerimônias de purificação (do parto, 12.6; da lepra, 14.10; de nazireus, Nm 6.12); e nos sacrifícios matutinos e vespertinos. O número de cordeiros oferecidos no sacrifício diário era aumentado por ocasião da lua nova (Nm 28.11) e durante as grandes festas (Nm 28; 29). Pelo fato de a oferta diária ser um holocausto, os cordeiros passaram talvez a ser incluídos, juntamente com carneiros e touros, nos holocaustos de ocasiões especiais. Qualquer que seja o motivo, essa era a prática numa data tão remota quanto a dedicação do tabernáculo em Números 7 e continuou vigendo numa data tão recente quanto a volta de Esdras (Ed 8.35).

Como acontecia com todos os animais de sacrifício, os elementos de perfeição, grande valor e substituição eram elementos fundamentais no sacrifício de cada cordeiro.

Foi, sem dúvida alguma, o fato de que cordeiros estavam associados com a Páscoa, com a oferta pelo pecado e com o sacrifício diário que levou João batista a anunciar que Jesus Cristo era "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29, 36; *cf.* também Ap 5.9). Além disso, Isaías também já havia empregado essa figura para referir-se ao Servo Sofredor, que passivamente, tal como um cordeiro (*śeh*) levado para o matadouro, aceitaria o juízo de Deus por causa do pecado do povo (Is 53.7).

J.N.O.

951 כָּבַשׁ (*kābash*) ***subjugar, escravizar, manter sob controle, forçar.***

Termo Derivado

951a כֶּבֶשׁ (*kebesh*) ***escabelo.*** Refere-se ao descanso para os pés do trono de Salomão (2 Cr 9.18; *cf. hādôm*).

Este verbo e seu derivado ocorre 15 vezes no AT. Parece ser cognato do acadiano *kabāsu*, "pisotear", e do árabe *kabasa*, "amassar, deixar marca, pressionar" (*cf.* também o árabe *kabasha* "prender com as mãos"). No AT significar "levar a servir, se necessário pela força".

A despeito de interpretações recentes de Gênesis 1.28, que procuraram fazer com que "sujeitar" signifique uma responsabilidade de erigir, edificar, fica óbvio, a partir de um estudo global do uso da palavra, que esse não é o caso. *kābash* pressupõe que a parte a ser subjugada é hostil ao subjugador, havendo necessidade de algum tipo de coerção para que haja subjugação. Desse modo a palavra tem a conotação de "estuprar" em Ester 7.8 e de "conquistar" os cananeus em Números 32.22, 29; Josué 18.1; 1 Crônicas 22.18. Em 2 Crônicas 28.10; Neemias 5.5; Jeremias 34.11, 16 a palavra indica serviços forçados.

Por essa razão, em Gênesis 1.28 "sujeitar" implica que a criação não obedecerá prazerosa ou facilmente às ordens do homem e que o homem deve agora levar a criação à sujeição mediante a força. Ela não deve dominar o homem. Existe, porém, uma perversão na humanidade que nos leva a desempenhar tal tarefa com um prazer impetuoso e destrutivo. Por mais que tentemos, não conseguimos sujeitar esta nossa

característica. Mas ela pode ser subjugada, e essa é a promessa de Miquéias 7.18, 19: "O SENHOR ... pisará aos pés as nossas iniqüidades."

J.N.O.

952 כִּבְשָׁן (*kibshān*) ***forno (para calcinação ou olaria)*** (*e.g.*, Gn 19.28; Êx 19.18). Derivação incerta.

כַּד (*kad*). Veja o nº 953a.

953 כדד (*kdd*). **Aceita como raiz de:**

953a כַּד (*kad*) ***cântaro*** (*e.g.*, 1 Rs 17.12; Ec 12.6).

953b כִּידוֹד (*kîdôd*) ***faísca*** (Jó 41.19 [11]).

953c כַּדְכֹד (*kadkōd*) ***uma pedra preciosa, talvez rubi*** (Ez 27.16; Is 54.12).

כַּדּוּר (*kaddûr*). Veja o nº 954b.

כַּדְכֹד (*kadkōd*). Veja o nº 953c.

954 כדר (*kdr*). **Aceita como raiz de:**

954a כִּידוֹר (*kîdôr*) ***início do combate, batalha*** (Jó 15.24).

954b כַּדּוּר (*kaddûr*) ***bola*** (Is 22.18).

955 כֹּה (*kōh*) ***Assim, aqui.*** Advérbio demonstrativo de modo, lugar ou tempo.

956 כָּכָה (*kākâ*) ***Assim,*** talvez uma forma mais enfática do que *kōh*. Provavelmente derivada de 955.

957 כָּהָה (*kāhâ*) ***I, ser (estar) sombrio, escurecido, reprimido, desmaiar, falhar.***

Termos Derivados

957a כֵּהֶה (*kēheh*) ***escuro.***

957b כֵּהָה (*kēhâ*) ***cura.***

A raiz e seus derivados ocorrem 17 vezes com a idéia geral de ser ou estar fraco, impotente ou descolorido. É proeminente a idéia de os olhos tornarem-se fracos na velhice. Em acadiano o cognato significa "ser (estar) fraco", e em árabe, "ficar desalentado".

kēheh. ***Escuro, baço, esfumaçado, pesado.*** Um adjetivo que ocorre principalmente em Levítico 13 ("e se a lepra se tornou baça", seis vezes). Evidências de cognatos parecem sugerir "descorado" como uma tradução melhor.

958 *כָּהָה* (*kāhâ*)

kēhâ. ***Cura.*** De acordo com Naum 3.19, a destruição de Nínive é sem cura, ou seja. irreversível.

J.N.O.

958 *כָּהָה* (*kāhâ*) ***II, repreender.*** Ocorre somente no piel, em 1 Samuel 3.13, "ele os não repreendeu".

959 כָּהַן (*kāhan*) ***ministrar na função sacerdotal, agir como sacerdote.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

959a כֹּהֵן (*kōhen*) ***autoridade principal ou oficial-mor, sacerdote.***
959b כְּהֻנָּה (*kᵉhunnâ*) ***sacerdócio.***

O verbo *kāhan* ocorre 23 vezes e somente no piel. É traduzido por "ministrar na função sacerdotal", "ser sacerdote" ou "servir como sacerdote".

kōhen. ***Oficial-mor, sacerdote.*** A raiz verbal subjacente ao substantivo *kōhēn* não aparece no AT e é de etimologia desconhecida (*KB*, p. 424). À luz de seu uso primitivo, a idéia de *khn* pode ser a de "servir como ministro" (*cf.* S. R. Driver, *Notes on the Hebrew text of the books of Samuel*, p. 284-5). Quatro sumários da época do reino unido mencionam sumo sacerdotes (que eram levitas) e, simultaneamente, outros que ocupam um ofício também designado como de *kōhēn* (1 Rs 4.5; 2 Sm 8.18; 20.26; 1 Cr 18.16, 17). Zabude, filho de Natã, foi "oficial-mor" no reinado de Salomão (1 Rs 4.5, IBB). No interstício entre a primeira e a segunda lista de autoridades do reinado de Davi, este segundo tipo de *kōhēn* deixa de ser ocupado pelos filhos de Davi (2 Sm 8.18) e passa a sê-lo por Ira, o jairita (20.26). Isto tem um duplo significado, pois aqueles eram necessariamente não-levitas, e sua substituição por Ira sugere que o desempenho da função foi negativamente afetado pelos fracassos dos filhos do rei. Parece, portanto, que *kōhēn* tem a conotação de "conselheiro confidencial" (*KD*, *Samuel*, p. 369); *cf.* a descrição ainda feita de Zabude como "amigo do rei" e dos filhos de Davi como, literalmente, "os primeiros na mão do rei" na passagem paralela (1 Cr 18.17; note-se que aqui a crítica liberal rejeita Crônicas sob a alegação de ser uma tentativa ocorrida mais tarde de mascarar um sacerdócio originalmente não-levítico, *ICC*, *Samuel*, p. 310).

Pode-se considerar uma outra possibilidade em vista do uso grandemente majoritário e do fato de que em ugarítico *khn* também significa "sacerdote". Todos esses quatro versículos podem ser interpretados diferentemente.

Não somente 1 Crônicas 18.17 omite a designação *kōhēn* para os filhos de Davi, mas a LXX na passagem paralela de 2 Samuel 8.18. O texto hebraico de 2 Samuel 8.18 pode estar errado. Tal como se encontra, o texto traz, sem sentido, "E Benaia, filho de Joiada, e os queretitas e os peletitas e os filhos de Davi eram sacerdotes".

Ira, o jairita (2 Sm 20.26), que não é mencionado em nenhuma outra parte, pode ter sido de fato um sacerdote que tenha servido Davi de uma forma especial e pessoal, tal qual Abiatar havia feito (*cf.* 1 Sm 30.7).

Finalmente, Zabude (1 Rs 4.5) também não é mencionado em outra passagem. Ele pode ter sido um sacerdote que serviu pessoalmente a Salomão. Ou aqui a palavra "sacerdote" poderia até mesmo referir-se a Natã, o pai de Zabude. Na verdade, a maioria dos MSS da LXX omite a palavra "sacerdote" e eles podem estar corretos. É no mínimo interessante notar que somente esses quatro versículos sugerem que *kōhēn* talvez refira-se a um tipo diferente de ofício.

Nas demais passagens do AT, *kōhēn* reflete o sentido mais restrito de "ministro das coisas sagradas, especialmente dos sacrifícios"; *cf.* a atuação de Melquisedeque e de Jetro, os primeiros sacerdotes citados nas Escrituras (Gn 14.18; Êx 18.12; em contraste com isso, a crítica negativa geralmente associa a origem do sacerdócio com a entrega de oráculos, *TDNT*, v. 3, p. 260). No início, na hora de sacrificar, os homens eram seus próprios sacerdotes (Gn 4.3; Jó 1.5), mas já à época de Noé o trabalho sacerdotal havia-se tornado responsabilidade do chefe da família patriarcal (Gn 8.20; *cf.* Gn 12.8; Jó 1.5; Êx 19.22, 24 nos períodos subseqüentes).

Num certo sentido, todo o Israel era sacerdote do Senhor (Êx 19.6; cf. Os 4.6 quanto ao rejeitarem o *kihēn*, "ser sacerdote" de Deus). Mas no Sinai ele limitou o sacerdócio legítimo à família do irmão de Moisés, Arão, da tribo de Levi (Êx 28.1; 40.12-15; Nm 16.17; 17.8. *Cf.* as idéias evolucionistas que alegam que os levitas teriam sido adoradores de serpentes e os araonitas, adoradores de bezerro (T. J. MEEK, *Hebrew origins*, p. 119-47). Na verdade, um sacerdócio válido só pode existir quando estabelecido pelo Senhor (Nm 18.7, *k^{e}hunnâ*), pois de acordo com as Escrituras somente Deus ou seu representante oficial pode operar a expiação mediante a qual se processa a satisfação exigida pelo pecado (Sl 65.3 [4]; Êx 29.36; A. B. DAVIDSON, *The theology of the OT*, p. 321). Arão carregava os nomes das 12 tribos escritos em suas vestes litúrgicas (Êx 28.12, 21, 29) de modo a apresentá-las diante de Deus quando aparecesse para ministrar a propiciação e reconciliação divinas (v. 38). Ele continuou ocupando sua função apesar do seu fracasso no incidente do bezerro de ouro (32.4, 21).

Pouco depois do término do tabernáculo (Êx 35—38; 40), que incluía os elaborados apetrechos e roupas sacerdotais (Êx 39; *cf.* Is 61.10, como um noivo que "se adorna", *kihēn*, isto é, "se adorna como um sacerdote") e a revelação das leis divinas acerca do sacrifício (Lv 1—7), Arão foi consagrado como sumo sacerdote de Israel, e seus quatro filhos, como sacerdotes (Lv 8—9). A função básica deles era oficiar no novo santuário (Dt 18.5) e orar pelo povo (Jl 2.17). Eles também deviam estabelecer um exemplo pessoal de santidade (Dt 33.9), "consultar Deus" em oráculos (veja *'ûrîm*) e ensinar a lei (Lv 10.11; Mq 3.11; Ml 2.7; até mesmo em viagem, 2 Cr 17.9). As duas últimas responsabilidades tornavam apropriado para os sacerdotes também servirem como juízes (Dt 17.9). Logo depois de sua nomeação, os dois filhos mais velhos de Arão foram mortos por Deus por violarem suas funções (Lv 10.2). Mas ser descendente de Eleazar e Itamar, os dois filhos de Arão que sobreviveram, continuou sendo o meio pelo qual Israel identificou, daí por diante, os sacerdotes divinamente autorizados (Ed 2.62; 1 Cr 24).

Os sacerdotes do AT eram tipos de Cristo (Hb 8.1), que operou a derradeira propiciação pelos pecados do povo (2.17). Há profecias que sugerem um reaparecimento futuro dos levitas (Jr 33.18; Zc 12.13; Ez 41.46 s.), mas a igreja do NT apresenta um sacerdócio universal dos crentes (1 Pe 2.5; Ap 5.10; Jr 31.34).

Bibliografia. *AI*, pp. 345-405. — PAYNE, J. B. *Theology of the Older Testament*. Zondervan, 1971. pp. 372-80. — RICHARDSON. *TWB*. pp. 210-1. *TDNT*. v. 3, pp. 260-3.

J.B.P.

960 כּוֹבַע (*kôba'*) ***capacete.***

Embora T. H. Gaster (*JAOS* 57:73 ss., no que é seguido por *KB*^{2}) tenha sugerido que este é um empréstimo lingüístico do hitita (*kupahi*), mais recentemente J. L. Palache (*Semantic notes on the Hebrew lexicon*. p. 17, 40) afirmou que essa palavra faz parte de uma família biconsonantal, *kb*, *qb*, *gb*, que denota uma convexidade para cima ou para baixo. Se tal afirmação estiver correta, isso ajudará a explicar a grafia alternativa dessa palavra: *qôba'* (*q.v.*), que aparece em 1 Samuel 17.38 (observe-se *kôba'* em 17.5) e Ezequiel 23.24 (*kôba'* em 27.10 e 8.35; *cf.* também o ugarítico *gb't*, "taças, cálices").

kôba' aparece seis vezes no AT (*qôba'*, duas vezes); dessas, duas são na literatura histórica, as demais nos profetas. Em 2 Crônicas 26.14 declara-se que Uzias ajuntou uma quantidade considerável de armamentos, inclusive capacetes, enquanto 1 Samuel 17.5, ao descrever a armadura de Golias, menciona seu capacete de bronze.

Nos profetas, mencionam-se escudos e capacetes para referir-se aos grandes exércitos (freqüentemente de mercenários, Ez 27.10) que irromperam pelo Oriente Médio na Idade do Ferro. Os profetas previram esses exércitos novamente em ação no fim dos tempos (Ez 38.5). Enfrentando o poderio dos exércitos de toda a terra e devorado pelo pecado interno, pareceria que o povo de Deus não tinha mais esperança. No entanto, o próprio Deus entrou em combate contra a opressão e o pecado e surge vitorioso (Is 59.17).

J.N.O.

961 *כּוּהּ (*kāwâ*) ***queimar, ressecar, ferretear.*** Ocorre somente no nifal (Is 43.2; Pv 6.28).

Termos Derivados

961a כִּי (*kî*) ***queimadura, ferrete.*** Ocorre somente em Isaías 3.24.

961b כְּוִיָּה (*k^{e}wîyâ*) ***queimadura, marca de queimadura*** (Êx 21.25).

961c מִכְוָה (*mikwâ*) ***lugar queimado, cicatriz de queimadura*** (Lv 13.24, 25, 28).

כּוֹחַ (*kôaḥ*). Veja o nº 973a.

כְּוִיָּה (*k^{e}wîyâ*). Veja o nº 961b.

כּוֹכָב (*kôkāb*). Veja o nº 942a.

962 כּוּל (*kûl*) ***conter, segurar, tolerar, suportar, alimentar, prover.***

O sentido básico desta raiz é o de "conter algo como num utensílio". Ocorre 38 vezes. O qal ocorre apenas uma vez, estando as demais vezes ou no hifil ou no intensivo. Em seis casos não é possível fazer distinção entre os significados do pilpel e os do hifil. Entretanto, as outras 19 ocorrências mostram o sentido específico de "encher de comida". Evidentemente isso reflete a função causativa do grau pilpel: "fazer conter, fornecer".

Exemplos do significado básico encontram-se em passagens como 1 Reis 7.26, 38; 8.64; 2 Crônicas 4.5; 7.7, onde se descreve o tamanho do mar de fundição e das pias de

bronze do templo de Salomão em termos do número de batos de água que eles continham.

Jeremias usa, então, a palavra num sentido figurado quando expressa a impossibilidade de conter dentro de si a fúria divina, que é como um fogo ardente (Jr 6.11; 20.9). Numa abordagem parecida, Salomão, em sua oração na dedicação do templo, faz a observação de que é tolice pensar que aquela casa contivesse a Deus, visto que os céus dos céus não conseguem contê-lo (1 Rs 8.27; 2 Cr 2.6 [5]; 6.18).

Como decorrência lógica dos sentidos acima existem aqueles que expressam a possibilidade ou a impossibilidade de suportar (ou conter) algo (Pv 18.14; Jl 2.11; Am 7.10; Ml 3.2). Duas dessas passagens (em Jl e Ml) expressam a impossibilidade de alguém suportar a ira de Deus quando ele vier e fazem lembrar trechos de Apocalipse (6.15, 16, *etc.*).

J.N.O.

963 כּוּם (*kwm*). **Aceita como raiz de:**

963a כִּימָה† (*kîmâ*) ***Sete-estrelo, Plêiades.***

Grupo de sete estrelas na constelação de Touro. A palavra aparece em Amós 5.8 e Jó 9.9 e 38.31. Em cada uma dessas passagens usa-se a palavra em relação ao poder criador de Deus. Em vista da capacidade divina de pôr as estrelas em seus devidos lugares, tanto a vida sem Deus (Amós) quanto o questionamento da sabedoria divina (Jó) não são apropriados. (Veja também *mazzal*(*r*)*ot*, *ʿāyish* e *kᵉsîl*, que são usados nos mesmos contextos para referirem-se a estrelas ou constelações.)

J.N.O.

כּוּמָז (*kûmāz*). Veja o nº 990a.

964 *כּוּן (*kûn*) ***estabelecer, preparar, aprontar, fixar, ser (estar) certo, direito.***

Termos Derivados

964a כֵּן† (*kēn*) ***I, correto, verdadeiro.***

964b כֵּן† (*kēn*) ***II, assim, desse modo.***

964c מָכוֹן† (*mākôn*) ***lugar.***

964d מְכוֹנָה† (*mᵉkônâ*) ***suporte.***

964e תְּכוּנָה† (*tᵉkûnâ*) ***arranjo.***

964f כַּוָּן† (*kawwān*) ***bolo.***

Junto com seus derivados esta raiz ocorre mais de 288 vezes. 217 dessas ocorrências são verbais, aparecendo em todos os graus, menos no qal. As ocorrências no nifal e no hifil são a maioria. O sentido da raiz é o de criar algo, havendo conseqüentemente a certeza de que esse algo de fato existe. Esta nuança de certeza da existência não é tão saliente nas línguas cognatas, que parecem enfatizar apenas a existência ou a criação de algo. Com esse significado a raiz aparece em ugarítico, acadiano e árabe.

Podemos identificar cinco conotações relativamente distintas nos usos desta raiz,

todas com alguma significação teológica. Essas conotações vão desde a idéia de preparativos e instalação até a de fixidez e retidão.

1) Conforme assinalado acima e da maneira como é usada em hebraico, a palavra raramente tem o mero significado de "trazer à existência". De fato, tal uso é tão raro que *BDB* e *KB* sugerem que o sentido da raiz é o de "estar firme" (*KB* também acrescenta o de "estar direito"). Entretanto, encontramos indícios da etimologia original naquelas ocorrências em que se diz que algo simplesmente foi formado ou feito (Jz 12.6; Jó 31.15; Sl 119.73; Ez 16.7). Em nenhuma dessas passagens se tem em vista a idéia de fixidez ou firmeza, mas tão-somente a de algo ser formado basicamente. Em especial no segundo e terceiro desses textos, é significativo o papel de Deus na formação do corpo humano.

Provavelmente essa mesma idéia básica está presente em passagens onde a palavra pode ser traduzida como "dar" (*cf.* 2 Cr 1.4; Jó 38.41; Sl 65.9 [10]; 78.20; Pv 6.8). O que está especialmente em questão aqui é a capacidade de Deus prover seu povo e criação com comida. Em numerosos textos é difícil saber se a tradução deve ser "dar, proporcionar, conceder", ou então "preparar". Parece provável que as várias referências em Crônicas a Davi "preparar" materiais para o templo podem muito bem ser entendidas simplesmente como o ato de ele "fornecer" tais materiais.

2) Todavia, de qualquer maneira fica claro que um grupo significativo de ocorrências deve ser traduzido como "preparar". Tendo em vista algo no futuro, certas coisas são arrumadas. Preparação de comida (Gn 43.16; Js 1.11; Ne 8.10) e preparativos militares (Js 8.4; Ez 7.14; 38.7; Am 4.12) são duas circunstâncias em que se usa a palavra com essa conotação. No último caso, muitas das referências indicam que é Deus que pelejará contra os ímpios, e estes devem se preparar da melhor maneira que puderem (*cf.* Jó 15.23; Jr 46.14; 51.12, *etc.*). Por outro lado, Deus também fez preparativos. Isto incluía tanto suas funções criadoras (Sl 147.8; Jó 28.27; Pv 8.27) quanto judiciais (Sl 7.11, 13 [12, 14]; 9.7 [8]; Pv 19.29; Sf 1.7).

Não é bem claro o sentido de um grupo de referências que fala de pessoas "encaminhando" (IBB) seus corações para buscar o Senhor (*cf.* 1 Cr 29.18; 2 Cr 12.14, *etc.*). Parece provável que é mais apropriada a tradução da TB, "estabelecer" (isto é, "firmar"), em harmonia com várias passagens de Salmos (*cf.* 57.7 [8]; ARA, "firme está o meu coração, ó Deus").

3) Como ocorre com a conotação anterior, existe uma certa ambigüidade na fronteira entre "preparar" e "estabelecer". Isso é especialmente válido no que diz respeito aos atos criadores de Deus. Enquanto Provérbios 8.27 diz que Deus "preparou" os céus, Provérbios 3.19 afirma que ele "estabeleceu" os céus. Aqui surgem as nuanças especiais de certeza. Elas estão implícitas no próprio caráter da divindade da Bíblia, um Deus que não muda (SI 119.90). Por ter Deus trazido os céus e a terra à existência, estes estão firmes para sempre (Jr 33.2). Por esse motivo o uso de "estabelecer" é especialmente apropriado. As referências em que essa tradução é apropriada podem ser divididas em três grupos. Todas as três possuem nuanças de realeza. Deus, na condição de rei divino, estabeleceu os céus como seu trono (Sl 103.19) e a terra como seu domínio (1 Cr 16.30; Sl 93.1; Is 45.18). Na condição de rei divino, o seu trabalho é realizado mediante a sabedoria e o entendimento (Pv 3.19; Jr 10.12; 51.15). Isto por si mesmo conduz à fixidez daquilo que ele fez.

4) É o rei divino que, então, assegura ou recusa assegurar o reinado humano. Cerca de 25 vezes emprega-se a palavra para indicar o estabelecimento de uma dinastia. Fica claro que, em si mesma e por si mesma, nenhuma linhagem humana consegue se estabelecer. Somente mediante relacionamento com Aquele em quem o reinado subsiste

isso é possível (Sl 89.37 [38], *etc.*). O ápice desse pensamento encontra-se em Isaías 9.6 [7], onde o reino do Messias é estabelecido por Deus.

Num nível um pouco mais humano, o livro de Provérbios mostra que o firmar-se no trono ou em qualquer outro lugar é impossível, a menos que haja aceitação dos padrões divinos de justiça (16.12, *etc.*).

Todavia, o grande teste para o reinado divino é o problema do pecado. Trata-se desse problema mediante o estabelecimento de um povo (Dt 32.6). É significativo o linguajar desse versículo, que sugere algo sendo criado de um modo particular. A redenção é uma parte da obra total da criação. Ademais, Deus vence o pecado ao estabelecer seu santuário no meio de seu povo (Êx 15.17; Is 2.2).

5) A idéia de bem-estar, que é resultado de estar debaixo da mão de Deus, é melhor expressa nesta conotação final. Se nossos corações estão firmes em Deus (Sl 112.7, *etc.*), então podemos estar certos de que ele estabelecerá (também guiará, ordenará) nossos caminhos (Sl 37.23; 90.17; Pv 16.9). Sem esse tipo de confiança, os caminhos dos homens são temporários e vacilantes. Mas com ela vem uma certeza, uma retidão (Jr 23.10, *etc.*), que concede ao finito algo da glória do infinito.

kēn. ***I. Correto, verdadeiro.*** Um adjetivo que ocorre pelo menos 12 vezes ou talvez mais, visto que, muitas vezes, seu uso é difícil de distinguir do vocábulo abaixo. Usado em hebraico moderno com o sentido de "sim".

kēn. ***II. Assim, desse modo.*** Um advérbio largamente usado e que expressa a concretização de algo anteriormente dito. Aparece com freqüência formando par com preposições, tais como *'aḥărê*, *'ad*, *'al* e *l*^{e}.

mākon. ***Lugar.*** Ocorre 17 vezes, todas elas (com a exceção de Sl 104.5) referindo-se à habitação de Deus, seja nos céus, seja no templo.

m^{e}kônâ. ***Suporte.*** Ocorre quase que somente em 1 Reis 7, e sempre com referência aos suportes ou pedestais trabalhados que sustentavam as dez pias de bronze no templo de Salomão.

t^{e}kûnâ. ***Arranjo, tesouros, tribunal.*** Ocorre três vezes, cada uma delas traduzida diferentemente: o "arranjo" do templo (Ez 43.11); os "tesouros" dos belíssimos ornamentos de Nínive (Na 2.9 [10]); o "tribunal" de Deus (Jó 23.3).

kawwān. ***Bolos.*** Ocorre duas vezes, ambas referindo-se a um elemento usado na adoração da rainha dos céus (Jr 7.18; 44.19).

Bibliografia: *THAT*. v. 1, pp. 812-6.

J.N.O

965 כּוֹס (*kôs*) ***I, cálice.***

Dentre as quatro palavras por vezes traduzidas por "cálice" (as demais são *gābîa'*, *'aggān*, *sāp*), *kôs* é a mais comum, ocorrendo 33 vezes. *gābîa'* é a que vem em seguida em número de ocorrências: 13 vezes. Parece que *kôs* denota uma taça de beber, ao passo

que *gābîa'* pode (Jr 35.5) ou não (Êx 25.31) estar associada com o beber. *'aggān* é mais uma bacia, um utensílio maior (*cf.* ARA, Êx 24.6); o *sāp* também é maior, como um bacia. mas era usado para beber (Zc 12.2). Tanto o ugarítico quanto o árabe possuem substantivos cognatos derivados desta raiz que designam cálices de beber.

Das 33 ocorrências, cerca de dez falam de cálices literais. Dessas, cinco ocorrem em Gênesis 40, onde José interpreta o sonho do copeiro de Faraó. Vale assinalar que o cálice de José, sobre o qual se lê em Gênesis 44, é um *gābîa'*.

Dentre os usos figurados, 16 apresentam a palavra "cálice" com um sentido negativo. Essas ocorrências basicamente relacionam o juízo de Deus contra as nações pecadoras (Jr 25.15). Elas agora sorvem até a última gota (Is 51.17, 22) a loucura que escolheram. O resultado é como o de embriaguez: atordoamento (Is 51.22) e vergonha (Hc 2.16). É o cálice do furor do Senhor (Jr 25.15). Foi esse cálice que esteve diante dos olhos de Cristo no Getsêmani (Mt 26.39).

Por causa do perdão divino mediante Cristo, o cálice que nos é oferecido pode ser um cálice cheio de bênçãos e não de maldição (Sl 16.5; Sl 23.5). Os seres humanos devem escolher o cálice que irão beber: fúria ou salvação (SI 116.13).

J.N.O.

966 כּוֹס (*kôs*) ***II, uma espécie de coruja*** (Lv 11.17; Dt 14.16; SI 102.7).

967 כּוּר (*kwr*). **I. Aceita como raiz de:**

967a כָּר (*kār*) ***sela de cesto,*** somente em Gênesis 31.34, *bᵉkar-haggāmāl*, "no cesto do camelo", uma espécie de palanquim preso à sela.

967b כּוּר† (*kûr*) ***fornalha.***

967c כִּיר† (*kîr*) ***fogão.***

967d כִּיּוֹר† (*kîyôr*) ***bacia, frigideira.***

kûr. ***Fornalha.*** Uma fornalha de fundição para purificação de metal. No AT é empregada apenas figuradamente, aparecendo nove vezes. Três vezes designa o Egito, de onde Israel foi libertado (Dt 4.20; 1 Rs 8.51; Jr 11.4). Parece que nessas referências não há nenhuma ênfase na idéia de purificação ou refino, mas simplesmente no calor, que simboliza o sofrimento. De outro lado, a fornalha do exílio é claramente descrita como uma fornalha de purificação (Ez 22.18, 20, 22), da qual Israel tornará a emergir como escolhido de Deus (Is 48.10).

kîr. ***Fogão*** (ARA, "fogareiro de barro"). Segundo parece, uma plataforma sobre a qual ficavam as panelas que estavam cozinhando no fogo. Ocorre em Levítico 11.35, onde se diz que tal objeto fica imundo se um animal imundo cair morto sobre ele.

kîyôr. ***Bacia, frigideira, forno, palanque.*** Aparentemente algo em forma de frigideira, tendo lados baixos (assim em 2 Cr 6.13, onde se diz que Salomão se colocou num palanque de bronze; ARA, "tribuna"). À exceção da última referência, todas as demais dizem respeito a bacia ou frigideira. O vocábulo aparece 23 vezes, das quais 20 têm que ver com a bacia do tabernáculo ou com aquelas do templo. Conquanto no tabernáculo a bacia era para os sacerdotes lavarem as mãos e os pés (Êx 30.18), as dez bacias (ou pias) do templo eram

para a lavagem dos sacrifícios (2 Cr 4.6). O mar de fundição (2 Cr 4.2, 6) cumpria a função da antiga bacia do tabernáculo. [É provável que o mar de fundição também servisse de reservatório, de onde enchiam-se as pias com água. As pias (ou bacias) ficavam em suportes com rodas, de modo que podiam ser levadas para o mar de fundição, para serem enchidas, e então para vários locais, para serem usadas. Sem dúvida alguma os sacerdotes não se lavavam *no* mar de fundição, que era uma estrutura elevada. Eles lavavam as mãos e os pés *com* a água desse mar (*cf.* Êx 30.18-21). R.L.H.]

J.N.O.

968 כּוּר (*kûr*) ***II, furar, cavar, talhar*** (sentido incerto). Ocorre somente em Salmos 22.16 [17] sendo que em alguns MSS a palavra aparece com um alef médio, *kā'ărû*. A LXX também traz o verbo *orussō*, "cavar", lendo então *ka'ărî* no TM. O verbo em Salmos 22.16 [17] pode ser um hápax, *kā'ar*. O significado "cavar, ferir, traspassar" seria apreendido do contexto e da LXX.

Termos Derivados

968a מְכֹרָה (*mᵉkōrâ*), מְכוּרָה (*mᵉkûrâ*) ***origem (lugar de escavar?)*** (*e.g.*, Ez 29.14; 21.35).

968b מַכֵּרָה (*mᵉkērâ*) ***nome de uma arma*** (Gn 49.5).

R.L.H.

969 כּוּשׁ (*kûsh*) ***Etiópia, Cuxe, etíopes.***

Termo Derivado

969a כּוּשִׁי (*kûshî*) ***etíope.***

kûsh refere-se à região imediatamente ao sul e a leste do Egito, inclusive a atual Núbia, o Sudão e a Etiópia dos escritores clássicos (não a atual Abissínia). Sua área geográfica teria início na primeira catarata do Nilo, onde atualmente fica a represa de Assuã. País satélite, e às vezes governante, do Egito. O nome deriva do egípcio *ksh*. Junto com o adjetivo patronímico (veja abaixo), a palavra aparece 57 vezes no AT.

Conforme indicado na tábua das nações (Gn 10.6-8), Cuxe estava associado com as regiões mais meridionais do mundo conhecido, caindo na esfera de influência do Egito. Outras indicações dessa idéia de que Cuxe ficava numa região extrema encontram-se na declaração acerca da extensão do império persa ("desde a Índia até a Etiópia", Et 1.1; 8.9) e na promessa de que exilados retornariam dalém da Etiópia (Is 11.11; Sf 3.10; *cf.* Is 18.1). Para os israelitas, que orgulhosamente se viam situados no centro do mundo e também no centro do favor divino, o Senhor disse que os longínquos etíopes eram igualmente seus filhos (Am 9.7).

A ligação de Cuxe com Sebá (no sul da Arábia, Is 43.3; 45.14, *etc.*), declarações acerca da riqueza do seu comércio (Jó 28.19; Is 45.14) e o fato de que a esposa de Moisés é chamada de cusita (ou cuxita) somaram para levar alguns estudiosos a acreditar que

houve uma Cuxe na Arábia (Nm 12.1; mas *cf.* Êx 2.21, onde Zípora é claramente uma midianita). No entanto, uma rápida olhada num mapa mostrará que o sul da Arábia encontra-se separado da Etiópia por uma pequena extensão de mar. Ademais, o fato de que a língua etíope é semita é ainda outra indicação da ligação. Várias outras soluções possíveis tornam desnecessário identificar Zípora e a mulher cusita.

Embora tenham sido feitas diversas sugestões quanto à localização de Cuxe em Gênesis 2.13, nenhuma revelou-se conclusiva. Pode-se, porém, mencionar a posição de Speiser, de que às vezes *kūsh* equivale ao acadiano *kashshu*, "cassitas", e refere-se ao país montanhoso a leste da Mesopotâmia. Segundo este ponto de vista, o rio Giom, de Gênesis 2.13, chegava até o vale do Tigre-Eufrates vindo do leste (SPEISER, E. A. The rivers of paradise. In: *Oriental and biblical studies*. Univ. of Penna., 1967. pp. 23-30. Também HARRIS, R. L. The mist, the canopy, and the rivers of Eden. *JETS* 11:177-9).

Em vários casos, especialmente nos profetas, a Etiópia é usada em construção paralelística como sinônimo de Egito (Is 20.3-5; Ez 30.4; Na 3.9). Isso representa a dominação da Etiópia (ou, mais precisamente, da Núbia) sobre o Egito, entre 750 e 663 a.C. Terhakah foi um notável faraó núbio que tentou, sem sucesso, impedir a expansão ocidental de Senaqueribe (2 Rs 19.9; Is 37.9). Depois de 663 a.C. o Egito tornou-se independente da Núbia (Jr 46.9; Ez 25.4, 5, 9). É um tanto quanto perplexa a menção em 2 Crônicas 14.9 ss. [8 ss.] ao exército etíope de Zerá, pois até o momento não há qualquer evidência extrabíblica que confirme a idéia dessa imensa força etíope (um milhão de soldados) operando tão ao norte na época de Asa (*c.* 900 a.C.).

kûshî. ***Etíope, etíopes, cuxita.*** Geralmente um adjetivo pátrio do povo acima, também aparece três vezes como nome próprio hebraico: 1) 2 Samuel 18.21-32, um soldado designado para ir correndo e levar a Davi a notícia da morte de Absalão. A ARA traduz "etíope". Sua aparente ignorância das nuanças da situação pode indicar que ele era um estrangeiro e que a ARA está certa. 2) Jeremias 36.14, o bisavô de Jeudi, um príncipe judeu. 3) Sofonias 1.1, o pai de Sofonias. Nestes dois últimos casos a ARA traz a grafia "Cusi".

J.N.O.

כּוֹשָׁרָה (*kôshārâ*). Veja o nº 1 052a.

970 כָּזַב (*kāzab*) ***mentir, ser achado mentiroso, ser em vão, fracassar.***

Termos Derivados

970a †כְּזָב (*kāzāb*) ***mentira.***

970b אַכְזָב (*'akzāb*) ***mentira,*** um substantivo que ocorre duas vezes (Jr 15.18; Mq 1.14).

Esta raiz e seus derivados ocorrem 49 vezes no AT. O sentido básico é o de falar aquilo que é inverídico e, portanto, falso diante da realidade. É, com freqüência, empregada em associação com *shāw'*, "vaidade, vazio". Distinguindo-se de palavras traduzidas por "enganar", "mentir", *etc.*, *kāzab* enfatiza o ato em si de mentir. Acham-se

cognatos em aramaico, árabe e acadiano.

Fundamental para os conceitos de verdade e falsidade no AT é o entendimento de que o Deus de Israel não mente (Nm 23.19; Sl 89.35 [36]). Ele é fiel a tudo o que disse e espera que seus seguidores façam o mesmo. É por isso que o falso testemunho era um delito tão sério (Pv 6.19; 19.5, *etc.*). A pessoa não apenas estava negando a verdade, mas também invocando o Deus da Verdade para ser uma testemunha de seu crime.

Um delito igualmente sério era a falsa profecia dita em nome de Deus (Ez 13.6-9, 19; Mq 2.11, *etc.*). Tal profecia era vaidade porque estava despojada de qualquer realidade.

Devido à alienação que o homem experimenta em relação ao Deus da Verdade, mentir tornou-se uma endemia para nós (Sl 4.2 [3]). Depois de mentirmos para nós mesmos acerca da verdadeira natureza de nossa relação com Deus e, dessa maneira, tendo perdido a segurança de confiar nele, somos forçados a mentiras maiores acerca da vida (Is 57.11). A essência da impiedade é, então, uma negação da fidelidade e da dedicação às pessoas ou aos fatos (Sl 62.4 [5]). Na realidade, torna-se uma dedicação à mentira (Is 28.17). Em contraste com isso, uma pessoa fiel não mentirá (Pv 14.5).

Entretanto, a confiança em qualquer coisa ou em qualquer pessoa que não em Deus é vã, ou seja, uma mentira (Jó 41.9 [1]; Pv 30.6). Aliás, *kāzāb*, "mentira", é provavelmente empregada em Isaías como forma alternativa e pejorativa para "ídolo" (Is 28.15, 17, *cf.* também Am 2.4; Sl 40.4 [5]). As mentiras só podem enganar e fazer fracassar quem as diz (Pv 23.3). É isso que Deus estava tentando demonstrar para Israel através dos profetas. A esperança de Israel de que teria suas necessidades atendidas sem dedicação a Deus era uma mentira (Am 2.4), e, quanto mais o povo seguiu por essa estrada, mais estéril ela se tornou (Os 12.2). A sua única esperança era aceitar a redenção divina e retornar à realidade (Is 28.17; Os 7.13). Israel então descobriria a liberdade (Sf 3.13) e a frutuosidade (Is 58.11) na vida, tal como deveria sempre acontecer (Sl 40.4 [5]; 25.10-13).

kāzāb. ***Mentira, engano, falsidade.*** Um substantivo que ocorre 31 vezes, todas (com apenas duas exceções, Jz 16.10, 13) em Salmos, em Provérbios e nos profetas.

Bibliografia: *THAT*. v. 1, pp. 817-22.

J.N.O.

971 כזר (*kzr*). **Aceita como raiz de:**

971a †אַכְזָר (*'akzār*) ***cruel, violento.***

971b †אַכְזָרִי (*'akzārî*) ***cruel.***

971c †אַכְזְרִיּוּת (*'akzᵉrîyût*) ***crueldade.***

'akzār. ***Cruel, violento.*** Ocorre quatro vezes, sempre em textos poéticos. Tem a conotação de insensibilidade e falta de compaixão.

'akzārî. ***Cruel.*** Ocorre oito vezes em Provérbios, Isaías e Jeremias. Duas vezes em Jeremias (6.23; 50.42) a crueldade é definida como falta de misericórdia, e em Provérbios 12.10 afirma-se que mesmo as misericórdias dos ímpios são cruéis. Para os ímpios o Dia do Senhor será um dia de crueldade (Is 13.9).

971.1 כֹּחַ (*kōaḥ*)

'akz^{e}rîyût. ***Crueldade.*** Ocorre em Provérbios 27.4, onde se diz que a ira é crueldade.

J.N.O.

971.1 כֹּחַ (*kōaḥ*) ***um pequeno réptil, lagarto (?)*** Ocorre somente em Levítico 11.30.

972 *כָּחַד (*kāḥad*) ***chutar, ocultar, cortar fora, derrubar, arrasar.***

Este verbo, que aparece no nifal, piel e hifil, ocorre 32 vezes no AT. Significa reter algo, recusando-se a tornar isso conhecido. Uma vez que algo desconhecido não possui existência independente, o verbo também denota não-existência ou aniquilação. Não há cognatos conhecidos nas outras línguas semíticas.

Em contraste com as demais palavras hebraicas traduzidas por "esconder" ou "ocultar" (*hābā'*, *ṭāman*, *sātar*, e *'alam*, *q.v.*), *kāḥad* tem que ver com recusar-se a declarar algo. Quando alguém era solicitado a relatar algo, essa pessoa era intimada a "não ocultar qualquer coisa" (Gn 47.18; Js 7.19; 1 Sm 3.17; 2 Sm 14.18, *etc.*). Semelhantemente, se alguém possuísse algum conhecimento especial, não deveria guardá-lo só para si (Jó 15.18). Isso é especialmente válido quanto ao conhecimento do caráter fiel de Deus (Jó 6.10; 27.11; Sl 40.10 [11]; 78.4).

Os hebreus estavam convictos de que, em última análise, nada poderia ser escondido ou ocultado do conhecimento de Deus: nem a própria natureza (SI 139.15), nem o próprio caráter (Sl 69.5 [6]; Os 5.3).

No sentido de abater ou aniquilar, o vocábulo é empregado pelos inimigos de Israel (Sl 83.4 [5]), pelo Senhor contra aqueles inimigos (Êx 9.15; Êx 23.23; 2 Cr 32.21; Zc 11.8) e contra Israel pecador (1 Rs 13.34; Zc 11.9).

J.N.O.

973 כחח (*khḥ*). **Aceita como raiz de:**

973a †כּוֹחַ (*kôaḥ*) ***força, poder, habilidade, capacidade, poderio, solidez.***

Esse substantivo tem a idéia de capacidade para agir, entendida em termos tanto físicos quanto figurados, e aparece 126 vezes no AT. Está distribuído de modo relativamente uniforme pelos livros da Bíblia, sendo que é em Jó que aparece um maior número de vezes (20). Também ocorre 12 vezes em Isaías e Daniel, e 11 vezes em Salmos. A única língua cognata em que essa raiz aparece é o árabe, em que possui a idéia verbal de "destruir a golpes".

Num sentido estático, *kôaḥ* sugere a capacidade de suportar ou resistir, como a de uma pedra (Jó 6.12), mas o mais comum é a palavra expressar o vigor procriador, a capacidade produtiva. Pode-se expressar tal idéia em termos sexuais (Jó 40.16; Gn 49.3), ou o vocábulo pode exprimir o resultado do potencial produtivo da terra (Gn 4.12; Jó 31.39; *etc.*), mas em geral existe a conotação de força física, como no caso das referências a Sansão (Jz 16.5; *etc.*). Por extensão, a palavra passa a ter a conotação da habilidade em geral de lidar com as situações (Dt 8;17-18; 1 Cr 29.14; Ed 10.13; *etc.*).

Quando aplicado a Deus, este termo sugere que ele é de fato onipotente. Seu poder é visto na criação (Jr 10.12; 32.17; *etc.*), nos acontecimentos do êxodo (Êx 9.16; 15.6; *etc.*), em sua capacidade de subjugar seus inimigos (Jó 36.19) e livrar o seu povo (Is 63.1). Em

comparação com seu poder, a força humana nada é (2 Cr 20.6; Jó 37.23; Sl 33.16; Am 2.14; *etc.*). Tanto em Jó quanto na história de Sansão vê-se a tolice de depender apenas da força humana. É mais forte aquele que, à luz dos recursos ilimitados de Deus através do seu Espírito, descobriu as limitações finitas de suas próprias capacidades (Jó 36.22; Is 40.31; Mq 3.8; Zc 4.6).

Bibliografia: *THAT*. v. 1, pp. 823-24.

J.N.O.

974 כָּחַל (*kāḥal*) ***pintar (os olhos).*** Ocorre somente em Ezequiel 23.40.

975 כָּחַשׁ (*kāḥash*) ***falhar, ser achado em mentira, desmentir, enganar, negar, ocultar (pensamentos ou emoções), tratar com falsidade, mentir.***

Termos Derivados

975a כַּחַשׁ (*kaḥash*) ***magreza.***

975b כַּחַשׁ (*keḥash*) ***mentiroso.***

A palavra *kāḥash*, que, junto com seus derivados, ocorre 29 vezes no AT, possui uma gama notavelmente ampla de significados. Isto poderia sugerir duas ou até mesmo três raízes homófonas e distintas. No entanto, tanto *KB* quanto *BDB* entendem que existe apenas uma raiz envolvida. *BDB* sugere que a idéia unificadora é a de "decepcionar" e, a partir daí, "enganar, fracassar, emagrecer". *KB* não sugere nenhum significado mais abrangente. Parece que o uso no hebraico enfatiza o aspecto relacional da palavra, ressaltando a natureza não-confiável de uma pessoa ou coisa num determinado relacionamento. A raiz não é confirmada em nenhuma outra língua semítica, a menos que esteja certa a sugestão de Albright (*BASOR* 83:40, n. 7) de que o ugarítico *tkh* (GORDON, *UT*, "brilhar") é uma forma metatética de *khsh*.

Em treze outros lugares a idéia proeminente é a de agir falsamente com alguém em detrimento dessa pessoa. Em tais casos o vocábulo encontra-se associado à idéia de traição e roubo. Em Levítico 6.2 [5.21], enganar alguém sobre um depósito ou um penhor é um delito, como também é o caso de mentir sobre algo que encontrou (6.3 [5.22]). Os profetas (especialmente Oséias [4.2; 7.3; 10.13; 12.1]) prevêem que o clima de engano e infidelidade em que Israel e Judá viviam resultaria em terríveis conseqüências.

Pode ser que a idéia de engano esteja por trás daqueles usos que são traduzidos por "sujeitar" ou "submeter" (Dt 33.29; 2 Sm 22.45 = Sl 18.44 [5]; 66.3; 81.15 [16]). Tanto *BDB* quanto *KB* sugerem que o que está envolvido aqui é uma obediência fingida ou então bajulação. As demais ocorrências podem ser traduzidas por "negar". Aqui a idéia é de contradizer os fatos (Gn 18.15; Jó 8.18). Cinco dessas referências têm que ver com negar a Deus. Negar a Deus é viver uma mentira. Pode-se negá-lo esquecendo-se daquilo que ele tem feito (Js 24.27), não tendo esperança em sua bondade ou esquecendo-se das próprias necessidades e vivendo sem depender dele (Pv 30.9). Pode-se negá-lo sem mesmo ter a intenção de fazê-lo, ou seja, tendo uma vida falsa e corrupta (Jó 31.28; Is 59.13). E Deus é negado quando alguém duvida que a justiça derradeira de Deus o alcançará (Jr 5.12).

kahash. ***Magreza, mentiras, mentiroso.*** Substantivo que tem cinco vezes o sentido de "mentiras" (Sl 59.12; Os 7.3; 10.13; 11.12; Na 3.1) e uma vez o de "magreza" (Jó 16.8).

Em quatro casos, à luz da forma verbal, a idéia de diminuição está envolvida. Em Salmos 109.24, o salmista queixa-se de que "de magreza vai mirrando a minha carne". Em Jó 16.8, Jó vê sua magreza como sinal do juízo de Deus, e em Habacuque 3.17 o escritor diz que confiará em Deus mesmo que não haja colheita de azeitonas (*cf.* também Os 4.2). Não se pode confiar no próprio corpo ou na produção do campo em vez de Deus.

kehash. ***Mentiroso.*** Ocorre uma única vez, em Isaías 30.9, onde Israel, por sua recusa em confiar em Deus é chamado de "povo rebelde..., filhos mentirosos [ou falsos]".

Bibliografia: *THAT.* v. 1, pp. 825-7.

J.N.O.

976 כִּי (*kî*) ***como se, por causa de, mas, certamente, exceto, pois, visto que, que, então, quando,*** etc.

Uma partícula que expressa relacionamento temporal, causal ou objetivo entre cláusulas expressas e não-expressas. Talvez esteja relacionada com a preposição inseparável *k*^{e}, "como". A mesma partícula é usada de modo semelhante e encontrada em ugarítico (*k*), fenício, moabita, acadiano (*kī*) e árabe. Ocorre cerca de 4 250 vezes no AT.

Em hebraico *kî* é usado de quatro maneiras: 1) para introduzir uma cláusula ou oração objetiva especialmente depois de verbos que denotam "ver", "dizer", *etc.*, sendo traduzida pelo pronome relativo "que"; 2) para introduzir uma cláusula ou oração temporal, sendo traduzida por "quando" (em alguns casos o sentido é quase condicional, tornando assim apropriada a tradução por "se"); 3) para introduzir uma cláusula ou oração causal, "porque", "por causa de", "visto que"; e 4) junto com *'im*, para exprimir o motivo pelo qual algo talvez não ocorresse, "exceto", "se não". Em todos os quatro usos *kî* introduz um determinado fato ou ação que é resultado de algum outro fato ou ação ou então que influenciará algum outro fato ou ação. Alguns acrescentariam um uso asseverativo, que enfatizaria o que segue.

Exemplos são: 1) função objetiva — "para que creiam *que* te apareceu o SENHOR" (Êx 4.5); 2) função temporal — "*quando* comprares um escravo hebreu" (Êx 21.2, BJ; ARA, "se..."); 3) função causal — "Do Senhor é a terra ... porque ele a fundou sobre os mares" (Sl 24.1, 2, IBB); 4) com *'îm* — "Não te deixarei ir, *se não* me abençoares" (Gn 32.27).

J.N.O.

כִּי (*kî*). Veja o nº 961a.

977 כִּיד (*kyd*). **Aceita como raiz de:**

977a כִּיד (*kîd*) ***destruição.*** Derivação e significado incertos. Usado somente em Jó 21.20.

977b כִּידוֹן (*kîdôn*) ***dardo, lança curta*** (*e.g.*, Js 8.18; Jr 50.42).

כִּידוֹד (*kîdôd*). Veja o nº 953b.

כִּידוֹן (*kîdôn*). Veja o nº 977b.

כִּידוֹר (*kîdôr*). Veja o nº 954a.

978 כִּיּוּן (*kîyûn*) ***Quium.***

Esta palavra aparece apenas uma vez no AT, em Amós 5.26, juntamente com *sikkût* (*q.v.*). Parece ser um empréstimo lingüístico do assírio, sendo o nome de um dos deuses estelares da Mesopotâmia. Parece que, na literatura mítica da região, tanto *skt* quanto *kyn* denotam o deus-estrela Saturno.

Aparentemente *sikkut* e *kiyyun* foram revocalizados com as vogais de *shiqquts*, "abominação". Essa era uma das várias maneiras pelas quais os escritores bíblicos demonstraram seu desprezo pelo paganismo (substituindo, em nomes próprios, o nome Baal por *bōshet*, "vergonha" [2 Sm 9.6]; chamando Betel, "casa de Deus", de Bete-Áven, "casa da iniqüidade", depois de os bezerros de ouro terem sido colocados ali [Os 5.8]; falando literalmente do "esterco" em vez de "ídolos" dos pagãos [Ez 20.7, *etc.*, *gillulîm*, *q.v.*; BJ, "ídolos imundos"]).

Conforme assinalado no verbete *skt*, estar sujeito aos assírios implicava adorar os seus deuses. Aqui Amós diz que tal ação resultará na destruição de Israel.

J.N.O.

כִּיּוֹר (*kîyôr*). Veja o nº 967d.

כִּילַי (*kîlay*). Veja o nº 1 366b.

כִּימָה (*kîmâ*). Veja o nº 963a.

978.1 כִּילַפּוֹת (*kilappôt*) ***machado.***

979 כִּיס (*kîs*) ***sacola, bolsa*** (*e.g.*, Dt 25.13; Mq 6.11).

כִּיר (*kîr*). Veja o nº 967c.

כִּישׁוֹר (*kîshôr*). Veja o nº 1 052c.

כָּכָה (*kākâ*). Veja o nº 956.

כֹּל (*kōl*). Veja o nº 985a.

980 כָּלָא (*kālā'*) ***reter, calar, conter, refrear, proibir.***

Termos Derivados

980a †כֶּלֶא (*kele'*) ***aprisionamento.***

980b כלוא (*klw'*) Kethib, כְּלִי (*k^elî*) Qere, ***aprisionamento*** (Jr 37.4; 52.31). Veja *kele'*.

980c מִכְלָה (*miklâ*) ***área cercada, aprisco.***

980d כִּלְאַיִם (*kil'ayim*) ***dois tipos.***

O sentido básico desta raiz é o de "restringir o fluxo ou movimento de uma coisa ou pessoa". A raiz aparece em ugarítico, acadiano, aramaico e etiópico com sentidos parecidos. Em árabe significa "proteger". É foneticamente parecida com *kālâ* (*q.v.*), mas de significado distinto e aparentemente as duas raízes não têm relação entre si.

Parece que *kāla'* indica a interrupção daquilo que está em andamento ou estaria naturalmente em andamento. Assim sendo, as janelas dos céus foram lacradas depois de despejarem a água do dilúvio (Gn 8.2). Semelhantemente, os bezerros das vacas que puxavam o carro com a arca foram impedidos de seguirem-nas (1 Sm 6.10). A única coisa que pode impedir os grandes processos naturais é a desobediência (Ag 1.10). Devido à natureza caída da humanidade, essa mesma desobediência deve ser contida (1 Sm 25.33; Sl 119.101).

Não se deve interromper o falar a verdade e o louvar a Deus (Nm 11.28, Sl 40.9 [10]). Se não forem interrompidos, então as misericórdias divinas também não serão interrompidas (Sl 40.11 [12]). Se tal relacionamento entre Deus e o homem sofrer interrupção, avolumar-se-á uma pressão quase insuportável (Sl 88.8 [9]).

kele'. *Aprisionamento.* Esta palavra sempre é usada no construto junto com uma outra, principalmente *bayit*, "casa". Neste caso o construto é traduzido como "prisão" (1 Rs 22.27, *etc.*). É uma das várias palavras que têm essa tradução (*e.g.*, *maṭṭarâ*, *masgār*, *'ēsūr* [*q.v.*]). Conquanto, devido aos diferentes significados das raízes, possam existir ligeiras diferenças no sentido dessas palavras, parece que elas são permutáveis e são assim empregadas.

É de interesse assinalar que prisão não era uma penalidade prevista na lei mosaica. Mas era bem conhecida no Egito, conforme José o experimentou, e foi usada pelos reis de Israel.

J.N.O.

כִּלְאַיִם (*kil'ayim*). Veja o nº 980d.

981 כלב (*klb*). **Aceita como raiz de:**

981a †כֶּלֶב (*keleb*) ***cão, cachorro.***

981b כְּלוּב (*kᵉlûb*) ***cesto, gaiola*** (Jr 5.27; Am 8.1).

keleb. *Cão, cachorro.* As 32 ocorrências de *keleb* estão distribuídas em quatro ênfases, nenhuma delas positivas. Em 11 casos está envolvido um desprezo ostensivo. Tratar alguém como cachorro era tratar tal pessoa como sem valor (1 Sm 17.43, *etc.*). Além disso, temiam-se os cães porque estes apoderavam-se de tudo que estivesse ao seu alcance (Jr 15.3). Como desdobramento dessas nuanças, ter o corpo comido por cães era o que de pior podia acontecer quando alguém morresse. Finalmente, o latido de cachorros é comparado às investidas de um inimigo (Sl 59.6 [7]).

"Preço de cão" (Dt 23.18 [19], ARC) é geralmente interpretado como uma expressão figurada designativa de prostituição masculina; mas alguns acham que *klb* aponta para um tipo de pessoas que viviam da adoração pública nas religiões cananéias e não para o cachorro como animal (veja J. GRAY. *The KRT text in the literature of Ras Shamra*. Brill, 1964. p. 64).

J.N.O.

982 כָּלָה (*kalâ*) ***I, concluir, cessar, consumir, determinar, terminar, fracassar, acabar.***

Termos Derivados

982a כָּלָה† (*kalâ*) ***consumação.***

982b כָּלֶה (*kaleh*) ***consumir de saudade, ansiar.*** Ocorre somente em Deuteronômio 28.32, *wᵉʿênekā rōʾôt wᵉkālôt ʾălêhem*, "e teus olhos verão e consumirão de saudades por eles" (lit.).

982c כִּלָּיוֹן (*killāyôn*) ***débil, mortiço*** (referindo-se aos olhos, Dt 28.65); ***aniquilação*** (Is 10.22).

982d מִכְלָה† (*miklâ*) ***perfeição***, somente em 2 Crônicas 4.21 na frase *miklôt zāhāb*, "perfeições de ouro" (lit.), isto é, ouro puríssimo.

982e תִּכְלָה† (*tiklâ*) ***perfeição.***

982f תַּכְלִית† (*taklît*) ***fim, perfeição.***

982g כְּלִי† (*kᵉlî*) ***vaso, utensílio.***

A idéia básica desta raiz é a de "concluir um processo". Em todas as suas formas a raiz ocorre 237 vezes, das quais 206 como verbo. Como tal ela ocorre com um sentido intransitivo no grau qal 64 vezes. Transitivamente aparece 140 vezes no piel. As duas ocorrências restantes como verbo aparecem no pual. A raiz também ocorre em ugarítico e acadiano. O fato de que a raiz acadiana é *kālû*, que refletiria uma forma original *kl'* e de que *kālû* tem tanto os sentidos de "cessar, terminar, acabar" quanto os de "adiar, conter" tem levado alguns a sugerir que *kālâ*, "cessar", é um derivado de *kalā'*, "conter" (*q.v.*). Embora isso seja possível, o uso das duas raízes em hebraico revela quase nenhuma ligação.

Os processos que são levados a uma conclusão podem ser positivos ou negativos. Ou seja, algo pode ser continuamente acrescentado até que esteja cheio ou acabado ou então pode ser continuamente tirado até que não haja mais nada. O verbo "acabar" junto com a preposição "de" coincidem de forma bem adequada com *kālâ*, pois tal verbo pode também ter conotações tanto positivas quanto negativas.

Processos que são concluídos incluem a construção do templo (2 Cr 8.16, *etc.*), falar (Gn 17.22, *etc.*), comer (1 Rs 1.41, *etc.*), beber (Gn 24.19, *etc.*), apresentar uma oferta (1 Sm 13.10, *etc.*), fazer a colheita (Rt 2.21, *etc.*) e inúmeros outros. Parece que nessas referências existe uma ênfase na totalidade. Não é que a pessoa simplesmente chegou a um ponto no processo e então parou, mas sim que ela realizou-o por inteiro. Um exemplo encontra-se em Rute 3.18, onde Noemi diz a Rute que Boaz não vai descansar "enquanto não concluir a coisa" (lit.). O substantivo *kālâ* apresenta a mesma idéia, de modo que freqüentemente deve ser traduzido por "conclusão" a fim de distinguir de algum outro tipo de fim, que pode ser meramente a interrupção do processo em andamento. Por outro lado, dizer que *kālâ* significa "aperfeiçoar" é incorreto. "Perfeito" dá a idéia de "sem defeito", ao passo que "completo" ou "acabado" desconsidera a questão de haver ou não defeitos.

Do lado negativo, uma coisa que "é usada até o fim, definha, gasta-se, é consumida" é algo que experimenta o seu término. As primeiras três conotações ocorrem

principalmente no qal, enquanto a quarta aparece com freqüência no piel. Desse modo é possível os dias de alguém passarem (Jó 7.6) e as suas forças se gastarem (Is 49.4). A erva pode secar e definhar (Is 15.6; 32.10), o que também pode acontecer com os olhos devido ao choro (Jr 14.6; SI 69.3 [4]; 119.82, *etc.*). O espírito e a alma, por estarem separados de Deus, podem definhar ao ponto de desfalecer (SI 84.2 [3] 119.81; 143.7). Finalmente o próprio corpo há de ser consumido (Jó 33.21; Pv 5.11).

A idéia de ser consumido é, na maioria das vezes, aplicada à destruição violenta, com freqüência devido à guerra (Dt 7.22; 1 Sm 15.18; Jr 16.4). No contexto bíblico tal destruição está diretamente ligada ao relacionamento da pessoa com Deus. Aqueles que abandonam o Senhor serão consumidos (Is 1.28), o que também há de acontecer com os iníquos e escarnecedores (Is 29.20), os ímpios (Sl 37.20) e todos os inimigos de Deus (SI 18.37 [38]). Com tal destruição Deus, literalmente, "cumpre" a sua ira (Ez 5.13; 7.8, *etc.*; ARA, "cumpre"). Da mesma forma Israel recebeu ordens para consumir os cananeus (Dt 7.22), amalequitas (1 Sm 15.18) e sírios (2 Rs 13.17). Para evitar qualquer tentação de dizer que tais ordens eram meras projeções em Deus do desejo israelita de guerrear, existe um número muito maior de referências a Deus consumir um Israel apóstata (Js 24.20; Jr 5.3; Ez 22.31, *etc.*). A santidade divina não poderia ficar à vontade com israelitas pagãos mais do que com cananeus pagãos.

Contudo, o fogo consumidor da ira de Deus não é a palavra final. Os israelitas verdadeiramente fiéis tinham consciência de que Deus teria toda razão se tivesse destruído completamente Israel muito tempo antes (Êx 32.10; 33:2-3; Nm 16.21; Lm 3.22). Eles só não foram consumidos por causa da misericórdia divina (Lv 26.44; Nm 25.11; Ez 20.17). Mesmo estando eles no exílio, quando a destruição de fato veio, um Deus misericordioso não "acabaria" com os seus (Ne 9.31; Jr 4.27; 5.10; 5.18; 30.11, 46.28). Se Boaz não pôde descansar enquanto não concluiu a tarefa de redimir Rute, de igual forma Deus não repousará até ter alcançado o seu objetivo de redimir todos os que o permitirem (Jó 36.11; Dn 12.7; Jo 19.28).

kālâ. ***Totalmente, consumir, destruição.*** Em alguns casos, este substantivo deve às vezes ser traduzido por um verbo ou advérbio a fim de deixar claro o sentido. Ele expressa os limites de uma coisa ou idéia. Ocorre 22 vezes.

miklâ. ***Perfeito, puro***. Ocorre em 2 Crônicas 4.21 com referência ao ouro. Aqui o sentido é, segundo parece, de "sem mancha", "puro".

tiklâ. ***Perfeição.*** Ocorre uma vez, em Salmos 119.96, onde o autor faz um jogo de palavras, dizendo que viu o fim (*qêts*; ARA, "limite") de toda perfeição (*tiklâ*).

taklît. ***Fim, perfeição, perfeito.*** Aqui o sentido é mais de totalidade do que de ser sem defeito. Um substantivo que ocorre cinco vezes, três das quais em Jó.

k^{e}lî. ***Armadura, armas, saco, bagagem, instrumento, jóias, material, coisa, ferramentas, vasos, utensílios.*** Um substantivo que denota o equipamento, recipiente, ferramentas, *etc.*, próprios de um determinado serviço ou ocupação. *KB* entende que *k^{e}lî* provém de *kālâ* III, "conter", uma raiz que não encontra nenhuma outra confirmação. A palavra aparece 319 vezes.

Como fica evidente a partir da variedade de palavras usadas para traduzir *k^{e}lî*, os tradutores empregaram palavras apropriadas para as situações envolvidas. Assim sendo, o equipamento de um soldado poderá ser armadura ou armas (Jz 18.16) ou até mesmo bagagem (1 Sm 17.22). O equipamento de um músico será um instrumento (1 Cr 15.16), ao passo que o de um construtor será uma ferramenta (1 Rs 6.7). Objetos de ouro e prata finamente trabalhados são chamados de jóias (Gn 24.53; Nm 31.50-51) ou vasos ou utensílios (2 Rs 12.13 [14]), dependendo do contexto.

Dentre as ocorrências 107 têm que ver com os equipamentos do tabernáculo e do templo. A ARA geralmente emprega "utensílios" como tradução desta palavra. O termo não se refere aos itens principais do santuário, tais como o altar ou o candelabro, mas aos equipamentos utilizados com estes itens principais. Nabucodonosor, não encontrando nenhum ídolo no templo para levar para o cativeiro, pôde apenas tomar esses equipamentos como símbolos de seu dono (2 Cr 36.7). Entretanto, Deus não era controlado pelos utensílios, conforme Belsazar haveria de descobrir (Dn 5.2).

Bibliografia: *TDNT*. v. 7, pp. 359-62. — *THAT*. v. 1, pp. 831-2.

J.N.O.

983 כלה (*klh*). **II. Aceita como raiz de:**

983a כִּלְיָה (*kilyâ*) ***rins, coração, mente.***

Ocorre 31 vezes em hebraico e também em acadiano, aramaico, árabe, etíope e ugarítico. Em todos esses idiomas, o termo refere-se aos órgãos duplos localizados na região inferior das costas, cuja função é filtrar as impurezas do sangue. Junto com a gordura, eles tinham um significado especial em certos sacrifícios dos israelitas. Quando usado no sentido figurado, o termo refere-se aos aspectos mais íntimos da personalidade.

Dezesseis das ocorrências dizem respeito às práticas sacrificiais: 12 aparecem em instruções dadas por Deus, e quatro, em frases que descrevem o cumprimento dessas instruções. A gordura interna, os rins e o redenho sobre o fígado de animais oferecidos em ofertas pacíficas, pelo pecado e pela culpa, e também na consagração dos sacerdotes deviam ser removidos e queimados sobre o altar (Êx 29.13, 22; Lv 3.4, 10, 15; 4.9; 7.4; 8.16, 25; 9.10, 19).

As Escrituras não apresentam um motivo claro para a retirada dos rins, e até o momento os estudos cognatos também não ajudaram a esclarecer a respeito. Dentre as sugestões apresentadas incluem-se: 1) a gordura era um quitute especial reservado para Deus e, uma vez que os rins vinham em geral envoltos em gordura, estes lhe pertenciam (*ISBE*. v.3, p. 1797); 2) talvez, devido à sua densidade e cor, fossem associados com o sangue (*IDB*. v. 3, p. 9 s.). Ademais, é possível sugerir que havia uma compreensão da relação vital entre os rins e a pureza do sangue. De um modo geral, a primeira sugestão é a que oferece menos dificuldades. A idéia de os rins serem um quitute especial surge, aparentemente, em Deuteronômio 32.14, onde o melhor trigo é literalmente chamado de "a gordura dos rins do trigo" (ARA, "o mais escolhido trigo"). (*Cf.* também Is 34:6.)

Duas vezes (Jó 16.13; Lm 3.13) fala-se da morte e da destruição como flechas que atravessam os rins. Se um guerreiro no antigo Oriente Médio pudesse ser atingido pelas costas, ele estava muito vulnerável. Aqui os dois escritores estão declarando que Deus os cercou e os derrotou com sua força superior.

Em dois outros lugares os rins são empregados figuradamente para referir-se ao

corpo todo. O salmista (139.13) diz que Deus possuía seu corpo (ARA, "interior") desde o princípio, tendo-o formado no ventre de sua mãe. Por outro lado, Jó (19.27) testifica que, quando seu corpo já não existir (lit., "consomem-se os rins dentro de mim"), ele ainda terá olhos para ver a Deus. (A NEB rejeita esta interpretação, preferindo ligar a frase à linha seguinte e traduzindo "Meu 'coração' desfaleceu dentro de mim quando disseste: ...")

Todas as nove referências restantes empregam rins como símbolo do que há de mais íntimo no homem. Provavelmente esse é o caso porque, ao descarnar um animal, os rins são os últimos órgãos a ser alcançados. Nesse uso, a palavra ocorre muitas vezes em paralelo com "coração" (conforme também ocorre pelo menos uma vez em ugarítico). Parece que Jeremias está enfatizando esta idéia do que há de mais íntimo quando diz que a religião dos ímpios é superficial, de lábios, mas longe dos rins (12.2; ARA, "coração"). Que os ímpios prosperassem é algo que entristece o coração e os rins do salmista (73.21; ARA, "entranhas"), mas há exultação quando o filho fala o que é direito (Pv 23.16). Cinco vezes Jeremias e Salmos ressaltam a importância da religião íntima quando se diz que Deus prova "os rins e o coração" (lit., Jr 11.20, *etc.*; ARA, "o mais íntimo do coração").

J.N.O.

כַּלָּה (*kallâ*). Veja o nº 986a.
כְּלוֹא (*kᵉlô'*). Veja o nº 980b.
כְּלוּב (*kᵉlûb*). Veja o nº 981b.
כְּלוּלָה (*kᵉlûlâ*). Veja o nº 986b.

984 כלח (*klḥ*). **Aceita como raiz de:**

984a כֶּלַח (*kelaḥ*) ***firmeza, vigor*** (Jó 5.26; 30.2).

כְּלִי (*kᵉli*), כֵּלַי (*kēlay*) Veja os nºs 982g, 1 366b.
כִּלְיָה (*kilyâ*). Veja o nº 983a.
כִּלָּיוֹן (*killāyôn*). Veja o nº 982e.
כְּלִיל (*kᵉlîl*). Veja o nº 985b.

985 כלל (*kālal*) ***I, aperfeiçoar, tornar completo.***

Termos Derivados

985a †כֹּל (*kōl*) ***todo.***
985b †כָּלִיל (*kālîl*) ***perfeito.***
985c †מִכְלוֹל (*miklôl*) ***magnificamente.***
985d †מִכְלָל (*maklul*) ***toda espécie de coisas.***
985e †מִכְלָל (*miklāl*) ***perfeição.***

À exceção da partícula *kōl*, "todo, toda, todos, todas", que ocorre mais de cinco mil vezes, este verbo e seus derivados aparecem 21 vezes, oito das quais em Ezequiel. O

sentido da raiz é "estar completo, íntegro". O verbo talvez seja denominativo, visto que aparece apenas duas vezes, ambas em Ezequiel 27 (v. 4, 11). Esses dois usos verbais estão associados com "formosura". A tradução "perfeição" ou "excelência" só aparece quando a raiz tem essa associação com a idéia de beleza (cinco vezes em Ezequiel [quatro vezes referindo-se a Tiro], uma vez em Lamentações 2.15 e uma vez em Salmos 50.2, sendo ambas referências a Jerusalém como a "perfeição [ou excelência] da formosura".

kōl. ***Todo, toda, todos, todas, cada, qualquer, a totalidade de, nenhum.*** Uma partícula muito comum, que ocorre aproximadamente 5 400 vezes. À exceção de umas 800 vezes, todos os demais casos encontram-se numa relação genitiva com a palavra seguinte, tendo então o significado de "a totalidade de (algo)". Em geral é traduzida por "todo, toda, todos, todas", caso a palavra seguinte esteja no plural, e por "cada", caso a palavra seguinte esteja no singular e não leve artigo. Também pode ter um sufixo apenso a ela: "a totalidade de [ele, ela, *etc.*]", "todo [ele, ela, *etc.*]". Esta formação em particular pode então vir após um determinado substantivo, enfatizando o aspecto de totalidade (2 Sm 2.9). Também pode ser empregado dessa maneira estando o substantivo subentendido, como acontece em Isaías, quando o profeta, ao falar da corrupção de todo o povo, disse: "a totalidade dele ama o suborno" (1.23; ARA, "cada um deles..."; *cf.* também 9.17 [16]). Em alguns contextos denota "todos os tipos de", "de toda espécie". Foi assim que Eliezer levou consigo "tudo dos bens de [seu senhor]" (lit.), isto é, uma "grande variedade de bens" (Gn 24.10; cf. Lv 19.23).

kōl também pode aparecer independente de outras palavras, ou absolutamente, para exprimir a idéia de "tudo". O sentido em que a palavra deve ser interpretada tem de ser dado pelo contexto (*cf.* Jr 9.3). Quando empregado com o artigo, refere-se a algo recém-mencionado (Lv 1.9; *etc.*) ou, num sentido mais amplo, a toda a criação. Tais passagens, como Salmos 103.19; 145.9 e Jeremias 51.19 usam essa construção ao expressar a idéia do senhorio de Deus sobre todas as coisas.

kālîl. ***Perfeito, inteiro, na sua inteireza, tudo.*** Um substantivo usado como adjetivo e como verbo. Ocorre 15 vezes e exprime totalidade tanto de realização quanto de destruição.

O substantivo *kālîl* é empregado de três maneiras, todas elas intimamente relacionadas entre si, e tem que ver com a idéia de inteireza ou perfeição. Quatro ocorrências dizem respeito à beleza e, conforme assinalado acima, são traduzidas por "perfeito". Diz-se que aquilo que é belo na sua inteireza é de uma beleza perfeita. Fala-se de Israel nesses termos (Ez 16.14). A sua beleza é a da noiva escolhida do Senhor, mas ela prostituiu sua beleza com outros amantes de maneira que o resultado final é a destruição e a pergunta zombeteira registrada em Lamentações 2.15: "E esta a cidade que denominavam a perfeição da formosura?". O termo também é empregado com esse sentido para designar Tiro e seu rei (Ez 27.3 e 28.12; *cf.* também os usos verbais em 27.4, 11). Todos esses usos lembram o leitor de que, sem submissão ao Senhor, a beleza perfeita pode no final ser mais uma maldição do que uma bênção.

Três ocorrências têm que ver com confeccionar um objeto de uma única cor, a saber, azul. Em duas oportunidades a menção é à sobrepeliz da estola sacerdotal (Ex 28.31; 39.22), e a terceira referência (Nm 4.6) é ao pano que devia cobrir a arca enquanto estivesse sendo transportada.

As demais ocorrências de *kālîl* (oito ao todo) referem-se à destruição total. Dessas,

seis dizem respeito aos holocaustos, enquanto, das duas restantes, uma (Is 2.18) fala da destruição total dos ídolos por Deus, e a outra (Jz 20.40), de uma cidade inteira fumegando.

A palavra usual para oferta queimada, ou holocausto (Lv 1), é *'ôlâ* (*q.v.*). Essa oferta era o sacrifício principal, sendo oferecido diariamente e também por ocasião de cada grande festa. Ele não tratava tanto de pecados específicos, mas do afastamento geral do homem de Deus e da necessidade de expiação sacrificial contínua para que o Deus santo e o homem caído pudessem viver juntos em comunhão. Dos Evangelhos (Jo 1.29) ao Apocalipse (21.9, 14, 22, 27) Cristo é apresentado como o cumprimento desse sacrifício em particular e de todos os sacrifícios em geral.

Quando *kālîl* aparece junto de *'ôlâ* (1 Sm 7.9; Sl 51.19 [21]), está-se enfatizando que, ao contrário das outras ofertas, em que certas porções do animal sacrificado pertenciam ao ofertante ou ao sacerdote, o holocausto pertencia inteiramente a Deus. Pelo menos uma vez (Dt 33.10, ARA, "holocausto"; 13.16 [17], ARA, "oferta total") *kālîl* é usado sozinho e tem o sentido de "holocausto total". Essa ênfase na idéia de totalidade parece sugerir que só Deus pode realizar expiação e que tal expiação só pode ocorrer mediante uma entrega e destruição total do sacrifício, como finalmente se viu em Cristo.

miklôl. ***Magnificamente, toda espécie de armadura.*** Há muita divergência sobre a tradução correta desta palavra. O fato de que ocorre apenas duas vezes (Ez 23.12; 38.4) não facilita o problema. Nos dois casos ela é empregada em contextos que descrevem a esplêndida aparência de soldados. Parece que uma tradução literal seria "totalmente vestidos". Mas vestidos com quê? A ARA traz "vestidos com primor" em 23.12 e "vestidos de armamento completo" em 38.4.

maklul. ***Toda espécie de coisas.*** Ocorre uma vez, em Ezequiel 27.24, e descreve as mercadorias dos clientes de Tiro. A ARA traz "pano de azul"; a ARC, "fardos de jacinto"; a BJ, "mantos de púrpura". *BDB* sugere "coisa perfeita", isto é, produtos de primeira qualidade.

miklāl. ***Perfeição.*** Ocorre uma vez, em Salmos 50.2, "Sião, excelência de formosura" (*cf.* Lm 2.15).

Bibliografia: *THAT.* v. 1, pp. 828-30.

J.N.O.

986 כלל (*kll*). **II. Aceita como raiz de:**

986a כַּלָּה (*kallâ*) ***nora.***

986b כְּלוּלָה (*kᵉlûlâ*) ***noivado, promessa de noivado.***

kallâ. ***Nora, esposa, noiva.*** Esta palavra denota os relacionamentos bem definidos da mulher que está comprometida com alguém ou com o filho de alguém. Pode referir-se a uma noiva ou a uma mulher casada há bastante tempo, como é o caso de Tamar (Gn 38.11) ou de Rute (Rt 1.6). Considera-se que a raiz seja *kll*, mas não há certeza disso. Em acadiano *kallatu* é "pessoa prometida", e em ugarítico *klt* refere-se a deusas (51:1.16; 4.54) ou a seres humanos (1 175.2) que estão reservados a deuses. Joel 2.16 menciona o fato

de que a noiva estava reclusa.

Neste sentido, nove das referências têm que ver com comportamento sexual irregular por parte da nora ou noiva. É proibido com toda severidade tudo aquilo que quebra a santidade dos relacionamentos criados por Deus (Lv 18.15, *etc.*). Embora Judá e Tamar, sendo mutuamente enganados, tenham entrado num relacionamento incestuoso, um crime que segundo a lei de Moisés devia ser castigado com a morte (Lv 20.12), a graça de Deus foi maior que o pecado deles de modo que Perez, o fruto daquela união, tornou-se parte da linhagem real de Israel (Gn 38).

Em Rute encontram-se sete ocorrências em que, ao que parece, a ênfase recai sobre o fato de que um relacionamento pode se tornar muito mais do que algo simplesmente formal quando a providência de Deus opera nesse mesmo relacionamento (*e.g.*, 4.15).

Seis vezes em dez versículos (4.8—5.1) Cantares de Salomão se refere à amada como noiva (e irmã). Parece que no contexto a idéia central é de que ela é um belo jardim cercado, reservado exclusivamente para seu marido.

Jeremias e Isaías tratam da alegria da consumação da promessa de casamento. Jeremias diz três vezes que, por causa do juízo, cenas festivas como as de casamento desaparecerão (7.34; 16.9; 25.10). Mas essa não é a derradeira profecia. O profeta prediz um dia quando tais alegrias serão restauradas (33.11).

Isaías vê Israel redimido como a noiva escolhida de Deus, receptiva apenas para ele, adornando-se com jóias e um manto de justiça, preparando-se para a vinda dele (49.18; 61.10). Naquele dia, diz Isaías, Deus se alegrará com ela tal qual um noivo se alegra com a sua noiva (62.5). É evidente que essa cena fornece o protótipo para a figura da Igreja como a Noiva de Cristo, no NT (Ap 21.2).

kᵉlûlâ. ***Noivado, promessa de noivado.*** Ocorre uma vez, em Jeremias 2.2, onde Deus recorda o amor que Israel professara por ele nos primeiros dias da aliança no deserto. O compromisso de Israel de servir apenas a Deus é comparado ao juramento de uma jovem de não conhecer nenhum outro homem como marido (*cf. kallâ*, "nora, noiva").

J.N.O.

987 כָּלַם (*kālam*) ***ser (estar) envergonhado, confundido, ser censurado, magoado, ferido, ruborizar.***

Termos Derivados

987a כְּלִמָּה (*kᵉlimmâ*) ***confusão, desonra, censura, vergonha.***

987b כְּלִמּוּת (*kᵉlimmût*) ***vergonha.*** Ocorre somente em Jeremias 23.40.

kālam denota a sensação de profundo constrangimento que é fruto da humilhação em público. Em 30 casos a raiz é empregada em paralelo com *bôsh*, "ser (estar) envergonhado" (*q.v.*). Portanto, qualquer distinção entre os significados das duas raízes é pequena. Todavia, quando *kālam* aparece sozinho, com freqüência não tem a idéia de cair em desgraça, o que é fruto de uma confiança não correspondida (um aspecto proeminente em *bôsh*). A idéia é, sim, de um descrédito mais geral que resulta de qualquer tipo de humilhação. O fato de que o cognato árabe significa "ferir" sugere a idéia de um orgulho "ferido".

Parece que *kālam* se refere a: 1) ferir o corpo; 2) ferir o espírito mediante humilhação; e 3) ter o espírito ferido por causa de derrota e cativeiro.

O primeiro uso tem a confirmação de duas referências, ambas em 1 Samuel 25 (vv. 7, 15), onde se diz que os homens de Nabal não foram "molestados" (BJ) por Davi.

Um exemplo do segundo tipo de uso acha-se em 1 Samuel 20.34, onde se diz que Saul "ultrajou" (ou feriu") Davi ao difamá-lo. Outros exemplos de humilhação imerecida são: "não escondi o meu rosto dos que me afrontavam e me cuspiam" (Is 50.6; *cf.* também Nm 12.14; 2 Sm 10.5). Ser acusado de fazer algo errado causava vergonha (Jz 18.7, TB, "não havia na terra nenhuma autoridade que o envergonhasse em cousa alguma"; *cf.* ARA, que emprega o verbo "oprimir"), quer a acusação fosse procedente ou não. É assim que Boaz diz a seus empregados para não envergonharem (ou censurarem) Rute, por respigar após eles (Rt 2.15), e os "consoladores" de Jó acharam necessário envergonhá-lo por zombar de Deus (Jó 11.3; 19.3).

Havia alguns tipos de atividade que, atribuídas a alguém, causavam a humilhação da pessoa mesmo que ela não fosse censurada por isso. A prostituição era uma dessas atividades, e os profetas acusaram o povo hebreu de prostituição religiosa. (Até mesmo os filisteus ficaram chocados com o comportamento dos hebreus, de acordo com Ez 16.27.) No entanto, o povo não tinha nem mesmo a virtude de ruborizar-se (Jr 3.3; 6.15; 8.12). Diante disso os profetas prometeram que o povo viria a se envergonhar por outra razão: derrota e cativeiro. Se não ficasse constrangido e envergonhado por causa de seus pecados, ficaria por estar totalmente desamparado (Is 30.3; Ez 32.30).

Entretanto, no final, Israel não será envergonhado pelo castigo, mas pela bondade de Deus. De acordo com Ezequiel (16.54, 61, 63; 43.10-11), acontecerá que, quando Deus, num gesto de favor imerecido, restaurar Israel e defendê-la (*cf.* Is 54.4), ele ficará verdadeiramente envergonhado pela maneira como o tratou.

J.N.O.

כִּכָּר (*kikkār*). Veja o nº 1 046c.

כְּלִמּוּת (*kᵉlimmût*). Veja o nº 987b.

988 כָּמַהּ (*kāmah*) ***desfalecer*** (Sl 62.3).

כְּמוֹ (*kᵉmô*). Veja o nº 938.

989 כְּמוֹשׁ (*kᵉmôsh*) ***Camos.***

Deus moabita, mencionado oito vezes no AT e conhecido a partir de inscrições assírias da época e também da inscrição moabita de Mesha. [Tem-se agora a informação de que a palavra *kᵉmôsh*, na forma *kamıshu*, foi encontrada nas tabuinhas de Ebla (Ronald Youngblood).]

Quase nada se sabe acerca do caráter ou adoração de Camos. É notável que o rei moabita Mesha, em sua inscrição na famosa pedra moabita, onde agradece a Camos por libertar o povo do controle de Israel, emprega linguagem que lembra bastante aquela usada na Bíblia para louvar a Yahweh (*cf.* também Jz 11.24). É possível que Moabe, que

durante muito tempo esteve dominado por Israel, se tivesse apropriado de alguns conceitos israelitas acerca de Deus ou que tais expressões honoríficas fossem comuns no antigo Oriente Médio.

A Bíblia deixa claro que a influência da adoração de Camos também caminhou no sentido inverso. Junto com Astarote (deusa adorada em Sidom) e Milcom (deus adorado em Amom), Camos ganhou de Salomão um centro de adoração nos arredores de Jerusalém (1 Rs 11.7, 33). Estes centros de adoração provavelmente faziam parte do sistema de alianças de Salomão com esses países e retiveram sua importância e influência por aproximadamente 300 anos, até que foram profanados por Josias (2 Rs 23.13).

Em dois aspectos fica clara a distinção entre Yahweh e Camos. Um é a idolatria de Camos. Na medida em que ele era representado por uma imagem, estava sujeito a este mundo. Ele podia ir para o cativeiro (Jr 48.7), mas Yahweh não. Sendo a corporificação de algo deste mundo, em nada poderia ajudar Moabe, assim como os bezerros de Israel em nada ajudaram a este (Jr 48.13).

Além disso, Yahweh, na condição de doador da vida, proibia sacrifícios humanos. Está claro que Camos, à semelhança de outras divindades do antigo Oriente Médio, aceitava e pode ter exigido tais sacrifícios. Milcom (ou Moloque), com que Camos parece estar identificado em Juízes 11.24, era claramente um desses deuses sanguinários e, como tal, é condenado pelos escritores bíblicos.

Bibliografia: CROSS, F. & FREEDMAN, D. *Early Hebrew orthography*. American Oriental Society, 1952. p. 39, n. 13.

J.N.O.

990 כמז (*kmz*). **Aceita como raiz de:**

990a †כּוּמָז (*kûmāz*) ***Algum tipo de ornamento.*** (ARA, "bracelete"; BLH, "pulseiras"; PIB, "adereços"; MM, "colares".)

O contexto em que esta palavra ocorre deixa claro que ela se refere a algum tipo de ornamento (Êx 35.22; Nm 31.50). Todavia não é possível identificar com maior exatidão o seu sentido. Nas duas passagens os objetos referidos faziam parte de ofertas voluntárias para o Senhor.

J.N.O.

991 כמן (*kmn*). **Aceita como raiz de:**

991a מִכְמָן (*mikmān*) ***tesouros escondidos*** (Dn 11.43).

991b כַּמֹּן (*kammōn*) ***cominho.***

992 כָּמַס (*kāmas*) ***entesourar*** (Dt 32.34).

993 *כָּמַר (*kāmar*) ***I, desejar ardentemente, estar inflamado, preto.***

O sentido da raiz é o de estar quente. Três das quatro ocorrências (Gn 43.30; 1 Rs 3.26; Os 11.8), todas elas no nifal, exprimem as emoções dos vínculos filiais, no último caso os de Deus para com seu povo.

J.N.O.

994 כמר (*kmr*)

994 כמר (*kmr*). **II. Aceita como raiz de:**

994a כְּמְרִיר (*kamrîr*) ***trevas, escuridão*** (Jó 3.5).

995 כמר (*kmr*). **III. Aceita como raiz de:**

995a מִכְמָר (*mikmār*) ***rede, armadilha*** (Is 51.20).
995b מַכְמֹר (*makmōr*) ***rede, armadilha*** (Sl 141.10, 11).
995c מִכְמֶרֶת (*mikmeret*) ***rede, rede de pesca*** (Hc 1.15).
995d מִכְמֹרֶת (*mikmōret*) ***rede, rede de pesca*** (Is 19.8).

996 כֹּמֶר (*kōmer*) ***sacerdote, sacerdote idólatra.***

Esta palavra ocorre três vezes no AT: 2 Reis 23.5; Oséias 10.5; Sofonias 1.4. Todas elas referem-se a sacerdotes que conduziram Israel na adoração idólatra. As referências cobrem a ampla gama de influências pagãs na religião hebraica: adoração de bezerros no reino do Norte (Israel), o baalismo no reino do Sul (Judá) e os ritos de fertilidade nos "lugares altos".

O sentido da raiz da palavra é desconhecido. Mowinckel, num artigo que apareceu em *ZAW* 38:238-9, sugeriu que a palavra derivava da raiz *kmr* I, "estar quente". Se esse é o caso, *kōmer* significaria "aquele que está excitado" e referir-se-ia ao aspecto de transe da adoração pagã. A palavra pode, no entanto, estar relacionada com uma raiz egípcia (*cf. KB*. p. 442). Isto estaria bem de acordo com a grande relação entre as religiões cananéia e egípcia. Emprega-se o vocábulo em aramaico antigo, mas ele não aparece em ugarítico, que utiliza a raiz *khn*. Albright alega que a palavra se refere a sacerdotes-eunucos, os quais, é claro, eram proibidos em Israel (Dt 23.1 [2]; ALBRIGHT. *FSAC*. p. 234).

J.N.O.

כִּמְרִיר (*kimrîr*). Veja o nº 994a.

כֵּן (*kēn*). Veja os nºs 998a, 999a, 964a, b.

997 *כָּנָה (*kānâ*) ***Dar títulos ou nomes lisonjeantes, apelidar, ser apelidado.***

Ocorre quatro vezes, somente no piel e no pual (Jó 32.21-22; Is 44.5; 45.4). Duas vezes Elifaz diz que não sabe como lisonjear com um título ou um nome falso. Em Isaías Deus promete que, na Restauração, o título de Israel corresponderá à verdade em vez de ser uma denominação imprópria.

כַּנָּה (*kannâ*). Veja o nº 999b.

כִּנּוֹר (*kinnôr*). Veja o nº 1004a.

998 כנן (*knn*). **I. Aceita como raiz de:**

998a †כֵּן (*kēn*) ***pé, base, lugar, ofício, condição social.***

Um substantivo derivado de uma raiz teórica *knn*, "ser (estar) firme, sólido". Denota a base ou alicerce físicos de algo (especialmente da pia de bronze). O restante das ocorrências refere-se à posição ou ofício de uma pessoa.

J.N.O.

999 כנן (*knn*). **II. Aceita como raiz de:**

999a כֵּן (*kēn*), כִּנִּם (*kinnim*), כִּנָּם (*kinnām*) ***mosquito, mosquitos, enxame de mosquitos.*** Sentido incerto.

999b כַּנָּה (*kannâ*) ***firmeza (de árvore)***, *i.e.*, raiz, cepo (Sl 80.15 [16]).

1000 כָּנַס (*kānas*) ***recolher, reunir, enrolar*** (numa capa ou coberta, hitpael).

Termo Derivado

1000a מִכְנָס (*miknās*) ***calça***, sempre no plural *miknāsayim*.

kānas ocorre 11 vezes no AT, sendo sete no qal, três no piel e uma no hitpael.

Um dos usos de *kānas* é quando Davi, nos preparativos para a construção do templo por Salomão, reúne pessoas especialistas (1 Cr 22.2). Num uso parecido da palavra, Ester mandou recado a Mordecai para reunir todos os judeus que estavam em Susã (Et 4.16). Exalta-se o poder que Deus tem de ajuntar as águas do mar como que empilhando-as (Sl 33.7). Neemias 12.44 registra a nomeação de homens para recolher ofertas, dízimos e porções das colheitas para os sacerdotes e levitas. Israel é advertido de que Deus pretende reuni-los para fazê-los passar pelo fogo da sua ira (Ez 22.21). Isaías assemelha a situação insustentável de Israel no cenário internacional a alguém cujo cobertor é tão estreito que não consegue enrolar-se nele (Is 28.20).

miknās. ***Calça ou ceroula*** (para uso dos sacerdotes; ARA, "calção"). Este substantivo ocorre apenas no dual (*miknāsayim*). É encontrado cinco vezes em Êxodo e Levítico e uma vez em Ezequiel 44.18. As calças foram determinadas por Deus por motivo de decoro e eram feitas de linho, a fim de absorverem a transpiração.

C.L.F.

1001 כָּנַע (*kāna‘*) ***ser humilhado, subjugado, rebaixado, abatido, ser levado à sujeição.***

Termo Derivado

1001a כִּנְעָה (*kin‘â*) ***trouxa, pacote.*** Ocorre somente em Jeremias 10.17, "tira do chão a tua trouxa [e apanha-a]".

Este verbo ocorre 36 vezes. Ele denota subjugar um povo ou um espírito altivo e recalcitrante. O único cognato encontra-se em árabe, onde a raiz significa "dobrar (as asas de uma ave)".

Não é possível fazer uma distinção absoluta e precisa entre *kāna‘* e as duas outras palavras (*‘ānâ* e *shāpēl*) que comumente são traduzidas por "ser humilde". Podem-se,

contudo, estabelecer ligeiras distinções: parece que *'ānâ* enfatiza os aspectos de humilhação forçada (inclusive estupro), ao passo que *shāpēl* contrasta altivez e humildade. *kāna'* compara dominação e sujeição (Sl 106.42).

Das ocorrências 18 referem-se à sujeição militar, sendo a maioria delas nações que haviam oprimido Israel ou pelo menos haviam ameaçado fazê-lo. Mas o Deus de Israel sujeitou-as ao seu povo (Ne 9.24, *etc.*).

Das 18 referências a uma submissão espiritual, 15 relacionam as ações de um rei em submeter-se e a sua nação a Deus (1 Rs 21.29, *etc.*). A ênfase recai sobre um espírito altivo e independente que se humilha.

Duas passagens-chave são Levítico 26.41 e 2 Crônicas 7.14, que indicam que, enquanto uma pessoa ou nação for arrogante e auto-suficiente, Deus nada poderá fazer por elas.

J.N.O.

1002 כְּנַעַן (*kᵉna'an*) ***I, Canaã.***

Termos Derivados

1002a כְּנַעֲנִי (*kᵉna'ănî*) ***cananeu.***

1002b כְּנַעַן (*kᵉna'an*) ***II, mercador.***

kᵉna'an é o nome de uma pessoa ou então de um território. A maioria de suas 90 ocorrências encontra-se no Pentateuco (39 em Gênesis). A expressão "terra de Canaã" ocorre 62 vezes.

Canaã, um dos filhos de Cão, é mencionado pela primeira vez em Gênesis 9.18. Ele é citado como pai de Sidom, Hete e nove outros povos, inclusive os jebuseus e amorreus (1 Cr 1.13). A maldição sobre Canaã, que o destinou a ser servo de seus irmãos (Gn 9.25, 27), provavelmente apontava para a futura sujeição dos moradores de Canaã aos israelitas nos dias de Josué e da monarquia davídica. O nome da terra pode ter origem neste antepassado ou pode haver em Gênesis 10.15-18 um jogo com a palavra "Canaã", pronunciada da mesma maneira que o nome do neto de Noé. Segundo Speiser, a palavra "Canaã" tem origem no nome de uma tintura púrpura encontrada em Nuzi. (A palavra grega para Fenícia, *phoinix*, significa púrpura.) Estudos posteriores tornam isso improvável. Maisler e Albright defendem que o sentido original teria sido "mercador de púrpura". Millard, no que segue Landsberger, afirma que a derivação da cor púrpura é impossível, mas é incapaz de oferecer uma alternativa plenamente defensável. (Veja referências na bibliografia.)

Em expressões como "habitantes de Canaã" (Ex 15.15) ou "reis de Canaã" (Jz 5.19) o que se tem em vista é a população de um território. A "língua de Canaã", mencionada em Isaías 19.18, é a língua hebraica, embora também houvesse outros dialetos.

Canaã, na qualidade de distrito administrativo do Egito no segundo milênio a.C., abrangia a Palestina e o sul da Síria. Biblicamente, Canaã consiste na terra a oeste do Jordão e distingue-se da área a leste desse rio (Nm 32.29-33; 35.14; Js 22.32). Embora a sua extensão territorial seja descrita de diferentes maneiras na Bíblia, num sentido amplo a terra de Canaã inclui a área que vai do deserto de Zim, no sul, até Reobe, em Lebo-Hamate, no norte, uma distância de aproximadamente 480 quilômetros; assim mesmo,

conforme ficou demonstrado com as escavações em Ras Shamra, a cultura cananéia na realidade estendia-se ao longo do litoral sírio, indo bem para o norte, até a própria Hamate. Sua fronteira ocidental era o mar Mediterrâneo, e sua fronteira oriental, o rio Jordão (Nm 13.2; 17—33; 34.2-12; *cf.* Gn 10.19). Num sentido mais limitado, Canaã indicava a faixa litorânea, especialmente a parte norte, que também era conhecida como Fenícia (Nm 13.29; Js 5.1). No início da história de Israel, os cananeus habitavam o litoral e as planícies, e os amorreus, a região montanhosa (Nm 13.19; Js 5.1; 11.3; Jz 1.27 ss.).

Canaã era uma terra habitada (Êx 16.35; *cf.* Js 5.12). Os patriarcas viveram ali (Gn 31.18; 37.1). Quando citado como "terra dos cananeus", o território é descrito como "terra que mana leite e mel" (Êx 3.8; 13.5), uma expressão que aponta para a fertilidade e abundância da terra. Localizadas em Canaã estavam as cidades de Hebrom (Gn 23.2, 19), Siquém (Gn 33.18), Luz (ou Betel, Gn 35.6), Manre (Gn 49.30) e Silo (Js 21.2). Em uma oportunidade Canaã é chamada de "terra dos filisteus" (Sf 2.5).

Umas poucas passagens apresentam uma avaliação negativa de Canaã. Isaque advertiu Jacó a não se casar com uma das filhas de Canaã (Gn 28.1, 6; *cf.* 36.15). Israel também recebeu a instrução: "nem fareis segundo as obras da terra de Canaã" (Lv 18.3). Posteriormente um autor queixou-se de que os israelitas desobedeceram e "sacrificaram aos ídolos de Canaã" (Sl 106.38).

A terra de Canaã assume um caráter teológico não apenas como "a terra em que [os patriarcas] habitaram como peregrinos", mas como a terra que é dádiva de Deus (Êx 6.4). Canaã é a terra que o Senhor dá a Israel (Nm 13.2). Deus disse a Abraão: "Dar-te-ei e à tua descendência ... a terra de Canaã, em possessão perpétua" (Gn 17.8). Essa aliança com Abraão é citada em Êxodo 5.22—6.8, uma passagem significativa que é um sumário das intenções de Deus com Israel, sumário este apresentado em resposta à indagação de Moisés. Faz parte do objetivo divino que Israel habite em Canaã, o lugar da abundância, e a este lugar ele volta após o exílio. Deus deseja o bem do seu povo. Canaã é dada a Israel como possessão (Lv 14.34; Dt 32.49) e como herança (1 Cr 16.18 = Sl 105.11). Muitos interpretam que Isaías 11.10-12 diz que todos os remanescentes judeus dispersos haverão de ser reunidos na terra de seus ancestrais sob o senhorio da Raiz messiânica de Jessé.

kᵉna'ănî. ***Cananeu(s)***. Este vocábulo refere-se tanto aos descendentes de Canaã quanto aos habitantes de Canaã, e às vezes a mercadores (veja *kᵉna'an* II).

Um dos descendentes de Simeão tinha mãe cananéia (*cf.* Gn 46.10 = Êx 6.15) — um exemplo de casamento misto que impediu Israel de permanecer uma raça etnicamente "pura".

Aqueles que moravam na Palestina antes da conquista eram conhecidos como cananeus (Gn 12.6). Sua destruição fora ordenada por Deus, e há passagens que os relacionam entre aqueles que foram desapossados por Israel (Js 5.1; 11.3; 13.4). A total falta de obediência de Israel significou que os cananeus continuaram a viver entre os israelitas (Js 16.10; Jz 1.27-33). Os cananeus eram imorais em suas práticas, como se percebe claramente tanto nas Escrituras (Êx 23.23-24) como na literatura encontrada desde 1929 na antiga Ugarite. Avaliações negativas acerca deles já haviam sido feitas na época dos patriarcas (Gn 24.3; 28.8). Por isso Israel recebeu ordens de derrubar os ídolos deles, de abster-se de fazer aliança com eles (Êx 34.11-16) e de destruí-los, para não perverterem a religião pura de Israel (Dt 7.1-5 ss.; 20.17-18). Na realidade os israelitas não destruíram os cananeus, por fraqueza ou por misericórdia imerecida ou ainda por

alguma outra razão. Eles tiveram uma amarga colheita com o sacrifício de seus próprios filhos inocentes (Sl 106.35-38). Albright diz que os dados arqueológicos mostram claramente que os cananeus experimentaram uma degradação moral antes da conquista pelos hebreus (*FSAC*. p. 231-5, 281). Deve-se fazer distinção entre os cananeus, que viviam nas planíceis, e os amorreus, que eram um povo das regiões montanhosas (Nm 13.29; Js 5.1). Kenyon defende a idéia de que os cananeus eram amorreus urbanizados.

O termo *kᵉna'ănî* é, em geral, usado coletivamente, mas ocasionalmente pode referir-se a um indivíduo (*cf.* o rei de Arade, Nm 21.1). O termo também pode significar "mercador" (veja *kᵉna'an* II). Em Zacarias 14.21 a IBB traz "cananeu", e a ARA, "mercador", num contexto onde as antigas versões favorecem o sentido de "mercador", visto que a santidade das bacias e panelas na era vindoura tornará desnecessário o comércio no templo.

kᵉna'an. ***II. Mercador, negociante.*** Visto que os cananeus eram conhecidos por sua habilidade em comerciar, nem sempre fica claro se o termo se refere a uma raça ou à profissão de mercador (*cf.* as diversas traduções de Sf 1.11; Ez 16.29; 17.4, onde considerações de paralelismo poético fazem de "negociante" e "mercador" a tradução preferível). O comércio, que originalmente empregava lã vermelho-púrpura como moeda de troca, levou ao uso de "negociante" como um termo geral, sem nenhum estigma (*cf.* Pv 31.24).

A estela de Amenófis II (*c.* 1440 a.C.) demonstra a antigüidade desse uso. Com base nisso Maisler conclui que o termo denotava a "plutocracia comercial" dos centros litorâneos e de comércio da Síria e da Palestina (veja Bibliografia).

Bibliografia: ALBRIGHT, W. F. The role of the Canaanites in the History of civilization. In: *The Bible and the Ancient Near East*. Ed. G. E. Wright. Doubleday, 1965. pp. 427-8. — KENYON, Kathleen. *Amorites and Canaanites*. Londres, Oxford University, 1966. MAISLER, B. Canaan and the Canaanites. *BASOR* 102:7-12. MILLARD, A. R. The Canaanites. In: *Peoples of Old Testament times*. Ed. D. J. Wiseman. Oxford: Clarendon, 1973. pp. 29-52.

כְּנַעֲנִי (*kᵉna'ănî*). Veja o nº 1 002a.

1003 כנף (*knp*). **Aceita como raiz de:**

1003a †כָּנָף (*kānāp*) ***asa, alado, margem, canto, camisa.***

Ocorre 107 vezes, sendo 26 em Ezequiel; 12 em Salmos; 10 em 1 Reis; 10 em 2 Crônicas. Membro emplumado de uma ave e com o qual ela voa, denotando velocidade e também proteção. A palavra ocorre em árabe, acadiano, aramaico e ugarítico com o mesmo sentido. Desconhece-se qualquer verbo que tenha dado origem ao substantivo; o uso verbal existente (*yikkānēp*, uma única vez, em Is 30.20) possui significados denominativos (ocultar, cercar, reunir) baseados nos usos do substantivo.

Apenas dez das ocorrências deste substantivo referem-se literalmente a uma ave. Dessas dez referências, em pelo menos oito, "asa" é usado para qualificar "ave" (*cf.* Gn 1.21, lit. "todas as aves de asa").

Muito mais passagens empregam o termo figuradamente, a maioria delas referindo-

se a Deus e com um significado positivo. O livramento do Egito é duas vezes descrito em termos de Deus levando o povo sobre asas de águia (Êx 19.4; Dt 32.11). Mas num maior número de vezes ele é visto como abrigando os seus debaixo de suas asas tal como uma galinha faz por seus pintinhos (Sl 17.8; Rt 2.12). Em geral alguma afirmação sobre a realidade da fidedignidade de Deus segue junto da afirmação de que a pessoa deseja buscar abrigo debaixo das suas asas (Sl 36.7 [8], "Como é preciosa, ó Deus, a tua benignidade! por isso os filhos dos homens se acolhem à sombra das tuas asas"). Malaquias 4.2 [3.20] fala do sol da justiça que nasce, trazendo salvação nas suas asas. Parece que o profeta está se apropriando da figura do disco solar alado, que era usado em todo o antigo Oriente Médio como símbolo da proteção pela divindade. É muito significativa a apropriação deste antigo tema numa predição acerca de Cristo. Só ele é a verdadeira manifestação da benevolência divina e vem para curar (e não apenas proteger) aqueles que, por temor a Deus, lançam fora o seu orgulho.

No entanto, aquelas asas que oferecem livramento e segurança àqueles que o temem, podem trazer pavor àqueles que o desafiam. Jeremias 48.40; 49.22 conta que Deus estenderá suas asas de águia sobre Moabe e destruirá aquele povo, da mesma forma como uma águia pode cair de mergulho sobre um pobre coelho. Em Isaías 8.8 a Assíria é a águia cujas asas fazem sombra sobre Judá (*cf.* também Ez 17.3, 7).

Os usos figurados restantes falam da velocidade de asas. Sobre o vento diz-se que ele tem asas (2 Sm 22.11, *etc.*). Três das seis ocorrências falam de Deus cavalgando sobre o vento. Diz-se que o dinheiro tem asas (Pv 23.5), o que também ocorre com a maledicência (Ec 10.20). O belo texto de Salmos 139.9 fala que as asas da alvorada são incapazes de ir além do cuidado divino.

É difícil precisar a origem de determinada série especial de usos figurados. Aqui a palavra significa as fraldas esvoaçantes de um manto ou os confins da terra. Talvez a semelhança de um manto com asas e, então, a semelhança do "fim" do manto com os confins da terra descreva com exatidão a transferência de idéia.

O restante das referências a *kānāp* tem a ver ou com os querubins sobre a arca ou com as visões de Ezequiel. É tentador ver nessas numerosas ocorrências algumas afirmações teológicas a respeito de Yahweh, especialmente à luz do serafim alado de Isaías 6.2. Pode ser que as asas dos mensageiros de Deus indiquem a capacidade divina de transcender a sua criação e, ao mesmo tempo, ser a qualquer momento imanente nela. O fato de que em outro texto se afirma que Deus cavalga sobre as nuvens oferece talvez apoio a tais conjecturas. No entanto, sem declarações bíblicas mais explícitas, isso deve permanecer no domínio hipotético.

Bibliografia: *THAT*. v. 1, pp. 833-5.

J.N.O.

1004 כנר (*knr*). **Aceita como raiz de:**

1004a כִּנּוֹר† (*kinnôr*) ***harpa.***

1004b כִּנֶּרֶת† (*kinneret*), כִּנָּרוֹת (*kinnārôt*) ***Quinerete.***

kinnôr. ***Harpa.*** Um instrumento musical com cordas e feito de madeira. Comumente associado ao júbilo e à alegria. Ao que parece a palavra é de origem indiana, pois na Índia existe um instrumento de cordas denominado *kinnāra*. É possível que a palavra, se não o próprio instrumento, tenha vindo para o vocabulário hebraico através do hitita (*cf. KB*,

in loc.). Provavelmente o *kinnôr* era uma lira, e não uma verdadeira harpa. Liras aparecem em várias pinturas e esculturas antigas.

Embora a maioria das referências à harpa ocorra num contexto de adoração pública, cerca de seis referências indicam que ela era um instrumento usado para recreação e descontração. Era comum a harpa ser tocada em festas (Gn 31.27), presumivelmente por dançarinas (Is 23.16). O *kinnôr* é o primeiro instrumento musical mencionado na Bíblia.

Tanto Jó (21.12) quanto Isaías (5.12) declaram que são os ímpios que têm momentos de regozijo e alegria, e ambos abordam a injustiça que isso significa.

A maior parte das referências mostra a harpa num contexto religioso. Este e outros instrumentos caracterizavam os filhos dos profetas (1 Sm 10.5; SI 49.4 [5]; *cf.* 1 Sm 16.23). Como resultado do amplo emprego da harpa e de outros instrumentos na celebração do retorno da arca (2 Sm 6.5; 1 Cr 13.8), parece que a música instrumental atingiu o seu apogeu na adoração em Israel (1 Cr 25.1, 3, 6). Estudos de salmos de júbilo associados com harpas mostram que o amor inabalável, a fidelidade e a justiça do Criador-Redentor eram temas centrais no regozijo de Israel.

Bibliografia: —BEST, H. M. & HUTTAR, D. Music, musical instruments. In: *ZPBD*. —SELLERS, O. R. Musical instruments of Israel. *BA* 3:33-48.

kinneret, kinărôt. ***Quinerete.*** Lago no norte da Palestina e importante como ponto limítrofe da terra de Israel. No NT é conhecido como mar da Galiléia ou de Genesaré. A palavra ocorre quatro vezes com a terminação *et* e três vezes com *ôt*. Esse nome próprio aparece em listas topográficas egípcias. Não há concordância quanto à etimologia semítica do vocábulo. Albright sugere uma conexão com a deusa da lira, Kinnâr, em ugarítico (*YGC*, p. 144).

Em Números 34.11 Quinerete é apresentado como um dos marcos da fronteira oriental da terra de Canaã. Em Josué 12.3 o ponto mais a oeste do território de Siom é indicado como o vale do Jordão, desde o mar Salgado até Quinerete. Em Deuteronômio 3.17 esta mesma designação é dada à região ocidental do território que foi entregue à meia tribo de Manassés e às tribos de Gade e Rúben (*cf.* também Js 13.27).

Como também ocorreu na época do NT, a região logo a oeste e a norte do lago (aproximadamente a mesma área do território de Naftali) era chamada pelo mesmo nome do lago. Desse modo, numa passagem diz-se que Ben-Hadade, da Síria, capturou todo Quinerete (1 Rs 15.20). Houve também em Naftali uma cidade com o mesmo nome, conjecturalmente identificada com Tell el-'oreimeh (Js 19.35).

J.N.O.

כִּנֶּרֶת (*kinneret*). Veja o nº 1 004b.

1005 כְּנָת (*kᵉnāt*) ***companheiro, colega*** (Ed 4.7).

1006 כֶּסֶא (*kese'*) ***lua cheia*** (Pv 7.20; Sl 81.4).

1007 כִּסֵּא (*kissē'*) ***assento, banco sem encosto, trono.***

Ocorre 136 vezes, das quais 34 em 1 Reis, 17 em Jeremias e 15 em Crônicas. Com apenas sete exceções, todas essas ocorrências referem-se a tronos reais ou divinos. Em todos os casos, a palavra indica um assento de honra. Raiz idêntica aparece em ugarítico (*ks'*) e acadiano (*kussû*, do sumério GU.ZA), ao passo que tanto o aramaico quanto o árabe apresentam um *r* adicional: *karsa'* (aramaico), *kursıyu* (árabe). Talvez um empréstimo lingüístico.

Conforme mencionado acima, parece que a idéia básica da raiz é a de "assento de honra" (Eúde, Jz 3.20; Eli, 1 Sm 1.9; 4.13; 18, *etc.*). A única possível exceção a isso acha-se na descrição do pequeno quarto do profeta (2 Rs 4.10), onde a ARA traduz por "cadeira".

Nos usos em que a tradução tem sido "trono", um pequeno número de passagens tem que ver literalmente com tronos. Tais textos são ou descrições de tronos (1 Rs 10.18; Ez 1.26, *etc.*) ou declarações acerca de reis que se assentam em tronos específicos para julgar (Et 5.1; Jr 1.15; *etc.*), tratar de questões de estado (1 Rs 22.10) ou receber a honra que lhes é devida (2 Rs 25.28).

A grande maioria das referências a trono usa a palavra figuradamente. Desse modo, assentar-se no trono do reino era governar o reino ou, em alguns casos, começar a governar o reino (*cf.* 1 Rs 16.11, *etc.*). Dos 87 usos figurados, pelo menos 47 indicam que era Deus quem colocava alguém no trono ou então retirava-o dali. Muitas dessas passagens estão relacionadas com o estabelecimento da linhagem davídica, e, destas, a grande maioria diz respeito à subida ao trono de Salomão (1 Rs 1—2). As freqüentes afirmações de que Deus "estabeleceu" ou "firmou" (*kûn*, *q.v.*) o trono de alguém indicam também que a estabilidade de um rei, não importa o contexto em que isso ocorra, é resultado da soberania de Deus.

Em várias oportunidades o livro de Provérbios enfatiza que nenhum trono se firma mediante o uso da força, mas sim da misericórdia, justiça e retidão (Pv 16.12; 20.8, 28; 25.5; 29.14). Mas fica evidente que a pergunta imediata é: de acordo com o padrão de quem? Para os hebreus esta não era uma pergunta difícil. Está claro que o verdadeiro Rei, por quem todos os seres humanos, inclusive os reis, são julgados, é o Rei Celeste. O estudo da relação entre a palavra *kissē'* e a pessoa de Deus põe isto à mostra. O trono divino está firmado para sempre (Sl 93.2; 103.19; Lm 5.19). Está firmemente estabelecido nos céus (Is 66.1; Jr 3.17) bem como no local que ele escolheu, Jerusalém. Os pronunciamentos que, estando em seu trono de juízo, ele faz são totalmente verdadeiros e justos (Sl 74.8 [9]; 89.14 [15]). Em nenhuma outra passagem fica tão claramente exposta a dicotomia entre o rei humano falível e o rei divino infalível como em 1 Reis 22. Nesta passagem Josafá e Acabe estão sentados em seus magníficos tronos reais para receberem a profecia de Micaías (v. 10). Mas Micaías relata que viu Deus sentado em seu trono, e que ele deu uma palavra de condenação acerca dos esforços reais contra a Síria (v. 19). Deus é o rei de Israel e Judá (*cf.* também Is 6.1).

Essa dicotomia está definitivamente resolvida no Messias. Na medida em que os israelitas olhavam para a sua longa e desastrosa série de reis e na medida em que comparavam tais reis com o padrão divino e perfeito é que eles vieram a ansiar por aquele Filho de Davi que viria governar a eles e ao mundo com base no amor e não no egoísmo, com eqüidade e não com parcialidade (Is 9.7 [6]; 16.5; Jr 22.11-23.6; Zc 6.13). O testemunho do NT é que esse rei já veio e que toda a criação aguarda com grande expectativa o dia da sua coroação, quando ele ascenderá ao seu trono para todo o sempre.

J.N.O.

1008 כָּסָה (*kāsâ*)

1008 כָּסָה (*kāsâ*) ***I. cobrir, ocultar, esconder.*** Em umas poucas passagens também usado com o sentido de "perdoar".

Termos Derivados

1008a כָּסוּי (*kāsûy*) ***coberta externa*** (do tabernáculo). Usado apenas em Números 4.6, 14.

1008b כְּסוּת (*k'sût*) ***coberta.***

1008c מִכְסֶה (*mikseh*) ***cobertura.***

1008d מְכַסֶּה (*m'kasseh*). Na forma esta palavra é um particípio do piel e, em seus quatro usos, pode ser tratada como um substantivo ativo, "aquilo [ou aquele] que cobre".

Usualmente o verbo *kāsâ* I tem o sentido literal de "cobrir". Sapos cobriram o Egito (Êx 8.6 [2]). A nuvem cobria o tabernáculo (Nm 9.16).

O vocábulo também é empregado no sentido mais genérico de "esconder" (Gn 37.26; Pv 10.18, ARA, "reter") ou "superar" (Pv 10.6, 11, NIV, "a violência confunde a boca dos perversos"; ARA, "na boca dos perversos mora a violência"). Em Gênesis 7.19-20 os montes foram "cobertos"; o hebraico não especifica com que foram cobertos. A ARA, ao especificar que foi água que cobriu os montes, vai além do texto hebraico. O hebraico pode simplesmente indicar que, devido à tempestade, as montanhas estavam ocultas da vista do homem.

É provavelmente o sentido de "esconder", "ocultar", que leva ao significado de "perdoar'. Na conhecida passagem de Salmos 32.1, *kāsâ*, "cobrir" (qal), é paralelo a *nāsā'*, "perdoar". No versículo 5 a palavra é utilizada com o sentido de "ocultar". Salmos 85.2 [3] é bastante parecido e apresenta o mesmo paralelo de *kāsâ* com *nāsā'*. Este sentido também ocorre em Neemias 4.5 [3.37], onde o verbo paralelo é *māhâ*, "apagar". Em Provérbios 17.9 e 28.13 o sentido é provavelmente o de "ocultar". O contraste é com a idéia de confessar ou tornar conhecido. Provavelmente é exagerado fundamentar uma teologia veterotestamentária do perdão nesses versículos de Salmos e Neemias. Tem-se argumentado, mais com base em *kāpar*, "expiar" (*q.v.*), que alguns traduzem por "cobrir", que no AT os sacrifícios apenas cobriam o pecado até que este fosse de fato tratado na cruz. É verdade que este ponto de vista apresenta a verdade de que, no AT, o sangue de touros e bodes era incapaz de pagar o preço do pecado. Mas parece que devemos dizer que no AT o pecado era de fato perdoado por Deus com base no derradeiro sacrifício que estava para vir. Os sacrifícios do AT eram simbólicos e típicos, mas o perdão era real. Pelo menos as demais palavras *nāsā'*, "remover", *māhâ*, "apagar, riscar", *sālah*, "perdoar", *etc.*, deixam implícito um perdão real de modo que os pecados eram removidos e levados a uma distância imensurável (Sl 103.3, 11-12).

k'sût. ***Coberta.*** Palavra usada apenas oito vezes, a maioria das vezes com referência a vestuário. Mas observe-se que Gênesis 20.16, onde "cobrir os olhos" (*'ênayim*, ARA, "ser compensação") é interpretado pela NIV como "cobrir a ofensa" (provavelmente lendo *'ĕwōnîm*; *cf.* BLH).

mikseh. ***Cobertura.*** Este substantivo refere-se à cobertura de couro (de animais marinho) sobre o tabernáculo. Uma vez refere-se à cobertura da arca de Noé. Será que isto significa que a arca possuía um forro protetor de peles de animais?

Bibliografia: GIRDLESTONE. *SOT*. pp. 135-8.

R.L.H.

1009 כשׁ (*ksh*). **II. Aceita como raiz de:**

1009a כְּסֶת (*keset*) ***faixa, frontal.***

1010 כסח (*kāsah*) ***decepar, podar (uma planta)*** (Sl 80.16 [17]; Is 33.12).

כְּסִיל (*k'sîl*). Veja o nº 1 011c, e.

כְּסִילוּת (*k'sîlût*). Veja o nº 1 011d.

1011 כסל (*kāsal*) ***ser tolo.***

Termos Derivados

1011a כֶּסֶל (*kesel*) ***confiança, esperança.***

1011b כִּסְלָה (*kislâ*) ***confiança, tolice.***

1011c כְּסִיל (*k'sîl*) ***I, insensato, estulto.***

1011d כְּסִילוּת (*k'sîlût*) ***estulticia.***

1011e כְּסִיל (*k'sîl*) ***II, constelações, Órion.***

O verbo *kāsal* ocorre só uma vez, em Jeremias 10.8, onde adoradores de ídolos são chamados de tolos. Parece que o cognato árabe tem um significado original de "ser vagaroso", referindo-se àquilo que é espesso, arredondado ou gorduroso (*BDB*). A partir de *kāsal* surgem vários derivados.

k'sîl. ***I. Insensato, estulto.*** Este substantivo, exceto em três ocorrências em Salmos, acha-se apenas em Provérbios e Eclesiastes. Em Provérbios há três palavras que podem ser traduzidas por "tolo": 1) *k'sîl*, que se refere à pessoa estulta ou obstinada não por motivo de deficiência mental mas por causa de uma propensão a fazer escolhas erradas; 2) *'ewîl*, que se refere à insolência moral; e 3) *nābāl*, que indica a pessoa grosseira de índole mesquinha.

"Estultícia" e "estulto" são, respectivamente, o oposto de "sabedoria" e "sábio". *k'sîl* refere-se a um estilo de vida atraente para as pessoas imaturas mas que pode levar à destruição e à ruína. O escritor de Eclesiastes resume a argumentação em favor ou da sabedoria ou da estultícia afirmando que a sabedoria é muito melhor que a estultícia da mesma forma como a luz é muito melhor do que as trevas (Ec 2.1-13). Ligado a esta conclusão está o fato de que a sabedoria conduz a pessoa pelo caminho direito que leva ao brilho do dia pleno ao passo que a estultícia seduz a pessoa para o caminho que conduz às trevas (Pv 4.18-19).

Note-se o tipo de escolhas que o *k'sîl* faz. Seus olhos são incapazes de ver qualquer caminho ou conduta adequados. Ele é capaz de percorrer a terra em busca daquilo que

é certo, mas em vão. Aparentemente ele não se concentra naquilo que é certo (Pv 17.24). O estulto imagina que é capaz de alcançar sabedoria quando, na verdade, não possui qualquer inclinação para isso (Pv 17.16). Ele não tem qualquer prazer no entendimento (Pv 18.2), odeia o conhecimento (Pv 1.22) e, por isso, não escolhe o temor do Senhor (Pv 1.29). O fim da complacência do estulto é a destruição (Pv 1.32).

O estulto constitui uma séria ameaça à comunidade. Associar-se a um estulto, que possui uma idéia distorcida de valores, impede a pessoa de alcançar o conhecimento (Pv 14.7). Ele pode causar sérios problemas a seu próximo, pois na realidade ele tem prazer em praticar a impiedade (ou a lascívia; Lv 18.17; Pv 10.23). Aquilo que um insensato fala causa discórdia e envolve-o em contendas com seus adversários (Pv 18.6). Todo aquele que fizer amizade com ele será destruído (Pv 13.20). Os pais de tolos ou insensatos sofrem bastante. Sua mãe se entristece por causa dele (Pv 10.1), e o seu pai jamais tem uma alegria com ele (Pv 10.1; veja também Pv 17.25; 19.13a). Assim mesmo, no que lhe diz respeito, o estulto despreza sua mãe (Pv 15.20).

kesel. ***Confiança, esperança.*** Confiança e esperança estão relacionadas com fé (ou falta de fé) em Deus (Pv 3.26; Jó 8.14). Na qualidade de insensatez ela é identificada com o mal (Ec 7.25) e aplicada àqueles cujo estilo de vida é viver exclusivamente para este mundo (Sl 49.13 [14]). Em cinco outros usos, ***kesel*** é traduzido como "lados" (Lv 3.4, 10, 15; Sl 38.7 [8]; ARA, "lombos").

kislâ. ***Confiança, estultícia.*** O temor a Deus foi a confiança de Jó (Jó 4.6). Ao mesmo tempo, alguém que experimentou a paz de Deus não deve voltar à estultícia (Sl 85.8 [9]).

kᵉsîlût. ***Estultícia.*** Palavra que descreve a insensatez em oposição à sabedoria (***hokmâ***). A imoralidade sexual, caracterizada como ***kᵉsîlût***, é contrastada com sabedoria, que chama os imaturos a uma vida de retidão.

kᵉsîl. ***II. Constelações*** (Is 13.10), ***Órion*** (Jó 9.9; 38.31; Am 5.8). A relação entre esta palavra e ***kᵉsîl*** I é incerta, visto que nas passagens de Jó e Amós ***kᵉsîl*** se refere a uma estrela específica, ao passo que em Isaías o plural ***kᵉsîlêhem***, "suas constelações", é usado num sentido mais genérico.

Em Jó 9.9 a LXX traduz ***kᵉsîl*** por "Hesperus" (que tem que ver com a mitológica estrela vespertina, portanto, o Oeste ou Ocidente). A Vulgata faz o mesmo. Em **Jó** 38.31 "soltar os laços do Órion" (ARA), a LXX traz uma tradução semelhante, "abrir os limites de Órion". Nesta passagem a Vulgata traz "Arcturus" como tradução de "Órion".

Existem diferenças de opinião acerca dos grupos estelares. "Arcturo" é usado de diferentes maneiras nas versões: em Jó 9.9 emprega-se o vocábulo para traduzir o grupo de estrelas chamado em hebraico ***ʿāsh***, mas a LXX traduz por "Plêiades", e a ARA, por "Ursa"; a palavra é usada na LXX para designar o grupo astral ***kîmâ*** (Jó 9.9), mas em 38.31 usa-se "Plêiades" para traduzir ***kîmâ***. A Vulgata emprega "Arcturus" como tradução de ***kᵉsîl***. Em Isaías 13.10, "as estrelas dos céus e suas constelações" (lit.), o plural ***kᵉsîlêhem*** é traduzido pela LXX por "as estrelas dos céus e Orion".

Existem outras possibilidades. O Targum de Jônatas traduz ***kᵉsil*** por "gigante" em Jó 9.9 e 38.31. Quanto a Isaías 13.10 o Targum traz "as estrelas dos céus e seus titãs". No uso moderno, em árabe ***al gibbar*** designa a constelação de Órion, o que também acontece com o vocábulo do hebraico moderno ***gibbôr***, "o valente".

Bibliografia: —BLANCK, S. H. Folly. In: *IB*. v. 2, pp. 303-4. —FRAENKEL, J. Astronomy. In: *Encyclopedia Judaica*. v. 1, p. 795. —GREENSTONE, Julius. *Proverbs*. Jewish Publication Society, 1950. —HARRIS, R. Laird. Proverbs. In: *WBC*. —HESPERUS. In: *Oxford Classical Dictionary*. —KIDNER, Derek. *Proverbs*. Inter-Varsity, 1964. —ORION. In: *Oxford Classical Dictionary*. —ORION, the Pleiades, the Hyades. In: *Larousse Encyclopedia of Mythology*. Prometheus, 1959. pp. 164-5. —TOY, C. H. *Proverbs*. In: *ICC*. —WALKER, W. L. Fool, folly. In: *ISBE*. v. 2, pp. 1124-5. —*THAT*. v. 1, pp. 836-7.

L.G.

1012 כִּסְלֵו (*kislēw*) ***quisleu.*** O nono mês do calendário babilônico. Usado apenas nos livros pós-exílicos de Zacarias (7.1) e Neemias (1.1). Quanto aos demais meses, veja *hodesh*, nº 613b.

1013 כָּסַם (*kāsam*) ***tosquiar, aparar (cabelo)*** (Ez 44.20).

Termos Derivados

1013a כֻּסֶּמֶת (*kussemet*) ***espelta.***

1013b *כִּרְסֵם (*kirsēm*) ***despedaçar.*** Ocorre somente no piel, em Salmos 80.13 [14], "o javali da floresta a devasta".

כֻּסֶּמֶת (*kussemet*). Veja o nº 1 013a.

1014 כָּסַס (*kāsas*) ***calcular*** (Êx 12.4).

1014a מֶכֶס (*mekes*) ***cálculo, proporção a ser paga, imposto*** (Nm 31.28).

1014b מִכְסָה (*miksâ*) ***cálculo*** (de um número, Êx 12.4; estimativa do valor de algo, Lv 27.23).

1015 כָּסַף (*kāsap*) ***ansiar, ter saudade de*** (com *l*ᵉ. Sl 17.12; Jó 14.15).

Termo Derivado

1015a ÷כֶּסֶף (*kesep*) ***prata, dinheiro.***

No grau nifal a raiz significa "ter saudade de" (Gn 31.30), "estar envergonhado" (Sf 2.1; assim interpretam *KB*, *BDB*, *GB*, *ZOR*). Com a partícula negativa *lō'* significa não ter vergonha. (Alguns estabelecem uma relação com *kesep*, "prata", como o metal descolorido; daí o verbo do hebraico médio *hiksîp*, "ficar pálido de tanta vontade".)

kesep. ***Prata; dinheiro (em prata).*** *Kesep* designa a prata recém-garimpada e derretida (Pv 25.4; 26.23; Ez 22.18) e o material usado em utensílios, trombetas, ídolos (Gn 44.2; 24.53; Nm 10.2; Êx 20.23; Is 2.20). É com freqüência usada com numerais para indicar siclos de prata (onde a palavra *sheqel* [siclo] ou *shᵉqālîm* [siclos] encontra-se omitida: Gn 20.16; 45.22). O vocábulo também é usado junto com "minas" (Ed 2.69; ARA, "arrátéis") ou

"talentos" (Êx 38.27; 1 Rs 20.29; 1 Cr 19.6). Pode-se usar a palavra para designar o preço de venda (Lv 25.50).

A prata é encontrada como um metal nativo em algumas minas da Grécia. Também era extraído do minério de prata mediante fundição com chumbo. A liga chumbo-prata era purificada através do aquecimento e da queima do chumbo como oxido. As impurezas eram retiradas ao virem à superfície. No AT existem freqüentes referências ao fogo do ourives e à escória da prata (Ez 22.18-22).

A prata era o padrão usual de comércio. Nos dias de Moisés dois siclos eram o preço de um carneiro (Lv 5.15). Moedas de prata eram usadas na Grécia já em 670 a.C. No AT não encontramos claras referências a moedas de prata, mas é possível que Esdras 8.27 esteja mencionando o dárico de ouro dos persas.

Bibliografia: —BOWES, D. R. Metallurgy. In: *ZPEB*. v. 4, p. 210. —ARCHER, G. L. Coins. In: *ZPEB*. v. 1. p. 903.

G.L.A.J

כֶּסֶת (*keset*). Veja o nº 1 009a.

1016 כָּעַס (*kā'as*) ***estar irritado, indignado, irado, enfurecido, magoado, desgostoso; provocar à ira.***

Termos Derivados

1016a כַּעַס (*ka'as*) ***irritação, desgosto.***

1016b כַּעַשׂ (*ka'as*) ***irritação.*** Variação dialetal de *ka'as*.

O sentido da raiz *kā'as* é o de "irritar", "agitar", "atiçar" ou "provocar" a pessoa de modo que ela não se contenha e realize ações específicas. Este termo, bem como os sinônimos designativos de ira e indignação (*'ap*, *hēmā*, *qatsap*, e *'ebrâ*; veja um exame dos sinônimos em *qātsap*), são usados antropomórfica e antropopaticamente com referência a Deus. Tais vocábulos indicam que Deus, no seu íntimo, é irritado e provocado pela rebeldia ou pecado. Quando aplicado a Deus, o termo deixa implícito que o homem é capaz de afetar até o coração de Deus, de modo a fazer com que ele se inflame, sinta dor ou mágoa em diversos graus de intensidade.

No grau qal o verbo é empregado cinco vezes para indicar o estado de irritação nas pessoas. Desse modo, o rei Asa irritou-se ou exasperou-se quando foi repreendido pelo profeta Hanani (2 Cr 16.10); o mesmo aconteceu com Sambalá quando ele viu pessoas trabalhando na reconstrução dos muros de Jerusalém (Ne 4.1 [3.33]). A partir desses exemplos podemos concluir que o estado de irritação normalmente não é próprio para um verdadeiro filho de Deus. De fato, Eclesiastes 7.9 ensina que o filho de Deus não deve ter um espírito que se irrite facilmente, pois tal reação é própria dos insensatos.

Ezequiel diz que Deus não fica indefinidamente nesse estado de irritação quando seu ciúme é aplacado (Ez 16.42). Aliás, a irritação não é um atributo permanente de Deus. Mas assim mesmo o seu povo pode provocá-lo à ira e à indignação com a infidelidade. Sendo santo e amoroso, Deus só vai partilhar de si mesmo com um povo a quem se ligou através do amor manifesto na aliança e ao qual tomou para si mesmo para comunhão e

serviço. Ele jamais compartilha de si próprio com os profanos e ímpios. Por isso, quando o povo da sua aliança é infiel com ele, Deus, em virtude de sua santidade e de seu amor zeloso (Êx 34.14), é provocado à ira e à indignação contra eles. É assim que Deus pode ser profundamente irritado, agitado, magoado ou entristecido pelo povo de Israel desobediente. Esta é a tônica geral das 45 passagens do AT em que se usa o grau hifil deste verbo. Por exemplo, Moisés advertiu os israelitas de que, se seus descendentes, depois de terem estado na terra prometida, se corrompessem fazendo qualquer forma de imagens de escultura, o Senhor ficaria profundamente irritado com eles. Ele convoca os céus e a terra a serem testemunhas de que Deus, em sua irritação, fará com que sejam totalmente eliminados da face da terra (Dt 4.25). Moisés fala também de seu temor de Deus quando Deus é levado a um estado de profunda irritação (Dt 9.1-8). E, quando Deus é contínua e profundamente provocado, irritado, entristecido, é preciso fazer muita coisa para aplacar o coração de Deus. Por exemplo, o rei Manasses provocou tanto a Deus com seu envolvimento total com a idolatria (*cf.* 2 Rs 21.1-26) que, quando o rei Josias procurou realizar reformas, o Senhor ainda não se deixava aplacar. O juízo teria de cair sobre Judá (2 Rs 23.26), um juízo que destruiu muitos dentre o povo e que retirou a nação do meio da terra prometida. Este juízo, que está em harmonia com a justiça de Deus, não é contrário ao amor divino. Pelo contrário, é uma expressão do amor divino, o qual foi ofendido, rejeitado e profundamente entristecido. O amor divino sofre bastante; ele também se defende e remove aquilo que lhe provoca irritação e tristeza.

ka'as. ***Irritação, provocação, ira, indignação, rancor, desgosto, mágoa, tristeza.*** Ao contrário do verbo, este substantivo não é usado com referência a Deus.

O homem irrita e provoca Deus à ira. Este gesto do homem é mencionado várias vezes: Jeroboão irritou Deus com suas provocações pecaminosas, ou seja, a adoração de bezerros (1 Rs 15.30), da mesma forma como Israel posteriormente o fez com suas idolatrias, que são chamadas de "provocação de suas ofertas" (Ez 20.28; ARA, "ofertas provocantes"). Isso ressalta o fato de que o homem irrita a Deus; ao cair no pecado, o homem, que foi criado e chamado para agradar e glorificar a Deus, causa uma profunda agitação no coração de Deus.

O homem também é uma fonte de irritação para o seu próximo. Penina irritou Ana e causou-lhe muitos desgostos (1 Sm 1.7, 16). Um filho estulto causa irritação ou desgosto em seu pai (Pv 17.25). Adversários, tanto físicos quanto espirituais, são uma fonte de irritação e lágrimas para os justos (Sl 6.7 [8]). Dessa forma, por sua natureza o homem deixa tragicamente de viver em paz e alegria com seu próximo, conforme Deus lhe ordena que faça.

Bibliografia: *THAT*. v.1, pp. 838-41.

G.V.G.

כָּעַס (***ka'as***). Veja o nº 1 016b.

1017 כֵּף (***kēp***) ***rocha*** (Jr 4.29; Jó 30.6).

כַּף (***kap***). Veja o nº 1 022a.

1018 כְּפָה (*kāpâ*)

1018 כָּפָה (*kāpâ*) ***abrandar*** (Pv 21.14).

כְּפוֹר (*k'pôr*). Veja os nºs 1 026a, b.

כְּפִיס (*k'pîs*). Veja o nº 1 021a.

כְּפִיר (*k'pîr*). Veja o nº 1 025a.

1019 כָּפַל (*kāpal*) ***dobrar em dois, duplicar*** (Êx 29.6; 28.16; 39.9); nifal: ***ser duplicado*** (Ez 21.14 [19], referindo-se à espada que golpeia duas vezes). (Árabe *kiflun*, "duplicar"; acadiano *kapālu*, "enrolar em espiral, torcer".)

Termos Derivados

1019a כֶּפֶל (*kepel*), כִּפְלַיִם (*kiplayim*) ***dobro*** (Jó 41.13 [5]), *i.e.*, a espessura redobrada da couraça do crocodilo). O dual *kiplayim* refere-se a uma porção dupla (de castigo, Is 40.2).

1019b מַכְפֵּלָה (*makpēlâ*) ***Macpela*** (talvez Caverna Dupla).

Nome da caverna adquirida por Abraão para o sepultamento de Sara e, mais tarde, de si próprio e de Jacó, no campo que ficava a noroeste de Hebrom e pertencia a Efrom, filho de Zoar, o heteu (ou hitita; Gn 23). Foi adquirida por 400 siclos de prata. O local ficava defronte de Manre (v. 19).

[A negociação tem sido objeto de bastante debate. Ela tem sido entendida como uma típica negociação oriental em que uma das partes procura pechinchar o preço, mas que termina com Abraão, quase um estrangeiro, tendo de pagar uma grande quantia. M. Lehmann (veja bibliografia) sustenta que aí temos um exemplo das leis hititas. Abraão pediu para comprar apenas a caverna. Mas Efrom insistiu em que ele ficasse com a propriedade toda e, desse modo, livrou-se de obrigações feudais para com seu suserano. Speiser (*AB*, *Genesis*, pp. 171-3) duvida que Efrom fosse membro da longínqua nação hitita. Em vez disso ele acredita que Efrom era um não-semita que poderia ser mais facilmente convencido a vender a um estrangeiro como Abraão. Pelo menos há concordância que 400 siclos eram um preço bastante elevado.

O túmulo de Macpela mostrado hoje em dia a turistas foi construído no período herodiano, conforme se vê na parte de baixo da obra de alvenaria. Sobre isso foi construída uma igreja, atualmente uma mesquita. O local foi, portanto, identificado desde antes da dispersão. Talvez seja o verdadeiro local. Veja o artigo de H. G. Stigers (veja bibliografia), que auxiliou nas escavações Hammond no *tell* da antiga Hebrom. R.L.H.]

Bibliografia: —LEHMANN, M. Abraham's purchase of Machpelah and Hittite law. *BASOR* 129:15-8. —STIGERS, H. G. Machpelah. In: *ZPEB*. v. 4, pp. 26-8.

G.L.A.

1020 כָּפַן (*kāpan*) ***ter fome, estar faminto.*** Ocorre somente em Ezequiel 17.7, *kāpnâ 'al*, "estender com fome" (ARA, "lançar").

Termo Derivado

1020a כְּפָן (*kāpān*) ***fome*** (Jó 5.22; 30.3).

1021 כפס (*kps*). Aceita como raiz de:

1021a כַּפִּיס (*kāpîs*) *caibro (de telhado), viga.* Ocorre somente em Habacuque 2.11.

1022 כפף (*kpp*). Aceita como raiz de:

1022a כַּף (*kap*) *mão* (aberta ou virada para cima, de modo a expor a palma, em contraste com *yad*, "mão" ou "punho"); ***palma da mão, sola dos pés*** (Gn 40.11; 2 Rs 4.34; Lv 14.16; Gn 8.9; Js 3.13); ***punhado*** (de comida, 1 Rs 17.12).

1022b כִּפָּה (*kippâ*) ***ramo, folha.***

kap. ***Palma da mão.*** ***kap*** também é empregado para designar mãos estendidas em oração (Êx 19.29; Is 1.15). Pode também referir-se a uma frigideira ou a um utensílio côncavo (Êx 25.29; Nm 4.7) ou à cavidade de uma atiradeira (1 Sm 25.29). A palavra não é empregada tão amplamente quanto *yad* e também não tem a variedade de significados daquele vocábulo (*e.g.*, *yad* também significa "força"). Em ugarítico usa-se *kp* para referir-se às mãos amputadas do inimigo, palavra aparentemente empregada na contagem de cadáveres (*UT* 19: nº 1 286). Este uso hediondo não é claramente confirmado no AT, mas talvez seja esse o sentido em Juízes 8.6, 15.

G.L.A.

1023 כפר (*kāpar*) *I, fazer expiação, fazer reconciliação, purificar.* (Verbo denominativo.) Provavelmente deve-se fazer distinção entre esta raiz e ***kāpar*** II, "calafetar com betume".

Substantivo de Origem

1023a כֹּפֶר (*kōper*) ***I, resgate, dádiva para obter favor.***

1023b כִּפֻּר (*kippur*) ***expiação*** (plural *kippurîm*), usado especialmente na expressão "dia da expiação".

1023c כַּפֹּרֶת (*kappōret*) ***propiciatório, local da expiação.***

A raiz ***kāpar*** é usada cerca de 150 vezes. Tem sido objeto de intensos debates. Existe uma raiz árabe equivalente que significa "cobrir" ou "ocultar". Com base nessa associação, existe a suposição de que a palavra hebraica signifique "cobrir o pecado" e, dessa maneira, aplacar a divindade, fazendo uma expiação (como entendido em *BDB*). Já se sugeriu que o ritual veterotestamentário simbolizava o pecado sendo coberto até que fosse tratado de fato pela expiação por Cristo. Não existe, porém, quase nada que favoreça esse ponto de vista. A relação com a palavra árabe é tênue, e a raiz hebraica não é empregada com o sentido de "cobrir". O verbo hebraico jamais é utilizado no grau simples (qal), mas somente nos graus intensivos derivados. Freqüentemente esses graus intensivos não indicam ênfase, mas simplesmente que o verbo deriva de um substantivo, cujo significado é mais básico para a idéia original.

kōper. ***Resgate.*** Cada israelita devia dar para o serviço do santuário meio siclo como dinheiro de "resgate" (Êx 30.12). O Egito, aos olhos de Deus, foi dado como "resgate" para a restauração de Israel (Is 43.3). Esta palavra "resgate" é paralela a "remir" (*pādâ*, *q.v.*) em Salmos 49.7. Há uma advertência de que a pessoa culpada de homicídio deve ser morta — não se deve apresentar "resgate" em favor dela (Nm 35.31). Também se usa a palavra com o sentido negativo de "suborno", que obtém favores de forma ilícita (1 Sm 12.3).

A partir do sentido de *kōper*, "resgate", pode-se entender melhor o significado de *kāpar*. Significa "expiar mediante o oferecimento de um substituto". A grande maioria dos usos diz respeito ao ritual realizado pelos sacerdotes de aspergir o sangue sacrificial, assim "fazendo expiação" pelo adorador. Existem 49 casos de tal uso apenas em Levítico, e nesse livro não há confirmação do uso da palavra com qualquer outro sentido. O verbo é sempre empregado com relação à remoção do pecado ou contaminação, com exceção de Gênesis 32.20, Provérbios 16.14 e Isaías 28.18, onde se pode observar o sentido correlato de "apaziguar com um presente". Parece claro que esse vocábulo ilustra com grande propriedade a teologia da reconciliação no AT. Requeria-se a vida do animal sacrificado, simbolizada especificamente pelo seu sangue, em troca da vida do adorador. O sacrifício de animais na teologia do AT não era uma mera expressão de gratidão à divindade por parte de um povo criador de gado. Era a expressão simbólica da vida inocente dada em lugar da vida culpada. Esse simbolismo fica ainda mais claro com o gesto em que o adorador colocava as mãos sobre a cabeça do animal a ser sacrificado e confessava seus pecados sobre aquele animal (*cf.* Lv 16.21; 1.4; 4.4 *etc.*) o qual era sacrificado ou então enviado para longe como bode expiatório.

kippur. ***Expiação.*** Este substantivo deriva do verbo tal qual usado no grau intensivo. Hoje se usa no nome do feriado judaico de *yom kippur*, "dia da expiação" (usado somente no plural no AT), que era o décimo dia do sétimo mês, o mês de tisri. Esse dia solene era o único dia de jejum determinado para Israel. Era celebrado com uma oferta especial pelo pecado a favor de toda a nação. Somente naquele dia o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo e levava o sangue da oferta pelo pecado (*cf.* Hb 9.7). Um segundo bode era solto como bode expiatório, simbolizando a eliminação completa do pecado (veja *'ăzā'zēl*, "bode expiatório").

kappōret. ***Propiciatório.*** Este substantivo é empregado 27 vezes e sempre se refere à tampa de ouro da arca sagrada, que ficava no santuário interno do tabernáculo ou do templo. Deus prometeu que, de cima do propiciatório, se encontraria com os homens (Nm 7.89). Era o local onde Deus se tornaria "propício" ou "favorável" aos homens. O vocábulo deriva da raiz "expiar". O equivalente grego na LXX é geralmente *hilastērion*, "local ou objeto de propiciação", palavra aplicada a Cristo em Romanos 3.25. Era nessa tampa da arca que o sangue era aspergido no dia da expiação.

R.L.H.

1024 כָּפַר (*kāpar*) ***II, revestir de betume.*** Este verbo denominativo é usado apenas em Gênesis 6.14, em que indica a impermeabilização da arca. O respectivo cognato é empregado no relato babilônico do dilúvio.

Substantivo de Origem

1024a כֹּפֶר (*kōper*) ***II, betume.*** Substantivo do qual, decerto, derivou o verbo acima. Betume, pixe, asfalto eram empregados já em tempos remotos para fixar incrustrações em estátuas. Foi a escolha lógica para calafetar a arca, como mostram tanto a Bíblia quanto o relato babilônico do dilúvio.

R.L.H.

1025 כפר (*kpr*). **III. Aceita como raiz de:**

1025a †כְּפִיר (*kᵉpîr*) ***leãozinho.***

1025b כֹּפֶר (*kōper*) ***II, nome de uma planta*** (hena?; Ct 1.14; 4.13). Derivação incerta.

1025c כְּפַר (*kāpār*) ***aldeia.*** Derivação incerta. Um dos elementos que, no NT, compõem o nome próprio "Cafarnaum".

1025d כֹּפֶר (*kōper*) ***IV, aldeia.*** Variante de *kāpār*. Possivelmente o mesmo vocábulo que, no plural, é encontrado em Neemias 6.2.

kᵉpîr. ***Leãozinho.*** É incerto que a palavra especifique a idade do leão. É difícil fazer distinção entre as diferentes palavras empregadas para designar o leão. *Cf. lābî'*.

Com freqüência é usada paralelamente a *'aryeh*, "leão" (o termo genérico, geralmente indicando o animal adulto). Em Ezequiel 19.3, o *kᵉpîr* aprende a apanhar a presa. Ocorre freqüentemente em narrativas, livros proféticos e poesia. Outras palavras designativas de leão são *lābî'*, *layish*, *shahal* e *shahats*. É difícil fazer distinção entre essas várias palavras. Algumas talvez se refiram à idade, outras à sua destreza, *etc.*

G.L.A.

1026 כפר (*kpr*). **IV. Aceita como raiz de:**

1026a כְּפוֹר (*kᵉpôr*) ***I, tigela*** (1 Cr 28; Ed 1.10; 8.27).

1026b כְּפוֹר (*kᵉpôr*) ***II, geada*** (Sl 147.16; Êx 16.14; Jó 38.29).

כַּפֹּרֶת (*kappōret*). Veja o nº 1 023c.

1027 *כפשׁ (*kāpash*) ***encurvar, comprimir, curvar junto.*** Ocorre somente no hifil (Lm 3.16).

1028 כַּפְתּוֹר (*kaptôr*) ***I, a ilha de Creta.*** Em egípcio a palavra é grafada *k-f-t-y(w)*; em acadiano, *kaptara*; em ugarítico, *k-p-t-r*. Terra natal ou pelo menos local de passagem dos filisteus (Am 9.7; *cf.* Dt 2.23; Jr 47.4). O adjetivo pátrio é *kaptôrî*, "cretense". (Em Mari a palavra era grafada *ka-aptaru-u*.)

1029 כַּפְתּוֹר (*kaptôr*) ***II, capitel (no alto de uma coluna)*** (Am 9.1; Zc 2.14); ***um punho*** (ARA, "maçaneta") ***ou uma saliência (do candelabro)*** (Êx 25.31; 37.17). (Palavra aparentemente derivada do nome Creta, que teria sido o local de onde pela primeira vez foram importados tais ornamentos.)

1030 כַּר (*kar*)

1030 כַּר (*kar*) ***pastagem.*** Derivaçao incerta.

1031 כֹּר (*kôr*) ***uma medida, geralmente de secos.*** Equivalente a um ômer, tendo portanto dez efas (*q.v.*).

1032 *כרבל (*krbl*) ***vestir uma capa, cingir-se.*** Ocorre somente no pual, em 1 Cr 15.27, "vestido de [ou cingido com] um manto de linho".

1033 כָּרָה (*kārâ*) ***I, cavar, escavar; perfurar mediante escavação.***

Termos Derivados

1033a כָּרָה (*kārâ*) ***cisterna, poço.***

1033b מִכְרֶה (*mikreh*) ***poço de sal*** (?). Somente em Sofonias 2.9.

1033c מִכְרֶה (*m'kurâ*), מִכּוֹרָה (*m'kûrâ*) ***origem.***

O objeto deste verbo é geralmente um poço, uma vala ou uma cisterna. É usado figuradamente para a ação de apanhar uma pessoa mediante uma trama ou estratagema maligno (Pv 16.27). No nifal significa "ser escavado" (Sl 94.13). Existe uma raiz diferente, *kārâ*; veja abaixo nº 1034.

G.L.A.

1034 כָּרָה (*kārâ*) ***II, adquirir mediante comércio, negociar.*** Tem o sentido de "comerciar" (um bem), "fazer negócio", "comprar" (Jó 6.27, que traz a proposição *'al*; Dt 2.6; Os 3.2)..

1035 כָּרַר (*kārâ*) ***III, dar um banquete.*** Ocorre somente em 2 Reis 6.23, *wayyikreh lāhem kērâ g'dôlâ*, "e ofereceu-lhes um grande banquete".

Termo Derivado

1035a כֵּרָה (*kērâ*) ***banquete*** (2 Rs 6.23).

1036 כְּרוּב (*k'rûb*) ***querubim.***

Nome de várias representações de seres angélicos descritos metade humanos, metade animais. Em português o substantivo deriva da forma plural *k'rubîm*, que é geralmente a forma usada.

E incerta a derivação da palavra. O verbo cognato acadiano significa "abençoar, louvar, adorar" (*CAD*). Como uma das características dos querubins era a adoração de Deus, parece aceitável essa derivação.

Os querubins são mencionados pela primeira vez como guardiães angelicais do paraíso perdido (Gn 3.24). Em seguida eles aparecem como figuras aladas de ouro puro que estão de frente uma para a outra e que têm debaixo de si o propiciatório (Êx 25.20).

Eles também foram um tema proeminente na decoração das cortinas do tabernáculo (Êx 26.1, 31). Nada se diz aqui de sua aparência, exceto que eles tinham rostos, presumivelmente humanos, e asas. É significativo que Êxodo 25.22 diz que Deus falará com os homens de cima (*mēʿal*) do propiciatório e do meio (*mibbên*) dos querubins (também Nm 7.89). Albright e outros supõem que a iconografia representava Yahweh montado sobre os querubins da mesma forma como Hadade, o deus sírio da tempestade, é representado como montando um touro sagrado (W. F. ALBRIGHT, What were the cherubim?, em *The Biblical Archaeologist Reader*, v. 1, p. 95). De fato, na maioria das passagens a ARA traduz a frase "habita (n)os querubins" (o texto não traz preposição alguma) por "está assentado acima dos querubins" (2 Sm 6.2; 2 Rs 19.15.1; Cr 13.6; Sl 80.1 [2]; 99.1; Is 37.16). Nesses textos a TB e a PIB trazem "se assenta sobre os querubins"; e a ARC e a BJ, "se assenta entre os querubins" (*cf.* BLH), em consonância com o uso de *bên* em Êxodo 25.22.

No templo de Salomão houve um uso disseminado de querubins na ornamentação (1 Rs 6.29, 32; 7.29). No lugar santíssimo ele fez dois grandes querubins com madeira de oliveira, os quais foram revestidos de ouro. Esses querubins estavam defronte um para o outro; as duas asas internas de cada um tocavam nas duas asas internas do outro acima da arca, e as duas asas externas encostavam na parede do santuário. A envergadura de cada querubim era de quatro metros e meio. Presumivelmente a arca original, com seus dois querubins de ouro maciço, ficava debaixo dessas imensas asas que se tocavam.

No templo simbólico ou milenial de Ezequiel, usavam-se querubins para ornamentação (Ez 41.18-20, 25), mas não há nenhuma menção da arca com seus querubins. Os querubins decorativos tinham cada um dois rostos, de homem e de leão, que olhavam em direções opostas. A maneira mais fácil de entender isto é imaginar o querubim em pé, tendo um rosto virado para a direita e outro para a esquerda, algo como a águia de Habsburgo, mas não se pode ter isto com absoluta certeza. É desnecessário acompanhar Albright e muitos outros, segundo os quais eles eram esfinges.

Podem-se obter mais detalhes a respeito a partir da visão de Ezequiel 1, que é novamente mencionada em 9.3, no capítulo 10 e em 11.22. Ali os querubins estão como pilares nos cantos da estrutura que sustenta o trono de Deus. Eles tinham corpo e mãos humanos (1.5; 10.7), mas os pés eram retos como os de um bezerro — sem o calcanhar e os artelhos humanos. Esses querubins possuíam quatro asas. Duas cobriam o corpo em sinal de modéstia; duas estavam estendidas para cima, de sorte que suas pontas tocavam as asas dos querubins que estavam nos outros cantos. Os serafins (lit., "os ardentes") de Isaías 6 parecem ser criaturas semelhantes. Estes tinham seis asas e usavam as duas adicionais para voar a serviço de Deus. A descrição de Apocalipse 4.6-8 tem detalhes que fazem lembrar tanto de Ezequiel quanto de Isaías. Os querubins de Ezequiel 1 tinham quatro rostos — de homem, de leão, de boi e de águia. Não sabemos a razão disso. Talvez eles representassem o homem, animais selvagens, animais domésticos e aves na presença de Deus. Seus quatro rostos estavam de tal forma dispostos que a estrutura podia viajar para o leste, oeste, norte e sul com a velocidade de relâmpago e ir o tempo todo com o rosto voltado para a frente sem nenhum mecanismo de direção. As rodas que se entrecortavam (Ez 1.16, PIB) e pareciam como uma espécie de giroscópio tinham o mesmo efeito. O fato de esses querubins sustentarem o trono de Deus é, talvez, o motivo de em uma passagem os querubins do templo serem chamados de carro (1 Cr 28.18), embora a referência seja obscura. Na teofania de Salmos 18.10 [11], texto paralelo de 2 Samuel

22.11, a descrição é que Deus "cavalgava um querubim, e voou; sim, levado velozmente nas asas do vento".

Parece que a representação desses elevados seres angelicais varia de um texto para outro, mas eles regularmente se encontram próximos do trono de Deus envolvidos na adoração e no serviço.

Bibliografia: —ALBRIGHT, W. F. What were the cherubim? In: *The Biblical Archaeologist Reader*. v. 1, p. 95. —ACOMB, D. E. Cherub. In: *ZPEB*. v. 1, pp. 788-90. —WOUDSTRA, M. *The ark of the covenant from conquest to kingship*. Presbyterian and Reformed, 1965. pp. 68-77.

R.L.H.

כְּרִיתוּת (*k'rîtût*). Veja o nº 1 048a.

1037 כרך (*krk*). **Aceita como raiz de:**

1037a תַּכְרִיךְ (*takrîk*) ***manto.*** Ocorre na frase *w'takrîk bûts w'argāmān*, "e um manto de linho fino e púrpura" (lit., isto é, um manto purpúreo de linho fino; Et 8.15).

1038 כרכב (*krkb*). **Aceita como raiz de:**

1038a כַּרְכֹּב (*karkōb*) ***rebordo, orla*** (Êx 27.5; 38.4), referindo-se ao ressalto de um altar. Em hebraico médio, tigela.

1039 כַּרְכֹּם (*karkōs*) ***açafrão*** (Ct 4.14).

כַּרְכָּרָה (*karkāra*). Veja o nº 1 046.

1040 כָּרַם (*kāram*) ***cuidar de vinha ou videira.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1040a כֶּרֶם (*kerem*) ***vinha.***

Mencionam-se vinhas mais de 90 vezes no AT, sendo a primeira delas associada a Noé (Gn 9.20). O cultivo de uvas era e ainda é um aspecto importante da agricultura da Palestina. "O cereal, o vinho e o azeite" eram os três mais destacados produtos de origem agrícola (veja *tîrôsh*). As uvas eram pisadas para fazer suco para vinho e eram também secas para fazer passas, que, a julgar pelo presente de Abigail a Davi, eram amplamente usadas (1 Sm 25.18; *cf.* 2 Sm 16.1). Pisar o lagar tornou-se uma incisiva figura do juízo divino (Is 63.3; Ap 14.19). As uvas da Palestina foram uma das provas de que a terra era produtiva (Nm 13.23), o que é especialmente significativo porque o Egito não se especializava no cultivo de uvas. As uvas não deviam ser colhidas a ponto de não sobrar nada nas videiras, mas os bagos que caíssem deviam ser deixados no chão para os pobres respigar (Lv 19.10). É famosa a vinha de Nabote, um patrimônio de que ele não queria se desfazer, mas que Acabe se apoderou para sua própria destruição.

Israel é a vinha divina (Is 5.1 ss.; Jr 12.10). Deus deu-lhe especial atenção, mas ela deu fruta amarga. "O SENHOR ... desejou que exercessem juízo, e eis aí quebrantamento da lei; justiça, e eis aí clamor" (Is 5.7). Vinhas constituem um aspecto das imagens de abundância e paz na época do milênio (Is 65.21; Am 9.13). A videira também é usada na preciosa figura empregada no NT, "Eu sou a videira, vós os ramos" (João 15.5).

R.L.H.

1041 כַּרְמֶל (*karmel*) ***I, plantação, terra fértil; fruto, fruto da terra; pomar.***

Com freqüência a palavra refere-se a um jardim plantado entre fileiras de árvores frutíferas (Is 10.18; Jr 2.7; Jr 48.33), a um "denso e fértil pomar" (Is 37.24, lit., "floresta de pomar") ou a um bosque de cedros imponentes (2 Rs 19.23, BLH). Também indica um tipo de comida, feita ou de frutas ou de grãos moídos ou amassados, formando uma massa (Lv 23.14; 2.14).

1042 כַּרְמֶל (*karmel*) ***II, Carmelo, um promontório logo ao sul de Haifa*** (fértil e frutífero, Js 19.26; 1 Rs 18.19); ***uma cidade nas montanhas a oeste do mar Morto*** (Js 15.55; 1 Sm 25.5).

A serra do Carmelo é proeminente e famosa. Atualmente ela forma o porto de Haifa, o qual, porém, em tempos remotos estava bloqueado por pântanos. Constituindo a fronteira meridional do vale de Esdrelom, a serra do Carmelo se estende por uns 21 quilômetros continente adentro na direção sudeste, atingindo uma altura de 523 metros. Megido, situado num desfiladeiro que corta a serra, foi no passado cenário de batalhas decisivas. Ali Tutmés III obteve uma vitória famosa, e ali também Josias encontrou a morte nas mãos do faraó Neco.

A região do Carmelo tem sido habitada desde tempos antigos. As cavernas de Skhul e Tabun e várias outras no Uádi el-Mugharah forneceram os importantes esqueletos do "homem de Carmelo". Inicialmente datados com aproximadamente 130 000 anos. agora, mediante o método de carbono 14, foram datados com cerca de 35 000 anos. A presença nele de aspectos do homem de Neanderthal misturados com aspectos modernos sugeriu o reestudo do homem de Neanderthal, o que levou à conclusão de que ele andava ereto e era moderno em muitas de suas características (cf. ALBRIGHT, W. F., *The archaeology of Palestine*, ed. revisada, Pelican, 1961, p. 55; quanto à datação, veja *Time and Stratigraphy in the Evolution of Man*, publicações nº 1 469 da National Academy of Sciences, Washington, 1967, p. 20).

Bibliografia: —BALY, D. *Geography of Palestine*. Harper, 1957, especialmente pp. 152-3. —MARE, W. H. Carmel. In: *ZPEB*. v. 1, pp. 754-5.

R.L.H.

1043 כַּרְמִיל (*karmil*) ***carmesim, carmim.***

כַּרְסֵם (*kirsēm*). Veja o nº 1 013b.

1044 כָּרַע (*kāra'*)

1044 כָּרַע (*kara'*) ***curvar-se, ajoelhar-se, pôr-se de joelhos, ajoelhar (o animal para descansar), ajoelhar-se por reverência (diante de Deus ou de um rei)*** (Sl 22.30; 72.9).

Termo Derivado

1044a כֶּרַע (*kera'*) ***perna.*** Sempre usado no dual e com referência às pernas de animal. Empregado uma vez para designar as pernas saltadoras de gafanhotos, *etc.* (Lv 11.21).

O verbo significa curvar-se, mas é aplicável tanto ao curvar-se em geral quanto ao curvar-se em adoração ou em gesto de mesura (13 vezes). As vezes claramente indica o ajoelhar-se. Pelo menos em 2 Reis 1.13 o capitão pôs-se de joelhos. Também, em Juízes 7.6, a maioria dos componentes do exército de Gideão ajoelhou-se para beber. Jó 4.4 refere-se aos joelhos, "aos joelhos vacilantes [curvados] tens fortificado".

Mas a palavra também pode ser utilizada num sentido mais genérico. Ela indica um animal que se abaixa para descansar (Nm 24.9). Também refere-se uma vez a uma mulher que se encurva por causa de dores de parto (1 Sm 4.19). Na maioria das vezes o hifil refere-se figuradamente a "prostrar", "humilhar".

E natural que aquele que cai de joelhos em sinal de respeito também curve as costas. Esta é, aparentemente, a conotação da palavra conforme é empregada para designar a postura de adoração. Não significa cair prostrado ao chão, mas cair de joelhos e curvar-se em adoração.

Naturalmente o que é importante não é a posição, mas a atitude. A palavra pode, no entanto, dar uma indicação das posições que, na antigüidade, eram usadas para oração e adoração. Outras palavras são *qādad*, "curvar a cabeça", *shāhâ*, "prostrar-se".

R.L.H.

1045 כַּרְפַּס (*karpas*) ***algodão ou linho fino*** (Et 1.6).

1046 כָּרַר (*kārar*) ***dançar***. Ocorre somente no pilpel, *m'karkar*, lit. "rodopiar" (somente em 2 Sm 6.14, 16).

Termos Derivados

1046a †כַּר (*kar*) ***cordeiro.***

1046b †כַּרְכָּרָה (*kirkārâ*) ***grandes quadrúpedes, bestas.***

1046c †כִּכַּר (*kikkār*) ***disco redondo, distrito, pão, talento.***

kar. ***Cordeiro, carneiro, aríete.*** Esta palavra, que ocorre 19 vezes, não possui uma clara raiz verbal em hebraico. Substantivos semelhantes são encontrados tanto em acadiano quanto em ugarítico. O vocábulo refere-se a cordeiros criados para abate, mas não necessariamente num contexto de adoração pública. Três vezes em Ezequiel a palavra refere-se a aríetes.

kirkārâ. ***Quadrúpede grande e ágil.*** (ARA, "dromedário", embora a palavra seja feminina.) Aparece somente em Isaías 66.20, onde a palavra indica o modo ágil de viajar com que os antigos captores farão os exilados judeus voltar às pressas para sua terra natal.

kikkār. ***Disco redondo; distrito; um pão; talento.*** Este substantivo tem três sentidos diferentes. 1) Um disco redondo: uma tampa de chumbo (Zc 5.7); uma barra de ouro ou prata, geralmente pesando um talento (2 Sm 12.30; 1 Rs 10.10); uma unidade a partir da qual se fazem objetos menores (Êx 25.39; 1 Rs 9.14; o talento pesava cerca de 34,3 quilogramas). 2) Um distrito ou território (circular), usado especialmente para designar o vale do Jordão (Gn 13.10; 1 Rs 7.46) ou o distrito de Jerusalém (Ne 3.22; 12.28). 3) Um pão redondo (1 Sm 2.36; Pv 6.36). O *kikkār* como talento pesava 3 000 siclos.

G.L.A.

1047 כרשׁ (*krs*). **Aceita como raiz de:**

1047a כַּרְשׁ (*kārēs*) ***barriga*** (Jr 51.34).

1048 כָּרַת (*kārat*) ***cortar fora (uma parte do corpo; e.g., cabeça, mãos, prepúcio); talhar; abater árvores, derrubar ídolos (cortando-lhes a base); eliminar, matar; fazer (aliança).***

Termos Derivados

1048a †כְּרִיתוּת (*k'rîtût*) ***rompimento (de relações), demissão.***

1048b †כְּרֻתוֹת (*k'rutôt*) ***vigas.***

Cognatos são encontrados no verbo acadiano *karātu*, "cortar fora", e no adjetivo verbal, também acadiano, *kartu*, "cortado em pedaços", e também em Tigre, onde o equivalente verbal significa "dar cabo de".

Além do significado literal desta raiz, a saber, "cortar fora" (Êx 4.25; 1 Sm 5.4) ou "abater" (1 Rs 5.6 [20]; "lenhador", Is 14.8, MM), existe o significado metafórico de desarraigar, eliminar, remover, expulsar da comunidade ou destruir mediante um ato violento do homem ou da natureza. Às vezes, num determinado contexto, é difícil saber se a pessoa (ou pessoas) que é "cortada fora" é morta ou apenas expulsa da comunidade. Versículos como Gênesis 9.11, "Não será mais cortada [ARA, 'destruída'] toda carne por águas do dilúvio", claramente referem-se a destruição, mas Êxodo 12.15 parece indicar uma exclusão da comunidade. Uma passagem interessante que ilustra a dificuldade em decidir se a palavra é de uso literal ou metafórico é Números 11.33. O Senhor feriu os israelitas com uma praga antes mesmo de a carne das codornizes ser mastigada (lit., "cortada")? Ou será que o Senhor os feriu enquanto ainda comiam codornizes, antes de elas cessarem ou serem removidas?

O uso mais importante da raiz é o de "cortar" uma *b'rît* (*q.v.*), "aliança". Aqui a palavra está repleta de conteúdo teológico. Uma aliança tem de ser cortada porque d abate de animais era parte do ritual da aliança (Speiser, *Gênesis*, em *AB*, p. 112; *BA* 34:18). Quanto a isso, Gênesis 15 é uma passagem significativa. O Senhor fez (cortou) uma

aliança com Abrão (v. 18), envolvendo uma cerimônia misteriosa. Animais eram cortados ao meio, e as partes eram postas uma defronte da outra. E. Kutsch (*THAT*, v. 1, p. 859) diz que esse ritual não simboliza: 1) a união das duas partes contratantes (Gn 15.18), o que seria indicado pela passagem da tocha entre os dois pedaços (assim entende C. F. Keil), porque esse sentido não se harmoniza com Jeremias 34.18 (J. J. P. Valeton, *ZAW* 12:227); 2) nem a "unificação místico-sacramental" das duas partes (B. DUHM, *Das Buch Jeremia*, 1901, p. 284; J. HENNINGER, *Biblica* 3:344-53, esp. 352 s.), porque em Gênesis 15.18 e Jeremias 34.18 só o sujeito da *b'rît* passa pelas partes dos animais, mas não aquele com quem é feita a aliança; 3) nem "a purificação" daquele que passa entre as metades do animal (*cf.* O. MASSON, A propos d'un rituel hittite pour la lustration d'une armee, *Revue de l'Histoire des Religions*, 137:5-25); 4) nem que esta pessoa receba a essência da vida liberada pela morte do animal a fim de aumentar seus poderes (W. R. SMITH, *Die Religion der Semiten*, 1899, p. 243; E. BICKERMAN, Couper une alliance, *Archives d'histoire du droit oriental*, 5:133-56; F. HORST, *Gottes Recht*, 1961, p. 309), porque nenhuma dessas interpretações encontra apoio no contexto (D. J. MCCARTHY, *Treaty and covenant*, 1963, p. 55 ss.). Em vez disso, o ritual ilustra por analogia a autodestruição daquele que faz o contrato: que a sorte que caiu sobre aquele animal caia sobre ele caso ele não guarde a *b'rît* (entendimento aceito já àquela época por Rashi, e hoje pela maioria dos intérpretes). Este sentido é sugerido por Jeremias 34.18 e é atestado em paralelos na antigüidade clássica (*cf.* R. KRAETZSCHMAR, *Die Bundesvorstellung im AT*, 1896, p. 44 s.; *e.g.*, Livius I, 24) e no mundo de Israel (*e.g.*, E. KUTSCH, *kārat b'rît*, eine Verpflichtung festsetzen, F. S. Elliger, 1971 [Rem. 26]). Um tratado do século VIII traz "Assim como este bezerro é cortado em pedaços, seja Mati'el também cortado em pedaços" (Sefireh, I, A). A aliança de Deus com Abraão envolvia a história da redenção do mundo. E assim o Criador do universo, através deste ritual teofânico, prende-se a uma promessa incondicional ratificada com sangue. Este ficar preso à promessa é simbolizado pela passagem do fogareiro fumegante e da tocha de fogo entre as partes das vítimas mortas. Talvez esse fosse um símbolo de que um derradeiro cumprimento da promessa só viria quando o Deus-homem, na condição de vítima inocente, carregasse a maldição de um corpo partido em favor daqueles que quebraram a Aliança.

k'rîtût. ***Rompimento (de relações), divórcio.*** Parece bastante provável que esta palavra esteja relacionada com a raiz *kārat*. A palavra é empregada apenas umas poucas vezes no AT (Dt 24.1, 3; Is 50.1; Jr 3.8).

k'rutôt. ***Vigas cortadas e desbastadas*** (1 Rs 6.36; 7.2, 12).

Bibliografia: *THAT*. v. 1, pp. 857-60.

E.S.

כְּרֻתוֹת (*k'rutôt*). Veja o nº 1 048b.

כֶּסֶב (*keseb*). Veja o nº 949.

1049 כָּסָה (*kāsâ*) ***estar satisfeito, enfastiado de tanto comer.*** Ocorre somente em Deuteronômio 32.15, "tu te engordaste, te engrossaste, te fartaste" (TB).

כַּשְׁשִׁיל (*kashshîl*). Veja o nº 1 050a.

1050 כָּשַׁל (*kāshal*) ***tropeçar, cambalear, andar tropegamente*** (geralmente por motivo de fraqueza ou exaustão, ou fugindo de atacantes).

Termos Derivados

1050a כַּשִּׁיל (*kashshîl*) ***machado*** (talvez como instrumento para derrubar árvores) só em Salmos 74.6.

1050b כִּשְׁלוֹן (*kishshālôn*) ***tropeço, calamidade.***

1050c מִכְשׁוֹל (*mikshôl*) ***tropeço, motivo de tropeço.***

1050d מַכְשֵׁלָה (*makshēlâ*) ***deterioração, ruína.***

Geralmente o verbo é empregado figuradamente, mas algumas vezes ocorre o uso figurado de queda ou ruína (Sl 64.8 [9]; 2 Cr 25.8). No entanto, raramente se usa a raiz no sentido neotestamentário de *skandalidzō*, "fazer alguém cair em pecado". A passagem mais próxima desse sentido é Malaquias 2.8, onde os sacerdotes, com seus ensinos, fizeram "tropeçar a muitos". Em Jeremias 18.15 se diz que os ídolos "fizeram [o povo] tropeçar nos seus caminhos", mas aqui a figura é aquela freqüente de uma vereda que representa a vereda da vida. Provérbios 4.16 diz que os perversos não conseguem dormir enquanto "não fizerem tropeçar alguém", o que, à semelhança de Jeremias, provavelmente se refere a tropeçar nos caminhos da vida. Foi provavelmente a partir desta figura que surgiu no NT e no uso siríaco desta raiz a idéia de fazer alguém tropeçar no pecado.

mikshôl. ***Motivo de tropeço.*** A palavra significa: motivo de tropeço (Lv 19.14; Is 57.14); obstáculo, motivo de culpa, motivo de tropeço (Jó 7.19; 14.4; Ez 7.19; 14.4); ou pesar (do coração; 1 Sm 25.31, ARA); *tsûr mikshôl*, "uma rocha de ofensa".

R.L.H.

כִּשְׁלוֹן (*kishshālôn*). Veja o nº 1 050b.

1051 כָּשַׁף* (*kāshap*) ***praticar feitiçaria.***

1051a כְּשֶׁף (*keshep*) ***feitiçaria.***

1051b כַּשָּׁף (*kashshāp*) ***feiticeiro, encantador.***

Este verbo e os substantivos correlatos têm o mesmo significado do acadiano ***kasapu*** e do ugarítico ***ktp***, "bruxaria". Ocorre seis vezes, sempre no grau piel. A forma participial é empregada cinco vezes.

Aqueles que praticavam esta variedade de ocultismo faziam parte do séquito de conselheiros do faraó do êxodo (Êx 7.11). Eles são agrupados junto com os ***hăkāmîm***, "sábios", e os ***hartummîm***, "magos" (*q.v.*; em Êx 7.11 a ARA não faz distinção entre estas duas palavras, traduzindo ambas por "sábios"; *cf.* BJ).

Esses encantadores foram banidos de Israel. Em Êxodo 22.17 aparece a forma feminina, ***m'kashshēpâ***, e na longa lista de Deuteronômio 18.10, a forma masculina,

m'kashshēp. A penalidade da prática de feitiçaria era a morte.

Dentre os pecados do rei Manasses estava a feitiçaria (2 Cr 33.6). Esta é a única ocorrência do verbo na forma finita.

Outra ocorrência do particípio é encontrada em Daniel 2.2. A semelhança do faraó, o rei Nabucodonosor convocou seus "feiticeiros" juntamente com seus "magos" (*hartummîm*), "encantadores" (*'ashshāpîm*, *q.v.*) e "caldeus" (*kaśdîm*).

Malaquias anteviu esses feiticeiros sendo julgados no final, lado a lado com adúlteros, mentirosos e opressores de viúvas, de órfaos e de estrangeiros (3.5).

keshep. ***Feitiçaria, bruxaria, adivinhação, encantamento.*** Este substantivo masculino ocorre seis vezes no AT, sempre no plural (2 Rs 9.22; Is 47.9, 12; Mq 5.12 [11]; Na 3.4 [duas vezes]).

kashshāp. ***Feiticeiro, encantador.*** Ocorre somente uma vez, em Jeremias 27.9.

Bibliografia: —DAVIES, T. W. *Magic, divination, and demonology*. Reimpressão de 1898. *KTAV*, 1969.

R.L.A.

1052 כָּשֵׁר (*kāshēr*) ***ser correto e apropriado*** (aos olhos de, Et 8.5); ***dar certo*** (Ec 11.6). *Cf.* ***kašāru***, "ser bem-sucedido"; ***kishrôn*** é "habilidade, sucesso" (Ec 2.21; 4.4); "vantagem" (Ec 5.10). (***kosher***, palavra do hebraico medieval, significa "aquilo que é correto e apropriado", ou seja, aquilo que está de conformidade com as leis de pureza ritual.)

Termos Derivados

1052a כּוֹשָׁרָה (*kôshārâ*) ***canto.*** *Cf. UT* 19: nº 1 335.

1052b כִּשְׁרוֹן (*kishrôn*) ***sucesso.***

1052c כִּישׁוֹר (*kîshôr*) ***fuso (de tear).***

G.L.A.

1053 כָּתַב (*kātab*) ***escrever, registrar, alistar.***

Termos Derivados

1053a כְּתָב (*k'tāb*) ***escrito, documento, edito.*** Usado apenas em livros exílicos e pós-exílicos.

1053b כְּתֹבֶת (*k'tōbet*) ***marca na pele (talvez tatuagem)*** (Lv 19.28).

1053c מִכְתָּב (*miktāb*) ***escrito, texto.***

kātab é a única palavra genérica designativa de "escrever" e é largamente usada. Curiosamente não é encontrada em Gênesis. Moisés escreveu num rolo a maldição de Deus sobre os amalequitas (Êx 17.14). O próprio Deus escreveu os Dez Mandamentos (Êx 31.18). Também se diz especificamente que Moisés escreveu o Livro da aliança (Êx 24.4),

a legislação do Sinai (Êx 34.27), os nomes dos líderes das tribos (Nm 17.2-3 [17.18]), o itinerário percorrido no deserto (Nm 33.2), as palavras da lei "num livro, até de todo as acabar" (Dt 31.9, 24, ARC) e o último de seus cânticos (Dt 31.22, 24). É bem possível que as referências genéricas de Deuteronômio 31.9 e 24 digam respeito à totalidade do Pentateuco (*cf.* Dt 28.58-61; 29.20-21), embora certos críticos entendam que a referência é apenas a Deuteronômio — e até mesmo questionem essa possibilidade.

Referências a escrever são abundantes no restante do AT. Josué escreveu (Js 24.26), um jovem escreveu algo para Gideão (Jz 8.14), Samuel escreveu a constituição do reino, e outros — profetas, reis, escribas e pessoas do povo em geral — também escreveram. Levando em conta muitas referências em 1 e 2 Reis, parece que os relatos de acontecimentos das cortes de Israel bem como de Judá foram escritos, preservados e estavam disponíveis para consulta. A série de tais registros começa com Salomão (1 Rs 11.41) e vai até o colapso do reino com Jeoaquim (2 Rs 24.5). Os reis babilônicos mantinham arquivos semelhantes, e alguns foram descobertos (D. J. WISEMAN, *Chronicles of the Chaldean Kings*, British Museum, 1956). Felizmente para Mordecai, esses registros também eram guardados pelos reis da Pérsia. À semelhança das atas e registros feitos hoje em dia, eles eram textos secos e objetivos (Et 6.1-2). É possível explicar as enigmáticas referências ao Livro de Jasar como citação de registros desse tipo. A palavra Jasar (tal como a palavra Jesurum, Dt 33.26) é provavelmente um termo poético designativo de todo o Israel. Desse modo o Livro de Jasar pode ter sido um livro de registros dos acontecimentos de Israel nos dias que antecederam a monarquia da mesma forma como o foram, posteriormente, os anais (ARA, "livro da história") dos reis de Judá e Israel. Tal livro é mencionado apenas em Josué 10.13 e 2 Sm 1.18 (a ARA opta por traduzir como "Livro dos Justos") e não tem qualquer relação com o livro apócrifo do mesmo nome.

De acordo com R. K. Harrison, Wellhausen em sua época ainda sustentava que os hebreus não conheciam a escrita antes do período da monarquia (*HIOT*, p. 201). Esse ponto de vista parece estranho hoje em dia, mas nos faz lembrar quão pequeno era o conhecimento arqueológico cem anos atrás. A escrita teve início entre os sumérios pouco antes de 3000 a.C. e aproximadamente à mesma época no Egito. Havia uma abundância de material escrito nos dias de Abraão, e Moisés, que fora educado no conhecimento dos egípcios, certamente era capaz de escrever em egípcio, acadiano e hebraico, e possivelmente também hurriano e hitita.

Alguns têm defendido que, embora já existisse a escrita, ela praticamente não era usada entre os hebreus, que nos deixaram pouquíssimos exemplos de seus escritos em comparação com os quase um milhão de tabuinhas de barro encontradas na Mesopotâmia e o grande número de inscrições e papiros achados no Egito. Na verdade, temos alguns escritos hebraicos esporádicos desde Salomão até Esdras. Não possuímos quase nada depois de Esdras até os Manuscritos do Mar Morto. Uma explicação possível para isso é que os hebreus, que utilizavam um sistema alfabético, escreviam em papiro e em couro. Esses materiais conservam-se bem no Egito (e nas cavernas do Mar Morto), mas facilmente se deterioram na estação chuvosa da Palestina.

F. F. Bruce ressalta com toda razão que na Palestina os hebreus tinham uma grande vantagem sobre os egípcios e sobre aqueles que, na Mesopotâmia, escreviam em tabuinhas de barro. Os hebreus possuíam um alfabeto. Embora seja necessário conhecer algumas centenas de sinais para ler acadiano e também um grande número para ler egípcio, os hebreus precisavam aprender apenas vinte e dois. Diz Bruce que "é digno de nota que foi

o alfabeto que tornou possível a alfabetização de todas as classes sociais; sua invenção é, portanto, um marco de grande importância na história da civilização" e, podemos acrescentar, na disseminação do conhecimento da palavra de Deus (*The books and the parchments*, ed. revisada, 1963, p. 30). Harrison chega a uma conclusão significativa: "Um longo período de transmissão oral já não é uma pressuposição necessária acerca da forma escrita de muitos ou mesmo de todos os documentos do AT, pressuposição esta bastante comum em círculos liberais" (*HIOT*, p. 209).

Bibliografia: —BRUCE, F. F. *The books and the parchments*. 3 ed. Revell, 1962. —CERNY, J. *Paper and books in ancient Egypt*. Ares, 1977. —DRIVER, Godfrey R. *Semitic writing, from pictograph to alphabet*. Ed. revista, 1954. —*HIOT*. pp. 201-7. —WHITE, W. In: *ZPEB*. v. 5, pp. 995-1 015.

R.L.H.

כתבת (*k'tōbet*). Veja o nº 1 053c.

כתית (*k'tît*). Veja o nº 1 062a.

1054 כתל (*ktl*). Aceita como raiz de:

1054a כתל (*kōtel*) ***parede.***

1055 *כתם (*kātam*) ***I*** (só ocorre no nifal) ***ser (estar) maculado, contaminado.*** (aramaico *k'tam*, *kitmā*, "mancha"; siríaco, *k'tam*, "ser (estar) contaminado"; acadiano, *katāmu*, "cobrir").

1056 כתם (*ktm*). II. Aceita como raiz de:

1056a מכתם (*miktām*) ***mictam.*** Termo técnico que aparece em títulos de salmos. Significado desconhecido. Quanto a termos correlatos, veja verbete 1506.

Este termo aparece no título de seis salmos, sempre junto de *l'dāwîd*, "de Davi" ou "pertencente a Davi" (Sl 16, 56—59). Todos os seis são salmos de lamento, e quatro dos títulos possuem referências históricas às lutas de Davi contra os filisteus (56), Saul (57; 59) e os arameus (60). O termo procede de uma raiz que significa "cobrir" (*cf.* acadiano *katāmu*). Um dos possíveis significados de *miktām* seria "cântico de cobrir [pecados]" ou "cântico de expiação". Outros entendem que a palavra significa "entalhamento", como, por exemplo, de uma inscrição numa tábua de pedra, talvez com letras de ouro (*ketem* = ouro). Quanto a outros termos afins, veja verbete 1506.

H.W.

1057 כתם (*ketem*) *ouro.*

Parece que esta palavra é de origem núbia. Em escrita silábica egípcia grafa-se esta palavra como *k-t-m.t*, o que deixa implícito um empréstimo lingüístico. Mas cf. o acadiano *kitimmu*, "ourives". Veja Salmos 45.10; Jó 28.16, 19; Isaías 13.12; Provérbios 25.12; Daniel 10.5.

G.L.A.

1058 כתן (*ktn*). **Aceita como raiz de:**

1058a כְּתֹנֶת (*kuttōnet*) ***túnica*** (vestimenta parecida com um camisão bastante longo e feita geralmente de linho; (Gn 37.3; 2 Sm 15.32; Is 22.21).

A túnica de Adão foi feita de peles (Gn 3.21; ARA, "vestimenta"). As mulheres também vestiam túnicas (2 Sm 13.18; Ct 5.3). Usadas em especial pelos sacerdotes (Êx 28.4; 29.5; 39.27; Lv 8.7; 10.5; Ed 2.69; Ne 7.69). (*Cf.* acadiano ***kitinnu*** ou ***kitintu***, uma vestimenta feita de ***kitû***, "linho"; o aramaico ***kittûnā'*** tem o mesmo sentido que o hebraico.) A palavra foi emprestada do grego ***xitōn***.

כְּתֹנֶת (*kuttōnet*). Veja o nº 1 058a.

1059 כֶּתֶף (*kātēp*) ***ombro, omoplata, espádua; lado, encosta (de morro).***

(Palavra distinta de שְׁכֶם, *sh'kem*, que inclui pescoço e ombros.) Usada em relação ao homem (1 Sm 17.6; Dt 33.12), aos animais indômitos (Ne 9.29), à carne destrinchada para consumo (Ez 24.4). Usada ainda com referência à ombreira da estola sacerdotal (Êx 28.7), à encosta de montanha (Nm 34.11), ao suporte para os pedestais dos lavatórios ao lado do templo (1 Rs 7.30).

G.L.A.

1060 *כתר (*kātar*) piel: ***cercar;*** hifil: ***cercar com hostilidade***.

Termos Derivados

1060a כֶּתֶר (*keter*) ***coroa*** (somente em Ester)
1060b *כתר (*kātar*) ***coroar*** (verbo denominativo).
1060c כּוֹתֶרֶת (*kôteret*) ***capitel de pilar***.

כּוֹתֶרֶת (*kôteret*). Veja o nº 1 060c.

1061 כָּתַשׁ (*kātash*) ***moer, pulverizar, socar no pilão.*** Ocorre somente em Provérbios 27.22, *'im-tiktosh 'et-hā'ĕwîl bammaktēsh*, "ainda que moas o insensato no pilão" (ARA, "ainda que pises o insensato com mão de gral").

Termo Derivado

1061a מַכְתֵּשׁ (*maktēsh*) ***pilão*** (Pv 27.22; ARA, "mão de gral").

1062 כָּתַת (*kātat*) ***esmigalhar, triturar***.

Termos Derivados

1062a כְּתִית (*kātît*) ***batido, bem moído (num pilão), caro.***

1062b מְכִתָּה (*mᵉkittâ*) ***fragmentos esmigalhados*** (somente em Is 30.14; ARA "cacos").

ל

1063 ל (*l*^{e}) ***para, em, com relação a, de, por,*** *etc.*. Em traduções recentes, de vez em quando, ***desde.***

Muito embora o hebraico possuísse, pelo menos em suas etapas posteriores, um grande número de preposições, muitas funções preposicionais permaneciam concentradas nos quatro prefixos: *b*^{e}, *k*^{e}, *l*^{e} e *min*. Desses, *l*^{e} quase equivalia ao caso dativo do indo-europeu. (Este artigo baseia-se em grande parte no respectivo verbete de *BDB*.)

l^{e} pode indicar a direção para onde se dirigem tanto um objeto em seu movimento físico ("que eu volte 'para' o meu lugar", Gn 30.25) quanto a atenção ou atitudes de um indivíduo. O salmista pediu a Deus que desse atenção para ele (Sl 55.2 [3]; ARA, "atende-me"). Ele também afirmou que sua alma não seria abandonada "ao Sheol" (Sl 16.10; ARA, "deixar na morte"). Deus "zomba acerca dos" rebeldes (Sl 2.4; ARA, "zomba deles").

A preposição pode indicar a direção ou resultado de uma transformação ou mudança. A transformação, operada por Deus, de uma costela de Adão "em uma" mulher (Gn 2.22) e as expressões "os que 'ao' mal chamam bem, e 'ao' bem, mal" (Is 5.20) são exemplos claros. Um processo pode dotar um determinado objeto "de" um novo caráter ou função. Deus criou a vida vegetal para ser "para mantimento" (Gn 1.29, isto é, "'para servir de' mantimento"). Mica tomou um levita "por sacerdote" (Jz 17.13, isto é, "'para servir de' sacerdote").

Ela exprime localização quer no tempo quer no espaço. Temos exemplos de localização espacial em frases como "à porta" (Gn 4.7) e "em Micmás" (Is 10.28), e de localização temporal em frases como "'em' horas de tribulação" (Sl 9.9 [10]) e "na primavera do ano" (lit., 2 Sm 11.1).

Um grupo numeroso e não muito claro de usos pode ser classificado sob o título de "referência". Nesses usos é melhor considerar o sentido de *l*^{e} algo bastante vago, como "com referência a", sendo que o sentido exato deve ser extraído do contexto. Abraão pediu a Sara "dirás 'com referência a' mim" (Gn 20.13; ARA, "a meu respeito"). Realizou-se um censo "'com referência à casa de seus pais" (Nm 1.2; ARA, "segundo a casa...", isto é, "de acordo com...").

Pode ainda indicar posse, como nas frases "o homem 'de' ti" (1 Sm 2.33; ARA, "o homem da tua linhagem") e "teus filhos" (2 Rs 10.30; lit., "filhos 'para' [ou, com referência a] ti"). Uma expressão como "minha propriedade" (Ex 19.5; lit., "propriedade 'para' [ou, com referência a] mim") exprime a relação especial que Deus tem com o seu povo dentro das estipulações da aliança.

l^e pode ainda exprimir a relação construta em casos em que uma estrutura construta não soasse bem ou fosse gramaticalmente impossível. Esse emprego é especialmente útil caso o escritor desejasse manter indefinido o item possuído (*e.g.*, "dois escravos 'para' [ou, possuídos por] Simei", o que significa não "os dois escravos de Simei", mas "dois dentre os escravos de Simei", 1 Rs 2.39).

O agente da passiva pode ser introduzido por essa preposição: "Bendito seja Abrão 'pelo' Deus Altíssimo" (Gn 14.19). Com base numa perspectiva meramente descritiva, o objeto direto de alguns verbos é assinalado por l^e, por exemplo, "os teus inimigos te apertarão" (Dt 28.53; lit., "os teus inimigos apertarão 'com referência a' ti") e "livra-nos" (Js 10.6; lit., "opera livramento 'em favor de' nós"). Esse uso é comum em aramaico.

Empregada com infinitivos, o sentido pode ser o de indicar propósito ("de [ou, para] nascer", Ec 3.2), resultado ("'para' [ou, de modo a] andares, Dt 8.6), infinitivo de referência ("somente que, 'com referência a sair' [ARA, 'saindo'], não vades muito longe", Êx 8.28) ou infinitivo objetivo ("começaram 'a' multiplicar-se", Gn 6.1, IBB).

Existe, além destes, um significado adicional de l^e, sugerido com base no ugarítico e agora aceito por muitos em hebraico: o sentido de "desde". Gordon afirma que o aspecto mais interessante das preposições ugaríticas é que tanto *b* como *l* tem o significado de separação e afastamento ("desde", "a partir de"; *UT* 10:1). Ele alega que esse é o caso de Salmos 84.11 [12] (ARA, "sonegar a") e também de Josué 3.12, onde "um [homem] de cada tribo" (lit., *'îsh-'eḥād lashshābet*, com o emprego da preposição l^e) é paralelo a Josué 4.2, 4, em que a mesma expressão aparece com a preposição *min*. Dahood apresenta outros exemplos tirados de Salmos (*Psalms*, *AB*, v. 3, p. 394). O léxico de Holladay não apresenta este uso, mas reconhece um sentido enfático e asseverativo, no que concorda com Dahood.

1064 לֹא (*lō'*) ***não.***

lō' era o termo hebraico básico para a negação factual, em contraste com *'al*, que tipicamente descreve a negação em potencial. Outras partículas negativas ocorriam com menor freqüência para designar a negação factual (*e.g.*, *'ayin*, *bal* e $b^elî$). Inicialmente este artigo examinará as principais funções sintáticas de *lō'* e, em seguida, estudará algumas negações teologicamente significativas expressas com esta palavra.

Principais funções sintáticas. Emprega-se *lō'* para negar eventos factuais. A palavra serve para negar eventos genéricos em qualquer tempo. O homem bem-aventurado "não" anda no conselho dos ímpios (Sl 1.1). Ademais, ele é comparado a uma árvore cuja folhagem "não" murcha (v. 3). Também nega eventos passados ("não te chamei", 1 Sm 3.6), presentes ("Eu não sou profeta", Am 7.14 [muitos preferem entender que o verbo desta declaração se acha no pretérito, mas existem inúmeras outras ilustrações possíveis — R.L.H.]), e futuros ("Nunca jamais será habitada", Is 13.20). É empregada em negações futuras enfáticas ("É certo que não morrereis", Gn 3.4). Nega atributos adjetivais, tais como nas expressões "filho não sábio" (Os 13.13; ARA, "filho insensato") e "caminho não bom" (Sl 36.4; ARA, "caminho que não é bom").

Pode ser usado numa ordem negativa enfática: "Não matarás" (Êx 20.13). No caso de uma ordem negativa mais branda, usa-se *'al* com o jussivo. Jamais se emprega uma negação com o imperativo hebraico. Usa-se *lō'* em orações subordinadas finais negativas, como em Êxodo 28.43, "para que não levem iniqüidade". *lō'* seguido de l^e com um infinitivo declara que algo não pode ou não deve acontecer (*e.g.*, "não pôde desapossar",

Jz 1.19, IBB; e "não se deve pronunciar", Am 6.10, BJ). Na condição de advérbio negativo, pode indicar contestação ou recusa (Jz 12.5). À semelhança da expressão "[por] acaso não", pode indicar uma pergunta: "e não hei de eu ter compaixão ...?" (Jn 4.11). Há casos de dupla negação (Sf 2.2).

lō' é usado em vários compostos de sentido negativo: *bᵉlō'*, "sem"; *hălō'*, "não é assim que ...?"; *wālō'*, "e não, se não"; *kᵉlō'*, "embora não"; *lᵉlō'*, "sem"; *'im lō'*, "caso não".

Algumas negativas teologicamente significativas. Há muito os filósofos vêm mencionando a linguagem de negação para descrever os atributos transcendentes de Deus. Negações bíblicas com o emprego de *lō'* freqüentemente descrevem a Deus. Deus transcende modelos humanos: "Deus não é homem" (Nm 23.19). Deus transcende de tal maneira as habilidades humanas, especialmente as habilidades morais do homem, que os homens são incapazes de ver a Deus e viver (Êx 33.20). Deus é imutável; seu caráter não muda (Ml 3.6). Há referência à fidelidade divina, que não muda, em particular com relação às suas alianças (Sl 89.33-34). A proximidade de Deus ("não um Deus de longe", lit., Jr 23.23) deixa implícita a sua onipresença. Deus não está limitado ao espaço finito (ou infinito; 1 Rs 8.27). Nem está preso ao tempo (Sl 102.27 [28]). A santidade divina se vê no fato de que o mal não pode existir em sua presença (Sl 5.4-5).

Existem outras negações dignas de nota. Algumas descrevem a falta de poder dos ídolos: eles são impotentes (ou seja, "não são capazes") no período do cativeiro (Is 46.2); não conseguem sair do lugar onde se encontram, não respondem e são incapazes de salvar (Is 46.7). Finalmente, na aliança davídica, os hebreus algum dia serão alojados na terra e não mais serão perturbados nem afligidos (2 Sm 7.10). E a fidelidade, que Deus prometeu na aliança, não se afastará da dinastia davídica (2 Sm 7.15).

Em alguns casos não fica claro se o texto hebraico quer dizer *lō'*, "não", ou então *lô*, "para ele" (*e.g.*, Jó 13.15; ARC, "nele esperarei", isto é, "para ele dirigirei minha esperança"; ARA, "não tenho esperança").

1065 לאב (*l'b*). **Aceita como raiz de:**

1065a תְּלַאֻבָה (*tal'ubâ*) ***seca*** (***substantivo***) (Os 13.5).

1066 לָאָה (*la'â*) ***ficar (estar) exausto, desgostoso, ofendido.***

Termo Derivado

1066a תְּלָאָה† (*tᵉlā'â*) ***labuta, provação.***

lā'â refere-se à fadiga tanto física quanto psicológica e é uma palavra empregada em figuras poéticas baseadas em ambos os sentidos. A fadiga física daquele que corre é descrita com esse vocábulo (Jr 12.5). Os sodomitas são descritos como fisicamente exaustos de procurarem a porta da casa de Ló (Gn 19.11). A exaustão física é sarcasticamente atribuída a Moabe devido ao seu profundo envolvimento com a idolatria (Is 16.12; *cf.* Pv 26.15).

O cansaço psicológico exprime várias atitudes. Da parte de Jó, desânimo (Jó 4.5) e aborrecimento (Jó 4.2) são expressos com a ajuda desta palavra. *lā'â* também indica repulsa quando se diz que os egípcios ficaram "cansados" demais (ARA, "ter nojo") de beber as águas podres do Nilo (Êx 7.18) e quando se apresenta Deus "cansado" dos rituais

religiosos nada sinceros dos hebreus (Is 1.14). Como figura poética, o "estar exausto" descreve a condição da terra atingida pela seca (Sl 68.9 [10]).

Com freqüência a expressão idiomática "estar cansado de algo" funciona como um modo tocante e poético de declarar que existe um excesso questionável daquilo que provoca cansaço. Os hebreus estavam cansados da "multidão" de conselheiros religiosos pagãos (Is 47.13). Tentar conter a mensagem divina de ira era algo que estava sendo demais para Jeremias suportar (Jr 6.11). O próprio Deus estava cansado de ter demasiada compaixão (Jr 15.6).

t^{e}lā'â. ***Labuta, provação.*** Basicamente a palavra indica aquilo que causa cansaço. Refere-se às provações que os hebreus experimentaram no deserto (Êx 18.8; Nm 20.14), aos problemas enfrentados pela comunidade judaica que voltara do exílio (Ne 9.32) e aos juízos que Deus trouxe sobre o seu povo pecador (Lm 3.5). Analogamente, o culto público desprovido de sinceridade foi chamado de fonte de canseira para Deus (Ml 1.13).

A.B.

1067 לָאַט (*la'aṭ*) ***cobrir.*** Ocorre somente em 2 Samuel 19.4 [5], "tendo o rei coberto o rosto".

לָאַט (*lā'ṭ*). Veja o n.º 1 092a.

1068 לאך (*l'k*). **Aceita como raiz de:**

1068a מַלְאָךְ (*mal'āk*) ***mensageiro, representante.***

1068b מְלָאכָה (*m^{e}lā'kâ*) ***obra, negócio.***

1068c מַלְאָכוּת (*mal'ākût*) ***mensagem,*** somente em Ageu 1.13.

mal'āk. ***Mensageiro, representante, cortesão, anjo.*** "Mensageiro" é uma tradução inadequada para descrever a série de tarefas desempenhadas pelo *mal'āk* do AT. Tais tarefas eram: 1) levar uma mensagem; 2) desincumbir-se de alguma outra atividade específica; e 3) representar de modo mais ou menos oficial aquele que o enviara. Houve *m^{e}lā'kîm* tanto humanos quanto sobrenaturais, sendo que entre estes últimos inclui-se o Anjo de Yahweh (*i.e.*, o Anjo do Senhor).

Mensageiros humanos. O *mal'āk* humano podia ser alguém que levava uma mensagem (Gn 32.2). Os tipos de mensagens variavam. Eles levavam boas notícias (1 Sm 6.21), ameaças (1 Rs 19.2) ou pedidos (Nm 20.14; 22.5; Jz 7.24). O termo, no entanto, era também aplicado ao cortesão ou ao servo enviado com outros objetivos. Eles podiam espiar (Js 6.25) ou matar (1 Sm 19.11; 2 Rs 6.32). Davi enviou "mensageiros" para trazerem Bate-Seba (2 Sm 11.4). Os *m^{e}lā'kîm* podiam servir como representantes diplomáticos (Jz 11.12-14; 2 Sm 5.11; 1 Rs 20.2).

Homens, em particular os profetas, podiam servir como mensageiros de Deus. Para os profetas o termo deixava implícito que eram representantes oficiais de Deus e também portadores de mensagem (2 Cr 36.15-16; Ag 1.13). Davi é chamado de "anjo/mensageiro de Deus". Uma interpretação possível é que Davi representava Deus no sentido de que ele representava algum atributo específico de Deus: inocência (1 Sm 29.9), sabedoria (2

Sm 14.17) ou benevolência esperada (2 Sm 19.27). Em Isaías o mensageiro de Deus é visto em sua fraqueza (Is 42.19).

Mensageiros sobrenaturais. (Esta seção trata apenas do vocábulo *mal'āk* e não de todo o campo de angelologia.) Mensageiros sobrenaturais tinham o mesmo conjunto geral de funções dos mensageiros humanos. Transmitir mensagens podia ser o aspecto central (Zc 1.9; 5.5). Num maior número de vezes eles desincumbiam-se de alguma tarefa em particular, tal como proteger um esforço humano, como a procura da noiva de Isaque (Gn 24.40), ou guardar os hebreus no deserto (Êx 23.20). Eles executavam juízo (2 Sm 24.17; Sl 78.49), livravam (Gn 19.12-17) e protegiam (Sl 91.11).

Uma função especial de mensageiros sobrenaturais (ou anjos) é que eles, por sua própria presença, apresentam um aspecto da glória de Deus (Gn 28.12-17; *cf.* anjos em Is 6, Ez 1, Ap 4.6-8, e os querubins do Santo dos Santos). Além disso, eles participam do louvor ativo a Deus (Sl 148.2; *cf.* Is 6.3).

O Mensageiro/Anjo de Yahweh. Este personagem tinha o mesmo conjunto geral de funções dos demais mensageiros. Ele trazia mensagens, tanto boas (Gn 16.10-13) quanto ameaçadoras (Jz 5.23). Ele se desincumbia de tarefas específicas de juízo (2 Rs 19.35; Sl 35.5-6) e de livramento (Gn 22.11; Sl 34.7 [8]). Ele também podia ser chamado de "anjo de Deus" (Jz 13.6, 9, *cf.* v. 3), embora este título não lhe seja exclusivo. Apenas ele tinha o ministério de intercessão junto a Deus em favor dos homens (Zc 1.12; 3.1-5).

Tem havido amplo debate quanto à sua identidade. Parece que ele é Deus, visto que aqueles que o vêem ficam surpresos de que viram a Deus (Jz 13.21-22) e que ele fala em nome de Deus na primeira pessoa (Gn 16.10; Êx 3.2, 6; Jz 2.1). Com base na semelhança de funções (especialmente a função intercessória assinalada acima), ele é identificado com o Cristo pré-encarnado.

mᵉlā'kâ. ***Obra, trabalho, negócio, ofício, artesanato, bens, propriedade.*** *mᵉlā'kâ* podia referir-se à atividade trabalhadora, às habilidades necessárias para realizar o trabalho ou ao produto do trabalho. Em contraste com palavras como *'amal* e *yāga'*, que enfatizavam o aspecto fatigante e laborioso do trabalho, este termo ressaltava o trabalho como algo que envolvia habilidades e benefícios.

Todo trabalho era totalmente proibido tanto nos sábados semanais (Êx 20.9-10) quanto nos sábados de festa (Lv 16.29). O próprio Deus parou de trabalhar no dia de sábado (Gn 2.1-2).

Quanto a usos específicos de *mᵉlā'kâ*, a palavra podia referir-se a uma tarefa ou projetos específicos em andamento (Ne 5.16) ou a uma atividade rotineira ou habitual, isto é, os negócios da pessoa (Gn 39.11; Pv 18.9). Indicava os negócios do rei (1 Sm 8.16) e os da burocracia do reino (1 Rs 9.23).

"Obra" era termo que indicava destreza artesanal quando Deus dotou certas pessoas de habilidades sobrenaturais para realizarem o trabalho especializado de confecção do tabernáculo (Êx 31.3; ARA, "artifício") e quando Salomão trouxe da Fenícia artesãos hábeis e capazes para construírem o templo (1 Rs 7.14).

Os produtos resultantes do trabalho, fosse este especializado ou não, eram também descritos por esta palavra. Moisés examinou a "obra" de artesão que era o tabernáculo (Êx 39.43). Ou o vocábulo podia referir-se a bens em geral, sem levar em conta as habilidades especiais necessárias em sua fabricação nem o seu valor (*e.g.*, 1 Sm 15.9, "toda coisa vil

[ou obra desprezada]"; *cf.* também Êx 22.8, 11).

Bibliografia: FUNDERBURK, G. B. Angel. In: *ZPEB*, v. 1, pp. 160-6.

A.B.

1069 לאם (*l'm*). **Aceita como raiz de:**

1069a †לְאֹם (*l^{e}'ōm*), לְאוֹם (*l^{e}'ôm*) ***nação (nações), povo(s).***

A raiz semítica (conforme se vê no árabe *la'ama*, "reunir em assembléia") sugere que o sentido da palavra é o de "estar junto", ou seja, o povo em geral considerado como um todo. A palavra também é encontrada em ugarítico (*UT* 19: nº 1 346). Girdlestone (*Synonyms of the Old Testament*, Eerdmans, reimpressão de 1975, p. 257) traduz *l^{e}'ōm* como "raça". O vocábulo é, no entanto, usado para referir-se a povos em seus vários estilos de vida (Sl 44.14 [15]; Pv 11.26).

Em Gênesis 25.23, é dito a Rebeca que duas nações (*gôyîm*) estão em seu ventre e que dois *l^{e}'ummîm* haverão de proceder dela. Um *l^{e}'ôm* haverá de ser mais forte que o outro. A descendência de Isaque consistiria de dois tipos de gente, cada um identificado por características próprias. Em Gênesis 27.29, *'ammîm* aparece praticamente como um sinônimo de *l^{e}'ummîm*. A idéia da passagem é que pessoas, em grupos homogêneos e refletindo características diversas, irão prestar tributo ao neto de Abraão.

Em Salmos, *l^{e}'ôm* é usado em paralelismo sinônimo com *gôyîm* (44.2 [3]) e *'ammîm* (Sl 7.7 [8]). Em Salmos 67 todas as três palavras exprimem o anseio do salmista de que todos os homens, quaisquer que sejam suas origens étnicas ou suas características, louvem ao Senhor. Em Provérbios e Isaías frases paralelas indicam que o termo é qualificado por seus sinônimos, mas a tônica desse termo continua sendo a de todas as pessoas em seus respectivos grupos. Isso claramente sugere a unidade e a diversidade da humanidade.

G.V.G.

לֵב (*lēb*). Veja o nº 1 071a.

1070 לבא (*lb'*). **Aceita como raiz de:**

1070a לְבִי (*l^{e}bî*) ***leão.*** Ocorre somente em Salmos 57.5, na frase *napshî b^{e}tôk l^{e}bā'im*, e em Naum 2.13, na forma *lib'ōtāyw*.

1070b לְבִיָא (*l^{e}bîyā'*) ***leoa,*** somente em Ezequiel 19.2.

1070c †לְבִיא (*lābî'*) ***leão, leoa.***

O cognato acadiano é *labbu* (de um originário *lab'u*?); o ugarítico é *lbu*; o árabe é *labu'at*; possivelmente a fonte do grego *leon*.

lābî' serve com freqüência de símbolo da violência dos homens (Gn 49.9; Nm 23.24), da violência divina no juízo (Os 13.8), da desolação (Is 30.6). O grande poder de Deus chega a surpreender até mesmo o leão (Jó 4.11). Outros vocábulos designativos de leão incluem *k^{e}pîr*, *'āryēh*, *layish* e *shaḥal*.

A.B.

1071 *לָבַב (*labab*) piel: ***arrebatar (o coração)***; nifal: ***tornar-se inteligente***. Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1071a לֵב (*lēb*), לֵבָב (*lēbāb*), ***coração, entendimento.***
1071b לִבָּה† (*libbâ*) ***coração.***
1071c לִבְבָה† (*lᵉbibâ*) ***pão.***
1071d לִבֵּב† (*libbeb*) ***cozer pão.*** Verbo denominativo que ocorre apenas no piel.

lābab ocorre como verbo denominativo derivado de *lēb* (Ct 4.9) e é traduzido como "arrebataste-me o coração" (ARA) e "fizeste o meu coração bater mais rápido" (NAS). *BDB* sugere "incentivaste".

"Tornar-se inteligente" condiz com o único uso do verbo no nifal (Jó 11.12).

lēb, lēbāb. ***Coração, entendimento, mente*** (também empregado em expressões idiomáticas como "dispor o coração a", com o sentido de "refletir sobre" ou "desejar".)

Os usos concretos de *lēb* referem-se ao órgão interno e à correspondente região do corpo. No entanto, em seus sentidos abstratos, "coração" tornou-se o mais significativo termo bíblico para designar a totalidade da natureza interior ou imaterial do homem. Na literatura bíblica é o vocábulo usado com maior freqüência para indicar as funções imateriais da personalidade humana e também o mais abrangente para designá-las, visto que na Bíblia praticamente toda função imaterial do homem é atribuída ao "coração".

Num pequeno número de vezes *lēb* refere-se a significados concretos e físicos. Os relatos das mortes de Nabal (1 Sm 25.37) e Jorão (2 Rs 9.24) provavelmente referem-se ao órgão físico. O órgão físico determinava a posição do peitoral de Arão (Êx 28.29). Salmos 38.8 [9] provavelmente refere-se ao batimento do órgão físico. "Coração" exprime a idéia de estar dentro de algo. As massas d'água ficaram imóveis "no coração do mar" (Êx 15.8), e o fogo do Sinai chegou "até ao coração dos" céus (Dt 4.11; ARA, "até ao meio dos"). O uso de "coração" para indicar um princípio de vida soprado por Deus talvez seja a melhor interpretação de Jó 34.14-15 ("caso ele retome o coração que ele deu", paráfrase do autor).

De longe, a grande maioria dos usos de *lēb* refere-se ou à natureza interior ou imaterial em geral ou a uma das três funções tradicionais da personalidade: emoções, pensamento e vontade.

Ao referir-se à natureza interior, *lēb* pode servir de contraste de algum aspecto relativamente obscuro ou menos visível da natureza humana com o lado mais público de seu ser. Pode ser considerado como um reflexo interior do homem exterior (Pv 27.19; EP, "consciência"; RSV, "mente"). Pode ser que ter consciência de que está sonhando seja o sentido quando se diz que o "coração" da heroína do livro de Cantares estava desperto embora o seu corpo dormisse (5.2). Declarações como "Por que te arrebata o teu coração?" (Jó 15.12) contrastam o coração com o restante da pessoa. No entanto, em outros contextos, "coração" exprime a totalidade da natureza e caráter de alguém, tanto interior quanto exterior (1 Rs 8.23; Sl 9.1 [2]).

Intimamente relacionado com o exposto acima é o uso de *lēb* como um termo pessoal

enfático (*cf.* uso semelhante de *nephesh*, *'etsem*, *etc.*). As pragas são lançadas não simplesmente sobre Faraó, mas sobre o coração de Faraó (Ex 9.14). Desse modo, a referência a Jacó roubar o coração de Labão pode estar enfatizando este último como o objeto das ações de Jacó em vez de ressaltar a sutileza de Jacó (Gn 31.20; *cf.* ARA, "Jacó logrou a Labão"). Semelhantemente, "o peitoral do juízo sobre o coração" de Arão talvez indique tanto Arão como o portador de juízo quanto a localização do peitoral (Ex 28.29). Uma variação é o uso reflexivo de "coração": "refazei as vossas forças" é, literalmente, "refazei os vossos corações" (Gn 18.5), e "fortalece o teu coração" (lit.) significa "fortalece-te [com comida]" (Jz 19.5).

Todo o espectro de emoções é atribuído ao coração. Exemplos de emoções positivas são: o coração de Ana regozijou-se (1 Sm 2.1), como deve acontecer com os corações daqueles que buscam ao Senhor (1 Cr 16.10); o amor pode estar centralizado no coração, como quando Dalila queixou-se de que o coração de Sansão não estava com ela (Jz 16.15); Absalão conquistou para si a lealdade da nação hebréia ao roubar o coração do povo (2 Sm 15.6); a empolgação da notícia de que José estava vivo fez o coração de Jacó desfalecer (Gn 45.26); a idéia de consolar ou apoiar é central na expressão idiomática "falar ao coração" (Gn 34.3; Is 40.2).

Quanto a emoções negativas, a tristeza acomete o "coração" (Ne 2.2; PIB, "desgosto do coração"). O pesar que Davi sentiu por cortar o manto de Saul é expresso na frase "seu coração o feriu" (lit., 1 Sm 24.5 [6]; *cf.* 2 Sm 24.10). O pesar de Deus por ter criado o homem ocorre basicamente no coração divino (Gn 6.6). O coração quebrantado é a experiência dos que são oprimidos (Sl 34.18 [19]). Desprezo (2 Sm 6.16), inveja (Pv 23.17) e ira (Pv 19.3) são todos eles funções do coração.

Expressões idiomáticas que relacionam o coração com o temor e a coragem são tão numerosas que merecem tratamento em separado. Expressa-se temor das seguintes maneiras: o coração pode "ir embora" ou "partir" (Gn 42.28; ARA, "desfalecer"); ele pode "cair" (1 Sm 17.32; ARA, "desfalecer"). "Ser obstáculo ao coração" (lit.) é "desencorajar" (Nm 32.7, 9). O medo acontece quando o coração "abandona" (lit.) a pessoa (Sl 40.12 [13]; "desfalecer") ou "derrete" (lit.) (Js 14.7; ARA, "[a pessoa] desespera"). O tremor do coração pode representar emoções que vão desde a total desmoralização do povo de Deus em face do juízo (Dt 28.65; *cf.* 1 Sm 28.5) até a ansiedade de Eli devido à situação da arca de Deus (1 Sm 4.13). De outro lado, "coração de leão" é sinônimo de coragem (2 Sm 17.10).

A função de pensamento pode ser atribuída ao coração. Em tais casos a palavra provavelmente deve ser traduzida como "mente" ou "entendimento". "Pôr o coração em" (lit.) pode significar "prestar atenção em" (Êx 7.23) ou "considerar importante [alguma coisa]" (2 Sm 18.32). O pensamento criativo é uma função do coração. Planos maldosos têm origem no coração (Gn 6.5). A ARA traduz "que veio sobre o coração de Salomão" por "tudo quanto Salomão intentou fazer" (2 Cr 7.11).

Sabedoria e entendimento têm origem no coração. O "coração sábio" (1 Rs 3.12; EP, "mente sábia") e o "coração do sábio" (Pv 16.23) são mencionados. Essa expressão idiomática possui uma intensidade tal que se torna virtualmente um sinônimo de idéias como "mente" (2 Cr 9.23, PIB) ou "senso" (Pv 11.12, ARA). O coração age com percepção e discernimento da situação como quando o coração de Eliseu (*i.e.*, a natureza perspicaz de Eliseu; ARA, "coração") acompanhou Geazi (2 Rs 5.26). Na condição de centro do pensamento e do intelecto, o coração pode ser iludido (Is 44.20; PIB, "mente").

O coração é o centro da vontade. Pode-se descrever uma decisão como o ato de "dispor" o coração (2 Cr 12.14). "Não do meu coração" (lit.) quer dizer "não da minha

vontade" (Nm 16.28; *cf.* ARC). O "coração" dos siquemitas inclinou-se para seguirem Abimeleque (Jz 9.3). Perder a capacidade de tomar decisões é descrito como endurecimento do coração (Êx 10.1; Js 11.20). Intimamente ligado a isso está o coração como o centro da responsabilidade moral. Retidão é "integridade de coração" (Gn 20.5, ARA, "sinceridade de coração"). Reforma moral é "preparar o [próprio] coração" (Jó 11.13, IBB; ARA, "dispor o [próprio] coração"). O coração é descrito como o centro do mal moral (Jr 17.9).

Tendências da personalidade podem ser consideradas como aspectos mais ou menos permanentes da personalidade. Algumas tendências típicas localizadas no coração são generosidade ("coração generoso", Êx 35.5, BJ), orgulho ("exaltou-se o seu coração", 2 Cr 26.16) e fé ("coração inconstante", Sl 78.8).

libbâ. ***Coração.*** (*KB* traz o sentido de "raiva".) Forma única de sentido pouco claro (Ez 16.30). Talvez uma variante de *lēb*.

lᵉbibâ. ***Um tipo de pão.*** Talvez panquecas (*BDB*) ou pão em forma de coração (*KB*; 2 Sm 13.6, 8, 10).

libbēb. Verbo denominativo usado no piel para designar a ação de cozer o pão *lᵉbibâ* (2 Sm 13.6, 8).

Bibliografia: — HEART. *Jewish Encyclopedia*. — PEDERSEN, Johs. *Israel, its life and culture*. v. 2. Oxford, 1959. pp. 102-8. — *TDOT*. v. 3, pp. 606-11; v. 7, pp. 908-13; v. 9, pp. 626-8. — *THAT*. v. 1, pp. 861-6.

A.B.

לְבִבָה (*lᵉbibâ*). Veja o nº 1 071c.
לַבָּה (*labbâ*). Veja o nº 1 077b.
לְבוּשׁ (*lᵉbûsh*). Veja o nº 1 075a.

1072 *לְבַט (*labaṭ*) ***lançar abaixo, jogar fora.*** Ocorre somente no nifal (Os 4.14; Pv 10.8, 10).

1073 לְבִי (*lᵉbi*) ***leão.*** Uma forma de *lb'* (*q.v.*).

לְבִיָּא (*lᵉbîyā'*). Veja o nº 1 070b.
לָבִיא (*lābî'*). Veja o nº 1 070c.

1074 לבן (*lbn*). **Aceita como raiz de:**

1074a †לָבָן (*lābān*) ***branco.***
1074b *†לָבֵן (*lābēn*) ***ser (estar) branco.*** Ocorre somente no hifil.
1074c †לְבָנָה (*lᵉbānâ*) ***lua.***
1074d †לְבֹנָה (*lᵉbōnâ*), לְבוֹנָה (*lᵉbônâ*) ***incenso.***
1074e †לְבָנוֹן (*lᵉbānôn*) ***Líbano.***

1074f לִבְנָה (*libneh*) ***choupo.*** Ocorre somente em Gênesis 30.37; Oséias 4.13.
1074g לְבֵנָה† (*lᵉbēnâ*) ***tijolo.***
1074h לָבַן (*lāban*) ***fazer tijolos.*** Verbo denominativo.
1074i מַלְבֵּן (*malbēn*) ***molde de tijolos.***

A raiz semítica *lbn* designa uma gama de cores claras, inclusive o branco da neve, o marrom claro ou cor creme de madeira recém-cortada e do maná, o cinza claro da lua. o branco de iogurte (árabe falado no Líbano) e, por fim, ou os cumes brancos de neve das montanhas do Líbano ou a pedra calcária de cor clara existente nesses mesmos montes. Os derivados hebraicos variam em suas nuanças teológicas individuais.

lābān. ***Branco.*** Descreve bodes (Gn 30.35), varas sem a casca (Gn 30.37), o maná (Êx 16.31), cavalos (Zc 1.8; 6.3), o leite (Gn 49.12) e a infecção da lepra (Lv 13). O significado teológico da palavra é relativamente limitado. Na condição de cor que revelava a infecção da lepra, ela podia representar apodrecimento e morte. Os cavalos brancos de Zacarias, particularmente em comparação com os cavalos brancos de Apocalipse (6.2), podem ter o sentido de conquista militar. Em contraste, as vestes brancas defendidas pelo Pregador estão associadas a um hedonismo limitado (Ec 9.7-9). Em Gênesis 49.12, a brancura é provavelmente descritiva e indica prosperidade e abundância.

lābēn. ***Ser (estar) branco.*** Um verbo denominativo derivado de *lābān*. Seu principal tema teológico relaciona brancura à pureza moral. A purificação que Deus traz ao pecador torna-o branco como a neve (Sl 51.7 [9]; Is 1.18). O martírio também torna alguém branco, isto é, puro (Dn 11.35). Um quarto caso desse verbo (no hitpael) tem sido traduzido tanto reflexiva (Dn 12.10; IBB, "muitos se embranquecerão") quanto passivamente (ARA, "muitos serão ... embranquecidos"). Embora ambas as traduções sejam gramaticalmente defensíveis, a última evita a idéia errônea de que tal purificação moral é fruto de autotransformação. Os sarmentos brancos de Joel 1.7 representam o juízo efetuado por gafanhotos vorazes.

lᵉbānâ. ***Lua.*** Um termo poético para "lua" (*cf. yārēaḥ*). É empregado em figuras poéticas que falam tanto de beleza quanto de glória. Como expressão designativa de beleza, descreve uma linda jovem (Ct 6.10). A luz aumentada da lua simboliza a glória milagrosa da futura era dourada (Is 30.26). De outro lado, a glória da lua será suplantada pela glória de Deus, a qual há de ser revelada naquele mesmo tempo (Is 24.23).

lᵉbōnâ, lᵉbônâ. ***Incenso.*** Uma resina da casca de árvores da espécie Boswellia. Quando a resina cor de âmbar se seca, uma camada branca se forma sobre as gotas de incenso, dando assim origem ao nome semítico do produto. Nos dias da Bíblia a maior parte do incenso vinha de Sebá, no sul da Arábia, ou então por ali passava. Era um produto importante no antigo e caro comércio de especiarias.

No AT ele é importante como um dos ingredientes do incenso santo preparado para uso no tabernáculo (Êx 30.34) e como parte da oferta de manjares (Lv 2.1). Parece que o incenso era tido como algo bastante sagrado, visto que todo incenso incluído na oferta de manjares era dado como porção memorial para Deus (Lv 6.15). No caso de oferta de

manjares de ciúmes não se oferecia incenso (Nm 5.15). Também jogava-se incenso sobre os pães da proposição (Lv 24.7). Parece que o incenso foi um elemento tão característico do sistema sacrificial que o termo chegou até mesmo a ser usado para simbolizar todo o sistema (Is 43.23; Jr 6.20).

Ele também podia simbolizar coisas caras e sensualidade (Ct 3.6; 4.6, 14).

lᵉbānôn. ***Líbano.*** A palavra geralmente refere-se à cordilheira do Líbano, que coincide mais ou menos com os atuais montes Líbano. Na ideologia do AT, "Líbano" era importante tanto como uma parte da terra prometida quanto como um símbolo literário para idéias tais como majestade, poder e esplendor.

O Líbano na História do Antigo Testamento. Desde os primórdios o Líbano, ou parte dele, esteve incluído na terra prometida (Dt 1.7; Jz 3.3). O litoral libanês, isto é, a Fenícia, subindo para o norte e incluindo a terra dos gibleus (*i.e.*, Biblos), está na lista das terras prometidas mas não conquistadas (Js 13.5). As atividades militares e comerciais dos hebreus no Líbano (1 Rs 9.19; 2 Cr 8.6) provavelmente se limitavam às montanhas mais baixas do monte Líbano, na fronteira do vale de Bekaa. A cordilheira do Líbano forneceu cedro para a construção dos templos do AT (2 Cr 2.8; Ed 3.7).

O Líbano no Simbolismo Literário. O Líbano e seus cedros eram símbolo de grandeza nos provérbios populares (2 Rs 14.9), nas histórias folclóricas (Jz 9.15) e no linguajar mais literário dos profetas. O texto bíblico diz que o rei assírio indicou a grandeza de suas conquistas ao vangloriar-se que havia penetrado nos montes do Líbano (2 Rs 19.23). A grandeza de Deus se vê no fato de que ele plantou os cedros (Sl 104.16) e na maneira como o Líbano salta ao som de sua voz (Sl 29.5, 6). No entanto, tal é o poder de Deus que ele é capaz de também destruir aqueles cedros (Is 10.34). Os imponentes cedros são em outras passagens empregados como um símbolo apropriado para indicar homens orgulhosos e arrogantes (Ez 31.3). Eles também simbolizam a prosperidade crescente (Sl 92.12).

A região do Líbano também servia de imagem poética para aquilo que é misterioso e romântico, notavelmente em Cantares de Salomão. Faz-se referência ao Líbano em solicitações românticas (Ct 4.8, 11, 15; *cf.* 3.9). Suas conotações podem ter pesado na escolha de "Casa do Bosque do Líbano" como nome de um dos setores do palácio de Salomão (1 Rs 7.2).

lᵉbēnâ. ***Tijolo.*** A maioria dos usos deste termo ocorre em contextos que mostram a fadiga e a futilidade dos esforços humanos. Um uso redundante, ao mesmo tempo sarcástico e poético, enfatiza que a Torre de Babel, um arquétipo do esforço humano futil, foi construída de tijolos (Gn 11.3). Vê-se novamente a futilidade quando os efraimitas apóstatas, os quais estavam sob juízo, afirmam desafiadoramente que reconstruirão os tijolos caídos de Samaria (Is 9.9). Fazer tijolos caracterizou a labuta dos hebreus no Egito (Êx 5.6-14). À luz disso, o tijolo usado por Ezequiel numa lição ilustrada (4.1) pode muito bem ter enfatizado a fadiga inútil do esforço defensivo dos judeus. Uma forma variante desta palavra refere-se à superfície que, em teofanias, fica debaixo dos pés de Deus (Ex 24.10), uma superfície que numa outra passagem é chamada de "firmamento" (*rāqîaʿ*; Ez 1.26).

Bibliografia: — Lebanon. In: *ZPEB*. —VAN BEEK, Gus, W. Frankincense and Myrrh.

1075 לָבֵשׁ (*lābēsh*)

In: *The Biblical Archaeologist Reader*. v. 2, pp. 99-126.

A.B.

לִבְנֵה (*libneh*). Veja o nº 1 074 f.
לְבֹנֹן (*lᵉbānôn*). Veja o nº 1 074e.

1075 לָבֵשׁ (*lābēsh*) ***vestir, estar vestido.***

Termos Derivados

1075a †לְבוּשׁ (*lᵉbûsh*), לְבֻשׁ (*lᵉbush*) ***vestimenta, roupa para solenidades.***
1075b †מַלְבּוּשׁ (*malbûsh*), מַלְבֻּשׁ (*malbush*) ***paramentos.***
1075c †תַּלְבֹּשֶׁת (*tilbōshet*) ***vestimenta, roupa.***

lābēsh e seus derivados revelam três campos de uso: 1) vestimenta no sentido literal; 2) vestimenta como sinal de nível social ou hierárquico ou de caráter; e 3) recurso poético de comparar vestimenta com qualidades abstratas.

Além de referir-se às roupas simplesmente como algo que se veste (Ct 5.3), elas podem revelar algo sobre a pessoa que as usa. As filhas de Davi indicavam com seus trajes tanto a sua realeza quanto a sua virgindade (2 Sm 13.18). A cor púrpura de Ezequiel 23.6 tinha como objetivo mostrar nobreza ou realeza. O favor do rei e os conseqüentes resultados de tal favor foram demonstrados com o uso de roupas especiais tanto por José (Gn 41.42) como por Mordecai (Et 6.11). Os trajes podiam revelar desejo de prazeres sensuais (Jr 4.30) ou prosperidade (Pv 31.21). Trocar as vestes tipificava a santidade necessária para entrar no Santo dos Santos do futuro templo de Ezequiel (Ez 42.14). Podia-se identificar o ofício da pessoa mediante seus trajes característicos, tal como no caso do profeta (Zc 13.4) ou do soldado (Ez 38.4).

Momentos de tristeza eram assinalados pelo uso de roupas especiais. Trajes de viuvez talvez sejam o melhor exemplo conhecido (Gn 38.19). Pesar (2 Sm 14.2; Et 4.1) e arrependimento (Jn 3.5) podiam ser indicados com o uso de roupas próprias. Na visão de Zacarias a condição pecaminosa de Josué é revelada por seus trajes sujos (Zc 3.3; veja abaixo). A linguagem poética em que Jó descreve sua carne como "vestida de vermes" (Jó 7.5) demonstra a triste condição de Jó.

Quando Deus vestiu Adão e Eva com peles (Gn 3.21), ele forneceu um símbolo bastante significativo da nova condição do casal. Essas vestes são geralmente interpretadas como uma demonstração da necessidade de sacrifício devido à necessidade de matar os animais para obter as peles. No entanto, o diálogo entre o herói mesopotâmico Gilgamesh e Utnapishtim sugere que estar vestido de peles também podia estar simbolizando tudo aquilo que é frágil no homem caído.

O verbo e seus derivados são empregados de uma forma mais rica quando usados poeticamente para designar qualidades abstratas. Deus está vestido de majestade e poder (Sl 93.1). Deus é desafiado a vestir-se de força (ARA, "armar-se de força"), ou seja, a usar seu poder (Is 51.9). Preparando-se para o juízo, Deus se veste de justiça, salvação, vingança e zelo (Is 59.17).

As pessoas podem "vestir-se" de várias qualidades. Jó vestia-se de justiça (Jó 29.14).

Salvação (2 Cr 6.41) e força (Is 52.1) podem ser usados como trajes. Homens foram vestidos do Espírito para realizarem tarefas específicas (Jz 6.34; 1 Cr 12.19; 2 Cr 24.20). Qualidades negativas, tais como vergonha (Sl 35.26; *cf.* Jó 8.22) e maldição (Sl 109.18), também eram usadas como vestes.

Dentre todos os usos figurados, o mais significativo é aquele que assemelha às vestimentas a justiça divina imputada ao homem. As boas obras do próprio indivíduo são trapos de imundícia (Is 64.6; *cf.* Josué em Zc 3.3), os quais Deus retira, e então ele veste a pessoa com a salvação e a retidão divinas (Is 61.10). Então, à semelhança de Josué na visão de Zacarias, pessoas vestindo a justiça de Deus podem ficar na presença dele.

lᵉbûsh. ***Vestimenta, roupa para solenidades.*** Este e outros derivados abrangem a mesma gama genérica de significados que o verbo. *lᵉbûsh* pode referir-se às roupas formalmente usadas pelo ocupante de um cargo ou função (2 Rs 10.22). Pode referir-se a vestes indicativas de tristeza (Sl 35.13), opulência (2 Sm 1.24), glória (Sl 45.13 [14]) e transitoriedade (Sl 102.26). Usava-se poeticamente a palavra para designar qualidades abstratas como força e dignidade (Pv 31.25).

tilbōshet. ***Vestimenta.*** Usada uma vez, comparando a vingança a uma veste (Is 59.17).

malbûsh. ***Paramentos.*** Vocábulo usado para designar as roupas da criadagem real (1 Rs 10.5) e as vestes próprias dos sacerdotes (2 Rs 10.22) e, poeticamente, para referir-se a qualidades abstratas. Roupas manchadas de vermelho simbolizavam vingança (Is 63.3), e certas roupas finas demonstravam riqueza e esplendor (Ez 16.13).

Bibliografia: — SANDARS, N. K. (tradutor). *The epic of Gilgamesh*. Penguin, 1964. pp. 97, 102-4. — *THAT*. v. 1, pp. 867-9.

A.B.

1076 לֹג (*lōg*) ***uma medida de líqüidos de cerca de meio litro*** (Lv 14.10). A ARA traduz como "sextário". Havia provavelmente 72 sextários num bato (*bat*, *q.v.*).

1077 להב (*lhb*). **Aceita como raiz de:**

1077a לַהַב (*lahab*) ***chama, lâmina.***

1077b לְהָבָה (*lehābâ*) ***chama, ponta (de arma).***

1077c שַׁלְהֶבֶת (*shalhebet*) ***chama.***

lahab. ***Chama, lâmina, ponta.*** Este termo refere-se ou à chama do fogo ou à ponta ou à lâmina de uma arma, provavelmente devido a uma ligeira semelhança na aparência de uma e de outra. O árabe *lahiba* significa "arder de sede"; o acadiano *la'bn* tem o sentido de "febre"; e em aramaico o grau shafel *shalhēl* quer dizer "consumir com fogo".

lahab designa as pontas ou lâminas de punhais (Jz 3.22), lanças (Jó 39.23; "ponta de lança", em vez de "flameja a lança", como está na ARA) e espadas (Na 3.3).

A palavra também denota as chamas que saem da boca do leviatã (Jó 41.21) e as chamas literais de um altar sobre as quais o anjo ascendeu aos céus (Jz 13.20). O crepitar de chamas é um dos ruídos da invasão (Jl 2.5).

"Chamas devoradoras" sobrenaturais estarão entre os grandes juízos de Deus no final da História (Is 29.6; *cf.* Is 30.30; 66.15-16).

lehābâ. ***Ponta (de arma), chama.*** Em uma oportunidade esta palavra descreve a ponta de uma arma, a saber, a da lança de Golias (1 Sm 17.7).

Em todos os demais usos, serve de figura poética designativa de algum ato humano ou divino. A "chama" procedente de Seom simbolizava a vitória militar (Nm 21.28; *cf.* Jr 48.45). "Fogo de chama" (lit.) é uma expressão utilizada para descrever a ira (Os 7.6; ARA, "labaredas de fogo"). A "chama" representava os perigos dos quais Deus protegeria o seu povo (Is 43.2).

O juízo divino foi repetidas vezes comparado a uma chama. A "chama" é associada ao juízo divino sobre o povo pecador de Deus (Is 5.24), sobre o Egito durante o êxodo (SI 105.32; ARA, "fogo chamejante"; lit., "fogo de chama") e sobre o bosque do sul, ou Neguebe (Ez 20.47; ARA, "chama flamejante"; hebraico *lahebet shalhebet*, veja abaixo). Um dia o "Santo" de Deus será uma chama de juízo sobre os inimigos de Deus (Is 10.17) como também o povo de Deus (Ob 18). A própria presença divina é simbolizada por um "fogo de chama" (Is 4.5; ARA, "fogo chamejante").

A sobreposição parcial das idéias de "lâmina" e "chama" levanta a possibilidade de que em algum momento a metáfora da voz como uma chama de fogo (SI 29.7) e a da língua como uma espada (Ap 19.15) foram originalmente a mesma figura de linguagem.

shalhebet. ***Chama.*** Usada como símbolo poético, duas vezes para referir-se ao juízo (Jó 15.30; Ez 20.47) e uma vez para simbolizar o ciúme (Ct 8.6). Aparentemente esta palavra derivava de uma forma shaphel da raiz *lāhab*. Veja a forma aramaica citada acima.

A.B.

1078 להג (*lhg*). **Aceita como raiz de:**

1078a לַהַג (*lahag*) ***estudo***, isto é, a devoção aos livros (Ec 12.12).

1079 לָהָה (*lāhâ*) ***ansiar, desfalecer*** (Gn 47.13).

1080 *לְהַלֵּחַ (*lihlēah*) ***surpreender, sobressaltar.*** Ocorre somente no particípio do hitpael, em Provérbios 26.18, "como o louco que lança fogo".

1081 לָהַט (*lāhaṭ*) ***acender fogo, queimar.***

Termo Derivado

1081a †לַהַט (*lahaṭ*) ***chama, lâmina (?)***

lāhaṭ pode referir-se à ação literal de queimar ou pode ser usada como uma figura poética para descrever o juízo divino. O acadiano *la'aṭu* significa "consumir com fogo". O aramaico *lᵉhaṭ* tem o sentido de "consumir", "queimar totalmente".

Alguns exemplos típicos de *lāhaṭ*, no sentido literal de queimar, são: a queima dos seguidores de Coré (Sl 106.18; *cf.* Nm 16), a queima de florestas nas montanhas (Sl 83.14

[15]) e de árvores (Jl 1.19). O sopro do leviatã punha fogo em carvões (Jó 41.21 [13]). A palavra refere-se aos incêndios que vinham após os invasores mencionados em Joel (2.3). Numa oportunidade ela designa a maneira como os relâmpagos consomem os inimigos de Deus (Sl 97.3) e noutra descreve como "fogo de chama" (lit.; ARA, "labaredas de fogo") aqueles que servem a Deus (Sl 104.4).

Em usos puramente figurados, o vocábulo descreve os homens como "ardendo [de desejo]" para destruir outros (Sl 57.4 [5]; cf. ARA, "ávidos"). Descreve atributos e atos divinos, tais como a ira de Deus que "abrasará" os fundamentos dos montes (Dt 32.22). Os malfeitores queimarão como a palha no grande dia do juízo, que está por vir (Ml 4.1 [3.19]). O verbo pode até mesmo descrever o próprio povo de Deus a arder no juízo divino (Is 42.25; ARA, "lhes ateou fogo").

lahat. ***Chama (lâmina?).*** Usada uma vez (Gn 3.24), onde geralmente é traduzida como "flamejante" (lit., "chama da espada"; ARA, "o refulgir de uma espada"). No entanto, a sobreposição das idéias de "chama" e "lâmina" (*cf. lahab*) sugere que "lâmina" (de espada) merece consideração como uma interpretação possível.

A.B.

1082 *לָהַם (*laham*) ***engolir avidamente.*** Ocorre somente no hitpael, em Provérbios 18.8, *mitlahămim*, "bocados engolidos avidamente" (ARA, "doces bocados"; veja também Pv 26.22).

1083 לָהֵן (*lāhen*) ***pois, por isso*** (Rt 1.13).

1084 לַהֲקָה (*lahăqâ*) ***grupo, bando*** (1 Sm 19.20). Significado e etimologia incertos.

1085 לוּ (*lû*), לוּא (*lû'*) ***ah!, ah! se, tomara.*** Partícula hebraica usada para assinalar diversos tipos de construção hipotética em que se expressa desejo.

1085a לוּלֵא (*lûlē'*) ***se não (fosse assim), a menos que*** (*e.g.*, Jz 14.19; 1 Sm 25.34).

lû assinala três níveis de desejo, volição ou anuência na esfera pessoal: desejos, apelos e declarações de consentimento. Também indica dois tipos de orações potenciais: orações com "talvez" ou que encerram dúvida e orações condicionais.

Quando empregado para exprimir um desejo, pode ser traduzido por "tomara" ou "quem dera!". O desejo de Abraão de que Ismael vivesse diante de Deus (Gn 17.18) e o desejo de Josué de que os hebreus tivessem permanecido do outro lado do Jordão (Js 7.7) são assinalados por esta partícula. Em conjunto com outros recursos para indicar potencialidade, esta partícula pode exprimir um desejo fortíssimo (1 Sm 14.30). Na petição que Abraão faz aos hebronitas para que o ouvissem (Gn 23.13), *lû* serve de partícula de súplica. Finalmente ela assinala a concordância de Labão com a proposta de Jacó quanto a salários (Gn 30.34).

Quando introduz orações potenciais puras, pode ser traduzida por "talvez", como quando os irmãos de José especularam que ele poderia odiá-los (Gn 50.15; ARA, "é o caso de"). Quando acompanhada de uma afirmação de conseqüência, isto é, uma apódose, a oração regida por *lû* torna-se a prótase de uma oração condicional irreal. "Se o SENHOR

nos quisera matar" (Jz 13.23) e "se Absalão vivesse" (2 Sm 19.6 [7]) são bons exemplos disso (*cf.* Jó 16.4; Ez 14.15).

A.B.

1086 לוֹא (*lô'*) ***não***. Forma alternativa de לֹא (*lō'*, *q.v.*).

1087 לָוָה (*lāwâ*) ***I, unir-se.***

Usado uma vez no qal (Ec 8.15) e o restante das vezes no nifal. *lāwâ* refere-se à ação de unir ou associar um objeto ou pessoa a outro objeto ou pessoa. De grande significação teológica é o emprego da palavra para designar estrangeiros que se unem ao povo de Deus como convertidos.

No uso geral indica a maneira como os prazeres hedonísticos "acompanham" o homem (Ec 8.15); também é usado para designar a ação de unir-se a uma aliança militar (Sl 83.8 [9]), de o marido unir-se à esposa (Gn 29.34) e de os levitas unirem-se a Arão para o serviço no tabernáculo (Nm 18.2-4).

Como termo indicativo de conversão, ele descreve aqueles que, impressionados com a obra de Deus divina de restaurar o seu povo, desejarão unir-se aos hebreus na adoração e no serviço a Deus, isto é, estarão espiritualmente convertidos (Is 14.1). Outros unir-se-ão a Deus como conseqüência de algum juízo divino (Zc 2.15; *cf.* Et 9.27). Assegura-se a esses convertidos dentre os gentios que eles não serão separados da Aliança com Deus (Is 56.3-6). Um dia, arrependido, o povo de Deus, estará (ou voltará a estar) participando de um verdadeiro relacionamento de aliança com Deus (Jr 50.5).

Este uso de *lāwâ*, com sua conotação de consagração religiosa, favorece a idéia de que o nome "Levi" indicava a consagração da tribo desse nome ao serviço do Senhor.

Bibliografia: — Levi. In: *ZPEB*. — ALBRIGHT, W. F. *Archeology and the religion of Israel*. 5 ed. pp. 106, 203.

A.B.

1088 לָוָה (*lāwâ*) ***II,*** qal. ***tomar emprestado;*** hifil: ***emprestar para.***

Este pode ser um uso de *lāwâ* (veja acima) com um sentido especial. Em contraste com o significado puramente econômico de tomar emprestado e emprestar na vida moderna, no AT tais atos possuíam um significado teológico especial. Só uma vez tomar empréstimo é mencionado como um ato fundamentalmente financeiro, quando se relata que a comunidade hebréia que voltou do exílio tomou dinheiro emprestado para pagar impostos (Ne 5.4). Além disso aquele que toma emprestado e o que empresta são, numa ocasião, mencionados como um dos diversos pares que expressam todas as classes da sociedade (Is 24.2).

Os demais usos refletem as perspectivas morais e teológicas específicas do AT. O hebreu não tinha permissão para receber juros por emprestar a outro hebreu (Êx 22.24-25). [Outro ponto de vista é de que podia haver cobrança de juros, mas não de juros abusivos, o que seria usura. Em defesa dessa posição, E. A. Speiser mostra que nas culturas vizinhas os juros eram descontados do dinheiro emprestado, sendo pagos adiantadamente. O que estava proibido, de acordo com os registros acadianos e as leis da Bíblia, era a cobrança de juros adicionais depois que o tomador inadimplente fosse feito escravo. Veja o exame mais detido da questão no verbete *neshek*. R.L.H.] A disposição para

emprestar era um sinal de benevolência e retidão (Sl 112.5). Às vezes a expectativa ou obrigação de pagar o empréstimo podiam ser tão improváveis ou impróprios que "emprestar" quase se torna sinônimo de "dar" (Pv 19.17; observe-se também "emprestar" e "dar" como paralelos em Sl 37.21, 26).

A penúria ou pobreza, que levam a pedir emprestado, indicam a ausência da bênção de Deus (Dt 28.44), ao passo que a capacidade de conceder um empréstimo caracteriza uma prosperidade vinda de Deus (Dt 28.12). A futilidade dos ímpios se vê no fato de que não pagam os seus empréstimos (Sl 37.21). As Escrituras observam, finalmente, que quem toma emprestado é escravo daquele que empresta (Pv 22.7).

Bibliografia: —Loans. In: *Jewish Encyclopedia*.

A.B.

1089 לוה (*lwh*). **III. Aceita como raiz de:**

1089a לִוְיָה (*liwyâ*), לִיָּה (*lōyâ*) ***diadema.*** Ocorre somente na frase *liwyat ḥen*, referindo-se à instrução recebida dos pais (Pv 1.9) e à obra da Sabedoria (Pv 4.9).

1089b לִוְיָתָן (*liwyātān*) ***grande animal aquático.*** Pode ser crocodilo (Jó 41.1), serpente (Is 27.1; a ARA traz "dragão", tendo como aposto a palavra "serpente", que é tradução de outra palavra hebraica, *nāḥāsh*) ou monstro marinho (Sl 104.26), palavra vertida por muitas traduções como "leviatã".

A palavra *liwyātān* aparece seis vezes no AT, quer como um animal literal, quer como um símbolo do Egito (Sl 74.14), quer como um símbolo da humanidade pecadora em geral (Is 27.1).

Derivado de uma raiz confirmada árabe, *lwy*, "torcer" (*cf. liwyâ*, "diadema", Pv 1.9), *liwyātān* reflete-se no ugarítico *ltn*, um monstro denominado Lotan. Na Bíblia, porém, aparece somente junto de outros animais: *nāḥāsh*, "serpente" (Is 27.1), e *tannîn*, "monstros marinhos" (Sl 74.13-14).

Yahweh intimidou Jó, confrontando-o com sua criatura invencível, o *liwyātān* (Jó 41.1 e ss. [40.25 e ss.]). Sem sombra de dúvida esse é o crocodilo do Nilo, com couraça de escamas (vv. 7, 15-17 [40.31; 41.7-9]), dentes terríveis (v. 14 [6]) e agilidade para nadar (v. 32 [24]), descrito de forma poética ("cada um dos seus espirros faz resplandecer a luz, ... da sua boca sai chama", vv. 18-21 [10-13]), mas não mitológica. Seguem-se outras comparações hiperbólicas: "arrasta-se sobre a lama, como um instrumento de debulhar; as profundezas faz ferver como uma panela" (vv. 30-31 [22-23]). No Saltério (*cf. rahab* [*q.v.*] em Is 51.9-10) a força do crocodilo torna-se um símbolo natural para as tropas do Egito, derrotadas pelo Senhor no mar Vermelho:

> Tu, com o teu poder, dividiste o mar...
> Espedaçaste as cabeças do crocodilo [*liwyātān*],
> e o deste por alimento às alimárias do deserto (Sl 74.13-14).

Talvez aqui *liwyātān* refira-se aos cadáveres dos soldados egípcios que foram devolvidos à praia diante de Israel (Êx 14.30).

Em outra passagem o *liwyātān* nada no "mar vasto, imenso", uma criatura que "formaste para nele [no mar] folgar" (Sl 104.25-26), presumivelmente uma baleia ou golfinho do Mediterrâneo (*NBD*, p. 729). No entanto, ao contrário dos animais hostis

mencionados no "Hino ao Sol", que foi composto pelo faraó reformador Akenaton e guarda alguma semelhança com o texto do salmo 104, o leviatã e outras criaturas esperam humildemente em Deus (v. 27) na condição de "hóspedes" deste mundo junto com a humanidade (C. S. Lewis, *Reflections on the Psalms*). O substantivo *liwyātān* também pode designar serpentes, tais como aquelas que encantadores fazem levantar, os quais, segundo cria-se, eram capazes de lançar maldições (Jó 3.8; *cf.* Nm 22.5-6). O "leviatã" passa então a denotar uma ágil serpente marinha, morta por Deus, para simbolizar o castigo da "iniqüidade dos moradores da terra" (Is 26.21—27.1).

Muitos estudiosos identificam o leviatã do AT com monstros mitológicos do caos, tais como Lotan de Ugarite ou Tiamat e Kingu da Babilônia. Suas cabeças esmagadas em Salmos 74.13 (supostamente sete) são identificadas com aquelas dos dragões de sete cabeças (ilustrados em *IDB*, v. 3, p. 116) mortos por Baal (sendo que as Escrituras teriam substituído o nome deste deus por Yahweh), e suas roscas acordadas, em Jó 3.8, são identificadas com aquelas que, supostamente, causavam eclipses quando o animal ficava enrolado em torno do sol.

Uma posição crítica e negativa sustenta que os escritores do AT acreditam na realidade dessas criaturas. Deve-se, no entanto, negar vigorosamente que os autores do AT acreditassem de fato nessas mitologias. Alguns, porém, têm defendido que as referências ao leviatã como um animal de muitas cabeças em Salmos 74.14 e à sua aparência de serpente em Jó 3.8 podem ser alusões a temas mitológicos da época (*cf.* o artigo de Smick na bibliografia). Albright chama isso de uma correta demitologização pelos autores bíblicos (*YGC*, p. 183-93).

Bibliografia: — KISSLING, N. K. Antecedents of the medieval dragon in sacred history. *JBL* 89:166-77. — PAYNE, J. B. *Theology of the Older Testament*. Zondervan, 1971. — PFEIFFER, C. F. Lotan and Leviathan. *EQ* 32:208 e ss. — SMICK, E. B. Mythology and the book of Job. *JETS* 13:106.

J.B.P.

1090 לוּז (*lûz*) ***apartar-se, desviar-se.***

Termos Derivados

1090a לָזוּת (*lāzût*) ***afastamento, desonestidade, tortuosidade.***

1090b לוּז (*lûz*) ***amendoeira, madeira de amendoeira.*** Ocorre somente em Gênesis 30.37, referindo-se às varas cuja casca Jacó tirou (ARA, "aveleira").

O verbo *lûz* ocorre nos graus qal, nifal e hifil. O imperfeito do qal é usado em Provérbios 3.21, quando a Sabedoria instrui seu filho a não deixar o bom senso e a prudência "se apartarem" de diante de seus olhos. Concentrar-se em ambas as coisas é garantia de vida e graça.

Em Provérbios 4.21 a Sabedoria incentiva seus ouvintes a acolher suas palavras e a não deixá-las fugir de suas mentes (NEB; lit., "não as deixes se afastar de teus olhos"). Nessa passagem, *lûz* ocorre no imperfeito do hifil.

Nos quatro exemplos seguintes, *lûz* ocorre na forma participial do nifal. Duas passagens empregam figuradamente o verbo para designar caminhos tortuosos ou enganosos (Pv 2.15; Pv 14.2). (Observe-se a tradução da NEB, "homem dúbio", em 14.2.)

Isaías 30.2 também denuncia aqueles que em vez de confiar na Palavra de Deus, confiam em práticas opressoras e enganosas que eles mesmos maquinam. Entretanto, por assim proceder, atraem sobre si o juízo divino.

Finalmente, Provérbios 3.32 emprega o vocábulo figuradamente para referir-se a uma pessoa desonesta e perversa, que é detestada pelo Senhor.

lāzūt. ***Afastamento, perversidade.*** Provérbios 4.24, a única passagem que emprega a palavra figuradamente, insta os homens a pôr de lado a *l^{e}zût s^{e}pātayim*, "a perversidade dos lábios", isto é, a conversa pervertida.

W.C.K.

1091 לוּח (*lwḥ*). **Aceita como raiz de:**

1091a לוּחַ (*lûaḥ*) ***tábua, prancha, lousa.***

Palavra cognata do acadiano *lî'u*^{m} ou do sumério ^{GIŠ}*LI.U.*$_{5}$*UM*, *lûaḥ* aparece mais de 40 vezes no AT. Uma vez que o sumério emprega o determinativo de madeira (*GIŠ*), podemos supor que originalmente as pranchas eram feitas de madeira. Tais pranchas de madeira que porventura tenham existido, há muito desapareceram. As primeiras pranchas conhecidas foram pictogramas em barro, descobertos na camada IV B, de Uruk (*cf.* D. J. WISEMAN, *Illustrations from biblical archaeology*, Eerdmans, 1958, pp. 10-1). *lûaḥ*, entretanto, pode referir-se a superfícies de pedra nas quais se escrevia (as tábuas dos Dez Mandamentos, em Êx 24.12; 34.28), às tábuas de madeira do tabernáculo (Êx 27.8; 38.7) ou de um navio (Ez 27.5) e às lâminas de metal no suporte das pias do templo de Salomão (1 Rs 7.36).

Também emprega-se *lûaḥ* figuradamente. As pessoas são instruídas a escrever os mandamentos divinos "na tábua do [seu] coração" (Pv 3.3; 7.3). Ironicamente o pecado de Judá encontra-se gravado "na tábua do seu coração" (Jr 17.1). O profeta Habacuque recebe instruções para escrever a visão num grande painel (?), de tal modo que a visão fique clara para um mensageiro ler e ir correndo (Hc 2.2).

As tábuas de pedra entregues a Moisés foram feitas e escritas por Deus (Êx 31.18; 32.16; 34.1); Deus, entretanto, empregou Moisés, como um agente secundário, para escrever nas tábuas as palavras que ele queria que fossem escritas (Êx 34.27, 28). Isso está de conformidade com outras afirmações bíblicas que atribuem diretamente a Deus aquilo que é realizado tendo o homem como agente. Em última instância, tudo tem de principiar e terminar em Deus, e de fato é o que acontece (*e.g.*, a crucificação, At 2.23).

Assim como Moisés recebeu ordens para registrar a guerra contra os amalequitas como um memorial para o jovem Josué (Êx 17.14), de igual forma Isaías recebeu instruções para escrever "numa tabuinha" e também "num livro" a profecia contra a dependência do Egito (Is 30.8). Esses textos, juntamente com outros como Jeremias 36, documentam o processo da inspiração.

Bibliografia: — DRIVER, G. R. *Semitic writing*. ed. revista. London, 1954. pp. 16, 79-80.

W.C.K.

1092 לוּט (*lûṭ*) ***enrolar comprimindo, envolver.***

Termos Derivados

1092a לָט† (*lāṭ*), לָאט (*lā'ṭ*) ***segredo.***

1092b לוט (*lôṭ*) ***envoltório, coberta.*** Ocorre somente em Isaías 25.7.

lāt. ***Segredo, mistério.*** Palavra usada em Êxodo 7.22; 8.7 [3], 18 [14] sempre no plural e precedida da preposição *b*^{e}, referindo-se aos encantamentos ou "ciências ocultas" (ARA) praticados pelos magos (*ḥarṭummîm*, uma palavra tomada de empréstimo do egípcio *hry-tp*, "sacerdote-leitor principal") do faraó, na tentativa que fizeram de imitar as pragas divinas trazidas por Moisés e Arão. Em quatro outros contextos não-teológicos, emprega-se a palavra como advérbio, "de mansinho" (isto é, sem deixar outros perceberem), "mansamente", "confidencialmente", "furtivamente"
(Rt 3.7; Jz 4.21; 1 Sm 18.22; 24.4 [5]).

Bibliografia: — VERGOTE, J. *Joseph en Egypte*. 1959, pp. 66-73.

W.C.K.

1093 לֵוִי (*lēwî*) ***Levi.***

Termo Derivado

1093a לֵוִי† (*lēwî*) ***levita*** (isto é, um membro da tribo de Levi).

Levi foi o terceiro filho que Jacó teve com Lia, sua esposa menos querida (Gn 29.34).

Levi, progenitor da tribo de Levi, participou de um incidente particularmente reprovável (Gn 34). Sua irmã Diná fora violentada por Siquém, filho do cananeu Hamor. Ele teria, então, permissão para casar-se com ela caso ele e toda a sua cidade aceitassem ser circuncidados. Eles se circuncidaram, mas, enquanto se recuperavam da operação, Simeão e Levi foram à cidade e mataram todos os habitantes de sexo masculino (Gn 34.25-26).

Jacó ficou tão indignado com esse acontecimento que mesmo no leito de morte se lembrou disso. Em vez de abençoar Levi, ele predisse que tanto os seus descendentes quanto os de Simeão ficariam espalhados no meio de Israel (Gn 49.7). Embora essa maldição tenha, por fim, resultado no aniquilamento da identidade de Simeão na terra de Canaã, pela fé os descendentes de Levi transformaram-na numa bênção. A sua dispersão tornou-se oportunidade para, em nome do Senhor, ministrarem a todo Israel. Deus adotou essa tribo como sua própria herança em lugar do primogênito de cada família (Nm 3.11-13).

Não temos nenhuma outra informação sobre a pessoa ou a tribo de Levi até que sua família desceu para o Egito. A historicidade da peregrinação dessa tribo no Egito pode ser em parte confirmada pelo número de nomes egípcios entre os levitas: Merari, Moisés, Finéias e Hofni (*mrry*, "amado"; *mss*, "nascido de", segundo alguns; *p-nḥsy*, "o que tem cor de bronze"; e *ḥfnr*, "núbio").

Um descendente de Levi, cujo nome não é dado, casou-se com uma levita, cujo nome também não aparece, a qual deu à luz Moisés, Arão e Miriã (Êx 2.1 e ss.). A referência em Êxodo 6.20 a Anrão e a Joquebede, a qual "lhe deu" Moisés e Arão por filhos é típica

de genealogias bíblicas. Os ancestrais imortalizados recebem com freqüência o crédito de dar à luz os filhos de gerações subseqüentes. (Observe-se a linguagem de Gn 46.15, 18, 25.) Havia 8 600 descendentes de quatro irmãos ou primos, dos quais 2 750 tinham idades entre 30 e 50 anos (Nm 3.17-20, 27-28; 4.35-37). O registro obviamente deixa implícito que há mais de quatro gerações ligando Levi a Moisés; esse Anrão não era o pai real de Moisés, cujo nome permanece desconhecido (Êx 2.1).

Arão torna-se o sumo sacerdote dentro da linhagem dos levitas que demonstraram sua fidelidade em Êxodo 32.26-29. Arão, por sua vez, passa seu cargo para Eleazar (Dt 10.6), que o passa para Finéias (Jz 20.27, 28). Então o sumo sacerdócio é transferido da linhagem de Eleazar para a linhagem araônica de Itamar, na pessoa de Eli (1 Cr 24.3; 1 Sm 2.22, 28). Os filhos de Eli são demasiadamente perversos para merecerem posição de tanta eminência (1 Sm 2.27-36), de sorte que nos dias de Salomão, Abiatar é deposto e Zadoque, também da linhagem de Arão, assume como sumo sacerdote, conforme predito pelo "homem de Deus" (1 Sm 2.27-28, 35; 1 Rs 2.26-27, 35.)

lēwî. ***Levita.*** Apesar de afirmações em contrário, é evidente que a tribo dos levitas descendia do antigo Levi. Levi foi o terceiro filho de Jacó com sua esposa Lia (Gn 29.34). Uma vez que Lia estava disputando a atenção e o carinho de Jacó com sua irmã Raquel, que era mais bonita, ela deu a seu filho o nome de Levi, fazendo um jogo de palavras: "Agora, desta vez, se unirá mais a mim meu marido."

O Senhor fez referência a este comentário quando ordenou que Arão e seus filhos fossem responsáveis pelo santuário e pelo sacerdócio, enquanto a tribo de Levi se ajuntasse a ele para auxiliá-lo no desempenho desses deveres (Nm 18.1-2). Observe-se como a tradução destes versículos na NEB distorce as distinções existentes no texto hebraico de modo a favorecer uma interpretação crítica!

A teoria de Wellhausen insiste que a divisão do sacerdócio em sacerdotes e levitas tem origem na reforma de Josias (621 a.C.) ou depois. Wellhausen afirmava que a função de sumo sacerdote ainda era desconhecida mesmo para Ezequiel, pois a primeira referência real a tal divisão encontra-se em Ezequiel 44.6 e ss., onde os serviços do templo e do altar são designados para os filhos de Zadoque.

Por que então o sumo sacerdote é expressamente mencionado em 2 Reis 12.10; 22.4, 8; 23.4 e possivelmente em 2 Samuel 15.27? Por que Deuteronômio 18.1-8 faz uma distinção tão óbvia entre o "sacerdote" que ministra no santuário (vv. 3-5) e o "levita", que se ocupava de outras coisas (vv. 6-8)? Mesmo a expressão "levitas sacerdotes" (Dt 17.9, 18; 18.1; 24.8; 27.9; Js 3.3; 8.33; Jr 33.18, 21 [observe-se a ordem inversa no v. 21]; Ez 43.19; 44.15; 2 Cr 23.18; 30.27) só deixa implícito que todos os sacerdotes são levitas, mas não o inverso. Em hebraico a palavra explicativa sempre vem depois da palavra explicada (lit., "os sacerdotes, os levitas," ou seja, "os sacerdotes, os quais são levitas,"), pelo que a expressão significa "levitas sacerdotes". (Note-se que a TB erroneamente insere um "a saber" entre as frases "levitas sacerdotes" e "toda a tribo de Levi", Dt 18.1). Não se deve identificar os levitas com os sacerdotes só porque os termos usados para descrever os deveres dos levitas em Deuteronômio 18.7 são os mesmos usados com referência aos deveres sacerdotais, ou seja, "ministrar em o nome do SENHOR" (*cf.* 18.5 com referência ao sacerdote, 17.12; 21.5), "assistir perante o SENHOR" (*cf.* 1 Rs 10.8, *etc.*). Tais termos são empregados com referência aos deveres dos sacerdotes, mas também são usados para designar as responsabilidades de subordinados, como é o caso do jovem Samuel (1 Sm 2.11, 18; 3.1).

Na ordem hierárquica daquela cultura, os levitas ocupam o segundo lugar, após os sacerdotes araônicos, em comparação com os demais israelitas. De conformidade com a legislação mosaica, alguns dos deveres dos levitas incluíam levar a arca (1 Sm 6.15; 2 Sm 15.24), realizar vários serviços no tabernáculo (Êx 38.21; Nm 1.50-53) e servir Arão e seus filhos (Nm 3.9; 8.19). Davi incumbiu-os da música litúrgica (1 Cr 15.16, 17, 22) e de ser guardas do templo (1 Cr 9.26; 26.17). Na época de Esdras eles ensinaram a Lei ao povo (Ne 8.7-8; *cf.* Dt 31.25).

O mais importante de tudo, porém, é que a tribo de Levi devia servir como um substituto de todos os primogênitos de sexo masculino em Israel (Nm 3.11-13). Dessa maneira as Escrituras resistem àquela dedução por analogia, segundo a qual sacrifícios humanos seriam necessários (temos assim uma advertência para outras áreas, tal como a dupla predestinação), visto que todo o primogênito da terra pertence ao Senhor. Em vez de sacrifícios humanos, uma vez mais Deus aceitou um substituto, desta vez um levita em lugar de cada primogênito de sexo masculino em Israel.

Bibliografia: — CODY, Aelred. *A History of Old Testament priesthood*. Pontifical Biblical Institute, 1969. — MACRAE, A. A. Numbers. In: *NBC*. pp. 166-7. — ORR, James. *The problem of the Old Testament*. London, Nisbet & Nisbet, 1909. pp. 180-92. — *TDNT*. v. 4, pp. 239-41.

W.C.K.

לִוְיָה (*liwyâ*). Veja o nº 1 089a.

לִוְיָתָן (*liwyātān*). Veja o nº 1 089b.

1094 לוּל (*lûl*) ***escada ou escada em caracol ou espaço fechado com degraus.*** Ocorre somente em 1 Reis 6.8, *ûbᵉlûlîm ya'ălû*.

1095 לולו (*lwlw*). **Aceita como raiz de:**

1095a לוּלַי (*lûlay*) ***laçada.***

לוּלֵא (*lûlē'*). Veja o nº 1 085a.

לוּלַי (*lûlay*). Veja o nº 1 095a.

1096 לוּן (*lûn*), לִין (*lîn*) ***hospedar-se, passar a noite, repousar.***

Termos Derivados

1096a †מָלוֹן (*mālôn*) ***hospedaria, estalagem.***

1096b מְלוּנָה (*mᵉlûnâ*) ***casa pequena, cabana.*** Ocorre somente em Isaías 1.8; 24.20.

Em geral emprega-se *lûn* para referir-se a pessoas que passam a noite em algum lugar. É assim que Ló bondosamente convidou os dois anjos, que tinham vindo para destruir Sodoma (Gn 19.2), a passar a noite em sua casa. Jacó passou a noite em Betel (Gn 28.11). Mas os exemplos mais interessantes de uso da palavra são figurados: Salmos

30.5 [6] diz: "ao anoitecer pode vir o choro" (lit., "o choro pode se hospedar à noite"). O uso teológico enfatiza a brevidade da ira divina em contraste com o poder vivificador de seu imenso favor.

A retidão mora numa cidade fiel (Is 1.21), enquanto o homem que teme ao Senhor repousa (lit., "aloja-se") na prosperidade (Sl 25.13). De fato, aquele que dá ouvidos à repreensão vivificadora habitará entre os sábios (Pv 15.31). Provérbios 19.23 expressa-o sucintamente: "O temor do SENHOR conduz à vida, aquele que o tem ficará satisfeito" (lit., "... repousará"). A proposição inversa é também expressa em poucas palavras: "o homem não permanece em sua ostentação; é antes como os animais, que perecem" (Sl 49.12 [13]). O melhor versículo de todos é Salmos 91.1: "O que habita no esconderijo do Altíssimo à sombra do Todo-poderoso descansará".

mālôn. ***Hospedaria, estalagem.*** Existem oito referências a hospedarias, tal como aquela escolhida pelos irmãos de José quando voltavam do Egito (Gn 42.27; 43.21). A mais famosa é aquela em que Moisés e Zípora pararam para passar a noite em sua viagem de volta para o Egito. Ali Deus procurou matar Moisés (afligindo-o com febre ou alguma doença?), pois ele tinha deixado de circuncidar o seu filho (aparentemente devido aos protestos de Zípora, Êx 4.24).

Em outros casos é o profeta que anseia por algum tipo de abrigo no deserto para que pudesse deixar o seu povo, pois os seus pecados eram repugnantes (Jr 9.2 [1]). Em Isaías 10.29 a aproximação do rei assírio e suas paradas para passar a noite são marcadas pelo medo. Aliás, o soberbo Senaqueribe gabava-se de que penetraria nas regiões mais interiores do Líbano (2 Rs 19.23; *cf.* Is 37.24).

Também ocorre a forma feminina *mᵉlûnâ*. Refere-se a uma cabana ou choupana numa vinha (Is 1.8), construída para aquele que vigiava durante a colheita. Um texto escatológico afirma que a terra cambaleia como um bêbado e "balanceia" como uma choupana (Is 24.20; ARA, "rede de dormir"). Observe-se, então, a fragilidade e isolamento proverbiais da terra.

W.C.K.

1097 לוּן (*lûn*) ***murmurar, rebelar-se.***

Termo Derivado

1097a תְּלֻנָּה (*tᵉlunnâ*) ***murmuração.***

À exceção de Josué 9.18, uma passagem que fala do aborrecimento com a maneira como Josué lidou com a questão da mentira dos gibeonitas, todas as demais ocorrências do verbo *lûn* encontram-se em seis capítulos do Pentateuco: Êxodo 15; 16; 17; Números 14; 16; 17, cada uma delas seguida da preposição *'al*, "contra". Em cada caso o sujeito do verbo é toda a congregação de Israel. Contudo, Números 16.11 talvez se refira apenas a Coré (*cf.* 16.19). Geralmente quem sofria os seus ataques verbais eram Moisés e Arão (Êx 16.2; Nm 14.2); ocasionalmente era apenas Moisés (Êx 15.24; 17.3; Nm 14.36) ou apenas Arão (Nm 16.11); em outras oportunidades o próprio Senhor é o objeto de suas palavras insultosas (Êx 16.7-8; Nm 14.27, 29). Em última análise, a murmuração dos israelitas era sempre contra Deus, que havia comissionado os líderes do povo. É claro que a

murmuração não era sem motivo: podia ser por causa de fome ou sede no deserto ou de um objetivo aparentemente inalcançável. Mas eles pecaram porque duvidaram de Deus e vilipendiaram sua justiça, bondade e poder.

Noeldeke sugere que a raiz é, na verdade, um verbo duplo *'ayin*, *lnn* ou (com base numa troca entre *resh* e *lamed*) *rnn*, "gritar alto". Mas nada existe que confirme nenhuma dessas duas idéias. Mesmo a associação que *KB* estabelece com o árabe *l*(*y*)*m*, "culpar", não tem base. Seja nas formas nifal ou hifil, o verbo significa dar vazão a ressentimento, insatisfação, ira ou aborrecimento, mediante resmungos cochichados numa oposição hostil aos líderes de Deus e à autoridade que outorgou a tais líderes.

A verdadeira natureza dessa murmuração se vê no fato de que é um ato ostensivo de rebelião contra o Senhor (Nm 14.9) e uma recusa obstinada a crer na palavra de Deus e nas obras miraculosas de Deus (Nm 14.11, 22, 23). Por isso, a atitude correta numa situação de verdadeira dificuldade é a aceitação e obediência incondicionais. Os que pertencem a Deus jamais devem se colocar numa posição de querer julgá-lo.

t^{e}lunnâ. ***Murmuração.*** Palavra sempre empregada para designar as murmurações (subst. const. pl.) contra o Senhor; um ato de rebeldia, descrença e desobediência à autoridade devidamente constituída (Êx 16.7, 9, 12; Nm 14.27; 17.5, 10 [20, 25]).

Bibliografia: — COATS, George W. *Rebellion in the wilderness*. Abingdon, 1968. pp. 21-8. — *THAT*. v. 1, pp. 870-1.

1098 לוּעַ, (*lûa'*) לָעַע (*lā'a'*) ***I, engolir, sorver.***

Termo Derivado

1098a לֹעַ (*lō'a*) ***garganta.*** Ocorre somente em Provérbios 23.2, "mete uma faca à tua garganta" (para não comer demasiadamente).

1099 לוּעַ (*lû'a*), לָעַע (*lā'a'*) ***II, falar coisas sem nexo.***

לוּץ (*lûts*). Veja o nº 1 113.

1100 לוּשׁ (*lûsh*) ***amassar.***

לָזוּת (*lāzût*). Veja o nº 1 090a.
לַח (*laḥ*). Veja o nº 1 102a.
לֵחַ (*lēaḥ*). Veja o nº 1 102b.

1101 לחח (*lḥh*). **Aceita como raiz de:**

1101a לְחִי (*l^{e}ḥî*) ***queixo, queixada, bochecha.***

Este substantivo ocorre 21 vezes no AT e é confirmado no ugarítico *lḥy* (*e.g.*, *UT* 16; II Aqht: 1.29-30, *ṯbq lḥt nitsh*, "o qual calará os queixos de seus detratores").

A queixada mais famosa aparece em Juízes 15.15-17, 19. Sansão usa-a para matar

ou derrotar (veja *o nākâ*) mil homens e, por isso, dá ao lugar o nome de Ramate-Leí, que significa "Monte da Queixada" (IBB, mrg.).

Em Jó 41.2 [40.26], Deus induz Jó a um silêncio pensativo ao indagar-lhe se consegue subjugar o leviatã (um nome poético do crocodilo, IBB; *cf.* ARA) prendendo-o com um anzol pelo queixo. Deus, porém, é capaz de pôr o anzol na mandíbula do leviatã, na do *tannîm*, animal aquático representativo do faraó do Egito (Ez 29.4), e na de Gogue (Ez 38.4). Ele porá um freio nos queixos das nações (Is 30.28), mas o tirará do queixo de seu próprio povo para que este possa comer (Os 11.4).

Embora homens como Micaías, um verdadeiro profeta do Senhor, sejam atingidos no rosto (lit., "bochecha") por profetas falsos como Zedequias (1 Rs 22.24; 2 Cr 18.23) e embora Jó seja verbalmente atingido no rosto por seus consoladores molestos (Jó 16.10), Deus dará a bofetada final nos seus inimigos (SI 3.7 [8]). Os homens até mesmo ferirão com vara a face do líder de Israel (Mq 5.1 [4.14]). O Servo do Senhor, o Messias, voluntariamente oferecerá "as costas aos que [o] feriam, e as [suas] faces aos que [lhe] arrancavam a barba" (Is 50.6, IBB), mas ele também surgirá triunfante.

W.C.K.

לְחוּם (*l^{e}ḥûm*). Veja o nº 1 104b.

1102 לחח (*lḥḥ*). **Aceita como raiz de:**

1102a לַח (*laḥ*) ***úmido, fresco, novo.***

1102b לֵחַ (*lēaḥ*) ***umidade, frescor.***

לְחִי (*l^{e}ḥî*). Veja o nº 1 101a.

1103 לָחַךְ (*lāḥak*) ***lamber*** (*e.g.*, Nm 22.4; 1 Rs 18.38).

1104 לָחַם (*lāḥam*) ***I, lutar, combater.***

Termos Derivados

1104a †לֶחֶם (*lāḥem*) ***guerra (?).*** Somente em Juízes 5.8.

1104b לְחוּם (*l^{e}ḥûm*) ***intestinos (?).***

1104c †מִלְחָמָה (*milḥāmâ*) ***combate, guerra.***

Os usos mais significativos do verbo *lāḥam*, que ocorre 171 vezes, dizem respeito ao papel de Deus nas guerras de Israel. Quando Deus chama Israel às armas contra um inimigo, isso ocorre por causa da degradação moral desse inimigo (Dt 7.4, 16, 25; 20.18, *etc.*). Em tais conflitos, é o Senhor que combate por Israel (Êx 14.14, 25; Dt 1.30; 3.22; Js 10.14, 42; Jr 21.5; Ne 4.14; 2 Cr 20.29). Ao proceder assim, com freqüência Yahweh convoca para o seu serviço não apenas Israel, mas também os elementos da natureza (Js 10.11; 24.7; Jz 5.20). Contudo os israelitas também devem participar do combate e lutar junto com o Senhor. Muito embora a terra em que estavam lhes tivesse sido dada como herança, tinham de conquistá-la pela luta (Êx 23.27-33). Bauernfeind comenta: "No

entanto, nem o equipamento de Israel (Jz 7.2 e ss.; 1 Sm 14.6; 17.45, 47) nem o número de seus soldados (Jz 7; 2 Sm 24.1 e ss.; Êx 30.12) pesou na balança. Foi Yahweh que foi à frente deles (Jz 4.14; Dt 20.4; 2 Sm 5.24), deu-lhes coragem (1 Sm 30.6) e tirou-os de seus inimigos (Êx 15.15-16; 23.27 e s.), por meio de milagres (Js 10.11; 24.7; Jz 5.20) e de temor (1 Sm 14.15). A ele e somente a ele pertencia o louvor (Êx 14.4, 18; Zc 4.6)" (*TDNT*, v. 6, p. 508).

Israel constituía os "cxércitos de Yahweh" (Êx 12.41; ARA, "hostes do SENHOR"), cujas tropas tinham de ser santas (Is 13.3). Até mesmo as armas e os acampamentos militares dos israelitas deviam ser santos para que Yahweh estivesse acampado com eles (Dt 23.10-15; 2 Sm 1.21; Is 21.5). Por isso, "não fosse o SENHOR, que esteve ao nosso lado, quando os homens se levantaram contra nós, [eles] nos teriam engolido vivos" (Sl 124.1-3 [4]; 118.10-14). "Contende, SENHOR, com os que contendem comigo" (Sl 35.1). Mas, conforme advertem os profetas, a confiança de Israel deve estar no Senhor, não em cavalos, carros, armas ou homens (*cf.* Dt 17.16-17; 1 Sm 17.47; Is 31.1-3; Os 8.14).

O próprio Israel estava sujeito a ser atacado por Deus caso fizesse pouco caso das leis divinas e condescendesse com o pecado. Amós 2.14-16 quase chega ao ponto de descrever uma guerra total contra Israel. Isaías 63.10 afirma explicitamente que, quando os israelitas se rebelaram contra o Espírito Santo, Deus tornou-se inimigo deles e lutou contra eles.

Contudo, ainda está para vir um momento quando Deus lutará uma vez mais; desta vez contra todas as nações que atacaram Israel (Zc 14.3). Yahweh determinou a morte da besta e o fim de seu poder (Dn 7.11, 26; 8.25; 11.45). Deus pessoalmente vestirá a couraça da justiça, o capacete da salvação, a vestidura da vingança e o manto do zelo enquanto julga os inimigos vindos dentre as nações, até que o seu temor se espalhe desde o oriente até o ocidente (Is 59.17-19).

lāḥem. ***Guerra (?).*** Esta palavra aparece somente em Juízes 5.8 e é geralmente traduzida por "então a guerra estava às portas". Outros interpretam como "então houve pão de cevada" ou "o pão de cevada acabou". Provavelmente devem-se dar preferência à primeira opção.

milḥāmâ. ***Combate, guerra.*** Das 319 ocorrências deste substantivo, nosso interesse concentra-se nas guerras em que Yahweh esteve envolvido. Conquanto tenha-se enfatizado o conceito de "guerra santa" popularizado por von Rad, devem-se levantar as objeções postuladas por homens como A. Weiser. O conceito de guerra santa é muito mais amplo do que o mero cumprimento de uma antiga ordenança sacra.

Não há dúvida de que Yahweh é um "homem de guerra" (Êx 15.3) e de que seu nome, Yahweh *ts^{e}bā'ôt*, "SENHOR dos exércitos", ocasionalmente reflete o fato de que ele é o comandante-em-chefe dos exércitos de Israel (1 Sm 17.26, 45). Davi reconhece que "o SENHOR salva não com espada, nem com lança, porque do SENHOR é a guerra" (1 Sm 17.47). E houve um livro onde estavam registradas as "Guerras do SENHOR" (Nm 21.14). Nem toda batalha, porém, foi uma guerra de *herem*, na qual tudo o que fosse capturado na cidade seria consagrado à destruição.

Ademais, muitas das guerras de Israel foram guerras fratricidas entre as tribos (Jz 19—21) e mesmo guerras egoístas e de agressão (2 Sm 24; 1 Rs 22; Jz 17). Israel também lutou em guerras defensivas (Nm 31; 1 Sm 11—17; 28—30; 2 Sm 5; 8) e ofensivas (Nm 21.21-35; Dt 2.26—3.17; Js 6—12).

Logo antes de Yahweh pôr "termo à guerra" (Sl 46.9 [10]) e para sempre destruir os armamentos (Sl 46.9 [10]; Is 2.1-5; Mq 4.1-5), as nações se levantarão em armas contra Israel e o seu Messias, mas em vão (Sl 2; Sl 45.3 e ss. [4]; Zc 14).

Bibliografia: — *AI*. pp. 247-67. — GROSS, H. War. In: *Sacramentum Verbi*. v. 3, pp. 958-61. — PEDERSON, J. *Israel, its life and culture*. v. 3 e 4. Copenhagen, 1940. pp. 1-32. — VON RAD, G. *Studies in Deuteronomy*. Regnery, 1953. pp. 45-9. — *TDNT*. v. 6, pp. 507-11.

W.C.K.

1105 לָחַם (*lāḥam*) ***II, usar como alimento, comer.***

Termo Derivado

1105a לֶחֶם (*leḥem*) ***comida, pão, cereal.***

Este substantivo ocorre 296 vezes no AT. Mas "não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do SENHOR" (Dt 8.3). O homem não é aquilo que ele come!

Entretanto, toda comida é dádiva de Deus. Ele plantou o jardim do Éden e fez ali crescerem todas as árvores que eram boas para dar alimento (*ma'ăkāl*, Gn 2.9). Semelhantemente o salmista assevera que Deus faz "crescer a relva para os animais, e as plantas para o serviço do homem, de sorte que da terra tire o seu pão [*leḥem*] ... e o pão [*leḥem*] que lhe sustém as forças" (Sl 104.14-15). Ademais, ele "dá alimento a toda carne" (Sl 136.25), aos famintos (SI 146.7) e aos animais e aos filhotes de corvo (SI 147.9). O próprio Deus instrui o homem na arte e nos princípios da agricultura: como preparar o solo, como lançar algumas sementes em fileiras e jogar ao redor outras, e como fazer a colheita de cada produto depois de esperar pacientemente o número determinado de dias (Is 28.24-29, observe-se a referência aos cereais no v. 28).

O homem jamais deve supor que o "cajado" (*maṭēh*) em que ele se apóia estará sempre disponível, não importa como ele venha a agir. Deus pode "destruir todo cajado [*maṭēh*, isto é, sustento] de pão" (lit.; IBB, "retirar-lhes todo sustento do pão"; Sl 105.16; Is 3.1; Ez 4.16; 5.16; 14.13; Am 4.6) e de fato o faz. Foi esse o princípio anunciado por Moisés em Levítico 26.26: Deus enviaria juízos cada vez mais severos sobre qualquer nação que se recusasse a andar com retidão antes de fazer cair sobre ela a derradeira calamidade. Pior ainda do que fome de pão era fome da Palavra de Deus (Am 8.11), ambas resultantes da mesma causa: pecado sobre pecado.

É triste que, muito embora Deus estivesse dando a Israel uma quantidade abundante de cereal, farinha fina, óleo e mel (Ez 16.19), o povo, à semelhança da adúltera Gômer, insistia em correr atrás de seus amantes, sem perceber que Deus tinha sido a fonte de todas essas dádivas (Os 2.5, 7-8 [7, 9-10]).

O que poderiam os poucos justos como Habacuque fazer quando viam seu país caminhando rumo a tal calamidade devido à pecaminosidade cada vez mais renitente e arraigada? Ele "[se] alegra no SENHOR" e "exulta no Deus da [sua] salvação", ainda que no exterior ele tremesse de medo e os campos não produzissem alimento (*'ōkel*, Hc 3.17-18).

Existe um outro tipo de pão, vinho e leite que pode ser comprado sem dinheiro nem trabalho. As pessoas podem consegui-los caso se arrependam e busquem ao Senhor (Is

55.1-7). Posteriormente Jesus a si mesmo se chamou de "verdadeiro pão do céu" (Jo 6.32) da mesma forma como o maná no deserto era pão chovido do céu (Êx 16.4 ss.). Até mesmo Elias recebeu alimento através dos corvos de Deus quando houve falta do que comer (1 Rs 17.6). Em outras ocasiões, Deus supriu de cereais ao enviar visões e liderança na pessoa de José (Gn 41.54, 55; 43.25, 31, 32; 45.23; 47.12, 13, 15, 17, 19, 20). Pão tanto espiritual quanto físico provém do Pai de toda boa dádiva.

A massa que os israelitas levaram consigo quando saíram do Egito era sem fermento, porquanto tiveram de partir às pressas (Êx 12.34, 39). Observe-se, no entanto, Levítico 23.17. Os pães de Pentecostes a serem comidos perante o Senhor deviam ser feitos com fermento! Por essa razão o fermento não pode ser sempre um símbolo do mal. O "pão da impiedade" (Pv 4.17) ou o "pão ganho por fraude" (Pv 20.17) é sempre obtido por meios errados e resulta numa vida de amargura. Tão ruim quanto isso é o "pão de angústia" (Is 30.20), que fala de tempos de perseguição, ou o "pão comido às ocultas" (Pv 9.17) com a sedutora, pois o ato de adultério envenenará a vida do homem na sua totalidade.

Está a caminho um dia melhor, quando Deus há de restaurar o pão e o cereal a seu estado original. Os céus e a terra produzirão fartamente quando o homem entrar naquele "descanso" do qual Canaã, com sua frutuosidade prometida ("terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras, ... terra em que comerás o pão sem escassez, e nada te faltará nela", Dt 8.7-9), era a primeira prestação, um sinal de entrada. A natureza irromperá numa produtividade ininterrupta e deliciosa (Jl 3.18 [4.18]; Am 9.13-14; Is 55.10-13; Ez 47.6-12).

Bibliografia: — HEATON, E. W. *Everyday life in O.T. times*. Scribner's, 1956. pp. 81-7; 97-115. — RICHARDSON, *TWB*, pp. 37-8. — ROSS, J. F. *IDB*. v. 2, pp. 307-8.

W.C.K.

1106 לָחַץ (*lāḥats*) ***apertar, oprimir.***

Termo Derivado

1106a †לַחַץ (*laḥats*) ***opressão, aflição.***

Dificilmente se encontraria uma ilustração mais vívida do sentido de *lāḥats*, em seus 19 exemplos no AT, do que na mula de Balaão apertando-o contra o muro e, desse modo, esmagando o pé de Balaão (Nm 22.25a, 25b; 2 Rs 6.32).

A palavra tem o seu uso mais importante no âmbito da teologia ética. Os israelitas não deviam oprimir estrangeiros ou forasteiros (Êx 22.21 [20]; 23.9), porquanto outrora haviam sido forasteiros no Egito, aquele grande opressor. Havia estritas proibições de tratar opressivamente qualquer pessoa, em particular se fosse um israelita.

Israel experimentou todo um ciclo de opressores durante o período dos juízes (Jz 1.34; 2.18; 4.3; 6.9; 10.12; 1 Sm 10.18). Mas em cada situação o Senhor enviou libertadores. Mais tarde ele enviou opressores (o rei da Síria e outros; 2 Rs 13.4, 22) contra Israel devido ao pecado deste (Am 6.14).

Outras nações também enfrentarão seus opressores (Is 19.20). Mas Deus sempre ouve o clamor por misericórdia e livramento e, então, lutará diariamente contra aqueles opressores (SI 56.1 [2]).

laḥats. ***Opressão, aflição.*** Quase todas as 11 ocorrências desta palavra referem-se à opressão de Israel por seus inimigos. Uma exceção é a expressão que designa as rações de um prisioneiro como "pão de aflição e água de aflição" (lit., 1 Rs 22.27; 2 Cr 18.26). Isaías 30.20 diz que o Senhor manda privações físicas (num cerco?), mas ainda restarão um Mestre e ouvidos para ouvir a exortação, "Este é o caminho, andai por ele" (Is 30.21). Geralmente a LXX traduz a palavra por *thlipsis*, "tribulação".

W.C.K.

1107 לָחַשׁ (*lāḥash*) ***cochichar, encantar.***

Termo Derivado

1107a †לַחַשׁ (*laḥash*) ***cochicho, encantamento.***

lāḥash é encontrado em aramaico e em hebraico rabínico com o sentido de "sibilar como uma serpente". Assim sendo, a palavra pode ser uma variante dialetal de *nāḥash*, visto que as consoantes nun e lamedh têm sons parecidos (*cf.* o verbo *lāqaḥ*, onde o *l* comporta-se como um *n*; o verbo "oprimir", *lāḥats* ou *nāḥats*; e o substantivo "sala", *lishkâ* e *nishkā*).

Deus não ouvirá as orações de encantadores de serpentes (observe-se Sl 58.5 [6]). Suas bocas estão geralmente cheias de veneno como o veneno de répteis.

Igualmente maus são aqueles que cochicham uns com os outros (hitpael) para maquinar o mal (Sl 41.7 [8]; veja também os servos de Davi a cochichar, 2 Sm 12.19).

laḥash. ***Cochicho, encantamento, talismã.*** Em Isaías 3.20, as mulheres vestidas espalhafatosamente usam amuletos ou talismãs, talvez uma proteção contra cobras ou demônios. Encantadores profissionais (Is 3.3) tentavam encantar serpentes (Jr 8.17; Ec 10.11) como parte da decadência de Israel rumo à magia e à adivinhação. Alguns têm levantado a hipótese de que esses talismãs fossem brincos em forma de serpente (por que não faixas para a perna?), visto que as palavras *ṭabbā'ôt* e *nizmêhā'āp*, em Isaías 3.21, são palavras que designam anéis para os dedos e argolas para o nariz.

Quando o castigo de Deus veio sobre Israel, este clamou a Deus com cochichos de oração (lit., "oraram em cochichos", Is 26.16; ARA, "derramaram as suas orações"). O ugarítico *lḥšt* significa "cochichos" (*UT* 19: nº 1 373). Neste caso não parece que o vocábulo esteja sendo usado com o sentido de "palavra de encantamento".

Bibliografia: — DAVIES, T. Witton. *Magic, divination and demonology among the Hebrews and their neighbors*. *KTAV*, 1969. pp. 50-3.

W.C.K.

1108 לֹט (*lōṭ*) ***mirra.***

לָט (*lāṭ*). Veja o nº 1 092a.

1109 לטא (*lṭ'*). **Aceita como raiz de:**

1110 לָטַשׁ (*lāṭash*)

1109a לְטָאָה (*lᵉṭā'â*) ***um tipo de lagarto*** (Lv 11.30; ARA, "lagartixa").

1110 לָטַשׁ (*lāṭash*) ***martelar, afiar, amolar.***

1111 לַיְלָה (*layᵉlâ*), לַיִל (*layil*) ***noite.***

Ao contrário do que se vê no *Hino a Aton*, dos egípcios, no qual a noite é vista com receio porque o sol (Aton) foi para casa, o AT insiste em que as trevas e a noite foram criadas por Deus (Gn 1.4, 5; Sl 74.16). De noite Deus está acordado, cuidando dos animais da floresta (Sl 104.20-22) e protegendo os homens de pestes (Sl 91.5-6). Na verdade, a própria alternância e regularidade de dia e noite é resultado da aliança de Deus com cada um (Gn 8.22; Jr 33.20, 25) e, dessa maneira, cada dia e noite que se sucedem são um lembrete da fidelidade de Deus para com sua outra aliança com Abraão e Davi (Jr 33.21-26). Para Deus a noite é tão clara quanto o dia (Sl 139.11-12).

De todas as 242 ocorrências desta palavra, a noite mais memorável foi aquela em que Deus livrou seu povo da escravidão (Êx 11.4; 12.12, 29). Ela é anualmente relembrada na Páscoa. Em conexão com isso são instrutivos os três dias e três noites de 1 Samuel 30.12. O versículo 13 claramente diz: "adoeci, hoje o terceiro [dia]" (lit.). Pode-se, portanto, concluir que essa expressão é uma fórmula estereotipada usada para indicar qualquer parte de um período de três dias, não sendo uma afirmação de que 72 horas se passaram (*cf.* os três dias e três noites de nosso Senhor).

Em outras passagens a noite aparece como um tempo de tribulação, choro, sofrimento e comunhão com Deus (Is 30.29; Jó 7.3; SI 6.6 [7]; 77.2 [3]; Is 26.9; Sl 1.2; 42.8 [9]; 77.6 [7]; 88.1 [2]; 92.2 [3]; 119.55).

W.C.K.

1112 לִילִית (*lilit*) ***Lilite*** (IBB; ARA, "fantasma").

Uma deusa conhecida como um demônio noturno que habita os lugares devastados de Edom (Is 34.14). Edom está arruinado de um modo tão completo que somente gatos selvagens, sátiros e Lilite permanecerão ali.

Na literatura rabínica posterior, Lilite é descrita como uma criatura com asas e cabelos longos e esvoaçantes. Sem dúvida ela personifica a noite ou o pôr-do-sol.

Na literatura ugarítica ela recebe sacrifícios (*UT* 23:7) e é invocada num hino (*UT* 104), onde é chamada de "a noiva de véu" (*klt.mk*[*ktmt*]) e de "nossa senhora" (*bltn*). O primeiro título ela compartilha com a deusa babilônica Ishtar.

Na realidade, deve-se estabelecer uma correlação entre esses espíritos noturnos e o nome masculino *Lilis*. Esta forma masculina abrange seres de ambos os sexos, conforme se vê explicitamente em uma das muitas referências existentes nas Bacias Mágicas Aramaicas (veja Cyrus H. Gordon, *Archiv Orientální*, 6:322). Lilite aparece como *La-le* em A Linear e como *lly* na fórmula fenícia de encantamento encontrada em Arslan Tash. No trecho de Isaías, o profeta não incentiva a adoração nem o respeito a essa divindade demoníaca. O nome talvez esteja sendo simbolicamente usado para designar devastação.

Não seria possível que aquilo que era um demônio noturno na cultura pagã fosse apenas um animal noturno (como na ARC), talvez um morcego ou uma coruja, em Israel? Os pagãos, com seu animismo, enchem a realidade de espíritos. *Cf.* o hebraico, *reshep*,

"pestilência", com o ugarítico, *rshp*, o "deus da pestilência"; e o hebraico, *yām*, "mar", com o ugarítico, *ym*, o "deus que é príncipe do mar". De sorte que *lîlit* pode ter sido um animal real que foi demonizado na cultura ao redor.

Bibliografia: — LEUILLET, René & Xavier LÉON-DUFOUR. Night. In: *DBT*. PP. 346-7.

Para ver uma gravura de Lilite, consulte Henry FRANKFORT, *Art and architecture of the Ancient Orient*, 1958, lâmina 56, p. 56.

W.C.K.

1113 לִיץ (*lîts*) ***escarnecer.***

Termos Derivados

1113a לָצוֹן (*lātsôn*) ***escárnio*** (Pv 1.22). Ocorre na frase *'anshê latsôn*, "homens de escárnio", isto é, "homens escarnecedores", em Provérbios 29.8; Isaías 28.14.

1113b מְלִיצָה (*m^{e}lîtsâ*) ***sátira, poema zombeteiro*** (Hc 2.6), ***figura de linguagem, dito enigmático*** (Pv 1.6).

Os loucos escarnecem e zombam do pecado (Pv 14.9) e do juízo (Pv 19.28). O próprio escarnecedor (forma participial do qal) pode ser descrito como orgulhoso e altivo (Pv 21.24), incorrigível (Pv 9.7), resistente a toda repreensão (Pv 9.8; 15.12) e alguém que odeia qualquer reprimenda (Pv 13.1). A sabedoria e o conhecimento facilmente lhe escapam (Pv 14.6).

O escarnecedor é tão repugnante que pode ser chamado de abominável a todos os homens (Pv 24.9). Portanto, todos os que desejam levar uma vida consagrada devem evitá-lo (Sl 1.1). Ademais, deve-se castigá-lo fisicamente de maneira que o simples e ingênuo, que é facilmente persuadido, lucre com a lição (Pv 19.25; 21.11). Uma boa maneira de eliminar a disputa dentro de um grupo é pôr o escarnecedor para fora e, assim, "cessarão as demandas e a ignomínia" (Pv 22.10). Um julgamento com sentença já determinada aguarda todos esses escarnecedores (Pv 19.29), pois a marca registrada de suas vidas é "deleitarem-se" no escárnio (IBB, Pv 1.22). Eles serão reduzidos a nada e consumidos (Is 29.20).

Em Provérbios 3.34 temos a sugestão de que o tipo específico de impiedade do escarnecedor é o orgulho. Aqui o escarnecedor é contratado com o humilde. Nesse versículo a LXX traduz "escarnecedor" por "orgulhoso", no que é seguida no NT por Tiago 4.6 e 1 Pedro 5.5. *Cf.* Provérbios 21.24. Dahood assinala um paralelo desta palavra com "mal" na inscrição de Karetepe I (*Psalms*, v. 1, em *AB*, p. 2).

Entre os vários escarnecedores e zombadores encontram-se o vinho (Pv 20.1), o orgulhoso (Sl 119.51), os sequazes do rei de Samaria (Os 7.5) e os amigos de Jó (16.20).

Como particípio do hifil, a palavra tem o sentido de "intérprete", como o que José usou para lograr seus irmãos (Gn 42.23). Em Isaías 43.27 os intérpretes são os mestres de Israel, os sacerdotes e os profetas de Deus que vinham pecando com sua recusa em entregar a palavra de Deus tal como inicialmente a entregara. Em 2 Crônicas 32.31, a palavra designa os embaixadores ou representantes da Babilônia.

O texto mais interessante é Jó 33.23. Eliú fala que Deus, através da disciplina do sofrimento, ensina bondosamente aos homens o caminho mais perfeito do Senhor. Deus envia então um anjo, isto é, um mensageiro, que é qualificado como intérprete,

embaixador ou mesmo mediador, para mostrar ao homem o que é correto.

Bibliografia: — HARRIS, R. L. Proverbs. In: *WBC*. p. 560.

W.C.K.

1114 לִיש (*lysh*). **Aceita como raiz de:**

1114a לַיִשׁ (*layish*) ***leão.*** Veja no verbete 1070, *labî'*, outras palavras para "leão".

1115 לָכַד (*lākad*) ***capturar, apoderar-se de, tomar.***

Termos Derivados

1115a לֶכֶד (*leked*) ***tomada, captura.*** Ocorre somente em Provérbios 3.26, *w^{e}shāmar ragl^{e}kā millaked.*

1115b מַלְכֹדֶת (*malkodet*) ***um instrumento de captura, isto é, armadilha, laço.*** Ocorre somente em Jó 18.10, na frase *malkudtô 'ālê nātib.*

A maioria dos 121 usos de *lākad* trata de homens capturando ou tomando cidades. outros homens, despojos e até mesmo um reino (1 Sm 14.47). A palavra é usada figuradamente para designar a ação em que homens são pegos em toda espécie de armadilha preparada por seus inimigos (Jr 5.26; 18.22; Sl 35.8). Em Provérbios 5.22 o perverso é capturado com as cordas do seu próprio pecado. De forma semelhante, em Salmos 9.15 [16] os pagãos são apanhados na própria rede que ocultaram com o intuito de capturar outros. São apanhados por seu orgulho, pela sua altivez e pelas palavras de seus lábios (Sl 59.12 [13]; Pv 6.2; 11.6).

Esta palavra também serve de símbolo do juízo divino. A Pedra de Tropeço fará muitos tropeçarem, caírem, quebrarem, serem pegos em armadilha e serem capturados (Is 8.15). Quando Deus sacudir os fundamentos da terra, logo antes do milênio (os "muitos dias" de Is 24.22), os ímpios serão pegos na armadilha (Is 24.18) da mesma forma como aconteceu com aqueles que, embriagados, zombaram da mensagem do profeta (Is 28.13). Quando Deus tomar a iniciativa de julgar, serão incluídos maridos e esposas (Jr 6.11). escribas e sábios (Jr 8.9), juntamente com Moabe (Jr 48.7, 44).

Outros são apanhados por uma mulher (Ec 7.26) ou são pegos com "cordas de aflição" (Jó 36.8).

W.C.K.

1116 לָמַד (*lāmad*) qal: ***aprender;*** piel: ***ensinar.***

Termos Derivados

1116a †לִמּוּד (*limmûd*) ***discípulo, aquele que é ensinado.***

1116b †מַלְמָד (*malmād*), מַלְמֵד (*malmēd*) ***aguilhada de boi.***

1116c †תַּלְמִיד (*talmîd*) ***estudante, discípulo.***

lāmad é uma das 12 palavras que, no AT, indica a ação de ensinar. Esse vocábulo

traz a idéia de treinar, bem como de educar. Pode-se ver o aspecto de treinamento no termo derivado *malmēd*, traduzido por "aguilhada de boi". Em Oséias 10.11 Efraim é ensinado (ARA, "domado") tal qual uma bezerra o é pelo jugo e pela aguilhada. O ugarítico *lmd* significa "aprender/ensinar", e em acadiano *lamādu* tem o sentido de "aprender".

O sentido principal desse verbo encontra-se ilustrado em Salmos 119. Aí repete-se a palavra no refrão "ensina-me os teus preceitos" ou "teus decretos" ou "teus mandamentos" ou "teus juízos" (vv. 12, 26, 64, 66, 68, 108, 124, 135, 171). A pedido do rei Josafá, um grupo de homens saiu e ensinou o livro da Lei nas cidades de Judá (2 Cr 17.7, 9).

Embora o grego empregue duas palavras diferentes para "aprender" (*manthanō*) e "ensinar" (*didaskō*), cada uma com conteúdo, objetivo e método próprios, o hebraico utiliza a mesma raiz para ambas as palavras, porque toda aprendizagem e ensino repousa, em última instância, no temor do Senhor (Dt 4.10; 14.23; 17.19; 31.12, 13). Aprender isso é acolher a vontade e a lei de Deus.

Em outras passagens os homens são treinados para guerrear (1 Cr 5.18; ARA, "destros"), às vezes ensinados por meio de um cântico (cabeçalho do Sl 60 [v. 1 em hebr.]; Jz 3.2; Ct 3.8). Miquéias antevê uma época quando os homens não mais aprenderão a guerrear (4.3; Is 2.4).

Ninguém, contudo, ensinou o Senhor nem atuou como seu conselheiro (Is 40.14). Pelo contrário, quem quer que saiba alguma coisa aprendeu-o dele, a fonte de toda a verdade.

limmûd. ***Discípulo, aquele que é ensinado, erudito.*** Aqueles que, em Isaías 8.16, são ensinados são os discípulos do Senhor que conhecem sua lei. O Servo do Senhor, porém, possui a língua e os ouvidos do erudito (Is 50.4). Por essa razão todos os filhos de Israel aguardam com alegria a era messiânica, pois todos serão "ensinados do Senhor" (Is 54.13).

talmid. ***Estudante, discípulo.*** Só uma passagem do AT, 1 Crônicas 25.8, emprega esta palavra. Ali "os deveres assim do pequeno como do grande, tanto do mestre como do discípulo" são incluídos na escolha das 24 divisões dos sacerdotes. Na época dos rabinos, o mestre da lei era chamado de rabino *talmîd*, e seus alunos eram conhecidos como *talmîdîm*, isto é, aprendizes. Entretanto, num outro sentido, todo o Israel era constituído de *talmidim*, aprendizes da *tôrâ* de Deus. O nome do Talmude Judaico provém desta raiz.

malmēd. ***Aguilhada de boi.*** Juízes 3.31 é a única passagem que assinala que Sangar matou (ou derrotou? *cf. nākâ*) 600 filisteus com esse instrumento que era uma ponta de ferro presa a uma haste comprida e que era usado para aguilhoar o boi enquanto ele arava. Armas de metal eram raras porque os filisteus tinham controle desse mercado (1 Sm 13.19-22), por isso esse foi um livramento maravilhoso que Deus concedeu pelas mãos desse juiz que, de outra forma, teria permanecido desconhecido.

Bibliografia: — RENGSTORF, K. H. Manthanō. In: *TDNT*. v. 4, pp. 400-5; pp. 426-41. — *THAT*. v. 1, pp. 872-4.

W.C.K.

לְמוֹ (*l^{e}mô*). Veja לְ, nº 1 063.

לְמוּד (*l^{e}mûd*). Veja o nº 1 116a.

לֹעַ (*lōa'*). Veja o nº 1 098a.

1117 *לָעַב (*lā'ab*)

1117 *לָעַב (*lā'ab*) ***zombar.*** Ocorre somente no hifil, em 2 Crônicas 36.16, "eles ... zombavam dos mensageiros [de Deus]".

1118 לָעַג (*lā'ag*) ***escarnecer, ridicularizar.***

Termos Derivados

1118a לַעַג (*la'ag*) ***escárnio, zombaria.***

1118b לָעֵג (*lā'ēg*) ***escarnecedor.*** Ocorre somente em Salmos 35.16 e, possivelmente, Isaías 28.11.

Dentre os vários termos hebraicos para blasfêmia (veja abaixo) e calúnia, este ocorre 18 vezes. Os vários sujeitos do verbo indicam sua gama de significados.

O perverso zomba do pobre e, desse modo, insulta aquele que o criou (Pv 17.5). Seus olhos perversos ridicularizam seus pais (Pv 30.17). Eles têm prazer em rir de servos de Deus como Jó (Jó 21.3), Jeremias (Jr 20.7), Asafe (Sl 80.6 [7]), Neemias (Ne 2.19), os judeus (Ne 3.33) e os correios de Ezequias (2 Cr 30.10).

Aqueles que zombam dos servos de Deus e de sua mensagem serão, por fim, ridicularizados: serão entregues ao cativeiro de povos que falam com o que parece ser uma língua gaguejante ou zombeteira (Is 33.10; ARA, "fala obscura, que não se pode entender").

A fonte desse tipo de julgamento é Deus. O texto clássico é Salmos 2.4. O Senhor zombará daqueles rebeldes que dizem o seguinte acerca de Deus-Pai e do seu Messias: "Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas." Deus rirá dos pagãos; tratará a todos com zombaria (Sl 59.8 [9]). Analogamente, a Sabedoria junta-se a Deus em rir das calamidades que, em sua vulgaridade e endurecimento, o tolo experimenta; ela zomba quando lhes sobrevém o medo (Pv 1.26) da mesma forma como "a virgem, filha de Sião", ridicularizou o orgulhoso e autoconfiante Senaqueribe (2 Rs 19.21; Is 37.22), quando Deus a livrou.

la'ag. ***Escárnio, zombaria.*** O salmista queixa-se de que Deus fez de Israel motivo de opróbrio (*ḥerpâ*), escárnio (*qeles*) e zombaria (Sl 44.13 [14]; veja também Sl 79.4) para todos os que viviam ao redor. O mesmo se diz das duas irmãs, Samaria e Jerusalém: "Servirás de riso e escárnio [*la'ag*]" (Ez 23.32). Essa zombaria dirigida a Jerusalém em particular procederá das nações que a cercam (Ez 36.4).

Compare *lāshan*, "caluniar", *rāgal*, "delatar", "difamar", "bisbilhotar", *rāgan*, "murmurar", "fofocar", *dibbâ*, "difamação", *tsāḥaq*, "rir de", "ridicularizar", *qālas*, "escarnecer de".

A expressão *halla'ag hashsha'ănannîm*, "a zombaria dos arrogantes" (IBB, Sl 123.4) gramaticalmente não é tão "inviável" quanto Briggs pensava; conforme Dahood observa, não há necessidade de emenda. Com freqüência, nos idiomas fenício e hebraico, o artigo está presente no estado construto em seqüências de palavras no construto. Esses zombadores são ou a oposição pagã ou desviados israelitas, cujo ar de independência torna-os repugnantes tanto para Deus quanto para os homens.

A passagem mais controversa (pelo menos em sua aplicação no NT, 1 Co 14.21) é Isaías 28.11. Deus falará a Israel com "lábios gaguejantes", ou seja, no cativeiro o idioma

dos captores estrangeiros parecerá tagarelice ininteligível. Visto que Israel havia considerado a palavra profética como um falatório sem sentido, Deus lhes daria o troco na Assíria. É esse o sentido de Oséias 7.16. Como castigo pela "insolência", isto é, pelas falas desafiadoras com que os príncipes de Israel ostensivamente desautorizaram o Senhor, Deus iria permitir que os mesmos egípcios a quem eles apelaram em busca de ajuda os tratassem zombeteiramente. Um vira-casaca merecia outro vira-casaca!

W.C.K.

1119 לָעַז (*lā'az*) ***falar de modo incompreensível, ininteligível.*** Ocorre somente em Salmos 114.1, *'am lō'ēz*, "um povo de língua estranha".

1120 *לָעַט (*lā'aṭ*) ***engolir com avidez.*** Ocorre somente no hifil, em Gênesis 25.30, *hal'îṭēnî*, "que me deixes comer".

1121 לַעֲנָה (*la'ănâ*) ***losna.***

לָעַע (*lā'a'*). Veja o nº 1 099.

1122 לפד (*lpd*). **Aceita como raiz de:**

1122a †לַפִּיד (*lappîd*) ***tocha.***

A tocha ardente, à semelhança da coluna de fogo, da lâmpada no tabernáculo e da glória de Deus, simbolizava a presença majestosa do Senhor movendo-se em meio ao seu povo. É assim que Deus se moveu como um tocha de fogo entre os pedaços divididos dos animais sacrificados para confirmar sua aliança com Abraão (Gn 15.17) e apareceu no cintilar de relâmpagos no Sinai (Êx 20.18; *cf.* Ez 1.13). Quando Sião for finalmente libertada, sua salvação será como uma lâmpada acesa (Is 62.1) e seus governadores como uma "tocha acesa" (lit., Zc 12.6; ARA, "tocha").

W.C.K.

לַפִּיד (*lappid*). Veja o nº 1 122a.

לִפְנֵי (*lipnê*). Veja o nº 1 780b.

1123 לָפַת (*lāpat*) ***torcer, fazer girar, apanhar girando.***

לָצוֹן (*lātsôn*). Veja o nº 1 113a.

1124 לָקַח (*lāqaḥ*) ***tomar, agarrar, receber, adquirir, comprar, trazer, tomar por esposa, arrancar.***

Termos Derivados

1124a †לֶקַח (*leqaḥ*) ***aprendizagem.***

1124b מַלְקוֹחַ (*malqôaḥ*) ***I, despojo, presa.***

1124c מַלְקוֹחַ (*malqôaḥ*) ***II, queixo, céu da boca.*** Ocorre somente em Salmos 22.15 [16], na frase *ûl'shônî mudbāq malqôḥāy*, "a minha língua se apega ao céu da minha boca".

1124d מֶלְקָחַיִם (*melqāḥayim*) ***tenazes, espevitadeiras.***

1124e מִקָּח (*miqqāḥ*) ***recebimento.*** Ocorre somente em 2 Crônicas 19.7, *miqqaḥ-shōḥad*, "recebimento de suborno" (lit.).

1124f מַקָּחָה (*maqqāḥâ*) ***mercadoria.*** Somente em Neemias 10.32, *hammaqqāḥôt*, "as mercadorias" (lit.).

Esta raiz é empregada mais de mil vezes no AT e, com freqüência a nuança de seu sentido depende das palavras com que é empregada. Como em português, pode-se tomar vingança (Is 47.3) ou receber o opróbrio (Ez 36.30), e Deus recebe (aceita) oração em Salmos 6.9 [10], onde o verbo é usado como paralelo de *shāma'*, "ouvir" (*cf.* Jó 4.12). Existe um paralelo semelhante entre *lāqaḥ*, "arrancar", e *gānab*, "roubar" (*cf.* Jó 4.12; Jr 23.30-31; Jz 17.2). Nos graus passivos (pual e nifal) os sentidos de "ser apanhado, ser levado embora" (1 Sm 4.11) ou de "ser trazido" (Gn 2.15) sugerem que essa ação de tomar contraria a vontade daqueles que são tomados. Esses sentidos básicos também são encontrados em hebraico pós-bíblico, aramaico, moabita, fenício, árabe, ugarítico e acadiano.

Além desses significados mais comuns de *lāqaḥ*, existem vários usos por extensão, alguns dos quais são de importância teológica. O aspecto de "tomar" pode, em alguns contextos, estender-se para a idéia de "escolher" e/ou "convocar". De acordo com Deuteronômio 4.34, Deus "tomou" (escolheu) Israel dentre as nações (*cf.* também 4.30; 1 Rs 11.37; Js 3.12; 4.2). Em Jó 41.4 [40.28] o leviatã é "tomado" (escolhido) como vassalo permanente de Deus, diante de quem tem obrigações devido a uma aliança. O sentido de "convocar" também se ajustaria bem em alguns desses contextos. *BDB* (pp. 543, 546) encontra *lāqaḥ* com o sentido de "convocar" em Números 23.11; Juízes 11.5; e 1 Samuel 16.11. Deve-se ter cuidado com a questão semântica, pois "tomar" ou "apanhar" também fazem sentido, mas isso é válido acerca de muitas das nuanças desta palavra. Um uso interessante e ao mesmo tempo curioso desse tipo ocorre em Salmos 75.2 [3]. As traduções divergem consideravelmente. A ARC traz "quando eu ocupar o lugar determinado"; a IBB, "quando chegar o tempo determinado"; a ARA, "hei de aproveitar o tempo determinado"; a BJ, "no momento que eu tiver decidido"; a MM, "no tempo que fixei". A tradução proposta por Dahood, "convocar" faz bom sentido aqui: "Convocarei a assembléia, julgarei com eqüidade" (*Psalms*, v. 2, em *AB*, p. 209).

Duas vezes Jeremias emprega *lāqaḥ* com o sentido de "usar" palavras. Em 23.31 ele fala contra os falsos profetas que "usam" (IBB) suas próprias línguas como se o Senhor os tivesse inspirado. Em 29.22 os exilados usarão (*cf.* PIB) uma fórmula de maldição baseada na morte de certos profetas falsos.

Fogo vindo de Deus é descrito com um uso reflexivo da raiz *lāqaḥ* em Êxodo 9.24 e Ezequiel 1.4. Não é totalmente satisfatória a explicação de que o fogo agarra-se a si mesmo, enrola-se em torno de si mesmo.

O uso teologicamente mais interessante de *lāqaḥ* talvez gire em torno dos dois contextos onde a palavra claramente descreve assunção corpórea aos céus. Referimo-nos

ao desaparecimento de Enoque, quando Deus o "tomou" (Gn 5.24) e a assunção de Elias num redemoinho (2 Rs 2.3, 10-11). À luz de tal assunção física, não é ilógico indagar se não pode haver outros empregos semelhantes. Elias, cujo corpo ascendeu aos céus, utilizou o verbo *lāqaḥ* para referir-se à morte nas mãos de seus inimigos, "procuram tomar a minha vida" (lit., 1 Rs 19.10, 14; *cf.* também Pv 24.11). O sentido exatamente oposto aparece em outros textos onde Deus é o sujeito do verbo e tem-se em mente um resgate da morte ou da aflição. De modo que Salmos 18.16 [17] diz: "Do alto me estendeu ele a mão e me tomou; tirou-me das muitas águas." Mas existem pelo menos três contextos em que parece que o salmista tem em mente mais do que apenas salvar a vida de alguém. Salmos 49 apresenta um contraste gritante entre o fim dos ímpios e o fim dos justos. O ímpio morre como os animais (v. 12 [13], 20 [21]), sem nenhuma esperança da imortalidade, de que "continuasse a viver perpetuamente" (v. 9 [10]). O salmista, porém, possui uma fé triunfante de que "Deus remirá a minha alma do poder do Sheol, pois me receberá [*lāqaḥ*, 'apanhará', 'arrancará']" (v. 15 [16]). Caso o salmista esteja falando de ser resgatado da morte por uns poucos anos, quando ele sabe que também terá de morrer como os animais, então o salmo fica sem uma mensagem específica. Salmos 73.23-25 [24-26] também contrasta os ímpios com os justos, e uma vez mais uma fé que ultrapassa os limites desta vida gira em torno da palavra *lāqaḥ*: "Tu me guias com o teu conselho, e depois me recebes [tomas] na glória" (v. 24 [25]).

leqaḥ. ***Ensino, aprendizagem, poder de persuasão.*** Esta palavra ocorre nove vezes, em quatro das quais é o objeto do verbo *yāsap*, "acrescentar", "aumentar" (Pv 1.5; 9.9; 16.21, 23). Da mesma forma como com o significado da raiz, "apanhar", "tomar", o ato de pegar ocorre na mente e por isso o sentido de "perceber" é a nuança mais destacada deste derivado. Observem-se algumas das palavras com as quais forma par: *bînâ*, "entendimento" (Is 29.24), *ḥākām*, "sabedoria" (Pv 1.5; 9.9), e *tôrâ*, "instrução", "lei" (Pv 4.2). Em Provérbios 7.21 *leqaḥ* significa o poder de persuasão (ARA, "palavras") da prostituta. Mas em Provérbios 16.21 emprega-se o vocábulo com o sentido positivo do poder de persuasão daquele que ensina.

Bibliografia: — *THAT*. v. 1, pp. 875-8.

W.C.K.

1125 לָקַט (*lāqaṭ*) ***respigar, apanhar, colher tudo.***

Termos Derivados

1125a לֶקֶט (*leqeṭ*) ***respiga.***

1125b יַלְקוּט (*yalqûṭ*) ***alforje, saco.***

Os complementos deste verbo variam tanto quanto os sujeitos. Por exemplo, pode-se apanhar ou ajuntar pedras (Gn 31.46), maná (Êx 16.4-5, 26), dinheiro (Gn 47.14), cereal (Rt 2.3, 7; Is 17.5), uvas caídas (Lv 19.10), flechas (1 Sm 20.38), lenha (Jr 7.18), comida caída ao chão (Jz 1.7) ou um bando de desordeiros (Jz 11.3). Não apenas pessoas, mas às vezes também animais colhiam (alimento, Sl 104.28).

Um versículo teologicamente importante é Levítico 19.9 (veja também 23.22) em que Israel é advertido para não fazer a colheita nos cantos do campo e também para não

apanhar aquilo que sobrou da colheita. As respigas deviam ser deixadas para os pobres e os estrangeiros residentes em Israel conforme se vê ilustrado em Rute 2.15-18; *cf.* Levítico 19.10; 23.22b.

Isaías emprega a linguagem figurada de cereais apanhados depois de terem sido debulhados pelo juízo do Senhor como ilustração da restauração final de Israel na terra: "e vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos um a um" (Is 27.12).

leqet. ***Respiga.*** Encontrado apenas duas vezes (Lv 19.9; 23.22), com o sentido visto acima.

yalqût. ***Alforje, saco.*** Este *hapax legomenon* encontra-se em 1 Samuel 17.40. É a palavra que designa o saco que Davi possuía como pastor, no qual colocou quatro pedras lisas. Até o momento a palavra não foi encontrada em nenhum outro lugar.

W.C.K.

1126 לָקַק (*lāqaq*) ***lamber líqüido (como o fazem os animais), lamber.***

1127 לקשׁ (*lqsh*). **Aceita como raiz de:**

1127a לֶקֶשׁ (*leqesh*) ***colheita tardia, isto é, colheita de primavera.*** Ocorre somente em Amós 7.1 (ARA, "erva serôdia").

1127b †מַלְקוֹשׁ (*malqôsh*) ***últimas chuvas.***

1127c לָקַשׁ (*lāqash*) ***apanhar a colheita tardia, isto é, apanhar tudo*** (Jó 24.6). Provavelmente um verbo denominativo de *leqesh*.

malkôsh. ***Últimas chuvas, chuvas de primavera.*** As últimas chuvas ocorrem em março e abril, enquanto as primeiras chuvas (q.v. 910a,b) dão início à estação de chuvas, que geralmente inclui tempestades violentas, no período que cobre a segunda metade de outubro e o mês de novembro (ou às vezes, num ano ruim, indo até janeiro). As últimas chuvas de março e abril são imensamente necessárias para a safra vindoura, daí a descrição que Jó faz de seus pífios consoladores numa belíssima símile (Jó 29.23). Se essa chuva deixar de vir, é óbvio que Deus não está satisfeito com seu povo: "Retive de vós a chuva, três meses ainda antes da ceifa" (Am 4.7; Jr 3.3).

Se, porém, tudo estiver bem entre Deus e seu povo, então "[ele dará] as chuvas da vossa terra a seu tempo, as primeiras e as últimas, para que recolhais o vosso grão, e o vosso vinho e o vosso azeite" (Dt 11.14; Jr 5.24). Quando Deus volta para o seu povo, isso é como a vinda das últimas e das primeiras chuvas sobre a terra, anuncia Oséias (6.3). Deus convida os homens a lhe pedirem chuva na época das últimas chuvas, e a enviará copiosamente (Zc 10.1). Aliás, quando os homens se arrependem, um dos sinais que Deus dá de bênçãos imediatas é a chuva (Jl 2.23).

O livro de Provérbios emprega o surgimento das nuvens que na primavera precedem as últimas chuvas como um símile da bondade do rei (Pv 16.15).

Bibliografia: — BALY, Dennis. *Geography of the Bible*. Harper, 1957. pp. 51-2, 99.

W.C.K.

1128 לשׁד (*lshd*). **Aceita como raiz de:**

1128a לָשַׁד (*lashād*) ***suco, sumo, pedaço suculento ou saboroso*** (Nm 11.8; Sl 32.4).

לָשׁוֹן (*lāshôn*). Veja o nº 1 131a.

1129 לשׁך (*lshk*). **Aceita como raiz de:**

1129a לִשְׁכָּה (*lishkâ*) ***quarto, sala, câmara.***

Na maioria das vezes esta palavra designa as três fileiras de quartos ou celas destinadas aos sacerdotes, cantores e porteiros do templo (Ez 40.17, 38, 44-46; 41.10; 42.1, 4, 5, 7, 8, 11, 12). Na época de Esdras e Neemias usou-se o termo para referir-se a depósitos (Ed 8.29, ARA, "câmaras"; Ne 10.38-40) e câmaras pessoais (Ed 10.6; Ne 13.4, 5, 8, 9). Em Jeremias 36.12, 20, 21, refere-se ao quarto do escriba, no palácio.

Uma das passagens mais importantes do ponto de vista teológico é Jeremias 35.2, 4. Jeremias recebeu ordens para levar os recabitas a um quarto anexo ao templo de Salomão e oferecer-lhes vinho. Eles foram, mas recusaram o vinho por respeito e obediência a uma antiga ordem dada por um de seus antepassados. Jeremias aprendeu que a obediência a Deus era, de fato, possível, uma vez que as pessoas eram capazes de obedecer decididamente simples leis humanas.

Nos dias de Samuel houve uma outra sala, junto ao alto (*bāmâ*), onde ele participou de uma refeição sacrificial junto com Saul, o rei escolhido (1 Sm 9.22; *cf.* v. 19).

nishkâ. *Câmara.* Uma palavra tardia, sem dúvida uma variante, com uma troca de letras de sons semelhantes (*l* e *n*). Também designava quartos de indivíduos (Ne 3.30; 13.7) e depósitos (Ne 12.44).

W.C.K.

1130 לֶשֶׁם (*leshem*) ***uma pedra preciosa existente no peitoral do sumo sacerdote*** (Êx 28.19; 39.12). A ARA traduz por "jacinto".

1131 לָשַׁן (*lāshan*) ***caluniar.***

Substantivo de Origem

1131a †לָשׁוֹן (*lāshôn*) ***língua.***

Existem apenas dois exemplos do verbo denominativo. Salmos 101.5 adverte que Deus calará todos aqueles que caluniarem o seu próximo às ocultas, e Provérbios 30.10 condena o falar mal de um escravo ao seu senhor para que aquele que fala não seja, por sua vez, amaldiçoado.

lāshôn. *Língua.* Este vocábulo ocorre 117 vezes no AT. Órgão dado por Deus para comunicação com o próximo e com o próprio Deus, a língua é apresentada como fonte, ao

mesmo tempo, de bem e de mal. Numas poucas passagens a palavra tem o sentido físico, por exemplo, quando se referem à língua de homens que lambem a água (Jz 7.5), têm sede (Lm 4.4) e são mudos (Jó 29.10; Sl 137.6; Ez 3.26), ou à de animais como cães (Êx 11.7), crocodilos (Jó 40.25) e víboras (Jó 20.16). Por extensão, tem o sentido geográfico de "língua" de terra que avança mar Morto adentro (Js 15.2, 5; 18.19; Is 11.15) e o significado de barra de ouro em forma de língua (Js 7.21, 24; ARA, "barra").

Contudo, a maior parte da atenção concentra-se no mau uso da língua, sendo Salmos 52 (especialmente vv. 2, 4 [4, 6]) a passagem didática clássica a respeito. Aí Doegue, o edomita, usou a língua para, por mentiras, levar Saul a destruir a casa sacerdotal de Aimeleque (1 Sm 22.7 e ss.). Mas Salmos 51 destaca-se como um exemplo do uso correto da língua, que canta a retidão de Deus depois de experimentar a purificação do pecado (v. 14 [16]; veja também Sl 126.2).

A língua é o agente de muitos males: subversão (Pv 10.31), calúnia (Pv 17.4), adulação (Sl 5.9 [10]), maldade e problemas (Sl 10.7), arrogância (Sl 12.4 [5]), ferimento em outros (Sl 52.2 [4]) e falsidade (Pv 17.4; 6.17; 12.19; 21.6; 26.28; Sl 78.36; 120.2-3; Mq 6.12). Ela pode ser como a língua de uma víbora (Sl 140.3 [4]), um arco ou uma flecha (Jr 9.3 [2], 8 [7]), uma espada afiada (Sl 57.4 [5]; 64.3 [4]; Os 7.16), uma navalha (Sl 52.2 [4]). Pode-se usar a língua como uma arma (Jr 18.18) porque "a morte e a vida estão no poder da língua" (Pv 18.21). Todos esses usos da língua são, em última instância, dirigidos contra Deus, pois, embora violem na maioria das vezes o nono mandamento, são acompanhados de uma arrogância e auto-suficiência que usurpam o lugar de Deus (Os 7.16). Com uma "língua estranha" Deus dará uma lição em todos aqueles que zombam de sua mensagem e, tontos como se estivessem embriagados, queixam-se da mensagem enfastiante dos profetas, que conclamam o povo a observar a lei divina; ele os enviará para o exílio no estrangeiro (Is 28.11; *cf.* Jr 5.15, uma "nação cuja língua ignoras").

Os mais atrevidos de todos são os falsos profetas (Jr 23.31). Anunciam que haverá paz num golpe para conquistarem popularidade (23.16 e ss.). Mas não conseguem fazer distinção entre os seus próprios sonhos e a verdadeira profecia (23.28 e ss.) e imitam e distorcem a sentença pesada do Senhor (23.36 e ss.). Oposto a isso temos a relutância de Moisés, que se queixou de que tinha uma língua pesada (Êx 4.10), muito embora Estêvão tenha testemunhado de que Moisés era poderoso em palavras e obras (At 7.22). As palavras de Moisés não se referiam, portanto, a algum problema físico que o impedia de falar, mas sim a um certo tipo de prontidão para debater. A solução divina foi uma promessa de estar com a sua língua e de enviar-lhe uma outra língua, Arão.

A língua do justo, no entanto, é muito preciosa, valendo tanto quanto a prata escolhida (Pv 10.20). Quando sábios falam, trazem saúde a seus ouvintes (Pv 12.18); empregam adequadamente o conhecimento (Pv 15.2). A sabedoria e a bondade caracterizam a língua da mulher virtuosa (Pv 31.26). Nem um só pensamento, resposta ou palavra proferida pela língua é desconhecido do Senhor (Sl 139.4; Pv 16.1-2; 2 Sm 23.2).

No futuro dia do Senhor, não se achará a língua enganosa no meio do remanescente (Sf 3.13); até mesmo a língua do mudo gritará de alegria (Is 35.6).

Bibliografia: — SURGY, Paul de. Tongue. In: *DBT*. p. 533. — BEHM, J. glōssa. In: *TDNT*. v. 1, p. 721.

W.C.K.

1132 לתח (*lṯḥ*). **Aceita como raiz de:**

1132a מַלְתָּחָה (*meltāḥâ*) ***guarda-roupa, trajes.*** Ocorre somente em 2 Rs 10.22.

1133 לתך (*ltk*). **Aceita como raiz de:**

1133a לֶתֶךְ (*letek*) ***uma medida de cevada.*** Acredita-se que seu valor fosse de meio hômer, ou seja, cinco efas. Ocorre somente em Os 3.2 (*ZPEB*, v. 5, p. 917).

Nota: A página 800 do "DITAT" está em branco, portanto estou pulando a mesma , indo direto para a página 801.

מ

מאבוס (*ma'ăbûs*). Veja o nº 10b.

1134 מאד (*m'd*). **Aceita como raiz de:**

1134a מאדּ (*mᵉ'ōd*) ***extremamente, muito; força, abundância.***

Este termo é empregado 300 vezes no AT, principalmente como advérbio. Umas poucas vezes é usado como substantivo, por exemplo. Deuteronômio 6.5, "Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força". Desse modo, fala-se acerca do rei Josias, um rei como Israel nunca antes vira. que se voltou para o Senhor de todo o seu coração, alma e força, segundo toda a lei de Moisés (2 Rs 23.25).

A palavra é encontrada em muitas combinações, todas elas com a idéia de intensidade (*e.g.*, Gn 1.31, onde o Criador, ao avaliar a sua criação, considera tudo "muito bom") ou de abundância (*e.g.*, Êx 1.7, onde o termo é usado duas vezes para descrever a fecundidade dos israelitas, sob a mão de Deus).

McBride observou: "As três partes de Deuteronômio 6.5, *lēbāb* (coração), *nepesh* (alma ou vida) e *mᵉ'ōd* (grande intensidade), em vez de terem o sentido de diferentes esferas da psicologia bíblica, parecem ser palavras semanticamente concêntricas. Elas foram escolhidas para acentuar a singularidade absoluta da devoção pessoal a Deus. Desse modo *lēbāb* denota a intenção ou vontade do homem na sua totalidade; *nepesh* significa a pessoa toda, uma unidade de carne, vontade e vitalidade; e *mᵉ'ōd* ressalta o grau superlativo da consagração total a Yahweh". (Veja bibliografia.)

O NT luta por expressar a profundidade de sentido da palavra *mᵉ'ōd* nessa passagem. Na citação em Marcos 12.30 ela é traduzida como "entendimento e força"; em Lucas 10.27, como "forças e entendimento"; em Mateus 22.37 é simplesmente "entendimento".

Bibliografia: — *TDOT*. v. 9, pp. 617-37.

W.C.K.

1135 מאה (*mē'â*) ***cem, centena.***

Este substantivo ocorre 583 vezes, geralmente em declarações que apresentam as idades das pessoas. resultados de recenseamentos ou a medição de vários objetos.

A longevidade dos pais antediluvianos e pós-diluvianos (Gn 5 e 11) tem provocado

muitos comentários. No entanto, é claro que essas centenas de anos (a idade máxima foi 969 anos, alcançada por Matusalém) foram anos reais, pois Deus pretendia mostrar a todos que a humanidade foi feita para a imortalidade. Entretanto, os homens começaram a pagar em seu próprio físico o preço do pecado. Assim sendo, a média de vida foi diminuindo e, conseqüentemente, a idade de procriação. Já na época de Abraão acreditava-se que era impossível um homem de 100 anos de idade ter um filho (Gn 17.17). Mas Deus milagrosamente concedeu Isaque, o filho da promessa.

Uma profecia relevante foi dada em Gênesis 15.13. Israel haveria de ser escravo durante 400 anos, e de fato isso aconteceu. De acordo com Êxodo 12.40, o tempo exato foi de 430 anos. Se há aqui um número arredondado, é o de Gênesis 15.13.

Em uma passagem (2 Cr 3.4) parece provável que a palavra "cem" (com as consoantes *m'h*) seja um erro de grafia, onde o certo seria "côvado" (com as consoantes *'mh*). O texto diz que o pórtico de Salomão era da altura de 120 (supostamente côvados, como na ARA). Mas isso daria 54 metros, uma altura impossível. Alguns MSS da LXX registram aqui 20 côvados, a mesma altura do santo dos santos. Parece provável que tenha ocorrido uma metátese das letras e que algumas cópias da LXX preservaram a leitura original. A mesma metátese ocorre numa variação entre o kethib e o qerê de Ezequiel 42.16.

Uma passagem escatológica, Isaías 65.20, diz que no novo céu e na nova terra "o jovem morrerá com 100 anos de idade, mas o pecador de 100 anos de idade será maldito" (lit.). É objeto de debates se os versículos 20-25 fazem parte da descrição do novo céu e da nova terra ou se são um subparágrafo, conforme defende Buswell (*Systematic Theology*, v. 2, p. 517). E. J. Young sustenta, no entanto, que a morte não roubará os dias de existência quer do jovem quer do idoso (Is 65.20a). A longevidade também não será incomum, pois alguém que morrer aos 100 anos de idade será considerado ou um recém-nascido ou um pecador que foi morto bastante novo. *Cf.* NIV: "Aquele que morrer aos cem anos será considerado jovem; aquele que deixar de chegar aos cem será considerado amaldiçoado."

Bibliografia: — GREEN, William Henry. Primeval chronology. In: *Classical evangelical essays in O.T. Interpretation*. Baker, 1972. pp. 13-28. — YOUNG, E. J. *The book of Isaiah*. Eerdmans, 1972. v. 3, p. 515.

W.C.K.

מְאֹד (*ma'ăway*). Veja o nº 40c.

מְאֻם (*m''ûm*). Veja o nº 1 137a.

1136 מְאוּמָה (*m''ûmâ*) ***algo, nada.***

Palavra empregada 32 vezes, geralmente em orações negativas. Eclesiastes 7.14 apresenta Deus colocando a prosperidade lado a lado com a adversidade a fim de que os homens nada descubram fora dele mesmo (*cf.* 3.11). Balaão declara, em Números 22.38, que não possui poder algum para fazer algo fora da palavra de Deus. Com freqüência *m''ûmâ* é um eufemismo para algo ruim, tal como aquilo que Abraão estava na iminência de fazer a Isaque (Gn 22.12, "Não estendas a mão sobre o rapaz, e nada lhe faças") ou aquilo que Amnom esperava fazer a Tamar (2 Sm 13.2, "Parecia difícil a Amnon fazer-lhe alguma coisa", TB).

W.C.K.

מָאוֹס (*mā'ôs*). Veja o nº 1 139a.
מָאוֹר (*mā'ôr*). Veja o nº 52f.
מאֹזן (*mō'zen*). Veja o nº 58a.
מַאֲכָל (*ma'ăkāl*). Veja o nº 85d.
מַאֲכֶלֶת (*ma'ăkelet*). Veja o nº 85e.
מַאֲכֹלֶת (*ma'ăkōlet*). Veja o nº 85f.
מַאֲמָצָה (*ma'ămātsâ*). Veja o nº 117e.
מַאֲמָר (*ma'ămār*). Veja o nº 118e.

1137 מאם (*m'm*). **Aceita como raiz de:**

1137a †מאום (*m'ūm*), מום (*mûm*) ***defeito, mácula.***

Esta palavra denota todo defeito físico, como os que não foram encontrados em Daniel e seus três amigos (Dn 1.4 e ss.) e que não deviam existir no homem que fosse sacerdote de Deus (Lv 21.17 e ss.), e também todo defeito moral (Jó 31.7; 11.15; Dt 32.5). A epítome do homem fisicamente perfeito foi Absalão (2 Sm 14.25); da mulher foi a jovem sulamita (Ct 4.7).

Animais oferecidos como sacrifício a Deus não podiam ter mancha ou imperfeição alguma (Lv 22.20, 21, 25; Nm 19.2; Dt 15.21; 17.1). Oferecer algo menos a Deus era o mesmo que desobedecer-lhe e desconsiderar o ensino óbvio de que todo aquele que fosse substituir o homem por causa dos pecados deste, tinha de ser ele próprio sem defeito algum.

W.C.K.

1138 *מָאֵן (*mā'ēn*) ***recusar.*** Usado apenas no piel.

Termos Derivados

1138a †מָאֹן (*mā'ōn*) ***recusa.***
1138b †מאֵן (*mē'ēn*) ***recusa.***

São especialmente significativas aquelas ocasiões quando o faraó (Êx 4.23; 7.14; 10.3) ou Israel recusaram obedecer às ordens de Deus. Eles simplesmente "recusaram andar na sua lei" (lit., Sl 78.10). Israel também recusou arrepender-se (Os 11.5; Jr 3.3; 8.5) e receber instrução (Jr 5.3; 9.6 [5]; 11.10; Zc 7.11). Só uma vez se diz que Deus não aceitou algo: ele recusou dar permissão a Balaão para amaldiçoar Israel (Nm 22.13)

mā'ēn. ***Recusa.*** Este adjetivo verbal aparece quatro vezes no AT, três delas na frase *'im-mā'ēn 'attâ l'shallēaḥ*, "se recusares deixá-lo ir", que se refere à recusa do faraó em libertar Israel da escravidão (Êx 8.2 [7.27]; 9.2; 10.4). O vocábulo também designa a recusa de Zedequias em render-se aos babilônios (Jr 38.21).

1139 מָאַס (*ma'as*)

me'ēn. ***Recusa.*** Encontrada apenas em Jeremias 13.10, a palavra indica o rebelde Israel, que continuava se recusando a ouvir a palavra de Deus e adorando outros deuses.

W.C.K.

1139 מָאַס (*mā'as*) ***I, rejeitar, desprezar.***

Termo Derivado

1139a מָאוֹס (*mā'ôs*) ***refugo, lixo.*** Ocorre somente em Lamentações 3.45, "como cisco e refugo nos puseste no meio dos povos".

Um exame dos cerca de 73 usos deste verbo revela que os homens desprezam o Senhor, que está no meio deles (Nm 11.20), e por isso merecem que Deus os rejeite (Os 4.6). Quando solicitaram a Samuel que nomeasse um rei sobre eles, os israelitas estavam rejeitando o Senhor (1 Sm 8.7; 10.19).

Homens ímpios não desprezam o mal (Sl 36.4 [5]); pura e simplesmente rejeitam o conhecimento de Deus (Os 4.6), a lei do Senhor (Am 2.4; Is 5.24; Jr 6.19), a palavra do Senhor (1 Sm 15.23, 26; Is 30.12; Jr 8.9), as justas decisões de Deus (Ez 5.6; 20.13, 16), a aliança feita com Abraão (2 Rs 17.15), os estatutos de Deus (Lv 26.15; Ez 20.24), e a correção disciplinadora do Senhor (Pv 3.11). Na verdade eles rejeitaram totalmente a "pedra", que agora tornou-se a "principal pedra, angular" (Sl 118.22).

Aos olhos de Deus são especialmente condenáveis as práticas religiosas exteriores de Israel. Deus odeia e despreza os dias de festas e as ofertas feitas pelos israelitas, pois eles se achegam a Deus sem uma afeição sincera (Am 5.21).

Deus rejeita aqueles que não o ouvem (Os 9.17). Contudo, ele jamais os rejeitará totalmente, pois isso seria quebrar sua aliança (Lv 26.44). Deus escolheu a descendência de seu servo Abraão e jamais a lançará fora (Is 41.9). Na verdade, enquanto Deus mantiver sua aliança com o dia e a noite (Jr 33.25), ele se absterá de rejeitar a aliança que fez com Davi e Levi (Jr 33.24). Ele não desprezará a descendência de Abraão, Isaque, Jacó e Davi (Jr 31.37; 33.26). É verdade que Salmos 89.38 [39] parece contradizer essa incisiva afirmação ao dizer que Deus rejeitou o seu ungido (*cf.* 2 Rs 17.20; Jr 6.30; Sl 78.59, 67). Essa declaração, todavia, refere-se apenas à participação individual e não à promessa duradoura, que permanece aberta a todos os que vierem a crer.

Bibliografia: — *THAT.* v. 1, pp. 879-92.

W.C.K.

1140 *מָאַס (*ma'as*) ***II, fluir, correr.*** Ocorre somente no nifal (Jó 5.7; Sl 58.8).

מַאֲפֵה (*ma'ăpeh*). Veja o nº 143a.

מַאֲפֵל (*ma'ăpēl*). Veja o nº 145e.

מַאֲפֵלָה (*ma'ăpēlyâ*). Veja o nº 145f.

מַאֲפֶה (*ma'apēt*). Veja o nº 152a

1141 *מָאַר (*mā'ar*) ***doer, ferroar, picar.***

Esta palavra aparece quatro vezes, sempre no grau hifil. Uma vez é empregada figuradamente para designar a opressão de Israel por seus vizinhos (Ez 28.24), que são assemelhados a "espinho que pica [*mam'îr*] e abrolho que causa dor". Nas outras três passagens refere-se a um fungo maligno (?) ou podre (?) associado com a lepra (*tsara'at*, *q.v.*; Lv 13.51-52; 14.44).

W.C.K.

מאֹרב (*ma'ărāb*). Veja o nº 156e.
מאֵרה (*m'ērâ*). Veja o nº 168a.
מַבְדָּלָה (*mābdālâ*). Veja o nº 203b.
מָבוֹא (*mābô'*). Veja o nº 212b.
מְבוּכָה (*m'bûkâ*). Veja o nº 214a.

1142 מבול (*mabbûl*) *dilúvio.*

Termo técnico reservado para a catástrofe aquática que Deus trouxe sobre a terra nos dias de Noé. Aquele evento era tão bem conhecido que *mabbûl* geralmente vem precedido do artigo definido (exceto em Gn 9.11, 15). Só uma vez *mabbûl* é usado fora de Gênesis 7-11. Salmos 29.10 diz que "o Senhor está entronizado sobre o dilúvio; o Senhor se assenta como rei, perpetuamente" (IBB). Em vez de Baal, o deus da tempestade e do trovão, o qual de acordo com os mitos ugaríticos derrotou *yam*, o deus do mar, a voz do Senhor é ouvida no trovão e é ele quem reina sobre as forças destrutivas da natureza, que neste caso é a tempestade, tão belamente descrita em Salmos 29.

Todas as tentativas feitas de identificar a etimologia desta palavra têm fracassado devido a dificuldades lingüísticas. Algumas das sugestões feitas são: a raiz acadiana *nbl*, "destruir"; o acadiano *abūbu*, do suposto vocábulo *wabūbu*, "ciclone"; o acadiano *bubbulu*, *biblu*, *bibbulu*, "inundação", que é a melhor sugestão até o presente momento. Mas ela também cai por terra porque a palavra não é empregada em relato acadiano algum do dilúvio. Os termos hebraicos *ybl*, "fluir", "jorrar", e *nbl*, "odre d'água", também foram sugeridos. Mas essas sugestões não têm base lingüística e parecem ter tido origem na idéia injustificada de que *mabbûl* refere-se a um "oceano celeste" ou a um "depósito celestial de água em jarros".

Embora o próprio Deus tenha trazido as águas do dilúvio sobre a terra por causa do pecado do homem (Gn 6.17; 7.6), depois disso ele fez uma aliança de nunca mais destruir a terra com água (Gn 9.11, 15). Por essa razão aqueles que pertencem a Deus podem estar certos de que a terra durará até que venha o ansiado *eschaton*.

W.C.K.

מְבוּסָה (*m'bûsâ*). Veja o nº 216b.
מבוע (*mabbûa'*). Veja o nº 1 287a.
מִבְהָר (*mibhār*). Veja o nº 231d.
מִבְחוֹר (*mibhôr*). Veja o nº 231e.
מַבָּט (*mabbāt*). Veja o nº 1 282a.

מִבְטָא (*mibṭā'*). Veja o nº 232a.
מִבְטַח (*mibṭaḥ*). Veja o nº 233e.
מַבְלִיגִית (*mablîgît*). Veja o nº 245a.
מִבְנֶה (*mibneh*). Veja o nº 255c.
מִבְצָר (*mibṣār*). Veja o nº 270g.
מִבְרָח (*mibraḥ*). Veja o nº 284c.
מִבְשָׁלוֹת (*m'bash'lôt*). Veja o nº 292b.

1143 מָג (*māg*) *adivinho, mago.*

Este empréstimo lingüístico do acadiano *mahhu*, "adivinho", ocorre apenas duas vezes e num mesmo capítulo, Jeremias 39.3, 13. Um dos príncipes de Nabucodonosor era *nergal sar-'etser rab-māg*, ou seja, "Nergal, príncipe de Etser, o grande mago" (lit.; ARA, "Nergal-Sarezer, Rabe-Mague", interpretando o aposto como nome próprio). Esse era Neriglissar, marido da filha de Amel-Marduque (aquele que Jeremias chamou de Evil-Merodaque, filho e sucessor de Nabucodonosor). Neriglissar matou Evil-Merodaque e tornou-se rei em seu lugar.

Nergal-Sarezer ocupava uma elevada posição na hierarquia militar. Ele foi o principal adivinho (*rab māg*) nas operações contra Zedequias, durante o cerco de Jerusalém.

Bibliografia: — THOMSON, R. C. In: *Cambridge ancient history*. Cambridge, 1960. v. 2, p. 217.

W.C.K.

מִגְבָּלוֹת (*migbālôt*). Veja o nº 307d.
מִגְבָּעוֹת (*migbā'ôt*). Veja o nº 309c.

1144 מגד (*mgd*). Aceita como raiz de:

1144a מִגְדָּ (*meged*) ***preciosidade, excelência.***

1144b מִגְדָּנָה (*migdānâ*) ***coisa escolhida ou excelente.***

meged. *Preciosidade, excelência.* Apenas oito passagens em três capítulos ilustram o uso de *meged*. A palavra é sempre uma avaliação das dádivas da natureza como algo escolhido, excelente ou belo, e precioso. Cantares 4.13, 15, 16 tece elogios aos "frutos excelentes"; somente Cantares 7.13 [14] utiliza a palavra *meged* isoladamente, onde tem o sentido de "coisas preciosas ou deliciosas" (mas a ARA traz "frutos excelentes"). Deuteronômio 33.13, 14, 15, 16 bendiz o Senhor pelas coisas mais excelentes vindas do céu, da luz, dos montes e da terra. Parece ser uma palavra laudatória que vê a beleza de todas as coisas como dádivas de Deus para aqueles que se amam (Cantares) e para as tribos de José (Deuteronômio).

W.C.K.

מִגְדּוֹל (*migdôl*). Veja o nº 315g.
מִגְדָּל (*migdāl*). Veja o nº 315f.
מִגְדָּנָה (*migdānâ*). Veja o nº 1 144b.
מְנוּרָה (*mᵉgûrâ*). Veja o nº 330d.
מָגוֹר (*māgôr*). Veja o nº 332a, 330c.
מִגְזֵרָה (*magzērâ*). Veja o nº 340d.
מַגָּל (*maggāl*). Veja o nº 1 292a.
מְגִלָּה (*mᵉgillâ*). Veja o nº 353m.
מְגַמָּה (*mᵉgammā*). Veja o nº 361b.
מָגֵן (*māgēn*). Veja o nº 367c.
מָגַן (*māgan*). Veja o nº 367e.
מְגִנָּה (*mᵉginnâ*). Veja o nº 367d.
מִגְעֶרֶת (*migʿeret*). Veja o nº 370b.
מַגֵּפָה (*maggēpâ*). Veja o nº 1 294b.

1145 מָגַר (*māgar*) ***lançar, jogar, atirar*** (Ez 21.17; Sl 89.45).

מְגֵרָה (*mᵉgerâ*). Veja o nº 386e.
מִגְרָעָה (*migrāʿâ*). Veja o nº 384a.
מִגְרָפָה (*megrâpâ*). Veja o nº 385b.
מִגְרֵשׁ (*migrash*). Veja o nº 388c.
מָד (*mad*). Veja o nº 1 146a.
מִדְבָּר (*midbār*). Veja os nºs 399k, l.

1146 מָדַד (*mādad*) ***medir.***

Termos Derivados

1146a †מַד (*mad*) ***medida.***

1146b מִדָּה (*middâ*) ***medida, medição.***

1146c מָדוֹן (*mādôn*) ***estatura.*** Ocorre somente em 2 Samuel 21.20.

1146d מֵמַד (*mēmad*) ***medição.*** Ocorre somente em Jó 38.5.

Em geral *mādad*, que ocorre 53 vezes, refere-se à ação de medir comprimento ou distância. É empregado bastante em Ezequiel 40—47, que apresenta as medidas do templo milenar, o qual, segundo muitos, há de ser construído durante a era messiânica (veja também Zc 2.6).

Mas existem coisas que estão fora da capacidade humana de medir — como é o caso dos oceanos da terra. Mas Deus pode medir os oceanos com facilidade (Is 40.12). Ele

também é capaz de contar a multidão de futuros israelitas, embora o seu número pudesse parecer como a areia do mar (Os 1.10 [2.1]). As inumeráveis estrelas dos céus e os grãos de areia do mar tornam-se, na realidade, os referenciais para o crescimento da descendência de Jacó e para a segurança de que desfrutam sob a soberania de Deus (Jr 33.22; 31.27).

Assim como é certo que Deus aumentará os povos, de igual forma ele mediu e separou certos territórios para eles (Sl 60.6 [8]; veja também 108.7 [8]). À medida em que prepara o seu juízo, Deus pára e mede (ARA, "faz tremer") as nações com seus olhos discernidores (Hc 3.6).

mad. ***Medida*** e, por conseqüência, ***aquilo que é medido, vestimenta.*** Da parte do Senhor, a porção da medida de Judá (em sentido figurado) é serem espalhados porque se esqueceram de seu Senhor (Jr 13.25). Em geral esta palavra denota as roupas do sacerdote (Lv 6.3), o uniforme de combate do soldado (1 Sm 17.38; 18.4; 2 Sm 20.8) ou simplesmente uma veste externa (1 Sm 4.12; Jz 3.16). O vocábulo também é empregado figuradamente, como em Salmos 109.18, que diz que alguns homens vestem maldições como se fossem suas vestes externas. A símile se reflete em ugarítico (*UT* 16: texto 75:II:47-8): "tal como vestimentas eram os maus tratos de seus irmãos; tal como roupas eram os maus tratos de seus parentes" (segundo Dahood).

middâ. ***Medida, medição.*** O cordel de medir, usado para medir a futura habitação de Deus (Zc 2.1 [5]; Ez 40.3, 5; 42.16-19), foi também usado para tirar as medidas dos muros de Jerusalém (Ne 3.11, 19 e ss.), para referir-se a uma "casa espaçosa" (lit., "casa de medidas", Jr 22.14) ou um "homem de estatura" (lit., 1 Cr 11.23; 20.6), e para dar a medida das cortinas do tabernáculo (Êx 26.2, 8, *etc.*). É de algum interesse assinalar que as cortinas do tabernáculo tinham quatro côvados de largura (1,8 m) — exatamente a largura de um tear egípcio padrão. A palavra é usada para referir-se ao tempo em Salmos 39.4 [5]: "Faze-me conhecer, ó Senhor, o meu fim, e qual a medida dos meus dias, para que eu saiba quão frágil sou." Observe-se também o seu uso para referir-se à sabedoria de Deus, cuja medida é mais longa do que a terra e mais larga do que o mar (Jó 11.9).

W.C.K.

1147 מִדָּה (*middâ*) ***imposto, tributo.*** Empréstimo lingüístico do acadiano *mandattu*, *middâ* ocorre somente em Neemias 5.4.

מִדָּה (*middâ*). Veja o nº 1 146b.

1148 מדה (*mdh*). **Sem dúvida uma variante de *mādad* e aceita como raiz de:**

1148a מָדוּ (*mādû*), מַדְוֶה (*madweh*) ***roupa.*** Ocorre somente em 2 Samuel 10.4; 1 Crônicas 19.4

מָדוּ (*mādû*). Veja o nº 1 148a.

מַדְוֶה (*madweh*). Veja os nºs 411c, 1 148a.

מַדּוּחַ (*maddûah*). Veja o nº 1 304a.

מָדוֹן (*mādôn*). Veja os nºs 426c, 1 146d.
מַדּוּעַ (*maddûa'*). Veja o nº 848h.
מְדוּרָה (*m'durâ*). Veja o nº 418c.
מַדְהֵה (*midheh*). Veja o nº 420b.
מְדִינָה (*m'dînâ*). Veja o nº 426d.
מַדְמֵנָה (*madmēnâ*). Veja o nº 441b.
מַדָּע (*maddā'*). Veja o nº 848g.
מַדָּעַת (*mōda'at*). Veja o nº 848f.
מַדְקֵרָה (*madqārâ*). Veja o nº 449a.
מַדְרֵגָה (*madregā*). Veja o nº 452a.
מִדְרָךְ (*madrāk*). Veja o nº 453b.
מִדְרָשׁ (*midrāsh*). Veja o nº 455a.

1149 מָה (*mâ*) *o quê?*

Este pronome interrogativo de uso bastante freqüente é mais significativo quando associado com a palavra "nome". "O que é o teu nome?" não é uma indagação que procura saber o nome do indivíduo nem qual a sua família; essa pergunta é um esforço por descobrir que caráter ou qualidade está dentro ou por detrás da pessoa. Em hebraico, para pedir que a pessoa simplesmente se identifique, a pergunta seria: "Quem (*mî*) és tu?".

E assim que o "homem" que lutou com Jacó perguntou-lhe, em Gênesis 32.27 [28], "o que é o teu nome?" (lit.). Quando ele responde "Jacó" (que significa suplantador), o "homem" (chamado de "Anjo" em Os 12.4 [5]) diz que agora será "Israel" (isto é, Príncipe de Deus).

Em Provérbios 30.4, Agur indaga: "Quem subiu ao céu, e desceu? Quem encerrou o vento nos punhos? Quem amarrou as águas na sua roupa? Quem estabeleceu todas as extremidades da terra? Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho?" Agur não está perguntando qual o nome de Deus. Na verdade ele procura saber qual o caráter e o significado desse nome.

Da mesma forma, a pergunta que Moisés prevê que seus irmãos escravizados farão, "qual é o seu nome?" (Êx 3.13), corresponde à nossa análise acima. Os israelitas desejarão saber acerca do caráter e das qualidades de Yahweh, os quais lhe darão condições de prevalecer sobre as dificuldades que terão de enfrentar. Desse modo Moisés revela apenas aquilo que o nome Yahweh (*yhwh*) significa: Ele é o Deus que com dinâmica e eficácia suprirá a necessidade deles.

Observe-se finalmente que Deus traz os animais até Adão para que este veja "o que" ele os chamará (Gn 2.19). Conforme expressa-se Motyer, "o versículo 20b indica que questões qualitativas estão presentes" (p. 18, nota 46). Outras passagens significativas em que *mâ* está associado com pessoas incluem Êxodo 16.7-8; Números 16.11; 2 Samuel 9.8; 2 Reis 8.13; Jó 7.17; 15.14; 21.15; Salmos 8.4 [5]; 144.3; Cantares 5.9; Isaías 45.10; Lamentações 2.13; Ezequiel 19.2. Em 10 passagens a palavra encontra-se associada com itens impessoais: 1 Reis 9.13; Zacarias 1.9, 19 [2.4]; 4.4, 11; 5.6; 6.4; Ester 9.26.

1150 *מָהָה (*māhah*)

Bibliografia: — BUBER, Martin. *The revelation and the covenant*. Harper & Row, 1958. pp. 48-55. — MOTYER, J. A. *The revelation of the divine name*. Londres, Tyndale, 1959. pp. 17-24.

W.C.K.

1150 *מָהָה (*māhah*) ***demorar-se, retardar.***

Este verbo, no grau hitpalpel, ocorre nove vezes. Mas em apenas duas ela tem importância teológica. Em Salmos 119.60 o salmista afirma que ele não demorou, antes apressou-se em observar os mandamentos de Deus. Habacuque 2.3 incentiva o profeta a esperar pela visão, visto que ela tem um tempo designado. Pode parecer que ela tarda, no entanto ela não atrasará, mas virá.

W.C.K.

מְהוּמָה (*m'hûmâ*). Veja o nº 486a

מָהִיר (*māhîr*). Veja o nº 1 152c.

1151 מָהַל (*māhal*) ***enfraquecer, circuncidar.***

O "cognato" aramaico *m'hal* significa "circuncidar", mas em hebraico a palavra aparece apenas uma vez e com um sentido figurado, "cortar o vinho especial com água" (lit., *sab"ēk māhûl bammāyim*, Is 1.22). Keil e E. J. Young assinalam que esse desenvolvimento semântico tem paralelo em outros idiomas, por exemplo, no latim *castrare vinum* e no francês *couper du vin*. Acrescentou-se tanta água ao vinho que o seu caráter enfraqueceu. A palavra aramaica e a hebraica (se é que ela também significa "circuncidar") são, decerto, uma variante da raiz *mûl* "circuncidar", (*q.v.*).

W.C.K.

מַהֲלָךְ (*mahălak*). Veja o nº 498a.

מַהֲלָל (*mahălāl*). Veja o nº 500b.

מַהֲלֻמוֹת (*mahălumôt*). Veja o nº 502c.

מַהֲמֹרָה (*mahămōrâ*). Veja o nº 509a.

מַהְפֵּכָה (*mahăpēkâ*). Veja o nº 512d.

מַהְפֶּכֶת (*mahpeket*). Veja o nº 512d.

1152 *מָהַר (*māhar*) ***I, apressar***, usado apenas no nifal e no piel.

Termos Derivados

1152a †מָהֵר (*mahēr*) ***I, veloz, ágil.***

1152b †מָהֵר (*mahēr*) ***II, rapidamente.***

1152c †מָהִיר (*māhîr*) ***rápido.***

1152d †מְהִרָה (*m'hērâ*) ***pressa.***

Os pés dos ímpios apressam-se (*māhar*) em derramar sangue e praticar o mal (Pv 1.16; 6.18; Is 59.7). Mas Deus virá e dará imediato testemunho contra a feitiçaria, adultério, perjúrio, salários baixos pagos aos empregados, maus tratos às viúvas, órfãos e estrangeiros (Ml 3.5). Para enfatizar a agilidade da destruição, Isaías simbolicamente chama o seu segundo filho de "Rápido-Despojo-Presa-Segura" (*mahēr-shālāl-hāsh-baz*, Is 8.1, 3), pois agora Deus, com o machado na mão, está insuflando os assírios para realizar o castigo que deseja trazer sobre Israel. Posteriormente ele traria aquela nação amarga e impetuosa, Babilônia, para fazer o mesmo (Hc 1.6).

Elifaz quis dar uma lição de moral a Jó, dizendo que Deus apanha os sábios em sua própria astúcia e que os planos daqueles que tramam têm fim rápido (Jó 5.13), mas, em Jó 42.8, Deus atirou-lhe no rosto a primeira parte de suas palavras (daí a fórmula citada em 1 Co 3.19).

Em geral este verbo possui um sentido adverbial quando ligado a um outro verbo, por exemplo, "Cedo, porém, se esqueceram das suas obras, e não lhe aguardaram os desígnios" (Sl 106.13). A aflição, contudo, leva à oração "Estou atribulado: responde-me depressa" (Sl 69.17 [18]; 102.2 [3]; 143.7; *cf.* 79.8).

mahēr. ***I. Apressado, ágil, veloz.*** Uma das duas ocorrências deste adjetivo é teologicamente importante. Sofonias 1.14 adverte que o dia do Senhor está bastante perto e vem a grande velocidade, especialmente para aqueles que não estão preparados ou que anseiam por ele como se fosse uma panacéia para todos os seus problemas (*cf.* Am 5.18-20).

mahēr. ***II. Rapidamente, velozmente.*** Deus manifesta surpresa pela rapidez com que os homens se desviaram dele para fazer um bezerro de ouro (Êx 32.8; Dt 9.16; *cf.* Jz 2.17). Caso Israel continuasse a fazer o que é mau, pereceria rápida e completamente na terra (Dt 4.26), e a ira de Deus destruiria repentinamente (Dt 7.4). Mas, caso Israel seguisse fielmente ao Senhor, rapidamente destruiria os cananeus num avanço impetuoso pela terra (Dt 9.3). Algumas das nações, no entanto, seriam exterminadas pouco a pouco por Deus para que a terra não ficasse tomada de animais selvagens (Dt 7.22; *cf.* Jz 2.23).

Um provérbio adverte: "Não saias depressa a contender, para que no fim não saibas o que fazer" (TB, Pv 25.8).

māhîr. ***Rápido, diligente.*** "Viste a um homem diligente na sua obra? perante reis será posto", diz Provérbios 22.29 (ARC). Em sua descrição do trono davídico, Isaías 16.5 inclui justiça rápida como uma de suas características.

m'hērâ. ***Pressa, velocidade.*** Em Salmos 147.15 usa-se a palavra *m'hērâ* para mostrar que a palavra do Senhor percorre rapidamente a terra, ao passo que Isaías 58.8 promete que, como retribuição por atos de misericórdia para com outros, a saúde da pessoa brotará com rapidez. Nesse ínterim, não se irrite por causa dos malfeitores, pois estes murcharão rapidamente como a relva (Sl 37.2).

W.C.K.

1153 מָהַר (*māhar*) ***II, adquirir mediante pagamento.*** Verbo denominativo.

1153a † מֹהַר (*mōhar*) ***dinheiro de dote.***

1154 מוֹ (*mw*)

A forma verbal ocorre apenas duas vezes, em Salmos 16.4 e Êxodo 22.16 [15]. O texto de Salmos 16.4 é difícil. Pode significar que "muitas serão as penas dos que trocam o Senhor por outros deuses" ou "... que permutam" [mediante o pagamento de um preço, *BDB*]".

O noivo que dá dinheiro de dote não está com isso dando presentes para a noiva ou sua família. Há de se fazer uma clara distinção entre dinheiro e presentes, como se vê em Gênesis 34.12. Os presentes eram dádivas e recompensas pela aceitação da proposta de casamento, mas o dinheiro de dote era dado além de tais presentes (*cf.* o caso de Rebeca, em Gn 24.53; também Gn 29.24, 29; Js 15.18-19; 1 Rs 9.16).

mōhar. ***Dinheiro de dote, preço da noiva.*** Existem apenas três casos desta palavra nas Escrituras: Gênesis 34.12; Êxodo 22.16; 1 Samuel 18.25. O *mōhar* era uma soma de dinheiro ou seu equivalente que o noivo pagava ao pai da noiva como compensação à família. A rigor, não era o preço de compra, mas o costumeiro dinheiro de dote. Êxodo 21.7-11 ilustra o assunto tratando da compra absoluta de uma serva para ser concubina. Observe-se também a penalidade por violar a virgindade de uma jovem (Dt 22.29). (Veja-se o contraste entre, de um lado, o dinheiro de dote e o casamento, e, de outro, a recusa em casar e a penalidade ao sedutor, em Êx 22.16-17 [15-16]).

Jacó pagou com serviço pelos seus casamentos com Lia e Raquel (Gn 29.15-30). Davi realizou um feito valoroso em combate para casar-se com a filha de Saul, Mical (1 Sm 18.25-27), da mesma forma como procedeu Otniel para casar-se com a filha de Calebe (Js 15.16). O filho de Hamor, Siquém, estava disposto a pagar qualquer quantia a Jacó para casar-se com a filha deste, Diná (Gn 34.11).

Aparentemente o pai podia desfrutar o dinheiro do dote, mas esse dinheiro reverteria para a noiva quando seu pai morresse ou caso a morte de seu marido a lançasse na pobreza. O que mais poderia ter levado à queixa de Raquel e Lia de que seu pai, Labão, as "vendeu" e então "consumiu o dinheiro [delas]" (lit., Gn 31.15)?

A lei babilônica estipulava que o noivo devia pagar ao pai da noiva ou às vezes à própria noiva o *tirhatu*, uma soma que variava de um a cinqüenta siclos de prata. De acordo com a lei assíria, o *tirhatu* era dado à jovem ou como compensação pela perda da virgindade ou como garantia na hipótese da morte do marido. Ainda hoje entre os árabes da Palestina o noivo paga um *mahr* aos pais da noiva.

Bibliografia: — *AI*. pp. 26-9. — GASPAR, Joseph W. *Social ideas in the wisdom literature of the Old Testament*. Catholic University of America Press, 1947. pp. 7-15.

W.C.K.

מַהֲתַלָּה (*mahătallâ*). Veja o nº 2 511a.

1154 מוֹ (*mw*) Sílaba paragógica, acrescentada a בְּ, כְּ, לְ, para formar palavras independentes como בְּמוֹ, כְּמוֹ, לְמוֹ.

מוֹאל (*mô'l*). Veja o nº 1 160.

1155 מוֹאָב (*mô'ăb*) ***Moabe.***

Termo Derivado

1155a מוֹאָבִי (*môʾabi*) *moabita.*

Filho de Ló com sua filha mais velha (Gn 19.37). Ele se tornou pai de uma nação que se estabeleceu a leste do mar Morto, depois que Deus desalojou os que previamente ali habitavam (os emins) devido à sua iniqüidade (Dt 2.10-11). Moabe tentou contratar Balaão para amaldiçoar Israel (Nm 22.3, 4, 7, 8, 10, 14, 21, 36; 23.6, 7, 17; 24.17) e praticou rituais de prostituição religiosa em associação com sacrifícios aos mortos (Nm 25.1 e ss.; *cf.* Sl 106.28). Os seguintes profetas dirigiram mensagens contra Moabe: Amós (2.1-3), Isaías (15—16), Jeremias (48) e Ezequiel (25.8-11). Seu Deus era Camos.

mô'ābî. ***Moabita.*** Embora o código deuteronômico proibisse que um moabita entrasse na congregação do Senhor mesmo até a sua décima geração (Dt 23.3 [4]), a moabita Rute creu no Senhor e tornou-se esposa de Boaz e, desse modo, uma antepassada do rei Davi e do Messias (Rt 1.22; 2.6; 4.10). Davi conquistou os moabitas. Eles se rebelaram depois da morte de Acabe, conquistando finalmente a independência (2 Sm 8.2; 2 Rs 3.4-27).

[A Pedra Moabita apresenta o lado moabita da história dessa campanha. Diz que Moabe serviu Israel "todos os dias de Onri e metade dos dias de seu filho, quarenta anos". Uma interpretação recente é que o sentido disto é "metade dos dias de seu neto", isto é, Jorão, conforme encontrado em 2 Reis 3. A servidão incluiria então os reinados de Onri (12 anos), Acabe (22 anos), Acazias (dois anos) e parte do de Jorão (seis anos). A sobreposição parcial desses períodos daria um total de 40 anos (veja D. CROSS & N. FREEDMAN, *Early Hebrew orthography*, American Oriental Society, 1952, p. 39). R.L.H.]

Bibliografia: — BARTLETT, J. R. The Moabites and Edomites. In: *Peoples of OT times*. Oxford, Clarendon, 1973. pp. 229-58. — VAN ZYL, A. H. *The Moabites*. Brill, 1960. — WISEMAN, D. J. The Moabite stone. In: *ZPEB*. v. 4, pp. 267-8.

W.C.K.

1156 מוּג (*mûg*) ***derreter.***

Tão grande é o poder do Senhor que a terra derrete quando ele toca nela (Am 9.5). As montanhas e colinas cambaleiam, balançam e tremem ao som da sua voz (Na 1.5; Sl 46.6 [7]; Sl 75.3 [4]). Assim como todas as forças dos céus e da terra lutaram ao lado do Senhor no passado, da mesma forma, no triunfo final e futuro do Senhor até mesmo a natureza tremerá com sua aproximação.

Caso se deva relacionar o árabe *māga*, "irromper, estar em tumulto, cambalear", com a nossa raiz hebraica, então "sacudir" poderia ser um significado mais adequado, especialmente tendo em vista que é paralelo de *r'sh*, "tremer", em Naum 1.5. O vocábulo serve para ilustrar o pavor impotente e desordenado no AT. Cathcart cita Jeremias 4.24 em apoio a essa tradução: "Vi as montanhas e eis que estavam tremendo, e todas as colinas sacudiam de um lado para outro." Mas em Miquéias 1.4 e Salmos 97.5 as colinas derretem como cera. Deve, portanto, existir uma combinação de idéias: tremor e derretimento.

Deus também pode amolecer a terra com chuvas (Sl 65.10 [11]) e dissolver as posses de alguém (Jó 30.22).

No geral esse derretimento ilustra a situação de pânico que os atos judiciais de Deus provocam nos pagãos: Canaã (Êx 15.15; Js 2.9, 24), Filístia (1 Sm 14.16; Is 14.31), a terra e sua população (Sl 75.3 [4]).

Haverá, contudo, um dia final que se aproxima, quando as montanhas destilarão vinho novo e as colinas derreterão, tremerão ou ondularão com trigo (Am 9.13, NEB).

Veja sinônimos no verbete *môt*, "cambalear".

Bibliografia: — CATHCART, Kevin J. *Nahum in the light of northwest semitic*. Pontifical Biblical Institute, 1973. pp. 52, 96, 104. — MCCARTHY, D. J. Some holy war vocabulary in Joshua 2. *CBQ* 33:228-30.

W.C.K.

1157 מוד (*mwd*). **Aceita como raiz de:**

1157a תָּמִיד (*tāmîd*) ***continuidade, sempre.***

Na maioria das vezes esta palavra é usada em construção genitiva adjetiva junto com *'ōlâ* para designar o holocausto contínuo oferecido a Deus a cada manhã e a cada tarde (Êx 29.42; Nm 28.6, 10, 15, 23; Ed 3.5; Ne 10.34; *cf.* Ez 46.15, cada manhã; e o *minhâ* contínuo, Nm 4.16; Ne 10.34; Lv 6.13). Emprega-se o vocábulo isoladamente para referir-se ao sacrifício diário em Daniel 8.11-13; 11.31; 12.11. Números 4.7 refere-se ao "pão contínuo" (lit., "pão da continuidade"), indicando com isso que o pão estava sempre ali.

Utiliza-se também a palavra adverbialmente em relação à adoração pública para denotar a constância nos deveres daqueles responsáveis pelo culto público (*e.g.*, o peitoral de Arão, Êx 28.29-30). No entanto, algumas passagens enfatizam a constância na devoção pessoal, por exemplo, Oséias 12.6 [7], "converte-te a teu Deus, guarda o amor e o juízo, e no teu Deus espera sempre [*tāmîd*]". Semelhantemente os Salmos instam a que o louvor a Deus esteja continuamente em nossos lábios (34.1 [2]; 71.6), a que esperemos continuamente no Senhor (71.14), a que deixemos a verdade divina continuamente nos preservar (40.11 [12]), a que façamos orações continuamente a ele (72.15) e a guardarmos sua lei continuamente (119.44). Isaías promete que o Senhor guiará continuamente aqueles que atenderem às necessidades sociais à sua volta, interpretando isso como uma demonstração de verdadeira espiritualidade (58.11). Como diz o escritor de Crônicas, "Buscai o SENHOR e o seu poder, buscai perpetuamente a sua presença" (16.11).

W.C.K.

מוֹדָע (*moda'*). Veja o nº 848e.

1158 מוֹט (*môt*) ***cambalear, tremer, escorregar.***

Termos Derivados

1158a מוֹטָה (*môṭ*) ***tremor, vara, travessão (de canga).***

1158b מוֹטָה (*môṭâ*) ***vara, travessão (de canga).***

Este verbo, que ocorre como uma figura de linguagem designativa de grande insegurança, também pode denotar confiabilidade e certeza quando aplicado a Deus e tendo como prefixo uma partícula negativa.

Quando se usa *môt* junto com *regel*, "pé", refere-se ao pé que escorrega ou resvala numa época de calamidades (Dt 32.35; Sl 38.16 [17]; 94.18). Em Salmos 82.5 esse verbo descreve a desordem generalizada na terra: "vacilam todos os fundamentos da terra." Também é usado para designar a instabilidade de ídolos sem vida instalados sobre estrados e que podem ser derrubados ou ser apanhados e levados embora por um conquistador. Isaías ironiza o assunto, instando os israelitas idolatras a se assegurarem de que seus deuses não sejam tirados do lugar (Is 40.20; 41.7).

Dois salmos que tratam do milênio afirmam que "reina o SENHOR" e que, por isso, o mundo (*tēbēl*) habitado não pode ser tirado do seu lugar (Sl 93.1, 1 Cr 16.30; Sl 96.10). Visto que o Senhor também lançou os alicerces da terra, ela não cambaleará jamais (Sl 104.5).

O mesmo não se pode dizer dos reinos deste mundo; eles resvalaram quando o Senhor o determinou (Sl 46.6; observe-se o verbo paralelo *mûg*, "derreter"). Numa passagem vazada numa linguagem vívida, Isaías descreve a terra rodando para um lado e para outro como um bêbado ou balançando como uma cabaninha no meio da vinha (*m'lûnâ*, veja *mālôn*; ARA, "rede de dormir") em meio a uma violenta tempestade. A terra se convulsiona, roda e treme violentamente (Is 24.19-20) à medida que as mãos de Deus movem-se para julgar logo antes dos "muitos dias" (milênio?) de Isaías 24.22. Davi falou poeticamente acerca de a terra se partir e ficar abalada, carente da cura divina enquanto tremia (Sl 60.2 [4]), mas esta passagem deve ser classificada junto com Salmos 46.2 [3], que afirma que, mesmo que a terra balance (*mûr*) e os montes despenquem no fundo dos mares, Deus ainda será o nosso refúgio e a nossa força. Conforme estas passagens e também Salmos 82.5 demonstram, a raiz verbal refere-se ao abalo repentino, inesperado e calamitoso da terra. Uma vez que essa inconstância é contra a ordem criada, ela é associada com a ira de Deus. O poder da sua ira é evidente em tal desordem cósmica.

Os justos são inabaláveis e estão seguros, pois têm ao Senhor como sua Rocha e Salvação (Sl 62.2 [3], 6 [7]; 112.6; 15.5; 16.8; 21.7 [8]; 30.6 [7]). Deus lhes estende a mão na vereda da vida a fim de que seus pés não escorreguem (Sl 17.5). Os inimigos do justo não terão motivo de se regozijar quando este escorregar (Sl 13.4 [5]), pois ele confia na salvação divina.

Tal certeza é fortalecida ainda mais pela aliança firme e eterna que Deus estabeleceu com Abraão e Davi. A promessa é incondicional e perpetuamente mantida para todos os que dela participam pela fé. Embora as montanhas possam sair do lugar (*mûsh*) e as colinas possam tremer, o amor leal de Deus jamais se afastará (*mûsh*) e sua aliança de paz (a nova aliança, a aliança abraâmica e davídica) jamais tremerá (Is 54.10). Veja também *mûsh*, "afastar-se, retirar", e *mûg*, "derreter, tremer".

môt. ***Vara, travessão (de canga), tremor.*** Usa-se a palavra *môt* para referir-se ao tremor e, conseqüentemente, a uma vara usada para carregar algo, a qual treme enquanto a pessoa anda.

Em três passagens, ela designa a vara (ARA, "varais") usada para transportar os utensílios do tabernáculo (Nm 4.10, 12) ou a que foi usada pelos espias para transportar uvas, romãs e figos desde Canaã até o acampamento dos israelitas no deserto (Nm 13.23). Acerca do significado de *môt* em Salmos 55.22 [23], M. Dahood sugere que a palavra tem

a conotação de tropeçar e cair no outro mundo (*i.e.*, nas garras da morte). Em Salmos 66.9 o vocábulo pode até mesmo ser um nome poético para o mundo dos mortos, "O que preserva com vida a nossa alma, e não permite que nos resvalem os pés". Embora a idéia de mundo dos mortos possa ser exagerada, a de tropeço não é. Naum 1.13 diz: "Quebrarei [*shābar*] o jugo [*môṭâ*] deles"; *cf.* também Jeremias 28.10-12; Levítico 26.13; Ezequiel 30.18. Provavelmente, num sentido estrito, ***môṭ*** é aquele travessão que fica sobre o pescoço dos animais e passa a ser o nome da canga toda.

môṭâ. ***Vara, travessão (de canga).*** Este substantivo feminino também é usado para designar as varas ou varais usados para carregar a arca (1 Cr 15.15) ou figuradamente para referir-se ao jugo da opressão (Lv 26.13; Jr 27.2; 28.10, 12, 13; Is 58.6, 9; Ez 30.18; 34.27). A passagem mais rica e teologicamente significativa encontra-se em Jeremias. O falso profeta Hananias ousou quebrar a canga que Jeremias havia posto sobre o seu próprio pescoço (Jr 28.10, um símbolo da iminente escravidão babilônica); o resultado foi que, em seguida, Hananias se viu ameaçado de levar uma canga de ferro e de uma sentença de morte iminente, que ocorreu dois meses depois.

É provável que seja esse o sentido da palavra em Provérbios 24.11: "Liberta da [preposição *l*ᵉ] morte os cativos e impede as varas de [preposição *l*ᵉ]) matarem".

Bibliografia: — DAHOOD, M. *Proverbs and Northwest Semitic Philology*. Roma, Pontifical Biblical Institute, 1963. p. 51. —_____. *Psalms I*. In: *AB*. pp. 78-9. —_____. *Psalms II*. In: *AB*. pp. 38-9.

W.C.K.

1159 מוּךְ (*mûk*) ***estar prostrado, deprimido, empobrecer*** (*e.g.*, Lv 27.8; 25.47).

1160 מוּל (*mûl*), ***I,*** מוֹל (*môl*), מוֹאל (*mô'l*) ***frente, em frente de.***

1161 מוּל (*mûl*) ***II, circuncidar, deixar-se circuncidar, ser cortado fora*** (umas poucas formas podem ser interpretadas como derivadas de מָלַל.

Termo Derivado

1161a מוּלָה (*mûlâ*) ***circuncisao.***

O uso do verbo no AT começa em Gênesis 17. Aí o Senhor confirma sua aliança com Abraão, a qual é registrada em Gênesis 12.1-3. A prática de cortar fora o prepúcio do pênis era usada mesmo antes da época de Abraão (A. H. GARDINER, Old Kingdom Egyptian tomb art and hieroglyphs, *Egyptian Grammar*, p. 448). Provavelmente a prática era realizada como hoje em dia, sendo um ritual da puberdade em que o filho passava para a vida adulta, um ritual às vezes acompanhado de um toque de licenciosidade. A operação era efetuada no menino de aproximadamente 13 anos de idade. Deus revelou a Abraão que iria usar este derramamento de sangue como um sinal da aliança com Abraão. No AT Deus determinou que o menino fosse circuncidado ao oitavo dia de vida, deixando a circuncisão fora de um ritual da puberdade e fazendo com que fosse um sinal de significado estritamente religioso. Parece que essa circuncisão do recém-nascido não

teve equivalente na antigüidade. Demonstrou-se em tempos modernos que a prática é de valor higiênico, mas em nenhum lugar do AT se menciona esse aspecto.

Uma vez que a prática simbolizava a aliança entre Deus e Abraão e seus descendentes, é nos vários aspectos dessa aliança que tem origem o significado espiritual da circuncisão. Para aqueles que, no AT, levavam-na a sério, ela era o sinal de submissão à vontade soberana de Deus. Como ocorre com freqüência com simbolismos religiosos, depois de algum tempo os hebreus passaram a usar esse sinal de profunda realidade espiritual como um fim em si e erroneamente interpretaram que a circuncisão proporcionaria entrada automática no reino de Deus.

Os profetas tomavam consciência dessa perversão e pregavam contra a mera circuncisão da carne, ou seja, a circuncisão que não é acompanhada de uma fé viva. Jeremias falou da circuncisão do coração. Ele disse: "Circuncidai-vos para o SENHOR, circuncidai o vosso coração, ó homens de Judá" (Jr 4.4). Mas muito antes de Jeremias o povo havia sido advertido deste perigo. Na verdade Jeremias estava citando Deuteronômio 10.16. O uso do verbo em Deuteronômio 30.6 comprova a afirmação acima, a saber, de que a circuncisão simbolizava a realidade espiritual mais profunda da religião hebraica. O versículo diz: "O SENHOR teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração de tua descendência, para amares ao SENHOR teu Deus de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas." Em Mateus 22.36-40 nosso Senhor instruiu os fariseus de que este era realmente o maior dos mandamentos e a somatória e a essência de toda a lei e os profetas. O versículo de Deuteronômio ensina claramente que a verdadeira circuncisão era obra de Deus no coração humano — a vida espiritual que Deus cria em seu povo. E exatamente esse o ensino do apóstolo Paulo em Colossenses 2.11, onde, ao falar da divindade de Cristo, ele diz: "Nele também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo." (*Cf.* também Rm 2.28-29 e 4.9-12.) Pelo fato de tanto o batismo quanto a circuncisão simbolizarem a obra regeneradora de Deus, que sempre incluía purificação do pecado e o amor a Deus, alguns segmentos da Igreja batizam seus recém-nascidos da mesma forma que Deus mandou os santos do AT circuncidarem os seus. Outros cristãos não enfatizam esta analogia e, desse modo, batizam apenas aqueles que professam a fé em Cristo depois de atingirem a idade do entendimento.

mulâ. ***Circuncisão.*** Este substantivo é usado apenas uma vez, em Êxodo 4.26, onde, devido à circuncisão do filho, Zípora acusou Moisés de ser um esposo sanguinário. O contexto deixa bem clara a importância que Deus atribuía à circuncisão como um sinal da aliança de Deus com seu povo. Até mesmo o legislador Moisés não tinha o direito de negligenciar a circuncisão de seu filho. Agir assim era o mesmo que negar a aliança.

Bibliografia: — *TDNT*. v. 6, pp. 73-81.

E.B.S.

מוֹלֶדֶת (*môledet*). Veja o nº 867f.
מוּסָב (*mûsāb*). Veja o nº 1 455b.
מוּסָד (*mûsād*), מוֹסָד (*môsād*). Veja os nºs 875d, f.
מוּסָךְ (*mûsāk*). Veja o nº 1 492b.
מוֹסָר (*môsēr*). Veja o nº 141f.

מוסר (*mûsār*). Veja o nº 877b.
מוֹעד (*mô'ēd*), מוֹעֲד (*mô'ād*). Veja os nºs 878b, e.
מועדה (*mû'ādâ*). Veja o nº 878d.
מוּעָף (*mû'ap*). Veja o nº 1 581a.
מוֹעצה (*mô'ētsâ*). Veja o nº 887b.
מוּעָקה (*mû'āqâ*). Veja o nº 1 585b.
מוֹפת (*môpēt*). Veja o nº 152a.

1162 מוץ (*mwts*). Aceita como raiz de:

1162a מוֹץ (*môts*) *palha.*

מוצא (*môtsā'*). Veja o nº 893c.
מוצב (*mûtsāb*). Veja o nº 1 398d.
מוּצָק (*mûtsāq*). Veja os nºs 897b, 1 895c.
מוצקת (*mûtseqet*). Veja o nº 897c.

1163 *מוק (*mûq*), מיק (*mîq*) *zombar, ridicularizar.* Ocorre somente em Salmos 73.8, provavelmente no hifil.

מוקד (*môqēd*). Veja o nº 901b.
מוקש (*môqēsh*). Veja o nº 906c.

1164 *מור (*mûr*) *mudar, permutar.* Usado somente no nifal, hifil e hofal.

Termo Derivado

1164a תמורה (*t'mûrâ*) *troca.*

Este verbo aparece em 13 passagens que tratam de vários assuntos. Em Miquéias 2.4, Deus saqueará e trocará a porção de seu povo devido à pecaminosidade deste. Salmos 46.2 [3] afirma numa hipérbole, "ainda que se mude a terra" (TB), que Deus ainda é o nosso refúgio e a nossa força. Em Salmos 15.4, o homem que é fiel àquilo que jurou e não muda é o tipo de pessoa a quem Deus dará firmeza, mas, quanto àqueles que pecam cada vez mais contra Deus, ele transformará a sua glória em vergonha (Os 4.7). Quando os israelitas adoraram o bezerro de ouro, eles com isso transformaram a glória que tinham (*i.e.*, o seu Deus glorioso) num bezerro que come erva (Sl 106.20). Israel fez aquilo que nenhuma outra nação jamais fizera. As nações jamais trocaram seus deuses (que, afinal, de modo algum eram deuses). Mas Israel trocou sua glória por aquilo que não é de nenhum proveito (Jr 2.11).

Uma série de textos trata de ofertas votivas. Uma vez que tais ofertas tenham sido consagradas ao Senhor, não podem ser substituídas, nem o mau por bom nem o bom por

mau. Se, contudo, houver uma troca, tanto um quanto outro serão santos para o Senhor (Lv 27.10 [quatro vezes]; 27.33 [três vezes]).

t^emûrâ. ***Troca, recompensa.*** Duas passagens merecem atenção. Jó 28.17 diz que não se pode alcançar a sabedoria em troca de jóias ou ouro puro. Rute 4.7 registra a cerimônia de permuta e resgate da terra, ocasião em que Boaz se casa com Rute em face da renúncia a todas as pretensões por parte de um parente mais chegado.

W.C.K.

1165 מוֹרג (*môrāg*) ***debulhador.***

Instrumento agrícola, feito de uma prancha de madeira que funcionava como uma espécie de estrado. Buracos eram feitos no lado de baixo, onde se encaixavam pedras afiadas ou pontas metálicas salientes. Era puxado por um ou dois animais e passava por cima de espigas de cereais para debulhá-las, tendo como contrapeso pedras ou o próprio condutor. Araúna deu um instrumento desses para Davi usar como lenha para o sacrifício que este iria oferecer no local do futuro templo (2 Sm 24.22; 1 Cr 21.23).

No entanto, de acordo com Isaías 41.15, no final dos tempos Deus fará de Israel o seu debulhador, com o qual fará a colheita do juízo.

hārûts era um outro tipo de gradador de disco ou debulhador feito de ferro. Ocorre numa parábola (Is 28.27). Amós menciona-o como um instrumento de destruição e emprega-o como figura de linguagem para referir-se à brutalidade que provocou Deus à ira (Am 1.3).

Bibliografia: — CORSWANT, W. *Dictionary of life in Bible times*. Oxford University Press, 1960. pp. 279-80. (Veja as ilustrações em *IBD*, v. 4, p. 391, fig. 67; p. 636, fig. 60.)

W.C.K.

מוֹרד (*môrād*). Veja o nº 909a.

1166 מוֹרה (*môrâ*) ***navalha.*** (Jz 13.5; 16.17; 1 Sm 1.11).

מוֹרה (*môrâ*). Veja os nºs 907c, d.

מוֹרה (*môreh*). Veja os nºs 910b, c.

מוֹרשׁ (*môrāsh*). Veja o nº 920d.

1167 מוּשׁ (*mûsh*) ***I, afastar-se, tirar.***

Este termo aparece 20 vezes no AT. E usado pela primeira vez para descrever a coluna de nuvem e a coluna de fogo (sinais da presença de Deus no acampamento israelita). que jamais saíam de seu lugar à frente do povo, quer fosse dia ou noite (Êx 13.22). Josué não se afastou do tabernáculo enquanto Moisés foi ao acampamento (Êx 33.11). Mais tarde, o Senhor ordenou a Josué que o livro da lei jamais deveria apartar-se da sua boca; ele deveria meditar nela dia e noite (Js 1.8).

Quando Israel tentou entrar atrevidamente em Canaã depois de ter aceitado o relatório de incredulidade da maioria dos espias, a arca da aliança do Senhor não se

afastou do acampamento (Nm 14.44).

O uso que Isaías faz do termo é teologicamente significativo. Embora as montanhas se retirem (Is 54.10a), a aliança de paz que Deus estabeleceu com Abraão e Davi bem como a nova aliança de Jeremias não serão removidas (Is 54.10b; 59.21). Ela é permanente! Se as leis que Deus determinou ao sol, à lua e às estrelas falharem, então o mesmo acontecerá com sua promessa a Israel (Jr 31.36). Até o momento de ser escrito este verbete, o sol, a lua e as estrelas continuam a brilhar e, portanto, permanece de pé a promessa que Deus fez a Israel por ocasião da aliança.

No dia final, quando o Senhor aparecer pela segunda vez, ele removerá a iniqüidade da terra (de Israel) num único dia (Zc 3.9). Tão magnífica será a sua aparição que o monte das Oliveiras se partirá ao meio e metade se apartará para o norte e a outra metade para o sul (Zc 14.4).

Aqueles que confiam no Senhor serão como arvores plantadas junto a um rio; jamais deixarão de dar fruto (Jr 17.8).

W.C.K.

1168 מוּשׁ (*mûsh*) ***II, sentir*** (*e.g.*, Gn 27.21; Sl 115.7; Jz 16.26).

מוֹשָׁב (*môshāb*). Veja o nº 922c.

מוֹשָׁעָה (*môsha'â*). Veja o nº 929d.

1169 מוּת (*mût*) ***Morrer, matar, mandar executar.***

Termos Derivados

1169a מָוֶת (*māwet*) ***morte, moribundo, Morte (personificada), o reino dos mortos.***

1169b מָמוֹת (*māmôt*) ***morte.***

1169c תְּמוּתָה (*t'mûtâ*) ***morte.*** Ocorre somente na frase *b'nê t'mûtâ*, "filhos da morte" (lit.), isto é, aqueles dignos de morte e sentenciados à morte (Sl 79.11; 102.20 [21]).

mût pode referir-se à morte por causas naturais ou à morte violenta. Esta última pode ser como castigo ou por outro motivo. A raiz não se limita à morte de seres humanos, embora seja usada predominantemente dessa maneira.

Essa é uma raiz universalmente usada no mundo semítico e que designa o processo de morrer e a própria morte. Os cananeus empregavam-na como nome do deus da morte e do mundo dos mortos, Mot (*cf.* *ANET*, pp. 138-42). Em hebraico é ocasionalmente usada com sentido metafórico, como quando Jó fala da morte da sabedoria (12.2). Mas em geral o sentido é de morte física. Ezequiel nos faz recordar de que Deus não tem prazer algum na morte das pessoas, pois o seu propósito era e é que vivam (18.32). O ensino normativo do AT acerca da morte encontra-se em Gênesis 3.3, onde Deus adverte Adão e Eva de que a morte é o resultado da rebeldia contra seus mandamentos. Uma vez que o propósito de Deus para nossos primeiros pais era uma vida que jamais acabasse, a introdução da morte foi um resultado indesejável mas necessário da desobediência. A corrupção física do corpo humano e o sofrimento e dor trazidos pela Queda são apenas os sintomas óbvios

da morte. A morte é a conseqüência e o castigo do pecado. Ela teve origem com o pecado. Um tema importante do AT é a santidade de Deus, que o separa de tudo aquilo que não esteja em harmonia com o seu caráter. Desse modo, no AT a morte significa o derradeiro afastamento de Deus devido ao pecado. E o pecado é toda rebelião contra Deus ou falta de conformidade à sua vontade. Todos os homens então, num certo sentido, são aquilo que os hebreus chamavam de *b'nê māwet*, "filhos de morte", ou seja, merecem morrer porque são pecadores. Esta, e uma expressão correlata (*'ish māwet*, lit. "homem de morte"), são usadas para referir-se ao povo de Deus no cativeiro, o qual deve olhar para Deus a fim de alcançar livramento da catástrofe iminente (Sl 79.11; 102.20 [21]).

Em Ugarite (*ANET*, acima) o deus Mot era um personagem de atribuições bem definidas, o qual governava o mundo dos mortos, uma terra de lodo e imundície. Ele lutou contra Baal, o deus da fertilidade, pelo que sofreu o desfavor de El, o chefe do panteão. Para os cananeus, Baal, por ser aquele que concedia fertilidade, chuvas, *etc.*, era um deus-herói, e nessa condição sua adoração tornou-se uma armadilha muito especial para os israelitas. O mesmo não se aplica a Mot, de modo que não foi mencionado no AT, embora alguns estudiosos afirmem que encontram referências ocasionais a ele. M. Dahood (*Psalms*, In *AB*, v. 16, 17, 18) esforça-se por ver Mot nas referências do salmista aos adversários, mas não é convincente. Numa passagem Jeremias personifica a morte, descrevendo-a como aquele que vem pela janela (9.20). O que talvez seja mais claro é o uso de *māwet*, "morte", para referir-se de forma mais ampla à esfera ou mundo da morte. Em Isaías 38.18 lemos:

> Pois não pode louvar-te o Sheol, nem a morte cantar-te louvores;
> os que descem para a cova não podem esperar na tua verdade (IBB).

Certamente aqui há espaço para divergência de opiniões, pois o local que Isaías tem em mente poderia ser tanto a sepultura quanto a esfera ou mundo dos mortos. Tem-se a impressão de que Jó 38.17, que diz "Porventura te foram reveladas as portas da morte?", é uma referência mais clara à "morte" como o mundo dos mortos. Outras passagens que podem ser interpretadas dessa forma são: Isaías 28.15, 18; Oséias 13.14; Habacuque 2.5; Salmos 6.5; 49.14 [15]. Veja-se ainda o verbete *lāqah*; Provérbios 7.27; Jó 28.22, *etc.*

Mas veja-se o verbete *sh'ôl* e também o artigo de R. L. Harris a respeito (The meaning of sheol as shown by its parallels, *JETS* 4:129-35).

A passagem de Isaías 38.18 conduz à afirmação veterotestamentária de que "a terra deu-a [o SENHOR] aos filhos dos homens, [mas] os mortos não louvam o SENHOR" (Sl 115.16b e s.; Is 38.11; Sl 6.5; 30.10; 88.11 e ss.). Bultmann assinala que, "conseqüentemente, após a morte os justos estão fora daquela infinitamente importante esfera da vida em que se mantém o relacionamento de adoração a Deus" (*TDNT*, v. 2, p. 847). Ele, no entanto, está enganado quando avança por essa linha de pensamento e conclui que "a morte e seu reino estão fora do fluxo de poder que sujeitou a si todos os reinos da vida" (*ibid.*). Em outro verbete (veja *hayyîm*) já mostramos que Deus é o Senhor da vida e da morte e que ele conquistará a morte.

Na lei cerimonial mosaica os cadáveres eram considerados impuros — outro indício da atitude do AT de que a morte era uma intrusa e o resultado do pecado. De outro lado, os cananeus tornavam a morte uma coisa normal através dos mitos do "Mot divino", que, à semelhança de outros deuses, podia ser aplacado. Os cananeus possuíam rituais que incluíam mutilação do corpo e sacrifícios pelos mortos. Os israelitas foram proibidos de

praticar tais rituais (Dt 14.1). A lei de Moisés também tinha por objetivo proteger Israel de um dos efeitos mais nefastos que a "normalização" da morte produziu nos cananeus, a saber, a realização de sacrifício de crianças.

> Porque tudo o que é abominável ao SENHOR, e que ele odeia, fizeram eles a seus deuses;
> pois até a seus filhos e a suas filhas queimaram com fogo aos seus deuses (Dt 12.31).

Devido à maneira como encara a morte, a revelação do AT dá um imenso valor à vida. Uma vida longa é considerada uma grande bênção (Pv 3.2), e uma vida imortal, a melhor das bênçãos (Sl 16.11; 21.4 [5]; 73.23-26). Os cananeus achavam que a imortalidade era privilégio dos deuses (*ANET*, p. 151, vi).

Ao contrário da opinião de muitas pessoas da atualidade, o ensino do AT que exige a pena de morte em casos de assassinato premeditado surgiu de um ponto de vista superior e não inferior acerca da vida. O mesmo é válido quanto à ordem divina para destruir aquelas pessoas que se dedicavam àquelas práticas abomináveis mencionadas acima. Salmos 106.34-38 explica o porquê disso: Por não ter destruído esses povos, Israel aprendeu as práticas que eles tinham e sacrificou seus próprios filhos e filhas aos demônios.

Bibliografia: — HEIDEL, Alexander. Death and the afterlife in the OT. In: *The Gilgamesh epic*. University of Chicago. — RICHARDSON, *TWB*, p. 6. — *THAT*. v. 1, pp. 893-6.

E.B.S.

מוֹהר (*môtār*). Veja o nº 936g.

מזבח (*mizbēah*). Veja o nº 522b.

1170 מזג (*mzg*). Aceita como raiz de:

1170a מזג (*mezeg*) *mistura, i.e., vinho misturado [com outro vinho].* Ocorre somente em Cantares 7.2 [3], na frase *'al-yehsar hammazeg*, "que não falta vinho misturado" (lit.).

1171 מזה (*mzh*). Aceita como raiz de:

1171a מָזֶה (*māzeh*) *esvaziado* (Dt 32.24; Is 5.13).

מזוּ (*māzû*). Veja o nº 534b.

מזוּזה (*mᶜzûzâ*). Veja o nº 535b.

מָזוֹן (*māzôn*). Veja o nº 539a.

מָזוֹר (*māzôr*). Veja os nºs 75a, 543c.

1172 מזח (*mēzah*) *cinto.* Provavelmente um empréstimo lingüístico.

1172a מזח (*mᶜzîah*) *cinto.* Ocorre somente em Jó 12.21, "afrouxa o cinto dos fortes", isto é, enfraquece-os, tornando-os indefesos ao afrouxar os seus cintos, desarmando-os.

מַזְלֵג (*mazlēg*). Veja o nº 552a.

1173 מַזָּלוֹת (*mazzālôt*) *constelações.*

Aparece em 2 Reis 23.5 e Jó 38.32. O cognato acadiano refere-se às fases da lua, mas o uso do termo em escritos judaicos indica que, em hebraico, a referência é a constelações do zodíaco. Em 2 Reis emprega-se a palavra para indicar a adoração pagã das estrelas com todo esse significado astrológico de adoração. Em Jó usa-se o vocábulo junto com *kîmâ*, *kᵉsîl* e *'āyish* (Sete-Estrelo, Órion e Ursa; vejam-se os verbetes), para indicar o poder criador de Deus e a insensatez que é questionar a sua sabedoria.

G.L.C.

מְזִמָּה (*mᵉzimmâ*). Veja o nº 556c.
מִזְמוֹר (*mizmôr*). Veja o nº 558c.
מַזְמֵרָה (*mazmērâ*). Veja o nº 559c.
מְזַמֶּרֶת (*mᵉzammeret*). Veja o nº 559d.
מִזְעָר (*miz'ār*). Veja o nº 571b.

1174 מזר (*mzr*). I. Aceita como raiz de:

1174a מַמְזֵר (*mamzēr*) *bastardo, criança nascida de incesto.*

Palavra encontrada em Deuteronômio 23.2 [3], é usada para designar o filho ilegítimo, a quem é vedada a entrada na congregação do Senhor até a décima geração. Zacarias 9.6 talvez seja referência a um indivíduo, mas o mais provável é que seja uma descrição figurada da população misturada de Asdode. É possível que a passagem de Deuteronômio seja também referência a uma criança nascida de casamento misto, sendo um dos pais hebreu e o outro pagão.

W.C.K.

1175 מזר (*mzr*). II. Aceita como raiz de:

1175a מָזוֹר (*māzôr*) *rede*. Significado duvidoso.

מִזְרֶה (*mizreh*). Veja o nº 579a.

1176 מַזָּרוֹת (*mazzārôt*). Ocorre somente em Jó 38.32. Significado duvidoso. Talvez seja referência a uma estrela ou constelação em particular. Veja *mazzālôt*.

מִזְרָח (*mizrāḥ*). Veja o nº 580c.
מִזְרָע (*mizrā'*). Veja o nº 582f.
מִזְרָק (*mizrāq*). Veja o nº 585f.
מַח (*mēaḥ*), מֹחַ (*mōaḥ*). Veja os nºs 1 181a, b.

1177 מָחָא (*māḥā'*)

1177 מָחָא (*māḥā'*) ***bater palmas.*** Por exemplo, Isaías 55.12; Ezequiel 25.6

מַחְבֵּא (*maḥbē'*). Veja o nº 588a.
מַחְבֹּא (*maḥbō'*). Veja o nº 589a.
מַחְבֶּרָה (*maḥbe'râ*). Veja o nº 598k.
מַחְבֶּרֶת (*maḥberet*). Veja o nº 598j.
מַחֲבַת (*maḥăbat*). Veja o nº 600b.
מַחֲגֹרֶת (*maḥăgôret*). Veja o nº 604d.

1178 מָחָה (*māḥâ*) ***I, limpar, enxugar, eliminar.***

Quase todas as 33 ocorrências deste verbo são teologicamente significativas. É encontrado pela primeira vez na narrativa do dilúvio. Todo ser vivo que havia sobre a face da terra e respirava foi exterminado (Gn 7.22-23), inclusive todos os seres humanos, com exceção de oito. *māḥâ* aparece com destaque na oração em que Moisés implorou a Deus para perdoar o pecado que Israel cometeu quando adorou o bezerro de ouro. "Se não, risca-me ... do livro que escreveste", é a oração de Moisés (Êx 32.32-33). A intenção de Deus tinha sido apagar o nome de Israel de debaixo dos céus (Dt 9.14), conforme se vê repetido em Deuteronômio 29.20 [19] (veja também Sl 69.28 [29]). Não se sabe com certeza se Deus considerava Israel uma mancha (como em Sl 51.3, 11) ou como uma dívida inscrita num livro de registro de débitos (como em Cl 2.14). Mas ele estava disposto, como também aconteceu com o apóstolo Paulo, a ser amaldiçoado por amor a seus irmãos.

Repare-se que em pergaminhos antigos (que eram feitos de pele de animais) os erros de escrita eram corrigidos mediante lavagem ou absorção da tinta em vez de riscar o erro. "Apagar" é, portanto, uma tradução mais precisa para a idéia de corrigir um erro.

Quando Deus agiu para julgar, ele eliminou Jerusalém assim como alguém elimina a sujeira de um prato e, em seguida, vira-o para baixo (2 Rs 21.13). Durante a época dos juízes, a tribo de Benjamim foi quase totalmente eliminada (Jz 21.17).

O pecador deve orar assim como Davi o fez, para que Deus elimine, isto é, apague suas transgressões e iniqüidades (Sl 51.1 [3], 9 [11]). Deus age assim por amor a si e já não se lembra daqueles pecados (Is 43.25). Desse modo, pecados que surgiram ameaçadoramente como uma nuvem espessa, foram exterminados (Is 44.22). Embora Deus seja onisciente, desses pecados ele deliberadamente já não se lembra contra nós. Pode-se ver a ação inversa em Salmos 109.14, e Neemias 4.5 [3.37].

Também se emprega *māḥâ* para descrever o estilo de vida de uma mulher adúltera, que come, limpa a boca e diz enfaticamente que nada fez de errado (Pv 30.20).

Existe então o caso do marido ciumento, que desconfia que sua esposa adulterou. Como parte da prova psicológica a que devia ser submetida na presença do Senhor e a fim de determinar sua culpa ou inocência, a mulher tinha de beber água amarga com a qual tinham-se apagado maldições escritas num rolo (Nm 5.23).

Finalmente, Isaías 25.8 declara que Deus enxugará as lágrimas de todos os rostos.

W.C.K.

1179 מָחָה (*māhâ*) ***II, golpear.*** Ocorre somente em Números 34.11, *ûmahâ 'al-ketep yam-kinneret*, "e [a fronteira] golpeará [isto é, alcançará] a borda do mar de Quinerete" (lit.).

Termo Derivado

1179a מְחִי (*m'hî*) ***golpe.*** Ocorre somente em Ezequiel 26.9.

מְחוּגָה (*m'hûgâ*). Veja o nº 615b.

1180 מָחוֹז (*mahôz*) ***cidade.*** Empréstimo lingüístico do acadiano *mahāzu*, "cidade". Ocorre somente em Salmos 107.30.

מָחוֹל (*măhôl*). Veja o nº 623g.

מַחֲזֶה (*mahăzeh*), מָחֲזֶה (*mehĕzâ*). Veja os nºs 633f, g.

1181 מחח (*mhh*). **Aceita como raiz de:**

1181a מח (*mēah*) ***animal novo cevado.***

1181b מח (*mōah*) ***tutano.*** Ocorre somente em Jó 21.24, onde simboliza prosperidade.

1181c *מָחָה (*māhâ*). Verbo derivado de *mōah*. Ocorre somente no pual, em Isaías 25.6, *sh'mānîm m'muhāyim*, "pratos gordurosos com tutano".

מְחִי (*m'hî*). Veja o nº 1 179a.

מִחְיָה (*mihyâ*). Veja o nº 644b.

מחיר (*m'hîr*). Veja o nº 1 185c.

מַחֲלָה (*mahălâ*), מָחְלֶה (*mahăleh*). Veja os nºs 655c, b.

מחֳלָה (*m'hillâ*). Veja o nº 660f.

מחלוי (*mahălûy*). Veja o nº 655d.

מַחְלָף (*mahălāp*). Veja o nº 666d.

מחלָצָה (*mahălātsâ*). Veja o nº 667b.

מַחְלֹקֶת (*mahălōqet*). Veja o nº 669d.

מַחְלְקוֹת (*mahl'qōt*). Veja o nº 670g.

מַחְלַת (*mahlat*). Veja o nº 655 ou 623h.

1182 מַחֲמָאֹת (*mahāmā'ōt*) ***semelhante a coalhada.*** Ocorre somente em Salmos 55.21 [22]. Talvez *min* comparativo mais *hem'â*, "coalhada" (*q.v.*).

מַחְמַד (*mahmad*), מַחְמוֹד (*mahmōd*). Veja os nºs 673d, e.

מַחְמַל (*mahmal*). Veja o nº 676b.

מַחְמֶצֶת (*mahmetset*). Veja o nº 679d.
מַחֲנֶה (*mahănēh*). Veja o nº 690e.
מַחֲנַק (*mahănaq*). Veja o nº 697a.
מַחְסֶה (*mahseh*). Veja o nº 700b.
מַחְסוֹם (*mahsôm*). Veja o nº 702a.
מַחְסוֹר (*mahsôr*). Veja o nº 705e.

1183 מָחַץ (*māhats*) *golpear, ferir gravemente.*

Termo Derivado

1183a †מוּדָח (*mahats*) *ferimento grave.*

Esta palavra é bem atestada em poesia ugarítica. E encontrada no AT em paralelo com ela mesma (Sl 110.5-6), com *tsmh*, "aniquilar" (Sl 18.39-41; observe-se que os dois verbos, *māhats* e *sāmah*, ambos na primeira pessoa do singular, formam uma inclusão como na poesia ugarítica), e com *kly*, "aniquilar" (2 Sm 22.39; Sl 18.38-39). O golpe que a palavra *mâhats* denota é geralmente mortal e decisivo, como foi o de Jael em Sísera (Jz 5.26).

No dia da sua ira, o Senhor ferirá reis de muitos países (Sl 110.5-6). Na realidade ele assim procede já agora com todos aqueles que continuam a andar em seus pecados (Dt 33.11; Sl 68.21 [22]). Por isso o reino dos ímpios pode esperar hostilidade cada vez maior, até que se complete o livramento final divino (Hc 3.13). Deus fere e cura; "não há quem possa livrar alguém da mão [de Deus]" (Dt 32.39). Até mesmo Elifaz reconheceu isso (Jó 5.18). Nenhuma cena de Deus agindo em sua justiça vingadora é mais vívida do que Salmos 68.23 [24], que apresenta Deus golpeando o pé no sangue de seus inimigos (que se levantaram contra uma nação reerguida de Israel nos últimos dias). Existe uma possibilidade de que esse versículo seja explicado por Salmos 58.10 [11], onde o verbo é "lavar" (*rāḥats*) os pés com sangue. As versões antigas trazem "lavar" também em Salmos 68.23 [24].

mahats. ***Ferimento grave.*** Somente Isaías 30.26 emprega este vocábulo. O Senhor curará a "chaga [*mahats*] do golpe" que foi desferido em seu povo. Isso vai acontecer no dia em que a lua brilhar tanto quanto o sol e o sol for sete vezes mais brilhante do que agora.

Bibliografia: — FISHER, Loren. *Ras Shamra parallels*. Pontifical Biblical Institute, 1972. v. 1, pp. 80, 227, 257-8.

W.C.K.

מַחְצֵב (*mahtsēḇ*). Veja o nº 718a.
מַחֲצָה (*mehĕtsâ*). Veja o nº 719d.
מַחֲצִית (*mahătsît*). Veja o nº 719e.

1184 מָחַק (*māhaq*) *aniquilar.* Ocorre somente em Juízes 5.26.

מחקר (*mehqār*). Veja o nº 729b.

1185 מחר (*mhr*). Aceita como raiz de:

1185a מָחָר (*māhār*) *amanhã.*

1185b מָחֳרָת (*mohŏrāt*) *o dia seguinte.*

1185c מְחִיר (*m'hîr*) *salário, preço.*

māhār. ***Amanhã.*** *māhār* ocorre 52 vezes, mas raramente é usado como substantivo. Por exemplo, "amanhã é a lua nova" (1 Sm 20.5). Em outras passagens é empregada adverbialmente: "Comamos e morramos, que amanhã morreremos" (Is 22.13) ou "Amanhã fará o SENHOR isto na terra" (Êx 9.5).

De interesse teológico temos o uso de *māhār* com o sentido de tempo futuro. Por exemplo, Êxodo 13.14 e Deuteronômio 6.20, "Quando teu filho amanhã te perguntar". Em Josué 4.6, 21 empilharam-se pedras para servir de memorial para que, em dias futuros, quando os filhos indagassem o que isso significava, fosse-lhes dada resposta. Semelhantemente, receando as tribos da Transjordânia que, com o passar do tempo, elas seriam podadas da herança de Israel, erigiram um memorial (Js 22.24, 28). Labão e Jacó olharam para o *māhār* não apenas no sentido do dia seguinte, mas também no de tempo futuro (Gn 30.33). E bastante significativo que nenhum dos profetas empregou a palavra para designar a era escatológica.

Provérbios adverte contra vangloriar-se daquilo que se vai fazer no dia de amanhã (Pv 27.1). Nem se deve prometer dar algo ao próximo no dia seguinte quando está ao seu alcance dá-lo já agora (Pv 3.28). Deus é responsável pelo nosso amanhã, por isso não devemos planejar como se o futuro estivesse inteiramente em nossas mãos.

mohŏrāt. ***Amanhã.*** O que há de mais interessante neste substantivo feminino é que *mimmohŏrat* significa "no dia seguinte a", ou seja, "depois de" (Lv 23.11, 15, 16; Nm 33.3; Js 5.11). Duas vezes a preposição *l'* é empregada antes de *mohŏrāt*, tendo o sentido de "no dia seguinte" (Jn 4.7; 1 Sm 30.17).

m'hîr. ***Salário, preço.*** Não está clara a relação desta palavra com a raiz acima. O vocábulo é empregado apenas 15 vezes no AT. Deuteronômio 23.18 proíbe trazer o salário de um "cão" (lit., isto é, prostituto; ARA, "sodomita") à casa de Deus. Isaías 55.1 apresenta a oferta da salvação divina como algo sem dinheiro e sem preço. É impossível adquirir-se a sabedoria com ouro ou por algum preço (Jó 28.15). Num raciocínio semelhante, Provérbios 17.16 indaga por que alguém haveria de pôr uma quantia (a taxa de um curso) nas mãos de um insensato para este obter sabedoria (um treinamento), quando se sabe que ele nisto não tem "coração" (lit.; ARA, "entendimento"), isto é, não tem motivação.

Uma das grandes tragédias de Israel foi que os governantes julgavam em troca de alguma compensação, os sacerdotes ensinavam por preço e os profetas adivinhavam por dinheiro (Mq 3.11). Agindo de forma totalmente contrária, o pagão Ciro, a quem Deus havia levantado, libertou os cativos de Israel sem receber preço nem presentes (Is 45.13). Esse é o oposto do Anticristo, que dividirá a terra para obter ganho pessoal (Dn 11.39).

W.C.K.

מַחֲרָאָה (*mahărā'â*). Veja o nº 730b.
מַחֲרֵשָׁה (*mahărēshâ*). Veja o nº 760d.
מַחֲרָת (*mohŏrāt*). Veja o nº 1 185b.
מַחְשֹׂף (*mahśōp*). Veja o nº 766b.
מַחֲשָׁבָה (*mahăshābâ*). Veja o nº 767d.
מַחְשָׁךְ (*mahshāk*). Veja o nº 769d.
מַחְתָּה (*mahtâ*). Veja o nº 777a.
מַחְתָּה (*mᵉhittâ*). Veja o nº 784g.
מַחְתֶּרֶת (*mahteret*). Veja o nº 783a.
מַטְבֵּחַ (*maṭbēah*). Veja o nº 786e.
מַטֶּה (*matteh*), מִטָּה (*mittâ*), מְטֵה (*mutteh*). Veja os nºs 1 352b, c, e.
מַטְוֶה (*matweh*). Veja o nº 794a.
מְטִיל (*mᵉṭîl*). Veja o nº 1 186a.

1186 מטל (*mtl*). **Aceita como raiz de:**

1186a מְטִיל (*mᵉṭîl*) ***barra de metal trabalhado.*** Ocorre somente em Jó 40.18, *mᵉṭîl bărzel*. Esta frase refere-se figuradamente aos ossos do hipopótamo.

מַטְמוֹן (*matmôn*). Veja o nº 811a.
מַטָּע (*mattā'*). Veja o nº 1 354c.
מַטְעָם (*mat'ām*). Veja o nº 815b.
מִטְפַּחַת (*mitpaḥat*). Veja o nº 818d.

1187 מטר (*maṭar*) ***chover.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1187a מָטָר (*māṭār*) ***chuva.***

Gênesis 2.5 afirma que o Senhor "não fizera chover sobre a terra". O jardim era aguado por uma "neblina", ou melhor, um "rio" (R. L. HARRIS, The mist, the canopy and the rivers of Eden, *JETS* 11:177-80). Essas afirmações explicam por que não havia "nenhuma planta do campo [cultivado]" (talvez espinheiros, resultantes da ação da chuva) bem como "nenhuma erva do campo [cultivado]" (talvez cereais?, *cf.* Gn 3.18).

Chuva destrutiva, vinda de Deus, caiu sobre a terra por ocasião do dilúvio, nos dias de Noé (Gn 7.4). Deus fez cair chuva de granizo sobre o faraó incrédulo (Êx 9.23) e fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra (Gn 19.24). Ele ainda fará cair chuva de granizo, fogo e enxofre sobre Gogue e suas hordas naquela grande e derradeira batalha da história (Ez 38.22). Isso é o que aguarda todos os ímpios (Sl 11.6).

A relação entre a situação espiritual das pessoas e a quantidade e época das chuvas se vê em passagens como Amós 4.7. Quando o coração do homem é correto diante de Deus,

este bondosamente dá ordem às nuvens, e elas refrescam a terra (Is 5.6), da mesma forma como ele bondosamente fez chover maná sobre Israel no deserto (Êx 16.4; Sl 78.24).

mātār. ***Chuva.*** A humanidade jamais deve tomar por certo a chuva (cerca de 38 referências). Ela vem das mãos de Deus (Sl 147.8; Jó 5.10; 28.26; 36.27) em quantidades proporcionais à situação espiritual dos moradores daquela terra (Dt 11.11, 15 [14]). Quando os homens amam ao Senhor seu Deus e servem-no de todo o coração e de toda a alma (Dt 11.13), ele envia chuva sobre a terra no seu devido tempo (Dt 11.14; 28.12). Mas, quando eles se desviam e vão atrás de outros deuses, a chuva é retida nos céus (Dt 11.17). Os homens e os animais desfalecem e a terra se torna em pó e cinza (Dt 28.24). Assim que a própria situação da terra prometida era um testemunho acerca da vida espiritual do povo.

Pode-se assinalar que a Bíblia não favorece a cosmologia fantasiosa que freqüentemente lhe é atribuída. Uma tradução mais exata de "janelas do céu" (IBB, Gn 7.11) é "comportas" (*cf.* ***hallôn*** e a referência ali a *'ărubbâ*). Por observação os hebreus sabiam que a chuva vem das nuvens (Is 5.6; 1 Rs 18.44).

Os profetas apontavam para a chuva como um sinal para o povo acerca da ira ou do favor de Deus (Is 5.6; 30.23; Am 4.7; Zc 10.1). A chuva que caía durante a colheita de trigo era um sinal do juízo divino, pois ela chegava fora de época e no pior momento possível (1 Sm 12.17-18). Salomão orou para que Deus abrisse os céus, fechados devido ao pecado do povo, depois de este ter suplicado ao Senhor em oração (1 Rs 8.36; veja também 2 Cr 6.27). Elias teve um ministério de oração exatamente assim (1 Rs 18.1). Aliás, no exato momento da história quando Israel escolheu adorar Baal, o deus da tempestade (1 Rs 16.31-32), Elias apareceu com a advertência: "Nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, a não ser segundo a minha palavra" (1 Rs 17.1).

Esperar a chuva tornou-se proverbial: aguardar por alguém é comparado a esperar a chuva com a boca escancarada (Jó 29.23). A palavra também é empregada em símiles: o Messias descerá como chuva sobre a erva ceifada (Sl 72.6). Ele alvorecerá sobre eles como a relva nova depois da chuva (2 Sm 23.4). Naquele dia um tabernáculo será refúgio contra a tempestade e a chuva (Is 4.6).

Durante as pragas, chuva acompanhada de trovões foi enviada contra os egípcios como sinal de poder sobrenatural (Êx 9.33-34; *cf.* Dt 11.10). Há três ocorrências da frase "[Deus] faz subir as nuvens dos confins da terra, faz os relâmpagos para a chuva, faz sair o vento dos seus reservatórios" (Sl 135.7; Jr 10.13; 51.16).

Bibliografia: — BALY, Denis. *The geography of the Bible*. Harper, 1957. pp. 41-52.

W.C.K.

מַטָּרָה (*mattārâ*). Veja o nº 1 356a.

1188 מַי (*may*) ***água***, מַיִם (*mayim*) ***águas.***

Encontrada apenas na forma plural, esta palavra é encontrada aproximadamente 580 vezes. A importância teológica da água pode ser analisada em termos de seus aspectos históricos, rituais, metafóricos e escatológicos. A escassez de água na Palestina explica as numerosas referências no AT à procura de água pelo homem.

Aspectos Históricos

As águas dos céus e da terra foram criadas por Deus. Numa síntese bem abrangente, Salmos 104 conta que Deus criou as águas nas nuvens (v. 3) e na terra (v. 6). Ele controla os seus limites (vv. 7-9), determina fontes de onde brotará na terra (v. 10) e, por ordem sua, faz com que a chuva caia (v. 13), dessa forma tornando a terra frutífera e alegrando o coração do homem (vv. 11-18).

Muitos críticos liberais fazem um quadro grosseiro da cosmologia bíblica, em que as "águas sobre o firmamento" são contidas por um firmamento sólido, permitindo-se-lhes que caiam na terra através de "janelas" (veja o desenho de acordo com o modelo de S. H. Hooke em *ZPEB*, v. 1, p. 395). Na realidade essa é uma estranha mistura de tradução errônea e mau uso de linguagem figurada poética. O relato bíblico apresenta Deus criando as águas de cima (as nuvens aquosas dos céus) e as águas de baixo mediante a palavra de sua boca (Gn 1.7, 9). Uma "expansão" (em vez do derivado grego e latino "firmamento") foi criada entre as duas massas (Gn 1.6). Aqui não se tem nenhuma idéia de rigidez, efeito-estufa ou solidez. Ao contrário, como se vê também em Ezequiel 1 e 10, essa é simplesmente uma expansão que separa as duas massas de água. Também não se deve relacionar as águas de baixo, especialmente o "abismo" de Gênesis 1.2 (*t'hôm*), com nenhum abismo inicial ou com nenhum monstro mitológico do caos. *t'hôm* é uma palavra cananéia que designa o mar; *cf.* ugarítico (*UT* 19: nº 2 537), da mesma forma como "águas debaixo da terra" (Êx 20.4; Dt 4.18; 5.8) não são necessariamente águas do inferno, mas simplesmente a água abaixo da superfície de rios, mares e lagos, na qual os homens podem pescar. Semelhantemente, "janelas do céu" (IBB, Gn 7.11; 8.2) são representações metafóricas, pois em outras ocasiões essas mesmas "janelas" despejam cereais (2 Rs 7.2), bênçãos, talvez siclos (Ml 3.10), e dificuldades (Is 24.18). (Veja *'ărubbâ* no verbete sobre *ḥallôn*.)

Deus é também quem regula a quantidade de água e a fornece: ele faz a chuva cair "a seu tempo" (Lv 26.4; Dt 28.12). Ele abre as comportas dos céus para julgar (Gn 7.11-12) e as fecha (Gn 8.2-3). Mas mesmo o fluxo normal dos rios (Nm 24.6) e a presença de poços e fontes (Gn 16.14; Êx 15.23, 27) continua a receber a atenção de Deus. Sua capacidade de fornecer água se viu em sua provisão de água no deserto.

Um dos fatores que afeta a distribuição e disponibilidade de água é a conduta do ser humano. A água é retida àqueles que quebram a aliança, aos desobedientes e aos que não têm lei (Lv 26.19; Dt 28.23; Am 4.7; 1 Rs 18.18), mas graciosamente dada como sinal da bênção de Deus àquela nação ou cidade que obedece à voz de Deus.

Esse controle e propriedade divinos se vêem demonstrados no dilúvio, nos dias de Noé (Gn 7), no livramento no mar Vermelho (Êx 15.1-18), na travessia do rio Jordão pelo povo (Js 3.16; 4.18) e por Elias (2 Rs 2.8). É assim que as águas do mar Vermelho fazem distinção entre o povo de Deus e os idólatras de coração endurecido, ao passo que as águas do Jordão reconhecem a ordem dos que têm autoridade para tanto, a saber, os mensageiros daquele que controla todas as coisas. Semelhantemente, pela palavra do servo de Deus, Moisés, a água brotou da rocha para saciar uma nação sedenta (Êx 17.1-7; Nm 20.1-13; Sl 78.16, 20; Is 48.21).

Aspectos Rituais

Várias abluções rituais eram realizadas como símbolo de pureza moral interior, de preparativos para encontrar-se com Deus ou para adorá-lo e de inocência. Requeria-se lavagem ritual no caso de ordenação (Êx 29.4; Lv 8.6), dos preparativos que o sumo sacerdote fazia para o Dia da Expiação (Lv 16.4, 24), de lepra (Lv 14.5-7, 50-52), de fluxos sexuais (Lv 15.13) e de contato com cadáveres. Conquanto os ritos fossem por si mesmos incapazes de produzir pureza moral interior, eles apontavam para o que era fundamental, o estado de pureza interior da pessoa, e para seu reconhecimento da santidade de Deus.

Existe um uso específico de água numa espécie de teste psicológico (Nm 5.11-31), que não tem paralelo algum conhecido no antigo Oriente Médio. É o teste do ciúme. (No Oriente Médio uma provação de verdade envolvia perigo físico, do qual supunha-se que a pessoa seria livrada, por exemplo, ao ser jogada num rio. Na Idade Média acreditava-se que segurar um ferro quente ou andar através do fogo era uma demonstração de inocência. A Bíblia não contém nenhum exemplo desse tipo de provação.)

Caso um marido com ciúmes suspeitasse que a esposa tivesse cometido adultério sem que disso houvesse testemunhas, ele poderia trazê-la diante do sacerdote. Este então aspergiria pó do chão do santuário sobre um recipiente com água, dessa forma transformando-a em "água amarga". Exigia-se que a mulher repetisse uma fórmula de maldições que o sacerdote escreveria num rolo, o qual então seria lavado na água amarga. Não há dúvida de que o efeito resultante no corpo da mulher, depois de ela ter bebido a água, era psicossomático, sendo que Deus usaria a mente e as emoções para produzir os sinais que indicavam culpa ou inocência. Jeremias refere-se a essa provação quando anuncia (8.14; 9.15 [14]; 23.15) que todo Israel há de beber água "venenosa" ou "amarga".

A água também desempenha um papel importante no ritual realizado no caso de um assassinato não desvendado. Exigia-se daqueles que viviam mais próximos da cena do crime que lavassem as mãos sobre uma novilha sacrificada (Dt 21.1-9) a fim de purificar a área, o que provavelmente deu origem ao costume de lavar as mãos como sinal de inocência (Sl 26.6; 73.13; *cf.* Mt 27.24).

O AT jamais incentivou oferecer água (ou "derramar água") aos mortos, como alguns interpretariam a partir de Deuteronômio 26.14; 1 Samuel 7.6; e Jeremias 16.7. Nem estabelece relação entre água e magia, pois Deuteronômio 18.9-14 claramente condena tais práticas. O copo de adivinhações de José (Gn 44.5) é um pretexto, baseado na prática idólatra da hidromancia, com que José logra seus irmãos.

Aspectos Metafóricos

A água aparece em muitas metáforas. O anelo por Deus, aquele que é a fonte de "águas vivas" (Jr 2.13), é como o desejo que uma corça sedenta tem de água (Sl 42.1 [2]). Conseqüentemente, todos os que bebem dele (Is 55.1-2) são "como um jardim regado, e como um manancial cujas águas jamais faltam" (Is 58.11) ou como árvores junto ao rio (Sl 1.3; Jr 17.8). Longe de Deus o homem é como uma terra árida, sem água, condenada à destruição (Sl 143.6).

Na esfera do casamento, a satisfação sexual com a própria esposa é comparada ao "beber água" da própria cisterna (Pv 5.15; Ct 4.15), enquanto a prostituição implica em beber "águas roubadas" (Pv 9.17).

Outras figuras de linguagem apresentam o coração temeroso como aquele que se

derrete e se torna como água (Js 7.5), o conhecimento de Deus como tão vasto e imenso como as águas do mar (Hc 2.14; Is 11.9) e a morte como água derramada (2 Sm 14.14; Sl 22.14 [15]). A aflição é comparada a muitas águas (2 Sm 22.17) ou a águas profundas (Sl 69.3, 15).

Grandes rios simbolizam poderes imperiais capazes de inundar outras nações; é assim que se faz referência ao Eufrates (Is 8.7) e ao Nilo (Jr 46.7-8). Deus usou esses "rios" para castigar o seu povo.

Aspectos Escatológicos

Quando Israel for restaurado à sua terra num novo êxodo, Deus tornará a dar miraculosamente, refrigério a seu povo ao regar o velho deserto (Is 35.6-7; 43.20) e ao transformar a terra num jardim-modelo (Is 41.17-20), embora alguns sustentem que esta passagem refira-se metaforicamente à restauração espiritual do povo de Deus. O paraíso será restaurado quando um rio que sairá do templo em Jerusalém fluirá na direção do mar Morto. As árvores existentes em suas margens serão fonte de vida e cura (Ez 47.1-12; Zc 14.8).

Na era vindoura do Messias, Deus concederá chuva a seu tempo (Ez 34.26) de modo que esquecerão sede e privações (Is 49.10; Jr 31.9). O Senhor aspergirá "água pura" sobre as tribos restauradas, e elas serão purificadas de toda sua imundícia (Ez 36.24-25).

Bibliografia: — HARRIS, R. L. The Bible and cosmology. *JETS* 5:11-17. — REYMOND, Philippe. L'eau, sa vie, et sa signification dans l'Ancien Testament. *Supp VT*. 1958. — RICHARDSON, *TWB*, pp. 279-80. — *TDNT*. v. 8, pp. 317-22.

W.C.K.

1189 מִי (*mî*) *quem?*

Enquanto *mâ*, "o quê?" indaga a respeito do caráter ou qualidade de coisas e às vezes de pessoas, *mî*, "quem?", geralmente refere-se a pessoas e procura saber apenas a identidade, a origem ancestral ou algum fato externo.

Usa-se *mî* com referência a pessoas em 36 passagens, por exemplo, Gênesis 24.65 onde Rebeca pergunta a Eliezer: "Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro?" Ele responde: "E o meu senhor." Faraó indaga a Moisés e Arão: "Quem são os que hão de ir?" (TB, Êx 10.8). A resposta é: "Todos" (Êx 10.9). Davi, atônito diante do anúncio da graça de Deus em seu favor, exclamou: "Quem sou eu, SENHOR Deus, e qual [*mî*] é a minha casa [dinastia]?" (2 Sm 7.18). Outras passagens que demonstram a mesma idéia são: Êxodo 15.11; 32.26; Deuteronômio 3.24; 4.7-8; 5.26; 20.5-8; Juízes 9.28, 38; 10.18; 21.5, 8; 1 Samuel 18.18; 25.10; 2 Samuel 7.23; 22.32; 2 Reis 6.11; 9.5; 1 Crônicas 17.21; Jó 5.1; 34.7; Salmos 24.8, 10; 25.13; 34.12 [13]; 89.48 [49]; Isaías 48.14; 50.1; Ezequiel 27.32.

Alguns crêem que Êxodo 3.11; 2 Crônicas 2.6 [5] e Gênesis 33.8 são exceções à regra acima enunciada. Entretanto, quando Moisés pergunta em Êxodo 3.11 "Quem sou eu para ir a Faraó?", aparentemente ele está simplesmente afirmando ser um joão-ninguém. Ele não está se referindo ao seu caráter, mas sim à sua ascendência. Semelhantemente Salomão indaga em 2 Crônicas 2.6 [5], "Quem seria capaz de lhe edificar a casa?" e "E quem sou eu?" Em vista da grandiosidade da tarefa, sua ascendência não é nada. Ele se

coloca numa posição de humildade, assim como fizera seu pai, Davi (2 Sm 7.18). Quando Esaú pergunta a Jacó: "Que [*mi*] são todos estes teus bandos que encontrei?" (lit.), ele está se referindo apenas ao tamanho, e não ao potencial nem ao caráter. Quando em Miquéias 1.5 se indaga "qual [*mî*] é a transgressão de Jacó?" e "quais [*mî*] os altos de Judá?" (1.5), o que se quer saber é apenas a identidade ou lista de pecados e altos; o seu caráter e significado é cristalinamente maligno.

Bibliografia: — MOTYER, J. A. *The revelation of the divine name*. Londres, Tyndale, 1959. pp. 19-20.

W.C.K.

מֵיטָב (*mêṭāb*). Veja o nº 863a.

1190 מִיכָל (*mîkāl*) ***regato*** (significado incerto). Ocorre somente na frase *mikal hammāyim* (2 Sm 17.20).

1191 מִין (*myn*), מוּן (*mwn*). **Aceita como raiz de:**

1191a מִין† (*mîn*) ***espécie.***

1191b תְּמוּנָה† (*tᵉmûnâ*) ***semelhança, forma.***

mîn. ***Espécie.*** A palavra *mîn* ocorre em 31 passagens (principalmente Gn 1.6, 7; Lv 11; Dt 14), sendo 30 no Pentateuco e a outra em Ezequiel 47.10.

Não é possível determinar com absoluta certeza a etimologia de *mîn*. Ludwig Koehler interpretava que a palavra derivava do substantivo *tᵉmûnâ*, "forma", com algum sentido do tipo "imaginar" ou "inventar". No seu comentário sobre Gênesis, na série *International Critical Commentary*, Skinner rejeita essa linha de raciocínio e opta, em vez disso, por uma raiz árabe que significa "partir (a terra ao arar)", com a idéia resultante de "dividir".

Barton Payne assinala três detalhes gramaticais significativos: 1) *mîn* é sempre usado com a preposição *lᵉ*, "para" ou "referente a", "de acordo com" e desse modo dá início a uma especificação ou, no dizer de Driver, uma "enumeração técnica". 2) *mîn* sempre ocorre na forma singular, muito embora as traduções às vezes tragam a palavra no plural (Ez 47.10). Mas esse é, na realidade, um substantivo coletivo que em cada caso dá a forma genérica. 3) *mîn* sempre vem seguido de uma das cinco terminações pronominais em forma de sufixo. O acréscimo dessas terminações sugere acentuadamente que cada forma possui o seu próprio grupo genérico, ao qual pertence por ordem do criador.

Alguns sustentam que, quando Deus criou *mîn*, ele com isso estabeleceu as "espécies". Essa é uma pressuposição gratuita porque não se pode demonstrar a existência de um elo entre a palavra *mîn* e o termo descritivo empregado pelos biólogos, a saber, "espécie", e porque o número de definições de espécie é tão grande quanto o de biólogos.

À luz das distinções feitas em Gênesis 1, como no caso da distinção entre relva e erva, as quais são, no entanto, membros da mesma classe (angiospermas), é possível que em alguns casos o termo bíblico *mîn* indique um grupo mais amplo, tal como uma ordem. Em outro trecho, em Levítico 11.14, 15, 16, 19 (quatro vezes), 22, *mîn* aparece consistentemente com o sentido não mais amplo do que o de gênero. Contudo, Levítico 11.14, "o falcão segundo a sua espécie", e 11.16, "o gavião segundo a sua espécie", referem-se a divisões dentro da ordem dos falconiformes, mas assim mesmo ambos possuem

subdivisões denominadas *mîn*. Da mesma forma, conforme destaca-o Payne, a locusta, o gafanhoto devorador, o grilo e o gafanhoto pertencem todos eles à ordem dos ortópteros, e a locusta, o gafanhoto devorador e o gafanhoto pertencem à família dos acrídeos, mas novamente cada um possui suas subdivisões, que são denominadas *mîn* (gênero?).

Deus criou as formas básicas de vida denominadas *mîn*, as quais podem ser classificadas, de acordo com os biólogos e zoólogos do mundo moderno, às vezes como espécies, às vezes como gênero, às vezes como família, às vezes como ordem. Isso não representa nenhum apoio ao ponto de vista evolucionista clássico, que requer desenvolvimentos no âmbito de reinos, filos e classes.

t'mûnâ. ***Semelhança, forma.*** Uma aparição noturna de um espírito de forma indiscernível (Jó 4.16). Em Números 12.8, Moisés é testemunha da forma do Senhor, ou seja, da sua glória que passa por ele (veja Êx 33.22; também Sl 17.15, que fala do desejo do salmista de ver a Deus quando acordar). Em outros trechos as pessoas são advertidas a não fazer imagens com a semelhança de qualquer coisa criada por Deus (Êx 20.4; Dt 5.8; 4.16, 23, 25).

Bibliografia: — PAYNE, J. Barton. The concept of 'kinds' in Scripture. *JASA* 10:17-19. — *TDNT*. v. 1, pp. 181-2.

W.C.K.

1192 מִיץ (*myts*). Aceita como raiz de:

1192a מֵץ (*mēts*) ***aquele que comprime, i.e., opressor*** (Is 16.4).

1192b מִיץ (*mîts*) ***espremer, apertar, pressionar*** (Pv 30.33).

מִיק (*mîq*). Veja o nº 1 163.

מִישׁוֹר (*mîshār*), מִישׁוֹר (*mîshôr*). Veja os nºs 930e, f.

מִיתָר (*mîtār*). Veja o nº 936h.

מַכְאוֹב (*mak'ôb*). Veja o nº 940b.

מַכְבֵּר (*makbēr*), מַכְבֵּר (*makbār*). Veja os nºs 948c, d.

מַכָּה (*makkâ*). Veja o nº 1 364d.

מִכְוֶה (*mikwâ*). Veja o nº 961c.

מָכוֹן (*mākôn*). Veja o nº 964c.

1193 מָכַךְ (*mākak*) ***abaixar-se, ser humilhado*** (Sl 106.43; Ec 10.18; Jó 24.24).

מִכְלָה (*miklâ*). Veja os nºs 980c, 982d.

מִכְלוֹל (*miklôl*), מַכְלֻל (*maklul*), מִכְלָל (*miklāl*). Veja os nºs 985c,d,e.

מַכֹּלֶת (*makkōlet*). Veja o nº 85g.

מִכְמָן (*mikmān*). Veja o nº 991a.

מִכְמֶרֶת (*mikmeret*), מִכְמֹרֶת (*mikmōret*). Veja os nºs 995c, d.

מִכְנָס (*miknās*). Veja o nº 1 000a.

מֵכְס (*mekes*). Veja o nº 1 014a.

מִכְשֶׁה (*mikseh*), מִכְסֶה (*m'kasseh*). Veja os nºs 1008c, d.

מַכְפֵּלָה (*makpēlâ*). Veja o nº 1 019b.

1194 מָכַר (*mākar*) ***vender.***

Termos Derivados

1194a מֶכֶר (*meker*) ***mercadoria.***

1194b מִמְכָּר (*mimkār*) ***venda, produtos.***

1194c מִמְכֶּרֶת (*mimkeret*) ***venda.*** Ocorre somente em Levítico 25.42.

1194d מְכֵרָה (*m'kērâ*) ***espadas.***

Um dos ensinos centrais do AT é o de que Deus, seu povo e a terra que lhe foi dada estavam intimamente relacionados. Uma vez que Deus continuava sendo o único proprietário da terra, ele estabeleceu certas condições para os israelitas a ocuparem. Uma das condições era que a terra não devia ser vendida em definitivo (Lv 25.23). Se alguém ficasse tão pobre que tivesse de vender sua propriedade, seu parente mais próximo deveria resgatá-la (Lv 25.25). Caso ele não tivesse nenhum parente e jamais juntasse meios suficientes para recomprá-la para si, a propriedade permaneceria em mãos do adquirente até o ano de jubileu. No jubileu, que ocorria a cada cinqüenta anos, toda família deveria retornar às terras de seus ancestrais. A lei do jubileu foi a primeira reforma agrária da história.

Era proibido vender compatriotas israelitas à escravidão (Êx 21.16; Dt 24.7; Jl 3.3 [4.3]; Am 2.6; Ne 5.8; Zc 11.5). Eles, porém, podiam vender-se a si mesmos, ou seja, seus serviços e trabalho, mas essa servidão acabava no sétimo ano (Dt 15.12) e no ano de jubileu, quando todos os servos ficavam livres (Lv 25.39, 40, 47, 48, 50; Dt 15.12; Jr 34.14). No ano sabático os débitos também eram cancelados (Dt 15.1-3).

O Senhor vendia o seu povo para as mãos de seus inimigos quando ficava desgostoso com eles (Dt 32.30; 28.68; Sl 44.12 [13]; Is 50.1; Ez 30.12). Na realidade os israelitas venderam-se a si próprios em troca ... de nada! Mas Deus ainda iria resgatá-los sem dinheiro (Is 52.3). 1 Samuel 12.9 fala a respeito, com todas as letras, "Eles se esqueceram do Senhor seu Deus, então ele os vendeu..." (lit.), o que aconteceu repetidas vezes na época dos juízes (Jz 2.14; 3.8; 4.2; 10.7).

José foi vendido por seus irmãos aos ismaelitas, que por sua vez o venderam à escravidão no Egito (Gn 37.27, 28, 36; 45.4). Mas, ao revelar sua identidade a seus atônitos irmãos, José disse "Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós por me haverdes vendido para aqui; porque para conservação da vida Deus me enviou adiante de vós" (Gn 45.5) e de forma mais tocante, em Gênesis 50.20, "Vós ... intentastes o mal .... mas Deus o tornou em bem".

Esaú vendeu seu direito de primogenitura (Gn 25.31, 33). Foi assim que ele entregou o direito de ser o herdeiro principal em troca de um pouco de sopa. As tabuinhas de Nuzi (c. 1500 a.C.) testemunham de dois outros casos de homens que, por algum motivo temporal imediato, cederam direitos de herança a irmãos mais moços.

Há uma passagem que emprega o verbo figuradamente: "Compra a verdade, e não a vendas" (Pv 23.23). O rei israelita Acabe ilustra talvez essa passagem, pois ele, instigado pela esposa pagã, Jezabel, "se vendeu para fazer o que era mau" (1 Rs 21.20, 25). Infelizmente o mesmo se podia dizer de todo Israel (2 Rs 17.17): os israelitas consagraram-se totalmente e "venderam-se para fazer o que era mau"!

meker. ***Valor.*** Vocábulo usado em quatro passagens, sendo que apenas uma vez tem maior significação. Provérbios 31.10 menciona a "mulher virtuosa", cujo valor é superior ao de rubis. O motivo fica claro a partir da descrição feita nesse capítulo acerca de tal mulher.

mimkār. ***Venda, produtos.*** A maioria das passagens que emprega *mimkār* trata de venda ou de coisas vendidas e de como se procede para reavê-las no ano de jubileu (Lv 25.14, 27, 29, 33, 50; veja também Ne 13.20).

Bibliografia: — VAUX, R. de. *AI.* pp. 164-6; 175-7. — HARRIS, R. L. *Man, God's eternal creation*. Moody, 1973. pp. 137-8.

W.C.K.

מַכֹּר (*makkār*). Veja o nº 1 368f.
מִכְרֶה (*mikreh*), מְכֻרָה (*m'kurâ*). Veja os nºs 1 033b, c.
מִכְשׁוֹל (*mikshôl*), מַכְשֵׁלָה (*makshēlâ*). Veja os nºs 1 050c, d.
מִכְתָּב (*miktāb*). Veja o nº 1 053c.
מִכְתָּה (*m'kittâ*). Veja o nº 1 062b.
מִכְתָּם (*miktām*). Veja o nº 1 056a.
מַכְתֵּשׁ (*maktēsh*). Veja o nº 1 061a.

1195 מָלֵא (*mālē'*) ***estar cheio, encher.***

Termos Derivados

1195a מָלֵא (*mālē'*) ***plenitude, aquilo que enche.***
1195b מְלֹא (*m'lō'*) ***plenitude.***
1195c מְלֵאָה (*m'lē'â*) ***plenitude, produção agrícola toda.***
1195d מְלֵאָה (*millu'â*) ***engaste de jóia.***
1195e מִלּוּא (*millû'*), מִלּוּא (*millu'*) ***incrustação, ordenação.***
1195f מִלֵּאת (*millē't*) ***incrustação, margem, borda.*** Significado incerto.

Um exame das 249 ocorrências deste verbo (no qal e no nifal) revela que ele pode ter um sentido tanto espacial quanto, por extensão, um conceito teologicamente importante de significação temporal.

O significado espacial se vê nos gafanhotos que enchem as casas (Êx 10.6), no lagar cheio de mosto (Jl 3.13 [4.13]) e na viúva que derrama azeite em utensílios vazios até ficarem cheios (2 Rs 4.6).

Encontramos o significado temporal no cumprimento de um tempo determinado, por exemplo, os dias da gravidez de Rebeca, que se cumpriram (lit., encheram) quando ela deu à luz (Gn 25.25); nos sete dias que se completaram, isto é, que se passaram, depois que o Senhor feriu o Nilo (Êx 7.25), e nas três semanas que se completaram enquanto Daniel jejuava (Dn 10.3).

Ainda mais significativo é o uso desse termo para indicar a onipresença de Deus: "Diz o SENHOR: Porventura não encho eu os céus e a terra?" (Jr 23.24). Ele não apenas está presente em todo o universo e enche toda a terra com sua glória (Nm 14.21; Sl 72.19; Is 6.3), como também mediante sua glória (*kābôd*) é visível, na nuvem que enche o tabernáculo (Êx 40.34-35; 1 Rs 8.10-11; Is 6.1; Ez 10.3; 43.5; 44.4).

Também se emprega esse termo para designar a capacidade divina de completar uma tarefa iniciada ou de cumprir uma promessa feita. Parece que a forma piel de *ml'* enfatiza o cumprimento de coisas que foram ditas.

As pessoas cumprem suas palavras quando praticam idolatria tal como disseram que o fariam (Jr 44.25). Quando Salomão expulsou Abiatar do sacerdócio, cumpriram-se as palavras de Eli (1 Rs 2.27), da mesma forma como se cumpriram as palavras de Jeremias acerca dos 70 anos de exílio (2 Cr 36.21). Quando Salomão construiu o templo, Deus procedeu de tal forma a cumprir a palavra dita a Davi (1 Rs 8.15, 24; 2 Cr 6.4, 15). Deus também agirá de modo a cumprir os desígnios e os votos do seu Messias (Sl 20.4, 5 [5, 6]).

Von Rad relaciona outros termos teológicos que mostram como a palavra profética do Senhor operava na História: "nenhuma promessa falhou" (*"lō'-nāpal dābār"*, Js 21.45 [43]; 23.14; 1 Rs 8.56; 2 Rs 10.10), "confirme" (*qûm*, 1 Sm 1.23; 15.11, 13; 2 Sm 7.25; 1 Rs 2.4; 6.12), "sobrevieram" (IBB, *bô'*, Js 23.15); *cf.* também Ezequiel 12.25, 28, "Assim diz o SENHOR Deus: Não será retardada nenhuma das minhas palavras; e a palavra que falei se cumprirá, diz o SENHOR Deus" (*Theology of the Old Testament*, v. 2, p. 94).

Também se emprega o grau piel de *mālē'* para denotar um período de tempo, ou seja, o número de dias (Gn 29.27-28), anos (2 Cr 36.21) ou duração de gestação (Jó 39.2), os quais têm de se completar. Como conseqüência, a ênfase não deve recair unicamente na palavra predita, mas também no Deus fiel que realizará, aperfeiçoará e fará o que foi dito: O tempo entre a predição e seu cumprimento contém acontecimentos significativos que evidenciam esse mesmo Deus poderoso e fiel, o qual continua a preencher o tempo cronológico (*chronos*) com momentos oportunos (*kairoi*). Isso está, num sentido genérico, relacionado àquela concretização final de tudo que foi prometido (cf. NT *pleroun*, heb. *kālâ*, gr. *teleō*, heb. *tāman*, gr. *teleō*). É bastante interessante que Moule, citando J. A. Fitzmyer, diz que "falta na literatura de Qumran tanto a fórmula de cumprimento encontrada em Mateus quanto também o 'modelo' em uso no Antigo Testamento ... [e que é encontrado] no Novo Testamento ... [e há] bem poucos exemplos do uso de *ml'* numa frase que se refira à confirmação ou consumação das promessas ou plano de Deus" (*Fulfillment-Words in the New Testament*, p. 309).

Em expressões figuradas, com freqüência apresenta-se a terra como cheia de violência (Gn 6.13; Mq 6.12; Jr 23.10; 51.5; Ez 7.22) e às vezes como cheia da glória, misericórdia, bondade e conhecimento do Senhor (Sl 33.5; 119.64; Is 11.9; Hc 3.3). A terra pode ficar cheia de pecado (Jr 16.18; Ez 8.17). "Consagrar-se" (TB, 1 Cr 29.5; Êx 32.29) e "consagrar" (Jz 17.5) são, literalmente, "encher as mãos [de sacrifícios]". Semelhantemente, cumprir (lit., "encher") o desejo de alguém é "satisfazer" ou "fartar" tal pessoa (Êx 15.9).

mᵉlō'. ***Plenitude.*** A palavra significa "aquilo que completa" um grande número. Em Gênesis 48.19 Jacó prediz que Efraim, filho de José, tornar-se-ia uma multidão de nações ou, no dizer da NEB, "uma nação completa em si", da mesma maneira como Isaías 31.4 fala de uma grande massa ou multidão de pastores.

Num bom número de vezes emprega-se esta palavra junto com a palavra "terra" para referir-se à plenitude ou à totalidade daquilo que está na terra e pertence ao Senhor (Dt 33.16; Sl 24.1) ou ao invasor ameaçador (Mq 1.2; Am 6.8 [*i.e.*, a cidade]; Jr 8.16; 47.2; Ez 12.19; 19.7). Mas, quando Isaías testemunhou a visão de sua chamada, a terra toda estava cheia da glória divina (Is 6.3).

O Senhor reivindica como seu todo o mundo habitado (*tēbēl*) juntamente com tudo o que esse mundo contém (Sl 50.12; 89.11 [12]; 98.7; Is 42.10; 1 Cr 16.32). Aliás, até mesmo o mar, junto com tudo o que ele contém, é convidado a cantar e a rugir em louvor ao Senhor (Sl 96.11).

O outro uso teologicamente significativo ocorre na referência ao ômer cheio de maná guardado na presença do Senhor, na arca (Ex 16.33).

Bibliografia: — CHILDS, Brevard S. Prophecy and fulfillment. *Interpretation* 12:259-71. — MOULE, C. F. D. Fulfillment-Words in the New Testament — Use and abuse. *NTS* 14:308 e ss. — FITZMYER, J. A. The use of explicit O.T. quotations in Qumran literature and in the NT. *NTS* 7:297 e ss. — RICHARDSON, *TWB*, pp. 87-8. — *THAT*. v. 1, pp. 897-9.

W.C.K.

מַלְאָךְ (*mal'āk*), מַלְאָכוּת (*mal'ākut*). Veja os nºs 1 068a, c.
מִלֵּאָה (*millē't*). Veja o nº 1 195f.
מַלְבֵּן (*malbēn*). Veja o nº 1 074i.
מַלְבּוּשׁ (*malbûsh*). Veja o nº 1 075b.
מַלָּה (*millâ*). Veja o nº 1 201a.
מִלּוּא (*millû'*). Veja o nº 1 195e.
מַלּוּחַ (*mallûaḥ*). Veja o nº 1 197c.
מְלוּכָה (*mᵉlûkâ*). Veja o nº 1 199d.
מָלוֹן (*mālôn*). Veja o nº 1 096a.

1196 מָלַח* (*mālaḥ*) ***I, despedaçar, desfazer.*** Ocorre somente no nifal, em Isaías 51.6, *shāmayim ke'āshān nimlāḥû*, "os céus desaparecerão como o fumo".

Termo Derivado

1196a מֶלַח (*melaḥ*) ***trapo*** (Jr 38.11-12).

1197 מָלַח (*mālaḥ*) ***II, salgar, temperar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1197a מֶלַח (*melah*) ***sal.***

1197b מְלֵחָה (*m'lēhâ*) ***salgadura, esterilidade.***

1197c מַלּוּחַ (*mallûah*) ***malva, uma planta que cresce em pântanos salinos*** (Jó 30.4).

1197d מַלָּח (*mallāh*) ***marinheiro.***

Apenas três passagens empregam este verbo denominativo. De acordo com Levítico 2.13, a oferta de manjares devia ser temperada com sal. Em Êxodo 30.35 a combinação de ingredientes que constituía o incenso devia ser temperada com sal.

Em nenhum trecho encontramos o aspecto de entrar num relacionamento amistoso comendo pão com sal. A sociedade árabe até hoje mantém expressões como "existe sal entre nós" ou "eu te amo como ao sal".

A terceira passagem é Ezequiel 16.4, que utiliza um perfeito do hofal e um infinitivo absoluto para descrever um nenê recém-nascido sendo esfregado ou lavado com sal. Provavelmente isso tinha o propósito de simplesmente purificar e curar a criança e não de estabelecer alguma aliança [de sal] entre o recém-nascido e Deus. Esperamos que a solução salina tenha sido bem fraca!

melah. ***Sal.*** Temos vários usos de sal em 28 passagens do AT. O sal era extraído de várias salinas localizadas na margem sudoeste do mar Morto (Gn 19.26; Ez 47.11; Sf 2.9). Em Jó 6.6 o sal é mencionado como um condimento. Sal e azeite eram sempre misturados com a oferta de manjares (Lv 2.13). Ezequiel 43.24 assinala que, no milênio, o sacerdote jogará sal nos holocaustos. A oferta de incenso, o símbolo da adoração pública a Deus, também devia ser "temperada com sal" (Êx 30.35). Alguns sustentam que nessas ofertas o sal representa aquilo que impede a putrefação, ao passo que mel e fermento não impedem e, por esse motivo, foram proibidos. Outros destacam que o uso de sal como conservante não é algo claro na Bíblia. A oferta de holocausto, pelo menos, não era guardada, e o incenso não apodrece. Desse modo, o uso de sal nessas ofertas talvez seja uma questão de tempero ou de consagração, pois o sal era um produto caro. De outro lado, o mel não azeda facilmente.

O termo "aliança de sal" é aplicado tanto ao estatuto perpétuo segundo o qual devia ser dada uma renda aos sacerdotes (Nm 18.19) quanto à aliança estabelecida com Davi, mediante a qual foi-lhe outorgado um reinado perpétuo sobre Israel (2 Cr 13.5). Esses relacionamentos são, dessa forma, designados como irrevogáveis e obrigatórios (veja também Lv 2.13).

As qualidades conservantes do sal podem talvez ser vistas no uso que o profeta Elias faz do produto a fim de purificar o manancial de água em Jerico (2 Rs 2.20-21), embora o poder tenha sido miraculoso. De outro lado, espalhou-se sal na área de uma cidade consagrada a Deus para ser destruída (Jz 9.45), o que se tornou então o símbolo de esterilidade e abandono (veja também Dt 29.23 [22]; Jó 39.6; Sf 2.9).

Bibliografia: — CORSWANT, W. *A Dictionary of life in Bible times*. Oxford University Press, 1960. pp. 233-4. — ROSS, J. F. Salt. In: *IDB*. v. 4, p. 167.

W.C.K.

1198 *מָלַט (*mālat*)

מַלְחָמָה (*milhāmâ*). Veja o nº 1 104c.

1198 *מלט (*mālat*) nifal: ***ser libertado, fugir;*** piel: ***livrar, salvar.*** (***BDB*** sugere o sentido de "escapulir".)

Termo Derivado

1198a מֶלֶט (*melet*) ***(chão de) barro.*** Ocorre somente em Jeremias 43.9, uma lição ilustrada da destruição que se avizinhava do Egito.

mlt faz parte de um elenco de palavras semanticamente próximas que inclui *gā'al*, *yāsha'*, *nātsal*, *pālat* e *shālôm*. Na LXX tais palavras são traduzidas por vários vocábulos gregos: *sōzō* (inclusive *diasōzō* e *anasōzō*; aproximadamente 70 vezes), *ryomai* (oito vezes) e *exaireō* (cinco vezes). Essa distribuição sugere que elas possuem significados semelhantes com ênfases um tanto quanto diferentes.

Embora *mālat* possa denotar a fuga dos deveres na corte a fim de ver os parentes (1 Sm 20.29) ou o livramento que os necessitados experimentam da aflição (Jó 29.12), a nuança mais destacada é a de livramento ou fuga da ameaça de morte, às mãos de um inimigo pessoal (1 Sm 19.11; 23.13) nacional (2 Sm 19.10), ou por motivo de enfermidade (Sl 107.20).

A ênfase costumeira recai sobre o papel de Yahweh no livramento (em particular sendo traduzida na LXX pelo verbo *ryomai*; Sl 116.4; 107.20; 22.5 [6]). Sua salvação é para os justos (Pv 28.26; Jó 22.30), mas não se pode fugir de seu juízo sobre o pecado (1 Rs 19.17; Am 2.14-15). O livramento só é possível para aqueles que clamam por ele (Jl 2.32 [3.5]). Ele é o Deus protetor e libertador. Em contraste, a possibilidade de escape não se encontra na força de um cavalo (Sl 33.17), nem no poder de alguma outra nação (Is 21.6), nem nas riquezas (Jó 20.20) nem no próprio entendimento.

Bibliografia: — ***TDNT.*** v. 7, pp. 971-3, 978-80; v. 6, pp. 998-1003.

G.L.C.

מְלִילָה (*m'lîlâ*). Veja o nº 1 202.

מְלִיצָה (*m'lîtsâ*). Veja o nº 1 113b.

1199 מָלַךְ (*mālak*) ***I, ser, tornar-se rei ou rainha, reinar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1199a †מֶלֶךְ (*melek*) ***rei.***
1199b †מַלְכָּה (*malkâ*) ***rainha.***
1199c †מַלֶּכֶת (*m'leket*) ***rainha.***
1199d מְלוּכָה (*m'lûkâ*) ***reinado, realeza.***
1199e מַלְכוּת (*malkût*) ***poder soberano.***

1199f מַמְלָכָה (*mamlākâ*) ***soberania.***
1199g מַמְלָכוּת (*mamlākût*) ***soberania.***
1199h מֹלֶךְ† (*mōlek*) ***Moloque, um deus pagão.***
1199i מַלְכִּי־צֶדֶק† (*malkî-tsedeq*) ***Melquisedeque.***

Uma vez que substantivos semíticos geralmente derivam de verbos, o inverso é sempre um sinal para olhar para o substantivo em busca do significado básico. Embora empregado mais de 300 vezes, *mālak* aparece apenas nos graus qal e hifil (a não ser por uma exceção no hofal, Dn 9.1). O significado do qal (mais de 200 vezes) é sempre o de "reinar", isto é, ser e exercer as funções de monarca, quer como homem (rei) quer como mulher (rainha).

O sentido normal do hifil de *mālak* seria o de fazer alguém ser rei (ou rainha) e é exatamente o que acontece: "tornar (alguém) rei", "fazer (alguém) reinar". Essa pode ser a ação de tomar posse mediante unção (2 Sm 2.9; 5.17) ou de ungir *e* coroar (2 Cr 23.11). Também pode ser a ação em que Deus ou os homens exaltam alguém a tal posição, não se levando em consideração a cerimônia (1 Sm 15.35; 1 Rs 12.20). Parece que o hofal, empregado apenas uma vez, em Daniel 9.1, indica especificamente que Dario não era considerado pelo autor, Daniel, como o monarca supremo do império medo-persa, mas que tinha sido feito (voz passiva) vice-*melek* da Babilônia, uma cidade e região importantes, mas secundárias, do reino.

melek. ***Rei.*** Posto que a Bíblia foi escrita numa época quando a soberania (ou seja, o centro do poder) do governo civil era um tanto quanto diferente daquilo que é hoje, autoridades e funcionários governamentais (que hoje em dia seriam designados por outros títulos, por exemplo, comandante, governador, chefe, *etc.*) eram regularmente chamados de *melek*. O fato de, para esta palavra específica, haver 31 colunas (com uma média de 85 chamadas por coluna) na concordância bíblica em hebraico conhecida como *Englishman's Hebrew and Chaldee Concordance*, é uma indicação de sua grande freqüência no AT.

melek é simplesmente a palavra mais comum para designar o governante principal e tem sentido semelhante ao de várias outras palavras que são traduzidas por "senhor", "capitão", "governante", "príncipe", "chefe" e outras como: *nāgîd*, *nādîb*, *nāsîk*, *nāsî'*, *qātsîn*, *rōzēn* (sempre no plural), *sar* (bastante freqüente). Até onde se pode verificar, nenhum desses termos é consistentemente empregado nas Escrituras hebraicas para designar um cargo bem definido. Conclusões baseadas no uso de uma ou outra delas são precárias, como, por exemplo, a de que *nāgîd* sempre se refira a governantes gentílicos e não a israelitas ou vice-versa.

Não se chega à teologia básica do AT a respeito de *melek* (rei) apenas mediante o exame das mais de 2 500 ocorrências da palavra. Em vez disso, devemos examinar a idéia do AT acerca da magistratura no seu sentido amplo, ou seja, da autoridade civil. Permeando toda a sociedade civil havia o direito consuetudinário, isto é, as leis fundadas nos costumes. Naquela época e também hoje nenhum país (mesmo Israel) tinha ou tem condições de funcionar exclusivamente com base em leis formais. Ademais, o governo civil era o governo de magistrados. Estes eram governantes (*sarîm*) num sentido mais amplo do que seriam hoje em dia no ocidente. Pois, embora tivessem de se submeter à lei formal

e aos costumes, parte do costume era simplesmente confiar que as decisões do magistrado — para quem havia inúmeras designações (veja acima) — proporcionariam toda e qualquer liderança, controle e apoio que o povo esperava do governo. De maneira que o governo, num grau muito maior do que em qualquer país ocidental, era a administração por homens justos (assim se esperava) em vez de leis que eram justas.

Provérbios 8.15-16 é uma passagem rica em materiais para nossa busca de uma teologia do rei ou do magistrado supremo: "Por meio de mim [isto é, da sabedoria] reinam os reis, e os governadores decretam o que é justo. Por meio de mim governam os príncipes. e os nobres, todos os juízes da terra." De todos os vocábulos, o menos preciso é "rei" (TB). Deixemos que os outros quatro ampliem a idéia de reinado. "Governadores" (sing. *rōzēn*; ARA, "príncipes"; mas *cf.* o versículo seguinte, onde a palavra "príncipes" também é tradução de uma palavra hebraica diferente) ocorre apenas seis vezes, sempre em textos poéticos. Devido à relação com um cognato árabe, entende-se que a palavra tenha o sentido de aquele que é "sólido, sério, firme em seu julgamento" — alguém que é incapaz de se abalar, de uma serenidade solene, de fala e ações dignas, conforme é próprio de alguém investido de grande poder.

"Príncipes" (*sārîm*) é uma palavra comum que significa "líder", alguém de autoridade reconhecida em qualquer área em que atue ("autoridades superiores", Rm 13.1). Não há metáfora alguma quando mercadores importantes são chamados de "príncipes" (*sārîm*, Is 23.8). Certos anjos são denominados *sārîm* (Dn 10.13, 21). "Nobres" (sing. *nādîb*) é aquele que se inclina para a liberalidade, pessoa de caráter nobre e, decorrentemente, também de posição nobre. "Juízes" (sing. *shōpēt*, derivado de *shāpat*, *q.v.*) é talvez o termo mais abrangente para designar aquele que exerce autoridade civil, seja executiva, judicial ou legislativa. Uma sexta palavra, *nāgîd*, é um título favorito para os reis hebreus, aparecendo duas vezes em Provérbios (8.6; 28.16) e com o sentido de aquele que vai à frente.

Estas são as principais idéias do AT acerca de reis e outros governantes. Embora os governantes devessem ser bondosos, é difícil de encontrar na Bíblia a idéia de democracia, ou seja, a de que a autoridade emana do povo para os governantes. Acreditava-se que a autoridade dos governantes provinha de Deus e não dos homens. Apresentar-se diante do juiz era apresentar-se diante de Deus (Êx 22.8, 9 [7-8]). Deve-se observar que em Êxodo 22.9 [8], há de se traduzir *'ĕlōhîm* por "juízes" (pl.) em vez de "Deus" (sing.), pois *yarshi'un* é terceira pessoa masculina plural do hifil do verbo *rāsha'*, "condenar".

O termo *melek* aparece de forma modificada em quase todos os idiomas semíticos. tendo aproximadamente o mesmo sentido (*BDB*, *in loc.*). A idéia hebraica era compartilhada em todos os lugares do antigo oriente médio.

Devemos nos precaver para não atribuir à palavra *melek* um significado técnico consistente, mesmo quando esse seja claramente o propósito. A palavra pode significar imperador (de um império), como no caso de Nabucodonosor, rei da Babilônia (Jr 46.2), ou aquele que é vassalo de um imperador, como no caso de Jeoaquim, rei de Judá (Jr 46.2), ou o líder de uma minúscula cidade-estado, como era o caso das cidades cananéias e filistéias (*e.g.*, Gn 14.2-8; 20.2; 26.1, 8; muitas vezes em Js). Da mesma forma também podiam ser chamados de *melek* o membro de uma junta governante ou, possivelmente, de um triunvirato, conforme sabemos agora que foi o caso de Belsazar (Dn 5.11, palavra aram. equivalente aqui ao heb.), como também um governador provincial subalterno, como o foi Dario, que governou a Babilônia enquanto Ciro era imperador da Pérsia (Dn 5.30).

Devem-se observar duas importantes questões correlatas:

1. *O papel da monarquia em Israel.* Nos primeiros tempos não havia em Israel nenhum magistrado que fosse chamado de rei. No período patriarcal a autoridade civil era desempenhada por anciãos das tribos; nos primeiros anos após o povo se estabelecer na terra prometida, por anciãos das tribos e das aldeias. Durante a época dos *shōph'tîm* (palavra traduzida usual, mas impropriamente, por "juizes") houve líderes carismáticos (no sentido correto da palavra, ou seja, líderes por um dom divino) temporários das alianças tribais. Mas idéias antigas de monarquia, geralmente (mas não invariavelmente) associavam dinastia com reinado. Os livros de Samuel contam a história do primeiro esforço, contrário à vontade expressa de Deus, de estabelecer uma monarquia nacional permanente. Conquanto formar uma dinastia fosse almejado pela casa de Saul, a Providência impediu que isso se concretizasse. Mas a monarquia já tinha sido prevista na lei mosaica (Dt 17.14-20; 28.36), e Deus estabeleceu Davi e sua dinastia para sempre sobre Israel. No dizer de John Bright (*A History of Israel*, Westminster, 1959, p. 204),

> A teologia da monarquia davídica é mais bem apreciada nos salmos reais (os salmos reais incluem Sl 2; 18 [2 Sm cap. 22]; 20; 21; 45; 72; 89; 101; 110; 132; 144.1-11), que, embora não se possa datá-los com precisão, são todos pré-exílicos e, na sua maioria, bem antigos. Sua expressão clássica, no entanto, encontra-se no oráculo de Natã (2 Sm 7.4-17), uma passagem que indubitavelmente desenvolve uma idéia básica antiga (*cf.* também 2 Sm 6; 1 Rs 8). Essa teologia também se encontra no velho poema de 2 Samuel 23.1-7, que é atribuído ao próprio Davi. (A tradição não é de forma alguma inacreditável: *cf.* O. Procksch, "Die letzten Worte Davids" [*BWANT*, 13 (1913), pp. 112-125]; A. R. Johnson, *Sacral kingship in ancient Israel* [Cardiff, University of Wales Press, 1955, p. 15] — onde há uma bibliografia mais completa.) A essência dessa teologia é que a escolha de Sião e da casa davídica por Yahweh é eterna (Sl 89.3 [4]; 132.11-14): embora os reis possam ser punidos por causa de seus pecados, a dinastia jamais seria eliminada (2 Sm 7.14-16; Sl 89.19-37 [20-38]). O rei governava na condição de "filho" de Yahweh (Sl 2.7; 2 Sm 7.14), de seu "primogênito" (Sl 89.27 [28]), de seu "ungido" (Sl 2.2; 18.50 [51] [7]; 20.6). Pelo fato de Yahweh tê-lo firmado em Sião, inimigo nenhum prevaleceria contra ele (Sl 2.1-6; 18.31-45 [32-46] [8-13]; 21.7-12; 132.17 e s.; 144.10 e s.); pelo contrário, nações estrangeiras submeter-se-iam ao seu governo (Sl 2.7-12; 18.44 [45] e s.; 72.8-11). A aliança davídica desenvolveu o esquema da aliança patriarcal no sentido de que baseava-se nas promessas incondicionais de Yahweh quanto ao futuro. (Veja G. E. MENDENHALL, *Law and covenant in Israel and the Ancient Near East* [The Biblical Colloquium, 1955].)

2. *A relação entre o rei e a religião e a adoração pública nacionais.* Conforme visto acima, o rei era uma pessoa sagrada — ele governava por nomeação e autoridade divinas (veja também R. D. CULVER, *Toward a biblical view of civil government*, Moody, 1975, pp. 41-55, 74-76, 87, 88, 123, 129, 169, 170, 251). Mas ele não tinha oportunidade alguma no sacerdócio. Intrometer-se naquela função sagrada era considerado pecado seriíssimo (*cf.* o caso da usurpação da função sacerdotal por Saul, 1 Sm 13.1-14).

Existe uma escola de crítica histórico-bíblica radical que afirma que a prática monárquica de Israel, por ter sido copiada dos vizinhos pagãos (2 Sm 8, esp. v. 20),

também envolvia uma teoria pagã e um padrão de ritual para expressá-la, o qual alguns supõem ter sido uma prática generalizada no antigo Oriente Médio. De acordo com esse ponto de vista, o rei, sendo na teoria um rei divino, tornava-se a figura central de um festival anual de comemoração do ano novo, encenando a morte e renascimento (como nas estações do ano) do deus da fertilidade. Dessa maneira o rei, ritualmente (como uma espécie de sumo pontífice ou sumo sacerdote) reencenava a luta da criação, a subseqüente vitória sobre o poder do caos, um casamento sagrado e então reassumia o seu trono, que já ocupava. Afirmam tais críticos que tudo isso era para garantir a revitalização da natureza na primavera e a fertilidade dos campos e dos rebanhos num outro ciclo anual de estações, bem como um governo estável durante o ano. Essa teoria, com variações, é vigorosamente defendida por um grande número de estudiosos (A. BENTZEN, *King and Messiah*, tr. em inglês, Londres, Lutterworth Press, 1955; I. ENGNELL, *Studies in divine Kingship in the ancient Near East*, Uppsala, Almqvist and Wiksells, 1943; S. H. HOOKE, ed., *Myth and ritual*, Londres, Oxford University Press, 1933; _____, *The labyrinth*, Londres, S.P.C.K., 1935; G. WIDENGREN, *Sacrales Koenigtum im Alten Testament und im Judentum*, Stuttgart: W. Kohlhammer, 1955). Mas, embora esses escritores aleguem que muitos dos salmos reflitam o ritual anual descrito acima, na realidade a teoria não possui um só vestígio na Bíblia e existem estudiosos que lançam muitas dúvidas sobre toda essa idéia. (Veja a bibliografia, especialmente Frankfort, que assinala que, embora o rei fosse divinizado no Egito, na Mesopotâmia não o era, com raras exceções.)

malkâ. ***Rainha.*** À exceção de Cantares 6.8-9, onde aparece duas vezes no plural, *malkâ* é sempre empregado no singular e sempre se refere a rainhas de terras estrangeiras. O sentido é aparentemente, às vezes, o de chefe de estado (1 Rs 10.1) e, com maior freqüência, o de consorte do rei (Et 1.9; 2.22). Foram rainhas Atalia (2 Rs 11.3; 2 Cr 22.12), Ester (Et 2.4), Vasti (Et 1.9) e a consorte de Nabucodonosor (Dn 5.10); as circunstâncias determinam o exato sentido do termo. A primeira foi uma avó assassina, que usurpou o trono, valendo-se do poder ilegitimamente. A última não exerce nenhum poder civil, sendo apenas a consorte favorita do *melek*. Na condição de *malkâ*, Ester não possuía qualquer poder monárquico, mas apenas o que sua posição social de consorte do rei lhe concedia. Das 33 ocorrências (35 se contarmos a passagem em aramaico de Dn 5.10) de *malkâ*, com apenas duas exceções (Ct 6.8-9), todas as demais referem-se a rainhas de terras estrangeiras. Na antigüidade oriental a "rainha" geralmente não era a esposa do rei e geralmente também não reinava, de modo que o nome de sua posição normalmente não era a forma feminina de *melek*, mas sim *gᶜbirâ*, palavra que significa grande dama (1 Rs 11.19; 15.13; 2 Cr 15.16.; Jr 13.18; 29.2). A "rainha [*mᶜleket*] dos céus" (Jr 7.18; 44.17, 18, 19, 25) era uma deusa pagã adorada em Jerusalém. É possível que a palavra seja um nome próprio. (Também se usam raramente *sârâ* e *shēgāl* para designar as consortes dos reis.)

mᵉleket. Forma infreqüente e difícil, que indica uma certa rainha pagã dos céus (Jr 7.18).

mōlek. ***Moloque.*** Nome encontrado na Bíblia Hebraica para referir-se à divindade pagã de sexo masculino, presumivelmente tomada de empréstimo dos vizinhos de Israel, a quem israelitas apóstatas sacrificavam criancinhas no vale de Hinom, logo ao sul de Jerusalém. As consoantes, *mlk*, são a palavra *melek*, "rei (divino)", ao passo que as vogais são as que os massoretas, seguindo um costume que vem desde tempos imemoriais,

copiavam da palavra hebraica *bosheth*, "vergonha". É difícil dizer exatamente como se lia esses textos na sinagoga — *boshet*, *melek* ou *molek*. E até mesmo transliterado *moloch* (μολοχ) na LXX. que também traduz a palavra como "seu rei" (1 Rs 11.7 [5]) e "o rei Moloch" (Jr 32.35 [39.25]).

"Moloque" (= "Milcom") era uma das divindades favoritas dos amonitas, adorada com sacrifícios humanos (1 Rs 11.5; 2 Rs 23.10; Jr 32.35), mas o deus e a prática terrível de sacrifício de criancinhas em honra desse deus eram característicos de povos cananeus do norte (fenícios, púnicos) em toda a região do mar Mediterrâneo. Waltke (*ZPEB*, v. 5, pp. 269-70) apresenta uma excelente análise e bibliografia a respeito, como também o faz Helmbold (*WBE*, v. 2, p. 705-6). A revista National Geographic fornece uma reportagem não-técnica sobre os fenícios e sua adoração de Baal-Maloque (ago. 1974, pp. 166-7).

No pensamento bíblico, Moloque está definitivamente associado com a apostasia suprema de adorar um falso *melek*, adoração feita pelo povo que deveria ter adorado apenas Yahweh, "seu rei" (*malkām*). Os dois piores apóstatas dentre os reis de Israel e Judá, Acabe e Manassés, promoveram essa adoração na ravina mais tarde denominada *geenna* no NT, palavra que passou a designar o fogo inextinguível do inferno. (Veja 2 Rs 16.3; 2 Cr 28.3; 2 Rs 26.6; 2 Cr 33.68; veja também Jr 7.31; 32.15.) Há em fontes judaicas uma forte aversão a essa prática, acompanhada de uma descrição sinistra — e talvez exata. David Kimchi, em seu comentário sobre 2 Reis 23.10, diz que a imagem de Moloque era de bronze e oca. Acendia-se fogo dentro do ídolo. Quando as mãos estendidas do ídolo ficavam bem quentes, o sacerdote de Moloque apanhava o neném das mãos do pai e punha-o nas mãos de Moloque, ao som de tambores, para evitar que o pai ouvisse os gritos de seu filhinho moribundo.

Para um estudo mais aprofundado, *cf. YGC*, pp. 234-44. A idéia de Albright é que o sacrifício de *mōlek* não era um sacrifício a um deus *mōlek*, mas sim o sacrifício real, ou seja, o supremo sacrifício de criancinhas. Era prática comum em Cartago. Albright atribui aos padrões mais elevados de Israel a diminuição da prática na vizinha Fenícia.

malkî-tsedeq. ***Melquisedeque.*** Este nome ocorre apenas em Gênesis 14.18 e Salmos 110.4. É formado pelas palavras *melek*, "rei", e *tsedeq*, "justo", tendo um hireq yod de transição. É objeto de debates se esse hireq yod indica uma relação construta (ou seja, de posse) ou se é o sufixo da primeira pessoa do singular. No primeiro caso, o nome teria o sentido de "rei daquele que é justo"; no segundo, "meu rei é justo". Com toda probabilidade "Salém" refere-se a Jerusalém. A geografia da campanha militar de Gênesis 14 permite essa interpretação. A semelhança com o nome de "Adoni-Zedeque", rei de Jerusalém (Js 10.1), favorece-a. A comparação com Davi, rei de Jerusalém, (Sl 110.4) estabelece definitivamente a relação com Jerusalém. A aparição de Melquisedeque na Bíblia é teologicamente importante. Ela sugere fortemente que o conhecimento do Deus verdadeiro que Noé e seus filhos possuíam não desapareceu. O monoteísta Abraão (Gn 18.25) reconheceu de imediato que Melquisedeque era sacerdote do mesmo *el 'elyôn*, "Deus Altíssimo", a quem Abraão adorava (Gn 14.18-20). Simplesmente não sabemos quantas pessoas, à semelhança de Melquisedeque, sob o peso de uma pressão maior do que a que Ló experimentou (2 Pe 2.6-8), sobreviveram à idolatria dominante do mundo antigo. Inevitavelmente lembramo-nos de Jó. Houve as idéias um tanto quanto monoteístas dos filósofos atenienses do quarto século a.C. e de Akenaton, o jovem faraó egípcio que viveu mil anos antes. Sentimentos semelhantes ficaram expressos na

literatura védica. Muito antes de o jebuseu Ornã passar a propriedade do rochoso "Monte Moriá" para a coroa (2 Sm 24.18-25; 1 Cr 21.18-30), encontramos na pessoa de Melquisedeque indícios de uma tradição existente no antigo Oriente Médio, tradição esta de adoração verdadeira em Jerusalém. Talvez Moisés já soubesse algo acerca do "lugar que o SENHOR vosso Deus escolher" para ser o santuário central (Dt 12.5). Com base no texto de Salmos 110, onde se anuncia o sacerdócio não-arônico do Messias, o livro de Hebreus desenvolve a doutrina da plenitude e perfeição do sacerdócio de nosso Senhor (Hb 6.20; 7.1—8.13).

Bibliografia: — BRIGHT, J. *A History of Israel*. Westminster, pp. 204-7. — FRANKFORT, H. *Kingship and the Gods*. University of Chicago, 1948. pp. 317 e ss. —___. *The problem of similarity in ancient Near Eastern religions*. Oxford, Clarendon, 1951. — *TDNT*. v. 1, pp. 565-74; v. 4, pp. 568-9. — *THAT*. v. 1, pp. 908-19.

R.D.C.

1200 *מָלַךְ (*mālak*) ***II, aconselhar***. Ocorre somente no nifal, em Neemias 5.7, "depois de ter considerado comigo mesmo".

מַלְכֻּדֶת (*malʿkōdet*). Veja o nº 1 115b.
מַלְכִּי־צֶדֶק (*malkî-tsedeq*). Veja o nº 1 199i.
מַלְכֶּת (*mʿleket*), מַלְכוּת (*malkût*). Veja os nºs 1 199c, e.

1201 *מָלַל (*mālal*) ***I, dizer, pronunciar, falar***.

Termo Derivado

1201a מִלָּה (*millâ*) ***palavra, fala***.

mālal ocorre apenas nos lábios de Sara, Bildade, Eliú e um salmista (Gn 21.7; Jó 33.3; 8.2; Sl 106.2) e sempre no piel. Seu principal sinônimo é *dābar* (*q.v.*).

millâ. ***Palavra, fala, exposição (de assunto), razões, provérbio, coisa a dizer, resposta, assunto.*** No aramaico de Daniel: ***coisa, palavras, assunto, mandamento.***

millâ ocorre 34 vezes em Jó, uma em 2 Samuel, duas em Salmos, uma em Provérbios e 24 em Daniel. Parece que não existe diferença de uso entre *millâ* e *dābār*, embora talvez *millâ* denote mais a forma de expressão e *dābār* mais o sentido.

Nos primeiros três versículos de 2 Samuel 23 aparecem quatro palavras para fala, inclusive *millâ* (v. 2), "a sua palavra está na minha língua". Em Provérbios 23.9, na frase "a sabedoria das tuas palavras" *millâ* é paralelo de *dābār* (v. 8). Acerca da revelação divina (Sl 19), dentre os termos usados encontra-se *millâ*, "as suas palavras até aos confins do mundo" (v. 4). Salmos 139.4 diz que o conhecimento de Deus alcança até as palavras que ainda não chegaram à língua do salmista.

Em Jó *millâ* aparece 34 vezes, tendo o sentido de "palavra", "palavras", "exposição", "razões", "provérbio", "coisa que dizer".

Em Daniel *millâ* refere-se ao conteúdo de sonhos, à sua interpretação, e às várias declarações, decretos e veredictos oficiais. As 24 ocorrências permitem as seguintes

traduções, dependendo, é claro, do contexto: "palavra" ou "palavras", "coisa" ou "coisas", "assunto" e "mandamento".

E.S.K.

1202 מָלַל (*mālal*) ***II, esfregar, arranhar*** (Pv 6.13).

Termo Derivado

1202a מְלִילָה (*m'lîlâ*) ***espiga de trigo.*** Ocorre somente em Deuteronômio 23.25 [26].

1203 מָלַל (*mālal*) **III, *desfalecer, secar, murchar*** (*e.g.*, Jó 18.16; 24.24).

1204 מָלַל (*mālal*) ***IV, circuncidar.*** Uma variante de *mûl* (Js 5.2; Gn 17.11, Sl 58.8).

מִלְמָד (*milmād*). Veja o nº 1 116b.
מַלְכּוֹחַ (*malkôah*). Veja o nº 1 124b.
מַלְקוֹשׁ (*malqôsh*). Veja o nº 1 127b.
מַלְקָחַיִם (*melqāhîm*). Veja o nº 1 124d.
מַלְתָּחָה (*meltāhâ*). Veja o nº 1 132a.
מַלְתָּעָה (*maltā'â*). Veja o nº 2 513d.

1205 *מָלַץ (*mālats*) ***ser liso, escorregadio.*** Ocorre somente no nifal, em Salmos 119.103, *māh-nimlᵉtsû lᵉhikî 'imrātekâ*, "quão suaves [ou seja, agradáveis] são as tuas palavras ao meu paladar" (lit.).

1206 מְלְצַר (*meltsār*) ***guarda*** (Dn 1.11, 16). Título babilônico de sentido incerto.

1207 מָלַק (*mālaq*) ***destroncar (a cabeça)*** (Lv 1.15; 5.8).

מַמְגֻרוֹת (*mamgurôt*). Veja o nº 330e.
מְמַד (*mēmad*). Veja o nº 1 146c.
מְמֹתַ (*māmôt*). Veja o nº 1 169b.
מַמְזֵר (*mamzēr*). Veja o nº 1 174a.
מִמְכָּר (*mimkār*). Veja o nº 1 194b.
מִמְכֶּרֶת (*mimkeret*). Veja o nº 1 194c.
מַמְלָכָה (*mamlākâ*), מַמְלְכוּת (*mamlākût*). Veja os nºs 1 199f, g.
מִמְסָךְ (*mimsāk*). Veja o nº 1 220b.
מֶמֶר (*memer*). Veja o nº 1 248j.

1208 מַמְרֵא (*mamrē'*) ***Manre.*** LXX, "Mambrē"

Este nome próprio aparece pela primeira vez em Gênesis 13.18 como o local onde Abraão se estabeleceu depois de separar-se de Ló. Gênesis 14.13, 24, deixam claro que a essa época a área não era uma cidade, mas propriedade particular de um amorreu de nome Manre. Ele e seus dois irmãos, Escol e Aner, haviam feito aliança com Abraão contra a confederação que havia capturado Ló. Parece que o relacionamento foi de benefício mútuo — o uso da terra em troca de apoio militar (Gn 14.13).

Geralmente o local é identificado com *Râmat el-Khalîl* (Halul), cerca de três quilômetros ao norte de Hebrom, logo a leste da estrada principal, embora a localização tradicional da caverna de Macpela, "fronteira a Manre", que se tornou o túmulo patriarcal (Gn 23.19-20; 25.9; 35.27; 49.30; 50.13), fique na própria cidade de Hebrom.

Manre foi o local onde Abraão recebeu a promessa do nascimento de Isaque (Gn 18.1-15) e o anúncio da destruição de Sodoma e Gomorra (*cf.* Hb 13.2). Não foi, contudo, esse evento que tornou aquele um local sagrado. Abraão já havia construído um altar a Yahweh naquele local onde vivia acampado (Gn 13.18).

Bibliografia: — MADER, E. *Mambre (Haram Râmat el-Halîl)*. 2 vol. 1957. — VAUX, Roland de. *Supplement au dictionnaire de la Bible*. 1957. colunas 753-8, figuras 542-3. — MASTERMAN, E. W. G. Mamre. In: *ISBE*. v. 3, pp. 1973-4.

G.L.C.

מַמְרוֹר (*mamrôr*). Veja o nº 1 248k.
ממשׁח (*mimshah*). Veja o nº 1 255d.
מִמְשָׁל (*mimshāl*). Veja o nº 1 259b.
מִמְשָׁק (*mimshāq*). Veja o nº 1 261b.
מַמְתַּקִּים (*mamtaqqîm*). Veja o nº 1 268d.

1209 מָן (*mān*) ***I, maná.***

O maná foi o alimento básico dos israelitas durante sua peregrinação pelo deserto. O maná veio junto à miraculosa provisão de água e codornizes. Em português a forma "maná" deriva da LXX. Em Êxodo 16.14 a LXX traz "man", mas nas demais passagens "maná".

Embora o maná tenha tido um papel crucial na vida dos israelitas, a palavra aparece apenas 14 vezes no AT, e, com apenas quatro exceções, todas elas ocorrendo em Êxodo 16, Números 11 e Deuteronômio 8. O maná é chamado de "pão" de Deus (*lehem*, Êx 16.15), "cereal" do céu (*dᶜgan*, Sl 78.24) e "pão dos anjos" (*lehem 'abbîrîm*, Sl 78.25). A tradução "pão dos anjos", ainda que pitoresca, padece de uma falta de precisão. É preferível a tradução "pão dos poderosos" (IBB). Não existe nenhum outro caso em que se use a palavra "anjo" para traduzir *'abbîrîm*. "Poderosos" ou "fortes" é mais comum e encaixa-se melhor na estrutura paralela do salmo. Possivelmente poderia ser "pão de Deus", caso em que a palavra *'ābîr* (*q.v.*) estaria sendo empregada para referir-se a Deus (*cf.* Jo 6.33).

Os israelitas comeram maná a partir de meados do segundo mês depois do êxodo (Êx 16) até o dia de sua chegada em Canaã (Js 5.12; Êx 16.35). Apenas a porção que Arão guardou no tabernáculo restou depois daquela época. De acordo com Deuteronômio 8.3, 16, o propósito com a dádiva do maná foi ensinar o povo de Israel a, em suas vidas e

necessidades, depender de Deus e de suas palavras. Se a Palavra de Deus é o seu instrumento criador para dar existência ao cosmos (Gn 1.3 e ss.; Sl 33.6, 9), então também neste caso aquilo que Deus profere pela sua boca vem a concretizar-se. As pessoas só podem sobreviver mediante dependência de sua Palavra criadora e salvadora. (Observe-se em Mt 4.4 e Lc 4.4 o uso que Jesus faz de Dt 8.3 ao reagir à tentação de Satanás para que transformasse as pedras em pão. João 6 discorre longamente acerca do papel de Jesus como o maná verdadeiro.)

Tem havido muitas tentativas de identificar o maná com alguma substância natural comestível encontrada no oeste do Sinai. A teoria mais defendida identifica o maná com uma secreção da tamargueira (*Tamarix gallica*). Certos tipos de insetos perfuram a casca da árvore, e gotinhas de seiva, pegajosas e de cor clara, cristalizam nos ramos ou caem ao chão. No frescor da manhã, antes de o sol quente derretê-las, pode-se juntar e comer essas pitadas doces. Existem semelhanças óbvias entre esse fenômeno natural e o maná da Bíblia: ambos aparecem pela manhã junto com "o orvalho" (Nm 11.9); o alimento tem a aparência de pequenos glóbulos ou flocos de cor branca (Êx 16.14, 31; Nm 11.7; a descrição "aparência semelhante à de bdélio" era interpretada pelos rabinos antigos com o sentido de "como pérolas"; LXX, *krystallos*); o gosto é doce, como "bolos de mel" e "bolos amassados com azeite" (Êx 16.31; Nm 11.8); e as duas substâncias derretiam ao sol (Êx 16.21).

Contudo, existem também diferenças entre essas duas substâncias. O maná podia ser moído ou socado em pilão, assado ou cozido (Êx 16.23; Nm 11.8); A secreção da tamargueira não pode ser preparada dessa maneira. Somente aos sábados o maná podia ser guardado por mais de um dia sem criar bichos. A secreção da tamargueira ocorre por apenas umas poucas semanas no verão, ao passo que o maná foi uma provisão diária durante 40 anos no Neguebe bem como no Sinai ocidental, cessando repentinamente quando Israel entrou em Canaã. Isso sugere que o maná foi, de fato, uma provisão milagrosa para a nação.

G.L.C.

1210 מָן (*mān*) ***II, que...?, quem...?, a quem...?.***

Êxodo 16.15 contém o único uso do pronome interrogativo *man* no hebraico do AT. Embora a tradução "isso é maná" seja possível (*cf.* KJV, ASV marg., RSV marg.), as versões em português preferem "que é isto?". O comentário que se segue, "pois não sabiam o que era", indica que se deve dar preferência à pergunta "que é isto?". A maioria dos estudiosos da atualidade acompanha *BDB* na identificação de *mān* como uma etimologia popular tardia de *mān*, "maná", com base em uso aramaico posterior. *mān* não é a palavra usual do AT para "o quê?", mas tal uso não é desconhecido no segundo milênio a.C. *UT* 19: nº 1 504 relaciona várias ocorrências de *mn*(*m*), tanto como pronome interrogativo pessoal, "quem?", quanto como impessoal "o quê". Parece que *mān*, "o quê", é uma palavra semítica comum e não uma etimologia "popular". (veja também Herbert B. HUFFMON, *Amorite personal names in the Mari texts*, Johns Hopkins, 1965, pp. 103, 231).

Bibliografia: — *TDNT*. v. 4, pp. 462-5.

G.L.C.

1211 מֵן (*mēn*) ***corda de harpa*** (Sl 150.4).

1212 מִן (*min*) ***de, desde, fora de, mais do que.***

Esta comuníssima preposição possui cognatos aramaicos e árabes, mas não é encontrada em ugarítico. Neste último idioma o sentido de "desde" se acha nas preposições *b* e *l*. Na forma a preposição é com freqüência ligada ao substantivo, com assimilação do nun e duplicação da primeira consoante da palavra que segue (caso não seja uma gutural). Quando utilizada junto com terminações pronominais leves, a preposição é geralmente reduplicada (*e.g.*, *mimmennî*, "de mim").

É possível classificar rapidamente os muitos usos de *min*, mas as várias nuanças terão de ser percebidas na tradução.

Primeiro, há o sentido de "desde", caso em que a preposição é usada com verbos de movimento ou separação: "ir *de* [certo lugar]", "estar *longe de*" (ou seja, "estar *sem*"), "estar algo ou alguém *desde* um certo ponto ou direção" (*e.g.*, "estar alguém *ao* norte de").

Segundo, com outros verbos o sentido é o de origem ou afastamento, por exemplo, "*fora do* Egito". Usa-se a preposição para indicar o material com o qual algo é feito. Aliado a isso existe o sentido causal: "tremer *por causa de* ruído" ou "sofrer *devido a* nossas transgressões".

Terceiro, existe o *min* partitivo: "ele apanhou *um pouco de*" ou, até mesmo, "ele apanhou *um* ... [isto é, uma unidade de]". Nesta última possibilidade, a preposição assume o sentido de "qualquer um", "*um* [fio qualquer] *de* cabelo", *etc.*

Quarto, empregada temporalmente a preposição significa o tempo "desde quando", por exemplo, "*desde* a antigüidade". Pode-se empregar a expressão "*desde* a eternidade" com o sentido de "em tempos passados".

Quinto, muitas vezes usa-se *min* em comparações, significando "mais do que", "acima de", "além de", *etc.*, e às vezes "demais para", "muito grande para".

Sexto, pode-se prefixar a preposição a um infinitivo, em cujo caso surge sua força causal ou final: "*por* ele saber", "*de modo a* não dar". Caso se use o verbo "ser": "*longe de* ser rei", isto é, "*para não* ser rei"

A semelhança de outras preposições hebraicas, emprega-se *min* em muitas combinações. *min*... *'ad*... significa literalmente "desde... até...", ou, num sentido inclusivo, "tanto isto quanto aquilo". *min* combina com *'et*, "com", com *l^e*, "para". Às vezes, quando a preposição *l^e* precede o *min*, praticamente perde sua própria força e significa apenas "quando", isto é, o "tempo desde quando".

As preposições *b^e* e *l^e* incluem o sentido de "desde" em hebraico e também em ugarítico. Um caso interessante da permuta encontra-se em 2 Samuel 22.14, "Trovejou o SENHOR desde os céus", que traz *min*, mas aparece *b^e* no trecho paralelo de Salmos 18.13 [14]. Todavia, dois versículos depois a situação se inverte. N. Sarna observou que esse uso de *b^e* em lugar de *min* era defendido por gramáticos judeus medievais, antes portanto da descoberta do ugarítico (The interchangeability of the prepositions beth and min in Biblical hebrew, *JBL* 78:310-6). Não fica tão claro que *min* possa ter o sentido de "em", embora Dahood defenda a idéia (*AB*, *Psalms III*, pp. 395-6).

R.L.H.

מִן (*mēn*). Veja o nº 1 215a.

מַנְגִינָה (*mangînâ*). Veja o nº 1 291.1b.

1213 מָנָה (*mānâ*) *contar, enumerar, relatar, designar, preparar.*

Termos Derivados

1213a מָנָה (*mānâ*) *porção, parte.*
1213b מָנֶה (*māneh*) *mina.*
1213c מֹנֶה (*môneh*) *número ou tempo contado.*
1213d מְנָת (*mᵉnāt*) *porção.*
1213e מְנִי (*mᵉnî*) *deus destino.*
1213f מָנוֹן (*mānôn*) *tristeza, mágoa.*

O significado básico nos graus qal e nifal é o de "contar" ou "enumerar". Os graus intensivos põem uma ênfase maior na idéia de "determinar" ou "distribuir". *mānâ* ocorre em paralelo com *sāpar* (*q.v.*). A raiz e seus derivados ocorrem cerca de 55 vezes, sem contar os seis usos do cognato aramaico *mᵉnā'* ou *mᵉnâ*.

O uso normal da raiz no qal e no nifal tem que ver com vários tipos de cálculo aritmético. Pessoas (2 Sm 24.1), dinheiro (2 Rs 12.11), animais (Jr 33.13), estrelas (Sl 147.4), dias (Sl 90.12), pó (Gn 13.16), são computados dessa maneira. Também pode-se usar *mānâ* negativamente, no sentido de um número tão grande que não pode ser calculado (*e.g.*, Gn 13.16; Ec 1.15).

Em duas oportunidades o uso intensivo de "computar" ou "designar um lugar" fica visível em graus simples. Em Isaías 53.12, destina-se ao Servo um lugar junto aos transgressores (ARA, "foi contado com os transgressores"). Em Isaías 65.12 o profeta faz um jogo de palavras com o nome *mᵉni*, o deus do destino (*q.v.*; *cf.* v. 11), com a promessa de que Deus "destinará" os idolatras à espada.

A idéia de nomear ou ordenar é comum nos graus intensivos. Duas vezes em Daniel (1.5, 10) e quatro vezes em Jonas (1.17 [2.1]; 4.6-8), objetos — a comida de Daniel, o peixe de Jonas, a planta, o verme e o vento calmoso — estão debaixo do controle divino. Em Daniel 1.11 e em 1 Crônicas 9.29, a idéia de níveis hierárquicos de autoridade é identificada pelo verbo *mānâ*, quando se atribuem responsabilidades específicas a homens e outras criaturas.

Dahood (*Psalms 2: 51-100*, AB), acompanhando o exemplo ugarítico, identifica *mn* em Salmos 61.7 [8] e *mnw* em Jó 7.3 como formas do qal em vez do piel. Ele, entretanto, mantém o sentido de "nomear" ou "designar" em vez da idéia mais usual no qal, a saber, de "calcular". Semelhantemente, em Salmos 68.23 [24], embora a ARC traduza *minēhû* por "nele" (isto é, "no sangue de teus inimigos"), a ARA traz "o seu quinhão", interpretando a palavra como procedente desta raiz.

Neste uso de *mānâ* pode haver alguma idéia de que a capacidade de contar, enumerar ou determinar é uma capacidade um tanto quanto misteriosa, especialmente no caso de números elevados, e de que ela tem origem divina. O papel de Deus em pôr em ordem o universo e suas criaturas fica visível na referência às estrelas (Sl 147.4) e à contagem dos descendentes de Abraão (Gn 13.16). A idéia específica transmitida, por exemplo, pelas passagens de Jonas reflete essa atividade divina.

Esse enfoque ilumina a afirmação encontrada em 1 Crônicas 21.1 de que Satanás incitou Davi a "contar" (ARA, "levantar o censo de") Israel. Caso a "contagem" seja, na

verdade, uma atividade divina, a incursão de Satanás nessa esfera é mais uma de suas tentativas de usurpar prerrogativas divinas.

[De outro lado, de acordo com o cabeçalho de Salmos 30, esse salmo de lamento talvez esteja associado com a dedicação do local do templo, um evento de alguma forma decorrente do pecado de contar o povo (*cf.* 1 Cr 21.1). Nesse salmo Davi confessa que pecou ao pensar e agir como se não precisasse do Senhor: "dizia eu na minha prosperidade: Jamais serei abalado" (Sl 30.6 [7]). Também existe a possibilidade de que o pecado de Davi não fosse simplesmente recensear o povo, mas convocá-lo (*pāqad*) para a guerra (R. L. HARRIS, *Man — God's eternal creation*, Moody, 1971, pp. 150-1). R.L.H.]

Parece que todos os derivados refletem a idéia de enumerar, isto é, identificar as partes constituintes.

mānâ. ***Porção, parte.*** Este substantivo feminino identifica as partes especiais dos animais sacrificados, que eram dados aos sacerdotes e levitas. Em outros casos (*e.g.*, Ana, Ester, Neemias), a distribuição de "porções" indica a unidade da família ou da comunidade e ressalta a elevada consideração que aquele que dava tinha para com o que recebia.

māneh. ***Mina.*** Uma unidade de peso. *BDB* é da opinião de que o sentido original pode ter sido uma "parte específica" de outro peso conhecido. A unidade hebréia equivalia a 50 siclos (*cf.* Êx 38.25-26) ou aproximadamente 570 gramas. Ezequiel 45.12 determina o valor a partir do antigo uso mesopotâmico de 60 siclos por *māneh*, isto é, aproximadamente 680 gramas. Com exceção do emprego da palavra em Ezequiel, todos os demais usos referem-se ao peso de ouro ou prata.

[A famosa frase manuscrita na parede era bastante enigmática: *mene, mene, tekel, uparsin*. É provável que Belsazar tenha ficado perplexo não por ser incapaz de lê-la, mas porque a frase poderia ser interpretada de várias maneiras. Ela podia ser constituída de meras denominações de peso (*i.e.*, de dinheiro). Uma mina, um tequel (forma aramaica de siclo) e (conj. *u*) moedas menores (plural aram. de *peres*, "metade"). Mas qual seria o sentido disso? Era possível entender a frase verbalmente: alguém que conta e pesa, e aqueles que dividem. A última palavra podia ser um trocadilho com "persas", os quais estavam atacando. Belsazar esteve atônito e apavorado até que Daniel lhe apresentou a interpretação total e fatídica. (Veja D. J. WISEMAN, Mene, mene, tekel uparsin, In *ZPEB*, v. 4, pp. 184-5, inclusive bibliografia. *R.L.H.*]).

mᶜnāt. ***Porção.*** Vocábulo identificado por *BDB* como um aramaísmo tardio, mas *mnt* foi identificado nos textos ugaríticos com o sentido de uma "porção" do sacrifício. Em 2 Crônicas 31:3, a ARA traduz a *mᶜnāt* do rei por sua "contribuição" para o sacrifício. Em Salmos 63.10 [11] *mᶜnāt* é parafraseado pela ARA como "pasto" para os chacais.

mᶜnî. ***Deus Destino.*** Este é um *hapax legomenon* que ocorre apenas em Isaías 65.11. A ARA traduz *mᶜnî* por "deus Destino"; a BJ simplesmente translitera como "Meni" e em nota de rodapé indica que essa talvez fosse uma divindade do destino.

Embora seja claro o significado geral do texto — de que Israel se afastou de Yahweh e se voltou para a idolatria e tem comunhão à mesa com os ídolos — existe uma grande diversidade de opiniões na identificação das divindades em questão. Alguns identificam-nas com o sol e a lua (LXX *Daimoni* e *Tychē*), dos quatro deuses egípcios que presidiam o nascimento dos homens. Outros são da opinião que esses deuses eram dos planetas,

geralmente Júpiter e Vênus, adorados na Babilônia como Marduque, o deus do destino da cidade, e Istar, a deusa da fertilidade.

Ambos os nomes aparecem nos textos de Mari, onde parece que *mn* está relacionado com uma raiz que tem o sentido de "amar". É encontrado em ugarítico o antropônimo *bn mnyy*, derivado da raiz "ser enfraquecido" ou "humilhar".

Esses temas podem aplicar-se tanto a Vênus quanto à lua, pois um e outro são corpos celestes aparentemente inconstantes.

Bibliografia: — ALEXANDER, Joseph Addison. *Commentary on the prophecies of Isaiah*. Zondervan, 1953. pp. 445-7. — DELITZSCH, Franz. *Isaiah*. Eerdmans, 1950. v. 2, pp. 482-5. — MUILENBERG, James. Exegesis: Isaiah 40-66. In: *IB*. — GORDON, C. H. *UT* 19: nº 1496, 1502, 561, 571. — HUFFMON, Herbert B. *Amorite personal names in the Mari texts*. Johns Hopkins, 1965. pp. 179, 231.

G.L.C.

מִנְהָג (*minhāg*). Veja o nº 1 309a.

מִנְהָרָה (*minhārâ*). Veja o nº 1 316b.

מָנוֹד (*mānôd*). Veja o nº 1 319c.

מָנוֹחַ (*mānôah*). Veja o nº 1 323e.

מָנוֹן (*mānôn*). Veja o nº 1 213f.

מָנוֹס (*manos*). Veja o nº 1 327a.

מָנוֹר (*mānôr*). Veja o nº 1 361a.

מְנוֹרָה (*m'nôrâ*). Veja o nº 1 333c.

מִנְזָר (*minzār*). Veja o nº 1 340d.

1214 מנה (*mnh*). Aceita como raiz de:

1214a מִנְחָה (*minhâ*) *oferta, oferta de cereais, oferta de manjares, presente, dádiva, oblação, sacrifício.*

Os estudiosos encontram-se divididos quanto à raiz de *minhâ*. Alguns entendem que a origem deste substantivo feminino remonta a uma raiz verbal *nhh*, "liderar", "dirigir". A maioria, no entanto, sugere uma raiz hebraica *mnh*, "dar". O árabe *manaha* possui o significado técnico de "emprestar algo a alguém" (*e.g.*, um camelo fêmeo, uma cabra, uma ovelha ou um pedaço de terra) por um período determinado de tempo de maneira que aquele que recebe emprestado pode usufruir aquilo que o bem produzir (*e.g.*, as crias dos animais, leite, colheitas, *etc.*) e então devolvê-lo. O produto dos animais ou da terra torna-se, então, uma dádiva. Snaith não encontra nenhuma ocorrência da palavra em ugarítico, mas *UT* 19: nº 1500 identifica de forma não definitiva pelo menos uma ocorrência de *mnh* numa lista de tributos (texto 137:38, e não 137:28, conforme citado em *UT*) e uma outra no Ciclo Anate/Baal numa construção em que aparece como paralelo à palavra "tributo" (*AisWUS* nº 1597, "dádiva", "tributo").

Em contextos seculares emprega-se o vocábulo para designar presentes a pessoas hierarquicamente superiores, especialmente a reis, com o objetivo de indicar a atitude de respeito e submissão àquela pessoa. Em 1 Samuel 10.27, os israelitas que desprezavam Saul "não lhe trouxeram presentes {*minhâ*}", ou seja, não o reconheceram como rei. E em

1 Reis 4.21 [5.1], Salomão recebeu presentes (*minhâ*) dos reis das nações que ele dominava. (A LXX emprega *dôron* cerca de 30 vezes como tradução de *minhâ*.) Existem várias outras ocorrências deste significado, por exemplo, 1 Reis 10.25; 2 Reis 8.8-9; 17.4; 20.12; Isaías 39.1.

O uso religioso do termo tem origem no secular. Especificamente um *minhâ* é uma dádiva de cereais, embora Snaith pareça estar certo ao dizer que, uma vez que originariamente *minhâ* significava dádiva ou tributo, a palavra podia ser usada sem muita precisão, com esse sentido, mesmo tendo assumido um significado religioso específico. Ligado a isso é de particular interesse a distinção entre *zebah* (*q.v.*) e *minhâ* em 1 Samuel 2.29; 3.14; e Isaías 19.21; entre *'ôlâ* (*q.v.*) e *minhâ* em Jeremias 14.12 e Salmos 20.3 [4]; e entre *shelem* (*q.v.*) e *minhâ* em Amós 5.22. *Cf.* também Gênesis 4.3-4. [Tanto Abel quanto Caim ofereceram um *minhâ* ao Senhor (Gn 4.4-5). Mas, enquanto se diz de Abel que ele ofereceu ao Senhor a melhor parte dos animais, um ato que demonstra sua dedicação sincera a Deus, acerca de Caim simplesmente se diz que ele ofereceu um *minhâ* do fruto da terra. O Senhor rejeitou esse formalismo. A falta de submissão verdadeira por parte de Caim (observe-se também o seu sacrifício incruento) resultou, por fim, em comportamento pecaminoso (Gn 4.7 e s.). R.L.H.] Esses usos de *minhâ* indicam que o termo não tem o significado específico de sacrifício de animal.

A oferta de manjares é definida em Levítico 2.1-16 e 6.14-23 [7-16]. A oferta podia ser feita na forma de cereal cru ainda na espiga, o qual era tostado e esmagado, e moído até virar farinha (apenas trigo; parece que a farinha de cevada era reservada para a oferta de ciúmes de Nm 5.15, 25), ou transformado em pães ou bolos que eram assados num forno ou fritos em azeite numa frigideira. Incenso e sal também faziam parte do *minhâ*, mas era proibido acrescentar tanto fermento quanto mel.

A *minhâ*, oferecida todas as manhãs e todas as tardes, era uma oferta sagrada, comida apenas pelos sacerdotes, não sendo partilhada com os adoradores. A idéia de expiação não está especificamente presente no *minhâ*, embora a de propiciação certamente esteja. A oferenda dos novos frutos da terra juntamente com o pão usual feito com fermento (Lv 23.16) indica uma submissão total do povo de Deus perante o Grande Soberano.

Bibliografia: — DRIVER, G. R. Three technical terms in the Pentateuch. *JSS* 1:97-105. — PEDERSEN, Johannes. *Israel: its life and culture*. Oxford, University Press, 1959. v. 3 e 4, 2. ed. pp. 330, 354, 368, 417 e s. — GRAY, George Buchanan. *Sacrifice in the Old Testament*. Oxford, Clarendon Press, 1925. pp. 13-7, 47, 398-402. — KAUFMAN, Yehezkel. *The religion of Israel*. University of Chicago Press, 1960. pp. 110-5. — KRAUS, Hans-Joachim. *Worship in Israel*. John Knox, 1966. pp. 112-8. — RICHARDSON, *TWB*, pp. 206-8. — SNAITH, Norman H. Sacrifices in the Old Testament. *VT* 7:308-17. — VAUX, Roland de. *AI*. McGraw, pp. 225, 416-22.

G.L.C.

מְנֻחָה (*m'nuhâ*). Veja o nº 1 323f.

מְנִי (*m'nî*). Veja o nº 1 213.

מִנְלֶה (*minleh*). Veja o nº 1 370a.

1215 מנן (*mnn*). Aceita como raiz de:

1215a מֵן (*mēn*) ***porção*** (Sl 45.9).

1216 מָנַע (*māna*) ***reter, conter, abster-se, negar, recusar, segurar, prejudicar.***

Encontrado apenas nos tempos simples, onde a maioria das referências deixa implícito que o direito ou autoridade de reter algo pertence, em última instância, a Deus ou a seu representante.

Por isso se diz que Deus retém o fruto do ventre (Gn 30.2) e a chuva (Am 4.7). Os pecados dos homens levam Deus a reter aos homens aquelas boas coisas (Jr 5.25), mas ele não retém bem algum àqueles que andam retamente (Sl 84.11 [12]). Por esse motivo ele não nega o pedido de seu justo rei (Sl 21.2 [3]).

Uma pessoa sábia não retém alimento nem nenhuma coisa boa aos pobres ou àqueles a quem isso é devido (Pv 11.20; 3.27; Jó 22.7; 31.16) nem retém a correção à criança (Pv 23.13).

G.L.C.

מַנְעוּל (*man'ûl*). Veja o nº 1 383c.

מִנְעָל (*min'āl*). Veja o nº 1 383d.

מִנְעַמִּים (*min'ammîm*). Veja o nº 1 384d.

מְנַעֲנַע (*m'na'ănĕa'*). Veja o nº 1 328a.

מְנַקִּיָּה (*m'naqqîyâ*). Veja o nº 1 412d.

1217 מְנַשֶּׁה (*m'nashsheh*) ***Manassés.***

Em Gênesis 41.51 encontramos pela primeira vez o nome "Manassés", popularmente derivado como uma forma piel de *nāshâ* (*q.v.*), com o sentido de "fazer esquecer". Esse é o nome de quatro pessoas e um território. (A quinta pessoa é obviamente "Moisés", e a emenda em que um escriba colocou um *n* supralinear em Jz 18.30-31 é uma tentativa óbvia de dissociar do sacerdócio idólatra em Dã um nome tão respeitado).

Manassés foi o filho mais velho de José e, junto com seu irmão, Efraim, substituiu José e Levi na distribuição de terras para as 12 tribos na terra prometida. O AT não registra nada a respeito da vida pessoal de Manassés, com exceção do nascimento de seu filho Maquir. [Observe-se que no ritual de Gênesis 48.5-20, Manassés e Efraim, netos de Jacó, foram adotados pelo avô como filhos legítimos. Por isso os descendentes de ambos tornaram-se duas tribos em Israel. A adoção faz lembrar a legislação de Nuzi. R.L.H.]

A grande tribo que descendeu de Manassés ocupou dois segmentos da terra prometida, um no território transjordaniano de Gileade, entre os rios Jaboque e Jarmuque, e o outro no território ao norte de Siquém e que ia até o monte Carmelo e o monte Tabor, incluindo o estratégico centro de Megido e boa parte do fértil vale de Esdrelom.

Manassés, um dos reis de Judá, filho de Ezequias e pai de Amom, reinou 55 anos (696-642 a.C.). Durante os primeiros 10 anos ele foi co-regente com o pai. Vassalo leal da Assíria (seu nome é mencionado como um tributário no "prisma B" da lista de Esar-Hadom [*ANET*, p. 291]; *cf.* 2 Cr 33.11), Manassés introduziu práticas pagãs de adoração

em Judá (2 Rs 21). Ele tornou-se um símbolo do mal e o motivo do juízo sobre a terra, embora 2 Crônicas 33.12-13 indique que ele se arrependeu depois de um período de exílio na Assíria. Até o momento não se descobriu nenhum indício extrabíblico a respeito desse exílio.

Os outros dois homens de nome Manassés são israelitas mencionados em Esdras 10.30, 33 como pessoas que se casaram com estrangeiras.

G.L.C.

מְנָת (*mᵉnāt*). Veja o nº 1213d.

1218 מַס (*mas*) ***tributo, tributário, cobrança (de tributo), derrotado, trabalho servil, trabalho forçado.***

E desconhecida a raiz desta palavra, embora tenham-se feito algumas tentativas de identificá-la como palavra derivada de *māsâ*, "derreter", "desfalecer". Existe uma possível ligação entre as duas palavras em Isaías 31.8 (ARC "derrotados") ou na idéia geral de que aqueles sujeitos a pagar tributo são "fracos". *KB* cita o substantivo egípcio *ms*, "portador".

Dos 23 usos deste termo, à exceção de três (Is 31.8; Lm 1.1; Et 10.1) todos ocorrem na literatura antiga.

A instituição de tributos ou corvéia envolve trabalho pesado, involuntário e não-remunerado ou algum outro serviço para uma autoridade superior — um senhor feudal, um rei ou um governante estrangeiro (Êx 1.11; Et 10.1; Lm 1.1). Em Gênesis 49.15, a bênção de Jacó a Issacar identifica-o como curvando-se ao tributo, isto é, sujeitando-se a trabalhos forçados. No Egito os israelitas viram-se nessa condição (Êx 1.11).

A sujeição dos cananeus por Israel depois da conquista se deu através de *mas* (*e.g.*, Dt 20.11; Js 16.10; 17.13). No reinado de Davi criou-se um ministério governamental incumbido de manter o *mas* em funcionamento (2 Sm 20.24).

Durante o reinado de Salomão, ampliou-se o *mas* de modo a incluir não apenas estrangeiros e prisioneiros de guerra mas também israelitas (1 Rs 5.13-14 [27-28] e os textos paralelos em Crônicas; mas *cf.* 1 Rs 9.22) na força operária que era necessária à execução do vasto programa de construções de Salomão (1 Rs 9.15). Essa medida impopular e a recusa de Roboão em atenuá-la foram a causa imediata da secessão das 10 tribos e da criação do reino do norte.

Bibliografia: — MENDELSOHN, I. On corvee labor in ancient Canaan and Israel. *BASOR* 167:31-5. —_____. State slavery in ancient Palestine. *BASOR* 85:14-7.

G.L.C.

מַס (*mas*). Veja o nº 1 223a.

מַסָּב (*mēsab*). Veja o nº 1 456c.

מַסְגֵּר (*masgēr*). Veja o nº 1 462c.

מַסְגֵּרֶת (*masgeret*). Veja o nº 1 462d.

מַסָּד (*massad*). Veja o nº 875g.

מִסְדְּרוֹן (*misdᵉrôn*). Veja o nº 1 467c.

1219 *מָסָה (*māsâ*) ***derreter, dissolver***. Ocorre somente no hifil. *māsâ* talvez seja uma variante de *māsas*.

מַסָּה (*massâ*). Veja o nº 1223b.
מַסְוֶה (*masweh*). Veja o nº 1472b.
מַסּוּכָה (*mᵉsûkâ*). Veja o nº 1475a.
מַסָּח (*massāḥ*). Veja o nº 1374a.

1220 מָסַךְ (*māsak*) ***misturar***.

Termos Derivados

1220a †מֶסֶךְ (*mesek*) ***mistura***.
1220b †מִמְסָךְ (*mimsāk*) ***oferta de libação, vinho misturado***.

Este verbo ocorre apenas cinco vezes e seus derivados, respectivamente, uma e duas vezes. A raiz foi identificada em ugarítico (*UT* 19: nº 1509). Como ocorre com freqüência com palavras pouco usadas, o contexto deixa transparecer o sentido geral, mas existe bastante diversidade de opiniões quanto à exata nuança pretendida pelo autor. Têm sido propostas duas categorias gerais para este grupo de palavras.

Quatro dos cinco usos de *māsak* estão associados com o beber (*yayin*, "vinho", Pv 9.2, 5; *shēkār*, "bebida forte" [ARA] ou "bebidas", Is 5.22; *shiqquy*, "bebida" [ARA] ou "refresco", Sl 102.9 [10]). De acordo com Isaías 19.14, Deus misturou dentro do Egito um "espírito estonteante", e, por isso, aquela nação cambaleia como um bêbado.

mesek. ***Mistura*** (Sl 75.8 [9]).

mimsāk. ***Oferta de libação, vinho misturado, vinho temperado, libação*** (Pv 13.30; Is 65.11). Tradicionalmente tem-se interpretado esses substantivos com o sentido de algum tipo de mistura de bebidas, geralmente vinho com especiarias ou mel (*e.g.*, "coquetéis", William McKane, *Proverbs*, p. 393. E claro que isso é um anacronismo. Coquetéis são mistura de bebidas destiladas com outros líqüidos. Antes de os árabes inventarem a destilação na Idade Média, não havia bebidas de alto teor alcoólico.) Posteriormente, em 2 Macabeus 15.39, menciona-se a diluição com água. (*Cf.* Mt 27.34; Mc 15.23.) Em Isaías 65.11, uma mistura para o deus Destino (*mᶜnî*, *q.v.*) faz paralelo com a preparação de uma mesa para a deusa Fortuna. Essa justaposição de termos sacrificiais também se encontra em Provérbios 9.2, 5, onde a Sabedoria convida os homens a participarem de seu banquete.

Fora esses dois usos em Provérbios, todas as três palavras têm conotação negativa —a loucura da embriaguez, a inevitável ira do terrível juízo de Deus lançado sobre o mal.

Delitzsch (F. Delitzsch, *Isaiah*, v. 1, p. 361) traduziu *māsak* por "despejou". Dahood (*Psalms*, *in. loc.*) e Scott (R. B. Y. Scott, *Proverbs*, *AB*, v. 18, p. 24) têm aceitado essa idéia. "Despejar" ou "esvaziar totalmente" faz muito bom sentido em todos os oito usos dessas palavras.

G.L.C.

1221 מִסְכֵּן (*miskēn*)

מָסַךְ (*māsāk*). Veja o nº 1 492a.

מַסֵּכָה (*massēkâ*). Veja os nºs 1 375c, 1 376a.

1221 מִסְכֵּן (*miskēn*) ***pobre (adj. e subst.).***

Esta palavra ocorre somente em Eclesiastes 4.13; 9.15-16. Alguns estudiosos sustentam que *mᵉsukkān* em Isaías 40.20 e *miskanut* em Deuteronômio 8.9 estão com pontuação incorreta no TM e deveriam ser consideradas como *miskēn*. De modo semelhante, alguns alegam que *miskᵉnôt* (*q.v.*) é também a mesma palavra. O vocábulo em questão é provavelmente um empréstimo lingüístico, *cf.* acadiano *muškēnu*. A palavra árabe *miskin*, "camponês", foi levada de empréstimo para o italiano e o francês. [N.T. - Em português *miskin* deu origem a "mesquinho".]

A escassez de usos de *miskēn* torna difícil chegar a conclusões precisas sobre o significado da palavra, embora o sentido geral fique óbvio no contraste entre o pobre e o rei em Eclesiastes 4.13. A LXX é de alguma ajuda. O grego *penes* é empregado para referir-se à pessoa que não tem muitos bens e, portanto, tem de se sustentar com o seu próprio trabalho. O "rico" (*ploytos*) pode viver de suas rendas, sem ter de trabalhar. Essa é a distinção estabelecida nas passagens de Eclesiastes. Com freqüência não é clara a linha divisória entre essas duas classes de pessoas. Mas, de outro lado, o *ptōchos* é o mendigo indigente — aquele que é tão pobre que não tem condições de trabalhar. Existe uma clara linha divisória entre esta classe de pessoas e o grego *penes*. Em Mateus 5.3, os "pobres de espírito" são os esmoleiros espirituais — pessoas tão pobres que são incapazes de trabalhar para obter algum merecimento espiritual. Entretanto, em Isaías 66.2, *ʿānî* é empregado para indicar o "pobre" de espírito (ARA, "aflito") e refere-se àquele que treme em face da palavra de Deus. Veja também *ʿebyôn*, *ʿānî*, *dal* e *rāsh*.

Bibliografia: — *AI*. pp. 68-79. — GORDIS, Robert. *Koheleth, the man and his world*. 3 ed. 1968. p. 24. — *TDNT*. v. 6, pp. 885-915, 37-40, 318-32, esp. 319-25.

G.L.C.

מִסְכְּנוֹת (*miskᵉnôt*). Veja o nº 1 494a.

1222 מִסְכֵּנוּת (*miskēnut*) ***pobreza, escassez*** (Dt 8.9).

מַסֶּכֶת (*masseket*). Veja o nº 1 376b.
מְסִלָּה (*mᵉsillâ*). Veja o nº 1 506d.
מַסְלוּל (*maslûl*). Veja o nº 1 506e.
מַסְמֵר (*masmēr*). Veja o nº 1 518b.

1223 מָסַס (*māsas*) ***dissolver, derreter.***

Termos Derivados

1223a מַס (*mas*) ***desesperado (subst.)*** (Jó 6.14).
1223b מַסָּה (*massa*) ***desespero.***
1223c תֶּמֶס (*temes*) ***derretimento.***

O pouco uso de *māsas* e *māsâ* torna difícil fazer uma clara distinção entre as duas formas verbais, uma vez que ambas são empregadas em contextos parecidos, combinando os conceitos de aflição física e emocional. São indubitavelmente formas paralelas. Na maioria das vezes, existe alguma força externa que provoca o "derretimento", *e.g.*, o medo de um governante (2 Sm 17.10), de um exército mais poderoso (Js 2.11; 5.1), a chegada de uma notícia ruim (Dt 1.28; Ez 21.7 [12]), a tristeza e o medo diante da morte (Sl 22.14 [15]).

Em duas ocasiões emprega-se *māsas* para designar coisas imprestáveis: o maná não recolhido que "derretia" com o calor do sol e o refugo (ARA, "coisa ... desprezível", *hamm'lā'kâ nāmēs*) deixado após a destruição de Amaleque por Saul (1 Sm 15.9). Nestes dois casos há também a presença de forças externas.

Em vários casos o aspecto predominante é o da presença de Yahweh como o Deus de poder. Em sua presença as montanhas se derretem (Sl 97.5; Is 34.3; Mq 1.4), e as nações são impotentes diante dele (Na 2.11; *cf.* Jz 15.14).

Doenças físicas provocam o "derretimento" da carne (Is 10.18; ARA, "definhamento"), mas alguns comentaristas sugerem uma raiz *nāsas*, "estar doente", para esta forma.

Semelhantemente, parece que em Salmos 58.8 [9] *temes* se harmoniza com esta interpretação, especialmente se for correta a variante textual *shklwl* (*kālāh*), "ser consumido", em lugar de *shabb'lûl*. (*Cf.* Is 10.18, onde essa combinação aparece em paralelo.)

Bibliografia: — MCCARTHY, D. J. Some holy war vocabulary in Joshua 2. *CBQ* 33:228-30.

G.L.C.

מַסָּע (*massa'*). Veja o nº 1 380a.
מַסְעָד (*mis'ād*). Veja o nº 1 525a.
מִסְפֵּד (*mispēd*). Veja o nº 1 530a.
מִסְפּוֹא (*mispô'*). Veja o nº 1 529a.
מִסְפָּח (*mispāh*). Veja o nº 1 534d.
מִסְפָּר (*mispār*). Veja o nº 1 540f.

1224 מָסַר (*māsar*) ***entregar, oferecer.***

O AT emprega apenas duas vezes este verbo, ambos no relato da guerra santa contra Midiã (Nm 31). A primeira delas, no versículo 5, diz: "Assim dos milhares de Israel foram 'liberados' [ARA, "dados"] mil de cada tribo." O sentido aqui é obviamente o de "designar", "nomear", "contar". Alguns estudiosos têm sugerido emendar o texto hebraico de *wayyimmās'rû* para *wayyisāp'rû*, com base no texto da LXX, *exērithmēsan*. Tal mudança

é totalmente desnecessária. O segundo uso encontra-se em Números 31.16: "Eis que estas [mulheres] fizeram os filhos de Israel 'agirem traiçoeiramente' [ARA, "prevaricarem"] contra o Senhor.'

De especial interesse é a possível ligação entre esta raiz e a "Massora", que é o aparato elaborado em torno do texto hebraico do AT a fim de estabelecer suas divisões, pronúncia e modo de recitação pública tradicionais. Esse trabalho foi feito pelos massoretas, judeus que falavam o aramaico e moravam na Babilônia e na Palestina entre 700 d.C. e o fim do século décimo.

Caso, então, a palavra "massora" derive de *māsar*, "entregar", ela designa aquilo que e passado de uma geração à outra: o texto da Bíblia. Outros são da opinião que "massora" procede da raiz *'asar*, "atar" ou seja, algo que é reunido e atado: as detalhadas instruções de leitura que foram apensas ao texto. Existe ainda uma terceira possibilidade: a de que "massora" provenha do verbo *māsar*, mas com o sentido básico de "contar" (Ben-Ḥayyim).

Bibliografia: — BEN-HAYYIM, Z. *māsôrâ ûmāsōret*. *Lešonēnū* 21:283-92. —WILDEBOER, G. *msr*. ZAW 29:73-4. —_____. Das Verbum *msr*, ZAW 29:219-20 vs. Bacher, W., 'A contribution to the history of the term massorah'. *JQR* 3:785-90. —_____. Das Verbum msr. ZAW 29:218-19.

V.P.H.

מסר (*mōsār*). Veja o nº 877b.

מָסֹרֶת (*māsōret*). Veja o nº 141e.

1225 מִסַּת (*missat*) ***suficiente, suficiência.***

Esta tradução baseia-se acima de tudo numa palavra aramaica de uso freqüente. E encontrada apenas uma vez no AT, em Deuteronômio 16.10: "celebrarás a festa das semanas ao Senhor teu Deus segundo a 'medida' da oferta voluntária da tua mão" (IBB). O adorador deve trazer o que lhe permitirem os seus recursos (*cf.* v. 17 no mesmo capítulo). É incerta a etimologia da palavra.

V.P.H.

מִסְתּוֹר (*mistôr*). Veja o nº 1 551c.

מִסְתָּר (*mistār*), מִסְתֵּר (*mister*). Veja os nºs 1 551d,e.

מַעְבָּד (*ma'bād*). Veja o nº 1 553f.

מַעֲבֶה (*ma'ăbeh*). Veja o nº 1 554b.

מַעְבָּר (*ma'ābār*). Veja o nº 1 556h.

מַעְגָּל (*ma'gāl*). Veja o nº 1 560.

1226 מָעַד (*mā'ad*) ***escorregar, resvalar, vacilar.***

A raiz é encontrada nove vezes no AT, caso, em Ezequiel 29.7, incluamos o texto *w'ha'ămadtâ* como metátese de *w'him'adtâ* e, desse modo, leiamos "fazendo 'tremer' os lombos deles" (ARA) ao invés de "firmar". Quatro dos nove usos desse verbo encontram-se

em Salmos (18.36 [37]= 2 Sm 22.37; Sl 26.1; 27.31; 69.23 [24]). Os primeiros três são empregados em contextos que sugerem aquela segurança ("meus pés não vacilaram") que é fruto da confiança em Deus. Provérbios 25.19 fala de "dente quebrado e pé 'sem firmeza'". 1 Samuel 15.32 diz que Agague veio até Davi "tropegamente" (mas a ARA traz "confiante").

Bibliografia: — TALMON, S. I Sam. xv:32b: A Case of Conflated Readings. *VT* 11:456-7.

V.P.H.

מַעֲדָן (*ma'ădan*). Veja o nº 1 567d.

מַעֲדַנּוֹת (*ma'ădannôt*). Veja o nº 1 649a.

מַעְדֵּר (*ma'dēr*). Veja o nº 1 571a.

1227 מעה (*m'h*). Aceita como raiz de:

1227a מְעֵהּ (*mē'eh*) *entranhas, intestinos.*

1227b מָעָה (*mā'â*) *grão (de areia).*

O substantivo *mē'eh* é usado 32 vezes no AT, sempre no plural, *mē'îm*.

Com três ou quatro exceções, o nome está sempre associado a seres humanos, de um e do outro sexo. Duas vezes a palavra é usada com referência ao grande monstro marinho, cujo "ventre" foi a morada subterrânea e temporária de Jonas e de onde ele orou (Jonas 2.1-2). Duas vezes o substantivo é encontrado em frases relacionadas às emoções divinas: Isaías 63.15, "Onde estão o teu zelo [*qin'â*], a tua força [*g'bûrâ*], a tua compaixão [*hămôn me'ekâ*; ARA, 'a ternura do teu coração'] e tuas misericórdias [*rahămîm*] para comigo?" (*cf.* também Jr 31.20 [19], com a frase *hamû mē'ay*, que é paralela de *rehēm 'ărahămennû*).

Na maioria das vezes, conforme já assinalamos, a palavra aplica-se a pessoas e refere-se a ambos os sexos. Pode ser usada com referência ao homem: Jó 30.27 (Jó); 2 Samuel 16.11; 17.12 (Davi) 2 Crônicas 21.19 (Jeorão); 2 Crônicas 32.21 (Senaqueribe); Gênesis 15.4 (Abraão). Nas passagens a seguir refere-se à mulher: Salmos 71.6; Isaías 49.1 (minha mãe); Rute 1.11 (Noemi) Gênesis 25.23 (Rebeca). Com freqüência, quando diz respeito à mulher, *mē'eh* é paralela de *beten*, "ventre".

Existem três usos básicos da palavra. Primeiro, ela pode ser usada no sentido literal para designar os órgãos internos da pessoa, os intestinos, o estômago. É assim que Ezequiel (Ez 3.3) recebe instruções de comer e digerir o rolo que Deus lhe mostrara em seu "ventre" e em suas "entranhas" (*mē'eh* é paralela de *beten*). *Cf.* também Ezequiel 7.19 (onde a palavra é paralela de *nepesh*). Em 2 Crônicas 21.15 (duas vezes), 18-19, há uma referência à terrível doença com que o Senhor afligiu Jeorão, o rei de Judá, em suas "entranhas". Esse deve ter sido algum tipo de doença no abdômen, talvez um caso agudo de disenteria com ou sem prolapso do intestino.

O segundo uso de *mē'eh* é para referir-se aos órgãos reprodutores, tanto do homem quanto da mulher. Nesse caso, mais do que simples órgãos digestivos estão envolvidos. Estamos agora pensando no sistema reprodutor, os órgãos sexuais do homem e da mulher (Gn 15.4; 25.23; Rt 1.11; 2 Sm 16.11; 17.12; 2 Cr 32.21; Is 48.19).

O terceiro uso de *mē'eh* é num sentido figurado e metafórico para indicar o centro

das emoções. Já observamos esse sentido acima com referência à compaixão de Deus (Is 63.15; Jr 31.20). É assim que Isaías, em seu lamento por Moabe, estremece em suas "entranhas" (PIB, *mē'eh*; ARA, "íntimo") e em seu "interior" (PIB, *qirbî*, Is 16.11; ARA, "coração"). Jeremias clama: "Ah, entranhas minhas, entranhas minhas!" (Jr 4.19). O autor de Lamentações manifesta uma emoção parecida (Lm 1.20; 2.11). Davi esconde a lei de Deus dentro do seu "coração" (Sl 40.9). O termo é empregado para exprimir a afeição que a noiva sente pelo seu amado (Ct 5.4).

Essa figura de linguagem também aparece no NT. "Revesti-vos ... de 'ternos afetos' [*splagchna*, isto é, 'intestinos'] de misericórdia" (Cl 3.12). "Se há, pois, alguma exortação em Cristo ... se há 'entranhados afetos' e misericórdias..." (Fp 2.1).

O uso metafórico dos órgãos do corpo era mais comum na antigüidade. O hebraico faz uso do fígado (*kābēd*, às vezes erroneamente vocalizado *kābōd*, "glória") em expressões de alegria, os rins (*k'layôt*) para designar as emoções, o coração (*lēb*) para indicar tanto o afeto quanto a mente, e os órgãos abdominais (*mē'îm*) para referir-se à compaixão (vejam-se as várias palavras). Em português usa-se a palavra "coração" no lugar da maioria dessas palavras, e "coração" é uma tradução razoável para a maioria delas. É claro que em hebraico não existe nenhum problema em mencionar um órgão para referir-se a emoções. A Bíblia ensina que a compaixão reside no abdômen tanto quanto as pessoas de hoje em dia acreditam que elas residem no fundo do peito. O hebraico apenas reflete o uso bastante comum (que não foi inventado pelos judeus) de designar estados mentais e emocionais mediante os órgãos que, de alguma maneira, as emoções afetam.

V.P.H.

מְעוֹג (*mā'ôg*). Veja o nº 1 575b.
מְעוֹז (*mā'ôz*). Veja o nº 1 578a.
מָעוֹן (*mā'ôn*). Veja o nº 1 581a.
מָעוּף (*mā'ûp*). Veja o nº 1 583b.
מָעוֹר (*mā'ôr*). Veja o nº 1 588a.

1228 מָעַט (*mā'aṭ*) *ser pequeno, diminuir.*

Termo Derivado

1228a מְעַט (*m"aṭ*) *pouco.*

Este verbo é usado 22 vezes no AT, sendo oito no qal, uma no piel (Ec 12.3) e 13 no hifil ("reduzir a nada", "diminuir"). O sentido do verbo está razoavelmente bem determinado devido às várias vezes em que é usado em contraste com o antônimo *rābâ*, "ser (tornar-se) em grande quantidade", "ser (tornar-se) grande" (Êx 16.17-18; 30.15; Nm 26.54; 33.54; Jr 29.6).

m"at. *Pouco, poucos, pequeno.* Este vocábulo ocorre 101 vezes no AT. O sentido básico de *m"at* se vê nas seguintes passagens: Gênesis 30.30, "o pouco que tinhas antes da minha vinda"; 47.9, "poucos e maus foram os dias dos anos da minha vida"; 1 Samuel 14.6, "para o SENHOR nenhum impedimento há de livrar com muitos [*rab*] ou com poucos";

Deuteronômio 7.7, "éreis o menor de todos os povos"; Salmos 8.5 [6], "pois o fizeste pouco abaixo de Deus" (TB); e assim por diante.

Junta-se *m"at* à palavra *'ôd* para formar a expressão *'ôd m"at*, "um pouco de tempo". Ocorre sete vezes, sendo que em seis delas a expressão indica o fim da paciência divina com os ímpios e o início do juízo: Salmos 37.10; Isaías 10.25; 29.17; Jeremias 51.33; Ageu 2.6. Na sétima passagem (Êx 17.4) Moisés reclama com Deus que o povo "está quase em via de" (ARA, "só lhe resta") apedrejá-lo. Também podemos destacar a freqüência com que a partícula interrogativa é prefixada a *m"at* a fim de formar perguntas, a maioria delas de natureza retórica. Por exemplo, "Achas pouco o me teres levado o marido...?" (Gn 30.15; *cf.* Nm 13.18; 16.9, 13; Js 22.17, *etc.*).

Uma expressão freqüente com esta palavra é *kim'at*, "como um pouco" (18 vezes). Na maioria dos casos o contexto determinará a melhor tradução: 1) "um pouco mais", "quase" (Gn 26.10; Sl 73.2; 119.87; Pv 5.14); 2) "logo", "em breve" (Sl 81.14 [15]; Jó 32.22; 2 Cr 12.7; Sl 2.12); 3) "bem poucos", "um punhado" (Sl 105.12; Ez 16.47; Is 1.9).

V.P.H.

מַעְטָפָה (*ma'ătāpâ*). Veja o nº 1 606a.

מְעִי (*m"î*). Veja o nº 1 577e.

מְעִיל (*m"îl*). Veja o nº 1 230b.

מְעִין (*ma'yān*). Veja o nº 1 613a.

1229 מָעַךְ (*mā'ak*) ***apertar, espremer.***

O verbo aparece três vezes no AT ou possivelmente quatro (veja exame de Ez 23.21 abaixo): 1) Levítico 22.24, "Não oferecereis ao SENHOR animal que tiver os testículos 'machucados' [*mā'ûk*], ou moídos [*kātût*], ou arrancados [*nātûq*], ou cortados [*kārût*]" (provavelmente todas essas são referências a métodos de castração); 2) 1 Samuel 26.7, a "lança [de Saul estava] fincada na terra"; 3) Ezequiel 23.3, "ali foram apertados [*mō'ākû*] os seus peitos, e apalpados os seios da sua virgindade". Nessa alegoria de Jerusalém e Samaria emprega-se o relacionamento sexual para ilustrar o dessas duas cidades com o Egito, relacionamento que envolvia idolatria.

Em Ezequiel 23.21b a expressão "os teus peitos jovens" (ARA, os peitos da tua mocidade") poderia ser melhor traduzida por "para apalpar os teus jovens peitos", lendo-se *lim'ōk* (qal infinitivo construto) ou *lima'ēk* (piel infinitivo construto) em lugar de *l'ma'an*.

V.P.H.

1230 מָעַל (*mā'al*) ***transgredir, cometer uma falta, agir com infidelidade.***

Termos Derivados

1230a †מַעַל (*ma'al*) ***delito, falta.***

1230b †מְעִיל (*m"îl*) ***manto.***

mā'al ocorre 35 vezes, sempre no grau qal. Aparece com maior freqüência em 2 Crônicas e Ezequiel. Dentre os profetas, apenas Ezequiel emprega esta palavra (à exceção de Dn 9.7).

Em quase todas as referências bíblicas usa-se *mā'al* para designar a quebra ou a violação de lei religiosa como um ato consciente de traição. A vítima de tal ato é Deus. Conforme veremos adiante, uma frase quase estereotipada é *mā'al ma'al b'yhwh*, "cometer ofensa contra o SENHOR" (Lv 6.2 [5.21]; Nm 5.6; Js 22.31; 1 Cr 10.13; 2 Cr 12.2; 26.16; 28.19, 22; 30.7). Uma forma variante, na primeira pessoa do singular, é *mā'al ma'al bî*, "cometer infidelidade contra mim" (Lv 26.40; Ez 14.13; 20.27; 39.23, 26).

Existem uns poucos casos em que a raiz é usada em contextos em que Deus não é o objeto da ação: 1) Provérbios 16.10, "[ao] julgar o rei, não transgrida [*yim'al*], pois, a sua boca"; 2) Jó, ao dirigir-se aos seus três consoladores: "como podeis me consolar se em suas respostas há falsidade?" (21.34; POPE, em *AB*, *Job*, "engano total"; BJ, "perfídia"; ARA, "como, pois, me consolais em vão? Das vossas respostas só resta falsidade"); 3) Números 5.12, 27. São estes últimos versículos, no livro de Números, que oferecem as melhores indicações quanto às nuanças da palavra *mā'al*. Números 5.12 diz literalmente: "se a mulher de um homem se desviar [*sātâ*] e cometer uma falta [*mā'al*] contra ele,...". O versículo 13 prossegue: "e um homem se deitar com ela". É óbvio, então, que "cometer uma falta" significa ser infiel, quebrar um contrato. A idéia geral é de abandono ou infidelidade. Talvez a palavra "perfídia" seja, dentre todas, a que mais se aproxima do sentido de *mā'al*.

As vezes a raiz é aplicada a atos de prevaricação tanto de pessoas comuns, como no caso de Acã (Js 7.1; 22.20; 1 Cr 2.7), quanto de reis (Saul: 1 Cr 10.13; Acaz: 2 Cr 28.19; 29.19; Uzias: 2 Cr 26.16, 18; Manassés: 2 Cr 33.19; Zedequias: Ez 18.24). Num maior número de vezes a palavra reflete uma acusação contra a nação de Israel desde o tempo no deserto (Nm 31.16; Dt 32.51) até os ministérios pós-exílicos de Esdras e Neemias (Ed 10.2, 10; Ne 1.8). É a causa do exílio de Judá (Ez 39.23; Dn 9.7). Em um caso específico, um governante estrangeiro (Sisaque) entra em Jerusalém porque o povo de Israel "tinha transgredido" (2 Cr 12.2). O vocábulo não descreve os pecados de incrédulos, mas de crentes, povos da aliança, aqueles que "rompem a fé" com seu soberano. É nesse sentido que Ezequiel 18.24 enuncia o princípio: "desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniqüidade [*'āwel*] ...; na sua transgressão com que transgrediu [*mā'al*], e no seu pecado que cometeu [*hātā'*], neles morrerá".

Dentre as muitas palavras usadas no AT para "pecar", *mā'al* é usada um maior número de vezes em frases paralelas a *hātā'* (*q.v.*), "pecar", "errar o alvo": Levítico 5.15, 21; Números 5.6; 2 Crônicas 33.19; Ezequiel 14.13; 18.24. A LXX utiliza várias palavras para traduzir *mā'al*. É interessante que nessa versão a palavra usada com maior proeminência em Ezequiel é *parapiptō*, "transgredir", ao passo que em Esdras e Neemias a palavra é *asunthetō*, "não cumprir (um contrato)", "desviar". Não existe um padrão equivalente na tradução de Crônicas.

ma'al. ***Falta.*** O substantivo é usado 29 vezes, das quais 20 casos são de cognato acusativo do verbo *mā'al*. Desse modo encontramos a frase "se alguém cometer [*mā'al*] uma falta [*ma'al*]".

m'ʿîl. ***Manto, capa, túnica.*** Este tipo de vestimenta talvez indique uma das roupas sacerdotais que o sumo sacerdote vestia para cobrir a estola sacerdotal. Tal como num poncho, havia um buraco no meio por onde passava a cabeça. Era também usado por pessoas de reputação: Samuel (1 Sm 28.14, no sheol!); Saul (1 Sm 24.5); Davi (1 Cr 15.27);

Esdras (Ed 9.3); Jó (Jó 1.20); e as filhas de Davi (2 Sm 13.18). Quanto a usos figurados da palavra, *cf.* Isaías 59.17; 61.10; Jó 29.14; Salmos 109.29. Não está claro qual a relação entre *mᵉ'îl* e *ma'al*. Uma das sugestões relaciona as idéias de "cobrir" e "agir com infidelidade", ou seja, pecar em secreto ou sob disfarce, por analogia com as palavras hebraicas *bāgad*, "agir traiçoeiramente", e *beged*, "veste" (veja o livro de Palache na bibliografia).

Bibliografia: — PALACHE, J. L. *Semantic notes on the Hebrew lexicon*. Leiden, Brill, 1959. esp. p. 10. — PORÚBČAN, S. *Sin in the Old Testament*. Aloisana, Herder, 1963. esp. pp. 30-1. — *THAT*. v. 1, pp. 920-1.

V.P.H.

מֹעַל (*mō'al*), מַעַל (*ma'al*), מַעֲלֶה (*ma'ăleh*). Veja os nºˢ 1 624i, j, k.

מַעֲלָל (*ma'ălāl*). Veja o nº 1 627e.

מִעִם (*mē'im*). Veja o nº 1 640c.

מַעֲמָד (*ma'ămād*), מָעֳמָד (*mo'ŏmād*). Veja os nºˢ 1 637d, e.

מַעֲמָסָה (*ma'amāsâ*). Veja o nº 1 643a.

מַעֲמַקִּים (*ma'ămaqqîm*). Veja o nº 1 644e.

מַעֲנֶה (*ma'ăneh*), מַעֲנָה (*ma'ănâ*). Veja os nºˢ 1 650f, 1 651b.

מַעֲצֵבָה (*ma'ătsēbâ*). Veja o nº 1 666f.

מַעֲצָד (*ma'atsād*). Veja o nº 1 668a.

מַעֲצוֹר (*ma'ătsôr*). Veja o nº 1 675d.

מַעֲצַר (*ma'ătsār*). Veja o nº 1 675e.

מַעֲקֶה (*ma'ăqeh*). Veja o nº 1 679a.

מַעְקָשׁ (*ma'ăqāsh*). Veja o nº 1 684c.

מַעַר (*ma'ar*). Veja o nº 1 692d.

מַעֲרָב (*ma'ărab*). Veja os nºˢ 1 686c, 1 689b.

מַעֲרֶה (*mᵉ'ărâ*). Veja o nº 1 704a.

מַעֲרָךְ (*ma'ărāk*). Veja o nº 1 694c.

מַעֲרֶכֶת (*ma'ăreket*). Veja o nº 1 694e.

מַעֲרָם (*ma'ărām*). Veja o nº 1 588d.

מַעֲרָצָה (*ma'ăratsâ*). Veja o nº 1 702c.

מַעֲשֶׂה (*ma'ăseh*). Veja o nº 1 708a.

מַעְשֵׂר (*ma'ăśer*). Veja o nº 1 711h.

מַעֲשַׂקָּה (*ma'ăshaqqâ*). Veja o nº 1 713e.

מִפְגָּע (*mipgā'*). Veja o nº 1 731b.

מַפָּח (*mappāh*), מַפֻּחַ (*mappuah*). Veja os nºˢ 1 390a, b.

מִפְעִיץ (*mēpîts*). Veja o nº 1 745a.

מַפָּל (*mappāl*). Veja o nº 1 392b.

מִפְלָאָה (*miplā'â*). Veja o nº 1 768c.

מִפְלַגָּה (*miplaggâ*). Veja o nº 1 769d.
מַפֵּלָה (*mappēlâ*). Veja o nº 1 392d.
מִפְלָט (*miplāt*). Veja o nº 1 774e.
מִפְלֶצֶת (*mipletset*). Veja o nº 1 778b.
מִפְלָשׁ (*miplās*). Veja o nº 1 777b.
מַפֵּלֶת (*mappelet*). Veja o nº 1 392e.
מִפְעָל (*mip'āl*). Veja os nºs 1 792c, b.
מַפֵּץ (*mappēts*), מַפָּץ (*mappāts*). Veja os nºs 1 394c, b.
מִפְקָד (*mipqād*). Veja o nº 1 802g.
מִפְרָץ (*miprāts*). Veja o nº 1 827a.
מִפְרֶקֶת (*mipreqet*). Veja o nº 1 828.
מִפְרָשׂ (*miprās*). Veja o nº 1 831a.
מִפְשָׁעָה (*mipśā'â*). Veja o nº 1 841b.
מִפְתָּח (*miptāh*), מַפְתֵּחַ (*maptēah*). Veja os nºs 1 854e, f.
מִפְתָּן (*miptān*). Veja o nº 1 858b.
מֵץ (*mets*). Veja o nº 1 192a.

1231 מָצָא (*mātsā'*) *achar.*

No AT esta raiz é usada aproximadamente 450 vezes, a maioria delas no grau qal (306 vezes segundo Gerleman, mas 310 segundo *KB*, p. 553b). Conforme veremos adiante, embora o seu sentido básico seja o de "achar" (traduzido na LXX principalmente por *euriskein*), *mātsā'* também assume outras nuanças de sentido. O grau nifal deste verbo aparece 141 (Gerleman) ou 135 vezes (*KB*). Também nesse caso seria de esperar o sentido passivo do qal, "ser achado". Mas idéias como "subjugado", "capturado" e "preso" também são discerníveis. Observe-se que na LXX a tradução do nifal de *mātsā'* muitas vezes não é *euriskō*, mas algo como *haliskomai*, "ser apanhado", "ser preso".

Dados provenientes de línguas cognatas são úteis. O hebraico *mātsā'* deve ser identificado com o aramaico *m'tā'*, "alcançar, obter" (a palavra que em *AB* tem sentido de "achar" é *s'kah*), com o etiópico *mats'a*, "vir, chegar", e com o ugarítico *mza/mtsa*, "alcançar" (*UT* 19: nº 1524).

Parece, então, que existem motivos suficientes para identificar-se no grau qal de *mātsā'* não apenas o sentido de "achar", mas também o de "chegar, encontrar, alcançar". Generalizando, podemos dizer que, sempre que se emprega *mātsā'* para descrever o resultado a que se chega após um período de "procura", a tradução é "achar, encontrar". É assim que, em Deuteronômio 4.29, temos: "De lá buscarás [*bāqash*] ao SENHOR teu Deus, e o acharás [*mātsā'*]." *Cf.* Jeremias 29.13; Cantares 5.6. "Buscai [*dārash*] ao SENHOR enquanto se pode achar [*mātsā'*]" (Is 55.6); *cf.* 1 Crônicas 28.9; 2 Crônicas 15.2; "procurar-me-ão [*sāhar*], porém não me hão de achar [*mātsā'*]" (Pv 1.28).

A essa lista podemos acrescentar as inúmeras referências ao "achar favor [*hēn*] aos olhos de alguém" (Deus ou uma outra pessoa): Gênesis 6.8; 18.3; 19.19; 32.5 [H 6]; 33.8, 10, 15; 34.11; 39.4; 47.25, 29; 50.4. Obviamente a idéia é de ganhar aceitação ou

conquistar aprovação. A expressão aparece cerca de 40 vezes no AT.

Existem 12 casos em que o sujeito de *mātsā'* é Deus: Gênesis 18.26, 28, 30; 44.16; Deuteronômio 32.10; Jeremias 23.11; Ezequiel 22.30; Oséias 9.10; Salmos 17.3; 89.20 [21]; Jó 33.10; Neemias 9.8.

Quanto a outros significados de *mātsā'* no grau qal, podemos assinalar os seguintes: 1) "tocar", "acreditas tocar a fundo em Deus?" (PIB, Jó 11.7); "inutilmente procuraram alcançar a porta" (PIB, Gn 19.11); 2) "apanhar", "Que tua mão ... apanhe teus inimigos" (MM, Sl 21.8 [9]); "angústias do inferno se apoderaram de mim" (Sl 116.3); "Tribulação e angústia se apoderaram de mim" (IBB, Sl 119.143); 3) "acontecer a, sobrevir", "por que nos sobreveio tudo isto?" (Jz 6.13).

Em certos casos o grau nifal também tem o sentido de "subjugado", "apanhado", "capturado". É assim que, em Jeremias 50.24, lemos: "Babilônia, eis-te apanhada [*mātsâ*] e presa [*tāpas*]" (MM); "o ladrão ... se for apanhado" (IBB, Pv 6.30-31); "se um ladrão for apanhado roubando" (BLH, Êx 22.2 [1]). Também se vêem essas nuanças quando do emprego do particípio do nifal (*han-nimtsā'*). Desse modo, em Juízes 20.48 as frases "tudo o que encontravam" e "todas as cidades que acharam" devem ser, preferivelmente, traduzidas por "até o último capturado" e "todas as cidades capturadas". Além desses usos técnicos, no nifal *mātsā'* é, muitas vezes, apenas um sinônimo de *hāyâ*, "estar": Em 1 Samuel 9.8, "tenho ... em mão" é, literalmente, "eis que encontrado em minha mão" (*BDB*, p. 594a:2a-f).

Bibliografia: — DAHOOD, M. Northwest Semitic Philology and Job. In: *The Bible in current Catholic thought*. Ed. J. L. MCKENZIE. Nova Iorque, Herder and Herder, 1962. pp. 55-74, esp. p. 57. — IWRY, S. *whnmts'*: A Striking Variant in IQIs[a]. *Textus* 5:34-43. — *THAT*. v. 1, pp. 922-4.

V.P.H.

מַצָּב (*matstsāb*), מֻצָּב (*mutstsāb*). Veja os nºs 1398 c, d.

מִצְבָּה (*mitstsābâ*), מַצֵּבָה (*matstsēbâ*). Veja os nºs 1398 f, g.

מְצָד (*m'tsād*). Veja o nº 1885c.

1232 מָצָה (*mātsâ*) ***esvaziar.***

O verbo é empregado sete vezes no AT, quatro no qal e três no nifal. Às vezes o verbo descreve a ação literal de drenar o sangue de uma ave oferecida em sacrifício (Lv 1.15; 5.9) ou de drenar ou espremer a água existente em um novelo de lã (Jz 6.38).

Em três oportunidades emprega-se o verbo figuradamente para descrever os inimigos de Deus que, do cálice da sua ira, beberam até a última gota: Isaías 51.17; Ezequiel 23.34; Salmos 75.8 [9], "sorvem-no até às escórias". Dahood traduz assim esse versículo: "Ah, certamente suas escórias (isto é, do cálice de Deus) serão sorvidas, os ímpios da terra beberão até a última gota". Esta tradução altera o TM de *yimtsû* (qal ativo) para *yumtsû* (qal passivo). A parte final de Ezequiel 23.34, citada acima, indica quais as conseqüências que caem sobre os ímpios que esvaziam esse cálice. Por remorso e por repulsa, elas espatifam o cálice como se este fosse a causa de sua queda e arrancam os seios como se estes fossem os membros culpados de elas pecarem. Uma descrição vívida!

O último uso deste verbo encontra-se em Salmos 73.10 e uma vez mais descreve os

ímpios, que "bebem com avidez das suas águas" (MM). O sentido é bastante óbvio. Os ímpios são tão vorazes que engolem o oceano, nada deixando para os outros (uma hipérbole contundente). Não é necessário vincular este verbo aqui ao ugarítico *mtsts*, "sugar", conforme o fez Dahood (*Psalms*, em AB, *in loc.*).

V.P.H.

מַצָּה (*matstsâ*). Veja os nºs 1234a, 1400a.
מִצְהָלָה (*mitshālâ*). Veja o nº 1881a.
מָצוֹד (*mātsôd*). I, II. Veja os nºs 1885d, e.
מְצוּדָה (*mᶜtsûdâ*). I, II. Veja os nºs 1885g, i.
מִצְוָה (*mitswâ*). Veja o nº 1887b.
מְצוּלָה (*mᶜtsôlâ*). Veja o nº 1889 b.
מָצוֹק (*mātsôq*), מְצוּקָה (*mᶜtsûqâ*). Veja os nºs 1895d, e.
מָצוּק (*mātsûq*). Veja o nº 1896a.
מָצוֹר (*mātsôr*). Veja o nº 1898a.
מַצּוֹת (*matstsût*). Veja o nº 1400b.

1233 מצח (*mtsh*). Aceita como raiz de:

1233a מִצְחָה (*mētsah*) *testa, fronte.*

1233b מִצְחָה (*mitshâ*) *caneleiras, perneiras.*

mētsah. *Testa, fronte.* O substantivo aparece 13 vezes no AT, cinco das quais em Ezequiel (3.7, 8 [duas vezes], 9; 9.4). A palavra é de etimologia incerta. Uma possibilidade é identificá-la com o verbo *tsāhah*, "ser (estar) brilhante, ofuscante", por analogia com o árabe *tsabaha*, "brilhar", *tsabāh*, "manhã", e *tsabāh*, "testa" (Blau; veja bibliografia).

Os usos mais interessantes de *mētsah* encontram-se nos textos de Ezequiel e em um de Jeremias. Deus diz a Ezequiel (3.7) que todo Israel é de "fronte obstinada [*hizqē mētsah*] e duro de coração [*qᶜshê lēb*]". A frase "obstinado/forte de fronte" (lit.) sugere, talvez, a imagem de um animal, um boi ou um carneiro, dando cabeçadas. Mas no versículo seguinte (3.8) Deus diz que ele tornou a fronte do profeta mais forte do que a fronte de seus inimigos. Isso é o mesmo que dizer que Deus não apenas dará ao profeta uma dureza igual à de seus inimigos, mas também que o tornaria ainda mais firme em prol da verdade do que as pessoas são contra ela. É possível que haja aqui um trocadilho intencional com o nome do profeta, que significa "Deus endureça/fortaleça", com base no verbo *hāzaq*. *Cf.* também 3.9.

Em Ezequiel 9.4 Deus determina a um agente divino que percorra Jerusalém e coloque um sinal na testa dos homens que lamentassem e desaprovassem a imundície praticada na cidade. A palavra para "marcar" é *taw*, o nome da última letra do alfabeto hebraico, que na antiga escrita cananéia era grafada como um X. *Cf.* também Gênesis 4.15 (*ôt*); 1 Samuel 21.14; Jó 31.35; Apocalipse 7.3, 4; 13.16; 14.1; 22.4. Isto lança talvez alguma luz sobre Jeremias 3.3, quando Jeremias diz acerca de seus ouvintes "tens a fronte de prostituta", o que é traduzido por JB como "tens mantido o olhar provocador de uma prostituta". Será que a acusação feita por Jeremias poderia ser, no entanto, uma

referência a alguma marca na cabeça de uma prostituta, tal como existe hoje em dia para diferenciar as castas na Índia?

mitshâ. ***Caneleiras, perneiras.*** Palavra encontrada apenas uma vez no AT, em 1 Samuel 17.6: "[Golias] trazia caneleiras de bronze nas pernas." Essas caneleiras, ou perneiras, eram a parte da armadura que protegia a parte frontal das pernas abaixo dos joelhos.

Bibliografia: — BLAU, J. Etymologische Untersuchungen auf Grund des palästinischen Arabisch. *VT* 5:337-44, esp. p. 342.

Acerca de *mishâ*: — GALLING, K. *Biblisches Reallexicon*. Tübingen, J. C. B. Mohr, 1937. pp. 89-90. _____. Goliath und seine Rüstung. *Supp VT* 15:150-69, esp. pp. 163-5.

V.P.H.

מְצִיזָה (*m'tsîzah*). Veja o nº 1172a.
מְצֻלָה (*m'tsulâ*). Veja o nº 1889c.
מְצֻלָּה (*m'tsullâ*). Veja o nº 1919e.
מְצִלְתַּיִם (*m'tsiltayim*). Veja o nº 1919f.
מִצְנֶפֶת (*mitsnepet*). Veja o nº 1940c.
מַצָּע (*matstsâ'*). Veja o nº 896e.
מִצְעָד (*mits'ād*). Veja o nº 1943d.
מִצְעָר (*mits'ar*). Veja o nº 1948c.
מִצְפֶּה (*mitspeh*). Veja o nº 1950b.
מַצְפּוֹן (*matspôn*). Veja o nº 1953d.

1234 מָצַץ (*mātsats*) *esvaziar, sorver.* Ocorre somente em Isaías 66.11, *tāmotstsû w'hit'annagtem*, "[para que] sorvais e vos farteis".

Termo Derivado

1234a מַצָּה (*matstsâ*) *pães asmos, bolos asmos.*

Um substantivo feminino singular derivado da raiz *mātsats*, o qual ocorre com freqüência na forma plural *matstsôt* (44 vezes). Na LXX e no NT a palavra empregada é *azuma*. Este pão sem fermento, preparado às pressas, era oferecido em refeições comuns a hóspedes inesperados (Gn 19.3; Jz 6.19-21; 1 Sm 28.24). Os israelitas, ao sair rapidamente do Egito, não tiveram tempo para esperar a massa crescer (Êx 12.39).

Bolos asmos foram oferecidos em sacrifício quando da consagração de Arão e seus filhos ao sacerdócio (Êx 29.2), e eram regularmente oferecidos junto com a oferta de manjares (Lv 2.4-5), com a oferta pacífica (Lv 7.12) e ao fim do voto de nazirado (Nm 6.15, 17, 19). O pão era levado num cesto (Êx 29.23; Lv 8.2, 26; Nm 6.15, 17). Os levitas ajudavam nessa oferenda (1 Cr 23.27-29). Depois do sacrifício, o restante da oferta de manjares era comido pelos sacerdotes (Lv 6.16; 10.12). A época da reforma de Josias, sacerdotes dos altos comiam pães asmos junto com seus irmãos (2 Rs 23.9).

1235 מִצְרַיִם (*mitsrayim*)

Por terem comido pães asmos na noite em que partiram do Egito (Êx 12.8) e durante as primeiras etapas de sua peregrinação (Êx 12.39), a partir de então anualmente os israelitas comiam pães asmos junto com ervas amargas por ocasião da Páscoa, fosse essa a primeira ou a segunda páscoa (Êx 12.14-20; Nm 9.10). Comida junto com ervas amargas, o pão asmo era chamado de "pão de aflição" (Dt 16.3). De início, a Páscoa, uma comemoração de uma única noite, distinguia-se da festa dos pães asmos, que ocorria nos sete dias seguintes à Páscoa. Mas as duas festas podem ser consideradas como Páscoa ou como "festa dos pães asmos". O comer o pão sem fermento começava ao fim da tarde do dia catorze do mês de nisã (Êx 12.15, 18; 13.6; 34.18; Lv 23.6; Nm 28.17; Dt 16.3; Ez 45.21) e prosseguia por sete dias (Dt 16.8 fala de seis dias, sendo que o sétimo é apresentado como um dia de assembléia solene). Por esse motivo a época era chamada de festa dos pães asmos (*hag hammatstsôt*, Êx 23.15; 34.18; Lv 23.6; Dt 16.16; Ed 6.22; 2 Cr 8.13; 30.13, 21; 35.17). Israel observou esse costume em Gilgal, quando estava entrando na Palestina (Js 5.11).

J.P.L.

מֵצַר (*mētsar*). Veja o nº 1 973f.

1235 מִצְרַיִם (*mitsrayim*) ***Egito.***

A palavra hebraica é de derivação incerta, mas está relacionada com o nome próprio acadiano *Mitsr* (*Mutsur*) e o nome próprio árabe *Mitsr*, que designam o Egito. Em hebraico, na forma o nome próprio designativo do Egito encontra-se no dual, indicando as duas divisões básicas daquele país: o alto Egito (sul do Egito) e o baixo Egito (a região do delta do Nilo). A razão da identificação do alto com o sul e do baixo com o norte é que o rio Nilo flui das regiões mais altas, ao sul, para as mais baixas, ao norte. Os próprios egípcios referiam-se à sua terra como *tȝwy*, "duas terras", ou *Kemi*, "Terra Negra", sendo que esta última expressão refere-se ao terreno viçoso e irrigado que constituía as margens do Nilo. O nome Egito, palavra que vem do grego, possivelmente remonta à expressão egípcia *Hi-ku-Ptah*, a "Casa do espírito de (o deus) Ptah", uma antiga designação de Mênfis (que na Bíblia leva o nome de *nōp*; cf. IBB mrg.).

Em rápidas palavras, pode-se por conveniência dividir e salientar a história egípcia nos seguintes e importantes períodos: 1) Reino Antigo/Período das Pirâmides/dinastias terceira a sexta (2700—2200 a.C.); 2) Reino Médio, especialmente a décima segunda dinastia (2000—1800 a.C.); 3) Reino Novo ou Período Imperial, dinastias décima oitava a vigésima (1570—1090 a.C.); 4) período etíope, especialmente a vigésima quinta dinastia (715—663 a.C.); 5) dinastia saítica e vigésima sexta (633—525 a.C.); 7) dinastia ptolemaica (306—30 a.C.). De modo geral, a história do antigo Egito experimenta um desenvolvimento que, graficamente, poderia ser ondular. A períodos de inovações, grandeza e expansão seguem-se épocas de encolhimento, retraimento e surgimento de movimentos centrífugos, e o ciclo se repete.

É difícil, praticamente impossível, apontar denominadores comuns na religião do Egito ao longo de quase três mil anos de desenvolvimento. O espectro religioso vai desde um politeísmo grosseiro até um "monoteísmo" solar. A religião egípcia jamais definiu um Deus supremo aceitável a todos. Esse Deus foi Aton, Ra, Hórus ou Amon-Ra? Por outro lado, ninguém há de negar que um dos aspectos distintivos da religião dos egípcios era

a ênfase na vida depois da morte. E, no entanto, essa preocupação com a morte não era mórbida. Textos fúnebres são inevitavelmente alegres e otimistas. O conceito egípcio da vida após a morte é também fortemente materialista. A próxima vida é simplesmente uma seqüência desta aqui. É por isso que, por exemplo, mumificava-se o corpo, porquanto a existência corpórea era a única existência aceitável para os egípcios.

No AT os patriarcas são as personagens bíblicas que, pela primeira vez, têm algum relacionamento com o Egito (Abraão, Gn 12). Isso teria ocorrido aproximadamente à época da décima segunda dinastia do Reino Médio. A história de José tem obviamente um pano de fundo egípcio, a ponto de o próprio ciclo estar na forma de um conto em simples prosa (uma criação egípcia). Entretanto, a partir da época de Moisés, a Bíblia em geral coloca a terra do Egito numa posição bastante negativa. É ela que oprime o povo de Deus, recusando-se a dar liberdade a Israel. São os profetas de Israel que em particular atacam a aproximação de seu país junto ao Egito. "Deixai-na a sós; o Egito está debaixo de juízo e tropeçará" é o conselho que eles dão.

E assim mesmo, apesar de todas essas denúncias contra o Egito, duas passagens do AT acerca desse país são extremamente interessantes. Numa delas Josias, o piedoso rei de Judá, morreu porque não deu ouvidos à palavra de Deus por boca do faraó Neco (2 Cr 35.20 e ss.). Na segunda, Isaías 19.16 e ss. antevê a conversão do Egito (e da Assíria) ao Senhor, "Bendito seja o Egito, meu povo" (v. 25). Inimigos tradicionais serão reconciliados sob as bênçãos divinas.

Bibliografia: — GARDINER, A. *Egypt of the Pharaohs*. New York, Oxford University, 1966. — WILSON, J. *The Culture of Ancient Egypt*. University of Chicago, 1956. — STEINDORFF, G. & K. C. SEELE. *When Egypt Ruled the East*. University of Chicago, 1942.

V.P.H.

מַצֹּרֶף (*matsrēp*). Veja o nº 1972b.

מַק (*maq*). Veja o nº 1237a.

מַקֵּבֶת (*maqqebet*). Veja os nºs 1409c, d.

מִקְדָּשׁ (*miqdāsh*). Veja o nº 1990f.

מַקְהֵל (*maqhēl*). Veja o nº 1991d.

מִקְוֶה (*miqweh*), מִקְוָה (*miqwâ*). Veja os nºs 1994c, 1995a.

מָקוֹם (*māqôm*). Veja o nº 1999b.

מָקוֹר (*māqôr*). Veja o nº 2004a.

מִקֶּחַ (*miqqāh*). Veja o nº 1124e.

מִקְטָר (*miqtār*), מִקְטָר (*muqtār*). Veja os nºs 2011d, e.

מִקְטֶרֶת (*miqteret*). Veja o nº 2011f.

1236 מַקֵּל (*maqqēl*) ***vara, bastão, cetro*** (*e.g.*, Gn 30.37; Jr 1.11).

מִקְלָט (*miqlāt*). Veja o nº 2026a.

מִקְלַעַת (*miqla'at*). Veja o nº 2031a.

מַקֵּנָה (*miqnch*), מִקְנָה (*miqnâ*). Veja os nºs 2039b, c.

מִקְסָם (*miqsām*). Veja o nº 2044b.

1237 מָקַק (*māqaq*)

מִקְצֹעַ (*miqtsōa'*), מַקְצֻעָה (*maqtsu'â*). Veja os nºs 2057a, 2056b.

1237 מָקַק (*māqaq*) ***apodrecer, deteriorar, infeccionar, definhar (de tristeza ou doença).***

Termo Derivado

1237a מַק (*maq*) ***apodrecimento, deterioração*** (Is 3.24; 5.24).

māqaq ocorre nove vezes no AT, oito no nifal e uma no hifil. Emprega-se o verbo na maioria das vezes para descrever aqueles que "perecem" ou "são consumidos" por causa de seus pecados, que os desumanizam: Levítico 26.39, Ezequiel 4.17; 24.23; 33.10. O pecado lança suas próprias sementes de apodrecimento. Numa linha de pensamento semelhante a esta encontramos o juízo de Deus contra aqueles que atacam Jerusalém na grande batalha escatológica da história (Zc 14.12, três vezes), "a sua carne se apodrecerá..., apodrecer-lhes-ão os olhos nas suas órbitas, e se lhes apodrecerá a língua na boca". *Cf.* também Isaías 34.4.

O sentido básico do verbo é perceptível em Salmos 38.5 [6]: "As minhas chagas se tornam fétidas e 'purulentas', por causa da minha loucura".

V.P.H.

מִקְרָא (*miqrā'*). Veja o nº 2063d.

מִקְרֶה (*miqreh*), מְקָרֶה (*m'qāreh*). Veja os nºs 2068c, f.

מְקֵרָה (*m'qērâ*). Veja o nº 2077d.

מִקְשֶׁה (*miqsheh*), מִקְשֶׁה (*miqshâ*). I, II. Veja os nºs 2086b, a; 2083b.

מַר (*mar*), מֹר (*mōr*). Veja os nºs 1249a.

1238 *מָרָא (*mārā'*) ***I, bater asas*** (?). Ocorre somente no hifil, em Jó 39.18, "quando [a avestruz] sai batendo asas, ri-se do cavalo e de seu cavaleiro".

1239 מרא (*mr'*). **II. Aceita como raiz de:**

1239a †מְרִיא (*m'rî'*) ***animal novo cevado.***

1239b מֻרְאָה (*mur'â*) ***papo ou canal alimentar (de ave).*** Ocorre somente em Levítico 1.16, "tirará o papo com o que estiver dentro" (BLH).

m'ri'. ***Animal novo cevado.*** *m'rî'* ocorre oito vezes no AT. *BDB* (p. 597) coloca esta palavra no verbete *mārā'* II, "ser gordo, bem alimentado", mas não documenta o verbo no AT. Alguns são da opinião de que *ûm'rî'*, "e o animal cevado", em Isaías 11.6, deve ser lido *yimr'û*, "alimentar-se-ão"; por isso a tradução encontrada na MM, "o touro e o leão comerão juntos".

Com apenas uma exceção, em todas as oito passagens *m'rî'* é usado para designar gado criado e engordado intencionalmente para servir de sacrifício a Deus. A palavra hebraica não diz respeito às espécies, mas sim à qualidade do animal. O significado disso

é que, quando alguém oferece um sacrifício ao seu Senhor, oferece aquilo que tem de melhor e mais valioso.

Tanto Davi (2 Sm 6.13) quanto Adonias (1 Rs 1.9, 19, 25) ofereceram, em ocasiões festivas, animais "cevados" ao Senhor. E, assim mesmo, o Senhor rejeita a oferenda desses mesmos animais quando sacrifícios e cerimônias religiosas exteriores passam a substituir a moralidade e integridade pessoal (Is 1.11; Am 5.22). Ezequiel diz que, além da carne de homens e de outros animais, no dia do juízo de Deus sobre os inimigos de Israel as aves se banquetearão com animais cevados (Ez 39.18; *cf.* Ap 19.17-18, 21).

A única passagem em que *mᵉrî'* aparece num contexto não-sacrificial é Isaías 11.6.

Bibliografia: — AHARONI, I. On some animals mentioned in the Bible. *Osiris* 5:461-78. — BODENHEIMER, F. S. *Animal and man in Bible lands*. Leiden. Brill. 1960. — BRUEGGEMANN, W. Fatling. In: *IDB*. v. 2, p. 246.

V.P.H.

מַרְאֶה (*mar'â*), מַרְאֶה (*mar'eh*). Veja os nºs 2 095h, i.

מַרְעֲשׁוֹת (*mᵉra'ăshôt*). Veja o nº 2 097f.

מַרְבָּד (*marbād*). Veja o nº 2 102a.

מַרְבֶּה (*marbeh*). Veja o nº 2 103b.

מַרְבִּית (*marbît*). Veja o nº 2 103d.

מַרְבֵּץ (*marbēts*). Veja o nº 2 109b.

מַרְבֵּק (*marbēq*). Veja o nº 2 110a.

מַרְגּוֹעַ (*margôa'*). Veja o nº 2 117b.

מַרְגְּלוֹת (*marg'lôt*). Veja o nº 2 113c.

מַרְגֵּמָה (*margēmâ*). Veja o nº 2 114b.

מַרְגֵּעָה (*margē'â*). Veja o nº 2 117c.

1240 מָרַד (*mārad*) *ser rebelde, rebelar-se, revoltar-se.*

Termos Derivados

1240a †מֶרֶד (*mered*) ***rebelião.***

1240b †מַרְדּוּת (*mardût*) ***rebelião.***

O verbo é usado 25 vezes no AT, todas no grau qal. Aparece em Josué com mais freqüência do que em qualquer outro livro (cinco vezes, 22.16, 18, 19 [duas vezes], 29).

O verbo *mārad* pode indicar a rebelião do homem contra o próprio homem (12 vezes) ou contra Deus (12 vezes). A única passagem aberta a debates quanto à tradução é Josué 22.19: "não vos rebeleis ... contra o SENHOR, nem vos rebeleis [*timrōdû*] contra nós" (ARA). A RSV traz: "não vos rebeleis contra o Senhor, nem nos façais rebeldes" (lendo *timridû* em vez de *timrōdû*). Certamente essa tradução é possível à luz do versículo seguinte, que, ao lembrar o incidente de Acã, aponta para o fato de que o pecado de uma única pessoa implica muitas outras pessoas além de apenas aquela que é a culpada imediata. Por isso

a tradução da BJ: "não vos revolteis contra Yahweh e não nos façais participantes da vossa rebelião".

Naqueles casos em que *mārad* tem o sentido de revolta contra o homem, o verbo sempre é usado com referência a um rei de Judá ou ao povo de Israel tentando resistir ao jugo pesado ou à presença indesejada de um poder estrangeiro. A única exceção é o rei de Israel Jeroboão I, que seu contemporâneo Abias, rei de Judá, condenou por "rebelar-se" contra Salomão (2 Cr 13.6). Em alguns casos a Bíblia descreve essa rebelião com aprovação e em alguns casos com desaprovação. Assim sendo, a Bíblia endossa calorosamente as providências de Ezequias contra os assírios (2 Rs 18.7, 20 = Is 36.5). De outro lado, as ações de Jeoaquim contra os babilônios (2 Rs 24.1) e as de Zedequias contra o mesmo inimigo (2 Rs 24.20 = Jr 52.3; Ez 17.15; 2 Cr 36.13) são vistas como ações que violavam a vontade de Deus. Quer se fale da rebelião de forma positiva quer de forma negativa, é óbvio que a palavra tem a conotação de uma tentativa por parte do vassalo de anular ou revogar um tratado ou aliança. Quanto a usos semelhantes, *cf.* Gênesis 14.4 e Neemias 2.19; 6.6.

Uma vez que, no contexto político internacional, *mārad* refere-se à deslealdade e à desunião entre nações que fizeram aliança entre si, então é natural pressupor que é nesse mesmo contexto de aliança rompida que o termo indique a rebelião do homem contra Deus (vejam-se as cinco passagens de Js 22, por exemplo).

Quanto a sinônimos do verbo, podemos assinalar o uso de *mārad* junto com: 1) *shûb* (Js 22.16, 18, 29; 2 Rs 24.1); 2) *pāsha'* (Ez 2.3; 20.38); 3) *mā'al* (Js 22.16, 22); 4) *mārâ* (Ne 9.26); 5) *qûm* (2 Cr 13.6); 6) *hātsā'*, *'āwâ* e *râsa'* (Dn 9.5). Vejam-se todas essas palavras.

mered. ***Rebelião.*** Palavra encontrada apenas uma vez no AT, em Josué 22.22, paralela a *ma'al*, "transgressão, deslealdade".

mardût. ***Rebelião.*** Usada apenas em 1 Samuel 20.30. Saul, acusando seu filho Jônatas de atividade subversiva por ajudar Davi, lança-lhe no rosto: "Filho de rebelião perversa" (lit.). Na maioria das versões a frase tem sido emendada. No TM ela aparece como *ben-na'ăwat hammardût*. A segunda palavra, *na'ăwat*, é um particípio feminino do nifal de *'āwâ*, "curvar, torcer". Com base na LXX, que traduz esta palavra por *korasiōn*, a maioria dos estudiosos emenda *na'āwat* para *na'ārat*, "moça". Daí a tradução "filho de mulher perversa" (ARA) ou "filho de uma transviada" (BJ).

Bibliografia: — DRIVER, S. R. *Notes on the Hebrew text of the Books of Samuel*. Oxford, Clarendon, 1890. pp. 134-5. — *THAT*. v. 1, pp. 925-7.

V.P.H.

מִרְדָּה (*mirdâ*). Veja o nº 2121a.

מַרְדוּת (*mardût*). Veja o nº 1240b.

1241 מְרֹדָךְ (*m'rōdāk*) ***Merodaque,*** o principal deus da cidade de Babilônia.

Merodaque é mencionado na Bíblia somente em Jeremias 50.2, "Tomada é Babilônia, Bel [*bēl*] está confundido, e abatido Merodaque". Observe-se que aqui o nome Merodaque é paralelo à palavra *bēl*, transliteração do atributo acadiano de Marduque, *belum*,

"senhor". Fora esta menção em Jeremias 50.2, o nome de Merodaque aparece na Bíblia apenas em nomes pessoais, tais como Merodaque-Baladã (Marduk-apal-idinn), Evil-Merodaque (Awel-Maruduk) e Mordecai.

E desconhecida a origem do nome Merodaque, embora várias etimologias tenham sido sugeridas. Em sumério a forma do seu nome é ᵈ*AMAR-UD*, e nos mais antigos registros silábicos (em babilônio antigo) o nome é *marutuk* (*ma-ru-tu-uk*). A tradução seria "O bezerro/filho de Utu (o deus-sol)". Outra possibilidade é que o nome signifique "filho da tempestade", pois a idéia que os textos apresentam de Merodaque é mais de um deus da tempestade, chuva, raios e trovões do que de um deus-sol (Jacobsen).

Em acadiano a forma do nome é *mar*(*u*)*duk*(*u*). E interessante a vocalização do seu nome em hebraico, *mᵉrōdāk* (na LXX é *marodak*). Alguns estudiosos são da opinião de que existe uma semelhança deliberada com *'ădōnay*, "meu senhor". O mais provável é que seja uma vocalização eufemística, assemelhando a palavra com *mᵉbōrāk*, "maldito".

Geralmente se diz que Merodaque foi exaltado à sua posição de supremacia no panteão babilônico quando Hamurábi fez de Babilônia a capital política do sul da Mesopotâmia (século XVIII a.C.), embora fosse conhecido como um deus de menor importância já no terceiro milênio a.C. E, contudo, bem defensível a idéia de que somente no reinado de Nabucodonosor I (*c.* 1100 a.C.) Merodaque realmente se tornou o "rei dos deuses" (veja o texto de Lambert na bibliografia). Merodaque era filho de Enki (Ea) de Eridu, o deus da sabedoria e patrono das artes mágicas. O próprio Merodaque foi pai de Nabu, o qual, próximo do fim do período neobabilônico (século VI a.C.), suplantou o pai em popularidade.

Merodaque era o deus da cidade de Babilônia. Ali o seu templo era chamado *É-sag-ila*, "a casa que ergue bem alto a sua cabeça". A seu lado encontrava-se a famosa torre de degraus (zigurate) *E-Temen-an-ki*, "a casa dos alicerces dos céus e da terra", com aproximadamente 91 metros de altura. O grande portal oriental do templo, a porta santa, que ficava fechada a tijolos o ano inteiro, era aberto quando da principal festa de Merodaque, a festa de *Akitu* (Ano Novo). Nesse dia comemorava-se o casamento de Merodaque com sua noiva, Sarpanitu, levando-se as estátuas de ambos para fora dos muros da cidade. Ali fora, simulando-se uma relação sexual entre os dois, assegurava-se a fertilidade da terra no ano que se iniciava. Nessa festa também se recitava a história de *Enuma Elish* (o épico babilônico da criação). Merodaque, o herói dessa história, é nomeado pelos deuses para liderar a luta contra Tiamat e, depois de vencê-la, modela o universo a partir do corpo dela.

Conquanto mencionado nominalmente apenas em Jeremias 50.2, sob o nome de Bel, fica ridicularizada a impotência de Merodaque como deus da Babilônia em Isaías 46.1; Jeremias 51.44; e especialmente Daniel 14.1-22.

Bibliografia: — JACOBSEN, T. The battle between Marduk and Tiamat. *JAOS* 88:104-108. — LAMBERT, W. G. The reign of Nebuchadnezzar I, a turning point in the history of ancient Mesopotamian religion. In: *The seed of wisdom*. Ed. W. S. McCullough. University of Toronto, 1964. pp. 3-13. — SCHOTT, A. Die Anfange Marduks als eines assyrischen Gottes. *ZAW* 43:318-21.

V.P.II.

מְרֻדָּךְ (*murdāp*). Veja o nº 2 124a.

1242 מָרָה (*mārâ*)

1242 מָרָה (*mārâ*) ***ser rebelde, ser desobediente.***

Termo Derivado

1242a מְרִי (*merî*) ***rebelião.***

O verbo ocorre 45 vezes no AT, a maioria delas nos salmos de fundo histórico (10 vezes) e em Deuteronômio (oito vezes). O verbo aparece 22 vezes no grau qal e 23 no hifil. Neste último caso, o sentido é de algo como "provocar com desafio ou afronta".

Com apenas cinco exceções, todos os usos de *mārâ/merî* referem-se à rebelião contra Deus. Essas cinco exceções são: 1) e 2) Deuteronômio 21.18, 20, que trata das providências disciplinares a serem tomadas por pais de um filho "contumaz [*sôrer*] e rebelde"; 3) Jó 17.2, "Estou de fato cercado de zombadores, e os meus olhos são obrigados a lhes contemplar a provocação"; 4) Jó 23.2, "Ainda hoje a minha queixa é de um revoltado"; 5) Provérbios 17.11, "O homem mau só procura a rebelião" (TB).

A rebelião a que *mārâ* se refere é especificamente a rebelião de Israel/Judá contra Deus. Em apenas umas poucas oportunidades a nação não está envolvida. Estas aparecem nos cinco versículos assinalados no parágrafo anterior mais a referência ao anônimo "homem de Deus" que desobedeceu à ordem divina de não parar nem comer em Betel, mas prosseguir sem deter-se em seu caminho, e que, como conseqüência foi destroçado e morto por um leão (1 Rs 13.21, 26); a palavra também se encontra no terceiro cântico do servo sofredor (Is 50.5), "não fui rebelde/não ofereci resistência". Em Lamentações 1.18, 20 a confissão feita na primeira pessoa do singular é uma personificação de Jerusalém falando.

mārâ/merî não apenas se refere à rebelião de Israel, mas basicamente designa a rebelião de Israel no deserto enquanto Deus a conduzia para Canaã. Algumas referências que documentam esse comportamento aberrante são Números 20.10, 24; 27.14, mais numerosas passagens em Deuteronômio, tais como 1.26, 43; 9.7, 24, *etc.* Existem vários livros posteriores que, em determinados pontos, são recapitulação da antiga história de Israel e em que se cita esse pecado: Salmos 78.8, 17, 40, 56; 106.7, 33, 43; Isaías 63.10; Neemias 9.26 (quando da entrada na terra prometida).

Este pecado de rebelião pode ocorrer mediante palavras: queixando-se (Nm 17.10 [25]; 27.14); questionando e desafiando Deus a fazer o extraordinário a fim de satisfazer seus caprichos e desejos (Sl 78.17 e ss.). Ou pode ser uma rebelião mediante feitos: obedecendo ao homem em vez de Deus (1 Sm 12.15); realizar ações contrárias à clara vontade de Deus devido às palavras de um "clérigo" (1 Rs 13.21, 26); "o teu proceder e as tuas obras" (Jr 4.17 e s.); "a sua língua e as suas obras" (Is 3.8). Aquilo contra o que se rebela com maior freqüência é "o mandamento/a palavra do SENHOR", (*'et*) *pî* (literalmente, "a boca").

Este é o objeto direto mais freqüente do verbo *mārâ*: 1 Reis 13.21, 26; Lamentações 1.18; Salmos 105.28; Números 20.24; 27.14, *etc.*

mārâ é encontrado em seqüência e também em paralelo com as seguintes palavras hebraicas: 1) *sôrēr*, "contumaz" ("teimoso" BLH Dt 21.18, 20; Jr 5.23; Sl 78.8); 2) *'ātsab*, "machucar, magoar" (Is 63.10; Sl 78.40); 3) *mā'an*, "recusar" (Is 1.20; Ne 9.17); 4) *pāsha'*, "transgredir" (Lm 3.42); 5) *nā'ats*, "zombar" (Sl 107.11); 6) *hātā'*, "pecar" (Sl 78.17); 7) *nāsâ*, "testar" (SI 78.56); 8) *mārad*, "rebelar-se" (Ne 9.26); 9) *mā'as*, "rejeitar", e *hālal*,

"profanar" (Ez 20.13); 10) *merî*, paralelo de *haptsar*, um infinitivo absoluto do hifil de *pātsar*, "pressionar", talvez aqui com o sentido de "arrogância, presunção" (1 Sm 15.23).

merî. ***Rebelião.*** Dos 23 usos deste substantivo no AT, 16 encontram-se em Ezequiel, e estes estão em sua maior parte na frase "casa rebelde" (que é uma referência a Judá): 2.5, 6, 8; 3.9, 26, 27; 12.2 (duas vezes), 3, 9, 25; 17.12; 24.3; observe também em 2.7 e 44.6 variações dessa frase.

Bibliografia: — *THAT*. v. 1, pp. 928-30.

V.P.H.

מַרְהֵבָה (*marhēbâ*). Veja o nº 2 125d.

מָרוֹד (*mārôd*). Veja o nº 2 129a.

מָרוֹם (*mārôm*). Veja o nº 2 133h.

מְרוֹץ (*mērôts*). Veja o nº 2 137a.

מְרוּצָה (*m'rûtsâ*). Veja o nº 2 212b.

מָרוּק (*mārûq*). Veja o nº 1 246a.

מָרוֹר (*mārôr*). Veja o nº 1 248e.

מַרְזֵחַ (*marzēah*). Veja o nº 2 140a.

1243 מָרַח (*mārah*) ***aplicar.*** Ocorre somente em Isaías 38.21, "Tome-se uma pasta de figos, e 'ponha-se como emplasto' sobre a úlcera".

מִרְחָב (*merhāb*). Veja o nº 2 143e.

מֶרְחָק (*merhāq*). Veja o nº 2 151c.

מַרְחֶשֶׁת (*marheshet*). Veja o nº 2 152a.

1244 מָרַט (*mārat*) ***alisar, tornar calvo, lustrar.***

O verbo é empregado 14 vezes no AT numa variedade de contextos. Três vezes ele se refere ao arrancar quer os cabelos quer a barba. Numa oportunidade esse gesto indica a tristeza que Esdras sentiu ao descobrir que seus compatriotas israelitas haviam se casado com estrangeiras (Ed 9.3). Em outras duas ocasiões essa mesma ação descreve não a tristeza, mas sim um ato de violência: 1) algo que Neemias fez àqueles que se casaram com mulheres estrangeiras (Ne 13.25); 2) "[Eu, isto é, o servo sofredor] ofereci as minhas costas aos que me feriam, e as minhas faces aos que me 'arrancavam' a barba" (IBB, Isaías 50.6). Ligado a essas passagens podemos assinalar o uso do mesmo verbo para descrever a condição de calvície (Lv 13, 40-41) no contexto do diagnóstico de lepra. Ezequiel 29.18 diz que Nabucodonosor "tornou calva" as cabeças dos moradores de Tiro. Isso não significa que Nabucodonosor arrancou-lhes o cabelo, mas sim que a calvície foi o resultado de carregarem pesos sobre a cabeça, em virtude de terem sido obrigados a participar de grupos de trabalhos forçados.

Além da passagem em Ezequiel 29.18, o verbo é empregado mais cinco vezes naquele livro: 21.9 [14]; 21.10 [15]; 21.11 [16]; 21.28 [33]. Cada um desses casos refere-se à espada

do Senhor, que está "polida", pronta para ser entregue nas mãos dos matadores, os babilônios, a fim de executarem juízo sobre o povo de Deus.

Finalmente, usa-se este verbo para descrever os utensílios de bronze "polido" colocados no templo de Salomão, em Jerusalém (1 Rs 7.45). O vocábulo também é empregado no oráculo de Isaías contra a Etiópia, cujo povo é descrito como "de alta estatura e 'de tez luzidia'" (Is 18.2, 7).

V.P.H.

מְרִי (*merî*). Veja o nº 1 242a.
מְרִיא (*m'rı'*). Veja o nº 1 239a.
מְרִיבָה (*m'rîbâ*). Veja o nº 2 159c.
מְרִירוּת (*m'rîrût*). Veja o nº 1 248i.
מְרִירִי (*m'rîrî*). Veja o nº 1 248h.
מֹרֶךְ (*mōrek*). Veja o nº 2 164c.
מֶרְכָּב (*merkāb*). Veja o nº 2 163e.
מַרְכֹּלֶת (*markōlet*). Veja o nº 2 165c.
מִרְמָה (*mirmâ*). Veja o nº 2 169b.
מִרְמָס (*mirmās*). Veja o nº 2 176a.
מֵרֵעַ (*merēa'*). Veja o nº 2 186f.
מִרְעֶה (*mir'eh*). Veja o nº 2 185b.
מַרְעִית (*mar'ît*). Veja o nº 2 185c.
מַרְפֵּא (*marpē'*). Veja o nº 2 196c.
מַרְפֵּשׁ (*marpēs*). Veja o nº 2 199a.

1245 *מָרַץ (*mārats*) ***estar doente, tornar doente.***

O verbo ocorre quatro vezes no AT. Em três delas (1 Rs 2.8; Mq 2.10; Jó 6.25) o verbo aparece no nifal e significa "tornar doente", isto é, "inflamar" ou "tornar intenso". Desse modo temos "uma 'dura' maldição", *q'lālá nimretset*, em 1 Reis 2.8, e "'cruel' tormento", *hebel nimrāts*, em Miquéias 2.10 (MM).

A terceira passagem, Jó 6.25, é passível de dúvidas quanto à tradução: "Como são persuasivas as palavras retas!" Essa tradução atribui a *mārats* um significado que, de outra forma, seria desconhecido. Pope (em AB, *Job*, pp. 49, 55) traduz: "quão agradáveis são as palavras honestas", talvez com base na relação sugerida de *nimr'tsû* com *niml'tsû* (Sl 119.103), "suave, agradável". Uma terceira possibilidade é interpretar a frase como uma pergunta, "o que há de doente em palavras retas?" (Tur-Sinai) ou "como palavras honestas podem ser amargas?" (Driver). A vantagem destas duas últimas sugestões é que ambas retêm a idéia básica de *mārats* como algo indesejável.

O quarto uso dessa raiz acha-se em Jó 16.3 (hifil), "o que o 'deixa doente' para responder?" (ARA, "o que é que te instiga para responderes assim?") ou, melhor ainda, "que peste — necessitas ter a última palavra" (JB).

Bibliografia: — DRIVER, G. R. Some Hebrew words. *JTS* 29:390-6, esp. pp. 394-5.
V.P.H.

מַרְצֵעַ (*martsēa'*). Veja o nº 2 209a.
מַרְצֵפָה (*martsepet*). Veja o nº 2 210b.

1246 מָרַק (*māraq*) ***I, esfregar, polir, arear.***

Termos Derivados.

1246a מָרוּק (*mārûq*) ***raspagem, esfregadura*** (Et 2.12).
1246b תַּמְרוּק (*tamrûq*) ***raspagem, esfregadura*** (Pv 20.30).

1247 מרק (*mrq*). **II. Aceita como raiz de:**
1247a מָרָק (*mārāq*) ***caldo de carne, sopa rala*** (Jz 6.19; Is 65.4).

מֶרְקָח (*merqāh*). Veja o nº 2 215f.
מִרְקַחַת (*mirqahat*). Veja o nº 2 215h.

1248 מָרַר (*mārar*) ***I, ser amargo, fortalecer, ser forte.***

Termos Derivados

1248a †מַר (*mar*) ***amargo.***
1248b מֹר (*mōr*) ***mirra.***
1248c †מָרָה (*morra*) ***amargura.***
1248d †מָרָה (*mōrâ*) ***mágoa.***
1248e †מָרוֹר (*mārôr*) ***amargura.***
1248f †מְרוּרָה (*m'rôrâ*) ***coisa amarga.***
1248g מְרֵרָה (*m'rêrâ*) ***fel.*** Somente em Jó 16.13.
1248h †מְרִירִי (*m'rîrî*) ***amargo.***
1248i †מְרִירוּת (*m'rîrût*) ***amargura.***
1248j †מֵמֶר (*memer*) ***amargura.***
1248k †מַמְרוֹר (*mamrôr*) ***amargura.***
1248l †תַּמְרוּר (*tamrûr*) ***amargura.***

O verbo *mārar* é usado 15 vezes, sempre tendo um homem e jamais Deus como sujeito, a menos que o verbo descreva uma interpretação que o homem dê acerca das ações e vontade de Deus. Por exemplo, Jó (e esta raiz e seus vários derivados aparecem um maior número de vezes em Jó do que em qualquer outro livro do AT [10 vezes]) assim se queixa: "o Todo-Poderoso, que amargurou a minha vida" (27.2, hifil de *mārar*). Semelhantemente, Noemi diz: "Não me chameis Noemi, chamai-me Mara; porque grande

amargura me tem dado o Todo-Poderoso" (Rt 1.20).

É interessante observar que os hebreus exprimiam experiências trágicas, desagradáveis, descrevendo-as pelo sentido do paladar como amargas. Na realidade empregamos a mesma figura de linguagem: Foi uma experiência amarga; não foi de bom gosto aquilo que ele fez; sua esposa se veste sempre com muito bom gosto.

Para a raiz *mārar* somos de opinião que deve-se aceitar não apenas a tradução tradicional, "ser amargo/amargurar", mas também a tradução "ser forte/fortalecer". A razão disso é que a raiz ugarítico-árabe-aramaica *mrr* pode ter o sentido de "fortalecer, abençoar, elogiar". Em pelo menos quatro passagens do AT parece que essa é a tradução preferível. Desse modo, talvez uma melhor tradução de Êxodo 1.14 não seja "e lhes fizeram amargar a vida", mas "e lhes fortaleceram as vidas", isto é, os egípcios, ao impor trabalhos pesados, apenas tornaram os hebreus mais persistentes. O contexto sugere essa possibilidade. Juízes 18.25 refere-se não a "homens de ânimo amargoso", mas a "homens de ânimo resoluto". Eclesiastes 7.26 tradicionalmente traz: "Achei coisa mais amarga do que a morte, a mulher cujo coração são redes e laços". Observa-se, no entanto, que o autor não está dando ênfase à amargura de uma mulher, mas à sua determinação; daí "Achei coisa mais forte do que a morte" (*cf.* Ct 8.6). Finalmente Ezequiel 3.14 diz: "eu fui amargurado na excitação do meu espírito." Mas por que o profeta haveria de estar amargurado, especialmente à luz do que ele viu e ouviu nos versículos 12 e 13? Propomos a tradução: "Prossegui fortalecido pelo fervor do meu espírito".

mar. ***Amargo, forte.*** Este vocábulo aparece 37 vezes no AT. Na maioria das vezes usa-se o adjetivo num sentido figurado, como acontece com o verbo, para descrever uma emoção, embora se achem uns poucos exemplos de *mar* num sentido literal. As Escrituras falam de cachos de uvas amargas (Dt 32.32), águas amargas (Êx 15.23), alimentos (Pv 27.7) que, embora amargos, são saborosos para os famintos (*cf.* Is 5.20).

Entre os usos literais há um interesse especial na frase "água amarga", em Números 5.18-19, 23-24, 27. Mistura de água, pó tirado do chão e tinta, sendo por isso mesmo algo decididamente não-higiênico, a água amarga era usada num caso específico de investigação, para determinar se tinham ou não fundamento as suspeitas do marido enciumado de que sua esposa estava sendo infiel. Fica óbvio que a idéia é que freqüentemente a consciência de culpa produz sintomas somáticos, o princípio sobre o qual baseia-se o funcionamento do detector de mentiras. Às vezes essa investigação é chamada de ordálio ou juízo de Deus, mas tal designação não é muito precisa. O ordálio, usado na antigüidade e até a Idade Média, exigia que o acusado se submetesse a claros riscos físicos, tais como andar pelo fogo ou ser lançado ao rio estando amarrado. Supunha-se que era inocente todo aquele que não sofresse dano físico. O ordálio era comum na Assíria, mas o AT empregava, em vez disso, meios mais sensatos de obter provas, como aqueles a que estamos acostumados. A "água amarga" é, na verdade, mais como um detector de mentiras, conforme sugerido acima. Apenas uma mulher inocente seria normalmente capaz de submeter-se a essa cerimônia solene sem ter uma crise nervosa. O efeito adicional, que não tinha que ver com a água sem higiene, era provocado pela providência divina ao punir a culpada.

Conforme assinalamos acima, o uso mais comum de *mar* é no sentido figurado para exprimir a reação emocional a uma situação destrutiva e arrebentadora de emoções. Algumas dessas situações eram: 1) esterilidade, no caso de mulheres (1 Sm 1.10); 2) desejo não realizado de morrer (Jó 3.20); 3) graves problemas familiares (Gn 27.34); 4)

exploração e penúria de povos minoritários (Et 4.1); 5) sofrimento e dificuldades pessoais (Jó 7.11; 10.1; Is 38.15); 6) situação hostil e precária (Sl 64.3 [4]) e mágoa com a apostasia de crentes (Jr 2.19); 7) o juízo do Senhor sobre os incrédulos (Sf 1.14); 8) descontentamento com liderança incompetente (1 Sm 22.2); 9) a idéia de morrer (1 Sm 15.32); 10) frustração de sonhos e aspirações (Ez 27.30, 31).

morrâ. ***Amargura, mágoa.*** Palavra empregada apenas em Provérbios 14.10, "O coração conhece a sua própria amargura". A forma da palavra hebraica é incomum, havendo um *dagesh forte* no *resh*.

mōrâ. ***Mágoa*** (no sentido de decepção). Apenas em Gênesis 26.35, onde exprime a reação de Isaque frente à decisão de Esaú de casar-se com mulheres hetéias.

mārôr. ***Amargura, erva amarga.*** De acordo com Êxodo 12.8 e Números 9.11, era para a erva amarga ser comida na Páscoa junto com a refeição daquela ocasião. No início as ervas amargas simbolizavam a pressa com que a refeição foi preparada (Êx 12.8), e, mais tarde, a tradição judaica viu nas ervas amargas uma lembrança do tratamento cruel a que os judeus foram submetidos no Egito. *Cf.* Lamentações 3.15.

mᶜrôrâ. ***Coisa ou erva amarga, veneno, venenoso.*** Em Jó 20.14 a palavra descreve vividamente o veneno de serpente (ARA, "fel de áspides"). Cf. também Deuteronômio 32.32; Jó 13.26; 20.25.

mᶜrîrî. Amargo, amargura. Deuteronômio 32.24. O texto de Jó 3.5 é problemático. Em vez de *kaph* mais a raiz *mārar*, o que muito provavelmente temos é a raiz *kāmar* II, "ser/estar escuro", e, portanto, a tradução "que um eclipse o aterrorize" (isto é, ao dia do meu nascimento, BJ).

mᶜrirût. ***Amargura.*** Somente em Ezequiel 21.6 [11].

memer. ***Amargura, mágoa.*** Somente em Provérbios 17.25, paralelo a ***kaʿas***, "tristeza".

mamrôr. ***Amargura.*** Somente em Jó 9.18.

tamrûr. ***Amargura.*** O versículo mais conhecido em que esta palavra aparece é Jeremias 31.15 (ARC) (= Mt 2.18). *Cf.* também Jeremias 6.26 e Oséias 12.14 [15].

Bibliografia: — DAHOOD, M. Qoheleth and Recent Discoveries. *Bib* 39:302-18, esp. pp. 308-10. — GORDON, C. H. *UT* 19: nº 1556. —MICHAELIS, W. Pikros. In: *TDNT*. v. 6, pp. 122-5.

Acerca de *mōr*, "mirra": —VAN BEEK, G. W. Frankincense and Myrrh. *BA* 23:70-95. —_____. Frankincense and Myrrh in Ancient South Arabia. *JAOS* 78:141-52.

V.P.H.

1249 מרר (*mrr*). **II. Aceita como raiz de:**

1249a מַר (*mar*) ***gota.*** Ocorre somente em Isaías 40.15, *goyim kᶜmar middᵉlî*, "Eis que as nações são consideradas por ele como um pingo que cai dum balde".

מְרֵרָה (*m'rērâ*). Veja o nº 1 248g.
מִרְשַׁעַת (*mirsha'at*). Veja o nº 2 22l.
מַשָּׂא (*massa'*). Veja os nºs 1 421d, e.
מַשֹּׂא (*massō'*). Veja o nº 1 421f.
מַשָּׂאֵת (*mass'ēt*). Veja o nº 1 421h.
מִשְׂגָּב (*misgāb*). Veja o nº 2 234a.
מַשּׂוֹר (*massôr*). Veja o nº 1 423a.

1250 מְשׂרָה (*m'sûrâ*) ***medida (de capacidade)***. Derivação incerta.

מָשׂוֹס (*māśôs*). Veja o nº 2 246b.
מִשְׂחָק (*mishāq*). Veja o nº 1 905f.
מַשְׂטֵמָה (*mastēmâ*). Veja o nº 2 251a.
מִשְׂכָּה (*m'sukâ*). Veja o nº 2 241a.
מַשְׂכִּיל (*maskîl*). Veja o nº 2 263b.
מַשְׂכִּית (*maskît*). Veja o nº 2 257c.
מַשְׂכֹּרֶת (*maskōret*). Veja o nº 2 264.1.
מִשְׂרָה (*misrâ*). Veja o nº 2 288a.
מַשְׂרֵפָה (*masrēpâ*). Veja o nº 2 292d.

1251 מַשְׂרֵת (*masrēt*) ***frigideira, prato*** (2 Sm 13.9).

מַשָּׁה (*mashshâ*). Veja o nº 1 424a.
מַשָּׁאוֹן (*mashshā'ôn*). Veja o nº 1 425a.
מַשָּׁאוֹת (*mashshā'ôt*). Veja o nº 1 425b.
מִשְׁאָלָה (*mish'ālâ*). Veja o nº 2 303b.

1252 מִשְׁאֶרֶת (*mish'eret*) ***bacia/tigela de amassar***.

Misturava-se farinha com água nesse utensílio doméstico, o *mish'eret*, que já continha massa em fermentação. Tais utensílios eram suficientemente pequenos para ser envoltos na roupa e transportados sobre os ombros (Êx 12.34), com até mesmo o calor do corpo ajudando a fermentação. Sapos encheram esses utensílios em uma das pragas no Egito (Êx 8.3 [7.28]). *Cf.* também Deuteronômio 28.5, 17. É possível que a palavra esteja relacionada com *s'ōr* , "levedura".

V.P.H.

מִשְׁבְּצוֹת (*mishb'tsôt*). Veja o nº 2 320b.
מִשְׁבֵּר (*mashbēr*), מַשְׁבֵּר (*mashbār*). Veja os nºs 2 321c, d.

מִשְׁבָּה (*mishbāt*). Veja o nº 2 323e.
מִשְׂגֶּה (*mishgeh*). Veja o nº 2 325b.

1253 מָשָׁה (*māshâ*) ***tirar.***

Este verbo aparece apenas três vezes no AT. Uma é a passagem que explica o nome de Moisés, Êxodo 2.10. A outra referência é 2 Samuel 22.17 (e seu paralelo em SI 18.16 [17]): "[o SENHOR] tirou-me das muitas águas".

1254 מֹשֶׁה (*mōsheh*) ***Moisés.***

O versículo importante acerca da escolha do nome de Moisés é Êxodo 2.10, que diz: "[ela] lhe chamou Moisés [*mōsheh*], e disse: Porque das águas o tirei [*mᶜshîtihû*]." No hebraico o nome próprio "Moisés" é um particípio ativo masculino singular do qal do verbo *māshâ*, "tirar (para fora de)", e, por isso, deve ser traduzido como "aquele que tira para fora". Morfologicamente a forma do nome é a que normalmente se espera de um verbo como *māshâ*, que os gramáticos da língua hebraica descrevem de variadas maneiras, tais como "verbo de consoante final fraca", *tertia infirma*, *lamed he*, e assim por diante. É assim com o verbo *bānâ*, "construir", e o particípio ativo *bōneh*, "construtor", que seguem o mesmo modelo.

Deve ficar claro que a etimologia apresentada em Êxodo 2.10 não tem o propósito de ser uma explicação filológica exata, como também acontece com a maior parte da onomástica do AT. Caso houvesse precisão, seria de esperar que o nome dado pela filha do faraó ao nenezinho não fosse *mōsheh*, "aquele que tira para fora", mas *māshuy*, "aquele que é tirado para fora", isto é, um particípio passivo.

Isso não significa que a explicação dada em Êxodo para o nome seja incorreta. Nem devemos chegar ao extremo de negar a historicidade do acontecimento mediante a sugestão de que tal história surgiu como uma etiologia do nome, isto é, que a história foi criada para responder à indagação de alguém: "por que o nosso grande ancestral chamava-se *mōsheh*?". A resposta é que o nome "Moisés" é, à semelhança de muitos outros, um trocadilho, um jogo de palavras baseado em assonância. O nome é explicado dessa forma não porque o nome Moisés deriva de *māshâ*, mas porque o nome faz lembrar o verbo.

Em busca ainda de outras indicações, alguns têm olhado a grafia de Moisés na LXX. Ali a forma grega é *mōysēs*. Escritores antigos explicaram essa grafia no sentido de "salvo (*ysēs*) da água (*mō*)" ou de "tirado (*sēs*) da água (*mōy*)".

Hoje em dia o consenso é de que "Moisés" remonta a uma raiz egípcia *ms*, "criança", *mss*, "nascer". *ms* aparece num antropônimo em egípcio, mas é mais prontamente identificado como a segunda parte de nomes teofóricos, Ahmose — Ah nasceu, Ptahmose — Ptah nasceu, interpretando-se *mose* como antigo perfectivo egípcio do verbo *mss*. Essa raiz egípcia aparece claramente na Bíblia no nome "Ramessés" (*raᶜamsēs*, Êx 1.11; *raᶜmᶜsēs*, Gn 47.11; Êx 12.37; Nm 33.3, 5). Em egípcio a forma é *Rᶜ-ms-sw*, "Ra é aquele que o gerou", em que o particípio ativo *mas* é seguido do pronome pessoal masculino *se*, "*o*".

Lingüisticamente, o problema é explicar a relação entre as sibilantes *s* em egípcio e *sh* em hebraico. O problema fica solucionado com a demonstração de que escritos egípcios

de nomes semíticos mostram em sua maioria *s* no lugar do semítico *sh* (GRIFFITHS, pp. 229-30).

Bibliografia: — CASSUTO, U. *A Commentary on the Book of Exodus*. Jerusalém, Magnes Press, 1967. pp. 20-1. — COLE, R. Exodus. In: *Tyndale O. T. commentaries*. Inter-Varsity, 1973. pp. 58-9. — GARDINER, A. The Egyptian origin of some English personal names. *JAOS* 56:189-97, esp. pp. 192-4. — GRIFFITHS, J. G. The Egyptian derivation of the name Moses. *JNES* 12:225-31. — *TDNT*. v. 4, pp. 848-64.

V.P.H.

מַשֶּׁה (*mashsheh*). Veja o nº 1 427b.

מִשְׁאָה (*mᵉshô'â*). Veja o nº 2 339b.

מִשְׁבָּה (*mᵉshûbâ*). Veja o nº 2 340e.

מִשְׂגָּה (*mᵉshûgâ*). Veja o nº 2 341a.

מָשׁוֹט (*māshôt*). Veja o nº 2 344e.

1255 מָשַׁח (*māshah*) ***ungir, espalhar um líqüido.***

Termos Derivados

1255a †מִשְׁחָה (*mishhâ*) ***óleo de unção.***

1255b †מִשְׁחָה (*moshhâ*) ***porção.***

1255c †מָשִׁיחַ (*māshîah*) ***aquele que é ungido.***

1255d מִמְשָׁח (*mimshah*) ***expansão*** (Ez 28.14). Significado incerto.

O verbo *māshah* e seus derivados ocorrem cerca de 140 vezes. É mais freqüente no Pentateuco e nos livros históricos; nos profetas é encontrado como verbo apenas duas vezes com a conotação religiosa de unção sagrada (Is 61.1; Dn 9.24).

No uso cotidiano *māshah* podia referir-se à ação de passar (*māshah*) óleo num escudo (Is 21.5), pintar (*māshah*) uma casa (Jr 22.14) ou aplicar (*māshah*) óleo ao corpo (Am 6.6).

No contexto do ritual religioso, *māshah* envolvia uma aplicação cerimonial de óleo em itens como o tabernáculo, o altar ou a bacia (Êx 40.9-11) ou até mesmo a oferta pelo pecado (Êx 29.36). Num maior número de vezes emprega-se *māshah* para designar a investidura cerimonial em cargos de liderança, uma ação que envolvia o derramamento de óleo que estava num chifre sobre a cabeça do indivíduo. De longe, a menção mais freqüente a *māshah* ocorre com referência a reis como Saul e Davi de Israel (2 Sm 12.7; mas observe-se Hazael, um arameu, 1 Rs 19.15). O sumo sacerdote era ungido (Êx 29.7; Nm 35.25), e também o eram outros sacerdotes (Êx 30.30). Em duas oportunidades menciona-se a unção de um profeta (1 Rs 19.16; Is 61.1).

māshah possui um quádruplo significado teológico. Primeiro, ungir algo ou alguém indicava uma separação oficial para o serviço divino. Moisés ungiu Arão "para consagrá-lo" (*lᵉqaddᵉshô*, Lv 8.12; *cf.* Êx 29.36 quanto ao altar). Observe-se a expressão "ungiram ao SENHOR" (1 Cr 29.22). Embora *māshah* indique uma posição de honra, também representa um aumento de responsabilidade. Tanto Saul quanto Davi são convocados a prestar contas de seus pecados com o lembrete: "o SENHOR te ungiu [*māshah*] rei" (1 Sm

15.17; 2 Sm 12.7). Segundo, conquanto o agente da unção possa ser um sacerdote ou profeta, os escritores falam dos ungidos como aqueles a quem o Senhor ungiu (*e.g.*, 1 Sm 10.1; 2 Sm 12.7). Tal forma de expressão salienta que é Deus quem é o agente competente, que o ungido é inviolável (1 Sm 24.8 e ss.) e que o ungido deve ser tido na mais alta consideração (*cf.* 1 Sm 26.9 e ss.). Terceiro, pode-se inferir que o entendimento à época era que a capacitação divina acompanhava o *māshah*. Acerca de Saul e também de Davi se diz que, com relação à sua unção, "o espírito do SENHOR se apossou" deles (1 Sm 10.6 e ss.; 1 Sm 16.13 e ss.). Por fim, na forma *māshîah*, a palavra *māshah* foi associada ao libertador prometido e que viria, Jesus. Embora, ao contrário do que muitas vezes se supõe, essa associação com o vocábulo *māshah* não seja tão freqüente no AT, é cada vez mais perceptível no AT a perspectiva de um governante justo e cheio do Espírito (*cf.* Is 9.1-7; 11.1-5; 61.1).

māshîah. ***Ungido, aquele que é ungido.*** Esta palavra, empregada como adjetivo e substantivo, ocorre cerca de 40 vezes no AT, basicamente em 1 e 2 Samuel e em Salmos. Conquanto possa designar uma função, tal como a do sumo sacerdote (Lv 4.3), *māshîah* é quase exclusivamente reservado como sinônimo de "rei" (*melek*, *q.v.*), como em textos poéticos, onde é paralelo de "rei" (1 Sm 2.10; 2 Sm 22.51; *cf.* Sl 2.2; 18.50 [51]; mas *cf.* Sl 28.8, onde é paralelo de "povo"). São notáveis as frases "o ungido do SENHOR" (*māshîah YHWH*) ou equivalentes, tal como "seu ungido", as quais se referem a reis. Títulos honoríficos, sem dúvida, as expressões também ressaltam o relacionamento especial entre Deus e o ungido.

Um texto bastante debatido é aquele que menciona Ciro, um não-israelita, como o ungido do Senhor (*limshîhô*, Is 45.1). Caso *māshîah* seja entendido como indicativo de um rei ideal, piedoso e reto, então a designação "ungido" provoca dificuldades, pois Ciro era adorador de Marduque (ou Merodaque) e de outras divindades pagãs. Entretanto, foi Ciro quem o Senhor designou para uma tarefa específica. O trecho de Isaías sugere que entenda-se *māshîah* como alguém "escolhido" (*bāhar*, *q.v.*) para uma tarefa, caracteristicamente uma tarefa de libertação — a libertação de Israel das mãos de seus captores babilônios, fazendo o povo de Deus voltar à sua terra.

No que diz respeito ao rei, essa tarefa estava centrada num governo justo no contexto da graça divina, o que incluía libertação da opressão. Saul, o primeiro rei, em sua primeira grande campanha militar exemplificou as qualidades de um *māshîah* (1 Sm 11).

Ele foi dotado do Espírito de Deus, obteve vitória sobre os inimigos amalequitas e permitiu que vivesse um grupo que, por suas ações, merecia a morte (1 Sm 11). Devido ao pecado de Saul e à sua postura global diante de Deus, é Davi quem se torna o arquétipo do *māshîah*.

A literatura de Salmos considera de modo todo especial o *māshîah* como agente de Deus ou seu vice-regente (como em Sl 2.2). Nesta passagem bastante debatida, o primeiro nível de significado pode ser o de um rei israelita imediato que, por estar aliado com Deus, é o *māshîah* contra quem inimigos lutam em vão. Até mesmo a promessa de que os confins da terra estarão sob a posse do *māshîah* harmonizam-se com as expectativas de Israel quanto ao rei nacional (Sl 72.8 e ss.; Sl 18.44-48). Mas pelo NT ficamos sabendo que o *māshîah* de Salmos 2 não pode ficar limitado a um rei que há de ocupar o trono, mas é uma referência ao vice-regente incomparável, Jesus Cristo (At 13.32 e ss.; *cf.* Hb 1.5; 5.5). Os assim denominados salmos reais, inclusive portanto Salmos 2, podem ser considerados legitimamente messiânicos, muito embora alguns inicialmente possam

referir-se ao monarca de Israel. As afirmações do salmo salientam a administração justa, a função salvadora e o governo universal de Jesus Cristo.

[Esta posição de dupla referência ou de cumprimento típico aplica-se, sem dúvida alguma, a algumas passagens do AT. Existe, contudo, um certo consenso de que alguns salmos e outras passagens proféticas que não podem referir-se ao rei de Israel ou a alguma situação da época, devem estar se referindo diretamente a Cristo.

É assim que um salmo real (45.6 [7]), mediante uma tradução natural e literal, fala do rei como divino, e Salmos 110.1-5 [2-6] refere-se ao filho de Davi como Senhor de Davi — e também diz que esse rei é um sacerdote, algo não permitido em Israel. (É verdade que parece que 2 Sm 8.18 chama os filhos de Davi de sacerdotes, mas provavelmente ocorre aí um problema textual no hebraico. Parece que o hebraico literalmente chama Benaia e os quereteus de sacerdotes. Na realidade, tanto a LXX deste versículo quanto os textos hebraico e septuagíntico da passagem paralela de 1 Cr 18.17 não empregam a palavra "sacerdote"). Existe, portanto, fundamento para vermos em Salmos 2 uma referência messiânica direta. Aliás, o versículo 12, tal como é normalmente interpretado, deixa implícito que as pessoas são exortadas a confiar nesse filho ungido — que certamente não é Davi.

Entretanto, é fato que o aguardado Filho de Davi é raramente chamado de Messias no AT. Muitas outras designações são usadas (Ramo, Renovo, Filho de Davi, *etc.*). Mesmo nos MMM é ambíguo o uso da palavra "Messias". Ali mencionam-se um Messias de Arão e um Messias de Israel, aparentemente dois personagens distintos, talvez nenhum deles sendo o verdadeiro Messias. Mas também, ainda nos MMM, encontra-se expressa nos Testemunhos e no Florilégio a esperança da vinda de uma grande personalidade que não é identificada com o líder da comunidade de Qumran, o Mestre de Justiça, nem é denominada Messias (exceto uma única vez, na citação de Sl 2.2), mas é chamada de Rebento de Davi, *etc.* (T. H. GASTER, *The Dead Sea Scriptures*, ed. revista, Doubleday, 1964, pp. 297, 329, 334-9). O extenso uso do termo Messias (Cristo) como título do grande Filho de Davi é basicamente um fenômeno do NT. R.L.H.]

Nem todos os que concordam que o *māshîah* de Daniel 9.26 é uma referência a Cristo também interpretam *māshîah* à mesma maneira em Daniel 9.25, onde temos a descrição de um príncipe. Deve-se salientar, entretanto, que o AT realmente empregava o termo *māshîah* para designar o Salvador que havia de vir, Jesus.

A validade da repetida declaração de que no AT *māshîah* jamais se refere a uma figura escatológica, o Messias, depende da interpretação de Daniel 9.26. Conquanto alguns sustentem que o ungido (*māshîah*) que seria "cortado" (IBB; ARA, "morto") foi Onias III (deposto do cargo de sumo sacerdote em 175 a.C.), com base no contexto (v. 24) existem fortes motivos para considerar o *māshîah* como ninguém menos do que Jesus Cristo.

mishhâ. ***Óleo de unção, unção.*** Vocábulo encontrado apenas em Êxodo, Levítico e Números, *mishhâ* refere-se ao óleo utilizado na unção ritual. O óleo, preparado de acordo com uma fórmula (Êx 30.22 e ss.), era aspergido (*nāzâ*) sobre as autoridades e sobre as suas vestes (Ex 29.21), mas, sobre a cabeça do sumo sacerdote, era derramado (*yātsaq*) (Êx 29.7; *cf.* Lv 8.10-12).

Descrito como santo, sua aplicação no tabernáculo e seus apetrechos santificava-os (*qiddēsh*). Sacerdotes que foram ungidos tinham restringidas as suas atividades (Lv 21.12; *cf.* Lv 10.7). Compreende-se e aprecia-se melhor a consagração de homens e coisas para o serviço de Deus mediante o símbolo tangível usado nesse caso, um óleo perfumado.

moshhâ. ***Porção.*** Parte de algumas ofertas (*i.e.*, da oferta pacífica, Lv 7.28-35) era reservada como porção (*moshhâ*) consagrada para o sacerdote. A ARC, concentrando a atenção no sacerdote, traduz *l'moshhâ* por "por causa da unção" (Nm 18.8).

Bibliografia: — ELLISON, H. L. *The Centrality of the Messianic Idea for the OT*. 1953. — HARRIS, R. L. Psalms. In: *The Biblical Expositor*. Ed. C. F. H. Henry. Holman, 1973. pp. 435-52. — JOCZ, J. Messiah. *ZPEB*, v. 4, pp. 198-207. — PAYNE, J. B. *The theology of the Older Testament*. Zondervan, 1962. pp. 257-84. — RICHARDSON, *TWB*, pp. 44-5. — *TDNT*. v. 9, pp. 496-527.

V.P.H.

מִשְׁחָר (*mishhār*). Veja o nº 2 369b.

מַשְׁחִית (*mashhît*). Veja o nº 2 370a.

מַשְׁחֵת (*mashhêt*), מִשְׁחַת (*mishhat*). Veja os nºs 2 370b, c.

מִשְׁתּוֹחַ (*mishtôah*). Veja o nº 2 372b.

מִשְׁטָח (*mishtāh*). Veja o nº 2 372a.

מִשְׁטָר (*mishtār*). Veja o nº 2 374b.

1256 מְשִׁי (*meshî*) ***um tecido fino para confecção de roupas, talvez seda*** (Ez 16.13).

מְשִׁיחָה (*māshîah*). Veja o nº 1 255c.

1257 מָשַׁךְ (*māshak*) ***tirar, puxar, arrastar, agarrar.***

Termos Derivados

1257a † מֶשֶׁךְ (*meshek*) ***bolsa.***

1257b מֹשֶׁכֶת (*mōsheket*) ***cordas.*** Ocorre somente em Jó 38.31, *mōshkôt k'sîl*, "laços do Órion".

O verbo aparece 36 vezes no AT, tendo uma variedade de nuanças em seu campo semântico.

Com apenas seis exceções, o verbo sempre aparece no grau qal. Em três vezes usa-se o nifal (Is 13.22; Ez 12.25, 28), todas com o sentido de "prolongar, continuar". Esse, contudo, não é um uso distintivo do nifal. Assim, Salmos 85.5 [6] traz "Prolongarás a tua ira por todas as gerações?", e Salmos 36.10 [11], "Continua a tua benignidade aos que te conhecem" (os dois casos no qal). *Cf.* Neemias 9.30. Existem também três usos do pual, dois em Isaías 18.2, 7 (onde é paralelo de *mārat*; na KJV a tradução é "espalhado e esfolado", mas é preferível "alto e bronzeado", EP) e um em Provérbios 13.12, "A esperança que se adia faz adoecer o coração".

Os seguintes sentidos estão ligados ao verbo *māshak* no qal: 1) "Fazer subir": Gênesis 37.28, "os irmãos de José o alçaram e o tiraram ['*alâ*] da cisterna"; Jeremias 38.13, "Puxaram a Jeremias com as cordas, e o tiraram ['*ālâ*] da cisterna". 2) "Prolongar": Salmos 36.10 [11]; 85.5 [6] já foram mencionados. *Cf.* também Salmos 109.12 e Jeremias 31.3, "por isso conservei para ti o amor" (BJ). 3) "Associar-se com": Salmos 28.3, "Não me

associes aos ímpios" (ARA, "Não me arrastes com os ímpios"); Oséias 7.5, "deu a mão aos escarnecedores [*māshak yādô*]" possivelmente significa "associou-se com escarnecedores" (veja GORDON, *UT* 19: nº 1582, quanto à expressão *yd mtkt*). 4) "Enganar": Jó 24.22, "Com seu poder ele engana os poderosos" (ARA, "por sua força prolonga os dias dos valentes"); talvez também Jó 21.33, "todos os homens o seguem [isto é, ao que morreu!", caso o sentido da frase seja de que os que sobrevivem ao falecido procuram conscientemente imitar o estilo de vida do morto, em vez de ser simples referência ao cortejo fúnebre. Nessa categoria também poderíamos colocar Oséias 11.4, "Atraí-os com cordas humanas"; Juízes 4.7 e, no nível do amor humano, Cantares 1.4. 5) "Empunhar uma arma", especialmente "empunhar/entesar um arco": 1 Reis 22.34; 2 Crônicas 18.33; Isaías 66.19; ou "soar longamente (um instrumento musical, uma trombeta)": Êxodo 19.13; Josué 6.5. 6) "Apoderar-se de" ou "arrastar": Salmos 10.9 (possivelmente); Jó 41.1 [40.25]. Em seu comentário sobre Jó, Tur-Sinai, numa nota de rodapé à página 335, diz que "em lugar algum da Bíblia *māshak* equivale a 'arrastar', mas sempre, à semelhança do árabe *maska*, tem o sentido de "apoderar-se de, arrancar". Essa afirmação é bastante questionável. 7) "Ir/marchar", Juízes 4.6, ou "tomar", Êx 12.21. 8) Podemos, por fim, assinalar a frase em Eclesiastes 2.3, "Busquei em meu coração 'arrastar' [*limshôk*] a minha carne com vinho" (lit.). A interpretação costumeira dessa passagem se vê na tradução encontrada na PIB, "Propus-me regalar minha carne com vinho". Porém, apenas em uma passagem do Talmude Babilônico encontra-se apoio para essa tradução: *b'ly 'gdh mwskyn lbw sl 'dm kmym*, "mestres da Agadá [tratado homilético] refrigeram o coração dos homens como água" (Hagigah 14a).

meshek. ***Saco, bolsa, preço.*** Este substantivo com segol ocorre apenas duas vezes. 1) Jó 28.18, "A aquisição da sabedoria é melhor que a das pérolas" (*cf.* também Tur-Sinai). 2) Salmos 126.6, "Quem sai andando e chorando enquanto semeia". Embora essa seja uma tradução respeitada e tradicional, uma mais exata e preferível é: "embora ele saia chorando, levando uma 'bolsa' de sementes... [*nôsē' meshek hazzāra'*]". Pode-se relacionar esta frase hebraica com Amós 9.13, "... o que pisa as uvas [segue logo] ao que lança a semente [*môshēk hazzāra'*]". *meshek* seria, então, o utensílio com o qual o semeador carregava as sementes. Em várias línguas cognatas a palavra *mshk* significa "pele, couro", talvez o produto com que se fazia uma bolsa. Gordis (veja Bibliografia) traduz a frase de Salmos 10.9 não por "ele apanha o pobre 'quando o arrasta' [*bmshkw*] para sua rede" (lit.), mas "ele apanha o pobre em seu saco [*b'mashkô*], em sua rede", onde *meshek* é paralelo a *reshet*, "rede, armadilha".

Bibliografia: — GORDIS, R. Psalm 9-10: a textual and exegetical study. *JQR* 48:104-22, esp. pp. 116-7.

Acerca de *māshak* em Ec 2:3, comparem-se os seguintes artigos: — CORRÉ, A. D. A reference to Epispasm in Koheleth *VT* 4:416-8. — DRIVER, G. R. Problems and solutions. *VT* 4:225-45, esp. pp. 225-6.

Acerca de *meshek*: — KOHLER, L. Hebräische Vokabeln II. *ZAW* 55:161-74, esp. pp. 161-2.

V.P.H.

משכב (*mishkāb*). Veja o nº 2 381c.

משכלת (*m'shakkelet*). Veja o nº 2 385e.

מִשְׁכָּן (*mishkān*). Veja o nº 2 387c.
מִשְׁכָּת (*mōsheket*). Veja o nº 1 257b.

1258 מָשַׁל* (*māshal*) ***I, representar, ser semelhante a.***

Termos Derivados

1258a †מָשָׁל (*māshāl*) ***provérbio.***
1258b †מָשַׁל (*māshal*) ***II, falar em provérbios.***
1258c †מֹשֶׁל (*mōshel*) ***I, semelhança.***
1258d †מְשֹׁל (*mᵉshōl*) ***dito zombeteiro.***

O verbo ocorre sete vezes, sendo cinco no nifal (Sl 28.1; 49.12, 20 [13, 21]; 143.7; Is 14.10). Inevitavelmente o sentido é o de "tornar-se semelhante a, ser comparável a". A raiz aparece uma vez no hifil (Is 46.5, onde é paralelo a *dāmâ*), também com o significado de "comparar", e uma vez no hitpael (Jó 30.19), com um sentido semelhante na tradução.

Em todas as passagens acima, os dois objetos comparados pressupõem um contraste em que há uma nuança de depreciação e menosprezo. Desse modo, "não suceda ... seja eu semelhante aos que descem à cova" (Sl 28.1), "a quem me compareareis para que eu lhe seja igual?" (Is 46.5), "[eu] me tornei semelhante ao pó e à cinza" (Jó 30.19).

Não está claro qual é exatamente a relação existente entre *māshal* I, "ser semelhante a", e *māshal III*, "governar", se é que existe alguma relação entre as duas palavras. Quanto a indícios do relacionamento cognato entre as duas, basta assinalar que a tradução "governar" é peculiar ao hebraico, ao passo que a tradução "ser semelhante a" é comum à maioria das línguas semíticas. Houve quem propusesse que o sentido de "governar" surgiu daquela mentalidade envolvida com a idéia de magia simpática, ou seja, a de que a ação simbólica (neste caso a ação de governar) faz lembrar os efeitos que ela espera produzir (Godbey). No geral essa sugestão tem sido desacreditada.

māshāl. *Provérbio, parábola, alegoria, adágio, dito satírico, motejo, discurso, tratado.* De grande interesse é o vasto número de possíveis traduções para este substantivo, que ocorre 39 vezes no AT (oito vezes em Ezequiel).

Traduzir *māshāl* apenas como "provérbio" leva a uma perda do amplo campo semântico da palavra, o qual se vê sugerido na grande variedade de palavras utilizadas nas diferentes traduções. Estamos acostumados a pensar em provérbio como um dito breve, conciso, às vezes satírico, que pressupõe a condição de máxima moral. Entretanto, no AT a palavra *māshāl* pode indicar uma parábola ampliada (e daí a freqüente tradução *parabolē* na LXX; Ez 17.2 e vv. 2-24; 20.49 [21.5] e vv. 45-49 [21.1-5]; 24.3 e vv. 3-14). Ela pode referir-se a um tratado didático ampliado (Pv 1.8-19, *e.g.*). Uma pessoa (Saul, 1 Sm 10.12; Jó, Jó 17.6) ou um grupo de pessoas (Israel, Salmos 44.14 [15]) pode servir de *māshāl*.

Quanto a este último aspecto, repare-se o versículo em 1 Samuel 10.12, "Pelo que se tornou em provérbio: 'Também Saul entre os profetas?'". O que está envolvido aqui é o estabelecimento de um exemplo público, neste caso o exemplo de alguém da realeza cujo comportamento em público foi de uma extravagância questionável. O "provérbio" seria,

então, aplicado a qualquer pessoa acusada de comportamento pouco ortodoxo.

Na mesma linha de pensamento, observem-se passagens em que *māshāl* tem o sentido de "motivo de zombaria": Salmos 44.14 [15]; 69.11 [12]; Jeremias 24.9; Ezequiel 14.8; Deuteronômio 28.37; 1 Reis 9.7; 2 Crônicas 7.20; Jó 17.6. Em cada um desses versículos se diz que sobreveio ou sobrevirá a Israel ou a uma determinada pessoa algum tipo de juízo. O resultado? Deus tornou Israel um *māshāl* entre as nações. Jó tornou-se um *māshāl* para seus conselheiros e conhecidos. Qual pode ser o sentido disso? Há muito mais envolvido do que mera zombaria ou escárnio. A idéia central é que Deus fez de Israel/Jó um exemplo público, uma lição ilustrada para os seus contemporâneos. "Olhai, observai e vede vossas próprias vidas sob o meu juízo", diz o Senhor.

Análogo a isto, em três oportunidades, profetas recebem instrução de alçar (*nāsā'*) um *māshāl*: Isaías contra o rei de Babilônia (Is 14.4 e s.); Miquéias (Mq 2.4) e Habacuque contra seu próprio povo (Hc 2.6). Pode-se também acrescentar a essa lista as passagens na narrativa de Balaão: "E Balaão alçou seu *māshāl*" (lit., Nm 23.7, 18; 24.3, 15, 20, 21, 23). Em cada um desses casos encontramos uma lição ilustrada. Os altivos são humilhados. Aqueles a serem amaldiçoados são abençoados e vice-versa. Os últimos são os primeiros.

A. S. Herbert expressou-o muito bem ao dizer que, no AT, o "provérbio" (*māshāl*) possuía "um objetivo claramente discernível: o de avivar a percepção daquilo que é real em contraste com aquilo que se deseja (...), de forçar o ouvinte ou o leitor a fazer um juízo de si mesmo, de sua situação ou de sua conduta.(...) Este uso (...) atinge sua expressão mais elevada nas parábolas de Jesus" (HERBERT, p. 196).

māshal. ***II. Falar por meio de provérbios, proverbializar.*** Todos os exemplos deste verbo encontram-se no grau qal (nove vezes), à exceção de um uso da raiz no piel, em Ezequiel 20.49 [21.5], "Não é ele proferidor de parábolas?" (*mᵉmashshēl mᵉshālîm*). Ou, como se diria nos dias de hoje: "Ele está sempre dando sermão".

mōshel. ***Semelhança.*** O substantivo ocorre uma única vez no AT, em Jó 41.33 [25], "Na terra não tem ele [o crocodilo] igual".

mᵉshōl. ***Dito zombeteiro.*** Esta palavra é empregada apenas uma vez, em Jó 17.6 e, na forma, é o infinitivo construto do verbo *māshal* II.

Bibliografia: — GODBEY, A. H. The Hebrew *Māsāl*. *AJSL* 34:89-108. — HERBERT, A. S. The 'parable' (MĀŠĀL) In the Old Testament. *SJT* 7:180-96. — JOHNSON, A. R. מָשָׁל. *VTS* 3:162-9. — MCKANE, W. *Proverbs*. Westminster, 1970. pp. 22-33.

V.P.H.

1259 מָשַׁל (*māshal*) ***III, governar, dominar, reinar.***

Termos Derivados

1259a מֹשֵׁלָה (*mōshel*) ***II, domínio.***
1259b מִמְשָׁל (*mimshāl*) ***domínio.***
1259c מֶמְשָׁלָה (*memshālâ*) ***governo, esfera, domínio.***

māshal ocorre aproximadamente 80 vezes no qal e três vezes no hifil.

Em geral *māshal* é traduzido por "governar", mas a exata natureza dessa ação é tão variada quanto as situações reais em que ela ocorre. Parece que, em todos os idiomas e culturas, as palavras utilizadas para designar supervisão, governo, dominação, devem ser definidas em relação à situação onde tais atividades se dão.

Isso ficará claro com um exame seqüencial dos primeiros usos de *māshal* na Bíblia. O sol e a luz foram criados para "governarem o dia e a noite" (Gn 1.18). Eles são apenas os luminares mais destacados de dia e de noite. A Eva, representando todas as esposas, foi dado entender que no lar o marido "te governará" (Gn 3.16). Isso quer dizer que é próprio para o homem liderar a família — e o significado de tal liderança é bastante flexível. Deus disse a Caim que ele devia controlar o pecado em sua vida: "a ti cumpre dominá-lo" (Gn 4.7). No caso do "servo" de Abraão (o damasceno Eliezer?, Gn 15.2) o verbo aponta para a administração de todos os bens materiais de seu senhor, ou seja, sua condição de mordomo, e a administração de todos os demais empregados: "seu mais antigo servo da casa, que governava tudo o que possuía" (Gn 24.2). A condução dos negócios de uma grande família, na condição de "primogênito por nomeação", se vê na visão que José teve dos feixes — pelo menos assim seus irados irmãos a interpretaram: "E sobre nós dominarás realmente?" (Gn 37.8). Emprega-se *māshal* para designar a administração do Egito por José na função de primeiro-ministro do faraó. Desse modo José afirmou que fora feito "governador em toda a terra do Egito" (Gn 45.8); e seus irmãos concordaram: "é governador de toda a terra do Egito" (Gn 45.26). O vocábulo ocorre apenas uma vez em Êxodo, com respeito à autoridade da lei sobre os cidadãos da comunidade civil mosaico-israelita: "[ele] não 'poderá' vendê-la" (Êx 21.8). A palavra não aparece em Levítico nem em Números, mas em Deuteronômio (15.6), onde Moisés afirma que a nação de Israel reinará sobre outras nações sob certas condições — algum tipo de subserviência nacional diante de uma nação superior — e emprega *māshal* duas vezes, uma no perfeito do qal e outra no imperfeito também do qal. O contexto parece indicar que o domínio está em ser a nação que dá emprestado ao invés de aquela que toma emprestado.

Outros exemplos, escolhidos mais ou menos ao acaso, mostram que o sentido desta palavra também abrange a supremacia dos ricos sobre os pobres (Pv 22.7), um rei feroz sobre um povo oprimido (Is 19.4), a dominação opressiva de um povo sobre outro (Jz 14.4; 15.11), a liderança de uma liga ou aliança de nações (1 Rs 4.4-21), o controle divino mediante a providência (Sl 89.10 [9]) e até mesmo o poder do autocontrole (Pv 16.32).

Não existe um elemento teológico específico a se extrair do significado da palavra. No entanto, as passagens citadas acima e as cerca de 70 outras passagens que não foram citadas demonstram a importância do princípio de autoridade, a absoluta necessidade moral de respeito às autoridades de direito, o valor delas para a ordem na sociedade e a felicidade do indivíduo, e a origem de toda autoridade no próprio Deus. A autoridade possui muitos níveis e tipos. Tem várias bases teóricas. Tem origem em Deus. O homem como homem não possui absolutamente nenhuma autoridade, mas apenas a de vice-regente de Deus.

mōshel. ***Domínio.*** À semelhança de *māshal*, palavra da qual deriva, nem sempre é claro quando *mōshel* indica uma área ou esfera geográfica de governo e quando aponta para a autoridade ou soberania em si. A palavra aparece apenas duas vezes, a saber, em Zacarias 9.10, onde aparentemente tem o sentido de área geográfica ("o seu domínio se estenderá de mar a mar, e desde o Eufrates até às extremidades da terra"), e em Daniel

11.4, onde aparentemente possui o sentido de soberania ("o poder com que reinou"). Controvérsias acerca do reinado predito do Messias, se as predições se referem ao exercício da autoridade (soberania) ou à região geográfica (esfera), não serão resolvidas mediante o simples sentido deste substantivo e de verbos e substantivos cognatos.

memshālâ. ***Governo, reino, domínio, soberania.*** Embora usada para designar o governo de Deus (soberania, Sl 145.13) e a esfera de seu domínio (Sl 103.22) e também o governo humano (poderio [ARA, "exército"], 2 Cr 32.9; soberania, governo, Is 22.21; Mq 4.8), não existe exemplo algum em que se faça referência direta ao *memshālâ* do Messias. Das 17 ocorrências quatro dizem respeito ao prevalecimento da luz do sol de dia e da luz da lua de noite (Gn 1.16; Sl 136.8, 9). É óbvio que uma teologia do "reino de Deus", a qual tem sido procurada com tanto empenho, não pode ser baseada nesta e noutras palavras que lhe são semelhantes na forma e no sentido.

Bibliografia: — *THAT*. v. 1, pp. 930-2.

R.D.C.

משלה (*mishlah*). Veja o nº 2 394d.
מִשְׁלֹחַ (*mishlôah*). Veja o nº 2 394e.
מִשְׁלַחַת (*mishlahat*). Veja o nº 2 394f.
מִשַּׁמָּה (*m'shammâ*). Veja o nº 2 409f.
מִשְׁמָן (*mishmān*), מַשְׁמֵן (*mashmān*). Veja os nºs 2 410e, f.
מִשְׁמָע (*mishmā'*). Veja o nº 2 412f.
מִשְׁמַעַת (*mishma'at*). Veja o nº 2 412g.
מִשְׁמָר (*mishmār*). Veja o nº 2 414f.
מִשְׁמֶרֶת (*mishmeret*). Veja o nº 2 414g.
מִשְׁנֶה (*mishneh*). Veja o nº 2 421c.
מִשַּׁסָּה (*m'shissâ*). Veja o nº 2 426a.

1260 משע (*msh'*). **Aceita como raiz de:**

1260a מִשְׁעִי (*mish'î*) ***limpeza.*** Ocorre somente em Ezequiel 16.4, "não foste lavada para limpeza" (lit.).

מִשְׁעוֹל (*mish'ôl*). Veja o nº 2 432b.
מִשְׁעִי (*mish'î*). Veja o nº 1 260a.
מִשְׁעָן (*mish'ān*), מַשְׁעֵן (*mash'ēn*). Veja os nºs 2 434a, b.
מִשְׁעֶנֶת (*mish'enet*). Veja o nº 2 434d.
מִשְׁפָּחָה (*mishpāhâ*). Veja o nº 2 442b.
מִשְׁפָּט (*mishpāt*). Veja o nº 2 443c.
מִשְׁפְּתַיִם (*mishp'tayim*). Veja o nº 2 441c.

1261 משק (*mshq*). **Aceita como raiz de:**

1261a מִשְׁקְ (*mesheq*) ***aquisição.***

1261b מִמְשָׁק (*mimshāq*) ***possessão.*** Ocorre somente em Sofonias 2.9, *mimshaq hārûl*, "possessão de urtigas" (lit.).

mesheq. ***Aquisição, possessão.*** (As duas traduções são conjectura.) A palavra aparece apenas no difícil versículo de Gênesis 15.2: "e o 'herdeiro' da minha casa é o damasceno Eliezer". A tradução "herdeiro" baseia-se na hipótese de que a frase *ben-mesheq* tem o sentido de "filho da aquisição", isto é, co-herdeiro, sendo a menção do "filho da minha casa" (lit., provavelmente Eliezer), no versículo 3, uma referência ao seu herdeiro. Outra possibilidade é identificar *mesheq* com o verbo *shāqaq*, "arremeter", e traduzir por "o atacante da minha casa" (Snijders). Uma terceira possibilidade é relacionar *mesheq* com o verbo *shāqâ*, "beber", e traduzir por "o possuidor da taça da minha casa" (Gordon).

Bibliografia: — EISSFELDT. The alphabetic cuneiform texts from Ras Shamra published in 'Le Palais Royal D'Ugarit' Vol. II, 1957. *JSS* 5:149, esp. pp. 48-9. — GORDON, C. H. Damascus in Assyrian sources. *IEQ* 2:174-5. — SNIJDERS, L. A. Genesis xv — The covenant with Abraham. *OTS* 12:261-79.

מַשְׁשָׁק (*mashshāq*). Veja o nº 2 460a.
מִשְׁקֶה (*mashqeh*). Veja o nº 2 452c.
מִשְׁקוֹל (*mishqôl*). Veja o nº 2 454b.
מַשְׁקוֹף (*mashqôp*). Veja o nº 2 458c.
מִשְׁקָל (*mishqāl*). Veja o nº 2 454c.
מִשְׁקֶלֶת (*mishqelet*). Veja o nº 2 454d.
מַשְׁקֵע (*mishqā'*). Veja o nº 2 456a.
מִשְׁרֶה (*mishrâ*). Veja o nº 2 464a.

1262 מָשַׁשׁ (*māshash*) ***apalpar.***

O verbo é usado 12 vezes no AT, três delas no qal (Gn 27.12, 21, 22) para indicar a ação de Isaque em apalpar Jacó com o objetivo de identificá-lo. No piel o verbo aparece seis vezes com o sentido ou de "tatear" (Dt 28.29 [2 vezes]; Jó 5.14; 12.25) ou de "dar busca" (Gn 31.34, 37). Três vezes usa-se o verbo no hifil, com a idéia básica de apalpar (Êx 10.21; Jz 16.26).

Bibliografia: — RÜGER, H. P. Zum Text von Sir 40, 10 und Ex 10, 21. *ZAW* 82:102-9.

מִשְׁתֶּה (*mishteh*). Veja o nº 2477c.

1263 מָת (*mat*) ***homem.***

Uma das cinco palavras que, em hebraico bíblico, designa "homem" (as outras quatro são *'ādām*, *'îsh*, *'ĕnôsh*, *geber*). Parece que não existe nenhuma nuança em particular associada a esta palavra, ao contrário do que acontece com alguns de seus sinônimos, por exemplo, *'ādām*, "terrícola", e *geber*, "herói". Isaías 3.25 emprega *mat* em paralelo com

geber. Deuteronômio 2.34 e 3.6 distingue *mat* de *nāshîm*, "mulheres", e *tap*, "crianças", todos eles postos sob interdito pelos israelitas, quando da vitória destes sobre os reinos de Seom e Ogue.

O substantivo aparece 23 vezes no AT, a maioria das vezes em Deuteronômio e Jó (seis vezes cada). A raiz é conhecida tanto em ugarítico quanto em fenício, idiomas em que *mt* significa "senhor, mestre". O sentido "senhor, mestre," não é encontrado em hebraico bíblico, mas possivelmente é documentado em hebraico não-bíblico (Yadin). Das 23 ocorrências da raiz na Bíblia não é impossível que algumas delas derivem, na verdade, do verbo *mût*, "morrer". É assim que Pope (*Job*, em AB), em Jó 24.12, interpreta "desde as cidades gemem os moribundos" em vez do tradicional "desde as cidades gemem os homens". Neste caso a emenda é de *mᶜtîm* para *mētîm*. A segunda parte do versículo parece apoiar essa interpretação: "a alma dos feridos clama".

Na Bíblia os usos mais interessantes de *mat* são aqueles em que a palavra se encontra fossilizada em expressões como *mᶜtê mispār*, "pouco", e em nomes pessoais, tais como "Metusael" (Gn 4.18) e "Metusalém" (Gn 5.21-22, 25-27).

O emprego de *mᶜtê mispār*, "pouco", representa o uso mais comum de *mat*. Descreve a ínfima força de combate à disposição de Jacó (Gn 34.30) e de seu filho Rúben (Dt 33.6. BJ, mrg.). A expressão pode também referir-se ao escasso número de hebreus no Egito antes do Êxodo (Dt 26.5; Sl 105.12 = 1 Cr 16.19). Ela também descreve um remanescente de judeus que sobrevivem a uma catástrofe (Dt 4.27; 28.62; Jr 44.28). É bastante óbvio como a expressão *mᶜtê mispār* veio a significar "poucos". Literalmente significa "homens de número", isto é, enumeráveis, em contraste com inumeráveis, surgindo daí o sentido de "pouco".

A tradução do nome do mais idoso líder da Bíblia, Metusalém, parece não oferecer maiores dificuldades: "homem da lança/arma", nome composto de duas palavras hebraicas, *mat*, "homem", e *shelah*, "arma" (compare-se o segundo elemento com o nome hebraico em Gn 10.24; 11.14; 1 Cr 1.18). Tsevat é da opinião que *shelah* não tem nada que ver com "lança" ou qualquer outra arma, mas representa um nome divino, *shalah*, o deus do rio infernal, o qual era adorado pela população cananéia da Palestina e da Fenícia. De acordo com essa teoria, Metusalém significa "homem de Shalah". Contudo, nada existe que contrarie a interpretação tradicional.

Podemos, por fim, assinalar que o hebraico *mat* descreve pessoas de má reputação ou desfavorecidas. É assim que Isaías 41.14 diz: "Não temas, ó vermezinho de Jacó, povozinho de Israel." A JB traz "Israel, migalha de gente". Em Salmos 26.4 o salmista diz estar dissociado de *mᶜtê-shāwᵓ* "homens falsos" (também Jó 11.11). De forma semelhante Jó 22.15 refere-se a *mᶜtê-ᵓāwen*, "homens iníquos". De outro lado, Jó 19.19 refere-se aos "homens do meu segredo" (lit.) que abandonaram Jó. A expressão "homens do meu segredo" significa algo como "meus amigos íntimos" (ARA). Jó (31.31) refere-se à "gente da minha tenda", isto é, àqueles com quem fizera amizade.

Bibliografia: — GORDON, C. H. The authenticity of the Phoenician text from Parahyba. *Orientalia* 37:75-80, esp. p. 76. —_____. *UT* 19: nº 1569. — TSEVAT, M. The Canaanite God Šälaḥ. *VT* 4:41-9. — YADIN, Y. A Hebrew seal from tell Jemneh. *Eretz-Israel* 6:53-5.

V.P.H.

מתבן (*matbēn*). Veja o nº 2 493a.

1264 מתג **Aceita como raiz de:**

1264a מתג (*meteg*) ***freio.***

מתוק (*mātôq*). Veja o nº 1 268c.

1265 מָתח (*mātaḥ*) ***estender.*** Ocorre somente em Isaías 40.22, *wayyimtāhêm*, "e ele os estendeu" (lit.).

Termo Derivado

1265a אמתחת (*'amtaḥat*) ***saco*** (Gn 42—44).

1266 מָתַי (*mātay*) ***quando.***

Esta partícula interrogativa aparece 43 vezes no AT, com maior freqüência em Salmos (13 vezes) e Jeremias (sete vezes). Em 21 vezes ela vem após a preposição *'ad* para formar a expressão *'ad mātay*, "até quando?" ou "por quanto tempo?". Tal construção assemelha-se a *'ad 'ān(â)*, que também significa "por quanto tempo?". Em uns poucos casos *māta'* aparece numa pergunta simples em que se espera resposta com uma informação: Êxodo 8.5; Neemias 2.6; Daniel 8.13; 12.6. Na maioria das vezes, porém, usa-se a palavra (ou expressão) numa pergunta retórica que insta o ouvinte a uma ação apropriada, pergunta esta é feita: 1) pelo próprio Deus (1 Sm 16.1; Sl 82.2); 2) pelo homem e dirigida a Deus (Sl 6.3 [4]; 42.2 [3]; 74.10; 82.2; 90.13; 94.3; 101.2; 119.82, 84); 3) pelo homem e dirigida a outro homem (Gn 30.30; 1 Rs 18.21; *etc.*). No NT temos uma expressão comparável, *heōs pote* (Mt 17.17; Jo 10.24; Ap 6.10).

Bibliografia: — JENNI, E. mātay. In: *THAT*. v. 1, 933-6.

מתכנת (*matkōnet*). Veja o nº 2 511c.

מתלעות (*mᶜtallᶜôt*). Veja o nº 2 516d.

מתם (*mᶜtōm*). Veja o nº 2 522e.

1267 מתן (*mtn*). **Aceita como raiz de:**

1267a מָתְנַיִם (*motnayim*) ***lombos, quadris.***

O vocábulo aparece 47 vezes na Bíblia, sendo que um dos seus usos pode ser debatido (veja abaixo a análise sobre Pv 30.31). Dahood (em *AB*, *Psalms I*, p. 267) altera a divisão entre as palavras (e a vocalização) da frase em Salmos 44.19 [20], *bimᶜqôm tannîm*, "no lugar dos monstros/dragões" (ARA, "onde vivem os chacais"), para *bᶜmôq motnayim* e traduz por "embora nos esmagaste *com a infecção dos lombos* e nos cobriste com trevas absolutas". A semelhança de outras palavras que, em hebraico, designam partes do corpo, *motnayim* está na forma dual. Compare-se, semelhantemente, *'oznayim*, "ouvidos",

yādayim , "mãos", *raglayim*, "pés", *ḥālātsayim*, "lombos" (paralelo de *motnayim* em Is 11.5).

De um modo geral, podemos dizer que *motnayim*, empregado num sentido puramente físico ou anatômico, refere-se aos quadris ou à parte inferior das costas, ou seja, o meio do corpo. Alguns (veja Held na bibliografia) levantaram objeção à tradução "lombos". Held defende algo como "tendões" e afirma que o hebraico *motnayim* "refere-se à forte musculatura que liga a parte superior do corpo à inferior e não propriamente a 'lombos'". Em apoio a isso, observe-se que em Jó 40.16 *bʿmotnāw*, "nos seus lombos", é paralelo a *bishrîrê bitnô*, "nos músculos do seu ventre". Também sabemos que o acadiano *matnu* tem o sentido de "corda de arco" e que em ugarítico *mtn* designava um dos materiais com que se fazia o arco e era, por isso mesmo, uma material bastante forte. De modo que neste último idioma a expressão *mtnm bʿqbt ṯr* significa "tendões dos cascos de um touro".

Em nenhuma ou quase nenhuma passagem emprega-se *motnayim* como símbolo dos órgãos humanos reprodutores e, desse modo, como descrição dos descendentes da pessoa. (Mas possivelmente esse uso encontra-se em Jó 40.16.) É assim que, na frase encontrada em Gênesis 35.11, "reis procederão dos teus lombos" (IBB), a palavra usada é *hālāts* (também 1 Rs 8.10; 2 Cr 6.9). Outra palavra empregada para referir-se a "lombos" como o centro do poder procriador é *yārēk*, "que saíram dos lombos [*yārēk*] de Jacó" (lit., Gn 46.26; também Êx 1.5; Jz 8.30). Mas, repetindo, não se usa *motnayim* em tais contextos.

Basicamente emprega-se *motnayim* para simplesmente indicar o meio do corpo. Ezequiel (47.4) viu a correnteza que vinha do templo subir, primeiramente, até seus joelhos, então até os *motnayim*, "lombos", isto é, a sua cintura. (*Cf.* também Ez 1.27; 8.2.) As seguintes passagens falam de um pano de linho ou cinto ser preso ao redor dos lombos: 1 Reis 2.5 (Joabe e Davi); 2 Reis 1.8 (Elias); Isaías 11.5 (empregado em sentido figurado e messiânico); Jeremias 13.1, 11 — Jeremias (numa visão simbólica) recebe instruções para apanhar o pano de linho que usava em torno da cintura e a enterrá-lo no buraco de uma rocha junto ao rio Eufrates. O objetivo desse gesto era mostrar que Israel, a quem o Senhor havia prendido tão junto de si quanto a um cinto, tinha agora rompido com o seu Senhor e apodreceria. Era nessa parte do corpo que ficava pendurada a espada do soldado: 2 Samuel 20.8; Neemias 4.18 [12]. Quando o Senhor diz (Is 45.1) que diante de Ciro ele irá subjugar as nações e "descingir os lombos dos reis", esta última sentença provavelmente tem o sentido de retirar o poder dos reis ao tomar dos seus cintos as armas que carregam. Era na "cintura" que o escriba carregava seu "tinteiro" (IBB, Ez 9.2-3, 11).

Em várias oportunidades pessoas recebem instruções para "cingir os lombos", ou seja, amarrar as longas vestes inferiores ao redor do meio do corpo, preparando-se assim para correr (1 Rs 18.46, com o verbo *shānas*), para viajar logo (Êx 12.11; 2 Rs 9.1; 4.29, com o verbo *ḥāgar*) e ainda com um sentido figurado (Jr 1.17, com o verbo *ʾāzar*). Nesta última passagem "cinge os teus lombos" significa "prepara-te para agir". Compare-se, no NT, a expressão idêntica em Lucas 12.35; Efésios 6.14; 1 Pedro 1.13 (*osphys*).

Os lombos são a fonte da força (Jó 40.16; Na 2.1 [2]), especialmente do homem no que diz respeito à sua virilidade, mas também da mulher (Pv 31.17). Ferir os lombos é sinônimo de enfraquecer ou desamparar (Dt 33.11; Sl 69.23 [24]).

Provérbios 30.30-31 menciona, pela ordem, o leão, o galo, o bode e o rei. O segundo a TB traduz por "galgo" e a ARC por "cão de caça" (mrg.). O hebraico é *zarzîr motnayim*, literalmente "cingido aos lombos". A maioria dos comentaristas da atualidade prefere a identificação "galo".

Bibliografia: — HELD, M. Studies in comparative semitic lexicography. In: *Studies*

in honor of Benno Landsberger on his seventy-fifth birthday. University of Chicago, 1965. p. 395-406, esp. pp. 405.

Acerca de Provérbios 30:31: — BEWER, J. A. Two suggestions on Prov. 30:31 and Zech. 9:16. *JBL* 67:61-2. — MCKANE, W. *Proverbs*. Westminster, 1970. pp. 260, 663-4.

V.P.H.

מַתָּן (*mattān*). Veja o nº 1 443b.

מָתְנַיִם (*motnayim*). Veja o nº 1 267a.

1268 מָתַק (*mātōq*) ***ser/tornar-se doce.***

Termos Derivados

1268a מֶתֶק (*meteq*) ***doçura*** (Pv 16.21; 27.9).

1268b מֹתֶק (*mōteq*) ***doçura*** (Jz 9.11).

1268c מָתוֹק (*mātôq*) ***doce, doçura.***

1268d מַמְתַקִּים (*mamtaqqîm*) ***doçura*** (Ne 8.10; Ct 5.16).

Verbo estativo que segue o paradigma de *qāṭōn*, "ser pequeno", e aparece oito vezes no AT, todas no grau qal, à exceção de Jó 20.12, "Embora o mal 'cause doçura' em sua boca" (lit.), e Salmos 55.14 [15], "juntos tornamos doce a comunhão" (lit.), ambos os casos no hifil.

O exato sentido desta raiz se vê na freqüente justaposição, para efeito de contraste, com uma das palavras hebraicas designativas de mel ou favo, algo bastante saboroso. Por tal razão Salmos 19.19 [11] afirma que os juízos de Deus são "mais doces do que o mel [*dᶜbash*] e do que aquilo que goteja dos favos [*nōpet tsûpîm*]" (lit.). Uma idéia semelhante é expressa em Salmos 119.103, embora nessa passagem o verbo traduzido por "ser doce" seja o verbo *mālats*, "ser suave", "ser agradável". Em resposta ao enigma de Sansão o povo diz: "Que coisa há mais doce do que o mel?" (Jz 14.18). Ezequiel (3.3) diz que para ele a palavra de Deus era "doce como o mel" (*cf.* Ap 10.10). Provérbios 16.24; 24.13 apresenta idéias afins.

Deve-se recordar que, no AT, a palavra mel (*dᶜbash*) indica não apenas o mel de abelhas mas também xarope de tâmaras. Existem, contudo, pelo menos duas referências ao mel de abelhas: 1) Sansão, em Juízes 14.8 e ss.; 2) Jônatas, em 1 Samuel 14.24-30. Junto com o fermento ele estava banido do holocausto (Lv 2.11). É natural que a sua doçura o levasse a ser usado figuradamente para indicar coisas belas e agradáveis, inclusive a Palavra de Deus (Sl 19.10 [11]), a sabedoria da Torá (Pv 24.13) e a fala de um amigo (Pv 16.24).

Também podem ser doces as águas (Êx 15.25; Pv 9.17), o sono do trabalhador (Ec 5.12 [11]), o fruto de uma macieira (Ct 2.3), a luz do dia (Ec 7.11).

V.P.H.

מַתַּת (*mattat*). Veja o nº 1443d.

Nota: a página 898 em branco, página 899 continuação com outra letra hebraica.

נ

1269 נָא (*nā'*) ***por favor!, vamos!***

Partícula de súplica ou exortação (*e.g.*, Gn 12.13; Nm 20.10). Um exemplo interessante do uso desta partícula encontra-se em Salmos 118.25, *yhwh hôshî'â nā'*, "Salva-nos, SENHOR". Esta súplica foi feita novamente por ocasião da entrada triunfal, quando a multidão também citou o contexto (v. 26), "Bendito o que vem em nome do SENHOR" (Mt 21.9). O grego *hôsanna* é uma transliteração da sentença hebraica "salva-nos", incluindo até mesmo a duplicação fonética do *n* da partícula *nā'*. Em Lucas 19.39 registra-se que alguns dos fariseus conclamaram Jesus a repreender os seus discípulos por exclamarem com essas palavras, mas, em vez disso, ele declarou que, se os discípulos ficassem quietos, as próprias pedras falariam. Uma das razões para a reação dos fariseus é, sem dúvida alguma, o fato de que no AT a súplica "salva-nos" é dirigida ao SENHOR (YHWH). No NT ela é dirigida a Jesus, o Filho de Davi. Os fariseus consideraram esta dedicação de louvor a Jesus uma grande blasfêmia, embora a tenham atribuído à ignorância das massas. Jesus aceitou-a como uma verdade gloriosa.

R.L.H.

נָא (*nā'*). Veja o nº 1358.

1270 נְאוֹד (*nō'd*) ***pele, odre*** (*e.g.*, Jz 4.19; 1 Sm 16.20).

1271 *נָאָה (*nā'â*) ***ser belo, apropriado.***

Termo Derivado

1271a נָאוֶה (*nā'weh*) ***belo.***

O verbo *nā'â*, que ocorre apenas no pael, trata do estado de ser belo (*cf. nā'weh*) ou apropriado. É aplicado aos cabelos de uma linda mulher (Ct 1.10; 1.5) e aos mensageiros (cujos pés simbolizam os próprios mensageiros) que no *eschaton* levam o evangelho (assim interpreta E. J. YOUNG, *The Book of Isaiah*, Eerdmans; Is 52.7). Em Salmos 93.5 a idéia é de "ser próprio", "convir". Veja os seguintes sinônimos: *yāpâ*, "ser/tornar-se belo", e *nā'am*, "ser agradável/encantador". A palavra ocorre três vezes.

nā'weh. *Belo, atraente, apropriado.* As formas femininas da palavra são ***nā'wâ*** e ***nāwâ*** (esta última é impossível de distinguir de ***nāwâ***, "pastagem", veja o nº 1 322a). Este adjetivo fala de beleza ou decoro. Vocábulos sinônimos são: ***tipā'râ***, "beleza", "glória", ***tôb***, "bom", "belo" (poucas vezes), ***ts'bî***, "ornamento", "beleza", e ***nā'îm***, "agradável", "delicioso", "encantador". O adjetivo ocorre dez vezes.

Que este adjetivo pode ter o sentido de "belo" fica perceptível em Cantares 6.4, onde *é paralelo de* ***yāpeh***. *Isso é especialmente claro visto que neste mesmo livro* o adjetivo refere-se ao semblante (2.14, paralelo de ***'ārēb***, "agradável", *KB*; *cf.* 7.6 [7]). A voz feminina principal replica dizendo que, embora bronzeada pelo sol e endurecida pelo trabalho no campo (Ct 1.6), ainda assim é bela (Ct 1.5; Jr 6.2).

Em algumas passagens, o adjetivo obviamente significa "apropriado", "conveniente". Em Provérbios 17.7 se diz que é impróprio para um tolo e insensato (*KB*; o oposto de ***nāgîd***, um homem responsável e de boas maneiras; veja *o* ***nāgad***) fazer-se importante e valoroso de uma forma imprudente e imodesta. Clareza semelhante é percebida no paralelismo de Provérbios 19.10, onde se diz que a vida regalada não é própria do insensato (Pv 26.1).

Duas passagens merecem maior análise. A primeira é Salmos 147.1, que diz que é bom (***tôb***) cantar louvores a Deus, que isso é agradável (***nā'îm***; e não que "Deus é gracioso", RSV), e que o louvor é apropriado e decoroso. O paralelo com ***nā'îm*** leva-nos na direção de "encantador".

A outra passagem é Salmos 33.1. "Aos retos fica bem louvá-lo" (ARA) é preferível a "aos retos o louvor é belo" (ASV; Pv 17.7; 19.10; 26.1). As traduções em português não revelam paralelo algum neste versículo (embora isso ocorra nos versículos imediatamente seguintes). Pode-se recuperar o paralelismo caso se reconheça o *lamedh* vocativo antes de ***y'shārîm*** (*UT*, 12:6, p. 109) e traduza-se por "Ó justos, o louvor é conveniente". (Veja-se também DAHOOD, *AB*, *Psalms I*, p. 201).

L.J.C.

נָאוֶה (***nā'weh***). Veja o nº 1 271a.

נָאָה (***nā'â***). Veja o nº 1 322a.

1272 נָאַם (***nā'am***) ***dizer.***

Termo Derivado

1272a †נְאֻם (***n'um***) ***declaração, oráculo.***

Esta raiz é empregada para referir-se exclusivamente à fala divina. Portanto, o seu uso requer especial atenção para a origem e a autoridade daquilo que é dito. O verbo aparece apenas em Jeremias 23.31. Possivelmente é um verbo denominativo. Muitas outras palavras são usadas de forma semelhante (***'amar***, ***dābar***, ***etc.***).

n'um. *Declaração, oráculo.* A TB é superior em Números 24.3; 2 Samuel 23.1, trazendo "oráculo" nestes casos. Este substantivo tem como modelo o particípio passivo do qal (*GKC*, §50a). Acompanhado pelo sujeito, ele ocorre apenas como uma palavra formal que declara

a origem divina, Jr 23.31; Sl 36.1 [2], *etc.*). Contraste-se especialmente com *massa'*, que designa uma mensagem de juízo. *n'um* ocorre 360 vezes e, com apenas duas exceções (Pv 30.1; Sl 36.1 [2]), sempre em contextos proféticos. São apenas 20 vezes fora dos livros proféticos, mas 167 vezes em Jeremias, 83 em Ezequiel, 23 em Isaías, 21 em Amós e 20 em Zacarias.

O sentido do substantivo aparece claramente em Jeremias 23.31, onde Deus declara sua oposição aos falsos profetas que acrescentam *n'um* às suas próprias afirmações, ou seja, afirmam que Deus o disse. Este sentido básico é igualmente claro em Ezequiel 13.7, onde Deus denuncia os falsos profetas, declarando que não tiveram visões autênticas, que pronunciaram adivinhações mentirosas e que reivindicaram falar em nome de Deus quando ele não havia falado. Em Jeremias 9.22 [21] o profeta recebe ordens para iniciar seu oráculo com um "este é um *n'um* de Yahweh", indicando assim que esta era uma "palavra distintiva da parte de Deus para banir qualquer dúvida sobre a verdade da mensagem" (*KD*, *Jeremiah I*, *in loc.*). As vezes esta palavra formal é ampliada, sendo-lhe acrescentado um juramento divino que ressalta a seriedade, etc., do que vai ser dito (Ez 20.3, 31; 33.11). Nos profetas a última metade desta palavra ritual geralmente consiste (Is 56.8) em alguma designação divina relacionada à aliança, ou seja, Senhor e Rei (Jr 46.18). Este último nome é especialmente significativo em vista dos argumentos apresentados por M. Kline, *Treaty of the Great King* (Eerdmans, 1963). Muitas passagens não são corretamente traduzidas, trazendo "assim diz o SENHOR", quando deviam interpretar "oráculo do SENHOR". O substantivo deve ser traduzido por algo como: "oráculo de" (TB, Zc 12.1), "sentença contra" (ARA), "palavra acerca" (IBB), "proclamação — palavra de Iahweh sobre" (BJ).

As ocorrências do substantivo fora dos livros proféticos revelam muitos temas interessantes. Uma das passagens cruciais do AT é Gênesis 22.16. Este é o único registro na história patriarcal em que aparecem juntos este termo e o juramento que Deus faz por si mesmo (*cf.* Hb 6.13 e s.). O substantivo também introduz a profecia de Balaão sobre o "cetro" (Nm 24.15 e ss.). Davi claramente recorda (2 Sm 23.1) tanto a forma quanto o conteúdo destas duas profecias (*cf. KD*, *in loc.*). O *n'um* era algo tão certo quanto o monergismo divino. É claro que a aliança "eterna" com Deus encontra-se divinamente condicionada à sua aplicação (*cf. KD*, *in loc.*, 1 Sm 2.30). O significado especial de o juramento divino sancionar uma aliança é visto na análise, no NT, acerca da diferença entre a aliança abraâmica (Gl 3; Hb 6.16 e ss.) e a mosaica (Hb 7). O *n'um* de Yahweh que é dirigido ao "meu Senhor [*'ădōnî*]" em Salmos 110.1 contém uma aliança sancionada com um juramento (v. 4; *cf.* Hb 7.21). É interessante que, em Salmos 36.1 [2], temos, literalmente, "oráculo da transgressão", o que sugere que a revelação divina reivindica transmitir "transgressão". [Mas *cf.* NIV, "Um oráculo está dentro do meu coração acerca da transgressão do ímpio". R.L.H.] Provérbios 30.1 é uma passagem problemática e é explicada por *KD* como uma afirmação de que aquilo que procede do coração (*i.e.*, as palavras de Agur) é solenemente sincero. Todavia, talvez a idéia de revelação direta de Deus também devesse ser incluída.

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 1.

L.J.C.

1273 נאף (*na'ap*) ***cometer adultério.***

Termos Derivados

1273a נִאוּף (*ni'up*) ***adultério*** (Ez 23.43; Jr 13.27).

1273b נַאֲפוּף (*na'ăpûp*) ***adultério*** (somente em Os 2.4).

Esta raiz aponta para "a relação sexual com a esposa ou a prometida de outro homem" (*KB*). Deve-se comparar esta palavra com *zānâ*, que se refere a relações heterossexuais ilícitas, mas que não implica necessariamente na violação dos votos matrimoniais, e com o substantivo *nokrîyâ*, uma mulher estrangeira que geralmente se encontrava numa situação social inferior, sendo que em Provérbios 5.20; 6.24, ela é, obviamente, uma prostituta. A raiz ocorre 34 vezes.

A importância desta raiz vai muito além do que parece, visto que seu uso no sétimo mandamento constitui um elemento básico da lei social e seu uso teológico-religioso revela um elemento central na religião de Israel.

O sétimo mandamento (*cf.* R. J. RUSHDOONY, *The institutes of Biblical law*, Nutley, Craig Press, 1973) exige pureza sexual. Isso contrasta com a infidelidade e promiscuidade sancionadas pela religião oficial do restante do antigo Oriente Médio. A religião de Yahweh apresenta o adultério como um crime repugnante contra Deus (Jó 31.11, onde se tem em vista o adultério, embora a palavra não seja empregada), contra o homem e contra a sociedade: uma quebra do contrato matrimonial feito perante Deus, uma desonra a Deus por colocar a vontade do homem acima da de Deus (Gn 2.24), um ato de rebeldia feito deliberada e desnecessariamente (1 Co 7.2), o pior tipo de roubo, ou seja, o roubo da carne do próximo, um aviltamento do adúltero, tornando-o um jumento selvagem insensível (Jr 5.8), um meio de destruir a própria reputação (Pv 6.32-33) ou de prejudicar a própria mente (Os 4.11-14), *etc.* Conseqüentemente, sob a lei de Moisés, o adultério (mesmo com uma moça noiva. Dt 22.23 e s.) era passível de morte (Lv 19.20; 20.10), ao passo que a fornicação (*cf. zānâ*) não o era. Até mesmo desejar a esposa de outrem era errado (o décimo mandamento). O método de aplicação da pena capital era. em alguns casos, queimar a pessoa (Gn 38.24), mas, na maioria das vezes, era o apedrejamento (Dt 22.23 e s.; Ez 16.38-40; *cf.* Jo 8.5). O divórcio, exceto em caso de infidelidade (Os 2.5, 11-12; Ez 16.37-38; 23.29) era algo odioso para Deus (Ml 2.16), e, em alguns casos, expressamente proibido (Dt 22.19, 29). No entanto, tendo em vista a dureza do coração de Israel, essas determinações foram atenuadas (Dt 24.1; Mt 19.18). Uma mulher suspeita de adultério tinha de enfrentar um julgamento por ordálio (Nm 5.11-31; *cf. qānā'* [talvez, no sentido técnico da palavra, esse não fosse um ordálio tal como a prática assíria de atirar a pessoa acusada ao rio para ver se ela sobreviveria. Não havia perigo físico algum presente no ritual do AT. Havia um juramento solene no lugar santo, o que seria um duro teste psicológico para uma mulher culpada, e havia também a ameaça de visitação da providência divina. R.L.H.] Este era tanto um ato de misericórdia (a mulher podia ser declarada inocente de uma falsa acusação) quanto uma institucionalização da submissão determinada da mulher ao homem. A falta de recato, vista como uma provocação desnecessária ao adultério (2 Sm 11.2), era proibida (Êx 20.26; 2 Sm 10.4-5). Homens piedosos procuraram disciplinar o olhar (Jó 31.1; *cf.* 2 Pe 2.14) e, dessa forma, a mente (Mt 5.28). A prostituição era proibida (Lv 19.29). Os sacerdotes receberam ordens para não se casarem com uma prostituta (21.7). Caso suas filhas se tornassem prostitutas (cultuais?), deviam ser executadas (v. 9). A prostituição religiosa, a homossexualidade (Lv

18.22; Dt 23.18), a bestialidade (Êx 32.19), o trajar roupas do sexo oposto (Dt 22.5) são todas coisas proibidas por serem violações da santidade do casamento (*PTOT*, p. 330 e s.).

Num enfoque positivo, o casamento devia ser observado como um ato (1 Co 7.2) e também como uma instituição estrutural (Ef 5.23). Era honroso (Hb 13.4). O cônjuge devia ser escolhido dentro da comunidade da aliança (Êx 34.16; *cf.* 2 Co 6.14 e ss.; Hb 11.31; Mt 1.5). Mulheres cativas tornavam-se membros da comunidade da aliança por meio do casamento (Dt 21.13). A poligamia, proibida implicitamente na aliança da criação, foi provavelmente proibida em Levítico 18.18. O casamento era constituído como uma aliança perante Deus (Pv 2.17), e exigia que o futuro marido desse mostras de sua capacidade de sustentar a família (Pv 24.27) e de amar a esposa (Pv 5.15-19; *cf.* Ef 5.25).

Os empregos teológicos dessa raiz acrescentam uma dimensão instrutiva à teologia da aliança. Estudos atuais sobre a aliança demonstram que as alianças bíblicas têm algum paralelo com antigos tratados legais. A palavra em questão nos faz lembrar o fato de que Deus se relaciona com seu povo não apenas como rei soberano mas também como marido (*cf. qānā', etc.*). O uso simbólico religioso de *nā'ap* é confirmado em Levítico 20.10 e ss. (*cf.* 18.20 e ss.; Jr 23.14), onde está relacionado com a adoração de Moloque e a profanação do nome de Deus (*cf.* Ez 23.37). Os profetas empregam esta figura ao descreverem o pecado de Israel. Oséias visualiza a relação entre a infidelidade de Israel a Yahweh e a dissolução de todos os laços sociais e religiosos: "quando a união religiosa com Yahweh não é mantida como algo sagrado, nenhum casamento humano poderá estar seguro. A sensualidade produz prostituição religiosa, e a prostituição religiosa resulta novamente em prostituição física (4.11, 14)" (Vos, *BT*, p. 298). Pecado é falta de conformidade ao ideal de afeição e lealdade no matrimônio. Israel é condenada por não aceitar as reivindicações feitas por Deus de ser ele o senhor no casamento. Israel serviu outros deuses ao praticar prostituição cultual e espiritual (4.11-12). Jeremias, Ezequiel e Isaías (de forma limitada) utilizam esta figura para ilustrar o pecado do povo de Deus (Ez 16.32 e ss.; Jr 3.8 e s.; Is 57.3).

Bibliografia: — *TDNT*. v. 4, p. 729-32.

L.J.C.

נַאֲפֻפִּים (*na'ăpûp*). Veja o nº 1 273b.

1274 נָאַץ (*nā'ats*) ***desprezar, rejeitar, abominar.***

Termos Derivados

1274a נְאָצָה (*n'ā'ātsâ*) ***desprezo*** (2 Rs 19.3 = Is 37.3).

1274b נֶאָצָה (*ne'ātsâ*) ***desprezo, blasfêmia*** (Ne 9.18, 26; Ez 35.12).

Esta raiz dá a idéia da ação ou atitude pelas quais aquele que anteriormente foi visto e/ou tratado favoravelmente agora é visto e/ou tratado com pouco caso. Considerem-se os seguintes sinônimos que aparecem em paralelos com esta raiz: *mārâ*, "rebelar-se contra autoridade" (Sl 107.11); *'ābâ*, "estar sem disposição e sem inclinação para obedecer" (Pv 1.30); *sānē'*, "odiar" (Pv 5.12), não crendo no Senhor (Nm 14.1); *'āzab*, "abandonar" (a

Deus, Is 1.4); *mā'as*, "rejeitar" (Is 5.24); *hārap*, "dizer coisas duras, censurar, zombar" (Sl 74.10). Quanto aos sinônimos, veja *mā'as*. *Cf.* o acadiano *na'āsu*, "fazer pouco caso de", "desprezar", e o ugarítico *n's* (*AisWUS* 1731). Esta raiz ocorre 29 vezes (a palavra encontrada em Ec 12.5 provém de *nātsats*, com um *'aleph* pleonástico).

Deus prediz a apostasia total de Israel apesar de imensas bênçãos (Dt 31.20 e ss.). A rejeição da aliança resultará numa reversão do favor divino (Dt 32.19). Com a conotação do oposto do favor divino, aplicava-se esta raiz ao juízo, tanto como advertência (Nm 16.30) quanto como cumprimento (Is 1.4; Lm 2.6). A longanimidade de Deus (Rm 2.4) passou por alto repetidas rejeições e zombarias a sua pessoa (Nm 14.11; Sl 10.3), suas sanções (Sl 10.13), seu conselho (Sl 107.11) e sua palavra (Is 5.24). Para o "blasfemador" nada que diga respeito a Deus é considerado santo (Is 52.5; *cf.* Is 1.4; Dt 31.19). Dessa maneira, ele não apenas "denigre o poder e a capacidade que Deus tem de executar as ameaças que faz" como também sua maneira desdenhosa de ver a Deus leva-o a preferir o pecado a Deus e a expressar esse desdém mediante um desprezo consciente para com Deus (Is 1.4; *cf.* E. J. YOUNG, *Isaiah*, *in loc.*) O *eschaton* verá a conquista divina do opressor e zombador (*cf.* Jr 33.24; Is 60.14).

nᵉ'ātsâ. ***Desprezo.*** Este substantivo (2 Rs 19.3; Is 37.3 somente) indica o efeito do *nā'ats* divino. Por esse motivo, Ezequias descreve a ameaça que paira sobre Israel como um "dia de angústia [*tsārâ*], de censura [*tôkahat*] e de insulto [ou humilhação, *nᵉ'ātsâ*]" (lit.).

ne'ātsâ. ***Desprezo.*** Este substantivo (Ez 35.12; Ne 9.18, 26 somente) mostra o resultado externo do *nā'ats* contra Deus e/ou seu eleito.

Bibliografia: — *THAT.* v. 2, p. 3-6.

L.J.C.

1275 נָאַק (*nā'aq*) ***gemer*** (Ez 30.24; Jó 24.12).

Termo Derivado

1275a נְאָקָה (*nᵉ'āqâ*) ***gemido*** (*e.g.*, Êx 2.24; Jz 2.18).

1276 *נָאַר (*nā'ar*) ***detestar, desdenhar*** (Lm 2.7; Sl 89.40). Ocorre somente no piel.

1277 *נָבָא (*nābâ'*) ***profetizar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1277a נָבִיא (*nābî'*) ***porta-voz, orador, profeta.***
1277b נְבוּאָה (*nᵉbû'â*) ***profecia.***
1277c נְבִיאָה (*nᵉbî'â*) ***profetisa.***

nābî'. ***Porta-voz, profeta.*** A derivação de *nābî'* é assunto controverso. O antigo *Lexicon* de Gesenius (editado por Tregelles), por exemplo, faz este substantivo derivar do verbo *nāba'*, "onde o *'ayin* foi abrandado para *'aleph*", verbo este que significa "borbulhar".

"ferver e derramar" e, por conseguinte, "extravasar palavras, como aqueles que falam com mente fervorosa ou sob inspiração divina, como os profetas e poetas". Ewald, Haevernick e Bleek concordam (veja Samuel DAVIDSON, *Introduction to the OT*, v. 2, p. 230) como também o faz Oehler (*OT Theology*, p. 363). Por essas razões a suposição deste grupo de autores é que a função do *nābî'* é expressar revelações vindas do espírito de Deus (expressão vocal em êxtase). Neste caso, a posição do profeta é ativa. Outros, escritores antigos, inclusive S. Davidson (*ibid.*, p. 430), tomaram por base a mesma derivação e disseram que a atitude é passiva, sendo o sentido o de receber a fala divina e então proclamá-la, enfatizando a recepção da comunicação divina pelo *nābî'*. A maioria dos estudiosos recentes inverte, com provável acerto, a relação entre *nābā'* e *nābi'*, considerando o verbo como denominativo (*BDB*; *TDNT*, v. 6, p. 796).

A tendência tem sido afastar-se da idéia ativa de falar em êxtase como o sentido essencial do profetizar: "Rowley ... demonstra [*Harvard theological review* 38:1-38] que a palavra *nābî'*, embora de etimologia incerta, não pode ser empregada como argumento em favor da natureza extática do ministério dos profetas" (EISSFELDT, The prophetic literature, *In The OT and modern study*, editado por H. H. Rowley, Oxford Press, 1951, p. 142).

No momento são quatro os pontos de vista sobre a derivação da palavra: 1) De uma raiz árabe *naba'a*, "anunciar", daí "porta-voz" (Cornill, Koenig, Eiselen, G. A. Smith). 2) De uma raiz hebraica, *nābā'*, forma abrandada de *nāba'*, "borbulhar", por conseguinte "extravasar palavras" (Gesenius, von Orelli, Kuenen, Girdlestone, Oehler). 3) De uma raiz acadiana *nabû*, "chamar", por esta razão "aquele que é chamado [por Deus]" (Albright, Rowley, Meek, Scott). 4) De uma raiz semítica desconhecida (A. B. Davidson, *KB*, *BDB*, E. J. Young, Heinisch). Este último ponto de vista é preferido por Hobart E. Freeman em seu excelente livro *An introduction to the OT prophets* (Moody, 1968, p. 37-9). Este parágrafo é um brevíssimo resumo da análise de Freeman.

A idéia essencial da palavra é a de porta-voz autorizado ou oficial. Os intérpretes têm descoberto a idéia básica não na etimologia, que se perdeu nas brumas da antigüidade, mas no uso geral da palavra e em três textos clássicos do Pentateuco.

O primeiro texto clássico segue-se à última das famosas objeções que Moisés levanta para não ser o porta-voz nomeado por Deus junto aos filhos de Israel e a Faraó (Êx 6.28-30): "Então disse o SENHOR a Moisés: Vê que te constituí como deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será teu profeta. Tu falarás tudo o que eu te ordenar; e Arão, teu irmão, falará a Faraó" (Ex 7.1, 2). Portanto, qualquer que seja a origem da palavra, um *nābî'* é alguém autorizado a falar em nome de outrem, pois Arão, falando em lugar de Moisés a Faraó, é o *nābî'* de Moisés.

O segundo texto clássico vem logo após um incidente em que Arão e Miriã se atreveram a tomar o lugar de Moisés como mediador da revelação divina (Nm 12.1-2). O próprio Senhor veio, então, a intervir, declarando que somente Moisés teria conversa direta com o Todo-Poderoso e que ele, no entanto, se comunicaria com profetas através de sonhos e visões (Nm 12.4-8). O que fica sem ser dito, mas que é pressuposto e claramente afirmado em outras passagens (*e.g.*, Jr 23), é que um *nābî'* de verdade poderia ser porta-voz divino somente se Deus lhe tivesse verdadeiramente dado uma mensagem (ainda que de forma obscura) para anunciar.

O terceiro texto clássico ocorre logo antes da morte do grande legislador. Tendo em vista o fim das comunicações "face a face" de Deus através de Moisés, houve um anúncio formal da existência do ofício de *nābî'* de uma forma contínua. Nesta passagem (Dt 18.9-

22) Yahweh formalmente proibiu qualquer envolvimento com as falsas práticas divinatório-pagas de Canaã (Dt 18.9-14). Depois disto, tendo afirmado que uma linhagem de profetas falaria (ou escreveria) com a mesma autoridade com que Moisés havia falado (e escrito), Deus deu ordens aos israelitas para prestarem aos profetas a mesma obediência (Dt 18.15, 18, 19) que ele havia determinado dessem a Moisés. Foram anunciados cinco sinais de confirmação do profeta (Sl 74.9; *cf.* Mt 12.38; At 2.22), a saber: 1) o profeta deve ser israelita, "do meio de teus irmãos" (vv. 15, 18); 2) ele fala em nome de Yahweh, é "a voz do SENHOR" (v. 16) e "fala em meu nome" (v. 19; *cf.* v. 20), incorrendo em pena de morte no caso de falsamente alegar que fala em nome de Deus (v. 20, *cf.* Dt 18.1 e ss.; 1 Rs 18.20-40); 3) o conhecimento sobrenatural do futuro próximo deveria ser um sinal de que fora realmente designado por Deus (vv. 21-22; *cf.* 1 Rs 22; Jr 28, esp. v. 17); 4) o profeta poderia realizar algum outro sinal miraculoso (veja Dt 13.1 e ss.; *cf.* 1 Rs 18.24; e esp. v. 36); e 5) o teste derradeiro é a estrita conformidade (anuência) às revelações anteriormente confirmadas e que vieram por intermédio primeiramente de Moisés e posteriormente pelos profetas que o seguiram (Dt 13.1-18). A quinta exigência é enfática, pois todo o capítulo 13 de Deuteronômio lhe é dedicado.

Hebreus 1.1-2 afirma claramente que a totalidade do AT é um depósito dos oráculos escritos dos *n'bî'îm*. A palavra "profetas" é extremamente importante neste texto, pois "na LXX *nābî'* é sempre traduzido por *prophētēs*; não há um só caso de tradução por uma outra palavra" (*TDNT*, v. 6, p. 812). Num texto específico, em que se faz um resumo do trabalho de séculos realizado pela linhagem de profetas autênticos, o AT emprega a palavra *mal'āk*, "mensageiro", "anjo". A LXX apresenta o devido sentido mediante o emprego de *aggelos* (2 Cr 36.15).

Existem várias perguntas de particular interesse acerca de *nebî'îm* no AT. 1) Quem são as "escolas" ou grupos de profetas? 2) Os profetas profissionais estavam vinculados a "altares" e ao templo de modo comparável aos *kōhānîm* (sacerdotes)? Em caso afirmativo, quais eram suas funções? 3) Quem eram aqueles que eram raramente designados como "videntes" do rei (*hōzeh*, 2 Sm 24.11; *rô'eh*, 2 Sm 15.27)? 4) Em que sentido os músicos são (raramente) chamados de *n'bî'îm*? 5) Quem eram os falsos profetas, geralmente também chamados de *n'bî'îm*? 6) Quão distante está da verdade a afirmação de que os profetas eram inimigos do sacerdócio israelita? Finalmente, como os assim chamados profetas "anteriores" e "posteriores" se relacionavam com o ofício profético no seu todo e com a função da profecia?

Em busca de respostas, o leitor pode consultar uma lista realmente enorme de artigos e livros recentes e atuais. O artigo de 81 páginas em *TDNT* é todo ele relevante. Só a bibliografia ocupa duas páginas bem cheias. Pode-se dizer que, descontando-se a alta crítica um tanto quanto combalida dos quatro autores do verbete (Rendtorff, Kraemer, Meyer, Friedrich), o que sobra é de grande valor. Geralmente rejeita-se o extremismo de autores recentes que procuraram derrubar respostas mais tradicionais e conservadoras. O mesmo se pode dizer do artigo "The prophetic literature", de autoria de Otto Eissfeldt e que aparece em *The OT and Modern Study*, editado por H. H. Rowley, e também das porções relevantes de *Ancient Israel*, escrito por Roland de Vaux. Deve-se consultar o excelente e extenso verbete "Prophets and prophesy" escrito por A. A. MacRae e publicado em *ZPEB*, v. 4, p. 875-903. O limitado espaço deste verbete não permite tratar estas questões nem explorar o vasto material tratado superficialmente aqui. Vejam-se neste dicionário os artigos sobre *ro'eh*, *hôzeh*, *hāzôn* e *hālam*.

Bibliografia: — *TDNT*. v. 6, p. 798-828. — *THAT*. v. 2, p. 7.

R.D.C.

1278 נָבַב (*nābab*) ***esvaziar*** (*e.g.*, Jó 11.12; Jr 52.21).

1279 נְבוֹ (*nᵉbô*) ***I, Nebo.***

Este *hapax legomenon* (Is 46.1) é a grafia hebraica de Nabu, nome de um deus babilônico. Nabu era o protetor das ciências (que ficavam na esfera de Enki-Ea), o padroeiro da arte dos escribas e um deus da sabedoria (como também o eram Ea e Marduk). Era casado com Tashmetum ("audição") e conhecido como "largo de audição" (isto é, pronto para ouvir). Seu símbolo, uma cunha no alto de uma vara, simbolizava ou a escrita cuneiforme ou um instrumento de observação usado na astronomia. Sua popularidade foi crescendo de forma constante a ponto de se encontrarem *ezidas* (templo que lhe era dedicado) em todas as principais cidades da Babilônia e da Assíria. O seu principal templo ficava, no entanto, em Borsippa (Birs Nimrod, 16 quilômetros ao sul de Babilônia), aonde o rei anualmente ia apanhá-lo (isto é, à sua estátua) para levá-lo até Babilônia a fim de livrar Marduk das garras do mundo dos mortos (este ritual era conhecido como Akitu). As crônicas babilônicas (*c.* 990 a.C.) relatam que Nabu "não veio" durante nove anos. Registra-se, então, uma convulsão administrativa total. O destino de Nabu acompanha paralelamente o destino de Babilônia. Observem-se os nomes próprios Nabucodonosor (proteja Nabu o filho ou a herança), Nebusazbã (salve-me Nabu), Nebuzaradã (Nabu deu um filho) e Abede-Nego (servo de Nabu?). *Cf. nᵉbô* II.

Bibliografia: — ROUX, G. *Ancient Iraq*, Cleveland, World Publishing, 1964. — SAGGS, H. W. F., *The greatness that was Babylon*, Nova Iorque, Hawthorne, 1962. — WISEMAN, D. J. Nebo, In: *NBD*, p. 872.

L.J.C.

1280 נְבוֹ (*nᵉbô*) ***II, Nebo.***

Este vocábulo é o nome de um monte localizado em Moabe (G. T. MANLEY, Nebo, In *NBD*, p. 872). E bem possível que tenha sido batizado com esse nome em honra à divindade babilônica Nabu (*cf. nᵉbô*). Este nome ocorre 11 vezes.

Existem dois problemas relacionados com o monte Nebo. Primeiro, sua relação com Pisga e com os montes de Abarim. Parece que o primeiro nome significa "ondulação no topo de uma colina ou montanha" e, por conseguinte, representa mais do que uma única protuberância (G. T. MANLEY, Pisga, em *NBD*, p. 1 000), que seria o monte Nebo em Deuteronômio 3.27. O segundo nome representa a cadeia de montanhas em que o Nebo está localizado (Nm 27.12; Dt 32.49). A identificação do monte Nebo é o segundo problema. Alguns dizem que a palavra se refere a três locais diferentes (*cf. KD*). Outros identificam-no acertadamente com um único local (MANLEY, Nebo, *op. cit.*; W. EWING, Nebo, Mt., em *ISBE*, p. 2127). Foi do monte Nebo que Moisés viu a terra prometida pouco antes de morrer (Dt 34.1). Nesta região os filhos de Rúben erigiram uma cidade (Nm 32.3; *cf. NBD*, p. 834). Posteriormente a área foi reivindicada pelos moabitas, e como reação à traição destes, Isaías (15.2) e Jeremias (48.1, 22) pronunciaram juízo. Os descendentes de refugiados israelitas originários de Nebo estão alistados entre aqueles que voltaram do exílio (Ed 2.29) e que se casaram com mulheres não-israelitas (Ed 10.43).

L.J.C.

1281 נבח (*nābaḥ*)

נבוּאָה (*nᵉbû'â*). Veja o nº 1 277b.

1281 נבח (*nābaḥ*) ***latir*** (Is 56.10, somente).

1282 *נבט (*nābaṭ*) ***olhar, contemplar***. Ocorre somente no piel e no hifil.

Termo Derivado

1282a מַבָּט (*mabbāṭ*) ***esperança, expectativa*** (Zc 9.5; Is 20.5-6).

Esta raiz representa aquilo que se faz com os olhos (Sl 94.9), abrangendo tudo, desde um simples olhar (1 Sm 17.42) até um exame visual cuidadoso, demorado e positivo (Is 5.12; Sl 74.20; 119.6, 15). Com freqüência o verbo é paralelo de *rā'â*, "ver", e às vezes de *hāzâ*, "ver", (geralmente como referência à "visão" profética), *shûr*, "ver", "contemplar" (de uso poético), *pānâ*, "voltar-se para", "ver". O verbo ocorre 69 vezes, sempre no piel e no hifil.

Para uma análise mais abrangente de temas teológicos, veja *rā'â*. O verbo é empregado para designar tanto a ação em que o homem olha para Deus quanto a ação em que Deus olha para o homem. Em Êxodo 3.6 Moisés olhou para aquilo que pensou ser a essência divina. Mais tarde Deus diz que Moisés, ao contrário de todos os demais profetas verdadeiros, continuará a olhar para a sua forma, isto é, será capaz de conversar com Deus de maneira inigualada (*KD*, Nm 12.8; Jo 6.46; 14.7). Entretanto, nenhum mero mortal jamais viu a essência divina (*cf.* Êx 33.18 e ss.). Os homens devem olhar para (isto é, fixar os olhos em, e, desta maneira dirigir suas vidas de acordo com a vontade de) Yahweh como seu único auxílio (Is 51.1; 22.11; Sl 34.5 [6]), e também para os meios que ele oferece (*e.g.*, o contexto da aliança; Is 51.2; Sl 74.20) e para o seu messias (Zc 12.10). Os ímpios não têm a devida consideração pela obra de Deus (Is 5.12) ou pelo líder por ele designado (Sl 22.17 [18]). Deus, que a tudo observa (Jó 28.24; Sl 33.13), retribui aos piedosos (Sl 102.19 [20]; 13.3 [4]; 84.9 [10]) e aos ímpios (Sl 10.14; Am 5.22) de acordo com o seu divino poder (Sl 104.32).

L.J.C.

נָבִיא (*nābî'*). Veja o nº 1 277a.

1283 נבך (*nēbek*) ***fonte, nascente*** (Jó 38.16; 28.11).

1284 נבל (*nbl*). **I. Aceita como raiz de:**

1284a נֵבֶל (*nēbel*) ***I, odre; jarro, cântaro.***

1284b נֵבֶל (*nēbel*) ***II, saltério.***

nēbel. ***Pele (de animais), odre; jarro, cântaro.*** Um recipiente para líqüidos. Emprega-se também *nēbel* para referir-se figuradamente a nuvens (Jó 38.37).

nēbel. ***Saltério, harpa.*** Devido à sua bojuda caixa ressonante na parte inferior, é possível que a palavra esteja relacionada a *nēbel*, "pele" (de animais, "odre").

O *nēbel* é o equivalente hebraico da harpa ou da lira. Era um instrumento de 12 cordas tangidas com os dedos (Josefo, *Antigüidades* 7.12.3). Era maior que o *kinnôr*, "lira" (*q.v.*), tendo um tom mais grave. A lira possuía dois braços com um corpo em forma de caixa (uma versão cananéia). Davi tocou este instrumento. Era o principal instrumento da orquestra do segundo templo. O *nēbel* era o segundo instrumento mais importante e, provavelmente, mais barato do que o *kinnôr*. Na Mishnah *'ārākîm* 2.3 afirma-se que jamais havia menos de duas ou mais de seis harpas na orquestra. (Alguns preferem identificar o *nēbel* com a harpa egípcia, instrumento parecido com a cítara e que possuía uma caixa ressonante de madeira e 10 a 20 cordas, tinha um metro e vinte centímetros de altura e era tangido com os dedos.)

De acordo com a Mishnah, as cordas do *nēbel* eram feitas do intestino grosso das ovelhas (Kinnim 3.6). Também menciona-se nas Escrituras o *nēbel 'āsôr*, um *nēbel* ligeiramente menor e com dez cordas. Visto que do período bíblico não há desenhos com representações de como era um *nēbel*, pode-se apenas fazer conjecturas quanto ao seu formato.

Dos 27 usos da palavra, três ocorrem num contexto de folia ímpia (Is 5.12), adoração pagã (Is 14.11) e a adoração sem sentido que Amós condenou (Am 5.23). Era tocada pelos grupos de profetas (1 Sm 10.5), e Davi empregou-a para adoração (2 Sm 6.5). Salomão forneceu *n'bālîm* (ARA, "alaúdes") para a adoração no templo (1 Rs 10.12). De resto, o *nēbel* (e o *nēbel 'asôr*) eram sempre usados na adoração (Sl 57.8 [9]; 81.2 [3]; ***et al.***).

O importante papel atribuído à música na adoração de Deus mostra que Deus reage positivamente à comunicação do homem com ele na forma de música e que Deus se comunica com o homem não apenas cognitivamente, mas também com suas emoções.

Bibliografia: — BLUMENKRANZ, B. Music, In: *Encyclopedia Judaica*. v. 12, p. 564-6. — WERNER, E. Jewish Music, In: *Dictionary of music*, St. Martins Press, v. 4, p. 619-21. —_____, Musical instruments, In: *IB*. v. 3, p. 474-6. — FINESMEYER, S. B. Musical instruments in the Old Testament, *HUCA* 3:21-7. — SELLERS, O. R. Musical instruments of Israel, *BA* 4:33-47.

L.G.

1285 נָבַל (*nābal*) ***II, ser insensato, tolo.***

Termos Derivados

1285a נָבָל (*nābāl*) ***tolo.***

1285b נְבָלָה (*n'bālâ*) ***insensatez.***

1285c נַבְלוּת (*nablut*) ***falta de recato, falta de pudor*** (Os 2.12, [10] somente).

O verbo é usado apenas cinco vezes. Uma vez ele descreve como tolo aquele que se exalta. No grau piel a palavra aparece quatro vezes. Ela indica a repugnância ou desprezo por parte de alguém que zomba da rocha de sua salvação (Dt 32.15) ou trata o pai com desdém (Mq 7.6). Deus torna o recalcitrante desprezível (Na 3.6). O profeta ora para manter distante a ira de Deus a fim de que ele não traga vergonha para o trono da sua

glória (Jr 14.21). Os termos derivados reproduzem o pleno significado do verbo.

nābāl. ***Tolo.*** O substantivo *nābāl* é largamente usado na literatura de sabedoria. Em Provérbios o termo *nābāl* inclui os conceitos associados a *kᶜsil* e *'ĕwîl* (*q.v.*) e também enfatiza que a pessoa tem comportamento vil e vergonhoso, sendo um grosseirão rematado. A insensibilidade para com Deus bem como a insensibilidade moral fecham a mente para a razão.

Moisés censurou sua geração, chamando-a de *'am nābāl*, "povo louco" (Dt 32.6), que não reconhecia os benefícios do Senhor. Nações pagãs são caracterizadas como insensatas, insultando ou desprezando o próprio nome do Senhor (Sl 74.18). Por este motivo, Moisés reagiu à infidelidade de sua geração identificando-a com povos pagãos. De fato, caso persistissem em sua insensatez (*nābāl*), seriam provocados à ira por um povo idolatra e insensato (*nābāl*; Dt 32.21). A falta de sensibilidade do povo de Deus tornava necessário que os israelitas fossem envergonhados e feridos por sua própria insensatez.

Os profetas consideram o *nābāl* um inútil. Isaías fez uma descrição do reino onde serão endireitados muitos assuntos públicos que estão de pernas para o ar. Já não se daria um tratamento respeitoso e reverente ao tolo, que fala coisas sem sentido e cujo coração se inclina para a impiedade (Is 32.5-6). Ele é grosseiro e sem espiritualidade. Aquele que ajunta riquezas injustamente vai perdê-la durante a sua existência. Tal pessoa é, no final das contas, um tolo (Jr 17.11). Falsos profetas, que buscam a mensagem em si mesmos, são insensatos. Na realidade, não possuem mensagem alguma, não têm visão alguma vinda de Deus (Ez 13.3).

O *nābāl* possui uma mente fechada, dizendo em seu coração que Deus não existe (Sl 14.1; 53.1 [2]). Ele insulta a Deus o dia inteiro num rebuliço sem fim (Sl 74.22). Davi orou para ser livrado de suas transgressões para que não acontecesse de o tolo, que não conhecia o coração do servo de Deus, o insultasse (Sl 39.8 [9]). Os "filhos de doidos", expressão que se refere àqueles que aprendem com o insensato, são vis, filhos sem nome algum (Jó 30.8). A morte de Abner foi lamentada como possivelmente a de um tolo (2 Sm 3.33). [Ou pode ser que Davi esteja indagando se Abner morreu como um ímpio — um *nābāl* — deixando implícito que Joabe, que o atacou, havia assassinado o inocente. R.L.H.]

O *nābāl*, que devia se manter afastado devido à sua irreverência, é um grosseirão e se faz ouvir em público (Pv 17.7). A terra protesta quando um *nābāl* enriquece; uma pessoa dessas se torna arrogante e dominadora (Pv 30.22). A grosseria, reflexo da recusa em dar ouvidos (no devido tempo) à razão ou a Deus se vê em Nabal, de quem sua esposa, Abigail, disse: "ele é tal filho de Belial, que não há quem lhe possa falar" (1 Sm 25.17). Ele é um *nᶜbāl* porque rejeita o temor do Senhor, que poderia ter-lhe dado alguma sabedoria.

nᶜbālâ. ***Loucura, baixeza, vil.*** *nᶜbālâ* tem o mesmo conjunto de sentidos de *nabal*, ou seja, uma desconsideração para com as determinações morais e espirituais. Em todos os aspectos um *nᶜbālâ* é insensível, ímpio e uma vergonha, e suas ações são uma loucura pecaminosa.

nᶜbālâ refere-se a pecados de imoralidade. Um pedido para ter relações homossexuais foi considerado um ato de loucura (Jz 19.23-24). O estupro premeditado era estigmatizado como um ato de loucura (2 Sm 13.12). Amnom seria conhecido em Israel como um *nābāl* (v. 13). De fato, estes feitos vis são conhecidos em Israel como loucura (*nᶜbālâh*, uma coisa vergonhosa e pecaminosa), isto é, uma violação dos padrões morais de Israel, por exemplo,

a violação de Diná (Gn 34.7) ou a declaração de um noivo acerca da castidade da esposa (Dt 22.21; também Jz 20.6; Jr 29.23).

O roubo, por Acã, de coisas postas sob interdito foi considerado um *nᵉbālâ* em Israel (Js 7.15). Nabal, agindo de acordo com o seu nome, perpetrou uma coisa pecaminosa e vergonhosa porque ele era uma vergonha (1 Sm 25.25). *nᵉbālâ* também pode designar o linguajar impensado e irreverente; Isaías comparou sua geração ao *nābāl* que diz um *nᵉbālâ*, um jogo de palavras que ressalta que o ato é resultante daquele que é (Is 32.6; também 9.17). O Senhor exigiu expiação pelas palavras e conduta que os amigos de Jó tiveram para com ele. Suas ações contra Jó foram consideradas loucura (*nᵉbālâ*) contra o próprio Deus (Jó 42.8).

Bibliografia: — BLANCK, S. H. Folly, In: *IB*. p. 303-4. — HARRIS, R. Laird, Proverbs, In: *WBC*. — KIDNER, Derek, *Proverbs*, Inter-Varsity, 1964. — RICHARDSON, *TWB*, p. 84-5. — *THAT*, v. 2, p. 26-30.

L.G.

1286 נבל (*nābel*) ***murchar***.

Termo Derivado

1286a נְבֵלָה (*nᵉbēlâ*) ***cadáver***.

A IBB tem uma tradução superior em 2 Samuel 22.46 ("desfaleceram", em vez de "sumiram-se", na ARA; *cf.* Sl 18.45 [46]; Jó 14.18; Is 1.30; 24.4; Jr 8.13; e ainda Is 34.4; 40.7-8).

Esta palavra aponta para o estado ou condição das folhas quando estão secas mas ainda pendem dos galhos — palavra que é paralela de erva seca (Is 40.7-8) e ao "jardim" (IBB, Is 1.30; ARA, "floresta") sem água. Quanto a sinônimos, vejam-se *yābesh*, "estar/ficar seco", "murchar", e *tsānam*, "ser duro, estéril". Compare-se com *nbl*, que é aceita como raiz dos derivados *nēbel*, "odre", "jarro", e *nēbel*, "alaúde", e também com a raiz *nābal*, "ser insensato", da qual provêm os derivados *nābāl*, "tolo", e *nᵉbālâ*, "insensatez". *KB* coloca todos esses derivados sob uma mesma raiz, *nābel*, "murchar". De acordo com nosso exame, *nābel* ocorre 20 vezes.

A idéia que este e outros verbos transmitem de folhas murchas ou de vegetação seca serve, com freqüência, como figura do juízo. A onipotência divina enfraquece as nações mais poderosas da terra (Is 34.4; *cf.* 2 Sm 22.46; Sl 18.45 [46]). Com toda certeza os iníquos terão pela frente o juízo divino (Sl 37.2). Deus tirará o vigor de Judá (Is 1.30; Jr 8.13) e de Efraim (Is 28.1). Os piedosos serão revigorados por rios de água viva (Sl 1.3; *cf.* Ez 47.12). Este verbo também se aplica à transitoriedade da vida (Is 40.7-8) e da força (Êx 18.18) humanas.

nᵉbēlâ. ***Cadáver.*** Este substantivo refere-se ao corpo já sem vida de uma pessoa ou animal. Seus sinônimos são: *peger*, que se refere geralmente a cadáveres humanos (com exceção de Gn 15.11); *gᵉwîyâ* (*cf. gûpâ*, 1 Cr 10.12; 1 Sm 31.12), que indica o corpo tanto morto quanto vivo (Gn 47.18); *mappelâ* (*cf. nāpal*). Este substantivo ocorre 48 vezes.

Cadáveres de homens e animais são imundos, e os sacerdotes são proibidos de tocar em cadáver, a não ser o de parentes próximos (Lv 21.1-3). O sumo sacerdote e o nazireu

nem isso podem fazer (Lv 21.11; Nm 6.6-8 — aqui a palavra é *nepesh*). Deus prescreve um minucioso rito de purificação no caso de violação destas restrições ou se alguém, sem intenção, ficar contaminado (*cf.* Nm 19). Até mesmo a terra pode ficar contaminada caso não se enterre, até o fim do dia, o corpo de alguém executado (Dt 21.23). Jeremias assinala que os ídolos, por serem "cadáveres" culpados de pecado (?), contaminam a terra (16.18).

Não ser devidamente sepultado é sinal de grande desonra (2 Sm 21.11 e ss.; 1 Sm 31.11-13, *etc.*) e até mesmo de juízo divino (Dt 28.26; *cf.* Jr 26.23; Is 5.25; Jr 7.23; etc.). A restauração é indicada em termos de uma ressurreição (Is 26.19).

L.J.C.

נְבֵלוּת (*nablût*). Veja o nº 1 285c.

1287 נָבַע (*nāba'*) ***derramar, jorrar.***

Termo Derivado

1287a מַבּוּעַ (*mabbû'a*) ***fonte d'água*** (Ec 12.6; Is 35.7; 49.10).

A ARA e outras versões não traduzem adequadamente Eclesiastes 10.1 ("faz cheirar mal e 'faz derramar'", lit.). A raiz tem a conotação de uma torrente incontrolável ou descontrolada, por exemplo, as águas avolumadas de um uádi (Pv 18.4; *cf. nāhal*), o jorrar de palavras vindas da boca de um tolo (Pv 15.2; antônimo *hāgâ*, Pv 15.28). Existem muitas palavras hebraicas que indicam vários tipos e direções de coisas que fluem: *māzal*, "correr" (um rio); *nāgar*, "verter" (lágrimas, sangue, pustulência, *etc.*); *yātsaq*, "derramar ou moldar" (especialmente metal fundido); *nāsak*, "derramar fora" (especialmente uma libação); *nātōk*, "despejar" (fogo, juízo, *etc.*); *shāpak*, "derramar" (talvez a mais genérica destas palavras). *Cf.* o aramaico antigo *nb'* (*KAI* 38), "jorrar", e o acadiano *namba'u* (e *nabba'u*), "fonte borbulhante" (*KD*). O verbo ocorre 11 vezes.

Em Salmos 19.2 [3] *nāba'* transmite a idéia de "algo que se transmite ininterruptamente" e de uma "fonte inesgotável", onde o "dia" jorra declarações sobre a glória de Deus (*KD*). O salmista deseja anunciar os feitos gloriosos de Deus, ou seja, acontecimentos de natureza parabólica (*KD*, Sl 78.2; 119.171). Em última instância, a "bondade transcendente de Deus é o objeto do transbordante reconhecimento universal" (*KD*, Sl 145.7). Os iníquos "transbordam" arrogância (Sl 94.4; ARA, "proferem") e uma amargura destroçante (Sl 59.7 [8]; *cf.* Pv 15.2, *etc.*). De especial interesse é Provérbios 1.23, passagem em que a sabedoria (v. 20) promete derramar o seu espírito (isto é, tornar conhecidas suas palavras) sobre todos os alunos desejosos. Esta é uma compreensão dada pelo espírito e não uma regeneração operada pelo espírito, embora o NT combine as duas idéias (1 Co 2.14). Um derramamento do Espírito, ainda maior e diferente qualitativamente, será só na vinda do Messias (Jl 2.28 [3.1], *shāpak*).

L.J.C.

1288 נגב (*ngb*). **Aceita como raiz de:**

1288a נֶגֶב (*negeb*) ***Neguebe, sul.***

Claro está, com base em Gênesis 13.1 e Números 13.23, que esta palavra indica uma área geográfica, pois nestas duas passagens os viajantes estão indo para o norte. Um sentido secundário do vocábulo é o de "sul" (*cf.* Gn 13.14). *Cf.* os seguintes sinônimos: *yāmîn* (que deixa implícita a postura oriental na oração, KB), *tēmān* (raiz *yāmîn*), *yam* e *dārôm*. O substantivo ocorre 111 vezes.

O antigo Neguebe era uma região de limites indefinidos e com aproximadamente 11 700 quilômetros quadrados. Seu limite ao norte estendia-se ao sul da estrada Gaza-Berseba diretamente ao leste de Berseba até o mar Morto. Seu limite ao sul misturava-se com os altiplanos da península do Sinai. O Neguebe era (e ainda é) constituído de um terreno bastante irregular, em que quase nunca chove (de 25 a 200 milímetros de precipitação anual). Os verões são quentes, e os invernos, frios. Ventos fortes assolam a região nas duas estações (*cf.* Is 21.1). A ocorrência de chuvas rapidamente transforma os uádis em correntezas transbordantes e seu terreno siltoso oferece resistência à absorção da água (*cf.* Sl 126.4). Abaixo da superfície, existe na região um lençol freático abundante. O terreno não é desértico, visto que permite, ainda que limitadamente, que animais nele pastem (*cf.* Gn 13.1-6) e, em condições controladas (um governo central forte para proteger os lavradores de beduínos saqueadores e ajudá-los durante as secas freqüentes), pode dar, em algumas áreas, condições de cultivo da terra.

Nem sempre o Neguebe teve uma população fixa. Os séculos 21 a 19 a.C. atestam a existência de muitas aldeias cuja destruição pode muito bem ter sido conseqüência dos ataques e saques levados a efeito por Quedorlaomer e seus aliados (Gn 14). Esta devastação também pode explicar por que Hagar ficou perdida ao ir embora — os marcos conhecidos (*i.e.*, as cidades) estavam destruídos (Gn 21.14). E também os patriarcas aparentemente não se dirigiram ao Neguebe depois de Gênesis 14, mas permaneceram na área de Gerar, Hebrom e Berseba, que escapou incólume à invasão. Até o momento quase não há dados arqueológicos que indiquem uma ampla ocupação amalequita à época do Êxodo (*c.* 1445 a.C.; no entanto, *cf.* G. L. ARCHER, *A survey of Old Testament introduction*, Moody, 1964, p. 214-5, 220-1). Israel foi repelido por esses amalequitas (Nm 14.44 45; Dt 1.44), mas posteriormente Judá e Simeão invadiram e ocuparam a região. A arqueologia confirma uma ampla ocupação durante o período da monarquia. Saul destruiu a cidade do rei Agague (1 Sm 14-15). Davi combateu os amalequitas e outros nas várias áreas do Neguebe (1 Sm 30). Como nos dias dos patriarcas, também durante o início da monarquia o Neguebe foi ocupado por vários grupos étnicos (Gn 26.26-33; 1 Sm 27.10; 30.14). Durante o reinado de Salomão o Neguebe produziu cobre (fundido em Eziom-Geber) e possuía muito comércio (era atravessado pelo "caminho de Sur" e várias rotas comerciais menos importantes). (*Cf.* o mapa em Y. AHARONI, *The land of the Bible*, Westminster, 1967, p. 40.) Mais tarde, quando Eziom-Geber ficou sem condições de uso, um porto adjacente, Elate, foi reaberto por Uzias (1 Rs 9.26; 2 Cr 26.2) para facilitar o comércio de cobre.

Os profetas predizem uma desolação (Jr 13.19; Ez 20.46-47 [21.2-3]) e, no fim, uma recuperação de Judá e do Neguebe (Jr 17.26; 32.44; 33.13).

Bibliografia: — COHEN, S. The Negeb, In: *IDB*. — HOUSTON, J. M. Negeb, In: *NBD*, p. 874-5. — GLUECK, N., *BA* 18:2-9. — MCKENZIE, J. L. *Dictionary of the Bible*, Milwaukee, Bruce, 1965. — BALY, P., *The geography of the Bible*, Harper, 1957. — GLUECK, *The other side of the Jordan*. *ASOR*, 1940.

L.J.C.

1289 *נגד (*nāgad*)

1289 *נגד (*nāgad*) ***contar, tornar conhecido.*** Ocorre somente no hifil e no hofal.

Termos Derivados

1289a נֶגֶד (*neged*) ***defronte.***

1289b נָגִיד (*nāgîd*) ***governante, líder, comandante.***

O sentido básico desta raiz é o de "colocar algo de forma ostensiva diante de alguém" (*KB*). O árabe *nagada* significa "ser bem visível", e o substantivo *nagdun* significa "região montanhosa". Em geral este "algo" era anteriormente desconhecido ou impossível de ser conhecido pelo objeto. Dependendo do contexto, o verbo requer traduções diferentes. O sentido fica ainda mais claro quando se consideram os seguintes paralelos sinônimos: *amar*, "dizer", e *shāma'*, "tornar conhecido" (hifil, Jr 4.5; Êx 19.3; Dt 32.4; Is 41.22, *etc.*); *sāpar*, "relatar" (Jó 12.7-8; Sl 19.1 [2]); *bîn*, "compreender" (Jr 9.12 [11]); *dibbēr* (piel de *dābar*), "falar" (Is 45.19); e *yā'ats*, "aconselhar" (Jr 38.15). Vejam-se também *gālâ* e *yāda'*. *Cf.* o fenício *ngd* (*KAI*, p. 16). O verbo ocorre 363 vezes.

Observem-se especialmente passagens como Juízes 14.12, onde o verbo *nāgad* tem a conotação de "contar a solução" de um enigma (*cf.* v. 12), e Esdras 2.59, com o sentido de "demonstrar", "dar prova escrita de".

Teologicamente o verbo é empregado para aquilo que tanto Deus quanto o homem revelam. Deus trouxe algumas coisas diretamente à atenção do homem (*i.e.*, revelou-as) mediante sonhos (Gn 41.25; *cf.* Dt 13.1; 18.16; At 2.17), profecias (Gn 49.1) e profetas (especialmente Moisés, Dt 4.13). Por terem essas declarações origem divina, traziam o peso da autoridade divina (Dt 5.5). Um profeta anunciou o propósito (Is 19.12) e o juízo (Is 21.2) divinos, aliás, tudo aquilo que a boca do Senhor anunciou (Jr 9.12 [11]). A autoridade de outros porta-vozes provinha da revelação da aliança (Dt 4.13), isto é, a autoridade de sacerdotes e anciões (Dt 17.10-11), dos pais (Êx 13.8; Dt 32.7) e de outros líderes (*cf.* Is 40.21). É responsabilidade (Sl 42.2 [3]; 71.17; 145.4) e privilégio (Sl 9.11 [12]; 51.15 [17]) de todos os homens tornar as maravilhas de Deus proeminentes diante da igreja do AT (Sl 30.9 [10]) e diante do mundo (Sl 22.31 [32]). Este ato era um ato de louvor (Sl 30.9 [10]) e de ação de graças (Sl 92.2 [3]) e podia ser realizado por meio da música (Sl 9.11 [12]). A maior das obras de Deus, isto é, a soberana redenção de seu povo e a declaração de justificação apenas mediante o instrumento da fé (*e.g.*, Sl 40.6 [7]), deve ser anunciada a todas as nações (Sl 22.31 [32]; Is 48.20; 66.19; *cf.* Mt 28.18 e ss.).

A glória (Sl 19.1 [2]; 97.6) e a justiça (Sl 50.6) divinas são dadas a conhecer e postas em destaque por meio da criação visível (*cf.* Rm 1.18 e ss.).

Deus escarnece dos incrédulos, desafiando-os a fazer com que seus "não-deuses" revelem o passado nebuloso ou o futuro distante, isto é, todas as coisas (*e.g.*, Is 41.22 e ss.). Yahweh é o único eternamente existente (Is 43.10), onisciente (Is 44.7), Deus que havia anunciado (Is 45.19; *cf.* Dt 4.29), que anuncia mesmo (Is 42.9) e realiza (Is 43.12) sua vontade soberana (Is 48.20). Ele revela ao homem aquilo que deseja que seja conhecido e obedecido (Am 4.13; Sl 111.6). Por isso, o homem rebelde é indesculpável.

neged. ***Defronte*** (na maioria das vezes). Esta preposição mantém a idéia básica da raiz. É esta conotação de proeminência, de ser bem visível ou ostensivo, que a distingue de seus sinônimos, por exemplo, *mûl*, "na frente de", *nōkah*, "bem em frente a", *'ummâ*,

"correspondente a", *lipnê*, "perante" (*cf. pana*). Note-se que a expressão "a seus próprios olhos" (*b'ênêhem*) é paralela de "em seu próprio conceito" (*neged p'nêhem*, Is 5.21; *cf.* Sl 90.8) e é oposta a "em oculto" (2 Sm 12.12; *cf.* Sl 38.9 [10]).

A idéia básica e singular desta preposição esclarece muitas passagens (*e.g.*, 1 Sm 15.30; *cf.* 2 Sm 12.12; Js 8.11). Esta palavra ocorre em contextos de aliança. A lei de Deus devia ser lida defronte de Israel (*i.e.*, de forma que todos ouvissem, Dt 31.17; *cf.* Js 8.35; Ed 8.3). As alianças públicas dos homens eram publicamente enunciadas (1 Rs 8.22) e postas em vigor de modo que toda a comunidade testemunhasse o ato. É assim que Davi (Sl 22.25 [26]), e mais tarde o Messias, prometeu pagar seus votos. Aqui a referência provavelmente é ao *sh'lāmîm* (a oferta pacífica, a Páscoa cumprida, o próprio Cordeiro de Deus).

Fazer votos em público implica declarar a palavra de Deus diante de todos (Sl 119.46), em louvor (Sl 138.1) e em esperar em seu nome (Sl 52.9 [11]). A palavra de Deus e os milagres confirmatórios foram realizados aberta e proeminentemente diante de Israel. Não havia desculpa alguma para incredulidade (Êx 34.10; *cf.* Sl 78.12). O mesmo é válido para os atos da providência divina (Sl 31.19 [20]; *cf.* Rm 2.4). A palavra também ocorre em contextos legais (*rîb*, *q.v.*). Samuel convoca o povo a, perante Deus, servir de testemunha de sua integridade (1 Sm 12.3; *cf.* 1 Rs 21.13). Deus, o juiz onisciente, faz declarações solenes sobre o pecado (Os 7.2; Sl 109.15), do desejo (Sl 38.9 [10]; *cf.* Rm 8.27 e ss.) e de todos os caminhos (Sl 39.5 [6]; 119.168; Pv 15.11) do homem. Justificado e recompensado, o Messias estará para sempre assentado defronte de Deus (Sl 89.36 [37]; *cf.* Is 24.23; 61.11).

A preposição ocorre na forma composta *l'neged* (usada para dar ênfase a *neged* [Sl 90.8; Jr 16.17, *etc.*]), com o sentido de colocar diante de alguém aquilo que determina sua conduta (*cf.* 2 Sm 22.23; Sl 26.3; 36.1 [2]). *l'neged* também é empregado como *minneged* para indicar "oposto a", "do outro lado" (*e.g.*, Js 15.3; Ne 12.9; *cf. neged* em Ez 40.13; Ne 3.16, *etc.*). Tem a conotação de "frente a frente com", "bastante visível a", mas a alguma distância (mais, Gn 21.16, ou menos próxima, Sl 38.11 [12]). Finalmente, *cf. k'neged*, "conforme", "como aquilo que corresponde a" (Gn 2.18, 20; *cf. KD*).

nāgîd. ***Governante, líder, comandante.*** [É talvez, neste derivado, que a idéia de proeminência, existente na raiz, alcance sua mais plena expressão. A palavra é utilizada quase 50 vezes e é aplicada a líderes de diferentes áreas — governamental, militar e religiosa. Em geral o substantivo aparece no singular e refere-se a pessoa no comando, ao rei, ao sumo sacerdote, *etc.* Mas existem referências a líderes e comandantes no exército. Em Daniel 9.25 o Messias é chamado de *nagîd*. R.L.H.]

Bibliografia: — THAT. v. 2, p. 31-6.

L.J.C.

1290 נָגַהּ (*nāgah*) ***brilhar.***

Termos Derivados

1290a נְגֹהַּ (*nōgah*) ***brilho.***

1290b נְגֹהָה (*n'gohâ*) ***brilho*** (Is 59.9, somente).

Este verbo refere-se a uma luz brilhante gerada por uma lâmpada (Sl 18.28 [29]), pela lua (Is 13.10), por uma faísca (Jó 18.5) e a uma luz que brilha nas trevas (Is 9.2 [1]). Quanto a sinônimos, vejam-se *'āhal*, *hālal*, *zāhar*, *qāran*, e especialmente *yāpa'* e *zārah* (*cf.* Franz SCHNUTENHAUS, Daz Kommen und Erscheinen im Alten Testament, *ZAW* 76:10 e s.). Textos ugaríticos confirmam a existência da raiz *ngh* (*AisWUS* 1743). Este verbo ocorre seis vezes.

O escurecimento dos corpos celestes (Jl 2.31; At 2.20) oferece figuras do juízo (Jl 2.10; Is 13.10; *cf.* Jó 18.5) e da redenção (Jl 3.15 [4.15]) divinos. A bênção de Deus é assim descrita: "a luz brilhará em teus caminhos" (Jó 22.28). Deus, a lâmpada de Davi, brilhará e iluminará suas trevas (Sl 18.28 [29]). Um rei bom, que é uma representação terrena de Deus, também brilha esplendorosamente (2 Sm 23.4). Ezequiel utiliza a raiz *nāgah* para representar a glória de Deus (Ez 1.4; 10.4). Para Isaías, os regenerados que estão nas trevas do sofrimento momentâneo (Is 50.10) serão visitados por um rei que será a fonte de verdadeira/eterna luz (Is 9.2 [1]; Ml 3.20 [4.2]; Jo 1.9; 8.12; Lc 1.78-79). As nações se arrebanharão em torno dele quando ele sentar-se entronizado na Jerusalém espiritual/eterna — na igreja [ou no milênio ou no próprio céu ou em todos os três! R.L.H.] (Is 60.3; Hb 12.22; Ap 21.23; 22.5). Deus se compromete a fazer com que a justiça dos eleitos jorre com resplendor (Is 62.1; em paralelo com *lappîd*, "tocha").

nōgah. ***Brilho, resplendor.*** Este substantivo refere-se ao resultado de *nāgah*. Ocorre 19 vezes.

L.J.C.

1291 נגח (*nāgah*) ***empurrar, arremeter, chifrar*** (*e.g.*, Êx 21.28, 31-32; Dt 33.17).

Termo Derivado

1291a נָגָּח (*naggāh*) ***(animal) dado a chifrar*** (Êx 21.29, 36).

נָגִיד (*nāgîd*). Veja o nº 1 289b.

נְגִינָה (*n'gînâ*). Veja o nº 1 292.1a.

1292 נגל (*ngl*). Aceita como raiz de:

1292a מַגָּל (*maggāl*) ***foice*** (Jr 50.16; Jl 4.13).

1292.1 נָגַן (*nāgan*) ***tanger (um instrumento de cordas).***

Termos Derivados

1292.1a נְגִינָה (*n'gînâ*) ***música (de instrumento de cordas), cântico, canção satírica.***

1292.1b מְנַגִּינָה (*mangînâ*) ***canção zombeteira*** (Lm 3.63, somente).

O verbo *nāgan* ocorre junto com "canção" ou "cantores" em Salmos 33.3; 68.25 [26]

e Isaías 23.16. Parece que Salmos 68 faz distinção entre os cantores e os músicos (*nôg'nîm*), estes acompanhados das virgens que tocavam tamborins. A harpa (*kinnôr*) é o instrumento tocado em 1 Samuel 16.16; Salmos 33.2-3; Isaías 23.16. Salmos 33.2 também menciona a lira de dez cordas. Davi tocou harpa para Saul a fim de ajudar a acalmar o rei quando um espírito maligno veio sobre ele, mas seus esforços não foram de todo bem-sucedidos (1 Sm 16.16, 18, 23; 18.10; 19.9). Eliseu pediu que um músico tocasse para ele, de modo que a mão do Senhor viesse sobre ele (2 Rs 3.15). Ezequias anteviu que se tocariam músicas no templo para dar graças por sua cura (Is 38.20). Em Salmos 33.3 o salmista desejou que se tocasse com toda habilidade e se gritasse de alegria durante o louvor ao Senhor.

n'gînâ. ***Música, cântico, canção satírica.*** Este substantivo refere-se a músicas agradáveis em Salmos 77.6 [7] e a música exultante em Lamentações 5.14, mas em outras passagens tem o mesmo sentido de *mangînâ*, "canção zombeteira" (Lm 3.14; Jó 30.9). Em Salmos 69.12 [13] esta é a música dos embriagados. Em sete salmos *n'gînôt* aparece no cabeçalho, indicando que se devia usar instrumentos de cordas (cabeçalho dos salmos 4; 6; 54; 55; 61; 67; 76 [no texto hebraico o cabeçalho é sempre o versículo 1]; *cf.* Hc 3.19). A ARC emprega a transliteração: "sobre Neginote". Quanto a outros termos afins, veja-se *selâ*.

H.W.

1293 נגע (*nāga'*) ***tocar, alcançar, ferir.***

Termo Derivado

1293a נגעה (*nega'*) ***golpe, praga, doença.***

A raiz *ng'* fala do relacionamento que se estabelece quando uma coisa (ou pessoa) encosta fisicamente em outra. Quanto a sinônimos, veja-se *nāgap*. As muitas conotações do vocábulo exigem, às vezes, diferentes traduções, por exemplo, "alcançar", "ferir", *etc.* O verbo ocorre 150 vezes.

O sentido básico de *nāga'* é "tocar". Pode referir-se a uma coisa tocando (isto é, encostando) em outra (Is 6.7; 16.8; Os 4.2), a um homem tendo contato com uma coisa (Êx 19.12) ou entrando numa área (Et 6.14), e a Deus tocando num homem (Dn 8.18) ou numa coisa (Sl 144.5). Deve-se dar especial atenção a Salmos 88.3 [4], onde o salmista faz paralelo entre "alma ... cheia de angústias" e "vida [que] se aproxima do Sheol" (*cf.* Leonard J. COPPES, Sheol: what is it?, *Covenanter Witness*, 4 fev. 1976, p. 14 e ss.). Nessa passagem o salmista, reconhecendo que Deus criou a situação em que se encontrava, ora para que ele a mude (*cf.* Sl 107.18). Usa-se a palavra num contexto ritualista: coisas santas (pertencentes a Deus, Êx 19.13.Lv 12.4; Nm 4.15) não devem ser tocadas por pessoas não autorizadas. As coisas não santas também sofrem restrições (Nm 19.16, 22; Is 52.11). A possível razão para isso é que encostar em algo é o mesmo que estender sua autoridade sobre tal coisa. Certamente os mandamentos explícitos dados por Deus sobre o que podia e o que não podia ser legitimamente tocado (Ag 2.12) devem desfazer qualquer suspeita de magia ou animismo. Isso levanta uma indagação acerca da fala de Eva em Gênesis 3.3. Ela estava exagerando (*KD*) ou simplesmente relatando?

Emprega-se a raiz hiperbolicamente em relação com os culpados merecedores de castigo (qal, Jr 51.9) e com a ira ímpia (hifil, 2 Cr 28.9). Afirma-se que as duas atingem os céus, isto é, são extremamente grandes (Sl 57.11 [12]; 108.5 [6]), ou mesmo infinitas.

Outro uso especial tem a conotação de coabitação. É neste sentido que Abimeleque declara que não havia tocado em Rebeca (Gn 20.6). Provérbios diz que todo aquele que tocar uma adúltera (isto é, for até essa mulher e mantiver relações com ela) será castigado (6.29). Boaz instrui seus empregados a não "tocar" em Rute (2.9, ARA; IBB, "molestar").

Com freqüência o verbo tem o sentido de estender a autoridade sobre alguém, reivindicando tal pessoa como sua ou infligindo-lhe um golpe (fatal ?; Jr 4.10, 18; Jó 1.19; 5.19). Deus proíbe que as pessoas atinjam seus profetas (1 Cr 16.22), seu povo (Zc 2.8 [12]) ou sua herança (Jr 12.14). Estes são santos e lhe pertencem (cf. uso ritualístico). Deus toca nos iníquos com justo juízo (Gn 12.17; 32.25 [26]; 1 Sm 6.9). No entanto, o salmista (73.14) e Jó (19.21) queixam-se da justiça de Deus. Espectadores considerarão o Messias castigado com justiça por Deus (Is 53.4). O toque divino é muitas vezes benéfico, capacitando a pessoa para o serviço (Is 6.7; Dn 10.16; Jr 1.9). O toque divino sempre revela o seu poder, quer ele toque nas montanhas (Sl 104.32; cf. Am 9.5), num sacrifício (Jz 6.21; *cf.* 2 Sm 23.7) ou em homens (1 Rs 19.7; 1 Sm 10.26).

nega'. ***Golpe, praga, doença.*** Este substantivo refere-se a um golpe físico ou ao castigo que um suserano aplica em um vassalo. Geralmente é Deus quem desfere a punição e/ou a enfermidade. A grande maioria dos usos da palavra é encontrada em Levítico 13 e 14 e diz respeito a doenças contagiosas ali descritas, *cf. tsāra'at*, "lepra". O substantivo possui muitos sinônimos, por exemplo, *negep*, *maggēpâ* (derivado de *nāgap*, "golpear", "ferir"), com ênfase numa ação mais enérgica e numa conseqüência mais séria, *deber*, um termo genérico para pragas ou pestes, *makkâ*, doença ou ferimento resultante de castigo (veja J. D. DOUGLAS, Praga, pestilência, em *NDB*). O substantivo ocorre 78 vezes.

Quanto ao sentido de "golpe", a palavra pode designar aquele que é dado numa briga (Dt 17.8; 21.5; ARA, "violência") ou aquilo que um pai aplica no filho como merecido castigo. Muitas vezes Deus é visto como o Pai que inflige castigo. Ele declara sua intenção de "ser pai" para Davi (2 Sm 7.14), para todos os seus filhos (Sl 89.32 [33]) e para todos os verdadeiros crentes (At 15.16 e ss.; Hb 12.3 e ss.). Os adúlteros são postos especialmente à parte para receberem o castigo divino (Pv 6.33) como também ocorre com os reis de Gerar (Gn 12.17) e do Egito (Êx 11.1). Não se pode deixar de pensar que, para Deus, a lepra (*tsāra'at*, *q.v.*) não era uma doença "neutra", mas uma forma de castigo (Lv 13 e 14; *cf.* Nm 12.10). Os homens olharao para o Messias, que vicariamente sofreu o castigo divino (Is 53.8). As pessoas que sabiam da promessa divina de punir bem podiam evitar aqueles que são disciplinados de forma tão ostensiva por causa de seu pecado sem arrependimento (Sl 38.11 [12]). A pessoa castigada pode e deve suplicar a Deus perdão e suspensão do castigo (1 Rs 8.38; Sl 39.10 [11]; Tg 5.13 e ss.). Deus não apenas pode mas também quer atender tal pedido (Sl 91.10).

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 37-8.

L.J.C.

1294 נָגַף (*nāgap*) ***golpear.***

Termos Derivados

1294a נֶגֶף (*negep*) ***golpe, praga.***
1294b מַגֵּפָה (*maggēpâ*) ***golpe, peste.***

Esta raiz indica um golpe, em geral aplicado por Deus, fatal ou calamitoso. Quanto a sinônimos, veja-se *nāga'*. Observem-se também as palavras paralelas deste verbo: *kātat*, "esmagar", "moer" (Sl 89.23 [24]), e seus efeitos, *nus*, "fugir" (Lv 26.17), *mût*, "morrer" (2 Cr 13.20), *'ānash*, "ficar doente" (2 Sm 12.15). O verbo ocorre 48 vezes.

Emprega-se o verbo em Êxodo 21.22 para designar uma pancada dada com dolo e capaz de provocar a morte (v. 35). Se um golpe destes acidentalmente atingir uma mulher grávida, provocando um nascimento prematuro e não um aborto, não há aplicação da pena de morte (MM). Esta interpretação é fortalecida pela proximidade das frases "fazerem seu filho sair" (lit.; ARA, "forem causa de que aborte") e "e sem haver nenhum acidente que implique morte" (lit.; *cf. KB*, palavra empregada em Gn 42.4 para designar morte acidental; ARA, "porém sem maior dano"), e também pelos versículos 23-25. Veja-se a NIV, "e ela der à luz prematuramente", e a nota de rodapé, "Ou. 'e ela abortar'". Este é um versículo proeminente no ensino bíblico acerca do aborto.

Em algumas passagens a raiz designa a ação de dar uma pancada dura com os pés nas pedras. A sabedoria leva a pessoa a andar em segurança (Pv 3.23). Aliás, Deus promete ajuda angelical para proteger os piedosos (Sl 91.12). A infiel Judá é conclamada ao arrependimento por meio da ameaça do exílio que os profetas descreveram como um constante "tropeçar ... nos montes tenebrosos" (Jr 13.16) No *eschaton* todos os inimigos de Deus "tropeçarão" no Messias, a pedra de tropeço (*negep* é empregado em paralelo sinônimo com *mikshôl*, "de tropeço").

negep. ***Golpe, praga, pancada.*** Este substantivo geralmente tem a conotação de golpe ou praga mortal infligidos como castigo divino. Observe-se especialmente Isaías 8.14. *negep* ocorre sete vezes.

maggēpâ. ***Golpe, peste, derrota, praga.*** Em 2 Crônicas 21.14 temos um caso de cognato acusativo (*nōgēp maggēpâ*), onde se deve entender *nōgēp* não como "praga", mas como "golpe" (ARA, "flagelo"; *cf.* Ez 24.16). Este substantivo é, com freqüência, empregado para designar a pancada ou golpe (o efeito da ação de *nāgap*) que resulta da retribuição divina. Entretanto, nem sempre esse é o caso (Ez 24.16). Quanto a sinônimos, veja-se *nega'*. O substantivo ocorre 25 vezes.

As pragas do Egito (chamadas tanto de *negep* quanto de *maggēpâ*, Nm 16.46 e ss., [17.11 e ss.]), desferidas para traspassar o coração de Faraó (Êx 9.14), derradeiramente atingiram seu objetivo na forma da última praga (Êx 12.23). A lembrança daquele juízo divino contra a rebelião humana cristalizou-se na Páscoa (Êx 12.27), na memória nacional (Js 24.5) e no sistema legal (*cf.* Lv 26.17; Dt 28.25). Embora fosse constantemente advertido, Israel desviou-se repetidas vezes (*e.g.*, Êx 32.25; Nm 14.42) e, por fim, foi ferido por Deus. Esta rebelião exigia expiação em favor da pecaminosidade (Êx 30.12) e do pecado (Nm 16.46 e ss. [17.11 e ss.]) sempre presentes. No *eschaton*, porém, os golpes/pragas produzirão arrependimento por parte do Egito (Is 19.22), aliás, todos os inimigos de Deus se arrependerão ou perecerão (Zc 14.12 e ss.).

L.J.C.

1295 *נָגַר (*nāgar*)

1295 *נגר (*nāgar*) ***derramar*** (somente no nifal e no hifil).

Este verbo descreve o entornar água no chão (2 Sm 14.14). É paralelo de *gālâ* (*q.v.*, Jó 20.28), *yārad* (Lm 3.48-49), e o derretimento de cera ao fogo (Mq 1.4). Quanto a sinônimos, vejam-se *nāba'*, *etc.* O verbo ocorre dez vezes.

Emprega-se este vocábulo em figuras de linguagem acerca de pranto e de juízo. Em 2 Samuel 14.14 declara-se que o povo de Israel é que é derramado (em pranto) como água entornada no chão, ou seja, estando perto de morrer. Figura de linguagem semelhante aparece em Lamentações 3.49 acerca do pranto de Israel por causa do exílio (*nagar* e *pûg*, *i.e.*, o choro não cessa). Seria possível que uma tradução adequada de Salmos 77.2 [3] fosse "minha alma [*i.e.*, *yad*, 'mão', simboliza, força, poder, Sl 89.48 [49]] se derrama de noite e isso não cessa" (Gn 45.26)? Quando aplicada ao juízo, esta raiz refere-se ao "derrame" dos bens do iníquo (Jó 20.28, esta é a sua verdadeira herança, *nahālâ*) e das montanhas da terra (Mq 1.4, 6) — como conseqüência da ira divina (Sl 75.8 [9]). É possível que Salmos 63.10 [11] tenha a conotação de "entornar" a lâmina (*yad*) da espada, isto é, os ímpios hão de morrer. Edom é julgado por matar sem piedade, implacavelmente, os eleitos de Deus (Ez 35.5), ao passo que o pecado de Israel desperta em Jeremias uma justa indignação (Jr 18.21).

L.J.C.

1296 נָגַשׂ (*nāgaś*) ***cobrar, oprimir.***

Esta raiz tem a conotação de fazer pressão para exigir pagamento ou trabalho. Um sinônimo próximo é *nāshā'/nāshâ* (mas apenas com referência à devolução de dinheiro). O particípio ("capataz", "feitor de escravos") faz um certo paralelo com *sar mas* (Êx 1.11), o chefe dos trabalhos forçados. O verbo ocorre 23 vezes.

O sentido básico da raiz se vê em Êxodo 3.7, em que tem o sentido de "superintendentes" egípcios (ARA, "exatores", mas "superintendentes" em 5.6). Eles receberam ordens para não fornecer palha para os israelitas, mas manter a produção (vv. 10, 13). Eles espancam os "capatazes" (*shōṭ'rîm*) quando as exigências de Faraó não são cumpridas (5.14). "Opressão" semelhante se vê no tributo (Is 14.4; 2 Rs 23.35) exigido à força (*cf.* Dn 11.20). Um "feitor" podia ser igualmente exigente (Jó 3.18; 39.7). Os filhos de Judá iriam assumir esta função (Is 3.12). O Messias acabaria com toda essa opressão (Is 9.4 [3]; Zc 9.8), embora ele próprio iria suportá-la em silêncio a fim de operar a salvação (Is 53.7; *cf.* Êx 3.7). Seu sofrimento faria com que os piedosos fossem alçados à condição de governantes (isto é, de opressores de seus inimigos, conforme interpreta-o *KD*, Zc 9.8; Is 14.2). Estes, por sua vez, responderiam com paz e retidão (Is 60.17).

A lei do ano sabático determinava que os credores não exigissem pagamento naquele ano (*KD*, Dt 15.2-3) a não ser de estrangeiros (*cf.* Is 3.5).

L.J.C.

1297 נָגַשׁ (*nāgash*) ***chegar perto, aproximar-se de.***

Esta raiz tem o sentido de chegar bastante perto do objeto. Mas, ao contrário de *qārab*, seu sinônimo mais próximo, ela geralmente não indica um contato real. Quanto a outros sinônimos, veja-se *qārab*. Quanto a cognatos, vejam-se o ugarítico *ngt* e a forma

variante *ngsh* (*UT* 19: nº 1 611). Observe-se *nāgas*, "pressionar", "exigir". Esta raiz ocorre 125 vezes.

O uso simples da raiz tem a conotação de proximidade, ou seja, suficientemente próximo para encostar (Gn 27.21; 29.10), comer (Gn 27.25), beijar (Gn 27.27), abraçar (Gn 48.10). Quando empregada num contexto militar (*cf. qārab*), muitas vezes se faz acompanhar de "pelejar" (*cf.* Jz 20.23, lit., "tornaremos a aproximar para pelejar...?"; 1 Cr 19.14). Mas nem sempre isto é verdade. Em Joel 3.9 [4.9] *nāgash* tem o sentido de ser arregimentado para o combate (paralelo de *'ārak* [2.5], *q.v.*) e aparece junto de *bô'* (*q.v.*). Veja-se 1 Samuel 17.16, 40. A raiz também pode ter o sentido de participação no próprio combate e o seu resultado. De maneira que, em Ezequiel 9.6, os eleitos assinalados com uma marca (*tāw*) não devem ser mortos (*hārag*, paralelo de *'al nāgash*). Israel, que com muito orgulho se ufana de que a morte (espada) não o alcançará nem o encontrará, é condenado por Deus (Am 9.10). Por este motivo, o soberano Deus da aliança dirige e controla a espada, mantendo os eleitos em segurança mesmo no meio da guerra (Sl 91.7) e castigando os iníquos.

Pode-se usar a raiz para indicar o aproximar-se de uma pessoa de posição elevada com todo o respeito que lhe é devido (Gn 43.19; 45.4; 2 Rs 5.13). Deus diz que um rei oriundo de seu povo se aproximará dele no *eschaton* (Jr 30.21). Os homens aproximam-se de Deus por meio de seus servos a fim de aprender a vontade divina (Jr 42.1; *cf.* o uso de estola sacerdotal, 1 Sm 23.9, e de sortes, 1 Sm 14.38). Nestes usos Deus é representado como rei e juiz. Às vezes é difícil discernir a linha divisória entre aproximar-se do servo e aproximar-se do próprio Deus (*cf.* Js 14.6, 21.1). No entanto, existem exemplos claros de chegar perto de Deus-Juiz, ou seja, entrar numa sala de tribunal preparado para apresentar uma defesa (Gn 18.23). Deus convoca os homens a vir e ouvir sua sentença (Js 3.9). O profeta Isaías causa bastante impacto ao empregar esta figura de linguagem de um tribunal para chamar Israel e as nações a prestar contas (Is 41.1, 21; 45.20-21). O servo do Senhor declara ousadamente que Deus é seu advogado perante seus inimigos. Ele não receia de forma alguma que demonstrem sua culpabilidade (Is 50.8).

Deus assenta-se como juiz sobre o seu povo (Js 3.9) e indica pessoas que irão representá-lo nesta função (Êx 24.14; Dt 25.1). Elias convoca o povo a, num julgamento, servir de testemunha em sua controvérsia com os profetas de Baal (1 Rs 18.30).

Os homens também devem-se aproximar de Deus, o grande rei e juiz, na qualidade de grande e santo salvador. Por conseguinte, o vocábulo é usado num contexto de adoração pública. Para aproximar-se devidamente de Deus é preciso purificação (Êx 19.22; 20.21; 28.43; 30.20; Lv 21.21) e ser designado para tanto (*e.g.*, Nm 4.19). A palavra é permutável com *qārab* I (*q.v.*), ambas representando tanto a apresentação de uma oferta aos sacerdotes (Lv 8.14) quanto a apresentação da oferta pelos sacerdotes perante Deus (Lv 2.8). À semelhança de Jeremias (12.2, *qārab*), Isaías (29.13) fala do descontentamento de Deus com o fato de seu povo estar perto dele com os lábios mas bem longe no coração. Malaquias utiliza seis vezes o vocábulo e sempre com o sentido de apresentar uma oferta (*e.g.*, 1.7-8).

Esta raiz, assim como *qārab* I, é usada em Êxodo 19.15 para referir-se a relações sexuais.

L.J.C.

1298 *נָדָא (*nādā'*)

נֹד (*nōd*). Veja o nº 1 319a.

נֵד (*nēd*). Veja o nº 1 301a.

1298 *נָדָא (*nādā'*) ***afastar, apartar.*** Ocorre apenas uma vez, no hifil (2 Rs 17.21).

1299 נָדַב (*nādab*) ***incitar, impelir.***

Termos Derivados

1299a †נְדָבָה (*n'dābâ*) ***oferta voluntária.***

1299b †נָדִיב (*nādîb*) ***nobre (adj.).***

1299c †נְדִיבָה (*n'dîbâ*) ***gesto nobre.***

A raiz *ndb* tem a conotação de uma ação livre e espontânea por parte da vontade para servir a Deus ou oferecer sacrifícios a ele. Ocorre em outros dialetos semíticos do noroeste e em amorreu como um nome próprio. *Cf.* o árabe *nadaba*, "chamar", "incitar", e *nāduba*, "ser nobre", "estar desejoso de". O sinônimo *'ābâ* indica a disposição (inclinação) de fazer algo por obrigação ou a pedido de outrem; *rātsôn*, uma disposição que dá satisfação àquele que faz; *hāpats*, uma obediência voluntária que combina com aquilo que é próprio e adequado ou uma disposição favorável; *yā'al*, um exercício da vontade própria para fazer algo. Vejam-se *'āwâ*, *yā'ab* e *tā'ab*. O verbo ocorre 17 vezes.

O verbo *nādab* ocorre três vezes no qal, cada uma delas descrevendo a atitude íntima daqueles que contribuíram para a construção do tabernáculo. Tais ofertas deviam ser feitas dos próprios recursos e dadas voluntariamente. As demais ocorrências estão no hitpael e são, por isso, reflexivas. A construção (1 Cr 29.5) e a reconstrução (2 Cr 35.8; Ed 1.6) do templo estimulou abundantes dádivas e sacrifícios voluntários (Ed 3.5) por parte do povo de Deus. É interessante que Débora elogia o povo (Jz 5.2) e os líderes (Jz 5.9) de Israel por oferecerem-se generosa e voluntariamente a Deus na guerra santa. Davi dirige-se a Deus a respeito das contribuições voluntárias para a construção do templo, confessando que Deus possuía tudo, até mesmo aquilo que estava nas mãos do povo, e que ele era bondoso em aceitá-las (1 Cr 29).

n'dābâ. ***Oferta voluntária.*** Este substantivo denota aquilo que é oferecido voluntariamente. É empregado três vezes como advérbio para qualificar ações. Outras palavras com sentido próximo são: *hinnām*, "grátis", "sem preço"; *nāqâ*, "livre de culpa"; *hāpash*, "não escravizado". O substantivo ocorre 26 vezes.

O substantivo *n'dābâ* refere-se a contribuições voluntárias (os objetos de *nādab*) para a construção do tabernáculo e do templo. Em Êxodo 36 o povo dá tanta contribuição voluntariamente que Moisés pediu que parassem de dar! Além do mais, este substantivo indica o sacrifício feito "por devoção, não por imposição ou por promessa" (*AI*, p. 417). Tais sacrifícios são um dos três tipos de ofertas "pacíficas" (*sh'lāmîm*; os outros dois são *nēder*, oferta voluntária, e *tôdâ*, oferta de ações de graça). Os *sh'lāmîm* "simbolizam a reconciliação com Deus que acompanha a expiação" (*PTOT*, p. 386). Nesta condição eles comemoram um estado de graça e bem-aventurança que é fruto de um relacionamento adequado com Deus. Ele determina e supervisiona os detalhes de todo o acontecimento,

agindo como anfitrião do banquete de comunhão. Como é o caso dos holocaustos, os mesmos animais são apropriados como sacrifício (à exceção de aves); tanto machos quanto fêmeas (mesmo aqueles com pequenos defeitos) são aceitos (Lv 22.23). O ritual tem o mesmo procedimento do holocausto. No *n'dābâ* uma parte do animal (toda a gordura em volta dos intestinos, os rins e o fígado bem como o rabo da ovelha) devem ser queimados no altar. Uma outra parte (o peito ou a coxa direita) é simbolicamente apresentada a Deus e comida pelos sacerdotes. O restante do sacrifício é consumido no prazo de dois dias (Lv 7.16) pelo ofertante, sua família e, talvez, alguns convidados (moradores desprovidos de recursos), todos os quais devem estar ritualisticamente puros (*AI*, p. 418).

Várias passagens que empregam esta palavra são dignas de nota por um ou outro motivo. Em Salmos 68.9 [10] Deus é louvado por restaurar sua herança ao enviar chuva voluntariamente. Relacionada a esta confissão encontra-se a idéia de que o Deus da aliança, Yahweh, concedeu prosperidade, mas não porque estivesse de alguma maneira obrigado a fazê-lo. O povo havia quebrado a aliança com Deus, e, apesar disso, ele os abençoou (Os 14.4 [5]). Em Salmos 110.3 o povo é a oferta espontânea. Em Salmos 119.108 é a oração que constitui tais ofertas voluntárias. Isto revela o tema constante de que Deus deseja obediência de coração (1 Sm 15.22; Os 6.6) mais do que uma multidão de sacrifícios (Am 4.5).

nādîb. ***Nobre, desejoso, inclinado.*** Esta palavra, que segue o paradigma do particípio passivo do qal, é empregada como substantivo e como adjetivo. O substantivo denota ou a pessoa que se caracteriza por sacrificar e/ou servir voluntária e espontaneamente a divindade, ou aquele que é responsável por tal atividade. Existem muitos sinônimos semanticamente próximos, e a maioria deles possui cognatos acadianos ou persas, por exemplo, *nāgîd*, "aquele que aparece ostensivamente", *nāsî'*, "aquele que é exaltado ou promovido", *nāsîk*, "aquele que é ungido" e, conseqüentemente, consagrado, *sar*, "autoridade superior, comandante". O uso de *nādîb* como substantivo tem ainda uma conotação de serviço voluntário na adoração pública (1 Cr 28.21; Êx 35.5, 22; 2 Cr 29.31) e/ou pessoal (Sl 51.12 [14]). A palavra ocorre 27 vezes.

O substantivo *nādîb* pode referir-se tanto a pessoas do povo (Êx 35.5) quanto a autoridades (1 Sm 2.8) como aqueles que voluntariamente servem ou deveriam servir a Deus. Estes últimos são contrastados com os indigentes (*dal* e *'ebyôn*, 1 Sm 2.8). A responsabilidade dessas autoridades é enfatizada quando são descritas como justas (Pv 17.26) e contrastadas com os insensatos (Pv 17.7). Sua posição social e econômica privilegiada é algo que provém de Deus (Sl 107.40) e, por conseguinte, as pessoas são conclamadas a não confiar nelas mas em Deus (Sl 146.3). Até mesmo autoridades gentias podem ser assim descritas (Sl 47.9 [10]).

n'dîbâ. ***Gesto nobre, porte nobre.*** Este substantivo denota aquilo que um *nādîb* faz (Is 32.8) ou aquilo que é típico dele (Jó 30.15). Ocorre três vezes.

L.J.C.

1300 נָדַד (*nādad*) ***I, partir, fugir, mover, vaguear.***

Termo Derivado

1300a נְדוּד (*n'dûd*) ***agitação (como em momentos de falta de sono)*** (Jó 7.4, somente).

O conceito de movimento, por vezes com um sentido de direção, ou seja, movimento de afastamento de algo ou alguém, é básico para o significado da raiz. Mas este sentido não aparece em todas as ocorrências da palavra.

Quando empregada com o significado de "movimento de afastamento de", a palavra possui vários modos de expressão, dependendo da forma do verbo ou do contexto em que aparece. Significa "fugir" no sentido de fugir de ameaça ou perigo (Is 10.31; 21.15; 22.3; 33.3; Jr 4.25; 9.9; Sl 68.12 [13]). Num sentido metafórico ela descreve o sono que foge dos olhos de alguém (Gn 31.40; Et 6.1). O sentido "partir" também ocorre no cognato ugarítico (*UT* 16: texto 52:93; *'nt* I.8).

No hifil o verbo tem o sentido de "expulsar" ou "afugentar" (Jó 18.18; 20.8). O mesmo conceito é inerente à forma participial do qal, "fugitivo" (Is 16.3; 21.14). A palavra também tem a conotação de vaguear, andar sem rumo ou desgarrar-se (Jó 15.23; Sl 55.7 [8]; Is 16.2; Os 7.13; 9.17). Também usa-se a palavra com referência ao bater das asas de filhotes de pássaros em Isaías 10.14, sem uma clara menção ao fato de voarem. Tendo em vista o uso de *nādad* com o sentido de voar em Naum 3.17, talvez seja usado em Isaías 10.14 num sentido associativo. Entretanto, este uso e o uso inerente na forma substantiva (*n'dud*) indicam que o movimento direcional não é essencial ao significado da palavra.

T.E.M

1301 נדד (*ndd*). **II. Aceita como raiz de:**

1301a נֵד† (*nēd*) ***montão.***

A ARA emenda as vogais do texto de Isaías 17.11 de forma a ler a forma verbal *nad* (de *nādad*, "fugir", "voar") em vez do substantivo em questão. Caso esta emenda, que é também adotada por outras versões, seja válida, então este substantivo, em suas cinco outras ocorrências, faz referência a águas contidas ou represadas.

Deve-se distinguir esta palavra de *gal*, monte de pedras; *'î*, monte de pedras que constituem os destroços de algo; *'ărēmâ*, um ajuntamento ou um monte de algo em ruínas; e *tēl*, uma colina formada de ruínas.

Gesenius-Buhl, *BDB* e *KB* oferecem duas raízes semíticas para as consoantes *ndd* porque em árabe o verbo *nadda*, "fugir", corresponde ao hebraico *nādad*, "fugir", e o substantivo árabe *naddun*, que denota "colina elevada", provavelmente tem relação com este substantivo.

O substantivo designa as águas que tiveram limites estabelecidos pela criação (Sl 33.7); as águas do *yām sûp*, quando elas se represaram dos dois lados enquanto os israelitas atravessavam pelo meio delas (Êx 15.8; *cf.* 14.22, 29); e as águas a montante do rio Jordão, na altura de Jerico, onde os israelitas o atravessaram à época da conquista (Js 3.13, 16). O episódio da travessia do Jordão a seco é um milagre do controle divino de algo possível na natureza, visto que a região próxima de Adã possui condições geológicas que poderiam resultar num deslizamento de terra capaz de represar o rio. E, de fato, segundo relatos existentes, algo assim ocorreu em 1227 d.C. (durante 16 horas) e em 1927

(por duas horas e meia; *cf.* J. M. HOUSTON, Jordan, In *NDB*, p. 858).

A palavra é teologicamente importante porque fala do controle soberano do Senhor sobre a criação na medida em que ele faz acontecer a sua vontade sobre a terra.

B.K.W.

1302 *נָדַד (*nādâ*) ***I, deitar fora, jogar fora.***

Termos Derivados

1302a †נִדָּח (*niddâ*) ***imundície (menstrual), posto de lado.***

1302b נִדָּה (*nîdâ*) ***imundície.*** Ocorre somente em Lamentações 1.8.

O verbo *nādâ* significa "excluir" (Is 66.5; ARA, "lançar para longe") e "recusar-se a pensar em" (Am 6.3; ARA, "imaginar"). Ocorre apenas no piel. O sinônimo *gārash* é usado com maior freqüência. O ugarítico *ndy* é paralelo de *grsh* (*UT* 19: nº 1 616; *cf.* acadiano *nadû*, "atirar", "abandonar").

niddâ. ***Imundície (menstrual), posto de lado, separação, coisa imunda.*** Palavra derivada de *nādad* segundo *BDB*, mas de *nādâ* conforme *KB*. Na literatura legal usa-se a palavra basicamente para descrever a impureza ritual experimentada pela mulher durante a menstruação ou devida a parto, duas funções geralmente associadas com a impureza decorrente de emissões ou secreções do corpo (Lv 12.2, 5; 15.19-20, 26).

Tudo aquilo sobre o que uma mulher menstruada se deitasse ou se sentasse era declarado ritualmente imundo (*niddâ*). A impureza expressa por esta palavra também alcançava a menstruação anormal, tais como períodos menstruais prolongados ou irregulares (Lv 15.25, 33).

Ezequiel aplica a palavra ao período menstrual em sua descrição do homem justo, que, dentre outras coisas, não tem relações com uma mulher durante seu período de menstruação (Ez 18.6; 22.10; uma lei baseada em Lv 18.19). Veja-se também Ezequiel 22.10.

Metaforicamente, o conceito de impureza ritual do período menstrual foi usado por Ezequiel para descrever a natureza do pecado de Israel (36.17). Fundamental ao uso metafórico do termo é o conceito de repugnância que é inerente ao sentido físico da palavra. Esta é usada para designar dinheiro inútil jogado na rua como coisa repugnante (Ez 7.19-20). É aplicada aos pecados mais repulsivos de Israel (Zc 13.1; Ed 9.11; 2 Cr 29.5).

Utiliza-se a palavra na expressão técnica "água de impureza" (lit., Nm 19.9, 13, 20-21; ARA, "água purificadora"), uma água utilizada na cerimônia de purificação da contaminação por contato com cadáver.

Bibliografia: — HARRIS, R. Laird, *Man — God's eternal creation,* Moody, 1971, p. 143.

T.E.M.

1303 נדה (*ndh*). **II. Aceita como raiz de:**

1303a נִדָּה (*nedeh*) ***presente*** (Ez 16.33, somente).

1304 נָדַח (*nādah*)

נָדוּד (*n'dûd*). Veja o nº 1 300a.

1304 נָדַח (*nādah*) ***compelir, expulsar, banir, arrojar.***

Termo Derivado

1304a מַדּוּחַ (*maddûah*) ***sedução*** (Lm 2.14, somente).

A raiz *ndh* refere-se à ação de expulsar ou repelir algo à força. *Cf.* os sinônimos *dāhâ* e *dāhah*, que parecem ser grafias variantes (talvez dialetais) da raiz ou raízes derivadas. Existe, contudo, um cognato árabe tanto para *nādah* quanto para *dāhâ*. Outros sinônimos são: *gārash*, "expulsar alguém de sua morada ou lar" e, por conseguinte, "divorciar"; *nādap*, "repelir ou lançar fora", isto é, aquilo que o vento faz com a palha ou a fumaça; *nāhag*, "levar ou conduzir pessoas ou animais a um destino pretendido"; *puṣ*, "espalhar", "dispersar". Alguns antônimos desta raiz são: *kinnēs*, *qibbēts* e *shûb* (vejam-se todos). A raiz ocorre 55 vezes.

O sentido básico da raiz surge em Deuteronômio 19.5; 20.19, onde indica a ação de brandir um machado, isto é, impelir algo para longe de si. Davi utiliza esta mesma figura marcante quando fala da catástrofe que Absalão pretende fazer cair sobre ele (2 Sm 15.14) e que os iníquos pretendem infligir nos justos (Sl 62.4 [6]; observe-se o uso de *dāhâ*, v. 3 [4]).

A raiz também descreve a força do vento que sopra para longe um enxame de gafanhotos (Jl 2.20). Contudo, a figura mais empregada com *nādah* é a de um rebanho de ovelhas. As vezes o agente que dispersa as ovelhas não é especificado (Dt 22.1); às vezes são leões (Jr 50.17) ou homens (Is 13.14; *cf.* Jó 6.13). Os agentes também podem ser pastores ineptos, que são culpados não de negligência (de sorte que as ovelhas se extraviam), mas de fazer exatamente o oposto daquilo que se espera que façam (*i.e.*, dispersam as ovelhas e/ou conduzem-nas para o erro, Ez 34.4; *cf.* Pv 7.21). Por isso, Deus adverte o seu povo contra falsos profetas que o afastariam dele (Dt 13.5 [6]). Tais pastores devem ser apedrejados; aliás, se toda uma cidade for atrás daquele profeta, tal cidade deve ser destruída (Dt 13.13 [14]). Se a nação toda for assim desencaminhada, Deus a colocará para fora da terra (Dt 30.17). Jeroboão (2 Rs 17.21), Acabe (2 Cr 21.11) e, finalmente, todos os líderes de Israel (Ez 34.4) são condenados por serem maus pastores. Observe-se a ironia de Jeremias 27.10, 15! Os israelitas são advertidos de que não são meras ovelhas, mas responsáveis perante Deus para não se deixarem desviar por falsas religiões (Dt 4.19) tampouco por falsos líderes religiosos.

Deus é o grande pastor que renegará e banirá o rebanho caso este siga falsos e maus profetas (Dt 30.17). Serão expulsos de sua presença e lançados nas densas trevas (Is 8.22) do cativeiro numa terra estranha, onde serão motivo de zombaria (Jr 24.9), comerão comida imunda (Ez 4.13), preferirão a morte e muitos morrerão (Jr 8.3). Deus, porém, promete apenas refiná-los e não destruí-los totalmente (Jr 46.28). Uma vez mais (Jr 30.4) o Grande Pastor fará o seu rebanho purificado retornar (*cf.* os 40 anos de peregrinação) a estes campos verdejantes (Palestina, Jr 16.15; *cf.* Sl 23), assim que se arrependerem (cf. Ne 1.9; Ez 34.16; Jr 29.14). Miquéias também emprega esta figura num contexto claramente messiânico (4.6; *cf.* Sl 147.2 [3]). Deus, o Grande Pastor, reúne o seu rebanho e dele cuida. Também castiga seus antigos opressores (Jr 46.28), firma na sua graça para

sempre aqueles que são seus (Sf 3.19; *cf.* Jr 24.9; Is 11.12) e estende sua graça para além dos descendentes físicos e ritualmente inculpáveis do povo de Israel (Is 56.8). Esta figura do bom pastor é bem conhecida devido aos ensinamentos de Jesus (Jo 10) e prefigura a função e o alvo do ancião do NT (At 20.17, 28 e ss.; Tito 1.7, *etc.*).

L.J.C.

נָדִיב (*nādîb*). Veja o nº 1 299b.

1305 נָדָן (*nādān*) ***I, presente.*** Ocorre somente em Ezequiel 16.33. Vocalização incerta. Palavra provavelmente relacionada com a raiz *nātan*, "dar".

1306 נָדָן (*nādān*) ***II, bainha.*** Somente em 1 Crônicas 21.27, um empréstimo lingüístico do persa.

1307 נָדַף (*nādap*) ***dissipar, dispersar.***

Este verbo designa aquilo que o vento faz com a palha e a fumaça. É palavra que faz paralela do verbo que indica a ação divina de espalhar os inimigos, o que resulta na sua fuga (Sl 68.2 [3]; *cf.* Jr 13.24). Quanto a sinônimos, veja-se *nādah*. O vocábulo ocorre nove vezes.

Geralmente a raiz ocorre em figuras que falam do juízo. Especialmente digna de nota é a ocorrência em Levítico 26.36, em que se sanciona a lei com a ameaça de que a desobediência, por Israel, resultaria na debandada de Israel diante de seus inimigos (*cf. nus*). O salmista emprega uma figura semelhante para referir-se ao destino dos iníquos em face do juízo divino. Aqui o próprio Deus é o "vento" (Sl 1.4). Davi pede a Deus para "dispersar/dissipar" seus inimigos (Sl 68.2 [3], o mesmo verbo é usado duas vezes, e traduzido pela ARA por dois verbos diferentes; observe-se o paralelo com cera que derrete na presença do fogo). Isaías adverte o Egito acerca do juízo iminente ao descrever a destruição total do Nilo e da vegetação ao longo das suas margens. Aqui a palavra aparece entre "se secará [*yābēsh*]" e "não subsistirá" (Is 19.7). O auxílio divino fará de Ciro um arco ou uma espada formidáveis nas mãos de Deus (Is 41.2).

L.J.C.

1308 נָדַר (*nādar*) ***fazer um voto.***

Termo Derivado

1308a †נֶדֶר (*neder*), נֵדֶר (*nēder*) ***voto, oferta votiva.***

A raiz tem a conotação do ato de verbalmente consagrar (dedicar ao serviço) a Deus, isto é, fazer o voto de realizar algo (Gn 28.20 e ss.), de fazer uma oferta (Lv 27) ou de abster-se de fazer alguma coisa (Sl 132.2 e ss.). *Cf.* especialmente *'ālâ*, a enunciação em geral de juramentos e maldições e que é parte daquela categoria mais ampla (*cf. qālal*), *'asar*, "estar obrigado a/comprometido com" (*cf. 'ĕsār/'issār*, "obrigação", Nm 30.2 [3], *etc.*), *ḥrm*, "dedicar algo à destruição", e *shāba'*, "fazer uma declaração solene ou

promessa" (com um juramento em que se invoca a Deus e se empenha algo de valor). *Cf.* cognatos ugaríticos (*UT* 19: nº 1 618; *AisWUS* 1 758) e fenícios (*KAI*, p. 16) com o mesmo significado. O verbo ocorre 31 vezes.

nēder. ***Voto, oferta votiva.*** Em Levítico 7.16; 22.18, o substantivo denota a coisa ofertada (BJ, "sacrifício votivo"; mas ARA, "voto", BLH, "promessa"). Este substantivo indica ou o resultado de *nādar*, isto é, um voto, ou a coisa oferecida para cumprir um voto. Quanto a sinônimos, veja *o nādab*. Tal como para o verbo, há cognatos para este substantivo em ugarítico e fenício (veja-se acima). O substantivo ocorre 59 vezes.

nēder ocorre nas listas de sacrifícios (*e.g.*, Dt 12.6, 11) como uma espécie de oferta pacífica (Lv 7.16). Uma descrição mais detalhada aparece em Números 30.3 [4], onde para *nādar* (verbo) um *nēder* (subst.) é, literalmente, "jurar um juramento" (um caso de cognato acusativo, *hishshāba' sh'bu'â*; *cf.* Sl 132.2) e comprometer-se com aquilo que procede da própria boca. Um *nēder* é algo prometido verbalmente a Deus (Nm 30.4 [5]). Se alguém faz uma promessa dessas, está obrigado a cumprir a promessa (Dt 23.22). Na maioria dos casos, o contexto mostra que o voto deixa implícita uma dádiva prometida em sacrifício e não simplesmente algumas ações, como está implícito na nossa palavra "voto". Na Bíblia o "voto" é sempre à deidade, jamais uma promessa de uma pessoa a outra. Devem-se evitar votos precipitados (Pv 20.25; *cf.* Jz 11.30), porque fazê-los é insensatez no pleno sentido da palavra (Ec 5.4 [3] e s.). Ninguém, contudo, está obrigado a fazer um voto (promessa) a Deus, pois deixar de fazê-lo não constitui pecado (Dt 23.23 [24]). Um *nēder* é uma espécie de oferta de ação de graças (feita até mesmo pelos gentios, Na 1.15 [2.1]) que alguém promete fazer (Sl 116.14, 18) como retribuição a um favor divino (Nm 21.1-3) ou como expressão de zelo e devoção piedosa e como louvor por uma oração respondida (Sl 22.25 [26]). Há felicidade quando se cumpre devidamente um voto (Jó 22.27).

Praticamente qualquer coisa que não seja já de Deus (Lv 27.26; observe-se o desenvolvimento do conceito de dízimo, Gn 31.13) nem uma abominação para ele (Dt 23.18 [19] — como os salários de prostituição masculina ou feminina; *cf.* Pv 7.14) pode ser prometida a Deus num voto. A pessoa pode até mesmo fazer o voto de dar-se a si mesma para o serviço ou de dedicar outrem ao serviço e pode também resgatar-se ou ser resgatada, oferecendo a Deus algo de valor igual ao seu serviço, mas ficando livre para levar a sua própria vida (Lv 27.2 e ss.). Animais limpos dados em pagamento de votos eram apresentados como ofertas votivas, menos quando não cumprissem as exigências especificadas na lei (Lv 27.9 e ss.; *cf.* 22.18 e ss.; *nādab*). Neste caso o ofertante também podia apresentar uma segunda oferta aceitável. Ambos os animais eram, no entanto, santos (Lv 27.9 e ss.). Um era sacrificado, e o outro tornava-se propriedade do sacerdócio (Lv 27.11 e s.). Levítico 27 também traz regulamentações sobre votos com promessas de casa ou casas e de terras. Durante a peregrinação no deserto (*KD*, Nm 15.3), estipulou-se a quantidade de farinha pura e de libação que deviam acompanhar os vários tipos de animais que eventualmente poderiam ser oferecidos como ofertas votivas.

O *nēder* poderia ser um holocausto (Lv 22.18) ou uma oferta pacífica (Lv 7.16), caso em que deveria ser comido no primeiro ou no segundo dia. Para mais detalhes, vejam-se *nādab* e *sh'lāmîm*.

Tanto homens quanto mulheres podiam fazer votos. Isso tem, como contrapartida, uma institucionalização da submissão da mulher ao homem (Nm 30.4 [5]). No entanto, é importante assinalar que era possível as mulheres terem bens e serem religiosamente

responsáveis por si mesmas (Nm 30.9 [10]). A submissão (Gn 2.21 e s.) sancionava a instituição familiar ao enfatizar a importância daquela união e relacionamento. Depois da entrada na Palestina, a consumação do *nēder*, como de outros sacrifícios que foram estipulados, deveria acontecer apenas no santuário central designado (Dt 12.6, 11).

Fazer votos não era um dever religioso (Dt 23.21-23 [22-24]). Tais votos eram aceitáveis a Deus (Sl 50.8). Ele, contudo, deixa claro que, ao contrário do que o paganismo pensava, ele não estava sendo alimentado nem precisava de cuidados (Sl 50.9-13; *cf.* A. Leo OPPENHEIM, *Ancient Mesopotamia*, University of Chicago, 1964, p. 183 e ss.). Os votos eram atos acessórios de devoção e amor feitos quer antes (Sl 50.14) quer depois da bênção divina (Sl 116.17-18). Eram acompanhados de alegria (Na 1.5 [2.1]) e/ou cânticos (Sl 61.8 [9]) e só eram aceitáveis se o ofertante não estivesse acalentando iniqüidade em seu coração (Sl 66.18; *cf.* Pv 7.14).

Quanto aos votos, existiam pelo menos dois tipos especiais e dignos de menção: o nazireu (Nm 6.13 e ss.; *nāzar*, *q.v.*) e o *herem* (Nm 21.2; *hrm*, *q.v.*). Absalão suplicou para ausentar-se da corte de Davi a fim de cumprir um voto (2 Sm 15.7-8). A seriedade da sua fraude se vê tanto no fato de ter mentido quanto no de ter mentido a respeito de ordenanças divinas. Elcana, de outro lado, tanto cumpriu conscientemente seus próprios votos (1 Sm 1.21) quanto concordou com o de Ana (1 Sm 1.11, 22-23; *cf.* Nm 30). O voto precipitado em que Jefté prometeu um sacrifício humano é indesculpável, por menor que fosse o conhecimento que tinha da lei divina. Felizmente tal voto foi contrabalançado quando ele dedicou sua única filha para o serviço no tabernáculo pelo resto da vida, como pelo menos parece possível (Jz 11.30, 39; *cf.* *KD*).

De maneira singular e concreta o *nēder* aponta para o amor que busca a satisfação divina, mostrando que mesmo na era mosaica o amor (Dt 6.4), e não um legalismo absoluto, era o que melhor descrevia a verdadeira piedade. O Messias também se encontra comprometido, por um voto, a oferecer-se como sacrifício pelo pecado (Sl 22.25 [26]; *cf.* Lev. 27.2 e ss.) — o único sacrifício humano verdadeiramente "aceitável" a Deus. Todos os homens devem achegar-se a Deus com seus votos (Sl 65.1 [2]; *cf.* Is 19.21), e o que podem eles apresentar como oferta votiva se não o próprio cordeiro de Deus (Jo 1.29)?

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 39-42.

L.J.C.

נוֹחַ (*nōah*). Veja o nº 1 320a.

1309 נָהַג (*nāhag*) ***I, conduzir, dirigir, guiar.***

Termo Derivado

1309a מִנְהָג (*minhāg*) ***ato de dirigir ou guiar um carro*** (2 Rs 9.20, somente).

nāhag indica a ação de conduzir, de modo organizado, um animal (ou grupo de animais) ou pessoas a um destino intencional seja pela força seja por liderança. Este verbo é umas poucas vezes aplicado a objetos inanimados (*cf.* Êx 10.13, *etc.*). Quanto a sinônimos, vejam-se especialmente *nāhâ*, "conduzir", "guiar" (Sl 77.20 [21]; Jó 12.23), *nāhal*, "conduzir com cuidado" (Is 49.10), *nādah*, "compelir", "expulsar", "banir", *'āshar* (no piel), "conduzir retamente por" (*KB*), *dārak* (hifil), "conduzir pelo caminho de" (*KB*), e

rā'â, "pastorear" (inclusive liderar e conduzir um rebanho). O vocábulo ocorre 30 vezes.

Emprega-se a palavra para conduzir gado graúdo, ovelhas, *etc.* Esta pode ser a atividade normal de um pastor (Êx 3.1; Gn 31.18), atividade em que ele "lidera" os animais do rebanho indo à frente deles (*cf.* Is 40.11; Jo 10.4). Também pode indicar a ação de levar embora animais tomados como despojo (1 Sm 23.5; 1 Sm 30.22) ou como penhor (Jó 24.3).

Não somente grandes grupos de animais, mas também um único animal pode ser conduzido, conforme fica claro na determinação dada pela mulher sunamita ao seu servo (2 Rs 4.24).

Pessoas também podem ser "arrebanhadas". Neste sentido Labão acusa Jacó de levar embora suas filhas como despojo (Gn 31.26; Is 20.4) — sem o consentimento de Labão e à força. O verbo também pode designar a ação pastoril de liderar o rebanho como uma figura do rei levando seu exército para a guerra (1 Cr 20.1; 2 Cr 25.11). Pessoas também são pastoreadas num contexto menos autoritário e menos militar (1 Sm 30.22).

Existem algumas passagens em que o verbo é aplicado a conduzir coisas (*i.e.*, "dirigir" à força). Pode-se dirigir um "carro" (*merkābâ*, Êx 14.25; 2 Rs 9.20; *'ăgālâ*, 2 Sm 6.3). O Senhor "conduz" o vento (Êx 10.13, ARA, "trazer"; Sl 78.26) e seus mensageiros (*cf.* Sl 104.3-4).

Usa-se este verbo para designar a atividade de Deus no meio de seu povo. Caso eles desobedeçam, ele os conduzirá para longe a uma terra estranha (Dt 4.27). Este princípio declarado em Deuteronômio 4.27 antevê todas as "dispersões" (*KD*) subseqüentes, como o faz Deuteronômio 28.37. Isso teve um cumprimento todo especial no grande exílio sob os babilônios. No *eschaton* o poder soberano de Deus firmará de tal modo o seu reino que a força das nações, ou seja, os seus reis, serão "arrebanhados" (como despojo!) até Jerusalém (Is 60.11 e ss.).

Deus, o verdadeiro pastor (*cf. nādah*), conduziu seu povo durante a peregrinação no deserto (Sl 78.52). Durante a monarquia os piedosos dirigem-se a Deus como aquele que liderou José como a um rebanho. O exílio despertou o grito lancinante: "[Deus] me levou [*nāhag*] e me fez andar em trevas e não em luz" (Lm 3.2). No *eschaton* o "arrebanhador" ou "condutor" reuniria simultaneamente animais carnívoros e suas presas mais naturais, e seu papel seria desempenhado por uma criancinha (Is 11.6). Mais tarde Isaías registra que o próprio Deus seria este condutor com poder (Is 49.10).

L.J.C.

1310 *נָהַג (*nāhag*) ***II, gemer, lamentar.*** Ocorre apenas uma vez, no piel (Na 2.8).

1311 נָהָה (*nāhâ*) ***uivar (de luto), lamentar.***

Termos Derivados

1311a †נְהִי (*n'hî*) ***lamentação.***
1311b נִהְיָה (*nihyâ*) ***lamentação*** (Mq 2.4, somente).
1311c נִי (*nî*) ***lamentação*** (Ez 27.32, somente).
1311d הִי (*hî*) ***lamentação*** (Ez 2.10, somente).

Este verbo refere-se ao lamento que acompanha o luto. Um sinônimo é *'ānâ*, "lamentar", "prantear". Vejam-se também *qyn*, *'ābal* e *sāpad*, que são empregados para designar as várias manifestações de pranto formal e profissional que eram comuns no antigo Oriente Médio. *nāhâ* ocorre três vezes. Este pranto era feito por mulheres ou outros profissionais (Jr 9.18 [18]; Ez 32.18; Am 5.16).

Deus exige que tal atividade acompanhe um canto fúnebre como antecipação do juízo iminente sobre Israel (Jr 9.9-11, 16-21; 31.15). Miquéias dá ordens para que se lamente semelhantemente pelo povo, que está condenado por Deus mas assim mesmo continua em sua rebeldia (2.4; Am 5.16). Usa-se esta palavra para indicar o luto pelas multidões de egípcios, que estavam condenadas por Deus (Ez 32.18).

n^{e}hî. ***Lamentação.*** Este substantivo indica o resultado de *nāhâ*. E difícil fazer distinção entre este resultado e o de *'ānâ*, "lamentar".

Bibliografia: — *AI*, p. 60. — GREGORY, T. M., Mourning, In: *ZPEB*, v. 4, p. 302-6. — KITCHEN, K. A. Burial and mourning, In: *NBD*. p. 170 e ss.

L.J.C.

נְהִי (*n^{e}hî*). Veja o n.º 1 311d.

1312 *נָהַל (*nāhal*) ***conduzir com cuidado.***

Termo Derivado

1312a נַהֲלֹל (*nahălōl*) ***pasto*** (Is 7.19, somente).

Esta raiz, que ocorre no piel e no hitpael, denota o cuidado amoroso do pastor ao conduzir o seu rebanho, especialmente aquelas ovelhas com crias (Is 40.11). Quanto a sinônimos, veja-se *nāhag*. O verbo ocorre dez vezes.

O sentido básico de *nāhal* aflora claramente em Isaías 51.18; Gênesis 33.14; Isaías 40.11. Na primeira passagem, em paralelo com a raiz em questão, encontra-se a frase "conduzir [ARA, 'levar'] pela mão", isto é, conduzir alguém que está desamparado (*cf.* Jz 16.26; Is 42.6) ou que necessita ser dirigido corretamente (*cf.* Gn 19.16; Is 45.1). Dessa maneira, Jerusalém, que foi embriagada pelo juízo divino, está desamparada. A segunda passagem (Gn 33.14) registra o pedido de Jacó a Esaú para que pudesse viajar mais devagar e sossegado com seus rebanhos e filhos. Finalmente, a raiz é paralela de *rā'â*, "pastorear", recolhendo seguramente os cordeirinhos nos braços e carregando-os no colo. A raiz está especificamente associada com aquilo que um pastor faz ao conduzir ovelhas prenhes.

É esta ação condutora, própria de um pastor e caracterizada por um cuidado amoroso, que tipifica a condução divina de seu povo até a Palestina (onde o verbo está em paralelo com *nāḥâ*, Êx 15.13). Davi confessa que Deus ternamente o leva a águas tranqüilas (frase paralela de "Ele me faz repousar em pastos verdejantes", SI 23.2) e ora pedindo o contínuo cuidado divino (SI 31.3 [4], paralelo de *nāhâ*). O *eschaton* confirmará a terna direção, por Deus, de seu povo (Is 40.11; 49.10).

A idéia de conduzir com ternura estende-se para a de acompanhar com ternura, por exemplo, pessoas debilitadas fisicamente, que vão montadas em jumentos (2 Cr 28.15),

os fracos em meio a inimigos ameaçadores (2 Cr 32.22), e os famintos em meio a uma situação de falta de mantimentos (Gn 47.17).

L.J.C.

נהלל (*nahălōl*). Veja o nº 1 312a.

1313 נהם (*nāham*) ***rosnar, gemer*** (*e.g.*, Pv 5.11; Ez 24.23).

Termos Derivados

1313a נהם (*naham*) ***rosnado*** (Pv 19.12, somente).

1313b נהמה (*n'hāmâ*) ***rosnado*** (Is 5.30), ***gemido*** (Sl 38.9).

1314 נהק (*nāhaq*) ***zurrar, bramir*** (Jó 6.5; 30.7).

1315 נהר (*nāhar*) ***I, escoar, fluir, afluir.***

Termo Derivado

1315a נהר (*nāhār*) ***rio.***

nāhar é empregado apenas quatro vezes e sempre no qal. No AT é usado apenas no sentido figurado de confluência das nações. As passagens mais interessantes são as passagens duplicadas de Isaías 2.2 e Miquéias 4.1, que dizem que nos últimos dias todas as nações afluirão até o templo de Deus em Jerusalém.

nāhār. ***Rio, ribeiro.*** Palavra usada 120 vezes no AT. O substantivo também é encontrado em ugarítico (*AisWUS* nº 1 762), aramaico, árabe e acadiano. A palavra é muitas vezes utilizada para se referir aos principais rios das terras bíblicas. Os salmos, em várias símiles, usam a palavra num sentido mais genérico de torrentes de água.

O texto de Gênesis dá os nomes dos rios do Éden, e os dois maiores são facilmente identificados. Pode-se inferir com razoável precisão os outros dois. Speiser assinala que Gênesis 2.10 fala de quatro vales fluviais que sobem do Éden até suas nascentes. Obviamente esses cursos d'água fluem para dentro do Éden e juntam-se para desaguarem no golfo Pérsico (*AB*, *Genesis*, p. 19-20; *cf.* também R. L. HARRIS, The mist, the canopy and the rivers of Eden, *JETS* 11:177-9).

Não parece que o Nilo seja chamado de *nāhār*, mas é designado como *y'ʾôr*, que é uma palavra de origem egípcia e, na prática, é o nome do Nilo e de seus braços. O Eufrates é chamado de *nāhār p'rāt* (a palavra "Eufrates" é simples transliteração de palavra grega que significa "belo Parate") ou simplesmente de *nāhār*, "o Rio". Os dois afluentes superiores do Eufrates, o Balick e o Khabur, são denominados os "dois rios" (lit., *nahărayim*, Sl 60, cabeçalho; ARA, "Mesopotâmia"). O Khabur é provavelmente o rio Gozã (2 Rs 17.6). Os ribeiros de Damasco, Abana e Farfar são chamados de rios. É curioso que a palavra *nāhār* jamais seja aplicada ao Jordão. Este é simplesmente "o Jordão".

Na descrição da extensão geográfica da terra prometida, é dito que ela vai desde "o

rio [*nāhār*] do Egito até ao grande rio Eufrates" (Gn 15.18). B. Waltke (The River of Egypt, em *ZPEB*, v. 5, p. 121) sustenta que essa é uma referência ao Nilo e seus braços, pois não se poderia usar *nāhār* para designar o pequeno ribeiro agora conhecido como o uádi el-Arish, a sudoeste da faixa de Gaza. No entanto, parece que *nāhār* também não pode ser aplicado ao Nilo. A semelhança de outras indagações sobre marcos fronteiriços no Oriente Médio nos tempos modernos, é possível que esta pergunta continue desafiando as tentativas de encontrar uma solução.

R.L.H.

1316 נָהַר (*nāhar*) *II, brilhar, queimar (como uma lâmpada).*

Termos Derivados

1316a נְהָרָה (*n'hārâ*) ***luz, luz do dia.***

1316b מִנְהָרָה (*minhārâ*). Ocorre somente em Juízes 6.2. Significado incerto, talvez "fendas (em montanhas)" (NIV).

Este verbo tem o sentido de "estar aceso", "brilhar", como uma lâmpada. O ugarítico atesta a palavra *nr* (raiz *nyr*, *AisWUS* nº 1 850); o acadiano, *nawāru/namāru*, "brilhar", *nūru*, "luz"; o árabe, *nahārun* , "luz do dia". A palavra *nûr*, com o mesmo sentido, é uma variante. *KB* afirma que *nāhar* é a forma aramaica. O verbo ocorre apenas três vezes (segundo *KB*).

n'hārâ. ***Luz, luz do dia*** (somente em Jó 3.4). A palavra tem o sentido de primeiros "raios" do sol matinal.

L.J.C.

1317 *נוּא (*nu'*) *proibir, não conceder permissão.*

Termo Derivado

1317a *תְּנוּאָה (*t'nû'â*) ***oposição*** (Nm 14.34; Jó 33.10).

nû' indica uma reação negativa a uma ação planejada. É paralela de *lô' hārash* ("ele não se cala", Nm 30.4-5 [5-6]) e *hēpēr* (hifil de *pārar*, "romper", "invalidar"). O chefe de uma casa pode "proibir" o voto de uma mulher (Nm 30.8 [9]; ARA, "desaprovar"), e Deus "anula" os planos dos homens (Sl 33.10). A palavra ocorre nove vezes, sempre no hifil.

L.J.C.

1318 נוּב (*nûb*) *dar fruto* (*e.g.*, Sl 62.11; Pv 10.31).

Termos Derivados

1318a נוֹב (*nôb*) ***fruto*** (Is 57.19, somente).

1319 נוּד (*nûd*)

1318b נִיב (*nîb*) ***fruto*** (Is 57.19; Ml 1.12).
1318c תְּנוּבָה (*tᵉnûbâ*) ***fruto, produto (da terra)*** (*e.g.*, Is 27.6; Ez 36.30).

1319 נוּד (*nûd*) ***vaguear; ter compaixão de.***

Termos Derivados

1319a נוֹד (*nôd*), נֹד (*nōd*) ***perambulação de um fugitivo sem rumo*** (Sl 59.9).
1319b נִיד (*nîd*) ***movimento trêmulo dos lábios*** (Jó 16.5).
1319c מָנוֹד (*mānôd*) ***abano, meneio (da cabeça)*** (Sl 44.15, somente).

nud basicamente indica a ação de ir de um lado para outro. Usa-se a palavra para referir-se a um movimento físico ou a uma atitude. *Cf.* o árabe *nāda*, "mexer de um lado para outro" (como a cabeça de alguém que está caindo de sono). As duas conotações da palavra ficam visíveis devido a seus paralelos e sinônimos. Primeiro, a palavra é paralela de *nhm*, "consolar", "estar pesaroso por alguém ou por si mesmo" (Is 51.19), e *hml*, "poupar", "ter compaixão de" (Jr 15.5). Segundo, *cf. nûa'*, "vaguear sem rumo", "mover-se com inconstância", "menear a cabeça zombeteiramente" (Gn 4.12). É importante assinalar que a raiz às vezes equivale ou é semelhante a *nādad*, "fugir em debandada", por esse motivo é paralela de *nûs*, "fugir" (Jr 4.30), e é contrastada com *hāsâ*, "refugiar-se" (Sl 11.1), e *cf.* Provérbios 27.8. O verbo ocorre 27 vezes.

O sentido básico, o de vaguear sem rumo ou sem teto, se vê na maldição que Deus lançou sobre Caim (Gn 4.12, 14). Ele não foi apenas enviado para longe dos pais, mas condenado a ser uma pessoa inconstante (*nua'*) e um errante sem teto (*nud*). 1 Reis 14.15, texto que fala de um junco movido pela água, deixa claro que esta raiz tem a conotação de um movimento (perambulação) sem rumo, para lá e para cá. Outro exemplo é Isaías 24.20, em que a palavra indica o movimento oscilante e instável de um bêbado. Em Provérbios 26.2 a palavra é paralela do "vôo" de uma ave, tendo assim o significado de um movimento esvoaçante e sem destino (*cf.* KD, Jr 4.1).

Este movimento de um lado para outro também é típico do aceno com a cabeça, que é "um sinal da compaixão que se condói com outrem e reconhece a magnitude do mal" (KD; Sl 69.20 [21]). Não é certo que este gesto estivesse sendo indicado sempre que a raiz fosse usada, mas a atitude assim simbolizada seguramente é refletida no uso desta palavra. O exílio traz um juízo justo e merecido sobre Judá, e, por conseguinte, ninguém deveria nem quereria demonstrar compaixão a esta nação (Is 51.19; Jr 15.5). Outras nações julgadas por Deus recebem tratamento semelhante, *i.e.*, Deus declara que ninguém deveria nem quereria demonstrar compaixão a tal nação (Jr 48.17; Na 3.7). Jeremias afirma que será tão grande o castigo de Judá que de nada adiantará prantear (*nûd*) pelo rei morto Josias, em face das calamidades que sobrevirão a seus sucessores (Jr 22.10). Indivíduos com problemas enormes são objeto de compaixão (Jó 2.11; 42.11; Sl 69.20 [21]). O aceno com a cabeça pode ter a conotação de surpresa (Jr 18.16); um aceno ainda mais vigoroso tem a conotação de rejeição desdenhosa (Jr 48.17; Sl 64.8 [9]; *cf.* 22.8 [9]) ou de grande pranto (Jr 31.17 [18]).

Com freqüência o verbo tem o sentido de "voar para longe de" (*cf. nus*, *nādad*). Em Salmos 11.1 Davi afirma que Yahweh é o seu refugio e censura seus inimigos por

aconselharem-no a procurar outro refugio. Em passagens bastante claras, Jeremias usa este verbo permutavelmente com *nādad* (*cf.* 49.30, 5; 50.3, 8). Deus conta a seu povo (Lv 26.17, 28; *cf.* Dt 28.7) que a vitória e a segurança dependem da presença divina e que esta presença depende de eles obedecerem (*cf. nûs*). Esta idéia está espelhada em 2 Reis 21.8. Davi, levando Deus a lembrar-se da antiga promessa, ora para que Deus não consinta aos malfeitores que o levem embora (para o exílio, KD; Sl 36.11 [12]).

L.J.C.

1320 נוּהּ (*nwh*). **Aceita como raiz de:**

1320a הּנ (*nōah*) ***eminência, distinção*** (Ez 7.11, somente).

1321 *נָוָה (*nāwa*) ***I, embelezar.*** Este verbo ocorre apenas uma vez, no hifil (Êx 15.2).

1322 נָוָה (*nāwâ*) ***II, manter em casa.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1322a נָוֶה (*nāweh*) ***I, pasto, morada de pastor, habitação.***

1322b נוֶה (*nāweh*) ***II, habitação, morada*** (Sl 68.13, somente).

1322c נוֶה (*nāwâ*) ***pasto, prado.***

O verbo *nāwâ* (Hc 2.5) tem o sentido de "estar num *nāweh*", substantivo do qual, ao que parece, o verbo deriva.

naweh. ***I. Pasto, morada de pastor, habitação, aprisco.*** A ARA traduz impropriamente Sofonias 2.6, em que o sentido de *nāwâ* deve ser o de "aprisco" (a palavra é paralela de *k'rôt*, "cavernas" [lit., *cf.* James A. PATOR, em *ISBE*, p. 2757], e *g'dērâ*, "área cercada" [ARA, "curral"]). Parece que o substantivo *nāweh* é um empréstimo lingüístico e que, por isso, exibe algumas variações ortográficas incomuns. Com a exceção de Sofonias 2.6 (que não é a forma plural que se esperaria de *nāweh*; *cf.* KD sobre Sl 68.12 [13]), o plural inclui um *'aleph* como um alongador de vogal. O substantivo *nāweh* indica o local em que se guarda um rebanho, quer um campo aberto quer um lugar cercado. São sinônimos: 1) *g'dērâ*, "local cercado", "local guarnecido com sebes" (*cf.* Zc 2.6); *miqlâ/miqlā'*, "lugar de conter (animais)"; *rēbets*, "lugar para deitar"; 2) *kar*, "área de pastagem"; *mir'eh*, "local para alimentar ovelhas" (Is 32.14) ou leões (Na 2.11 [12]); *mar'ît*, "pasto" (talvez uma grafia variante de *mir'eh*); e *r'î*, "pasto" (somente 1 Rs 4.23 [5.3]). *Cf. nāwâ* (provavelmente derivado de *nâ'â*, "ser/estar belo"), "belo", "gracioso" (Jr 6.2). Este substantivo ocorre 45 vezes (talvez também em Sl 69.12 [13]).

O substantivo *nāweh* indica uma área cercada para ovelhas (Sf 2.6, que poderia ser de *nāwâ*!). É aí que o gado repousa (paralelo de *rēbets*, Jr 50.7; Is 65.10), um local de segurança e proteção (Pv 24.15). Este local seguro de proteção pode representar (poeticamente) a tenda pacífica dos piedosos (Jó 5.24), o lar dos justos (Pv 24.15), as habitações seguras (e escatológicas) do povo de Deus (Is 32.18, observe-se que *rēbets* também é usado nesta passagem), e a cidade messiânica de sacrifícios e da tenda inamovível (Is 33.20).

O substantivo também indica o local onde o pastor acompanha as ovelhas (2 Sm 7.8), onde as faz repousar (Jr 33.12; Sl 23.2), onde podem se alimentar (Jr 50.19; Ez 34.14). Em geral isso se dava no alto dos montes (Jr 9.10 [9]; Am 1.2) ou nas estepes (Jl 1.19-20). Mas no *eschaton* a comida será tão abundante que as terras cultiváveis serão usadas como pastagem (Is 65.10).

O "aprisco/pasto" (lit.) especial e santo que Deus tem para o seu povo é Canaã (Êx 15.13; Sl 79.7; Jr 10.25). É interessante que Jerusalém, de forma especial, (2 Sm 15.25) representa este local de provisão divina (*cf. nûah*, Dt 12.5). No entanto, até mesmo Jerusalém é apenas uma figura do verdadeiro lugar de provisão e proteção perfeitas: o próprio Deus (Jr 50.7). Abandonar a Deus resulta em ser abandonado por ele e na destruição do "aprisco/pasto" (lit., Is 27.10; 32.18) que estão preparados. O arrependimento conduz para a restauração à bem-aventurança em Canaã (Jr 23.3; 31.23, observe-se o paralelo com "monte de santidade", lit.; *cf.* E. J. YOUNG, *The book of Isahia*, Eerdmans, 1965, comentando sobre Is 33.20). Por fim, a soberania divina assegurará a eterna provisão para o povo de Deus.

L.J.C.

1323 נוּחַ (*nûah*) ***descansar, estabelecer-se.***

Termos Derivados

1323a †נַחַת (*nahat*) ***descanso, tranqüilidade.***

1323b †נֹחַ (*nōah*) ***Noé.***

1323c נִיחֹחַ (*nîhōah*) ***tranqüilidade, calma*** (*e.g.*, Gn 8.21; Lv 26.31).

1323d הֲנָחָה (*hănāhâ*) ***concessão de descanso*** (Et 2.18, somente).

1323e †מָנוֹחַ (*mānôah*) ***lugar de repouso.***

1323f †מְנוּחָה (*mᵉnûhâ*), מְנֻחָה (*mᵉnuhâ*) ***lugar de repouso, descanso.***

A raiz tem o sentido não apenas de ausência de movimento, mas também o de estar instalado num determinado lugar (quer concreto ou abstrato) com nuanças de caráter definitivo ou (quando se fala abstratamente) de vitória, salvação, *etc.* Quanto a sinônimos, *cf. shābat*, que tem a conotação de ausência de atividade (ou de uma atividade em particular); *shāqat*, que tem a conotação de ausência de perturbação provocada por causas externas; *shālam*, que tem a conotação de integridade e inteireza, *i.e.*, a condição de bem-estar; e *dŏmî*, "tranqüilo", *rāga'*, "estar em repouso". Deve-se distinguir esta raiz de *nāhâ*, "conduzir", "guiar" (*KB*), e *nāhâ*, "apoiar-se em" (*KB*), que freqüentemente têm formas parecidas. *Cf.* o ugarítico *nh* (*AisWUS* nº 1 772, *nwh*; *UT* 19: nº 1 625) e o acadiano *nâhu*. O verbo ocorre 138 vezes.

Basicamente a raiz *nûah* diz respeito à ausência de atividade espacial e à existência de segurança, conforme se vê, por exemplo, na arca que "repousou" no monte Ararate (Gn 8.4) e nos gafanhotos que "pousaram" no Egito (Êx 10.14). A "segurança" tem nuanças de vitória em Josué 3.13. No hifil a raiz caminha em duas direções, a causativa e a permissiva. Primeiro, existe o sentido de "depositar", ou seja, de fazer algo ou alguém *nûah*. E assim que Deus "deposita" (ARA, "coloca") o homem no jardim (Gn 2.15). O maná (Êx 16.34), as varas (Nm 17.4 [19]) e cestos com frutos (Dt 26.4, 10) são "depositados" (ARA, "colocados") perante Deus. O segundo uso é o de "deixar algo ou alguém em

descanso", ou seja, deixar a sós. É assim que Deus deixou os cananeus em paz ou a sós (Jz 2.23) e Davi procedeu igualmente com Simei (1 Sm 10.25). A raiz é empregada num sentido peculiar de "estar aliado com" (Is 7.2).

O verbo tem pelo menos quatro empregos teológicos relevantes nos seguintes contextos: fúnebre, espiritual, militar e soteriológico.

O primeiro uso refere-se ao descanso da morte, conforme se vê em Jó 3.13, 17, em que Jó lamenta sua existência e celebra os que nascem mortos (*cf.* Pv 21.16). Em Daniel 12.13 Deus diz a Daniel que ele estará morto no fim dos dias (*KD*).

O significado psicológico-espiritual vem à tona em Jó 3.26, passagem em que Jó se queixa de estar com "grande perturbação" (*rāgaz*) e não ter "repouso" (*shāqat*) nem "descanso" (*shalwâ*). Provérbios 29.17 aconselha a que se corrija o filho a fim de que este dê aos pais "descanso" psicológico ou (nas palavras paralelas) "delícias à alma". O descanso espiritual (a ausência de dificuldades) se vê em Isaías 14.3, 7 (*cf.* Pv 29.9) e com maior clareza em Isaías 28.12 (embora esta passagem possua claras nuanças soteriológicas). O único e verdadeiro local de descanso espiritual é Deus (*mānûah*, Sl 116.7).

O emprego marcial associa a promessa divina (Dt 12.10) e o seu cumprimento (Js 21.44 [42]) de derrotar os inimigos de Israel e lhe dar descanso (vitória e segurança) na terra. O descanso ininterrupto (2 Sm 7.1) dependia da obediência de Israel (Nm 32.15). Davi, um homem/instrumento de guerra, não teve permissão para construir um local de descanso para Deus, mas Salomão, o monarca que reinou depois de Deus ter estabelecido a paz (*i.e.*, depois de Deus ter estabelecido um homem de descanso), teve tal permissão (1 Cr 22.9). A soberania militar de Deus estendia-se para além das fronteiras da Palestina (*nôah*, Et 9.16). Ele não estava preso a algum local, como era o caso de outros "deuses". Este uso figurado ocorre em Salmos 125.3, em que se afirma que "o cetro dos ímpios" não iria "repousar" (ARA, "permanecer"; *i.e.*, de modo a conquistar e a dominar) os justos. Nesse sentido *cf.* também Provérbios 14.33; Eclesiastes 7.9; Zacarias 6.8; especialmente Números 11.25; 2 Reis 2.15; Isaías 11.2.

O emprego soteriológico decorre da teologia do sábado. Em Gênesis 2.2-3 o *shābat* (a cesssação do trabalho) descreve o descanso de Deus, mas em Êxodo 20.11 usa-se a palavra *nûah*. Por conseguinte, o homem deve não apenas abster-se de seus esforços mundanos (Êx 31.12-17; *cf.* Is 58.13-14), mas também entrar num estado de descanso na vitória/salvação (Js 1.13; *cf.* Dt 25.19). Somente a presença e o favor de Deus é que tornam possível este descanso (bem como o descanso militar; Êx 33.14; *cf.* Is 14.3, 7). O verdadeiro descanso/salvação há de ser declarado na era messiânica, mas haverá um juízo inicial e culminante sobre Israel com a pregação deste descanso em idioma(s) estrangeiro(s); *cf.* Isaías 28.12 (*cf.* também Dt 28.49, Jr 5.15; 1 Co 14.21). Deus, no entanto, por intermédio de seu Messias, finalmente conquistará o verdadeiro descanso para o seu povo escolhido (Is 63.14; *cf.* Hb 3.7—4.13).

nahat. ***Descanso, tranqüilidade.*** (Em Jó 17.16 a BJ traz, decifrando melhor o texto, "baixaremos" em vez de "descansaremos", entendendo que a raiz é *nahat*, do ugarítico *nht*, "descer"; observe-se a diferença de guturais nas duas raízes em ugar.) Este substantivo denota ou um estado de imobilidade (Jó 36.16) ou de paz interior, ou seja, segurança. *etc* (Ec 4.6, 6.5). Ocorre sete vezes. O substantivo *nahat*, "descanso", é igual na forma a *nahat*, "descida", que provém da raiz *nāhat*. *Cf.* o par homógrafo *shahat*, "cova", derivado de *shûah*, e *shahat*, "corrupção", derivado de *shāhat*.

1324 נוּח (*nût*)

nōah. ***Noé.*** Último dos patriarcas antediluvianos, ele foi escolhido por Deus para ser um instrumento de livramento. Fora de Gênesis, o nome próprio ocorre na genealogia de 1 Crônicas 1.4 e, associado com o dilúvio, como ilustração da segura continuação da bem-aventurança escatológica (Is 54.9); em Ezequiel 14.14, 20 Noé é citado como ilustração de um homem justo e proverbial da antigüidade. É incerta a etimologia do nome. Em Gênesis 5.29 provavelmente está associado a um jogo de palavras com o verbo *nāham*, "consolar, dar alívio"), mas parece estar mais diretamente relacionado com *nûah*, que, conforme veremos abaixo, tem a conotação de descanso e salvação. Para um exame mais completo da palavra, do homem e de seu ministério, *cf.* T. C. Mitchell, Noé, em *NDB*.

mānôah. ***Lugar de repouso.*** Este substantivo denota um local de *nûah* (imobilidade, segurança) para animais ou pessoas, ou seja, um local para instalar-se, um lar. Ocorre sete vezes.

mᵉnûhâ. ***Lugar de repouso, descanso.*** O substantivo pode denotar tanto o local quanto o estado de *nûah*. Ocorre 21 vezes.

mᵉnûhâ descreve o local temporário de descanso que Deus procurou para o povo de Israel (Nm 10.33), o local permanente (Dt 12.9; 1 Rs 8.56; SI 132.14) e o local eterno escatológico de descanso, ou seja, o céu (Sl 95.11; *cf.* Hb 3-4).

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 43-6.

L.J.C.

1324 נוּט (*nût*) ***balançar, tremer*** (Sl 99.1, somente).

1325 נוּם (*nûm*) ***dormir, cochilar, estar sonolento.***

Termos Derivados

1325a נוּמָה (*nûmâ*) ***sonolência*** (usado somente em Pv 23.21).

1325b תְּנוּמָה† (*tᵉnûmâ*) ***sono, soneca.***

Embora o sentido básico do verbo seja o de cochilar ou dormir, apenas o substantivo derivado *tᵉnûmâ* é empregado com o sentido literal. A condição de sono é aquela em que o homem se encontra quando Deus fala com ele numa visão à noite (Jó 33.15). A raiz é paralela de *yāshēn* (Sl 121.4), mas aqui, acompanhada de uma partícula negativa, é usada figuradamente para indicar a prontidão em vigiar. Deus "não dormita nem dorme". Isaías 5.27 descreve um exército invasor de igual maneira — não dormita nem dorme. De outro lado, os líderes religiosos de Israel (Is 56.10) são caracterizados como pessoas que têm imenso prazer em dormir, ou seja, são descuidados e negligentes com seus deveres. A tarefa deles é advertir o povo acerca do perigo iminente, mas deixaram de fazê-lo.

Duas vezes usa-se o verbo com a conotação de sono da morte. Em um caso (Sl 76.5), os homens foram repreendidos por Deus e caíram no sono. No segundo caso (Na 3.18), os dirigentes a serviço do rei da Assíria dormem, isto é, estão mortos. O verbo (traduzido pela ARA como "dormir") é paralelo de *shākan*, "estabelecer", "residir", usado aqui para referir-se à morte (ARA, "dormitar").

t^enûmâ. ***Sono, soneca.*** O emprego básico do substantivo em Provérbios é no sentido figurado de preguiça e inatividade (Pv 23.21; 6.10; 24.33), mas também se vê o sentido literal de sono ou cochilo (Pv 6.4, no que é semelhante a Sl 132.4).

R.L.H.

1326 נוּן (*nûn*) ***propagar, aumentar*** (somente em Sl 72.17).

Termo Derivado

1326a נִין (*nîn*) ***descendência, posteridade.***

1327 נוּס (*nûs*) ***fugir.***

Termos Derivados

1327a מָנוֹס† (*mānôs*) ***refúgio.***

1327b מְנוּסָה (*m^enûsâ*) ***fuga*** (Is 52.12; Lv 26.36).

nûs indica um movimento rápido de distanciamento de algo ou de alguém. Geralmente tem a conotação de fuga de perigo real ou imaginário (exceto Dt 34.7; Jz 6.11; Ct 2.17; 4.6), tendo como base um contexto marcial (*cf.* Lv 26.36). Um sinônimo bastante próximo é *bārah*, "fugir", "atravessar". Um segundo sinônimo é *nādad*, "retirar-se", "vaguear", "fugir", com a conotação de uma saída em debandada ou de resultado de uma derrota. *nûs* é paralelo de *mālat*, "escapar" (no nifal, *e.g.*, 1 Sm 19.10, com ênfase no modo da fuga), com *ḥāpaz* (no nifal), "correr para longe e com medo" (*KB*, Sl 104.7), e com *sābab l^e'āḥōr*, "voltar para trás" (Sl 114.3, 5). A raiz ocorre 162 vezes.

É interessante observar que este verbo é usado em Juízes 6.11 (no hifil) para descrever o que Gideão fez com o seu trigo. Aqui a ênfase recai sobre a idéia de "fazer escapar", ou seja, Gideão malhava o trigo às escondidas para escondê-lo (*i.e.*, fazê-lo escapar) dos midianitas. Elias também recebe instruções para fugir da presença de Acabe como se estivesse sendo perseguido pela espada (2 Rs 9.3).

Quando Deus combate, o homem e a natureza fogem. Os egípcios, vendo que o Deus das pragas estava lutando por Israel, foram desbaratados e tentaram fugir do mar que se fechava sobre eles (Êx 14.25, 27). Deus enuncia claramente esse princípio em Levítico 26.17 (*cf.* Pv 28.1), assinalando que a vitória dependia da obediência (*cf. nādaḥ*). A desobedência faria Deus se voltar contra eles, e eles "fugiriam sem ninguém os perseguir" (*cf.* v. 36; Dt 28.7). Por esse motivo, quando a arca partia, Moisés suplicava a ajuda e a presença divina, clamando "Levanta-te [*qûm*], SENHOR, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam de diante de ti os que te odeiam" (Nm 10.35). Este brado de guerra/oração também exprime a jubilosa confiança e encorajamento de Moisés ao povo (*KD*). Esse princípio é, com freqüência, exemplificado nas vitórias de Israel (*cf.* Jz 7.21-22) e nas suas derrotas (*cf.* Dt 32.36) diante de seus inimigos. Joabe reconheceu esse princípio e fugiu para o altar do templo, mas foi morto porque a natureza de seu crime não lhe permitiu conseguir asilo. Israel confia no Egito, não em Deus, e irá para o exílio (Is 30.16-

17; *cf.* Lv 26.8). O povo de Israel é lembrado de seu iminente castigo, com a implicação de que agora Deus é quem o persegue (Is 24.18; *cf.* Lv 26.36). Além disso, Isaías profetizou a fuga de todas as nações (que rompem a aliança) da presença de Yahweh (Is 24.18; *cf.* Is 31.8; Jr 46.5; 48.6, *etc.*). O brado de guerra/oração de Números 10.35 é bastante desenvolvido em Salmos 68.1 [2] e ss., onde se descreve Sião como o local permanente do poder e presença de Deus (*cf. nûah*). A situação almejada especialmente nesta oração acontecerá na volta do cativeiro (Is 35.10) e no *eschaton* (51.11), quando Deus puser em fuga todos os inimigos (esp. os "espirituais". *cf. nādah*).

A sabedoria de Deus é exaltada em Salmos 104.7 na medida em que suas palavras criadoras são relembradas, especialmente quando da divisão das águas.

mānôs. ***Refúgio.*** Este substantivo denota o lugar para onde alguém foge. *Cf. mahseh*, "lugar de abrigo", *mā'ôz*, "lugar de força" e, por conseguinte, "lugar de segurança", e *misgāb*, "lugar seguro e inacessível", "fortaleza". A palavra ocorre seis vezes.

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 47-9.

L.J.C.

1328 נוּעַ (*nûa'*) ***tremer, oscilar, cambalear, vaguear, mexer.*** Grau causativo: ***sacudir, joeirar, fazer mexer.***

Termo Derivado

1328a מְנִיעָנָע (*m'na'ănēa'*) ***um tipo de chocalho*** (2 Sm 6.5, somente).

A idéia básica é a de um movimento repetitivo de um lado para outro. Esses movimentos podem se dar numa escala relativamente pequena, sendo expressos por palavras tais como "tremer", "oscilar" ou "balançar". Ou podem indicar uma escala geográfica, caso em que têm o sentido de "vaguear", "perambular".

Exemplos de movimento em escala relativamente pequena são: o movimento visível dos lábios de Ana enquanto orava em silêncio (1 Sm 1.13), o caminhar vacilante ou o andar errante do homem cego (Lm 4.14) e o balançar das árvores ao vento (Is 7.2). O termo também se aplica ao cambalear da terra sob juízo (Is 24.20) e ao tremer de edifícios (Is 6.4).

Refere-se a movimento numa escala geográfica quando descreve a perambulação de fugitivos sem teto ou de vagabundos (Lm 4.15) ou à perambulação para encontrar água durante a seca (Am 4.8) ou para buscar a palavra de Deus (Am 8.12). Descreve o castigo infligido a Caim (Gn 4.12, 14; *cf.* também *nûd*). Possivelmente como parte do sentido total desta palavra, o castigo dado a Caim também inclui sua condição de errante sem teto, ou seja, uma pessoa fora da proteção da lei ou de qualquer grupo estabelecido (v. 14). Descreve-se como perambulação a rebelião pecaminosa contra Deus (Jr 14.10).

Não é claro o sentido do termo na parábola de Joás, mas pode ser que o que Joás tinha em mente era um deliberado jogo de palavras entre balançar sobre as árvores e perambular de um lado para outro entre as árvores na condição de governante (Jz 9.9, 11, 13).

nûa' pode referir-se ao tremor como um sinal de medo. O tremor ou estremecimento dos israelitas no monte Sinai é um claro exemplo disso (Êx 20.18). A reação de Acaz frente à aliança inimiga pode ser outro exemplo (Is 7.2). A alusão, no entanto, pode ser à "oscilação" inconstante do coração de Acaz e não ao seu tremor.

Os usos no nifal são passivos, referindo-se ao ser sacudido numa peneira (Am 9.9) e a figueiras que são agitadas pelo vento (Na 3.12).

O hifil exprime a ação causativa das idéias examinadas acima. A ação causativa de movimento em pequena escala se vê quando Deus "sacode" ou "peneira" Israel no juízo (Am 9.9). Menear a cabeça, isto é, sacudi-la, é sinal de pouco caso (2 Rs 19.21; Sl 109.25). Jó deseja ter a oportunidade de exprimir esse pouco caso para com seus amigos (Jó 16.4). Balançar a mão também é um sinal de desprezo (Sf 2.15). A luz do uso geral da raiz, em Daniel 10.10 é melhor interpretar o verbo como "pôs-me a tremer" (RSV) em vez de "sacudiu-me e pôs-me" (ARA).

A idéia causativa de "vaguear" expressa tanto a ação em que Deus faz seu povo "andar errante" (Nm 32.13) quanto a em que Davi faz Itai "vaguear" como um fugitivo junto com o rei (2 Sm 15.20). Esse uso dá apoio à tradução "dispersar" em Salmos 59.11 [12], desde que entendida como "dispersar como errantes". De outro lado, a tradução da RSV, "faze-os andar tropegamente", é igualmente boa.

Ambas as idéias causativas analisadas acima podem resultar na tradução "mexer", em 2 Reis 23.18.

A.B.

1329 נוּף (*nûp*) ***I, perfumar; enviar*** (hifil). Usa-se *nûp* uma vez no qal com o sentido de borrifar perfume (Pv 7.17). O hifil é usado uma vez para designar o trazer chuva (*i.e.*, fazer borrifar; Sl 68.9 [10]). Dados em línguas cognatas indicam a existência de uma raiz distinta com essa gama de sentidos, mas o significado exato em hebraico continua pouco claro devido à falta de maiores dados.

1330 נוּף (*nûp*) ***II, erguer, mover, tremer, brandir.***

Termos Derivados

1330a נָפָה (*nāpâ*) ***peneira*** (Is 30.28, somente).

1330b תְּנוּפָה (*t'nûpâ*) ***oferta movida.***

Emprega-se o grau hifil deste verbo tanto para designar idéias genéricas como erguer, mover, *etc.*, quanto como um termo técnico para indicar, na adoração pública, a apresentação da "oferta movida" (*cf.* um uso semelhante de *rûm* e *t'rûmâ*). A maioria dos usos do verbo ocorre em contextos poéticos, legais ou rituais.

Como verbo de sentido geral, refere-se ao empunhar ferramentas. Quando descreve a ação de erguer uma foice para colher (Dt 23.25), a idéia básica de brandir a ferramenta para trás e para frente ilustra o termo apropriadamente evidente. No entanto, quando aplicada a uma ferramenta para lavrar pedras (Êx 20.25; Dt 27.5), não fica tão visível a idéia básica de mover de um lado para outro. Nesse caso "erguer" ou "manejar" é suficiente. O verbo pode descrever a ação de sacudir algo com uma peneira (Is 30.28). Um profeta ou um homem santo pode abanar a mão para curar (2 Rs 5.11). Pode-se abanar

a mão para julgar (Is 11.15) ou como um sinal (Is 13.2). O gesto de Jó de erguer a mão contra o órfão (Jó 31.21) podia indicar tanto a ação de levantar a mão como um ato legal feito em tribunal quanto a tomada de uma ação hostil. (O exame do uso deste termo na adoração pública será feito na análise de *t'nûpâ*, abaixo.)

Usa-se o hofal uma vez para exprimir a idéia passiva, "ser movido" (Êx 29.27). O polel pode ter um sentido intensivo, "agitar" em vez de simplesmente "mover" (Is 10.32).

t'nûpâ. ***Oferta movida, oferta, brandimento.*** Este substantivo possui dois empregos na adoração pública: primeiro, como um termo genérico aplicado a uma variedade de dádivas e ofertas, e, segundo, como um termo específico designativo daquelas partes que, nas ofertas, são destinadas ao sacerdote oficiante.

Como termo genérico, é aplicado a coisas tão diversas quanto ouro (Êx 35.22), o "bronze da oferta movida" (Êx 38.29; lit.), o feixe das primícias (Lv 23.11-15), os dois pães oferecidos no dia de Pentecostes (Lv 23.17), o cordeiro da oferta pela culpa oferecida para a purificação de leprosos (Lv 14:12, 21) e, finalmente, toda a tribo de Levi (Nm 8.11). O verbo *nûp*, isoladamente, refere-se à ação de apresentar a oferta de manjares dos ciúmes (Nm 5.25). Em alguns casos, há uma clara alusão ao ato ritual de mover, como quando Moisés moveu a oferta movida nas mãos de Arão (Lv 8.27). Em outros casos é impossível a ação literal de mover, como quando os levitas foram movidos perante o Senhor. Em tais casos, perde-se o sentido de mover e os termos passam a significar, respectivamente, "oferta" e "oferecer".

Se estes termos possuem um uso característico e específico, isso ocorre nas repetidas referências ao "peito ... da oferta movida" junto com a "coxa ... da oferta movida" como porção da oferta pacífica a que o sacerdote tem direito (Lv 7.30; 10.14; Nm 6.19-20; note-se que o segundo carneiro do ritual de dedicação de Arão [Êx 29.26-34; Lv 8.22-27, 31-32], com seu peito e coxa para serem movidos, foi também uma oferta pacífica, pois este animal, tal como ocorria com a oferta pacífica, foi comido pelos ofertantes). Estas porções pertencem de forma tão característica ao sacerdote que servem de padrão com o qual se comparam as demais porções dos sacerdotes (Nm 18.18).

Entretanto, mesmo neste sentido falta exatidão à terminologia. visto que a expressão "oferta movida" inclui de uma só vez tanto o peito quanto a coxa (Lv 9.21) bem como as coisas queimadas como a "oferta pelo fogo" (*cf.* Lv 3.3-4) e também que a coxa direita pode estar incluída na expressão "oferta movida" (Êx 29.22-24; Lv 8.25-27).

t'nûpâ ocorre duas vezes em contextos não de adoração: no "agitar" da mão de Deus no juízo (Is 19.16) e nos "combates de brandimento" (IBB, Is 30.32), que provavelmente é referência ao brandir alguma arma.

A.B.

1331 נוּף (*nwp*). III. Aceita como raiz de:

1331a נוֹף (*nôp*) *elevação, altura* (Sl 48.3, somente).

1331b נָפָה (*nāpâ*) *alto (subst.)* (Js 12.23 = 1 Rs 4.11; Js 11.2).

1331c נֵפֶת (*nepet*) *alto (subst.)* (Js 17.11, somente).

נוֹצָה (*nôtsâ*). Veja o nº 1 399a.

1332 *נוּק (*nûq*) ***amamentar, dar de mamar***. Este verbo ocorre apenas uma vez, no hifil (Êx 2.9). Provavelmente uma variante de *yānaq*.

1333 נור (*nwr*). **Aceita como raiz de:**

1333a נֵר (*nēr*) ***lâmpada.***

1333b נִיר (*nîr*) ***lâmpada.***

1333c מְנוֹרָה (*mᵉnôrâ*), מְנֹרָה (*mᵉnōrâ*) ***candelabro.***

As palavras *nēr* e *nîr* referem-se aos pequenos objetos em forma de tigela que continham óleo e um pavio para ser aceso a fim de proporcionar luz (H. PORTER, Lamp, lampstand, in *ISBE*, p. 1 825 e s.; A. R. MILLARD & R. E. NIXON, Lamp, lampstand, in *NDB*, p. 906 e s.). *Cf.* o ugarítico *nr* (*AisWUS* 1 850). As lâmpadas são objeto de um especial interesse por parte dos arqueólogos, pois a mudança dos formatos das lâmpadas ao longo dos séculos é, muitas vezes, um bom indicador do estrato escavado. Em suas várias grafias, este substantivo ocorre 49 vezes.

mᵉnôrâ. ***Candelabro.*** Este substantivo com *mem* prefixal indica o suporte em que se colocava lâmpada. Geralmente tem o sentido do candelabro do tabernáculo ou do templo (exceção, 2 Rs 4.10). Ocorre 42 vezes.

O Senhor mandou que Moisés colocasse um candelabro com sete lâmpadas no Lugar Santo. Essas sete lâmpadas representam a liderança perfeita (*PTOT*, p. 362 e s.) de Deus sobre o seu povo. Essas "luzes" deviam permanecer sempre acesas, sendo mantidas em ordem de manhã e à tardinha (Lv 24.2). Enquanto cuidava das lâmpadas, o encarregado disso devia queimar incenso, que representava as orações do povo de Deus (Êx 30.7-8; *cf. qātar*). Em 2 Samuel 21.17 (*nēr*; *cf.* 1 Rs 11.36), a morte de Davi é apresentada como o apagar da lâmpada de Israel. Por conseguinte, ele é visto como *aquele* que conduz Israel a uma condição de bem-aventurança (*cf. nûah*). Davi, por sua vez, confessou que Yahweh era sua lâmpada (2 Sm 22.29), *i.e.*, aquele que iluminava seu caminho em meio às trevas (*cf.* Jo 3.20-21) e conduzia-o a um estado de bem-aventurança *nûah*; *cf.* Provérbios 13.9; Jó 29.3. Salmos 119.105 (*cf.* Pv 6.23) exalta a palavra de Deus como a lâmpada para os pés dos piedosos. Os leitores cristãos hão de reconhecer essa "orientação" pela "palavra" e "luz" como um prenuncio de Cristo (Jo 1.1-13). Conforme se vê em *KD*, Salmos 132.17 emprega "lâmpada" como uma figura do Messias (a palavra é paralela da figura bem conhecida de "ramo"). Desse modo "lâmpada" simboliza a liderança pessoal de Deus (2 Sm 22.29), por meio de sua palavra, por meio de seu rei escolhido e, finalmente, por meio de seu messias. O líder designado por Deus havia de conduzir o seu povo como a uma nação sacerdotal, ou seja, uma nação que havia de conduzir em adoração a Deus todas as demais nações. Em Zacarias 4 o profeta fala de um candelabro (*i.e.*, a igreja do AT; *cf. KD*) ligado a um suprimento ininterrupto e interminável de óleo (*i.e.*, o Espírito Santo; *cf. KD*). A interpretação (v. 6 e ss.) aplica a idéia à figura de Zorobabel (e seus seguidores), mas parece óbvio que o sentido se estende para bem depois da época de Zorobabel, alcançando até mesmo a era messiânica (*cf.* Ap 1.20). Esse simbolismo permeia as afirmações do NT de que os cristãos são a luz do mundo (Mt 5.14), cujas lâmpadas devem sempre estar acesas (Lc 12.35; Fp 2.15) e brilhar diante dos homens (Mt 5.16), conduzindo os ímpios a Deus e desfrutando uma bendita expectativa quanto à volta de Cristo e preparando-se para isso.

1334 שׁוּשׁ (*nûsh*)

[Deve-se admitir que no NT o candelabro representa também a igreja (Ap 1.20). Aparentemente, no entanto, é duplo o simbolismo do candelabro. Zacarias 4.6 deixa fortemente implícito que o candelabro também simboliza o Espírito de Deus. Parece que Apocalipse 4.5 desenvolve essa idéia quando chama os candelabros de "os sete espíritos de Deus" (cf. Ap 5.6). O fato de que os sete espíritos de Deus não são sete espíritos diferentes mas o Espírito único, sétuplo em sua perfeição, parece ficar claro pela posição dos sete espíritos de Deus, colocados entre o Pai e o Filho como uma fonte de bênção em Apocalipse 1.4-5. R.L.H.]

L.J.C.

1334 נוּשׁ (*nûsh*) ***desfalecer, estar doente*** (SI 69.20 [21], somente).

נָזִיר (*nāzîr*). Veja o nº 1 340b.

1335 נָזָה (*nāzâ*) ***I, borrifar, aspergir.***

nāzâ tem o sentido de borrifar ou, no hifil, de aspergir sangue, óleo ou água ou com os dedos (Lv 4.6) ou com um aspersório (Lv 14.51). A palavra distingue-se de *zāraq*, um aspergimento mais pesado feito com a mão toda (Êx 9.8; 29.20-21; Lv 4.6; no entanto, Nm 19.20-21). O verbo ocorre 24 vezes.

A "aspersão" diz respeito à purificação do pecado (Is 52.15, ARA, "causar admiração" [LXX]; 1 Pe 1.2; Hb 9.13-14) para alcançar pureza ritual. O significado básico deriva de sua referência à aspersão de "sangue". Esta raiz específica é empregada para designar aspersão de sangue que é mais leve no que diz respeito tanto à quantidade de sangue aspergido quanto ao que é expiado (*e.g.*, Lv 4.6; 5.9; 14.7, 51; Nm 19.4). A expiação pelo pecado involuntário (Lv 4.6) e a expiação pelo pecado original (Lv 16.14) estão desse modo inter-relacionadas e ao mesmo tempo diferenciadas entre si (*i.e.*, pela relação entre *nāzâ*, "borrifar", e *zāraq*, "espalhar" [a ARA traduz ambos os verbos por "espargir"]; *cf. qeren*). O servo profetizado do Senhor, embora considerado "impuro", havia de "expiar" os pecados dos gentios (Is 52.15; *cf.* E. J. YOUNG, *Studies in Isaiah*, Eerdmans, 1954, v. 2, p. 199-206) — esta declaração é importantíssima (At 8.32-37).

Esta raiz também pode ser usada em contextos de ordenação, isto é, de purificação e consagração para o serviço divino. Desse modo, pode-se efetuar a "aspersão" com óleo (Lv 8.11), com óleo e sangue (Êx 29.21) e com água (Nm 8.7; Mt 3.15).

1336 *נָזָה (*nāzâ*) ***II, pular, saltar*** (hifil, Is 52.15).

1337 נָזַל (*nāzal*) ***manar, escorrer, derreter.***

nāzal indica o fluir de água como num regato (Ct 4.16) ou numa chuva abundante (Dt 32.2). Quanto a sinônimos, vejam-se *nāgar*, "derramar", *i.e.*, entornar água no chão, *nāba'*, "correr (diz-se de curso d'água)", "jorrar", *i.e.*, como um uádi inchado, *etc.*. O verbo ocorre 16 vezes.

O sentido básico desta raiz, "fluir como um regato", é empregado para designar o choro de luto (Jr 9.18 [17]; *cf. nāgar*, Lm 3.49). A presença de água fresca é resultado da bênção que Deus soberanamente dispensa aos homens (Sl 147.18). A segunda vinda (ou *eschaton*) vislumbrará a terra, antes improdutiva e deserta, divinamente transformada num lugar onde há muitas correntes d'água. Isto é claramente uma figura da bênção divina (Is 44.3). Descreve-se uma esposa (Pv 5.15) ou uma amada (Ct 4.15) como torrentes que correm, *i.e.*, como uma fonte de bênçãos. Também se vê o controle soberano sobre as águas quando Moisés, ao ferir a rocha, produziu uma corrente d'água (Sl 78.16), o que tornará a acontecer no *eschaton* (Is 48.21, paralelo com *zûb*).

Usa-se o verbo para designar a chuva que está sob o controle soberano de Deus (*cf.* Sl 147.18) como um exemplo do apoio dado por ele a Ciro (Is 45.8; *cf.* Jó 36.28). A abundância de chuvas também é resultado das bênçãos divinas (Nm 24.7).

É interessante observar que a presença do poder divino, que ajudou Israel na conquista da terra prometida, "derreteu montanhas" (ARA, "montes vacilaram"), *i.e.*, até mesmo as fortalezas (seriam as fortalezas dos deuses?) dos inimigos de Israel (Jz 5.5; *cf. nāgar*, Mq 1.4, 6).

L.J.C.

1338 נָזַם (*nzm*). **Aceita como raiz de:**

1338a †מְנִזֶם (*nezem*) ***pendente, argola.***

Esta palavra refere-se a uma argola (geralmente de ouro, Ez 16.12) que era parte do ornamento usado (por homem, mulher ou ídolo; Jó 42.11; Is 3.21; T. C. MITCHELL, Ornamentos, In: *NDB*, p. 1153 e s.) no nariz ou nas orelhas. Essas argolas eram sinais de opulência e, às vezes, foram oferecidos (*cf. qārab*) a Deus (Êx 32.2; 35.22; Jz 8.24). O vocábulo ocorre 17 vezes.

L.J.C.

1339 נֶזֶק (*nezeq*) ***prejuízo, dano, molestação*** (Et 7.4, somente).

1340 נָזַר (*nāzar*) ***separar-se, consagrar-se.***

Termos Derivados

1340a †נֵזֶר (*nēzer*) ***dedicação, coroa de consagração.***

1340b †נָזִיר (*nāzîr*) ***nazireu, pessoa consagrada.***

1340c †נָזַר (*nāzar*) ***ser nazireu.*** Verbo denominativo, usado apenas no hifil (Nm 6).

1340d מִנְזָר (*minzār*) ***consagrado (subst.), príncipe*** (Na 3.17). Significado incerto.

O sentido básico de *nazar* é o de "separar". Quando o verbo aparece no nifal com a preposição *min*, tem o sentido de "manter-se afastado de". Emprega-se o verbo com o sentido de separação em Levítico 22.2, em que Arão e seus filhos receberam, por

intermédio de Moisés, ordens para se manterem afastados das ofertas santas que eram apresentadas ao Senhor. Estas eram porções dos sacrifícios separadas para uso dos sacerdotes. Mas eles não podiam fazer uso delas enquanto estivessem ritualmente impuros (v. 3). Emprega-se o vocábulo na mesma construção para designar o afastamento de ídolos (Ez 14.7). Tem também o significado de "abster-se de" quando empregado no hifil junto com a preposição *min* em Números 6.3, em que aparece no contexto do voto de abstinência do nazireu. Em Levítico 15.31 a idéia de separação é inerente ao uso do verbo mesmo sem a preposição *min*; de acordo com essa passagem os israelitas deviam se separar da impureza resultante de certos fluidos corpóreos.

Quando o verbo ocorre tanto no nifal quanto no hifil com a preposição *l*ᵉ, tem a conotação de "separação para". É dessa forma usado para designar a consagração a Yahweh por parte dos nazireus (Nm 6.2-3, 5-6, 12) e a consagração dos israelitas a Baal (Os 9.10).

nēzer. ***Separação, consagração, coroa.*** O sentido básico da raiz verbal, ou seja, a idéia de separação, fica claro no substantivo *nēzer* em vários contextos em que é usado. Designa o período de separação ou abstinência que fazia parte do voto de nazireu (Nm 6.4-5, 7-9, 12-13, 18-19, 21). Esse aspecto negativo da abstinência devida a voto pode ser entendido de um modo mais positivo como uma consagração a Deus.

Em Levítico 21.12 a palavra ocorre na expressão *nēzer shemen mishhat*, "consagração do óleo da unção". Esse contexto proíbe a contaminação do sacerdote, pois tal contaminação não seria compatível com a consagração simbolizada pelo óleo da unção. O sacerdote devia estar afastado de tudo o que contaminava. O mesmo conceito surge em Números 6.7 com referência ao nazireu na expressão *nēzer 'ĕlohāyw 'al rō'shô*, "a separação do [ou, para o] seu Deus [está] sobre a sua cabeça" (lit.). Nesse contexto o nazireu não devia se contaminar nem mesmo por sua família, enquanto estivesse separado "para o SENHOR" (v. 6). A *nēzer* de sua cabeça é uma clara referência a seu cabelo não aparado, o qual era o sinal exterior de sua separação (veja também v. 9).

Usa-se a palavra *nēzer* com o sentido de adorno para a cabeça em Êxodo 29.6; 39.30; Levítico 8.9. Uma comparação com Êxodo 28.36-38 revela que esse objeto era uma lâmina gravada que o sacerdote usava sobre a testa e que indicava que ele era uma pessoa consagrada.

O vocábulo *nēzer* designa uma coroa real em 2 Samuel 1.10; 2 Reis 11.12; Zacarias 9.16; Salmos 89.39 [40], 132.18; Provérbios 27.24; 2 Crônicas 23.11.

Levando em conta o fato de que tanto o cabelo comprido de um nazireu quanto a lâmina gravada usada pelo sacerdote na testa eram uma *nēzer* indicativa de sua consagração, parece que o vocábulo *nēzer* não tem a conotação de "coroa" no seu sentido básico, mas de coroa como sinal de sua consagração. Isso poderia ser tanto o cabelo quanto um adorno para a cabeça. A *nēzer* era um sinal da consagração do rei ao seu cargo da mesma maneira como era um sinal da consagração do nazireu a Deus.

nāzîr. ***Nazireu, alguém consagrado, alguém separado, príncipe.*** O substantivo *nāzîr* ocorre a maioria das vezes no AT com o sentido técnico de "nazireu". O exato significado da palavra em seus usos não-técnicos fica um tanto quanto obscurecido por causa da escassez de contextos relevantes. O vocábulo ocorre em Gênesis 49.26 e Deuteronômio 33.16, em passagens paralelas que tratam da bênção de José. Na primeira passagem, a palavra *nāzîr* é traduzida por "distinguido" pela ARA, "separado" pela IBB,

"consagrado" pela BJ, "príncipe" pela TB. Na outra passagem, a ARA, a IBB e a TB trazem "príncipe". Uma disparidade semelhante ocorre na tradução de *nāzîr* em Lamentações 4.7, em que é traduzida por "príncipes" (ARA), "nobres" (IBB, TB), "jovens" (BJ), "nazireus" (ARC). O conceito de príncipe com freqüência tem origem na palavra cognata *nēzer*, que em alguns contextos tem a clara conotação de "coroa". Mas essa palavra pode ter experimentado um desenvolvimento à parte, sendo que o significado "coroa" seria uma derivação secundária (veja o *nēzer*). É melhor identificar a origem do sentido de *nāzîr* com a raiz verbal *nāzar*, da qual deriva o seu sentido básico.

Em Gênesis 49.26 e Deuteronômio 33.16, o conceito de "separado" ou "consagrado" harmoniza-se bem com a experiência de José, cuja singularidade se vê no relacionamento que manteve no início com seus irmãos e na eminente posição a que foi, por fim, elevado no Egito. O contexto dá, então, à palavra *nāzîr* a conotação de um certo privilégio. Assim, ela pode ser semelhante ao nosso adjetivo "distinto", que não apenas tem a conotação de "diferente", mas também de "eminente". Essa interpretação abre espaço para a conotação "príncipes" ou "membros de classes privilegiadas", conforme parece exigir o contexto de Lamentações 4.7 (no entanto, a tradução "nazireus" não está de todo descartada nesse contexto).

A palavra é aplicada a uma vinha em Levítico 25.5, 11. O contexto indica que a vinha devia ficar sem poda durante o ano sabático e ser deixada para crescer por si só. É desnecessário ver essa ordem como uma extensão metafórica da prática do nazireu de deixar o cabelo crescer como um ato de especial devoção, mas pode ser entendida à luz da idéia básica de separação inerente à raiz verbal, *i.e.*, a vinha era posta à parte no sentido de que não era podada. *KB* traduz o verbo como "pôr de lado", "abster de cultivar".

O sentido técnico da palavra, "nazireu", refere-se àqueles que fizeram um voto especial de abstinência como um ato de devoção a Deus. Os aspectos específicos do voto de separação encontram-se registrados em Números 6.1-21, em que o nazireu é descrito como alguém que se abstém de ingerir uvas e seus vários derivados, que não corta os cabelos e que evita a contaminação cerimonial resultante de tocar num cadáver.

Sansão foi um nazireu consagrado a Deus (Jz 13.5, 7; 16.17), *i.e.*, alguém que estava separado para Deus devido às restrições impostas sobre ele como decorrência de voto. Quando violou seu voto de separação, Deus o abandonou nas mãos de seus inimigos.

Os nazireus constituíam um grupo de indivíduos dedicados, tanto homens quanto mulheres (*cf.* Nm 6.2), que foram líderes espirituais em seu tempo. Amós, em 2.11-12, cita os nazireus paralelamente aos profetas, mostrando como a influência benigna dos nazireus foi empobrecida no clima de desobediência do Israel do século oitavo a.C.

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 50-2.

T.E.M.

נֹחַ (*nōaḥ*). Veja o nº 1 323b.

1341 נָחָה (*nāhâ*) ***conduzir, guiar.***

Esta raiz indica a ação de conduzir alguém pelo caminho direito. Quanto a sinônimos, veja-se *nāhag*. A raiz ocorre 39 vezes.

As vezes a raiz é sinônima de *nāhag*, "arrebanhar" até um destino predeterminado; por exemplo, levar cativo (Jó 12.23), arrebanhar/conduzir um rebanho (Sl 78.53, 72). Em

outras passagens equivale a *nāḥal*, "conduzir/guiar com cuidado"; em Salmos 31.3 [4] *nāḥâ*, "conduzir", é paralelo de *nāḥal*, "guiar [para longe de dificuldades]" (*cf.* Jó 31.18).

Com freqüência Deus é aquele que "conduz". É assim que o servo de Abraão conta que Deus é o seu "guia" (Gn 24.27). No êxodo essa orientação se manifestou nas colunas de nuvem e de fogo que iam à frente (conduziam) de Israel (Êx 13.21). Muitas vezes os salmos contam como Deus conduziu o seu povo pelo caminho direito e suplicam-lhe que torne a fazê-lo. Esse pedido é muito mais do que por mera orientação. É um pedido para que Deus vá adiante deles, mostrando-lhes o caminho da retidão (SI 5.8 [9]; 23.3). Além do mais, os piedosos são conduzidos pelos mandamentos divinos (Pv 6.22) juntamente com a integridade de seus corações (Pv 11.3). As nações são obrigadas a adorar a Deus porque ele julgará e governará (*i.e.*, conduzirá graciosamente, SI 67.4 [5]; *cf.* 31.3 [4]) no reino messiânico.

L.J.C.

נחום (*nihûm*). Veja o nº 1 344b.

נחוש (*nāḥush*). Veja o nº 1 349b.

נחיר (*nāḥîr*). Veja o nº 1 346c.

1342 נחל (*nāḥal*) ***herdar, possuir.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1342a נחֲלָה (*naḥălâ*) ***herança, legado, possessão.***

1342b נחִילָה (*n'ḥîlâ*) um termo musical. Ocorre apenas no cabeçalho de Salmos 5. Talvez a palavra esteja relacionada com *ḥālîl*, "flauta". Pode ser o nome de uma melodia.

O verbo *nāḥal* tem basicamente o sentido de dar ou receber propriedade, a qual faz parte de uma possessão permanente e é resultado de sucessão hereditária. Às vezes a idéia de sucessão está ausente, mas a ação de "possuir" abrange uma conotação de permanência (*e.g.*, Êx 34.9; Pv 14.18). Um sinônimo bastante próximo, *yārash*, transmite a idéia de possessão desvinculada da de sucessão (*KB*), mas às vezes pode abranger este último sentido. *Cf.* o ugarítico *nhl* (*UT* 19 nº 1 633) e o fenício *nhl* (*KAI*, p. 16). O árabe *nahala* significa "outorgar como propriedade". Este verbo ocorre 60 vezes (incluindo-se Ez 7.24, que consiste de versos paralelos e coloca esta raiz em paralelo sinônimo com *yārash*; *cf.* Is 57.13, *etc.*).

naḥălâ. ***Herança, legado, possessão.*** O substantivo tem basicamente a conotação daquilo que é ou pode ser passado adiante como herança (*e.g.*, Gn 31.14), daquilo que pertence a alguém em virtude de um direito antigo e daquilo que pertence permanentemente a alguém. Um sinônimo próximo é *môrāshâ*, "possessão", "herança". Cf. *y'rushshâ*, que às vezes tem o sentido de "bem ocupado", "possessão"; *ḥēleq*, "porção" (que é sempre uma parte designada); *miqneh*, "possessão adquirida"; e *'ăḥuzzâ*, "bem imóvel (que alguém tem em sua possessão)". *Cf.* o ugarítico *nhlt*, "herança" (*UT* 19: nº 1 633). O substantivo ocorre 223 vezes.

Associado ao estudo desta raiz encontra-se o extenso ensino bíblico sobre "herança". Nosso esboço do uso dessa palavra vai ser dividido em: a herança que Deus dá aos piedosos, as regulamentações sociais e legais acerca da terra, a terra como possessão de Yahweh, e Deus como a herança/legado dos piedosos.

A terra toda pertence a seu Criador (Sl 47.4 [5]), e ele de tal maneira governa todas as coisas que Israel recebeu a possessão especial de Deus (Dt 32.8 e s.; Êx 15.17), a terra digna de reis e onde mana leite e mel (Dt 31.20), o lugar que representa a verdadeira salvação (Dt 12.9; *cf.* Hb 3.17—4.13, e *nûah*). Desse modo a Bíblia apresenta Deus como o grande Rei (Jz 8.23; 1 Sm 12.12), o Senhor feudal (Dt 32.8) que soberanamente distribui suas terras entre os homens (*cf.* KD; Is 49.8; 57.13) e obriga seus súditos a lhe prestar serviços pessoais. No dizer de De Vaux, a idéia feudal amplamente disseminada no antigo Oriente Médio foi, em Israel, transferida para o plano teológico (*AI*, p. 164). Por conseguinte, Deus prometeu (Gn 12.7; Êx 32.13) e deu a Palestina (Js 21.43 e ss., *etc.*) para Israel como herança perpétua (Êx 32.13), condição dependente apenas da obediência à lei divina (*e.g.*, Nm 33.50-54). Pouco a pouco Deus expulsaria os moradores de Canaã (Êx 23.30). Essa dádiva, no entanto, haveria de ser conquistada (Js) por etapas. Uma vez habitada, a terra seria reconhecida como pertencente a Deus e deveria ser preservada como santa purificando-a (Dt 20.16), mantendo-a purificada (*e.g.*, Dt 21.23) e consagrando-a a Deus (Dt 26.1 e ss.). A desobediência era castigada por Yahweh, o soberano de Israel (Jr 16.9; 17.4). O *eschaton* envolverá a reocupação da terra, o que é entendido literal ou espiritualmente, dependendo do ponto de vista acerca do milênio (KD; Ez 47.14; Is 57.13; *cf.* Hb 12.25-29).

A divisão da terra por sorteio antes de sua conquista foi uma manifestação da soberania divina (Nm 26.56) conforme era bem sabido no antigo Oriente Médio (*AI*, p. 165). Para um breve sumário das leis que governavam a distribuição e a herança de terras, *cf.* R. E. NIXON, Inheritance, In *NBD*, p. 562-3. Para uma análise do significado teológico, veja R. J. RUSHDOONY, *The institutes of Biblical law*, Nutley, Criag Press, 1973. Ele trata da economia familiar (p. 174 e ss.), das responsabilidades do primogênito e também das responsabilidades da família para com as mulheres solteiras (p. 179 e s.; D. LEGGETT, *The levirate and goel institutions*, Cherry Hill, Mack, 1974), da primogenitura limitada (p. 180 e s.), de marcos divisórios de terra como indicadores da herança social, moral e espiritual (p. 328 e ss.; Os 5.10), e, de fato, indicadores da própria vida (p. 166, 169; *cf.* KD; Dt 19.14; 20.19-20).

A herança divina especial, criada e escolhida, é o povo de Israel (Dt 4.20; Êx 34.9; *cf.* At 15.16 e ss.; Ef 1.3-4). Essa condição bendita (Sl 33.12) era o fundamento para petições (Dt 9.26, 29; Sl 28.9) e confiança (Mq 7.14, 18; Sl 94.14; *cf.* Sl 37.18) especiais. Pelo fato de Deus ser Senhor deles, não deviam ter uns aos outros como sua propriedade (Lv 25.47 e ss.; *cf.* KD; Is 14.2; Sf 2.9). Deus também possui direitos especiais e permanentes sobre todas as nações (Sl 82.8; 2.8-9; *cf.* KD).

A verdadeira herança espiritual dos piedosos (Sl 111.6 e s.; 37.18; KD; Jr 12.14-17) foi especial e figuradamente representada por Arão, pelos sacerdotes e pelos levitas, os quais não possuíam propriedade alguma para passar para seus filhos (observe-se, no entanto, o comentário de KD sobre Nm 18.20 e s.), mas que na realidade tinham a maior de todas as heranças — o próprio Senhor (Js 18.7; KD; Ez 47.22).

Bibliografia: — CRANFIELD, C. E. B., Inherit, *RTWB*, p. 112-4. — EASTON, Burton S., Heir, In: *ISBE*. p. 1369. — FOESTER, W. e Herrman, J., In: *TWNT*, v. 3, p. 757-86. — HIRSCH, F. E., Inheritance, In: *ISBE*. p. 1468. — *TDNT*, v. 3, p. 769-81.

L.J.C.

1343 נחל (*nhl*). II. Aceita como raiz de:

1343a נחלָ (*nahal*) *I, uádi, torrente.*

1343b נחל (*nahal*) *II, palmeira* (Nm 24.6, somente). Significado incerto.

nahal. *I. Uádi, torrente, vale de torrente, rio, poço (de mina).* Este substantivo geralmente se refere ao leito seco de rio ou à ravina, que, na estação das chuvas, torna-se uma torrente caudalosa, como também à torrente resultante (J. B. S. S. THOMPSON, River. In *NBD*, p. 1098). O ugarítico *nhhl* (*UT* 19: nº 1 636) e o acadiano *nahlu* têm o mesmo significado. A palavra também pode indicar um ribeiro ou rio perene (Lv 11.9; 1 Rs 18.40). A ocorrência da palavra em Jó 28.4 é, aparentemente, um hápax no sentido (*cf. KB*). Sinônimos de "torrente", "rio", são: *nāhār*, "curso d'água permanente" (*KB*); *y'ôr* (do egípcio *jrw*), "ribeiro", "canal" (geralmente apenas para referir-se aos cursos d'água do Egito); *peleg*, "canal de irrigação"; *'āpîq*, "a parte mais profunda e central de um vale em que flui água" (*KB*). Vejam-se também *yûbāl*, *'ûbāl*. Sinônimos de "vale fluvial" são: *gay'*, "vale", *'ēmeq*, "vale", "várzea", *biq'â*, "planície de vale". O vocábulo também aparece como *nahlâ* (SI 124.4, "torrente"; Ez 47.19; 48.28, "ribeiro do Egito" [a palavra "Egito" está implícita]). Ocorre 139 vezes.

Deuteronômio 21.4; Amós 5.24; Salmos 104.10; 110.7, deixam claro que a raiz indica torrentes de água corrente. Todos os ribeiros mencionados (*e.g.*, nas histórias de Elias) são essas torrentes que aparecem e desaparecem rapidamente. Entre os uádis mais conhecidos encontram-se o ribeiro do Egito, ou uádi el-'Arish (M. G. KYLE, Egypt, the brook of, em *ISBE*, p. 523). Esse "ribeiro" talvez fosse a linha divisória entre o Egito e Canaã (Nm 34.5). Uma segunda identificação possível é o braço do Nilo conhecido como Shihor ou Pelusíaco. Para um levantamento dos argumentos em torno do assunto, veja-se K. A. KITCHEN, River of Egypt, em *NBD*, p. 354. Quanto a uma lista de todos os *n'hālîm*, veja-se *KB*. É interessante observar que o Pentateuco é consistente no uso de *nahal* (13 vezes) e *nāhār* (13 vezes) para designar cursos d'água localizados fora do Egito, ao passo que cursos d'água dentro do Egito são consistentemente chamados de *y'ôr* (30 vezes). Isso revela "não uma capacidade artística no uso de uma língua, mas a experiência que proporciona uma habilidade tão grande a ponto de dar-se atenção a um detalhe tão insignificante dentro de um uso tão vasto, sem um único erro" (M. G. KYLE, *ibid.*). São coisas assim que invalidam a bem conhecida teoria JEDP e suas variantes.

Pelo fato de o *nahal* surgir e/ou desaparecer repentinamente como torrentes impetuosas, ele simboliza muitas coisas, por exemplo, o orgulho das nações (Is 66.12), a força do invasor (Jr 47.2), e o poder do adversário (SI 18.4 [5]; 124.4). Até mesmo torrentes de óleo não agradam a Deus se não estiverem acompanhadas de justiça, bondade e humildade (Mq 6.7). Os piedosos serão, porém, saciados, com as torrentes inundantes do prazer divino (SI 36.8 [9]). Dessa maneira, os *sh'lāmîm* (*q.v.*) possuem de fato o significado espiritual simbólico de rios paradisíacos de prazer (*KD*; *cf.* Gn 2.10), cuja fonte é Deus (Jr 2.13). Os exilados que retornarem encontrarão torrentes no deserto (*cf.* Êx 17.3 e ss.; Nm 20.11). É claro que isso não se concretizará na sua plenitude a não ser

na era messiânica (Is 35.6, E. J. YOUNG, *The book of Isaiah*, Eerdmans, 1965; *cf.* *KD*; Jr 31.9). O vale do Cedrom (G. W. GROGAN, Cedrom, em *NDB*, p. 277; E. W. G. MASTERMAN, Kidron, the brook, In *ISBE*, p. 1798), por muito tempo associado com sepulturas (2 Rs 23.6, 12; Jr 26.23) e com terras impuras e contaminadas (*e.g.*, 1 Rs 15.13; 2 Cr 29.16; 2 Rs 23.6), será para Deus santo no *eschaton* (Jr 31.40). Ali fluirão as águas vivificantes (Ez 47.5-19; no v. 9 o dual representa ou uma forte correnteza [*KD*] ou o *mem* enclítico do ugarítico). Nessa ocasião nem o Nilo nem o Eufrates afastarão da salvação o povo de Deus (Is 11.15; *cf.* *nuah*).

L.J.C.

1344 *נחם (*nāham*) ***ter pena, arrepender-se, lamentar, ser consolado, consolar.***

Verbo não empregado no qal, *nāham* ocorre principalmente no nifal e no piel.

Termos Derivados

1344a נחם (*nōham*) ***tristeza, arrependimento*** (Os 13.14, somente).

1344b נחום (*nihûm*) ***consolo*** (Is 57.18), ***compaixão*** (Os 11.8).

1344c נחמה (*nehāmâ*) ***consolo*** (Sl 119.50; Jó 6.10).

1344d תנחום (*tanhûm*) ***consolação*** (*e.g.*, Jr 16.7; Is 66.11).

Parece que em sua origem a raiz reflete a idéia de "respirar profundamente" e, por conseguinte, a manifestação física dos sentimentos da pessoa, geralmente tristeza, compaixão ou pena. A raiz ocorre em ugarítico (veja-se "consolar" em *UT* 19: nº 1 230) e é vista em nomes próprios do AT, tais como Neemias, Naum e Menaém. A LXX traduz *nhm* tanto por *metanoeō* quanto por *metamelomai*.

Um grande número de vezes traduz-se o nifal de *nhm* por "arrepender-se". A maioria desses casos refere-se à compaixão de Deus, não à do homem. A palavra usada com maior freqüência para indicar o arrependimento humano é *shûb* (*q.v.*), que significa "voltar-se" (do pecado para Deus). Ao contrário do ser humano, que, convicto do pecado, sente remorso e tristeza autênticos, Deus está livre de pecado. Assim mesmo as Escrituras nos dizem que Deus se arrepende (Gn 6.6-7; Êx 32.14; Jz 2.18; 1 Sm 15.11, *et al.*), *i.e.*, ele abranda ou muda sua maneira de lidar com os homens de acordo com seus propósitos soberanos. Num exame superficial esse linguajar parece inconsistente, se não contraditório, com certas passagens que declaram a imutabilidade divina: "[Deus] não é homem, para que se arrependa" (1 Sm 15.29, mas veja-se o v. 11); "O SENHOR jurou e não se arrependerá" (Sl 110.4). Entretanto, quando se emprega *nāham* com respeito a Deus, a expressão é antropopática e, em última instância, não existe contradição. A partir da perspectiva humana (que é limitada, terrena, finita) a única impressão que se tem é de os propósitos divinos mudarem. É assim que o AT afirma que Deus "se arrependeu" dos julgamentos ou do "mal" que ele havia planejado executar (1 Cr 21.15; Jr 18.8; 26.3, 19; Am 7.3, 6; Jn 3.10). Certamente Jeremias 18.7-10 é um contundente lembrete de que, da perspectiva divina, o cumprimento da maior parte das profecias (com exceção das predições messiânicas) está condicionado à reação positiva por parte dos homens. A esse respeito A. J. HESCHEL (*The prophets*, p. 194) disse: "Nenhuma palavra é a palavra final de Deus. O juízo, longe de ser absoluto, é condicional. Uma mudança na conduta humana

provoca uma mudança no juízo divino".

O segundo significado básico de *nāham* é o de "consolar" (piel) ou "ser consolado" (nifal, pual e hitpael). Essa palavra hebraica era bem conhecida de todo judeu piedoso que vivia no exílio quando se lembrava das palavras iniciais do "Livro da Consolação" de Isaías: *nahămû nahămû 'ammî*, "Consolai, consolai o meu povo" (Is 40.1). A mesma palavra ocorre em Salmos 23.4, em que Davi diz acerca de seu Pastor celestial: "a tua vara e o teu cajado me consolam." No entanto, muitas passagens falam de ser consolado por causa dos mortos (2 Sm 10.2; 1 Cr 19.2; Is 61.2; Jr 16.7; 31.15). Pessoas foram consoladas da morte de uma criança recém-nascida (2 Sm 12.24), de um filho adolescente (Gn 37.35), de uma mãe (Gn 24.67), de uma esposa (Gn 38.12), *et al.* Uma mãe pode consolar seu filho (Is 66.13), mas é Deus quem consola o seu povo (Sl 71.21; 86.17; 119.82; Is 12.1; 49.13; 52.9). "As ... compaixões [*nihûm*, um derivado de *nhm*] de Deus à uma se acendem" por Israel (Os 11.8).

Bibliografia: — GIRDLESTONE, Robert B., *Synonyms of the Old Testament*, Eerdmans, 1956, p. 87-92. — TURNER, G. A. Repentance, In: *ZPEB*. v. 5, p. 62-4. — RICHARDSON, *TWB*, p. 191. — *THAT*, v. 2, p. 59-65.

M.R.W.

1345 נָחַץ (*nāhats*) ***urgir*** (1 Sm 21.8 [9], somente).

1346 נחר (*nhr*). **Aceita como raiz de:**

1346a נָחַר (*nahar*) ***o resfolegar*** (de cavalo, Jó 39.20, somente).

1346b נַחְרָה (*nahărâ*) ***o resfolegar*** (Jr 8.16, somente).

1346c נַחִיר (*nāhîr*) ***narinas*** (Jó 41.12, somente).

1347 נחש (*nhsh*). **I. Aceita como raiz de:**

1347a †נָחָשׁ (*nāhāsh*) ***serpente, cobra.***

1347b נְחֻשְׁתָּן (*n'hushtān*) ***Neustã.***

nāhāsh. ***Serpente, cobra.*** Esta é a palavra mais comum para designar "serpente". É encontrada 30 vezes no AT, distribuída desde Gênesis até os profetas menores. A palavra também é conhecida do ugarítico *nhš*.

As primeiras cinco ocorrências de *nāhāsh* encontram-se em Gênesis 3 (vv. 1, 2, 4, 13, 14) e, é claro, referem-se à criatura que tentou Eva a desobedecer a Deus. Paulo faz alusão a esse incidente em 2 Coríntios 11.3, e João em Apocalipse 12.9 e ss. Em todos os casos, também na tradução da LXX, em grego a palavra é *ophis*.

As opiniões divergem quanto a se essa foi uma cobra inspirada por Satanás ou se é um nome para o próprio Satanás (J. O. BUSWELL, *Systematic theology of the Christian religion*, Zondervan, 1962, v. 1, p. 264-5). Só uma teologia naturalista poderia sustentar que essa foi uma serpente igual às demais, aludida em mito ou lenda.

nāhāsh ocorre em Êxodo 4.3; 7.15, associado com a vara de Moisés que se transformava numa "serpente". Durante as peregrinações dos israelitas no deserto, o Senhor enviou "serpentes abrasadoras". Números 21.6, 7, 9; Deuteronômio 8.15, e 2 Reis 18.4 referem-se tanto à praga quanto à "serpente" de bronze, *n'hushtān*, feita por Moisés.

Em geral a "serpente" é algo mau. Mas qualquer pessoa envenenada por ela podia ser curada, por olhar simplesmente para a "serpente" de bronze. Jesus mencionou esse acontecimento em João 3.14. Assim como o objeto da fé assemelhava-se à maldição no caso das "serpentes", de igual forma Jesus assemelhou-se aos amaldiçoados pelo fato de que assumiu a forma de um servo e tornou-se semelhante ao homem (Fp 2.7). Existem pelo menos mais dois outros aspectos dignos de nota neste relato mosaico da "serpente" de bronze. Primeiro, a palavra *nāhāsh* é quase idêntica à palavra *nᵉhōshet* (*q.v.*), "bronze" ou "cobre". Alguns estudiosos acreditam que as palavras têm relação entre si devido a uma cor comum às serpentes, mas outros acham que a semelhança entre as palavras é simples coincidência. Com base em 2 Reis 18.4 podemos supor que a "serpente" de bronze tornou-se uma relíquia, um fetiche religioso, e que o povo de Deus, agindo como quaisquer outras pessoas, quis adorá-la. O nome dado a esse objeto foi "Neustã", que pode referir-se às palavras *nāhāsh*, "serpente", e/ou *nᵉhōshet*, "bronze".

É possível que tanto Jeremias quanto Amós estejam fazendo alusão a esse incidente no deserto quando ameaçam com castigo na forma de "serpentes" (Jr 8.17; Am 5.19; 9.3). Isaías e Miquéias talvez tenham Gênesis 3.14 em mente quando falam de lamber o pó como uma "serpente" (Is 65.25; Mq 7.17).

Tanto Jó quanto Isaías mencionam o "leviatã" (IBB; ARA, "dragão"; heb. *liwyātān*, *q.v.*) ou a "serpente" manhosa em conexão com o poder de Deus (Jó 26.13; Is 27.1).

Há menção de outras características de "serpentes". Gênesis 49.17 parece referir-se à capacidade de dissimulação da serpente; Salmos 58.4, 140.3 [4]; Provérbios 23.32; Eclesiastes 10.8, 11; Jeremias 8.17; Amós 5.19; 9.3, à picada venenosa; Provérbios 30.19, à sua capacidade de subir em lugares lisos; e Jeremias 46.22, ao silvo que fazem.

Três passagens (Sl 54.4-5; Ec 10.11; Jr 8.17) referiram-se talvez ao encantamento de serpentes. Aqui também ocorre semelhança entre as palavras: *nāhāsh*, "serpente", é vocábulo parecido *lahash*, "encantamento" ou "adivinhação" (*cf. nāhash*).

Três ou quatro pessoas e uma cidade possuem nomes derivados desta raiz: "Naás", o rei amonita (1 Sm 11.1, *et al.*); "Naás", o pai de Abigail e Zeruia (2 Sm 17.25); "Naasom", o filho de Aminadabe e cunhado de Arão (Êx 6.23, *et al.*); "Neusta", a mãe do rei Joaquim (2 Rs 24.8); e a cidade de "Naás" ("Ir-Naás" na maioria das traduções, 1 Cr 4.12). Visto que existem algumas raízes idênticas, esses nomes não precisam ter necessariamente o significado de "serpente", mas talvez o de "adivinho" (*nahash*) ou "cobre" (*nᵉhōshet*).

Bibliografia: — *TDNT*, v. 5, p. 571-9.

R.L.A.

1348 נָחַשׁ (*nāhash*) ***II, aprender por experiência, observar com diligência, adivinhar, praticar adivinhação, ler a sorte, tomar como presságio.***

Termo Derivado

1348a נַחַשׁ (*nahash*) ***adivinhação.***

O verbo *nāhash* é encontrado apenas no grau intensivo (piel) e está claramente relacionado com o substantivo *nahash*, que significa "adivinhação" ou "encantamento".

A primeira ocorrência de *nāhash* se dá em Gênesis 30.27, que diz que Labão ficou

"sabendo por presságios" (BJ) que a presença de Jacó envolvia sua bênção.

Em Gênesis 44.5 e 15 ocorre a forma duplamente intensiva (infinitivo absoluto mais o verbo na forma finita). Nessa passagem é declarado aos irmãos de José que ele era capaz de "adivinhar" com um copo especial e, desse modo, ficar sabendo de coisas secretas, como o fato de os irmãos estarem de posse do copo dele. De acordo com 1 Reis 20.33, os servos de Ben-Hadade "tomaram ... por presságio" o uso que Acabe fez da palavra "irmão" para referir-se a Ben-Hadade.

A adivinhação, no entanto, é proscrita em Levítico 19.26 e é condenada em 2 Reis 17.17 e 21.6 (*cf.* 2 Cr 33.6). Ela faz parte da lista de práticas ocultistas proibidas em Deuteronômio 18.10.

nahash. ***Adivinhação, encantamento, presságio, feitiçaria, agouro.*** O substantivo *nahash* tem obviamente relação com o verbo cognato *nāhash* II. Números 23.23 traz a palavra no singular, em paralelo com *qesem* (*q.v.*), indicando um tipo de prática ocultista. Números 24.1, também parte da história de Balaão, traz a única outra ocorrência de *nahash*. Devido à semelhança entre *nahash* e *nāhāsh* (*q.v.*), "serpente", alguns associam a palavra com encantamento de serpente. A maioria dos estudiosos sustenta que existe uma semelhança de sons sibilantes entre encantadores e serpentes, o que explica a semelhança das palavras.

Bibliografia: — LIEFELD, W. L. Divination, In: *ZPEB*. v. 2, p. 146-9. — SUMMERS, Montague, *The history of witchcraft and demonology*, New York, University Books, 1956.

R.L.A.

1349 נחשׁ (*nhsh*). **III. Aceita como raiz de:**

1349a †נחשׁת (*n^ᵉhōshet*) ***cobre.***

1349b נחוּשׁ (*nāhûsh*) ***bronze*** (Jó 6.12, somente).

1349c נְחוּשָׁה (*n^ᵉhûshâ*) ***cobre, bronze, latão, cadeias de bronze*** (*e.g.*, Jó 28.2; 2 Sm 22.35; Sl 18.35).

n^ᵉhōshet. ***Cobre, bronze, latão, cadeias de bronze.*** Esta, a palavra usual para cobre e uma de suas ligas, o bronze, ocorre aproximadamente 140 vezes no AT. O "cobre" é um elemento raramente encontrado puro na natureza. O "bronze" é uma liga de cobre e estanho. Embora o "cobre" tenha caracterizado a Idade do Bronze na Palestina, de forma alguma deixou de ser usado durante a Idade do Ferro (que teve início no século XII a.C.). Pelos dados arqueológicos disponíveis, o latão (liga de cobre com zinco) não veio a ser empregado extensivamente senão a partir do período intertestamentário, mas possivelmente o "bronze polido" de Ezequiel 1.7 era latão autêntico (R. J. FORBES, *Studies in ancient technology*, v. 8, p. 276).

Mais da metade das referências a *n^ᵉhōshet* se encontra nos trechos que descrevem a construção do tabernáculo e do templo e respectivos móveis e utensílios. Feitos de *n^ᵉhōshet* eram as bases das colunas (Êx 26.37), os utensílios (27.3), a grelha e as argolas do altar (27.4) e outros objetos e ornamentos, bem como o revestimento do altar (27.2). Talvez o mais impressionante deles tenha sido o mar de "bronze" feito por Salomão (1 Rs 7.23-27; *cf.* 2 Rs 25.13).

Sansão (Jz 16.21), Manassés (2 Cr 33.11), Jeoaquim (2 Cr 36.6) e Zedequias (Jr 52.11) foram presos com *n'hushtayim*, "cadeias de bronze" (a palavra está no dual). Golias tinha um capacete, caneleiras e couraça de *n'hōshet* (1 Sm 17.5-6).

"Cobre" em estado natural é mencionado em Deuteronômio 8.9 e Zacarias 6.1.

Algumas vezes emprega-se a palavra poeticamente. Os céus de "bronze" de Deuteronômio 28.23 indicam calor escaldante e ausência de chuvas. De acordo com Isaías 60.17, o valor desse metal está entre o do ouro e o da madeira. Lamentações 3.7 descreve a tristeza como "grilhões de bronze". O estranho uso de *n'hōshet* em Ezequiel 16.36 é traduzido ou parafraseado de diferentes maneiras: "lascívia" (ARA, IBB, TB); "dinheiro" (ARC, BJ, EP); "vergonhas" (PIB); e "prata dilapidada" (MM).

Bibliografia: — BOWES, D. R., Metals and metallurgy, in: *ZPEB*, v. 4, p. 207-12.

R.L.A.

1350 נהש (*nhsh*). **IV. Aceita como raiz de:**

1350a נחשת (*n'hōshet*) ***concupiscência, prostituição*** (Ez 16.36, somente). Significado incerto.

נחשת (*n'hōshet*). Veja os nºs 1 349a, 1 350a.

נחשתן (*n'hushtān*). Veja o nº 1 347b.

1351 נחת (*nāhēt*) ***descer.***

Termos Derivados

1351a נחת (*nahat*) ***descida*** (Is 30.30, somente).

1351b נחת (*nāhēt*) ***descendo*** (2 Rs 6.9, somente).

Por ser usado em vários graus verbais, *nāhēt* é traduzido de diferentes maneiras. O ugarítico *nht* também significa "descer" (*UT* 19: nº 1 635). Algumas passagens ilustram o sentido básico de *nāhat* ou *nāhēt*, que é a forma estativa. Como termo militar, significa "descer contra" (qal), ou seja, descer para atacar uma cidade (Jr 21.13), ou "fazer descer" (hifil) guerreiros para o combate (Jl 3.11 [4.11]). São os ímpios que "descem ao Sheol" (Jó 21.13, IBB). O salmista diz que a mão de Deus se abateu sobre ele (Sl 38.2 [3]). *Cf.* "a descida [*nahat*] do seu braço" (IBB, Is 30.30; ARA, "golpe").

O verbo *nāhēt* também é traduzido por "penetrar", "afundar em". Davi exclama em Salmos 38.2 [3]: "Cravam-se em mim as tuas setas" (*cf.* o epíteto ugarítico "o arqueiro", de Resheph, o deus cananeu das pragas; veja-se DAHOOD, *Psalms I*, *AB*, p. 235). "Mais fundo entra a repreensão no prudente [*i.e.*, deixa uma marca nele], do que cem açoites no insensato" (Pv 17.10). *nāhēt* também é usado no sentido de "pressionar para baixo", *i.e.*, "aplainar", sulcos no chão (Sl 65.10 [11]).

Em duas passagens paralelas (2 Sm 22.35; Sl 18.34 [35]) encontramos uma rara ocorrência de *nāhēt*. A sentença toda tem sido traduzida por "de sorte que os meus braços vergaram [*i.e.*, pressionaram para baixo, esticaram] um arco de bronze". Material encontrado em Ugarite sugere, no entanto, a tradução mais literal de "abaixar" um arco de bronze para dentro dos braços de alguém (*cf.* Kothar, o deus cananeu dos artesãos, o qual "faz descer" [*ynht*] dois porretes para Baal, o guerreiro terreno abaixo, a fim de que

este possa enfrentar Yam; veja-se *UT* 16: nº 68:11).

O aramaico bíblico emprega *n'het* no sentido de "descer" (Dn 4.13 [10]; 4.23 [20]), "depositar" ou "armazenar" algo (Ed 5.15; 6.1, 5; *cf.* TB; ARA, "levar") e "derribar" (ARA) ou "depor" (do trono, Dn 5.20).

É de interesse assinalar que, ao passo que o presente substantivo *nahat* II deriva de *nāhat*, existe outro substantivo *nahat*, que deriva de *nûah*, "descansar". Da mesma maneira existem dois substantivos *shahat* I, "cova", e *shahat* II, "corrupção", derivados respectivamente de *shûah*, "cavar", e *shāhat*, "corromper" (*q.v.*). Este último substantivo não é reconhecido pelos léxicos, embora seja traduzido como tal na LXX.

M.R.W.

נחת (*nahat*). Veja os nºs 1 323a, 1 351a.

1352 נָטָה (*nātâ*) ***estender, esticar, espalhar, armar (tenda), virar, perverter, inclinar, desviar, curvar.***

Termos Derivados

1352a מַטָּה (*mattâ*) ***abaixo.***

1352b מַטֵּה (*matteh*) ***vara.***

1352c מִטָּה (*mittâ*) ***cama.***

1352d מַטָּה (*muttâ*) ***estiramento, extensão.***

1352e מִטֶּה (*mutteh*) ***aquilo que é pervertido.***

As 215 ocorrências deste verbo, sem falar nos seus derivados, são traduzidas de várias maneiras diferentes. O significado que a raiz tem de "estender", "esticar", é especialmente comum no grau qal. O livro de Êxodo registra que Moisés "estendeu" a mão (em geral a sua vara também é mencionada), sobre as águas do Egito (Êx 7.19), sobre a terra do Egito (Êx 10.13), na direção dos céus (Êx 9.23; 10.21-22) e sobre o mar Vermelho (Êx 14.16, 21, 26-27). Uma lança (Js 8.18, 26) ou uma espada (Ez 30.25) que se tenha à mão pode ser "estendida". Uma mulher pode manifestar sua altivez com um "pescoço esticado" (Is 3.16; ARA, "emproado"). Um cordel de medir é "estendido" sobre uma cidade (2 Rs 21.13; Zc 1.16; *cf.* Is 44.13).

Conquanto uma pessoa possa, numa atitude de desafio, "estender" a mão contra Deus (Jó 15.25), antropomorficamente é a mão de Deus que, em última instância, se "estende" para julgar o homem (Is 5.25; 23.11; 31.3; Jr 6.12; 15.6; 51.25 *et al.*). Semelhantemente, é com braço "estendido" que Deus redime e livra o homem (Êx 6.6; Dt 4.34; 5.15; 11.2 *et al.*).

Com freqüência *nātâ* é usado para designar a ação de "esticar" (*i.e.*, "armar") tanto a própria tenda (Gn 12.8; 26.25; 35.21; Jz 4.11; 2 Sm 16.22) quanto o tabernáculo da comunidade religiosa (Êx 33.7; 2 Sm 6.17; 1 Cr 16.1). "Esticar" uma tenda é, no sentido figurado, ser estabelecido como povo (Jr 10.20; ARA, "levantar"). "Estender" o toldo de uma tenda é símbolo de crescimento (Is 54.2). Também se usa *nātâ* figuradamente para descrever a ação de Yahweh, o Criador, cujas mãos "estenderam" os céus como cortina (Is 40.22; 42.5; 44.24; 45.12 *et al.*). Ademais, emprega-se a raiz para designar a ação das

sombras se "adiantarem" (isto é, tornarem-se mais compridas; 2 Rs 20.10; Sl 109.23; 102.11 [12]; Jr 6.4) e de vales que "se estendem" (Nm 24.6).

A raiz também aparece com o sentido básico de "inclinar-se". Um uádi "se inclina" (*i.e.*, desce como um declive, Nm 21.15), os ombros de um jumento cedem com o peso da carga (Gn 49.15; ARA, "baixam") e "inclina-se" (*i.e.*, vira-se) um cântaro para despejar o seu líqüido (Gn 24.14). Emprega-se também o verbo figuradamente para referir-se à "perversão" ou "distorção" da justiça, o que é condenado no âmago do código legal de Israel (vejam-se Êx 23.6; Dt 16.19; 24.17; 27.19; 1 Sm 8.3; Is 10.2; 29.21; Lm 3.35; Am 2.7; 5.12; Ml 3.5).

Um grande número de outras referências que fazem uso de *nātâ* têm a nuança de "virar", "inclinar" ou "desviar". É empregado no sentido literal de "ir para o lado" ou "ir para fora" ou ainda "desviar" do caminho (Nm 20.17; 21.22; 22.23, 26, 33; 2 Sm 6.10) ou de "voltar-se para" algo ou alguém (Gn 38.1, ARA, "hospedar-se"; Gn 38.16, ARA, "dirigir-se").

A maioria dos usos é, no entanto, figurada. O coração de alguém pode "se desviar" (*i.e.*, transferir sua lealdade, apostatar; *cf.* 1 Rs 11.2-4, 9; ARA, "perverter") ou "ser comovido" (2 Sm 19.14 [15]; ARA, "mover"). De outro lado, o coração pode estar "inclinado" para Deus e suas instruções (Js 24.23; 1 Rs 8.58; Sl 119.36). Também é comum a expressão "inclinar os ouvidos" (*i.e.*, escutar obedientemente) para referir-se a homens dando atenção a Deus (Jr 7.24, 26; 11.8; 17.23 *et al.*; ARA, "dar ouvidos a"), a Deus dando atenção a homens (2 Rs 19.16; Is 37.17; Dn 9.18), e a homens dando atenção às palavras de um sábio (Pv 4.20; 5.1, 13; 22.17). A palavra *nātâ* é utilizada com o sentido de "declinar" com referência a uma sombra (2 Rs 20.10), um dia (Jz 19.8-9) e, figuradamente, ao rápido declínio físico da vida (Sl 102.11 [12]; 109.23).

mattâ. ***Debaixo, embaixo, para baixo.*** Este termo, usado adverbialmente, por vezes indica aquilo que está "para baixo", "embaixo" ou "debaixo" de algo, em contraste com aquilo que está em cima ou para cima (*cf.* Êx 26.24; 36.29; 27.5; 38.4; 28.27; 39.20). Uma planta lança raízes "para baixo", mas "dá fruto para cima" (2 Rs 19.30; Is 37.31). Descrevem-se os céus como "lá em cima" e os fundamentos da terra como "cá em baixo" (Jr 31.37). O Sheol está localizado "em baixo" (Pv 15.24). Utiliza-se também *mattâ* para referir-se à idade, como em 2 Crônicas 27.23: "Davi não contou os que eram de vinte anos para baixo". A relação desta palavra com o verbo *nātâ* fica clara quando se observa que o hifil desse verbo é, às vezes, traduzido por "inclinar" (*cf.* 2 Rs 19.16; Sl 86.1; Pv 22.17).

matteh. ***Vara, bordão, bastão, haste, tribo.*** Este derivado é encontrado cerca de 250 vezes. Embora o vocábulo tenha propriamente o sentido de "bordão" ou "vara", geralmente é traduzido por "tribo" (cerca de 180 vezes). Em geral a referência é a uma das 12 tribos citada pelo nome. Ao que parece, no início cada líder tribal dirigia o seu grupo com um bastão. Isso sugere que o bastão do dirigente pode ter sido originariamente um símbolo da tribo (*cf.* Nm 17.2-10 [17-25]) e por fim passou a simbolizar a liderança e a autoridade (*cf.* Sl 110.2; Jr 48.17). Deve-se assinalar que *mṭ yd*, "bordão da mão", é uma expressão bem atestada na literatura ugarítica (cf. *UT* 19: nº 1237). Na LXX, na maioria das vezes emprega-se *phylē* para traduzir *matteh*.

Um *matteh* era usado como bengala de apoio para o viajante (*cf.* Gn 38.18, 25). O jovem guerreiro Jônatas carregava consigo um bordão (1 Sm 14.27, 43; ARA, "vara"). As varas de Moisés (Êx 4.2, 4, 17; 7.15, 17, 20; *et al.*) e de Arão (Êx 7.9-10, 12, 19; Nm 17.8

[23]; *et al.*) são mais conhecidas devido aos poderes sobrenaturais associados a elas. Um exemplo interessante, com freqüência usado erroneamente, é o caso em que Moisés manteve erguida a vara de Deus na guerra contra os amalequitas (Êx 17.9, 11-13). Freqüentemente se supõe que Moisés mantinha as mãos erguidas em atitude de oração, mas o contexto não diz nada a respeito. O poder para prevalecer estava na vara de Deus, o símbolo do seu poder.

Outros usos de *matteh* incluem a "haste" de uma arma (Hc 3.9, ARA, "flecha"; 3.14, ARA, "lança"). Outra expressão, *mattēh lehem*, "bastão de pão" (lit., *cf.* Ez 4.16; 5.16; 14.13; Lv 26.26; Sl 105.16), não precisa referir-se ao "sustento de pão" (ARA), conforme geralmente é aceito. Visto que *lehem* pode significar "cereal" ou "trigo", *mattēh lehem* pode simplesmente ser interpretado como "pés de cereal" (veja-se M. DAHOOD, *Psalms II*, em *AB*, p. 56). Ezequiel emprega *matteh* para designar o galho (ramo) da videira (19.11-12, 14). Especialmente em Isaías, usa-se o termo como símbolo de opressão e de juízo (Is 9.4 [3]; 10.5, 24; 14.5; 30.32).

mittâ. ***Cama, leito, liteira.*** Esse vocábulo ocorre 28 vezes. Na literatura ugarítica, onde é atestado, descreve-se o rei Krt deitado em sua cama e chorando depois de perder a família inteira (*cf. UT* 16: Krt, I 30, p. 184). Em geral o *mittâ* era um espaço para "espreguiçar-se" ou "reclinar-se" sobre o chão, onde havia uma esteira ou panos estendidos. As camas dos ricos, entretanto, podem ter sido móveis de marfim (Am 6.4) ou de ouro e prata (Et 1.6), possivelmente localizadas em câmaras de dormir (2 Rs 11.2). Usava-se o *mittâ* para dormir (2 Rs 4.10), para acomodar os enfermos ou feridos (Gn 47.31; 48.2; 2 Rs 1.4, 6), como liteira (1 Sm 19.15) e como maca para os mortos (2 Sm 3.31; ARA, "féretro").

[É questão debatida se, em Gênesis 47.31, Jacó se apoiou sobre a ponta de sua vara ou bengala, *matteh*, conforme se lê na LXX e em Hebreus 11.21, ou se sobre a cabeceira de sua cama, *mittâ*, como se encontra no TM. Parece que o quadro geral favorece a primeira hipótese. R.L.H.]

muttâ. ***Estender (diz-se de asa).*** Empregado somente em Isaías 8.8 para designar o exército invasor assírio que "estendeu" suas asas sobre toda a terra de Judá.

mutteh. ***Aquilo que é pervertido, distorcido.*** Usado apenas em Ezequiel 9.9 com referência à perversidade (ARA, "injustiça") da cidade de Jerusalém.

Bibliografia: — *AI*, p. 413. — GIRDLESTONE, Robert B., *Synonyms of the Old Testament*, Eerdmans, 1956, p. 259-60. — *TDNT*, v. 9, p. 245-50. — *IDB*, v. 1, p. 372-3.

M.R.W.

נָטִיל (*nātîl*). Veja o nº 1 353b.

נְטִיעַ (*nātîa'*). Veja o nº 1 354b.

נְטִיפָה (*n'tîpâ*). Veja o nº 1 355c.

1353 נטל (*natal*) ***erguer, suportar*** (*e.g.*, Lm 3.28; Is 40.15).

Termos Derivados

1353a נֵטֶל (*nēṭel*) ***fardo, peso*** (de areia, Pv 27.3).
1353b נָטִיל (*nāṭîl*) ***carregado*** (Sf 1.11, somente).

1354 נָטַע (*nāṭaʿ*) ***plantar, prender, firmar, estabelecer, estender, armar (tenda).***

Termos Derivados

1354a נֶטַע (*neṭaʿ*) ***planta, plantação*** (*e.g.*, Jó 14.6; Is 5.7).
1354b נְטִיעַ (*nāṭîaʿ*) ***planta*** (Sl 144.12, somente).
1354c מַטָּע (*maṭṭāʿ*) ***plantio, plantação*** (*e.g.*, Ez 34.29; Is 60.21).

A raiz *naṭaʿ* é empregada cerca de 70 vezes. A maioria das referências ocorre nos profetas, sendo em torno de 30 em Isaías e Jeremias. A raiz também é achada na literatura ugarítica. Não é de surpreender que a Bíblia, ao falar do Israel antigo, onde era grande a prática do cultivo da terra, mencione aproximadamente 100 variedades diferentes de plantas, a maioria delas economicamente vitais para aquela sociedade agrária. Pelo fato de o ato de plantar ser algo tão familiar, os autores do AT empregam figuradamente a raiz *nāṭaʿ* cerca de 30 vezes.

O plantar videiras e vinhas é mencionado um maior número de vezes (Gn 9.20; Dt 20.6; 28.30, 39; Sl 107.37; Pv 31.16; Ec 2.4; Is 37.30; 65.21; Jr 31.5; Ez 28.26; Am 5.11; 9.14; Mq 1.6; Sf 1.13). Muitas dessas passagens também dão ênfase ao resultado do plantio: comer, apreciar o fruto ou beber o vinho. Outros objetos de *nāṭaʿ* incluem árvores (Lv 19.23; Dt 16.21), árvores frutíferas (Ec 2.5), oliveiras (Dt 6.11; Js 24.13), tamargueiras (Gn 21.33), cedros (Is 44.14; *cf.* Ez 31.4) e jardins (Jr 29.5, 28). Muitas dessas referências e outras abaixo estão incluídas em contextos que também mencionam a construção de casas ou cidades, dessa forma associando a agricultura à vida cotidiana de Israel.

O verbo *nāṭaʿ* e seus derivados são muitas vezes usados metaforicamente com referência a Yahweh, o grande Plantador (*cf.* o particípio *nôṭēaʿ* em Jr 11.17) em Israel. Uma das primeiras expressões antropomórficas do AT encontra-se em Gênesis 2.8: "E plantou o SENHOR Deus um jardim no Éden." Deus também é descrito plantando sândalo (Nm 24.6) e cedros do Líbano (Sl 104.16).

Deus levou uma videira, o seu povo, para fora do Egito (*cf.* Êx 15.17) e plantou-a (Sl 80.8 [9]) com as próprias mãos (Sl 80.15 [16]; *cf.* Sl 44.2 [3]) em meio a videiras escolhidas (Is 5.2). De fato, os israelitas eram a "planta dileta" de Deus (Is 5.7). Entretanto, apesar de todo esse cuidado, a videira de Deus tornou-se videira brava (Jr 2.21). Uma vez mais ele ansiou chamá-los de "renovos por mim plantados" (Is 60.21), pois o propósito para eles era que fossem "plantados pelo SENHOR" (Is 61.3). Mas antes de isso poder acontecer, Deus disse a Israel que eles deviam primeiramente ser desarraigados e exilados de sua terra: "Isto diz o SENHOR: 'Eis que estou ... arrancando o que plantei, e isto em toda a terra'" (Jr 45.4; *cf.* 24.6). Mas essa não seria uma transplantação definitiva, pois Deus especificou em sua aliança com Davi: "Prepararei lugar para o meu povo, para Israel, e o plantarei, para que habite no seu lugar, e não mais seja perturbado" (2 Sm 7.10; 1 Cr 17.9). Mais tarde, a palavra final que Deus falou por intermédio de Amós reiterou a

promessa: "Plantá-los-ei na sua terra, e, dessa terra que lhes dei, já não serao arrancados" (Am 9.15; *cf.* Jr 31.28; 32.41).

Deus "planta" (*nāta'*) não apenas Israel, mas também "planta" ou firma as nações (Jr 1.10; 18.9), os perversos (Jr 12.2), os céus (Is 51.16), o ouvido (Sl 94.9; ARA, "fa-er"), e restaura o deserto (Ez 36.36).

Outros usos figurados de *nāta'* incluem "armar" tendas (Dn 11.45) e "fixar" pregos (Ec 12.11). O salmista ora e suplica pela bênção de Deus sobre o seu povo, dizendo: "Que nossos filhos sejam, na mocidade, como *plantas* viçosas" (Sl 144.12).

O escritor de Eclesiastes emprega a figura do plantio para ilustrar o fato de que existe tempo para tudo: "tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de *plantar*, e tempo de arrancar o que se plantou" (Ec 3.2).

M.R.W.

1355 נָטַף (*nātap*) ***pingar, gotejar, destilar, profetizar, pregar.***

Termos Derivados

1355a נֹכֶף (*nātāp*) ***I, gota*** (Jó 36.27, somente).

1355b נָטָף (*nātāp*) ***II, gota de estoraque (resina extraída de arbusto e usada para fazer incenso)*** (Êx 30.34, somente).

1355c †נְטִיפָה (*n'tîpâ*) ***arrecada, brinco.***

A raiz verbal *nātap* ocorre 18 vezes. É encontrada quase exclusivamente nas seções poéticas do AT. Em duas passagens antigas de poesia hebraica (Jz 5; Sl 68), emprega-se *nātap* três vezes para referir-se às nuvens do céu gotejando água. No Cântico de Débora, a chuva cai e a terra estremece quando Yahweh, numa imponente teofania, aparece marchando pela terra: "Saindo tu, ó SENHOR, de Seir, marchando desde o campo de Edom, a terra estremeceu; os céus gotejaram, sim, até as nuvens gotejaram águas" (Jz 5.4). Yahweh, e não Baal, é o verdadeiro "Cavaleiro das Nuvens" (*cf.* Sl 68.4 [5]). É ele que faz a chuva gotejar sobre a terra deserta (*cf.* Sl 68.8 [9]) e só ele é digno do canto de louvor de Israel.

Os profetas descrevem futuras bênçãos terrenas que serão derramadas sobre o povo de Deus, quando este for restaurado à sua terra. Será um tempo quando "os montes destilarão mosto" (Jl 3.18 [4.18]; Am 9.13).

A literatura sapiencial do AT emprega *nātap* cinco vezes. Jó descreve homens que aguardavam que ele dissesse suas palavras de conselho, as quais "gotejavam" (ARA, "caíam como orvalho") sobre eles (Jó 29.21-23). Em Cantares de Salomão, os lábios da noiva "gotejam doçura como o favo de mel" (NIV, Ct 4.11), enquanto os lábios do amado "são lírios, que gotejam mirra preciosa" (5.13). Acerca das mãos da noiva também se diz que "destilavam mirra" (5.5). De acordo com Provérbios 5.3, "os lábios da mulher estranha [*i.e.*, licensiosa ou adúltera] destilam mel" (PIB), uma aparente referência a beijos ou à fala sedutora.

Na literatura profética *nātap* é às vezes empregado com referência àquele que fala a palavra de Deus ao povo. A idéia de "profetizar" é transmitida pelo grau hifil, que literalmente significa "fazer (palavras) gotejar, pingar, fluir". Por conseguinte, em

Miquéias 2.11, o particípio *mattîp* (RSV, "pregador"; ARA, "profeta") aparece como sinônimo de *nābî'*, o termo genérico designativo de profeta. *nāṭap* aparece quatro outras vezes em Miquéias 2 com o sentido de "profetizar" ou "pregar" (vv. 6, 11). Neste contexto, porém, parece que o verbo tem uma nuança de pouco caso para com Miquéias e seus colegas profetas, deixando implícita a idéia de "fala extravagante" (*cf.* NEB) ou "tagarelice" (*cf.* PIB). Em Amós 7.16 *nāṭap* é colocado em paralelo com o verbo *nābā'* e, assim como nas passagens de Miquéias mencionadas acima, parece dar a conotação de que um profeta é simplesmente alguém que "vive falando demoradamente" (*cf.* NEB) contra o povo de Deus. Em duas oportunidades o Senhor se dirige a Ezequiel e lhe diz para "deixar cair" (TB; ARA, "derramar") a sua mensagem contra o sul (20.46 [21.2]) e contra os santuários (21.2 [7]).

No que parece ser um derivado de *nāṭap*, em Jó 36.27, usa-se a raiz para indicar uma gota de água.

nᵉṭipâ. ***Arrecada, brinco.*** Emprega-se este substantivo para designar brincos em forma de gota (*cf. nattafat*, palavra árabe para brinco) em Juízes 8.26 e Isaías 3.19. Em hebraico moderno, usa-se *nāṭēp* para referir-se a uvas que pendem de um cacho.

Bibliografia: — DAHOOD, M., in: *Psalms II*, p. 136-9. — GIRDLESTONE, R. B., *Synonyms of the Old Testament*, Eerdmans, 1956, p. 239-40. — GORDON, Cyrus H, *UT* 19: nº 1 763 —_____, *Ugaritic literature*, Rome, Pontifical Bib. Institute, 1949.

M.R.W.

1356 נטר (*nāṭar*) ***cuidar, guardar, reservar, manter.***

Termo Derivado

1356a מִטָּרָה (*mattārâ*), מַטָּרָא (*mattārā'*) ***alvo.***

A raiz *nāṭar* é, com freqüência, usada em contextos de agricultura para designar aqueles que guardam ou tomam conta de vinhas (Ct 1.6; 8.11-12; *cf.* Is 5.1-7 para uma descrição do cuidado de uma vinha). Também é usada no sentido de "guardar" (ou "acumular") ira ou indignação. O Senhor "reserva indignação para os seus inimigos" (Na 1.2) e ao mesmo tempo promete não "conservar para sempre a sua ira" (Sl 103.9; Jr 3.5, 12; *cf.* Am 1.11). Em Levítico 19.18, um versículo que Jesus considerou o âmago da lei do AT (*cf.* Mt 19.19; Mc 12.31), Israel recebe o mandamento: "Não ... guardarás [*nāṭar*] ira contra os filhos do teu povo, mas amarás o teu próximo como a ti mesmo."

mattārâ, mattārā'. ***Alvo, marca, guarda.*** Este derivado às vezes significa "alvo" ou "marca". Em seu sofrimento Jó afirma figuradamente que Deus o pôs por seu "alvo" (Jó 16.12). O escritor de Lamentações queixa-se de forma parecida, dizendo que Deus "entesou o seu arco, e me pôs como alvo [*mattārā'*] à flecha" (Lm 3.12). Em 1 Samuel 20.20 Jônatas diz: "Atirarei três flechas para aquela banda, como quem atira ao alvo [*mattārâ*]."

Na profecia de Jeremias, *mattārâ* é por vezes usado na expressão "pátio da prisão" e "átrio da guarda". Situado dentro da área do palácio de Zedequias (Jr 32.2), o pátio da guarda era aparentemente uma área aberta que serviu de paliçada para o confinamento

de presos durante o ataque babilônico a Jerusalém (Jr 38.28; 39.14). Trancafiado no pátio da guarda, Jeremias tinha liberdade para receber visitas (32.8) e resolver questões legais de um assunto de família (32.12). No pátio ele recebia mensagens proféticas (33.1; 39.15) e a ração diária de comida (37.21), e ali também foi colocado numa cisterna de lama (38.6). *mattārâ* também ocorre em Neemias 3.25 e 12.39. É interessante que a pena de prisão não é prevista na legislação do Pentateuco. Não havia prisões no deserto.

M.R.W.

1357 נָטַשׁ (*nātash*) ***abandonar, lançar fora, jogar fora, rejeitar, deixar de, permitir, estender, espalhar, desistir, alqueivar, cessar, estar solto.***

Termo Derivado

1357a נְטִישָׁה (*n'tîshā*) ***gavinha (de videira).***

Existem 40 ocorrências de *nātash* no AT. Cerca de metade desses usos transmite a idéia de "abandonar" ou "rejeitar"; em outras passagens *nātash* freqüentemente significa "deixar"/"deixar a sós" ou "espalhar"/"estender". Somente em Gênesis 31.28 é que o vocábulo significa "dar permissão".

Com freqüência emprega-se *nātash* para referir-se a Deus abandonando ou lançando fora o seu povo (Jz 6.13; 1 Sm 12.22; 1 Rs 8.57; 2 Rs 21.14; Sl 94.14; Is 2.6; Jr 7.29; 12.7; 23.33, 39). Por outro lado, Deus (Dt 32.15; Jr 15.6), Davi (Sl 27.9) ou o Egito (Ez 29.5) podem ser o objeto de *nātash*. Também se usa o vocábulo para indicar o abandono do tabernáculo de Siló (Sl 78.60) e a rejeição do ensino materno (Pv 1.8, 6.20).

Alguém pode largar (*nātash*) a terra (ARA, "não cultivar"), alqueivando-a (Êx 23.11) ou deixando de fazer a colheita (Ne 10.31 [32]). Animais (jumentos ou ovelhas) podem ser largados à própria sorte no sentido de deixar de cuidar deles (1 Sm 10.2; 17.20, 28). Pode-se largar comida aos cuidados de alguém (1 Sm 17.22) ou cortar uma árvore e deixá-la para trás (Ez 31.12). Este sentido de largar, cair ou lançar fora é empregado com referência às nações do Egito e Israel (Ez 32.4; Am 5.2), a codornizes (Nm 11.31) e no sentido de abandonar uma briga (Pv 17.14).

O significado de "estender", "espalhar", é usado no contexto de soldados em combate (Jz 15.9; 1 Sm 4.2; 30.16; 2 Sm 5.18, 22), no de uma espada estendida, *i.e.*, desembainhada (Is 21.15), e no de ramos de uma vinha, que se estendem (Is 16.8).

M.R.W.

נִי (*nı*). Veja o nº 1 311c.

1358 נָאָא (*ny'*). **Aceita como raiz de:**

1358a אָא (*nā'*) ***cru (diz-se de carne)*** (Êx 12.9, somente).

נִיב (*nîb*). Veja o nº 1 318b.

נִיד (*nîd*). Veja o nº 1 319b.

נִידָה (*nîdâ*). Veja o nº 1 302b.

נִחוּחַ (*nîḥwōaḥ*). Veja o nº 1 323c.

נִין (*nîn*). Veja o nº 1 326a.

1359 נִיסָן (*nîsān*) ***nisã, primeiro mês*** (Ne 2.1; Et 3.7). Quanto a outros meses, veja-se *hōdesh*, nº 613b.

נִיצוֹן (*nîtsôts*). Veja o nº 1 405a.

1360 נִיר (*nîr*) ***I, lavrar pela primeira vez, lavrar recentemente*** (Os 10.12; Jr 4.3).

Termo Derivado

1360a נִיר (*nîr*) ***terreno alqueivado, terreno arável, terreno não lavrado*** (Os 10.12; Jr 4.3; Pv 13.23).

1361 נִיר (*nyr*). **II. Aceita como raiz de:**

1361a מָנוֹר (*mānôr*) ***eixo que transporta o fio num tear*** (*e.g.*, 2 Sm 21.19 = 1 Cr 20.5).

נִיר (*nîr*). Veja o nº 1 333b.

1362 *נָכָא (*nākā'*) ***golpear, açoitar.*** Ocorre somente uma vez, no nifal (Jó 30.8).

Termos Derivados

1362a נָכָא (*nākâ'*) ***abatido, golpeado*** (Is 16.7, somente).

1362b נָכֵא (*nākē'*) ***abatido, golpeado*** (Pv 15.13; 17.22; 18.14).

1362c נְכֹאת (*n'kō't*) ***arômata, especiaria*** (Gn 37.25; 43.11).

נְכֹאת (*n'kō't*). Veja o nº 1 362c.

1363 נָכַד (*nkd*). **Aceita como raiz de:**

1363a נֵכֶד (*neked*) ***descendência, posteridade*** (Gn 21.23; Is 14.22).

1364 *נָכָה (*nākâ*) ***ferir, golpear, bater, atingir, abater, matar.*** Não empregado no grau qal; usado principalmente no hifil.

Termos Derivados

1364a נֶכֶה (*nākēh*) ***golpeado*** (2 Sm 4.4; 9.3; Is 66.2).

1364b נֵכֶה (*nēkeh*) ***golpeado*** (Sl 35.15).

1364c נָכוֹן (*nākôn*) ***pancada*** (Jó 12.5, somente).

1364 *נָכָה (*nākâ*)

1364d מַכָּה (*makkâ*) ***pancada, ferida, matança.***

A raiz é usada cerca de 500 vezes. Mas não se deve concluir apressadamente que, sendo *nākâ* uma raiz tão comum no AT, a sociedade como um todo estava dominada pela guerra e pela violência. Não se pode negar que ocorriam guerras e derramamento de sangue, às vezes com grande freqüência. No entanto, as muitas e diferentes maneiras como o verbo "ferir" é usado em todo o AT são uma boa indicação de que se deve procurar uma conclusão um tanto quanto diferente.

O verbo *nākâ* é, muitas vezes, usado com o sentido de "atingir" "ou ferir" um objeto com um golpe não-fatal. Alguém pode "ferir" um animal, tal como um jumento (Nm 22.23, 25, 27; ARA, "espancar"). Pode "atingir" uma outra pessoa no queixo (Sl 3.7 [8]; ARA, "ferir"; Lm 3.30) ou no olho (Êx 21.26). Êxodo registra que a vara de Moisés "feriu" o rio (Êx 7.17), o pó (Êx 8.16 [12], 17 [13]) e uma rocha (Êx 17.6). Alguém pode ser o alvo de um objeto atirado, tal como uma pedra lançada de uma funda (1 Sm 17.49), uma flecha (1 Rs 22.34) ou uma lança (1 Sm 19.10; *cf.* 26.8). A raiz *nākâ* também pode referir-se ao "ter a consciência tocada" (*cf.* Davi, quando cortou um pedaço do manto de Saul, 1 Sm 24.5 [6]; lit., "o coração de Davi o feriu"; ARA, "bateu-lhe o coração") e ao "bater" palmas diante de um rei (2 Rs 11.12).

nākâ também é encontrado em passagens que descrevem a pancada desferida num objeto. Uma pessoa pode ser "espancada" por outrem numa luta (Êx 2.11, 13; Dt 25.11). Neemias "espancou" alguns judeus por terem se casado com estrangeiras (Ne 13.25). Em Cantares de Salomão, a noiva, ao buscar seu amado pelas ruas da cidade, é espancada pelos guardas (Ct 5.7). Aparentemente a lei do AT permitia o açoite no caso de certos delitos (Dt 25.2-3; *cf.* 2 Co 11.24). O profeta Jeremias foi, contudo, espancado pelas autoridades, embora fosse inocente (Jr 20.2; 37.15). O mesmo aconteceu com o Servo Sofredor, que "ofereceu as costas aos que o feriam" (Is 50.6; *cf.* Mt. 26.67). Provérbios destaca a importância de bater para que se obtenha sabedoria e disciplina (Pv 19.25; 23.13-14). A idéia de "ferir reiteradamente" é, semelhantemente, vista na praga da chuva de pedras no Egito, ferindo tudo que estivesse ao ar livre (Êx 9.25).

Num grande número de passagens *nākâ* significa "abater", "matar", "ferir mortalmente". Nesses casos designa o assassinato de alguém (Êx 21.12; Js 10.26 *et al.*), intencionalmente (2 Sm 2.23) ou não (Dt 19.4), a ação de um homem matar um leão (1 Sm 17.35), de um leão matar um homem (1 Rs 20.36) e de um verme atacar uma planta de modo a matá-la (Jn 4.7).

Outro grupo grande de passagens emprega a raiz no sentido de "atacar" e/ou "destruir", em que o objeto da ação é um grupo de pessoas (Gn 32.8 [9], 11 [12]; Js 8.21), uma casa (Am 3.15) e uma cidade (Js 10.28 *et al.*).

Este uso está relacionado com as numerosas pessoas citadas no texto bíblico que "foram atingidas" (*nākâ*), ou "caíram" (*nāpal*) ou "foram feridas" (*hālal*) em combate. Desse modo, quando na batalha de Gideão "caíram" 120 000 homens (Jz 8.10), pode ser que isso signifique apenas que esses soldados foram mortos, feridos ou ficaram desaparecidos em combate; só restaram 15 000 em condições de lutar. Assim também, na guerra de Abias contra Jeroboão, se diz que "Abias e seu povo golpearam-nos [*nākâ*] com pesado golpe [*makkâ*], e caíram [*nāpal*] feridos [*hālal*] 500 000 homens" (lit., 2 Cr 13.17; *cf.* R. L. HARRIS, *Man — God's eternal creation*, Moody, 1971, p. 155-6).

Há importância teológica especial no fato de que Deus é, por vezes, o sujeito de *nākâ*.

É Deus quem "fere" o povo com cegueira (2 Rs 6.18) e pragas (Dt 28.22, 27-28, 35). Ele traz juízo sobre o homem em razão do seu pecado (1 Rs 14.15; Lv 26.24) e, às vezes, até mesmo a morte (2 Sm 6.7). Semelhantemente, a natureza encontra-se debaixo do controle divino, pois é Deus, e não Baal, que "feriu" (ARA, "devastou") as videiras e figueiras de Israel (Sl 105.33).

makkâ. ***Golpe, ferida, praga, matança, derrota.*** Das 48 ocorrências de *makkâ* no AT, dois terços são traduzidos na LXX por *plēgē*, de onde vem a palavra "praga", por intermédio do latim *plaga*.

Emprega-se o vocábulo com quatro nuanças básicas. Primeiro, é usado literalmente para se referir a um "golpe" (ARA, "açoite") recebido (Dt 25.3; Pv 20.30). De acordo com a lei do AT, o número de açoites desferidos num castigo formal estava limitado a 40 (Dt 25.3). A sinagoga, porém, posteriormente reduziu esse número para 39 (*cf.* 2 Co 11.24), 13 no peito e 26 nas costas (*cf. TDNT*, v. 4, p. 516). Emprega-se figuradamente a mesma idéia de açoitamento em referência ao Senhor dos exércitos, que com um flagelo provoca a "matança de Midiã" (Is 10.26).

Segundo, em certos contextos *makkâ* é traduzido por "ferir". Nesse sentido refere-se à morte do rei Acabe. Quando o rei foi mortalmente atingido por uma flecha, o historiador hebreu descreve vividamente que "o sangue corria da ferida para o fundo do carro" (1 Rs 22.35; *cf.* as feridas resultantes das flechas de Deus em Sl 64.7 [8]). Outro rei, Jorão, foi ferido em combate pelos sírios (2 Rs 8.29; 9.15; 2 Cr 22.6). Muitas vezes os profetas utilizam simbolicamente a palavra "ferida", descrevendo aquela condição provocada pelo golpe desferido por um inimigo, normalmente provocada pelo pecado do povo de Deus (Jr 30.14; *cf.* Is 1.5-6). Embora o ferimento seja "grave" (Jr 10.19; 14.17; 30.12; *cf.* a Assíria em Na 3.19), até mesmo sem esperança (Jr 15.18; Mq 1.9), Deus a seu tempo trará a cura (Is 30.26; Jr 30.17).

makkâ também pode ser traduzido por "praga" ou "aflição". Parece que na época do AT as pragas foram uma espécie de doença epidêmica, com freqüência enviada como castigo pelo pecado. Assim que o povo hebreu deixou o Egito, Deus exigiu deles a obediência. A advertência divina foi de que, caso desobedecessem, "trarei sobre vós pragas sete vezes mais, segundo os vossos pecados" (Lv 26.21). Uma "praga [*makkâ*] mui grande" ocorreu no deserto enquanto o povo, com glutonaria, comia codornizes (Nm 11.33). Essa praga pode ter sido um sério problema estomacal. Nas planícies de Moabe, antes da conquista, o povo de Deus é novamente ameaçado com sofrimentos "grandes e duradouros", caso deixem de observar a lei e reverenciar o nome de Deus (Dt 28.59, 61). Os filisteus, algumas gerações depois do êxodo, ainda estavam impressionados com a reputação dos "deuses" dos hebreus, que "feriram os egípcios com toda sorte de pragas no deserto" (1 Sm 4.8).

Finalmente, emprega-se *makkâ* com o sentido de "derrotar", como quando um exército ou um povo é alcançado por uma "matança" (1 Sm 4.10, ARA, "derrota"; 14.30). Muitas vezes emprega-se o verbo *nākâ*, tendo *makkâ* como objeto, numa construção conhecida com cognato acusativo; com isso tem-se a expressão "matar com uma grande (ou muito grande) matança" (*cf.* Js 10.10, 20; Jz 11.33; 15.8; 1 Sm 6.19; 19.8; 23.5; 1 Rs 20.21 *et al.*).

Bibliografia: — *IDB*, v. 3, p. 821-2. — HARRIS, R. L., *Man — God's eternal creation*, Moody, 1971, p. 155-6. — *TDNT*, v. 4, p. 515-9.

M.R.W.

נָכוֹן (*nākôn*). Veja o nº 1 364c.

1365 נכח (*nkh*). **Aceita como raiz de:**

1365 a נֹכַח (*nākōah*), נֹכַח (*nōkah*) ***oposto a, defronte de, contra, diante de, direito, reto, certo, o que é direito, o que é reto, o que é certo.*** As duas palavras parecem derivar da raiz *nkh*, "estar em frente de" (assim entende *BDB*).

A palavra *nākōah* ocorre oito vezes. E usada principalmente como adjetivo ("direito", "reto", "plano") e como substantivo ("aquilo que é direito, reto, correto"). A maioria dos exemplos citados abaixo ilustra que *nākōah* basicamente ressalta a qualidade ética de vida em ações que envolvem moralidade tanto pessoal quanto nacional.

Usa-se *nākōah* adverbialmente em um caso (Is 57.2), onde tem o sentido de "retamente" (ARA, "em retidão"). Nesse contexto, o justo morre em paz (*shālôm*), pois percorreu um caminho direito ao longo da vida. Algumas passagens empregam *nākōah* como adjetivo. Em 2 Samuel 15.3 a palavra aparece ao lado de "bom" com referência a uma causa jurídica. Outra ocorrência (Pv 8.9) declara que palavras de sabedoria "são retas para quem as entende"; nelas não há "coisa torta nem perversa" (*cf.* v. 8). Em assuntos jurídicos, dar uma resposta "reta" quer dizer ter uma reação verbal honesta ou direta (Pv 24.26).

Outros versículos tratam *nākōah* como substantivo. Em Isaías 30.10, emprega-se a palavra para designar "o que é reto" e é revelado por Deus a seus profetas, em contraste com as ilusões de outros supostos profetas. A expressão "terra da retidão" (*'erets n'kōhôt*) caracteriza o local onde o ímpio "comete a iniqüidade" (Is 26.10). O termo é utilizado (ARA, "direito") em Isaías 59.14 como sinônimo de "justiça", "retidão" e "verdade". Amós, o profeta da justiça social, clama contra as práticas amorais dos moradores de Samaria, dizendo: "Israel não sabe fazer o que é reto" (3.10). *nōkah* é empregado cerca de 20 vezes, geralmente com o sentido de preposição ou advérbio. Significa "em frente de", "no lado oposto a", e é traduzido de várias maneiras: "oposto a", "diante de", "defronte a", *et al.*

M.R.W.

1366 נָכַל (*nākal*) ***ser ardiloso, ser enganoso, agir sem escrúpulos*** (*e.g.*, Ml 1.14; Nm 25.18).

Termos Derivados

1366a נֵכֶל (*nēkel*) ***engano, ardil*** (Nm 25.18, somente).

1366b כִּילַי (*kîlay*), כֵּלַי (*kēlay*) ***pessoa sem escrúpulos, velhaco*** (Is 32.5, somente).

1367 נֶכֶס (*nekes*) ***riqueza*** (*e.g.*, Js 22.8; Ec 6.2).

1368 נכר* (*nākar*) ***reconhecer, estar familiarizado, conhecer, respeitar, discernir*** (não usado no qal).

Termos Derivados

1368a נכר (*neker*) ***infortúnio, calamidade*** (Jó 31.3).

1368b נכר† (*nēkār*) ***estrangeiro.***

1368c נכרי† (*nokrî*) ***estrangeiro, estranho.***

1368d נכר† (*nākar*) ***tratar como estrangeiro.*** Verbo denominativo.

1368e הכרה (*hakkārâ*) ***aspecto, expressão (facial).*** Ocorre somente em Isaías 3.9.

1368f מכר (*makkār*) ***conhecido, amigo*** (2 Rs 12.6, 8).

A raiz *nkr* tem vários sentidos diferentes. (*BDB* divide-a em dois verbos. *KB* trata-a como um só, como também procedemos aqui.) Primeiro, transmite a idéia de "inspecionar algo" ou "examinar algo por alto" com o objetivo de identificar tal coisa. Jacó convidou Labão a "separar" o que era seu (*i.e.*, distinguir com os olhos) do que era de Jacó (Gn 31.32). De forma semelhante, itens pessoais, tais como a túnica de José (Gn 37.32) e o selo, o cordão e o cajado de Judá (Gn 38.25), são inspecionados com o objetivo de identificar o respectivo dono.

O verbo também tem o sentido de "dar atenção a" ou "notar (alguém)". Rute fica surpresa com o fato de Boaz "fazer caso [*nkr*] dela", sendo ela uma estrangeira (*nokrîyâ*; Rt 2.10, 19; *cf.* 2 Sm 3.36). Em várias passagens *nkr* tem a conotação de considerar ou tratar alguém favoravelmente. É essa a atitude de Deus para com os exilados de Judá (Jr 24.5). O perigo em potencial de "dar atenção" a alguém é que pode haver parcialidade. Provérbios 28.21 declara: "Parcialidade não é bom." Por conseguinte, os juizes são solenemente advertidos a não serem parciais (*nkr*) em seus julgamentos (Dt 1.17; 16.19; Pv 24.23).

Um terceiro uso de *nkr* é o de "reconhecer" um objeto que já se conhecia antes. Alguém pode observar outra pessoa e "reconhecê-la" (*cf.* 1 Rs 18.7; 20.41), às vezes apenas pelo tom de voz (1 Sm 26.17). Jacó reconheceu que a túnica manchada de sangue era de seu filho José (Gn 37.33). Judá "reconheceu" seu próprio selo, cordão e cajado, o que resultou em sua incriminação (Gn 38.26). De outro lado, alguém pode deixar de "reconhecer" outrem por causa da escuridão (Rt 3.14; ARA, "conhecer"). No início os consoladores de Jó não o "reconheceram" devido à sua aparência desalinhada (Jó 2.12). O idoso Isaque não "reconheceu" Jacó porque este tinha em suas mãos peles de animais (Gn 27.23). Deve-se assinalar especialmente que, em Gênesis 42.7, *nkr* ocorre com dois sentidos opostos: José "reconheceu" (*nkr*) os irmãos, mas "tratou-os como estranhos" (lit., hitpael de *nkr*), isto é, "não deu a conhecer-lhes a sua identidade" (veja *o nkr* II).

A raiz *nkr* é também usada no sentido de "atribuir honra" ou "reconhecer publicamente". Um pai deve "reconhecer" o filho primogênito, dando-lhe uma porção dupla (Dt 21.17). Levi deixou de "conhecer", *i.e.*, "repudiou" seus irmãos (Dt 33.9). Profeticamente, Daniel diz acerca de Antíoco: "aos que o reconhecerem multiplicar-lhes-á a honra" (Dn 11.39). Sobre Israel, diz Isaías: "todos quantos os virem os reconhecerão como família bendita do SENHOR" (Is 61.9).

Em várias passagens *nkr* transmite a idéia de "discernir" ou "entender". Quando o povo viu serem lançados os alicerces do templo pós-exílico, foi impossível "discernir" entre os gritos de alegria e as vozes de choro (Ed 3.13). A Elifaz surgiu um espírito numa visão, mas ele não pôde "discernir" a sua aparência (Jó 4.16).

É significativo que no AT não se use *nkr* como eufemismo para o ato sexual, como acontece com freqüência com a raiz *yāda'* (*q.v.*). Entretanto, em ugarítico, *nkr* é usado com o sentido de "conhecer sexualmente". Um texto traz: "O recém-casado ardia de vontade de deitar-se novamente com sua mulher, de conhecer (sua) amada" (Keret IV. 28; I ii 49; *cf.* G. R. DRIVER, *Canaanite myths and legends*, p. 31, 33, 156).

nēkār. ***Estrangeiro.*** Em geral este termo derivado é traduzido por "estranho" ou "estrangeiro". Designa "deus estranho" (Dt 32.12; Sl 81.9 [10]; Ml 2.11; *et al.*), "altares estranhos" (lit., 2 Cr 14.3 [2]; ARA, "altares dos deuses estranhos"), "terra [*i.e.*, 'país'] estranha" (Sl 137.4) e "toda estrangeirice" (Ne 13.30). Ocorrem com freqüência as locuções substantivas *ben* (*han-*) *nēkār*, "estrangeiro" (lit. "filho de/do estrangeiro"; Gn 17.12, 27; Êx 12.43 *et al.*), e *b'nê* (*han-*) *nēkār*, "estrangeiros" (lit. "filhos de/do estrangeiro"; 2 Sm 22.45-46; Is 56.6; 60.10).

nokrî. ***Estrangeiro, estranho.*** Vocábulo usado tanto como adjetivo quanto como substantivo. Ocorre mais de 40 vezes e tem uma grande variedade de usos. A LXX em geral emprega *allotrios* para traduzir *nokrî*. A semelhança de *nēkār* (acima), normalmente *nokrî* é traduzido por "estrangeiro" e "estranho". Uma cidade não-israelita é uma "cidade estranha" (Jz 19.12; 1 Rs 8.41; *et al.*). *nokrî* aplica-se a "terra estranha" (Êx 2.22; 18.3) e a "mulheres estrangeiras" (*i.e.*, não-israelitas; 1 Rs 11.1, 8; *et al.*). No livro de Provérbios, a "estrangeira" (ou "estranha"; *nokrîyâ*) torna-se um termo técnico para designar a prostituta ou adúltera (Pv 2.16; 5.20; 6.24; *et al.*). Às vezes *nokrî* transmite a idéia de "estrangeiro" ou "desconhecido" (Jó 19.15; Sl 69.8 [9]) ou mesmo "esquisita" ou "surpreendente" (Is 28.21; ARA, "estranho"). Em hebraico moderno, *nokrî* pode designar "gentio".

nākar. ***Agir ou tratar como estranho ou estrangeiro ou novo; interpretar mal, disfarçar-se, tornar irreconhecível.*** Embora *BDB* (p. 648-9) considere este vocábulo um verbo denominativo sob a raiz *nkr* II, provavelmente não se deve fazer distinção entre esta raiz e *nkr* I, "reconhecer", "conhecer". É provável, conforme sugerido em *KB* (p. 617), que o significado original de "ser estrangeiro", "ser novo", "ser visível", resultou em "ser notado", "ser conhecido".

Em algumas passagens *nkr* transmite a idéia de ocultar de outrem a verdadeira identidade. No Egito José "agiu como um estranho" com seus irmãos, fingindo não conhecê-los (Gn 42.7; ARA, "não se deu a conhecer"). A esposa de Jeroboão disfarçou-se, ocultando sua identidade do profeta Aías, "fingindo ser outra" (1 Rs 14.5-6). Provérbios 26.24 diz: "Aquele que aborrece dissimula-o com os lábios" (*cf.* SCOTT, *Proverbs*, in *AB*, p. 158). Esse é um tipo diferente de disfarce. Ele vem dos lábios de alguém que fala coisas "estranhas" à sua mente.

A raiz *nkr* também pode ser traduzida por "interpretar mal", "deturpar", "julgar erroneamente", como em Deuteronômio 32.27: "temi a jactância do inimigo, a 'interpretação' dos seus adversários" (BJ).

Este verbo também pode transmitir a idéia de "desfigurar", "tornar irreconhecível",

"tratar (um local) como estrangeiro ou profano", algo que Jeremias diz que fizeram com o vale do filho de Hinom, em Jerusalém (Jr 19.4).

Bibliografia: — BARABAS, S., Foreigner, in: *ZPEB*. v. 2, p. 590. — DRIVER, G. R. *Canaanite myths and legends*, Edinburgh, T. & T. Clark, 1956. — *TDNT*, v. 1, p. 264-7. — *THAT*, v. 2, p. 66-8.

M.R.W.

נָכְרִי (*nokrî*). Veja o nº 1 368c.

1369 נְכֹת (*n'kōt*) ***tesouraria, casa do tesouro*** (2 Rs 20.13; Is 39.2).

1370 נלה (*nlh*). **Aceita como raiz de:**

1370a מִנְלֶה (*minleh*) ***ganho, aquisição*** (Jó 15.29, somente).

1371 נמל (*nml*). **Aceita como raiz de:**

1371a נְמָלָה (*n'mālâ*) ***formiga*** (Pv 6.6; 30.35, somente).

1372 נמר (*nmr*). **Aceita como raiz de:**

1372a נָמֵר (*nāmēr*) ***leopardo*** (*e.g.*, Os 13.7; Hc 1.8).

נס (*nēs*). Veja o nº 1 379a.

1373 נָסָה (*nāsâ*) ***testar, tentar, provar, examinar, pôr à prova, fazer uma tentativa.***

Termo Derivado

1373a מַסָּה (*massâh*) ***tentação, teste, provação.*** Também empregado como topônimo (Massá), onde os israelitas, no deserto, "tentaram" a Deus por causa de água (*cf.* Êx 17.1-7).

Na maioria dos contextos *nāsâ* tem a idéia de testar ou provar a qualidade de algo ou de alguém, às vezes por meio de adversidades ou dificuldades. A tradução "tentar" em geral significa "provar", "testar", "pôr à prova", e não o sentido que a palavra também admite de "atrair para cometer erro". O verbo *nāsâ* ocorre 36 vezes no AT.

Em várias passagens *nāsâ* significa tentar fazer algo. A palavra é empregada com o sentido de "intentar" (ARA) ou "ousar" dizer algo que pode ofender o ouvinte (Jó 4.2), de "atrever-se" (ARA, "tentar") a pôr os pés no chão (Dt 28.56) ou de "tentar" (ARA, "intentar") tirar uma nação (Israel) do meio de outra (Egito; Dt 4.34). Em outros contextos, utiliza-se *nāsâ* com o sentido de "experimentar" várias coisas, tais como armadura e armamento (1 Sm 17.39) e prazeres (Ec 2.1; *cf.* 7.23).

Um maior número de referências, no entanto, trata de situações em que uma pessoa ou nação passa por tribulações ou dificuldades provocadas por outra pessoa ou nação. Conquanto o homem seja proibido de pôr Deus à prova (Dt 6.16), o AT registra que ele o

fez. O lugar desértico de Massá ("tentação") torna-se proverbial a esse respeito, sendo freqüentemente combinado num jogo de palavras com *nāsâ*, "tentar" (Êx 17.2, 7; Dt 6.16; 33.8; Sl 95.8, 9; *cf.* Dt 9.22). Aqueles que puseram Deus à prova no deserto não veriam Canaã (Nm 14.22-23). Os hinos de Israel apontam para essa atitude desafiadora (veja Sl 78.18, 41, 56; 106.14).

Às vezes, uma pessoa submeteria outra a testes ou exames. É assim que a rainha de Sabá testou Salomão com perguntas difíceis (1 Rs 10.1; 2 Cr 9.1); o chefe dos eunucos examinou a aparência de Daniel e seus amigos depois de terem comido vegetais durante dez dias (Dn 1.12, 14); às vezes falsos profetas foram instrumentos para testar a fidelidade de alguém (Dt 13.3 [4]). Muitas vezes, porém, é Deus o responsável por submeter o homem a testes e tribulações. Deus livrou Israel ao enviar "grandes provas" sobre os egípcios (Dt 7.19; 29.3 [2]); mas mais tarde ele testou Israel por meio das nações cananéias (Jz 2.22; 3.1, 4). Semelhantemente, usa-se *nāsâ* quando Deus testou tanto Abraão (Gn 22.1) quanto Ezequias (2 Cr 32.31). Tais testes por parte de Deus tinham, contudo, um propósito: aprimorar o caráter da pessoa a fim de que ela andasse nos caminhos de Deus (Êx 16.4; Dt 8.2; Jz 2.22; 2 Cr 32.31; Sl 26.1-3).

M.R.W.

1374 נָסַח (*nāsaḥ*) ***arrancar, deitar por terra*** (*e.g.*, Pv 15.25; Dt 28.63).

Termo Derivado

1374a מַסָּח (*massāḥ*) ***alternadamente, cada um à sua vez.*** Significado incerto.

נָסִיךְ (*nāsîk*). Veja os n.os 1 375b, 1 377a.

1375 נָסַךְ (*nāsak*) ***I, derramar, verter, oferecer, fundir.***

Termos Derivados

1375a נֵסֶךְ (*nēsek*) ***oferta de bebidas, libação, imagem fundida.***

1375b נָסִיךְ (*nāsık*) ***libação*** (Dt 32.38), ***imagem fundida*** (Dn 11.8).

1375c מַסֵּכָה (*massēkâ*) ***libação, oferta de bebidas, metal derretido, imagem fundida.***

A raiz *nsk* é usada principalmente para indicar a ação de "derramar" uma oferta de bebidas ou libação e de "fundir" imagens em metal. Ao que parece (*cf. BDB*), provavelmente deve-se fazer distinção entre esta raiz e *nāsak* II, "tecer", e *nāsak* III, "colocar", "instalar". *nāsak* I, "derramar", ocorre cerca de 20 vezes.

Basicamente *nāsak* é empregado para indicar a oferta de bebidas ou libação do AT. (A palavra "libação" provém do latim *libare*, "derramar uma oferta de bebidas".) A oferta de bebidas foi originariamente estabelecida na comunidade da aliança como uma forma apropriada de adoração, embora ela também pudesse ter o seu significado pervertido devido à influência de rituais religiosos pagãos.

Antes de Israel instalar-se na terra, os cananeus estavam acostumados a derramar ofertas de bebidas aos seus deuses. (*Cf.* o costume de algumas pessoas que, ao beber

pinga, derramam um pouco do copo no chão, dizendo que "é para o santo".) A religião pagã da fertilidade imaginava que seus deuses eram parecidos com os homens em sua necessidade de comer e beber. A raiz ugarítica *nsk* é bem atestada na literatura cananéia (veja G. R. DRIVER, *Canaanite myths and legends*, p. 157). De maneira que, numa passagem, Baal, o deus cananeu da fertilidade e da natureza, ordena: "Derramai uma oferta pacífica no coração da terra, mel de um jarro no coração dos campos" (Baal v. iii. 31-32; em DRIVER, p. 87). Os profetas combatiam de frente a influência dessas libações pagãs sobre a pureza da adoração de Israel. Repreendiam com severidade a prática corrupta que Israel tinha de derramar ofertas de bebidas aos ídolos (Is 57.6; *cf.* 65.11; Ez 20.28). Antes da queda do Reino do Sul, Deus advertiu por intermédio de Jeremias: "[os judeus] ofereceram libações [*nēsek*] a outros deuses, para me provocarem à ira" (Jr 32.29; *cf.* 7.18 e 19.13). Mesmo depois do cativeiro, os refugiados judeus no Egito continuaram a seguir suas velhas práticas pagãs e, diante da reprimenda por Jeremias, insistiram que: "certamente [obedeceremos] a toda a palavra que saiu da nossa boca, isto é, queimaremos incenso à rainha dos céus, e lhe ofereceremos libações, como nós ... temos feito nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém" (Jr 44.17; *cf.* 44.18-19, 25).

Jacó é o primeiro a ser mencionado como alguém que ofereceu uma oferta de bebidas (*cf.* Gn 35.14). Mas não foi senão depois do êxodo do Egito que foram estabelecidas as leis que regulamentavam o *nēsek*. Como regra geral, uma oferta de bebidas devia ser apresentada junto com holocaustos e ofertas de manjares (Êx 29.40; Lv 23.13; Nm 15.1-10). A quantidade de vinho estava especificada como um quarto de um him para cada cordeiro (Nm 15.5), um terço de um him para cada carneiro (15.6-7) e meio him para cada novilho (15.8-10). Embora o rei Acaz tenha construído um novo altar seguindo um modelo pagão, parece que ele se deixou guiar pela legislação do Pentateuco ao derramar sua oferta de bebidas ao mesmo tempo em que oferecia seu holocausto e sua oferta de manjares (2 Rs 16.10-16).

Diariamente, à hora dos holocaustos matutino e vespertino, uma libação deveria ser derramada ao Senhor (Nm 28.7-8). Prática semelhante deveria ser observada em cada uma das seguintes festas: Sábado (Nm 28.9), Lua Nova (Nm 28.14), Pães Asmos (Nm 28.24), Primícias (Lv 23.13; Nm 28.31), Trombetas (Nm 29.6), Expiação (Nm 29.11) e Tabernáculos (Nm 29.12-39). Além disso, o *nēsek* fazia parte da cerimônia religiosa que completava o voto do nazireu (Nm 6.15, 17). No livro intertestamentário de Sirácida (também conhecido como Eclesiástico) encontra-se uma descrição do fim do ritual diário que o sumo sacerdote realizava no templo: "Estendia a mão sobre a taça [de libação], fazia correr um pouco do sumo de uva, e o derramava ao pé do altar [*themelias*, 'base'], perfume agradável ao Altíssimo, rei do mundo" (Sr 50.15, BJ). Mas alguns versículos sugerem que a libação era derramada sobre o altar, possivelmente sobre o sacrifício (*cf.* Gn 35.14, sobre uma coluna; Êx 30.9, nao sobre o altar de incenso).

O líqüido normalmente empregado em uma "libação" era o vinho (*yayin*, Êx 29.40; Nm 15.5, 7, 10 *et al.*) ou outra bebida fermentada (*shēkar*, Nm 28.7). Pelo menos em uma oportunidade água foi "derramada como libação ao SENHOR" (2 Sm 23.16; 1 Cr 11.18). A expressão "dez mil ribeiros de azeite" (Mq 6.7), inserida num contexto de ritual sacerdotal e de holocaustos, pode também sugerir o emprego ocasional de óleo no *nēsek*. "Libação de sangue" (Sl 16.4) era uma prática pagã, algo que não é tolerado em passagem alguma no AT.

Durante a época de Jesus, de conformidade com a lei do AT, a Festa dos Tabernáculos, que durava uma semana inteira, incluía uma libação diária (*cf.* Nm 29.12 e

ss.). Um sacerdote enchia um cântaro de ouro no tanque de Siloé, caminhava solenemente numa procissão sacerdotal até o templo e ali derramava a água no altar (*cf.* W. HENDRIKSEN, *NT commentary: Gospel according to John*, v. 2, p. 21-6). Foi nesse contexto que Jesus proclamou no último dia da festa: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba" (Jo 7.37).

No NT Paulo faz uso da figura da "libação" do AT ao empregar o termo *spendomai* (Fp 2.17; 2 Tm 4.6). Nas duas passagens Paulo, que escreve da prisão, declara literalmente: "estou sendo já oferecido por libação" por amor a Cristo. Assim como a libação era "derramada" no altar, da mesma maneira o apóstolo está preparado para, jubilantemente, "derramar" sacrificialmente seu sangue como mártir.

O segundo (e bem menos freqüente) uso da raiz *nāsak* é o de "fundir" imagens em metal. Enquanto o derivado *nēsek* é traduzido quase exclusivamente como "libação" ou "oferta de bebidas" (c. 60 vezes), o derivado *massēkâ* normalmente tem o sentido de "imagem fundida" (*c.* 25 vezes). Tais imagens eram feitas derramando metal fundido dentro de um molde (Is 40.18-20). Fundiam-se imagens em ouro (Is 30.22), sendo exemplos mais destacados o bezerro fundido de Arão (Êx 32.4, 8) e os bezerros fundidos que Jeroboão mandou fazer e pôr em Dã e Betel (1 Rs 14.9). Outras imagens foram feitas em prata (*cf.* ugar. *nsk ksp*, "fundidor de prata", *UT* 19: nº 1 253), bronze e ferro. A adoração de imagens de metal fundido é severamente denunciada tanto na lei (Êx 34.17; Lv 19.4; Dt 27.15) quanto nos profetas (Is 41.29; 42.17; 44.10; Jr 10.14; 51.17; Os 13.2; Hc 2.18).

Bibliografia: — DRIVER, G. R., *Canaanite myths and legends*, Edimburgo, T. & T. Clark, 1956. — *TDNT*, v. 7, p. 528-36. — WOUDSTRA, S., Molten image, in: *ZPEB*, v. 4, p. 270. — WRIGHT, G. E., *Biblical archaeology*, Westminster, 1957, p. 107-20.

M.R.W.

1376 נָסַךְ (*nāsak*) ***II, tecer*** (Is 25.7; 30.1).

Termo Derivado

1376a מַסֵּכָה (*massēkâ*) ***pano*** (Is 25.7; 28.20; 30.1).

1376b מַסֶּכֶת (*masseket*) ***trama de tecido inacabado no tear*** (Jz 16.13-14).

1377 נָסַךְ (*nāsak*) ***III, pôr, instalar*** (Sl 2.6; Pv 8.23).

Termo Derivado

1377a נָסִיךְ (*nāsîk*) ***príncipe*** (*e.g.*, Js 13.21; Ez 32.30).

1378 נָסַס (*nāsas*) ***I, estar doente*** (Is 10.18, somente).

1379 *נָסַס (*nāsas*) ***II.*** Ocorre somente no hitpoel, em Salmos 60.4 [6], "para o arvorarem" (ARC), e em Zacarias 9.16, "eles serão exaltados" (ARC). Significado duvidoso nas duas passagens.

Termo Derivado

1379a נֵס (*nēs*) ***poste de sinalização, estandarte, emblema, bandeira, sinal, vela (de embarcação).***

No AT o *nēs* geralmente significa um ponto de reunião ou um estandarte que convocava as pessoas para alguma ação conjunta ou para a comunicação de uma informação importante. Em geral isto se dava num local elevado ou bem visível dentro do acampamento ou da comunidade. Ali um poste de sinalização, às vezes com uma bandeira hasteada, podia ser erguido de modo que todos pudessem enxergá-lo ou de modo que fosse um objeto de esperança. A palavra ocorre 21 vezes. Em Êxodo 17.15, porém, a IBB não traduz *nēs* no título "Jeová-Nissi".

As pessoas se reuniam em torno de um *nēs* por vários motivos, dos quais um dos mais importantes era a arregimentação de tropas para a guerra. Os escritos proféticos enfatizam especialmente este uso do estandarte. Isaías 5.26 descreve Deus arvorando um estandarte entre as nações, sinalizando para os soldados assírios para se arregimentarem contra o pecaminoso Israel. A trombeta era, muitas vezes, utilizada como um alarme de guerra para arregimentar os soldados em torno do *nēs*. Jeremias diz: "Arvorai um estandarte na terra, tocai a trombeta entre as nações, preparai as nações contra ela" (51.27; veja também 4.21; Is 18.3). O estandarte era, em geral, erguido sobre uma montanha ou outro local elevado (Is 13.2; 18.3; 30.17). Ali podia-se fazer anúncios públicos (Jr 50.2). Soldados em pânico, abandonando o estandarte, indicavam derrota (Is 31.9). Quando um estandarte era erguido na direção de uma cidade, esse era um sinal para seus moradores "fugirem e não se deterem", isto é, buscarem um lugar seguro, antes do ataque contra a cidade (*cf.* Jr 4.6).

Em duas oportunidades usa-se *nēs* no sentido de "vela (de embarcação)". Em Isaías 33.23 (*cf.* Mishna, *Baba Bathra* 5a), o profeta dirige-se a Sião como se esta fosse um navio: "as tuas enxárcias estão frouxas, não podem ter firme o mastro, nem estender a vela [*nes*]". Em Ezequiel 27.7 encontra-se a descrição de Tiro como um navio resistente, cuja vela (feita de "linho fino bordado do Egito") servia-lhe de insígnia (*nēs*). É possível que o brasão de armas da cidade fosse de fato bordado na vela. A *Encyclopedia Judaica* (v. 6, p, 1335) assinala que murais em túmulos mostram que navios judeus levavam emblemas. Além disso, o Targum fala de bandeiras coloridas feitas de seda.

Também se emprega o vocábulo *nēs* nos profetas em referência ao retorno a Sião. Uma "bandeira" há de ser aprovada sobre as nações (Is 62.10), e elas trarão os filhos e filhas de Sião de volta à sua terra (Is 49.22).

Não é de surpreender que Isaías, o profeta cristológico por excelência, personifique o *nēs*. Diz ele: "Naquele dia a raiz de Jessé será posta por estandarte dos povos, à qual recorrerão as nações" (IBB, 11.10; *cf.* 11.12). Assim o rei messiânico de Israel será erguido (*cf.* Jo 3.14; Fp 2.9) a fim de que todos possam reunir-se em torno dele.

Quatro vezes o Pentateuco emprega *nēs*. Quando os amalequitas foram derrotados (Êx 17.15), Moisés erigiu um altar para comemorar a vitória. Percebendo que o Senhor era a bandeira em torno da qual Israel se havia arregimentado, ele chamou o altar de "Jeová-*Nissi*" (IBB), *i.e.*, "O SENHOR é a minha bandeira" (ARA). Mais tarde, no deserto, Moisés ergueu no meio do povo uma serpente de bronze colocada num poste (*nēs*, Nm 21.8-9). Este ponto de convergência para a cura e a vida tornou-se uma lição ilustrada e

bastante apropriada de algo maior que estava por vir (*cf.* Jo 3.14-15). *nēs* também é empregado em Números no sentido de "sinal" ou "advertência" (26.10).

Bibliografia: — ENCYCLOPEDIA Judaica, New York, Macmillan, 1971, v. 6, p. 1 334-8. — VAUX, Roland R. de, *Ancient Israel*, p. 227, 251. — *ZPEB*, v. 1, p. 461-3. — YADIN, Yigael, *The art of warfare in Biblical lands*. 2 vols. McGraw-Hill, 1963.

M.R.W.

1380 נָסַע (*nāsa'*) ***I,*** usado principalmente no grau qal e traduzido por ***arrancar, remover, pôr-se a caminho, ir em frente, partir, fazer uma viagem.***

Termos Derivados

1380a מַסָּע (*massa'*) ***arrancada, ação de levantar acampamento.***

1380b מַסָּע (*massā'*) ***pedreira, extração (de pedras), preparação (de pedras).***

O sentido que a raiz tem de "arrancar estacas de tendas", *i.e.*, para levantar acampamento (*cf.* Is 33.20; observe-se também Jz 16.3, onde Sansão "arrancou" [ARA, "tomou"] do chão os batentes da porta), deu origem ao sentido derivado de "pôr-se a caminho" ou "fazer viagem" — o sentido usual desse verbo freqüente. A literatura ugarítica também atesta essa raiz (*cf. UT* 19: nº 1 254; *AisWUS* nº 1 803, *herausreisen*, "prosseguir viagem").

O verbo *nāsa'* ocorre, junto com seus derivados, cerca de 160 vezes. No entanto, mais de 80 por cento dessas ocorrências se encontram no Pentateuco, com quase 100 referências apenas no livro de Números. Considerando-se a natureza da idéia verbal, *nāsa'* encaixa-se bem no contexto da vida dos hebreus desse período remoto. Antes da conquista, eles eram um povo basicamente seminômade, itinerante e morador de tendas. Como viajantes no deserto, a cada manhã arrancavam as estacas das suas tendas, dobravam as tendas e punham-se a caminho, junto com seus rebanhos de gado miúdo e graúdo, para a próxima etapa de sua jornada. Assim, para os hebreus errantes, a idéia de "arrancar" ou "levantar acampamento" (*cf. massa'* em Nm 10.2) deu origem ao sentido mais comum de "pôr-se a caminho" (Nm 10.6). Nesse sentido vale observar que na lista das várias etapas da jornada de Israel desde o Egito até a fronteira de Canaã, em Números 33, *nāsa'*, "partiram", aparece 42 vezes.

Na época do AT "pôr-se a caminho" normalmente indicava a ação de empreender viagem e viajar para algum lugar. Isso deu, então, origem a expressões de hendíadis como "ponde-vos a caminho e ide" (IBB, Dt 1.7; 2.24). O patriarca Jacó "partiu" ou "viajou" por Canaã (*cf.* Gn 35.16; 46.1). Os israelitas "partiram" de Elim e viajaram até o deserto de Sim (Êx 16.1). De Refidim "partiram" para o deserto de Sinai (Êx 19.2). Quarenta anos depois "o povo partiu das suas tendas, para passar o Jordão" (Js 3.14). As vezes *nāsa'* tem a conotação de "partir" no sentido de "ir em frente" ou "prosseguir". Quando Israel fugiu do Egito e, de repente, se viu barrado pelo mar Vermelho, o Senhor disse a Moisés: "Dize aos filhos de Israel que marchem [*nāsa'*]" (Êx 14.15). Posteriormente os israelitas foram instruídos a "caminhar avante [*nāsa'*]" apenas quando a nuvem se levantasse de cima do tabernáculo (Êx 40.36-37). Não somente pessoas são objeto do verbo *nāsa'*; também se diz acerca de outras coisas que elas "partiram", tais como o estandarte de uma tribo (Nm

10.18, 22, 25), a arca (Nm 10.35), o tabernáculo (Nm 1.51) e a tenda da congregação (Nm 2.17).

Em várias passagens *nāsa'* significa "partir", "deixar" ou "voltar". O verbo é empregado com referência àqueles que "se foram" para uma cidade próxima (Gn 37.17) e a um rei que "se retirou" de uma cidade para combater outra (2 Rs 19.8). Senaqueribe "retirou-se" de Jerusalém para Nínive ao ver que seu exército fora milagrosamente dizimado (2 Rs 19.36). Semelhantemente o rei Jorão e suas forças "se retiraram" de Moabe, isto é, deixaram de atacar aquele país, e voltaram para a sua terra (2 Rs 3.27).

nāsa' também é empregado no sentido de "viajar por etapas". Com destino ao Sinai, "toda a comunidade dos filhos de Israel partiu [*nāsa'*] do deserto de Sim por etapas [pl. de *massa'*]" (lit., Êx 17.1). Mais tarde, eles "partiram do deserto do Sinai por etapas" (lit., Nm 10.12). Moisés registrou o itinerário das viagens de Israel "caminhada após caminhada (...) segundo as suas saídas" (Nm 33.1-2). A mesma conotação de viajar por etapas, parando de lugar em lugar, é dada por *nāsa'* em Gênesis 12.9, onde, depois de sair de Harã, "Abrão 'partiu' [de perto de Betel] e foi 'indo/partindo' para o Neguebe" (lit.; *cf.* Gn 11.2, em que o verbo "migrar" parece ser uma tradução apropriada de *nāsa'*). Da mesma forma usa-se *nāsa'* com referência a pastores que "vagueiam" de um lugar para outro com os seus rebanhos (Jr 31.24, ARA, "pastoreiam").

O grau hifil de *nāsa'* significa, às vezes, "fazer alguém se pôr a caminho" ou "fazer alguém começar uma viagem". Foi Moisés que "fez (...) partir a Israel do mar Vermelho" (Êx 15.22; *cf.* LXX), mas foi o Senhor que "fez soprar [lit., 'fez partir'] no céu o vento do Oriente" (Sl 78.26; *cf.* Êx 14.21) e que "'fez sair' a seu povo como ovelhas e o guiou pelo deserto" (Sl 78.52). Também se usa o hifil com a conotação de "remover" ou "tirar (algo) de seu lugar". Uma vasilha é "posta à parte" ao ficar cheia (2 Rs 4.4). A esperança pode ser "arrancada", isto é, tirada, tal como uma árvore (Jó 19.10). Quando se extraem pedras, estas são "tiradas de seu lugar" (*cf.* 1 Rs 5.17 [31], ARA, "trazidas"; Ec 10.9). Por conseguinte o termo derivado *massa'*, "extração de pedras" ou "preparação de pedras" ou ainda "pedreira" (1 Rs 6.7).

M.R.W.

1381 נָסַע (*ns'*). **II. Aceita como raiz de:**

1381a מַסָּע (*massā'*) ***projétil, dardo*** (Jó 41.18, somente).

נָסַק (*nāsaq*). Uma forma de *sālaq*, nº 1 511.

1382 נִסְרֹךְ (*nisrōk*) ***Nisroque.*** O deus assírio adorado por Senaqueribe.

Nisroque é mencionado duas vezes nas Escrituras, 2 Reis 19.37 e Isaías 37.38. Esses relatos paralelos indicam que, depois que Senaqueribe se retirou de Jerusalém para a sua terra, foi morto por seus filhos enquanto adorava no templo de seu deus Nisroque (também *cf.* *ANET*, p. 288).

Há muito que a exata identidade do nome *nisrōk* tem sido debatida. Esse nome é desconhecido na antiga literatura assírio-babilônica. As formas existentes na LXX (*Esdrach*, *Esthrach*, *Asrach*) têm oferecido pouco esclarecimento sobre o assunto.

Ao que parece, *nisrōk* é resultado da corrupção, por um escriba, do nome de alguma outra divindade. Não é informada a exata localização da morte de Senaqueribe, mas uma

possibilidade é a cidade de Assur. Neste caso, a grafia *nisrōk* derivaria do deus assírio Assur.

Entretanto, o mais provável é que Nisroque seja uma corruptela ou de Marduque ou de Nusku. Embora Marduque fosse uma divindade babilônica, a inscrição de Nabônido diz que Senaqueribe levou "Marduque embora e trouxe(-o) para dentro de Assur" (*ANET*, p. 309). Dessa maneira Senaqueribe pode ter sido assassinado num templo de Marduque em sua terra.

Pode-se também entender Nisroque como um erro de grafia de Nusku, o nome do deus babilônico do fogo mencionado em inscrições assírias (vejam-se John GRAY, *I & II Kings*, p. 694-5; e *IDB*, v. 3, p. 554).

M.R.W.

נְעוּרוֹת (*n^e'ûrôt*). Veja o nº 1 389e.

נְעוּרִים (*n^e'ûrîm*). Veja o nº 1 389d.

נָעִים (*nā'îm*). Veja os nºs 1 384b, 1 385a.

1383 נעל (*nā'al*) ***aferrolhar, trancar*** (*e.g.*, 2 Sm 13.18; Jz 3.23).

Termos Derivados

1383a נַעַל (*na'al*) ***sandália, sapato*** (*e.g.*, Gn 14.23; Dt 25.10).

1383b נעל (*nā'al*) ***prover de sandálias.*** Verbo denominativo (Ez 16.10; 2 Cr 28.15).

1383c מַנְעוּל (*man'ûl*) ***ferrolho*** (Ct 5.5; Ne 3.8).

1383d מִנְעָל (*min'āl*) ***ferrolho*** (Dt 33.25).

1384 נָעַם (*nā'ēm*) ***I, ser agradável, ser gracioso, ser encantador, ser belo.***

Termos Derivados

1384a נֹעַם (*nō'am*) ***amabilidade, beleza, bondade, favor.***

1384b נָעִים (*nā'îm*) ***agradável, gracioso, amável, encantador.***

1384c נַעֲמָן (*na'ămān*) ***amabilidade*** (Is 17.10).

1384d מַנְעַמִּים (*man'ammîm*) ***petiscos, guloseimas*** (Sl 141.4).

A raiz, junto com seus derivados, é encontrada 28 vezes no AT. Na literatura ugarítica a raiz também é bem atestada, sendo a palavra usual para "bom" e "bem". Como substantivo é traduzida por "bondade", "encanto", "amabilidade" (veja-se *UT* 19: nº 1 256).

Emprega-se a raiz para descrever pessoas, tais como Saul e Jônatas (2 Sm 1.23), Davi (o "mavioso" salmista de Israel, 2 Sm 23.1), e a amizade deste com Jônatas (2 Sm 1.26). O vocábulo designa a beleza física de duas pessoas que se amam (Ct 1.16; 7.6 [7]),

da nação do Egito (Ez 32.19) e da porção de terra que Issacar teria na terra de Canaã (Gn 49.15).

O AT também emprega *naʿēm* e seus derivados para caracterizar várias idéias concretas, tais como, por exemplo, o sabor do pão (Pv 9.17), a localização de um terreno (Sl 16.6) e a música da lira (Sl 81.2 [3]). Em Zacarias (11.7, 10) *nōʿam* (ARA, "Graça") é o nome dado a uma das varas. Em outros contextos usa-se a raiz para descrever palavras (Sl 141.6; Pv 15.26; 16.24; 23.8), conhecimento (Pv 2.10; 22.18), boa sorte ou riquezas (Jó 36.11; Sl 16.11; Pv 24.4), os caminhos das pessoas (Sl 133.1) e sabedoria (Pv 3.17).

Merecem especial atenção aquelas passagens em que se usa a raiz para descrever a Deus ou ao seu nome. Salmos 135.3 conclama: "cantai louvores ao seu nome, porque é agradável [*nāʿîm*]" (ARA; *cf.* IBB, "cantai louvores ao seu nome, porque ele é bondoso"). Veja-se também Salmos 147.1 [2]. Observe-se que o cognato árabe *naʿima* significa "ser agradável", e seu substantivo derivado *niʿmatun* tem o sentido de "graça", "favor". Os Salmos (27.4; 90.17) também falam da "beleza" (*nōʿam*, ARA) do Senhor (*cf.* BJ e EP, "doçura", ou seja, "bondade"). E significativo que, à luz de textos mitológicos cananeus, esta raiz seja encontrada como um epíteto do Deus de Israel. A literatura ugarítica utiliza, semelhantemente, a raiz *nʿm* para descrever a formosura de duas de suas principais divindades, Anate e Baal (*cf.* DAHOOD, in *AB*, *Psalms I*, p. 167; *Psalms II*, p. 327).

M.R.W.

1385 נעם (*nʿm*). **II. Aceita como raiz de:**

1385a נְעִים (*nāʿîm*) ***melodioso, de suave melodia, musical*** (Sl 81.2 [3]).

נַעֲמָן (*naʿămān*). Veja o nº 1 384c.

1386 נעץ (*nʿts*). **Aceita como raiz de:**

1386a נַעֲצוּץ (*naʿătsûts*) ***espinheiro*** (Is 7.19; 55.13).

נַעֲצוּץ (*naʿătsûts*). Veja o nº 1 386a.

1387 נער (*nāʿar*) ***I, rosnar*** (Jr 51.38, somente).

1388 נער (*nāʿar*) ***II, sacudir, sacudir para fora*** (*e.g.*, Ne 5.13; Is 33.9, 15).

Termos Derivados

1388a נער (*naʿar*) ***abalo, dispersão*** (Zc 11.16).

1388b נְעֹרֶת (*nᵉʿōret*) ***estopa*** (como a obtida de linho batido, Jz 16.9; Is 1.31).

1389 נער (*nʿr*). **III. Aceita como raiz de:**

1389a †נער (*naʿar*) ***menino, moço, criado.***

1389b נֹעַר (*nōʿar*) ***juventude*** (*e.g.*, Jó 33.25; Pv 29.21).

1389c נַעֲרָה (*na'ărâ*) ***moça.***
1389d נְעוּרִים (*n"ûrim*) ***juventude.***
1389e נְעוּרוֹת (*n"ûrôt*) ***juventude*** (Jr 32.30, somente).

na'ar. ***Menino, garoto, jovem, criado, servo.*** Embora nem todos os lexicógrafos concordem, *na'ar* provavelmente deriva de *nā'ar* I, "rosnar". Um cognato árabe abrange uma série de sentidos próximos, tais como "grunhir", "gritar", "esganiçar", "urrar", "berrar", além de conotações mais ativas, como "entusiasmar-se", "agitar". Em tigre, dialeto do árabe do sul e falado na Etiópia, encontra-se um verbo cognato com o sentido de "instigar uma rebelião", e um substantivo, com o sentido de "maldade", "revolta", o que lança uma luz esclarecedora sobre o incidente em que os provocadores de Eliseu foram atacados por ursas (2 Rs 2.23-24). Aceitando-se como provável que esse grande bando de garotos (42 foram destroçados pelas ursas, enquanto muitos outros devem ter escapado) era formado de arruaceiros adolescentes, a tradução da ARA, "rapazinhos", parece mais apropriada do que a da IBB, "meninos".

Que *na'ar* tem uma ampla gama de usos é algo perceptível com base em uma amostragem de suas mais de 200 ocorrências. Enquanto em Êxodo 2.6 se refere a um menino de poucos meses de idade, Moisés (BLH, "viu um 'bebê' chorando"), e em 2 Samuel 12.16 ao filho recém-nascido de Bate-Seba, o crescido Absalão é chamado de *na'ar* por seu pai em 2 Samuel 14.21 e 18.5. Quanto ao uso mais técnico de "criado", "acompanhante", veja-se 2 Samuel 16.1, onde Ziba é chamado de "servo de Mefibosete". Desse modo, embora o sentido básico seja o de alguém na faixa etária entre o desmame e (especialmente) a juventude em idade de casar (a puberdade está implícita em Gn 34.19, *etc*, e a primeira infância em 1 Sm 1.24, *hanna'ar na'ar*, "era o menino ainda muito criança", lit. "o menino era um menino"), também se deve reconhecer o uso do vocábulo como um título, como em 2 Reis 19.6, "os servos [isto é, 'altos funcionários'] do rei da Assíria", e 1 Reis 20.15 e ss., "soldados" (ARA, "moços"). Quanto aos significados de cognatos ugaríticos, "membros de corporações", "criados", "soldados", veja-se *UT* 19: nº 445.

na'ărâ. ***Menina, criada, moça.*** Este substantivo em geral designa uma moça solteira em idade de casar, com ênfase na juventude da moça (2 Rs 5.2). No entanto, a jovem viúva Rute é assim designada (Rt 2.6; 4.12), como também a concubina do levita (Jz 19.3 e ss.) e uma prostituta (Am 2.7). Em Gênesis 24.14 e ss.; 34.3, 12; Deuteronômio 22.15 e ss., *etc.*, está implícita a idade de casar; em Juízes 21.12; em Deuteronômio 22.23, 28, e outras passagens, a virgindade; e em Deuteronômio 22.25, 27, o noivado. Forma paralela ao substantivo masculino "servo", temos "moça" em Gênesis 24.61; Êxodo 2.5, (*i.e.*, "criada"); e Rute 2.5 (*i.e.*, "segadora").

n"'ûrîm. ***Juventude.*** Este substantivo abstrato (pluralizado) destaca a etapa inicial da vida, imatura mas cheia de energia e aberta para receber treinamento, usado na maioria das vezes na expressão "desde a sua mocidade". (Veja-se Gn 8.21; 1 Sm 17.33; 1 Rs 18.12; Jó 31.18, este último caso com a conotação de idade bem tenra, em paralelo com "o ventre da minha mãe".) O vocábulo também é usado figuradamente em referência à Babilônia (Is 47.12, 15) e Judá e Moabe (Jr 22.21; 48.11).

M.C.F.

נְעוּרֶת (*nᵉʿôret*). Veja o nº 1 388b.

נָפָה (*nāpâ*). Veja os nºs 1 330a, 1 331b.

1390 נפח (*nāpah*) ***soprar, respirar, desprezar; entregar ou perder (a vida); ferver.***

Termos Derivados

1390a מַפָּח (*mappāh*) ***exalar (ar), falecer*** (Jó 11.20).

1390b מַפּוּחַ (*mappuaḥ*) ***fole*** (Jr 6.29).

1390c תַּפּוּחַ (*tappûaḥ*) ***maçã.***

A idéia de assoprar vigorosamente é o sentido mais natural desta raiz, em geral usada para se referir ao forçar a passagem de ar para atiçar o fogo, indicando, por conseguinte, a agitação íntima ou o caldeirão a ferver em Jó 41.20 [12] e Jeremias 1.13.

Dentre as 15 ocorrências, talvez a mais significativa seja a dádiva de vida — a criação do homem (Gn 2.7) e a revitalização de ossos secos (Ez 37.9). De outro lado, Jó 31.39 e Jeremias 15.9 empregam a raiz para indicar a perda da vida. Um sentido mais contundente acha-se em Malaquias 1.13, onde "bufar" para o nome de Deus significa profanar o nome mediante a oferta de sacrifícios inválidos e inaceitáveis.

mappuah. ***Fole.*** O substantivo ocorre apenas uma vez, denotando um termo derivado instrumental, "fole". Em Jeremias 6.29 emprega-se uma figura de linguagem incisiva que se refere à fundição e purificação de metal, na qual se usam foles para atiçar o fogo a um calor intenso (NIV, "o fole sopra com força para, com o fogo, remover o chumbo").

tappuah. ***Maçã.*** À primeira vista parece que a relação entre a raiz e este substantivo é semanticamente forçada, mas as idéias de "respirar" e "exalar um odor" estão relacionadas. A variante *pûah* significa tanto a ação de o vento "soprar" quanto a de "exalar um cheiro agradável". Quanto à tradução "maçã", embora se reconheça que a palavra "damasco" se ajuste melhor em Provérbios 25.11 ("como maçãs de ouro em salvas de prata"), faz sentido entender a maçã verdadeira (*Pyrus malus*) em Cantares de Salomão e demais passagens (veja J. D. DOUGLAS, Maçã, em NDB, p. 971, v. 2).

M.C.F.

נְפִילִים (*nᵉphîlîm*). Veja o nº 1 393a.

1391 נֹפֶךְ (*nōpek*) ***uma pedra preciosa*** (usada no peitoral do sacerdote, Êx 28.18, e comercializada por Tiro, Ez 27.16; ARA, "esmeralda"; BJ, "turquesa").

1392 נָפַל (*nāpal*) ***I, cair, prostrar-se, ser lançado fora, fracassar.***

Termos Derivados

1392a נֵפֶל (*nēpel*) ***nascimento fora de tempo, aborto*** (Jó 3.16; Ec 6.3).

1392b מַפָּל (*mappāl*) ***refugo.***

1392c מַפָּלָה (*mappālâ*) ***ruínas*** (Is 17.1).

1392d מַפֵּלָה (*mappēlâ*) ***ruínas*** (Is 23.13; 25.2).

1392e מַפֶּלֶת (*mappelet*) ***cadáver*** (Jz 14.8), ***ruínas*** (Ez 31.13), ***derrubada*** (Ez 32.10).

Além da ação física usual, com freqüência a raiz também indica uma circunstância violenta ou acidental além de uma ampla gama de significados produzidos mediante a combinação com preposições.

Com 365 ocorrências no AT, esse verbo apresenta uma rica variedade de conotações. Conquanto o vocábulo possa descrever algo tão simples quanto a queda de um muro (Is 30.13) ou algo tão literal quanto a informação de que "caiu Acazias pelas grades" (2 Rs 1.2), na maioria das vezes ocorre um uso bem específico ou uma expressão idiomática. Pode-se cair em combate (Jz 20.44), cair nas mãos de outrem (Lm 1.7) ou cair pelas mãos de um adversário (1 Cr 20.8). Com freqüência *nāpal* designa estragos, morte e destruição, mas não apenas isso. Uma relação de algumas nuanças de sentido junto com exemplos de ocorrências ajudaria a demonstrar toda a variedade de usos. (A força transitiva se vê expressada no grau hifil.)

A observação das várias conotações da raiz verbal torna evidente a lógica da derivação dos substantivos. *mappāl*, que ocorre duas vezes, fala de trigo que caiu ao chão ou de seu refugo (Am 8.6) e do ventre carnudo e pendente do crocodilo (Jó 41.23 [15]). *mappālâ* ou *mappēlâ* (Is 17.1; 23.13; 25.2) significa ruínas de uma cidade devastada ou em decadência, ao passo que *mappelet* designa, além de "ruínas", "derrubada" (Ez 26.15, 18, e outras passagens), tronco de árvore derrubado (Ez 31.13) e cadáver de animal (Jz 14.8).

M.C.F.

1393 נפל (*npl*). **II. Aceita como raiz de:**

1393a נְפִילִים† (*n'pîlîm*) ***gigantes, nefilins*** (Gn 6.4; Nm 13.33, somente).

Embora alguns estudiosos procurem relacionar etimologicamente este termo com *nāpal* I por intermédio do substantivo *nēpel*, "nascimento fora de tempo" ou "aborto" (resultando em monstruosidades extraordinárias), uma reconstrução mais provável é a proposta de uma raiz *nāpal* II, aparentada de outros verbos fracos, *pûl* II, "ser maravilhoso, forte, poderoso", *pālâ'*, "ser maravilhoso", e até mesmo *pālâ*, "separar", "distinguir", *pālal*, "discriminar". Este padrão de grupos de verbos fracos semanticamente relacionados e com duas consoantes fortes em comum é um fenômeno que recorre com uma freqüência notável na lexicografia hebraica. Na realidade, a tradução "gigantes" fundamenta-se principalmente na LXX e pode trazer bastante confusão. A palavra pode ser de origem desconhecida e significar "heróis" ou "guerreiros violentos", *etc.* A trans-

literação "nefilins", adotada pela IBB, é mais segura e pode estar correta ao relacionar o substantivo com uma raça ou nação.

M.C.F.

1394 נָפַץ (*nāpats*) ***quebrar, esmagar, despedaçar; alastrar-se, espalhar, dispersar.***

Termos Derivados

1394a †נֵפֶץ (*nepets*) ***chuva torrencial, arrasante*** (Is 30.30, somente).

1394b מַפָּץ (*mappāts*) ***destruição, esmigalhamento*** (Ez 9.2, somente).

1394c מַפֵּץ (*mappēts*) ***clava*** (Jr 51.20, somente).

Do ponto de vista tanto da etimologia como da interpretação é preferível sustentar que há apenas uma raiz envolvida aqui (assim também em *KB*). Essa sobreposição semântica explica as diferentes traduções de uma mesma passagem. Por exemplo, em Daniel 12.7, onde a PIB traz "'dispersão' da força do povo santo", a IBB traduz por "despedaçar" e a ARA por "destruição". Algo parecido ocorre na tradução de 1 Reis 5.9 [23], com a BJ traduzindo por "desembarcarei", mas a ARA, por "desamarrarei", e a TB, por "desmembrarei".

Alguém talvez se satisfaça em ver esses usos respectivamente como sentidos transitivo e intransitivo da mesma raiz verbal, mas ao mesmo tempo fica claro que neste último caso pode haver uma relação semântica com a raiz *pûts* (em que a consoante do meio é fraca), "ser dispersado", "transbordar", "dispersar".

nepets. ***Chuva torrencial, tempestade*** (Is 30.30; ARA, "chuva torrencial"; IBB, "tempestade forte"; TB, "arrebentar de nuvens"). Este substantivo oferece dificuldades, pois, como também ocorre com o verbo, a tempestade descrita pode indicar tanto um aguaceiro quanto o efeito de espalhar (e destroçar!) coisas sobre a superfície da terra.

M.C.F.

1395 *נָפַשׁ (*nāpash*) ***tomar fôlego, reanimar-se.*** Este verbo denominativo ocorre apenas no nifal (Êx 23.12; 2 Sm 16.14; Êx 31.17).

Substantivo de Origem

1395a נֶפֶשׁ (*nepesh*) ***vida, alma, criatura, pessoa, apetite, mente.***

O ugarítico e o acadiano possuem cognatos com um espectro de sentidos um tanto quanto semelhante, mas ambos incluem o significado de "garganta". O árabe *nafs* inclui os sentidos de "alma", "mente", "vida", "pessoa", "inclinação", "eu" (como pronome reflexivo), mas não o de "garganta". Quanto ao fenício-púnico e ao aramaico antigo *npsh / nbsh*, vejam-se C. F. JEAN e F. HOFTIJZER, *Dictionaire des inscriptions sémitiques de l'ouest* (Leiden, 1965). Nos vários idiomas é comum que uma parte ou um órgão do corpo assuma significados emocionais ou espirituais (*cf.* "coração", tanto em hebraico quanto em português).

As diferentes opções de tradução adotadas pelas várias versões refletem conceitos intimamente relacionados. Versões mais recentes empregam, com freqüência, o pronome pessoal (muitas vezes reflexivo) para traduzir *nepesh*. O sentido aparentemente contraditório de "morto", "cadáver", por vezes encontrado nas diversas versões, é analisado a seguir.

O estudo de *nephesh* feito por C. Westermann (*THAT*, v. 1, p. 71-95) é proveitoso e deve ser utilizado para efeito de comparação.

O significado original e concreto da palavra foi provavelmente "respirar". O verbo ocorre três vezes no grau médio-passivo do nifal com o sentido de "reanimar-se" (ARA, "tomar alento"; Êx 23.12; 31.17; 2 Sm 16.14). O verbo pode ser um denominativo do substantivo, mas os cognatos semíticos tanto antigos quanto modernos possuem uma forma verbal com o sentido de "respirar" (*cf.* acadiano *napāshu*, "soprar, exalar"; veja-se D. W. THOMAS, A study in Hebrew synonyms: verbs signifying to breathe, in *Zeitschrift für Semitistik*, 10:311-4). Parece que o substantivo tem a conotação de "respiração" em Gênesis 1.30: "em que [isto é, as criaturas terrestres] há fôlego de vida". A ligação entre *nepesh* e "fôlego/respiração" também é sugerida por meio de afirmações como "e [o SENHOR] lhe soprou [*nph*] nas narinas o fôlego [*nᶜshāmâ*] de vida, e o homem passou a ser alma [*nephesh*] vivente" (Gn 2.7) e "a *nepesh* [vida/respiração/alma] do menino retornou a ele e ele viveu" (lit., 1 Rs 17.22).

Em favor de um significado original e concreto de "respiração" tem-se também o uso de *nepesh* em acadiano, ugarítico e hebraico com a conotação de "garganta". Por exemplo, "por isso o Seol alarga a sua garganta" (Is 5.14, TB; ARA, "apetite"; *cf.* Hc 2.5); "as águas me sobem até o pescoço" (Sl 69.1 [2], IBB; ARA, "alma"; *cf.* Jn 2.6).

Como também ocorre nas línguas cognatas (*cf.* especialmente o árabe), *nepesh* pode designar o apetite. Assim sendo, pode indicar fome de comida: "poderás comer uvas conforme o teu desejo [ou apetite], até te fartares" (Dt 23.24 [25], IBB; *cf.* Sl 78.18); "o seu pão será somente para o seu apetite" (Os 9.4, IBB); "o justo conhece as necessidades do seu gado" (Pv 12.10, BJ; *cf.* 10.3; 16.26). O vocábulo pode também referir-se ao apetite espiritual ou volitivo de alguém, isto é, a seu "desejo" ou "vontade"; por exemplo, "deles se satisfará o meu desejo" (Êx 15.9, IBB; *cf.* Ez 16.27; Sl 27.12; 41.3); "deixá-las-á ir à sua própria vontade" (Dt 21.14; *cf.* 1 Sm 2.35 [que é referência à vontade de Deus]; 105.22). Abraão diz a Efrom: "Se é da vossa vontade" (Gn 23.8, IBB). O desejo dos ímpios é condenado (Pv 13.2; 19.2).

Em cerca de 20 vezes, no entanto, *nepesh* é o sujeito de *'ăwâ*, "desejar", "ansiar". Aqui a palavra não indica fome, apetite ou desejo em si mesmos, mas aquilo que é dono do apetite, "a alma". Uma pessoa, uma alma, pode ansiar por alimento físico: "quando (...) por desejares [*tᵉ'awweh*] comer carne, disseres: 'Comerei carne; então segundo o teu desejo [lit., 'de acordo com o desejo da tua alma', *bᵉkol-'awwat napshᵉkā*], comerás carne" (Dt 12.20; *cf.* 14.26; 1 Sm 2.16). A associação dos dois vocábulos pode também indicar o impulso sexual: "jumenta selvagem, acostumada ao deserto, no 'ardor do cio' [*bᵉ'awwat napshāh*, Qere e LXX] fareja o vento; quem pode impedi-la em seu desejo?" (Jr 2.24). Pode ainda indicar o desejo espiritual ou volitivo por algo. Abner disse a Davi: "tu reinarás sobre tudo o que desejar a tua alma" (2 Sm 3.21; 1 Rs 11.37). "A alma do perverso deseja o mal" (Pv 21.10). "E o que desejar a sua alma [*wᵉnapshô 'iwwᵉtâ*], isso mesmo faz" (Jó 23.13).

O povo de Judá anseia pela justiça divina: "Também através dos teus juízos, SENHOR, te esperamos; no teu nome e na tua memória está o desejo da nossa alma [*ta'ăwat*

nāpesh]. Com minha alma suspiro de noite por ti [*napshî 'iwwîtîkā ballaylâ*], e com o meu espírito dentro de mim, eu te procuro diligentemente; porque, quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça" (Is 26.8-9; *cf.* Sl 119.20 e abaixo quanto a numerosas passagens em que se emprega *nephesh* para exprimir o anseio por uma pessoa e sua inclinação ou repulsa por alguém).

Pode-se também falar da alma faminta ou sedenta: "Pois dessedentou a alma sequiosa, e fartou de bens a alma faminta" (Sl 107.9; *cf.* Pv 19.15; 25.25; 27.7).

Em conformidade com isso, *śāba'*, "satisfazer", ocorre freqüentemente com *nepesh*: "Tais cães são gulosos [*'azzê-nepesh*, lit., 'fortes de apetite'], nunca se fartam" (Is 56.11; *cf.* 58.10; Jr 50.19). Especialmente em Eclesiastes, a alma "deseja", "não se satisfaz", "farta-se de bens" (Ec 2.24; 4.8; 6.2, 3, 7, 9; 7.28).

Conforme está sugerido em Isaías 26.8-9, o objeto pelo qual a alma anseia pode ser uma pessoa. A sede da alma pode estar voltada para Deus. O salmista une as duas idéias: "Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando irei e me verei perante a face de Deus?" (Sl 42.1, 2 [2, 3]; *cf.* Sl 63.2). Além de ansiar pela presença de Deus, a alma pode fazê-lo também pela lei (Sl 119.20), pela salvação (Sl 119.81), pelos átrios do Senhor (Sl 84.3), *etc.*

Assim sendo, *nepesh* ocorre com muitos verbos que têm a conotação de "ansiar por algo"; *cf.* a expressão idiomática "elevar a alma", isto é, "ansiar", "desejar ardentemente", algo ou alguém (Dt 24.15; Os 4.8; Pv 19.18; Jr 22.27; 44.14; *etc.*). A alma espera pelo (*qwh*) Senhor (Sl 130.5) e o busca (*drsh*; Lm 3.25).

Desse modo, em numerosas passagens faz-se referência à inclinação ou repulsa por parte da alma. Com freqüência é usada em associação com "amor". A jovem diz a seu amado: "Dize-me, ó tu, a quem ama a minha alma" (Ct 1.7; e repetidamente em Ct 3.1-4; *cf.* Jr 12.7; Gn 34.3). A palavra é usada não apenas no contexto do relacionamento homem-mulher, mas também no das mais profundas amizades humanas, como no caso de Davi e Jônatas: "a alma de Jônatas se ligou [*qāshar*] com a de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma" (1 Sm 18.1). A expressão também se refere ao amor do homem para com Deus: "A minha alma apega-se [*dābaq*] a ti" (Sl 63.8 [9]).

Neste contexto também se encontra a importante exortação de "amar" e "servir" a Deus de todo o coração e alma (Dt 6.5; 30.6; *cf.* 4.29; 10.12; 11.13; 13.4; 26.16; 30.2, 6, 10; Js 22.5; 23.14; 1 Rs 2.4; 8.48 = 2 Cr 6.38; *etc.*). Comentando acerca de Deuteronômio 6.5, J. McBride observou: "As três partes de Deuteronômio 6.5, *lēbāb* (coração), *nephesh* (alma) e *me'ōd* (força), em vez de ter o sentido de esferas diferentes da psicologia bíblica, parecem ser semanticamente concêntricas. As palavras foram escolhidas para ressaltar o caráter essencialmente único da devoção a Deus. Dessa maneira, *lēbāb* indica a intenção ou vontade da pessoa toda; *nepesh* significa a totalidade do ser, uma unidade de carne, vontade e vitalidade; e *m'ōd* destaca o grau superlativo da dedicação total a Yahweh". Embora concordemos que tais vocábulos foram escolhidos para indicar o caráter peculiar da devoção, queremos agora destacar *nepesh* como um substantivo que se refere ao desejo ou inclinação pessoais.

No contexto de afastamento em relação a algo ou a alguém, *nepesh* ocorre junto a verbos, tais como *sānē'*, "odiar" (2 Sm 5.8; Is 1.14 [que trata da repulsa que Deus sente]; Sl 11.5), *gā'al*, "repelir" (Lv 26.11, 15, 30, 43 [que trata de um relacionamento abalado entre Deus e o homem]), *qûts*, "enojar-se" (Nm 21.5), *etc.*

Por isso com freqüência *nepesh* é empregado no contexto de estados emocionais de

alegria e bem-aventurança. O salmista sugere que há uma relação entre essas idéias quando ele ora: "alegra a 'alma' do teu servo, pois a ti, SENHOR, elevo a minha alma [*napshî 'essā'*]" (lit., Sl 86.4). A alma pode estar jubilosa não somente porque seus desejos foram satisfeitos, mas também por reconhecer o valor intrínseco de algo que lhe dá prazer: "Palavras agradáveis são (...) doces para a alma" (Pv 16.23). Quando estiver cheio com os ditos dos sábios, o filho descobrirá que "o conhecimento será agradável à [sua] alma" (Pv 2.10). O filho disciplinado "dará delícias à tua alma" (Pv 29.17). Completamente satisfeita no Senhor, a alma o louva (Sl 103.1, 2, 22; 104.1, 35; *etc.*). Mas os ímpios, por dependerem de si mesmos, louvam a si próprios (Sl 49.19).

Disso também decorre que a alma pode estar amargurada. Quinze vezes ocorre com a raiz *mārar*. Com a saúde e o bem-estar arrebentados, Jó se queixou: "o Todo-Poderoso (...) amargurou a minha alma" (Jó 27.2). Provocada pela sua rival devido à sua esterilidade, Ana era alguém que experimentava "amargura de alma" (*mārat nepesh*; 1 Sm 1.10; *cf.* Jz 18.25; *etc.*). Relacionadas com *mārar*, existem muitas e diferentes expressões que indicam tristeza da alma. Jeremias diz ao seu povo: "Mas, se isto [a palavra de Deus] não ouvirdes, a minha alma chorará em segredo" (Jr 13.17; *cf. passim*).

Em Isaías 10.18 usa-se *nepesh* junto com *bāsār*, "carne", formando um merisma que descreve a pessoa em sua totalidade. A palavra também é usada em paralelo com *bāsār*, no sentido da pessoa total (Sl 63.1[2]).

Uma vez que, pela própria natureza, a existência pessoal envolve impulsos, apetites, desejos e vontade, *nepesh* denota a "vida" do indivíduo. Como objeto do verbo *shûb*, "restituir", "restaurar", *nepesh* oscila entre as noções de "alma" e "vida". Jerusalém lamenta: "porque se afastou o consolador que devia restaurar a minha vida/alma" (Lm 1.16; ARA, "forças"). As mulheres de Belém oram em favor de Noemi: "[Obede] será restaurador da tua vida [*nepesh*], e consolador da tua velhice" (Rt 4.15; Sl 23.3; Lm 1.11; Sl 18.8; Pv 25.13). Essas passagens tratam da vida, que consiste de emoções, paixões, impulsos, apetites.

Ao lado de *hāyā*, "viver", *nephesh* também oscila entre essas duas idéias. Abraão manda Sara dizer que é sua irmã "para que, por amor de ti, tudo vá bem comigo, e, por tua causa, a minha alma continue a viver" (Gn 12.13; *cf.* Gn 19.20; 20.32; Is 55.3; *etc.*). Mas aqui o vocábulo também equivale ao "eu" da pessoa, à sua individualidade pessoal. *nepesh*, com a noção de vida, refere-se ao "eu" que experimenta desejos e tem tais anseios satisfeitos, que ama e odeia, alegra-se e entristece-se, *etc.* Isso acrescenta um elemento fortemente pessoal à noção do "eu". Aliás, nessas passagens seria possível substituir *nepesh* pelo pronome pessoal, mas perder-se-ia a intensidade dos sentimentos.

Nesse sentido, em certas passagens a melhor tradução de *nepesh* é "vida", mas aqui "vida" denota o ser vivo com todos os seus impulsos, não a noção abstrata de "vida" existente na palavra *hayyim* nem o outro sentido de *hayyim*, que se refere tanto a uma qualidade de existência quanto à noção temporal do ser (*cf.* o uso de *hayyim* em Dt e Pv). Westermann assinalou que, quando *nepesh* ocorre como sujeito do verbo, em geral é traduzido por "alma" (ou seja, desejos, tendências, *etc.*); como objeto do verbo é, com freqüência, traduzido por "vida" (isto é, o estado de existência pessoal em contraste com a morte).

Muitas passagens referem-se à "salvação" da *nepesh*, "vida", de alguém. De fato, quase todos os verbos dentro desse campo semântico têm *nepesh* como objeto: com *nâtsal*, "e livrareis as nossas vidas [*nephesh*] da morte" (Js 2.13; Is 44.20; *passim*); com *mâlat*, "se não salvares a tua vida [*nephesh*]" (1 Sm 19.11; *cf.* 2 Sm 19.6; *passim*); com *hālats*,

"livra a minha alma" (Sl 6.4 [5]); com *yāsha'*, "salva a alma aos indigentes" (Sl 72.13); *etc.* O salmista está confiante de que Deus até mesmo "remirá" (*pādâ*) sua vida da sepultura (Sl 49.15 [16]). Em todas essas passagens "vida", "alma", equivale a pessoa.

Em certas locuções regidas por preposição, a palavra também apresenta essa noção de salvar a "vida", isto é, o "indivíduo". Nesse sentido é que Elias, "para salvar sua vida, se foi" (lit., "se foi para a sua vida" [*'el napshô*], 1 Rs 19.3); "guardai-vos por amor da vossa alma" (Jr 17.21); *etc.* Quando alguém arrisca a vida, diz-se que a pessoa "tomou o *nephesh* nas próprias mãos" (Jz 12.3; *passim*).

Além disso, o vocábulo também é geralmente traduzido por "vida" depois de verbos com o sentido de "guardar", "preservar", "sustentar", *etc.* É assim que ocorre com *shāmar*, "guardar" (Dt 4.9); com *sāmak*, "suster" (Sl 54.6); com *hāśak*, "reter [da sepultura]" (Sl 78.50); *etc.*

nepesh, "vida", é preciosíssima. Por isso o comandante suplica a Elias: "Homem de Deus, seja, peço-te, preciosa aos teus olhos a minha vida [*nephesh*], e a vida destes cinqüenta, teus servos" (2 Rs 1.13; 1 Sm 26.21); *etc.* Em algumas situações pode-se fazer um pagamento em dinheiro em troca da vida (*cf.* Êx 21.30; 30.12).

Na fórmula "vida por vida", na lei de talião, *nepesh* denota o indivíduo em todo o seu valor, o "eu" vivente (Êx 21.23; Lv 24.18; Dt 19.21; *cf.* 1 Rs 20.39, 42; 2 Rs 10.24; *etc.*).

Nesse contexto também situa-se Levítico 17.11, uma das mais importantes passagens no que diz respeito à clareza teológica e à nitidez de seu significado, passagem em que *nepesh* assume grande importância e que certamente define o vocábulo com o sentido de "vida", "porque a vida [*nepesh*] da carne [*bāsār*] está no sangue". Aqui o que está indicado é a vitalidade, a existência no seu vigor.

Também se diz, com freqüência que o inimigo ameaça a vida do indivíduo. Com esse sentido, o vocábulo ocorre como objeto de: *bāqash*, "buscar" (Êx 4.19; *passim*); *'ārab*, "ficar à espreita de" (Sl 59.3 [4]); *etc.* Às vezes, o que se tem em vista é a destruição, operada por Deus, da vida do indivíduo: "Não colhas a minha alma com a dos pecadores" (Sl 26.9).

Não chega, então, a ser surpresa que, em alguns contextos, a melhor tradução de *nepesh* seja "pessoa", "ser" (subst.), ou simplesmente os pronomes pessoais. Westermann diz que uma boa tradução da palavra pode tomar por base ementas jurisprudenciais, a contagem de pessoas, a designação genérica de indivíduos ("as pessoas ...") e os pronomes pessoais. Um exemplo do uso do vocábulo em contextos legais junto com partículas como *'asher* ou *kî* é "Quando 'alguma pessoa' [*nepesh kî*] fizer oferta de manjares ao SENHOR..." (Lv 2.1; *cf.* 4.2; 5.1, 2; *passim*). Também, "porém, se 'alguma pessoa' [*wĕhannepesh ăsher*], (...) comer a carne do sacrifício pacífico" (Lv 7.20; *passim*). Semelhantemente a palavra tem esta conotação em enumerações: "Este é o povo que Nabucodonosor levou para o exílio (...) oitocentas e trinta e duas pessoas [*nepesh*] ..." (Jr 52.28, 29; Êx 12.4, *passim*). O mesmo ocorre com "pessoas" no sentido genérico de um ou mais indivíduos do povo, "Quando alguém fizer voto com respeito a pessoas..." (Lv 27.2; *passim*). Como substituto do pronome pessoal, *nepesh* ocorre com freqüência com o sufixo pronominal. É assim que Ló disse ao Senhor: "para poupar a minha alma [*napshî* = 'minha alma']" (lit.), isto é, "para me poupar" (Gn 19.19; ARA, "salvando-me a vida"; *passim*). A. R. Johnson refere-se a esse emprego como uma "perífrase pungente (*i.e.*, profundamente emocional) do pronome pessoal" (*The vitality of the individual in the thought of ancient Israel*, 1964, p. 22).

A contagem do uso de *nepesh* no AT é de 755 ocorrências, sendo que na tradução grega (LXX) a palavra é vertida cerca de 600 vezes por *psychē*. Das 144 vezes em que é usada em Salmos, em mais de 100 vem acompanhada do sufixo pronominal da primeira pessoa do singular, "minha alma". Assim, no seu uso mais sintético, *nepesh* designa a pessoa na sua totalidade. Em Gênesis 2.7 "o homem passou a ser uma criatura [*nepesh*] viva" (lit.) — não se deve interpretar o substantivo no sentido metafísico-teológico que tendemos a dar à palavra "alma" hoje em dia. Exatamente a mesma expressão hebraica (*nepesh hayyâ*) — tradicionalmente traduzida por "alma vivente" — ocorre também em Gênesis 1.20, 21, e 24. Em outras palavras, nesta passagem, em que o homem está sendo associado às demais criaturas, tanto estas quanto aquele partilham da mesma experiência entusiástica de vida, de modo que o homem não está sendo definido como um ser distinto daquelas outras criaturas. E verdade, no entanto, conforme assinalado por Oehler, que a fonte da *nepesh* de animais é o solo, ao passo que a fonte da *nepesh* de Adão é Deus.

Deve-se prestar especial atenção às traduções antônimas, "mortos", "cadáver", encontradas em Levítico 19.28; 21.1, 11; Números 5.2; 6.6, 11; 9.6, 7, 10; *etc.* Nessas citações, "morto/mortos" é tradução de *nepesh*, ao passo que "cadáver" traduz *nepesh/napshōt mēt* ("alma/almas morta[s]"). Esta última expressão indica "uma pessoa (ou pessoas) que morreu", sendo que a ênfase recai sobre a identidade pessoal de um "indivíduo", de sorte que, dentro do contexto, o vocábulo *nepesh* refere-se por si só a um indivíduo morto, "alguém que morreu", e a palavra em si não chega a ter o sentido de "corpo" físico.

O uso de *nepesh* com referência a Deus é raro, pois Deus não possui os anseios nem os apetites comuns ao ser humano. Tampouco a sua vida experimenta os limites impostos pela morte. Além das passagens já assinaladas, citamos mais algumas em que a palavra é empregada para expressar de forma marcante sua exaltada rejeição ou inclinação por alguém. O primeiro caso é mais freqüente. Dessa maneira ele ameaça: "Aceita a disciplina, ó Jerusalém, para que eu [lit., 'minha alma'] não me aparte de ti" (Jr 6.8); Jeremias 5.9, 29; 9.8; 15.1; *passim*. Por outro lado, seu amor fervoroso, seu prazer e sua atitude favorável para com seu servo são assim mencionados: "o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz" (Is 42.1).

Não se deve concluir, com base neste estudo de *nepesh* que o AT apresenta o homem como um ser apenas físico. Quanto a isso, existem outras idéias do AT que devem ser consideradas: (1) o ensino do AT acerca do "espírito" do homem; (2) o ensino do AT acerca do "coração", *lēb*, do homem; (3) o tema da imagem de Deus (veja-se *tselem*) no homem; e (4) o quadro traçado da relação do homem com Deus.

Bibliografia: — BRIGGS, C. A., The use of npsh in the OT, *JBL* 16:17-30. — BECKER, J. H., *Het Begrip Nefesj in het Oude Testament*, 1942. — BUSWELL, J. O., *A systematic theology of the Christian religion*, Zondervan, 1962, v. 2, p. 237-41. — SELIGSON, M., *The meaning of npsh mt in the Old Testament*, 1951; *cf.* — WIDENGREN, G., *VT* 4:97-102. — MURTONEN, A., *The living soul*. 1958. — LYS, D., *Nepésh*, 1959. — JOHNSON, A. R., *The vitality of the individual in the thought of ancient Israel*, 1949. — WOLFF, H. W., *Anthropology of the Old Testament*. — WESTERMANN, C., Naefaes, in: *THAT*. v. 2, p. 71-95. — RICHARDSON, *TWB*, p. 144-5. — *TDOT*, v. 9, p. 617-37.

B.K.W.

1396 נֹפֶת (*nôpet*) ***mel que escorre, mel de favo*** (*e.g.*, Pv 5.3; Sl 19.10 [11]).

נֵפֶת (*nepet*). Veja o nº 1 331c.
נַפְתּוּלִים (*naptûlîm*). Veja o nº 1 857c.
נֵץ (*nets*). Veja os nºs 1 405b, 1 406a.

1397 נָצָא (*nātsā'*) ***voar*** (Jr 48.9, somente). Provavelmente uma variante de *nātsâ* I.

1398 *נָצַב (*nātsab*) ***permanecer em pé, estar colocado, estabelecer.***

Termos Derivados

1398a נֵצָב (*nitstsāb*) ***punho da espada*** (Jz 3.22, somente). Uma forma idêntica, que ocorre em 1 Reis 4.5, 7; 22.47 [48], é considerada um particípio do nifal usado como substantivo, com o sentido de "intendente", "superintendente".

1398b †נְצִיב (*n'tsîb*) ***coluna.***

1398c †מַצָּב (*matstsāb*) ***base, guarnição.***

1398d †מַצָּב (*mutstsāb*) ***posto.***

1398e †מַצָּבָה (*matstsābâ*) ***guarnição.***

1398f †מִצְבָּה (*mitstsābâ*) ***exército.***

1398g †מַצֵּבָה (*matstsêbâ*), מַצֶּבֶת (*matstsebet*) ***coluna.***

Visto que esta raiz jamais ocorre no qal, possui força transitiva apenas no hifil, "pôr", "colocar", "erguer", "fixar", "estabelecer". O passivo é expresso pelo hofal, "ser/estar fixado", "ser/estar determinado". Os significados mais amplos ocorrem no nifal, "assumir posição", "estar firme" (este último sentido mediante nomeação para um posto).

Uma boa ilustração do sentido básico do grau nifal de *nātsab* é a ordem de Deus a Moisés para "pôr-se à beira do rio" (IBB) a fim de se encontrar com Faraó (Êx 7.15). Moisés também devia "apresentar-se" perante Deus no monte Sinai (Êx 34.2). Em Salmos 82.1 Deus é descrito como alguém que "se põe de pé [ARA, 'assiste'] na congregação divina" para ministrar juízo. O particípio do nifal ocorre com o artigo em Rute 2.5, designando um certo servo "posto sobre" (ARA, "encarregado dos") os ceifeiros. Usa-se também o nifal para indicar a posição em situações em que se quer dar ênfase ao estar firme e ereto, quer com referência a homens (Gn 18.2), a feixes de cereais (Gn 37.7) ou a águas represadas (Êx 15.8). Esse particípio exprime uma firmeza que implica saúde e vigor ao descrever ovelhas normais, em contraste com as desgarradas ou feridas (Zc 11.16). Semelhantemente, em Salmos 39.5 [6], a afirmação "todo homem, por mais *firme* que esteja, é pura vaidade" implica preparo físico, ausência de defeitos e saúde.

O sentido passivo do nifal é mais visível naqueles casos em que "estar" ou "ficar" equivale a "assumir posição" por efeito de nomeação ou a "posicionar-se" no cumprimento do dever. Por conseguinte, vemos Samuel "estando a presidir" (lit., *'ōmēd nitstsāb*) o grupo de profetas, em 1 Samuel 19.20. O particípio é empregado substantivamente, "intendente", "oficiais" (IBB), em 1 Reis 4.5, 7, e 27 [5.7]; 5.16 [30]; 9.23; 2 Crônicas 8.10.

O uso em 1 Samuel 19 indica que o verbo *nātsab* possui uma conotação técnica mais específica do que seu sinônimo *'āmad*.

O hifil possui uma força transitiva, como em Salmos 78.13, "aprumou as águas como num dique", Gênesis 33.20, "levantou ali um altar", 1 Crônicas 18.3, "restabelecer o seu domínio sobre o rio Eufrates". Dentro dos sentidos do hifil estão: estabelecer uma fronteira; erguer uma porta; ou até mesmo preparar uma armadilha, bem como, no desdobramento de um sentido técnico, "afiar" uma aguilhada (1 Sm 13.21), aparentemente no sentido de colocá-la em ordem. De outro lado, o particípio hofal é utilizado para descrever a escada de Jacó, "posta na terra" (Gn 28.12), e em Naum 2.7 [8] afirma-se acerca da rainha de Nínive que algo está "decretado" (*hutstsab*).

Ao considerar esta raiz, deve-se também levar em conta o verbo intimamente aparentado *yātsab*, "posicionar-se", "apresentar-se diante de" (usado apenas no hitpael).

n'tsîb. ***Coluna*** (uma vez), ***guarnição*** (nove vezes), ***intendente*** (duas vezes).

A única vez em que o substantivo *n'tsîb* tem o sentido de "coluna" é em referência à mulher de Ló (Gn 19.26; ARA, "estátua"). O objetivo óbvio dessa passagem é descrevê-la como paralisada, pega numa armadilha, transformada em algo ereto e imóvel, onde ela se encontrava, quer entendamos a transformação em sal como algo instantâneo ou subseqüente. (Veja-se a interessante análise feita por Robert Boyd em seu livro *Tells, tombs and treasure*, Baker, 1969, p. 85-6.) Em outras passagens o vocábulo é traduzido por "guarnição", conforme mencionado acima, ou "intendente" (1 Rs 4.19; 2 Cr 8.10).

matstsāb. ***Posto, posição, guarnição.*** Observe-se que neste e em vários outros derivados da raiz *ntsb*, a duplicação de *ts* indica a perda da primeira consoante, *n*, por intermédio da assimilação pela segunda consoante.

mutstsāb. ***Posto.*** Este termo ocorre em Isaías 29.3 (ARA, "tranqueiras") e também em Juízes 9.6 (IBB, "coluna"; ARA, "memorial"), mas a maioria dos léxicos interpreta este último como um hofal, portanto particípio.

matstsābâ. ***Guarnição.*** Ocorre apenas uma vez, em 1 Samuel 14.12. (Koehler levanta a conjectura de que esta palavra também devia ser considerada certa em Zc 9.8, mas veja-se *mitstsābâ*, abaixo.)

mitstsābâ. ***Exército.*** Ocorre somente em Zacarias 9.8. ARC e IBB acompanham os massoretas em sua nota (segundo a qual o *hē* substituiu um *aleph* original) e, assim sendo, traduzem por "exército"; a BJ traz "posto avançado"; a PIB, "sentinela", com base na sugestão de *BDB*, "vigilância".

matstsēbâ. ***Coluna.*** Os léxicos fazem distinção entre os sentidos de "coluna" e "imagem (em pé)". As traduções mais recentes trazem "coluna" quase exclusivamente.

Descobertas arqueológicas têm lançado luz, mas não suficiente, sobre o interessante vocábulo *matstsēbâ*, "coluna". Aparentemente diz respeito a objetos usados na adoração pública, embora o memorial (*matstsebet*) que Absalão fez para si (2 Sm 18.18) talvez não tenha tido um propósito especificamente religioso, como também ocorre com a coluna que foi erigida sobre o túmulo de Raquel (Gn 35.20). Escavações feitas na Palestina trouxeram

a lume muitos *matstsēbôt*. Conquanto as famosas colunas encontradas em Hazor (*BA* 19, 22) e em Biblos foram claramente erguidas para servir de monumentos ou de objetos de culto, outras pedras em pé foram, por algum tempo, identificadas erroneamente. Agora se sabe que muitas colunas de pedra bruta, inicialmente interpretadas como objetos de culto, eram na verdade um aspecto usual da construção de casas israelitas na Idade do Ferro Média. Também não se chegou a uma conclusão acerca do suposto relacionamento ou possível desenvolvimento de colunas cultuais em imagens e ídolos propriamente ditos.

Embora as duas ocorrências na Bíblia citadas acima se refiram a simples memoriais, num maior número de vezes *matstsēbā* possui significação religiosa. Em Gênesis 28.18 o travesseiro de Jacó torna-se uma "coluna", que ele unge com óleo, chamando o local de Betel, literalmente "a casa de Deus". Ao voltar àquele local (Gn 35.14), erigiu outra coluna, derramando sobre ela tanto uma libação quanto óleo, pois Deus conversara ali com ele e mudara seu nome para "Israel". Antes disso, à época de sua aliança com Labão (Gn 31.45), Jacó erigiu uma coluna de pedra além do "montão [para servir de] testemunha" (v. 48), diretamente associado com a aliança que celebraram. Em Êxodo 24.4 Moisés, além do altar que construiu, erigiu doze pedras (colunas) que representavam as doze tribos de Israel.

Estes casos representaram usos legítimos desse objeto. Deve-se reconhecer que, com bastante freqüência, os *matstsēbôt* mencionados na Bíblia tinham um significado de culto pagão e, nessas circunstâncias, foram não somente proibidos para Israel mas também tiveram determinada a sua destruição onde quer que fossem encontrados. Em Êxodo 23.24, o comentário sobre o Decálogo — já perto da conclusão do denominado Livro da Aliança — conclama à ação: "Não (...) adorarás os seus deuses (...); antes (...) despedaçarás de todo as suas colunas". Da mesma forma, em Deuteronômio 16.21-22, os israelitas recebem estas instruções: "Não estabelecerás poste-ídolo [*'ăshērâ*] (...) nem levantarás coluna, a qual o SENHOR teu Deus odeia". No entanto, mais tarde, na história de Israel, lemos acerca do pecado de Judá, descrito em termos tais como "também os de Judá edificaram altos, estátuas, colunas e postes-ídolos" (1 Rs 14.23).

A LXX emprega *stēlē* para traduzir *matstsēbâ* em todos os casos citados, com exceção de Êxodo 24.4, em que usa a palavra *lithos*. Outros substantivos hebraicos traduzidos por "coluna", tais como *mis'ād*, *mātsuq* e *'amud*, estão totalmente livres das conotações religiosas ou cultuais descritas acima.

Duas passagens em que claramente se nota que o texto hebraico evita o uso de *matstsēbâ* são a "grande pedra" que Josué colocou como testemunha da reafirmação da aliança entre Israel e seu Deus (Js 24.26-27) e a *'eben hā'ēzer*, "Ebenézer", de Samuel, literalmente, "a pedra de ajuda", que ele erigiu para comemorar o livramento da mão dos filisteus.

Bibliografia: — BURROWS, M., *What mean these stones?*, New Haven, *ASOR*, 1941, p. 210-2.

M.C.F.

1399 נצה (*nātsâ*) ***I, voar, fugir*** (Lm 4.15, somente).

1400 *נָצָה (*nātsâ*)

Termo Derivado

1399a נוֹצָה (*nôtsâ*) ***plumagem*** (***e.g.***, Ez 17.3; Jó 39.13).

1400 *נָצָה (*nātsâ*) ***II, lutar.*** Este verbo ocorre somente no nifal (***e.g.***, Êx 21.22) e no hifil (***e.g.***, Nm 26.9).

Termos Derivados

1400a מַצָּה (*matstsâ*) ***briga, contenda*** (Is 58.4; Pv 13.10; 17.19).

1400b מַצּוּת (*matstsût*) ***briga, contenda*** (Is 41.12).

1401 נָצַה (*nātsâ*) ***III, ficar em ruínas*** (***e.g.***, Jr 4.7; 2 Rs 19.25 = Is 37.26).

1402 *נָצַח (*nātsah*) ***I, ser perpétuo, sobrepujar; superintender.*** Ocorre nos graus nifal e piel.

Termo Derivado

1402a †נֵצַח (*nētsah*) ***I, força, vitória, perpetuidade.***

Ao tentar encontrar uma base para a ampla gama de sentidos desta raiz verbal e, conseqüentemente, de seu derivado substantivo, talvez seja oportuno observar como o sol, fonte da energia da terra, abrange e transmite a noção dupla de luz e durabilidade. Ao que parece, essas são as duas qualidades envolvidas na palavra em questão, especialmente em vista do fato de que seu cognato árabe significa tanto "puro" (como também ocorre em etiópico) quanto "confiável".

Por conseguinte, *nātsah* denota tanto "brilho" (com o que dá a conotação de "preeminência", "glória inigualável", "vitória", "liderança") quanto "persistência" (da qual surgem os sentidos de "duração", "perpetuidade"). *BDB* define o verbo basicamente como "ser preeminente", "ser duradouro" e a partir daí oferece detalhes de usos peculiares.

Voltando-se, momentaneamente, à forma substantiva, pode-se então perceber a dificuldade de escolha entre "força" ou "glória" (o problema reside em que as palavras em português são distintas, visto que o hebraico traz os dois sentidos numa única) em referências a atributos divinos ou a Deus, como em 1 Samuel 15.29, "também a *nētsah* de Israel não mente nem se arrepende", ou em Lamentações 3.18 (onde, todavia, o referente é humano), "já pereceu a minha *nētsah* como também a minha esperança no SENHOR". O significado da forma participial do piel como título de músicos será examinado abaixo. As várias traduções dos conceitos adverbiais, "perpetuamente", "para sempre", "constantemente", *etc.*, são derivados simples e óbvios do conceito de "perpetuidade", entendido adverbialmente devido à prefixação da preposição hebraica *l*, "para".

Verbalmente, a única ocorrência do grau nifal, em Jeremias 8.5, fala de o povo de Jerusalém estar "apostatando continuamente", um afastamento sem fim. É o grau piel que se detém no sentido de "sobrepujar" ou "superar grandemente", levando à idéia de

"assumir a liderança", "presidir", e a partir daí à de "agir como supervisor, superintendente, diretor". Tal atividade é expressa cinco vezes pelo infinitivo do piel em Crônicas e Esdras (*e.g.*, 1 Cr 15.21), e o agente dessa atividade é expresso pelo particípio, como em Habacuque 3.19 e 55 vezes em títulos de salmos.

"Mestre de canto" (ARA) ou "regente do coro" (IBB) como tradução de *m'natstsēah* nos cabeçalhos dos salmos não pode estar distante do sentido correto, especialmente tendo-se em mente que a tradução da palavra na LXX (*telos*, "finalidade") possui em grego clássico um sentido de "a última e mais elevada posição" na vida civil: magistratura, alto cargo, *etc*. Alguns estudiosos sugeriram a existência de um saltério mais antigo denominado "Coletânea do Dirigente", dos quais 39 salmos davídicos, nove de Coré, cinco de Asafe e dois anônimos foram escolhidos para fazer parte do Saltério que conhecemos (mais aquele encontrado em Habacuque 3), mas essa é apenas uma dentre várias teorias que foram propostas para explicar o vocábulo. Quanto a outros termos correlatos, veja-se *selâ*.

nētsah. ***Força, vitória, glória, perpetuidade.*** Um substantivo derivado, mas muitas vezes com força de advérbio.

O duplo significado de "força" e "vitória", existente na raiz, talvez ajude a explicar a relação de Isaías 25.8 com 1 Coríntios 16.9. O termo no AT é, às vezes, traduzido por "tragará a morte para sempre". Na LXX temos "a morte prevaleceu e engolirá os homens". Caso *nētsah* possa ter o sentido de "preeminência" bem como o de "para sempre", pode-se então defender o significado de "vitória". Aliás, em hebraico moderno o sentido do vocábulo é "conquistar", "prevalecer".

Bibliografia: — RICHARDSON, *TWB*, p. 274.

M.C.F.

1403 נצח (*ntsh*). **II. Aceita como raiz de:**

1403a נֵצַח (*nētsah*) ***II, suco da uva*** (Is 63.3, 6).

נְצִיב (*n'tsîb*). Veja o nº 1 398b.

נְצִיר (*n'tsîr*). Veja o nº 1 407a.

1404 נצל* (*nātsal*) ***livrar, resgatar, salvar.*** Não ocorre no qal.

Termo Derivado

1404a הַצָּלָה (*hatstsālâ*) ***livramento*** (Et 4.14, somente).

O grau qal deste verbo não ocorre em hebraico bíblico, mas um cognato árabe confirma a suposição de que o sentido concreto básico é o de arrastar para fora ou de puxar para fora. Conquanto invariavelmente se use o nifal com o sentido de "ser libertado", "ser salvo", ou de "escapar" (*i.e.*, "libertar-se a si próprio"; lit., "arrancar-se para fora"), o piel pode exprimir a idéia de "tirar (uma roupa)", como em 2 Crônicas 20.25 (o contexto indica esse sentido) e em Êxodo 3.22, passagem em que as mulheres hebréias recebem ordens para saquear as egípcias, "pedindo" jóias e roupas. Em Ezequiel 14.14 o

piel também dá a idéia de "livrar" ou "salvar": "Noé, Daniel e Jó (...) salvariam apenas a sua vida".

Na maioria das vezes este verbo ocorre no hifil (que tem força causativa: "tornar separado"), com seus vários aspectos e modos e em geral com o sentido de "livrar" ou "resgatar". Entretanto, aqui pode também estar envolvida a noção física de arrancar ou separar, como no caso óbvio de dois filhos que brigavam, "não havendo quem os apartasse" (2 Sm 14.6). Uma expressão idiomática interessante ocorre em 2 Samuel 20.6, onde "nos escape" é, literalmente, "faça tirar nossos olhos (dele)". E a idéia de "tomar" ou "arrancar" se sobrepõe à de "recuperar" ou "livrar" em 1 Samuel 30.22, visto que a referência é a despojos tomados do inimigo, dos quais alguns bens eram, com grande probabilidade, originariamente seus.

No entanto, em um grande número de vezes está envolvida uma salvação ou um livramento pessoal literal (freqüentemente físico, mas não sem significados ou aplicações espirituais). Não é de surpreender que o imperativo do hifil dê ensejo a numerosas petições em oração, tais como "livra-me das mãos de meu irmão" (Gn 32.11 [12]). (*Cf.* Jz 10.15; 1 Sm 12.10; 1 Cr 16.35.) Em Salmos 7.1 [2] *hatstsîlēnî*, "livra-me", é paralelo direto de *hôshî'ēnî*, "salva-me". A salvação espiritual mediante o perdão dos pecados é, com certeza, abordada em Salmos 39.8 [9], "livra-me de todas as minhas iniqüidades" (*cf.* "... [da culpa] dos crimes de sangue", Sl 51.14 [16]; "... e perdoa-nos os pecados", Sl 79.9) e está, figuradamente, implícita na frase "livra-me do tremedal" em Salmos 69.14 [15].

Uma comparação com os aspectos distintivos de outros sinônimos hebraicos dos conceitos de "livrar", "salvar", "preservar", "escapar" tornará mais claro o campo semântico da raiz *ntsl*. (A única ocorrência em ugarítico, citada em *UT* 19: nº 1 688, significa "obter presentes de [alguém]".) Com significados bastante próximos encontram-se três verbos (*q.v.*): *gā'al*, "redimir", "soltar", "pôr em liberdade", *hālats*, "romper (relacionamento)", "retirar-se", "livrar", "pôr em liberdade", e *pādā*, "redimir", "livrar", "salvar", "resgatar". Duas raízes com idéias bastante relacionadas são *mālat*, "ser suave", "escapar sem ser notado", e *pālat*, "escapulir", "escapar","pôr em liberdade". Também empregados com o sentido de "resgatar" temos: *yāsha'*, "salvar" (hifil); *shûb*, "voltar"; *hāyâ*, "tornar vivo", "reavivar" (piel e hifil); e *yātar*, "fazer passar", "sobreviver" (hifil).

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 96-8. — *TDOT*, v. 6, p. 999-1002.

M.C.F.

נִצָּן (*nitstsān*). Veja o nº 1 405d.

1405 נָצַל (*nātsats*) ***I, brilhar, cintilar*** (Ez 1.7, somente).

Termos Derivados

1405a נִצּוֹץ (*nitsôts*) ***faísca*** (Is 1.31, somente).

1405b נֵץ (*nēts*) ***flor*** (Gn 40.10, somente).

1405c נִצָּה (*nitstsâ*) ***flor*** (Is 18.5; Jó 15.33; Gn 40.10).

1405d נִצָּן (*nitstsān*) ***flor*** (Ct 2.12, somente).

1405e *נָצַץ (*nātsats*) ***florescer***. Este verbo denominativo ocorre apenas no hifil (Ct 6.11; 7.13; Ec 12.5).

1406 נצץ (*ntsts*). **II. Aceita como raiz de:**

1406a נֵץ (*nēts*) ***ave de rapina*** (falcão ou gavião; Lv 11.16; Dt 14.15; Jó 39.26).

1407 נָצַר (*nātsar*) ***I, vigiar, guardar, preservar.*** A etimologia desta palavra é ilustrada pelo cognato acadiano *natsāru*, "observar", "proteger". O cognato árabe *nazara* significa "ter em vista", "olhar para".

Termo Derivado

1407a נציר (*ntsyr*) ***preservado*** (Is 49.6, Kethib somente).

Este verbo aparece aproximadamente 60 vezes.

Uma análise daquilo que é o objeto de proteção ajuda a identificar o devido campo semântico do vocábulo. Primeiro, coisas materiais tais como plantações ou instalações militares (*e.g.*, uma vinha, Jó 27.18; uma figueira, Pv 27.18; fortificações, Na 2.2) são guardadas. Aqueles que são colocados nessas funções são chamados de "vigias" ou "atalaias" (particípio plural ativo do qal, *nots'rim*, Jr 31.6; 2 Rs 17.9; 18.8). O próprio Senhor é considerado como um guardador ou vigia de sua vinha, Israel, e de todos os homens em geral (Is 27.3; Jó 7.20).

Segundo, num sentido ético, a boca (Pv 13.3; Sl 141.3), os caminhos da vida de alguém (Pv 16.17), o coração (Pv 4.23) e a língua (Sl 34.14) são guardados.

Terceiro, existe o conceito de "guardar fielmente". Geralmente essa idéia gira em torno da observância da aliança ou da lei do Senhor. O próprio Senhor é aquele que mantém um amor leal (*hesed*) para com milhares de gerações (Êx 34.7). Mas os homens mortais também são responsáveis por guardar a aliança (Dt 33.9; Sl 25.10) e os preceitos ou lei de Deus (Sl 78.7; 105.45; 119.2, 22, 33, 34, 56, 69, 100, 115, 129, 145). Até mesmo as ordens dadas pelos pais (Pv 6.20; 28.7) e a disciplina da sabedoria (Pv 3.1, 21; 4.13; 5.2) requerem o mesmo tipo de fiel observância.

Faz-se referência a Deus como aquele que guarda do perigo ou preserva a vida do homem (Sl 25.20; 40.12; Pv 24.12), o rei (Sl 61.8), a paz (Is 26.3), Israel (Dt 32.10; Is 42.6; 49.8), os fiéis e suas vidas (Sl 31.24; Pv 2.8) e o conhecimento (Pv 22.12). O Senhor também protege os justos daqueles de sua geração (Sl 12.8), das dificuldades (Sl 32.7), das tramas secretas dos ímpios (Sl 64.2) e do homem violento (Sl 140.2, 5).

A sabedoria guarda aqueles que não a abandonam (Pv 4.6). De igual forma a discrição toma conta de seus filhos (Pv 2.11), e a justiça toma conta daqueles que andam integramente (Pv 13.6).

Em três casos emprega-se *nātsar* com o sentido de "guardar segredo". Em Isaías 48.6 o verbo refere-se a coisas ocultas não reveladas anteriormente por Deus. Em duas outras passagens o sentido é negativo. Os "lugares misteriosos" do pecado, onde o Israel rebelde passa as noites maquinando planos (*i.e.*, dormindo junto com os ídolos a fim de receber sonhos sobre o futuro, Is 65.4) e a intenção oculta ou astuta de uma sedutora (Pv 7.10).

Outro significado é o de manter sob ataque cidades fechadas ou sitiadas. Em Jeremias 4.16, parece que o particípio ativo plural do qal se refere àqueles que cercavam a cidade, ao passo que em Ezequiel 6.12 (?) e Isaías 1.8 a palavra aponta para uma cidade sitiada ou cercada.

Levando-se esses diferentes aspectos em conta, não é de admirar que Isaías chame de "remanescentes" as tribos restauradas de Israel naquela era escatológica (49.6), pois elas de fato experimentaram a proteção e o cuidado constantes do Senhor.

Bibliografia: — *THAT*. v. 2, p. 99-100.

W.C.K.

1408 נצר (*ntsr*). II. Aceita como raiz de:

1408a נֵצֶר (*nētser*) *ramo, renovo, broto.*

Este substantivo, que provém de uma raiz árabe que significa "ser novo", "ser radiante", "esverdear", aparece somente quatro vezes.

Em Isaías 11.1, utiliza-se *nētser* em paralelo com outro termo técnico (na doutrina da profecia messiânica), *hōter*, "rebento". Uma vez que o texto diz que tanto o "rebento" quanto o "renovo" procedem do *shōresh*, "raiz" (ARA, "tronco") ou linhagem de Jessé, é óbvio que o profeta está-se referindo a um descendente-chave de Davi, que sintetiza tudo o que o Senhor prometeu a Davi (2 Sm 7.1 e ss.). O caráter messiânico desse título é reconhecido nos Targuns, na literatura rabínica e nos escritos de Qumran (citados em *The nezer and the submission in suffering hymn from the Dead Sea Scrolls*, editado por M. Wallenstein, Istambul, 1957). É semelhante o uso que Mateus 2.23 faz deste título para indicar por que Jesus foi chamado de Nazareno. Gundry vê um duplo motivo para esse emprego por Mateus: um jogo de palavras em razão da correspondência fonética entre esse título em Isaías 11.1 e a cidade de Nazaré, e o tema da humilhação, em Isaías 11.1.

Em harmonia com o conceito de solidariedade corporativa demonstrada em outros termos técnicos nessa mesma doutrina da promessa messiânica, tais como "servo", "semente" (ou "descendência"), *tsemah*, "ramo", *etc.*, não é incomum ver um uso de *nētser* que inclua o remanescente crédulo de Israel, como em Isaías 60.21. No cumprimento da nova aliança abraâmico-davídica todas as pessoas são justas, a terra é possuída para sempre e o "renovo" daquilo que Deus plantou, a obra de suas mãos, é glorificado (*cf.* Is 61.3). Assim sendo, muitos podem ser chamados pelo nome daquele que é a síntese do grupo.

As outras duas referências (Is 14.19; Dn 11.7) não têm relação com as passagens examinadas acima. Em Isaías 14.19, a Babilônia é chamada de "renovo bastardo". A passagem de Daniel utiliza o substantivo para se referir a um poder real, no caso específico o dos ptolomeus, e não ao rei messiânico que vem da linhagem de Davi. A expressão também utiliza a palavra "raiz" (tal como em Isaías 11.1), "e se levantará de um renovo das suas raízes" (lit.).

Bibliografia: — GUNDRY, Robert H., *The use of the OT in St. Matthew's Gospel*, Leiden, Brill, 1967, p. 97-104. — SCHRAEDER, H. H., in: *TDNT*. v. 4, p. 878-9.

W.C.K.

1409 נָקַב (*nāqab*) *furar, perfurar; blasfemar; nomear.*

Termos Derivados

1409a נֶקֶב (*neqeb*) *termo técnico relativo à ourivesaria.*

1409b נְקֵבָה (*nᵉqēbâ*) *fêmea, mulher, menina.*

1409c מַקֶּבֶת (*maqqebet*) ***I, martelo.***
1409d מַקֶּבֶת (*maqqebet*) ***II, buraco.***

O sentido concreto básico do verbo *nāqab* fica demonstrado no contexto do projeto de reparos no templo realizado por Joás. O sacerdote Joiada fez um buraco na tampa de uma caixa para ali serem depositadas contribuições (2 Rs 12.9). Em outro texto, Ageu (1.6) fala figuradamente da futilidade do trabalho que deixa de dar honras ao Senhor, dizendo que os salários obtidos foram colocados num saco furado.

Os outros sentidos atribuídos a este verbo em passagens que indicam diferentes usos constituem uma demonstração marcante da flexibilidade semântica das línguas semíticas. A engenhosidade de lexicógrafos modernos é submetida a um desafio pesado. O verbo "perfurar" significa, secundariamente, "nomear", "designar", "identificar", por meio da noção física de fazer sinal ou marca característica em alguém (um substantivo cognato árabe significa "líder", "chefe"). Ou será que o indivíduo escolhido é aquele que "examina cuidadosamente" e, por isso, se distingue dos demais? A primeira explicação parece ser a mais satisfatória. Mas esse verbo também se traduz por "amaldiçoar", "blasfemar". Isso ocorre porque alguém distingue outrem como mau (conforme o entende *KB*), ou será que não existe um vínculo maior com a ação de "perfurar", "traspassar"? Alguns lexicógrafos (*BDB*) consideram este último sentido de *nāqab* como uma raiz diferente, *naqab* II, uma variante da raiz *qābab*, "amaldiçoar", encontrada somente em Números 22 e 23, mas a relação inversa (*qābab* derivando de *nāqab*) poderia com igual probabilidade ser o caso.

E interessante que essa palavra é empregada na inscrição de Siloé com o sentido de "perfurar completamente", *i.e.*, escavar o túnel.

neqeb. E incerto o sentido deste substantivo, que ocorre em Ezequiel 28.13. Dentre outras sugestões, citam-se "pífaros" (ARC), "ornamentos" (ARA), "lantejoula" (BJ) e "minas" (léxico de Holliday, no que segue W. F. ALBRIGHT, em *BASOR*, 110).

nᵉqēbâ. ***Fêmea, menina, mulher.*** Fêmeas tanto do gênero humano (Gn 1.27; *etc.*) quanto de animais (Gn 6.19; *etc.*) são, por razões descritivas, denotadas pela palavra *nᵉqēbâ*. (Uma sugestão diferente foi, no entanto, apresentada por Schwally em *ZAW* 11.) Embora em um caso específico (Jr 31.22 [21]) o vocábulo *nᵉqēbâ* tenha sido usado em oposição a *geber*, "homem", "herói", basicamente ele contrasta com *zākār*, "macho", não importando se o referente é um ser humano ou um animal.

maqqebet. ***I. Martelo.*** O sentido de "martelo" é inconteste: Juízes 4.21 (em que o objeto é usado por Jael), 1 Reis 6.7 (em que se menciona a ausência de barulho na construção do templo), Isaías 44.12 e Jeremias 10.4. Quanto a formas plurais, alguns léxicos sugerem um substantivo variante, *maqqābâ*. Existe diversidade de opiniões quanto à derivação do nome Macabeu.

maqqebet. ***II. Buraco, escavação, pedreira.*** Ocorre apenas na convocação feita por Isaías a Israel para considerar sua origem humilde (Is 51.1).

M.C.F.

1410 נקד (*nqd*). I. Aceita como raiz de:

1411 נקד (*nqd*)

1410a נָקֹד (*nāqōd*) ***salpicado, malhado*** (Gn 30.32; 31.8).

1410b נִקֻּד (*niqqûd*) ***alimento seco e quebradiço, migalhas, biscoito ou bolo duro*** (Js 9.5; 1 Rs 14.3).

1410c נְקֻדָּה (*nᵉquddâ*) ***contas, pontas, botões*** (Ct 1.11, somente).

1411 נקד (*nqd*). **II. Aceita como raiz de:**

1411a נֹקֵד (*nôqēd*) ***criador de ovelhas, negociante de ovelhas, pastor de ovelhas*** (2 Rs 3.4; Am 1.1).

1412 נָקָה (*nāqâ*) ***estar isento de, ficar livre, ser inocente, estar abandonado, ser cortado, podado.***

Termos Derivados

1412a †נָקִי (*nāqî*) ***isento de, inocente.***

1412b †נְקִיאׇ (*nāqîʾ*) ***inocente*** (Jl 4.19; Jn 1.14).

1412c †נְקִיּוֹן (*niqqāyôn*) ***inocência.***

1412d †מְנַקִּיָּה (*mᵉnaqqîyâ*) ***taça sacrificial.***

O derivado *mᵉnaqqîyâ* talvez seja a chave para entender o sentido básico do verbo *nāqâ*. *GB* e *KB* associam o verbo ao acadiano *naqû*, "oferecer libação" (além do substantivo siríaco "libação") e *BDB* cita o verbo siríaco "derramar", "fazer libação" e é da opinião de que, embora o cognato árabe signifique "purificar", o sentido original era provavelmente o de "esvaziar", daí os sentidos de "derramar" e "estar vazio"/"estar limpo".

A raiz *nāqâ* com o significado "estar limpo", "puro", "sem manchas" é encontrada em acadiano, árabe e aramaico. Em Daniel 7.9 [aramaico] o Ancião de Dias é descrito com cabelos "como a pura [*nᵉqē*] lã". O conceito jurídico derivado de "ser absolvido", "ficar sem castigo", é encontrado apenas no hebraico.

A partir da noção básica de "ser derramado" podem derivar idéias com conotações tanto positivas quanto negativas. Em Isaías 3.26 existe uma conotação negativa: "Sião, 'desolada', se assentará em terra". A mudança da figura poética, pela RSV, de "abandonada" ou "desabitada" para "destruída" revela uma tradução forçada do texto e destrói a imagem visual que o autor quer criar na mente do leitor. A referência é a uma cidade que foi "esvaziada" de seus moradores. (Veja-se também Am 4.6, em que se usa o substantivo *niqyôn* para designar a condição limpa dos dentes, que simboliza a falta de comida.) Aqui devemos também analisar Joel 3.21 [4.21]. É surpreendente que a NAS, que costuma seguir cegamente o TM, emende esta passagem ("e vingarei o seu sangue, o qual não vinguei [até agora]"), contrariando a opinião de G. R. Driver e C. van Leeuwen. Driver traduz o versículo assim: "E eu derramarei o seu sangue, o qual até agora não derramei" (*JThSt* 39:402). A NIV traz: "Sangue que não perdoei, perdoarei." Depois de considerar outras opções, C. van Leeuwen concluiu que "de um modo ou de outro o texto não deve ser emendado para *niqqamtî* [serei vingado] (em oposição a BHS e KBL 632b), texto este não pressuposto pela LXX" (*THAT*, v. 2, p. 102).

Em outros casos a palavra evoca conotações positivas. Pode ser usada para denotar o ficar livre de um juramento. E assim que Abraão diz a Eliezer: "Se a mulher, porém, não quiser seguir-te, serás livre deste meu juramento". (Gn 24.8; *cf.* Js 2.17, 20, em que o adjetivo é empregado com a mesma idéia).

Das 40 ocorrências desse verbo, a imensa maioria possui uma conotação ética, moral ou forense. O fato de que no grau piel (onde tem sentido transitivo) o verbo é sinônimo de *tsādaq* (no piel ou no hifil, *q.v.*), deve demonstrar a importância do verbo. *nāqâ* é encontrado apenas uma vez no grau qal (um infinitivo absoluto que modifica uma forma no nifal), nas demais vezes aparece sempre no nifal ou no piel. Isso tende a reforçar a conclusão: "derramar", "esvaziar", dá origem a "ser libertado", "ser isento", "ser purificado", "ser inocente".

Um uso político desta palavra, a saber, liberdade ou isenção de alguma obrigação, tal como o serviço militar (Dt 24.5), serve para acentuar seu significado forense de ficar livre de castigo. O marido é declarado isento de iniqüidade caso, ao anunciar que a esposa é infiel, siga os procedimentos legais perante o sacerdote (Nm 5.31).

Essa passagem é instrutiva pois mostra que *nqh* é o oposto de *'āwōn*, "culpa" (*q.v.*). A passagem diz: "O homem será livre da iniqüidade (*wᵉniqqâ ... mēʿāwōn*), porém a mulher levará a sua iniqüidade". Em outras passagens, contudo, é omitida a palavra *'āwōn*. É assim que Sansão, depois de seu sogro dar a esposa (de Sansão) a outro homem, diz: "Desta feita sou inocente [*niqqêtî*]" (Jz 15.3).

Assim como *'āwōn* pode referir-se ao ato de pecar, ao castigo do pecado ou ao estado entre o ato e o castigo (o estado de "culpa"), da mesma forma *nāqâ* pode referir-se ao livrar-se do estado entre o erro implícito e o castigo ("estar sem culpa", "ser inocente") ou ao livrar-se do castigo ("ficar sem castigo"). Como exemplo do primeiro caso, além de Números 5.31 e Juízes 15.3, podemos citar 2 Samuel 14.9: "Disse a mulher tecoíta ao rei: 'A culpa [*heʿāwōn*], ó rei, meu senhor, caia sobre mim e sobre a casa de meu pai; o rei, porém, e o seu trono seja inocente [*nāqî*]". Como exemplo do segundo caso, observe-se: "não ficará sem castigo [*yinnāqeh*] todo aquele que a tocar [*i.e.*, a mulher de seu próximo]" (Pv 6.29; *cf.* 19.5, 9; 28.20). Semelhantemente está legislado em Êxodo 21.19 que "se dois brigarem, ferindo um ao outro (...), e o ferido não morrer, (...) então será absolvido [*wᵉniqqâ*] aquele que o feriu". O adjetivo pode ter essa mesma força; *cf.* "o dono do boi será absolvido [*nāqî*]" (Êx 21.28). É claro que às vezes a palavra é usada negativamente, dando ensejo a uma forte reprimenda, "o mau (...) não ficará sem castigo" (Pv 11.21), ou a indagações, "ficareis vós de todo impunes?" (Jr 25.29).

Ser liberado de obrigações ou ficar livre de culpa e/ou castigo (adjetivo ou nifal de *nāqâ*) é, muitas vezes, apresentado como algo determinado pelo (*min*) SENHOR. Assim, a liberação das tribos transjordanianas de ter de prestar serviço militar após a conquista da terra prometida é descrita como "estarem livres de obrigação perante o SENHOR [*wihʿyîtem nᵉqiyyîm mē YHWH*]" (lit., Nm 32.22). Da mesma forma, somente o Senhor pode liberar uma pessoa de um juramento feito em seu nome (Js 2.17-19). A respeito do sangue de Abner, Davi declara: "Inocente [*nāqî*] sou eu, e o meu reino, para com o SENHOR [*mēʿim YHWH*]" (2 Sm 3.28; *cf.* 1 Sm 26.9). Em muitas passagens a preposição *min* é omitida, mas a idéia permancce a mesma. Em Provérbios 16.5 "[o arrogante] 'não ficará impune'" é paralelo de "abominável é ao SENHOR" (*cf.* Pv 11.21; 17.5). Essa idéia é ressaltada em Jeremias 2.35, em que Judá alegou inocência (*niqqêtî*), mas, visto que esse não foi o veredicto divino, ele entrará em juízo contra o seu povo. Em todas essas passagens o veredicto pertence ao Senhor, e ele controla o curso do juízo no destino

daqueles que estão sob sua jurisdição.

No caso do piel de *nqh* (com exceção de 1 Rs 2.9) é sempre o Senhor o sujeito da ação. Desse modo é a ele que se dirigem petições de absolvição (*e.g.*, "absolve-me das [faltas] que me são ocultas", Sl 19.12 [13]) e é ele que não deixa o pecador ficar sem castigo (Êx 20.7; 34.7; Jr 30.11; 46.28; Jó 9.28).

Semelhantemente, no caso do adjetivo, quando este tem o significado de "inocente", é Deus quem assume responsabilidade por aqueles que não têm culpa. Assim, ele se considera responsável pelo sangue inocente (Dt 19.10, 13; 2 Rs 24.4; Jr 2.34 e s.; 19.3 e s.; 22.3 e ss.; *passim*). Jó, contudo, num momento de profundo pessimismo, comenta que Deus destrói o inocente junto com o culpado (Jó 9.23).

Não apenas um pecador pode ser purificado, libertado da culpa, absolvido ou considerado inocente, mas um local também pode ser limpo do mal ali encontrado. A "expulsão" de mentirosos e perjuros da terra, descrita na visão do rolo voador (Zc 5.3), tem como conseqüência a purificação da terra do mal ali cometido.

Talvez, dentre todos os usos deste verbo, o de sentido mais técnico seja aquele em que se refere à liberação ou isenção das obrigações assumidas num juramento (Gn 24.8, 41) ou dos efeitos da maldição inerente ao julgamento de uma mulher acusada, durante o qual se exige que ela beba a água amarga oferecida pelo sacerdote (Nm 5.19).

nāqî, nāqi'. ***Irrepreensível, inocente, inculpável, livre, isento, limpo (de mãos).*** O adjetivo *nāqî* e a forma variante *nāqi'* referem-se às pessoas declaradas inocentes, livres ou isentas de acusação ou obrigação; ao sangue inocente (*i.e.*, o sangue derramado de uma parte sem culpa ou inocente); e também às "mãos limpas", uma figura que designa o comportamento inocente. (Veja-se a conhecida passagem de Sl 24.4.)

O vocábulo tem, na legislação acerca do homem recém-casado, a noção de liberdade e/ou isenção de uma obrigação: "ficará 'livre' [do serviço militar]" (Dt 24.5). Na proclamação feita por Asa de que Ramá deveria ser desmontada, ninguém ficou isento do trabalho (1 Rs 15.22). A palavra denota estar livre de escravidão em Gênesis 44.10, em que José advertiu: "Aquele com quem se achar [o copo roubado] será meu escravo, porém vós sereis inculpados [ou, estareis livres]." (O termo técnico que indica o estar livre de escravidão é *hopshî*.)

Em outros casos o adjetivo transmite a noção judicial de "inculpável", "irrepreensível", "inocente" (Jó 4.7; 27.14; *passim*). O uso do vocábulo junto com "justo" tem uma força toda especial em Êxodo 23.7: "... não matarás o inocente e o justo, porque não justificarei o ímpio." *Cf.* a grande declaração acerca do caráter de Deus em termos semelhantes em Êxodo 34.7. Há também referências ao "sangue do inocente [*dam hannāqî*]" ou (na maioria das vezes) ao "sangue inocente [*dam nāqî*]", em que uma pessoa que não tem nenhuma culpa é ameaçada de morte (Dt 27.25; 1 Sm 19.5), ou em casos em que a vida delas é de fato tomada (Dt 19.13; 2 Rs 21.16; 24.4; *passim*). Às vezes não fica claro se o inocente está sendo ameaçado ou se foi morto (Dt 19.10). (Quanto à culpa de crimes de sangue, veja-se *dām*.)

nāqî, em contraste com *ṭāhar*, "ser puro", não é um termo cultual; por exemplo, jamais é encontrado no livro de Levítico. As "mãos limpas" de Salmos 24.4 (ARA, "limpo de mãos") tratam de pureza ética e, por conseguinte, de absolvição judicial. A forma nominal *niqqāyôn* talvez tenha um sentido cultual em Salmos 26.6, em face da linha

paralela "andarei, SENHOR, ao redor do teu altar". Mas, em Salmos 73.13, a mesma expressão denota pureza ética.

niqqāyôn. ***Inocência, limpeza (dos dentes).*** Das cinco ocorrências, a mais enfática é Oséias 8.5. Deus zomba dos governantes do Israel idólatra ("Samaria"), indagando como e quando atingirão a inocência. A expressão figurada "dentes limpos" (lit., "condição limpa dos dentes", Am 4.6) deixa implícita uma falta de alimentos. Os demais casos falam da "inocência das minhas mãos" (lit., Gn 20.5) ou do "lavar as mãos na inocência" — a purificação cerimonial que simbolizava um coração puro e uma conduta honesta.

mᵉnaqqîyâ. Aparentemente o *mᵉnaqqîyâ* era uma taça de ouro (alguns dizem "concha [para tirar água]" ou "tubo") colocada sobre a mesa dos pães da proposição e usada para a oferta de libação. Era um objeto importante a ponto de Jeremias 52.19 mencionar que foi levado para a Babilônia. Quanto a esse último item, veja-se James L. KELSO, *The ceramic vocabulary of the OT*, New Haven, *ASOR*, 1948 (seção 54, p. 24).

Bibliografia: — RICHARDSON, *TWB*, p. 114, 127. — *THAT*, v. 2, p. 101-5.

M.C.F. e B.K.W.

נִקּוּד (*niqqûd*). Veja o nº 1 410b.

נָקַט (*nāqaṭ*). Veja o nº 1 996.

נָקִי (*nāqî*). Veja o nº 1 412a.

נָקִיא (*nāqî'*). Veja o nº 1 412b.

נְקִיּוֹן (*niqqāyôn*). Veja o nº 1 412d.

נָקִיק (*nāqîq*). Veja o nº 1 417a.

1413 נָקַם (*nāqam*) ***vingar, vingar-se de, ser vingado, vingar-se de, ser castigado*** (*cf. gō'ēl*, como o "vingador de sangue").

Termos Derivados

1413a †נְקָם (*nāqām*) ***vingança.***

1413b †נְקָמָה (*nᵉqāmâ*) ***vingança.***

Embora esta raiz, bem como seus derivados, seja usada apenas umas 70 vezes no AT, ela exprime uma verdade que é teologicamente importante mas muito mal-entendida. Vingança e desforra são idéias que parecem não ter nenhum valor ético positivo, quer procedam de Deus, quer dos homens. Mas não é esse o caso quando o uso dessa raiz é devidamente entendido em seu contexto no AT e em sua aplicação no NT.

O conceito de vingança divina deve ser entendido à luz do ensino veterotestamentário acerca da santidade e justiça divinas e de seu efeito sobre o homem como pecador. Em termos das pressuposições de algumas teologias "cristãs" contemporâneas, um Deus assim vingador será rotulado de não-cristão e antiético. Compreendida no contexto geral da revelação bíblica, contrabalançada pela misericórdia de Deus, a vingança divina é vista como um aspecto necessário da história da redenção.

O estudo do uso dessa raiz revela que existem relativamente poucos casos em que o homem é considerado como uma origem apropriada de vingança. Com freqüência o ser humano é uma causa secundária, ao passo que Deus é a origem (Ez 25.14). Normalmente esse é o caso quando os israelitas se vingam de seus inimigos (Js 10.13). Em Números 31.2-3, a ação de os israelitas executarem vingança contra os midianitas (v. 2) equivale ao próprio Senhor fazê-lo (v. 3). Em alguns casos, Deus instrui os israelitas quando estes são convocados a exercer vingança em nome dele (*e.g.*, Nm 31). Outras passagens advertem os homens a não tomar a vingança nas próprias mãos (Lv 19.18; Dt 32.35). Muito embora *nāqam* não seja empregado em Gênesis 9.6, a pena de morte é exigida em casos de assassinato, pois o homem é feito à imagem de Deus, e tirar a vida de alguém sem permissão divina é considerado uma ofensa contra Deus e também contra o homem.

A maioria dos usos de *nāqam* envolve Deus como a fonte da vingança. A passagem clássica é Deuteronômio 32.35, 41, "a mim me pertence a vingança, (...) retribuirei aos que me odeiam". Deus estaria contrariando seu caráter de santidade e justiça caso permitisse que o pecado e a rebeldia ficassem sem castigo. Os profetas ressaltaram "o dia da vingança do SENHOR" (Is 34.8; 61.2; 63.4) como épocas na história quando o Senhor acerta as contas. Foi assim que Jeremias viu a queda de Jerusalém. Uma vez que no curso da História é impossível acertar todas as contas, faz-se necessário o *eschaton* profético ou o dia derradeiro da vingança do Senhor. Esse dia é o que se tem em mente em Isaías 63.1-6. Aí Deus pisa sozinho o lagar e em sua ira calca com os pés os seus inimigos (Ap 19.15). Semelhantemente, no ensino neotestamentário da retribuição, uma noção fundamental à sua mensagem, a vingança pertence essencialmente ao futuro em vez do presente.

A Bíblia contrabalança a fúria da vingança de Deus contra o pecador com a grandeza de sua misericórdia para com aqueles a quem ele resgata do pecado. Jamais se deve olhar para a vingança de Deus sem levar em conta seu propósito de manifestar misericórdia. Ele não é *simplesmente* o Deus de ira, mas tem de ser o Deus de ira a fim de que sua misericórdia faça sentido. Além do próprio Deus, o AT focaliza não os objetos de sua vingança, mas os de sua misericórdia, sua possessão especial (*s'gûlâ*), seu povo, com o qual tem uma aliança eterna.

Existem duas maneiras pelas quais Deus se vinga com relação a seu povo. Primeiro, ele vinga o seu povo no sentido de que se torna o seu paladino contra o inimigo comum (Sl 94). Segundo, na condição de Deus da aliança, ele castiga aqueles que rompem a aliança com ele. "Eu mesmo vos ferirei sete vezes mais por causa dos vossos pecados. Trarei sobre vós a espada vingadora da minha aliança" (Lv 26.24-25).

O povo do AT é lembrado de que apenas Deus pode ser o paladino de si mesmo sem incorrer em erro (Dt 32.35). Esse versículo ecoa em Romanos 12.19, em que Paulo adverte contra um espírito vingador por parte do povo de Deus. A passagem também é citada pelo autor de Hebreus para alertar que é coisa horrível estar sob a ira vingadora de Deus (10.28-31).

Por causa das expressões no AT que se referem a um ódio justo contra os inimigos de Deus, os quais também procuraram destruir o seu povo (Sl 54), tendemos a achar que o AT ensina que sempre se deve odiar os inimigos. Pode-se ver que isso não é verdade com base na citação que Paulo faz de Provérbios 25.21-22 em Romanos 12.20, "se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer", *etc.* Os antigos hebreus, à semelhança de muitos cristãos da atualidade, aplicaram erroneamente a doutrina da vingança divina e usaram-na como desculpa para alimentar sentimentos vingativos uns contra os outros. Em Mateus 5.43 e ss. Jesus esteve repreendendo essa aplicação errônea e, em passagens como Mateus

19.19 (*cf.* Mc 12.31), ele está na realidade citando Levítico 19.18, "Nao te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo: Eu sou o SENHOR".

A instituição veterotestamentária do vingador de sangue era algo de natureza estritamente legal que supria a necessidade de justiça numa comunidade tribal (onde não existia nenhum governo central), criando uma sociedade em que as pessoas podiam conviver sem confusão. Os governos sempre têm reconhecido que seu propósito é executar a justiça e castigar os que agem errado (*cf. The prologue to Hammurabi's Code*, em *ANET*). Vingar o sangue ainda é um comportamento existente na mente de povos do Oriente Médio de mentalidade beduína. Em ações judiciais, o governo da Jordânia leva em consideração esse tipo de mentalidade. Num sistema desses a justiça há de ser satisfeita pelo parente mais próximo da vítima de homicídio. As cidades de refugio representaram um aperfeiçoamento desse direito consuetudinário, proporcionando justiça em casos de homicídio involuntário (Nm 35.9-28; *etc.*). Tais instituições legais baseiam-se naquele princípio de justiça absoluta e igual sintetizada na lei de talião. Mas o princípio do olho por olho e do dente por dente (Êx 21.23-25; Lv 24.19-20; Dt 19.21) não era para ser aplicado por particulares. Era um processo judicial com a sanção divina. Jesus não está rejeitando a doutrina do AT acerca do castigo justo quando ensina que essa lei não devia reger os relacionamentos interpessoais. Isso era uma aplicação errônea daquela lei por parte dos judeus de sua época.

nāqām, nᵉqāmâ. ***Vingança.*** Estes substantivos não têm diferença de sentido entre si e são, ambos, usados com uma variedade de verbos. Acerca de Deus diz-se que ele "toma vingança" (Is 47.3), "retribui vingança" (Dt 32.41, 43, IBB), "executa vingança" (Mq 5.14, ARA, "tomar"), "vem com vingança" (lit., Is 35.4) e "exerce vingança" (Ez 25.14). Essa ação envolve o derramamento de sangue porquanto sangue foi derramado (Sl 79.10).

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 106-8.

E.B.S.

1414 נָקַע (*nāqa'*) ***distanciar-se, alienar-se*** (Ez 23.18, somente).

1415 *נָקַף (*nāqap*) ***I, pôr abaixo.*** Ocorre no nifal (Is 10.34) e no piel (Jó 19.26).

Termo Derivado

1415a נוֹקֵף (*nôqep*) ***derrubada*** (Is 17.6; 24.13).

1416 נָקַף (*nāqap*) ***II, rodear, circundar.***

Termo Derivado

1416a נִקְפָּה (*niqpâ*) ***corda (de prender cativos)*** (Is 3.24)

1417 קָקַק (*nqq*)

Emprega-se *nāqap* basicamente no hifil, "fazer rodear" ou "deixar rodear". Os dias têm o seu "turno" (Jó 1.5; lit., "quando os dias de banquete deram volta completa"), com as pessoas oferecendo banquetes cada uma na sua vez. No sentido de "cercar", "circundar", esse verbo é, com freqüência, paralelo do verbo mais usual *sābab* (veja-se, por exemplo, Sl 22.16 [17]). Redes para apanhar animais são lançadas ao redor (Jó 19.6), e os israelitas são proibidos de rapar ou aparar o cabelo em volta da cabeça (deixando uma mecha de cabelo em cima, imitando assim adoradores pagãos — Lv 19.27), em alguns dos usos mais específicos ou técnicos de *nāqap*.

No outro extremo, um sentido abrangente é resultado da ocorrência deste verbo em Isaías 15.8, em que um grito rodeia as fronteiras de Moabe, deixando implícita a idéia de "por toda parte".

M.C.F.

1417 קָקַק (*nqq*). **Aceita como raiz de:**

1417a נָקִיק (*nāqîq*) ***fenda (de rocha).*** Usada somente junto com *sela'*, "rocha" (Is 7.19; Jr 13.4; 16.16).

1418 נָקַר (*nāqar*) ***furar, bicar, cavar*** (*e.g.*, Pv 30.17; Nm 16.14).

Termo Derivado

1418a נְקָרָה (*n'qārâ*) ***buraco, fenda*** (Êx 33.22; Is 2.21).

1419 נָקַשׁ (*nāqash*) ***bater, golpear*** (*e.g.*, Sl 9.17; Dt 12.30).

נֵר (*nēr*). Veja o nº 1 333a.

1420 נֵרְד (*nērd*) ***nardo.***

Este substantivo, que ocorre apenas três vezes no AT (todas elas em Cantares: 1.12; 4.13-14) denota extrato oleoso aromático do *Nardostachys jatamansi*, do norte da Índia, uma planta perene aparentada da valeriana. O nome deriva de um verbo sânscrito, *naladā*, "exalar um aroma", e a palavra provavelmente chegou até o hebraico e o grego por intermédio do persa *nârdin*.

Em Cantares de Salomão, as descrições tanto do rei quanto da noiva são adornadas por meio de referências a este aroma preciosíssimo, utilizado ainda hoje na Índia para perfumar os cabelos. Importado, nos tempos bíblicos, em caixas lacradas de alabastro, era reservado para ocasiões muito especiais. Uma ocasião dessas foi quando Maria ungiu os pés de Jesus durante a refeição oferecida para comemorar a ressurreição e recuperação de seu irmão Lázaro. O valor desse produto fica patente no mesmo relato (veja-se João 12.3-5) em razão da queixa de Judas de que aquela libra do ungüento poderia ser vendida, e o dinheiro ganho, equivalente ao salário de onze meses e meio de um trabalhador, poderia ter sido posto na sua própria caixa de esmolas.

Bibliografia: — COOPER, W. E. S., Spikenard, in: *ZPEB*.

M.C.F.

1421 נָשָׂא (*nasā'*) ***erguer, carregar, tomar.***

Termos Derivados

1421a מַשָּׂאָה (*maśśā'â*) ***carga*** (Is 46.1, somente).
1421b †נָשִׂיא (*nāśî'*) ***I, príncipe, chefe, líder.***
1421c נָשִׂיא (*nāśî'*) ***II, neblina que sobe, vapor*** (*e.g.*, Jr 10.13; 51.16).
1421d †מַשָּׂא (*masśā'*) ***I, carga, fardo, levantamento.***
1421e †מַשָּׂא (*maśśa'*) ***II, peso, oráculo.***
1421f מַשְׂאֵת (*masśē't*) ***levantamento, parcialidade*** (2 Cr 19.7).
1421g מַשָּׂאָה (*maśśā'â*) ***nuvens levantadas*** (Is 30.27).
1421h †מַשָּׂאֵת (*mas'ēt*) ***subida, levantamento, fardo, porção.***
1421i שִׂיא (*sî'*) ***altivez*** (Jó 20.6).
1421j שְׂאֵת (*śe'ēt*) ***exaltação, dignidade*** (Gn 49.3), ***inchaço*** (Lv 13.2), ***levantar*** (Jó 41.25 [17]).

O grau qal desta raiz é empregado quase 600 vezes com basicamente três sentidos distintos: "erguer"; "suportar", "carregar", "apoiar"; "tomar", "levar embora". A raiz aparece em ugarítico como *nś'*, "erguer", "levantar", e em acadiano como *našū*. Existem outras 60 ocorrências nos graus nifal, piel e hitpael. Há apenas duas ocorrências no hifil, Levítico 22.16 e 2 Samuel 17.13, sendo este último caso textualmente problemático. O total de usos do verbo em todos os graus é 655.

O significado "erguer" é empregado tanto literal quanto figuradamente em muitas expressões. O "levantar a mão" é usado para referir-se ao fazer um juramento (Dt 32.40; Ez 20.5, 6, 15; *etc.*), ao praticar violência (2 Sm 18.28), como sinal (Is 49.22) e para castigar (Sl 10.12). "Levantar a cabeça [de alguém]" é usado para referir-se à restauração da pessoa a uma posição de honra (Gn 40.13, 20; ARA, "reabilitar"), à demonstração de alegria e independência (Jó 10.15; Zc 2.4; Sl 83.3), e como expressão figurada designativa das vergas das portas da cidade (Sl 24.7, 9). "Erguer o rosto ou semblante" tem o sentido de demonstrar uma boa consciência, confiança, favor ou aceitação (2 Sm 2.22; lit., "e como eu poderia erguer o meu rosto para Joabe?"; ARA, "e como me avistaria rosto a rosto com Joabe?"). "Erguer os olhos" é usado, freqüentemente num uso pleonástico, antes de verbos que denotam olhar ou ver (Gn 13.10, 14), para indicar amor a outras pessoas ou desejo por elas (Gn 39.7), na direção de Deus (Sl 123.1) e para um ídolo (Ez 18.6, 12, 15). "Levantar a voz", também utilizado pleonasticamente diante de verbos que denotam lamento e choro (Gn 27.38; 1 Sm 30.4), pode indicar regozijo (Is 24.14). "Levantar (algo) com a voz", podendo esse algo ser o nome do Senhor (Êx 20.7), orações (2 Rs 19;4; Jr 7.16 11.14), uma canção (Nm 23.7) e censuras (Sl 15.3). O coração "levanta alguém", incitando a pessoa a ação (Êx 35.21, 26; 36.2), ou tornando-a presunçosa e orgulhosa (2 Rs 14.10). Nesta categoria, erguer ou carregar, surge também o primeiro dos três importantes significados relacionando esta palavra com o pecado. As pessoas podem "levantar", adquirir ou contrair iniqüidade e pecado por profanar o Tabernáculo (Êx 28.43; Nm 18.22), por odiar o próximo (Lv 19.17), por encostar num animal morto (Lv 22.9) ou por profanar as ofertas do Senhor (Nm 18.32).

A segunda categoria semântica, de "suportar" ou "carregar", é especialmente empregada para designar o carregar a culpa ou castigo do pecado. É assim que Caim diz em Gênesis 4.13: "E tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo". A expressão "ele levará a sua iniqüidade" ocorre com freqüência (Lv 5.1, 17; 7.18; Nm 5.31; 14.34, *etc.*). Isso facilmente leva à idéia de carregar a culpa de outrem por meio de representação ou substituição (Lv 10.17) ou do bode expiatório (Lv 16.22). A raiz *sābal*, "carregar um fardo", em Isaías 53.11, encontra, no versículo seguinte, um paralelo na palavra *nāsā'*, "[o Servo] levou sobre si o pecado de muitos", como também em Isaías 53.4. Estas dívidas também podiam ser passadas de pai para filho, temporariamente, afetando a existência terrena do indivíduo (Nm 14.31, 33). Mas Israel errou ao aplicar fatalisticamente a idéia, considerando que isso ocorreria de forma contínua e irrevogável eternidade adentro (Ez 18.19-20), pois o contrário está claramente dito em Deuteronômio 24.16.

A terceira categoria ressaltava o levar embora, o perdoar o pecado, a iniqüidade e a transgressão. Essa ação de levar embora o pecado é tão característica que é relacionada como um dos atributos divinos (Êx 34.7; Nm 14.18; Mq 7.18). Com freqüência essa forma de *nāsā'* é usada em orações de intercessão, como, por exemplo, pelo mensageiro dos irmãos de José (Gn 50.17), por Faraó (Êx 10.17), por Moisés em favor de Israel (Êx 32.32; Nm 14.19), por Abigail em favor de Nabal (1 Sm 25.28), e na súplica de Saul a Samuel (1 Sm 15.25). Josué emprega o verbo em seu discurso de despedida (Js 24.19). Sem dúvida alguma, a expressão clássica desse significado encontra-se em Salmos 32.1, 5. O pecado pode ser perdoado e esquecido, pois ele é erguido e levado embora.

As idéias passivas, intensivas, reflexivas e causativas das três categorias básicas são, freqüentemente, vistas nos outros graus, mas sem ser aplicadas à doutrina do pecado, com a possível exceção de casos pouco comuns, como o hifil em Levítico 22.16, "fazer alguém levar sobre si a culpa da iniqüidade".

nāsi'. ***I. Príncipe, chefe, líder, comandante, governante, soberano.*** Vocábulo usado 128 vezes, 60 delas para referir-se a vários líderes de Israel (Nm 1.16, 44; 2; 7; 34).

A mesma palavra denota os chefes ismaelitas (Gn 17.20; 25.16), os líderes midianitas (Nm 25.18; Js 13.21), o príncipe cananeu de Siquém (Gn 34.2), o príncipe do Egito (Ez 30.13), Meseque e Tubal (Ez 38.2-3; 39.1) e os príncipes da terra (Ez 39.18).

Alguns estudiosos, inclusive Ephraim Speiser (*Genesis*, *AB*, p. 170), sustentam que *nāsî'* designa um oficial que foi "elevado" ou "erguido" na, ou pela, assembléia local. Por conseguinte, significa "ascendido" e, portanto, "eleito". Em geral cita-se a frase "estes foram os chamados [ou escolhidos]" (Nm 1.16) em apoio a essa sugestão etimológica.

O termo aplica-se a qualquer governante do povo de Deus (Êx 22.28 [27]), aos líderes da congregação (Êx 16.22; Js 9.15, 18; 22.30; *etc.*) e a Salomão (1 Rs 11.34).

Contudo, o uso mais significativo do termo se encontra nos escritos do profeta Ezequiel. Dos 36 usos em Ezequiel, nada menos do que 20 se referem ao futuro príncipe davídico, o Messias. Conquanto Ezequiel 34.24 e 37.25 sejam claros, as demais referências ao príncipe escatológico em Ezequiel 44, 45, 46, 48 são objeto de debate porque ele é apresentado como alguém sem direitos sacerdotais, que faz em favor de si mesmo uma oferta pelo pecado (45.22) e tem filhos (46.16). Charles Feinberg acredita que ele seja um "futuro renovo da dinastia davídica, o qual, na condição de soberano, representará o Messias nos negócios da terra".

massā'. ***I. Carregamento, fardo, levantamento, sofrimento, tributo.*** A palavra ocorre 39 vezes e, em seu contexto mais natural, refere-se à carga ou ao fardo posto sobre o lombo de animais como jumento (Êx 23.5), mula (2 Rs 5.17) e camelos (2 Rs 8.9). Isaías identifica um desses carregamentos como constituído de ídolos mudos e ineficazes dos babilônios, que foram levados embora como parte dos despojos do cativeiro (Is 46.1-2). Talvez 2 Crônicas 17.11 se enquadre nesta categoria, "carga de prata" (*cf.* PIB), *i.e.*, prata em grande quantidade, ou "prata como tributo" (ARA).

Um dos usos mais comuns desse substantivo se encontra em Números 4.15, 19, 24, 27, 31, 32, 47, 49, em que os coatitas, os gersonitas e os meraritas são incumbidos de transportar várias partes do Tabernáculo.

Um trecho debatido é 1 Crônicas 15.22, 27. A tradução de *sar hammassā'* como "chefe dos cantores" é indefensável. O significado da raiz é "erguer" e não "expressar". Keil comenta que a LXX, a Vulgata e Lutero (e podemos acrescentar várias outras traduções) estavam erradas em relacionar a palavra que designa "fardo" com a idéia de canto; pelo contrário, o contexto trata de carregar a arca, e *massā'* é o vocábulo usual nesse contexto. Essa passagem deve ser harmonizada com Números 4; 2 Crônicas 20.25; 35.3.

Na categoria de usos figurados, uma passagem interessante é Ezequiel 24.25, que emprega uma forma nominal do verbo, "o levantamento de sua alma" (lit.), com o sentido de "o anelo de sua alma", ou seja, aquilo para que estão elevando sua alma. Isaías 22.25 contém uma referência messiânica bastante debatida, a saber, a referência à "estaca", *yāṯēḏ*. O peso posto sobre esta "estaca" será derrubado e cairá. A questão é se o peso (ARA, "carga") é Sebna (David Baron) ou Eliaquim (E. J. Young), mas certamente essa é uma referência figurada a alguma autoridade israelita desonesta. Esse uso é semelhante àquele em que se diz que o povo é um fardo (Nm 11.11, 17; Dt 1.12; 2 Sm 15.33; Jó 7.20). O salmista até mesmo se refere a suas iniqüidades como "fardos pesados" (Sl 38.4 [5]).

massā'. ***II. Peso, sentença pesada****, i.e.*, uma fala profética de caráter ameaçador ou intimidatório (ARA, "sentença"). A palavra aparece 27 vezes, apenas em contextos proféticos, com as exceções de Provérbios 30.1; 31.1.

Esta palavra tem tido duas traduções diferentes desde a época pré-cristã. A mais antiga é "peso". Esse era o ponto de vista do Targum de Jônatas, Áquila, a versão siríaca, Jerônimo (em seu comentário sobre Na 1.1), Lutero, Calvino, Hengstenberg e J. A. Alexander. No entanto, outros entendem que o vocábulo tem o sentido de "oráculo", "pronunciamento" ou "profecia", sugerindo uma raiz hipotética *nāsā'*, "proferir" ou "receber". Entre os que defendem essa idéia pode-se alistar a LXX, Cocceius, J. D. Michaelis, Lowth e E. J. Young.

O argumento mais decisivo em favor da primeira tradução se encontra na obra de E. W. Hengstenberg, *Christology of the OT*, no comentário sobre Zacarias 9.1 (v. 3, p. 339-43). O argumento observa acertadamente que: 1) O contexto dessas profecias consiste exclusivamente de ameaças. 2) A palavra *maśśā'* nunca vem seguida do genitivo de quem fala, tal como em *n'um YHWH*, "dito *de* Yahweh", mas sempre está associada com o genitivo do objeto, por exemplo, o *massā'* de Babilônia, de Moabe, *etc.*, mesmo quando é intercalado um elemento adicional, como em Zacarias 9.1; 12.1; Malaquias 3.1 ("o *massa'* da palavra do SENHOR contra Israel", lit.). 3) Os usos da palavra *massā'* não revelam nenhum exemplo de um substantivo derivado de *nāsā'* com o sentido de "proferir". 4) Mesmo as alegadas exceções de 1 Crônicas 15.22, 27 (veja-se *massā'* I); Lamentações 2.14;

Zacarias 12.1; e Jeremias 23.33 e ss. são provas que favorecem este ponto de vista, e não o contrário.

O sentido correto de Lamentações 2.14 é que os falsos profetas "viram pesos e cativeiros vãos para ti", e não "[tiveram] visões de sentenças falsas". Os pesos e ameaças de dispersão que foram preditos contra os poderes imperiais jamais se concretizaram. A palavra *maddûhim* só pode ter o sentido de "dispersão" ou "cativeiro", de modo que *maś'ôt* necessariamente diz respeito ao inimigo.

Zacarias 12.1 também não é uma passagem animadora. Pode-se fazer afirmação semelhante acerca da passagem de Jeremias 23.33, 34, 36, 38. A ofensa dos zombadores não era que eles tinham atribuído o sentido negativo de peso à palavra *massā'*, com a qual Jeremias estaria indicando uma profecia animadora, mas sim que eles faziam troça dessas solenes declarações de juízo da parte do Senhor. Eles indagaram, em tom zombeteiro, que nova e pesada palavra Jeremias tinha para o maravilhoso pessoal de Jerusalém. Mas isso tudo demonstra que eles entenderam a mensagem: era uma sentença pesada, não apenas uma profecia ou expressão vocal!

Isaías emprega essa idéia de peso em suas mensagens contra as nações estrangeiras. A palavra ocorre em 13.1 (Babilônia), 14.28 (Filístia), 15.1 (Moabe), 17.1 (Damasco), 19.1 (Egito), 21.1 (Babilônia), 21.11 (Dumá), 21.13 (Arábia), 22.1 (Vale da Visão) e 23.1 (Tiro). Ele também a utiliza no meio de seus ais, em 30.6 (contra a Besta do Sul). Todas essas mensagens são de natureza ameaçadora, embora ocasionalmente venha em seguida uma promessa alvissareira, tal como em Isaías 19.16-25.

Outros "pesos" tratam de Nínive (Na 1.1), Judá (Hc 1.1), Damasco (Zc 9.1), Jerusalém (Zc 12.1), Israel (Ml 1.1), Zabade (que assassinou o rei Joás, 2 Cr 24.27) e o rei Jorão (2 Rs 9.25).

Mesmo as duas passagens de Provérbios não são exceção. As palavras de Agur, em Provérbios 30.1, são um fardo pesado lançado sobre a razão, a qual rapidamente se volta para a auto-exaltação. Essa fala é basicamente uma censura, por isso é descrita como "peso" (*cf.* TB). A palavra de Lemuel em Provérbios 31.1 é, semelhantemente, "um peso com que sua mãe o corrigiu" (*cf.* TB).

mas'ēt. ***Subida, levantamento, fardo, porção.*** Existem 17 ocorrências desta palavra.

Ela designa, basicamente a fumaça que sobe (Jz 20.38, 40) ou um sinal que é levantado (Jr 6.1). (*Cf.* a carta de Laquis nº 4, linha 10.) O mesmo movimento básico se vê no erguer as mãos em oração (Sl 141.2).

De conformidade com o argumento que entende *massā'* como fala profética (veja acima), esta palavra se refere ao peso da censura em Sofonias 3.18. O mesmo pensamento se encontra em Lamentações 2.14. O fardo ou calamidade previstos, dirigidos pelos falsos profetas contra os poderes imperiais, jamais se concretizam.

O significado mais interessante é o de "porção", "dádiva", "presente" ou "contribuição" que é carregado, isto é, levado, até uma outra pessoa. Em Gênesis 43.34 o vocábulo se refere a porções que José, da sua mesa, deu a seus irmãos, mas em 2 Samuel 11.8 ela indica o presente de Davi dado ao leal e não desconfiado Urias. A tribo de Judá nega ter recebido vantagens do rei Davi (2 Sm 19.42 [43], onde aparece a palavra relativa *nisśē't*). Jeremias também é solto e recebe uma dádiva ou presente (Jr 40.5).

Amós 5.11 emprega a palavra para designar um presente obrigatório ou um imposto ou tributo injusto. E exatamente esse o sentido da palavra no fenício tardio: "pagamento" ou "imposto". A palavra era, portanto, também aplicada a pagamentos ou contribuições

religiosas (2 Cr 24.6, 9; Ez 20.40).

Bibliografia: — FEINBERG, Charles, *The prophecy of Ezekiel*. Moody, p. 258. — HENGSTENBERG, E. W., *Christology of the Old Testament*, Clark, 1875, p. 339-43. — RICHARDSON, *TWB*, p. 85-6. — *THAT*, v. 2, p. 109-16.

W.C.K.

1422 *נָסַג (*nāsag*) ***alcançar, atingir, apoderar-se de.*** Ocorre somente no hifil.

Em todas as versões, "alcançar" é a tradução mais comum de *nāsag*. O verbo é encontrado apenas no grau hifil, freqüentemente ocorrendo junto com *rādap*, "perseguir". Os léxicos são da opinião de que existe uma relação etimológica com os conceitos de "ligar", "fixar", "emaranhar", "agarrar". No entanto, seu campo semântico no hebraico dá ênfase às idéias de "realização", "conquista", "obtenção". A aquisição de riquezas ou bens é a conotação de, por exemplo, várias estipulações legais em Levítico (veja 14.21; 25.47), e ter alegria e júbilo, a de Isaías 35.10.

O sentido de "chegar até um local" aparece em Gênesis 31.25, em que Labão alcança o fugitivo Jacó, mas "atingir uma boa idade" é a idéia de Gênesis 47.9. A ameaça física está implícita na advertência de Davi a respeito de Absalão (2 Sm 15.14), ao passo que uma adaptação um tanto quanto figurada ocorre com relação a bênçãos e maldições (Dt 28.2, 15).

M.C.F.

נְשׂוּאָה (*n'sû'â*). Veja o nº 1 421a.

נָשִׂיא (*nāsî'*). Veja os nºs 1 421b, 1 421c.

*נָשַׁק (*nāśaq*). Veja o nº 2 266.

1423 נשׂר (*nsr*). **Aceita como raiz de:**

1423a מַשּׂוֹר (*massôr*) ***serra*** (Is 10.15, somente).

1424 נָשָׁא (*nāshā'*) ***I, emprestar a juros, emprestar com usura, ser credor.***

Termos Derivados

1424a מַשָּׁא (*mashshā'*) ***empréstimo a juros*** (Ne 5.7, somente).

1424b מַשָּׁאָה (*mashshā'â*) ***empréstimo.***

Dependendo do contexto em que a forma verbal ocorre, alguém ou tem um credor ou age como credor de outrem. Ele "faz exceções" da pessoa que lhe deve, muitas vezes de modo impiedoso, conforme se vê nas palavras "usura" e "agiota". Essa questão era vista como algo tão grave que, num salmo que celebra a escolha e o cuidado divinos de Davi, este é descrito como alguém que tem a proteção de Deus contra tal abuso (Sl 89.22 [23]). Veja-se também o verbo *nashak*, "morder", que é usado quase como sinônimo de *nāshā'*.

Salmos 55.15 [16] apresenta o problema de como interpretar o verbo: "que a morte cobre deles" (*i.e.*, "a dívida deles com a natureza"; de *nāshā'* I) ou "que a morte venha repentinamente sobre eles" (ou "... apanhe-os desprevenidos"; de *nāshā'* II, "enganar"). É algo bastante claro que essas duas raízes são distintas no hebraico bíblico; *nāshā'* I está associada com um verbo árabe que significa "adiar", "vender a crédito", ao passo que *nāshā'* II está relacionada com o árabe "remover". Parece que a segunda raiz também é aparentada de *shāw*, "impiedade", "falsidade", "vaidade". No entanto, no caso deste par homônimo, pode ter havido uma fusão morfo-semântica.

Um paralelo interessante desta última possibilidade é oferecido pela raiz semítica *bādal*, bastante comum, que em hebraico bíblico, significa "separar". Qualquer que seja a ligação com o hebraico bíblico, é fácil ver a relação entre o ugarítico *bdl*, "comerciar", com o etiópico (dialeto tigre) *badla*, "mudar", "trocar", "permutar (mercadoria)". Contudo, nos dialetos tigrinia e amárico, *baddala* significa "fazer mal a alguém", "cometer pecado", sendo que um vínculo semântico aparente se acha na expressão tigre *kanfar badla*, "mudar o lábio" (*i.e.*, quebrar uma promessa), havendo um interessante cognato árabe iraniano com o sentido de "mentir" ou "enganar". É possível que tenha existido uma relação assim entre as duas raízes *nāshā'* em hebraico, embora isso esteja oculto aos nossos olhos por falta de indícios em inscrições.

(Quanto a outros tratamentos sobre as perplexidades desta raiz, devem-se consultar os "Collected Writings, de E. A. SPEISER, *Oriental and Biblical studies*, p. 140, bem como *KB*, que aponta para uma relação com o acadiano *rāshū*, "credor", e com dialetos aramaicos, nos quais *rshy* e *rsh'* possuem sentidos tais como "reivindicar", "tomar um empréstimo". Speiser esclarece a prática antiga de usura, mostrando que do valor emprestado descontavam-se os juros normais e que a "usura" consistia numa segunda taxa de juros cobrada depois que o devedor inadimplente era preso como escravo. (*Cf. neshek*.)

No qal o sentido do particípio pode ser tanto o de "devedor" quanto o de "credor", o que é determinado pelo contexto. O significado de "devedor" também pode ser indicado com o uso de um objeto preposicionado, como *bî*, "contra mim". No hifil o sentido é sempre o de "extorquir", "agir como credor".

māshshā'. ***Usura, dívida.*** (Veja abaixo.)

mashshā'â. ***Empréstimo, dívida.*** Os dois substantivos derivados podem referir-se tanto ao empréstimo, à dívida assumida, quanto aos juros (ou usura) cobrados. Neemias 10.31 [32] acrescenta uma interessante observação processualística, referindo-se ao empréstimo como "assumido com a mão".

M.C.F.

1425 *נָשָׁא (*nāshā'*) ***II, iludir, enganar.*** Ocorre somente no nifal e no hifil.

Termos Derivados

1425a מַשְׁאֹן (*mashshā'ôn*) ***astúcia, dissimulação*** (Pv 26.26. somente).
1425b מַשְׁאוֹת (*mashshû'ôt*) ***enganos*** (Sl 73.18; 74.3).

Ocorrendo apenas uma vez no grau nifal, este verbo é usado no hifil principalmente no sentido de "desencaminhar", "seduzir", "desorientar", "enganar", inclusive com a idéia de auto-engano, conforme se vê em Jeremias 37.9, onde o objeto do verbo é "vossas almas" (lit.).

Já foram vistas as questões de como traduzir Salmos 55.15 [16] e da possível relação histórica entre este verbo e o verbo precedente (*q.v.*).

A ocorrência mais conhecida deste verbo se encontra, é claro, em Gênesis 3.13, em que Eva se defende, transferindo a culpa de seu pecado para a serpente enganadora. No total, este verbo é usado pouco mais de uma dúzia de vezes no AT; o conceito de "desencaminhar" ou "enganar" é transmitido também por alguns outros verbos ou expressões idiomáticas. Um exemplo deste último caso é o emprego de *gānab*, "roubar", no sentido de apoderar-se furtivamente de pessoas ou corações. *pātâ*, "adular", "seduzir", "enganar", *rāmâ*, "iludir", "enganar", e *shāqar*, "mentir", "tratar falsamente", citados em ordem decrescente de ocorrências, são outros sinônimos encontrados com maior freqüência.

M.C.F.

1426 נָשַׁב (*nāshab*) ***soprar*** (Is 40.7; Sl 147.18; Gn 15.11).

1427 נָשָׁה (*nāshâ*) ***I, emprestar, ser credor.***

Termos Derivados

1427a נֶשִׁי (*nᵉshî*) ***dívida*** (2 Rs 4.7, somente).

1427b מַשֶּׁה (*mashsheh*) ***empréstimo*** (Dt 15.2, somente).

1428 נָשָׁה (*nashâ*) ***II, esquecer, despojar.***

Termo Derivado

1428a נְשִׁיָה (*nᵉshîyâ*) ***esquecimento*** (Sl 88.13).

Devido ao fenômeno de homonímia, temos um problema de tradução em Jó 11.6. A IBB traduz por "Deus exige de ti"; a ARA, "Deus permite [ou, faz] seja esquecida". Existe provavelmente um cognato ugarítico, que aparece em *UT* 19: nº 1 661, *nsy* (?), e certamente um etiópico (do dialeto tigre), *nasā*, "desaparecer da memória", *tanāsā*, "abandonar", "esquecer".

É igualmente interessante que, em Jeremias 23.39, o infinitivo absoluto de uma raiz *nāshā'* seja usado para modificar o presente verbo, que é um *lamedh-he*. Nessa passagem a IBB opta por ler *nāsā'*, "certamente eu vos levantarei", talvez com base no fato de que em algumas línguas cognatas a consoante média da raiz é o *sin*. Mas, uma vez que essa é uma variante normal entre o hebraico e o árabe (mais o ugarítico e o etiópico), somente algumas ocorrências em dialetos aramaicos favoreceriam tal emenda.

Uma tradução do verbo como "despojar de" ou "privar de" ocorre em Jó 39.17, em que, se fala do estranho comportamento da avestruz, expressa-se a idéia de "privou-a de

sabedoria" mediante a figura "levou-a a esquecer a sabedoria", como se ela realmente tivesse a obrigação de saber melhor.

n^{e}**shîyâ**. ***Esquecimento.*** Ocorre numa descrição do Sheol ou Destruição (Abadom), "terra do esquecimento" (Sl 88.12 [13]).

M.C.F.

1429 נשה (*nāsheh*) ***nervo ou veia da coxa*** (Gn 32.33). É incerta a relação deste vocábulo com as raízes acima.

נְשִׁי (*n^{e}shî*). Veja o nº 1 427a.

נְשִׂיָה (*n^{e}shîyâ*). Veja o nº 1 428a.

נְשִׁיקָה (*n^{e}shîqâ*). Veja o nº 1 435a.

1430 נשך (*nāshak*) ***picar.***

Termos Derivados

1430a †נֶשֶׁךְ (*neshek*) ***juros, usura.***

1430b †נָשַׁךְ (*nāshak*) ***emprestar a juros, emprestar com usura.*** Verbo denominativo.

Sempre que o verbo "picar" ocorre no sentido físico literal, o sujeito do verbo é uma cobra ou serpente. No único caso em que homens (falsos profetas) são os que "picam" ou "mordem", a ARA parafraseia, "quando [eles] têm o que mastigar", conforme mencionado acima (Mq 3.5). A passagem de Habacuque 2.7 traz algo semelhante. É no contexto da famosa afirmação de que "o justo viverá pela sua fé" (2.4) que se indaga aos ímpios de Israel "não se levantarão de repente os que te picam?" (lit.), pergunta que é paralela de "não despertarão os que te hão de abalar?" A ARA traduz "os que te picam" por "os teus credores".

É interessante que em amárico moderno o cognato não é usado apenas em referência a serpentes, mas também a cães e outros mamíferos e até mesmo abelhas. (Embora em etíope clássico o vocábulo seja *nasaka*, em amárico o verbo sofreu uma metátese consonantal, *nakkassa*.) É de suspeitar que o emprego mais abrangente em amárico seja o uso mais primitivo, visto que o substantivo "juros" preserva o sentido de "mordida de arrancar um pedaço", ao passo que a picada de uma cobra não provoca essa impressão.

Em hebraico sinônimos de "picar", "morder", são, por exemplo, *qārats*, "beliscar", "cortar um pedaço", "rasgar" (o cognato etíope deste verbo possui um substantivo derivado, "tarifa alfandegária"), *bāla'*, "engolir", "comer avidamente", "devorar" (tendo um animal como sujeito em Êx 7.12), e a palavra usual para "comer", *'ākal*, que também tem o sentido de "consumir". Sansão chama o leão de "o comedor" (Jz 14.14). Escritores árabes utilizam o mesmo título para se referir ao leão.

Quanto a outras maneiras de exprimir os conceitos associados com o pagamento ou recebimento de "juros" ou "usura", vejam-se os verbos *nāshā' e nāshâ*, junto com seus derivados. [Acerca do emprego do substantivo "usura" ou "juros", novos estudos têm

esclarecido a situação apresentada em Levítico 25.35-54. Com freqüência se supõe que essa passagem e a de Deuteronômio 23.19-20 proíbam que um israelita empreste a juros a outro israelita. De fato, Israel foi constantemente lembrado de dar aos pobres, mas, conforme destacado por Speiser, Levítico 25 não pode estar se opondo à cobrança de juros, pois a passagem fala da escravização do devedor (Lv 25.39; *Oriental and Biblical studies, collected writings of E. A. Speiser*, ed. por FINKELSTEIN & GREENBERG, p. 131-5, 140-1). Ele mostra que os termos *neshek*, "usura", e *marbît*, "juro extra", encontram excelentes paralelos em tabuinhas de Alalakh e Nuzi. Sabe-se melhor como os acordos funcionavam nesses dois lugares. Faziam-se empréstimos, descontando-se os juros já de início. Um devedor poderia receber apenas 80 siclos de um empréstimo de 100 siclos. É esse o antigo emprego da palavra *neshek*. Quando o empréstimo vencia, a pessoa, caso não pudesse pagar, era tomada como escrava (Lv 25.35, *w'heḥ'zaqtā bô*, "e tu o prenderás [a ti]"; mas *cf.* versões em português). No entanto, de acordo com a prática vigente ao redor e também de acordo com Levítico, não se podia cobrar juros adicionais (*neshek* ou *marbît*). Caso se exigisse uma segunda taxa de juros bem como a sujeição a trabalhos escravos, o devedor provavelmente jamais teria condições de saldar o empréstimo. Ademais, o código levítico determina o tratamento humano da pessoa assim escravizada. Essa não era uma característica da legislação dos países vizinhos. Em suma, havia permissão de se cobrarem juros, mas não juros irreais (usura). R.L.H.]

Na legislação de Deuteronômio 23.19-20 encontra-se a proibição de "emprestar com usura" (ARA, "juros") não apenas "dinheiro", mas também comida e "qualquer coisa que se empresta com usura" (*idem*). Nos termos mais simples, o que tanto o verbo quanto o substantivo denotam é qualquer cobrança abusiva feita por ocasião do pagamento da dívida, tanto sobre dinheiro quanto sobre outra coisa emprestada. Lembrando-nos de que a cunhagem de dinheiro, tal como o conhecemos, foi desconhecida até o século sétimo a.C., é facilmente compreensível essa imprecisão de sentido.

neshek. ***Usura, juros.*** A relação entre esse substantivo e o verbo de origem "picar", "morder", é demonstrada por um claro uso em ugarítico: o verbo *nṯk* significa "picar" (diz-se da serpente), e o substantivo *ntk* tem o sentido de "juros".

nāshak. ***Emprestar a juros, emprestar com usura.*** Verbo denominativo. A ARC traz "morder" (*e.g.*, Hc 2.7), mas é preferível "emprestar com juros" ou "emprestar com usura".

Bibliografia: — RICHARDSON, *TWB*, p. 206-8.

M.C.F.

1431 נִשְׁכָּה (*nishkâ*) ***câmara, quarto.*** Uma forma rara de *lishkâ* (*q.v.*).

1432 נָשַׁל (*nāshal*) ***escapulir, cair*** (Dt 19.5), ***tirar*** (Êx 3.5), ***expulsar*** (Dt 7.1, 22).

1433 נָשַׁם (*nāsham*) ***ofegar*** (Is 42.14, somente).

Termos Derivados

1433a נִשְׁמָה (*n'shāmâ*) ***respiração.***

1433b תִּנְשֶׁמֶת (*tinshemet*) ***gralha (?), camaleão (?).***

n^eshāmâ. ***Respiração.*** Este substantivo, quando empregado com referência ao homem, tem em geral o sentido de "fôlego de vida". É, com freqüência, usado junto com *rûah*, "espírito", e parece ser palavra sinônima de *nepesh*, "alma" (*q.v.*). Às vezes é traduzida por "espírito" (Jó 26.4; Pv 20.27). Quanto a Provérbios 20.27, alguns crêem que a palavra denote a mente ou o intelecto. Em Isaías 2.22 a referência ao homem, "cujo fôlego está no seu nariz", é uma figura da fragilidade humana. A própria existência é frágil. O sopro de Deus pode referir-se à sua atividade criadora (como em Gn 2.7), mas também pode ser um vento quente que ateia fogo (Is 30.33), um vento destruidor (2 Sm 22.16 = Sl 18.15 [16]; Jó 4.9) ou até mesmo um vento suficientemente frio para produzir gelo (Jó 37.10).

O fato de que a exata tradução deste substantivo tem de oscilar de acordo com o contexto em que é usado, fica claramente demonstrado nos seguintes casos. Na expressão poética de 2 Samuel 22.16 (o paralelo de Sl 18.15 [H 16]), *nishmat rûah* tem o sentido de "rajada do fôlego" (ARA, "iroso resfolegar"), ao passo que em Gênesis 7.22 *nishmat-rûah hayîm* (lit., "o fôlego do espírito de vida") significa "o fôlego de vida". O conceito concreto de "seres que respiram [isto é, vivos]" é expresso por *n^eshāmâ* tanto na forma singular (como em Js 10.40) quanto na plural (Is 57.16).

tinshemet. ***Um animal.*** "Gralha" e "camaleão" na ARA e BLH; "porfirião" e "toupeira" na IBB e ARC. Palavra usada apenas três vezes (Lv 11.16, 30; Dt 14.16), em listas de animais proibidos para comer, *tinshemet* provavelmente denota dois membros do reino animal que aparentemente foram assim chamados por características de respiração ou assovio. Deve-se consultar em dicionários bíblicos verbetes acerca desses animais mencionados acima e também o livro ***Flora and fauna of the Bible*** (United Bible Societies).

M.C.F.

1434 נָשַׁף (*nāshap*) ***soprar*** (Is 40.24; Êx 15.10).

Termos Derivados

1434a נֶשֶׁף (*neshep*) ***crepúsculo*** (*e.g.*, Gn 3.8; Jr 13.16).

1434b יַנְשׁוּף (*yanshūp*) ***coruja (?), íbis (?)*** (Is 34.11; Lv 11.17; Dt 14.16).

1435 נָשַׁק (*nāshaq*) ***I, beijar.***

Termo Derivado

1435a נְשִׁיקָה (*n^eshîqâ*) ***beijo*** (Ct 1.2; Pv 27.6).

Nas três passagens em que este verbo aparece numa forma homônima denominativa (assim se supõe), ele é traduzido por "armar" (1 Cr 12.2; 2 Cr 17.17; Sl 78.9), mas deve-se vê-lo como um verbo totalmente distinto, *nāshaq* II. Pode-se, no entanto, identificar alguma associação do cognato árabe *nasaqa*, "amarrar [um objeto a outro]", "estar

arruinado", com uma ou ambas as raízes hebraicas. Na verdade, esse pode ser um indício de uma origem comum.

A expressão "todo meu povo beijará tua boca" (lit., Gn 41.40), dita por Faraó a respeito de José, quando este foi empossado num alto cargo, tem provocado várias traduções e explicações. A ARC traz "por tua boca se governará todo o meu povo" (IBB, "por tua voz..."); a BJ traduz por "todo o meu povo se conformará às tuas ordens", sendo que a ARA adota algo parecido, "... obedecerá...". Citando 1 Samuel 10.1 (mencionado acima) e Salmos 2.12 como exemplo de beijo em que o vassalo demonstrava fidelidade ao seu senhor, S. R. Driver rejeita a idéia de "ser governado", mas prefere "pôr-se às ordens de", visto que nem todo o povo poderia literalmente beijar José. Quando, porém, levamos em conta que os orientais beijavam qualquer objeto recebido de um superior como sinal de respeito e submissão, parece preferível ver essa declaração como uma indicação do respeito e obediência a serem prestados às ordens de José. Em hebraico bíblico, num grande número de vezes "boca" refere-se a mandamentos ou ordens reais. Podemos também compreender Salmos 2.12 à luz disso e, desse modo, rejeitar a emenda conjectural envolvida na tradução da BJ, "beijai seus pés com tremor". Também a ordem "beijai o filho" pode ser entendida com o sentido de "beijai os pés do filho", o que teria origem no costume de beijar os pés do rei numa demonstração de fidelidade, "um costume bem conhecido como se vê em documentos da Babilônia e do Egito" (Artur WEISER, *The Psalms*, Westminster, 1962, p. 115).

Stahlin assinala: "O AT não tem nada que se possa comparar com os beijos de natureza cultual do paganismo" (*TDNT*, v. 9, p. 127; veja estudo sob *ben*.)

São duas as ocorrências do substantivo. Numa temos uma demonstração genuína de afeição; e noutra, uma superficial. A primeira encontra-se no contexto do amor romântico (Ct 1.2), ao passo que a segunda fala do mal uso de um costume por aquele que pretende o mal, "leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos" (Pv 27.6).

Quanto ao verbo, é preferível tratar primeiramente do uso mais restrito. O conceito de "tocar", "encostar", ocorre em Ezequiel 3.13, no texto em que o profeta descreve o tocar entre si ("beijar") das asas dos seres viventes, referindo-se evidentemente aos querubins cujas asas se tocavam enquanto ficavam sob a plataforma em que repousava o trono de Deus.

O beijo era um costume bastante comum no antigo Oriente Médio, mas sempre com um significado especial. Beijos são dados, por exemplo, no pai, na mãe, no filho, no irmão, na esposa, no sogro ou na sogra, nas noras (Rt 1.9), em conterrâneos (2 Sm 15.5) e também na pessoa amada (Ct 8.1) e no amante (Pv 7.13). A importância do beijo como expressão de amor se vê no provérbio "como beijo nos lábios é a resposta com palavras retas" (Pv 24.26). Mas deve-se rejeitar o beijo de uma prostituta (Pv 7.13; *cf.* Lc 7.38).

A par com o beijo de afeição, existia o beijo de demonstração de respeito. Especialmente dignos de nota são o beijo de Samuel em Saul ao ungi-lo (1 Sm 10.1) e aquele com que Davi se despede de um súdito leal ao retornar de seu curto exílio no outro lado do Jordão (2 Sm 19.39 [40]). Em 1 Reis 19.18; Oséias 13.2; Jó 31.27, encontramos o beijo sendo usado na adoração falsa. Esta última passagem (numa referência à adoração da lua) é singular por mencionar um beijo dado na mão do adorador, "e a minha mão beijou levantada à minha boca" (lit.).

Bibliografia: — *TDOT*, v. 9, p. 124-7.

M.C.F.

1436 נָשַׁק (*nāshaq*)

1436 שׁק (*nāshaq*) ***II, armar-se com, estar equipado com*** (*e.g.*, 1 Cr 12.2; 2 Cr 17.17). O significado preciso é incerto.

Termo Derivado

1436a נֶשֶׁק (*nesheq*), נֵשֶׁק (*nēsheq*) ***equipamento, armas*** (*e.g.*, Ez 39.9; Jó 20.24).

1437 נֶשֶׁר (*nesher*) ***águia.***

Este substantivo ocorre 26 vezes (mais duas vezes no aramaico de Daniel, *n'shar*). Os tradutores têm ficado satisfeitos com o termo "águia", que é aceitável na maioria das referências, nas quais são citadas as peculiaridades de força, agilidade e cuidado com os filhotes. Quando, porém, há menção de comer carniça ou de "calva" (veja Mq 1.16), parece que a palavra diz respeito a uma raça de aves menos distinta.

Na realidade, as línguas semíticas tinham a tendência de englobar as grandes aves que voam em altitudes elevadas, o que pode indicar que *nesher* era um termo genérico de águias, falcões, gaviões e abutres, a saber, animais das famílias dos acipitrídeos e dos vulturídeos.

As referências a uma renovação da mocidade na águia (Sl 103.5; Is 40.31) talvez se explique simplesmente no fato da sua longevidade, mas alguns entendem que a referência diz respeito à sua aparência renovada com a nova plumagem após a troca de penas. Também se diz que uma águia velha "remove" um bico muito grande e deixa crescer um novo, ao mesmo tempo em que troca as penas. Entre os antigos existia a crença de que uma águia era capaz de voar até o sol, chamuscar as penas e então mergulhar no mar para reviver. Veja "Pássaros da Bíblia", em *NDB*, e *Flora and fauna of the Bible* (United Bible Societies).

A proteção e cuidado magníficos do Senhor com Israel são apropriadamente comparados com os de um *nesher* (Êx 19.46; Dt 32.11-13), cujos ninhos são construídos com muita habilidade em saliências inacessíveis nos rochedos, e a ave genitora guarda o local com grande ferocidade, às vezes empregando nisso suas garras e bico. Ela também cuida dos filhotes implumes, protegendo-os de excessivo calor do sol, aquecendo-os quando sopra um vento gélido e alimentando-os até que sejam suficientemente grandes para voar. Então a ave genitora agita o ninho e atrai os filhotes já emplumados para fora, forçando-os a seu primeiro vôo. Às vezes as aves adultas pairam sobre eles e voejam encorajadoramente em torno deles. Quando, porém, em Deuteronômio 32.11 se fala do *nesher* carregando os filhotes sobre si, tem-se aí linguagem fenomenológica, pois só às vezes os filhotes parecem ser carregados nas asas da ave genitora, mas não existe qualquer registro confiável de alguma ave que tenha voado com uma ave menor nas costas.

Davi assemelhou a velocidade de Saul e Jônatas à do *nesher* e talvez tenha tido em mente a águia-real, a qual, comprimindo as asas contra os lados, mergulha desde grandes alturas sobre sua vítima, geralmente pegando-a de surpresa, e golpeando-a e matando-a instantaneamente com suas poderosas e afiadas garras (2 Sm 1.23). Jeremias advertiu contra um inimigo que poderia aproximar-se com a velocidade de uma águia (Jr 4.13; *cf.* Hc 1.8), e Jó lamentou que seus dias tivessem passado tão rapidamente como uma águia

que se atira sobre sua presa (Jó 9.25-26). Com a ajuda de um cronômetro calculou-se em 190 quilômetros por hora a velocidade de uma águia-real perseguida por falcões (A. PARMELEE, *All the birds of the Bible*, 1969, p. 200).

Bibliografia: — DRIVER, G. R., Birds in the Old Testament., *PEQ* 68:5-20. —____, Once again, birds in the Bible. *PEQ* 90:56 e ss. — PARMELEE, A., *All the birds of the Bible*. 1969. — CANDALE, G. S., in: *NDB*. p. 1209-12.

M.C.F.

1438 נָשַׁת (*nāshat*) ***estar seco, estar ressequido*** (*e.g.*, Is 41.17; 19.5; Jr 18.14).

1439 נִשְׁתְּוָן (*nishtᵉwān*) ***carta*** (Ed 4.7; 7.11, somente). Provavelmente um empréstimo lingüístico do persa.

1440 נָתַב (*ntb*). **Aceita como raiz de:**

1440a †נָתִיב (*nātib*) ***vereda.***

1440b נְתִיבָה (*nᵉtibâ*) ***vereda, senda, viajante.***

nātîb. ***Vereda, caminho.*** Alguns lexicógrafos têm interpretado *nātib* como adjetivo, talvez com o sentido de "pisado" (embora um verbo árabe possivelmente cognato tenha o sentido de "inchar", "ser proeminente", "ser saliente"), também usado substantivamente para designar um caminho batido. Com esse enfoque, tais léxicos consideram então a forma feminina que ocorre em Provérbios 12.28 como um modificador de *derek*, "caminho", *i.e.*, "um caminho bem pisado". Merece bastante atenção o fato de que esses dois termos ocorrem somente em passagens poéticas (inclusive as dos escritos dos profetas). Todas as cinco (ou seis, ver supra) ocorrências da forma mais breve estão limitadas a Jó e Salmos, e a forma mais disseminada, *nᵉtibâ*, é encontrada somente no Cântico de Débora (Jz 5), Jó, Salmos, Provérbios e em três Profetas.

A vereda ou trilha indicada pela palavra *nātib* em Jó 28.7 e 41.32 [24] é física, embora no último caso seja produzida sobre a superfície da água. Um uso mais figurado acha-se em Jó 18.10, que fala de uma armadilha montada na vereda dos ímpios, e em Salmos 78.50, que descreve Deus preparando um caminho a fim de que sua ira possa ferir os egípcios. Salmos 119.35 proporciona um excelente exemplo do uso do vocábulo com um sentido claramente auto-evidente, "guia-me pela vereda dos teus mandamentos, pois nela me comprazo".

nᵉtîbâ. ***Vereda, senda, viajante.*** De igual modo, uma *nᵉtibâ* é um caminho que alguém percorre física ou moralmente. Muitas vezes esse substantivo é empregado em paralelo com o mais usual e prosaico *derek* (*q.v.*), tendo o significado de um curso de vida, especialmente aquele que Deus determina, como em Isaías 42.16. A palavra denota caráter ou ação moral, tanto bom (referindo-se a sabedoria, Pv 3.17; justiça, Pv 8.20; luz, Jó 24.13) quanto mau (Pv 1.15; Is 59.8; e tal como o da adúltera, Pv 7.25). "Sendas" (BJ, "para caminhar por sendas, por um caminho não traçado") claramente capta o sentido de Jeremias 18.15.

1441 נָתַח (*nātah*)

O sinônimo mais próximo destes dois termos seria *'ōrah*, outra palavra poética designativa de "vereda" ou "caminho", ao passo que bem mais distintos seriam *ma'gāl*, "trilha", "picada", e *m'sillâ*, "estrada", "aterro".

M.C.F.

1441 נָתַח (*nātah*) ***cortar, cortar em pedaços, dividir.***

Termo Derivado

1441a נֵתַח (*nētah*) ***pedaço.***

Encontrado apenas nove vezes no AT, sempre no grau piel, esse verbo sempre aparece junto com o substantivo cognato (veja abaixo) quando a tradução seria "cortar", "dividir". De outro lado, nas ocasiões em que o substantivo não está presente no texto hebraico, a tradução "cortar em pedaços" reproduz com fidelidade a idéia do original.

nētah. ***Pedaço.*** Empregado principalmente com referência a animais (em apenas um caso diz respeito ao homem), este vocábulo transmite claramente a idéia de desmembramento. Desse modo, o relato sobre o levita que dividiu em 12 pedaços o cadáver de sua concubina estuprada, para com eles cientificar as tribos de Israel, é traduzido pela IBB como "[ele] a dividiu membro por membro", quando o original é, literalmente, "ele dividiu-a de acordo com os seus ossos" (Jz 19.29; ARA, "despedaçou por seus ossos"). O ritual de sacrifício está envolvido no uso mais comum do termo, como nos preparativos feitos por Elias no monte Carmelo (1 Rs 18.33) e numas poucas referências em Êxodo e Levítico. Mas Saul também fez percorrer uma mensagem pelas tribos, acompanhada de pedaços de uma junta de bois que fora abatida, ao passo que Ezequiel apresenta um quadro vívido da condenação de Jerusalém ao descrever a carne num caldeirão (Ez 24.4, 6).

M.C.F.

נָתִיב (*nātîb*). Veja o nº 1 440a.

נְתִינִים (*n'tînîm*). Veja o nº 1 443a.

1442 נָתַךְ (*nātak*) ***ser derramado, cair (chuva), ser derretido, ser fundido.***

Termo Derivado

1442a הִתּוּךְ (*hittûk*) ***fundição*** (Ez 22.22, somente).

Na passagem que menciona chuva (2 Sm 21.10) o verbo é traduzido pela ARC como "destilou" e pela ARA como "caiu". Em 2 Reis 22.9, a IBB traz "teus servos despejaram o dinheiro" (pressupondo-se que estava num cofre), enquanto a BJ traduz por "teus servos fundiram o dinheiro" (que era constituído de moedas de metal precioso).

Etimologicamente os cognatos mais esclarecedores são o verbo acadiano *natâku*, "fluir", "gotejar", e o ugarítico *ntk*, "derramar" (*UT* 19: nº 1 716). O uso básico em hebraico

é o de "derramar", "ser derramado", sendo que existe um sentido específico de "derreter" na força transitiva do grau hifil, onde o contexto requer tal sentido. (Duas vezes, em Ez 22.21 e 24.11, também por exigências do contexto, o passivo nifal é assim traduzido.)

Coisas como água (veja acima), lamentos (Jó 3.24), ira divina (2 Cr 12.7; 34.25, *etc.*) e maldições (Dn 9.11) são derramadas, e, numa figura interessante acerca da morte, Jó indaga a Deus: "não me vazaste como leite?" (Jó 10.10).

hittûk. ***Fundição.*** Palavra que ocorre uma única vez (Ez 22.22), este substantivo é traduzido por "[como] se funde [a prata]".

A escolha de palavras por Ezequiel no versículo acima citado dá ensejo a um belo jogo com sons e significados. A repetição de palavras e idéias em "como se funde (...) no meio (...) sereis fundidos no meio" é ainda mais marcante devido à semelhança sonora das palavras hebraicas traduzidas por "se funde/fundidos" e "no meio", embora etimologicamente não tenham relação entre si. Contudo, quando o texto diz "eu, o SENHOR, derramei o meu furor sobre vós", parece que o objetivo seja o de chamar a atenção do ouvinte por não empregar o verbo cognato *nātak* (em outras passagens muitas vezes usa-se o verbo para designar o derramamento de furor, ira ou maldição), usando, em vez disso, o sinônimo *shāpak*.

M.C.F.

1443 נתן* (*nātan*) ***dar.***

Termos Derivados

1443a †נְתִינִים (*n'tînîm*) ***Netinins, servidores do templo.***

1443b †מַתָּן (*mattān*) ***dádiva, presente.***

1443c †מַתָּנָה (*mattānâ*) ***dádiva, presente.***

1443d †מַתַּת (*mattat*) ***dádiva, presente, recompensa.***

Considerando-se o amplo emprego deste verbo, cerca de 2 000 vezes (a maioria delas no grau qal), não é de surpreender que se encontre nas traduções uma grande variedade de sentidos. Além de seu sentido básico e mais freqüente de "dar", podem-se citar "presentear", "permitir", "oferecer", "empregar", "transmitir", "pôr", "estabelecer", "tomar".

Foneticamente falando, este verbo é irregular ou *fraco*, no sentido de que freqüentemente sofre a perda de um ou ambos os *nuns*, por meio de simples eliminação ou de assimilação por uma consoante adjacente. Por exemplo, uma forma no infinitivo é *tēt*, enquanto o cognato ugarítico é *ytn*. Isso significa que apenas o *taw* é constante, e mesmo essa consoante é substituída pela sua equivalente sonora no cognato acadiano *nadânu*. Este *d* (*cf.* o egípcio [*r*]*di*, "dar"?) sugere um possível elo entre este verbo e o substantivo *yād*, "mão", com o qual se pode comparar o etiópico *'id*, o árabe *yad* e talvez o egípcio *djrt* (língua em que o conhecido símbolo hieroglífico de uma mão em forma de luva representa a letra *d*). Cada sentido atribuído a este verbo pode, na verdade, ser entendido como uma ação literal ou figurada da mão.

Os três amplos campos semânticos do verbo *nātan* são: 1) "dar"; 2) "pôr" ou "colocar"; e 3) "fazer" ou "constituir". As demais palavras empregadas nas traduções são extensões

ou variações destas. Por exemplo, "dar" pode indicar qualquer ação, desde a ação de entregar fisicamente um presente, uma recompensa, uma pessoa ou um documento, até as idéias menos tangíveis de conceder ou outorgar bênção, compaixão, permissão e coisas semelhantes. Objetos inanimados e animais também podem "dar" — árvores ou terras "produzem" frutos; aves, leões e nuvens "produzem" seus sons correspondentes; até mesmo o vinho "resplandece" no copo (lit., "dá o seu olho"). O próprio Deus é, com freqüência, o doador de chuva (Lv 26.4, Dt 11.14), de pasto para o gado (Dt 11.15), e também é quem preserva a vida (como um prêmio de guerra, Jr 45.5) ou envia a praga de chuva de pedras sobre o Egito (Êx 9.23). O sinônimo pouco freqüente *yāhab* significa "dar", mas também tem a conotação de "colocar", "pôr", quando se refere às ordens de Davi acerca de Urias (2 Sm 11.15). Em hebraico esse verbo *yāhab* é usado apenas no imperativo do qal, mas em aramaico é empregado em várias formas e graus.

No sentido de "pôr", "colocar", "nomear", *nātan* está num paralelo bem próximo de *śîm* e *shît*. Esta ação de "colocar" pode ser literal, como quando se põe um anel na mão, um capacete na cabeça ou um prisioneiro no tronco. É empregado com essa conotação em Deuteronômio 15.17, para indicar a ação de perfurar a orelha na porta com uma sovela, prendendo assim a orelha temporariamente na porta. Outros usos figurados incluem Deus pondo seu espírito "sobre" o Servo (Is 42.1), lançar censuras sobre o povo pecador (Jr 23.40), lançar maldições sobre inimigos (Dt 30.7) e colocar sua majestade nos céus (Sl 8.1 [2]). Também há o sentido de impor o tributo do templo (Ne 10.32 [33]) e de sitiar uma cidade (modelo; Ez 4.2).

Quanto ao terceiro uso deste verbo versátil, Isaías 3.4 fala de constituir meninos como príncipes, Êxodo 23.27, de inimigos darem as costas, e Jeremias 9.10 [10], de fazer de Jerusalém um montão de ruínas.

nᵉtînîm. ***Netinins, servidores do templo.*** A ARA traduz por "servidores do templo"; a IBB translitera "netinins", e dá, como nota de rodapé, "servidores do templo". O significado é, provavelmente, o de "aqueles que foram dados" (para o serviço do santuário).

Na LXX *nᵉtînîm* é traduzido literalmente, "os [que foram] entregues", mas Josefo utilizou um termo grego que significa "escravos sagrados". Que eles eram bastante numerosos se vê no fato de que ajudaram a formar um grupo de 392 servos que acompanharam Zorobabel até Jerusalém em 538 a.C. (Ed 2.58) e, posteriormente, a pedido de Esdras, 220 deles acompanharam 38 levitas que partiram da colônia judaica em Casifia rumo a Jerusalém (Ed 8.16-20). Embora, conforme se mencionou acima, se fizesse uma cuidadosa distinção entre netinins e levitas (sendo aqueles, muito provavelmente, estrangeiros que foram incorporados à congregação de Israel), Esdras 7.24 mostra que os netinins também desfrutavam da isenção de impostos concedida a todos os sacerdotes e levitas.

O fato de viverem num bairro especial em Ofel, perto da Porta das Águas, que dava para a fonte de Giom, talvez indique que eles transportavam água, morro acima, até o templo (Ne 3.26). Entretanto, nem todos os netinins de Jerusalém moravam naquela área (*cf.* Ne 3.31), e ainda outros viviam em outras cidades, provavelmente cidades dos levitas (Ne 7.72).

O termo *nᵉtînîm* é uma variante de *nᵉtûnîm*, que se referia aos levitas como os que foram "entregues" (tanto por Deus quanto pelos israelitas) para o serviço do tabernáculo (Nm 3.9; 8.16, 19). Entretanto, houve uma mudança não apenas na vocalização da palavra (aparentemente uma simples questão de harmonizar vogais na enunciação comum da

palavra) como também a categoria designada por *n'tînîm* é também, por vezes, especificada distintamente dos sacerdotes, levitas e porteiros (veja-se Ne 10.28 [29]).

Esdras 8.20 conta que Davi e os príncipes de Israel designaram os netinins para servir os levitas. Eles foram incumbidos de tarefas servis na área do templo, sendo que, dentre os que voltaram do exílio, apenas os "filhos [*i.e.*, descendentes] dos servos de Salomão" lhes eram inferiores na pirâmide social, conforme se vê na lista de Esdras (veja-se 2.58). O precedente, pelo menos para tal obrigação perpétua de cumprir tarefas religiosas servis, é bem antigo. Acerca dos midianitas cativos Moisés ordenou que, da metade que fora destinada para o povo, um em cada 50 deveria ser dada "aos levitas, que têm a seu cargo o serviço do tabernáculo do SENHOR" (Nm 31.30). E, pouco depois, Josué castigou os astuciosos gibeonitas, fazendo-os "rachadores de lenha e tiradores de água para a congregação e para o altar do SENHOR" (Js 9.27).

mattān. ***Dádiva, presente.*** Tem esse sentido em suas cinco ocorrências.

mattānâ. ***Dádiva, presente.*** Esta palavra também, invariavelmente, significa "dádiva", "presente". Por razões contextuais, a ARA traz "suborno" em Provérbios 15.27 e Eclesiastes 7.7.

mattat. ***Dádiva, presente, recompensa.*** A expressão idiomática "dádiva de sua mão" significa "capaz de dar".

Uma passagem interessante que emprega *mattat* é Provérbios 25.14, "o homem que se gaba da dádiva do engano" (lit.). Isso pode ter o sentido de que ele deixou de cumprir uma promessa ou então de que alegou falsamente ser uma pessoa generosa. (De forma meio parecida, o livro apócrifo de Sirácida [ou Eclesiástico] contém uma referência a *mattān* [veja acima] como "mendigo", um parasita social, em 40.28.) Vários nomes próprios, inclusive Mateus, derivam desta raiz.

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 117-41.

1444 נָתַס (*nātas*) ***arrebentar, despedaçar*** (Jó 30.13, somente).

1445 *נָתַע (*nāta'*) ***quebrar, arrebentar, arrancar*** (nifal; Jó 4.10, somente).

1446 נָתַץ (*nātats*) ***quebrar, jogar, atirar, puxar, demolir; destruir, derrubar; arrancar (dente).***

Uma vez que esta raiz é encontrada, na maioria das vezes, no qal e só raramente no piel (intensivo), pode-se supor que a força do verbo é grande mesmo no qal. Em geral usa-se o verbo com um sentido bem literal, descrevendo ações de pôr abaixo uma estrutura, tal como um altar, uma casa, o muro de uma cidade ou uma torre, mas ele também se presta para usos figurados, como o de quebrar o poder de uma nação ou de destruir a vida de um indivíduo (Jó 19.10).

Para demonstrar contextualmente o uso desse verbo, é ideal a conhecida declaração, no comissionamento de Jeremias (1.10), de que ele iria "arrancar e *derribar*, destruir e arruinar".

M.C.F.

1447 נָתַק (*nātaq*)

1447 נָתַק (*nātaq*) ***tirar, arrancar, quebrar, erguer, desarraigar.***

Termo Derivado

1447a נְתֶקֶת (*neteq*) ***tinha (infecção cutânea).***

Este verbo vigoroso destaca ação em algumas narrativas e também proporciona algumas figuras de linguagem bastante vívidas. O cognato árabe do verbo, além dos sentidos equivalentes de "puxar fora", "tirar", possui um outro sentido, o de "tremer". O substantivo derivado (veja abaixo) tem uso limitado e de significado negativo.

Um uso marcante e literal do verbo *nātaq* ocorre no relato do ataque dos israelitas contra os benjamitas, em Gibeá. As tropas israelitas decidiram fingir que estavam fugindo, a fim de atrair os benjamitas para fora da cidade, onde estes ficariam vulneráveis (Jz 20.32). Por outro lado, na travessia do Jordão, Josué 4.18 descreve a simples retirada das solas dos pés para a terra seca, ao passo que em Jeremias 22.24, o movimento de retirar do dedo um anel é descrito, uma figura da rejeição do rei de Judá por parte de Deus. Uma expressão figurada predileta entre os profetas, que descreve o povo sendo desarraigado da sua terra e sendo levado para o cativeiro, é o arrebentar das cordas das tendas (Is 33.20; Jr 10.20). Em Isaías 5.27 a cena de um exército infatigável é acentuada pela menção de correias de sandálias que se mantêm firmes (*i.e.*, não se rompem). Semelhantemente, Eclesiastes 4.12 nos lembra de que uma corda tripla não se rompe com facilidade. Outras referências figuradas a laços rompidos ocorrem em Naum 1.13; Jeremias 2.20 e 5.5, bem como no bem conhecido contexto, Salmos 2.3.

Existem ainda outras passagens em que este termo dá ensejo a uma figura extremamente vivida. Jeremias exclama "arranca-os como as ovelhas para o matadouro" (12.3), enquanto Ezequiel descreve Jerusalém como uma meretriz embriagada que rasga os próprios seios (23.34). Em Jeremias a idéia de separação surge no uso do processo de fundição, ilustrando a tentativa de purificar o povo de Deus (6.29), ao passo que o suíta Bildade fala do perverso, que será "arrancado" da sua tenda (Jó 18.14).

neteq. ***Tinha.*** As ocorrências deste vocábulo na Bíblia limitam-se a Levítico 13.30-37 e 14.54. Indicado como o principal sintoma de "lepra", o uso deriva da idéia de algo que o enfermo deseja coçar ou arrancar fora. É desnecessário dizer que isso é um forte indício de que a "lepra" do AT era um problema distinto da doença cientificamente conhecida como mal de Hansen e popularmente como "lepra" (veja *tsara'at*). O vocábulo se refere a toda doença infecciosa com sintomas de erupções na pele ou coceira, tais como sarampo, varíola, *etc.*, algumas graves, outras não. Em todos os casos determinava-se o isolamento do doente.

M.C.F.

1448 נָתַר (*nātar*) ***I, saltar, pôr em movimento*** (*e.g.*, Jó 37.1; Lv 11.21; Hc 3.6).

1449 נָתַר (*nātar*) ***II, soltar, desfazer.***

Enquanto *BDB* e outros léxicos que seguem a tradição de Gesenius fazem distinção entre esta raiz verbal e *nātar* I, "saltar", "pôr em movimento", *KB* trata os dois sentidos sob o mesmo verbete. No entanto, uma vez que a raiz II, tratada aqui à parte, ocorre apenas no hifil (grau causativo ou transitivador), é possivel que originariamente tenha havido um único termo comum que, com o tempo, se dividiu em dois sentidos. Um possível cognato árabe *natara*, "rasgar" (roupa), "romper" (corda de arco), poderia ter relação ou com a idéia de "soltar" ou com a de "saltar".

Pôr em liberdade alguém cativo está implícito no uso da palavra em Salmos 105.20 e 146.7, ao passo que Isaías 58.6 fala de "desfazer as ataduras da servidão", empregando o verbo paralelamente com *pātah*, "abrir", "soltar", "libertar", laços de impiedade. O paralelismo é ainda mais ampliado e acentuado nesta última passagem mediante o uso de um dístico — "enviar" (lit.; ARA, "deixar") livres os oprimidos e "despedaçar" (veja *nātaq*, acima) todo jugo. Um uso figurado e de impressionante força comunicativa se encontra em Jó 6.9, em que Jó clama a Deus pedindo a morte: "que [Deus] soltasse a sua mão, e acabasse comigo!".

M.C.F.

1450 נתר (*neter*) ***natrão.***

Esta palavra é um empréstimo lingüístico do Egípcio e não tem relação com a raiz *nātar*. *neter* era o nome dado ao material tirado dos lagos alcalinos do Egito. Esse produto químico de grande valor na antigüidade tinha ampla utilização, e o vocábulo egípcio foi passado para o acadiano como *nitiru*, para o grego como *natron* e para o latim como *natrium*. Dessa palavra provém o símbolo químico do sódio, Na. O Egito foi a fonte de natrão do mundo até que Napoleão visse o seu valor e oferecesse um prêmio, o que resultou em métodos modernos de produzi-lo artificialmente.

Nos tempos antigos utilizava-se natrão nos processos de embalsamamento e também como agente de limpeza e como ingrediente de massa cerâmica, na qual se misturava quartzo moído usado na confecção de faiança com uma solução de natrão a fim de se obter uma superfície vitrificada atraente (o vidro é feito de silicato de sódio junto com outros silicatos). Jeremias menciona a palavra (2.22) como agente de limpeza, em paralelo com *bōrît*, um álcali vegetal. Embora a ARA siga a LXX em Provérbios 25.20, "feridas" (possivelmente lendo *neteq*, *q.v.* acima), a referência a vinagre misturado com natrão — o que provoca uma violenta efervescência e a liberação de dióxido de carbono — é sem dúvida alguma uma figura de incompatibilidade que faz bastante sentido. Alguns sugerem que, nesse versículo, o sentido é o de "lixívia", mas vinagre misturado com lixívia não daria uma reação visível a menos que a lixívia fosse mais pura do que seria de se esperar naquela época. O vinagre não causaria um efeito mais visível na lixívia do que teria a água comum.

R.L.H.

1451 נתש (*nātash*) ***desarraigar, arrancar pela raiz, destruir.***

Nos sentidos acima propostos para *nātash* não se acham as várias traduções do vocábulo em Jeremias 18.14, em que o verbo aparece no nifal (que é um grau passivo). A ARC traz "deixar-se-ão as águas estranhas, frias e correntes?" (Essa tradução toma por

base o verbo paralelo *'āzab*, *q.v.*, que ocorre no início do versículo.) A TB traz "serão esgotadas". Essa tradução pressupõe uma corrupção textual em razão de uma metátese de *nāshat*, "falhar", "faltar" (*i.e.*, "estar seco", "estar ressecado"), um verbo empregado em Isaías 19.5 em paralelo com *hārab* e *yābash*, ambos com o sentido de "secar completamente". O "desarraigamento" de um rio é uma figura possível, embora muito forte.

São os postes-ídolos que serão arrancados em Miquéias 5.14 [13], mas o termo é utilizado principalmente tendo Deus como sujeito e nações ou povos como objeto: Deuteronômio 29.28 [27]; 1 Reis 14.15; 2 Crônicas 7.20; Jeremias 12.14. O capítulo 12 de Jeremias é a principal passagem (vv. 14-17) para o estudo deste verbo, que aqui ocorre cinco das 13 vezes em que é usado por esse profeta. (Jeremias emprega *nātash* mais vezes do que todas as outras ocorrências somadas.) Em Jeremias 1.10 o verbo é usado em paralelo com *nātats*, "quebrar", "jogar abaixo" (*q.v.*).

Muitas vezes se emprega o verbo em referência à obra do Senhor de destruir nações más: Israel (Dt 29.28 [27]; 2 Cr 7.20) e seus vizinhos (Jr 12.14-15, 17). No caso de Israel, no entanto, Deus promete que depois do juízo ele não tornará a arrancá-los (Jr 31.28; Am 9.15); e, no caso das nações, ele promete não cumprir a ameaça se elas se arrependerem (Jr 18.7).

M.C.F.

ס

1452 סאה (*s'â*) ***alqueire*** (ARA), ***medida*** (IBB, BJ). Medida usada para secos (farinha cereal), equivalente a provavelmente um terço de um *'êpâ* (*q.v.*; 2 Rs 7.1, 18). Quanto a uma tabela de pesos e medidas, veja-se *AI*, p. 200. Veja-se também F. B. HUEY, Weights and measures, in *ZPEB*, v. 5, p. 917.

1453 סאן (*sā'an*) ***pisar, pisotear.*** Este verbo denominativo ocorre apenas em Isaías 9.4.

Substantivo de Origem

1453a סאן (*s'ôn*) ***sandália, bota (de soldado).*** (Is 9.4, somente).

סאן (*s'on*). Veja o nº 1 453a.

1454 *סאכא (*sē'sē'*) ***afugentar.*** Este verbo aparece apenas uma vez, no pilpel (Is 27.8).

1455 כבא (*sābā'*) ***beber.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1455a †כבא (*sobe'*) ***vinho, bebida.***

1455b †כבא (*sābā'*) ***bêbado.***

Este verbo denominativo sugere a ação de beber bastante, até mesmo ao ponto de embriagar-se. Ocorre em apenas quatro contextos. Deuteronômio 21.20 diz respeito ao caso de um filho desobediente e incorrigível que é levado aos anciãos, que estavam junto à porta da cidade, para ser apedrejado. As acusações contra essa pessoa são de obstinação, rebeldia, depravação e embriaguez. O paralelo com *zōlēl* (*q.v.*) deixa implícito que tal pessoa, devido a seu comportamento desordeiro, é abjeta e desprezível.

1456 סָבַב (*sábab*)

Isaías (56.12) lamenta que os supostos pastores das ovelhas, os líderes de Israel, se entregaram ostensivamente à bebedeira, dessa maneira expondo o rebanho a um grande perigo da parte do inimigo.

Naum (1.10) relata que os assírios de sua época ficaram tão satisfeitos com suas vitórias que se entregaram à bebedeira (observe-se que *sōbe'* também aparece nesta passagem). Parece que a advertência contra uma vida desregrada (*zōlēl*; ARA, "comilões") e de embriaguez (*sobe'*) faz bastante sentido (Pv 23.20-21).

sōbe'. ***Vinho, bebida.*** O substantivo *sōbe'*, que significa "bebida fermentada", é provavelmente um cognato do acadiano *sabū*, *sibu*, "cerveja branca" (*cf.* árabe *siba'*, "vinho").

sōbe' descreve o adultério espiritual de Jerusalém (Is 1.21 e ss.). Oséias (4.18), que viveu um pouco antes de Isaías, também afirma que o reino do norte se caracteriza por falência e prostituição espirituais totais, alcançando tanto sacerdotes quanto o povo em geral.

sābā'. ***Bêbado.*** Na difícil e bastante debatida passagem (Ez 23.42) que envolve o derivado nominal, *sābā'*, parece que este é mais bem traduzido por "bêbados" (*i.e.*, estrangeiros idolatras e pândegos, os quais ensinaram Israel a se prostituir ainda mais espiritualmente.)

R.D.P.

1456 כָּבַב (*sābab*) ***girar, afastar-se, voltar-se para, vaguear, rodear, cercar, mudar de direção.***

Termos Derivados

1456a †סִבָּה (*sibbâ*), נְסִבָּה (*n'sibbâ*) ***reviravolta (nos acontecimentos).***

1456b †סָבִיב (*sābîb*), מוּסָב (*mûsāb*) ***redor, arredor.***

1456c †מֵסַב (*mēsab*) ***arredores.***

O sentido básico da raiz parece envolver a idéia de "girar ao redor de" ou "ir em torno de". Com esse sentido a raiz também é encontrada em ugarítico e aramaico (*cf.* árabe *sababun*, "corda"). Parece que uma raiz possivelmente aparentada deu origem a vocábulos em semítico do sudeste (*cf.*, no dialeto tigre, *säbäbä*, "trança") e em acadiano (*sabābu*, "rodear").

A raiz ocorre mais de 150 vezes, geralmente como um simples verbo de movimento, quer referindo-se a um indivíduo (1 Sm 7.16), a um povo (Js 6.3), a uma porta que se revolve em seus gonzos (Pv 26.14) ou ao ciclo do vento (Ec 1.6).

Existem também algumas expressões figuradas, especialmente em contextos éticos ou jurídico-legais. Com esse sentido o verbo é usado para referir-se à transferência do reino para outrem (1 Rs 2.15; 1 Cr 10.14) e à intransferibilidade, de uma tribo para outra, de propriedades herdadas no Israel antigo (Nm 36.7, 9).

O vocábulo descreve o juízo divino contra o pecado, quer dos pagãos (Hc 2.16) quer do seu próprio povo. Oséias (7.2) lamenta que Israel tenha ido tão longe a ponto de deixar-

se cercar pela iniqüidade na presença do próprio Deus, o qual mantém registro de tudo. Jeremias (6.12) antevê a severidade do juízo divino sobre um Judá igualmente perverso e impenitente.

sābab também caracteriza o direcionamento da mente de modo a dar total atenção a uma investigação (Ec 7.25; ARA, "aplicar-se a"). Descreve a mente ou a atitude mudada, às vezes em meio a grande tristeza (1 Rs 21.4; 2 Rs 20.2). Essa mudança de mente pode implicar uma mudança na situação perante Deus, quer para o mal (2 Cr 29.6) quer para o bem (Ed 6.22). Em face disso, a palavra está associada ao arrependimento e à restauração ao favor divino (1 Rs 18.37).

Intimamente ligado a isso encontra-se a idéia de uma mudança de condições ou circunstâncias (2 Sm 3.12; 14.20, 24; Jr 31.22), o que muitas vezes é indicado pela mudança do nome da pessoa (2 Rs 23.34; 24.17) ou do lugar (Nm 32.38).

Qualquer que seja a situação, mesmo nas mais terríveis circunstâncias, ou na mais desesperadora "reviravolta", pode-se ver o controle e a direção de um Deus soberano. Ninguém além do crente é capaz de compreender isso. Embora possa estar totalmente rodeado por inimigos (Sl 17.11; 109.3; 118.10-12) ou cercado pela tristeza ou tribulações (2 Sm 22.6), ainda assim o crente puro de coração pode estar confiante de que Deus se voltará para consolá-lo (Sl 71.20-21). A bondade e o amor de Deus cercam-no com cantos de livramento (Sl 32.7, 10).

A expressão mais abrangente e o clímax de tudo o que foi dito acima encontram-se na obra do Messias. Conquanto seus inimigos viessem cercá-lo como se fossem touros fortes e cães rosnantes (Sl 22.12, 16 [13, 17]), ainda assim ele triunfaria sobre todos os inimigos de Deus e dos homens, resgatando os seus e dominando sobre uma terra transformada e revitalizada (Zc 14.9-11).

sibbâ, nᵉsibbâ. ***Reviravolta.*** Esses sinônimos, *nᵉsibbâ* (2 Cr 10.15) e *sibbâ* (1 Rs 12.15), designam uma reviravolta nos acontecimentos, que ocorre pela soberana vontade de Deus.

sābîb, mûsāb. ***Arredores.*** *sābîb* ocorre em vários e interessantes contextos. O ritual da consagração dos sacerdotes envolvia a aspersão de sangue ao redor do altar (Êx 29.16, 20) como também acontecia com o sacrifício das ofertas descritas em Levítico (Lv 1.5, 11, *etc.*). A palavra aparece na descrição do futuro de Israel, quando este olhou em redor para a glória recebida de Deus (Is 60.1-4). Até então terá de viver como na terra da promessa, descansando em seu livramento (Dt 12.10).

mûsāb. Talvez uma referência à construção lateral que cercava o templo (Ez 41.7).

mēsab. ***Arredor.*** *mēsab* refere-se às paredes entalhadas do templo (1 Rs 6.29) e a uma mesa redonda (Ct 1.12). A ocorrência mais interessante do vocábulo se acha em Salmos 140.9 [10], que Dahood (*AB*, *Psalms III*, p. 303-4) assim traduz: "Os malfeitores que me cercam, que o veneno de seus lábios os afogue!".

R.D.P.

סִבָּה (*sibbâ*). Veja o nº 1 456a.

סָבִיב (*sābîb*). Veja o nº 1 456b.

1457 סָבַךְ (*sābak*)

1457 סָבַךְ (*sābak*) ***entrelaçar*** (Na 1.10; Jó 8.17).

Termos Derivados

1457a סֹבֶךְ (*s'bak*) ***bosque cerrado, moita*** (Gn 22.13; Is 9.18 [17]; 10.34).
1457b סְבֹךְ (*s'bōk*) ***bosque cerrado, moita*** (SI 74.5; Jr 4.7).

1458 סָבַל (*sābal*) ***levar*** (qal), ***arrastar-se*** (hitpael).

Termos Derivados

1458a †סֵבֶל (*sēbel*), סֹבֶל (*sōbel*) ***carga, fardo.***
1458b †סַבָּל (*sabbāl*) ***carregador.***
1458c †סִבְלָה (*siblâ*) ***trabalho forçado, transporte de carga.***
1458d †סִבֹּלֶת (*sibbōlet*) ***espiga.***

O sentido básico desta raiz é o de "levar" ou "transportar" uma carga pesada. A raiz também deu origem a várias palavras em aramaico/siríaco. Uma vez que o acadiano *zabālu* é semanticamente equivalente a *sabālu* e uma vez que a mutação fonética *sb>zb* é conhecida nas línguas semíticas, é possível que as duas raízes derivem da mesma raiz proto-semítica. Em contraste com o vocábulo sinônimo *nāsā'*, "erguer", "levar", "carregar", *sābal* dá ênfase ao processo de levar ou transportar uma carga (Is 46.7), tornando-se, por conseguinte, uma figura de servidão (Gn 49.15).

Também se emprega a raiz em contextos que tratam de sofrer castigos ou penalidades. Jeremias lamenta que os moradores de Jerusalém tenham cometido pecado tal como o fizeram seus pais; por esse motivo eles devem levar sobre si o castigo por violar a aliança que Deus estabeleceu com eles (Lm 5.7). O contexto mais importante em que essa raiz ocorre é Isaías 53.4-11. Aqui o servo que há de vir, o Messias, levanta e toma sobre si as enfermidades do homem e carrega o peso de seus tormentos e aflições. Nada poderia descrever de forma mais vívida a obra sacrificial e vicária de Cristo, que carregou sobre si o castigo do pecado do homem para que este possa receber a retidão divina e estar justificado diante de Deus.

sēbel. ***Carga, fardo, trabalho forçado.*** Vocábulo que talvez denote o cesto do trabalhador braçal, *sēbel* é sempre usado para se referir ao trabalho compulsório (*e.g.*, 1 Rs 11.28). *sēbel* refere-se àquelas coisas que repousavam sobre os ombros de Israel como um fardo pesado: seu pecado (Is 9.4 [3]) e seu opressor, a Assíria (Is 10.27; 14.25).

sabbāl. ***Carregador.*** Esta palavra indica uma função e denota quer aquele que carrega coisas com a ajuda de um cesto (Ne 4.10 [4]) quer o encarregado dos trabalhos forçados (2 Cr 34.13).

siblâ. ***Trabalho forçado, transporte de carga.*** Palavra usada para referir-se ao trabalho braçal extenuante e forçado, tal como aquele que foi imposto aos hebreus no Egito (Êx 1.11, *etc.*).

sibbōlet. Pronúncia efraimita da palavra semítica muito comum *šibbōlet*, "espiga" (Jó 24.24), ou "corrente de águas" (Sl 69.2 [3]).

O teste feito pelos soldados de Jefté (Jz 12.6) provavelmente gira em torno da pronúncia do fonema *sh* (representado na escrita pela letra *shin*) em contraste com a do fonema *s* (representado na escrita pela letra *sin*), aqui escrito com *s* (*samekh*), que é o fonema mais parecido. Speiser também apontou para a possibilidade de que, nos dias dos Juízes, o fonema representado na escrita por *sh* era pronunciado como um *t* brando (*t̲*), de sorte que a diferença teria sido a pronúncia defeituosa do fonema *s* como *th* (E. A. SPEISER, The shibboleth incident [Judges 12.6], em *Oriental and Biblical Studies*, University of Pennsylvania, 1967, p. 143-50).

R.D.P.

סִבֹּלֶת (*sibbōlet*). Veja o nº 1 458d.

1459 סָגַד (*sāgad*) ***prostrar-se em adoração.*** (Empregado somente em Is 44.15, 17, 19; 46.6).

Um verbo comum em aramaico e possivelmente um empréstimo lingüístico em hebraico. Parece que a palavra indica uma posição de prostração na oração. O árabe *masǧid* significa "mesquita". Quanto a outros vocábulos com o sentido de "curvar-se", veja *kāraʿ*.

סְגוֹר (*sᵉgôr*). Veja o nº 1 462a.

1460 סגל (*sgl*). **Aceita como raiz de:**

1460a סְגֻלָּה (*sᵉgullâ*) ***propriedade, posse.***

O sentido básico deste substantivo é o de "propriedade particular". Palavra bem comprovada em hebraico, ugarítico e aramaico. Os vocábulos acadianos *sakālu*, "adquirir propriedade", e *sikiltum*, "propriedade (particular)", também estão, sem dúvida alguma, relacionados. Conquanto a palavra ocorra apenas oito vezes, está repleta de riquezas teológicas e espirituais. O escritor de Eclesiastes afirma que o acúmulo dos mais finos e preciosos bens é pura vaidade (2.8). Aqueles que temem o Senhor tornam-se sua propriedade particular, dos quais ele jamais se esquecerá, mesmo naquela hora de grande juízo (Ml 3.16-18).

Israel era a propriedade particular de Deus (Sl 135.4). Moisés lembrou Israel de que Deus os escolhera e os resgatara da escravidão não devido à bondade de Israel, mas unicamente porque ele o amava e era fiel às promessas feitas aos patriarcas. Israel devia refletir a santidade divina e viver de acordo com os mandamentos de Deus (Dt 14.2 e ss.), refletindo o padrão divino numa vida de aceitação, sem reserva alguma, dos termos da

aliança feita no Sinai (Êx 19.5-6) e renovada por ocasião de sua entrada em Canaã (Dt 26.16-19). Assim deve ser com cada crente. Esses versículos de Deuteronômio são provavelmente aludidos em Tito 2.14 e 1 Pedro 2.9.

Bibliografia: — *THAT.* v. 2, p. 142-3.

R.D.

1461 סָגַן (*sāgān*), סֶגֶן (*segen*) ***magistrado, governante subalterno*** (*e.g.*, Ez 23.6; Jr 51.23). Provavelmente um empréstimo lingüístico do acadiano.

1462 סָגַר (*sāgar*) ***I, prender, fechar.***

Termos Derivados

1462a †סְגוֹר (*s'gôr*) ***cercado, envoltura.***

1462b סוּגָר (*sûgar*) ***jaula.***

1462c †מַסְגֵּר (*masgēr*) ***cercado, prisão, construtor de baluartes.***

1462d †מִסְגֶּרֶת (*misgeret*) ***borda, beira.***

O sentido básico da raiz, encontrado no qal, também é conhecido em ugarítico, aramaico bíblico e etiópico. As idéias de "entregar-se", "entregar", "abandonar", encontradas nos graus derivados, são conhecidas em outros dialetos do semítico ocidental (*e.g.*, siríaco, fenício). Já foi estabelecida uma relação entre esta raiz e o acadiano *sekēru*, "parar", "represar", "trancar", "interromper", uma palavra encontrada também em hebraico com significados semelhantes. Embora seja possível que J. V. K. Wilson (Hebrew and Akkadian philological notes, *Journal of Semitic studies* 7:179-80) esteja certo em insistir que o semítico oriental *skr*, "represar", é de etimologia distinta do semítico ocidental *sgr*, "trancar", é interessante assinalar que, no aramaico antigo, *skr* tem uma gama de sentidos semelhante ao do hebraico *sgr* e que o árabe *sakara* pode ser empregado tanto para se referir à ação de trancar portas quanto à de represar cursos d'água. Deve-se fazer distinção entre esta raiz e uma outra raiz *sgr* conhecida em árabe e que está relacionada com o hebraico *sagrîr*, "chuva pesada".

A raiz *sgr* é, muitas vezes, usada para designar a ação de trancar portas de casas ou da cidade (*e.g.*, Gn 19.6, 10; Js 6.1) ou de fechar uma brecha num muro (1 Rs 11.27). Também tem muitos usos específicos. É assim que "cerrar a madre" é símbolo de infertilidade (1 Sm 1.5-6; *cf.* Jó 3.10). Às vezes, pode indicar uma atitude de hostilidade, arrogância, cobiça ou indiferença. O salmista (Sl 17.10) ora para que seja livrado dos inimigos, cuja insensibilidade os enclausurou numa arrogância que tende à destruição dos outros.

Um indivíduo ou um grupo de pessoas pode ficar amarrado a circunstâncias infelizes. Por exemplo, Saul acreditava que Davi havia se enclausurado em Queila, uma cidade facilmente sitiável em Judá (1 Sm 23.7). A raiz descreve então as condições ou resultado do sítio a um local (Is 24.10; Jr 13.19).

Os graus derivados transmitem a idéia de entregar alguém ou algo ao poder de uma outra pessoa ou coisa (1 Sm 23.20; Sl 78.48, 50). Até mesmo os que pertencem a Deus

podem, em virtude do pecado, ser entregues ao inimigo (Sl 78.62; Lm 2.7; Am 6.8).

Usa-se a palavra em contextos que deixam claro que Deus tem controle absoluto das circunstâncias da vida (Jó 11.10; 12.14), dirigindo os eventos da história (Is 45.1) para que estes atinjam o seu devido propósito, quando os inimigos de Deus serão julgados (Is 24.22) e a gloriosa e próspera Sião estará serenamente segura sem ter trancadas as portas da cidade.

De sua parte os homens devem trancar-se em seus aposentos e buscar a vontade e o plano de Deus para as suas vidas (Is 26.20; Ez 3.24).

s'gôr. ***Cercado, envoltura.*** Ocorre seguramente apenas em Oséias 13.8, em que a palavra designa a "envoltura" do coração de Israel, que é arrebentada e destruída pela insatisfação divina. A outra ocorrência possível, Jó 28.15, deve ser identificada com o acadiano *sagru/sakru*, cognato do hebraico *sāgûr* (*q.v.*), forma reduzida do acadiano *ḫurātsu sakru*, "ouro puro".

sûgar. ***Jaula.*** (*Cf.* acadiano *šigaru*, "jaula".) O vocábulo descreve uma "jaula" com a qual Joaquim, tal qual um leão enjaulado, foi levado até Nabucodonosor (Ez 19.9).

masgēr. ***Cercado, prisão, construtor de baluartes.*** Este substantivo oculta duas raízes: 1) do acadiano *šigāru*, um empréstimo lingüístico do sumério *sigar*, "porta com ferrolho" (*cf.* o egípcio *tikar*, "entrada fortificada"); 2) do acadiano *sekēru* (veja acima). *masgēr*, em seu primeiro sentido, é usado figuradamente para descrever o aprisionamento dos inimigos de Deus (Is 24.22) e a libertação de seu povo da escravidão espiritual (Is 42.7 *cf.* Sl 142.7 [8]). Em seu segundo sentido, denota os artesãos ou trabalhadores qualificados que foram levados para o exílio, os quais poderiam ter providenciado baluartes contra os captores (2 Rs 24.14, 16; Jr 24.1; 29.2).

misgeret. ***Borda, beira, fortaleza.*** *misgeret* também é utilizado com dois sentidos: 1) "fortaleza", "muralha" (2 Sm 22.46; Mq 7.17); e 2) "borda", "beira", palavra que indicava uma parte da mesa dos pães da proposição (Êx 25.25, 27; 37.12, 14) e dos utensílios com rodas do templo de Salomão (1 Rs 7.28 e ss.; 2 Rs 16.17).

Bibliografia: — MARRASSINI, Paolo, *Formazione del lessico dell'edilizia militare nel semitico di Siria*, Florença, University Press, 1971, p. 68-70.

R.D.P.

1463 סגר (*sgr*). **II. Aceita como raiz de:**

1463a סַגְרִיר (*sagrîr*) ***chuva pesada, chuva contínua*** (Pv 27.15).

סַגְרִיר (*sagrîr*). Veja o nº 1463a.

1464 סַד (*sad*) ***tronco (para prender os pés de criminosos)*** (Jó 13.27; 33.11). Provavelmente esse não era o instrumento de madeira com furos dos dias coloniais, mas algemas que eram presas no tornozelo.

1465 סְדֹם (*s'dōm*) ***Sodoma.***

1466 סְדִין (*sādin*)

Cidade no lado sul do mar Morto, Sodoma marcava o limite geográfico dos cananeus a sudeste, numa fronteira que começava a sudoeste, em Gaza.

Aparentemente Sodoma estava localizada numa região fértil, conforme se conclui da escolha feita por Ló para ali fixar moradia (Gn 13.10 e ss.). Sem dúvida, a cidade tornou-se um importante centro comercial e, por isso, objeto de cobiça por parte de reis poderosos, um fator que talvez esteja por trás da famosa batalha descrita em Gênesis 14. É bastante incerta a exata localização da cidade. Alguns têm sustentado que ela está coberta pelas águas rasas na enseada sul do mar Morto (J. P. HARLAND, *Sodom and Gomorrah*, BA 6 [1943]:41-52). Paul Lapp (Bâb ed Dhrâ' tomb A 76, *BASOR* 189:14) defende o ponto de vista de que a colina conhecida como Bâb ed Dhrâ' era um santuário das cidades da planície. (Veja-se SMICK, *Archaelogy of the Jordan valley*, p. 48-51. Quanto a Sodoma nas tabuinhas de Ebla, veja-se D. N. FREEDMAN, BA 41:149-59.)

Sodoma é, contudo, mais lembrada (junto com Gomorra), como um exemplo duradouro do juízo divino contra o pecado irrefreado (Gn 18—19; *cf.* 2 Pe 2.6; Jd 7). Da mesma forma, Moisés advertiu Israel de que a apostasia poderia causar destruição de uma intensidade semelhante (Dt 29.22; *cf.* 32.32). Repetidas vezes os profetas compararam o pecado devasso e a apostasia de Israel com o pecado de Sodoma (Is 1.19 e ss.; 3.9; Jr 23.14; Lm 4.6; Ez 16.46 e ss.; Am 4.11). Se o Senhor não tivesse deixado um remanescente em Israel, os israelitas teriam perecido na sua totalidade, tal como aconteceu com Sodoma e Gomorra (Is 1.9). Mas apenas em dois lugares se menciona a destruição de Admá e Zeboim, as cidades menores da planície — Deuteronômio 29.23 [22] e Oséias 11.8. Parece que Oséias estava citando o livro de Deuteronômio!

Jesus caracterizou seus ouvintes de forma parecida (Lc 10.12) e predisse que, na sua volta, o mundo estaria como nos dias de Sodoma e Gomorra (Lc 17.29 e s.).

Sodoma e Gomorra são mencionadas nas tabuinhas de Ebla, recentemente encontradas. Aparentemente em várias ocasiões estiveram aliadas ao grande reino ao norte. Isso talvez ofereça uma explicação lógica para o ataque dos reis orientais contra as cidades do sul algum tempo depois, já na época de Abraão.

Bibliografia: — SMICK, E. B., *Archaeology of the Jordan valley*, Baker, 1973.

R.D.P.

1466 סָדִין (*sādîn*) ***invólucro de linho, capa*** (Pv 31.24; Jz 14.12-13; Is 3.23).

1467 סדר (*sdr*). **Aceita como raiz de:**

1467a סֵדֶר (*sēder*) ***disposição, ordem*** (Jó 10.22).

1467b שׁדרה (*śdērâ*) ***fileira de soldados*** (2 Rs 11.15 = 2 Cr 23.14), ***tabuado (termo arquitetônico)*** (1 Rs 6.9).

1467c מִסְדְּרוֹן (*misd'rôn*) ***pórtico, colunata*** (Jz 3.23), significado incerto.

1468 סהר (*shr*). **Aceita como raiz de:**

1468a סַהַר (*sahar*) ***redondeza*** (Ct 7.3).

1468b סֹהַר (*sōhar*) ***redondeza.*** Ocorre somente na expressão *bêt-hassōhar*, "casa redonda" (lit.), nome de uma prisão.

1469 סוּג (*sûg*) ***I, mover-se, ir, voltar.***

Termo Derivado

1469a סוֹג (*sûg*), סִיג (*sîg*) ***escória.*** (Observe-se a variante שִׂיג [*śîg*], "movimento".)

O sentido básico da raiz é o de "voltar". É possível que seja palavra cognata do árabe *sāja*, "ir e vir". Em Cantares 7.3 provavelmente deve-se distinguir uma segunda raiz (*cf.* a variante *śûg*, Is 17.11), com o sentido de "cercar", "murar", uma raiz também conhecida em siríaco, árabe e etiópico.

Em geral utiliza-se a raiz em contextos hostis. Assim sendo, Jeremias prediz que os amigos de Zedequias irão, no final, afastar-se dele (38.22) e que o Egito, em vez de ser uma ajuda para Zedequias, retrocederá diante das forças de Nabucodonosor (46.5). Isaías (42.17) e Sofonias (1.6) profetizam que os idolatras terão de voltar atrás e serão profundamente envergonhados.

O salmista (Sl 53.3 [4]) reconhece que a condição do coração natural do homem não-regenerado é a de afastar-se de Deus. À semelhança do Israel apóstata, tal coração, para que seja salvo, necessita da intervenção divina (Sl 80.14-19).

sûg, sîg. ***Escória.*** Em geral a palavra se refere àquilo que é posto de lado ou refugado durante o processo de refinamento (*i.e.*, "escória" ou "óxido"; *e.g.*, Is 1.22, 25). A expressão ***kesep sîgîm*** (Pv 26.23), "escórias de prata", pode ser lida como ***k'sapsîgî***, com *mem* enclítico, "como vitrificação", como em ugarítico (*UT* 19: nº 1 792). Em 1 Reis 18.27 emprega-se a variante ***sîg*** eufemisticamente.

R.D.P.

1470 סוּג (*sûg*) ***II, fazer cerca ao redor de*** (Ct 7.2 [3]; Is 17.11).

סוּגָר (*sûgar*). Veja o nº 1 462b.

1471 סוּד (*swd*). **Aceita como raiz de:**

1471a סוֹד (*sôd*) ***conselho, concílio, assembléia, círculo.***

O sentido básico da palavra é o de "conversa confidencial" (*cf.* o árabe *sā'wada*, "falar em segredo"), daí "conselho". A ênfase no aspecto confidencial caracteriza esta palavra em comparação com o vocábulo mais genérico *'ētsâ* (*q.v.*), "recomendação", "conselho".

A palavra enfatiza que o conselho inteligente pode ser fundamental para o sucesso (Pv 15.22). A palavra tem o seu sentido ampliado de modo a indicar um círculo de pessoas da intimidade e confiança de alguém, as quais dão os seus conselhos (Sl 55.14 [15]; 83.3 [4]). Espera-se que tais pessoas jamais se coloquem contra o amigo (Jó 19.19) nem que revelem as confidências ouvidas (Pv 11.13; 20.19; 25.9).

O homem justo e reto, que anda no temor do Senhor, receberá o conselho secreto de Deus (Sl 25.14; Pv 3.32; Am 3.7; *cf.* Jó 15.8; 29.4). Ele se associará com outros que, tal como ele, temem a Deus (Sl 89.7 [8]) e cantam louvores a ele (Sl 111.1). Ele se distanciará dos malfeitores (Gn 49.6; Jr 15.17) e orará para que se veja livre de suas tramas malignas

(Sl 64.2 [3]). O próprio Deus se oporá aos concílios ímpios (Jr 23.14-22) e despejará sua ira sobre os seus membros (Jr 6.11), de modo que não terão lugar algum na assembléia dos justos (Ez 13.9).

Bibliografia: — THOMAS, D. W., The interpretation of *b'sôd* in Job 29.4, *JBL* 65:63-6. — *THAT*, v. 2, p. 144-7.

1472 סוה (*swh*). Aceita como raiz de:

1472a סוּת (*sût*) *veste, vestimenta* (Gn 49.11, somente).

1472b מסוה (*masweh*) *véu* (Êx 34.33, somente).

1473 סוח (*swh*). Aceita como raiz de:

1473a סוּחה (*sûhâ*) *excremento* (Is 5.25, somente).

1474 סוּך (*sûk*) *I, ungir*.

Termo Derivado

1474a אָסוּךְ (*'āsûk*) *botija pequena de azeite.*

A raiz significa, basicamente, "ungir", "derramar (para ungir)", um significado também encontrado no acadiano *sāk*. Como ação de derramar, o vocábulo difere do sinônimo mais conhecido *māshah*, que inclui a idéia de "besuntar" ou "espalhar".

Deve-se fazer distinção entre esta raiz e a homônima *sûk* II, "cercar", "confinar" (*q.v.*), e provavelmente de ainda uma terceira raiz (que aparece apenas no pilpel) e que significa "instigar", "incitar" (*cf.* o tigrina *säsäkä*, "mover-se incessantemente", "agitar-se"), encontrada em Isaías 9.11 [10]; 19.2.

sûk pode ser empregado para designar o processo físico comum de ungir o corpo com azeite de oliva, especialmente depois do banho (2 Sm 12.20), para se obter um efeito especial de perfume (Rt 3.3). Era muitas vezes usada para indicar necessidades medicinais (Ez 16.9; *cf.* Lc 10.34). Símbolo de satisfação e alegria, o ungir podia ser gesto de hospitalidade e consideração (2 Cr 28.15; *cf.* Lc 7.46).

sûk também designa o derramamento dos ungüentos oleosos mais puros e perfumados, especialmente misturados para o uso religioso. Esse óleo sagrado era reservado para Arão e seus filhos e para os recintos sagrados onde eles ministravam. Todo o conjunto de regulamentos a respeito está repleto de lições espirituais para o sacerdócio neotestamentário dos crentes (veja-se 2 Co 2.14-16; 1 Pe 2.5-9).

'āsuk. *Botija pequena de azeite.* O derivado *'āsûk* é encontrado apenas na menção ao recipiente que a viúva deu a Eliseu (2 Rs 4.2).

R.D.P.

1475 סוּךְ (*sûk*) *II, cercar, fazer uma cerca ao redor de.*

Termo Derivado

1475a מְסוּכָה (*mᵉsûkâ*) ***cerca.***

O sentido básico da palavra transmite a idéia de levantar uma cerca. Deve-se distinguir o verbo em relação a dois homônimos, um que significa "incitar", "instigar", encontrado apenas em Isaías 9.10; 19.2, e o vocábulo mais usado, que tem o sentido de "ungir" (veja *sûk* I). *sûk* II é, provavelmente, uma variante de *sûk* I, "cercar" (*cf.* *mᵉśûkâ*, "cerca").

As raízes gêmeas *sûk* e *sûk* são encontradas apenas quatro vezes no AT (Jó 1.10; 3.23; 38.8; Os 2.6 [8]). Elas descrevem Jó sendo cercado de bens e o controle divino sobre os caminhos da vida e a história.

mᵉsûkâ. ***Cerca.*** O derivado ocorre apenas uma vez, como também acontece com *mᵉsukâ*. O escritor de Provérbios (15.19) faz distinção entre o caminho do homem reto (e, por conseguinte, esforçado), o qual é como uma boa estrada pela qual se pode avançar, e o do preguiçoso, que é como uma cerca (*mᵉsukâ*) de espinhos. Miquéias (7.4) lamenta a corrupção do povo de Deus no pecado, assinalando que o melhor dentre eles não é melhor do que uma cerca de espinhos (*mᵉsûkâ*).

R.D.P.

1476 סוּס (*sûs*) ***I, andorinha ou andorinhão*** (Is 38.14; Jr 8.7).

1477 סוּס (*sûs*) ***II, cavalo.***

1477a סוּסָה (*sûsâ*) ***égua.***

Esta palavra que designa o cavalo aparece em toda a família de línguas semíticas e é, em geral, aceita como sendo de origem indo-européia (*cf.* *pārāsh*, "(homem de) cavalo" [*i.e.*, cavaleiro], "cavalo (de guerra)", e o egípcio *ssmt*, "cavalo").

Embora atestado no Crescente Fértil por volta do começo do segundo milênio a.C., o uso do cavalo aumentou com seu emprego em carros de guerra dos mitanitas indo-arianos durante a Idade do Bronze Média. Nesse período, a partir da Síria-Palestina os hicsos introduziram o cavalo e o carro no Egito.

O cavalo era comumente utilizado para fins militares (Êx 15.19). O comércio também floresceu com os cavalos (Gn 47.17; Ez 27.14), sendo que Salomao, em particular, foi um intermediário no comércio de cavalos e carros (1 Rs 10.28-29).

Teologicamente, os cavalos aparecem nas profecias de tempos escatológicos, quando o rei davídico há de andar num carro com cavalos, diante de um povo obediente e reto (Jr 17.25; 22.4). As batalhas escatológicas são descritas em termos de cavalos de guerra (Ez 38.4, 15; 39.20); no entanto, Israel já não confiará em cavalos (Os 14.3 [4]), mas no próprio Deus, pois no Dia do Senhor todos os arsenais serão inúteis (Zc 12.4).

As características dos cavalos são usadas como ilustrações para o crente deixar de lado a obstinação (Jr 8.6), a concupiscência (Jr 5.8) e a falta de submissão (Pv 26.3) e para pôr a confiança no Senhor (Sl 20.7 [8]).

R.D.P.

1478 *סוּף (*sûp*)

1478 *סוּף (*sûp*) ***chegar ao fim, cessar.***

Termos Derivados

1478a סוֹף (*sôp*) ***fim*** (sinônimo de *qēts*, Ec 3.11; Jl 2.20).

1478b סוּפָה (*sûpâ*) ***vento de tempestade*** (*e.g.*, Is 5.28; Os 8.7).

O verbo é empregado para se referir ao juízo de Deus (Sl 73.19; Jr 8.13; Am 3.15), especialmente no fim dos tempos (Is 66.17; Sf 1.2 e s.), e à observância anual e perpétua da festa de Purim (Et 9.28).

R.D.P.

1479 סוּף (*sûp*) ***junco, planta aquática.***

Este substantivo é, em seu sentido básico, um termo genérico designativo de plantas de pântano. Também pode indicar caniços (Is 19.6), algas marinhas (Jn 2.5 [6]) ou juncos (Êx 2.3, 5). Etimologicamente é aparentado do egípcio *twfi*, "planta de pântano", "papiro".

A palavra ganhou destaque no problema da rota do êxodo, quando os israelitas atravessaram o *yam sûp*, "mar de juncos". Num sentido restrito, este termo refere-se à área da travessia do êxodo, possivelmente os lagos Amargos (travessia pelo sul) ou o lago Timsah (travessia pelo centro). Num sentido mais amplo, o vocábulo refere-se à área que inclui o atual golfo de Suez (Nm 33.10-11) e o golfo de Aqaba (1 Rs 9.26). A tradução "mar Vermelho" tem origem na LXX, em que designava uma área ainda maior. Não existe base para afirmar que, por Israel ter atravessado o mar de Juncos, a água era rasa e não houve nenhum milagre. Qualquer mar, não importa a sua profundidade, pode ter juncos nas suas margens, e tanto os lagos Amargos quanto o lago Timsah são grandes e profundos.

Teologicamente, *yam sûp* faz o crente lembrar-se da bondade de Deus (Ne 9.9), que libertou o seu povo da escravidão (Js 24.6), guia-os em triunfo sobre os inimigos (Êx 15.4, 22), dirige-os através das experiências desérticas da vida (Dt 2.1) e os tem colocado na terra da herança prometida (Js 4.23 e ss.).

R.D.P.

1480 סוּר (*sûr*) ***desviar-se, afastar-se.***

Termo Derivado

1480a סֵרָה (*sārâ*) ***afastamento, deserção.***

O sentido básico da raiz é o de "desviar-se". Parece que essa é uma raiz característica do semítico ocidental do norte, sendo atestada particularmente em hebraico e fenício. Verbo intransitivo no grau básico é, por isso mesmo, freqüentemente encontrado com muitas preposições, produzindo as idéias de "desviar-se de", "desviar-se para" e "afastar-se de".

A raiz verbal ocorre 191 vezes. Em muitos casos é um simples verbo de movimento, expressando a ação de se desviar (Êx 3.3-4; Jz 4.18; Rt 4.1) ou de se afastar (Nm 12.10).

A idéia de afastamento também pode envolver questões espirituais. Dessa maneira, Sansão "não sabia ainda que já o SENHOR se tinha retirado dele" (Jz 16.20). O Espírito do Senhor "se retirou" de Saul (1 Sm 16.14; 28.16). É trágico que continuamente se dissesse que Israel e seus líderes não se apartaram "dos pecados de Jeroboão" (2 Rs 10.31; 13.2, 6, 11; 14.24; 15.9, 18, 24, 28; 17.22; *cf.* 3.3). Acerca de Jerusalém, Deus queixou-se de que o coração do seu povo havia-se afastado dele (Ez 6.9). Infelizmente, aqueles que "não se apartaram de seguir ao Senhor" (IBB; 2 Rs 18.6) eram em número muito pequeno.

A raiz muitas vezes descreve a apostasia de Israel. Em muitos casos é traduzida por "desviar-se", "apartar-se" (*e.g.*, Êx 32.8; Dt 9.12; 11.16). Por outro lado, "não se desviar" era uma maneira de declarar a postura firme de alguém em seguir ao Senhor (1 Rs 22.43). Essa atitude de seguir estritamente a vontade de Deus é com freqüência descrita mediante a associação do verbo ao conhecido tema da direita e da esquerda. É assim que se diz acerca de Josias que "não se desviou nem para a direita nem para a esquerda" (2 Rs 22.2; *cf.* Dt 2.27; 5.32 [29]; Js 1.7).

No grau hifil, o sentido de "retirar" é muito comum. Asa retirou, isto é, depôs, Maaca por causa de sua idolatria ininterrupta (2 Cr 15.16). Ezequias tirou os locais e os objetos de culto ligados à idolatria (2 Rs 18.4; 2 Cr 30.14). O povo de Deus foi instado a tirar ou pôr de lado aquelas coisas que lhes causariam dano espiritual: deuses estranhos (Gn 35.2), todo o mal (Is 1.16), vinho (1 Sm 1.14), falsos caminhos (Sl 119.29) e falsa adoração (Am 5.21-23).

A raiz também é encontrada um bom número de vezes na literatura sapiencial, sendo usada para se referir às questões espirituais mais básicas. É dito a Jó (15.30) que os ímpios irão, em última instância, perecer por ordem de Deus. A sabedoria da piedade e o temor do Senhor afastam a pessoa das armadilhas da morte (Pv 13.14; 14.27). Isso há de ser aprendido plenamente durante a juventude para que se torne um comportamento adquirido para o resto da vida (Pv 22.6).

Em vez de desviar-se dos mandamentos e da vontade de Deus para a vida, o procedimento sábio é sempre "temer ao SENHOR e apartar-se do mal" (Pv 3.7. *cf.* 16.6, 17; Jó 28.28; Sl 34.14 [15]; 37.27).

sārâ. ***Afastamento, deserção, rebelião.*** O termo derivado *sārâ* também trata da relação do homem com Deus e é empregado de duas maneiras: 1) para referir-se a qualquer deserção moral ou legal (Dt 19.16); e 2) para indicar um claro afastamento de Deus (Dt 13.5 [6]; Is 31.6; 59.13; Jr 28.16; 29.32).

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 148-9.

R.D.P.

1481 *סוּת (*sût*) ***seduzir, fascinar, instigar, incitar.***

Identificações etimológicas com outras raízes semíticas são incertas. Em contraste com *pātâ*, "ser simples", "enganar", nesta raiz também existe a idéia subjacente de esperteza.

Na maioria das vezes o verbo tem uma conotação negativa. Davi, que desejava a autoglorificação, foi facilmente seduzido a recensear o povo (1 Cr 21.1). O oficial assírio

que sitiava Jerusalém adverte o povo de que a ordem de Ezequias que o povo dependesse unicamente de Deus é um engodo (2 Rs 18.32). Baruque, o escriba de Jerusalém, foi rotulado de incitador e agitador político, cujo objetivo final seria a escravização e a morte de todos os refugiados de Jerusalém (Jr 43.3).

Jezabel de tal forma "instiga" Acabe a fazer o mal, que o seu epitáfio assinala que ele ultrapassou a todos em pecar (1 Rs 21.25). Acabe aprendeu bem com Jezabel, pois seduziu Josafa, de quem era aparentado por casamento, a sair com ele à guerra contra Ramote-Gileade (2 Cr 18.2). Josafá devia ter dado ouvidos à advertência das Escrituras para não ser induzido ao erro por pessoas da família (Dt 13.6 [7]) ou por amigos íntimos (Jr 38.22). Apesar da insensatez de Josafá, Deus agiu de modo a "desviar dele" os capitães dos carros inimigos, os quais estavam a ponto de tirar-lhe a vida. Ele aprendera aquilo que o crente sempre deve ter em mente. Embora Deus permita que o fiel seja seduzido ou enganado, sempre que o justo clama de coração a Deus (2 Cr 18.31), Deus o afasta "das fauces da angústia" (Jó 36.16).

R.D.P.

סוּת (*sût*). Veja o nº 1 472a.

1482 סָחַב (*sāḥab*) ***arrastar*** (*e.g.*, 2 Sm 17.13; Jr 49.20).

Termo Derivado

1482a סְחָבָה (*s'ḥābâ*) ***trapo*** (Jr 38.11-12).

1483 סָחָה (*sāḥâ*) ***raspar*** (Ez 26.4, somente).

Termo Derivado

1483a סְחִי (*s'ḥî*) ***refugo*** (Lm 3.45; ARA, "cisco").

סְחִי (*s'ḥî*). Veja o nº 1 483a.

1484 סָחִישׁ (*sāḥîsh*) ***cereal que brota por si mesmo ao segundo ano*** (2 Rs 19.29).

1485 סָחַף (*sāḥap*) ***prostrar*** (Pv 28.3; Jr 46.15).

1486 סָחַר (*sāḥar*) ***percorrer negociando.***

Termos Derivados

1486a סַחַר (*saḥar*), סָחָר (*sāḥār*) ***lucro comercial.***

1486b סַחֲרָה (*s'ḥōrâ*) ***mercadoria*** (*cf.* o acadiano ***saḫirtu***).

1486c סֹחֵרָה (*sōḥērâ*) ***escudo pequeno.***

1486d מִסְחָר (*mishār*) ***mercadoria.***

1486e †סֹחֶרֶת (*sōheret*) ***pedra usada (junto com mármore) em pavimentação*** (Et 1.6).

Em seu sentido básico, "percorrer", "circundar", "rodear" (*cf.* o acadiano *sahāru* e o acadiano antigo *siḫrum*, "borda"), a raiz ocorre poucas vezes no AT: mais usual é o particípio *sōhēr*, "mercador".

Considerações etimológicas constituem o principal problema acerca desta raiz, conforme demonstrado por Speiser (veja-se a bibliografia). Embora os significados das formas participais e da raiz verbal estejam bem estabelecidos, existe controvérsia quanto ao sentido básico, se é "andar ao redor", "percorrer", nas cinco ocorrências verbais (Gn 34.10, 21; 42.34; Sl 38.10 [11]; Jr 14.18) ou se a idéia é do sentido técnico do particípio, "comerciar", "negociar". Speiser opta pela primeira hipótese; Albright (veja-se a bibliogafia) e a maioria das traduções modernas, pela segunda.

Uma olhada nos contextos envolvidos mostra a complexidade do problema. No caso da referência em Jeremias, pode-se assinalar que, embora alguém pudesse defender a existência de uma classe sacerdotal e profética execrada e exilada que estaria "percorrendo a terra a vender as suas mercadorias", a denotação básica faz tão bom ou melhor sentido. Em ambas as interpretações, a seca ocorrida nos dias de Jeremias foi um sinal exterior da situação espiritual de Judá, uma situação cujo fim só poderia ser o juízo do cativeiro e do exílio.

Dificilmente a súplica penitente do salmista pode ser conciliada com alguma idéia econômica. O grau pelal aqui empregado necessariamente significa "meu coração palpita" (BJ), com o que concordam a maioria das versões. *GKC*, p. 151, sustenta que o grau pelal se refere caracteristicamente a uma rápida repetição no tempo, daí o sentido de "ir rapidamente".

O fato de o significado básico da raiz não se ter perdido até o século X ou VII a.C. não prova que seja necessário adotá-lo nas três ocorrências mais antigas da palavra, em Gênesis. De outro lado, o fato de que a antiga tradução em grego (século II a.C.), a versão siríaca (século II d.C.) e a versão latina antiga (século IV d.C.) traduzem *sāhar* por "comerciar" não é motivo suficiente para aceitar esse entendimento, visto que, à época em que essas versões foram feitas, o significado da raiz havia caído em desuso. E de fato, parece que a conclusão de Speiser — de que em Gênesis deve-se entender o sentido básico da raiz — é mais adequada etimológica, sintática e contextualmente. Provavelmente ele esteja certo em sua opinião de que a baixa freqüência do uso da raiz verbal é resultado do uso freqüente de *sābab* (*q.v.*), que tem sentido semelhante.

sahar, sāhār. ***Lucro comercial.*** **sᵉhōrâ.** ***Mercadoria.*** Esses três derivados harmonizam-se com o sentido especializado surgido no uso nominal (*i.e.*, no particípio) do verbo, usos bem demonstrados mediante comparação com outras línguas semíticas.

sōhērâ. ***Escudo pequeno.*** **sōheret.** ***Pedras coloridas.*** Estes dois derivados são raros. *sōhērâ*, "escudo pequeno" (somente em Sl 91.4; ARA, "escudo"), é em geral entendido como o pequeno escudo usado em combate corpo a corpo ou como algum tipo de armadura (*cf.* o acadiano *siḫirtu*, *tashīrātu*, "arredores") e tem uma clara relação com a raiz verbal *sōheret*. À semelhança de seu cognato acadiano *siḫru*, tem origem obscura. Ocorre

somente em Et 1.6, "pedras preciosas", "pedras coloridas", do calçamento do palácio. É possível que os dois substantivos derivem da idéia de "redondeza". Talvez as melhores informações sobre o significado de *sōheret* em Ester 1.6 provenham da escavação dos palácios persas de Susã. O piso (ARA. "pavimento"), se é que esse é o sentido exato, possuía pedras coloridas e *sōheret*, de acordo com o relato de Ester. Escavações mostram muitos tijolos multicoloridos e vitrificados empregados no piso e nos muros do palácio de Dario (A. T. OLMSTEAD, *History of the Persian empire*, University of Chicago, 1948, p. 169-71).

Bibliografia: — SPEISER, E. A., The verb SHR in Genesis and early Hebrew movements, *BASOR* 163:36-54. — ALBRIGHT, W. F., Some remarks on the meaning of the verb Shr in Genesis, *BASOR* 164:28.

R.D.P.

סְחֶרֶת (*sōheret*). Veja o nº 1 486e.

סִיג (*sîg*). Veja o nº 1 469a.

1487 סִיוָן (*sîwān*) ***sivã (o terceiro mês)***. Quanto aos nomes dos demais meses, veja-se nº 613b.

1488 סִינַי (*sînay*) ***Sinai.***

Nome da montanha diante da qual os israelitas estiveram acampados enquanto Deus, por intermédio de Moisés, estabelecia a aliança com eles (Êx 19—24). O monte Sinai é tradicionalmente identificado com Jebel Musa, nas montanhas escarpadas na região sul da península do Sinai. O Jebel Musa chega a 2 250 metros acima do nível do mar; seu vizinho, o Jebel Catarina, a 2 550 metros. "No inverno, os altiplanos recebem chuvas em relativa abundância e ficam freqüentemente cobertos de neve, o que dá origem aos uádis e canais subterrâneos que fluem para o norte" (E. M. BLAIKLOCK, *Zondervan pictorial Bible atlas*, Zondervan, 1969, p. 28).

No Sinai o povo recebeu instruções acerca do tabernáculo e do sacerdócio (Êx 25—31; 34—40) e as determinações para os levitas. Foi aí também que ocorreu o primeiro grande fracasso espiritual de Israel (Êx 32—33; Lv 10).

Teologicamente, o Sinai é de grande relevância para o judaísmo como o local onde a lei tanto oral quanto escrita foi outorgada. Ainda mais importante é o fato de que o Sinai ensina a respeito da pessoa de Deus. O Deus que se manifestou no Sinai (Jz 5.5; Sl 68.8 [9]) é visto como o Deus onipotente e santo que vai à frente e conduz o seu povo resgatado (Dt 33.2) desde o Sinai, sua santa morada (Sl 68.17 [18]), com grande esplendor e triunfo até a terra da promessa (Hc 3.2-9).

O NT desenvolve o tema do Sinai, destacando que ele simbolizava a escravidão da velha aliança, escravidão posta de lado pela obra de Cristo, que operou a nova aliança de liberdade e promessa por meio do seu sangue (Gl 4.25 e ss.; Hb 12.18 e ss.).

R.D.P.

1489 סִיר (*sîr*) ***I, panela*** (*e.g.*, Êx 16.3; 1 Rs 7.45).

1490 סִיר (*sîr*) *II, espinho* (Is 34.13), *anzol* (Am 4.2).

סַךְ (*sak*), סֹךְ (*sōk*). Veja os nºs 1 492c, d.

1491 סִכּוּת (*sikkût*) *tenda, Sicute.*

Esta palavra ocorre apenas uma vez no AT, em Amós 5.26, junto com *kiyyûn* (*q.v.*). Embora as consoantes *skt* possam ser as de "tenda", conforme traduzido pela ARC, a presença desta palavra junto com *kyn* em certos textos mesopotâmicos, ambas referindo-se ao deus celeste Saturno, torna provável que aqui *sikkût* seja um nome próprio indicativo dessa divindade (*cf.* ARA).

As duas palavras, *sikkût* e *kîyûn*, aparentemente foram revocalizadas com as vogais de *shiqqûts*, "abominação". Se as palavras eram realmente pronunciadas conforme revocalizadas ou se foram lidas simplesmente como *shiqqûts* é uma questão em aberto. O fato de que *YHWH*, vocalizado com as vogais de *'ădōnāy*, é pronunciado como *'ădōnāy*, favorece um pouco a segunda possibilidade. (Veja-se um tratamento semelhante com as vogais de *bōshet*.)

Com base nos mitos mesopotâmicos fica claro que as estrelas representavam o panteão dos deuses (o símbolo cuneiforme de Ishtar, a rainha dos céus [Jr 7.18; *etc.*] era uma estrela). Por essa razão, tornar-se vassalo da Assíria e, posteriormente, da Babilônia significava servir o "exército dos céus", tendo-o como deuses. Isso fica claro nos relatos sobre Manassés (2 Rs 21.3, 5), que adorou essas divindades como parte de sua subserviência, e Josias, que as rejeitou como parte de sua revolta contra tal subserviência (2 Rs 23.45).

Amós está dizendo que o fato de os israelitas abandonarem sua confiança em Deus em razão de um acordo político-religioso com seus opressores não resultará em libertação, mas em destruição.

[O NT tem uma passagem difícil (At 7.43) que, citando Amós 5.26, difere um pouco do TM. Ele estabelece um paralelo entre o "*sikkût* de teu rei" (ou "o *sikkût* de Moloque") e a "estrela do teu deus", interpretando esta última divindade como sendo Renfa, que aparentemente é um título do deus celeste Saturno. A passagem refere-se então ao *sikkût* e ao *kîyûn* como "figuras" ou "imagens" que os judeus haviam adorado. De acordo com essa formulação, o "*sikkût* de Moloque" pode ter sido de fato um "tabernáculo" ou "santuário", isto é, um "*sukkat* de Moloque". Mas a palavra traduzida por "tabernáculo" ou "santuário", *sukkat*, pode ter sido escolhida como um trocadilho em cima do nome babilônico do deus celeste Saturno, *sikkût*. R.L.H.]

J.N.O.

סֻכּוֹת (*sukkôt*). Veja o nº 1 492e.

1492 סָכַךְ (*sākak*) ***guarnecer, interromper a aproximação, barrar, cobrir.***

Termos Derivados

1492a †מָסָךְ (*māsāk*), מְסֻכָּה (*m'sukâ*) ***coberta.***

1492b מִסְכָּךְ (*mûsāk*) ***estrutura coberta.***

1492c סַךְ (*sak*) ***multidão.***

1492d סֹךְ (*sōk*), סֻכָּה (*sukkâ*) ***abrigo, moita, bosque cerrado, tenda.*** Veja também o nº 1 491.

1492e סֻכּוֹת (*sukkôt*) ***Sucote*** (topônimo).

1492f סֹכֵךְ (*sōkêk*) ***estrutura coberta*** (Na 2.5 [6], somente).

O sentido básico da raiz é o de "bloquear" ou "tapar" algo. Há cognatos em acadiano (*sakāku*, "obstruir", "ser obstruído") e árabe (*sakka*, "obstruir"). Uma variante, *sākak*, "cobrir", ocorre em Êxodo 33.22. É bem possível que uma raiz homófona, "urdir", "moldar", ocorra em Jó 10.11 e Salmos 139.13. (Mas *cf.* DAHOOD, *AB*, *Psalms III*, que entende que a palavra deriva de *sākak*, "cobrir", sendo que a preposição *b* teria o sentido de origem ou procedência, "protegido desde o nascimento".)

Esta raiz importante deu origem a vários sentidos, tanto literais quanto figurados, em particular com a idéia de "cobrir". Com o primeiro sentido, usava-se a palavra para descrever as atividades de construção relacionadas com os lugares sagrados de adoração. As asas dos querubins deviam cobrir o propiciatório no tabernáculo (Êx 37.9) e no templo (1 Cr 28.18). Um véu punha a arca e o propiciatório, que estavam dentro do santo dos santos, longe da vista das pessoas (Êx 40.3, 21). A forma participial dá origem ao vocábulo *sōkēk*, uma cobertura construída para proteger os soldados que sitiavam a cidade daquilo que os seus defensores atiravam (Na 2.5 [6]).

Num sentido figurado, o verbo descreve a proteção que Deus concede a todos que nele vêm buscar refúgio (Sl 5.11 [12]; cf. 91.4; 140.7 [8]).

māsāk. ***Coberta.*** Palavra empregada mais destacadamente com referência às várias cortinas ou anteparos (ARA, "reposteiro") usados na entrada do recinto do tabernáculo (Êx 39.34-40).

m'sukâ. ***Coberta.*** A palavra é empregada para se referir ao ambiente suntuoso, repleto de jóias, em que estava o príncipe de Tiro. Esta descrição, em última instância, é entendida nos acontecimentos do Éden e na pessoa e obra de Satanás (Ez 28.13 e ss; lit., "toda pedra preciosa era tua coberta").

mûsāk. ***Passadiço (ou lugar) coberto.*** Palavra encontrada em 2 Reis 16.18, em que designa "passadiço coberto para uso no sábado", que foi retirado por ocasião das reformas que se seguiram à apostasia de Acaz. Outra sugestão é de que *shabbat*, "sábado" deve ser vocalizado como *shebet* (de *yāshab*) e lido como "trono", *i.e.*, "o lugar coberto do trono".

sak. ***Multidão.*** Este vocábulo, encontrado apenas em Salmos 42.4 [5], é difícil. As traduções existentes (ARA, "multidão de povo"; IBB, "multidão"; TB, "turba") não são seguras. A sugestão de Dahood, "barreira" (*i.e.*, algo que fazia separação entre a área interna do templo e o pátio dos gentios), tem os seus méritos (veja *AB*, *Psalms I*, p. 257).

sok. ***Coberta abrigo.*** Ocorre quatro vezes com a idéia de uma coberta protetora, quer no mundo natural (SI 10.9; Jr 25.38), quer no sentido figurado, com referência à pessoa e obra de Deus (SI 27.5; 76.2 [3]).

sukkâ. ***Moita, bosque cerrado, tenda.*** Designa um abrigo temporário (2 Sm 11.11; Jó 36.20; 38.40). Num contexto de juízo Isaías (1.8) emprega a palavra para descrever a devastação e o despovoamento de Israel, pois ele prevê o povo de Deus vivendo em abrigos temporários. Figuradamente, Deus é o abrigo durante as aflições temporárias do fiel (SI 31.20 [21]).

Na maioria das vezes emprega-se a palavra com referência à Festa dos Tabernáculos. Uma vez por ano os israelitas deixavam suas casas para morar num "tabernáculo" (tenda) feita de ramos de árvores (Lv 23.34 e ss.). A festa assinalava não somente a alegria e gratidão de um povo agradecido pela provisão divina ao fim da safra agrícola (Lv 23.39-41), mas também devia ser um memorial perpétuo (Dt 16.13 e ss.) do cuidado divino para com os seus, os quais ele resgatara do Egito, durante aqueles longos anos no deserto (Lv 23.42-43). A festa terminava com um dia de descanso, caracterizado por uma santa convocação, assinalando-se assim não apenas o clímax do ano religioso, mas também o descanso do crente em seu Deus (Lv 23.39). Profeticamente a festa tem a sua consumação final no dia grandioso em que Deus reerguer o tabernáculo caído de Davi (Am 9.11) e der abrigo ao seu povo arrependido, redimido e reajuntado (Is 4.6).

sukkōt. ***Sucote.*** Esse nome próprio designa dois importantes locais da Bíblia. O primeiro estava localizado em Gade (Js 13.27), perto do vale do Jordão, e é geralmente identificado com Tell Deir 'Alla, três quilômetros ao norte do rio Jaboque. Sucote também é o nome do local onde os hebreus fizeram sua primeira parada no êxodo, após saírem de Ramessés, no Egito (Êx 12.37-13.20), geralmente identificado com Tell el-Maskhutah, junto ao uádi Tumilat.

Bibliografia: — *TDOT*, v. VII, p. 369-74.

R.D.P.

1493 סָכַל* (***sākal***) ***ser tolo.*** Não ocorre no qal.

Termos Derivados

1493a סִכְלוּת (***sākāl***) ***tolo.***

1493b סֵכֶל (***sekel***) ***insensatez*** (somente em Ec 10.6).

1493c סִכְלוּת (***siklût***) ***insensatez, tolice.***

1493d שִׂכְלוּת (***siklût***) ***insensatez*** (somente em Ec 1.17).

O verbo é usado no nifal, piel e hifil. Deve-se fazer distinção entre esta raiz e ***sākal*** (*q.v.*). Robert Gordis destacou a existência de um número considerável de palavras que possuem sentidos mutuamente contraditórios (Studies in Hebrew roots of contrasted meanings, *JQR* 27:33-58).

Em geral o verbo exprime falta moral ou espiritual. Assim sendo, Saul agiu como tolo quando, ao oferecer sacrifícios, usurpou a prerrogativa dos levitas. Significa muito mais

do que ser alguém tolo apenas intelectualmente — Saul revelou sua total falta de discernimento espiritual (1 Sm 13.13).

[O verbo é empregado em contextos em que a pessoa age por medo e, dessa maneira, comporta-se impulsivamente, em vez de proceder com a sabedoria que é fruto de uma confiança baseada em Deus. Assim sendo, Davi reconhece que agiu de forma insensata ao levantar o censo de Israel para aquilatar a força militar do país. Foi um gesto insensato porque ele não buscou segurança em Deus (2 Sm 24.10; 1 Cr 21.8). Os babilônios costumavam chamar esse ateísmo prático de "viver num *ramanishu*", *i.e.*, viver por si só, com base nas próprias forças, sem depender de Deus. Mas essa é a essência do pecado. Saul reconhece o seu comportamento insensato com Davi, provocado pelo medo infundado que tinha deste (1 Sm 26.21). Labão acusa Jacó de agir tolamente ao ir embora sorrateiramente, de noite, não dando a Labão a oportunidade de oferecer uma despedida à altura. É claro que Jacó agiu por medo (Gn 31.28). O vidente Hanani acusa o rei Asa, de Judá, de agir com insensatez, porque, por medo, pagou aos sírios para estes atacarem Israel em vez de depender do Senhor (2 Cr 16.9-10).

Davi ora para que o conselho de Aitofel leve às terríveis conseqüências resultantes de um comportamento apressado e impulsivo. Sua oração foi respondida quando Aitofel se suicidou (2 Sm 15.31 e s.). Semelhantemente, Deus, ao enviar Ciro para destruir a Babilônia, transformou o conhecimento dos adivinhadores pagãos na catástrofe que resulta de tal comportamento (Is 44.25). B.K.W.]

sākāl. ***Insensato, tolo.*** A geração de Jeremias foi insensata e sem entendimento. Além disso, o problema foi além de uma simples falta de entendimento (5.21). A apostasia espiritual é loucura. Isso fica claro quando as pessoas são sábias para fazer o mal e sem conhecimento para fazer o bem (Jr 4.22). Eclesiastes destaca o desajeitado espiritual e —especialmente— moral que demonstra a todos a sua tolice (10.3; *et al.*).

sekel. ***Tolice, insensatez.*** Ocorre uma perversão moral quando a loucura é exaltada e pessoas sem valor são elevadas à posição de liderança, enquanto os dignos de honra são desprezados (Ec 10.6).

siklût. ***Tolice, insensatez.*** Considerar o caminho da sabedoria e o caminho da insensatez suscita questões filosóficas (Ec 2.3, 12-13). Nos versículos 1-11 a insensatez surge como um acúmulo ilimitado de prazeres e objetos. Mas, à medida que *qôhelet* (o escritor de Eclesiastes) adquiriu maturidade, encontrou a resposta: "Eu próprio vi que há mais valor na sabedoria do que na tolice, da mesma forma como há mais valor na luz do que nas trevas" (lit.). A sabedoria é o caminho do homem moral e espiritual, ao passo que a loucura é o caminho do homem com valores distorcidos. Uma outra associação de "insensatez" (*siklût*) com "loucura" (Ec 7.25 e s.) se vê no pecador que se deixa apanhar por uma mulher imoral. Aquele que quer ser sábio e agradar a Deus foge das garras de tal mulher.

Bibliografia: — BLANCK, H. S., Folly, in: *IB*. v. 2, p. 303-4. — HARRIS, R. L., Proverbs. *Wycliffe Bible commentary*, Moody, 1962. p. 553-4. — WALKER, W. L., Fool, folly, in: *ISBE*. v. 2, p. 1 124-5.

L.G.

סִכְלוּת (*siklût*). Veja o nº 1 493c.

1494 סָכַן (*sākan*) ***I, ter utilidade, ser útil, ser proveitoso.***

Termo Derivado

1494a †מִסְכְּנוֹת (*misk'nôt*) ***celeiro.***

O sentido básico da raiz é o de "ter utilidade". A forma participial, *sōkēn*, "mordomo", designativa de um importante cargo governamental (Is 22.15), é conhecida predominantemente em semítico ocidental do norte.

Pode-se perceber claramente o significado da raiz nos discursos do livro de Jó. Elifaz (15.3) acusa Jó de dizer palavras que não têm utilidade. Ele o lembra (22.2) de que o mais sábio dentre os homens não pode, em última análise, ser de alguma vantagem para Deus, do modo que na verdade Deus não tem segundas intenções egoístas para testar Jó; apesar disso, o procedimento sábio de uma vida boa e pacífica é colocar-se a serviço de Deus (22.21). Eliú (34.9 e ss.) corrige a atitude de Jó de que não vale a pena tentar ser agradável a Deus (*cf.* 35.3).

A raiz também dá margem a vários sentidos, tais como: o cuidado e a supervisão com que Deus trata o crente (SI 139.3; ARA, "conheces" [o verbo está no hifil]); o risco que o lenhador corre ao derrubar árvores (Ec 10.9; ARA, "expor-se ao perigo" [o verbo está no nifal]); ou o protesto feito pela mula de Balaão de que não era dada a zombar dele (Nm 22.30; ARA, "ser costume" [o verbo está no hifil]).

misk'nôt. ***Celeiro, armazém.*** O vocábulo designa um local proveitoso, em particular as cidades-celeiros, fossem elas de Faraó (Êx 1.11) ou de Salomão (1 Rs 9.19), estivessem elas em Naftali (2 Cr 16.4) ou Judá (2 Cr 17.12).

R.D.P.

1495 סָכַן* (*sākan*) ***II, expor-se ao perigo.*** Este verbo ocorre apenas uma vez, no nifal (Ec 10.9).

1496 סָכַךְ* (*sākan*) ***III, ser pobre.*** Ocorre apenas em Isaías 40.20, no grau pual. Talvez derivado por analogia de *misken* (*q.v.*).

1497 סָכַר* (*sākar*) ***I, trancar, obstruir.*** Este verbo ocorre no nifal (SI 63.12; Gn 8.2) e no piel (Is 19.4). Aparentemente relacionado com *sāgar* (*q.v.*).

1498 סָכַר (*sākar*) ***II, assalariar*** (Ed 4.5, somente). A forma bem mais comum é *sākar* (*q.v.*).

1499 סָכַת* (*sākat*) ***estar em silêncio, silenciar.*** Ocorre apenas no hifil (Dt 27.9, somente).

1500 *סָלָא (*sālā'*)

סַל (*sal*). Veja o nº 1 507a.

1500 *סָלָא (*sālā'*) ***pesar***. Este verbo ocorre só uma vez, no pual (Lm 4.2; ARA, "reputar").

1501 *סָלַד (*sālad*) ***saltar, pular de alegria.*** Este verbo ocorre apenas uma vez, no grau piel (Jó 6.10).

1502 סָלָה (*sālâ*) ***I, fazer pouco de, pôr de lado*** (Sl 119.118; Lm 1.15).

סֶלָה (*sela*). Veja o nº 1 506a.

1503 *סָלָה (*sālâ*) ***II, pesar, avaliar.*** Este verbo ocorre apenas uma vez, no pual (Jó 28.16).

1504 סַלּוֹן (*sallôn*) ***espinho.*** Raiz incerta.

1505 סָלַח (*sālaḥ*) ***perdoar.***

Termos Derivados

1505a סַלָּח (*sallāḥ*) ***pronto a perdoar, disposto a perdoar, perdoador.***
1505b סְלִיחָה (*s'lîḥâ*) ***perdão.***

Este verbo, junto com um pequeno número de outros, tais como *bārā'*, "criar", é utilizado nas Escrituras apenas em referência a Deus. Emprega-se *sālaḥ* para referir-se ao oferecimento que Deus faz de perdão ao pecador. Não se acha esta raiz, em nenhuma de suas formas, referindo-se a pessoas se perdoando mutuamente.

A mesma raiz aparece em ugarítico (*UT* 19: nº 1 757) e acadiano, mas aparentemente sem relação alguma com a forma em questão. O acadiano *salāḫu* significa "aspergir" em contextos religiosos e médicos.

Uma das mais importantes características evangélicas do AT é vista nesta palavra: perdão da parte do próprio Deus do perdão. O vocábulo também levanta o maior dos problemas: Qual era a natureza desse perdão? *Parece* que o livro de Hebreus afirma de forma igualmente categórica que no AT o perdão era ineficaz e impossível (Hb 9.9; 10.4).

A solução do problema é clara. Em primeiro lugar, o próprio Iavé anuncia, ao responder às orações de Moisés em favor de Israel, que ele perdoou a Israel em dois de seus momentos mais sombrios, o incidente do bezerro de ouro e a murmuração em Cades-Barnéia (Êx 34.9; Nm 14.19-20).

Em segundo lugar, com base na legislação mosaica, eram possíveis a expiação e o perdão reais para todos os pecados, com exceção daqueles cometidos pelo pecador desafiador e impenitente (Nm 15.30-31), o qual "desprezou a palavra do SENHOR". Vez após vez se diz (Lv 4.20, 26, 31, 35; 5.10, 13, 16, 18, 26; 19.22) que, quando se fazia

expiação, os pecados do pecador eram perdoados. Para pecados como mentira, roubo, perjúrio, engano (Lv 6.1-7 [5;20-26]) ou aqueles "contra qualquer dos mandamentos do SENHOR" (Lv 4.2) era possível obter o perdão divino. Ao invés de excluídos, esses pecados foram especificamente incluídos na provisão divina para o crente do AT juntamente com os "pecados por ignorância" (Nm 15.25, 26, 28). Como que enfatizando essa questão, repetidas vezes se diz que no dia da Expiação "todas as iniqüidades" e pecados de Israel eram expiados (Lv 16.21, 30, 32, 34). Mas, individualmente, cada israelita devia "humilhar-se" (Lv 16.29, 31; ARA, "afligir a alma"), numa verdadeira atitude de confissão. Esse é o tipo de perdão que Salomão, enquanto conduzia a oração de dedicação do templo (1 Rs 8.30, 34, 39, 50, e seu paralelo em 2 Cr 6), pediu que estivesse ao alcance de todos. Amós suplicou que tal perdão fosse dado a Judá (7.2), como também o fez Daniel (9.19). No entanto, às vezes não se perdoou a Israel (Dt 29.19; Lm 3.42).

Tão entusiasmante era o grande alcance desse oferecimento de perdão que Isaías (55.7) apresentou-o como o âmago de seu convite à salvação. Tão disposto estava o Senhor a perdoar que os ouvintes de Isaías precisavam esquecer todas as idéias baseadas na relutância dos homens em perdoar-se uns aos outros.

A experiência de perdoão no AT tinha eficácia pessoal, embora, de uma forma objetiva de pensar, o fundamento e alicerce desse perdão tivesse de esperar a morte de Cristo. Outros vocábulos empregados para designar o perdão ressaltavam as idéias de varrer ou apagar a lembrança do pecado (*māhâ*), cobrir ou esconder o registro do pecado (*kāsâ*), levantar e retirar o pecado (*nāśā'*), desconsiderar o pecado (*'ābar*) e perdoar com base num substituto (*kāpar* [no piel], *q.v.*).

Três textos de Jeremias (31.34; 33.8; 50.20) celebram um perdão futuro por parte de nosso Senhor, estando esse perdão ligado à Nova Aliança e, finalmente, à sua segunda vinda.

sallāḥ. ***Pronto a perdoar, disposto a perdoar, perdoador.*** O único exemplo bíblico deste adjetivo ocorre em Salmos 86.5, que descreve o Senhor como bondoso e perdoador (ARA, "compassivo").

s'lîḥâ. ***Perdão.*** Esse substantivo ocorre três vezes. Em Neemias 9.17 ele é usado no plural para descrever a Deus, "Deus de perdões" (lit.), enquanto em Salmos 130.4 e Daniel 9.9 é empregado como sujeito e indica o perdão que os homens podem receber da parte de Deus, o único que pode perdoar.

Bibliografia: — FREEMAN, Hobart. The problem of the efficacy of Old Testament sacrifices, *BETS* 5:73-9. — RICHARDSON, *TWB*, p. 85-6. — *THAT*, v. 2, p. 150-9.

W.C.K.

1506 סָלַל (*sālal*) ***I, amontoar, erguer, exaltar.***

Termos Derivados

1506a †סְלָה (*sela*) ***elevar, exaltar.***
1506b ÷סְלֻלָה (*sōl'lâ*) ***aterro, baluarte.***
1506c ÷סֻלָּם (*sullām*) ***escada.***

1506d מְכִלָּה (*m'sillâ*), מסלול (*maslul*) ***estrada.***

Parece que o significado básico desta raiz é o de "amontoar". Uma vez que o verbo hebraico não encontra paralelo em outras ocorrências da raiz nas línguas semíticas, provavelmente é um verbo denominativo do acadiano *sulū*, "estrada" (de *salū*, "jogar em cima", "jogar fora").

O verbo hebraico é empregado principalmente em expressões figuradas, especialmente em contextos hostis. Faraó se levanta contra o povo de Deus (Êx 9.17). Jó lamenta a maneira como é tratado por Deus (19.12) e também pelas pessoas (30.12).

O tema de aterrar, isto é, construir, uma estrada é empregado pelos profetas. A figura de linguagem, derivada da construção de uma estrada mais elevada do que o terreno adjacente, é uma figura natural. Enquanto Jeremias (18.15) lamenta que Israel tenha abandonado a estrada de Deus para seguir falsos caminhos, Isaías (57.14; 62.10) prevê a época em que todos os obstáculos serão removidos da vereda de um Israel arrependido, que volta pela estrada para Sião.

sōl'lâ. ***Aterro, aterro defensivo.*** (*Cf.* o egípcio *trr.f*, "aterro de sítio".) Os profetas usam com freqüência este termo em contextos de juízo (Jr 6.6; 32.24; 33.4; Ez 17.17; Dn 11.15).

sullām. ***Escada.*** O substantivo designa a escada de Jacó, que ia da terra até o céu (Gn 28.12). Alguns preferem a tradução "escadaria" e assemelham a estrutura a um zigurate, o que é possível. Existem, contudo, outras palavras para se referir a "escadaria", e "escadas" já eram usadas em épocas bastante remotas (*cf.* J. MELLAART, *Catal Huyuk*, McGraw-Hill, 1967, p. 56).

m'sillâ, maslûl. ***Estrada, caminho elevado.*** A palavra indica tanto uma simples estrada (Nm 20.19), quanto os degraus do templo e do palácio de Salomão (2 Cr 9.11; ARA, "balaústres"), quanto ainda, profeticamente, a estrada do remanescente que retorna (Is 11.16). Metaforicamente, descreve o caminho dos retos (Pv 16.17) ou a trajetória das estrelas (Jz 5.20).

selâ. [Termo de significado desconhecido, provavelmente de natureza musical, e que ocorre 71 vezes em Salmos e também em Habacuque (3.3, 9, 13). Existem diversas conjecturas sobre o significado da palavra, mas nenhuma delas é conclusiva. Outros termos de significado provavelmente também musical mas de sentido incerto são: *'ălāmôt*, *sh'mînît*, *gittît*, *maḥălat*, *l'annôt*, *n'gînôt*, *n'hîlôt*, *higgāyôn*, *shiggāyôn*, *lamm'natstsēah*, *maskîl*, *miktām*. Outros termos enigmáticos talvez se refiram a melodias. Veja-se *ZPEB*, v. 4, p. 945, além de comentários e introduções. R.L.H.]

R.D.P.

סְלִיחָה (*s'lîḥâ*). Veja o nº 1 505b.

1507 סלל (*sll*). **II. Aceita como raiz de:**

1507a סַל (*sal*) ***cesto*** (*e.g.*, Gn 40.18; Jz 6.19).

1507b סַלְסִלָּה (*salsillâ*) ***cesto, renovo (?), ramo (?)*** (Jr 6.9).

סַלָּם (*sullām*). Veja o nº 1 506c.
סַלְסִלָּה (*salsillâ*). Veja o nº 1 507b.

1508 סלע (*sl'*). Aceita como raiz de:

1508a †סֶלַע (*sela'*) *rocha, penhasco.*

Este substantivo é aparentado de uma raiz árabe, *sala'a*, "partir", "dividir" (daí o vocábulo *sil'un*, "fissura"). Em contraste com *tsur*, "rocha" (que enfatiza uma rocha maior [*cf.* o aramaico *tûr*, "montanhas"] e com a qual é, com freqüência, usada permutavelmente), o vocábulo refere-se basicamente a uma fenda na rocha, designando então uma grande pedra ou penhasco.

Embora se use a palavra para referir-se a rochas (Jz 6.20) ou penhascos (Jr 13.4) naturais, muitas vezes o objeto físico torna-se símbolo de verdades espirituais. O exemplo mais conhecido talvez seja Números 20.8 e ss., em que Moisés, por falta de fé e por rebeldia contra as instruções de Deus, para censurar o povo feriu a rocha duas vezes (*cf.* Nm 27.14).

À semelhança de *tsûr*, *sela'* simboliza o próprio Deus como um lugar de segurança e refugio (veja Sl 71.3) para aquele que o teme e vive retamente diante dele (Sl 31.3 [4]). A figura de Deus como uma rocha torna-se, nos ensinos do NT, um tipo da pessoa e obra de Cristo (*cf.* 1 Pe 2.6 e ss.; 1 Co 10.4).

As vezes a palavra pode também ter um sentido negativo, pois suas características naturais facilmente simbolizam a obstinação espiritual (Jr 5.3) ou até mesmo o pecado ostensivo (Ez 24.7-8; Am 6.12).

R.D.P.

1509 סלעם (*sol'ām*) *gafanhoto (comestível)* (Lv 11.22).

1510 *סָלַח (*sālap*) *distorcer, torcer, perverter, arruinar.*

Termo Derivado

1510a †סֶלַח (*selep*) *desonestidade.*

O sentido básico da raiz é o de "torcer"; as idéias correlatas de distorcer ou perverter os direitos ou caminhos de alguém tornam-na sinônimas de outros verbos hebraicos, tais como *hāpak*, "subverter", *'āwâ*, "agir errado", "perverter", *'āqash*, "agir desonestamente".

O verbo (somente no piel) é basicamente empregado em contextos que tratam de comportamento moral ou social. A Torá adverte enfaticamente que não se deve receber suborno para que o pensamento da pessoa não fique obscurecido e, dessa forma, fique pervertida a ministração da justiça (Êx 23.8; Dt 16.19). Os perigos do suborno, especialmente em questões levadas a juízo, eram bem conhecidos no mundo antigo (veja, por exemplo, *O Código de Hamurabi*, parágrafo 5).

O verbo ocorre freqüentemente em contextos que destacam que o mal de tal forma perverte o homem pecador e insensato que seu caminho se torna distorcido e ele fica com ódio do Senhor (Pv 13.6; 19.3). Conquanto o homem mau possa pensar que está

prosperando, Deus o transtorna por sua deslealdade (Pv 22.12) e transforma seu caminho em ruínas (Pv 21.12).

selep. ***Desonestidade, falsidade.*** Enquanto o justo é guardado por sua integridade, a falsidade do homem traiçoeiro transtornará o seu caminho (Pv 11.3). Aquele que fala com uma língua distorcida encontrará em seus elogios a sua destruição (Pv 15.4).

R.D.P.

1511 סָלַק (*sālēq*) ***subir.***

A raiz hebraica é provavelmente um empréstimo lingüístico do aramaico *s'lēq*. É encontrada apenas em Salmos 139.8 (observe-se o *l* assimilado na letra anterior), em que o salmista ressalta a onipresença de Deus. Quer ele subisse ao mais alto céu, quer ficasse no Sheol, encontraria Deus. Possivelmente *śālaq* (*q.v.*) é uma variante que tem o sentido de "subir em chamas". Esse outro verbo também exibe uma assimilação na letra anterior do *lamed* (a menos que se sustente a derivação de *nāsaq*).

R.D.P.

1512 סֹלֶת (*sōlet*) ***farinha (pura).***

A palavra (proveniente do acadiano *salātu*, "esmagar") denota uma farinha bem moída e é conhecida em todo o antigo mundo mediterrânico (*e.g.*, acadiano *siltu*, árabe *sultun*, aramaico *sûltā'*, egípcio *tr.t*). Em contraste com *qemah*, "refeição", "farinha", que provinha de grãos inteiros e da fibra de cereais, essa farinha mais fina era obtida mediante a moagem da parte interna dos grãos de trigo (daí as traduções *semidalis* na LXX e *simila* na Vulgata). Embora ao alcance de todos, essa farinha era cara e era considerada artigo de luxo (Ez 16.13; *cf.* Ap 18.13), sendo usada especialmente para receber hóspedes importantes (Gn 18.6).

A farinha pura figurava com destaque nos sacrifícios do livro de Levítico (Lv 2; *etc.*), nas ofertas feitas pelos 12 líderes das tribos por ocasião da inauguração da adoração no tabernáculo (Nm 7), nas regras relativas ao cumprimento do voto de nazireu (Nm 6.15), na cerimônia de consagração dos sacerdotes (Êx 29.2 e ss.) e na ordenação dos levitas, os quais Deus, na sua graça, permitiu que ocupassem o lugar dos primogênitos numa vida consagrada ao serviço divino (Nm 8.8). A farinha pura lembrava os sacerdotes e levitas de seu elevado chamado e da excelente qualidade do serviço e dedicação prestados a Deus, isto é, de todos os frutos de seu trabalho (*cf.* 1 Pe 2.5).

R.D.P.

סַם (*sam*). Veja o nº 1 516a.

1513 סְמָדַר (*s'mādēr*) ***flor de videira*** (Ct 2.13, 15; 7.13). Derivação incerta.

1514 סָמַךְ (*sāmak*) ***apoiar-se em, colocar, pôr, escorar, apoiar.***

O sentido básico da raiz é o de "apoiar-se em", no que se distingue dos sinônimos *tāmak* (*q.v.*), que basicamente significa "segurar com firmeza", "agarrar", e *sā'ad*, "sustentar".

O uso mais conhecido dessa raiz ocorre na imposição de mãos. Nas regras existentes no livro de Levítico acerca das ofertas de sacrifício, o ofertante trazia pessoalmente o seu animal de sacrifício e impunha as mãos sobre a cabeça do animal, expressando desse modo a identificação com a oferta, a entrega dela a Deus e, no caso de culpa, a transferência desta para o animal (*cf.* especificamente Lv 16.21).

A imposição de mãos sobre o animal sacrificial figurava com proeminência nas regras sobre a cerimônia de consagração e dedicação ao sacerdócio (Lv 8; *cf.* Êx 29), um evento repleto de aplicações espirituais ao ministério de Cristo (*cf.* Hb 10.19-23) e daqueles chamados para serem seus servos (1 Tm 4.14; 2 Tm 1.6).

A raiz também pode envolver a idéia de apoiar-se (Am 5.19). Os israelitas haveriam de aprender a não confiar nas pessoas nem nas nações (2 Rs 18.21; Ez 30.6), mas em Deus, que pelo seu poder (Sl 37.24) e pela sua palavra (Sl 119.116), sustenta o justo (Sl 37.17). É assim que o fiel habitará em segurança e com estabilidade (Sl 3.5 [6]) durante toda a sua vida (Sl 71.6), apesar daquelas ocasiões em que pode poderá cair (Sl 145.14).

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 160-1.

R.D.P.

1515 סֶמֶל (*semel*) ***ídolo, imagem.***

Basicamente a palavra denota uma imagem ou estátua, um significado encontrado com freqüência nas inscrições fenícias. Essa é uma das várias palavras que designam ídolos ou imagens, tais como *gillûlîm*, *maskît*, *'ātsāb* e *pesel* (termos que em geral se referem a imagens esculpidas), *massēkâ* e *nesek* (imagens fundidas), *t'rāpîm* (imagens domésticas) e *tselem* (um termo genérico para imagem ou ídolo). Vários outros circunlóquios ou termos são usados para falar da idolatria, por exemplo, *'ĕlîl*, "nada", *sheqer*, "falsidade", *'êmâ*, "objeto de terror", *'āwen*, "poder ímpio", *mipletset*, "motivo de tremor", *shiqqûts*, *sheqets*, "coisa detestável" (*cf.* também o estudo no verbete *gillûlîm*).

A idolatria era proibida, sendo condenada como apostasia e desvio dos padrões básicos dados por Deus. Embora por si só um ídolo nada fosse, a idolatria punha os homens em contato com as forças espirituais do mal; por conseguinte, a adoração de ídolos era espiritualmente perniciosa e perigosa.

Os contextos em que *semel* ocorre reforçam este entendimento. Por isso, fazer ídolos era expressamente proibido a Israel, sendo considerado uma violação contra a pessoa e obra de Deus e contra a aliança que ele estabeleceu com os israelitas (Dt 4.15-20). Erigir uma imagem no templo ou em seus recintos era um ato de flagrante pecado (2 Cr 33.7-9; Ez 8.1-6).

semel não é empregado teologicamente para se referir à "imagem de Deus".

A proibição de ídolos em Israel foi aparentemente algo sem equivalente nos tempos antigos, o que também ocorreu com a sua religião. O que se evidencia sobre toda e qualquer imagem ou ídolo é que representa uma coisa criada, a qual é naturalmente cada vez menos digna do que o criador. *Cf.* Romanos 1.23.

Bibliografia: — GIRDLESTONE, *SOT*. p. 303-11.

R.D.P.

1516 סמם (*smm*)

1516 סמם (*smm*). **Aceita como raiz de:**

1516a סם (*sam*) ***especiaria empregada na fabricação de incenso*** (*e.g.*, Êx 30.34; Lv 4.7; 16.12).

1517 *סְמָן (*sāman*). Ocorre apenas como particípio nifal, *nismān*, "num local designado", "uma porção determinada" (Is 28.25).

1518 סמר (*sāmar*) ***eriçar-se*** (Sl 119.20; Jó 4.15).

Termos Derivados

1518a סָמַר (*sāmār*) ***eriçado, áspero*** (Jr 51.27, somente).

1518b מַסְמֵר (*masmēr*) ***prego*** (*e.g.*, Is 41.7; Ec 12.11).

1519 סְנָאָה (*s'nā'â*) ***odiada,*** *i.e.*, as classes menos favorecidas em Jerusalém, na expressão "os filhos da odiada" (Ed 2.35 = Ne 7.38; ARA, "Senaá"). Forma variante de *śānē'* (*q.v.*).

1520 סנה (*s'neh*) ***arbusto, sarça*** (a sarça ardente de Êx 3.2-4).

A identificação botânica é incerta assim como a origem da palavra. Este arbusto é novamente citado em Deuteronômio 33.16, que é claramente uma referência a Êxodo 3. Os Moldenkes mencionam o ponto de vista de que a "chama de fogo" foi uma ilusão de ótica provocada por flores de cores vivas. Além dessa explicação naturalista, eles são da opinião de que essa planta era a conhecida acácia, *Acacia nilotica* ou *Acacia seyal* (Harold N. MOLDENKE & Alma L. MOLDENKE, *Plants of the Bible*, Ronald Press, 1952, p. 23-4). Mais importante do que a identificação botânica é o grande milagre que Deus usou para chamar o servo escolhido a fim de realizar sua grande obra profética. A julgar por Deuteronômio 33.16, Moisés jamais se esqueceu da revelação "daquele que habitou na sarça ardente" (NIV).

R.L.H.

1521 סַנְוֵרִים (*sanwērîm*) ***cegueira repentina*** (Gn 19.11; 2 Rs 6.18).

1522 סַנְסִנִּים (*sansinîm*) ***haste frutífera da tamareira*** (Ct 7.9).

1523 סְנַפִּיר (*s'nappîr*) ***barbatana*** (Lv 11.9, 10, 12 = Dt 14.9, 10).

1524 סָס (*sās*) ***traça*** (Is 51.8).

1525 סָעַד (*sā'ad*) ***apoiar, sustentar, estabelecer, fortalecer, consolar.***

Termo Derivado

1525a מִסְעָד† (*mis'ād*) ***apoio.***

O sentido básico desta raiz é o de "sustentar" ou "apoiar" (também em aramaico, Ed 5.2). Em semítico ocidental do sul e oriental do sul despontam as idéias de "ajudar" ou "auxiliar". A ênfase da palavra envolve a idéia de "subsistência", ao passo que outras palavras que dão a idéia de sustento acentuam "apoiar-se em" (*sāmak*) ou "segurar" (*tāmak*, *q.v.*).

Utiliza-se a raiz para indicar a ação de ingerir alimento para nutrição ou subsistência física (Gn 18.5). Também é empregada em sentido abstrato. Assim como um bom rei sustém o trono mediante a retidão (Pv 20.28), de igual maneira o Messias estabelecerá e susterá seu reino eterno com justiça e retidão (Is 9.7 [6]).

O fiel que entronizou Deus em seu coração pode reivindicar a promessa de que Deus o sustentará (Sl 18.35 [36]) em épocas de dificuldades (Sl 20.1-2 [2-3]) e de enfermidade (Sl 41.3 [4]). Sim, quando as preocupações do fiel se multiplicam de modo que seus pés titubeiem e vacilem, Deus ali está para sustentá-lo (Sl 94.18). Mas a suficiência divina não se restringe às experiências críticas da vida; o próprio Deus é o grande provedor das necessidades cotidianas do homem (Sl 104.15).

mis'ād. ***Sustento.*** A palavra ocorre somente em referência aos degraus do templo de Salomão e do palácio real (1 Rs 10.12; ARA, "balaústre"; *cf.* ***m'sillôt***, 2 Cr 9.11).

R.D.P.

1526 סָעָה (*sā'â*) ***fustigar*** (diz-se de tempestade, Sl 55.9).

סָעִיף (*sā'îp*). Veja o nº 1 527a.

1527 סעף (*s'p*). **Aceita como raiz de:**

1527a סָעִיף (*sā'îp*) ***fenda*** (Jz 15.8, 11), ***ramo*** (Is 17.6; 27.10).

1527b סַעֲפָה (*s'appâ*) ***galho, ramo*** (Ez 31.6, 8).

1527c *סָעַף (*sā'ap*) ***podar galhos*** (piel, Is 10.33).

1527d סַרְעֲפָה (*sar'appâ*) ***galho*** (Ez 31.5).

1527e סָעֵף (*sē'ēp*) ***dividido, vacilante*** (Sl 119.113).

1527f סַעֲפָה (*s''ippâ*) ***divisão, opinião dividida*** (1 Rs 18.21).

1528 סער (*sa'ar*) ***tempestade, redemoinho.*** Variante de *śa'ar* (*q.v.*).

Termos Derivados

1528a סַעֲרָה† (*s''ārâ*) ***tempestade.***

1528b סָעַר† (*sā'ar*) ***ficar tempestuoso.*** Verbo denominativo.

sa'ar significa "tempestade". A palavra talvez reflita uma raiz nominal original que está por trás do acadiano *šārum*, "tempestade", e do qual *sa'ar* é uma forma paralela. Se esse é de fato o caso, *s'ārâ* é um derivado feminino, e *sā'ar*, um verbo denominativo. Deve-se distinguir essa raiz dos homônimos *sā'ar*, "estar familiarizado com", e *sa'ar*, "eriçar".

sa'ar denota uma tempestade literal (Jn 1.4, 12) ou descreve a ira do Senhor contra os profetas mentirosos (Jr 23.19) ou uma nação inimiga (Am 1.14), especialmente no fim dos tempos (Jr 25.32; 30.23). O salmista ora para ser livrado das tempestades da vida (Sl 55.8 [9]).

s'ārâ. ***Tempestade.*** O vocábulo designa uma tempestade literal (Sl 107.25 e ss.; 148.8), às vezes como símbolo do juízo divino (Is 29.6). Seu emprego como teofania (Jó 38.1; 40.6) torna mais compreensível o traslado de Elias para o céu num redemoinho (2 Rs 2.1, 11).

sā'ar. ***Ficar tempestuoso.*** A idéia da raiz só é encontrada no relato da tempestade que ocorreu durante a fuga de Jonas pelo mar (Jn 1.11 e ss.).

Tendo por base o sentido de tempestade física, em geral *sā'ar* aparece em contextos de sublevação e aflição. O rei assírio fica "agitado" (2 Rs 6.11; ARA, "turbado") ao ver frustrados os seus planos secretos de preparar uma emboscada para os israelitas. Habacuque (3.14) cita parte de um antigo poema épico ao descrever o triunfo de Deus sobre seus inimigos, os quais vêm como uma "tempestade" contra o seu povo. Enquanto Oséias (13.2-3) adverte os israelitas de sua época de que, por causa da idolatria, Deus os mandaria para longe —ao exílio— da mesma forma como a palha é levada pela "tempestade" (*cf.* Zc 2.8-14); Isaías (54.11-14) profetiza que o Deus de toda a graça e compaixão ainda restaurará o seu povo, que foi jogado longe e atormentado pela "tempestade". Deus irá estabelecê-los em retidão numa terra de beleza e segurança insuperáveis.

R.D.P.

כָּף (*sap*). I, II. Veja os nºs 1 538a, b.

1529 סָפָא (*sp'*). **Aceita como raiz de:**

1529a מִסְפּוֹא (*mispô'*) ***forragem*** (Gn 24.25; 43.24; Jz 19.19).

1530 סָפַד (*sāpad*) ***prantear, lamentar, chorar em alta voz.***

Termo Derivado

1530a מִסְפֵּד (*mispĕd*) ***pranto*** (*cf.* o ugarítico *mišspdt*, "mulheres em pranto", *I Aqht* 172, 183, *UT* 19: nº 1 790).

Com 29 ocorrências na Bíblia, *sāpad* é mais um dentre os mais de 12 vocábulos com significados semelhantes. O sentido básico da raiz também é atestado em acadiano e, sem dúvida alguma, era conhecido em Ugarite. O conceito siríaco de "bater no peito em sinal de pranto", conforme G. Rinaldi (Alcuni termini ebraici relativi alla letteratura, *Biblica*

40:278) assinalou, não é seguro, como também não é certa a alegada relação com o amárico *Sädäfe*, "canto fúnebre", de acordo com Leslau (*Ethiopic and south Arabic contributions to the Hebrew lexicon*, Berkeley, University of California, 1958, p. 37).

De longe, a maioria das referências em que se acham esta raiz e seus derivados tratam de ritos de luto pela morte de alguém (*e.g.*, Gn 23.2; 50.10; 1 Sm 25.1; 28.3; 2 Sm 1.12; 3.31; 11.26; 1 Rs 13.29 e s.; *cf.* Ec 12.5). Em tais ocasiões, todos os que sentiam a perda do morto vinham partilhar sua tristeza com os membros da família. Essa tristeza podia ser demonstrada de muitas maneiras: ficar descalço, arrancar as roupas, cortar a barba ou o corpo, jejuar (ou dar um banquete), espalhar cinzas ou bater em alguma parte do corpo. Alguns desses rituais eram proibidos para os israelitas, decerto em razão de associações com o paganismo (Lv 19.28). Gritos estridentes ou choro em alta voz freqüentemente acompanhavam as demonstrações de luto, as quais, com o decorrer do tempo, se tornaram estereotipadas e deram origem a lamentos formais. E claro que o choro, especialmente pelas mulheres, tinha grande proeminência, conforme é atestado pelo uso de *sāpad* em paralelo com *bākâ*, "chorar". O desenvolvimento dos ritos fúnebres levou ao emprego de pranteadores profissionais, que também eram, em geral, mulheres.

O pranto pelos mortos começava imediatamente com a morte, prosseguia enquanto o corpo era levado para a sepultura, era observado junto ao túmulo e durava pelo menos sete dias após o sepultamento.

O costume de prantear os mortos foi usado pelos profetas para advertir sobre uma morte nacional vindoura de conformidade com o justo juízo divino. Isaías (32.11 e ss.) convoca as mulheres de Judá a prantear em vista do juízo que se aproximava. Jeremias (4.8) chama Jerusalém ao arrependimento e ao pranto em face da invasão babilônica. Joel (1.8, 13 e ss.) convoca os sacerdotes pranteadores a liderar o povo num momento de profundo arrependimento e tristeza da nação pelos seus pecados, uma vez que a praga dos gafanhotos não passava de um sinal do juízo pior que estava por vir. Miquéias (1.8) fica lamentando e uivando por Judá.

Foi surgindo todo um gênero de lamento profético que não somente ressaltava a necessidade de arrependimento nacional pelo pecado e a certeza do juízo vindouro, mas também prometia que no final haveria um livramento na vinda do Messias (*e.g.*, Zc 12.10-11), quando num sentido bem mais profundo o crente fará sua a exclamação do salmista (Sl 30.10-11 [11-12]): "SENHOR ... converteste o meu pranto em folguedos"!

Bibliografia: — JACOB, E., Mourning, In: *IDB*. v. 3. — GREGORY, T. M., Mourning, In: *ZPEB*. v. 4, p. 302-7.

R.D.P.

1531 סָפָה (*sāpâ*) ***varrer, desfazer-se de, consumir, destruir.***

Parece que a idéia básica da raiz é a de abrir espaço — mediante o processo tanto de amontoar coisas como de desfazer-se delas (*cf.* o árabe *safā'*, "levantar poeira e levá-la embora"). A raiz pode, às vezes, ser confundida com *āsap* ou *yāsap*.

Em geral emprega-se a raiz num sentido hostil, especialmente em contextos de juízo. Davi passou grande parte de sua vida sendo varrido da presença de seus inimigos; mais tarde, tendo de enfrentar o juízo divino por ter pecado, ele evita a opção de ser varrido da presença de seus inimigos (1 Cr 21.12-13; ARA, "ser consumido").

O juízo divino contra o pecado é o tema de diversos contextos. Ló e a sua família

foram advertidos a fim de não serem consumidos junto com Sodoma (Gn 19.15 e ss.). Repetidas vezes os profetas advertiram o Israel apóstata de que Deus amontoaria infortúnios sobre ele (*e.g.*, Is 7.20; ARA, "tirará"). Jeremias (12.4) afirmou que o pecado humano era algo tão sério a ponto de até o mundo natural ser afetado por ele.

O juízo divino deve levar à oração e à intercessão. Abraão suplicou a seus visitantes celestes em favor da vida dos justos que moravam em Sodoma (Gn 18.23 e s.). O salmista, desejoso de que a vontade e a reputação divinas fossem vistas em sua vida, orou para que seus inimigos fossem consumidos (Sl 40.14 [15]).

R.D.P.

1532 סָפַח (*sāpaḥ*) ***juntar, unir***.

Embora usado poucas vezes e de significado não muito preciso, em geral é possível perceber o sentido básico (1 Sm 2.36; 26.19; Jó 30.7; Is 14.1).

Uma raiz homófona, encontrada em semítico do sul, "derramar", talvez explique a difícil passagem de Habacuque 2.15.

R.D.P.

1533 ספח (*sph*). **II. Aceita como raiz de:**

1533a סְפִיחָ (*sāpîaḥ*) ***I, aguaceiro, enchente*** (Jó 14.19; Pv 28.3).

1533b סְפִיחַ (*sāpîaḥ*) ***II, aquilo que nasce de sementes caídas ao chão*** (2 Rs 19.29 = Is 37.30; Lv 25.5).

1534 *שָׂפַח (*sāpaḥ*) ***III, cobrir de sarna.*** Verbo denominativo, somente no piel (Is 3.17).

Substantivo de Origem

1534a סַפַּחַת (*sappaḥat*) ***erupção, sarna*** (Lv 13.2).

1534b מִסְפַּחַת (*mispaḥat*) ***erupção, sarna*** (Lv 13.6-8).

1534c מִסְפָּחָה (*mispāḥâ*) ***véu longo*** (Ez 13.18, 21).

1534d מִשְׁפָּח (*mispāḥ*) ***derramamento (de sangue), carnificina*** (Is 5.7; ARA, "quebrantamento da lei").

סַפַּחַת (*sappaḥat*). Veja o nº 1 534a.

סְפִיחַ (*sāpîaḥ*). Veja os nºs 1 533a, b.

סְפִינָה (*sᵉpînâ*). Veja o nº 1 537b.

1535 סַפִּיר (*sappîr*) ***lápis-lazúli, safira.***

A pedra deve seu nome ao sânscrito *çanipriya*. Que os povos dos tempos bíblicos provavelmente não associavam a palavra com a pedra conhecida como safira, mas com o lápis-lazúli, a gema preciosa de cor azul celeste e tão conhecida no mundo antigo, parece provável com base numa comparação entre os pares de palavras usados em ugarítico, *thr*

(pedra preciosa) e *iqnim* (lápis-lazúli), e na Bíblia, *tāhōr/tōhar* e *sappîr*.

Essa linda pedra tinha um grande valor monetário (Jó 28.16) e era bastante desejada (Ez 28.13), embora fosse menos preciosa do que a verdadeira sabedoria (Jó 28.16). Ela enfeitava o peitoral do sumo sacerdote (Êx 28.18; 39.11). Pode-se ver o seu grande valor no fato de que é usada no trono de Deus (Ez 1.26; 10.1) e é o piso sob os seus pés (Êx 24.10). Por isso, não é de admirar que ela seja encontrada no próprio alicerce da nova Jerusalém (Is 54.11; *cf.* Ap 21.19).

Sua beleza e preciosidade faziam com que fosse usada em linguagem poética, tal como na descrição que a sulamita faz do seu amado (Ct 5.14) e no lamento de Jeremias acerca da aparência mudada dos nazireus (Lm 4.7-8). O nome moderno da pedra é lazurita — uma mistura de silicato de alumínio e sódio e sulfato de sódio. A antiga fonte de suprimento da pedra era o norte e o leste da Babilônia, ou seja, a região onde hoje ficam o Irã e o Afeganistão. Parece que o nome indo-europeu foi importado junto com a pedra preciosa.

Bibliografia: — BOWES, D. R., Lapis Lazuli, In: *ZPEB*.

R.D.P.

1536 סֵפֶל (*sēpel*) ***tigela*** (Jz 5.25; 6.38).

1537 סָפַן (*sāpan*) ***cobrir, revestir, forrar*** (*e.g.*, 1 Rs 6.9; Ag 1.14).

Termos Derivados

1537a סִפּוּן (*sippun*) ***teto*** (1 Rs 6.15).

1537b סְפִינָה (*s'pînâ*) ***embarcação, navio*** (Jn 1.5).

1538 סָפַף (*spp*). **Aceita como raiz de:**

1538a סַף† (*sap*) ***I, tigela, bacia.***

1538a †סַף (*sap*) ***II, soleira, limiar (de porta).***

1538c †סָפַף (*sāpap*) ***permanecer na soleira.*** Verbo denominativo, ocorrendo apenas no hitpoel (Sl 84.11).

sap. *I. Tigela, bacia, cálice, jarro.* Vocábulo bem atestado em semítico ocidental do norte (*cf.* o acadiano *šappu*), é usado para indicar recipientes comuns (2 Sm 17.28), utensílios sagrados (Êx 12.22; 1 Rs 7.50; 2 Rs 12.13; Jr 52.19) e, metaforicamente, o "cálice de tontear" da ira futura de Deus contra as nações (Zc 12.2).

sap. *II. Soleira, limiar (de porta), porta.* *sap* II designa a soleira (*cf.* o acadiano *sippu*, "batente", o aramaico *sippā*, "pórtico"), de uma casa (Jz 19.27), de um palácio (1 Rs 14.17), ou do templo (2 Cr 3.7). Os "guardas das soleiras" (lit., 1 Cr 9.19, 22) ocupavam um cargo importante. Teologicamente a palavra torna-se símbolo da presença de Deus com o seu santo poder (Is 6.4) ou com o seu juízo (Am 9.1; Sf 2.14).

O verbo denominativo *sāpap* ocorre somente em Salmos 84.10 [11]. A referência ao "estar à porta" (ARA) subentende a função de guarda da porta; traduções mais recentes,

que empregam a definição dada aqui, tem a conotação ou da prática (*cf.* LXX) ou da atitude do salmista.

R.D.P.

1539 סָפַק (*sāpaq*), שָׁפַק (*sāpaq*) ***bater em, bater palmas*** (*e.g.*, Jó 34.26).

Termo Derivado

1539a שֶׁפֶק (*śepeq*) ***batida de palmas, zombaria*** (Jó 36.18). Significado incerto.

1540 סָפַר (*sāpar*) ***contar, relatar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1540a †סֵפֶר (*sēper*) ***escrito, livro.***

1540b סִפְרָה (*siprâ*) ***livro.***

1540c סֹפֵר (*sōpēr*) ***escriba.***

1540d †סְפָר (*s'pār*) ***censo, contagem.***

1540e †סְפֹרָה (*s'pōrâ*) ***número.***

1540f †מִסְפָּר (*mispār*) ***número.***

sāpar é empregado para designar a atividade matemática em geral. Pode-se fazer a contagem de objetos (Ed 1.8; Is 22.10), pessoas (2 Sm 24.10), períodos de tempo (Lv 23.15 e ss.; Dt 16.9; Jó 39.2), ações (Jó 14.16; 31.4; Sl 56.8 [9]) ou pensamentos (Sl 139.17-18). De outro lado, usa-se o verbo com uma partícula negativa para indicar coisas incontáveis (Gn 41.49). Ainda mais importante é o fato de que Deus fez aos patriarcas (Gn 15.5; 32.12 [13]) e a Israel (Os 1.10 [2.1]) promessas de uma posteridade inumerável, promessas que olham não apenas para o cumprimento físico mas também para a descendência espiritual do Davi superior, no qual tais promessas culminam (Jr 33.22; *cf.* Rm 4.11-13; 9.7-8; Gl 4.28; Os 1.10 [2.1]; *cf.* Rm 9.26).

No grau piel o conceito reiterativo de "recontar" passa a ter também a idéia de "narrar", "contar", "anunciar", "demonstrar". Os pais devem instruir os filhos acerca da necessidade de dar a Deus o primeiro lugar em suas vidas e acerca das grandes maravilhas que ele operou para que os filhos, por sua vez, transmitam essas informações a seus descendentes (Sl 78.1 e ss.). Cada crente deve anunciar os milagres e os feitos poderosos do Deus libertador (1 Cr 16.24; *cf.* Sl 9.1, 14 [2, 15]; 26.7; 73.28; 75.1 [2]; 107.22; Jr 51.10). Deve anunciar o nome divino (Sl 102.21 [22]; *cf.* 22.22 [23] e Js 1.8; *etc.*). Há passagens que falam que o próprio Senhor tem tudo registrado em seu(s) livro(s) (Sl 69.28 [29]; 139.16; cf. Êx 32.32; Sl 87.6; Is 4.3; 34.16; Dn 7.10; 12.1; Ml 3.16).

O AT claramente aponta para sua própria inspiração (Êx 24.7; Dt 31.24; Js 24.26) e era considerado inspirado (e. g. Js 8.31-35; Dn 9.2; Na 1.1; *etc.*). Dessa maneira, o crente deve apropriar-se do Livro como se fosse seu, visto que nele se encontra a interpretação divina e fundamental daquilo que é melhor para o homem acerca das questões básicas da vida (veja Dt 17.18-20; Js 1.8; 23.6; *etc.*).

sēper. *Escrito, livro.* sōpēr. *Escriba.* As duas palavras são, em geral, consideradas como empréstimo lingüístico do semítico oriental. *Sēper* vem do acadiano *šipru*, "escrito", "mensagem" (o vocábulo acadiano procede de *sapāru*, "enviar", "escrever"), e *sōpēr*, do acadiano *šāpiru*, "escriba". A passagem de *š* para *s* provavelmente ocorreu em acadiano do norte. Uma vez ocorrida essa alteração, a palavra com o *samekh* tornou-se comum por todos os idiomas semíticos (*cf.* o egípcio *ṯūpir*, "escriba").

O verbo semítico *spr* ocorre com muitos desenvolvimentos semânticos: em semítico ocidental do sul significa "partir de viagem"; em semítico oriental do sul, "medir"; e em semítico ocidental do norte, "enumerar". O verbo hebraico é uma forma denominativa de *sēper* ou então tornou-se associado ao substantivo. Em favor da primeira sugestão existe o fato de que, enquanto o sinônimo *mānâ*, "enumerar", "contar", evidencia o processo de contagem, parece que *sāpar*, em todas as passagens em que ocorre, retém uma lembrança implícita do resultado do processo, o registro final pelo escriba. *sāpar*, por sua vez, produziu vários derivados.

A posição social e o trabalho do *sōpēr* eram de grande importância no antigo oriente médio. As mais antigas tradições dos escribas remontam aos antigos pólos culturais nas duas extremidades do Crescente Fértil: Mesopotâmia e Egito. Na Babilônia a arte dos escribas começou em tempos bem remotos e era regulamentada e estimulada mediante o estabelecimento de escolas para escribas, nas quais se dava uma educação formal rigorosa em todos os aspectos da cultura escrita. O escriba era, de fato, uma personagem indispensável, pois suas atividades pertenciam a todas as esferas da vida mesopotâmica. Semelhantemente, no Egito a arte dos escribas tornou-se fundamental à sociedade dos faraós, a ponto de, na famosa "Sátira sobre as Profissões", a superioridade da profissão de escriba ser eloqüentemente apresentada como "a maior de todas as vocações".

No Israel pré-exílico a posição social e o trabalho dos escribas não estavam bem definidos. Sabe-se que o ofício existia (*e.g.*, Baruque, o escriba de Jeremias, Jr 36) e que o escriba, aparentemente, gozava de uma posição favorável e de responsabilidade no governo (2 Sm 8.17; 20.25; 1 Rs 4.3; 2 Rs 12.10-11; 22.3-7; Is 36.3; Jr 32.12-15), tendo até mesmo aposentos especiais no palácio (2 Rs 18.18; Jr 36.12). Não é de admirar. então, que os nomes de muitos escribas tenham ficado registrados, dentre os quais os mais famosos são: Baruque, Sebna (escriba de Ezequias), Safa (o chefe da família de escribas que serviu o rei Josias) e Esdras.

[Parece que os escribas tinham outras funções no governo além da de registrar coisas por escrito. Sebna, o escriba de Ezequias, foi um dos três emissários que foi avistar-se com o comandante do exército invasor da Assíria (Is 36.3). O texto bíblico também afirma que ele era "administrador" do palácio e que seria substituído por Eliaquim (Is 22.15-21). Esse era um cargo de autoridade e não apenas de registrar coisas por escrito. No governo de Zedequias houve também um "escriba" (2 Rs 25.19; ARA, "escrivão") "que alistava o povo da terra", isto é, era encarregado de alistar o povo para o serviço militar. Em Juízes 5.14 o escriba é identificado com a posição de comandante, pois ali se encontra a expressão "os que empunham a vara e não a pluma do escriba" (lit.), a qual é paralela de "comandantes". *BDB* e *GB* talvez estejam certos em dizer que a palavra é, com freqüência, usada em tempos mais antigos para se referir a um alto cargo no palácio ou a uma alta patente no exército e que, depois da queda do reino, ficou reservada para designar a atividade literária e religiosa (*e.g.*, Esdras, o escriba). A palavra "secretário" passa por um desenvolvimento semântico parecido. W. F. Albright mencionou o desejo de F. Petrie em escavar Quiriate-Sefer achando que o significado do nome do lugar era cidade do livro e

que o local pudesse conter muitas tabuinhas. Mas, talvez o nome tenha derivado de um posto militar, "cidade do comandante" (apontamentos de classe). R.L.H.]

Foi com o ministério de Esdras que o ofício de escriba se tornou, pela primeira vez, identificado com os sacerdotes (veja Ed 7; Ne 8; 12.26, 36), embora tal atividade deva ter existido ininterruptamente antes disso (*cf.*, possivelmente, Sl 45.1 [2]). Com o exílio e o retorno, surgiu entre os sacerdotes uma categoria distinta de pessoas especialistas e sábias que eram não apenas guardiães e mestres da lei mas também seus intérpretes. Com o passar do tempo, o grupo passou a ser uma poderosa força sociopolítica e religiosa, conforme está documentado nas muitas referências a esses escribas na literatura intertestamentária e no NT.

O substantivo *sēper*, "escrito", "livro", veio também a designar documentos legais importantes (Dt 24.1, 3; Is 50.1; Jr 3.8) ou cartas oficiais (1 Rs 21.8 e ss.; 2 Rs 19.14; Et 1.22; Jr 29.1 e ss.). Não há dúvida de que tais escritos ou livros existiam principalmente na forma de rolos (*e.g.*, Nm 5.23; Sl 40.7 [8]; *cf.* IIb 10.7; Is 34.4; Ez 2.9), escritos em colunas (Jr 36.23) e às vezes dos dois lados (Ez 2.9-10; *cf.* Ap 5.1).

Vários livros são citados no AT como fonte dos dados do próprio AT: "o livro das Guerras do SENHOR" (Nm 21.14), "o livro de Jasar" (Js 10.13; 2 Sm 1.18; ARA, "livro dos Justos"), "o livro da história dos reis de Israel" (18 ocorrências), "o livro da história dos reis de Judá" (15 ocorrências) e os livros de várias histórias de profetas (1 Cr 29.29; 2 Cr 9.20; *etc.*).

Há menção a alguns livros que vieram a fazer parte das Escrituras: "o livro da genealogia de Adão" (Gn 5.1), "um livro" (acerca de Amaleque, Êx 17.14), "o livro da aliança" (Êx 24.7; 2 Rs 23.2) e o livro da lei do Senhor (Dt 31.24). O homem deve cantar em louvor ao Senhor (Sl 79.13) não menos do que a própria natureza (Sl 19.1 [2]) e deve também mostrar aos outros a glória divina (Sl 96.3). Acima de tudo deve ele contar aos demais acerca da retidão e do poder salvador de Deus (Sl 66.16; 71.15) e da alegria de viver de acordo com suas ordenanças (Sl 119.13).

Em tudo isso há uma alusão bastante clara à atividade dos escribas, sendo que o fiel registrava — em cada um de seus pensamentos, palavras e ações — a suficiência do Deus de sua salvação. A totalidade da sua vida deve ser uma carta viva de Deus para a humanidade necessitada (Sl 118.15-17; *cf.* 2 Co 3.3).

sᵉpār. ***Censo, contagem.*** Este substantivo é encontrado em 2 Crônicas 2.17 [16] com referência à contagem que Davi faz dos descendentes dos cananeus naturais da terra que iriam trabalhar no templo.

sᵉpōrâ, mispār. ***Número.*** Esta última palavra, embora com freqüência usada em contextos puramente numéricos, possui alguns outros usos interessantes. Muitas vezes é empregada para assinalar a grandeza de Deus: suas maravilhas não têm número (Jó 5.9; 9.10); seus exércitos são incontáveis (Jó 25.3); somente ele (*cf.* Gn 15.5) conhece o número e o nome das estrelas (Sl 147.4; Is 40.26); no sentido derradeiro, sua eternidade (Jó 36.26) e o seu entendimento (Sl 147.5) estão além da capacidade da percepção humana.

Também se usa *mispār* em alguns contextos negativos. Davi é censurado e seu reino é atacado por uma peste devido ao seu desejo de saber o número de pessoas sobre quem governava por motivo de autoglorificação (2 Sm 24.2). [Talvez tenha havido um motivo adicional. O vocábulo *pāqad*, empregado aqui (2 Sm 24.2, 4), é usado em outras

passagens para designar a contagem de tropas que se preparam para o combate (Nm 1.3; Js 8.10; 1 Sm 11.8 — veja-se *KB*, p. 773), ou seja, para passá-las em revista. Talvez Davi estivesse considerando uma aventura militar imprudente, alguma guerra para promoção pessoal fora dos limites da terra prometida (veja *pāqad*). R.L.H.]. O povo infiel de Israel é lembrado de que abandonara a Deus por inúmeros dias (Jr 2.32). Devido à sua apostasia, Israel seria espalhado entre os gentios, e ali seria reduzido a um número pequeno (Dt 4.27), a fim de que todos aprendessem a pôr Deus em primeiro lugar em sua vida (Ez 12.14-16).

Essa palavra também ensina que pequenas quantidades podem ser suficientes. Aliás, quando aqueles que são enumerados no exército do Senhor passaram em sua vida pelo teste divino e se entregaram ao poder de Deus, este concede a honra da vitória mesmo àqueles que estão em pequeno número (Jz 7.6 e ss.). O homem não deve se entregar a Deus apenas nos momentos mais críticos da vida; pelo contrário, o serviço consagrado sempre traz bênçãos abundantes e plenitude de vida da parte de Deus (Êx 23.25-26).

Bibliografia: — BLACK, M., Scribe, In: *IDB*. v. 4. — KOPF, L., Arabische Etymologien und Parallelen, *VT* 9:267-9. — *AI*, p. 131-2. — *TDNT*, v. 3, p. 836-44. — *THAT*, v. 2, p. 162-72.

R.D.P.

1541 סָקַל (*sāqal*) ***apedrejar (até à morte).***

É difícil determinar o sentido básico da raiz. Talvez se encontre no grau piel, no qual se vê não apenas a idéia de "atirar pedras (em alguém)", mas mais comumente a de "livrar de pedras", "remover pedras". Este último sentido tem íntima relação com o acadiano *saqālu*, "tirar", "remover". Desse modo o sentido do qal talvez tenha tido origem na idéia de "tirar" (*i.e.*, a vida, mediante apedrejamento). De qualquer forma, *sāqal* é o verbo usado em hebraico especialmente para indicar a execução mediante apedrejamento.

O uso de *sāqal* para designar a remoção de pedras é encontrado apenas duas vezes, ambas em Isaías. Em Isaías 5.2 emprega-se o verbo na expressiva parábola acerca do preparo cuidadoso por parte do Senhor com a sua vinha, Israel. Em Isaías 62.10, usa-se o verbo para descrever os árduos preparativos para o remanescente reunido do Senhor voltar a Sião.

Em outras passagens tem-se o sentido costumeiro de apedrejamento. Em 2 Samuel 16.6 Simei fica atirando pedras em Davi como gesto de hostilidade e desprezo.

As demais ocorrências geralmente envolvem execução por apedrejamento. Acabe fez com que Nabote fosse apedrejado e morto a fim de ficar com a sua vinha (1 Rs 21.10 e ss.). O verbo é usado especialmente nos diversos textos legais. Assim, o boi que matasse alguém devia ser morto por apedrejamento (Êx 21.28 e s.). Moisés determinou a morte por apedrejamento para quem adorasse outros deuses (Dt 13.10 [11]; 17.5). Não apenas a prostituição espiritual mas também a imoralidade física condenavam a pessoa à morte por apedrejamento (Dt 22.21 e ss.). Em Josué 7.25, Acã e sua família foram apedrejados e mortos por se apropriarem daquilo que estava sob o interdito divino.

Juntamente com *rāgam*, a palavra semítica mais usual, *sāqal* forma a base do ensino bíblico sobre execução por apedrejamento. A execução por apedrejamento era responsabilidade da comunidade no seu todo. Isso se dava fora da cidade (Lv 24.14; Dt 22.24; 1 Rs 21.13). As testemunhas contra o acusado deveriam impor as mãos sobre ele

(Lv 24.14) e atirar a primeira pedra (*cf.* Jo 8.7), seguidas do restante da população (Dt 17.5-7). A morte por apedrejamento era determinada principalmente para os casos de delitos espirituais e sexuais ostensivos. Outras leis antigas, tais como o código de Hamurabi, estabeleciam a morte para muitos crimes, mas não determinavam o apedrejamento. No entanto, um filho desobediente e incorrigível devia ser apedrejado pela comunidade, visto que essa conduta contrariava as determinações divinas para a família, cujos membros eram também membros responsáveis da comunidade da aliança (Dt 21.18-21).

Bibliografia: — DRIVER, G. R. & J. C. MILES, *The Babylonian laws*, Oxford, Clarendon, 1960, v. 1, p. 281-3. v. 2, p. 214-5. — POUCHER, J., Crimes and punishment. *HDB*. v. 1, p. 527.

R.D.P.

סַר (*sar*). Veja o nº 1 549a.

1542 סָרֵב (*sārāb*) ***rebelde*** (Ez 2.6, somente).

סָרָה (*sārâ*). Veja os nºs 1 480a, 1 549b.

1543 סָרַח (*sārah*) ***fluir livremente, pender, crescer com viço.***

Termo Derivado

1543a סֹרַח (*serah*) ***excedente, pendente.***

O sentido básico desta raiz, "sair livre", passa a ser empregado para descrever tudo aquilo que flui livremente ou que existe em excesso.

Usa-se a raiz com referência a objetos físicos para descrever o pano externo que pendia sobre a tenda do tabernáculo (Êx 26.12-13). Esse pano era feito mais largo do que o pano de dentro a fim de proporcionar proteção total e servir de frontão para a tenda. O vocábulo também descreve um turbante esvoaçante (Ez 23.15) e uma vinha estendida (Ez 17.6).

Transmitindo a idéia de algo excessivo e exagerado, é bastante vívida a condenação que Amós faz dos cidadãos do reino do norte, os quais se espreguiçam em suas camas de marfim em ocasiões de banquete (Am 6.4, 7). É bem atual a descrição de uma sociedade que se esqueceu de Deus em virtude da s
ua incansável busca da luxúria, da indolência e da devassidão e que, por isso, está mais do que madura para o juízo.

Em Jeremias 49.7, *KB* sugere uma segunda raiz de *sārah*, com o sentido de "putrefazer", "corromper". Em favor dessa possibilidade existe a inscrição fenícia de Yahamilik, na qual se atesta o sentido de "destruir", "corromper" (veja-se H. DONNER & W. RÖLLIG, *KAI*, v. 1, texto, p. 2, 10:15).

R.D.P.

1544 סִרְיֹן (*siryōn*) ***couraça, armadura*** (Jr 51.3; 46.4).

1545 סָרִיס (*sārîs*) ***oficial, eunuco.***

O substantivo, que significa "oficial (da corte)", tem origem no título acadiano *sa rēši* (*šarri*), "aquele que está junto da cabeça (do rei)". O significado "eunuco" surgiu com a prática de empregar homens castrados em posições chaves nas várias nações do antigo oriente médio (*e.g.*, na Pérsia, Et 2.3 e ss.; 4.4 e s.).

O vocábulo hebraico tem clara relação com o nome do oficial do rei acadiano (2 Rs 18.17). Desse modo não se deve traduzir *sārîs* por "eunuco", a menos que o contexto ou outros elementos o exijam. Assim, visto que um estudo cuidadoso não tem conseguido chegar a dados conclusivos quanto ao emprego de eunucos como oficiais no Egito, a razão pela qual, na narrativa de José, oficiais egípcios são chamados por esse nome é que provavelmente em todos os três casos (Gn 37.36; 39.1; 40.2, 7) esses homens eram assessores especiais de Faraó.

Pode-se duvidar que Israel tivesse sido pioneiro no uso de eunucos. Tais homens eram excluídos da congregação pela lei mosaica (Lv 22.24; Dt 23.2). Tem-se sustentado que eles foram introduzidos por Jezabel (*cf.* 1 Rs 22.9) e que reis subseqüentes continuaram a fazer uso deles (2 Rs 8.6; 9.32) em funções que os punham em contato muito próximo com mulheres. Se esse for o caso, a promessa do Senhor por intermédio de Isaías (56.3-5) é bem oportuna.

Não existem dados seguros de que Daniel e seus três amigos tenham sido feitos eunucos (2 Rs 20.17-18; Dn 1).

Bibliografia: — *TDNT*, v. 2, p. 766-7.

R.D.P.

1546 סֶרֶן (*seren*) ***I, senhor, déspota.***

Empréstimo lingüístico do filisteu, *seren* sempre aparece no plural e designa os cinco senhores da pentápole filistéia (Asdode, Ascalom, Ecrom, Gate e Gaza, que, junto com os territórios ao redor, constituíam a anfictionia dos filisteus, Js 13.3; Jz 3.3). Apesar das tentativas de identificar a palavra com o grego *tyrannos*, "tirano", "déspota", sua exata origem etimológica ainda é objeto de debate e, sem dúvida alguma, continuará sendo até que se recupere a língua filistéia. O conhecimento atualmente disponível favorece uma relação com o indo-ariano *ser*. Em 1 Samuel 21.10 e ss., o *seren* de Gate é chamado "rei". Deve-se fazer distinção entre esta palavra e *seren* II, "eixo", que aparece em 1 Reis 7.30.

Embora os estados filisteus fossem totalmente independentes uns dos outros, podiam cooperar (e de fato o faziam) quando havia necessidade disso em razão de uma causa ou objetivo comum. Eles conspiraram com Dalila para subjugar Sansão, algo que Deus usou para provocar, no final, a morte dos próprios filisteus (Jz 16.5 e ss.).

De acordo com 1 Samuel 5—6, os senhores dos filisteus agiram de comum acordo durante a crise surgida com a presença da arca da aliança dos israelitas tanto em Asdode (onde o seu deus Dagom caiu impotente diante do Senhor) quanto em Ecrom. Repetidas vezes eles se uniram para combater os israelitas, tanto nos dias de Samuel (1 Sm 7.7) quanto nos de Saul (1 Sm 29.2 e ss.; *cf.* 1 Cr 12.19).

R.D.P.

1547 סֶרֶן (*seren*)

1547 סֶרֶן (*seren*) ***II, eixo*** (1 Rs 7.30).

סַרְעַפָּה (*sar'appâ*). Veja o nº 1 527d.

1548 סִרְפָּד (*sirpad*) ***planta não-identificada do deserto, urtiga (?).*** Aparentemente um espinheiro sem valor algum, em contraste com uma árvore valiosa (Is 55.13).

1549 סָרַר (*sārar*) ***ser obstinado, ser rebelde.***

Termos Derivados

1549a סָרִי (*sar*) ***obstinado, rebelde.***

1549b סְרָה (*sarâ*) ***rebelião.***

A raiz tem basicamente o sentido de "ser obstinado". Conquanto a palavra provavelmente esteja relacionada com o acadiano *sarāru*, "ser instável", "ser obstinado", "ser mentiroso", "ser criminoso", o mesmo não se pode dizer do árabe *ṯa'ara*, "ser contumaz". A ênfase da raiz recai sobre a atitude, ao passo que o sinônimo *mārad* ressalta as ações de rebeldia.

A idéia da raiz claramente se vê no caso do filho indócil e rebelde que é publicamente denunciado e executado (Dt 21.18 e ss.; veja no verbete *sābā'*). Na maioria das vezes a palavra indica a rebeldia total de Israel contra Deus (Is 1.23; Jr 6.28). O "filho rebelde e indócil" (BJ; ARA, "filho contumaz e rebelde") pode ser alguém que é desobediente não somente aos pais, mas que também se revoltou contra o Deus de seus pais. Nesse caso, os versículos ensinam que até mesmo os pais devem condenar o filho apóstata. *Cf.*, quanto a um pensamento semelhante, Deuteronômio 13.6-11. E uma geração (Sl 78.8) ou novilha (Os 4.16) rebelde que anda no seu caminho (Is 65.2). Tem um ombro obstinado (Ne 9.29), um ouvido surdo (Zc 7.11) e um coração obstinado e rebelde (Jr 5.23).

O sentido da raiz em acadiano provavelmente deve ser visto na descrição da mulher inquieta das ruas, que não possui raízes estáveis na comunidade (Pv 7.11).

sar. ***Obstinado, rebelde.*** Esse adjetivo derivado ocorre em dois contextos que descrevem Acabe numa condição psicológica mal-humorada, que é agravada quando ele é censurado ou repulsado (1 Rs 20.43; 21.4-5).

sārâ. ***Rebelião.*** Este substantivo pode ser interpretado como derivado de *sûr* (*q.v.*) ou então de *sārar*. Em três contextos (Is 1.5; Jr 28.16; 29.32) o que se tem em mente é a rebelião espiritual; por conseguinte, parece que a palavra em questão está claramente relacionada com *sārar*.

R.D.P.

1549.1 סְתָו (*s'taw*) ***inverno*** (Ct 2.11).

1550 כָּתַם (*sātam*) ***tapar, trancar, manter (algo) perto*** (*e.g.*, 2 Rs 3.19, 25; Dn 8.26).

1551 *סָתַר (*sātar*) ***esconder, ocultar***. Não usado no qal.

Termos Derivados

1551 ‡סֵתֶר (*sēter*) ***esconderijo.***
1551b כִּתְרָה (*sitrâ*) ***esconderijo.***
1551c מִסְתּוֹר (*mistôr*) ***abrigo.***
1551d מִסְתָּר (*mistār*) ***esconderijo.***
1551e מַסְתֵּר (*mastēr*) ***aquele que esconde, aquele que faz as pessoas se esconderem.***

Em seu sentido básico de "esconder" a raiz é comum ao semítico ocidental, ao semítico ocidental do sul e ao semítico oriental do sul. A idéia subordinada de proteção envolvida na raiz ajuda a distingui-la dos sinônimos *'ālam*, "ocultar", e *hābā'*, "retirar-se", "esconder", e reflete-se em nomes amorreus, tais como Sitrê-Bahlum, "Baal é minha proteção".

A raiz verbal ocorre 83 vezes, geralmente nos graus hifil (45 vezes) ou no nifal (30 vezes). Este último grau tem, muitas vezes, um sentido reflexivo, "esconder-se". Davi esconde-se de Saul (1 Sm 20.5 e ss.); Elias esconde-se junto ao ribeiro de Querite (1 Rs 17.3).

Um problema interessante surge em Provérbios 22.3 (*cf.* 27.12). Aí se diz que a pessoa prudente vê o mal e se esconde, mas o homem simples vai em frente e paga o preço. M. Dahood (*Proverbs and northwest semitic philology*, Roma, Pontificium Institutum Biblicum, 1963, p. 45-6), interpretando a forma *w'yistār* (וְיִסְתָּר) como exemplo de um *t* infixado no verbo *sûr* (*q.v.*), "desviar-se", assim traduz o versículo: "O homem prudente vê o perigo e se desvia". A comparação que Dahood faz desses versículos com Provérbios 14.16 ("O sábio é cauteloso e se desvia do mal, mas o insensato se encoleriza, e se dá por seguro"), onde claramente se lê o verbo *sûr*, reforça a sua opinião. De outro lado, o qal (no kethib) do verbo em 22.3 muito provavelmente deve ter sido um erro de escriba, em que deveria existir um nifal, como em 27.12, "esconder-se". Não se usa o qal de *sātar* em nenhuma outra passagem.

O nifal também é empregado com o sentido passivo. Jó lamenta que o seu caminho esteja escondido de Deus (Jó 3.23). Israel cria erroneamente que Deus não reparava nele e muito menos julgava com imparcialidade a sua causa (Is 40.27).

No hitpael à noção reflexiva acrescenta-se a idéia de cuidado: "esconder-se cuidadosamente". A difícil passagem de Isaías 45.15 provavelmente significa simplesmente que o Senhor reserva para si o direito de ocultar alguns de seus propósitos.

No grau hifil, que é encontrado um maior número de vezes, desponta a idéia de "esconder". O uso mais significativo talvez esteja na expressão idiomática "esconder o rosto" (ARA, "encobrir o rosto"), que simboliza a comunhão rompida, tal como entre Deus e Israel pecador (Is 59.2). O exemplo mais trágico de comunhão interrompida é a rejeição do Messias pelos homens (Is 53.3, passagem em que ocorre o derivado *mastēr*).

Analogamente, "não esconder o rosto" descreve de forma belíssima a plena e total comunhão (Jó 13.20). Talvez o exemplo mais crucial disso se encontre em Salmos 22.24 [25]. Intimamente ligadas ao esquema pedido-resposta (o qual fala de comunhão, *cf.* Sl 102.1-2 [2-3]), as conotações da expressão idiomática e uma exegese de todo o salmo 22 dependem em grande parte de uma plena compreensão da relação do Messias com o Pai naquelas horas críticas, quando ele efetuou a propiciação na cruz (*cf.* Hb 5.7).

Do ponto de vista prático, o próprio Deus será um abrigo para o crente não apenas naquele dia da ira do Senhor (Sf 2.3), mas também durante as tempestades da vida cotidiana (Sl 17.8; 27.5; 31.20 [21]; 64.2 [3]).

sēter. ***Esconderijo.*** Ocorre 35 vezes. A passagem mais notável é a que descreve Deus na tempestade que se avizinha, quando faz das trevas o seu esconderijo (Sl 18.11 [12]; *cf.* 2 Sm 12.12, em que, no entanto, não aparece a palavra *sēter*). Mas Deus está acessível de maneiras menos espetaculares. Ele próprio é, para o crente, um lugar permanente de refúgio e proteção contra todos os perigos (Sl 32.7; 91.1; 119.114).

Bibliografia: — *THAT*, v 2, p 173-81.

R.D.P.

ע

עָב (*ʿāb*). Veja os n.os 1 552a, 1 574a.

1552 עבב **Aceita como raiz de:**

1552a עָב (*ʿāb*). ***I alpendre (?), baldaquino (?).*** Termo arquitetônico de significado desconhecido (1 Rs 7.6; Ed 41.25).

1553 עָבַד (*ʿābad*) ***trabalhar, servir.***

Termos Derivados

1553a †עֶבֶד (*ʿebed*) ***escravo, servo.***

1553b עֵבֶד (*ʿăbād*) ***feito*** (Ec 9.1).

1553c †עֲבוֹדָה (*ʿăbôdâ*) ***trabalho braçal, serviço.***

1553d עֲבֻדָּה (*ʿăbuddâ*) ***servos*** (Gn 26.14; Jó 1.3).

1553e עַבְדוּת (*ʿabdût*) ***servidão, escravidão*** (Ed 9.8, 9; Ne 9.17).

1553f מַעְבָּד (*maʿbād*) ***obra, trabalho*** (Jó 34.25).

ʿābad aparece 290 vezes no AT.

Ao que parece, a etimologia desta raiz partilha das idéias de diversas raízes semíticas, por exemplo, a antiga raiz aramaica que significa "fazer", uma raiz árabe que tem o sentido de "adorar", "obedecer (a Deus)", e o seu grau intensivo, com o sentido de "escravizar", "reduzir à escravidão".

Esse serviço pode ser dirigido a coisas, a pessoas ou a Deus.

Quando empregada com referência a coisas, a raiz é geralmente seguida de um acusativo da coisa em que se executa o trabalho, por exemplo, "lavrar o solo" é, literalmente, "trabalhar o solo" (Gn 2.5 e muitas outras passagens); "cultivar vinhas" é, literalmente, "trabalhar vinhas" (Dt 28.39); fala-se também em "trabalhar em linho fino" (Is 19.9) ou na construção de uma cidade (Ez 48.18). Às vezes, o verbo ocorre sem o acusativo, como em Deuteronômio 15.19, "arar (o solo)" (ARA, "trabalhar"). Na segunda categoria o verbo é seguido de um acusativo de pessoa, como, por exemplo, na referência ao serviço de Jacó a Labão (Gn 29.15; 30.26, 29). Às vezes, este uso inclui a preposição

b' seguida da indicação de alguém, caso em que a expressão tem o sentido de "trabalhar por meio de (outrem)", isto é, usar alguém como escravo (Êx 1.1 4; Jr 22.1 3; ou, no grau pual, referindo-se a cativos, Is 14.3). A idéia de servidão também inclui o "servir como súdito" de um rei ou governante (Jz 9.28; 1 Sm 11.1). No grau hifil, o verbo tem o significado de "obrigar ao trabalho" como escravo (Êx 1.13). Quando, porém, o serviço é oferecido a Deus, não constitui escravidão, mas uma experiência jubilosa e libertadora (Êx 3.12; 4.23; 7.16, 26; 10.26; Sl 22.31; Jó 21.15; Jr 2.20; Ml 3.14). Com grande freqüência o texto bíblico registra que esse serviço foi prestado a outros deuses que não eram deuses de forma nenhuma (Dt 7.16; 2 Rs 10.18-19, 21-23; *etc.*).

Emprega-se o mesmo conceito para referir-se ao serviço a Iavé dentro do ministério levítico (Nm 3.7-8; 4.23, 30, 47; 8.11, 19 e ss., *etc.*). É bem interessante que a LXX reservou a palavra grega *latreuō* para designar exclusivamente o serviço oficial dos sacerdotes. O NT, porém, resistiu firmemente ao uso desse grupo de palavras para referir-se ao ministério ou às funções do NT, exceto em Romanos 15.16, passagem que se refere ao trabalho de Paulo em favor de Jesus Cristo. O NT emprega a palavra em outros contextos religiosos, especialmente aqueles que tratam do ritual veterotestamentário (Hb 9.21; 10.11; Lc 1.23).

'ebed. ***Escravo, servo.*** A forma aparece 799 vezes no AT.

Conquanto a idéia fundamental de *'ebed* seja a de escravo, em Israel a escravidão não era algo tão repulsivo, visto que a condição de escravo envolvia direitos e, freqüentemente, cargos de confiança. Um israelita não podia manter outro israelita indefinidamente como escravo contra a vontade deste; o período de escravidão estava limitado a seis anos (Êx 21.2). Mesmo a descrição da bastante criticada alusão ao escravo como dinheiro do seu senhor (Êx 21.20-21) não era uma atitude insensível, mas servia para evitar maus tratos físicos pelo senhor. Sempre que se pudesse provar o intento maldoso do senhor (Êx 21.14) ou sempre que o escravo morresse devido a maus tratos (21.20), o senhor era passível de castigo. Se houvesse dúvidas quanto à motivação do senhor, um escravo que sofresse dano físico ganhava pelo menos a sua liberdade (Êx 21.26-27) e o senhor perdia o dinheiro que emprestara (21.21). Observe-se também a posição de destaque do servo em Gênesis 24.2 e ss.; 41.12 (*cf.* 15.2).

Os súditos de um rei são seus servos (Gn 21.25; Êx 7.28), como também o são todos os seus reis-vassalos (2 Sm 10.19) e as nações que lhe pagam tributo (1 Cr 18.2, 6, 13). Aqueles a serviço do rei também são seus servos (Gn 40.20), inclusive os oficiais (1 Sm 19.1; 2 Rs 22.12) e os embaixadores (Nm 22.18).

Por vezes o termo "servo" era empregado como uma referência humilde e educada a si mesmo (Gn 33.5). Isso podia chegar a extremos, como na expressão "teu servo, este cão", e em outras parecidas (2 Rs 8.13; 2 Sm 9.8). *Cf.* também as tabuinhas de Tell el Amarna e as cartas de Láquis 2, 5, 6. A expressão "teu servo" era freqüentemente usada ao dirigir-se a Deus em oração (Êx 4.10; Sl 19.12, 14; 109.28).

O uso mais significativo do termo "servo" se vê num título messiânico, a mais proeminente designação técnica e pessoal para indicar o ensino do AT sobre o Messias. As principais passagens que falam a respeito encontram-se nos últimos 27 capítulos de Isaías. Nesse trecho o termo ocorre 20 vezes no singular (39—53) e 11 vezes no plural (54—66).

Em 12 dos 20 exemplos no singular e em todos os 11 exemplos do plural, o servo é a nação de Israel. Passagens em que ocorre o singular são: 41.8-10; 42.18-19; 43.9-10; 44-1-3, 21; 45.4; 48.20; e talvez 49.3. O plural ocorre em 54.17; 56.6; 63.17; 65.8-9, 13-15; 66.14. Conforme somos lembrados por Willis Beecher, aí não temos apenas o servo Israel como um grupo étnico. E isso e mais alguma coisa. E também o povo da promessa ou aliança feita com Abraão e Davi. Tem-se aí tanto o Israel nacional quanto o Israel espiritual, não importando se é natural ou adotado, ou seja, aquele que participa da promessa.

Também existem passagens em que se faz distinção entre o servo e o Israel literal. Nestas passagens o servo tem uma missão junto a Israel (Is 49.1-9; 42.1-7; 50.4-10; 52.13—53.12). Deve-se identificar esse servo com o Israel-servo, mas também deve-se fazer distinção entre um e outro, pois o servo tem uma missão junto a eles (conforme é explicitamente declarado em 49.5-6; *cf.* 49.3). Obviamente esse é o inverso de heróis epônimos, os quais emprestam seus nomes a seus países e nações, de sorte que o mesmo termo se refere a ambos. Aqui a personagem central do grupo surge no final ao invés de no começo. Existe uma solidariedade corporativa entre três grupos, os quais, na ilustração de Franz Delitzsch, estão dispostos como uma pirâmide, em que a base representa todo o Israel nacional (Is 42.19), o meio representa o Israel espiritual, *i.e.*, crentes naturais e crentes adotados (Is 41.8-10), e o topo representa o Messias, Jesus Cristo.

Uma interpretação alternativa vê dois servos nessas passagens — o servo Israel, cego e fraquejante (42.19; 49.3; *etc.*), e o servo messiânico, operando cura e restauração (42.1, 49.5; 50.10; 52.13; 53.11).

Isaías não é o único profeta que aplica esse termo ao povo da aliança; veja-se também Jeremias 30.10; 46.27-28; Ezequiel 28.25; 37.25. O título é aplicado a Davi, o Messias da promessa, em Jeremias 33.21-22, 26; Ezequiel 34.23-24; 37.24-25, e ao descendente de Davi, Zorobabel, em Ageu 2.23. De especial interesse é a relação dessa palavra com o título messiânico "Renovo" (Zc 3.8).

Outros usos religiosos incluem os "adoradores" dos deuses (uma frase comumente empregada por todos os povos semíticos em referência a seus falsos deuses, *e.g.*, "o servo [ou adorador] de Baal", "o servo [ou adorador] de Marduque", *etc.*; *cf.* 2 Rs 19.21), os que adoram (ou servem) a Deus, todos os servos no templo ou que trabalham no serviço do templo, e aqueles que, em funções únicas, serviram ao Senhor como seus servos, tais como Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Josué, Calebe, Davi, Ezequias, Eliaquim e Zorobabel. Além disso, como título dos profetas de Deus, "servo" ocorre 24 vezes (nas formas "meu servo", "teu servo", "seu servo [isto é, de Deus]").

'ăbôdâ. ***Trabalho braçal, serviço.*** Aparece 145 vezes no AT.

O trabalho e o serviço humanos não são resultado do pecado e da queda. Já na criação de Deus o homem foi colocado no jardim para "trabalhá-lo" (*'ābad*, Gn 2.15; ARA, "cultivar"). A maldição (Gn 3.16-17) era apenas a dor e a fadiga que haviam de acompanhar o trabalho, não o trabalho em si (*cf. etseb*, "tristeza"). Isso é destacado quando Lameque diz, por ocasião do nascimento de Noé, que este "nos consolará dos nossos trabalhos e das fadigas de nossas mãos, nesta terra que o SENHOR amaldiçoou" (Gn 5.29).

Os frutos do trabalho são colhidos nas atividades de Caim e Abel e no desenvolvimento das artes na família de Caim (Gn 4.21-22). Em passagem alguma se

discute a questão do tempo de lazer, pois o homem trabalha enquanto existe luz do dia (Sl 104.23; *cf.* Jo 11.9). Mas um claro ciclo de descanso também é outorgado ao homem, no sétimo dia, como um dever e uma bênção (Êx 20.9-10). Ao trabalhar seis dias, Israel imitou a Deus, que trabalhou seis dias ao criar o cosmos. Dessa maneira, Israel indubitavelmente dava para seus vizinhos pagãos, os quais adoravam os elementos da criação personificados como divindades, o testemunho de que adorava o criador transcendente. O homem deve descansar, imitando assim a Deus, que descansa de seu trabalho depois da criação (Êx 20.11; Dt 5.14-15). Também deveriam ser comemorados dias especiais de festa em que não se devia realizar nenhuma "obra servil" (Lv 23.7-8, 21, 25, 35, 36; Nm 28.25-26; 29.1, 12, 35).

O tipo de trabalho abrangido por esta palavra vai desde o trabalho na lavoura (Êx 1.14) até a construção do tabernáculo (Êx 35.24), os reparos no templo (2 Cr 34.13) e o trabalho em linho fino (1 Cr 4.21). Até mesmo o trabalho divino de julgar é assim denominado (Is 28.21).

Quando o serviço é oferecido a Deus, ele consistirá em obediência. A execução desse serviço encontra-se descrita no ritual e na adoração apresentados no AT, por exemplo, nos sacrifícios trazidos pelo povo (Js 22.27) e no serviço dos levitas e dos sacerdotes (Nm 4.19; 2 Cr 8.14).

Finalmente, existe a "escravidão" de cativos ou pessoas sujeitadas a trabalhos forçados. Surpreendentemente a palavra refere-se à escravidão de Israel no Egito (Êx 1.14; Ne 5.18; 2 Cr 10.4; Is 14.3). Às vezes também designa o serviço militar (Ez 29.18).

Observe-se que a palavra nao aparece, na literatura sapiencial, em nenhum dos ensinos éticos acerca do trabalho. Talvez a palavra tenha ficado tão intimamente associada com a servidão e escravidão, de um lado, e com a adoração, de outro, que o mero conceito secular de trabalho passou a ser indicado por outros termos, tais como *m'lăkâ* ou *pă'al* ou ainda *ma'ăśeh*, embora a referência originária ao trabalho agrícola possa ter levado a isso. *Cf.* os vocábulos "cultura" e "cultivar".

Bibliografia: — ALLIS, Oswald T., *The unity of Isaiah*, Presbyterian and Reformed, 1950, p. 81-101. — BEECHER, Willis J., *The prophets and the promise*, Baker, 1963, p. 241-88. — MACVAE, Allan A,. The Servant of the Lord in Isaiah, *BS* 121:125-32, 218-27. — MENDELSOHN, I., On slavery in Alalakh, *Israel Exploration Journal* 5:65-72. _____. Slavery in the ancient Near East, *BA* 9:74-88. — RICHARDSON, *TWB*, p. 287-8. — ROTH, W. M. W., The Servant of the Lord, language and interpretation, *EQ* 131-43. — MURRAY, John, *Principles of conduct*. Eerdmans, 1957, p. 82-106. — RICHARDSON, A., *The Biblical doctrine of work*, London, 1952. — *TDNT*. v. 2, p. 636-52, v. 5, p. 654-77 (que traz uma longa bibliografia). — ZEVIT, Ziony, The use of 'ebed as a diplomatic term in Jeremiah, *JBL* 88:74-7.

W.C.K.

עֲבֹדוּת (*'abdût*). Veja o nº 1 553e.

1554 עָבָה (*'ābâ*) ***ser espesso, ser gordo, ser corpulento*** (*e.g.*, 1 Rs 12.10; 2 Cr 10.10).

Termos Derivados

1554a עֵבִי (*'ābî*) ***espessura*** (*e.g.*, 1 Rs 7.26 = 2 Cr 4.5).
1554b מַעֲבֶה (*ma'ăbeh*) ***espessura, firmeza*** (1 Rs 7.46; 2 Cr 4.17).

עֲבוֹדָה (*'ăbôdâ*). Veja o nº 1 553c.
עֲבוֹט (*'ābôt*). Veja o nº 1 555a.
עָבוּר (*'ābûr*). Veja os nºs 1 556f, g.
עִבּוּת (*'ābût*). Veja o nº 1 558a.

1555 עבט (*'ābat*) ***tomar ou dar um penhor devido a uma dívida*** (*e.g.*, Dt 24.10; 15.6). Verbo denominativo

Substantivo de Origem

1555a עֲבוֹט (*'ābôt*) ***penhor, artigo penhorado em garantia de uma dívida*** (Dt 24.11, 13).

Termo Derivado

1555b עַבְטִיט (*'abtît*) ***peso de penhores, grandes dívidas*** (Hc 2.6).

É provável que a capa ou outro item usado como penhor não fosse de suficiente valor para servir de garantia. Tal objeto não era para ser mantido sob a custódia do credor. Aparentemente esse era um símbolo do empréstimo e era levado ao tribunal local, onde as pessoas ali presentes serviam de testemunha do empréstimo (*cf.* E. A. SPEISER, Of shoes and shekels, in *Oriental and Biblical Studies*, University of Pennsylvania, 1967, p. 154). Depois de o empréstimo ser testemunhado, o penhor devia ser imediatamente devolvido. Quanto a um estudo sobre empréstimos, veja-se *neshek*.

R.L.H.

עַבְטִיט (*'abtît*). Veja o nº 1 555b.
(*'ābî*). Veja o nº 1 554a.

1556 עבר (*'ābar*) ***transpor, ultrapassar, atravessar, alienar, trazer, transportar, desfazer-se, levar, levar embora, transgredir.***

Termos Derivados

1556a †עֵבֶר (*'ēber*) ***região dalém de, lado.***
1556b †עִבְרִי (*'ibrî*) ***hebreu.***
1556c עֲבָרָה (*'ăbārâ*) ***vau.***

1556d †עִבְרָה (*'ebrâ*) ***agitação, arrogância, raiva.***

1556e *+†עבר (*'ābar*) ***ser arrogante, enfurecer-se.*** Ocorre somente no hitpael.

1556f †עָבוּר (*'ābûr*) ***I, fruto (da terra)*** (Js 5.11-12).

1556g †עבור (*'ābur*) ***II, por causa de.***

1556h מעבר (*ma'ābār*) ***vau, desfiladeiro.***

1556i מעברה (*ma'bārâ*) ***vau, desfiladeiro.***

A idéia básica desse verbo é a de movimento; como regra, ele indica o movimento de uma coisa ou pessoa em relação a algum outro objeto que está parado, movendo-se ou motivando. Alguns têm dito que a tradução mais simples de *'abar* é "passar", mas na verdade isso não cobre os vários sentidos que *'abar* pode trazer consigo. O verbo é empregado cerca de 550 vezes.

É impossível analisar todas as conotações envolvidas, mas existem quatro usos gerais.

1. O conceito de movimento pode ser empregado num sentido simples: *'ābar* é ir além ou mais adiante; neste sentido Abraão diz a seus visitantes celestes que eles poderiam "seguir avante" depois de se terem alimentado (Gn 18.5).

'ābar significa "ir" quando a ênfase recai especificamente sobre o movimento, sem haver referência específica a um outro objeto (Êx 38.26; Dt 2.14; Jó 13.13).

2. *'ābar* pode ser usado para expressar o fato de que existe algum movimento entre dois lugares. Nessa categoria encontram-se as inúmeras referências a Israel atravessar o Jordão a fim de entrar na (ou passar para a) terra prometida (Dt 27.3). Moisés empregou muitas vezes essa expressão para indicar como Israel venceria o obstáculo ou barreira no que diz respeito ao cumprimento da promessa da aliança acerca da terra. Essa mesma ênfase se vê em Josué 1.2. A idéia de travessia também aparece em Gênesis 31.21, em que Jacó atravessa o rio Eufrates ao começar a fugir de Labão.

'ābar também é empregado para indicar a intenção ou idéia de atravessar ou cruzar uma terra. Moisés pediu permissão ao rei amorreu Seom para Israel atravessar o seu país (Nm 21.22). Miquéias fala de um remanescente de Israel que percorre terras estrangeiras tal qual um leão que atravessa uma floresta (Mq 5.8).

Com freqüência o hifil do verbo parece exprimir a idéia de que alguém leva ou estimula outrem a se mover (Gn 8.1; 32.24; Nm 32.5; *etc.*).

Deuteronômio 18.10 e outras passagens empregam o verbo para indicar a idéia de forçar um nenezinho a passar pelo fogo sacrificial e assim ser sacrificado.

3. O conceito de movimento pode ser usado num sentido metafórico. A riqueza de Salomão excedia (ultrapassava) a de todos os demais. A perversidade de Judá e Israel ultrapassava a de todas as outras nações, ou seja, não conhecia limites (Jr 5.28).

Podem-se mencionar ainda outros usos metafóricos. Quando as pessoas morrem, elas passam desta vida (Jó 30.15; Pv 22.3). Algo ocorre entre marido e esposa e os afasta um do outro (Jr 11.15). O dinheiro que era passado de mão em mão à época era a moeda corrente, o siclo de prata (Gn 23.16). As pessoas fazem negócios e trocam (passam) mercadorias (Ez 27.9). O touro "gera" (piel de *'ābar*; Jó 21.10).

4. Finalmente, o verbo indica um conceito espiritual específico. As pessoas transgridem a aliança ou a lei, *i.e.*, ultrapassam os limites estabelecidos pela aliança ou

pela lei ao cometer adultério e praticar idolatria (Dt 17.2) ou outro pecado. Mas, num contexto mais positivo, Moisés também falou de Israel entrar em — passar a uma— aliança que Deus estava fazendo com aquele povo (Dt 29.12 [11]). Balaão expressou um outro sentido espiritual de *'ābar* quando disse: "Não poderia passar além do mandado do SENHOR" (Nm 22.18).

'ēber. ***Em oposição a, além de, junto a, passagem, lado, região, outro lado, este lado, diretamente.***

'ēber, um derivado de *'ābar*, é empregado como substantivo, preposição ou advérbio para indicar a relação de pessoas ou coisas com referência à sua localização, distância ou direção. Em vários casos *'ēber* é usado com preposições prefixadas, tais como *b^e* ou *min*.

Utiliza-se o vocábulo como substantivo para indicar um local específico (Is 47.15; PIB, MM, "para o seu lado"; a ARA adjetiva o substantivo, "cambaleantes"). Em 1 Samuel 26.13, a "outra banda" é o cume de um monte bastante distante.

Como preposição, a palavra indica a relação entre duas coisas, por exemplo, os mandamentos do Senhor não são difíceis demais para obedecer nem estão longe demais; não estão nos céus nem além (*'ēber*) do mar. Assim empregada, a preposição enfatiza a presença e disponibilidade da Palavra de Deus para o povo da aliança. Em 1 Reis 7.20 lemos sobre como as várias partes do templo eram dispostas em relação umas às outras, por exemplo, os capitéis estavam ao lado (*'ēber*; ARA, "próximo") da obra de rede.

'ēber também aparece como advérbio. Ezequiel, procurando descrever o modo como as criaturas vivas voavam, disse que elas iam bem em frente (*'el 'ēber pānāyw*, Ez 1.9; *i.e.*, na direção para onde estavam virados os seus rostos). Neemias veio até os governadores "dalém" (*'ēber*) do rio (2.7, 9). Em Susã, onde se encontrava, ele falou de atravessar a terra até Jerusalém. Segundo J. Bright (*History of Israel*, Westminster, 1959, p. 354), essa região era denominada satrapia do Trans-Eufrates (Aber-nahara). Essa referência ao uso do vocábulo *'ēber* pode servir de introdução ao problema que ele apresenta na interpretação de algumas passagens de Deuteronômio e Josué. A interpretação do termo depende, em parte, do ponto de vista que se tem da autoria do livro de Deuteronômio (*cf.*, *e.g.*, HIRSCH, in *ISBE*, p. 459).

O autor de Josué (22.4), escrevendo enquanto se encontrava na margem ocidental do Jordão, diz que Rúben, Gade e meia-tribo de Manasses receberam sua herança *b^e'ēber hayyardēn* ("além [*i.e.*, do outro lado] do Jordão"; mas *cf.* ARA, "daquém"). No entanto o termo *'ēber* também pode ser usado em referência à região a oeste do rio (Dt 3.20, 25; 11.30; Js 9.1). Josué deu à outra meia-tribo de Manassés (a metade que ficou em Canaã) um pedaço na terra entre os seus irmãos (*i.e.*, as nove tribos) *m^eēber hayyardēn yāmmâ*, "além do Jordão a oeste" (lit.), tendo a expressão o significado de na margem oeste do rio (Js 22.7).

Em suma, pode-se dizer que: 1) *'ēber* pode ser empregado de diversas maneiras em referência a regiões localizadas em uma ou outra margem de um rio específico; 2) o ponto de vista do escritor deve ser claramente entendido ou como real ou como mental (*i.e.*, como se ele estivesse escrevendo de um local onde na realidade não se encontra naquele momento); ou 3) um topônimo pode estar envolvido, como em Esdras 4.10, em que a frase em aramaico *'ăbar-nahărâ* se refere às províncias persas a oeste do Eufrates.

Em Deuteronômio é necessário pressupor o ponto de vista mental em algumas sagens, mas não em outras. Em Deuteronômio 1.1 ocorre a frase *b^e'ēber hayyardēn*.

A expressão é adverbial, indicando o local onde Israel se encontrava quando Moisés falou ao povo as palavras de Deuteronômio. A expressão adicional, "no deserto", deixa claro que a região mencionada fica na margem oriental do Jordão. A expressão pode, então, ser empregada para designar a região a oeste do Jordão (*cf.* Dt 3.20) e também a região a leste (*cf.* Dt 3.8). A solução do problema de como traduzir *'ēber* em cada caso é ter em mente as várias possibilidades: 1) o vocábulo pode ser usado como substantivo (dando nome a um local), como advérbio (indicando um local), como preposição (indicando um relacionamento); 2) deve-se determinar se o ponto de vista do escritor é real ou mental; e 3) deve-se estudar cuidadosamente o contexto na sua totalidade, pois em cada caso o contexto há de proporcionar indicações claras a respeito.

Cabe aqui um comentário final: nada existe no uso da palavra *'ēber* que contrarie a autoria mosaica de Deuteronômio. [Outra possibilidade é interpretar *'ēber* no sentido de "margem", "lado", "região" (*cf.* Is 9.1 [8.23]; "ao longo do Jordão" [NIV]), o que exige uma maior especificação. As passagens que exibem a palavra com esse sentido são em geral qualificadas, esclarecendo-se assim se a referência é à margem oriental ou ocidental do Jordão — em Isaías 9.1 a região especificada é a Galiléia. Uma passagem de interesse é Números 32.19, que emprega duas vezes a expressão, uma especificada por meio da palavra *wāhāl'â*, "mais adiante" (IBB), e a outra especificada por meio da palavra *mizrāhâ*, "ao oriente". Os dois sentidos também aparecem bastante próximos um do outro em Josué 9, sendo que no versículo 1 a expressão é especificada como o território a oeste do rio e no versículo 10 como o território de Ogue e Seom. Em Deuteronômio, com apenas uma exceção (1.1), todos os casos desta expressão trazem a especificação adicional aqui descrita. *Cf.* Deuteronômio 4.41, 46, 47 e 49 em contraste com Deuteronômio 11.30. R.L.H.]

'ibrî. ***Hebreu.*** Usado como adjetivo (Gn 39.14) e como substantivo (Êx 1.19), *'ibrî* é empregado no AT em referência a um grupo étnico específico. No AT quem faz uso do vocábulo são, na maioria das vezes, não-israelitas e o termo pode, então, ter a conotação de alguém que não é natural da terra, alguém que "não é livre em solo livre" (Êx 2.11; *etc.*) *BDB* apresenta a sugestão de que o vocábulo deriva de *'ābar* e tem o sentido de "alguém que vem dalém", "alguém que vem do outro lado", "alguém que vem dalém do Eufrates", "alguém que vem dalém do Jordão". Tal sugestão parece reforçar a idéia de que o conceito de "alguém não natural da terra" é aplicado aos israelitas. Mas essa explicação etimológica não é aceita por *KB*.

Tem havido diversas tentativas de identificar *'ibrî* com *ħabiru*, vocábulo empregado em documentos do segundo milênio a.C. (Veja *BDB*, *'ibrî*; e HALDAR em *IBD*, *ħabiru*). Kline alegou, no entanto, que isso é altamente improvável [*cf.* bibliografia]. E. A. Speiser concorda depois de citar a monografia elaborada por M. Greenberg [que teve início como dissertação da qual Speiser foi orientador]. Speiser diz que "os dados continuam ambíguos" (*Genesis*, *AB*, p. 103).

O registro bíblico indica com bastante clareza que *'ibrî* deriva de Éber, nome de um dos filhos de Sem (Gn 10.21; 11.14, 16). Abraão é identificado como descendente de Sem através da linhagem de Éber (Gn 11.26). Descobriu-se agora que Ebrum foi o nome de um rei de Ebla! *'ibrî* é usado pela primeira vez no AT para designar Abraão em Gênesis 14.13. Não se sabe se todos ou apenas alguns dos descendentes de Éber foram chamados de *'ibrîm*. O AT claramente vincula Abraão a Sem (através de Éber), e, desse modo, Abraão é designado como aquele por meio de quem se cumpriu a profecia de Noé a respeito de

Sem. "Hebreu", *'ibrî*, tornou-se o nome pelo qual o povo da aliança foi designado, em contraste com os egípcios e filisteus (Gn 39—Êx 10; 1 Sm 4—29). Mas isso não altera o fato de que, quando povos não-israelitas empregaram a palavra, seu objetivo não era necessariamente reconhecer Israel como o povo escolhido de Deus por meio do qual Deus estava cumprindo suas promessas. Pelo contrário, a palavra poderia ter sido usada num sentido mais ou menos depreciativo, ou seja, de imigrantes, estrangeiros, aqueles que vêm dalém. [Os israelitas mesmos raramente usavam a palavra entre si. Eles empregavam-na para falar de si para pessoas estrangeiras. Por conseguinte, parece que o vocábulo abrangia um grupo mais amplo de pessoas. R.L.H.]

Bibliografia: — GREENBERG, M., *The hab/piru*, American Oriental Society, 1955. — KLINE, M. G., The habiru — kin or foe of Israel?, *Westminster Theological Journal* 20:46-70. — KRAELING, E.G., The origin of the name «Hebrews»., *AJSL* 58:237-53. — LEWY, J., Origin and signification of the Biblical term hebrew, *Hebrew Union College Annual*, 27:1-13. _____, A new Parallel between habiru and hebrews, *HUCA* 15:47-58. — NOTH, M., *The history of Israel*, Londres, Black, 1960, 33-6, 110-21. — *TDNT*, v. 3, p. 365-9.

'ebrâ. ***Ira, raiva, indignação.*** A raiz verbal do substantivo é *'ābar*, "passar", "transpor", "transbordar". (Michaelis e Driver relacionam o substantivo com o árabe *gabira*, "guardar rancor"). As idéias expressas pelo substantivo são de algo insuperável e/ou algo excessivo. No AT usa-se o substantivo com referência ao orgulho humano e em associaçao com a ira. O orgulho, junto com a ira, é arrogância e insolência.

O vocábulo *'ebrâ*, quando empregado com referência a Deus, é usado como sinônimo de substantivos tais como *qātsap*, *hēmâ*, *etc.* O vocábulo passa também a ter a conotação da impetuosidade da ira de Deus (Sl 78.49), que se manifesta numa demonstração surpreendente e irresistível (Is 13.9). A ira de Deus arde, transborda, elimina tudo de diante de si (Ez 22.21, 31). Por esse motivo, no dia da *'ebrâ* do Senhor, nada subsistirá diante dela. Quando se fala do dia do juízo, a referência é à ira de Deus que transborda, queima, consome tudo o que o desagradou ou se opôs a ele. Quando se fala da *'ebrâ* do homem, ela é descrita como sendo cruel e impiedosa (Am 1.11) e tendo o orgulho ferido como motivação básica.

'ābar. ***Imiscuir-se, irritar, enfurecer-se, ficar encolerizado.*** *BDB* relaciona *'ābar* em verbete separado, como um verbo denominativo relacionado com *'ebrâ* e usado apenas no hitpael, "ser arrogante", "enfurecer-se".

Esse verbo é empregado para expressar várias ênfases específicas. A atitude e conduta do tolo é descrita como a de alguém que "age com insolência e é autoconfiante" (Pv 14.16; ARA, "encoleriza-se e dá-se por seguro"). O insensato também é rápido em intrometer-se ou em envolver-se numa disputa. O prudente olha por onde vai, teme o mal e dele se aparta. Nesse contexto o verbo *hit'abber* transmite claramente a idéia de o orgulho humano levar a pessoa a uma manifestação precipitada de teimosia, tolice, ira incontida e maldade. Provérbios 20.2 ensina que aquele que provoca um rei a ficar assim perturbado coloca a própria vida em grande perigo (ARA, "peca contra"). Essa passagem sugere o caráter devastador e incontrolável da ira e do orgulho humanos, quando estes são despertados.

Também se usa o verbo para descrever as reações de Deus frente à desobediência de Moisés e de Israel. Deuteronômio 3.26 sugere que Deus deu ampla e total vazão à sua impaciência e ira com Moisés. O salmista, ao relembrar a história de Israel (Sl 78.21), lembra o povo de Deus que os pecados de Israel no deserto de fato testaram a paciência divina. Na realidade, Deus encheu-se de indignação e fez com que tal indignação transbordasse como uma inundação. Essa expressão certamente nos dá uma clara percepção da clara, espontânea e total repulsa que Deus sente pelos pecados cometidos repetidas vezes pelo seu povo liberto e escolhido.

'ābûr. ***I. Espiga madura, produto (da terra).*** (*UT* 19: nº 1 807 sugere "colheita".)

Em Josué 5.11-12 lê-se que Israel comeu o *'ābûr* da terra de Canaã, e, então, acabou o maná. Assim Israel percebeu concretamente que havia chegado à terra prometida, pois a terra havia "passado" alimento para a subsistência dos israelitas.

'ābûr. ***II. Por causa de, a fim de que, devido a, para que, para.*** *'ābûr* é uma preposição e conjunção sempre usada com o prefixo *b*ᵉ para exprimir relações causais, finais e consecutivas, de acordo com os significados da raiz *'ābar*, com sua idéia de "movimento de um lugar para outro", como aquele que decorre da finalidade (ou causa) para a consecução (ou resultado).

Bibliografia: — GEMSER, B., Be'ēber Hajjardēn in Jordan's borderland, *VT* 2:349-55.

G.V.G.

עִבְרִי (*'ibrî*). Veja o nº 1 556b.

1557 עָבַשׁ (*'ābash*) ***murchar, secar*** (Jl 1.17, somente).

1558 *עָבַת (*'ābat*) ***trançar, torcer.*** Ocorre somente no piel (Mq 7.3).

Termos Derivados

1558a עָבוֹת (*'ābôt*) ***com folhagem entrelaçada, frondoso*** (*e.g.*, Ez 20.28; Ne 8.15).

1558b עֲבֹת (*'ābôt*) ***corda (torcida), folhagem entrelaçada*** (*e.g.*, Êx 28.14; Is 5.18).

1559 עָגַב (*'āgab*) ***ter afeição descontrolada, cobiçar*** (*e.g.*, Ez 23.7, 9, 12; Jr 4.30).

Termos Derivados

1559a עֲגָב (*'āgāb*) ***amor sensual.*** Ocorre somente em Ezequiel 33.32.

1559b עֲגָבָה (*'āgābâ*) ***lascívia.*** Ocorre somente em Ezequiel 23.11.

1559c עוּגָב (*'ugāb*) ***flauta, caniço de junco*** (*e.g.*, Gn 4.21; Jó 30.31).

עֻגָה (*'ugâ*). Veja o nº 1 575a.
עָגוֹל (*'āgôl*). Veja o nº 1 560c.
עָגוּר (*'agûr*). Veja o nº 1 563a.

1560 עגל (*'gl*). Aceita como raiz de:

1560a †עֵגֶל (*'ēgel*) ***bezerro.***
1560b †עֶגְלָה (*'eglâ*) ***novilha.***
1560c עָגֹל (*'āgōl*), עָגוֹל (*'āgôl*) ***redondo.***
1560d עֲגָלָה (*'ăgālâ*) ***carroça.***
1560e עָגִיל (*'āgîl*) ***argola, anel.***
1560f מַעְגָּל (*ma'gāl*) ***trincheira, trilha.***

'ēgel. *Novilho, bezerro.* O novilho era um dos animais usados para sacrifício. O novilho de um ano era aceitável como holocausto (Lv 9.3; Mq 6.6), e como oferta em favor de Arão usou-se um de idade não-especificada (Lv 9.2, 8).

O bezerro cevado era usado como alimento (1 Sm 28.24; *cf.* Lucas 15.23, 27, 30), mas em geral era uma iguaria fina para os ricos (Am 6.4).

O saltar do bezerro é mencionado em Salmos 29.6 e em Malaquias 4.2 [3.20]. Usava-se o bezerro no ritual de aliança, sendo que os participantes passavam entre as partes do bezerro abatido (Jr 34.18; *cf.* Gn 15.9-10).

O bezerro também é empregado como um tipo. Ele tipifica os povos gentios (Sl 68.30 [31]) e os soldados mercenários do Egito (Jr 46.21). Em Jeremias 31.18 o bezerro não-domado representa o Efraim indômito, e em Isaías 27.10 o bezerro que pasta reflete a desolação de Judá. A coexistência pacífica entre o bezerro e outros animais exprime a paz da era vindoura (Is 11.6).

O bezerro como imagem, feita de ouro, é sem dúvida alguma o uso mais interessante dessa palavra. Arão cedeu ao desejo dos israelitas no deserto e lhes fez um bezerro fundido (Êx 32.4, 8, 19, 20, 24, 35), que ele identificou com os deuses que os livraram do Egito. Entretanto, esse bezerro está relacionado com a subseqüente festa proclamada para Iavé (Êx 32.5) e, por isso, pode ter sido um símbolo da presença de Deus ou, mais provavelmente, visto que os versículos 1 e 4 trazem o plural "deuses", o nome do Senhor foi empregado de uma forma politeísta e pagã.

Os bezerros de ouro de Betel e Dã, erguidos por Jeroboão, também parecem ter sido pedestais sobre os quais Iavé foi entronizado (1 Rs 12.28, 32), da mesma forma como ele estava entronizado entre os querubins acima da arca da aliança (Êx 25.22; Nm 7.89). Contudo, uma vez que o bezerro era símbolo de fertilidade, o conceito de pedestal ficou obscurecido, e, na religiosidade popular, em razão da influência cananéia, os bezerros foram identificados com Iavé (2 Rs 17.16; Os 8.5) e levaram à apostasia.

'eglâ. *Novilha, bezerra.* Um sinônimo é *pārâ*, que é o vocábulo empregado em Números 19 na descrição do ritual da novilha vermelha.

A novilha era usada no cultivo do campo, como arar a terra ou debulhar o cereal na eira (Os 10.11). Também era empregada para fornecer leite. Em Isaías 7.21 (*'eglat bāqār*,

1561 עגם (*'agam*)

"vaca nova") faz-se referência ao nômade que, sobrevivendo à invasão assíria, iria possuir uma vaca e duas ovelhas. Normalmente isso indicaria um camponês pobre (*cf.* 2 Sm 12.1-3), contudo tem-se aí uma promessa de abundância de leite. Nessa passagem a palavra "coalhada" (BJ; ARA, "manteiga") talvez esteja sendo empregada figuradamente para indicar abundância material.

Uma novilha de três anos foi usada na aliança que o Senhor fez com Abraão (Gn 15.9). Uma novilha de três anos ainda estaria em sua juventude e no vigor da sua força. (A "bezerra de três anos", que é como a ARC traduz em Is 15.5 e Jr 48.34, é corretamente entendida pela BJ como um topônimo, "Eglate-Selisias"; a ARA e a IBB trazem "novilha de três anos" na primeira passagem e "Eglate-Selisias" na segunda).

Uma novilha que nunca fora posta a trabalhar era utilizada no ritual de expiação quando o corpo de uma pessoa assassinada era encontrado em campo aberto e o assassino era desconhecido. Os anciãos da cidade mais próxima deviam quebrar o pescoço dessa novilha num vale com água corrente, lavando as mãos sobre ela, indicando com esse gesto a sua inocência e a de sua cidade (Dt 21.3, 4, 6). Esse ritual mostra que crime não é um assunto estritamente pessoal, mas envolve a comunidade toda. Ademais, num sentido real, a novilha era morta em lugar do assassino, sofrendo assim o castigo deste. Foi também uma novilha que Samuel ofereceu quando ungiu Davi (1 Sm 16.2).

Efraim também é assemelhado a uma novilha domada que gostava de debulhar (Os 10.11). Isso sugere que ela havia escolhido um trabalho agradável, produtivo e proveitoso (*KD*, *loc. cit.*). Quando trilhava, isto é, debulhava o cereal, permitia-se que o animal comesse à vontade (Dt 25.4). Mas agora Efraim será posto debaixo de uma canga para arar, ou seja, realizar trabalhos pesados e tarefas extenuantes.

Bibliografia: — OSWALT, John N., The golden calves and the Egyptian concept of deity, EQ 45:13-20.

C.S.

1561 עגם (*'ágam*) ***estar pesaroso por.*** Ocorre somente em Jó 30.25.

1562 עגן (*'ágan*) ***abster-se, trancar-se.*** Ocorre somente no nifal, em Rute 1.13.

1563 עגר (*'gr*). **Aceita como raiz de:**

1563a עגור (*'ágûr*) ***tordo (?), (nome de ave)***.

עַד- (*'ad*). I, II, III. Veja os nºs 1 565a, b, c.

עֵד- (*'éd*). Veja o nº 1 576b.

1564 עדד (*'dd*). **Aceita como raiz de:**

1564a עדה (*'iddá*) ***menstruação*** (Is 64.5).

1565 עדה (*'ádá*) ***I, prosseguir, atravessar;*** hifil, ***remover***. Provável raiz das palavras a seguir.

1565a עַד† (*'ad*) ***I, perpetuidade, eternidade.***

1565b עַד (*'ad*) ***II, presa, saque,*** usado somente em Genesis 49.27; Isaías 33.23; Sofonias 3.8.

1565c עַד (*'ad*), עֲדֵי (*'ădê*) ***III, até, até que, enquanto, durante.***

'ad. ***I. Perpetuidade, eternidade.*** Em Isaías 45.17 a ARA traz "em toda a eternidade", ao passo que a TB traz "para todo o sempre".

Deve-se assinalar que em hebraico não existe nenhuma palavra para designar tempo, nem palavras específicas para passado, presente, futuro e eternidade. Deve-se comparar este vocábulo com *'ôlām*, dando-se especial atenção às 19 vezes em que essas duas palavras são usadas juntas.

'ad, à semelhança de *'ôlām*, é empregada somente em associação com preposições, como um acusativo adverbial ou como um genitivo numa relação construta. O ugarítico *b'd 'lm* talvez corresponda ao hebraico *'ôd* bem como a *'ad* (*UT* 19: nº 1 813).

Esse vocábulo é empregado apenas duas vezes com referência ao passado. O conhecimento de que o sucesso dos ímpios é efêmero é algo conhecido desde o passado (Jó 20.4). Em Habacuque 3.6 faz-se menção à antigüidade das montanhas.

Nas demais passagens o vocábulo sempre denota o futuro inescrutável, tendo sentidos diferentes nos seguintes compostos: *'ădê-ad*, "perpetuamente" (Is 26.4; 65.18; Sl 83.17]18]; 92.7 [8]; 132.12, 14), *la'ad*, "perpetuamente" (Is 64.9 [8]; Am 1.11; Mq 7.18; Sl 9.18 [19]; 19.9 [10]; 21.6 [7]; 22.26 [27]; 37.29; 61.8 [9]; 89.29 [30]; 111.3, 8, 10; 112.3, 9; 148.6; Jó 19.24; Pv 12.19; 29.14; 1 Cr 28.9), *l'ôlām wa'ad* e *'ôlām wa'ad*, "por todo o sempre" (Êx 15.18; Mq 4.5; Sl 9.5 [6]; 10.16; 21.4 [5]; 45.6 [7], 17 [18]; 48.14 [15]; 52.8 [10]; 104.5; 119.44; 145.1, 2, 21; Dn 12.3). A palavra também aparece em relações construtas em que serve de modificador: *'ăbî-'ad*, "pai eterno" (IBB, Is 9.6 [5]), *shŏkēn 'ad*, "morada eterna" (MM, Is 57.15), "outeiros eternos", *har'rê-ad* (Hc 3.6).

Muitas vezes usa-se a palavra *'ad* com referência a Deus. Sua existência é eterna (Is 57.15). Conquanto sua justiça dure pare sempre (Sl 111.3; 112.3, 9), o mesmo não acontece com sua ira (Mq 7.18). Deus é digno de louvor e será louvado para sempre (Sl 45.17 [18]; 52.9 [10]; 111.10; 145.1, 2, 21). O trono de Deus (Sl 10.16; 45.6 [7]; Êx 15.18) e a lei de Deus (Sl 19.9 [10]) subsistirão para sempre.

Essa palavra também é aplicada a Israel. A dinastia davídica continuará para sempre, dependendo, no entanto, de seu modo de corresponder à aliança (Sl 89.29 [30], 132.12). Sião é o local onde Deus habita para sempre (Sl 48.14 [15]; 132.14; 1 Cr 28.9).

Um contraste gritante se vê no uso dessa palavra com relação ao justo e ao ímpio. Os justos não serão sempre esquecidos (Sl 9.18 [19]); eles herdarão a terra para sempre (Sl 37.29). Em contraste com isso, os ímpios estão destinados à destruição perpétua (Sl 9.6 [7]; 92.7 [8]).

'ad. ***II. Até, até que, enquanto, durante.*** A forma poética especial, *'ădê*, é empregada 12 vezes. *'ad* tem a função tanto de preposição quanto de conjunção. Ela indica o espectro de uma ação, começando pelo seu ponto de partida, passando pelo movimento de progressão e chegando até à sua conclusão. A palavra é usada no sentido espacial e temporal, também comparativo.

No sentido espacial ela pode indicar a chegada até um ponto geográfico ("até Betel", Gn 13.3), até um objeto específico "até às pontas do altar", Sl 118.27) e até uma pessoa ("perante os juízes", ARA, Êx 22.9 {8}) Quando empregado em combinação com *min*, o vocábulo dá a idéia de amplitude ("desde Sidom ... até Gaza", Gn 10.19). Também tem sentido de abrangência ("desde o mais jovem 'até' o mais velho", lit., Gn 19.4).

No sentido temporal, emprega-se a palavra para indicar o prosseguimento de um evento desde um determinado ponto no passado até o presente (Gn 19.37, 38). Pode designar um evento claramente no passado (Gn 8.7) e também um evento no futuro (Gn 3.19; Dt 7.20, 23). Como conjunção pode referir-se a uma ação já ocorrida (Dt 2.14) ou a uma que ainda não está terminada na época em que o texto é escrito (2 Sm 17.13). Um evento que prossegue pode ser expresso mediante traduções tais como "enquanto" ou "durante" ("a alegria dos ímpios [tem] duração de um momento", lit., Jó 20.5; *cf.* Jn 4.2; 2 Rs 9.22).

Também pode-se usar a palavra para indicar grandezas de modo a sugerir um grau superior ou supremo. O rei promete a Ester que será atendido seu pedido de ter até metade do reino (Et 5.6). Dar o dízimo resultará em bênçãos superabundantes (Ml 3.10). Acerca das palavras divinas, diz-se que elas correm até mesmo com muita pressa, ou seja, agilmente (Sl 147.15). Quando usada com advérbio de negação, exprime o conceito de "nem sequer tanto ... quanto", "não [chegar] até [o nível de]", "nem mesmo". A família de Simei não teve tantos filhos quanto Judá (1 Cr 4.27). Abisai foi líder dos trinta, mas não ficou entre os primeiros três (2 Sm 23.19). O exército de Sísera foi totalmente destruído, não sobrou nem mesmo um só homem (Jz 4.16). Como partícula conjuntiva pode indicar um nível de realização que se torna perpétuo (Is 47.7) .

Bibliografia: — GINSBERG, H. L., A preposition of interest to historical geographers, *BASOR* 122:12-4; 124:29-30.

C.S.

1566 עָדָה (*'adâ*) ***II, adornar, enfeitar-se.***

Termo Derivado

1566a עָדִי (*'ădî*) ***adornos.***

עֵדָה (*'ēdâ*). Veja os nºs 1 574c, e, 878a.

עִדָּה (*'iddâ*). Veja o nº 1 564a.

עֵדוּת (*'ēdût*). Veja o nº 1 576f

עֲדֵי (*'ădê*). Veja o nº 1 565c.

עֲדִי (*'ădî*). Veja o nº 1 566a.

עָדִין (*'ādîn*). Veja o nº 1 567c.

1567 *עָדַן (*'ādan*) ***viver em regalias.*** Ocorre somente em Neemias 9.25, no hitpael. Um verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1567a עֵדֶן† (*ēden*) ***roupas vistosas, jóias vistosas, coisas caras.***
1567b עֶדְנָה (*ednâ*) ***prazer*** (Gn 18.12).
1567c עֲדִין (*ādîn*) ***sensual.***
1567d מַעֲדָן (*ma'ădân*) ***petiscos, delícias.***

'ēden. ***I. Roupas vistosas, jóias vistosas, petiscos, delícias.*** Palavra empregada apenas três vezes. Em duas delas refere-se aos ricos despojos de guerra. Em sua elegia a Saul, Davi instou as mulheres a chorar por sua morte, pois ele lhes proporcionara roupas luxuosas (2 Sm 1.24). Os moradores de Judá acusam Nabucodonosor de ser um animal de rapina que devorou as comidas finas deles (Jr 51.34). Em Salmos 36.8 [9] o salmista refere-se ao rio de prazer encontrado em Deus, a fonte da vida. Essa é, talvez, uma alusão à confluência dos quatro rios no jardim do Éden (Gn 2.10).

1568 עֵדֶן (*ēden*) ***II, Éden.***

Esta palavra possivelmente deriva do acadiano *edinu*, que tem origem no sumério *eden*, que significa "planície", "estepe". O topônimo acadiano *bīt adini* designa a região dos dois lados do Eufrates. Foi então indiretamente associada com a raiz hebraica homônima *'ādan*, que significa "desfrutar", "ter prazer em". A LXX no entanto, parece derivar essa palavra diretamente da raiz hebraica *'ādan* ao traduzir a palavra por "jardim das delícias". Isso levou à identificação tradicional do Jardim do Éden com o Paraíso, o que foi bastante apropriado (Ap 2.7).

Essa palavra aparece 14 vezes no AT. Em Gênesis 2.8, 10; 4.16, faz-se referência à região geográfica em que o jardim se situava. Conquanto se possa identificar os rios Tigre e Eufrates, existe uma incerteza generalizada quanto aos outros dois rios, o Pisom e o Giom. Entretanto, uma área próxima à foz dos rios Tigre e Eufrates, no Golfo Pérsico, parece bastante possível. Speiser sustenta que o relevo físico apresentado em Gênesis 2 é autêntico (*AB*, *loc. cit.*; e *cf.* R. L. HARRIS, The mist, the canopy and the rivers of Eden, *JETS* 11 [1968]:177-80).

Éden é um símbolo de grande fertilidade em Isaías 51.3; Ezequiel 36.35 e Joel 2.3. Tanto Isaías quanto Ezequiel prometem que os lugares desolados de Judá florescerão, tornando-se como o Éden. Joel, ao referir-se à invasão de gafanhotos, indica que antes da chegada desses insetos a terra era como o Éden, mas um local desértico depois de sua partida.

Em Ezequiel 31 compara-se o Egito a um cedro gigantesco que as "árvores do Éden" (expressão que tem "a fina flor e o melhor do Líbano" como aposto, indicando dessa maneira os nobres e os príncipes das nações) invejavam, mas esse cedro gigantesco cairá, trazendo consolo às árvores do Éden (príncipes já caídos, agora tendo a companhia da nobreza do Egito, Ez 31.8, 9, 16, 18).

A expressão "jardim do Éden", em Gênesis 2.15; 3.23, 24 (*cf.* Ez 36.35; Jl 2.3), aparentemente deu origem a um uso específico de "Éden" pelos profetas. Em Isaías 51.3 o Éden é paralelo da expressão "jardim do SENHOR" (*cf.* Gn 13.10), e em Ezequiel 28.13

"jardim de Deus" é aposto de Éden. (Observe-se a mudança do nome divino. A passagem de Isaías emprega Iavé porque trata basicamente de Israel e de sua restauração; a passagem de Ezequiel emprega Elohim porque apresenta o Eden como a região mais gloriosa em toda a criação terrestre [*KD*, *loc. cit.*]). Fica claro que tal uso desperta agora um interesse muito mais teológico do que geográfico.

Em Ezequiel 28 o Éden, o jardim de Deus, está situado no santo monte de Deus (Ez 28.14, 16), e nesse jardim há um rei, identificado como o rei de Tiro. É uma pessoa antiqüíssima, bela e perfeita. Entretanto, devido ao orgulho, ele foi expulso do jardim. Aqui o rei de Tiro pode muito bem estar representando Satanás e sua queda. Se é de fato assim, então parece que o Éden se refere aqui a uma situação paradisíaca.

Mesmo nas passagens de Gênesis o escritor está interessado em algo mais além de geografia. Ali o Éden simbolizava um estado de comunhão perfeita, não rompida, entre Deus e o homem. A expulsão do jardim representou mais do que uma mera mudança. Indicava que o homem havia pecado, ao desobedecer o mandamento divino. Também é significativo que o Éden não era apenas um local luxuriante a ser desfrutado, era também um local onde o homem tinha trabalho para fazer.

Durante o período intertestamentário, o desenvolvimento entre os judeus da crença na ressurreição conduziu à identificação do Éden como o lugar onde ficariam, antes e depois da ressurreição, os justos que haviam morrido. (Deve-se, contudo, assinalar que eles continuaram a crer na existência do jardim do Eden original.) Essa ênfase influenciou claramente os escritores do NT, que três vezes mencionam o paraíso — Lucas 23.43; 2 Coríntios 12.1-4; Apocalipse 2.7.

C.S.

1569 עָדַף (*'ādap*) ***sobrar, existir em abundância*** (*e.g.*, Êx 26.12; 16.23).

1570 עָדַר (*'ādar*) ***I, ajudar*** (1 Cr 12.34).

1571 *עָדַר (*'ādar*) ***II, carpir com enxada.*** Este verbo ocorre apenas no nifal (Is 5.6; 7.25).

Termo Derivado

1571a מַעְדֵר (*ma'dēr*) ***enxada.***

1572 *עָדַר (*'ādar*) ***III, faltar, falhar.*** Ocorre apenas no nifal e no piel

Termo Derivado

1572a †עֶדֶר (*'eder*) ***rebanho, manada.***

Essa palavra é, em geral, usada em referência a ovelhas, cabras e gado graúdo, mas também é empregada para indicar a nação de Israel em seu relacionamento com Deus.

Com referência a animais, essa palavra designa, basicamente, ovelhas (Gn 29.2, 3, 8; 1 Sm 17.34; Jr 51.23; Jl 1.18; Ml 1.14). O pastor é desafiado a observar as condições de seu rebanho (Pv 27.23). Ao descrever sua amada, o noivo descreve os dentes dela como um rebanho de cordeiras (Ct 4.2 = 6.6). Além de ovelhas, aplica-se o vocábulo também a cabras (Ct 4.1; 6.5), a bois (Jl 1.18) e a gado em geral — bovinos domesticados mas, freqüentemente, com a inclusão de outros animais (Gn 32.17, 20).

O uso mais significativo dessa palavra é sua designação de Israel como o rebanho de Deus. A própria natureza dos animais (ovelhas em particular), a devoção e o cuidado do pastor, somando ao conhecimento deste fato por ambas as partes fez desse um símbolo ideal do relacionamento de Deus com Israel. Embora reis (Jr 13.20) e outros governantes (denominados pastores, Ez 34.12; Zc 10.3) tenham maltratado o rebanho de Deus, ele cuidará de cada uma de suas ovelhas. O profeta condenou os pastores de Israel que não tinham cuidado do rebanho, mas, sim, cuidado de si mesmos (Ez 34.2). Em contraste, o profeta promete que Deus cuidará bem de Israel e estabelecerá seu "servo Davi" (Is 40.11; Ez 34.13-16, 24). Assim como no passado ele dirigiu os israelitas no deserto, depois do êxodo (Sl 78.52), da mesma forma ele os trará de volta do exílio (Jr 13.17), saindo em busca deles e conduzindo-os como o faz um pastor (Mq 2.12). Essa alegoria é a base para o NT apresentar Jesus como o Bom Pastor (Jo 10; Hb 13.20).

C.S.

1573 עֲדָשָׁה (*ădāshâ*) ***lentilha*** (*e.g.*, Gn 25.34; Ez 4.9).

1574 עוּב* (*ûb*) ***cobrir de nuvens.*** Verbo denominativo, usado no hifil.

Substantivo de Origem

1574a † עָב (*āb*) ***II, nuvem.***

ûb, "cobrir de nuvens" é usado apenas em Lamentações 2.1, em que se diz que Sião será posta sob uma nuvem por causa da ira do Senhor.

'āb. ***Nuvem.*** Deve-se fazer distinção entre esta palavra e o sinônimo *'ānān*, "formação de nuvens" (empregado na expressão "coluna de nuvem", Êx 13.21). Parece que, por contraste, *'ab* designa uma nuvem em particular, em geral uma nuvem escura, no sentido de nuvem de chuva (Jz 4.5; 1 Rs 18.44, 45; Jó 37.11; Ec 11.3; Jó 37.11).

Emprega-se *'āb* metaforicamente para mostrar o movimento rápido do remanescente (que chega em navios de mastros brancos), quando Deus o chama de volta do exílio (Is 60.8); a facilidade, a rapidez e a totalidade com que Deus remove o pecado (Is 44.22); e a efemeridade da prosperidade (Jó 20.6). Assim como Deus é capaz de controlar o calor do sol por meio de nuvens, pode também abafar o barulho dos inimigos do seu povo (Is 25.5).

Usa-se o vocábulo também para sugerir uma posição elevada, em particular no que diz respeito à ambição dos ímpios e às suas aspirações contra Deus. Embora pareça que os ímpios prosperem, chegando ao auge do sucesso, logo perecerão e desaparecerão (Jó 20.6). A palavra é empregada com o mesmo sentido acerca do Egito, que é assemelhado

a um cedro cujo topo se encontra no meio das nuvens, mas que será abatido (Ez 31.3, 10, 14). O rei de Babilônia expressa sua ambição mediante a sua determinaçao de subir ao cume da montanha do norte ou montanha sagrada (NIV), que está perdida em meio às nuvens (Is 14.13-14). Ele, contudo, morrerá como acontece com todos os outros homens e irá para o Sheol, onde não desfrutará um lugar especial.

Essa palavra também descreve a mobilidade de Deus (Sl 18.11, 12 [12, 13] = 2 Sm 22.12, 13; Sl 104.3). Deus vem montado sobre as nuvens quando está na iminência de trazer juízo sobre o Egito, causando medo nos próprios ídolos daquela nação (Is 19.1). É talvez neste sentido de julgamento que Jesus, numa alusão a Daniel 7.13, se referiu à sua volta "vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória" (Mt 24.29-31).

C.S.

1575 עוּג (*ûg*) ***assar*** (Ez 4.12). Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1575a עֻגָה (*'ugâ*) ***pão, bolo*** (*e.g.*, Os 7.8; Ez 4.12).
1575b מְעוֹג (*mā'ôg*) ***bolo*** (1 Rs 17.12; Sl 35.16).

עוּגָב (*'ûgāb*). Veja o nº 1 559c.

1576 עוּד (*'ûd*) ***voltar, repetir.***

Termos Derivados

1576a †עוֹד (*'ôd*) ***repetição, continuação.***
1576b †עֵד (*'ēd*) ***testemunha.***
1576c †עֵדָה (*'ēdâ*) ***testemunho, testemunha.***
1576d †עוּד (*'ud*) ***dar testemunho.*** Verbo denominativo.
1576e †עֵדָה (*'ēdâ*) ***testemunhos.***
1576f †עֵדוּת (*'ēdût*) ***testemunho.***
1576g הַעֲדָה (*t'ûdâ*) ***testemunho*** (Is 8.16, 20), ***confirmação*** (Rt 4.7).

'ôd. ***Continuação, além de, ainda, novamente.*** A palavra funciona como substantivo e como advérbio. Derivada de *'ûd*, "repetir", "tornar a fazer", a palavra tem o sentido de repetição e permanência. C. van Leeuwen assinala que a raiz *'ûd* é de uso bem disseminado entre as línguas semíticas: por exemplo, os vocábulos árabes *'âda*, "voltar", e *'âdat*, "habituar-se", o etíope *'ōdu*, "virar-se", e o fenício-aramaico-hebraico *'ōd*, "ainda". Mas o significado de "testemunha" (*'ēd*) ocorre apenas em hebraico (*THAT*, v. 2, p. 210).

Na maioria das vezes esta palavra possui um sentido temporal. É empregada para indicar o prosseguimento de um evento passado ou presente ("Abraão permaneceu ainda na presença do SENHOR", Gn 18.22), de um costume ("o povo ainda sacrificava e queimava incenso [nos altos]", 1 Rs 22.44) e de um atributo ("estou forte ainda hoje", Js 14.11). O

vocábulo pode ainda indicar a idéia de constância. O salmista afirma que cantará ao Senhor enquanto viver (Sl 84.4 [5]; 104.33; 146.2). Jacó declarou que Deus esteve com ele durante toda a sua vida (Gn 48.15). Quando limitada pelo contexto a um evento isolado, a palavra assume o sentido de "ainda mais", "de novo" (Gn 18.29; 29.33).

Pode-se indicar acréscimo ou repetição mediante este vocábulo. Depois de "ainda" outros sete dias, Noé soltou outra ave (Gn 8.10, 12). Jacó serviu Labão durante "outros" sete anos para obter Raquel (Gn 29.30). José advertiu os irmãos de que a fome continuaria por "mais" cinco anos (Gn 45.6, BLH).

A palavra também possui uma ênfase numérica, tendo o sentido de "ainda mais", "assim mesmo" (Gn 19.12; 1 Sm 10.22; Am 6.10). Quando empregada com advérbio de negação, o significado é de que não existe ninguém mais (Is 47.8, 10). Deus afirma com muita ênfase que não existe ninguém além dele (Is 45.5, 6, 14, 18, 22).

'ēd. ***Testemunha.*** Esta palavra, que aparece 67 vezes no AT, também deriva da raiz *'ûd*, "voltar" ou "repetir", "tornar a fazer". Aparentemente o desenvolvimento semântico é de que uma testemunha é alguém que, por reiteração, apresenta enfaticamente o seu testemunho. A palavra faz parte do vocabulário jurídico.

Uma testemunha é alguém que tem conhecimento de primeira mão acerca de um acontecimento ou que pode testemunhar com base num relato que ouviu (Lv 5.1). Tal pessoa está obrigada a testemunhar (Pv 29.24). A lei exigia o testemunho de pelo menos duas testemunhas para que se provasse a culpa (Nm 35.30; Dt 17.6; 19.15). No caso de apedrejamento, a testemunha atirava a primeira pedra (Dt 17.7; *cf.* At 7.58).

O AT reconhece que uma testemunha podia ser fiel ou falsa em seu relato. No primeiro caso a palavra é qualificada por *'ĕmet*, "verdade" (lit., Pv 14.25; Jr 42.5), *'ĕmûnâ*, "firmeza" (lit., Pv 14.5) e *ne'ĕmān*, "confirmada" (lit., Is 8.2). Para designar a testemunha em que não se pode confiar, qualifica-se a palavra por meio de *sheqer*, "falsa" (Êx 20.16), *kāzāb*, "mentira" (lit., Pv 21.28), *b'liya'al*, "falta de valor" (lit., Pv 19.28), *shāw*, "vacuidade" (Dt 5.20 [17, mas 20 na *BHS*]) e *hāmās*, "violência" (Êx 23.1; Dt 19.16; Sl 35.11).

Dar testemunho falso é algo proibido pelo Decálogo (Êx 20.16) e condenado na literatura sapiencial (Pv 6.19; 14.5; 19.5, 9, 28; 21.28; 25.18). O salmista se queixa de que testemunhas falsas se levantaram contra ele (Sl 27.12; 35.11). De acordo com a lei, uma testemunha falsa estava sujeita ao mesmo castigo que esperava ter infligido no acusado (Dt 19.16-21).

A testemunha era necessária em várias transações, tais como a venda de propriedades (Jr 32.10, 12, 25, 44) e o ato de redenção (Rt 4.9, 10, 11).

Objetos inanimados também poderiam ser testemunhas: pedras (Gn 31.48), um altar (Js 22.27, 28), a lua (Sl 89.37 [38]) e um poema (Dt 31.19, 21, 26). A nação de Israel era vista como uma testemunha de Deus (Is 43.9, 10; 44.8, 9). Em Gênesis 21.30 animais foram testemunhas simbólicas do estabelecimento de um tratado.

A derradeira testemunha é o próprio Deus, que é apresentado como alguém com plena consciência da integridade humana (1 Sm 12.5; Jó 16.19) e que também conhece o pecado do homem (Jr 29.23; Ml 3.5).

'ûd. ***Dar testemunho, admoestar, advertir.*** Este é um verbo denominativo, derivado do substantivo *'ēd*, "testemunha".

Essa palavra não é usada com muita freqüência e, em geral, na esfera dos negócios humanos. É empregada com referência a uma transaçao comercial em Jeremias 32.10, 25, 44, passagens que mostram que Jeremias conseguiu testemunhas da compra de uma propriedade em Anatote. Jezabel contratou dois homens para testemunharem contra Nabote, a fim de que Acabe pudesse se apoderar de sua vinha (1 Reis 21.10, 13). Isaías levou consigo testemunhas fidedignas que confirmassem o seu sinal junto a Acaz (Is 8.2). Jó recorda-se da ampla aprovação que ele desfrutava antes de sua adversidade (Jó 29.11).

Deus apela para os céus e a terra e invoca-os como testemunhas contra Israel sobre o fato de ter dado ao seu povo a oportunidade de escolher entre a vida e a morte (Dt 4.26; 30.19). Esse é um tema comum no AT (*cf.* Is 1.2). Moisés também invoca os céus e a terra contra a prevista rebelião de Israel (Dt 31.28).

Num maior número de vezes emprega-se esta palavra com o sentido de advertência enérgica. O homem pode ser tanto aquele que faz a advertência quanto o que a recebe. José advertiu seus irmãos a voltar com Benjamim (Gn 43.3). Neemias admoesta com firmeza os comerciantes a não profanar o sábado (Ne 13.15). No Sinai Moisés deu a Israel uma palavra de advertência contra a curiosidade (Ex 19.21). Samuel advertiu a nação a não instituir um monarca (1 Sm 8.9). Aquele que, possuindo um boi, fosse advertido de que seu animal era perigoso e não tomasse providências, devia ser morto, caso o animal matasse alguém (Êx 21.29).

Muitas vezes Deus é também o sujeito do verbo, transmitindo uma advertência a Israel (2 Reis 17.15; Sl 50.7; 81.8 [9]; Jr 11.7). Os profetas eram com freqüência o canal por meio do qual Deus transmitia sua exortação solene (2 Cr 24.19; Ne 9.26; Jr 42.19; Am 3.13).

'ēdâ. ***I. Testemunho, testemunha.*** Palavra usada apenas para designar coisas empregadas para a) demonstrar a constância de algo e b) demonstrar fatos inequívocos, tais como a propriedade (Gn 21.30), um acordo (Gn 31.52) e uma aliança com Deus (Js 24.27).

'ēdâ. ***II. Testemunhos.*** Esse substantivo é usado apenas no plural. Refere-se às leis outorgadas com a autorização divina, especialmente no salmo 119 (13 vezes). Possivelmente *'ēdâ* é uma grafia alternativa de *'ēdût*.

'ēdût. ***Testemunho, lembrete, sinal de advertência.*** (A ARA emprega ocasionalmente a tradução "advertência" [cf. 2 Rs 17.15], o que se justifica, visto que o sentido desta palavra não é simplesmente o de um testemunho corroborador, mas também de um testemunho de advertência.) Esse substantivo provém da raiz *'ûd*, "dar testemunho". Sinônimos e derivados da mesma raiz são *'ēdâ* III, encontrado com menor freqüência e apenas no plural, com o sentido de "testemunhos" de Deus, e *tĕ'ûdâ*, que também significa "testemunho", mas com um sentido um pouco mais restrito, visto que designa o testemunho profético específico de Isaías (8.16, 20) e não a lei em geral. (Quanto a esta última palavra, *cf.* *UT* 19: nº 1 832, *t'dt*, que possui o duplo sentido de mensagem e mensageiro — *UT* 16: T nºs 137:22, 26, 30, 41, 44.)

A palavra é sempre usada com referência ao testemunho de Deus. Na maioria das vezes o emprego ocorre com relação ao tabernáculo, resultando na expressão "tabernáculo do Testemunho" (Êx 38.21; Nm 1.50, 53), e à arca, resultando na frase "arca do

Testemunho" (Êx 25.22; 26.33, 34; 30.6, 26). Em várias passagens essa palavra sozinha indica a arca (Êx 16.34; 27.21; 30.36; Lv 16.13). Moisés recebeu instruções para colocar o testemunho na ("diante da", Êx 16.34; 27.21) arca (Êx 25.21), e ele assim o fez (Êx 40.20; *cf.* Hb 9.4). Aqui o sentido está bastante claro. Designa as duas tábuas de pedra nas quais foram escritas as Dez Palavras (ou Mandamentos, Êx 24.12; 31.18; 32.15; 34.29). Essas duas tábuas simbolizavam a aliança de Deus com Israel (Êx 34.27, 28), e, nessa condição, são chamadas de "tábuas da aliança" (Dt 9.9; 11.15).

A lei de Deus é seu testemunho porque ela é a própria afirmação divina acerca de sua própria pessoa e de seu propósito. Enquanto no AT as palavras escritas constituem o testemunho, no NT é a proclamação do evangelho que é a essência do testemunho.

A identificação dessa palavra com a lei se vê de forma ainda mais clara em Salmos 19 e 119, onde ela é usada como sinônimo da lei. Em Salmos 19.7 [8] afirma-se que o testemunho do Senhor é fidedigno. Essa palavra é usada nove vezes em Salmos 119 (14, 31, 36, 88, 99, 111, 129, 144, 157), em que o salmista deixa transparecer seu grande prazer na lei do Senhor e seu grande respeito por ela.

O vocábulo também é empregado no relato da cerimônia de coroação de Joás. Na hora de receber a coroa das mãos do sacerdote Joiada, o rei também recebeu o "Testemunho" (2 Rs 11.12 = 2 Cr 23.11). O objetivo desse gesto, baseado em Deuteronômio 17.18-20, era lembrar o rei de que a lei havia de controlar tanto sua vida pessoal quanto seu reinado como monarca (*cf.* 1 Rs 2.3; 1 Cr 29.19, com referência a Salomão; e 2 Cr 34.31, com referência a Josias).

Conforme foi assinalado acima, a palavra ressalta também a idéia de advertência. Atribui-se a queda do Reino do Norte ao fato de que Samaria fez pouco caso da advertência do Senhor (2 Rs 17.15). Esdras faz uma confissão em nome do Reino do Sul, reconhecendo que Judá não havia dado ouvidos às advertências de Deus (Ne 9.34; *cf.* Jr 44.23). A lei do Senhor foi dada como um sinal de advertência para os homens.

Bibliografia: — WOUDSTRA, M., *The ark of the covenant, from conquest to kingship*, Presbyterian and Reformed, 1965, p. 101-2. — *TDNT*, v. 4, p. 482-6; v. 7, p. 802-28. — *THAT*, v. 2, p. 209-20.

C.S.

1577 עָוָה (*'āwâ*) ***dobrar, torcer, distorcer.***

Termos Derivados

1577a עָוֹן (*'āwōn*) ***iniqüidade, culpa, castigo.***

1577b עַוָּה (*'awwâ*) ***ruína.***

1577c עִוְעִים (*'iw'îm*) ***entortante, desvirtuante*** (Is 19.14).

1577d עִי (*'î*) ***ruína, monte de ruínas.***

1577e מְעִי (*m"'î*) ***ruína*** (Is 17.1).

Cognatos do hebraico *'āwâ* incluem os vocábulos árabes *'awaya*, "pender", "torcer", e/ou *gĕwaya*, "desviar-se do caminho" (*cf.* S. R. DRIVER, *Notes on the hebrew text... of the*

books of Samuel, 2ª ed., 1913, p. 170 e s.; *GB*, p. 569b; *KB* p. 686 e s.; ZORRELL, p. 578a), e o aramaico *'awaya*, "delito", "iniqüidade" (Dn 4.24).

O principal derivado é o substantivo masculino *'āwōn* (que ocorre 231 vezes, em contraste com o verbo, que é encontrado 17 vezes), que segue um paradigma nominal abstrato com a terminação *ān* > *ôn* (*BL*, p. 498; e MOSCATI, p. 82). *BDB* levanta a conjectura de duas raízes: *'āwâ* I, "dobrar", "torcer", relacionada com o árabe *'awaya*, e *'āwâ* II, "cometer iniqüidade", um verbo denominativo derivado de *'āwōn*, palavra que por sua vez está relacionada com o árabe *ġawaya*. Mas *KB* e *GB* consideram mais provável uma única raiz hebraica, que está relacionada ou apenas com *'awaya* (como o entende *KB*) ou com ambas as raízes (como o entende *GB*). Por razões práticas adotaremos esta última concepção.

Pode-se ver o sentido básico do verbo ("pender", "torcer", "distorcer") em seus usos concretos, não-teológicos: "estou encurvado [nifal]" (lit., Sl 38.7); "o SENHOR devasta e desola a terra, transtorna [piel] a sua superfície" (Is 24.1). A partir dessa idéia básica deriva o sentido de "distorcer", "entortar", "perverter": "fez tortuosas [piel] as minhas veredas" (Lm 3.9); "perverti [hifil] o direito" (Jó 33.27); "o perverso [nifal] de coração será desprezado" (Pv 12.8). Quando a distorção diz respeito à lei, significa "pecar", "infringir", "cometer uma perversão/iniqüidade".

'āwōn. ***Iniqüidade, culpa, castigo pela culpa.*** [O substantivo derivado *'āwōn* ocorre somente com a noção teológica abstrata, derivada da raiz: "infração", "comportamento desonesto", "perversão", "iniqüidade", *etc.*

Observamos em primeiro lugar que o substantivo é um coletivo. É assim que Deus diz acerca dos delitos e das perversões dos amorreus: "não se encheu ainda a medida da iniqüidade [singular] dos amorreus" (Gn 15.16). A viúva de Sarepta queixa-se a Elias que ele veio para "trazer à lembrança a minha iniqüidade/perversão [singular]" (lit., 1 Rs 17.18). É assim que a palavra ocorre em fórmulas como "perdoar [*nāsā'*, lit. 'suportar'] *'āwōn*" (Gn 4.13; Êx 34.7; Os 14.3; Sl 85.3); "passar de alguém [*'ābar*, hifil, lit. 'remover'] *'āwon*" (Zc 3.4); "visitar [*pāqad*] *'āwōn*" (Êx 20.5); *etc.* Essa idéia de totalidade também se vê na associação dos delitos individuais com os do grupo: "e o bode levará sobre si todas as iniqüidades/perversões [plural] deles" (lit., Lv 16.22); "... e Iavé pôs sobre ele a iniqüidade/perversão [singular] de todos nós" (lit., Is 53.6).

Ademais, conforme o indicam as referências acima, o vocábulo denota tanto os feitos como suas conseqüências, tanto os delitos como o seu castigo. As duas noções estão presentes, mas a atenção se concentra às vezes no feito ("pecado"), em outras vezes no resultado do delito ("castigo") e algumas vezes na situação entre o feito e sua conseqüência ("culpa"). Um exemplo de atenção concentrada no delito que clama por castigo é "esta 'maldade' vos será como a brecha de um muro alto, que, formando uma barriga, está prestes a cair, e cuja queda vem de repente, num momento" (Is 30.13; *cf.* Ez 18.30; 44.12; Os 5.5; Jó 31.11, 28). Um exemplo de ênfase no castigo é "levanta-te ... para que não pereças no 'castigo' da cidade" (Gn 19.15; *cf.* Jr 51.7; Sl 39.12; 106.43; Jó 13.26; 19.29; Ed 9.7). Com ênfase na "culpa" tem-se "caia a 'culpa' sobre mim" (1 Sm 25.25; veja abaixo inúmeros exemplos).

A notável ambivalência entre os significados de "pecado como um ato" e "castigo" mostra que na mentalidade do AT o pecado e seu castigo não são noções radicalmente distintas, que é como tendemos a pensar a respeito. Pelo contrário, no AT pressupõe-se que

a ação da pessoa e aquilo que lhe acontece estão diretamente relacionados como parte de um único processo, dentro da ordem divina básica. Tem-se denominado essa relação mútua de "maneira sintética de encarar a vida" (G. VON RAD, *Theology of the Old Testament*, v. 1, p. 205). A raiz *hātā'*, "pecar", apresenta o mesmo conceito "sintético" básico, como, por exemplo, em Números 32.23; "porém, se não fizerdes assim, eis que pecastes [*hătā'tem*] contra o SENHOR; e sabei que o vosso pecado [*hattā't'kem*] vos há de achar". A segunda ocorrência, a forma nominal da raiz, denota o "castigo" desse ato (*cf.* Num. 12.11). É assim que o pecado tinha o efeito inevitável de destruir o indivíduo e/ou a comunidade e devia ser extirpado. B.K.W.]

É bastante claro que *'āwōn* não é um traço do caráter de Deus nem de seu relacionamento com os homens (Êx 20.5, 6; 34.7), mas é um traço assoberbante do caráter e das ações dos homens, inclusive das conseqüências de tais ações.

'āwōn designa diferentes tipos de violações das regras civis ou sociais em 1 Samuel 20.1, 8; 2 Samuel 3.8; Neemias 4.5; Salmos 51.2; e das regras de adoração em Josué 22.17; e 1 Samuel 3.13-14. Num número de casos grande demais para ser alistado, o vocábulo é um substantivo coletivo ou praticamente abstrato que denota o somatório de delitos cometidos no passado contra Deus e os homens. Exemplos são Números 14.34; 1 Samuel 25.24; 2 Samuel 22.24; 1 Reis 17.18; Esdras 9.6; Jó 13.26; Isaías 1.4; Jeremias 11.10.

Em outras passagens a ênfase recai sobre a qualidade e a origem interior de *'āwōn*. Em Jó 15.4-5 a palavra está relacionada com a rejeição do temor de Deus, ao passo que em Salmos 78.37-38 ela está identificada com o não estar firme em relação a Deus, e em Jeremias 14.10 ela exemplifica a afirmação de que os israelitas gostavam de andar errantes. A palavra está relacionada tanto com adultério (Nm 5.31) quanto com idolatria (Os 5.5; Jr 16.10-11). Nesta metáfora, descreve-se tanto o ato de violação como a contaminação decorrente. Outros resultados de *'āwōn* são a separação de Deus, isto é, alienação (Lv 26.40; Is 59.2; 1.4) e a impureza (Sl 51.2 [4]).

A culpa é a principal conseqüência de *'āwōn* no homem interior. Não é fácil fazer distinção entre esse aspecto e a idéia de soma de delitos passados, mas *BDB* (p. 731) relaciona mais de 30 casos em que o elemento de culpa é proeminente.

Junto com o impacto de *'āwōn* no íntimo do homem, existem conseqüências que afetam a família, a tribo, a nação de Israel, as várias nações e a natureza. Com respeito à família, a conhecida afirmação encontra-se em Êxodo 20.5; Deuteronômio 5.9. A visitação divina pode ser vista como um castigo que atinge mais de perto indivíduos da família ou da tribo (Lv 5.17; 18.25; Nm 5.31; 1 Sm 25.24; 2 Sm 14.9; Sl 106.43; Jr 36.31). *'āwōn* torna a nação passível de ser castigada (Lv 26.39; Ed 9.7, 13, Sl 107.17, e várias vezes em Isaías, Jeremias e Ezequiel). Num certo sentido, o sumo sacerdote e os sacerdotes assumiram o risco de castigo, em lugar da nação, devido à santidade de suas tarefas e do santuário (Êx 28.38, 43; Lv 22.16; Nm 18.1, 23). Depois da queda de Jerusalém, aquela catástrofe foi reconhecida como resultado do *'āwōn* da nação (Lm 4.6, 13, 22; Ez 39.23; Dn 9.13, 16).

Não era inevitável que o castigo acompanhasse o *'āwōn*; havia uma saída. As súplicas do homem a Deus e as promessas divinas de salvação indicam a maneira de livrar-se do *'awōn*. As pessoas devem ter consciência do *'āwōn* e confessá-lo (Gn 44.16; Lv 16.21; Ne 9.2; Sl 32.5; 38.18 [19]), e isso deve envolver um pedido feito a Deus (Êx 34.9; Nm 14.19; Jó 7.21; Sl 25.11). O homem também deve mudar seu estilo de vida (Ez

18.30; 36.31). Já foi providenciado um substituto que recebe o castigo (Lv 16.22; Is 53.5-6, 11; Ez 4.4-6).

De importância suprema são os atos de Deus de remover e perdoar o *'āwōn*; isso é ao mesmo tempo prometido e anunciado como um fato concreto (Nm 14.18; Sl 65.3 [4]; 78.38; 103.3; Pv 16.6; Is 6.7; Jr 32.18; Dn 9.24; Mq 7.18-19; Zc 3.4, 9; *cf.* o ato em que Davi, com um beijo, manifesta seu perdão, 2 Sm 14.33). Em três passagens ressalta-se o ato divino de purificar (Sl 51.4; Jr 33.8; Ez 36.33).

'awwâ. *Ruína, entulho.* Este substantivo ocorre apenas em Ezequiel 21.27 [32], em que é usado três vezes para indicar um grau superlativo. A TB traduz esta palavra por "transtornar", associando-a com a raiz *'āwâ*, "pender", "inclinar". O sentido disso é acentuado mediante a referência a uma inversão de poder e posição social no v. 26. O sumo sacerdócio ("diadema") e a monarquia ("coroa") serão reduzidos a ruínas até a vinda daquele que tem legítimo direito sobre eles. Embora alguns procurem identificar tal pessoa com uma personagem histórica, parece que a passagem possui implicações messiânicas. A interpretação messiânica é fortalecida quando se comparam esses versículos com Gênesis 49.10. A difícil expressão "até que venha Siló" pode ser mais bem traduzida por "até que venha aquele a quem pertence", interpretando-se o *shin* como um antigo pronome relativo. A frase então é notavelmente semelhante a Ezequiel 21.27 [32], que emprega o pronome relativo mais comum, "até que venha aquele a quem ela pertence de direito".

Bibliografia: — BEN-MORDECAI, C. A., The iniquity of the sanctuary; a study of the Hebrew term עון. *JBL* 60:311-4. — GELIN, Albert, *Sin in the Bible*, Desclee, 1964. — PORUBCAN, Stefan, *Sin in the Old Testament*, Roma, Herder, 1963. — QUELL, G, *Sin*, Londres, Adam and Charles Black, 1951. — SMITH, C. R. *The Bible doctrine of sin*. Londres, Epworth, 1953. — *TDNT*, v. 1, p. 268-93. — *THAT*, v. 2, p. 243-8.

C S.

1578 עוז (*'ûz*) ***refugiar-se, dar refúgio.***

Termo Derivado

1578a מעוז (*ma'ôz*) ***lugar de refúgio, meio de refúgio.***

Em outros idiomas, a raiz *'wz* é encontrada apenas em árabe, *'āḍa*, "buscar refúgio". Gerstenberger, no entanto, é da opinião de que possivelmente este verbo seja denominativo, pois seus supostos derivados possuem uma marcante semelhança fonética e semântica com *'āzaz*, "ser forte" (*THAT*, v. 2, p. 222).

O verbo transmite a idéia de abrigar-se rapidamente. Tal urgência se vê nos contextos em que ele aparece: Êxodo 9.19, que fala de dar abrigo rapidamente para aquilo que estiver no campo por causa da chuva de pedras; Jeremias 4.6; 6.1, que trata do avanço do exército caldeu, o que cria a necessidade de um alarme rápido; Isaías 10.31, que fala de um exército invasor, quer seja este o exército assírio quer o exército sírio-efraimita. A futilidade de abrigar-se no Egito é ressaltada em Isaías 30.2, em que o verbo ocorre junto com o substantivo derivado, um caso de acusativo cognato.

mā'ôz. ***Lugar de refúgio, meio de refúgio, proteção, baluarte, fortaleza.*** Como acontece às vezes, o prefixo *mem* acrescenta à raiz verbal a idéia de "lugar" em que ocorre a ação.

Lugares de refugio, quer naturais quer feitos pelo homem, podem ser indicados por meio desta palavra, como uma montanha (Jz 6.26), um porto seguro (Is 23.4), cidades (Is 17.9) e o templo (Ez 24.25). Essas fortalezas, por nítido contraste com a pessoa de Deus, não são invencíveis, mas, pelo contrário, sujeitas à destruição (Is 23.11, 14; Ez 30.15). O substantivo também aparece possivelmente em Salmos 52.7 [9] (no entanto, aí a palavra talvez derive de *'āzaz*, "ser forte"), mostrando a futilidade de procurar abrigo nas riquezas.

O vocábulo também pode ser empregado figuradamente para designar a proteção humana. Uma potência estrangeira, como o Egito, podia ser vista como um meio de proteção (Is 30.2, 3; aqui a proteção dada pelo Faraó é paralela da "sombra do Egito"). Essa dependência do Egito era um problema comum de Israel, fazendo cair sobre este a condenação dos profetas (Jr 42.7-17). Judá também tendia a ver falsamente o templo como um símbolo de segurança (Ez 24.25; *cf.* Am 6.8; Jr 7.4; 26.4, 5, 6).

Com certeza o uso mais comum desta palavra é o figurado, que designa Deus como o refugio de seu povo. Aqui se fazem cuidadosas distinções. Enquanto os ricos perversos recusam o abrigo divino (Sl 52.7 [9]), buscando refúgio em suas próprias riquezas, Deus é a proteção dos pobres (Is 25.4), dos justos (Pv 10.29) e do seu povo em geral (Sl 28.8; Jl 3.16 [16]). O salmista refere-se a Deus como o seu refugio (Sl 31.2, 4 [3, 5]; 43.2). O homem é confrontado com a decisão de fazer de Deus o seu refúgio (Is 27.5), pois é possível, conforme Israel mesmo o fez, esquecer-se de Deus (Is 17.10). Ao passo que ele é um local de abrigo em tempos de tribulações (Sl 37.39; Jr 16.19; Na 1.7), ele também é um refúgio *constante* (Sl 27.1). Em meio à tristeza, a alegria do Senhor pode ser a nossa força (Ne 8.10), sustentando-nos.

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 221-3.

C.S.

עֵוִיל (*'ăwîl*). Veja os nºs 1 579b. 1 580d.

1579 עוֹל (*'ûl*) ***I, amamentar.*** Esta raiz, cognata dos vocábulos árabes *'āla*, "dar de mamar", e *'ayyil*, "neném", designa a atividade de amamentação de animais domésticos e do ser humano. O verbo ocorre quatro vezes, sempre como particípio ativo do qal.

Termos Derivados

1579a עוֹל (*'ûl*) ***criança de peito, lactente*** (Is 49.15; 65.20). O sinônimo mais comum é o particípio ativo do qal de *yānaq*.

1579b עֵיל (*'ăwîl*) ***rapaz.*** Ocorre uma vez com clareza (Jó 21.11) e uma vez num texto obscuro (Jó 19.18).

1580 *עול (*'ul*)

1579c עִילל (*'olel*) ***criança.***

1579d עוֹלָל (*'ôlāl*) ***criança.*** *'ôlēl* e *'ôlāl* não podem ser distinguidos entre si quanto ao significado. Provavelmente referem-se a uma criança mais velha que o neném (*yōnēq*). No entanto, quando aparece ao lado de *yōnēq*, *'ōlēl* vem primeiro. Os substantivos *'ôlēl* e *'ôlāl* também podem ser derivados de *'ălal*, uma variante de *'ûl*.

1580 *עול (*'ul*) ***II, desviar-se de, agir injustamente.*** Usado apenas no piel, *'iwwel*.

Termos Derivados

1580a עוֹלָה (*'āwel*) ***injustiça, iniqüidade.***

1580b עוּלָה† (*'awlâ*) ***injustiça, iniqüidade.***

1580c עַוָּל† (*'awwāl*) ***injusto, iníquo.***

1580d עָוִל† (*'āwil*) ***injusto, iníquo.***

O cognato árabe *'wl* significa "desviar". De forma semelhante, em hebraico o significado básico desta raiz é o de desviar-se de um padrão correto para agir de forma contrária ao que é certo. A raiz ocorre 60 vezes, 40 delas em apenas três livros: Jó (16 vezes), Salmos (13 vezes) e Ezequiel (11 vezes). As demais ocorrências encontram-se distribuídas por toda a literatura profética e jurídica.

O verbo é um denominativo de *'āwel*/*'awlâ* e ocorre apenas duas vezes no AT, ambas no grau piel. Em Isaías 26.10 descreve a atividade do povo de Judá, que age injustamente (ARA, "comete a iniqüidade"), por contraste com o comportamento correto. Em Salmos 71.4, uma oração de súplicas, o verbo contrasta o comportamento do injusto com o de Deus e seu servo.

'āwel, 'awlâ. ***Injustiça, iniqüidade.*** A semelhança dos antônimos *tsedeq*/*ts'dāqâ*, quase não há diferença entre o substantivo masculino com segol *'āwel*, encontrado 20 vezes, e seu equivalente feminino, *'awlâ*, que ocorre 33 vezes. Ambos denotam um ato ou um feito contra aquilo que é certo. Que eles indicam um feito ou um ato é algo que fica claro, em primeiro lugar, em razão do seu uso freqüente como objetos diretos de verbos que indicam a idéia de fazer: *'āsâ* (Lv 19.15, 35; Dt 25.16; Ez 3.20; 18.24; 33.13, 15, 18; Sf 3.13; Sl 7.4; 37.1); *pā'al* (Sl 58.3; 119.3; Jó 34.32; 36.23); *tā'ab* (Sl 53.2). Em segundo lugar, diz-se às vezes que *'āwel* é algo que está nas mãos (Ez 18.8; Sl 7.4; 125.3). Por metonímia, designa especificamente a fala (*cf.* Is 59.3; Ml 2.6; Jó 5.16; 6.30; 13.7; 27.4).

As duas palavras denotam um comportamento contrário àquilo que é certo. Isso é demonstrado no seu freqüente emprego em oposição a *tsedeq*/*ts'dāqâ*, "justiça" (Lv 19.15, 35 e s.; Is 26.10; 59.3 e s.; Ez 3.20; 18.8 e s.; 24; 33.12 e s., 15 e s.; Jó 6.29); *tsaddîq*, "aquele que age com justiça" (lit., Dt 32.4; Ez 3.20; 18.24, 26; 33.13; Sf 3.5; Sl 125.3; Pv 29.27); *'ĕmunâ*, "fidelidade", "verdade" (Dt 32.4; Is 59.3 e s.); *yāshār*, "reto" (Dt 32.4; Sl 107.42); *mishpāt*, "justiça" (Dt 32.4, ARA, "juízo"; Ez 33.14 e s.; Sf 3.5); *shāpat*, "fazer justiça" (Mq 3.11, AT, "dar a sentença"; Sl 43.1; 82.2); *nākôah*, "retidão" (Is 26.10).

Essa idéia é confirmada também pelo paralelo com: *'ānâ* (piel), "afligir" (2 Sm 7.10); *rāshā'/resha'*, "perverso" (Is 26.10; Ez 18.24; 33.12 e s., 15, 18 e s.; Sl 125.3; Jó 27.7; 34.10); *pesha'*, "transgressão" (Ez 33.12 e s.); *hāmās*, "violência" (Ez 28.15 e s.; Sl 58.3); *dām*, "culpa de crime de sangue" (Mq 3.10, ARA, "sangue"; IIc 2.12); *hāmās*, "impiedade" (Sl 7.17 [18]); *mirmâ*, "traição" (Sl 43.1, ARA, "fraudulento"); *kāzâb*, "mentira" (Sf 3.13); *r'miyyâ*, "enganosamente" (Jó 13.7, ARA, "mentiras"); *'āwôn*, "iniqüidade" (Ez 28.18).

Esses procedimentos injustos incluem parcialidade no juízo (Lv 19.15; 82.2), transações comerciais desonestas (Dt 25.16; Ez 18.8) — mais especificamente roubo (Ez 33.15), assassinato (2 Sm 3.34), opressão (2 Sm 7.10; 1 Cr 17.9; Sl 37.1; 39.22; 125.3; Pv 22.8; Os 10.9; Mq 3.10; Hc 2.12) — mais especificamente palavras maldosas (Jó 6.30; 11.14; 13.7; 15.16; 27.4 Is 59.3; Os 10.13).

As palavras em questão têm, portanto, importante relevância teológica, pois referem-se a um comportamento que se opõe ao caráter divino; e Deus tem de reagir contra este comportamento. Alguns textos afirmam explicitamente que *'āwel/'awlâ* não é encontrado em Deus. Moisés canta: "Eis a Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nele injustiça [*'āwel*]; é justo e reto" (Dt 32.4). Eliú afirma: "Pelo que vós, homens sensatos, escutai-me: longe de Deus o praticar ele a perversidade, e do Todo-poderoso o cometer injustiça [*'āwel*]" (Jó 34.10). Josafá ensina seus juízes: "não há no SENHOR nosso Deus injustiça [*'awlâ*]" (2 Cr 19.7). Em Jeremias 2.5 o Senhor pede aos pais que investiguem a história e vejam "que injustiça [*'āwel*] acharam vossos pais em mim". De igual forma ele salvará os oprimidos (Jó 5.16). Aqueles que praticam a injustiça são abominação para Deus (Dt 25.16; Pv 29.27), e se uma pessoa justa se desviar de sua justiça e cometer injustiça, deve morrer (Ez 3.20).

Embora o homem venha a escolher a iniqüidade (Ez 18.26; 33.13, 18) e, desse modo, se torne culpável (Ez 3.20; 28.18; 33.13, 18; *etc.*), ele não precisa ficar eternamente nessa situação, pois pode renunciar a ela (Jó 34.32), confessar sua situação (Sl 7.3; Ez 33.15) e pô-la bem longe de si (Jó 11.14; 22.23). Deus, de sua parte responderá com a salvação.

'awwāl. ***Injusto, iníquo.*** Este substantivo masculino é um sinônimo de sentido bastante próximo de *'āwel*, mas é empregado mais especificamente como um rótulo para certas pessoas. A maioria das suas cinco ocorrências diz respeito a governantes opressores. Bildade declarou que a morada de tal pessoa estava fadada à calamidade (Jó 18.21), e Jó afirmou que esse tipo de gente era seu inimigo (Jó 27.7) e que ele não era uma dessas pessoas (Jó 29.17). Numa declaração de consagração pessoal, Jó concordou que um *'awwāl* receberia castigo de Deus (Jó 31.3) e então desafiou qualquer pessoa a comprovar que ele fosse alguém assim. O profeta Sofonias afirmou que, em flagrante contraste com o homem, Deus era justo e não um *'awwāl* (3.5).

'awlâ. ***Injustiça, maldade, iniqüidade, erro.*** Este substantivo feminino tem um sentido mais abstrato. Com freqüência refere-se a atos violentos, tais como assassinato (2 Sm 3.34), opressão (2 Sm 7.10; 1 Cr 17.9; Sl 37.1; 89.22 [23]; 125.3; Os 10.9; Mq 3.10; Hc 2.12) e também palavras maldosas (Jó 6.30; 13.7; 27.4; Is 59.3). Essa característica era o oposto do caráter divino (2 Cr 19.7; Jó 36.33; Sl 92.15 [16]; 107.42; Is 61.8). Logo, ela não deve estar no caráter dos seguidores de Deus (2 Cr 19.7; Jó 6.29-30; Sl 119.3; Sf 3.13; Ml 2.6). Na verdade, Deus criou os homens sem essa característica, mas eles a adquiriram posteriormente (Ez 28.15).

Assim como acontece com *'āwel*, existe um meio de livrar-se de *'awlâ*. Os homens podem pô-la de lado (Jó 11.14; 22.23), não devem ser invejosos daqueles que fazem *'awlâ* (Sl 37.1), mas devem buscar a Deus e andar em seus caminhos (Sl 119.2-4). E só Deus pode agir para livrar o homem, pois o salmista sabia que este não conseguiria livrar-se da injustiça por suas próprias forças (Sl 43.1).

'āwîl. ***Injusto, iníquo.*** Vocábulo usado com certeza uma só vez, em Jó 16.11, para rotular os inimigos de Jó, dos quais Deus o havia livrado.

É bastante provável que quatro ocorrências de *'ôlâ* procedam desta mesma raiz. Em três casos a palavra designa o caráter dos inimigos de Deus (Jó 5.16; Sl 58.2 [3]; 64.6 [7]). Uma vez, em Salmos 92.15 [16], o vocábulo é usado como contraste com o caráter de Deus, pois ele é reto.

Bibliografia: — GELIN, Albert, *Sin in the Bible*, Desclee, 1964. — PORUBCAN, Stefan, *Sin in the Old Testament*, Roma, Herder, 1963. — QUELL, G, *Sin*, Londres, Adam and Charles Black, 1951. — SMITH, C. R, *The Bible doctrine of sin*. Londres, Epworth, 1953. — *THAT*, v. 2, p. 224-7.

G.H.L.

עוֹלל (*'olel*), עוֹלָל (*'ôlāl*). Veja os nºs 1 579c, d.

עוֹללוֹת (*'ôlēlôt*). Veja o nº 1 627a.

עוֹלם (*'ôlām*). Veja o nº 1 631a.

1581 עון (*'ûn*) ***habitar.***

Termos Derivados

1581a מָעוֹן (*ma'ôn*) ***morada, habitação.***

1581b מְעֹנָה (*m'ônâ*) ***morada, habitação.*** Na maioria das vezes refere-se às tocas de animais.

A raiz verbal *'wn* não é atestada em hebraico. O verbo árabe *ġâna* significa "cobrir", "ocultar".

mā'ôn. ***Habitação.*** (Em 1 Sm 2.29, 32, e Sf 3.17 a RSV emenda a palavra para "olho"; *cf.* a BLH.) Palavra usada 18 vezes. É empregada para descrever os escombros de cidades abandonadas que agora servem de morada para animais selvagens. Na maioria das vezes designa a morada do Senhor, ou seja, os céus (sempre com a qualificação da palavra "santo"), e o templo (Sl 26.8). Descreve também o Senhor como um refúgio para seu povo (Sl 71.3; 90.1; 91.9).

C.S.

עָוֹן (*'āwōn*). Veja o nº 1 577a.

עִוִּעִים (*'iw'îm*). Veja o nº 1 577c.

1582 עוּף (*ûp*) ***I, voar, voar ao redor de, voar para longe.***

Termos Derivados

1582a עוֹף (*ôp*) ***criaturas voadoras (isto é, aves ou insetos).***

1582b עַפְעַף (*ap'ap*) ***pálpebra.***

ûp, verbo empregado basicamente no qal e raramente nos graus intensivos, significa "voar ao redor de" e também "voar embora", *i.e.*, "desaparecer". O ugarítico *'p* e o árabe *'âfa* têm significados parecidos.

Não é de surpreender que a ação desse verbo seja atribuída a aves (Pv 23.5; 26.2; Is 31.5; Hc 1.8; Gn 1.20; Dt 4.17). Na realidade, apenas nas duas últimas referências a ação de voar é mencionada sem o desenvolvimento de uma símile.

Esse vocábulo também é empregado em referência a seres angelicais. Os serafins de Isaías 6 têm, cada um, seis asas. Com duas asas cobrem o rosto, com duas cobrem os pés (um eufemismo para nudez) e com duas voam (Is 6.2, 6). Montado num querubim Iavé voa pelo céu (Sl 18.10 [11] = 2 Sm 22.11). Ezequiel descreve os querubins como criaturas de quatro asas e quatro rostos acompanhados de rodas giratórias. As asas dos querubins de ouro cobriam o propiciatório (Êx 37.9). O querubim de Salmos 18.10 [11] talvez deva ser considerado uma personificação do vento. Iavé é descrito como aquele que vem montado sobre as nuvens e o vento (Sl 104.3; Is 19.1).

A passagem de Daniel 9.21, que na ARA apresenta o anjo Gabriel voando, é objeto de grande debate. No AT os anjos parecem assumir forma humana e geralmente não voam. Pode-se até mesmo alegar que Gênesis 28.12 pressupõe que anjos não têm asas. O problema em Daniel 9.21 é se a palavra em questão deriva da raiz *'ûp* ou da raiz *yā'ēp*, "estar exausto". Aceitando-se esta última palavra, a capacidade de voar não seria então atribuída a anjos. No entanto, parece igualmente estranho que anjos fiquem exaustos, mas a ação desse verbo talvez pudesse ser atribuída a Daniel, que poderia estar fatigado de tanto orar e jejuar (*cf.* KD, *loc. cit.*). Entretanto, já que serafins e querubins têm asas e anjos aparecem com asas em Enoque 61, talvez fosse melhor aceitar as traduções tradicionais, "voam rapidamente". Presumivelmente anjos são capazes de aparecer em várias formas.

Em Zacarias 5.1-2 um rolo imenso (9m x 4,5m, o mesmo tamanho do santo dos santos do tabernáculo ou do pórtico do templo de Salomão), no qual estava escrita uma maldição, é visto voando sobre a terra. É um símbolo da ira de Iavé e encontrará o seu alvo, os ladrões e os perjuros.

O movimento ascendente das faíscas (lit., "filhos da chama") é visto em Jó 5.7 para indicar que o destino do homem é, certamente, a tristeza. O movimento das nuvens em Isaías 60.8 sugere os navios de mastros brancos que trazem os exilados de volta à terra. A vitória do exército escatológico de Israel contra a Filístia é assemelhada ao vôo de mergulho de uma ave (Is 11.14; *cf.* BJ).

O significado "voar para longe" ou "desaparecer" é empregado com referência a vários assuntos. O salmista, oprimido pelos ímpios, está ansioso por fugir (da cidade?) e voar para o deserto, onde encontraria descanso (Sl 55.6 [7]). Zofar afirma que os ímpios desfrutam um sucesso que é tão fugidio quanto um sonho (Jó 20.8). O sábio se acautela

contra os olhos que "pairam sobre" (lit., "voam sobre"; ARA, "fitam") as riquezas, pois são transitórias, voando embora como uma águia (Pv 23.5). Este vocábulo descreve a brevidade e lepidez da vida em Salmos 90.10. Finalmente, o exército que ataca a Assíria saqueia-a e então sai voando com os *despojos* (Na 3.16).

'ôp. ***Ave, ave doméstica, inseto.*** Substantivo coletivo derivado da raiz *'ûp*, "voar", usado 71 vezes. Aves foram criadas (Gn 1.20, 21), receberam nomes (Gn 2.20), foram levadas a bordo da arca (Gn 7.8), foram usadas como alimento (Sl 78.27) e foram sacrificadas (Gn 8.20; Lv 1.14). Foram classificadas como limpas e imundas. Empregada junto com *sheretz*, a palavra designa insetos alados limpos e imundos. Obviamente Levítico 11.20-23 se refere a insetos com quatro pernas, talvez contadas além das pernas traseiras usadas para saltar.

Bibliografia: — DRIVER, G. R., Birds in the Old Testament, *PEQ* 87:5-20, 129-40.

C S.

1583 עוּף (*'ûp*) ***II, estar escuro.***

Termos Derivados

1583a מוּעָף (*mû'ăp*) ***escuridão*** (Is 9.1 [8.23]; ARA, "obscuridade").

1583b מָעוּף (*mā'ûp*) ***escuridão*** (Is 8.22; ARA, "sombras").

1583c תְּעֻפָּה (*t'upâ*) ***escuridão*** (Jó 11.17; ARA, "trevas").

1583d עֵיפָה (*'êpâ*) ***trevas, escuridão.***

1584 עוּץ (*'ûts*) ***conselho, plano*** (Jz 19.30; Is 8.10).

1585 *עוּק (*'ûq*) ***espremer.*** Ocorre somente no hifil, em Amós 2.13.

Termos Derivados

1585a עָקָה (*'āqā*) ***pressão.*** Ocorre somente em Salmos 55.4..

1585b מוּעָקָה (*mû'āqâ*) ***opressão, aflição.*** Ocorre somente em Salmos 66.11.

1586 *עוּר (*'āwar*) ***cegar.*** Ocorre somente no piel.

Termos Derivados

1586a †עִוֵּר (*'iwwēr*) ***cego.***

1586b עִוָּרוֹן (*'iwwārôn*) ***cegueira*** (Dt 28.28; Zc 12.4).

1586c עִוֶּרֶת (*'awweret*) ***cegueira*** (Lv 22.22).

'āwar aparece com pouca freqüência e somente no piel. Talvez seja um verbo denominativo derivado de *'iwwēr*, "cego", que por sua vez pode ser uma palavra derivada de *'ôr*, "pele", por referência à catarata, ou seja, uma pele sobre o olho (*BDB*). Usa-se *'āwar* com referência à cegueira literal (2 Rs 25.7; Jr 39.7; 52.11) e figurada (Êx 23.8; Dt 16.13).

'iwwēr. ***Cego.*** Conquanto esta palavra seja um adjetivo, em geral é usada como substantivo. A cegueira era comum e bastante séria no antigo Oriente Médio e mesmo até pouco tempo atrás (*cf.* os freqüentes contatos de Jesus com cegos).

Esse vocábulo é usado no sentido literal e no metafórico. O literal fica claro no caso da referência a animais cegos, que não podiam ser aceitos como sacrifícios (Dt 15.21; Ml 1.8). O cego estava desqualificado para o sacerdócio araônico (Lv 21.18). Os cegos e os coxos eram suficientemente fortes, afirmaram os jebuseus, para frustrar o esforço de Davi para tomar Jerusalém, em razão da localização estratégica da cidade (2 Sm 5.6, 8). Havia na lei dispositivos que protegiam os cegos (Lv 19.14; Dt 27.18).

Embora a origem da cegueira possa ser, em alguns casos, atribuída ao Senhor (Êx 4.11; Sf 1.17), é ele também que cura o cego e restaura a visão (Sl 146.8). A cegueira é uma das maldições que Israel podia esperar caso violasse a aliança (Dt 28.29).

Metaforicamente a palavra pode designar uma pessoa vulnerável e moralmente insensível. Falsos profetas (Is 56.10; Lm 4.4) e a nação de Israel (Is 42.19; 43.8) foram caracterizados como cegos. Israel lamenta sua cegueira (Is 59.10). A promessa da restauração do remanescente inclui o fato de Deus conduzir os cegos em seu retorno a Sião e restaurar-lhes a vista (Is 29.18; 35.5; 42.16; Jr 31.8).

Um emprego significativo dessa palavra acha-se na promessa de que o Servo Sofredor dará vista aos cegos (Is 42.7), o que gloriosamente se cumpre em Jesus Cristo, que dá visão tanto física quanto espiritual.

Bibliografia: — *TDNT*, v. 8, p. 279-85.

C.S.

1587 עוּר (*'ûr*) *I, agitar-se, despertar, acordar, incitar.*

Termo Derivado

1587a עִיר (*'îr*) ***agitação.***

Esse verbo aparece nos graus ativo, passivo, intensivo e causativo com quase nenhuma diferença entre si. O grau causativo tem, com freqüência, Deus como sujeito, demonstrando seu envolvimento no decurso da História.

O ugarítico *'r*, em seu grau causativo, significa "agitar", e o acadiano *êru*, "acordar".

Pode-se dirigir a palavra a objetos inanimados e pode-se também dizer que eles despertam: os ídolos (Hc 2.19), a espada (Zc 13.7), a lança (2 Sm 23.18), o vento (Ct 4.16), o fogo (Os 7.4), a tempestade (Jr 25.32), o flagelo (Is 10.26), a alvorada (Sl 57.8 [9]), a harpa e a lira (Sl 57.8 [9]).

Características humanas podem ser despertadas e incitadas: amor (Ct 2.7; 3.5; 8.4), contenda (Pv 10.12), ira (Sl 78.38), poder (Sl 80.2 [3]) e grito de desespero (Is 15.5).

Do Sheol diz-se, figuradamente, que desperta as sombras quando o rei da Babilônia vai para lá (Is 14.9).

O vocábulo também se refere ao homem. Ele pode ser despertado do sono (Zc 4.1), mas não do sono da morte (Jó 14.12 *cf. qîts*, "despertar"). O homem pode despertar-se a si mesmo para o louvor (Sl 57.8 [9]) e incitar-se à ação (Jó 17.8).

Essa palavra descreve empreendimentos militares. Jeremias diz que a Babilônia se agita, preparando-se para atacar Judá (Jr 6.22; 50.41). O rei do norte insufla seu poder e sua coragem contra o rei do sul (Dn 11.2, 25). Débora é instada a despertar e a entoar uma canção na batalha contra Sísera (Jz 5.12).

Quando usada com advérbio de negação, a palavra revela inércia espiritual. Isaías diz que os exilados confessam que deixaram de orar, que não despertaram a si mesmos, permanecendo numa letargia espiritual. Por conseguinte, Deus ocultara o seu rosto (Is 64.7). O homem precisa despertar-se nas áreas de oração e louvor (Sl 57.8 [57.9]).

O emprego mais significativo certamente ocorre no grau causativo, tendo Deus como sujeito. Aqui se vê o envolvimento ativo de Deus na História. Ele não é indiferente nem passivo. Ele não é um simples espectador. Ele tem controle absoluto, fazendo seu plano acontecer. Todas as suas ações obedecem a um propósito. As coisas não acontecem por acaso. Tal ênfase é claramente discernível nas passagens do AT que empregam este verbo no grau causativo em que Deus é o sujeito. O Senhor despertou Tilgate-Pilneser, rei da Assíria, contra as tribos da região da Transjordânia (1 Cr 5.26). Ele suscitou os babilônios contra Jerusalém (Ez 23.22). Depois, levantou os medos contra a Babilônia (Is 13.17; Jr 50.9, 11; 51.11).

Foi também o Senhor quem incitou Ciro a permitir que os exilados judeus voltassem a Judá (2 Cr 36.22; Ed 1.1) e que incitou os próprios exilados a voltar (Jl 3.7 [4.7]). Quando a apatia tomou conta dos exilados que voltaram, o Senhor suscitou Zorobabel e Josué, por intermédio dos profetas Ageu e Zacarias, a concluir a construção do segundo templo (Ag 1.14).

Existe também um apelo pessoal a Deus para que desperte, especialmente em Salmos. As vezes, ao homem parece que Deus está inativo, apático, ou vagaroso pelo menos. Por isso, o salmista insta-o à ação. Em Salmos 7.6 [7] o escritor deseja que Deus desperte para promover justiça. Deus parece estar dormindo e é instado a acordar e a operar livramento (Sl 44.23 [24]; 59.4 [5]). Suplica-se a Deus que desperte o seu poder (Sl 80.2 [3]) e empregue o seu braço forte (poder) em favor da nação (Is 51.9).

C.S.

1588 עוּר (*'ûr*) *II, estar exposta à vista das pessoas, ser desnudado.*

Termos Derivados

1588a מְעוֹר (*mā'ôr*) ***nudez*** (Hc 2.15).

1588b עֵירֹם (*'êrōm*), עֵרֹם (*'ērōm*) ***nu*** (adjetivo), ***nudez*** (substantivo).

1588c †עָרוֹם (*'ārôm*), עָרֹם (*'ārōm*) ***nu.***

1588d מַעֲרֹם (*ma'ărōm*) ***nu*** (2 Cr 28.15).

O verbo *'ûr* II ocorre apenas em Habacuque 3.9. Provavelmente é a raiz dos substantivos acima e possivelmente é uma forma variante de *'ārâ*, "estar nu"; *cf. 'ārar*.

'êrōm. ***Nu, nudez.*** ***'êrōm*** **é empregado dez vezes para designar a nudez espiritual e física. Com referência a Adão e Eva (Gn 3.7, 10, 11), a palavra indica mais do que mera consciência acerca do sexo. Descreve que estavam conscientes de sua culpa e da impossibilidade de escondê-la de Deus. O relacionamento com Deus foi prejudicado, atrapalhando o relacionamento um com o outro. Em Ezequiel 16.7, 22, 29; 23.29 e Deuteronômio 12.29, a palavra descreve a Jerusalém personificada, indicando sua pobreza tanto material quanto espiritual. O vocábulo é usado em Ezequiel 18.7, 16 para indicar uma correta preocupação social dos justos ao proporcionar vestimenta para os pobres.**

'ārôm. ***Nu.*** **Esta palavra deriva de** ***'ûr*** **II, "estar à vista das pessoas", e nesse caso seria uma forma secundária de** ***'êrôm*****, "nu", ou então da raiz** ***'ārâ*****, "estar nu" (*q.v.*), da qual provavelmente é uma variante. Conquanto muitas vezes a palavra indique nudez (Gn 2.25; 1 Sm 19.24; Is 20.2; Mq 1.8), também indica a condição de estar exposto, isto é, estar à vista das pessoas, o que aponta para uma falta de encobrimento e disfarce (Jó 26.6) e de recursos (Am 2.16).**

Freqüentemente a nudez indicada por essa palavra tem um significado simbólico. A ausência de constrangimento por parte de Adão e Eva em face de sua nudez sugere inocência (Gn 2.25). Isaías andou (um verbo freqüentemente empregado com ***'ārôm*****) nu (provavelmente não uma nudez completa, mas simplesmente o estar sem as roupas exteriores; veja-se *KD* acerca de Is 20) como um presságio de prisioneiros egípcios sendo levados cativos pelos vitoriosos assírios (Is 20.2, 3, 4). Da mesma forma, segundo o relato de 1 Samuel 19.24, Saul provavelmente não esteve nu, mas, pelo poder do Espírito de Deus, tirou os mantos reais e especialmente a espada, de modo que Davi pôde ir embora em segurança. A nudez dos pobres é uma indicação de opressão (Jó 24.7, 10; Is 58.7). Sua capa fora tomada como depósito em garantia (Jó 24.9) e não fora devolvida à noite (Êx 22.25, 26, 27 [26, 27, 28]). É possível que Oséias 2.3 esteja aludindo a um costume mencionado nas tábuas de Nuzi, segundo o qual as crianças eram chamadas a arrancar a roupa da mãe quando ela era mandada embora por causa de adultério. De igual forma o Senhor procederia com sua esposa adúltera, Israel.**

Este vocábulo também indica a falta de recursos. Jó, após ser afligido por Satanás e agora reduzido a nada, comenta que assim saiu do ventre de sua mãe e assim voltaria ao ventre da terra (Jó 1.21 = Ec 5.15 [14]). Amós 2.6 descreve um homem que, quando depara com a visitação divina, se vê despojado de sua coragem.

Um uso interessantíssimo da palavra é a afirmação de que o Sheol está nu diante de Deus, ou seja, está ao alcance da jurisdição e do interesse divinos (Jó 26.6; *cf.* Sl 139.7, 8; Pv 15.11; Am 9.2). O conhecimento e o cuidado divinos alcançam até mesmo o mundo dos mortos.

C.S.

1589 עור (*'wr*). III. Acelta como raiz de:

1589a עוֹר (*'or*) *pele, couro.*

A palavra indica 55 vezes a pele humana. Embora possa designar aquilo que cobre exte rnamente o corpo (Jó 10.11; Lm 3.4; Ez 37.6, 8), às vezes também é usada como meto nímia para indicar o corpo inteiro (Êx 22.27 [26]; Jó 19.26). Mencionam-se várias

1590 עוש (*'ûsh*)

características da pele. Os homens são incapazes de mudar a sua cor (Jr 13.23). Depois de conversar com Deus no monte Sinai, a pele do rosto de Moisés brilhava (Êx 34.29, 30, 35). As doenças podem escurecer ou endurecer a pele (Jó 7.5; 30.30; Lm 4.8; 5.10). Um problema sério da pele, denominado lepra mas que provavelmente inclui várias doenças contagiosas caracterizadas por erupções na pele, é analisado longamente em Levítico 13.1-46 (veja-se *tsāra'at*). Miquéias 3.2, 3 emprega metaforicamente a expressão "arrancar a pele" para indicar os maus tratos infligidos ao povo de Israel por seus governantes. Dois usos interessantes de pele são vistos em Jó. Parece que a expressão "pele por pele" (Jó 2.4) se refere ao comércio de troca, ao passo que "a pele dos meus dentes" (gengivas?, Jó 19.20) talvez indique escapar por um triz.

Em 44 vezes essa palavra indica a pele de um animal. Com exceção da passagem que fala do arpoamento da pele do leviatã (Jó 41.7 [40.31]), a palavra sempre indica a pele de animais após o esfolamento. Essas peles eram usadas como roupas (Gn 3.21; 2 Rs 1.8). Tais roupas podiam ficar com praga, provavelmente bolor (Lv 13.51), e por isso deviam ser queimadas. Peles também foram empregadas como cobertura: do tabernáculo (Êx 25.5) e também da arca e dos utensílios sagrados (Nm 4.6).

As peles de animais sacrificados tinham diferentes fins, dependendo do tipo de sacrifício. As peles da oferta pelo pecado em favor do sacerdote ou de toda a comunidade deviam ser destruídas (Êx 29.14; Lv 4.11, 21; 8.17; 9.11; 16.27). As peles das demais ofertas pelo pecado e dos holocaustos eram destinadas aos sacerdotes (Lv 5.13; 7.8).

C.S.

עורן (*'iwwārôn*). Veja o nº 1 586b.

עורת (*'awweret*). Veja o nº 1 586c.

1590 עוש (*'ûsh*) ***socorrer, vir em auxílio*** (Jl 4.11).

1591 *עות (*'āwat*) ***pender, entortar, perverter.*** Usado apenas nos graus intensivos.

Termo Derivado

1591a עוותה (*'awwātâ*) ***subversão,*** empregado somente em Lamentações 3.59, em que designa um "erro" (ARA, "injustiça") ocasionado pela falta de justiça.

O sentido básico desse verbo se vê em Eclesiastes 12, em que se alistam as características dos idosos. As pernas (metaforicamente indicadas mediante a palavra "homens") dos idosos "se curvam", ou seja, são trêmulas e não confiáveis (Ec 12.3).

As demais referências são figuradas e têm uma dimensão moral. Em Amós 8.5 o termo diz respeito a transações comerciais desonestas, nas quais as balanças são adulteradas para obter mais dinheiro ao mesmo tempo em que se entrega menos cereal.

Em Jó o verbo tem que ver com a questão fundamental dos diálogos. Bildade (Jó 8.3) e Eliú (Jó 34.12) afirmam que Jó pecou e, por isso, merece seus sofrimentos. Eles raciocinam que alguém afirmar que é inocente (tal como Jó o faz) é a mesma coisa que acusar Deus de perverter a justiça. Jó aceita que seu sofrimento provém de Deus (ele não

tem consciência do envolvimento de Satanás), mas, visto que está convicto de sua inocência, conclui que Deus perverteu os seus direitos (Jó 19.6). Simplesmente não existe justiça alguma (Jó 19.7), ele declara.

O pessimismo de Eclesiastes se destaca com o uso que o escritor faz dessa palavra. Não se pode endireitar aquilo que está entortado nem aquilo que Deus entortou (Ec 1.15; 7.13). O que está torto não pode ser endireitado como também não se pode contar o que está faltando. Os homens são incapazes de alterar a ordem divina do mundo.

Reconhecendo que Deus se opõe à perversão da justiça (Lm 3.36), o salmista apela a Deus porque seus direitos foram subvertidos pelos ímpios (Sl 119.78). Enquanto o Senhor cuida dos oprimidos, ele entorta os caminhos dos perversos, de modo que isso os conduza à ruína.

C.S.

1592 עוּת (*'ût*). Ocorre somente em Isaías 50.4, na expressão *lāda'at lā'ût*, em que a palavra talvez signifique "ajudar", ou "fortalecer".

עַוָּתָה (*'awwātâ*). Veja o nº 1 591a.

עַז (*'az*). עֹז (*'ōz*). Veja os nºs 1 596a, b.

עֵז (*'ēz*). Veja o nº 1 654a.

1593 עֲזָאזֵל (*'āzā'zēl*) ***Azazel, bode emissário.***

Essa palavra aparece quatro vezes no AT, todas em Levítico 16 (8, 10, 26), em que se descreve o ritual do Dia da Expiação. Depois de o sacerdote ter feito expiação em favor de si mesmo e de sua família, ele deve apanhar dois bodes para representar Israel. Um deve ser sacrificado ao Senhor, o outro será o "bode emissário" (ARA) ou "bode expiatório", ou seja, o bode para Azazel. Em todas as quatro ocorrências da palavra, ela é prefixada pela preposição "para".

A palavra tem sido entendida e traduzida de diversas maneiras. As versões antigas (LXX, Símaco, Teodócio e Vulgata) entenderam que a palavra indica o "bode que se vai", considerando-a como derivada de duas palavras hebraicas: *'ēz*, "bode", e *'āzal*, "virar-se".

Mediante associação com o árabe *'azāla*, "banir", "tirar", ela tem sido traduzida como "para remoção total" (*IDB*, *loc. cit.*).

A interpretação rabínica em geral tem considerado que essa palavra designa o local aonde o bode era enviado: um deserto, um local abandonado ou um ponto elevado de onde o animal era atirado (*cf.* Lv 16.22).

Uma possibilidade final é considerar o vocábulo como a designação de um ser pessoal de modo a contrapor-se à palavra "SENHOR". Nesse sentido Azazel poderia ser um espírito maligno (Enoque 8.1; 10.4; *cf.* 2 Cr 11.15; Is 34.14; Ap 18.2) ou até mesmo o próprio demônio (*KD*, *loc. cit.*), numa posição de antítese ao Senhor. No entanto, as referências de Enoque a Azazel como um demônio dependem, sem dúvida alguma, da interpretação que o próprio autor desse livro faz de Levítico 16 e Gênesis 6.4. Alguns autores que aceitam Azazel, em Levítico 16, como uma referência ao demônio, também consideram que a passagem foi escrita num período bem posterior (documento P).

O verdadeiro uso e significado dessa palavra em Levítico 16 é, na melhor das hipóteses, incerto. No entanto, seja qual for o significado exato, o fato relevante é a remoção dos pecados da nação mediante a imposição deles sobre o bode. Nessa passagem parece que o pecado se hipostasia e é, portanto, facilmente transferível para o bode. Aliás, os versículos 21 e 22 declaram que esse bode leva embora o pecado do povo. Tal ritual ilustraria vividamente a ação de remover a profanação fisicamente do acampamento, levando-a para um lugar ermo, onde já não contaminaria a nação.

Pode-se ver um paralelo no bode expiatório no ritual de purificação de um leproso curado. Dois pássaros eram escolhidos. Um deve ser sacrificado, e tanto o ex-leproso quanto o pássaro vivo eram tocados com o seu sangue. Então o pássaro vivo era solto. Este pássaro levava embora o mal, a lepra propriamente dita, para campo aberto, e o leproso era declarado limpo (Lv 14.1-9).

Existe também um paralelo com o bode expiatório num ritual babilônico. Na Festa do Ano Novo uma ovelha morta era levada e jogada ao rio. A pessoa que desempenhava essa tarefa era considerada imunda, como aquele que soltava o bode no deserto (Lv 16.26).

Pode-se ver esta idéia de remoção da culpa em Salmos 103.12, em que se lê que Deus "remove" (ARA, "afasta") de nós as nossas transgressões.

No NT João Batista identificou Jesus como o Cordeiro de Deus que leva embora os pecados do mundo (Jo 1.29, 36). Essa linguagem é sacrificial, embora em parte alguma da lei se fale de um cordeiro que carregue sobre si os pecados do povo. O cordeiro pascal não é uma oferta pelo pecado. A descrição do Salvador como um cordeiro é desconhecida no judaísmo posterior. Além disso, a expressão "o cordeiro de Deus" é uma combinação genitiva sem paralelo. É possível que João tivesse em mente que Cristo, como o cordeiro pascal, simbolizasse nosso grande livramento dos grilhões do pecado. Entretanto, o que parece mais provável é que ele estivesse pensando numa idéia bastante complexa. Algumas palavras de Isaías 53 são perceptíveis aqui: "como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha, muda perante os seus tosquiadores... quando ele der a sua alma como oferta pelo pecado... levou sobre si o pecado de muitos" (v. 7, 10, 12). Mas nessa passagem joanina também se percebe uma alusão ao bode expiatório. Esse fato é claramente visto nas palavras "leva embora" (ARA, "tira"; *cf.* 1 Jo 3.5). Em Cristo estão consumados todos os conceitos de expiação do AT.

C.S.

1594 עָזַב (*'āzab*) ***I, deixar, abandonar, soltar.***

Termos Derivados

1594a עֲזוּבָה (*'ăzûbâ*) ***abandono, desolação*** (Is 6.12; 17.9: "lugar abandonado").

1594b עִזָּבוֹן (*'izzābôn*) ***mercadorias.***

O verbo *'āzab* aparece principalmente no qal (grau ativo); e só umas poucas vezes no nifal e no pual (graus passivos). A palavra também ocorre em acadiano, *ezēbu*. O árabe possui os vocábulos *'zb*, "estar distante", e *'azab*, "solteiro", "não casado". Em Êxodo 23.5; 1 Crônicas 16.37; Neemias 3.8, *'zb* talvez seja uma segunda raiz, *'zb* II, atestada no antigo árabe do sul *'db*, "restaurar", "consertar", e no ugaritico *'db*, "fazer", "preparar",

"pôr" (*UT* 19: nº 1 818. Veja-se U. CASSUTO, *A commentary on the book of Exodus*, 1967, p. 297; *cf.* M. Dahood, *JBL* 78:303-9 quanto a Jó 9.27; 10.1; 18.4; 20.19; 39.14.)

O sentido básico de *'āzab* pode ser visto claramente quando é usado literalmente, com três ênfases distintas: "partir", "abandonar" e "soltar". Pessoas (Gn 44.22; Nm 10.30; Rt 1.16; 2 Rs 4.30), lugares (2 Rs 8.6; Jr 18.14; 25.38) e objetos (Gn 39.12-13; 50.8; Êx 9.21) podem ser deixados para trás. "Deixar" pode ter o sentido de confiar algo a alguém (Gn 39.6; Jó 39.11), expor (Jó 39.14), permitir (Rt 2.16), deixar continuar como está (Js 8.17; 2 Cr 24.25; Ez 23.29), negligenciar (Dt 12.9; 14.27; Jó 20.19), pôr de lado (Jó 9.27) e soltar (Jó 10.1), mas veja-se Dahood (citado acima) quanto ao significado de "darei livre curso à minha queixa".

Essa palavra também é empregada figuradamente tendo o homem como sujeito. Ele pode abandonar a Deus, ou seja, apostatar. Em várias oportunidades Israel é acusado disso (Dt 28.20.31.16; Jz 10.10; Jr 1.16). Ao abandonar o Senhor e ir atrás de ídolos, Israel era culpado de quebrar a aliança (Jn 2.8 [9]; Dt 29.24; 1 Rs 19.10, 14) e de adultério (Os 4.10). Além disso, esse afastamento evidenciava-se no fato de o povo de Deus abandonar o templo (2 Cr 24.18; *cf.* Ne 10.39 [40]).

Tendo o homem ainda como sujeito, esse verbo também é empregado para indicar o deixar de lado qualidades virtuosas. Roboão abandonou o bom conselho dos idosos em favor do mau conselho dos jovens (1 Rs 12.8, 13 = 2 Cr 10.8, 13). Mas a melhor ilustração desse uso se encontra em Provérbios. O caminho da retidão (2.13; 15.10), da sabedoria (4.2, 6), da repreensão (10.17), da lealdade e fidelidade (3.3) pode ser abandonado. O salmista queixa-se de que sua força (Sl 38.10 [11]) e sua coragem (Sl 40.12 [13]) haviam-no abandonado.

Também é possível ao homem abandonar características indesejáveis. Confessar e abandonar o pecado é alcançar misericórdia (Pv 28.13). Os ímpios são instados a deixar de lado seu modo de vida (Is 55.7). Os retos recebem instrução para abandonar a ira e o furor (Sl 37.8).

Deus também pode ser o sujeito desse verbo, tendo o homem como o objeto. A promessa é de que Deus jamais abandonará o justo; ele não permitirá que o justo caia nas mãos dos ímpios (Sl 37.25, 33). Os pobres e os oprimidos, apesar de sua difícil condição, não foram abandonados pelo Senhor (Sl 9.10 [11].Is 41.17). Em Salmos 22 o salmista está convicto, por causa das terríveis circunstâncias em que se encontra, de que Deus o abandonou, mas então conclui o salmo num tom triunfante, proclamando a fidelidade divina (Sl 22.1 [2]; *cf.* Mt 27.46). Pode-se afirmar que Deus, na verdade, não abandonou o filho no seu relacionamento pessoal com ele, mas, conforme se vê no restante de Salmos 22.1, tirou-o do sofrimento. O grito dado da cruz cita a tradução aramaica: *shābaq*, no lugar de *'āzab* no hebraico.

De particular interesse aqui é a promessa de Deus a Davi. Mesmo que seus filhos abandonassem a lei divina, Deus não violaria sua aliança com a dinastia davídica (Sl 89.30-37 [31-38]). No entanto, o cronista relembra a nação de que, se abandonar a Deus, este por sua vez a abandonará (2 Cr 12.1, 5; 15.2). Ezequias é uma ilustração excelente no que diz respeito ao indivíduo, pois Deus o desamparou "quando os embaixadores dos príncipes de Babilônia lhe foram enviados para se informarem do prodígio que se dera naquela terra ... [a fim de] prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração" (2 Cr 32.31).

C.S.

1595 עָזַב (*'āzab*)

1595 עָזַב (*'āzab*) ***II, restaurar, consertar*** (Ne 3.8, somente).

עִזָּבוֹן (*'izzābôn*). Veja o nº 1 594b.
עֲזוּבָה (*'ăzûbâ*). Veja o nº 1 594a.
עֵזוּז (*'ĕzuz*). Veja o nº 1 596c.
עִזּוּז (*'izzûz*). Veja o nº 1 596d.

1596 עָזַז (*'āzaz*) ***ser forte.***

Termos Derivados

1596a †עֹז (*'az*) ***forte.***
1596b †עֹז (*'ōz*) ***força.***
1596c עֵזּוּז (*'ĕzûz*) ***força, poder, ímpeto.***
1596d עִזּוּז (*'izzûz*) ***poderoso.***
1596e עָזְנִיָּה (*'oznîyâ*) ***águia-pescadora.***

O verbo *'āzaz* pode referir-se a Deus e ao homem. Quando empregado em referência a Deus, geralmente ocorre numa petição feita a ele para que mostre sua força, uma vez que ele já é forte por natureza. No grau hifil (causativo), refere-se apenas ao homem e num sentido negativo.

Quando aplicada ao homem, a palavra transmite a idéia de prevalecer, como numa batalha ou numa luta (Jz 3.10; 6.2; Dn 11.12; *cf.* *UT* 19: nº 1 835), ou de ser hostil, especialmente com Deus. O salmista ora para que o homem (em paralelo com *goyim*, "povos pagãos"; ARA, "nações") não prevaleça, mas que Deus se levante contra tal pessoa em defesa dos seus (Sl 9.19 [20]). Esse ato de desafio se vê no homem forte que opta por confiar nas riquezas e por fortalecer-se em seus desejos perversos em vez de fortalecer-se em Deus.

Aquilo que fortalece o homem é a sabedoria — mais do que a multiplicação da força humana (Ec 7.19).

O salmista reconhece que Deus é inerentemente poderoso (Sl 89.13 [14]) e, por essa razão, ora para que ele manifeste essa força contra os inimigos do seu povo (Sl 68.28 [28]). Deus demonstrou sua força na criação, ao firmar (estabelecer) as fontes do abismo no sentido de que as limitou (Pv 8.28; veja-se *'ayin*).

'az. ***Forte, poderoso, impetuoso.*** Vocábulo usado 23 vezes, mas jamais aplicado a Deus. Usado com referência a animais: formigas (Pv 30.25, "não fortes", lit.), leão (Jz 14.14, 18) e cachorro (Is 56.11). Aplicado às forças da natureza: o vento (Êx 14.21) e a água (Ne 9.11; Is 43.16). Usado para descrever qualidades humanas: amor (Ct 8.6), ira (Gn 49.7; Pv 21.4) e grosseria ("feroz de rosto", Dt 28.50; Dn 8.23). Quando aplicada a pessoas, parece que denota, invariavelmente, inimigos.

'ōz. *Força, poder.* Vocábulo usado basicamente em referência à divindade, mormente em Salmos. Sinônimos são: ***hayil***, "força física", "eficiência", "exército"; ***kōah***, "força", "poder"; e ***g'bûrâ***, "força", "vigor", especialmente de soldados.

Uma vez que o hebraico não tende a abstrações, o conceito de força é expresso de maneiras bastante vívidas e concretas.

Pode-se indicar com essa palavra a resistência material e a força física. Em Juizes 5.1, ela descreve uma torre; em Isaías 26.1, uma cidade. Usada junto com "face" (Ec 8.1), a expressão tem claramente o sentido de "semblante sisudo" (ARA, "dureza da face"). Ela pode descrever ações: dançar (2 Sm 6.14), regozijar-se (1 Cr 13.8) e cantar (2 Cr 30.21). "Cingir os lombos de [ou, 'com'] força" é sinônimo de trabalhar com dedicação (Pv 31.17). Quando é usada em referência à chuva, indica a chuva que inunda e encharca a terra (Jó 37.6). Essa palavra também aparece junto de "cetro" a fim de indicar poder político (Jr 48.17, acerca de Moabe; Ez 19.11, 12, 14, acerca de Zedequias; Sl 110.2, acerca do Messias; *cf.* Sl 2.9; 99.4).

Originariamente a palavra tem que ver com Deus. A força é um atributo essencial de Deus (Sl 62.11 [12]; 63.2 [3]); sua voz (Sl 68.33 [34]) e seu braço (Is 62.8; *cf.* Is 51.9; Sl 89.10 [11]) são poderosos. Conquanto a arca seja um símbolo de seu poder (2 Cr 6.41; Sl 78.61; 132.8; *cf.* Nm 10.35, 36), este também é observável nos céus (Sl 150.1).

Deus concede força aos homens: ao rei (1 Sm 2.10), a seu povo (Sl 29.11; 68.35 [36]) e a Sião (Is 52.1). Mas não apenas a força é uma qualidade dada por Deus; ele próprio é essa força. Com freqüência, em Salmos, os sufixos pronominais possessivos são apensos a esta palavra para mostrar essa verdade (Sl 28.7; 81.1 [2]; 118.14). Ao buscar-se a presença de Deus, encontra-se a força (Sl 105.4 = 1 Cr 16.11).

Deus exerce essa força em favor de seu povo e contra os inimigos deste. Isso é especialmente bem ilustrado no êxodo (Êx 15.13).

Utiliza-se figuradamente esse vocábulo para descrever a segurança experimentada pelos justos. O Senhor é uma torre forte contra o inimigo (Sl 61.3 [4]) e uma rocha poderosa (Sl 62.7 [8]). Seu nome (*i.e.*, sua pessoa) é a torre forte onde os justos estão seguros (Pv 18.10). A outorga de sua força tornava o salmista firme e seguro como uma montanha forte (Sl 30.7 [8]). Sião é uma cidade forte porque está cercada não apenas de muros materiais, mas também por causa da salvação que provém do Senhor (Is 26.1).

A força do Senhor deve ser um tema constante de nosso louvor. Devemos atribuir força a ele. Devemos reconhecer seu glorioso poder e louvá-lo por isso (Sl 29.1; 96.7; 1 Cr 16.28).

Por isso, em hinos de louvor, a força de Deus se revela como majestade avassaladora e, nos lamentos, como proteção e ajuda.

Dahood traduz três vezes a palavra por "louvor" (Sl 29.1; 68.34 [35]; 96.7). Observe-se o uso que a LXX e o NT fazem de "louvor" em Salmos 8.2 [3] e Mateus 21.16.

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 252-5.

C.S.

1597 *עזק (*'āzaq*) ***cavar ao redor.*** Ocorre somente no piel, em Isaías 5.2.

1598 עזר (*'āzar*) ***I, ajudar, apoiar.***

Termos Derivados

1598a †עֵזֶר (*'ēzer*) ***ajuda.***

1598b †עֶזְרָה (*'ezrâ*) ***ajuda.***

À exceção do acadiano e do etíope, esta raiz (*'dr*) ocorre em todas as línguas semíticas. É assim que, por exemplo, em ugarítico *'dr* significa "resgatar", "salvar" (UT 19: nº 1 831). Em árabe do sul antigo significa "desculpar-se". (O acadiano *izirtu*, "ajudar", na correspondência de Tell el-Amarna é um empréstimo do cananeu.) Como acontece na Bíblia, a raiz é particularmente bem atestada em inúmeros nomes pessoais: Hadididri, Asarya, Isra, *etc.*

Empregado aproximadamente 80 vezes no AT, em geral *'āzar* indica apoio militar. O uso do vocábulo com referência ao Egito é ilustrativo. O Egito cairá apesar daqueles que lhe dão apoio. Aliás, esses aliados cairão junto com o Egito (Ez 30.8; 32.21). Além do mais, a ajuda militar egípcia a Judá é inútil, e o profeta condena a dependência de tal ajuda (Is 30.7; 31.3).

Usa-se *'āzar* em vários nomes próprios compostos junto com formas do nome divino (tanto El quanto Yah): Azareel ("Deus ajudou"), Azriel ("Deus é minha ajuda"), Azarias ("O Senhor ajudou") e Esdras ("Ajuda", mas possivelmente derivado de uma forma que significa "O Senhor ajuda"). *Cf.* Ebenézer ("pedra de ajuda").

O auxílio divino é, muitas vezes, de natureza militar. Acaz, depois de ser derrotado por Damasco, voltou-se para os deuses dessa cidade, convencido de que eles haviam ajudado Damasco a derrotá-lo (2 Cr 28.23). O exército de Davi recebeu ainda outros recrutas de Benjamim e de Judá porque eles tinham consciência da ajuda divina concedida a Davi quando este lutou contra Saul (2 Cr 12.18). Asa recebeu auxílio divino contra o Egito (2 Cr 14.10), Uzias, contra a Filístia e outras nações (2 Cr 26.7, 13), e Amazias, contra Edom (2 Cr 25.8). O cronista está totalmente consciente da ajuda militar de Deus.

Embora nem sempre se possa identificar claramente o contexto histórico, os salmos também refletem a ajuda militar divina. Jerusalém, talvez no século oitavo, é livrada das mãos de Senaqueribe por intermédio da ajuda divina (Sl 46.5 [6]). É bem possível que esse salmo também tenha alguma ênfase escatológica. Após um ataque não identificado contra Judá, o salmista ora suplicando a ajuda de Deus (Sl 79.9).

A questão do apoio militar é vista na passagem escatológica muito conhecida de Isaías 63.5. Em sua ira e vindicação contra as nações, Deus não recebe ajuda humana alguma. Ele olhou ao redor à procura de auxílio humano, mas, ao não encontrá-lo, consumou sozinho o dia da vingança. Não houve instrumento humano algum, ao contrário do que havia acontecido em outras ocasiões. Embora alguns tenham visto a obra redentora de Cristo nesta passagem, isso é improvável. Um contraponto mais provável no NT é a derrota da besta em Apocalipse 19.11, em que uma vez mais se vê com clareza o caráter militar da obra de Cristo como Juiz.

A ajuda à nação de Israel é um tema comum em Isaías (41.10, 13, 14; 44.2; 49.8; 59.7, 9). Aqui também a cena é de natureza militar. Em face da ajuda divina, Israel terá sucesso em vencer os inimigos.

Ajuda pessoal, de caráter não-militar, é encontrada particularmente em Salmos. O Senhor é visto como o ajudador daqueles que não têm privilégios: os pobres (Sl 72.12) e os órfaos (Sl 10.14; *cf.* Jó 29.12). O salmista confessa que não dispõe de ajuda alguma, senão de Deus (Sl 22.11 [12]; 107.12). Ele tem consciência do auxílio divino em épocas de enfermidade (Sl 28.7), em horas de opressão pelos inimigos (Sl 54.4 [6]) e em momentos de grande aflição pessoal (Sl 86.17). As mãos (Sl 119.173) e as leis (Sl 119.175) de Deus eram fontes de auxílio para o salmista. O justo, sim, pode antecipar a ajuda divina (Sl 37.40).

'ēzer. *Ajuda, apoio, ajudador.* (Em Sl 89.19 [20], em vez de *'ēzer*, a IBB lê *nēzer* e traduz então por "coroa".) Embora esse substantivo masculino indique a idéia de ajuda ou assistência, na maioria das vezes é empregado num sentido concreto para designar aquele que presta ajuda. (*Cf.* Gn 2.18, 20, que apresenta Eva como "auxiliadora" de Adão.) Com referência à fonte da ajuda, em geral essa palavra é usada para designar o auxílio divino, em especial em Salmos (*cf.* Sl 121.1, 2), em que se refere tanto à ajuda material quanto à espiritual.

'ezrâ. *Ajuda, apoio, auxílio.* O auxílio indicado por essa palavra é humano ou então divino. O significado é bem parecido com o da forma masculina. Em oito vezes (Jz 5.23; 2 Cr 28.21; Is 20.6; 31.1-2; Jr 37.7; Lm 4.17; Na 3.9) ela denota ajuda militar que se revela ineficaz. Quando usada para designar o auxílio divino, ela é vista em afirmações (Sl 22.19 [20]; 27.9; 40.17 [18]) ou em súplicas (Sl 35.2; 44.26 [27]), sendo que a gravidade do assunto se vê no clamor para que a resposta seja rápida (Sl 22.19 [20]; Sl 38.22 [23]; 40.13 [14]; 70.1 [2]; 71.12). Em tais condições a ajuda humana é vã (Sl 60.11 [13]; 108.12 [13]).

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 256-8.

C.S.

1599 עזר (*'zr*). **II. Aceita como raiz de:**

1599a עזרה (*'ăzārâ*) ***cercado*** (*e.g.*, Ez 43.14; 2 Cr 4.9).

1600 עט (*'ēt*) ***estilo (ponteiro para escrever)*** (*e.g.*, Jr 17.1; Jó 19.24). Derivação incerta.

1601 עָטָה (*'āṭâ*) ***I, envolver, cobrir.***

Termo Derivado

1601a מַעֲטֶה (*ma'ăṭeh*) ***invólucro, manto.*** Ocorre somente em Isaías 61.3, uma "veste de louvor".

(Em Jeremias 43.12, a ARA, seguindo a LXX, traz "despiolhará". Em Cantares 1.7. a ARA entende que a raiz é *tā'â* e, por conseguinte, lê a palavra como "vagando".) Um

sinônimo, que freqüentemente aparece em paralelo com *'ātâ* e que deve ser notado, é *lābash*, "pôr roupas em".

O significado básico de *'ātâ* aparece em 1 Samuel 28.14, em que o idoso Samuel está envolto numa capa. Esse conceito também se vê em uso figurado. Deus se veste de ímpeto de forma a preparar-se como um guerreiro para proteger a sua comunidade (Is 59.17) e também se cobre de luz como se esta fosse uma roupa (Sl 104.2).

O verbo também é empregado no causativo. Salmos 84.6 declara que a chuva "cobre" a terra com poças. O salmista lamenta que Deus cobriu o seu ungido com vergonha (Sl 89.46) por causa do pecado. Jerusalém (*cf.* Is 49.18; 52.1) ou o Servo igualmente regozija-se como uma noiva ou um noivo em seu dia de casamento porquanto Deus o(a) cobriu com o "manto de justiça", frase que é definida pelo paralelo "me cobriu de vestes de salvação" (Is 61.10). De especial significação aqui é o fato de que é Deus que providencia o manto de justiça. O homem é incapaz de vestir-se. Ele pode, no entanto, ter consciência disso, regozijar-se nisso e cantar disso.

C.S.

1602 עָטָה (*'ātâ*) ***II, agarrar.*** Ocorre somente em Isaías 22.17, talvez também em Ezequiel 21.15 [20].

עָטִין (*'ātîn*). Veja o nº 1 604a.

עֲטִישָׁה (*'ătîshâ*). Veja o nº 1 609a.

1603 עֲטַלֵּף (*'ătallēp*) ***morcego*** (Lv 11.19 = Dt 14.18; Is 2.20).

1604 עטן (*'tn*). **Aceita como raiz de:**

1604a עָטִין (*'ātîn*) ***balde*** (Jó 21.24).

1605 עָטַף (*'ātap*) ***I, desviar-se.*** Ocorre somente em Jó 23.9.

1606 עָטַף (*'ātap*) ***II, envolver-se.***

Termo Derivado

1606a מַעֲטָפָה (*ma'ătāpâ*) ***capa, manto*** (Is 3.22).

1607 עָתַף (*'ātap*) ***III, definhar, ser frágil, enfraquecer.*** (Em Is 57.16 A IBB segue a LXX e traduz essa palavra por "procede".) O árabe *'ataba* significa "debilitar-se", "definhar". Esta palavra pode referir-se à exaustão física ou ao enfraquecimento do homem em seu íntimo.

O vocábulo descreve gado, ou seja, gado fraco, que Jacó rejeitou quando formou seu próprio rebanho (Gn 30.42). Também descreve as crianças de Jerusalém que desfaleceram por falta de comida durante o cerco babilônico (Lm 2.11, 12, 19).

Sujeitos deste verbo são: alma (Sl 107.5; Jn 2.7 [8]), coração (Sl 61.2 [3]) e espírito (Sl 77.3 [4]; 142.3 [4]; 143.4, Is 57.16). O ser humano não só pode ser tomado de exaustão física, mas em seu íntimo também pode abater-se.

O vocábulo é usado com referência ao indivíduo quando observa as circunstâncias em que se encontra e então toma consciência de sua separação de Deus. Como conseqüência ele fica assoberbado. Isso aconteceu com Jonas no ventre do peixe (Jn 2.7 [8]), com um prisioneiro solitário (Sl 142) e com um homem inteiramente oprimido pelo inimigo (Sl 143). Este reconhecimento de fraqueza está presente em todas as orações em que aparece também o pedido pela ajuda divina. Quando se esgotam os recursos da força humana, o salmista pede a ajuda de Deus.

C S.

1608 עָתַר (*'atar*) ***cercar*** (1 Sm 23.26; Sl 5.13, somente).

Termos Derivados

1608a עֲטָרָה (*'ăṭārâ*) ***coroa, grinalda.***

1608b *עתר (*'ātar*) ***coroar, dar uma coroa.*** Usado no piel e no hifil.

'ăṭārâ. Coroa. Deve-se fazer distinção entre esta palavra, um termo genérico para coroa, e *nēzer*, a coroa de reis e sacerdotes.

'ăṭārâ pode designar a coroa de uma rainha (Jr 13.18), da nobreza (Et 8.15) ou a grinalda da noiva (Ct 3.11). Embora a *'ăṭārâ* pudesse ser feita de ouro e prata (Sl 21.3 [H 4]; Zc 6.11), também podia ser uma grinalda de flores (Ez 23.42).

O uso figurado é, certamente, o mais importante desta palavra. O vocábulo é empregado metaforicamente para designar honra e autoridade. Isso se vê especialmente em Provérbios, em que os cabelos grisalhos (16.31), netos (17.6), uma boa esposa (12.4) e a sabedoria (4.9; 14.24) são considerados coroa. A metáfora definitiva encontra-se em Isaías 28.5, em que o Senhor será a coroa dos remanescentes! Ele os abençoará e será o motivo do seu orgulho (*cf.* Ez 16.12).

Esta mesma metáfora é usada quando a ênfase é negativa, ou seja, quando a coroa é tirada.

Em Zacarias 6.11, o profeta recebe ordens para apanhar o ouro e a prata trazidos pelos remanescentes que vieram do exílio, para fazer uma coroa (no hebraico a palavra está no plural, talvez indicando uma idéia superlativa, a derradeira coroa) e para colocá-la sobre a cabeça do sacerdote Josué. A coroa deve então ser guardada no templo (6.14). Essa coroação é um símbolo do Messias (veja-se *tsemah*). Ao receber a coroa real, Josué indica que em Jesus Cristo estão as funções de sacerdote e de rei. Apenas ele pode usar aquela coroa!

Bibliografia: — *TDNT*, v. 7, p. 624-9.

C S.

1609 כעס (*'tsh*)

1609 עצב (*'tsh*). **Aceita como raiz de:**

1609a עֲתִישָׁה (*'ătishâ*) ***espirro*** **(Jó 41.10).**

עִי (*'î*). Veja o nº 1 577d.

1610 עִיט (*'îṭ*) ***gritar com voz aguda, berrar.*** Ocorre somente em 1 Sm 25.14.

Termos Derivados

1610a עַיִט (*'ayit*) ***ave de rapina*** (*e.g.*, Gn 15.11; Jó 28.7).

1610b עִיט (*'îṭ*) ***arremessar-se vorazmente (como uma ave de rapina).*** Verbo denominativo (1 Sm 14.32; 15.19).

1611 עָיְם (*'ăyām*) ***ardor*** (Is 11.15; ARA, "força"). Significado e derivação incertos.

1612 עִין (*'în*) ***mirar, olhar***. Verbo denominativo (1 Sm 18.9).

Substantivo de Origem

1612a עַיִן (*'ayin*) ***I, olho.*** Esta é uma palavra semítica genérica e também pode ter o sentido de "fonte" (veja-se *'ayin* II). Em ugarítico *'yn* significa "contemplar" (*UT* 19: nº 1 846).

Essa palavra indica mais do que o simples "olho". Às vezes representa todo o processo de ver e, por extensão, de compreender e obedecer (Jr 5.21). Entretanto, no AT geralmente o ouvido é usado de forma assim figurada. Emprega-se o olho para expressar conhecimento, caráter, atitude, inclinação, opinião, paixão e modo de corresponder. O olho é um bom indicador dos pensamentos íntimos do homem.

De todos os órgãos físicos do corpo, o olho era considerado um dos mais importantes. Se um senhor destruísse o olho de um escravo, este estava automaticamente livre (Êx 21.26). Não apenas homens (Lv 21;20; 2 Rs 4.34), animais (Gn 39.41) e aves (Jó 28.7; 39.29) possuem olhos, mas também rodas (Ez 1.18; 10.12, em que simbolizam o Deus que tudo vê), uma pedra (Zc 3.9, em que representam diferentes aspectos de Deus; *cf.* Êx 10.15, "o olho [superfície] de toda a terra", lit.) e ídolos, que são incapazes de usá-los (Sl 115.5; 135.6).

Em linguagem antropomórfica, atribuem-se olhos a Deus. Seus olhos estão em toda parte, observando o bem e o mal (Pv 15.3). Eles espreitam por toda a terra para defender os justos (2 Cr 16.9), ao passo que estão sobre os pecadores para destruí-los (Am 9.8). O ser humano pode encontrar favor aos olhos do Senhor (Gn 6.8). Pode fazer o que é certo (1 Rs 15.11) ou o que é errado (1 Rs 16.25) aos olhos de Deus. O homem ora a Deus para que este abra os olhos (2 Rs 19.16 = Is 37.17; Dn 9.18). Quando Deus esconde os olhos, ele não atende as orações e as necessidades das pessoas (Is 1.15). Quando volta os olhos para o homem, sustenta-o e liberta-o (Sl 33.18; 34.15 [16]).

A palavra também descreve as faculdades espirituais. Depois de Adão e Eva comerem o fruto proibido, os olhos de ambos foram abertos. Eles haviam perdido a inocência e agora tinham consciência de sua nudez, tanto física quanto espiritual (Gn 3.5, 7). Os olhos podem estar cegos para Deus (Jr 5.21), podem ser cegados por Deus (Is 6.10; 44.18) e podem ser abertos por Deus (Nm 22.31; 2 Rs 6.17). Olhos que contemplam com fé o Senhor representam esperança e confiança (Sl 133.2). A lei do Senhor ilumina os olhos (Sl 19.8 [9]; *cf.* 1 Sm 14.27, 29, "brilhar" tem aqui o sentido de "revigorar" e "reanimar"; Ed 9.8; Sl 13.3 [4]).

Isaías confessou que vira o Senhor com os próprios olhos (6.5). Esse privilégio, porém, é em geral restrito a uma dimensão escatológica (Is 33.17; Ez 38.23; *cf.* Ap 1.7).

Os olhos são um espelho do íntimo do homem. Os olhos refletem generosidade (Pv 22.9, "bom olho", lit.), avareza (Pv 23.6, "olho mau", lit.; ARA, "invejoso"), propósito (Sl 17.11), arrogância (Pv 6.17; Is 2.11), humildade (Jó 22.29), zombaria (Pv 30.17), compaixão (Ez 16.5) e cobiça (Ec 4.8).

A expressão "em seus/teus/vossos olhos" indica a opinião ou juízo daquele de quem ou com quem se fala. Em Juízes cada um fazia o que era reto a seus próprios olhos (21.25). O insensato está certo aos seus próprios olhos (Pv 12.15). O templo se tornara um covil de ladrões aos olhos dos moradores de Jerusalém (Jr 7.11). Sara sentiu desprezo por Hagar (Gn 16.4, 5), ao passo que Abraão sentiu tristeza por Ismael (Gn 21.11, 12).

A promessa de preservar com cuidado todo especial se vê na expressão "pupila dos olhos" (Dt 32.10; Zc 2.8; ARA, "menina dos olhos"), que indica aquilo que é precioso.

Bibliografia: — MIKLISZANSKI, J. K., The law of retaliation and the Pentateuch. *JBL* 66:295-303. — RICHARDSON, *TWB*, p. 44-75. — ROBERTSON, E., The apple of the eye in the Masoretic Text, *JTS* 38:56-9. — *THAT*, v. 2, p. 259-67.

C.S.

1613 עַיִן (*'ayin*) ***II, fonte.*** É incerta a relação entre este vocábulo e *'ayin* I, "olho".

Termo Derivado

1613a מַעְיָן (*ma'yān*) ***fonte, olho-d'água.***

Este vocábulo designa uma corrente de água proveniente de uma abertura numa encosta de morro ou num vale. Deve-se fazer distinção entre essa palavra, de um lado, e "poço" ou "cisterna", de outro. Sinônimos são: *māqôr*, que também significa "fonte", mas que é usado freqüentemente de modo figurado, e *ma'yān*, que basicamente significa o mesmo que *'ayin*.

A terra de Canaã foi descrita como uma "terra boa, terra de ribeiros de águas, de fontes [*'ayin*], de mananciais profundos, que saem dos vales e das montanhas" (Dt 8.7). Ao abençoar os filhos, Jacó reservou uma de suas maiores bênçãos para José (tribos de Efraim e Manassés), assemelhando-o a um ramo frutífero junto a uma fonte (Gn 49.22). Isso talvez seja referência a Manassés e Efraim serem "plantados" em Canaã, sugerindo que eles tomariam posse de territórios férteis e importantes. A associação de fontes com o abismo se vê em Provérbios 8.28, em que a expressão "fontes do abismo" também parece indicar que o abismo era a origem de água para as fontes. É difícil saber qual o sentido

exato desse versículo. Aceitando-se a LXX, parece que é o Senhor que fortaleceu, *i.e.*, estabeleceu as fontes do abismo, determinando os limites do mar. Mas nesse trecho os limites do mar favorecem a interpretação "oceano", e o *'ayin t'hôm* talvez tenha o simples sentido de superfície do abismo. Em Gênesis 7.11 a referência é, presumivelmente, a fontes suboceânicas. De uma forma ou de outra, a Sabedoria já existia por ocasião deste ato divino criador.

É significativo o que aconteceu junto a essas várias fontes. A nação de Israel encontrou refrigério junto às 12 fontes de Elim (Êx 15.27; Nm 33.9).

Foi junto à fonte no caminho de Sur (provavelmente Beer-Lahai-Roi, onde tanto Abraão, Gn 20.1, quanto Isaque, Gn 25.11, moraram) que Hagar testemunhou uma teofania (Gn 16.7-14). Mais tarde usou-se a fonte figuradamente acerca do Senhor e como símbolo de seu poder para dar refrigério.

O único uso figurado da palavra ocorre em Deuteronômio 33.28, em que a expressão "fonte de Jacó" é paralela de Israel. Israel "jorrou" do patriarca Jacó, o pai das 12 tribos (*cf.* Sl 68.26 [27], em que se emprega a palavra *māqôr*). A constante sucessão de descendentes de Jacó havia de ser como uma corrente que sempre jorraria água fresca do seu manancial.

C.S.

1614 עִיף (*'îp*) ***desfalecer.*** Provavelmente uma variante de *yā'ēp*.

Termo Derivado

1614a עָיֵף (*'āyēp*) ***débil, exausto, esgotado.***

Na maioria das vezes essa palavra descreve um esgotamento físico. Esse esgotamento pode ser provocado por fome e grandes esforços, como no caso de Esaú (Gn 25.29, 30), dos homens de Gideão (Jz 8.4, 5), da nação de Israel (Dt 25.18) e de Davi e seus homens (2 Sm 16.14; 17.29). O vocábulo também pode representar uma situação de sede terrível, quer concreta (Jó 22.7, Pv 25.25) quer imaginária (Is 29.8).

Usa-se a palavra também figuradamente. O salmista, vagueando pelos ermos de Judá, percebe que sua alma se encontra, em muitos aspectos, na mesma situação estorricada da terra em que ele vagueia. Assim como a terra seca tem sede de água, o salmista tem sede de Deus, a Fonte de Vida (Sl 63.1 [2]). Essa metáfora de Deus como água que mata a sede é comum ao Antigo e ao Novo Testamento, como também a figura de o homem ter sede de Deus (Sl 143.6; Jr 31.25), muito embora ele, com freqüência, troque Deus por alguma outra coisa (Jr 2.13).

C.S.

עֵיפָה (*'êpâ*). Veja o nº 1 583d.

1615 עִיר (*'îr*) ***cidade.*** A raiz é encontrada em diversas línguas semíticas (*cf.* o ugarítico *'r* [derivado de *'yr* I], que significa "cidade" [*UT* 19: nº 1 847]). Derivação incerta.

'îr indica uma povoação permanente sem referência a tamanho ou situação política. Nenhuma das palavras que atualmente empregamos (tais como cidade, distrito, povoado ou vilarejo, transmite adequadamente o sentido ou a imagem mental despertada por essa palavra. Não apenas existem diferenças entre a cidade antiga e a moderna, mas também havia diferenças entre as próprias cidades antigas, tornando ainda mais difícil a definição. A distinção básica entre uma cidade e uma aldeia (*hātsēr* e *bānôt* — esta última significa literalmente "filhas") é que na antigüidade *'îr* tinha muros. As freqüentes referências à "porta" da cidade, onde ocorriam atividades governamentais, ressaltam a natureza murada das cidades. Os anciãos das cidades são com freqüência mencionados como pessoas que tinham algum cargo governamental. Já nos tempos de Gilgamesh, as cidades da Mesopotâmia possuíam um concílio de anciãos, os quais o rei tinha de consultar antes de iniciar uma guerra. As aldeias ficavam numa área agrícola adjacente à cidade e, por sua vez, dependiam da proteção da cidade.

A. R. Hulst afirma que nada se pode dizer com certeza acerca do sentido básico da palavra. Assim mesmo deve-se pensar que algum tipo de fortificação está relacionado com a palavra *'îr* (*THAT*, v. 2, p. 267). Além das cidades fortificadas com muros altos, portas e ferrolhos, Deuteronômio 3.5 menciona "cidades sem muros" (*'ārê happᵉrāzî*). Nestas últimas cidades a proteção deve ter sido bem limitada. Strathmann assinala que, embora a LXX geralmente traduza *'îr* por *polis*, a idéia grega de "cidade" difere radicalmente da de Israel. Em seu uso sofisticado, *polis* tem como idéia fundamental a instituição política, ao passo que *'îr* (*cf.* o grego *'astu*) destacava a condição de lugar protegido. Segundo Strathmann, "não há no AT nenhum vestígio do mundo de idéias que os gregos associavam com *polis*.... A importância das cidades [em Israel] repousava na resistência que, devido às suas fortificações, podiam oferecer a agressores; na proteção que podiam dar a seus moradores" (*TWOT*, v. 7, p. 23).

Sinônimos dessa palavra são *qeret* e *qiryâ*, ambas com o sentido de "cidade" e com nenhuma ou quase nenhuma diferença de significado com relação a *'îr*. No entanto, esses dois vocábulos são empregados principalmente em passagens poéticas, sendo que *qeret* aparece exclusivamente em poesia. Ademais, o uso das duas palavras é limitado ao passo que *'îr* é usado umas 1090 vezes.

A Bíblia diz que a civilização urbana começou com Caim, que construiu uma cidade e deu-lhe o nome de seu filho, Enoque. Na tábua dos descendentes de Noé (Gn 10) diversas cidades são mencionadas, cidades que foram construídas depois da dispersão a partir da torre de Babel (Gn 11). Com base nesses dois trechos, alguns estudiosos pensam que há no livro de Gênesis uma predisposição contra a cidade (*cf.* G. WALLIS, Die Stadt in den Überlieferungen des Genesis, *ZAW* 78 [1966]:133-48). Mas Hulst sustenta que tal juízo não corresponde ao testemunho do AT. Assim sendo, as cidades são uma dádiva boa do Senhor a Israel (Dt 6.10), e em Gênesis 11 o pecado não é a edificação da cidade (*THAT*, v. 2, p. 271). Cidades continuaram a merecer destaque nas Escrituras até o fim de Apocalipse, onde se descreve a nova Jerusalém (Ap 21—22).

Para esse verbete é significativo o fato de que cidades possuem virtudes ou defeitos de caráter. Em parte isso se deve ao fato de que muitas vezes a palavra "cidade" na verdade significa "habitantes". Uma cidade pode gritar (1 Sm 4.13; 5.12) e pode se agitar (Rt 1.19; *cf.* Mt 21.10). Ela pode ser caracterizada como justa (Is 1.26), fiel (Zc 8.3) e santa (Is 48.2; 52.1; Ne 11.1, 18). Todas as qualidades acima descrevem Jerusalém. Uma cidade pode experimentar alegria (Jr 49.25), estimular a confiança (Jr 5.17) e ter renome (Ez

26.17). Ela também pode ter qualidades indesejáveis. Pode ser orgulhosa (Sf 2.15). opressora (Sf 3.1) e sanguinária (Ez 22.2; 24.6, 9, acerca de Jerusalém, Na 3.1, acerca de Nínive). As cidades, sendo sociedades corporativas, estão, por conseguinte, sujeitas às bênçãos e maldições divinas. Elas são estabelecidas e destruídas, dependendo de seu relacionamento com Deus. A segurança da cidade provém de Deus (Sl 127.1).

Um conhecido conceito do AT é o da cidade de refúgio. Designaram-se seis cidades levíticas para acolher o homicida involuntário e dar-lhe asilo. Essas cidades representam um esforço para evitar o derramamento de sangue inocente na terra (Dt 19.10). O propósito de tais cidades era controlar a vingança de crimes de sangue, permitindo que a justiça interviesse entre o homicida e o vingador (*cf.* *IDB*, *loc. cit.*). Essas cidades são prometidas em Êxodo 21.13 e projetadas para serem seis em Números 35.6. Em Deuteronômio 5.41-43, depois da conquista da Transjordânia, as três cidades a leste do Jordão são citadas; em Deuteronômio 19.2 outras três são previstas para Canaã. Finalmente, em Josué 20.7-8, depois da conquista, todas as seis são citadas juntas nominalmente. O desenrolar da narrativa é mais satisfatório se aceitarmos a unidade do Pentateuco.

Bibliografia: — FEINBERG, C. L., The cities of refuge, *BS* 103:411-7; 104:35-48. — *TDNT*, v. 6, p. 522-9. — *THAT*, v. 2, p. 268-71.

C.S.

1616 עִיר (*'yr*). Aceita como raiz de:

1616a †עַיִר (*'ayir*) *jumento*. Em ugarítico *'r* (da raiz *'yr* II) significa "jumento", mas em egípcio denota "bode" (*UT* 19: nº 1848). C. H. Gordon assinala que uma única palavra em árabe pode incluir "burro" ou "gazela".

O jumento tinha sido domesticado séculos antes dos patriarcas de Gênesis. Os vários usos desse animal na Asia ocidental se vêem claramente na Bíblia: animal de montaria (Jz 10.4; 12.14), animal de carga (Gn 49.11; Is 30.6, 24), presente (Gn 32.15 [16]). Jó 11.12 faz referência a duas características bem conhecidas do jumento: tolice e teimosia. A referência mais interessante encontra-se em Zacarias 9.9, em que o Messias é descrito como alguém montado num asno (*cf.* Mt 21.1-7 e Jo 12.14), entrando em Jerusalém como um rei vitorioso. Que tal cerimônia fazia parte da coroação é algo implícito nas orientações dadas por Davi a Salomão para garantir que este recebesse a coroa: Salomão devia ir montado no jumento do rei, descendo até Giom e então subindo até Jerusalém (1 Rs 1.33, 38, 44-45).

C.S.

עִיר (*'îr*). Veja o nº 1 587a.

עִירָם (*'êrōm*). Veja o nº 1 588b.

1617 עַיִשׁ (*'ayish*) *Ursa*.

Constelação celeste da qual a brilhante estrela Arcturo é a mais facilmente identificada. Ocorre somente em Jó 9.9 e 38.32 em associação com *k'sîl*, "Órion", *kîmâ*,

"Plêiades" (ARA, "Sete-estrelo"), *mazzal(r)ot*, "constelações" (IBB; vejam-se todas essas palavras).

Nas duas ocorrências essas estrelas são citadas como provas do poder criador de Deus. Jó (9.9) aponta para os céus como prova do poder e da sabedoria avassaladora de Deus e, conseqüentemente, da insensatez de questionar os caminhos divinos. No entanto, como acontece com muitos seres humanos, Jó sabe melhor na teoria do que na prática, pois nos capítulos seguintes, fustigado pelas palavras daqueles que o consolavam, ele passa a fazer exatamente aquilo que dissera ser tolice: questionar a sabedoria dos caminhos de Deus. O resultado é que, na visão de Deus nos capítulos 39 a 41, Jó tem de ver-se diante do abismo entre ele e Deus e é forçado a confessar que suas palavras na primeira parte do capítulo 9 foram mais verdadeiras do que as que pronunciou depois. Deus é o criador e sustentador e, nessa condição, enxerga coisas de uma maneira que desconhecemos.

Em particular os contextos dos capítulos 9 e 38 sugerem conotações tanto do relato mesopotâmico quanto do relato bíblico da criação. Nos dois relatos a divindade estabelece as épocas e as estações. Ademais, em Enuma Elish (o relato babilônico da criação), o deus Marduque estabelece os lugares dos deuses nos céus — referências bem claras ao sol, à lua e às estrelas. No relato bíblico Deus também estabelece esses corpos celestes, mas não como deuses, apenas como objetos criados, a obra de suas mãos. Jó também os trata dessa maneira, mas talvez também se ache no texto de Jó o sentido de que Deus derrotou os deuses.

Afora isso, a menção a Raabe em 9.13 (ARA, "Egito") e ao leviatã no capítulo 41 (ARA, "crocodilo") parece ser uma apropriação de certos temas literários para indicar que a criação não foi apenas uma vitória do poder e da sabedoria criadoras, mas também uma vitória do bem sobre o mal. Em resumo, o emprego desses vários temas serve para destacar a verdade de que o abismo entre a criatura e o Criador é imenso, abismo que só pode ser transposto a partir do lado divino do abismo.

Bibliografia: — DRIVER, G. R., Two astronomical passages in the Old Testament, *JTS* 7:1-11.

J.N.O.

1618 עכבר (*'akbār*) *rato.*

Designação comum de um grande número de roedores da família dos murídeos. Em Levítico 11.29 o rato é declarado imundo. Isaías 66.17 faz menção de uma prática pagã de comer ratos (coletivo singular). Os muçulmanos também os consideram comestíveis (*KB*, p. 702). Os filisteus sofreram uma praga de ratos por ter apanhado a arca (1 Sm 6; veja-se *'ōpel*). Parece que os ratos transmitiram uma epidemia —assim como freqüentemente o fazem ratos e outros roedores transmitem a peste bubônica— e que talvez também tenham causado problemas na agricultura. Como oferta de propiciação, cinco ratos de ouro foram devolvidos junto com a arca.

C.S.

1619 עַכְבִּישׁ (*'akkābîsh*)

1619 עַכְבִּישׁ (*'akkābîsh*) ***aranha.***

No AT há apenas duas referências à aranha. Em ambas a ênfase recai sobre a teia, que é descrita como transitória ou frágil. Os ímpios serão certamente castigados a despeito de sua confiança, que comparada à confiança depositada numa teia de aranha (Jó 8.14). Em Isaías 59.5 a teia de aranha simboliza algo mau. Isaías assevera que simplesmente não darão certo os esforços que a nação fazia para ocultar sua iniqüidade (59.6) por meio da teia que havia criado. Toda coberta que o homem fizer para o seu pecado é tão transparente quanto uma teia de aranha. A "aranha" de Provérbios 30.28 (ARC) é tradução da palavra *s'māmît* e provavelmente se refere a algum tipo de lagarto ou lagartixa.

C S.

עָכוֹר (*'ākôr*). Veja o nº 1 621a.

1620 *עָכַס (*'ākas*) ***balançar pulseiras, chocalhar, tinir.*** Este verbo denominativo ocorre somente no piel, em Isaías 3.16.

Substantivo de Origem

1620a עֶכֶס (*'ekes*) ***tornozeleira, pulseira*** (Is 3.18).

1621 עָכַר (*'ākar*) ***agitar, perturbar, transtornar, transformar (alguém) em tabu.***

Termo Derivado

1621a †עָכוֹר (*'ākôr*) ***problema, dificuldade.***

'ākar espelha a dimensão social das ações de um indivíduo. O procedimento negativo de alguém (a palavra sempre tem uma conotação negativa) causa uma influência perniciosa não apenas na própria pessoa, mas também em outros. Alguém pode "transtornar" outrem ou a nação inteira, trazendo o juízo humano ou divino sobre outros. *KB* (p. 703), no que é seguido por Holladay (p. 273), diz que a palavra tem o sentido de "transformar em tabu", "lançar para fora do relacionamento (social)" (veja-se SCHWALLY, *Sem. Kriegs-altertümer*, I [1901]:41).

O procedimento assassino de Simeão e Levi tornou Jacó odioso aos olhos dos cananeus (Gn 34.30). Acabe e Elias trocam acusações, cada um afirmando que o outro era o causador dos problemas (seca) então enfrentados em Israel (1 Rs 1.17, 18). Acã, desobedecendo à proibição de tomar despojo de Jerico (Js 6.18), mesmo assim o fez e causou derrota para toda a nação (Js 7.25; 1 Cr 2.7).

A pessoa pode trazer problemas para sua própria casa (Pv 11.29; 15.27), e alguém pode perturbar-se a si próprio. Uma pessoa cruel fere-se a si mesma (Pv 11.17).

Não somente o homem, mas também Deus pode ser o sujeito desse verbo. Josué declarou que o Senhor traria perturbação (*'ākôr*, ARA, "conturbar") a Acã (observe-se o jogo de palavras) por causa de seu pecado (Js 7.25). Deus extirpou Acã da nação.

'ākôr. ***Perturbação, problema.*** Essa palavra deriva da raiz que significa "perturbar", "transtornar". E sempre empregada com *'ēmeq*, "vale", indicando um local. Foi o lugar da execução de Acã e o seu sepulcro, por transgredir a proibição de apanhar despojos de Jerico (Js 7.24, 26). Com esse gesto de desobediência ele trouxe "perturbação" (IBB, marg.) sobre Israel. O local aparece com significado escatológico em Isaías 65.10 e Oséias 2.15 [17]. Será um vale frutífero, com pastagens para o rebanho quando Israel for restaurado. Um cenário idílico de paz está associado a esse vale. Será um lugar de "esperança" em vez de "perturbação".

C.S.

1622 עכשׁוב (*'akshûb*) ***áspide, víbora.***

עַל (*'al*). Veja o nº 1 624p.

עַל (*'ōl*). Veja o nº 1 628a.

1623 עלג (*'lg*). **Aceita como raiz de:**

1623a עִלֵּג (*'illēg*) ***que fala com dificuldade*** (Is 32.4).

1624 עָלָה (*'ālâ*) ***subir, escalar.***

Termos Derivados

1624a עֲלֶה (*'āleh*) ***folha, folhagem.***
1624b עֵלִי (*'ēlî*) ***pilão*** (Pv 27.22).
1624c †עֹלָה (*'ōlâ*) ***I, holocausto.***
1624d †עֲלָה (*'ōlâ*) ***II, subida, escadaria.***
1624e †עִלִּי (*'illî*) ***superior*** (Jz 1.15; Js 15.14).
1624f †עֲלִיָּה (*'ălîyâ*) ***câmara superior.***
1624g †עֶלְיוֹן (*'elyôn*) ***I, alto.***
1624h †עֶלְיוֹן (*'elyôn*) ***II, altíssimo.***
1624i †מַעַל (*mō'al*) ***levantamento.***
1624j †מַעֲלֶה (*ma'ăleh*) ***subida.***
1624k †מַעַל (*ma'al*) ***em cima, para cima.***
1624l †מַעֲלֶה (*ma'ălâ*) ***I, aquilo que sobe à mente, i.e., pensamentos*** (Ez 11.5).
1624m †מַעֲלָה (*ma'ălâ*) ***II, degrau, escada.***

1624n †תְּעָלָה (*t'ālâ*) ***I, conduto d'água, curso d'água.***
1624o †תְּעָלָה (*t'ala*) ***II, cura.***
1624p †עַל (*'al*) ***em cima de.***

Existem aproximadamente 900 ocorrências do verbo *'ālâ* no AT. Os significados mais comuns nos graus simples são "ir para cima" (mais de 300 vezes), "vir para cima" (mais de 160 vezes) e "ascender" (17 vezes). Nos graus causativos os dois significados predominantes são "trazer para cima" (mais de 100 vezes) e "oferecer" (77 vezes). Os outros 230 usos da palavra são traduzidos de dezenas de diferentes maneiras.

'ōlâ. I. Holocausto, oferta queimada, sacrifício queimado. Este substantivo ocorre 286 vezes no AT. A explicação usual para a tradução mais comum "holocausto" ou "oferta queimada" é que a fumaça da oferta sobe ou ascende até Deus. No entanto, uma vez que outros sacrifícios eram queimados, parece provável que haja algum outro conceito implícito no uso de *'ōlâ* para descrever esse sacrifício. Parece que a chave da questão é que apenas entre os sacrifícios israelitas o *'ōlâ* é inteiramente queimado, em vez de parcialmente queimado e comido pelos adoradores e/ou sacerdote. É assim que o animal inteiro é posto sobre o altar e oferecido como dádiva (*minhâ*, *q.v.*) em tributo a lavé. "Oferta total" ou "oferta inteira" é uma tradução que transmitiria melhor a teologia do *'ōlâ*. Ele é mesmo queimado, mas o ato de queimar é essencialmente secundário em relação à entrega da criatura toda a lavé. (Veja-se N. SNAITH, *VT* 7:309.)

De acordo com Levítico 1, o *'ōlâ* poderia ser um novilho, um carneiro, um cabrito, pombos ou rolas. Os mamíferos deveriam ser machos e sem defeito, mas não há determinação quanto ao sexo das aves. A maneira de sacrificar é apresentada com alguns detalhes, mas na maioria das fases do sacrifício não se apresenta nenhuma interpretação do seu significado.

O *'ōlâ* é apresentado primeiro pois é uma oferta (*qorbān*, *q.v.*) a lavé. (Lv 1.2, 10, 14). Caso a oferta fosse um novilho (e presumivelmente também uma ovelha ou cabrito, embora isso não esteja claramente especificado nos versículos 10 e 14), o adorador então se identificava com o animal mediante a imposição de mãos sobre a cabeça do animal. Isso talvez simbolize a substituição do adorador pelo animal e indique a transferência da culpa do pecado para o animal, mas, conforme assinalado por de Vaux (Roland DE VAUX, *Studies in OT sacrifice*, p. 28), a única outra passagem que menciona esse gesto simbólico de transferência é Levítico 16.21, em que o pecado da nação é transmitido para o bode expiatório e este é então levado para o deserto. Como o bode é "imundo", ele é levado embora, em vez de ser sacrificado sobre o altar. O altar é reservado para coisas santas. Mas o mesmo gesto de imposição de mãos volta a ser usado na questão importante da oferta pelo pecado e no holocausto, ambos em favor do sacerdote, no carneiro da consagração (Lv 8.14, 18, 22) e nas outras ofertas. Parece válido inferir que o gesto deixava implícita a substituição, sendo que em alguns casos mostrava que a culpa estava sendo expiada e que em outros havia o simbolismo da remoção. Esse ato certamente deixa implícita a íntima identificação do adorador com o *'ōlâ*. O animal pertence de fato ao adorador, e este está apresentando-o como uma oferta ao Senhor.

A terceira fase no processo é o próprio ato de matar a oferta. Normalmente o ato de sacrifício era executado pelo sacerdote, mas no que diz respeito ao *'ōlâ*, apenas as aves

eram mortas pelo sacerdote — provavelmente devido ao tamanho pequeno do animal e à pequena quantidade de sangue nele existente. Era essencial que o sangue fosse posto sobre o altar. Um novilho, ovelha ou cabrito era sacrificado pelo próprio adorador ao lado do altar (Lv 1.5, 11, 15). Depois disso o sacerdote derramava o sangue ao lado do altar ou sobre ele. Só depois de o adorador ter esfolado e partido o animal em pedaços e lavado as partes com água é que o animal todo era entregue ao sacerdote. Este então levava-o para o altar e ajeitava-o ali, onde era inteiramente consumido pelo fogo.

Um caso especial ocorre em 2 Crônicas 29.20-24, quando, no reinado de Ezequias, teve início um movimento reformador. Nessa ocasião os próprios sacerdotes abateram os animais. É possível, entretanto, que a situação esteja refletindo uma rededicação desses indivíduos a Iavé e ao seu serviço, e as circunstâncias de fato indicam que os *'ōlôt* eram o ato de ofertar esses homens. Esse acontecimento provavelmente está por trás da transferência para os levitas do direito de sacrificar os *'ōlôt* (Ez 44.11).

Em geral o *'ōlâ* era oferecido junto com alguma outra oferta (*e.g.*, um *minhâ*), embora o *'ōlâ* em si tivesse poder de expiação (Lv 1.4; *cf.* 16.24).

O *'ōlâ* era oferecido por motivos específicos. Em horas de júbilo e comemoração, um *'ōlâ* é uma dádiva que expressa esse júbilo e que reverencia Iavé (Gn 8.20 e s.; 1 Sm 6.14). Esse sacrifício não está ligado aos horrores da morte. (Observe-se especialmente acerca disto o material existente em Dennis J. McCarthy, The symbolism of blood and sacrifice, *JBL* 88:166-76; vejam-se também suas observações posteriores em 92:205-10.) McCarthy conclui que a postura do AT frente ao uso sacrificial do sangue não tem nenhum paralelo.

Um *'ōlâ* também pode acompanhar petições para que Deus intervenha em tempos de necessidade (Jz 21.4; Jr 14.12). Comum a esses dois tipos de *'ōlôt* é a consciência avassaladora da necessidade de prestar honra e tributo ao Deus que é santo.

Dois incidentes particularmente problemáticos e que envolvem *'ōlôt* são o episódio de Saul, em 1 Samuel 13, e o de Jefté, em Juízes 11. O pecado de Saul é identificado como oferecer um *'ōlâ* como preparativo para uma guerra santa contra os filisteus. Uma vez que o próprio adorador matava o animal, este não foi o pecado de Saul. Aparentemente o problema deveu-se à ausência de um sacerdote para levar o sangue e a vítima até o altar. O adorador podia matar o animal, mas o caminho até o altar era privativo do sacerdote. [Ademais, Saul desobedeceu ao Senhor ao deixar de seguir as ordens de Samuel para esperar sete dias em Gilgal até que ele viesse oferecer os sacrifícios e mostrasse a Saul o que este deveria fazer (1 Samuel 10.8). R.L.H.]

O *'ōlâ* de Jefté foi uma história diferente. Um voto feito sob a pressão de uma derrota iminente era assim mesmo um voto a ser cumprido — ele pensou. O resultado foi o sacrifício de sua única filha como *'ōlâ* a Iavé. Alguns interpretam essa passagem controversa dizendo que ele consagrou sua filha à virgindade perpétua para ela servir ao Senhor e, com isso, determinou a extinção de sua descendência (veja-se G. L. Archer, *SOTI*, p. 278 e ss.). Outros sustentam que ela foi oferecida num sacrifício humano. Nesse caso a repulsa com que esta ação foi recebida tanto por Jefté quanto pela nação (Jz 11.29-40) é prova suficiente de que o sacrifício humano não era a norma em Israel. *Cf.* também a referência ao sacrifício do filho de Mesa, 2 Reis 3.27. De Vaux alega que o acontecimento aterrorizou os israelitas e estes fugiram (*Studies in OT Sacrifice*, p. 62, nota 49). Miquéias (6.6-8), refletindo a tradição profética posterior, está em perfeita harmonia com essa posição — de que o fruto do corpo não é aceitável como um *'ōlâ*. O que se requer é a

dádiva de si próprio em justiça, amor e submissão. Albright conclui que "é difícil deixar de dar crédito a Israel por ter, com seu exemplo, ajudado a incentivar os adversários a realizar sacrifícios humanos na Fenícia" (*YGC*, p. 244).

Holocaustos, um tipo de oferta desconhecido das religiões da Mesopotâmia, eram comuns entre os cananeus, embora sacrifícios humanos não fossem usuais nem mesmo ali (veja-se Roland DE VAUX, *Sacrifice*, p. 42 e ss., 66). Dados de Ugarite, anteriores ao AT, e textos fenícios posteriores ao AT oferecem indícios de rituais que são paralelos ao *'ōlâ* dos israelitas. Mas em tudo isso falta um elemento essencial da prática hebréia: o oferecimento de sangue e o contato do sangue com o altar. A oferenda da vida (*cf.* Lv 17.11, o sangue é a vida) ao Deus da vida faz a diferença entre um simples abate de animal e uma oferta sacrificial aceitável.

Vejam-se também os verbetes *'āshām*, *kālîl*, *hattā't*, *minhâ*, *qorbān*, *shelem*, *sh'lāmîm*, *zebah*.

Bibliografia: — CUNDALL, Arthur E., *Judges, an introduction and commentary*, InterVarsity, 1968; p. 146-9. — MCCARTHY, Dennis J., The symbolism of blood and sacrifice, *JBL* 88:166-76. — MCCARTHY, Dennis J., Further notes on the symbolism of blood and sacrifice, *JBL* 92:205-10. — VON RAD, Gerhard, *Old Testament theology*, v. 1, Harper & Row, 1962. p. 250-8. — DE VAUX, Roland, *Studies in Old Testament sacrifice*. Cardiff, University of Wales, 1964, p. 27-51, 52-90.

'ōlâ. ***II. Subida, escadaria.*** Esse substantivo ocorre somente em Ezequiel 40.26. Possivelmente é um particípio feminino de *'alâ*.

'illî. ***Superior.*** Esse adjetivo é empregado apenas duas vezes (Js 15.19; Jz 1.15), ambas para descrever parte do território que Calebe deu à filha como parte do dote — as fontes superiores e inferiores de Debir. (Albright identificou Tell Beit Mirsim com Debir, mas esse detalhe geográfico sugere que os dados disponíveis favorecem a identificação feita por Rainey de Rabud com Debir.)

'ălîyâ. ***Câmara superior.*** Era um aposento no andar de cima, às vezes construído sobre o teto de uma casa (1 Rs 17.19, 23; 2 Rs 4.10-11). Segundo parece, ficava localizado em ponto estratégico no muro da cidade (1 Sm 18.33 [19.1]) acima das portas ou funcionava como uma torre de vigia (Ne 3.31-32). Também indicava uma posição social honrosa — uma espécie de apartamento de cobertura. O rei Acabe construiu um *'ălîyâ* para servir de alto para um altar (2 Rs 23.12), talvez seguindo o modelo do templo, que possuía aposentos superiores bastante vistosos (2 Cr 3.9). No calor do verão da Palestina, um aposento aberto sobre o teto da casa receberia as brisas frescas e proporcionaria um local confortável para o rei trabalhar (*cf.* Jz 3.20-25). Em Salmos 104.13, o *'ălîyâ* é a "morada" de Iavé, de onde ele manda chuva sobre as montanhas.

t"ālâ. ***I. Conduto d'água, curso d'água.*** Há uma anomalia aparente entre as idéias de conduto d'água/curso d'água e a raiz que significa "subir". Esta anomalia desaparece à luz do fato de que, na Palestina, os leitos secos dos rios (uádis) representam com freqüência a melhor rota para subir a vilarejos e cidades.

t^e^ālâ. ***II. Cura.*** Palavra identificada tanto por *The Englishman's Hebrew Concordance* quanto por *Young's Analytical Concordance* com *t^e^ālâ* I (acima), é traduzida por "cura" em Jeremias 30.13; 46.11 (lit.). A tradução da IBB em Jeremias 30.13, "para a tua ferida não há remédio nem 'cura'", parece válida, pois *t^e^ālâ* é entendido como uma incisão (longitudinal) ou como um "conduto" para o sangue.

Schneider assinala que freqüentemente o verbo *'ālâ* é empregado como uma expressão tradicional que designa a ida a Jerusalém e ao templo, pois Jerusalém, tal como a maioria dos centros de adoração no antigo oriente médio, está localizada no alto de uma colina. (Mas a idéia de plano mais elevado também se refere ao destaque ou eminência. No Japão as pessoas "sobem" a Tóquio, que está localizada ao nível do mar.) Schneider menciona Steinleitner com aprovação, o qual sustentou que essa expressão se tornou uma designação técnica para a atividade religiosa no sentido de ir ao templo (*TDNT*, v. 1, 520 e s.).

Além disso, o AT sempre fala de subir aos céus (Dt 30.12; Am 9.2; 2 Rs 2.11).

Ainda outro emprego da palavra se acha na referência a Deus quando subir a seu trono e, na condição de rei, subjugar todos os inimigos de Israel (Sl 47.5 [6]).

'elyôn. ***I. Alto, de cima, superior, mais alto, supremo.*** Adjetivo derivado de *'ālâ*, "subir". *Cf. 'āl*. O vocábulo pode ser entendido como uma única palavra com dois sentidos ou como dois substantivos distintos.

Esse adjetivo, derivado de *'ālâ*, ocorre 22 ou 23 vezes. E empregado acerca de Israel (Dt 26.19; 28.1), dos reis davídicos (Sl 89.27 [28]), de coisas (*e.g.*, cestos, Gn 40.17; aposentos. Ez 41.7; portas, 2 Cr 23.20; *etc.*) e de lugares ("o açude superior", Giom, Is 7.3; 2 Rs 18.17; "Bete-Horom de cima", Js 16.5, *etc.*), para descrever a localização ou indicar a posição de destaque.

'elyôn. ***II. Altíssimo.*** Um dos nomes divinos, em geral aparece com inicial maiúscula. "Altíssimo". O emprego de *'elyôn* como nome de Deus tem sido objeto de intensos debates no estudo do AT. (Veja-se o material específico abaixo, no verbete *'āl*.) Em cerca de um terço das vezes que é empregado, aparece como adjetivo ou como aposto de um dos outros nomes divinos. Em cerca de dois terços das ocorrências, *'elyôn* aparece sozinho como um nome próprio. Uma das idéias básicas da religião semítica em geral e do AT em particular é a posição exaltada e irresistível da majestade de Deus. *'elyôn*, como nome divino que indica a supremacia da divindade, é conhecido em textos tanto ugaríticos (*'ly*, *UT* 19: n° 1 855; *AisWUS*) quanto fenícios, ali aparecendo como epítetos dos deuses mais importantes dos panteões.

No AT *'elyôn* aparece apenas em poesia e reflete as idéias de onipotência (Sl 18.13 [14]; Lm 3.38), universalidade (Sl 83.18 [19]) e/ou constância (Sl 21.7 [8]). Assim sendo, o pecado do rei de Babilônia, em Isaías 14.14, não é que ele desejava tornar-se semelhante aos deuses ou mesmo um deus, mas que aspirava ser como o Deus Altíssimo.

'elyôn é o lugar de proteção e abrigo para Israel (Sl 9.2 [3]; 91.1, 9) e seu rei (Sl 21.7 [8]). Em harmonia com a passagem de Gênesis 14, parece que *'elyôn* tem um interesse especial por Sião (Sl 46.4 [5]; 87.5), muito embora seja o Senhor dos céus e da terra. Salmos 73.11 enfatiza satiricamente a futilidade de tentar esconder-se do *'elyôn* onisciente. O que há de pungente em Salmos 77.10 [11] é que essa passagem expressa o impensável — o onipotente tornou-se impotente.

'elyôn ocorre em alguns compostos:
1. *'ēl 'elyôn*. A mais antiga ocorrência de *'elyôn* no AT se dá junto com o antigo apelativo semítico *ēl* (*q.v.*) na história de Abraão e Melquisedeque (Gn 14.18-22). Alt assinala que o fato básico acerca dos nomes compostos com *'ēl* é que parecem estar associados com lugares santos específicos (*e.g.*, *'ēl bêt-'ēl*, "Deus de Betel", Gn 31.13, embora esse seja o único exemplo claro que ele cita; Albrecht ALT, *The God of the fathers*, veja bibliografia, p. 11). Com *'ēl 'elyôn*, no entanto, não é o que acontece. Gênesis 14.19, 22 identifica-o como o "possuidor" (lit., *qōnēh*, *q.v.*) de toda a terra. A IBB, com a tradução "Criador", segue a LXX, que traz *ektisen*, "criou". Essa perspectiva claramente impede *'ēl* de ser considerado uma divindade da natureza (*e.g.*, Baal) e reforça sua supremacia absoluta. Salmos 78.35 (*cf.* Nm 24.16) segue esse raciocínio e apresenta El Elyon como o mais exaltado.
2. *YHWH 'elyôn*. Essa combinação ocorre em Salmos 47.2 [3] e Salmos 97.9, em que a tradução usual considera *'elyôn* como adjetivo, e em Salmos 7.17 [15], em que a palavra é paralela de *Yahweh*. Sua posição exaltada e sua retidão completa deixam o salmista com reverente temor (*nōra'*) diante do Grande Rei.
3. *'ĕlōhîm 'elyôn*. Essa combinação ocorre apenas duas vezes. Em Salmos 57.2 [3], ela é paralela de *'ēl gōmēr*, que Dahood interpreta como um nome próprio, "Vingador de Deus" (Mitchell DAHOOD, *Theological Studies*, 14:595-7). Salmos 78.56 (TM) une as duas palavras, mas Dahood (*Psalms II*, *AB*, *in loc.*) divide a linha em duas, fazendo de *'elyôn* o objeto do segundo verbo.

Bibliografia: — ALT, Albrecht, *The God of the fathers*, 1929, reimpresso em *Essays in Old Testament history and religion*, Doubleday-Anchor, 1968. p. 3-100. — BERTRAM, Georg, "ὑψιστος". In: *TDNT*, 8:614-20. — DAHOOD, Mitchell, The root *GMR* in the Psalms. *Theological Studies* 14:595-7. _____, *Psalms I, II, III*, In: *AB*. 1965, 1968, 1970. — LEVI, Della Vida, G., 'El 'Elyon in Gen 14.18-20, *JBL* 63:1-9.

mô'al. ***Levantamento.*** Este substantivo ocorre apenas em Neemias 8.6, em que o erguer as mãos está associado com a adoração ao Senhor.

ma'ăleh. ***Subida.*** Palavra encontrada cerca de 19 vezes, a maioria delas em referências geográficas a áreas elevadas associadas com cidades específicas.

ma'al. ***Em cima, para cima.*** Encontrada cerca de 140 vezes, sempre em locuções adverbiais ou em adjuntos adnominais. Na maioria das vezes refere-se a relações espaciais ou a posicionamentos descritos como "em cima" ou "para cima", embora muitas vezes a palavra seja empregada em referência a grupos com base na idade mínima de seus membros (*e.g.*, "de vinte anos para cima", Nm 1.3).

ma'ălâ. ***I. Aquilo que sobe à mente, pensamentos.*** Ezequiel (11.5) emprega *ma'ălâ* figuradamente para designar as idéias que "surgem à mente" dos israelitas errantes.

ma'ălâ. ***II. Degrau, escada.*** Vocábulo empregado genericamente em referência a degraus ou escadas, a "rampa" para o trono, para os muros das cidades, *etc.* Em 2 Reis 20.9-11 e Isaías 38.8 a referência a degraus (ARA, "graus") obviamente indica as divisões

assinaladas no mostrador do relógio ou, melhor ainda, aos degraus da escadaria ("a escadaria de Acaz", NIV; *cf.* BJ).

Um uso especializado de *ma'ălâ* II acha-se nos cabeçalhos de Salmos 120 a 134 ("cântico de degraus", IBB; "cântico de romagem", ARA). Tradicionalmente isso tem sido interpretado como uma série de salmos que eram cantados enquanto os israelitas "subiam" a Jerusalém (*e.g.*, SI 122) ou enquanto os levitas subiam os 15 degraus entre o pátio das mulheres e o pátio dos israelitas. Dahood (*Psalms III*, *AB*, p. 194 e s.), com base no manuscrito de Qumran 11QPs[a] Zion 14, é da opinião de que a expressão tem o sentido de "cânticos de exaltação". Outra possibilidade é interpretar os "degraus" em termos da estrutura literária ascendente dentro de cada salmo individual.

'al, 'âl, 'ălî. *em cima de.* Palavra usada geralmente como preposição ou conjunção. *'al*, que em geral funciona como preposição, é traduzida de mais de 30 maneiras diferentes, sendo que as mais comuns são "acima de", "contra", "ao lado de", "acerca de", "sobre", "em cima de". Também ocorre muitas vezes como conjunção, sendo traduzida por "porque", "embora". Formando palavras compostas com *k*ᵉ e *min*, proporciona sentidos mais precisos dos significados básicos.

Teologicamente, *'al* é importante no que diz respeito ao substantivo associado à palavra e do qual a preposição deriva. *BDB* e *Englishman's Hebrew Concordance* relacionam apenas seis usos de *'al* como substantivo: Gênesis 27.39; 49.25; 2 Samuel 23.1; Salmos 50.4; Oséias 7.16; 11.7. Mandelkern acrescenta Jó 36.33.

Nos trechos de Gênesis e de Salmos 50, a construção é (*hash*) *shāmayim me'āl*, "os céus lá em cima", e *'al* é usado adjetivamente, quase como "os altos céus".

Em 2 Samuel 23.1, *'al* aparece sozinho numa relação adverbial com o verbo, de modo que a linha diz "oráculo do jovem que foi exaltado acima" (lit.). Semelhantemente, Jó 36.33 (um texto que Pope [*Job*, *AB*, p. 238] declara que é "notoriamente difícil", conforme se vê pela variedade de traduções) é incluído com o substantivo de *'al*. Pope entende que *'ālāyw*, na primeira linha, reflete o antigo nome do deus da tempestade *'Aliy* (que facilmente poderia ser o Deus que controla a tempestade), mas emenda a segunda linha de um modo que prejudica o paralelismo. Delitzsch (*Job*, *in loc.*) também viu aí um nome divino, mas acrescentou comentando que *'al-'ôleh* também se refere a Deus. Em Oséias 7.16 e 11.7 encontra-se *'al* como o nome próprio traduzido pela IBB como "Altíssimo" (= *'elyôn* veja acima). As emendas feitas pela RSV, "Baal" em 7.16 e "jugo" em 11.7 (*'ōl*), são especulações interessantes, mas nada acrescentam à nossa compreensão do texto e são desnecessárias.

Agora está claro que os textos ugaríticos empregam *'ly*, "Altíssimo", como um epíteto para Baal (*Lenda de Keret* 3:6-9), especificamente num contexto de deus da tempestade (*UT* 19: nº 1 855). Os conceitos correlatos de poder, força, exaltação, *etc.*, encontram paralelo nos atributos de *'elyôn*. O que se tem aqui é mais um dos denominados epítetos semíticos padrões para a divindade (os quais eram comuns entre os povos do antigo Oriente Médio), mas, purificado de todas as nuanças pagãs das religiões de fertilidade, incorporado ao vocabulário religioso hebraico.

A descoberta de *'al* ou *'alî* nesses contextos não apenas justificou a tradução "Altíssimo" nos textos de Oséias e Jó e apresentou elementos adicionais que favorecem o uso de *'elyôn* como nome divino, como também abriu a possibilidade de identificar outros casos do uso de *'al* como o nome próprio da divindade. Alguns exemplos representativos

sugeridos por Dahood são: Gênesis 14.19; 21.33; Deuteronômio 33.12; 1 Samuel 2.10; Salmos 7.6, 8, 10 [7, 9, 11]; 16.6; 18.41 [42]; 55.22 [23]; 57.2 [3]; 62.7 [8]; 68.20, 34 [30, 35]; 75.8 [9]; 106.7; 119.104, 127, 129, 136; 139.14, 15; 141.3; 144.5; 146.5; Isaías 63.7; Oséias 10.5.

Bibliografia: — ALBRIGHT, William Foxwell, *From the Stone Age to Christianity*, 2a ed. Doubleday Anchor, 1957. p. 230-6. ____, *Yahweh and the gods of Canaan*, Doubleday, 1968 (especialmente capítulos 3 e 4). — DAHOOD, Mitchell, *Psalms I, II, III,* In: *AB*, Doubleday, 1965, 1968, 1970. _____, The divine name *'ēlî* in the Psalms, *Theological Studies* 14:452-7. — DELITZSCH, Franz, *Biblical commentary on the book of Job*, reimpressão, Eerdmans, 1949. — MAY, H.G., 'Al ... in the superscriptions of the Psalms, *AJSL* 58:70-83. — REIDER, J., Substantive *'al* in Biblical hebrew, *JQR* 30:263-70. — SNAITH, Norman H., Sacrifices in the Old Testament., *VT* 7:308-17.

G.L.C.

עלוּמים (*'ălûmîm*). Veja o nº 1 630c.

עלוּקה (*'ălûqâ*). Veja o nº 1 636a.

1625 עָלַז (*'ālaz*) ***exultar, regozijar.***

Termos Derivados

1625a עָלֵז (*'ālēz*) ***exultante*** (Is 5.14).

1625b עַלִּיז (*'allîz*) ***exultante, jubiloso.***

Essas palavras descrevem uma emoção de regozijo, que encontra expressão no cantar e no gritar. É algo impróprio para o aflito (Jr 15.17) e para aquele que pecou (Jr 11.15). Em contraste, é uma reação natural do fiel (Sl 149.5), e também atribuída ao próprio Deus (Sl 60.6 [8] = Sl 108.7 [8]). Quando aplicada aos ímpios (Sl 94.3) e aos inimigos de Israel (2 Sm 1.20; Is 23.12; Jr 50.11), o vocábulo indica uma espécie de satisfação perversa.

C.S.

1626 עֲלָטָה (*'ălātâ*) ***densas trevas.*** Derivação incerta.

עלי (*'ĕlî*). Veja o nº 1 624b.

עלי (*'illî*). Veja o nº 1 624e.

עליה (*'ălîyâ*). Veja o nº 1 624f

עליון (*'elyôn*). Veja os nºs 1 624g, h.

עליז (*'allîz*). Veja o nº 1 625b.

עֲלִיל (*'ălîl*). Veja o nº 1 628b.

עֲלִילָה (*'ălîlâ*). Veja o nº 1 627c.

עלילְיָה (*'ălîlîyâ*). Veja o nº 1 627d.
עֲלִיצוּת (*'ălîtsût*). Veja o nº 1 635a.

1627 עלל* (*'ālal*) *I, tratar com severidade, maltratar, zombar, fazer alguém de tolo.*

Termos Derivados

1627a עוֹלֵלוֹת† (*'ôlēlôt*) ***respiga.***
1627b עלל* (*'ālal*) ***respigar.*** Verbo denominativo que ocorre apenas no piel.
1627c עֲלִילָה† (*'ălîlâ*) ***devassidão, feito.***
1627d עֲלִילְיָה (*'ălîlîyâ*) ***feito*** (Jr 32.19).
1627e מַעֲלָל† (*ma'ălāl*) ***feito, obra.***
1627f הִתְעַלוּלִים (*ta'ălûlîm*) ***devassidão*** (Is 3.4; 66.4).

O verbo *'ālal* aparece 13 vezes, sempre nos graus intensivos. É um vocábulo difícil, pois não pode ser consistentemente traduzido por uma única palavra. O contexto tem de determinar o sentido. Outros homônimos com o sentido de "agir como criança" (*'ll*, em Is 3.12) e de "atirar" (*'ll*, em Jó 16.15) são facilmente confundidos com essa raiz.

Essa palavra trata de relacionamentos. E empregada para indicar o exercício do poder sobre outra pessoa, geralmente num sentido negativo, tendo, por conseguinte, o significado de "maltratar". Indica um grande feito, em geral negativo.

Pode-se perceber o tom fortemente negativo do verbo em Lamentações. Em 3.51 aquele que fala (um homem, 3.1, não a cidade personificada) queixa-se de que seus olhos lhe causaram tristeza, *i.e.*, o que viu (destruição, doenças, fome) causou-lhe uma dor intensa. A cidade personificada implora a Deus que considere o tratamento duro que está lhe dispensando, a ponto de gerar canibalismo (2.20). Ela indaga a transeuntes se alguma vez já testemunharam um tratamento tão maldoso (1.12) e suplica a Deus para que trate os inimigos dela da mesma maneira como a tratou (1.22). Nesse apelo à retribuição divina, há o reconhecimento de que Deus é justo e de que a vingança lhe pertence.

Essa palavra é empregada para descrever a exploração de uma pessoa por outra. A concubina do levita foi sexualmente abusada pelos homens de Gibeá (Jz 19.25). Saul pediu para ser morto e não ser apanhado vivo pelos filisteus, os quais fariam troça dele (1 Sm 31.4 = 1 Cr 10.4). Zedequias temia que os judeus que desertaram para o lado dos caldeus viessem a maltratá-lo (Jr 38.19). Em Números 22.29 Balaão acusa sua mula de ridicularizá-lo.

Nessa área as passagens cruciais são Êxodo 10.2 e 1 Samuel 6.6, em que o Senhor é o sujeito do verbo e os egípcios são o objeto. É correto dizer que o Senhor zomba de alguém? Ele tratou com impiedade os egípcios? A IBB escolheu no primeiro caso a tradução neutra "as coisas que fiz" e na segunda optou pelo verbo "castigar". Embora a idéia de zombaria cause uma certa surpresa, tanto o contexto quanto a etimologia da palavra requerem um tipo negativo de tratamento. Deus tratou os egípcios com severidade porque, conforme os filisteus perceberam, eles endureceram os corações. Fica claro que está ao

alcance do poder de Deus e que é prerrogativa sua castigar e disciplinar, mas ele nunca age com zombaria, por isso a tradução da ARA, "zombei", pode ser enganadora.

Finalmente o emprego dessa palavra em Salmos 141.4 ocorre numa oração em que se pede um coração reto. Há aqui o reconhecimento de que as práticas exteriores dos ímpios têm origem no coração e brotam da boca e dos lábios (*cf.* Mc 7.15-23).

'ôlêlôt. ***Respiga.*** O vocábulo refere-se a uvas e azeitonas que sobram depois de os ceifeiros terem feito a colheita. Empregado seis vezes, sempre figuradamente para designar um remanescente, *BDB* e *KB* entendem que é derivado de *'ālal*, mas não está clara a ligação com o verbo. O vocábulo indica o remanescente de Israel depois do juízo divino completo (Is 17.6). A mesma figura de linguagem é aplicada às nações depois do juízo universal (Is 24.13). Miquéias (7.1) confessa sua incapacidade de encontrar um remanescente piedoso em Judá. Aqueles que destruírem Edom não deixarão restar nem mesmo um remanescente (Jr 49.9; Ob 5). Gideão também emprega o vocábulo em referência figurada às façanhas militares de Efraim (Jz 8.2).

'ălîlâ. ***Feito, ação.*** Palavra usada 24 vezes, todas no plural, à exceção de duas (Sl 14.1; 66.5), tendo por conseguinte o sentido de "feitos". É aplicada tanto ao homem quanto a Deus, havendo um contraste que parece gritante. Os feitos de Deus são justos e renomados (Sl 9.12; 66.5; 105.1). As ações dos homens são perversas (Sl 14.1). Essa característica perversa dos feitos humanos pode ser observada basicamente em Ezequiel, em que seis vezes a palavra é paralela de *derek*, "caminho" (14.22, 23; 20.43; 24.4; 36.17, 19).

ma'ălāl. ***Feito, obra.*** Vocábulo usado com uma freqüência ligeiramente maior e com uma gama parecida de sentidos. Uma vez mais os feitos dos homens são maus. Usa-se a palavra três vezes para designar a ação divina.

C.S.

1628 ***עלל** (*'ālal*) ***II, inserir, mergulhar***. Empregado apenas uma vez, figuradamente, para designar humilhação (Jó 16.15).

Termos Derivados

1628a עֹל (*'ōl*) ***jugo.***
1628b עֲלִיל (*'ălîl*) ***fornalha.***

'ōl. ***Jugo.*** Designa o jugo tanto de madeira quanto de ferro (*cf.* Jr 28.2, 4, 11, 14). A palavra é usada poucas vezes no sentido literal de jugo de animal (Nm 19.2; Dt 21.3; 1 Sm 6.7) e deriva de *'ālal* II em virtude da inserção do pescoço dentro do jugo. Na maioria das vezes emprega-se o vocábulo figuradamente para designar: a política opressiva da monarquia (1 Rs 12; 2 Cr 10); a escravidão e servidão (Lv 26.13, referindo-se ao Egito; Is 14.25, à Assíria, Jr 27.8, 11, 12, à Babilônia); a dominação do pecado (Lm 1.14); o controle

benevolente de Deus (Jr 2.20; 5.5). Em Isaías 9.4 [3] faz-se uma referência ao livramento do jugo pesado pelo Messias. *Cf.* a figura de linguagem em Gálatas 5.1

C S.

1629 עָלַם (*'alam*) ***I, estar escondido, estar oculto, ser secreto.***

Termo Derivado

1629a תַּעֲלֻמָה (*ta'ălummâ*) ***coisa escondida, segredo.***

O significado do verbo *'ālam* é bastante óbvio. Apenas o particípio passivo ocorre no qal (Sl 90.8). Os usos mais comuns estão no hifil, para expressar a idéia causativa ("ocultar", "esconder"), ou no nifal, como passivo. Ocorre umas poucas vezes no hitpael, provavelmente como reflexivo. O verbo não é usado em ugarítico nem em árabe, de modo que não se pode determinar se a consoante inicial é *ayin* ou *ghayin*. Se for *ayin*, é possível que o verbo seja aparentado de *'ōlām*; se for *ghayin*, pode ter dado origem a *'elem* e *'almâ*.

R.L.H.

1630 עלם (*'lm*). **II. Aceita como raiz de:**

1630a עֶלֶם (*'elem*) ***homem jovem*** (1 Sm 20.22; 17.56).

1630b עַלְמָה (*'alma*) ***mulher jovem.***

1630c עֲלוּמִים (*'ălûmîm*) ***mocidade, juventude.***

Não existe uma raiz certa para estas palavras. Elas não estão claramente relacionadas com *'ālam* I. A opinião de *KB* de que elas talvez derivem de uma raiz árabe que significa "estar fortemente dominado por desejo" não tem fundamento, especialmente pelo fato de que a literatura árabe procede de uma época posterior em vários séculos ao registro bíblico e de que o relacionamento, caso haja, se deu provavelmente no sentido inverso. De acordo com *KB*, *'almâ* significa "moça em idade de casar". "mulher jovem (antes do nascimento do primeiro filho)". Este último sentido é mera conjectura, pois não há nenhum dado que sirva de base para tanto.

Uma vez que *b'tûlâ* é usado muitas vezes no AT em referência especifica à "virgem", parece razoável supor que a forma feminina da palavra em questão não é um termo técnico para virgem, mas designa uma mulher jovem, da qual uma das características é a virgindade. Isso é confirmado pelo fato de que a LXX a traduz por *parthenos* em duas de suas sete ocorrências e de que o anjo citou Isaías 7.14 para José como uma predição do nascimento virginal.

Alguns tradutores interpretam Mateus 1.22-23 como um simples comentário feito por Mateus, mas é mais razoável considerar que o argumento que convenceu José foi o fato, que o anjo lhe destacou, de que tal acontecimento já fora predito por Isaías. Não existe nenhum caso que comprove que *'almâ* indica uma jovem mulher que não é virgem. O elemento virgindade é óbvio em Gênesis 24.43, em que se usa *'almâ* em referência àquela que estava sendo procurada para ser noiva de Isaque. Êxodo 3.8 também é uma passagem

óbvia. Cantares 6.8 refere-se a três tipos de mulheres, dois dos quais são chamados de "rainhas" e "concubinas". Para designar o terceiro grupo emprega-se o plural de *'almâ*, com o que só seria razoável entender a palavra com o sentido de "virgens". Em ugarítico usa-se a palavra em paralelo poético com o cognato de *b'tûlâ*. Vejam-se referências em *UT* 19: nº 1 969.

Bibliografia: — WILSON, Robert Dick, The meaning of 'almā (AV "Virgin") in Isaiah vii. 14, *Princeton Theological Review* 24:308-16. — FEINBERG, Charles Lee, The virgin birth in the Old Testament and Isaiah 7:14, *BS* 119:251-8. — GORDON, C. H., 'Almah in Isaiah 7:14, *JBR* 21:106. — KNIGHT, G. A. F., The virgin and the Old Testament., *RTR* 12:1-13. — LATTERY, Cuthbert, The Emmanuel prophecy: Isaias 7:14, *CBQ* 9:89-95. ___, The term *'almah* in Isaias 7:14, *CBQ* 9:89-95. — MORIARTY, Frederick, The Emmanuel prophecies, *CBQ* 19:226-33. — STEINMUELLER, J. E., Etymology and Biblical usage of 'almah, *CBQ* 2:28-43.

A.A.M.

1631 עלם (*'lm*). **III. Aceita como raiz de:**

1631a עוֹלָם (*'ôlām*) ***para sempre, sempre, eterno, para todo o sempre, perpétuo, antigo, mundo,*** *etc.* Palavra provavelmente derivada de *'ālam* I, "ocultar", apontando assim para aquilo que se encontra oculto no futuro distante ou no passado distante. O cognato ugarítico é *'lm*, "eternidade".

Conquanto *'ôlām* seja usado mais de 300 vezes para indicar um prosseguimento indefinido até o futuro distante, o significado da palavra não se restringe ao futuro. Existem pelo menos 20 casos em que claramente se refere ao passado. Tais passagens em geral apontam para algo que parece estar num passado remoto, mas raramente — provavelmente nunca — designam um passado sem fim. É assim que em Deuteronômio 32.7 e Jó 22.15 o vocábulo pode referir-se à época dos antepassados. Em Provérbios 22.28; 23.10; Jeremias 6.16; 18.15; 28.8, aponta ainda mais para trás. Em Isaías 58.12, 61.4; Miquéias 7.14; Malaquias 3.4, e no aramaico de Esdras 4.15, 19, a palavra claramente se refere à época logo antes do exílio. Em 1 Samuel 27.8, em Isaías 51.9 e 63.9, 11 e talvez em Ezequiel 36.2, refere-se aos acontecimentos da saída do Egito. Em Gênesis 6.4 aponta para o período pouco antes do dilúvio. Nenhum desses textos transmite a idéia de infinitude ou de ausência de limite temporal, mas cada uma delas aponta para uma época muito anterior ao conhecimento imediato daqueles que viviam no referido contexto. Em Isaías 64.4 [3] a KJV traduz a palavra por "principio do mundo"; em Salmos 73.12 e Eclesiastes 3.11, por "mundo", sugerindo o início de um uso que se desenvolveu bastante no período pós-bíblico.

Jenni defende que o sentido básico de "tempos mais remotos" pode indicar tanto o passado longínquo quanto o futuro distante ou ainda ambos, devido ao fato de que a palavra não ocorre independentemente (quer como sujeito quer como objeto), mas somente junto com preposições que indicam direção (*min*, "desde", *'ad*, "até", *l'*, "até"), ou como um advérbio acusativo de direção ou finalmente como o genitivo modificador na relação construta. Neste último caso *'ōlām* pode expressar por si mesmo toda a gama de significados denotados por todas as preposições, "desde os tempos mais longínquos até os tempos mais distantes", *i.e.*, assume o sentido de "tempo contínuo (ilimitado,

incalculável)", "eternidade" (*THAT*, v. 2, p. 230). J. Barr (*Biblical words for time*, 2.ª ed., 1969, p. 73) diz: "Poderíamos, portanto, expressar melhor o 'sentido básico' como uma espécie de variação entre 'tempo remoto' e 'perpetuidade'". Mas, conforme visto acima, às vezes é empregado acerca de um passado não tão remoto. Quanto ao sentido da palavra em posição atributiva, devemos assinalar a designação do Senhor como *'ĕl 'ôlām*, "Deus eterno" (Gn 21.33).

A LXX em geral traduz *'ōlām* por *aiōn*, que tem essencialmente a mesma gama de significados. Nem o vocábulo hebraico nem o grego contêm em si mesmos a idéia de infinitude. Isso se vê tanto no fato de que às vezes se referem a acontecimentos ou condições que ocorreram num ponto definido do passado como também no fato de que, às vezes, se considera desejável repetir a palavra, dizendo-se não apenas "sempre", mas "sempre e sempre" (o que expressamos com a frase "para todo o sempre").

As duas palavras vieram a ser usadas para designar uma longa era ou período — idéia que às vezes expressamos em português mediante a palavra "século". Os escritos judaicos referem-se ao mundo presente de labutas como *hā'ōlām hazzeh* e ao mundo vindouro como *hā'ōlām habbā'*.

'ad (*q.v.*) possui substancialmente a mesma gama de sentidos de *'ōlām* (geralmente indicando uma longa duração futuro adentro; mas *cf.* Jó 20.4).

Bibliografia: — SNAITH, Norman H., Time in the Old Testament., In: *Promise and fulfillment, essays presented to professor S. H. Hooke.*, ed. F. F. Bruce, Edimburgo. Clark. 1963. p. 175-86. — JENNI, E., Das Wort *'olām* im AT, Dissertação de teologia. Universidade da Basiléia, 1953, ZAW 64:197-248; 65:1-35.

A.A.M.

1632 עָלַס (*'ālas*) ***regozijar-se*** (*e.g.*, Jó 20.18; 39.13).

1633 *עָלַע (*'āla'*). Significado incerto. Ocorre somente no piel, em Jó 39.30. *y'al'á-dām*, "bebem (?) sangue".

1634 *עָלַף (*'ālap*) ***cobrir.*** Ocorre somente no pual e no hitpael (*e.g.*, Ct 5.14; Is 51.20). Em Ezequiel 31.15 *'ulpeh* é melhor vocalizado como uma forma do pual.

1635 עָלַץ (*'ālats*) ***exultar, regozijar.***

Termo Derivado

1635a עֲלִיצוּת (*'ălitsût*) ***exultação,*** usado somente em Habacuque 3.14. "sua exultação era como se estivessem em vias de devorar o pobre" (lit.).

Esse verbo descreve uma reação emocional característica principalmente dos justos (Sl 5.11 [12]; 68.3 [4]; Pv 28.12), que é causada pelo Senhor (1 Sm 2.1; Sl 9.2 [3]). O salmista ora para que seus inimigos *não* sejam capazes de exultar, *i.e.*, ter uma alegria

perversa por causa dele. A exultação é também uma reação possível da natureza (1 Cr 16.32) e de uma comunidade (Pv 11.10).

C.S.

1636 עלק (*'lq*). **Aceita como raiz de:**

1636a עֲלוּקָה (*'ălûqâ*) ***sanguessuga*** (Pv 30.15).

עַם (*'am*), עָם (*'ām*), עִם (*'im*). Veja os n.os 1 640a, b, e.

1637 עָמַד (*'āmad*) ***estar de pé, permanecer,*** *etc.*

Termos Derivados

1637a †עֹמֶד (*'ōmed*) ***lugar.***

1637b †עַמְדָה (*'emdâ*) ***posto, posição*** (Mq 1.11).

1637c †עַמּוּד (*'ammûd*), עַמָּד (*'ammud*) ***pilar, coluna.***

1637d †מַעֲמָד (*ma'ămād*) ***atendimento.***

1637e †מָעֳמָד (*mo'ŏmād*) ***terreno firme, ponto de apoio*** (SI 69.3).

Esse termo básico para "ficar", "permanecer", cognato do acadiano *emēdu*, "apoiar-se em", " ficar", "colocar", e do árabe *'amada*, "sustentar", "apoiar", é bastante comum no hebraico do AT (é usado mais de 500 vezes). Sinônimos incluem: *yātsab* (hitpael), "posicionar-se"; *kûn* (nifal), "ficar firme"; *nātsab* (nifal), "ficar", "permanecer firme"; e *qûm*, "pôr-se de pé", "levantar-se".

O verbo *'āmad* é usado tão extensamente no AT para designar o ato físico de ficar em pé que é impossível um exame abrangente neste verbete, mas o leitor pode consultar as classificações completas em *BDB* e *KB*. Deve-se dar atenção a certas passagens-chave, particularmente aquelas de valor teológico significativo. Uma dessas expressões é "pôr-se [ou estar] diante de Iavé", usada, por exemplo, com referência a Abraão em Gênesis 18.22 (ARA, "permanecer na presença do SENHOR"; *cf.* 19.27) e a Moisés em Deuteronômio 4.10 (*cf.* Jr 15.1, que fala de Moisés e Samuel). Nesses exemplos "estar diante de Iavé" (expressão construída com *lipnê* [*q.v.*]) indica uma postura de oração e intercessão. Não é de surpreender que os homens tenham sentido necessidade da ajuda de Iavé. Mas o fato de que os homens podem "se pôr" diante do Criador da eternidade e fazer intercessões é profundamente notável. É, contudo, necessário acrescentar a observação de E. Jacob de que tal intercessão não é de modo nenhum algo mágico como também não existe uma resposta automática de Deus ao intercessor. Ele escreve: "Quer a intercessão seja inútil em virtude da grandeza do pecado quer o perdão seja impossível em razão da ausência de intercessão (Ez 22.30; Is 59.16), é importante observar que a intercessão é dependente da liberdade divina e que nenhum recurso humano é capaz de levar Deus a perdoar" (*JTOT*, p. 296).

Outro sentido da expressão "pôr-se diante de Iavé" se vê em Deuteronômio 19.17. Nesse contexto as partes em litígio "se apresentarão perante o SENHOR, diante dos

sacerdotes e dos juízes que houver naqueles dias" (*cf.* Jr 7.10). Tal apresentação era para julgamento. Pôr-se diante de Iavé e de seus servos no santuário prenuncia a definição da verdade e da justiça. Às vezes a nação toda era chamada a vir até o santuário central e "pôr-se perante o SENHOR" em assembléias solenes para atos de sacrifício (*e.g.*, Lv 9.5). Servos de Iavé "apresentam-se perante ele" (ARA, "estarão diante de mim") como expressão de uma atitude de dedicação, lealdade e serviço. Essa terminologia é empregada em referência a sacerdotes (*e.g.*, Ez 44.15) e especialmente a crentes sinceros durante o período da decadência e apostasia de Israel (Elias, 1 Rs 17.1; 18.15; Eliseu, 2 Rs 3.14; e Geazi [com relutância], 2 Rs 5.16).

Assim como José esteve diante de Faraó (Gn 41.46), Davi diante de Saul (1 Sm 16.21), Abisague e Bate-Seba diante de Davi (1 Rs 1.2, 28) e Nebuzaradã diante de Nabucodonosor (Jr 52.12), também o crente está diante de Iavé numa posição de obediência, respeito e prontidão para servir. Tal posição é tão nobre quanto a majestade daquele que é servido. Quando alguém se põe diante de Iavé para servi-lo, não existe honra maior que possa almejar.

Um uso crucial do verbo *'āmad* e tema de um debate interminável tem que ver com o controvertido "dia longo" de Josué 10.12-13, um dia diferente de todos os outros, quando "Iavé ouviu à voz de um homem, pois Iavé pelejou por Israel" (lit., Js 10.14). R. D. Wilson explicou há muito tempo que o uso de *'āmad* (ao lado do de *dôm*) nos versículos 12-13 não se refere ao prolongamento do dia, mas à cessação do calor e da luz do sol, ou seja, um eclipse combinado com uma tempestade. A derrota do inimigo deu-se não em meio a um dia bastante longo e quente, mas nas trevas de uma tempestade. (Acerca desse ponto, vejam-se H. J. BLAIR, em *NBC*, ed. rev., p. 244; e J. RAE, em *WBC*, p. 218). D. Patten, seguindo uma sugestão de I. Velikovsky, associa o fenômeno à passagem bastante próxima de algum corpo celeste.

'ōmed. ***Lugar.*** Substantivo masculino encontrado sob a regência de uma preposição e com sufixo pronominal em escritos posteriores do AT (nove vezes em Dn, Ne e 2 Cr).

'emdâ. ***Posto, posição.*** Substantivo feminino encontrado apenas em Miquéias 1.11.

'ammûd, 'ammud. ***Coluna, pilar.*** Substantivo bastante comum (110 vezes no AT), usado em referência às colunas que sustentavam prédios (*e.g.*, Jz 16.25), as colunas de bronze do templo (1 Rs 7.15) e a coluna de nuvem e de fogo na teofania de Iavé (*e.g.*, Êx 14.24).

O substantivo masculino *'ammûd*, "pilar", "coluna", designa colunas estruturais de sustentação, colunas verticais de bronze (como monumento), colunas de fumaça, fogo e nuvem, e, em expressões figuradas, "colunas" que sustentam a terra e os céus (veja-se Sl 75.3 [4]; Jó 9.6). Colunas para sustentar estruturalmente o teto de grandes construções foram utilizadas desde um período bastante remoto no antigo Oriente Médio. A conhecida história da vitória final de Sansão sobre os filisteus no palácio na cidade de Gaza descreve como ele destruiu o prédio, matando milhares e também a si mesmo, ao deslocar as colunas de sustentação (Jz 16.26-30). J. B. Job assinala que os dados obtidos em sítios arqueológicos filisteus sugerem que essas colunas eram de madeira, firmadas sobre bases de pedra (veja o verbete "pillar", *NBD*, p. 998). O palácio de Salomão se caracterizava por suas quatro fileiras de colunas de cedro com as correspondentes vigas de cedro (1 Rs 7.2-

36). Anteriormente o tabernáculo tivera colunas, ou postes, de madeira de acácia (Êx 26.32, 37; *cf.* 27.10 e ss.). Colunas são mencionadas na descrição do templo de Ezequiel (Ez 42.6) e na do palácio de Assuero (feitas de mármore, Et 1.6).

Uma das características peculiares do templo de Salomão são as duas colunas isoladas feitas de bronze, denominadas "Jaquim" (*i.e.*, "ele firmará") e "Boaz" (*i.e.*, "nele está a força"; 1 Rs 7.13-22). Essas obras de Hirão (Hirão-Abi em 2 Cr 2.13) devem ter sido muito imponentes (8,1 m de altura, mais os capitéis, que mediam 2,2 m de altura) e muito bonitas (veja-se a descrição dos capitéis em 1 Rs 7.17). Em 2 Crônicas 3.15 a palavra que designa a altura das colunas é diferente da de 1 Reis 7.17 e talvez indique o comprimento total das duas colunas (veja-se *'ûlam*, "pórtico"). Podemos notar que o texto não diz especificamente que essas colunas eram isoladas. Possivelmente ficavam nas esquinas dianteiras do pórtico ou, caso o pórtico tivesse laterais fechadas como num vestíbulo, elas podiam ter adornado o acesso ao templo, dividindo-o em três aberturas. Colunas foram assim utilizadas em prédios governamentais em Megido (David USSISHKIN, King Solomon's Palaces, *BA* 36:78-105, especialmente p. 85, 87 e 98).

Alguns estudiosos têm sugerido que nessas duas colunas gêmeas talvez ficasse o fogo sagrado do templo, com a fumaça simbolizando a presença do Senhor (veja-se J. GRAY, *I—II Kings*, p. 175). De uma maneira ou de outra, as colunas, com sua solidez, beleza e nomes simbólicos, representavam a presença do Senhor e a continuidade da dinastia davídica.

Também merece comentário o vocábulo *'ammûd*, nas expressões *'ammûd 'ānān*, "coluna de nuvem", e *'ammûd 'ēsh*, "coluna de fogo" (Êx 13.21; *cf.* 14.24, *'ammûd 'ēsh ûʿānān*, "coluna de fogo e de nuvem"; vejam-se os verbetes *'ēsh* e *'ānān*). Esses símbolos visuais da presença de Iavé na liderança, direção e proteção de seu povo tinham o objetivo de encorajar Israel e consternar seus inimigos (veja-se Nm 14.13-14). Iavé se manifestava na coluna misteriosa de nuvem diante de Moisés (Nm 12.5; Dt 31.15), e Israel jamais esqueceria essa manifestação misteriosa em nuvem, fumaça e fogo (*e.g.*, Ne 9.12).

ma'ămād. ***Atendimento, cargo, posto, condição, posição.*** Substantivo masculino com *mem* locativo prefixado. Dessa maneira o vocábulo refere-se a "lugar de destaque" no sentido de "cargo" (Is 22.19; ARA, "posição") e "serviço", "atendimento" (1 Rs 10.5).

mo'ōmād. ***Terreno firme, ponto de apoio.*** Apenas em Salmos 69.2 [3], numa figura de linguagem que fala de aflição.

Bibliografia: — AP-THOMAS, D. R., Notes on some terms relating to prayer, *VT* 6:225-41. — PATTEN, Donald W., Hatch, Ronald R. e Steinhauer, Loren C., *The long day of Joshua and six other catastrophies*, Pacific Meridian, 1974. — WILSON, Robert Dick, Understanding 'the sun stood still', *Princeton Theological Review* 16:46-54, reimpresso em W. Kaiser, ed. *Classical Evangelical essays in Old Testament interpretation*, Baker, 1970. p. 61-5. — *TDNT*, v. 7, p. 641-6. — *THAT*, v. 2, p. 328-31.

R.B.A.

1638 עמה (*'mh*). **Aceita como raiz de:**

1638a עָמִית (*'āmît*) ***companheiro, colega, parente*** (*e.g.*, Zc 13.7; Lv 5.21).

עָמָה (*'ummâ*). Veja o nº 1 640b.
עַמּוּד (*'ammûd*). Veja o nº 1 637c.
עַמּוֹנִי (*'ammônî*). Veja o nº 1 642a.
עָמִיר (*'āmîr*). Veja o nº 1 645c.
עָמִית (*'āmît*). Veja o nº 1 638a.

1639 עָמַל (*'āmal*) ***labutar.***

Termos Derivados

1639a †עָמָל (*'āmāl*) ***labuta, trabalho pesado, aflição, dificuldade.***
1639b †עָמֵל (*'āmēl*) ***I, aquele que trabalha em serviços pesados, sofredor.***
1639c †עָמֵל (*'āmēl*) ***II, extenuante, fatigante.***

O verbo *'āmal* é um dos diversos verbos hebraicos para "trabalhar arduamente", "trabalhar", "labutar". Outros verbos importantes são: *'ābad*, "trabalhar", "servir", e *'āśâ*, "fazer", "trabalhar" (vejam-se ambos). *'āmal* é menos freqüente do que os outros dois verbos e é empregado muitas vezes com a conotação de esforço enfadonho em vez da nobreza do serviço. O hebraico *'āmal* é cognato do árabe *'amila*, "labutar", e do substantivo acadiano *nīmēlu*, "aquilo que é produzido pelo trabalho", "ganho", "bens".

A raiz *'āmal* diz respeito ao lado sombrio da labuta, o aspecto opressivo e enfadonho do trabalho. Uma perspectiva bíblica do trabalho baseada exclusivamente nessa palavra seria incompleta, mas esse aspecto do trabalho deve ser incluído numa análise indutiva abrangente. Assim sendo, Moisés emprega o vocábulo para descrever a frustração e a luta do trabalhador neste mundo efêmero e transitório (Sl 90.10). Não é de admirar que ele clame ao Deus eterno (usando outros vocábulos) "e repouse sobre nós a beleza [a obra eterna e amorosa] do Senhor nosso Deus" (lit., v. 17). Em suas diversas formas a raiz é empregada por Salomão em Eclesiastes enquanto detalha a frustração, a infrutuosidade e os benefícios transitórios (***hebel***) da labuta cotidiana; isso se observa quando tal trabalho não é visto como serviço (ou mesmo adoração!) a Deus, mas apenas como um trabalho feito "debaixo do sol". Para aquele, cujo relacionamento com Deus é praticamente inexistente, não há proveito algum (*yitrôn*) de todo o seu trabalho (Ec 1.3). No entanto, mesmo em Eclesiastes vislumbra-se uma descrição superior do trabalho: "é dom de Deus que possa o homem comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho" (Ec 3.13; *cf.* 5.18-19 [17-18]).

'āmāl. ***Labuta, trabalho árduo, aflição, dano, tristeza, trabalho de parto, dor, injustiça, aflição, iniqüidade, infortúnio, desgraça, perversidade, fadiga, impiedade.*** O que ocorre com o verbo acontece também com o substantivo: *'āmāl* diz respeito aos aspectos desagradáveis do trabalho e da labuta. Um rápido exame dos vários

sinônimos que podem ser usados para traduzir esse substantivo sugerem suas conotações negativas. É o caso dos aspectos de aflição expressos por esse substantivo. Ademais, esses elementos negativos são acentuados por palavras utilizadas em hendíadis e paralelismo com *'āmāl*: *yāgôn*, "tormento", "tristeza" (Jr 20.18); *ka'as*, "provocação" (Sl 10.14); *'ōnî*, "desgraça" (Dt 26.7); *'āwen*, "problema", "aflição" (Sl 90.10); *shāw*, "desvalor" (Jó 7.3); *shōd*, "destruição" (Pv 24.2); *rā'*, "mal" (Hc 1.13); e outros.

'āmēl. ***I. Operário braçal, desgraça, ímpio, trabalhador.*** Emprega-se esse substantivo em referência a trabalhadores (*e.g.*, Pv 16.26) e à desgraça (*e.g.*, Jó 3.20). "Miséria" (ARA) é preferível a "miserável" (ARC) em Jó 20.22.

'āmēl. ***II. Extenuante, fatigante.*** *BDB* (mas não *KB* nem Lisowsky) faz, em Eclesiastes, distinção entre *'āmēl* II e *'āmēl* I (acima), considerando aquele um adjetivo verbal "labutando", traduzido por "extenuante" (Ec 2.18, 22; 3.9; 4.8; 9.9).

Bibliografia: — RAINEY, Anson F., A second look at amal in Qoheleth, *Concordia Theological Monthly*. 36:804. — *THAT*, v. 2, p. 332-4.

R.B.A.

1640 עמם (*'mm*). **Aceita como raiz de:**

1640a †עַם (*'am*), עָם (*'ām*) ***povo.***

1640b †עִם (*'im*) ***com.***

1640c †מֵעִם (*mē'im*) ***desde, com.***

1640d †עִמָּנוּאֵל (*'immānû'ēl*) ***Emanuel,*** o nome messiânico de Isaías 7.14 e do rei de Judá em Isaías 8.10.

1640e עַם (*'am*) ***parente (por parte de pai).***

1640f †עֻמָּה (*'ummâ*) ***no lado oposto a, ao lado de.***

'am, 'ām. ***Povo, nação.*** O vocábulo parece derivar de *'āmam*, raiz semítica bastante comum (*cf.*, *e.g.*, *UT* 19 nº 1 864) que significa "abranger", "incluir". Embora haja alguma sobreposição de significados com seus dois sinônimos principais, *gôy* e *l^e'ōm* (vejam-se outros sinônimos no verbete *gôy*), a ênfase peculiar de *'am* repousa em sua referência a um "grupo de pessoas conforme visto por um de seus membros" ou a um "grupo de pessoas em geral".

O substantivo *'am* aparece em algumas expressões importantes: *'ammi*, *lo'-'ammi* e *'am hā'ārets* ("meu povo" e "Não-meu-povo", Os 2.23 [25]; e "povo da terra").

No AT freqüentemente se usa a palavra *'am* num sentido genérico em referência a um grupo de pessoas que é maior do que uma tribo ou clã mas menos numeroso do que uma raça (*l^e'ōm*). Quando a referência é a um grande grupo, sem indicação alguma de característica ou relacionamento específico, os tradutores têm, em determinados casos, traduzido acertadamente *'am* por "pessoas". Nas porções aramaicas de Esdras e Daniel o vocábulo é, com apenas duas exceções, sempre usado com esse sentido geral (Ed 7.13; 7.16).

Entretanto, *'am* é empregado predominantemente para expressar duas características básicas dos homens em um grupo: 1) relacionamentos mantidos dentro do grupo ou com ele; e 2) a unidade do grupo.

Vários tipos de relacionamento são expressos, implícita e explicitamente. Alguns exemplos são: comunhão religiosa (Gn 17.14, "o incircunciso ... [deve ser] eliminado do seu povo"), relacionamento mãe-filhos (Gn 17.16, Sara viria a ser mãe de "reis de povos"), relacionamento com ancestrais (Gn 25.8, "expirou Abraão ... e foi reunido ao seu povo"; também 25.17; Gn 49.33), relacionamento rei-súdito (Gn 26.11; Êx 1.9, *etc.*), laços de família (Gn 36.6, a família incluía as esposas, filhos, escravos, servos), vínculos judiciais (Gn 49.16, Dã deve julgar "o seu povo"), relacionamento entre libertador/governante e libertados/governados (Êx 5.16, *etc.*, refere-se ao relacionamento entre Moisés e os israelitas libertados), relacionamento social (Nm 5.27, uma adúltera seria "uma maldição no meio do seu povo"), relacionamento entre líder militar e as tropas (Js 3.3; *etc.*), relacionamento de adoção (Rt 1.16) e relação profética (profetas desde Elias até Malaquias dirigem-se a seu povo).

Intimamente relacionado ao conceito de parentesco entre o povo encontra-se o conceito de unidade. Laços religiosos, maternais e ancestrais uniam o povo. O conceito de unidade é explicitamente expresso. A unidade podia ser alcançada mediante casamentos entre dois povos (Gn 34.16). Foi alcançada quando Deus reuniu homens (Ez 38.12). A idéia do povo como um rebanho também exprime a idéia de unidade (Zc 9.16). Existem também diversas passagens (*cf.* 1 Sm 11.11) em que a palavra tem o significado de "tropas" (ARA, "povo").

'ammî, "meu povo", também é empregado amplamente no AT. Algumas vezes citam-se as palavras de um rei ou de um líder quando fala do povo pelo qual é responsável. O vocábulo é basicamente usado para expressar o relacionamento entre Deus e seu povo. Não deve causar surpresa o fato de o vocábulo usado ser *'am*, pois, conforme já foi visto, ele enfatiza os aspectos de relacionamento e unidade de um grupo de pessoas.

O Senhor emprega *'ammî* pela primeira vez quando fala dos descendentes de Abraão, a quem escolheu e com quem está identificado por intermédio da aliança (Êx 3.7 e s.). Deus sela esse relacionamento de forma ainda mais firme ao redimir o povo, tirando-o do Egito (Êx 5.1 e ss.). A proteção constante e a provisão abundante concedida a eles testificam do amor e interesse incessantes que ele tem pelas pessoas que chama de "meu povo" (*cf.*, *e.g.*, Sl 78.52-66; 95.7). Deus formou esse povo para si (Is 43.21; 51.16), deu-lhe uma habitação (Sião, Is 10.24) e sobre ele derramou bênçãos e virtudes (Is 63.18).

O povo da aliança, em virtude do adultério religioso, tornou-se *lo'-'ammî*, "Não-meu-povo" (Os 1.9-10, [2.1]; 2.23 [25]). Ele é destruído por falta de conhecimento (Os 4.6), o que deixa basicamente implícita uma rejeição do Senhor, sua aliança, seu amor e sua lei. Ainda que muitos dentre o povo se desviem e sejam castigados (Jr 15.17), Deus manterá um remanescente, que será *'am* (Is 11.11, 16; 46.3; Êx 8.9, 11). Ele ainda o salvará (Zc 8.6, 11), e o Senhor dirá "é meu povo" (Zc 13.9).

O povo da aliança do Senhor será um povo unido. Isso não significa que apenas descendentes biológicos de Abraão são o *'am*. Provenientes do Egito, da Assíria (Is 19.25) e das nações vizinhas de Israel existem aqueles que hão de ser incluídos e registrados como povo de Deus (Sl 87).

A expressão *'am hā'ārets* é empregada com freqüência, mas o sentido varia de uma época para outra. R. de Vaux (*AI*, p. 70-2) assinala que nos períodos mais antigos da

Anotações do Leitor!

história "povo da terra" referia-se ao conjunto de homens livres de várias nacionalidades (Gn 23.13). A expressão também é usada para fazer distinção entre os nativos da terra e os imigrantes (Gn 42.6). A mesma expressão indica ainda todo o Israel (Lv 20.4) ou todo o povo em contraste com os membros da realeza (2 Rs 16.15). *BDB* também traz *'am* II com o significado de "parente", e essa palavra é de fato usada em nomes teofóricos. Tais usos, contudo, podem ser agrupados no verbete *'am*, "povo".

'im. ***Com, ao lado de, em meio a, junto de, do meio de, entre.*** A preposição *'im*, assim como o substantivo *am*, expressa o conceito de abrangência, participação e companhia (*cf. UT* 19 nº 1 863). Os homens podem estar juntos, lutando um com (contra) o outro (Gn 26.20); podiam herdar juntos (Gn 21.10; Js 22.9); e podiam falar um com o outro, estar satisfeitos um com o outro, ser bondosos um com o outro.

Deve-se ressaltar o seguinte: 1) o conceito básico transmitido pela preposição é o de comunhão, companheirismo, experiências comuns de sofrimento, prosperidade, *etc.*; 2) a palavra pode enfatizar um destino ou sorte comum, a despeito da posição social, local, *etc.*; 3) a preposição, como acontece com todas as demais, pode ter claras implicações teológicas. Todas as preposições indicam relacionamentos, e *'im* em particular ressalta um relacionamento muito próximo. Deve-se manter esse tipo de relacionamento entre Deus e o homem, entre o homem e seu semelhante, pois isso é essencial para a salvação de toda pessoa, para sua vida eterna, e para a adoração e o serviço a Deus.

'et também significa "com", mas *'im* exprime melhor o conceito de relacionamento e das duas preposições é a mais comum.

mē'im. ***Desde, da parte de, com, ao lado de.*** Esta preposição combina duas outras preposições com sentidos aparentemente contraditórios: *'im*, "junto de", "com", e *min*, "de", "fora de". A idéia específica é a de afastar-se de estar junto. Essa preposição ocorre depois de palavras com o sentido de, por exemplo, "partir", "remover", "virar". Assim sendo, fala-se da eventualidade de um coração desviar-se "de estar junto de" Deus caso ele se volte para as coisas abomináveis de Canaã (Dt 29.18).

Existem outros usos distintos de *me'im*: 1) Quando alguém procura conselho, orientação, a verdade, ele pede, solicita, suplica isso "da parte de" alguém. Assim sendo, *mē'im* indica fontes disponíveis em que se pode buscar ajuda. Isso é particularmente válido quando homens se voltam para Deus, fazendo indagações e pedidos. 2) Intimamente relacionada com o item anterior é a idéia de procedência. Sinais e maravilhas vêm "da parte de" Deus (Is 8.18). Ele também envia sua palavra, pronunciando sentenças (Gn 41.32), fazendo juízos (2 Cr 10.15) e dando paz (1 Rs 2.33).

'immānûēl. ***Emanuel, Deus está conosco.*** Este nome próprio ocorre duas vezes. É o nome a ser dado à criança que nascerá da virgem (Is 7.14). Isaías dirige-se ao rei de Judá, da dinastia davídica, como Emanuel (8.8). O profeta também apresenta o sentido e a aplicação do nome ao destacar que, apesar da desobediência de um rei, Deus estará com o povo da sua aliança (Is 8.10).

O nome Emanuel expressa a verdade que Deus manifestou de diversas maneiras ao povo da sua aliança em épocas anteriores a Isaías. Ele havia dito especificamente que seria o Deus de Abraão e de sua descendência (Gn 17.7). Ele iria com Jacó (Gn 28.15) e Moisés (Êx 3.12). Deus identificou-se com seu povo ao dizer que os havia tomado para

serem sua possessão (Êx 19.5-6). O anjo com o seu nome iria com o povo e o guardaria (Êx 23.20.24). A Josué veio a palavra "como fui com Moisés, assim serei contigo" Josué (Js 1.5). Para Davi Deus disse "fui contigo" (2 Sm 7.9).

Salomão orou sinceramente para que o Senhor estivesse com ele e com Israel assim como tinha estado com Davi (1 Rs 8.57). Por meio de vários meios visíveis, *i.e.*, nuvem, coluna de fogo e a arca da aliança, o Senhor confirmou sua palavra. Ele esteve com seu povo. Liderou, susteve e abençoou o povo.

Isaías, dirigindo-se a Acaz, assegurou-lhe que o Deus fiel da aliança estava presente assim como tinha estado e assim como ainda estaria no Filho encarnado que nasceria da virgem. Desse modo o relacionamento íntimo passado, presente e futuro da presença de Deus com o seu povo resume-se no nome Emanuel. (Quanto a uma consideração mais abrangente do ponto de vista bíblico, *cf.* E. J. YOUNG, Immanuel, em *NBD*, p. 556-7; quanto a uma exposição crítica moderna, *cf.* C. NORTH, em *IBD*.)

'ummâ. ***No lado oposto a, em oposição a, ao lado de, bem por perto, tal qual.*** Essa preposição indica a relação de grande proximidade de, ou de posição oposta a. por exemplo, certas partes do tabernáculo (Êx 25). Simei posicionou-se *'ummâ*, "no lado oposto a", Davi, e atirou pedras *'ummâ*, "perto de", Davi (2 Sm 16.13; ARA, respectivamente, "ao lado de" e "contra").

Bibliografia: — *TDNT*, v. 2, p. 364-9; v. 4, p. 32-7. — *THAT*, v. 2, p. 290-324, 325-7.

G.V.G.

1641 עָמַם (*'āmam*) ***escurecer, obscurecer*** (*e.g.*, Ez 31.8).

1642 עַמּוֹן (*'ammōn*), עַמּוֹן (*'ammôn*) ***Amom.***

Termo Derivado

1642a †עַמּוֹנִי (*'ammônî*) ***amonita.***

'ammôn. ***Amom.*** Esse nome próprio talvez se relacione com a raiz *'amam*. Em ugarítico as três consoantes *'mn* indicam um uso enfático de "com" ou então o sentido de "comigo" (*UT* 19: nº 1 868-9). Mas Gordon (*UT* 19: nº 1 861) é da opinião de que o *n* final é um elemento enfático da preposição *'im*.

O nome revela mais do que um relacionamento consangüíneo. A filha mais nova de Ló, ao dar ao filho o nome Amom, expressa a relação incestuosa em que ela o concebeu, *i.e.*, "um filho com meu pai/povo" (Gn 19.30-38). O AT nada fala da juventude de Amom nem da de seu primo-irmão, Moabe (que também nasceu de uma relação incestuosa). O que se sabe é que Israel, durante a Conquista, não teve permissão para molestar ou atacar os descendentes de Amom nem de lhes tomar os bens por causa da promessa de Deus ao sobrinho de Abraão, Ló (Nm 21.24; Dt 2.19). Israel tinha de incluir Amom como seu parente. Tinha de respeitá-lo como um daqueles que tinham um relacionamento específico com seu pai Abraão. Deus havia-se dado a Amom e aos seus descendentes como uma bendita possessão. Portanto, não se pode negar os privilégios e responsabilidades de natureza religiosa que Amom tinha com relação a Israel (e a Moabe).

'ammônî. ***Amonita.*** Os amonitas, descendentes de Amom, habitavam a margem oriental do Jordão, a norte de Moabe. O Senhor destruiu os refains, também chamados zanzumins, que ali moravam (Dt 2.20). Mais tarde parte da região foi tomada dos amonitas pelos amorreus, que vieram da margem ocidental do Jordão (Nm 21.25-35). Quando os filhos de Israel procuraram entrar na terra prometida a partir da margem oriental do Jordão, os amonitas tiveram uma oportunidade ímpar de ser abençoados por meio de um relacionamento amistoso e de cooperação com os descendentes de Abraão (Gn 12.1-3). Ao contrário do que fizera com os amorreus e outros povos que habitavam nas regiões de Gileade e Basã, Israel não atacou seus parentes distantes, os amonitas (Dt 2.37). Mas os amonitas uniram-se a Moabe em várias oportunidades para tentar arruinar Israel. Por isso, perderam o direito de nem mesmo um único amonita poder se identificar com Israel, o povo da aliança, por pelo menos dez gerações (Dt 23.3-6). Salomão, porém, levou mulheres amonitas para o seu harém (1 Rs 11.1). Uma dessas foi Naamá, mãe de Roboão (1 Rs 14.31).

Os amonitas foram derrotados pelos israelitas em várias ocasiões: por Jefté (Jz 11), por Saul (1 Sm 11), por Davi (2 Sm 10; 12). Os amonitas tinham o seu próprio deus, chamado Milcom (1 Rs 11.5). Também adoravam Camos, o deus de Moabe (Jz 11.29; mencionado também na pedra Moabita). As duas divindades também foram adoradas pelos israelitas em certas oportunidades.

Os amonitas afligiram continuamente os descendentes de Abraão (Am 1.12-15; Jr 40.13; Ne 2.10, 19). Vários profetas pronunciaram a maldição de Deus sobre eles (Sf 2.8, 9; Jr 49.1-6; Ez 25.1-7). Ao invés de desfrutar as bênçãos da aliança, a atitude deles para com o povo da aliança fez sobrevir-lhes a maldição divina.

G.V.G.

עִמָּנוּאֵל (*'immānû'ēl*). Veja o nº 1 640d.

1643 עָמַס (*'āmas*), עָמַשׁ (*'āmas*) ***pôr carga em, levar uma carga*** (*e.g.*, Gn 44.13; Ne 13.15).

Termo Derivado

1643a מַעֲמָסָה (*ma'ămāsâ*) ***carga, fardo*** (*Zc* 12.3).

1644 עָמַק (*'āmōq*) ***ser profundo, aprofundar.***

Termos Derivados

1644a עֵמֶק (*'ēmeq*) ***vale.***

1644b עֹמֶק (*'ōmeq*) ***profundidade*** (Pv 9.18; 25.3).

1644c עָמֵק (*'āmēq*) ***profundo.***

1644d עָמֹק (*'āmōq*) ***profundo.***

1644e מַעֲמַקִּים (*ma'ămaqqîm*) ***profundezas.***

O verbo *'āmōq* pode ser comparado com o sinônimo *shāqā'*, "afundar", e os substantivos *m'tsôlâ*, "profundeza", "profundidade", *tsûlâ*, "abismo", e *t'hôm*, "profundeza". É cognato do árabe *'amuqa*, "ser profundo", do acadiano *emēqu*, "ser (profundamente) sábio" (*cf. emūqu*, "poder", "capacidade"), e do ugarítico *'mq* II, "forte" (veja-se *UT* 19: nº 1 874).

O verbo *'āmōq* é encontrado no grau qal numa exclamação em que o salmista exulta em louvor descritivo: "Quão grandes, SENHOR, são as tuas obras! Os teus pensamentos, que profundos!" (Sl 92.5 [6]). Nos outros oito usos do verbo, *'āmōq* encontra-se no hifil, "aprofundar".

Na profecia de Emanuel, Iavé fala a Acaz por intermédio de Isaías, desafiando-o a pedir um sinal que seja uma espécie de garantia de que se cumprirão as suas palavras acerca de Rezim e Peca, aqueles "dois tocos de tições fumegantes" (Is 7.4). Deus lança o desafio verbal para que Acaz faça um pedido, "seja do fundo da habitação dos mortos, seja lá do alto" (MM, Is 7.11). (Essa interpretação pressupõe que *sh'ʾālâ* seja entendido como Sheol com um *hē* locativo. A interpretação alternativa é "faze teu pedido 'com intensidade' ou faze-o lá em cima". Assim entende E. J. YOUNG, *The book of Isaiah*, Eerdmans, 1965, v. 1, p. 277-8. *Cf.* também ARA e IBB. Young interpreta *sh'ʾālâ* como um imperativo paragógico precedido de um infinitivo do hifil usado adverbialmente.) Acaz, com piedade fingida, objeta. Os exemplos restantes de *'āmōq* aparecem em contextos de julgamento. Isaías 29.15 diz "ai dos que escondem profundamente o seu propósito do SENHOR, e as suas próprias obras fazem às escuras", como se Deus não visse nem soubesse! (*Cf.* Is 30.33, que fala de "Tofete" [ARC, *tōpet*, *q.v.*; ARA, "fogueira"]. transformada numa pira funerária profunda para o rei da Assíria; 31.6, que fala de Israel. que "fez profunda revolta" [lit.].) Jeremias adverte seus ouvintes a fugir e se abrigar do juízo, "ide ao fundo para habitardes" (lit.; ARA, "retirai-vos para as cavernas": Jr 49.8. referindo-se a Dedã; 49.30, a Hazor). Oséias 5.2 é de difícil tradução, mas a idéia geral é, provavelmente, "os revoltosos 'se aprofundaram' na depravação" (*cf.* TB, mas vejam-se os comentários; *cf.* 9.9).

'ēmeq. ***Vale.*** Um substantivo comum no AT, cognato do ugaritico *'mq* I.

O substantivo *'ēmeq*, "vale" (ugarítico *'mq* I), é usado 70 vezes no AT. em geral em designações geográficas específicas, tais como "o vale de Sidim" (Gn 14.3). Em Números 14.25 Israel, em seu pecado e rebeldia, é lembrado de que naquela época os amalequitas e os cananeus estavam morando nos vales (onde desfrutavam o fruto da terra). A agricultura era desenvolvida nos vales de Canaã (*e.g.*, 1 Sm 6.13; Jr 49.4. Sl 65.13 [14]), pois nas colinas a erosão era maior. Também nos vales os carros podiam ser usados com maior vantagem (veja-se Js 17.16). Na série de guerras entre Israel e a Síria. nos dias de Acabe, os conselheiros sírios erraram gravemente ao supor que Iavé era um deus apenas das montanhas e impotente nas planícies e nos vales (1 Rs 20.22-30). Vales aparecem nas descrições do juízo divino em escritos proféticos. Miquéias 1.4 fala de montanhas que se derretem debaixo de Deus e de que "os vales se fendem; são como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo".

'āmēq. ***Profundo, estranho.*** Empregado com referência à fala, a melhor tradução desta palavra é "ininteligível", "obscuro", "estranho" (Is 33.19; Ez 3.5-6). Compare-se com o *lō'ēz*, "língua estranha", do povo egípcio, em Salmos 114.1.

'āmōq. ***Profundo.*** Esse adjetivo ocorre 16 vezes no AT (sete delas em Lv 13, em que designa a gravidade da lepra). Em Provérbios *'āmōq* descreve a fala e o pensamento do homem (Pv 18.4; 20.5) e a terrível destruição que se acha nas prostitutas (Pv 22.14; 23.27).

ma'āmaqqîm. ***Abismo oceânico, profundezas.*** Refere-se a águas no sentido literal (Is 51.10) e figurado (Sl 69.2 [3], 14 [15]; 130.1 — um símbolo da aflição; *cf.* Ez 27.34, que fala da queda de Tiro).

R.B.A.

1645 *עמר (*'āmar*) ***amarrar em feixes.*** Este verbo denominativo ocorre apenas uma vez (Sl 129.7), no piel.

Substantivo de Origem

1645a עֹמֶר (*'ōmer*) ***I, feixe*** (*e.g.*, Dt 24.19; Lv 23.11).

1645b עֹמֶר (*'omer*) ***II, ômer*** (Êx 16). Um décimo do *'êpâ*, "efa" (*q.v.*).

1645c עֲמִיר (*'āmîr*) ***faixa de terra ceifada, fileira de espigas caídas*** (*e.g.*, Am 2.13; Jr 9.21).

1646 עמר (*'āmar*) ***II, ser tirano com.*** Ocorre somente no hitpael (Dt 24.7; 21.14).

עָמַשׁ (*'āmas*). Veja o nº 1 643.

1647 ענב (*'nb*). **Aceita como raiz de:**

1647a עֵנָב (*'ēnāb*) ***uva(s)*** (*e.g.*, Dt 32.14; Gn 40.10).

1648 *ענג (*'ānōg*) ***ser macio, delicado.*** Ocorre somente no pual (Jr 6.2) e no hitpael (*e.g.*, Dt 28.56; Is 66.11).

Termos Derivados

1648a עֹנֶג (*'ōneg*) ***delicadeza, prazer requintado*** (Is 13.22; 58.13).

1648b עָנֹג (*'ānōg*) ***delicado*** (Is 47.1).

1648c תַּעֲנוּג (*ta'ănûg*) ***delicadeza, prazeres.***

1649 ענד (*'ānad*) ***enlaçar, enfaixar*** (Jó 31.36; Pv 6.21).

Termo Derivado

1649a מַעֲדַנּוֹת (*ma'ădannôt*) ***laços, faixas*** (Jó 38.31; 1 Sm 15.32). Aparentemente derivado de *'ānad* por metátese.

1650 עָנָה (*'āna*) ***I, responder, corresponder, testemunhar, falar, gritar.***

Termos Derivados

1650a עֹנָה (*'ōnâ*) ***ato sexual*** (Êx 21.10; Os 10.10).
1650b †עֵת (*'et*) ***tempo.***
1650c †עַתָּה (*'attâ*) ***agora.***
1650d †עִתִּי (*'ittî*) ***no devido tempo, prontamente*** (Lv 16.21).
1650e †יַעַן (*ya'an*) ***devido a, em razão de.***
1650f †מַעֲנֶה (*ma'āneh*) ***resposta.***
1650g †לְמַעַן (*lema'an*) ***a fim de que.***

Basicamente a raiz *'ānâ* I tem o sentido de "responder". Algumas de suas conotações confirmam sentidos encontrados esparsamente em ugarítico, tais como "falar" ou "dizer". Faça-se distinção entre, de um lado, esta raiz e, de outro, *'ānâ* II, "ocupar", *'ānâ* III, "afligir", "oprimir", e *'ānâ* IV, "cantar". A raiz ocorre 617 vezes.

O sentido mais freqüente dessa raiz é o de "responder" e é, muitas vezes, empregado com *'amar*, "dizer", e, em menor número, com *dābar*, "falar". As vezes é empregada numa cláusula não verbal. Corresponde a *qārā'*, "chamar", e (com menor freqüência) a *za'aq*, "clamar". Deus não está obrigado a responder à pessoa que chama por ele. Por conseguinte, o salmista diz "responde-me" (Sl 4.1 [2], 13.3 [4]). Assim sendo, o verbo pode ocorrer, na seção de petição dos salmos de lamento, como parte do tema usual de suplicar a Deus para que ele seja favorável. Samuel adverte Israel de que Deus não responderá aos pedidos de alívio quando a aflição lhes sobrevier como resultado de sua rebelião (1 Sm 8.18). Todos os profetas registram o silêncio do Todo-poderoso (Mq 3.4; Is 46.7). Quando dirigida para Deus, essa raiz é paralela às palavras que indicam que Deus presta atenção à situação (Sl 55.2 [3]) e livra o suplicante (Sl 60.5 [7]). Deus pode responder de modo verbal (Is 14.32), ou não-verbal, como com fogo (1 Cr 21.26) ou trovão (Êx 19.19). Em todos os casos está claro que "responder" à oração equivale a tratar favoravelmente aquele que faz a súplica. A base para fazer tal petição é a retidão, a misericórdia e a veracidade de Deus (Sl 69.13 [14]). Muitas vezes pede-se salvação espiritual (Sl 20.6 [7], 9 [10], 38.15 [16]) e/ou física (Sl 22.21 [22], 60.5 [7]). Vale assinalar que as súplicas introduzidas por essa raiz são, em geral, súplicas por *yāsha'*, "salvação" e reconhecem que Deus é o único salvador (Sl 118.21). Quando Deus desafiou os homens (por intermédio de Moisés e dos profetas), ele esperava uma resposta, uma correspondência apropriada de obediência. Recusar-se a isso era pecar (Jr 7.13; Is 65.12).

Um significado secundário dessa raiz é o de "testificar", recaindo a ênfase no "falar" (*'ûd*, *q.v.*). Em muitos desses casos tem-se em vista um processo jurídico (*rîb*; 1 Sm 12.3). Isso é especialmente interessante em textos como Isaías 3.9; 59.12; e Jeremias 14.7, em que pessoas são julgadas e consideradas culpadas por Deus. Esse uso tem, no entanto, um sentido mais genérico, conforme se vê em seu emprego no nono mandamento (Ex 20.16). Em geral tal uso aparece numa expressão idiomática, *'ānâ b'*, mas há exceções (Êx 23.2; Hc 2.11).

Outro sentido secundário é o de "falar" (veja-se JOÜON, Respondit et Dixit). A raiz freqüentemente indica o início de uma conversação (Jó 3.2; Ct 2.10; 1 Sm 9.17). Pode referir-se a um berro estridente, como o de animais (Is 13.22), ou um brado, como o de vitória (Êx 32.18; Jr 51.14).

No caso de *l'ma'an* (veja também abaixo), a conotação "a fim de que" ocorre com algum fim conhecido e planejado em mente, transmitindo, por conseguinte a idéia de "com vistas à reação desejada de". Abraão orientou Sara a dizer que era sua irmã para que tudo fosse bem com ele (Gn 12.13). Jeú fez uma festa cujo objetivo aparente era honrar Baal. O objetivo oculto, no entanto, era destruir os adoradores desse deus (2 Rs 10.19). Isso ajuda a entender passagens como Jeremias 7.10, em que o povo é censurado por vir ao templo enquanto amava o pecado e "temia" a Deus. Na verdade estava tentando apaziguar a Deus a fim de que pudesse continuar pecando.

Também se emprega essa palavra em relação às ações de Deus na História. Em Gênesis 50.20 José diz a seus irmãos que eles tinham planejado fazer-lhe mal ao vendê-lo à escravidão (Gn 37.22). Ele também lhes disse que Deus esteve no controle o tempo todo "a fim de que" (*i.e.*, "tendo em vista o fim desejado e alcançado") lhe sobreviesse o bem. Quando Deus explicou a Moisés que iria endurecer o coração de Faraó, a iniciativa da ação de endurecimento claramente parte de Deus, não de Faraó. Deus está seguindo um plano, visto que esse "endurecimento" tem uma finalidade predeterminada: primeiro, que a glória dele fosse vista nos sinais, e, em segundo lugar, que a glória divina fosse narrada em testemunhos de uma pessoa a outra. Deus queria mostrar a sua glória ao fazer com que a ira do homem redundasse em seu louvor (Sl 76.10 [11]). De igual modo Deus endureceu o coração de Seom (Dt 1.30) a fim de entregá-lo nas mãos de Israel. Entretanto, a base para esse endurecimento foi, sem dúvida alguma, judicial e causada pelo pecado passado.

Quando usada com o sentido de "em vista de", *l'ma'an* não transmite especificamente a idéia de causa. Em passagens como Deuteronômio 3.26 se diz que Deus irou-se com Moisés por causa dos pecados do povo. *Cf.* também Deuteronômio 1.37, em que se emprega *big'lal*, "por causa de", em vez de *l'ma'an*. O salmista ora para que Deus assuma o controle de sua vida tendo em vista a força de seus adversários (Sl 5.8 [9]). Deus é louvado por usar as coisas fracas (as criancinhas e os recém-nascidos) para firmar um baluarte. Ele faz isso não por causa dos adversários do salmista nem para vantagem deles, mas à vista deles (Sl 8.2 [3]).

As vezes emprega-se a palavra (talvez ironicamente) para mostrar a tolice dos pecados dos homens. Em Isaías 30.1 Deus condena o povo por estabelecer falsas alianças espirituais "para" acrescentar pecado e mais pecado. Em Jeremias 44;8 Deus indaga se a idolatria deles tem por objetivo destruir a eles próprios (*cf.* Os 8.4; Am 2.7; Mq 6.16). Obviamente eles não pretendiam destruir a si mesmos nem ofender a divindade. Seu objetivo era justamente o oposto. Mas incorreram em erro ao se desviar da palavra de Deus. Não bastavam boas intenções.

Como preposição, *l'ma'an* designa aquele que deve ser vindicado, *i.e.*, estabelecido como alguém que é reto. Vemos isso em Gênesis 18.24, em que Abraão pergunta a Deus se ele pouparia Sodoma "por amor de" 50 justos. Por acaso Deus aprovará a retidão desses 50 justos, demonstrando dessa maneira que a retidão é algo que de fato o agrada, ou será que a retidão deles será algo fútil (resultando em destruição)? Essa questão foi muito importante para Abraão naquela etapa inicial de sua caminhada com Deus. Será que

Deus manteria a promessa de recompensar a obediência, isto é, a retidão e a justiça? Abraão aprendeu a lição e obedeceu a Deus (crendo nas promessas divinas de recompensa final) ao agir (atos justos) como Deus exigia, e isso foi-lhe atribuído como justiça (salvífica). Salmos 51.4 [6] é uma passagem relevante. Ali não se está dizendo que Davi pecou a fim de que Deus, com seu veredicto, manifestasse sua justiça. Em vez disso, Davi confessa que pecou a fim de ficar patente que Deus seria justo caso este desse o veredicto de que Davi devia morrer por causa de seu pecado.

Muitos textos bíblicos registram ações (imaginadas ou executadas) por amor a Deus. Aliás, a súplica freqüente do salmista é que Deus salve, conduza, liberte, vivifique, *etc.*, por amor de si mesmo, *i.e.*, para demonstrar perante a criação, os ímpios ou os justos (ou todos os três) a certeza de sua aliança (Sl 25.11; 143.11; Jr 14.21).

Bibliografia: — GOWAN, Donald, The use of ya'an in Biblical Hebrew, *VT* 21:168-85. — JOÜON, P., Respondit et dixit., *Bib* 13:309 e ss. — *TDNT*, v. 8, p. 615. — *THAT*, v. 2, p. 335-40.

R.B.A.

'ēt. ***Tempo, período de tempo, tempo determinado, tempo devido.*** Embora *BDB* relacione *'ēt* como um derivado de *'ānâ* I, "responder", é difícil identificar alguma relação. Um vínculo mais plausível existe, talvez, com *'ānâ* II, "estar ocupado". O sentido básico dessa palavra tem que ver com o tempo visto como uma oportunidade ou uma estação. Outras palavras traduzidas de modo semelhante são: *z'man*, um empréstimo lingüístico do aramaico e com um sentido muito parecido; *yôm*, com ênfase na divisão do tempo em unidades regulares; *mô'ēd*, com ênfase na idéia de fixar uma data (às vezes é usado para melhor definir *'ēt*, *e.g.*, Sl 102.13 [14]); *pa'am*, que denota intervalos (batidas) curtos de tempo (*cf. regel*). Esse vocábulo ocorre 290 vezes.

A palavra pode designar períodos de tempo. É usada para indicar pontos específicos no tempo, como uma hora determinada do dia (Êx 9.18; Js 11.6). É empregada em referência a uma ocasião como o fim da gravidez (Mq 5.3 [2]), para indicar a situação em que Miguel se puser de pé na presença de Deus (Dn 12.1) e (empregada atributivamente) quando os juízes de Israel estiverem para agir (Êx 18.22). A palavra ainda é usada para designar um período curto, como o final da tarde (talvez o crepúsculo, Gn 21.11), e como o período quando os inimigos de Neemias estavam escrevendo e registrando suas queixas (Ne 6.1). Pode também indicar um período longo de tempo, *e.g.*, a época durante a qual o tabernáculo esteve em Gibeom (1 Cr 21.29) e o período durante o qual Deus tratou Israel com a fidelidade do Deus da aliança (Ez 16.8).

'ēt descreve inúmeras situações. Examinaremos apenas três:

Primeiro, é empregada para designar acontecimentos usuais, regulares, tais como chuva (Ed 10.13), colheita (Jr 50.16), estações do ano como a primavera, o período de gravidez (Gn 18.10, 14), a época de migração das aves (Jr 8.7) e a época de acasalamento (Gn 31.10). Deus é consistentemente apresentado como aquele que determina (controla) todos os acontecimentos que se repetem. Em segundo lugar, o vocábulo é usado em referência ao tempo apropriado de certos acontecimentos que não se repetem, tais como a morte (Ec 7.17). Assim sendo, aqueles que voltam do exílio afirmam não ser aquela a época oportuna para reconstruir o templo (Ag 1.2). Eclesiastes apresenta Deus como aquele que planejou os elementos constituintes da vida de modo que para tudo existe uma estação apropriada (3.11; *cf.* Pv 6.14). Em Levítico 26.4 Deus declara sua soberania sobre

a chuva. Ele fala a Jó (38.32) acerca de seu controle sobre as estrelas. O salmista (104.27) destaca que Deus sustenta os mares e tudo o que neles existe de acordo com o tempo próprio deles. Assim como toda a criação se adapta ao plano divino, da mesma maneira ele requer do homem que organize sua vida de acordo com os tempos da criação (*i.e.*, de acordo com as leis divinas, Jr 8.7). Quando o homem deixa de fazê-lo, Deus promete juízo. Destarte, o salmista lembra a Deus que é hora de este agir (119.126). Em terceiro lugar, a palavra tem a conotação de um momento ou um período fixo e determinado (1 Cr 9.25). Os astrólogos se dizem capazes de discernir esse sentido de tempo (Et 1.13), mas somente Deus conhece tais coisas ocultas, porque ele as controla. Por isso, nos profetas Deus fala de seu juízo que está marcado (Jr 8.12), de um momento quando tudo será consumado (Dn 12.9) e que resultará num período amplo de glória e bênção para o seu povo (Jr 3.17; 50.20).

'attâ. ***Agora, desta vez, daqui por diante, imediatamente, conquanto.*** Relacionado com o substantivo hebraico *'ēt*, "tempo" (*q.v.*), o advérbio *'attâ* deriva de uma raiz *'ānâ* (com assimilação do *nun*). O advérbio ocorre em ugarítico como *'nt*, palavra que deve ser distinguida da deusa *'nt* ("Anate", veja-se *UT* 19 n.os 1 888, 1 889). Em árabe o cognato é *al-āna*, "à época", "agora" (com artigo definido).

O advérbio de tempo *'attâ*, encontrado freqüentemente no AT (425 vezes), tem em geral o sentido de "agora". Conforme analisado por *KB*, esse vocábulo pode incluir as seguintes conotações: "agora" (*i.e.*, "neste momento"), como em Juízes 11.8, "por isso agora nos voltamos para vós" (lit.); "agora" (*i.e.*, "nesta situação"), como em Gênesis 19.9, "agora te trataremos pior do que a eles" (lit.); e "agora" (*i.e.*, "depois do que aconteceu"), como em Gênesis 22.12, "agora sei que temes a Deus". Com bastante freqüência *'attâ*, precedido de *waw* conjuntivo, "e agora", introduz uma idéia consecutiva, como em Isaías 5.3, "e agora, moradores de Jerusalém e homens de Judá, peço-vos que julguem entre mim e a minha vinha" (lit.). Caso a mesma conjunção tenha valor adversativo (o que é determinado pelo contexto), então a tradução é "mas agora", como em Isaías 1.21, "nela habitava a retidão, mas agora homicidas". *'attâ* pode contrapor-se a *'āz*, "então", "outrora", como em Josué 14.11, "qual era então a minha força, tal ainda é agora" (lit.). O advérbio pode também ser contrastado com o tempo futuro, como nas palavras saudosas de Balaão, "vê-lo-ei, mas não agora" (em paralelo com "contemplá-lo-ei, mas não de perto", Nm 24.17).

O advérbio *'attâ* é encontrado em contextos proféticos que tratam das atividades iminentes de Iavé — atividades de bênção, "eis que estou fazendo algo novo, agora está surgindo" (lit.; Is 43.19), e de juízo, "agora me levantarei, diz o SENHOR; levantar-me-ei a mim mesmo, agora serei exaltado" (Is 33.10). Em alguns contextos proféticos, "agora" pode ser empregado do ponto de vista profético em referência a acontecimentos ou situações ainda futuros, por exemplo, "agora Jacó não será envergonhado e agora seu rosto não empalidecerá" (lit.; Is 29.22).

ya'an. ***Devido a, porque, em razão de.*** Esse vocábulo é empregado como preposição ou como conjunção. Indica propósito, tendo talvez o sentido de "em reação a". Quando combinado com *kî* ou *'ăsher*, constitui a mais comum conjunção causal. Isoladamente *ya'an* pode ter a mesma função (*GKC* §158*b*). Em uma oportunidade ocorre seguido de *mâ*, "por quê?", *i.e.*, "por que causa?" (Ag 1.9) e diversas vezes é repetido por razão de ênfase (*e.g.*, Lv 26.43; veja-se Donald GOWAN, The use of *ya'an* in Biblical hebrew).

ma'ăneh. ***Resposta.*** *Cf.* o ugarítico *m'n*, usado para designar a resposta a uma carta ou a perguntas num exame escolar.

l'ma'an. ***A fim de que, em vista de, contanto que*** (conjunção raramente usada; *cf.* M. DAHOOD, *Psalms III*, em *AB*, p. 216), ***por amor a*** (preposição). Os gramáticos divergem quanto a *l'ma'an*, quando seguido de um infinitivo, ser uma preposição (*BDB*, p. 775) ou uma conjunção (*KB*, p. 549). Parece que *l'ma'an* tem relação com *'ānâ* I, "responder". É possível que *ma'an* tenha o sentido de "aquilo que corresponde a" (sobre esta palavra, *cf.* ainda no verbete *'ānâ* I, acima).

L.J.C.

1651 עָנָה (*'ānâ*) ***II, estar ocupado, estar atarefado com*** (Ec 1.13; 3.10).

Termos Derivados

1651a עִנְיָן (*'inyān*) ***atividade, tarefa.*** Empregado apenas em Eclesiastes 1.13; 2.23, 26; 3.10; 4.8; 5.2, 13; 8.16.

1651b מַעֲנֶה (*ma'ănâ*) ***lugar de trabalho, i.e., campo*** (SI 129.3; 1 Sm 14.14).

1652 עָנָה (*'ānâ*) ***III, afligir, oprimir, humilhar.***

Termos Derivados

1652a †עָנָו (*'ānāw*) ***humilde.***

1652b †עֲנָוָה (*'ănāwâ*) ***humildade.***

1652c עֲנוּת (*'ănût*) ***aflição*** (SI 22.25).

1652d †עָנִי (*'ānî*) ***pobre, aflito.***

1652e †עֳנִי (*'ŏnî*) ***aflição, pobreza.***

1652f תַּעֲנִית (*ta'ănît*) ***humilhação (mediante jejum,*** Ed 9.5).

O sentido básico de *'ānâ* III é o de "forçar" ou "tentar impor" e de "castigar" ou "causar dor em", principalmente no piel. Birkeland (veja-se a Bibliografia) assim define o verbo: "encontrar-se tolhido, numa situação inferior e de humildade". Conseqüentemente Deus não é sujeito do verbo no qal. Deve-se fazer distinção entre este verbo e *'ānâ* I. "responder"; II, "estar ocupado"; e IV, "cantar". O verbo difere de: *tsārar*, que tem a conotação de restrição ou aprisionamento; *yāgâ*, o lado emocional da aflição (*i.e.*, tristeza. pesar); *shāpal*, que indica a condição objetiva de estar numa posição inferior ou de humildade; e *kāna'*, que implica submissão à vontade de outrem. O ugarítico atesta esta raiz com o sentido de "intimidar", "humilhar" (em grau ativo), e de "ser humilhado", "ser castigado" (em grau passivo). Essa raiz aparece mais de 200 vezes na Bíblia.

A forma verbal ocorre umas poucas vezes no qal, possuindo conotações variadas. Na maioria das vezes ocorre no piel (com a idéia de intensificação). Os usos no nifal e no hitpael oferecem algumas conotações interessantes.

1652 עָנָה (*'ānâ*)

O verbo é empregado de diversas maneiras. É usado em referência àquilo que alguém faz ao inimigo. Descreve o mal-estar que Sara causou a Hagar (Gn 16.6) e aquilo que os desobedientes fazem aos indefesos (Êx 22.22 [21]). Fala da dor provocada pelos grilhões nos pés de José (Sl 105.18). Expõe aquilo que o Egito fez a Israel (Êx 1.11-12; isso foi mais do que mera escravidão). Em Números 24.24 e Juízes 16.5, 6, descreve a dor física causada pela guerra. É empregado para designar aquilo que Deus faz a seus inimigos (Dt 26.6).

Deus faz uso da aflição para despertar as pessoas ao arrependimento. Por exemplo, o propósito da peregrinação no deserto foi o de humilhar Israel (Dt 8.2-3). Este é um tema que reaparece vez após vez nas Escrituras. O exílio, no que diz respeito à sua natureza e finalidade, é considerado de modo semelhante (Sl 102.23 [24]; Is 64.12 [11]; Zc 10.2). Agradece-se, portanto, a Deus pela aflição (Sl 88.7 [8]; 90.15; 119.75; Lm 3.33). Espectadores estão errados em dizer que Deus aflige o Messias (Is 53.4) por causa de seu pecado.

Outro tema teológico freqüentemente associado a essa palavra é o sofrimento auto-infligido, que exprime contrição e muitas vezes se faz acompanhar de jejum. Tal sofrimento é determinado por Deus (Lv 16.29, 31) para o Dia da Expiação. É notável que essa seja a única ocasião em que jejum e contrição são ordenados por Deus. No nifal o sentido do verbo é reflexivo, enfatizando o afligir-se a si mesmo (Sl 119.107; Is 58.10). O Messias há de se afligir em favor dos pecados do povo (Is 53.7). De outro lado o verbo pode denotar aqui a humilhação do Messias, ao submeter-se às opressões dos ímpios. O salmista emprega esse conceito para realçar que sua solicitude alcançava até mesmo seus inimigos (Sl 35.13).

Usa-se o grau hitpael para indicar a ação de sujeitar-se à censura (Gn 16.9) e de jejuar e estar contrito (Ed 8.21; Dn 10.12).

A raiz também pode ser usada para denotar a humilhação. Um leão novo não se intimida com os gritos dos pastores (Is 31.4; *cf.* Ugaritic III AB. B [UT 16: texto 137] 24. 26). Faraó recusa sujeitar-se ao Senhor (nifal, Êx 10.3). Deus não oprime (ARA, "perverte") o juízo (Jó 37.23). O salmista diz que Deus enfraqueceu (AT, "abateu") a sua força; Deus encurtou os seus dias (Sl 102.23 [24]). Pode-se também encurvar ou humilhar a alma mediante um juramento a que a pessoa se obriga (Nm 30.13 [14]).

Esse verbo aplica-se ao constrangimento imposto a uma mulher, inclusive à tomada cativa que é posteriormente abandonada (Dt 21.14), e a casos de relações pré-matrimoniais (Dt 22.29; Gn 34.2). Pode ser um crime passível de pena de morte (Dt 22.24).

'ānāw. *Humilde, manso.* Esse adjetivo ressalta que o alvo de aflição é a condição moral e espiritual dos piedosos, deixando implícito que essa condição é alcançada mediante uma vida de sofrimento e não de fartura e alegria mundanas.

'ānāw exprime o resultado almejado com a aflição: humildade. O uso que Moisés faz da palavra para descrever-se a si próprio (Nm 12.3) não revela arrogância, mas apenas relata sua posição: de absoluta dependência de Deus (*cf.* a afirmação de Paulo em At 20.19). Dentre todos os homens Moisés era o que estava relacionado com Deus da forma mais íntima. Ao longo dos demais trechos das Escrituras tal atitude e posição recebem elogios, sendo aclamada como bendita e desejável. Esse é o propósito que Deus teve em mente enquanto afligia o seu povo; é caminhando nessa direção que os filhos de Deus

devem suportar aflições. Os humildes consideram e experimentam Deus como seu libertador (Sl 10.17; 76.9 [10]), dele recebendo graça (favor imerecido; Pv 3.34). Regozijam-se quando Deus é louvado, buscam a Deus (Sl 69.32 [33]) e guardam suas ordenanças (Sf 2.3). Esperam em Deus (Sl 37.11) e são guiados por ele (Sl 25.9). São, assim, louvados por serem melhores do que os orgulhosos (Pv 16.19). São contrastados com os ímpios (Sl 37.11) e os escarnecedores (Pv 3.34). Isaías (61.1) escreve que é para tais pessoas que o ungido do Senhor irá pregar as boas novas de salvação (aqui o vocábulo é paralelo de "quebrantados de coração"). Têm consciência da aprovação divina e confiam que, no *eschaton*, Deus os salvará (Sl 76.9 [10]; 147.6; 149.4).

É interessante que o pão asmo da Páscoa é chamado de "pão de aflição" (Dt 16.3) na medida em que constitui uma lembrança física do pecado, que é a causa derradeira (às vezes imediata) da aflição (Sl 25.18), da escravidão do pecado (especialmente aquele sofrimento no Egito) e do livramento divino (Lm 3.19).

'ănāwâ. ***Humildade, brandura.*** A palavra expressa essas duas qualidades alcançadas pelo homem na escola da aflição. Aplicada ao Messias, ela tem a conotação de sua brandura em sujeição à sua própria natureza (Sl 45.4 [5]).

'ānî. ***Pobre, fraco, aflito, humilde.*** O *'ānî* é basicamente alguém que sofre algum tipo de incapacidade física ou aflição (G. B. GRAY, *Isaiah*, in *ICC*, v. 1, p. 310).

O *'ānî*, embora freqüentemente empregado em paralelismo sinônimo com *'ebyôn* e *dal*, difere de ambas as palavras pelo fato de dar a idéia de alguma disfunção física ou aflição. Em Deuteronômio 24.14-15 o empregado assalariado é descrito como *'ebyôn* e *'ānî*. Israel recebe instruções para não oprimir o seu empregado, mediante retenção dos salários, por ele ser um *'ānî*. Ademais, se for oprimido, ele pode suplicar a Deus, seu defensor. Vemos que, financeiramente, o *'ānî* vive dia após dia, e que, socialmente, é indefeso e sujeito à opressão. Conseqüentemente, utiliza-se muitas vezes essa palavra em associação com *'ebyôn* para exprimir as dificuldades resultantes da falta de bens materiais. O povo recebe ordens para dar esmolas ao *'ānî*, o que tem a aprovação e a bênção divina (Dt 15.11). Deus instrui seu povo a fazer empréstimos ao *'ānî* em Israel, mesmo quando ele só tem a sua capa como garantia ou penhor do empréstimo (veja-se *'ābat*), e a não afligi-lo ainda mais com a retenção daquela peça de vestuário de um dia para outro, pois o *'ānî* precisaria da capa para se manter aquecido (Êx 22.25-26), pois essa era sua única capa. Levítico 19.10 diz que o *'ānî*, juntamente com o estrangeiro, tem o direito de apanhar as respigas do campo. Em Provérbios 22.22 estabelece-se distinção entre o *'ānî* e o *dal*, "pobre": "Não roubeis ao pobre [*dal*], porque é pobre [*dal*], nem oprimas em juízo ao aflito [*'ānî*]". Deus é apresentado como o protetor e o libertador dos aflitos e ordena a seu povo que aja de forma igual. Assim, quem obedece a isso é considerado piedoso (Ez 18.17), ao passo que aqueles que se insurgem são considerados ímpios (Jó 24.9; Pv 14.21; Is 58.7).

F. Hauck e S. Schultz sustentam que esse vocábulo bastante debatido "é, antes de mais nada, um termo social e econômico como *'ebyôn*, *dal* e *rāsh*, 'aquele que está na posição de servo'. Descreve alguém que não possui bem algum e que, por isso, tem de ganhar o seu próprio pão servindo a outros" (*TDNT*, v. 6, p. 647). Eles admitem que um uso mais elaborado se refere a uma posição social inferior, à aflição, a um nível de vida baixo (*ibid.*, 888). Sustentam que, no Pentateuco, a palavra diz respeito a um homem sem

nenhuma herança, a alguém que ficou pobre por má-fé de outrem e a quem, portanto, o Senhor protege de forma especial.

É questionável se há elementos suficientes para fazer distinções tão precisas. O Pentateuco, de acordo com a data que lhe é atribuída por estudiosos conservadores, foi escrito quando nenhum israelita possuía terras, mas todos iriam receber alguma no devido tempo. A legislação de fato prevê dias quando pessoas ficariam pobres e teriam de vender suas terras — até o jubileu. Muitas vezes essas pessoas perdiam os seus bens por má-fé de outros; às vezes havia outros fatores. Elas não deviam ser objeto de discriminação quando fossem a juízo. Deus era o seu protetor, da mesma maneira como era o protetor da viúva, a qual estava nessa condição embora isso não fosse culpa de ninguém. Mas parece questionável e difícil de provar que o vocábulo se refira a uma classe social em particular e não a uma condição social.

As privações materiais e as dificuldades conseqüentes estão intimamente associadas à opressão social. A aflição social é o que claramente se tem em mente em Isaías 3.14 e Ezequiel 18.17. Por isso Deus instrui seu povo a tratar corretamente o *'ānî* (Is 10.2). O rei, de modo todo especial, recebe a incumbência de velar para sempre pelos seus direitos (Sl 82.3).

Essa palavra também descreve a pessoa afligida fisicamente, como no exílio (Is 51.21), em razão de enfermidade (Sl 88.15 [16]).

Por vezes a aflição física está intimamente ligada à aflição espiritual, como em Salmos 22.24 [25]. Em muitos casos a aflição exterior provoca uma aflição interior, que faz brotar um grito de pedido de ajuda a Deus (Sl 25.16; 34.6 [7]; 69.29 [30]). Com freqüência o povo de Deus é descrito como "afligido" (ARA, "necessitado"; Sl 68.10 [11]). Deus não se esquece deles (Sl 9.18 [19], 74.19). Ele se compadece deles (Is 49.13), salva-os (Sl 34.6 [7]), livra-os (Sl 35.10) e concede favores a eles (Sl 72.2, 4).

Finalmente, emprega-se o vocábulo no sentido de humilde ou modesto. Descreve o Messias em Zacarias 9.9. É o contraste com os escarnecedores (Pv 3.34; *cf.* Tg 4.6) e os altivos (Sl 18.27 [28]; 2 Sm 22.28). Tal pessoa possui um espírito contrito (Is 66.2), é a rola de Deus (Sl 74.19), confia em Deus (Sl 14.6) e recebe garantia de livramento (2 Sm 22.28).

As palavras *'ānî*, "aflito", e *'ānāw*, "humildade", são muitas vezes confundidas, uma sendo escrita como se fosse a outra. Talvez haja aqui um caso da conhecida permuta entre *yod* e *waw* (*GKC*, §17*c*; Ernst WÜRTHWEIN, *The text of the Old Testament*, p. 72), embora não seja necessariamente assim. Essa permuta aparece freqüentemente no plural dos vocábulos. Parece que Isaías não faz nenhuma distinção entre *'ānî* e *'ānāw*.

'ŏnî. ***Aflição.*** Esta palavra indica o estado de sofrimento ou castigo resultante da aflição.

Bibliografia: — *TDOT*, v. 6, p. 888-902. — *THAT*, v. 2, p. 341-50.

L.J.C.

1653 עָנָה (*'ānâ*) ***IV, cantar*** (*e.g.*, Jr 51.14; Êx 15.21).

Pelo fato de o verbo *'ānâ* I, "responder", ser usado com tanta freqüência, é inevitável que haja confusão entre as duas raízes. Apesar disso, deve-se distinguir esta raiz "cantar". Gesenius-Buhl relaciona 12 casos no qal e três no piel; *BDB* faz algo parecido. Alguns casos notáveis relacionados nesses dois dicionários são: Miriã cantando depois da

travessia do mar Vermelho (Êx 15.21, BLH); os adoradores do bezerro de ouro (Êx 32.18); as mulheres que cantaram exaltando Davi (1 Sm 18.7; *etc.*). Um trecho que não aparece em *BDB* e é mais passível de debates é Oséias 2.21-22 [23-24], em que é possível que a tradução "cantar" seja mais apropriada ao contexto de júbilo do que a costumeira "responder" (IBB) ou "ser obsequioso" (ARA).

R.L.H.

עָנִי (*'ānāw*). Veja o nº 1 652a.

עֲנוּשִׁים (*'ānûshîm*). Veja o nº 1 659b.

עָנוּת (*'ănût*). Veja o nº 1 652c.

1654 עָנַז (*'nz*). **Aceita como raiz de:**

1654a עֵז (*'ēz*) ***bode, cabra, cabrito.***

Conforme se percebe em virtude da duplicação do *zayin* no plural e nas formas acompanhadas de sufixo, *'ēz* deriva de uma raiz *'nz* (*cf.* o árabe *'anz*"" e o acadiano *enzu*, ambos com o sentido de "cabra", "bode"). No AT entre os sinônimos encontram-se *'attûd*, *tsāpîr*, *sā'îr*, *tayish* (todas eles com o sentido de "bode"), *s'îrâ* ("cabra"), *seh* e *g'dî* ("cordeiro", "cabrito").

Das 74 vezes que *'ēz* aparece no AT, 56 ocorrem no Pentateuco. Muitas dessas referências demonstram a importância desse animal na vida diária de Israel a partir do período patriarcal. O cabrito era às vezes usado como alimento (veja-se Gn 27.9); a cabra fornecia leite (veja-se Pv 27.27), couro para fabricação de diversos produtos e pele para servir de roupa (vejam-se Êx 25.4; 26.7; 35.6 e ss.). Um animal com usos tao diversos e tão necessários era também apropriado como sacrifício. Uma expressão usual nos textos sacrificiais é *s'îr 'izzîm*, que designa o animal macho (*e.g.*, Lv 4.23; ARA, "bode"), mas cabras também eram sacrificadas (*e.g.*, Nm 15.27).

Por duas vezes em Cantares de Salomão, o cabelo da amada é descrito com formosura graciosa: "como o rebanho de cabras que descem ondeantes do monte de Gileade" (Ct 4.1; 6.5).

R.B.A.

עָנִי (*'ānî*), עֳנִי (*'ŏnî*). Veja os nºs 1 652d, e.

עִנְיָן (*'inyān*). Veja o nº 1 651a.

1655 *עָנַן (*'ānan*) ***I, trazer nuvens.*** Verbo denominativo, usado apenas uma vez, no piel (Gn 9.14).

Substantivo de Origem

1655a †עָנָן (*'ānān*) ***nuvem, nebuloso.***

"Nuvem" é a única tradução de *'ānān*. Ocorre cerca de 80 vezes no AT; em 75 porcento dessas ocasiões, a palavra refere-se à coluna de "nuvem" que dirigia os israelitas pelo deserto e representava a presença de Deus sobre o tabernáculo (Êx 13; 14; 16; 33; 40; Nm 9—12; 14; 16; *et al.*). Em Números 9.15-22 *'ānān* aparece 19 vezes.

Depois da época do tabernáculo, uma "nuvem" esteve presente no, ou sobre o, templo (*cf.* 1 Rs 8.10-11; 2 Cr 5.13-14). A presença de Deus se fez acompanhar de "nuvens" quando ele se encontrou com Moisés no monte Sinai (Êx 19.9, 16; 24.15-16, 18; Dt 4.11; 5.22; Sl 97.2).

Haverá "nuvens" junto a Deus no juízo escatológico (Ez 30.3; 32.7; Jl 2.2; e Sf 1.15; *cf.* Dn 7.13).

Conquanto a maioria das referências a "nuvens", excetuadas aquelas que falavam da "coluna de nuvem", digam respeito à nuvem comum, feita de vapor d'água, Naum 1.3 menciona "nuvens" de pó, e Levítico 16.13 e Ezequiel 8.11 referem-se a uma "nuvem" da fumaça do incenso queimado (*cf.* também Is 4.5 e Ez 1.4).

Diversas vezes *'ānān* é, em virtude das suas características e funções, empregado para ilustrar algo. Jó 7.9 refere-se ao modo como as "nuvens" podem desaparecer, ilustrando a maneira como as pessoas desaparecem com a morte (*cf.* Os 13.3). Isaías também fala da maneira como as "nuvens" desaparecem, mas referindo-se à eliminação do pecado (44.22). Oséias ilustra a bondade passageira comparando-a a uma "nuvem" matutina que rapidamente se vai (6.4).

Quando Deus respondeu a Jó, mencionou as "nuvens" que vestem o mar (38.9). De acordo com Jeremias (4.13), o juízo se levantará como "nuvens" (de pó?). Ezequiel refere-se à sombra que uma "nuvem" lança e a compara a uma horda de soldados que invadem a terra (38.9, 16).

É de interesse assinalar que os hebreus, longe de imaginar que a chuva caísse por janelas celestes, sabiam muito bem que ela vinha das nuvens (Is 5.6; 1 Rs 18.44; *etc.*).

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 351-2.

R.L.A.

1656 עָנַן (*'ānan*) ***II, observar os tempos, praticar adivinhação, praticar espiritismo, praticar magia, praticar bruxaria, praticar encantamento.*** No particípio o verbo pode ter o sentido de ***adivinho, encantador.***

Esse verbo ocorre apenas 11 vezes. O sentido é incerto, conforme se vê nas diferentes traduções dadas ao verbo.

É questionável se este tipo de ocultismo tem relação com as nuvens, conforme as raízes das duas palavras parecem indicar. Visto que o futuro era determinado pela posição das estrelas (astrologia) ou mediante o exame do fígado de um animal sacrificado (hepatoscopia; *cf.* Ez 21.21), da mesma maneira como existem hoje em dia pessoas que lêem as mãos ou cartas, a leitura e a interpretação dos desenhos formados pelas nuvens parece uma explicação natural.

Outra sugestão é de que essa seja uma palavra onomatopéica. O som da palavra é o som feito por aquele que está executando essa prática. Semelhantemente, pode-se dizer que *nāḥash* (q.v.), uma palavra paralela, é o silvo parecido ao de uma serpente e feito por um "adivinho".

Qualquer que seja essa prática, ela é proibida por Deus em Levítico 19.26 e Deuteronômio 18.10 (*cf.* v. 14). Entre os pecados de Manassés encontrava-se este tipo de magia (*cf.* 2 Rs 21.6; 2 Cr 33.6).

Isaías (2.6; 57.3), Jeremias (27.9) e Miquéias (5.12) fazem comentários pouco lisongeiros acerca daqueles que estão envolvidos com esse tipo de prática. Nesses textos, junto com as de Deuteronômio, *'ānan* ocorre na forma participial.

A única outra ocorrência da raiz *'ānan* encontra-se em Juízes 9.37, que é traduzida por diversos termos: "carvalho de Meonenim" (IBB), "carvalho dos magos" (PIB) e "carvalho dos adivinhadores" (ARA).

Bibliografia: — GASTER, M. Divination (Jewish), in: *Encyclopedia of religion and ethics*, v. 4, Scribners, 1955. — LIEFELD, W. L., Divination, in: *ZPEB*, v. 2, p. 146-9.

R.L.A.

1657 עָנַף (*'np*). **Aceita como raiz de:**

1657a עָנָף (*'ānāp*) ***ramo(s), galho(s)*** (*e.g.*, Ez 17.8; Lv 23.40).

1657b עָנֵף (*'ānēp*) ***cheio de ramos*** (Ez 19.10).

1658 עָנַק (*'nq*). **Aceita como raiz de:**

1658a עָנָק (*'ănāq*) ***I, pescoço*** (*e.g.*, Js 15.14 = Jz 1.20).

1658b עָנָק (*'ănāq*) ***II, colar*** (Ct 4.9; Jz 8.26).

1658c עָנַק (*'ānaq*) ***servir de colar.*** Verbo denominativo (SI 73.6; Dt 15.14).

1659 עָנַשׁ (*'ānash*) ***multar, castigar, condenar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1659a עֹנֶשׁ (*'ōnesh*) ***multa.***

1659b עֲנוּשִׁים (*'ănûshîm*) ***multas.***

'ānash é um termo que indica uma indenização legal, tendo o sentido de "impor castigo pecuniário", "punir com multa em dinheiro". Outros tipos de castigo são expressos, por exemplo, por *yāsar* (piel), "castigar", "disciplinar", "repreender", e *nāqam*, "vingar-se" (*q.v.*).

O verbo *'ānash* é empregado em dois textos jurídicos que falam da avaliaçao de uma multa pecuniária para um ato criminoso. Em Deuteronômio 22.19 um noivo que questionou sem fundamento a virgindade da noiva devia ser açoitado e então multado em cem siclos de prata. Êxodo 21.22 é a difícil passagem sobre aborto provocado e aborto espontâneo em que uma multa devia ser imposta ("certamente será multado", IBB) àquele que acidentalmente levou uma mulher a ter um aborto. Sobre esse versículo, veja-se Waltke (abaixo); outro ponto de vista é apresentado por Cottrell (abaixo). Existe uma lei parecida no Código de Hamurabi (*ANET*, leis 209-214). *'ānash* também é usado para indicar o tributo imposto na deposição de Jeoacaz (2 Cr 36.3).

1660 עָסַס (*'asas*)

'ōnesh. ***Multa, castigo.*** Usado apenas em 2 Reis 23.33 (para designar tributo) e Provérbios 19.19 (para indicar castigo).

'ănûshîm. ***Multas.*** Alguns léxicos (*e.g.*, *KB*, *Holladay*) identificam essa palavra como um substantivo em vez de um particípio passivo do qal (encontrado apenas em Am 2.8).

Multas injustas são más (Pv 17.26), mas multas justas podem ser instrutivas (Pv 21.11). Amós 2.8 fala de pessoas que "bebem o vinho dos que foram multados"; esta é, provavelmente, uma referência a recursos ilicitamente obtidos e usados para adquirir vinho empregado na adoração, um "ato de flagrante hipocrisia" (CRIPPS, *Amos*, p. 143).

Bibliografia: — COTRELL, Jack, Abortion and the Mosaic law, *Christianity today* 17:6-8. — CRIPPS, Richard S., *A critical and exegetical commentary on the Book of Amos*, Londres, S.P.C.K., 1960. — WALTKE, Bruce, The Old Testament and birth control, *Christianity today* 13:3-5. (Também em *Birth control and the Christian*, ed. Walter O. SPITZER & Carlyle L. SAYLOR, Tyndale, 1969. p. 7-23.)

R.B.A.

עָסִיס (*'āsîs*). Veja o nº 1 660a.

1660 עָסַס (*'asas*) ***apertar, esmagar, esmagar com os pés*** (Ml 3.21).

Termo Derivado

1660a †עָסִיס (*'āsîs*) ***mosto.***

A derivação de *'āsîs* parece sugerir o suco fresco recém-espremido. O substantivo é usado apenas cinco vezes. É difícil chegar a uma definição exata de *'āsîs* porque Cantares 8.2 fala do suco de romãs. Mas Isaías 49.26 e Joel 1.5 indicam que ele era fermentado. Joel 3.18 [4.18] e Amós 9.13 não levam a uma conclusão. Talvez a palavra se refira a sucos fermentados em geral, tanto de uvas quanto de outras frutas. A tradução "vinho doce" (KJV) pode trazer confusão. Hoje em dia vinho "doce" é aquele cuja fermentação foi interrompida e que recebeu algum açúcar não-fermentado. Parece que o vinho "doce" da antigüidade designava um vinho de teor alcoólico mais elevado (*cf.* o grego *gleukas*, At 2.13). Talvez indique um vinho mais forte por ser feito de suco mais doce.

R.L.H.

1661 עִפְּאִים (*'p'ym*) *kethib*; עֳפָיִם (*'ŏpāyim*) *qere*, ***folhagem*** (Sl 104.12). De acordo com *BDB* este é um empréstimo lingüístico do aramaico, mas segundo M. Dahood (*Psalms III*, in *AB*, p. 38-9) significa "corvo", de uma raiz *'p'*.

(*'ŏpāyim*). Veja o nº 1 661.

1662 עָפַל (*'āpal*) ***inchar, ser exaltado.***

Termos Derivados

1662a עֹפֶל† (*'opel*) ***I, Ofel, fortaleza.***

1662b עֹפֶל† (*'ōpel*) ***II, tumor.***

Alguns estudiosos peritos (*e.g.*, *BDB*) fazem distinção entre duas raízes *'āpal*. A única vez em que se vê uma possível forma de *'āpal* I, "inchar", ocorre na clássica passagem de Habacuque 2.4, na expressão "se incha" (ARC; ARA, "soberbo"; JB, "sucumbe" [emenda]; TB, "orgulhosa"). (Veja-se *'āpal* II, abaixo.)

'ōpel. ***Ofel, fortaleza, torre.*** O substantivo *'ōpel*, "outeiro", "montículo arredondado", designa uma acrópole dentro de Samaria (2 Rs 5.24) e, especialmente, de Jerusalém (sete vezes). Em Jerusalém *'ōpel* é a protuberância que sai da colina oriental e vai direto para o sul, bem a oeste da área do templo, e que faz divisa com o vale do Cedrom, a leste. Também era chamado *'ōpel* a fortaleza jebuséia tomada por Davi (chamada "Sião" [*tsiyyôn*, *q.v.*] em 2 Sm 5.7; *cf.* S. GOLDMAN, *Samuel* [Soncino series], p. 214). O rei Jotão foi responsável pela construção do "muro de Ofel" (2 Cr 27.3; *cf.* 33.14). Na época de Neemias "Ofel" foi ocupado pelos servos do templo (Ne 3.26-27; 11.21).

O substantivo *'ōpel* é empregado por Miquéias numa profecia extraordinária relativa ao milênio: "O SENHOR reinará sobre eles no monte Sião, desde agora e para sempre. A ti, ó torre do rebanho, monte [*'ōpel*] da filha de Sião, a ti virá; sim, virá o primeiro domínio, o reino da filha de Jerusalém (4.8)".

'ōpel. ***Hemorróidas, tumor.*** Substantivo que ocorre seis vezes, cinco delas em 1 Samuel 5—6, *'ōpel* refere-se a furúnculos ou tumores (*cf.* o árabe *'afl*"", "tumor", "furúnculo no ânus ou na vulva"). Em todos os casos em que a palavra aparece no AT, é substituída pelo *Qere t*ᵉ*ḥôr* (*q.v.*), aparentemente considerada pelos copistas como um eufemismo mais aceitável (veja-se C. D. GINSBERG, *Introduction to the massoretico-critical edition of the Hebrew Bible*, reimpressão, *KTAV*, 1966, p. 346). Em Deuteronômio 28.27 (na fórmula de maldição) Israel é ameaçado com repugnantes doenças de pele, entre elas incluindo-se *'ōpel*. O substantivo aparece com destaque no relato do controle da arca pelos filisteus (1 Sm 5.6, 9, 12; 6.45). Asdode, Gate e Ecrom (esse último pelo menos por ameaça) foram cenários das aflições com que o Senhor tratou os filisteus. O povo foi afligido com tumores e a terra com ratos (1 Sm 6.5). Os filisteus, orientados por seus sacerdotes, fizeram cinco imagens de ouro dos tumores junto com cinco ratos de ouro, uma oferta pelo pecado que tinha como objetivo servir de compensação a lavé por ocasião da devolução da arca. O número cinco representava a Pentápolis da Filístia. Hindson escreve: "Os povos pagãos acreditavam que essas representações das pragas que experimentavam trouxessem cura das coisas representadas. Desse modo, com a noção pagã de magia simpática, esperavam ver-se livres das pragas enviadas pelo criador. É possível que os ratos indiquem que sofreram peste bubônica" (*The Philistines*, p. 143). Se for esse o caso, essa terá sido a primeira vez na História em que, observando-se a peste bubônica (que se caracteriza por inchaço, especialmente dos gânglios linfáticos da virilha e das axilas), ela foi associada a roedores.

1663 *עפל (*'āpal*)

Bibliografia: — PFEIFFER, Charles F., *Jerusalem through the ages*, Baker, 1967. — OWEN, G. Frederick, *Jerusalem*, Baker, 1972. — AVI-YONAH, Michael, *Jerusalem*, Arco, 1960. — JOIN-LAMBERT, Michael, *Jerusalem*, Frederick Ungar, 1958. — HINDSON, L., *The Philistines and the Old Testament*, Baker, 1971.

R.B.A.

1663 *עפל (*'āpal*) ***II, ser atrevido.***

Essa raiz, com a qual podemos comparar o árabe *gafala*, "ser descuidado", "ser negligente", "ser desatento", é encontrada em uma única passagem do AT, Números 14.44 (hifil), em referência ao ataque impetuoso e imprudente de Israel contra os amalequitas e cananeus, fruto da falta de fé e da grande revolta dos israelitas. Alguns estudiosos crêem que o pual de *'āpal*, em Habacuque 2.4, deriva da mesma raiz, "ser atrevido", "ser orgulhoso" (*e.g.*, Lisowsky; veja-se *'āpal* I, acima).

עַפְעַף (*'ap'ap*). Veja o nº 1 582b.

1664 *עפר (*'āpar*) ***lançar terra.*** Verbo denominativo, que ocorre apenas no piel (2 Sm 16.13).

Substantivo de Origem

1664a עָפָר (*'apar*) ***poeira, terra, chão, cinzas, argamassa, pó, entulho.***

O substantivo masculino *'āpār* é uma palavra comum no AT (109 ocorrências), tendo o sentido de "poeira", *i.e.*, "grãos finos e secos de terra". Um sinônimo raro é *'abāq*, que tem o sentido de "poeira", "fuligem". Outro sinônimo é *'ēper*, "poeira", "cinzas", cuja paronomásia com *'āpār* dá origem ao uso paralelo das duas palavras em hendíadis (Gn 18.27; Jó 30.19; 42.6) e paralelismos (Ez 27.30) usuais. Comparem-se também *tît*, "lama", "barro", e *hōmer*, "argamassa", "barro". Deve-se também consultar os termos de sentido mais amplo *'ădāmâ*, "chão", "solo", e *'erets*, "país", "território", "terra". O hebraico *'āpār* possui cognatos em ugarítico (*'pr*), acadiano (*eperu*) e árabe (*'afar*[an]), todos com o sentido de "poeira", "terra solta", "entulho". O vocábulo é encontrado no cananeu de Amarna como *Ḫaparu* (= *'aparu*).

O substantivo *'āpār* é empregado literalmente em muitos contextos, com o sentido de "poeira" ou "terra solta". Os filisteus encheram de terra solta os poços cavados por Abraão (Gn 26.15). Poeira apanhada do chão do tabernáculo devia ser levada pelo sacerdote e acrescentada à água santa, para ser usada como uma poção no ritual de teste de adultério (Nm 5.17). Poeira e pedras foram atiradas em Davi pelo vingativo Simei, enquanto maldosamente amaldiçoava o rei (2 Sm 16.13, veja-se acima). Jogava-se terra sobre a cabeça como sinal de tristeza e luto. Foi assim que Josué e os anciãos de Israel extravasaram sua aflição quando Israel foi derrotado em Ai (Js 7.6; *cf.* Ez 27.30; Lm 2.10; Jó 2.12; Mq 1.10, "revolver-se no pó"). Esse gesto de humilhação e auto-esvaziamento (freqüentemente acompanhado pelo vestir pano de saco) revela que o homem depende do Deus que "formou ao homem do pó da terra" (Gn 2.7, acusativo de composição).

O homem, no corpo físico, foi formado a partir do pó, e ao pó o seu corpo físico retorna (Gn 3.19; Ec 3.20; 12.7; Jó 4.19; 8.19; 10.9; 34.15; Sl 104.29). Provavelmente, em virtude desse emprego, às vezes "pó" signifique apenas a sepultura (Jó 7.21; 17.16; 40.13; Sl 22.29 [30]; Is 26.19). *'āpār* designa também a superfície da terra (Êx 8.16-17 [12-13]; Jó 19.25) e se encontra em paralelo com *'erets*, "terra" (*e.g.*, Is 25.13; 26.5). O fato de que o homem procede do pó da terra é um lembrete da soberania de Deus em seus atos criadores e da insignificância do homem sem a bondade de Deus intervir com o "sopro da vida". O homem, na condição de obra de artífice, deve louvar e obedecer ao Oleiro que o formou a partir do barro (veja Is 29.16; 45.9; 64.8 [7]; Jr 18.1-14; *cf.* Rm 9.21). O homem-pó tornou-se homem-vivente por meio da graça divina; nisso reside sua humildade e sua dignidade.

Em virtude da abundância de partículas de poeira sobre a face a terra, a poeira também serve de símbolo de abundância na graciosa promessa que Deus faz a Abraão de que este teria uma descendência incontável (Gn 13.16), promessa renovada a Jacó (Gn 28.14; *cf.* 2 Cr 1.9). Por ser algo tão comum, o pó também serve para simbolizar a falta de valor (Sf 1.17; *cf.* Zc 9.3; Jó 22.24). Em razão da sua leveza, o pó ainda serve de símbolo dos dispersos: "o rei da Síria os havia destruído e feito como o pó, trilhando-os" (2 Rs 13.7).

'āpār, "pó", provém de uma raiz diferente da do substantivo *'ōper*, "veado novo", "cervo", e do nome próprio "Efer" (*'ēper*, *e.g.*, Gn 25.4).

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 353-5.

R.B.A.

1665 עפר (*'pr*). **II. Aceita como raiz de:**

1665a עפר (*'ōper*) ***cervo.***

1665b עפרת (*'ōperet*) ***chumbo.*** Mas possivelmente esse é um empréstimo lingüístico sem relação com a raiz.

עפרה (*'ōperet*). Veja o nº 1 665b.

עץ (*'ēts*). Veja o nº 1 670a.

1666 עצב (*'ātsab*) ***I, magoar, descontentar, aborrecer, distorcer.***

Termos Derivados

1666a עצב (*'etseb*) ***pesar, labuta.***

1666b †עצב (*'ōtseb*) ***pesar.***

1666c †עצב (*'ātsēb*), עצב (*'atstsāb*) ***trabalhador.***

1666d עצבת (*'atstsebet*) ***pesar, ferida.***

1666e עצבון (*'itstsābôn*) ***pesar, trabalho árduo.***

1666f †מעצבה (*ma'ătsēbâ*) ***pavor.***

A raiz *'ātsab* tem que ver com a dor tanto física quanto emocional (*cf. 'ătsîb*, "triste", no aramaico bíblico). Palavras semelhantes em hebraico são: *hîl/hûl*, "contorcer-se de dor", *hārâ*, "estar ardendo (de raiva)", *yāgâ* (nifal), "magoar", *la'â*, "cansar-se", "ficar exausto", *kā'as*, "estar irritado", "estar indignado", *mārar*, "estar amargurado", "estar desesperado", *qût*, "sentir aversão", *qûts*, "sentir aversão", *tāwâ* II, "importunar" (Sl 78.41), e o substantivo *rōgez*, "agitação".

Como vocábulo que designa o desconforto físico e mental, o verbo *'ātsab* é empregado num grande número de contextos. O qal é encontrado três vezes no AT. O profeta-historiador de 1 Reis comenta com humor, acerca de Adonias, que "jamais seu pai o contrariou" (1 Rs 1.6) em momento algum, inquirindo-o sobre suas atividades, uma vergonhosa falta de interesse e disciplina paternos. Em outra passagem, Israel é descrito como uma esposa abandonada, que está com o "espírito abatido" (Is 54.6). O terceiro caso de uso do qal encontra-se em 1 Crônicas 4.10, em que "aflição" faz, no original hebraico, trocadilho com o nome próprio "Jabez" (veja-se abaixo).

O nifal de *'ātsab* ocorre sete vezes, uma delas em referência à dor física (Ec 10.9, que mostra a tolice de trabalhar em pedras e se deixar ferir por uma delas). Em geral essa forma do verbo indica a aflição mental e espiritual, como na reação pesarosa e irritada dos irmãos de José quando o reconheceram (Gn 45.5), na aflição de Jônatas com o plano violento de seu pai contra Davi (1 Sm 20.34; *cf.* 20.3) e no atônito pesar de Israel ao ouvir a recitação da Torá e ao reconhecer suas próprias falhas (Ne 8.10-11).

O piel é usado duas vezes. Salmos 56.5 [6] fala dos inimigos de Davi, que distorcem suas palavras. Em Isaías 63.10 declara-se acerca dos israelitas que "eles foram rebeldes e contristaram o seu Espírito Santo" (*cf.* Ef 4.30, em que se emprega *lupeō* de forma semelhante). O hifil do verbo hebraico é encontrado apenas em Salmos 78.40, em que é paralelo a palavras que designam rebelião, tentação e provocação. Um dos dois usos do hitpael descreve a reação dos irmãos de Diná quando foi violentada (ARA, "indignaram-se"; Gn 34.7). O outro uso é o prólogo assustadoramente familiar do dilúvio, que fala da tristeza no coração de Iavé acerca da impiedade do homem e seus padrões de pensamento continuamente maus (Gn 6.6).

'ōtseb. ***Pesar, mau.*** Traduzido por "mau" em Salmos 139.24, "vê se há em mim algum caminho mau".

'ātsēb, 'atstsāb. ***Trabalhador.*** Encontrado somente em Isaías 58.3, "e explorais todos os vossos trabalhadores" (lit.).

ma'ătsēbâ. ***Pavor.*** (Literalmente, "um lugar de tormento".) Usado somente em Isaías 50.11.

Os vários termos derivados relacionados acima descrevem muitos tipos de sofrimento. Em 1 Crônicas 4.9-10 existe um complicado jogo de palavras com o nome próprio Jabez, envolvendo as dores (*'ōtseb*) que sua mãe teve ao dar à luz e o próprio desejo de Jabez de não se ferir (*'ātsab*, Qal). Seu nome, *ya'bets*, tem as mesmas letras da raiz *'tsb*, mas com metátese (veja-se J. M. MYERS, *I Chronicles*, em *AB*, p. 28).

Cassuto assinala ainda outro tipo de paronomásia na perícope da maldição da mulher e do homem em Gênesis 3. Sofrimento no parto (*'itstsābôn* e *'etseb*) está determinado para a mulher (Gn 3.16), e sofrimento no trabalho manual (*'itstsābôn*) está determinado para

o homem (Gn 3.17). Tanto um como outro decorrem do pecado de terem comido o fruto da árvore proibida, assinalando que "árvore" (*'ēts*) tem as mesmas duas consoantes iniciais de "sofrimento" (*'tsb*). Cassuto escreve: "Foi com respeito ao *'ēts* que o homem e a mulher pecaram, e foi com *'etsebh* (dor) e *'itstsābōn* (trabalho árduo, sofrimento) que foram castigados" (*Genesis*, v. 1, p. 165).

R.B.A.

1667 *עצב (*'ātsab*) ***II, fazer, adorar.*** Ocorre apenas no piel.

Termos Derivados

1667a עֶצֶב† (*'etseb*) ***ídolo.***

1667b עֹצֶב (*'ōtseb*) ***ídolo*** (Is 48.5).

1667c עָצָב† (*'ātsāb*) ***ídolo.***

O verbo *'ātsab* II é empregado apenas duas vezes no AT. Em Jó 10.8 o protagonista fala de Iavé "modelar" ou "formar" o homem. Uma construção difícil se vê em Jeremias 44.19, em que o verbo, no hifil, tem o sentido de "fazer uma imagem de" (ARA, "retratar"). A PIB ameniza a expressão, traduzindo-a por "fazer [bolos] à sua imagem".

'etseb. ***Ídolo.*** Uma tradução melhor é "utensílio", *i.e.*, algo modelado. A ARA traz "coisa"; a IBB, "vaso". Apenas em Jeremias 22.28, usado figuradamente em referência a Conias, *i.e.*, Joaquim.

'ātsāb. ***Ídolo.*** No AT essa palavra sempre aparece no plural. Os ídolos, embora modelados com prata e ouro, são péssimos substitutos para o Deus vivo (*e.g.*, Sl 115.3-11).

Existem, sem dúvida, textos em que se deve entender *'etseb*, "ídolo", em vez de *'etseb*. "pesar" ou seus cognatos. Salmos 16.4 (embora a palavra esteja no gênero feminino) é um exemplo disso.

R.B.A.

עִצְבוֹן (*'itstsābôn*). Veja o nº 1 666e.

עַצֶבֶת (*'atstsebet*). Veja o nº 1 666d.

1668 עצד (*'tsd*). **Aceita como raiz de:**

1668a מַעְצֵד (*ma'ātsād*) ***machado*** (Jr 10.3; Is 44.12).

1669 עָצָה (*'ātsâ*) ***I, trancar, fechar*** (Pv 16.30).

1670 עצה (*'tsh*). **II. Aceita como raiz de:**

1670a עֵץ† (*'ēts*) ***árvore, madeira, lenha, tora, tronco, madeiro, prancha, vara, forca.***

1670b עֵצָה (*'ētsâ*) ***árvores*** (Jr 6.6).

'ēts. *Árvore, madeira, tora, tronco, madeiro, prancha, vara, forca.* Esse substantivo masculino, que ocorre 329 vezes no AT, é o termo básico para "árvore" e também para coisas feitas de madeira. E uma palavra semítica comum, encontrada em ugarítico (*'ts*, "árvore", "videira"), acadiano (*its*[*ts*]*u*), árabe (*gitstsat*""), aramaico (*'a'*), *etc*.

O substantivo *'ēts* é utilizado regularmente em todo o AT, estando bem distribuído pela Torá, profetas e escritos. O singular pode ser empregado no sentido coletivo, "árvores" (*e.g.*, Lv 26.20, "as árvores da terra"), ou para indicar uma única árvore (*e.g.*, Pv 11.30, "o fruto do justo é árvore de vida", passagem que faz lembrar Gn 2.9). O plural também é usado para designar árvores em pé (*cf.* Jl 1.12; Is 7.2; *etc*.). Num maior número de vezes usa-se o plural para designar a árvore abatida, cuja madeira é usada em construção (1 Rs 5.18 [32]), como lenha para uso comum (1 Rs 17.10, 12), como lenha para sacrifício (Gn 22.3 e ss.) e para fazer produtos diversos (Êx 7.19). O singular *'ēts* também pode ser empregado para designar madeira. Alguns exemplos são: um ídolo de madeira (Os 4.12), madeira de construção (Ag 1.8), revestimento de madeira (Ez 41.16), um utensílio de madeira (Lv 11.32), um cabo de madeira (Dt 19.5), uma vara (Ez 37.16 e ss.), uma haste (2 Sm 23.7), uma forca ou estaca (Gn 40.19, provavelmente uma estaca para empalação), *etc*. O AT menciona diversas variedades de árvores. Tipos específicos de madeira incluem: "gôfer" (IBB; a madeira da arca de Noé, Gn 6.14; ainda é incerta que madeira era essa, mas talvez fosse um tipo de pinho ou cipreste), acácia (usada na construção do tabernáculo, Êx 25.5 e ss.; ARC, "setim"), "almugue" (IBB, usada no templo, 1 Rs 10.11 e ss.; provavelmente *Juniperus phoenicea excelsa*; ugarítico *'lmg*; ARA, "sândalo"), cedro (usado no templo, 1 Rs 6.9; no AT os cedros do Líbano são proverbiais, designando madeira de grande qualidade), pinho (usado em construção, 1 Rs 5.8 e ss.; alguns estudiosos traduzem o hebraico *b'rôsh* por "zimbro" ou "cipreste"), oliveira (*zayît* é encontrado com bastante freqüência no AT; às vezes se lê *'ēts shemen*, "árvore de óleo", *e.g.*, 1 Rs 6.23), *etc*. Quando, em contraste com "madeira", *'ēts* tem o sentido de "árvore", a palavra pode referir-se a todo tipo de árvore da criação divina (*cf.* Gn 1.11-12, 29).

Ao tomar contato com a descrição do justo em Salmos 1.1-3, o leitor, especialmente se é de uma região de muitas árvores, não deve ignorar o impacto emocional da figura da árvore, com seu magnífico paralelismo emblemático. Na Palestina as árvores, em particular nas regiões mais ao sul, eram algo bastante especial. É bem apropriado que a característica que faz lembrar o Éden seja sua abundância de árvores (Gn 3.9). No deserto do sul da Palestina, o oásis era um abrigo do calor sufocante, o local de descanso e refrigério, mas também o lembrete triste de um jardim bem regado e bastante arborizado, o qual se perdeu devido ao pecado humano. Naquele jardim de Deus havia duas árvores de importância fundamental, a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Concordamos com o comentário feito por Kidner acerca dessas duas árvores que "há muitas coisas que favorecem o sentido literal, por mais ingênuo que isso pareça". As árvores não eram mágicas, mas meios de confrontar o homem com a vontade de Deus, dando ao homem "a oportunidade de dar, com todo o seu ser, um Sim ou um Não decisivo" (*Genesis*, p. 62). É moralmente significativo que Deus não tenha cercado essas duas árvores com um muro, mas com sua palavra!

Não é por acaso que a solução para o pecado humano, que teve início aos pés de uma *'ēts*, a "árvore do conhecimento do bem e do mal" (Gn 2.9 e ss.), está aos pés de outra

'ēts, o madeiro que foi a cruz do Calvário. Há justiça poética no emprego de árvores na *Heilsgeschichte*, no direcionamento salvífico, da teologia bíblica. A vitória de Satanás sobre a mulher (e o homem!), debaixo dos galhos daquela primeira árvore, levou-o à sua própria derrota, sob as vigas entrecruzadas de outra árvore, em que morreu o Príncipe da Glória, a personificação da sabedoria. É por isso que existe uma outra árvore, a "árvore da vida", na Nova Jerusalém (Ap 22.2), transplantada, por assim dizer, do Éden (Gn 3.9, 22, 24) e ao alcance dos moradores do novo mundo vindouro.

'ētsâ. ***Árvores.*** Substantivo feminino coletivo, "madeira", encontrado apenas em Jeremias 6.6 (mas alguns interpretam a palavra como *'ēts* seguida do sufixo pronominal feminino da terceira pessoa, "árvore dela"; *cf.* TB).

Bibliografia: Quanto a uma breve análise e ilustrações dos vários tipos de árvores no AT, consulte-se *Fauna and flora of the Bible*, da série *Helps for translators*, v. 11, Londres, United Bible Societies, 1972. — MOLDENKE, H. N. e A. L., *Plants of the Bible*, Ronald Press, 1952. — *THAT*. v. 2, p. 356-8.

1671 עצה (*'tsh*). **III. Aceita como raiz de:**

1671a עָצֶה (*'ātseh*) ***espinha dorsal (?), osso sacro (?)*** (Lv 3.9).

עֵצָה (*'ētsâ*). Veja o nº 887a.

עָצוּם (*'ātsûm*). Veja o nº 1 673d.

1672 *עצל (*'ātsēl*) ***ser lerdo.*** Ocorre somente no nifal, em Juízes 18.9.

Termos Derivados

1672a עָצֵל (*'ātsēl*) ***lerdo, preguiçoso*** (*e.g.*, Pv 24.30; 10.26).
1672b עַצְלָה (*'atslâ*) ***lerdeza*** (Pv 19.15; Ec 10.18).
1672c עַצְלוּת (*'atslût*) ***lerdeza*** (Pv 31.27).

עַצְלוּת (*'atslût*). Veja o nº 1 672c.

1673 עָצֹם (*'ātsōm*), עָצַם (*'ātsam*) ***ser forte, ser poderoso, ser grande, ser numeroso.***

Termos Derivados

1673a †עֹצֶם (*'ōtsem*) ***poder.***
1673b †עָצְמָה (*'otsmâ*) ***força.***
1673c †עֶצֶם (*'etsem*) ***osso.***
1673d †עָצוּם (*'ātsûm*) ***poderoso, numeroso.***
1673e תְּעַצֻמָה (*ta'ătsumâ*) ***poder*** (Sl 68.36).

Existem, no AT, duas raízes que são grafadas *'ātsam* (conforme *KB*, *Holladay*, Lisowsky; *BDB* alista quatro raízes de modo difícil para o leitor). A primeira é um verbo estativo, "ser poderoso", "ser numeroso", "ser forte"; a segunda é um verbo transitivo, "fechar (os olhos)" (veja-se abaixo, *'ātsam* II). Pode-se comparar *'ātsam* com o árabe *'azuma*, "ser grande de ossos" e, por conseguinte, "ser poderoso". Sinônimos que no AT são usados com maior freqüência para designar "força", "poder", são: *hāzaq*, "ser forte", *'āmats*, "ser forte", *gādal*, "ser grande", *rābab*, "ser numeroso", *etc.*

O verbo *'āsam* é encontrado apenas uma vez no piel (denominativo de *'etsem*, "osso"), com o sentido de "quebrar os ossos" (*BDB*) ou de "triturar os ossos" (*KB*), na figura de um leão que mói os ossos de Israel (Jr 50.17). Aparece uma vez no hifil, "fortalecer" (Sl 105.24). Nas demais passagens *'ātsam* ocorre no qal. Às vezes isso se dá num sentido comparativo (*e.g.*, "as minhas iniqüidades (...) são 'mais numerosas' que os cabelos da minha cabeça", Sl 40.12 [13]; *cf.* Sl 40.5 [6], os maravilhosos feitos e pensamentos de Deus "'são mais' do que se pode contar"). Em outras passagens o verbo é empregado no sentido absoluto (*e.g.*, em referência ao Egito, "são mui fortes" [Is 31.1]; aos pensamentos divinos, "quão 'grande' é a soma deles", [Sl 139.17]).

Um emprego teológico importante desse verbo ocorre em Êxodo 1.7 (*cf.* 1.20), em que é empregado numa justaposição marcante e enfática com os verbos *pārâ*, "ser frutífero" (veja-se Gn 1.28), *shārats*, "enxamear" (veja-se Gn 1.20), *rābâ*, "tornar-se numeroso" (veja-se Gn 1.28), e a forma repetida de *me'ōd*, "grandemente" (*bim'ōd me'ōd*, "com extraordinária grandeza!"), "de maneira que a terra se encheu deles" (veja-se Gn 1.28). Este é um sumário vívido do milagre operado por Iavé ao abençoar o crescimento de seu povo no "ventre" do Egito. O vocabulário de Gênesis que fala de crescimento é usado propositadamente em Êxodo 1 — este é de fato um novo princípio.

'ōtsem. ***Poder, força, importância.*** Vocábulo usado seguramente três vezes (Dt 8.17; Jó 30.21; Sl 139.15 ["não te era oculta a minha forma", TB; nesta passagem *KB* e *Holladay* traduzem a palavra por "ossos"]) e talvez em Naum 3.9 (com um sufixo defectivo da terceira pessoa feminina do singular; veja-se K. J. CATHCART, *Nahum in the light of northwest semitic*, Roma, Biblical Institute Press, 1973, p. 135).

'otsmâ. ***Força, abundância.*** Esse substantivo feminino é usado três vezes (Is 40.29; 47.9; Na 3.9 [mas veja-se acima]), sendo traduzido por "plena força" por *KB*.

'etsem. ***Osso, corpo, mesmo, essência.*** Substantivo bastante comum no AT, *'etsem* é cognato do ugarítico *'zm* I, do árabe *'azum*[aa] e do acadiano *etsemtu*, todos com o sentido de "osso". Um sinônimo hebraico é *gerem* (*q.v.*).

Esse substantivo possui várias conotações no AT. Pode significar "osso", tanto de homens (*e.g.*, Lm 4.8, que fala de pele que se apega aos ossos; Jz 19.29, que trata o desmembramento de uma concubina) quanto de animais (*e.g.*, Êx 12.46, que fala do cordeiro pascal). Em Números 19.18, ao que parece, emprega-se *'etsem* em referência a um esqueleto (o qual contamina). A exclamação de Adão, em que expressa sua identidade e relação com Eva, que foi feita de uma parte dele, aparece nas palavras bem conhecidas de "esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne" (Gn 2.23a). Dessa parelha emocionante de frases surge a expressão hebraica "carne e osso" (que em português deve

ser traduzida por "carne e sangue"), a qual descreve uma relação genética íntima (Gn 29.14; Jz 9.2; 2 Sm 5.1; 2 Sm 19.13 [14]; 1 Cr 11.1).

O substantivo plural "ossos" é, muitas vezes, usado em referência a um cadáver. José exigiu que seus "ossos" (*i.e.*, sua múmia) fossem levados de volta para Canaã com Israel (Gn 50.25; *cf.* Êx 13.19; Js 24.32). Semelhantemente, Davi apanhou os "ossos" (cadáveres) de Saul e Jônatas, para sepultá-los (2 Sm 21.12-14).

Há ainda o uso figurado de *'etsem* para designar o centro das emoções. Jeremias fala da relutância em anunciar Iavé como "fogo ardente, encerrado nos meus ossos" (Jr 20.9; *cf.* 23.9; nas duas passagens o vocábulo é paralelo de "coração"). Davi fala do fardo do pecado, que provoca falta de saúde em seus ossos (Sl 38.3 [4]). Os insultos com que seus inimigos questionam a realidade de Iavé são como um esmigalhamento dos seus ossos (Sl 42.10 [11]). Os "ossos" de alguém podem ser referência à pessoa toda (veja-se Sl 6.2 [3], em que "ossos" é paralelo a "pessoa" ou "alma" no versículo seguinte).

Um emprego mais específico de *'etsem* encontra-se em Êxodo 24.10 na expressão "o osso [ou a essência] do céu" (lit.; "o próprio céu", IBB). *'etsem*, para designar identidade absoluta, é traduzido por "mesmo", como na expressão "nesse mesmo dia" (*e.g.*, Êx 12.17; esse uso é freqüente).

'ātsûm. ***Poderoso, forte.*** O AT usa esse adjetivo 31 vezes. É possível que seja cognato do ugarítico *'ẓm* II, "poderoso" (*UT* 19: nº 1 842), e do fenício *'tsmt*, "feitos poderosos".

R.B.A.

1674 עָצַם (*'ātsam*) ***II, fechar (os olhos).*** Usado duas vezes no AT (Is 33.15, que fala de fechar os olhos para não ver o mal [qal]; e Is 29.10, que fala de Iavé fechando os "olhos" de Israel, isto é, de seus profetas [piel]).

Termos Derivados

1674a עַצְמָה (*'atsmâ*). Algumas obras, *e.g.*, *KB*, *Holladay*, *Lisowsky*, fazem distinção entre o feminino plural *'atsmôt* e "ossos", em três passagens (Sl 53.5 [6], "más obras"; Jó 7.15, Sl 22.17 [18], "sofrimento penoso").

1674b עָצֻמוֹת (*'ătsumôt*) ***fortes (motivos).*** Um substantivo feminino plural abstrato, usado apenas em Isaías 41.21. (*BDB*, no entanto, identifica esse substantivo com uma raiz diferente, *'tsm*, relacionada com o árabe *'atsama*, "defender", "proteger". *KB* considera-o um plural de *'ātsûm* [acima].)

R.B.A.

עֲצֻמוֹת (*'ătsumôt*). Veja o nº 1 674b.

1675 עָצַר (*'ātsar*) ***impedir, trancar, reter, encerrar, conter, refrear, permanecer, deter.***

Termos Derivados

1675a †עֶצֶר (*'etser*) ***opressão*** (Jz 18.7).

1675b †עֹצֶר (*'ōtser*) ***esterilidade.***

1675c עֲצָרָה (*'ătsārâ*), עֲצֶרֶת (*'ătseret*) ***assembléia solene.***

1675d †מְעָצוֹר (*ma'tsôr*) ***impedimento.***

1675e †מִעְצָר (*ma'tsār*) ***impedimento, controle.***

A raiz hebraica *'tsr* relaciona-se com raízes etíope e árabe que têm o sentido de "apertar" e com uma raiz siríaca que significa "reter". (O acadiano *etsēru*, assinalado por *BDB*, é omitido por *KB*; o acadiano *eēru* significa "traçar", "fazer um desenho" [*CAD*, v. 4, p. 346]). Nos textos de Amarna encontra-se o vocábulo *ḫa-zi-ri* (= *'atsāru*) com o significado de "impedir", "reter" (K. A. BARKER, *Comparative linguistic and grammatical study of Canaanisms in the Amarna tablets*, tese de doutorado não publicada, p. 106). Sinônimos dessa raiz hebraica incluem: *māna'*, "reter", "segurar", *'āḥaz*, "prender", "segurar com firmeza", *ḥāśak*, "impedir", "represar", *ḥāzaq* (hifil), "apanhar (nas mãos)", *etc.*, e *kālā'* I, "abster-se".

O verbo *'ātsar* é usado 46 vezes no AT. No grau qal essa raiz possui três sentidos básicos: 1) "represar", "impedir", "reter", "conter", como nas palavras de Sarai: "eis que o SENHOR me tem impedido de dar à luz filhos" (Gn 16.2; *cf.* 20.18); 2) "abster-se", como nas palavras de Davi: "mulher se refreou de nós" (lit.) (ARA, "foram-nos vedadas as mulheres", 1 Sm 21.5 [6]); e 3) "dominar", apenas em 1 Samuel 9.17, nas palavras de Iavé a Samuel acerca de Saul: "Este dominará sobre o meu povo". O nifal dá a idéia passiva, "ser impedido", "ser trancado", "estar sob controle", como em Números 16.48 [17.13]: "e a praga foi impedida [de prosseguir]" (lit.). Tendo Iavé como sujeito, esse verbo contribui significativamente para a doutrina da soberania de Deus. É ele quem reprime e também quem decide.

'etser. ***Opressão.*** Esse substantivo masculino é usado apenas em Juízes 18.7, na expressão "possuidor de controle", *i.e.*, "opressor" (LXX e IBB, "povo rico"). Faz lembrar a expressão neotestamentária "aquele que agora o detém" (2 Ts 2.6-7), embora o grego *katechō* geralmente traduza as palavras hebraicas *'āḥaz* ou *ḥāzaq* (*q.v.*).

'ōtser. ***Esterilidade, opressão.*** Esse substantivo é empregado em referência à esterilidade em Provérbios 30.16 e à opressão em Isaías 53.8 e Salmos 107.39.

ma'tsôr. ***Impedimento, obstáculo.*** Os substantivos femininos *'ătsārâ* e *'ătseret* são traduzidos por "assembléia solene e sagrada", talvez a partir do desdobramento semântico sugerido por *KB*: "supressão/interrupção de trabalho", que resultou em "assembléia solene" (veja-se Nm 29.35). Tais assembléias solenes podem ser dedicados a Deus (*e.g.*, Jl 1.14), apóstatas (Jr 9.2 [1]) ou idolatras (2 Rs 10.20).

ma'tsar. ***Impedimento, controle.*** "Autocontrole", em Provérbios 25.28, acompanhado de *l'rûhô*.

R.B.A.

1676 עָקַב (*'āqab*) ***pegar pelo calcanhar, suplantar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1676a †עֲקֵב (*'āqēb*) ***I, calcanhar, casco, retaguarda, pegadas.***

1676b עָקֵב (*'āqēb*) ***II, aquele que vence em astúcia*** (Sl 49.5 [6]).

1676c עָקֹב (*'āqōb*) ***enganoso; que mostra pegadas.***

1676d עֲקְבָה (*'āq'bâ*) ***astúcia*** (2 Rs 10.19).

1676e עֵקֶב (*'ēqeb*) ***conseqüência.*** Geralmente ocorre como acusativo adverbial, "em conseqüência de", "porque".

1676f †יַעֲקֹב (*ya'ăqōb*) ***Jacó.***

'āqēb. ***Calcanhar.*** A partir da idéia literal de "calcanhar" (*cf.* Jó 18.9, que fala de uma pessoa apanhada pelo calcanhar), o vocábulo *'āqēb* tem um desdobramento de sentidos e passa a descrever cascos de cavalos (Gn 49.17; Jz 5.22) ou alguma coisa na parte de trás. *'āqēb* denota a retaguarda de uma tropa (*KB*, p. 279; "atacará o calcanhar", lit., Gn 49.19) ou, eufemisticamente, nádegas expostas (Jr 13.22) de indivíduos cativos (v. 19; *cf.* o ugarítico *'qbt*, "tendão" de novilho). Em Ai o *'āqēb* do exército israelita (Js 8.13) é um destacamento escondido voltado contra o "calcanhar" cananeu (*cf.* Sl 49.5 [6]), de modo que nesse contexto o vocábulo indica não tanto uma retaguarda dos hebreus (RSV; *cf.* BLH), como uma "emboscada" contra Ai (ARA, IBB; *KD*, p. 86). *'āqēb* também pode ter a conotação de movimento do calcanhar, *i.e.*, um passo, como em Salmos 56.6 [7], em que os inimigos de Davi observam os seus "passos". A palavra que aparece no texto é *'aqēb*, indicando ou o "calcanhar" ou as marcas deixadas pelo calcanhar, *i.e.*, as "pegadas". As pegadas podem ser de um homem (Sl 89.51 [52], em que os inimigos censuram as pegadas do ungido de Deus, talvez numa referência ao rei Joaquim, quando foi levado cativo em 597 a.C.), de um rebanho (Ct 1.8; ARA, "pisadas") ou até mesmo de Deus (como em Sl 77.19 [20], que fala de como Javé conduziu Israel no mar Vermelho; mas, depois que a água voltou a seu lugar, "não se viram as tuas pegadas", lit.).

O emprego metafórico de *'āqēb* inclui idéias, tais como a de um traidor que "levanta o calcanhar" contra Davi (Sl 41.9 [10]), *i.e.*, "demonstrando infidelidade e pouco caso", e a de "iniqüidade no meu calcanhar" (lit., 49.5 [6]; ARA, "iniqüidade dos que me perseguem"), com o sentido de seguir malevolamente os passos de alguém. A mais importante de todas as referências é a profecia de Gênesis 3.15, de que a humanidade há de alcançar vitória sobre Satanás e reconciliação com Deus pelo preço do Calvário, onde a serpente "ferirá o calcanhar" do descendente da mulher.

ya'āqōb. ***Jacó.*** Neto de Abraão e filho de Isaque. Quando empregado coletivamente, refere-se às tribos de Israel, que descenderam dos 12 filhos de Jacó.

1677 עָקַד (*'āqad*)

Jacó, o segundo dos filhos gêmeos de Isaque, experimentou a preeminência já antes do nascimento (Gn 25.23; um exemplo da eleição divina em geral, *cf.* Rm 9.11-13). Mas ele ganhou esse nome pois, quando nasceu, "segurava [simbolicamente] com a mão o calcanhar de Esaú" (Gn 25.26; Os 12.3 [4]). Quando, mais tarde, adquiriu o direito de primogenitura (Gn 25.29-34) e roubou a bênção de Isaque (27.1-29), Esaú exclamou: "Não é com razão que se chama Jacó [*ya'ăqōb*]? pois já duas vezes me enganou" (27.36). Vejam-se também seus estratagemas contra Labão (30.29-31.12; *cf.* Is 43.27-28).

No entanto em Betel, enquanto Jacó fugia de Esaú, Deus lhe assegurou que estava com ele (28.12, 15) e renovou a aliança que previamente revelara a Abraão e a Isaque (vv. 13-14; *cf.* 17.7-8; 26.34; Lv 26.42). Jacó fez então o voto de que, a partir daí, Iavé seria o seu Deus e receberia os seus dízimos (Gn 28.20-22). Então, em Peniel, enriquecido por obra do Senhor mas temeroso de encontrar-se com Esaú, pronunciou uma oração modelo (32.9-12).

Em seguida Deus, na pessoa do Anjo de Iavé, presumivelmente Cristo pré-encarnado (vv. 24, 30; Os 12.4), encontrou-se com Jacó, com quem o patriarca, literalmente mas também em oração, lutou (Os 12.4). Quebrantado por Deus (Gn 32.25 [26]), foi assim que Jacó alcançou sua derradeira vitória e bênção espiritual (v. 29 [30]), pois o Anjo disse: "Não te chamarás mais Jacó [*ya'ăqōb*, 'suplantador'], mas Israel [*yisrā'ēl*], porque tens lutado [*sārâ*] com Deus e com os homens e tens prevalecido" (IBB, v. 28 [29]; *cf.* sua devoção subseqüente, Hb 11.21).

Os dois nomes, Israel e Jacó, tornaram-se designações honrosas para os descendentes do patriarca (de Nm 23 em diante; *cf.* 24.5, ou 17 [referência messiânica]; Sl 47.4 [5]). Deus "ama Jacó" (Ml 1.2; *cf.* Rm 11.26). E então, por fim, a bênção se estende a todo o povo de Deus, "tal é a geração daqueles que o buscam, daqueles que buscam a tua face, ó Jacó" (lit., Sl 24.6; *cf.* Gl 3.29)

Bibliografia: — PAYNE, J. B., *Theology of the older Testament*, Zondervan, 1962. p. 419-22, 430. — WOOD, L., *A survey of Israel's history*, Zondervan, 1970, p. 69-75.

J.B.P.

1677 עָקַד (*'āqad*) ***I, amarrar*** (Gn 22.9).

1678 עקד (*'qd*). **II. Aceita como raiz de:**

1678a עָקֹד (*'āqōd*) ***listado*** (***e.g.***, Gn 30.40; 31.8).

1679 עקה (*'qh*). **Aceita como raiz de:**

1679a מַעֲקֶה (*ma'āqeh*) ***parapeito*** (Dt 12.8).

עָקָה (*'āqâ*). Veja o nº 1 585a.

1680 *עקל (*'āqal*) ***torcer, arquear***. Ocorre somente no pual, em Habacuque 1.4.

Termos Derivados

1680a עִקְלְקַל (*'ăqalqal*) ***tortuoso*** (Jz 5.6; SI 125.5).
1680b עִקַּלְתּוֹן (*'ăqallātôn*) ***tortuoso*** (Is 27.1).

עִקְלְקַל (*'ăqalqal*). Veja o nº 1 680a.
עִקַּלְתּוֹן (*'ăqallātôn*). Veja o nº 1 680b.

1681 עָקַר (*'āqar*) ***I, arrancar, desarraigar*** (Ec 3.2; Sf 2.4). Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1681a עֵקֶר (*'ĕqer*) ***ramificação, membro*** (Lv 23.47).

1682 עקר* (*'āqar*) ***jarretar***. Esse verbo denominativo ocorre apenas no piel (*e.g.*, 2 Sm 8.4; 1 Cr 18.4).

Substantivo de Origem

1682a עָקָר (*'āqār*) ***estéril*** (*e.g.*, Dt 7.14; Êx 23.26).

1683 עַקְרָב (*'aqrāb*) ***escorpião*** (*e.g.*, Dt 8.15; Ez 2.6).

1684 עקש* (*'āqash*) ***ser perverso*** (nifal), ***torcer, perverter*** (piel), ***declarar perverso, revelar a perversidade de (alguém)*** (hifil).

Termos Derivados

1684a עִקֵּשׁ (*'iqqesh*) ***torto, desonesto, perverso.***
1684b עִקְּשׁוּת (*'iqq'shut*) ***desonestidade, perversidade*** (Pv 4.24; 6.12).
1684c מַעֲקָשׁ (*ma'ăqāsh*) ***coisas tortuosas*** (Is 42.16).

'āqash é uma raiz que, na hamartologia, enfatiza a perversão e a natureza tortuosa do pecado. O hebraico *'āqash* talvez esteja relacionado com o árabe *'aqaṣa*, "fazer tranças nos cabelos (de uma mulher)"; assim como as mulheres trançam seus cabelos, as pessoas torcem seus caminhos.

Com a exceção de "caminhos tortuosos e ásperos" em Isaías 42.16 (ARA, "caminhos escabrosos"), a raiz *'āqash* e seus derivados são empregados para descrever os atos tortuosos e pervertidos de homens pecadores. Em Isaías 42.16 ela denota as dificuldades que o Senhor vencerá ao salvar seu povo da sua situação desesperadora. Em Deuteronômio 32.5 usa-se *'iqqesh* numa hendíadis com *p'taltōl*, "tortuoso", em referência

a uma geração desesperadamente perversa (veja-se também Pv 8.8; Sl 18.26 [27]). Outros sinônimos de *ʿāqash* são: *hāpak*, "virar"; *lûz*, "ir pelo caminho errado"; *ʿāwâ*, "perverter o que é direito"; *sālap*, "torcer"; *ʿāwal*, "entortar", "perverter". Governantes iníquos "pervertem tudo o que é direito" (Mq 3.9). O perverso de lábios é tolo (Pv 19.1), e o perverso de coração é abominação para Iavé (Pv 11.20).

ʿiqqᵉshût. ***desonestidade, perversidade.*** Este é um substantivo abstrato feminino, "perversidade", usado duas vezes na expressão "malignidade da boca" (IBB, Pv 4.24; 6.12).

R.B.A.

עִקְּשׁוּת (*ʿiqqᵉshût*). Veja o nº 1 684b. עֵר (*ʿār*) ***inimigo***. Somente em 1 Samuel 28.16. Aramaísmo(?). Veja o nº 2 930a.

1685 עָרַב (*ʿrb*). **I. Aceita como raiz de:**

1685a עֵרֶב (*ʿēreb*) ***I, mistura de gente*** (*e.g.*, Êx 12.38; Ne 13.3).

1685b עֵרֶב (*ʿēreb*) ***II, trama de tecido*** (Lv 13.48).

1685c עָרֹב (*ʿārôb*) ***enxame*** (*e.g.*, Êx 8.17; Sl 78.45).

1686 עָרַב (*ʿārab*) ***II, ser fiador, tornar-se fiador, hipotecar, comprometer-se, envolver-se, assumir responsabilidade em lugar de*** (qal); ***dar penhor*** (hitpael).

Termos Derivados

1686a עַרֻבָּה (*ʿărubbâ*) ***penhor***.

1686b עֵרָבוֹן (*ʿērābôn*) ***penhor***.

1686c מַעֲרָב (*maʿărāb*) ***mercadoria***.

1686d תַּעֲרֻבָה (*taʿărubâ*) ***reféns***.

O verbo *ʿārab* pode ser comparado com um uso do acadiano *erēbu*, "ficar (debaixo da autoridade de alguém)" (veja-se *CAD*, v. 4, p. 264) e do ugarítico *ʿrb*, "servir de penhor", por exemplo, na expressão *ʿrb bbnšhm*, "serviram de penhores por seus homens" = "garantiram seus empregados" (*UT* 19: nº 1 915). Sinônimos do hebraico *ʿārab*, "penhorar", incluem os substantivos *hăbôl*, *hābôlâ* e *ʿābôt*, que significam "penhor", e os verbos *hābal*, "receber em penhor", e *tāqaʿ*, "selar acordo com aperto de mãos". *Cf.* o substantivo *ʿābôt*, "penhor". Dependendo do método de classificação, existem quatro (*KB*) ou seis (*BDB*) raízes *ʿārab*, ou mesmo oito (*GB*)!

Pelo modo como a raiz é empregada no AT, a gama de sentidos do qal de *ʿārab* pode ser dividida em três grupos. Primeiro, o termo pode ter o sentido de "trocar mercadorias", "permutar", como em Ezequiel 27.9 (*cf.* 27.27). Em segundo lugar, o verbo pode significar "empenhar", "hipotecar", e, por extensão, "atrever-se". Um exemplo da primeira alternativa acha-se em Neemias 5.3, que fala de hipotecar terras, vinhas e casas, e um da segunda, em Jeremias 30.21, que fala de "arriscar o coração" (EP, "pois quem iria arriscar a vida...?").

O terceiro e principal grupo é "ser/tornar-se penhor/garantia de". Um exemplo esplêndido se vê na narrativa de José. Judá arrisca-se a, diante de seu pai, Jacó, ser o fiador da devolução de seu irmão mais novo, Benjamim. Ele afirma: "Eu serei fiador por ele; da minha mão o requererás" (IBB; ARA, "eu serei responsável por ele", Gn 43.9; *cf.* 44.32). Outro tipo de exemplo ocorre no substantivo *'ērābôn* (veja-se abaixo) em Gênesis 38 (vv. 17-18, 20). Nesse capítulo pouco nobre da degradação espiritual de Judá, o leitor observa que ele é embotado não apenas no plano espiritual, mas também no racional. Ele deixa com Tamar, a nora que estava disfarçada, o sinete, o cordão e o cajado para servirem de *'ērābôn*. Ao deixar com ela o seu "cartão de crédito", ele perdeu a oportunidade de se manter anônimo nesse sórdido acontecimento.

O hitpael de *'ārab* é encontrado em um único contexto, tendo o sentido de "fazer uma aposta" (2 Rs 18.23; Is 36.8). As formas no hitpael encontradas em Salmos 106.35; Provérbios 14.10; 20.19; 24.21, e relacionadas por *BDB* sob a raiz *'ārab* I, "empenhar", são mais bem entendidas se vistas como formas da homônima raiz I, "associar-se com", "misturar-se com", "misturar" (vejam-se *KB*, *Holladay*, *Lisowsky*).

'ărubbâ. ***Penhor, caução.*** Encontrado somente em 1 Samuel 17.18; Provérbios 17.18.

'ērābôn. ***Penhor.*** Usado somente em Gênesis 38 (três vezes, vv. 17-18, 20) em referência ao selo de Judá, seu "cartão de crédito". O substantivo *'ērābôn* (ugarítico *'rbn*) é uma das poucas palavras semíticas que passaram para as línguas ocidentais (grego, *arrabōn*; latim, *arrabo*; francês, *les arrhes*; português, *arras*). No NT emprega-se *arrabōn* em referência ao Espírito Santo, que é o "penhor da nossa herança" (Ef 1.14; *cf.* 2 Co 5.5). O desejo de ter o próprio Deus como "penhor" é uma esperança veterotestamentária. Ezequias, chilreando e gemendo como uma ave, disse: "os meus olhos se cansam de olhar para cima; ó Senhor, estou oprimido, sê meu penhor" (Is 38.14, NAB; *cf.* SI 119.122). De modo parecido Jó suplica a Iavé: "Guarda contigo uma 'fiança' em meu favor, pois quem, senão tu, me apertará a mão?" (BJ, Jó 17.3). Kidner comenta: "Ser fiador de Jó é um mau negócio para qualquer um, menos para Deus" (*Proverbs*, p. 72). A expressão paralela "quem me apertará a mão?" (lit.) tem o sentido de "quem dará garantias?". O verbo *tāqa'*, "confirmar um contrato", "barganhar" (*q.v.*), é o costumeiro paralelo de *'ārab* I (veja-se Pv 6.1; 11.15; 17.18; 22.26).

As passagens de Provérbios citadas acima e que tratam de servir de fiador para um empréstimo para terceiros (às quais podemos acrescentar 20.16 e 27.13, em que o verbo paralelo é *hābēl*) trazem sérias advertências contra esses atos bem-intencionados mas insensatos. Um homem que age assim é "falto de entendimento" (Pv 17.18) e "sofrerá males" (Pv 11.15). O conselho a quem assim se comprometeu é desobrigar-se como puder (Pv 6.1-5). Uma vez mais citamos Kidner, para quem tal conselho "não acaba com a generosidade, mas com a especulação. Ou seja, aquilo que alguém dá deve ser algo inteiramente voluntário". E acrescenta: "Mesmo para o beneficiário, um penhor incondicional pode ser um desserviço indesejado ao expô-lo à tentação e à subseqüente tristeza de ter levado um amigo à ruína" (KIDNER, *Proverbs*, p. 71-2). Comparem-se, no entanto, as ações do bom samaritano, em Lucas 10.35.

ma'ārāb. ***Mercadoria (artigos de troca).*** Esse substantivo coletivo ocorre apenas em Ezequiel 27 (nove vezes).

1687 עָרַב (*'ārab*)

ta'ărûbâ. ***Reféns.*** Ocorre na expressão *b'nê hatta'ărubôt*, "filhos dos penhores" (lit.), isto é, "reféns", encontrada em 2 Reis 14.14; 2 Crônicas 25.24.

Bibliografia: — PORTEN, Bezalel, Guarantor at Elephantine-Syene, *JAOS* 89:153-7.

R.B.A.

1687 עָרַב (*'ārab*) ***III, ser doce, ser agradável.***

Termos Derivados

1687a עָרֵב (*'ārēb*) ***doce, agradável*** (Pv 20.17; Ct 2.14).

1688 ערב (*'rb*). **IV. Aceita como raiz de:**

1688a עֲרָב (*'ărab*) ***planalto desértico, estepe*** (Is 21.13).

1688b עֲרָבִי (*'ărābî*) ***habitante das estepes*** (Is 13.20; Jr 3.2).

1688c עֲרָב (*'ărāb*) ***habitantes das estepes*** (substantivo coletivo).

1688d עֲרָבָה (*'ărābâ*) ***planície desértica, estepe.***

1689 עָרַב (*'ārab*) ***V, anoitecer, escurecer.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1689a עֶרֶב (*'ereb*) ***fim da tarde, noite.***

1689b מַעֲרָב (*ma'ărāb*) ***para o oeste.***

'ereb. ***Fim da tarde, noite.*** Esse substantivo masculino comum designativo de "tarde", "noitinha", provavelmente originou-se a partir da expressão "o pôr-do-sol". É cognato do acadiano *erēbu*, um verbo comum largamente usado, sendo que um de seus sentidos é o de "entrar", "descer (referindo-se ao sol)". O acadiano *erib samsi* significa "pôr-do-sol". Compare-se com o árabe *ġarifa*, "pôr-se (o sol)", e o ugarítico *'rb sps* (= *m'rb*), "pôr-do-sol". Outras palavras hebraicas importantes utilizadas para indicar períodos do dia são: *yôm*, "dia"; *'ēt*, "tempo"; *bōker*, "manhã"; *laylâ*, "noite" (vejam-se todas). Alguns dicionários sugerem que "Europa", a terra a oeste, deriva desta raiz (*BDB*, *KB* e *cf. The American Heritage Dictionary*).

'ereb se vê 131 vezes no AT. A expressão "houve uma tarde e houve uma manhã" (lit.) ocorre seis vezes na narrativa da criação (Gn 1.5, 8, 13, 19, 23, 31), delimitando assim os seis dias da atividade criadora de Deus. Essa expressão parece indicar que, no Israel antigo, o dia começava com o nascer do sol. Alguns têm visto nisso uma dissonância com a prática judaica de considerar o pôr-do-sol como o início do dia seguinte. Cassuto, depois de trabalhar os dados bíblicos e os costumes judaicos, chega à conclusão de que havia "apenas um sistema de *marcar* o tempo: considera-se que o dia começa pela manhã; mas, no que diz respeito a festas e a datas designadas, a Torá determina que serão observadas também na noite do *dia anterior*" (U. CASSUTO, *Genesis*, v. 1, p. 29 [grifos dele]). Parece que essa análise se confirma no emprego de *'ereb* na legislação levítica acerca da

imundícia. Devido a certos atos, a pessoa era considerada imunda "até à tarde" (Lv 11.24, mais 30 ocorrências). Ou seja, a pessoa era imunda enquanto o dia durasse.

No Israel antigo as tardes eram muito importantes para atos de sacrifício e para refeições cerimoniais. A Páscoa começou à tarde do dia 14 do primeiro mês (veja-se Êx 12.6, 18). As vezes, como em Êxodo 12.6, o hebraico traz, literalmente, "entre as duas tardes", provavelmente significando "crepúsculo", o período entre o pôr-do-sol e a escuridão, durante o qual há alguma claridade. Apenas em Jó 7.4 *'ereb* tem propriamente o sentido de "noite".

ma'ărāb. ***Para o oeste, desde ou para o ocidente, o lado ocidental.*** A rigor, o "lugar do pôr-do-sol" e, por conseguinte, "oeste". Veja-se Salmos 103.12, em que essa palavra contrasta com *mizrah*, "desde o oriente" (veja-se *zārah*, "levantar-se").

R.B.A.

1690 עָרַב (*'rb*). **VI, Aceita como raiz de:**

1690a עֵרֶב (*'ōrēb*) ***corvo.***

1690b עֲרָבָה (*'ărābâ*) ***salgueiro.***

עַרְבֹן (*'ērābôn*). Veja o nº 1 686b.

עַרָבִי (*'ărābî*). Veja o nº 1 688b.

1691 עָרַג (*'ārag*) ***anelar.***

Termo Derivado

1691a עֲרוּגָה (*'ărûgâ*) ***canteiro de jardim.***

1692 *עָרָה (*'ārâ*) ***pôr a descoberto, deixar indigente, descobrir, esvaziar, arrasar, derramar.***

Termos Derivados

1692a עָרְיָה (*'ārâ*) ***lugar descampado*** (Is 19.7).

1692b עֶרְוָה (*'erwâ*) ***nudez, vergonha.***

1692c עֶרְיָה (*'eryâ*) ***nudez.***

1692d מַעַר (*ma'ar*) ***nudez.***

1692e תַּעַר (*ta'ar*) ***navalha, bainha.*** *Cf.* o ugarítico *t'rt*, "bainha".

O verbo *'rh* não ocorre no grau qal. Nos graus intensivo e causativo é usado com os seguintes sentidos: 1) "desnudar", "pôr a descoberto", "expor a nudez", e 2) "desprover", no sentido de "esvaziar", "derramar". Este último sentido pode ser empregado como uma figura para a morte na expressão dada em Salmos 141.8 e Isaías 53.12, "derramar a alma

[*nepesh*, isto é, 'vida', *q.v.*]" (ARA, "desamparar"). O hebraico *'ārâ* possui cognatos em árabe (*'ariya*, "estar nu"), fenício (*'rh*, "desnudar"), acadiano (*ūru*, "nudez", "local deserto e desolado") e ugarítico (*'ry*, "nu" [*AisWUS*, nº 2 097]).

Depois da queda (ou "mergulho") do homem, a nudez no AT tornou-se motivo para vergonha. A razão disso não é que o sexo seja mau, mas por causa da má consciência humana (veja-se J. B. PAYNE, *Theology of the older Testament*, p. 218). No dizer de D. Kidner, "o homem viu o mundo familiar à sua volta e então, no ato de olhar, estragou-o, atribuindo o mal à inocência (*cf.* Tt 1.15) e reagindo ao bem com vergonha e fuga". Ele acrescenta: "As *folhas de figueira* foram bastante patéticas, como tendem a ser os expedientes humanos, mas o instinto estava correto e Deus o confirmou, pois o fruto natural do pecado é a vergonha. O casal, agora pouco à vontade um com o outro, deu-nos por antecipação uma idéia de como seriam os relacionamentos humanos decaídos em geral" (*Genesis*, InterVarsity, 1967, p. 69).

Por conseguinte, depois de Gênesis 3.7 a nudez no AT é símbolo da vergonha humana, o fruto mau do pecado. É praticamente impossível fazer uma defesa bíblica da nudez. A nudez não pode ser tolerada fora de relações sexuais permitidas (vejam-se as proibições de incesto em Lv 18 e 20) nem pode ocorrer na adoração (Êx 20.26; *cf.* 28.42).

Por outro lado, a nudez, a exposição da vergonha, é uma característica distintiva do juízo sobre os malfeitores (vejam-se Is 3.17; Hc 3.13; Sf 2.14 Lm 4.21; e o amplo emprego de vocabulário pertinente à nudez nos capítulos 16, 22 e 23 de Ezequiel).

Em Salmos 137.7 a zombaria com que Edom trata Jerusalém é um exemplo de paronomásia. As palavras de Edom, "arrasai, arrasai-a, até aos fundamentos", tem um segundo sentido de "desnudai, desnudai-a, até às nádegas" (onde se descreve Jerusalém como uma mulher sendo atacada; veja-se DAHOOD, *Psalms III*, em *AB*, p. 273).

O verbo *'ărâ* é empregado em Isaías 32.15 no nifal (*BDB* explica esse nifal como passivo do hifil) em referência ao Espírito que é derramado sobre nós. Outros exemplos de "desprover" e que conduzem à idéia de "derramar" encontram-se em Gênesis 24.20 (no piel, quando Rebeca esvaziou seu cântaro), 2 Crônicas 24.11 (no piel, quando um oficial esvaziou o cofre), Isaías 53.12 (no hifil, quando o Servo "derramou a sua alma na morte"; *cf.* SI 141.8).

O hitpael em Salmos 37.35 é um tanto quanto problemático. A NASB traduz por "um homem violento e perverso espalhando-se tal como uma árvore exuberante".

R.B.A.

עֲרוּגָה (*'ărûgâ*). Veja o nº 1 691a.

1693 עָרוֹד (*'ārôd*) ***jumento selvagem.*** Somente em Jó 39.5.

עֲרוָה (*'erwâ*). Veja o nº 1 692b.

עָרוּם (*'ārûm*). Veja o nº 1 698c.

עַרוער (*'ărô'er*). Veja o nº 1 705c.

עָרוּץ (*'ārûts*). Veja o nº 1 702a.

עֲרִיָה (*'eryâ*). Veja o nº 1 692c.

עֲרִיסָה (*'ărîsâ*). Veja o nº 1 699a.

עָרִיף (*'ārîp*). Veja o nº 1 701a.
עָרִיץ (*'ărîts*). Veja o nº 1 702b.
עֲרִירִי (*'ărîrî*). Veja o nº 1 705a.

1694 עָרַךְ (*'ārak*) ***arrumar, pôr em ordem, alinhar, preparar, organizar, ajeitar, manusear, guarnecer, avaliar, igualar, dirigir, comparar.***

Termos Derivados

1694a עֶרֶךְ (*'ērek*) ***ordem, fileira, estimativa.***

1694b *עָרַךְ (*'ārak*) ***avaliar, estimar, estabelecer imposto.*** Verbo denominativo. Ocorre somente no hifil.

1694c מַעֲרָךְ (*ma'ărāk*) ***preparativos*** (Pv 16.1).

1694d מַעֲרָכָה (*ma'ărākâ*) ***fileira.***

1694e מַעֲרֶכֶת (*ma'ăreket*) ***fileira.***

'ārak é um verbo que indica a ação de "preparar", "arrumar" (como também ocorre com seu cognato fenício), "pôr em ordem"; com freqüência é empregado em contextos militares com o sentido de "dispor em posição de combate". Pode-se comparar o tom militar do verbo com o verbo árabe *'araka* no grau III, "lutar (em combate)", e os substantivos também árabes *ma'arak*"" e *ma'rakat*"", ambos com o sentido de "campo de batalha".

O verbo *'ārak* possui no AT dois sentidos básicos. O primeiro, encontrado freqüentemente, traz a idéia de "pôr em ordem", "organizar", e tem diversas conotações. O segundo, "comparar", é sugerido por *BDB* como o resultado de pôr em ordem (a fim de comparar). Este último sentido é visto em Isaías numa majestosa louvação à incomparabilidade de lavé. Isaías 40.18 diz: "com quem compareareis [*dāmâ*, piel] a Deus? ou que coisa semelhante confrontareis [*'ărak*] com ele?" (assim também em Sl 40.5 [6]; 89.6 [7]; *cf.* Jó 28.17, 19). A incomparabilidade de lavé é um dos temas grandiosos, mas às vezes negligenciados, da teologia bíblica do AT.

Num maior número de vezes *'ārak* significa "pôr em ordem", "arrumar". Esse verbo é encontrado junto com muitos e diferentes objetos: pedaços de lenha arrumados por Abraão para o fogo sacrificial em que imolaria seu filho Isaque (Gn 22.9); pedaços do novilho sacrificado dispostos ordenadamente pelos sacerdotes sobre o altar (Lv 1.8); o pão da proposição arrumado em duas fileiras de seis pães sobre a mesa de ouro (Lv 24.8); sete altares preparados pelo adivinho pagão Balaão (Nm 23.4); varas de linho dispostas por Raabe para esconder os espias (Js 2.6); uma mesa preparada para uma refeição (Sl 23.5; Is 21.5); palavras preparadas para uma fala (Jó 32.14); uma argumentação jurídica elaborada para ser apresentada em juízo (Jó 13.18); *etc.* Em 2 Samuel 23.5 Davi exulta na aliança que lavé estabeleceu com ele: "pois [lavé] estabeleceu comigo uma aliança eterna, em tudo bem definida [*'ărûkâ*] e segura".

Muitas vezes *'ārak* é um termo militar que descreve a ação de dispor em posição de combate a fim de iniciar-se a luta. O verbo pode aparecer junto com *milhāmâ*, "combate"

(Gn 14.8; Jz 20.22; 1 Sm 17.8; *etc.*), e com *qārā'*, "encontrar" (*e.g.*, 1 Sm 4.2; 2 Sm 10.9-10; *etc.*). Os escritores do AT também falam de preparar as armas para o combate (Jr 46.3; 1 Cr 12.9). Em uma ocasião Jó descreveu sua situação angustiante e aflitiva como a condição daquele que sofre ataques militares desferidos pelas forças do terror de Deus, dispostas contra ele em formação de combate (Jó 6.4).

'ārak. ***Avaliar, estimar, estabelecer imposto.*** *BDB* relaciona esse vocábulo como um verbo denominativo derivado do substantivo *'ērek*, "estimativa". E encontrado cinco vezes em Levítico 27 e em 2 Reis 23.35. Alguns dicionários (*e.g.*, *KB*) não colocam esse uso de *'ārak* num verbete distinto; é simplesmente o hifil do verbo indicado acima.

ma'ărāk. ***Preparativos.*** Ocorre somente em Provérbios 16.1, "planos (do coração)".

ma'ărākâ. ***Fileira, tropa, exército, ordem, combate.*** Substantivo feminino com três usos: 1) "ordem de batalha", como em 1 Samuel 4.2 e ss.; 2) "tropa" ou "exército", como em 1 Samuel 17.10; e 3) "ordem" ou "fileira", como em Êxodo 39.37, "lâmpadas colocadas em ordem", literalmente "lâmpadas da fileira".

ma'ăreket. ***Fileira, pão da proposição.*** Vocábulo usado apenas para designar as fileiras de pães da proposição ou a mesa, como em Levítico 24.6-7.

1695 עָרַל (*'āral*) ***considerar incircunciso*** (qal), ***exibir a incircuncisão*** (nifal). Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1695a †עָרְלָה (*'orlâ*) ***prepucio, incircunciso.***

1695b †עָרֵל (*'ārēl*) ***com prepucio, incircunciso.***

O verbo denominativo *'āral* (assim o entendem *BDB* e *KB*) é usado apenas duas vezes. Em Levítico 19.23 a ARA traduz o qal por "vedado" e Halladay é da opinião de que a palavra deve ser traduzida por "deixar sem ceifar". Em Habacuque 2.16 o nifal do verbo é bastante difícil mas fundamental para a compreensão do texto. A IBB traz "ser como um incircunciso"; a ARA, "exibir a incircuncisão"; a PIB e a MM acompanham os MMM e algumas versões antigas e traduzem a idéia de "cambalear" (da raiz *r'l*, por metátese).

'orlâ. ***Prepucio, incircunciso.*** O substantivo feminino *'orlâ* talvez tenha relação com os vocábulos árabes *ġurlat*"", "prepucio", e *ġarila*, "ser incircunciso", aramaico *ġûrl'tā'*, "prepucio", e acadiano *urūl(l)āti* (pl.), "prepúcios" (BÉZOLD, *Glossar*, p. 68). Compare-se com o verbo sobre o verbo *mûl*, "circuncidar".

'ārēl. ***Incircunciso, pessoa com prepucio.*** A circuncisão vem sendo praticada por muitos povos no mundo, geralmente na puberdade, mas em Israel ela estava arraigada numa profunda convicção religiosa: por meio desse ato de dedicação, dava-se testemunho de que a pessoa pertencia a Iavé e a seu povo (veja-se EICHRODT, *ETOT*, v. 1, p. 138). Até

onde se sabe, somente Israel praticava a circuncisão de criancinhas. É claro que essa prática impossibilitava os rituais licenciosos da puberdade, praticados pelos pagãos vizinhos.

A instituição da circuncisão é apresentada detalhadamente em Gênesis 17 como o sinal da aliança de Iavé com Abraão, assim como o arco-íris foi sinal da aliança com Noé. Todas as pessoas de sexo masculino da comunidade, fossem escravas ou livres, deviam ser circuncidadas ao oitavo dia de vida. Os incircuncisos seriam eliminados da comunidade. Youngblood escreve: "daquele momento em diante o rito da circuncisão se tornaria um sinal visível da promessa solene de Deus de abençoar numericamente o seu povo. Deus havia falado e havia de trazer sua palavra à lembrança todas as vezes que a faca do circuncidador fosse empunhada" (*The heart of the Old Testament*, p. 46). O ato da aliança patriarcal foi reafirmado no código mosaico (Lv 12.3). Êxodo 4.24-26 é um tanto quanto obscuro. Veja-se Cassuto, ***Exodus***, p. 58-61, e Clements, ***Exodus***, p. 31. [Essa difícil passagem tem sido bastante debatida, mas as sugestões de Hans Kosmala possivelmente lançam luz sobre o assunto (The Bloody Husband, *VT* 12:14-28). Ele argumenta, em primeiro lugar, que o primogênito, e não Moisés, está em perigo. No contexto, a ênfase recai sobre Israel como o primogênito de Deus. O primogênito de Faraó corre perigo. Agora o primogênito de Moisés deve ser circuncidado ou ele também correrá perigo. Em segundo lugar, o verbo *nāga'* deve ser interpretado como grau qal, "tocar", e não como hifil, "atirar". Em terceiro lugar, Zípora encostou o prepúcio nas pernas do menino para fazer um sinal de sangue — o texto não diz que ela atirou o prepúcio aos pés de Moisés. Moisés nem sequer é mencionado nominalmente nessa frase. Em quarto lugar, o comentário dela — "esposo sanguinário" — deve ser traduzido por "(menino) circuncidado com sangue". O verbo árabe *hatana* significa "circuncidar", e Kosmala lembra-nos de que Zípora, no Sinai, pode muito bem ter tido vínculos árabes. Assim sendo, ela não estava insolentemente culpando Moisés, mas prazerosamente dizendo que havia salvo a vida do seu filho ao executar o rito de circuncisão. Segundo Kosmala, a última frase do versículo não é uma mera repetição. É um comentário lingüístico de que aquilo que ela dissera numa expressão idiomática árabe aplicava-se ao menino, que em hebraico era "o circuncidado" (*mûl*).

Essa sugestão não implica alteração de nenhuma consoante do texto. Ela tem base lingüística. E evita a — de outra forma — estranha tensão entre Moisés e Zípora. Uma tradução livre seria:

"Numa estalagem no caminho o Senhor se encontrou com ele (isto é, com Moisés) e procurou matá-lo (isto é, a seu primogênito). Mas Zípora apanhou uma faca de pederneira e cortou fora o prepúcio de seu filho e encostou-o em suas pernas. Então ela disse: 'Certamente és o meu circuncidado', e o Senhor o deixou em paz". De maneira que a palavra que ela empregou, 'o circuncidado com sangue' (árabe), referia-se ao circuncidado (hebraico). R.L.H.]

O adjetivo *ʿārēl*, "com prepúcio", "incircunciso", tornou-se uma expressão de desprezo, empregada especialmente com referência aos filisteus, que não praticavam a circuncisão (*cf.* Jz 14.3; 15.18; 1 Sm 14.6; 17.26, 36; 31.4 = 1 Cr 10.4; 2 Sm 1.20). Essa palavra estava associada a impureza moral e espiritual (Is 52.1) bem como a órgãos que não funcionavam devidamente (Êx 6.12, o "incircunciso de lábios" [IBB] era alguém que não falava bem; Jr 6.10, "ouvidos incircuncisos" são incapazes de ouvir).

A circuncisão era também um ato espiritual. Egito, Edom, Amom, Moabe e até mesmo Judá praticavam a circuncisão no pênis, mas não no coração (Jr 9.25-26 [24-25]; veja-se BRIGHT, *Jeremiah*, in *AB*, p. 78). Por esse motivo Israel recebeu ordens para circuncidar o prepúcio do coração (Dt 10.16; Jr 4.4; *cf.* Rm 2.28-29).

Ezequiel emprega *'ārēl* no capítulo 32 na descrição, qual um guia turístico, das nações no Sheol (TAYLOR, *Ezekiel*, p. 211). Ali as nações são apresentadas como incircuncisas, transmitindo assim a idéia de sua corrupção e impureza (veja-se FEINBERG, *Ezekiel*, p. 184-5).

Bibliografia: — YOUNGBLOOD, Ronald, *The heart of the Old Testament*, Baker, 1971.

R.B.A.

1696 *עָרַם (*'āram*) ***I, amontoar-se.*** Ocorre apenas uma vez, no nifal (Êx 15.8).

Termo Derivado

1696a עֲרֵמָה (*'ărēmâ*) ***amontoado.***

1697 ערם (*'rm*). **II. Aceita como raiz de:**

1697a עַרְמוֹן (*'armôn*) ***plátano (sem a casca)*** (Ez 31.8).

1698 ערם (*'ārōm*) ***ter cuidado, acautelar-se, receber conselho astuto, ser prudente.***

Termos Derivados

1698a †עֹרֶם (*'orem*) ***astúcia*** (Jó 5.13).

1698b †עָרְמָה (*'ormâ*) ***astúcia, perfídia.***

1698c †עָרוּם (*'ārum*) ***astuto, ardiloso.***

'ārōm é uma raiz com conotações positivas (prudência) e negativas (astúcia). Pode-se contrastá-la com o sinônimo *sākal*, "ser hábil", "ser sábio", que sempre tem uma conotação positiva. Em árabe, aramaico e siríaco os cognatos dão uma idéia negativa ("de má índole", "astuto"). Os vocábulos gregos *panourgos* e *panourgia*, empregados na LXX e no NT, significam "pronto a fazer qualquer coisa", em geral com o sentido negativo de comportamento ardiloso e astuto (*e.g.*, Lc 20.23; Ef 4.14). Não se confunda esta raiz com *'aram* I (nifal), "amontoar-se".

O verbo *'ārōm* é usado quatro vezes no qal; duas com sentido positivo (Pv 15.5; 19.25) e duas com sentido negativo (1 Sm 23.22, 2 vezes). O hifil é empregado uma vez, tendo o sentido de "proceder astutamente": "tramam astutamente contra o teu povo" (Sl 83.3 [4]). Alguns estudiosos têm considerado como hifils todas as ocorrências do verbo, à exceção do infinitivo absoluto de 1 Samuel 23.22. *KB* e LISOWSKY dizem que o único hifil de verdade é Salmos 83.3 [4].

'ōrem. ***Astúcia.*** Esse substantivo masculino ocorre somente em Jó 5.13.

'ormâ. ***Astúcia, prudência, sutileza, ardil, sabedoria.*** Esse substantivo pode ser utilizado com uma conotação negativa, referindo-se à astúcia arrogante (como em Êx 21.14), ou positiva, referindo-se ao comportamento prudente (como em Pv 1.4).

'ārûm. ***Astuto, prudente, sutil.*** O adjetivo *'ārum* é visto como uma virtude positiva quando traz a idéia de "prudente". O prudente não ostenta o seu conhecimento (Pv 12.23), deixa passar uma ofensa (Pv 12.16), age com conhecimento (Pv 14.8), olha por onde vai (Pv 14.15), enxerga o perigo e age de conformidade (Pv 22.3 = 27.12), e o conhecimento é a sua coroa (Pv 14.18).

O adjetivo é negativo quando traz a idéia de "astuto" (veja-se Jó 5.12; 15.5). O uso mais famoso de *'ārûm* com essa conotação negativa encontra-se, é claro, em Gênesis 3.1, "a serpente, mais 'sagaz', do que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito". Esse "talento maldoso" (D. KIDNER, *Genesis*, Chicago, InterVarsity, p. 67) contrasta, por paronomásia, com a inocência desnuda de Adão e Eva em Gênesis 2.25 (*'ārûm*, "astuto", "sagaz", vs. *'arûmmîm*, "nus"; veja-se U. CASSUTO, *Genesis*, v. 1, p. 143). Em vista dessa importante passagem, é ainda mais surpreendente o comentário de nosso Senhor a seus discípulos: "Sede astutos [*phronimos*] como serpentes e inocentes como pombos" (Mt 10.16, NASB).

R.B.A.

עַרְמוֹן (*'armôn*). Veja o nº 1 697a.

1699 ערס (*'rs*). **Aceita como raiz de:**

1699a עֲרִיסָה (*'ārîsâ*) ***farinha grossa*** (*e.g.*, Ez 44.30; Ne 10.38). Significado incerto.

עַרְעַר (*'ar'ar*). Veja o nº 1 705b.

1700 עָרַף (*'ārap*) ***I, desnucar.*** Verbo denominativo (*BDB*; *KB* trata o verbo como um cognato do árabe *'arafa*, "cortar em pedaços").

Substantivo de Origem

1700a עֹרֶף (*'ōrep*) ***dorso, pescoço.***

Esse termo anatômico é, por vezes, usado metaforicamente. Tem sido identificado com o acadiano *arūb(b)u/arūp(p)u*, "pescoço (crina?)", e o árabe *'urfat"n*, "crina de cavalo", "crista de galo". Alguns sinônimos hebraicos são: *gargārôt*, *gārôn*, *mapreqet*, *tsawwā'r* e *tsaww'rōnîm*.

'ōrep é empregado 33 vezes. Em Gênesis 49.8, Jacó profetiza que a mão de Judá estará sobre o pescoço de seus inimigos, um símbolo de autoridade sobre os adversários.

gab, *gaw*, *gēw*, *sh'kem* ["ombro"]). Esse vocábulo ocorre como símbolo de medo e da retirada dos inimigos de Israel (Êx 23.27; *cf.* Js 7.8, 12, em referência a Israel dar as costas; 2 Sm 22.41, num salmo de Davi), como símbolo da apostasia contra Iavé (2 Cr 29.6; Jr 2.27; 32.33) e como símbolo de vergonha e remorso (Moabe, em Jr 48.39).

A partir de uma comparação com o árabe *'urfat*"n, "crina de cavalo", "crista de galo", pode-se ver o possível desenvolvimento semântico a partir de "pescoço" até "obstinação", "arrogância", "recalcitrância", "indocilidade". Desse modo, existem numerosas ocasiões em que Israel é chamado de *q'shēh-'ōrep*, literalmente "duro de pescoço", ou seja, "obstinado" (*e.g.*, Êx 32.9; 33.3, 5; 34.9; *etc.*; ARA, "de dura cerviz"). O termo *'ōrep* passa então a fazer parte do vocabulário da hamartologia. A arrogância do vassalo para com o suserano é uma forma de rebeldia e traição.

Bibliografia: — DAICHES, S., The meaning of עֹרֶף in Lev. 5, 8, *ExpT* 39:426.

R.B.A.

1701 עָרַף (*'ārap*) ***gotejar, pingar.***

Termos Derivados

1701a עֲרִיף (*'ārîp*) ***nuvem*** (Is 5.20).

1701b עַרְפֶּל (*'ărāpel*) ***nuvem escura, escuridão, densas trevas, trevas espessas.***

A palavra *'ărāpel* é um substantivo masculino que descreve a glória encoberta de Iavé, as trevas que envolveram sua aparição no monte Sinai, e o juízo que ele traz sobre o pecado. Etimologias propostas são: 1) *'ārap*, "gotejar", "pingar", com *lamed* aformativo (*BDB*); ou 2) o árabe *ġafara*, "cobrir" (*KB*). A palavra *ġrpl*, "nuvem pesada", ocorre em ugarítico (*UT* 19: nº 1 989a). Em hebraico sinônimos importantes de "nuvem" são: *'āb* (usado em referência à teofania em Êx 19.9) e *'ānān* (freqüentemente empregado para designar a glória de Deus).

Parece que no AT as descrições da glória de Deus são deliberadamente vagas, talvez para preservar o aspecto de temor reverente em torno do milagre que é vislumbrar uma manifestação de Deus e talvez também para lembrar o horror que o pecado causa em sua presença. Assim sendo, enquanto o povo ficava bem distante, Moisés se aproximou da "nuvem escura" que envolvia Iavé (Êx 20.21). Além disso, a própria montanha visitada por Deus tornou-se uma montanha temível, a qual "ardia em fogo até ao meio dos céus, e havia trevas [*hōshek*], e nuvens [*'ānān*] e escuridão [*wa'ărāpel*]" (Dt 4.11). Expressões semelhantes acham-se em Deuteronômio 5.22 [19]; 2 Samuel 22.10; Jó 22.13; Salmos 18.9 [10]; 97.2. Quando Salomão dedicou o templo, a glória de Iavé encheu o edifício com nuvens e trevas espessas (1 Rs 8.10-12; 2 Cr 5.13—6.1), "como um lembrete das trevas em que Moisés penetrou no Sinai" (*JTOT*, p. 259).

Outros usos de *'ărāpel* incluem a figura poética de trevas como um cueiro que envolve o mar (Jó 38.9) e de trevas como um símbolo de ignorância, desgraça e pecado do homem (Is 60.2). Também utiliza-se o vocábulo *'ărāpel* como símbolo do juízo de Iavé contra o pecado (Jr 13.16; Ez 34.12; Jl 2.2; Sf 1.15). Pelo fato de a mesma palavra ser

usada em referência à glória com que Deus se envolve e a seu temível julgamento, ela é paradoxal: transmite a idéia de terror, maravilha, temor, majestade, respeito e reverência.
R.B.A.

עָרְפֶּל (*'ărapel*). Veja o nº 1 701b.

1702 עָרַץ (*'ārats*) ***estar assustado, estar apavorado, ter medo, oprimir, prevalecer, quebrar, estar aterrorizado.***

Termos Derivados

1702a †עֲרוּץ (*'ārûts*) ***horrível*** (Jó 30.6).

1702b †עָרִיץ (*'ārîts*) ***poderoso, apavorante.***

1702c מַעֲרָצָה (*ma'ărātsâ*) ***impacto terrível, golpe*** (Is 10.33).

O verbo *'ārats* denota "medo" ou "pavor". Transitivamente tem o sentido de "aterrorizar", e instransitivamente, de "estar aterrorizado". Pode-se comparar a raiz hebraica a uma raiz siríaca, "sobrevir repentinamente", "sobrevir violentamente", e ao árabe *'aratsa*, "tremer", "vacilar". Sinônimos hebraicos incluem: *yārē'*, "temer"; *pāhad*, "tremer"; *gûr*, "estar com medo"; *yāgōr*, "estar com medo"; *sā'ar*, "ficar arrepiado de pavor"; e *hātat*, "estar perturbado pelo medo".

No grau qal a raiz *'ārats* é empregada de duas maneiras. No sentido transitivo, o verbo significa "causar tremor", "aterrorizar". Um exemplo, tendo Iavé como sujeito, encontra-se em Isaías 2.19, 21, em que se fala do terror de seu juízo. A palavra ocorre, tendo homens como o sujeito, em Salmos 10.18 (*cf.* Jó 13.25) e em Isaías 47.12 (com ironia). Seis vezes o verbo é usado intransitivamente, tendo aí o sentido de "tremer", "ter medo". Em cinco casos, aqueles que confiam no poder de Iavé recebem ordens de não tremer, pois Iavé, o grande e temível, está no meio deles (Dt 1.29; 7.21; 20.3; 31.6; Js 1.9). Nessas passagens o verbo *'ārats* aparece associado com os sinônimos *yarē'*, *pāhad* e *hātat* (*q.v.*).

O nifal é usado uma vez (Sl 89.7 [8]), na frase "Deus é temido na assembléia dos santos" (lit.; em paralelo com *nôrā'*, "temível"). O hifil aparece três vezes (Is 8.12-13; 29.23). Iavé deve ser tratado com temor reverente; se alguém o teme, não precisa temer outra coisa.

'ārûts. ***Penhascos.*** Tecnicamente um particípio passivo do qal. Aparece apenas em Jó 30.6. *BDB* interpreta o vocábulo como "ravinas 'aterrorizantes'"; a ARA, como "desfiladeiros 'sombrios'". (*KB* entende que a palavra deriva de outra raiz, *ārats* II, e traduz por "ladeira", no que é seguido por BJ, "barrancos".)

'ārîts. ***Poderoso, opressor, com grande poder, forte, terrível, violento, impiedoso.*** O adjetivo *'ārîts* é encontrado 20 vezes no AT. Numa oportunidade designa Iavé como um "paladino terrível" (Jr 20.11, NASB). Com maior freqüência o vocábulo descreve os inimigos

impiedosos que alguém (*e.g.*, Sl 54.3 [5]; 86.14) ou uma nação (*e.g.*, Is 13.11; 25.3-5; 29.5; Jr 15.21) pode ter. Ezequiel emprega quatro vezes a expressão *'ārîtsê gôyim*, "os impiedosos das nações" (lit.; Ez 28.7; 30.11; 31.12; 32.12). Em Provérbios 11.16 homens cruéis e violentos fazem contraste com a mulher graciosa (*'ēshet hēn*).

ma'ărātsâ. ***Terror*** (Is 10.33). *BDB* traz "impacto terrível", "golpe"; a ARA, "violência"; a MM, "golpe terrível"; a BJ, "terrível violência".

R.B.A.

1703 עָרַק (*'āraq*) ***roer*** (Jó 30.3).

1704 ערר (*'rr*). **I. Aceita como raiz de:**

1704a †מְעָרָה (*m'"āra*) ***caverna, cova, buraco, Meara.***

A palavra *m'"ārâ* é um substantivo feminino derivado da raiz *'arar*. Compare-se o vocábulo com o árabe *mag'ārat"n*, "caverna", e talvez com o topônimo ugarítico *mġrt* (veja-se *UT* 19: nº 1 523; *AisWUS* nº 1 630). Alguns eruditos peritos e versões (*KB*, *Holladay*, *Lisowsky*, BJ, MM) distinguem *m'"ārâ* II, "campo estéril", como um *hapax legomenon* em Isaías 32.14. Outros (*BDB*, ARA, IBB) interpretam "cavernas" nesse versículo. Sinônimos são: *hōr*, "buraco", "caverna", e *m'hillâ*, "buraco" (ocorre apenas em Is 2.19, como um plural).

"Cavernas" eram usadas como habitação temporária, refúgio de emergência ou para sepulturas. Ló e as filhas moraram numa caverna por algum tempo (Gn 19.30-38). Em diversas ocasiões há relatos sobre pessoas que, em busca de proteção contra inimigos, fugiram para cavernas. Alguns exemplos são: os reis cananeus na caverna de Maquedá (Js 10.16-27); israelitas durante a opressão midianita (Jz 6.2) e durante uma batalha contra os filisteus (1 Sm 13.6); os profetas de lavé, que Obadias escondeu de Jezabel (1 Rs 18.4, 13); e homens ímpios que fogem da ira de lavé (Is 2.19; *cf.* Ez 33.27).

A caverna de Macpela, que Abraão comprou de Efrom, o heteu (Gn 23), tornou-se a sepultura de Sara (Gn 23.19), Abraão (Gn 25.9), Isaque, Rebeca, Lia (Gn 49.31) e Jacó (Gn 50.13). O modo de aquisição harmoniza-se perfeitamente com o que se sabe sobre os costumes dos heteus à época (veja-se KIDNER, *Genesis*, p. 145-6). Teologicamente o capítulo prossegue com o teste de Abraão, que teve início em Gênesis 22. Aquele que recebeu a promessa da terra de Canaã teve, em face da morte da esposa, de adquirir um local para sepultá-la. Acredita-se que a caverna de Macpela esteja localizada em Haram el-Khalil, em Hebrom, cercada por um muro construído na época de Herodes (veja-se Avraham NEGEV, *Archaeological encyclopedia of the Holy Land*, p. 141-2, 191).

Davi, enquanto fugia de Saul, permaneceu na caverna de Adulão e numa outra em En-Gedi (veja-se 1 Sm 22.1; 1 Cr 11.15; 1 Sm 24). Os cabeçalhos de Salmos 57 e 142 provavelmente referem-se a Adulão.

Elias está associado com uma caverna no monte Sinai em 1 Reis 19.9-18. O artigo definido que aparece no texto hebraico (v. 9) sugere uma caverna específica, o mesmo lugar em que Moisés viu a glória de lavé (Êx 33.21 e s.; acerca desse paralelo, consulte-se, com alguma cautela, CROSS [veja-se bibliografia]).

Bibliografia: — CROSS, Frank Moore, Jr., *Canaanite myth and Hebrew epic*, Harvard University, 1973. — NEGEV, Avraham, *Archaeological encyclopedia of the Holy Land*, Londres e Jerusalém, Weidenfeld and Nicolson, 1972.

R.B.A.

1705 עָרַר (*'ārar*) *II, desnudar, despir-se.*

Termos Derivados

1705a †עֲרִירִי (*arîrî*) ***despido.***

1705b †עַרְעַר (*'ar'ar*) ***despido, desamparado.***

1705c †עַרְעָר (*'ărô'ēr*) ***árvore, arbusto.***

O verbo *'ārar* II é um dos vários vocábulos que se refere à nudez; compare-se com os sinônimos *gālâ*, "descobrir", *'ûr*, "estar desabrigado", "estar nu", *'arâ*, "descobrir", "expor a nudez", e *pāshat*, "tirar a roupa". O verbo *'ārar* é, provavelmente, uma variante da raiz *'ārâ* (*q.v.*).

Formas da raiz verbal *'ārar* são encontradas apenas quatro vezes no AT, cada uma num grau diferente. O qal é empregado em Isaías 32.11 (em paralelo com *pāshat*) numa ordem às mulheres complacentes de Jerusalém para que se despissem de suas roupas vistosas e se vestissem com roupa de luto. O poel em Isaías 23.13 tem sido traduzido de diversas maneiras (ARC, "edificaram"; IBB, "derrubam"; ARA, "arrasou"), mas parece que é preferível a tradução da ARA. E. J. Young escreve: "A referência é ao arrancar todos os enfeites e objetos dos palácios" (*The book of Isaiah*, v, 2, 135). Em Jeremias 51.58 um infinitivo absoluto do pilpel aparece junto com um hitpael para dar a idéia de "devastação total" (dos largos muros de Babilônia; RSV, "arrasar até o chão").

'ărîrî. ***Despido, sem filhos.*** O adjetivo *'ārîrî* significa "despido" e é usado para descrever a solidão e a "nudez" das pessoas sem filhos, numa era em que filhos eram necessários para a pessoa se sentir completa. Abraão é *'ărîrî* em Gênesis 15.2, tendo apenas Eliezer como herdeiro adotado. A ausência de filhos era um castigo divino para certos pecados sexuais (Lv 20.20-21; *cf.* a fórmula de juízo de Jr 22.30).

'ar'ar. ***Despido, desamparado.*** O adjetivo *'ar'ār*, "despido", "desamparado", ocorre como substantivo em Salmos 102.17 [18]. A oração do desamparado nu não é desprezada pelo Senhor.

'ărô'ēr. ***Árvore, arbusto.*** Mencionado apenas em Jeremias 17.6. Um tipo de arbusto, talvez zimbro (árabe *'ar'ar*), *Juniperus phoenicia*. Esse é um arbusto com folhas minúsculas como escamas e com pequenas pinhas redondas e de cor castanho-amarelada (veja-se *Fauna and flora of the Bible*, Londres, United Bible Societies, 1972, p. 131). Acerca desse arbusto, compare-se com o nome hebraico de uma cidade, *'ărô'ēr*.

R.B.A.

1706 ערש (*'rs*)

1706 ערש (*'rs*). **Aceita como raiz de:**

1706a ערש (*'ereś*) ***cama, divã*** (*e.g.*, Dt 3.11; Am 3.12).

1707 עשב (*'sb*). **Aceita como raiz de:**

1707a עֵשֶׂב (*'ēseb*) ***grama, erva, plantas.***

O substantivo masculino *'ēseb* é um dos quatro sinônimos principais que designam "vegetação", "plantas verdes", "erva", "grama". A palavra "erva", encontrada em diversas traduções, é empregada no sentido de vegetação não-lenhosa e não no sentido atualmente mais usado de erva medicinal ou culinária. *'ēseb* e seus sinônimos correspondem àquilo que se pode chamar de "vegetação rasteira". Os outros sinônimos (que devem ser consultados) são: *deshe'*, "relva nova", "relva viçosa"; *yereq*, "planta verde" (e *yārāq*, "verduras", "vegetais"); e *hatsîr* I, "relva verde", "pastagem" (que alguns livros distinguem das formas homônimas *hatsîr* II, "alho-porro", e *hatsîr* III, "junco", "tábua"). Deve-se também consultar o verbete *'ēts*, "árvore". Uma palavra rara designativa de "arbusto", "moita", é *sî(a)h*, que aparece apenas em Gênesis 2.5; 21.15; e Jó 30.4, 7. Pode-se comparar o hebraico *'ēseb* com o árabe *'usb*"", "verdura", "relva verde", "pastagem", e com o acadiano *esēbu*, "crescer com viço". No aramaico bíblico *'ăsab* aparece cinco vezes em Daniel para designar o sofrimento animalesco de Nabucodonosor, "comer 'ervas' como os bois" (Dn 4.15 [12], 25 [22], 32-33 [29-30]; 5.21).

O substantivo *'ēseb* é encontrado 33 vezes no texto hebraico do AT, 15 das quais na Torá e quatro em Gênesis 1. No relato da criação esse vocábulo desempenha o seu papel mais importante. No terceiro dia da criação Deus ordenou: "Produza a terra relva [*deshe'*], ervas [*'ēseb*] que dêem semente, e árvores frutíferas [*'ets p'rî*] que dêem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. E assim se fez.... E viu Deus que isso era bom" (Gn 1.11; *cf.* o cumprimento no v. 12). Nesse contexto, parece que *deshe'*, "vegetação", é a categoria mais ampla, abrangendo tanto *'ēseb* quanto *'ēts*, "plantas rasteiras e árvores".

[O uso de *'ēseb* no estado absoluto em Gênesis 1 deve ser contrastado com o seu estado construto na expressão *'ēseb hassādeh*, "planta do campo" em Gênesis 2.5. Cassuto alega que essa expressão denota "cereais cultivados" (U. CASSUTO, *Genesis*, *in loc.*). Mas não é esse o caso porque, à época em que o Senhor formou Adão, ainda "não havia homem para lavrar o solo" (Gn 2.5). Desse modo Gênesis 1 e 2 estão em harmonia. Embora de fato houvesse "plantas" antes da criação do homem, plantas cultivadas não existiam. É, no entanto, possível que Gênesis 2.5-6 se refira apenas à terra onde ficava o Éden, que era regada pelos rios (e não pela "neblina", *'ēd*, *q.v.*). Esse ponto de vista permite conciliar Gênesis 1 e 2, entendendo-se que os dois capítulos descrevem aspectos diferentes da atividade criadora de Deus — o mundo em geral em Gênesis 1 e apenas o Éden em Gênesis 2.4 e ss. (*Cf.* R. L. HARRIS, The mist, the canopy and the rivers of Eden, *JETS*, 11:177-9). R.L.H.]

Alguns defendem que, de conformidade com Gênesis 1.29-30 (*cf.* 3.18), o homem e os animais foram criados originariamente herbívoros. Só na aliança de Deus com Noé, após o dilúvio, o homem recebeu instruções específicas para acrescentar carne à sua alimentação, mas o sangue de animais ainda era proibido (Gn 9.3-4). Não há nenhum relato que descreva a transformação de alguns animais em carnívoros, mas é provável que

essa tenha sido uma das muitas mudanças provocadas pela queda do homem e pela perda das condições edênicas. No entanto, a retransformação da vida animal para padrões herbívoros faz parte da esperança escatológica de Israel — um Éden redivivo onde "a vaca e a ursa pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha [*teben*] como o boi" (Is 11.7; veja-se o contexto do capítulo inteiro e compare-se 65.25).

Alguns estudiosos, *e.g.*, Kidner, objetam ao ponto de vista de que Gênesis 1.29-30 sugere que todas as criaturas eram herbívoras. Ele prefere dizer que a afirmação de Gênesis "é uma generalização de que, direta ou indiretamente, toda a vida depende da vegetação, e o objetivo do versículo é mostrar que todos são alimentados pela mão de Deus" (*Genesis*, p. 52). Mas ele admite que, quanto ao homem, a carne foi uma nova concessão em Gênesis 9.3-4 (*ibid.*, p. 101).

Em outras passagens do AT o substantivo *'ēśeb* aparece nas pragas catastróficas de granizo (Êx 9.22, 25) e gafanhotos (Êx 10.12, 15), as quais Deus trouxe, por intermédio de Moisés, na sua conhecida confrontação com Faraó. Assim como Deus foi o criador de toda a vegetação em Gênesis 1, ele também dará vegetação no cumprimento das promessas feitas a seu povo acerca da nova terra (Dt 11.15). Entretanto, no que diz respeito aos recalcitrantes, Deus pode, como juízo, impedir o crescimento da vegetação (Dt 29.23 [22]). O fato de a erva espalhar-se por todo um terreno fértil permite que o substantivo seja empregado como figura de linguagem que designa abundância (2 Rs 19.26 [usado junto com *yiraq deshe*, "erva verde"]; Jó 5.25; Sl 72.16). A transitoriedade da relva sob o sol da Palestina também permite que o substantivo seja usado como figura de linguagem para indicar o breve viço seguido de destruição e morte (Is 37.27; Sl 92.7 [8]; 102.4, 11 [5, 12]).

R.B.A.

1708 עָשָׂה (*'āsâ*) ***fazer, fabricar, realizar.***

Termo Derivado

1708a †מַעֲשֶׂה (*ma'ăseh*) ***feito, obra.***

O verbo *'āsâ* possui a conotação básica de "fazer". É empregado em numerosas expressões consagradas, sempre com a mesma idéia básica.

Além das inúmeras ocorrências com o sentido genérico de "fazer", freqüentemente *'asâ* é empregado com o sentido de obrigação ética. Muitas vezes o povo da aliança recebeu ordens para "fazer" tudo o que Deus havia ordenado (Êx 23.22; Lv 19.37; Dt 6.18; *etc.*). Os numerosos contextos em que ocorre esse conceito atestam a importância de uma reação ética favorável diante de Deus, a qual vai além de uma mera abstração mental e que pode ser transformada em obediência visível mediante um ato palpável.

Muitas vezes a palavra é usada em expressões específicas, tais como "fazer guerra" (Gn 14.2), "usar de misericórdia" (Jz 1.24), "usar de fidelidade" (Gn 32.10 [11]), "fazer loucura" (Dt 22.21), "oferecer sacrifícios" (Êx 10.25), "observar a páscoa" (Êx 12.48), "fazer vingança" (Jz 11.36), e muitas outras.

Quando empregado no sentido de "fabricar", a ênfase recai sobre a ação de dar forma ao objeto (Gn 8.6; 33.17; Êx 25.10-11, 13, 17; *etc.*).

A palavra também tem as conotações de "praticar", quando se refere ao erro (Os 6.9), "tratar alguém" (Zc 1.6; ARA, "fazer a alguém"), e "seguir (um conselho)" (2 Sm 17.23).

Quando tem Deus como sujeito, a palavra muitas vezes ressalta os atos de Deus na História. Esses contextos enfatizam um dos conceitos fundamentais da teologia do AT, *i.e.*, que Deus é não apenas transcendente, mas também imanente na História, operando seu propósito soberano. Moisés pôde contar os grandes atos de Deus no Egito, lembrando o povo de tudo o que Deus "fizera" (Dt 29.1). Aquilo que Deus fez às nações é um testemunho da intervenção de Deus na História (Js 23.3). Salomão, em sua oração de dedicação do templo, pôde suplicar a Deus que "agisse" (1 Rs 8.39). A palavra *'āsâ* é muitas vezes empregada em referência aos sinais e maravilhas operados por Deus ao longo da história (Js 24.17; Sl 98.1; Is 25.1), uma vez mais demonstrando a grande ênfase que o AT atribui à imanência de Deus.

O vocábulo ocorre com grande freqüência no relato da criação, em Gênesis, que é o primeiro grande ato de Deus na História. É de grande interesse o intercâmbio significativo entre as palavras *bārā'*, "criar", e *'āsâ*. O verbo *bārā'* transmite a idéia de dar origem ao objeto envolvido. Sempre tem a conotação daquilo que somente Deus é capaz de fazer e freqüentemente salienta o caráter totalmente novo do objeto criado. O verbo *'āsâ* é de um alcance muito mais amplo, tendo a conotação básica de dar forma ao objeto, mas com quase nenhuma preocupação com conotações especiais.

Parece que o emprego de *bārā'* na frase inicial do relato da criação deixa implícito que os fenômenos físicos vieram a existir naquela época e não que tiveram nenhuma existência anterior na forma em que foram criados pelo *fiat* divino. Possivelmente o uso de *'āsâ* tenha apenas a conotação do ato de dar forma aos objetos envolvidos em todo o processo criador.

Nas Escrituras também se usa o verbo *'āsâ* para descrever aspectos da obra de Deus na criação (Sl 86.9; 95.5; 96.5).

ma'ăseh. ***Feito, ato, obra, negócio, destreza, propósito.*** O significado básico do substantivo *ma'ăseh* é de "aquilo que é feito". Com freqüência ocorre com o sentido básico de "trabalho" ou "atividade extenuante" (Gn 5.29; Êx 5.4). Muitas vezes usa-se a palavra em contextos que denunciam os ídolos como "obra" das mãos dos homens (Sl 115.4; Is 2.8).

A palavra possui o sentido de "feito" e, à semelhança da sua raiz verbal, emprega esse conceito em contextos tanto genéricos (Gn 20.9; 1 Sm 19.4) quanto éticos. Quando usada em contextos éticos, possui, às vezes, uma conotação negativa (Êx 23.24; Ed 9.13). Pode, no entanto, ser usada positivamente (Pv 31.31). A "obra" de alguém é a base para a retribuição por parte de Deus (Sl 62.12 [13]).

O vocábulo com freqüência ocorre com o sentido de "obra" em contextos que se referem à atividade divina no mundo criado (*e.g.*, Sl 118.17). Nesse aspecto surge um conceito teológico fundamental na afirmação de que Deus é bom em tudo o que faz (Sl 145.17). O salmista afirmou que todos as obras divinas são feitas em fidelidade (Sl 33.4). Seus feitos são impressionantes (Sl 66.3) e não têm igual (Sl 86.8).

As obras de Deus incluem as maravilhas que ele operou em favor de Israel (Dt 11.3, 7) e também os seus grandes atos, tais como foram revelados em sua criação (Sl 107.24). Esses contextos afirmam um conceito de Deus que é fundamental para a compreensão de Deus no AT. Pode-se discernir em duas esferas os atos divinos: o universo físico, que testifica do poder de Deus, e o âmbito da História. em que os atos de Deus podem ser

claramente testemunhados. Dessa forma encontra-se no AT uma teologia natural bem delineada mas também bastante limitada. O conceito da atividade de Deus na História é um aspecto importante da teologia do AT. O salmista advertiu contra as funestas conseqüências de esquecer-se das obras de Deus (Sl 106.13 e ss.).

A palavra *ma'ăseh* tem, no livro de Eclesiastes, grande importância. O escritor do livro declara que viu todas as obras que se fazem debaixo do sol e considera-as desprovidas de valor (1.14). Parece que aí a palavra se refere aos acontecimentos da História observados pelo escritor. O mesmo emprego aparece em 2.17 e 8.9. Em Eclesiastes a palavra é usada na maioria das vezes para indicar a obra do homem. Em 3.22 emerge uma teologia do prazer. pois o homem é incentivado a desfrutar do seu trabalho. O vocábulo ocorre num sentido ético ao referir-se a obras más (4.3; 8.14b) e boas (8.14a). Pelo fato de as más obras não serem imediatamente castigadas, os ímpios sentem-se incentivados a cometer ainda mais iniqüidade (8.11).

A palavra *ma'ăseh* tem a conotação de "trabalho" e "destreza" em vários contextos (Êx 39.5; Dt 14.29; 1 Rs 7.8) e é, com freqüência, usada acerca de Deus com esse mesmo sentido. Os céus são obra dos dedos de Deus (Sl 8.3 [4]) e proclamam sua destreza (Sl 19.1 [2]). As obras de Deus são fonte de alegria (Sl 92.4 [5]) e são anunciadas como grandiosas (Sl 92.5 [6]; 111.2). A poderosa nação da Assíria não passa de obra das mãos de Deus (Is 19.25). O homem também é a obra das mãos de Deus, e esse conceito constitui o fundamento para o pedido de misericórdia feito por Isaías (Is 64.7-8).

O vocábulo ocorre em algumas expressões técnicas, tais como "a obra de um padeiro" (lit.), *i.e.*, aquilo que o padeiro faz (Gn 40.17; ARA, "arte de padeiro"), e a obra de um perfumista (Êx 30.25).

Bibliografia: — *TDNT*, v. 3, p. 1 005-28; v. 6, p. 459-72. — *THAT*, v. 2, p. 359-69.

T.E.M.

1709 *עָשָׂה (*'āsâ*) ***II, apertar, espremer.*** Ocorre somente no piel, em Ezequiel 23.3,8.

עָשׂוֹר (*'āsôr*). Veja o nº 1 711d.

עֶשְׂרִי (*'ăsîrî*). Veja o nº 1 711f

עֲשִׂירִית (*'āśîrît*). Veja o nº 1 711f

1710 *עָשַׂק (*'āsaq*) ***brigar.*** Ocorre somente no hitpael, em Gênesis 26.20.

1711 עשׂר (*'sr*). **Aceita como raiz de:**

1711a †עָשַׂר (*'eser*), עֶשְׂרֵה (*'ăsārâ*) ***dez.***

1711b †עֶשֶׂר (*'āsār*), עֶשְׂרֵה (*'esrēh*) ***dez (só em combinação com outros números).***

1711c †עשׂר (*'asar*) ***tomar a décima parte de, dizimar.***

1711d †עָשׂוֹר (*'āsôr*) ***dezena, décimo.***

1711e †עֶשְׂרִים (*'esrîm*) ***vinte.***

1711f †עֲשִׂירִי (*'ăsîrî*), עשִׂירִיָה (*'āśîrîyâ*), עֲשִׂירִית (*'āsîrît*) ***um décimo.***

1711g עִשָּׂרוֹן (*'issārôn*) ***décima parte.***
1711h מַעֲשֵׂר (*ma'ăsēr*) ***dízimo.***

A raiz hebraica *'sr* tem relação com o verbo árabe *'ashara*, "formar uma comunidade", "constituir um grupo" e com os substantivos árabes *'ashrīrat*"", "tribo", e *ma'shar*"", "assembléia". Provavelmente em virtude dos dez dedos, o desenvolvimento semântico foi o de que "dez" equivale a uma "coleção", "união". Por conseguinte, "dez" em árabe é *'ashr*""; em ugarítico, *'šr* I; em acadiano, *ešru*; em aramaico bíblico, *'ăśar*.

No AT o conceito de dízimo é de considerável importância para a teologia do próprio AT. Como nos casos de circuncisão (embora a circuncisão de criancinhas não seja documentada fora de Israel), sacrifícios, restrições alimentares e coisas do gênero, dar o dízimo não era algo restrito a Israel no antigo Oriente Médio. Isso ocorria entre os egípcios e também entre os mesopotâmios (vejam-se, *e.g.*, citações da literatura acadiana acerca de dízimos pagos a deuses ou a templos, em *CAD*, v. 4, p. 369). O dízimo também não foi introduzido em Israel pela lei mosaica. Abrão deu o dízimo de seus despojos de guerra a Melquisedeque após dele receber uma bênção sacerdotal (Gn 14.20; *cf.* Hb 7, especialmente o v. 4), e em Betel Jacó fez o voto de dar um dízimo a Deus, depois de ter o sonho de uma escada que levava até a presença de Iavé (Gn 28.22).

E, no entanto, no código mosaico que conteúdo e forma são dados ao princípio do dízimo. Conforme observado por J. G. S. S. Thompson (*NBD*, p. 1 284), os três núcleos de instrução na Torá servem para responder a três perguntas básicas acerca do dízimo: 1) "de quê?"; 2) "a quem?"; e 3) "onde?"

A primeira pergunta, "de que se deve dar dízimo", é respondida no último parágrafo de Levítico 27 (vv. 30-34). Nessa passagem importante, num contexto aparentemente suplementar do livro, o alcance do dízimo é apresentado em termos mais amplos possíveis e de um modo perfeitamente apropriado a uma economia agrícola. Todo o dízimo da terra pertence a Iavé. Isso inclui, sem exceção, plantas e animais. Ademais, o dízimo não deve ser confundido com a oferta das primícias (Êx 22.29-30 [28-29]; veja-se EICHRODT, *Theology of the Old Testament*, v. 1. p. 153) nem deve ser dado parcialmente (guardando o melhor para si). Acerca de animais, por exemplo, à medida que iam deixando o aprisco, o criador, devia simplesmente ir contando até dez e considerar que o décimo animal pertencia a Iavé. Um lavrador podia querer transformar seu dízimo agrícola em dinheiro (para facilitar o transporte do dízimo), mas devia acrescentar um quinto ao valor, para evitar ter vantagem financeira nessa troca por dinheiro. No entanto, o criador não podia fazer tal troca com seus animais. O dízimo resultante era "santo a Iavé" (veja-se *qōdesh*), separado para uso exclusivo pelo Senhor.

Uma segunda pergunta a respeito dos dízimos, "a quem devem ser entregues?", é respondida em Números 18.21-32. Como os levitas não iriam receber uma herança territorial em Canaã, a recompensa que tinham por servir a Deus era "todos os dízimos em Israel" (18.21). No que diz respeito a eles próprios, os levitas deviam dar o dízimo daquilo que recebessem ("os dízimos dos dízimos", 18.26), que Iavé considerava tão aceitável quanto os cereais dados pelos lavradores. Esses dízimos dos levitas eram dados ao sacerdote.

Uma terceira pergunta, "onde os dízimos devem ser entregues?", é respondida em Deuteronômio 12.1-14 e 14.22-29. Dízimos e sacrifícios não deviam ser apresentados "em

todo lugar que vires" (12.13), mas "no lugar que o SENHOR escolher numa das tuas tribos" (12.14). O local desse santuário central, que posteriormente seria Jerusalém, era o único lugar autorizado para a apresentação de dízimos e ofertas na nova terra (12.6). Na apresentação desses dízimos e ofertas devia ocorrer uma refeição sagrada, da qual os levitas deviam participar e que seria comida com alegria e louvor à esplêndida bênção concedida por Iavé (12.7; *cf.* 14.23). Caso a distância se revelasse demasiadamente grande, a pessoa podia transformar o produto da terra em seu equivalente em dinheiro. Em Deuteronômio 14.28-29 encontram-se normas para a distribuição de dízimos na própria localidade da pessoa a cada três anos. Neste dízimo dava-se ênfase às necessidades dos pobres e dos indefesos (*cf.* 26.12-15).

Tais eram "as leis relativamente simples do Pentateuco acerca do dízimo" (Thompson). Existem, entretanto, alguns aspectos complexos a respeito dessas leis simples.

Um desses aspectos tem que ver com o número de dízimos que Israel devia dar. Alguns lêem a legislação da Torá sem o questionamento de que possivelmente havia mais de um dízimo envolvido. H. Landsdell e outros, especialmente com base em Deuteronômio 14.22-29, comparado com Levítico e Números, defendem três dízimos: 1) o dízimo a ser dado aos levitas (14.27; Nm 18); 2) o dízimo para o banquete sagrado (14.22-26); e 3) o dízimo a cada três anos para os pobres da própria região (14.28-29). Landsdell conclui: "Então, ao que parece, a lei mosaica determinava ao israelita que desse anualmente, ligado à sua prática religiosa, dois dízimos e que, ao fim de três anos, desse um terceiro dízimo da sua renda" (*The tithe and the Scripture*, p. 36; quanto a uma posição contrária, veja-se S. R. DRIVER, *Deuteronomy*, no *ICC*, p. 166-73; M. G. KLINE, *Treaty of the great king*, Eerdmans, 1963, p. 87-8, sustenta que apenas uma pequena porção do dízimo único ia para a refeição comunal e que o dízimo para os pobres era um outro emprego para o dízimo anual a cada terceiro e sexto ano). Dennis Wretlind sustenta que havia dois tipos de dízimo, um dízimo básico (Lv 27 e Nm 18) e dois dízimos secundários (Dt 12; 14; 26), cujas finalidades tinham que ver com "a justiça, a misericórdia e a fé [isto é, a fidelidade]", citadas por nosso Senhor em Mateus 23.23, ou seja, a justiça aos levitas, a fidelidade a Deus e a misericórdia com os pobres (tese de mestrado inédita, Financial stewardship in the New Testament church, Western Baptist Seminary, 1975).

Um segundo aspecto intricado diz respeito à perversão da legislação sobre o dízimo. Israel e o judaísmo posterior tendiam a, de duas maneiras, distorcer a questão: 1) os israelitas guardavam a lei com excessiva rigidez, perdendo de vista o propósito do dízimo, de modo que dar o dízimo passou a ser considerado, nos períodos intertestamentário e do Novo Testamento, um meio de alcançar misericórdia divina (*cf.* Lc 11.42); ou 2) Israel negligenciava o dízimo e tornava-se culpado de roubar a Deus (Ml 3.8-10).

O dízimo no AT deve ser visto por dois prismas: divino e humano. Do ponto de vista divino, o dízimo jamais teve como objetivo ser um fardo pesado, ou seja, alguém *tem de* dar a décima parte daquilo que ganha (*e.g.*, Dt 12.12; *cf.* aquele que "dá com alegria", 2 Co 9.7). Tudo aquilo que alguém possui pertence a Deus (acerca disso, veja-se J. B. PAYNE, *The theology of the older Testament*, p. 434). A entrega para o uso divino de uma pequena porção daquilo que alguém, pela graça divina, recebeu, é um gesto agradecido de submissão e dependência. Em segundo lugar, o dízimo tem uma dimensão humana ou comunitária. E um aspecto do inter-relacionamento do povo (*'ām*) de Deus. Os levitas, que estavam a serviço de Deus e não em atividades comerciais, eram os beneficiários diretos

dos dízimos (Nm 18.21). Havia, portanto, uma inter-relação entre o ministério que estes realizavam e o trabalho diário dos não-levitas. Nesse vínculo sinergístico havia o lembrete constante de que precisavam uns do outros. Ademais, os pobres, as viúvas e os órfãos (temas proverbiais de abandono) deviam ser sustentados por meio do dízimo do terceiro ano (Dt 14.29). Eles também, ainda que indefesos, faziam parte da comunidade (*'ām*). Os dízimos asseguravam o bem-estar deles (*cf.* o repetido teste da religião verdadeira, o cuidado para com as viúvas e os órfaos, *e.g.*, Is 1.23; Tg 1.27), um passo importante na direção de uma sociedade saudável.

'eser, 'āsārâ. ***Dez.*** O numeral cardinal "dez" em suas formas masculina e feminina é encontrado com bastante freqüência no texto hebraico do AT (176 vezes). Apenas ocasionalmente as duas formas do número "dez" são associadas a outros números (*e.g.*, Gn 50.22, "José ... viveu cento e dez anos"). Num maior número de vezes essas formas da palavra são empregadas para designar um grupo que não ultrapassa dez itens, tais como "dez touros" (Gn 32.15 [16]). Nas porções aramaicas do AT, a palavra "dez" é encontrada cinco vezes (*'ăsar* e *'asrâ*). Conquanto o numeral dez seja usado em diversas listas importantes, tais como os Dez Mandamentos (literalmente, "dez palavras", Dt 4.13), não parece haver nenhum significado místico ou simbólico em torno do número "dez" no AT.

'āsār, 'esrēh. ***Dez (só em combinação com outros números).*** Estas são as formas masculina e feminina de "dez" que, associadas aos números "um" a "nove", formam os números "onze" a "dezenove", tanto cardinais quanto ordinais. Em geral o item numerado, se costumeiramente usado junto com números, aparece no singular (*e.g.*, "dia", "mês", "ano", *etc.*); de outro modo, o item numerado estará no plural. Para formar os números "onze" a "dezenove", *'āsār* e *'esrēh* podem vir antes ou depois do outro número. Essas também são formas bastante comuns no AT hebraico. A forma masculina é encontrada 203 vezes, e a feminina, 144, sendo que o gênero concorda com o item numerado.

'âsar. ***Dar o dízimo, dizimar, dar a décima parte de, tomar a décima parte de, tomar um décimo.*** Verbo denominativo de acordo com *BDB*, mas não segundo *KB* (que vê uma forma no qal em 1 Sm 8.15, 17; nos demais trechos bíblicos piel ou hifil). O verbo é empregado em apenas cinco trechos do AT (Gn 28.22, no voto que Jacó fez a Deus em Betel; Dt 14.22, no mandamento divino de dar anualmente o dízimo da produção agrícola; Dt 26.12, no dízimo, de cada três anos, destinado ao levita e ao pobre; 1 Sm 8.15, 17, na advertência de Samuel quanto à política de impostos que provavelmente seria instituída com a chegada da monarquia; e Ne 10.37-38 [38-39], ao falar de levitas que deveriam coletar os dízimos das regiões rurais). Em quatro desses trechos, o dar o dízimo é descrito como um ato de adoração a Deus. No outro (1 Sm 8.15, 17) emprega-se o verbo, talvez com alguma ironia, para designar a carga opressiva de impostos cobrados por um rei (uma prática comum no antigo Oriente Médio).

'āsôr. ***Dez, décimo.*** Substantivo masculino que significa "uma dezena". Em Gênesis 24.55 refere-se a um período de dez dias e em Salmos 33.2, a um instrumento com dez cordas (também SI 92.3 [4]; 144.9). Nos demais trechos *'āsôr* é usado em fórmulas de datas, "aos dez dias do mês" (Êx 12.3, e em dez outros trechos).

'esrîm. ***Vinte.*** No texto hebraico do AT, o plural de "dez" tem o sentido de "vinte"; é palavra muito comum, sendo encontrada 315 vezes.

'ăsîrî, 'ăsîrîyâ, 'ăsîrît. ***Décimo.*** A primeira forma é masculina e as outras duas são femininas do numeral ordinal "décimo". Tais formas são empregadas em frases como "décimo dia" (Nm 7.66). As palavras também são usadas como substantivos (*e.g.*, "um décimo", *i.e.*, um remanescente, Is 6.13 [ARA, "décima parte"]; "um dízimo" dos rebanhos e do gado, Lv 27.32 [ARA, "dízimas"]).

'issārôn. ***Décima parte.*** Uma medida de quantidade usada em Êxodo, Levítico e Números em textos sacrificiais (33 vezes).

ma'ăsēr. ***Dízimo, décima parte.*** Esse é o substantivo "dízimo", que tem relação com o verbo *'asar*, "dizimar". No AT a primeira menção do dízimo é a oferta de Abrão a Melquisedeque (Gn 14.20). A legislação do dízimo aparece em Levítico 27, Números 18 e Deuteronômio 12; 14; 26. Depois dos textos legais a palavra "dízimo" aparece poucas vezes no AT. Em textos pré-exílicos posteriores à Torá a palavra ocorre apenas em Amós 4.4 (embora 2 Cr 31.5 e ss. registre a entrega de dízimos durante a reforma de Ezequias). Em textos pós-exílicos, *ma'ăśēr* é encontrado seis vezes em Neemias e duas vezes em Malaquias 3 (vv. 8, 10). Em Ezequiel esse substantivo é utilizado duas vezes para designar a décima parte de uma unidade de medida (45.11, 14).

Bibliografia: — CORLEY, Bruce, The intertestamental perspective of stewardship, *Southwestern Journal of Theology* 13:19-24. — DAVID, John J., *Biblical numerology*, Baker, 1968. — LANDSDELL, Henry, *The sacred tenth*, Baker, 1955. _____, *The tithe in Scripture*, Baker, 1963. — SEGAL, J. B., Numerals in the Old Testament, *JSS* 10:2-20. — VISCHER, Lukas, *Tithing in the early church*, Fortress, 1966.

R.B.A.

עִשָּׂרוֹן (*'issārôn*). Veja o nº 1 711g.
עֶשְׂרִים (*'esrîm*). Veja o nº 1 711e.
עַשׁ (*'āsh*). Veja o nº 1 715a.
עָשׁוֹק (*'āshôq*). Veja o nº 1 713c.
עֲשׁוּקִים (*'ăshûqîm*). Veja o nº 1 713d.
עֲשׁוֹת (*'āshôt*). Veja o nº 1 716b.
עָשִׁיר (*ashîr*). Veja o nº 1 714b.

1712 עָשַׁן (*'āshan*) ***fumegar, estar irado.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1712a עָשָׁן (*'āshān*) ***fumaça.***
1712b עָשֵׁן (*'āshēn*) ***fumegante*** (Êx 20.18; Is 7.4).

'āshān. ***Fumaça.*** Esse substantivo (*cf.* o árabe *'aṯana*) significa "fumaça", tanto no sentido literal quanto no figurado. Deve-se comparar essa raiz com *qātar* (ugarítico *qtr*), empregado no AT para indicar a fumaça de sacrifícios.

'āshān é a palavra usada para designar a fumaça que subiu da cidade de Ai, que fora queimada (Js 8.20-21). O vocábulo torna-se então uma figura agourenta da destruição total dos inimigos de Iavé (SI 37.20; 68.2 [3]; Is 34.10; Na 2.14) e, de outro lado, dos poderes destrutivos da impiedade (Is 9.18 [17]). A fumaça irrita os olhos (Pv 10.26), pode ser um sinal militar (Jz 20.38, 40) e nuvens de fumaça elevam-se de caravanas (Ct 3.6) ou exércitos (Is 14.31). A fumaça, à semelhança do vapor (veja-se *hebel*), é uma figura da transitoriedade (SI 102.3 [4]; Is 51.6; Os 13.3). Em uma ocasião a palavra designa as narinas fumegantes do leviatã (Jó 41.20 [12]).

De modo mais relevante, a raiz *'āshān* refere-se a Iavé de duas maneiras. Primeiro, a fumaça é uma característica marcante e presente nas teofanias a Abrão (Gn 15.17), Moisés no monte Sinai (Êx 19.18; 20.18; *cf.* Sl 104.32; 144.5; 2 Sm 22.9; Sl 18.8 [9]; Is 4.5; Jl 2.30 [3.3]) e na visão que Isaías tem de Deus (Is 6.4). A origem da figura é obscura, mas o significado é claro. A fumaça (junto com o fogo) anuncia o terror de Iavé, o confronto entre sua santidade e o pecado do homem (veja-se Derek KIDNER, *Genesis*, p. 124-5). Em segundo lugar, o verbo e o substantivo podem referir-se à ira de Iavé (Dt 29.20 [19]; SI 74.1; 80.4 [5]; Is 65.5). Embora a ira de Deus contra seus inimigos seja de fato aterrorizadora, a fumaça e o terror da sua presença não criam pânico entre os que são seus, mas uma sensação misteriosa de assombro, atração, reverência, gozo e confiança (veja-se EICHRODT, *Theology of the Old Testament*, v. 2, p. 270).

R.B.A.

1713 עשק (*'āshaq*) ***oprimir, conseguir fraudulentamente, enganar, praticar violência.***

Termos Derivados

1713a עֹשֶׁק (*'ōsheq*) ***opressão, extorsão.***

1713b עָשְׁקָה (*'oshqâ*) ***opressão, aflição*** (Is 38.14).

1713c עָשׁוֹק (*'āshôq*) ***opressor*** (Jr 22.3).

1713d עֲשׁוּקִים (*'ăshûqîm*) ***opressões.***

1713e מַעֲשַׁקָּה (*ma'ăshaqqâ*) ***extorsão*** (Pv 28.16; Is 33.15).

A raiz verbal *'āshaq* diz respeito aos atos de abuso de poder ou autoridade, quando se sobrecarrega, pisa ou esmaga aqueles que estão num nível inferior. Sinônimos importantes dentro do domínio semântico de *'āshaq* incluem: *gāzal*, "tirar", "tomar à força"; *dākā'* (nifal), "ser esmagado"; *yānâ*, "ser violento", "oprimir"; *lāhats*, "pressionar", "oprimir", "atormentar; *tsārar*, "ser limitado", "ser oprimido"; *rātsats*, "maltratar", "abusar"; e *shādad*, "devastar", "maltratar". A raiz hebraica *'āshaq* foi relacionada com o adjetivo acadiano *esqu*, "forte", "sólido", e com o substantivo árabe *'asaq*"", "aspereza", "injustiça", "maldade" (*cf.* o árabe *'usuq*, "duro com seus devedores").

E. Jacob escreve em sua *Theology of the Old Testament*: "Já que a natureza humana pode ser definida mediante o tema da imagem de Deus, sua função pode ser designada como uma imitação de Deus. Isso implica uma dupla obrigação por parte do homem (poderíamos dizer uma dupla perspectiva): um olho voltado para Deus e o outro para o mundo" (p. 173). Essa "dupla perspectiva" impede que o justo de alguma maneira oprima aqueles que estão numa condição inferior. Deus espera que assim como o homem, que recebeu tanto perdão, corresponda perdoando aos outros, também aquele que foi tratado com um gesto gracioso extraordinário pelo Mestre da eternidade, trate favoravelmente os indefesos. O provérbio explica: "O que oprime ao pobre insulta aquele que o criou, mas a este honra o que se compadece do necessitado" (Pv 14.31).

A opressão é, por conseguinte, um pecado grave contra o qual Israel foi advertido nos mais duros termos. Jamais se deve oprimir (*'āshaq*) nem roubar (*gāzal*) o próximo (Lv 19.13) nem um empregado contratado, seja este um israelita ou um migrante estrangeiro (Dt 24.14). E ridículo o pobre que oprime os necessitados (Pv 28.3). Aqueles que tinham maiores probabilidades de serem maltratados e oprimidos eram aqueles sem defesa adequada para os seus direitos, *i.e.*, a viúva, o órfao, o migrante e o pobre. Contra estes não se devia praticar nem maquinar atos maldosos (Zc 7.10; veja-se Jr 7.6). Tais atos de opressão são má-fé contra Iavé (veja-se Lv 6.1-7 [5.21-26]). De tais abusos ostensivos de privilégios e poder o profeta Samuel pôde demonstrar total inocência (1 Sm 12.3-4). O rei, que era um regente sob as ordens de Iavé, tinha, como tarefa divina, a incumbência de vindicar aqueles que eram oprimidos pelos homens perversos (Jr 21.12). O rei devia "esmagar o opressor" (*wîḏakkē' 'ôshēq*, Sl 72.4). Assim estaria imitando a Iavé, que "executa atos de justiça e juízo a favor de todos os oprimidos" (Sl 103.6, NBB; veja-se Sl 105.14; 1 Cr 16.21; Sl 146.7).

Entretanto, um dos pecados bastante disseminados e persistentes de muitos israelitas era oprimir os pobres e os fracos e cometer atos flagrantes de extorsão contra os migrantes (Ez 22.29; Os 12.7 [8], "ama a opressão"; Am 4.1; Mq 2.2; Ml 3.5). Para tais atos o castigo de Iavé é justo: "serás oprimido e roubado todos os teus dias; e ninguém haverá que te salve" (Dt 28.29; *cf.* v. 33). Contudo, em seu juízo Deus se lembra da misericórdia. Israel, que é oprimido por outros devido às suas próprias ações opressoras (Os 5.11), ainda verá a redenção divina (Jr 50.33-34).

Uma vez (erroneamente!) Deus é acusado de oprimir os justos (Jó 10.3). Os justos podem, entretanto, orar para que Iavé os preserve de atos de opressão (Sl 119.121-22). Dois usos raros do verbo *'āshaq* encontram-se em Jó 40.23 (referindo-se a um rio turbulento, de forte correnteza) e em Provérbios 28.17 (alguém sobrecarregado com a culpa do sangue de quem assassinou secretamente).

R.B.A.

1714 עָשַׁר (*'āshar*) ***ser rico*** (qal); ***enriquecer*** (hifil); ***fingir-se rico*** (hitpael).

Termos Derivados

1714a עֹשֶׁר (*'ōsher*) ***riquezas.***

1714b עָשִׁיר (*'āshîr*) ***rico (adj. e subst.).***

1715 עָשֵׁשׁ (*'āshēsh*)

Essa raiz verbal (*'atar* em aramaico bíblico) é um dos principais vocábulos acerca de riquezas e abundância de bens. Alguns sinônimos são: *hôn*, "opulência"; *hāmôn*, "riquezas"; *hayil*, "bens", "opulência"; *hōsen*, "tesouro"; *yitrā*, "economias"; *yitrôn*, "lucro"; *n'kāsîm*, "opulência"; e *matmôn*, "tesouro".

No AT existe uma atitude ambivalente acerca da opulência e das riquezas. De um lado, afirma-se que as riquezas são a bênção de Iavé aos justos (Sl 112.3; *cf.* Pv 10.22; 1 Sm 2.7 [salmo de Ana]), a recompensa da fé humilde (Pv 22.4), o ganho da sabedoria (Pv 14.24), a recompensa da coragem (1 Sm 17.25), o resultado do trabalho esforçado e diligente (Pv 10.4) e o adorno próprio de reis (*e.g.*, Solomon [1 Rs 10.23; 2 Cr 9.22; *cf.* 2 Cr 1.11-12], Josafá [2 Cr 17.5], e Ezequias [2 Cr 32.27]; mas *cf.* Dt 17.17).

De outro lado, as riquezas podem conduzir à autodependência em vez da dependência de Iavé (veja-se Efraim em Os 12.8 [9]), podem ter origem em negócios fraudulentos e desleais (Jr 5.27), podem voar embora com as asas da águia (Pv 23.5), não podem resgatar a alma (Sl 49.6 [7]; *cf.* 1 Pe 1.18-19!) e não podem durar para sempre (Sl 49.16-17 [17-18]; "em morrendo, nada levará consigo"). Por conseguinte, um bom nome é mais desejável (Pv 22.1).

Tal como ocorre em tantas áreas da vida, o mal não está nas riquezas em si, mas na atitude que se tem com elas. Provérbios 28.20 diz: "O homem fiel será cumulado de bênçãos, mas o que se apressa a enriquecer não passará sem castigo". E preferível que aquele que possui riquezas (ou sabedoria ou poder) se orgulhe de conhecer Iavé (Jr 9.23-24 [22-23], *cf.* 1 Co 1.29-30). Em vez de confiar nas riquezas, os justos confiam no amor leal de Iavé (Sl 52.7-8 [9-10]). Em Salmos 65.9 [10] o verbo *'āshar* refere-se à ação de Iavé (no milênio) de enriquecer abundamentemente a terra no ano da sua bondade (Sl 65.11 [12]).

A tensão entre os benefícios e os perigos das riquezas é bem expressa na oração do sábio: "não me dês nem a pobreza nem a riqueza; dá-me o pão que me for necessário; para não suceder que, estando eu farto, te negue e diga: Quem é o SENHOR? ou que, empobrecido, não venha a furtar, e profane o nome de Deus" (Pv 30.8-9).

R.B.A.

1715 עָשֵׁשׁ (*'āshēsh*) ***mirrar, enfraquecer.***

Termo Derivado

1715a עַשׁ (*'āsh*) ***traça.***

1716 עָשַׁת (*'āshat*) ***I, ser liso, ser brilhante*** (Jr 5.28).

Termos Derivados

1716a עֶשֶׁת (*'eshet*) ***chapa*** (Ct 5.14).

1716b עֲשׁוֹת (*'āshôt*) ***liso*** (Ez 27.19).

1717 *עָשַׁת (*'āshat*) ***II, pensar.*** Ocorre somente no hitpael em Jonas 1.6.

Termos Derivados

1717a עַשְׁתּוּת (*'ashtut*) ***pensamento*** (Jó 12.5).
1717b עֶשְׁתֹּנָה (*'eshtōnâ*) ***pensamento*** (Sl 146.4).
1717c עַשְׁתֵּי (*'ashtê*) ***um.***

עַשְׁתּוּת (*'ashtût*). Veja o nº 1 717a.
עַשְׁתֵּי (*'ashtê*). Veja o nº 1 717c.
עֶשְׁתֹּנָה (*'eshtōnâ*). Veja o nº 1 717b.

1718 עַשְׁתֹּרֶת (*'ashtōret*) ***Astarote.*** Esse é o nome (na forma plural) de uma deusa cananéia do sexo e da guerra, uma representação vívida do paganismo em suas manifestações mais perversas.

Termos Derivados

1718a †עַשְׁתָּרוֹת (*'ashtārôt*) ***I, rebanhos.***
1718b †עַשְׁתָּרוֹת (*'ashtārôt*) ***II, Astarote.***

'ashtārôt. ***I. Rebanhos, filhotes.*** O vocábulo ocorre quatro vezes em Deuteronômio (7.13; 28.4, 18, 51) na frase *'asht'rôt tsō'nekā*, traduzida por "'rebanho' do teu gado miúdo" (ARC), "crias dos teus rebanhos" (TB, IBB) ou "crias das tuas ovelhas" (ARA, *KB*, *Holladay*). Albright comenta: "Uma vez que Astarte era mais conhecida como a padroeira da reprodução sexual, esse é um desenvolvimento [semântico] bastante natural, bem aceitável em Israel, pois os israelitas não davam quase nenhuma atenção para as conotações religiosas da expressão" (*YGC*, p. 185-6).

'ashtārôt. ***II. Astarote.*** Topônimo, talvez associado com a adoração de Astarte (ARA, "Astarote"), uns 30 quilômetros a leste do mar da Galiléia, Tell 'Ashtarah, mencionado nos textos de Amarna e em inscrições assírias (vejam-se mapas 21, 23, 24, *etc.*, em *The Macmillan Bible atlas*). Asterote-Carnaim foi conquistada por Quedorlaomer na guerra de Gênesis 14. A época de Moisés, Astarote era a principal cidade de Ogue, rei de Basã (Dt 1.4; vejam-se Js 9.10; 12.4; 13.12, 31; 1 Cr 6.71 [56]).

A deusa Astarte, como é conhecida na transliteração em grego, aparece com destaque no mundo religioso do antigo Oriente Médio como uma deusa-mãe associada à reprodução sexual e também à guerra. O hebraico *'ashtōret* é cognato do acadiano *ištar* e do ugarítico *'ṯtrt* (há também uma divindade masculina, *'ttr*; *cf.* o moabita *'shtr* [masc.], o fenício *'shtrt*, o aramaico *'tr*, o antigo árabe do sul, *'attar* [masc.]). O hebraico *'ashtārôt* é a forma plural. Albright e Pope são da opinião de que o plural não designa muitas dessas deusas, mas reflete "uma tendência crescente de empregar o plural do nome próprio 'num claro sentido de totalidade de manifestações de uma divindade'" (POPE, p. 20, citando ALBRIGHT, p. 213). O léxico de Brown, Driver e Briggs (*BDB*) observa que a forma singular *'ashtōret* pode indicar uma pronúncia artificial que sugere o padrão vocálico da palavra

hebraica *bōshet*, "vergonha" (*q.v.*); as formas acadiana e ugarítica [normalizada para *'attart*] e a transliteração grega não apontam para vogal alguma entre as duas últimas consoantes. Essa forma hebraica no singular é empregada três vezes no livro de Reis em referência a uma deusa sidônia adorada por Salomão (1 Rs 11.5, 33; 2 Rs 23.13, denominada *shiqqûts*, "abominação" dos sidônios). Nos demais textos do AT usa-se o plural *'ashtārôt*, em geral associado com os baalins (o plural de Baal [*ba'al*, *q.v.*], Jz 2.13; 10.6; 1 Sm 7.4; 12.10) e uma vez com "deuses estranhos" (1 Sm 7.3). Depois da morte de Saul, sua armadura foi posta num templo de Astarote (1 Sm 31.10).

Alguns estudiosos discordam, mas parece que a deusa Asera (*'ăshērâ*, *q.v.*) e Astarte são uma única e mesma divindade (*e.g.*, KAPELRUD, p. 62). Na Bíblia Hebraica, como também nos textos ugaríticos, Astarte aparece com muito menor freqüência do que Asera. Ambas, no entanto, são associadas a Baal (e em ugarítico com El). Para complicar ainda mais o quadro do panteão cananeu, alguns estudiosos são da opinião de que a deusa Anate (ugarítico *'nt*, *UT* 19: nº 1 889), a consorte de El e a esposa-irmã de Baal, é, às vezes, identificada com Asera e Astarte (*e.g.*, HARRISON, p. 167). "Anate" não ocorre no AT como nome de uma deusa, mas é o nome do pai de Sangar (Jz 3.31; 5.6; *cf.* Anatote, um topônimo, Js 21.18). Os devotos dessas deusas glorificavam Astarte, Asera e Anate (ou, na opinião de alguns, uma única deusa com três nomes diferentes) em termos de características sexuais exageradas (como nas estatuetas de terracota) lado a lado com um sadismo depravado (como nas repugnantes cenas descritas na literatura épica ugarítica).

Os leitores atuais do AT, sem dúvida alguma, às vezes perdem de vista a significação e a importância da idolatria cananéia. A adoração de um deus ou de uma deusa dos cananeus não foi uma mácula irrelevante na história de Israel. Além do efeito aviltante e devastador que tinham sobre o praticante, os atos de adoração, que incluíam prostituição masculina e feminina em relações heterossexuais e homossexuais, opunham-se fundamentalmente à adoração do Deus vivo e eram, na realidade, atos de traição contra a suserania divina. R. K. Harrison, depois de descrever o sistema obsceno e cruel de adoração dos cananeus, conclui que "sua natureza sórdida e degradante contrasta nitidamente com os elevados ideais éticos de Israel. A falta absoluta de caráter moral nas divindades cananéias faziam desses atos depravados (tais como prostituição ritual, sacrifício de crianças e adoração dissoluta) a expressão normal da devoção e fervor religiosos. Conseqüentemente, não podia haver nenhuma conciliação entre a moralidade do Deus de Israel e a sensualidade depravada da religião cananéia" (p. 170).

Bibliografia: — ALBRIGHT, William Foxwell, *Yahweh and the gods of Canaan, a historical analysis of two contrasting faiths*, Garden City, Doubleday, 1968. — CASSUTO, U., *The goddess Anath, Canaanite epics of the patriarchal age*, trad. Israel Abrahams, Jerusalém, Magnes Press, 1971. — CROSS, Frank Moore, Jr., *Canaanite myth and Hebrew epic, essays in the history of the religion of Israel*, Harvard University, 1973. — HARRISON, R. K., *Old Testament times*, Eerdmans, 1970. — KAPELRUD, Arvid S., *The Ras Shamra discoveries and the Old Testament*, Oxford, Basil Blackwell, 1965. — POPE, Marvin H., *El in the Ugaritic texts*. Supplements to Vetus Testamentum, v. 2, Leiden, Brill, 1955.

R.B.A.

עֵת (*'ēt*). Veja o nº 1 650b.

1719 *עתד (*'ātōd*) ***estar pronto.*** Ocorre somente no piel e no hitpael.

Termos Derivados

1719a עתיד (*'ātîd*), עָתוּד (*'ātûd*) ***pronto, preparado.***
1719b †עַתּוּד (*'attûd*) ***bode, carneiro, líder.***

'attûd. ***Bode.*** O substantivo hebraico *'attûd* é um dos diversos vocábulos empregados no AT para designar "bode", e deve-se compará-lo com o acadiano *atūdu*, "ovelha selvagem", e o árabe *'atūd*"", "cabrito". Quanto a uma lista de sinônimos hebraicos, veja-se *'ēz*.

O bode era um animal sacrificial, e o *'attûd* é assim indicado como parte da oferta pacífica que os líderes de Israel fizeram e que está registrada em Números 7 (12 vezes a palavra é usada, uma para cada oferta, mais uma vez [v. 88] para indicar o total de animais oferecidos). Nessas ofertas o *'attûd* é associado a carneiros e cordeiros. Para ser aceitável, o sacrifício deve ser motivado por uma atitude de reverência. Por conseguinte, lavé desdenha o sangue de bodes sacrificados por ímpios e impenitentes (Is 1.11) e, em Salmos 50.7-15, expressa uma ironia zombeteira acerca daqueles que sacrificam com atitude errada.

Os bodes fazem parte da descrição que Moisés faz da fartura da terra de Canaã (Dt 32.14). Bodes listados ou malhados eram bastante raros; isso explica o estratagema de Jacó em sua disputa com Labão (Gn 31). As vezes a palavra é usada com sentido figurado. Uma vez que o *'attûd* era o líder do rebanho (Jr 50.8), o termo podia ser empregado para designar governantes e líderes (vejam-se Is 14.9; Ez 34.17).

עתה (*'attâ*). Veja o nº 1 650c.
עתוד (*'atûd*). Veja o nº 1 719a.
עתוד (*'attûd*). Veja o nº 1 719b.
(*'attî*). Veja o nº 1 650d.
עתיד (*'atîd*). Veja o nº 1 719a.
עתיק (*'atîq*), עַתִּיק (*'attîq*). Veja os nºs 1 721c, d.

1720 *עתם (*'ātam*). Ocorre somente no nifal, em Isaías 9.18. Significado incerto, talvez "estar ressecado".

1721 עָתַק (*'ātēq*) ***envelhecer, mudar*** (qal); ***transcrever, deixar de lado, mudar*** (hifil).

Termos Derivados

1721a †עתק (*'ātāq*) ***obstinado, insolente.***
1721b †עָתֵק (*'ātēq*) ***durável*** (Pv 8.18).
1721c †עָתִיק (*'ātîq*) ***durável.***

1721d †עַתִּיק (*ʿattîq*) ***antigo.***

Essa raiz é usada com pouca freqüência em hebraico em referência ao movimento espacial e ao envelhecimento. O cognato acadiano *etēqu* é um verbo comum que tem o sentido de "passar adiante", "avançar". Cognatos também são encontrados em árabe (*ʿataqa*, "preceder", "ficar velho"), ugarítico (*ʿtq*, "passar") e aramaico (*ʿattîq*, "velho").

A raiz é usada no qal em Jó 14.18, designando uma rocha que sai de seu lugar (*cf.* Jó 18.4). Indica o envelhecimento e conseqüente enfraquecimento da visão (Sl 6.7 [8]) e também indica o fortalecimento dos perversos (Jó 21.7).

No grau hifil usa-se duas vezes a raiz em referência a viagens patriarcais (Abrão em Gn 12.8; Isaque em Gn 26.22). Jó 32.15 fala de palavras que fogem, abandonando aquele que fala. Jó 9.5 conta acerca do temível poder de Iavé, que "remove" montanhas, transtornando-as em sua ira. Um emprego peculiar do hifil acha-se em Provérbios 25.1, em que se diz que os provérbios de Salomão foram "transmitidos" (ARA, "transcritos") pelos homens de Ezequias (como o entende R. B. Y Scott, *Proverbs*, in *AB*, p. 155).

ʿātāq. ***Insolência, coisas pesadas, coisas duras, obstinação.*** Palavra que designa a fala obstinada, insolente e arrogante (1 Sm 2.3; Sl 31.19; 75.6; 94.4).

ʿātēq. ***Durável.*** Adjetivo empregado em Provérbios 8.18 em referência a bens antigos ou hereditários (e, por conseguinte, eminentes).

ʿātîq. ***Durável, fino.*** Empregado apenas em Isaías 23.18 em referência a trajes finos ou escolhidos.

ʿattîq. ***Antigo, removido.*** Usado com o sentido de ter sido afastado dos seios, *i.e.*, "desmamado", em Isaías 28.9, e de algo velho ou antigo em 1 Crônicas 4.22.

R.B.A.

1722 עָתַר (*ʿātar*) ***I, orar, suplicar.***

Termo Derivado

1722a עָתָר (*ʿātār*) ***suplicante, adorador*** (Zc 3.10).

O verbo *ʿātar* constitui uma palavra incomum no vocabulário da oração. Seu cognato árabe *ʿatara* significa "matar para sacrifício". Talvez o vocábulo hebraico *ʿātar* tenha uma origem sacrificial (assim o entendem VON RAD, *Old Testament Theology*, v. 1, p. 380, e EICHRODT, *Theology of the Old Testament*, v. 1, p. 172). Em Êxodo 8.28 [24] *ʿātar* tem relação com sacrifício, mas veja-se abaixo. Na LXX esse verbo é muitas vezes traduzido por *euchomai*, "orar" (Êx 8—10), e, quando aparece no nifal, por *epakouō*, "ouvir favoravelmente". A palavra "suplicar" tem o sentido de "fazer uma oração ou pedido sincero", "pedir", "implorar". Sinônimos importantes incluem *ḥānan* (hitpael), "implorar graça", *pāgaʿ*, "instar fortemente", *palal* (hitpael), "orar", *shāʾal*, "pedir", "solicitar", e *ḥālâ* (piel), "aplacar", "suplicar".

A doutrina bíblica da oração, nas palavras de Eichrodt, é notável por estar livre de "todo vestígio de emoções falsas ou de adulação grandiloqüente; pelo contrário, suas características são uma simplicidade, sinceridade e confiança infantis" em relação a Iavé. Ademais, em contraste com a literatura de oração do antigo Oriente Médio, não ocorre uma "disparidade entre a oração na adoração pública coletiva e a oração particular do indivíduo" (EICHRODT, *Theology of the Old Testament*, v. 1, p. 175). A oração bíblica é espontânea, pessoal, motivada pela necessidade, não restrita a uma hora nem a um local. Conforme comentado por Vriezen, "era possível achegar-se a Deus em todo local (Gen. XXIV) e em toda hora do dia" (*Outline of Old Testament Theology*, p. 279). É de interesse observar-se que na adoração de Israel, apesar das minuciosas instruções quanto aos sacrifícios, não existe uma liturgia rígida da oração. Esta devia ser espontânea.

Das 20 ocorrências de *'ātar*, oito aparecem no contexto teológico das pragas do Egito, em Êxodo 8—10 (a saber, Êx 8.8-9 [4-5], 28-30 [24-26]; 9.28; 10.17-18). Em Êxodo 8.28 [24] estabelece-se um relacionamento entre sacrifício e oração de súplica; tal relacionamento parece provável em todo o episódio. Atos sacrificiais estão associados com súplicas em 2 Samuel 24.15 (Davi, orientado pelo profeta Gade, oferece holocaustos e ofertas pacíficas para interromper a praga) e talvez em 2 Samuel 21.14 (acerca do sepultamento de Saul e Jônatas). Contudo, o sacrifício não precisa necessariamente acompanhar a oração de súplica, como quando as duas tribos e meia da margem oriental oraram a Deus, em meio ao combate, "e ele foi suplicado em favor deles, porque confiavam nele" (lit.; 1 Cr 5.20). Ainda outro exemplo de súplica desacompanhada de sacrifício é dado por Manassés em sua oração de contrição durante seu cativeiro na Babilônia (2 Cr 33.12-13; *cf.* v. 19). Nessa passagem emprega-se *'ātar* junto com *ḥālâ*, "aplacar", "apaziguar", *kāna'* (nifal), "humilhar-se", *pālal* (hitpael), "orar", e o substantivo *t'ḥinnâ*, "súplica".

As formas ativas de *'ātar* (qal e hifil) dizem respeito à oração feita a Iavé numa súplica sincera; o grau passivo (nifal) é empregado para designar a oração recebida favoravelmente por Iavé, a demonstração maravilhosa de sua graça e condescendência. Pode-se observar essa alternância de graus do verbo em Gênesis 25.21: "E *suplicou* [qal] Isaque a Iavé em favor de sua esposa, pois ela era estéril, e Iavé foi *suplicado* [nifal (como se o verbo transitivo indireto em português admitisse a voz passiva)] acerca dele, e sua esposa, Rebeca, concebeu" (lit.). Deve-se fazer distinção entre este verbo e seus dois homônimos: *'ātar* II e *'ātar* III.

Bibliografia: — *TDNT*, v. 2, p. 785-800. — *THAT*, v. 2, p. 385-6.

R.B.A.

1723 *עָתַר (*'ātar*) ***II, ser abundante.*** Ocorre somente no nifal e no hifil.

Termo Derivado

1723a עִתֶּרֶת (*'ăteret*) ***abundância*** (Jr 33.6).

1724 עתר (*'tr*). **III. Aceita como raiz de:**

1724a עָתָר (*'ātār*) ***perfume (de incenso)*** (Ez 8.11).

עִתֶּרֶת (*'ăteret*). Veja o nº 1 723a.

Nota: A página que corresponde ao número "1194" do DITAT está em branco, sendo assim não constará neste módulo.

פ

1725 פָּאָה (*pā'â*) ***despedaçar*** (Dt 32.26).

Termo Derivado

1725a פֵּאָה (*pē'â*) ***canto, lado.***

pē'â. ***Canto, lado.*** *pē'â* é usado 82 vezes no AT, cinco delas no estado absoluto, 77 no estado construto. A única referência problemática é Amós 3.12, "assim serão salvos os filhos de Israel, que se assentam em Samaria na beira de uma cama [*bip^{e}'at miṭṭâ*]" (lit.). *KB* (p. 780) é da opinião que nesse versículo *pe'â* deriva da raiz *yāpâ/yāpā'*, "ser lindo", e traduz por "cama vistosa" (*i.e.*, suntuosa).

É de interesse assinalar que das 82 ocorrências de *pē'â*, 44 se encontram em Ezequiel e, sem exceção, acham-se na última seção do livro, capítulos 40 a 48, na visão e descrição do profeta acerca do novo templo. Junto com esses trechos de Ezequiel, usa-se o vocábulo em Êxodo e em Josué, na expressão estereotipada "lado oriental/ ocidental/norte/sul", que é usada em referência ao tabernáculo, na distribuição de terra e para designar os limites de uma cidade.

A expressão "lado oriental" (*p^{e}'at qādîm/q^{e}dēmâ*) e a correspondente "lado ocidental" (*p^{e}'at yām*) aparecem cada uma 23 vezes. A expressão "lado norte" (*p^{e}'at tsāpôn*) é empregada 11 vezes como também ocorre com "lado sul" (*p^{e}'at negeb*). Desse modo, o uso de *pē'â* em relação a um dos quatro pontos cardinais é responsável por 68 das 82 ocorrências da palavra.

A segunda forma básica de uso de *pē'â* no AT é com o sentido de "canto", embora nem sempre seja claro nem óbvio como fazer distinção entre "canto" e "lado" na tradução. Com a idéia de "canto", *pē'â* pode referir-se a: 1) a extremidade de uma terra estrangeira (*i.e.*, as regiões fronteiriças), Neemias 9.22; Jeremias 48.45; 2) o canto de uma mesa, Êxodo 25.26; 37.23; 3) o canto do pátio (do tabernáculo), Êxodo 27.9; 4) o canto de um campo, Levítico 19.9; 23.22; 5) as extremidades do cabelo na cabeça, Levítico 19.27; 6) as extremidades da barba, Levítico 19.27; 21.5; 7) os lados da cabeça, *i.e.*, as têmporas, Números 24.17 (talvez Jr 48.45).

Quanto ao significado 7), podemos assinalar as três referências em Jeremias 9.26 [25]; 25.23; 49.32. Em cada um desses versículos encontra-se a frase *q^{e}tsûtsê pē'â*, literalmente, "aqueles cortados/tosquiados no canto", isto é, nas têmporas. Parece incorreta a tradução encontrada na KJV, "e todos que estão nos cantos mais longínquos"

(9.26 [25]). A BJ traduz apropriadamente essa expressão, "que têm as têmporas raspadas", assim como temos na ARA "que cortam os cabelos nas têmporas" (*cf.* ARC)! A NIV, "e todos os que vivem no deserto em lugares distantes", segue a interpretação mais antiga e que se acredita ser mais apropriada ao contexto. Ao contrário das demais passagens em que se quer indicar testa, têmporas, *etc.*, cabelo, barba e rosto não são mencionados nestes três versículos. Mesmo assim é uma referência às tribos árabes nômades daquela época.

Há dois contextos especialmente interessantes em que ocorre *pē'â* com o sentido de "canto". O primeiro é Levítico 19.27; 21.5. Os dois versículos proíbem arredondar o cabelo "nas extremidades" ou aparar "as extremidades" da barba. Essas determinações, à primeira vista incompreensíveis, são encontradas numa lista de outras abominações, tais como, dilaceração do corpo, tatuagem e até mesmo prostituição cultual. Presumivelmente as referências ao não cortar as extremidades do cabelo referem-se às marcas peculiares que os pagãos faziam em si mesmos em seus ritos fúnebres (Jr 9.26 [25]; 25.23; 49.32). Acredita-se que a intenção deles era deixar o enlutado irreconhecível para os espíritos que pairavam em volta do falecido. Em Israel era proibida tamanha consideração respeitosa para com a presença de espíritos maus.

O segundo contexto é Levítico 19.9 e 23.22: "Quando também segares a messe da tua terra, o canto do teu campo não segarás totalmente" (e *cf.* Dt 24.19-22; Rt 2.2). Esse fato ilustra o interesse da Bíblia com os pobres e os estrangeiros.

Bibliografia: Sobre os problemas de tradução de Amos 3.2, veja-se GESE, H., Kleine Beiträge zum Verständnis des Amosbuches, *VT* 12:417-38, esp. p. 427-32.

V.P.H.

1726 *פָּאַר (*pā'ar*) ***I, glorificar, embelezar, adornar.***

Termos Derivados

1726a †פְּאֵר (*p^{e}'ēr*) ***turbante.***

1726b †תִּפְאָרָה (*tip'ārâ*) ***beleza.***

O verbo *pā'ar* aparece 13 vezes no AT, seis no piel (quatro em Isaías: 55.5; 60.7, 9, 13) e sete no hitpael (cinco em Isaías: 10.15; 44.23; 49.3; 60.21; 61.3).

No piel o sentido básico de *pā'ar* é o de "embelezar", "glorificar". Nas seis ocorrências nesse grau, o sujeito do verbo sempre é Deus. Objetos da atuação divina são, por exemplo, seus filhos (Is 55.5; Sl 149.4), ou seu santuário (Ed 7.27; Is 60.7, 13). Essa idéia é continuada no uso de *pā'ar* no hitpael (Is 44.23; 49.3; 60.21; 61.3). Um significado adicional nesse grau é o de "gloriar-se", como se vê em Juízes 7.2; Isaías 10.15. A fala de Moisés a Faraó, em Êxodo 8.9 [5], é literalmente "gloria-te sobre mim", o que parece ter o sentido de "por favor, dá-me uma ordem" ou de "explica-te diante de mim".

Essa distinção existente no verbo entre "embelezar" e "gloriar-se" também se vê no substantivo derivado, embora o significado básico seja o de "beleza", mas incluindo a conotação de "orgulho" (*cf.* Is 10.12, "o Senhor (...) castigará (...) a pompa da altivez", IBB; e também Is 13.19, acerca da Babilônia, e 20.5, acerca do Egito).

Existe um sentido em que *tip'ārâ* designa um tipo correto de ostentação, orgulho, um "gloriar-se". Isso é especialmente válido em Provérbios: "a 'glória' dos filhos são os pais" (17.6); "a 'glória' dos jovens é a sua força" (20.29, IBB); "quando os justos triunfam,

há grande 'glória'" (28.12, IBB). (Veja-se também Jz 4.9.) Relacionados com isto, encontram-se aqueles versículos em que Deus fala de Israel como a sua "glória" (Is 46.13; 62.3; Jr 13.11; 33.9).

É interessante assinalar o amplo vocabulário do AT para "beleza". Isso pode ser observado no número de sinônimos de *tip'ārâ* usados em paralelo com o substantivo. Isaías 28.5: "o Senhor (...) será por coroa de glória [*ts^{e}bî*] e diadema de 'formosura'." Salmos 96.6: "força [*'ōz*] e formosura [*tip'eret*] estão no seu santuário". 1 Crônicas 29.11: "Tua, SENHOR, é a grandeza [*g^{e}dullâ*], o poder [*g^{e}bûrâ*], a honra [*tip'ārâ*], a vitória [*nētsaḥ*] e a majestade [*hôd*]". Êxodo 28.2, 40: "vestes sagradas (...) para glória [*kābôd*] e 'ornamento'." Deuteronômio 26.19: "Para assim te exaltar em louvor [*t^{e}hillâ*], renome [*shēm*] e 'glória'". Isaías 4.2: "o fruto da terra será orgulho [*gā'ôn*] e 'adorno'". Isaías 64.11 [10]: "O nosso templo santo [*qādôsh*] e 'glorioso'". Também Isaías 63.15.

p^e'ēr. ***Turbante.*** Uma vez que a idéia por trás do verbo é a de "vestir com beleza", não deixa de ser apropriado que um derivado do verbo se refira a algum tipo de vestimenta. O uso do turbante não se restringia a um dos sexos nem se limitava a uma ocasião específica, conforme o demonstram os textos bíblicos a seguir. Podia ser usado tanto por mulheres (Is 3.20) quanto por homens (Ez 24.17, 23, o próprio Ezequiel). Também era usado pelo sumo sacerdote e pelos sacerdotes e era feito de linho (Êx 39.28; Ez 44.18). Era usado pelo noivo (Is 61.10), talvez devendo-se adotar aqui a tradução "grinalda". *Cf.* também "grinalda" (ARA, "coroa") em lugar de cinzas em Isaías 61.3.

tip'ārâ. ***Beleza, glória, orgulho.*** Ocorre 51 vezes no AT e, com duas exceções (Is 28.5; Jr 48.17), sempre no caso construto, *tip'eret*, "beleza de".

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 387-8.

V.P.H.

1727 *פָּאַר (*pā'ar*) ***II, repassar os galhos.*** Verbo denominativo. Ocorre somente no piel, em Deuteronômio 24.20.

Substantivo de Origem

1727a פְּאֹרָה (*pō'râ*) ***galho.***

1727b פְּארוּר (*pā'rûr*) ***incandescência*** (Na 2.11; Jn 2.6). Significado incerto.

1728 פָּארָן (*pā'rān*) ***Parã.***

Esse topônimo bíblico é citado apenas nos livros de Gênesis, Números, 1 Samuel, 1 Reis e Habacuque. Ao que parece, os dados acumulados indicam um distrito ou região no nordeste da península do Sinai, a sudoeste de Edom e ao sul do deserto de Zim, perto das montanhas de Judá.

Embora fosse uma área desértica, era em parte habitável e em parte inabitável. Nas campanhas militares dos "reis" (Gn 14.6), El-Parã designou o alcance da conquista de Quedorlaomer, indicando que havia chegado até Edom, talvez numa campanha para desimpedir a rota de caravanas que ia para o mar Vermelho. Quanto à designação "El-Parã", *i.e.*, "Deus de Parã", *cf.* "El-Betel" (Gn 35.7), "Deus de Betel". Quando Ismael foi,

junto com Hagar, expulso por Abraão, presumivelmente de Berseba, habitou no deserto de Parã (Gn 21.21).

Parã também funcionava como base de operações clandestinas, pois desse local Moisés enviou espiões para fazer o reconhecimento da terra de Canaã (Nm 10.12; 12.16; 13.3, 26). Números 13.26 diz especificamente que os espiões voltaram a Cades (-Barnéia) no deserto de Parã. Observe-se, contudo, que Números 33.36 coloca Cades no deserto de Zim (mas *cf.* a interpretação da LXX, "no deserto de Parã, que é Cades"). *Cf.* também Deuteronômio 1.1.

Depois da morte de Samuel, Davi foi para o deserto de Parã (1 Sm 25.1), onde entrou em contato com Nabal, um homem de "Maom", *i.e.*, a região sul de Judá. Posteriormente, Davi quis cobrar de Nabal alimentos em troca da proteção que seus soldados ofereciam. Essa mudança também estabeleceu uma distância segura entre Davi e Saul, especialmente depois da morte de Samuel, que era amigo de Davi e o apoiava. O edomita Hadade escapou da matança promovida por Joabe (à época de Salomão), tendo fugido de Edom para Midiã, passando por Parã, e prosseguindo para o Egito, o que sugere que Parã era contíguo a Edom e a Midiã. Deuteronômio 33.2 identifica o monte Parã com o monte Sinai, e Habacuque 3.3, o monte Parã com Temã, um distrito ao norte de Edom.

V.P.H.

פָּארוּר (*pā'rûr*). Veja o nº 1 727b.

1729 פגג (*pgg*). **Aceita como raiz de:**

1729a פַּגָּה (*paggâ*) ***figo verde, temporão*** (Ct 2.13).

פִּגּוּל (*piggûl*). Veja o nº 1 730a.

1730 פגל (*pgl*). **Aceita como raiz de:**

1730a פִּגּוּל (*piggûl*) ***coisa podre, refugo.***

1731 פָּגַע (*pāga'*) ***encontrar, deparar, alcançar, suplicar, interceder.***

Termos Derivados

1731a פֶּגַע (*pega'*) ***ocorrência, acaso*** (1 Rs 5.18; Ec 9.11).

1731b מִפְגָּע (*mipgā'*) ***alvo, coisa atingida*** (Jó 7.20).

O verbo *pāga'* aparece 44 vezes no AT com a gama de sentidos apresentada acima. Os dois significados básicos do hifil são: 1) "interceder" (Is 53.12; 59.16; Jr 15.11; 36.25); e 2) "colocar", "sobrecarregar" (Is 53.6, "o SENHOR 'fez cair' sobre ele a iniqüidade de nós todos"). O sexto uso do hifil dessa raiz ocorre em Jó 36.32b e é de difícil tradução. *Cf.* a NIV, "e ordena-lhe que atinja o alvo", Pope, "ele dirige-o (a saber, ao relâmpago) tendo uma 'mira certa'" (*Jó*, in *AB*, p. 268, 276), e Tur-Sinai, "e ele determina-lhe um 'acusador'" (*Commentary on Job*, p. 506-7).

No grau qal, o sentido básico é o de "encontrar". Com poucas exceções, *paga'* é sempre seguido da preposição *b^e^*, "com", "em contato com", e essa combinação de verbo e preposição dá a idéia de contato físico. O sentido básico do verbo é ilustrado pelos seguintes versículos: "'encontrarás' um grupo de profetas" (1 Sm 10.5); "se 'deparares' com [ARA, 'encontrares'] o boi do teu inimigo, ou o seu jumento, desgarrado..." (Êx 23.4). *Cf.* Gênesis 32.1 [2]; Êxodo 5.20; Números 35.19, 21; Amós 5.19.

Existem, além disso, três formas especiais em que se emprega o verbo. Uma é na descrição da extensão de um pedaço de terra ou de um determinado território, que vai do lugar X e "toca" no lugar Y (Js 16.7; 17.10; 19.11, 22, 26, 27, 34), ou na indicação de que alguém, em suas viagens, "chegou" a um certo lugar (Gn 28.11, Jacó).

Um segundo uso do verbo é, em diversas vezes, simplesmente como sinônimo de "matar", ou seja, encontrar-se com alguém com o objetivo de eliminá-lo. Nesses contextos a tradução usual da ARA é "arremeter contra". Existem 15 usos de *pāga'* com esse sentido. Somente em um caso Deus é o sujeito, que aplica castigos na forma de morte (Êx 5.3). Em todos os demais é o homem, geralmente (mas nem sempre) agindo fora da vontade divina, por egoísmo e por capricho. O verbo na sentença de Rute 2.22 "e não te 'encontrem' noutro campo" (IBB) provavelmente signifique "molestar" (ARA) em vez de "matar".

A terceira maneira em que o verbo é usado está no contexto de interceder: 1) junto a um ser humano (Rt 1.16, "não me supliques" [lit.], *i.e.*, "não me instes para que te deixe"; e Gn 23.8, "suplicai por mim a Efrom" [lit.], *i.e.*, "pressionai-o", "usai vossa influência"); 2) junto a Deus (Jr 7.16, "não intercedas junto a mim" [lit.; ARA, "importunes"]; também Jr 27.18; Jó 21.15). Já assinalamos as quatro referências desse verbo no hifil com o sentido de "interceder" (junto ao homem: Jr 36.25, "insistir"; Jr 15.11; Is 53.12; 59.16). Um intercessor é alguém que faz "contato" com Deus, ao contrário de muitos cuja oração não passa de brincadeira.

V.P.H.

1732 *פָּגַר (*pāgar*) ***estar exausto, desfalecer.*** Ocorre somente uma vez, no piel (1 Sm 30.10, 21).

1732a †פֶּגֶר (*peger*) ***cadáver, monumento, estela.***

peger. ***Cadáver, monumento, estela.*** A palavra *peger* aparece 22 vezes no AT. *peger* designa o cadáver de pessoas, jamais o de animais (exceto em Gn 15.11), e não apenas o cadáver imediatamente após a morte, mas aquele em que começou a haver a decomposição e o mau cheiro (Is 34.3; *cf.* Jo 11.39). A idéia de "morte/morto" está embutida no vocábulo *peger*, embora duas vezes seja qualificado pela palavra *mētim*, "morto" (2 Rs 19.35; Is 37.36). Na maioria dos casos, a presença da morte é conseqüência do juízo divino e não provocada por causas naturais (1 Sm 17.46; Am 8.3; Na 3.3; Is 14.19; *etc.*).

É interessante notar que em ugarítico a raiz *pgr* significa "monumento", "estela" (GORDON, *UT*, 19: nº 2 005). Isso levou alguns a crer que essa é a tradução correta de certas ocorrências do hebraico *peger*. Levítico 26.30 muito provavelmente não se refere aos "cadáveres dos vossos ídolos [ARA, 'deuses']", mas às "estelas de vossos ídolos". Ezequiel 43.7, 9, "cadáveres dos seus reis", deve ser traduzido por "as estelas (idolatras) de seus reis", e esse é o pecado que leva Ezequiel a repreender o povo por ter atribuído caráter sagrado às estelas dedicadas a monarcas terrenos.

1733 פָּגַשׁ (*pāgash*)

Bibliografia: — NEIMAN, D., PGR, a Canaanite cult-object in the Old Testament, *JBL* 67:55-60.

V.P.H.

1733 פָּגַשׁ (*pāgash*) ***encontrar.***

O sentido básico do verbo está ilustrado nos seguintes versículos bíblicos: Gênesis 33.8, "Qual é o teu propósito [isto é, de Jacó] com todos esses bandos que [eu, Esaú] encontrei?". Também Gênesis 32.17 [18]; Êxodo 4.24, 27 (o primeiro é um encontro repleto de perigos; o segundo, um encontro de conseqüências felizes); 1 Samuel 25.20; 2 Samuel 2.13; Jeremias 41.6. Mesmo no grau qal é possível que o sentido seja mais do que simplesmente o de "encontrar", como é óbvio em Oséias 13.8, "como ursa, roubada de seus filhos, eu os 'atacarei'".

No nifal parece que o verbo significa "coexistir", como em Provérbios 22.2, "o rico e o pobre se encontram", ou em Provérbios 29.13, "o pobre e o seu opressor se encontram". Ou seja, o rico e o pobre são encontrados lado a lado em todas as comunidades. Existe uma polarização entre riqueza e pobreza. Em Salmos 85.11 *pāgash* é paralelo a *nāshaq*, "beijar", "abraçar".

V.P.H.

1734 פָּדָה (*pādâ*) ***resgatar, remir, livrar.***

Termos Derivados

1734a †פְּדוּיִם (*pᵉdûyim*) ***resgate*** (Nm 3.49).

1734b †פְּדוּת (*pᵉdût*) ***resgate.***

1734c †פִּדְיוֹם (*pidyôm*) ***resgate.***

1734d †פִּדְיוֹן (*pidyôn*) ***dinheiro de resgate.***

O sentido básico da raiz hebraica é o de conseguir a transferência de propriedade de uma pessoa para outra mediante pagamento de uma quantia ou de um substituto equivalente. A raiz ocorre em assírio com o sentido de "poupar", e em ugarítico é usada com o significado de "resgatar" (*UT* 19: nº 2 013). A raiz e seus derivados aparecem 69 vezes no AT.

O desenvolvimento semântico de *pādâ* tem grande relevância para a teologia cristã. De início era um termo comercial, designando o pagamento de um valor exigido para a transferência da posse dalguma propriedade. Êxodo e Levítico 19.20 falam do resgate de uma jovem escrava com vistas ao casamento. A raiz também é empregada em referência ao resgate da vida dalgum condenado à morte, como em 1 Samuel 14.45, em que Jônatas foi resgatado pelo povo de Israel.

Com o êxodo a palavra recebeu uma significação religiosa especial. Quando Deus livrou Israel da servidão no Egito, ele o fez ao preço da morte de todos os primogênitos existentes naquele país, quer homens quer animais (Êx 4.23; 12.29). Conseqüentemente, o evento havia de ser perpetuamente comemorado em Israel mediante a consagração ao Senhor de todos os primogênitos de homens e de animais (Êx 13.12).

Quando os israelitas foram contados no monte Sinai, por ordem divina foi determinado que os levitas fossem isentos de alistar-se no censo; os levitas seriam separados para o Senhor em lugar do povo, e os animais dos levitas, em lugar dos animais do povo (Nm 3.44 e ss.). O número de primogênitos que excedeu o número de levitas foi então redimido ao preço de cinco siclos cada, e o dinheiro foi entregue a Arão e seus filhos. De acordo com a legislação de Êxodo 13.11-16; 34.19-20 e Números 18.8-32, em gerações posteriores os primogênitos de seres humanos e de animais imundos deviam ser resgatados, mas os primogênitos de vacas, ovelhas ou cabras eram irresgatáveis porque eram santos para o Senhor e, por isso, deviam ser sacrificados; mas os primogênitos de jumentas, deviam ser resgatados por um cordeiro ou então ser mortos.

Aquilo que era santo para o Senhor, *i.e.*, o primogênito de vaca, ovelha e cabra, não seria resgatado. Semelhantemente, toda coisa ou pessoa "devotada" ao Senhor (*ḥrm*), *i.e.*, posta sob interdito ("condenada," ARA) e que, por isso mesmo, não podia ser apropriada pelos homens, era "santíssima" ao Senhor e, portanto, irresgatável (Lv 27.28-29; a palavra empregada aqui para "resgatar" é *gā'al*, que às vezes é usada como sinônimo e junto de *pādâ*). O *ḥerem* diz respeito aos despojos de guerra, como na batalha de Jericó (*cf.* Js 6—7, à luz da lei de Levítico).

O tema de resgate não deverá ser identificado apenas com os primogênitos nascidos em Israel. O próprio Israel era o primogênito de Deus (Êx 4.22) e fora resgatado por Iavé: "Lembrar-te-ás de que foste servo na terra do Egito e de que o SENHOR teu Deus te 'remiu'" (Dt 15.15; 24.18). Pela mão de Deus Israel fora libertado, resgatado da servidão no Egito. Esse fato havia de influenciar o pensamento hebreu ao longo dos séculos que se seguissem (*cf.* 2 Sm 7.23; Sl 78.42; 111.9; Mq 6.4). Isaías até mesmo interpretou como redenção o chamado divino a Abraão desde Ur (Is 29.22; *cf.* 1 Pe 1.18). De forma semelhante ele viu o livramento futuro de Sião como resultado da mesma atividade redentora (Is 35.10; 51.11; *cf.* também Is 50.2; Zc 10.8).

O conceito da redenção continuou-se ampliando. Deus, que havia resgatado seu povo do Egito, também iria livrá-los de outras dificuldades. Davi pôde afirmar que Deus o resgatara de todas as adversidades (2 Sm 4.9; 1 Rs 1.29), por isso mesmo ele pôde orar "ó Deus, redime a Israel de todas as suas tribulações" (Sl 25.22).

Os Salmos muitas vezes falam da ação divina de livrar ou redimir a vida humana de algum perigo (Sl 26.11; 31.5; 34.22 [23]; 44.26 [27]; 71.23) ou das mãos de opressores humanos (Sl 55.18 [19]; 69.18 [19]; *cf.* também Jó 6.23). O maior perigo ou adversário que o homem enfrenta é a Morte, o Sheol, a Cova. O salmista expressa de modo pungente a insuficiência humana em Salmos 49.8-9 [9-10], mas conclui que o poder redentor de Deus não está limitado (v. 15 [16]). A ressurreição é o derradeiro resgate operado por Deus em favor do homem.

É bastante interessante que apenas uma vez se empregue *pādâ* em referência ao resgate do pecado (Sl 130.7-8). Esse aspecto ficou para depois, na revelação completa da nova aliança. Infelizmente, esta última ênfase tornou-se tão dominante na teologia cristã da redenção ao ponto de surgir uma tendência de desconsiderar o fato de que tanto o NT quanto o AT enxergam a redenção, ou salvação, em termos da situação humana total. Mesmo uma leitura rápida do Evangelho de Lucas fará ver o reflexo da herança do AT no conceito de salvação.

O emprego de *pādâ* e seus derivados ocorre, às vezes, em paralelo com outras raízes. Deve-se destacar particularmente que *gā'al* é usado como sinônimo. As duas raízes dizem respeito à redenção mediante o pagamento de um resgate, embora seja sugerido que *gā'al*

está basicamente associado a situações familiares e, dessa forma, dá a idéia da ação de um parente consangüíneo. No entanto, o uso de *pādâ* e de *gā'al* em paralelismos encontrados em Oséias 13.14 e Jeremias 31.11 e o seu emprego como sinônimos em Levítico 27.27 (*et al.*) exemplificam a sobreposição de idéias entre as duas palavras. Além disso, das 99 vezes que a LXX utiliza o verbo *lutroō*, em 45 vezes esse verbo está traduzindo a raiz *gā'al* e em 43 a raiz *pādâ*.

O vocábulo *kōper* às vezes é paralelo de *pādâ*, como em Salmos 49.8 e Êxodo 21.30. A raiz *kāpar* significa "aplacar", "fazer expiação", e o *kōper* é o resgate pago para obter o favor ou a reconciliação.

pādâ ocorre em paralelo com *nāsal* (Jr 15.21) e com *mālaṭ* (Jó 6.23), sendo que essas duas palavras tem o sentido de "livrar", "libertar". De fato, às vezes *pādâ* é traduzido por "livrar" (como em Sl 44.26 [27], MM; 55.18 [19]), pois a idéia de pagamento cai para o segundo plano, e a ênfase recai sobre a soltura. Embora se possa dizer que no Êxodo o preço da redenção sejam os primogênitos do Egito (Êx 12.13), em outros contextos não há indicação de algum preço de resgate. No NT, contudo, as Escrituras são claras: "sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados ..., mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo" (1 Pe 1.18-19).

pᵉdût. ***Resgate, redenção.*** Um substantivo feminino abstrato. Essa forma ocorre somente em Êxodo 8.19; Salmos 111.9; 130.7 e Isaías 50.2. O significado do vocábulo em Êxodo 8.19 é de difícil compreensão. Nesse versículo os tradutores vertem *pᵉdût* como "divisão" ou como "distinção" (como também ocorre na LXX e na Vulgata), mas não está claro se isso é uma interpretação ou se depende de um texto original diferente. (*Cf.* A. A. MACINTOSH, Exodus VIII 19, Distinctive redemption and the Hebrew Roots פדה e פרד, *VT* 21[1971]:548-555, para uma análise do problema.)

pᵉdûyim, pidyôm. ***Resgate.*** A primeira forma é um plural abstrato do particípio passivo (que é empregado de forma substantivada em Nm 3.49, Is 35.10; 51.11, com o sentido de "resgatado") e ocorre apenas em Números 3.46, 48. A segunda forma encontra-se apenas em Números 3.49, 51.

pidyôn. ***Dinheiro de resgate.*** Ocorre somente em Êxodo 21.30 e Salmos 49.8 [9]. As duas passagens empregam também uma palavra paralela, *kōper*, que designa o dinheiro entregue (embora às vezes se refira a um suborno, como em 1 Sm 12.3; Pv 6.35; e Am 5.12).

Bibliografia: — ELLIOTT, Ralph H., Atonement in the Old Testament, *Review and Expositor* 59:9-26. — GIRDLESTONE, R. B., *Synonyms of the Old Testament*, 2 ed. Eerdmans, 1897. — HILL, David, *Greek words and Hebrew meanings*, Londres, Cambridge University, 1967. — MORRIS, Leon, The idea of redemption in the Old Testament, *RTR* 11:94-102. — YARON, R., A document of redemption from Ugarit, *VT* 10:83-90. — *TDNT*, v. 4, p. 329-35. — *THAT*, v. 2, p. 389-405.

W.B.C.

פְּדוּיִם (*pᵉdûyim*). Veja o nº 1 734a.

פְּדוּת (*pᵉdût*). Veja o nº 1 734b.

פִּדְיוֹם (*pidyôm*). Veja o nº 1 734c.
פִּדְיוֹן (*pidyôn*). Veja o nº 1 734d.

1735 פַּדָּן (*paddān*) ***Padã.***

Esse substantivo ocorre somente em Gênesis e sempre combinado com *'ărām*, dando origem à forma *paddan-'ărām*, "Padã-Arã" (com exceção de Gn 48.7, *mippaddān*, "desde Padã"). Obviamente Padã-Arã estava situado no norte da Mesopotâmia, visto que, conforme sabemos, incluía a cidade de Harã (Gn 29.4). Alguns têm proposto que Padã-Arã é Harã, sendo que o significado de Padã-Arã seria o de "rota" ou "estrada" (com base no acadiano *padânu*, "rota") de Síria/Arã, palavra sinônima de Harã (do acadiano *ḫarrânu*, que também tem o sentido de "rota", "estrada"). Em Oséias 12.13, a expressão *s^{e}dēh 'ărām* interpreta Padã com o sentido de "campo" de Arã, em vez de "rota" de Arã (ARA, "terra da Síria").

A Bíblia consistentemente refere-se a Labão, o tio de Jacó e morador de Padã-Arã, como a um arameu: Gênesis 25.20; 28.5; 31.20, 24. Labão é identificado com Padã-Arã não apenas geográfica, mas também lingüisticamente. Ou seja, ele é apresentado falando aramaico (Gn 31.47), "Chamou-lhe [isto é, ao lugar] Labão Jegar-Saaduta [numa aliança com Jacó]"; Jegar-Saaduta ("montão de testemunho") é o equivalente aramaico da designação dada por Jacó, "Galeede".

Existem 11 referências a Padã-Arã em Gênesis. Uma delas, Gênesis 25.20, conta que foi em Padã-Arã que o servo de Abraão encontrou Rebeca e dali voltou a Canaã, levando-a para ser esposa de Isaque. Essa missão foi realizada a pedido pessoal de Abraão (Gn 24.1 e ss.) na expectativa de que Isaque não se casasse com uma cananéia vizinha (v. 3). No versículo 4 Abraão refere-se à região de onde Rebeca seria posteriormente trazida como "a minha terra e a minha parentela" (IBB).

Semelhantemente, Isaque segue o mesmo plano com seu filho Jacó (Gn 28.2), tendo as mesmas razões (Gn 27.46), mas dessa vez sem a presença de um intermediário. As demais nove referências a Padã-Arã dizem respeito a Jacó e suas experiências.

Observe-se que, no caso tanto de Isaque quanto de Jacó, a proibição de casar-se com uma cananéia tem como objetivo manter a linhagem por meio da qual se perpetuaria a aliança com Deus. Também, nos dois casos, nem Isaque nem Jacó deveriam ser repatriados para a Mesopotâmia (Arã-Naaraim), porquanto a aliança estava vitalmente identificada com a Terra Prometida.

Bibliografia: — DHORME, P., Abraham dans le cadre de l'histoire, *RB* 37:367-85, 481-511, esp. p. 484-7. — O'CALLAGHAN, R., *Aram Naharaim*, Pontifical Biblical Institute, 1948, esp. p. 96.

V.P.H.

1736 פָּדַע (*pādaʿ*) ***soltar, livrar.*** Ocorre somente em Jó 33.34. Significado incerto.

1737 פֶּדֶר (*peder*) ***gordura*** (do holocausto; Lv 1.8, 12; 8.20). Derivação incerta.

1738 פֶּה (*peh*) ***boca.***

1738 פֶּה (*peh*)

Essa palavra aparece quase 500 vezes no AT, com maior freqüência em Salmos (66 vezes) e Provérbios (56 vezes). Deve-se, antes de mais nada, fazer algumas observações preliminares acerca dos vários usos de *peh*. 1) O vocábulo designa basicamente o órgão da fala: a) de Deus (cerca de 50 vezes; somente em Sl 18.8 [9] [= 2 Sm 22.9] e talvez em Jó 37.2 é que a referência à boca de Deus signifique algo diferente de órgão da fala; b) dos homens; c) de animais (Nm 22.28). 2) Num número menor de vezes aponta para o órgão usado para comer e beber (*e.g.*, Ez 3.3). 3) Tem também o sentido de "abertura", "saída", "entrada", como, por exemplo, de um poço (Gn 29.2), de um saco (Gn 42.27), de uma caverna (Js 10.18), de uma cidade (Pv 8.3), e também de "lâmina" da espada (Gn 34.26). 4) Aparece ainda em frases como *peh 'eḥād*, de comum acordo" (Js 9.2, "uma só boca", lit.); *peh 'el peh*, "boca a boca" (Nm 12.8); *peh lāpeh*, "de uma extremidade a outra" (2 Rs 10.21, "de uma boca a outra", lit.). 5) Há também o uso de *peh* com preposições prefixais, quando tem o sentido de "de acordo com", "segundo", "conforme": "segundo [*kᵉpî*] o seu serviço" (Nm 7.5); "conforme [*lᵉpi*] são muitos os anos" (Lv 25.16, TB). 6) Finalmente, usa-se *peh* em unidades de fração: *peh shᵉnayim* (Dt 21.17; 2 Rs 2.9; Zc 13.8). Esta frase em particular tem sido traduzida de duas maneiras, "porção dobrada" ou "dois terços", sendo esta última a mais correta. Por conseguinte, Eliseu não pede uma "porção dobrada" do poder e capacidade de Elias, mas "dois terços".

Podemos, então, examinar como *peh* é aplicado a Deus e em seguida ao homem. Cerca de 50 vezes o AT fala da boca de Deus. O Deus do AT é um Deus que fala. Sua voz não tem estado emudecida. É interessante que, à exceção de duas passagens, ele fala na condição divina de Senhor. Lamentações 3.38 emprega a frase *mippî 'elyôn*, "[sai] da boca do Altíssimo" (IBB). 2 Crônicas 35.22 nos informa que o piedoso rei Josias veio a morrer porque recusou-se a dar ouvidos às palavras do faraó Neco, as quais vinham "da boca de Deus [*mippî 'ĕlōhîm*]" (IBB).

Tem grande proeminência a expressão *'al pî yhwh*, "de acordo com a boca [isto é, mandamento] de Iavé" (lit.; ARA, "segundo o mandamento do SENHOR"). Ela ocorre 24 vezes, 18 em Números, e ainda em Êxodo 17.1; Levítico 24.12; Deuteronômio 34.5; Josué 19.50; 22.9; 2 Reis 24.3. Observe-se a elevada concentração dessa frase no Pentateuco. Quando Deus fala, ele fala com autoridade e infalibilidade. A fala divina também é uma fala profética, conforme ilustrado em referências tiradas dos Livros Proféticos (Is 1.20; 40.5; 62.2; Jr 9.11; *etc.*). Por conseguinte, a palavra do profeta não é sua própria invencionice. Ele se torna a boca de Deus (*cf.* Jr 15.19). Na boca divina também há uma palavra criadora: Salmos 33.6 e Deuteronômio 8.3 (viver daquilo que procede da boca de Deus).

Em Salmos e na literatura de sabedoria os usos de *peh* referem-se predominantemente à boca do homem, não à de Deus. A boca é a manifestação externa do caráter e índole da pessoa.

A boca é o órgão por meio do qual se constata o relacionamento da pessoa com Deus. É óbvio que aqui se vê o freqüente tema do louvor a Deus pela boca de alguém (Sl 8.2-3 [34]; 34.1 [2]) ou a oração para que Deus guarde a boca do crente (Sl 142.3).

Bibliografia: — COUROYER, B., 'Mettre sa main sur sa bouche' en Égypte et dans la Bible, *RB* 67:197-209. — DAHOOD, M., Hebrew-Ugaritic lexicography VIII, *Bib* 51:391-404, esp. p. 395-6. — MEEK, Theophile J., Archaeology and a point in Hebrew syntax, *BASOR* 122:31-3. — RICHARDSON, *TWB*, p. 156. — WEISS, K., Stoma, In: *TDNT*, v. 7, p. 692-701. — *THAT*, v. 2, p. 406-10.

V.P.H.

1739 פֹּה (*pōh*) ***aqui, para cá.***

Em 43 vezes, *pōh* é apenas um advérbio, com o sentido de "aqui", traduzido na LXX basicamente como *hōde*, mas também *entautha* ou *autou*. Como advérbio, *pōh* significa "presente", "neste lugar", como em "não há 'aqui' ainda algum profeta do SENHOR?" (1 Rs 22.7; 2 Cr 18.6). "Para que estaremos nós 'aqui' sentados até morrermos? (...) se ficarmos sentados 'aqui', também morreremos" (2 Rs 7.34).

Em Ezequiel 40—41 a palavra *mippōh* ou *mippô* (lit., "desde aqui") é empregada não como advérbio mas como substantivo numa correlação sintática na frase *mippōh* ... *mippōh*, literalmente "daqui ... daqui" (ARA, "deste lado e do outro"). A LXX traduz tal frase por *enthen kai enthen*, "deste lado e do outro".

V.P.H.

1740 פּוּג (*pûg*) ***ficar entorpecido.***

Termos Derivados

1740a פּוּגַת (*pûgat*) ***torpor, cessação*** (Lm 2.18).
1740b הַפּוּגָה (*hăpûgâ*) ***torpor*** (Lm 3.49).

פּוּגַת (*pûgat*). Veja o nº 1 740a.
פּוּד (*pûd*). Veja o nº 1 765.

1741 פּוּחַ (*pûaḥ*) ***respirar, soprar.***

Termo Derivado

1741a פִּיחַ (*piaḥ*) ***fuligem*** (Êx 9.8, 10).

O verbo aparece 15 vezes no AT, sete das quais em Provérbios: 6.19; 12.17; 14.5, 25; 19.5, 9; 29.8. O problema de identificar essa raiz em suas ocorrências no AT é complicado pelo fato de que, em hebraico, existem duas raízes, *pûaḥ* e *yāpaḥ*, ambas com o sentido de "respirar", "ofegar", e em muitos casos é indistinguível a estrutura consonantal dalgumas formas da conjugação desses dois verbos. (GORDON, *UT* 19: nº 1 129, relaciona o ugarítico *yph*, mas nenhum *pwḥ*.)

Basicamente o verbo significa "respirar", "soprar", no sentido negativo de "proferir" mentiras, ser enganoso. Destarte, em Provérbios 6.19; 14.5, 25; 19.5, 9 o objeto de *pûaḥ* é *kᵉzābîm*, "mentiras". Semelhantemente, Provérbios 29.8 fala de homens escarnecedores que "alvoroçam [*pûaḥ*] a cidade". (Existe questionamento em torno dessas passagens de Pv sobre se a forma *yāpîaḥ*, um verbo, devia ser vocalizado como substantivo, *yēpîaḥ*. Assim, o sentido de Pv 14.5 não é "a [testemunha] falsa se desboca em mentiras", mas "o perjuro é uma testemunha falsa".) Na maioria desses versículos *pûaḥ* é traduzido pela LXX por *egkaleō*, "acusar". Apenas em Provérbios 12.17 *pûaḥ* tem o sentido de "manifestar" a verdade.

Em duas oportunidades o verbo aparece no Saltério. Em 10.5 encontra-se a frase "todos os seus adversários, ele [Deus] os trata com desdém" (embora DAHOOD, *Psalms I*, in *AB*, p. 60, traduza "ele [o incrédulo] franze o nariz para todos eles [*i.e.*, os mandamentos de Deus]"). Em Salmos 12.5 [6] ocorre a frase "porei em salvo aquele para quem eles assopram" (ARC). A tradução da ARA é melhor: "porei a salvo a quem por isso suspira".

pûah, aplicado à natureza, refere-se ao "romper" do dia, *i.e.*, a primeira aparição da manhã (Ct 2.17; 4.6; também 4.16; mas a ARA traz "refrescar").

Bibliografia: — DAHOOD, M., The Phoenician contribution to Biblical wisdom literature, In: *The role of the Phoenicians in the interaction of Mediterranean civilizations*, ed. W. A. Ward, Beirute, The American University of Beirut, 1968, p. 123-52, esp. p. 127. _____, Some ambiguous texts in Isaiah, *CBQ* 20:41-9, esp. p. 47, nota 21. _____, *Proverbs and North-West Semitic philology*, Pontifical Biblical Institute, 1963, p. 45.

V.P.H.

1742 פּוּךְ (*pûk*) ***antimônio, estíbio*** (*e.g.*, Jr 4.30; 2 Rs 9.30).

1743 פּוֹל (*pôl*) ***fava, feijões*** (2 Sm 17.28; Ed 4.9).

1744 פּוּן (*pûn*). Significado incerto. ***Ficar aturdido(?)*** Ocorre somente em Salmos 88.15 [16].

1745 פּוּץ (*pûts*) ***I, ser disperso, espalhar.***

Termos Derivados

1745a מְפִיץ (*mēpîts*) ***que espalha, que dispersa*** (Na 2.2; Pv 25.18).

1745b תְּפוּצָה (*t^{e}pôtsâ*) ***dispersão*** (Jr 25.34).

O verbo aparece 64 vezes no AT, sendo 12 no qal, 15 no nifal, 37 no hifil. *pûts* é usado a maioria das vezes nos profetas (18 em Ezequiel e 10 em Jeremias).

A palavra aparece pela primeira vez na Bíblia para descrever a dispersão dos cananeus em Gênesis 10.18. Logo após há o famoso incidente da torre de Babel (Gn 11) em que os construtores da torre (?) não queriam "ser espalhados" sobre a superfície da terra (Gn 11.4). O Senhor, porém, tornou inevitável tal dispersão (vv. 8-9) ao confundir a língua deles. Isso impossibilitou toda comunicação entre os povos e, assim, causou a interrupção da construção empreendida. Deve-se observar nesse trecho que não se faz nenhuma menção de Deus confundir as línguas. Na verdade, o que foi destruído foi a língua universal (11.1), uma *lingua franca* internacional. Os dialetos individuais (Gn 10.5, 20, 31) permaneceram intactos.

Não há nenhuma mudança substancial no significado do verbo em função de seu uso em qualquer um dos três graus mencionados acima. A única diferença perceptível é que no qal e no nifal *pûts* é intransitivo e no hifil é transitivo.

Existem três categorias repetidas que na maioria das vezes servem de sujeito ou de objeto de *pûts*. 1) O verbo pode referir-se à debandada de exércitos, quer os do inimigo (Nm 10.35; SI 68.1 [2]) quer os próprios (1 Sm 11.11; 14.34; 2 Rs 25.5 = Jr 52.8). 2)

Ovelhas podem ser tanto sujeito de *pûts*, como em Jeremias 10.21; Ezequiel 34.5-6, 12; Zacarias 13.7, quanto objeto, tal como Jeremias 23.1. As ovelhas podem se perder inadvertidamente. Podem, num sentido bem literal, ir pastando um pouco aqui, um pouco ali e um pouco acolá até ficarem perdidas. Mas esse não é o sentido inferido pelo verbo em consideração. As ovelhas se dispersam impulsivamente, em face a alguma ameaça externa à sua segurança, havendo possibilidade de fuga. Cabe ao pastor, nessa ocasião, assumir o controle da situação e repelir a ameaça. Ezequiel 34.5 menciona as ovelhas desafortunadas que foram dispersas devido à ausência de um pastor. 3) Com maior freqüência, o objeto de *pûts* é Israel, que às vezes é assemelhado a ovelhas dispersas (1 Rs 22.17 = 2 Cr 18.16). Nalguns trechos bíblicos não apenas Israel, mas o Egito, um dos inimigos de Israel, é espalhado por Deus: Ezequiel 29.12-13; 30.23, 26.

Existem duas coisas de interesse quando a Bíblia fala de Deus "espalhar" Israel. Uma é a frase "eu/ele/Iavé espalho/espalha Israel", que se limita aos livros proféticos da Bíblia (aparecendo o verbo no passado, Ez 20.23; 28.25, ou como uma ameaça, Ez 22.15, por exemplo). A única exceção a isto são as passagens de Deuteronômio 4.27; 28.64; 30.3; Neemias 1.8. Em segundo lugar, quando nessa frase Deus é sujeito, e Israel, o objeto, o verbo sempre aparece no grau hifil. Não são os assírios nem os babilônios que espalham o povo de Deus. Eles não passam de instrumentos. O próprio Deus é quem dispersa.

Bibliografia: — HUMBERT, P., En marge du dictionnaire hébraïque, *ZAW* 62:199-207, esp. p. 202 (acerca de *pûts* em Pv 5:16).

V.P.H.

1746 פּוּץ (*pûts*) ***II, escoar, transbordar*** (Pv 5.16; Zc 1.17).

1747 פּוּק (*pûq*) ***I, cambalear, vacilar*** (*e.g.*, Is 28.7; Am 2.13).

Termos Derivados

1747a פּוּקָה (*pûqâ*) ***vacilação, hesitação*** (1 Sm 25.31).

1747b פִּיק (*piq*), פֶּק (*piq*) ***vacilação*** (Na 2.11).

1748 *פּוּק (*pûq*) ***II, expor, suprir, promover.*** Ocorre somente no hifil (*e.g.*, Is 58.10; Pv 3.13).

1749 פּוּר (*pûr*) ***sorte.***

A palavra ocorre apenas no livro de Ester: 3.7; 9.24, 26 (duas vezes), 28, 29, 31, 32. Deve-se fazer distinção entre o hebraico *pûr* e *gôrāl*, a palavra que normalmente designa "sorte". Em Ester 3.7 e 9.24 os dois vocábulos aparecem lado a lado.

Parece óbvio que *pûr* tem que ver com o babilônico *pūru*, que significa "sorte" e, num sentido secundário, "destino". É de especial interesse que em Ester 9.26, 28, 29, 31, 32 o hebraico *pûrîm* (Purim) seja traduzido pela LXX por *phrourai*, de um verbo que significa "observar", "guardar". Uma sugestão é a de ver em *phrourai* a forma aramaizada do babilônico *purruru*, "destruir", "exterminar" (Lewy).

1750 פּוּר (*pwr*)

Com base em Ester 9.20-28 fica-se sabendo que o Purim foi uma festa instituída por Mordecai para comemorar o fato de os judeus terem sido livrados da trama de Hamã para matá-los. A observância de Purim foi instituída depois que Hamã lançou sortes para determinar o mês em que devia ocorrer a matança. Ester 3.7 diz que Hamã, já tendo-se decidido pelo *pogrom*, consultou as sortes apenas para saber o dia mais propício para extirpar a raça de Mordecai. A LXX acrescenta ao TM as seguintes palavras: "E a sorte recaiu sobre o dia catorze do mês de adar" (março/abril); ou seja, o decreto iria entrar em vigor quase um ano depois de sua promulgação original. Alguém há de perguntar: por que Hamã expediu o decreto com quase 12 meses de antecedência em relação à data proposta para a matança? Seria exagero ver nessa decisão incomum de Hamã a mão soberana de Deus uma vez mais protegendo os seus filhos, muito embora estivessem exilados?

Bibliografia: — LEWY, J., The feast on the 14th day of Adar, *HUCA* 14:127-51. — LINDBLOM, J., Lot-casting in the Old Testament, *VT* 12:164-78. — MOORE, C., In: *AB, Esther*, p. XLVI-XLIX. — FEINBERG, C. L., Purim, *ZPEB*, v. 4, 957-8.

V.P.H.

1750 פּוּר (*pwr*). **Aceita como raiz de:**

1750a פּוּרָה (*pûrâ*) ***lagar*** (Is 63.3; Ag 2.16).

1750b פָּרוּר (*pārûr*) ***vasilha*** (Nm 11.8; Jz 6.19).

1751 פּוּשׁ (*pûsh*) ***I, saltar, saltitar.*** (*e.g.*, Hc 1.8; Ml 3.20).

1752 *פּוּשׁ (*pûsh*) ***II, ser disperso.*** Ocorre somente uma vez, no nifal (Na 3.18).

1753 *פָּזַז (*pāzaz*) ***I, ser refinado.*** Ocorre duas vezes, no hofal (1 Rs 10.18; 2 Cr 9.17).

Termo Derivado

1753a פַּז (*paz*) ***ouro puro, ouro refinado*** (*e.g.*, Lm 4.2; Is 13.12).

1754 פָּזַז (*pāzaz*) ***II, ser ágil, ser flexível*** (Gn 49.24; 2 Sm 6.16).

1755 פָּזַר (*pāzar*) ***espalhar*** (*e.g.*, Jr 50.17; Jl 4.2).

1756 פָּחַד (*pāḥad*) ***temer, tremer, venerar, estar assustado, estar aterrorizado.***

Termos Derivados

1756a †פַּחַד (*paḥad*) ***I, pavor.***

1756b †פַּחְדָּה (*paḥdâ*) ***temor, reverente temor religioso.***

1756c †פַּחַד (*paḥad*) ***II, coxa*** (Jó 40.17).

pāḥad serve como um verbo de grande pavor, que enfatiza a ameaça imediata ou o tremor resultante. O verbo pode referir-se ao tipo de medo provocado por um *paḥad*, "pavor" (veja-se abaixo). A maioria de suas ocorrências se dá em passagens poéticas, de forma que pode ser considerado um sinônimo poético marcante de *yārā'* (*q.v.*).

pāḥad refere-se a uma forte emoção de medo, tal como o medo dos príncipes ao ouvir a leitura do rolo de Jeremias (Jr 36.16; lit., "temeram para um ao outro") e ao medo de pecadores diante do juízo divino (Is 33.14). É usado apropriadamente em contextos que se referem a idéias tais como as de estremecer e tremer (*e.g.*, Is 19.16; 33.14; Jr 33.9). (A classificação empregada nessa análise aproxima-se um pouco daquela usada em referência ao verbo *yārā'*).

No entanto, em alguns contextos, parece que o significado específico de *pāḥad* não é tão relevante como o desejo de empregar um sinônimo apropriado num contexto poético. Esse verbo ocorre muito raramente em prosa.

Conquanto os versículos citados acima mostrem *pāḥad* sendo empregado para referir-se à emoção do medo, não existem exemplos claros de uso desse verbo em que a proximidade do medo se perca de vista. Assim sendo, ao contrário de *yārā'*, o verbo não é usado para designar a apreensão abstrata e intelectual do mal.

Pode ter o sentido de respeito ou reverência: Salmos 119.161 fala de Davi estar reverentemente diante da palavra de Deus (*cf.* também Pv 28.14). O "medo" de Oséias 3.5 é provavelmente esse tipo de reverência (ARA, "tremendo"). Ao contrário de *yārā'*, não é empregado para designar a vida piedosa nem a adoração religiosa formal.

pāḥad ocorre duas vezes no piel (Is 51.13; Pv 28.14). Em ambos os casos o piel provavelmente possui um sentido iterativo, particularmente à luz dos advérbios iterativos existentes nesses dois contextos ("continuamente" e "sempre" [lit.]). Provérbios 28.14 é outro caso desse verbo com o significado de "venerar", "reverenciar".

O hifil é empregado uma vez (Jó 4.14) com sentido causativo, *i.e.*, "fazer estremecer" (IBB).

paḥad. ***Pavor, medo, terror, pânico.*** O vocábulo pode referir-se a uma forte sensação de medo ou pavor ou à fonte externa (pessoa ou coisa) que provoca o pavor.

Exemplos claros do substantivo *paḥad* com o sentido de emoção de pavor são o terror existente nos corações dos inimigos dos judeus em Deuteronômio 2.25 e o "espanto" de Jó 4.14.

Um maior número de textos bíblicos emprega o termo para designar pavor externo ou um objeto de medo. O salmista tornou-se um "horror" para aqueles que o conheciam (SI 31.11 [12]). Em outros contextos, paralelos poéticos indicam que o *paḥad* é um perigo externo comparável à cova e à armadilha (*e.g.*, Is 24.17-18; Jr 48.43). Em Isaías 2.10, o "terror" do Senhor é algo externo do qual é possível se esconder; nessa passagem "terror" pode referir-se ao aspecto aterrorizante da glória revelada de Deus. Ao que parece, as armas dos guarda-costas de Salomão eram mais bem utilizadas contra fontes externas e noturnas de pavor (Ct 3.8; BJ, "'surpresas' noturnas"; ARA, "temores") do que contra uma emoção. Salmos 91.5 provavelmente refere-se a algo semelhante, se não a um pavor noturno idêntico. O "pânico repentino" (RSV) de Provérbios 3.25 pode ser mais bem entendido como uma referência a um pavor externo. Semelhantemente, em Salmos 53.5 [6] (*cf.* também SI 14.5) "tomam-se de grande pavor" talvez signifique "temem pavores [externos]". Deus, na condição de objeto externo de pavor, está sendo indicado na expressão "Temor de Isaque" (*cf.* a sugestão "O Temível de Isaque", proposta por E. A.

SPEISER, *Genesis*, in *AB*, no comentário sobre Gn 31.42, 53). [W. F. Albright (*FSAC*, 2 ed., p. 248) segue a sugestão de Alt e traduz essa expressão por "parente de Isaque", à semelhança do "Paladino [*'abîr*; ARA, 'Poderoso'] de Jacó" (Gn 49.24). Essa tradução deriva do suposto sentido de "coxa", "lombos", na palavra *paḥad*. *Cf. paḥad* II. Mas veja-se a bibliografia. R.L.H.]

As vezes pode ser necessária uma análise exegética cuidadosa para decidir se um determinado texto bíblico se refere a emoções internas ou a um objeto externo de pavor; alguns textos bíblicos podem referir-se a um e a outro (*e.g.*, Dt 28:67). Um grande grupo de passagens do gênero são aquelas que tratam do pavor diante de alguma personagem. Exemplos são o terror dos hebreus que caiu sobre o Egito (Sl 105.38), o pavor dos judeus sobre os povos submetidos pelos persas (Et 8.17) e textos que mencionam o temor do Senhor (1 Sm 11.7). Tais textos são mais facilmente interpretados como expressão da emoção despertada em relação à personagem, e não há objeção firme a tal interpretação. No entanto, à luz dos exemplos acima, deve-se considerar a possibilidade de que tais textos tratem a personagem como um objeto externo de pavor (em tal caso, o genitivo de relação exprimiria o genitivo de aposição). A proximidade do objeto de terror e a força da emoção são claramente vistas em textos como Deuteronômio 28:67; Salmos 119:120; 1 Samuel 11:7.

paḥdâ. ***Medo.*** Forma feminina de *paḥad*. Usada uma vez em referência ao temor a Deus como uma atitude interior que faltava nos corações dos judeus (Jr 2:19).

paḥad. ***II. Coxa.*** Ocorre uma vez na descrição física do "beemote" (Jó 40:15, 17, TB; ARA, "hipopótamo"). O significado não é claro, mas dados de línguas cognatas indicam que o sentido mais provável é o de "coxa".

Bibliografia: — HILLERS, D. R., Pahad YISHĀQ, *JBL* 91:90-2 (posição contrária ao ponto de vista de Albright). — *TDNT*, v. 9, p. 203-8. — *THAT*, v. 2, p. 411-2.

A.B.

1757 פֶּחָה (*peḥâ*) ***governador*** (*e.g.*, Ne 5.14; Ml 1.8). Provavelmente um empréstimo lingüístico do acadiano.

1758 פָּחַז (*pāḥaz*) ***ser temerário, ser imprudente*** (Jz 9.4; Sf 3.4).

Termos Derivados

1758a פַּחַז (*paḥaz*) ***temeridade, imprudência*** (Gn 49.4).

1758b פַּחֲזוּת (*paḥăzût*) ***imprudência, extravagância*** (Jr 23.32).

פַּחֲזוּת (*paḥăzût*). Veja o nº 1 758b.

1759 *פָּחַח (*pāḥaḥ*) ***apanhar em armadilha***. Verbo denominativo que ocorre somente uma vez no hifil (Is 42.22).

Substantivo de Origem

1759a פַּח (*paḥ*) ***I, armadilha para aves*** (*e.g.*, Os 5.1; Am 3.5).

1759b פַּח (*paḥ*) ***II, lâmina de metal*** (Nm 17.3; Êx 39.3).

1760 פחם (*phm*). **Aceita como raiz de:**

1760a פֶּחָם (*peḥām*) ***carvão, rescaldo*** (*e.g.*, Pv 26.21; Is 44.12).

1761 פחת (*pht*). **Aceita como raiz de:**

1761a פַּחַת (*paḥat*) ***cova*** (*e.g.*, Jr 48.43; Is 24.17). Nunca empregada para designar a sepultura, como em *shaḥat* e *bôr*.

1761b פְּחֶתֶת (*pᵉḥetet*) ***perfuração, corrosão*** (de deterioração por lepra em roupas, Lv 13.55).

פְּחֶתֶת (*pᵉḥetet*). Veja o nº 1 761b.

1762 פַּטְדָה (*piṭᵉdâ*) ***topázio*** (*e.g.*, Ez 28.13; Êx 18.17). Um empréstimo lingüístico (do sânscrito?).

1763 פטיש (*paṭṭish*) ***malho de ferreiro*** (Is 41.7; Jr 23.21). Possivelmente um empréstimo lingüístico.

1764 פָּטַר (*pāṭar*) ***soltar, retirar, abrir, escapar.***

Termos Derivados

1764a †פֶּטֶר (*peṭer*) ***primogênito.***

1764b פִּטְרָה (*piṭrâ*) ***primogênito*** (somente em Nm 8.16).

Este verbo é usado nove vezes no AT, sempre no grau qal, à exceção de um uso no hifil (Sl 22.7 [8]; *cf.* Mt 27.39), "Eles 'ficam embasbacados' ('abrem/separam os lábios') diante de mim, meneiam a cabeça" (lit.).

Existem quatro usos discerníveis de *pātar* no qal. 1) "Fugir de". Davi "escapou" da presença de Saul (1 Sm 19.10). 2) "Pôr em liberdade", "soltar". "Como o 'abrir-se' da represa, assim é o começo da contenda" (Pv 17.14), comparando-se o início de uma discórdia com o vazamento de água. 3) "Liberar de". "Porquanto o sacerdote Joiada não 'liberou' nenhuma das ordens (sacerdotais)" (lit., 2 Cr 23.8; *cf.* também 1 Cr 9.33). 4) Em 1 Reis 6.18, 29, 32, 35 é dito, em referência ao acabamento das paredes internas do templo de Salomão, que elas eram de "colocíntidas e 'flores abertas' [*pᵉṭurê tsitstsîm*], tudo ... em cedro". Literalmente, a frase hebraica diz "partes abertas de flores", *i.e.*, cálices..

peṭer. ***Primogênito.*** Ocorre em Êxodo 13:2, 12, 13, 15; 34.19, 20. *peṭer* refere-se ao primogênito tanto de animais quanto de homens. Em hebraico a palavra mais usada para

designar "primogênito" é *bᵉkôr*, que indica o primogênito de sexo masculino. Acerca da instituição do direito de primogenitura no AT, existem dois conceitos distintos. Primeiro, existe um conceito sociolegal que atribui uma posição especial ao primogênito de sexo masculino da linhagem paterna (*bᵉkôr*). Em segundo lugar, há um conceito cultual que atribui responsabilidades especiais ao primogênito de sexo masculino da linhagem materna (*peter*). Este é dedicado a Deus. Se é um animal próprio para sacrifício, deve ser sacrificado. Caso contrário, o primogênito deve ser resgatado (Êx 34.19).

V.P.H.

1765 פִּיד (*pyd*), פּוּד (*pwd*). **Aceita como raiz de:**

1765a פִּיד (*pîd*) ***ruína, calamidade*** (*e.g.*, Jó 12.5; Pv 24.22).

פִּיחַ (*pîaḥ*). Veja o nº 1 741a.

1766 פִּים (*pym*). **Aceita como raiz de:**

1766a פִּימָה (*pîmá*) ***fartura*** (Jó 15.27).

1766b פִּים† (*pîm*), פִּים (*payim*). Um peso equivalente a dois terços de um siclo.

A IBB traduz erroneamente por "lima". A maioria das versões recentes traz "dois terços de um siclo" ou então "pim".

O vocábulo ocorre apenas em 1 Samuel 13.21, em que anteriormente fora vinculado com *peh*, "boca" (*BDB* considera o texto corrompido). Pesquisas arqueológicas, no entanto, revelaram a palavra inscrita em diversos pesos de dois terços de siclo. Speiser (veja-se a bibliografia) é da opinião que a palavra é um dual e surgiu de uma falsa hebraização do acadiano *shanipu* (um empréstimo lingüístico de uma palavra suméria que designa dois terços de um siclo), interpretando-a como "dois *pu*'s", portanto em hebraico um dual de *peh*: *payim*. (O plural usual de *peh*, "boca", possui uma terminação feminina.)

Essa identificação de *pîm* ou *payim* ajuda a elucidar magnificamente 1 Samuel 13.19-22. O texto do versículo não se encontra corrompido. Ele fala do início da Idade do Ferro na Palestina. O ferro era conhecido antes disso (por volta de 1200 a.C.), mas era ferro forjado e não tão duro quanto o aço, o qual se faz incandescendo o ferro e então resfriando-o na água. Segundo parece os filisteus trouxeram consigo o segredo de temperar o aço e, por isso, puderam fazer compridas espadas de aço, que eram muito melhores do que as curtas adagas de bronze usadas pelos israelitas. 1 Samuel 13.19 realmente diz que os israelitas não possuíam ferreiros. Os filisteus mantiveram, de fato, o seu segredo militar, e os hebreus tinham de lhes pagar para reafiar os implementos agrícolas que usavam no terreno pedregoso da Palestina. O preço para afiar uma ponta de arado era um *payim* , dois terços de um siclo. É de real interesse que Davi viveu por algum tempo como um súdito filisteu em território filisteu. O segredo militar não pôde ser guardado depois disso.

Bibliografia: — *AI*, p. 205. — HUEY, F. B., Weights and measures, In: *ZPEB*. v. 5, p. 921. — SPEISER, E. A., Of shoes and shekels, In: *Oriental and Biblical studies*. University of Pennsylvania, 1967, p. 156-9.

R.L.H.

פִּיק (*pîq*). Veja o nº 1 747b.
פַּךְ (*pak*). Veja o nº 1 767a.

1767 פכך (*pkk*). **Aceita como raiz de:**

1767a פַּךְ (*pak*) ***frasco, ânfora.***

1767b *פָּכָה (*pākâ*) ***escorrer.*** Ocorre somente no piel (Ez 47.2). Talvez um verbo denominativo de *pak*.

1768 *פְּלֵא (*pāla'*) ***ser extraordinário, ser maravilhoso.*** Esse verbo denominativo não ocorre no qal.

Substantivo de Origem

1768a †פֶּלֶא (*pele'*) ***maravilha.***

1768b פִּלְאִי (*pil'î*) ***maravilhoso, incompreensível.***

1768c מִפְלָאָה (*miplā'â*) ***feito (ou obra) maravilhoso*** (Jó 37.16).

O sentido básico do verbo é o de "ser maravilhoso" e, no hifil, de "fazer algo maravilhoso acontecer". No piel, entretanto, significa "cumprir (um voto)" (Lv 22.21; Nm 15.3, 8), embora essa conotação também esteja presente em dois casos do hifil de *pālā'* (Lv 27.2; Nm 6.2).

Tanto o verbo quanto o substantivo tratam preponderantemente dos atos de Deus, indicando maravilhas cósmicas e também façanhas históricas em favor de Israel. Ou seja, na Bíblia a raiz *pl'* refere-se a coisas que são incomuns e estão além da capacidade humana. Por essa razão causam assombro (*pl'*) no homem. Assim sendo, a "verdadeira importância do miraculoso para a fé reside não no fato material, mas no seu caráter de demonstração [...], o caráter especialmente anormal do evento não faz dele um milagre; o que deixa uma marca forte nas pessoas é a impressão clara do cuidado e da retribuição divina dentro desse evento" (Eichrodt). A isso pode-se acrescentar que é essencial que o milagre seja tão anormal a ponto de ser inexplicável, a não ser como uma demonstração do cuidado ou retribuição divinos.

Em cerca de 15 vezes *pālā'* é empregado em referência ao homem. Em tais casos a idéia de *pālā'* é a de "estar além das próprias capacidades" e, por conseguinte, a de "ser insolúvel ou inacessível", e tais são os atos poderosos e maravilhosos de Deus. Pode-se ilustrar com os seguintes exemplos. 1) Deuteronômio 17.8, "quando alguma coisa te for 'difícil demais' em juízo" (na LXX *adunatein*). O mesmo verbo grego é usado na tradução de Gênesis 18.14, "acaso para Deus há coisa 'demasiadamente difícil'?". Dois versículos em Jeremias (32.17, 27) são quase idênticos a essa pergunta de retórica, mas a LXX emprega outro verbo, *kruptein*. Zacarias 8.6, "se isto 'for maravilhoso' aos olhos do restante deste povo". 2) Provérbios 30.18, "há três coisas que são 'maravilhosas demais' [LXX *adunatos*] para mim". 3) Deuteronômio 30.11, "este mandamento ... te não é 'encoberto' [LXX *huperogkos*]" (ARC). Ou seja, ele é acessível e, portanto, pode ser conhecido. A mesma palavra grega traduz *pl'* em 2 Samuel 13.2 e Lamentações 1.9. 4) A raiz também pode ser empregada negativamente com o sentido de "inacreditável". A

referência em Daniel 8.24 e 11.36 à personagem diabólica e apocalíptica que maquina "planos incríveis" (ARA, "'causar estupenda' destruição") ou fala "blasfêmias incríveis" (ARA, "coisas incríveis") ilustra esse aspecto. Viu-se, então, que, quando *pl'* se refere ao homem, significa algo insolúvel, além do racional, inacreditável.

No Saltério encontram-se elementos que vão ajudar a entender *pl'* quando usado em referência a Deus. Parece que não existe nenhuma diferença significativa aqui entre *pele'* e *niplā'ōt*, sendo que as duas palavras tratam das maravilhas operadas por Deus, quer num sentido genérico, quer num evento histórico específico. Como seria de esperar, a raiz aparece principalmente em salmos que são classificados como hinos ou orações de ação de graças, mas também nos salmos históricos 78; 105; 106. Com freqüência o verbo-chave em tais salmos é *hôdâ*, "louvar" (9.1 [2]; 75.1 [2]; *etc.*), embora *niplā'ōt* seja objeto direto de *hôdâ* somente em Salmos 107.8, 15, 21, 31.

Igualmente importantes são no saltério os verbos no imperativo que exortam as pessoas a expressar oralmente as maravilhas que Deus operou. Isso marca o ritmo das comemorações litúrgicas de Israel. Aqui o verbo mais freqüente é *sāpar*, "contar" (Sl 9.2; 26.7; 75.2; 96.3; *etc.*), mas também se encontram os verbos *sîaḥ*, "falar de" (Sl 105.2 [= 1 Cr 16.9]; 119.27; 145.5), *nāgad*, "anunciar" (Sl 40.5 [6]; 71.17), *dābar*, "falar" (Sl 40.5 [6]). Deve haver uma manifestação pública daquilo que Deus fez e não apenas uma reflexão em particular.

É de interesse assinalar que a função das maravilhas divinas é, em última instância, colocar a misericórdia ao alcance do beneficiário, daquele que conta o que Deus fez, e não apenas fazer uma demonstração de poder. Assim, em Salmos 107.8, 15, 21, 31, *niplā'ōt* é paralelo de *ḥesed*, "bondade amorosa", "misericórdia". Deus opera "maravilhas de amor", *hiplî' ḥasdô* (Sl 31.21 [22]; ARA, "engrandeceu a sua misericórdia").

pele'. ***Maravilha.*** Sempre num contexto de atos ou palavras divinas, exceto em Lamentações 1.9. A raiz aparece a maioria das vezes em Salmos (das 84 ocorrências de *pālā'/pele'*, 37 estão no saltério).

Bibliografia: — EICHRODT, W., *Theology of the Old Testament*, Westminster, 1967, v. 2, p. 162-7. — *TDNT*, v. 3, p. 27-42. — *THAT*. v. 2, p. 413-9.

V.P.H.

פִּלְאִי (*pil'î*). Veja o nº 1 768b.

1769 *פָּלַג (*pālag*) ***fender, dividir.*** Ocorre somente no nifal e no piel.

Termos Derivados

1769a פֶּלֶג (*peleg*) ***canal.***
1769b פְּלַגָּה (*p'laggâ*) ***córrego, divisão.***
1769c פְּלֻגָּה (*p'luggâ*) ***divisão*** (2 Cr 35.5, somente).
1769d מִפְלַגָּה (*miplaggâ*) ***divisão*** (2 Cr 35.12, somente).

1770 פִּלֶגֶשׁ (*pilegesh*), פִּילֶגֶשׁ (*pilegesh*) ***concubina.***

pilegesh. ***Concubina.*** O equivalente hebraico do grego *pallakis* e do latim *pellex*. Uma concubina era uma esposa de verdade, embora de nível inferior. Isso se vê, por exemplo, nas referências ao "marido" de uma concubina (Jz 19.3), ao "sogro" do marido, isto é, o pai da concubina (Jz 19.4), ao "genro" do pai da concubina, isto é o marido (Jz 19.5). Assim sendo, a concubina não era uma amante sustentada, e não coabitava com o homem sem estar casada com ele. A instituição em si é um desdobramento da poligamia.

Diversos homens no AT possuíam uma ou mais concubinas (como sinal de riqueza e de nível social). Observe-se que muitos dos que tiveram concubinas foram reis (e *cf.* Et 2.14; Ct 6.8; Dn 5.3, 23).

Existem duas concubinas famosas mencionadas no AT. São elas: 1) Rispa, a concubina de Saul, cuja demonstração carinhosa de amor maternal tocou tanto em Davi que este fez com que os filhos dela fossem sepultados no sepulcro da família (2 Sm 3.7 e 21.8-14); 2) a concubina de um levita cujo nome não é dado, cujo estupro e assassinato em Gibeá provocou a morte de 25 000 membros da tribo de Benjamim e o interdito de que membros das outras tribos se casassem com benjaminitas (Jz 19—20; um terço dos usos de *pilegesh* no AT encontra-se nesses dois capítulos).

Deitar-se com a concubina do rei equivalia a usurpar o trono. Isso explica por que Abner logo se desentendeu com a casa de Saul, pois procurou casar-se com Rispa, a concubina de Saul (2 Sm 3.7). Casar-se com a viúva de um rei podia facilmente sugerir pretensão ao trono (*cf.* 2 Sm 16.21-22 e semelhantemente a idéia em 1 Rs 2.21-24).

Bibliografia: — MORGENSTERN, J., Additional notes on '*Beena marriage* (matriarchat) in ancient Israel', *ZAW* 49:46-58, esp. p. 56-8. — PATAI, R., *Sex and family in the Bible*, Doubleday, 1959. p. 39-43. — PLAUTZ, Werner, Monogamie und Polygynie im Alten Testament, *ZAW* 75:3-27.

1771 פְּלָדָה (*p*ᵉ*lādâ*) ***ferro, aço*** (Na 2.4). Derivação incerta.

1772 *פלה (*pālâ*) ***ser distinto, ser distinguido.***

Termo Derivado

1772a פְּלֹנִי (*p*ᵉ*lōnî*) ***alguém, fulano.*** Sempre empregado junto com *'almōnî* (Rt 4.1; 1 Sm 21.3; 2 Rs 6.8).

De acordo com *BDB* (p. 811), essa raiz ocorre sete vezes, quatro delas em Êxodo, três em Salmos. É usada duas vezes no nifal (Êx 33.16; SI 139.14) e cinco no hifil. De outro lado, *KB* (p. 761) identifica apenas as passagens de Êxodo (8.22 [18]; 9.4; 11.7; 33.16) com a raiz *pālâ*. Se esse é de fato o caso, *pālâ* ocorre apenas uma vez no nifal (Êx 33.16, "ser separado" [ARA], "ser identificado") e três vezes no hifil (8.22 [18]; 9.4; 11.7, "pôr de lado", "separar").

Na quarta praga enviada contra o Egito, a praga das moscas (8.22 [8]), o Senhor "separa" a terra de Gósen, afastando-a da praga que infesta as casas egípcias. Na quinta praga, a da epidemia que matou os rebanhos egípcios, o Senhor "faz distinção" entre o gado de Israel e o do Egito (9.4). Quando Moisés anuncia a morte dos primogênitos (Êx 11.1 e ss.), ele diz uma vez mais que o Senhor "faz distinção" entre o Egito e Israel (11.7).

1773 פָּלַח (*pālaḥ*)

No Saltério os três textos em questão são 4.3 [4]; 17.7; 139.14. Para ilustrar, Salmos 4.3 [4] diz: "Iahweh faz maravilhas para o seu fiel" (BJ). No TM, em que se traduz "faz maravilhas", traz *hiplâ* (do verbo *pālâ*, "ser distinguido"), mas muitos manuscritos trazem *hiplā'* (do verbo *pālā'*, "ser maravilhoso"), que é forma correlata de *hiplî'*, que aparece em Salmos 31.21 [22], e de *haplēh*, que aparece em Salmos 17.7.

Quanto a Salmos 17.7 e 139.14, *cf.* o malabarismo feito por Dahood (*Psalms I*, in *AB*, v. 1, p. 96; v. 3, p. 293).

V.P.H.

1773 פָּלַח (*pālaḥ*) ***despedaçar*** (*e.g.*, Sl 141.7; Jó 16.13).

Termo Derivado

1773a פֶּלַח (*pelaḥ*) ***pedaço, pedra de moinho*** (*e.g.*, Jz 9.53; Ct 4.3).

1774 פָּלַט (*pālaṭ*) ***escapar, salvar, livrar.***

Termos Derivados

1774a פַּלֵּט (*pallēṭ*) ***livramento*** (Sl 32.7; 56.8, somente).
1774b †פְּלִיט (*pālîṭ*) ***fugitivo.***
1774c פְּלֵיט (*pālêṭ*) ***fugitivo.***
1774d †פְּלֵיטָה (*pᵉlêṭâ*) ***fuga.***
1774e מִפְלָט (*miplāṭ*) ***fuga*** (Sl 55.9).

O verbo *pālaṭ* aparece 27 vezes no AT, 19 das quais no Saltério. O verbo sempre ocorre no piel, à exceção de seus usos em Isaías 5.29 (hifil) e Ezequiel 7.16 (qal). Dahood sugeriu a revocalização do piel de Jó 23.7 para um qal e a conseqüente interpretação "eu fugiria para sempre de sua condenação".

Conforme assinalado acima, o verbo *pālaṭ* limita-se basicamente ao livro de Salmos. As únicas passagens em que *pālaṭ* ocorre no piel fora de Salmos (e fora de passagens paralelas a versículos de Salmos) são: Miquéias 6.14, "você guardará [comida], mas não poderá 'conservar'" EP; Jó 21.10, "suas novilhas 'têm a cria' [*i.e.*, faz sair do ventre], e não abortam"; Jó 23.7, "e eu me 'livraria' para sempre do meu juiz".

Pode-se observar que o emprego do verbo *pālaṭ* com o sentido de "resgatar", "livrar", limita-se à poesia no AT. No saltério o verbo está sempre nos lábios do salmista, quer em referência a Deus, num testemunho de louvor por causa do livramento operado, ou na forma imperativa, buscando o livramento divino. Em 43.1 e 71.2 encontramos ilustrações de *pālaṭ* no imperfeito, mas com função imperativa. Somente em Salmos 91.14 Deus é o sujeito do verbo: "eu o livrarei".

Um paralelo freqüente de *pālaṭ* é *'āzar*, "ajudar", "auxiliar", como em Salmos 37.40; 40.17 [18]; 70.5 [6]. *Cf.* a passagem ugarítica *aqht yplṭk bn dnil wy'drk*, "e [chamai] Aqhat e deixai-o salvar-vos, ó filho de Daniel, e deixai-o resgatar-vos" (3 Aqht, rev 13-14).

pālîṭ. ***Fugitivo.*** O vocábulo ocorre 19 vezes no AT. Na forma é um particípio passivo do qal de *pālaṭ*. *pālîṭ* sempre se refere a alguém que escapou de uma calamidade, a um sobrevivente de combate ou de guerra. Umas poucas vezes *pālîṭ* designa um único sobrevivente ou fugitivo, como no caso daquele que trouxe a Abraão a notícia da captura de seu sobrinho Ló (Gn 14.13, e *cf.*, semelhantemente, as referências ao sobrevivente que anuncia que Jerusalém foi tomada pelos babilônios, Ez 24.26, 27; 33.21, 22).

Em um maior número de vezes, *pālîṭ* é empregado coletivamente em referência ao remanescente dos judeus que escapou tanto à morte quanto à deportação pelos inimigos. Por extensão, Lamentações 2.22 indica que ninguém "escapará" no dia do Senhor.

pᵉlêṭâ. ***Fuga, sobrevivência.*** Ocorre 28 vezes no AT. Novamente o uso básico desse substantivo trata do remanescente do povo de Deus (2 Rs 19.30, 31 = Is 37.31, 22; *etc.*). Mas aqueles que escaparam não devem atribuir sua sobrevivência a circunstâncias fortuitas ou à sorte. Sua sobrevivência é fruto exclusivo da misericórdia divina. Na realidade, *pᵉlêṭâ* significa não somente "fuga", mas também "livramento", como em 2 Crônicas 12.7: "em breve lhes darei 'socorro'". *Cf.* também a declaração feita por José: "Deus me enviou adiante de vós ... para vos preservar a vida por um grande 'livramento'" (Gn 45.7). A bondade de Deus em preservar um remanescente, em vez de exterminar a raça, é especialmente enfatizada em Esdras 9.8, 13-15.

Bibliografia: — DAHOOD, M., Hebrew-Ugaritic lexicography VIII, *Bib* 51:391-404, esp. p. 397. — *TDNT*, v. 4, p. 196-209; v. 7, p. 970-89. — *THAT*, v. 2, p. 420-6.

פְּלִיט (*pālîṭ*), פָּלֵיט (*pālêṭ*). Veja os nos 1 774b, c.

פְּלִיל (*pālîl*). Veja o nº 1 776b.

פְּלִילִי (*pᵉlîlî*). Veja o nº 1 776d.

פְּלִילִיָּה (*pᵉlîlîyâ*). Veja o nº 1 776e.

1775 פָּלַךְ (*plk*). **Aceita como raiz de:**

1775a פֶּלֶךְ (*pelek*) ***fuso, roca, vara, distrito*** (*e.g.*, 2 Sm 3.29; Ne 3.9, 12, *etc.*).

1776 פָּלַל (*pālal*) ***intervir, interpor, orar.***

Termos Derivados

1776a †תְּפִלָּה (*tᵉpillâ*) ***oração.***

1776b †פְּלִילָ (*pālîl*) ***avaliação, estimativa.***

1776c פְּלִילָה (*pᵉlîlâ*) ***ofício de juiz ou árbitro*** (Is 16.3, somente).

1776d †פְּלִילִי (*pᵉlîlî*) ***julgável, criminoso (adj.).***

1776e †פְּלִילִיָּה (*pᵉlîlîyâ*) ***raciocínio.***

O verbo é encontrado 84 vezes no AT, geralmente no hitpael (com exceção de Gn 48.11; 1 Sm 2.25; Sl 106.30; Ez 16.52). A tradução usual da raiz no hitpael é "orar". O desenvolvimento semântico da raiz será estudado abaixo.

1776 פָּלַל (*pālal*)

O AT possui um vocabulário rico para "orar" e "oração". Existe pelo menos uma dúzia de palavras hebraicas para essa idéia. Mas, sem sombra de dúvida, a palavra mais comum para "oração" é *t^epillâ* e para "orar" é *pālal*. Diversas sugestões já foram feitas para explicar a etimologia de *pālal*. Wellhausen, no século 19, identificou-a com o árabe *falla*, "serrilhar a lâmina de uma espada", e, por essa razão, achava-se que *pālal* significasse "cortar-se", "ferir-se", e refletisse o costume pagão de flagelar-se freneticamente durante a adoração, uma prática proibida pela lei de Moisés (Dt 14.1).

Uma segunda sugestão também identifica o hebraico *pālal* com o árabe *falla*, mas entende que o relacionamento entre os dois vocábulos se encontra no significado comum de "romper", "cortar", com o seguinte desdobramento: cortar > dividir > comparar > distinguir > julgar (Ap-Thomas).

Uma terceira sugestão é de que as palavras hebraicas *pālal* e *nāpal* são desenvolvimentos de uma mesma raiz biconsonantal que significa "cair", enfatizando-se oração e prostração.

Uma quarta sugestão é enxergar em *pālal* o sentido de "avaliar", "estimar", com base nos reflexos que isso teria nos derivados. O piel (nos quatro empregos assinalados no início desse verbete) significaria então "contar com", "esperar" (Gn 48.11; ARA, "cuidar") ou "provocar uma (re)avaliação" (Ez 16.52, "provocaste uma reavaliação favorável às tuas irmãs" [ARA, "advogaste a causa de tuas irmãs"], ou seja, Jerusalém está tão corrompida que fez com que Sodoma e Samaria parecessem santas!) (Speiser).

Qual é, então, o relacionamento entre o piel e o hitpael dessa raiz e qual é a significação de 80 dos 84 usos desse verbo no hitpael, com o sentido de "orar"? Primeiro, deve-se observar que no hebraico os diversos verbos com o sentido de "orar" aparecem preponderantemente no grau hitpael. Por exemplo: 1 Reis 8.33, "e orar [*w^ehitpall^elû*] e suplicar [*w^ehithann^enû*]"; Esdras 10.1, "Enquanto Esdras orava [*ûk^ehitpallēl*], e fazia confissão [*ûk^ehitwadōtô*], chorando prostrado [*ûmitnappēl*]..."; Isaías 44.17, "prostra-se [*w^eyishtaḥû*], e lhe dirige a sua oração [*w^eyitpallēl*]".

A explicação tradicional é que o hitpael está relacionado com *p^elîlîm*, "juízes", e, por conseguinte, *hitpallēl* significa "invocar Deus como juiz". Uma segunda explicação, que interpreta *pālal* com o sentido de "romper", "quebrar", é que o hitpael, um grau reflexivo, significa aqui "quebrar-se", ou seja, "quebrantar-se", "estar contrito", "orar" (Goldman). Uma terceira possibilidade é, partindo do piel *pillēl*, "decidir", "resolver uma questão", chegar a *hitpallēl*, "agir como mediador" (Ap-Thomas). Uma quarta sugestão é partir do piel *pillēl*, "estimar", "avaliar", e chegar a *hitpallēl*, "buscar avaliação", "buscar consideração", "orar", com base no fato de que, no hebraico, uma das funções sintáticas do hitpael é a de buscar aquilo que o grau simples indica (Speiser). Um caso interessante de justaposição do piel e do hitpael de *pālal* é 1 Samuel 2.25, "se um homem pecar contra outro, 'Deus intervirá em favor dele' [*ûpil^elô 'ĕlōhîm*], mas se o homem pecar contra Iavé, quem 'intercederá por ele' [*yitpallel-lô*]?". GB divide a raiz em dois verbos, **pālal* I, "julgar" (a maioria das vezes no piel), e **pālal* II, "orar" (hitpael).

Na maioria das vezes o verbo e o substantivo referem-se à oração de intercessão. A melhor ilustração disso é a oração de Salomão em favor do povo durante a dedicação do templo (1 Rs 8 = 2 Cr 6), em que a raiz ocorre 30 vezes apenas nesses capítulos. A primeira referência aí (1 Rs 8.28) diz: "Atenta, pois, para a oração [*t^epillat*] de teu servo, e para a sua súplica [*t^eḥinnātô*] ..., para ouvires o clamor [*rinnâ*] e a oração [*t^epillâ*] que faz hoje [*mitpallēl*] o teu servo diante de ti".

t^{e}pillâ. ***Oração.*** Palavra encontrada 76 vezes no AT, com maior freqüência em Salmos (32 vezes). E, de fato, cinco salmos são especificamente denominados "orações" em seus respectivos cabeçalhos (Sl 17; 86; 90; 102; 142).

pālîl. ***Avaliação, estimativa.*** Substantivo encontrado três vezes (Dt 32.31; Êx 21.22; Jó 31.11), todas no masculino plural. Em cada uma dessas passagens a tradução "juízes", adotada pela IBB, parece improvável. Para ilustrar, em Deuteronômio 32.31 a IBB traz "sendo até os nossos inimigos juízes disso". Muito provavelmente a interpretação deveria ser algo assim: "mesmo na avaliação de nossos inimigos". Ou veja-se, então, Êxodo 21.22, "pagará segundo o arbítrio dos juízes", uma passagem que trata da responsabilidade daquele que provocar um aborto espontâneo por envolver-se numa briga. É preferível ler "pagará de acordo com a avaliação do marido" (LXX, *meta axiōmatos*, "de acordo com a estimativa").

p^{e}lîlî. ***Julgável, criminoso (?, adj.).*** Encontrado somente em Jó 31.28, "também isto seria delito à punição de 'juízes'". Talvez signifique "isto seria uma ofensa 'julgável'" ou "isto seria uma 'iniqüidade criminosa'".

p^{e}lîliyyâ. ***Raciocínio, julgamento.*** Apenas em Isaías 28.7, "tropeçam no [isto é, ao fazer] juízo".

Bibliografia: — AP-THOMAS, D. R., Notes on some terms relating to prayer, *VT* 6:225-41. — BLANK, S. H., The confessions of Jeremiah and the meaning of prayer, *HUCA* 21:331-54. _____, Some observations concerning Biblical prayer, *HUCA* 32:75-90. — RICHARDSON, *TWB*, p. 169. — SPEISER, E. A., The stem PLL in Hebrew, *JBL* 82:301-6. — GIRDLESTONE, R., *SOT*, p. 219-20. — YALON, H., פלל, פלפל in Hebrew and Aramaic, *Tarbiz* 6:111. — *TDNT*, v. 2, p. 785-800. — *THAT*, v. 2, p. 427-31.

V.P.H.

פְּלֹנִי (*p^{e}lōní*). Veja o nº 1 772a.

פַּלְמֹנִי (*palmōnî*). Uma forma do nº 1 722a.

1777 *פָּלַס (*pālas*) ***pesar (em balança), aplanar.*** Verbo denominativo que ocorre apenas no piel (*e.g.*, Pv 4.26; Is 26.7).

Substantivo de Origem

1777a פֶּלֶס (*peles*) ***balança*** (Pv 16.11; Is 40.11).

1777b מִפְלָשׁ (*miplās*) ***flutuação, suspensão*** (Jó 37.16).

1778 *פָּלַץ (*pālats*) ***estremecer.*** Ocorre somente uma vez, no hitpael (Jó 9.6).

Termos Derivados

1778a פַּלָּצוּת (*pallātsût*) ***estremecimento*** (Jó 21.6; Is 21.4).

1779 *פָּלַשׁ (*pālash*)

1778b מִפְלֶצֶת (*mipletset*) ***coisa repugnante*** (1 Rs 15.13; 2 Cr 15.16).
1778c תִּפְלֶצֶת (*tipletset*) ***estremecimento, horror*** (Jr 49.16).

פַּלָּצוּת (*pallātsût*). Veja o nº 1 778a.

1779 *פָּלַשׁ (*pālash*) ***prantear.*** Ocorre somente no hitpael (*e.g.*, Mq 1.10; Ez 27.30).

1780 פֶּן (*pen*) ***para que não, se não.***

Em hebraico bíblico *pen* é uma conjunção final negativa, "não comereis, nem tocareis nele, 'para que não' morrais" (Gn 3.3). Em todas as ocorrências (com apenas duas exceções), a palavra é seguida do imperfeito do verbo. As duas exceções são: 1) 2 Samuel 20.6, "persegue-o, 'para que não' ache [*mātsā'*] para si cidades fortificadas, e nos escape [*wᵉhizzîl*]"; 2) 2 Reis 2.16, "'pode ser que' o Espírito do SENHOR o tivesse levado [*nᵉsā'ô*] e lançado nalgum dos montes". A conjunção *pen* sempre aparece no início da oração, seguida do verbo e em seguida do objeto. A exceção disso é Provérbios 5.6, *'ōraḥ ḥayyîm pen tᵉpallēs*, "vereda de vida para que não pondere" (lit.), isto é, "para que não pondere a vereda de vida".

A função básica de *pen* no início de uma oração é exprimir cautela. Por exemplo, muitos dos casos de *pen* em Provérbios seguem a partícula negativa *'al* e a forma jussiva do verbo: "Não repreendas [*'al tôkaḥ*] o escarnecedor, 'para que não' [*pen*] te aborreça" (Pv 9.8; *cf.* também 20.13; 22.25; 26.4-5; 30.6-10. Quanto a *pen* depois de um imperativo afirmativo, veja-se Provérbios 25.16-17.

De outro lado, em Deuteronômio, *pen* freqüentemente segue a construção *hishshāmer lᵉkā* (imperativo do nifal de *shāmar*, "guardar", seguido de preposição e sufixo pronominal) ou uma construção variante. Deuteronômio 4.9 traz "guarda-te a ti mesmo [*hishshāmer lᵉkā*] ... '[para] que não' [*pen*] esqueças". *Cf.* também Deuteronômio 4.16, 19; 6.12; 8.11; 11.16; 12.13, 19, 30; 15.9; e também Gênesis 24.6 e 31.24.

Dahood postulou que às vezes *pen* equivale ao advérbio de negação "não" e é normalmente um substituto estilístico da construção em que se tem o advérbio de negação *'al* seguido do jussivo.

Bibliografia: — DAHOOD, M., Hebrew-Ugaritic lexicography VIII, *Bib* 51:391-404, esp. p. 398-9. — *GKC*. § 107*q*; 152*w*.

V.P.H.

1781 פַּנַּג (*pannag*). Significado incerto. Aparentemente algum tipo de alimento (Ez 27.17).

1782 פָּנָה (*pānâ*) ***virar-se.***

Termos Derivados

1782a †פָּנִים (*pānim*) ***rosto.***
1782b †לִפְנֵי (*lipnê*) ***diante de, antes de.***

1782c פְּנִימָה (*pᵉnîmâ*) ***para dentro.***
1782d †פְּנִימִי (*pᵉnîmî*) ***interior.***

A elevada freqüência com que *pānâ* e mais ainda seus derivados aparecem no AT é atestada por *KB* (p. 76), que assinala que a raiz aparece 2 100 vezes no AT.

O sentido básico do verbo, que aparece com maior freqüência no grau qal, é "virar-se", mas pode assumir inúmeras nuanças. Por exemplo, *pānâ* pode ter o sentido de "virar-se para" um determinado lado (Dt 2.3), uma pessoa (Jr 50.16), uma coisa (Êx 16.10). Pode significar "virar-se para trás" (Js 8.20), "voltar-se de [algum lugar]", *i.e.*, "partir de [algum lugar]" (Gn 18.22), "voltar-se para um lado e para outro" (Êx 2.12; ARA, "olhar de uma e de outra banda"), "esperar", "aguardar" (Ag 1.9), "prestar atenção em", "considerar" (Jó 6.28; ARA, "olhar para").

pānîm. ***Rosto, semblante.*** Essa palavra sempre ocorre no plural, talvez numa indicação de que o rosto é composto por uma combinação de diversos aspectos. Conforme será visto abaixo, o rosto identifica a pessoa e reflete a atitude e os sentimentos das pessoas. Nesse sentido *pānîm* pode referir-se à pessoa e aos sentimentos da pessoa.

Na Bíblia o "rosto" (junto com as outras partes do corpo) é descrito não apenas como um elemento exterior do corpo humano; o rosto expressa também alguma forma de padrão comportamental e, dessa forma, é caracterizado por qualidades pessoais. É natural então que o rosto fosse considerado como algo extraordinariamente revelador no que diz respeito às emoções, temperamento e inclinações do ser humano.

Um rosto "duro" (lit.) indica atitude de desafio (Jr 5.3), despudor (Pv 7.13), crueldade (Dt 28.50). Um rosto "brilhante" (lit.) revela regozijo (Jó 29.24). Um rosto "envergonhado" (lit.) demonstra derrota, frustração, humilhação (2 Sm 19.5). O rosto "flamejante" é aquele tomado pelo terror (Is 13.8). Um rosto "mau" (lit.) é o rosto marcado por aflição e ansiedade (Gn 40.7). Um rosto "decaído" é causado por ira ou insatisfação muito fortes (Gn 4.5). Tornar "doce" (lit.) o rosto de alguém é reconciliar-se com ele ou buscar o seu favor (com referência a Deus: 1 Rs 13.6; 2 Rs 13.4). A ARA traduz por "implorar o favor de", mas, literalmente, é "adoçar o rosto de". Semelhantemente, essa expressão idiomática é empregada em referência ao homem (Pv 19.6).

A expressão "esconder o rosto" significa demonstrar aversão ou repulsa (Is 53.3), e "desviar o rosto" é rejeitar (Sl 132.10; ARA, "desprezar o rosto"). Por outro lado, "erguer o rosto" (lit.) de outrem é revelar favor, respeito, aceitação (1 Sm 25.35) ou demonstrar parcialidade e favoritismo (Lv 19.15).

A maioria dessas expressões idiomáticas também se aplica a Deus. O rosto de Deus "brilha" (lit., Sl 4.6 [7]) como sinal de favor e boa vontade. Seu rosto pode "cair" (lit.) de indignação (Jr 3.12; ARA, "fazer cair a 'ira'"). Deus pode "ocultar" o rosto (Sl 13.1 [2]).

Cinco vezes ocorre a expressão "ver o rosto de Deus", provavelmente com o sentido técnico de visitar o santuário para adorar no culto público: Êxodo 23.15; 34.20 (ARA, "ninguém aparecerá diante de mim"); Deuteronômio 31.11; Salmos 42.2 [3]; Isaías 1.12. Em cada um desses casos o verbo *rā'â*, "ver", é vocalizado como um nifal e é, então, traduzido por "aparecer", caso em que a idéia de "aparecer diante de (alguém)" suaviza o conceito de ver o rosto de Deus. Em um único caso (1 Sm 1.22) o nifal é indicado pelo texto consonantal. O pensamento de *lērā'ôt pānāy*, em que o nifal aparece no infinitivo construto, "aparecer diante de", é aceitável, até mesmo obrigatório, mas a possibilidade

de *lir'ôt pānāy*, infinitivo construto do qal, é inconcebível de acordo com Êxodo 33.20. Existem algumas exceções a isto, por exemplo, Jacó (Gn 32.30 [31]) e Moisés (Êx 33.11). Eles viram Deus *pānîm 'el pānîm*.

A pessoa há de perecer caso olhe para Deus ou até mesmo o ouça (Êx 19.21). Por esse motivo Moisés (Êx 3.6), Elias (1 Rs 19.13) e até mesmo os serafins (Is 6.2) cobrem o rosto na presença de Deus. Aquele que continua vivo depois de ver a Deus é tomado de assombro e gratidão (Gn 32.30; Dt 5.24), e de temor (Jz 6.22-23; 13.22; Is 6.5). No NT Deus se manifesta em Jesus, o único que viu o Pai (Jo 1.18; 6.46; 1 Jo 4.12). Cristo não é apenas o Verbo por meio de quem Deus é ouvido. Ele é a imagem por meio de quem Deus é visto.

lipnê. ***Na presença de, diante de, antes de.*** Com valor de preposição, esse é o uso mais freqüente de *p^{e}nê* (um construto plural) com uma preposição prefixal. Literalmente significa "diante do rosto de", "para o rosto de". Esse é o caso de um substantivo que tornou-se preposição em virtude de sua união a um prefixo. Com o sentido de "diante de" o complemento que segue é na maioria das vezes uma pessoa (Deus ou o homem), assumindo os sentidos de "à plena vista de", "aos olhos de", "à disposição de", "na avaliação de" (*BDB*, p. 186-7).

p^{e}nîmî. ***Interior.*** Sempre empregado em referência a partes de prédios, geralmente o templo (esp. Ez 40—46).

Bibliografia: — DAHOOD, M., *Hebrew-Ugaritic lexicography VIII*, *Bib* 51:391-404, esp. p. 399-400. — JOHNSON, A. R., Aspects of the use of the term פנים in the 0.T, In: *Festschrift Otto Eissfeldt zum 60. Geburtstage*, Ed. J. Fueck, Halle, Niemeyer, 1947. p. 155-9. _____, *The vitality of the individual in the thought of ancient Israel*, Cardiff, University of Wales, 1949. p. 42 e ss. — LOHSE, E., prosōpon, In: *TDNT*, v. 6, p. 768-780. — OPPENHEIM, A., Idiomatic Accadian, *JAOS* 61:251-71, esp. p. 256-8 (quanto a *pânu*). — SPEISER, E. A., The Biblical idiom PĀNÎM HOL^{E} KÎM, In: *The 75th anniversary volume of the JQR*, p. 515-7. — *TDNT*, v. 6, p. 771-5. — *THAT*, v. 2, p. 432-60.

V.P.H.

פִּנָּה (*pinnâ*). Veja o nº 1 783a.
פָּנִים (*pānîm*). Veja o nº 1 782a.
פְּנִימָה (*p^{e}nîmâ*). Veja o nº 1 782c.
פְּנִימִי (*p^{e}nimî*). Veja o nº 1 782d.
פְּנִינִים (*p^{e}ninîm*). Veja o nº 1 783b.

1783 פנן (*pnn*). **Aceita como raiz de:**

1783a †פִּנָּה (*pinnâ*) ***esquina, canto.***

1783b פְּנִינִים (*p^{e}nînîm*) ***corais*** (*e.g.*, Jó 28.18; Lm 4.7).

pinnâ. ***Esquina, canto.*** Este é um dos dois vocábulos usados no AT que podem ser traduzidos por "canto". O outro é *pē'â* (*q.v.*). *pē'â* inclui a idéia de "lado" ou "extremidade"; *pinnâ* é mais especificamente "canto" ou "esquina". *pinnâ* pode referir-se

ao canto de uma casa (Jó 1.19), ao canto de um altar (Êx 27.2; 38.2), à esquina do muro de uma cidade (Ne 3.24, 31), à esquina de uma rua (Pv 7.8, 12), ao canto do telhado (Pv 21.9; 25.24), à parte mais alta de uma torre na estrutura de um muro (2 Rs 14.13; Jr 31.38), e, figuradamente, a "líderes" (ARA, "príncipes", Jz 20.2; 1 Sm 14.38).

É muito interessante o uso de *pinnâ* para designar a "pedra angular" do mundo (Jó 38.6). Em duas passagens a pedra angular é figurada e possui significação messiânica: 1) Isaías 28.16 (Rm 9.33); 2) Salmos 118.22 (e *cf.* a citação dessa passagem em Mt 21.42; Mc 12.10; Lc 20.17; At 4.11; 1 Pe 2.7).

A questão é se a pedra angular é uma pedra de alicerce ou uma pedra que encima a construção. Parece que Isaías 28.16 é um exemplo da primeira possibilidade e Salmos 118.22 (*rō'sh pinnâ*) um exemplo da segunda.

Bibliografia: — GOOD, E. M., Cornerstone, In: *IDB*. v. 1, p. 700.

V.P.H.

1784 *פָּנַק (*pānaq*) ***ser indulgente com, mimar.*** Ocorre apenas uma vez, no piel (Pv 29.21).

פַּס (*pas*). Veja o nº 1 789a.

1785 *פָּסַג (*pāsag*) ***percorrer.*** Ocorre apenas uma vez, no piel (SI 48.14).

פִּסָּה (*pissâ*). Veja o nº 1 789b.

1786 פָּסַח (*pāsaḥ*) ***I, passar por cima, saltar por cima.***

Termo Derivado

1786a †פֶּסַח (*pesaḥ*) ***páscoa.***

pesaḥ. ***Páscoa.*** Existem três áreas que se devem investigar para coletar dados na Bíblia acerca da Páscoa. São elas: 1) o contexto histórico da páscoa (Êx 12); 2) textos que detalham os procedimentos para a observância da páscoa (Nm 28.16-25; Lv 23.5-8; Dt 16.1-8); 3) textos históricos que narram a celebração de uma páscoa em particular (Nm 9.1-14; Js 5.10-12 [em Gilgal]; 2 Cr 30.1-27 [celebrada por Ezequias, mas curiosamente sem paralelo em Reis]; 2 Rs 23.21-23; 2 Cr 35.1-19 [comemorada por Josias; observem-se os detalhes adicionais apresentados no relato de Crônicas]; Ed 6.19-22).

O nome "páscoa" deriva de *pāsaḥ*, que significa, segundo alguns estudiosos, "passar (por cima/por alto)" (*BDB*, p. 820). Há quatro exemplos do verbo com esse uso. 1) Êxodo 12.13, "quando eu vir o sangue, 'passarei' [*ûpāsaḥtî*] por vós". 2) Êxodo 12.23, "o SENHOR 'passará' ['*abar*] ... 'passará' [*ûpāsaḥ*] o SENHOR aquela porta". 3) Êxodo 12.27, "É o sacrifício da páscoa ao SENHOR, que 'passou' [*pāsaḥ*] por cima das casas dos filhos de Israel". 4) Isaías 31.5, "o Senhor dos exércitos protegerá [*gānan*] a Jerusalém; ele a protegerá [*gānan*] e a livrará [*nātsal*], e, passando [*pāsaḥ*], a salvará [*mālaṭ*]" (IBB).

Além dessa etimologia de *pesaḥ* (*i.e.*, o misericordioso ato em que um poder destruidor passa por cima sem danificar) algumas outras têm sido sugeridas. 1) Deve ser

ligada à raiz *pasaḥ* II, "mancar", "coxear", e nesse caso a páscoa indicaria uma dança religiosa especial. 2) Alguns relacionaram *pesaḥ* com o verbo acadiano *pašaḫu*, "aplacar" ou "abrandar" (uma divindade) com um ritual. 3) A interpretação de outros sugere que nos quatro trechos bíblicos acima *pāsaḥ* não signifique em si mesmo "passar por cima", "passar por alto", mas "defender", "proteger". O SENHOR cobrirá protetoramente as casas dos israelitas e não permitirá que o destruidor entre (Êx 12.23b, e *cf.* 1 Co 10.10; Hb 11.28). É o destruidor que procura entrar nas casas, e o Senhor o rechaça, montando guarda junto às casas do seu povo. O sangue é um sinal para o Senhor. "Quando eu vir o sangue [*cf.* Gn 9.16, 'o arco estará na nuvem, e eu o verei para me lembrar...', lit.], eu vos 'protegerei'" (e não a idéia negativa de "passarei por cima de vós", "omitir-vos-ei" [Glasson, Weiss]). 4) Uma última sugestão é relacionar *pesaḥ* a uma palavra egípcia que significa "pancada", "golpe", e, dessa forma, a páscoa é o golpe da décima praga com que o Senhor feriu os primogênitos do Egito. A etimologia tradicional e a terceira opção parecem as mais plausíveis.

De acordo com Êxodo 12, a páscoa devia ser comemorada na lua cheia do primeiro mês do ano (abibe = março/abril). No dia dez do mês cada família escolhia um cordeiro de um ano de idade, sem defeito. Esse cordeiro era sacrificado ao crepúsculo do dia 14, e o seu sangue era aspergido sobre os batentes e a verga da porta da casa onde era comido o cordeiro. No dia seguinte, o dia 15, começava a festa dos pães asmos. Observe-se que originariamente essa era uma cerimônia doméstica sem nenhuma referência a algum santuário central nem a um envolvimento sacerdotal. É interessante notar que foi muito vantajoso para os israelitas deixar o Egito numa noite de lua cheia.

A teoria da alta crítica sobre a relação entre a Páscoa e os Pães Asmos é a seguinte. Originariamente, ambas foram festas distintas. A páscoa teria sido um ritual de pastores nômades, e os pães asmos, uma festa agrícola cananéia. Subseqüentemente as duas foram incorporadas à História (ao serem relacionadas ao êxodo) e fundiram-se, ou foram restabelecidas (Kraus), na época de Josias, como conseqüência da centralização da adoração. É claro que isso tudo é especulação. Ezequias celebrou uma grande páscoa (2 Cr 30, em que também é chamada de festa dos pães asmos). Salomão celebrou as três festas anuais (Pães Asmos, Semanas e Tabernáculos, 2 Cr 8.13). O silêncio dos livros de Samuel e Reis não é um argumento válido contra uma data remota da páscoa. Nenhum dos profetas, à exceção de Ezequiel (somente Ez 45.21), menciona quer a páscoa quer a festa dos pães asmos. Até mesmo Jeremias, passando por alto da grande celebração de Josias, mantém silêncio a respeito, um silêncio que nada prova.

Jesus comemorou essa festa (Mt 26.2, 18). Cristo é a 'Páscoa' para o cristão (1 Co 5.7, e também Jo 1.20, 1 Pe 1.19).

Bibliografia: — DEVAUX, R., *AI*, p. 484-92. — GLASSON, T., The 'passover,' a misnomer: the meaning of the verb PASACH, *JTS* 10:79-84. — HARAN, Menahem, The passover sacrifice, *Supp VT* 23:86-116. — KRAUS, H. J., *Worship in Israel*, Richmond, John Knox, 1966, p. 45-55. — *TWB*, p. 163. — WEISS, R., psḥ = ḥml, ḥws, *Lesonénû* 27:125-30. — JOCZ, J. Passover, In: *ZPEB*. v. 4, p. 605-11.

V.P.H.

1787 פָּסַח (*pāsaḥ*) ***II, mancar.***

Termo Derivado

1787a פִּסֵּחַ (*pisēah*) ***manco.***

É objeto de debates se, em hebraico, existem ou não dois verbos distintos com as consoantes *psh*. *BDB* (p. 820) sugere que sim e traz dois verbetes: *pāsah* I, "passar por alto", e *pāsaḥ* II, "mancar". *KB* (p. 769) não faz distinção entre raízes I e II, assinalando que não é clara a etimologia de *pesah*.

Existem apenas três usos de *pāsah* II no AT. 1) 2 Samuel 4.4, "ele [Mefibosete] caiu e ficou manco". 2) 1 Reis 18.21, "até quando 'coxeareis' entre dois pensamentos?". Outra tradução sugerida é "até quando 'coxeareis' apoiado em duas muletas [*i.e.*, Iavé e Baal]?". 3) 1 Reis 18.26, "e, manquejando, [os sacerdotes de Baal] se movimentavam ao redor do altar", presumivelmente uma referência a algum tipo de dança ritual pagã.

V.P.H.

פְּסִיל

(*pāsîl*). Veja o nº 1 788b.

1788 פָּסַל (*pāsal*) ***talhar, esculpir.***

Termos Derivados

1788a פֶּסֶל (*pesel*) ***ídolo, imagem.***

1788b פְּסִיל (*pāsîl*) ***ídolo, imagem.*** Acerca das diferentes palavras para ídolo, *cf. gillûl* e também *'ātsāb*.

1789 פָּסַס (*pss*). **I. Aceita como raiz de:**

1789a פַּס (*pas*) ***palma das mãos, sola dos pés, túnica longa que vai até as mãos e os pés.*** *kᵉtōnet passîm* (Gn 37.3, 23, 32; 2 Sm 13.18, 19).

1789b פִּסָּה (*pissâ*) ***abundância, fartura*** (Sl 72.16). Significado incerto.

1790 פָּסַס (*pāsas*) ***II, desaparecer, sumir*** (Sl 12.2, somente).

1791 פָּעָה (*pā'â*) ***gemer*** (Is 42.14).

Termos Derivados

1791a אֶפַע (*'epa'*) ***sem valor.*** Derivação incerta.

1791b אֶפְעֶה (*'ep'â*) ***víbora.***

1792 פָּעַל (*pā'al*) ***fazer.***

1793 פָּעַם (*pā'am*)

Termos Derivados

1792a †פֹּעַל (*pō'al*) ***trabalho, feito.***
1792b †פְּעֻלָּה (*p'ullâ*) ***trabalho, recompensa.***
1792c מִפְעַל (*mip'āl*) ***trabalho, obra*** (Pv 8.22).
1792d מִפְעָלָה (*mip'ālâ*) ***obra, feito*** (SI 46.9; 66.5).

O verbo aparece 56 vezes no AT. Com maior freqüência é encontrado em Salmos (26 vezes, 18 delas na expressão *pō'ălê 'āwen*, "os que praticam a iniqüidade"). *pā'al* é encontrado somente no grau qal e em textos poéticos. Seu emprego no AT é de interesse quando se observa que o verbo *'asâ*, "fazer", ocorre mais de 2 600 vezes (*BDB*, p. 793).

Quando *pā'al* descreve as ações ou feitos do homem, à semelhança do substantivo *pō'al*, refere-se a seus atos morais, tanto positivos (SI 15.2; Sf 2.3) quanto negativos, neste caso num maior número de vezes: Provérbios 30.20 — impiedade; Jó 34.32 — iniqüidade; Isaías 44.15 — idolatria.

Ligado a isso pode-se assinalar a importância da expressão *pō'ălê 'āwen*, "os que praticam a iniqüidade". Além dos 18 casos no saltério, a frase ocorre em Isaías 31.2; Oséias 6.8; Jó 31.3; 34.8, 22; Provérbios 10.29; 21.15. A despeito da sugestão que ganhou fama nos *Psalmenstudien* de Mowinckel, de que a palavra *'āwen* é um poder mágico e de que os *pō'ălê 'āwen* eram feiticeiros que, por meio de suas poderosas frases mágicas, provocavam a aflição dos justos, pode-se estar seguro em supor que "os que praticam a iniqüidade" são inimigos estrangeiros que importunam Israel e seu rei e também se vangloriam por derrotarem-nos.

pō'al. ***Trabalho, feito.*** A palavra é empregada 16 vezes para designar a obra de Deus, e 21 vezes, a obra do homem. *pō'al* indica basicamente os atos de Deus na História e não os seus atos na Criação. Quando aplicado ao homem, *pō'al* com freqüência possui uma conotação moral, quer positiva (*e.g.*, Pv 21.8) quer negativa (*e.g.*, Pv 21.6).

p^{e}'ullâ. ***Trabalho, recompensa.*** Palavra que ocorre 14 vezes no AT. Pode referir-se à labuta normal (Jr 31.16). Num maior número de vezes indica recompensa no sentido de salário (Is 40.10), galardão (Pv 11.18), recompensa (do pecado; Is 65.7; Sl 109.20), todas dadas por Deus. *p^{e}'ullâ* é empregado junto com *sākar*, "contratar", e *sākār*, "salário", em Levítico 19.13; 2 Crônicas 15.7; Isaías 40.10; 62.11; Jeremias 31.16; Provérbios 11.18.

Bibliografia: — DAHOOD, M. (que às vezes vê no hebraico *b'l*, "possuir", uma forma dialetal de *p'l* [por influência do ugarítico]). *Bib* 41:303; 43:361; 44:303; 46:320-1. — *TDNT*, v. 2, p. 1 005-28. — *THAT*, v. 3, p. 461-5.

V.P.H.

1793 פָּעַם (*pā'am*) ***empurrar, impelir.***

Termos Derivados

1793a †פַּעַם (*pa'am*) ***pé, passo.***
1793b פַּעֲמֹן (*pa'ămōn*) ***campainha (no manto do sumo sacerdote).***

pa'am. ***Pé, passo, bigorna, vez/vezes.*** Esse substantivo ocorre 117 vezes no AT, geralmente com o sentido de "vez/vezes", "ocorrência". Quando *pa'am* significa "pé", pode referir-se a: 1) o pé humano (Sl 58.10 [11]); 2) passo(s) ou pegada(s) (Sl 17.5; 85.13 [14]); 3) base ou pedestal de uma estrutura (Êx 25.12; ARA, "canto"). O sentido de "bigorna" é encontrado somente uma vez, em Isaías 41.7.

Existem numerosas frases em que aparece "vez/vezes" e em que *pa'am* é um dos elementos da frase. Por exemplo, "Esta, afinal [*happa'am*, lit., 'a vez', *i.e.*, 'desta vez'], é osso dos meus ossos" (Gn 2.23); "se lhe falo 'somente mais esta vez' ['*ak-happa'am*]" (Gn 18.32); "'agora, desta vez' ['*attâ happa'am*] se unirá mais a mim meu marido" (Gn 29.34); "'muitas vezes' [*p^{e}'āmim rabbôt*] os libertou" (Sl 106.43).

O hebraico *pa'am* é uma mescla dos vocábulos ugaríticos *p'm*, "vez", e *p'n*, "pé" (fenício *p'm*; GORDON, *UT* 19: n.ºs 1 998, 2 076).

V.P.H.

פַּעֲמֹן (*pa'ămōn*). Veja o nº 1 793b.

1794 פָּעַר (*pā'ar*) ***escancarar (a boca)*** (*e.g.*, Is 5.14; Jó 16.10).

1795 פָּצָה (*pātsâ*) ***separar, abrir*** (*e.g.*, Gn 4.11; Nm 16.30).

1796 פָּצַח (*pātsaḥ*) ***irromper, explodir (de emoção)*** (*e.g.*, Is 14.7; 55.12).

פְּצִירָה (*p^{e}tsîrâ*). Veja o nº 1 801 a.

1797 *פָּצַל (*pātsal*) ***descascar.*** Ocorre somente no piel (Gn 30.37, 38).

Termo Derivado

1797a פְּצָלָה (*pitslâ*) ***faixa descascada, ponto descascado*** (Gn 30.37).

1798 פָּצַם (*pātsam*) ***fender.*** Ocorre somente em Salmos 60.4.

1799 פָּצַע (*pātsa'*) ***contundir, ferir por contusão.***

Termo Derivado

1799a פֶּצַע (*petsa'*) ***contusão, ferida*** (*e.g.*, Êx 21.25; Is 1.6).

1800 *פָּצַץ (*pātsats*) ***quebrar.*** Ocorre no poel (Jr 23.29) e no pilpel (Jó 16.12).

1801 פָּצַר (*pātsar*) ***empurrar, pressionar*** (*e.g.*, Gn 19.3; Jz 19.7; o cognato árabe possivelmente signifique "designar", "determinar").

1802 פָּקַד (*pāqad*)

Termo Derivado

1801a פְּצִירָה (*pᵉtsîrâ*). Ocorre somente em 1 Samuel 13.21. *BDB* diz que este texto está "irrecuperavelmente corrompido", mas veja-se *pîm*. Algumas traduções modernas trazem "preço", "taxa".

1802 פָּקַד (*pāqad*) ***computar, calcular, visitar, castigar, nomear***

Termos Derivados

1802a †פְּקֻדָּה (*pᵉquddâ*) ***recrutamento.***
1802b †פְּקוּדִים (*pᵉqûdîm*) ***distribuição.***
1802c †פָּקִיד (*pāqîd*) ***funcionário, capataz, fiscal.***
1802d פִּקֻדַּת (*pᵉqidut*) ***supervisão*** (Jr 37.13, somente).
1802e †פִּקּוּדִים (*piqqûdîm*) ***preceitos.***
1802f פִּקָּדוֹן (*piqqādôn*) ***depósito.***
1802g †מִפְקָד (*mipqād*) ***número.***

pāqad ocorre basicamente nos graus qal, nifal e hifil. Também ocorre umas poucas vezes no piel, pual, hofal, hitpael e hotpael. O sentido básico é o de "supervisionar (um subordinado)", tanto na forma de inspecionar quanto de tomar providências com o intuito de obter uma mudança considerável nas circunstâncias do subordinado.

Acerca desse verbo, que ocorre mais de 300 vezes no AT, foi dito: "provavelmente não exista nenhum outro verbo hebraico que tenha dado tanta dificuldade aos tradutores quanto o verbo *pqd*" (SPEISER, *BASOR* 149:21). *KB* incorre em erro ao afirmar que *pqd* tem origem na idéia de "sentir falta de". A única base para tal afirmação é uma palavra semelhante em árabe, que, no que diz respeito à maioria dos textos disponíveis, representa uma evolução posterior nas línguas semíticas. O verbo ocorre em acadiano, geralmente com o sentido de nomear um governador ou outro funcionário.

Speiser entende que a raiz significa "receber atenção" ou "reparar em". É impossível comprovar que essa é a origem real da palavra, mas o fato de que pelo menos metade das ocorrências envolve uma ação positiva de um superior em relação a seus subordinados favorece bastante que tal ação seja um aspecto vital do significado da palavra. Essa idéia encontra apoio no fato de que a LXX na maioria das vezes traduz o verbo por *episkeptō* ou por um vocábulo semelhante.

O fato de a LXX traduzir o verbo apenas oito vezes por *arithmein* e de geralmente empregar *episkeptein* ou uma palavra de sentido correlato, sugere que o sentido real não é o de enumerar ou contar, mas o de recrutar tropas ou verificar o número de homens disponíveis. Em geral diz respeito a soldados, levitas ou sacerdotes. Existem algumas outras palavras hebraicas que expressam a idéia simples de contar ou enumerar.

[Pode-se assinalar que o denominado censo de Números 1 diz respeito apenas a homens adultos "capazes de sair à guerra" (v. 20). Foi mais do que um recenseamento; foi uma organização de tropas para a guerra "segundo os seus exércitos" (v. 3). Esse foi o recrutamento das tropas, nos preparativos para a invasão de Canaã, sob a liderança de

Moisés, a partir de Cades-Barnéia. A enumeração semelhante de Números 26 não é repetição do relato nem o relato proveniente de uma outra fonte. Esse foi um outro recrutamento de tropas, desta vez para a invasão liderada por Josué e feita a partir do leste.

E provável que o "censo" levantado por Davi em 2 Samuel 24 também não tenha sido uma simples contagem de súditos para satisfazer o ego de um monarca, mas uma vez mais tenha sido parte dos preparativos de alguma aventura militar reprovável. Note-se que Joabe, o comandante do exército, foi encarregado do alistamento e que ele tinha sérias objeções a isso. R.L.H.]

Quando traduzido por "visitar" (o que acontece algumas dezenas de vezes), o vocábulo quase sempre tem o sentido de "inspecionar" e indica aquela ação que gera, para melhor ou para pior, uma grande mudança na posição de um subordinado. Speiser sugere a existência de um íntimo paralelo com a frase "erguer a cabeça (de alguém)" (lit.), usada em Gênesis 40.13 (ARA, "reabilitar"), 19 (ARA, "tirar a cabeça") para indicar o tratamento dispensado por Faraó ao copeiro e ao padeiro, o primeiro para ser reinvestido em seu cargo e o outro para ser enforcado. A palavra *pāqad* é semelhantemente usada no que parecem ser dois sentidos totalmente opostos em Jeremias 23.2. Existem muitos casos em que "visitar" significa infligir ferimento ou causar dano, sendo muitas vezes traduzido por "castigar". No entanto, num considerável número de casos está claro que a "visitação" provoca um resultado benéfico, por exemplo, Gênesis 50.24-25; Rute 1.6; 1 Samuel 2.21; Salmos 8.4 [5]; Jr 15.15; 29.10. Em Isaías 24.21 as forças do mal que Deus mantém presas por um período são "visitadas" ARA, "castigadas") depois de muitos dias. Os estudiosos estão igualmente divididos sobre se nessa passagem "visitar" significa castigar ou desencadear, sendo que Delitzsch e Calvino tendem para esta última interpretação.

Há somente uma ocorrência em que poderia parecer apropriado o sentido normal de "visitar" (1 Sm 15.2; mas *cf.* ARA). Em vista de todas as circunstâncias que envolvem essa passagem e das muitas ocorrências da palavra com uma idéia bem diferente, seria razoável sugerir que essa passagem não é uma exceção ao uso geral.

Traduções como "sentir falta de" e sua forma passiva (num total de 16 ocorrências) parecem à primeira vista sugerir uma idéia totalmente diferente, mas um exame revela que tais usos se enquadram dentro do sentido geral do verbo. Desse modo, as referências em 1 Samuel 20.6, 18, 25, 27 ao fato de o assento de Davi estar vazio e ao sentir-se a sua ausência envolvem a idéia da supervisão de Saul sobre seu subordinado. As referências ao não se sentir nenhuma falta de animais do rebanho, em 1 Samuel 25.7, 15, 21, dizem respeito à proteção dispensada por Davi ao rebanho de Nabal. Em Jeremias 23.4 há uma referência semelhante à supervisão de Deus em relação ao seu povo e ao não haver nem um só faltando. Em Números 31.49 e 2 Samuel 2.30 faz-se referência à fiscalização dos sobreviventes de uma batalha, com uma verificação do número dos que se perderam. Há em 2 Reis 10.19 uma exigência feita pelo rei de que os sacerdotes de Baal sejam vigiados de modo que todos sejam reunidos e não falte nem um só deles. Em Juízes 21.3 existe uma referência ao cuidado dispensado por Deus ao seu povo e à importância de que não falte uma única tribo.

Com freqüência usa-se o hifil para indicar a ação de o rei nomear funcionários, e também de mandar Jeremias para a prisão (Jr 37.21; AT, "pusessem") e de entregar o espírito nas mãos de Deus (Sl 31.5 [6]).

1802 פָּקַד (*pāqad*)

p^{e}quddâ. ***Inspeção, cargo, funcionário, relato, acusação, custódia, ordem, supervisão, castigo.*** (Em Jó 10.12 a ARA traduz o vocábulo por "cuidado".) Esse substantivo corresponde bem de perto ao verbo *pāqad* e possui aproximadamente a mesma gama de sentidos. O emprego mais comum expressa a idéia básica do verbo — a de intervenção por um poder superior (geralmente Deus ou um rei) com o intuito de operar uma grande mudança na situação de um subordinado. Na maioria das ocorrências de *p^{e}quddâ*, a mudança é para pior, mas Jó 10.12 mostra que esse substantivo, à semelhança do verbo, também pode ter a idéia de uma mudança para melhor. Embora o substantivo, tal como o verbo, possa indicar apenas supervisão, em geral representa uma intervenção ativa para ajudar ou ferir aquele que é visitado.

p^{e}qûdîm. ***Total.*** Palavra usada no plural com o sentido de "alocações" ou "distribuição". Ocorre somente em Êxodo 38.21, em que indica as quantias de metais nobres destinadas para o tabernáculo.

pāqîd. ***Funcionário, superintendente, líder.*** Essa palavra designa um subordinado que foi colocado numa posição de supervisão de outros, quer nomeado para uma tarefa especial (Gn 41.34; Et 2.3), quer numa função permanente em que tenha sob as suas ordens soldados, sacerdotes, levitas ou cantores.

piqqûdîm. ***Preceitos, estatutos, mandamentos.*** Vocábulo usado somente no plural, aparece 24 vezes no AT. Usado apenas em Salmos (com apenas três exceções, sempre em Sl 119), é um termo genérico que indica as responsabilidades que Deus coloca sobre o seu povo.

mipqād. ***Número, determinação, enumeração, designação, nomeação.*** (Em Ne 3.31 a ARA traduz por "Porta da 'Guarda'".) Embora a palavra ocorra apenas cinco vezes, cobre uma ampla gama de significados, todos relacionados com a idéia geral de *pāqad*.

Bibliografia: — BEYER, Herman Wolfgang. ἐπισχέπτομαι, ἐπισχοπέω, ἐπισχοπή, ἐπισκοπος, ἀλλοτριεπίσχοπος. In: *TDNT*. v 2, p 599-622. — BLAIKLOCK, E. M., Census, In: *ZPEB*, v. 1, p. 771. — COENEN, L., Bispo, presbítero, ancião, in: *Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. v. 1. Colin Brown (Editor), Ed. Vida Nova. ESSER, H. H., Command, order, In: *TDNT*. v. 1, p. 330-9. — GEHMAN, H. S. Επισχέμπομαι, ἐπίσχεψις ἐπίσχοπος and ἐπισχοπή in the Septuagint in relation to פקד and other Hebrew roots, *VT* 22:197-207. — MIDDELKOOP, P. A., Word study: the sense of PAQAD in the second commandment and its general background in the OT in regard to the translation into the Indonesian and Timorese Languages, *The South East Asia Journal of Theology* 4:33-47. — SCHARBERT, J., Das Verbum PQD in der Theologie des Alten Testaments, *Biblische Zeitschrift* 4:207-27. — SNAITH, Norman H., Time in the Old Testament, In: *Promise and fulfillment*, Ed. F. F. Bruce, T & T Clark, 1963, p 175-86. — SPEISER, E. A., Census and ritual expiation in Mari and Israel, *BASOR* 149:17-25. — *THAT*, v. 2, p. 466-85.

פִּקָּדוֹן (*piqqādôn*). Veja o nº 1 802f

פִּקֻּדַת (*p^{e}qidut*). Veja o nº 1 802d.

פְּקוּדִים (*p'qûdîm*), פִּקּוּדִים (*piqqûdîm*). Veja os n.os 1 802b, e.

1803 פָּקַח (*pāqaḥ*) ***abrir (os olhos).***

Termos Derivados

1803a פִּקֵּחַ (*piqqēaḥ*) ***que vê, que enxerga*** (Êx 4.11, 23.8).
1803b פְּקַח־קוֹחַ (*p'qaḥ-qôaḥ*) ***ato de abrir (os olhos)*** (Is 61.1).

O verbo *pāqaḥ* ocorre 21 vezes no AT, com maior freqüência em 2 Reis (4.35; 6.17; 6.20; 19.16) e Isaías (35.5; 37.17; 42.7, 20; 61.1). *pāqaḥ* aparece 18 vezes no qal; três, no nifal (Gn 3.5, "se vos abrirão os olhos"; 3.7; Is 35.5).

Com duas exceções, *pāqaḥ* designa o abrir os olhos (Is 42.20, o abrir os ouvidos; Is 61.1, o abrir uma prisão para aqueles que estão presos [*cf.* Lc 4.18-19]).

Os olhos podem ser os de Deus (Jó 14.3; Dn 9.18; Zc 12.4; 2 Rs 19.16 = Is 37.17; Jr 32.19) ou, como nas demais passagens, os dos homens. As referências aos olhos de Deus, um antropomorfismo, podem indicar a idéia de que Deus está atento e consciente do que acontece, não estando nem passivo nem distante (2 Rs 19.16 = Is 37.17, "abre, SENHOR, os teus olhos, e vê [*rā'â*]"). Ou pode sugerir não apenas o estar consciente, mas, mais do que isso, a compaixão amorosa (Zc 12.4, "[mas] sobre a casa de Judá [em contraste com os inimigos de Deus] abrirei os meus olhos").

Quando *pāqaḥ* se refere à abertura dos olhos dos homens, quase sempre Deus é o sujeito do verbo: Gênesis 21.19; as seis passagens de 2 Reis citadas acima; Isaías 35.5 (e *cf.* Mt 11.5; Lc 7.22); 42.7; Salmos 146.8. Apenas em 2 Reis 4.35 parece que *pāqaḥ* se refere ao abrir os olhos num milagre físico (o filho da mulher sunamita). Isso faz lembrar a cura, efetuada por Jesus, do cego de nascença, em João 9, e especialmente o versículo 39: "Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem se tornem cegos".

V.P.H.

פָּקִיד (*pāqid*). Veja o nº 1 802c.

1804 פקע (*pq'*). **Aceita como raiz de:**

1804a פְּקָעִים (*p'qā'îm*) ***madeira talhada ou ornamentos de metal (em forma de bolas ou de botões)*** (1 Rs 6.18; 7.24).
1804b פַּקֻּעַת (*paqqu'ōt*) ***cucúrbitas, cabaças*** (2 Rs 4.39).

פְּקָעִים (*p'qā'îm*). Veja o nº 1 804a.
פַּקֻּעַת (*paqqu'ot*). Veja o nº 1 804b.
פַּר (*par*). Veja o nº 1 831a.

1805 פרא (*pr'*). **Aceita como raiz de:**

1805a פֶּרֶא (*pere'*) ***jumento selvagem*** (*e.g.*, Os 8.9; Jr 2.24).

1806 פָּרַד (*pārad*)

1806 פָּרַד (*pārad*) ***I, dividir, separar.***

Termo Derivado

1806a פְּרֻדָה (*pᵉruda*) ***semente*** (Jl 1.17).

O verbo *pārad* aparece 26 vezes no AT em diversos graus: qal (somente Ez 1.11), nifal, piel (somente Os 4.14), pual (somente Et 3.8), hifil e hitpael.

No sentido de "separar", *pārad* pode referir-se: 1) à divisão de um rio em afluentes (Gn 2.10); 2) à separação das asas de uma ave (Ez 1.11; *cf.* Jó 41.17 [9]); 3) à separação amistosa de amigos (Gn 13.9, 11, 14; Rt 1.17; 2 Sm 1.23); 4) à dispersão de povos (Gn 10.5, 32; 25.23; Dt 32.8).

O verbo possui uma conotação interessante em Provérbios, em que ocorre cinco vezes. Ali pode ter o significado de criar uma contenda entre amigos firmes. É assim que Provérbios 16.28 fala do homem que destrói a amizade dos outros ao criar discórdia. *pārad* é usado em Provérbios 18.1 para descrever a pessoa insociável. Ele é a pessoa antipática que dissente de tudo e de todos. Provérbios 18.18 diz que a sorte "separa" (ARA, "'cessam' os pleitos") partes poderosas que estão amarradas numa disputa legal.

Bibliografia: WIEDER, A., Ugaritic-Hebrew lexicographical notes, *JBL* 84:160-4, esp. p. 163-4.

1807 פרד (*prd*). **II. Aceita como raiz de:**

1807a פֶּרֶד† (*pered*) ***mulo.***

1807b פִּרְדָּה (*pirdâ*) ***mula*** (1 Rs 1.33, 38, 44).

pered. ***Mulo.*** (LXX, *hēmionos*, "o animal dividido".) O mulo é resultado do cruzamento de cavalo com jumenta ou de jumento com égua. Uma vez que Levítico 19.19 proíbe tais cruzamentos de animais, deve-se supor que mulos foram importados em Israel. O mulo servia para montar (2 Sm 13.29; 18.9; Is 66.20) e como animal de carga (2 Rs 5.17).

A partir da época de Davi os mulos passaram a ser meio de transporte para membros da família real (2 Sm 13.29; 18.9; 1 Rs 1.38; *pirdâ*, 18.5). Eram dados como presentes para os reis (1 Rs 10.25; 2 Cr 9.24). Até recentemente a palavra *pered* era exclusividade do hebraico bíblico. Agora surgiu na frase ugarítica (2102:12) *rṭ lql d ybl prd*, "uma roupa para o mensageiro que é transportado por um mulo".

Bibliografia: — DAHOOD, M., Hebrew-Ugaritic lexicography VIII, *Bib* 51:391-404, esp. p. 400.

V.P.H.

1808 פַּרְדֵּס (*pardēs*) ***parque, jardim cercado.***

Vocábulo do qual procede (por meio do grego) a palavra "paraíso". Esse é um empréstimo lingüístico em hebraico bem como em grego oriundo do avéstico. No AT hebraico jamais é usado em referência ao jardim do Éden, embora a LXX empregue *paradeisos* para traduzir "jardim" (*gan*) em Gênesis 2.8. Empregado apenas três vezes (Ne 2.8; Ct 4.13; Ec 2.5), não comprova que Cantares e Eclesiastes foram escritos na época do

exílio. O Zendavesta, um livro sagrado do zoroastrismo, foi de fato escrito por volta de 600 a.C. (ou mais tarde), mas sua linguagem é uma ramificação do antigo indo-iraniano, e a palavra pode ter sido facilmente tomada de empréstimo pelos comerciantes de Salomão, que percorreriam vastas regiões. Assim como as poucas palavras gregas de Daniel podem ter sido tomadas de empréstimo antes da era grega de Alexandre, de igual forma essa palavra pode ter sido tomada de empréstimo antes da era persa de Ciro. Uma ampla ocorrência de empréstimos lingüísticos do persa ocorreu depois. E de interesse assinalar que as diversas palavras de origem persa que existem no AT hebraico se encontram em Esdras, Neemias, Ester, Daniel, Cantares e Crônicas. Nenhuma aparece no Pentateuco.

R.L.H.

1809 פָּרָה (*pārâ*) ***frutificar, ser frutífero, ser fecundo, ramificar.***

Termo Derivado

1809a †פְּרִי (*pᵉrı*) ***fruto.***

O verbo *pārâ* é usado 29 vezes no AT, a maioria delas em Gênesis (15 vezes). *pārâ* aparece 22 vezes no qal e sete no hifil (com o sentido de "tornar frutífero"). Com bastante freqüência aparece junto com o verbo *rābâ*, "aumentar", "multiplicar". *pārâ* tanto vem depois de *rābâ* (Jr 3.16; Ez 36.11) quanto, num maior número de vezes o precede (Gn 1.22, 28; 8.17; 9.1, 7; 35.11; 47.27; Êx 1.7; Jr 23.3; no hifil, Gn 17.20; 28.3; 48.4; Lv 26.9).

A raiz *pārâ* está na base do nome de uma das tribos de Israel. Gênesis 41.52, "ao segundo [filho, José] chamou-lhe Efraim [*'eprāyim*], pois disse: Deus me 'fez próspero' [*hipranî*, ou frutífero] na terra da minha aflição". A mesma promessa e incentivo alcançaram Jacó em Betel (Gn 35.11; *cf.* 48.4). Até mesmo Ismael, que fora banido, recebeu essa promessa da parte de Deus (Gn 17.20). De todas as ocorrências, a mais interessante é a palavra do Senhor a Abraão em Gênesis 17.6, "'far-te-ei fecundo' extraordinariamente, de ti farei nações". Duas considerações são de especial interesse aqui. Primeiro, em Gênesis 17 Abraão estava com 99 anos de idade. Haviam-se passado 24 anos desde a promessa inicial que Deus lhe fizera (Gn 12.4). Em segundo lugar, à época dessa promessa de frutuosidade, Sara já tinha passado pela menopausa e Abraão era impotente (Gn 17.17; Rm 4.19). Fé inabalável!

pᵉrî. ***Fruto.*** Três significados básicos são abrangidos pelo hebraico *pᵉrî:* 1) o fruto de uma árvore (Gn 1.12), de uma videira (Zc 8.12) ou de uma figueira (Pv 27.18); 2) o fruto do ventre, ou seja, filhos (Gn 30.2; Dt 28.4, 11; Sl 21.10 [11]; 127.3); 3) o fruto como conseqüência de uma ação, por exemplo, como recompensa (Sl 58.11 [12]; Pv 11.30). Em seis oportunidades *pᵉrî* aparece justaposto a *shōresh*, "raiz" (2 Rs 19.30; Is 14.29; 37.31; Ez 17.9; Os 9.16; Am 2.9). Ginsberg sugeriu que nessas passagens *pᵉrî* não significa "fruto", mas "ramo", "galho". Talvez seja esse o sentido de *pārâ* em versículos como o de Deuteronômio 29.18 [17], "para que não haja entre vós uma cepa que 'brote' ódio e amargura" (lit.). Isaías 11.1, uma famosa passagem messiânica, pode ser assim traduzida: "e um rebento 'ramificará' de seu cepo".

Dentre os três usos citados acima, o terceiro, ou seja, o de fruto como indicação de conseqüências, é o que ocorre com maior freqüência (especialmente em Sl [11 vezes] e Pv

[dez vezes]). Provérbios fala do "fruto da sua boca" (12.14; 13.2; 18.20; também, 18.21) e duas vezes ao "fruto das suas mãos" (31.16, 31), no sentido de realizações. Provérbios 1.31 diz que os que não têm consideração pelos outros comerão do "fruto do seu procedimento". Há uma relação entre ações e conseqüências, da mesma maneira como há entre sementes e plantas.

Bibliografia: — GINSBERG, H. L., 'Roots below and fruit above' and related matters, In: *Hebrew and semitic studies*, Oxford, Clarendon, 1963. p. 72-6. — TOLKOWSKY, S., The meaning of *pᵉrî 'ets hādār* (Lev. XXIII, 40), *JPOS* 8:17-22.

V.P.H.

1810 פַּרְוָר (*parwār*) ***estrutura no lado oriental do templo de Salomão*** (2 Rs 23.11; 1 Cr 26.11). Talvez uma colunata.

פָּרוּר (*pārûr*). Veja o nº 1 750b.

1811 פֶּרֶז (*perez*) ***guerreiros, líderes*** (Hc 3.4). Significado incerto.

1812 פרז (*prz*). **Aceita como raiz de:**

1812a פְּרָזָה (*pᵉrāzâ*) ***zona rural, vilarejo.***

1812b פְּרָזוֹן (*pᵉrāzôn*) ***população rural.*** Essa palavra ocorre somente em Juízes 5.7, 11. Significado incerto.

1812c פְּרָזִי (*pᵉrāzî*) ***zona rural, região campestre.***

פְּרָזוֹן (*pᵉrāzôn*). Veja o nº 1 812b.

פְּרָזִי (*pᵉrāzî*). Veja o nº 1 812c.

1813 פָּרַח (*pārah*) ***I, florescer, brotar.***

Termos Derivados

1813a פֶּרַח (*perah*) ***botão de flor, broto.***

1813b פִּרְחָה (*pirhâ*) ***ninhada, prole*** (Jó 30.12).

1813c אֶפְרֹחַ (*'eprōah*) ***filhotes de aves*** (Dt 22.6; Jó 39.30).

O significado desse verbo diz respeito a objetos que crescem na natureza. As duas traduções básicas da palavra são "brotar" e "florescer".

pārah ocorre sempre no qal, à exceção de cinco usos no hifil. De especial interesse é Salmos 92.12-13 [13-14], que ilustra o emprego de um verbo em diferentes graus num mesmo contexto. É assim que 92.12 [13] diz "o justo florescerá [*yiprāḥ*] como a palmeira"; 92.13 [14], "florescerão [*yaprîḥû*] nos átrios do nosso Deus". Dahood (*Psalms II*, in *AB*, p. 338) entende este último emprego como o de um hifil elativo e, para trazer à tona a força do grau hifil, traduz por "florescerão ricamente".

Muitas vezes emprega-se o verbo metaforicamente para descrever, por exemplo, o "florescimento" do povo de Deus, especificamente Israel (Is 27.6), tanto numericamente quanto em influência. Também refere-se mais comumente ao justo (*tsaddiq*; Sl 72.7; 92.12-13 [13-14]; Pv 11.28; *cf.* Pv 14.11).

perah. ***Botão de flor, broto.*** Esse substantivo designa tanto botões de flores quanto flores (Nm 17.8 [23]; 1 Rs 7.26; Is 5.24; 18.5; Na 1.4). Também pode referir-se a ornamentos em forma de botão de flores (Êx 25.23, 31, 34; 37.17, 19, 20; Nm 8.4; 1 Rs 7.49; 2 Cr 4.5), uma peça decorativa.

1814 פָּרַח (*pārah*) ***II, surgir erupção (de lepra).***

Esse verbo descreve a erupção de doenças da pele, tais como lepra (?) e úlceras (Êx 9.9-10). Além de Êxodo 9.9-10, *pārah* II ocorre apenas em Levítico 13 e 14 (13.20, 25, 39, 42, 57; 14.43).

É questionável se devemos fazer distinção entre *pārah* II, "surgir (uma doença)", e *pārah* I, "florescer", "brotar". *BDB* (p. 827) separa as duas raízes. *KB* (p. 778-9) trata-as como uma única raiz.

A lepra pode "surgir" no lugar de uma antiga úlcera (Lv 13.20; ARA, "brotar") ou no lugar de uma queimadura que não sarou (Lv 13.25; ARA, "brotar"). Manchas brancas "surgidas" na pele podem ser diagnosticadas como psoríase ou eczema (Lv 13.39; ARA, "impigem branca"). A lepra pode "surgir" numa cabeça calva, sendo sintoma uma mancha branco-avermelhada (Lv 13.42, ARA, "brotar"). A lepra pode "surgir" nas roupas (Lv 13.57; ARA, "brotar"; provavelmente mofo ou fungo). Finalmente, a lepra, espalhada por deterioração, podia "surgir" numa casa (Lv 14.43; ARA, "brotar"). Vejam-se *ṭāmē'* e *tsara'at* quanto ao entendimento de que outras doenças transmissíveis também eram assim designadas.

Existem dois tipos de lepra: 1) lepra nodular, em que o paciente exibe erupções que se transformam em nódulos, os quais subseqüentemente ficam ulcerados; 2) um tipo mais sério, lepra anestésica, que envolve a degeneração dos nervos, perda do tato e do movimento dos músculos, paralisia progressiva e, por fim, a perda das extremidades do corpo.

Pouquíssimos leprosos são mencionados no AT. Entre eles estão: 1) Moisés (Êx 4.6 e ss.); 2) Miriã (Nm 12.10 e ss.); 3) Naamã (2 Rs 5.1 e ss.); 4) Geazi (2 Rs 5.27); 5) Uzias/Azarias (2 Rs 15.5); 6) os quatro leprosos no cerco de Samaria (2 Rs 7.3 e ss.). Apenas a lepra de Uzias e dos quatro requeria exílio e banimento.

O lugar de origem da lepra, como acontece com todas as enfermidades descritas no AT, não era o mundo da impureza ou demoníaco, mas o mundo de Deus. É o Senhor quem tornou Moisés (sua mão) e Miriã leprosos. Ele infectou casas com lepra contaminadora (Lv 14.34). Eliseu, o profeta do Senhor, fez com que Geazi ficasse leproso por causa da cobiça deste. Uzias foi ferido pelo Senhor (2 Rs 15.5).

"Conquanto o leproso fosse considerado cerimonialmente impuro, a Bíblia jamais se refere à lepra como algum tipo de pecado. Considerava-se o surgimento da lepra como um ato de Deus e, conseqüentemente, a cura da lepra era invariavelmente interpretada como um milagre da graça divina" (HARRISON; veja-se na bibliografia).

1815 פָּרַח (*pāraḥ*)

De acordo com Levítico 14 o sacerdote visitava o leproso durante sua enfermidade. Ele examinava a área atingida (não na condição de médico, mas na de intérprete da lei). Ele colocava o doente sob quarentena e, posteriormente, declarava-o limpo ou infectado. Ainda mais importante é o fato que o sacerdote não desempenhava nenhuma atividade terapêutica ou de exorcismo. Realizava-se o ritual de purificação somente depois de o doente de lepra ter sido curado.

No AT a cura pertence à esfera do homem de Deus, não à do sacerdote. Miriã foi curada da lepra não por Arão, mas pela oração de Moisés (Nm 12.10 e ss.). Naamã foi curado quando obedeceu ao tratamento receitado por Eliseu.

Bibliografia: — DEVAUX, R., *AI*, p. 462-4. — HARRISON, R. K., Leprosy, In: *IDB*, v. 3, p. 111-3. — BROWNE, S. G., Leper, Leprosy, In: *WBE*. — HARRIS, R. L., *Man— God's eternal creation*, Moody, 1971, p. 142-3.

V.P.H.

1815 פָּרַח (*pāraḥ*) ***III, voar.*** Ocorre somente em Ezequiel 13.20.

1816 פָּרַט (*pāraṭ*) ***improvisar descuidadamente*** (Am 6.5). Significado incerto.

Termo Derivado

1816a פֶּרֶט (*pereṭ*) ***uva caída*** (Lv 19.10).

פְּרִי (*pᵉrî*). Veja o nº 1 809a.

פָּרִיץ (*pārits*). Veja o nº 1 826b.

1817 פרך (*prk*). **I. Aceita como raiz de:**

1817a פֶּרֶךְ (*perek*) ***dureza, severidade*** (Lv 25.53; Êx 1.13).

1818 פרך (*prk*). **II. Aceita como raiz de:**

1818a פָּרֹכֶת (*pārōket*) ***cortina*** (*e.g.*, Êx 26.31; Lv 4.6).

פָּרֹכֶת (*pārōket*). Veja o nº 1 818a.

1819 פָּרַם (*pāram*) ***arrancar, rasgar roupa*** (Lv 21.10; 10.6; 13.45).

1820 פָּרַס (*pāras*) ***Pérsia.*** O equivalente do grego *Peris*, sendo as duas palavras derivadas do vocábulo persa *Parsa*.

Sua designação, o império aquemênida, reflete o nome de Aquêmenes (700-675 a.C.), o ancestral de quem a dinastia leva o nome.

Ciro II (559-530 a.C.) é o primeiro monarca persa citado no AT. Ele promulgou o famoso edito (em 539 a.C.) que permitia aos judeus (e a outros povos capturados) deixar a Babilônia e voltar a suas terras de origem. Ele é mencionado implicitamente em Isaías

41.1-7 como o futuro libertador dos judeus. Em Isaías 44.28 ele é chamado de "pastor" designado por Deus e em 45.1 de o "ungido" (literalmente "messias") de Deus. Longe de ser um poder independente que só procurava o auto-engrandecimento, Ciro é um instrumento que Deus suscitou para trazer livramento, um dos atores no palco do drama divino que se desenrola.

Outros dois reis persas também se destacam na Bíblia. Se de um lado foi Ciro II quem autorizou a restauração, de outro foi Dario I (522-486 a.C.) que a confirmou. Tanto Ageu quanto Zacarias foram chamados a profetizar no segundo ano do reinado de Dario (*i.e.*, 520 a.C.), sendo que cada uma das profecias desses dois homens trata da reconstrução de Jerusalém e do templo. Em segundo lugar, foi no reinado de Artaxerxes (465—424 a.C.), que patrocinou e autorizou os ministérios de Esdras e Neemias, que se estimularam e se concluíram os planos de restauração em Jerusalém.

Não há dúvida de que a crueldade e a cobiça que assírios e babilônios demonstraram em relação aos povos que sujeitaram inexistem entre os persas. Eles ficaram famosos em virtude do tratamento notavelmente humano dispensado a seus vassalos. Dois fatores podem ajudar a explicar essa política benigna. Primeiro, o respeito que os persas tinham pela autonomia alheia pode ter tido segundas intenções. Ou seja, os persas estavam dispostos a respeitar as susceptibilidades de cada povo somente na medida em que isso ajudasse a formar um novo império ainda maior do que os que tinham existido anteriormente, a saber, os impérios assírio e babilônico (*cf.* Et 1.1). Em segundo lugar, a religião da Pérsia, o zoroastrismo, tendia ela própria à tolerância, pois abria espaço para os deuses estrangeiros como ajudadores de Ahura Mazda, o deus maior. A estratégia na administração política do império pode ter sido uma conseqüência dessa mentalidade.

V.P.H.

1821 פָּרַס (*pāras*) ***dividir, partir em dois.***

Termos Derivados

1821a פֶּרֶס (*peres*) ***ave de rapina, talvez urubu.***

1821 †פַּרְסָה (*parsâ*) ***casco.***

O verbo é empregado duas vezes no qal para descrever o "repartir" o pão com o faminto (Is 58.7) ou o "partir" o pão numa refeição fúnebre (Jr 16.7; ARA, "dar"). Nas demais vezes aparece no hifil, sendo usado para designar animais que "separam" ou "fendem" o casco.

parsâ. ***Casco.*** Substantivo encontrado em passagens (proféticas) para designar o poderio de um inimigo suscitado pelo próprio Deus contra o seu povo (Is 5.28) ou contra os vizinhos de Israel (Jr 47.3, filisteus; Ez 26.11, Tiro) ou até mesmo o poderio do próprio Israel (Mq 4.13).

Mais importante é o uso de *parsâ* em Levítico 11.3-7 (sete vezes) e em Deuteronômio 14.6-8 (cinco vezes) para descrever animais de unha fendida.

Levítico 11 dá início à terceira parte do livro e trata do tema da pureza segundo a lei, ou seja, aquilo que a aliança de Deus com Israel significava para o povo em termos de vida cotidiana. Outros tópicos abordados nessa unidade incluem, além do capítulo 11

(que trata de animais puros e impuros), o parto (capítulo 12), a lepra (capítulos 13—14) e a impureza sexual (capítulo 15).

Especificamente, Levítico 11.1-8 identifica animais terrestres puros e impuros. Somente os animais que "fendem a unha" (lit., *mapreset parsâ*) e ruminam podem servir de alimento. Desse modo Levítico 11 proíbe os fiéis de comer carne de camelo, de arganaz, de lebre e de porco. No caso dos três primeiros a proibição se deve ao fato de não terem unha fendida; no caso do porco, porque não é ruminante. Ao contrário da lista de Levítico, a de Deuteronômio 14.3-8 começa pelo que é permissível e então passa para o que é proscrito.

É interessante identificar as origens do relacionamento do homem com os animais no AT, pelo menos no que diz respeito a estes serem fonte de alimento (sem falar no companheirismo!). É bastante claro que antes da queda o homem era vegetariano (Gn 1.28-29). Só depois do dilúvio o ser humano recebeu permissão específica para comer carne, e esta sem sangue (Gn 9.3-4). À época de Levítico e Deuteronômio o cardápio de carnes do homem estava bastante reduzido, limitando-se a uns poucos animais de espécies domesticáveis e herbívoras.

Talvez o que há de mais importante não sejam as especificações daquilo que é limpo e imundo, mas a motivação subjacente que levou ao estabelecimento de tais distinções. Uma das verdades óbvias aqui é que Deus se interessa pela vida total do seu povo, e nada está fora de seu alcance ou interesse. É difícil dizer se a classificação de animais se baseia na associação de tais animais com práticas pagãs ou simplesmente em preocupações higiênicas. Talvez nas duas coisas.

Essa é possivelmente uma ilustração de como o AT associa higiene e religião, ou saúde e santidade (3 Jo 2). Vale assinalar que em nenhuma parte se menciona castigo algum pela violação dessas leis. Os animais proibidos são declarados imundos, e entende-se que qualquer pessoa que absorva a impureza deles seria eliminada de todo contato com o sagrado e, portanto, com Deus. Por isso, então, a vida total de Israel deve conformar-se às exigências de Deus.

Bibliografia: — HARRIS, R. L., *Man — God's eternal creation*, Moody, 1971, p. 139-44.

V.P.H.

1822 פָּרַע (*pāra'*) ***I, agir como líder, liderar.*** Esse verbo denominativo ocorre somente em Juízes 5.2.

Substantivo de Origem

1822a פֶּרַע (*pera'*) ***líder*** (Jz 5.2; Dt 32.42).

1823 פרע (*pr'*). **II. Aceita como raiz de:**

1823a פֶּרַע (*pera'*) ***cabeleira, madeixa.***

1824 פָּרַע (*pāra'*) ***III, soltar, desgrenhar, desconsiderar.***

Esse verbo, empregado 16 vezes no AT, possui três significados básicos. O primeiro é o de "desgrenhar", empregado em referência ao cabelo no sentido de "cortar" (Lv 10.6, 13.45; 21.10) ou de "soltar" (Nm 5.18). O segundo é o de "desenfrear" (Êx 32.25 [duas vezes]), "vendo Moisés que o povo estava 'desenfreado', pois Arão o 'deixara à solta'". O terceiro é o de "desconsiderar", "rejeitar" (Pv 1.25; 8.33; 13.18; 15.32).

Duas vezes emprega-se *pārac'* no hifil (Êx 5.4; 2 Cr 28.19). Uma vez é usado no nifal, Provérbios 29.18, "onde não há visão, o povo 'perece'" (KJV). Com base no uso de *pārac'* no qal, uma possível tradução de Provérbios 29.18 é "onde não há visão [isto é, revelação da parte de Deus], o povo fica 'indisciplinado/fora de controle'".

V.P.H.

1825 פַּרְעֹה (*par'ōh*) ***Faraó.*** O hebraico *par'ōh* (em acadiano, *pir'u*) representa a transcrição e vocalização do egípcio *per a'o*, "a Grande Casa".

Originariamente a expressão em egípcio não designava o rei do Egito, mas sim o seu palácio. Só na metade da décima oitava dinastia (1575—1308 a.C.) a expressão tornou-se o título apelativo do rei. Como circunlóquio empregado para especificar o rei, a frase *per a'o* pode ser análoga à expressão "Casa Branca", que às vezes indica o presidente dos Estados Unidos, ou ao título "Sublime Porta", com que se designava o sultão turco do império otomano. Não há indicação alguma de que textos egípcios tenham alguma vez utilizado "faraó" como parte do título oficial do rei.

Existem diversos faraós mencionados na Bíblia: 1) Neco, 2 Reis 23.29, da vigésima sexta dinastia, o qual matou Josias (609 a.C.) em Megido. 2 Crônicas 35.22 diz que Josias morreu porque não quis ouvir a palavra de Deus oriunda da boca de Neco! 2) Hofra, Jeremias 44.30, que sucedeu a Neco, é objeto de uma profecia de Jeremias. 3) Sisaque, 1 Reis 11.40, da vigésima segunda dinastia, que acolheu Jeroboão quando este fugiu da ira de Salomão. 4) Sô, o rei do Egito a quem o rei Oséias mandou enviados (2 Rs 17.4). H. Goedicke sustentou que este não era o nome de um rei, mas de uma cidade (*BASOR* 171:64-6). K. Kitchen defende que esse rei é Osorkon IV (*The third intermediate period in Egypt*, Aris & Phillips, 1973, p. 372-5).

Existem também vários faraós na Bíblia cujos nomes não são citados. Alguns são: 1) O faraó visitado por Abraão (Gn 12.10-20). 2) O faraó sob quem José serviu, presumivelmente um dos reis hicsos (Gn 39 e ss.). 3) O faraó da opressão e do êxodo, ou Tutmés III e Amenófis II (décima oitava dinastia) ou Ramsés II e seu filho Merneptá (décima nona dinastia), dependendo da data que se atribuir ao êxodo (século XV ou início do século XIII a.C.). Quanto ao faraó cujo coração "Deus endureceu" (o que talvez reflita a maneira monista com que a mentalidade hebréia explicava os fatos da História), veja-se Romanos 9.14-29. Usar providencialmente uma pessoa infiel como meio de revelar a graciosa redenção divina a outros a fim de que possam ser resgatados é em si mesmo um ato de misericórdia. 4) O sogro de Salomão (1 Rs 3.1; 9.16, 24; 11.1). O casamento de Salomão com a filha do faraó possivelmente indica que o Egito desfrutava, como potência política, de uma condição inferior em relação a Israel nessa época. A entrega de Gezer pelo faraó a Salomão é muito provavelmente uma concessão territorial à guisa de dote. Esse faraó foi identificado provisoriamente como Siamum ou como Psusenés II, os dois últimos reis da vigésima primeira dinastia.

1825.1 פַּרְעֹשׁ (*par'ōsh*)

Bibliografia: — GARDINER, A., *Egyptian grammar*, Londres, Oxford University, 1966, p. 71-6. — REDFORD, D., The pronunciation of Pr in late toponyms, *JNES* 22:119-22. — WILSON, J., Pharaoh, In: *IDB*, v. 3, p. 773-4.

V.P.H.

1825.1 פַּרְעֹשׁ (*par'ōsh*) ***pulga.***

1826 פָּרַץ (*pārats*) ***I, arrebentar, derrubar, transbordar, irromper.***

Termos Derivados

1826a †פֶּרֶץ (*perets*) ***brecha.***

1826b פָּרִיץ (*pārîts*) ***violento (substantivo).***

O verbo é usado em torno de 50 vezes no AT, freqüentemente no contexto militar ou de calamidade. O sujeito do verbo pode ser tanto Deus quanto o homem. Quando Deus é o sujeito, *pārats* descreve sua atividade punitiva sobre o próprio Israel (1 Cr 15.13; Is 5.5; Sl 60.1 [3]; 80.12 [13]; 89.40 [41]), sobre um dos sacerdotes de Israel (Êx 19.22, 24), sobre o indivíduo (2 Sm 6.8; Jó 16.14), sobre um rei recalcitrante (2 Cr 20.37), sobre os inimigos de Israel (2 Sm 5.20; 1 Cr 14.11).

Quando *pārats* está associado ao homem, por vezes tem a conotação de atividade maldosa e destrutiva, por exemplo, para descrever aquilo que os babilônios fizeram aos muros de Jerusalém. Em Neemias 4.3 [3.35] e Eclesiastes 3.3 *pārats* é empregado em contraste com *bānâ*, "construir", "erigir", demonstrando que *pārats* não significa simplesmente "perfurar", mas "aplainar", "arrasar".

Outra conotação importante de *pārats* é "aumentar" (explicada por *KB*, p. 780-1, como "transbordar [devido à quantidade]", *i.e.*, "aumentar"). Alguns têm proposto que na realidade existem duas raízes aqui, "quebrar" e "aumentar" (Guillaume; veja-se bibliografia) ou "arrebentar" e "ordenar" (Driver; veja-se bibliografia). Quando *pārats* tem o sentido de "aumentar", refere-se a um aumento da produção agrícola (Jó 1.10; Pv 3.10) ou do número de filhos (Gn 28.14; 1 Cr 4.38). Esse aumento pode ser resultado da ajuda de um amigo ou parente (Gn 30.30, 43), mas é, na maioria das vezes, conseqüência da graça de Deus (Êx 1.12; Is 54.3). A incapacidade de obter tais aumentos indica, por sua vez, a ira divina (Os 4.10).

Um terceiro sentido de *pārats* é o de "instar", "insistir" (1 Sm 28.23, "mas os seus servos e também a mulher o 'constrangeram' [a comer]" [lit.], *i.e.*, eles quebraram a abstinência de Saul; também, 2 Sm 13.25, 27, Davi instado por Absalão; 2 Rs 5.23, Geazi, por Naamã).

perets. *Brecha, fenda, lacuna.* Palavra usada na maioria das vezes em referência a muros e paredes (1 Rs 11.27; Is 58.12; Am 9.11; Ne 6.1). Deus procurou um homem que "se colocasse na brecha" perante ele, quando visse a idolatria de Jerusalém (Ez 13.5; 22.30; *cf.* SI 106.23). *perets* também pode designar o rompimento de um dique (2 Sm 5.20; 1 Cr 13.11), a brecha (rompimento) entre tribos (Jz 21.15), a ruptura do períneo (Gn 38.29, o nascimento de Perez e a repentina e inesperada primazia de seu nascimento em relação ao de seu irmão Zerá).

Bibliografia: — DRIVER, G. R., Some Hebrew roots and their meanings, *JTS* 23:69-73, esp. p. 72. _____, The root *prṣ* in Hebrew, *JTS* 25:177-8. _____, Studies in the vocabulary of the Old Testament III, *JTS* 32:361-6, esp. p. 365-6. — GLÜCK, J., The verb PRṢ in the Bible and in the Qumran literature, *RQum* 5:123-7. — GUILLAUME, A., Paranomasia in the Old Testament, *JSS* 9:282-90, esp. p. 284-5 (acerca de 'Perez' em Gn 38:27 e ss.). _____, Some Hebrew roots and their meanings: פרץ, *JTS* 24:318.

V.P.H.

1827 פָּרַץ (*prts*). **II. Aceita como raiz de:**

1827a מִפְרָץ (*miprāts*) ***atracadouro*** (Jz 5.17).

1828 פָּרַק (*pāraq*) ***rasgar fora, arrancar*** (*e.g.*, Gn 27.40; Lm 5.8).

Termos Derivados

1828a פֶּרֶק (*pereq*) ***encruzilhada*** (Ob 14); ***despojo*** (Na 3.1).

1828b פָּרֹק (*pārāq*) ***fragmento, migalhas*** (Is 65.4).

1828c מַפְרֶקֶת (*mapreqet*) ***pescoço*** (1 Sm 4.18).

1829 *פָּרַר (*pārar*) ***I, quebrar, destruir, frustrar, invalidar.***

O verbo aparece 53 vezes no AT, a maioria das vezes no grau hifil (46 vezes), jamais no qal. Pode ser usado apenas transitivamente. Parece desnecessária a sugestão de *KB* (p. 782) de fazer distinção entre *pārar* I, "quebrar", e *pārar* II, "agitar", "instigar" (Is 24.19; SI 74.13).

Com o sentido de "quebrar", *pārar* pode levar os seguintes objetos: 1) Um voto, *nēder*, no sentido de "invalidar" ou "anular" (Nm 30.9, 13, 14, 16). Todas essas passagens tratam de votos feitos por mulheres, sejam recém-casadas, divorciadas, ou viúvas. Podem ser "anulados" somente pelo noivo ou marido, e deve-se fazê-lo imediatamente (v. 16). Em Números 30 o antônimo de *pārar* é *qûm*, "levantar", tendo aí o sentido de "validar", "endossar". O mesmo relacionamento entre esses dois verbos aparece em Provérbios 15.22: "Onde não há conselho 'fracassam' [*hāpēr*] os projetos, mas com os muitos conselheiros 'há bom êxito' [*tāqûm*]". 2) Conselho, *'ētsâ* (2 Sm 15.34; 17.14; SI 33.10; Ed 4.5; *cf.* também Is 14.27). 3) Sinal ou agouro, *'ôt*, "frustrado" por Deus. 4) O temor, *yir'â*, de Deus (Jó 15.4). 5) Os mandamentos, *mitswâ* (Ed 9.14). 6) O julgamento divino, *mishpāṭ* (Jó 40.8).

É possível observar que em todos esses casos *pārar* possui uma conotação moral. Não significa "quebrar" no sentido de exibição de força física, mas de violar ou renunciar à verdade revelada. Apenas em Salmos 74.13 se vê uma referência a *pārar* e à força, "tu, com o teu poder, 'dividiste' o mar", uma referência não aos acontecimentos do Êxodo (Êx 14.21), mas aos atos primevos de Deus registrados em Gênesis.

Isso fica explícito no fato de que dos 53 usos de *pārar*, em 23 o objeto direto é *b^{e}rît*, "aliança". É claro que geralmente o homem é responsável por "quebrar" a Aliança. Em poucas ocasiões, no entanto, é mencionada a possibilidade de Deus "quebrar" a aliança:

Levítico 26.44; Juízes 2.1; Jeremias 14.21; Zacarias 11.10. Algo semelhante ocorre em Salmos 89.33 [34]. Havia, então, nesse relacionamento pactual a possibilidade de anulação. No entanto, "embora fosse bastante real a expectativa de Deus intervir punitivamente, olhava-se ao redor à procura de atos divinos específicos de punição, cujo objetivo não era um julgamento destruidor que acabasse com a Aliança, mas a manutenção daquele relacionamento mediante a remoção de elementos perturbadores" (Eichrodt).

Bibliografia: Acerca de *parar* em Ec 12.5: — DAHOOD, M., Canaanite-Phoenician influence in Qoheleth, *Bib* 33:216.

Acerca de Jó 15.4: — DRIVER, G. R., Problems in the Hebrew text of Job, *supp VT* 3:77, — EICHRODT, W., *ETOT*, v. 1, p. 457 e ss. — *THAT*, v. 2, p. 486-7.

V.P.H.

1830 פָּרַר (*parar*) ***II, rachar, dividir*** (Is 24.19; Sl 74.13).

1831 פרר (*prr*). **III. Aceita como raiz de:**

1831a †פַּר (*par*) ***touro, novilho castrado.***

1831b †פָּרָה (*parâ*) ***novilha, vaca.***

par. ***Bezerro, novilho castrado.*** Palavra usada 132 vezes no AT (*KB*, p. 775, entende que *par* deriva de *pārar* III, "desviar-se", "ser não domesticado", "ser indômito"). É um tipo de gado (*bāqār*), uma categoria que se subdivide em: 1) *'elep/'ălāpîm* e *shôr*, o boi para trabalho, usado para lavrar e arar a terra; 2) *par*, "touro"; 3) *pārâ*, "vaca"; 4) *'ēgel*, "novilho"; *'eglâ*, "novilha".

Somente em Salmos 22.12 [13] emprega-se *par* como figura designativa de força e poder. Na maioria das vezes *par* é mencionado como animal de sacrifício, especialmente em Levítico e Números. Freqüentemente *par* vem seguido da expressão *ben bāqār* (*e.g.*, Êx 29.1; Lv 4.3, 14; Nm 7.15).

No sistema sacrificial hebreu o touro (*par*) aparecia com destaque como animal de sacrifício, sendo usado: 1) na consagração de Arão e seus filhos (Êx 29.1, 3, 10, 11, 14); 2) como oferta pelo pecado tanto do sumo sacerdote (Lv 4.3, 4, 5; *etc.*) quanto da comunidade de Israel (Lv 4.14, 15, 16, 20, 21; nos dois casos o touro era imolado; seus restos eram queimados "fora do arraial", depois de o animal ter servido de substituto da pessoa culpada que deveria ter sido eliminada do acampamento); 3) no Dia da Expiação, quando o sumo sacerdote oferecia um touro por si mesmo (Lv 16.6, 11; *etc.*); 4) na investidura de sacerdotes, quando um touro era oferecido pelo pecado deles (Lv 8.2); 5) na Festa dos Tabernáculos (Nm 29.20, 36); 6) na Festa das Semanas (Nm 28.28); 7) na Festa da Lua Nova (Nm 28.11). Várias vezes emprega-se *par* na descrição da oferta para a dedicação do altar do tabernáculo (Nm 7.15, 21; *etc.*).

pārâ. ***Vaca.*** Ao contrário de *par*, "touro", a vaca nunca foi usada no AT como um animal de sacrifício. A única exceção é a novilha vermelha, que era abatida e queimada fora do acampamento (Nm 19.1 e ss.). Misturavam-se suas cinzas com a água purificadora (vv. 17-22), que retirava a contaminação resultante do contato com cadáveres (Nm 19.11-16). Hebreus 9.13 refere-se a esse costume quando fala da eficácia do sangue de Jesus para a remissão de pecado.

É de interesse para esse estudo o relato sobre a devolução, pelos filisteus, da arca para Israel (1 Sm 6). A presença de Deus sempre causa problemas para o pecador! Os filisteus foram orientados a mandar a arca de volta num carro novo, puxado por duas vacas que nunca tinham trabalhado e que tinham acabado de ter crias (1 Sm 6.7). Os bezerros foram separados das mães (1 Sm 6.7). A prova contundente de que Deus estava conduzindo as vacas é que elas, apesar de separadas de suas crias, vão em frente e rumam para Bete-Semes (1 Sm 6.12).

Em duas oportunidades usa-se *pārâ* simbolicamente: em Oséias 4.16, em que se compara a apostasia de Israel a uma vaca obstinada, e em Amós 4.1, em que a palavra simboliza a opulência extravagante das mulheres de Samaria.

V.P.H.

1832 פָּרַשׂ (*pāraś*) ***estender, esticar.***

Termo Derivado

1832a מִפְרָשׂ (*miprāś*) ***expansão, extensão.***

Esse verbo aparece 69 vezes no AT (57 vezes no qal; uma vez no nifal; 11 vezes no piel). Existem vários objetos diretos que acompanham *pāraś*. Aqueles que ocorrem com maior freqüência são: 1) *kānāp* (13 vezes; duas no singular, Rt 3.9; Ez 16.8, "extremidade da roupa"; e 11 vezes no plural, "asas"). Muitas dessas referências são a querubins que estendem suas asas sobre a arca (Êx 25.20; 37.9; 1 Rs 6.27; 8.7; 1 Cr 28.18; 2 Cr 3.13; 5.8). As "asas" de Deus podem funcionar como uma armadilha para apanhar os ímpios (Jr 48.40; 49.22) ou agir como uma proteção e coberta para os justos (Dt 32.11).

2) Outro objeto direto freqüentemente usado com *pāraś* é *reshet*, "rede" (9 vezes). A rede pode ser estendida por Deus mesmo sobre o seu próprio povo transviado (Ez 12.13; 17.20; 32.3; Os 7.12). A rede pode ser estendida também sobre Israel por um invasor (Ez 19.8) ou sobre um indivíduo por homens hostis (Sl 140.5 [6]). *Cf.* Provérbios 29.5; Lamentações 1.13; Oséias 5.1.

3) Mais freqüentemente o objeto direto de *pāraś* é "mão" (*kap*, "palma da mão", 13 vezes; *yad*, "mão", 5 vezes). Esta é, obviamente uma referência ao gesto de estender as palmas das mãos em oração diante de Deus. Os dados do AT parecem indicar que o indivíduo podia assumir posturas diferentes quando orava: 1) de pé (1 Sm 1.26; 1 Rs 8.22; Jr 18.20); 2) ajoelhado (1 Rs 8.54; Ed 9.5; Dn 6.11); 3) prostrado (Js 7.6); 4) de cabeça inclinada (Gn 24.26; Ne 9.6); 5) com o rosto entre os joelhos (1 Rs 18.42); 6) sentado (2 Sm 7.18).

Talvez não haja relevância especial no fato de o vocábulo usado depois de *pāraś* quando o verbo, no qal, refere-se à oração ser sempre *kap*, literalmente "palma da mão". No piel, contudo, o objeto do verbo, caso o sentido seja o de orar, é *yad* (Sl 143.6; Lm 1.17), com exceção de *kap* em Isaías 1.15.

Algumas personagens que levantam ou estendem as palmas das mãos diante de Deus na oração são: 1) Moisés (Êx 9.29, 33); 2) Salomão (1 Rs 8.22, 54; 2 Cr 6.12, 13); 3) Esdras (Ed 9.5); 4) Jó, aconselhado por Zofar (Jó 11.13); 5) a oração dos piedosos que voltaram suas cabeças na direção do templo (1 Rs 8.38; 2 Cr 6.29); 6) aqueles que usam a oração como um disfarce para a injustiça e a opressão (Is 1.15); 7) aqueles que estendem as palmas das mãos para um deus estranho (Sl 44.20 [21]).

1833 פָּרַשׁ (*pārash*)

Parece que, na maioria dos casos de mãos erguidas, isso ocorre num espírito de súplica. A mesma idéia pode ser vista, no entanto, com o verbo *nāsâ*, "erguer", "levantar", em Salmos 28.2; 134.2; 141.2. *Cf.* o ugarítico *ša ydk šmm*, "ergue tuas mãos para os céus" (Krt: 75-76). Paulo reflete essa prática em 1 Timóteo 2.8.

BDB e *GB* indicam como um pi'lel de *pāraś* a estranha forma *parśez*, encontrada em Jó 26.9.

V.P.H.

פָּרְשֵׁז (*pārśez*). Veja comentário no verbete nº 1 832.

1833 פָּרַשׁ (*pārash*) ***I, distinguir, anunciar.***

Termo Derivado

1833a פָּרָשָׁה (*pārāshâ*) ***declaração exata*** (Et 4.7; 10.2).

Esse verbo é encontrado cinco vezes no AT (ou quatro, caso em Ez 34.12 o TM seja alterado de *niprāshôt* para *niprāśôt*, "suas ovelhas que estão 'dispersas'", entendendo-se que a palavra é uma forma de *pāraś* em vez de *pārash*). O único uso do verbo no hifil é Provérbios 23.32, "e 'picará' como o basilisco". *KB* (p. 782-3) inclui esse caso no verbete *pārash* I, mas *BDB* (p. 831) relega esse versículo de Provérbios a uma raiz distinta, *pārash* II.

Os três textos que nos faltam estudar, portanto, são: 1) Levítico 24.12 — no caso de blasfêmia é dito acerca do réu que ele devia ser posto sob custódia até que a vontade do Senhor "ficasse clara" (lit.). 2) Números 15.34 — num caso de violação do sábado o infrator era mantido sob custódia até que seu castigo fosse "determinado" ou "estabelecido" (lit.). 3) Neemias 8.8 — "Assim, leram no livro, na lei de Deus, 'distintamente'" (IBB), ou, em algumas outras versões, "eles iam lendo o livro da lei e 'traduzindo'" (BLH), ou seja, do hebraico para o aramaico. É possível que a forma do verbo em hebraico aqui, *mᵉpōrāsh*, seja o equivalente da forma aramaica de Esdras 4.18, "A carta que vocês mandaram foi traduzida [*mᵉpārash*] ... e lida para mim" (BLH). (Ed 4.6—6.18 está escrito em aramaico; o restante do livro, em hebraico).

O sentido básico continua sendo o de "tornar claro", "ficar claro" (por meio de revelação, explicação ou tradução).

A palavra "fariseu" é derivada dessa raiz hebraica. A origem desse movimento e também da designação "fariseu" em si despertam bastante curiosidade. Segundo certa teoria, fariseus, sob a liderança do príncipe hasmoneu João Hircano (135—104 a.C.), ele próprio um ex-fariseu, foram expulsos do sinédrio e foram posteriormente rotulados com o nome de *pᵉrushîm*, *i.e.*, "aqueles que causam distinção/separação". Em outras palavras, originariamente o termo foi pejorativo, algo parecido com o nome dado aos participantes do Clube Santo de Oxford, os "metodistas". E, à semelhança dos metodistas, os fariseus assumiram esse apelido, mas usaram o sentido hebraico alternativo da palavra, "expoentes (da Lei)". Os fariseus são, então, os "que causam distinção" no sentido de que são expositores da Lei, quer oral quer escrita.

V.P.H.

1834 *פִּרַשׁ (*parash*) ***II, perfurar, picar.*** Esse verbo ocorre somente uma vez, no hifil (Pv 23.32).

1835 פרש (*prsh*). **III. Aceita como raiz de:**

1835a פֶּרֶשׁ (*peresh*) ***excremento.***

1836 פרש (*prsh*). **IV. Aceita como raiz de:**

1836a †פָּרָשׁ (*pārāsh*) ***cavalo, cavaleiro.***

Esses dois sentidos, "cavalo" e "cavaleiro", são abrangidos por uma única palavra hebraica. Os diferentes léxicos divergem radicalmente entre si sobre a freqüência e os textos em que *pārāsh* tem o sentido de "cavalo" e os textos em que significa "cavaleiro". Alguns têm sido da opinião de que a tradução correta de *pārāsh* é sempre "cavalo" e que, se em alguma oportunidade for aceitável a idéia de pessoas ligadas a cavalos, a referência é àqueles que conduzem os animais (como num carro) e não àqueles que os montam (Mowinckel).

O vocábulo ocorre 57 vezes no AT e, com três exceções, sempre no plural. Uma vez que a forma no singular é *pārāsh*, seria de esperar que os 54 casos restantes tivessem a forma plural *p'rāshîm*. Em vez disso, a forma é *pārāshîm*. O TM pressupõe que originariamente a palavra era *parrāsh*.

Os maiores agrupamentos de *pārāsh* encontram-se na história de Salomão, em referência a seus imensos recursos (dez vezes) e no relato da morte dos egípcios no mar Vermelho (ou mar de Juncos), em Êxodo 14 (seis vezes).

Bibliografia: — GURNEY, O. R., Hittite Paras-horse??, *PEQ* 69:194. — MOWINCKEL, S., Drive and/or ride in O.T., *VT* 12:278-99, esp. p. 289-95. — SAYCE, A., Origin of the Hebrew PÂRÂSH, *JTA* 24:175.

1837 פַּרְשֶׁגֶן (*parshegen*) ***cópia.*** Esse empréstimo lingüístico do persa ocorre somente em Esdras 7.11.

1838 פַּרְשְׁדֹנָה (*parsh'dōnâ*). Significado desconhecido. Somente em Juízes 3.22. *BDB* relaciona com *peresh*, "excremento". A LXX entende que o vocábulo indica um detalhe do palácio de Eglom.

1839 פַּרְתְּמִים (*part'mîm*) ***nobres.*** Somente em Ester e Daniel. Empréstimo lingüístico do persa antigo.

1840 פָּשָׂה (*pāsâ*) ***alastrar.***

1841 פָּשַׂע (*pāsa'*) ***dar um passo, marchar*** (Is 27.4).

Termos Derivados

1841a פֶּשַׂע (*pesa'*) ***passo*** (1 Sm 20.3)

1842 פָּשַׂק (*pāsaq*)

1841b מִפְשָׂעָה (*mipsā'â*) ***quadris ou nádegas*** (1 Cr 19.4).

1842 פָּשַׂק (*pāsaq*) ***repartir, escançarar*** (Pv 13.3; Ez 16.25).

1843 פַּשׁ (*pash*) ***tolice*** (Jó 35.15). Significado incerto.

1844 *פָּשַׁח (*pāshah*) ***despedaçar.*** Ocorre somente no piel (1 Sm 15.33; Lm 3.11).

1845 פָּשַׁט (*pāshat*) ***despir, invadir.***

O verbo ocorre 42 vezes no AT: 23 no qal; três no piel (1 Sm 31.8; 2 Sm 23.10; 1 Cr 10.8; sempre com o sentido de "despir os mortos" depois de um combate); 15 no hifil; uma no hitpael (1 Sm 18.4, Jônatas "despojou-se" [*i.e.*, "despiu-se"] da capa que estava vestindo).

No grau qal *pāshat* possui duas traduções básicas. Uma é a de "tirar" (roupa); outra, de "invadir". O significado de "despir" não se restringe ao grau qal, mas pode também ser encontrado no piel (em que o objeto do verbo é a "armadura" de um soldado tombado) e no hifil (em que o objeto do verbo é basicamente "roupa", mas podendo também ser "armadura" [1 Sm 31.9] ou "pele", no sentido de "esfolar", "desmembrar" [Lv 1.6; 2 Cr 29.34; 35.11; Mq 3.3]). Das 52 ocorrências de *pāshat*, em 23 o significado é "despir", "tirar", "desnudar".

Em tal contexto *pāshat* denota ação violenta ou condenatória — aqueles trechos bíblicos que se referem a tirar a armadura de alguém e também a remover a roupa, quando Israel/Judá é derrotado por uma potência estrangeira (Ez 16.39; 23.26; Js 2.3 [5]). Miquéias 2.8 observa que Judá "arranca", ou seja, "rouba" a capa de outros. Semelhantemente José foi "despido" de sua túnica por seus irmãos (Gn 37.23). Arão deve ser "despido" de suas vestes sacerdotais antes de morrer, por causa dos pecados passados de Israel (Nm 20.26, 28).

Em outras oportunidades "tirar" a roupa significa apenas trocar de roupa numa cerimônia sagrada (ARA, "despir", Lv 6.11 [4]; 16.23), ao fim de um dia de trabalho (Ne 4.23 [17]), como sinal de arrependimento e pranto pelos próprios pecados (Is 32.11), num ato de profecia em êxtase (1 Sm 19.24).

Bibliografia: Acerca de *pāshat* em Os 2.5: — GORDON, C. H., Hos. 2:45 in the light of new semitic inscriptions, ZAW 54:277-80.

V.P.H.

1846 פָּשַׁע (*pāsha'*) ***rebelar-se, transgredir, revoltar-se.***

Termo Derivado

1846a †פֶּשַׁע (*pesha'*) ***rebelião.***

A idéia fundamental da raiz é de um rompimento nos relacionamentos, tanto civis quanto religiosos, entre duas partes. Em ugarítico encontra-se o substantivo *pš'*, "pecado" (*UT* 19: nº 2 128).

No contexto de relações internacionais, a forma verbal designa o abandono de compromissos, uma revolta contra potências mais fortes. Esse conceito secular de revolta aparece em 1 e 2 Reis e em paralelos em 2 Crônicas. Por analogia, mas num sentido religioso, Israel foi acusado de rebelar-se contra seu divino Rei e contra a aliança estabelecida entre eles (Is 1.28; 48.8; Ez 2.3; Os 8.1). Obviamente Deus nunca é culpado de cometer esse ato visto que não existe nenhuma autoridade superior a ele; por conseguinte, essa é uma característica própria dos homens (Os 14.9) e, às vezes, é contrastada com as ações dos fiéis (Pv 28.21) e dos justos (Sl 37.38). Em uma ocasião Israel foi acusado de estar envolvido em rebelião "desde o ventre materno" (Is 48.8). Os atos de transgressão, ou seja, de ultrapassar os limites das leis de Deus, causam impacto nas atitudes interiores, que criam engano (Is 59.13) ou um amor distorcido por esta "independência" de Deus (Am 4.4). Isso pode obscurecer o conhecimento que a pessoa tem do que é certo (Os 8.1; Sl 51.13) e pode representar uma recusa obstinada da correção (Jr 2.8, 29; Os 7.13; Sf 3.11; Am 4.4).

A reação divina à transgressão pode dar-se na forma de juízo (Sl 37.38; Is 1.28; Dn 8.23), mas o seu desejo profundo é realmente o de propiciar salvação para que sejam libertos desse modo de vida. Por intermédio de Isaías (46.8), Deus comunicou-se clara e audivelmente, instando-o a se arrepender e a voltar atrás, e, por intermédio do Servo Sofredor, criou as condições para uma mudança (Is 53.12). Aqueles que lançassem fora tais pecados e deles se arrependessem (Jr 3.13; Ez 18.31), Deus os perdoaria e resgataria (Jr 33.8; Os 7.13; Sf 3.11). Pelo menos um dos que foram assim redimidos quis contar a outros como se converter (Sl 51.13).

pesha'. ***Rebelião, revolta, transgressão.*** Esse substantivo masculino designa aqueles que rejeitam a autoridade de Deus. Nas acusações dos primeiros dois capítulos de Amos, não-israelitas agem com *pesha'* contra outros povos, mas com maior intensidade o autor diz que o povo hebreu era o culpado de *pesha'* contra a autoridade e a aliança de seu Deus. Em alguns salmos, no livro de Provérbios e em alguns casos em Ezequiel enfatiza-se o indivíduo, e não o grupo como um todo, como culpado desse pecado. Lamentações personifica Jerusalém três vezes assim, e Isaías diz que a terra (numa figura de linguagem que designa seus moradores) estava envolvida em *pesha'*.

Há alguns contextos seculares em que esse vocábulo se refere à violação dos direitos pessoais e da propriedade alheia (Gn 31.36; 50.17; 1 Sm 24.11; 25.28). No contexto religioso, essa palavra trata do envolvimento em práticas do culto à fertilidade (Is 57.4), de perseguição ativa do povo de Deus (Sl 5.10 [11]; 59.3 [4]) e de contar falsidades (Pv 12.13; 17.9). O sentido predominante de *pesha'* é o de rebelião contra a Lei e a Aliança de Deus, e, por conseguinte, o termo é um substantivo coletivo que denota a totalidade de iniqüidades e um relacionamento fraturado.

A medida para contrastar esse tipo de pecado é o caráter do próprio Deus, pois, se não houvesse um Deus assim, não poderia haver *pesha'*. Algumas passagens ressaltam o contraste entre Deus e a rejeição de Deus pelo homem, especialmente o desejo divino de consertar esse rompimento (Êx 34.7; Nm 14.18; Js 24.19; 1 Rs 8.50; Pv 19.11; Mq 7.18).

pesha' não somente cria um abismo entre Deus e o homem, mas também gera distorções dentro do próprio homem, *i.e.*, uma tendência de esconder suas ações (Jó 34.6), o engano (Pv 28.24), a apatia (Sl 36.1 [2]), enfermidades (Sl 107.17), um gosto pelas brigas (Pv 17.19), uma sensação de escravização (Pv 12.13), fácil irritabilidade (Pv 29.22),

adoração hipócrita (Is 58.1) e uma sensação de estar sujo (Ez 14.11). Em certo texto bíblico, *pesha'* é descrito como um peso grande e esmagador (Is 24.20).

No que diz respeito a Deus, existem duas maneiras de acabar com a rebelião: com castigo ou como uma renovação do relacionamento. O primeiro passo dado por Deus é acusar seu povo e desmascarar o pecado deste como rebelião. Alguns textos-chave com esse tema são Jó 36.9; Miquéias 3.8. Por meio de seus servos, Deus adverte o povo acerca do perigo que corre (Sl 89.32 [33]; Am 3.14) e esforça-se por mostrar que a transgressão deste leva ao devido castigo (Ez 39.24; Mq 1.13; Dn 8.12-13).

As referências acima ao caráter de Deus indicam que ele deseja tomar um curso de ação diferente: ele quer salvar o seu povo. Para as cerimônias do Dia da Expiação ele propiciou um bode expiatório (Lv 16.16, 21) e em Isaías 53.5, 8 ele prometeu redenção por intermédio do Servo Sofredor. Por meio de seus servos ele prometeu perdão (Jó 7.21; Is 43.25; Ez 18.22; 37.23). Deus também deixa claro o papel que o próprio homem tem na escolha (Ez 33.12; *cf.* Jó 8.4).

Antes de Deus conceder concretamente o perdão, o homem é conclamado a agir (Ez 18.30-31), havendo uma advertência envolvida: Esse homem deve repudiar pessoalmente a sua rebelião e a idolatria, que dela fazia parte (Ez 18.28, 37.23).

A análise de diversas orações de súplica revela que a pessoa que ora está, com isso, indicando consciência de pecado (Is 59.12) e envolvendo-se, de fato, numa confissão de pecados (Sl 51.3 [5]; Ez 33.10). Contudo, está claro que o esforço humano não pode trazer salvação, de sorte que essas orações também exibem uma súplica sincera a Deus para que ele aja (Jó 13.23; 14.17; Sl 19.13 [14]; 25.7; 51.1 [3]). O melhor de tudo é que há testemunhos registrados de que Deus de fato perdoou e redimiu (Sl 32.1; 65.3; Pv 19.11; Is 43.25; 44.22; 53.5; 59.20).

Historicamente, Israel como nação e como grupo de indivíduos conhecia os atos divinos de julgamento e a atuação salvífica de Deus. A rebelião humana era a causa dos julgamentos, mas a compaixão divina era a base da salvação de Israel.

Bibliografia: — GELIN, Albert, *Sin in the Bible*, Desclee, 1964. — GIRDLESTONE, R. B., *SOT*, p. 26-85. — PORUBCAN, Stefan, *Sin in the Old Testament*, Roma, Herder, 1963. — QUELL, G., *Sin*, Londres, Adam and Charles Black, 1951. — SMITH, C. R., *The Bible doctrine of sin*, Londres, Epworth, 1953. — *TDNT*, v. 1, p. 268-93. — *THAT*, v. 2, p. 488-94.

G.H.L.

1847 פשר (*pēsher*) ***solução, interpretação.*** Empréstimo lingüístico do aramaico (*pishrā'*, Ec 8.1).

1848 פֶּשֶׁת (*pēshet*) ***linho.*** Derivação incerta.

1849 פִּשְׁתָּה (*pishtâ*) ***linho.***

1850 פַּת (*pōt*) ***encaixes*** (1 Rs 7.50; Is 3.17).

פַּת (*pat*). Veja o nº 1 862a.

פִּתְאֹם (*pit'ōm*). Veja o nº 1 859a.

1851 פַּת־בָּג (*pat-bāg*) ***porção (de comida) para o rei, quitutes*** (Dn 1; 11.26).

1852 פִּתְגָם (*pitgām*) ***edito, decreto*** (Et 1.20; Ec 8.11). Empréstimo lingüístico do persa.

1853 פָּתָה (*pātâ*) ***seduzir, enganar, persuadir.***

Termo Derivado

1853a †פֶּתִי (*petî*) ***simples, tolo.***

O verbo *pātâ* aparece 27 vezes, basicamente nos graus piel e pual. A idéia básica do verbo é a de "ser aberto", "ser espaçoso", "ser amplo", e pode dizer respeito à pessoa imatura ou simples, que está aberta a todos os tipos de enganos por não ter criado são juízo discriminador quanto ao que é certo ou errado.

Vê-se o significado do verbo na tática da noiva de Sansão ao brigar pelo segredo de seu enigma (embora, no final, ela tenha perdido o marido, Jz 14.15-16). A idéia de sedução aparece na descrição de um homem que corrompe uma mulher (Êx 22.15). Os imaturos são advertidos a não ser seduzidos pelos pecadores (Pv 1.10). Outro emprego que chama a atenção é aquilo que acontece quando alguém se recusa a seguir a orientação de Deus. Tal pessoa é seduzida a fazer o que é errado e, no final, se machucará, o que será uma disciplina ou juízo por ter rejeitado o Senhor (2 Cr 18.19-21).

Enganar transmite quase a mesma idéia de seduzir. Israel é advertido a não se deixar enganar, voltando-se para outros deuses em meio à fartura (Dt 11.16). Ser testemunha sem causa contra o próximo é enganar com os próprios lábios (Pv 24.28). Jeremias, nas profundezas de seu desespero, quando seu ministério parecia tão infrutífero, queixou-se de que Deus o enganara. O Senhor foi gracioso com ele (da mesma forma como é com todos que o servem), pois Jeremias não pôde escapar ao comissionamento (20.7-9). Até mesmo um profeta pode ser enganado por Deus quando um povo fingido pede orientação. A Palavra já revelada e pregada (acerca de ídolos) deve ser obedecida antes que se peça mais esclarecimento, caso contrário esse pedido não passa de zombaria contra Deus (Ez 14.9).

petî. ***Simples, néscio, tolo.*** Em geral *petî* descreve a pessoa ingênua (e não aquela com perturbações mentais) de Provérbios, a qual deve ser bem ensinada, visto que o imaturo acredita em toda e qualquer coisa (Pv 14.15). [Mas será que algo pior do que imaturidade não está implícito quando se diz que os *p'tāyim*, lado a lado com os *lētsîm*, "escarnecedores", e os *k'sîlîm*, "loucos" (Pv 1.22), "recusaram [o meu clamor]", "rejeitaram todo o meu conselho", "não quiseram a minha repreensão" (1.24-25)? R.L.H.] Caso o *petî* se recuse a aprender, vai herdar a estultícia (*'iwwelet*, a debilitação de valores morais e espirituais, Pv 14.18). Para alcançar maturidade moral e espiritual, os ingênuos são estimulados a receber a prudência (Pv 1.4), a compreender a sabedoria (Pv 8.5) e a habitar onde mora a sabedoria (Pv 9.4). De outro modo poderão cair na tentação e então

no pecado, na imoralidade (Pv 7.7 e s.), no roubo e assassinato (Pv 1.10-14). Fora da tutela divina, vão caminhando para a morte (Pv 7.7; 22.3).

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 495-7.

L.G.

פתוח (*pittuah*). Veja o nº 1 855a.

פתוח (*pātôt*). Veja o nº 1 862b.

1854 פתח (*pātah*) ***I, abrir.***

Termos Derivados

1854a †פתח (*petah*) ***abertura, entrada, porta.***

1854b פתח (*pĕtah*) ***abertura, explicação*** (Sl 119.130).

1854c פתחון (*pithôn*) ***abertura*** (Ez 16.63; 29.21).

1854d פתיחה (*p'tîhâ*) ***espada desembainhada*** (Sl 55.22; Ez 21.33; Sl 37.14).

1854e מפתח (*miptāh*) ***abertura, declaração*** (Pv 8.6).

1854f †מפתח (*maptĕah*) ***chave.***

O verbo aparece 135 vezes no AT: 97 no qal; 18 no nifal; 19 no piel; uma no hitpael. No grau qal o sentido de "abrir" continua normativo. O mesmo é basicamente válido do nifal, exceto em Isaías 5.27; 51.14, em que as respectivas traduções são "desatar" e "libertar". No piel, contudo, o significado básico é o de "soltar", "desatar", "tirar", "desfazer", no sentido de "humilhar" (Jó 12.18, ARA, "dissolver"; 30.11; Is 45.1), mas com maior freqüência no de "soltar" (Is 58.6; Jr 40.4; Sl 102.20 [21]; 116.16).

pātah é um verbo transitivo que sempre possui um objeto direto real ou implícito. O mais usual é o objeto direto de *pātah* ser uma parte do corpo (41 vezes: a boca, 23 vezes; os olhos, sete vezes; as mão, seis vezes; os lábios, três vezes; os ouvidos, duas vezes).

Visto que *pātah* é seguido com muita freqüência de *peh*, "boca", será instrutivo ver quais são as várias conotações por trás da expressão "abrir a boca". Primeiro, nalguns textos bíblicos essa combinação de palavras é simplesmente um expediente literário para chamar a atenção para o que vem em seguida, como em "Jó abriu a sua boca" (lit., Jó 3.1). Isso se compara à introdução do Sermão do Monte, no NT, "e Jesus abriu a sua boca" (lit., Mt 5.2), ou a "Então Pedro abriu a boca e disse" (lit., At 10.34). Em segundo lugar, com bastante freqüência a expressão não passa de um circunlóquio para "falar" ou "dizer". "Ela 'abre' a sua boca com sabedoria" (lit., Pv 31.26; *cf.* 24.7). Em terceiro lugar, pode ter o sentido de "fazer um anúncio" (Ez 21.22 [27]; ARA, "abrir a boca"). Em quarto lugar, "abrir a boca" às vezes tem a conotação de "caluniar", "atacar com palavras" (IBB, Sl 109.2). Em quinto lugar, pode-se abrir a boca para comer (Ez 3.2).

Em sexto lugar, aquele que não abre a boca é comparado com o mudo (Sl 38.13 [14]). Ele se recusa a retorquir com uma reposta áspera contra seus acusadores, como retaliação verbal. Isso pode ser visto também no Servo Sofredor em Isaías 53.7, "[ele] não abriu a boca". Nas diversas ocorrências dessa expressão em Ezequiel, o sentido é o de "agir ou

falar profeticamente". Desse modo, Ezequiel 3.27 diz "quando eu falar contigo, 'abrirei a tua boca', e lhes dirás". Quando Ezequiel ficou mudo (3.26), é bem improvável que isso signifique que ele perdeu a capacidade de falar. O que ele perdeu foi a capacidade de agir como profeta e de funcionar como intermediário ou intercessor. *Cf.* também Ezequiel 24.27; 33.22.

Finalmente, a frase "abrir a boca" é aplicada também a coisas não humanas: 1) uma caverna, Josué 10.22; 2) a terra, Números 16.32; 26.10; 3) uma mula, Números 22.28.

petah. ***Abertura, entrada, porta.*** O vocábulo ocorre 164 vezes no AT. Pode designar a abertura ou entrada de: 1) uma tenda, Gênesis 18.1; 2) uma casa, Gênesis 19.11; 3) uma cidade, 1 Reis 17.10; 4) um local descampado, Gênesis 38.14; 5) uma caverna, 1 Reis 19.13; 6) um portão, Salmos 24.7, 9. Usa-se o vocábulo figuradamente em Oséias 2.15 [17], "'porta' de esperança". Somente em Miquéias 7.5 *petah* está ligado a "boca": "guarda a 'porta' de tua boca".

maptēah. ***Chave.*** Um instrumento para abrir, Juízes 3.25; 1 Crônicas 9.27; Isaías 22.22.

Bibliografia: — DAHOOD, M., Hebrew and Ugaritic equivalents of Akkadian pitū pūridā, *Bib* 39:67-9. (Is 45.1, "descingir [*pātah*, no piel] os lombos dos reis" não significa "desarmar os reis", mas sim "fazer os reis correrem"). — EMERTON, J., Binding and loosing, forgiving and retaining, *JTS* 13:325-31. (*pātah* pode lançar luz sobre "o que desligares na terra", Mt 16:19). — GERTNER, M., Terms of Scriptural interpretation, a study in Hebrew semantics, *BSOAS* 25:1-27, esp. p. 14-6 (*pātah* significa "interpretar/interpretação" em Sl 49:4 [5]; 119:130). — WILSON, R. R., An interpretation of Ezekiel's dumbness, *VT* 22:91-104.

V.P.H.

1855 *פתח (*pātah*) ***II, entalhar, gravar.***

Termo Derivado

1855a פִּתּוּחַ (*pittûah*) ***gravação.***

Esse verbo aparece oito vezes no piel e uma no pual (Êx 39.6). Pode referir-se a gravações em prédios (o templo de Salomão, 1 Rs 7.36; 2 Cr 3.7) e ao operário Hirão-Abi, que fez os entalhes daquele templo, 2 Cr 2.7, 14 [6, 13]). Em segundo lugar, refere-se a entalhes nas vestes próprias dos sacerdotes, especificamente: 1) as duas pedras em que foram escritos os nomes das tribos de Israel, que deviam ser presas nas ombreiras da estola sacerdotal (Êx 28.9, 11); e 2) o diadema (Êx 28.36). *Cf.* também Zacarias 3.9.

V.P.H.

פִּתְחֹן (*pit'hôn*). Veja o nº 1 854c.

פְּתִי (*petî*). Veja o nº 1 853a.

1856 פְּתִיל (*p'tîgîl*) ***túnica fina*** (Is 3.24).

1857 פָּתַל (*pātal*)

פְּתִיחָה (*p'tîhâ*). Veja o nº 1 854d.
פְּתִיל (*pātil*). Veja o nº 1 857a.

1857 פָּתַל (*pātal*) ***torcer.***

Termos Derivados

1857a פְּתִיל (*pātil*) ***corda, fio, linha.***
1857b פִּתְלְתֹל (*p'taltōl*) ***tortuoso*** (Dt 32.5).
1857c נַפְתּוּלִים (*naptûlîm*) ***lutas*** (Gn 30.8).

פִּתְלְתֹל (*p'taltōl*). Veja o nº 1 857b.

1858 פתן (*ptn*). **Aceita como raiz de:**
1858a פֶּתֶן (*peten*) ***cobra venenosa, víbora.***
1858b מִפְתָּן (*miptān*) ***limiar, soleira.***

1859 פִּתְאֹם (*peta'*) ***subitaneidade.***
1859a †פִּתְאֹם (*pit'ōm*) ***repentinamente, surpreendentemente.***

pit'ōm. ***Repentinamente, surpreendentemente.*** O vocábulo aparece 25 vezes no AT, com maior freqüência nos profetas (dez vezes: quatro em Is; cinco em Jr; uma em Ml) e na literatura sapiencial (oito vezes: quatro em Pv; três em Jó; uma em Ec). A única passagem dúbia é Provérbios 7.22, que traz "ele a segue logo" (IBB) ou "ele a segue impulsivamente" (ARA, "ele num instante a segue"). Em lugar de "logo" ou "num instante" a LXX traz *kepphōtheis*, "símplices", sugerindo que por traz de *pt'm* do TM se encontra *p'tā'îm*. Mantemos a vocalização massorética (W. MCKANE, *Proverbs*, p. 340) por estar mais de conformidade com o contexto.

Freqüentemente o *-m* final em *pit'ōm* é, em hebraico bíblico e em ugarítico, um indicador adverbial. Comparem-se com palavras tais como *hinnām*, "em vão", *rêqām*, "de mãos vazias", *yômām*, "diariamente", *'etmôl shilshôm*, "anteriormente".

Os 25 usos de *pit'ōm* ocorrem em contextos de calamidade ou juízo. A única exceção em que *pit'ōm* tem um sentido positivo é 2 Crônicas 29.36. Depois de descrever a rededicação do templo por Ezequias, o escritor diz "Ezequias e todo o povo se alegraram por causa daquilo que Deus fizera para o povo, porque 'subitamente' se fez esta obra", muito provavelmente uma referência às reformas de Ezequias, que foram executadas com bastante rapidez e entusiasmo.

A palavra aparece pela primeira vez no AT em Números 6.9. Pelo fato de um nazireu ter de evitar contato com coisas mortas, caso alguém morresse "subitamente" em sua presença, o nazireu tinha de apresentar um sacrifício a Deus. *Cf.* também Números 12.4.

O advérbio surge pela primeira vez num contexto militar, em Josué 10.9; 11.7, ao descrever os pesados ataques-relâmpago de Josué contra os reis amorreus e contra Hazor. Esse é também um tema importante nas referências proféticas (*e.g.*, Is 47.11; Jr 51.8).

É bem conhecida a proclamação de Malaquias (3.1) acerca da aparição do Messias: "'de repente' virá ao seu templo o SENHOR, a quem vós buscais". Essa vinda repentina será uma combinação de juízo e vindicação, maldição e bênção. Quem poderá subsistir naquele dia?

Bibliografia: — GORDON, C. H., *UT*, v. 11, p. 4 (quanto ao *-m* adverbial). — DAUBE, D., *The sudden in the Scriptures*, Leiden, Brill, 1964. p. 1-8.

V.P.H.

1860 פָּתַר (*pātar*) ***interpretar (sonhos).***

Termo Derivado

1860a פִּתְרוֹן (*pitrôn*) ***interpretação.***

O verbo ocorre nove vezes no AT, sempre ligado à interpretação de sonhos, e aqui se limita exclusivamente a Gênesis 40—41, as interpretações de sonhos por José no Egito.

pitrôn. ***Interpretação.*** Palavra que aparece somente em Gênesis 40—41. O equivalente aramaico de *pātar* é *p'shar*, que é encontrado como substantivo e como verbo em Daniel 2—5. Tem-se especulado que o lugar de residência de Balaão, Petor (Nm 22.5), na verdade não é um topônimo hebraico, mas o título profissional em aramaico usado por Balaão (*pathorah*), que seria um *nomen agentis* usual de *pātar*, "o intérprete" (YAURE; veja-se bibliografia).

Na literatura de Qumran descobriram-se "comentários" sobre diversos livros canônicos. O aspecto característico dessas composições é que a glosa depois do versículo bíblico é precedida pela frase *pishrô 'al*, "sua interpretação a respeito". Por conseguinte, devido ao uso da raiz *pshr*, esses comentários (ou melhor, exposições apocalípticas de passagens bíblicas, em sua maior parte dos Profetas) são conhecidos como *p'shārîm*.

O nome técnico para a interpretação de sonhos é oniromancia. Alguém que se dedique a tal atividade é chamado de onirócrita. É bem sabido que no antigo Oriente Médio havia toda uma disciplina de interpretação de sonhos, existindo até mesmo manuais sobre o assunto. Nessas culturas os sonhos eram sempre entendidos dentro de uma relação causa-efeito. Mediante magia podia-se induzir sonhos bons. Podia-se suplicar ao deus do local que tornasse bom um sonho. Ou podiam-se cancelar os efeitos negativos de um sonho ruim mediante um feitiço contrário.

Não é sem importância que uma ciência de interpretação dos sonhos não tenha surgido em Israel. Apenas dois hebreus envolveram-se com oniromancia — José e Daniel — e isso aconteceu enquanto faziam parte da corte de reis pagãos. Os hebreus bíblicos jamais precisaram de intérpretes para explicar os seus sonhos, ao passo que indivíduos hebreus podiam interpretar sonhos para estrangeiros. E, mesmo quando o fizeram, as Escrituras enfatizam que nenhum foi capaz de solucionar o sonho mediante sua própria sabedoria. Foi Deus quem lhes revelou a interpretação (Gn 40.8; Dn 2.7 e ss.).

Bibliografia: — EHRLICH, E. L., *Der Traum im Alten Testament*, Beihefte ZAW 73, Berlim, Verlag Alfred Töpelmann, 1953. — OPPENHEIM, A. L., *The interpretation of dreams in the Ancient Near East*, Philadelphia, American Philosophical Society, 1956. — YAURE, L. Elymas-Nehelamite-Pethor, *JBL* 79:297-314, esp. p. 310 e ss.

V.P.H.

1861 פַּחְשֶׁגֶן (*patshegen*)

פִּתְרֹן (*pitrōn*). Veja o nº 1 860a.

1861 פַּחְשֶׁגֶן (*patshegen*) ***cópia*** (Et 3.14; 4.8; 8.13). Uma variante de ***parshegen*** (*q.v.*).

1862 פָּתַת (*pātat*) ***partir em pedaços, esmigalhar***. Ocorre somente em Levítico 2.6.

Termos Derivados

1862a פַּת (*pat*) ***pedaço pequeno, bocado, migalha de pão.***

1862b פְּתוֹת (*pātôt*) ***pedaço pequeno*** (Ez 13.19).

צ

צָאָה (*tsē'â*). Veja o nº 1884a.
צֹאָה (*tsō'â*). Veja o nº 1884b.
צֹאן (*tsō'n*). Veja o nº 1884c.

1863 צְאֶלִים (*tse'ĕlim*) ***um tipo de lotos*** (Jó 40.21-22).

1864 צֹאן (*tsō'n*). **Aceita como raiz de:**

1864a †צֹאן (*tsō'n*) ***rebanho de gado miúdo, ovelhas.***

tsō'n é o termo genérico para "gado miúdo", constituído principalmente de ovelhas e cabras, mas a ênfase da palavra repousa sobre ovelhas (cf. Gn 38.17; 1 Sm 25.2). Ovelhas e cabras foram os principais animais na economia de Israel ao longo da história, especialmente durante o período patriarcal (Gn 46.32). Davam leite (Dt 32.14) e carne. Com sua lã teciam-se panos que atendiam a diversas necessidades, e seu couro tinha muitos usos, inclusive o de coberta de tendas (Êx 26.14). A riqueza de uma pessoa era medida pelo tamanho de seus rebanhos (1 Sm 25.2). Abraão tinha um grande rebanho (Gn 12.16), e os rebanhos de Jacó e seus filhos eram tão grandes que pastavam desde Hebrom até Dotã (Gn 37.12-17). A família do rei Salomão consumia 100 ovelhas por dia. Achar água para os rebanhos era uma das maiores preocupações. Poços eram, por isso mesmo, locais importantes de encontros e também fontes de profundas discórdias (Gn 24.11-27; 26.17-22). As ovelhas eram protegidas em cavernas e também em apriscos feitos de pedras (cf. Nm 32.16). O pastor era responsável pelas ovelhas; ele tinha de arcar com o prejuízo de sua negligência, caso alguma delas se perdesse (cf. Ez 34.10). Mas, se cumprisse com fidelidade a sua tarefa, toda ovelha perdida era prejuízo do proprietário (cf. Gn 31.39).

O primogênito dos rebanhos pertencia a Iavé (Êx 13.12; Dt 15.19), e o dízimo do rebanho era entregue a ele (Lv 27.32). A ovelha permanecia sete dias com a mãe, antes de ser apresentada ao oitavo dia (Êx 22.30 [29]). Além disso, as ovelhas serviam para vários tipos de sacrifícios. Seu lugar de maior destaque era no dia da páscoa. Um cordeiro de um ano de idade, sem defeito algum, era oferecido em sacrifício para cada família (Êx 12.5 e s.). O animal podia ser um cordeiro ou um cabrito. Além disso, eles eram oferecidos em holocaustos (Lv 1.10), ofertas pelo pecado (Lv 5.6), ofertas pela culpa (Lv 5.15) ou ofertas pacíficas (Lv 3.6). Deviam ser escolhidos animais sem defeito algum, havendo

tolerância de pequenas imperfeições no caso de ofertas voluntárias (Lv 22.21-25). Se Israel fosse fiel à aliança, Deus prometeu abençoá-lo; essa bênção incluía o crescimento dos rebanhos (Dt 7.13; 28.4); de outro lado, se fosse desobediente, parte da maldição seria a perda dos rebanhos (Dt 28.18, 31, 51).

Ovelhas freqüentemente servem de símbolo do povo de Deus (Nm 27.17). A figura de linguagem indica que o povo é ingênuo e deve ser conduzido e protegido por um pastor compassivo (Sl 100.3). As ovelhas, de sua parte, têm a responsabilidade de atender à voz de seu senhor (Sl 95.7). Quando se desviam, devem confessar o erro e voltar para o Senhor (Is 53.6).

O líder compassivo é chamado de pastor (cf. Jr 3.15). Quando as pessoas estão sem liderança, são consideradas ovelhas dispersas sobre os montes, *i.e.*, sem liderança elas não têm a orientação para trabalhar juntas a fim de vencer os obstáculos (1 Rs 22.17; Nm 27.17). Foi cuidando de rebanhos que dois dos maiores líderes de Israel, Moisés e Davi, aprenderam a liderar o povo (Êx 3.1; Sl 77.20 [21]; 1 Sm 16.11; 2 Sm 7.8; Sl 78.70 e ss.). Amós, um profeta, também foi tirado da tarefa de cuidar de um rebanho para pregar em Israel, no norte (Am 7.14 e s.). Iavé é descrito como o bom pastor (Sl 23.1; 80.1 [2]; Ez 34.15, 31), e as pessoas são as ovelhas do seu pasto (Sl 95.7; 100.3; Ez 34.31; Jo 21.15 e ss.). Quando ele trouxer salvação, com cuidado e firmeza reunirá as ovelhas em seus braços (Is 40.11). O Messias vindouro também é anunciado como o verdadeiro pastor das ovelhas (Ez 34.23 e s.; cf. Jr 23.3-6; Jo 10.11, 14). Por outro lado, falsos pastores dispersam as ovelhas (Jr 23.1-3; 50.6; Is 56.11 e s.; Jo 10.12 e s.). Eles se alimentam a si mesmos e não o rebanho (Ez 34.2 e s.). As ovelhas fogem e são ameaçadas de destruição por inúmeros perigos (1 Rs 22.17; Ez 34.5 e s.). O povo aflito e que sente que foi abandonado por Deus descreve a sua situação como a de ovelhas levadas para o matadouro (Sl 44.11, 22 [12, 23]; cf. Jr 12.3). Este mesmo sentimento seria experimentado literalmente pelo Servo Sofredor (Is 53.7). Os maus pastores serão julgados, e o próprio Deus sairá em busca de suas ovelhas, e as resgatará de lugares perigosos trazendo-as de volta à sua própria terra (Jr 23.3; Ez 34.10 e ss.; Mq 2.12). Portanto, uma descrição das bênçãos da era vindoura é a de rebanhos pastando em segurança nos montes da Palestina (cf. Jr 33.12 e s.; Sf 2.6).

Bibliografia: — CANSDALE, G. S. Sheep. In: *ZPEB*. v. 5, p. 385-8. — POST, G. E. Sheep. In: *IDB*. v. 4, p. 486 e s. _____. Flock. In: *IDB*. v. 2, p. 15 e s. — NAPIER, B. D. Sheep. In: *IDB*. v. 4, p. 315 e s.

J.E.H.

צב (*tsāb*). Veja os nºs 1866a, 1867a.

1865 צבא (*tsābā'*) ***lutar, servir.***

Termos Derivados

1865a צבא (*tsābā'*) ***guerra, exército.***

1865b צבאות (*ts'bā'ôt*) ***exércitos.***

tsābā' está relacionado com lutas, por exemplo, o guerrear de Israel contra Midiã (Nm 31.7). Também tem um amplo emprego no sentido de prestar serviço. É interessante que quatro usos dizem respeito ao trabalho dos levitas na tenda da congregação (Nm 4.23; 8.24). Não há dúvidas de que o serviço a Iavé é entendido como algo que requer dedicação total e supervisão cuidadosa, e, uma vez que Deus é Iavé dos exércitos, entronizado entre os querubins abrigados dentro da tenda da congregação, o trabalho associado com a tenda pode ser considerado guerra espiritual. Em Êxodo 38.8 e 1 Samuel 2.22 um particípio refere-se às mulheres que ministravam na porta da tenda da congregação.

Dhorme sugere que *tsābā'* pode denotar o período de tempo gasto no exército. Esse é o sentido do vocábulo em Jó 7.1 e 14.14. Na primeira passagem a existência terrena do homem é comparada ao duro serviço militar. O soldado deve labutar continuamente, suportar o sofrimento e submeter-se a um destino fora do seu controle. Na outra passagem a obrigação de residir no Sheol é descrita em termos das restrições e durezas do serviço militar.

tsābā' pode ser traduzido pelo singular "exército" ou pelo plural "exércitos". Pode referir-se a qualquer exército arregimentado (Jz 4.2), aos moradores dos céus (1 Rs 22.19) ou aos corpos celestes (Dt 4.19). Os israelitas, em sua peregrinação pelo deserto, foram alistados em exércitos de acordo com a sua respectiva tribo (Nm 1.52). Uma vez que eles tinham sido escravos no Egito, houve um esforço concentrado de organizá-los num grupo. Na monarquia o rei mantinha um exército bastante grande e bem equipado para a guerra (*e.g.*, 2 Cr 26.11-15). Israel empunhava as armas, mas suas vitórias deviam-se ao fato de que Iavé, na condição de chefe do exército, lutava pelos israelitas. Quando Deus lutava por Israel, o mesmo o faziam todas as forças dos céus. Um anjo conhecido como comandante (*sar*) do exército de Iavé apareceu a Josué, dando-lhe orientação para que guerreasse contra Jericó (Js 5.13 e ss.). A menos que Iavé, comandante de todos os exércitos da vida, fosse para o combate junto com o exército de Israel, os esforços terminavam em fracasso (Sl 44.9 [10]; cf. Pv 21.31).

Os corpos celestes, inclusive o sol e a lua, são chamados de exército dos céus (Gn 2.1). Quando se refere a eles, a palavra sempre aparece no singular. Deus criou esse exército pelo seu sopro (Sl 33.6) e preserva a sua existência (Is 40.26). Assim sendo, esse exército serve a Deus e o adora em total obediência (Ne 9.6; Is 45.12). Este exército é identificado como constituído dos ministros de Deus, que fazem a vontade divina (Sl 103.21). Israel é exortado a jamais adorar esse exército (Dt 4.19). O ser humano, porém, tem uma tendência de adorar aqueles objetos criados (2 Rs 17.16). Quem fizesse Israel se desviar nesse aspecto devia ser morto (Dt 17.2-7). Infelizmente tanto Israel, que ficava ao norte, quanto Judá, ao sul, sucumbiram a essa tentação durante vários períodos (*e.g.*, 2 Rs 17.16 e ss.; 21.3; 23.5). Como resultado, as duas nações foram, por fim, devastadas por seus inimigos. Mas vai chegar um dia quando esse exército deixará de existir (Is 34.4).

Iavé dos Exércitos é um nome especial para Deus. Iavé e *ʾlôhîm* ocorrem junto com *tsʿbā'ôt* umas 285 vezes (com base na concordância de Mandelkern), a maioria delas em Isaías (62), Jeremias (77), Ageu (14), Zacarias (53) e Malaquias (24). A expressão não aparece no Pentateuco. Na quase totalidade das vezes a palavra *tsʿbā'ôt* vem depois de *yhwh* (cerca de 261 vezes); vem também depois de *ʾlōhê* (18 vezes) e de *ʾlōhîm* (seis vezes). Há muitas vezes uma elaboração de títulos divinos, tais como: *yhwh tsʿbā'ôt ʾlōhê yisrā'ēl* (37 ocorrências); *yhwh ʾlōhê tsʿbā'ôt* (13 ocorrências; com o artigo três vezes, + *ʾlōhê yisrā'el*, três vezes; + *'ădōnāy*, uma vez); *yhwh ʾlōhîm sʿbā'ôt*

(quatro ocorrências); *'ădōnāy* (*hā'ādôn*, cinco vezes) *yhwh ts'bā'ôt* (20 ocorrências; uma com o artigo); *'ādōnāy yhwh 'lōhê hatsts'bā'ôt* (Am 3.13); *yhwh ts'bā'ôt 'lōhêhem* (ou *elāy* duas vezes, ou *'lōhênû*, uma vez). Por razões de ênfase, "seu nome" é às vezes acrescentado a esses títulos divinos (*e.g.*, Am 4.13; Is 47.4; 54.5). É impossível determinar com segurança qual título é a fonte do outro. O título com três elementos mostra que *'lōhê* está numa relação construta com "exércitos". Mas há dúvidas de que *yhwh* esteja semelhantemente em construto. Alguns propuseram que *ôt* é uma terminação abstrata plural (cf. *GK* 124*d*,*e*); nesse caso *ts'bā'ot* é um substantivo que é aposto de *yhwh*: "Iavé, o mais poderoso Guerreiro", ou "Iavé, o Rei todo-poderoso". Por essa razão, *Yahweh ts'bā'ôt* tornou-se um termo técnico. A LXX favorece essa possibilidade ao traduzir *ts'bā'ôt* por *sabaōth* (especialmente em 1 Sm e Is; cf. Rm 9.29; Tg 5.4) e *pantokrátōr*, "Todo-poderoso". A LXX emprega, no entanto, *kyrios* ([*ho*] *theos*) *tōn dynámeōn*, "Senhor (Deus) dos poderes" numas poucas oportunidades; essa tradução favorece interpretar "exércitos" como um genitivo depois de "Iavé" (mas cf. *GK* 125*h*).

Esse nome divino aparece pela primeira vez em 1 Samuel 1.3. Parece que surgiu no final do período dos juízes e nas proximidades do santuário de Siló, onde a arca da aliança estava abrigada. A arca em si simbolizava o governo de Iavé, pois afirma-se que ele está entronizado entre os querubins (1 Sm 4.4; cf. Sl 99.1). Esse título certamente contém a afirmação de que Iavé é o verdadeiro comandante dos exércitos de Israel. A idéia de que esse título abrange mais do que os exércitos de Israel fica clara na afirmação feita por Davi "SENHOR dos exércitos, o Deus dos exércitos de Israel" (1 Sm 17.45). Na verdade afirma o governo universal de Iavé, que abrange cada força ou exército, tanto celeste, quanto cósmico ou terreno. Agora que Israel estava emergindo como uma nação com relacionamentos internacionais, o linguajar que expunha a teologia do seu Deus precisava estar à altura. Era importante afirmar que Iavé não era um mero deus-guerreiro entre os principais deuses-guerreiros das nações, mas que ele era o Deus supremo. Em particular para Israel, situado no ponto de encontro de três importantes continentes e que era constantemente atravessada pelos exércitos das grandes potências do mundo, tornou-se essencial destacar que Iavé era Rei até dos exércitos desses poderosos impérios. Como conseqüência, Iavé era suficientemente poderoso para conduzir Israel a superar qualquer crise provocada por aqueles exércitos. Os profetas, durante o período da monarquia, defrontaram-se com mais um problema: Deus usava esses exércitos poderosos para castigar Israel em sua rebelião contra Deus. Por conseguinte, era essencial assinalar que Iavé era, de fato, o rei daquelas nações e de que ele iria julgá-las. De outro lado, caso Israel não se voltasse para Deus, então Iavé poderia empregar aqueles exércitos contra o seu povo e mandá-lo para o cativeiro (cf. Is 10.5-34). Além disso, durante a época das crises babilônicas, quando o povo foi atraído para a adoração dos astros, os profetas usaram esse nome para transmitir claramente ao povo que era tolice adorar essas estrelas, que não passavam de criaturas obedientes de Iavé (cf. Is 47).

Quando entendido em todo o seu alcance, o nome *yahweh ts'bā'ôt* é um título muitíssimo honroso. Ele está certamente associado à soberania de Iavé, conforme o mostram Isaías 6.5 e Salmos 84.3 [4]. Num dia de festas, antes que uma procissão triunfal entrasse no pátio do templo, o coro cantava: "Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória. Quem é esse Rei da Glória? O SENHOR dos Exércitos, ele é o Rei da Glória" (Sl 24.9 e s.). O texto aqui mostra claramente que "Iavé dos exércitos" transmite o conceito de rei glorioso. Iavé é Rei

do mundo (cf. Zc 14.16) e sobre todos os reinos da terra (Is 37.16). Este Deus é a fonte de tudo (Jr 10.16). Seu domínio requer uma época quando ele mostrará visivelmente esse senhorio. Nos últimos dias as nações farão guerra contra o monte Sião. Pensarão que ganharam para então perceber que sua imaginação está muito distante da realidade. Naquela época Iavé comandará em combate um grande exército, que será auxiliado pelas forças da natureza. Serão subjugados todos os oponente que houver nos céus e na terra (Is 13.4; 24.21 e ss.; 29.5-8; 31.4 e s.; 34.1-12). Então Iavé tornará visível um reinado universal a partir do monte Sião. Todos os reis e todas as nações reconhecerão que Iavé dos exércitos é o rei da glória. Sua autoridade e senhorio absolutos estarão eternamente estabelecidos.

Conquanto o título possua conotações militares, aponta diretamente para o domínio de Iavé sobre o universo todo. Ele governa o tempo todo, mas às vezes intervém diretamente para assegurar sua própria vitória e garantir o controle da História com vistas à salvação do seu povo. Em Amós 4.13 o título está associado à sua ação de criar as montanhas e o vento e à sua capacidade de controlar a natureza (cf. Am 5.8 e s.; 9.5 e s.). Ele é senhor sobre cada força existente; somente ele alcança a paz. A ele podem ser dirigidas orações (*e.g.*, Sl 80.19 [20]). Esse título dá atenção especial ao majestoso esplendor do domínio de Iavé (cf. Sl 84.1 [2]; Is 28.5 e s.).

Bibliografia: — DHORME, E. *Job*. Thomas Nelson, 1967. — EICHRODT, Walther. *Theology of the Old Testament*. v. 1. Westminster, 1961. — EISSFELDT, Otto. Jahwe Zebaoth. *Kleine Schriften*:3. Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1966. — MCCLELLAN, W. H. Dominus Deus Sabaoth. *CBQ* 2:300-7. — MILLER, Patrick D. *The divine warrior in early Israel*. Harvard University, 1973. — ROSS, J. P. Jahweh Seba'ot in Sam and Ps. *VT* 17:76-92. — VAN IMSCHOOT, P. *Theology of the Old Testament*. v. 1. Desclee, 1954. — OEHLER, G. F. *Theology of The Old Testament*. Tr. G. E. Day. Funk and Wagnalls, 1883, p. 437-44. — *TDNT*. v. 7, p. 705-7. — *THAT*. v. 2, p. 498-506.

J.E.H.

צְבָאוֹת (*ts'bā'ôt*). Veja o nº 1865b.

1866 צבב (*tsbb*). **I. Aceita como raiz de:**

1866a צַב (*tsāb*) ***I, liteira, carroça coberta*** (Nm 7.3; Is 66.20).

1867 צבב (*tsbb*). **II. Aceita como raiz de:**

1867a צַב (*tsāb*) ***II, lagarto*** (Lv 11.20).

1868 צבה (*tsābâ*) ***I, inchar*** (Nm 5.27; Is 29.7).

Termo Derivado

1868a צָבֶה (*tsābeh*) ***inchado*** (Nm 5.21).

1869 צבה (*tsbh*)

1869 צבה (*tsbh*). **II. Aceita como raiz de:**

1869a †צבי (*ts'bî*) ***beleza, glória.***

O que há de melhor em matéria de esplendor e honra é chamado de belo ou glorioso: a terra prometida (Ez 20.6, 15; Dn 11.16, 41), o monte do templo (Dn 11.45), as cidades estratégicas de Moabe (Ezk.25.9), Babilônia, a maior das nações (Is 13.19). Iavé destruirá toda a beleza que depende de si mesma (Is 23.9; 28.1-4). Mas será uma coroa de beleza para seu remanescente (Is 28.5). O seu renovo também será belo em seu reinado (Is 4.2; cf. 24.16; 2 Sm 1.19, em que "glória" se refere ao rei Saul).

J.E.H.

1870 צבה (*tsbh*). **III. Aceita como raiz de:**

1870a צבי (*ts'bî*) ***gazela macha.***

1870b צביה (*ts'bîyâ*) ***gazela fêmea*** (Ct 4.5; 7.4).

צבוע (*tsâbûa'*). Veja o nº 1872b.

צבור (*tsibbûr*). Veja o nº 1874a.

(*ts'bî*). Veja os nºs 1869a, 1870a.

1871 צבת (*tsābat*) ***oferecer, estender*** (Rt 2.14).

1872 צבע (*tsb'*). **I. Aceita como raiz de:**

1872a צבע (*tseba'*) ***tintura, tecido tingido*** (Jz 5.30).

1872b צבוע (*tsābûa'*) ***colorido, multicolorido*** (Jr 12.9).

1873 צבע (*tsb'*). **II. Aceita como raiz de:**

1873a †אצבע (*'etsba'*) ***dedo.***

Emprega-se a palavra num sentido técnico para a medida de largura, cerca de 19 milímetros (Jr 52.21) e em referência à atividade sacerdotal de aspergir sangue ou óleo (Lv 4.6, 17; 14.16; 16.14). Além disso, "dedo" (inclusive em sua forma plural) refere-se a trabalho habilmente realizado, especialmente aquele feito por Deus. Fala do trabalho artesanal de seu poder criador, por exemplo, os céus (Sl 8.3; [8.4]), as pragas (Êx 8.19) e a lei talhada nas tábuas de pedra (Êx 31.18; cf. Lc 11.20). Quando fala do homem, às vezes diz respeito a seu trabalho artístico que é contrário a Deus, como é o caso da fabricação de ídolos e objetos de adoração (Is 2.8; 17.8). Esses e outros pecados contaminam o dedo; isso significa que o homem está separado e impedido de aproximar-se de Deus, especialmente na adoração pública (Is 59.3). Em vez disso, nos dedos devem estar amarradas as instruções do sábio (Pv 7.3). Ademais, "o dedo que aponta" (lit.; ARA, "o dedo que ameaça") é um gesto de desdém feito por aqueles que se proclamam justos (Is 58.9; cf. Pv 6.13, que alguns, como McKane, interpretam como uma prática de magia).

Bibliografia: — LUERING, H. L. E. Finger. In: *ISBE*. v. 2, p. 1111. — MCKANE, W. *Proverbs*. Westminster, 1970. — MIXTER, R. L. Finger. In: *ZPEB*. v. 2, p. 536-7.

J.E.H.

1874 צבר (*tsābar*) ***amontoar*** (Gn 41.35; Sl 39.7).

Termo Derivado

1874a צבּוּר (*tsibbûr*) ***amontoado*** (2 Rs 10.8).

1875 צבת (*tsbt*). **Aceita como raiz de:**

1875a צבתים (*tsᶜbâtîm*) ***feixes de cereal*** (Rt 2.16).

צבתים (*tsᶜbâtîm*). Veja o nº 1875a.

צד (*tsad*). Veja o nº 1876a.

1876 צדד (*tsdd*). **Aceita como raiz de:**

1876a צד (*tsad*) ***lado.***

1877 צדה (*tsādâ*) ***I, espreitar*** (Êx 21.13; 1 Sm 24.11).

Termo Derivado

1877a צדיה (*tsᶜdîyâ*) ***espreita (com intenção maldosa)*** (Nm 35.20, 22).

1878 *צדה (*tsādâ*) ***II, estar devastado.*** Esse verbo ocorre somente no nifal, em Sofonias 3.6.

צדיה (*tsᶜdîyâ*). Veja o nº 1877a.

צדיק (*tsaddîq*). Veja o nº 1879c.

1879 צדק (*tsādēq*) ***ser justo, ser reto.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1879a צֶדֶק (*tsedeq*) ***justiça, retidão.***

1879b צדקה (*tsᶜdâqâ*) ***justiça, retidão.***

1879c צדיק (*tsaddîq*) ***justo, legal, certo, reto.***

Essa raiz tem basicamente a conotação de conformidade a um padrão ético ou moral. Snaith (N. SNAITH, *Distinctive ideas of the OT*, Schocken, 1964, p. 73) afirma que "o

significado original da raiz *tsdq* foi o 'ser retilíneo'", mas acrescenta que ela implica uma "norma". Talvez a origem da palavra não seja tão clara ou mesmo significativa. Palavras com origem secular recebem muitas vezes sentidos especiais, e uma palavra que originariamente indicava retilineidade pode facilmente resultar num termo moral, da mesma forma como *canon*, "vara", "régua de medir", passou a designar uma lista padronizada de livros sagrados. *tsedeq* se refere, então, a um padrão ético e moral, e, é claro, no AT esse padrão é a natureza e a vontade de Deus. "Justo [*tsaddîq*] é o SENHOR em todos os seus caminhos, benigno em todas as suas obras" (Sl 145.17).

O masculino *tsedeq* ocorre 118 vezes; o feminino *tsᵉdāqâ*, 156 vezes. Até onde se pode observar, as duas formas não divergem no sentido (SNAITH, *ibid.*, p. 72).

Os usos mais antigos de *tsedeq* ou *tsᵉdāqâ* (à exceção de Gn 15.6; 18.19; 30.33, *tsᵉdāqâ*) dizem respeito à função de juízes. Todos os pronunciamentos ou decisões deles devem ocorrer de acordo com a verdade e sem nenhuma parcialidade (Lv 19.15). A palavra também é aplicada a pesos e medidas (Lv 19.36). A fraude e o engano nas relações comerciais não são permitidos. Nesses dois usos vê-se o sentido básico de "não se desviar do padrão". A palavra descreve três aspectos de relacionamentos pessoais: ético, forense e teocrático.

O aspecto ético envolve a conduta de uns com os outros. Alguns sustentam (ACHTEMEIER, *The gospel of righteousness*, p. 68-70) que "retidão" é a qualidade de relacionamentos entre indivíduos. A conclusão a que se chega a partir desse ponto de vista é que retidão é uma questão de normas vigentes. Na realidade, a retidão se manifesta somente mediante a conformidade aos padrões expostos na palavra de Deus.

O homem que é reto procura preservar a paz e a prosperidade da comunidade cumprindo os mandamentos divinos acerca do próximo. No sentido supremo o justo (*tsaddîq*) é aquele que serve a Deus (Ml 3.18). Especificamente, à semelhança de Jó, ele livra o pobre e o órfao, ajuda o cego em seu caminho, sustenta o fraco e é um pai (provedor) para os necessitados (Jó 29.12-16). Essa era a "roupa de justiça" da vida de Jó. Devolver, antes do pôr-do-sol, a capa que o pobre empenhou para que lhe sirva de abrigo à noite é retidão (Dt 24.13), sendo que neste caso o objetivo é o bem-estar da pessoa. Mas a "retidão" consistia na obediência à lei de Deus e na conformidade à natureza divina, tendo misericórdia dos necessitados e desamparados. Dentre as outras justiças de Jó citam-se o cuidado que tinha com o viajante (Jó 31.31-32), a deliberada rejeição dos bens materiais como um fim em si (31.24-25), dessa maneira não prejudicando a si mesmo nem a outros com a busca da riqueza. Jó tampouco sugou o último suspiro de forças de seus servos (31.13), levando em conta os limites de suas capacidades e o seu bem-estar. O longo juramento em que Jó declara sua inocência foi uma afirmação de retidão, como bem o reconheceram seus três amigos (32.1).

O *tsaddîq* dá espontaneamente (Sl 37.21), sem se preocupar em obter benefício. A existência desse tipo de pessoas exalta a nação (Pv 14.34), e a memória do justo é uma bênção. Quando os homens seguem a Deus, diz-se que a retidão habita na cidade (Is 1.21). Mas quando o pecado domina, a cidade se torna prostituta. Julgar por dinheiro em favor do ímpio é perversão da justiça, pois isso tira a retidão (decência, piedade) do justo (Is 5.23). Davi foi (mais) justo do que Saul porque recusou-se a matar Saul que estava desprotegido (1 Sm 24.7), embora aparentemente Deus tivesse entregado Saul em suas mãos. A fonte de toda essa conduta correta é a ação divina de conceder seus juízos (ou leis) e sua retidão ao seu povo (Sl 72.1-2).

O exame acima esclarece a mensagem dos profetas, cujo clamor por retidão ecoou pela terra. Amós clamou por justiça nas portas (5.15, 24), ou seja, que instituições legítimas fossem corretamente administradas. Todos os que trabalham na esfera pública devem ser justos em tudo o que fazem — não por causa do que fazem. Lindos cânticos não persuadirão Deus a aceitar a prática religiosa corrupta (Am 5.23-24). Jeremias declara que, juntas, a justiça e a retidão têm como objetivo livrar os fracos, não lhes fazer violência nem derramar sangue inocente. Esta retidão preservará a cidade (Jr 22.1-4).

Quer praticada por nações, quer por indivíduos, a reta conduta só pode ser alcançada ao arar-se o campo de pousio, semear-se em justiça e ceifar-se em misericórdia, i.e., estabelecendo-se novas bases para a retidão (Os 10.12). Todos têm de se tornar novas pessoas cujas ações são governadas pela lei de Deus. A reta conduta brota de um novo coração (Ez 36.25-27). Habacuque expressa isso doutra maneira: o justo viverá pela sua fé (Hc 2.4). Isaías (32.15-17) coloca lado a lado a retidão e a obra do Espírito, tudo resultando em paz e, conseqüentemente, em uma tranqüilidade eterna e certa. É possível que esse pensamento esteja por trás da figura de Salmos 85.10 [11]: "A justiça e a paz se beijaram". Por ter havido reconciliação entre o homem e Deus, a paz vem abençoar os caminhos do homem. Aparentemente Isaías refere-se à condição dessas pessoas: "todos os do teu povo serão justos". A ética verdadeira deriva da retidão conferida.

O aspecto forense de *tsedeq* aplica-se à igualdade de todos, ricos e pobres, perante a lei. O justo, o *tsaddîq*, não deve ser morto (Êx 23.7), pois a lei não o condena. A pessoa que, num litígio, está com a razão (a retidão dos retos, *tsid'qat tsaddîq*) não deve ser posta de lado (Is 5.23). Deve-se enfatizar que na lei de Israel o juiz não deveria considerar a inocência do homem em relação à transgressão da lei humana, mas a retidão do homem em relação à lei de Deus. Hoje em dia alguém pode transgredir um estatuto secular, mas ser inocente diante de Deus. Na lei do AT ser inocente e ser justo eram a mesma coisa. A idéia de manter a retidão é, muitas vezes, expressa pelo grau hifil. Essa construção designa a ação de tornar justo ou declarar justo.

A posição relativa daquilo que é direito é vista na comparação entre Judá e Tamar (Gn 38.26), *i.e.*, ela estava dentro do direito de agir como o fez, mas Judá não. Isso não significa a aprovação completa das ações de Tamar. Um clamor justo ou verdadeiro é "retidão" (Sl 17.1, ARA, "causa justa"; 18.20 [21]), sempre em oposição à mentira (Sl 37.6). No caso de um indivíduo envolvido num litígio, ser justo significa estar livre de culpa em relação a qualquer infração da lei (Gn 30.33). É justo aquele que é assim declarado (Êx 23.7; Dt 25.1). Essa é a afirmação de Jó (Jó 19.7; cf. W. H. GREEVES, *The argument of the book of Job unfolded*, Nova Iorque, 1891, p. 188. É dever do juiz e rei manter a retidão na comunidade; Êx 23.7-8; 1 Cr 18.14; Pv 16.12).

Noé, Daniel e Jó foram justos (Ez 14.14, 20). A boa conduta de um indivíduo estabelece a base para suplicar ao Senhor que conceda livramento do julgamento calamitoso. Semelhantemente, Gênesis 15.6 ensina que Abraão recebeu Isaque como herdeiro porque sua confiança nas promessas de Deus lhe foi imputada como justiça.

Emprega-se *tsedeq* atributivamente quando aplicado ao próprio Deus no que diz respeito ao seu caráter. O Senhor é o justo juiz (2 Cr 12.6; Sl 11.7; Jr 12.1; Lm 1.18), chegando ao mais alto grau como o juiz de toda a terra (Dt 32.4; Sl 119.137; Is 5.16). Por essa razão os seus padrões, os seus juízos, expressos em suas palavras são justos (Sl 119.144, 160, 172). Sendo eternos, são a confiança do povo de Deus e não falharão. O ódio que Deus tem pelo pecado e o amor que tem pela retidão (Sl 45.7 [8]) exprimem a retidão

divina, que lhe é essencial. Por essa razão a retidão e o juízo são a habitação (ARA, "base") do trono divino, *i.e.*, eles sempre caracterizam suas ações (Sl 97.2).

O corolário do aspecto forense da retidão divina é o conceito de salvação como vindicação (cf. Is 1.27; 46.13, em que *t'shu'â*, "salvação", ocorre em paralelo com *ts'dāqâ*). A salvação de Deus aparece nessa retidão, pois Deus liberta o seu povo (Is 51.1 e ss.). Deus é caracterizado como justo ao livrar o seu povo (Sl 85.9-11 [10-11]; 97.2). Ciro é convocado a livrar o povo de Deus e, por isso, é chamado de justo (Is 42.6; 45.13). Pelo fato de Deus sempre ser justo, sua ação salvadora é devidamente indicada por sua destra justa (Is 41.10). Sua retidão salvífica expressa-se mediante juízo, fidelidade e amor (Sl 36.6-7 [7-8]) e com poder (Sl 71.19). Aqueles que experimentam esse livramento celebram-no com música (Sl 40; 10 [11]; 71.15-16).

O aspecto pactual ou teocrático envolve a nação de Israel. A aliança exige que a nação obedeça a Deus, sendo ela mesma o caminho do seu povo (Sl 1.1-6; Dt 6.25), um caminho de retidão. Deus é justo, quando, devido à aliança, livra seu povo de dificuldades (Sl 31.1 [2]), de inimigos (Sl 5.8 [9]), dos ímpios (Sl 37.6), e quando, devido a essa mesma aliança, vindica Israel diante dos adversários de seu povo ou executa vingança sobre eles (Jr 11.20). É apropriado que Israel tenha certeza da vitória final sobre seus adversários (Is 54.14-17). Nesse último evento o Senhor é, ao mesmo tempo, justo e salvador (Is 45.21).

Mesmo assim Deus é justo ao entregar o santuário nacional à espada dos inimigos de Israel por causa dos pecados deste. O juízo divino é justo, e a má conduta de Israel não pode de forma alguma ser justificada, *i.e.*, ser considerada justa. Mas os justos se lembram da aliança para cumpri-la, e a promessa divina a eles é de sua restauração (Is 51.1-8). Olhar para seu Criador significava, para Israel, arrependimento e mudança. Com base nesta nova retidão veio o livramento. Israel no exílio estava muito longe da retidão (Is 46.12), mas Deus traria o povo de volta de acordo com sua própria retidão (Is 46.13). Em vez de, como alguns fazem, ver aqui um significado de livramento, salvação ou triunfo na palavra *ts'dāqâ*, é melhor encontrar a solução divina para o problema da justificação do pecador no ensino de Isaías 53, em que o servo sofredor justifica pecadores ao levar sobre si o pecado de cada um. Esse mesmo sentido forense de justificação dos ímpios é um verdadeiro precursor de Romanos 3.26. De sorte que a restauração de Israel à terra da promessa é retidão (Is 46.12-13), e é com retidão que o Senhor suscita Ciro para restaurar Israel à sua terra (45.13). Tal retidão será exposta diante de todo o mundo, pois Deus ajudará Israel. Nesse cumprimento da aliança Deus é declarado justo (Is 54.14), e a condição de Israel é a de ser justo, *tsaddîq*.

A raiz apresenta uma progressão ou uma variedade de sentidos no seu emprego. 1) O sentido abstrato de conformidade a algum padrão (Gn 15.6; Abraão satisfazendo a exigência de confiança). 2) Uma característica descritiva de Deus (Dt 32.4; alguém justo e reto, em que o padrão é sua própria vontade e natureza como ser supremo). A ilustração do barro e do oleiro (Is 45.9-12) aponta para o acerto da decisão divina. 3) Quando aplicados a Deus, *ts'dāqâ* ou *tsedeq* tem o sentido de retidão, sendo que as características divinas se tornam então o padrão definitivo da conduta humana. 4) A visita de castigo contra infrações morais é um exemplo de retidão, assim como o foram os juízos de Deus contra Faraó por recusar-se a deixar os israelitas sair (Êx 9.27). Pode-se dizer que julgar o pecado é uma necessidade divina para um Deus justo. 5) Deus mostra sua retidão ao vindicar aqueles do seu povo que o merecem (Gn 18.25). Embora essa retidão possa exigir

castigo, é seguida de misericórdia em face de arrependimento. 6) A obra de justificação é vista quando Davi suplica perdão (Sl 51.14 [16]), clamando a Deus que, sem levar em conta o mérito do suplicante, conceda livramento e cumpra sua obrigação de acordo com seus próprios padrões. Nessa justificação está implícito o sacrifício substitutivo pelo pecado se oferecido sinceramente, conforme observado em Salmos 51.16-19 [18-21]. Esses versículos não são um acréscimo tardio ao salmo. Eles representam no AT o paralelo de Romanos 3.26. 7) A palavra descreve a posição justa dos herdeiros da salvação de Deus, sem que haja acusação alguma contra eles (Is 54.17); esta retidão, de fato possuída pelo Messias (Jr 23.6), é concedida por ele, apontando assim para a doutrina neotestamentária de Cristo como a nossa justiça. A retidão dos herdeiros divinos da salvação é a retidão do Messias atribuída a eles por Deus, mediante a fé na obra redentora do Messias, pela qual Deus os declara justos apenas por causa da graça proporcionada por intermédio daquela obra redentora. 8) Finalmente, em épocas do pós-exílio o sentido da raiz passa por um desenvolvimento e significa então, benevolência, esmolas, *etc.*, como atos de um homem piedoso (cf. SI 112.9).

Existem diferentes conceitos acerca do significado desta raiz. G. Schrenk cita que Diestel e Kautzsch desenvolvem "totalmente a idéia da ação consistente e normativa de Deus (o próprio Deus sendo a norma, em vez de estar acima dela)" (*TDNT*, v. 2, p. 195). O próprio Schrenk, no entanto, declara que "*tsᶜdāqâ* implica relacionamento. Alguém é justo quando atende a certas exigências que outrem faz a ele em virtude do relacionamento" (*ibid.*). Ele não tenta comprovar esse conceito de relacionamento, mas baseia-se bastante na idéia de que o "segundo Isaías" sempre emprega a imagem de uma disputa legal mediante a qual Deus defende o povo que está numa aliança com ele, de forma muito parecida como um suserano no oriente antigo prometia fazê-lo num tratado de suserania. Esse conceito de aliança é tão destacado em Schrenk que ele chega a dizer o seguinte: "Esse vínculo entre justiça e salvação está arraigado de forma mais profunda no conceito de aliança. *tsᶜdāqâ* é a execução da fidelidade da aliança e das promessas da aliança. Como expressão do reinado judicial de Deus, a sua retidão significa que, devido à fidelidade pactual a seu povo, ele os vindica e os salva" (*ibid.*). Devido a essa ênfase na aliança, a retidão divina se torna fidelidade às promessas e não há nenhuma justiça eterna de Deus a ser satisfeita por um substituto. Na verdade, a ação de resgatar de dificuldades o povo da aliança é igualmente retidão, salvação e vitória da parte de Deus.

Snaith escreve de um ponto de vista semelhante. Ele sustenta que "os profetas do século oitavo empregam a expressão *tsedeq-tsᶜdāqâ* (retidão) num sentido ético.(...) O 'segundo Isaías' pensava em *tsedeq* mais do ponto de vista daquilo que é realmente estabelecido neste mundo. E isso que triunfa e prospera" (op.cit., p. 87). Numa nota (p. 89) ele alega que apenas nas passagens bem tardias de Isaías 26.19 ("terceiro Isaías", século terceiro) e de Daniel 12.2 (que ele sustenta que é do período dos macabeus) existe algum ensino sobre uma "vida ressurreta além-túmulo". Por isso (visto que se retraduzem os demais versículos sobre a ressurreição e se nega o ensino de tais versículos) ele diz que, para o israelita, a retidão, i.e., a salvação, "tem de envolver as bênçãos de honra provindas do homem e as de prosperidade geral". Dessa forma, devido à teoria crítica, evapora-se a afirmação bíblica da retidão pessoal do Deus vivo.

Bibliografia: — BOLLIER, John A. The righteousness of God. *Interp* 8:404-13. — GIRDLESTONE, R. B. *SOT*. p. 158-69. — SNAITH, N. *The distinctive ideas of the Old Testament*. Philadelphia, 1946. — PAYNE, J. B. *The theology of the Older Testament*.

Grand Rapids, 1962. — JONES, Edgar. *The greatest Old Testament words*. Londres, 1964. — KAUTZSCH, E. *Die Derivate des Stammes tsdq im altentestamentlichen Sprachgebrauch*. Tübingen, 1881. — HEERBOTH, L. A. Der Begriff Gerechtigkeit im A.T., besonders in den Psalmen. *Concordia Theological Monthly*. 7:497-508. — LOFTHOUSE, W. F. The righteousness of Jahweh. *ExpT* 50:341-5. — JACOBS, L. The concept of hasid in the Biblical and rabbinical literatures. *JJS* 8:143-54. — SWETMAN, James. Some observations on the background of צדיק in Jeremias 23, 5a. *Bib* 46:29-40. — *TDNT*, v. 2, p. 212-4; v. 2, p. 174-8; 195-8. — *THAT*. v. 2, p. 507-29.

H.G.S.

1880 *צָהַב (*tsāhēb*), צָהֹב (*tsāhōb*) ***reluzir***. Ocorre somente no hofal, em Esdras 8.27.

Termo Derivado

1880a צָהֹב (*tsāhōb*) ***reluzente, amarelo (pêlo)*** (Lv 13).

1881 צהל (*tsāhal*) ***I, relinchar, guinchar*** (Et 8.15; Is 24.14).

Termo Derivado

1881a מִצְהָלָה (*mitshālâ*) ***relincho*** (Jr 8.16; 13.27).

1882 *צָהַל (*tsāhal*) ***II, fazer brilhar***. Ocorre somente no hifil, em Salmos 104.15.

1883 צהר (*tshr*). **Aceita como raiz de:**

1883a †צֹהַר (*tsōhar*) ***I, meio-dia***.

1883b צֹהַר (*tsōhar*) ***II, telhado*** (Gn 6.16).

1883c †יִצְהָר (*yitshār*) ***azeite virgem***.

1883d *צָהַר (*tsāhar*) ***espremer óleo***. Verbo denominativo. Ocorre somente no hifil, em Jó 24.11.

tsōhar. ***Meio-dia***. Meio-dia, o momento mais quente do dia, é hora da sesta (2 Sm 4.5). O brilho dessa hora simboliza a intensa pureza da justiça (Sl 37.6; cf. Jó 11.17) e a bênção que bane a penumbra (Is 58.10). Também é visto como uma hora de segurança; por conseguinte, uma conquista levada a efeito nessa hora indica a força superior do conquistador (Jr 6.4; 15.8; 20.16; Sf 2.4). De outro lado, os rebeldes andam às apalpadelas nas trevas mesmo ao meio-dia (Dt 28.28 e s.; Is 59.10; Jó 5.14). Uma vez que o sol há de se pôr ao meio-dia no dia do juízo, as dificuldades daquele dia serão muito sérias (Am 8.9).

yitshār. ***Azeite virgem***. O azeite proporciona luz, é usado para cozinhar e serve de ungüento. *BDB* identifica o vocábulo com o "azeite virgem", o produto natural, não processado, da oliveira. Quase sempre aparece junto com cereal (*dāgān*) e vinho novo

(*tîrôsh*) (*q.v.*); esses três produtos agrícolas eram a base alimentar dos moradores da Palestina. Por isso o governo providenciou a construção de armazéns para eles (2 Cr 32.28). Israel recebeu garantias de que teria esses produtos como bênção divina por guardar a aliança (Dt 7.13; 11.13 e s.), mas que deixaria de tê-los quando deixasse de obedecer (Dt 28.49 e ss.). As primícias do cereal, do vinho novo e do azeite eram apresentadas aos sacerdotes, que agiam como representantes de Deus (Dt 18.4; Nm 18.12 e s.). Com as reformas do rei Ezequias e do governador Neemias, o povo demonstrou desejo de seguir a aliança ao trazer abundantemente de suas primícias para os sacerdotes (2 Cr 31.5; Ne 10.35-39 [36-40]; 13.12). Infelizmente durante outros períodos o povo se esqueceu de que era Iavé quem lhe dava o cereal, o vinho novo e o azeite (Os 2.8 [2.10]). Visto que abandonaram Iavé, este por sua vez os abandonou, trazendo seca e a perda das safras (Jl 1.10). No entanto, Deus nunca abandonou completamente o seu povo. Por meio de seus profetas ele predisse que haveria um tempo quando restauraria Israel à sua terra e abençoaria o seu povo com fartura de cereais, vinho novo e azeite (Jl 2.19, 24; Os 2.22 [24]; Jr 31.12). As bênçãos seriam tão abundantes que as necessidades de Israel seriam satisfeitas e o opróbrio em que se encontrasse seria totalmente removido (Jl 2.19). Somente em Zacarias 4.14 é que *yitshār* é usado no sentido de ungir: "filhos do azeite" (lit.) equivale a "ungidos" (ARA).

J.E.H.

צָו (*tsaw*). Veja o nº 1887c.

1884 צוא (*tsw'*). **Aceita como raiz de:**

1884a צֵאָה (*tsē'â*) ***imundície***, i.e., excremento humano (Dt 23.13; Ez 4.12).

1884b צֹאָה (*tsō'â*) ***imundície*** (Is 28.8; Pv 30.12).

1884c צֹא (*tsō'*) ***imundície*** (Zc 3.3).

צָוְאר (*tsawwā'r*). Veja o nº 1897c.

1885 צוד (*tsûd*) ***I, caçar.***

Termos Derivados

1885a צַיִד (*tsayid*) ***caça, animal de caça.***

1885b צַיָּד (*tsayyād*) ***caçador*** (Jr 16.16, somente).

1885c מִצָּד (*m'tsād*), מְצָד (*m'tsad*) ***fortaleza, cidadela*** (1 Cr 11.7; 12.8 [9]).

1885d מָצוֹד (*mātsôd*) ***I, fortificações de sítio*** (Ec 9.14).

1885e מָצוֹד (*mātsôd*) ***II, instrumento de caça, rede*** (Pv 12.12; Jó 19.6).

1885f מְצוֹדָה (*m'tsôdâ*) ***I, rede*** (Ec 9.12; Ez 19.9).

1885g מְצוּדָה (*m'tsûdâ*) ***I, rede, presa*** (Ez 13.21; Sl 66.11).

1885h מְצוֹדָה (*m'tsôdâ*) ***II, fortaleza, cidadela*** (Is 29.7; Ez 19.9).
1885i מְצוּדָה (*m'tsûdâ*) ***II, fortaleza, cidadela.***

Caçar era um meio de cuidar do suprimento de comida e também proporcionava uma agradável variação na alimentação. Ninrode, o fundador de um reino na Babilônia e na Assíria, foi conhecido como um caçador muito capaz, e sua destreza tornou-se proverbial: "Como Ninrode, poderoso caçador diante do SENHOR" (Gn 10.9). Esaú distinguiu-se de Jacó, especialmente aos olhos do pai, como um bom caçador (Gn 25.27 e s.). Caçava-se freqüentemente com redes e vários tipos de armadilhas, conforme o indicam os dois termos derivados com o sentido de "rede". Pelo código levítico, era permitida a caça de aves e animais terrestres limpos; o caçador devia preparar o animal morto vertendo o sangue e cobrindo-o com terra (Lv 17.13; Dt 12.15; 14.5, uma lista de animais de caça considerados limpos). Além disso, Provérbios assinala que o caçador deve ser diligente, pois "o preguiçoso não apanha a sua caça" (IBB, Pv 12.27).

Essa raiz é empregada metaforicamente para indicar alguém que está atrás da vida de outrem para destruí-la. A mulher adúltera está atrás da própria vida do homem, i.e., ela anseia por mais do que ele pode dar, tendo controle sobre toda a vida dele (Pv 6.26). Ainda mais pertinaz do que a mulher adúltera é aquela que, por meio de magia, caça as almas do povo de Deus (Ez 13.18). Deus está contra ela e livrará as almas caçadas e aprisionadas (Ez 13.20). Deus também está no encalço do ser humano, especialmente para juízo (Jr 16.16; cf. Jó 10.16). Devido à inconstância e rebeldia de Israel, Deus decretou: "enviarei muitos caçadores, os quais os caçarão de sobre todos os montes, de sobre todos os outeiros, e até nas fendas das rochas" (Jr 16.16). Lamentações diz que esta afirmação se tornou a experiência do povo: "Caçaram-me como se eu fosse ave os que sem motivo são meus inimigos" (Lm 3.52).

m'tsûdâ. ***II. Fortaleza, cidadela.*** Vocábulo aparentemente relacionado com *m'tsād*, que significa "alto da montanha" ou "cume" e, por conseguinte, "fortaleza", "castelo" (árabe *matsādun*), de onde se tem a palavra Masada, a chapada próxima do mar Morto, onde Herodes possuía um palácio-fortaleza. Na fenda das rochas a águia faz a sua fortaleza (Jó 39.28). Mas o homem constrói sua fortaleza de pedras ou tijolos para proteger-se de perigos externos. No entanto, com bastante estratégia, pode-se tomar uma fortaleza; por exemplo, Davi capturou a fortaleza de Sião (2 Sm 5.7). Para o fiel, especialmente Davi, o próprio Deus era a fortaleza em quem ele confiava enquanto passava por suas tribulações (Sl 18.2 [3]; 91.2).

Bibliografia: — MCKANE, W. *Proverbs*. In: *Old Testament library*. Westminster, 1970.

J.E.H.

1886 צוד (*tswd*). **II. Aceita como raiz de:**

1886a צַיִד (*tsayid*) ***provisão, alimento*** (Ne 13.15; Jó 38.41).
1886b צֵידָה (*tsêdâ*) ***alimento*** (Js 1.11; Gn 42.25).
1886c *צוד (*tsid*) ***suprir-se de provisões.*** Esse verbo denominativo ocorre somente no hitpael (Js 9.4, 12).

1887 *צוה (*tsāwâ*) ***ordenar, incumbir.*** Ocorre no piel e no pual.

Termos Derivados

1887a ציון (*tsîyûn*) ***marco, sinal, monumento*** (2 Rs 23.17; Ez 39.15).
1887b †מצוה (*mitswâ*) ***mandamento.***
1887c †צו (*tsaw*) ***ordem.***

A raiz designa a instrução de um pai para o filho (1 Sm 17.20), de um fazendeiro a seus lavradores (Rt 2.9), de um rei a seus servos (2 Sm 21.14). Isso reflete uma sociedade firmemente estruturada em que as pessoas tinham de prestar contas a Deus pelo direito de mandar (cf. 2 Sm 7.7; 1 Rs 1.35). O líder tinha, então, condições de mandar no povo e de esperar sua obediência (Js 1.9, 16). Deus nomeou Josué para suceder Moisés (Nm 27.18 e s.; Dt 31.14 e s.). Quando escolheu Davi para ser rei, Deus "ordenou que [Davi] seja príncipe [nāgîd]", isto é, nomeou-o como tal (1 Sm 13.14). A palavra do profeta possui autoridade porque ele fala tudo o que Deus lhe ordena (Jr 1.7; cf. Dt 18.18).

Deus "ordenou" que o mundo viesse a existir (Sl 33.9; Is 45.12). Por essa razão todas as criaturas e elementos obedecem às suas ordens (cf. 1 Rs 17.4; Jó 37.12; Sl 78.23). Deus também dirige o curso da História ao decretar acontecimentos cruciais; na verdade, nenhum evento decisivo acontece sem que Deus o ordene (Lm 3.37). Ele até mesmo decreta que seu povo seja vitorioso (Sl 44.4 [5]).

Deus provê os meios para que seja realizado aquilo que ele determina. Por exemplo, ele instruiu Moisés acerca da fabricação do mobiliário e da tenda da congregação; então inspirou Bezalel e Aoliabe com o Espírito de sabedoria a fim de serem capazes de dar conta da tarefa (Êx 31.2-6; 35.30—36.1). No que diz respeito à fabricação desses objetos, o texto primeiramente detalha as instruções e então descreve o cumprimento cuidadoso das ordens de Deus por Israel (Êx 25-30; 36-39; Lv 8; cf. Êx 39.5, 7, 32, 42 e s.).

Deus assegura a veracidade de sua palavra ao ordená-la; ele ordenou a aliança (Sl 105.8; 111.9) e ordenará bênçãos aos que são fiéis à aliança (Dt 28.8; Sl 133.3). Deus se lembra daquilo que ordenou e é cuidadoso em cumprir cada aspecto que lhe cabe na ordem determinada (1 Cr 16.15).

A bênção acompanha a obediência aos mandamentos de Deus; a rebelião, contudo, traz maldições (Dt 11.26 e ss.). Adão e Eva desobedeceram e encontraram maldições (Gn 3.16-19). Em contraste, Deus ordenou a Noé que construísse uma arca; Noé fez tudo que Deus lhe ordenou e sobreviveu ao dilúvio (Gn 6.22; 7.5). Israel obedeceu às ordens de Deus no êxodo, em particular àquelas pertinentes à páscoa, e o povo se viu livre da escravidão (cf. Êx 12.28, 50). Mas infelizmente estava disposto a abandonar o caminho que Deus ordenara (cf. Dt 31.29). Seguir os seus mandamentos resulta numa vida boa e longa (Dt 5.33). Israel, portanto, não deveria desviar-se para a direita nem para a esquerda daquilo que Deus lhe ordenara (Dt 5.32). A obediência à ordem divina passa a ser a justiça daquele que obedece (Dt 6.25).

Deus mandou Ezequias, que padecia de uma enfermidade mortal, "ordenar" (lit.) sua casa, i.e., ele devia dar conta de todas as suas responsabilidades ou, então, delegá-las aos seus sucessores (2 Rs 20.1). Jacó também deu ordens a seus filhos acerca de seu sepultamento (Gn 49.29, 33).

mitswâ. ***Mandamento.*** Numa situação de aquisição de uma gleba de terra, *mitswâ* refere-se aos termos do contrato (Jr 32.11). É também a palavra empregada pela escola de sabedoria para designar a instrução ministrada por um professor a seu aluno (Pv 2.1; 3.1). Num maior número de vezes os mandamentos são as estipulações específicas da aliança. A palavra é usada em referência aos Dez Mandamentos em Êxodo 24.12.

Deus revela claramente os seus mandamentos a fim de que estejam ao alcance de todo o povo. Ninguém precisa passar a vida inteira em busca deles (Dt 30.11). Eles estão à disposição. O Senhor sai em busca do homem muito antes de o homem procurá-lo. Os mandamentos de Deus são considerados puros (Sl 19.8 [9]), verdadeiros (Sl 119.151), confiáveis (Sl 119.86), retos (Sl 119.172). O homem de fé tem prazer nos mandamentos de Deus, e é chamado de bem-aventurado (Sl 119.47; 112.1). Os mandamentos de Iavé proporcionam uma compreensão mais profunda do significado da vida a fim de que ela seja vivida em seu sentido completo (Sl 19.8 e s. [9 e s.]; cf. Dt 5.29; 6.2; 8.11). Seguir os mandamentos de Deus dá à pessoa sabedoria e o respeito dos que estão ao seu redor (cf. Dt 4.5 e s.). Conseqüentemente aquele que os segue é elevado, em muitos casos, a uma posição de liderança. De igual forma Israel se tornaria uma nação líder caso permanecesse fiel aos mandamentos do Senhor (Dt 28.13). O esplendor que ela experimentou nos reinados de Davi e Salomão é um testemunho da validade dessa afirmação. O motivo pelo qual Israel deveria obedecer aos mandamentos repousa no próprio Deus (Lv 22.31). Pela sua própria natureza Deus sabe o que é melhor para o seu povo e pela posição de Deus o povo está fadado a servi-lo. Aquele que ama a Deus guarda os seus mandamentos (Dt 11.1). Por esse motivo ele mostra a sua reverência (ou temor) a Deus e desenvolve uma caminhada com Deus (Dt 8.6; 13.4 [5]). Deus estende o seu amor (*hesed*) àqueles que lhe obedecem (Dt 5.10).

Para cumprir os mandamentos, o homem precisa lembrar-se deles. Os hebreus deviam fazer franjas (ou borlas) nas extremidades de suas roupas, o que devia lembrá-los da lei (Nm 15.39). Eles também deviam prender as palavras de Deus na testa e nas mãos e escrevê-las nos batentes da porta de suas casas. Os pais deviam ensiná-los aos filhos e falar deles freqüentemente (Dt 6.69). Os mandamentos foram preservados ao ser escritos no livro da lei (Dt 30.10). Entretanto, eles não possuem nenhum valor real caso sejam considerados apenas um documento humano aprendido por simples memorização (Is 29.13 e s.).

Ademais, em sua depravação o homem é tentado a, de um lado, rejeitar os mandamentos de Deus e, de outro, acrescentar-lhes idéias, ao interpretá-los nos mínimos detalhes. Essa segunda possibilidade conduz à sensação de arrogância autoconfiante de que se está prestando até mesmo um favor a Deus. E por isso que Deus declara que não se deve acrescentar algo aos mandamentos dados nem deles retirar alguma coisa (Dt 12.32 [13.1]; cf. 5.32).

A violação de qualquer mandamento resulta em culpa e na necessidade de expiação (cf. Lv 4). Mas todo aquele que chega ao ponto de fazer pouco caso dos mandamentos divinos é eliminado do povo de Deus (Nm 15.31). A desobediência de Salomão aos mandamentos no final da sua vida resultou na divisão do reino (2 Rs 11.31-39; 14.8). Então a desobediência ininterrupta de vários reis, especialmente Manassés, levou ao fim da dinastia davídica. Mas Deus estendeu a sua misericórdia a Israel mesmo no cativeiro (cf. Ne 1.8 e s.). E, por intermédio do Messias, cumprirá sua promessa a Davi.

No período pós-exílico desenvolveu-se a classe dos escribas. Eles eram hábeis nos mandamentos, i.e., interpretavam a lei para o povo (Ed 7.11).

O escritor de Eclesiastes investigou todas as possibilidades em busca do sentido da vida e chegou à seguinte conclusão: "De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus, e guarda os mandamentos; porque isto é o dever de todo homem" (12.13).

tsaw. ***Ordem, preceito.*** Em Isaías 28.10, 13 a palavra aparece em paralelo com *qaw* ("regra", q.v.). Alguns são da opinião de que estas são imitações sarcásticas e elípticas com que se zombava da fala do profeta. Uma sugestão é a do som de um professor e seu aluno constantemente recitando o alfabeto. Outra possibilidade é um som alusivo à raiz *ts-w-h*, "ordenar". Outra é de que é o balbuciar de um neném. O contexto é claro; as pessoas estão ridicularizando a mensagem de Isaías, dizendo que é palavrório sem sentido (v. 10); ele por sua vez anuncia que esse palavrório será o padrão pelo qual serão julgadas (v. 13). Em Oséias 5.11 *tsāw* ("[Efraim] se compraz em abandonar a 'regra'") é emendado pela LXX para *shāw'*, "vaidade" ("foi do seu agrado andar após a vaidade"). Caso *tsaw* signifique "algo sem valor" e *qaw* seja uma linha de medir usada para separar algo para a destruição, então o jogo com os sons de Isaías 28.10, 13 se baseia no vocabulário de julgamento.

Bibliografia: — KAISER, Otto. *Isaiah 13—39*. Westminster Press, 1974. — YOUNG, E. J. *The book of Isaiah*. v. 2. Eerdmans, 1969. — WOLFF, Hans Walter. *Hosea*. Fortress, 1974. — *THAT*. v. 2, p. 530-5.

J.E.H.

צוה (*tswh*). Veja o nº 1909.

1888 צָוַח (*tsāwah*) ***gritar*** (Is 42.11, somente).

Termo Derivado

1888a צְוָחָה (*ts'wāhâ*) ***clamor*** (Jr 14.2; Sl 144.14).

1889 צול (*tswl*). **Aceita como raiz de:**

1889a צוּלָה (*tsûlâ*) ***abismo oceânico*** (Is 44.27).

1889b מְצוֹלָה (*m'tsôlâ*), מְצוּלָה (*m'tsûlâ*) ***profundeza, abismo*** (Jó 41.23; Êx 15.5).

1889c מִצְלָה (*m'tsulâ*) ***depressão, cavidade*** (Zc 1.8).

1890 *צוּם (*tsûm*) ***jejuar.***

Termo Derivado

1890a צוֹם (*tsôm*) ***jejum.***

189[*צוּם (*tsûm*)

Jejuar é privar o corpo de ingerir alimento como sinal de que a pessoa está experimentando uma grande tristeza. O pesar é também expresso com choro e lamento e com o cobrir-se com pano de saco e cinzas (Et 4.3). Aquele que jejua diz com isso que está se afligindo a si mesmo ou à sua alma, i.e., o seu íntimo. Era possível jejuar em favor de outrem, por exemplo, o salmista pelos seus inimigos durante a enfermidade destes (Sl 35.13). Na maioria das vezes o jejum ia do nascer ao pôr do sol (cf. 2 Sm 1.12) e podia ser abstinência total ou parcial (Sl 35.13; Dn 10.3). O jejum acompanhava o luto pelos mortos, e em casos de grande tristeza durava sete dias (1 Sm 31.13). Também se jejuava para obter a atenção de Deus quando a pessoa sofria por motivo de doença. O filho ilegítimo de Davi com Bate-Seba esteve gravemente doente, por isso Davi jejuou e pranteou por muitos dias (2 Sm 12.16 e ss.). Ao sétimo dia Davi soube que a criança morrera; ele então levantou-se, lavou-se, ungiu-se e trocou de roupas. pois percebeu que agora que a criança estava morta ele não alcançaria mais o seu intento (2 Sm 12.20-23).

O jejum também era praticado quando se tinha de tomar uma decisão difícil. Ester, planejando conseguir o favor do rei e reverter o decreto de Hamã, colocou-se debaixo da misericórdia e da possível ira do rei, o que poderia resultar em sua morte. Por isso, ela solicitou que todos os judeus jejuassem e suplicassem a Deus em favor da sua missão (Et 4.16). Neemias jejuou ao saber da triste condição de Jerusalém (Ne 1.4) e então passou a agir para consertar a situação. Aparentemente, antes de alguém ser apedrejado por blasfemia, o povo lamentava com jejum o pecado e a execução que se avizinhava (1 Rs 21.9, 12). O jejum também pode ser feito ao se saber do pecado de alguém. Quando Elias condenou Acabe pela morte de Nabote, ele lamentou vestido de pano de sacos e jejuou. Deus teve misericórdia de Acabe e adiou o castigo sobre sua casa (1 Rs 21.27 e ss.).

Um indivíduo podia interceder com súplicas e jejum em favor de toda uma nação. Daniel confessou o seu pecado e os do seu povo, que eram a causa de terem sido levados para o cativeiro (Dn 9.3-19). Gabriel respondeu à oração de Daniel, assegurando-lhe o fim do cativeiro e prometendo-lhe o estabelecimento de uma nova aliança (Dn 9.22-27).

Convocava-se a nação a jejuar nas épocas das piores crises, tais como em tempos de pragas, de ameaça militar ou da morte de um rei. Josafá proclamou jejum porque os reis de Moabe e Amom estavam planejando um ataque contra Judá. O povo reuniu-se em Jerusalém. Josafá conduziu a assembléia em oração. Então Jaaziel, um levita, inspirado pelo Espírito do Senhor, anunciou a certeza de salvação. Seguiram-se orações e louvores vibrantes. Depois disso Josafá conduziu o exército ao combate, mas Iavé já desbaratara os inimigos; o exército só tinha de apanhar os despojos (2 Cr 20.1-29). Em 604, quando o exército babilônio esteve acampado contra Ascalom, a cerca de três dias de marcha de Jerusalém, o rei Jeoaquim proclamou jejum. Jeremias aproveitou a ocasião para Baruque ler as profecias de Jeremias perante o povo junto à Porta Nova do templo (Jr 36.1-10). Jeremias queria que o povo, deixando de lado uma manifestação exterior de contrição, partisse para um arrependimento verdadeiro. Em outra oportunidade, Joel previu a vinda do dia de Iavé; por isso ele exortou o povo a santificar um jejum e a convocar uma assembléia solene (Jl 1.14; 2.15). Ele proclamou que, se o povo se arrependesse de verdade com lamento e jejum, então Deus seria gracioso e adiaria o dia do juízo (Jl 2.12-14). O caso de Nínive mostra o desejo divino de oferecer misericórdia e não de impor o juízo. Ao ouvir a proclamação do juízo por Jonas, os ninivitas proclamaram um jejum e se arrependeram. Com isso adiaram por algum tempo o dia de juízo (Jn 3.5-10).

Certos dias do calendário eram consagrados a um jejum nacional, dos quais o mais destacado era o Dia da Expiação (Lv 16.29, 31; 23.27-32; o jejum está indicado na expressão *'nh npsh*, "afligir a alma"). Parece que o número de tais dias cresceu no período pós-exílico. Zacarias 8.19 relaciona quatro dias de jejum durante o ano. Um dia de jejum precede a celebração de Purim (Et 9.31). A época do NT os piedosos jejuavam semanalmente às segundas e quintas-feiras (cf. Lc 18.12).

O jejum em si não fazia com que Iavé se voltasse para o seu povo. Ele não se deixava aplacar simplesmente pelas aflições do corpo. Um jejum verdadeiro deveria indicar que as pessoas estavam buscando seriamente a justiça, o que incluía cuidar dos pobres e necessitados (Is 58; cf. Jr 14.12; Zc 7.5). No entanto, quando o Senhor trouxer derradeiramente a salvação ao seu povo, os meses de jejum serão transformados em festas de alegria e regozijo (Zc 8.19).

Bibliografia: — GUTHRIE, Jr. H. H. Fast, fasting. In: *IDB*. v. 2, p. 241-4. — LEWIS, J. P. Fast, fasting. In: *ZPEB*. v. 2, p. 501-4. — *TDNT*. v. 4, p. 927-31. — *THAT*. v. 2, p. 536-7.

J.E.H.

1891 צוּע (*tsw'*). **Aceita como raiz de:**

1891a צְעָצְעִים (*tsa'ătsu'im*) ***objetos feitos, imagens*** (2 Cr 3.10, somente).

1892 צוּף (*tsûp*) ***escorrer, transbordar*** (Lm 3.54; Dt 11.4).

Termos Derivados

1892a צוּף (*tsûp*) ***favo*** (Pv 16.24; Sl 19.11).

1892b צְפָה (*tsăpâ*) ***transbordamento*** (Ez 32.6).

1893 צוּץ (*tsûts*) ***I, florescer; brilhar, faiscar.***

Termo Derivado

1893a צִיץ (*tsîts*) ***flor, lâmina.***

O verbo *tsûts* refere-se ao crescimento de plantas e ao refulgir de uma coroa. A coroa do governante de Sião refletirá luz, em contraste com a vergonha com que seus inimigos serão vestidos. A injustiça também pode florescer, mas Deus vem para destruí-la no dia do juízo (Ez 7.10).

tsîts. ***Flor, lâmina.*** Dentro do templo construído por Salomão, o cedro foi talhado na forma de colocíntidas e flores abertas (1 Rs 6.18). Na parede também havia figuras esculpidas de querubins, palmeiras e flores abertas (6.29). Semelhantemente entalhadas eram as duas portas de oliveira que conduziam ao santuário interior (6.32) e as portas dobráveis de abeto ou cipreste que levavam até a nave (6.34 e s.).

tsîts também designa a lâmina de ouro puro em que estava gravada a expressão "Santo ao Senhor" e que era colocada numa renda azul e posta como um diadema sagrado

no turbante do sumo sacerdote (Êx 28.36 e s., IBB; 39.30). Dessa maneira Arão carregava sobre si a iniqüidade das ofertas sagradas a fim de que fossem aceitas diante de Iavé (Êx 28.38).

Durante a peregrinação no deserto as tribos contestaram a função sacerdotal da casa de Arão (Nm 17.1-11 [16-26]). A contestação foi resolvida quando cada tribo colocou sua vara diante do testemunho na tenda da congregação. Deus demonstrou em definitivo que apenas a casa de Arão fora escolhida para o sacerdócio, pois somente a vara de Arão brotara, florira e dera amêndoas maduras (Nm 17.8 [23]).

A duração da vida humana é comparada à flor que desabrocha no campo, a qual logo se vai e murcha quando nela sopra o vento (SI 103.15 e s., cf. SI 90.5 e s.; Jó 14.1 e s.). Em Isaías a flor que murcha é contrastada com a palavra duradoura de Deus (Is 40.6 e ss). Os ímpios também, por uma temporada, podem prosperar abundantemente e experimentar um esplendor imponente, mas, embora vicejem como a erva que brota, estão fadados à destruição eterna (SI 92.7 [8]). Semelhantemente a flor de Efraim, i.e., a sua gloriosa formosura, murchará e será destruída diante da impetuosa ira de Iavé, ou seja, seus ricos vales serão pisoteados (Is 28.1-4). Em contraste, durante o reinado do rei justo, homens florescerão nas cidades (SI 72.16). Israel também florescerá abundantemente e encherá a terra toda com suas colheitas (Is 27.6). Suas ricas colheitas facilmente sustentarão as pessoas.

J.E.H.

1894 *צוּץ (*tsûts*) ***II, fitar, espreitar.*** Ocorre somente no hifil, em Cantares 2.9.

1895 *צוּק (*tsûq*) ***I, constranger, apertar, oprimir.*** Ocorre somente no hifil.

Termos Derivados

1895a צוֹק (*tsôq*) ***constrangimento, aflição.*** Ocorre somente em Daniel 9.25.
1895b צוּקָה (*tsûqâ*) ***aflição, pressão.***
1895c מוּצָק (*mûtsāq*) ***constrangimento, aflição.***
1895d מָצוֹק (*mātsôq*) ***dificuldades, aflição.***
1895e מְצוּקָה (*m'tsûqâ*) ***aflição.***

tsûq refere-se a uma forte motivação íntima ou a uma grande pressão externa. Eliú assim descreve a forte inclinação que sentia de falar a Jó e seus consoladores: "o meu espírito me constrange" (Jó 32.18). Sansão por duas vezes cedeu à pressão externa feita por duas filistéias que o importunaram (Jz 14.17; 16.16). O vocábulo abrange a aflição criada por um inimigo que sitia um povo. O inimigo pode ser chamado de "aquele que causa aflição" (lit., Is 51.13; ARA, "tirano").

Deus pode afligir o seu povo numa tentativa de levá-los ao arrependimento e à salvação (Is 29.2). A pior maldição do juízo que Deus traz contra seu povo desobediente é a aflição do cerco e do cativeiro. A aflição será tão dura que os moradores até mesmo comerão seus filhos (Dt 28.53, 55, 57; Jr 19.9 [*mātsôq*]). Isaías anuncia que nessa ocasião Israel infelizmente deixará de buscar consolo no Deus Criador e, em vez disso, continuará

a temer o opressor destruidor (Is 51.13). Mas, felizmente, Deus é capaz de conceder alívio ao seu povo (Is 51.14).

O Dia do Senhor é descrito como um dia de grande "angústia" (*mᶜtsûqâ*, ARA), alvoroço e escuridade (Sf 1.15). Será um tempo de densas trevas, mas nessas trevas jorrará a luz que vem do próprio Deus ao intervir na história humana por intermédio do seu Messias (Is 8.22-9.2 [8.22-9.1]).

J.E.H.

1896 צוּק (*tsûq*) ***II, derramar, fundir.*** Provavelmente uma variante de *yātsaq*.

Termo Derivado

1896a מְצוּקָה (*mātsûq*) ***base fundida, coluna.***

A engenhosidade humana se vê nas grandes e variadas habilidades técnicas do homem. Conforme o assinala Jó, uma dessas habilidades é a sua capacidade de extrair da terra minerais preciosos (Jó 28.1-4); ele descobriu como fundir o minério de cobre (v. 2). Mas a verdadeira sabedoria supera em muito essas habilidades e não pode ser adquirida (Jó 28.12-19). Ela pertence exclusivamente a Deus e é descoberta pelo homem quando ele teme a Iavé (Jó 28.23-28). Em Jó 29, Jó descreve as honras e bênçãos que experimentou antes de sua grande provação. Uma bênção foi que a rocha verteu azeite para ele (v. 6). A abundância de azeite para ungir o corpo era privilégio dos ricos. (Quanto a essas duas passagens, Dhorme sustenta que *yātsûq* é particípio passivo do qal de *yātsaq*, "duro".) Isaías 26.16 também é uma passagem difícil; *tsāqûn* é emendado de diversas maneiras. Mas 1QIsᵃ registra da mesma maneira, e E. J. Young sustenta que a raiz da palavra é *tsûq*. A passagem descreve a aflição do povo de Deus durante uma época de castigo. O povo derrama o coração em oração, mas está tão oprimido que fala apenas em cochicho (Is 26.16).

mātsûq. ***Base fundida, coluna.*** 1 Samuel 2.8 afirma que Deus possui as colunas da terra, portanto ele tem o controle de tudo que acontece na terra. A palavra também descreve um penhasco rochoso perto de Micmás, que muito provavelmente tinha a forma de uma coluna (1 Sm 14.5).

Bibliografia: — DHORME, E. *Job*. Londres, Thomas Nelson, 1967. — YOUNG, Edward J. *The book of Isaiah*. v. 2. Eerdmans, 1969.

J.E.H.

1897 צוּר (*tswr*). **I. Aceita como raiz de:**

1897a צוָּאר (*tsawwā'r*) ***pescoço.***

1897b צְוָרוֹן (*tsawwārôn*) ***colar*** (Ct 4.9).

tsawwā'r. ***Pescoço.*** (Em Jó 15.26, a ARA emenda para "obstinadamente"). A proeminência do pescoço faz dele o lugar para se colocarem jóias (Gn 41.42; Ct 1.10). O trabalho árduo pode ser descrito em termos de "pôr o pescoço a trabalhar" (lit., Ne 3.5). Descreve-se a total sujeição de um inimigo como o colocar o pé sobre o pescoço de um

inimigo prostrado, como, por exemplo, no tratamento dispensado por Josué aos cinco reis do sul de Canaã (Js 10.24). O doce sentimento de reencontro é expresso pelo abraço e pelo choro ao pescoço (Gn 33.4; 45.14). Em contraste, o orgulhoso pode expressar sua arrogância com o empinamento do pescoço (Sl 75.5 [6]; cf. Jó 15.26, em que "cerviz" [IBB] tem a conotação de força e arrogância).

O pescoço é considerado um lugar de força, sem dúvida alguma porque os animais são arreados para o trabalho com um jugo posto sobre o pescoço. Tanto o cavalo quanto o "leviatã" (IBB; ARA, "crocodilo") possuem grande força no pescoço (Jó 39.19; 41.1, 22 [14]). Quando um povo se submete à autoridade de uma nação mais poderosa, é descrito como o povo que carrega um jugo, um símbolo da aliança de suserania (Jr 27.8, 12; 28.14). Deus e seu povo estão presos a tal jugo. Inicialmente Deus, em sua bondade, poupou Efraim de ser submetido ao jugo, mas, por causa de sua rebelião, Efraim teve de se submeter (Os 10.11; cf. Mq 2.3). Lamentações expressa-o da seguinte maneira: "O jugo das minhas transgressões está atado pela sua mão; elas estão entretecidas, subiram sobre o meu pescoço" (1.14; cf. 5.5). Em contraste, o libertar-se de um governo estrangeiro é descrito como a quebra de um jugo. Deus prometeu quebrar o jugo do cativeiro babilônico (Jr 30.8; cf. Is 10.27; Gn 27.40). Semelhantemente, num antegozo do grande livramento que o servo sofredor haveria de conquistar, Isaías exortou: "levanta-te..., ó Jerusalém; solta-te das cadeias de teu pescoço" (52.2).

J.E.H.

1898 צוּר (*tsûr*) ***II, atar, sitiar.***

Termos Derivados

1898a מָצוֹר (*mātsôr*) ***cerco, trincheira.***

1898b מְצוּרָה (*m'tsûrâ*) ***fortaleza.***

Essa raiz tem o sentido de dar segurança a um objeto valioso, tal como dinheiro (2 Rs 5.23), sendo semelhante a *tsārar* I (q.v.). Aplicado à ação militar, significa atacar incansavelmente a fortaleza inimiga. Faziam-se todos os esforços para cortar as linhas de suprimentos (especialmente água, cf. 2 Sm 12.27) que chegavam à cidade e para evitar que as pessoas escapassem. As táticas incluíam fazer um aterro para chegar ao muro e empregar aríetes e torres para romper o muro (cf. 2 Sm 20.15; Ez 26.8 e s.). Os moradores de uma cidade sitiada sofriam a ameaça tanto da espada quanto da fome, por esse motivo alguns se rendiam ao inimigo para sair com vida (Jr 21.9). Sob essas condições a disciplina era mínima, e a tensão dentro da cidade aumentava à medida que disparavam os preços de qualquer coisa parecida com comida (2 Rs 6.25). Os assírios levaram três anos para capturar Samaria (2 Rs 17.5). Às vezes os exércitos, vitoriosos no campo de batalha, eram incapazes de tomar uma fortaleza (2 Rs 16.5).

A lei proibia que Israel, enquanto sitiava uma cidade, destruísse as árvores frutíferas (Dt 20.19 e s.).

mātsôr. ***Cerco, baluarte, defesa, sitiado.***

m^etsûrâ. ***Fortaleza, cercado.*** Esses substantivos, que também podem ser usados como adjetivo, referem-se ao cerco em si ou a fortificações tanto defensivas quanto ofensivas. O salmista emprega a imagem de uma cidade sitiada para descrever a imensa bênção que o Senhor lhe concedera ao manifestar seu amor imutável de tal forma que se levantou o cerco representado por suas dificuldades (Sl 31.21 [22]).

Metaforicamente esse verbo expressa o esforço total de Deus de confrontar o salmista de todos os lados, não lhe restando nenhum lugar para fugir da presença divina (Sl 139.5). Em Cantares 8.9 o vocábulo se refere figuradamente à defesa que uma jovem deve levantar para manter-se moralmente segura.

As cidades muradas eram um fator importante nas guerras travadas na antigüidade. Os muros eram uma proteção bem-vinda, e a população dos arredores se apinhava nas cidades em épocas de ataque. Mas, caso o cerco não fosse logo levantado, os muros tornavam-se uma armadilha, e o povo passava por um duro sofrimento. A prática usual — até a Idade Média — era oferecer anistia a uma cidade sitiada. Caso rejeitada a anistia, todos os moradores estavam sujeitos a ser mortos se e quando a cidade caísse. Esse tipo de guerra total levava muitas cidades a se render para não enfrentar a destruição. (Cf. a disposição dos homens de Jabes-Gileade de se entregar, 1 Sm 11.3.) Israel deveria acolher este conceito de guerra total na conquista da Palestina (Dt 20.16-18). Mas o indivíduo israelita não podia lucrar com a pilhagem — tudo era consagrado ao Senhor (Js 6.24). Entretanto, em guerras fora da terra, Israel devia oferecer anistia e, caso esta fosse rejeitada, não deveria matar os não-combatentes (Dt 20.12-15).

O castigo por quebrar a aliança de Deus era que o próprio Israel seria sitiado e experimentaria enormes dificuldades (Dt 28.47-57; Is 29.1-4; Jr 19.8 e s.).

Bibliografia: — YADIN, Yigael. *The art of warfare in Biblical lands*. v. 1 e 2. McGraw Hill, 1963.

J.E.H.

1899 צוּר (*tsûr*) ***III, ser hostil com, ser adversário, oprimir.***

Essa raiz descreve o ato de incitar alguém a se envolver num conflito ou combate (cf. Jz 9.31). Israel não devia provocar Amom ou Moabe à guerra, pois Deus não dera a Israel pedaço algum das terras daqueles dois países (Dt 2.9, 19). De outro lado, Deus prometeu a seu povo que, se fosse obediente, todo aquele que com ele fosse hostil experimentaria a hostilidade divina (Êx 23.22). Esse verbo tem sentido semelhante ao de *tsārar* II, do qual provavelmente é uma variante.

J.E.H.

1900 צוּר (*tsûr*) ***IV, formar, moldar.*** Possivelmente uma variante de *yātsar*.

Termos Derivados

1900a צוּרָה (*tsûrâ*) ***formato, modo.***

1900b צִיר (*tsîr*) ***imagem*** (Is 45.16; Sl 49.5).

1901 צוּר (*tswr*)

"Formar" diz respeito à confecção de um objeto de acordo com um certo modelo, especialmente um metal que pode ser modelado. Hirão fundiu duas colunas de bronze para o templo (1 Rs 7.15). No Monte Sinai, com o emprego de um instrumento de talhar, do ouro Arão modelou o bezerro (Êx 32.4). É objeto de debates o texto de Jeremias 1.5, em que Deus afirma que formou Jeremias no ventre; o *ketîb* favorece *tsûr* como a raiz do verbo ali existente, e o *qerê*, *yātsar*; no entanto, dados provenientes dos MMM favorecem a possibilidade de um *wāw* estar no lugar de um *qāmets hātûph*; nesse caso o *ketîb* e o *qerê* procedem de *yātsar*.

tsûrâ. ***Formato.*** Quatro vezes em Ezequiel 43.11 (três vezes a ARA [que traduz por "planta"] emenda a passagem com base no texto grego). O vocábulo refere-se ao formato do templo. Seu formato é cuidadosamente descrito porque Deus deseja que o povo cuide para que os objetos se conformem exatamente à sua descrição. Conquanto o texto seja difícil em Salmos 49.14 [15], "formato" (ARA, "formosura"; cf. BJ) muito provavelmente se refere à substância que sobrevive ao cadáver e é consumida no Sheol (mas veja-se *sh'ôl*).

Bibliografia: — BRIGGS, Charles, & Emilie BRIGGS. *The book of Psalms*. In: *ICC*.

J.E.H.

1901 צוּר (*tswr*). **V. Aceita como raiz de:**

1901a צוּרָה (*tsûr*) ***rocha.***

tsûr aparece cerca de 75 vezes. A palavra "rocha" designa matacães ou formações de pedra e também o material de que são feitas as montanhas (Jó 14.18, em que "rocha" é paralelo de "monte"). "Rocha" pode servir de topônimo, por exemplo, "Rocha das Cabras Monteses" (1 Sm 24.2 [3], BJ; cf. Jz 7.25; 2 Sm 2.16). As rochas podem abrigar surpresas agradáveis para o homem, tais como mel silvestre (Sl 81.16 [17]) e jóias preciosas (Jó 28.10). As rochas proporcionam refúgio, mas no dia do juízo as pessoas buscarão refúgio em vão nas cavernas das rochas (Is 2.19 e ss.). Pessoas gravavam desenhos e escritos acerca de todos os aspectos da vida em várias formações rochosas. Tais escritos em pedra permanecem para sempre (Jó 19.24).

A rocha, por sua imponência e dureza, permite muitos usos metafóricos. Aqueles que confiadamente ocupam suas moradias de modo que um inimigo não os derrote são chamados de "rocha" (Jr 21.13). Os deuses das nações são chamados de rocha (Dt 32.31, 37); são-lhes atribuídas as qualidades de força e confiabilidade. É possível que em alguns lugares as Escrituras estejam fazendo um jogo de palavras pelo fato de que alguns desses ídolos não passavam de estátuas esculpidas em pedra. Israel, indócil e errante, chegou ao ponto de afirmar que uma pedra (*'eben*) deu-o à luz (Jr 2.27).

Albright, que prefere a tradução "monte", afirma que *tsûr* era um nome comum para designar divindades na Síria e na Anatólia e é um antigo apelativo (*AYGC*, p. 24, 188 e s.). Ele acertadamente acrescenta que esses apelativos foram usados pelos israelitas, sem que junto com isso recebessem também as divindades pagãs a quem as palavras eram aplicadas pelas nações ao redor.

O próprio Iavé é muitas vezes chamado de "Rocha"; 1 Samuel 2.2 diz: "Rocha não há, nenhuma, como o nosso Deus". Iavé é uma Rocha, não sendo representado como um ídolo esculpido em pedra, mas indicando que se pode confiar plenamente nele. Ele é uma fonte

segura de força e permanece por todas as gerações. Nele não se vê injustiça; é totalmente justo e reto (Dt 32.4; Sl 92.15 [16]). Deus é Rocha de salvação (Dt 32.15; Sl 89.26 [27]). Ele é um forte refúgio em que seu povo pode se abrigar de qualquer dificuldade (cf. Sl 94.22). Na aflição os salmistas clamam a Iavé para poderem experimentar a segurança de inabalável solidez (Sl 27.5; 28.1). Por conseguinte, *tsûr* aparece em nomes teofóricos: Zuriel (Nm 3.35, "minha Rocha é *'ēl* [isto é, Deus]", Zurisadai (Nm 1.6, "minha Rocha é *shadday* [isto é, o Todo-poderoso]". O homem que depende de Deus como a sua Rocha não será muito abalado (Sl 62.2, 6, 7 [3, 7, 8]). Quando os israelitas se extraviam, Isaías exorta-os a "olhar para a rocha de que foram cortados" (Is 51.1). É possível que ele esteja fazendo alusão a Deuteronômio 32.4. Iavé deu à luz Israel por meio da fé que Abraão tinha nele. Isaías estimula o povo a confiar em Iavé; como conseqüência disso, ele experimentará paz perfeita (Is 26.4 e s.). A palavra "rocha" possui uma conotação de qualidade de força que se aplica não apenas à defesa, mas também à liderança agressiva em combate (Sl 18.31-48 [32-49]; 144.1). A qualidade de solidez real dá a Habacuque a certeza de que Iavé levará os ímpios a juízo (Hc 1.12). A capacidade de Iavé de, como Rocha, proteger e ajudar seu povo distingue-o como a única Rocha verdadeira (2 Sm 22.32; Is 44.8).

O Messias é chamado de "rocha de ofensa" (Is 8.14). Ele não pode ser desconsiderado; todos os que entram em contato com ele tomam consciência de seus pecados e da incompreensão acerca da maneira divina de conceder salvação. Alguns tropeçam e, arrependidos, se quebrantam; outros caem e são esmagados pela própria rocha (cf. Mt 21.42 e ss.; Rm 9.32 e s.; 1 Pe 2.8).

No deserto Moisés feriu a rocha, e dela jorrou água para saciar a sede do povo (Êx 17.6; Dt 8.15; Sl 78.15, 20; 105.41; 114.8; Is 48.21). Paulo identifica essa rocha como um tipo de Jesus (1 Co 10.4).

Bibliografia: — BOSTON, James R. *The song of Moses; Deut 32:1-43*. Ann Arbor, University Microfilms, 1967. — *THAT*. v. 2, p. 538-42.

J.E.H.

צַוָּרוֹן (*tsawwārôn*). Veja o nº 1897b.

צה (*tsah*). Veja o nº 1903a.

1902 צחה (*tshh*). Aceita como raiz de:

1902a צחה (*tsiheh*) ***ressecado*** (Is 5.13).

1903 צָחַח (*tsāhah*) ***ser ofuscante.*** Ocorre somente em Lamentações 4.7.

Termos Derivados

1903a צָח (*tsah*) ***ofuscante, incandescente, claro*** (Is 18.4; Jr 4.11).

1903b צָחִיח (*tsāhîah*) ***brilhante, ofuscante*** (Ez 24.7-8; 26.4, 14; Ne 4.7).

1903c צְחִיחָה (*ts'hîhâ*) ***terra ressequida*** (Sl 68.7).

1903d צַחְצָחָה (*tsahtsāhâ*) ***região ressequida*** (Is 58.11).

1904 צחן (*tshn*)

צחיח (*tsāhîah*). Veja o nº 1903b.

1904 צחן (*tshn*). **Aceita como raiz de:**

1904a צחנה (*tsahănâ*) ***mau cheiro*** (Jl 2.20).

צחצחה (*tsahtsāhâ*). Veja o nº 1903d.

1905 צָחַק (*tsāhaq*) ***rir*** (qal); ***divertir-se, caçoar*** (piel).

Termos Derivados

1905a †צחק (*tsʿhōq*) ***risada, motivo de riso.***

1905b †יצחק (*yitshāq*) ***Isaque.***

1905c †שָׂחַק (*śāhaq*). Forma alternativa de *tsāhaq*.

1905d שחק (*sʿhōq*). Forma alternativa de *tsʿhoq*.

1905e יִשְׂחָק (*yiśhāq*). Forma alternativa de *yitshāq*.

1905f משחק (*miśhāq*) ***objeto de escárnio*** (Hc 1.10).

O grau simples (qal) de *tsāhaq* transmite a idéia de "rir", seja de alegria, seja de incredulidade. O grau intensivo piel tem a conotação positiva de "divertir-se" e "brincar" e a negativa de "zombar" e "escarnecer". *tsāhaq* é cognato do ugarítico *tshq*, "rir". Das 13 ocorrências do verbo, uma se encontra em Juízes e as demais no Pentateuco (11 em Gênesis). Em documentos de períodos posteriores, o verbo empregado para "rir" é *sāhaq*.

As 36 ocorrências de *sāhaq* trazem sentidos paralelos aos de *tsāhaq*, havendo, no qal, as idéias adicionais de "rir por alcançar ou conquistar algo", "sorrir" e "ridicularizar" (especialmente com o emprego das preposições *ʿal*, "sobre", e *lʿ*, "acerca de"). No piel designa a ação de tocar instrumentos musicais ou de regozijar-se. No hifil o verbo com o sentido de "rir para zombar" é forma alternativa de *tsʿhōq* (cf. *mishaq*, Hc 1.10, "objeto de riso"), acrescentando-se a isso conotações de "brincar" e "divertir-se".

tsahāq aparece pela primeira vez no grau qal, descrevendo as reações do patriarca Abraão (Gn 17.17) e de sua esposa Sara (18.12-13), que riram incredulamente quando Deus lhes prometeu um filho. Mas a promessa se cumpriu, e Sara exclamou "Deus me 'deu motivo de riso' [*tsʿhōq*], e todo aquele que ouvir isso, vai 'rir-se juntamente comigo' [*yitshaq-lî*]" (21.6; *KB*, p. 800); cf. o nome da criança: *yitshāq*, "Isaque".

Na literatura salomônica de sabedoria o verbo *sāhaq* designa o oposto de "chorar" (Ec 3.4). Jó sorria (*Job*, *AB*, p. 187) diante de seus empregados (Jó 29.24). A mulher competente e virtuosa consegue viver sem preocupações e "ri-se do dia futuro" (Pv 31.25).

O qal de *sāhaq* também tem um uso negativo. Jovens riem de Jó (Jó 30.1). Embora o justo possa rir em face da destruição (5.22), o mesmo podem fazê-lo os caldeus em face do desamparo de seus adversários (Hc 1.10) ou com a queda de Jerusalém (Lm 1.7). Metaforicamente a avestruz ri do cavaleiro, pois consegue vencê-lo na corrida (Jó 39.18); jumentos selvagens riem de cidades (v. 7); o cavalo de guerra ri por medo (v. 22); e leviatã, o crocodilo, ri das armas humanas (41.29 [21]). Deus ri (*sāhaq*) de pecadores

rebeldes (Sl 2.4; 37.13; 59.8 [9]); da mesma forma procede a Sabedoria divina (Pv 1.26); assim também pode agir o justo (Sl 52.6 [8]). Semelhantemente o piel de *sāḥāq* representa a acusação, feita pela mulher de Potifar contra José, de que "trouxe-nos meu marido este hebreu para insultar-nos" (Gn 39.14, 17; veja-se *Genesis*, *ICC*, p. 458, que interpreta eufemisticamente a frase, assim como se usa hoje em dia a expressão "fazer amor com (alguém)" *Genesis*, *AB*, p. 202-3). Sara insiste que Ismael seja mandado embora porque ele "caçoava de" Isaque (Gn 21.9). A IBB traduz irrelevantemente este particípio por "brincando". Contudo, à luz de Gálatas 4.29, que menciona Ismael perseguindo Isaque, a ARA prefere o verbo "caçoar". Observe-se que o hifil de *sāḥaq* (2 Cr 30.10) descreve o caçoar (ARA, "riram-se") com que os israelitas do reino do Norte recebem o convite de Ezequias para participarem da páscoa em Jerusalém.

De outro lado, o piel de *tsāḥaq* avança na direção de conceitos mais positivos. Sansão foi convocado pelos cruéis filisteus a diverti-los (Jz 16.25; ARA, "para que nos 'divirta'"). No Sinai, os infiéis israelitas levantaram-se para "divertir-se" (Êx 32.6). Jeremias fez pouco caso da companhia "dos que se alegram" (Jr 15.17, como também em 1 Rs 4.20). Quando Ló advertiu seus genros acerca da iminente destruição de Sodoma (Gn 19.14), pareceu a eles não que ele estava "zombando" (IBB) mas que simplesmente "gracejava" (ARA; cf. Pv 26.19). Isaque foi visto "divertindo-se com sua mulher, Rebeca" (Gn 26.8; ARA, "acariciava"; IBB, "brincando"; *ICC*, *Genesis*, p. 364, "trocando carícias íntimas"). O piel de *sāḥaq* descreve crianças brincando (Zc 8.5; cf. Jó 41.5 [40.29]) ou mesmo as criaturas selvagens criadas por Deus se divertindo nas montanhas (Jó 40.20, BJ; ARA, "folgam") e no oceano (SI 104.26). Pode ter o sentido de combater (2 Sm 2.14; *KB*, p. 918), tocar tamborins e dançar (1 Sm 18.6-7) ou comemorar (2 Sm 6.5, 21) a restauração da arca. Acima de tudo, a sabedoria pessoal de Deus (cf. a descrição de Jesus em 1 Co 1.24) regozija-se diante de Deus Pai e deleita-se com os homens sobre a terra (Pv 8.30-31).

ts^{e}hōq. ***Risada, motivo de riso.*** (Cf. *KB*, p. 918.) Festas são feitas para *s^{e}hōq* (Ec 10.19), e o riso é uma dádiva de Deus (Jó 8.21; Sl 126.2). No entanto, a maldade é "divertimento" para o insensato, é como uma brincadeira (Pv 10.23). A risada dos insensatos é vaidade (Ec 7.6), ao passo que a tristeza pode levar à sabedoria melhor (v. 3). Com sua queda, Judá tornou-se *ts^{e}hōq*, motivo de "riso" (Ez 23.32; cf. Lm 3.14; o mesmo acontece com Moabe, em Jr 48.26, 39). Duas vezes num único versículo Jó se queixa de que se tornara motivo de piada para seus amigos (Jó 12.4, ARA, "irrisão"; cf. Jr 20.7).

yitsḥāq. ***Isaque.*** Conquanto o nome *yitsḥāq*, "Isaque" (lit., "ele ri"; Gn 17.19) tenha surgido da incredulidade de Abraão (*wayyitsḥāq*, v. 17), ainda poderia se tornar um símbolo de bênção (21.6) e, por fim, uma maneira de identificar toda a nação de Israel (Am 7.9, 16).

śāḥaq. Uma forma alternativa de *tsaḥaq*. Ambas aparecem em Juízes 16.25. A forma *śaḥaq* tornou-se usual depois da época de Davi (por conseguinte vê-se até mesmo *yiśḥaq* em lugar de *yitshaq*, Sl 105.9; Am 7.9, 16; Jr 33.26).

Bibliografia: — BEAUCHAMP, Paul. Laughter. In: *DBT*. p. 263. — LEUPOLD, H. C. *Exposition of Genesis*. Baker, 1958. p. 599-601.

J.B.P.

1906 צחר (*tsḥr*)

1906 צחר (*tsḥr*). **Aceita como raiz de:**

1906a צחר (*tsaḥar*) ***cinza avermelhado, castanho amarelado*** (Ez 27.18).

1906b צחר (*tsāḥōr*) ***castanho amarelado*** (Jz 5.10).

1907 צי (*tsî*) ***I, navio.*** Um empréstimo lingüístico do egípcio.

1908 צי (*tsî*) ***II, animal selvagem, habitante do deserto*** (Is 13.21; Jr 50.39).

צַיִד (*tsayid*). Veja os n.ºs 1885a, 1886a.

צֵיד (*tsîd*). Veja o n.º 1886c.

צַיָּד (*tsayyād*). Veja o n.º 1885b.

1909 ציה (*tsyh*), צוה (*tswh*). **Aceita como raiz de:**

1909a צִיָּה (*tsîyâ*) ***secura, seca*** (Os 2.5; Sl 105.41).

1909b צִיּוֹן (*tsāyôn*) ***secura, terra ressequida.***

1910 ציון (*tsiyôn*) ***Sião.***

Possivelmente o vocábulo tem relação com o árabe *tsâna*, da raiz *ts-w-n*, que significa "proteger", "defender"; por conseguinte *tsîyôn* pode ter tido o sentido de "lugar de defesa", "fortaleza". Outros são da opinião de que o vocábulo deriva da raiz *tsāhâ*, "ser calvo"; cf. a grafia siríaca deste nome, *tsehyôn*.

Sião é a elevação fortificada entre os vales do Cedrom e do Tiropoeon, a qual Davi capturou, tomando-a dos jebuseus (2 Sm 5.7). Subseqüentemente, tornou-se conhecida como a cidade de Davi. Com a construção do templo, ao norte, mais tarde aquele outeiro tornou-se conhecido como monte Sião. Sião pode até mesmo referir-se especificamente aos arredores do templo ou de uma forma mais geral à própria Jerusalém; às vezes inclui a nação toda, a própria comunidade da aliança (Is 1.27; Sl 97.8). "Sião" aparece freqüentemente em Salmos e Lamentações. Raramente refere-se à capital política de Judá, mas, com elevada freqüência, designa a cidade de Deus na era vindoura.

Desde a época em que Salomão construiu o templo, Sião tornou-se o centro da atividade de Iavé. Iavé identificou-se como aquele "que habita no monte de Sião" (Is 8.18). Lá ele dá início à sua obra de salvação e também principia seu juízo contra o pecado (Am 1.2).

Sião aparece freqüentemente em passagens poéticas, referindo-se à área do templo onde habita Iavé. Salmos 48 louva bastante o monte Sião. Ele é chamado de "a alegria de toda a terra" e de "a cidade do grande Rei" (v. 2 [3]). Também se diz que está localizado "no longínquo Norte" (BJ, v. 2 [3], mas cf. PIB). Na religião cananéia acreditava-se que os deuses se reuniam em assembléia no longínquo norte. Por isso o salmista está empregando linguagem poética para mostrar que Sião é o centro religioso não apenas para Israel, mas para o mundo inteiro. Visto que a cidade de Iavé está no mesmo lugar da assembléia dos deuses, isso quer dizer que esses deuses não possuem existência alguma nem poder algum fora de Iavé. Parece que Ezequiel até mesmo se refere a Sião

como o "umbigo" do mundo, o lugar onde Deus sustenta este planeta (38.12, embora *'erets* talvez se refira aqui apenas à terra da Palestina). A santidade do monte não é resultado de sua localização, mas exclusivamente do fato de que Iavé escolheu habitar lá. O fator crucial de distinção entre idéias míticas e as expressões bíblicas acerca de Sião reside no fato de que Sião não foi separada e santificada por ocasião da criação. O monte não possui nenhuma santidade intrínseca. Para o Senhor e para Israel ele se tornou importante apenas por causa da história (cf. Sl 78.68). Foi assim que adquiriu relevância e caráter sagrado. Isso ainda se confirma no fato de que "Sião" não é mencionado no relato da criação nem em outra porção do Pentateuco, exceto que o monte Moriá é especificado como o lugar onde Abraão ofereceu Isaque em sacrifício (Gn 22.2, 14; 2 Cr 3.1); a primeira referência a Sião ocorre em 2 Samuel 5.7.

No entanto, devido à desobediência de Israel, nem mesmo Sião seria poupado; de fato, ele caiu diante dos babilônios em 587/6 a.C. Muitas vezes Lamentações se refere a Sião e à "filha de Sião" para expressar uma imensa tristeza sobre a destruição de Sião (Lm 1.4, 6, 17; *etc.*). No cativeiro o salmista esteve tão abatido que foi incapaz de cantar cânticos de Sião (Sl 137.1 e ss.). Mas mesmo no exílio o povo ainda teve fé e orou a Iavé para que reconstruísse a cidade dele e restaurasse suas fortificações (Sl 102.13, 16 [14, 17]; 69.35 [36]).

Em alguns dos profetas, especialmente Isaías, Jeremias, Joel e Zacarias, Sião aparece como o local central em que Iavé operará os grandes feitos de salvação. Mediante juízo ele purificará o pecado de Sião (Is 4.4), ou seja, a cidade será redimida por meio de justiça e retidão (Is 1.27; 33.5). Deus construirá a cidade ao estabelecer em Sião uma preciosa pedra de esquina (Is 28.16). A glória de Iavé, que esteve presente no êxodo, voltará para proteger dos elementos da natureza os seus moradores (Is 4.5 e s.). À cidade Deus dará firme proteção contra os seus inimigos (Is 33.20). Dos vários lugares em que estiver exilado, o povo de Deus voltará com júbilo e cântico a Sião (Is 35.10; 51.11). Então eles não mais chorarão (Is 30.19). A terra se tornará frutífera e luxuriante como o jardim do Éden (Is 51.3). Essa restauração alcançará todos os povos; nações estrangeiras virão a Sião para adorar (Is 2.3; Mq 4.2). Todas essas mudanças fantásticas em Sião lhe darão o seu novo nome: "Meu prazer está nela" (Is 62.1-5, BJ; ARA, "Minha-delícia"). Mas a maior das diferenças é que naquele dia o próprio Deus reinará ali (Zc 8.3; Is 59.20).

Bibliografia: — FOHRER & LOHSE. Zion—Jerusalem. In: *TDNT*. v. 7, p. 292-338. — PAYNE, J. B. Zion. In: ZPEB. v. 5, p. 1063-6. — ROBERTS, J. J. M. The Davidic origin of the Zion tradition. *JBL* 92:329-44. — *THAT*. v. 2, p. 543-50.

J.E.H.

(*tsîyûn*). Veja o nº 1887a.

צִיֹּן (*tsāyôn*). Veja o nº 1909b.

צִינֹק (*tsînóq*). Veja o nº 1941a.

1911 צִיץ (*tsîts*). Ocorre somente em Jeremias 48.9. Significado incerto.

1912 צִיצִת (*tsitsit*) ***borla, franja, mecha.***

É objeto de debates se *tsîtsit* indica a franja na barra de uma roupa ou uma borla em cada ponta. Snaith é de opinião que os fios eram agrupados e torcidos para formar "uma franja de borlas". Um fio azul devia ser colocado em cada borla. Tradicionalmente eles eram feitos de oito fios em que se davam cinco nós. Essas borlas serviam para lembrar o povo a guardar os mandamentos de Iavé e a não seguir os seus próprios desejos (Nm 15.38 e ss.; cf. Dt 22.12; Mt 9.20; 14.36; 23.5). Para uma fé que se baseia na história de salvação e na lei, a memória é crucial para preservar-lhe a integridade. Também significa "mecha"; numa visão o Espírito transportou Ezequiel a Jerusalém, segurando-o por uma mecha de cabelos (Ez 8.3).

Bibliografia: — DRIVER, S. R. *Deuteronomy*. In: *ICC*. — HAYMAN, H. On the law of fringes in Num and Deut. *BS* 51:705 e ss. — KENNEDY, A. R. S. Fringes. In: *IDB*. p. 68 e ss. — SNAITH, N. H. *Leviticus and Numbers*. In: *New Century Bible*. Attic Press, 1967.

J.E.H.

צִיץ (*tsîts*). Veja o nº 1893a, 1911.

1913 צִיר (*tsyr*). I. Aceita como raiz de:

1913a צִיר (*tsîr*) *I, enviado, mensageiro* (Jr 49.14; Is 18.2).

1914 צִיר (*tsyr*). II. Aceita como raiz de:

1914a צִיר (*tsîr*) *II, suporte de porta, dobradiça* (Pv 26.14).

1914b צִיר (*tsîr*) *III, dor* (Is 13.8; Dn 10.16).

צִיר (*tsîr*). Veja os nºs 1900b, 1913a, 1914a, b.

צֵל (*tsēl*). Veja o nº 1921a.

1915 צָלָה (*tsālâ*) *assar*.

Termo Derivado

1915a צָלִי (*tsālî*) *assado (s. e adj.)*.

Essa raiz aparece nas passagens que dizem respeito ao cordeiro da páscoa, às ofertas desejadas pelos filhos de Eli e à argumentação de Isaías contra a idolatria. O cordeiro da páscoa devia ser assado por inteiro, inclusive a cabeça, pernas e órgãos internos. Não podia ser assado nem comido cru (Êx 12.8 e s.). Assar o cordeiro permitia que ele ficasse inteiramente cozido sem ter de ser previamente partido em pedaços. A integridade do animal como meio de redenção do primogênito era crucial para o significado da cerimônia. Por ser rápido e fácil, assar o animal também coincidia com o tema da pressa. Também consumia a gordura, que, de conformidade com legislação dada posteriormente, era proibida de ser ingerida (Lv 3.17; 7.24 e s.). E talvez antecipasse que o juízo sobre o cordeiro de Deus seria total.

Os filhos de Eli violavam, à vista de todos, os padrões estabelecidos para os sacrifícios a Iavé (1 Sm 2.15; cf. Êx 29.31 e s.; Lv 6.28 e s. [21 e s.]). Sem dúvida alguma desejavam o sabor dado pela gordura.

Isaías ridiculariza a idolatria e, para isso, descreve o processo de fabricar um ídolo. A pessoa derruba uma árvore; com uma parte da madeira faz uma fogueira e assa carne. Está aquecido e de estômago cheio. Com o restante da madeira esculpe um ídolo. Adora-o e ora àquele objeto, dizendo: "Livra-me, porque tu és o meu Deus" (Is 44.17). Faz a oração depois de ter ele próprio satisfeito todas as suas necessidades. Isaías sustenta que tal adoração de ídolos é totalmente absurda.

Bibliografia: — PEDERSEN, Johs. *Israel, its life and culture*. v. 3-4. Londres, Oxford, 1963. — SEGAL, J. B. *The Hebrew passover*. Londres, Oxford, 1963.

J.E.H.

צְלוּל (*tslwl*). Veja o nº 1922a.

1916 צָלַח (*tsālaḥ*) ***apressar-se*** (1 Sm 10.6; Am 5.6).

1917 צָלַח (*tsālēaḥ*) ***II, vencer, ter sucesso, ser útil*** (qal); ***dar bom resultado, experimentar abundância*** (hifil). (Cf. aram. *ts'lah*, "partir totalmente ao meio", "forçar a passagem", "ir bem". O árabe *tsalaha* significa "estar bem", "ser justo".)

A raiz significa alcançar satisfatoriamente aquilo que se pretende. A verdadeira fartura resulta da obra de Deus na vida daquele que busca a Deus de todo o coração (2 Cr 31.21; cf. Js 1.8; Sl 1.3). Conforme 2 Crônicas 26.5, "nos dias em que [Uzias] buscou ao SENHOR, Deus o fez prosperar". José é chamado homem próspero, pois Iavé tornou todos os seus infortúnios em benefício para os filhos de Jacó (Gn 39.2-3, 23). A pessoa devota sinceramente suplica a Deus que lhe conceda sucesso em seu trabalho (Sl 118.25).

O uso do verbo junto com um advérbio de negação descreve a inutilidade de um pano podre (Jr 13.7). Os que se recusam a adorar Iavé estão igualmente podres (Jr 13.10).

Deus expressa seus propósitos por meio de sua palavra. Por esse motivo sua palavra não se revelará vazia, mas prosperará em seu cumprimento (Is 55.11). Deus alcança salvação para o ser humano por meio do sofrimento de seu servo obediente (Is 53). Isaías diz: "a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos" (53.10).

Conquanto a origem do êxito seja apenas a bênção de Deus, muitas vezes parece que os ímpios se saem bem. Essa aparência leva os justos a questionar o envolvimento divino nos negócios humanos (Jr 12.1). Nos últimos dias aqueles que se opõem a Deus prosperarão por algum tempo por meio de astúcia e engano (Dn 8.12, 24 e s.). Mas o seu sucesso será apenas passageiro, pois Deus, para dar vazão à sua indignação, está preparando uma hora de juízo contra todo o mal (Dn 11.36). Deve-se declarar com todas as letras que as conseqüências da transgressão da lei de Deus jamais darão certo (Nm 14.41; cf. a argumentação em Sl 37.7-11 e Sl 73.12-20, em que, no entanto, a palavra é *shālēw*, "estar à vontade").

Bibliografia: — *TDNT*. v. 5, p. 110-2. — *THAT*. v. 2, p. 551-5.

J.E.H.

1918 צלח (*tslh*). **III. Aceita como raiz de:**

1918a צְלָחָה (*tsēlāhā*) ***panela*** (2 Cr 35.13).
1918b צַלַּחַת (*tsallahat*) ***tigela*** (2 Rs 21.13; Pv 19.21; 26.15).
1918c צְלֹחִית (*tsᵉlōhît*) ***jarro*** (2 Rs 2.20).

צְלֹחִית (*tsᵉlōhît*). Veja o nº 1918c.
צַלַּחַת (*tsallahat*). Veja o nº 1918b.
צָלִי (*tsālî*). Veja o nº 1915a.

1919 צלל (*tsālal*) ***I, tinir, estremecer.***

Termos Derivados

1919a צִלְצָל (*tsiltsāl*) ***I, zumbidor (adj.), zunidor (adj.)*** (Is 18.1).
1919b צלצל (*tsiltsāl*) ***II, lança*** (Jó 40.31).
1919c צְלָצַל (*tsᵉlātsal*) ***gafanhoto zumbidor*** (Dt 28.42).
1919d †צֶלְצְלִים (*tsᵉltsᵉlîm*) ***cimbalos.***
1919e †מְצִלָּה (*mᵉtsillâ*) ***sino*** (Zc 14.20).
1919f †מְצִלְתַּיִם (*mᵉtsiltayim*) ***címbalos.***

tseltsᵉlîm. ***Címbalos.*** Esses instrumentos eram parte essencial de uma orquestra antiga que tocava especialmente em ocasiões importantíssimas, tais como quando Davi levou a arca da aliança para Jerusalém (2 Sm 6.5). Em Salmos 150.5 faz-se distinção entre dois tipos de címbalos: "címbalos sonoros" (*shāma'*) e "címbalos retumbantes" (*tᵉrû'â*). *KB* interpreta que os primeiros eram címbalos pequenos e tilintantes, e os últimos, címbalos grandes e retumbantes. Sachs crê que os primeiros produziam um som "nítido", sendo feitos de pratos largos e pequenos meios-globos e tocados suavemente, e que os últimos davam um som "dissonante", feitos de pratos menores e meios-globos maiores e tocados vigorosamente. Tanto uns quanto outros eram empregados com a finalidade de prestar louvores ao Senhor.

mᵉtsillâ. ***Sino.*** (Somente em Zc 14.20.) Zacarias emprega esse vocábulo ao descrever o estilo de vida em Jerusalém quando o rei justo reinar: "Naquele dia será gravado nas 'campainhas' dos cavalos: Santo ao SENHOR". Outrora essa inscrição era gravada na lâmina de ouro que era presa no turbante do sumo sacerdote (Êx 28.36 e ss.). O contraste indica que naquela época tudo será santo; não mais se fará distinção entre o sagrado e o profano.

mᵉtsiltayim. ***Címbalos.*** Não é clara a diferença de sentido entre esta palavra e *tseltsᵉlîm*. Sachs levanta a hipótese de que talvez o sentido seja o de "címbalos com badalos" ou pelo menos de címbalos com uma geminação mais forte. Címbalos, alguns feitos de bronze,

eram usados para entoar bem alto uma melodia de louvor a Iavé em ocasiões de regozijo (1 Cr 13.8; 15.19). De acordo com 1 Crônicas 16.5, nove levitas foram designados para tocar as harpas e as liras, mas apenas dois, para as trombetas, e um, para os címbalos; é interessante que este último era citado como líder dos músicos. Eles tocaram em ocasiões especiais, por exemplo, na dedicação do templo de Salomão (2 Cr 5.11-14). Eles também tocaram no dia em que Ezequias concluiu a santificação da casa de Iavé (2 Cr 29.25-30). Essa categoria estabelecida pelo rei Davi e pelo profeta Natã (2 Cr 29.25) continuou existindo até a época do segundo templo (Ed 3.10). Eles tocaram por ocasião do lançamento dos alicerces daquele templo (Ed 3.10 e s.) e por ocasião da dedicação do muro de Jerusalém (Ne 12.27-30).

Bibliografia: — SACHS, Curt. *The history of musical instruments*. Norton, 1940. p. 121 e ss. — SELLERS, O. R. Musical instruments of Israel. *BA* 4:33-47.

J.E.H.

1920 צלל (*tsālal*) ***II, afundar, ser submerso*** (Êx 5.10, somente).

1921 צלל (*tsālal*) ***III, estar escuro, escurecer*** (Ne 13.19; Ez 31.3).

Termos Derivados

1921a צלּ (*tsêl*) ***sombra.***

1921b צלמוּת (*tsalmāwet*) ***trevas profundas.***

tsēl. ***Sombra.*** Num sentido positivo, "sombra" transmite a idéia de "proteção" e "defesa". "Sombra", mesmo de um matacão, proporciona alívio do calor do dia, especialmente para o escravo (cf. Jó 7.2). "Debaixo da sombra do telhado de alguém" tem a conotação de que o chefe da casa oferece proteção para seus hóspedes (Gn 19.8, IBB; ARA, "proteção"). Semelhantemente uma nação forte pode oferecer abrigo a alguém ou a uma outra nação (Is 30.2 e s.; cf. Ez 17.23). Mas Deus pode remover o abrigo ou as defesas de uma nação a fim de possibilitar que seu povo as conquiste (Nm 14.9). De outro lado, a "sombra" funciona como metáfora negativa quando vista como algo efêmero e transitório. A vida humana é assemelhada a uma sombra, pois não possui permanência alguma e rapidamente se vai (1 Cr 29.15). A "sombra" também descreve a condição de piora progressiva daquele que enfrenta uma enfermidade (Jó 17.7).

Iavé é a sombra ou a fonte de proteção para o seu povo (Sl 121.5 e s.; Is 25.4). Por esse motivo o salmista ora para que Deus o esconda sob a "sombra das tuas asas" (Sl 17.8; cf. 36.7 [8]; 91.1). Deus promete esconder o servo sofredor sob as sombras de sua mão a fim de que o próprio Deus tenha condições de anunciar sua mensagem de confronto durante algum tempo (Is 49.2). E nos últimos dias a glória de Iavé voltará a Jerusalém. Será uma sombra que abrigará do calor e um abrigo que protegerá dos outros elementos da natureza (Is 4.6; cf. Os 14.8).

tsalmāwet. ***Trevas profundas.*** Alguns tratam o vocábulo como uma combinação do acadiano *tsalāmu*, "estar escuro" (também árabe), com a terminação abstrata *ût*. A

maioria das versões interpretam-no como uma combinação de "sombra" com "morte". D. W. Thomas aceita esta última hipótese, mas alega convincentemente que *mût* tem força superlativa: "sombras muito profundas", "trevas espessas". M. Dahood concorda, vocalizando a palavra como *tsalmawet* e citando outros substantivos compostos em ugarítico (*Psalms I*, *AB*, p. 147). O vocábulo descreve a escuridão de pálpebras cansadas de tanto chorar (Jó 16.16), as densas trevas existentes num poço de mina (Jó 28.3), as trevas da morada dos mortos (Jó 10.21 e s.; 38.17) e as trevas anteriores à criação (Am 5.8). Emocionalmente descreve a aflição íntima daquele que se revoltou contra Deus (Sl 107.10-14; cf. 44.19 e s. [20 e s.]). Desse modo, em hebraico essa é a palavra mais forte para trevas.

Uma vez que o ser humano utiliza as trevas como recurso para realizar seus feitos lastimáveis, o terror associado às trevas espessas se torna sua experiência matutina (Jó 24.16 e s.). Não existe, porém, lugar suficientemente escuro que possa ocultá-lo dos olhos de Deus (Jó 34.22). Ademais, as trevas profundas jamais ameaçam a Deus; elas não o aterrorizam. Não importa quão escuro seja um lugar, pois Deus conduzirá o seu povo por esse lugar de modo que este povo não temerá mal algum e será confortado pela vara e o cajado de Deus (Sl 23.4). A aplicação desse salmo à experiência da morte é apropriada e tem consolado multidões de santos moribundos. As pessoas podiam acreditar nessa declaração do salmo, pois Deus já dera provas de sua capacidade de conduzir o seu povo através da secura e das trevas densas do deserto, desde o Egito até Canaã (Jr 2.6). Ele sempre pode trazer a luz para afastar os poderes das trevas espessas (Jó 12.22; cf. Am 5.8). A demonstração mais impressionante seria quando Deus enviasse o Messias para ser luz para aqueles que habitam numa terra de trevas profundas (Is 9.2 [9.1]). Por outro lado, no juízo Deus é capaz de transformar a luz em densas trevas (Jr 13.16).

Bibliografia: — DHORME, E. *Job*. Nelson, 1967. — THOMAS, D. W. *salmāwet* in the Old Testament. *JSS* 7:191-200.

J.E.H.

1922 צלל (*tsll*). IV. Aceita como raiz de:

1922a צְלוּל (*tslwl*) *kethib*, צְלִיל (*ts'lîl*) *qere*: *bolo, pão redondo* (Jz 7.13).

1923 צלם (*tslm*). Aceita como raiz de:

1923a צֶלֶם (*tselem*) *imagem*.

Palavra empregada 16 vezes. O aramaico é usado de forma semelhante em Daniel 2 e 3. Basicamente a palavra se refere a uma representação, uma semelhança. Cinco vezes diz respeito ao homem como ser criado à imagem de Deus. Duas vezes designa as cópias em ouro dos ratos e inchaços que afligiam os filisteus (1 Sm 6.5, 11; e veja-se *'ōpel*). Na maioria das vezes refere-se a um ídolo.

Existem diversas palavras empregadas para designar ídolo (vejam-se nos verbetes *gillûl* e *'ātsāb*). Algumas, à semelhança de *gillûl*, referem-se ao formato; outras, como *hebel* (IBB, "vaidade"), podem ser simplesmente um substituto depreciativo (Dt 32.21; Jr 8.19). *tselem* refere-se à imagem como uma representação da divindade. Nesse sentido, as imagens eram terminantemente proibidas. Observe-se que nem toda escultura era proibida (cf. os querubins de ouro), mas apenas os ídolos.

O homem foi criado à imagem (*tselem*) e semelhança (*dᵉmût*) de Deus, o que é então explicado como o ter domínio sobre a criação divina na qualidade de vice-regente de Deus. Salmos 8.5-8 [6-9] focaliza a questão de modo parecido ao citar a glória, a honra e o domínio que o homem recebeu da parte de Deus. A imagem divina não se encontra no corpo do homem, que foi feito a partir de matéria terrena, mas em sua semelhança espiritual, intelectual, moral, com Deus, de quem veio o sopro que lhe deu vida. A ênfase na proibição de ídolos é que todos estes são coisas materiais criadas. Deus é imaterial; ele é o criador (Dt 4.15-19). Esse aspecto espiritual do homem foi prejudicado pela queda e é diariamente manchado pelo pecado. Mas a imagem foi vista de forma perfeita em Cristo e se tornará perfeita em nós quando a salvação estiver completa (Hb 2.6-15).

Bibliografia: — GIRDLESTONE, *SOT*, p. 303-8.

Acerca da imagem de Deus no homem: — BUSWELL, J. O. *Systematic theology of the Christian religion*. Zondervan, 1962. v. 1, p. 232-8. — MILLER, J. M. In the 'image' and 'likeness' of God. *JBL* 91:289-304. — *THAT*. v. 2, p. 556-62.

צַלְמָוֶת (*tsalmāwet*). Veja o nº 1921b.

1924 צלע (*tsl*ʿ). I. Aceita como raiz de:

1924a צֵלָע (*tsēlā*ʿ) ***lado, costela.***

*tsēlā*ʿ é empregado uma vez em referência ao lado de um homem (Gn 2.21 e s.) e uma vez ao falar do lado de um monte, talvez uma crista ou uma chapada (2 Sm 16.13; *BDB*); nas demais passagens é um termo arquitetônico que se refere aos lados de um objeto, por exemplo, os lados da arca da aliança (Êx 25.12, 14). Usa-se o vocábulo também para descrever um local dentro de um recinto (cf. Êx 26.35). Além disso, significa uma câmara lateral. Havia três andares dessas câmaras ao redor do templo propriamente dito (1 Rs 6.5; Ez 41.6). O vocábulo também designa uma tábua de madeira usada como parede ou piso (1 Rs 6.15). Indica ainda as folhas de uma porta dobrável (1 Rs 6.34). Quanto a 1 Reis 7.3, *KB* traz "viga" ou "estrutura", mas outros (como J. Gray) entendem que nesta passagem a palavra continua a ter o sentido de "câmaras laterais".

A passagem mais crucial em que *tsēlā*ʿ aparece é, obviamente, a que explica a origem da mulher (Gn 2.21 e s.). Deus criou a mulher ao tomar uma "costela" de Adão enquanto ele dormia profundamente (*cf. tardēmâ*). Acredita-se que isso signifique que Deus tomou uma boa parte do lado de Adão, porquanto o homem considera a mulher como osso dos seus ossos e carne da sua carne (Gn 2.21 e ss.). Essa cena descreve a profunda proximidade entre homem e mulher ao estarem em pé de igualdade diante de Deus. Visto que Deus fez a mulher, ela é responsável por adorá-lo. Ela não é uma mera extensão do homem, mas possui em si mesma uma individualidade única. Não há nenhuma indicação de que a mulher seja inferior. De outro lado, visto que o seu corpo foi feito a partir do homem, existe uma continuidade entre os dois de forma que só encontrarão realização profunda no relacionamento um com o outro. Tal realização jamais terá a mesma intensidade em nenhuma outra parte da criação. Portanto, a origem da mulher torna possível que um homem e uma mulher estabeleçam um relacionamento dinâmico em que os dois se tornam "uma só carne" (cf. Gn 2.24).

1925 צלע (*tsala'*)

O texto de Jó 18.12 é objeto de debates quanto a se o texto correto é *tsēlā'* ou *tsela'* ("manquejante"). A primeira pode ter o sentido de "ao seu lado", como Dhorme e a ARA interpretam; mas *KD* rejeita essa possibilidade.

Bibliografia: — DHORME, E. *Job*. London, Thomas Nelson, 1967. — RENCKENS, S. J. Henricus. *Israel's concept of the beginning*. Herder & Herder, 1964.

J.E.H.

1925 צלע (*tsala'*) ***coxear*** (Gn 32.32; Mq 4.6-7, Sf 3.19).

Termo Derivado

1925a צֶלַע (*tsela'*) ***manquejante, cambaleante*** (Sl 38.18; Jr 20.10).

צלצל (*tsiltsāl*). Veja os nºs 1919a, b.

צְלָצַל (*ts'lātsal*). Veja o nº 1919c.

צלצלים (*tselts'lîm*). Veja o nº 1919d.

1926 צמא (*tsāmē'*) ***estar sedento.***

Termos Derivados

1926a צמא (*tsāmā'*) ***sede.***

1926b צמא (*tsāmē'*) ***sedento.***

1926c צמאה (*tsim'â*) ***ressequidão*** (Jr 2.25, somente).

1926d צִמָּאוֹן (*tsimmā'ôn*) ***terra sedenta*** (Dt 8.15; Is 35.7).

Israel é uma terra seca, com algumas regiões desérticas e verões quentes e secos. Quem quer que viaje por essa terra, especialmente pelo deserto ou pelo Neguebe, experimenta uma sede de secar a garganta. Esse tipo de sede pode levar a pessoa a uma aflição intensa. O salmista passou por uma agonia terrível provocada por seus inimigos, os quais lhe deram vinagre para saciar-lhe a sede, algo que ele aceitou mas que aumentou a sua sede (Sl 69.21 [22]). A sede que Jesus teve na cruz e o oferecimento de vinagre fazem paralelo com a experiência do salmista (Jo 19.28 e ss.; Mt 27.48; Mc 15.36; Lc 23.36). [Todavia, o vinagre que Jesus tomou pode ter sido uma bebida feita com vinagre diluído e que era usada pelos soldados romanos. Era chamada *posca* e era um mata-sede acidulado e barato. R.L.H.] A sede era especialmente interior durante o cerco de uma cidade. Com o corte das principais linhas de suprimento de água, as pessoas sitiadas tinham de racioná-la. A terrível dor que as crianças enfrentavam aumentava a aflição (Lm 4.4). Por conseguinte, a sede era considerada um meio de juízo (Os 2.3 [5]; cf. Sl 107.5; Is 29.8). Mas uma sede bem maior é aquela que se tem de Deus (Sl 42.2 [3]; 63.1 [2]). Amós conta acerca de uma sede futura causada pela ausência de ouvir as palavras de Iavé (Am 8.1 1 e ss.).

Uma das maneiras de demonstrar hospitalidade era dar de beber ao sedento. Por exemplo, Abigail trouxe comida e bebida para os homens exaustos que serviam a Davi no deserto (2 Sm 17.29). Devia-se até mesmo dar água aos inimigos sedentos (Pv 25.21; cf. Is 21.14). Deus também fornece água para saciar a sede do seu povo (Sl 107.49). Na jornada pelo deserto do Sinai, em duas ocasiões diferentes Deus providenciou água vinda de uma rocha (Êx 17.1-7; Nm 20.2-13; Is 48.21; Ne 9.15, 20). Deus promete tornar a saciar a sede de seu povo num novo êxodo (Is 41.17 e s.; 49.10). É por isso que Isaías exclama: "Ah! todos vós os que tendes sede, vinde às águas; e todos vós os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei" (55.1), um convite que faz lembrar João 7.38. Isso indica que Deus é capaz de satisfazer os mais profundos anseios do seu povo. Ademais, a bênção dos últimos dias é descrita em termos de o deserto dar flores em abundância, porque, após o derramamento do Espírito Santo, haverá chuvas abundantes sobre a terra sedenta (Is 44.3; cf. 32.15; 35.6 e s.).

J.E.H.

צִמָּאוֹן (*tsimmā'ôn*). Veja o nº 1926d.

1927 צָמַד (*tsāmad*) ***prender, juntar.***

Termos Derivados

1927a צֶמֶד (*tsemed*) ***par, parelha.***

1927b צָמִיד (*tsāmîd*) ***I, bracelete*** (Nm 31.50; Ez 16.11).

1927c צָמִיד (*tsāmîd*) ***II, tampa*** (Nm 19.15).

O verbo designa a ação de prender na cintura uma bainha para espada (2 Sm 20.8). Outro uso descreve a ação em que a língua intencionalmente produz engano: ela "trama" enganos (Sl 50.19). Em três oportunidades usa-se o verbo para descrever a sedução dos israelitas diante da idolatria em Baal-Peor, sedução que ocorreu por sugestão de Balaão a Balaque, rei de Moabe (Nm 25.3, 5; Sl 106.28; a LXX traz *teléō*, palavra empregada por Heródoto [4.79] com o sentido de "iniciar nos mistérios", Snaith). O povo sacrificou a seus deuses, comeu, adorou e participou da prostituição cultual. Em sua totalidade essa atividade é descrita de modo marcante como colocar-se sob o jugo de Baal-Peor. Talvez o verbo indique que o povo até mesmo se tenha comprometido a essa adoração falsa numa aliança. O verbo tem a conotação de quão ostensivamente obstinada era a rebelião do povo contra Iavé.

tsemed. ***Par, parelha, jugo.*** O substantivo refere-se a dois animais postos debaixo do mesmo jugo ou àqueles que montam lado a lado, como é o caso de cavaleiros que andam aos pares (Is 21.7). Colocavam-se jugos sobre os bois para lavrar a terra. Por exemplo, Elias arava com 12 parelhas de bois (1 Rs 19.19). Jó, que era muito rico, possuía 500 juntas de bois (Jó 1.3). *tsemed* também significa uma medida agrária, talvez a área que uma parelha de bois consegue arar em um dia (i.e., aproximadamente 2000 metros quadrados; Is 5.10; 1 Sm 14.14).

Bibliografia: — SCOTT, R. B. Weights and measures of the Bible. *BA* 22:22-40. — SNAITH, N. H. *Leviticus and Numbers*. In: *New Century Bible*. Greenwood, Attic Press, 1967.

J.E.H.

צָמָה (*tsammâ*). Veja o nº 1929a.

צְמוּק (*tsimmûq*). Veja o nº 1930a.

1928 צָמַח (*tsāmah*) ***brotar, jorrar.***

Termo Derivado

1928a צֶמַח (*tsemah*) ***broto, crescimento, ramo.***

Existem 32 ocorrências desse verbo e um número quase igual de diferentes traduções, que envolvem as idéias de crescer, florescer e brotar. Alguns identificam o vocábulo com as raízes árabe e siríaca que significam "reluzir", mas a palavra jamais é usada com esse sentido em hebraico. Pelo contrário, nos graus qal e hifil o verbo limita-se ao âmbito de relva, plantas e árvores (*e.g.*, Gn 2.5, 9; Êx 10.5; Gn 41.6, 23; Gn 2.9; Sl 104.14; 147.8), e no grau piel, ao crescimento abundante de cabelos ou barba (Jz 16.22; 2 Sm 10.5; Ez 16.7).

Além do mais, as formas no qal e no hifil são empregadas metaforicamente com referência a outros objetos: a posteridade (Is 44.4), problemas (Jó 5.6), o futuro (Is 42.9), a restauração (Is 58.8), e justiça e louvor (Is 61.11).

Especialmente significativas são as passagens relacionadas com o surgimento de um renovo a partir da raiz ou semente de Davi, i.e., a futura pessoa messiânica (2 Sm 23.5; Jr 33.15; Ez 29.21; Sl 132.17; Zc 6.12).

tsemah. ***Broto, crescimento, ramo.*** O substantivo aparece 12 vezes e é usado como termo messiânico em pelo menos cinco passagens.

Uma inscrição fenícia relativamente recente e descoberta em Larnaca, na ilha de Chipre, datada do século terceiro a.C., contém a frase *tsemah tsedeq*, "o broto legítimo", que significava que o indivíduo era o herdeiro legítimo do trono. Uma idéia semelhante aparece no épico ugarítico de Keret, datado do século quinze a.C., o qual chama Keret de *šph ltpn*, i.e., "o broto ou descendência de *Ltpn*". Por conseguinte, *tsemah* é um termo técnico que significa descendente ou filho. Conquanto a idéia seja atestada em ugarítico na raiz *šph*, até o momento o único emprego da raiz *tsmh* atestado em ugarítico é em diversos nomes de pessoas.

Ao refletir sobre a aliança eterna que Natã previamente lhe anunciara, Davi indaga retoricamente: "Não me fará [Deus] 'prosperar' toda a minha salvação e toda a minha esperança?" (2 Sm 23.5). Os escritores bíblicos posteriores retomam esse tema e respondem, como ocorre em um dos salmos de romagem (132.17), com um "sim!". Em Jerusalém Deus fará o "chifre" (lit., ARA, "poder"; Ez 29.21) de Davi brotar; na verdade ele brotará para toda a casa de Israel.

O primeiro escritor a retomar o pensamento de 2 Samuel 23.5 e a empregar a raiz *tsmh* como um substantivo para designar o Messias é Isaías (4.2). Muitos negam que Isaías, quando fala do "Renovo [ou Broto] do SENHOR", esteja se referindo ao Messias, porquanto a expressão tem como paralelo a frase "o fruto da terra". Por esse motivo, 4.2 seria apenas uma referência à prosperidade agrícola da terra. Mas esse ponto de vista deixa de observar que ambas as expressões são, em outras passagens, messiânicas. Também falha por não explicar a limitação incomum dessa frutuosidade a "naquele dia"; a frutuosidade é para os sobreviventes de Israel. Ademais, desconsidera a natureza progressiva da revelação, pois certamente 2 Samuel 23.5 e possivelmente Salmos 132.17 são idéias dominantes quando se chega ao século oitavo a.C. Dessa forma, o "Renovo do SENHOR" (ou, conforme esclarecido pelos estudos cognatos, "o filho de Iavé") é uma referência óbvia à natureza divina do *tsemah*. Contudo, sua natureza humana também é objeto de atenção, pois ele é "o fruto [ou a descendência] da terra".

Em Jeremias 23.5-6 e 33.15-16, ele é o "Renovo [ou Broto] justo", levantado para reinar em lugar de Davi. Embora concentrando a atenção em sua natureza humana e ao mesmo tempo régia, essa passagem também ressalta a sua divindade ao chamá-lo de "SENHOR, Justiça Nossa". Observe-se que o contexto de ambas as passagens é que Israel retornará à terra. De forma ainda mais incisiva, Jeremias 33.19-26 harmoniza a promessa do *tsemah* com as promessas feitas anteriormente por Deus a Abraão, Isaque, Jacó, os sacerdotes levitas e Davi!

Zacarias (3.8) descreve o Renovo (*tsemah*) como o Servo do Senhor. Não há dúvida de que essa é uma alusão às afirmações arquetípicas de Isaías acerca do Servo de Iavé. Em Zacarias 6.12 o profeta anuncia "eis aqui o homem" que é um "sacerdote no seu trono", um governante, um conselheiro de paz, "cujo nome é Renovo". Zacarias vê o sumo sacerdote Josué como um tipo da promessa, mas isso apenas como um penhor do futuro cumprimento por Deus em Jesus Cristo.

Os MMM empregam a frase *tsemah dāwîd* como uma expressão messiânica quando explicam a aliança davídica de 2 Samuel 7.14 (*JBL* 77:353).

O NT faz pelo menos cinco referências ao título messiânico de "Renovo" e emprega a tradução que a LXX faz da raiz *tsmh*: *anatolē* e *anatellō*. Hebreus 7.14 deve ser traduzido por "nosso Senhor jorrou [ou brotou] de Judá". Mas em Lucas 1.78, em que aparece *anatolē exhypsous*, fica completa a equação de *tsemah YHWH*. Por isso, assim traduzimos o versículo: "Devido às ternas misericórdias de nosso Deus, pelas quais o Renovo, vindo do alto, nos visitará". A única alteração necessária é converter o termo "alturas" (ARA) no nome divino e a expressão veterotestamentária torna a aparecer.

Podem-se encontrar dados adicionais em favor desse conceito messiânico em *nētser*, "renovo", e *hōter*, "tronco" (Is 11.1), e *yônēq*, "renovo", e *shōresh*, "raiz" (Is 53.2).

Bibliografia: — BARON, David. *Rays of Messiah's glory: Christ in the OT*. Zondervan, s/d. p. 72-150. — BEECHER, Willis J. *The prophets and the promise*. Baker, 1963. p. 335-40. — BUDA, Joseph. *Semah* Jahweh: investigationes ad Christologism Isaianam spectantes. *Bib* 10:10-26. — *THAT*. v. 2, p. 563-5.

W.C.K.

צָמִיד (*tsāmîd*). Veja os nºs 1927b, c.

צַמִּים (*tsammîm*). Veja o nº 1929b.

צְמִיתֻת (*ts'mîtut*). Veja o nº 1932a.

1929 צמם (*tsmm*)

1929 צמם (*tsmm*). **Aceita como raiz de:**

1929a צַמָּה (*tsammâ*) ***véu para mulheres*** (Is 47.2; Ct 4.1, 3; 6.7).

1929b צַמִּים (*tsammîm*) ***laço, armadilha*** (Jó 5.5; 18.9). Significado incerto.

1930 צָמַק (*tsāmaq*) ***secar, enrugar*** (Os 9.14, somente).

Termo Derivado

1930a צִמּוּק (*tsimmûq*) ***punhado de passas*** (1 Sm 25.18; 30.12).

1931 צמר (*tsmr*). **Aceita como raiz de:**

1931a צֶמֶר (*tsemer*) ***lã*** (Is 1.18; Ez 27.18).

1931b צַמֶּרֶת (*tsammeret*) ***topo da árvore*** (Ez 17.3, 22; 31.3, 10).

צמרת (*tsammeret*). Veja o nº 1931b.

1932 צָמַת (*tsāmat*) ***acabar com, eliminar, destruir.***

Termo Derivado

1932a צְמִיתוּת (*ts'mîtut*) ***término, conclusão*** (Lv 25.23, 30).

A palavra *tsāmat* ocorre 14 vezes. O verbo é uma palavra de sentido bastante forte para designar a ação de destruir ou silenciar totalmente alguém (*KB*; cf. Jó 23.17), por exemplo, amigos que, sob pressão, desaparecem, tal qual a neve com o calor (Jó 6.15 e ss.). Descreve o desejo intenso que se tem de destruir completamente os inimigos (cf. Sl 143.12). Davi pôde subjugar seus adversários porque Deus fizera com que dessem as costas (Sl 18.40 [41]); o verbo faz paralelo com *māḥats*, "esmagar" (Sl 18.38 [39]; em ugarítico há paralelo com *'nt* II:7 e s., *AistWUS* nº 2330). O salmista também foi atacado por aqueles que desejavam eliminá-lo. O método de ataque incluía acusações falsas de cometer um roubo (Sl 69.4 [5]). Conseqüentemente em sua justiça Deus procura eliminar de sua cidade aqueles que caluniam o justo e aqueles de coração arrogante (Sl 101.5 e s.; cf. Sl 73.27). Quando o salmista se defronta com os ataques inclementes de Deus, ele também sente que está sendo destruído (Sl 88.16 [17]). Semelhantemente, aquele que serve a Deus com zelo é consumido por esse mesmo zelo, especialmente quando vê seus adversários esquecerem-se da palavra de Deus (Sl 119.139). Aquele que lamentou a destruição de Jerusalém também viu a sua própria vida correndo riscos ao ser "atirado vivo" (IBB; ARC, "arrancaram-me a vida") numa cova, com a água chegando-lhe até a cabeça (Lm 3.53 e s.). Contudo, pela fé esses homens continuaram a orar a Iavé, confiantes de obter livramento (Sl 88; Lm 3.55 e ss.).

J.E.H.

צֵן (*tsēn*). Veja o nº 1936a.

1933 צֹנֶה (*tsōneh*), צֹאנ (*tsōne'*) ***rebanhos*** (Sl 8.8; Nm 32.24). Uma variante de *tsō'n*.

צִנָּה (*tsinnâ*). Veja os nºs 1937a, 1938a.

צָנוּעַ (*tsānûa'*). Veja o nº 1939a.

צִנֹּר (*tsinnôr*). Veja o nº 1942a.

1934 צָנַח (*tsānah*) ***descer*** (Jz 1.14; Js 15.18; Jz 4.21).

צָנִיף (*tsānîp*). Veja o nº 1940a.

1935 צָנַם (*tsānam*) ***secar. endurecer*** (Gn 41.23).

צָנִין (*tsānîn*). Veja o nº 1936c.

1936 צנן (*tsnn*). **I. Aceita como raiz de:**

1936a צֵן (*tsēn*) ***espinho, gancho*** (Pv 22.5; Jó 5.5). Significado incerto.

1936b צִנָּה (*tsinnâ*) ***anzol, gancho*** (Am 4.2, somente).

1936c צִנָּן (*tsānin*) ***espinho, ferroada*** (Nm 33.55; Js 23.13).

1937 צנן (*tsnn*). **II. Aceita como raiz de:**

1937a צִנָּה (*tsinnâ*) ***frescor*** (Pv 25.13, somente).

1938 צנן (*tsnn*). **III. Aceita como raiz de:**

1938a צִנָּה (*tsinnâ*) ***escudo grande*** (1 Sm 17.7; 2 Cr 11.12). O escudo pequeno era denominado *māgēn*.

1938b צִנְצֶנֶת (*tsintsenet*) ***jarro*** (Êx 16.33, somente).

1939 *צָנַע (*tsāna'*) ***ser modesto, ser humilde***. Ocorre somente uma vez, no hifil (Mq 6.8).

Termo Derivado

1939a צָנוּעַ (*tsānûa'*) ***modesto*** (Pv 11.2, somente).

1940 צָנַף (*tsānap*) ***enrolar, envolver, atar*** (Lv 16.4; Is 22.18).

1941 צנק (*tsnq*)

Termos Derivados

1940a צָנִיף (*tsānîp*) ***turbante*** (e.g., Zc 3.5; Jó 29.14).
1940b צְנִפָה (*ts'nēpâ*) ***invólucro*** (Is 22.18, somente).
1940c מִצְנֶפֶת (*mitsnepet*) ***turbante do sumo sacerdote.***

mitsnepet. ***Turbante.*** Também um sinal de realeza. O termo ocorre 12 vezes, 11 em Êxodo e Levítico, e uma em Ezequiel (21.26 [31]; ARA, "diadema"). Era a cobertura distintiva que o sumo sacerdote usava sobre a cabeça. Em Ezequiel a referência prediz vividamente a cessação dos reis davídicos e dos sacerdotes araônicos. A tradução "turbante" tem apoio no fato de a palavra derivar de *tsānap*, que significa "enrolar".

C.L.F.

צַנְצֶנֶת (*tsantsenet*). Veja o nº 1938b.

1941 צנק (*tsnq*). **Aceita como raiz de:**

1941a צִינֹק (*tsinōq*) ***cepo*** (Jr 29.26, somente).

1942 צנר (*tsnr*). **Aceita como raiz de:**

1942a צִנּוֹר (*tsinnôr*) ***cano, bico, conduto*** (2 Sm 5.8; Sl 42.8). Veja-se D. H. MADVIG, Gutter, *ZPEB*, v. 2, p. 854.

1942b צַנְתְּרוֹת (*tsant'rôt*) ***tubos que alimentam as lamparinas com óleo*** (Zc 4.12).

צַנְתְּרוֹת (*tsant'rôt*). Veja o nº 1942b.

1943 צָעַד (*tsā'ad*) ***dar passos, marchar.***

Termos Derivados

1943a צַעַד (*tsa'ad*) ***passo, ritmo*** (e.g., Pv 30.20; Jr 10.3).
1943b צְעָדָה (*ts"ādâ*) ***I, marcha*** (2 Sm 5.24; 1 Cr 14.15).
1943c צְעָדָה (*ts"ādâ*) ***II, bracelete, tornozeleira*** (Is 3.20; 2 Rs 11.12).
1943d מִצְעָד (*mits'ād*) ***passo*** (Dn 11.43; Sl 37.23; Pv 20.24).
1943e אֶצְעָדָה (*'ets'ādâ*) ***bracelete, tornozeleira*** (Nm 31.50; 2 Sm 1.10).

tsā'ad significa "andar em cadência" (cf. 2 Sm 6.13). Descreve a maneira como a pessoa é levada à presença do rei (Jó 18.14). Mostra como alguém metodicamente pega o caminho da casa da prostituta, plenamente consciente da direção em que está indo, mas totalmente ignorante da conseqüência: o Sheol (Pv 7.8; cf. 5.5). O professor instrui o aluno

no caminho da sabedoria a fim de que o seu estilo de vida (passos) não lhe traga dificuldades nem tristeza (Pv 4.10 e ss.).

Iavé observa o caminho que o homem pega (Jó 34.21). Deus dá ao salmista um amplo lugar para pisar a fim de que não escorregue nem caia (2 Sm 22.37). Provérbios 16.9 declara: "O coração do homem traça o seu caminho, mas o SENHOR lhe dirige os passos". Esse provérbio estabelece cautelosamente um equilíbrio para o resultado da interação entre Deus e homem no destino de alguém. O homem deve dar início a seu curso de ação, mas as plenas conseqüências do que fizer são da esfera de Iavé. Mas o crente percebe que precisa da direção divina. Jeremias, com uma atitude de arrependimento e buscando intensamente o favor de Iavé, declara: "Eu sei, ó SENHOR, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos" (Jr 10.23).

Em linguagem militar, usa-se o vocábulo basicamente com referência a Iavé. Ele marcha adiante do exército de Israel, garantindo a seu povo a vitória em combate (Jz 5.4). À medida que Deus avança, todos os elementos da natureza reagem afirmativamente, reconhecendo seu senhorio e apoiando o seu esforço (Sl 68.7 e s. [8 e s.]; Hc 3.12; cf. Jr 10.5).

J.E.H.

1944 צעה (*tsā'â*) ***abaixar-se, curvar-se, inclinar-se*** (e.g., Is 51.14; Jr 2.20).

צָעִיף (*tsā'îp*). Veja o nº 1946a.

צָעִיר (*tsā'îr*). Veja o nº 1948a.

1945 צען (*tsā'an*) ***vaguear, viajar*** (Is 33.20, somente).

1946 צעף (*ts'p*). **Aceita como raiz de:**

1946a צָעִיף (*tsā'îp*) ***roupão, xale, véu*** (Gn 24.65; 38.14).

צְעָצְעִים (*tsa'ătsu'îm*). Veja o nº 1891a.

1947 צעק (*tsā'aq*) ***gritar, clamar por socorro, chamar.***

Termo Derivado

1947a צְעָקָה (*ts"āqâ*) ***grito, clamor.***

BDB é da opinião que o sentido original em árabe era "trovejar", "soar como trovão". Essa raiz significa "clamar por ajuda" (por estar muito aflito) ou "exclamar" (por estar muito alegre; cf. 2 Rs 2.12). Por exemplo, logo após perceber que a panela de onde prazerosamente comiam estava envenenada, os filhos dos profetas clamaram aflitos (2 Rs 4.40). Uma mulher violentada fica isenta de culpa desde que tenha gritado por ajuda. Se não o fez, é culpada de consentir com o adultério (Dt 22.23-27). Os líderes de Israel muitas vezes tiveram de suplicar sinceramente ajuda a Deus. Na condição de líder,

1948 צָעַר (*tsā'ar*)

Moisés enfrentou diversas situações difíceis que o levaram a clamar desesperadamente pela orientação de Iavé (cf. Êx 17.4). Numa ocasião a resposta de Deus a Moisés foi simplesmente que Moisés parasse de clamar e passasse a agir (Êx 14.15). Ademais, o vocábulo descreve a reação de Esaú diante da perda da sua bênção e a de Israel diante da perda da arca dos filisteus (Gn 27.34; 1 Sm 4.14). Essa palavra freqüentemente se refere ao clamor daqueles que eram saqueados e devastados na guerra (cf. Jr 49.21).

Um forte clamor muitas vezes indica que não há justiça ou que o juízo está em execução. Muito embora Iavé tenha estabelecido Israel como nação a fim de que produzisse justiça e retidão, ele descobriu derramamento de sangue e um clamor, evidenciando que a cidade estava oprimindo os desafortunados (Is 5.7). Os justos lamentam com altos clamores a perda sofrida pela nação (cf. Is 33.7; Lm 2.18). Intercedem por perdão, arrependendo-se dos pecados que levaram a tal catástrofe e buscando a ajuda divina quanto ao futuro. Deus ouve os clamores dos homens, especialmente quando os justos clamam por estarem aflitos. Os hebreus clamaram sob o peso de sua escravidão no Egito (Êx 3.7). Deus ouviu o seu clamor e os livrou mediante os poderosos feitos por ocasião do êxodo. Por causa do grito dos oprimidos em Sodoma e Gomorra, Deus veio para julgar os opressores (Gn 18.21; 19.13). Deus promete ouvir especialmente o grito dos aflitos, dos estrangeiros, dos órfãos e das viúvas (Êx 22.22 e s. [21 e s.]; cf. Sl 9.12 [13]). O fato de que Deus ouve os clamores de seu povo e os livra de sua angústia caracteriza-o como o Deus vivo e verdadeiro, pois os homens gritam para seus ídolos, mas estes não reagem (Sl 107.6, 28; Is 46.7).

Deus, porém, retribui aos ímpios com um castigo na mesma moeda. Em resposta ao clamor dos hebreus, os egípcios deram um grande grito por causa da morte de seus primogênitos (Êx 11.6; 12.30). No final dos tempos uma parte do castigo dos ímpios será o clamor devido ao coração pesaroso (Is 65.14).

O servo sofredor de Deus realiza a sua tarefa de modo diferente de governantes terrenos, os quais buscam mudanças e cargos. Ele não gritará nas ruas (Is 42.2), i.e., não procurará, mediante retórica, despertar as multidões a se colocar contra os seus governantes atuais.

No nifal e no hifil *tsā'aq* significa "ser convocado em assembléia" (cf. Jz 7.23 e s.). Um líder pode convocar e reunir o povo para perseguir os inimigos. Saul foi o primeiro líder a, desde a conquista, conseguir reunir a nação toda para ir combater os inimigos (1 Sm 13.4). O povo também podia ser convocado em assembléia a fim de que seus líderes apresentassem um assunto importante. Samuel promoveu uma reunião dessas em Mispa para empossar Saul como rei (1 Sm 10.17).

Bibliografia: — *THAT.* v. 2, p. 568-74.

J.E.H.

1948 צָעַר (*tsā'ar*) ***ser insignificante, tornar-se insignificante*** (e.g., Jó 14.21; Jr 30.19).

Termos Derivados

1948a †צָעִיר (*tsā'îr*) ***pequeno, insignificante, jovem.***

1948b צְעִירָה (*ts"îrâ*) ***juventude*** (Gn 43.33; Jr 14.3; 48.4).

1948c מִצְעָר (*mits'ār*) ***coisinha*** (e.g., Gn 19.20; Jó 8.7).

tsā'îr. ***Pequeno, insignificante, jovem.*** A raiz denota aquilo que tem menos idade e, portanto, tem menor importância, privilégio e desejabilidade (1 Sm 9.21; por conseguinte, Jr 14.3). Existem cognatos acadianos e árabes; o equivalente ugarítico é *tsġr* (*UT* 19: nº 2182). Quanto a sinônimos, vejam-se: *qātōn*; *dal* ("pobre", "fraco", Jz 6.15), *bāzâ* ("desprezado", Sl 119.141). Seus antônimos são: *bākôr/bākîr* ("primogênito"), *rab* ("ancião", Gn 25.23), *y'shîsh* ("velho", Jó 32.6), *'ātsum* ("forte", Is 60.22).

Essa palavra, quando designa o último filho nascido a alguém (o oposto de *bākôr/bākîr*), também tem a conotação de insignificância. Assim como o primogênito recebia a porção e a bênção dobradas, o segundo de dois filhos recebia uma porção e uma bênção menor. Semelhantemente, Saul declarou que ele mesmo não possuía valor com base no fato de que sua família era a mais insignificante (cf. Sl 68.27 [28]) dentre os pequenos/poucos benjaminitas (Gn 43.33; observe-se que o cetro não haveria de se afastar de Judá, embora este não fosse o primogênito, Gn 49.10). Por conseguinte, o vocábulo em questão tem a conotação de nascido por último e/ou insignificante (Jr 49.20). Os jovens (insignificantes) são os que não são sábios (Jó 32.6) e os que são desprezados (Jó 30.1). As vezes a palavra se refere a servos ou escravos (Jr 14.3; 48.4). O salmista afirma sua condição humilde e sua obediência a Deus (Sl 119.141; cf. *'ānâ*).

L.J.C.

1949 צָפַד (*tsāpad*) ***reunir, contrair*** (Lm 4.8).

1950 צָפָה (*tsāpâ*) ***I, vigiar, observar ao redor, espreitar.***

Termos Derivados

1950a צְפִיָּה (*tsippîyâ*) ***posto de observação*** (Lm 4.17).

1950b מִצְפֶּה (*mitspeh*) ***torre de vigia, ponto de observação*** (Is 21.8; 2 Cr 20.24).

tsāpâ transmite a idéia de ter plena consciência de uma situação a fim de obter alguma vantagem ou de precaver-se de ser surpreendido pelo inimigo. O verbo aparece no sentido de "ficar à espreita", "ficar de emboscada"; os ímpios observam o justo para matá-lo (Sl 37.32). De outro lado, a mulher sábia observa (olha) os caminhos de seu lar, i.e., atende cuidadosamente o seu lar em cada uma de suas necessidades (Pv 31.27). De igual forma lavé está alerta àquilo que acontece na terra a fim de julgar devidamente os seus moradores (Pv 15.3; cf. Sl 66.7). O verbo também exprime a postura daquele que tem fé; Miquéias diz: "Eu, porém, olharei para o SENHOR; esperarei no Deus da minha salvação: o meu Deus me ouvirá" (7.7). Dhorme interpreta a forma que ocorre em Jó 15.22 como um particípio passivo (*tsāpû*), em que o sentido seria o resultado de "ser olhado", "escolhido" ou "marcado".

Como particípio (*tsôpeh*) o verbo significa "sentinela", aquele que era colocado sobre o muro da cidade e era responsável por informar a liderança da nação acerca dos perigos

(cf. 1 Sm 14.16; 2 Sm 18.24 e ss.; 2 Rs 9.17-20). A sentinela que falhasse no cumprimento do dever freqüentemente era executada. O ofício profético é, às vezes, descrito com essa linguagem. A Ezequiel Deus diz: "Eu te dei por 'atalaia' sobre a casa de Israel; da minha boca ouvirás a palavra, e os avisarás da minha parte" (3.17; cf. 33.7; Jr 6.17; Hc 2.1). Se Ezequiel deixasse de apresentar aos israelitas a advertência divina, seria responsável pela vida deles; mas, se fielmente proclamasse a mensagem, estava livre de qualquer outra responsabilidade, não importando qual fosse a reação do povo (Ez 3.18-21). Conquanto Deus tenha sido fiel em enviar sentinelas a Israel, muitos tornaram-se cegos de sua própria missão (Is 56.10). O fracasso dessas sentinelas e a rejeição dos verdadeiros atalaias foram razões fundamentais para a queda de Israel. De outro lado, os verdadeiros profetas serão as sentinelas que, antes de quaisquer outros, cantarão acerca do avanço dos novos feitos salvadores de Deus (Is 52.7-10).

O emprego do nome Mispa em Gênesis 31.49 desperta interesse. O local recebeu esse nome em razão de uma bênção: "'Vigie' o SENHOR entre mim e ti". Mas originariamente isso esteve longe de ser uma bênção. Foi o sinal de uma espécie de fronteira entre Jacó e seu sogro hostil. Lá as duas partes prometeram manter a paz.

J.E.H.

1951 צָפָה (*tsāpâ*) ***II, revestir.***

Termos Derivados

1951a צִפּוּי (*tsippûy*) ***revestimento de metal*** (Is 30.22; Êx 38.17, 19; Nm 17.3-4).

1951b צְפִית (*tsāpît*) ***tapete*** (Is 21.5).

1951c צְפַר (*tseper*) ***capitel folheado de coluna*** (2 Cr 3.15).

Muitos dos móveis e utensílios do tabernáculo deviam ser folheados a ouro puro, inclusive a arca da aliança, que devia ser assim revestida por dentro e por fora (Êx 25.10 e s., 13, 28), a mesa (Êx 25.23 e s.) e o altar do incenso (Êx 30.3, 5). Os chifres do altar do holocausto eram folheados a bronze (Êx 27.2, 6).

Salomão revestiu de ouro o interior do templo (1 Rs 6.20 e ss.) e muitos de seus móveis e utensílios (1 Rs 6.20, 22, 28, 30, 32). Ele também adornou a casa com pedras preciosas (2 Cr 3.6). Até mesmo o seu grande trono de marfim era revestido de ouro (1 Rs 10.18). Aparentemente às vezes era preciso trocar o revestimento de ouro. Sobre Ezequias diz-se que ele folheou as portas e os batentes das portas do templo (2 Rs 18.16). Esse ouro não era a camada fina usada hoje em dia, pois podia ser arrancado e usado como tributo (2 Rs 18.16).

A raiz também é empregada para indicar o revestimento de chão ou parede com madeira (1 Rs 6.15). Provérbios compara a pessoa de fala fácil mas coração mau com um jarro vitrificado com escória de prata (Pv 26.23). (Mas veja-se *sîg*, quanto à possibilidade de a "escória de prata" ser neste versículo uma única palavra, atestada em ugarítico, com o sentido de "lustro branco".)

Um texto difícil é Isaías 21.5, em que aparece a expressão *tsāpōh hatstsōpît*, que os estudiosos interpretam de diferentes maneiras, quer como derivada de *tsāpâ* I, "põem a sentinela" (TB) ou *tsāpâ* II, "estendem-se tapetes" (ARA). Os nobres, absortos em seus

próprios prazeres, continuaram a banquetear-se durante as horas tenebrosas que ameaçavam a existência de sua nação.

J.E.H.

צָפָה (*tsāpâ*). Veja o nº 1892b.
צִפּוּי (*tsippûy*). Veja o nº 1951a.
צָפוֹן (*tsāpôn*). Veja o nº 1953b.
צְפוֹנִי (*tsᵉpônî*). Veja o nº 1953c.
צִפּוֹר (*tsippôr*). Veja o nº 1959a.

1952 צפח (*tsph*). **Aceita como raiz de:**

1952a צַפַּחַת (*tsappaḥat*) ***jarro, botija*** (e.g., I Rs 17.12; 1 Sm 26.11).
1952b צְפִיחַת (*tsᵉpîḥit*) ***bolo chato, bolacha*** (Êx 16.31, somente).

צַפַּחַת (*tsappaḥat*). Veja o nº 1952a.
צִפִּיָּה (*tsippîyâ*). Veja o nº 1950a.
צְפִיחַת (*tsᵉpîḥit*). Veja o nº 1952b.
צָפִין (*tsāpîn*). Veja o nº 1953a.
צָפִיעַ (*tsāpîaʿ*). Veja o nº 1955a.
צָפִיר (*tsāpîr*). Veja o nº 1962a.
צְפִירָה (*tsᵉpîrâ*). Veja o nº 1960a.
צָפִית (*tsāpît*). Veja o nº 1951b.

1953 צפן (*tsāpan*) ***esconder, entesourar, armazenar.***

Termos Derivados

1953a צָפִין (*tsāpîn*) ***tesouro*** (Sl 17.14, somente).
1953b †צָפוֹן (*tsāpôn*) ***norte*** (e.g., Gn 13.14; Jr 26.26).
1953c צְפוֹנִי (*tsᵉpônî*) ***setentrional*** (Jl 2.20, somente).
1953d מַצְפֹּן (*matspôn*) ***tesouro escondido*** (Obadias 6, somente).

tsāpan ocorre 36 vezes. Significa ocultar algo com um objetivo definido, seja por motivo de proteção seja por razões sinistras. Moisés ficou escondido dentro de casa durante três meses para ser protegido do decreto de Faraó em que este determinava a morte de todas as crianças hebréias de sexo masculino (Êx 2.2). Os ímpios escondem-se a fim de armar emboscada contra os inocentes (Pv 1.11), mas no final das contas é contra as suas próprias vidas que a emboscada está armada (1.18). Os ímpios não conseguem esconder de Deus os seus feitos iníquos (Jr 16.17). Diz-se que os pecados são armazenados

no sentido de que receberão o devido castigo num dia de juízo (Os 13.12; cf. Jó 15.20; 21.19).

Diante das aflições e das maquinações preparadas pelos homens, Deus esconde o seu povo em sua presença (Sl 27.5; 31.20 [21]). O Deus de Israel expressa o interesse especial que tem em seu povo ao dar-lhes segurança e abrigo. De fato, aqueles que lhe pertencem são chamados de "os seus escondidos" (Sl 83.3 [4]; ARA, "protegidos").

A palavra também tem a conotação de armazenar ou entesourar coisas por causa de seu valor (Jr 36.29). Por isso Jeremias refere-se ao adversário de Judá como sendo a Babilônia. Ele passa a profetizar que a Babilônia será derrotada por uma nação vinda do norte (Jr 50.9; 51.48). Ezequiel também indica que os adversários de Israel que participarão da batalha derradeira virão de lugares longínquos ao norte (Ez 38.6, 15). O norte torna-se, então, um antro do mal. Em várias mitologias tem o sentido de centro de demônios.

tsāpôn. ***Norte.*** Na mitologia cananéia o norte era considerado o lugar de reunião da assembléia dos deuses. Os deuses reuniam-se no monte *tsapân*; *tsapân* pode ser interpretado como um nome próprio. Ali Baal reinava supremo. A montanha é geralmente identificada com o monte Cássio, Jebel el Aqra', ao norte de Ras Shamra. Kapelrud é da opinião que a torre em que eram realizados sacrifícios no templo de Baal pode ter tido o nome de Sapan, uma identificação mítica entre o monte e o santuário (p. 58). Esse conceito da assembléia divina no monte Sapân é mencionada no oráculo de Isaías contra a Babilônia, no qual o profeta descreve o orgulhoso rei a dizer "no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte" (14.13). O rei declara possuir senhorio universal e divino. Tal arrogância logo haveria de enfrentar a fúria da ira de Deus.

O fato de que Salmos 48.2 [3] coloca o monte Sião figuradamente no extremo norte significa que Deus é o único governante do universo. Somente ele deve ser reverenciado e louvado. Também é possível que esse versículo seja interpretado num sentido mais local. *yar'kâ* pode significar simplesmente "lado" (Êx 26.22; cf. *yarek*, Nm 3.35). O templo estava situado no lado norte da cidade de Davi. Às vezes Deus é descrito como alguém que, do norte, aparece a um de seus servos (Jó 37.22); ele sai de seu trono para comunicar diretamente o seu esplendor. Ezequiel surpreendeu-se com um vento tempestuoso vindo do norte, e, vinda do meio da nuvem, teve uma visão da glória de Iavé (Ez 1.4 e ss.).

Deus promete trazer seu povo de volta do norte (Is 43.6; 49.12; Jr 16.15). Não existe lugar algum onde uma potência terrena consiga pôr o povo de Deus para que fique fora do alcance do interesse divino (Jr 31.8). Jó afirma que Deus estende o norte sobre o vazio (26.7). Essa declaração mostra que Deus criou a partir do nada até mesmo os lugares sinistros e a montanha dos deuses. Portanto, não existe poder maligno ou deus ou assembléia divina que possua uma existência coeterna com Deus ou qualquer poder ou existência fora do poder criador de Deus (cf. Sl 89.12 [13]).

Bibliografia: — GASTER, Theodore H. *Thespis*. Doubleday, 1961. — KAPELRUD, A. S. *Baal in the Ras Shamra texts*. Copenhagen, G. E. C. Gad, 1952. — MORGENSTERN, Julian. Psalm 48. In: *Hebrew Union College Annual* 16:1-96. — OLDENBURG, U. *The conflict between El and Baal in Canaanite religion*. Brill, 1967. — ROWLEY, H. H. *Job*. Londres, Thomas Nelson & Son, 1970. — DE SAVIGNAC, J. Note sur le sens du therme Śâphôn trans quelques passages de la Bible. *VT* 3:95 e s. — *THAT*. v. 2, p. 575-81.

J.E.H.

1954 צפע (*tsp'*). **I. Aceita como raiz de:**

1954a צפע (*tsepa'*) ***serpente venenosa*** (Is 14.29, somente).

1954b צפעוני (*tsip'ônı*) ***serpente venenosa*** (e.g., Is 11.8; Pv 23.32).

1955 צפע (*tsp'*). **II. Aceita como raiz de:**

1955a צפיע (*tsāpîa'*) ***esterco de gado*** (Ed 4.15).

1956 צפע (*tsp'*). **III. Aceita como raiz de:**

1956a צפיעה (*ts'pî'â*) ***broto*** (Is 22.24, somente).

צפעוני (*tsip'ônî*). Veja o nº 1954b.

1957 *צפף (*tsāpap*) ***chilrear, pipilar***.

Termo Derivado

1957a צפצפה (*tsaptsāpâ*) ***uma espécie de salgueiro*** (Ez 17.5, somente). Significado incerto.

tsāpap ocorre apenas quatro vezes, sempre em Isaías. Aparece no pilpel e é um verbo onomatopaico. Designa o papaguear de uma ave irritada (Is 10.14). Nessa passagem o rei assírio se vangloria de sua grande intrepidez e capacidade na conquista das nações e no roubo das riquezas delas sem maiores dificuldades, tal qual um homem que rouba um ninho, sem que ave alguma dê um pio. Devido a tal arrogância e vangloria Deus está na iminência de destruir a Assíria (Is 10.15-19). De acordo com Isaías 38.14, Ezequias manifestou seu pesar diante de uma doença mortal com sons parecidos com os de andorinha ou grou. Numa linha de raciocínio diferente, a palavra designa o som produzido pelos mortos (Is 29.4) e também pelos magos e médiuns, talvez imitando o som dos mortos em sua tentativa de despertá-los (Is 8.19). Quando "Ariel" (IBB; ARA, "Lareira de Deus"), a cidade de Davi, for derrotada, seu fim será simplesmente pipilar no pó (Is 29.4). Isaías declara que, quando Deus se esconde de Israel, o povo é aconselhado a voltar-se para o oculto em busca de orientação, mas ele também afirma que Israel há de encontrar sentido para a sua existência no ensino e no testemunho dados apenas por Deus (Is 8.19 e s.).

J.E.H.

צפצפה (*tsaptsāpâ*). Veja o nº 1957a.

1958 צפר (*tsāpar*) ***I.*** Significado incerto. Ocorre somente em Juízes 7.3.

1959 צפר (*tspr*). **II. Aceita como raiz de:**

1959a †צפור (*tsippôr*) ***pássaro, ave.***

Essa palavra indicativa de "pássaro" está relacionada com o "chilreado" de um pássaro. Deus se interessa pelas aves. Ele as criou e lhes deu um lugar para fazerem os seus ninhos (Sl 104.17). Ele os preservou durante o dilúvio (Gn 7:14). O pardal faz o seu ninho mesmo nos altares de Iavé (Sl 84.3 [4]). Uma parte do senhorio em que o homem foi investido é sobre as aves dos céus (Sl 8.8 [9]).

Certas aves são consideradas limpas. São comestíveis (Dt 14.11), e algumas delas, como é o caso das pombas, foram até mesmo especificadas como sacrifícios aceitáveis. A maioria, das aves imundas, senão todas, são aves de rapina.

O israelita tinha obrigação de ser bondoso até mesmo com as aves; se encontrasse um ninho com ovos ou filhotes, não podia apanhar a mãe junto com os filhotes (Dt 22.6 e s.). Aparentemente algumas aves eram domesticadas para servirem de animais de estimação (Jó 41.5 [40.29]). As aves, no entanto, jamais deveriam ser usadas para representar uma divindade (Dt 4.17), como se fazia no Egito e na Mesopotâmia.

Os pássaros serviam para designar muitas idéias diferentes: 1) um vôo ágil em busca de segurança (Sl 11.1); 2) alguém caçado (Lm 3.52); 3) alguém que, sem perceber, é apanhado na armadilha (Pv 6.5; cf. Sl 124.7; Ec 9.12); 4) o vaguear longe de casa (Pv 27.8); 5) fuga (Pv 26.2); 6) um forte sentimento de solidão (Sl 102.7 [8]); 7) a maneira como Israel voltou do exílio (Os 11.11); 8) os povos das várias nações que habitarão no cedro excelente (Ez 17.23); 9) a proteção dada por Iavé a Jerusalém, tal qual uma ave que paira no ar (Is 31.5).

Bibliografia: — DRIVER, G. R. Birds in the Old Testament. *PEQ* 87:5-20, 129-40.

J.E.H.

1960 צפר (*tspr*). **III. Aceita como raiz de:**

1960a צְפִירָה (*tsᵉpîrâ*) ***trança, grinalda*** (Ez 7.7, 10; Is 28.5).

1961 צפר (*tspr*). **IV. Aceita como raiz de:**

1961a צִפֹּרֶן (*tsippôren*) ***unha das mãos, ponta de estilete, ponteiro de ferro*** (Jr 17.1; Dt 21.12).

1962 צפר (*tspr*). **V. Aceita como raiz de:**

1962a צְפִיר† (*tsāpîr*) ***bode.***

tsapîr aparece apenas em textos mais recentes (Daniel, Crônicas e Esdras). O bode era um dos animais usados como oferta pelo pecado; por exemplo, 12 foram oferecidos por ocasião da dedicação do segundo templo (Ed 6.17; cf. 2 Cr 29.21). Daniel viu, numa visão, surgir do ocidente um bode com um chifre entre os olhos (Dn 8.5-8). O bode é identificado com o rei da Grécia, Alexandre (Dn 8.21). Às vezes feroz, o bode é símbolo de poder, especialmente ao ter um papel de dominação sobre as ovelhas (cf. Ez 34.17; Zc 10.3).

Bibliografia: — MONTGOMERY, James A. *Daniel*. In: *ICC*.

1963 צפרדע (*ts'pardēa'*) ***sapos.***

צִפֹּרֶן (*tsippōren*). Veja o nº 1961a.
צֶפֶת (*tsepet*). Veja o nº 1951c.

1964 צִקְלָג (*tsiqqālōn*). Significado incerto, talvez ***vestes*** (2 Rs 4.42).

1965 צר (*tsôr*) ***Tiro.***

Tiro era uma das principais cidades-estados dos fenícios na região do Líbano. O centro de Tiro situava-se numa ilha rochosa, a curta distância da costa. Tal localização proporcionava excelente defesa. Com um quebra-mar comprido, exibia um dos melhores portos do litoral da Palestina. Sua história fez paralelo com a ocupação de Canaã pelos hebreus. Os fenícios eram excelentes comerciantes dos mares e mercadores de púrpura. Adoravam muitos deuses, inclusive Baal.

Em vários períodos tiveram relacionamento comercial e religioso com Israel. Davi fez uma aliança com Hirão, rei de Tiro. Este despachou os famosos cedros do Líbano para a construção do palácio (2 Sm 5.11 e s.). Hirão continuou a aliança com Salomão e lhe forneceu a madeira e o ouro necessários para a construção do templo e do palácio de Salomão (1 Rs 5). Outro Hirão, um artesão habilidoso, foi enviado para ensinar e ajudar os artesãos hebreus nos vários detalhes da construção (1 Rs 7.13 e s.). Como compensação, Salomão supriu o rei Hirão com grandes quantidades de alimento. Mais tarde teve de acrescentar a esse pagamento mais 20 cidades da Galiléia, mas Hirão não ficou satisfeito (1 Rs 9.11-14). Salomão também se juntou a Hirão em aventuras comerciais no litoral da Africa em busca de todo o tipo de produtos exóticos (1 Rs 10.22). Josafá tentou, sem sucesso, uma aventura comercial conjunta parecida (1 Rs 22.49 e s.). O maior impacto da religião fenícia em Israel ocorreu devido aos esforços zelosos de Jezabel, filha de Etbaal, rei de Tiro, casada com Acabe. Seus esforços criaram uma crise no iavismo, cujos principais defensores foram Elias e Eliseu (1 Rs 16.29—2 Rs 10.35). E o impacto causado por ela alcançou Judá devido ao casamento de sua filha Atalia com Jeorão, rei de Judá (2 Rs 8.16 e ss.; 11.1-20). Mais tarde Tiro e Sidom voltaram a fornecer cedros para a construção do segundo templo em troca de alimentos, bebida e azeite (Ed 3.7). Mas os comerciantes de Tiro violaram a lei judaica ao vender peixe e outros produtos no dia de sábado (Ne 13.16).

Os profetas compuseram muitos oráculos e lamentos de destruição contra Tiro por causa do orgulho e da arrogância de se considerarem a maior nação no comércio marítimo que lidava com os produtos mais finos e caros (Is 23; Jr 25.22; 47.4; Ez 26-28; cf. Sl 45.12 [13]). Tiro havia adquirido uma imensa riqueza por meio de sua notável sabedoria (Jl 3.1-8 [4.4-8]; Zc 9.3 e s.; Ez 28.3 e ss.). Habilidade e sucesso haviam levado o seu príncipe a afirmar que era deus (Ez 28.2, 9). Num lamento Ezequiel o descreve como alguém perfeito no jardim do Éden, mas ele se corrompeu com a violência do seu comércio. Por isso Deus fez com que fosse expulso do jardim e castigado (Ez 28.12-19). Mas, por intermédio de Isaías, Deus estendeu a Tiro esperança de restauração. Suas mercadorias e seus préstimos seriam então consagrados a Iavé, e Tiro forneceria alimentos e roupas finas àqueles que viessem a habitar diante do Senhor (Is 23.17 e s.).

Bibliografia: — BLAIKLOCK, E. M. Tyre. In: *ZPEB*. v. 5, 832-5. — HARDEN, Donald.

1966 צרב* (*tsārab*)

The Phoenicians. Praeger, 1963. — KAPELRUD, T. S. Tyre. In: *IDB*. v. 4, p. 721 e ss. — MOSCATI, Sabatino. *The world of the Phoenicians*. Praeger, 1970.

J.E.H.

צֹר (*tsōr*). Veja o nº 1975b.

צר (*tsar*). Veja os nºs 1973a, b, 1974a, 1975a.

1966 צרב* (*tsārab*) ***queimar, chamuscar***. Ocorre somente uma vez, no nifal (Ez 21.3).

Termos Derivados

1966a צָרָב (*tsārāb*) ***queimadura, chamuscamento*** (Pv 16.27, somente).

1966b צָרֶבֶת (*tsārebet*) ***casca (de ferida), cicatriz (de uma chaga)*** (Lv 13.23, 28).

צָרֶבֶת (*tsārebet*). Veja o nº 1966b.

1967 צרה (*tsrh*). **Aceita como raiz de:**

1967a צָרִי (*tsārî*) ***tipo de bálsamo*** (e.g., Gn 37.25; Ez 27.17).

צָרָה (*tsārâ*). Veja os nºs 1973c, 1974b.

צְרוֹר (*tsᵉrôr*). Veja os nºs 1973e, 1975c.

1968 צרח (*tsārah*) ***I, gritar, urrar*** (Sf 1.14; Is 43.13).

1969 צרח (*tsrḥ*). **II. Aceita como raiz de:**

1969a צְרִיחַ (*tsᵉrîaḥ*) ***escavação, câmara subterrânea*** (e.g., Jz 9.49; 1 Sm 13.6).

צָרִי (*tsārî*). Veja o nº 1967a.

צְרִיחַ (*tsᵉrîaḥ*). Veja o nº 1969a.

1970 צרך (*tsrk*). **Aceita como raiz de:**

1970a צֹרֶךְ (*tsōrek*) ***necessidade*** (2 Cr 2.15, somente).

1971 צרע (*tsāraʿ*) ***sofrer doença de pele, ficar leproso***. Este verbo denominativo é usado principalmente no pual.

Substantivo de Origem

1971a צָרַעַת (*tsāra'at*) ***doença maligna da pele, lepra.*** Num sentido estrito, leucodermia e doenças correlatas.

1971b צִרְעָה (*tsir'â*) ***vespa.***

Conquanto o vocábulo seja geralmente traduzido por "lepra", "leproso", a designação "lepra" não é correta do ponto de vista médico, uma vez que *tsāra'at* se refere a uma gama bem maior de doenças da pele (cf. "doença contagiosa", BLH). No entanto, por conveniência, pode-se manter o termo "lepra".

Além da ferida aberta e maligna e de pêlos brancos, que denunciavam a existência da enfermidade, a pessoa com lepra também devia ser identificada por meio de roupas rasgadas e por meio do anúncio de "imundo", quando estivesse nas ruas, e devia viver isolada da comunidade. O AT dá o nome de quatro pessoas que ficaram leprosas. Sem contar Moisés (Êx 4.6; cf. também 2 Rs 7.3), o AT menciona Miriã (Nm 12.10), Uzias (2 Rs 15.5), Geazi (2 Rs 5.27) e o sírio Naamã (2 Rs 5.1).

Deus pode infligir a doença de *tsāra'at* como castigo por pecados como os de ciúme (cf. Miriã), raiva e falta de submissão total aos mandamentos de Deus (cf. Uzias), e cobiça (cf. Geazi). Não se deve, porém, concluir que toda enfermidade seja resultado de um pecado individual (cf. Jó; Lc 13.1-5; Jo 9.1-7).

tsāra'at não era necessariamente incurável (cf. 2 Rs 5.7). Em contraste, a lepra era provavelmente incurável (Lv 13). De qualquer forma, a cura de *tsāra'at* podia servir de sinal de poder divino (Êx 4.6; 2 Rs 5.8).

O isolamento de um leproso era, sem dúvida alguma, uma providência sanitária para evitar um contágio maior. O fato de, na teocracia de Israel, um sacerdote ser incumbido de diagnosticar a enfermidade, não significa que os clérigos de hoje devam tornar-se agentes de saúde. Portanto, torna-se evidente o princípio do interesse divino pela saúde dos corpos não só para aquela época mas em todos os tempos (cf. Jesus, Mt 8.2-3).

Doenças com erupção na pele são às vezes benignas e às vezes perigosas e altamente contagiosas, como no caso de varíola, escarlatina, etc. Na antigüidade o único controle eficaz era o isolamento. Apenas as leis hebréias traziam essas providências bastante valiosas.

O vocábulo *tsāra'at* é encontrado principalmente (20 vezes) nos dois capítulos que tratam dos diagnósticos e das medidas de purificação para aquele que ficou imundo (*tāmē'*, Lv 13; 14). No que diz respeito ao contágio, *tsāra'at* se refere não apenas a erupções da pele mas também a mofo ou bolor nas roupas (Lv 13.47-52) ou nas casas (Lv 14.34-53). Vê-se assim que a palavra não designa especificamente a lepra. A determinação, pelo sacerdote, de que um indivíduo estava imundo significava separação da comunidade e incapacitação cerimonial para entrar no templo (cf. 2 Cr 26.21). As medidas de purificação que deviam ser tomadas após a cura envolviam um ritual com duas aves. De acordo com *KD*, esse ritual era necessário para a restauração da pessoa junto à comunidade (Lv 14.2-9). Seguia-se uma série de ofertas adicionais, destacando-se a oferta pela culpa, talvez porque as doenças fossem, em última instância, associadas ao pecado (Lv 14.10-20).

1972 צָרַף (*tsārap*)

Não há fundamento nas Escrituras para considerar a lepra um tipo de pecado, embora a analogia possa ser útil por razões de ilustração.

Bibliografia: — HARRIS, R. Laird. *Man—God's eternal creation*. Moody, 1971, p. 142-3. — BROWNE, S. G. Leper, Leprosy. In: *WBE*. v. 2, p. 1026-7.

E.A.M.

צָרַעַת (*tsāra'at*). Veja o nº 1971a.

1972 צָרַף (*tsārap*) ***fundir, refinar, testar.***

Termos Derivados

1972a צָרְפִי (*tsōr'pî*) ***ourives*** (Ne 3.31, somente).

1972b מִצְרָף (*matsrēp*) ***crisol, cadinho*** (Pv 13.3; 27.21).

tsārap é basicamente usado em referência à atividade daqueles que trabalham com ouro e prata e para o processo de purificação de metais antes de se fazerem utensílios finos com eles (Pv 25.4). Fazer imagens fundidas era algo que criava uma grande demanda para o trabalho dos artífices em metal (Jz 17.4). Um ídolo podia ser folheado a ouro e adornado com correntes de prata que eram fundidas para isso (Is 40.19). No entanto, o ourives que usa sua habilidade para fazer ídolos será envergonhado por seu trabalho, pois essas imagens não passam de uma ilusão (Jr 10.14; 51.17).

Diversos aspectos do processo de purificação do metal são vividamente usados para descrever o juízo sobre, e a purificação do, pecado (e.g., Is 1.25; Jr 6.27-30; Ez 22.18-22). Deus procura remover de seu povo toda impiedade e todo o pecado de modo que o povo suporte sua santa presença. O homem tem a responsabilidade de limpar-se a si mesmo a fim de poder ser purificado, i.e., deve reagir com obediência à palavra de Deus a fim de experimentar purificação (Dn 12.10). Ademais, quando seu povo é errante e viola a aliança, Deus procura trazê-lo de volta purificando-o (Jr 9.7 [6]). Deus testa-o na fornalha da aflição (Is 48.10). Embora o povo tenha de suportar circunstâncias difíceis, na medida em que sua fé em Deus permanecer firme, no final experimentará livramento (Sl 66.6-12). Entre a promessa e o cumprimento, a própria palavra testa e purifica aquele que a ouviu (Sl 105.19). Entretanto, às vezes as pessoas se tornam tão obstinadas que, não importa quão intenso se torne o fogo purificador, isso é em vão (Jr 6.27-30). Deus tem então de vir em juízo contra o seu povo. Mas, em meio a esse juízo, Deus ainda está preparando um povo para si. Aqueles que se submetem ao juízo como algo purificador irão se voltar para Deus e uma vez mais entrarão em aliança com ele (Zc 13.9). De acordo com Malaquias, Deus purificará os levitas como se estes fossem ouro e prata; então eles oferecerão de forma correta os sacrifícios, e estes sacrifícios serão aceitos (Ml 3.2 e ss.). O clímax do processo purificador divino resultará no estabelecimento de uma cidade sobre a qual ele tem absoluto domínio; essa cidade será chamada "cidade de justiça, cidade fiel" (Is 1.25 e s.).

O reto suporta o teste leal de Iavé sem desprezar o teste. Confiadamente declara que a provação não achou nada em falta (Sl 17.3). De fato, quando busca a proteção divina, ele até mesmo ora para que Deus teste ou purifique os seus pensamentos e as suas

atitudes mais íntimas para que a sua petição seja realmente digna de ser respondida (Sl 26.2).

A palavra de Deus também é testada ou, de acordo com EP, "comprovada" (Sl 18.30 [31]). Ou seja, aquilo que Deus diz é autêntico; uma vez que foi testado, é merecedor de toda confiança. Salmos 12.6 [7] compara a fala de Iavé a "prata refinada em cadinho de barro, depurada sete vezes". Por isso aqueles que servem a Iavé amam a sua palavra (Sl 119.140) e se refugiam nele, tendo-o por seu escudo (Pv 30.5).

Bibliografia: — BOWES, D. R. Metals and metallurgy. In: *ZPEB*. v. 4, p. 206-12. — FORBES, R. J. *Studies in ancient technology*. Brill, 1964. v. 8. — GARBER, P. L. Refining. In: *IDB*. v. 4, p. 23 e s. — SINGER, Charles, E. J. HOLMYARD & A. R. HALL. *A history of technology*. Oxford, Clarendon, 1965. v. 1.

J.E.H.

צרְפִּי (*tsōr'pî*). Veja o nº 1972a.

1973 צָרַר (*tsārar*) ***I, atar, ser estreito, estar aflito*** (qal); ***estreitar, afligir, sitiar*** (hifil).

Termos Derivados

1973a †צַר (*tsar*) ***I, estreito, apertado.***

1973b †צַר (*tsar*) ***II, aflição.***

1973c †צָרָה (*tsārâ*) ***dificuldades, aflição.***

1973d *צרר (*tsārar*) ***sofrer aflição.*** Esse verbo denominativo ocorre somente no piel (Jr 48.41; 49.22).

1973e צְרוֹר (*ts'rôr*) ***feixe, pacote, bolsa, sacola*** (e.g., Gn 42.35; Ag 1.6).

1973f מצר (*mētsar*) ***dificuldades, aflição*** (Sl 116.3; 118.5; Lm 1.3).

tsārar pode designar qualquer coisa que é estreita ou impõe limites. Um lugar pode tornar-se pequeno demais para as pessoas morarem quando estas aumentam em número (2 Rs 6.1; Is 49.19 e s.). Isaías fala de um cobertor estreito demais para a pessoa nele se enrolar (28.20). Também designa a ação de enclausurar (2 Sm 20.3) e pode ter o sentido de "tolher" (Pv 4.12; ARA, "embaraçar").

tsārar significa "enfaixar" ou "amarrar". E usado para designar a ação de prender a pedra na funda (Pv 26.8, IBB), de amarrar uma amassadeira a um manto (Êx 12.34) ou de remendar um odre de vinho velho e rasgado (Js 9.4, pual). Acerca de Deus diz-se que ele amarra ou prende a água em nuvens espessas (Jó 26.8; cf. Os 4.19). Oséias diz que o pecado de Efraim está atado, i.e., guardado para o momento do juízo (13.12). Visto que o povo rejeita a sua mensagem, Isaías exorta os seus discípulos a preservar entre si o ensino do profeta, dizendo: "Ata o testemunho, sela a lei entre os meus discípulos" (8.16, IBB). Emprega-se também o vocábulo em referência à preservação da vida de alguém: "a tua vida será atada no feixe dos que vivem" (1 Sm 25.29).

Pode também referir-se à forte reação emocional que a pessoa experimenta quando sofre pressões externas feitas pelos inimigos ou pressões internas que são fruto de

decisões erradas ou de paixões; por exemplo, o enfrentamento de Jacó com Esaú (Gn 32.7 [8]). Israel foi freqüentemente colocado em situação de terrível aflição por seus inimigos durante o período dos juízes (Jz 2.15; 10.9). Até mesmo um grande líder pode sentir-se aflito com a reação do povo diante de decisões controversas (cf. 1 Sm 30.6). Pode-se ficar obcecado por um desejo e tornar-se tão dominado emocionalmente a ponto de ficar doente; por exemplo, o desejo distorcido que Amnom tinha de sua irmã (2 Sm 13.2).

Uma das maldições para a violação da aliança diz que inimigos sitiarão as cidades de Israel (Dt 28.52). Semelhantemente Deus aflige todo aquele que pecou (Sf 1.17; Jr 10.18). Alguns, ao experimentar tal aflição, tornam-se ainda mais incrédulos, como aconteceu com Acaz (2 Cr 28.22), ao passo que outros se humilham e buscam a Iavé, como foi com Manassés (2 Cr 33.12; cf. Dt 4.30 e s.).

Essa raiz, ou uma bem parecida, descreve a aflição de uma mulher em trabalho de parto (Jr 48.41; 49.22).

tsar ***I. Estreito, apertado.*** *tsar* I descreve algo como estreito, por exemplo, um lugar onde uma pessoa pode mover-se apenas numa direção (Nm 22.26). Um rio estreito possui uma forte correnteza (Is 59.19). A força "estreita" (ARA, "pequena") não serve para agüentar nada (Pv 24.10).

tsar ***II. Aflição, dificuldades.*** O substantivo descreve a angústia que a pessoa enfrenta em circunstâncias adversas, por exemplo, a imensa aflição que vem com a morte de um amigo íntimo (2 Sm 1.26) ou com a recusa de Deus de dar ajuda ou orientação (Jó 7.11; cf. 1 Sm 28.15; Is 25.4; 63.9).

tsārâ. ***Dificuldades, aflição.*** O vocábulo indica uma imensa agitação no íntimo (Sl 25.17). Descreve a aflição de um povo sitiado por um inimigo. É comparável à dor de uma mulher que dá à luz o seu primeiro filho (Jr 4.31). Refere-se ao terror experimentado com a aproximação de um exército destruidor (Jr 6.24). Define o tipo de tempo em que Judá sofre o seu mais duro castigo por violar a aliança (Jr 30.7; cf. Sl 78.49). A terra de um povo que rejeita a palavra do Senhor é descrita como uma terra cheia de aflição, trevas e sombras de angústia (Is 8.22; cf. 30.6). A essas trevas Iavé trará a luz de sua salvação (Is 9.1-2 [8.23—9.1]).

Um irmão ajuda na adversidade (Pv 17.17). Semelhantemente o Senhor ajuda o seu povo a livrar-se dos tempos de aflição (Sl 50.15; 37.39). Deus promete graciosamente salvar Israel das tribulações do Dia do Senhor (Jr 30.7).

1974 צָרַר (*tsārar*) ***II, ser hostil com.***

Termos Derivados

1974a צַר (*tsar*) ***adversário, inimigo.***

1974b צָרָה (*tsārâ*) ***importunador, esposa rival*** (1 Sm 1.6, somente).

1974c צָרַר (*tsārar*) ***ser esposa rival.*** Esse verbo denominativo ocorre somente em Levítico 18.18.

Essa raiz trata da assolação e do tormento provocado por um inimigo. Deus prometeu a Israel vitória sobre todos os seus adversários (Nm 24.8). Entretanto, caso Israel deixasse de expulsar de Canaã as nações estrangeiras, elas permaneceriam ali para importunar Israel como se fossem espinhos e ferrões (Nm 33.55). As armas dessas nações incluíam artimanhas como a de seduzir os hebreus a se envolver com idolatria licenciosa (Nm 25.18). No período pós-exílico, Hamã, que procurou destruir os judeus com um decreto expedido por um rei persa, é chamado de "adversário dos judeus" (Et 3.10; 8.1; etc.).

Sempre que um adversário derrotava Israel, ele zombava de Iavé (Sl 74.10, 17, 23). De igual maneira o fiel que está sendo oprimido é ridicularizado por seus inimigos. Estes perguntam: "O teu Deus, onde está?" (Sl 42.10 [11]; cf. 31.11 [12]). Como reação a isso o povo suplicava a Deus que o livrasse por amor à sua honra e à sua reputação (Sl 74). A ajuda que ele oferece, com base em sua misericórdia e amor, demonstra que ele é o Deus vivo (cf. Sl 143.12). Ele também utiliza meios surpreendentes para confundir seus adversários, até mesmo aquilo que pronuncia a boca de nenéns (Sl 8.2 [3]; Sl 105.24).

Deus executa justiça contra os seus adversários a fim de purificar (*kippēr*) a terra (Dt 32.41 e ss.). Israel, na condição de instrumento divino para castigo de outras nações, às vezes recebe ordens para ser hostil com algum de seus inimigos e de feri-lo (Nm 25.17). O Dia do Senhor será para ele um dia de clímax, o dia de vingança contra todos os seus inimigos (Jr 46.10).

J.E.H.

1975 צרר (*tsrr*). **III. Aceita como raiz de:**

1975a צר (*tsar*) ***seixo duro, pederneira*** (Is 5.28, somente).

1975b צר (*tsōr*) ***pederneira*** (e.g., Êx 4.25; Ez 3.9).

1975c צרור (*tsᵉrôr*) ***seixo*** (2 Sm 17.13; Am 9.9).

Nota: A página 1312 no Ditat está em branco, podendo assim já ir a página 1313. Shalom!

ק

קֵא (*qē'*). Veja o nº 2 013a.

1976 קָאַת (*qā'at*), קָאָת (*qā'āt*) ***uma ave,*** talvez **pelicano** ou uma espécie de **coruja** (e.g., Lv 11.18; Dt 14.17).

קַב (*qab*). Veja o nº 1 977a.

1977 קבב (*qbb*). **I. Aceita como raiz de:**

1977a קַב (*qab*) ***medida de capacidade para secos*** (2 Rs 6.25, somente). Provavelmente 1/6 de um *s'â*, 1/18 de um *'êpâ* (q.v.).

1977b קֻבָּה (*qubbâ*) ***tenda grande e abobadada*** (Nm 25.8, somente).

1978 קָבַב (*qābab*) ***II, amaldiçoar.***

Essa palavra tem a conotação do ato de pronunciar uma fórmula cujo objetivo é prejudicar o seu objeto. Para uma comparação de sinônimos, veja-se o verbete sobre *qālal*. *qābab* ocorre 15 vezes. *BDB* faz distinção entre esta palavra e *qbb* I.

A palavra pode muito bem ser um empréstimo lingüístico, visto que aparece nos lábios de, ou é aplicada a, gentios (ou pessoas nascidas de casamento misto, Lv 24.11) ou surge em passagens poéticas. Às vezes é difícil determinar se o texto traz *qbb* II ou *nqb* (os léxicos e gramáticas divergem).

A palavra aparece um maior número de vezes no incidente em que Balaão e Balaque estiveram envolvidos. Certamente a crença de Balaque em magia e o seu objetivo de fazer uso de tal magia se destacam nessa passagem. (Quanto ao efeito de tal maldição e ao entendimento que Balaão tinha a respeito, veja-se *qālal* e o exame de Nm 23.8.) Talvez a mesma conotação esteja presente em Levítico 24.11, em que a pessoa nascida de casamento misto pode ter usado o nome de Deus numa fórmula mágica. Nas demais passagens a raiz é empregada sem nenhuma conotação mágica e sem a idéia de pronunciar alguma fórmula (em contraste com *'ārar* e *qālal*, q.v.), ainda que o uso em Jó 3.8 tenha sido objeto de debates. Ali Jó pede que esconjuradores apaguem da história

1979 קֵבָה (*qbh*)

o dia do seu nascimento (veja-se Michael FISHBANE, Jeremiah, IV, 23-26 and Job, III, 3-13; e também A recovered use of the creation pattern, *VT* 21:152).

L.J.C.

1979 קֵבָה (*qbh*). **Aceita como raiz de:**

1979a קֵבָה (*qēbâ*) ***estômago, barriga*** (Dt 18.3; Nm 25.8).

קִבּוּץ (*qibbûts*). Veja o nº 1 983a.

קְבוּרָה (*qᵉbûrâ*). Veja o nº 1 984b.

1980 *קָבַל (*qābal*) ***tomar, receber*** (piel e hifil somente).

Termo Derivado

1980a קְבֹל (*qᵉbōl*) ***aríete, arma de guerra*** (Ez 26.9).

A idéia básica transmitida por esse verbo é a de "receber" algo oferecido. O vocábulo hebraico usual é *lāqaḥ* (q.v.). Parece que essa raiz é um empréstimo lingüístico, talvez do aramaico (conforme sugerido por *KB*). Ocorre somente em textos claramente tardios, à exceção do sentido técnico de Êxodo 26.5; 36.12. A raiz ocorre 12 vezes (seus derivados aparecem apenas em Ez 26.9 e 2 Rs 15.10).

Essa raiz pode ser usada em referência à ação de receber, muito embora as circunstâncias possam levar a pessoa a rejeitar o oferecimento. Davi recebeu Amasai e seus companheiros sem dificuldade nenhuma por causa do juramento de fidelidade que fizeram (1 Cr 12.18 [19]), muito embora a tribo deles se opusesse a Davi. Os levitas apanharam a imundícia (por imundo que fosse) do templo e a levaram para fora da cidade (2 Cr 29.16). Até mesmo presentes dados pelos pagãos foram aceitos para serem usados no novo templo (Ed 8.30). Em outras passagens a coisa recebida não tem nenhuma conotação negativa (2 Cr 29.22). Podem-se receber coisas intangíveis, tais como instrução (Pv 19.20, onde a expressão faz paralelo com "ouvir o conselho"), castigo (1 Cr 21.11), o bem e o mal (sem queixas, Jó 2.10) e o costume de guardar um novo dia santo (Et 9.23).

L.J.C.

1981 קָבַע (*qāba'*) ***roubar*** (Ml 3.8; Pv 22.23). Significado incerto.

1982 קֻבַּעַת (*qubba'at*) ***cálice*** (Is 51.17, somente). Talvez um empréstimo lingüístico do assírio *ḳabu'tu*.

קֻבַּעַת (*qubba'at*). Veja o nº 1 982.

1983 קָבַץ (*qābats*) ***juntar, reunir***.

Termos Derivados

1983a קִבּוּץ (*qibbûts*) ***ajuntamento, reunião*** (cf. o *kibbutz* israelense).

1983b קְבֻצָה (*q^ebutsâ*) ***ajuntamento.***

O verbo designa basicamente ação de reunir pessoas num local. Cf. o ugarítico *qbts* (*AisWUS* nº 2386).

Deve-se comparar o vocábulo com os seguintes sinônimos em hebraico: *'āśap*, "juntar", "ajuntar" (com sentido bem mais amplo do que a raiz em questão, mas fazendo paralelo com ela), *qāhal*, "reunir-se", "congregar" (especialmente para adoração), *gādad*, "reunir tropas", e *yā'ad*, "encontrar-se", "reunir" (mediante compromisso marcado). A raiz ocorre 127 vezes.

Umas poucas ocorrências da raiz denotam a ação genérica de juntar (cf. *'āśap*), por exemplo, comida (Gn 41.35), dinheiro (2 Cr 24.5), etc. No entanto, o uso mais comum diz respeito ao ajuntar pessoas.

Primeiramente, existem diferentes motivos sociais para pessoas se reunirem: para pedir um rei a Samuel (1 Sm 8.4), para reconhecer Davi como rei (2 Sm 3.21; 1 Cr 11.1). Deus reflete acerca da volta do exílio (ou seria no *eschaton* [?]), dizendo que o povo se reunirá para escolher um rei (Os 1.11). Observe-se também a ação de reunir pessoas para trabalhar nos muros de Jerusalém (Ne 5.16), reunir nobres e demais indivíduos a fim de alistá-los de acordo com as suas genealogias (Deus se interessa pelo rol da aliança [e da igreja], Ne 7.5) e reunir virgens para escolher uma rainha (Et 2.3).

Em segundo lugar, a raiz freqüentemente denota o ajuntamento de tropas (e.g., Js 10.6; Jz 12.4). O povo é reunido (como exército?) para tapar as fontes de água fora de Jerusalém (2 Cr 32.4). Durante um ataque, uma trombeta (*qeren*) servia de ponto de reunião (Ne 4.20 [14]). Depois de uma batalha Joabe reuniu as suas tropas para contar as perdas (2 Sm 2.30). Será que Elias pede de fato, a Acabe para reunir o povo e os falsos profetas como se fossem um exército a fim de dar combate (1 Rs 18.19)?

Em terceiro lugar, o povo é reunido com finalidades religiosas. Jacó reúne os seus filhos para lhes dar a bênção (Gn 49.2). Davi ajunta os sacerdotes e levitas para transportarem a arca até Jerusalém (1 Cr 13.2). O povo se congrega para renovar a aliança com Deus (1 Sm 7.6; 2 Cr 15.9-10), pedir a sua ajuda (2 Cr 20.4), servi-lo (Sl 102.22 [23]), fazer voto de despedir suas esposas estrangeiras (Ed 10.1, 7, 9), etc. Nos escritos proféticos (nos graus qal e nifal) as convocações divinas têm como objetivo o juízo e a bênção (inclusive de salvação, Is 43.9; Jl 3.11 [4.11]).

Finalmente, Deus se compromete a ajuntar o seu povo desde os lugares para onde o havia espalhado (Dt 30.3-4). Antes mesmo do exílio babilônico Davi cita essa promessa como a causa de suas vitórias (1 Cr 16.35; cf. Sl 106.47). Durante o grande exílio essa promessa é lembrada repetidas vezes pelos profetas (e.g., Is 11.12). A esperança que oferecem aos cativos tem raízes na soberania de Deus (Is 40.11). De outro lado, Deus condena a Babilônia ao "cativeiro" sem nenhuma esperança de livramento (Is 13.14). No *eschaton* esse ajuntamento operado por Deus deve estender-se a todos os povos (Is 66.18) — até mesmo aos gentios (Is 11.12). Ao fazer cumprir uma profecia tão clara, Deus exibe sua soberania e, desse modo, santifica-se a si mesmo naqueles que são reunidos (Ez

1984 קָבַר (*qābar*)

20.41). Depois do retorno do exílio, Deus manda a nação lembrar-se da antiga promessa que ele fizera (Ne 1.9), e ela o faz (Sl 107.3).

L.J.C.

1984 קָבַר (*qābar*) ***sepultar.*** Verbo empregado 132 vezes, sempre com referência a seres humanos.

Termos Derivados

1984a קֶבֶר† (*qeber*) ***túmulo, sepultura.***
1984b קִבְרָה (*qᵉburâ*), קְבוּרָה (*qᵉbûrâ*) ***túmulo, sepultamento.***

O verbo *qābar* não é empregado figuradamente em referência à ação de se esconder ou de causar pavor. Raramente é empregado em poesia; no livro de Salmos aparece uma única vez (79.3), em que designa sepultamento depois de uma batalha em Jerusalém.

qeber. ***Túmulo, sepultura.*** Essa palavra também é usada na maioria das vezes para indicar simplesmente o túmulo. É empregada apenas três vezes em Salmos (de um total de 67) e com pouca freqüência em outros textos poéticos. É usada para designar a caverna de Macpela, os túmulos do Egito e a sepultura dos reis, conforme mencionado em Crônicas. A expressão "*qeber* aberto" é aplicada à garganta de um homem ímpio em Salmos 5.9 [10]. É interessante o seu uso em Salmos 88. Esse salmo diz respeito àqueles que se aproximam do Sheol, *shᵉ'ôl* (q.v., v. 3 [4]), àqueles que descem à cova, *bôr* (q.v., v. 4 [5]), aos mortos, *mētîm* (v. 5 [6]), à cova embaixo, *bôr taḥtiyyôt* (v. 6 [7]), aos mortos, *rᵉpā'îm* (v. 10 [11]), à destruição, *'ăbaddôn* (v. 11 [12]), ao lugar de trevas e à terra do esquecimento (v. 12 [13]). Parece que *qeber* é usado tanto no versículo 5 [6] quanto no 11 [12] como um sinônimo que se faz necessário para fazer paralelo às outras palavras usadas com maior freqüência na poesia. Ajuda, porém, a dar uma pista do sentido das outras palavras. Um uso semelhante com esses mesmos sinônimos se encontra em Ezequiel 32 (analisado com mais detalhes no verbete *shᵉ'ôl*). Isaías 14.19, à semelhança de Ezequiel, traz *shᵉ'ôl* em paralelo com *bôr*, que está em paralelo com *qeber* e *qᵉbûrâ*. Parece que *qeber* é, na prosa, o equivalente dessas outras palavras, mais empregadas em poesia.

R.L.H.

1985 קָדַד (*qādad*) ***inclinar-se.***

Essa raiz se refere ao gesto de inclinar a cabeça e que acompanha e enfatiza a cortesia e reverência (cf. *shāḥâ* = *ḥwy*). Por conseguinte, ao contrário do cognato acadiano *qadādu*, possui um uso bastante restrito. Devido ao seu uso restrito, deve-se fazer distinção entre esta raiz e todas as demais palavras com o sentido de "inclinar" (cf. *kāra'*). Essa raiz ocorre 15 vezes (talvez 16; cf. *qādar*).

Utiliza-se essa raiz para ressaltar a devoção e, assim sendo, ela ocorre em épocas especialmente cruciais. Quando os irmãos de José retornam ao Egito junto com Benjamim, a sua homenagem é notável e compreensivelmente profunda (Gn 43.28). Semelhan-

temente, quando Saul tem a visão em que lhe aparece Samuel, ele age de modo especialmente respeitoso (1 Sm 28.14). O mais profundo temor e reverência tipifica a atitude da pessoa para com Deus em momentos críticos, por exemplo, quando a oração de Eliezer é milagrosamente respondida (Gn 24.26) e quando o povo comemorou por ocasião da celebração do templo por Ezequias (2 Cr 29.30). Israel reagiu dessa maneira quando viu os sinais de Arão, em que este convalidava a proclamação de que Deus enviara Moisés para libertar o povo do Egito (Êx 4.31), e quando foi celebrada a primeira Páscoa (Êx 12.27).

O fato de Deus dar a lei uma segunda vez, apesar da ira (pecado) de Moisés diante da idolatria de Israel, provocou em Israel essa reação profunda. Cada registro de dedicação do templo menciona esse gesto profundo de adoração (1 Cr 29.20; 2 Cr 29.30; Ne 8.6).

L.J.C.

1986 קדד (*qdd*). **II. Aceita como raiz de:**

1986a קָדְקֹד (*qodqōd*) ***cabeça, alto da cabeça*** (e.g., Dt 33.20; Jr 2.16).

1986b קִדָּה (*qiddâ*) ***uma especiaria, cássia*** (Ez 27.19; Êx 30.24).

קִדָּה (*qiddâ*). Veja o nº 1 986b.

קָדוּם (*qādûm*). Veja o nº 1 988g.

קָדוֹשׁ (*qādôsh*). Veja o nº 1 990b.

1987 קָדַח (*qādaḥ*) ***ser aceso, acender*** (e.g., Dt 32.22; Jr 15.14).

Termos Derivados

1987a קַדַּחַת (*qaddaḥat*) ***febre*** (Dt 28.22; Lv 26.16).

1987b אֶקְדָּח (*'eqdāḥ*) ***brilho incandescente, cintilação de pedra preciosa*** (Is 54.12, somente).

קַדַּחַת (*qaddaḥat*). Veja o nº 1 987a.

קָדִים (*qādîm*). Veja o nº 1 988d.

1988 *קָדַם (*qādam*) ***encontrar, enfrentar, ir adiante de*** (piel e hifil somente). Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1988a †קֶדֶם (*qedem*) ***oriente, antigüidade, frente.***

1988b †קֵדֶם (*qēdem*) ***oriente.***

1988c †קַדְמָה (*qadmâ*) ***antigüidade, estado anterior, antes.***

1988 *קדם (*qādam*)

1988d †קדים (*qādîm*) ***vento oriental, oriente.***

1988e קדמון (*qadmôn*) ***oriental*** (Ez 47.8, somente).

1988f †קדמני (*qadmōnî*) ***passado, antigo, oriental.***

1988g קדום (*qādûm*) ***antigüidade.***

A raiz *qdm* possui dois conceitos básicos: primeiro (o mais freqüente), o de "encontrar-se com alguém com intenções boas ou más"; segundo, o de "preceder alguém cronológica ou geograficamente". Também ocorre em ugarítico (*qdm*) com o sentido de "preceder", "aproximar-se" (e também "em frente de" ou "adiante de" e "vento oriental [?], *UT* 19: nº 2208). O verbo ocorre 26 vezes. Deve-se distingui-lo do verbo mais comum *qārā* "encontrar" (q.v.). Veja-se também *mātsā'*, "achar".

Na maioria das vezes o verbo *qādam* é possivelmente usado num contexto marcial. O encontro assim expresso pelo verbo é pacífico ou hostil. Em Deuteronômio 23.4 [5] se diz que, pelo fato de os "parentes" dos israelitas não terem se encontrado com eles (e, por conseguinte, com o Deus dos israelitas) como deveria acontecer entre parentes e aliados, eles (isto é, amonitas e moabitas) incorreram no juízo de Deus (Ne 13.2). Davi conta como seus inimigos vieram contra ele em sua calamidade (2 Sm 22.19). Ele ora a Deus para que confronte os seus inimigos e os lance ao chão (Sl 17.13). Com freqüência tem-se em vista um encontro pacífico. Por exemplo, Jó se queixa da ajuda que recebeu, a qual o fez viver (3.12). Mais importante do que isso, Deus traz até o fiel a sua bondade amorosa (preocupação e interesse fundamentados na aliança, Sl 59.10 [11]) e as suas ternas misericórdias (cf. *rāham*, Sl 79.8). Mas o homem é incapaz de retribuir à altura ajudando a Deus (Mq 6.6), pois a Deus não faltam recursos (Jó 41.11 [3]).

qedem. ***Oriente, antigüidade, frente.*** O substantivo *qedem* possui um sentido tanto geográfico, "oriente", quanto temporal, "tempos antigos", "passado". Esse substantivo ocorre 61 vezes. Denota um estado idílico, ao passo que *'ôlām* e *'ad* denotam perpetuidade, *zāqēn*, envelhecimento, e *rî'shôn*, primazia (q.v.).

"Oriente" pode ter conotação tanto positiva quanto negativa. De um lado, é onde estava localizado o Éden; de outro, foi onde moravam os homens que construíram Babel (Gn 11.2). Quando denota os habitantes de regiões a leste ou a nordeste de Canaã, com freqüência designa tribos hostis a Israel (Nm 23.7; Jz 6.3, 33). Mas os profetas antevêem um dia quando elas estarão sujeitas a Israel (Is 11.14).

H. W. Wolff assemelha o conceito hebraico de tempo à situação de um homem remando um barco. Ele enxerga o passado à sua frente (*qedem*); o futuro está às suas costas (*'ahărıt*). Há muito de verdade nisso, exceto que esse não era necessariamente o conceito de tempo para os hebreus, pois esse emprego etimológico foi determinado antes de os hebreus adotarem a língua (H. W. Wolff, anotações de palestra dada).

Em passagens poéticas *qedem* descreve o estado criado. E assim que a tribo de José é abençoada com o que há de melhor das montanhas antigas (idílicas, Dt 33.15) e Deus é entronizado desde a eternidade (desde a criação, Sl 55.19 [20]). O vocábulo é empregado acerca do êxodo como tipificação do ideal almejado (Ml 3.4). O salmista se lembra das obras gloriosas que Deus então operou (Sl 44.1 [2]), especialmente em suas horas de aflição (Sl 77.5 [6]). Sem dúvida essas referências fazem lembrar a aliança divina (Sl 74.2).

Também se usa *qedem* em referência ao período davídico (Ne 12.46). Todas as três idéias (criação — êxodo — reinado davídico) estão unidas em Salmos 74.12. De modo que se vê que as três formam um modelo teológico. Isso é ademais enfatizado em declarações acerca do Messias (Mq 5.2 [1]; Ez 36.11) e da aliança eterna (Mq 7.20). Finalmente Isaías aplica esse modelo (que parte da criação e vai até a perfeição) à vinda do Senhor (Is 45.23), a qual se dá de acordo com o conselho de Deus. Tudo é conhecido e feito por ele (Is 45.21).

qēdem. ***Oriente.*** É possível que esse substantivo seja simplesmente o vocábulo *qedem* acrescido de um *he* final que expressa a idéia de direção, "para o oriente" (*GKC* §*a,c*), com o qual o substantivo sempre ocorre. O vocábulo ocorre 26 vezes. Deve-se compará-lo com *mizrāḥ* (onde nasce o sol), que enfatiza localização em vez de direção.

qadmâ. ***Antigüidade, estado anterior.*** Este é o substantivo abstrato do sentido derivado de *qedem*, "antigo", "anterior". Uma exceção é o emprego temporal em Salmos 129.6, "antes de", que parece empregar o *he* locativo aplicado ao tempo (*GKC* §90*h*, *qedem* mais *he* locativo [?]). O vocábulo ocorre cinco vezes.

qādim. ***Vento oriental, oriente.*** Esse substantivo denota o vento do deserto, o qual traz a destruição temida (Jó 27.21; Sl 48.7 [8]) e que, assim mesmo, é plenamente controlado por Deus (Jó 38.24; Sl 78.26), até mesmo para o bem, quando ele assim o deseja (Êx 14.21). Aparecendo 52 vezes em Ezequiel, seu emprego mais freqüente é com o sentido de "oriente" (cf. Hc 1.9) — talvez uma variante dialetal de *qedem*. O vocábulo ocorre 69 vezes.

qadmōnî. ***Passado, antigo, oriental.*** Essa é a forma adjetiva de *qedem* (*GKC*, §86*f*). Ocorre dez vezes.

Bibliografia:— *THAT*. v. 2, p. 587-8.

L.J.C.

קַדְמוֹן (*qadmôn*). Veja o nº 1 988e.

קַדְמֹנִי (*qadmōnî*). Veja o nº 1 988f.

1989 קָדַר (*qādar*) ***estar escuro, prantear.***

Termos Derivados

1989a קַדְרוּת (*qadrût*) ***trevas, escuridão*** (Is 50.3, somente).

1989b קַדְרַנִּית (*qᵉdōrannît*) ***pranteadores*** (Ml 3.14).

Essa raiz denota escuridão (a ausência de luz, Jr 4.28; cf. v. 23) e também os preparativos que cercam os rituais de luto. Ocorre 19 vezes. Comparem-se os verbos mais usuais *ḥāshak*, que se limita à idéia de negridão, *kāhâ*, "ficar menos visível (pela falta de luz)" e *'ārab*, "entardecer". Outras raízes relacionadas com a idéia de pesar e luto são:

dā'ab, que diz respeito à atitude íntima; *'ānâ*, *bākâ* e *'ānaḥ*, que se referem aos sons emitidos de pranto; *sāpad* e *'ābal*, que designam a observância dos rituais de lamento em geral.

Emprega-se a raiz em contextos de juízo, em que os céus e os corpos celestes são enegrecidos (Jr 4.28). Existe claramente um sentido de lamento em tais contextos. Por conseguinte, associa-se o grande e terrível dia do Senhor com pranto por parte dos corpos celestes (Jl 2.10). Esse dia, por sua vez, está diretamente relacionado com o *eschaton* — como ocorre com o escurecimento dos corpos celestes (Jl 3.15 [4.15]). [Conzelmann acertadamente assinala que no antigo Oriente Médio luz e trevas eram consideradas como muito importantes para a vida, o pensamento e a religião (*TDNT*, v. 7, p. 427). Trevas denotam todo o conjunto de sentidos daquilo que é prejudicial ou maligno. A raiz em questão associa trevas com tristeza — uma associação que não se limita ao antigo Oriente Médio. Sobre essa passagem Conzelmann diz: "Aqui o sentido da palavra já não é mais figurado, mas literal" (ibid., p. 430). Quanto ao escurecimento escatológico, vejam-se Isaías 13.10; Joel 2.30-31 [3.3-4]; 3.15 [4.15] (At 2.20); Sofonias 1.15; Apocalipse 6.12, 17; 8.12. Mas a despeito de seu aspecto ameaçador, as trevas são apenas uma penúltima entidade junto a Deus. B.K.W.]

Em meio à opressão Davi confessa que está pranteando, i.e., num sentido objetivo e perceptível: ele estava vestido de luto, sujo e sem que alguém cuidasse dele (*KB*). Jeremias chega ao ponto de prantear por seu povo em vista do juízo que se avizinhava (8.21).

Jó 5.11 parece atestar a permutabilidade dos fonemas *d/r* (cf. o acadiano *qadādu*).

Bibliografia:— DELEKAT, L. Zum hebräischen Wörterbuch. *VT* 14:7-66.

L.J.C.

קַדְרוּת (*qadrût*). Veja o nº 1 989a.

קִדְרַנִית (*q^{e}dōranît*). Veja o nº 1 989b.

1990 קָדַשׁ (*qādash*) ***ser consagrado, ser santo, ser santificado; consagrar, santificar, preparar, dedicar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1990a †קֹדֶשׁ (*qōdesh*) ***consagração, santidade, qualidade de sagrado.***

1990b †קָדוֹשׁ (*qādôsh*) ***sagrado, santo, o Santo.***

1990c †קָדֵשׁ (*qādēsh*) ***prostituto cultual*** (Dt 23.18; 2 Rs 23.7).

1990d †קֶדֶשׁ (*qedesh*) ***Quedes.***

1990e †קָדֵשׁ (*qādēsh*) ***Cades.***

1990f †מִקְדָּשׁ (*miqdāsh*) ***lugar santo, santuário.***

O verbo *qādash* tem, no qal, a conotação de estado daquilo que pertence à esfera do que é sagrado. Desse modo, distingue-se do que é comum ou profano. No piel e no hifil tem a idéia do ato pelo qual se efetua essa distinção. É um verbo denominativo.

A sugestão de que a raiz *qdsh* deriva de uma raiz original biconsonantal *qd* ("cortar") é atraente mas tênue, em vista das incertezas que cercam a transmissão de raízes biconsonantais para formas triconsonantais. O sentido de "separar" tem o apoio de muitos estudiosos, mas o fato de que *qdsh* raramente, ou mesmo nunca, ocorre num sentido secular torna difícil chegar a alguma conclusão positiva devido aos dados limitados para uma comparação filológica.

A palavra ocorre em diversos dialetos acadianos com os sentidos básicos de "estar limpo", "ser puro", "estar/ser consagrado". Nos textos cananeus de Ugarite, o sentido básico da raiz é o de "santidade", sendo sempre usada num sentido de adoração pública.

Um emprego definitivo do termo ocorre em Números 16.38 [17.3]. Os incensários dos coreítas foram considerados santos porque tinham sido dedicados ao Senhor. Por esse motivo considerava-se que tais objetos haviam penetrado o domínio do sagrado em virtude de ritual cúltico (v. 17 [16.18]) e lhes foi designado um lugar especial no santuário. A dedicação dos incensários parece ter criado uma condição de santidade inviolável que não admitia que fossem tratados como se fossem objetos comuns. Parece melhor entender que a raiz *qdsh* serve para delinear a esfera do "sagrado".

No qal o verbo *qādash* é empregado um maior número de vezes para descrever o estado de consagração efetuado pelo ritual levítico. Em Êxodo 29.21, 37; 30.29 certos objetos usados no serviço levítico eram consagrados a Deus e, por esse motivo, eram reconhecidos como pertencentes ao âmbito do sagrado. A transmissão do estado de santidade a qualquer coisa que tocasse uma pessoa ou um objeto assim consagrado (Êx 29.37; 30.29; Lv 6.18 [11], 27 [20]) não implicava, necessariamente, que no "sagrado" existisse uma energia divina transferível. Pelo contrário, parece que o indivíduo ou objeto entrava no estado de santidade no sentido de tornar-se sujeito a restrições cúlticas, como acontecia com outras pessoas ou objetos sagrados, a fim de evitar a mistura entre o sagrado e o profano (cf. o estado de santidade do sacerdócio, Lv 21.1-8, e as restrições aplicadas a uma roupa acidentalmente aspergida com o sangue da oferta pelo pecado, Lv 6.27 [20]).

No piel a palavra é usada na maioria das vezes para designar o ato de consagração. Em Êxodo 19.23 a consagração do monte Sinai, mediante o estabelecimento de limites ao seu redor, serviu para manter à distância tudo o que poderia ter profanado a santa presença de Deus.

As conotações éticas do conceito de santidade têm seu fundamento nas proibições de misturar os domínios do sagrado e do profano (Lv 22.32).

No nifal o verbo *qādash* pode ter a conotação de "demonstrar a própria santidade". Deus demonstra a sua santidade ao julgar o pecado (Lv 10.3; cf. 1-2; Nm 20.13; Ez 28.22). Sua santidade também é vista no fato de que ele mantém e cumpre as suas promessas (Ez 20.41; 28.25; 39.27).

qōdesh. ***Separação, santidade, sagrado, santo.*** O substantivo *qōdesh* tem a idéia de "santidade", i.e., a natureza essencial daquilo que pertence ao domínio do sagrado e que, por esse motivo, se distingue daquilo que é comum ou profano. Essa distinção é evidente em Levítico 10.10 e Ezequiel 22.26, em que *qōdesh* aparece como antítese de *ḥôl* ("profano", "comum").

1990 קָדַשׁ (*qādash*)

Existe alguma verdade na idéia de R. Otto (veja-se a bibliografia) de que a palavra "santo" se refere ao *mysterium tremendum*. Fala de Deus com uma dose de temor. Pode ser empregada quase como um sinônimo da divindade. "Seu santo nome" é o nome de Deus. A sala interna da morada de Deus é denominada santo dos santos — o lugar santíssimo.

No entanto, do ponto de vista bíblico, a santidade de Deus designava não apenas o mistério do seu poder, mas também o seu caráter como totalmente bom e inteiramente sem mal. Objetos santos são, portanto, aqueles sem nenhuma poluição cúltica, a qual é símbolo da poluição moral. Eles não são simplesmente dedicados, mas dedicados ao que é bom e mantidos afastados do que é mau. A separação de pessoas daquilo que contamina cerimonialmente é algo bem típico da santidade que é espiritual e ética. "Sede santos, porque eu sou santo" é uma citação do AT (1 Pe 1.16; Lv 19.1; 20.7; etc.) e o denominado código de santidade é fortemente ético. "O homem foi criado à imagem de Deus e é capaz de refletir a semelhança divina. E, assim como Deus se revela como eticamente santo, ele chama os homens a uma santidade que lembra a sua própria" (*ISBE*, Holiness).

Um elemento fundamental da religião israelita era a manutenção de uma distinção inviolável entre o domínio do sagrado e o do comum ou profano (Nm 18.32). Aquilo que era intrinsecamente santo ou que era assim designado por decreto divino ou por ritual cúltico não devia ser tratado como algo comum. O sábado era santo, e as restrições associadas àquele dia serviam para manter sua natureza peculiar e para evitar que fosse tratado como um dia qualquer (Êx 16.23-26; Is 58.13, 14). Restrições especiais foram impostas aos sacerdotes para guardá-los da profanação de sua posição santa (Lv 21.6 e ss.). Relações sexuais não eram consideradas imorais no AT, mas resultavam num estado de contaminação de acordo com o ritual levítico (Lv 15.18), o que impedia qualquer contato com o que fosse santo (1 Sm 21.4). O mesmo princípio aplicava-se à oferta pacífica (Lv 19.5-8), ao óleo santo (Êx 30.32-33) e ao incenso sagrado (Êx 30.37).

Via-se aquilo que era dedicado a Deus como algo que entrava no domínio do "sagrado". Isso incluía os vários elementos da adoração levítica denominados "coisas sagradas" (Lv 5.15-16), o fruto da terra (Lv 19.24), bens pessoais (Lv 27.28) e despojos obtidos em ação militar (Js 6.19). Os sacrifícios que deviam ser comidos apenas pelos sacerdotes eram denominados "santos" em virtude de serem totalmente dedicados ao domínio do sagrado, o qual era representado pelo sacerdócio (Lv 19.8).

Conquanto o domínio do sagrado fosse conceitualmente distinto do mundo com as suas imperfeições, assim mesmo podia operar dentro do mundo, desde que se mantivesse estritamente a integridade do sagrado. A manutenção da integridade do "sagrado" era uma função da religião pública de Israel. O Deus santo veio até o homem com amor redentor dentro do contexto de regulamentações e prescrições que tinham o objetivo de manter a pureza de santidade que caracterizava a natureza essencial de Deus. Mesmo antes do estabelecimento do sistema levítico, reconhecia-se esse princípio (veja-se Êx 3.5).

O culto público também operava a santidade naqueles que dele participavam. Isso era essencial ao conceito de redenção, pois, por definição, a santidade é separada de tudo o que é pecaminoso e profano. Deus chama, portanto, o homem à santidade porque ele próprio é santo (*qādôsh*, Lv 19.2; cf. 1 Pe 1.15).

Devido à sua santidade, Deus está acima de todas as fraquezas e imperfeições dos mortais e, por esse motivo, pode efetuar o livramento do seu povo (Êx 15.11-12). Somente aqueles que são santos habitarão no santo monte de Deus (SI 15.1 e ss.). Pelo fato de

Deus ser santo por natureza e ser separado da imperfeição moral, pode-se confiar que ele será fiel às suas promessas (Sl 33.21).

Inerente à obra redentora de Deus é a promessa da derradeira manifestação da santidade de Deus na glorificação de seu povo e no livramento em que a criação se verá livre das imperfeições resultantes da maldição edênica (Rm 8.18-23).

qādôsh. ***Sagrado, santo, o Santo.*** O adjetivo *qādôsh*, "santo", qualifica aquilo que é intrinsecamente sagrado ou que foi admitido no âmbito do sagrado por meio de rito divino ou de ato público de culto. Tem a conotação daquilo que é distinto do que é comum ou profano.

Deus é intrinsecamente santo e chama o seu povo para ser santo, dando-lhe o padrão de obediência pelo qual pode manter a santidade (Lv 19.2 e ss.). Por ser santo, Deus é isento de imperfeições e fraquezas morais comuns aos homens (Os 11.9) e pode-se contar que ele será fiel às suas promessas (Sl 22.3-5). Esse aspecto do caráter divino constitui a base da esperança que Habacuque tem de que seu povo não perecerá (Hc 1.12).

O título "o Santo de Israel" é inúmeras vezes aplicado a Israel no AT, mas é especialmente freqüente na profecia de Isaías (em todas as partes). Serve para pôr os pecados da sociedade da época de Isaías em marcante contraste com a perfeição moral de Deus (Is 30.11) e exprime a absoluta separação entre Deus e o mal (Is 17.7).

A inviolabilidade das esferas do sagrado e do profano constitui a base para os aspectos éticos do conceito de santidade. Pelo fato de Deus ser santo, os israelitas não podiam servi-lo enquanto persistissem em suas práticas idólatras (Js 24.19 e ss.). Eles deviam estar separados de tudo aquilo que não era santo (Lv 11.44 45; Dt 14.21). Foram-lhes impostas obrigações para que não se envolvessem em práticas comuns a outros povos (Lv 19.2; 20.7; Nm 15.40). O chamado deles à santidade se baseava no fato de que tinham-se tornado possessão de Deus em virtude de Deus tê-los separado das nações (Lv 20.26; Dt 7.6; 14.2; 26.19).

É impensável que um Deus santo tolerasse o pecado; tal idéia envolveria uma mistura entre o sagrado e o profano, assim destruindo a natureza da santidade. O chamado à santidade era acompanhado pela imposição de certas restrições que serviam para assegurar a ininterrupta santidade daqueles que criam (Lv 11.44 45; 19.2 e ss.; Dt 14.2, 21; Nm 15.40).

Vários aspectos do culto público eram denominados santos por serem vistos como pertencentes ao domínio do sagrado e não deviam ser tratados como coisas comuns. Isso incluía porções dos sacrifícios (Lv 6.16; 7.6), o templo e seus detalhes (Sl 65.4 [5]; Lv 6.16; etc.) e os sacerdotes (Lv 21.6, 8) e levitas (2 Cr 35.3).

A presença de Deus dentro do mundo delineava uma esfera que era santa, pois a santidade de Deus não pode ser misturada com o que é comum ou profano (Dt 23.14).

Aquilo que é "santo" não apenas se distingue do profano, mas também se opõe a isso. Por isso Deus odeia e castiga o pecado (Js 24.19; Is 5.16, 24). À luz da santidade de Deus, Isaías viu-se a si mesmo e a seu povo como pecadores (Is 6.3; cf. v. 5).

qādēsh. ***Prostituta cultual, prostituto cultual.*** O substantivo *qādēsh*, à semelhança do nome próprio "Cades", significa "santo", "consagrado", mas consagrado a quê? As mulheres que serviam nos santuários pagãos eram denominadas *qᵉdēshâ*, "prostitutas cultuais", porque é isso o que eram. O título é um triste comentário acerca da

licenciosidade da adoração cananéia. A forma masculina é usada analogamente para o equivalente entre os homens (Dt 23.17 [18]). Em Gênesis 38.21-22 talvez o uso seja mais amplo e se aplique à prostituição em geral.

qedesh. ***Quedes.*** Nome de diversas cidades citadas no AT. O nome *qedesh* significa "santo".

1. Quedes de Naftali. Uma povoação localizada na Alta Galiléia, na região montanhosa de Naftali. Em geral é identificada com a moderna Tell Qades. Quedes foi designada como uma das cidades de refúgio na lista de Josué 20 (v. 7) e foi uma das cidades levíticas do clã gersonita, de acordo com as listas paralelas de Josué 21.27-33 e 1 Crônicas 6.71-76. Segundo Josué 19.37, foi uma das cidades fortificadas de Naftali.

O rei da cidade cananéia de Quedes é citado na lista de reis derrotados por Josué (Js 12.22). Em geral acredita-se que essa Quedes seja a cidade natal de Baraque, mas, quanto a um outro ponto de vista, veja-se Y. Aharoni, *The land of the Bible*, p. 204. Alguns, no entanto, identificam-na com Quedes (veja-se item 2, abaixo).

2 Reis 15.29 menciona Quedes como uma das cidades israelitas conquistadas por Tiglate-Pileser.

2. Quedes de Issacar. Em 1 Crônicas 6 há menção da existência de uma cidade de nome Quedes no território de Issacar (v. 72) bem como de Naftali (v. 76). Na lista paralela de Josué 21, a cidade de Quedes é omitida e substituída por Quisiom (v. 28). É possível que esse seja um nome diferente para o mesmo lugar (cf Jz 4.11, 13).

A localização de Quedes em Josué 15.23 é incerta. Tem sido identificada com Cades-Barnéia e com Cades, no sul de Judá.

qādēsh. ***Cades.*** Nome de duas cidades do AT. O nome "Cades" significa "santo".

1. Cades-Barnéia. Uma área de fontes no deserto localizada 80 quilômetros ao sul de Berseba. Às vezes é chamada simplesmente de Cades. Uma das fontes, 'Ain Qedeis, preserva o antigo nome. Os massoretas fizeram uma distinção vocálica entre este nome próprio, *qadesh*, e o outro, *qedesh*, mas sem dúvida alguma provieram da mesma forma. O nome se refere a um local sagrado, mas é claro que era um local sagrado para a adoração pagã pré-israelita. Tal "santidade" seria uma abominação para Israel.

Cades-Barnéia é citada diversas vezes em relatos acerca dos patriarcas. Em Gênesis 14.7 Cades ocorre naquilo que é evidentemente uma tradição militar bem antiga, a qual descreve uma ação militar de grande envergadura em que Ló, sobrinho de Abraão, foi capturado. O nome anterior de Cades, de acordo com esse relato, era *'ên mishpaṭ* ("fonte de juízo").

Cades-Barnéia ficava na região para onde Hagar fugiu (Gn 16.14), e Abraão estabeleceu-se ali por algum tempo (Gn 20.1).

Cades apareceu com destaque no período de peregrinação no deserto da história de Israel. Foi o local de uma prolongada parada no deserto (Dt 2.14) e o lugar para onde os espias voltaram, vindos de Canaã (Nm 13.26). Também é um dos locais mencionados como parte da fronteira meridional de Canaã (Nm 34.3-6; Js 15.1-4; Ez 47.19; 48.28). De acordo com Josué 10.41 era o ponto fronteiriço mais meridional da conquista.

2. Cades no Orontes. Uma capital hitita situada às margens do rio Orontes, 130 quilômetros ao norte de Damasco. A ARA aceita a recensão luciânica da LXX, que inclui Cades na esfera de influência do império davídico (2 Sm 24.6).

miqdāsh. ***Lugar santo, santuário, capela, parte sagrada.*** No AT o substantivo *miqdāsh* é empregado na maioria das vezes como designação do tabernáculo e do templo. Nesses casos uma tradução freqüente é "santuário". De conformidade com o sentido básico da raiz (*qdsh*) de todo esse grupo de palavras, *miqdāsh* denota aquilo que foi dedicado ao domínio do sagrado. Quando se refere ao santuário, tem a conotação de área física dedicada à adoração a Deus. Essa área era sagrada porque era o local onde Deus habitava no meio do povo (Êx 25.8), e a santidade do local não devia ser profanada (Lv 12.4; 19.30; 20.3; 21.12, 23).

A palavra também designava santuários que eram consagrados à falsa adoração (Lv 26.31; Is 16.12; Ez 21.7; Am 7.9).

Usa-se a palavra para indicar artigos do tabernáculo que eram dedicados à adoração levítica (Nm 10.21). As porções dos sacrifícios particularmente santas eram denominadas *miqdāsh* (Nm 18.29). A palavra *miqdāsh* pode referir-se à morada de Deus em Salmos 68.35 [36], mas alguns comentaristas entendem que essa é uma referência ao templo de Jerusalém. Metaforicamente a palavra é usada para designar um lugar de refúgio (Is 8.14; Ez 11.16).

Bibliografia: — WOOD, A. S. Holiness. In: *ZPEB*. v. 3, 173-83. — GIRDLESTONE, R. B. *SOT*. p. 175-8. — JONES, O. R. The concept of holiness. In: *TDNT*. v. 5, p. 489-93. — LAMBERT, J. C. Holiness. In: *ISBE*. — MUILENBERG, J. Holiness. In: *IDB*. — OTTO, Rudolph. *The idea of the holy*. Londres, Oxford, 1926. — SNAITH, Norman. *The distinctive ideas of the Old Testament*. Londres, Epworth, 1953. — WALKER, Norman. The origin of the Thrice Holy. *NTS* 5 (1958, 1959). — *THAT*. v. 2, p. 589-608.

T.E.M.

1990.1 קָהָה (*qāhâ*) ***tirar o fio de, embotar.***

1991 *קָהַל (*qāhal*) ***convocar reunião.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

1991a †קָהָל (*qāhāl*) ***assembléia, grupo, congregação.***

1991b קְהִלָּה (*qᵉhillâ*) ***assembléia, congregação*** (Ne 5.7; Dt 33.4).

1991c קֹהֶלֶת (*qōhelet*) ***orador (numa assembléia), coélete.***

1991d מַקְהֵל (*maqhēl*) ***assembléia.***

O verbo *qāhal* transmite a idéia de reunir um grupo de pessoas, qualquer que seja o propósito de tal ação. É empregado no nifal e no hifil. A LXX freqüentemente traduz essa raiz por *ekkaleō*.

O nifal traz a idéia reflexiva de um grupo que se reúne. O objetivo da ação de reunir pode ser o de buscar a defesa mútua (Et 8.11; 9.2; 15-16, 18), entrar em guerra (Js 22.12; Jz 20.1), adorar (2 Cr 20.26), pedir a ídolos (Êx 32.1), ungir Arão (Lv 8.4), armar a tenda da congregação (Js 18.1), transportar a arca até o templo (1 Rs 8.2; 2 Cr 5.3), juntar uma turba contra alguém (Jr 26.9), rebelar-se contra alguém (Nm 16.3; 20.2; 2 Sm 20.14).

1991 *קָהַל (*qāhal*)

O hifil, usado para designar a ação de convocar e reunir grupos de pessoas, tais como o povo (Dt 4.10), as autoridades e os anciãos (Dt 31.28) e as tribos (1 Rs 12.21), revela uma semelhante variedade de possíveis propósitos de tal ação. Além disso ocorrem assembléias para o recenseamento (Nm 1.18), para a purificação dos levitas (Nm 8.9), para a consagração de Arão (Lv 8.3), para fazer sair água da rocha (Nm 20.8), para ouvir as palavras da lei (Êx 35.1; Dt 31.12, 28) e para ouvir a mensagem de despedida de Moisés (Dt 4.10).

qāhāl. *Assembléia, grupo, congregação.* Em geral a LXX traduz *qāhāl* por *ekklēsia*, mas em 36 casos traduz por *sunagōgē*.

qāhāl é um substantivo masculino do qual deriva o verbo denominativo *qāhal*, mas alguns estudiosos levantam a hipótese de que o substantivo derive de *qôl*, "falar", surgindo, por conseguinte, a idéia de "convocação" (essa é a opinião de *KB*). O substantivo ocorre 22 vezes nos profetas, em sua maioria em Ezequiel. O verbo ocorre 39 vezes nas formas do nifal e do hifil, tendo o sentido de "reunir-se" ou "reunir". A raiz *qhl* aparece 13 vezes no material extrabíblico de Qumran, referindo-se a reuniões e a grupos de vários tipos, sendo que em apenas uma ocasião (*Hodayot* 2:20) a palavra aparece num contexto de adoração, fazendo paralelo com o uso encontrado em Salmos 22.23.

Uma assembléia de qualquer espécie e objetivo pode ser designada pela palavra *qāhāl*. Pode ser para dar maus conselhos ou fazer coisas ruins (Gn 49.6; Sl 26.5), para tratar de assuntos civis (1 Rs 2.3; Pv 5.14; 26.26; Jó 30.28) ou para fazer guerra (Nm 22.4; Jz 20.2; etc.). Os exércitos reunidos presenciam o combate entre Davi e Golias (1 Sm 17.47). Em outros contextos o termo pode designar uma multidão de nações reunidas (Gn 35.11), povos reunidos (Gn 28.3; 48.4) ou mesmo mortos reunidos (Pv 21.16). Pode referir-se aos exilados que voltam (Jr 31.8; Ed 2.64), e então a comunidade restaurada em Jerusalém é um *qāhāl* (Ed 10.12, 14; Ne 8.2, 17).

Todavia, o *qāhāl* é especialmente uma assembléia que visa a propósitos religiosos. A experiência em Horebe, quando o povo recebeu a Lei, foi a do "dia da congregação" (Dt 9.10; 10.4; 18.16). Houve também assembléias em outras ocasiões de festa, jejum e adoração (2 Cr 20.5; 30.25; Ne 5.13; Jl 2.16). Nesses casos *qāhāl* designa um ajuntamento que não envolve a totalidade do povo de Israel. Tal foi a assembléia quando Davi exortou o povo a construir o templo (1 Cr 29.1, 20). Depara-se também com a idéia de reunir (*haqhîl*) a assembléia (*qāhāl*, Nm 10.7; 20.10), o que parece fazer distinção entre a assembléia reunida e a não reunida.

Parece que é intencional a distinção entre *ʿēdâ* e *qāhāl* em Levítico 4.13: "se toda a congregação [*ʿēdâ*] de Israel pecar por ignorância, e isto for oculto aos olhos da coletividade [*qāhāl*]..." Aqui *qāhāl* tem o sentido de representantes judiciais da comunidade. Existe também o caso em que certos israelitas não podem entrar no *qāhāl* (Dt 23.2). Mas em outras passagens os dois vocábulos são empregados em frases sucessivas tendo o mesmo sentido (Nm 16.3) e também são colocados juntos (Pv 5.14). Em geral os termos são sinônimos.

qāhāl também pode designar a congregação como um corpo organizado. Existe o *qᵉhal yiśrāʾēl* (Dt 31.30), o *qᵉhal YHWH* (Nm 16.3; etc.) e o *qᵉhal ʾĕlōhîm* (Ne 13.1), e então, em outras vezes, simplesmente "a assembléia" (*haqqāhāl*). Ainda se vêem as expressões "a assembléia da congregação de [*qᵉhal ʿādat*] Israel" (Êx 12.6, IBB) e a "assembléia do povo de Deus" (Jz 20.2, IBB). De especial interesse é a expressão

"congregação do SENHOR [*q^{e}hal YHWH*]", da qual existem 13 exemplos (Nm 16.3; 20.4; Dt 23.2-4; Mq 2.5; 1 Cr 28.8). É, no AT, o mais próximo equivalente de "igreja do Senhor". A LXX traduz a expressão por *ekklēsia kuriou*.

qōhelet. ***Pregador, orador (em assembléias).*** *qōhelet* é um particípio feminino do qal de *qāhal*, que no nifal significa "reunir-se" e no hifil tem o sentido de "reunir". A forma do qal é empregada apenas aqui. O vocábulo está relacionado com o substantivo *qāhāl*, "assembléia". A LXX escolheu *ecclesiastes*, "membro de assembléia", como tradução do vocábulo devido à suposta relação de *qāhāl* com *ecclēsia*, "assembléia" (veja-se acima). A tradução "Pregador" segue a tradução de Jerônimo em latim, *concionatur*, "orador diante de uma assembléia", no entanto o significado do nome hebraico não é de forma alguma claro. O conteúdo do livro de Eclesiastes se enquadra melhor na categoria de literatura de sabedoria em vez de na categoria de sermões. Uma segunda hipótese sustenta que a forma qal *qōhelet* é usada como se fosse um hifil e que o sentido é de "aquele que reúne uma assembléia". Em Eclesiastes 12.8 a palavra vem com o artigo definido, o que dá crédito à afirmação de que a palavra é usada como uma descrição e não como o nome próprio de uma pessoa.

qōhelet ocorre sete vezes no livro de Eclesiastes (1.1-2, 12; 7.27; 12.8-10) e em nenhum outro lugar da literatura bíblica. Como substantivo que indica o orador, na língua hebraica, é o título do próprio livro, *Qōhelet*. O substantivo é costumeiramente empregado com formas masculinas dos verbos. A exceção em Eclesiastes 7.27 talvez se deva a uma divisão incorreta de palavras, visto que *qōhelet* se identifica como um filho de Davi, rei em Jerusalém (1.1, 12).

Bibliografia: — CAMPBELL, J. Y. The origin and meaning of the Christian use of the word "*ekklesia*". *JTS* 49:130-42. — DAHL, Nils A. *Das Volk Gottes*. Darmstadt, Wissenschaft Buchgesellschaft, 1963. p. 8. — ZIMMERMAN, F. The root *kahal* in some scriptural passages. *JBL* 50:311. — *TDNT*. v. 3, p. 527-31. — *THAT*. v. 2, p. 609-18.

J.P.L.

קֹהֶלֶת (*qōhelet*). Veja o nº 1 991c.

קַו (*qaw*). Veja os nºs 1992, 1 994a.

1992 קַו (*qaw*). I. Arremedo das palavras de Isaías, talvez algo sem sentido.

O vocábulo ocorre em Isaías 28.10, 13. Seu significado é objeto de debates. Pode ter o sentido de "linha", como *qaw* II, especialmente como um cordel de medir com finalidade de julgamento. Outros (e.g., *BDB*) entendem que a palavra é um arremedo onomatopaico do trabalho profético de Isaías. Cf. *tsaw*.

1993 קֹובַע (*qôba'*) ***capacete*** (Ez 23.24; 1 Sm 17.38). Talvez um empréstimo lingüístico filisteu.

1994 קָוָה (*qāwâ*) ***I, esperar, aguardar, espreitar.***

1994 קָוָה (*qāwâ*)

Termos Derivados

1994a קַו (*qaw*) ***II, linha.***
1994b קַוְקָו (*qawqāw*) ***poderoso*** (Is 18.2, 7).
1994c מִקְוֶה (*miqweh*) ***esperança.***
1994d תִּקְוָה (*tiqwâ*) ***I, corda*** (Js 2.18, 21, somente).
1994e תִּקְוָה (*tiqwâ*) ***II, esperança.***

Essa raiz significa esperar ou procurar com grande expectativa. Ela designa os ímpios, que tentam destruir a vida dos justos (Sl 56.6 [7]; 119.95). Esperar com firmeza é uma grande expressão de fé. Significa suportar pacientemente com uma confiante esperança de que Deus agirá decisivamente em favor da salvação do seu povo (Gn 49.18). Esperar implica a própria essência do ser da pessoa, a sua alma (*nepesh*; Sl 130.5). Aqueles que esperam com uma fé verdadeira são renovados em suas forças, de modo que podem continuar a servir o Senhor enquanto olham para a sua obra salvadora (Is 40.31). Virá um tempo em que tudo o que Deus prometeu se concretizará e se cumprirá (Is 49.23; Sl 37.9). Nesse ínterim o fiel sobrevive por meio de sua integridade e retidão, na medida em que confia na graça e no poder de Deus (Sl 25.21). Sua fé é fortalecida em meio às suas provações, e seu caráter se desenvolve ainda mais (Sl 27.14). Israel é incentivado a se apegar ao amor e à justiça, i.e., os israelitas devem seguir fielmente a lei e manter consistentemente os padrões de justiça, ao mesmo tempo em que devem preservar uma atitude de amor piedoso (Os 12.6 [7]; cf. Sl 37.34; Jó 4.6).

Durante períodos de visitação e juízo, o justo deve exercitar grande fé (Is 26.8; Lm 3.19-33). É assim que Isaías afirma confiadamente: "Esperarei no SENHOR, que esconde o seu rosto da casa de Jacó, e a ele 'aguardarei'" (Is 8.17). Quando Deus entrar em cena com seu poder redentor, a reação daqueles que estiveram esperando será de entusiástico regozijo e grande cantoria (Is 25.9).

Jó, no meio de sua intensa provação, afirmou que Deus estava arrancando a sua esperança como a uma árvore (Jó 19.10). Essa afirmação é talvez uma reação à sua declaração de fé: "Porque há esperança para a árvore, pois, mesmo cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos" (Jó 14.7). Mas sua total frustração tinha sido expressa na exclamação: "Os meus dias são mais velozes do que a lançadeira de tecelão, e se findam sem esperança" (Jó 7.6; cf. Pv 11.7).

Os ímpios também têm esperança. Mas, visto que tal esperança tem uma base falsa, ela terminará junto com a morte deles (Pv 11.7, 23; cf. 10.28). O próprio Deus os abaterá (Jó 8.13; 27.8). Diz Jó: "sua esperança será o render do espírito" (Jó 11.20).

A esperança tem um abrigo permanente no coração do homem. Enquanto houver futuro, haverá esperança (Pv 23.18; provavelmente a referência seja a um futuro eterno). Mas somente o fiel pode realmente expressar a sua esperança no futuro, pois este pertence exclusivamente a Iavé. E Deus concede sabedoria para assegurar aquele futuro (*'aḥărît*) e para concretizar a esperança (Pv 24.14). Os ímpios não têm um futuro assim (*'aḥărît*, Pv 24.20) nem esperança (*tiqwâ*, Pv 10.28). Deus é a fonte de esperança para o seu povo e lhe prometeu um futuro e uma esperança (Sl 62.5 [6]; Jr 29.11). Jeremias diz à Judá sitiada: "Há esperança para o teu futuro" (31.17). Zacarias chama o povo de Deus

de "presos de esperança" e o convoca a que aguarde a experiência da restauração operada por Deus (Zc 9.12). Por esse motivo, o próprio Iavé é chamado de "esperança de Israel" (Jr 14.8; 17.13; 50.7; cf. Sl 71.5).

Deus revela ter esperança no homem. Ele plantou Israel e o tornou uma vinha totalmente preparada. A esperança ou propósito divino era que Israel se saísse bem, i.e., que desse fruto; isso foi expresso, por meio de parábola, com a referência à colocação de um lagar na vinha (Is 5.2 e ss.). Entretanto, Israel produziu apenas uvas bravas. Por esse motivo Deus tinha de julgar o povo com severidade (v. 5 e s.). Mas a sua esperança não morreu, pois ele planejou uma nova vinha que algum dia fosse produtiva (Is 27.2-6).

qaw. ***II. Linha.*** (Em Sl 19.4 [5] a ARA emenda o texto para "voz", mas cf. a análise feita por Dahood em *Psalms I*, em *AB*, p. 122.) O vocábulo é empregado cerca de 17 vezes (cf. Is 18.2, 7, TB). Uma linha é basicamente um cordel de medir. Aparece em paralelo com "prumo" (Is 28.17). A linha era usada para medir grandes distâncias lineares (e.g., Jr 31.39) e também para medir superfícies redondas (e.g., 1 Rs 7.23); por exemplo, o artífice que esculpia uma figura humana para ser o seu deus usava a linha para marcar a sua matéria prima (Is 44.13). Iavé descreveu a sua criação da terra em termos de estender uma linha sobre ela (Jó 38.5), i.e., tudo acerca da constituição da terra esteve sujeito às minuciosas especificações divinas. Zacarias fala a respeito da reconstrução de Jerusalém, dizendo que "o cordel será estendido sobre Jerusalém" (Zc 1.16; cf. Is 34.17). Sem dúvida alguma ele quer dizer que a cidade será uma vez mais dividida em zonas com vistas a projetos de construção. Muitas vezes a idéia de um cordel de medir tem a conotação de destruição iminente. O cordel representa justiça (Is 28.17). Visto que o povo ou a nação, contra que se estendeu o cordel, não alcança o padrão de justiça, incorre em juízo. O cordel delineia exatamente quem e o que será destruído (cf. Lm 2.8; 2 Rs 21.13). Em Isaías 34.11 a linha é chamada de "cordel de confusão" (IBB, *tôhû*), i.e., a terra retorna à situação caótica descrita em Gênesis 1.

Bibliografia: — *TDNT*. v. 4, p. 583-5; v. 6, p. 193-202. — *THAT*. v. 2, p. 619-28.

J.E.H.

1995 *קָוָה (*qāwâ*) ***II, ajuntar.*** Ocorre no nifal (Jr 3.17; Gn 1.9; Is 60.9).

Termo Derivado

1995a מִקְוֶה (*miqweh*) ***ajuntamento, reunião (de coisas)*** (e.g., Gn 1.10; Êx 7.19).

1996 קוּט (*qûṭ*) ***ter tédio de, enojar-se de.***

A raiz denota a profunda reação emocional em que o sujeito sente repulsa pelo objeto ou deseja destruí-lo. Quanto a sinônimos, veja-se *qûts*, o equivalente etimológico; cf. a mesma mudança de *ts* em *tsûr*, "rocha", em hebraico, para *ṭ* em *ṭûr*, "rocha", em aramaico. O vocábulo ocorre sete vezes.

No meio de sua aflição, Jó diz que está tão angustiado e irritado que "tem nojo" da vida (Jó 10.1; ARA, "ter tédio"; veja-se também a declaração de Rebeca, em Gn 27.46). Davi

diz que reage dessa maneira com relação ao pérfido (Sl 119.158) e aos inimigos de Deus (Sl 139.21). Essa confissão é interessante, visto que cronologicamente ela se situa entre, de um lado, a descrição da irritação semelhante e profunda de Deus com os cananeus pecadores (Lv 20.23, *qûts*) e, de outro, a descrição da contrição de coração, por parte de Israel, durante o exílio (Ez 6.9; cf. Dt 30.1 e ss.), de sua restauração à terra (Ez 20.43) e do *eschaton* (Ez 36.31). É claro que esta última referência é relevante para a restauração, mas especialmente significativa na era do cumprimento (cf. Hb 8.8 e ss.). O verdadeiro arrependimento e a contrição são frutos da obra de Deus no coração, conforme Paulo revela em Romanos 7—8.

L.J.C.

1997 קוֹט (*qôṭ*) ***desfazer-se, romper-se*** (Jó 8.14). Derivação incerta.

1998 קול (*qwl*). **Aceita como raiz de:**

1998a קוֹל (*qôl*) ***voz, som, ruído.***

qôl tem basicamente o sentido de som produzido pelas cordas vocais (reais ou figuradas). Na maioria das passagens poéticas a denotação abrange muitos tipos de sons. Umas poucas vezes *qôl* denota a coisa dita, de modo falado (Gn 3.17) escrito (2 Rs 10.6). A palavra também tem função exclamativa, com o sentido de "ouvi!" (cf. *GKC*, §146*b*; Is 13.4; 66.6; *etc.*). Deve-se fazer distinção e comparação entre, de um lado, *qôl* e, de outro *hegeh*, *higgāyôn*, "ruído baixo", "fala em voz baixa", *hāmôn*, "ruído ou fala tumultuosos e agitados", *rē'a*, *t'ru'â*, "grito de alarme ou de júbilo". Vejam-se também *shā'ôn*, "bramido", *t'shû'â*, "ruído". Essa palavra procede de uma raiz semítica bastante comum (ugarítico *ql*, *UT* 19: nº 2213). No AT a palavra ocorre 506 vezes (com a possível exceção de Jr 3.9, que talvez reflita o ugarítico *ql*, "cair", *AisWUS* nº 2408; veja-se *KD*, in. loc.).

A expressão "levantar a voz e gritar" abrange uma ampla variedade de emoções e situações, por exemplo, gritar por socorro (Gn 39.15), lamentar uma tragédia real ou esperada (Gn 21.16), indicar uma situação de catástrofe (Nm 21.2) ou de júbilo (Gn 29.11). Deus, depois de dizer que a arca não devia ser vista como um talismã de proteção, ao falar com Moisés da montanha e, mais tarde, de cima do propiciatório (Êx 25.22; Nm 7.89; cf. Êx 20.22), confirmou essa verdade (1 Sm 4.6, 14). Mais tarde a voz de Deus dispersou os filisteus (1 Sm 7.10).

A expressão "atender a voz de (alguém)" inclui os seguintes aspectos teológicos: prestar atenção e crer (Gn 4.23), acolher a sugestão (Gn 3.17), atender a um pedido (Gn 21.12), obedecer a uma ordem (Gn 21.18), responder (Deus) a uma oração (2 Sm 22.7).

Temas teológicos em que a palavra aparece com destaque são (à falta de melhores nomes): profecia, trovão, aliança, trombeta. Freqüentemente esses temas estão entrelaçados. Em Êxodo a voz de Deus e a de Moisés (mais tarde a dos profetas) são intercambiáveis (cf. Êx 3.18; 4.1; 7.1). Deus deu a Moisés certos sinais que, na realidade, falariam (Êx 4.8), confirmando milagrosamente a identidade desejada (mas veja-se 5.2; cf. *qāshâ*). Ao operar juízo e evocar temor e submissão, o trovão simbolizava a absoluta soberania de Deus (Êx 9.23, 29; cf. Sl 29). O *qôl* de Deus é o fragor de trovão, ao passo que o *qôl* do homem é o tinir de sinos (Êx 28.35). O tema da aliança se vê quando, por intermédio de Moisés, Deus em poucas palavras enunciou o princípio de que os

mandamentos (voz) de seu servo Moisés são seus próprios mandamentos (voz) e de que, se o povo obedecer (der ouvidos) à sua aliança e a guardar (19.5), será abençoado. Se desobedecer, será julgado. Tudo isso fica bem patente no Sinai (especialmente em Deuteronômio; 1 Sm 12.14 18; cf. os usos em Jeremias). O poder soberano de Deus, que trovejou juízo sobre Faraó, agora aparece como um sinal de bênção (19.16; cf. 2 Sm 22.7-14; 3.16 [4.16]; etc.). Finalmente é o som da trombeta que Moisés ouviu no Sinai. O toque da trombeta sinaliza o poder (Js 6.5) e a presença divina (2 Sm 6.15; 1 Rs 1.40-45; 1 Co 15.52).

Na batalha de Elias contra os falsos profetas de Baal (o deus-trovão dos cananeus) é Deus quem comprova com fatos as suas reivindicações ao trazer relâmpagos, trovões (1 Rs 18.41) e chuva (1 Rs 18; cf. Sl 29). Assim mesmo Deus demonstra que ele é mais do que uma simples força da natureza (como era Baal) ao falar em voz suave e baixa (1 Rs 19.12). Essa luta contra Baal faz parte de um demorado e intricado confronto entre as duas religiões (cf. W. F. ALBRIGHT, *Yahweh and the gods of Canaan*, Doubleday, 1968), conforme fica patente ao longo dos livros proféticos e poéticos do AT.

Finalmente, pode-se muito bem considerar que foi o som da voz de Deus levada pelo vento que Adão ouviu no jardim (Gn 3.8; 1 Rs 14.6).

Bibliografia: — *TDNT*. v. 9, p. 280-90. — *THAT*. v. 11, p. 629-34.

L.J.C.

1999 קוּם (*qûm*) ***erguer, levantar-se, ficar de pé.***

Termos Derivados

1999a †קוֹמָה (*qômâ*) ***altura.***

1999b †קָמָה (*qāmâ*) ***cereal no pé.***

1999c †קִים (*qîm*) ***adversário.***

1999d †קִימָה (*qîmâ*) ***ação de levantar-se.***

1999e †קוֹמְמִיוּת (*qômmiyût*) ***posição ereta.***

1999f יְקוּם (*yᵉqûm*) ***conteúdo, existência*** (Gn 7.4, 23; Dt 11.6).

1999g †תְּקוּמָה (*tᵉqûmâ*) ***resistência.***

1999h †מָקוֹם (*māqôm*) ***lugar.***

A raiz se refere essencialmente à ação física de "erguer-se". Idéias denotadas indicam o resultado de tal ação: "ficar em pé". A raiz também é empregada figuradamente para designar a ação de erguer-se ou ficar de pé. Os mesmos usos aparecem em ugarítico (cf. *UT* 19: nº 2214). A raiz ocorre 1 085 vezes. Deve-se distingui-la de vocábulos de sentido mais restrito: *shākam* (=*qîts*), "levantar-se da cama", *'ālâ*, "subir", e *'āmad*, "tomar posição" ou "ficar de pé" (cf. *yātsab*, "estar em seu devido lugar ou posição").

O verbo *qûm* aparece em muitos e variados contextos. Basicamente denota o levantar-se de uma posição prostrada (e.g., Js 3.16). Em muitos casos se refere a atividades preparatórias, especialmente (mas nem sempre) as relativas a viagens (Dt 17.8; et al.). Por conseguinte, Gênesis 27.19, "levanta-te, pois, assenta-te", significa sim-

plesmente "agora senta-te". Essa raiz pode ter a conotação de uma ação que demonstra respeito. Balaão diz a Balaque para "levantar-se" a fim de receber o oráculo divino (Nm 23.18). Deus ordena a seu povo que se levante diante dos idosos (i.e., honre as pessoas de idade, Lv 19.32). Essa ênfase é transferida para o culto público. Quando Moisés entrava na tenda, todas as pessoas "se levantavam", cada uma à sua porta, e adoravam (Êx 33.10), dessa maneira demonstrando o devido respeito para com Deus. Quando Deus livrar o seu povo, até mesmo reis se levantarão (o verbo faz paralelo com "adorar", Is 49.7). Outros usos no contexto de adoração pública abrangem o levantamento e a consagração de objetos ou altares sagrados (Dt 27.4). Deus ordena que não se ergam ídolos (Lv 26.1). Aliás, no *eschaton* ele verá o cumprimento desse mandamento (Is 27.9). O verbo também possui um uso oficial. Ou seja, aplica-se ao ato de assumir um cargo em particular, por exemplo, tornar-se o chefe religioso de um clã (Gn 37.7), tornar-se profeta (Dt 34.10), tornar-se juiz (Jz 10.1). Esses cargos se caracterizam por sua sucessão não-hereditária (a palavra não era aplicada ao ofício sacerdotal). O vocábulo possui ainda um uso jurídico, pelo qual indica a validade do testemunho dado por alguém em juízo (Dt 19.15). Um uso correlato está no sentido da transferência válida de bens (Gn 23.17). Talvez Deus esteja referindo-se a esse sentido legal quando diz que sua palavra permanecerá (Nm 23.19; Is 40.8; etc.). Esse emprego freqüentemente ocorre em contextos referentes a alianças e, especialmente, à aliança divina. Deus declara a sua aliança aos homens (Gn 9.11) e afirma que cuidará para que ela se cumpra (Gn 17.19). Em vários momentos históricos Deus destaca que estabeleceu (com freqüência um hifil de *qûm*) a sua aliança (Êx 6.4). Ele se assegura de que os homens reconheçam que as bênçãos da aliança dependem da sua obediência (Dt 28.9), embora jamais devam se esquecer de que a bênção não vem como resultado de algum mérito da parte deles (Dt 9.5). A troca dos vocábulos *kārat*, "cortar", e *hēqîm*, "estabelecer", quando usados junto com *bᵉrît*, "aliança", não se deve a fontes diferentes (J/E e P, respectivamente), mas a diferenças semânticas entre "iniciar" ou "fazer" (*kārat*) uma aliança e "confirmar" ou "estabelecer" (*hēqîm*) uma aliança. Ao longo da história de Israel esses temas inter-relacionados vêm à tona, e homens piedosos declaram a fidelidade de Deus em levar a cabo a sua aliança (e.g., 1 Rs 8.20). Em última instância, todas as promessas humanas cairão por terra e apenas a aliança de Deus permanecerá de pé (Is 28.18). As alianças temporais de Deus são etapas na revelação de sua aliança eterna, que é a expressão de seu conselho (Is 46.10) e propósito (Is 14.24) inabaláveis. Sua vontade (aliança) encontra expressão perfeita e completa na pessoa e obra de Jesus Cristo (e.g., Gl 3; Hb 9).

Finalmente, o vocábulo é muitas vezes usado em contextos marciais. Refere-se a preparativos para a guerra (Jz 7.15), a envolvimento em combate (Êx 2.17) e a vitória em batalha (ou luta, Js 7.2). Às vezes *qûm* tem a conotação de vitória antevista ou ocorrida. Quando Deus entra em combate, a vitória é certa. Desse modo, a palavra pode denotar a ação divina de criar, salvar e julgar. Homens piedosos freqüentemente o procuram a fim de que se levante em favor deles (Nm 16.35). Isso aclara o texto de muitos salmos em que a idéia de vitória não é imediatamente aparente (Sl 3.7 [8]); 76.9 [10]; 35.2). Quando Deus está do lado de alguém, esse prevalece sobre os seus inimigos. Aqueles que estão contra Deus são advertidos de que experimentarão derrota imediata (Sl 89.43 [44]) e futura (Sl 1.5).

qômâ. ***Altura, alto.*** Esse substantivo, formado a partir do infinitivo absoluto do qal (mais uma terminação feminina), é empregado em referência à dimensão vertical, i.e., aquilo que uma coisa possui quando posta em pé.

qâmâ. ***Cereal no pé.*** Esse substantivo (a forma participial normal do qal, mais uma terminação feminina) é usado para designar uma plantação de cereal que já pode ser colhido (Dt 23.25 [26]), moído para preparar uma refeição, podendo ter ou não espigas (Os 8.7), e que, tal como a erva, pode ser plantado no telhado (2 Rs 19.26).

qîm. ***Adversário.*** Esse substantivo (particípio) coletivo denota aqueles que se levantam contra (alguém). Ocorre somente em Jó 22.20, mas esse uso da raiz não é incomum (veja-se abaixo).

qîmâ. ***Ação de levantar-se.*** Usado junto com "sentar-se", esse substantivo (particípio mais uma terminação abstrata feminina) constitui uma expressão que denota toda atividade possível (Lm 3.63).

qômmîyût. ***Posição ereta.*** Esse substantivo denota uma postura ereta. Entretanto, em Levítico 26.13, é um advérbio (*GKC* §86*k*).

t^eqûmâ. ***Resistência.*** Esse substantivo abstrato (*GKC*, §85*r*) indica a capacidade de permanecer firme e resistir aos inimigos.

māqôm. ***Lugar.*** Esse substantivo com *mem* prefixal denota o espaço físico onde algo está ou deve estar, i.e., o local desse algo. Desse modo, é usado para indicar as idéias de "lugar", "lar", "sala", "aposento". Umas poucas vezes aplica-se àquilo onde nada está, a saber, um espaço aberto (cf. 1 Sm 26.13; Is 5.8).

Bibliografia: — SAWYER, John F. A. Hebrew words for the ressurrection of the dead. *VT* 23:218-34. — *TDNT*. v. 7, p. 641-6. — *THAT*. v. 2, p. 635-40.

L.J.C.

2000 קוֹף (*qôp*) ***macaco*** (1 Rs 10.22 = 2 Cr 9.21).

2001 קוּף (*qwp*). **Aceita como raíz de:**

2001 תְּקוּפָה (*t^eqûpâ*) ***volta completa (no tempo ou no espaço)*** (Êx 34.22; 2 Cr 24.23 = 1 Sm 1.20; Sl 19.7).

2002 קוּץ (*qûts*) ***I, estar magoado, enojar-se de.*** (A ARA apresenta a idéia de "recear" ou "inquietar-se" [Êx 1.12] e provavelmente, pelo menos em parte, devido ao aparente paralelo com *gûr* III).

qûts denota a profunda reação emocional do sujeito, que resulta numa rejeição ou destruição intencional do objeto. Compare-se com os seguintes sinônimos: *bā'ash*, "ser/tornar-se mal-cheiroso ou detestável", *gā'al*, "jogar fora como imundo", "ter repugnância de", *shāqats*, "repelir como imundo", *tā'ab*, "tratar como abominação" (num

sentido ritualístico e também moral e geral), *dērā'ôn*, "objeto de desprezo", e *qûṭ*, uma grafia variante dessa raiz. A raiz ocorre nove vezes.

Entender o estado mental indicado por essa raiz esclarece muitos textos bíblicos. Rebeca queixou-se a Isaque que estava enojada da vida por causa das esposas de Esaú (Gn 27.46). Se ela está contando a verdade, é possível que os modos estranhos das noras a tinham irritado tanto que a sua vida se tornara insuportável. Pelo menos é isso em que Isaque provavelmente acreditou. É esse tipo de irritação e repulsa que é proibida com referência à repreensão paternal por parte de Deus (*qûts* está em paralelo com *mā'aś*, q.v.). Essa palavra descreve os sentimentos que Deus tinha em relação aos cananeus (Lv 20.23) e a toda idolatria (cf. *qûṭ*). Israel usou o vocábulo para descrever os seus sentimentos com relação ao maná depois de passar muito tempo se alimentando dele (Nm 21.5). Há descrições de diversos povos que sentem uma repugnância irritante de Israel (Êx 1.12; Nm 22.3; 1 Rs 11.25), e Israel sentiu a mesma coisa em relação a seus inimigos (cf. Is 7.6, 16).

L.J.C.

2003 קוץ (*qwts*). **II. Aceita como raiz de:**

2003a קוֹץ (*qôts*) ***espinheiro, espinho*** (e.g., Gn 3.18; Os 10.8).

2003b קְוּצוֹת (*qᵉwutstsôt*) ***cachos de cabelo*** (Ct 5.2).

קוּצוֹת (*qᵉwutstsôt*). Veja o nº 2 003b.

קַוְקָו (*qawqāw*). Veja o nº 1 994b.

2004 קוּר (*qûr*) ***I, cavar (à procura de água).***

Termo Derivado

2004a †מְקוֹר (*māqôr*) ***fonte.***

Essa raiz denota a ação de cavar o chão à procura de água, mas aparentemente não no sentido de cavar um poço permanente. Devido à aridez da Palestina, dedicava-se bastante atenção à obtenção de fontes de água. O verbo ocorre apenas numa fala de Isaías, em que este menciona a palavra de vanglória de Senaqueribe (2 Rs 19.24).

māqôr. *Fonte.* Basicamente esse substantivo de lugar enfatiza a fonte de água corrente e o resultado (ou pelo menos a mudança) do esforço empreendido por alguém. Ocorre 18 vezes. Seu sinônimo de sentido bastante próximo *ma'yān* enfatiza o local de um *'ayin*, "fonte" (um manancial de água corrente; cf. *mabbûa'*). Cf. o ugarítico *mqr*, "fonte" (*UT* 19: nºs 2215, 2263).

Esse vocábulo é provavelmente um empréstimo lingüístico, visto que ocorre principalmente em contextos poéticos (à exceção de Lv 20.18; 12.7). É interessante que essa palavra é, em geral, empregada figuradamente. Mas pode-se compreender melhor o seu uso figurado levando em conta a grande importância que se dava em Israel às fontes de água. Sobre o ventre diz-se, por exemplo, que é não apenas a fonte de sangue, mas

também a fonte de onde provém as crianças (Pv 5.18; cf. Sl 68.26 [27]). Deus castiga as nações secando-lhes as fontes de água (Jr 51.36).

O principal emprego teológico de *māqôr* ocorre na frase "fonte de vida". Na literatura de sabedoria o vocábulo exprime o propósito da ação prudente. Desse modo, a frase expressa a bênção que é o ensino dos sábios (Pv 13.14), o entendimento (Pv 16.22) e a boca dos justos (Pv 10.11). Dificilmente se poderia ignorar que o "temor do SENHOR" é assim descrito (Pv 14.27). Para os piedosos a fonte de vida (e, na verdade, de tudo o que é bom) é o próprio Deus (Sl 36.9 [10]), a quem os israelitas abandonaram (Jr 2.13) em troca de cisternas rachadas, que não produzem nem retêm água vivificante (Jr 17.13). Na aliança Deus reafirma a sua promessa (Dt 30) de restaurar o seu povo, mas desta vez ele iria abrir para eles uma fonte de vida que remove o pecado e a impureza (Zc 13.1): Jesus (Jo 4.13-14). Essa passagem é mais uma das inúmeras que dão testemunho da divindade de Cristo.

L.J.C.

2005 קוּר (*qwr*). **II. Aceita como raiz de:**

2005a קוּר (*qûr*) ***fio, linha*** (Is 59.5, somente).

קוֹרָה (*qôrâ*). Veja o nº 2 068d.

2006 קוּשׁ (*qûsh*) ***colocar isca, enganar*** (Is 29.21, somente).

2006.1 קָט (*qāṭ*) ***coisa pequena.*** Ezequiel 16.41, significado incerto.

2007 קטב (*qṭb*). **Aceita como raiz de:**

2007a קֶטֶב (*qeṭeb*) ***destruição*** (e.g., Dt 32.24; Os 13.14).

2008 קָטַל (*qāṭal*) ***matar*** (Jó 24.14; 13.15; Sl 139.19).

Termo Derivado

2008a קֶטֶל (*qeṭel*) ***matança*** (Ob 9, somente).

2009 קָטֹן (*qāṭōn*) ***ser pequeno, ser insignificante.***

Termos Derivados

2009a קָטָן† (*qāṭān*) ***jovem, insignificante.***

2009b קָטֹן† (*qāṭōn*) ***pequeno, insignificante.***

2009c קְטֹן (*qᵉṭōn*) ***dedo mínimo*** (1 Rs 12.10 = 2 Cr 10.10).

A raiz *qṭn* denota pequenez de quantidade ou qualidade. Quanto a sinônimos, compare-se com: *'eprōḥîm*, *gôzāl*, "filhote de ave", *dak*, "ralo", "escasso", "fino", *zᵉ'êr*,

"pequeno", "curto", *tap*, "criancinha" (em comparação com adultos), *ma'aṭ*, "pouco", "poucos" (em geral referindo-se a quantidade e, umas poucas vezes, a qualidade), *tsā'îr*, "mais novo", "pequeno", "insignificante", "menos privilegiado e/ou desejável", e *bāzûy*, "desprezado". Antônimos são: *gādôl*, "grande", e *bāḥûr*, "totalmente desenvolvido", "com vigor", "homem novo e não casado". Com os derivados alistados acima, a raiz ocorre 107 vezes.

Com freqüência a raiz *qṭn* faz contraste com *gādôl* (e.g., 2 Cr 36.18). Israel foi proibido de ter dois tipos de pesos (Dt 25.13; cf. Am 8.5). Roboão disse, em tom de desafio, que seu dedo mínimo seria mais opressor (cf. *qāshâ*) do que os lombos de Salomão (1 Rs 12.10). A palavra de Deus obriga os seus mensageiros nas mínimas coisas (Nm 22.18). A soberania divina se vê no fato de ele sustentar todas as criaturas marinhas grandes e pequenas (Sl 104.25), na verdade, todas as coisas.

A raiz também denota o conceito de "pequeno em anos" (lit., i.e., "jovem"). Benjamim é descrito como o mais jovem (Gn 42.15, *qāṭōn*; 44.20, *qāṭān*; 43.33, *tsā'îr*), como também são descritos Cão (Gn 9.24) e Davi (1 Sm 17.14). O leproso Naamã seguiu o conselho de uma "moça pequena" (lit., i.e., "moça bem nova"; 2 Rs 5.2) e terminou ficando com uma pele igual à de um "moço pequeno" (lit., i.e., "moço bem novo"; v. 14). Eliseu foi zombado (cf. *qālats*, *qāraḥ*) por alguns rapazes (talvez adolescentes desordeiros; 2 Rs 2.23), os quais, como membros de famílias da aliança, deveriam ter sido instruídos na lei de Deus, segundo a qual o ato de amaldiçoar o servo de Deus equivalia a amaldiçoar o próprio Deus e era corretamente punível com pena de morte (cf. *qālal*).

Com freqüência o "pequeno" é o fraco e o insignificante. Bate-Seba pede a Salomão um favor não tão insignificante (1 Rs 2.20). Quando Jacó abençoa os filhos de José, diz que o mais jovem (*qāṭōn*, Gn 48.19; cf. 48.14, *tsā'ir*, q.v.) será maior (não apenas em número de descendentes, mas também em importância) do que o mais velho. Deus lembra Saul de que, quando ele era insignificante e fraco a seus próprios olhos (1 Sm 15.17; 9.21), ele o tornou rei sobre os poderosos de Israel. No *eschaton* Deus fará com que o fraco e insignificante no meio do seu povo seja forte e grande (Is 60.22), e a criancinha conduza os poderosos (Is 11.6). O vocábulo aparece junto com "grande" (*gādôl*) de modo a designar todos os homens (1 Sm 5.9) em Israel (Dt 1.17) e no exército de Israel (1 Rs 22.31). Josias convocou todo o Israel, desde os pequenos até os grandes, para ouvir a leitura da lei (2 Rs 23.2; cf. Jr 44.12; 42.8; Sl 115.13).

qāṭōn. ***Jovem, insignificante, pequeno.*** Esse adjetivo basicamente modifica o substantivo, atribuindo-lhe uma pequenez de quantidade ou qualidade. Ocorre 56 vezes.

qāṭān. ***Jovem, insignificante, pequeno.*** Esse adjetivo tem sentido paralelo ao de *qāṭōn*. Ocorre 47 vezes.

2010 קָטַף (*qāṭap*) ***arrancar*** (e.g., Ez 17.4; Dt 23.26).

2011 *קָטַר (*qāṭar*) ***I, queimar incenso, queimar sacrifícios.*** Verbo denominativo. Não ocorre no qal.

Substantivo de Origem

2011a †קְטֹרֶת† (*qᵉṭōret*) ***incenso.***
2011b †קִיטוֹר† (*qîṭôr*) ***fumaça densa*** (Gn 19.28; Sl 119.83; 148.8).
2011c †קִטֵּר† (*qiṭṭēr*) ***incenso*** (Jr 44.21, somente).
2011d †מִקְטָר† (*miqṭār*) ***local de fumaça sacrificial.***
2011e †מֻקְטָר† (*muqṭār*) ***incenso*** (Ml 1.11).
2011f †מִקְטֶרֶת† (*miqṭeret*) ***incensário.***
2011g †מִקְטֶרָה† (*mᵉqaṭṭērâ*) ***altar de incenso.***

O verbo *qāṭar* é usado apenas no hifil e no piel e em seus graus passivos.

qāṭar significa "fazer subir em fumaça". É em geral usado no contexto de culto público, mas uma vez é utilizado em contexto não religioso ("perfumar", Ct 3.6). Deve-se compará-lo com as muitas palavras hebraicas que designam a ação de sacrificar: *zābaḥ*, "sacrificar mediante oferecimento de sangue", *ʿālâ*, "fazer subir em sacrifício a uma divindade" (no hifil), *qārab*, "aproximar-se", "empenhar-se em sacrificar" (cf. *nāgash*). Comparem-se também as palavras que indicam "queimar", especialmente *sārap*, "destruir queimando", *bāʿar*, "queimar" (madeira, lâmpadas, etc.), *yāqad*, "queimar com fogo" (i.e., "atear", "atiçar"), etc. O cognato babilônico é *qatāru*, "levantar", "fazer subir". O hebraico emprega a raiz 190 vezes (115 vezes como verbo).

O verbo é uma expressão técnica que denota não apenas o queimar incenso, mas também todas as outras ofertas (KD, *Jeremias*, p. 46). Pode fazer paralelo a *zābaḥ* (Os 4.13; 11.2; etc.) ou pode ser usado em referência ao queimar (ofertar) holocaustos e incenso (2 Cr 13.11). O propósito de tal queima é transformar a coisa ofertada em fumaça, que (como uma essência etérea da coisa) subiria até a divindade como um aroma suave (KD, *Pentateuch*, v. 2, p. 288). A maioria desses sacrifícios consistia de alimentos comuns e, como tal, servia para consagrar a vida a Deus (cf. *dām*, "sangue"), o chamamento da pessoa e os frutos (i.e., as bênçãos vindas de Deus) da vida (*OTOT*, p. 262; cf. Jr 44.15). Por conseguinte, as melhores partes (gordura, Lv 4.10) e o primogênito dos animais que se podem sacrificar (representando tanto o melhor quanto a totalidade, Nm 18.17) sempre pertencem a Deus. A oferta representa tanto a entrega da coisa oferecida a Deus quanto uma substituição vicária (pena de morte) da oferta em lugar do ofertante (VOS, *BT*, p. 186 e s.). Vê-se o cumprimento disso em Cristo (Jo 17.19; Ef 5.2).

O grau hifil é empregado em referência a sacrifícios (ou pelo menos a sacrifícios que se acredita serem verdadeiros). Pelo fato de o homem estar limitado pela sua condição de criatura e pela queda (Gn 8.21; Rm 5.12), o soberano e gracioso Iavé especifica os detalhes dos sacrifícios. Quase todas as especificações foram quebradas uma vez ou outra, e os violadores, numa atitude blasfema, exigiram (ou supuseram) ser aceitos aos olhos de Deus. Os filhos de Eli desonraram a Deus quando não deram atenção à reivindicação divina às melhores partes (1 Sm 2.16; Lv 7.31; 4.10). Os reis de Israel mudaram tanto a maneira quanto o local, aparentemente com o objetivo de serem aceitáveis perante Deus (1 Rs 12.33; 2 Cr 28.4.2 Rs 16.13; cf. Êx 9). Para que não se pensasse que Deus está interessado apenas em conformidade exterior, os profetas repetidas vezes ressaltaram que o aspecto espiritual é a essência do verdadeiro sacrifício (*cf.* as observações de Vos acerca

de Am 4.4-5, *BT*, p. 286). O amor na prática importa na obediência (Dt 6.4-6; cf. *qôl*).

O grau piel (que ocorre somente depois do Pentateuco) pode também indicar o ritualismo total da adoração (2 Cr 25.14). A ocorrência desse grau verbal ressalta a história de degeneração progressiva entre os reis de Israel e Judá. Aparentemente aqueles atos descritos com o emprego desse grau, quer conscientemente (por parte do ofertante) quer judicialmente (por parte do narrador), eram reconhecidos como contrários à verdadeira adoração. Isso certamente acentua a ironia da declaração de Amós (4.5). Essa oferta falsa, que imitava a adoração cananéia (*AI*, p. 438), era blasfema (Is 65.7), vergonhosa (Jr 11.17), dava mostras tanto de esquecer (Jr 18.15) quanto de abandonar (Jr 19.4) a Deus, e não oferecia nenhuma esperança ou ajuda ao idólatra (Jr 11.12).

No *eschaton* Deus promete um sacerdócio eterno (Jr 33.18; Hb 7.23 e s.) e universal (Ml 1.11; cf. 2 Pe 2.9).

O ritual do AT era permeado de queima de incenso (Is 6.4). Deus determina que um altar especial revestido de ouro (o "altar de ouro", Êx 39.38) seja colocado diante do véu do santuário interior (veja-se Êx 30.10). Cada holocausto matutino e vespertino bem como a grande oferta anual da expiação deviam ser acompanhados da queima de incenso (Êx 30). Misturas de incenso feitas não de acordo com a fórmula dada por Deus eram inaceitáveis (Êx 30.34), ao mesmo tempo em que essa fórmula não devia ser usada para fazer incenso para outras finalidades (Êx 30.37). Esse incenso sagrado devia ser ignificado apenas com brasas tiradas do altar de incenso queimado (Is 6.6), o qual recebera sobre si o sangue de sacrifício. O uso de outro fogo ("estranho") era castigável com morte (Lv 10.1-2). A fumaça do incenso representa as orações (cf. Sl 141.2; *OTOT*, p. 273; cf. Lc 1.10; Ap 5.8; 8.3 e s.). Até mesmo as orações do povo de Deus necessitam de expiação (Êx 30.10). Finalmente fazia-se expiação pelo pecado por ignorância besuntando-se os chifres do altar de incenso (Lv 4.7).

Esses são os dois únicos casos nos rituais perpétuos de Israel em que se espalhava sangue nos chifres do altar. Uma comparação da ordem em que ocorria o besuntamento de sangue em cada um dos dois rituais revela que a aspersão e o besuntamento são invertidos — no grande ritual da expiação (Lv 17.18) o besuntamento vinha primeiro. Ademais, os dois rituais estabelecem procedimentos diferentes em relação ao altar em que o sangue deve ser aplicado. O ritual para o pecado por ignorância (Lv 4.7) simbolicamente fazia com que o culpado tivesse condições de novamente servir em sua respectiva função na aliança. A aspersão no grande dia da expiação serve para purificação dos respectivos altares e, por conseguinte, simbolicamente para a purificação daquilo que eles representam. O fato de estarem contaminados não é resultado de nenhum ato da nação, mas da natureza da nação em si, ou seja, do fato de ela consistir de um ajuntamento de seres humanos. Portanto, esses rituais de besuntamento tenham talvez o propósito de ensinar ao povo a íntima relação e ao mesmo tempo a clara diferença entre o pecado original e o pecado por ignorância.

q^{e}ṭōret. ***Incenso, perfume.*** Esse substantivo denota aquilo que, ao ser queimado, produz um aroma suave (*q^{e}ṭōret sammîm*): um perfume (Pv 27.9) ou, mais comumente, incenso para uso no culto público. Compare-se com *l^{e}bōnâ*, uma especiaria que pode ser usada como incenso, e *rqḥ*, "perfume", "ungüento". Compare-se com o fenício *q'rt* (H. DONNER & W. ROLLIG, *KAI*, v. 2, p. 21). O substantivo ocorre 60 vezes.

qîṭôr. ***Fumaça, vapor.*** Esse termo de natureza não religiosa (e que ocorre quatro vezes) denota aquilo que sobe como resultado de queima.

q^{e}ṭôrâ. ***Incenso.*** Esse *hapax legomenon* (Dt 33.10) é uma (antiga?) grafia variante de *q^{e}ṭōret*.

qittēr. ***Incenso.*** Esse *hapax legomenon* designa todos os elementos da adoração idolatra (Jr 44.21). É possível que seja a grafia de *q^{e}ṭōret* em cananeu ocidental do norte. Cf. o ugarítico *qṭr* (*UT* 19: nº 2220).

miqtār. ***Local de fumaça sacrificial.*** Esse *hapax legomenon* (Êx 30.1), empregado junto com *q^{e}ṭōret*, especifica um altar (*mizbēaḥ*, q.v.) de queimar incenso.

muqṭār. ***O acender incenso.*** Esse *hapax legomenon* denota o holocausto (*KB*) ou (preferivelmente) aquilo que acompanha o sacrifício, a saber, a ação de abrasar incenso (*KD*, in loc.).

miqṭeret. ***Incensário.*** Esse vocábulo denota o objeto de ouro que era levado na mão para transportar brasas (2 Cr 26.19) e incenso (Ez 8.11).

m^{e}qaṭṭērâ. ***Altar de incenso.*** Esse substantivo, formado de acordo com o particípio piel, designa altares idolatras. Foram descobertos altares cananeus iguais ao do templo (mas menores) e construídos a partir da época de Salomão (*AI*, p. 411).

Bibliografia: — HARAN, Menahem. The uses of incense in the Ancient Israelite ritual. *VT* 10:113-29.

L.J.C.

2012 קָטַר (*qāṭar*) ***II, trancar, cercar*** (Ez 46.22, somente).

קְטֹרֶת (*q^{e}ṭōret*). Veja o nº 2 011a.

2013 קִיא (*qî'*) ***vomitar, expelir*** (e.g., Lv 18.28; Jn 2.11).

Termos Derivados

2013a קֵא (*qē'*) ***vômito*** (Pv 26.11, somente).

2013b קִיא (*qî'*) ***vômito*** (Is 28.8; 19.14; Jr 48.26).

2014 קָיָה (*qāyâ*) ***vomitar*** (Jr 25.27). Provavelmente uma variante de *qî'*.

קִיתוֹר (*qîtôr*). Veja o nº 2 011b.

קִים (*qîm*). Veja o nº 1 999c.

2015 קִין (*qyn*)

2015 קִין (*qyn*). **Aceita como raiz de:**

2015a קַיִן (*qayin*) ***lança*** (2 Sm 21.16).

2016 קַיִן (*qayin*), קֵינִי (*qênî*) ***quenita, quenitas.***

Essa tribo não descendeu do filho de Adão, Caim, (cujos descendentes foram destruídos pelo dilúvio), mas talvez receberam esse nome devido à sua ocupação de trabalhar com metais (KD, *Pentateuch*, v. 1, p. 218). O vocábulo ocorre 15 vezes.

Os quenitas aparecem como moradores entre os cananeus (Gn 15.19) e mais tarde entre os midianitas (Nm 10.29), embora provavelmente não fossem descendentes carnais de nenhum dos dois grupos (*KD*, loc. cit.). Os quenitas que viviam em Canaã estavam entre os inimigos de Israel amaldiçoados por Balaão (Nm 24.21-22). Os quenitas de Midiã se aliaram a Israel (no AT a eleição era seletiva, mas não exclusiva) quando Moisés se casou com Zípora; posteriormente Hobabe, cunhado de Moisés, foi ajudar Israel no deserto (Nm 10.29). Houve também casamentos mistos entre quenitas e calebitas (1 Cr 2.55). Parece que os moradores de Canaã se uniram a seus irmãos sulistas na aliança (cf. Jz 4; 1 Sm 15.6; et al.).

Muito já se inventou acerca da suposta origem quenita da religião e documentos mosaicos (cf. R. K. HARRISON, *IOT*; R. G. NORTH, The Cain music, *JBL* 83:373-89). Os quenitas aparecem com destaque na história escrita de Israel, especialmente na pessoa de Recabe e seus descendentes. Ele ficou tão conhecido por seu zelo por Deus que Jeú o aceitou como aliado e o identificou como um exemplo de zelo piedoso (cf. *qn'*, 2 Rs 10.15-24). Jonadabe, filho de Recabe, instituiu uma ordem nômade e religiosa que tão bem perpetuou o zelo piedoso de Recabe até à época de Jeremias que este profeta pôde usar os recabitas como um exemplo vivo daquilo que Deus exigia (Jr 35). É claro que o interesse estava no zelo que tinham por Deus e não pela vida nômade.

L.J.C.

2017 קַיִן (*qayin*) ***Caim.***

Esse é o nome do filho assassino de Adão (cf. *KD* para uma análise mais completa). Mais tarde a raiz veio a ter uma clara associação com o trabalho em metal (G. A. COOKE, *A text-book of North-Semitic inscriptions*, Oxford, Clarendon Press, 1903, pp. 286-7). Isso talvez explique a sua aplicação aos povos da época de Abraão (Gn 15.19). Referindo-se ao filho de Adão a palavra ocorre 16 vezes. Cf. *qayin* I, "lança", e II, "quenita", "quenitas". Entretanto, como geralmente ocorre em etimologias populares, o nome próprio não está associado a essa raiz exata *qyn*, "fundir", "forjar", mas, como o mostra Gênesis 4.1, por meio de assonância e jogo de palavras, a uma outra raiz, *qānā*, "possuir" ou "criar".

L.J.C.

2018 *קוּן (*qûn*) ***entoar um canto fúnebre.*** Esse verbo denominativo ocorre somente no grau polel.

Substantivo de Origem

2018a קִינָה (*qînâ*) ***lamentação.***

qîn denota aquela atividade em que pranteadores cantavam num único tom (cf. Am 8.10) um poema de luto. O vocábulo difere de outras palavras que designam pranto por ter esse uso bastante restrito (cf. *'ābal*, "prantear como parte de um ritual", "prantear em geral"; *sāpad*, "fazer a lamentação"; 1 Sm 25.1, etc.; *AI*, p. 60). O verbo ocorre seis vezes.

qînâ. *Lamentação, canto fúnebre.* Esse substantivo designa um poema que é entoado (cantado) como uma espécie de ladainha. Deve-se distingui-lo de *'ănîyâ*, "pranto por meio da expressão de vários sons ejaculatórios" (cf. *n^{e}hî*), *miśpēd*, "atos [diversos] de pranto" (especialmente bater no peito), etc. O substantivo ocorre 18 vezes.

A lamentação era cantada durante os ritos fúnebres ou profeticamente em referência à morte e/ou destruição iminente (Jr 7.19; Ez 2.10). Constituía na principal cerimônia fúnebre. Formas mais simples consistiam em gritos agudos e repetidos (Mq 1.8; 1 Rs 13.30). Esse ritual era executado por parentes próximos (Gn 32.2), amigos íntimos, todos os presentes (1 Sm 28.3) e freqüentemente por pranteadores profissionais, tanto homens quanto mulheres (2 Cr 35.25; Am 5.16) — especialmente mulheres (Jr 9.16 e s.). O lamento é o que, em poesia hebraica, mais se aproxima do uso de métrica (T. WEIR, em *ISBE*, p. 1836), embora a métrica de *qînâ* pudesse ser empregada com outros objetivos em mente além do de prantear (cf. Sl 19.7-9). Alguns estudiosos assinalam que elegias bíblicas não possuem nenhum conteúdo religioso (*AI*, p. 61) e, embora isso seja verdadeiro em alguns casos (2 Sm 1.1-19 e ss.), nem sempre é o que acontece, pois no melhor exemplo de métrica de *qînâ* (Lm) há muito conteúdo religioso (R. K. HARRISON, *Introduction to the Old Testament*, Eerdmans, 1969, p. 1066).

Bibliografia: — HARRISON, R. K. Hebrew Poetry. *ZPEB*. v. 3, p. 76-87. — *TDOT*. v. 3, p. 150-2. — GEVIRTZ, S. *Patterns in the early poetry of Israel*. University of Chicago, 1973. p. 12-13.

L.J.C.

קִינִי (*qênî*). Veja o nº 2 016.

2019 קִיץ (*qîts*) ***I, acordar.*** Esse verbo ocorre somente no hifil (e.g., 2 Rs 4.31; Ez 7.6). Usado com o sentido de "ressuscitar" em Jó 14.12 (cf. *ḥalap*); Salmos 17.15; Daniel 12.2.

2020 קִיץ (*qyts*). **II. Aceita como raiz de:**

2020a קַיִץ (*qayits*) ***verão*** (Gn 8.22), ***frutos de verão*** (Am 8.1-2, em que a palavra é usada num trocadilho com *qēts*, "fim", palavra esta derivada de *qātsats*).

קִיץ (*qîts*). Veja os nºs 2 019, 2 020, 904.

קִיצוֹן (*qîtsōn*). Veja o nº 2 060b.

2021 קִיקָיוֹן (*qîqāyôn*)

2021 קִיקָיוֹן (*qîqāyôn*) ***uma planta*** (NIV, "videira", Jn 4.6, 7, 9, 10).

קִיקָלוֹן (*qîqālôn*). Veja o nº 2 028f

2022 קִיר (*qîr*) ***parede, muro, lado.***

qîr denota uma proporcionalmente larga estrutura perpendicular (especialmente a superfície dessa estrutura) feita de pedra, mas possivelmente também de outros materiais. Ocorre 74 vezes. A palavra ocorre em ugarítico (*UT* 19: nº 2265) e em cananeu não-bíblico (H. DONNER & W. ROLLIG, *KAI*, v. 2, p. 22). Distinga-se o vocábulo de *gādēr*, "muro de pedras sem argamassa". *hômâ*, "um cercado", *hayits*, "um muro externo ou divisório", *kōtel*, "parede de uma casa", e *shûr*, "muro que cerca um poço ou separa campos".

"Muro" é, com freqüência, símbolo de refúgio e força. Amós (5.19) descreve a esperança infundada de hipócritas que anseiam pelo dia do Senhor: entram numa casa para fugir do perigo, apóiam-se na parede e são mordidos por uma cobra. Não há refúgio algum para os ímpios quando Deus julga. É assim que Isaías (22.5) declara que os muros serão cercados, atacados e derrubados pela artilharia e que os ecos dos gritos das pessoas impenitentes e sem Deus será a única resposta que ouvirão. Também não há refúgio e segurança nos finos muros construídos pelas falsas profecias (Ez 13.12-15). Naquele dia um muro de ferro intransponível estará entre o profeta verdadeiro e os que não têm a Deus (Ez 4.3). Iavé é o muro perfeito que resiste a todo perigo (Is 25.4). Os inimigos do salmista, ao verem a sua fraqueza (Sl 62.3 [4]), deixam de enxergar a sua verdadeira força, que não provém dele próprio, mas de Deus (1-2, 6 [2-3, 7]).

L.J.C.

קַל (*qal*), קֹל (*qōl*). Veja os nºs 2 028a, b.

2023 קָלָה (*qālâ*) ***I, assar, chamuscar.***

Termo Derivado

2023a קָלִי (*qālî*), קָלִיא (*qālîʾ*) ***grão torrado.***

Essa raiz indica aquilo que se faz para cozer os grãos. Deve-se contrastá-la com *bāshal*, "assar", "cozinhar em água" (carnes e/ou massa de pão), *tsālâ*, "assar" (carne; cf. *tsālî*, o resultado, "carne assada"). Deve-se fazer distinção entre essa raiz e *qālâ* II, "envergonhar", "desonrar", "menosprezar". Cf. também o acadiano *qālû* (*vS AkkH*, v. 2, p. 895-6). A raiz ocorre dez vezes.

qālîʿ, qālî. ***Grão torrado.*** Essa raiz indica o resultado de *qālâ*, ou seja, o grão torrado. Este era um produto básico da dieta alimentar no antigo oriente médio e é algo comum ainda hoje.

Grão torrado (*ʾābîb qālûy*; ARA, "espigas verdes tostadas") era o elemento básico da oferta de manjares (*minhâ*, q.v.) na festa das primícias (Lv 2.14). Esperava-se que

Israel não usufruísse da colheita de Canaã até que fizesse essa oferta ao Senhor (Lv 23.14).

A raiz também é empregada (como também acontece com o seu cognato babilônico) com o sentido de "assar carne", ou seja, de indicar as mortes infames de Zedequias e Acabe. É com esse objetivo que os falsos profetas acusam Jeremias (Jr 29.22; cf. Dn 3.6). Veja-se também Salmos 38.7 [8], em que o vocábulo é aplicado aos lombos de Davi: é como se porventura ele estivesse com o corpo febril.

L.J.C.

2024 קָלָה* (*qālâ*) ***II, envergonhar, desonrar*** (nifal e hifil, somente).

Termo Derivado

2024a קָלוֹן (*qālôn*) ***vergonha, desonra.***

Essa raiz tem o sentido de "rebaixar de nível ou posição social" (cf. *qālal*, q.v.). A raiz ocorre freqüentemente como antônimo de "glorificar" e "honrar" (*kābēd*). Ocorre 23 vezes. Distinga-se de *qālâ* I, "assar", "tostar".

Deus determina a seu povo que não castigue um homem que começa uma briga com mais de 40 açoites para que ele não seja humilhado (ou seja, posto numa posição social degradante) à vista do povo, pois ele é um irmão israelita (Dt 25.3). Tendo em vista a sua inferioridade material e social (cf. *rûsh*), Davi recusou a idéia de tornar-se genro do rei porque isso implicaria o rebaixamento daquela sua posição (1 Sm 18.23). Ao atender o pedido de Saul, ele progrediu em sua posição social. Isaías descreve o caos provocado pela impiedade de sua época, caos em que as relações da aliança eram invertidas. Irmão oprime irmão, e os mais jovens se exaltam acima dos idosos (cf. Lv 19.32, *qûm*, q.v.), e os vis (aqueles que não merecem honra), acima dos que são dignos de louvor (Is 3.5).

O salmista implora a Deus para que mostre aos seus inimigos orgulhosos o seu devido lugar (Sl 83.16 [17]). Conhecer a verdadeira condição em que se está diante de Deus é algo exigido de todos aqueles que buscam a Deus. Deus diz que transformará a autoproclamada glória de Israel naquilo que é a exata posição social do povo: desonra (Os 4.7). Ele exporá a verdadeira situação do povo para que todos vejam (Jr 13.26). O coração pecador do homem leva-o a se exaltar e a reivindicar o crédito das bênçãos que Deus graciosamente derramou sobre ele. Mas Deus lança aqueles que ele mesmo criou numa condição objetiva que espelha mais claramente a realidade e, desse modo, produz arrependimento (Dt 9.5).

qālôn. ***Vergonha, ignomínia, maus tratos, desonra.*** Esse substantivo representa o efeito que a ação indicada pelo verbo causa sobre o objeto. Denota o estado de uma posição social inferior àquela em que o referente realmente está. Esse substantivo ocorre exclusivamente em contextos poéticos, mas não é uma palavra recente. Cf. o ugarítico *qlt* (*UT* 19: nº 2231).

L.J.C.

2025 קַלַּחַת (*qallahat*)

2025 קַלַּחַת (*qallahat*) ***caldeirão*** (1 Sm 2.14; Mq 3.3). Um empréstimo lingüístico do egípcio.

2026 קלט (*qlt*). **I. Aceita como raiz de:**

2026a מִקְלָט (*miqlāt*) ***refúgio, asilo.***

Esse substantivo denota o local para onde uma pessoa se refugiava do vingador de sangue (*go'ēl*, q.v.). Deve-se distinguir esse vocábulo de *mahseh*, "local de refugio para pessoas e/ou animais", *mānôs*, "lugar para onde alguém foge", e *misgāb*, "local forte ou elevado" (e, portanto, inacessível). *miqlāt* ocorre 20 vezes.

Sempre se usa esse substantivo com referência às cidades designadas a dar asilo aos culpados de homicídio involuntário. Tal medida evitava excessos na lei da retribuição. O homicídio constitui "uma transgressão contra o Criador e Senhor da vida humana". O culpado tem de ser executado para que a teocracia seja purificada dos crimes de sangue (*OTOT*, p. 237). Inicialmente aqueles que não eram culpados de homicídio podiam buscar asilo junto ao altar (Êx 21.12-14), mas aqueles que mataram premeditadamente devem ser arrastados desde o altar e executados (cf. 1 Rs 2.28-31, e *qeren*). Uma vez instalados na Palestina, para muitos a distância tornava difícil a fuga bem-sucedida. Por esse motivo a sabedoria divina determinou que houvesse cidades de refugio espalhadas pela terra prometida (Nm 35.9-34). A justiça divina é misericordiosa e prática.

A ordem de estabelecer cidades de refúgio é registrada pela primeira vez em Números 35. Aqueles que fugissem para essas cidades deviam receber asilo temporário até que fossem julgados e dessem provas de sua inocência (no que diz respeito a homicídio involuntário) perante a congregação. Se a sua alegação fosse comprovada, o fugitivo devia ser recebido na cidade. Ele devia permanecer ali até a morte do sumo sacerdote. Caso o *gō'ēl* encontrasse o fugitivo fora dos limites da cidade, o fugitivo poderia ser legalmente morto. Após a morte do sumo sacerdote, o fugitivo poderia voltar para casa como um homem "livre". Por conseguinte, a pessoa culpada de homicídio involuntário, num certo sentido, ficava presa. Tirar a vida (mesmo sem intenção) era atacar a imagem de Deus (Gn 9.5-7) e, portanto, era algo que requeria a morte. Alguns acreditam que, nesse aspecto, o único significado da morte do sumo sacerdote era estabelecer um limite definido para o período de encarceramento. No entanto, em face da observação específica de que nenhum resgate (*kōper*, q.v.) devia ser cobrado para soltar a pessoa (Nm 35.32), parece que a morte do sacerdote tomava o lugar desse resgate — tal morte era a propiciação pelo delito. Em última instância o devido vingador era o próprio Deus (Gn 9.5-7). Assim sendo, Deus, na condição de juiz e vingador, aceitava a morte do sumo sacerdote como propiciação por esses crimes. Dificilmente se poderá negar que nisso o sacerdócio constituía um tipo de Cristo.

Posteriormente os anciãos de uma cidade receberam a incumbência (que se somou às suas outras responsabilidades) de ser juízes em lugar da congregação (Dt 19.12). Quanto à aplicação disso no NT, compare-se com o sistema de juízes-anciãos estabelecido por Cristo (Mt 18.17 e ss.) e pelos apóstolos (At 14.23; 15; 1 Tm 3; *et al.*).

As cidades de refúgio foram estabelecidas em duas etapas, depois de cada uma das principais fases da conquista (Dt 4.41-43; 19.2; Js 20.7-8). Não há registros de como essas cidades funcionavam (ou se chegaram a funcionar), mas tal silêncio dificilmente prova que

elas não cumpriram a sua função. Por fim todas essas cidades foram transformadas em cidades dos levitas.

Bibliografia: — DEVAUX, R. *AI*. p. 160-3. — RIDDERBOS, N. H. Cities of refuge. In: *NBD*.

L.J.C.

2027 קָלַט (*qālaṭ*) ***II, ser raquítico*** (Lv 22.23, somente).

קָלִי (*qālî*), קָלִיא (*qālîʾ*). Veja o nº 2 023a.

2028 קָלַל (*qālal*) ***ser rápido, ser ágil, ser sem importância, ser insignificante.***

Termos Derivados

2028a קַל (*qal*) ***ligeiro.***

2028b קֹל (*qōl*) ***leveza, frivolidade*** (Jr 3.9, somente).

2028c קָלָל (*qālāl*) ***polido (metal)*** (Ez 1.7; Dn 10.6).

2028d קְלָלָה (*qᵉlālâ*) ***maldição.***

2028e קַלְקַל (*qᵉlôqēl*) ***desprezível, sem valor.***

2028f קִיקָלוֹן (*qîqālôn*) ***opróbrio, vergonha.***

O sentido básico dessa raiz traz a qualidade de "insignificância" de provisões, velocidade (onde quer dizer ágil) ou circunstâncias. Neste último caso a condição descrita é de inferioridade em relação àquilo que o objeto merece ou que Deus deseja. De modo que essa raiz (especialmente nos graus intensivos) designa o desejar a outrem uma posição inferior, ou, no sentido técnico, amaldiçoar. A raiz ocorre 130 vezes.

O significado básico de "ser leve ou insignificante", com referência a indivíduos, é usado para designar o desprezo que Hagar tinha por Sara (Gn 16.4-5). Sara não foi rebaixada em sua posição. No entanto, sendo estéril, foi "rebaixada" (ARA, "desprezada") em sua função e prestígio. Por conseguinte, a atitude de Hagar atingiu o objetivo. Um uso semelhante ocorre na passagem em que Davi (2 Sm 6.22, nifal) diz a Mical que ele se rebaixará ainda mais (o verbo aparece em paralelo com *shāpal*). Essa idéia é a ênfase exclusiva dos graus intensivos. De modo que Neemias (13.25) pronunciou uma fórmula de maldição e viu o efeito que teve nos objetos da maldição (aqueles que se casaram com mulheres estrangeiras) ao degradá-los publicamente. O salmista (Sl 109.28) contrasta a difamação que seus inimigos lançam contra ele com a bênção divina e ora para que recaia sobre eles o destino que desejam para o salmista, ou seja, que sejam envergonhados (cf. Sl 62.4 [5]).

O substantivo *qᵉlālâ* designa uma fórmula que exprime o ser afastado da escolha divina. E assim que, quando informado do estratagema de Rebeca, Jacó fica receoso de que trará um *qᵉlālâ*, "maldição" sobre si (veja-se Gn 27.11-12; também especialmente Jr 24.9), ou seja, que será afastado da bênção da eleição. O vocábulo é semelhantemente empregado em Deuteronômio 27.13 como antônimo da bênção da aliança. Em casos concretos, quando usada para designar o castigo da aliança, a palavra para "maldizer" é

'ārar (o estado a que se chegou). De modo que o vocábulo em questão representa o estado descrito e possível (como em Dt 11.26; 30.19), em que Deus apresenta diante do seu povo o resultado de quebrar a aliança. Deus não destrói a humanidade ao tratar com o homem as suas questões (o homem é uma criatura que toma decisões). Nem Deus dá ao homem a justa retribuição que ele merece por sua rejeição repetida e crucial da aliança. De forma que com Josias, por exemplo, a graça de Deus está claramente em ação (1 Rs 22.19; cf. Jr 26.6). A promessa da provisão divina de livramento eterno é, portanto, vista nesse uso da palavra. Finalmente, umas poucas vezes esse substantivo descreve o estado final. De acordo com Deuteronômio 21.23 o cadáver de uma pessoa crucificada (que era impuro e contaminante) deve ser queimado antes do escurecer a fim de evitar a contaminação da terra.

Os pagãos achavam que os homens eram capazes de manipular os deuses. E por isso que Golias amaldiçoou Davi (1 Sm 17.43) e Balaão foi chamado a amaldiçoar Israel (Nm 22.6). Entretanto, a maldição infundada não possui efeito algum (Pv 26.2). Somente as fórmulas divinas (de bênção e maldição) são eficazes (Sl 37.22). Conforme Deus disse a Abraão, "os que te amaldiçoarem [*qālal*]" (i.e., pronunciarem uma fórmula) "[eu os] amaldiçoarei [*'ārar*]" (i.e., eu os porei na condição de vergonha que te desejaram). Amaldiçoar o profeta de Deus equivalia a atacar o próprio Deus e a trazer sobre si o juízo divino, como foi o caso com os rapazes que difamaram (cf. *qālas*) Eliseu e foram por este amaldiçoados (*qālal*, 2 Rs 2.24). Veja-se também Neemias 13.1-3, onde os descendentes de Moabe e os de Amom são impedidos de adorar (uma forma de morte espiritual).

Pronunciar uma fórmula infundada é querer violar ou mesmo violar (ou reverter) a estrutura da criação e querer infligir mal de verdade, como por meio de magia simpática. É isso que filhos (ou servos) são proibidos de fazer com os pais (ou senhores, de quem lhes vem a vida, Êx 21.17 e ss.). Isso é um ataque contra o próprio Deus e pode ser punido com a morte (Lv 20.9). É um ato de profunda rebelião contra Deus amaldiçoar os pais e então declarar a própria integridade ética (Pv 30.11; cf. Ez 22.7). O delito supremo é apoderar-se da honra de Deus ao usar o nome divino para expressar ira ou frustração (Lv 24.11-23).

qal. ***Ligeiro.*** Esse adjetivo qualifica o seu objeto no que diz respeito à velocidade. Quando o Senhor vem para julgar, ele vem sobre uma nuvem ligeira (Is 19.1). A retribuição divina ocorre de forma rápida e ligeira no dia do juízo (Jl 3.4 [4.4]).

qᵉlālâ. ***Maldição.*** Aqui a ênfase básica é a ausência (ou a inversão) de um estado abençoado ou justo e o rebaixamento a um estado inferior. O vocábulo *qᵉlālâ* também ressalta a fórmula por meio da qual isso se expressa. Deve-se também distingui-lo de *'ālâ*, que tem a conotação de juramentos em geral e de maldições como parte dessa categoria mais ampla, de *'ārar*, que descreve o estado de inexistência de vida (falta de bênçãos, Dt 27.16), de *hāram*, que tem o sentido de devotar para destruição ou para o uso sagrado, e de *qābab*, que diz respeito à ação concreta de pronunciar a maldição sobre algo (palavra usada principalmente na narrativa de Balaão e em Jó).

qᵉlōqēl. ***Sem valor, vil.*** O lamuriento povo de Israel assim descreveu a comida que o Senhor providenciou (Nm 21.5). Essa palavra ocorre uma única vez.

2032 קִלְשׁוֹן (*qilʿshôn*)

qîqālôn. ***Opróbrio.*** O conceito dado pela raiz, o de honra "rebaixada", é predominante aqui e intensificado, conforme se vê a partir do único uso da palavra (Hc 2.16).

Bibliografia: — BLANK, Sheldon H. *The curse, blasphemy, the spell, and the oath*. *HUCA* 23:73-95. — *THAT*. v. 2, p. 641-6. L.J.C.

(*qālōn*), קָלוֹן (*qālôn*). Veja o nº 2 024a.

2029 *קָלַס (*qālas*) ***zombar, escarnecer*** (piel e hitpael, somente).

Termos Derivados

2029a קֶלֶס (*qeles*) ***escárnio.***

2029b קַלָּסָה (*qallāsâ*) ***zombaria.***

Essa raiz denota a fala de desprezo e escárnio, fruto de uma atitude que considera como sem valor algum aquilo que tem valor de verdade. Deve-se comparar o vocábulo com *hātal*, "não levar a sério", *lāʿab*, "fazer troça de", *lāʿag*, "imitar zombeteiramente", *ʿālal*, "maltratar", "rir de", *tsāhaq*/*sāhaq*, "divertir-se às custas de", "rir de". O ugarítico atesta o vocábulo *qlts*, um cognato próximo (*AisWUS* nº 2414). O verbo ocorre 4 vezes.

O sentido básico da palavra se vê em Ezequiel 16.31, em que Jerusalém é comparada a uma prostituta cultual, a qual se entrega de graça, desprezando (*qlts*) o dinheiro, i.e., considerando o dinheiro como algo sem nenhum valor.

2030 קָלַע (*qālaʿ*) ***atirar (com funda), arremessar*** (e.g., Jz 20.16; 1 Sm 17.49).

Termos Derivados

2030a קֶלַע (*qelaʿ*) ***I, funda.***

2030b קַלָּע (*qallāʿ*) ***atirador (com funda)*** (2 Rs 3.25).

2030c קֶלַע (*qelaʿ*) ***II, cortina, pendurado*** (e.g., Êx 27.9; Nm 3.26).

2031 קָלַע (*qalaʿ*) ***II, entalhar*** (1 Rs 6.29, 32, 35).

Termo Derivado

2031a מִקְלַעַת (*miqlaʿat*) ***entalhe, escultura*** (1 Rs 6.18; 7.31).

(*qʿlōqēl*). Veja o nº 2 028e.

2032 קִלְשׁוֹן (*qilʿshôn*) ***forcado.*** Significado exato incerto (1 Sm 13.21).

קוֹמָה (*qômâ*), קָמָה (*qāmâ*). Veja os nºs 1 999a, b.

קִמְּשׁ (*qimmôs*). Veja o nº 2 037a.

2033 קָמַח (*qmḥ*). **Aceita como raiz de:**

2033a †קֶמַח (*qemaḥ*) ***farinha.***

O vocábulo denota o produto resultante da moagem de cereal (talvez trigo). Deve-se distingui-lo de *sōlet* (q.v.), "farinha pura", e dos vários grãos não moídos. É cognato do ugarítico *qmḥ* (*UT* 19: nº 2237) e do acadiano *qēmu* (*vS.AkkH*, v. 2). Palavra usada 14 vezes na Bíblia.

Esse vocábulo denota a farinha usada pelas pessoas comuns. Indicava o produto das plantas de cereais e não as plantas propriamente ditas (Os 8.7). A farinha era feita por mulheres (ou escravos) que usavam pedras de moinho (Is 47.2). Foi a base da alimentação da mulher de Sarepta (1 Rs 17.12) e um dos itens das provisões de Davi (1 Cr 12.40) e Salomão (1 Rs 4.22 [5.2]). Aparentemente era misturada com azeite e cozida para se fazerem biscoitos (Gn 18.6). Abraão serviu esses biscoitos a seus hóspedes misteriosos, e eles comeram. Quando Gideão serviu ao anjo do Senhor por sacrifício uma refeição semelhante, a oferta foi consumida pelo fogo (Jz 6.19).

Deus deixa claro que não depende das ofertas dos homens para sobreviver. Como é grande a diferença entre esse conceito e a idéia pagã de Deus, conforme se vê, por exemplo, no relato de *Enūma Elish* (Roland de VAUX, *AI*, p. 448 e ss.). A farinha costumeiramente usada na oferta de manjares era *sōlet*, que talvez fosse um tipo mais fino de *qemaḥ* (cf. 2 Sm 17.28). Por conseguinte, em Números 5.15, visto que esta "oferta" não era para Deus, era feita de farinha de segunda categoria (e mais barata), não sendo misturada com incenso nem com azeite. Em Gênesis 18.6 Abraão manda (talvez) parenteticamente Sara preparar biscoitos não de *qemaḥ* simplesmente (farinha comum) mas de *sōlet* (farinha bem moída). É possível que esse vocábulo *sōlet* reflita o acadiano *salātu*, "moído".

L.J.C.

2034 קָמַט (*qāmaṭ*) ***agarrar*** (Jó 16.8; 22.16).

2035 קָמַל (*qāmēl*) ***estar deteriorado*** (Is 33.9; 19.6).

קַמִּיּוּת (*qōmmiyût*). Veja o nº 1 999e.

2036 קָמַץ (*qāmaṣ*) ***fechar com a mão, apanhar*** (Lv 2.2; 5.12; Nm 5.26).

Termo Derivado

2036a קֹמֶץ (*qōmeṣ*) ***mão fechada, punho*** (Gn 41.47; Lv 1.2; 5.12).

2037 קָמַשׁ (*qmś*). **Aceita como raiz de:**

2037a קִמֹּשׁ (*qimmôs*) ***cardo ou urtiga*** (Is 34.13; Os 9.6; Pv 24.31).

קֵן (*qēn*). Veja o nº 2 042a.

2038 *קָנָא (*qānā'*) ***ter ciúme, ter inveja, ter zelo*** (piel e hifil, somente). Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2038a קִנְאָה (*qin'â*) ***ardor, zelo.***
2038b קַנָּא (*qannā'*) ***ciumento.***
2038c קַנּוֹא (*qannô'*) ***ciumento.***

Esse verbo indica uma emoção muito forte em que o sujeito deseja alguma qualidade ou a posse do objeto. Essa raiz ocorre 87 vezes. Há uma ocorrência duvidosa da raiz em ugarítico (*UT* 19: nº 2246). O verbo é (talvez) um denominativo de *qin'â* (*BDB*).

Pode-se empregar o termo num sentido puramente descritivo para denotar uma das características das pessoas vivas (Ec 9.6), num sentido depreciativo para indicar paixões hostis e que causam contenda (Pv 27.4) ou num sentido positivo para designar o zelo consumidor que se concentra na pessoa amada (Sl 69.9 [10]).

Talvez seja útil pensar no "zelo" como o sentido original, do qual derivaram as noções de "zelo pelos bens de outrem", ou seja, "inveja", e "zelo pelos próprios bens", ou seja, "ciúme".

Por esse motivo a raiz é freqüentemente traduzida por "invejar", "ter inveja". Exprime o sentimento que a estéril Raquel teve em relação à fecunda Lia (Gn 30.1). Os irmãos de José tiveram uma reação semelhante em relação a ele depois do sonho profético (Gn 37.11). O ciúme profundo que Edom teve do favor dispensado por Deus a Israel veio junto de ira e ódio (Ez 35.11). Vê-se que essa raiz não expressa uma emoção superficial. Deus diz que os retos não devem estar invejando a prosperidade aparente (mas breve) dos ímpios (Sl 37.1). O salmista foi levado a deixar de ter inveja depois de considerar o derradeiro fim dos ímpios (Sl 73.3).

Contudo, o significado central do vocábulo tem que ver com "ciúme", especialmente no relacionamento matrimonial. O adultério era castigado com morte (Lv 20.10; Dt 22.22). Com o casamento "tornam-se os dois uma só carne" (Gn 2.24). Por conseguinte, o adultério era como que cortar fora uma parte do corpo — uma forma de assassinato. Pelo fato de a mulher ter usurpado a posição do homem no Éden, a lei foi feita de modo a enfatizar a sujeição da mulher e a liderança do homem (Gn 3.16). A partir daí se estabeleceram dispositivos para o marido acusar a mulher e descobrir o adultério de que suspeitasse (Nm 5). E não se deve ignorar que esse era também um meio pelo qual uma mulher acusada mas inocente podia livrar-se da acusação e da indignação de um marido ciumento na medida em que o próprio Deus iria declará-la inocente. A lei estipula o fim adequado para o ciúme justificado, a morte do culpado (*IDB*, v. 3, p. 332).

Deus é descrito como marido de Israel; ele é um Deus ciumento (Êx 20.5). A idolatria é adultério espiritual e merece a morte. Finéias desempenhou o papel do cônjuge fiel ao matar um homem e sua esposa estrangeira e, desse modo, interrompeu a ira do ciúme divino (Nm 25.11). Josué repetiu a afirmação de que Deus é um Deus ciumento que não iria tolerar a idolatria, e o povo voluntariamente se colocou debaixo da suserania divina (Js 24.19). Com sua idolatria Israel provocou Deus a uma ira justificada, por exemplo, nos dias de Acabe, e Deus castigou. No final, depois que o povo deixou de dar atenção a

repetidas advertências, Deus tratou o povo com a justiça que o seu adultério espiritual merecia (Ez 5.13; 8.3, 5; 16.38). O salmista identificou o ciúme de Deus como a causa do exílio e suplicou ao Soberano que aplacasse a sua ira contra Israel (Sl 79.5). De acordo com a promessa, Deus cessou a sua ira ciumenta contra Israel (Ez 16.42; cf. Dt 30) e se voltou contra aqueles que tinham maltratado o seu povo (Ez 36.5-6). É tão forte a disposição divina de vindicar o seu nome (Ez 39.25) e o seu povo que toda a terra sentiu a sua ira (Sf 3.8). Então se verá que a ação causada por esse sentimento forte pode resultar em males e em perdição e está associada a palavras que denotam ira (*hēmâ*, Nm 25.11; Ez 16.38, 42; 36.6; 38.9) e indignação (*'ap*, 29.19 [20]; ARA, "ira") e a uma força que consome com fogo (Sf 1.18; 3.8).

De outro lado, a ação que Deus opera com "ciúme" pode resultar em bem e salvação. É assim que esse amor ardente efetuou o retorno dos exilados (Is 42.13). No entanto, a restauração de Israel não exaure as atividades graciosas de Deus em favor do seu povo. Ele efetuará a salvação do povo (a restituição de um relacionamento perfeito entre ele próprio e as suas criaturas), a qual o povo perdeu no pai Adão, por meio de um segundo Adão — Emanuel (Is 9.7 [6]). Ademais, a volta do exílio prenunciava um evento ainda maior — a criação e a escolha por Deus de uma noiva perfeita, por intermédio de seu Servo (Is 42.13). Quando Deus é ofendido, o seu ciúme termina na justa retribuição, mas, quando comovido por sua graça, resulta em amor eterno. Por conseguinte, a igreja é chamada de noiva de Cristo. Ela está agora sendo perfeitamente preparada e guardada para o casamento.

Deus espera que o homem retribua ao seu amor. O amor, no entanto, não é meramente uma emoção. É uma relação estruturada. Amar a Deus é obedecer-lhe. De sorte que o vocábulo é empregado para denotar um "zelo" apaixonado e ardente por Deus, o que resulta em fazer a sua vontade e defender a sua honra em face dos atos ímpios de homens e nações. Finéias, Elias e Jeú são exemplos específicos desse zelo (*TWNT*, v. 2, p. 878). Saul (2 Sm 21.2) e Jeú (2 Rs 10.16), devido a seu zelo (ciúme) ardente por Deus foram levados a praticar atos que violavam os mandamentos divinos. Assim despertaram a ira de Deus, que é ciumento em relação ao seu nome (Ez 39.25) — o qual deve ser vindicado mediante a observância de toda a lei (Dt 29.20 [19]). Os piedosos (especialmente o Messias) são, portanto, consumidos por um ardor (ciúme) que os leva a exaltar a Deus mediante a manutenção da pureza da adoração (Sl 69.9 [10]) e a pureza da obediência no que diz respeito a toda a palavra de Deus (Sl 119.139).

qin'â. ***Ciúme ardente, zelo, ira.*** Esse substantivo, que na forma segue o modelo do infinitivo do qal, descreve o estado em que está o sujeito tomado de *qānā'* — tanto num sentido positivo como negativo. Em Cantares 8.6 a IBB traduz o vocábulo com um sentido negativo, "o ciúme é cruel como o Sheol", mas pode ser entendido com uma conotação positiva em paralelo com a frase precedente, "o amor é forte como a morte" (cf. ARA).

qannā'. ***Ciumento.*** Esse substantivo, que na forma segue o infinitivo do piel, é usado exclusivamente em referência a Deus e no contexto de idolatria. Mostra o paralelo entre adultério e idolatria. Assim como um marido quer que a sua esposa lhe seja fiel e tem permissão de matá-la e a seu amante em caso de adultério, de igual modo Deus se relaciona com o seu povo. O vocábulo ocorre apenas no Pentateuco (cinco vezes).

qannô'. ***Ciumento.*** Esse substantivo também segue a forma do infinitivo piel. Tem o mesmo sentido de *qannā'*. Aparece apenas duas vezes, ambas fora do Pentateuco.

Bibliografia: — *TDNT*. v. 2, p. 878-80. — *THAT*. v. 2, p. 647-9.

L.J.C.

2039 קָנָה (*qānâ*) ***I, obter, adquirir, criar.***

Termos Derivados

2039a קִנְיָן (*qinyān*) ***riquezas.***
2039b מִקְנֶה (*miqneh*) ***gado.***
2039c מִקְנָה (*miqnâ*) ***compra.***

O radical dessas palavras envolve três (*KB*) e não duas (*BDB*) raízes. Em *qānâ* observa-se uma raiz que denota uma aquisição comercial e financeira de bens materiais (à exceção de alguns usos em Provérbios, em que a sabedoria é adquirida: 4.5, 7; etc.) e outra que denota "criação" por Deus (*bārā'*). Quanto à terceira raiz, veja-se *qāneh*, "junco". Distinga-se *qānâ* de *rākash*, "adquirir mediante trabalho árduo" (q.v.), *gā'al*, "redimir", "comprar de volta" (mas veja-se também *KD*, no comentário sobre Lv 25.33, in loc.). Os dois sentidos de *qānâ* ocorrem em ugarítico (onde Gordon, *UT* 19: nº 2245, e *AisWUS* nº 2426 não separam as duas raízes). No AT esses vocábulos ocorrem num total de 182 vezes.

O verbo *qānâ* é a palavra costumeira para "comprar" algo. As transações comerciais se realizavam de diversas maneiras (cf. *AI*, p. 167 e ss.). De especial interesse é o costume antigo que envolvia a entrega do próprio calçado (Rt 4.8; Am 8.6 [7]) ao comprador, simbolizando com isso que a pessoa abria mão do direito hereditário de redenção. Tais transações podiam ser registradas (Jr 32.16) ou então publicamente testemunhadas (Rt 4; cf. as leis de Nuzi, *AI*, p. 168).

Como os sacrifícios deviam ser oferecidos em favor do ofertante, também deviam proceder dos bens da própria pessoa. Por isso, quando Davi procurou fazer um sacrifício para interromper a praga, sentiu-se compelido a adquirir a terra (2 Sm 24.21-24). Por ser o rei e por ter determinado o recenseamento, era sua a responsabilidade de aplacar pessoalmente a ira divina (2 Sm 24.16). Os reparos no templo não foram pagos com recursos dos cofres reais, mas com dádivas do povo de Deus (2 Rs 12.12 [13]; 22.6).

As leis de Israel protegiam a propriedade privada e o direito de acumular capital privado (acerca de um estudo detalhado a respeito, veja-se R. RUSHDOONY, *Institutes of Biblical law*, Nutley, Craig, 1973, p. 448 e ss.). Visto que a terra e tudo o que nela existe pertencem a Deus (Dt 25.23-24), não cabia ao povo de Deus vender, mas tão somente "alugar". Outras nações não foram estabelecidas dentro desse esquema. Por conseguinte, Abraão pôde adquirir um pedaço de terra, o qual se tornou propriedade perpétua de sua família (Gn 25.10; Js 24.32). No Egito o Faraó comprou toda a terra (Gn 47.19-20), com exceção da terra dos sacerdotes (v. 22). Deus determinou a teocracia de modo que a distribuição original da terra (que representava o descanso eterno) fosse restabelecida a cada 50 anos (Lv 25.15 e ss.), o ano de jubileu. Essa redistribuição havia de dirigir as transações imobiliárias, como fica evidente nas injunções acerca dos preços de compra (vv.

15-16). As terras perdidas devido à pobreza podiam ser resgatadas por um parente consangüíneo ou pelo proprietário original, caso este prosperasse. Caso não se achasse nenhum resgatador humano, o próprio Deus resgatava a terra no qüinquagésimo ano (Deus é o resgatador, SI 74.2, e pai, Is 11.11, de Israel; veja-se *gā'al*). Isso explica por que as casas existentes em cidades muradas podiam ser vendidas permanentemente (i.e., elas não envolviam direitos fundiários ancestrais, Lv 25.29-34), por que as casas dos levitas eram resgatáveis a qualquer tempo (elas eram propriedade pessoal de Deus, seja porque elas eram o quinhão que ele havia dado à sua equipe pessoal [os levitas], seja porque elas foram "devolvidas" [e eram santas] para ele) e por que as terras dos levitas jamais poderiam ser vendidas (elas tinham sido eternamente "resgatadas").

A escravidão era permitida em Israel em certas condições. Apenas não-israelitas podiam ser escravos de verdade, i.e., propriedade de um israelita (Lv 25.44 e s.). Todos os judeus eram irmãos e servos (*'ebed*, q.v.) de Deus (Lv 25.42-43). Por essa razão, não podiam "possuir" um ao outro. Caso, por motivo de pobreza ou de castigo (por roubo), um judeu fosse escravizado, deveria ser tratado como um servo contratado. Ele podia ser resgatado (comprado e libertado da escravidão) por um parente consangüíneo ou, caso prosperasse, por seu próprio esforço. Caso não surgisse uma oportunidade de resgate, seria posto em liberdade no sétimo (Lv 21.2; Dt 15.12) ou no qüinquagésimo ano (Lv 25.39-46). Era responsabilidade dos parentes consangüíneos "comprar de volta" aqueles que haviam sido escravizados (Ne 5.8). Essas injunções virtualmente estabelecem a abolição da escravidão para os judeus. No NT, em que não há judeu nem grego, e a teocracia coexiste com a humanidade (Gl 3.28; Ef 1.20-23), a escravidão é também fundamentalmente abolida.

Tendo em vista o que foi examinado acima, é significativo que Deus, que resgatou (*qānâ* está em paralelo com *gā'al*, Êx 15.13, 16; SI 74.2) Israel do Egito, prometeu trazer o Israel impenitente de volta ao Egito para ali ser vendido como escravo. Mas ninguém haveria de comprá-lo (Dt 28.68). No entanto, o próprio Deus iria comprá-los e tirá-los do exílio (Is 11.11). Isso se deu por intermédio de líderes do exílio, tal como Neemias (Ne 5.8). Certamente tudo isso encontra perfeito cumprimento em Cristo (1 Co 6.19-20).

Existem seis passagens em que parece que *qānâ* tem o sentido de "criar": Salmos 139.13 (cf. Gn 4.1; em acadiano a raiz pode ter os homens como sujeito); Deuteronômio 32.6 (cf. v. 13; SI 74.2); e Gênesis 14.19, 22 (vejam-se paralelos ugarítico e fenício, *AI*, p. 310). É objeto de debates se em Salmos 78.54 o verbo tem o sentido de "criar" ou de "adquirir" (num sentido geral), embora se deva dar preferência ao primeiro sentido. Interessantíssimo é o uso em Provérbios 8.22. Se estivermos certos, então Provérbios nos fala acerca da geração eterna da Sabedoria, i.e., de Cristo (Jo 1; Lc 11.49). [A relação entre essas duas raízes ou entre os dois sentidos da única e mesma raiz tem sido bastante debatida. E interessante que todos os termos derivados revelam o sentido usual de "adquirir", "possuir". Os dados de Ugarite parecem comprovar o sentido possível de "criar", embora diversos dos usos em ugarítico se encontrem em textos entrecortados e difíceis. O principal emprego em ugarítico é o título de Asera como "criadora dos deuses". Mas o título de El, a principal divindade, é "criador" (*bny*). Provavelmente em ugarítico a palavra *qny* deve ser interpretada como "aquele(a) que gera" em vez de "criador(a)". A ARA traduz o início de Provérbios 8.22 por "o SENHOR me possuía", ao passo que a IBB traz "o Senhor me criou". R.L.H.]

qinyān. ***Riquezas, bens.*** Esse substantivo denota aquilo que se adquire mediante compra, "bens móveis". Em seis das dez ocorrências o vocábulo é contrastado com *miqneh* (veja-se abaixo). Três vezes se refere à riqueza em geral ou aos bens considerados como riqueza (Lv 22.11; Sl 105.21; Pv 4.7). Numa oportunidade parece que é um derivado de *qānâ*, "criar" (Sl 104.24). O vocábulo também se acha em aramaico antigo (H. DONNER & W. ROLLIG, *KAI*, v. 2, p. 41).

miqneh. ***Gado, rebanho; compra, possessão.*** Esse substantivo com *mem* prefixal denota a coisa possuída. Na maioria das vezes se refere a gado em geral (embora possa referir-se a um ou mais tipos de gado). Refere-se a coisas de valor em contraste com dinheiro (Gn 13.2). Também denota a terra própria para pasto (Nm 32.1, 4) e os proprietários de gado (2 Cr 14.14; Gn 46.32). Em Gênesis 49.32 a palavra pode muito bem ser *miqnâ*. Cf. o fenício *mqn'* (*DR*, p. 15).

miqnâ. ***Compra, preço de compra.*** Esse substantivo denota a coisa adquirida e o preço pelo qual algo pode ser adquirido.

Bibliografia: — KATZ, Peter. The meaning of the root קנה. *JJS* 5:126-31. — *TDNT*. v. 3, p. 1005-28. — *THAT*. v. 2, p. 650-8.

L.J.C.

2040 קנה (*qnh*). **II. Aceita como raiz de:**

2040a קָנֶה (*qāneh*) ***junco, haste, osso, balança.***

Esse substantivo aparentemente denota o junco da Pérsia conhecido como *Arundo donax*. No entanto, *vS.AkkH* (v. 2, p. 897-8) assinala que em acadiano essa raiz designa diversas plantas parecidas com o junco. A partir da denotação básica deriva um segundo significado, aquilo que tem forma de um junco, i.e., uma haste, um osso (somente em Jó 31.22), o travessão horizontal da balança (Is 46.6, alavanca). O vocábulo também designa uma especiaria aromática empregada no culto religioso (Ez 27.19; mas, de acordo com *KD*, *Isaías*, v. II, p. 199, n. 1, não pode ser "cálamo"). Esse vocábulo ocorre 62 vezes. Deve-se distingui-lo de *gōme'*, "papiro" (*Cyperus papyrus*), *sûp*, "junco em geral" (um empréstimo lingüístico do egípcio), *'āhû*, "planta dos pântanos", e *yārāq*, "planta verde". Cf. *qānâ* I, "obter", "adquirir", "criar".

O Egito é chamado de "cana esmagada" — um bordão fraco e em que não se pode confiar (2 Rs 18.21). Deus pronuncia juízo contra o Egito porque essa nação se vangloriava do poder que criou para si e fez com que Israel se afastasse de Deus e não confiasse nele. Quando veio o teste, o Egito se revelou um apoio fraco ("cana esmagada") e, por esse motivo, levou Israel a sofrer dor (Ez 29.6-7). Quando o Messias vier, ele conduzirá mansamente o seu rebanho, não pondo sobre eles mais do que conseguem suportar. O servo do Senhor firmará a justiça até mesmo para uma cana esmagada — ou o pobre da sociedade ou possivelmente o Egito (Is 42.3; cf. 2 Rs 18.21). Essa expectativa se cumpriu quando Jesus, num dia de sábado, curou o homem aleijado (um junco ou cana verdadeiramente quebrado) na sinagoga (Mt 12.9-21).

O termo é usado também em referência a um óleo para a unção especial no tabernáculo. Com ele os instrumentos e ministros do tabernáculo e do templo eram

ungidos (Êx 30.23). Mais tarde Deus repreende severamente o seu povo por desconsiderar o meio de adoração que ele havia designado e por ter ficado em seu grande pecado (Is 43.24, ARA, "cana aromática"; NIV, "cálamo"). Finalmente Deus diz ao povo que o sacrifício exterior sem a devoção interior é inútil (Jr 6.20). A adoração a Deus é algo santo para ele. Ele quer que os homens sigam especificamente suas orientações. Caso isso aconteça, o resultado será um aroma adocicado (aceitável) para ele. Caso contrário, o resultado é inaceitável: o ritual e a atitude devem conformar-se ao padrão divino.

L.J.C.

(*qannô'*). Veja o nº 2 038c.

קִנְיָן (*qinyān*). Veja o nº 2 039a.

2041 קִנָּמוֹן (*qinnāmôn*) ***canela*** (Pv 7.17; Ct 4.14; Êx 30.23).

2042 *קִנֵּן (*qinnēn*) ***fazer ninho.*** Esse verbo denominativo ocorre no piel e no pual somente (e.g. Is 34.15; Ez 31.6).

Substantivo de Origem

2042a קֵן (*qēn*) ***ninho*** (e.g. Dt 22.6; Jó 39.27).

2043 קנץ (*qnts*). **Aceita como raiz de:**

2043a קֶנֶץ (*qēnets*) ***laço (para apanhar animais)*** (Jó 18.2).

2044 קָסַם (*qāsam*) ***praticar adivinhação.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2044a †קֶסֶם (*qesem*) ***adivinhação, feitiçaria.***

2044b †מִקְסָם (*miqsām*) ***adivinhação.***

A semelhança do substantivo *qesem*, esse verbo descreve algum tipo de adivinhação. E, tal como acontece com todas as demais manifestações de ocultismo, essa prática era proscrita em Israel e tratada com desdém.

A forma participial aparece na extensa lista de tais práticas em Deuteronômio 18 (vv. 10, 14).

Balaão era um desses "adivinhos". As formas tanto participial quanto substantiva são empregadas com referência a ele (Nm 22.7; 23.23; Js 13.22).

Saul ordenou à mulher de En-Dor que "adivinhasse" para ele com a ajuda de *'ôb* (q.v., 1 Sm 28.8). As únicas outras passagens em prosa que utilizam *qāsam* são 1 Samuel 6.2, que fala de "adivinhadores" filisteus, e 2 Reis 17.17, que traz uma lista de delitos dos israelitas que levaram Deus a mandá-los para o exílio.

Os profetas maiores Isaías, Jeremias e Ezequiel e os profetas menores Miquéias e Zacarias mencionam *qāsam* num sentido depreciativo. Em Isaías 3.2 o "adivinho", assim como o "encantador" (v. 3), são alistados junto com as profissões honrosas de soldado, juiz, profeta e ancião. Mas em Isaías 44.25 os "adivinhos" recebem a maldição divina.

Os dois usos que Jeremias faz do vocábulo se encontram em 27.9 e 29.8, em que ele compara a sua própria profecia com as daqueles que preferiam oferecer bons agouros.

Ezequiel emprega *qāsam* em 13.9; 21.21, 23, 29; e 22.28. No capítulo 21 as referências são à "adivinhação" que Nabucodonosor faz por meio de flechas. Aparentemente ele escolhia o caminho para o ataque atirando um punhado de flechas. Esta é a única passagem que dá alguma idéia do processo concreto envolvido no *qāsam*.

Miquéias 3.6 e s. e Zacarias 10.2 também falam ácida e zombeteiramente dos "adivinhadores", comparando-os aos falsos profetas e aos sonhadores.

qesem. ***Adivinhação, feitiçaria, bruxaria, leitura da sorte, agouro, sorte, oráculo, decisão.*** É desconhecido o significado exato dessa espécie de ocultismo. Isso explica a diversidade de traduções. O relato de Ezequiel 21.21-22 [27-28] é o único a dar uma indicação de como exatamente se praticava o *qesem*. Sacudir ou atirar flechas ao chão, consultar os terafins e a hepatoscopia (examinar o fígado) podem ser subcategorias de *qesem*. De qualquer maneira, o versículo 22 [28] emprega *qesem* como se designasse uma das flechas a ser atirada ao chão. Aliás, a NEB traduz a palavra por "flecha de agouro", e a NAB, por "flecha de adivinhação". A BJ emprega "sorte" e "adivinhação" nesses dois versículos.

Outro uso interessante de *qesem* se acha em Números 22.7, em que o vocábulo parece indicar uma "recompensa" ou "pagamento" para a "adivinhação" (ARA, "preço dos encantamentos") que seria dado a Balaão. Posteriormente nesse relato (Nm 23.23) *qesem* aparece em paralelo com *nahash* (cf. 2 Rs 17.17). Em Jeremias 14.14 o substantivo está em paralelo com "visão falsa", "vaidade" e "engano do seu íntimo" (cf. Ez 13.6, 23).

Uma terceira passagem digna de nota é Provérbios 16.10. Ali a ARC traz "adivinhação", a ARA, "decisões autorizadas", e a IBB, "oráculos". Conquanto o *qesem* seja geralmente proibido (Dt 18.10) ou usado apenas por não-israelitas, em Provérbios 16.10 parece perfeitamente permissível e louvável. A ocorrência mais conhecida de *qesem* é 1 Samuel 15.22-23, em que Samuel confronta Saul por ter desobedecido na questão dos despojos de guerra da vitória sobre os amalequitas. O profeta declarou:

> Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar,
> e o atender melhor do que a gordura de carneiros.
> Porque a rebelião é como pecado de *qesem*.

A tradução tradicional "feitiçaria" aparece na ARA, ao passo que a IBB traduz por "adivinhação", e a PIB, por "superstição".

miqsām. ***Adivinhação.*** Ezequiel 12.24 e 13.7 possuem as únicas ocorrências de *miqsām*. Na primeira referência a "adivinhação" é qualificada pelo adjetivo *hālāq*, "lisonjeira" ou "enganosa", e na última, por *kāzāb*, "mentirosa".

Bibliografia: — DAVIES, T. W. Witch. In: *ISBE*. Eerdmans, 1955. — GUILLAUME, Alfred. *Prophecy and divination*. Londres, Hodder and Stoughton, 1938. — KITCHEN, K. A. Magic and sorcery. In: *NBD*, p. 766-71. — LIEFELD, W. Divination. In: *ZEPB*. v. 2, p. 146 -9.

2045 קָסַס (*qāsas*)

— SUMMERS, Montague. *The history of witchcraft and demonology*. University Books, 1956. — REINER, Erica. Fortune telling in Mesopotamia. *JNES* 19:23-35.

R.L.A.

2045 קָסַס (*qāsas*) ***arrancar***. Ocorre somente uma vez, no poel (Ez 17.9).

קֶסֶת (*qeset*). Veja o nº 2 080b.

2046 קעקע (*q'q'*). **Aceita como raiz de:**

2046a קַעֲקַע (*qa'ăqa'*) ***incisão, tatuagem*** (Lv 19.28).

2047 קער (*q'r*). **Aceita como raiz de:**

2047a קְעָרָה (*q'ārâ*) ***prato, travessa*** (e.g., Nm 7.85; Êx 25.29).

2047b שִׁקָּעֲרוּרָה (*sh'qa'ărûrâ*) ***cavidade.***

2048 קפא (*qāpā'*) ***engrossar, condensar, espessar*** (e.g., Zc 14.6; Sf 1.12).

Termo Derivado

2048a קִפָּאוֹן (*qippā'ôn*) ***espessamento*** (Zc 14.6, somente).

קִפָּאוֹן (*qippā'ôn*). Veja o nº 2 048a.

2049 *קָפַד (*qāpad*) ***reunir-se, enrolar.*** Esse verbo ocorre somente uma vez, no piel (Is 38.12).

Termos Derivados

2049a קִפֹּד (*qippōd*) ***porco-espinho*** (Is 14.23; 34.11; Sf 2.14).

2049b קְפָדָה (*q'pādâ*) ***estremecimento*** (Sl 119.20; Ez 7.25).

2050 קפז (*qpz*). **Aceita como raiz de:**

2050a קִפֹּז (*qippôz*) ***serpente pequena*** (Is 34.15) ou ***coruja*** (J. W. KLOTZ, *WBE*, v. 1, p. 89).

2051 קָפַץ (*qāpats*) ***fechar, trancar.***

Essa raiz indica ação de a boca ou as mãos se fecharem. Em acadiano ocorre como ***kapātsu/kabātsu***. No AT ocorre cinco vezes. Explica-se melhor a aparente ocorrência em Jó 24.24 supondo-se ter havido uma permuta entre *b* e *p* (cf. *qābas*) e em Cantares 2.8 vendo-se um cognato do acadiano ***kabāsu***, que se refere a exércitos que marcham sobre

as montanhas (cf. *vS.AkkH.*, v. 1, p. 443). Compare-se com as seguintes palavras: *'ātar*, "tapar uma cova", *sāgar*, "trancar uma porta" (a raiz hebraica mais próxima), e *'ātsar*, "restringir".

O sentido básico dessa raiz se vê mais claramente em Deuteronômio 15.7 (em que é o antônimo de *pātah*, "abrir"). Vê-se aí uma conotação de irreversibilidade. Isso é especialmente significativo ao se considerarem os outros usos na Bíblia (cf. Sl 77.9 [10]). Elifaz, tendo relembrado a soberania absoluta de Deus e o seu amor pelos piedosos, conclui (acertadamente, cf. Sl 107.42) que isso é, para os piedosos, o fundamento da esperança e que, para os iníquos, fecha-lhes a boca (Jó 5.16). Isaías (52.15) contrasta a surpresa das muitas nações e o temor dos reis. Até o mais exaltado dentre os homens ficará mudo diante da natureza radicalmente nova da salvação que virá a experimentar e daquele que a trouxer (E. J. YOUNG, *Isaiah*, v. 3, Eerdmans, 1972, p. 339).

L.J.C.

קֵץ (*qēts*). Veja o nº 2 060a.

2052 קָצַב (*qātsab*) ***podar, tosquiar*** (2 Rs 6.6; Ct 4.2).

Termo Derivado

2052a קֶצֶב (*qetseb*) ***corte, forma*** (1 Rs 6.25), ***extremidade*** (Jn 2.7).

2053 קָצָה (*qātsâ*) ***I, podar, cortar.***

Termos Derivados

2053a קָצֶה (*qātseh*) ***fim, extremidade.***
2053b קָצָה (*qātsâ*) ***fim, extremidade.***
2053c קֵצֶה (*qētseh*) ***fim.***
2053d קְצוּ (*qātsû*) ***fim, fronteira.***
2053e קָצָת (*q'tsāt*) ***fim.***

É difícil determinar se esse é um verbo denominativo derivado das formas substantivas, que por sua vez são derivados de *qātsats*, ou se essa é uma raiz cananéia primitiva (especialmente ao se levar em conta que *qtsh* [originariamente *qtsw*] ocorre em fenício; H. DONNER & W. ROLLIG, *KAI*, v. 2, p. 22). Optamos pela hipótese de que essa é uma raiz primitiva. O verbo ocorre apenas cinco vezes. Duas dessas ocorrências (Lv 14.41, 43) podem muito bem ser o resultado de erros posteriores de copistas que confundiram o verbo *qās'a*, de significado semelhante, com *qāsâ*. Essa raiz ocorre 152 vezes. Compare-se com seu sinônimo *qātsats* (q.v.) e contraste-se com *kārat* (q.v.), que tem um sentido consideravelmente mais amplo.

2053 קָצָה (*qātsâ*)

qātseh. ***Fim, extremidade.*** Essa é o que *GKC* (n. 1, p. 269) considera a forma substantiva hebraica regular de verbos *lamed-he*. O vocábulo destaca o ponto em que uma coisa é podada, portanto, a sua extremidade. Os derivados seguintes se distinguem mais pela sua história ortográfica do que pelos seus significados.

qātsâ. ***Fim, extremidade.*** *GKC* diz que essa é uma forma aramaizada (loc. cit.). Talvez fosse melhor considerá-la uma forma dialetal, visto que a aramaização dá, para alguns, a idéia de algo tardio. Seu significado está em paralelo com o de *qātseh*, exceto que este vocábulo é aplicado ao tempo, o que não acontece com *qātsâ*. Observe-se que as duas palavras são aplicadas ao mesmo objeto (Êx 26.45).

qētseh. ***Fim.*** Nesse substantivo o *waw* original sofre transformação (*GKC*, §84*a,c,e*). Aparece somente precedido de *'ên*, "não existência de", o que faz com que a frase tenha o sentido de "sem limite".

qātsû. ***Fim, fronteira.*** Nesse substantivo o *waw* original se torna novamente uma consoante forte (*GKC*, §24*d*). A palavra é aplicada apenas a extremidades de terra.

qᵉtsāt. ***Fim.*** Esse substantivo ocorre somente no construto. Também denota extremidade.

Compare-se esse grupo de substantivos com *qēts*, que se aplica a extremidades imateriais (e.g., o tempo), *sôp*, que se aplica ao "final" de uma coisa, *'ahărît*, que denota a "parte posterior", e *'epes*, que denota "cessação", "vacuidade", "limite".

Os substantivos que denotam extremidade podem designar a ponta de uma vara (1 Sm 14.27) ou a extremidade de uma asa (1 Rs 6.24), a borda de uma cortina (Êx 26.45), a extremidade ou confins de um país (Nm 20.16). Isso ajuda a melhor compreender 1 Reis 12.30, em que Jeroboão, ao estabelecer sua religião apóstata rival, fez pouco caso da lei de Deus escolhendo sacerdotes que não eram de linhagem levítica, dessa forma rejeitando as estipulações acerca do culto público existentes na aliança sinaítica. Em Provérbios 17.24 se diz que os tolos fixam os olhos nos confins (horizonte) da terra — procuram chegar aos objetivos terrenos jamais alcançados e rejeitam a sabedoria (o temor do Senhor). Não se deve forçar a expressão de modo que passe a ter o sentido da cosmologia errônea que ensina a existência de uma terra plana com bordas de onde se pode cair. A frase às vezes se refere somente a fronteiras nacionais, "os confins da terra". Às vezes é uma forma poética de designar lugares longínquos. A região da terra que vai desde a Índia até a Espanha era bem conhecida na antigüidade e viajava-se por toda essa área.

De especial significação é o tema teológico recorrente: "o fim/os confins da terra/dos céus". A expressão denota tanto a origem e o lugar do juízo sobre Israel quanto o alcance da salvação universal. Essa é a morada do povo que haveria de trazer juízo (destruição) caso (e quando) Israel lançasse para longe o domínio do Senhor (Dt 28.49). Tais povos foram convocados por Deus em cumprimento da profecia mosaica (Is 5.26). E de fato, Deus empregou diferentes povos para julgar os que julgaram Israel (Is 13.5) e Elão (Jr 49.36). Essa frase também representa o lugar de juízo e sofrimento aonde Deus espalhará o Israel rebelde (Dt 28.64) e de onde Deus o ajuntará (Dt 30.4). Davi, ao descrever o seu sofrimento, coloca-se nos confins da terra (Sl 61.2 [3]). Do ponto de vista da nação, Deus manda Isaías anunciar o livramento do seu povo exilado nos confins da terra (Is 62.11). Neemias confessa a justiça do exílio (claramente recordando Deuteronômio) e ora para que

Deus se lembre do livramento que prometeu. Isaías enxerga a volta do exílio na Babilônia como uma repetição do chamado de Abraão desde os confins da terra (Mesopotâmia) para vir para a terra santa (Is 41.9).

De outro lado, os profetas, ao preverem o exílio, agora prediziam a salvação para todas as nações. Assim como Abraão foi chamado desde os confins da terra para dar início a um novo programa com um povo específico, de igual forma agora, quando os exilados voltarem, o Senhor trará salvação universal por intermédio de seu servo. Deus informa o seu servo de que salvar apenas os judeus é algo aquém do seu chamado (cf. *qālal*), de modo que os gentios também haverão de ser chamados a participar do reino "para seres a minha salvação até à extremidade da terra" (Is 49.6). Na consumação Deus pacificará para sempre os confins da terra, e estes serão transformados em importante centro de louvor ao Senhor (Is 42.10).

Levando em conta que os confins da terra são a fonte e o lugar de julgamento, vale assinalar que Deus é a esperança dos confins da terra (Sl 65.5 [6]) e que aqueles que ali habitam temem o controle providencial que Deus tem da natureza (Sl 65.8 [9]). Ali ressoa a declaração da glória de Deus (Sl 19.4 [5]). Ali Deus exerce controle total sobre a guerra (Sl 46.9 [10]) e sobre todas as coisas (Sl 135.7; cf. Jr 10.13), segundo o que lhe agrada. De modo que, quando Israel se queixa de que Deus não demonstra interesse em seu exílio, Isaías responde que o conhecimento de Deus não experimenta barreiras e que ele se importa. Ele se lembrará de sua aliança (Is 40.28). Contudo, a criação e muitos atos providenciais são aspectos insondáveis dos caminhos de Deus (Jó 26.14). O homem depende de Deus para aprender acerca do caminho divino. O conhecimento de Deus está baseado em sua soberania e, por esse motivo, abarca tudo que é (ou pode ser) conhecido (Jó 28.28).

L.J.C.

2054 קצה (*qtsh*). **II. Aceita como raiz de:**

2054a קָצִין (*qātsîn*) ***chefe, governante*** (e.g., Jz 11.6; Is 3.67).

Esse é um termo militar. Designa o homem responsável pelo recrutamento, um administrador dentro do exército. Parece denotar aquele no comando (em paralelo com "cabeças", Mq 3.1, 9) de um exército (Js 10.24) ou de pessoas (i.e., como um líder político; cf. Is 1.10; Mq 3.1). A raiz cognata em árabe é usada para designar um juiz, o *qadi*. O vocábulo ocorre 12 vezes.

קָצוּ (*qātsû*). Veja o nº 2 053d.

2055 קצח (*qtsh*). **Aceita como raiz de:**

2055a קֶצַח (*qetsaḥ*) ***cominho***, ***nigela*** (Is 28.25, 27).

קָצִין (*qātsîn*). Veja o nº 2 054a.
קְצִיאָה (*qetsî'â*). Veja o nº 2 056a.
קָצִיר (*qātsîr*). Veja os nºs 2 062a, b.

2056 *קָצַע (*qātsa'*)

2056 *קָצַע (*qātsa'*) ***I, raspar, tirar por raspagem.*** Este verbo ocorre somente uma vez, no hifil (Lv 14.41).

Termos Derivados

2056a קְצִיעָה (*q'tsi'â*) ***cássia*** (Sl 45.9).

2056b מִקְצֵעָה (*maqtsu'â*) ***ferramenta para raspar usada na fabricação de ídolos*** (Is 44.13).

2057 *קָצַע (*qātsa'*) ***II, formar cantos, pôr em cantos.*** Esse verbo denominativo ocorre somente no hofal (Ez 46.22; Êx 26.23; 36.28). Significado incerto.

Substantivo de Origem

2057a מִקְצֹעַ (*miqtsōa'*) ***local da extremidade da estrutura, lado interno da escora*** (e.g., Ne 3.19; Ez 46.21).

2058 קָצַף (*qātsap*) ***I, estar descontente, estar irado, exaltar-se.***

Termo Derivado

2058a †קֶצֶף (*qetsep*) ***ira.***

O verbo *qātsap* é empregado para expressar de forma mordaz o relacionamento entre duas ou mais pessoas, no qual se pode dizer pelo menos uma delas sente "ira" (*'ap*), tem "furor" (*hēmâ*), "indignação" (*ka'as*) ou manifesta "raiva" (*'ebrâ*). Deuteronômio 9.19 apresenta um bom exemplo. Moisés, referindo-se ao incidente do bezerro de ouro, diz que teve medo da "ira" (*'ap*) e do "furor" (ou "desprazer", *hēmâ*) com que Deus se indignou (*qātsap*) contra Israel. Pode-se então dizer que aqui, como na maioria dos outros 33 casos de ocorrência de *qātsap*, o verbo se refere à reação que surge, que se mantém ou que se expressa de diversas maneiras, quando alguém tem ou sente dentro de si a ira, exasperação ou insatisfação por causa do que o outro disse ou fez. Em 11 ocasiões se diz que pessoas se enfureceram (e.g., Faraó, Moisés, Naamã, príncipes filisteus). Em 23 oportunidades é Deus quem se enfurece, seja contra os pagãos seja contra o povo da sua aliança.

Dos seis principais sinônimos designativos de ira, provavelmente os mais fortes são *qetsep*, que freqüentemente designa a ira do Senhor, e *hēmâ* e *hārôn*, que se referem a uma ira ardente e consumidora. Dentre as palavras desta categoria, o substantivo *'ap*, que a partir da dilatação das narinas, assume o sentido de "ira", é o mais amplamente usado. Ele é empregado para indicar a ira tanto de Deus quanto dos homens e freqüentemente aparece junto de verbos como *hārâ*, "acender". O vocábulo *'ebrâ* ressalta o transbordamento ou excesso de ira. Esta palavra e as mais fracas *za'am*, "indignação", e *ka'as*, "aborrecimento", não são usadas com tanta freqüência.

qetsep. ***Indignação, ira.*** Em Oséias 10.7 *qetsep* deriva de *qātsap* II, palavra relacionada a um vocábulo árabe que significa "romper", "quebrar com ruído". *BDB* traduz o substantivo provavelmente com o sentido de "farpa" (como símile indicativa de um rei desamparado); *GB*, como "pedaço de madeira" (*Holzstück*); *KB*, como "galho partido" (*abgeknickter Zweig*). Veja-se *qātsap* II abaixo.

Três vezes esse substantivo é empregado com referência a homens. Em dois desses casos (1 Rs 3.27; Et 1.18) pode-se dizer que essa ira humana é justa ou justificável. Moisés, Josué, Isaías, Jeremias, o escritor de Crônicas e Zacarias ou advertem ou falam acerca da justa ira de Deus, a qual vem sobre o seu povo, que tem sido infiel à aliança.

O tema da ira de Deus tem sido debatido pela Igreja ao longo dos séculos. O consenso tem sido (acertadamente) de que a ira em si mesma e por si só não é algo necessariamente mau. Lactâncio, que não faz uma clara distinção entre os vários sinônimos, falou da "ira como a mente que se desperta para restringir o mal"; "indignação" é a expressão dessa ira de diversas maneiras para restringir o mal, corrigir o pecador e castigar o rebelde endurecido e obstinado. Entretanto, a ira não é simplesmente uma energia da justiça divina que está basicamente interessada na preservação da ordem divina das coisas. Pelo contrário, a ira (da qual não se pode separar a justiça retributiva) diz respeito à proteção dos interesses santos de Deus, ou seja, sua natureza santa, seu amor e os objetos de seu amor. Por essa razão, a ira se encontra inseparavelmente ligada ao amor, santidade e ciúme divinos. Aliás, a ira de Deus fala diretamente acerca de Deus manter-se total e completamente como um Deus santo que, com uma paixão infinita, ama o povo da sua aliança e, por isso, é muito ciumento em relação a ele. Quando as pessoas de fora ou o próprio povo da aliança profana, distorce ou rejeita esse amor do Deus da aliança, Deus expressa o seu aborrecimento, agitação, insatisfação, indignação e/ou ódio: ele despeja a sua ira.

A ira de Deus não deve, então, ser considerada um atributo permanente de Deus; é um potencial divino sempre presente por causa das qualidades divinas sempre presentes de amor, santidade e ciúme. De modo que, toda vez que Deus revela a sua ira, ele sempre manifesta a sua própria "grandeza inescrutável". É necessário que a sua ira se expresse em harmonia com a sua justiça. A culpa resultante da quebra da lei deve ser tratada de acordo com as justas exigências da lei (Dt 29.13). Entretanto, a operação da ira divina é contrabalançada por sua graça e misericórdia. De fato, é no meio da ira que Deus revela a sua misericórdia (Hc 3.2), manifestando e outorgando a sua graça sobre pecadores culpados (Gn 3.15). Fora das considerações sobre o que exige a justiça, nada há de "ódio despótico" ou de "demoníaco na natureza de Deus" (ao contrário do que pensa EICHRODT, *ETOT*, v. 1, p. 262) que o leve a despejar a sua ira ou a determinar o objeto, o método e a ocasião para isso.

Bibliografia: — EICHRODT, W. *Theology of the Old Testament*. SCM, 1961. v. 1, p. 258-69. — JACOB, E. *Theology of the Old Testament*. Nova Iorque, Harper & Brothers, 1958. p. 114-6. — LACTANTIUS. On the anger of God. In: *Ante Nicene fathers*. reimpressão. Eerdmans. v. 7, p. 259-80. — TASKER, R. V. J. *The Biblical doctrine of the wrath of God*. Londres, Tyndale, 1970. — *THAT*. v. 2, p. 663-5.

G.V.G.

2059 קצף (*qtsp*)

2059 קָצַף (*qtsp*). **II. Aceita como raiz de:**

2059a קְצָפָה (*q'tsāpâ*) ***lasca, farpa*** (Jl 1.7, somente).

2059b קֶצֶף (*qetsep*) ***farpa, galhinho*** (Os 10.7, somente).

2060 קָצַץ (*qātsats*) ***cortar fora.***

Termos Derivados

2060a †קֵץ (*qēts*) ***fim.***

2060b קִיצוֹן (*qîtsôn*) ***final, extremo*** (Êx 26.4, 10; 36.11, 17).

Essa raiz significa "cortar em dois". Deve-se compará-la com *qātsâ*, seu equivalente semântico. A raiz ocorre em ugarítico (*UT* 19: nº 2 259). Compare-se também com o acadiano *qatsātsu*. A raiz ocorre 82 vezes.

A mulher que humilha um homem ao agarrar-lhe os órgãos genitais, mesmo quando a sua ação tivesse o propósito de salvar o marido, deve ser castigada decepando-se-lhe a mão (Dt 25.12). Mais tarde Davi determinou que fossem decepados as mãos que decapitaram Isbosete e os pés que levaram a cabeça deste até a presença de Davi. O gesto dos assassinos — que sem dúvida pretendiam eliminar um pretendente rival — foi visto como um ataque contra o ungido do Senhor (o pai, Saul, cuja vida prosseguia no filho, 2 Sm 4.12). Davi distanciou-se daquele ato muito embora (ou talvez porque) fosse o ungido do Senhor (1 Sm 24.1-7). As emoções por trás da ordem dada por Davi são realçadas com o uso do piel. Em Juízes 1.6-7 Adoni-Bezeque é castigado da mesma maneira como afligira outros. Ele os havia incapacitado de empunhar armas e de fugir com rapidez e os havia desqualificado de dirigir ou oficiar religiosamente diante do seu povo. O piel (na sua função iterativa) é empregado para descrever como Nabucodonosor fez com que os utensílios do templo fossem despedaçados (2 Rs 24.13). O ouro (representando a glória de Deus?) foi no final entregue como tributo nas mãos de opressores pagãos a despeito do mandamento claro em que Deus proibia isso (2 Rs 18.16, piel). Quando Deus corta os "laços" (provavelmente "rédeas"; ARA, "cordas"; Sl 129.4) e as suas lanças (Sl 46.9 [10]), ele os corta em pedaços (piel).

qēts. *Fim.* Usa-se esse substantivo num contexto de julgamento. Deus deu cabo de toda a carne (Gn 6.13). Ezequiel igualmente fala do fim de Israel (7.2-3). De outro lado, o reino do Messias não terá fim (Is 9.7 [6]). Ao contrário de *qātseh*, essa palavra raramente se refere a uma fronteira geográfica.

Bibliografia: — BARR, James. *Biblical words for time*. SCM, 1962. — *THAT*. v. 2, p. 659-62.

L.J.C.

2061 קצר (*qātsar*) ***I, ser breve, ser curto, estar impaciente, estar aborrecido, estar desgostoso.***

Termos Derivados

2061a קָצֵר (*qātsēr*) ***curto, breve.***

2061b קֹצֶר (*qōtser*) ***brevidade*** (i.e., "impaciência", Êx 6.9, somente).

A raiz designa aquilo que é "curto", "breve" (Sl 89.45 [46]; 102.23 [24]), ou "inadequado", tal como uma cama (Is 28.20). Perguntas retóricas indagam se a mão do Senhor (Nm 11.23; Is 50.2; 59.1) ou o seu espírito (Mq 2.7) são "curtos" (lit.), ou seja, se são incapazes de realizar a tarefa. Em algumas passagens a raiz indica desânimo (Nm 21.4), aborrecimento (Jz 10.16; 16.16; Jó 21.4) ou repugnância (Zc 11.8).

qātsēr. ***Curto, breve, encurtado, abreviado.*** Esse adjetivo ocorre no estado construto em expressões idiomáticas: "curto de mão" (ARA, "debilitado"; IBB, "pouca força"; PIB, "exausto de força"; 2 Rs 19.26; Is 37.27); "curto de narinas" (ARA, "o que presto se ira"; IBB, "quem facilmente se ira"; PIB, "o que facilmente se encoleriza"; Pv 14.17); "curto de espírito" (ARA, "ânimo precipitado"; TB, "espírito impaciente"; BJ, "impulsivo"; Pv 14.29); e "curto de dias" (ARA, "vive breve tempo"; BJ, "tem a vida curta"; IBB, "é de poucos dias"; Jó 14.1). De um contexto semelhante é o substantivo *qōtser*, "apertamento de espírito", i.e., "aflição", "abatimento".

J.P.L.

2062 קָצַר (*qātsar*) ***II, colher, ceifar.***

Termos Derivados

2062a קָצִיר (*qātsîr*) ***I, colheita.***

2062b קָצִיר (*qātsîr*) ***II, galhos, ramos.***

Na maior parte das vezes a raiz se refere à ceifa de vários tipos de plantações (Lv 23.10; etc.). Também indica, metaforicamente, o colher as conseqüências do comportamento, tanto bom quanto mau (Jr 12.13; Os 8.7; 10.13; Pv 22.8). Por conseguinte, "ceifar" e "ceifa" são símbolos apropriados para a época do juízo (cf. Am 9.13).

O particípio do qal designa aqueles que fazem a colheita, i.e., os ceifeiros (Rt 2.3; 2 Rs 4.18; etc.).

qātsîr. ***I. Colheita.*** Esse substantivo masculino é empregado para designar o processo de ceifar (Gn 45.6; etc.), o período da colheita (Gn 8.22; etc.) e aquilo que é colhido (Lv 19.9; Jl 1.11; etc.). Os ciclos intermináveis de "sementeira e ceifa" e de "lavoura e colheita" são metáforas do andamento das estações (Gn 8.22; 45.6; Êx 34.21). Na Palestina a colheita dos cereais ocorria entre abril e junho e era comemorada com a oferta do primeiro feixe de cereais (Êx 34.22; Lv 23.10) e com a festa da colheita, uma das três festas de peregrinação (Êx 23.16). A colheita da uva ocorria mais tarde, no verão. O calendário de Gezer apresenta a seqüência do ano agrícola até a época da colheita. No AT há eventos que são datados pela colheita do trigo (Gn 30.14; Jz 15.1; etc.) e da cevada (2 Sm 21.9; Rt

1.22; etc.). O período da colheita era quente (Is 18.4) e de bastante esforço, o que exigia diligência (Pv 6.8; 10.5) e trabalho prévio (Pv 20.4). A época da colheita era determinada pelo Senhor (Jr 5.24).

Metaforicamente a colheita é um período de retribuição (Os 6.11; Jl 3.13 [4.13]; Jr 51.33). A honra não é apropriada a um tolo, assim como a chuva não o é no período da colheita (Pv 26.1), ao passo que um mensageiro fiel é tão refrescante quanto o frio da neve durante a colheita (Pv 25.13). Perder uma oportunidade é como perder a época da colheita (Jr 8.20).

Algumas espigas não eram apanhadas, mas deixadas no campo para os pobres (Lv 19.9-10; 23.22; Dt 24.19). A produção agrícola dependia da bênção do Senhor (Is 17.11). O trabalho era em vão quando a colheita era devorada por gafanhotos (Jl 1.11) e por inimigos (Is 16.9; Jr 5.17). Não se devia fazer a colheita no ano sabático (Lv 25.5).

qātsîr. ***II. Galhos, ramos.*** Há dúvidas quanto à ligação com a raiz *qātsar*. Vocábulo usado em referência a uma árvore (Jó 14.9; Is 27.11) e para comparar um homem a uma árvore (Jó 18.16; 29.19) e o Egito a uma vide (Sl 80.11 [12]).

J.P.L.

קְצָה (*q'tsāt*). Veja o nº 2 053e.

קַר (*qar*), קֹר (*qōr*). Veja os nºs 2 077a,b.

2063 קָרָא (*qārā'*) ***I, chamar, convocar, recitar.***

Termos Derivados

2063a קְרֵא (*qōrē'*) ***perdiz*** (1 Sm 26.20; Jr 17.11; Jz 15.19).

2063b קָרִיא (*qārî'*) ***pessoa chamada, pessoa convocada*** (Nm 1.16; 16.2; 26.9).

2063c קְרִיאָה (*q'rî'â*) ***proclamação*** (Jn 3.2, somente).

2063d מִקְרָא (*miqrā'*) ***convocação.***

A raiz *qr'* denota basicamente a enunciação de um vocábulo ou mensagem específica. No caso deste último uso, a enunciação é dirigida geralmente a um receptor específico com o objetivo de obter uma resposta específica (por conseguinte, pode-se traduzir o verbo por "apregoar", "convidar"). Umas poucas vezes *qārā'* denota simplesmente um clamor (e.g., Sl 147.9; Is 34.14). Com a mesma distribuição semântica a raiz ocorre em aramaico antigo (*KAI*, v. 2, p. 41), cananeu (H. DONNER & W. ROLLIG, *KAI*, v. 2, p. 22) e ugarítico (*UT* 19: nº 2267). Os sinônimos que aparecem com maior freqüência são *ts/za'aq*, *shāwa'*, "clamar urgentemente por ajuda" (Jr 20.8).

O verbo pode indicar a ação de especificação de um nome. Dar nome é, às vezes, uma afirmação de soberania sobre a coisa nomeada. A ação criadora de Deus tem como conseqüência o dar nome às estrelas e o contá-las (Sl 147.4), fazer o mesmo com as trevas (Gn 1.5), aliás, com todas as coisas (Is 40.26). Deus apresentou os animais a Adão para que este afirmasse a relativa soberania que tinha sobre eles (Gn 2.19). Deus soberanamente chamou Ciro pelo nome (observe-se que nessa passagem está implícita a

eleição para uma tarefa, Is 45.4). As vezes essa idéia de soberania está presente muito embora esteja omitida a idéia de "dar nome", por exemplo, Deus chamou todas as gerações desde o princípio (Is 41.4; cf. Am 5.8). Nesses casos o objeto do verbo tem necessariamente de responder ao chamado.

Com bastante freqüência o nome dado indica uma característica básica da coisa nomeada. Às vezes isso envolve um jogo de palavras (Gn 27.36). Em outras passagens constitui uma confissão ou uma avaliação pessoal do objeto nomeado (Is 58.13; 60.14) ou mesmo um reconhecimento de uma verdade eterna, por exemplo, a criança prometida profeticamente é por Deus chamada de "Emanuel" (Is 7.14). Deus declarou a sua soberania sobre Israel (Is 41.2) e ao mesmo tempo chamou-o por outro nome (Is 65.15; "prata de refugo", Jr 6.30). Em Êxodo 33.19; 34.6 e Deuteronômio 33.3, proclamar o nome de Deus inclui a descrição de seus atributos e/ou atos soberanos.

Esse verbo também tem a conotação de chamar alguém para uma tarefa específica (cf. *miqrā'*). A serva da filha de Faraó perguntou se devia ir e "convocar" (ARA, "chamar") uma babá (Êx 2.7). A destruição de todos os moradores de Canaã teve como objetivo acabar com toda possibilidade de amizades que levassem à aceitação de convites pessoais para atos de idolatria e o conseqüente envolvimento com ela (Êx 34.15). O uso mais destacado aqui diz respeito a invocar o nome de Deus. Em geral o contexto se refere a uma necessidade crítica (Sl 34.6, 81.7 [8]) ou crônica (e.g., depois de Caim matar Abel, o homem percebeu todos os efeitos da maldição e começou a invocar o nome de Deus — Gn 4.26). Os piedosos reconhecem a presença do pecado original mediante a contínua invocação de Deus (Gn 12.8; 13.4; Sl 116.2). Deus responde a todos os que assim o invocam (Sl 145.18). Aliás, o povo da aliança (inclusive o estrangeiro, 1 Rs 8.43) é admoestado a orar e recebe garantias de que Deus reverterá a maldição (Is 55.6, 13). Deixar de invocar a Deus é merecer (Sl 79.6) e justamente receber a ira de Deus (Is 65.12). Na consumação o povo de Deus será aquele a quem Deus soberanamente chamar, até mesmo os amaldiçoados gentios (Is 55.5), e eles correrão para Deus. Ele inverterá o que aconteceu em Babel, e com um idioma puro todos aqueles chamados por Deus chamarão por ele e o servirão (Sf 3.9). Mesmo antes de clamarem, ele responderá (Is 65.24). Desse modo o Éden é restaurado e a maldição é completamente aniquilada. Quão trágico é o fato de que Israel, a quem foram feitas as promessas, tenha rejeitado o chamado do Senhor (Is 65.12). A salvação de fato pertence ao Senhor.

qārî'. ***Pessoa chamada.*** Emprega-se esse vocábulo (junto com *ēdâ*) para designar aqueles, no meio de Israel, "convocados para fazerem parte da assembléia da congregação" (KD, *Pentateuch*, v. 2, p. 15; cf. Dt 18).

miqrā'. ***Convocação, leitura.*** Esse substantivo, que denota o resultado de *qārā'*, é empregado, primeiramente, para designar convocações públicas de natureza exclusivamente religiosa e, em segundo lugar, em referência ao resultado de leitura em voz alta (Ne 8.8). Deve-se comparar com o sinônimo *mō'ēd* (q.v.), "hora marcada", o que também passa a ter o sentido de "encontro marcado".

miqrā' designa os sábados semanais (Lv 23.2) e as luas novas (Ez 46.3; cf. Is 66.23). No entanto, o sentido usual é reservado para os sete sábados de convocação especial. Esses sábados eram observados no transcorrer das cinco festas anuais (a páscoa e a festa dos tabernáculos eram abertas e encerradas com um sábado de convocação especial).

Esses dias (e também o sábado semanal) incluíam uma convocação formal do povo à adoração por meio do toque de trombetas (Nm 10.2, 10; cf. *qôl*). A presença física era, contudo, obrigatória apenas para as três festas de peregrinação e apenas para as pessoas de sexo masculino (Êx 23.14, 17). O sábado e o dia da expiação se distinguiram ainda mais das outras festas com a proibição divina de todo e qualquer trabalho (Lv 23.3, 31), aliás, proibição de fazer qualquer coisa que não tivesse o objetivo de culto público (Is 58.13 e s.). Os piedosos deviam dedicar o seu tempo e o seu esforço à adoração. As seis outras convocações especiais não excluíam o preparo de alimentos, muito embora houvesse proibição do trabalho servil (Lv 23).

Para mais detalhes sobre festas no AT, veja-se *OTOT*, p. 323-52.

Bibliografia: — *TDNT*. v. 3, p. 700-2. — *THAT*. v. 2, p. 666-73.

L.J.C.

2064 קָרָא (*qārā'*) ***II, encontrar, confrontar, suceder.***

Essa raiz denota um encontro planejado em que o sujeito intencionalmente confronta o objeto. É uma variante de *qārâ* (q.v.). Compare-se com os seguintes sinônimos: *yā'ad*, "ter um encontro previamente marcado", *pāga'*, "acontecer", "suceder", "alcançar", *pāgash*, "encontrar (pessoas hostis ou adversárias)", "enfrentar", *mātsā'*, "alcançar", "encontrar" (um cognato de sentido próximo), e *nāgash*. *qārāh II* ocorre 137 vezes (120 como um infinitivo com *lamed*).

Essa palavra pode designar encontros amistosos, tais como o de um anfitrião que sai apressadamente ao encontro de um possível hóspede (Gn 18.2; Jz 4.18) ou que sai para encontrar-se com alguém a fim de reconhecê-lo ou conquistá-lo (2 Sm 19.15 [16]) como aliado (cf. Js 9.11; 2 Rs 10.15; Sl 59.4 [5]). Tais encontros não se dão por acaso. No uso no culto público o sujeito confronta o divino (Êx 5.3; 19.17; Nm 23.3).

Com sentido hostil o verbo designa um confronto formal de inimigos, quer em contexto de guerra (cf. 2 Rs 23.29; Js 8.5, 22) quer não (Êx 5.20; 7.15). Nem sempre está claro às partes envolvidas o que está em jogo (Gn 32.6 [7]). Essa conotação marcial é especialmente útil para ajudar a enriquecer Amós 4.12, "prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus" (veja-se W. A. BRUEGGEMANN, Am 4.4-13 and Israel's covenant worship, *VT* 15:1-15).

O infinitivo do verbo parece ser usado em Êxodo 14.27; Juízes 14.5 com o sentido de "contra". Às vezes o infinitivo é usado como um verbo finito (2 Rs 20.26; cf. HUESMAN, *Biblica*, 76:271-95).

Para mais informações sobre a denotação "suceder", veja-se *qārâ*.

L.J.C.

2065 קָרַב (*qārab*) ***I, aproximar-se, chocar-se.***

Termos Derivados

2065a †קָרֵב (*qārēb*) ***próximo.***
2065b †קְרָב (*qᵉrāb*) ***batalha, guerra.***
2065c †קִרְבָּה (*qirbâ*) ***aproximação.***
2065d †קָרוֹב (*qārôb*) ***perto, parente consangüíneo.***
2065e †קָרְבָּן (*qorbān*) ***oferta.***
2065f †קָרְבָּן (*qurbān*) ***suprimento.***

Basicamente a raiz denota estar em posição mais próxima e íntima do objeto (ou sujeito). Um sentido secundário tem a conotação de contato físico com o objeto (Ez 37.7; o imperativo piel em Ez 37.17; *GKC* §52*n*, §64*h*; também, talvez, Êx 14.20, Jz 19.13). A raiz ocorre 455 vezes (das quais 279 como verbo). É uma raiz semítica comum (cf. o acadiano *qarābu*, *qrb*, *UT* 19: nº 2268). Dentre seus sinônimos, observem-se *nāgash* (de sentido bastante próximo ao de *qārab* quanto ao uso), *bô'* (de sentido um tanto quanto mais amplo e com ênfase no movimento na direção do objeto).

Os vários usos da raiz vêm à tona no verbo. Existem uns poucos usos não-técnicos com a conotação de aproximação mas sem nenhuma idéia de intimidade (Gn 37.18). O significado mais básico surge em casos em que a "aproximação" faz com que o sujeito fique suficientemente próximo do verbo para vê-lo (Êx 32.29), falar-lhe (Nm 9.6) ou mesmo tocá-lo (Lv 10.4; Êx 36.2).

A proximidade espacial é uma conotação do adjetivo *qārôb* (e.g., Gn 19.20). Muitas vezes aparece junto com *rāhôq*, "longe", como uma expressão técnica que designa "tudo" (Ez 22.5). Salomão repete a expressão no decurso de sua oração por ocasião da dedicação do templo (1 Rs 8.46). Os profetas utilizavam a expressão com bastante freqüência, por exemplo, "as [nações] que estão perto de ti e as que estão longe" zombarão de Israel (Ez 22.5); por outro lado, a ação divina de preservar o seu povo fará com que os inimigos de Israel reconheçam o poder de Deus (Is 33.13).

O sentido temporal de iminência designa acontecimentos jubilosos (Lv 15.9, o ano de jubileu; Nm 24.17, o "cetro") e premonitórios (Gn 27.41, de morte). A segunda conotação (o sentido de juízo iminente) é empregada por Moisés (Dt 32.35) em referência ao dia de catástrofe e pelos profetas para designar o dia do Senhor (Lm 4.18; Is 13.6; Sf 1.3). A idéia aqui não é simplesmente de que um certo acontecimento está próximo, mas de que tal acontecimento é premonitório.

O sentido geral do verbo *qārab* se desdobra em ainda outros usos técnicos. Em contextos militares tem a conotação de conflito armado (Dt 2.19; 20.10). As vezes palavras qualificadoras ("para lutar", "para o combate") são omitidas, e o verbo transmite a plena força de "entrar em combate". Moisés registra que os israelitas não chegaram perto da terra dos filhos de Amom (Dt 2.37) e que se aproximaram deles (2.19). Essa aparente dificuldade se esclarece quando entendemos que Deuteronômio 2.37 traz uma expressão técnica que significa "entrar em combate" e que 2.19 tem o sentido genérico de "aproximar-se". Essa conotação militar está clara em Deuteronômio 25.11 e Josué 8.5. Observem-se especialmente Salmos 27.2; 91.10; 119.150, em que pode muito bem acontecer de o sentido marcial ficar oculto ao leitor desatento.

Outro uso técnico se refere ao ter relações sexuais. É assim que Abimeleque declara sua inocência com referência a Sara (Gn 20.4). Compare-se também Deuteronômio 22.14, que apresenta a possibilidade de o noivo "aproximar-se" (ARA, "chegar-se") e não descobrir sinal nenhum de virgindade em sua noiva; compare-se ainda Isaías 8.3, em que o profeta "se aproxima de" (ARA, "ir ter com") sua esposa, e esta engravida. Talvez seja esta a conotação de *qārôb* em Ezequiel 23.5, em que o vocábulo aparece em paralelo com *mᵉ'ahăbîm*, "amantes", e em Salmos 38.11 [12] (cf. Sl 88.18 [19]).

Um último uso técnico do verbo se encontra no contexto do culto público e tem a conotação de cada passo que o homem dá para apresentar a sua oferta a Deus. Essa idéia começa a se desenvolver com Moisés se aproximando de Deus (Êx 3.5). Posteriormente, no Sinai, o povo teve o mesmo cuidado ao se aproximar da santa montanha de Deus (Lv 4.11; Dt 5.23 [20]). Tendo-se reunido tão perto quanto fora ordenado a fazer, o povo incumbiu Moisés de se encontrar com (aproximar-se de) Deus e receber as instruções divinas (Dt 5.27 [24]). A partir daí o povo se encontrou com Deus no local divinamente determinado. Os israelitas trouxeram os materiais para o tabernáculo e os apresentaram como uma oferta (*qorbān*) diante de Deus. Os levitas foram apresentados como oferta (levados para perto) para servir a Deus como guardiães do tabernáculo (Nm 16.9; 18.4; cf. Js 3.4) ao passo que Arão e os seus descendentes foram apresentados como os únicos oficiantes (cf. Lv 10.3; Nm 18.3, 22) dos sacrifícios sagrados. Esse sentido oficial de aproximação tem a conotação de escolha especial por Deus e de apresentação por Israel (Êx 29.4). Os oficiantes foram conclamados a uma pureza ainda maior (separando-se do comum) mediante a lavagem cerimonial, a troca de roupas e o oferecimento de sacrifícios em favor de si mesmos (Lv 9.4, 8, 10). É interessante que o grau hifil passa a ser usado na maioria das vezes com a conotação de apresentação sacrificial de ofertas pelo povo (Lv 1.14) por intermédio dos levitas (Lv 1.5) ao Senhor (Lv 1.13). Por isso, tudo que for apresentado aos sacerdotes é santo, e todas as partes não consumidas no sacrifício (nem destruídas de alguma outra forma) pertencem àqueles oficialmente identificados com a adoração pública (Lv 3.7). Uma aplicação muito significativa deste sentido oficial aparece em Jeremias 30.21, em que em dias futuros o príncipe de Deus (da linhagem real?) há de oficiar no altar (normalmente, no período da monarquia, nenhum rei cumpria essa tarefa, exceto em momentos de apostasia, cf. 2 Rs 16.12).

Em casos difíceis de litígio Deus era o juiz perante quem os israelitas se aproximavam (no tabernáculo, Lv 9.5; 1 Sm 10.20 e s.). Com base nisso, comparem-se casos como os da identificação de Acã (Js 7.14) por meio de julgamento por sorteio, da decisão sobre a conveniência e oportunidade da guerra (1 Sm 14.36) e da reunião escatológica (e espiritual) de povos para ouvir a sentença divina contra a humanidade (Lv 41.1; Is 48.16; etc.).

Essa conotação pertinente ao culto público tem relação com outras ocorrências de *qārab*, como, por exemplo, Lamentações 3.57, em que o suplicante clama (*qārā'*, q.v.) a Deus para que esteja perto, i.e., pronto e disposto a ajudar (cf. Dt 4.7; Sl 34.18 [19]). Por vários de seus atributos Deus é descrito como o aliado (cf. Ne 13.4; Gn 45.10) do fiel, por exemplo, por seu nome (Sl 75.1 [2], 119.151), por sua salvação (Sl 85.9 [10]) e por sua retidão (Is 51.5). A idéia aqui não é passiva (i.e., de proximidade), mas ativa (i.e., de um ajudador, aliado). A palavra de Deus também está epistemologicamente próxima do homem (Dt 30.14). Jeremias, no entanto, talvez refletindo sobre isso (e sobre o sentido cúltico), diz acerca de Israel que Deus está próximo da boca do povo mas longe do seu

coração (Jr 12.2). Talvez Salomão oferece as suas palavras como um sacrifício contínuo a Deus (1 Rs 8.59).

qārēb. ***Próximo.*** Esse adjetivo equivale a *qārôb* (que traz a idéia de proximidade íntima), com exceção de que o seu uso básico (praticamente exclusivo) se dá no contexto do culto público. Ocorre 11 vezes.

q°rāb. ***Guerra, batalha.*** O substantivo (um empréstimo lingüístico do aramaico; cf. *GKC* §84*n*) denota o envolvimento real em combate. O salmista recorda tanto a ação de Iavé de livrá-lo da batalha (Sl 55.18 [19]; cf. Zc 14.3) quanto a instrução divina na arte da guerra (Sl 144.1). Compare-se com o sinônimo *milhāmâ*. A palavra ocorre oito vezes.

qirbâ. ***Aproximação.*** As duas ocorrências desse infinitivo construto refletem o uso da raiz no contexto de culto público (veja-se abaixo; Sl 73.28; Is 58.2).

qārôb. ***Perto, parente consangüíneo, vizinho.*** Esse adjetivo pode indicar proximidade espacial (Gn 19.20), temporal (Dt 32.35), de laços de família (Lv 21.2), interesseira (Ne 13.4, NIV) ou epistemológica (Dt 30.14). Possui muitos sinônimos, por exemplo, *'ētsel*, "ao lado de", *'alyiad* e *'āmît*, "colega", "vizinho", *rēa'*, "companheiro", *shākēn*, "aquele que mora ao lado", *gō'ēl*, "parente consangüíneo responsável", *sh'ēr*, "parente consangüíneo", etc. O vocábulo ocorre 73 vezes.

qorbān. ***Oferta, oblação.*** Esse substantivo denota aquilo que é trazido para perto, ou seja, uma "oferta" à divindade no sentido do que há de ser "sacrificado" (com esse sentido o vocábulo é usado para designar todos os sacrifícios e ofertas de natureza cúltica) ou simplesmente daquilo que é destinado para uso no santuário (Nm 7.13 e ss.; cf. KD, *Pentateuch*, v. 2, p. 271; VOS, *BT*, p. 175). Essa palavra ocorre 80 vezes e somente em Levítico, Números e Ezequiel (20.28; 40.43). Cf. o aramaico antigo *qrbn* (H. DONNER & W. ROLLIG, *KAI*, v. 2, p. 41). Quanto a sinônimos, compare-se com *mattānâ*, "dádiva" (palavra com sentido mais amplo), *minhâ* e *zābah*.

O substantivo *qorbān* merece consideravelmente mais atenção do que se pode dar aqui. Os principais elementos de uma oferta de culto público incluem: primeiro, aquilo que é feito pelo ofertante. Sua escolha deve refletir seu auto-sacrifício e consiste no seu alimento e naquilo que produz (VOS, *BT*, p. 175). Ela deve ser sem defeito porque o melhor pertence a Deus. O amor e a consagração do ofertante devem naturalmente levá-lo a apresentar o melhor (Gn 4.4), e somente isso poderia refletir a pureza moral do sacrifício necessário e perfeito (1 Pe 1.19). Tendo sido especificada por Deus (Lv 1—7), a dádiva era levada ao local determinado também por Deus (KD, *Pentateuch*, v. 2, p. 279). Para a adoração ser aceitável, é preciso que atinja os padrões divinos. Impunham-se as mãos sobre o sacrifício enquanto ainda vivo, separando-o para a tarefa (KD, ibid.), transferindo-lhe não apenas as intenções mas a culpa do ofertante (VOS, *BT*, p. 180). A penalidade de morte, que o ofertante confessava merecer, era então vicariamente imposta ao animal (VOS, ibid.). Assim o *dām* (q.v.), "sangue", era conseguido e apresentado como proteção (Hb 13.15), a carne servia de lenha (KD, op. cit., p. 280), e uma vida humana era simbolicamente dedicada a Deus. O sacerdote recebia o sangue e a carne (ou "refeição"), apresentando-a de acordo com as especificações do ritual desejado. O todo era consumido

por uma indicação divina de aceitação. Deve-se ter o cuidado de observar que, ao contrário de conceitos pagãos de sacrifício, o ensino bíblico indica que não havia nenhuma transferência de bens para Deus (VOS, *BT*, p. 176). O significado central do culto público de Israel era espiritual (Êx 19.4-8; Jr 7.21 e ss.; Os 14.3). Na época do NT o *qorbān* designava o voto pelo qual os bens eram, na intenção do ofertante, entregues ao templo (mas na realidade eram retidos) e, por conseguinte, não podiam ser dados a outros (Mc 7.11; Mt 15.5; *ISBE*, p. 709). (Para mais detalhes, vejam-se KD, *Pentateuch*, v. 2, p. 265 e ss.; *OTOT*, p. 262; VOS, *BT*, p. 172 e ss.)

qurbān. ***Suprimento, oferta.*** Parece que esse vocábulo é uma variante fonética (ou gráfica) de *qorbān*. Esse substantivo ocorre apenas duas vezes, em Neemias.

Bibliografia: — SNAITH, Norman H. Sacrifices in the Old Testament. *VT* 7:308-17. — *TDNT*. v. 3, p. 860-4. — *THAT*. v. 2, p. 674-80.

L.J.C.

2066 קרב (*qrb*). **II. Aceita como raiz de:**

2066a †קֶרֶב (*qereb*) ***meio, entre, partes internas.***

Esse substantivo denota aquilo que é interno. Pode designar a(s) parte(s) interna(s) de corpos humanos ou de animais, ou de grupos de pessoas ou de estruturas sociais (e.g., uma cidade). Com freqüência funciona como preposição: "no meio de", "entre" (Hc 3.2; Nm 14.13). A palavra é usada em paralelo com *lēb*, "coração" (Jr 9.8 [7]), *nepesh*, "alma" (Is 26.9), e vários outros órgãos internos (freqüentemente como o centro de várias funções psicológicas). Um sinônimo bastante próximo é *tôk* (q.v.). Essa palavra é encontrada em ugarítico (*UT* 19: nº 2269) e acadiano (*qerbu*). Ocorre 222 vezes (talvez uma melhor interpretação textual de Sl 49.11 [12] seja *qᵉbārîm*, "túmulos", seguindo-se assim a LXX e a versão siriaca [como o faz a BJ]).

Teologicamente é significativo que as atitudes (Gn 18.12) e pensamentos (Sl 64.6 [7]) íntimos dos homens sejam do conhecimento de Deus. O espírito dentro do homem (e tudo aquilo que constitui o ser interior do homem) foi criado por Deus (Zc 12.1). Por esse motivo o salmista pode orar para que o criador crie um espírito reto dentro dele (Sl 51.10 [12]). Deus pode prometer fazer isso (Ez 11.19; 36.26) e muito mais, ao colocar o seu próprio Espírito dentro do homem (Ez 36.27). Foi o Espírito de Deus em Israel que fez com que o povo conquistasse a Palestina, concedendo-lhe vitórias sobre os seus inimigos (Is 63.11). A Trindade (Êx 23.21; 34.9) era um Deus ciumento (Dt 6.15; cf. *qānā'*) que assegurava a vitória (Dt 7.21; Js 3.10) com a condição de que o povo fosse santo (Dt 23.14 [15]; 17.7; etc.) e sob a ameaça de morte (Dt 20.5). Se os israelitas não aplicassem o castigo merecido por rebeldia, ele o faria, conforme havia ameaçado (Dt 11.6; 31.17).

L.J.C.

קָרְבָּן (*qorbān*), קֻרְבָּן (*qurbān*). Veja o nº 2 065e,f.

2067 קַרְדֹּם (*qardōm*) ***machado*** (e.g., 1 Sm 13.20; Jz 9.48). Derivação incerta.

2068 קָרָה (*qārâ*) ***enfrentar, encontrar, suceder, acontecer, construir com vigas.***

Termos Derivados

2068a קָרֶה (*qāreh*) ***acaso, acidente.***
2068b †קְרִי (*q'rî*) ***enfrentamento, embate.***
2068c †מִקְרֶה (*miqreh*) ***acontecimento, ocorrência.***
2068d †קוֹרָה (*qôrâ*) ***viga.***
2068e *†קָרָה (*qārâ*) ***construir com vigas.*** (Verbo denominativo, não ocorre no qal.)
2068f †מִקְרֶה (*m'qāreh*) ***vigamento*** (Ec 10.18, somente).
2068g †קִרְיָה (*qiryâ*) ***cidade.***
2068h קֶרֶת (*qeret*) ***cidade.***

Essa raiz, uma variante de *qārā'*, possui três conotações: primeiro, "encontrar", "enfrentar", e, segundo, o de "acontecer" ou "ocorrer" algo que está (em grande parte) além do controle humano. Há também o terceiro sentido, "construir com vigas", veja-se o verbo denominativo *qārâ* (2068e). Quanto a cognatos, veja-se o ugarítico *qry* (*UT* 19: nº 2277). A raiz (o verbo e seus derivados aqui alistados) ocorre 51 vezes.

A primeira conotação da raiz faz paralelo com a variante *qārā'* em seus usos cúlticos (cf. Êx 3.18; Nm 23.2-3) e hostis (militares, Dt 25.18).

O segundo significado claramente se vê em casos em que, como princípio geral, os homens renunciam ao controle humano (ou autocontrole) dos acontecimentos. É interessante que as Escrituras imediatamente corrijam o conceito errôneo que Hamã teve dos eventos (Et 4.7), ao deixar claro que tudo ocorreu pela providência soberana de Deus. Quando se recusou a deixar Benjamim ir para o Egito (Gn 24.12), Jacó empregou uma palavra que não envolvia condenação dos irmãos. Aparentemente ele ainda não suspeitava o mal que tinham feito a José (observe-se o uso de *qārā'*, Gn 42.38; Êx 1.10). Saul assegurou à feiticeira de En-Dor que, mesmo praticando a sua arte em favor dele, ela estaria livre de enfrentar castigo. Tudo transcorreria na mais absoluta discrição (1 Sm 28.10).

O segundo sentido também se vê em ocasiões em que a providência divina é a causa. O servo de Abraão ora para que Deus controle os acontecimentos e faça com que o seu pedido seja atendido (Gn 24.12; cf. Gn 27.20). Deus confronta os deuses falsos (não-deuses), desafiando-os a revelar aquilo que "acontecerá". Sua onipotência e onisciência não têm paralelo. Ele sabe por que faz todas as coisas acontecer (Is 41.22-23; 46.8-11; cf. Nm 11.23) e, por isso, a seu próprio critério, revela os eventos futuros (Dn 10.14; cf. o uso de *qārā'*, Gn 49.1; Dt 31.29). Assim sendo, nada acontece por acaso ou por causa do destino. Deus controla tudo. Embora seja (e porque é) assim, o homem é responsável por aquilo que faz sem intenção e por aquilo que ele não provoca (cf. Dt 23.10 [11]). Ele está preso às leis de Deus e não pode alegar que fez por acaso ou de improviso para justificar as suas violações (2 Sm 1.6). O maior exemplo disso é, de fato, o pecado adâmico.

O dilema de Eclesiastes é acentuado pela falta de sentido das realizações humanas diante do controle soberano (Pv 16.33) da providência divina (Ec 2.14; 9.11; 3.19). Eclesiastes conclui que o homem, criatura, não deve questionar o criador, mas obedecer-lhe (12.13-14). Acertadamente já se disse que a idéia de fatalidade ou acaso é totalmente estranha à mente hebraica (G. H. TREVOR, Chance, *ISBE*, v. 1, p. 593). É possível, no entanto que a idéia da fatalidade seja encontrada na boca de filisteus pagãos (1 Sm 6.9) ou dos egípcios (Êx 1.10).

qāreh. ***Acidente (noturno).*** Esse substantivo denota um acontecimento fora do controle humano, a emissão noturna que polui o homem, seja ela de sêmen ou diarréia (Dt 23.10 [11], somente).

qʿrî. ***Enfrentamento.*** Esse substantivo (somente em Lv 26) denota um encontro hostil com a intenção de lutar. Ocorre sete vezes.

miqreh. ***Acontecimento, sorte, destino.*** Esse substantivo com *mem* prefixal denota as conseqüências do sentido de "acontecer", "ocorrer", existente na raiz verbal. Aparece dez vezes.

qôrâ. ***Viga.*** Esse substantivo denota aquilo que é resultado de cortar algo em pedaços menores (2 Rs 6.2); pode tornar-se parte de um prédio (2 Cr 3.7) e ser aquilo que fica sobre a cabeça da pessoa (Gn 19.8, ARA, "teto"). Ocorre cinco vezes. O substantivo pode estar relacionado com o verbo *qārâ* no sentido de encaixar viga com viga.

mʿqāreh. ***Teto, caibro de telhado.*** Esse *hapax legomenon* denota a estrutura que cobre a casa, a qual pode empenar (Ec 10.18). O vocábulo se distingue do particípio piel (que é igual na forma) pela presença de um *dagesh* (indicativo do artigo definido), muito embora o *mem* sobre o *shʿwa* secante normalmente rejeite o *dagesh* (Sl 104.3).

L.J.C.

qiryâ. ***Cidade.*** Vocábulo talvez derivado da raiz *qārâ*, que significa "encontrar-se", sendo a cidade um local de encontro de pessoas. O sinônimo *ʿîr* é a palavra mais usual, sendo que *qiryâ* é empregada basicamente na poesia.

Cidades específicas são designadas por essa palavra: Gileade (Os 6.8), Seom (Nm 21.28) e Damasco (Jr 49.25). Na maioria das vezes a cidade é Jerusalém. Conquanto esteja sitiada (Is 29.1 — aqui a cidade é chamada de Ariel), ela não cairá frente aos assírios (Is 33.20). É a cidade do grande rei (Sl 48.2 [3]), o qual é a sua defesa segura.

A expressão "Grande Rei" originariamente fora o título dos reis da Babilônia e da Assíria (cf. 2 Rs 18.19, 28; Judite 2.5). Agora ele é atribuído ao Senhor (cf. Sl 47.2; 95.3; Ml 1.4). Mesmo no NT, a expressão "cidade do grande Rei" designa Jerusalém (Mt 5.35). Isaías assinalou que Jerusalém, a cidade outrora fiel, era agora uma prostituta, i.e., infiel (1.21; cf. Os 4.1), mas a justiça será restaurada nela, e ela tornará a ser chamada de cidade de justiça e cidade fiel (1.26). Isso significa que Jerusalém se caracterizará não somente como cidade piedosa e leal, mas que também será firmemente estabelecida (essa expressão é usada em referência à dinastia davídica, 2 Sm 7.16; Sl 89.37 [38]). Jerusalém

pode ser chamada de "Cidade Permanente" assim como Roma é atualmente chamada de "Cidade Eterna".

O vocábulo é empregado no construto junto com outras palavras para formar nomes próprios: Quiriate-Arba, "cidade de quatro" (lit., Js 14.15; 15.13; 21.11), Quiriate-Baal, "cidade de Baal" (lit., Js 15.60), Quiriate-Huzote, "cidade de ruas" (Nm 22.39), Quiriate-Jearim, "cidade de florestas" (1 Sm 6.21), e Quiriate-Sefer, "cidade do escriba ou do oficial de alistamento"; cf. *sōpēr* (Jz 1.11).

Várias características e atividades são atribuídas à cidade. Ela pode ser pecadora (Hc 2.12), mas também fiel (Is 1.21) e justa (Is 1.26). Pode estar estrategicamente localizada (Dt 2.36), ser fortificada (Is 25.3) e ser vista como um lugar de segurança (Pv 10.15; Pv 18.11). A cidade pode regozijar-se (Pv 11.10; Is 32.13), exultar (1 Rs 1.41, 45; Jó 39.7; Is 22.2) e ser caótica (Is 24.10; Gn 1.2).

Bibliografia: — *THAT*. v. 2, p. 681-3.

C.S.

קָרֶה (*qārâ*). Veja os nºs 2 077c, 2 068, 2 068e.
קָרֹוב (*qārôb*). Veja o nº 2 065d.

2069 קָרַח (*qārah*) ***I, ser calvo.***

Termos Derivados

2069a †קֵרֵחַ (*qērēah*) ***calvo.***
2069b †קָרְחָה (*qorhâ*) ***calvície.***
2069c †קָרַחַת (*qārahat*) ***calvície da parte detrás da cabeça.***

Essa raiz denota a falta de cabelos na cabeça. Isso pode ser resultado de raspar (Mq 1.16, em que *gāzaz*, "tosquiar" aparece em paralelo; Jó 1.20; Jr 7.29), de arrancar (*mārat*, Ne 13.25), de lepra (Lv 13.42) e de outras causas naturais (Lv 13.40?). Quanto a sinônimos, vejam-se *gāzaz*, "tosquiar", e *gibbēah*, "calvície anterior" (ARA, "antecalva"). A raiz ocorre 23 vezes.

Sacerdotes (Lv 31.5; cf. Jr 41.5) e leigos (Dt 14.1) são proibidos de tosar ritualisticamente a cabeça numa imitação dos ritos cananeus de luto, pois, na condição de servos e filhos santos de Deus, eles devem se abster de toda a idolatria (cf. o comentário de Barnes sobre Mq 1.16). Nem toda calvície, contudo, é impura (Lv 13.40). Aliás, nem toda tosa feita na cabeça como expressão de pesar é proibida. Deus ordena (Mq 1.16) e espera que o seu povo (Is 22.12) demonstre o mais profundo pesar pelo seu pecado. O castigo divino fará com que pranteiem os seus mortos (Ez 7.18; Is 3.24), mas não se humilharão mesmo com essa tragédia. O juízo derradeiro é precedido por uma cena de morte por todos os lados e de uma proibição de prantear (Jr 16.6). A calvície é um símbolo de pranto (Jr 47.5).

A zombaria (J. W. KAPP, Baldness, *ISBE*, v. 1, p. 380 e s.) lançada contra Eliseu (2 Rs 2.23) é especialmente humilhante porque demonstrou um desrespeito vergonhoso para com o profeta de Deus (*qālats*, q.v.) e para com o próprio Deus. De acordo com a lei, o castigo deveria ser a morte (cf. *qālal*, e Lv 20.9).

2070 קרח (*qrh*)

qēreah. ***Calvo.*** Esse substantivo ocorre duas vezes e denota o estado de *qārah*.

qorhâ. ***Calvície.*** Esse substantivo se refere especificamente à cabeça raspada como expressão de profunda tristeza. Ocorre 11 vezes.

qārahat. ***Calvície da parte detrás da cabeça.*** Esse substantivo (que ocorre quatro vezes) se refere especificamente à calvície do cocuruto da cabeça, em contraste com *gabbahat*, que designa a calvície da parte frontal da cabeça (Lv 13.42).

L.J.C.

2070 קרח (*qrh*). **II. Aceita como raiz de:**

2070a קֶרַח (*qerah*) ***geada, gelo*** (e.g., Gn 31.40; Sl 147.17).

קָרְחַת (*qārahat*). Veja o nº 2 069c.

קְרִי (*qᶜrî*). Veja o nº 2 068b.

קָרְיָא (*qārîʾ*). Veja o nº 2 063b.

קִרְיָה (*qiryâ*). Veja o nº 2 068g.

2071 קָרַם (*qāram*) ***estender sobre, pôr sobre*** (Ez 37.6, 8).

2072 קָרַן (*qāran*) ***brilhar*** (qal); ***ter chifres*** (hifil). Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2072a קֶרֶן (*qeren*) ***chifre.***

Esse verbo denominativo de *qeren* denota, primeiramente, aqueles raios fulgurantes que brotam do rosto de Moisés depois de ele se encontrar com Deus (Êx 34.29) e, em segundo lugar, o ter chifres (Sl 69.31 [32]). Foi esse erro de tradução na Vulgata, em que a palavra que aparece é "chifre", que levou Miquelângelo a colocar dois chifres pequenos na cabeça de Moisés na famosa estátua que fez. Observe-se o mesmo erro de tradução na KJV em Habacuque 3.4. O uso do qal denota a forma de um chifre em vez do chifre propriamente dito. Deve-se contrastar a raiz com *ʾāhal*, *ʿôr*, *hālal*, et al., que denotam um "brilho" e não a forma. A raiz ocorre 77 vezes (quatro como verbo).

qeren. ***Chifre, raio (de luz), monte.*** O vocábulo denota basicamente o chifre de diversos animais (carneiro, boi selvagem). (Cf. o ugarítico *qrn*, *UT* 19: nº 2279). Presas de elefante eram chamadas de chifres (ou erroneamente interpretadas como tais, Ez 27.15). Uma denotação derivada que ocorre com certa freqüência tem que ver com força, orgulho e vigor. L. Schmidt acertadamente declarou: "No AT o chifre não é apenas uma expressão de força física na ação simbólica dos profetas (2 Rs 22.11) ou na descrição visionária do poder que dispersou Israel (Zc 2.1-4); é um termo direto para poder" (*TWNT*, v. 3, p. 669). (Cf Dt 33.17; 2 Sm 22.3; Sl 18.2 [3].) Schmidt assinala ainda que, conquanto dentes, boca

2075 קָרַץ (*qārats*)

qāra' designa a ação de rasgar tecido ou algo semelhante (exceto em Jr 4.30; 22.14). Ocorre 63 vezes. Deve-se fazer distinção entre, de um lado este vocábulo, e, de outro, *bāqa'*, "fender", "rachar" (usado em referência à ação de fazer um buraco em objetos duros), *gazal*, "arrancar de", *pānaq*, "partir em dois", *tārap*, "esquartejar", *tsārat*, "esfolar algo", *shābar*, "despedaçar", e cf. o sinônimo *param*, "rasgar". Cf. o aramaico *qrq* (W. DONNER & H. ROLLIG, *KAI*, v. 2, p. 42), "rasgar", "difamar" (?) (Sl 35.15, IBB, "difamar").

Pode-se empregar *qāra'* com o sentido literal de rasgar um tecido (Lv 13.56, 1 Sm 15.27) ou figuradamente para designar a ação em que um reino é arrancado a uma dinastia (1 Sm 15.28, et al.). Na maioria das vezes refere-se a uma ação que é fruto de uma aflição intensa e profunda (rasgar a roupa de cima e a de baixo na altura do peito, como que desnudando a tristeza do coração; cf. o comentário de *KD* sobre Lv 10.6). Isso ocorria ao se receber pela primeira vez a notícia da morte de alguém (Gn 37.29) ou de uma outra tragédia (Nm 14.6; Js 7.6). "Rasgar" a roupa podia ser acompanhado de vestir-se de pano de saco (*saq*, q.v.; Gn 37.34), pôr poeira ou cinza sobre a cabeça (1 Sm 4.12), tirar os sapatos (2 Sm 15.30) e pôr as mãos sobre a cabeça (2 Sm 13.19). Em duas ocasiões, quando o rei de Israel admitiu a sua incapacidade de curar ou de fornecer comida, Eliseu demonstrou que o Senhor, a quem o povo abandonara, era na realidade o verdadeiro rei de Israel ao curar Naamã e ao fornecer comida (2 Rs 5.7 e ss.; 6.30 e ss.). (Cf. R. DEVAUX, *AI*, p. 59). Israel foi proibido de imitar os rituais cananeus de pesar (cf. *qārah*), os quais determinavam a raspagem da barba e da cabeça (Lv 21.5; Dt 14.1). De maneira que a insistência em tais práticas indicava a falta de instrução até mesmo entre os piedosos da época de Jeremias (Jr 41.5). Esdras (9.5) não raspou mas arrancou o cabelo, com isso indicando uma ira violenta e uma indignação moral (*KD*). Deus fará com que o seu povo rebelde pranteie — ele rasgará os seus peitos (Os 13.8). Ele também diz a seu povo para se arrepender e rasgar os corações, em vez de rasgar as roupas (Jl 2.13).

Bibliografia: — DEWARD, Eileen F. Mourning customs in I, II Samuel. *JJS* 23:1-27; 145-66.

L.J.C.

2075 קָרַץ (*qārats*) ***estreitar, formar.***

Termo Derivado

2075a קֶרֶץ (*qerets*) ***inseto que morde, mutuca*** (ARA) (Jr 46.20).

Essa raiz se refere a coisas que se apertam. Aplica-se a olhos, lábios e barro. Ocorre em ugarítico (*UT* 19: nº 2280, 2281) com o sentido de "morder" e "modelar" (o barro numa figura). Observe-se também o acadiano *q/karātsu*. A raiz ocorre seis vezes.

No grau qal a raiz indica um "gesto maldoso e traiçoeiro" (KD, *Psalms I*, p. 427). "Piscar" não é uma tradução apropriada (Sl 35.19; et al.) pois tem a conotação de divertimento e não a de hostilidade. Talvez "estreitar os olhos" ou "apertar a vista" represente melhor um olhar enganoso e maldoso. Por conseguinte, "aquele que aperta a vista causa tristeza" (lit., Pv 10.10). Em favor dessa interpretação há ainda Provérbios 16.30, que diz que o homem violento "fecha os olhos" e "tranca [*qārats*] os lábios" (ARA,

"morde"). Aparentemente essa passagem procura descrever um homem impiedoso cujos olhos estão fechados para os problemas dos outros e que cerra os lábios, num gesto de dura crueldade.

Uma conotação totalmente diferente ocorre em Jó 33.6 em que os cognatos ugarítico e acadiano, que têm o sentido de "modelar o barro", se aplicam figuradamente à criação da humanidade e, por conseguinte, à própria origem de Jó. Esse uso é encontrado no *Hodayot*, um dos MMM, por influência da passagem de Jó (T. H. GASTER, *The Dead Sea scriptures*, Doubleday, ed. rev., 1964, p. 183).

L.J.C.

2076 קַרְקַע (*qarqa'*) ***chão*** (e.g., 1 Rs 6.15; Am 9.3).

2077 *קָרַר (*qārar*) ***I, estar frio*** (somente no hifil, Jr 6.7; BJ, "fazer brotar").

Termos Derivados

2077a קַר (*qar*) ***fresco*** (Pv 17.27; Jr 18.14; Pv 25.25).
2077b קֹר (*qōr*) ***frio*** (Gn 8.22).
2077c קָרָה (*qārâ*) ***frio*** (e.g., Na 3.17; Jó 24.7).
2077d מִקְרָה (*m'qērâ*) ***frescor*** (Jz 3.20, 24).

2078 *קָרַר (*qārar*) ***II, derrubar***. Ocorre somente uma vez, no pilpel (Is 22.5).

2079 קרשׁ (*qrsh*). **Aceita como raiz de:**
2079a קֶרֶשׁ (*qeresh*) ***tábua, tábuas*** (e.g., Êx 26.18; Ez 27.6).

קֶרֶת (*qeret*). Veja o nº 2 068h.

2080 קשׂה (*qśh*). **Aceita como raiz de:**
2080a קַשָּׂה (*qaswâ*) ***tipo de cântaro, jarro*** (e.g., Êx 37.16; 1 Cr 28.19).
2080b קְסֹת (*qeset*) ***vaso para tinta, tinteiro*** (Ez 9.2, 3, 11). Variante de *qeset*.

קַשָּׂה (*qaswâ*). Veja o nº 2 080a.

2081 קשׂט (*qst*). **Aceita como raiz de:**
2081a קְשִׂיטָה (*q'sîtâ*) ***unidade monetária de valor desconhecido*** (Gn 33.19; Js 24.32; Jó 42.11).

קְשִׂיטָה (*q'sîtâ*). Veja o nº 2 081a.
קַשְׁקֶשֶׁת (*qasqeset*). Veja o nº 2 082a.

2082 קשׂשׂ (*qss*)

2082 קשׂשׂ (*qss*). **Aceita como raiz de:**

2082a קַשְׂקֶשֶׂת (*qasqeset*) ***escama de peixe*** (e.g., Dt 14.9, 10 = Lv 11.9, 10, 12).

קַשׁ (*qash*). Veja o nº 2 091a.

2083 קשׁא (*qsh* ʾ). **Aceita como raiz de:**

2083a קִשְׁאָה (*qishshuʿâ*) ***pepino*** (Nm 11.5).

2083b מִקְשֶׁה (*miqshâ*) ***I, pepinal*** (Is 1.8; Jr 10.5).

2084 קָשַׁב (*qāshab*) ***ouvir, estar atento, dar ouvidos a.***

Termos Derivados

2084a †קֶשֶׁב (*qesheb*) ***atenção.***

2084b †קַשָּׁב (*qashshāb*) ***atento.***

2084c †קַשְׁשׁוּב (*qashshub*) ***atento.***

Essa raiz denota a atividade de ouvir, destacando o prestar bastante atenção ou o obedecer. Compare-se com *shāmaʿ* (um sinônimo quase idêntico), *ʾāzan*, "dar ouvidos", e *ʿānâ*, "responder", e também o antônimo *mâʾan*, "recusar". Esse vocábulo aparece em paralelismo sinônimo com *ʿāsâ*, "fazer", no sentido de obediência às leis (Ne 9.34). Aparece 54 vezes, quase exclusivamente em poesia.

Deus exige que o homem dedique bastante atenção (obediência) à sua palavra. Saul erroneamente exaltou a importância do sacrifício em prejuízo da obediência. Samuel, ao lembrá-lo de que Deus prefere uma obediência consciente responsável, enunciou o princípio central da religião (1 Sm 15.22; cf. Dt 6.4-6) e do sacrifício do AT. Por meio de seus profetas (e.g., Jr 6.17, 19), Deus repetidas vezes convocou o povo a prestar atenção às advertências de juízo iminente (Is 28.23), mas o povo não o fez (Is 48.18; Jr 6.19; 18.18). Finalmente Deus convocou todas as nações a atestar o livramento que ele prometera, a fim de vindicar o seu nome (Is 49.1) e julgar toda a rebelião (Is 34.1). Aqueles que não ouvem (i.e., não prestam atenção) são soberanamente subjugados de modo que têm de ouvir. O pedido e a ordem de Deus são executados. Entretanto, os pedidos que o homem faz a Deus suplicam por atenção sem, no entanto, impor aquiescência por parte de Deus (cf. Sl 10.17; 55.2 [3]; cf. *ʿānâ*).

qesheb. ***Atenção.*** Esse substantivo com segol (∴) (que ocorre três vezes no AT) torna concreta a ação verbal.

qashshāb. ***Atento.*** Esse adjetivo (que aparece duas vezes no AT; quanto à forma, veja-se *GKC* §84*b*) é empregado figuradamente em referência aos ouvidos de Deus. Ele dá atenção aos pedidos que lhe são feitos.

qashshub. ***Atento.*** Grafia alternativa de *qashshāb*.

Bibliografia: — *THAT.* v. 2, p. 684-8.

L.J.C.

2085 קָשָׁה (*qāshâ*) ***I, ser duro, ser severo.***

Termos Derivados

2085a קָשֶׁה (*qāsheh*) ***duro, cruel.***

2085b קְשִׁי (*q'shî*) ***obstinação.***

A raiz *qāshâ* aparentemente surgiu num contexto agrícola. Ressalta, primeiramente, o efeito subjetivo exercido por um jugo excessivamente pesado, que é duro de suportar, e, em segundo lugar, a resistência rebelde que o boi tem ao jugo. Quanto a sinônimos, vejam-se *kābēd*, "pesado" (com ênfase no peso exercido pelo objeto), *hāzaq*, "forte" (com ênfase na pressão exercida), *hāmas*, "violento", "cruel", *'akzār*, "feroz". Observe-se que *qāshah*, com a mesma grafia variante em aramaico, possui sentido semelhante ao de *qāshâ*. Esta raiz (junto com os derivados aqui relacionados) ocorre 64 vezes.

Diversas passagens empregam a metáfora de um jugo (*'ôl*), que é duro de suportar (e, conseqüentemente, cruel e opressivo): a escravidão no Egito (Êx 1.14), o governo de Salomão (1 Rs 12.4, hiperbolicamente?) e o exílio na Babilônia (Is 14.3). O jugo de Cristo, por outro lado, é fácil (Mt 11.29-30), embora também exija submissão (Fp 4.3) e disciplina (2 Co 6.15). Outras situações enfatizam apenas a idéia de "ser duro de suportar" (Gn 35.16; Gn 42.7; SI 60.3 [5]); cf. o significado "difícil" (Dt 1.17; 15.18). O outro lado da palavra (as idéias de "crueldade" e "opressão") desenvolve o sentido de "ferocidade" (ARA, "furor", Gn 49.7; Is 27.8).

Um emprego freqüente do vocábulo diz respeito aos súditos teimosos (obstinados) do Senhor. A semelhança de bois rebeldes, Israel, que se tinha entregado à adoração de bezerros, rapidamente se desviou do serviço do Senhor (Êx 32.9). O espírito de Israel continuou (em sua maior parte) teimoso, incorrigível e resistente à orientação de Deus (Dt 10.16; Jz 2.19; 2 Rs 17.14; Ne 9.16) e do seu Santo Espírito (cf. At 7.51). Faraó, de acordo com a decisão divina (Êx 7.3), recusou obstinadamente a direção divina (Êx 13.15). Ana empregou essa palavra para descrever a serenidade que a grande aflição criara dentro dela (1 Sm 1.15).

qāsheh. ***Duro, cruel, obstinado, rígido.*** Esse adjetivo modifica os seus objetos, empregando uma distribuição semântica paralela à do verbo.

q'shî. ***Obstinação.*** Esse *hapax legomenon* (Dt 9.27) é usado por Moisés para caracterizar a reação de Israel à orientação divina.

Bibliografia: — *THAT.* v. 2, p. 689-91.

L.J.C.

2086 קשה (*qshh*). **II. Aceita como raiz de:**

2087 *קשׁח (*qāshah*)

2086a מקשׁה (*miqsheh*). Um *hapax legomenon* de significado incerto e usado em Isaías 3.24. A NIV traz "cabelo bem-penteado", referindo-se talvez à suposta maestria do penteado.

2086b מקשׁה (*miqshâ*) ***II, obra batida, objetos de culto em ouro ou prata finamente decorados*** (Êx 25.18, 31; Nm 10.2).

2087 *קָשַׁח (*qāshah*) ***endurecer***. Esse verbo ocorre apenas no hifil (e.g., Is 63.17; Jó 39.16).

2088 קשׁט (*qōshet*) ***arco*** (Sl 60.6). Uma grafia variante de *qeshet* (q.v.).

2089 קשׁט (*qsht*). **Aceita como raiz de:**

2089a קשׁט (*qōsht*) ***verdade*** (Pv 22.21, somente).

2090 קשׁר (*qāshar*) ***amarrar, conspirar***.

Termos Derivados

2090a †קֶשֶׁר (*qesher*) ***conspiração***.

2090b קשׁרים (*qishshurîm*) ***cinto*** (Is 3.20; Jr 2.32).

Basicamente essa raiz denota a ação de amarrar ou prender algo a alguma coisa. Também é usada para designar a ação de unir seres humanos entre si. Seus sinônimos são *'ānad*, "prender" (ocorre somente duas vezes, veja-se Pv 6.21), *'āsar*, "prender", "amarrar com uma corda ou um objeto mais grosso", *hābash*, "envolver com um objeto largo". Sinônimos do sentido secundário, o de "conspirar", são *nābal*, "revelar-se enganoso", e *kārat b'rît*, "fazer um pacto". A raiz (com os derivados aqui relacionados) ocorre 60 vezes.

O sentido básico dessa raiz, "amarrar", surge claramente em Gênesis 38.28, que diz que a mão de Zerá foi marcada amarrando-se-lhe um fio vermelho. Raabe recebeu instruções para amarrar um fio vermelho na sua janela, a fim de identificá-la (Js 2.18). Deus mandou os israelitas amarrar as leis (palavras) divinas em suas testas e mãos (Dt 6.8). Desse modo, os seus pensamentos e as suas ações deviam ser governados pela palavra divina. Os mandamentos de pais e mães piedosos (Pv 6.21), assim como a verdade e a bondade, devem ser amarrados aos dedos (ou pescoço, Pv 3.3) da pessoa e escritos no seu coração (cf. Jr 31.31 e ss.). Na consumação Sião há de ostentar os filhos que lhe foram restaurados da mesma forma como uma noiva ostenta as suas jóias (Is 49.18). Podemos talvez acrescentar que os piedosos devem igualmente ostentar a palavra de Deus (H. LEURING, Finger, em *ISBE*, v. 2, p. 1111). Os praticantes do judaísmo dos dias de Jesus certamente tinham cumprido o mandamento de literalmente amarrar a palavra de Deus em si próprios, mas, por acrescentar outras idéias ao mandamento, tinham feito com que deixasse de ser um ornamento e passasse a ser um peso opressivo (Mt 23.4).

Deus lembra Jó de que somente Ele prende as estrelas em seus lugares (38.31) e controla animais selvagens (39.10) e possivelmente mitológicos (mas cf. 40.19; 41.5 [40.29]).

Pode-se aplicar esse vocábulo aos relacionamentos humanos. As pessoas podem amarrar-se (inseparavelmente) pelo amor (Gn 44.30; 1 Sm 18.1) ou numa conspiração (1 Rs 16.9). Caso descobertos, pactos de traição eram denunciados (2 Cr 23.13) e muitas vezes redundavam em morte (2 Sm 15.12; 2 Rs 17.4). Vale assinalar que, em épocas difíceis, profetas que anunciaram o conselho de Deus foram acusados de traição (Am 7.10; Is 8.12) pelos verdadeiros inimigos da teocracia (E. J. YOUNG, *Isaiah I*, Eerdmans, 1967, p. 311) — os líderes de Israel (Is 8.13 e s.; Jr 11.9).

qesher. ***Conspiração, traição, tratado.*** Esse substantivo com segol (ֶ) denota em Isaías 8.12 "uma conspiração com o propósito de trair" (YOUNG, op. cit., p. 310). Essa é mais do que uma simples aliança como aquela da Síria e Israel contra Judá. O substantivo ocorre 16 vezes (seis como acusativo cognato de *qāshar*).

Bibliografia: — DRIVER, G. R. Two misunderstood passages of the Old Testament. *JTS* 6:82-7.

L.J.C.

קִשְׁרִים (*qishshurîm*). Veja o nº 2 090b.

2091 *קָשַׁשׁ (*qāshash*) ***I, juntar restolho.*** Verbo denominativo que só ocorre no poel (e.g., Êx 5.7; Nm 15.32, 33).

Substantivo de Origem

2091a קַשׁ (*qash*) ***restolho, palha*** (e.g., Is 5.24; Na 1.10; Jl 2.5).

2092 קָשַׁשׁ (*qāshash*) ***II, juntar restolho, juntar gravetos.*** Ocorre somente no qal e no hitpoel (Sf 2.1). Significado incerto.

2093 קֶשֶׁת (*qeshet*) ***arco.***

A palavra *qeshet* denota a arma do caçador (Gn 27.3) e do soldado (1 Sm 31.3) com a qual se atiram flechas (1 Rs 13.15 e ss.). Seu cognato ugarítico é *qsht* (*UT* 19: nº 2287). O vocábulo ocorre 77 vezes. Derivação incerta.

O arco, uma arma comum no antigo Oriente Médio, não era tão comum no Israel primitivo. Os benjaminitas, no entanto, eram arqueiros de renome (Jz 20; 1 Cr 8.40). Jônatas usava um arco (1 Sm 20.20), e mais tarde o arco se tornou a arma de líderes e reis (2 Rs 9.24; Sl 18.34 [35]). Aparentemente o lamento de Davi se tornou um elemento permanente do treinamento do exército de Israel, de modo que em 2 Samuel 1.18 o enigmático *qeshet* pode ser o título (ou parte do título) da canção usada nesse treinamento. É bem possível que à época de Jeroboão o arco tenha-se tornado a arma nacional de Israel (Os 1.5, 7). Em períodos posteriores os arcos podiam ser montados com

bronze (Sl 18.34 [35]; contudo, veja-se *AI*, p. 243) ou de chifre (*AI*, p. 243; B. COUROYER, Corne et arc, *RB* 73:510-21). Grandes arcos de combate eram manejados pisando numa das pontas; por conseguinte, a expressão *dārak qeshet*, "curvar o arco" (lit., "pisar o arco"), tem o sentido de preparar para atirar (Jr 50.14; cf. G. EAGER, em *ISBE*, p. 233). O emprego conjunto das palavras "espada" e "arco" freqüentemente indica todas as armas e até mesmo a própria guerra (Gn 48.22; Js 24.12). Um arco "enganoso" (torto) nunca deixa acertar o alvo (Israel, Sl 78.57; Os 7.16).

Deus controla o arco do homem (Gn 49.24). A flecha encontra o alvo por causa da direção divina (esp. 1 Rs 22.34; 2 Rs 13—16). O arco quebrado pode representar a derrota (1 Sm 2.4) e/ou a paz determinadas por Deus (Deus pacificamente "pendura" [ARA, "põe"], Gn 9.13; cf. Sl 76.3 [4], 46.9 [10]; Os 2.18 [20]).

Bibliografia: — YADIN, Y. *The art of warfare in Bible lands*. 2 vols. McGraw-Hill, 1963.

L.J.C.

2094 קְשָׁת (*qashshāt*) ***arqueiro*** (Gn 21.20; Jr 4.29).

ר

2095 ראה (*rā'â*) ***ver, olhar, inspecionar.***

Termos Derivados

2095a ראה (*rā eh*) ***que vê*** (Jó 10.15, somente).
2095b †ראֶה (*rō'eh*) ***I, vidente.***
2095c ראה (*rō'eh*) ***II, visão profética.***
2095d ראֵת (*r'ût*) ***olhada*** (Ec 5.10, somente).
2095e ראי (*r'î*) ***espelho*** (Jó 37.18, somente).
2095f ראי (*rŏ'î*) ***aspecto, aparência.***
2095g מַרְאָה (*mar'â*) ***I, visão.***
2095h מִרְאָה (*mar'â*) ***II, espelho*** (Êx 38.8, somente).
2095i †מַרְאֶה (*mar'eh*) ***vista, aparência.***
2095j †ראוּבֵן (*r'ûbēn*) ***Rúben.***

Os sentidos ampliados e metafóricos incluem: no qal, os de "considerar", "perceber", "sentir", "entender", "aprender", "desfrutar": no nifal, os de "ser visto" ou "revelar-se"; no pual, o de "ser visto"; no hifil, os de "fazer ver", "mostrar", "levar a sentir/conhecer/desfrutar"; no hofal, os de "ser feito ver", "ser mostrado"; no hitpael, o de "olhar-se um ao outro".

O sentido literal do verbo não requer comentário especial, pois é a palavra costumeira para ver com os olhos (Gn 27.1). Mas o verbo possui sentidos mais abrangentes e metafóricos. Alguns desses aparecem nas definiçoes acima. Cinco deles são, no entanto, de especial importância. 1) *rā'â* designa a aceitação da palavra de Deus tal como entregue por seus mensageiros designados. Esta aceitação envolve salvação, entendimento e fé. Em Isaías 6.10 "ver com os olhos" é ouvir a Palavra de Deus, entendê-la e voltar-se para ele. Por outro lado, na mesma passagem, endurecer o coração contra Deus é fechar os olhos (Is 6.10). No versículo anterior, porém, "ver de verdade", *r'û rā'ô* (lit. "vede vendo", o imperativo masculino plural do qal seguido do infinitivo absoluto; ARA, "vede, vede") é empregado em referência ao simples ato de percepção intelectual da mensagem do profeta de Deus. Podem-se encontrar ainda outros exemplos

do sentido de entender com fé: Isaías 52.10, 15; 2 Crônicas 26.5; Salmos 63.2 [3]; 69.23 [24], et al. 2) *rā'â* possui o sentido do ato de aceitação, especialmente por parte de Deus. Deus diz a Noé: "tenho visto que és justo" (IBB, Gn 7.1). Outro exemplo é Números 23.21. 3) Outro sentido é o de "prover", em geral com referência à provisão divina: 1 Samuel 16.1; Gênesis 22.8, 14 (em português existe um sentido relativamente próximo na frase "olhar por [alguém]"). 4) "Ter respeito por" é outro sentido, especialmente referindo-se a Deus como alguém que age com misericórdia (Is 38.5; Sl 138.6). Veja-se um sentido parecido também em Salmos 66.18.

5) De especial importância é o fato de que *rā'â*, bem mais do que qualquer outra palavra, é usado para descrever o ato em que um profeta autêntico recebe oráculos da parte de Deus. Isso se encontra sugerido no texto básico a respeito, Números 12.6. A parte de Deus na revelação é denominada *mar'â*, "visão", um substantivo derivado de *rā'ā*, como também ocorre em dez outros textos (Gn 46.2; 1 Sm 3.15; Ez 1.1; 8.3; 40.2; 43.3; Dn 10.7-8, 16). Veja-se também *mar'eh*. De muita importância é o fato de que *rā'â* é empregado muitas vezes nos profetas maiores e menores com este exato sentido: Isaías 6.1; Jeremias 1.11, 12, 13; Ezequiel 1.1, 4, 15, 27, 28; 2.9; 8.2, 6, 7, 10, 15; 10.1, 9; 11.1. O sinônimo *hāzâ* (q.v.) é usado no mesmo sentido.

Um nome para o *nābî'*, "profeta", é *rō'eh*, "vidente", o que sugere que o ato de ver a mensagem de Deus (mediante sonhos ou visões) era tão importante que o porta-voz (*nābî'*) podia ser chamado de "aquele que vê coisas divinas", i.e., "vidente" (1 Sm 9.9, 11, 18, 19; e pelo menos mais sete outras vezes no AT). Esse aspecto impunha certos limites à comunicação profética acerca do futuro e à interpretação profética, conforme Deus teve o cuidado de salientar (Nm 12.4-8) e os profetas pesarosamente admitiam (Dn 8.27; 12.8). Com freqüência a visão requeria mais interpretação.

rō'eh. ***Vidente.*** Sinônimo de *nābî*, "profeta", morfologicamente um particípio do grau qal do verbo *ra'â*: "vidente", "aquele que vê". É empregado muitas vezes com esse sentido genérico. É, no entanto, usado 12 vezes no AT como uma alternativa para *nābî*, "profeta". É sempre traduzido por "vidente". Sempre que o *nābî'*, o "porta-voz de Deus", recebia sua mensagem mediante visões, esse nome era apropriadamente empregado. É sempre usado com o artigo (*hārō eh*), exceto uma vez em 2 Samuel 15.27, em que o sentido requer a forma sem o artigo. Às vezes tem o *holem* pleno (*rô'eh*), às vezes tem a forma defectiva (*rō'eh*). Muitas vezes esse substantivo designa um profeta cujo nome também é apresentado: Samuel, Zadoque, Hanani. O substantivo alterna-se com *hōzeh*, que é usado 16 vezes, uma palavra com praticamente o mesmo sentido. Aparentemente *rō'eh* é o título mais antigo: "porque ao profeta [*nābî'*] de hoje antigamente se chamava vidente [*rō'eh*]" (1 Sm 9.9). Gade foi tanto *nābî'* quanto *hōzeh* (2 Sm 24.11). Esses três termos são usados numa mesma passagem em referência ao profeta do AT: "Os atos, pois, do rei Davi, assim os primeiros como os últimos, eis que estão escritos nas crônicas, registados por Samuel, o vidente [*rō eh*], nas crônicas do profeta [*nābî'*] Natã e nas crônicas de Gade, o vidente [*hōzeh*]" (1 Cr 29.29).

"Uma vez que, evidentemente o mesmo indivíduo é designado por esses três termos, qual é a diferença (se é que há) entre eles?... O vocábulo *nābî'* ... ressaltava a função *objetiva* ou *ativa* do mensageiro do Senhor ao proclamar a Palavra de Deus. Os termos *rō'eh* e *hōzeh*, traduzidos por 'vidente', enfatizavam, de outro lado, o elemento *subjetivo*, a saber a recepção da revelação divina pelo vidente. Em Isaías 30.10 os israelitas rebeldes dizem aos videntes: 'Não tenhais visões'. O termo profeta destacava os pronunciamentos

do profeta; *rō'eh* e *hōzeh* indicavam o método pelo qual recebia a comunicação divina" (Hobart E. FREEMAN, *An introduction to the OT prophets*, Moody, 1968, pp. 40-1).

Vejam-se também "homem de Deus" (Dt 33.1; 2 Rs 4.9; etc.), "servo" do Senhor (1 Rs 14.18; 2 Rs 9.7; 17.13; etc.) e "mensageiro" do Senhor (Ag 1.13; Ml 1.1).

Os léxicos relacionam uma ocorrência (Is 28.7) da forma *rō'eh* II como sendo um substantivo com o sentido de "visão profética". Na medida em que os particípios em hebraico podem ser usados como substantivos e, na realidade, experimentam muitas características do substantivo (Gesenius, *Hebrew grammar*, p. 116), talvez seja melhor considerar essa ocorrência única como um particípio presente ativo de *rā'a* que aqui significa o ato de ver, assim como a mesma forma, um pouco antes no mesmo capítulo (v. 4), significa "aquele que vê".

mar'eh. ***Vista, visão, aparência, semblante, beleza.*** Essa palavra merece atenção em três aspectos: 1) seu sentido básico geral; 2) o sentido especial aplicado ao "servo do Senhor" em Isaías; e 3) o sentido especial associado à profecia bíblica.

1) Sentidos básicos essenciais. Derivado diretamente do verbo *rā'â*, "ver", mediante o simples acréscimo de um conhecido prefixo substantivador, esse vocábulo traz consigo muito da variedade de significados do verbo. O verbo aparece em cada um dos principais graus do verbo hebraico, com a possível exceção do piel, e — tal como ocorre em português — exibe toda espécie imaginável de sentidos literal, metafórico e ampliado. Como seria de esperar, a palavra *rā'â* aparece centenas de vezes. O substantivo *mar'eh* pode significar praticamente qualquer coisa que diga respeito à aparência externa, a maneira que as coisas aparentam. De modo que são usuais as noções de "aparência" ou fenômeno da coisa observada, seja isso comum (Lv 13.3, e dez vezes no capítulo) ou incomum (Êx 3.3). O ato de olhar (Is 11.3) e a faculdade ou função da visão (Ec 6.9) são dois outros sentidos; também "aparência" no sentido de como algo parece ser exteriormente, em contraste com a realidade interior (1 Sm 16.7). Mediante uma ligeira ampliação de sentido, o vocábulo expressa a noção bastante usual de "rosto" ou "semblante", a parte do indivíduo que é visível aos olhos (Ct 2.14; 5.15). Adjctivos que indicam aquilo que é belo e desejável e também aqueles que designam o que é feio e indesejável são comumente usados junto com *mar'eh*.

2) Sentido especial com referência ao servo do Senhor.

a) O canto de abertura do último "Cântico do Servo" (Is 52.13; 53.12) traz este verso: "o seu aspecto [*mar'ēhû*] estava mui desfigurado, mais o que de outro qualquer" (Is 52.14). Essa afirmação estranha parece explicar por que muitos ficaram surpresos com o Servo quando o viram no Gólgota, o ponto mais baixo de sua carreira no que diz respeito à sua aceitação pelos homens. O que isso significa? Considerado (corretamente) como uma caracterização do que aconteceu a seu "físico" por ocasião da crucificação, as pessoas têm imaginado muitas coisas. Talvez se refira aos ferimentos físicos — e ninguém chegou a ser tão ferido ("mais do que o de outro qualquer"). Mas os Evangelhos destacam que nenhum de seus ossos foi quebrado. Com fogo, explosões, etc., diariamente pessoas sofrem ferimentos mais desfigurantes e carregam essas cicatrizes para o resto da vida. Alguém propôs o sofrimento íntimo de ser abandonado por Deus e pelos homens. Mas isso não tem nada que ver com *mar'eh*, que diz respeito à aparência exterior. É possível interpretar adequadamente *mar'eh* se iniciarmos pela expressão *mē'îsh*, "do que qualquer homem" (lit.), que é melhor traduzido por "do que uma pessoa adulta do sexo masculino". Em sua perfeição, dignidade e privilégio, o indivíduo de sexo masculino de nossa espécie foi

totalmente aviltado, não por esmagá-lo fisicamente, mas por destruir todos os indícios dessa perfeição, dignidade e privilégio, as quais o homem possui na condição de vice-regente das criaturas da terra. Condenado como um criminoso, torturado como um gatuno, maltratado como alguém sem nenhuma posição social e então desconsiderado por seus executores, que faziam jogatina com as suas vestes — talvez isso tenha sido o cumprimento da expressão *mishhat mē'îsh mar'ēhû*, "estragado como um ser humano de sexo masculino no que diz respeito à sua aparência".

b) Em Isaías 53.2 é dito acerca dele: "olhamo-lo, mas nenhuma beleza [*mar eh*] havia que nos agradasse". Embora próximo da última referência examinada, em que o sentido é um tanto quanto singular, aqui se emprega a mesma palavra com um significado praticamente único. Sem adjetivo qualificador de beleza, atração, amabilidade, etc., o simples substantivo significa "boa aparência", sendo, por conseguinte, traduzido aqui por "beleza". Para captar o sentido do vocábulo neste versículo, imagine-se o que o noivo quer expressar quando diz que sua noiva está com uma "aparência" linda em contraste com o que estaria expressando se dissesse que ela "quer aparecer". A "beleza" que faltava eram os ornamentos reais, os trajes vislumbrantes. A semelhança de João Batista, ele não estava vestindo roupas bonitas e não tinha os músculos flácidos, características daqueles que viviam nas cortes dos reis. Os judeus queriam um príncipe palaciano; Deus lhes ofereceu um carpinteiro musculoso.

3) Sentido especial com referência à profecia bíblica. Existe um substantivo quase idêntico, *mar'â*, que se distingue de *mar'eh* apenas na segunda vogal. Esse vocábulo correlato é empregado quase exclusivamente para designar as visões como um veículo da revelação divina aos profetas. Em Ezequiel e Daniel os dois vocábulos se alternam nesse sentido óbvio. Veja-se *BDB*, p. 909.

r^e'ûbēn. ***Rúben.*** Eis um filho! O primeiro filho de Jacó, o qual teve com Lia, foi um favor especial que Deus concedeu a ela e, conforme o nome do menino parece indicar, uma bênção inesperada (Gn 29.32). Tem-se postulado um outro significado, considerando a palavra como uma forma abreviada de *rā'û b^e'ānyî*, "[Iavé] viu a minha aflição" [ou seja, a aflição de Lia]; tendo, por conseguinte, o sentido de "compaixão de Deus". Embora no AT às vezes as derivações de nomes pareçam extravagantes — como às vezes parece acontecer com o dar nome aos filhos — certamente o sentido óbvio deve ser aquele pretendido. Entretanto, pode-se explicar um nome com um jogo de palavras que não depende da etimologia. De fato, "Rúben" pode significar "Eis um filho" e ao mesmo tempo soar suficientemente parecido com a idéia de "ele viu a minha aflição" para que isso fosse mencionado.

Rúben revelou-se alguém cheio de energia e determinação, mas não muito disciplinado, envolvido em situações tanto vergonhosas quanto dignificantes, tanto perniciosas quanto edificantes (vejam-se Gn 37.22; 42.22, 37-38; 49.3-4). Ele cometeu um crime bem repulsivo (Gn 35.22), que deve ter ocorrido em condições de grande sedução. Mas isso lhe custou o direito de primogenitura — com o que a posição destacada de líder passou para Judá (Gn 49.8-10) e a porção dobrada para os filhos de José (Gn 48.5). Seus descendentes, a tribo de Rúben, aparecem com destaque na época da conquista, sendo a primeira tribo a se instalar, mesmo antes da transferência da liderança de Moisés para Josué (Nm 32). Depois disso quase não há informações sobre a tribo. Eles mantiveram os seus antigos costumes nômades, tendo instalado suas "bases" no planalto de Moabe ao norte do rio Arnom (uádi Mojib). A tribo foi tão instável quanto o seu ancestral Rúben e

esteve entre as primeiras tribos a perder a sua identidade com as migrações forçadas da antigüidade (2 Rs 10.33). As cidades dos rubenitas aparecem mais tarde na história sob a posse de Moabe. A informação teológica extraída da história de Rúben é principalmente ética — as lições são bastante óbvias: os males da poligamia, os perigos de estar distante dos centros de adoração, etc.

Bibliografia: — DELITZSCH, F. *Biblical commentary on Isaiah*. v. 3. — FREEMAN, H. E. *An introduction to the OT prophets*. Moody, 1968. — MACRAE, A. A. Prophets and prophecy. *ZPEB*. v. 4, p. 875-903.

R.D.C.

רְאוּת (*r'ût*). Veja o nº 2 095d.

רְאִי (*r'î*), רֹאִי (*rō'î*). Veja os nºs 2 095e, f.

2096 רָאַם (*rā'am*) ***levantar-se*** (Zc 14.10, somente).

2096a רְאֵם (*r'ēm*) ***boi selvagem*** (e.g., Nm 23.22; Is 34.7).

2096b רִאמֹת (*rā'môt*) ***corais*** (Jó 28.16; Ez 27.16; Pv 24.7).

רִאמֹת (*rā'môt*). Veja o nº 2 096b.

2097 רֹאשׁ (*rō'sh*) ***I, cabeça, pico, cume, parte superior, chefe, total, soma.***

Termos Derivados

2097a רִאשָׁה (*ri'shâ*) ***princípio, tempo remoto*** (Êx 36.11, somente).

2097b רֹאשָׁה (*rō'shâ*) ***topo, pedra mais elevada*** (Zc 4.7, somente).

2097c †רִאשׁוֹן (*ri'shôn*) ***primeiro, inicial.***

2097d רִאשֹׁנִי (*ri'shōnî*) ***primeiro*** (Jr 25.1).

2097e †רֵאשִׁית (*rē'shît*) ***primeiro, princípio, melhor.***

2097f מְרַאֲשֹׁת (*m'ra'ăshôt*) ***lugar junto à cabeça, cabeceira*** (e.g., Gn 28.11, 18; 1 Sm 19.13, 16).

O sentido básico dessa raiz é o de "cabeça". É comum em todas as línguas semíticas e, no AT, aparece aproximadamente 750 vezes em sua forma básica e na de seus derivados. É empregada para designar a "cabeça" como uma das partes do corpo (Gn 3.15) e, por extensão, para indicar as noções de "chefe" de família (Êx 6.14), "líder" das divisões de Israel (ARA, "cabeça"; Êx 18.25) e idéias afins. O caráter peculiarmente hebreu desse uso fica claro no AT com o fato de que a raiz raramente é empregada em referência a líderes das nações gentias. Também é usado para designar o pico ou cume de um acidente geográfico, como um monte ou montanha (Êx 17.9), a parte mais elevada de um prédio ou de um detalhe arquitetônico (Gn 11.4; 2 Cr 3.15) e a personificação desses detalhes (Sl 24.7, 9). A raiz foi usada em muitas expressões coloquiais para designar partes de plantas (Jó 24.24) ou de objetos (Gn 2.10) e como nome de artefatos. Nesta última categoria enquadra-se o uso da raiz nas expressões "pedra de remate" (lit. "pedra cabeça"; Zc 4.7)

e "principal pedra, angular" (lit. "[pedra] cabeça de esquina"; Sl 118.22). Essa passagem e uso são levados para o NT e citados por Jesus quando ele fala sobre ser rejeitado pelos judeus (Mt 21.42; Lc 20.17; Ef 2.20; 1 Pe 2.7). A raiz é amplamente usada no AT junto com outros termos para dar o sentido superlativo, pois o hebraico não possui nenhuma forma simples para expressar esse grau. Existem muitos exemplos desse emprego (Êx 30.23), em que o sentido é de "ótimo", "excelente", "o melhor", sendo que nada mais é próprio para o serviço de Deus. Esse sentido teológico é aplicado aos oficiais do templo (2 Rs 25.18) e aos melhores músicos (Ne 11.17). Na maioria das traduções, existem divergências quanto à tradução de *rō'sh* quando este vocábulo é usado com o sentido de "chefe", como, por exemplo, Números 31.26 e muitas passagens semelhantes, em que o sentido pode ser o de chefe de família ou de líder de clã. A raiz aparece em muitas passagens com o sentido de "soma" ou "total" (Pv 8.26; Êx 30.12; Nm 1.2; etc.). A forma aramaica aparece com o sentido pouco comum de "totalidade" ou "conteúdo" de um sonho (Dn 7.1). Embora seja possível identificar no acadiano e em última instância no sumério a origem de muitos usos da raiz, a idéia de depender do "cabeça" da nação como uma autoridade suprema ou uma personalidade escolhida é desenvolvida num nível muito maior em hebraico do que nas outras línguas. O uso teológico da raiz para designar no AT funções determinadas por Deus entra para o NT em títulos tais como "cabeça da igreja" (Ef 5.23), que é atribuído a Cristo.

ri'shôn. ***Primeiro, inicial.*** Esse adjetivo, que funciona como numeral ordinal e deriva da mesma raiz de *rō'sh* (q.v.), é cognato do acadiano *rēštu*. O vocábulo ocorre mais de 180 vezes no AT numa ampla variedade de conotações e contextos. E usado em três sentidos distintos e em várias construções especiais. Um número maior de ocorrências é mais bem traduzido por "anterior", "primeiro" (dentre duas coisas acontecidas no tempo, Gn 25.25), "precedente" (adj., Nm 21.26), "antigos" (subst., Dt 19.14), "coisas passadas" (IBB, Is 41.22). O segundo uso mais comum é no sentido de "primeiro" acontecimento em uma série, como em "primeiro" da raça humana (Jó 15.7), "primeiro" dia de um ritual (Dt 16.4), "primeira" derrota (1 Sm 14.14) e "primeiro" (o mais ágil) numa transgressão (Ed 9.2). O terceiro uso mais comum é no sentido cronológico de "antes", "anteriormente" (Gn 28.19; Dt 13.10). Existem outros sentidos mais específicos: "os chefes das províncias" (1 Rs 20.17), "primeiramente partiu" (Nm 10.14), "preparar primeiro" (1 Rs 18.25). Visto que a ortografia hebraica, pelo menos em épocas posteriores, não empregava um sistema simples de notação numérica, todos os números ordinais são escritos por extenso e vocalizados no TM. Existem, no entanto, alguns poucos dados de que na antigüidade se usou um sistema de notação numérica para numerais tanto cardinais quanto ordinais.

rē'shît. ***Primeiro, princípio, escolhido, melhor (de um grupo).*** Substantivo feminino derivado da raiz *rō'sh*, aparece 50 vezes em praticamente todas as partes do AT. O significado básico é o de "primeiro" ou "início" de uma série. Esse termo pode referir-se ao início de uma série de acontecimentos históricos (Gn 10.10; Jr 26.1), mas também designa uma condição básica ou necessária, como é o caso da reverência a, ou temor de, Deus (Sl 111.10; Pv 1.7), e o início, em contraste com os resultados, de uma vida (Jó 8.7; 42.12). É empregado freqüentemente no sentido especial de "escolhido" ou "melhor" de um grupo ou categoria de coisas, particularmente com referência a itens que devem ser separados para o serviço ou sacrifício divinos. Desse modo faz-se distinção entre as "primícias" (Lv 2.12; 23.10; Ne 12.44) e o "melhor" (ARA, "primícias", Nm 18.12). Usos

difíceis do termo ocorrem em diversas passagens. Em Deuteronômio 33.21 a IBB traduz por "primeira parte"; a ARA, porém, traz "melhor parte", tradução que se deve preferir. Em Daniel 11.41 a PIB traz "a parte melhor de Amon", a MM, "a maioria dos amonitas", a ARA, "as primícias dos filhos de Amom"; a tradução mais próxima do sentido provável é: "os melhores dentre os amonitas". O uso mais importante de *rē'shît* no AT ocorre m Gênesis 1.1, em que é empregado em conjunto com a preposição proclítica *b* (q.v.). Esse uso de *rē'shît* tem sido objeto de muito debate. Muitos comentaristas, tanto antigos quanto contemporâneos, têm procurado ler a frase como "quando..." em vez de "no princípio", como o fazem diversas traduções modernas. A principal justificativa apresentada na atualidade em favor dessa interpretação é relacionar a frase com *enūma elish*, expressão que principia o épico babilônico da criação. Entretanto, não há fundamento para relacionar os dois diferentes termos, um em hebraico e o outro em babilônico (veja-se W. WHITE, Enuma Elish, em *ZPEB*, v. 2, p. 314). Pode-se deduzir a correta interpretação de *rē'shît* a partir das outras ocorrências e do testemunho de todas as versões antigas. O NT (Jo 1.1) copia o hebraico e acompanha fielmente a LXX em sua tradução de Gênesis 1.1, a primeira frase do AT. O emprego dessa raiz não deixa margem a dúvidas de que Gênesis 1.1 começa com o ato primeiro e inicial da criação do cosmos.

Bibliografia: — BARTLETT, J. R. The use of the word ראש as a title in the Old Testament. *VT* 19:1-10. — *THAT*. v. 2, p. 701-14.

W.W.

2098 רֹאשׁ (*rō'sh*) ***II, bílis, veneno.***

Esse é provavelmente o nome de uma planta babilônica que originalmente significava "cabeça" de algum tipo de planta. Veio a significar "veneno" e "venenoso" e ocorre 12 vezes no AT. A primeira ocorrência se encontra em Deuteronômio 32.32, "suas uvas são uvas de veneno". Também é empregado para descrever águas amargas (Jr 8.14; 9.14; 23.15): "e nos deu a beber água venenosa". A água "envenenada" ou "amarga" da Palestina pode muito bem ter sido água simplesmente salgada demais para beber. A tradução de *rō'sh* é difícil em algumas passagens poéticas, em que está em paralelo com algum outro termo (Sl 69.21 [22]), "por alimento me deram ervas amargas [*rō sh*; ARA, 'fel'], e na minha sede me deram a beber vinagre". *BDB* assinala que a palavra é sempre usada em sentido figurado.

W.W.

רֹאשׁ (*rē sh*). Veja o nº 2 138a.
רִאשׁוֹן (*ri'shôn*). Veja o nº 2 097c.
רִאשׁוֹנִי (*ri'shônî*). Veja o nº 2 097d.
רֵאשִׁית (*rē shît*). Veja o nº 2 097e.
רַב (*rab*). Veja os nºs 2 099a,b. 2 100a.
רֹב (*rōb*). Veja o nº 2 099c.

2099 רָבַב (*rābab*) ***I, ser numeroso, tornar-se numeroso.***

Termos Derivados

2099a רַב† (*rab*) ***I, muito(s), grande.***
2099b רַב† (*rab*) ***II, capitão, chefe.***
2099c רֹב† (*rōb*) ***multidão, abundância.***
2099d רִבָּבָה† (*rᵉbābâ*) ***dez mil.***
2099e רִבּוֹ† (*ribbô*) ***dez mil.***
2099f רְבִיבִים (*rᵉbîbîm*) ***chuvas abundantes.***

Raiz verbal cognata do acadiano e de outras línguas semíticas, no AT aparece 23 vezes no grau qal e uma vez no pual. A primeira ocorrência se encontra em Gênesis 6.1 e tem o sentido de a população humana "tornar-se numerosa" (ARA, "multiplicar-se"), sendo que nesta acepção o verbo ocorre em muitas outras passagens; em outros textos refere-se ao crescimento da população animal (Êx 23.29). O emprego do termo no relato de Sodoma (Gn 18.20) é de difícil entendimento, e não há concordância entre as traduções exceto quanto a *rābab*, que todas interpretam como "grande", quando na realidade o que se quer indicar não é a intensidade do clamor de Sodoma, mas a sua natureza multiforme. No único uso do verbo no grau pual (Sl 144.13) num paralelismo bastante difícil, parece que o termo designa uma quantidade grande e indeterminada, tal como o vocábulo grego *myrias*, "miríade" (cf. BJ), e é geralmente traduzido por "dez mil" ou, melhor ainda, "dezenas de milhares". Os léxicos tratam esse uso no pual como uma forma denominativa de *rᵉbābâ*, "miríade", "dez mil".

rab. ***I. Muito(s), grande.*** Esse é o adjetivo hebraico costumeiramente usado para designar "muito" ou "muitos". Ocorre 420 vezes no AT. A raiz, *rab*, é cognata filológica e semântica do ugarítico *rb* e do acadiano *rabû*. O significado básico é o de "muitos", que aparece inicialmente em Gênesis 21.34 (lit., "muitos dias"; ARA, "muito tempo"). O adjetivo pode se referir a objetos (Gn 30.43), dias (Gn 37.24), vezes (Sl 106.43) e coisas do gênero. A raiz é muitas vezes usada em contextos que se referem a pessoas: "multidão" (lit., "muitos"; Êx 23.2), nação "numerosa" (Dt 9.14) e "'grande' [em que a palavra 'grande' indica quantidade] mistura de gente" no êxodo (IBB; BJ, "multidão"; Êx 12.38). O outro uso muitíssimo comum é o de "grande" com o sentido de tamanho ou intensidade. Afirma-se de muitos objetos, instituições e pessoas que são "grandes". Dentre os objetos assim descritos pelo adjetivo *rab* encontram-se: "bondade" (Sl 31.19 [20]), "maldade" (Gn 6.5), "Rei" (Sl 48.2 [3]). Existem alguns empregos especiais da raiz que exigem traduções menos literais. O adjetivo *rab* precedido do prefixo *min* tem o sentido de grau comparativo, "maior do que" (Dt 7.1; et al.). Em alguns textos a raiz significa "suficiente" (ARA, "basta"; Gn 45.28); em outros tem a conotação de "é demais para..." (BLH; ARA, "basta de"; 1 Rs 12.28). Essa é a tradução correta do difícil versículo de Provérbios 26.10. Infelizmente as diversas versões confundem a raiz aqui existente, e nelas ocorrem muitas inconsistências pequenas (KJV, "o grande Deus"; ARA, "flecheiro", de *rābab*, "atirar [flechas]").

rab. ***II. Capitão, chefe.*** Título de origem babilônica que aparece tanto em hebraico quanto em ugarítico. Designa o chefe ou líder de um grupo, tal como o de um destacamento militar (2 Rs 25.8 et al.). Com freqüência é usado como prefixo, como em

acadiano; cf. Jeremias 39.9-10. O termo foi adotado pelos neobabilônios (Dn 1.3), "'chefe' dos seus eunucos", e pelos persas, que os sucederam, "todos os 'oficiais' da sua casa" (Et 1.8). Não há elementos que indiquem o uso do termo fora do contexto de graduação hierárquica de origem estrangeira, como em Isaías 36.2, 4, 11, 12, 13, 22; 37.4, 8.

[Um uso interessante do título ocorre em Jeremias 39.3, em que por muito tempo se entenderam erroneamente os nomes, embora as consoantes tenham sido preservadas com precisão. Ao contrário de seis nomes, como aparece no TM e na ARA, é provável que haja três nomes e três títulos: 1) Nergal-Sarezer de Sangar (Sangar era a província babilônica de SinMagir, com assimilação do *m*); 2) Nebo-Sarsequim, o Rabe-Saris (chefe dos eunucos ou dos oficiais); 3) Nergal-Sarezer, o Rabe-Mague (uma alta autoridade). Assim o traduz a BJ; algumas outras traduções (BLH, EP) encontram quatro nomes. R.L.H.]

rōb. ***Multidão, abundância.*** Em muitos casos esse vocábulo também aparece grafado como *rôb*. E um substantivo masculino, que deriva da raiz verbal semítica *rbx*, em que *x* pode ser uma dentre diversas consoantes, dependendo da exata forma morfológica. Em hebraico a forma primitiva é provavelmente *rābab*. *rōb* aparece 147 vezes no AT. O maior número de usos do vocábulo se encontra em 2 Crônicas, em que é utilizado para descrever as diversas quantidades de material e pessoas (2 Cr 1.15; 2.8; 4.18; et al.). Em alguns casos uma tradução melhor de *rōb* pode ser "longo tempo" (lit. "abundância de dias"; ARA, "muitos dias"; Is 24.22). *rōb* também significa "longo" em "longo caminho" (Js 9.13). O sentido da raiz é claro e não oferece maiores dificuldades em nenhuma de suas ocorrências.

rᵉbābâ. ***Dez mil.*** Essa raiz também é encontrada em ugarítico na forma *rbt/rbbt* e aparece na maiorias das línguas semíticas ocidentais. Uma vez que a ciência da notação numérica não está bem desenvolvida nos sistemas semíticos ocidentais de escrita, na maioria das vezes *rᵉbābâ* simplesmente indica um número bastante grande, "uma multidão". O primeiro uso no AT se encontra em Gênesis 24.60, "Nossa irmã: seja mãe de milhares de 'dez milhares'". Na estrutura poética paralela hebraica, os números geralmente são empregados usando o número na primeira linha e então o número mais um na segunda linha (Jó 5.19). No entanto, no caso de *rᵉbābâ*, o paralelismo é entre "mil" e "dez mil", como em 1 Samuel 18.7; Salmos 91.7. Em outras passagens usa-se a raiz para comunicar a imensidão do exército indicado em Números 10.36, "volta, ó Iavé, para as 'dezenas de milhares' dos milhares de Israel" (lit.). É empregado sempre em poesia e jamais utilizado como *ribbô* em enumerações.

ribbô. ***Dez mil.*** Visto que essa raiz, tal como o ugarítico, deriva da mesma raiz proto-hebraica *rᵉbābâ*, mas não aparece antes de 1 Crônicas 29.7, "dez mil dáricos", provavelmente é uma forma tardia de *rᵉbābâ*. Ao contrário desse último vocábulo, *ribbô* é muitas vezes empregado em expressões múltiplas (Sl 68.17 [18]), "vinte mil" (lit. "duas [o hebraico emprega o dual] dezenas de milhares"; Ed 2.64, 69, em que *ribbô* é escrito com a adição de um *'aleph*, *ribbô'*).

Bibliografia: — *THAT*. v. 2, p. 715-25.

W.W.

2100 רָבַב (*rābab*) ***II, atirar*** (Gn 49.23; Sl 18.15).

2101 רבד (*rbd*)

Termo Derivado

2100a רַב (*rab*) ***III, arqueiro*** (Jr 50.29; Jó 16.13).

2101 רבד (*rbd*). **I. Aceita como raiz de:**

2101a רְבִיד (*rābîd*) ***corrente, ornamento para o pescoço*** (Ez 16.11; Gn 41.42).

2102 רבד (*rābad*) ***II, espalhar, enfeitar*** (Pv 7.16; 1 Sm 9.25).

Termo Derivado

2102a מַרְבַד (*marbād*) ***colcha, cobertor*** (Pv 7.16; 31.22).

2103 רבה (*rābâ*) ***I, ser grande, tornar-se grande, ser numeroso, tornar-se numeroso.***

Termos Derivados

2103a אַרְבֶּה (*'arbeh*) ***espécie de gafanhoto.***

2103b מַרְבֶּה (*marbeh*) ***abundância*** (Is 33.23), ***aumento*** (Is 9.6).

2103c מִרְבֶּה (*mirbâ*) ***muito*** (Ez 23.32, somente).

2103d מַרְבִּית (*marbît*) ***aumento, multidão.***

2103e תִּרְבּוּת (*tarbût*) ***aumento, prole*** (Nm 32.14, somente).

2103f תַּרְבִּית (*tarbît*) ***aumento, usura, juro.***

Essa é a forma semítica ocidental de um termo bastante comum que é cognato do ugarítico *rb* e do acadiano *rabû*. É também o sufixo comum a um grande número de nomes assírio-babilônicos, por exemplo, "Hamurabi" (ou seja, "O deus Ham [talvez *'ammu*] é grande"). A raiz aparece mais de 200 vezes no AT. As duas principais diferenças de sentido estão ligadas a ocorrências nos graus qal (60 vezes) e hifil (155 vezes). A raiz aparece pela primeira vez em Gênesis 1.22. "Multiplicar-se" é a leitura aceita por todas as versões, mas em usos subseqüentes surge uma variedade de traduções: "crescer" (Gn 7.17-18), "ser muitos" (ARA, "multiplicar-se"; 1 Cr 23.17), "ser mais" (ARA, "a porção de Benjamim era cinco vezes mais"; Gn 43.34). Em casos isolados fica evidente um número ainda maior de significados. No grau hifil o sentido padrão e mais comum é o de "multiplicar", mas também surge uma variedade de outras traduções: "pedir muito" (ARA, "majorar"; Gn 34.12), "colher muito" (Êx 16.18), "produtos abundantes" (Ne 9.37), "alargar" (ARA, "dar [algo] maior"; Nm 26.54), "amontoar" (Ez 24.10). A ampla gama de sentidos apresentados pelas traduções mostra a amplitude de sentido da raiz hebraica original. Embora em geral restrita a contextos quantitativos, a raiz *rābâ* tem alguns empregos em expressões metafóricas. É usada nos seguintes sentidos especiais: "viver longamente" (ARA, "multiplicar os dias"; Jó 29.18), "jactar-se (contra Deus)" (ARA, "multiplicar as palavras"; Jó 34.37), e "ter muitas" mulheres e filhos (1 Cr 7.4).

'arbeh. ***Gafanhoto.*** O vocábulo provavelmente deriva da raiz *rābâ*, "tornar-se numeroso". Ocorre em acadiano como *erebu*, *arbû*, etc. Em ugarítico, no texto KRT (103, 192), o exército do rei é descrito como cobrindo o campo tal como gafanhotos (*irby*).

Dentre as muitas palavras que designam o gafanhoto, *'arbeh* é o vocábulo genérico e é usado com maior freqüência, 24 vezes.

A praga de *'arbeh* (Dt 28.38) é relacionada como uma das maldições divinas que viriam sobre os israelitas, caso desobedecessem aos mandamentos de Deus. O *'arbeh* é uma das pragas que Moisés invocou sobre o Egito (Êx 10.4 e ss.; Sl 78.46; 105.34).

Gafanhotos são empregados em símiles que designam um número grande em Juizes 6.5; 7.12; Jeremias 46.23; Naum 3.15.

Os gafanhotos pertencem à ordem dos ortópteros (*Orthoptera* [= asas retas]) e à subfamília dos saltadores (*Saltatoria*), que eram considerados comestíveis (Lv 11.21-22).

Os gafanhotos pertencem à família dos acridídeos (*Acrididae* [= chifres curtos]). Dentre as 91 espécies encontradas na Palestina, somente o gafanhoto do deserto (*Schistocerca gregaria* ou *Acridium peregrinum*) tem sido praga no Oriente Médio desde tempos imemoriais.

Ao se tornarem maduros, esses gafanhotos têm seis centímetros de comprimento. Têm dois pares de asas e um par de pernas aumentadas para saltar. Na aparência são comparados com cavalos (Jl 2.4; Jó 39.20; Ap 9.7; cf. o alemão *Heupferd* e o italiano *cavallette*).

Os gafanhotos do deserto impressionam como viajantes. Conseguem voar até 17 horas ininterruptas e há registros de terem viajado 2 400 quilômetros. O som de suas asas é comparado com o de carros (Jl 2.5; Ap 9.9). A rota que tomam para viajar é determinada pelos ventos dominantes (Êx 10.13, 19). Na praga de 1915, os gafanhotos chegaram até Jerusalém vindos do nordeste (cf. Jl 2.20).

A Bíblia não exagera quando fala de enxames de gafanhotos cobrindo o chão (Êx 10.5). Sabe-se de um enxame que chegou a cobrir 230 quilômetros quadrados e era tão espesso a ponto de não deixar enxergar o sol. Um enxame realmente grande pode ter dez bilhões de gafanhotos.

As quatro palavras usadas por Joel (1.4; 2.25) na vívida descrição que faz da praga de gafanhotos parecem representar etapas no desenvolvimento desse animal (ARA, IBB; cf. BJ marg.), em vez de diferentes espécies de insetos (ARA, PIB). Em Joel 2.25 aparece primeiramente o *'arbeh*, o gafanhoto maduro que põe ovos. O *yeleq* pode ser a larva, quando emerge do ovo. O *hāsîl* pode ser o saltão (etapa entre as mudas de pele). O *gāzām* pode ser a ninfa voraz que arranca a casca das árvores.

Ao contrário dos babilônios, que apelavam para fórmulas mágicas de encantamento para evitar pragas de gafanhotos, os israelitas, com jejum, arrependimento e oração, suplicavam a Deus que retirasse as pragas de gafanhotos (1 Rs 8.37; 2 Cr 6.28).

Em Levítico 11.22 o *'arbeh* e outros três tipos de gafanhotos (*sol'ām*, *hargōl*, *hāgāb*) estão relacionados entre os insetos comestíveis. Baixos relevos encontrados em Nínive mostram servos que trazem até a mesa de Senaqueribe gafanhotos servidos no espeto. João Batista vivia à base de mel e gafanhoto (Mt 3.4; Mc 1.6). Muitos africanos e árabes, depois de tirar as asas, pernas e cabeças, comem os gafanhotos cozidos ou moídos como farinha.

Existem nove palavras hebraicas que designam gafanhotos: *'arbeh*, *gāzām*, *gēbâ* (somente na forma plural *gēbîm*), *gōbay*, *hāgāb*, *hasîl*, *yeleq*, *sol'ām*, *ts'lātsal*. Em acadiano havia 18 diferentes palavras para gafanhoto, e no Talmude, 20.

Bibliografia: — DRIVER, S. R. *The books of Joel and Amos*. Cambridge, University Press, 1897. p. 82-91. — WHITING, John D. Jerusalem's locust plague. *The National Geographic* 28:511-50. — KOEHLER, L. Die Bezeichnungen der Heuschrecke im Alten Testament. *Zeitschrift des Deutschen Palästina Vereins* 49:328-31. — BODENHEIMER, F. S. *Animal life in Palestine*. Jerusalem, Mayer, 1935. p. 309-24. — SELLERS, Ovid R. Stages of locust in Joel. *American Journal of Semitic Languages* 52:81-5. — THOMPSON, John A. Joel's locusts in the light of Near Eastern parallels. *JNES* 14:52-55. — ANDERSEN, F. I. The diet of John the Baptist. *Abr Nahrain* 3:60-75. — PALMONI, Y. Locust. In: *IDB*. v. 3, p. 144-8. — UVAROV, B. *Grasshoppers and locusts I*. Cambridge University Press, 1966. — CANSDALE, George. *All the animals of the Bible lands*. Zondervan, 1970. p. 238-44. — BARON, Stanley. *The desert locust*. Scribner's, 1972. — KLOTZ, J. W. Animals of the Bible. In: *WBE*. v. 1, p. 87-8. — CONLEY, Robert A. M. Locusts, teeth of the wind. *National Geographic* 136:202-27.

E.Y.

marbît. ***Multidão, grandeza, maior parte, aumento, juro.*** Essa é a forma participial da raiz *rābâ* e aparece cinco vezes no AT. A primeira ocorrência da palavra se encontra em Levítico 25.37, "juro", "usura" (ARA, "lucro"), estando relacionada com *nesek*, "usura" (ARA, "juros") e *tarbît* (v. 36; ARA, "ganho"; q.v.). Em 1 Crônicas 12.30 o vocábulo é lido como "a maior parte" dos benjaminitas (IBB). A mesma idéia de "multidão" (ARA, "grandeza") fica evidente no uso da raiz em 2 Crônicas 9.6, "metade da 'maior parte' da tua sabedoria" (lit.), ao passo que 2 Crônicas 30.18 traz "multidão" ao descrever os que participaram da páscoa sem se purificar. O único outro emprego de *marbît* no AT se acha em 1 Samuel 2.33, que traz a maldição sobre a casa de Eli. Aqui a ARA traduz por "descendentes".

tarbît. ***Aumento, usura, juros.*** Esse é um substantivo feminino que se desenvolveu a partir da raiz *rābâ*. Aparece quatro vezes em Ezequiel (três num único capítulo) e em apenas duas outras passagens. Em todos os casos aparece junto o substantivo masculino *nesek* (q.v.). A associação com *nesek*, "usura", que deriva do verbo "morder", sugere juros opressivos ou exorbitantes. A primeira ocorrência do vocábulo se dá em Levítico 25.36, passagem estudada por Speiser. Ele mostra que a prática proibida aqui é a de cobrar juros adicionais depois que o credor inadimplente foi tomado como servo. Os juros básicos eram descontados adiantadamente. Veja-se o exame detalhado do assunto no verbete *nesek*. A cobrança de *nesek* e *tarbît* é denunciada em Provérbios 28.8 e classificada junto com outros pecados abomináveis em Ezequiel 18.8, 13, 17; 22.12. Em Provérbios 28.8 a ARA traduz essas palavras por "juros" e "ganância" respectivamente.

Bibliografia: — SPEISER, E. A. Leviticus and the critics. In: *Oriental and Biblical studies*. University of Pennsylvania, 1967. p. 131-41.

W.W.

2104 רָבָה (*rābâ*) ***II, atirar*** (Gn 21.20, somente). Por certo, uma variante de *rābab* II.

רִבּוֹ (*ribbô*). Veja o nº 2 099e.

רְבִיבִים (*r'bibîm*). Veja o nº 2 099f.

רָבִיד (*rābîd*). Veja o nº 2 101a.
רְבִיעִי (*r'bî'î*). Veja o nº 2 107c.

2105 *רָבַךְ (*rābak*) ***misturar, agitar*** (somente no hofal, Lv 6.14; 7.12; 1 Cr 23.29).

2106 רבע (*rb'*). **I. Aceita como raiz de:**
2106a אַרְבַּע (*'arba'*) ***quatro.***
2106b אַרְבָּעִים (*'arbā'îm*) ***quarenta.***

2107 רָבַע (*raba'*) ***II, ser quadrado.*** Esse verbo denominativo ocorre somente como particípio passivo (e.g., Êx 27.1; Ez 45.2).
2107a רֶבַע (*reba'*) ***quarta parte*** (Êx 29.40), ***quatro lados*** (Ez 43.16).
2107b רֹבַע (*rōba'*) ***quarta parte*** (Nm 23.10; 2 Rs 6.25).
2107c רְבִיעִי (*r'bî'î*), רְבִיעִית (*r'bî'ît*) ***quarto (numeral ordinal)*** (e.g., Gn 2.14; 1 Rs 6.1).
2107d רִבֵּעַ (*ribbēa'*) ***membro da quarta (geração)*** (Êx 20.5 = Dt 5.9).

Estas são raízes muito antigas de origem semítica oriental. São cognatas do acadiano *arba'u*, que aparece freqüentemente em algumas das mais antigas inscrições cuneiformes. A forma hebraica aparece cerca de 250 vezes, principalmente no Pentateuco e em Ezequiel. Uma vez que o sistema de notação numérica dos hebreus era muito limitado, nos textos os números (pelo menos nas cópias de que dispomos, incluindo-se aí as dos MMM) eram escritos por extenso. O vocábulo *'arba'* é empregado para enumerar e medir todo tipo possível de objeto e situação. As várias versões universalmente traduzem-no por "quatro". A primeira ocorrência aparece em Gênesis 2.10; muitas vezes a palavra é traduzida pelo numeral ordinal, "quarto" (1 Rs 22.41). A forma plural significa "quarenta" (Gn 5.13) e aparece bem mais de 100 vezes. Emprega-se a forma plural *'arba'îm* em algumas passagens poéticas e metafóricas com o sentido de um período longo e indeterminado de tempo (Gn 50.3; Êx 16.35; et al.). [Também deve-se ter em mente que o número "quarenta" nem sempre é indeterminado. A peregrinação pelo deserto durou 38 anos mais o tempo em que os israelitas ficaram no Sinai (Dt 2.14). O reinado de Davi durou sete anos em Hebrom e 33 em Jerusalém (1 Rs 2.11). Calebe tinha 40 anos de idade quando esteve em Cades-Barnéia; 45 anos depois estava com 85 anos de idade (Js 14.7, 10). Os períodos de descanso e opressão variaram durante a época dos juízes. Apenas quatro dos 17 períodos mencionados tiveram 40 anos de duração. Esses números talvez nem sempre sejam exatos, mas também não se deve alterá-los sem mais nem menos sob a alegação de serem exagerados. R.L.H.]

W.W.

2108 רָבַע (*rāba'*) ***III, estar deitado, deitar-se*** (Sl 139.3; Lv 20.16). Provavelmente uma forma aramaica de *rābats* (observe-se a mudança de *ts* para ').

2109 רָבַץ (*rābats*) ***Deitar-se.***

Termos Derivados

2109a רֵבֵץ (*rēbets*) ***lugar de repouso.***
2109b מַרְבֵּץ (*marbēts*) ***lugar de repouso.***

Essa raiz verbal é cognata do acadiano *rabātsu*, uma forma nominal com o sentido de "estábulo", possivelmente "local de deitar". Em ugarítico ocorre na forma *trbts*, que obviamente deriva dessa raiz. Aparece 30 vezes no AT e tem a conotação de "repousar" ou "descansar de esforço", em vez de "dormir". A primeira ocorrência do verbo se dá em Gênesis 4.7, na interessante frase "se, todavia, procederes mal, eis que o pecado 'jaz' à porta". Esse verbo, é claro, tem sido objeto de muitos debates. Um ponto de vista interpreta "pecado" com base na imagem de um animal feroz pronto a precipitar-se sobre a presa. Mas parece que esse sentido de *rābats* se encontra apenas em Gênesis 49.9 (veja-se abaixo). Outros, tomando por base o sentido costumeiro de *rābats*, interpretam a palavra "pecado" como "oferta pelo pecado", que está largada no chão junto à porta e pode ser apanhada por qualquer um. Speiser apresenta um terceiro ponto de vista, o qual envolve um apelo desnecessário à mitologia. Ele interpreta o particípio *rōbēts* como substantivo, um "demônio" pronto a saltar (E. A. SPEISER, *Genesis*, em *AB*). *rābats* descreve a condição de repouso de muitos seres vivos, referindo-se: figuradamente às pessoas como ovelhas (Ez 34.14); à pessoa necessitada, "os necessitados deitarão seguros" (Is 14.30); a rebanhos, "nem tampouco os pastores farão ali deitar os seus rebanhos" (Is 13.20, grau hifil); a ovelhas, "olhou, e eis ... três rebanhos de ovelhas deitados junto dele" (Gn 29.2); a animais selvagens, especificamente o leão, "encurva-se e deita-se como leão" (Gn 49.9); ao leopardo e ao cabrito que estão tranqüilamente lado a lado, "o leopardo se deitará junto ao cabrito" (Is 11.6); à ave deitada sobre os filhotes (Dt 22.6). O grau hifil é usado numas poucas passagens com o sentido de "fazer repousar" ou "fazer deitar" (Jr 33.12; Ez 34.15; Sl 23.2, "ele me faz repousar em pastos verdejantes"; também Ct 1.7). A figura de linguagem do povo de Deus como ovelha e do Senhor como o bom pastor é empregada tanto no AT quanto no NT. Nos escritos proféticos do AT, no reino messiânico, descreve-se a condição final dos bem-aventurados por meio de uma imagem pastoril, a de um rebanho pastando. Em Isaías 54.11 emprega-se *rābats* num sentido incomum, "Eis que eu assentarei [*rābats*] as tuas pedras com argamassa colorida, e te fundarei sobre safiras".

rēbets. ***Lugar de repouso.*** Essa forma nominal do verbo *rābats*, que é em hebraico um empréstimo lingüístico do acadiano, é usada quatro vezes no AT. Ocorre em Isaías 35.7; 65.10; Jeremias 50.6 e Provérbios 24.15. É errônea a tradução da ARA, "nem assoles o lugar do seu repouso"; o texto deveria ser traduzido por "nem saqueies o lugar do seu repouso".

marbets. ***Lugar de repouso, abrigo.*** Esse substantivo masculino ocorre duas vezes no AT ("'curral' de ovelhas", Ez 25.5 [ARA]; "'pousada' de animais", Sf 2.15 [ARA]).

W.W.

2110 רבק (*rbq*). **Aceita como raiz de:**

2110a מִרְבָּק (*marbéq*) ***baia (de estábulo)*** (e.g., Am 6.4; Ml 3.20).

2111 רגב (*rgb*). **Aceita como raiz de:**

2111a רֶגֶב (*regeb*) ***torrão de terra*** (Jó 38.38; 21.33).

2111b אַרְגֹּב (*'argób*) ***pilha, montão*** (1 Sm 20.19, 41).

2112 רָגַז (*rāgaz*) ***tremer, estremecer, irar-se.***

Termos Derivados

2112a †רֹגֶז (*rōgez*) ***dificuldade, agitação.***

2112b †רַגְזָה (*rogzâ*) ***tremor.***

2112c †רַגָּז (*raggāz*) ***tremor.***

2112d אַרְגָּז (*'argāz*) ***caixa, cofre*** (1 Sm 6.8, 11, 15).

O sentido básico dessa raiz é o de "tremer" ou "estremecer", do qual derivam idéias tais como "tremer de raiva", "tremer de medo", "tremer de expectativa".

O verbo pode descrever a ação literal de a terra tremer (1 Sm 14.15). Num maior número de vezes o "tremor" ocorre em expressões poéticas, tais como quando se diz que os montes "tremeram" (ARA, "vacilaram") em face da tempestade que assinala a vinda do Senhor (Sl 18.7 [8]) ou que sob "três coisas estremece a terra" (Pv 30.21).

Não está claro se o que está envolvido é deslocamento físico ou então inquietação na promessa a Davi de que o povo de Deus será plantado e nunca mais terá de "andar errante" (BJ) ou nunca mais será "perturbado" (ARA; 2 Sm 7.10 = 1 Cr 17.9). A ARA, que traduz "perturbado", está mais em harmonia com os significados típicos desse termo; de outro lado, geralmente interpreta-se que "andar errante" se encaixa melhor no contexto. Caso esse seja realmente o caso, este último sentido ocorre apenas nesse texto.

A maioria dos usos de *rāgaz* expressa a agitação que brota de alguma emoção profundamente arraigada. Com base no espectro de usos do verbo, fica claro que o termo se refere à agitação em si e que a emoção implícita há de ser identificada apenas pelo contexto. Nesses usos o verbo pode fazer paralelo a outras expressões que designam movimento físico, tais como *hārad*, "sacudir", "tremer" (Is 32.11), ou *hîl*, "contorcer-se de dores de parto" (Êx 15.14). Esse verbo exprime o tremor dos moradores do mundo quando se apresentarem perante Deus no juízo (Is 64.2; Jl 2.1). As pessoas tremem em face das grandes obras de Deus, tanto as destrutivas (Dt 2.25) quanto as benéficas (Jr 33.9). Tremer pode ser uma reação a coisas tão diferentes quanto o infortúnio (Is 32.10-11; ARA, "tremer", v. 10, e "turbar-se", v. 11), uma notícia ruim (2 Sm 18.33), algum conhecimento ou revelação que causa profunda agitação (Hc 3.16) e a perspectiva do reinado divino (Sl 99.1).

De forma semelhante, *rāgaz* pode descrever a ação em que Deus treme ou arde de indignação (Is 28.21). Descreve a encolerização do tolo diante das palavras do sábio (Pv 29.9). Em uma ocasião se refere ao tremor provocado pela expectativa (Is 14.9).

Às vezes pode ser difícil discernir o sentido exato do verbo. Em Gênesis 45.24 é geralmente traduzido no sentido de algum tipo de discussão ou de bate-boca por algo

insignificante (ARA, "contender"; BLH, "brigar"), seguindo-se a idéia de irar-se, conforme assinalado acima. No entanto, essa tradução não é certa. Ezequiel 16.43 é uma passagem incomum pois o verbo é usado transitivamente, "irritar" (ARA, "provocar [alguém] à ira"), em vez do sentido intransitivo normal. *BDB* sugere que se analise a forma como um hifil. Em Salmos 4.4 [5], *rāgaz* tem sido traduzido de várias maneiras: "irar-se" (ARA), "perturbar-se" (ARC). À luz dos contextos citados acima, "tremei e não pequeis" (BJ) é igualmente possível.

[O NT, que cita a LXX em Efésios 4.26, é interpretado de diversas maneiras. Talvez a melhor sugestão seja a de Meyer, de que a força negativa se aplica ao segundo imperativo: "ao irar-vos, não pequeis", i.e., "não pequeis devido à ira". R.L.H.]

O significado do grau hifil é causativo, "fazer tremer". Objetos físicos podem ser sacudidos (Jó 9.6; Is 13.13). "Sacudir" pode expressar a idéia de "perturbar" ou "desassossegar" (ARA, "inquietar"; 1 Sm 28.15; Jr 50.34). Ou o verbo pode referir-se àqueles que fazem Deus tremer de indignação ou ira, i.e., aqueles que "provocam" a Deus (Jó 12.6).

O grau hitpael é empregado em um contexto registrado duas vezes (2 Rs 19.27-28 = Is 37.28-29) e traduzida reflexivamente por "indignar-se" (lit.; ARA, "furor"), i.e., "agitar-se por indignação".

rōgez. ***Dificuldade, agitação, ira, raiva.*** O vocábulo pode falar tanto de perturbações ou dificuldades externas quanto de agitação emocional interior, como é o caso da ira. Jó emprega essa palavra para designar perturbações externas (3.17, 26; 14.1). É preferível traduzir o vocábulo com esse sentido em Isaías 14.3 (ARA, "angústias"), conforme sugerido pelos demais elementos nesse contexto. A ira de Deus é expressa por esse termo (Hc 3.2; cf. também a "ira" do cavalo de guerra, Jó 39.24). Não é claro o sentido do vocábulo em Jó 37.2 (ARA, "trovão"; IBB, "estrondo da voz"; *BDB*, "ribombar").

rogzâ. ***Tremor.*** Essa palavra expressa o tremor acompanhado de temor (Ez 12.18).

raggāz. ***Tremor.*** Descreve o coração temente do povo de Deus no exílio (Dt 28.65).

A.B.

2113 רגל (*rāgal*) ***ir a pé, espionar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2113a †רגל (*regel*) ***pé.***

2113b †רַגְלִי (*raglî*) ***soldado de infantaria.***

2113c מרגלות (*marg'lôt*) ***lugar dos pés, pés*** (Rt 3.4, 7; Dn 19.6).

regel. ***Pé.*** Esse substantivo feminino primitivo é encontrado somente em hebraico, aramaico e alguns dialetos semíticos tardios. Aparece 245 vezes no AT. Na maioria absoluta das vezes tem o sentido de "pé" humano. Entretanto, também é utilizado num sentido antropomórfico, designando um atributo divino (Êx 24.10) e a natureza transcendente de Deus (2 Sm 22.10; Sl 18.10). É aplicado aos "seres viventes" da visão

profética de Ezequiel (1.7 e ss.), aos serafins (Is 6.2) e aos querubins (2 Cr 3.13). Embora a maioria dos usos ocorra no plural (Êx 23.14), segue a regra gramatical semítica usual e, como acontece com outras partes do corpo humano que existem aos pares, aparece no dual (Is 28.3) e, em raras ocasiões, no singular (Dt 2.5). Conquanto em geral tenha o significado de "pé", existe uma conotação limitada de "sola do pé" (Dt 2.5). A palavra é empregada em referência às patas do gado (Gn 33.14; ARA, "passo"), de animais indeterminados (Jó 39.15), de aves (Gn 8.9; Lv 11.21-23) e de criaturas imundas, tais como insetos e outros artrópodes (Lv 11.42). É usada para designar os pés do Faraó, que é personificado como um animal (Ez 32.2), e de ídolos (Sl 115.7). *regel* é empregado com muitos sentidos ampliados, tais como os de "passo" (Gn 33.14), "[número de] vezes" (Êx 23.14) e "perna [de uma mesa]" (Êx 25.26). Uma vez que andar foi o principal meio de viagem ao longo dos séculos da história de Israel, o termo assumiu muitos sentidos coloquiais. Alguns não são muito diferentes de expressões contemporâneas, ao passo que outros são difíceis de traduzir para a linguagem moderna. Um bom exemplo é o pedido de Jacó a Labão (Gn 30.30), em que o hebraico traz literalmente "a meus pés". As versões, no entanto, procuram todas elas um sentido melhor que se encaixe no contexto. A IBB traz "por onde quer que eu fui"; a BJ, "com a minha chegada". As duas estão bem próximas do sentido verdadeiro. A raiz *regel* também deixa implícita a idéia de presença (Dt 11.24), ligeireza (2 Sm 2.18), meio (Nm 20.19). É empregado junto com "polegar do pé" em contextos de guerra (Jz 1.6-7) e em rituais (Êx). Alguns dos usos mais interessantes são expressões eufemísticas que designam excreções corpóreas (Jz 3.24; 1 Sm 24.3 [4]), que indicam a aparência descuidada, como em situações de pesar (1 Sm 19.24), que demonstram respeito (2 Rs 4.37; e inúmeras outras passagens). Num uso raro (Is 7.20), a palavra aparece para designar os pêlos da região púbica (i.e., os pêlos das pernas). Em todo o AT o sentido figurado mais marcante é o que designa os pés como meio pelos quais a pessoa viaja ou mantém domínio sobre outras.

raglî. ***Homens a pé, soldados de infantaria.*** Adjetivo secundário que se desenvolveu a partir do substantivo *regel*, *raglî* aparece 12 vezes em contextos históricos do AT (Êx 12.37, "assim partiram os filhos de Israel de Ramessés para Sucote, cerca de seiscentos mil a pé, somente de homens, sem contar mulheres e crianças").

W.W.

רַגְלִי (*raglî*). Veja o nº 2 113b.

2114 רָגַם (*rāgam*) ***apedrejar.***

Termos Derivados

2114a רִגְמָה (*rigmâ*) ***montão (de pedras), multidão*** (Sl 68.28).

2114b מַרְגֵּמָה (*margēmâ*) ***atiradeira*** (Pv 26.8).

Essa raiz exclusivamente hebraica ocorre 15 vezes no AT. Significa literalmente "matar por apedrejamento". Esse método de execução era determinado para os praticantes de idolatria (Lv 20.2), feitiçaria (Lv 20.27) e para os que blasfemassem do nome sagrado

(Lv 24.11). O ato jurídico de apedrejamento era corporativo. Em alguns casos os homens de Israel receberam ordens de "apedrejar" (Dt 21.21); em outros a ordem é dada à congregação de Israel (Nm 15.35); e em ainda outros, aos filhos de Israel (2 Cr 10.18). A participação de todos os membros da sociedade é fundamental; visto que todas as pessoas, sem distinção de sexo ou idade, podiam atirar pedras, esse tornou-se o ato total da população toda em obediência à ordem divina. Em geral o código de Hamurabi não explicita o método de execução. Em geral a pessoa era executada na fogueira. Parece que o apedrejamento não era empregado na Mesopotâmia ou no Egito — as pedras eram mais abundantes na Palestina!

W.W.

2115 רָגַן (*rāgan*) ***murmurar, cochichar*** (e.g., Is 29.24; Dt 1.27).

2116 רָגַע (*rāga'*) ***I, agir rapidamente.***

Termo Derivado

2116a רֶגַע (*rega'*) ***instante.***

É bem difícil determinar a diferença entre esta raiz e *rāga'* II, "descansar". No entanto, em diversas passagens do AT parece existir o uso da raiz com sentido antitético, "agir rapidamente", "fazer algo instantaneamente".

Uma passagem chave para entender o significado do verbo é Isaías 51.4. Nessa passagem a ARA traz "estabelecerei o meu direito como luz dos povos"; a IBB, "estabelecerei a minha justiça como luz dos povos". Por outro lado a JPS traduz assim: "e [estabelecerei] repentinamente o meu direito como luz dos povos." Nenhuma dessas traduções é aceitável, pois o texto hebraico diz: "Pois a lei [*tôrâ*] procederá de mim, e a minha instrução será instantaneamente uma luz do povo." A mesma confusão ocorre entre os léxicos, que distinguem as raízes de modo contraditório. Outra passagem que traz esta segunda raiz verbal é Jó 20.5. No entanto, a frase ocorre ao final de uma longa construção paralela (vv. 4-5): "Porventura não sabes tu que desde todos os tempos, desde que o homem foi posto sobre a terra, o júbilo dos perversos é breve, e a alegria dos ímpios é momentânea [*rāga'*]?". Ocorrências semelhantes se encontram em Jeremias 49.19; 50.44 e Provérbios 12.19. O substantivo masculino *rega'* ocorre 20 vezes no AT com o sentido de instante ou período momentâneo de tempo. A palavra aparece pela primeira vez em Êxodo 33.5, "se por um momento eu subir do meio de ti". No plural significa "cada momento": "Eu, o SENHOR, a vigio e a cada momento a regarei" (Is 27.3). Em uma passagem (Jó 21.13) existe confusão sobre o sentido da raiz. "Passam eles os seus dias em prosperidade, e em paz descem à sepultura" (ARA) é tradução incorreta, pois a raiz *rega'* ainda mantém o sentido de "instante", "momento". A tradução correta é a da IBB.

W.W.

2117 רָגַע (*rāga'*) ***II, descansar, repousar.***

Termos Derivados

2117a רָגֵעַ (*rāgēa'*) ***sossegado, quieto*** (Sl 35.20).

2117b מַרְגּוֹעַ (*margôa'*) ***descanso*** (Jr 6.16).

2117c מַרְגֵּעָה (*margē'â*) ***descanso, repouso*** (Is 28.12).

A raiz *rāga'* é muito difícil de classificar em suas relações filológicas e semânticas. Embora ocorra um desenvolvimento da raiz no árabe falado pelos judeus e nos dialetos semíticos posteriores, não existem cognatos antigos. A raiz aparece 15 vezes no AT. Parece possuir dois sentidos opostos, o que ainda não foi adequadamente explicado. Essas ocorrências estão praticamente divididas por igual. O primeiro sentido é o de "descansar", "estar em repouso" (Dt 28.65; ARA, "descansar"). Esse sentido se estende a diversos graus do verbo. O segundo sentido é o de "agir por um momento" (Jr 49.19; ARA, "num momento"). As versões, tanto antigas quanto modernas, se confundem e em sua maioria seguem o contexto ao traduzir essa raiz difícil. A maioria das ocorrências da raiz se encontra em Jeremias e mesmo aí o termo é usado nos dois sentidos: "aquietar" (Jr 50.34, hifil) e "agir num momento" (Jr 50.44; ARA, "num momento"). Algumas formas secundárias derivam da raiz *rāga'*: *margôa'*, "descanso", e *margôa'*, "local de descanso" (Jr 6.16; ARA, "descanso"). Também existe um adjetivo, *rāgēa'*, que aparece somente em Salmos 35.20.

W.W.

2118 רָגַע (*rāga'*) ***III, endurecer*** (Jó 7.5).

2119 רָגַשׁ (*rāgash*) ***conspirar, tramar*** (Sl 2.1; ARA, "enfurecer").

Termos Derivados

2119a רֶגֶשׁ (*regesh*) ***juntos*** (Sl 55.14 [15]; ARA, "com a multidão"; IBB, "em companhia").

2119b רִגְשָׁה (*rigshâ*) ***maquinação*** (Sl 64.2 [3]; IBB, "ajuntamento"; ARA, "tumulto").

rāgash e seus derivados têm sido traduzidos por idéias como de "tumulto" (*KB*) ou "turba barulhenta" (*BDB*). Entretanto, paralelos contextuais ("tramar", Sl 2.1, IBB; "conspiração", Sl 64.2 [3]; "conversar tranqüilamente", Sl 55.14 [15], IBB) indicam que idéias como a de "conspirar" são provavelmente corretas.

A.B.

2120 רָדַד (*rādad*) ***revestir, subjugar.***

Termo Derivado

2120a רְדִיד (*r'dîd*) ***véu largo, manto largo*** (Is 3.23; Ct 5.7).

2121 רָדָה (*rādâ*)

Essa raiz é cognata do acadiano *rădādu*, embora o hebraico tenha desenvolvido outros sentidos. É motivo de controvérsia o número exato de vezes que ocorre essa raiz, pois existem outras palavras homófonas com as quais facilmente se podem confundir as formas morfológicas. Existem duas passagens sobre as quais não paira dúvida, ambas no grau qal. São elas Isaías 45.1 e Salmos 144.2, em que a raiz significa "submeter" (ARA, "abater", Is 45.1). A única ocorrência do grau hifil (1 Rs 6.32) significa "martelar (algo em alguma coisa)" no sentido especial de "revestir" algo com lâmina de ouro. O versículo difícil de Juízes 19.11 tem sido entendido de várias maneiras. A mais clara é "quando estavam perto de Jebus, há muito o dia havia findado [*rādad*]". Alguns estudiosos também relacionam outras passagens (Sl 55.3; Jr 2.31) como ocorrências dessa raiz, mas os dados disponíveis não são tão claros.

W.W.

2121 רָדָה (*rādâ*) ***I, governar.***

Termo Derivado

2121a מִרְדֶּה (*mirdâ*) ***domínio*** (Is 14.6).

Essa raiz verbal é encontrada em dialetos semíticos posteriores (mas não em ugarítico). Ocorre em dois sentidos. Um é cognato do acadiano *radû*, embora a raiz hebraica tenha desenvolvido o sentido específico de "pisar" e seja usada com esse significado apenas uma vez no grau qal (Jl 4.13), "vinde, pisai, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam". O segundo sentido é o de "governar" e é usado cerca de 22 vezes no AT, ocorrendo em todas as divisões do AT e em todo tipo de contexto. O primeiro uso do vocábulo ocorre em Gênesis 1.26, "tenha ele domínio sobre os peixes do mar". (A alusão a esse versículo em Sl 8.6 [7] emprega *māshal*.) Não existe uma estrutura definida para o uso do vocábulo em paralelismo poético, pois a raiz pode ser colocada tanto na primeira (Sl 68.28) quanto na segunda metade (Sl 49.15) do verso. *rādâ* não ocorre como sinônimo junto ao verbo mais freqüente *māshal* (q.v.). Em geral *rādâ* se limita ao domínio humano, não se referindo ao divino (Sl 110.2, et al.). Emprega-se a raiz para designar o domínio de Israel sobre os seus inimigos (Is 14.2) o domínio das nações gentílicas sobre povos que lhe estão sujeitos (Is 14.6). Uma passagem bastante difícil e incomum é Lamentações 1.13, que a BJ erroneamente traduz por "do alto enviou um fogo, que 'fez descer' até os meus ossos", ao passo que a ARA é mais precisa, traduzindo por "lá do alto enviou fogo a meus ossos, o qual se assenhoreou deles". Mas é preferível a interpretação "do alto enviou fogo para os meus próprios ossos, e este [o fogo] os dominou". Há um caso do grau hifil, em Isaías 41.2, que fala do reinado do rei-messias, "quem faz (...) que ele domine sobre reis" (IBB).

Um derivado possível é *mirdâ*, "domínio", que não é encontrado no AT, a menos que seja o texto correto *murdāp* (q.v.), forma que aparece no TM de Isaías 14.6.

W.W.

2122 רָדָה (*rādâ*) ***II, raspar*** (Jz 14.9; Jr 5.31).

רְדִיד (*r'did*). Veja o nº 2 120a.

2123 רָדַם (*rādam*) ***estar dormindo, estar inconsciente.***

Termo Derivado

2123a תַּרְדֵּמָה (*tardēmâ*) ***sono profundo*** (e.g., Gn 2.21; 1 Sm 26.12).

Raiz verbal relativamente rara, *rādam* ocorre sete vezes, mas esses poucos usos estão espalhados por todos os profetas e escritos do AT. Não ocorre uma única vez no Pentateuco.

A primeira ocorrência do verbo se dá em Juízes 4.21 no relato que conta como Jael matou Sísera enquanto este estava em "profundo sono". Em Salmos 76.6 [7] o juízo divino é visto como alguém que faz "paralisar" cavalo e cavaleiro (ARA; "parar", BJ), "ficar estirado sem sentidos" (IBB), "entorpecerem-se" (PIB), "lançar num profundo sono" (TB). Na ocorrência em Provérbios (10.5) o vocábulo é aplicado a um filho indolente. Os usos talvez mais interessantes dizem respeito ao estado de inconsciência da introvisão profética. Daniel 8.18; 10.9 descreve o profeta "sem sentidos" em face da teofania. Em Jonas (1.5-6) se diz que o profeta "dormia profundamente" no barco com destino a Társis. Aparentemente a raiz não possui nenhuma conotação metafórica.

tardēmâ. ***Sono profundo, sonolência, letargia.*** Esse substantivo feminino, que se desenvolveu a partir da raiz verbal *rādam*, aparece sete vezes no AT. A primeira ocorrência se acha em Gênesis 2.21, "pesado sono". É usado na descrição do estado em que Abrão se encontrava quando teve sua visão de Deus (Gn 15.12). Em 1 Samuel 26.12, um "profundo sono" cai sobre Saul e o seu exército quando estão perseguindo Davi. A mesma conotação de insensibilidade ao perigo aparece em Isaías 29.10 (ARA, "profundo sono") e Jó 4.13; 33.15. Todos esses textos apresentam o "sono" como resultado da intervenção divina. É Deus quem faz cair esse sono ou sonolência sobre o seu servo escolhido. *tardēmâ* também ocorre em Provérbios 19.15, "a preguiça faz cair em profundo sono".

Bibliografia: — THOMSON, G. S. S. Sleep, an aspect of Jewish anthropology. *VT* 5:421-33.

W.W.

2124 רָדַף (*rādap*) ***estar atrás, ir atrás de, ir ao encalço de, perseguir.***

Termo Derivado

2124a מַרְדֵּף (*murdāp*) ***perseguição.***

rādap é encontrado em hebraico bíblico e pós-bíblico, mas em nenhuma outra língua semítica da época. O verbo ocorre mais de 150 vezes no AT, sendo mais freqüente em Josué e Salmos.

Conquanto todas as versões traduzam o verbo de forma semelhante, existem divergências acerca de Gênesis 14.14, que a ARA traduz por "perseguiu", e a BJ, por "deu perseguição", que é na maioria das vezes o sentido das formas ativas. Em geral o termo se refere a um homem ou a um grupo de pessoas que persegue alguém com o objetivo de

combater ou se vingar. Em uma oportunidade o verbo descreve o ato de caçar uma perdiz (1 Sm 26.20). Num contexto mais teológico, diz-se que Deus persegue os ímpios (Jr 29.18). Em outros contextos é o fiel quem persegue os seus inimigos (Sl 18.38). Numa passagem especialmente poética e bela (Na 1.8), o Senhor livra aquele que lhe é fiel, mas provoca uma inundação e com trevas persegue os seus inimigos. Alguns usos da raiz *rādap* envolvem o ir atrás de coisas abstratas como o mal (Pv 11.19). Em algumas passagens (Jó 18.18) o verbo *hādap* tem praticamente o mesmo sentido, e existe a possibilidade de que às vezes os dois verbos tenham sido aproximados entre si. Nos graus intensivo e reflexivo, *rādap* significa "ser caçado" ou "ser perseguido" (Sl 71.11-13). Um dos aspectos mais notáveis da providência divina é o fato de ele resgatar o seu povo da perseguição. Em uma conhecida frase de Salmos 23, diz-se que as próprias bênçãos divinas "seguirão" o salmista (v. 6), tradução que não é suficientemente forte para o sentido da raiz. O sentido é mais ativo. "Somente a bondade e a misericórdia me perseguirão" é a interpretação que se deve preferir. Jó traz um uso ligeiramente diferente da raiz; em algumas passagens (30.15; 19.22) parece que o sentido é o de "caçar".

murdāp. ***Perseguição.*** Esse substantivo ocorre somente em Isaías 14.6. Provavelmente é um erro antigo em que um escriba trocou *mirdâ* (derivado da raiz verbal *rādâ* [cf. Vulgata] e que significa "domínio") por esse vocábulo.

W.W.

2125 רָהַב (*rāhab*) ***portar-se com orgulho.***

Termos Derivados

2125a רָהָב (*rāhāb*) ***orgulhoso.***

2125b רֹהַב (*rōhab*) ***arrogância, orgulho.***

2125c רַהַב† (*rahab*) ***orgulho.***

2125d מִרְהָבָה (*marhēbâ*) ***insolência inquieta*** (Is 14.4).

O verbo aparece apenas quatro vezes no AT e significa "investir contra". A idéia fundamental de *rāhab* ocorre na frase "importunar o teu amigo" (Pv 6.3), literalmente "assalta-o", ou seja, "faze todo esforço" — neste caso para livrar-se de ser fiador (*IB*, v. 4, p. 818). Denota uma atitude tumultuosa e, conseqüentemente, arrogante. Assim sendo, os filhos podem *rāhab*, "'comportar-se arrogantemente' contra os anciãos" (Is 3.5). Dois *hapax legomena* nas Escrituras são *rōhab*, que denota um orgulho sem motivo (Sl 90.10; BJ, "mesquinhez"; ARA, "enfado"), e *rāhāb*, um homem arrogante que se volta para a falsidade (Sl 40.4 [5]). Ao empregar o grau causativo do verbo, Davi declara que o Deus que responde às orações "alentou a [sua] força" (Sl 138.3) e Salomão exclama como os olhos da sulamita o "perturbam" (Ct 6.5), literalmente, fazem-no temeroso ou confuso (*KB*, p. 876).

rahab. ***Orgulho.*** Em três das seis ocorrências da palavra, *rahab* representa o crocodilo do rio Nilo e figuradamente designa os egípcios arrogantes (num uso que é paralelo a *liwyātān*, "leviatã", q.v.).

Ao descrever a irresistibilidade de Deus (Jó 9.12), Jó insiste em que "os auxiliadores de *rahab*" (v. 13; ARA, "auxiliadores do Egito") devem curvar-se diante dele. Mais tarde, porém, ele cita *rahab* junto com *nāhāsh*, "serpente" (26.12-13; ARA, "adversário" e "dragão" respectivamente; cf. *tannîn*, "monstro marinho", que aparece em paralelo com *rahab* [ARA, "Egito"] em Is 51.9). Quando, portanto, Jó se refere ao poder de Deus sobre os mares, parece que a melhor tradução da frase seguinte é a de que "ele abate o crocodilo" e não "os orgulhosos" (v. 12b). A especificação histórica do mar e da criatura aparece em Isaías: "por acaso não foste tu aquela que cortaste *rahab* em pedaços (...) não foste tu que secaste o mar, (...) que das profundezas do mar fizeste um caminho para os redimidos atravessarem?" (lit., 51.9-10; cf. Sl 89.9-10). Confirmação disso se vê na comparação irônica que o profeta faz entre os egípcios e um crocodilo letárgico, "eles são *rahab* que nada fazem" (lit, 30.7). Esse símbolo era de fato tão bem compreendido que os coraítas puderam empregá-lo, sem maiores comentários, para designar o Egito como potência que fazia companhia à Babilônia (Sl 87.4).

Assim como ocorre com a figura paralela do "leviatã", a crítica negativa procura descobrir em *rahab* uma crença na mitologia pagã em vez de reconhecer o seu uso simbólico pelos profetas e poetas inspirados do AT (*IDB*, v. 4, p. 6). O mar (Sl 89.9 [10]) é identificado com um deus-água cananeu, *yam*, vencido por Iavé por ocasião da criação. *rahab* é visto como a deusa e monstro do caos Tiamate, esmagada num combate primevo com Marduque, deus da Babilônia; os "auxiliadores de *rahab*" (Jó 9.13) são identificados com os 11 enviados demoníacos de Tiamate (*Enuma Elish*, I:105-7).

Todas essas conexões e derivações propostas deixam, contudo, de explicar a total ausência no AT da crença na existência ou na realidade dessas personagens mitológicas. Se tais personagens são de fato mencionadas, seriam análogas ao uso que Milton faz de figuras mitológicas gregas em sua obra *Paraíso perdido*. Cf. Albright, *YGC*, p. 183-93.

Bibliografia: — *HDB*. v. 4, p. 194-5. — PAYNE, J. B. *Theology of the Older Testament*. Zondervan, 1971. p. 138-9. — SMICK, E. B. Mythology and the book of Job. *JETS* 13:101-8. — ALBRIGHT, W. F. *YGC*. p. 183-93. — SCHUNCK. Jer 30:6-8 und die Bedeutung der Rahab im Alten Testament. *ZAW* 70:48-56.

J.B.P.

2126 רָהָה (*rāhâ*) ***temer*** (Is 44.8).

2127 רהט (*rht*). **I. Aceita como raiz de:**

2127a רָהַט (*rahat*) ***cocho, gamela*** (Gn 30.38, 41; Êx 2.16).

2128 רהט (*rht*). **II. Aceita como raiz de:**

2128a רָהַט (*rahat*) ***mecha de cabelo*** (Ct 7.6).

2128b רָהִיט (*rāhît*) ***caibros, pranchas*** (Ct 1.17). Sentido incerto.

רָהִיט (*rāhît*). Veja o nº 2 128b.

2129 רוּד (*rûd*) ***vaguear impacientemente, perambular*** (e.g., Os 12.1; Gn 27.40).

2130 רָוָה (*rāwâ*)

Termo Derivado

2129a מָרוֹד (*mārôd*) ***inquietação, extravio*** (e.g., Lm 3.19; Is 58.7).

2130 רָוָה (*rāwâ*) ***saciar-se, satisfazer-se.***

Termos Derivados

2130a †רִי (*rî*) ***umidade*** (Jó 37.11).
2130b †רָוֶה (*rāweh*) ***irrigado, saturado.***
2130c †רְוָיָה (*r'wāyâ*) ***saturação.***

Raiz exclusivamente hebraica, *rāwâ* ocorre 14 vezes nos livros proféticos e poéticos, mas nem uma só vez no Pentateuco ou nas porções históricas do AT. E empregada três vezes no grau qal: Jeremias 46.10, "a espada devorará, fartar-se-á [*rāwâ*]"; Salmos 36.8 [9], "fartam-se da abundância da tua casa"; Provérbios 7.18, "vem, saciemo-nos de amores até pela manhã" (IBB). O piel de *rāwâ* ocorre duas vezes em um dos aspectos do grau, as duas em Isaías 34.5, 7: "a minha espada se satisfez [ARA, 'se embriagou'] nos céus" e "a terra se embriagará [ARA, 'se fartará'] de sangue". O sentido causativo do piel se destaca em quatro outras passagens. Isaías 16.9, "fartar-te-ei com as minhas lágrimas" ("regar-te-ei", ARA) perde um pouco da força do piel. Os outros textos são Jeremias 31.14; Salmos 65.11; Provérbios 5.19. O hifil é empregado em quatro passagens: Isaías 43.24 ("nem com a gordura dos teus sacrifícios me satisfizeste"); Isaías 55.10; Jeremias 31.25; Lamentações 3.15. Numa passagem difícil (Pv 11.25) aparece o grau hofal da raiz *rāwâ*, pouco freqüente, e o particípio hifil da mesma raiz. A ARA traz: "A alma generosa prosperará, e quem dá a beber será dessedentado". Uma tradução mais precisa é: "A alma que abençoa será enriquecida, aquele que satisfaz abundantemente também será satisfeito".

rî. ***Umidade, águas.*** Esse vocábulo obscuro é encontrado apenas uma vez no AT. Existe alguma confusão quanto à sua origem, que parece ser a raiz verbal *rāwâ*. A palavra é especificamente a forma apocopada ou contrata do substantivo singular *r'wî* (Jó 37.11), "também de umidade carrega as densas nuvens". É possível que ocorra em uma outra passagem (SI 104.13, havendo, contudo, uma mudança no texto).

rāweh. ***Irrigado, saturado.*** Um adjetivo que ocorre três vezes no AT. Em todos os casos o emprego é exclusivamente figurado: "vou ter paz, mesmo que ande conforme a obstinação do meu coração, de modo que seja arrancado o terreno irrigado com o terreno seco" (Dt 29.19 [18], BJ, marg.); "serás como um jardim regado" (Is 58.11); "a sua alma será como um jardim regado" (Jr 31.12).

r'wāyâ. ***Saturação.*** Esse substantivo é formado a partir do grau hifil da raiz *rāwâ*. Empregado em contextos altamente poéticos, *r'wāyâ* ocorre em apenas duas passagens, em Salmos. Os dois trechos fazem parte de passagens poéticas bem conhecidas, muito embora a interpretação usual obscureça um pouco o sentido do hebraico. Uma tradução

literal é "ungiste a minha cabeça com ungüento, encheste o meu cálice até a saturação" (Sl 23.5) e "porém nos trouxeste até a saturação" (Sl 66.12).

W.W.

רוּחַ (*rûah*). Veja o nº 2 131a.

2131 רִיחַ* (*rîah*) ***sentir (exalar) cheiro, perfumar, aceitar.*** Literalmente, "aspirar um cheiro". Esse verbo denominativo ocorre somente no hifil.

Substantivo de Origem

2131a רוּחַ† (*rûah*) ***vento, sopro, mente.***

2131b רֵיחַ (*rêah*) ***perfume, fragrância, aroma.***

rûah. ***Vento, sopro, mente, espírito.*** Esse substantivo ocorre 387 vezes no AT, sendo geralmente de gênero feminino. Embora alguns estudiosos entendam que o vocábulo deriva de *rãwah*, "ser espaçoso", "estar refrescado" (1 Sm 16.23; Jó 32.20; hifil *hērîah*, "perceber mediante aspiração de algo no ar", "farejar", *KB*, p. 877, veja-se abaixo), é preferível entendê-lo como um substantivo primitivo, relacionado com a raiz *'ayin-waw rûh*, "respirar", "soprar" (*BDB*, p. 924); cf. *rêah*, "odor"; ugarítico *rh*.

A idéia básica de *rûah* (grego *pneuma*) é "ar em movimento", tanto o ar que não pode passar entre as escamas de um crocodilo (Jó 41.16 [8]) até a ventania de uma tempestade (Is 25.4; Hc 1.11). Os "quatro *rûhôt* [ventos]" descrevem os quatro cantos ou os quatro lados do mundo (Jr 49.36; Ez 37.9). Nos seres vivos o *rûah* é a sua respiração, quer de animais (Gn 7.15; Sl 104.25, 29), de seres humanos (Is 42.5; Ez 37.5) ou ambos (Gn 7.22-23); é o ar inalado (Jr 2.24) nos lábios (Is 11.4; cf. Jó 9.18; contrastem-se os ídolos mortos, Jr 10.14; 51.17). Deus o cria: "o *rûah* ['espírito'; ARA, 'sopro'] [da parte] de Deus está em minhas narinas" (Jó 27.3).

As conotações de sopro incluem força (1 Rs 10.5, em que se diz que a rainha de Sabá não tinha mais *rûah*, i.e., ela ficou com a respiração suspensa, surpresa), coragem (Js 2.11; 5.1, em que literalmente se diz que não "permanece mais espírito" nos inimigos de Israel; ARA, "desmaiar-se o coração de (alguém)") e valor (Lm 4.20, que declara que o rei da dinastia davídica era literalmente "o fôlego de nossas narinas", isto é, "a valiosa esperança" — uma frase tomada de empréstimo de uma expressão egípcia comum *t3wn fnd.sn*, "o fôlego das narinas deles"). De outro lado, falsos profetas tornam-se *rûah*, "vento", porque lhes falta a palavra (Jr 5.13), sendo que aí a conotação é de vacuidade, a futilidade do simples "vento" (Jó 7.7; Is 41.29). Com o sentido de um movimento forte e rápido de ar, de uma bufada pelas narinas, *rûah* descreve emoções de agressividade (Is 25.4) ou ira (Jz 8.3; Pv 29.11). Uma última conotação de "sopro" ou "respiração" é atividade e vida. O "espírito" da pessoa se consome quando ela fica doente ou fraca (Jó 17.1), mas volta como um novo fôlego e a pessoa revive (Jz 15.19; 1 Sm 30.12; cf. Gn 45.27). Nas mãos de Deus se encontra o *rûah*, "fôlego" de toda a humanidade (Jó 12.10; Is 42.5). De modo que a melhor tradução de Gênesis 6.3 é "o meu espírito ['o fôlego de vida' que vem da parte de Deus] não habitará [tradução que segue a LXX] no homem para sempre, pois ele é carne [ou seja, é 'mortal'], mas seus dias [até o dilúvio] serão cento e

vinte anos" (cf. Jó 34.14-15). No entanto, em outras passagens, a palavra *rûhî*, quando dita por Deus, significa "meu espírito", e a palavra traduzida por "habitar" é objeto de intensos debates. E. Speiser defende o sentido de "não responderá ao homem" ou "não protegerá o homem" (*JBL* 75:126-9).

O aspecto distintivo da vida humana não é, contudo, o físico, mas o espiritual, i.e., o mental e pessoal. O "fôlego" do homem lhe foi outorgado mediante um ato criador especial de Deus (Gn 2.7; contraste-se com os animais em 1.24). Mas é o seu ser interior que reflete a imagem de Deus, formada pelo conselho da Trindade (o uso da primeira pessoa do plural em 1.26), e é soberano sobre todos os demais seres viventes (2.20). O hebraico bíblico fala, portanto, de coisas que penetram em sua mente, i.e., *rûah* (Ez 11.5; 20.32). O aramaico de Daniel se refere da mesma forma ao endurecimento da mente de Nabucodonosor (Dn 5.20). Mesmo o verbo *rîah*, "sentir cheiro" (Gn 27.27), que ressalta o lado físico, pressupõe conotações figuradas. Um fio se consome quando "chamuscado" no fogo (Jz 16.9; TB, "ao 'chegar-lhe o cheiro' do fogo"). Pode também assumir as conotações de consciência mental, i.e., Deus "aceita" (1 Sm 26.19; TB, "receber o cheiro de") um sacrifício. Aliás, o objetivo dos sacrifícios do AT, ser um *rêah hannîhōah*, "suave cheiro", um aroma pacificante para Deus (Gn 8.21), aponta por símbolo e por tipo para a idéia de expiação propiciatória por meio de Cristo. Ademais, o substantivo *rûah* descreve uma disposição da mente ou atitude. O espírito de Calebe foi diferente do de seus companheiros sem fé (Nm 14.24; cf. o espírito de Senaqueribe, i.e., a sua decisão em 2 Rs 19.7). O *rûah* de alguém pode estar triste (1 Rs 21.5), surpreso (Sl 77.3 [4]) ou contrito (Is 57.15). Pode estar sereno (Pv 17.27), ciumento (Nm 5.14) e paciente ou orgulhoso (Ec 7.8). As pessoas podem se caracterizar por um espírito de sabedoria (Dt 34.9) ou de prostituição (Os 4.12).

Finalmente, *rûah* denota toda a consciência imaterial do homem: "com o meu espírito dentro de mim, eu te procuro diligentemente" (Is 26.9); uma pessoa sábia "domina o seu espírito" (Pv 16.32; cf. Dn 5.20); no "espírito [do homem a quem o SENHOR não atribui iniqüidade] não há dolo" (Sl 32.2). Conquanto o AT geralmente trate o homem como um todo (veja-se *nepesh*, "alma", palavra também traduzida por "vida"), também reconhece o dualismo essencial do ser humano (A. B. DAVIDSON, *The theology of the OT*, p. 202). Carne e espírito combinam para formar a "vida", o "eu", o "indivíduo", de modo que, embora se possa dizer que o homem possui um *rûah*, ele é um *nepesh* (às vezes, porém, afirma-se que ele tem um *nepesh*, que deixa o corpo por ocasião da morte). O *rûah* está dentro de sua *nidneh*, "bainha", corpórea (Dn 7.15, aramaico; cf. Zc 12.1). Na morte o corpo volta ao pó, mas o espírito imortal volta a Deus que o deu (Gn 3.19; Ec 12.7). Neste aspecto, *rûah* e *nepesh*, que aqui significa distintamente "alma", tendem a ter sentidos que se sobrepõem (Jó 7.11; Is 26.9; cf. Êx 6.9 com Nm 21.4; *RTWB*, p. 234). Isso difere da teologia liberal, que tende a limitar o *rûah* a um poder vital impessoal que se torna individualizado apenas no *nepesh*. Desse modo afirma que a alma não pode existir independentemente do corpo, i.e., quando o *rûah* ou "poder" se vai (Ec 12.7), a pessoa deixa de existir (L. KÖHLER, *Old Testament theology*, p. 145; veja-se posição contrária em Davidson, op. cit., p. 200-1). No entanto, tanto o *nepesh* quanto o *rûah* podem deixar o corpo por ocasião da morte e existir num estado separado do corpo (Gn 35.18; Sl 86.13; cf. 1 Rs 17.22 acerca do raro caso da volta de uma alma ao seu corpo).

Num plano mais elevado, *rûah* pode então designar um ser angélico e sobrenatural, um "espírito enviado de Deus" (1 Sm 16.23, TB). A função de tal espírito pode ser de revelação (Jó 4.16[?]; cf. Zc 1.9, 19 [1.9; 2.2], *mal'āk*, q.v.). Ou, como é apropriado, Deus

podia fazer com que seus anjos servissem como *rûhôt*, "ventos" (Sl 104.4, não "espíritos"; Hb 1.7) ou fogo (cf. 1 Rs 19.11-12). Satanás é o grande espírito acusador (1 Rs 22.21). Outros espíritos malignos podiam cair sobre os homens, conforme determinado por Deus (1 Sm 16.14; 18.10; 19.9).

O exemplo supremo de personalidade espiritual é Deus (Is 31.3). A palavra *rûah* pode exibir uma ampla gama de sentidos. O "sopro" (ARA, "hálito") de Deus pode ser um vento forte (Is 40.7; 59.19; cf. Nm 11.31). O seu "espírito" pode designar não mais do que poder ou tendência ativa (Is 40.13, "quem guiou o espírito [intenção] do SENHOR", ou "quem conheceu a mente [intenção] do Senhor", como aparece na LXX e em 1 Co 2.16). Na maioria das vezes, contudo, o contexto aprova, e a analogia do NT apóia fortemente a idéia de que o *rûah YHWH* é o Espírito Santo, "no mais pleno sentido cristão" (A. F. KIRKPATRICK, *Cambridge Bible, Psalms*, v. 2, p. 293). No início o *rûah* de Deus se mexe sobre as águas primevas (Gn 1.2), "como uma hipóstase ou pessoa" (H. SCHULTZ, *Old Testament*, v. 2, p. 184); cf. sua presença orientadora, distinta das presenças de Iavé e de Moisés, que o Senhor "pôs" sobre os anciãos no deserto (Nm 11.17, 25). Davi foi o primeiro a chamá-lo de Espírito Santo (Sl 51.11 [13]; cf. Is 63.10-11), e Isaías, quer pensando nele como aquele que o inspirava, quer como um companheiro de conversa, pressupõe que ele possui personalidade própria e distinta quando diz, citando o Messias, "o SENHOR Deus me enviou a mim e o seu Espírito" (48.16).

A obra do Espírito de Deus pode ser: cósmica, quer na criação (Jó 26.13), quer na providência constante (Jó 33.4; Sl 104.30); redentora, na regeneração (Ez 11.19; 36.26-27); na Sua presença, habitando no fiel, sustentando-o e guiando-o (Ne 9.20; Sl 143.10; Ag 2.5); ou a plenitude, para a liderança (Nm 11.25; Jz 6.34; 1 Sm 16.13), para o serviço (Nm 11.17; Mq 3.8; Zc 7.12) ou para a futura capacitação do Messias (Is 11.2; 42.1; 61.1) e de seu povo (Jl 2.28 [3.1]; Is 32.15).

[Distinções entre *rûah* e *nepesh*: *rûah* é o princípio da vida racional e imortal do homem e possui a razão, a vontade e a consciência. Outorga a imagem divina ao homem e constitui a dinâmica vivificante que resulta no *nepesh* do homem como o sujeito da vida pessoal. A personalidade distintiva do indivíduo é inerente ao seu *nepesh*, o centro de suas emoções e desejos. *rûah* é a força ou poder da vida, sendo que a base de sua vitalidade reside nele mesmo; o *nepesh* implica um sentido mais subjetivo e condicionado da vida. Parece que o NT faz uma distinção de forma e conteúdo entre *pneuma* (*rûah*) e *psychē* (*nepesh*). G.L.A.]

Bibliografia: — DAVIDSON, A. B. *The theology of the Old Testament*. T. & T. Clark, 1925. p. 182-203. — DELITZSCH, Franz. *Biblical psychology*. p. 117-8. — KOCH, R. Spirit. In: *Sacramentum Verbi*. v. 3, 1970. p. 869-77. — MCCLELLAN, William H. The meaning of *Ruah 'Elohim* in Genesis 1, 2. *Bib* 15:517-27. — MOSCATI, Sabatino. The wind in Biblical and Phoenician cosmogony. *JBL* 66:305-10. — ORLINSKY, Harry M. The plain meaning of Ru*h in Gen 1.2. *JQR* 48:174-82. — PAYNE, J. B. *Theology of the Older Testament*. Zondervan, 1971. p. 172-6, 224-5. — RICHARDSON, *TWB*, p. 144, 233-47. — WALVOORD, J. F. The work of the Holy Spirit in the O.T. *BS* 97:289-317, 410-34. — WHITLOCK, G. S. Structure of personality in Hebrew psychology. *Interp* 14:3-13. — *TDNT*. v. 6, p. 359-89. — *THAT*. p. 726-52.

J.B.P.

2132 רוּחַ (*rāwaḥ*) ***ser largo, ser espaçoso*** (e.g., 1 Sm 16.23; Jó 32.20).

2133 רוּם (*rum*)

Termos Derivados

2132a רֶוַח (*rewaḥ*) ***espaço, intervalo*** (Gn 32.17), ***desafogo, alívio*** (Et 4.14).
2132b רְוָחָה (*rᵉwāḥâ*) ***desafogo, alívio*** (Lm 3.56; Sl 66.12).

רְוָיָה (*rᵉwāyâ*). Veja o nº 2 130c.

2133 רוּם (*rum*) ***estar no alto, ser exaltado, erguer-se.***

Termos Derivados

2133a †רוֹם (*rôm*), רֹם (*rum*) ***altura, altivez.***
2133b †רֹם (*rôm*) ***no alto, para cima.***
2133c †רוֹמְמָה (*rômâ*) ***orgulhosamente.***
2133d רָמָה (*râmâ*) ***altura, lugar elevado.***
2133e רְמוּת (*rāmût*) ***altura, postura altiva.***
2133f †רוֹמָם (*rômām*) ***louvor.***
2133g רוֹמְמוּת (*rômēmût*) ***ascendente, inspirador.***
2133h †מָרוֹם (*mārôm*) ***altura.***
2133i †תְּרוּמָה (*tᵉrûmâ*) ***contribuição, levantamento (de ofertas).***
2133j †תְּרוּמִיָּה (*tᵉrûmîyâ*) ***porção.***

Três grandes grupos de idéias estão presentes em usos não cúlticos de *rum* e seus derivados: 1) altura literal; 2) altura como símbolo de noções positivas, tais como glória e exaltação; e 3) altura como símbolo de noções negativas, tais como arrogância e orgulho. O qal pode ter um sentido estativo, "estar no alto", ou então pode designar movimento, "erguer-se". Todos os três grandes grupos de significados são encontrados. A raiz se refere à altura literal ao falar da altura de pessoas (Dt 1.28), das estrelas (Jó 22.12) e da ação literal de erguer os anjos, na visão de Ezequiel (Ez 10.16) e erguer a arca (Gn 7.17). A voz pode ser "alta" (Dt 27.14). "Levantar-se" é uma expressão idiomática para "surgir", "aparecer" (Êx 16.20, lit. "vermes se levantaram").

O AT emprega diversas expressões idiomáticas com sentido positivo. A mais freqüente é dizer que Deus está elevado para indicar sua posição em relação aos demais ("exaltado seja o meu Deus", 2 Sm 22.47; Sl 18.46 [47]; cf. Sl 113.4; Is 6.1). A superioridade da sabedoria sobre um tolo é assim descrita (Pv 24.7). O livramento é identificado com a altura a que chega a cabeça da pessoa favorecida (Sl 27.6, lit. "minha cabeça está mais alta do que os meus inimigos"; observe-se que esse versículo é usualmente traduzido na voz passiva, "será exaltada"). Altura relativa expressa nível político relativo (Nm 24.7). A "mão erguida" (lit., Nm 33.3; ARA, "corajosamente") pode simbolizar vitória. A mão erguida de Deus revela prontidão em julgar (Is 26.11). Numa oportunidade o chifre erguido descreve o regozijo (1 Sm 2.1; ARA, "força").

As expressões idiomáticas de sentido negativo são: o coração exaltado representa atrevimento (Dt 8.14) ou orgulho (Ez 31.10); olhos exaltados (Sl 131.1) e o braço erguido

(Jó 38.15) também são sinal de atrevimento; "exaltados" ou "altivos" (2 Sm 22.28) é uma expressão poética que designa os ímpios, da mesma forma como "aflitos" ou "humildes" descreve os justos.

As formas no polel e no hifil expressam os equivalentes causativos das idéias acima. Deus pode elevar os homens em sua posição (i.e., "exaltá-los", 1 Sm 2.7; 1 Rs 16.2). Da mesma forma os homens podem exaltar a Deus, mediante o louvor (Sl 30.1; [2] 99.5). Outras expressões idiomáticas incluem erguer a mão em juramento (Gn 14.22), erguer o rosto em oração (Ed 9.6) ou erguer um prédio (Ed 9.9). Pode-se erguer a voz para clamar por ajuda (Gn 39.15), e pode-se erguer, isto é, aumentar, o som de instrumentos musicais (2 Cr 5.13). O hifil também serve como termo técnico para apresentar uma oferta, em particular a "oferta alçada".

As formas nos graus polal e hofal expressam o sentido passivo das idéias acima. O hitpolel ocorre uma única vez, aparentemente com significado reflexivo, "exaltar-se" (Dn 11.36; ARA, "levantar-se").

rum, rum. ***Altura.*** Em uma ocorrência descreve a altura literal dos céus numa símile poética (Pv 25.3). Outros usos são figurados: "altura dos olhos" (lit., Pv 21.4; ARA, "olhar altivo"; Is 10.12, ARA, "altivez dos olhos"), "altura de homens" (Is 2.11, 17; IBB, "altivez dos varões") e "altura do coração" (Jr 48.29; ARA, "altivez do seu coração"). Todos se referem a orgulho ou arrogância.

rôm. ***No alto, para cima.*** Veja-se Habacuque 3.10; mas cf. *KB*.

rômâ. ***Orgulhosamente, altivamente.*** Deduz-se esse sentido uma vez que o contexto (Mq 2.3) requer uma conotação desfavorável. Forma feminina ou locativa do vocábulo acima.

rômām. ***Louvor.*** Um exemplo claro do vocábulo é traduzido por "altos louvores" (Sl 149.6). Um outro exemplo é provavelmente uma forma verbal passiva (i.e., do polal de *rum*) e é traduzido por "ele foi exaltado" (Sl 66.17, IBB; cf. *BDB*).

mārôm. ***Altura, lugar elevado, no alto.*** Substantivo freqüentemente empregado como advérbio, com o sentido de "no alto" ou "acima". Inclui a mesma gama geral de sentidos do verbo. As referências ao nível e à posição de Deus constituem o maior número de usos (e.g., 2 Sm 22.17; Sl 92.8 [9]). Também é possível atestar os sentidos de altura literal (Pv 9.3) e atrevimento (2 Rs 19.22; ARA, "alçar"). Temas ainda não ilustrados com o verbo são: erguer o chifre para o alto (ARA, "levantar altivamente a força") como sinal de rebelião (Sl 75.5 [6]) e estar "em lugar alto" como símbolo de segurança (almejada; Hc 2.9).

tᵉrûmâ. ***Contribuição, oferta, oferta alçada.*** Os empregos dessa palavra encontram um paralelo aproximado naqueles em que *tᵉnûpâ* (veja-se *nûp*) é usado como termo do culto público para designar as várias ofertas e como termo para indicar aquelas partes das ofertas que eram destinadas especialmente ao sacerdote oficiante. No uso geral tem as seguintes denotações: materiais ofertados para a construção do tabernáculo (Ex 25.2-3), contribuições do rei persa e de outros para a reconstrução do templo (Ed 8.25), a oferta de expiação no valor de meio siclo (Êx 30.13), o dízimo dos dízimos destinado aos

sacerdotes (Nm 18.25-32) e os recintos sagrados da visão do templo de Ezequiel (Ez 45.1, TB, "oblação"; PIB, "porção sagrada"). Coisas dedicadas a ídolos (Is 40.20, "oferecer", ARA, ARC) e a oferta de despojos de guerra (Nm 31.29) também podem ser assim designadas. O emprego desse termo para indicar a oferta de um bolo feito com as primícias do fruto da terra (Nm 15.20) faz lembrar o uso de *t'nûpâ*, "oferta movida", usada em referência ao feixe das primícias.

Como termo que designa as porções de sacrifício destinadas ao sacerdote oficiante, existem repetidas referências à coxa da "oferta alçada" (Lv 10.14-15, ARA, "oferta"; Nm 6.20). No ritual da oferta pacífica, a porção da oferta de cereais (que devia acompanhar a oferta pacífica) destinada ao sacerdote oficiante é indicada por esse termo (Lv 7.14; observe-se em contraste que *t'nûpâ*, "oferta movida" jamais designa uma porção do sacerdote que não seja de carne). O vocábulo ocorre, ao que parece incidentalmente, numa passagem que proíbe parentes de comer a porção do sacerdote (Lv 22.12).

Provavelmente o termo "oferta alçada" originariamente se referia à manipulação física da oferta na hora em que era entregue, mas não existem exemplos bíblicos que se refiram claramente a tal manipulação. O termo foi-se desgastando até que passou a significar simplesmente "dádiva" ou "oferta" (cf. ARA), sem indicar implicações à forma de como a oferta era manipulada.

Ocorre uma vez num contexto não religioso, referindo-se àqueles que subornam com presentes ou então àqueles que de modo egoísta extorquem presentes (Pv 29.4; "homem de presentes"; ARA, "amigo de impostos").

t'rûmîyâ. ***Porção.*** Diminutivo de *t'rûmâ* (acima). Descreve a área destinada a Zadoque no templo restaurado de Ezequiel (Ez 48.12).

Bibliografia: — *THAT*. v. 2, p. 753-60.

A.B.

רוֹמֵם (*rômām*). Veja o nº 2 133f.

רוֹמְמוּת (*rômēmût*). Veja o nº 2 133g.

2134 *רוּן (*rûn*) ***dominar*** (Sl 78.65). Empregado somente no hitpolel. Essa forma é interpretada pela ARA ("grita excitado") como se fosse derivada de *rānan*, "gritar" (q.v.).

2135 *רוּעַ (*rûa'*) ***gritar, romper em gritaria, clamar.***

Termos Derivados

2135a †רֵעַ (*rea'*) ***grito.***

2135b †תְּרוּעָה (*t'rû'â*) ***alarme, .al, som de trombeta.***

Um verbo incomum. Embora ocorra 42 vezes por todo o AT, os usos mais freqüentes aparecem em Salmos. A raiz está desenvolvida apenas em hebraico, com um termo semelhante aparecendo muito tempo depois no árabe falado por judeus durante a idade média.

A raiz e seus poucos derivados ocorrem somente no grau hifil, embora o uso dessa forma normalmente causativa não influencie os sentidos. [Em Sl 65.13 há uma ocorrência do verbo no hitpolel. N. do T.] Em várias passagens do AT a raiz dá origem ao desenvolvimento de diferentes conotações e sentidos. O sentido básico é o de "fazer barulho" mediante grito ou com algum instrumento, especialmente uma trombeta (Nm 10.7) ou o tradicional chifre de carneiro, o chofar (Js 6.5). Com esse sentido emprega-se o vocábulo nas descrições dos rituais do tabernáculo israelita (1 Sm 4.5) para descrever a exaltação do povo de Israel quando a arca da aliança foi trazida para o acampamento. Posteriormente na história de Israel, a mesma raiz é empregada para designar a exaltação do povo quando Davi traz a arca até Jerusalém. A descrição poética disso nos Salmos (45.7) e a posterior glorificação do rei na sua entronização por aclamação (1 Sm 10.24) têm sido escolhidas por alguns estudiosos como provas da existência de um ritual de entronização semelhante àquele que se encontra em outras sociedades daquela época. Não há, contudo, nenhum indício que apóie tal interpretação da raiz *rua'*. Na realidade, o uso em passagens que estimulam toda a terra a louvar a Deus (Is 44.23) e a dar o grito de vitória sobre um inimigo (Jr 50.15; Sf 3.14) tem uma relação mais íntima. O cântico poético de louvor em Jó 38.7 emprega essa raiz para descrever o grito de júbilo dado pelos "filhos de Deus", uma expressão controversa que designa os fiéis seguidores da aliança. A raiz *rûa'* também é usada para indicar gritos de queixa e aflição (Is 15.4). Entretanto, dentre todos os empregos o mais comum é em avisos de guerra (Nm 10.7) e gritos de guerra (Js 6.10). Como extensão deste último uso, também é empregado em gritos de alarme (1 Sm 17.20) e de incentivo, como em Salmos 95 e 98, em que o verbo aparece duas vezes em cada um dos contextos mencionados. Esse vocábulo incomum aparece ainda em textos bastante espalhados (Êx 32.17; Jó 36.33; Mq 4.9, "agora, por que tamanho grito?").

t'rû'â. ***Alarme, sinal, som de trombeta.*** Esse é um substantivo feminino formado a partir da raiz *rua'*. É uma forma exclusivamente hebraica e ocorre 36 vezes no AT, a maioria delas no singular. Existem quatro sentidos distintos em que é usado. Emprega-se o vocábulo para designar "o sinal" (Lv 25.9; ARA, "trombeta 'vibrante'") dado pela trombeta (i.e., o toque do chofar) no dia da expiação. Também é empregado para indicar "alarme", como no caso de ataque, "ouves, ó minha alma, o som da trombeta, o 'alarido' de guerra" (Jr 4.19; Js 6.5 [ARA, "grita"]). Além disso, usa-se o substantivo para designar a trombeta em meio ao tumulto do combate, "Moabe morrerá entre grande estrondo, 'alarido' e som de trombeta" (Am 2.2). Finalmente, emprega-se o substantivo para indicar a exultação do louvor a Deus: "Louvai-o com címbalos sonoros; louvai-o com címbalos 'retumbantes'" (Sl 150.5; lit., "címbalos de 'estrondo'").

W.W.

2136 רוּף (*rwp*). **Aceita como raiz de:**

2136a תְּרוּפָה (*t'rûpâ*) ***cura*** **(Ez 47.12).**

2137 רוּץ (*rûts*) ***correr.***

Termos Derivados

2137a מְרוֹץ (*mērôts*) ***corrida*** (Ec 9.11).

2137b מְרוּצָה (*m'rûtsâ*) ***corrida*** (2 Sm 18.27), ***decurso da vida*** (Jr 8.6).

A raiz *rûts* é bastante comum na língua hebraica e significa "correr", "apressar-se mediante corrida". Ocorre mais de 75 vezes no AT e freqüentemente no hebraico pós-bíblico. Embora a raiz seja filologicamente cognata do acadiano *râtsu*, os dois vocábulos sofreram desenvolvimentos semânticos distintos, pois o termo acadiano possui o sentido de "ajudar", uma idéia só remotamente identificada com a raiz hebraica. O maior número de ocorrências de *rûts* se acha em Gênesis e 1 e 2 Samuel. A raiz tende a ser usada com menor freqüência nos escritos proféticos e nos livros históricos mais recentes. Ao longo do Pentateuco utiliza-se a palavra para descrever pessoas correndo, em geral homens (Gn 18.27; 24.17) e às vezes mulheres (Gn 24.20). O cognato acadiano raramente se aplica a animais ou a objetos inanimados, e o mesmo se pode dizer da raiz hebraica. Conquanto se mencionem cavalos já no começo da história de Israel, até Joel 2.4 não se emprega *rûts* para descrever a ação de cavalos correrem. Vários e diferentes tipos e modos de correr são descritos por essa raiz. Corre-se para saudar um estranho e para preparar algo como gesto de boas-vindas (Gn 18.2, 7), por empolgação (Gn 24.28), por medo (Jz 7.21), para trazer notícias (2 Sm 18.22) e num movimento de natureza ritual e oficial (1 Rs 1.5). Na maioria dos casos, usa-se alguma preposição para indicar o local de onde ou para onde se corre. A direção exata da ação é indicada com as seguintes preposições: *'al*, "contra" (Jó 16.14); *min*, "de" (1 Sm 4.12); *lipnê*, "diante de" (1 Sm 8.11); *'ahărê*, "atrás de" (1 Rs 19.20); *l*ᵉ, "para" (Ag 1.9); *'el*, "para" (Gn 24.20; Nm 17.12); *liqra't*, "na direção de" (Gn 18.2); e *'ad*, "até" (2 Rs 4.22). A palavra também possui diversos sentidos especiais. Um é o grau hifil de *rûts*, que tem a conotação de "fazer correr", isto é, "trazer às pressas" (Gn 41.14; ARA, "fazer sair à pressa"). Outro uso especial aparece apenas uma vez no AT. O grau pilpel de *rûts* em Naum 2.5 descreve os carros de um exército que "como relâmpagos 'correm para cá e para lá'" (BJ).

W.W.

2138 רוּשׁ (*rûsh*), רִישׁ (*rîsh*) ***ser pobre.***

Termos Derivados

2138a רֵישׁ (*rêsh*), רֵאשׁ (*rē'sh*) ***pobreza.***

2138b רִישׁ (*rîsh*) ***pobreza*** (ocorre somente em Provérbios).

Essa raiz deixa implícita a idéia de privação absoluta de bens. Ocorre 32 vezes. Ortograficamente apresenta a inserção freqüente do *'aleph* como letra vocálica (GKC, §23*g*). Pode haver alguma ligação com o ugarítico *rsh*, 1 Reis 10.22 (cf. *AisWUS*, nº 2545, "destruir", *zerstören*).

A raiz se refere à condição experimentada pelas classes mais pobres. Davi emprega o vocábulo para indicar que é indigno para casar-se com Mical (1 Sm 18.23), e Natã usa o termo em sua clássica parábola (2 Sm 12.1 e ss.).

2139 רָזָה (*rāzâ*) ***ser magro, emagrecer*** (Sf 2.11; Is 17.4).

Termos Derivados

2139a רָזֶה (*rāzeh*) ***magro*** (Ez 24.20; Nm 13.20).
2139b רִזְי (*rāzî*) ***magreza, definhamento*** (Is 24.16).
2139c רָזוֹן (*rāzôn*) ***magreza*** (Is 10.16), ***definhamento*** (Sl 106.15), ***escassez*** (Mq 6.10).

רָזוֹן (*rāzôn*). Veja os nºs 2 139c, 2142a.

2140 רזח (*rzh*). **Aceita como raiz de:**
2140a מַרְזֵחַ (*marzēaḥ*) ***grito*** (Jr 15.12; Am 6.7).

רָזִי (*razî*). Veja o nº 2 139b.

2141 רזם (*rāzam*) ***piscar*** (de olhos, Jó 15.12).

2142 זן (*rāzan*) ***ser pesado, ser judicioso, ser imponente*** (e.g., Jz 5.3; Hc 1.10).

Termo Derivado

2142a רָזוֹן (*razôn*) ***dignitário, príncipe*** (Pv 14.28).

2143 רחב (*rāḥab*) ***ser largo.***

Termos Derivados

2143a רֹחַב (*raḥab*) ***largura, amplitude*** (Jó 36.16; 38.18).
2143b †רחב (*rōḥab*) ***largura, expansão, extensão.***
2143c †רָחָב (*raḥāb*) ***largo, amplo.***
2143d †רְחוֹב (*r'ḥôb*) ***lugar aberto.***
2143e מֶרְחָב (*merḥāb*) ***lugar amplo e espaçoso*** (Os 4.16; Sl 31.9).

Importante raiz semítica ocidental, *rāḥab* ocorre numa glosa bastante clara na correspondência de Amarna (carta 162.41), mostrando que era empregada na conversa comum na Palestina por volta de 1370 a.C. É encontrada em ugarítico (*rhb*) e em dialetos semíticos posteriores e é cognata do acadiano *rêbu*. *rāḥab* aparece mais de 20 vezes no AT. Diversas formas derivadas de *rāḥab* também aparecem no AT, e nas versões tem havido confusão quanto à exata diferença entre elas.

A raiz é empregada em duas denotações basicamente diferentes. O termo é usado na descrição da largura ou amplidão da terra ou da largura de um objeto. Freqüentemente

a raiz aparece em descrições que falam que a terra de Canaã é espaçosa (Gn 26.22). É a raiz do topônimo Reobote, na mesma passagem. Tanto durante quanto depois da conquista de Canaã a palavra é repetida em reafirmações acerca da amplidão da herança prometida a Israel (Êx 34.24; Dt 12.20; Is 54.2). O termo também descreve aspectos arquitetônicos do templo celestial na visão profética de Ezequiel (41.7). No entanto, ocorre com maior freqüência em expressões psicologicamente reveladoras que envolvem partes do corpo ou atributos físicos. Essas locuções são totalmente coloquiais e desafiam qualquer tentativa de tradução literal. A raiz *rāḥab* aparece em expressões coloquiais junto com os seguintes substantivos: "boca" (1 Sm 2.1; Sl 35.21; 81.11; Is 57.4); "coração" (Sl 119.32; Is 60.5); "tribulações do coração" (Sl 25.17); "passos" (Sl 18.36 [37]); "leito" (Is 57.8); "alma" (Hc 2.5; IBB, "desejo"; ARA, "gananciosa boca"). É de especial interesse o emprego extremamente obscuro de *rāḥab* em Salmos 4.1 [2], traduzido por: "me tens aliviado" (ARA); "me deste largueza" (IBB); "me aliviaste" (BJ); "tens-me dado folga" (TB); "me reconfortaste" (MM). Visto que é uma expressão coloquial quase impossível de traduzir, todas essas tentativas de tradução estão até certo ponto corretas. Do ponto de vista da pessoa sábia aos olhos deste mundo, Provérbios utiliza o verbo apenas uma vez (18.16) para designar o aumento dos bens. O termo não possui um equivalente único em português e pode ser mais bem traduzido, em todos os seus usos coloquiais, por "aumentar o impacto da boca, coração, etc.". Embora essa seja uma tradução desajeitada, traz à tona algo do linguajar semítico original em todas as passagens em que ocorre.

rōḥab. ***Largura, expansão, extensão.*** Substantivo masculino formado a partir da raiz *rāḥab*, *rōḥab* é usado quase 100 vezes no AT, 37 em Ezequiel (40—43; 45—46; 48). Aparece pela primeira vez em Gênesis 6.15, "largura". Em Ezequiel 41.9; 42.10 a palavra é traduzida por "grossura" (IBB). Em 1 Reis 4.29 [5.9] a ARC traz "largueza de coração", ao passo que a ARA incorretamente traduz por "larga inteligência" (no que é acompanhada por IBB, TB).

rāḥāb. ***Largo, amplo, espaçoso.*** Esse adjetivo aparece 21 vezes no AT e modifica muitos objetos diferentes. Sobre a terra prometida, a Palestina, diz-se que é "ampla" (Êx 3.8). Em contraste com o conhecimento de Deus, o mar não é tão "largo" (Jó 11.9). Numa outra figura de linguagem, diz-se que é "grande" a brecha feita por um exército invasor (Jó 30.14). O vocábulo também descreve a amplitude dos mandamentos divinos (Sl 119.96) e a altura da arrogância humana (Sl 101.5).

rᵉḥōb. ***Lugar aberto.*** Um substantivo derivado de *rāḥab* e cognato do ugarítico *rhb*, do acadiano *rêbîtu*. Também é usado numa forma ligeiramente diferente, *rᵉḥōb*, ou seja, sem o *waw*. No total ocorre 42 vezes em todas as seções do AT. Aparece pela primeira vez em Gênesis 19.2, na visita dos anjos a Ló em Sodoma. Nessa passagem a ARC traduz por "rua", mas "praça" (ARA) é melhor, pois o termo sempre designa uma praça, um mercado ou um pasto dentro de uma cidade ou aldeia (Ne 8.1). Essas "praças" eram áreas públicas e infelizmente eram usadas como santuários idolatras na época da apostasia de Israel (Ez 16.24, 31), mas não se devem confundir essas áreas com o espaço aberto junto às portas da cidade, onde se tratava dos assuntos públicos e funcionavam os tribunais.

W.W.

2144 רחה (*rhh*). **Aceita como raiz de:**

2144a רחה (*rēheh*) ***moinho manual.*** Ocorre só no dual, *rēhayim*.

רחוב (*r'hôb*). Veja o nº 2 143d.

רחום (*raḥûm*). Veja o nº 2 146c.

2145 רחל (*rhl*). **Aceita como raiz de:**

2145a רחל (*rāḥēl*) ***ovelha fêmea adulta.***

Esse substantivo feminino bastante antigo é cognato do acadiano *lahru*, mas sofreu metátese, ou transposição, um fenômeno não raro em palavras em que aparecem contiguamente os fonemas *re* e *le*. Ocorre quatro vezes no AT (Gn 31.38; 32.15; Ct 6.6). A ocorrência mais importante está em Isaías 53.7 na grande profecia da expiação, "e, como ovelha [*rāḥēl*], muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca". Essa é a raiz do nome feminino Raquel (*rāḥēl*).

W.W.

2146 רחם (*rāḥam*) ***I, amar profundamente, ter misericórdia, ser compassivo.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2146a †רחם (*rehem*), רחם (*raḥam*) ***ventre.***

2146b †רחמים (*raḥămîm*) ***terna misericórdia.***

2146c †רחום (*raḥum*) ***compassivo.***

2146d †רחמניות (*raḥămāni*) ***compassiva*** (Lm 4.10).

Essa raiz se refere ao profundo amor (geralmente de uma pessoa por alguém que está numa posição inferior) que tem raízes em algum vínculo natural. No grau piel o verbo designa o profundo sentimento íntimo que se conhece pelos variados nomes de compaixão, piedade, misericórdia. Provavelmente o verbo *rāḥam* tem parentesco com o acadiano *rêmu* (cf. o ugarítico *rhm*, G. SCHMUTTERMAYR, RHM — Eine lexikalische Studie, *Bib* 51:499 e ss.). No que diz respeito à ênfase, deve-se distingui-lo de *ḥûs* e *ḥāmal*. As vezes *ḥānan* é traduzido por "ser misericordioso", com destaque para a benevolência oferecida. O verbo e seus derivados ocorrem 133 vezes.

rāḥam é usado poucas vezes com referência a homens (12 dentre 47 vezes). É empregado apenas uma vez no qal, quando o salmista confessa o seu amor a Iavé (18.1 [2]). A profundidade desse amor se revela na relação dessa palavra com *rehem/raḥam*. Compare-se com Isaías 49.15, em que se utiliza o vocábulo na descrição do amor de uma mãe para com o filho que ela amamenta. Também pode designar o amor de um pai (Sl 103.13). Parece que esse verbo tem a conotação do sentimento de misericórdia que as pessoas têm umas pelas outras porque são seres humanos (Jr 50.42) e é mais facilmente despertado por criancinhas (Is 13.18) e outras pessoas frágeis e indefesas. É essa misericórdia natural que, na sua crueldade, os inimigos de Israel e da Babilônia não terão

(Is 13.18; Jr 6.23), embora Deus possa dar tal sentimento (de compaixão) aos inimigos de Israel (1 Rs 8.50; Jr 42.12). De fato, os profetas (Is 13.18) empregam, em conjunto, *hûs* (o sentimento que flui de um para outro); *hāmal* (a força produzida pelo sentimento, a qual leva a pessoa a agir em favor de outros, i.e., para poupá-los de alguma dificuldade); e *rāḥam* (o profundo sentimento interior baseado em algum vínculo natural), ao descrever o que a Babilônia (Jr 21.7) e Deus (Jr 13.14) não terão para com Israel.

Muitas vezes essa raiz é aplicada a Deus. Incorpora dois conceitos: primeiro, o forte vínculo que Deus tem com os que chamou para serem seus filhos (SI 103.13). Deus cuida dos seus tal qual um pai cuida de seus filhos; ele tem piedade deles (cf. Mq 7.17). O segundo conceito é o da escolha livre, não condicionada, feita por Deus (*hēn*, "graça"). Deus diz a Moisés que é gracioso e misericordioso com os que ele escolher (Êx 33.19).

Existem diversas idéias ligadas ao amor profundo e terno de Deus: primeiro, a eleição incondicional feita por Deus (Êx 33.19); em seguida, sua misericórdia e perdão para com os seus apesar do juízo merecido e com base no arrependimento deles (Dt 13.17 [18]); e também a misericórdia e graça ininterruptas de Deus em preservar do juízo o seu povo impenitente (2 Rs 13.23). Desse modo esse atributo se torna, em parte, a base de uma esperança escatológica (cf. Is 14.1; 49.13; 54.7; Jr 12.15; 33.26; Ez 34.25; Mq 7.19; Zc 1.16). Vale ressaltar que Deuteronômio (30.3) profetiza o exílio por causa do pecado de Israel, estipulando que o arrependimento trará a terna compaixão divina. De modo que se fala então da supressão da misericórdia divina, o que resulta num severo julgamento às mãos dos babilônios (Is 9.17 [16]; 27.11; Os 2.4 [6]). Durante o exílio, os líderes de Israel encorajaram o povo com o amor e a terna misericórdia divina que o escolheram (Lm 3.32) e o levaram a, humildemente, se arrepender, clamando a Deus que tornasse a ter aquela sua compaixão paterna (Zc 1.12). O restabelecimento do relacionamento pai-filho e a volta do exílio são testemunhas desse cuidado amoroso que acompanhou o povo (Os 2.23 [25]). As Escrituras deixam claro que o exílio foi provocado por Deus e encerrado por Deus (Ez 39.25) de acordo com a sua providência soberana (Is 30.18; cf. E. J. YOUNG, *The book of Isaiah*, v. 2, p. 353 e s.). Por fim, a mensagem dos profetas acerca da volta do exílio abre a vista para um estado permanente em que o relacionamento pai-filho jamais se romperá (Os 2.23 [25]; Is 54.8, 10).

rehem, raham. ***Ventre, moça.*** Esse último sentido ocorre em Juízes 5.30 e é confirmado no ugarítico (49:II:27), em que *btlt 'nt* (Jovem [*i.e.*, Moça] Anate) é chamada de *rhm 'nt* (Jovem Anate) (*UT* 19: nº 2321).

Deve-se fazer distinção entre *rehem/raham* e *beten*, "ventre", "barriga". (Cf. Jz 5.30, num exemplo de sinédoque em que a parte, "ventre", designa o todo, "mulher".) Por conseguinte, *beten* e *rehem/raham* são empregados como paralelos apenas ao falar de concepção e nascimento.

Passagens como Jeremias 20.17, em que o profeta lamuria o seu nascimento, deixam claro que *rehem/raham* designa o ventre. Jeremias desejava ter sido morto no ventre, e, desse modo, o ventre de sua mãe sempre teria estado grande. Jó (10.18) diz que, se não tivesse sido trazido para fora do ventre, olho algum o teria visto. Ainda mais clara é a analogia que Deus usa para descrever a ação soberana com a qual ele guardou as águas do dilúvio, depois de este "irromper do 'ventre' [ARA, 'madre']" (Jó 38.8).

Fica claro que o nascimento e a concepção são controlados por Deus, que abre (Gn 29.31) ou fecha (Gn 20.18) o ventre conforme lhe apraz (cf. Nm 8.16, que fala do primogênito como aquele que abre o "ventre" [ARA, "madre"]). Conseqüentemente o

nascimento não é um simples produto das leis da natureza, mas uma bênção da parte de Deus (Gn 49.25). O pecador rebelde, porém, não tem filhos ("o ventre [IBB, 'madre'; ARA, 'mãe'] se esquecerá dele, Jó 24.20) ou há de ser amaldiçoado com um ventre abortivo (Os 9.14). Israel precisa confessar que ter e manter filhos é coisa de Deus. Os israelitas o faziam ao separar para Deus todos os primogênitos (dentre seres humanos e animais). Deus é um Deus de aliança, que exige uma "cobertura" ou "expiação" (veja-se *kippēr*), um sacrifício cruento. Por causa do sangue, Deus passou ao longe dos primogênitos dos "crentes" no Egito. Por conseguinte, todo primogênito daqueles que estão sob a aliança pertence a Deus e deve ser sacrificado a ele. Entretanto, ele requer que os filhos (e os animais imundos) sejam resgatados (Nm 18.15). Ele reivindica os levitas no lugar deles (Nm 3.12). Os idolatras de Israel reconheceram a reivindicação que Deus fazia dos primogênitos, mas erroneamente os sacrificaram a ele (Ez 20.26).

Todas as pessoas (justas e ímpias) devem a Deus o fato de terem nascido e devem servi-lo (Jó 31.15). Os israelitas, povo de Deus, eram receptores do cuidado especial divino (eleição) desde a concepção até a morte. Deus os sustentou durante toda a vida (Is 46.3). Deus incentiva-os, lembrando-os disso durante a aflição do exílio. Deus aplica esse princípio a um indivíduo ao dizer a Jeremias (1.5) que, antes de o profeta ser formado no ventre, ele o havia designado e nomeado para profetizar às nações. Davi, um tipo do Messias, encontra consolo nessa idéia quando espontaneamente reconhece que desde o nascimento depende de Deus ("sobre ti fui lançado desde o ventre", lit.; Sl 22.10 [11]). O mesmo é válido acerca do Servo, o Rei messiânico, cujos passos refletiram, um por um, a sua dependência do Pai (cf. Is 49.1). Desde o nascimento os eleitos são sustentados por Deus. É responsabilidade deles reconhecer esse chamado e submeter-se a isso (Jr 1.5). Deus age na vida das pessoas de modo a levá-las a fazer tal confissão e a se submeter a esse chamado (Is 46.3, cf. *'ānâ* III, "aflição"). Por outro lado, desde o nascimento os ímpios se distanciam de Deus e se perdem (Sl 48.3 [4]).

rahămîm. ***Terna misericórdia, compaixão.*** Essa palavra mostra a ligação entre *rāham*, "ter compaixão" (piel), e *rehem/raham*, "ventre", pois *rahămîm* pode designar o centro das emoções (Gn 43.30) ou a expressão de uma profunda emoção (1 Rs 3.26; cf. J. PEDERSEN, *Israel*, 1936, p. 309, 525).

Em várias situações *rahămîm* faz lembrar que a terna misericórdia divina tem raízes no amor e na graça voluntária que Deus tem pelos homens. Por conseguinte, o castigo enviado por Deus é mais desejável do que a ira do homem (2 Sm 24.14). A misericórdia divina aparece freqüentemente combinada com o *hesed*, "amor", "bondade", e *hēn*, "graça", "favor imerecido" de Deus. A indignação e a ira de Deus são o inverso de sua misericórdia amorosa (Dt 13.18; Zc 1.12; Sl 77.9). Em épocas de cativeiro (especialmente durante o exílio, Dn 9.18), Israel é instado a se arrepender com base na compaixão divina, que é como a de um pai (2 Cr 30.9), e Deus reage positivamente a isso (Is 54.7). Por vezes o salmista implora a Deus que alivie a sua aflição por meio de expressões de ternas misericórdias (Sl 51.1 [3]) ou confessa que o alívio imerecido se deve às ternas misericórdias e à graça divina (Sl 103.4). O *escaton* há de testemunhar o amor e cuidado incondicionais e resolutos da parte de Deus (Os 2.19 [21]), quando Israel se arrepender (Dt 30.3; Is 55.7; Zc 12.10).

raḥûm. ***Compassivo, misericordioso.*** Esse adjetivo é empregado apenas para qualificar a Deus (com a possível exceção de Sl 112.4), destacando um de seus atributos, i.e., qualificando a ação divina de *rāḥam*.

raḥămānî. ***Compassiva.*** Esse adjetivo descreve a profundeza a que pode chegar o amor de uma mãe. Mulheres que no passado amaram tanto os seus filhos durante o cerco imposto pelos babilônios, cozeram-nos para comê-los (Lm 4.10).

Bibliografia: — DAHOOD, M. Denominative rihham, to conceive, enwomb. *Bib* 44:204-5. — *THAT*. v. 2, p. 761-7.

L.J.C.

2147 רחם (*rhm*). **II. Aceita como raiz de:**

2147a רַחָם (*rāḥām*) ***abutre*** (Lv 11.18).

2147b רָחָמָה (*rāḥāmâ*) ***abutre*** (Dt 14.17).

רַחֲמִים (*raḥămîm*). Veja o nº 2 146b.

רַחֲמָנִי (*raḥămānî*). Veja o nº 2 146d.

2148 רָחַף (*rāḥap*) ***I, amaciar, relaxar*** (Jr 23.9).

2149 *רִחֵף (*rāḥap*) ***II, pairar.*** Esse verbo ocorre somente no piel (Gn 1.2; Dt 32.11).

2150 רָחַץ (*rāḥats*) ***lavar.***

Termos Derivados

2150a רַחַץ (*raḥats*) ***lavagem*** (Sl 60.10; 108.10).

2150b רַחְצָה (*raḥtsâ*) ***lavagem*** (Ct 4.2; 6.6).

Essa raiz designa lavagens rituais e é filológica mas não semanticamente cognata do acadiano *raḥatsu*, "transbordar", "inundar". É cognata do egípcio e do ugarítico *rḥts*, com o mesmo significado. E empregada mais de 75 vezes no AT. Aparece pela primeira vez em Gênesis 18.4, com mais de 48 ocorrências no Pentateuco, sendo 26 em Levítico. Dentre as partes do corpo que eram objeto de lavagem ritual citam-se: o rosto (Gn 43.31), as mãos (Êx 30.19, 21), o corpo (Lv 17.16), os pés (Gn 18.4 e ss.). Nos rituais levíticos lavava-se a carne de animais sacrificiais (Lv 1.9; et al.). Normalmente essa lavagem requeria o uso de grande quantidade de água e talvez sugira que o grande mar de bronze que Salomão mandou construir era usado como reservatório de água para esse e para outros rituais. Usos diversos e interessantes do termo aparecem em Cantares de Salomão, apresentando detalhes sobre a prática cosmética israelita. A raiz *rāḥats* descreve a lavagem ritual dos pés (5.3) e a lavagem dos olhos com leite (5.12). Um uso semelhante da lavagem com objetivo de atração romântica aparece em Rute 3.3. Mas o emprego bem mais solene da raiz está reservado para a noção de purificação do pecado (Is 1.16; 4.4). Esse sentido está

presente em todo o livro de Ezequiel (16.4, 9; 23.40) e no NT, no batismo de João e de Jesus. O NT traz diversas referências à prática do AT (Jo 2.6; Mt 15.2; Hb 9.10; etc.).

[E indubitável que essa lavagem freqüente com água acentuava a limpeza em geral dos israelitas. Também simbolizava, conforme dito acima, a purificação do pecado. Existe também uma cadeia de versículos que sugere que a água do batismo simboliza especificamente o Espírito Santo como o agente da purificação: Marcos 1.8 (predição do batismo no Espírito); Atos 1.5 (referência por Cristo ao batismo de João); Atos 10.47 (a execução do ritual exterior como um sinal do interior); Atos 11.16 (referência às palavras de Cristo em At 1.5) R.L.H.].

Bibliografia: — *TDNT*. v. 4, p. 300-2.

W.W.

2151 רָחַק (*rāḥaq*) ***estar longe, ficar longe, estar distante, ficar distante; ser afastado.***

Termos Derivados

2151a רָחֵק (*rāḥēq*) ***que remove, que afasta*** (Sl 73.27).

2151b רְחֹקָה (*rāḥôq*), רָחוֹק (*rāḥôq*) ***longinquo, distante.***

2151c מֶרְחָק (*merḥāq*) ***distância.***

rāḥaq é uma raiz verbal semítica comum cognata do acadiano *rêqu* e do ugarítico *rhq*. E encontrada em todas as traduções semíticas posteriores do AT, tais como no siríaco *rehaq* e no etíope *reheqa*. Os significados variam em função do grau em que a raiz aparece. No entanto, a variação acompanha o uso típico da gramática hebraica. Um particípio importante também é formado a partir da raiz *râḥaq* e aparece por todo o AT.

O verbo aparece mais de 50 vezes e ocorre em todas as seções da Bíblia hebraica e em todo tipo de contexto. O significado básico do grau qal fala de uma pessoa ou objeto que "está distante" de outra pessoa ou objeto. Em muitas passagens também aparece a noção de "estar longe demais", como se a pessoa ou o objeto fossem inalcançáveis (Dt 12.21) ou demasiadamente distantes para se observar (Gn 21.16). A raiz adquire uma conotação ética e religiosa em passagens tais como Êxodo 23.7, em que os israelitas recebem ordens para se "afastarem" de povos ímpios e de práticas religiosas estranhas. A mesma raiz é usada na descrição do exílio que resultou da desobediência de Israel (Jr 27.10; Mq 7.11). Desse modo o verbo descreve a retirada de Israel da terra.

Em algumas passagens a raiz descreve o afastamento ou a separação de dois objetos que anteriormente estavam juntos. Uma das ocorrências mais conhecidas se acha no difícil versículo 6 de Eclesiastes 12. A versão siríaca e a Vulgata trazem "romper", "quebrar", no que são seguidas pela maioria das versões modernas. Embora muitos estudiosos tenham emendado o verbo, isso é desnecessário, visto que ele significa simplesmente "ser retirado". Nos profetas a palavra se desenvolve até uma significação teológica completa. Jeremias utiliza-a apenas uma vez (2.5) e com ela descreve a condição daqueles que rejeitaram a lei de Deus: "[eles] se afastaram de mim". Isaías dá à raiz *râḥaq* o seu significado mais profundo nas cinco vezes que utiliza a palavra. No primeiro uso (46.13), a justiça de Deus não "está longe"; no segundo (49.19), os inimigos que

atormentaram Judá na sua aflição "estarão longe" de modo a nunca mais o perturbarem; no terceiro emprego (54.14), a própria opressão será removida para "longe"; nas duas últimas ocorrências (59.9, 11), o juízo divino está novamente em vista, e a raiz se refere à separação que o pecado provoca entre Deus e o seu povo. Nesses cinco empregos em Isaías, o verbo passa a ter o seu significado definitivo para a teologia do AT.

rāḥôq, rāḥōq. ***Longínquo, distante.*** Esse é o adjetivo hebraico comum para "longe" e o substantivo masculino para "distância"; CF. *BDB*, p. 935. Aparece mais de 50 vezes no AT. Conquanto o sentido básico quase não varie, assim mesmo o termo possui uma variedade de aplicações. E usado na descrição de um país distante, "chegamos duma terra distante" (Js 9.6, 9), e cidades distantes, "todas as cidades da terra de Moabe, quer as de longe, quer as de perto" (Jr 48.24). Também se aplica a pessoas afastadas de Deus, "que injustiça acharam vossos pais em mim [i.e., em Deus], para de mim se afastarem?" (Jr 2.5). Numa passagem particularmente marcante esta raiz e seu antônimo aparecem em flagrante contraste, "acaso sou Deus apenas de perto, diz o SENHOR, e não também de longe?" (Jr 23.23). Usa-se *rāḥōq* também como substantivo, tanto no sentido de "distância geográfica", como em Êxodo 2.4, "a irmã do menino colocara-se a alguma distância" (MM), quanto no de "distância no tempo", como em Isaías 22.11, "nem considerastes o que o formou desde a antigüidade" (IBB).

merḥāq. ***Distância.*** Esse particípio é formado a partir da raiz *rāḥaq*. Não ocorre no Pentateuco e é encontrado principalmente em Isaías e Jeremias. Ocorre 15 vezes. Em algumas passagens, em que adquire função adjetiva, significa "mais longínquo", "mais remoto". 2 Samuel 15.17 é assim traduzido: "pararam num lugar distante" (ARC); "pararam na última casa" (ARA); "fizeram alto em Beth-Merhak" (TB). A tradução preferível é "permaneceram no local mais longínquo". O mesmo sentido fica evidente na visão profética de Isaías 33.17, "os teus olhos verão o rei na sua formosura, verão a terra que se estende até longe".

Bibliografia: — *THAT*. v. 2, p. 768-70.

W.W.

2152 רָחַשׁ (*rāḥash*) ***ficar em movimento, ser comovido*** (Sl 45.1 [2]).

Termo Derivado

2152a מַרְחֶשֶׁת (*marḥeshet*) ***panela para refogado*** (Lv 2.7; 7.9).

2153 רָחַת (*raḥat*) ***pá de joeirar*** (Is 30.24).

2154 רָטֵב (*rāṭēb*) ***estar úmido*** (Jó 24.8).

Termo Derivado

2154a רָטֹב (*rāṭōb*) ***úmido, viçoso, fresco*** (Jó 8.16).

2155 רָטָה (*rāṭâ*) ***contorcer*** (Jó 16.11).

2156 רטט (*rtt*). **Aceita como raiz de:**

2156a רֶטֶת (*retet*) ***tremor, pânico*** (Jr 24.49).

2157 רָטַפַשׁ (*rutăpash*) ***revigorar-se*** (Jó 33.25).

2158 רָטַשׁ (*rātash*) ***despedaçar.***

Esse vocábulo incomum aparece somente nos graus piel e pual. Há duas ocorrências do verbo no piel: 2 Reis 8.12, "despedaçarás os seus pequeninos" (IBB), e Isaías 13.18, "os seus arcos despedaçarão aos mancebos" (IBB). Em ambos os casos é preferível a tradução "despedaçar" à encontrada na ARA, "esmagar" e "matar" respectivamente. Existem quatro usos do grau pual: Isaías 13.16, "suas crianças serão despedaçadas" (IBB); Oséias 10.14, "as mães ali foram despedaçadas com seus filhos"; Oséias 13.16 [14.1], "seus filhos serão despedaçados"; e Naum 3.10, "seus filhos foram despedaçados". As atrocidades horríveis descritas por essa raiz eram comuns na prática de guerra da Antigüidade. Foi um castigo predito por Deus para as nações pagãs e para aqueles que rejeitavam a lei moral e abraçavam práticas pagãs. A maioria dos textos não detalha tais práticas, mas em Isaías 13.18 se diz que o instrumento era o arco. Aparentemente o vocábulo pode significar simplesmente "matar", "abater" (Is 13.18; cf. ARA).

W.W.

רִי (*rî*). Veja o nº 2 130a.

2159 רִיב (*rîb*) ***demandar, contender.***

Termos Derivados

2159a †רִיב (*rîb*) ***contenda, controvérsia.***

2159b יָרִיב (*yārîb*) ***oponente, adversário*** (Is 49.25; Sl 35.1; Jr 18.19).

2159c מְרִיבָה (*m'rîbâ*) ***contenda, litígio*** (Gn 13.8; Nm 27.14).

No AT, essa palavra é uma das poucas de uso freqüente com *yodh* na consoante média da raiz. As outras são *dîn*, *shît*, *gîl* e *'ît* (*GKC*, p. 73a). Todas as ocorrências de *rîb*, à exceção de dois particípios no hifil empregados como substantivos (1 Sm 2.10; Os 4.4), estão no grau qal. Muitas delas têm sido, entretanto, identificadas como formas reduzidas do hifil (*GKC*, ibid.). Por esse motivo, pode-se esperar que alguma idéia do grau causativo (em contraste com a de mera receptividade) esteja presente quando essa palavra aparece.

1. "Lutar" no sentido de combate físico parece ser a idéia básica. Pode ser o combate individual entre dois homens (Êx 21.18) ou a luta entre grupos (Dt 33.7; Jz 11.25, embora a figura de linguagem se refira a uma luta individual). Por isso não é de surpreender que a LXX, em dez das cerca de 70 ocorrências de *rîb*, traduza por *machomai* (HATCH &

REDPATH, *Concordance to the* LXX), principiando por Gênesis 26.20, tendo a palavra o sentido de "lutar", com a idéia de combate físico entre duas pessoas, entre homens e animais e entre exércitos (Liddell e Scott).

2. Por meio de uma simples transição, emprega-se o verbo para designar a luta verbal, i.e., "discutir", "censurar um ao outro", como o fizeram Jacó com Labão (Gn 31.36) ou o povo com Moisés (Êx 17.2, com *bʿ*; também com *ʾîm*, Gn 26.20; Ne 13.25). *ʾēt*, aparentemente com o sentido de "com" em vez de sinal de objeto direto, também é usado, às vezes, depois desse verbo, como em Neemias 5.7; 13.11, 17, e mesmo com *ʿal* (Gn 26.21, 22). Neste último caso, a preposição talvez não esteja designando a outra parte litigante, mas o motivo da contenda: "contenderam [*rābû*]" "por isso [*ʿālêhā*]" (ARA, "por causa desse [poço]"). Em uma ocasião a palavra tem o significado de "discutir" e não aparece nenhum objeto (Os 4.4) — num imperativo negativo e em paralelo com *yākah*, "brigar", "altercar".

Alguns desses usos são traduzidos por *machomai* na LXX, o que também tem o sentido de "discutir"; outras vezes a palavra é traduzida por *loidoreō*, "maldizer", "discutir", "reclamar com raiva". Esse é um procedimento seriamente condenado no NT (1 Co 15.11; 6.10; 1 Tm 5.14; Mt 5.11, etc.; *TWNT*, v. 4, p. 293).

3. Por meio de outra transição também bastante fácil, o verbo assume um sentido jurídico-legal, tendo, estranhamente, Deus como sujeito. Visto que Deus, como criador, domina todas as coisas, mesmo suas as censuras têm um ar judicial, e *BDB* provavelmente não está errado em colocar nesta categoria muitas referências em que "censurar" ou "reprovar" parecem ser a melhor tradução. Outros verbos que normalmente dizem respeito a funções de magistrados civis são às vezes empregados em paralelo com essas ocorrências de *rîb*: e.g., *dîn*, "governar", "julgar" (Is 3.13); *qātsap*, "estar irado". Às vezes, acompanhado de um acusativo de pessoa, essa palavra apresenta o Senhor atuando como advogado (em paralelo com *shāpat*, "julgar"), uma vez para julgar, uma para vindicar e pelo menos uma para ser um *dîn*, "magistrado" (1 Sm 24.15 [16]; ARA, "juiz"; o sentido de "agir amistosamente como magistrado" é claro nesta passagem). De outro lado, o termo também apresenta a divindade como uma autoridade civil hostil (com acusativo de pessoa; Is 27.8, num contexto de grande severidade). Deus, atuando em função civil amistosa, é chamado de *gōʾēl*, "redentor" de Judá e Israel, e o sentido é reforçado pelo infinitivo absoluto de *rîb* (Jr 50.34). Semelhantemente, *rîbâ rîbî*, "defende a minha causa", é paralelo de *gᵉʾālēnî* (Sl 119.154), o que deve ser traduzido por "vindica-me" (ARA, "liberta-me"; cf. Jó 19.25). Também se diz que Deus pleiteia (*rîb*) a sua própria causa (Sl 74.22) e que defende os justos contra os (*miyyad*, lit., "das mãos dos") ímpios (1 Sm 25.39).

Em um caso bastante claro emprega-se *rîb* em referência a litígios que seres humanos levam aos tribunais (Pv 25.8; cf. o contexto em 25.9). No entanto, caso hoje em dia ainda subsistissem cópias de processos judiciais do antigo Israel ou de pronunciamentos acerca deles, certamente esse vocábulo seria encontrado em tais documentos. É difícil de explicar que, quando o AT faz referência a funções civis, o uso dessa palavra se restrinja quase inteiramente à ação divina.

Vale a pena assinalar que aproximadamente um terço das ocorrências do verbo *rîb* é traduzido na LXX por *krinō*, uma palavra de forte conotação jurídico-legal.

Em anos recentes tem havido muitos debates sobre *rîb* com referência ao processo divino contra Israel, por ter este quebrado a aliança. (Cf. H. B. HUFFMON, The covenant lawsuit and the prophets, *JBL* 78:286-95. D. J. McCarthy apresenta uma posição mais

equilibrada em *Old Testament covenant, a survey of current opinion*, John Knox, 1972, p. 38-40.) Certamente é um fato que a figura da "controvérsia" de Deus com Israel é apresentada em termos judiciais. Mas está aberto ao debate se o vocabulário da "ação judicial" é um aspecto intrínseco da fala profética, que se baseia no apelo a uma forma de aliança, ou se é uma figura de linguagem mais ampla, que se baseia na relação eterna de amor que Deus tem com o seu povo (observe-se o uso em Os 2.2 [4]; veja-se com mais detalhes o verbete *mishpāt*).

4. Uma única referência parece exigir o sentido de "ficar à espreita" ou "pôr emboscada" (1 Sm 15.5). Por algum motivo *BDB* não chega a reparar nessa ocorrência, talvez atribuindo ao verbo o sentido de "lutar", "combater". Mas a LXX o traduz por *enedrenō*, "ficar à espreita", "tramar contra". Isso provavelmente influenciou a ARC e a ARA, "pôr emboscada". A BJ traz "organizar-se em emboscada". O contexto quase certamente está a favor dessas traduções normais em oposição a Gesenius e todos os seus revisores posteriores. Este é um tipo especial de *hapax legomenon*.

5. Em três oportunidades *rîb* tem a conotação de "queixar-se" (*BDB*). Nesses casos, indica-se a alteração do sentido de "discutir" mediante o uso da preposição *'el*, de modo a indicar aquele a quem (Jz 21.22, "queixar-se a nós") ou contra quem (Jr 2.29; 12.1; Jó 3 3.13) se fazem as queixas. Uma verificação na LXX revela as frases *krinesthai pros hēmas* (Jz 21.22), *laleite pros me* (Jr 2.29) e *apolougēsomai pros se* (Jr 12.1), dando a entender que esse sentido de "queixar-se" era entendido como um dos sentidos corretos de *rîb*, ainda que raro, nos tempos antigos.

rîb. ***Contenda, controvérsia, disputa.*** Esse substantivo, seja ele derivado seja primitivo (caso o verbo seja denominativo), parece estar além dos atuais conhecimentos. Possui um espectro de sentidos semelhante ao do verbo.

Em paralelos poéticos, aparece junto com palavras que designam justificação, pedido de defesa, punição, castigo. Nesse aspecto Salmos 43.1 é marcante e merece um exame aprofundado pelo expositor. É interessante que em Provérbios 17.1 *rîb*, "contenda" (lit.; ARA, "contendas"), aparece em contraste com *shalwâ*, "tranqüilidade".

rîb faz parte do grande número de palavras hebraicas que se deve examinar caso se queira elaborar uma teologia bíblica de governo.

Bibliografia: — HUFFMON, H. B. The covenant lawsuit in the prophets. *JBL* 78:285-95. — LIMBURG, J. The root *RÎB* and the prophetic lawsuit speeches. *JBL* 88:291-304. — WESTERMANN, Claus. *Basic forms of prophetic speech*. Westminster, 1967. Especialmente p. 199-201.

R.D.C.

2160 ריף (*ryp*). **Aceita como raiz de:**

2160a ריפה (*rîpâ*) ***um cereal ou uma fruta*** (2 Sm 17.19; Pv 27.22).

2161 *ריק (*rîq*) ***esvaziar, despejar*** (hifil, somente).

Termos Derivados

2161a ריק (*rēq*) ***vazio, vão.***

2161b רִיק (*rîq*) ***vacuidade, inutilidade, futilidade.***

2161c רִיקָם (*rêqām*) ***em vão, de mãos vazias.***

rîq é empregado umas poucas vezes no sentido literal em referência à ação de esvaziar utensílios, sacos, etc. Na maioria das vezes é usado com o sentido estendido de desembainhar uma espada (esvaziar a bainha?). Em Salmos 35.3 refere-se a empunhar a lança; em Gênesis 14.14, a sair com tropas.

rêq. ***Vazio, vão.*** Adjetivo formado a partir da raiz verbal, aparece 14 vezes no AT. E usado pela primeira vez em Gênesis 37.24, "cisterna vazia, sem água". Também emprega-se o adjetivo para designar desejos não satisfeitos, "mas, despertando, tem vazia a sua alma" (TB, Is 29.8). Em algumas passagens *rêq* significa "vão", "sem valor": "quem persegue o vazio [*rêq*] sacia-se de pobreza" (Pv 28.19; 12.11).

rîq. ***Vacuidade, inutilidade, vaidade.*** Esse substantivo se formou a partir de uma raiz cognata do acadiano *rêqu*. O substantivo *rîq* aparece 12 vezes no AT. A primeira ocorrência se encontra em Levítico 26.16, "semeareis 'debalde' a vossa semente". No entanto, tem com maior freqüência o sentido de "vazio" (Is 30.7; ARA, "inútil"). É empregado repetidas vezes em referência à vaidade dos planos e esforços do homem em face da vontade de Deus (Sl 2.1). Em Eclesiastes o vocábulo empregado para designar "vaidade", "falta de sentido", é *hebel* e não *rîq*.

rêqām. ***Em vão, de mãos vazias.*** Esse advérbio aparece 16 vezes no AT. O primeiro emprego está em Gênesis 31.42, "por certo me despedirias agora de mãos vazias". Usa-se o advérbio também no sentido de "sem sucesso", "nem voltou sem sucesso a espada de Saul" (2 Sm 1.22; ARA, "espada 'vazia'"). Dois sentidos específicos também se desenvolvem: "sem família" (Rt 1.21, "cheia parti, porém vazia o Senhor me fez tornar", IBB) e "sem razão" (Sl 7.4 [5], "se paguei o mal a quem estava em paz comigo, eu que poupei o que sem razão me oprimia"). O sentido de "em vão" (Jr 50.9) é raro, sendo a idéia transmitida com maior freqüência por ***hinnām*** (q.v.); o significado de "sem motivo" é encontrado apenas duas vezes (Sl 7.4 [5]; 25.3).

W.W.

רִיקָם (*rêqām*). Veja o nº 2 161c.

2162 רִיר (*rîr*) ***escorrer lentamente*** (Lv 15.3).

Termo Derivado

2162a רִיר (*rîr*) ***substância viscosa, saliva*** (1 Sm 21.14).

רִישׁ (*rîsh*), רֵישׁ (*rêsh*). Veja os nºs 2 138a, b.

רַךְ (*rak*), רָךְ (*rōk*). Veja os nºs 2 164a, b.

2163 רָכַב (*rākab*) *montar, cavalgar.*

Termos Derivados

2163a †רֶכֶב (*rekeb*) ***carro, carros (subst. coL).***
2163b †רִכְבָּה (*rikbâ*) ***ato de montar, ato de conduzir (carro).***
2163c †רַכָּב (*rakkāb*) ***condutor de carro.***
2163d †רְכוּב (*r'kûb*) ***carro.***
2163e †מֶרְכָּב (*merkāb*) ***carro.***
2163f †מַרְכָּבָה (*merkābâ*) ***carro.***

rkb é uma raiz verbal de amplo uso, sendo cognata tanto do ugarítico *rkb* quanto do acadiano *rakābu*, de onde pode ter vindo o termo hebraico. *rākab* aparece 75 vezes no AT, nos graus qal e hifil.

O verbo aparece pela primeira vez em Gênesis 24.61, "montando nos camelos, seguiram o homem". O verbo, entretanto, é também usado para indicar o andar em jumentos (1 Sm 25.42), mulas (2 Sm 13.29) e de carro (1 Rs 18.45). O termo não é empregado com referência a cavalos senão nos livros proféticos posteriores (Zc 1.8) porque aparentemente esses animais não foram usados como montaria em Israel a não ser bem mais tarde. Quase não há diferença de sentido em comparação com o grau hifil (Gn 41.43; Dt 32.13; et al.). Tem havido interesse no uso possível de *rākab* em um paralelismo com o sentido de "cavalgar uma nuvem" ou "montar nas nuvens": "eis que o SENHOR, cavalgando numa nuvem ligeira" (Is 19.1). Cf. Salmos 104.3 e certas passagens da mitologia poética ugarítica, nas quais Baal é chamado de *rkb 'rpt*, "aquele que cavalga as nuvens" (*UT* 19: nº 1924). Uma comparação cuidadosa dos dois usos há de revelar que, embora se empreguem figuras de linguagem semelhantes, não se pode demonstrar nenhuma dependência entre os dois usos.

rekeb. ***Carro.*** Substantivo masculino, é o termo usual para um veículo puxado a cavalo usado em combate e em viagens reais. Aparece mais de 120 vezes no AT. Dados arqueológicos sugerem a Mesopotâmia como o lugar que deu origem ao carro, e é bastante possível que o vocábulo *rekeb* também tenha tido origem na Mesopotâmia. A raiz verbal de *rekeb* é *rākab*, que é cognata do acadiano *rakābu*. A forma participial do verbo acadiano, *narkabtu*, é o termo mais comum para designar carro. A forma hebraica dessa palavra é *merkābâ*. De modo que os dois vocábulos hebraicos derivam da mesma raiz. Os carros mencionados no Pentateuco, nas narrativas sobre José (Gn 41.13; 46.29; 50.9), são todos de origem egípcia. Parece que os hicsos introduziram a guerra com carros na Síria e no Egito por volta de 1600 a.C. A grande destruição de carros egípcios no mar Vermelho (Êx 14.9, 17-18, 23, 26; 15.19) é considerada um sinal da salvação operada por Deus. Quando Josué liderou os israelitas por toda a Canaã, eles enfrentaram em Hazor uma poderosa força de carros (Js 11.4). Os israelitas se mantiveram em sua maioria na região montanhosa e afastados da grande estrada real ao longo do litoral devido, em grande parte, à sua falta de carros. Naftali e Zebulom derrotaram Sísera e seus 900 carros perto do monte Tabor (Jz 4.3). Não há dúvida de que foi Davi quem introduziu forças de carros no exército de Israel (2 Sm 8.4; 1 Cr 18.14). O *rekeb* é utilizado como símbolo da

majestade e juízo divinos (SI 68.17 [18]). Um dos usos do termo se dá em descrições dos carros de fogo que levaram Elias (2 Rs 2.11) e protegeram Eliseu (2 Rs 6.17). Em seu vigor profético Eliseu é comparado a "carros de Israel e seus cavaleiros" (2 Rs 13.14). O vocábulo *rekeb* também é usado para designar a "mó superior" provavelmente porque devia ser puxada por cavalos (Dt 24.6; Jz 9.53; 2 Sm 11.21) ou possivelmente porque ela era o "condutor", "cavaleiro", isto é a que vinha por cima (sendo esse o caso, a palavra na realidade deveria ser *rōkēb*).

[Freqüentemente acontece em hebraico um substantivo coletivo possuir uma forma feminina correspondente que designa os itens individuais — o *nomen unitatis*. Em consonância com isso, na maioria das vezes *rekeb* é coletivo, "carros", ao passo que geralmente o substantivo feminino *merkābâ* designa o carro individual. R.L.H.]

rikbâ. ***Ato de montar, ato de conduzir (carro).*** Substantivo bastante raro e poético, *rikbâ* aparece somente em Ezequiel 27.20: "Dadã comerciava contigo em artigos de montaria" (BJ).

rakkāb. ***Condutor de carro.*** Esse substantivo masculino é um termo técnico semanticamente equivalente ao cognato acadiano *rākibu*. Aparece apenas duas vezes: em 1 Reis 22.34, "e este disse ao condutor do seu carro" (BJ), e na passagem paralela de 2 Crônicas 18.33. Alguns estudiosos entendem que esse substantivo também aparece em 2 Reis 9.17, "convoca um condutor de carro para ir e encontrar-se com eles". No entanto, a maioria das versões não aceita essa interpretação, preferindo traduzir "cavaleiro" (mas cf. MM).

rᵉkûb. ***Carro.*** Um substantivo raro, encontrado apenas em Salmos 104.3, "tomas as nuvens por teu carro". Essa expressão também ocorre em poesia religiosa ugarítica, embora não haja nenhuma relação necessária entre o uso pelos hebreus e pelos cananeus; a raridade dessa forma da palavra usual para carro indica que ela é uma expressão que se limita às necessidades da poesia.

merkābâ. ***Carro.*** Essa palavra é um empréstimo lingüístico do ugarítico, que por sua vez é uma forma egipcizada do particípio acadiano regular *narkabtu*, literalmente, "veículo" ou "carro". Conquanto todas as referências no Pentateuco sejam a nações estrangeiras e seus carros (Gn 41.43; Êx 14.25; et al.), as referências históricas em livros posteriores são a carros adquiridos por dinheiro ou por troca para serem usados em Israel. Eram objeto de especial interesse por parte dos reis (1 Rs 12.18; 20.33; 22.35; et al.). Foram usados como símbolos de prestígio régio (1 Sm 8.11) e em rituais de adoração de divindades pagãs (2 Rs 23.11). A raiz também foi utilizada como topônimo (Js 19.5, parte da terra que caiu por sorte a Simeão; 1 Cr 4.31), "Bete-Marcabote", ou "Casa dos Carros".

Bibliografia: — RAINEY, A. F. The military personnel of Ugarit. *JNES* 24:17-27. — *THAT*. v. 2, p. 777-80.

W.W.

רְכוּב (*rᵉkûb*). Veja o nº 2 163d.
רְכוּשׁ (*rᵉkûsh*). Veja o nº 2 167b.
רְכִיל (*rākîl*). Veja o nº 2 165b.

2164 רָכַךְ (*rākak*) ***ser macio, ser suave.***

Termos Derivados

2164a †רַךְ (*rak*) ***macio, suave, delicado.***
2164b רֹךְ (*rōk*) ***maciez, delicadeza*** (Dt 28.56).
2164c מֹרָךְ (*mōrek*) ***fraqueza*** (Lv 26.36).

Vocábulo também encontrado em ugarítico (*rk*), *rākak* aparece seis vezes no grau qal. A primeira ocorrência se acha em Deuteronômio 20.3, "o vosso coração não amacie" (lit.; ARA, "não desfaleça o vosso coração"). A confusão entre as diversas traduções tem resultado no uso de vários termos diferentes para traduzir essa raiz: "brando" (Sl 55.21 [22]), "indefeso" (2 Cr 13.7), "desanimar" (Is 7.4), "amolecer" (Is 1.6, no grau pual); todas essas diferentes opções ficam um pouco aquém do significado exato do texto. O grau hifil aparece uma vez, "Deus é quem me fez desmaiar o coração" (Jó 23.16). É um termo incomum, mas não estranho à experiência de todos os seres humanos. A noção psicológica de "decisão vacilante", que é o sentido básico e subjacente, é facilmente compreendida em todos os contextos em que a raiz aparece.

rak. ***Macio, suave, fraco.*** Esse adjetivo aparece 16 vezes ao longo do AT. Ocorre pela primeira vez em Gênesis 18.7, "Abraão, por sua vez, correu ao gado, tomou um novilho, tenro e bom". Também é empregado em sentido depreciativo, em Gênesis 29.17, "os olhos de Lia eram fracos" (lit.). O vocábulo também se aplica ao caráter de indivíduos (Dt 28.54, referindo-se a um homem; Dt 28.56, a uma mulher) e de moças (Is 47.1, "ó virgem filha de Babilônia, (...) nunca mais te chamarás a 'mimosa' e delicada". *rak* também se aplica à fala no sentido de "palavras 'suaves'": "acaso te fará muitas súplicas? ou te falará palavras brandas?" (Jó 41.3 [40.27]).

W.W.

2165 רָכַל (*rākal*) ***ir de lugar em lugar*** (comerciando, etc.).

Termos Derivados

2165a רְכֻלָּה (*r'kullâ*) ***transporte de mercadorias*** (Ez 28.5, 16, 18), ***mercadoria*** (Ez 26.12).
2165b †רָכִיל (*rākil*) ***caluniador.***
2165c מַרְכֹּלֶת (*markōlet*) ***mercado*** (Ez 27.24).

O particípio *rōkēl*, usado como substantivo, é encontrado somente em hebraico posterior e provavelmente derive de uma palavra estrangeira para "mercador". Aparece basicamente em Ezequiel 27 para descrever Tiro, no lamento que se faz por essa cidade (Ez 27.3, 12-13, 15, 17, 20, 22, 23 [duas vezes], 24; também em 17.14). Ocorre em apenas três outras passagens (1 Rs 10.15; Ct 3.6; Ne 3.31).

2166 רָכַס (*rākas*)

rākîl. ***Caluniador.*** Esse substantivo masculino obscuro é utilizado somente seis vezes no AT. A primeira ocorrência se acha em Levítico 19.16, "não andarás como caluniador no meio do teu povo" (lit.). Os outros usos estão em Jeremias 6.28, 9.4 [3]; Ezequiel 22.9; Provérbios 11.13a; 20.19a. Em todas as ocorrências o significado é o mesmo. A tradução "mexeriqueiro" e "fofoqueiro", encontrada em diversas versões, é demasiadamente suave, conforme o mostram os contextos.

W.W.

2166 רָכַס (*rākas*) ***amarrar*** (Êx 28.28; 39.21).

Termos Derivados

2166a רֶכֶס (*rekes*) ***aspereza ou aquilo que está impedido, isto é, o intransponível ou a cadeia de montanhas*** (Is 40.4). Significado incerto.

2166b רֹכֶס (*rōkes*) ***bando, confederação.***

2167 רָכַשׁ (*rākash*) ***ajuntar, acumular (bens)*** (e.g., Gn 31.18; 36.6).

Termos Derivados

2167a רֶכֶשׁ (*rekesh*) ***cavalos fortes*** (Mq 1.13; 1 Rs 5.8).

2167b רְכוּשׁ (*r'kûsh*) ***bens.***

r'kûsh. ***Bens, propriedade, provisões.*** Substantivo derivado de *rākash*, cognato do acadiano *rakāsu/ruksu*, mas semanticamente a relação não é clara. A palavra *r'kûsh* aparece 29 vezes no AT e significa os bens que alguém possui, não necessariamente salários nem aquilo que ele deve. A raiz aparece somente em Gênesis, Números, 1 e 2 Crônicas, Daniel e Esdras. Abrange uma ampla variedade de bens, inclusive bens móveis de toda espécie (Gn 14.16, 21), gado e outros animais domésticos (Gn 31.18), bens móveis além de gado (Gn 46.6), suprimentos e produtos armazenados (Dn 11.13, "abundantes provisões"); o vocábulo também inclui bagagem, inclusive a militar. Um sentido especial é o de "despojo" ou "presa" de guerra (2 Cr 20.25, ARA, "riqueza"; 21.14, 17; Dn 11.24, 28). Embora a raiz certamente inclua armas e armaduras, esse não é o sentido básico nem exclusivo. O AT ressalta o fato de que tanto a abundância quanto a falta de *r'kûsh* é algo que depende da vontade e favor divinos.

W.W.

2168 רָמָה (*rāmâ*) ***I, lançar, atirar*** (Êx 15.1, 10; Jr 4.29).

2169 *רָמָה (*rāmâ*) ***II, iludir, enganar, desorientar.***

Termos Derivados

2169a רְמִיָּה (*r'mîyâ*) ***afrouxamento, engano.***

2169b מִרְמָה (*mirmâ*) ***engano, traição.***
2169c תֹּרְמָה (*tormâ*) ***traição*** (Jz 9.31).
2169d תַּרְמִית (*tarmît*) ***falsidade.***

Essa raiz está filológica mas não semanticamente relacionada com o acadiano *ramû*. Aparece oito vezes no AT, sempre no grau piel. O primeiro uso do verbo recebe a seguinte tradução: "Por que, pois, me enganaste?" (Gn 29.25). "Enganar" ajusta-se como uma boa tradução de *rāmâ* na maioria de suas ocorrências (Js 9.22; 1 Sm 19.17; 28.12; 2 Sm 19.27; Pv 26.19; Lm 1.19). Em certo texto bíblico, contudo, o significado é mais difícil. Em 1 Crônicas 12.17 [18], Davi se dirige aos voluntários provenientes das tribos de Benjamim e Judá com as seguintes palavras: "porém, se é para me traíres com os meus inimigos". Todos os eruditos e versões traduzem o verbo, que vem precedido pelo prefixo preposicional hebraico *l-*, por "trair" ou "entregar". Embora esse seja o único caso da palavra com essa tradução em todo o AT, parece estar bastante certa.

r'mîyâ. ***Afrouxamento, frouxidão, indolência, engano, fraude.*** Há uma controvérsia que já dura séculos a respeito de que sentidos devem ser associados a que raiz verbal e qual o número de raízes verbais envolvidas. *BDB* identifica três raízes distintas para *rāmâ*; *KB* e os eruditos entre os rabinos identificam duas. *KB* está certo com base nos cognatos acadianos originais. Em primeiro lugar há *r'mîyâ*, "afrouxamento", "frouxidão", "indolência", "preguiça", que são idéias encontradas em Jeremias 48.10; Oséias 7.16; Salmos 78.57; Provérbios 10.4; 12.24, 27; 19.15. Em "a 'preguiça' faz cair em profundo sono" (Pv 19.15), o vocábulo em questão deriva do *rāmâ* que é cognato do acadiano *ramû*, com a vogal *u* e com o significado de "afrouxar". Em segundo lugar existe *r'mîyâ*, "engano", "fraude", sentido encontrado em Jó 13.7; 27.4; Salmos 32.2; 52.4; 120.2-3; Miquéias 6.12. "Os seus habitantes falam mentiras, e a língua deles é 'enganosa' na sua boca" (Mq 6.12) é mais bem interpretado como derivado de *rāmâ*, "iludir", que é cognato do acadiano *ramû*, com vogal *i* e com o sentido de "atirar". (Embora *KB* indique que os dois substantivos derivam de *rāmâ*, "afrouxar", cremos que é um engano. Não há nenhuma relação psicológica ou identificação semântica entre as duas formas de *r'mîyâ*. As duas simplesmente foram confundidas por terem grafia e pronúncia idênticas.

mirmâ. ***Engano, traição.*** Esse particípio ocorre quase 40 vezes no AT, sendo que o maior número de usos aparece em Salmos. Surge pela primeira vez em Gênesis 27.35, descrevendo o golpe aplicado por Jacó em Esaú. É utilizado de forma especial em referência a palavras traiçoeiras ou enganosas (Gn 34.13; Sl 10.7; 17.1; 24.4; et al.). *mirmâ* também designa balanças com pesos falsos, as quais são chamadas de "enganadoras" (Am 8.5). Um emprego interessante se encontra em Jeremias 9.6: "vivem no meio da 'falsidade'; pela 'falsidade' recusam conhecer-me". O AT deixa claro que a fala enganosa é um dos delitos mais abomináveis contra Deus. No livro de Salmos, a repetição da raiz em promessas de que a oração e o louvor dos justos estão isentos de engano, reforça a importância de as pessoas serem autênticas e verdadeiras com o Senhor.

tarmît. ***Falsidade.*** Esse substantivo feminino transmite a idéia abstrata de falsidade. A palavra ocorre cinco vezes no AT (Sl 119.118; Jr 8.5; 14.14; 23.26 [em que é o texto do

qere]; Sf 3.13). Em Sofonias 3.13, e.g., a palavra se acha na frase "e na sua boca não se achará língua enganosa" (lit., "língua de falsidade").

W.W.

רִמָּה (*rimmâ*). Veja o nº 2 175a.

רָמָה (*rāmâ*). Veja os nºs 2 033d, 2 168, 2 169.

2170 רִמּוֹן (*rimmôn*) ***I, romã.***

Esse é um termo de origem desconhecida mas bastante antiga, cognato do acadiano *armannu*, uma árvore aromática e seu fruto, possivelmente "abricoteiro", "abricó". A romã é mencionada ao longo do AT tanto como a fruta em si, que teve uma amostra trazida pelos espias que foram a Canaã (Nm 13.23), quanto como o tema arquitetônico e ornamental (Êx 28.34; Jr 52.22; et al.). A freqüente menção da raiz *rimmôn* em Cantares de Salomão (4.3, 6, 7, 13; 6.11; 7.13; 8.2) tem levantado especulações quanto a seu uso em poções afrodisíacas, etc. Embora esse costume seja amplamente atestado no Egito e na Mesopotâmia, não há indício algum de tal prática entre os israelitas.

W.W.

2171 רִמּוֹן (*rimmôn*) ***II, Rimom.***

Nome de um deus sírio conhecido entre os babilônios como *Ramānu*, aparentemente um deus do clima ou da tempestade e de pouca importância. O nome aparece apenas em 2 Reis 5.18 no relato sobre Naamã, o sírio. É quase impossível identificar e acompanhar a troca de atributos e nomes divinos entre as religiões do antigo Oriente Médio. Isso é especialmente verdadeiro porque muitos nomes divinos eram designações locais ou regionais. No AT existem diversos lugares com o nome de "Rimom". O fato é que, quando essas cidades eram conquistadas, os ídolos e as religiões do local eram acrescentados ao panteão da cultura invasora. O nome Rimom aparece em vários nomes teofóricos de reis sírios — Tabrimom (1 Rs 15.18) e Hadadrimom (Zc 12.11). Embora o nome ocorra em poucos textos obscuros da era helenística, nada mais se sabe a respeito.

W.W.

רְמוּת (*rāmût*). Veja o nº 2 133e.

2172 רֹמַח (*rōmaḥ*) ***lança*** (e.g., Jz 5.8; Nm 25.7). Derivação incerta.

רְמִיָּה (*rᵉmîyâ*). Veja o nº 2 169a.

2173 רַמָּךְ (*rammāk*) ***égua*** (Et 8.10). Significado incerto.

2174 רָמַם (*rāmam*) ***I, ser exaltado*** (e.g., Jó 24.4; Ez 10.15). Uma variante de *rûm*.

2175 רָמַם (*rāmam*) ***II, apodrecer, bichar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2175a †רִמָּה (*rimmâ*) ***verme.***

A raiz verbal está filológica mas não semanticamente relacionada com o acadiano *ramāmu*. A raiz *rāmam* aparece só uma vez no AT, no relato sobre o maná, a provisão especial que os israelitas tiveram durante o êxodo (Êx 16.20): "[o maná] deu bichos".

rimmâ. ***Verme.*** O vocábulo aparece sete vezes no AT, sempre em contextos que descrevem o apodrecimento de comida (Êx 16.24) ou do corpo (Jó 7.5; Is 14.11). A raiz também aparece em Jó (17.14; 21.26; 24.20), sendo usada com um sentido metafórico especial em 25.6, em que *rimmâ* aparece na primeira linha de um paralelismo bem claro: "quanto menos o homem, essa larva [*rimmâ*], e o filho de homem, esse verme".

W.W.

2176 רָמַס (*rāmas*) ***pisar.***

Termo Derivado

2176a מִרְמָס (*mirmās*) ***lugar de pisar, pisada*** (e.g., Mq 7.10; Ez 34.19),

Essa raiz verbal exclusivamente hebraica ocorre nos livros históricos e proféticos, mas não no Pentateuco. *rāmas* aparece 18 vezes no AT. Designa o pisoteamento de várias coisas. A primeira ocorrência se acha em 2 Reis 7.17, "mas o povo o atropelou na porta". O termo também descreve o pisoteamento de: animais, "calcarás aos pés o leãozinho e a serpente" (Sl 91.13); plantas, "os animais do campo, que estavam no Líbano, passaram e pisaram o cardo" (2 Rs 14.9); uvas, "pisei as uvas na minha ira; no meu furor as 'esmaguei'" (Is 63.3); o barro do oleiro, "pisará os magistrados como lodo, e como o oleiro 'pisa' o barro" (Is 41.25). Nessas duas passagens de Isaías a ênfase recai sobre o juízo divino contra a impiedade e o seu triunfo sobre ela. É uma figura de linguagem forte. Também designa a vida do salmista, "espezinhe no chão a minha vida" (Sl 7.5 [6]). Em outra passagem o profeta diz que o chifre "cresceu até atingir o exército dos céus; a alguns do exército e das estrelas lançou por terra e os 'pisou'" (Dn 8.10). A raiz é empregada uma única vez no grau nifal: "A soberba coroa dos bêbados de Efraim será pisada aos pés" (Is 28.3).

W.W.

2177 רָמַשׂ (*rāmaś*) ***rastejar, andar de quatro.***

Termo Derivado

2177a רֶמֶשׂ (*remeś*) ***animal rastejante.***

Esse verbo hebraico descreve o movimento de animais pequenos, especialmente répteis. Aparece basicamente no relato da Criação (Gn 1.21, 26, 28, 30; 7.8, 14, 21; 8.12,

19; 9.2) e nas proibições de alimentos imundos (Lv 11.44, 46; 20.25) e em outras tantas listas de animais (Dt 4.18). Ocorre em duas passagens poéticas (Sl 69.35; 104.20) e em uma profética (Ez 38.20), "e todos os répteis que se arrastam sobre a terra".

remes. ***Animal rastejante.*** Esse substantivo masculino é uma das palavras empregadas para classificar criaturas vivas em hebraico. Possivelmente tem relação com o árabe *ramasa* e com o acadiano *namashtu*, "coisas rastejantes". O AT emprega *remes* 16 vezes, das quais nove aparecem nos relatos da criação e do dilúvio (Gn 1.24, 25, 26; 6.7, 20; 7.14, 23; 8.19; 9.3). A raiz abrange todos os animais menores, mas parece excluir os animais maiores que pastam, baleias, aves e insetos. A raiz designa animais marinhos, "eis o mar vasto, imenso, no qual se movem 'seres' sem conta, animais pequenos e grandes" (Sl 104.25). O termo tem uma limitação interessantíssima numa das poucas passagens em prosa em que aparece *remes* (1 Rs 4.33 [5.13]). Nessa passagem a sabedoria de Salomão é assim descrita: "Discorreu sobre todas as plantas, desde o cedro que está no Líbano até ao hissopo que brota do muro; também falou dos animais e das aves, dos répteis [*remes*] e dos peixes". Outra lista com ligeira variação aparece em Ezequiel 38.20, "os peixes do mar, as aves do céu, os animais do campo, e todos os répteis que se arrastam sobre a terra..." Com base nestes dois últimos empregos, é evidente que *remes* significa não apenas mamíferos pequenos, como roedores, mas também répteis pequenos, bastante comuns no terreno pedregoso e rochoso da Palestina. Designando uma pequena parte da criação de Deus, esse vocábulo ocorre em declarações sobre vários coletivos de gênero. [Essa raiz se sobrepõe em alguns sentidos ao verbo *shārats*, "enxamear", e ao substantivo *sherets*, "enxame" (q.v.). Mas, enquanto *remes* é empregado amplamente nos relatos de Gênesis e não na lista de coisas imundas de Levítico 11 (à exceção do verbo *ramas*, que aparece duas vezes), *sherets* é usado parcimoniosamente em Gênesis e 12 vezes em Levítico (de um total de 15 vezes no AT). Evidentemente o verbo *rāmaś* ressalta os movimentos rápidos e ágeis de pequenos mamíferos de quatro pernas, ao passo que *shārats* destaca a rápida proliferação de alguns animais aquáticos bem como de insetos. O uso de *sherets* em Levítico 11 claramente inclui insetos ("que anda sobre quatro pés" [vv. 20-23] refere-se talvez às quatro patas dianteiras dos insetos, não contando aí as patas traseiras que usam para saltar), pequenos animais rastejantes (rato, lagarto, caracol, etc. [vv. 29-31]), animais que deslizam ou possuem muitas pernas (cobras, aranhas, lagarta, etc.). Todos esses animais pequenos se multiplicam rapidamente e podem ser classificados como necrófagos, parasitas; sendo por esse motivo não-comestíveis. Para entender a lógica dessas leis alimentares, cf. R. L. Harris, *Man — God's eternal creation*. R.L.H.]

W.W.

רֹן (*rōn*). Veja o nº 2 179a.

2178 רִנָּה (*rānâ*) ***chocalhar*** (Jó 39.23).

רִנָּה (*rinnâ*). Veja o nº 2 179c.

2179 רָנַן (*rānan*) ***berrar, gritar de alegria.***

Termos Derivados

2179a רֹן (*rōn*) ***grito retininte*** (Sl 32.7).
2179b רְנָנָה (*r'nānâ*) ***grito retininte***.
2179c רִנָּה (*rinnâ*) ***grito retininte***.
2179d רְנָנִים (*r'nānîm*) ***aves de grito retininte*** (Jó 39.13).

rānan é uma raiz de origem hebraica, inexistente nas outras línguas semíticas, que passou para o árabe falado pelos judeus na Idade Média. A raiz e seu substantivo verbal aparecem mais de 50 vezes no AT. Ocorrem com maior freqüência em Isaías e Salmos, geralmente em passagens poéticas.

rānan aparece pela primeira vez em Levítico 9.24, em que o grito de júbilo está associado com um sacrifício determinado por Deus. Este emprego do termo para descrever o júbilo de Israel diante dos atos salvíficos de Deus está presente em todo o restante do AT. Em todas as 14 ocorrências de *rānan* em Isaías, a palavra tem a conotação da alegria santa celebrada por Israel aos gritos (Is 12.6). A cessação de tal estado emocional é apresentada como um dos aspectos mais sombrios da queda de Moabe. Quase não há diferença de sentido nos diversos graus em que a raiz aparece. O verbo tem predominantemente Deus como objeto. A ocorrência mais difícil se acha em Lamentações 2.19, em que a forma é semelhante à de três outras passagens (Is 54.1; Sf 3.14; Zc 2.14). O contexto de Lamentações trata da tribulação e da desolação, e o profeta exorta a filha da cidade a "clamar". Entretanto, em todas as demais passagens, usa-se a raiz *rānan* para louvar a Deus. Aqui em Lamentações o clamor ergue-se por motivo de súplica e não de celebração. O fator unificador neste e em todos os demais usos é o fato de que é a Deus que se ergue o clamor. Em Salmos a raiz chega ao seu desenvolvimento máximo. Em poesia *rānan* aparece paralelamente a quase todos os termos que designam "júbilo", "regozijo" e "louvor", mas não claramente em qualquer relação gramatical formal. [Também ocorre umas poucas vezes em paralelo com *shîr*, "cantar" (SI 59.16 [17]), e *zāmar*, "cantar" (SI 98.4). A comemoração exultante, que é a tônica da raiz, aparece também num contexto musical (2 Cr 20.22; cf. v. 21), e é bem possível que a passagem dê a entender o cantar. Em muitos casos a comemoração exultante poderia ser igualmente expressa por meio de grito ou cântico — tanto um quanto outro se enquadrariam no contexto. De uma forma ou de outra, os cânticos de Israel devem ter sido diferentes dos nossos e talvez mais parecidos com gritos de júbilo. R.L.H.] De um modo geral, nos casos de paralelismo, *rānan* é o termo inicial, ou primeiro, na maioria dos pares de palavras. O emprego freqüente desse termo com toda certeza indica que o estado de espírito máximo na religião do AT era a alegria.

r'nānâ. ***Grito de júbilo.*** Esse substantivo aparece em apenas quatro passagens poéticas, "o 'grito jubiloso' dos perversos é breve" (Jó 20.5 [ARA, "júbilo"]; SI 63.5 [6]; 100.2; Jó 3.7).

rinnâ. ***Grito retininte, grito de alegria ou tristeza.*** Esse vocábulo é, com muita probabilidade, um desdobramento posterior da raiz *rānan*, a qual ocorre no Pentateuco, ao passo que esta palavra, *rinnâ*, está ausente. A semelhança da forma anterior, *rinnâ* pode ter o sentido de grito tanto de alegria, "todos exultam de júbilo" (Is 14.7), quanto de

lamento, "atenta, pois, para a oração de teu servo, e para o seu 'clamor de tristeza'" (1 Rs 8.28; ARA, "súplica"). A raiz ocorre na maioria das vezes no contexto poético dos salmos.

Bibliografia: — WAGNER, Norman E. רָנָּה in the Psalter. *VT* 10:435-41. — *THAT*. v. 2, p. 781-5.

W.W.

רְנָנִים (*r'nānîm*). Veja o nº 2 179d.

רְסִיס (*rāsîs*). Veja os nºs 2 181a, 2 182a.

2180 רסן (*rsn*). Aceita como raiz de:

2180a רֶסֶן (*resen*) ***freio (de cavalo)*** (Is 39.28), ***mandíbula*** (Jó 41.5).

2181 רסס (*rasas*) ***I, umedecer*** (Ez 46.14).

Termo Derivado

2181a רְסִיס (*rāsîs*) ***I, gota de orvalho*** (Ct 5.2).

2182 רסס (*rss*). II. Aceita como raiz de:

2182a רְסִיס (*rāsîs*) ***II, fragmento*** (Am 6.11).

רֵעַ (*rē'a*). Veja os nºs 2 135a, 2 186a, 2 187a.

רַע (*ra'*), רֹעַ (*rōa'*). Veja os nºs 2 191a,b.

2183 רעב (*rā'ēb*) *estar faminto, ser insaciável.*

Termos Derivados

2183a †רָעָב (*rā'āb*) ***fome.***

2183b רָעֵב (*rā'ēb*) ***faminto.***

2183c †רַעֲבוֹן (*r'ābôn*) ***fome*** (Gn 42.19, 33; SI 37.19).

Essa é uma raiz ugarítica, *rgb*, que na forma hebraica ocorre 19 vezes no AT. Umas poucas dessas ocorrências podem ser identificadas com a forma adjetiva, pois este é um verbo estativo em que a terceira pessoa do masculino do pretérito e o particípio são iguais ao adjetivo. Em todos os casos em que a raiz é usada, ela designa a fome humana, aparecendo em diversos graus. Em uma passagem específica (Dt 8.3) declara-se que Deus é soberano sobre a fome, e numa magnífica declaração feita em paralelismo poético (Pv 10.3) Deus é louvado como aquele que supre as necessidades dos famintos, que sustenta o justo e a sua prole. Em Provérbios 19.15 a fome é vista como resultado da preguiça.

rā'āb. ***Fome.*** Essa palavra usual para fome ocorre mais de 100 vezes no AT. O maior número de empregos está em Gênesis 41—47, a história sobre José e a fome, e nos capítulos de Jeremias que tratam da desolação que se aproximava de Jeremias e de outras cidades. Em muitas passagens fica claro que tanto a abundância quanto a fome estão dentro da esfera da providência de Deus, "para livrar-lhes a alma da morte, e, no tempo da fome, conservar-lhes a vida" (Sl 33.19).

Nos tempos antigos, quando a distribuição e a conservação de alimentos eram muito precárias, fome significava, para muitos, grandes sofrimentos ou inanição. É por isso que Jeremias repetidas vezes classifica-a, juntamente com a espada e a peste, como um dos três grandes juízos divinos (e.g., Jr 29.17). Ezequiel às vezes acrescenta um quarto juízo, animais ferozes (Ez 14.21). A fome mais famosa em Israel foi aquela provocada pelos três anos sem chuva nos dias de Elias. Só quando a fome chegava ao máximo é que a nação reconhecia que isso era o juízo de Deus, e não um "clima louco". De acordo com Amós 8.11, a maior fome será "fome... de ouvir as palavras do SENHOR".

rᵉ'ābôn. ***Fome.*** Esse substantivo masculino abstrato ocorre três vezes no AT, "e nos dias da fome se fartarão" (Sl 37.19; Gn 42.19; 23).

Bibliografia: — *TDNT.* v. 6, p. 14-7.

W.W.

רָעָבוֹן (*rᵉ'ābôn*). Veja o nº 2 183c.

2184 רָעַד (*rā'ad*) ***tremer.***

Termos Derivados

2184a רַעַד (*ra'ad*) ***tremor*** (por medo, Êx 15.15; Sl 55.5 [6]).

2184b רַעְדָה (*rᵉ'ādâ*) ***tremor, medo*** (Jó 4.14; Sl 48.6 [7]).

ra'ad e seus derivados ocorrem apenas nove vezes. Tanto indícios fornecidos por palavras cognatas quanto os contextos favorecem sentidos como os de "tremer" ou "temer". O grau qal descreve o tremor da terra diante de Deus (Sl 104.32). O hifil, sem um claro significado causativo, descreve o tremor sob a ameaça do juízo divino (Ed 10.9) e o tremor de Daniel em face de uma visão (Dn 10.11).

W.W.

2185 רָעָה (*rā'â*) ***I, pastar, pastorear, apascentar.***

Termos Derivados

2185a רְעִי (*rᵉ'î*) ***pastagem*** (1 Rs 5.3).

2185b מִרְעֶה (*mir'eh*) ***pastagem, pasto*** (e.g., Is 34.14; Ez 34.18).

2185c מַרְעִית (*mar'ît*) ***pasto, pastagem*** (Jr 23.1; Os 13.6).

2186 רָעָה (*rā'â*)

A raiz *rā'â* é cognata do acadiano *re'û*, uma palavra muito antiga, empregada a partir da época de Sargão de Acade (c. 2300 a.C.) como título honorífico em nomes e inscrições reais. O cognato *r'i* é uma raiz importante em ugarítico. Cognatos também são achados em aramaico, fenício e outras línguas semíticas. *rā'â* ocorre mais de 160 vezes no AT, sendo que a forma participial *rō'eh*, "pastor", aparece mais de 60 vezes. É a principal raiz que designa a ação de "alimentar" animais domésticos. Uma vez que, desde tempos remotos, a ocupação mais comum na Palestina era o pastoreio, o termo é fundamental para a descrição das pessoas do campo em todos os períodos da história. Na primeira vez em que aparece a palavra (Gn 29.7), *ela é traduzida por "alimentar"* ou "apascentar"; a mesma tradução aparece na ocorrência seguinte (29.9). Às vezes ocorre uma certa confusão entre as versões no que diz respeito à tradução dessa raiz. Usa-se a raiz para descrever o trabalho de cuidar de ovelhas (Gn 30.36), jumentos (Gn 36.24), gado (Gn 41.2) e crias de gazela (Ct 4.5).

Emprega-se a raiz com sentido metafórico em descrições variadas. Dentre elas citam-se a tranqüilidade de dois animais, normalmente um animal de rapina e sua presa, que pastam juntos: urso e vaca (Is 11.7); lobo e cordeiro (Is 65.25). A raiz *rā'â* também aparece em metáforas filosóficas e teológicas, tais como "a boca dos insensatos se apascenta de estultícia" (Pv 15.14), "tal homem se apascenta de cinza" (Is 44.20). Acerca de exércitos invasores, descritos como uma horda de animais ou de insetos, se diz que "se alimentam" (lit.) das cidades conquistadas, ou seja, "consomem" essas cidades (Mq 5.6 [5]). Desde a Antigüidade remota, descrevia-se a legitimidade dos governantes em função de sua capacidade de "pastorear" os seus respectivos povos. Hamurabi e muitos outros governantes da antiga Ásia ocidental foram chamados de "pastores" e descritos como líderes que "pastoreavam" seus súditos. No AT, porém, é o Senhor quem alimenta o seu povo e é louvado por sua misericórdia em prover-lhes o alimento (Gn 48.15; Sl 23.1; 28.9; Is 40.11; Os 4.16; et al.). Esse atributo divino é uma das características dos ofícios de profeta, sacerdote e rei. A pretensão de Davi ao trono se baseava no fato de que Deus lhe ordenara que alimentasse o povo (2 Sm 5.2). O fato de as autoridades de Israel não alimentarem o povo tanto física quanto espiritualmente foi visto como uma transgressão bastante séria (Ez 24.2 e ss.). Nessa passagem de Ezequiel o profeta trabalha repetidamente com as duas formas da raiz *rā'â*, o verbo, que significa "pastorear", e o substantivo, que tem o sentido de "pastor". Nas versões há uma perda do sentido, pois, enquanto o texto hebraico emprega o mesmo termo em toda a passagem, as versões colocam sinônimos no lugar. A idéia teológica do AT acerca do bom pastor que alimenta o seu rebanho com a verdade de Deus (Jr 3.15; etc.) adquire proeminência no NT (Jo 10.11).

Bibliografia: — THOMSON, J. G. S. S. The shepherd-ruler concept in the OT and its application in the NT. *SJT* 8:406-18. — *THAT*. v. 2, p. 791-3.

W.W.

2186 רָעָה (*rā'a*) ***II, associar-se com, ser amigo de.*** Usado nos graus qal, hitpael e, como verbo denominativo, piel, num total de sete vezes.

Termos Derivados

2186a †רֵעַ (*rea'*) ***I, amigo, companheiro, outra pessoa.***

2186b רֵעֶה (*reeh*) ***amigo;*** às vezes expressão técnica para ***amigo (do rei).***
2186c רֵעָה (*rē'â*) ***companheira.***
2186d רַעְיָה (*ra'yâ*) ***serva*** (especialmente em Ct 1.9; etc.).
2186e רֵעוּת (*r'ût*) ***I, companheira, ave que forma casal com outra.***
2186f מֵרֵע (*mērēa'*) ***amigo íntimo.***

rēa'. *Amigo, companheiro, outra pessoa.* De todas essas palavras, a mais comum é *rēa'*, "amigo", usada 187 vezes. As demais podem ter empregos especiais não tão claros para nós.

O vocábulo *rēa'* é empregado para designar o "amigo", "vizinho", "parceiro" — quer o íntimo, quer o ocasional. Muitas vezes se emprega o vocábulo na expressão "um ao outro". Designa o companheiro hebreu morto por um colega escravo em Êxodo 2.13; o homem assassinado por seu colega em Êxodo 21.14; o soldado que ouviu o sonho de um colega na história de Gideão (Jz 7.13); e os três amigos(!) de Jó. Pelo que se vê, a palavra pode ser usada em referência a colegas e pessoas conhecidas por acaso, mas também amigos mais chegados. Hira, o adulamita, era amigo de Judá (Gn 38.12). A palavra não é usada para a amizade entre Davi e Jônatas. O alcance do uso dessa palavra mostra que, quando Cristo citou Levítico 19.18 ("amarás o teu próximo como a ti mesmo"; veja-se também Mt 19.19), o jovem rico não precisava ter feito aquela sua famosa pergunta. O versículo anterior em Levítico não é tão conhecido, mas mostra que a lei do AT procurava atingir tanto o coração quanto a ação das pessoas: "Não aborrecerás a teu irmão em teu íntimo".

Bibliografia: — *TDNT*. v. 6, p. 312-5. — *THAT*. v. 2, p. 786-90.

R.L.H.

2187 רעה (*r'h*) **III.** Aparentemente um sinônimo de *râtsâ* (q.v.), tomado de empréstimo do aramaico *rā'â*. **Aceita como raiz de:**
2187a רַע (*rēa'*) ***II, propósito, objetivo*** (Sl 139.2, 17).
2187b רֵעוּת (*r'ût*) ***II, anseio, ambição*** (Ec 1.14; 2.11, 17, 26; 4.4, 6; 6.9).
2187c רַעְיוֹן (*ra'yôn*) ***anseio*** (Ec 1.17; 4.16; 2.22).

רֵעָה (*rā'â*). Veja o nº 2 191c.
רֵעוּת (*r'ût*). Veja os nºs 2 186e, 2 187b.
רֵעִי (*r'î*). Veja o nº 2 185a.
רַעְיָה (*ra'yâ*). Veja o nº 2 186d.
רַעְיוֹן (*ra'yôn*). Veja o nº 2 187c.

2188 רעל* (*rā'al*) ***tremer, estremecer, oscilar.*** Esse verbo ocorre uma única vez, no hofal (Na 2.4).

2189 רָעַם (*rā'am*)

Termos Derivados

2188a רעל (*ra'al*) ***atordoado, tonto*** (Zc 12.2).
2188b רְעָלָה (*r'ālâ*) ***véu*** (Is 3.19).
2188c תַּרְעֵלָה (*tar'ēlâ*) ***atordoado, tonto*** (Is 51.17, 22; Sl 60.5).

2189 רעם (*rā'am*) ***trovejar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2189a †רַעַם (*ra'am*) ***trovão.***
2189b רַעְמָה (*ra'mâ*) ***vibração*** (Jó 39.19). Significado incerto (BJ, "crina").

r'm não possui nenhum cognato nas línguas semíticas da época. O grau qal ocorre três vezes no AT, "ruja o mar" com louvor (1 Cr 16.32; Sl 96.11; 98.7). O hifil, que significa "fazer trovejar", ocorre oito vezes. Na primeira vez em que o verbo aparece nesse grau (1 Sm 2.10), é o próprio Deus que, irado, "troveja" contra os seus inimigos. Em 1 Samuel 1.6, que descreve a provocação feita por Penina a Ana por esta ser estéril, *rā'am* aparece no TM. Mas aparentemente houve um verbo mais forte lido pela versão em aramaico, "E sua rival perturbava-a profundamente a fim de 'atormentá-la'". O Targum (comentário em aramaico sobre o texto bíblico) emprega uma palavra derivada de *qn'*, "ser zeloso", "ser ciumento". Mas a idéia de "atormentar" deve ser interpretada a partir de *rā'am* como uma expressão figurada de suas queixas em voz alta. Do ponto de vista do AT, Deus é soberano sobre todos os elementos da natureza, de sorte que a grande violência do vento e da tempestade apontam para a sua vontade.

rā'ām. ***Trovão.*** Esse substantivo masculino aparece seis vezes, todas elas em contextos poéticos. É um atributo da presença divina (Is 29.6); denota a reação do universo em face da presença de Deus (Sl 77.18 [19]; 104.7). Jó indaga acerca do contraste entre o cochicho de Deus e o Seu trovão (26.14). O salmista menciona a mesma noção acerca do mandamento divino no trovão (81.7 [7]). Jó assemelha ao trovão o tumulto e o alarido da guerra (39.25). A voz de Deus (*qôl*, q.v.) também é empregada figuradamente em lugar de trovão (Sl 29.3, 4; etc.).

W.W.

2190 *רָעַן (*rā'an*) ***vicejar, ser viçoso, reverdecer.*** Esse verbo ocorre apenas uma vez, no palel (Jó 15.32).

Termo Derivado

2190a רַעֲנָן (*ra'ănān*) ***exuberante, viçoso, fresco*** (e.g., Ct 1.16; Os 14.9).

רַעְנָן (*ra'ănān*). Veja o nº 2 190a.

2191 רָעַע (*ra'a'*) ***I, ser mau, ser ruim.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2191a רַע (*ra'*) ***mal, aflição; mau, ruim.***
2191b רָע (*rōa'*) ***maldade, mal.***
2191c רָעָה (*rā'â*) ***mal, infortúnio, aflição.***

Adjetivos cognatos da raiz *r"* ocorrem em acadiano (*raggu*, "mau", "ruim") e fenício (Karatepe 1.15, "homens maus"; substantivo, "todo o mal", 3.17). A raiz também ocorre em ugarítico, de acordo com *AisWUS* nº 2533.

Pode-se perceber o significado essencial da raiz em razão de sua justaposição freqüente com a raiz *tôb*. Desse modo, Moisés conclui a sua fala dizendo: "Vê que proponho hoje a vida e o bem [*tôb*], a morte e o mal [*ra'*]" (Dt 30.15; cf. Mq 3.2). Com freqüência essas duas palavras ocorrem na sinédoque de antítese, em que se faz distinção entre "bem e mal" (2 Sm 14.17; 19.35 [36]; 1 Rs 3.9; Is 7.15; cf. aqui a "árvore do conhecimento do bem e do mal", Gn 2.9, 17). Uma vez que a decisão de que algo é ruim depende subjetivamente da preferência da pessoa, com freqüência a raiz ocorre junto com a fórmula "aos olhos de". Assim sendo, Isaías ameaça aqueles que fazem julgamentos morais distorcidos: "Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem, mal" (5.20). Entretanto, posto que o juízo de Deus é um absoluto moral, é possível falar em mal objetivo, em pecado. A fórmula *'ātsâ hāra' b"ênê YHWH*, "fazer o mal aos olhos de Iavé" (lit.) ocorre com freqüência no AT.

A raiz pode ter conotação tanto passiva quanto ativa: "infortúnio", "calamidade", de um lado, e "perversidade", do outro. Pode ocorrer em contextos profanos, "ruim", "repulsivo", e em contextos morais, "mal", "impiedade".

O verbo denominativo, que ocorre 75 vezes com sentidos que vão desde a idéia de "desagradar", "injuriar", até a de "ser ruim", " ou "ser mau" (veja-se acima), herda do substantivo primitivo um sentido duplo de estar errado no que diz respeito à intenção original e permanente de Deus e de ser prejudicial em termos de seus resultados no homem. Em alguns casos pode designar apenas os seus efeitos perniciosos no homem, quer físicos quer emocionais, ou então experiências dolorosamente desagradáveis. Praticamente não há conotações filosóficas nem metafísicas que tenham implicações para a teodicéia ou a cosmologia. As formas verbais da raiz basicamente descrevem os relacionamentos entre Deus e o homem e entre o homem e o seu semelhante.

rā'a' designa experiências que causam dor física (Nm 16.15; 1 Cr 16.22; Sl 105.15) ou emocional (Gn 43.6; Nm 11.10-11); no caso de Noemi a dor provocada foi a perda da família (Rt 1.21; cf. 1 Rs 17.20).

No âmbito moral e religioso, o verbo denota a atividade que é contrária à vontade de Deus. Bildade faz alusão a esse aspecto em Jó 8.20, e os profetas Isaías (31.2) e Sofonias (1.12) declaram isso ainda mais enfaticamente. Uma expressão que ressalta a avaliação que Deus faz de uma determinada ação é "aos seus olhos", que aparece três vezes relacionada com o verbo (Nm 22.34; Pv 24.18; Mq 3.4). Outro meio é contrastar a atividade *rā'a'* com os atos bons de Deus (Js 24.15) ou com pessoas boas. Neste último caso, emprega-se uma forma participial, estando restrito aos Salmos (26.5; 37.9; 92.11 [12]).

A variedade de atividades associada com *rā'a'* começa com a rejeição de Deus (Is 1.4; 9.17; Jr 7.26; 16.12), especialmente a prática de idolatria (1 Rs 14.9; 16.25; 2 Rs 21.11; Jr 25.6), referindo-se uma vez à destruição do seu santo lugar (Sl 74.3). Os maus-tratos infligidos às pessoas e o roubo de seus bens é comum. Isso abrange provocar dor física (Nm 16.15; Sl 22.16 [17]), a escravidão inclemente no Egito (Êx 5.22-23; Nm 20.15; Dt 26.6), desonestidade (Gn 31.7; 44.5; Dt 15.9), o querer ter relações imorais (Gn 19.7; Jz 19.23), ofensas verbais (Sl 27.2) e tentativas de assassinato (1 Sm 25.34; 26.21; Jr 38.9). Em um caso o que está envolvido é um juramento apressado (Lv 5.4), e em outro, a ação do rei Davi em fazer um recenseamento do povo (1 Cr 21.17). [Mas veja-se *pāqad* quanto à possibilidade de na verdade ter ocorrido uma convocação das tropas — o que ainda era pecado. R.L.H.]

Os escritores bíblicos procuram entender o *rā'a'* como estando presente nas motivações íntimas das ações. As pessoas que assim procedem falta entendimento (Jr 4.22) acerca da verdadeira natureza de seus atos. No entanto, vão adiante e deliberadamente planejam machucar outros (Pv 24.8). Na verdade isso se torna um hábito (Jr 13.23). O que é ainda mais sério, torna-se uma compulsão (Gn 19.9; Pv 4.16; 17.4). Parte dessa falta de entendimento se deve a não perceberem, mesmo que tardiamente, o dano que causam a si mesmas (1 Sm 12.25; Sl 44.2 [3]; Jr 13.23).

Deus é o sujeito do verbo *rā'a'* em Salmos 44.2 [3]; Jeremias 25.29; 31.28; Miquéias 4.6; Zacarias 8.14. Mas o fato de infligir dor às pessoas não se deve a maldade; é o juízo justo para pecadores que não se mostram sensíveis ao seu chamado ao arrependimento. No AT, Deus, ao se dizer que faz *rā'a'* aos perversos, não é descrito como alguém a cometer um ato imoral.

Diversas vezes o salmista pediu a Deus que castigasse aqueles que o maltratavam (64.2 [3]; 94.16; 119.115), mas houve esforços de conclamar e desafiar os israelitas a tomar consciência da maneira como maltratavam os outros (Lv 5.4; Js 24.15) e de mudar as suas vidas. Conselhos eram dados sobre como evitar fazer o *rā'a'* (1 Sm 25.34; Sl 15.4; 37.1, 8; Pv 24.19). Isaías apontou para o futuro, acerca do qual Deus prometeu que não se praticaria o *rā'a'* em seu santo monte (11.9; 65.25).

ra'. ***Mal, maldade.*** O substantivo masculino *ra'* aparece freqüentemente em contraste com *tôb*, "bem", como pólos opostos do espectro moral. Às vezes *shālôm*, "paz", é apresentado como o oposto de *ra'*. Ademais, o substantivo é definido como aquela condição ou ação que é inaceitável aos olhos de Deus (Jr 52.2; Ml 2.17; cf. Ne 9.28).

Principiando pelo sentido exclusivamente secular do substantivo, descobre-se que *ra'* denota ferimentos físicos (Jr 39.12) ou épocas de aflição (Am 6.3; e o versículo famoso de Is 45.7, "faço a paz, e crio o mal"), mas na maioria das vezes denota atividade antiética ou imoral contra outras pessoas, seja por palavras (Sl 41.3 [6]; 73.8; 109.20), seja por ações (Mq 2.1; 7.3), seja ainda pelo oferecimento de sacrifícios inadequados (Ml 1.8).

Duas vezes *ra'* designa abstratamente uma condição interior de "perversidade" (Sl 7.9 [10]; Pv 12.21; ARA, "mal"), mas num maior número de vezes descreve atitudes íntimas para com Deus ou o homem. Uma pessoa pode planejar, desejar, amar e regozijar-se no *ra'* (Sl 52.3; Pv 2.14; 6.14; 12.20) ou então ser apática (Sl 36.4 [5]; cf. Pv 28.4). O *ra'* pode ser uma recusa em reagir favoravelmente ao chamado divino (Ne 9.35), o que resulta numa entrega de corpo e alma a isso (2 Rs 21.9; 2 Cr 33.9; Pv 1.16; Is 59.7).

Aquele cujo estilo de vida se caracteriza por *ra'* tem um futuro sombrio, caso prossiga nisso. Deus está contra ele (Is 31.2) e pronunciou sentença contra ele (Mq 1.12). A própria

vida está contra ele (Dt 31.39; Jó 2.10; 30.26; Sl 54.5; 140.11-12; Pv 13.17; 14.22; Ec 8.9).

Abandonada a si própria, uma pessoa má não tem chance alguma de sobrevivência. Mas o Deus que é o seu juiz é também o Deus que a chama para mudar os seus caminhos; essa deve ser uma ação radical por parte do homem (Sl 34.15; 37.27; Pv 3.7; Am 5.14-15; Zc 1.4). Esse é um método bem mais benéfico do que o método jurídico mencionado umas dez vezes em Deuteronômio ("eliminar o mal"; e.g., Dt 13.5). Deus promete que a ação humana de afastar-se do *ra'* conduzirá a um evento salvador (Jó 5.19; Sl 121.7; Pv 19.23). A essa promessa (Sl 10.6; 23.4) acrescenta-se a garantia de que essa salvação é uma experiência real da vida, garantia esta que pode ser vinculada à dedicação (Sl 119.101; Jr 42.6). Há também orientação sobre como manter-se afastado do *ra'*. As pessoas são aconselhadas a ficar longe dele (Pv 6.24; Is 56.2; Jr 7.6), o que pode incluir uma atitude enérgica de odiar o *ra'* (Sl 97.10; Pv 8.13; Am 5.15). Acima de tudo, não se deve provocar Deus com ídolos (Jr 25.7).

ra'. ***Mau, ruim.*** Essa forma de *ra'* qualifica os substantivos com que a palavra está relacionada, designando a qualidade ou atividade prejudiciais associadas ao substantivo. Este pode dar a entender a ausência de qualidade ou a qualidade inferior de coisas ou pessoas que, por isso, não conseguem atingir os padrões certos de valor ou função.

Num sentido secular, existem muitas ilustrações sobre má qualidade. Primeiramente, tem-se o gado magro, malcuidado, do sonho de Faraó (Gn 41.21, 27), a água imprópria para beber (2 Rs 2.19; IBB, "péssima"; ARA, "má"), e produtos à venda, que alguém diz que não vale a pena comprar (Pv 20.14; "nada vale"). Em 2 Reis 4.41 faz-se referência a algo perigoso ("mal") existente na comida preparada numa certa panela, e que o profeta corrigiu. O adjetivo *ra'* pode denotar animais nocivos (Lv 26.6), anjos que trazem aflição (Sl 78.49), fome (Ez 5.16), doenças (Dt 7.15; 28.35, 59; 2 Cr 21.19; Jó 2.7; Ec 6.2). O vocábulo pode referir-se a coisas que parecem trazer aflição, tais como relatos dados por mensageiros (Êx 33.4; Ne 6.13) ou maravilhas (Dt 6.22). Acontecimentos (Ec 2.17; 9.3) ou períodos (Gn 47.9; Pv 15.15; Ec 4.8) podem dar errado e estar tomados de aflição. Esse adjetivo pode designar descontentamento (1 Sm 29.7) ou tristeza de coração (Ne 2.1-2; Pv 25.20).

Na maioria das vezes *ra'* exprime deficiências morais, qualidades morais que causam dano na própria pessoa ou em outros, ou uma condição abaixo do padrão de excelência. A medida dessas qualidades negativas é a avaliação divina (Pv 15.3), a qual freqüentemente é acompanhada pela frase "aos olhos do Senhor", que ocorre cerca de 55 vezes, a maioria delas nos livros históricos. Em cerca de sete vezes define-se o termo também mediante contraste com *tôb*, "bom". De modo que as pessoas que desobedecem a Deus são *ra'* (cerca de 11 vezes), especialmente se provocam a Deus com idolatria (2 Rs 17.11; etc.). Em alguns casos parece que *ra'* denota a condição íntima dessas pessoas (Gn 6.5; Pv 26.23; Ec 9.3; Jr 3.17; 7.24). Observe-se a conotação mais abstrata de Eclesiastes 9.3. Atitudes negativas são rotuladas de *ra'*, e.g., orgulho (Jó 35.12), ressentimento (Pv 15.10), resistência (Ne 9.35; cf. Sl 64.5; Ez 13.22). A violência contra os outros caracteriza como *ra'* as ações dos homens (Dt 17.5; 1 Sm 2.23; 1 Rs 16.7; Ez 20.44; 30.12).

A reação de Deus não é apática ou extravagante. Baseado em motivos justificados, Deus ameaçou com juízo contra aqueles que se caracterizavam pelo *ra'* e o executou (Ed 9.13; Jó 21.30; Pv 11.21).

A situação possui, contudo, um lado mais animador. Deus também exortou o seu povo a se desviar do mal (Dt 13.12; 2 Rs 17.13; 2 Cr 7.14; Ez 33.11; 36.31; Zc 1.4) e anunciou

que a tarefa principal dos profetas era proclamar essa exortação e fazer o povo se voltar para Deus (Jr 23.22). O sábio prometeu que os obedientes estariam livres de ser *ra'* (Ec 8.5). Houve também orientação sobre como se manter livre dessa condição (Sl 141.4; Pv 4.14; Ec 8.3).

rā'â. ***Mal, infortúnio, aflição, dano, perversidade, desgraça.*** O substantivo feminino *rā'â* funciona de forma muito semelhante ao adjetivo masculino, embora com uma freqüência um pouco maior. Muitas vezes *rā'â* também tem função de adjetivo e qualifica os substantivos em termos de função ou condição negativa ou de atividade prejudicial do substantivo. O próprio caráter e a atitude de Deus medem o valor das coisas e das pessoas (2 Rs 8.12; Jr 29.11; cf. Jn 4.2, 6). A expressão "aos olhos de Iavé" (lit.) aparece duas vezes (1 Sm 12.17; 2 Rs 21.20). O ponto de vista divino diz respeito principalmente a qualidades morais, mas o homem possui seus próprios padrões e tende a avaliar seu ambiente como *rā'â* em função da dor que experimenta.

Num sentido não-moral, coisas são consideradas como de qualidade inferior, dependendo da sua condição. As vacas do sonho de Faraó eram inferiores (Gn 41.3-4, 19-20), o mesmo acontece com a terra (Nm 13.19); os figos de Jeremias 24.2-3, 8 eram imprestáveis como comida por causa de seu estado. Animais eram avaliados em termos do perigo causado à vida humana (sete referências), o mesmo ocorre com a espada (Sl 144.10). Relatórios verbais, períodos e épocas, acontecimentos da vida — tudo isso pode trazer aflição e, por isso, são *rā'â* (umas 35 vezes). O termo pode designar danos causados ao corpo (mais de 20 vezes) ou a tristeza que alguém pode experimentar (12 vezes). O substantivo feminino pode denotar coletivamente a soma de acontecimentos angustiantes da vida (mais de 20 vezes).

O vocábulo *ra â* pode rotular homens (Nm 14.27, 35; Jr 8.3) e pensamentos (Ez 38.10), mas várias vezes é uma palavra abstrata que designa a totalidade de feitos iníquos das pessoas ou a condição existente no íntimo da pessoa e que a leva a agir assim. O termo pode exprimir uma variedade de atitudes negativas comuns às pessoas ímpias, e o seu sentido pode ampliar-se de modo a incluir as conseqüências desse tipo de comportamento.

Em Juízes 9.23; 1 Samuel 16.14-16, 23; 18.10; 19.9, a palavra qualifica o substantivo "anjos" não para dar a entender que eram demoníacos, mas que provocavam aflição ou alguma situação anormal na pessoa afetada.

Em consonância com o contraste entre *rā'â* e *tôb*, "bem", Deus dá um castigo doloroso às pessoas do tipo *rā'ā* (mais de 70 vezes; palavra que tem nítida proeminência em Jeremias). Ele também opera com misericórdia com aqueles que se mostram sensíveis às exortações divinas (Ec 11.10; Jr, 10 vezes; Jn 3.8), mas o homem tem de se arrepender e confessar primeiro (1 Sm 12.19; Jr 17.17). De sua parte, Deus age de modo a salvar o homem do *rā'â* (Êx 32.14; 1 Sm 10.19; 25.39), conforme prometeu (1 Rs 21.29; Pv 1.33; Is 57.1; Jr 23.17; 36.3; Ez 34.25). E houve orientação aos fiéis sobre como manterem-se livres de *ra â* (Êx 23.2; 1 Sm 12.20; Pv 3.29; 22.3; 24.1; 27.12).

rōa'. ***Maldade, mal.*** O substantivo masculino *rōa'* ocorre 19 vezes no AT, 11 delas em Jeremias. Designa a má qualidade das vacas do sonho de Faraó (Gn 41.19) e os figos impróprios para consumo (Jr 24.2-3, 8; 29.17). O substantivo denota a tristeza do coração (Ne 2.2) ou do rosto (Ec 7.3) de alguém. Em uma oportunidade se refere a atitudes

negativas (1 Sm 17.28). Na maioria das vezes a palavra denota uma característica imoral da atividade humana (11 vezes).

Bibliografia: — BUCHANAN, George Wesley. The Old Testament meaning of the knowledge of good and evil. *JBL* 75:114-20. — CLARK, W. Malcolm. A legal background to the Yahwist's use of 'good and evil' in Genesis 2—3. *JBL* 88:266-78. — EICHRODT, Walter. *Theology of the Old Testament*. Westminster, 1967. v. 2, p. 380-495. — GELIN, Albert. *Sin in the Bible*. Desclee, 1964.

Quanto a *ra'* e termos sinônimos referentes a pecado, vejam-se: — GIRDLESTONE, R.B. *SOT*. p. 76-85. — PORUBCAN, Stefan. *Sin in the Old Testament*. Roma, Herder, 1963. — QUELL, G. *Sin*. Londres, Adam and Charles Black, 1951. — RICHARDSON, Alan. *A theological wordbook of the Bible*. Londres, SCM, 1957. — SMITH, C. R. *The Bible doctrine of sin*. Londres, Epworth, 1953. — *THAT*. v. 2, p. 794-802.

G.H.L.

2192 רָעַע (*rā'a'*) ***II, quebrar, despedaçar.***

Nos diversos casos em que este verbo é empregado num sentido concreto, i.e., galhos partidos de uma oliveira (Jr 11.16) ou terra arrasada (Is 24.19; ARA, "quebrantada"), descrevem-se os efeitos do juízo de Deus. Em Jeremias 15.12 o provérbio citado é usado na descriçao da resistência dos israelitas à mensagem do profeta. Em Provérbios 25.19 o "dente quebrado" transmite a idéia da qualidade ruim da amizade com um perverso. Eliú utiliza o verbo de um modo mais figurado para mostrar como Deus castiga os pecadores (Jó 34.24). Um dos salmistas diz quase a mesma coisa (Sl 2.9).

O verbo é aparentemente uma forma aramaica cognata do hebraico *rātsats* (q.v.). *rā'a'* II não é usado no Pentateuco. *rātsats* é usado ali apenas uma vez.

G.H.L.

2193 רָעַף (*rā'ap*) ***escorrer (líqüido), gotejar*** (e.g., Jó 36.28; Is 45.8).

2194 רָעַץ (*rā'ats*) ***despedaçar*** (Êx 15.6; Jz 10.8).

2195 רָעַשׁ (*rā'ash*) ***tremer, estremecer.***

Termo Derivado

2195a †רַעַשׁ (*ra'ash*) ***tremor, estrondo.***

Essa raiz hebraica aparece aproximadamente 30 vezes no AT. Não ocorre no Pentateuco, estando limitada aos profetas e aos escritos.

Parece ser mais fruto de especulação a relação entre *rā'ash* e o acadiano *ra'āsu*, "derrubar". O significado mais comum adotado pelas várias versões é o de "estar trêmulo", embora também se vejam "tremer", "estremecer" e "mexer". Uma variedade de sujeitos é usada com *rā'ash*: céus, terra e as nações gentílicas hão de ser sacudidas por Deus (Ag 2.6-7, 21). Em outras passagens se diz que os céus hão de tremer (Jl 2.10), e a terra, de estremecer. Na maioria dos contextos, no primeiro verso de uma mesma seqüência

paralela *rā'ash* é empregado para descrever a soberania de Deus sobre o mundo físico. Sobre os seres vivos diz-se que tremem (Ez 38.20); os cavalos estremecem o chão (Jó 39.20) segundo a vontade do Senhor. O outro uso de *rā'ash* descreve exércitos invasores e o fragor do combate (Jr 8.16) e também o tremor de muros (Ez 26.10). A própria Babilônia há de tremer (Is 14.16). Em uma determinada passagem poética (Sl 72.16) o que está envolvido é uma ação bem mais branda. Nessa passagem deve-se interpretar *rā'ash* como "ondular", "ondear", visto que descreve a abundância de plantações de cereais que cobrem até os montes. Alguns estudiosos, no entanto, são de opinião de que esta é uma outra raiz, *rā'ash* II, "aumentar" (cf. *KB*).

ra'ash. ***Tremor, estrondo.*** Esse substantivo masculino refere-se a terremotos e a outros semelhantes movimentos violentos do solo. A semelhança da raiz da qual deriva, o substantivo aparece apenas nas duas últimas partes do cânon hebreu, a saber, nos profetas e nos escritos. É empregado na descrição de terremotos, tanto os que acompanham as teofanias dos profetas do AT (1 Rs 19.11) quanto os que são fenômenos naturais (Am 1.1). A palavra tem o sentido ampliado na descrição do tumulto da guerra, da marcha de soldados (Is 9.4), do pisotear de cavalos de guerra (Jó 39.24) e do ruído de carros de guerra (Jr 47.3). Numa passagem notadamente obscura, no paralelismo poético de Jó, fica evidente um significado diferente de *ra'ash*. Jó faz a seguinte pergunta: se os homens são incapazes de permanecer diante de uma das mais temíveis criaturas de Deus, o crocodilo, como então poderiam esperar confrontar a Deus? Na passagem (Jó 41.29 [21]) afirma-se que "os cacetes atirados são para ele [o crocodilo] como palha, e ri-se do brandir [*ra'ash*] da lança".

W.W.

2196 רָפָא (*rāpā'*) ***curar, tornar saudável.***

Termos Derivados

2196a רִפְאָה (*r'pu'â*) ***cura*** (Ez 30.21; Jr 30.13).

2196b רִפְאוּת (*rip'ût*) ***cura*** (Pv 3.8).

2196c מַרְפֵּא (*marpē'*) ***cura*** (Jr 8.15), ***saúde*** (Pv 4.22).

Essa raiz originariamente hebraica aparece mais de 60 vezes no AT e é cognata de poucas formas posteriores em dialetos afro-semíticos. O significado é claro em praticamente todas as passagens. A primeira ocorrência da raiz, num texto que fala da cura de Abimeleque por Deus (Gn 20.17), emprega-se o grau qal. O verbo, na forma nominal (particípio), também designa a ação humana de curar, "médico" (Gn 50.2). Também se usa *rāpā'* para designar a cura e o perdão de nações gentílicas (Is 19.22; 57.18). Nos graus piel e hitpael se destaca o aspecto causativo: "ele curou [i.e., restaurou, piel] o altar" (lit., 1 Rs 18.30). Entretanto, um ser humano é geralmente o objeto da cura: "e [ele] o fará curar-se totalmente" (Êx 21.19). O hitpael possui a noção passiva característica do grau: "Então voltou o rei Jorão (...) para curar-se das feridas" (2 Rs 8.29; 9.15). A outra ocorrência no hitpael está em 2 Crônicas 22.6. Possivelmente o emprego mais significativo do verbo se dá no grau nifal: "então sereis curados" (1 Sm 6.3); "de que

não possas curar-te" (Dt 28.27). Emprega-se esse grau também para designar a restauração de objetos (Jr 19.11) e para a transformação de água salobra em água potável (2 Rs 2.22). Os temas de cura e restauração como conotações de *rāpā'* são combinados no uso de Isaías 53.5, "pelas suas pisaduras fomos sarados". Em muitas das ocorrências, é Deus quem cura e também quem aflige com doenças ou catástrofes, as quais não podem ser curadas senão mediante a intervenção divina.

W.W.

רִפְאוּת (*rip'ût*). Veja o nº 2 196b.

רְפָאִים (*r'pā'îm*). Veja os nºs 2 198c,d.

2197 רָפַד (*rāpad*) ***espalhar, estender*** (e.g., Jó 41.22; 17.13).

Termo Derivado

2197a רַפִּידָה (*r'pîda*) ***apoio*** (Ct 3.10).

2198 רָפָה (*rāpâ*) ***afundar, deixar cair, desanimar-se.***

Termos Derivados

2198a רָפֶה (*rāpeh*) ***frouxo.***

2198b רִפְיוֹן (*rippāyôn*) ***fraqueza*** (de mãos, Jr 47.3).

2198c †רְפָאִים (*r'pā'îm*) ***I, espíritos dos mortos, sombras.***

2198d †רְפָאִים (*r'pā'îm*) ***II, gigantes, refains.***

Essa raiz é cognata do verbo fenício *rph*, tendo um sentido semelhante. *rāpâ* aparece 43 vezes no AT. É empregado nos graus qal, piel, hifil e hitpael. A raiz possui uma variedade ampla de significados e conotações. A primeira ocorrência no qal (Êx 4.26) é difícil, sendo traduzida por diferentes expressões: "Assim o SENHOR o deixou" (ARA); "e desviou-se dele" (ARC); literalmente, "então deixou-o cair de si" (observe-se que, ao contrário da ARA, o TM não traz explícito que "Iavé" é o sujeito da ação). Em outras passagens designa objetos e forças inanimadas, "assim como a erva seca afunda na chama" (lit., Is 5.24); em ainda outras passagens refere-se ao fim do dia, "o dia afundou na tardinha" (lit., Jz 19.9). A forma piel ocorre em algumas passagens: "este homem ... afrouxa [i.e., enfraquece] as mãos" (Jr 38.4); "abaixavam as asas" (Ez 1.24). O grau hifil é o que aparece com maior freqüência, 21 vezes ao todo, e em geral significa "deixar cair", "abandonar" (Js 10.6; Dt 4.31; et al.). Também significa "deixar a sós", "retirar-se", "abster-se" (Jz 11.37; SI 37.8). O grau hitpael ocorre três vezes, duas em Provérbios: "quem 'é negligente' na sua obra" (18.9); "se 'te deixas abater' no dia da adversidade" (MM, 24.10; "se te mostras fraco no dia da angústia" [ARA] e outras leituras semelhantes não retratam a plena força da raiz). Esse grau aparece em Josué 18.3, mas a tradução "até quando sereis remissos(...)?" não faz plena justiça ao sentido do verbo *rāpâ*. Uma interpretação preferível é "até quando permanecereis abatidos(...)?" Essa é uma raiz

interessante e significativa. No entanto, cada ocorrência deve ser cuidadosamente comparada com outros contextos semelhantes. É bem interessante que *rāpâ* é empregado em contextos poéticos apenas umas poucas vezes.

O substantivo *rᵉpa'îm*, "sombras" (q.v.), e o nome próprio *rᵉpa'îm*, "Refaim", podem estar relacionados com *rāpâ* ou *rāpā'*, mas não é claro como isso acontece.

rᵉpā'îm. ***I. Espíritos dos mortos, sombras.*** *rp'i*, palavra e idéia de origem ugarítica, com o significado de "os mortos que habitam o outro mundo", é cognato tanto do hebraico quanto do fenício *rᵉpā'îm*. Em inscrições encontradas em túmulos em Sidom, os reis Tabnite e Esmunazar referem-se aos *rᵉpā'îm*, mas esse uso data do período helenístico. O fato básico acerca das oito ocorrências da raiz no AT é que aparece exclusivamente em passagens poéticas. Seu uso está determinado como o segundo sinônimo de pares de palavras usadas em paralelismo. O paralelismo mais comum é o de "morte"/"mortos" e "espíritos" (Pv 2.18; Is 26.14, 19, uma estrutura poética mais complexa; Sl 88.10-11 [11-12]). O paralelismo de "espíritos" e "sheol" ocorre em duas passagens (Pv 9.18; Jó 26.5). Em uma outra passagem o paralelismo é invertido, "sheol" e "espíritos" (Is 14.9). Em ainda outro caso (Pv 21.16), tem-se um paralelismo complexo do tipo que tem sido chamado de "paralelismo ascendente" modificado, no qual se coloca "homens sem entendimento" em paralelismo com "espíritos". Claro está que esse termo antigo e quase mitológico era empregado apenas para satisfazer as exigências da estrutura poética hebraica e que em nenhum momento dá a entender que a raiz *rᵉpā'îm* possua alguma conotação específica que não a de sinônimo de "mortos" e de "lugar dos mortos".

[Pode-se acrescentar que os dados encontrados em Ugarite não são seguros. Gordon traduz a raiz *rp'i* por "divindades", "sombras dos mortos" (*UT* 19: nº 2346); Aisleitner, por "1) príncipe (Fuerst), 2) Deus como Príncipe, 3) Baal como Príncipe dos deuses" (*AisWUS* nº 2575). Diversas das passagens se referem aos refaítas gentílicos; no Conto de Aqhat, Daniel é chamado de homem-Rafa (*ANET*, p. 149 e ss., e veja-se *rᵉpā'îm* II, abaixo). Em algumas das outras passagens a tradução é incerta. Por exemplo, Ginsberg traduz a palavra por "comunidade", grifando-a (*ANET*, p. 146; KRT iii, 1.3). É metodologicamente questionável empregar, como alguns têm feito (veja-se *KB*), extensamente esses dados de Ugarite para determinar o significado que essa palavra tem no AT. Parece não existir nenhuma relação clara entre a idéia da raiz em ugarítico e a noção de outro mundo, e, de qualquer forma, a teologia hebraica diverge da ugarítica.

São importantes e convincentes os dados hebraicos levantados por W. White e que favorecem o paralelismo de *rp'i* com "morte", "mortos", "sheol (ou túmulo" (cf. também Sl 88.11 [12]). Entretanto, a característica que os mortos têm de ser espírito não é tão clara. Na realidade, uma vez que o termo se refere a pessoas mortas, a tradução "os mortos" há de se aplicar bem em todos os casos. Isso não nega que outras passagens façam referência à vida ininterrupta da alma, mas não necessariamente numa semi-existência nas sombras. R.L.H.]

rᵉpā'îm. ***II, Gigantes, refains.*** Termo de origem ugarítica, designa um dos povos pré-semíticos mais primitivos da Palestina. De acordo com os mitos e lendas ugaríticos o herói Danel (que não tem relação nenhuma com o Daniel da Bíblia) e o paladino de Baal são ambos chamados de "refaítas". Não se sabe se essa é uma etimologia popular sem base em fatos ou se é um termo baseado em alguma tradição histórica antiga. Os historiadores do AT empregaram o vocábulo para descrever os moradores pré-israelitas da Palestina.

Deuteronômio 2.20 menciona que os amonitas chamavam-nos de "zanzumins", mas não subsistem dados sobre esse nome. As versões são confusas na tradução do vocábulo. Em Gênesis 14.5; 15.20, a tradução é "refains" (mas cf. ARC). Mas em outras passagens (Dt 2.11, 20; 3.11; Js 12.4; 13.12; 17.15) algumas traduções optam por "refains" (e.g., ARA), e outras, por "gigantes" (ARC). Em 1 Crônicas 20.4, 6, 8, a ARC (marg.) traduz por "gigante", enquanto a ARA, por "gigantes". Outras passagens também apresentam um padrão confuso de tradução. A justificativa apresentada pela ARC para traduzir por "gigante" em todos os casos se baseia nos detalhes sobre os refains em Deuteronômio 2.10-11, 20-21, em que se diz que eram "altos como os enaquins". A LXX também traduziu o vocábulo por "gigante" em Josué 12.4; 13.14; 1 Crônicas 20.4, 6. É bastante difícil determinar a exata relação entre *r'pa îm* I e *r pā'îm* II, e até o momento não surgiu nenhuma explicação plausível. [Quanto à famosa cama de Ogue, é possível que fosse um sarcófago, que era grande não porque Ogue seria um gigante, mas por causa dos outros objetos que teriam sido enterrados junto com ele. R.L.H.]

Bibliografia: — GRAY, John. DTN and RP'UM in ancient Ugarit. *PEQ* 84:39-41.

W.W.

רְפִידָה (*r'pîdâ*). Veja o nº 2 197a.

רִפְיוֹן (*rippāyôn*). Veja o nº 2 198b.

2199 רָפַס (*rapas*), רָפַשׂ (*rapas*) ***bater (o pé), pisar, enlamear com os pés*** (e.g., Ez 32.2; Pv 25.26).

Termo Derivado

2199a מִרְפָּשׂ (*marpēs*) ***charco*** (i.e., água pisada e enlameada, Ez 34.19).

2200 רַפְסֹדָה (*rapsôdâ*) ***balsa*** (2 Cr 2.16, somente). Derivação incerta.

2201 *רָפַף (*rāpap*) ***tremer, balançar***. Esse verbo ocorre somente no poal (Jó 26.11).

2202 *רָפַק (*rāpaq*) ***apoiar-se, encostar-se***. Este verbo ocorre somente no hitpael (Ct 8.5).

רָפַשׂ (*rapas*). Veja o nº 2 199.

2203 רפשׁ (*rpsh*). **Aceita como raiz de:**

2203a רֶפֶשׁ (*repesh*) ***lodo*** (Is 57.20).

2204 רֶפֶת (*repet*) ***estábulo, curral*** (Hc 3.17).

רָץ (*rats*). Veja o nº 2 212a.

2205 רָצָא (*rātsā'*)

2205 רָצָא (*rātsā'*) ***correr*** (Ez 1.14).

2206 *רָצַד (*ratsad*) ***observar furtivamente, observar com inveja e hostilidade*** (Sl 68.17).

2207 רָצָה (*rātsâ*) ***agradar-se de, ser propício com.***

Termo Derivado

2207a רָצוֹן (*rātsôn*) ***prazer, satisfação, favor.***

Raiz semítica ocidental muito antiga, *rātsâ* é encontrada numa carta de Rib-Addi (c. 1370 a.C.), encontrada em Amarna (127:25). O vocábulo é cognato do ugarítico *rs'i* e também é encontrado em siríaco, embora com um sentido ligeiramente diferente.

O verbo aparece 50 vezes no AT e se encontra distribuído por todas as partes e contextos. Aparece 13 vezes em Salmos; em Levítico ocorre seis vezes (Lv 1.4 e ss.), sempre no grau nifal, com o sentido especial de "ser aceito favoravelmente", no contexto de pureza ritual das ofertas. A construção mais usual é no qal, ocorrendo pela primeira vez em Gênesis 33.10, em que descreve o que Jacó deseja a Esaú. Usa-se *rātsâ* freqüentemente em orações (Dt 33.11, 24) e saudações religiosas (2 Sm 24.23). Muitas vezes a raiz descreve a satisfação de Deus com os seus servos, com particular referência ao Messias (Is 42.1). *rātsâ* é usado como segundo elemento nas belas frases paralelas de Salmos 147.10 [11]. O vocábulo paralelo inicial na primeira metade do verso é um sinônimo, *hāpēs* (q.v.). Também se usa *rātsâ* em passagens que tratam do favor dos homens (Ml 1.8) e da atitude do pai para com o filho (Pv 3.12). E empregada em contextos que falam de tornar a obter o favor do rei (1 Sm 29.4; ARA, "reconciliar-se com") ou do favor de um rei para com o seu povo (2 Cr 10.7; ARA, "agradar"). Designa o pagamento de uma dívida, no sentido de expiação pelo pecado (Mq 6.7) e de cumprimento de deveres rituais (2 Cr 36.21). Numa passagem difícil e obscura (Jó 14.6), à primeira vista parece que a raiz *rātsā* está deslocada, o que só se resolve com uma tradução cuidadosa. Jó pranteia a fragilidade da raça humana: "Desvia dele o teu olhar, de modo que descanse, a fim de que desfrute seu (único) dia como um assalariado".

rātsôn. ***Prazer, satisfação, favor.*** Esse substantivo masculino ocorre mais de 50 vezes no AT. Nele se vêem três conotações básicas. A primeira é o "favor" ou a "boa vontade" da parte de Deus (Dt 33.16; Is 60.10; Sl 5.12 [13]; 30.6, 8; et al.). A raiz também se refere ao "prazer" ou "favor" de reis (apenas em Pv: 14.35; 16.13, 15) e de todos os homens (Pv 10.32; 11.27; et al.).

A segunda conotação é a de "satisfação" ou "aceitação" de um indivíduo (Êx 28.38), sempre num sentido religioso ou ritual. O vocábulo *rātsôn* descreve a "permissibilidade" ou "aceitação" de uma oferta ou sacrifício (Lv 1.3; 22.20; Is 56.7; et al.).

A terceira conotação existente nessa palavra é a de "desejo", "prazer" (no sentido específico de "vontade", tal como na "vontade" de Deus; Ed 10.11; Sl 40.9; et al.). Um número ainda maior de textos descreve o "desejo" ou "vontade" do homem (2 Cr 15.15; Dn 8.4; et al.). Uma passagem obscura e difícil é a de Gênesis 49.6, a bênção final de Jacó.

As versões estão claramente divididas quanto à leitura correta: "na sua 'vontade' perversa jarretaram touros" (ARA); "na sua 'teimosia' jarretaram bois" (TB); "na sua 'teima' arrebataram bois" (ARC); "em seu 'capricho' mutilaram touros" (BJ). Parece que a BJ segue mais de perto o sentido do texto hebraico. A raiz *rātsâ* e o substantivo *rātsôn* possuem ampla variedade de conotações, mas sua grande importância repousa no fato de constituírem as expressões antropomórficas mais comuns da vontade preceptiva de Deus.

Bibliografia: — *TDNT*. v. 2, p. 743-5. — *THAT*. v. 2, p. 810-2.

W.W.

רָצוֹן (*rātsôn*). Veja o nº 2 207a.

2208 רָצַח (*rātsah*) ***assassinar, matar.***

Termo Derivado

2208a רֹצֵחַ (*retsah*) ***despedaçador*** (Sl 42.11; Ez 21.27).

rātsah é uma raiz exclusivamente hebraica. Não possui nenhum cognato claramente identificável nas línguas da época. A raiz ocorre 38 vezes no AT, com 14 ocorrências em Números 35. Ela aparece pela primeira vez nos Dez Mandamentos (Êx 20.13). Naquele texto importante aparece no qal, junto com o advérbio de negação "não assassinarás", que é uma tradução mais exata do conhecido e demasiadamente genérico "não matarás". Muito já se falou acerca do fato de que a raiz *rātsah* aparece na legislação mosaica com conotação especial de premeditação, como se o Decálogo dispusesse apenas acerca do crime premeditado. Não é esse o caso. As inúmeras ocorrências em Números 35 tratam do estabelecimento das cidades de refúgio para onde podiam fugir aqueles que matassem alguém acidentalmente. Números 35.11 deixa plenamente claro que o refúgio existia para as pessoas culpadas de mortes acidentais, não premeditadas. Isso deixa claro que *rātsah* se aplica igualmente tanto a casos de assassínios premeditados quanto a mortes resultantes de outras circunstâncias, que em direito são chamadas de "homicídio culposo". A raiz também descreve a morte por vingança (Nm 35.27, 30) e o assassínio motivado (2 Rs 6.32). Aparece em alguns contextos poéticos: como o primeiro elemento numa construção paralela incomum (Jó 24.14); como o primeiro elemento num paralelo com a palavra genérica para imoralidade, *zimmâ* (Os 6.9); como segundo elemento num paralelo com outro sinônimo, que tem o sentido de "matar" (Sl 94.6). Em um único caso em todo o AT a raiz designa a morte de um homem por um animal (Pv 22.13). Mas mesmo nesse contexto a idéia básica é a da hediondez de tal acontecimento. Em todos os demais casos do uso de *rātsah*, é o crime de um homem contra seu semelhante e a censura divina que estão em proeminência.

W.W.

2209 רָצַע (*rātsa'*) ***furar, perfurar*** (Êx 21.6; Dt 15.17).

2210 רָצַף (*rātsap*)

Termo Derivado

2209a מִרְצַע (*martsēa'*) ***sovela*** (Êx 21.6; Dt 15.17).

2210 רָצַף (*rātsap*) ***I, encaixar, prover de apetrechos*** (Ct 3.10).

Termos Derivados

2210a רִצְפָּה (*ritspâ*) ***pavimento*** (e.g., Et 1.6; Ez 40.17-18).

2210b מַרְצֵפָה (*martsepet*) ***pavimento*** (2 Rs 16.17).

2211 רָצַף (*rtsp*). **II. Aceita como raiz de:**

2211a רִצְפָּה (*ritspâ*) ***pedra incandescente*** (ou brasa viva, Is 6.6; 1 Rs 19.6).

2212 רָצַץ (*rātsats*) ***esmagar, oprimir.***

Termos Derivados

2212a רַץ (*rats*) ***pedaço, barra*** (Sl 68.30 [31]).

2212b מְרוּצָה (*m'rûtsâ*) ***esmagamento, opressão*** (Jr 22.17).

Essa raiz exclusivamente hebraica ocorre em todas as partes do AT, mas menos de 20 vezes no total. Tem uma ampla variedade de significados e aparece em todos os graus. A primeira ocorrência se acha na forma rara do hitpoel (Gn 25.22). Os comentários rabínicos erroneamente indicaram que a forma deriva de um outro verbo, o que resultou numa certa confusão entre as versões. O sentido básico do grau qal é o de "esmagar" ou "quebrar em pedaços" (2 Rs 23.12; ARA, "esmigalhar"). A partir daí desenvolveu-se a idéia de "oprimir" (1 Sm 12.3) e "quebrantar" (Dt 28.33). Entre os importantes usos metafóricos e proféticos da raiz se encontra o de "esmagar", como em "cana esmagada", uma expressão predileta de Isaías (36.6).

W.W.

רֹק (*rōq*). Veja o nº 2 219a.

רַק (*raq*). Veja o nº 2 218a.

2213 רָקַב (*rāqēb*) ***apodrecer*** (Is 40.20, Pv 10.7).

Termos Derivados

2213a רָקָב (*rāqāb*) ***podridão, apodrecimento*** (e.g., Os 5.12; Jó 13.28).

2213b רִקָּבוֹן (*riqqābôn*) ***podridão*** (Jó 41.19).

רִקָּבוֹן (*riqqābôn*). Veja o nº 2 213b.

2214 רָקַד (*rāqad*) ***saltitar*** (e.g., Ec 3.4; Is 13.21).

רַקָּה (*raqqâ*). Veja o nº 2 218c.
רִקּוּחַ (*riqqûah*). Veja o nº 2 215e.
רִקּוּעַ (*riqqûa'*). Veja o nº 2 217b.

2215 רָקַח (*rāqah*) ***misturar, preparar misturas.***

Termos Derivados

2215a †רֶקַח (*reqah*) ***especiaria.***
2215b †רֹקַח (*rōqēah*) ***pomada.***
2215c †רַקָּח (*raqqāh*) ***perfumista homem.***
2215d רַקָּחָה (*raqqāhâ*) ***perfumista mulher*** (1 Sm 8.13).
2215e †רִקֻּחַ (*riqqûah*) ***perfume.***
2215f †מֶרְקָחַת (*merqāh*) ***especiarias aromáticas.***
2215g †מִרְקַחְתָּה (*merqāhâ*) ***vaso de pomada.***
2215h †מִרְקַחַת (*mirqahat*) ***mistura de ungüentos.***

Essa raiz é a forma hebraica de um empréstimo lingüístico do acadiano *ruqqu*, que também significa preparar pomadas e ungüentos. Existem dados indicando que na Mesopotâmia a produção e o comércio de perfumes já tinha atingido um nível bem elevado por volta de 2000 a.C.

A raiz ocorre cinco vezes no grau qal, três delas em Êxodo 30 (vv. 25, 33, 35), em que há uma proibição enérgica de fazer um ungüento parecido com aquele usado no ritual do tabernáculo, e em Eclesiastes 10.1 e 1 Crônicas 9.30. Em todas essas ocorrências ela se refere a ungüentos de cheiro adocicado que deviam ser queimados como incenso ou espalhados sobre o corpo. *rāqah* aparece uma vez no pual, "um leito, que se enchera de perfumes e de várias especiarias, 'preparados' segundo a arte dos perfumistas" (2 Cr 16.14). *rāqah* também ocorre uma vez no hifil (Ez 24.10); a ARA traz "engrossa o caldo", o que não tem base no texto; a ARC, "tempera-a com especiarias", mas o hebraico diz "tempera os temperos bem", o que acentua o cinismo da recomendação, pois não há quantidade de temperos que torne a falsa adoração aceitável para Deus.

reqah. ***Especiaria.*** Esse é um substantivo masculino muito obscuro e bastante poético. Aparece apenas uma vez, em Cantares 8.2. Está associado com a palavra hebraica usual para "vinho", numa construção encontrada em textos antigos de quase todas as culturas e épocas. O trecho diz: "Eu te daria a beber vinho aromático [lit., 'vinho de especiaria']."

rōqēah. ***Pomada.*** *rōqēah* é uma forma do particípio do qal de *rāqah*. Aparece em três passagens que descrevem pomadas ou ungüentos e os seus usos na cultura israelita (Êx

30.25, 35; 37.29); ocorre também em um aforisma, "a mosca morta faz o ungüento do perfumador exalar mau cheiro" (Ec 10.1).

raqqāh, raqqāhâ. ***Perfumista.*** Essa era uma profissão de grande renome no antigo Oriente Médio. Os termos traduzidos por "especiaria", "misturar" e "perfumista" são todos cognatos. Existem fortes indícios de que esse substantivo foi um empréstimo lingüístico do ugarítico e que então passou para o acadiano. Aparece uma vez na forma masculina, "junto dele, Hananias, um dos perfumistas" (Ne 3.8), e uma na feminina, "tomarás as vossas filhas para perfumistas [*raqqāhâ*]" (1 Sm 18.13).

riqqûah. ***Perfume.*** Esse substantivo masculino aparece apenas uma vez. em Isaías 57.9, em que está no plural: "Vais ao rei [ou Moloque] com óleo, e multiplicas os teus perfumes". O termo é um empréstimo lingüístico do acadiano *riqqu*.

merqāh. ***Especiarias aromáticas.*** Essa palavra rara é um particípio derivado da raiz *rāqāh*. É usada junto do termo hebraico usual para "torre", *migdāl*. Só pode ser interpretada no contexto das demais palavras usadas junto com ela, "suas faces são como um leito de especiarias, como canteiros de ervas adocicadas" (Ct 5.13; ARA, "ervas aromáticas").

merqāhâ. ***Vaso de pomada.*** Esse particípio do hifil de *rāqah* ocorre duas vezes (Jó 41.31 [23]; Ez 24.10).

mirqahat. ***Mistura de ungüentos.*** Esse termo incomum ocorre três vezes (Êx 30.25; 1 Cr 9.30; 2 Cr 16.14).

W.W.

רָקִיעַ (*rāqîa'*). Veja o nº 2 217a.

רָקִיק (*rāqîq*). Veja o nº 2 218b.

2216 רָקַם (*rāqam*) ***diversificar*** (e.g., Êx 38.23; 35.35; Sl 139.15).

Termos Derivados

2216a רִקְמָה (*riqmâ*) ***tecido variegado*** (e.g., Jz 5.30; Ez 16.18).

2217 רָקַע (*rāqa'*) ***bater, espalhar, estender.***

Termos Derivados

2217a †רָקִיעַ (*rāqîa'*) ***firmamento.***

2217b רִקּוּעַ (*riqqûa'*) ***expansão*** (Nm 17.3).

O conceito básico de *rāqa'* é o de pisar, bater o pé e aquilo que resulta dessa ação, i.e., algo que é espalhado ou esticado. No AT *rāqa'*, com a conotação de bater o pé, pode

ser entendido literalmente, dando a entender um regozijo maldoso (Ez 25.6) ou uma animação ameaçadora (6.11). Pode ser empregado figuradamente para descrever inimigos espancados e esmagados (2 Sm 22.43). Nos graus piel e pual, o verbo *rāqa'* adquire o sentido de bater metais nobres e de espalhar o resultado dessa ação de bater, por exemplo, "revestir" (ARA, "cobrir") uma imagem (Is 40.19). O vocábulo aparece designando ouro "batido" em Êxodo 39.3 e prata "batida" em Jeremias 10.9. Em Números 16.39 [17.4] o verbo é traduzido por "converter" (em lâminas). *rāqa'* passa então a denotar a ação divina de estender a terra tangível (Is 42.5; 44.24), estendê-la sobre a água (Sl 136.6) ou estender o céu intangível (Jó 37.18).

rāqîa'. ***Firmamento.*** "Vastidão" (no sentido de espaço imenso) é uma tradução mais precisa (cf. *riqqu'ê pahîm*, Nm 16.38 [17.3], lit. "uma vastidão de lâminas", i.e., lâminas largas, batidas; *BDB*, p. 956). *rāqîa'* pode designar um espaço limitado, tal como a abóbada existente acima dos querubins, que, na visão de Ezequiel, ficavam sob o trono (1.22, 26). Ou pode referir-se à "vastidão dos céus" (Dn 12.3; ARA, "firmamento"), como acontece em 13 das 17 ocorrências da palavra.

rāqîa' é o derivado mais importante de *rāqa'*. Identifica a vastidão celeste criada por Deus. O relato de Moisés da criação emprega *rāqîa'* no sentido de "espaço aberto dos céus", no qual as aves voam (Gn 1.20; ARA, "firmamento dos céus"), ou seja, a atmosfera (H. C. LEUPOLD, *Exposition of Gênesis*, v. 1, p. 59), e aquela imensidão mais distante, onde Deus colocou "luzeiros ... para [assinalar as] estações" (vv. 14, 17, aparentemente uma referência ao fato de eles se tornarem visíveis através do manto de nuvens; as estrelas, o sol e a luz presumivelmente já haviam sido criados no v. 3), ou seja, o espaço sideral (*ISBE*, v. 1, p. 315), sobre o qual, conforme o disse Jó, "[Deus] estende o norte" (Jó 26.7). A primeira idéia recebe uma ênfase maior, em particular durante aquele período antes do segundo dia da criação, quando a terra resfriou o suficiente (?) para permitir o surgimento de águas na superfície, separadas, pela expansão atmosférica, daquilo que ainda devia ter sido um imenso manto de nuvens (Gn 1.6-8). Tais circunstâncias ajudam a explicar as "portas" ou "janelas" como referências poéticas do AT ao fenômeno da chuva, por exemplo, "[Deus] ordenou às alturas, e abriu as portas dos céus" (Sl 78.23). Isaías 5.6 e outras passagens deixam claro que os hebreus sabiam que a chuva vinha das nuvens.

No Egito pré-cristão a confusão se introduziu na cosmologia bíblica quando a LXX, talvez sob a influência de teorias alexandrinas de que o céu seria uma "abóbada de pedra", traduziu *rāqîa'* por *stereōma*, sugerindo algum tipo de estrutura firme e sólida. Esse conceito grego se refletiu então na tradução em latim, *firmamentum*, de onde se tem a tradução em português "firmamento". Até hoje a crítica negativa diz que a "abóboda, ou 'firmamento', era considerada sólida pelos hebreus e que sustentava as 'águas' acima dele" (*BDB*, p. 956); cf. a tradução literal de Jó 37.18, "a expansão, forte [*hăzāqîm*] como um espelho fundido" (cf. Sl 150.1, lit., "expansão do seu poder"; ARA, "firmamento, obra do seu poder"), que a ARA alterou para "o firmamento, que é sólido..." A mitologia babilônica conta como Marduque usou metade do cadáver de Tiamate para formar os céus (*shamamu*), mantidos em seu lugar com o auxílio de uma viga (!). No AT, porém, Isaías insiste em que Deus "estende os céus [*shāmayim*] como cortina [*dōq*, 'gaze']" (Is 40.22); e até mesmo a abóboda (*rāqîa'*) limitada de Ezequiel é "como o olho do gelo temível" (lit., Ez 1.22), ou seja, é transparente, "como cristal brilhante" (ARA), tão ofuscante a ponto de causar medo (*KD*; cf. Dn 12.3, "fulgor").

Bibliografia: — BROCKINGTON, L. H. Height. In: *RTWB*. p. 105-6. — LEUPOLD, H. C. *Exposition of Genesis*. Baker, 1950. v. 1, p. 59-61. — LORIZYNER, H. The firmament and the clouds. *Studia Theologia* 1:188-96. — SKINNER, J. *Genesis*. *ICC*, p. 41-50. — HARRIS, R. L. The Bible and cosmology. *JETS* 5:11-7.

J.B.P.

2218 רקק (*rqq*). **I. Aceita como raiz de:**

2218a †רַק (*raq*) ***magro, somente.***

2218b †רָקִיק (*rāqîq*) ***pão delgado.***

2218c †רַקָּק (*raqqâ*) ***têmpora*** (Jz 4.21, 22; 5.26).

raq. ***Magro, somente.*** Esse adjetivo raro é empregado apenas três vezes, todas na narrativa do sonho de Faraó feita a José. A raiz é utilizada somente para descrever as sete vacas magras que subiram do Nilo (Gn 41.19-20, 27). A mesma palavra se desenvolveu no seu sentido e deu origem ao advérbio bastante comum, "somente". Ocorre mais de 100 vezes no AT, sendo que é usado pela primeira vez em Gênesis 6.5, "'somente' mau o dia inteiro" (ARA, "continuamente mau"). O significado da palavra não varia.

rāqîq. ***Bolo delgado de massa sem fermento.*** Esse substantivo masculino, que deriva do grau hifil da raiz verbal *rāqaq*, ocorre oito vezes no AT. E a oferta de manjares determinada, "'bolos delgados de massa sem fermento' untadas com azeite" (Lv 2.4; ARA, "obréias"). A preparação do *rāqıq* é uma das responsabilidades dos levitas (1 Cr 23.29). Os demais usos se encontram todos no Pentateuco (Êx 29.2, 23; Lv 7.12; 8.26; Nm 6.15, 19).

W.W.

2219 רָקַק (*rāqaq*) ***cuspir*** (Lv 15.8).

Termo Derivado

2219a רֹק (*rōq*) ***cuspo*** (Is 50.6; Jó 30.10).

2220 רשׁה (*rshh*). **Aceita como raiz de:**

2220a רִשְׁיוֹן (*rishyôn*) ***permissão*** (Ez 3.7).

רִשְׁיוֹן (*rishyôn*). Veja o nº 2 220a.

2221 רָשַׁם (*rāsham*) ***inscrever, observar*** (Dn 10.21).

2222 רָשַׁע (*rāsha'*) ***ser perverso, agir perversamente.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2222a †רֶשַׁע (*resha'*) ***erro, perversidade, culpa.***

2222b †רָשָׁע (*rāshā'*) ***perverso (subst.), criminoso (subst.).***

2222c †רִשְׁעָה (*rish'â*) ***culpa, perversidade.***

2222d †מִרְשַׁעַת (*mirsha'at*) ***perversidade*** (2 Cr 24.7).

O verbo é denominativo de *resha'*, "erro", "perversidade", e parece ter dois sentidos: "agir perversamente" e "condenar como culpado". Ocorre 33 vezes.

As formas verbais ocorrem apenas nos graus qal e hifil. No qal o verbo significa "estar errado", "ser injusto" ou "ser culpado"; no hifil, "condenar como culpado" ou "agir perversamente".

Em aramaico o adjetivo *rshy'*, "aquele que se comporta perversamente", aparece em oposição ao adjetivo *tsdyq*, "aquele que faz o que é certo" (*ANET*, Words of Ahiqar, p. 430, linhas 168-171). No AT a raiz *rāsha'* surge como o antônimo mais importante de *tsedeq*, "justiça", "retidão" (cf. K. RICHARDS, A form and traditio-historical study of *rsh'*, tese de doutorado, Claremont, 1970 [cf. *ZAW* 83:402]). Em contraste com *tsdq*, a raiz denota o comportamento negativo de pensamentos, palavras e ações más, um comportamento contrário não somente ao caráter de Deus, mas também hostil à comunidade e que, ao mesmo tempo, revela a falta de harmonia e a agitação existentes no interior do homem (cf. Is 57.20; cf. J. PEDERSEN, *Israel*, Londres, v. 1 e 2).

Numa lei jurisprudencial declara-se que, se dois homens brigarem entre si por causa da posse de bens, Deus os declarará culpados. Numa lei parecida (Dt 25.1), determina-se que os juízes devem ser justos ao decidir qual a parte culpada. Essas leis dizem respeito à ruptura do relacionamento entre as pessoas. Um exemplo de ruptura em relações internacionais é 1 Samuel 14.47, solucionada por Saul mediante conquista militar. O verbo pode descrever um colapso generalizado das relações sociais (Sl 94.21), situação em que pessoas ruins maltratam pessoas boas. Esse contraste entre pessoas boas e ruins é acentuado por meio de referência à maneira como Deus trata as pessoas. Ele assume posição contra a perversidade, pois ela é contrária à natureza divina (Jó 40.8; Sl 37.33; Pv 12.2; Is 50.9; 54.17). Foi a partir desse paradigma que se avaliaram os reis de Israel e Judá (2 Cr 20.35; 22.3). De igual modo o povo de Deus anunciou sua inocência; eles não agiram como os perversos (2 Sm 22.22; Jó 10.2, 7; Sl 18.21 [22]).

A razão pela qual existe diferença entre a pessoa boa e a ruim é que esta segue um estilo de vida contrário às leis de Deus (Pv 17.15; Dn 12.10; cf. Jó 32.3; 1 Rs 8.32; Dn 11.32).

Esse estilo de vida não é irreversível; pode ser mudado, basicamente mediante confissão. Isso se vê em diversas orações de súplica (2 Cr 6.37; Ne 9.33; Sl 106.6; Dn 9.5).

resha'. ***Erro, perversidade.*** O substantivo masculino *resha'* denota o tipo de vida que se opõe ao caráter de Deus (Jó 34.10; Sl 5.4 [5]; 45.7 [8]) e atrai a si denúncia e julgamento (Is 58.4; Ez 3.19; Mq 6.10-11).

Num encontro entre Davi e Saul, Davi afirmou que não poderia fazer mal à pessoa do rei, pois isso seria *resha'*, e em outras passagens esse pecado está associado à injustiça (Ec 3.16), à violência (Is 58.4) e à desonestidade nos negócios (Mq 6.10-11). Duas vezes

Eliú acusou Jó de *resha'*, acusações que Jó repeliu veementemente.

Na literatura de sabedoria *resha'* aparece em contraste com "retidão" e "reto", e se gasta tempo para mostrar como é vão e arrasador ir atrás de *resha'* (Pv 10.2; 12.3; Ec 7.25; 8.8). Oséias concordou com a idéia (10.13). O salmista suplicou a Deus que pusesse a nu esse tipo de pecado (10.15), e um sábio anunciou estar comprometido com o oposto disso, a vida justa (Pv 8.7; cf. Sl 84.10 [11]).

Embora Isaías tenha descrito *resha'* como um jugo, nem ele nem outros no AT consideravam *resha'* como algo que necessariamente aprisionasse o homem para sempre. Já à época de Moisés esse homem de Deus testificou que suplicara junto a Deus para que apagasse de sua memória o pecado de Israel (Dt 9.27). O salmista pediu perdão pessoal da parte de Deus (Sl 141.4). Em Jeremias 14.2 encontra-se uma oração que reconhece ou confessa a realidade do pecado. Há uma declaração de Deus de que ele perdoará seu povo ao livrá-lo do jugo (Is 58.6), mas tal afirmação é contrabalançada por uma determinação divina de que os homens tenham uma grande responsabilidade tanto por seu pecado quanto por seu perdão (Ez 33.12).

rāshā'. ***Perverso, criminoso.*** Esse substantivo masculino aparece 266 vezes, principalmente em Jó, Salmos, Provérbios e Ezequiel. É empregado em paralelo com quase todas as palavras hebraicas designativas de pecado, mal e iniqüidade. A palavra tem também função adjetiva para designar em termos concretos as ações e a conduta de um determinado tipo de pessoa. As vezes o contexto aponta para a atitude e a intenção das pessoas. *rāshā'* é basicamente um fato objetivo ao invés de um fenômeno subjetivo.

Mede-se o *rāshā'* tendo-se por paradigma o caráter e a atitude de Deus. As perguntas feitas por Abraão na sua intercessão deixam implícito que Deus está contra as pessoas *rāshā'* (ímpias). O mesmo ocorre em Êxodo 23.7; Jó 9.22; Salmos 37.28; Ezequiel 33.11; Miquéias 6.10.

Pessoas ímpias ou perversas eram culpadas da violação dos direitos sociais de outros, pois foram violentas, opressoras, avarentas, envolvidas em tramar contra os pobres e apanhá-los em armadilhas, e com grande disposição de até mesmo assassinar a fim de atingir seus objetivos. Em suma, ameaçavam a comunidade. Eram desonestas nos negócios e nos tribunais. Quanto a exemplos, vejam-se Êxodo 2.13; Números 35.31; 2 Samuel 4.11. 2 Crônicas 19.2 assinala que essas pessoas odeiam o Senhor. Malaquias 3.18 apresenta como uma característica importante o fato de se recusarem a servir o Senhor.

Freqüentemente (80 vezes, metade delas no livro de Provérbios) *rāshā'* aparece em paralelismo antitético com *tsedeq*, "justiça", e é a partir desse contraste que se tem a mais clara descrição das pessoas do tipo *rāshā'*. O salmista objeta que ele não é um deles, pois eles o perseguem e se posicionam contra Deus e as suas leis. Às vezes ele implora a Deus para que o proteja deles. O livro de Provérbios contém uma grande quantidade de paralelos antitéticos, nos quais se contrastam as pessoas *rāshā'* e as *tsedeq* em termos de preto no branco. A atenção recai sobre a qualidade do estilo de vida e os resultados dessas duas maneiras de viver. Enquanto os perversos abandonam a Deus, os justos se apegam a ele. Embora os ímpios sejam opressores e desonestos, os justos são retos e amantes da verdade, etc.

Outros antônimos incluem: *tam*, "inculpável" (Jó 9.22; Pv 11.5); *yashar*, "reto" (Sl 37.37 e s.; Pv 2.21 e s.; 11.11 etc.); *maskîl*, "sábio" (subst.; Dn 12.10); "o pobre" = "o aflito" (*dal*, Is 11.4; *'anî*, Jó 36.6; *'ānāw*, Is 11.4; Sl 147.6), etc.

Expressões semanticamente paralelas incluem "os que odeiam o justo" (Sl 34.21 [22]); "os que praticam a iniqüidade" (Sl 28.3; 92.7 [8]; 101.8; 141.10 [9]; cf. Is 55.7; Jó 22.16, 18); "malfeitores" (*m'rē'îm*, Sl 26.5; 37.10 [9]; Pv 24.19; *ra'*, Sl 10.15; Pv 4.14; 14.19; 24.20; *m"awwēl*, Sl 71.4; *'awwāl*, Jó 27.7; Pv 29.27; *hānēp*, Jó 20.5); "homem injusto e cruel" (Sl 71.4; *'ōhēb hamas*, Sl 11.5; *'îsh hāmāsîm*, Sl 140.5); "violentos" (*'arits*, Is 13.11; Jó 15.20; 27.13; cf. Sl 37.35; *mōshēl*, "dominador", Is 14.5); "soberbo" (*gē'îm*, Sl 94.2; cf. Jó 40.12; *zēdîm*, "atrevido", Is 13.11; *hōl'lîm*, "arrogante", Sl 73.3; 75.4 [5]); "rico", *'āshîr*, Is 53.9; cf. Sl 17.13 e ss.); "pecador" (Sl 1.1, 5; 104.35); "escarnecedor" (Sl 1.1; Pv 9.7); "transgressor" (Sl 37.38); "proferir mentiras" (Sl 58.3 [4]; 109.2); "proceder perfidamente" (Jr 12.1; Hc 1.13; Pv 2.22; 21.18), etc.

A vida íntima dos perversos corresponde a suas ações. São maldosos, altivos, traiçoeiros, torpes, sujos e instáveis. Seria de esperar que tais pessoas seriam sempre mantidas sob o controle da lei e da ordem e que experimentassem derrotas a todo o tempo. Não é o que acontece. Jó ficava incomodado com essa característica estranha e confusa da presente ordem moral (Jó 9.24; 10.3; 16.11; 21.7; 17, 28). O Pregador se debateu com esse absurdo (Ec 7.15; 8.14), como também o fez Jeremias (12.1).

As dúvidas experimentadas por algumas pessoas em épocas de tensão não obscureceram a doutrina clara acerca da enérgica oposição divina às pessoas perversas. Salmistas e profetas não somente suplicaram que Deus castigasse os perversos, mas Deus também anunciou sua intenção de fazê-lo, e existem descrições do terror de seus juízos (Jó 36.17; Sl 9.5 [6], 16 [17]; Pv 24.20-24; Jr 25.31; Sf 1.3; Ml 4.3).

Alguém poderia concluir que, tão logo que Deus castigasse os perversos, a ordem moral seria restabelecida, mas os servos de Deus sabiam que o juízo divino não era a melhor nem mesmo a mais ansiada solução proporcionada por Deus. Tanto Deus quanto o homem viam os atos salvíficos como a melhor maneira de tratar os perversos. O salmista suplicou perdão (71.4; 82.4), e Deus tanto prometeu perdoar (Is 55.7) quanto criou as bases para isso (Is 53.9). Moisés (Nm 16.26), um sábio (Pv 4.14) e Isaías (Is 55.7) exortaram as pessoas a abandonar a vida perversa e a se voltar para Deus. Em Ezequiel 18 e 33 em particular, a responsabilidade disso foi colocada diretamente sobre o indivíduo. E se encontram registrados tanto o testemunho (Sl 1.1; 37.40) quanto o comprometimento com a realidade dessa salvação por intermédio da misericórdia de Deus (Sl 39.1 [2]; 119.95).

rish'â. ***Culpa, perversidade.*** Esse substantivo feminino aparece 15 vezes, a maioria delas no sentido abstrato de perversidade ou ato perverso. Moisés explicou a seu povo que a perversidade de Canaã era o motivo de Israel poder entrar naquela terra. A conquista haveria de ser um juízo, não uma demonstração da grandeza de Israel (Dt 9.4-5). Moisés também determinou aos magistrados civis que espancassem aqueles que cometessem *rish'â*. Em duas oportunidades os sábios contrastaram *rish'â* com a retidão (Pv 11.5; 13.6). Em Malaquias 3.15 os que agem perversamente são chamados de inimigos de Deus (cf. Ez 5.6), o que traz trágicos resultados (vejam-se Is 9.18; Ml 1.4; 4.1). Um anjo mostrou a Zacarias uma mulher (Perversidade; ARA, "impiedade") presa num efa.

Ezequiel 18 e 30 também trazem as alternativas que se apresentam ao homem. Pode-se voltar para *rish'â* e morrer, ou afastar-se dela, voltando-se para Deus, e viver.

mirsha'at. ***Perversidade.*** Um substantivo feminino usado uma única vez (2 Cr 24.7) no AT. É empregado como título de Atalia ("a perversidade [em pessoa]", *BDB*).

Bibliografia: — GELIN, Albert. *Sin in the Bible*. Desclee, 1964.

Quanto a *rāshā'* e palavras sinônimas referentes a pecado, vejam-se: — GIRDLESTONE, R. B. *SOT*. p. 76-85. — PORUBCAN, Stefan. *Sin in the Old Testament*. Roma, Herder, 1963. — QUELL, G. *Sin*. Londres, Adam and Charles Black, 1951. — RICHARDSON, Alan. *A theological word book of the Bible*. Londres, SCM, 1957. — SMITH, C. R. *The Bible doctrine of sin*. Londres, Epworth, 1953. — *THAT*. v. 2, p. 813-8.

G.H.L.

2223 רשׁף (*rshp*). **Aceita como raiz de:**

2223a רֶשֶׁף (*reshep*) ***chama, relâmpago, faísca.***

Já foi sugerido que *reshep*, em Jó 5.7, não é referência a faíscas literais, mas a Resheph, o deus da febre e das epidemias (veja-se M. POPE, *Job*, *AB*, in loc.). É bem possível que em Jó e noutros livros ocorram algumas referências a temas mitológicos, usadas com fins ilustrativos, sem implicar crença em sua existência (*YGC*, p. 185-9). E. Smick trata da questão com bastante proveito (Mythology and the book of Job, *JETS* 13:101-8). De outro lado, é preciso lembrar que Israel viveu num contexto animista, em que por séculos objetos da natureza vinham sendo tratados como deuses. O sol era também o deus-sol. O mar era também o deus-mar. Quando Israel empregava termos tais como sol, mar, fogo, etc., não estava necessariamente desmitologizando, mas simplesmente se recusava a falar da mesma maneira que os animistas.

R.L.H.

2224 *רשׁשׁ (*rāshash*) ***demolir a golpes, destroçar.*** Esse verbo ocorre no poel (Jr 5.17) e no pual (Ml 1.4).

רִתּוֹק (*rattôq*). Veja o nº 2 227b.

2225 *רחח (*rātah*) ***ferver.*** Verbo usado no piel (Ez 24.5), no pual (Jó 30.27) e no hifil (Jó 41.23).

Termo Derivado

2225a רֶתַח (*retah*) ***fervente*** (Ez 24.5).

2226 רָתַם (*rātam*) ***amarrar, atar*** (Mq 1.13).

2226a רֹתֶם (*rōtem*) ***tipo de giesta*** (1 Rs 19.5; Jó 30.4; Sl 120.4).

2227 *רָתַק (*rātaq*) ***prender, acorrentar.*** Ocorre no pual (Na 3.10) e no nifal (Ec 12.6).

Termos Derivados

2227a רְתֻקָה (*r'tuqâ*) ***corrente*** **(Is 40.19).**
2227b רַתּוֹק (*rattôq*) ***corrente*** **(Ez 7.23; 1 Rs 6.21).**

2228 רתת (*rtt*). Aceita como raiz de:
2228a רִתֵּת (*r'tēt*) ***tremor*** **(Os 13.1).**

Nota: a página 1462 no DITAT está em Branco seguinte 1463

שׁ

2229 שְׂאֹר (*s'r*). **Aceita como raiz de:**

2229a שְׂאֹר (*śe'or*) ***levedura*** (e.g., Êx 13.7; Dt 16.4).

שְׂאֵת (*śe't*). Veja o nº 1 421j.

2230 שָׂבַךְ (*sbk*). **Aceita como raiz de:**

2230a שׂוֹבֵךְ (*sôbek*) ***emaranhado de galhos*** (2 Sm 18.9).

2230b שְׂבָכָה (*śebākâ*) ***grade*** (provavelmente treliça de janela, 2 Rs 1.2; obra de rede, 1 Rs 7.17).

2231 שָׂבַע (*sābēa'*) ***estar satisfeito.***

Termos Derivados

2231a †שֹׂבַע (*śōba'*) ***fartura.***

2231b †שִׂבְעָה (*sāb'â*), שִׂבְעָה (*sib'â*) ***saciedade.***

2231c †שָׂבְעָן (*sābā'*) ***abundância.***

2231d †שָׂבֵעַ (*śābēa'*) ***saciado.***

O sentido usual do verbo é o de "estar satisfeito por ter-se alimentado". Desse modo, no episódio do maná, os israelitas tiveram comida em abundância de manhã (Êx 16.8). No grau hifil se usa o verbo para mostrar que o Senhor saciou o seu povo com pão. Por exemplo, quando fez de Sião a sua morada, ele satisfez os pobres com pão (Sl 132.15). É possível, porém, que se esteja falando de algo mais do que o simples pão físico. Jerusalém, por sua vez, é convocada a louvar o Senhor porque ele a sacia com o melhor do trigo (Sl 147.14). Na época de Jeremias, contudo, os apóstatas tolamente atribuíam a sua fartura de comida à rainha dos céus (Jr 44.17).

Também se emprega personificadamente o vocábulo com esta mesma noção. A terra fica satisfeita com os atos criadores de Deus (Sl 104.13). No dia do Senhor a espada consumirá e se saciará e se embebedará com o sangue dos adversários de Deus (Jr 46.10).

Além da idéia de saciar-se com alimento, usa-se o verbo para dar a conotação de ter fartura e abundância em outras áreas da vida. Davi e Joiada estavam repletos de dias quando morreram (1 Cr 23.1; 2 Cr 24.15), e as árvores do Senhor estão cheias de seiva (Sl 104.16).

sōba'. ***Abundância, suficiência.*** Em sete das oito ocorrências desse substantivo masculino, ele fala de abundância de comida. O povo queixou-se de que no Egito, ao contrário do que acontecia no deserto, se podia comer comida até fartar (Êx 16.3). Em sua graça o Senhor enviou comida em abundância ao povo no deserto (Sl 78.25). De acordo com a lei, Israel terá fartura de comida só enquanto guardar a aliança do Senhor (Lv 25.19; 26.5).

Semelhantemente, de acordo com o sábio Salomão, o justo come até ficar satisfeito (Pv 13.25). Nessas passagens a idéia de fartura vai além da mera comida física. Ademais, o Proprietário da Terra permitiu aos pobres que entrassem na vinha de seu próximo e comessem todas as uvas que desejassem (Dt 23.24 [25]). A semelhança do verbo, o substantivo possui um sentido metafórico de estar espiritualmente satisfeito. Ressurreto dentre os mortos, o Messias anuncia: "na tua presença há plenitude de alegria" (Sl 16.11).

Uma noção derivada é o sentido metafórico de estar espiritualmente satisfeito com as boas dádivas divinas. Pelo fato de o Senhor ter respondido à oração do salmista ao livrá-lo da morte que encontraria nas mãos dos ímpios, os mansos comerão e se fartarão (Sl 22.26 [27]). Nesse salmo messiânico se encontra a promessa de uma satisfação que vai além dos limites de simplesmente ter comida e bebida suficientes e alcança a satisfação espiritual, porque o Senhor respondeu à oração dos justos. Jesus, nas bem-aventuranças, tem em mente uma noção parecida quando diz que "bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos" (Mt 5.6; cf. Sl 107.9). Isaías diz que as pessoas caridosas verão as suas almas serem fartas em lugares secos (Is 58.11), e Moisés ora para que o Senhor satisfaça logo Israel com o seu amor (Sl 90.14). O servo sofredor ficará satisfeito quando vir a nova vida que a sua morte produziu (Is 53.11).

Pode-se comer e assim mesmo não ficar satisfeito por falta de comida suficiente (Lv 26.26; Mq 6.14). Mas também é possível estar empanturrado de riquezas materiais e não estar satisfeito (Ec 4.8). Na verdade, aquele que ama o dinheiro jamais estará satisfeito com o que tem (Ec 5.10 [9]).

Existem, então, algumas coisas que jamais se satisfazem: a sepultura (Hc 2.5), os olhos do homem (Pv 27.20), o ventre estéril, a terra ressequida e o fogo (Pv 30.16). De outro lado, a terra não suporta um tolo quando este está farto de pão (Pv 30.22).

Conquanto os usos apresentados acima sejam mais ou menos positivos, outros possuem conotações negativas. As vezes a pessoa está cheia das coisas erradas. Nesses casos se emprega o vocábulo em tom de reprovação para denotar excesso. A alma do salmista está cheia de dificuldades (Sl 88.3 [4]), e o povo ficou farto de ser tratado com desprezo e zombaria (Sl 123.3). Muito corretamente os pecadores ficam tomados de vergonha (Lm 3.30). Jeremias (cf. Jr 9.18) encheu-se de amargura (Lm 3.15); no entanto, é bom para o homem ficar tomado de vergonha, de modo que venha a confiar no Senhor (Hc 2.16), e o Senhor fará os animais se empanturrarem de Faraó (Ez 32.4).

O Senhor está exausto de ofertas injustas (Is 1.11), e hóspedes enfadam depois de três dias (Pv 25.17).

Cite-se, por fim, o perigo espiritual da fartura material — isso leva a um espírito de independência. Moisés adverte o povo a ter o cuidado de não se esquecer do Senhor

quando as suas casas estiverem repletas (Dt 6.11; cf. 8.10), e o Senhor prediz que o povo cairá nessa armadilha (Dt 31.20). Numa antecipação da oração ensinada pelo Senhor Jesus, na qual se pede o pão de cada dia, Agur recusa-se a pedir riquezas a Deus para que não aconteça de, fartando-se, negar o Senhor (Pv 30.9).

śāb'â, sib'â. ***Satisfação, abundância, fartura.*** Esse substantivo feminino, usado seis vezes nos profetas, denota satisfação com relação a comida, desejos carnais e bem-estar espiritual.

As mercadorias de Tiro serão destinadas àqueles que estão na presença do Senhor, para que comam o suficiente (Is 23.18). Ezequiel convida as aves a se fartar com a gordura dos inimigos mais setentrionais de Israel (Ez 39.19).

Emprega-se também a palavra com advérbio de negação para denotar carência provocada por diferentes razões. Os exilados que voltaram não tinham comida suficiente para comer devido a suas prioridades invertidas (Ag 1.6). As sentinelas de Israel, embora se empanturrassem do povo, jamais tinham o suficiente por causa de sua ambição (Is 56.11), e Jerusalém prostituiu-se até mesmo com a Assíria porque o seu apetite carnal era insaciável (Ez 16.28). Conquanto a comida física jamais consiga satisfazer, as bênçãos espirituais da parte de Deus conseguem (Is 55.2).

Conforme visto no exame do verbo, a satisfação física pode ser uma armadilha que leva ao pecado. É o que se vê em Ezequiel 16.49, em que a "fartura de pão" contribuiu para a queda tanto de Sodoma quanto de Jerusalém.

sābā'. ***Grande quantidade, abundância, saciedade.*** Vocábulo encontrado seis vezes em Gênesis, uma em Provérbios 3.10 e uma em Eclesiastes 5.12 [11], esse substantivo masculino indica o ter em mãos uma grande quantidade e abundância de comida.

sābēa'. ***Satisfeito, saciado.*** Esse adjetivo é empregado dez vezes no AT. Em cada caso transmite a idéia de estar repleto de alguma coisa e satisfeito. Em Gênesis 25.8 Abraão morre "velho e cheio [de anos]" (lit.). Provérbios 27.7 fala de uma pessoa cheia, isto é, "farta", de comida, ao passo que Jó 10.15 mostra Jó "cheio de ignomínia".

B.K.W.

2232 שָׁבַר (*sābar*) ***examinar*** (qal), ***aguardar, ter esperança*** (piel).

Termo Derivado

2232a שֵׁבֶר (*sēber*) ***esperança.***

Embora *BDB* identifique duas raízes, uma ocorrendo duas vezes no grau qal com o significado de "observar", "inspecionar", e relacionada com a raiz árabe *sabara*, "examinar (uma ferida)", e a outra ocorrendo oito vezes no grau piel com o sentido de "aguardar", "esperar", *KB* as considera uma única palavra. Os dois léxicos concordam, contudo, que no grau qal a raiz *sbr* significa "examinar"; e no piel, "aguardar", "esperar".

Desse modo, usa-se o grau qal quando Neemias "inspecionou" ou "contemplou" os muros de Jerusalém (Ne 2.13, 15).

2233 שָׂגָא (*sāgā'*)

Em Salmos 119.166 ("Espero, SENHOR, na tua salvação"), *śābar* é empregado para designar uma expressão confiante de expectativa e espera da salvação que Deus realiza em favor daquele que pode dizer que "cumpre os teus mandamentos".

Assim como o salmista em Salmos 119.166 (veja-se acima) aguardou com expectativa e confiadamente a salvação divina, Salmos 145.15 anuncia que "em ti esperam [*sābar*] os olhos de todos", pois "tu, a seu tempo, lhes dás o alimento".

Nas Escrituras a palavra *sābar* também pode transmitir a idéia de esperar em vão. Por conseguinte, em Ester 9.1 os inimigos dos judeus esperavam ser vitoriosos, mas em vão.

sēber. ***Esperança.*** Substantivo masculino encontrado somente em Salmos 119.116 e 146.5, nas duas vezes referindo-se a Deus e à sua Palavra como a "esperança" do salmista. O vocábulo aponta para aquela vida e livramento que tem em si a capacidade de dar segurança a alguém (Sl 119) e torná-lo feliz (Sl 146).

G.G.C.

2233 שָׂגָא (*sāgā'*) ***aumentar, crescer, magnificar.***

Termos Derivados

2233a שַׂגִּיא (*saggî'*) ***grande*** (Jó 36.20; 37.24).

2233b שָׂגָה (*sāgâ*) ***crescer*** (uma variante).

A forma *sāgā'* ocorre somente duas vezes no AT (Jó 12.23, 36.24). Jó, ao responder a seus amigos, aceita a soberania de Deus mesmo em sua situação particular e explica que "[Deus] multiplica as nações e as faz perecer" (12.23). Ou seja, "Deus faz aquilo que deseja fazer como Senhor soberano, e é desnecessária a vossa busca desesperada para encontrar algum motivo justo para o meu sofrimento".

Em Jó 36.24, Eliú corrige Jó por julgar a Deus: "Lembra-te de lhe magnificares as obras". Parece que ele está dizendo: "Ouve, Jó; teu dever é exaltar a Deus, e não questioná-lo quando ele te castiga".

Desse modo emprega-se *sāgā'* em referência tanto à ação divina de tornar grandes as nações quanto à humana de aumentar a glória divina ao reconhecer e louvar as suas obras.

A variante *sāgâ* é empregada de modo semelhante. Cf. Jó 8.7, 11.

Salmos 92.12 [13] nos recorda que "o justo ... crescerá como o cedro no Líbano", ao passo que "os ímpios (...) aumentam [somente] suas riquezas" (Sl 73.12)!

Os comentários acima apresentam parte da filosofia bíblica de vida, a qual está entrelaçada com essas pequenas palavras, *sāgā'* e *sāgâ*. Deus engrandece as nações e também faz com que, no fim, os justos sejam engrandecidos! Os ricos podem crescer em meio aos bens deste mundo, mas logo fracassarão; ao passo que os piedosos ficam cada vez mais firmes e estáveis, à semelhança dos grandes cedros no norte da Palestina! Nossa tarefa é magnificá-lo por tudo isso!

G.G.C.

2234 שָׂגַב (*sāgab*) ***estar em lugar elevado e inacessível.***

Termo Derivado

2234a מִשְׂגָּב (*misgāb*) ***lugar elevado, refugio.***

O verbo é empregado no sentido espacial com referência a uma cidade elevada (Is 26.5) e a muros elevados (Pv 18.11; Is 30.13), da mesma maneira como é usado na correspondência de Amarna.

Associada à noção de "altura", freqüentemente se vê a conotação de segurança. Por esse motivo traduz-se a palavra em Deuteronômio 2.36 por "inexpugnável" (referindo-se a uma cidade, BJ), e no grau piel o verbo é traduzido por "elevar (algo)", "pôr (algo) acima", "pôr (algo) em alto refúgio", "pôr (algo) a salvo" (Sl 20.1 [2]; 59.1 [2]; 69.29 [30]; 91.14). Essa conotação também está presente quando Davi diz que o conhecimento de Deus "é sobremodo elevado, não o posso atingir" (Sl 139.6). Mas, enquanto as defesas mais impenetráveis se revelam vulneráveis diante do Senhor (Dt 2.36; Is 2.11; 26.5), "torre 'forte' é o nome do SENHOR, à qual o justo se acolhe e está seguro" (Pv 18.10).

Outra conotação é a de exaltação a uma posição de honra. Destarte o Senhor (Is 2.11, 17), seu nome (Sl 148.13) e os seus santos em necessidade (Sl 107.41) são "postos no alto" (lit.), i.e., "exaltados".

misgāb. ***Lugar elevado, torre elevada, refúgio.*** O substantivo masculino *misgāb* deriva da raiz *śāgab*, "estar em posição elevada", e é encontrado 15 vezes no AT, 11 delas em Salmos.

Na maioria de suas ocorrências, a palavra é empregada com um sentido positivo. *misgāb* fala de Deus ser a torre elevada (2 Sm 22.3), ou o refugio (Sl 46.7, 11 [8, 12]) ou a defesa (Is 33.16) do crente. Essa é uma alusão ao fato de que, no mundo antigo, tanto para o fugitivo quanto para quem descansava, segurança era sinônimo de encontrar (e permanecer em) um local elevado e fortificado, inacessível quer a animais quer a inimigos. O salmista e também os profetas viram nisso a exata representação da segurança que o crente tem em Deus.

Não se deve fazer confusão entre *misgāb*, "lugar elevado", e *bāmâ*, "(lugar) alto", que designa um monte consagrado aos deuses cananeus, tais como Baal. *misgāb* jamais é utilizado para designar tais locais.

G.G.C.

שְׂגֵה (*sāgâ*). Veja o nº 2 233b.

שְׂגִיא (*sāgî'*). Veja o nº 2 233a.

2235 *שָׂדַד (*sādad*) ***gradar (a terra).*** Somente no piel (Jó 39.10; Os 10.11).

2236 שׂדה (*śdh*). **Aceita como raiz de:**

2236a שָׂדַי (*śāday*) ***campo, terras.*** Sinônimo poético de *śādeh* (e.g., Sl 8.7 [8]; 96.12).

2237 שֶׂה (*seh*)

2236b שָׂדֶה (*sādeh*) ***campo.***

sādeh. *Campo, campina, chão, terras.* Esse substantivo masculino designa genericamente campo aberto ou então um pedaço de terra, ou seja, um lote.

No primeiro sentido, o vocábulo designa pastagem (Gn 29.2); área deserta exposta a violência (Gn 4.8; Dt 21.1; 22.25) ou habitada por animais selvagens (Êx 22.31 [30]); região com fauna e flora (Gn 25.27; 30.14; Êx 10.15), campo aberto do lado de fora de cidade murada (Jz 9.32, 42; 1 Sm 19.3); e uma área relativamente plana e bem grande em contraste com montanhas (Jz 5.18; Jr 17.3).

Com o sentido de porção ou lote de terra, pode denotar terra cultivada (Gn 37.7; Rt 2.2); propriedade privada (Gn 47.20; Is 5.8); terra municipal, adjacente à cidade e sujeita ao controle desta (Gn 41.48; Lv 25.34); o território de uma nação ou tribo (Gn 41.48; Lv 25.34); e as terras pessoais de um rei (2 Sm 9.7; 19.29, 30).

Miquéias 3.12 apresenta a terrível predição de Sião ser arado como um campo. Jeremias 32.7-44 não descreve apenas o antigo processo de compra e venda de um campo, mas também apresenta a maravilhosa profecia de que algum dia Deus tornará a redimir os campos de Israel. Então as vozes de crianças brincando sem medo nenhum substituirão o som dos cascos dos cavalos dos conquistadores.

שָׂדַי (*sāday*). Veja o nº 2 236a.

2237 שֶׂה (*seh*) ***cordeiro, ovelha.***

Um *seh*, seja ele uma ovelha (e.g., *kebes*) ou um bode (e.g., *'ēz*), faz parte do rebanho. O cognato acadiano *shu'u* significa "carneiro"; e em textos rituais ugaríticos o vocábulo cognato se limita aos sentidos de "carneiro" e "bode". Em outros lugares o uso é mais genérico, abrangendo animais de ambos os sexos (B. Levine). Esse animal é limpo, por isso pode ser comido (Dt 14.4) e oferecido como sacrifício. O primogênito de *seh* pertence a Iavé (Êx 34.19; Lv 27.26). Para a refeição da páscoa, deve-se assar um carneiro de um ano de idade e sem defeito (Êx 12.3 e ss.). O cordeiro é um animal apropriado para uma oferta pela culpa ou para um holocausto (Lv 5.7; 12.8). O cordeiro com alguns defeitos pode ser oferecido como oferta voluntária (Lv 22.23). No novo templo de Ezequiel, de cada 200 ovelhas uma devia ser oferecida em sacrifício.

A presença de ovelhas e gado graúdo é indício de que um local está sob controle e pode ser habitado em segurança (Is 7.25). A índole pacífica e meiga de um cordeiro favorece diversos usos figurados. O salmista assemelha-se a uma ovelha perdida que se extraviou, mas, uma vez que ele não se esqueceu dos mandamentos, deseja que Deus vá à sua procura (SI 119.176). Jeremias descreve Israel como um rebanho de ovelhas dispersas (Jr 20.17). O uso mais significativo se encontra em Isaías 53.7, em que o Messias é "como cordeiro (...) levado ao matadouro", mas suporta o sofrimento numa submissão silenciosa — um versículo que se reflete na visão do cordeiro sacrificial de Apocalipse 5.6 e 13.8.

J.E.H.

2238 שָׂהֵד (*śāhēd*) ***testemunha*** (Jó 16.19; Gn 31.47). Empréstimo lingüístico do aramaico em Jó. Em Gênesis 31.47, a designação, por Labão, do montão de testemunho acha-se em aramaico (ARA, "seja hoje este montão por testemunha").

2239 שׂהר (*śhr*). **Aceita como raiz de:**

2239a שַׂהֲרֹן (*sahărôn*) ***lua, lua crescente, meia-lua*** (Jz 8.21; Is 3.18).

שַׂהֲרוֹן (*sahărôn*). Veja o nº 2 239a.

2240 שׂוט (*sût*) ***desviar-se, apostatar*** (SI 40.5).

Termo Derivado

2240a שָׂטֵה (*seṭ*), סָטֵה (*sēṭ*) ***aquele que se desvia, rebelde (subst.)*** (Os 5.2).

2241 שׂוך (*suk*) ***I, cercar, confinar*** (Jó 1.10; Os 2.8). Grafia alternativa de *sûk* II (q.v.).

Termo Derivado

2241a מְשֻׂכָה (*m'sukâ*) ***cerca*** (Pv 15.19). Grafia alternativa de *m'sukâ* (q.v.).

2242 שׂוך (*śwk*). **II. Aceita como raiz de:**

2242a שׂוֹךְ (*sôk*) ***galho, gravetos*** (Jz 9.49).

2242b שׂוֹכָה (*sôkâ*) ***galho, gravetos*** (Jz 9.48, 49).

2243 שׂום (*sûm*), שׂים (*sîm*) ***I, pôr, colocar, nomear, fazer.***

Termo Derivado

2243a תַּשְׂמֵת (*t'sûmet*) ***penhor, garantia*** (Lv 5.21).

Esse verbo é usado 572 vezes no grau qal, estando espalhado quase por igual ao longo de todo o AT. É empregado apenas duas vezes no hifil (Ez 21.16 [21]; Jó 4.20) e somente uma vez no hofal (Gn 24.33).

A idéia básica da raiz verbal é a de pôr ou colocar algo em algum lugar. Por esse motivo é geralmente traduzido pela LXX por *tithēmi*, que tem praticamente o mesmo sentido de "pôr", "colocar". O cognato árabe se vê em *sam*, palavra iemenita medieval que tem o significado de "pôr", "estabelecer", e.g., um preço (William GESENIUS, *Gesenius' Hebrew and Chaldee lexicon*, 1842; Eerdman's, 1957, ad loc.).

Existem pelo menos seis usos de *sûm*, os quais às vezes se sobrepõem.

1. Colocar algo num local. Com esse uso o verbo indica que algum objeto foi colocado num local determinado. É assim que 1 Samuel 17.54 traz "as armas dele [isto é, de Golias] pô-las Davi na sua tenda", e Levítico 8.8, "depois [Moisés] lhe colocou o peitoral

[isto é, em Arão]". Não somente seres inanimados podem ser o objeto do verbo, mas também pessoas. É esse o uso clássico do verbo, em Gênesis 2.8, "Deus ... pôs [no jardim] o homem". *śûm* também é empregado dessa maneira para designar a ação de pôr o nome divino num local de sua escolha ("em Jerusalém porei o meu nome", 2 Rs 21.4).

Gesenius divide este uso de *śûm* em duas categorias principais: a) a colocação de pessoas e objetos numa posição ereta (e.g., 2 Cr 33.7); e b) a colocação de objetos numa posição inclinada ou deitada (e.g., Dt 10.5; ibid.). Conquanto se empregue *śûm* para indicar os dois tipos de colocação, no exame de textos específicos muitas vezes é impossível afirmar com certeza se *sûm* está sendo usado para designar um posicionamento vertical ou um posicionamento horizontal. É assim que em Gênesis 30.41, na expressão "Jacó punha as varas à vista do rebanho", é difícil de, pelo simples exame de *sûm*, determinar com certeza se as varas foram postas de pé ou deitadas. *BDB* não leva avante essa distinção entre posicionamento vertical e horizontal.

2. Nomear pessoas para cargos. Um exemplo típico de *sûm* com esse sentido se acha em 2 Samuel 17.25, "[Davi] colocou Amasa (...) sobre o exército" (lit.), e 1 Crônicas 11.25, "Davi o pôs [isto é, a Benaia] sobre a sua guarda". Em tais casos *sûm* ainda transmite a sua idéia básica, sendo que se coloca alguém numa posição de autoridade em vez de num local físico.

3. Estabelecer um novo relacionamento. Aqui se emprega *sûm* para indicar a colocação de alguém ou de algo num novo relacionamento ou situação. É o que ocorre em Gênesis 21.18, "eu farei dele [Ismael] um grande povo"; nessa passagem o Senhor, empregando a expressão idiomática hebraica, diz que "colocará Ismael numa grande nação" (lit.). De forma semelhante, em Juízes 1.28 lê-se que "sujeitou os cananeus a trabalhos forçados" ("pôs os cananeus a trabalhos forçados", lit.). *sûm* é empregado para mostrar que os cananeus foram postos na situação de povo que tem de prestar trabalhos forçados. Ou seja, estabeleceu-se um novo relacionamento, foram colocados numa nova situação.

4. Atribuir algo a alguém. Outro emprego de *sûm* é para mostrar atribuição ou designação. Por exemplo, em 2 Samuel 23.5 encontra-se a frase "[Deus] estabeleceu comigo uma aliança eterna". O hebraico diz, literalmente, "pôs para mim uma aliança eterna". Aí uma aliança é colocada diante de um receptor indicado, Davi (cf. Sl 19.4 [5]).

5. Causar uma mudança. Em Êxodo 14.21, que conta como Deus dividiu o mar Vermelho, diz-se que Deus "fez do mar terra seca" (IBB). Nesta passagem, procurando-se uma vez mais captar as nuanças da expressão idiomática, afirma-se literalmente que Deus "pôs o mar a seco", alterando não a sua localização, mas a sua condição. Vejam-se também Isaías 41.15, 18; Ezequiel 35.4, etc.

6. Separar para finalidades especiais. As vezes *sûm* é ainda empregado como verbo que denota a ação em que Deus (e às vezes seres humanos) determina certas ocasiões, lugares ou pessoas para alguma finalidade especial. Assim, em Êxodo 9.5, tem-se, literalmente, "E Iavé pôs um tempo determinado", o que é bem traduzido pela ARA, "o SENHOR designou [*śûm*] certo tempo".

Conforme ficou demonstrado, o verbo *śûm* sempre denota a sua idéia básica de "pôr", "colocar", enquanto ao mesmo tempo abrange uma grande variedade de sentidos derivados que vão mesmo além das amplas categorias enumeradas neste verbete.

Na condição de Criador-Redentor, o Senhor é freqüentemente o sujeito do verbo. Ele estabeleceu os limites da criação (cf. Jó 28.3; 38.5; 39.6; Sl 19.4 [5] Sl 104.9). Como redentor ele tornou como pó a semente dos patriarcas (Gn 13.16; 32.12 [13]; cf. Dt 10.22)

e fez com que a descendência de Davi permanecesse (Sl 89.29 [30]). Ele estabeleceu uma lei em Israel (Sl 78.5), operou milagres (Sl 78.43), trouxe catástrofes à terra (Sl 46.8 [9]) e provocou os sofrimentos de Israel (Sl 66.11). Mas no fim dos tempos ele fará de Israel o seu instrumento de justiça (Is 41.15).

G.G.C.

2244 שׂוּם (*śwm*), שִׂים (*śym*). **II. Aceita como raiz de:**

2244a שׂוּמָה (*sûmâ*) ***mau presságio, carranca*** (2 Sm 13.32).

2245 שׂוּר (*śûr*). Significado incerto.

Termo Derivado

2245a שׂוֹרָה (*sôrâ*) ***fileira*** (ou uma espécie de cereal?). Significado e derivação incertos.

BDB é da opinião de que a raiz tem o sentido de "semear" (1 Cr 20.3), mas o vocábulo que aparece na passagem paralela de 2 Samuel 12.31 (*sîm*) sugere que se entenda esse verbo como uma variante, no hifil, de *sûr*, "pôr de lado". Também em Oséias 9.12 é provável o sentido de "pôr de lado". Quanto a Juízes 9.22; Oséias 8.4, 12.5, cf. *sarar* ou *sārâ*, "governar".

2246 שׂוּשׂ (*sus*), שִׂישׂ (*śîś*) ***regozijar-se, exultar.***

Termos Derivados

2246a †שָׂשׂוֹן (*sāsôn*) ***alegria, gozo.***

2246b †מָשׂוֹשׂ (*māśôś*) ***alegria, regozijo.***

Os quatro usos do verbo *śûs* nos escritos de Moisés ocorrem em Deuteronômio 28.63 e 30.9, duas vezes em cada versículo. Nessas duas passagens, em meio às advertências de Moisés, nas quais se prometem bênçãos e maldições, o Senhor é descrito três vezes como alguém que se regozija acerca de Israel para abençoá-lo em virtude da obediência à lei, e uma vez, como alguém que se regozija acerca de Israel para destruí-lo por causa da desobediência! "Assim como o SENHOR se alegrou em vós outros, em fazer-vos bem e multiplicar-vos, da mesma sorte o SENHOR se alegrará em vos fazer perecer e vos destruir" (Dt 28.63). Parece que aqui *sûs* transmite a idéia da disposição divina de abençoar os retos e castigar os ímpios. Felizmente, devido à misericórdia divina, Deuteronômio 30.9 mostra que, quando Israel por fim se voltar para Deus, "o SENHOR tornará a exultar em ti, para te fazer bem". De modo parecido, nos escritos proféticos, Israel é o objeto do regozijo divino (Is 62.5; 65.19; Jr 32.41; Sf 3.17).

Nos Salmos, como seria de esperar, o sujeito é Israel, e o objeto é o Senhor. Desse modo, "em ti se rejubilem todos os que te buscam" (Sl 70.4 [5]). Salmos 119 exalta a palavra escrita de Deus, quando, com exultação, o salmista declara: "alegro-me nas tuas promessas" (Sl 119.162). De semelhante modo, nos profetas o povo se regozija na salvação do Senhor (Is 61.10; 65.19; 66.14).

sāsôn. *Júbilo, alegria, regozijo, animação.* Esse substantivo masculino aparece 22 vezes no AT e em quase todas as oportunidades fala da satisfação humana e de grande alegria. Exemplo típico é Jeremias 25.10, em que Deus anuncia que empregará Nabucodonosor para tirar de Judá "a voz ... de alegria [*śāśôn*]", e Jeremias 31.13, que diz que, nos últimos dias, Deus transformará "em júbilo" [*sāsôn*]" o choro do Israel arrependido. Veja-se também o sinônimo *simḥâ*.

māsôs. *Júbilo, regozijo, animação, alegria.* Esse substantivo masculino, empregado 17 vezes no AT, é com freqüência usado em metonímias para indicar o objeto que causa a alegria (e.g., "o seu santo monte (...) é a alegria de toda a terra", Sl 48.2 [3]). Em Isaías 8.6 ("este povo (...) se alegrou com Rezim", IBB) *māśôs* é usado quase como um verbo. Gramaticalmente, uma tradução melhor seria "este povo (...) 'tem alegria' com Rezim". (Veja-se *KD*, ad loc.).

G.G.C.

שׂח (*sēaḥ*). Veja o nº 2 255c.

2247 שָׂחָה (*sāḥâ*) ***nadar*** (Is 25.11; Sl 6.7).

Termo Derivado

2247a שְׂחוּ (*śāḥu*) ***natação*** (Ez 47.5).

שָׂחוּ (*sāḥû*). Veja o nº 2 247a.

2248 שָׂחַט (*sāḥaṭ*) ***espremer*** (Gn 40.11).

2249 שְׂחִיף (*śāḥîp*) ***revestido de madeira*** (Ez 41.16). Significado e derivação incerta.

שָׂחַק (*sāḥaq*). Veja o nº 1 905c.
שְׂחֹק (*śᵉḥōq*). Veja o nº 1 905d.
שֵׂט (*śēṭ*). Veja o nº 2 240a.

2250 שָׂטָה (*sāṭâ*) ***pôr de lado, desviar-se, desviar, recusar.***

Em aramaico essa raiz verbal significa "desgarrar-se", e numa certa forma do etíope, "ser seduzido". Essas noções são bastante próximas daquilo que o verbo expressa em hebraico.

Em Números 5.12 *sāṭâ* se refere a uma mulher de quem o marido suspeita que se afastou do caminho direito, de modo que ela "se desvia" para cometer adultério. O texto diz que se ela "se desviar e for infiel de infidelidade contra ele" (lit.), o marido pode levá-la até o sacerdote, o qual fará com que ela beba a água amarga de ciúmes. Obviamente, por meio de uma operação sobrenatural, Deus agia de modo tal a fazer com que a mulher culpada ficasse seriamente doente por causa da água, ao passo que a inocente bebia e

nada lhe acontecia. Num caso ou noutro esse procedimento resolveria a questão, tranqüilizando um marido desconfiado, e ao mesmo tempo causava temor nos espectadores, fazendo com que permanecessem puros. Ao contrário do que alguns têm afirmado, esse não era um ordálio, pois não havia nenhum perigo inerente em beber a água. Na realidade isso constituía um meio de detectar mentiras. Qualquer mulher que, sem demonstrar nenhum sentimento de culpa, fizesse aqueles juramentos solenes era provavelmente inocente (veja-se *b'tûlîm*). *śātâ* é usado ainda com referência a esse assunto nos versículos 19, 20 e 29 desse mesmo capítulo.

Provérbios 7.25 admoesta: "Não se desvie [*sāṭâ*] o teu coração para os caminhos dela [*i.e.*, da prostituta]". Aqui, como nas quatro ocorrências em Números 5, emprega-se *śātâ* para designar a ação de desviar-se para a impureza moral.

Em Provérbios 4.15, contudo, parece que ocorre um trocadilho que faz contraste com as palavras encontradas em Números 5.12. Nos dois casos, a expressão em hebraico é sātâ ma'al. Em Números 5.12 tem o sentido de "desviar-se com infidelidade" (lit.; *śātâ* (...) *ma'al*), ao passo que em Provérbios 4.15 há uma advertência ao ouvinte para que "se desvie dele [*śātâ mē'al*]", i.e., desvie-se do caminho ímpio! [As expressões são formadas pelas mesmas palavras com formas gramaticais diferentes. N. do T.]

G.G.C.

2251 שָׂטַם (*sāṭam*) ***odiar, opor-se.***

Termo Derivado

2251a מִשְׂטְמָה (*maśṭēmâ*) ***animosidade*** (Os 9.7, 8).

Esse termo, de acordo com *BDB*, significa "carregar animosidade contra"; o seu emprego mais amplo sugere um significado mais abrangente do que apenas ódio. Quanto a sinônimos, veja-se *śānē'*.

Esaú, depois de ter sido enganado, passou a ter um rancor profundo de Jacó e dos pais (Gn 27.41). (A Bíblia fala que esse mesmo rancor apoderou-se dos descendentes de Esaú durante várias gerações. Amós 1.1 — que, por sinal, não emprega *śāṭam* — diz que a descendência de Esaú tinha uma raiva incessantemente destroçadora e que guardou a indignação para sempre.) Esse rancor em Esaú se tornou uma animosidade profundamente arraigada, que levou a um incessante assédio e perseguição de seu irmão, Jacó, e dos descendentes deste. Os irmãos de José ficaram preocupados à toa de que José também estivesse alimentando um profundo rancor contra eles porque o tinham vendido como escravo (Gn 50.15). Esse termo designa as conseqüências trágicas que resultam de um coração que não perdoa. Na realidade Gênesis 49.23 provavelmente chama a atenção para o ressentimento (Speiser traduz por "hostilidade", *Genesis*, em *AB*) que os irmãos originariamente sentiram por José. Mas José havia perdoado a tudo.

Jó (16.9; 30.21) fala de ser perseguido por motivo desconhecido; tem-se a impressão de que Jó estaria dizendo que Deus tinha rancor contra ele. (Se é isso o que ele quis dizer, pode-se entender mais facilmente por que Jó recebeu uma censura severa da parte de Deus.)

G.V.G.

2252 שָׂטָן (*śātan*)

2252 שָׂטַן (*sātan*) ***ser adversário, resistir, acusar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2252a †שָׂטָן (*sātān*) ***adversário, oponente.***

2252b שִׂטְנָה (*śitnâ*) ***inimizade, acusação.***

O verbo *sātan* ocorre seis vezes no AT, freqüentemente em formas participiais que designam aquele que guarda rancor ou alimenta animosidade.

Davi fez uso desse verbo para descrever os seus adversários (Sl 38.20; 109.4), que lhe estavam retribuindo mal por bem. Ele orou para que fossem derrotados (109.20, 29; cf. 71.13). Como substantivo ("Satanás", ARA) representa aquele que acusa no tribunal (Zc 3.1; nessa passagem aparecem tanto o substantivo, "Satanás", quanto o verbo, "acusar" [ARA, "opor"]). Analogamente, o substantivo *śitnâ* descreve uma acusação escrita (Ed 4.6); anteriormente tinha sido o nome ("Sitna", i.e., inimizade) dado a um poço pelo qual houve briga (Gn 26.21).

sātān. ***Adversário, oponente, Satanás.*** A forma nominal *sātān* identifica os adversários de Salomão (1 Rs 11.14, 23, 25; cf. 5.4; 1 Sm 29.4). Davi referiu-se a Abisai, o vingativo oficial de seu exército, como um *sātān* (2 Sm 19.22 [23]). Aliás, quando se opôs a Balaão, o Cristo pré-encarnado, ou Anjo de Iavé, poderia ser descrito ou mesmo identificar-se como um *sātān* (Nm 22.22, 32).

Ao longo da história o mais destacado adversário do homem tem sido Satanás, "a antiga serpente" (Ap 12.9). Ele é um anjo poderoso (cf. sua aparição junto com outros "filhos de Deus" em Jó 1.6; Jd 9). [Se Satanás também era ou não um querubim depende da interpretação que se faça de Ezequiel 28.12-16. Esses versículos condenam o rei de Tiro, mas não se limitam a ele, pois o comparam com alguém perfeito que esteve no Éden, foi criado perfeito e mais tarde caiu. Já foi proposto que essa referência é a Adão ou então a Satanás.

Existem três razões em favor da identificação desse rei com Satanás: 1) É possível que Ezequiel tenha desejado contrastar o príncipe de Tiro (28.1-10) com o rei de Tiro (28.11-19). Enquanto o príncipe é um homem com pretensões de ser Deus e chegar ao céu, o rei é um ser celeste lançado fora do céu. 2) A essa época o rei de Tiro era *malkart*, palavra que significa "rei da cidade", de modo que seria o rei de Tiro. 3) O apóstolo Paulo identifica o pecado de Satanás com o orgulho (1 Tm 3.6), o pecado desse rei (v. 17). Esta é, possivelmente, a única passagem do AT em que poderia ter baseado essa idéia.

Pode-se imaginar a mensagem sendo dirigida a Satanás na pessoa do rei de Tiro, da mesma maneira como Cristo repreendeu aquele anjo mau por meio de Pedro (Mt 16.23). Ademais, caso "Éden, [o] jardim de Deus" (Ez 28.13), se refira a um jardim celeste, habitado por anjos (observe-se como, no v. 14, as expressões "monte santo de Deus" e "pedras de fogo" [lit.] não se harmonizam com o Éden terreno), pode ser então que aqui a palavra seja dirigida a Satanás na condição de "querubim ... ungido" (v. 14) ou de um querubim de grande poder (cf. *mimshah*), o que é inaplicável a Adão.

De outro lado, caso esse Éden seja o Éden terreno de Gênesis 2-3 e caso o "monte" e as "pedras" sejam referência ao rei pagão assentado em seu templo em Tiro e iludido por suas bem-sucedidas empreitadas comerciais (cf. v. 16), então a queda do monarca pode

ser comparada à de Adão. Isso pressupõe que *'att*, "tu" (v. 14), seja analisado como *'et*, "com": "com um querubim ungido eu te coloquei." *k'rûb*, "querubim" (v. 16), seria analisado como o sujeito do verbo, repontuando-se *wā'abbedkā* (primeira pessoa do singular do imperfeito [mais sufixo pronominal da segunda pessoa do singular], "expulsar[-te-]ei") para *w'ibbadkā* (terceira pessoa masculina do singular do perfeito [mais sufixo pronominal da segunda pessoa do singular], "expulsou[-te]"), resultando na interpretação "o querubim te expulsou", como na IBB (*cf. JBL* 75:326-7). R.L.H.]

A carreira de Satanás apresenta quatro etapas em seu fracasso progressivo:

1) Satanás incorreu em condenação por causa do orgulho que o levou a querer ser igual a Deus (1 Tm 3.6 e talvez Is 14.12-15, caso o rei da Babilônia seja aqui um instrumento de Satanás, algo mais do que *hêlēl*, "filho da alva" [q.v.]; a tradução latina traz *lucifer*, uma referência ao planeta Vênus, a estrela matutina; veja-se Ap 9.1). O NT identifica Satanás com o poder tentador por trás da queda de Adão (Gn 3.15 em Rm 16.20). O AT (ao citar a "serpente") não faz nenhuma referência direta a esse fato, embora a própria queda de Satanás possa muito bem ter acontecido com essa mesma tentação (cf. a bondade imaculada da criação em Gn 1.31). No entanto, a despeito de ter perdido a sua posição, o "diabo" (gr. *diabolos*, "caluniador") continuou a exercer poder sobre a terra e a ter acesso ao céu na condição de *hasśātān*, "o acusador" (Jó 1.9; 2.4; Zc 3.1; ARA, "Satanás") ou simplesmente "espírito" (1 Rs 22.19-22). Somente em 1 Cr 21.1, redigido depois do exílio por Esdras (?), é que *sātān* aparece como nome próprio. Dessa forma alguns críticos restringem *hassātān* ao papel de um promotor público (i.e., um advogado de acusação), o qual passou a ser visto como mau somente mais tarde, sob a influência de conceitos persas dualistas (M. BURROWS, *Outline of Biblical theology*, p. 125). Entretanto, o testemunho de todo o AT deixa claras sua constante hostilidade contra Deus e sua animosidade contra os homens (Jó 1.11; 2.3-5).

2) Com a crucificação e ascensão de Cristo, Satanás foi lançado fora dos céus para não mais acusar os irmãos (Jo 12.31; Ap 12.10), embora ainda seja "o príncipe da potestade do ar [terrestre]" (Ef 2.2).

3) Isaías previu uma época quando Iavé castigaria as hostes satânicas bem como os reis maus da terra, confinando-os à prisão (Is 24.21-22; cf. Ap 20.1 acerca do aprisionamento milenar de Satanás).

4) Então "serão castigados depois de muitos dias" (Is 24.22), palavras que apontam para o juízo final e para o tormento eterno de Satanás no lago de fogo (Ap 20.10).

Bibliografia: — KLUGER, Rivkah S. *Satan in the OT*. Northwestern University, 1967. — PAYNE, J. B. *Theology of the Older Testament*. Zondervan, 1971. p. 291-5. — HIEBERT, D. E. Satan. In: *ZPEB*. v. 5, p. 282-6.

J.B.P.

2253 שִׂיב (*sîb*) ***ser grisalho***. Usado somente em 1 Samuel 12.2. e Jó 15.10.

Termos Derivados

2253a שִׂיב (*sêb*) ***velhice.***

2253b †שִׂיבָה (*sêbâ*) ***velhice.***

2254 שִׂיד (*śîd*)

2254 שִׂיד (*śîd*) ***caiar.*** Esse verbo denominativo ocorre somente em Deuteronômio 27.2,4.

Substantivo de Origem

2254a שִׂיד (*śîd*) ***cal, caiação*** (Am 2.1; Is 33.12; Dt 27.2, 4).

2255 שִׂיחַ (*śîaḥ*) ***I, meditar, refletir, conversar, falar, queixar-se.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2255a שִׂיחַ (*sîaḥ*) ***meditação, queixa.***

2255b שִׂיחָה (*sîḥâ*) ***meditação, oração.***

2255c שֵׂחַ (*sēaḥ*) ***pensamento*** (Am 4.13).

Parece que o sentido básico desse verbo é o de "ensaiar", "arrepender-se", "repassar um assunto na mente". Essa meditação ou contemplação pode ser feita interna ou externamente. Como em português se faz distinção entre essas duas noções, em geral traduz-se o verbo por "meditar" ou então "conversar".

No primeiro caso o vocábulo é usado para designar a reflexão silenciosa acerca das obras de Deus (Sl 77.8 [7]; 9.12 [11]) e da palavra de Deus (Sl 119.15, 23, 27, 48, 78, 148). No segundo caso, para denotar a repetição em voz alta das obras de Deus (1 Cr 16.9; Sl 105.2; 145.15). Todavia, caso o tema seja doloroso, a palavra é traduzida por "fazer queixas" (Sl 53.17 [18]; Jó 7.11). Traduz-se o vocábulo também por "tagarelar" (Sl 69.12 [13]).

O verbo é palavra-chave em Salmos 77. Aí o salmista abandona sua queixa (v. 3 [4]), baseada numa contemplação da ausência de Deus em contraste com seus feitos passados, justamente por meditar ou falar sobre os feitos de Deus (v. 6 [7]; IBB, "consulto com o meu coração"; esta linha está omitida na ARA).

Em Provérbios 6.22 o filho que prendeu ao coração o ensino recebido do pai há de descobrir que esse ensino, por sua vez, "falará" com ele.

śîaḥ. ***Meditação, queixa, comunicação, conversa, oração, tagarelice.*** Esse substantivo aparece 14 vezes no AT. Deriva do verbo, possuindo essencialmente os mesmos sentidos, a saber, "meditação" (Sl 104.34; 1 Rs 18.27), "queixa" (TB, 1 Sm 1.16; Jó 7.13), "conversa" (1 Rs 18.27, BJ), "comunicação" (2 Rs 9.11; ARA, "falar"), "oração" (Sl 64.1 [2]; ARA, "perplexidade") e "tagarelice" (Pv 23.29; ARA, "queixa"). Provérbios 23.29, "para quem as queixas?", também pode ser traduzido por "para quem as meditações sobre problemas?".

śîḥâ. ***Meditação, oração, devoção.*** Essa palavra aparece somente três vezes no AT. Em cada uma delas designa a meditação piedosa. Por exemplo, em Salmos 119.97, o salmista exulta em seu amor pela lei de Deus e declara: "[ela] é a minha meditação todo o dia".

G.G.C.

2256 שׂיח (*śyḥ*). **II. Aceita como raiz de:**

2256a שִׂיחַ (*śîaḥ*) ***arbusto, moita, planta*** (Gn 2.5; 21.15; Jó 30.4, 7).

שׂים (*śîm*). Veja os nºs 2 243, 2244.
שׂיש (*śîś*). Veja o nº 2 246.
שׂך (*śēk*). Veja o nº 2 262a.
שׂך (*sok*). Veja o nº 2 260a.

2257 שׂכה (*śkh*). **Aceita como raiz de:**

2257a †שְׂכִוִי (*śekwî*) ***aparição celeste, fenômeno*** (Jó 38.36).

2257b †שְׂכִיָּה (*śᵉkîyâ*) ***imagem.***

2257c †מַשְׂכִּית (*maśkît*) ***imagem, ídolo, figura, quadro, imaginação.***

śᵉkiyâ. ***Imagem, forma, aparência.*** Esse substantivo é encontrado apenas uma vez, em Isaías 2.16. A partir de sua afinidade com *maskît*, "uma imagem pétrea que pode ser vista claramente", têm sido apresentadas várias sugestões quanto a uma possível tradução. Isaías 2.16 se acha num contexto em que o profeta anuncia que o dia do Senhor virá e humilhará os orgulhosos e destruirá o mal. Dentre as coisas sobre as quais sobrevirá o juízo encontram-se, literalmente, "todo *śᵉkîyâ* de coisas agradáveis". A ARA traduz a expressão por "tudo o que é belo à vista"; talvez se devesse traduzir por "todas as belas imagens".

maskît. ***Imagem, ídolo, figura, quadro, imaginação, opinião, pensamentos, idéia fantasiosa, imagem mental.*** Esse substantivo, conforme Gesenius, provém da raiz hipotética *śākâ*, que significa "olhar para", "pôr os olhos em". Por conseguinte, *maśkît* passou a ter o sentido de "aquilo que é visível", "aquilo em que se pode pôr os olhos". *BDB* e *KB* traduzem o vocábulo por "objeto de se ver", especificamente uma "figura esculpida".

Em Provérbios 25.11 denota uma bela moldura de prata para maçãs de ouro.

Em Levítico 26.1 Deus proíbe a Israel de "levantar imagem de escultura (...) na vossa terra, para vos inclinardes a ela". De semelhante forma, em Números 33.52, Israel recebe ordens para destruir todos os ídolos de pedra dos cananeus. Neste último versículo a ARC traduz *maśkît* por "figuras". Segundo *KD*, estas são na realidade "ídolos de pedra" (no comentário sobre Lv 26.1).

Em Ezequiel 8.12 o profeta fica sabendo que dentro das próprias dependências do templo alguns profetas tinham quartos secretos onde guardavam ídolos de pedra (*maśkît*).

Em Salmos 73.7 e Provérbios 18.11 se emprega figuradamente a palavra *maśkît* com o sentido de "fantasias" do coração.

sekwî. ***Aparição celeste.*** Esse vocábulo é usado somente em Jó 38.36, estando em paralelo com outra palavra enigmática, *tuhôt*. Foi examinado por M. Pope (*Job*, em *AB*, p. 302-3) e W. F. Albright (*YGC*, p. 246-7). Pope, junto com outros estudiosos, chega à conclusão de que o vocábulo está relacionado com o nome copta do planeta Mercúrio. Albright diz que esse é um engano cometido por aqueles que estudam o copta moderno,

2258 שַׂכִּין (*śakkîn*)

e sustenta que significa "marinheiro", "pescador". As duas palavras são analisadas no verbete *tuhôt* (veja-se *tûah*).

G.G.C.

שֻׂכָּה (*sukkâ*). Veja o nº 2 262b.
שְׂכִוִי (*sekwî*). Veja o nº 2 257a.
שְׂכִיָּה (*śᵉkıyâ*). Veja o nº 2 257b.

2258 שַׂכִּין (*śakkîn*) ***faca*** (Pv 23.2).

2259 שָׂכַךְ (*sākak*) ***I, cobrir, recobrir*** (Êx 33.22). Uma variante de *sākak* II.

2260 שָׂכַךְ (*sākak*) ***II, tecer*** (Jó 10.11). Uma variante de *sākak* II.

Termo Derivado

2260a שׂוֹךְ (*sôk*) ***tenda, pavilhão*** (Lm 2.6).

2261 שָׂכַךְ (*skk*). **III. Aceita como raiz de:** Veja-se *sûk*, "cercar".
2261a מְשֻׂכָּה (*mᵉsukkâ*) ***cerca*** (Is 5.5).

2262 שָׂכַךְ (*śkk*). **IV. Aceita como raiz de:**
2262a שֵׂךְ (*sēk*) ***espinho*** (Nm 33.55).
2262b שֻׂכָּה (*sukkâ*) ***farpa, lança*** (Jó 40.31).

2263 שָׂכַל (*sākal*) ***I, ser sábio, agir sabiamente, ter sucesso, perceber, entender, prosperar.***

Termos Derivados

2263a †שֵׂכֶל (*sēkel*), שֶׂכֶל (*sekel*) ***entendimento.***
2263b †מַשְׂכִּיל (*maskîl*) ***poema.***

Das 74 vezes em que se emprega a forma verbal, à exceção de duas, todas elas aparecem no grau hifil. Em muitos casos *sākal* é sinônimo de *bîn*, "entender" (veja-se o verbete *hokmâ* para um exame dos sinônimos), mas há uma distinção sutil. Enquanto *bîn* tem o sentido de "distinguir entre", *sākal* se refere à ação de, com a inteligência, tomar conhecimento das causas. Este último vocábulo designa o processo de pensar como uma disposição complexa de pensamentos que resultam numa abordagem sábia e bastante prática do bom senso. Outra conseqüência é a ênfase no ser bem-sucedido.

sākal também envolve aquilo que a pessoa considera ou em que ela presta atenção. Deus cuida dos aflitos e necessitados para que reflitam sobre seu Benfeitor (Is 41.20). Acerca do justo se diz que ele observa a casa do ímpio; esse procedimento sábio tem algo

em vista, atingir a morada do mal (Pv 21.12, uma passagem difícil, traduzida por "o justo"). Os líderes da casa de Israel reuniram-se diante de Esdras a fim de prestar atenção às palavras da lei (Ne 8.13).

Um outro emprego do verbo é com o sentido de "ter *insight*" ou "ter compreensão" de algo. A pessoa que quer se orgulhar de alguma coisa deve-se orgulhar de que compreende o Senhor e o conhece (Jr 9.23). A forma *haskēl* (infinitivo do hifil) é um substantivo que significa "intuição (inteligência)", o que é visto como um presente que Deus deu a Israel por intermédio de seus governantes e mestres (Jr 3.15). Esse vocábulo também ocorre em Provérbios 1.3, em que se afirma que o livro foi escrito para dar ao jovem "conhecimento intuitivo" acerca do comportamento sábio (ARA, "bom proceder"). Tal como em Jeremias, o comportamento sábio significa conformar a própria vida ao caráter de Deus.

Outro uso da palavra ressalta a idéia de "levar a ponderar", "proporcionar conhecimento intuitivo" e "ensinar". Davi diz que o Senhor o fez entender os detalhes da planta dos móveis do templo (a palavra "planta" é usada como objeto direto indicativo de uma coisa, 1 Cr 28.19). Gabriel deu conhecimento intuitivo ou habilidade a Daniel (Dn 9.22).

Há também o sentido de "agir cautelosa" ou "proceder prudentemente". Em tempos maus, o prudente sabe manter silêncio (Am 5.13). Deus tem a sua maneira de determinar se uma população está, no geral, agindo sabiamente de modo a buscá-lo (Sl 14.2). A esposa que age com prudência é descrita como alguém que vem da parte do Senhor (Pv 19.14). De forma semelhante, o servo sofredor agiu prudentemente ao completar o trabalho que lhe foi designado (Is 52.13).

O verbo também pode significar "prosperar" ou "ter sucesso". Saul teve receio de Davi porque este estava tendo bastante sucesso como conseqüência da presença do Espírito em sua vida para guiá-lo. Aliás, devido a esse comportamento bem-sucedido, Davi conseguiu sobrepujar Saul em sua posição de liderança (1 Sm 18.14, 15). Jeremias destaca que se pronunciou sentença de juízo contra os líderes-pastores de uma nação favorecida. Os líderes foram considerados tolos porque não buscaram ao Senhor. Como resultado, não prosperariam e seus rebanhos seriam dispersos (Jr 10.21).

sēkel, sekel. ***Entendimento, sabedoria.*** Esse vocábulo é empregado de forma semelhante ao verbo. No comportamento de Abigail houve uma exibição de prudência ou bom senso. Ela demonstrou seu bom senso ao lidar com a crise entre seu marido (um *nābāl*, q.v.) e Davi (1 Sm 25.3). Entretanto, a maneira que ela abordou a sabedoria revelou-se falha, pois estava procurando sabedoria de uma maneira que Deus não havia ordenado.

O substantivo também possui o sentido de conhecimento intuitivo ou de entendimento. Davi orou para que o Senhor desse sabedoria (ou discernimento) a Salomão no que dizia respeito aos assuntos de Israel (1 Cr 22.12; ARA, "prudência"). Aquele que não negligencia a bondade e o amor acha favor e bom entendimento (aqui um sinônimo de graça, que leva outros a admirar) à vista de Deus e dos homens (Pv 3.4). A prudência de alguém faz com que tal pessoa seja lenta em irar-se (Pv 19.11); a pessoa ganha elogios de acordo com a própria sabedoria (ou conhecimento intuitivo, Pv 12.8).

O contexto também pode indicar a idéia de falta de juízo ou astúcia. Acerca de alguém no fim dos tempos, diz-se que tal pessoa, por meio de sua sagacidade e como Antíoco Epifânio, fará com que o engano prospere (Dn 8.25).

maskıl. O particípio do hifil do verbo é usado como substantivo e aparece nos cabeçalhos dos salmos 32; 42; 44; 45; 52—55; 74; 78; 88; 89; 142. Além disso, Salmos 47.7 [8] destaca que se devem cantar louvores de acordo com *maskîl* (ARA, "harmonioso cântico"). Alguns têm entendido que *maskîl* é um poema didático (a ARA traduz a maioria das vezes por "salmo didático") que conduz à consideração ou ao conhecimento intuitivo. Outros têm sido da opinião de que designa um cântico artístico com um conhecimento intuitivo. O mais provável é que a palavra indique um poema contemplativo, com presença dos outros dois aspectos.

L.G.

maskîl. À exceção da primeira vez em que a palavra ocorre (Sl 32.1), *maskîl* está sempre associado a um indivíduo ou aos filhos de Coré. Davi é incluído nos salmos 52—55 e 142; Asafe, nos 74 e 78; Hemã, no 88; e Etã, no 89. A raiz *skl* denota "conhecimento intuitivo" ou "sabedoria", de forma que esses salmos podem estar assim assinalados em virtude das suas instruções especiais ou das suas dificuldades musicais. Quanto a outros termos técnicos semelhantes, veja-se verbete 1506.

H.W.

Bibliografia: — GIRDLESTONE, R. *Synonyms of the Old Testament*. Eerdmans, 1897. — VON RAD, G. *Wisdom in Israel*. Abingdon, 1972. — SCOTT, R. B. Y. *The way of wisdom*. Macmillan, 1971.

2264 *שכל* (*śākal*) ***pôr atravessado*** (Gn 48.14).

2264.1 שכר (*sākar*) ***assalariar.***

Termos Derivados

2264.1a שֶׂכֶר (*śeker*) ***soldo, salário.***
2264.1b שָׂכָר (*śākār*) ***soldo, salário.***
2264.1c שָׂכִיר (*sākîr*) ***assalariado.***
2264.1d מַשְׂכֹּרֶת (*maskōret*) ***salário.***

A idéia básica da palavra é a de "contratar os serviços de uma pessoa em troca de pagamento". Os vários contextos em que aparece esse verbo trazem diferentes conotações. Designa a ação de contratar um exército para ajudar a pessoa a se livrar de seus inimigos (2 Sm 10.6; 2 Rs 7.6; 1 Cr 19.6; 2 Cr 25.6). O vocábulo aparece na inscrição de Kilamuwa, referindo-se à contratação do rei da Assíria (talvez Salmanasar III) para lutar contra o rei de Damasco (*ANET*, p. 500). Emprega-se também o verbo para indicar a contratação de trabalhadores qualificados para uma tarefa em particular (2 Cr 24.12; Is 46.6) ou conselheiros (Ed 4.5). Lia "compra" o privilégio de deitar-se com o seu marido, Jacó, ao dar a Raquel as mandrágoras de Rúben (Gn 30.16; ARA, "alugar"). Balaão foi contratado para amaldiçoar Israel (Dt 23.5; Ne 13.2) e, por essa razão, torna-se símbolo de líderes religiosos falsos que anunciam uma mensagem em troca de dinheiro (Jd 11). O profeta de Deus prega a verdade e não está para "ser alugado". Provérbios 26.10 adverte contra assalariar um tolo para qualquer tipo de trabalho.

O nifal mostra que as pessoas se alugam por um preço (1 Sm 2.5); e a idéia reflexiva de receber salários em troca do próprio trabalho se acha em Ageu 1.6 (grau hitpael). É interessante assinalar que Deus jamais contrata os seus servos; estes trabalham voluntariamente para ele por amor e gratidão, e ele, por causa da sua graça, lhes recompensa a fidelidade.

seker. ***Soldo, salário.*** A palavra ocorre somente em Isaías 19.10 e Provérbios 11.18. O profeta Isaías utiliza a expressão "aqueles que trabalham por salário" (lit., "aqueles que fazem salário"; ARA, "jornaleiros") para descrever a classe trabalhadora. O escritor de Provérbios fala do pagamento certo ou seguro que terão aqueles que semeiam a justiça em contraste com a recompensa incerta ou decepcionante que terão os ímpios.

C.R.

שִׂכְלוּת (*siklût*). Veja o nº 1 493d.

2265 שְׂלָו (*śelāw*) ***codorniz*** (e.g., Nm 11.32; Êx 16.13).

שַׂלְמָה (*salmâ*). Veja o nº 2 270b.

2266 שָׂלַק (*sālaq*) ***pegar fogo, queimar.***

Pelo fato de ser escrito sem *lamedh* mas com duplo *sin* (cf. *sālēq*), há dúvidas em torno da raiz e sua etimologia. Alguns entendem que a raiz é *nāsaq* (*KB*; cf. o aramaico *nāšaq*, "queimar"). Pode designar uma queima literal (Is 44.15; Ez 39.9) ou então descrever a justa ira de Deus contra o pecado (Sl 78.21). Também é possível considerar o verbo uma variante de *sālaq*, palavra que exibe a assimilação invertida do *l*, a qual se sabe ter existido em aramaico. O vocábulo também significa "subir", "ascender", mas não como resultado da queima.

R.D.P.

2267 שׂמאל* (*sim el*) ***virar à esquerda.*** Esse verbo denominativo ocorre somente no hifil, sempre com o sentido de movimento para a esquerda.

Substantivo de Origem

2267a †שְׂמֹאלִי (*śᵉmō'lî*), שְׂמֹאול (*śᵉmō'wl*) ***esquerda, mão esquerda, lado esquerdo.***

2267b †שְׂמָאלִי (*śᵉmā'lî*) ***esquerdo.***

śᵉmō'l. ***Esquerda.*** O vocábulo indica aquilo que fica do lado esquerdo do corpo de alguém (tal como a mão esquerda de Eúde em Jz 3.21) ou aquilo que está do lado esquerdo em contraste com o que está à direita (como em Ne 8.4, "estavam (...) à sua esquerda"). O fato de que Eúde era canhoto permitiu-lhe executar o plano de assassinar Eglom. Os guardas teriam percebido que ele não trazia punhal do lado esquerdo da cintura (o lugar costumeiro). Por ser canhoto, ele trazia a arma do lado direito, facilmente escondida.

2268 שָׂמַח (*śāmah*)

Em diversos casos a expressão "para a direita e para a esquerda" aparece nas Escrituras descrevendo um afastamento do caminho reto. Assim sendo, no sentido literal, Moisés, ao conduzir os filhos de Israel à terra prometida, promete ao rei de Hesbom que Israel permanecerá na estrada e não se desviará "para a direita nem para a esquerda" (Dt 2.27). Em Deuteronômio 17.20 a palavra aparece com sentido figurado, numa advertência contra o apartar-se do mandamento divino "quer para a direita quer para a esquerda".

Às vezes o lado direito é apresentado como a boa alternativa, enquanto o esquerdo aparece como a má. E assim que Eclesiastes 10.2 traz "o coração do sábio se inclina para o lado direito, mas o do estulto para o da esquerda". De semelhante modo, no NT, em Mateus 25.33, Cristo coloca as boas ovelhas à sua direita, ao passo que os maus cabritos vão para a sua esquerda!

Entretanto, em alguns casos o lado esquerdo simplesmente indica uma outra alternativa que não o lado direito — sendo igualmente má (Is 9.20 [19], "abocanha à direita e ainda tem fome, devora à esquerda e não se farta") ou igualmente boa (Pv 3.16, "o alongar-se da vida está na sua mão direita, na sua esquerda riquezas e honra").

Em hebraico os pontos cardeais são indicados com a pessoa voltada para o lado onde nasce o sol; por isso *s'mō'l* também indica o "norte" (Jó 23.9, BJ), o mesmo ocorrendo com a raiz árabe *shamal*. *yamîn*, "mão direita", também significa "sul". E as palavras traduzidas por "à frente de" e "atrás de" significam, respectivamente, "leste" e "oeste".

s'mā'lî. ***Esquerdo.*** Esse adjetivo aparece em nove ocasiões, referindo-se àquilo que fica à esquerda (e.g., 1 Rs 7.21, "a coluna esquerda").

G.G.C.

2268 שָׂמַח (*śāmah*), שִׂמְחָה (*śāmēah*) ***regozijar-se.***

Termos Derivados

2268a שָׂמֵחַ (*śāmēah*) ***jubilante, alegre.***

2268b שִׂמְחָה (*śimhâ*) ***regozijo, satisfação.***

A raiz *śāmah* denota o estar plenamente alegre ou contente, conforme o indica a associação desse verbo com os vocábulos "coração" (cf. Êx 4.14; Sl 19.8 [9]; 104.15; 105.3) e "alma" (Sl 86.4) e a referência ao brilho dos olhos (Pv 15.30).

Muitos acontecimentos e objetos alegram o homem: o vinho (Sl 104.15; Jz 9.13; Ec 10.19); ungüentos e perfumes (Pv 27.9); um filho sábio (Pv 15.20; 10.1; 27.11); uma palavra bondosa (Pv 12.25); encontrar um ente querido (Êx 4.14); a lei de Deus (Êx 19.8 [9]); o aumento numérico dos justos (Pv 29.2); e as festas determinadas por Deus (Ne 12.43; cf. *śimhâ*). Mas o Senhor e sua salvação são citados com muito maior freqüência como motivo de alegria (2 Cr 20.27; Sl 5.11 [12]; 9.2 [3]; 16.9; 32.11; 40.16 [17]; 63.11 [12]; 64.10 [1 1]; 86.4; 90.15; 92.4 [5]). E de fato, a alegria do Senhor é a força do homem (*hedwâ*, Ne 8.10). Além disso, muitas dessas passagens instam o homem a partilhar essa sua alegria. Desse modo Israel é instado a se alegrar com as suas festas e com o seu santuário central (Dt 12.7; 14.26; 16.11; 26.11; 27.7). A alegria de Israel será completa com a sua restauração (Sl 14.7; 126.2 [3]; Is 9.2; 25.9; 35.10; 51.3, 11; 65.14-19; Zc 2.10 [14]).

Por outro lado, às vezes os ímpios se alegram erradamente com a aflição dos justos (Sl 35.15).

Por fim, o regozijo tem muitos sujeitos: o Senhor (Sl 104.31), Sião (Sl 97.8), os humildes (Sl 34.2 [3]), o rei (Sl 21.1 [2]), os céus (1 Cr 16.31), ciprestes (Is 14.8) e o Egito (Sl 105.38). Mas os profetas proíbem os inimigos de Israel de se regozijar (Os 9.1; Ob 12).

As situações em que as pessoas têm alegria são diversas: opondo-se a Deus, longe de Deus e junto com Deus. Os pagãos se regozijam quando triunfam sobre Israel (Jz 16.23), e o tolo se alegra com a sua tolice (Pv 15.21). Mas esse tipo de alegria há de ter fim, pois o justo encontrará a alegria perpétua (Is 51.11).

A alegria caracteriza os casamentos (Jr 25.10) e as festas de despedida (Gn 31.27), mas num número maior de vezes a palavra designa a alegria que os fiéis têm no Senhor em dias santificados (Nm 10.10) e em diversos tipos de comemorações sagradas (cf. 2 Sm 6.12; Ed 3.12). Pelo fato, contudo, de Israel ser uma comunidade sagrada, não se pode fazer uma distinção tão nítida entre festas seculares e festas sagradas. Por conseguinte, o povo se regozija no dia da coroação de Salomão (1 Rs 1.40) e Israel se alegra com a vitória (2 Cr 20.27). Deixar de adorar o Senhor com alegria trará o juízo divino (Dt 28.47); Davi nomeou levitas para, com alegria, cantarem no templo (1 Cr 15.16). O regozijo longe de Deus pode se transformar em tristeza (Pv 14.13) e não satisfaz (Ec 2.1 e ss.).

B.K.W.

שְׂמִיכָה (*śᵉmîkâ*). Veja o nº 2 269a.

2269 שמך (*śmk*). **Aceita como raiz de:**

2269a שְׂמִיכָה (*śᵉmîkâ*) ***cobertor grosso*** (Jz 4.18).

2270 שמל (*śml*). **Aceita como raiz de:**

2270a שִׂמְלָה (*śimlâ*) ***roupa, veste, pano.***

2270b שַׂלְמָה (*salmâ*). A mesma palavra acima, com metátese do *l* com o *m*.

Essa é a palavra genérica para roupa. Empregada 29 vezes, geralmente tem um sentido literal. Sem e Jafé cobriram Noé, que estava embriagado, com uma capa (Gn 9.23). Rasgava-se a roupa em sinal de tristeza (Gn 44.13; Js 7.6). Dar algumas mudas de roupa era considerado um presente generoso (Gn 45.22). Os homens não deviam vestir roupas de mulheres (Dt 22.5). Atualmente acredita-se que esse costume estava associado com a ignomínia da derrota na guerra e, por esse motivo, havia um estigma especial associado a isso. As roupas e as sandálias de Israel foram maravilhosamente conservados durante a experiência no deserto (Dt 8.4). O vocábulo *beged* é outra palavra de uso genérico para roupa e é usado com muito maior freqüência. Existem inúmeras palavras que designam tipos de tecido e itens do vestuário: *shesh*, "linho"; *tahash*, "couro"; *mᵉ'îl*, "capa"; *kᵉtōnet*, "túnica". Esta última palavra também designa uma roupa que se usa por cima e uma das poucas palavras semíticas que o grego tomou emprestado (*chitōn*).

Bibliografia: Acerca de palavras que designam diferentes itens do vestuário, veja-se MARE, W. H. Dress. In: *ZPEB*. v. 2, p. 164-70.

R.L.H.

2271 שְׂמָמִית (*s'māmît*)

2271 שְׂמָמִית (*s'māmît*) ***espécie de lagarto*** (Pv 30.28).

2272 שָׂנָא (*sane'*) ***odiar, ser odioso.***

Termos Derivados

2272a שָׂנִיא (*sānî'*) ***odiado, desprezado*** (Dt 21.15).
2272b שִׂנְאָה (*sin'â*) ***ódio, aversão.***

O termo *sane'* tem o mesmo significado em ugarítico (*UT* 19: nº 2449). O sentido da raiz do verbo *sānē'* e seus derivados é de "odiar". Exprime uma atitude emocional diante de pessoas e coisas que são combatidas, detestadas, desprezadas e com as quais não se deseja ter nenhum contato ou relacionamento. E, portanto, o oposto de amor. Enquanto o amor atrai e une, o ódio separa e mantém distância. As pessoas que são odiadas e as que odeiam são vistas como adversárias ou inimigas e são consideradas detestáveis e profundamente repugnantes.

Deus odeia os dias de festa de Israel; ele não tem nenhuma satisfação em reuniões religiosas e não aceitará sacrifícios (Am 5.17). Na verdade, esses aspectos preceituados da adoração se tornaram em mera fachada para a hipocrisia, o engano e o adultério espiritual (Zc 8.17; cf. Is. 1.13-15). Eles são postos na mesma categoria dos ídolos (Dt 16.22) e de outras maneiras de dar vazão ao pecado (Pv 6.16).

A aversão que Deus tem pelos ídolos e festas também se dirige contra pessoas, por exemplo, Esaú (Ml 1.3, Gn 27; Sl 5.5 [6]; 11.5). Em cada caso se descrevem o caráter e/ou atividades daqueles que são odiados; dessa maneira Deus se opõe às pessoas não simplesmente por serem pessoas, mas por serem pessoas pecadoras, afastando-se delas e trazendo sobre elas as conseqüências da sua aversão.

Em diversas oportunidades o AT fala de homens que odiaram a Deus. De uma forma ou de outra as pessoas expressam com relação a Deus uma ausência de amor e de sentimentos bondosos ou então uma má vontade e uma aversão (Êx 20.5; Dt 5.9; 2 Cr 19.2; Sl 22.8).

O ódio geralmente mencionado no AT é a animosidade, a má vontade e a aversão que os homens têm pelos seus semelhantes. O alcance e a perversidade da depravação do coração humano se vê no ódio entre marido e esposa (Gn 29.31, 33); entre irmãos (Gn 37.4); entre irmão e irmã (2 Sm 13.15); entre vizinhos (Dt 19.11); entre pessoas pobres (Pv 19.7); entre pai e filho (Pv 13.24); e entre nações (Is 66.5).

Da parte do homem existe também um ódio que é aceitável a Deus. O homem deve ter aversão pelo mal e se afastar dele. Por esse motivo o salmista diz: "aborreçc a súcia de malfeitores" (Sl 26.5). Essa aversão também se encontra diametralmente oposta à confiança do crente no Senhor, pois o homem de Deus afirma: "Aborreço aqueles que se entregam a vaidades enganosas; eu, porém, confio no Senhor" (ARC, Sl 31.6 [7]; a ARA e a IBB trazem "aborreces", o que não tem base no texto hebraico).

sānî'. ***Odiado.*** Em Deuteronômio 21.15 Moisés emprega esse adjetivo para deixar bem claro que a aversão a uma esposa não é motivo válido para deserdar da condição de

primogênito um filho tido com ela, muito embora o marido pessoalmente prefira um filho (ou filhos) de uma segunda esposa.

sin a. ***Ódio, aversão.*** Usa-se esse derivado nominal para expressar a intensidade do ódio dos homens. A aversão de Amnom aumentou bastante (2 Sm 13.15). Os que odeiam o bem odeiam perversamente o salmista (Sl 25.19), e o salmista, por sua vez, odeia-os com ódio perfeito (Sl 139.2). Moisés usou esse substantivo também para lembrar Israel de como o povo havia despertado a má vontade de Deus (Dt 1.27).

[Um uso interessante da palavra "aversão" se encontra em Romanos 9.13, que cita Gênesis 25.13 e Malaquias 1.2-3. Com base na passagem de Romanos alguns chegaram à conclusão de que Paulo fundamenta a sua condenação de Esaú num decreto divino em que Deus teve aversão por Esaú antes do nascimento deste. Talvez seja útil apresentar uma solução alternativa. Pode-se entender satisfatoriamente a afirmação de Romanos 9.11 de que a escolha divina de Jacó não se baseou nas obras, apelando-se à passagem citada de Gênesis 25.23, passagem que registra palavras ditas antes do nascimento dos gêmeos. Não decorre logicamente que Esaú teria sido objeto de aversão antes mesmo de nascer. Essa afirmação é citação de Malaquias 1.3, que foi escrito muito tempo depois de Esaú ter vivido uma vida basicamente secular. Embora a doutrina da eleição exclusivamente por meio da graça divina seja amplamente aceita, a condenação dos perdidos é, por sua vez, amplamente aceita como resultado do seu próprio pecado (assim o entende a Confissão de Westminster, iii.7). R.L.H.]

G.V.G.

שָׂנִיא (*sānî'*). Veja o nº 2 272a.

שָׂעִיר (*sā'îr*). Veja os nºs 2 274c, e.

שְׂעִיר (*se'îr*). Veja os nºs 2 274g, h.

שְׂעִירִים (*s'îrîm*). Veja o nº 2 277a.

2273 שׂעף (*s'p*). **Aceita como raiz de:**

2273a שְׂעִפִּים (*s'ippîm*) ***pensamentos inquietantes, pensamentos agitados*** (Jó 4.13; 20.2).

2273b שַׂרְעַפִּים (*sar'appîm*) ***pensamentos inquietantes*** (Sl 94.19; 139.23).

שְׂעִפִּים (*s'ippîm*). Veja o nº 2 273a.

2274 שׂער (*s'r*). **Aceita como raiz de:**

2274a †שְׂעָר (*se'ār*) ***cabelos, pêlos.***

2274b שַׂעֲרָה (*sa'ărâ*) ***fio de cabelo, pêlo*** (o feminino é usado para especificar um item isolado, em vez de um conjunto).

2274c שָׂעִיר (*sā'îr*) ***I, cabeludo, peludo.*** Usado somente em Gênesis 27.11, 23, na passagem que conta a história de Jacó enganar o pai.

2274d שָׂעַר (*śā'ar*) ***I, ter muito medo.*** Provavelmente um verbo denominativo, "arrepiar-se de medo". Usado quatro vezes no qal.

2274e †שָׂעִיר (*sā'ır*) ***II, bode.***
2274f †שְׂעֹרָה (*ś'ōrâ*) ***cevada*** (supostamente por causa do grão aveludado).
2274g †שֵׂעִיר (*se îr*) ***I, Seir, monte Seir.***
2274h †שֵׂעִיר (*śē'îr*) ***II, Seir (patriarca dos horeus).***

sē'ăr. ***Cabelos, pêlos.*** Essa palavra é um termo genérico para pêlos de animais e do homem — tanto os da cabeça (cabelo) quanto os do corpo. Palavra empregada 27 vezes, metade das quais em Levítico, nos textos que falam do diagnóstico do avanço ou do retrocesso de doenças contagiosas da pele. A maneira como os pêlos tinham sido afetados era um sintoma que o sacerdote devia observar para verificar se a doença desaparecera. A observância dessa espécie de quarentena foi um grande avanço para a saúde pública entre os hebreus.

A outra referência significativa aos cabelos é a consagração dos cabelos do nazireu. Não está claro por que o voto de nazireu exigia que os cabelos não fossem cortados. Talvez o comprimento do cabelo fosse um lembrete e um testemunho sobre a duração do voto. Quando terminava o período do voto, os cabelos deviam ser queimados com o sacrifício oferecido pelo nazireu (Nm 6.1-21). Sansão devia ser nazireu pela vida toda (Jz 16.22), mas em alguns aspectos foi um exemplo lamentável. Assim mesmo, tendo-se arrependido, Sansão foi usado pelo Senhor.

A cabeleira de Absalão chamava a atenção. Mas, ao contrário do que geralmente se acredita, o texto não diz que os cabelos foram a causa de sua desgraça. Diz que a cabeça ficou presa nos galhos do carvalho — mas não dá detalhes de como isso aconteceu.

sā'îr. ***II. Bode.*** A maioria dos 52 usos dessa palavra se refere ao bode usado na oferta pelo pecado, especialmente as ofertas solenes pelo pecado do dia da expiação (Lv 16). As regras acerca da oferta pelo pecado (Lv 4) especificam que um novilho devia ser oferecido em favor de um sacerdote ou por toda a comunidade, um bode em favor de um líder e uma cabra ou cordeira em favor de um cidadão comum. As diferenças são claramente de ordem econômica e não uma questão de sexo dos animais. Uma oferta pelo pecado feita por um cidadão comum não podia ser comida pelo ofertante — ele não deve tirar nenhuma vantagem monetária dessa oferta; ela deve ser comida pelo sacerdote. Mas, caso um sacerdote traga a oferta e o seu sangue seja aspergido no Lugar Santíssimo, a carne não é ingerida; deve ser queimada fora do acampamento (cf. Lv 16.27 e Hb 13.11-13). Essa imolação total do bode da oferta pelo pecado é um tipo significativo do sacrifício total de Cristo, conforme o livro de Hebreus claramente o diz.

O ritual do Dia da Expiação é também significativo em sua tipologia de sacrifício substitutivo. O bode vivo, isto é, o bode expiatório (hebraico *'ăzā'zēl*, "bode que sai", veja-se *'ēz*), era apresentado ao sumo sacerdote. Este impunha as mãos sobre a cabeça do animal "e sobre ele confessava todas as iniqüidades dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados, e os punha sobre a cabeça do bode" (Lv 16.21). Nesse caso o bode vivo simboliza a remoção do pecado. Mas em outros casos, em que numa cerimônia parecida o animal é morto, o simbolismo mostra que o pecado imputado é julgado (Lv 4.29). A cerimônia simboliza o ato pelo qual o pecado é transferido do pecador para o animal inocente. É assim que, de diversas maneiras, o pecado é tratado e removido e a comunhão é restaurada.

Em pelo menos quatro casos essa palavra foi traduzida por "sátiro" ou "demônio" (Lv 17.7; 2 Cr 11.15; Is 13.21; 34.14). Não é necessário chegar a essa tradução extravagante. A NIV traduz as duas primeiras passagens por "bode-ídolo", as duas últimas por "bode" ou "bode selvagem".

s'ōrâ. ***Cevada.*** A cevada era o cereal usado pelos pobres. Observe-se o pão de cevada do sonho do soldado midianita (Jz 8.13). Parece indicar a origem humilde de Gideão. A cevada amadurece quatro semanas antes do trigo. Por esse motivo foi destruída na praga de saraiva, ocorrida no início da primavera no Egito, ao passo que o trigo, que viria depois, sobreviveu (Êx 9.31).

R.L.H.

sē'îr. ***I. Seir, monte Seir.*** Esse nome próprio designa a grande região bastante montanhosa a leste do deserto da Arabá e que, numa extensão de 160 quilômetros, vai do mar Morto até o golfo de Aqaba. Não é certa a relação entre esta palavra e a raiz *sā'ar*.

Os primeiros habitantes dessa área foram os horeus (=hurriano, veja-se *hōrî*; Gn 14.6), um dos quais, Seir (*sē'îr*), batizou a terra com o seu próprio nome (Gn 36.2). Esaú emigrou para o monte Seir porque a terra de Canaã já não conseguia manter a sua família e o seu rebanho (Gn 32.3 [4]); seus descendentes desalojaram os horeus (Dt 2.12, 22). Quando Israel migrou do deserto para se apossar de Canaã, os edomitas permitiram que Israel atravessasse as suas terras porque tinham medo dos israelitas (Dt 2.29). Mais tarde 500 simeonitas migraram de Judá para o monte Seir (1 Cr 4.42). Durante a monarquia de Israel, porém, os habitantes de Seir se rebelaram em diversas ocasiões contra Israel (cf. 2 Cr 20.10, 22, 23; 25.11, 14). De fato, eles odiavam Israel e tomavam partido daqueles que invadiam Israel na esperança de herdar a terra de Israel (Ez 25.8; 35.1-15). Por volta de 300 a.C. Edom foi desalojado pelos nabateus.

Por trás dessa história se acha aquele que domina os reinos de todas as nações (2 Cr 20.6). O Senhor desalojou os horeus e deu a terra aos edomitas (Dt 2.5; Js 24.4), e a partir do monte Seir ele saiu marchando para dar a Israel a sua terra (Dt 33.2; Jz 5.4). Mas, pelo fato de os habitantes de Seir terem-se voltado contra o Senhor e o seu povo, Deus os desalojou exatamente como profetizara (Is 21.11 e s.; Ez 25.8; 35). Balaão, contudo, anteviu o dia quando o rei de Israel possuiria essa montanha.

Assim a história de Seir acompanha de forma bastante próxima a história de Canaã, pois nas duas terras o Senhor desalojou os habitantes pagãos da região em favor dos descendentes de Abraão. Estes, por sua vez, foram deserdados da sua terra por causa de sua idolatria e pecado. Mas, no final, o rei de Israel herdará ambas as terras (Nm 24.17-19).

sē'îr. ***Seir.*** Seir foi o patriarca dos antigos horeus, que foram destruídos pelos filhos de Esaú e foram expulsos da terra de Edom (Dt 2.12; cf. Gn 36.20-21; 1 Cr 1.38).

B.K.W.

2275 שָׂעַר (*śā'ar*) ***II, arrancar fora, arrebatar numa ventania.*** Forma alternativa de *sā'ar*, que é usado com maior freqüência e tem o mesmo significado.

2276 שָׂעַר (*sā'ar*)

Termos Derivados

2275a שַׂעַר (*sa'ar*) ***tempestade.*** Somente em Isaías 28.2. Forma alternativa de *sa'ar* (q.v.).

2275b שְׂעָרָה (*s"ārâ*) ***tempestade.*** Forma alternativa de *s"āra* (q.v.).

2276 שָׂעַר (*sā'ar*) ***III, estar familiarizado*** (Dt 32.17). Significado incerto.

2277 שׂער (*ś'r*). **IV. Aceita como raiz de:**

2277a שְׂעִירִים (*s"'îrîm*) ***gotas de chuva*** (Dt 32.2).

2278 שפה (*śph*). **Aceita como raiz de:**

2278a שָׂפָה (*śāpâ*) ***lábio, linguagem, fala, margem, beira, borda, praia, lado, extremidade.***

Na maioria das vezes *śāpâ* designa o órgão da fala. Os lábios são os portões da fala e, por conseguinte, os portões da honestidade ou do engano, da retidão ou da impiedade, da sabedoria ou da tolice. E por isso que se lê: "os lábios do justo apascentam [ou alimentam] a muitos" e "emudeçam os lábios mentirosos" (Pv 10.21; Sl 31.18 [19]).

Pelo fato de as palavras serem pronunciadas pelos lábios, nada mais natural do que usar os lábios como metonímia para "linguagem" e "língua estrangeira". Isso se vê em passagens como Gênesis 11.1, "em toda a terra havia apenas uma linguagem", e Isaías 19.18, "naquele dia haverá cinco cidades (...) que falarão a língua de Canaã". De igual maneira, usa-se *lāshôn*, "língua", também como sinônimo de *sāpâ*, "lábio", para designar a linguagem e a fala.

Acerca da origem das línguas, David Crystal chegou à conclusão de que "não há nenhuma contradição entre, de um lado, os fatos biológicos e lingüísticos tal como são conhecidos e, de outro, o relato factual ou metafórico da situação das línguas, conforme apresentado no primeiro livro da Bíblia" (*Linguistics, language and religion*, Londres, Burns & Oates, 1965, p. 32).

Assim como os lábios eram vistos como a extremidade externa da boca, a palavra *śāpâ* também era usada em diversos contextos para designar diferentes tipos de extremidades e bordas. Em Êxodo 26.4 e ss. o *śāpâ* é a borla da cortina do tabernáculo, e em Êxodo 28.26 é usado para designar as extremidades do peitoral da estola sacerdotal que o sumo sacerdote devia vestir.

No AT também se emprega *śāpâ* com freqüência em referência à beira-mar. Josué 11.4 fala da multidão de soldados que, junto com Hazor e as cidades do norte de Canaã, veio contra Israel e diz que eles eram "muito povo (...) como a areia que está na praia do mar" (lit., "como a areia que está no lábio do mar"). Nesta expressão, uma vez que se afirma que a areia está no lábio ou na praia, fica claro que o "lábio do mar" não é a beira da água, mas sim a beira da terra, que tem areia sobre si.

Em Deuteronômio 4.48 se usa *sāpâ* para descrever a margem do rio Arnom (cf. IBB).

G.G.C.

שָׂפַח (*śāpaḥ*). Veja o nº 1 534.

2279 שָׂפָם (*sāpām*) ***bigode*** (e.g., Mq 3.7; 2 Sm 19.25). Derivação incerta.

2280 שָׂפַק (*sāpaq*) ***bastar*** (1 Rs 20.10).

Termo Derivado

2280a שֹׂפֶק (*śēpeq*) ***suficiência, abundância*** (Jó 20.22).

שָׂפַק (*sāpaq*). Veja o nº 1 539.
שֶׂפֶק (*śepeq*). Veja o nº 1 539a.
שַׂק (*śaq*). Veja o nº 2 282a.

2281 שָׂקַד (*śāqad*) ***atar*** (Lm 1.14).

2282 שׂקק (*sqq*). **Aceita como raiz de:**

2282a שַׂק (*śaq*) ***pano de saco, saco.***

Esse substantivo masculino designa tanto "pano de saco" quanto "saco", que era usado para depósito de cereais ou algum outro produto. A palavra também aparece em acadiano, em que possui os mesmos dois sentidos, e chegou até o português por via do grego e do latim.

No mundo antigo *saq* era um pano grosseiro e grosso, geralmente de cor escura e feito principalmente de pêlos de cabra (embora também se usassem pêlos de camelo; cf. Mt 3.4). A cor escura é mencionada em Apocalipse 6.12 no símile do sol ficando escuro como saco de crina.

Pano de saco também era usado como roupa por pessoas enlutadas e por aqueles que desejavam manifestar contrição. Vestia-se o pano de saco de modo tal a deixar o peito aberto para bater. E assim que, em Gênesis 37.34, Jacó se veste de pano de saco para prantear José, pois imagina que este fora morto por um animal selvagem (cf. Is 37.1).

Como vestimenta que demonstrava tristeza e auto-humilhação, o pano de saco era às vezes a roupa do profeta que pregava uma mensagem de arrependimento (cf. Ap 11.3). Ver alguém assim equivalia a ser chamado ao tremor e ao arrependimento. Tanto Elias quanto João, que pregaram arrependimento, usaram roupas feitas de pêlos de camelo (2 Rs 1.8; Mt 3.4).

Em Salmos 30.11 [12] o salmista canta a ajuda divina com as seguintes palavras: "tiraste o meu pano de saco".

G.G.C.

2283 *שָׂקַר (*śāqar*) ***flertar com os olhos.*** Esse verbo ocorre somente uma vez, no piel (Is 3.16).

2284 *שָׂרַג (*sārag*)

שַׂר (*sar*). Veja o nº 2 295d.

2284 *שָׂרַג (*sārag*) ***ser entrelaçado*** (pual, Jó 40.17); ***entrelaçar-se*** (hitpael, Lm 1.14).

Termo Derivado

2284a שְׂרִיג (*śārîg*) ***gavinha, ramo*** (Gn 40.10; Jl 1.7).

2285 שָׂרַד (*sārad*) ***I, fugir*** (Js 10.20).

Termo Derivado

2285a שָׂרִיד (*sārîd*) ***sobrevivente.***

2286 שׂרד (*srd*). **II. Aceita como raiz de:**

2286a שְׂרָד (*śᵉrād*) ***obra trançada ou pregueada*** (Êx 31.10; 35.18; 39.1, 49).

2286b שֶׂרֶד (*śered*) ***estilete*** (instrumento de marcar ou riscar madeira, Is 44.13).

2287 שָׂרָה (*sārâ*) ***I, contender, ter poder.***

Termo Derivado

2287a ÷ יִשְׂרָאֵל (*yiśrā'ēl*) ***Israel.***

O verbo *sārâ* se limita a passagens que tratam da luta de Jacó quando ele lutou com o anjo de Iavé em Peniel, na Transjordânia, quando voltava da Mesopotâmia para Canaã, por volta de 1900 a.C. (Gn 32.24 [25]; Os 12.4 [5]). Nesta última passagem, a forma *wayyāsar* talvez indique uma raiz *śûr*. Mas, uma vez que o hebraico bíblico não apresenta nenhuma palavra com essas consoantes, provavelmente deva-se revocalizar a palavra para *wayyiśer*, forma apocopada de *yiśreh* (*BDB*, p. 975), que é a forma normal do imperfeito de *sārâ*. A importância da palavra *sārâ* repousa no substantivo que dela é derivado, *yiśrā'ēl*, "Israel".

O nome *yisrā el* foi outorgado a Jacó pelo próprio Anjo de Iavé (*yhwh*, q.v.), depois de Jacó ter lutado com ele a noite toda (Gn 32.24 [25]). A luta de Jacó foi espiritual, em oração (Os 12.4 [5]), e também física. E nessa luta o patriarca "prevaleceu". Isso não quer dizer que Jacó tenha derrotado a Deus, mas que finalmente satisfez a exigência que Deus fez na aliança: submissão dócil (o que se vê na coxa ferida, Gn 32.25 [26]). E ele continuou se recusando a deixar o Anjo partir até que este o abençoasse (v. 26 [27]). O Senhor então anunciou: "Já não te chamarás Jacó ['suplantador', *ya'ăqōb*, q.v.], e, sim, Israel [*yiśrā'ēl*]: pois como príncipe lutaste [*sārîtā*, ou 'como príncipe tiveste poder', como se a palavra derivasse da raiz *sar*, 'príncipe'] com Deus e com os homens, e prevaleceste" (v. 28).

yisrā'ēL *Israel.* Significa "ele contende com Deus" (Gn 32.28 [29]; contraste-se com *KB*, p. 407). O substantivo *yiśrā'ēl* aparece 2507 vezes no AT (mais as suas formas adjetivas, *yiśrā'ēlî* e *yisrā'ēlît*), primeiramente como nome honorífico do patriarca Jacó, depois como nome próprio designativo da nação de Israel, a qual descendeu dos 12 filhos dele, posteriormente (depois de 930 a.C.) como designação do reino de Efraim (as dez tribos do norte) em contraste com o reino do sul (Judá), e finalmente como designação do reino do sul, após a queda do reino do norte.

Depois da morte de Jacó, *yiśrā'ēl* continuou sendo empregado como nome alternativo do patriarca (Êx 6.14; 32.13). Mas, assim como a expressão *b'nê yisrā'ēl*, "filhos de Israel", perdeu o sentido literal de os 12 filhos do patriarca (Gn 42.5; Êx 1.1) e passou a designar de forma mais metafórica os seus descendentes em geral (Gn 32.32 [33]; Êx 1.7), de igual forma "Israel" veio a significar a nação hebraica (Êx 3.18).

O nome "Israel" aparece na história secular na estela de Merneptah (aproximadamente 1230 a.C.). Como no caso de Jacó, o nome ressalta a eleição de Israel mediante o pacto (Êx 19.5; Is 41.8; Ez 20.5). No entanto, muitos dentre o povo de Deus se revelaram infiéis (Am 3.1), uma apostasia que atingiu o clímax quando rejeitaram a Jesus Cristo por ocasião de sua primeira vinda (Jo 1.11), "porque nem todos os que descendem de Israel são Israel" (lit., Rm 9.6). Mas Iavé "voltará a escolher Israel (...) [Aliás,] o estrangeiro se unirá a eles, fazendo parte da casa de Jacó" (BJ, Is 14.1), uma predição que, alguns diriam, se cumpriu quando os crentes gentios foram enxertados no verdadeiro Israel da igreja de Cristo (Rm 11.17; Gl 6.16; Fp 3.3) e que, de um modo ou de outro, se cumprirá na sua segunda vinda, quando os judeus aceitarem aquele que traspassaram (Zc 12.10) e todos os crentes experimentarem restauração na terra de Israel (Is 14.1).

Bibliografia: — PAYNE, J. B. *Theology of the Older Testament*. Zondervan, 1971. p. 179-83, 475-8, 484-7. — VON RAD, G. et al. Israel. In: *TDNT*. v. 3, p. 356-91.

J.B.P.

2288 שׂרה (*srh*). **II. Aceita como raiz de:**

2288a מִשְׂרָה (*miśrâ*) ***governo, domínio*** (Is 9.5, 6).

שָׂרוֹךְ (*śrôk*). Veja o nº 2 290a.

2289 שָׂרַט (*sārat*) ***fazer incisão, arranhar*** (Lv 21.5, qal; Zc 12.3, nifal).

Termos Derivados

2289a שֶׂרֶט (*seret*) ***incisão*** (Lv 19.28).

2289b שְׂרֵטָה (*śāretet*) ***incisão*** (Lv 21.5).

שְׂרֵטָה (*sāretet*). Veja o nº 2 289b.

שָׂרִג (*śārig*). Veja o nº 2 284a.

שָׂרִיד (*śārid*). Veja o nº 2 285a.

שָׂרִיק (*śāriq*). Veja o nº 2 293a.

2290 שָׂרַד* (*sārak*)

2290 שָׂרַד* (*sārak*) ***torcer***. Esse verbo ocorre somente uma vez, no piel (Jr 2.23).

Termo Derivado

2290a שְׂרוֹק (*śᵉrôk*) ***correia de sandália*** (Gn 14.23; Is 5.27).

2291 שָׂרַע (*sāraʿ*) ***estender*** (e. g. Lv 21.18; Is 28.20).

שַׂרְעַפִּים (*śarʿappîm*). Veja o nº 2 273b.

2292 שָׂרַף (*sārap*) ***queimar***. Os cognatos aramaico (*sᵉrap*), acadiano (*sārāpu*) e ugarítico (*shrp*) têm sentido semelhante. Em ugarítico se emprega um substantivo derivado para designar holocausto, ao passo que o substantivo correspondente em hebraico é *ʿôla*.

Termos Derivados

2292a †שָׂרָף (*sārāp*) ***I, serpentes abrasadoras.***

2292b †שָׂרָף (*śārāp*) ***II, serafim.***

2292c שִׂרְפָּה (*śᵉrêpâ*) ***queima.***

2292d מִשְׂרֵפָה (*maśrêpâ*) ***queima.***

O verbo é bastante empregado e é sempre usado para designar uma queima literal. Algumas vezes é utilizado para falar da queima de sacrifícios (Lv 4.12), da destruição de cidades (Js 6.24), da queima de crianças em sacrifícios humanos (Jr 7.13) e em raros casos da pena de execução (somente Lv 20.14; 21.9, cf. Gn 38.24). O vocábulo é empregado para designar a queima destrutiva e poucas vezes para indicar a ação costumeira de acender um fogo ou as idéias metafóricas de arder de raiva. Em hebraico existem mais de 15 palavras com o sentido de "queimar". As mais usadas são *qātar*, "queimar incenso", "queimar sacrifício", e *bāʿar*, "consumir".

sārāp. ***I. Serpente abrasadora.*** Essa palavra é empregada cinco vezes: em referência a serpentes venenosas no deserto (Nm 21.6, 8; Dt 8.15) e figuradamente a serpentes perigosas que se encontram ameaçadas (Is 14.29; 30.6). As serpentes no deserto foram um fenômeno natural usado por Deus para castigar a murmuração dos israelitas. Mas a cura levada a efeito pela serpente de bronze feita por Moisés foi algo tão miraculoso quanto aquilo para o que ela apontava (Jo 3.14). E interessante observar que, quando Jesus se referiu ao fato de que seria erguido à semelhança da serpente de bronze, ele estava na verdade predizendo a sua crucificação. Ser "levantado" era, nos dias de Jesus, um eufemismo bem conhecido para crucificação (Jo 12.32).

As "serpentes ardentes, voadoras" da ARC não são dragões mitológicos, ao contrário da opinião de *BDB*. O ardor dessas serpentes era a dor queimante do veneno injetado, e a referência ao vôo desses animais sem dúvida alguma aponta para o bote incrivelmente rápido das cobras.

sārāp. *II. Serafim.* Vocábulo empregado somente em Isaías 6.2, 6, em que se refere a criaturas angélicas que, com toda certeza, devem ser comparadas aos querubins da decoração do templo e da visão que Ezequiel teve tempos depois. E de fato os "seres viventes" de Apocalipse 4 combinam elementos de Isaías 6 e Ezequiel 1. Ao contrário da opinião de *BDB*, não foram "originalmente concebidos como seres mitológicos com corpos de serpentes". Nada existe no contexto que favoreça a idéia de corpos de serpentes. Aliás, o texto bíblico afirma que eles possuem pés (Is 6.2). Em vez de interpretar o substantivo a partir da palavra *sārāp* I, "serpente", ele deve ser entendido a partir do verbo, "queimar", do qual derivam ambos os substantivos. Esses seres angelicais eram brilhantes como chama de fogo, simbolizando a pureza e o poder da corte celeste. São *k'rûbîm* (q.v.) descritos como *sārāp* em razão da aparência brilhante.

R.L.H.

2293 שׂרק (*srq*). **I. Aceita como raiz de:**

2293a שָׂרִיק (*śārîq*) ***cardado (linho)*** (Is 19.9).

2294 שׂרק (*srq*). **II. Aceita como raiz de:**

2294a שָׂרֹק (*sārōq*) ***I, alazão*** (Zc 1.8).

2294b שָׂרֹק (*sārōq*) ***II, videira, gavinha.***

2294c שֹׂרֵק (*śōrēq*) ***videira de espécie selecionada*** (Is 5.2; Jr 2.21).

2294d שֹׂרֵקָה (*śᵉrēqâ*) ***videira escolhida*** (Gn 49.11).

2295 שָׂרַר (*sārar*) ***dominar, reinar, agir como príncipe, governar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2295a שַׂר† (*sar*) ***príncipe.***

2295b שָׂרָה (*śārâ*) ***princesa.***

Verbo pouco empregado cujas formas parecem ter-se misturado com as de *sārâ*, "governar", e *sûr*, "dominar sobre", já no início da língua. É com hesitação que se discriminam as formas dessas três raízes parecidas.

Sobre Abimeleque se diz que "dominou" três anos sobre Israel (Jz 9.22). Em Números 16.13, os adversários de Moisés lhe fizeram a seguinte acusação: "queres 'fazer-te príncipe' sobre nós".

śar. ***Príncipe, chefe, comandante, governante, governador, encarregado, comandante-em-chefe, mordomo, senhor.*** Esse substantivo masculino é empregado 381 vezes no AT.

A palavra pode denotar líderes e chefes de clãs. Desse modo refere-se, no plural, aos líderes de Israel (Nm 21.18), de Issacar (Jz 5.15), de Midiã (7.25), dos filisteus (1 Sm 29.3 e ss.), dos moabitas (Jr 48.7) e dos amonitas (Am 1.15). No singular refere-se a Davi como líder de flibusteiros (1 Sm 22.2).

2295 שָׂרַר (*sārar*)

Intimamente relacionada com esse sentido está a idéia de comandante militar. Em Juízes 4.2, depois de informar que Jabim era rei de Canaã e Hazor, o texto chama Sísera de "comandante do seu exército". Semelhantemente Abner é o "comandante do exército" de Israel, subordinado ao rei Saul (1 Sm 17.55). É interessante que na teofania de Josué 5.14, 15, o "chefe do exército de Iahweh" (BJ) aparece para incentivar Josué antes do cerco de Jericó.

śar também aparece freqüentemente como palavra que designa governantes e autoridades ligadas ao rei, sem dúvida alguma de variados níveis e com diferentes títulos, o que designa nobres e cortesãos. É nesse sentido que Jeremias 26.11 fala dos príncipes de Judá, e o contexto (vv. 10-16) os descreve como pessoas que viviam na "casa do rei", que tinham o poder de julgar e determinar que Jeremias morresse ou fosse poupado. 2 Crônicas 21.9 menciona os príncipes do rei Jeorão, ao passo que 2 Crônicas 31.8 fala sobre os príncipes que estavam com Ezequias. Jeremias 26.21 se refere àqueles que estavam com o rei Jeoaquim.

Mencionam-se também as nações pagãs como tendo príncipes (e.g., Egito, Gn 12.15; Midiã, Jz 7.25; Assíra, Is 10.8). Muitas vezes não fica claro se num determinado contexto *śar* se refere a um comandante militar ou a um príncipe da corte do rei. Só o contexto indica se a referência é a um oficial militar ou a uma autoridade civil.

O vocábulo ainda denota uma autoridade religiosa, i.e., líderes das classes ou grupos de sacerdotes (Ed 8.24), líderes tribais (1 Cr 27.22) e aparentemente anciãos (Ez 11.1; ARA, "príncipes"). Esses dois usos são encontrados principalmente na literatura posterior.

Em Isaías 23.8 ("mercadores [que] são príncipes") é um termo que indica nível elevado e importância social (cf. Jó 3.15).

Também se usa *śar* para designar uma série de outras autoridades de vários tipos. É assim que José se relaciona com Potifar, com o guarda da prisão, com o copeiro-chefe e com o padeiro-chefe, todos os quatro chamados de *śar* no relato de Moisés (Gn 39.1. 21; 40.2).

Finalmente, nos trechos em hebraico de Daniel, *śar* aparece nada menos do que 17 vezes e fala do "príncipe dos eunucos" (1.7), do "príncipe do exército" celestial (i.e., Deus; assim o entende *KD*; 8.11), dos príncipes de Israel (9.6) e dos príncipes angelicais da Pérsia e da Grécia, que contendem com Miguel, "o grande príncipe" (10.13, 20, 21; 12.1). Ninguém menos do que o próprio Messias é chamado de *śar shālôm* em Isaías 9.5 [6], "Príncipe da Paz".

śārâ. ***Princesa, dama da corte, rainha.*** Forma feminina de *śar*, "príncipe". Palavra usada cinco vezes no AT, sempre se referindo a damas da corte (Jz 5.29; 1 Rs 11.3; Et 1.18; Is 49.23; Lm 1.1). Esse foi o nome dado a Sarai, esposa de Abraão (Gn 17.15), quando o Senhor a abençoou e lhe deu o novo nome, "Sara", i.e., "princesa", pois "reis de povos procederão dela".

Bibliografia: Veja-se no verbete Prince, em *ISBE*, um proveitoso exame de sinônimos.

G.G.C.

שָׂשׂוֹן (*sāsôn*). Veja o nº 2 243a.

2296 שָׁתַם (*śātam*) ***obstruir*** (Lm 3.8). Uma forma alternativa de *sātam* (q.v.), que tem sentido parecido e é usada com maior freqüência.

2297 *שָׁחַר (*śātar*) ***irromper, rebentar***. Esse verbo ocorre somente no nifal (Ed 5.12; 1 Sm 5.9).

Nota: a página 1496 no DITAT está em branco seguinte 1497.

שׁ

2298 שׁ (*sh*). Junto com שׂ (s), a vigésima primeira letra do alfabeto hebraico. Que as duas letras foram outrora consideradas uma só pode ser observado nos salmos alfabéticos, por exemplo, Salmos 119.161-168, em que as duas letras são usadas para iniciar os oito versículos dessa seção.

2299 שֶׁ (*sheh*) ***quem, que, de quem, para quem*** (partícula empregada como pronome relativo), ***que, porque, onde, quando*** (conjunção).

sheh aparece 139 vezes no AT, inclusive 68 vezes em Eclesiastes e 32 vezes em Cantares. Ocorre principalmente em trechos poéticos. Geralmente duplica a letra seguinte, caso esta não seja gutural. Formas alternativas são *sha* (com duplicação), *shᵉ* e *shā*.

Como pronome relativo possui uma variedade de usos gramaticais dentro da frase; e.g., tem função nominativa, como sujeito de uma locução verbal (Ct 6.5) e de uma frase nominal (Ec 6.10); tem ainda função acusativa (Ct 3.1) e funciona como sinal do genitivo (Ct 3.7). Também se emprega *sheh* sem um antecedente (Jn 1.7, 12; Ec 1.9; cf. Gotthelf Bergsträsser, *Das hebräische Präfix*, ZAW 29:47 e s.). Outro uso, com o significado próximo deste, é *sheh* como sinal do genitivo. Em Cantares 1.6 a palavra é usada como ênfase, reforçando a idéia de propriedade ("a minha própria vinha", PIB) e estabelecendo um contraste com as outras vinhas.

O segundo uso básico é o de uma conjunção. É empregado para introduzir orações substantivas que são objeto de verbos tais como "ver" (Ec 2.13), "conhecer" (Ec 1.17), "dizer" (Ec 2.15). Também introduz orações finais (Ec 7.14), orações consecutivas (Ct 5.9), orações causais (Ec 2.18b), orações espaciais (Sl 122.4) e orações temporais (Ct 5.9), que são de natureza quase condicional (Ec 9.12; Ct 8.4).

A importância do vocábulo para a erudição bíblica torna-se patente quando comparado com *'ăsher*. Etimologicamente não se devem associar as duas palavras nem considerar que uma ter-se-ia desenvolvido a partir da outra, quer como forma abreviada (e.g., *BDB*) quer como forma desenvolvida (vejam-se as objeções de Bergsträsser, op. cit., p. 51-4). *sheh* tem relação com o acadiano *sha* (Hans BAUER & Pontus LEANDER, *Historische Grammatik der hebräischen Sprache*, p. 264), e parece que as duas palavras remontam a um pronome semítico comum *ta* (Bergstrasser, op. cit., p. 54). Com toda probabilidade *'ăsher* foi um substantivo que originariamente tinha o sentido de "lugar" (*KB*). Sintaticamente os dois desempenham as mesmas funções, mas parece que *sheh* foi

empregado em trechos poéticos ou talvez em outros em que se pode detectar alguma influência cananéia. Em favor disso existe uma ocorrência em Jonas 1.7, na boca dos marinheiros cananeus, e uma possível ocorrência do vocábulo numa tabuinha cananéia datada do século XII ou do final do século XIII a.C. (Frank Moore CROSS Jr., *The Canaanite cuneiform tablet from Taanach*, *BASOR* 190:41-6). O desenvolvimento cronológico dos dois vocábulos é o aspecto mais importante da comparação. Geralmente se afirma que *sheh* se limita ao hebraico tardio (*BDB*), em particular à época em que se supõe ter havido influência do aramaico. O ponto de vista é que *sheh* foi gradualmente substituindo *'ăsher* até que passou a dominar completamente no período rabínico. Esse é então um critério utilizado para ajudar a datar um documento como tardio (e.g., Ec, Ct, Jn). Determinadas objeções tornam insustentável tal ponto de vista. Primeiro, a identificação de *sheh* com o acadiano *sha* indica que a palavra é antiga, e pode ser que *sheh* seja até mesmo mais velho do que *'ăsher* (Bergsträsser, op. cit., p. 56). Na verdade seria estranho se todas as ocorrências fossem recentes e nenhuma fosse antiga. Segundo, ocorrências antigas da palavra indicam que o seu desenvolvimento não é recente. Supondo-se que Cross esteja certo, há um exemplo antigo do uso de *sheh* como pronome relativo na tabuinha de Taanaque, em que o texto traz *rpr s yhtk*, "o pagamento (resgate) 'que' está (foi) estabelecido" (CROSS, op. cit., p. 44-5). Não há motivos sólidos para rejeitar a ocorrência bem antiga em Gênesis 6.3. O Cântico de Débora é reconhecido como uma composição antiga, e *sheh* (Jz 5.7) não pode ser refutado sem mais nem menos como uma glosa tardia. A explicação apresentada por Bergsträsser de que o pronome mais antigo *sheh* foi sistematicamente removido por redatores posteriores e substituído por *'ăsher* (Bergsträsser, op. cit., p. 43 e s., 56) é um reconhecimento de que *sheh* é uma palavra antiga e não recente!

Uma terceira objeção é o uso ininterrupto de *'ăsher*, em especial em períodos mais recentes. Eclesiastes traz o maior número de ocorrências de *sheh* (68 vezes), mas ao mesmo tempo apresenta mais de 90 ocorrências de *'ăsher*. Acontece até de as duas palavras aparecerem num único versículo, Eclesiastes 8.14 (*sheh*, duas vezes; *'ăsher*, três vezes). Se fosse correta a explicação de Gordis acerca deste uso como "um meio-termo entre o hebraico bíblico clássico e o hebraico rabínico" (Robert GORDIS, *Koheleth: Man and his world*, p. 417), seria estranho que não houvesse nenhuma ocorrência de *sheh* em certos livros do exílio e do pós-exílio. Há, porém, nesses livros um uso abundante do vocábulo supostamente mais antigo *'ăsher* (e.g., Dn, mais de 40 vezes; Ez, mais de 180 vezes; Zc, mais de 30 vezes; Ml, mais de 10 vezes). Além dos exemplos bíblicos, fontes extrabíblicas mostram que *'ăsher* estava sendo usado constantemente, quando deveria estar caindo em desuso. Outro argumento bastante forte são os dados fornecidos pelos *MMM*. *sheh* é empregado apenas duas vezes, ambas no Documento Cairo Damasco (15.11; 20.4). Mas nessa mesma obra *'ăsher* ocorre mais de 125 vezes, bem como numerosas vezes nos outros escritos (cf. Karl Georg KUHN, *Konkordanz zu den Qumrantexten*, p. 24). Seria um erro grave usar *sheh* como critério para classificar um livro bíblico ou parte dele como recente. É uma antiga palavra empregada com objetivos poéticos e foi, por motivos desconhecidos, posteriormente aceita pelos rabinos em lugar de *'ăsher*.

C.R.

2299.1 שָׁאַב (*shā'ab*) ***tirar (água).***

Termo Derivado

2299.1a מִשְׁאָב (*mash'āb*) ***lugar de tirar água*** (Jz 5.11, somente). Significado incerto.

O verbo *shā'ab* ocorre 19 vezes no AT e sempre está associado com tirar água. Isso significa que a palavra está associada ao campo semântico da água. Quer o poço ou a fonte fosse profunda, quer fosse acessível somente por meio de um túnel, quer a água estivesse à flor da terra, era necessário tirá-la a fim de poder usá-la. Às vezes utilizava-se uma corda presa a um vasilhame e puxada por meio de uma roldana (*NBD*, p. 1325). Poços ou fontes ficavam do lado de fora bem próximos da cidade ou então dentro dos muros da cidade. Havia também túneis que levavam até onde ficavam os suprimentos de água, o que era extremamente importante durante a guerra (cf. G. DENVER, The water systems at Hazor and Gezer, *BA* 32:61-8; Yigael YADIN, Megiddo of the kings of Israel, *BA* 33:89-93; *ANEP Supplement*, p. 366). Pelo fato de a água desempenhar um papel tão importante no mundo antigo, como elemento que garantia a vida, refrescava e limpava, o trabalho de tirar água era importante, embora considerado um trabalho servil, em geral feito por mulheres ou escravos.

O trabalho diário de tirar água era trabalho para mulheres (cf. 1 Sm 9.11). A regularidade do trabalho feminino é acentuada em Gênesis 24.11, não apenas pelo particípio feminino que destaca a ação contínua e pelo uso genérico do artigo, mas também pelo fato de que a expressão descreve uma hora específica do dia: a "hora em que as moças saem a tirar água". Deus, contudo, como resposta a uma oração, usa essa tarefa bastante comum de tirar água para indicar a noiva de Isaque (Gn 24.12-21).

C.R.

2300 שָׁאַג (*shā ag*) ***rugir.***

Termo Derivado

2300a שְׁאָגָה (*sh'āgā*) ***rugido.***

O verbo *shā'ag* tem o sentido de emitir o urro barulhento, cavernoso e estrondoso dos leões, e é assim empregado em Amós 3.4, 8; Juizes 14.5; e Salmos 104.21.

Em Salmos 38.8 [9] Davi diz "dou rugidos por causa do desassossego do meu coração" (IBB), aqui empregando o verbo *shā'ag* para descrever os gemidos que claramente brotavam do seu íntimo devido aos seus pecados (v. 18) e inimigos (v. 12). Em contraste, Salmos 74.4 declara que os inimigos do Senhor "rugiram" (BJ) prazerosamente ao fincar os seus estandartes em meio às ruínas da casa do Senhor, a qual conquistaram e profanaram.

Embora os inimigos de Deus rujam vitoriosos por um instante, os profetas falam de o Senhor rugir para retribuir com juízo. É assim que Amós 1.2 declara que "o SENHOR rugirá de Sião" para julgar.

Em Ezequiel 22.25 o Senhor descreve os líderes gananciosos de Jerusalém ("príncipes" de acordo com a LXX; "profetas" segundo o TM) "como os leões rugidores ao arrebatarem [i.e., ao emitirem ruídos de dominação sobre] a sua presa" (BJ). De

semelhante modo, durante esse mesmo período, Sofonias 3.3 rotula de "leões rugidores" os príncipes de Jerusalém.

sh•'āgâ. ***Rugido.*** Esse substantivo feminino é usado em referência literal ou figurada ao rugido. De interesse especial é Salmos 22, que, juntamente com Isaías 53, tão bem prediz o sofrimento do Messias. Aqui em Salmos 22.1 [2] o Messias indaga ao Pai por que ele está tão distante, "por que se acham longe do meu salvamento as palavras do meu bramido". O Messias — deve-se dizer em resposta à pergunta — está rugindo, gemendo, tal como o fez Davi em Salmos 38.8 [9] (*shā'ag*, veja-se acima), devido à sua separação do Pai ou ao fato de ter sido abandonado ao juízo da cruz (veja-se *'āzab*), quando carregou os pecados de muitos (Mt 27.46).

G.G.C.

2301 שָׁאָה (*shā'â*) ***I, fazer barulho, fazer estrondo, reduzir a ruínas*** (e.g., Is 6.11; 17.12).

Termos Derivados

2301a שַׁאֲוָה (*sha'ăwâ*) ***tempestade devastadora*** (Pv 1.27, somente).

2301b שְׁאִיָּה (*sh•'îyâ*) ***ruína*** (Is 24.12, somente).

2301c †שָׁאוֹן (*shā'ôn*) ***bramido (de águas), barulho, estampido, alarido.***

2301d שְׁאֵת (*shē't*) ***ruína.*** Significado incerto. Encontrado apenas em Lamentações 3.47, mas cf. *shēt*, em Números 24.17, que faz paralelo com *shā'ôn*, em Jeremias 48.45.

shā'ôn. ***Bramido (de águas), barulho, estrépito, alarido.*** Esse substantivo procede da raiz *shā'â*, que significa "fazer barulho", "fazer estrondo", "reduzir a ruínas". A idéia principal do substantivo é a de um grande barulho produzido por águas correntes ou por uma grande multidão de pessoas, ou seja, "estrondo", "estrépito", "alarido", "tumulto".

É empregado 18 vezes no AT e ocorre principalmente nos profetas (oito vezes em Is; quatro em Jr; uma em Os; uma em Am). Aparece quatro vezes em Salmos.

Basicamente a palavra descreve o barulho causado por uma grande multidão de pessoas. E o vozerio e o barulho de uma imensa multidão. As atividades da multidão podem variar, de modo que surgem diversas conotações. Com freqüência o barulho da multidão é o estrépito ensurdecedor de um exército que se prepara para o combate (Is 13.4 e s.) ou que ataca (Jr 51.55; Os 10.14; Am 2.2; cf. 1QH 2:27). Em outras ocasiões é o ruído de uma grande cidade com as suas multidões (Is 66.6), ou o barulho incontido dos participantes de uma festa (Is 24.8; mas não Is 5.14), ou o barulho feito por estranhos (Is 25.5).

Um emprego mais vívido do vocábulo se acha em passagens em que o barulho da multidão é comparado com o ruído agitado, ensurdecedor e turbulento das muitas águas do mar (Is 17.12-13; Jr 51.55; ps 65.8; cf. 1QH 2:27).

Em dois lugares parece que a palavra é usada para descrever satiricamente uma ou mais pessoas que são ruidosas e turbulentas, mas na prática não fazem nada. Jeremias

chama Faraó de "estrondo" (Jr 46.17, TB; John BRIGHT, em AB, *Jeremiah*, p. 303) e os moabitas de "filhos do tumulto" (Jr 48.45; cf. Am 2.2).

Uma passagem dificílima é Salmos 40.2 [3]. O "poço de perdição" (ARA) é, literalmente, um "poço de estrondo". Esse podia ser um poço de águas agitadas, com isso designando perigo em geral ou referindo-se às águas do mundo inferior. Podia ser simplesmente "poço de devastação ou destruição". Talvez um paralelo ou uma alusão a esta passagem se ache em 1QH 5:22, onde parece que a palavra é interpretada como o vocábulo aramaico *seyan*, "lama", que tem sons semelhantes (assim o faz T. H. GASTER, *The Dead Sea Scriptures*, ed. rev., Doubleday, 1964, p. 212).

Um sinônimo constantemente empregado em paralelo é *hāmôn* (Is 5.14; 13.4; 17.12-13; Jr 51.55; Sl 65.8). Ele também transmite a idéia de barulho, com ênfase naquilo que se vê ou se ouve (cf. *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*, v. 2, p. 444-9). Talvez um motivo para essas duas palavras aparecerem juntas seja a semelhança de sons bem como de significado.

E interessante assinalar que essa palavra é empregada com o mesmo sentido básico nos dois segmentos de Isaías (e.g., Is 5.14; 13.4; 66.6).

C.R.

2302 *שָׁאָה (*shā'â*) ***II, olhar atentamente.*** Esse verbo ocorre somente uma vez, no hitpael (Gn 24.21).

שָׁאוָה (*sha awâ*). Veja o nº 2 301a.
שְׁאוֹל (*sh'ôl*). Veja o nº 2 303c.
שָׁאֹן (*shā'ôn*). Veja o nº 2 301c.
שְׁאָט (*sh'āt*). Veja o nº 2 345a.
שְׁאִיָּה (*sh'îya*). Veja o nº 2 301b.

2303 שָׁאַל (*shā'al*) ***perguntar, inquirir, tomar emprestado, pedir.***

Termos Derivados

2303a †שְׁאֵלָה (*sh'ēlâ*) ***pedido, exigência.***
2303b †מִשְׁאָלָה (*mish'ālâ*) ***petição, desejo.***
2303c †שְׁאוֹל (*sh'ôl*) ***sheol, túmulo, inferno, cova.***

O verbo *shā'al* ocorre 176 vezes no AT, quase sempre no qal. Aparece seis vezes no aramaico de Daniel e Esdras, em que a forma é *sh'ēl* (Dn 2.10-11, 27; Ed 5.9-10; 7.21).

No AT *shā'al* significa "pedir" ou "indagar" algo a alguém, quer seja a solicitação de algum objeto físico (Êx 3.22) ou de alguma informação (Gn 32.17 [18]), quer seja o pedido de que alguém morra (Jó 31.30), quer seja a exigência feita por um superior a alguém que lhe é inferior (Jó 38.3), quer seja a súplica feita por alguém (Pv 20.4). Pode denotar o pedir um favor para uso temporário (Êx 22.14 [13]) ou, num sentido menos forte, "buscar", "desejar" (Ec 2.10). Normalmente após o verbo vem o acusativo da pessoa a quem se faz o pedido ou da coisa solicitada e às vezes ambos, num duplo acusativo (e.g., Sl 137.3, "Pois

pediram-nos, nossos captores, palavras de cântico", lit.). Infelizmente a KJV traduziu esse verbo por "pedir emprestado" em Êxodo 3.22; 11.2; e 12.35. Mas o vocábulo geralmente não envolve uma dívida a pagar, e muito menos neste contexto.

Repetidas vezes no AT usa-se *shā'al* em referência a homens e mulheres que pedem ou deixam de pedir a orientação divina, i.e., consultam ou deixam de consultar o Senhor. Davi, um homem segundo o coração de Deus, "consultou ao SENHOR" (e.g., 1 Sm 23.2; 30.8; 2 Sm 2.1; 5.19, 23; 1 Cr 14.10, 14). Mas em Josué 9.14 os líderes de Israel "não pediram conselho ao SENHOR" (lit., "não consultaram a boca de Iavé"), e lê-se em Isaías 30.1-2, "ai dos filhos rebeldes, diz o SENHOR, (...) que descem ao Egito sem me consultar!". Com o mesmo sentido utiliza-se *shā'al* para designar a consulta pecaminosa a divindades pagãs, como em Ezequiel 21.21 [26], "porque o rei de Babilônia (...) 'interroga' os ídolos do lar, examina o fígado".

Também se usa *shā'al* para designar o pedido de algo e, freqüentemente, esse pedido também é dirigido a Deus. Desse modo Salmos 122.6 admoesta: "orai pela paz de Jerusalém!". E Isaías 7.11 mostra o profeta desafiando o perverso Acaz: "Pede ao SENHOR teu Deus um sinal". Dentre as coisas que o AT menciona que foram pedidas a Deus se encontram: entendimento, vida, um rei, um filho para a estéril, chuva e, em Isaías 58.2, "leis justas" (BJ). Dessa maneira, no AT os homens e as mulheres não apenas "pedem" (*shā'al*) orientação a Deus (veja-se acima), mas suplicam-lhe, por meio de oração ou de um profeta, que atenda as necessidades que experimentam na vida.

shᵉ'ēlâ. ***Pedido, petição, exigência, empréstimo.*** Esse substantivo feminino aparece 15 vezes no AT, inclusive a única ocorrência na forma *shᵉ'ēla'*, em Daniel 4.17 [14], no trecho em aramaico de Daniel. Designa sempre um "pedido" ou "petição", quer feito a uma pessoa (Jz 8.24, o pedido de ouro que Gideão faz aos homens de Israel), a um rei (Et 5.6 e ss., o pedido feito por Ester ao rei Assuero para que este participe de um banquete) ou ao próprio Deus (1 Sm 1.27, a oração em que Ana pede um filho a Deus).

mish'ālâ. ***Petição, desejo.*** Esse substantivo feminino ocorre apenas duas vezes no AT: em Salmos 20.5 [6], "satisfaça o Senhor todas as tuas petições" (IBB), e em Salmos 37.4, "ele [o SENHOR] satisfará aos desejos do teu coração". E muito interessante que essas duas ocorrências falam da abundância com que Deus atende aos pedidos que, em meio aos malfeitores e em tempos difíceis, aqueles que amam o seu nome lhe fazem em oração.

G.G.C.

shᵉ'ôl. ***Sepultura, inferno, sheol, cova.*** As traduções oscilam entre "sepultura", "inferno", "cova", "sheol", e palavras correlatas. A etimologia é incerta. O vocábulo não ocorre fora do AT, à exceção de uma única vez nos papiros judaicos de Elefantina, em que é usado com o sentido de "sepultura" (A. COWLEY, *Aramaic papyri of the fifth century B.C.*, Oxford, 1923, nº 71:15). A palavra obviamente se refere de alguma maneira ao lugar dos mortos.

Há grande divergência de opinião acerca do significado do termo, o que é em parte causado por diferentes maneiras de entender o ensino do AT sobre a vida futura. Snaith, por exemplo, sustenta que o AT nada ensina a respeito, à exceção do período intertestamentário de Daniel 12.2 e no "terceiro Isaías" (Is 26.19; N. H. SNAITH, *The distinctive ideas of the OT*, Schocken, 1964, p. 89). Dahood, numa posição bem oposta, encontra ensinos sobre a vida futura ao longo de Salmos e em outros livros do AT (veja-se

a bibliografia). O autor deste verbete sustenta que a existência da vida futura é afirmada em muitas passagens do AT, embora não se apresentem detalhes a respeito. O estado intermediário e o destino dos ímpios recebem menos atenção. A ressurreição dos justos é clara e repetidamente anunciada.

Um dos problemas de *sh'ôl* é que homens tanto bons (Jacó, Gn 37.35) quanto maus (Coré, Datã, etc., Nm 16.30) vão para lá. Isso levou a igreja primitiva a sustentar que os santos do AT iam para um *limbus patrum*, uma espécie de nível superior do Sheol, do qual Cristo os livrou quando da sua ressurreição (1 Pe 3.19; Ef 4.9-10). Essas passagens do NT são bastante problemáticas. A primeira provavelmente se refere apenas à pregação de Noé pelo Espírito de Cristo; a segunda se refere à descida de Cristo dos céus e à sua volta para lá.

Em vez de defender uma teoria de que o Sheol estaria dividido em dois compartimentos, é mais fácil sustentar um duplo significado para a palavra *sh'ôl*. Pode-se afirmar que originariamente a palavra significava apenas "sepultura", "túmulo", e passou a designar especificamente "inferno". "Inferno" é o sentido mais enfocado na literatura bíblica posterior do que no Pentateuco.

Um ponto de vista comum hoje em dia é que *sh'ôl* é um nome para o mundo subterrâneo dos mortos (Dahood e muitos outros). O problema com tal ponto de vista é de natureza teológica. Será que o AT, contradizendo o NT, ensina que, após a morte, todos os homens vão para um lugar escuro e sombrio onde os mortos nada sabem e onde estão separados de Deus? De acordo com registros mesopotâmicos, todas as pessoas vao para o mundo subterrâneo dos mortos, vivem em trevas e tristeza, comem barro e são atormentadas de diversas maneiras. Não há tortura ardente. Uma vez que o NT ensina algo bem diferente (Lc 23.43), seria possível sustentar um outro ponto de vista para o AT?

Um terceiro ponto de vista é de que o *sh'ôl* não descreve o lugar aonde vão as almas dos homens, mas o lugar aonde vão os seus corpos, a sepultura. O lugar para onde vão as suas almas é algo que se sabe a partir de outros trechos das Escrituras (Êx 3.6; Mt 22.32). Esse ponto de vista é atraente. Evita, de um lado, a teoria bastante artificial dos dois compartimentos e, de outro, a teoria teologicamente questionável de que no mundo subterrâneo (ou no lugar dos espíritos dos que morreram) não há diferenças, sendo um lugar em que todos vivem em trevas sombrias e levam uma existência tenebrosa. Esse ponto de vista não favorece idéias como a do sono da alma ou a da aniquilação dos ímpios, pois se refere apenas ao destino dos corpos. Não trata da situação das almas das pessoas até a ressurreição. A pergunta então é: nas diversas passagens a palavra pode ser adequadamente interpretada como "sepultura"?

O espaço limitado impede um exame detalhado, mas pode-se reunir um bom número de versículos em que o sentido "sepultura" é o único que parece fazer sentido. As quatro ocorrências de Gênesis se referem todas a Jacó descer com tristeza à sepultura. As referências a Joabe e a Simei, em 1 Reis 2.6, 9, são parecidas. À exceção de oito passagens, todas as demais aparecem em textos poéticos, e pode ser que *sh'ôl* seja simplesmente um sinônimo poético de *qeber*, que é empregado 71 vezes com o sentido de "sepultura" (e o verbo *qābar* é usado todas as 132 vezes com o significado de "sepultar"). Duas passagens do AT em que aparece a palavra *sh'ôl* (Sl 16.10 [11]; Os 13.14) são citadas no NT (At 2.27; cf. 13.35 e 1 Co 15.55). No primeiro caso a passagem é usada para dar apoio a Cristo ter ressuscitado corporeamente da sepultura; a segunda, a ressurreição dos crentes.

2303 שְׁאֵל (*shā'al*)

É significativa a serie de usos em Ezequiel 31 e 32. Numa linguagem bastante poética o profeta declara que Faraó, o rei do Egito, cairá diante do rei de Babilônia, assim como acontecera com a Assíria. As expressões empregadas são instrutivas. A Assíria estava fadada à morte. Descrevem-se Elão, Meseque, Tubal e as nações como mortas, jazendo junto com os incircuncisos, com os mortos à espada. Ezequiel diz que todos estes estão no *sh'ôl* (31.15, 16, 17; 32.21, 27). Estão no *qeber*, "sepulcro" (32.22, 23, 25, 26). A palavra *bôr*, "cova", é usada oito vezes acerca deles (31.14, 16; 32.18; 23, 24, 25, 29). A expressão *'erets tahtît*, "terra embaixo" (NIV), é empregada cinco vezes (31.14, 16, 18; 32.18, 24). Em uma oportunidade se diz que seus sepulcros (*qeber*) estão nos lados ou nas profundidades (*yerek*) da cova (*bôr*; 32.23). Deve-se lembrar que em 42 das 62 ocorrências de *bôr*, este substantivo significa simplesmente um buraco cavado no chão: uma cisterna, um poço ou um calabouço. Na Palestina as sepulturas também eram cavadas dessa maneira, geralmente na rocha, e os 20 outros usos de *bôr* dizem respeito ao buraco dos mortos, palavra com toda naturalidade interpretada como sepulcro ou túmulo. Com freqüência esses túmulos possuíam prateleiras cavadas nas laterais, onde se punham os corpos. Este escritor participou da excavação de um túmulo em Dotã, o qual possuía três dessas prateleiras, nas quais muitos corpos tinham sido postos junto com uma grande quantidade de vasos de barro e pontas de lanças (cf. Ez 32.27, "desceram ao sepulcro [*sh'ol*] com suas próprias armas de guerra"). A cena descrita é de uma matança e um sepultamento universais. "Lá jazem eles, os incircuncisos, traspassados à espada" (32.21). Aqui *sh'ôl* significa simplesmente "sepultura", conforme também o sustenta A. Heidel em um importante estudo (veja-se bibliografia).

É semelhante o uso em Isaías 14.11-20, que fala do rei de Babilônia. Empregam-se as mesmas palavras: *sh'ôl* (duas vezes: vv. 11, 15), *bôr*, "abismo", "cova" (duas vezes: vv. 15, 19), *qeber*, "sepultura" (uma vez: v. 19), e o verbo *qābar* (uma vez: v. 20). São interessantes os versículos 18-20. A maioria dos reis tem um funeral régio e jaz com todas as honras nos túmulos (*bayit*, "casa"; ARA, "túmulo"). Mas esse rei jaz coberto de mortos em combate, pisoteado, sem ser sepultado com seus pais e com as honras dadas aos reis.

Em Jó 17.13-16 diz-se que *sh'ôl* é como uma cama nas trevas, a qual tem como características o pó, o verme e a putrefação — um quadro perfeito de um túmulo na Palestina. Jó 24.19-20 também fala do verme que se banqueteia com aqueles que estão no *sh'ôl*. Jó 21.13 apresenta o problema daqueles que prosperam na vida e têm uma morte tranqüila. Jazem lado a lado com outros no pó, e os vermes os cobrem (v. 26). Fica claro que aí a palavra significa sepultura. Deve-se comparar o paralelo entre *sh'ôl* e *'ăbaddôn*, "destruição" (ARA, "abismo") em Jó 26.6, com o paralelo entre *qeber*, "sepultura", e *'ăbaddôn* em Salmos 88.11 [12] (cf. o uso de *sh'ôl* em Sl 88.3 [4], *qeber* no vv. 5 [6] e *bôr* nos vv. 4, 6 [5, 7]). A mistura de vocábulos neste salmo faz lembrar o que acontece em Ezequiel 31 e 32. O paralelo entre *sh'ôl* e *'ăbaddôn* torna a ocorrer em Provérbios 15.11 e 27.20 (cf. Pv 30.16).

Um exame completo de todas as passagens não cabe no espaço disponível. Várias passagens não são conclusivas e poderiam referir-se ao livramento de castigo futuro, como em Provérbios 15.24; 23.14; Salmos 86.13 (mas cf. Sl 88.3 [4] e 89.48 [49]), como também ao livramento de uma morte prematura.

Existem três passagens que empregam *sh'ôl* com o sentido de abismo profundo, às vezes em contraste com "céu" (Sl 139.8; Jó 11.8; Am 9.2; e cf. Dt 32.22; Is 57.9). Deve-se recordar que os hebreus não tinham minas de ouro ou poços de petróleo profundos para ter uma idéia de profundidade. Os túmulos reais de Ur foram cavados com nove metros

de profundidade. O contexto de Amós 9.2 apresenta o contraste das alturas do Carmelo com o fundo do mar. Tais figuras de linguagem para designar profundidade podem muito bem ter surgido a partir do significado de "túmulo".

Quanto ao uso em Números 16 e as expressões semelhantes em Salmos 55.15 [16], a cena é de Coré, Datã e Abirão, junto com suas famílias e todos os seus bens, serem enterrados vivos. É verdade, sem dúvida alguma, que foram para o inferno (pelo menos os líderes da rebelião), mas tudo o que o texto menciona é a catástrofe natural com a qual foram mortos.

Se está correta essa interpretação de *sh'ôl*, então o emprego desse vocábulo não apresenta uma descrição da situação dos mortos, não se podendo dizer, portanto, que estão na penumbra, nas trevas, no caos, no silêncio, que não são lembrados, que são incapazes de louvar a Deus, que nada sabem. Tal ponto de vista é quase sinônimo da idéia não-bíblica do sono da alma. Pelo contrário, os textos estudados apresentam o quadro de um túmulo típico na Palestina: escuro, cheio de pó, com ossos misturados e onde "esta pobre língua, de fala balbuciante e gaguejante, jaz silenciosa na sepultura". As almas de todos os homens não vão para um único lugar. Mas todas as pessoas vão para a sepultura. Quanto ao destino das almas dos homens no estado intermediário, o AT não diz praticamente nada. Na realidade o NT também não diz quase nada, mas aquilo que diz é decisivo... Os salvos vão para o céu e para a bem-aventurança; os ímpios vão para o inferno e o tormento. No AT a esperança do justo é a vida com Deus, ao passo que os ímpios não possuem essa esperança. Cf. a interpretação que Dahood faz de Salmos 23.6; 17.15 e outras passagens (*Psalms I* , em *AB*, in loc.), e também de Provérbios 23.18; 24.14, 20 (M. DAHOOD, *Proverbs and northwest semitic philology*, Pontifical Biblical Institute, 1963, p. 48, 51). Inúmeros outros versículos se referem à vida ressurreta que por fim existirá num novo céu e numa nova terra, mas isso é assunto para outro estudo.

Bibliografia: — BUIS, H. Sheol. In: *ZPEB*. v. 5, p. 395. — DAHOOD, M. *Psalms*. In: *AB*. v. 3, p. xli-lii. — DAVID, John D. The future life in Hebrew thought during the pre-Persian period. *PTR* 5:631-41. — GORDIS, Robert. Studies in Hebrew roots of contrasted meanings. *JQR* 27:33-58. — HARRIS, R. L. The meaning of the word sheol as shown by parallels in poetic passages. *JETS* 4:129-35. — HEIDEL, A. Death and the afterlife. In: *The Gilgamesh epic*. cap. 3. University of Chicago, 1946. p. 137-223. — HOOKE, S. H. Life after death: V. Israel and the after-life. *exp T* 76:236-9. — SUTCLIFFE, E. F. *The OT and the future life*. 1947. — *TDNT*. v. 1, p. 146-8. — *THAT*. v. 2, p. 841-3.

R.L.H.

2304 שָׁאַן (*shā'an*) ***descansar, estar tranqüilo, estar à vontade.***

Termo Derivado

2304a †שַׁאֲנָן (*sha'ănān*) ***sossegado, tranqüilo, seguro*** (adj); ***segurança, orgulho, arrogância*** (subst.).

O verbo *shā'an* indica a idéia de estar tranqüilo e sossegado. Em Jeremias 48.11 Moabe é censurado por ter-se acomodado a seus caminhos pecaminosos, e por causa disso o profeta de Deus anuncia o juízo que vem sobre aquele povo.

2305 שָׁאַף (*shā'ap*)

De conformidade com Provérbios 1.33, aquele que dá ouvidos à sabedoria experimentará tranqüilidade (*shā'an*). E, de acordo com o lamento de Jó (Jó 3.18), a morte também dá descanso. No entanto, o Senhor é a derradeira fonte da verdadeira tranqüilidade e, empregando esse verbo em Jeremias 30.10 e 46.27, ele promete, no final, restaurar a nação de Israel, e o povo de Deus ficará sossegado (30.10) e tranqüilo (46.27), pois "não haverá quem o atemorize [i.e., a Jacó]". Esse estado de paz, restauração plena e ausência total de medo até agora nunca aconteceu para um Israel convertido; é algo aguardado.

sha'ănān. ***Sossegado, tranqüilo.*** Esse adjetivo descreve a situação daquele que vive em paz e tranqüilidade e, desse modo, é empregado com sentidos tanto positivos quanto negativos, "tranqüilo" e "indolente", e como substantivo, "orgulho".

Em 2 Reis 19.28 (mas não no trecho paralelo de Isaías 37.29), a ARC traz "por causa do teu furor contra mim, e porque a tua revolta [*sha'ănān*] subiu contra mim". A tradução "revolta" dá uma idéia errada (tendo sido provavelmente confundida com *shā'ôn*, "tumulto", "barulho"), pois *sha'ănān* é um substantivo que provavelmente tem o sentido de "arrogância", ou seja, o orgulho e o pouco caso com que a Assíria ameaçou destruir Jerusalém e a casa do Senhor. Contra essa tranqüilidade pecaminosa por parte dos inimigos de Deus, o Senhor se levantou e o seu anjo destruiu numa única noite o imenso exército de Senaqueribe, dando assim descanso a Ezequias.

G.G.C.

שַׁאֲנָן (*sha'ănān*). Veja o nº 2 304a.

2305 שָׁאַף (*shā'ap*) ***I, anelar, suspirar por, ansiar*** (e.g., Is 42.14, Jr 2.24).

2306 שָׁאַף (*shā'ap*) ***II, esmagar, pisar*** (e.g., Am 8.4; Ez 36.3).

2307 שָׁאַר (*shā'ar*) ***I, restar, remanescer, ficar para trás.***

Termos Derivados

2307a שְׁאָר (*sh'ār*) ***resto, sobra, remanescente.***

2307b שְׁאֵרִית (*sh'erît*) ***restante, remanescente.***

shā'ar é usado principalmente nos graus nifal e hifil. Ocorre uma vez no qal, em 1 Samuel 16.11.

shā'ar aparece 130 vezes, e suas formas derivadas aparecem outras 121 vezes. Provavelmente deva-se fazer distinção entre esta raiz e *sh'ēr* (da raiz *sh'r* II), "carne", "comida", "relacionamento consangüíneo", "vingança de sangue", que aparece em hebraico, aramaico e até mesmo num cognato árabe.

Parece que *shā'ar* é empregado quase exclusivamente para designar a condição de sobreviver a um processo de eliminação. Esse processo de eliminação pode acontecer por causas naturais (Rt 1.3, o marido de Noemi morreu, e ela "ficou só", BJ). Pode também ser algo provocado pelo homem (1 Sm 9.24, "eis o que sobrou", lit.; nessa passagem Samuel

está falando do pedaço de carne que foi intencionalmente deixado para Saul comer). A eliminação ainda pode ser resultado direto da intervenção divina (Êx 10.19, "nem ainda um só gafanhoto restou em todo o território do Egito", quando Deus os mandou embora com um vento forte). Contudo, qualquer que seja a causa, *shā'ar* aponta para aquilo que resta ou sobrevive. Por exemplo, 1 Samuel 16.11, "resta ainda o mais novo" (MM), com o que Jessé informa Samuel de que o profeta havia examinado todos os filhos, à exceção daquele que ainda "resta", por assim dizer um sobrevivente das entrevistas anteriores de Samuel.

sh^{e}'ār. ***Resto, sobra, remanescente.*** Esse substantivo é empregado 26 vezes. É sinônimo de *sh^{e}'ērît* (veja-se abaixo). Na LXX o vocábulo é às vezes traduzido por *kataleimma*, que também é empregado para traduzir *sh^{e}'ērît* (Is 10.22; cf. Gn 45.7).

Contudo, em geral, *sh^{e}'ār* foi traduzido na LXX pelo particípio passivo aoristo de *kataleipō*, "aquilo que foi deixado". Por esse motivo os primeiros rabinos parecem ter entendido a palavra como um simples particípio da raiz *shā'ar*. *BDB* diz que esse é um vocábulo tardio (p. 984), provavelmente porque não é usado em parte alguma do Pentateuco. De qualquer forma refere-se àquilo que sobreviveu a uma destruição, a um juízo ou a uma catástrofe, e, à semelhança de *sh^{e}'ērît*, pode designar o que sobra de árvores, dinheiro ou cidade (Is 10.19; 2 Cr 24.14; 1 Cr 11.8), o remanescente da Síria (Is 17.3), um remanescente histórico de Israel que então vivia (Ne 10.28 [29]) ou aquele bendito e derradeiro remanescente profético de Israel, o que ainda há de vir (Is 11.11, 16).

Em Isaías 7.3 utiliza-se *sh^{e}'ār* como parte do nome de um dos filhos de Isaías, *sh^{e}'ār yāshūb*, literalmente "Um resto retornará". Esse nome testemunhou ao perverso rei Acaz bem como a todo o Israel que, devido aos pecados deles, Deus estava na iminência de expulsar Israel de sua terra — contudo, pela graça de Deus, ali ainda restava aquela grandiosa promessa de que algum dia um remanescente de fato voltaria!

sh^{e}'ērît. ***Restante, remanescente, posteridade, resto, sobreviventes.*** Esse substantivo, em cada vez que é empregado, transmite a idéia básica da raiz de *shā'ar* e designa aquilo que sobreviveu a um processo prévio de eliminação ou a uma catástrofe.

sh^{e}'ērît, "porção restante", pode ter os seguintes sentidos: 1) Aquilo que, fora de seu contexto, não é moralmente bom nem ruim (e.g., Is 44.17, "então do resto faz um Deus"; nessa passagem o profeta fala simplesmente de um pedaço de madeira que sobra da fogueira. Até que os pagãos façam com ele a escultura de um deus, é apenas um pedaço de madeira, que não é moralmente bom nem mau). 2) Um resto ruim. 3) Um resto bom (e.g., Gn 45.7, "Deus enviou-me adiante de vós, para que vos fique um resquício sobre a terra"; aqui José fala da incumbência que, da parte de Deus, recebeu de livrar os israelitas da fome).

Quando aplicado a sobreviventes humanos, *sh^{e}'ērît* pode referir-se a amalequitas (1 Cr 4.43) ou a pagãos de Asdode (Jr 25.20).

Porém, na imensa maioria dos casos o contexto mostra que o remanescente é aquele que procedeu ou procederá da casa de Israel. Aqui ainda pode referir-se a um remanescente fora do Israel geográfico, o qual existia e vivia durante a vida da personagem ou escritor bíblico, sendo, por conseguinte, um remanescente histórico. Esse é o caso em passagens como Isaías 37.4, em que Ezequias, sete séculos antes de Cristo, pede a Isaías que faça "orações pelos que ainda subsistem", ou seja, aqueles israelitas que ainda sobreviveram em Jerusalém depois de a Assíria ter, tempos antes, matado e levado

embora em cativeiro o Reino do Norte. Esse remanescente ainda estava vivo quando Ezequias assim se referiu a eles.

sh'ērît, contudo, no que pode ser o uso mais misterioso da palavra, é um termo técnico empregado pelos profetas na designação do remanescente futuro e derradeiro de Israel, a saber, aqueles judeus que sobreviverem a esta era presente, sobre os quais Deus derramará todas as bênçãos que têm sido prometidas a Israel ao longo dos séculos. Nesse sentido *sh'ērît* é usado em Zacarias 8.6, 11, 12 para designar o remanescente de Israel numa época em que Jerusalém será chamada de "cidade fiel" (Zc 8.3), quando crianças brincarão em suas ruas (8.5), quando isso será maravilhoso (8.6), quando Deus o chamará de "meu povo" e o terá trazido do oriente e do ocidente (8.7), quando Deus será o Deus dele "em verdade e em justiça" (8.8), quando sua agricultura prosperará com muita chuva (8.12), quando Israel e Judá serão uma bênção e não uma maldição (8.13), quando as nações enviarão representantes para adorarem o Senhor em Jerusalém (8.22) e quando pessoas das várias nações reconhecerão que Deus novamente habita com Israel de uma forma especialmente abençoada (8.23).

Qualquer pessoa sem preconceitos teria grande dificuldade em entender que as passagens acima e outras semelhantes se referem ao remanescente de Israel em qualquer período de sua história passada — contraste-se, por exemplo, com Apocalipse 11.8, em que João chama a Jerusalém do primeiro século de "Sodoma e Egito"! Desse modo, por fim, depois da grande tribulação, Deus cumprirá todas as suas promessas de bênção sobre a nação que procedeu de Abraão e o fará ao abençoar o remanescente, aqueles que, pela graça, sobreviverem ao tempo, às crueldades humanas e ao juízo divino (como em Rm 11.25-29).

Talvez seja de interesse assinalar que a LXX (*c.* 270 a.C.), ao traduzir *sh'ērit*, empregou as palavras gregas *kataleimma* (Gn 45.7; 2 Sm 14.7) e *kataloipa* (Jr 6.9; Zc 8.6), ambas tendo o mesmo significado de "aquilo que é deixado para trás". Hoje, quase dois mil e quinhentos anos depois de Moisés ter, pela primeira vez, empregado *sh'erît* em Gênesis 45.7, ainda encontramos a palavra definida no primeiro dicionário israelense, o de Ben-Yehuda, como "remanescente, restante, resto" (Ehud BEN-YEHUDA & David WEINSTEIN, *Hebrew-English dictionary*, p. 287).

Bibliografia: — CAMPBELL, J. C. God's people and the remnant. *SJT* 3:78-85. — HEATON, E. W. The root שאר and the doctrine of the remnant. *JTS* 3:27-39. — *TDNT*. v. 4, p. 196-209. — *THAT*. v. 2, p. 844-54.

G.G.C.

2308 שאר (*sh'r*). **II. Aceita como raiz de:**

2308a שְׁאֵר (*sh'ēr*) ***carne, comida, corpo, parente próximo, parenta próxima.***

A obra *Englishman's Hebrew concordance* alista 16 usos dessa palavra, e *BDB* é da opinião de que ela deriva da raiz *sh'r* II, "vingança de sangue (...) talvez originariamente sangue" (p. 984; mas cf. o acadiano *šēru*, "carne"). Oito dos 16 usos dessa palavra ocorrem no Pentateuco (e.g., Êx 21.10; Lv 18.6, 12, 13).

Bibliografia: — *TDNT*. v. 7, p. 105-24.

G.G.C.

שְׁאֵרִית (*sh'ērît*). Veja o nº 2 307b.

שְׁאָה (*shē't*). Veja o nº 2 301d.

2309 שבב (*shbb*). **I. Aceita como raiz de:**

2309a שְׁבָבִים (*sh'bābîm*) ***lascas*** (Os 8.6).

2310 שבב (*shbb*). **II. Aceita como raiz de:**

2310a שְׁבִיב (*shābîb*) ***chama*** (Jó 18.5). Significado incerto.

שְׁבָבִים (*sh'bābîm*). Veja o nº 2 309a.

2311 שָׁבָה (*shābâ*) ***levar cativo.***

Termos Derivados

2311a שִׁבְיָה (*sh'bî*) ***cativeiro, cativos.***

2311b שִׁבְיָה (*sh'bîyâ*) ***mulher cativa.***

2311c שִׁבְיָה (*shibyâ*) ***cativeiro, cativos*** (substantivo coletivo).

2311d שִׁבְיָה (*sh'bît*), שִׁבוּת (*sh'bût*) ***cativeiro.***

2311e שֹׁהַם (*sh'bô*) ***pedra preciosa do peitoral do sumo sacerdote.*** Derivação incerta.

No AT *shābâ* transmite principalmente a idéia de uma força militar ou paramilitar que subjuga um adversário e então se apossa dos homens, mulheres, crianças, animais e bens da parte derrotada. Uma vez que campos de concentração eram praticamente desconhecidos no AT, em geral depois da batalha os adultos sobreviventes de sexo masculino eram mortos à espada. De sorte que, depois de os amalequitas terem vencido Ziclague, 1 Samuel 30.2 conta que eles levaram "cativas as mulheres", e os versículos seguintes mostram claramente que as crianças também estavam entre esses prisioneiros. Em 1 Crônicas 5.21 se encontra um exemplo de rebanhos sendo levados cativos, e em 2 Crônicas 21.17 é a riqueza do rei Jeorão que é levada embora juntamente com as suas mulheres e filhos.

Um uso curioso de *shābâ* se vê na expressão "levaste cativo o cativeiro" (Sl 68.18 [19]) e "levanta-te, Baraque, e leva cativo o teu cativeiro" (lit., Jz 5.12). Parece que essa expressão, *shābâ sh'bî*, significa que Iavé em Salmos 68 e Baraque em Juízes 5 tomaram cativo um grande grupo de pessoas que já eram cativas (*sh'bî*). Salmos 68.18 [19] se refere claramente à ascensão gloriosa e triunfal de Iavé com a arca até o monte Sião e Jerusalém e, figuradamente, ao levar cativos todos os seus adversários. Entretanto, Paulo em Efésios 4.8 entende que esse versículo simboliza a ascensão de Cristo quando ele também se levanta triunfantemente sobre o exército de inimigos agora feito cativo. (Veja-se comentário sobre Sl 68.18 [19] em A. F. KIRKPATRICK, *Psalms*, Cambridge, University Press, 1939. Acerca de Ef 4.8, veja-se Albert BARNES, *Notes on the NT*, reimpresso por Baker, 1957.)

Isaías 61.1 fala de alguém que o Senhor "ungiu" (*māshah* – Messias), em quem o Espírito do Senhor habitava, o qual viria para "proclamar libertação aos cativos". Aqui se utiliza metaforicamente esse termo militar para descrever a ação de a pessoa ser espiritualmente libertada do pecado e de Satanás. Em Lucas 4.18 Cristo aplica essa passagem a si mesmo e, por esse motivo, desperta a ira daqueles que pertenciam à sinagoga que ele freqüentava em Nazaré.

Por essa razão Paulo, em Efésios 4.8, entende que Salmos 68.18 [19] mostra o Messias tomando cativos os seus adversários; e Cristo interpreta que Isaías 61.1 mostra o Messias libertando os cativos.

sh^ebî. ***Cativeiro, cativo, prisioneiro.*** Esse substantivo masculino, empregado 47 vezes no AT, em pelo menos três dentre cada quatro ocorrências tem o sentido de "cativeiro". Ou seja, ele se refere à situação em que pessoas e/ou animais (e.g., cavalos em Am 4.10) são levados cativos por um grupo militar ou paramilitar hostil, o que gera uma perda de liberdade, várias privações e sofrimentos, e geralmente um abandono forçado de seus lares para um lugar da escolha dos captores, em geral um país estrangeiro.

As vezes *sh^ebî* é usado como coletivo, referindo-se a "cativos" ou "prisioneiros" como um grupo, por exemplo, Números 21.1, o "rei de Arade (...) levou alguns deles cativos".

Em 721 a.C. o Reino do Norte, Israel, foi disperso pela Assíria, e em ondas sucessivas em 606, 597 e 586 a.C. a Babilônia levou o Reino do Sul, Judá, para o cativeiro. É assim que Jeremias pranteia o fato de que os filhos da filha de Sião "tiveram de ir para o cativeiro" (Lm 1.5). No entanto, esse profeta choroso enxerga mais adiante e apresenta a promessa de Deus a Israel de que algum dia ele salvaria Israel "da terra do exílio (...) e não haverá quem o atemorize" (Jr 30.10).

sh^ebît, sh^ebût. ***Cativeiro.*** Essas grafias alternativas do que parece ser a mesma palavra ocorrem aproximadamente 35 vezes no AT. As ocorrências se acham entremescladas nos textos do *Kethib* e do *Qere*. Por exemplo, veja-se o comentário de KD sobre Ezequiel 16.53, em que esta palavra aparece nada menos do que cinco vezes.

Em Números 21.29 *sh^ebît* se refere ao cativeiro dos filhos de Moabe e é empregado como sinônimo de *sh^ebî*, "cativeiro". Nos outros 34 casos em que esta palavra, *sh^ebît*, aparece, ela é empregada numa expressão idiomática junto com o verbo *shûb*, "voltar", "retornar", em referência a um cativeiro que terminou ou há de terminar. É assim que em Salmos 85.1 [2] se lê: "Senhor, (...) fizeste regressar [*shûb*] os cativos [*sh^ebît*] de Jacó" (IBB). Os versículos seguintes mostram que o fim do cativeiro é acompanhado de: a) a ira de Deus desviar-se do povo; b) um perdão dos pecados passados; e c) uma restauração à posição anterior de favor e bênçãos. [A expressão foi, no entanto, estudada mais detalhadamente por Dahood (*Psalms III*, em AB, p. 218), que cita a literatura pertinente. Ele cita a expressão cognata aramaica encontrada na Inscrição de Sefira para mostrar que os vocábulos hebraicos *sh^ebît* e *sh^ebût* não derivam de *shābâ*, "levar cativo", mas são acusativos cognatos de *shûb*, "restaurar". No AT a expressão freqüentemente tem o sentido de "restaurar a sorte de" (Jó 42.10, NIV; cf. IBB), embora, é claro, às vezes isso envolva uma restauração do cativeiro. Naturalmente tudo isso incluía bênção, alegria e fim da ira de Deus. R.L.H.]

Pode ser que os escritores hebreus achassem que essa aliteração entre *shûb* e *sh^ebût* bem transmitisse o jubiloso anúncio do fim do cativeiro. Certamente há um toque de regozijo mesmo em Jeremias 29.14, quando o profeta da ruína de Judá olha mais adiante

para ver aquele dia de *shûb sh'bît*, quando os dias do cativeiro de Judá derem meia-volta e Judá for restaurado uma vez mais ao seu Senhor. Veja-se ainda Jó 42.10.

shibyâ. ***Cativeiro, cativos (substantivo coletivo).*** Palavra empregada nove vezes no AT, sempre com referência àqueles capturados durante e depois de ações militares, por exemplo, Deuteronômio 21.11; 2 Crônicas 28.5, 11, 13, 14.

G.G.C.

שְׁבוֹ (*sh'bô*). Veja o nº 2 311e.
שְׁבוּת (*sh'bût*). Veja o nº 2 311d.
שְׁבוּל (*sh'bûl*). Veja o nº 2 316d.
שָׁבוּעַ (*shābûa'*). Veja o nº 2 318d.
שְׁבוּעָה (*sh'bû'â*). Veja o nº 2 319a.

2312 *שׁבח (*shābaḥ*) ***I, acalmar, tranqüilizar.*** (Usado somente no piel e no hifil.)

Esse verbo possui cognatos em árabe e acadiano que têm o sentido de "estar livre de preocupações" e "ficar calmo", respectivamente. Salmos 65.7 [8] apresenta o Deus Todo-poderoso acalmando as ondas violentas. Jesus também acalmou o mar agitado (Mt 8.23-27).

2313 שׁבח (*shābaḥ*) ***II, louvar, elogiar.*** (Somente no piel e no hitpael.)

Em Salmos 63.3 [4] emprega-se *shābaḥ* ("os meus lábios te 'louvam'") num contexto de adoração voltada para o poder, glória e santidade do Senhor.

O escritor de Eclesiastes (8.15) exalta a alegria, e em 4.2 louva os mortos! A palavra *shābaḥ*, porém, na maioria dos casos é empregada para louvar a Deus por seus atos e feitos poderosos (Sl 117.1; 147.12; 63.[4]; 145.4; 1 Cr 16.35; e Sl 106.47, "e nos 'gloriemos' no teu louvor").

G.G.C.

2314 שׁבט (*shbṭ*). **Aceita como raiz de:**

2314a †שֵׁבֶט (*shēbeṭ*) ***vara, bordão.***

2314b †שַׁרְבִיט (*sharbîṭ*) ***dardo, lança.***

shēbet. ***Vara, bordão, cetro, tribo.*** Esse substantivo usualmente denota uma vara. Era utilizado na designação do pau usado para bater e debulhar o cominho (Is 28.27), de uma arma (2 Sm 23.21) e do instrumento com o qual o pastor ajuntava ou contava as ovelhas (Lv 27.32; Ez 20.37) ou mesmo as protegia (Sl 23.4; Mq 7.14). Em Salmos 23.4 o vocábulo tem uso metafórico, designando a proteção dada pelo Senhor a seu servo à medida que este caminha pelas veredas da justiça.

Também se utilizava a vara como instrumento de castigo corretivo ou disciplinar. Como instrumento de correção era usado no escravo (Êx 21.20), no tolo (Pv 10.13; 26.3)

e no filho (Pv 13.24; 22.15; 23.13-14; 29.15). Em Provérbios a palavra simboliza a disciplina; deixar de usar a disciplina preventiva da repreensão verbal e a disciplina corretiva do castigo físico redundará na morte do filho. Metaforicamente se diz que o Senhor usou a Assíria como instrumento para corrigir Israel (Is 10.15) e as nações para corrigir o seu rei instável (2 Sm 7.14). Usa-se também o vocábulo no sentido metafórico para designar o castigo do governante de Israel pelo inimigo (Mq 5.1 [4.14]), mas o Rei justo, que procede do Senhor, ferirá os perversos com a "vara" de sua palavra de julgamento (Is 11.4).

Em 2 Samuel 18.14 a palavra se refere a uma lança ou dardo.

A palavra também designa um cetro, o símbolo de autoridade. A associação entre ferir e governar é bastante clara. É significativo que em acadiano o cognato verbal *shabātu* significa "abater", "ferir", e o substantivo *shibtu* (= hebraico *shēbet*) significa "vara", "cetro". Esse é, portanto, o símbolo do poder político. Embora os profetas tenham predito que o cetro dos inimigos de Israel será removido (Am 1.5; Zc 10.11), Jacó predisse que "o cetro não se arredará de Judá, (...) até que venha Siló" (Gn 49.10), e o salmista previu que o governo do rei perfeito de Israel durará para sempre (Sl 45.7). Essas promessas se cumprem no Senhor Jesus Cristo. A íntima associação entre "ferir" e "dominar" (ARA, "reger") é bem óbvia na profecia do salmista de que o Rei do Senhor esmagará com vara de ferro o mundo ímpio e rebelde (Sl 2.9, embora Sl 2.9 seja possivelmente referência a pastorear ou dominar as nações com um cetro de ferro — cf. Sl 2.9, IBB, e Ap 19.15; cf. Sl 125.3; Is 14.5).

Finalmente, a palavra denota "tribo". Esse sentido provavelmente surgiu devido à associação entre a idéia de "tribo" e o uso da palavra para expressar "domínio" e "autoridade". Em Números 4.18 denota as subdivisões de uma tribo, mas nas demais passagens refere-se às tribos de Israel, quer individualmente (Dt 23.1; passim) quer coletivamente (Nm 36.3; passim). As tribos facciosas de Israel (cf. Jz 20, 21; 2 Sm 19.9 [10]; 1 Rs 11.31 e ss.) serão no final reunidas no Reino (Ez 37.19). A palavra, contudo, jamais é usada em referência a tribos de outras nações.

O sinônimo *matteh* denota "vara", "tribo", mas não "cetro".

sharbît. ***Cetro.*** Esse substantivo masculino é encontrado apenas quatro vezes no AT, todas no livro de Ester (4.11; 5.2 [duas vezes]; 8.4). É a forma aramaica de *shēbet* (q.v.), "cetro". Somente o movimento de estender esse bastão de ouro poderia salvar da morte certa aquele que, sem ser anunciado, entrasse na sala do trono do rei da Pérsia. (Veja-se KD, *Esther*, p. 351-2).

Bibliografia: — FALL, Zeev W. Two symbols of justice. *VT* 10:72-74. — WOLF, C. Umhau. Terminology of Israel's tribal organization. *JBL* 65:45-9. — *TDNT*. v. 9, p. 246-9.

B.K.W.

2315 שְׁבָט (*sh'bāt*) ***sebate, mês décimo primeiro,*** i.e., fevereiro-março. Um empréstimo lingüístico do assírio *sabâtu*. Quanto aos nomes dos outros meses, veja-se o verbete *hōdesh* (nº 613b).

שִׁבִּי (*sh'bî*). Veja o nº 2 311a.

שִׁבִּיב (*shābîb*). Veja o nº 2 310a.

שִׁבְיָה (*sh'bîyâ*). Veja o nº 2 311b.
שָׁבִיס (*shābîs*). Veja o nº 2 317a.
שִׁבְיִי (*sh'bî'î*). Veja o nº 2 318a.
שִׁבְית (*sh'bît*). Veja o nº 2 311d.

2316 שׁבל (*shbl*). Aceita como raiz de:

2316a שׁבל (*shōbel*) *fralda (de roupa), orla* (Is 47.2).
2316b שִׁבֹּלֶת (*shibbōlet*) *I, regato* (e.g., Jz 12.6; Is 27.12).
2316c שִׁבֹּלֶת (*shibbōlet*) *II, espiga de cereal* (e.g., Gn 41; Rt 2.2).
2316d שְׁבוּל (*sh'bûl*), שְׁבִיל (*sh'bîl*) *caminho, vereda* (Sl 77.20; Jr 18.15).

שַׁבְלוּל (*shablûl*). Veja o nº 248c.
שִׁבֹּלֶת (*shibbōlet*). Veja os nºs 2 316b, c.

2317 שׁבס (*shbs*). Aceita como raiz de:

2317a שָׁבִיס (*shābîs*) *testeira* (Is 3.18).

2318 שֶׁבַע (*sheba'*), שִׁבְעָה (*shib'â*) *sete.*

Termos Derivados

2318a †שִׁבְעִים (*shib'îm*) ***setenta.***
2318b †שְׁבִיעִי (*sh'bî'î*), שְׁבִיעִית (*sh'bî'ît*) ***sétimo.***
2318c †שִׁבְעָתַיִם (*shib'ātayim*) ***sétuplo.***
2318d †שָׁבוּעַ (*shābûa'*) ***período de sete, semana, festa das semanas.***

sheba', o número "sete", deve ser visto como possuidor, primeiramente, de um simples significado numérico e, em segundo lugar, em muitas vezes um conteúdo simbólico.

sheba' é a forma feminina do numeral "sete" e, nessa condição (em vez da forma masculina), é usado como numeral cardinal em hebraico. Quando uma série de objetos está sendo contada, então o adjetivo "sete" assume forma masculina (Gn 7.4, "daqui a sete dias") ou feminina (Gn 21.28, "pôs Abraão à parte sete cordeiras"), dependendo do substantivo a que o numeral se refere.

sheba', tal como ocorre com outros numerais cardinais básicos, também era usado em combinações para indicar outras quantidades numéricas (e.g., Gn 37.2, *sheba'-'esrēh*, "dezessete").

É, porém, em seus vários usos simbólicos que o numeral *sheba'* exige especial atenção por parte do erudito bíblico. Ao evitar deliberadamente aquela posição extremada que se deleita em descobrir verdades imaginárias mediante a divisão do número de letras de um versículo por sete e mediante outros tais exercícios aritméticos, às vezes é fácil para a mente mais erudita cair no erro oposto de negar a existência de qualquer sentido simbólico ligado a esse número. As Escrituras de fato empregam *sheba'* muitas vezes como

uma palavra mística e simbólica, e o lexicógrafo ponderado dificilmente deixará de notar isso.

Então vemos Abraão selando um juramento solene (*shāba'*, q.v.) feito a Abimeleque de que um poço d'água era seu (de Abraão), ao fazer Abimeleque aceitar sete cordeiras (Gn 21.28, 30). De igual forma, em Gênesis 29.18 são também sete os anos que Jacó teve de servir a Labão para se casar com Raquel e com Lia. Esses casos parecem ser exemplos de um respeito antigo e tradicional pelo número sete, respeito cuja origem é objeto de conjecturas e debates.

Ao criar um cerimonial para Israel, o próprio Senhor estabelece e confirma o significado simbólico e sagrado do número sete. Por conseguinte, em Êxodo 29.30, Moisés, falando em nome do Senhor, determinou que as roupas de um novo sumo sacerdote fossem consagradas por sete dias. Essa era uma ação cerimonial e poderia muito bem ser executada num número maior ou menor de dias, mas o Senhor determinou que fossem exatamente sete! Em Êxodo 23.15 os pães asmos deviam ser comidos durante sete dias, e em Êxodo 25.37 a menorá, ou candelabro sagrado do tabernáculo, devia ter uma haste central com seis hastes laterais (três de cada lado), num total de sete.

Tais exemplos do emprego sagrado do número sete são inúmeros, e não é necessário multiplicá-los aqui. O exemplo maior, entretanto, deve ser a santificação especial do sétimo (*sh'bî'î*) dia como dia de descanso e, por conseguinte, como o principal dia de atividades normais de adoração (Êx 20.10; Dt 5.14). Foi ao sétimo dia que Deus descansou dos dias em que esteve criando, e por esse motivo, para benefício do homem, Deus separou esse sétimo dia para descanso e adoração (Êx 20.11; Gn 2.2). A partir disso atribui-se uma significação simbólica original ao número sete por: 1) ter um caráter sagrado especial; 2) assinalar a totalidade de um ciclo ou a realização de uma tarefa; e 3) assinalar um período de descanso.

O fato de o número possuir esse significado é algo que se confirma ainda em passagens como Zacarias 4.2, 10. Aí se diz que as sete lâmpadas da menorá representam "os olhos do SENHOR, que percorrem toda a terra" (v. 10).

No NT e especialmente no livro dos símbolos, Apocalipse, o cristão encontra a derradeira confirmação da sacralidade e perfeição associadas a esse número. Em Apocalipse 1.20 estão alistadas sete (*hepta*) estrelas, sete candelabros, sete anjos e sete igrejas. De igual maneira, os sete selos do juízo, as sete trombetas do juízo e as sete taças de ira, para não mencionar os sete trovões, denotam cada sete desses um ciclo completo e total de juízo (Ap 6, 8, 9, 15, 16; 10.3). Semelhantemente, também no AT, veja-se em Daniel 9.24 e ss. a idéia apocalíptica dos 70 setes!

É claro que não se deve atribuir sentido simbólico ao número sete em todas as vezes que aparece na Bíblia. De forma que, em Êxodo 2.16, o fato de que o sacerdote de Midiã tinha sete filhas indica talvez apenas o número de filhas que ele de fato possuía, e possivelmente não haja simbolismo nenhum por trás desse número. Cada caso deve ser decidido à luz do seu próprio contexto e à luz da totalidade de usos semelhantes na Bíblia.

shib'ım. ***Setenta.*** Esse numeral cardinal designa a quantidade de sete dezenas. Em Êxodo 1.5 afirma-se que "setenta" pessoas procederam dos lombos de Jacó [embora a leitura do MMM concorde com a leitura existente na LXX, "setenta e cinco"; cf. Atos 7.14 — R.L.H.]. Em Êxodo 24.1, 9, há 70 anciãos em posição de autoridade, mas subordinados a Moisés! Parece que tais usos também possuem o simbolismo da raiz básica, *sheba'*, "sete", mas nessa combinação do número "sete" com o número "dez" (dez [números] setes)

em cada um dos casos é mais difícil de determinar o sentido claro do simbolismo. Na ação de Cristo enviar o seu próprio e novo grupo de 70 (Lc 10.1), assim como na de criar e enviar seu próprio e novo grupo de 12 (Mt 10.1 e ss.), percebe-se a constituição de uma nova ordem que substitui os antigos 70 de Moisés — tendo-se então no NT um grupo sagrado de 70 que põe de lado os 70 do AT!

sh'bî'î, sh'bî'it. ***Sétimo.*** Esse numeral ordinal é usado na indicação do sétimo item de uma contagem. Os usos bíblicos desse vocábulo refletem todos os significados inerentes à raiz *sheba'*, "sete". Em 1 Crônicas 24.10 há um exemplo de uso como simples ordinal: "a sétima [sorte] caiu a Coz". Informa-se imediatamente antes e imediatamente depois que a sexta e a oitava sortes caíram, respectivamente, a outras pessoas. Em Números 6.9 tem-se o exemplo de um uso sacro-simbólico da palavra: o nazireu que se contaminar deve rapar a cabeça no sétimo dia como parte da cerimônia de sua reconsagração.

shib'ātayim. ***Sétuplo, sete vezes.*** Essa palavra ocorre sete vezes no AT (Gn 4.15, 4; 2 Sm 21.9; Sl 12.6 [7]; 79.12; Pv 6.31; Is 30.26). Nas cartas de Amarna o uso de um cognato com o sentido de "sete vezes" é bastante interessante pois é freqüentemente empregado em referência ao curvar-se sete vezes num gesto de vil submissão — cf. o gesto de Jacó curvar-se diante de Esaú (Gn 33.7). Isaías anunciou que no tempo futuro da restauração de Israel a "luz (...) do sol [será] sete vezes maior" (Is 30.26). Parece que isso tem o sentido figurado de que haverá um grande aumento no brilho do sol e não que, naquela época, a luz do sol será sete vezes maior do que no período precedente. Em Gênesis 4.15, antes da instituição da pena de morte em Gênesis 9.5, 6, o Senhor prometeu vingar-se sete vezes de quem assassinasse Caim. De semelhante maneira, o salmista, em Salmos 79.12 (um salmo imprecatório), pede que os ímpios recebam um opróbrio sete vezes maior do que aquele que atiraram contra o Senhor. Com base nesses usos pode-se concluir que esse termo é, muitas vezes, usado figuradamente para apontar para algo que aconteceu ou vai acontecer numa intensidade muito maior do que antes. Contudo, tal interpretação de *shib'ātayim* não implica, de forma alguma, negar que a palavra tenha, em qualquer caso específico, o sentido de um aumento de sete vezes exatas.

shābûa'. ***Período de sete, semana, festa das semanas.*** Esse vocábulo ocorre 20 vezes no AT, sempre indicando um período de sete. Aliás, é evidente que a palavra deriva de *sheba'* (q.v.) e pode ser literalmente traduzida por "período de sete".

Em Deuteronômio 16.9 *shābûa'* indica um período de sete dias (lit., "sete períodos-de-sete contarás"). O contexto dos versículos 9, 10 e 16 requer que o tempo seja em termos de "dias". Até o momento nenhum expositor sério defendeu a idéia de aqui o período ser de sete "anos".

Pode-se assinalar que em Deuteronômio 16.9, ao grafar o plural, a letra vogal central (indicada pelo *waw*) é omitida (*shābu'ôt*), como às vezes também ocorre no singular (e.g., Gn 29.27, *sh'bua'*), em que no texto não vocalizado seria então grafada de modo idêntico à forma feminina *sheba'*, "sete".

Enquanto em Deuteronômio 16.9, analisado acima, *shābu'a* representa um período de sete dias, em Daniel 9.24, 25, 26, 27 denota um período de sete anos em cada uma de suas ocorrências nesses quatro versículos. Isso se confirma pelo contexto, em que Daniel reconhece que o período de 70 anos de cativeiro está quase terminado. A terra tinha ficado de repouso durante 70 anos e, desse modo, tinham sido pagos ao Senhor os 70 anos

sabáticos devidos a ele pelos anteriores 70 períodos de sete anos (Dn 9.2; Jr 25.12; cf. 2 Cr 36.21). Exatamente quando Daniel está, em oração, abordando o assunto, o anjo Gabriel aparece e o informa de que a restauração de Israel não terminará senão depois de o povo de Deus passar por outros 70 períodos-de-sete, *shābûa'* (Dn 9.24 e ss.)! Observe-se também a clara referência em Daniel 12.11 à metade do último período de sete de Daniel (9.27); são 1290 dias, aproximadamente três anos e meio. De modo que nessa passagem o vocábulo designa "período de sete anos"

Também emprega-se *shābua'* como termo técnico em Deuteronômio 16.10, 16, em que denota a festa das semanas (*hag shābū'ôt*), ou seja, a festa dos períodos de sete. Os judeus norte-americanos ainda denominam esta festa de *Shāvūōs*, mas hoje em dia a pronúncia israelense é *Shāvūōt*. A festa recebeu esse nome por ser comemorada no "dia imediato" ao sétimo sábado depois do dia das primícias (Lv 23.15-16)! Era, portanto, a festa do dia seguinte aos sete períodos de sete, também denominada festa do *hamîshîm yôm*, ou seja, festa dos 50 dias — é esse o sentido da palavra Pentecostes, que vem do grego. Essa festa assinalava o início da colheita do trigo, por volta do dia seis do mês de sivã, no final do nosso mês de maio.

Os cristãos se lembram de Pentecostes como o dia em que o Espírito Santo foi derramado em abundância (At 2). Pelo fato de Cristo ter sido as "primícias" (1 Co 15.20, 23), muitos também vêem neste *hag shābûa'*, festa das semanas, um quadro da ressurreição futura de todos os redimidos.

G.G.C.

2319 שָׁבַע (*shāba'*) ***jurar, conjurar.***

Termo Derivado

2319a שְׁבוּעָה (*sh'bû'â*), שְׁבֻעָה (*sh'bu'â*) ***juramento.***

shāba' ocorre 184 vezes no AT. E empregado principalmente nos graus nifal e hifil (ocorre só uma vez no qal, em Ez 21.28). No nifal reflete-se a ênfase reflexiva característica desse grau, havendo aí a idéia de "prender-se a um juramento" (e.g., Gn 26.3, "jurei a Abraão" [lit.], i.e., "comprometi-me por meio de um juramento com Abraão"). Em 32 casos usa-se *shaba'* no hifil com a típica idéia causativa desse grau, ou seja, "fazer alguém jurar" (e.g., 1 Rs 2.42, "não te fiz eu jurar...?").

Fica aparente que o verbo *shaba'*, "jurar", é idêntico nas consoantes da raiz ao vocábulo *sheba'*, "sete". E idêntico, é claro, à forma feminina desse adjetivo — na forma masculina acrescenta-se uma quarta letra, *h* — e é na forma feminina que o hebraico conta seus números cardinais! [Outra abordagem é entender *shib'a* como forma feminina embora seja empregado junto de substantivos masculinos e *sheba'* como forma masculina usada com substantivos femininos. R.L.H.]

Não é somente o verbo hebraico *shāba'*, "jurar", que é idêntico, no texto não vocalizado, a *sheba'*, "sete", mas também o incidente relatado em Gênesis 21.22-34 e ocorrido por volta de 2000 a.C. sugere um relacionamento entre as duas palavras. Nessa passagem Abimeleque deseja que Abraão jure que agirá corretamente, ao passo que Abraão, por sua vez, exige que Abimeleque jure que o poço d'água pertence ao patriarca.

Abraão então sela o juramento, dando a Abimeleque exatamente sete cordeiras para servirem de testemunho, e o poço é chamado de "Berseba" (v. 31), que pode ser entendido como "poço dos sete" ou "poço do juramento"! Por esse motivo *BDB* definiu *shāba'* com a sucinta paráfrase: "'setear' a si mesmo, ou comprometer-se por meio de 'sete' coisas" (p. 989). Gesenius cita Heródoto (iii:8) e a Ilíada (xix:243) para demonstrar que no mundo antigo não era incomum selar um acordo com o número sete.

No AT, quando a pessoa jurava, ela estava empenhando uma palavra sagrada e solene como testemunho de que faria fielmente a coisa prometida ou de que certamente deixaria de fazer algo errado (Gn 21.23, "jura-me aqui por Deus que me não mentiras"). Algumas vezes jurou-se aceitar espontaneamente uma verdade e continuar a aceitá-la no futuro. Foi o que aconteceu quando Abraão, em Gênesis 21.30, 31, fez Abimeleque jurar que ele, Abraão, havia cavado o poço chamado Berseba e, portanto, era o seu dono.

Muitas vezes jurava-se por (*b^e*) alguém que era tácita e mutuamente reconhecido como maior e mais precioso do que aquele que fazia o juramento (e.g., 1 Rs 2.8, "eu pelo SENHOR lhe jurei"). Dentre os antigos pecados de Jerusalém encontrava-se o fato de que alguns "juram pelos que não são deuses" (Jr 5.7). Em tais casos Deus ou alguma divindade falsa era invocada a servir de testemunha da verdade que se dizia e da sinceridade daquele que jurava e, por implicação, a julgar aquele que fazia o juramento, caso este estivesse mentindo ou deixasse de cumprir o prometido nos dias e anos futuros.

O próprio Deus, em passagens como Deuteronômio 6.13 e Isaías 19.18, ordenou e preferiu que o seu nome fosse o nome pelo qual o seu povo devia jurar. Como conciliar isso com Mateus 5.33-37? Parece que a resposta é que Cristo estava advertindo contra o juramento fingido, que levava o povo ao pecado, como também contra o sofisma farisaico então vigente. Desse modo a maioria dos cristãos não tem interpretado essa ordem de Cristo como uma proibição absoluta contra prestar juramento em juízo.

Dá-se grande ênfase ao juramento de Deus no sentido de abençoar Abraão e a sua descendência e de, por meio da sua descendência, abençoar todas as nações (Gn 22.16, 18; cf. Gl 3.8, 16). José estava tão confiante de que Deus faria aquilo que jurara a Abraão, Isaque e Jacó — de dar definitivamente a terra a seus descendentes — que ele, por sua vez, "'fez jurar' [*yashba'*, hifil] os filhos de Israel" que estes levariam os ossos do patriarca consigo quando algum dia retornassem àquela terra (Gn 50.24-25).

Aliás, vê-se Deus jurando por si mesmo (Gn 22.16), por sua santidade (Sl 89.35 [36]), por sua destra (Is 62.8) e pelo seu grande nome (Jr 44.26) a fim de ressaltar que é absolutamente certo e imutável que ele cumprirá aquilo que jurou a Abraão, a Israel e a Davi. Veja-se Hebreus 6.13-19.

Um juramento feito em nome de Iavé era algo tão santo e sagrado que, depois de terem sido propositadamente enganados pelos vizinhos gibeonitas, os quais deviam ser destruídos, os líderes de Israel declararam: "Nós lhes juramos [*nishba'nû*] pelo SENHOR Deus de Israel; por isso não podemos tocar-lhes" (Js 9.19). Também por esse motivo a Bíblia pronuncia ais e juízos contra aqueles que juram falso (Zc 5.3, 4; Ml 3.5). Não é de surpreender que Jesus tenha advertido os fingidos e os ardilosos que era melhor simplesmente dizer "sim, sim; não, não" (Mt 5.37).

sh^ebû'â, sh^ebu'â. ***Juramento.*** Esse substantivo aparece 30 vezes no AT, sendo que em pelo menos uma vez a ARA traduz a palavra por "maldição" (Is 65.15).

Para melhor entender *sh^ebû'â*, "juramento", e *b^erît*, "aliança", deve-se contrastar um vocábulo com o outro. No AT um juramento é uma declaração verbal solene ou uma

promessa que se faz, ao passo que a aliança é ela própria o conteúdo de um acordo. Na maneira hebraica de se expressar, as pessoas juravam (*shāba'*) um juramento (*sh'bû'â*), por exemplo, Gênesis 26.3, "eu [Deus] cumprirei o juramento que jurei a Abraão" (lit.). Uma aliança, no entanto, seria estabelecida (hifil de *qûm*, "levantar-se", literalmente "erguer", "pôr de pé"), como em Gênesis 17.19, ou então seria cortada (*kārat*), como em Jeremias 31.31, "[eu, i.e., Deus] firmarei [lit., 'cortarei'] nova aliança com a casa de Israel".

Iavé fez juramentos de mostrar que era absolutamente certo que cumpriria o que prometeu (e.g., a Abraão, Gn 26.3; a Isaque, Sl 105.9). Uma vez que uma promessa verbal da parte de Deus é algo de cumprimento absolutamente certo, pode-se muito bem indagar por que Deus fez juramentos quando falou com os patriarcas e com Davi. É impensável que o imutável quisesse evitar mudar de idéia mais tarde. A resposta deve ser que ele fez os juramentos para benefício dos patriarcas e daqueles que vieram depois deles, até de nós que hoje estamos vivos. Esses juramentos são um método de ensino que Deus usa, um instrumento gracioso para ajudar a fé débil de cada geração a crer que algum dia Deus cumprirá fielmente as promessas que fez a seu povo, a despeito de circunstâncias exteriores desanimadoras.

Homens e mulheres fizeram juramentos para declarar sua inocência diante de juízes (Êx 22.11 [10]), para fazer o voto de realizar alguma ação futura (Js 2.17, 20, a de poupar Raabe), para firmar solenemente tratados de paz (Js 9.20), para renovar sua devoção ao Senhor (2 Cr 15.15) e para prometer lealdade a uma personagem importante (Ne 6.18, "pois muitos em Judá lhe eram ajuramentados").

Conquanto o *sh'bû'â* fosse uma declaração inalterável, assim mesmo havia uma possibilidade pequena de a pessoa ficar livre ou ser desobrigada de um juramento inoportuno. Em Gênesis 24.8 Abraão estabelece uma condição em que o seu servo estaria "desobrigado" (*nāqâ*) de seu juramento a Abraão de conseguir uma noiva para Isaque, se a mulher se recusasse a ir com ele. Desse modo, Abraão reconheceu que circunstâncias que escapam ao controle daquele que faz o juramento e tornam impossível o cumprimento desse mesmo juramento desobrigavam a pessoa de cumprir a palavra dada.

Em Josué 2.17, 20 os dois espias dizem a Raabe que estarão "desobrigados" (*nāqâ*) do juramento que fizeram de salvar a família de Raabe caso, durante a batalha, qualquer um dos membros saísse da casa marcada com o fio vermelho. Desse modo eles tornam o seu juramento condicional, válido somente se forem cumpridas as condições estabelecidos na hora do juramento.

Todo o capítulo 30 de Números é dedicado à questão de juramentos (*sh'bû'â*, vv. 2 [3], 10 [11], 13 [14]). Havia uma estipulação favorável em que o pai ou o marido podia declarar inválido o juramento feito pela filha ou esposa, contanto que ele assim o declarasse no mesmo dia em que soubesse do juramento. Depois disso seria tarde demais — pois os juramentos eram coisa séria, especialmente numa sociedade nômade, que não dispunha de registros de julgamentos e dependia exclusivamente de testemunhos verbais.

No caso perplexo do "voto" de Jefté (Jz 11.30-31), em vez de *shāba'* ou *sh'bû'a*, aparecem as palavras *nādar*, "dar voluntariamente", e *neder*, "voto de ofertar voluntariamente". Por esse motivo a passagem quase nada mais acrescenta ao presente estudo.

שִׁבְעִים (*shib'îm*). Veja o nº 2 318b.
שִׁבְעָתַיִם (*shib'ātayim*). Veja o nº 2 318c.

2320 *שָׁבַץ (*shābats*) ***tecer quadriculada ou entrelaçadamente.*** Ocorre somente no piel (Êx 28.39) e no pual (Êx 28.20).

Termos Derivados

2320a שֵׁבֶץ (*shābāts*) ***cãibra*** (2 Sm 1.9). Incerto o significado e o relacionamento com *shābats*.

2320b מִשְׁבְּצ(ו)ת (*mishb'tsôt*) ***filigrana (geralmente para engaste de pedras preciosas)*** (e.g., Êx 28.11, 13; 39.6, 13).

2320c תַּשְׁבֵּץ (*tashbēts*) ***tecido*** (Êx 28.4).

2321 שָׁבַר (*shābar*) ***I, quebrar, despedaçar.***

Termos Derivados

2321a †שֶׁבֶר (*sheber*) ***quebra, ruína.***

2321b †שִׁבָּרוֹן (*shibbāron*) ***destruição.***

2321c †מַשְׁבֵּר (*mashbēr*) ***orifício.***

2321d †מִשְׁבָּר (*mashbar*) ***rompimento.***

O verbo *shābar* ocorre 147 vezes no AT (53 no qal, 56 no nifal, 36 no piel, 1 no hifil e 1 no hofal). O cognato ugarítico é *tbr* (*UT* 19: nº 2642).

No grau qal (53 vezes) na maioria das ocorrências Deus é o sujeito do verbo (33 vezes), e aí se emprega o verbo para descrever a atividade de julgar e castigar. Com freqüência essa ação é desferida contra povos não participantes da aliança: o rei de Babilônia (Jr 28.2), Faraó (Ez 30.21), Damasco (Am 1.5), Elão (Jr 49.35), os assírios (Is 14.25), Nabucodonosor (Jr 28.11). Em diversos casos "quebrar o jugo de" significa que Deus libertará o seu povo da escravidão de um povo estrangeiro. Cinco vezes aparece a expressão "quebrar o bordão de teu pão" (lit., Lv 26.26; Sl 105.16; Ez 4.16; 5.16; 14.13). Embora não se saiba com certeza qual o significado exato dessa expressão, parece que ela indica uma vez mais que uma das formas da justiça retributiva de Deus é privar o povo daquilo que este considera essencial para a sua alimentação.

Pode-se assinalar que no grau piel *shābar* é, muitas vezes, usado no contexto de destruir ídolos. Para transmitir a idéia intensiva do grau piel, pode-se traduzir coloquialmente por "esmagar até virar pó". É esse o sentido em Isaías 21.9 (Deus); 2 Reis 18.4 (Ezequias); 2 Reis 23.14; 2 Crônicas 34.4 (Josias); 2 Crônicas 14.3, [2] (Asa); Jeremias 43.13 (Nabucodonosor); 2 Reis 11.18 (o povo); Êxodo 32.19; 34.1; Deuteronômio 9.17; 10.2 (Moisés com as tábuas).

sheber. ***Quebra, ruína.*** Das 45 ocorrências de *sheber*, 28 se encontram nos profetas, e aqui, com freqüência, a palavra é aplicada ao colapso iminente dos reinos do norte ou do

sul. "Não vos afligis com a ruína [ou destruição] de José [o reino de Israel]" (Am 6.6). O substantivo designa então a calamidade física tanto nacional quanto pessoal (Pv 16.18; 17.19; 18.12).

shibbārôn. ***Destruição.*** Palavra empregada duas vezes: "destrói-os com dobrada destruição" (Jr 17.18); "filho do homem, suspira com 'ruptura' de coração" (lit., Ez 21.6 [11]).

mashbēr. ***Orifício.*** Vocábulo que aparece três vezes, duas em passagens paralelas (2 Rs 19.3; Is 37.3): "este dia é dia de angústia (...) porque os filhos chegaram ao parto [a abertura do ventre?], e não há força para os dar à luz". Com toda probabilidade esta é uma expressão proverbial que descreve todo tipo de situação desesperadora. A terceira ocorrência se acha em Oséias 13.13, talvez uma vez mais usada proverbialmente, "quando chega o tempo, ele não vem para a abertura de crianças [i.e., a abertura do ventre]".

mashbār. ***Vagalhão, ondas.*** O vocábulo aparece em Jonas 2.3 [4]; Salmos 42.7 [8]; 88.6 [8]; 93.4; 2 Samuel 22.5. À exceção de Salmos 93.4, as referências são figuras de linguagem no contexto de lamentos.

V.P.H.

2322 שָׁבַר (*shābar*) ***II, comprar, adquirir (cereal).*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2322a שֵׁבֶר (*sheber*) ***cereal.*** Ocorre principalmente nos capítulos finais de Gênesis (mas também Am 8.5; Ne 10.32).

Esse verbo e o seu substantivo de origem tem relação com *shăbar* I, "quebrar", talvez devido à analogia do cereal quando é debulhado, ou seja, quebrado. Os cerca de 20 usos de *shābar* II, com seis exceções, se encontram na história de José, em Gênesis. As exceções são Deuteronômio 2.6; 28; Provérbios 11.26; Isaías 55.1; Amós 8.5-6.

Bibliografia: — COUROYER, B. Corne et arc. *RB* 73:510-21, esp. 513-6.

שִׁבְרוֹן (*shibbārôn*). Veja o nº 2 321b.

2323 שָׁבַת (*shābat*) ***cessar, desistir, descansar.***

Termos Derivados

2323a †שֶׁבֶת (*shebet*) ***cessação.***
2323b †שַׁבָּת (*shabbāt*) ***sábado.***
2323c שָׁבַת (*shābat*) ***guardar o sábado*** (Lv 25.2; 23.32).
2323d †שַׁבְּתוֹן (*shabbātôn*) ***guarda do sábado.***
2323e מִשְׁבָּת (*mishbāt*) ***cessação, aniquilação*** (Lm 1.7).

Existem ainda algumas dúvidas sobre se o substantivo *shabbāt* deriva do verbo *shābat* ou se *shabbāt* é substantivo de origem, do qual derivaria o verbo. De qualquer forma, deve-se observar que *shābat* tem o sentido de "parar de trabalhar" somente quando empregado num contexto sabático (e isso se restringe ao grau qal, em 13 das 37 ocorrências).

A idéia básica do verbo, quando usado transitivamente, é a de "interromper", "dar cabo de", e, quando usado intransitivamente, é a de "deixar de", "chegar ao fim". É bem possível que isso indique o sábado como o dia que "põe termo à" semana de trabalho. Estatisticamente, *shābat* aparece 71 vezes no AT. De acordo com os graus do verbo, a raiz aparece 27 vezes no qal (das quais 13, conforme mencionado acima, se referem à guarda do sábado). Pode-se ilustrar a tradução "cessar", "deixar de", com os seguintes versículos: "dia e noite jamais cessarão" (lit., Gn 8.22); "deixará também a descendência de Israel de ser uma nação" (Jr 31.36); "cessaram aqueles três homens de responder a Jó" (Jó 32.1).

No nifal *shābat* aparece quatro vezes. É, contudo, no hifil que o verbo ocorre com maior freqüência: 40 vezes. Aí o sentido é de "pôr fim a", "fazer cessar". No hifil do verbo *shabat*, Deus é preponderantemente o sujeito. E um verbo favorito dos profetas, usado para descrever o juízo de Deus sobre o seu povo, "farei cessar a arrogância dos atrevidos" (Is 13.11), ocorrendo um maior número de vezes em Ezequiel (dez vezes). Às vezes *shabat*, tendo Deus como sujeito, pode ter a conotação de esperança: "[Deus] põe termo à guerra até aos confins do mundo" (Sl 46.9 [10]); "o SENHOR (...) não deixou hoje de te dar resgatador" (Rt 4.14).

shebet. ***Cessação, inatividade.*** Essa palavra ocorre quatro vezes: Êxodo 21.19; Isaías 30.7; Provérbios 20.3; 2 Sm 23.7. Especialmente esta última referência tem criado problemas de tradução. *BDB* (p. 992a) nem mesmo coloca essa referência no verbete. Literalmente poderíamos traduzir por "com fogo ardente serão queimados sem cessar" (Dahood). Compare-se isso com a tradução "certamente serão queimados a fogo 'na habitação'" (Fensham).

shabbāt. ***Sábado, o sétimo dia da semana.*** A duplicação da consoante média talvez mostre que o vocábulo é um substantivo derivado do piel (que é um grau intensivo), embora o verbo *shābat* jamais apareça no piel.

Acerca da origem do sábado e uma possível relação desse dia com instituições semelhantes em culturas do antigo Oriente Médio, não poucos estudiosos têm defendido a hipótese de que o sábado da Bíblia é uma adaptação de um dia parecido na Mesopotâmia. Há duas razões que fundamentariam essa suposta relação. Uma é a existência de *ūme lemnûti*, "dias maus". Uns poucos textos babilônicos (basicamente do século sétimo a.C.) estabelecem certos dias de cada mês como "dias maus", nos quais eram proibidos certos tipos de trabalho. Os dias específicos em questão eram 7, 14, 19, 21, 28. Mas, conforme assinalado por De Vaux (*AI*, p. 480), é difícil encaixar a semana de sete dias num mês lunar de 29 dias e meio.

A segunda razão é a palavra acadiana *šabattu* (ou *šapattu*), que designa a festa do dia que marca o meio do mês ou o dia da lua cheia. Esse dia é também identificado como "o dia de aplacar o coração (de Deus)" (*ûm nûh libbi*) e, por isso, como um dia de bom agouro. Não é ilógico postular uma ligação semântica entre o acadiano *šapattu* e o hebraico *shabbāt*. O primeiro, conforme se viu acima, designava o dia que marcava o meio do mês, um dia que assinalava um limite e uma divisão. Pode ser que o hebraico *shabbāt*

semelhantemente funcionasse como um ponto divisor, cortando o mês não em duas metades, mas em semanas. As duas raízes seriam análogas não em razão de uma adaptação no hebraico, mas com base numa etimologia e função comuns (*AI*, p. 477).

Mais importante do que a origem do sábado é o que se pode chamar de teologia do sábado. Qual era o significado religioso do sábado e por que razão se requeria a sua guarda? Pode-se aquilatar algo da importância dessa instituição observando-se que, dos dez mandamentos, o quarto é tratado mais longamente que qualquer outro.

Talvez o melhor procedimento seja observar os motivos da guarda do sábado, um mandamento que pode ser expresso em termos positivos, "seis dias farás a tua obra, mas ao sétimo dia descansarás" (Êx 23.12; 31.15), ou negativos, "o sétimo dia é o sábado não (...) farás nenhum trabalho" (Êx 20.10).

Em primeiro lugar, Êxodo 20.8 e ss. associa a guarda do sábado ao fato de o próprio Deus ter descansado no sétimo dia, depois de seis dias de trabalho (Gn 2.2-3). Tudo que Deus fez, segundo o registro de Gênesis, avaliou como bom. Entretanto, somente o sábado ele santificou, dando talvez a entender que o clímax da criação não foi a criação do homem, mas o dia de descanso, o sétimo dia. O sábado é, portanto, um convite ao regozijar-se com a criação de Deus e reconhecer a soberania divina sobre o nosso tempo.

Em segundo lugar, observa-se em Deuteronômio 5.15 um motivo diferente para a guarda do sábado: "porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito, e que o SENHOR teu Deus te tirou dali com mão poderosa (...) pelo que o SENHOR teu Deus te ordenou que guardasses o dia de sábado". De modo que o livro de Êxodo associa o sábado à criação descrita em Gênesis, e o livro de Deuteronômio associa o sábado ao livramento do Egito, descrito em Êxodo. De modo que a cada sábado Israel deve se lembrar de que Deus é um emancipador, um libertador. Parece que os cristãos estavam certos ao associar o dia de descanso com a lembrança da ressurreição de Cristo. É ele quem dá liberdade. Na verdade, nessa questão não há nenhum conflito real entre Deuteronômio e Êxodo. Enquanto Deuteronômio tem em vista o povo da aliança, os versículos de Êxodo dão ênfase ao Deus da aliança (*AI*, p. 481).

Em terceiro lugar, o sábado é uma estipulação social ou humanitária que concede um dia de descanso àqueles que trabalham sob as ordens de alguém: "para que descanse o teu boi e o teu jumento; e para que tome alento o filho da tua serva e o forasteiro" (Êx 23.12; Êx 20.10; Dt 5.14-15). Aqui então esse mandamento dá um passo na direção de tornar todos os homens iguais diante de Deus. Assim como o sábado recorda o fato de os israelitas terem sido libertados do Egito, de igual forma deve tornar-se um agente libertador, pondo em liberdade aqueles que na sociedade sofrem algum tipo de jugo (veja-se Andreasen, na bibliografia). Seria possível associar isso com o fato de 1 Coríntios 16.2 registrar que no primeiro dia da semana se fazia uma coleta de dinheiro para os pobres de Jerusalém?

Em quarto lugar, o sábado é um sinal da aliança e, desse modo, o sábado se projeta no futuro. O sábado agora junta-se aos sinais do arco-íris e da circuncisão. Os textos pertinentes são Êxodo 31.13, 17 e Ezequiel 20.12, 20. Isso explica a razão do castigo da profanação do sábado ser a morte (Êx 31.14; Nm 15.32-36; Jr 17.19-27). Enquanto guarda o sábado, Israel proclama a sua lealdade a Iavé e assegura a presença salvífica de Deus no seu meio. Para o cristão, essas promessas se cumprem numa pessoa, Cristo. Por meio dele entramos no próprio descanso de Deus (Hb 4.1-11).

shabbātôn. ***Guarda do sábado.*** Além de se referir ao sábado (Êx 16.23), essa palavra pode ser aplicada ao dia da expiação (Lv 16.31; 23.32), à festa das trombetas (Lv 23.24) e ao primeiro e ao oitavo dia da festa dos tabernáculos (Lv 23.39). Em hebraico a terminação *-ôn* é característica de substantivos abstratos, tais como *zikkārôn*.

Bibliografia: Acerca de *shebet*: — DAHOOD, M. Hebrew Ugaritic Lexicography X. *Bib* 53:386-403, esp. p. 403. — FENSHAM, F. C. Exodus XXI 18-19 in the light of Hittite law of 10. *VT* 10:333-5.

Acerca de *shabbāt*. — ARMERDING, H. T. The Lord's day is not passé. *CT* 12:1076-8. — ANDREASON, Niels-Erik. *The Old Testament Sabbath*. SBL dissertation series 7, 1972. — . Recent studies of the Old Testament Sabbath, some observations. *ZAW* 86:453-69. —CHILDS, B. *The book of Exodus*. Westminster, 1974. p. 412-7. — DEVAUX, R. *AI*. v. 2, p. 475-83. — NORTH, R. The derivation of Sabbath. *Bib* 36:182-201. — TSEVAT, M. The basic meaning of the Biblical Sabbath. *ZAW* 84:447-59. — UNGER, Merrill F. The significance of the Sabbath. *BS* 123:53-9. — WOLFF, H. The day of rest in the Old Testament. *Lexington Theological Quarterly* 7:65-76. — *TDNT*. v. 7, p. 1-20. — *THAT*. v. 2, p. 863-8.

V.P.H.

שַׁבְּתוֹן (*shabbātôn*). Veja o nº 2 323d.

2324 שָׁגַג (*shāgag*) ***extraviar-se, errar.***

Termo Derivado

2324a שְׁגָגָה (*sh'gāgâ*) ***pecado.***

O verbo é usado somente quatro vezes. Levítico 5.18 e Números 15.28 são versículos que tratam do pecado de "ignorância" ou "descuido". As outras duas passagens são Salmos 119.67, "antes de ser afligido, andava errado", e Jó 12.16, "seu é 'o que erra' e o que faz errar". Esta última referência mostra lado a lado duas raízes que significam a mesma coisa e são parecidas na estrutura consonantal (pode até ser que as duas tenham originado de uma mesma raiz biconsonantal). "O que erra" deriva da raiz *shāgag*, e "o que faz errar", da raiz *shāgā* (q.v.).

sh'gāgâ. ***Pecado (cometido por ignorância ou descuido).*** O substantivo aparece 19 vezes. Duas considerações são particularmente importantes. A primeira é o uso na descrição da oferta pelo pecado (Lv 4.2, 22, 27). No versículo 13 emprega-se uma forma de *shāgâ* e não de *shāgag*. Junto a essas passagens se usa também o vocábulo na descrição da oferta pela culpa (Lv 5.15, 18). De modo que Levítico 4.22 diz: "quando um príncipe pecar, e por ignorância fizer alguma [coisa proibida]". A segunda é o parágrafo de Números 15.22 e ss., que trata da expiação pelos pecados de ignorância. Nesse parágrafo *sh'gāgâ* ocorre sete vezes: Números 15.24, 25 (duas vezes), 26, 27, 28, 29. Observe-se, uma vez mais, que o parágrafo começa, no versículo 22, não com uma forma de *shāgag*, mas de *shāgâ*, a terceira vez que se vê a alternância entre essas raízes.

Aos textos acima podemos acrescentar os seguintes: Eclesiastes 5.6 [5], "não digas diante do mensageiro [ou anjo] que esse foi um erro [não intencional]" (lit.); 10.5, uma referência ao "erro [de julgamento]" por parte de governantes; Levítico 22.14; Números

35.11, 15; Josué 20.3, 9 (cidades de refúgio como lugares seguros para os que cometem homicídio sem ter havido intenção ou premeditação).

A teologia protestante tem sido dominada por dois conceitos básicos de pecado. Um dos conceitos é o de que o pecado é a quebra consciente ou inconsciente da lei. Esse é o tratamento objetivo do pecado ou a interpretação legal. E, certamente, as ilustrações acima, tiradas de Levítico 4—5 e Números 15 dão sustentação a esse ponto de vista. O pecado era uma clara violação da aliança, fosse essa violação voluntária ou involuntária. O ter havido ou não vontade de cometer o erro não alterava a situação objetiva. Pecados cometidos "por ignorância" ainda eram pecados e requeriam expiação.

O outro conceito podemos denominar de entendimento ético do pecado. Com isso se quer dizer o envolvimento da vontade humana e da responsabilidade pessoal. Aqui a ênfase recai sobre o elemento subjetivo. Nenhum dos dois conceitos é totalmente correto a ponto de excluir o outro. Ambos são bíblicos e devem ser mantidos em tensão.

Voltando-se ao *sh'gāgâ*, um pecado desse tipo pode ser resultado de duas causas: negligência ou ignorância. As duas possibilidades são: ou a pessoa conhece a lei, mas sem intenção a quebra, como no caso de homicídio acidental (Nm 35.22 e ss.; Dt 19.4-10; Js 20.2-6, 9) ou age sem saber que está errada. Algumas ilustrações de pecados desta última categoria são: Gênesis 20.9 (a queixa de Abimeleque a Abraão); Números 22.34 (Balaão dizendo: "pequei, porque não soube que estavas neste caminho"). Em contraste com estes pecados existem aquele cometidos "com mão erguida" (ARA, "atrevidamente", Nm 15.30), para os quais não há nenhuma expiação, quaisquer que sejam os meios de sacrifício. Aqui o crente do NT pode ter uma idéia das limitações do sistema sacrificial levítico. O fato de esse sistema ser incapaz de proporcionar um sacrifício para o pecado premeditado aponta para o caminho de um sacrifício melhor, aquele encontrado em Cristo.

Bibliografia: — DEVRIES, S. Ignorance. *IDB*. v. 2, p. 680-1. — KINGHORN, K. Biblical concepts of sin. *Wesleyan Theological Journal* 1:21-6. — MILGROM, J. The cultic *Š'GĀGĀ* and its influence in Psalms and Job. *JQR* 58:115-125. — SAYDON, P. Sin-offering and trespass-offering. *CBQ* 8:393-8. — *THAT*. v. 2, p. 869-72.

V.P.H.

2325 שָׁגָה (*shāgâ*) ***extraviar-se, desencaminhar-se, errar.***

Termos Derivados

2325a †שְׁגִיאָה (*sh'gî'â*) ***erro*** (Sl 19.13).

2325b †מִשְׁגֶּה (*mishgeh*) ***engano*** (Gn 43.12).

O verbo ocorre 21 vezes, 17 delas no qal e quatro no hifil (Dt 27.18; Jó 12.16; Sl 119.10; Pv 28.10).

A ênfase básica da raiz *shāgâ* é o pecado cometido sem intenção. Isso se vê de diversas maneiras. Primeiramente, os dois derivados de *shāgâ*, a saber, *sh'gî'â* e *mishgeh*, indicam um ato cometido na ignorância, sem intenção. Em segundo lugar, no tratado em levítico dos "pecados por ignorância" (Lv 4.2 e ss.), *shāgâ* sozinho significa "pecar por ignorância" (v. 13) e é comparável às expressões *hātâ bishgāgâ* e *'āsâ bishgāgâ*, que aparecem no mesmo capítulo (vv. 2, 27, e v. 22, respectivamente). Em terceiro lugar, Jó jamais nega que tenha pecado, mas pede que o alertem em que pecou

(Jó 6.24; 19.4), deixando implícito que os seus pecados foram inconscientes. Em quarto lugar, usa-se essa raiz na descrição de como ovelhas se perdem (Ez 34.6). Elas, enquanto pastam, simplesmente vão se afastando até ficarem perdidas.

As Escrituras ressaltam pelo menos três causas para tal afastamento. A primeira é vinho e bebida forte (Is 28.7; Pv 20.1). A segunda é a mulher estranha e sedutora (Pv 5.20, 23), que contrasta com a própria esposa, a qual deve, com os seus encantos, atrair o próprio marido (Pv 5.19). A terceira é a incapacidade de rejeitar a instrução errada (Pv 19.27). No AT somente Saul admite ser culpado desse erro (1 Sm 26.21).

sh'gî'â. ***Erro, falha.*** Vocábulo encontrado somente em Salmos 19.12 [13], "quem pode discernir os seus erros? Purifica-me de faltas [*nistārōr*, palavra derivada da raiz *sātar*, 'esconder', 'ocultar'; mas cf. DAHOOD, *Psalms I*, em *AB*, p. 124, quanto a uma possível derivação de *sûr*, 'desviar-se'] secretas". O significado então de *sh'gî'â* fica demonstrado em face do paralelo com *nistārôt*.

mishgeh. ***Engano, descuido.*** Palavra achada somente em Gênesis 43.12, nas palavras dirigidas por Jacó aos filhos, antes de estes voltarem para o Egito a fim de se avistarem com o irmão José, a quem ainda não tinham reconhecido: "levai também dinheiro em dobro; e o dinheiro restituído na boca dos sacos, tornai a levá-lo convosco: pode bem ser que fosse engano/descuido [i.e., da parte de José]".

Bibliografia: — *TDNT*. v. 1, p. 268-93.

V.P.H.

2326 *שָׁגַח (*shāgah*) ***fitar, olhar fixamente.***

Esse verbo é empregado três vezes no AT e sempre no grau hifil: 1) Cantares 2.9, "eis que está detrás de nossa parede, 'olhando pelas' janelas, espreitando [única vez em que o verbo *sus* ocorre no hifil] pelas grades"; 2) Isaías 14.16, "os que te virem [isto é, a Lúcifer/um rei pagão cruel?] te 'contemplarão'"; 3) Salmos 33.14, "do lugar de sua morada [Deus] observa todos os moradores da terra".

A palavra ocorre algumas vezes na literatura não-canônica: Sirácida (ou Eclesiástico) 40.29, "a vida de alguém que fica o tempo todo 'fitando' a mesa de outro não pode ser chamada de vida"; e também 50.5, "quão esplêndido [o sumo sacerdote Simão] era quando, do seu santuário, 'mirava' para baixo".

Interessantíssimo é o desenvolvimento dessa raiz em escritos judaicos posteriores. De *shāgah* surgiu o substantivo *hashgāhâ*, "providência". Desse modo, em seu *Guia para as pessoas confusas*, Maimônides analisa com certa profundidade a "providência" e apresenta cinco pontos de vista a respeito (*Guide to the perplexed*, v. 3, pp. 17-24). Em outras obras parece que se faz uma distinção entre *hanhāgâ*, a "providência universal que determina a ordem natural do mundo", e *hashgāḥa*, "a providência individual".

V.P.H.

שְׁגִיאָה (*sh'gî'â*). Veja o nº 2 325a.

2327 שָׁגַל (*shāgēl*) ***violentar, estuprar*** (e.g., Dt 28.30; Is 13.16).

2328 *שׂגע (*shāga'*)

Termo Derivado

2327a שׂגל (*shēgāl*) ***cônjuge*** (Ne 2.6; Sl 45.10).

2328 *שׂגע (*shāga'*) ***estar fora de si.***

Termo Derivado

2328a †שִׂגָּעוֹן (*shiggā'ôn*) ***loucura.***

O verbo *shāga'* aparece sete vezes no AT, cinco como um particípio do pual e duas no hitpael, como particípio (1 Sm 21.14, [15]) e como um infinitivo construto (1 Sm 21.15 [16]). Etimologicamente a raiz tem sido associada ao árabe *saǧa'a*, "arrulho (incessante) de pombos", ou ao assírio *šēgu*, "uivar", "bramar".

Dos cinco usos de *shāga'* no pual, três deles são aplicados depreciativamente aos profetas. Primeiramente, o discípulo de Eliseu que ungiu Jeú como rei de Israel é chamado de "louco" (*m'shuggā'*, 2 Rs 9.11) pelos oficiais do exército. No segundo uso, Semaías, um dos exilados na Babilônia, exasperou-se com as palavras de Jeremias acerca da duração da deportação e escreveu à liderança de Jerusalém acerca desse "fanático" (Jr 29.26). Em terceiro lugar, Oséias foi alvo de insinuações semelhantes, pois também foi chamado de insensato e "louco" (Os 9.7).

É improvável que essa designação se refira à maneira de os profetas falarem, i.e., não deve implicar que os profetas pronunciassem sons ininteligíveis nem que balbuciassem em êxtase. O mais provável é que a causa da zombaria fosse o conteúdo de suas falas, um conteúdo que contrariava os otimistas da época. Não se deve extrapolar demasiadamente a associação que foi feita, tanto na conotação quanto na forma, entre o hebraico *m'shuggā'* e o acadiano *muhhum*, "adivinho", palavra esta derivada de uma raiz que significa "delirar", "cair em transe" (A. MALAMUT, *supp VT* 15, 1966, p. 210-1).

Somente em 1 Samuel 21.14-15 [15-16], que relata o modo de Davi agir diante do rei Aquis, é que o verbo é associado a um comportamento que chega às raias da imbecilidade. Pode-se comparar isso a 1 Coríntios 14.23: "não dirão porventura que estais loucos?".

shiggā'ôn. ***Loucura, desvario.*** Palavra empregada três vezes no AT, duas vezes designando uma forma de juízo da parte de Deus, quer sobre o próprio Israel (Dt 28.28), quer sobre os que procuraram destruir o povo de Deus (Zc 12.4). Também se emprega o substantivo na descrição da maneira extravagante e louca com que o rei Jeú conduzia o seu carro, "porque guia furiosamente [i.e., como um louco, desvairadamente]" (2 Rs 9.20).

V.P.H.

שִׂגָּעוֹן (*shiggā'ôn*). Veja o nº 2 328a.

2329 שׂגר (*shgr*). **Aceita como raiz de:**

2329a שֶׂגֶר (*sheger*) ***cria, filhote de animais*** (Êx 13.12; Dt 7.13; 28.4, 18, 51).

2330 שׂד (*shēd*) ***demônio.***

A palavra aparece duas vezes no AT: Deuteronômio 32.17, "sacrifícios ofereceram aos demônios (...) a deuses que não conheceram"; e Salmos 106.37, "pois imolaram seus filhos e suas filhas aos demônios". A palavra talvez ocorra uma terceira vez em Amos 2.1, "porque ele (Moabe) queima os ossos (...) a um demônio", alterando a palavra que aparece no TM, *lassîd*, "[transformando-os] em cal", para *lashshēd* (DAHOOD, em *AB*, *Psalms III*, p. 74).

Indubitavelmente o hebraico *shēd* deve ser associado à palavra babilônica *shêdu*, "demônio (bom ou mal)". Nas religiões pagãs a linha divisória entre os deuses e os demônios não é constante. Há demônios que agem com benevolência e deuses que são maldosos. Mas, falando de um modo geral, acreditava-se que os demônios tinham menos poderes do que os deuses. No pensamento mesopotâmico o *shêdu* era um poder protetor sobrenatural, cuja presença era pedida aos deuses. Em termos específicos, a função do *shêdu* pode ter sido a de representar a vitalidade do indivíduo, sua força sexual (OPPENHEIM, p. 201; veja-se a bibliografia).

Não se pode deixar de observar a escassez de referências a demônios no AT, e, mesmo nos textos em que tais referências ocorrem, elas estão desmitologizadas. O bem e o mal se encontram na esfera moral e não na metafísica. Kaufmann (p. 65, nota 1) diz: "Quando os deuses das nações são chamados de *shēdîm*, isso não significa que sejam espíritos maus, mas que são sombras impalpáveis, 'não-deuses', sem funções quer divinas quer humanas".

Na Bíblia as forças demoníacas são reveladas nos Evangelhos e no Apocalipse. Quer dizer, a esfera demoníaca aparece em maior profusão quando Jesus está presente. Talvez Deus nos tenha aberto a visão para o mundo satânico apenas na presença de Cristo (KINLAW, p. 8).

Bibliografia: — KAUFMANN, Y. *The religion of Israel*. University of Chicago, 1960. p. 63 e ss. — KINLAW, D. Putting demons in their place. *Christian Medical Society Journal* 6:3-8. — OPPENHEIM, L. *Ancient Mesopotamia*. University of Chicago, 1964. p. 198 e ss.

V.P.H.

שֹׁד (*shōd*), שַׁד (*shad*). Veja os nos 2 331a, 2 332a.

2331 שָׁדַד (*shādad*) ***desolar, destruir, despojar.***

Termo Derivado

2331a שֹׁד (*shōd*) ***devastação.***

O verbo aparece 57 vezes no AT: 32 vezes no qal; uma vez no nifal (Mq 2.4); duas vezes no piel (Pv 19.26; 24.15); uma vez no poel (Os 10.2); 19 vezes no pual; duas vezes no hofal (Is 33.1; Os 10.14). Desses 57 usos, 48 se acham nos livros dos profetas clássicos (com Jeremias à frente, com 26 vezes), deixando desse modo ver em que partes do cânon do AT *shādad* aparece com maior freqüência.

Conforme o demonstra uma comparação das traduções modernas da Bíblia, parece que não existe nenhum problema maior na tradução de *shādad*. Provérbios 19.26 pode ser entendido mediante uma associação entre *shādad* e o etíope *sadada*, "expulsar", "jogar fora" (Thomas). A tradução aqui proposta é "aquele que 'maltrata' seu pai" (cf. ARA).

2332 שׁדה (*shdh*)

O verbo *shādad* possui um emprego interessante. Num de seus sentidos é aplicado à Babilônia (obviamente nas passagens de Jeremias), que é chamada de "destruidor" de Jerusalém (Jr 6.26; 12.12; inter alia). Longe de ser uma entidade independente, essa potência mundial militarista é uma atriz escolhida por Deus para participar do elenco. Sua função é a de ser o meio pelo qual a santa ira de Deus é derramada sobre os filhos da sua própria aliança. Subseqüentemente a própria Babilônia se tornará objeto de igual devastação (Jr 51.48, 53, 55, 56; Sl 137.8). A ferocidade de *shādad* se vê no fato de que o verbo designa as atividades de um lobo (Jr 5.6), o qual persegue, ataca e despedaça as suas vítimas.

shōd. ***Devastação, violência, destruição.*** À semelhança do verbo *shādad*, esse substantivo aparece na maioria das vezes nos livros proféticos (20 dentre 25 vezes). Felizmente, com vistas à definição da palavra, *shōd* é freqüentemente empregado em paralelo com outros substantivos. A expressão *shōd wāsheber*, "assolação e ruína", aparece em Isaías 51.19; 59.7; 60.18; Jeremias 48.3. A expressão *hāmās wāshōd*, "violência e estrago", ocorre em Jeremias 6.7; 20.8; Ezequiel 45.9; Amós 3.10 (em uma ocasião, Hc 1.3, os substantivos estão invertidos, *shōd w'hāmās*).

Este último paralelismo é de especial significado devido à relevância da palavra *hāmās*, "violência". Esse vocábulo designa o tipo de pecado que precedeu ao dilúvio, "a terra estava corrompida à vista de Deus, e cheia de 'violência'" (Gn 6.11). O que se quer dizer com "violência"? Tendemos a concordar com Cassuto (*Commentary on Genesis*, v. 2, p. 52) que *hāmās* não se refere a atos de atrocidade e violência, ou seja, coisas feitas à força contra a lei. Em vez disso, *hāmās* se refere a qualquer coisa que seja incorreta, por exemplo, injustiça pessoal ou social. Isso talvez lance alguma luz sobre o significado de *shōd*. Está claro, contudo, que *shōd* é não somente uma causa de destruição mas também pode ser a própria destruição (Os 7.13; 10.14). Isaías 13.6 e Joel 1.15 associam *shōd* com o dia do Senhor. Tal destruição está preparada não para os incrédulos, mas para os crentes apóstatas.

Bibliografia: — DAHOOD, M. Hebrew-Ugaritic Lexicography X. *Bib* 53:403. — THOMAS, D. W. A pun on the name Ashdod in Zephaniah ii,4. *Exp T* 74:63. —_____. Textual and philological notes on some passages in the book of Proverbs. *Supp VT* 3:289.

V.P.H.

2332 שׁדה (*shdh*). **Aceita como raiz de:**

2332a †שׁד (*shad*) ***peito, seios.***

2332b שִׁדָּה (*shiddâ*) ***harém (?).*** Palavra empregada somente em Eclesiastes 2.8; significado incerto.

shad. ***Peito, seios.*** Esse substantivo ocorre 21 vezes (24 vezes, caso se acrescentem as três ocorrências de *shōd* em Jó 24.9; Isaías 60.16; 66.11). Oito delas se acham em Cantares de Salomão. Dessas oito, quatro se encontram na descrição íntima que o noivo faz de sua noiva: 4.5; 7.3, 7, 8 [4, 8, 9]. Em uma ocasião a noiva refere-se aos seus seios como um lugar de descanso para a cabeça de seu amado (1.13). Há uma referência aos seios ainda não crescidos da "irmãzinha" (8.8), e uma aos da mãe da noiva (8.1). Não deve causar perplexidade o fato de que no cânon do AT há pelo menos um livro dedicado à descrição de, entre outras coisas, o lado físico do relacionamento matrimonial, cuja finalidade está tão claramente expressa em Gênesis 1—2.

Além das passagens de Cantares de Salomão, a palavra hebraica *shad* é empregada nos seguintes contextos: 1) numa situação claramente erótica e sensual, em que o adultério e a sedução têm destaque (Os 2.2 [4]; Ez 23.3, 21, em que *shad* está em paralelo com *dad*, "teta", "bico do seio"); 2) como gesto de pranto (Is 32.12; Ez 23.34; cf. "batia no peito [*stēthos*]", Lc 18.13, e também Lc 23.48); 3) como sinal da chegada à maturidade e ao início da vida adulta e, por conseguinte, à responsabilidade pela própria conduta ou à capacidade de receber instrução (Ez 16.7; Is 28.9, referência ao desmame); 4) como sinal da bênção da fertilidade e da prole (Gn 49.25) ou da maldição da infertilidade e ausência de filhos (Os 9.14). Naqueles dias em que não havia mamadeiras, seios secos podiam ser de fato uma tragédia.

V.P.H.

2333 שַׁדַּי (*shadday*) ***Shaddai, o Todo-poderoso.*** Esse é um dos nomes de Deus no AT, sendo que algumas versões o deixam sem traduzir (e.g., BJ), e outras traduzem por "Todo-poderoso".

Este é um de uma série de nomes divinos que começam com *'ēl*, "Deus": *'ēl 'ôlām*, "Deus eterno" (Gn 21.33); *'ēl 'elyôn*, "Deus Altíssimo" (Gn 14.18); *'el 'elōhê yisrā'ēl*, "Deus, o Deus de Israel" (Gn 33.20); *'el bêt-'ēl*, "Deus de Betel" (Gn 31.13).

Como título divino, *shadday* é empregado 48 vezes no AT. Na maioria das vezes aparece em Jó (31 vezes), nos lábios de quase todas as personagens dessa história: Elifaz (5.17); Jó (6.4); Bildade (8.3); Zofar (11.7); Eliú (32.8); o Senhor (40.2). Dessas 48 vezes, *shadday* é antecedido por *'ēl*, "Deus", em sete ocasiões: Gênesis 17.1; 28.3; 35.11; 43.14; 48.3; Êxodo 6.3; Ezequiel 10.5. Nas 41 vezes restantes *shadday* aparece sozinho.

A tradução "Todo-poderoso" remonta a tempos antigos, a pelo menos até a LXX, que traduz *shadday* por *pantokratōr*, "Todo-poderoso". Isso também se reflete na Vulgata, *omnipotens*. Examinando esta palavra, os rabinos concluíram que ela é um vocábulo composto do pronome relativo *she*, "que", "quem", e da palavra *day*, "bastante", "suficiente": *she-day*, "aquele que é (auto-)suficiente" (Talmude Babilônico, Hagigah 12a).

Em tempos recentes essas hipóteses mais antigas têm sido todas rejeitadas, e novas hipóteses têm sido apresentadas em seu lugar. É preciso mencionar apenas algumas das teorias mais defensáveis. Uma delas é que *shadday* está associado com o verbo hebraico *shadad*, "destruir", tendo desse modo o sentido de "meu destruidor". Uma segunda possibilidade, a mais aceita hoje em dia, é de que se deve identificar *shadday* com o vocábulo acadiano *sadu*, "montanha". Dessa maneira a tradução de *'ēl shadday* seria "Deus da montanha", ou seja, a morada de Deus. Deve-se entender a terminação *ay* como um sufixo adjetivo (e, por isso, a tradução "... da ..."), um aspecto morfológico agora demonstrado em ugarítico. Por exemplo, uma das três filhas de El é chamada *'rṣy* (*'artsay*) e significa "ela da terra". Além do acadiano *sadu*, há o ugarítico *td* também etimologicamente relacionado (CROSS, p. 248-50 [veja-se a bibliografia]).

Na condição de *'ēl shadday* Deus se manifestou aos patriarcas (Êx 6.3): especificamente a Abraão (Gn 17.1), a Isaque (Gn 28.3) e a Jacó (Gn 35.11, 43.14; 48.3). O contexto da maioria dessas referências é a aliança, mais precisamente a estipulação de obediência e fidelidade por parte do vassalo e a promessa de descendentes por parte de Deus. Não foi para os montes (que são um fenômeno da natureza) que esses homens de

fé olharam em busca de confiança, mas para o Senhor desses montes, o Senhor da montanha (Sl 121.1-2).

Bibliografia: — ALBRIGHT, W. F. The names Shaddai and Abram. *JBL* 54:173-93. — POPE, M. *Job.* p. 44. — WALKER, M. A new interpretation of the divine name 'Shaddai'. *ZAW* 72:64-6. — *THAT.* v. 2, p. 873-81. — CROSS, F. M. *Harvard Theological Review.* 55 (1962):246.

V.P.H.

2334 שדם (*shdm*). **Aceita como raiz de:**

2334a שדמה (*sh'dēmâ*) ***campo*** (e.g., Is 16.8; Hc 3.17).

2335 שׁדף (*shādap*) ***chamuscar, crestar*** (Gn 41.6).

Termos Derivados

2335a שדפה (*sh'dēpâ*) ***golpeado com ar, crestado.***

2335b שדפון (*shiddāpôn*) ***crestamento.***

sh'dēpâ. ***Crestado.*** A palavra aparece somente em 2 Reis 19.26, num cântico de deboche sobre Senaqueribe, "capim dos telhados e 'coisa crestada' antes de crescer" (lit.). Há dois problemas nessa passagem. Um é que o paralelo em Isaías (37.27) traz *sh'dēmâ*, "campo", em vez de *sh'dēpâ*. O segundo é que o texto do rolo de Isaías encontrado em Qumran sugere que os dois versículos sejam interpretados assim: "golpeado [*nishdāp*] diante do vento oriental".

shiddāpôn. ***Crestamento.*** Isso podia ser uma catástrofe natural (1 Rs 8.37; 2 Cr 6.28) ou uma forma de castigo divino (Dt 28.22; Am 4.9; Ag 2.17). "Crestamento" é o efeito produzido pelo vento quente e seco que sopra na Palestina vindo do deserto da Arábia, às vezes por dois ou três dias consecutivos. Sua destrutividade é tal que, num único dia, resseca totalmente capim, flores e cereal no pé.

Bibliografia: — DRIVER, G. R. Notes and studies. *JTS* 2:29. — NÖTSCHER, I. Entbehrliche Hapaxlegomena in Jesaia. *VT* 1:300.

V.P.H.

שדפון (*shiddāpôn*). Veja o nº 2 335b.

2336 שדש (*shdsh*). **Aceita como raiz de:**

2336a שש (*shēsh*), ששה (*shishshâ*) ***seis.***

2336b ששי (*shishshî*), ששית (*shishshît*) ***sexto.***

2336c ששים (*shishshîm*) ***sessenta.***

2336d *ששה (*shishshâ*) ***dar a sexta parte de.*** Este verbo denominativo ocorre apenas no piel (Ez 45.13; 39.2).

2337 שֹׁהַם (*shoham*) ***pedra preciosa, provavelmente ônix*** (e.g., Gn 2.12; Êx 25.7).

2338 שׁוא (*shw'*). **I. Aceita como raiz de:**

2338a †שָׁוְא (*shāw'*) ***vacuidade, vaidade, falsidade.***

Esse substantivo aparece 52 vezes no AT, com maior freqüência em Salmos (15 vezes), Ezequiel (oito vezes), Jó (seis vezes) e Jeremias (cinco vezes, apenas na expressão adverbial *lashshāw*, "em vão", "inutilmente", "à toa", e sempre antes do verbo: 2.30; 4.30; 6.29; 18.15 [talvez]; 46.11).

O uso mais familiar de *shāw'* se encontra no terceiro mandamento, "não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão" (Êx 20.7; Dt 5.11). Literalmente a frase diz: "não erguerás o nome de Iavé teu Deus *lashshāw'*" (a mesma construção existente em Jeremias e mencionada acima). Antes de examinar a passagem do decálogo, será instrutivo observar como se usa a palavra em outras passagens.

É inquestionável que o sentido básico de *shāw'* é o de "vacuidade", "vaidade". O vocábulo designa tudo aquilo que é impalpável, irreal e sem valor, quer na esfera material quer na moral. É, por conseguinte, uma palavra que designa ídolos' (da mesma maneira como *hebel*, "vaidade", também é uma designação de ídolos [sem valor]). Salmos 24.4 pode, então, ser traduzido assim: "aquele que não ergueu a mente a um 'ídolo'". Dahood (*Psalms I*, *AB*, p. 151) relaciona diversas passagens (Sl 26.4; 31.6 [7]; 119.37; Is 1.13; Jr 18.15; Jó 31.5) com essa implicação, embora ocorram dúvidas quanto a algumas (especialmente Jó 31.5 e Is 1.13).

Não apenas ídolos são "enganos", mas também as palavras de um falso profeta que pinta de cor-de-rosa e fica adocicando uma situação tenebrosa (Lm 2.14, Ez 13.6-9, 23).

É evidente que uma pessoa que toma o nome do Senhor (*i.e.* sua reputação) "em vão", está tentando ocultar uma vida profana, longe de Deus, ou um juramento falso em nome de Deus. Mas também inclui usar o nome do Senhor de forma superficial, sem reflexão ou por costume. Isso talvez seja captado pela LXX, que traduz *lashshāw'* por *epi mataiō*, "impensadamente".

Bibliografia: — CHILDS, B. *The book of Exodus*. Westminster, 1974. p. 388, 409-12. — *THAT*. v. 2, p. 882-3.

V.P.H.

2339 שׁוא (*shw'*). **II. Aceita como raiz de:**

2339a †שׁוֹאָה (*shô'â*), שׁאָה (*shō'â*) ***devastação, ruína.***

2339b †מְשׁוֹאָה (*m'shô'â*), מְשָׁאָה (*m'shō'â*) ***desolação.***

2339c תְּשׁוּאָה (*t'shu'â*) ***barulho*** (e.g., Is 22.2; Jó 39.7).

shô'â. ***Destruição, desolação.*** O vocábulo é usado numa cena no deserto (Jó 30.3), sendo certamente o máximo da desolação. Talvez Jó 38.27 descreva uma cena parecida num ambiente de terra habitável. Ou a palavra talvez descreva a intensidade de uma tempestade, arrasando tudo o que encontra pelo caminho (Pv 1.27; Ez 38.9). A partir dessas referências passamos para os usos restantes de *shô'a*, em que a palavra se torna uma designação do juízo divino.

Milik levantou a hipótese de que *shô'â* é um termo poético para inferno (SI 35.8), em que Davi espera que seus inimigos caiam. O significado apresentado aqui é, então, o de "cova" ou "buraco no chão". Sofonias 1.15 descreve o dia do Senhor como, entre outras coisas, "um dia de ruína". A imprevisibilidade e a rapidez de tal "devastação" é enfatizada por Isaías 47.11, que é parte de um lamento por Babilônia, e Isaías 10.3, que trata do próprio povo que apostatou de Deus.

m'shô'â. ***Ruína, devastação.*** Vocábulo sempre utilizado depois da palavra *shô'â*: Jó 30.3; 38.27; Sofonias 1.15. Em duas ocasiões aparece no plural: Salmos 73.18, "[tu, i.e., Deus] os fazes cair na 'destruição' [inferno?]"; Salmos 74.3, "dirige os teus passos [i.e., de Deus] para as perpétuas 'ruínas'". É interessante que nas duas vezes o plural é vocalizado *mashshu'ôt*. Será que deveria ser *m'shô'ôt*?

Bibliografia: — MILIK, J. Deux documents inédits du Désert de Juda. *Bib* 38:249-51.

V.P.H.

2340 שׁוּב (*shûb*) ***voltar-se, retornar.***

Termos Derivados

2340a שׁוּבָה (*shûbâ*) ***retirada*** (Is 30.15).

2340b †שִׁיבָה (*shîbâ*) ***restauração*** (SI 126.1).

2340c †שׁוֹבָב (*shôbāb*) ***apóstata.***

2340d †שׁוֹבֵב (*shôbēb*) ***apóstata.***

2340e †מְשׁוּבָה (*m'shûbâ*) ***apostasia.***

2340f †תְּשׁוּבָה (*t'shûbâ*) ***resposta.***

Citou-se acima apenas o sentido básico de *shûb*, mas, conforme se verá adiante, o verbo se desdobra em muitas conotações. E o décimo segundo verbo mais empregado no AT, aparecendo pouco mais de 1 500 vezes. Com bem poucas exceções *shûb* se restringe aos graus qal e hifil. Aparece com mais freqüência em Jeremias (111 vezes), seguido de Salmos (71 vezes), Gênesis (68 vezes), Ezequiel (62 vezes), 1 Reis (62 vezes), 2 Crônicas (61 vezes), 2 Reis (55 vezes) e Isaías (51 vezes).

A Bíblia está repleta de expressões idiomáticas que descrevem a responsabilidade humana no processo de arrependimento. Tais expressões incluem: "inclinai o vosso coração ao SENHOR Deus de Israel" (Js 24.23); "circuncidai-vos para o SENHOR" (Jr 4.4); "lava o teu coração da malícia" (Jr 4.14); "arai o campo de pousio" (Os 10.12); e assim por diante. Entretanto, todas essas expressões que designam a atividade penitente do homem resumem-se e sintetizam-se neste único verbo, *shûb*. Pois melhor do que qualquer outro verbo ele combina em si os dois requisitos do arrependimento: desviar-se do mal e voltar-se para o bem.

Já se propôs que no grau qal *shûb* tem dez sentidos diferentes, com subdivisões para cada um, mais uns poucos usos difíceis de classificar (HOLLADAY, p. 59 e ss.). Desses, dois ou três merecem ser notados à parte. Para começar, o sentido básico de *shûb*, "voltar-se", "retornar", que implica movimento físico, aparece mais de 270 vezes. Em umas poucas vezes Deus é o sujeito, "daqui a um ano, neste mesmo tempo, voltarei a ti [Sara]" (Gn

18.14). Na maioria das vezes o sujeito é uma pessoa: "eu [Abraão] e o rapaz [Isaque] iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós" (Gn 22.5). No hifil existem 87 ocorrências de *shûb* com o sentido de "trazer de volta", "levar de volta".

Em segundo lugar, com freqüência (mais de 120 vezes) *shûb* funciona como uma espécie de verbo auxiliar cuja função é dar a idéia de repetição da ação do segundo verbo: "e 'tornou' Isaque a abrir os poços" (*wayyāshŏb yitshāq wayyaḥpŏr*, Gn 26.18).

O terceiro e importante uso de *shûb* no qal, e teologicamente o mais crucial, se dá em passagens que tratam da volta da comunidade da aliança para Deus (no sentido de arrependimento), ou de desviar-se do mal (no sentido de renunciar ao pecado e rejeitá-lo) ou de desviar-se de Deus (no sentido de apostatar). Em tais contextos, *shûb* é usado 129 vezes no qal. Em contraste, quando o assunto é o relacionamento divino-humano, emprega-se *shûb* no hifil somente 11 vezes. O verbo aparece nos dois graus num único versículo em Ezequiel 14.6: "'voltai-vos' [imperativo do qal] e 'fazei-vos voltar' [imperativo do hifil] de vossos ídolos."

Levando em conta todos os graus do verbo, Holladay (p. 117) chega à conclusão de que há um total de 164 usos de *shûb* no contexto de aliança. Como seria de esperar, a maioria desses usos se acha nos profetas clássico-literários (113 vezes), com Jeremias à frente (48 vezes). À guisa de contraste com Jeremias, o uso de *shûb* no contexto de aliança ocorre somente seis vezes nos primeiros 39 capítulos de Isaías (talvez apenas cinco, caso se interprete 30.15 não como "em vos 'converterdes' e em vos sossegardes está a vossa salvação", mas "em vos assentardes imóveis [*yāshab*, i.e., no deixar de estabelecer alianças com nações estrangeiras], em descansardes, está a vossa salvação]". Nos outros 27 capítulos o vocábulo aparece apenas quatro vezes: 44.22; 55.7; 57.17; 59.20. Por conseguinte, estamos diante de um interessante fenômeno de dois profetas lado a lado no cânon, o primeiro praticamente se cala sobre o assunto, e o segundo se pronuncia bastante a respeito. A escassez de referências em Isaías se deve, talvez, à maneira de o profeta dizer que a sorte já está lançada. De modo bem contundente Deus diz a Isaías: "torna insensível o coração deste povo (...) para que não (...) se converta [*shûb*] e seja curado" (Is 6.6). Chegou-se ao limite de recuo possível. Deus anteviu a obstinação do seu povo e incluiu-a no seu próprio plano. O profeta, portanto, não deve se sentir frustrado (Mt 13.13 e ss.).

Deve-se assinalar que em vários lugares *shûb* significa "voltar do exílio". No qal isso ocorre naturalmente em Esdras e Neemias (Ed 2.1; Ne 7.6), e também em Isaías 10.22; Jeremias 22.10; Zacarias 10.9, entre outras passagens. No hifil: 1 Reis 8.34; Jeremias 12.15, entre outras passagens. Deve ser óbvia a associação das idéias de volta do exílio e de volta para a aliança. A volta do exílio era a restauração e a recuperação tanto quanto o era a volta de qualquer forma de pecado. Que Deus havia de permitir ambas as voltas é algo que confirma a sua fidelidade à aliança.

A bem da verdade, não há no AT nenhuma sistematização da doutrina do arrependimento. Mais do que qualquer outra coisa ela é ilustrada (Sl 51). Contudo, o fato de que as pessoas são chamadas a se voltar para Deus ou a se voltar de seus pecados deixa implícito que o pecado não é uma mancha inapagável, mas que, mediante conversão (que é uma graça concedida por Deus), o pecador pode redirecionar o seu destino. Há dois lados na compreensão da conversão, o ato livre e soberano da misericórdia divina e a decisão humana consciente de voltar-se para Deus, o que vai além da contrição e tristeza. Essa decisão inclui o repúdio de todo o pecado e a aceitação da vontade completa de Deus para a própria vida.

shibâ. ***Restauração, volta.*** Palavra usada somente em Salmos 126.1, "Quando Iavé restaurou 'a restauração' de Sião" (lit.).

Uma interpretação antiga é a de que *shîbat*, em Salmos 126.1, deve ser analisado como *shᵉbît* (*BDB*, p. 986) e de que a frase devia ser "... fez voltar o cativeiro ..." (como na TB). Por essa razão esse tem sido considerado um salmo do pós-Exílio! Dahood (*Psalms III*, em *AB*, p. 218) concorda com o ponto de vista aqui esposado de que *shîbâ* é, na verdade, uma forma de *shûb*. Ele propõe a tradução "restaurar a sorte de", em apoio do que ele cita a inscrição de Sefira. Ele trata a palavra *shᵉbût*, no versículo 4, como também derivada de *shûb*, propondo uma tradução parecida. Esse ponto de vista, agora amplamente aceito, torna desnecessário enxergar nessa expressão um indício da literatura do Exílio (veja-se *shābâ*).

shôbāb. ***Desviado, apóstata.*** Aparece três vezes: Jeremias 3.14, 22; Isaías 57.17. A ARA traduz por "rebelde", e a JB, "como um ladrão".

shôbēb. ***Apóstata.*** Palavra que ocorre em Jeremias 31.22; 49.4; e num uso um tanto quanto problemático, em Miquéias 2.4, em que as versões divergem bastante entre si, sendo que muitas fazem emendas (BJ).

mᵉshûbâ. ***Apostasia, deslealdade, descrença.*** Esse substantivo aparece 12 vezes, nove delas em Jeremias (3.6, 8, 11, etc.). Duas vezes se encontra em Oséias: 11.7 (aqui a apostasia [ARA, "desviar-se"] se tornou um estilo de vida) e 14.5 (que ensina que Israel ainda pode ser curado de tão lamentável situação). Somente em Provérbios 1.32 *mᵉshubâ* é aplicado ao indivíduo: "os néscios são mortos por seu 'desvio'".

tᵉshûbâ. ***Resposta, volta, retorno.*** Aparece oito vezes: cinco em referências sobre a primavera como a "virada" do ano (2 Sm 11.1; 1 Rs 20.22, 26; 1 Cr 20.1; 2 Cr 36.10); uma para indicar a idéia de "voltar" a um lugar (1 Sm 7.17); e duas com o sentido de "resposta", "réplica" (Jó 21.34; 34.36).

Bibliografia: — DAHOOD, M. Some ambiguous texts in Isaias. *CBQ* 20:41-43. — GORDIS, R. Some hitherto unrecognized meanings of the verb shub. *JBL* 52:153-62. — HOLLADAY, W. *The root ŠÛBH in the Old Testament*. Leiden, Brill, 1958. — LEVINE, B. Notes on a Hebrew ostracon from Arad. *IEQ* 19:49-51. — MILGROM, J. Did Isaiah prophesy during the reign of Uzziah? *VT* 14:164-82, esp. p. 169-72. — *TDNT*. v. 4, p. 984-99; v. 7, p. 723-6. — *THAT*. v. 2, p. 884-90.

V.P.H.

שׁוֹבֵב (*shôbēb*), שׁוֹבָב (*shôbāb*). Veja os nºˢ 2 340c, d.

2341 שׁוּג (*shwg*). **Aceita como raiz de:** (Provavelmente uma variante de *shāgag* [q.v.].)

2341a מְשׁוּגָה (*mᵉshûgâ*) ***erro*** (Jó 19.4).

2342 שָׁוָה (*shāwâ*) ***I, concordar, tornar-se semelhante, nivelar.***

Termo Derivado

2342a שָׁוֵה (*shāwēh*) ***planície*** (Gn 14.5).

Deve-se fazer distinção entre esse verbo e *shāwâ* II, "pôr", "colocar", embora os comentários e léxicos freqüentemente divirjam sobre qual dos dois verbos deve ser considerado numa passagem específica.

Foi proposto (Labuschagne; veja-se bibliografia) que *shāwâ* é uma forma do shapel do verbo *hâyâ*, "ser", "estar", e que por isso significa "fazer ser", "tornar", e, em comparações, "fazer ser semelhante a", "tornar semelhante a". A partir daí se desenvolveram os sentidos de "ser como", "ser semelhante", ou seja, "parecer-se com". Em sete passagens se emprega *shāwâ* em comparações. São elas: Provérbios 3.15 ("tudo o que podes desejar não 'é comparável' a ela [sabedoria]"); Provérbios 8.11; 27.15; Lamentações 2.13 ("a quem te compararei, ó filha de Jerusalém?"); Ester 7.4 (talvez o versículo de tradução mais difícil em todo esse livro, sendo que duas possíveis traduções são: "pois esta aflição [a destruição dos judeus] não 'equivaleria/seria comparável' à perda do rei?"; e "pois não se deveria 'comparar' nossa aflição ao rei?"). Dois versículos, Isaías 40.25; 46.5, utilizam *shāwâ* para exprimir a incomparabilidade de Deus. Ninguém pode ser comparado a ele.

O verbo também ocorre em Ester 3.8, 5.13 e Jó 33.27, em que a idéia de comparação está latente, mas não se pode exprimi-la na tradução.

Wieder propôs uma relação entre *shāwâ* e o ugarítico *twy*, "governar", especialmente na passagem de Salmos 89.19 [20], "a um valente 'tornei rei' sobre os poderosos" (ARA, "a um herói concedi o poder de socorrer"). Cf. também Gênesis 14.17 ("vale de Savé [governante]").

Bibliografia: — LABUSCHAGNE, C. *The incomparability of Yahweh in the Old Testament*. Leiden, Brill, 1966. p. 29. — WIEDER, A. Ugaritic Hebrew lexicographical notes. *JBL* 84:160-2.

V.P.H.

2343 שָׁוָה (*shāwâ*) ***II, pôr, colocar.***

É impossível determinar a relação precisa (se é que existe) entre *shāwâ* II e *shāwâ* I. *BDB* (p. 1001a) é da opinião de que ocorreu a evolução do sentido original de "pôr", "colocar", para o de "pôr junto", "comparar".

O verbo ocorre em Salmos 16.8, "'Tenho posto' Iavé sempre diante de mim" (lit.). Obviamente, se *shāwâ* for traduzido por "colocar", a passagem deve ser entendida metaforicamente. A idéia de comparação, o que tem o apoio da preposição *kᵉ*, "como", se acha em Salmos 18.33 [34] e 2 Samuel 22.34: "ele pôs [i.e., fez] os meus pés como os de uma corça" (lit.). A palavra também designa os favores que Deus concede ao rei (Sl 21.5 [6]). Oséias 10.1 pode ser assim traduzido: "ele está carregado de frutos para si próprio".

O sentido de *shāwâ* em Salmos 119.30 é incerto; possíveis sentidos são: "'coloquei' [*shāwâ* II] os teus juízos diante de mim"; ou "'considerei apropriados' [*shāwâ* I, *BDB*, p. 1000a] os teus juízos"; ou "'considero supremos' [ugarítico *twy*, 'governar', 'dominar'] os teus juízos" (DAHOOD, *Psalms III*, em *AB*, p. 177; *Psalms II*, p. 316).

V.P.H.

2343.1 שׁוּח (*shûah*)

2343.1 שׁוּח (*shûah*) ***curvar-se, humilhar-se.***

Termos Derivados

2343.1a שׁוּחָה (*shûhâ*) ***cova.***
2343.1b שִׁיחָה (*shîhâ*) ***cova.***
2343.1c †שַׁחַת (*shahat*) ***cova, destruição, túmulo.***

O verbo *shûah* ocorre apenas três vezes, sempre em referência a humilhação ou a perigo moral. Talvez seja uma variante de *shāhah*, que tem significado semelhante.

shahat. ***Cova, destruição, sepultura, corrupção.*** Onze vezes a LXX traduz *shahat* por palavras que designam corrupção ou destruição; cinco vezes por palavras que têm o sentido de morte; e três vezes por palavras que significam cova (nestes casos quando aparece ao lado de um verbo com o sentido de "cavar"). O vocábulo aparece 23 vezes.

Em geral se afirma, aliás com bastante insistência, que o substantivo deriva do verbo *shûah*, "cavar um buraco". Com base nesse ponto de vista, alguns entendem que a palavra se refira a um suposto mundo dos mortos bem nas profundezas da terra. Tal derivação é possível; observe-se *nahat*, "descanso", que deriva de *nûah*, "descansar". No entanto, é igualmente possível uma derivação de *shāhat*, "cair em ruínas" (observe-se *nahat*, "descida", que deriva de *nāhat*, "descer"). É bem possível que aqui se esteja tratando de dois substantivos homônimos, um derivado de *shûah*, "afundar" (e não de "cavar"), e o outro de *shāhat*, "cair em ruínas".

Emprega-se três vezes o vocábulo em associação com um verbo com o sentido de "cavar" (Sl 7.15 [16]; 94.13; Pv 26.27) e cinco vezes em passagens em que uma cova serve de armadilha (Is 51.14; Ez 19.4, 8; Jó 9.31; Sl 9.15 [16]). É usado 14 vezes em íntima associação com a idéia de morte, tendo possivelmente o sentido de "morte" ou de "sepultura": Jó 17.14; 33.18, 22, 24, 28, 30; Salmos 16.10; 30.9 [10]; 49.9 [10]; 55.23 [24]; 103.4; Isaías 38.17; Ezequiel 28.8; Jonas 2.66.

Não é possível demonstrar que se está tratando de duas palavras ou de apenas uma. É possível que a palavra "cova" tenha chegado a significar "túmulo" — naquela época os túmulos eram geralmente cavernas escavadas na rocha — e, por extensão, tenha vindo a significar a corrupção que ocorre no túmulo. Parece claro que às vezes *shahat* se refere ao túmulo e à sua putrefação. Em Jó 17.14 a palavra aparece em paralelo com "verme". Em Jó 33.18-30 o tema é a morte à espada ou por doença. Salmos 16.10, à semelhança de 49.9 [10], se refere à putrefação que ocorre com a morte (cf. 49.14 [15]). Salmos 55.23 [24] fala do "poço da destruição [ou corrupção]" (*bᵉ'er shahat*). Não há base para a tradução encontrada na ARA, "cova profunda". Das 33 vezes em que é usada, a palavra *bᵉ'ēr* é empregada 29 vezes para designar um poço no sentido literal. Significa simplesmente um buraco escavado no chão; aí designa a cova do sepultamento. Essa é também a referência de Salmos 30.9 [10], em que o pó resultante da decomposição do corpo se acha no contexto. *shahat bᵉlî*, em Isaías 38.17 é quase uma definição. A raiz de *bᵉlî* significa "gasto", "consumido". Usa-se o vocábulo *bal* com um significado negativo. *shahat bᵉlî* é o local de apodrecimento total. A tradução "túmulo" ou "apodrecimento do túmulo" é bastante pertinente na maioria das passagens que não se referem a uma cova

que foi aberta para servir de armadilha. (Para uma análise mais aprofundada, veja-se o verbete *shāhat*).

R.L.H.

2344 שׁוּט (*shût*) ***I, perambular, vaguear, ir de um lado para outro*** (e.g., Nm 11.8; 2 Sm 24.8).

Termos Derivados

2344a שׁוֹט (*shôt*) ***açoite, chicote*** (e.g., 1 Rs 12.11, 14; 2 Cr 10.11, 12).
2344b שֹׁטֶט (*shôṭêt*) ***açoite*** (Js 23.13).
2344c שַׁיִט (*shayit*) ***remo*** (Is 33.21).
2344d שׁוּט (*shût*) ***remar*** (Ez 27.8, 26). Verbo denominativo.
2344e מְשׁוֹט (*māshôt*) ***remo*** (Ez 27.29).
2344f מִשְׁשׁוֹט (*mishshôt*) ***remo*** (Ez 27.6).

2345 שׁוּט (*shût*) ***II, tratar com desprezo*** (Ez 28.24, 26).

2345a שְׁאָט (*sh'āt*) ***desdém, desprezo*** (Ez 25.15; 36.5).

2346 שׁול (*shwl*). **Aceita como raiz de:**
2346a שׁוּל (*shûl*) ***bainha (de roupa)*** (e.g., Na 3.5; Jr 13.26).

שׁוֹלָל (*shôlāl*). Veja o nº 2 399a.

2347 שׁוּם (*shûm*) ***alho*** (Nm 11.5).

2348 *שׁוע (*shāwa'*) ***clamar (por socorro).***

Termos Derivados

2348a שׁוּעַ (*shûa'*) ***clamor.***
2348b †שׁוֹעַ (*shôa'*) ***clamor.***
2348c †שַׁוְעָה (*shaw'â*) ***clamor (por socorro).***

A intensidade da ação indicada por *shāwa'* é muito bem ilustrada pelo fato de o verbo ocorrer somente no piel. É empregado 22 vezes, a maioria delas em Salmos (dez vezes) e Jó (oito vezes). Isso faz com que sobrem apenas quatro referências no restante do AT: Isaías 58.9; Lamentações 3.8; Jonas 2.2 [3]; Habacuque 1.2.

Notam-se alguns aspectos quando se faz um estudo dos 22 usos de *shāwa'*. O primeiro é que na maioria deles (em 13 das 22 ocorrências) o verbo se encontra na primeira pessoa do singular, "gritei". De sorte que, num maior número de vezes, se usa

o verbo num contexto autobiográfico em vez de descritivo ou exortativo. Em segundo lugar, geralmente esse verbo aparece no contexto de um salmo de lamento ou de um hino de gratidão. É assim que, em Salmos 30.2 [3], o salmista "clama" ao Senhor porque os adversários se regozijam com a sua situação. Ou pode ser que ele sinta que até Deus o tenha rejeitado (Sl 88.13 [14]). O grito pode partir do necessitado, do pobre, daquele que se encontra esquecido ou é explorado (Sl 72.12; Jó 29.13; 35.9). A mesma idéia aparece na história de Sodoma e Gomorra (Gn 18.20-21; 19.13), à exceção de que aí o verbo é *zā'aq/tsā'aq*. *zā'aq* e *shāwa'* se encontram em paralelo em Lamentações 3.8.

É possível "clamar" ao Senhor e assim mesmo não obter nenhuma resposta: Habacuque 1.2; Jó 19.7; 30.20; Salmos 18.41 [42]; Lamentações 3.8.

shaw'â. ***Clamor (por socorro).*** Como também ocorreu com o verbo, esse substantivo ocorre na maioria das vezes em Salmos (seis dentre 11 vezes, mais o trecho paralelo de 2 Sm 22.7; Sl 18.6 [7]). É empregado na descrição do grito de aflição, do clamor dos oprimidos, do grito daqueles que estão chegando ao seu limite. Êxodo 2.23 traz uma bela ilustração disso: "os filhos de Israel (...) clamaram [*zā'aq*], e o seu clamor [*shaw'ātām*] subiu a Deus". Cf. Salmos 39.12 [13]; 40.1 [2].

shôa'. ***Clamor (por socorro).*** Vocábulo empregado somente em Isaías 22.5, num contexto que se refere ao dia do Senhor: "e o clamor que vai até aos montes".

shûa'. ***Clamor,*** se a palavra deriva de *shāwa'*; ***opulência, alívio,*** se derivada de *yāsha'*, "salvar", "livrar" (cf. *BDB*, p. 447b e 1002b). O primeiro sentido é provavelmente o de Jó 30.24, embora não se possa excluir o segundo sentido. Em Jó 36.19 (a única outra ocorrência da palavra) parece que o substantivo tem a idéia de "opulência" ou "riquezas".

V.P.H.

שׁוּעָל (*shû'āl*). Veja o n.º 2 433a.

2349 שׁוּף (*shûp*) ***machucar, esmagar, desejar (?), apoderar-se (?), bater (?).***

Esse verbo aparece em três passagens do AT, entre as quais Jó 9.17 (que se refere ao esmagamento provocado por uma tempestade) e Salmos 139.11 (que fala do esmagamento pelas trevas). Duas referências aparecem na memorável (e bastante discutida) passagem de Gênesis 3.15, "este te 'ferirá' a cabeça, e tu lhe 'ferirás' o calcanhar". Muitas vezes essa passagem tem sido chamada de "proto-evangelho", ou seja, as primeiras boas novas acerca de um redentor prometido, após a queda original do homem, quando este se afastou da comunhão com Deus.

O que se quer dizer então com "machucar" ou "esmagar"? É óbvio que o verbo descreve a ação do homem com uma serpente, mas será que também descreveria o bote e a picada da serpente no calcanhar de uma pessoa? A LXX traduz ambos os usos de *shûp* em Gênesis 3.15 por *tereō*, "vigiar", "guardar". A Vulgata, de outro lado, usa dois verbos diferentes. Para descrever o que a semente da mulher faria à serpente, ela usa o verbo *conterere*, "esmagar". Para descrever o que a serpente faria à semente da mulher, usa o verbo *insidiari*, "ficar à espreita". Isso, junto com outros fatores, tem levado diversos comentaristas a associar o primeiro *shûp* com um outro verbo hebraico, *shā'ap* II, "calcar

aos pés", e o segundo *shûp* com *shā'ap* I, "ofegar", "anelar".

Interpretado á luz do contexto do AT e do cumprimento da promessa, esse versículo se cumpre parcialmente no Calvário. No entanto, é só em Apocalipse 20 que as implicações do versículo atingem o clímax (cf. também Rm 16.20).

Bibliografia: — DRIVER, G. R. Some Hebrew verbs, nouns, and pronouns. *JTS* 30:375-7. — GUILLAUME, A. Paranomasia in the Old Testament. *JSS* 9:286-8. — WIFALL, W. Gen. 3:15: A protevangelium? *CBQ* 36:361-5. — WOUDSTRA, M. Recent translations of Genesis 3:15. *Calvin Theological Journal* 6:194-203.

V.P.H.

שׁוֹפָר (*shôpār*). Veja o nº 2 449c.

2350 שׁוּק (*shwq*). **I. Aceita como raiz de:**

2350a †שׁוֹק (*shôq*) ***membro inferior, perna.***

2350b שׁוּק (*shûq*) ***rua*** (Pv 7.8; Ec 12.4, 5; Ct 3.2).

shôq. ***Perna.*** Quando *shôq* se refere ao corpo humano, designa a perna. Quando *shôq* se refere a parte do corpo de um animal, designa a parte superior, ou coxa, dos membros anteriores e posteriores. A palavra hebraica usual para coxa humana é *yārēk* (como na referência à "coxa" de Jacó, Gn 32.25 [26]).

Seis vezes *shôq* designa a perna de alguém: Juízes 15.8. "e Sansão os feriu perna [*shôq*] sobre coxa [*yārēk*]" (lit.), talvez um termo de luta (BURNEY; veja-se a bibliografia). Cf. também Provérbios 26.7; Deuteronômio 28.35; Salmos 147.10 (a infantaria, "pernas do homem" [lit.]); Cantares 5.15 (as pernas do noivo). Isaías 47.2 é a única referência às pernas de uma mulher, aqui representando figuradamente o império babilônico.

As 13 referências restantes são ao *shôq* de um animal, quase sempre um carneiro, e todas num contexto de adoração pública (sacrifício de animal), à exceção de 1 Samuel 9.24 (que fala de Samuel receber Saul, o que incluiu o oferecimento de um sacrifício, cf. v. 12). Em tais sacrifícios um bom número de versículos afirma que o *shôq* do animal devia ser dado ao sacerdote oficiante como porção a que ele tinha direito na oferta (Lv 7.32-34; 10.14-15; Nm 6.20).

Bibliografia: — BURNEY, C. *The book of Judges*. Ktav, 1970. p. 369-70.

V.P.H.

2351 *שׁוּק (*shûq*) ***II, ser abundante.*** Ocorre somente no polel (Sl 65.10) e no hifil (Jl 2.24; 4.13).

2352 שׁוּק (*shwq*). **III. Aceita como raiz de:**

2352a †תְּשׁוּקָה (*t'shûqâ*) ***desejo, anseio.***

Esse substantivo aparece apenas três vezes no AT, uma delas em Cantares 7.10 [11]: "Eu sou do meu amado, e é por mim o desejo dele". As duas referências restantes são Gênesis 3.16 e 4.7. Nesta última passagem, Deus está falando com Caim e diz a ele que o pecado é como um animal agachado, ansiando apoderar-se de Caim. Na passagem anterior Deus diz: "o teu 'desejo' será para o teu marido, e ele te governará". Obviamente

isso não é o fortalecimento nem a deformação de uma hierarquia preexistente entre os sexos, pois não há menção de nenhuma hierarquia.

Existem duas diferenças entre a passagem de Gênesis 3.16 e a de Cantares de Salomão. Na primeira, a referência é ao desejo da esposa pelo marido. Na última, é ao desejo do noivo pela noiva. Segundo, na passagem de Gênesis a referência a "desejo" ocorre num contexto de pecado e juízo. Na de Cantares, num contexto de alegria e amor.

Bibliografia: — TRIBLE, P. Depatriarchalizing in Biblical interpretation. *JAAR* 41:30-48, esp. p. 46.

V.P.H.

2353 שׁוּר (*shûr*) ***I, viajar, fazer jornada*** (e.g., Is 57.9; Ez 27.25).

2353a תְּשׁוּרָה (*t'shûrâ*) ***dádiva, presente*** (1 Sm 9.7).

2354 שׁוּר (*shûr*) ***II, ver, contemplar, observar.***

Termo Derivado

2354a שׁוֹרֵר (*shôrēr*) ***vigilante*** (e.g., Sl 56.3; 27.11). Esse vocábulo pode ser considerado um particípio polel, com omissão do *mem* (veja-se abaixo).

No total a raiz aparece 23 vezes, 16 no qal, sete no polel (seis delas no Saltério, sendo que a exceção é Jó 36.24). Com maior freqüência a raiz aparece em Jó (11 vezes, sete das quais se encontram nas falas de Eliú).

Em vários casos *shûr* II é simplesmente sinônimo de *rā'â*, "ver", e freqüentemente está em paralelo com esse verbo. Esse paralelismo aparece, por exemplo, nos oráculos de Balaão: "do cume das penhas vejo [*rā'â*] Israel, e dos outeiros o contemplo [*shûr*]" (Nm 23.9). Cf. Números 24.17 (mas aqui numa visão do futuro).

Num outro contexto *shûr* passa a ter o significado de "ficar de emboscada". A tradução de Oséias 13.7 feita pela ARC, "espiarei", é bastante tímida. O vigor da passagem é transmitido por algo como "espreitarei" (IBB). Deus fica caçando à espreita o seu próprio povo apóstata. O mesmo sentido aparece em Jeremias 5.26.

Pode ser essa a relação entre *shûr* no qal e os seis usos do particípio polel em Salmos 5.8 [9]; 27.11; 54.5 [7]; 56.2 [3]; 59.10 [11]; 92.11 [12] (esta última uma forma do qal com significado semelhante). Em todas essas passagens a palavra costuma ser traduzida por "adversário" ou "inimigo". Parece desnecessário o argumento de Dahood (*Psalms II*, *AB*, p. 25-6) de que o particípio deve ser traduzido por "difamador", "caluniador". Sem dúvida o salmista é o alvo de ataques verbais. Mas igualmente deprimente é o fato de que os seus inimigos "espreitam" cada um de seus movimentos e se acercam dele no momento oportuno.

Os empregos incomuns de *shûr* aparecem nas passagens de Jó. Deus pode ser o sujeito (7.8; 33.27; 35.13) ou o objeto (34.29; 35.14) da ação de ver.

Somente em Oséias 14.8 [9] é que *shûr* vai além da idéia de fitar ou examinar, para incluir a de "cuidar de", "velar por", "proteger".

V.P.H.

2355 שׁוּר (*shwr*). **III. Aceita como raiz de:**

2355a שׁוֹר (*shôr*) ***boi, touro.***

2355b שׁוּר (*shûr*) ***muro*** (e.g., Gn 49.22; Jó 24.11).

2355c שׁוּרָה (*shûrâ*) ***fileira de oliveiras ou videiras*** (Jó 24.11; Jr 5.10).

shôr. ***Boi, touro.*** Palavra às vezes usada como coletivo, em geral se refere a uma única cabeça de gado, tanto macha quanto fêmea (*BDB*). Os bois eram muito valiosos, especialmente pelo trabalho e pela comida. Eram essenciais a colheitas abundantes (Pv 14.4). Não podiam, contudo, ser postos sob o mesmo jugo com um jumento (Dt 22.10) nem amordaçados enquanto trilhavam o cereal (Dt 25.4). As leis pertinentes a eles também refletem o seu grande valor monetário. São mencionados em dois dos dez mandamentos: não se deve cobiçar o boi do próximo (Êx 20.17), e o boi deve descansar no sábado (Êx 23.12). Diversas leis jurisprudenciais de Êxodo 21—23 dizem respeito ao boi. Por exemplo, o boi que chifrasse alguém devia ser apedrejado; seu proprietário devia ser considerado inocente a menos que soubesse que o boi era dado a chifrar; neste caso também devia ser morto (Êx 21.28 e s.; cf. Êx 21.35 e s.). Havia obrigação de devolver o boi de um inimigo mesmo que o encontrasse solto (Êx 23.4; cf. Dt 22.1-4).

O *shôr*, por ser o rei dos animais domesticados, tinha grande proeminência e era símbolo de majestade. Por esse motivo o touro era muitas vezes adorado em todo o antigo Oriente Médio, e algumas vezes Israel se sentiu fortemente inclinado a ceder a essa tentação, por exemplo, no caso do bezerro de ouro (Sl 106.19 e s.; cf. Êx 32.1-6). De um ponto de vista positivo, o touro era considerado o sacrifício de maior valor (cf. Dt 17.1; Lv 22.23; 4.3, 14; passim). Ademais, na bênção dispensada por Moisés às tribos, José é comparado ao primogênito do touro devido à sua majestade e superioridade sobre todas as nações (Dt 33.17). Destaque-se ainda mais que um dos quatro rostos dos seres vivos que sustentam o trono de Iavé é o rosto de um touro (Ez 1.10; cf. Ap 4.6 e s.).

J.E.H.

שׁוֹרֵר (*shôrēr*). Veja o nº 2 354a.

2356 שׁוֹשָׁן (*shôshan*) ***lírio.***

Palavra aparentada de *sshshn*, que significa "grande flor" ou "lírio d'água" em egípcio. Alguns entendem que o vocábulo deriva do acadiano *shushshu*, "hexagonal", referindo-se às seis folhas desse lírio. Aparece principalmente em textos poéticos como símbolo de beleza.

Em Cantares de Salomão, emprega-se "lírio" em referência à noiva. Ela é um "lírio dos vales" (2.1, não confundir com a planta tecnicamente denominada "lírio-do-vale") e um "lírio entre os espinhos" (2.2; cf. 4.5, 6.11). Os deliciosos lábios do noivo são assemelhados a lírios em 5.13. Isso pode ser referência ao seu formato e também à sua fragrância. Em Oséias 14.5 se diz que Israel "florescerá como o lírio", uma referência à beleza e à abundância que voltará a ter depois de se arrepender.

O templo de Salomão usou o lírio como tema ornamental, o que foi primeiramente encontrado no Egito. Os capitéis de dois metros de altura, postos sobre as colunas Jaquim e Boaz, foram feitos em forma de lírio (1 Rs 7.19, 22), e o grande mar de metal fundido tinha a beirada enfeitada com lírios em flor (1 Rs 7.26).

2357 שָׁזַף (*shāzap*)

O cabeçalho de quatro salmos emprega a expressão "segundo o lírio" ou "sobre o lírio" (lit., 45.1, 69.1). Dois deles empregam "os lírios do testemunho" como parte do cabeçalho (60.1; 80.1). Essa referência obscura, que também deixou perplexos os tradutores da LXX, é explicada pela maioria dos estudiosos como o título de uma melodia com a qual se cantava o salmo. E algum tipo de anotação musical. Quanto a outras notações do gênero, veja-se *selâ*.

H.W.

2357 שָׁזַף (*shāzap*) ***enxergar, avistar*** (Jó 20.9; Ct 1.6).

2358 *שָׁזַר (*shāzar*) ***ser torcido, estar torcido.*** Ocorre somente no hofal (Êx 26.1, 31, 36; 39.24).

שָׁח (*shah*). Veja o nº 2 361a.

2359 שָׁחַד (*shāhad*) ***subornar, resgatar, presentear.***

Termo Derivado

2359a שֹׁחַד (*shōhad*) ***suborno, presente.***

O verbo é empregado apenas em Jó 6.22, em que Jó diz a seus amigos "porventura disse eu: 'Dai-me algo?' 'Resgatai-me com a vossa fortuna?'" (BJ), e em Ezequiel 16.33, "A todas as meretrizes se dá a paga, mas tu 'dás presentes' a todos os teus amantes".

shōhad. *Suborno, presente, dádiva, recompensa, incentivo.* Pode-se começar com a observação de que proibições de receber suborno (presumivelmente impostas aos juízes) se encontram nos trechos legais do Pentateuco: Êxodo 23.8; Deuteronômio 16.19. Conquanto os dois versículos comecem de modo semelhante, Deuteronômio 16.19 assim termina: "o suborno cega os olhos dos sábios [*hăkāmîm*]". Cf. Isaías 1.23; 5.23; Miquéias 3.11.

Caso o preço seja aceito, um suborno pode até mesmo produzir um assassino de aluguel, que matará uma pessoa inocente (Dt 27.25; Ez 22.12; Sl 26.10) ou no mínimo perverterá o julgamento (Pv 17.23).

Somente aquele que desiste de uma violação tão flagrante da lei tanto moral quanto criminal poderá permanecer na presença de Deus: 2 Crônicas 19.7; Salmos 15.5; Isaías 33.15. O próprio Deus está acima de qualquer censura a respeito: Deuteronômio 10.17 (cf. 1 Pe 1.17).

Dada a cobiça do homem em todas as épocas e civilizações, é interessante que no AT há menção de apenas três casos de suborno (com uso da palavra *shohad*): os filhos de Eli (1 Sm 8.3); os reis Asa e Ben-Hadade (1 Rs 15.19); e os reis Acaz e Tiglate-Pileser (2 Rs 16.8).

Uma vez mais se vê o caráter único do AT em contraste com as nações pagãs. Em seu estudo de textos mesopotâmicos, Finkelstein pôde afirmar que "nos textos cuneiformes não há nenhuma lei conhecida que proíba especificamente o suborno" (p. 79) e que o suborno

"era não apenas uma prática comum, mas era também reconhecido como uma transação legal" (p. 80).

Bibliografia: — FINKELSTEIN, J. J. Middle-Assyrian *šulmānu* texts. *JAOS* 72:77-80.

V.P.H.

2360 שָׁחָה (*shāḥâ*) ***inclinar-se.***

Termos Derivados

2360a שְׁחוּת (*sh^ehût*) ***cova*** (Pv 28.10).

2360b שְׁחִית (*sh^ehît*) ***cova*** (Lm 4.20; SI 107.20).

Verbo possivelmente cognato do acadiano *shihû*, "chafurdar", "descer". Empregado uma vez no grau qal para designar os que atormentavam os judeus e que haviam dado ordens aos judeus para que "se abaixassem" ou "ficassem deitados" a fim de poderem andar sobre as suas costas (Is 51.23).

Ocorre uma vez no grau hifil, em Provérbios 12.25, em referência ao fardo no coração do homem, fardo que "o abate" (ARA), "deprime" (BJ).

A forma freqüente *hishtaḥăwâ*, "prostrar-se" ou "adorar", foi analisada como um hitpael de *shāḥâ*, e, com base em dados de Ugarite, atualmente é considerada como um grau eshtafal (o único exemplo) de *hāwâ* (q.v.).

E.Y.

שְׁחוֹר (*sh^ehôr*). Veja o nº 2 368a.

שְׁחוּת (*sh^ehût*). Veja o nº 2 360a.

2361 שָׁחַח (*shāḥah*) ***inclinar-se.***

Termo Derivado

2361a שַׁח (*shaḥ*) ***inclinado, baixo*** (Jó 22.29).

Esse verbo aparece 17 vezes no AT, 11 vezes no qal, quatro no nifal e duas no hifil. Em oito das 17 ocorrências, está em paralelo com *shāpel*, que tem igualmente o significado de "ser inferior", "inclinar-se", "estar abatido". A raiz aparece na maioria das vezes em Isaías, em oito das 17 vezes: três no qal (2.11, 17; 60.14); três no nifal (2.9; 5.15; 29.4); duas no hifil (25.12; 26.5).

Em todos os casos de *shāḥah* no nifal e no hifil o significado é "ser abatido", no sentido de "ser humilhado", "ter a arrogância extraída (à força)". A única exceção ocorre em Eclesiastes 12.4 (nifal): "e todas as filhas da música ficarem abatidas" (IBB). O que isso exatamente significa é o que todos perguntam, mas, se o capítulo 12 for interpretado como uma alegoria sobre a velhice, a expressão pode referir-se à surdez ou à voz fraca.

No qal o significado de "tirar do pedestal" os arrogantes também aparece em Isaías 2.11, 17; Salmos 107.39; e talvez Jó 9.13, em que a melhor tradução seria "eles 'rastejam' a seus pés".

2362 שָׁחַט (*shāhat*)

Existem diversos significados derivados de *shāhah* no qal. Um é o de fazer mesura diante de outra pessoa. Isso se ilustra em Isaías 60.14 e Provérbios 14.19, "os maus inclinam-se perante a face dos bons". Um segundo significado seria o de curvar-se no sentido de caminhar encurvadamente, abatido como numa hora de pranto ou luto: Salmos 35.14; 38.6 [7].

V.P.H.

2362 שָׁחַט (*shāhat*) ***matar, abater.***

Termos Derivados

2362a †שְׁחִיטָה (*sh'hîtâ*) ***imolação.***

2362b †שְׁחִיטָה (*shahātâ*) ***matança.***

O verbo *shāhat* aparece 84 vezes no AT, todas no qal, à exceção de dois casos no nifal: Levítico 6.25 [18] e Números 11.22. Com cinco exceções, quando significa o ouro "batido" (1 Rs 10.16, 17; 2 Cr 9.15, 16), *shāhat* significa na maioria das vezes "matar" num sacrifício ritual e umas poucas vezes "matar" outra pessoa. Pode ser empregado para designar a morte não-sacrificial de um ou mais animais (Gn 37.31). Na LXX a palavra é traduzida por *sphazō* e *thuō*. Somente em Jeremias 9.8 [7] a arma mortal é a língua.

Quando *shāhat* é empregado junto no contexto da morte de seres humanos, tal morte pode se dar em um dentre dois contextos: a morte por motivo de adoração, de natureza religiosa, e simplesmente o homicídio intencional ou assassinato. Na primeira categoria pode-se colocar Gênesis 22.10, "[Abraão] tomou o cutelo para imolar o filho", e mais Isaías 57.5; Ezequiel 16.21 (que fala de sacrifício de crianças à moda dos sacrifícios humanos da adoração cananéia). Na segunda categoria se encontra uma situação hipotética em que o próprio Deus é o agente de tal ato, e o seu povo, a vítima (Nm 14.16). Por ordem de Nabucodonosor, Zedequias foi obrigado a assistir à execução de seus próprios filhos: 2 Reis 25.7; Jeremias 39.6; 52.10. Tratamento idêntico foi ministrado aos líderes de Judá: Jeremias 39.6; 52.10 (cf. também Jr 41.7). Massacres semelhantes aconteceram com os profetas de Baal (1 Rs 18.40), com famílias reais (2 Rs 10.7, 14) e com os efraimitas que não conseguiam pronunciar "chibolete" (Jz 12.6).

É no âmbito dos rituais de sacrifício que *shāhat* encontra o uso mais popular. Nesse contexto, o livro de Levítico traz a maior freqüência do uso da raiz, 35 vezes. Quando alguém chega à presença de Deus, jamais o faz de mãos vazias. "Nada trago em minhas mãos" era um conceito estranho para o israelita. O adorador devia trazer um animal doméstico, nunca um selvagem ("não oferecerei ao SENHOR meu Deus holocaustos que não me custem nada", 2 Sm 24.24). Dependendo da situação em particular do próprio indivíduo e depois de o adorador ter imposto as mãos sobre a cabeça do animal, o sumo sacerdote ou os levitas matavam o animal e então aspergiam o sangue.

A Bíblia jamais dá detalhes de como o animal era abatido. Fontes rabínicas indicavam que o animal era morto da maneira mais rápida e menos dolorosa possível, cortando-se perpendicularmente a garganta num único movimento.

A raiz grega *sphazō*, empregada na LXX para traduzir *shāhat*, é usada quatro vezes em Apocalipse para descrever Cristo como o cordeiro "morto" (5.6, 9, 12; 13.8). Uma raiz sinônima de *shāhat* se encontra em Salmos 44.22 [23], "somos considerados como ovelhas

para o matadouro [*tibhâ*]", e em Isaías 53.7, "como cordeiro foi levado ao matadouro [*tebah*]"; as duas palavras derivam da raiz *tābah*, que também significa "matar".

sh°hîtâ. ***Imolação.*** Esse vocábulo aparece uma única vez, em 2 Crônicas 30.17, "os levitas [estavam encarregados] da imolação dos cordeiros pascais" (lit.), durante a páscoa convocada por Ezequias. Originariamente era dever do próprio ofertante imolar a vítima.

shahătâ. ***Matança (?).*** Esse substantivo aparece somente em Oséias 5.2, e a sua tradução é debatível. Literalmente a passagem diz: "os revoltosos afundaram-se na matança". Muitos comentaristas modernos emendam *shāhat* para *shāhat*, "destruição", e redividem o TM. Driver (veja-se a bibliografia) propôs que o substantivo está relacionado com uma raiz semítica *šht*, "corromper", e traduz "eles aprofundaram a corrupção de Sitim".

Bibliografia: Quanto a *shahātâ*: — DRIVER, G. R. Studies in the vocabulary of the Old Testament. *JTS* 34:33-44, esp. p. 40.

Quanto a *shāhat*: — MICHEL, O. In: *TDNT*. v. 7, p. 925-38.

Quanto a fontes rabínicas acerca de métodos de abatimento de animais: — BERMAN, J. Ritual slaughtering. *Universal Jewish Encyclopedia*. v. 9, p. 562-5. — RABINOWICZ, H. Shehitah. *Encyclopaedia Judaica*. v. 14, p. 1337-44.

V.P.H.

שְׁחִיתָה (*sh°hîtâ*). Veja o nº 2 362b.

שְׁחִין (*sh°hîn*). Veja o nº 2 364a.

שְׁחִית (*sh°hît*). Veja o nº 2 360b.

2363 שׁחל (*shhl*). **Aceita como raiz de:**

2363a שַׁחַל (*shahal*) ***leão*** (e.g., Os 5.14; Jó 4.10).

2363b †שְׁחֶלֶת (*sh°hēlet*) ***onicha.***

sh°hēlet. ***Onicha.*** ("ônica" na segunda edição da ARA). Esse substantivo é empregado somente em Êxodo 30.34, designando um dos ingredientes utilizados na fabricação de incenso. Além de produtos aromáticos de origem vegetal, havia também produtos derivados da fauna. Nesta última categoria incluímos a onicha, palavra que possivelmente designa a concha de um molusco (por exemplo, caramujo, marisco, ostra), que, quando queimada, produz um aroma agradável.

Isso leva à questão mais ampla do papel do incenso nos rituais de culto público no AT. Seguindo o parecer de Haran (veja-se bibliografia), somos da opinião de que existem três usos diferentes de incenso. O primeiro é o de suplemento do sacrifício, especialmente da oferta de manjares (Lv 2.1, 15). O segundo é uma oferta separada de incenso feita num incensário. Os ingredientes dessa oferta não são mencionados nas Escrituras (Lv 10.1 e ss.; Nm 16.6 e ss.). O terceiro é o incenso colocado sobre o altar de ouro (Êx 30.1-10, 34-37). Somente nesse caso é que a Bíblia dá detalhes acerca da composição do incenso (Êx 30.34-37): três tipos de especiarias adocicadas e moídas em pó (sendo onicha uma delas) e incenso puro, todos os componentes em quantidades iguais e tudo temperado com sal.

Muito provavelmente a queima de incenso tinha objetivos sanitários, contrabalançando o cheiro do sacrifício. Os dois Testamentos traçam um paralelo entre a oferta de incenso e a oração (Sl 141.2; Lc 1.10; Ap 5.8; 8.3, 4).

Bibliografia: — BECK, H. Incense. In: *IDB*. v. 2, p. 697-8. — GLUECK, N. Incense altars. In: *Translating and understanding The Old Testament*. ed. H. T. Frank. Abingdon, 1970. p. 325-9 (com lâminas e figuras). — HARAN, M. The use of incense in the ancient Israelite ritual. *VT* 10:113-29. — THOMPSON, J. A. Incense. In: *ZPEB*. v. 3, p. 274-6.

V.P.H.

שְׁחֵלֶת (*shᵉḥēlet*). Veja o nº 2 363b.

2364 שׁוּן (*shhn*). **Aceita como raiz de:**

2364a שְׁחִין (*shᵉḥîn*) ***furúnculo, local inflamado.***

A doença de pele de furúnculos foi uma das dez pragas que o Senhor trouxe sobre o Egito (Êx 9.9-11). O Senhor ameaça Israel com furúnculos caso Israel não lhe obedeça (Dt 28.27, 35). Deus é visto como a razão ulterior da doença, mesmo no caso de Jó, em que o agente mais próximo é Satanás (Jó 2.7), e germes podem muito bem ter sido a causa direta.

E.A.M.

2365 שחף (*shhp*). **Aceita como raiz de:**

2365a שַׁחַף (*shaḥap*) ***gaivota*** (Dt 14.15 = Lv 11.16).

2365b שַׁחֶפֶת (*shaḥepet*) ***doença definhante*** (Dt 28.22; Lv 26.16).

שַׁחֶפֶת (*shaḥepet*). Veja o nº 2 365b.

2366 שחץ (*shhts*). **Aceita como raiz de:**

2366a שַׁחַץ (*shaḥats*) ***dignidade, orgulho*** (Jó 28.8; 41.26).

2367 שָׁחַק (*shāḥaq*) ***remover esfregando, moer, pulverizar*** (e.g., Jó 14.19; Êx 30.36).

Termo Derivado

2367a שַׁחַק (*shaḥaq*) ***poeira, nuvem*** (e.g., Is 40.15; Dt 33.26).

2368 שָׁחַר (*shāḥar*) ***I, ficar preto*** (Jó 30.30).

Termos Derivados

2368a שְׁחוֹר (*shᵉḥôr*) ***negrume*** (Lm 4.8).

2368b שָׁחֹר (*shāḥōr*) ***preto (adj.)*** (e.g., Lv 13.31, 37; Ct 5.11).

2368c שְׁחֹרוּת (*shahārût*) ***negrume dos cabelos, i.e., início da juventude*** (Ec 11.10).
2368d שְׁחַרְחַר (*sh'harhōr*) ***escuro*** (Ct 1.10).

2369 שָׁחַר (*shāhar*) ***II, buscar cedo, procurar sinceramente.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2369a †שַׁחַר (*shahar*) ***alvorada.***
2369b מִשְׁחָר (*mishhār*) ***alvorada*** (Sl 110.3).

Com apenas uma exceção, todas as 13 ocorrências de *shāhar* se encontram no grau piel. A única exceção é o particípio do qal em Provérbios 11.27, "Quem 'procura' o bem alcança favor". Na maioria das vezes Deus é o objeto da busca: Jó 8.5; Salmos 63.1 [2]; 78.34; Isaías 26.9; Oséias 5.15. Dessas cinco passagens, quatro afirmam que a pessoa procura sinceramente o Senhor em hora de aflição: Jó 8.5; Salmos 63.1 [2]; 78.34; Oséias 5.15. Em Isaías 26.9, o adorador simplesmente declara o seu imenso desejo de ter comunhão com Deus.

O próprio Deus pode ser o agente da busca (Jó 7.21). A sabedoria pode ser o objeto da procura: Provérbios 1.28; 8.17 (e cf. ainda VON RAD, *Wisdom in Israel*, p. 157 e ss.). Apenas em Isaías 47.11 o verbo aparece num contexto negativo, e mesmo aí a tradução é incerta.

shahar. ***Alvorada.*** Esse substantivo masculino geralmente denota o romper do dia, aqueles momentos logo antes do nascer do sol. Alguns têm feito uma associação com os textos de Ras Shamra, nos quais *šhr* designa tanto o substantivo comum "alvorada" quanto o nome de uma divindade, Alvorada. *Šahar*, juntamente com *Šalim*, são filhos de uma mulher engravidada pelo deus El (*UT* 16: texto nº 52). A hipótese é então de que no AT há referências (veladas) a essa divindade dos cananeus, ainda que de modo desmitologizado.

É de interesse observar os verbos empregados junto com o substantivo *shahar*. O mais freqüente é *'ālâ*, "subir", "levantar(-se)". Cf. Gênesis 19.15, "quando a alvorada levantou-se" (lit.; também Gn 32.24, 26 [25, 27]; Js 6.15; Jz 19.25; 1 Sm 9.26; Jn 4.7; Ne 4.21 [15]). Outro verbo é *'ûr*, "acordar", "despertar" (Sl 57.8 [9]; 108.2 [3]). Esses dois versículos, que são idênticos e ocorrem em salmos paralelos, deviam ser traduzidos por "acordarei de manhãzinha" ou "despertarei a alvorada" ou "despertarei *Shahar*"? Cf. Jó 38.12, em que a alvorada (*shahar*) recebe uma tarefa diária da parte de Deus, embora pareça óbvio que esse é um caso de licença poética. Pode-se supor que se tem também um caso de licença poética quando o salmista (139.9) especula a respeito de montar sobre as asas da alvorada ou naquelas referências às pálpebras da alvorada: Jó 3.9; 41.18 [10] (Steadman).

A dificuldade maior dos intérpretes é Isaías 14.12, "como caíste do céu, ó Lúcifer" (ARA, "..., ó estrela da manhã, filho da alva [*hêlēl ben shahar*]"). Ninguém há de negar que a passagem ocorre no contexto de uma sátira sobre o rei de Babilônia. Contudo, muitos cristãos têm entendido esse versículo (talvez junto com Ez 28) e, com base em

versículos como Lucas 10.18; 1 Timóteo 3.6, no sentido de haver aí algo acerca da origem de Satanás, especialmente a sua expulsão dos céus, após a sua bombástica demonstração de arrogância. O *The New Bible Commentary* (ed. rev., p. 600) chama essa exegese de conjectura precária. De sua parte E. J. Young pôde dizer categoricamente (p. 441): "Não se pode aplicar essa passagem a Satanás". Dentre os evangélicos, Archer (*WBC*, p. 622) é o mais aberto a uma interpretação sobrenatural e cósmica. Sentimo-nos mais seguros com a aplicação da expressão ao tirano babilônico, cujo orgulho ostensivo forneceu munição para os ataques do profeta.

Bibliografia: — CLIFFORD, R. J. *The cosmic mountain in Canaan and the Old Testament*. Harvard University, 1972. p. 160-8. — CRAIGIE, P. Helel, Athtar and Phaethon (Jes 14 12-15). ZAW 85:223-25. — MACKAY, J. Helel and the Dawn-Goddess. *VT* 20:451-64. — YOUNG, E. J. *The book of Isaiah*. Eerdmans, 1965. v. 1, p. 439-41.

V.P.H.

שַׁחֲרוּת (*shahărût*). Veja o nº 2 368c.

שַׁחַרְחֹר (*sh'harhōr*). Veja o nº 2 368d.

2370 *שָׁחַת (*shāhat*) ***destruir, corromper.***

Termos Derivados

2370a †מַשְׁחִית (*mashhît*) ***destruição.***

2370b מַשְׁחֵת (*mashhēt*) ***destruição*** (Ez 9.1).

2370c מִשְׁחָת (*mishhat*) ***desfiguração do rosto*** (Is 52.14).

2370d †שַׁחַת (*shahat*) ***cova, destruição.***

O verbo ocorre 151 vezes no AT. É empregado principalmente no grau hifil. Também ocorre nos graus piel, nifal e hofal. Não há nenhuma diferença perceptível na tradução. Para ilustrar, "porventura os deuses das nações livraram os povos, que meus pais destruíram [*shāhat* no piel]?" (2 Rs 19.12). Um texto exatamente igual a este versículo se encontra em Isaías 37.12, com exceção de que *shāhat* aí aparece no hifil.

O objeto desse verbo pode ser uma cidade (Sodoma, Jerusalém), uma dinastia (a casa de Davi, 2 Cr 21.7), nações que assediam o povo de Deus (Babilônia, Jr 51.11), e num maior número de vezes o povo da aliança e os seus bens. Somente contra Amazias é que Deus lança uma vendeta particular (2 Cr 25.16). De forma semelhante, faraó Neco, que viveu na mesma época de Josias, disse ao rei piedoso: "cuida de não te opores a Deus, que é comigo, para que ele não te destrua" (2 Cr 35.21). Roboão afastou a destruição divina ao se arrepender (2 Cr 12.12).

mashhît. ***Destruição, destruidor.*** Morfologicamente este é um particípio hifil de *shāhat*. É usado para descrever um leão (Jr 2.30) e um anjo (1 Cr 21.12, 15). O uso mais conhecido está relacionado com o anjo da destruição por ocasião da páscoa, "destruidor" (Êx 12.23). Ele é o mensageiro incumbido da execução da vingança divina.

shahat. ***Cova, destruição.*** Pelo menos duas controvérsias giram em torno do substantivo *shahat*. Primeiro, com que raiz verbal se deve identificar o substantivo? Muitos estudiosos o têm relacionado com o verbo *shûah*, "afundar" (*BDB*, p. 1001), outros, com *shâhá*, "curvar-se", outros, ainda, com *shāhat*, "destruir". Há um substantivo *shahat* com o significado de "cova" e derivado de *shûah*, "afundar" (Sl 7.15 [16]; 35.7). Isso não exclui a possibilidade de haver um outro *shahat*, derivado de *shāhat*. Cf. *nahat* I, derivado de *nûah*, e *nahat* II, derivado de *nāhat* (veja-se *shûah*). O segundo problema é até que ponto se pode interpretar corretamente *shahat* como uma designação poética do Sheol e, desse modo, como um reflexo do conceito israelita da vida após a morte.

shahat ocorre 23 vezes no AT, com maior freqüência em Salmos (nove vezes) e Jó (sete vezes). A ARA traduz o vocábulo por "corrupção" (Sl 16.10), "cova" (Sl 35.7) e "lodo" (Jó 9.31). Alguns estudiosos do AT, obcecados com a idéia de que o conceito de imortalidade e da vida após a morte foi um desenvolvimento do pós-Exílio relativamente tardio em Israel, de modo conveniente, mas incorreto, entenderam *shahat* apenas como uma designação alegórica do exílio babilônico!

Especificamente 14 dos 16 usos da palavra em Salmos e Jó parecem não oferecer nenhuma outra interpretação a não ser um conceito de vida após a morte (exclua-se aí Sl 7.15 [16]). Veja-se também *shahat*, nº 2343.1c.

Bibliografia: — MURPHY, Roland E. Šahat in the Qumran Literature. *Bib* 39:61-66. — POPE, M. The word שׁחת in Job 9:31. *JBL* 83:269-78. — TROMP, N. *Primitive conceptions of death in the netherworld in the Old Testament*. Pontifical Biblical Institute, 1969. p. 69-71. — *TDNT*. v. 9, p. 96-100. — *THAT*. v. 2, p. 891-4.

V.P.H.

2371 שִׁטָּה (*shittâ*) ***acácia (árvore e madeira)*** (e.g., Is 41.19; Dt 10.3).

2372 שָׁטַח (*shātaḥ*) ***espalhar, dispersar*** (e.g., 2 Sm 17.19; Jr 8.2).

Termos Derivados

2372a מִשְׁטָח (*mishtāḥ*) ***lugar de estender*** (Ez 26.5, 14).

2372b מִשְׁטֹחַ (*mishtôaḥ*) ***lugar de estender*** (Ez 47.10).

שׁוֹטֵט (*shôṭêṭ*). Veja o nº 2 344b.

2373 שָׁטַף (*shâṭap*) ***lavar, enxaguar, transbordar, engolfar.***

Termo Derivado

2373a †שֶׁטֶף (*shetep*) ***inundação, aguaceiro.***

O significado "transbordar", "engolfar", é responsável pela maioria dos usos de *shāṭap*. A tradução "lavar", "enxaguar", ocorre somente nas seguintes passagens: Levítico 6.28 [21]; 15.11-12; 1 Reis 22.38; Jó 14.19 (no sentido de "causar erosão"); e figuradamente

Ezequiel 16.9, "lavei o teu sangue" (BJ), aqui em paralelo com *rāhats*, "lavar" (cf. Lv 15.11).

O verbo *shātap* é na maioria das vezes associado a água corrente: ***nahal***, "torrente" (Is 30.28, 66.12; Jr 47.2; 2 Cr 32.4; Sl 78.20), *nāhār*, "rio" (Is 43.2; Ct 8.7), *geshem*, "chuva", "chuvarada" (Ez 13.11, 13; 38.22), *mayim*, "água", "águas" (Is 28.2, 17; Sl 124.4), *shetep*, "inundação" (Dn 11.22).

Um grande número dos versículos acima empregou a idéia de "torrente transbordante" como figura de linguagem designativa do juízo de Deus sobre o seu povo: Isaías 8.8; 28.2, 15, 17-18; 30.28 (neste caso contra Samaria). Não é preciso grande esforço de imaginação para sentir toda a força desta analogia. De outro lado, contudo, observe-se que a mesma combinação de palavras ocorre em Isaías 66.12. Mas aí a idéia é de transbordamento e disseminação de bênçãos (a única vez em que *shātap* tem um sentido positivo, quando se emprega uma metáfora de água). *shātap* também pode descrever catástrofes pessoais bem como calamidades nacionais. Em tais circunstâncias a vítima orará por socorro: Salmos 69.2, 15 [3, 16] e 124.4.

shetep. ***Inundação, aguaceiro.*** Vocábulo empregado para descrever "inundação de água" em Salmos 32.6; Jó 38.25; Naum 1.8; Daniel 9.26; 11.22. As três últimas referências dizem respeito a juízo. A referência restante é Provérbios 27.4, "transbordante é a ira" (ARA, "impetuosa").

V.P.H.

2374 שׁטר (*shtr*). **Aceita como raiz de:**

2374a †שֹׁטֵר (*shōtēr*) ***funcionário, oficial (subst.).***

2374b †מִשְׁטָר (*mishtār*) ***Domínio.***

shōter. ***Funcionário, oficial (subst.).*** Esse substantivo é uma forma participial de uma raiz bastante profícua em toda a família de línguas semíticas (cf. o acadiano *šatāru*, "escrever"; o árabe *satara*, "escrever", "governar", e *sitrun*, "fila", "linha"; o aramaico/siríaco *šṭārā*, "documento"; o sabeu *str*, "inscrição"). O vocábulo designa um funcionário subalterno. Em contraste com muitos outros funcionários governamentais conhecidos, esses provavelmente foram originariamente treinados no ofício e na arte dos escribas, conforme a raiz parece indicar.

shōtēr é um termo genérico, amplamente empregado para designar um funcionário em diversas áreas do governo e da sociedade. Designa os funcionários subalternos judeus que estavam sob as ordens de superintendentes egípcios e que conduziam os hebreus em trabalhos pesados (Êx 5.6, 10), sendo responsáveis tanto pela quantidade quanto pela qualidade do trabalho (Êx 5.14-19).

Durante os anos de peregrinação no deserto (Nm 11.16), a palavra designa os funcionários subordinados aos 70 anciãos de Israel, os quais o Senhor deu a Moisés para que dividissem o peso da administração (Dt 1.15). Parece que, durante os primórdios de Israel, eles estiveram estreitamente associados aos anciãos, às vezes na administração civil (Dt 31.28) ou em assuntos pertinentes à esfera militar (Dt 20.5 e ss.; Js 1.10; 3.2).

O cargo aparentemente continua a existir no reino unido e no reino dividido, quando eles estão envolvidos com assuntos militares (1 Cr 27.1; 2 Cr 26.11), e como levitas, em questões judiciais e religiosas (1 Cr 23.4; 26.29; 2 Cr 19.11; 34.13).

mishtār. ***Domínio.*** Descreve o reger dos corpos celestes sobre a superfície da terra (somente Jó 38.33).

Bibliografia: — MANLEY, G. T. 'Officers' in the Old Testament. *EQ* 29:149-56. — MCKENZIE, John L. The elders in the Old Testament. *Bib* 40:522-40.

R.D.P.

2375 שׁ (*shay*) ***presente dado em sinal de respeito*** (Is 18.7; SI 76.12; 68.30).

שִׁיבָה (*shîbâ*). Veja o nº 2 340b.

שִׁיחָה (*shîhâ*). Veja o nº 2 340.1b.

שַׁיִט (*shayit*). Veja o nº 2 344c.

2376 שִׁילֹה (*shîlōh*) *Siló.*

Siló estava situada em Efraim, cerca de 50 quilômetros ao norte de Jerusalém. Josué escolheu essa cidade para ser seu quartel-general (18.1) e cuidou que o tabernáculo fosse armado ali. A cidade desempenhava basicamente as funções de centro religioso e só secundariamente funcionava como base de operações militares. É possível que, em certas ocasiões, tenham existido em Siló algumas práticas do culto à fertilidade. Isso talvez seja indicado de três maneiras: 1) A referência a uma festa anual em Siló, durante a qual as filhas de Siló participavam de algum tipo de dança. Os benjaminitas se aproveitaram dessa oportunidade para raptar esposas para si (Jz 21.15-21). 2) A referência em 1 Samuel 1.22 à prostituição religiosa no templo de Siló, na qual os filhos de Eli e as mulheres se envolveram. 3) Quando Ana, a mãe de Samuel, foi ao templo, Eli viu os lábios dela se mexerem, mas não ouviu nada. A conclusão inusitada a que ele chegou foi de que estava embriagada (1 Sm 1.13). Será que Eli poderia ter pensado dessa maneira pelo fato de ser tão comum que peregrinos se embriagassem na festa anual?

Escavações arqueológicas têm mostrado que Siló foi destruída por volta de 1050 a.C., aparentemente pelos filisteus na época em que capturaram aos israelitas a arca da aliança (1 Sm 4). Esse fato é mencionado em Salmos 78.60; Jeremias 7.12, 14; 26.6, 9.

As passagens de Jeremias são extremamente interessantes, pois ocorrem em seu famoso "sermão do templo" (7; 26). Ele ameaça dizendo que Deus fará com Jerusalém aquilo que fizera com Siló. Por que escolher Siló para a analogia? Há duas razões. A primeira: Siló foi, além de Jerusalém, a única localidade que se sabe que teve um templo a Iavé que abrigava a arca da aliança. A segunda é que nos dois locais o povo havia tentado aproveitar-se de seu relacionamento com Deus (por meio da arca e do templo, respectivamente) para obter segurança em épocas de instabilidade política. A religião se tornara magia.

É preciso considerar agora Gênesis 49.10, que apresenta a bênção de Jacó a seu filho Judá: "O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos". O que quer dizer a expressão "até que venha Siló"? Se é uma profecia sobre Jesus, em nenhuma parte o NT faz alusão a isso. Parece preferível dizer que é uma profecia de Davi como um tipo do Messias, mas o que a palavra "Siló" acrescenta à profecia?

Quais são as outras possibilidades de interpretação? Uma é associar a palavra em sua forma consonantal à rara palavra acadiana *šēlu*, "conselheiro". Outra possibilidade é manter a tradução "Siló" e interpretar "até que venha Siló" (ARA; mas o que isso significa?) ou então "até que ele [Judá/Davi] venha a Siló" (o que significaria uma expansão da influência para além das fronteiras de Judá). Uma terceira hipótese é levantada com base no testemunho quase unânime das versões antigas (LXX e targuns), que pressupõem uma ligeira mudança no TM, ou seja, uma mudança de *shylh* para *shlh* (= *shelô*, "a quem isso pertence"), que é uma contração da partícula relativa *she*, a preposição *l* e o sufixo pronominal da terceira pessoa masculina do singular *ô*. Nesse caso a expressão deveria ser lida como "até que ele venha ao que é seu". Allegro destaca a interpretação messiânica de Gênesis 49.10 na comunidade de Qumran, em que o versículo é aplicado ao renovo de Davi, que haveria de vir (veja-se a bibliografia). É marcante a semelhança com Ezequiel 21.27 [32]. Uma quarta possibilidade é dividir e revocalizar o texto consonantal *shylh* para *shay lô*, "até que o tributo seja trazido a ele" (Moran, Speiser).

Bibliografia: Em meio ao farto material que trata de Gênesis 49:10, assinalam-se a seguir alguns dos estudos mais recentes ou pertinentes: — MARGULIS, B. Gen XLIX 10/Deut XXXIII 2-3. *VT* 19:202-10. — MORAN, W. Gen 49,10 and its use in Ez 21,32. *Bib* 39:405-25. — SABOTTKA, L. Noch einmal Gen 49,10. *Bib* 51:225-9. — SPEISER, E. In: *AB. Genesis*. p. 365-6. — TREVES, M. Shiloh (Genesis 49:10). *JBL* 85:353-6. — ALLEGRO. J. M. Further Messianic references in Qumran literature. *JBL* 75:174-87, esp. p. 175.

V.P.H.

2377 שׁין (*shyn*). **Aceita como raiz de:**

2377a שׁין (*shayin*), שׁן (*shên*) ***urina*** (2 Rs 18.27; Is 36.12).

2377b *שָׁתַן (*shātan*) ***urinar.*** Ocorre somente no hifil (e.g., 1 Sm 25.22, 34; 1 Rs 14.10). Por certo derivado do substantivo acima, talvez como uma forma com *t* infixado.

2378 שִׁיר (*shîr*) ***cantar.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2378a †שִׁיר (*shîr*) ***canção.***

2378b שִׁירָה (*shîrá*) ***canção.***

No grau qal, predominam as formas participiais plurais ("cantores") e imperativas ("cantai ao Senhor") do verbo. *shîr* também aparece no grau polel, outra vez designando cantores levitas. Isso se vê em numerosas referências em Esdras e Neemias.

shîr. ***Canção.*** É no livro de Salmos que se procura entender o uso disseminado do canto no culto público israelita. Expressões como "cantai louvores ao SENHOR" ou "cantarei ao SENHOR" ocorrem mais de 35 vezes no corpo de salmos individuais (SI 13.6, "cantarei ao SENHOR"; 7.17, "cantarei louvores ao ...SENHOR"; 33.3, "entoai-lhe novo cântico").

Trinta salmos trazem *shîr*, "um cântico", como subtítulo (no cabeçalho). Em todos esses salmos se emprega a forma masculina da palavra, à exceção do salmo 18, em que se usa *shîrâ*. Quando um salmo é designado como "cântico", essa palavra hebraica aparece sozinha apenas no cabeçalho de Salmos 46. Na maioria das vezes é empregada junto com o vocábulo *mizmōr*, "salmo". Em cinco oportunidades a ordem é *shîr/mizmōr*: Salmos 48, 66, 83, 88, 108; e em oito oportunidades a ordem é *mizmōr/shîr*: Salmos 30, 65, 67, 68, 75, 76, 87, 92. O significado da ordem, se é que há, é algo que escapa à nossa compreensão.

Também não está claro se há alguma diferença significativa entre *mizmōr*, "salmo", e *shîr*, "cântico". A interpretação rabínica (no Midrash de Salmos) entendia que *mizmōr* era o salmo acompanhado por instrumentos e que *shîr mizmōr* era o salmo cantado apenas por um grupo coral. Algumas coisas, entretanto, estão claras na relação entre essas duas palavras. Primeiro, o substantivo *mizmōr* aparece exclusivamente no livro de Salmos e aí sempre como título, jamais no corpo de um salmo. Em contraste, *shîr* não se limita ao livro de Salmos e, dentro de Salmos, é usado tanto como título quanto no salmo propriamente dito. Em segundo lugar, embora *mizmōr* como substantivo esteja limitado ao cabeçalho de alguns salmos, a forma verbal *zāmar* (da qual o substantivo deriva) ocorre em Salmos e freqüentemente em paralelo com o verbo *shîr*: "cantaremos [*shîr*] e louvaremos [*zāmar*] o teu poder" (21.23 [14]). Pode-se comparar isso com a disposição sinonímica das raízes *yšr/ḏmr* em ugarítico (por exemplo, DAHOOD, *Psalms II*, *AB*, p. 54, no comentário sobre Sl 57.7 [8]).

Uma terceira observação que se deve fazer é que *mizmōr* está limitado ao cântico religioso. *shîr*, por outro lado, pode, às vezes, referir-se a cânticos seculares. Isaías 23.16 se refere às canções da prostituta (Tiro). Amós 8.10 parece mostrar que cânticos religiosos podiam ser transformados em lamentos da mesma forma em que festas podem ser transformadas em funerais.

Uma categoria especial de salmos designados como *shîr* são os salmos 120 a 134, num total de 15. No cabeçalho são chamados de *shîr hamma'ăl̂ôt*, "cântico de degraus" (IBB) ou "cântico de romagem" (ARA). O mais provável é que esses salmos tinham esse nome porque eram usados na procissão festiva em que peregrinos, na época de festas, "subiam" a Jerusalém, que era ela própria uma acrópole. Isso é mais provável do que a hipótese de que esses salmos representam cânticos entoados pelos judeus na volta da Babilônia. Na realidade, desses 15 salmos apenas o salmo 126 se encaixaria em tal contexto. (Veja-se *ma'ălâ* para uma outra alternativa.)

Não é por acaso que hino e lamento são os dois principais tipos de composições do saltério, cada um ilustrando as duas maneiras de se dirigir a Deus: louvor e petição. Num aspecto o hino é uma expansão do lamento. Para ilustrar, Salmos 57 começa como um lamento: "Piedade de mim, ó Deus, tem piedade de mim (...) eu me abrigo à sombra de tuas asas, até que a desgraça tenha passado (...) eu me deito em meio a leões" (BJ). Mas no versículo 7 [8] o salmista diz: "o meu coração está firme; cantarei e entoarei louvores". Está bastante óbvia a mudança de tom. Desse modo, a maioria dos lamentos se transforma em cânticos de louvor, num antegozo do livramento divino. O hebreu sempre podia cantar ao seu Deus, a despeito de circunstâncias ameaçadoras.

O hino e o cântico de ação de graças louvam e cantam a Deus não numa antecipação de um livramento aguardado, mas como reação a algo já experimentado. E mesmo aí existe uma distinção. O hino, de um lado, louva a Deus por suas ações ou exalta-o por aquilo que ele é (louvor descritivo: Deus é... Deus faz....). De outro lado, o cântico de ação

de graças louva a Deus por um feito específico (louvor declarativo: Deus fez...). (WESTERMANN, p. 31 e ss.).

Bibliografia: — GASTER, T. H. A note on Isa. 46:4. *JBL* 73:237-38 (acerca de *sîr* em Ps 42:8 [9]). — SENDREY, A. *Music in ancient Israel*. Philosophical Library, 1969. — WESTERMANN, C. *The praise of God in the Psalms*. Richmond, John Knox, 1965. — *THAT*. v. 2, p. 895-7.

V.P.H.

2379 שִׁישׁ (*shayish*) ***alabastro*** (1 Cr 29.2). Talvez um empréstimo lingüístico.

2379a שֵׁשׁ (*shēsh*) ***alabastro ou alguma pedra parecida.***

2380 שִׁית (*shît*) ***pôr, colocar.***

Termos Derivados

2380a שִׂית (*shît*) ***roupa*** (Pv 7.10; Sl 73.6).

2380b שָׁת (*shāt*) ***alicerce*** (Sl 11.3; Is 19.10).

2380c שַׁיִת (*shayit*) ***espinheiro*** (e.g., Is 9.17; 27.4).

shît aparece 85 vezes no AT. Ocorre duas vezes no grau hofal em Êxodo 21.30. A raiz aparece com maior freqüência em Salmos (31 vezes), abrangendo muitas situações e contextos diferentes.

Pelo menos no caso de um nome próprio o verbo explica a etimologia, a saber, no caso de Sete, o terceiro filho de Adão e Eva: "E ela deu-lhe o nome de Sete [*shēt*], pois ele me deu/concedeu [*shāt*] outro descendente" (lit., Gn 4.25). Isoladamente isso é bem interessante, pois "dar" como tradução de *shît* é a exceção e não a norma em hebraico bíblico. Talvez existam apenas duas outras ocorrências de *shît* em apoio à tradução "dar", a saber: 1) "darei a salvação ao que por ela suspira" (ARC, marg.; Sl 12.5 [6]); 2) "tu o constituis como bênção para sempre" (BJ, Sl 21.6 [7]).

O objeto mais freqüente de *shît* é a palavra "coração". Dez vezes se usa a expressão "pôr o coração". A expressão é empregada uma vez até mesmo tendo Deus como sujeito: "Que é o homem, para que (...) ponhas nele o teu coração?" (Jó 7.17). Negativamente a expressão tem o sentido de "ignorar", "despedir", "não prestar atenção em", como no caso da reação de Faraó à primeira praga (Êx 7.23). Cf. 1 Samuel 4.20; 2 Samuel 13.20. Positivamente significa "considerar" (Sl 48.13 [14]; Pv 22.17; 24.32; 27.23).

Uma amostragem tirada das 31 passagens em que o verbo aparece em Salmos pode oferecer uma idéia das inúmeras maneiras como ele é usado. Primeiro, pode-se assinalar aquelas passagens em que o ambiente é hostil: "Não tenho medo de milhares do povo que 'tomam posição' contra mim" (Sl 3.6 [7]). Cf. 140.5 [6]. Às vezes há uma reviravolta e o salmista ora para que a justiça retributiva caia sobre os seus inimigos: "põe-nos em medo, ó Senhor" (Sl 9.20 [21]). Cf. Salmos 21.9, 12 [10, 13]; 73.18; 83.11, 13 [12, 14]. Em segundo lugar, são várias as vezes em que o verbo ocorre em salmos reais que dizem respeito ao rei: "Assenta-te ... até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés" (110.1). Cf. Salmos 21.3, 6 [4, 7]; 132.11. Em terceiro lugar, até num mesmo salmo *shît* pode ser usado em situações bem diferentes. O salmista diz que "põe" a sua confiança no

Senhor (73.28), mas que os incrédulos, de modo repulsivo, "põem" (lit.; ARA, "desandam") a boca contra os céus (73.9).

Bibliografia: — DLJK, H. J. van. A neglected connotation of 3 Verbs. *VT* 18:16-30 (*shît* em Êx 10:1; Num 12:11; Ps 9:21 equivale a "trazer"). — WARD, W. Egypto-Semitic roots. *Orientalia* 31:407.

V.P.H.

2381 שָׁכַב (*shākab*) ***deitar-se.***

Termos Derivados

2381a †שְׁכֻבָה (*sh'kābâ*) ***camada.***
2381b †שִׁכְבַת (*sh'kōbet*) ***cópula.***
2381c ÷מִשְׁכָּב (*mishkāb*) ***leito.***

shākab aparece na maioria das vezes no qal, basicamente com o sentido de "jazer" ou "deitar-se (para ter relações sexuais)".

Sempre que os derivados de *shākab* (vejam-se abaixo) são empregados num contexto de relações sexuais, tais relações são ilícitas (Gn 30.15, 16; 2 Sm 11.11 talvez sejam exceções). Isso é igualmente válido em relação ao próprio verbo *shākab*. Em um caso, é empregado em injunções legais que proíbem certos tipos de conduta sexual. Êxodo 22.16 [15] proíbe a fornicação: "Se alguém seduzir qualquer virgem, que não estava desposada, e 'se deitar' com ela, pagará seu dote e a tomará por mulher". Deuteronômio 22.22 estabelece a pena de morte para duas pessoas apanhadas em adultério: "Se um homem for achado 'deitado' com uma mulher que tem marido, então ambos morrerão". Levítico 18.22 e 20.13 empregam *shākab* na sentença que proíbe relações homossexuais: "Se também um homem se deitar com outro homem, ... serão mortos". Finalmente, em Deuteronômio 27.21, a lei amaldiçoa aquele que "se deitar" (IBB) com algum animal.

É atordoador pensar que, para as aberrações sexuais acima, em geral a lei previa a pena de morte. Na verdade a Bíblia não fala em que medida o castigo era sistematicamente aplicado. Mas por que as Escrituras atacam tão vigorosamente a interferência na ordem natural das relações sexuais? Será que uma razão não poderia ser a de que Israel estava cercado de culturas em que tais práticas eram costumeiras no nível humano e mesmo no religioso? Talvez um dos aspectos mais degradantes das religiões pagãs seja o fato de a expressão religiosa e a sexual freqüentemente serem a mesma coisa. Isso, contudo, não era uma sacramentalização do sexo, mas sim uma erotização da religião.

Fora de textos jurídicos, emprega-se *shākab* em trechos narrativos que descrevem incidentes de comportamento impróprio. As filhas de Ló embriagaram o pai e então se deitaram com ele (Gn 19.32 e ss.). Um dos súditos de Abimeleque quase inadvertidamente cometeu adultério com Rebeca (Gn 26.10). Usa-se o verbo para descrever o estupro de Diná, filha de Jacó, por Siquém (Gn 34.2, 7). Rúben se deitou com Bila, concubina de seu pai, enquanto Jacó estava fora (Gn 35.22). Os filhos de Eli se dedicavam a conquistas sexuais em seus momentos de ócio (1 Sm 2.22). Amnon violentou sua meia-irmã Tamar (2 Sm 13.11, 14), sem dúvida alguma copiando as atividades de seu próprio pai com Bate-Seba (2 Sm 11.4).

Em contraste com isso, quando a Bíblia se refere a uma relação sexual dentro dos limites da vontade de Deus, em geral ela emprega uma expressão do tipo "conheceu Adão a Eva, sua mulher, [e] ela concebeu" (IBB, Gn 4.1, 17) ou "E [Abraão] entrou a Hagar, e ela concebeu" (ARC, Gn 16.4). Esta última expressão aparece até mesmo em Gênesis 38.18 com referência a Judá e Tamar, respectivamente sogro e nora, quando Judá negou o direito de levirato a Tamar.

sh'kābâ. ***Camada, emissão (seminal).*** Em Êxodo 16.13-14 o substantivo designa a "camada" (IBB) de orvalho no chão. Nas demais passagens tem a conotação de "emissão" de sêmen (Lv 15.16-17; 19.20).

sh'kōbet. ***Cópula, cama.*** Esse vocábulo ocorre quatro vezes, sempre junto com o verbo *nātan*, "dar" (Lv 18.20, 23; 20.15; Nm 5.20), em contexto de adultério (Lv 18.20; Nm 5.20) ou de bestialismo (Lv 18.23; 20.15).

mishkāb. ***Leito, cama, ato de deitar.*** O sentido "leito", "cama", predomina, pelo menos como parte da mobília associada ao quarto de dormir. Com essa conotação *mishkāb* é lugar para dormir (2 Sm 17.28; Jó 33.15), para atividade sexual (Is 57.7-8; Pv 7.17; Gn 49.4; as duas primeiras referências num contexto de prostituição, a última num contexto de incesto), para recuperação de ferimentos (Êx 21.18). Um *mishkāb* podia até mesmo servir de ataúde (2 Cr 16.14, em que o rei Asa foi cremado).

Pode-se também assinalar que umas poucas vezes as Escrituras afirmam que o quarto de dormir era o local próprio para a expressão das emoções mais intensas. É assim que Salmos 149.5 declara: "exultem de glória os santos, nos seus leitos cantem de júbilo". Salmos 4.4 [5] traz: "consultai com o vosso coração em vosso leito" (IBB). A mesma idéia está expressa em Salmos 6.6 [7], "rego de pranto o meu leito" (PIB), à exceção de que aí a palavra traduzida por "leito" é *'ereś* e não *mishkāb*. Por outro lado pode-se idealizar e maquinar a iniqüidade a partir da própria cama (Sl 36.4 [5]).

Bibliografia: — ORLINSKY, Harry M. The Hebrew root SKB. *JBL* 63:19-44.

V.P.H.

שִׁכְבַת (*sh'kōbet*). Veja o nº 2 381b.

2382 *שָׁכָה (*shākâ*). Ocorre apenas uma vez, no hifil, em Jeremias 5.8. Significado incerto, talvez "lascivo" (PIB) ou "bem-nutrido" (IBB).

שִׁכּוֹל (*sh'kôl*), שָׁכוּל (*shākûl*), שַׁכּוּל (*shakkûl*). Veja os nºs 2 385a, b, c.

2383 שָׁכַח (*shākah*) ***esquecer, desconsiderar, ressecar.***

Termo Derivado

2383a †שָׁכֵחַ (*shākēah*) ***aquele que esquece.***

O verbo aparece 102 vezes no AT, principalmente no qal (86 vezes), mas também no nifal (13 vezes) e uma vez no piel (Lm 2.6), uma no hifil (Jr 23.27) e uma no hitpael (Ec 8.10). Ocorre com maior freqüência em Salmos (33 vezes), seguido de Jeremias (13 vezes) e Deuteronômio (11 vezes). É interessante que, embora *shākah* signifique "esquecer", em aramaico bíblico (no grau hafel) tem um sentido quase oposto, "encontrar", por exemplo, "achei [*shkh*] um dentre os filhos dos cativos de Judá" (Dn 2.25). Uma explicação para esse fenômeno é que originariamente a raiz pode ter tido o sentido de "não conseguir encontrar", um sentido que talvez se reflita em Jeremias 50.6, "foram da montanha para a colina, 'esqueceram-se do', 'não conseguem encontrar' o seu lugar de descanso" (Rabin).

O sentido geral de *shākah*, "esquecer", sem uma conotação teológica específica, é excepcional no caso deste verbo. Umas poucas passagens, no entanto, ilustrarão esse sentido básico: "[até que Esaú] se esqueça do que lhe fizeste" (Gn 27.45); "o copeiro-chefe, todavia, não se lembrou de José, porém dele se esqueceu" (Gn 40.23); "os meus conhecidos se esqueceram de mim" (Jó 19.14); "[a avestruz (...) deixa os seus ovos na terra (...) e se esquece de que algum pé os pode esmagar" (Jó 39.15).

É no relacionamento mútuo entre Deus e o homem que o verbo *shākah* experimenta o uso mais constante. Em aproximadamente dez vezes é usado como antônimo de *zākar*, "lembrar-se", como em Deuteronômio 9.7, "lembrai-vos, e não vos esqueçais de que muito provocastes à ira o SENHOR vosso Deus no deserto". Ou *shākah* pode ser empregado como antônimo de *yāda'*, "conhecer", especialmente em Oséias 2.13 [15]; 4.6; 13.4-6 (Wolff). Esquecer-se de Deus é não conhecê-lo.

Tanto Deus quanto o homem (Israel) podem ser o sujeito de *shākah*. Em 17 vezes Deus é o sujeito, nove delas em Salmos. Algumas dessas podem ser declarações acerca da fidelidade de Deus: "[Deus] não se esquece [ou não ignora] o clamor dos aflitos" (Sl 9.12 [13]). Num maior número de vezes o verbo aparece na forma de lamento: "Até quando, ó Senhor, te esquecerás de mim?" (IBB, Sl 13.1 [2]); "Por que te olvidaste de mim?" (Sl 42.9 [10]); "Por que escondes a tua face, e te esqueces da nossa miséria?" (Sl 44.24 [25]); "Por que te esquecerias de nós para sempre?" (Lm 5.20). Com referência aos ímpios, porém, Deus não sofre de amnésia (Sl 10.11).

Num maior número de vezes o homem é o sujeito de *shākah*, aquele que esquece. Esquecer não é simplesmente um ato psicológico em que o pensamento sai do estado consciente, um lapso temporário ou permanente de memória. Isso se vê com a freqüente associação do verbo com uma ação. Esquecer-se de Deus é ignorar os seus mandamentos (Dt 8.11). Esquecer-se de Deus é seguir outros deuses (Dt 8.19); esquecer-se de Deus é estar com medo de sofrer algo e do perigo, é viver se lamentando, timidamente (Is 51.13). Esquecer-se de Deus é desafiá-lo (Sl 106.13). A Bíblia parece indicar que a saciedade é o principal fator que leva alguém a se esquecer de Deus (Dt 8.12 e ss.; Os 13.6, e.g.).

Em uns poucos casos *shākah* não pode ter o sentido de "esquecer", mas de algo como "ressecar". Salmos 137.5 ilustra isso; nesse versículo a tradução preferível é "se eu de ti me esquecer [*shākah*], ó Jerusalém, que se resseque [*shākah*] a minha mão direita", e não como aparece na IBB, "... esqueça-se a minha destra da sua destreza" (observe-se que o TM não traz "sua destreza"). Cf. também Salmos 31.12 [13]; 59.11 [12]; 77.9 [10]; 102.4 [5].

shākēah. ***Aquele que esquece, esquecidiço.*** Essa palavra aparece somente na forma participial, em Isaías 65.11, "vós outros (... os que vos esqueceis do meu santo monte", e

em Salmos 9.17 [18], "os ímpios irão para o Sheol, sim, todas as nações que se esquecem de Deus" (IBB).

Bibliografia: — ALBRIGHT, W. F. Anath and the dragon. *BASOR* 84:14-7, esp. p. 15. — DAHOOD, M. *Psalms I*. v. 1, p. 190. _____. *Psalms II*. v. 2, p. 72. _____. *Psalms III*. v. 3, p. 11-2, 271. — RABIN, C. Etymological miscellanea. *Scripta Hierosolymitana* 8:384-400, esp. p. 399-400. — WOLFF, H. Wissen um Gott bei Hosea als Urform von Theologie. *EvTh* 12:534-54, esp. p. 539-43. — *THAT*. v. 2, p. 898-903.

V.P.H.

2384 שָׁכַךְ (*shākak*) ***reduzir, diminuir.***

Verbo usado apenas cinco vezes no AT, quatro vezes no qal (Gn 8.1; Jr 5.26; 2.1; 7.10) e uma no hifil (Nm 17.5 [20]). Nessa última passagem o significado é "dar cabo de": "assim 'farei cessar' (...) as murmurações". Segue-se então a história da vara de Arão, que floresceu.

Em Jeremias 5.26 a tradução é incerta (BRIGHT, *Jeremiah*, em *AB*, p. 38, 40), "cada um anda espiando, como 'espreitam' [ou 'se agacham'?] os passarinheiros". Nas passagens do livro de Ester o verbo descreve claramente a diminuição da ira do rei persa.

A referência de Gênesis (8.1) aparece na narrativa do dilúvio. A narrativa informa que o dilúvio durou 40 dias e 40 noites (Gn 7.12, 17). O nível da água se manteve acima das regiões terrestres mais elevadas por 150 dias (Gn 7.24). Então as águas começaram a baixar lentamente (8.1).

V.P.H.

2385 שָׁכַל (*shākal*) ***estar enlutado, desfilhar, sofrer abortamento.***

Termos Derivados

2385a †שְׁכוֹל (*sh'kôl*) ***luto.***
2385b †שָׁכוּל (*shākûl*) ***sem filhos.***
2385c †שַׁכּוּל (*shakkûl*) ***enlutado.***
2385d †שִׁכְלִים (*shikkulîm*) ***ausência de filhos.***
2385e †מְשַׁכֶּלֶת (*m'shakkelet*) ***abortamento.***

O verbo é empregado 25 vezes no AT, a maioria delas no piel (18 vezes), mas também cinco vezes no qal (Gn 27.45; 43.14 [duas vezes]; 1 Sm 15.33; Is 49.21) e duas no hifil (Os 9.14; Jr 50.9, muito embora aqui muitos emendem *mashkîl* para *maśkîl*, "como de destro guerreiro", ARA). Em 1 Samuel 15.33 o verbo é utilizado em dois graus distintos, sem diferença significativa de sentido: "Assim como a tua espada desfilhou [*shākal* no piel] mulheres, assim desfilhada [*shākal* no qal] ficará tua mãe entre as mulheres".

Quando a tradução de *shākal* é "desfilhar", o verbo é inevitavelmente empregado num contexto de juízo divino: Levítico 26.22; Deuteronômio 32.25 Jeremias 15.7; Ezequiel 5.17; 14.15; Oséias 9.12; Lamentações 1.20. O caráter contundente da ameaça de deixar sem filhos e estéril é ainda mais acentuado quando se recorda do grande valor dado no

AT à prole e à herança. Muitas israelitas clamaram como o fez Raquel: "Dá-me filhos, senão morrerei" (Gn 30.1).

Há uma curiosa tríade de usos de *shākal* em Ezequiel 36.12, 13, 14. Judá é acusado de "desfilhar" o seu povo. Será que isso se referia à prática de sacrifício de criancinhas ou a canibalismo?

Pode-se observar que essa não é a palavra utilizada acerca de Jeconias em Jeremias 22.30. Ele chegou a ter filhos, embora estes tenham ido para a Babilônia como escravos. Ali a palavra, que é derivada de *'ārar*, tem um sentido um tanto quanto mais genérico, "destituído", "indigente (de filhos)".

Observam-se finalmente aquelas passagens em que aparece com destaque a idéia de "abortar". A referência pode ser ao aborto: 1) de animais (cordeiras e cabras, Gn 31.38; ovelhas, Ct 4.2; 6.6; vacas, Jó 21.10); 2) da terra (não-produtiva; 2 Rs 2.19, 21; Ml 3.11); 3) humano (Êx 23.26; Os 9.14, "dá-lhes uma madre que aborte", IBB).

sh^{e}kôl. ***Luto, perda de filhos, desolação.*** Essa palavra aparece apenas três vezes. Ocorre em Isaías 47.8-9, num lamento pela Babilônia, que arrogantemente diz: "nem conhecerei a perda de filhos" (v. 8). A terceira ocorrência se acha em Salmos 35.12, "o que é 'desolação' para a minha alma".

shākûl. ***Sem filhos.*** Palavra já analisada acima, quando se tratou das formas no qal, e que aparece em Isaías 49.21 como um particípio feminino passivo: "Quem me gerou estes? pois eu estava 'desfilhada' e estéril" Mesmo depois do exílio, um remanescente sobreviveu, uma segunda geração.

shakkûl. ***Enlutado, roubado.*** Talvez um particípio passivo do piel, sem o *mem* prefixal. Vocábulo usado três vezes na analogia de uma ursa "roubada" de seus filhotes (2 Sm 17.8; Os 13.8; Pv 17.12), uma vívida descrição de impetuosidade e determinação. Cf. também Jeremias 18.21; Cantares 4.2; 6.6.

shikkulîm. ***Ausência de filhos.*** Apenas em Isaías 49.20, "os filhos 'de que foste privada' ainda dirão aos teus ouvidos". O exílio não acaba com a existência de Israel/Judá.

m^{e}shakkelet. ***Abortamento.*** Substantivo feminino abstrato que aparece somente em 2 Reis 2.21, "já não procederá [destas águas] morte nem 'esterilidade'" (i.e., a terra será produtiva e frutífera).

V.P.H.

שִׁכֻּלִים (*shikkulîm*). Veja o nº 2 385d.

2386 *שָׁכַם (*shākam*) ***levantar cedo.*** Esse verbo denominativo ocorre somente no hifil.

Substantivo de Origem

2386a †שֶׁכֶם (*sh^{e}kem*) ***I, ombro, costas.***
2386b †שֶׁכֶם (*sh^{e}kem*) ***II, Siquém.***

2386 *שָׁכַם (*shākam*)

Não é clara a relação entre o verbo *shākam* e o substantivo *sh'kem*, "ombro". Pope (*Job*, em *AB*, p. 8) apresenta a seguinte hipótese: "O verbo é aparentemente denominativo, derivado do substantivo *sikm*, 'ombro', e originariamente talvez tivesse que ver com a atividade realizada bem de manhã de levantar acampamento, o que envolveria o uso dos ombros quer do homem quer dos animais de carga e não pouca força". Esse é também o entendimento de *BDB*.

O que há de importante para observar aí é que *shākam* com o significado de "levantar cedo" é algo de que se pode estar seguro somente quando alguma expressão ou fato qualificativo é acrescentado, tais como *babbōqer*, "de manhã" (Gn 21.14), a referência ao orvalho matutino (Os 6.4; 13.3), o contraste com o permanecer acordado até tarde (Sl 127.2) e com a tarde (1 Sm 17.16). E mesmo aí é raro o uso do verbo numa das formas finitas. Na maioria das vezes ele é empregado adverbialmente e se encontra coordenado com outro verbo. É assim que em Gênesis 19.2 (e muitas outras passagens) não se deve ler "levantar-vos-eis de madrugada e seguireis o vosso caminho" (ARA), mas "podereis pôr-vos 'cedo' a caminho".

Nessa linha de raciocínio, observe-se que a raiz *shākam* às vezes não tem nada que ver com a idéia de "prematuridade", "antecipação", mas sim com a de "diligência", "persistência", "avidez". É assim que Jeremias 7.13 traz "quando eu vos falei 'insistentemente'" (IBB); compare-se com "eu vos falei, 'começando de madrugada'" (ARA). A BLH traduz por "muitas e muitas vezes". Essa expressão idiomática ocorre 11 vezes em Jeremias e em 2 Crônicas 36.15 e Sofonias 3.7, "eles corromperam 'continuamente' seus feitos" ("eles se levantaram de madrugada, e corromperam todos os seus atos", ARA). *shākam* com o sentido de "obter", "estar ocupado" (um hifil elativo), está ilustrado em Jó 1.5, "ele dedicava-se de manhã" (Pope), e em Juízes 7.1, "Jerubaal (...) e todo o povo lançaram-se a (...)" ("se levantou de madrugada", ARA; também Jz 19.8-9; 21.4).

Quando *shākam* tem o sentido de "levantar cedo", o levantar-se pode ter diversos objetivos: primeiro, obviamente o de começar bem uma longa viagem; segundo, começar bem o dia mediante participação em algum ato de adoração (Gn 22.3; 28.18; Êx 24.4; 32.6; 34.4; Js 6.12; 1 Sm 1.19; 2 Cr 29.20); e, terceiro, ir para a batalha.

sh'kem. ***I. Ombro, costas.*** Essa palavra designa não apenas os ombros, mas também a parte superior das costas em geral. O hebraico *sh'kem* pode designar tanto o substantivo comum "ombro", "costas", quanto o local "Siquém". Como "Siquém" deriva do substantivo que significa "ombro" é algo que será explicado abaixo. Em pelo menos um caso é difícil saber a qual das duas palavras o texto se refere. Em Gênesis 48.22, que registra palavras ditas por Jacó a José, a IBB traz "eu te dou um 'pedaço de terra' a mais do que a teus irmãos". Em vez de "pedaço de terra", a ARA traz "um declive montanhoso", e a BLH e Speiser (*Anchor Bible*, p. 358) traduzem por "Siquém". Ocorre aqui um jogo de palavras. Jacó reparte a terra e destina Siquém a José, sendo que posteriormente Siquém se torna o local de sepultamento deste último (Js 24.32), da mesma forma como alguém reparte uma refeição (e o ombro, i.e., o lombo do animal, é uma das melhores partes) em várias porções.

Como seria de esperar, freqüentemente se menciona o ombro quando algo está sendo carregado, quer num sentido literal (mantimentos, Gn 21.14; de água, Gn 24.15, 45; de massa de pão, Êx 12.34; de pedra, Js 4.5; de ramos de árvore, Jz 9.48), quer num sentido figurado (o peso representado pela Assíria, Is 10.27; 14.25; uma vara de castigar, Is 9.4 [5]; a opressão dos israelitas no Egito, Sl 81.6 [7]).

Em segundo lugar, usar algo sobre os ombros é vestir ou ostentar orgulhosamente essa peça ou objeto e afirmar a sua própria autoridade: "porei sobre o seu ombro a chave da casa de Davi" (Is 22.22); "por certo que a levaria [uma carta de absolvição?] sobre o meu ombro" (Jó 31.36). Nesse contexto observe-se na passagem messiânica a expressão "o governo está sobre os seus ombros" (Is 9.6 [5]). O Menino há de ser um Rei e Governante.

Deve-se assinalar um último emprego. Em Salmos 21.12 [13] Davi diz que Deus fará seus inimigos "voltar as costas", ou seja, ele os fará fugir (idéia adotada por quase todas as versões). Dahood (*Psalms I*, em *AB*, p. 134) propõe a tradução "tu os tornarás totalmente em ombros". Os inimigos estão deitados de costas, e o Rei pode pôr os pés sobre os seus pescoços como sinal de conquista.

sh^ekem. ***II. Siquém.*** Cidade localizada no território de Efraim, entre o monte Ebal e o monte Gerizim, e situada a cerca de 65 quilômetros ao norte de Jerusalém. A relação entre "Siquém" e "ombro" há de ser encontrada em sua localização geográfica. Pode-se pensar na sua topografia como a encosta (ombro) das duas montanhas vizinhas.

As passagens mais significativas em que aparece a palavra "Siquém" são as seguintes: 1) Abraão parou ali pouco antes de chegar a Canaã e ali edificou um altar (Gn 12.6). 2) Jacó esteve ali pacificamente (Gn 33.18-20), mas a única mulher dentre os seus 13 filhos foi subseqüentemente violentada em Siquém (Js 24.32), numa gleba adquirida por seu pai. 3) Siquém não é mencionada na lista de cidades conquistadas pelos israelitas sob o comando de Josué, talvez num sinal de que ela se rendeu pacificamente, mas ela foi o cenário da grande reiteração da aliança, para o que Josué reuniu todas as tribos (Js 24.1 e ss.). 4) Foi o centro de atividades de Abimeleque, o filho de Gideão que tentou instituir a monarquia, algo de que seu próprio pai havia recuado (Jz 9.1 e ss.). Todo aquele plano astuto terminou em carnificina. 5) Depois da morte de Salomão, as dez tribos em Siquém rejeitaram Roboão como rei (1 Rs 12.1), quando este se recusou a outorgar uma declaração de direitos. Jeroboão, coroado rei nesse local, estabeleceu Siquém como a sua primeira capital (1 Rs 12.25). O AT não diz praticamente mais nada sobre a cidade. O NT cita uma vez Siquém, em Atos 7.16. Desse modo, ao longo de sua história, Siquém serviu de local de adoração (Abraão e Jacó) e de base para operações políticas que vieram a resultar em carnificinas. Foi, em momentos distintos, um altar e um necrotério.

Bibliografia: — REVIV, H. The governmental Shechem in the El-Amarna period and in the days of Abimelech. *Israel Exploration Journal* 16:252-7. — WRIGHT, G. R. H. Shechem and the league shrines. *VT* 21:572-603.

V.P.H.

2387 שָׁכַן (*shākan*) ***habitar, tabernacular.***

Termos Derivados

2387a שֵׁכֶן (*shēken*) ***morada*** (Dt 12.5).

2387b †שָׁכֵן (*shākēn*) ***vizinho, morador.***

2387c †מִשְׁכָּן (*mishkān*) ***tabernáculo.***

O verbo *shākan* é usado 129 vezes no AT, a maioria das vezes no qal (111 vezes). É também empregado no piel (12 vezes) e no hifil (6 vezes). Em 43 vezes Deus é o sujeito do verbo. Ele pode morar no monte Sião (Sl 74.2). Ele habita no meio do seu povo (Êx 25.8). Ele habitará em Jerusalém (Zc 8.3). Foi Jerusalém que Deus escolheu para ali fazer habitar o seu nome (Dt 12.11; etc.). Em diversas ocasiões, alguma representação simbólica da presença divina habita no meio do povo: a glória divina há de habitar na terra (Êx 24.16; Sl 85.9 [10]). Muitas vezes o sujeito do verbo é a nuvem (Nm 9.17, 18, 22; 10.12; Jó 3.5, num sentido diferente).

Na LXX o verbo é traduzido na maioria das vezes por *kataskēnoō* em vez de simplesmente *skēnoō*, "armar barraca", numa proporção de dois para um. Não está bem clara a razão da predominância da forma composta do verbo, mas uma hipótese é que essa forma mais comprida da palavra reforça e enfatiza ainda mais a idéia de uma estada mais demorada ou permanente em contraste com uma simples pousada à noite (MICHAELIS, veja-se a bibliografia, p. 387-8).

Existe em hebraico um outro verbo que também significa "habitar", "morar", a saber, *yāshab*. Qual é a diferença entre os dois? As vezes são usados em paralelismo: "Vós, todos os habitantes [*yāshab*] do mundo, e vós os moradores [*shākan*] da terra" (Is 18.3); "Levantai-vos, ... subi contra uma nação que habita [*yāshab*] em paz e confiada (...) eles habitam [*shākan*] a sós" (Jr 49.31); "O SENHOR declarou que habitaria [*lishkôn*] em nuvem espessa! Edifiquei uma casa para tua morada [*mākôn lᵉshibᵉkā*]" (2 Cr 6.1-2). A distinção básica é que o verbo *yāshab* é reservado para passagens que descrevem a ação de o homem habitar no meio do seu povo na terra. Raramente se usa *yāshab* quando o assunto é Deus morar na terra. Salomão até mesmo indaga retoricamente: "de fato habitaria [*yāshab*] Deus na terra?" (1 Rs 8.27). Quando se emprega *yāshab* para designar a habitação divina, é à sua morada celeste que se faz referência: "Ri-se aquele que habita [*yôsheb*] nos céus" (Sl 2.4); "Tu, porém, SENHOR, permaneces para sempre" (Sl 102.12, [13]). A palavra sugere então majestade e realeza, pois a morada de Deus [*yāshab*] é Jerusalém e Sião (cf. Sl 135.21; 9.11, [12]). *shākan*, de outro lado, ressalta a idéia não de algo elevado e sublime, mas de vizinhança e proximidade.

shākēn. ***Vizinho, morador.*** Esse segundo sentido aparece em Oséias 10.5, "os moradores de Samaria serão atemorizados". *shākēn* pode designar o vizinho que é amistoso (Êx 3.22; Rt 4.17) ou aquele que é hostil (Sl 44.13, [14]; 79.4, 12).

mishkān. ***Tabernáculo.*** Esse vocábulo designa o santuário portátil construído pelos israelitas no deserto e descrito detalhadamente em Êxodo 25—31 e 35—40.

Até poucas décadas atrás, a erudição bíblica, no que diz respeito ao tabernáculo, ocupava-se em aceitar ou negar a abordagem reconstrucionista elaborada por Wellhausen no século 19. Em poucas palavras, Wellhausen chegou à conclusão de que o relato do livro de Êxodo acerca do tabernáculo era ficção literária escrita no período do pós-Exílio e foi uma idealização do período no deserto empregando-se o templo de Salomão por modelo. Para sustentar o seu ponto de vista, Wellhausen apresentou algumas "provas", tais como: é de duvidar que os israelitas possuíssem as habilidades necessárias no período no deserto, especialmente pelo fato de que precisaram da ajuda fenícia para a construção do templo de Salomão; a quantidade de material necessário e o seu preço parecem estar fora do alcance de um povo errante que havia pouco tempo fora libertado da escravidão. As

fraquezas desses argumentos têm sido muito bem detectadas pela erudição bíblica contemporânea.

[Quanto à estrutura em si, há um íntimo paralelo arquitetônico e cronológico com a capela interior ao redor do sarcófago, no túmulo de Tutancâmon. Os lados eram desmontáveis, feitos de pranchas trabalhadas e revestidas de ouro e presas com ferrolhos deslizantes. Sobre a estrutura havia uma cortina de linho adornada com florões de ouro. A estrutura está em exibição no Museu do Cairo. R.L.H.]

Uma questão mais premente é até que ponto a instituição do tabernáculo soluciona (ou complica) o problema de harmonizar as idéias da transcendência e da imanência de Deus. O tabernáculo é o lugar em que o Senhor habita no meio do seu povo e, ao mesmo tempo, "o céu dos céus" são incapazes de contê-lo (2 Cr 6.18). Como conciliar aquilo que é aparentemente paradoxal? Aqueles que aceitam a validade da identificação e crítica das fontes enxergam aí um antagonismo entre duas delas: de um lado, a sacerdotal e, de outro, Deuteronômio e a literatura deuteronomística. A primeira não hesita em conceber e expressar a presença divina num sentido corpóreo, ou seja, entende que Deus realmente reside em sua morada. Isso pode ser chamado de teologia antropomórfica. Deus habita num tabernáculo/casa/tenda. Em contraste, Deuteronômio não fala do tabernáculo como um local onde "Deus habita", mas emprega a expressão "Deus faz ali habitar o seu nome" (12.11; 14.23; 16.2, 6, 11; 26.2; em todos esses casos *shākan* se encontra no piel). Propõe-se então que o(s) escritor(es) de Deuteronômio está(estão) tentando atacar a idéia de que Deus realmente morasse no tabernáculo, havendo aí uma luta entre o abstrato e o concreto. (As passagens das Escrituras que enfatizam a idéia de "fazer habitar o nome de Deus" foram organizadas e relacionadas por Weinfeld [veja-se a bibliografia, p. 324-5]). É o nome de Deus e não o próprio Deus quem habita no tabernáculo.

É difícil entender as exatas razões por que essas expressões e conceitos seriam mutuamente exclusivas em vez de dois lados da mesma moeda e, desse modo, complementares. Uma das expressões, "Deus habita", é um golpe contra a tentação de os israelitas assumirem uma posição deística e verem o Senhor como um Deus emérito. De outro lado, a expressão "o nome de Deus habita" é um ataque contra a tentação de identificar Deus com algum local. Tais circunstâncias ditaram esse conceito dialético da habitação de Deus.

Pode-se aquilatar quão crucial era o tabernáculo, observando-se quantos capítulos a Bíblia dedica ao acontecimento original. São 13 capítulos (Êx 25—31; 35—40) em contraste com, digamos, a criação e a queda, às quais dedica um total de três capítulos, os quais apresentam apenas um mero arcabouço dos acontecimentos. Se o tabernáculo é o lugar onde Deus e o homem se encontram para adoração, este para adorar aquele, é imperativo que essa instituição seja descrita minuciosamente. Tudo é construído de acordo com ordens explícitas de Deus; nada se faz com base nas idéias particulares de arquitetos humanos.

O trecho de Êxodo que trata do tabernáculo vem logo após a passagem que descreve a entrega da lei e o estabelecimento da aliança. Qual é a relação entre o Sinai e o tabernáculo? Moisés recebe as tábuas da parte de Deus enquanto está na montanha, cujo topo está totalmente envolto por uma nuvem e pela glória de Deus. Ali ele também recebe instruções para a construção do tabernáculo. Quando este fica pronto, a glória de Deus, outrora no Sinai, agora enche o tabernáculo. Aquilo que aconteceu no Sinai prossegue no tabernáculo. Há uma continuidade entre revelação anteriormente feita da vontade de Deus e a revelação contínua no tabernáculo.

Bibliografia: Artigos acerca da estrutura física do tabernáculo podem ser achados em qualquer dicionário ou enciclopédia bíblica clássica. Mencionam-se aqui apenas livros e artigos que ressaltam aspectos lingüísticos ou teológicos. — CHILDS, B. *The book of Exodus*. Westminster, 1974. p. 512 e ss. — CROSS, F. The priestly tabernacle. *Biblical Archaeologist Reader*. v. 1, p. 201-28, esp. p. 224-6. — MICHAELIS, W. *skēnē*. In: *TDNT*. v. 7, p. 368 e ss. — WEINFELD, M. *Deuteronomy and the Deuteronomic school*. Oxford, Clarendon, 1972. esp. p. 191 e ss. The concept of God and the divine abode. — THAT. v. 2, p. 904-8.

V.P.H.

2388 שָׁכַר (*shākar*) ***I, estar bêbado, embriagar-se.***

Termos Derivados

2388a †שֵׁכָר (*shēkār*) ***bebida forte.***

2388b †שִׁכּוֹר (*shikkōr*) ***bêbado (subst.).***

2388c †שִׁכָּרוֹן (*shikkārôn*) ***embriaguez.***

Esse verbo é empregado 19 vezes no AT, 12 delas nos livros proféticos. No grau qal (10 vezes) o verbo é intransitivo, "estar bêbado". No piel e no hifil (quatro vezes em cada grau) ele é transitivo, "embriagar".

Com bem poucas exceções, empregam-se *shākar* e seus derivados num contexto altamente desfavorável e negativo. Deve-se, no entanto, assinalar as poucas passagens em que se usa a raiz num sentido aceitável. Gênesis 43.34 diz que os irmãos de José "com ele beberam e se 'embriagaram'" (BJ; ARA, "se regalaram"). A ênfase está na sociabilidade, não no beber até ficar bêbado. Em segundo lugar, a "bebida forte" devia ser usada na oferta de libação (Nm 28.7), a qual obviamente não devia ser bebida, mas derramada como oferta ao Senhor. Em terceiro lugar, o dízimo anual a ser dado ao Senhor, que era o proprietário da terra, podia ter bebida forte como um de seus elementos (Dt 14.26). Em quarto lugar, podia-se usar *shēkār* como um estimulante: "Dai bebida forte aos que perecem" (Pv 31.6; e Mt 27.34; Mc 15.23 na cruz; a KJV traz "vinagre" em Mt 27.34, mas os melhores textos dizem que é "vinho"; mais tarde Jesus aceitou o vinagre [diluído], Mt 27.48). Em quinto lugar, Cantares 5.1. De modo que, dos quase 60 usos da raiz *shākar*, somente cinco se referem a algo bom e aceitável.

As Escrituras registram diversos casos de embriaguez provocada por *shēkār*: 1) Noé (Gn 9.20-27); 2) Nabal (1 Sm 25.36); 3) Amnom (2 Sm 13.28-29); 4) Elá (1 Rs 16.9); 5) Ben-Hadade I (1 Rs 20.16). De especial interesse são aquelas passagens que indicam que Deus envia embriaguez ao povo. Desse modo lê-se em Jeremias 13.13 "eis que eu encherei de embriaguez a todos os habitantes desta terra (...) e aos reis (...) e aos sacerdotes e aos profetas", e em Isaías 63.6, "embriaguei-os no meu furor". A idéia é de que a embriaguez designa desamparo. Assim sendo, Deus diz a seu povo: "Sustentarei os teus opressores com a sua própria carne, e com o seu próprio sangue se embriagarão" (Is 49.26). Nessa passagem "embriagar-se" significa "estar indefeso"; uma tradução livre poderia ser "farei com que os teus opressores fiquem totalmente indefesos". Cf. Jeremias 25.27; 51.39, 57.

shēkār. ***Bebida forte, cerveja.*** Muito provavelmente essa palavra não designa "bebida destilada", pois não há indícios de que esse tipo de bebida tenha existido nos tempos antigos. O vocábulo denota não apenas a cerveja de cevada, mas qualquer bebida alcoólica preparada de cereal ou de fruta. Com apenas duas exceções (Nm 28.7; Sl 69.12 [13]), a palavra aparece junto com *yayin*, "vinho", geralmente como o segundo vocábulo, mas uma vez como o primeiro (Pv 31.6).

shikkōr. ***Bêbado (subst.).*** Substantivo usado quer no sentido literal (1 Sm 1.13; 25.36; 1 Rs 16.9; 20.16; Pv 26.9) quer no figurado (Is 19.14; 24.20; Jr 23.9; Sl 107.27).

shikkārôn. ***Embriaguez.*** Somente em Jeremias 13.13; Ezequiel 23.33; 39.19.

V.P.H.

2389 שָׁכַר (*shkr*). **II. Aceita como raiz de:**

2389a אִשְׁכָּר (*'eshkār*) ***presente*** (Ez 27.15).

שִׁכָּרוֹן (*shikkārôn*). Veja o nº 2 388c.

2389.1 שַׁל (*shal*) palavra que possivelmente significa ***erro***, derivada do aramaico *sh'lā'*. Aparece somente em 2 Samuel 6.7; significado e derivação incertos.

2390 *שָׁלַב (*shālab*) ***ser unido, ser juntado.*** Ocorre somente no pual (Êx 26.17; 36.22).

Termo Derivado

2390a שִׁלְבִים (*sh'labbîm*) ***junção de bases*** (1 Rs 7.28, 29).

2391 *שָׁלַג (*shālag*) ***nevar.*** Esse verbo denominativo ocorre somente uma vez, no hifil (Sl 68.15).

Substantivo de Origem

2391a שֶׁלֶג (*sheleg*) ***neve*** (e.g., Is 1.18; Êx 4.6). Símbolo de purificação.

2392 שָׁלָה (*shālâ*) ***I, estar descansando, prosperar.***

Termos Derivados

2392a †שַׁלְוָה (*shālû*) ***prosperidade.***
2392b †שַׁלְיִי (*sh'lî*) ***tranqüilo, particular.***
2392c †שָׁלֵו (*shālēw*) ***tranqüilo, próspero.***
2392d †שַׁלְוָה (*shalwâ*) ***tranqüilidade, prosperidade.***

2393 שָׁלָה (*shālâ*)

Para o verbo *shālâ* o significado "estar descansando" se aplica somente em Jó 3.26, "não tenho 'descanso', nem sossego, nem repouso". Nas quatro passagens restantes a ênfase recai sobre a prosperidade: daqueles que amam Jerusalém (Sl 122.6); dos ímpios (Jó 12.6; Jr 12.1; Lm 1.5).

shālû. ***Prosperidade.*** Uma palavra distinta, encontrada somente em Salmos 30.6 [7] (segundo *BDB*, p. 1017). O contexto sugere a flagrante ilusão de que a prosperidade assegura estabilidade e é algo fundamental: "Dizia eu na minha prosperidade: Jamais serei abalado".

shᵉlî. ***Tranqüilo, particular.*** Essa palavra aparece apenas em 2 Samuel 3.27. Joabe chamou Abner de lado para lhe falar em particular e ali o matou. Por que Joabe fez isso? Há pelo menos duas razões. Primeiro, Joabe queria vingar-se de Abner por este ter matado o seu irmão Asael (2 Sm 2.23). A segunda, Joabe via Abner como um rival de Davi, cuja missão de paz em Hebrom seria apenas um disfarce. Desse modo, visto que Abner havia começado a mostrar as suas intenções, devia ser eliminado silenciosamente.

shālēw. ***Tranqüilo, próspero.*** O adjetivo pode qualificar a vida de um indivíduo (Jó 16.12, antes de sua tragédia física) ou de uma nação/país/cidade (1 Cr 4.40, Palestina; Zc 7.7, Jerusalém; a palavra pode, contudo, ser usada num sentido negativo, como em Ez 23.41, "despreocupado" [BJ; ARA, "que folgava"]). Emprega-se o vocábulo para também destacar a prosperidade dos ímpios (Sl 73.12).

shalwâ. ***Tranqüilidade, prosperidade.*** Esse substantivo designa um bendito traço de caráter na vida de qualquer pessoa (Sl 122.7; Pv 17.1). Isso, no entanto, pode ser uma porta aberta para a calamidade. Observe-se que um dos pecados de Sodoma foi a "prosperidade" (BJ, Ez 16.49) no ócio (*shāqaṭ*). Pode produzir "despreocupação" (BJ, Pv 1.32). E uma plataforma política que promete paz a qualquer preço não pode ser nada mais do que um subterfúgio e uma jogada pessoal.

V.P.H.

2393 שָׁלָה (*shālâ*) ***II, tirar, extrair*** (Jó 27.8).

2393a שִׁלְיָה (*shilyâ*) ***placenta*** (Dt 28.57).

שַׁלְהֶבֶת (*shalhebet*). Veja o nº 1 077c.

שָׁלוּ (*shālû*), שָׁלֵו (*shālēw*). Veja os nºs 2 392a, c.

שַׁלְוָה (*shalwâ*). Veja o nº 2 392d.

שַׁלְוּחָה (*shᵉlûḥâ*). Veja o nº 2 394c.

שְׁלוּחִים (*shᵉlûḥîm*). Veja o nº 2 394b.

שָׁלוֹם (*shālôm*), שִׁלּוּם (*shillûm*). Veja os nºs 2 401a, g.

2394 שָׁלַח (*shālaḥ*) ***I, enviar, mandar embora, deixar ir.***

Termos Derivados

2394a †שֶׁלַח (*shelaḥ*) ***arma.***

2394b †שִׁלּוּחִים (*shillûḥîm*) ***ato de mandar embora.***

2394c שְׁלוּחָה (*shᵉlûḥâ*) ***renovo, ramo*** (Is 16.8, somente).

2394d מִשְׁלַח (*mishlaḥ*) ***empreendimento (aquilo para o que se estende a mão), pastagem.***

2394e מִשְׁלוֹח (*mishlôaḥ*) ***extensão, envio.***

2394f מִשְׁלַחַת (*mishlaḥat*) ***baixa (do serviço militar), delegação.***

O verbo *shālah* significa "enviar", "mandar embora", "soltar", "espalhar", "disseminar (contenda e discórdia)", "esticar (a mão ou uma vara)", "estender (a mão ou uma vara)", "lançar (raízes e ramos)", e, empregado junto com *'ēsh*, "fogo", tem o sentido de "acender".

Na primeira categoria, a pessoa envia uma outra pessoa a algum lugar (Gn 28.5; 37.13) ou envia coisas tais como tributo (Jz 3.15) ou cartas (1 Rs 21.8; 2 Rs 5.5).

Com freqüência Deus é descrito como quem envia homens numa missão oficial como seus embaixadores ou representantes (cf Is 6.8; Jr 1.7; 25.4; 26.5; 35.15; Ez 2.34; Jz 6.8). Falsos profetas não são enviados por Deus (Jr 14.14-15). Moisés foi representante de Deus (Êx 4.28; Dt 34.11), como também o foi Gideão (Jz 6.14). Semelhantemente considera-se que a mensagem dos profetas é enviada por Deus (Zc 7.12; Is 9.8 [7]) e atingirá os objetivos divinos (Is 55.11). Mais importante ainda, Deus enviará o seu Salvador para curar os quebrantados de coração e pôr em liberdade os presos (Is 61.1).

Deus mandou sinais e maravilhas ao livrar Israel do Egito (Sl 135.9), mas também os advertiu de que, caso se afastassem dele para seguir os ídolos, ele enviaria reprimendas, confusão e uma maldição sobre eles (Dt 28.20).

O significado de "mandar embora" geralmente se vê no piel e se encontra em Gênesis 12.20; 18.16. Gênesis 3.23 claramente envolve uma expulsão, e em Jeremias 28.16 o significado envolve morte. O divórcio é mandar a esposa embora (Dt 22.19, 29; Is 50.1).

O terceiro sentido, o de "soltar", "pôr em liberdade", também ocorre principalmente no piel. E usado no sentido mais suave de formalmente permitir que um hóspede vá embora (Gn 18.16; 24.54) e no sentido mais forte de libertar cativos, tais como os israelitas do Egito (Êx 4.21), os exilados da Babilônia (Is 45.13) e os prisioneiros da cova (Zc 9.11). Em Salmos 81.12 Deus entrega o Israel rebelde a seu próprio caminho, para que sofra as conseqüências.

Sem dúvida alguma devem-se classificar nesta mesma categoria aquelas passagens em que Deus solta diversos tipos de praga sobre o seu povo, visto que se emprega o grau piel. Isso significa que Deus remove a mão protetora e desencadeia várias forças hostis (Nm 21.6; Jr 9.16; Am 4.10; etc.).

Provérbios 6.14, 19 ilustra a quarta categoria, "disseminar (contenda)", ao passo que a quinta categoria, "estender (a mão)", se vê em 1 Samuel 24.6 [7]. Em Salmos 110.2 o Messias estende o seu cetro enquanto governa as nações. O significado de "lançar (raízes e ramos)" se vê em Jeremias 17.8 e Ezequiel 17.6, ao passo que a última categoria, "acender (fogo)", "enviar (fogo)", aparece em Oséias 8.14 e Amós 1.4, 7, 10, 12.

shelah. ***Arma, arma de arremesso.*** Esse vocábulo originariamente tinha o sentido provável de aquilo que era atirado. Dessarte, os homens de Neemias trabalharam com uma mão, enquanto com a outra carregavam uma arma (Ne 4.17, 23). O vocábulo é usado oito vezes na Bíblia, e tem cognatos em ugarítico e árabe. (Esse vocábulo talvez não seja um cognato autêntico, visto que o verbo árabe significa "armar", "lutar", em vez de "enviar", "atirar".)

shillûhim. ***Ato de mandar embora, presente de despedida.*** Palavra usada três vezes. O ugarítico *tlh* é cognato.

Bibliografia: — *TDNT*. v. 1, p. 413-20. — *THAT*. v. 2, p. 909-15.

H.J.A.

2395 שלח (*shlh*). **II. Aceita como raiz de:**

2395a †שׁלְחָן (*shulhān*) ***mesa.***

O verbo *shālah* não é encontrado no AT. Seu cognato árabe significa "esfolar o couro". O siríaco *shalha* designa o couro que foi esfolado de um animal. Parece que o uso hebraico deriva do costume de estender um couro sobre o chão para usar como mesa. O ugarítico emprega o substantivo *tlhn* num sentido parecido ao do hebraico. Todavia existem problemas. O cognato ugarítico *tlhn* revela uma consoante inicial *ṯ* que deveria ser representada por *t* em siríaco e por *ṯ* em árabe. A identificação com o árabe e o hebraico pode ser errônea ou então pode ter havido algum tipo de empréstimo. De qualquer forma, o significado é "mesa" ou mais genericamente "local de comer".

shulhān é utilizado no AT com diversas variações, todas derivadas do uso dado a uma mesa. A palavra descreve primeiramente o objeto físico denominado mesa, como em 2 Reis 4.10 e Juízes 1.7. Nesta última passagem, descrevem-se reis conquistados a recolher migalhas de comida sob a mesa de seus conquistadores. Num maior número de vezes o vocábulo descreve a mesa posta com comida, como em Neemias 5.17. Aí a ênfase recai sobre a refeição em vez da mesa em si. (Isso também é válido quanto à mesa dos pães da proposição.) A partir daí facilmente deriva um uso metafórico, a saber, o da provisão divina para as necessidades humanas (como em Sl 78.19).

Um uso importante da palavra é o de evocar na mente a cena da comunhão de que participam os assentados ao redor da mesa, tais como a linda cena familiar de Salmos 128.3, ou a comunhão falsa e pérfida de Daniel 11.27, ou ainda a comunhão nos planos malignos de Salmos 69.22 [23]. Não resta dúvida de que esse conceito entra na cena imaginada de 1 Coríntios 10.21. Finalmente, usa-se a palavra na descrição do altar de sacrifício, como em Ezequiel 40.39 e 41.22.

H.J.A.

שֻׁלְחָן (*shulḥān*). Veja o nº 2 395a.

2396 שָׁלַט (*shālat*) ***I, exercer poder (sobre), dominar, tiranizar.***

Termos Derivados

2396a †שַׁלִּיט (*shallîṭ*) ***senhor.***

2396b שִׁלְטוֹן (*shiltôn*) ***senhorio.***
2396c שַׁלֶּטֶת (*shalletet*) ***autoritário.***

A idéia essencial dessa raiz é a de "exercer controle autocrático sobre (alguém)", "impor-se sobre (alguém)". Junto com os derivados, aparece 15 vezes no hebraico e 32 no aramaico, em que o significado é semelhante ao do hebraico. O acadiano e o árabe empregam a raiz de forma semelhante. ("Sultão", palavra de origem árabe, deriva da mesma raiz.) Em ugarítico emprega-se *shlyt* como epíteto de *ltn*, "leviatã".

O significado básico da raiz está bem ilustrado em Neemias 5.15, em que, antes de Neemias, as autoridades subordinadas ao governo de Judá agiram de modo tirânico, explorador e prepotente junto ao povo, impondo-lhe pesados encargos tributários. O povo não tinha forças para resistir. Em Salmos 119.133 o salmista ora para que a iniqüidade não tenha controle sobre ele. Ele deseja estar solidamente firmado na Palavra de Deus a ponto de poder ficar livre da terrível tirania do pecado. Num sentido ligeiramente modificado, o verbo aparece em Eclesiastes 2.19, tendo o significado de "exercer controle sobre" o fruto do próprio trabalho.

A força causativa do hifil se vê em Eclesiastes 5.18 e 6.2, em que o verbo tem o sentido de "capacitar". Uma das passagens diz que Deus dá ao homem riquezas junto com a capacidade ou a habilidade de desfrutá-las, ao passo que a outra diz que o homem possui riquezas, mas lhe falta a capacidade de aproveitá-las.

shallît. ***Senhor, governante, tirano.*** Vocábulo empregado em Gênesis 42.6 na designação de José como governante sobre toda a terra do Egito. Faraó havia-lhe delegado controle e autoridade absolutos. Em Eclesiastes 8.8 empregam-se tanto *shallît* quanto *shiltôn* para afirmar que, assim como o homem não tem nenhuma autoridade sobre o vento para restringir-lhe a ação, de igual forma falta-lhe poder sobre o dia da sua morte.

shalletet. ***Autoritária, prepotente.*** Esse adjetivo feminino ocorre apenas uma vez, em Ezequiel 16.30. Refere-se a uma prostituta que se comporta como se fizesse as próprias leis ("meretriz descarada", ARA).

H.J.A.

2397 שלט (*shlt*). **II. Aceita como raiz de:**
2397a שֶׁלֶט (*shelet*) ***escudo*** (e.g., 2 Sm 8.7 = 1 Cr 18.7).

שִׁלְטוֹן (*shiltôn*). Veja o nº 2 396b.
שַׁלֶּטֶת (*shalletet*). Veja o nº 2 396c.
שְׁלִי (*sh'lî*). Veja o nº 2 392b.
שִׁלְיָה (*shilyâ*). Veja o nº 2 393a.
שַׁלִּיט (*shallît*). Veja o nº 2 396a.
שָׁלִישׁ (*shālish*). Veja os nºs 2 403e, f, g.
שְׁלִישִׁי (*sh'lîshî*). Veja o nº 2 403b.

2398 שָׁלַךְ* (*shālak*) ***jogar, atirar, lançar.*** Ocorre no hifil e no hofal.

Termos Derivados

2398a שָׁלָךְ (*shālāk*) ***ave de rapina,*** talvez alguma ave pelicaniforme (Dt 14.17; Lv 11.17).

2398b שַׁלֶּכֶת (*shalleket*) ***derrubada de árvore*** (Is 6.13).

shālak ocorre 11 vezes, sempre no hifil ou no hofal. E o verbo normalmente empregado para designar a idéia genérica de "atirar". *tûl* e *rāmâ* são verbos sinônimos mas não são tão comuns (aparecendo 11 e duas vezes, respectivamente). Outros verbos que, às vezes, são sinônimos têm significados específicos: *shāmat*, "deixar cair", *sāqal*, "atirar pedras", e *nāpal* (hifil), "fazer cair".

Usa-se o verbo numa ampla variedade de situações, que vão desde o ato físico de atirar um objeto até o emprego metafórico de abandonar ou rejeitar uma pessoa ou coisa. Um uso comum está ilustrado em Juízes 8.25; Êxodo 4.3; 7.9; Gênesis 37.20. Em Êxodo 32.19 e Deuteronômio 9.17 Moisés joga as tábuas da lei ao chão como expressão de sua ira e indignação diante do abandono de Deus por Israel. Mas isso é mais do que uma expressão de ira; igualmente simboliza a terrível verdade de que Israel tinha sido tão rápido em quebrar a aliança sinaítica quanto tinha sido em estabelecê-la com Deus.

Jogar algo ou alguém ao chão pode ser utilizado como um gesto de vitória sobre alguém e de total aniquilamento dessa pessoa, como em Daniel 8.7, passagem em que o carneiro (Pérsia) é jogado ao chão e pisoteado, sendo totalmente derrotado pelo bode (Grécia).

Outro uso importante de *shālak* é "jogar fora", "lançar fora", "atirar longe". Em Neemias 13.8, Neemias atira as coisas de Tobias para fora do templo. Semelhantemente em Isaías 2.20, quando Deus começar a falar em juízo, os idolatras jogarão fora os seus ídolos e correrão para as cavernas e as rochas. Da mesma forma, em Salmos 71.9 o salmista ora para que Deus não o atire para longe (i.e., não o abandone) na sua velhice (cf. também SI 102.10 [11]).

Parece que esse emprego oferece uma explicação adequada de Gênesis 21.15, passagem em que Hagar "lançou o menino debaixo de uma das árvores" (ARC). Visto que à essa época Ismael era um adolescente, parece improvável que Hagar tivesse jogado fisicamente o filho. Na verdade, o que o texto está dizendo é que Hagar o abandonou sob um arbusto, por achar que ele estava tão debilitado que não havia nenhuma esperança para ele. Embora ela tenha permanecido ali e se sentisse responsável por ele, tinha-o dado por perdido.

O sentido de "abandonar" aparece em Ezequiel 31 e 20.7-8, em que Deus admoesta o seu povo a abandonar os seus pecados e a renunciar a eles, a jogá-los totalmente fora, nada mais tendo que ver com eles. Essa é uma verdade espiritual tão importante quanto a admoestação existente em Salmos 55.23 de lançar os nossos fardos sobre o Senhor. Ou seja, nossas preocupações e pesos devem ser jogados fora, entregues ao cuidado divino, de modo que cortamos a nossa relação com eles.

Descreve-se vividamente o perdão total da parte de Deus em Miquéias 7.19, passagem que afirma que Deus lança os pecados do seu povo nas profundezas do mar. A inferência óbvia é que tais pecados se foram para sempre, para nunca mais serem trazidos a lume. Passagem semelhante a esta é Isaías 38.17, em que Deus lançou para trás de si

os pecados de Ezequias (cf. Sl 103.12, que emprega um verbo diferente [o hifil de *rāḥaq*] para expressar a mesma idéia).

Atirar algo ou alguém para fora também pode ser um símbolo de rejeição, como em 1 Reis 14.9. A idéia de rejeição também é descrita em termos de "alguém lançar outrem para longe da sua presença", como em 2 Reis 13.23; 17.20; 24.20.

Bibliografia: — COGAN, M. A technical term for exposure. *JNES* 27:133-5. — *THAT*. v. 2, p. 916-8.

H.J.A.

שַׁלֶּכֶת (*shalleket*). Veja o nº 2 398b.

2399 שָׁלַל (*shālal*) ***I, retirar*** (Rt 2.16).

Termo Derivado

2399a שׁוֹלָל (*shôlāl*) ***descalço*** (Mq 1.8; Jó 12.17). Cf. *yāhēp*, palavra de significado semelhante, em Isaías 20.4.

2400 שָׁלַל (*shālal*) ***II, saquear, pilhar.***

Termo Derivado

2400a שָׁלָל (*shālāl*) ***despojo.***

shālal II ocorre 14 vezes, no qal e no hitpoel. É, com freqüência, empregado em paralelo com *bāzaz*. Verbos com o mesmo significado também são *shāsâ* e sua variante *shāsas*. Parece que não existe diferença significativa alguma entre esses sinônimos.

Pilhar ou tomar presa de guerra era prática comum na antigüidade. Aliás, era, às vezes, um dos principais incentivos para fazer guerra. É assim que Gogue, em Ezequiel 38.10-13, verá um Israel próspero e aparentemente vulnerável e será levado a invadir e a saquear. Incursões militares eram às vezes mal-disfarçadas expedições de pilhagem, tal como o malfadado ataque amalequita contra Ziclague, descrito em 1 Samuel 30.

Deus permitiu que Israel tomasse despojos na maioria das batalhas (Dt 20.14). Esse consistia em mulheres, crianças, gado e bens de valor. Que pelo menos uma porção do despojo era usualmente dedicada ao Senhor e usada de alguma forma no serviço do tabernáculo ou do templo é algo que fica evidente a partir de 2 Samuel 8.12 e especialmente 1 Crônicas 26.27, passagem que diz que Davi dedicou ao Senhor parte dos despojos da vitória.

Em algumas ocasiões não houve permissão de tomar despojos, tais como na vitória sobre Jerico e na situação em que uma cidade israelita idolatra tivesse de ser destruída (Dt 13.17). Semelhantemente, quando Saul foi enviado para exterminar os amalequitas, não se devia tomar despojo nenhum (1 Sm 15).

As Escrituras deixam bem claro que a queda e a pilhagem de cidades não seria um acontecimento fortuito da história militar ou política, mas que também aí Deus teria o controle absoluto. É assim que Jerusalém é entregue às mãos de estrangeiros (Ez 7.21),

e em Isaías 10.6 Deus envia os exércitos assírios como o seu instrumento de juízo para tomar despojo. Com base em Zacarias 2.8 [12] e Habacuque 2.8, está claro que Deus não permitirá que as nações fiquem saqueando o seu povo para sempre, e em Jeremias 50.10 é a vez de a Babilônia ser saqueada. A situação também muda para Gogue em Ezequiel 39.10.

Ganhos ilícitos são chamados de despojo em Provérbios 1.13, e em Isaías 10.2 uma administração corrupta tira vantagem daqueles que são indefesos e toma as viúvas como despojos.

A grande alegria e as comemorações animadas que acompanham a divisão da presa de guerra (cf. 1 Sm 30.16) tornam-se um ponto de comparação com a alegria de um Israel finalmente libertado do jugo da opressão em Isaías 9.3. O salmista (Sl 119.162) se regozija com o tesouro da palavra de Deus da mesma forma como outros se regozijam com os despojos. Emprega-se a partilha dos despojos como um símbolo do triunfo concretizado do Messias Jesus (Is 53.12).

shālāl. ***Saque, despojo, presa de guerra.*** Palavra usada 75 vezes. Freqüentemente empregada em paralelo com *baz*, um número menor de vezes com *bizzâ*, e uma vez com *malqôah*. Observe-se o nome "Maer-Salal-Has-Baz" (IBB, Is 8.1, 3, e veja-se *bāzaz*).

Bibliografia: — STOEBE, N. J. Raub und Beute. *Supp VT* 16:340-54.

H.J.A.

2401 שָׁלַם (*shālēm*) ***estar completo, sadio.***

Termos Derivados

2401a †שָׁלוֹם (*shālôm*) ***paz.***
2401b †שֶׁלֶם (*shelem*) ***oferta pacífica.***
2401c שָׁלַם (*shālam*) ***estabelecer uma aliança de paz.*** Verbo denominativo.
2401d שָׁלֵם (*shālēm*) ***perfeito, inteiro, completo.***
2401e שִׁלֵּם (*shillēm*) ***recompensa*** (Dt 32.35, somente).
2401f שַׁלְמֹן (*shalmōn*) ***recompensa, suborno*** (Is 1.23, somente).
2401g שִׁלּוּם (*shillûm*), שִׁלֻּם (*shillum*) ***recompensa, retribuição.***
2401h שִׁלֻּמָה (*shillumâ*) ***retribuição*** (Sl 91.8, somente).
2401i †שְׁלֹמֹה (*sh'lōmōh*) ***Salomão.***

O significado básico por trás da raiz *shlm* é terminar ou completar algo — de entrar num estado de integridade e unidade, de participar de um relacionamento restaurado.

Desse grupo de vocábulos, alguns derivam seus significados a partir dos graus simples relativamente pouco freqüentes, ao passo que outros (como *shillēm*, *shillum* e, possivelmente, *shalmōn*) refletem o sentido intensivo do piel. Pode-se explicar a visível diversidade de significados entre os dois graus em termos de restauração da paz por meio de pagamento (de tributo a um conquistador, Js 10.1), de restituição (a alguém a quem se fez mal, Êx 21.36) ou de simples pagamento e finalização (de uma transação comercial, 2 Rs 4.7).

O pagamento de um voto (Sl 50.14) sela um acordo, de sorte que ambas as partes se acham num estado de *shālôm*. Em alguns usos do termo a questão escatológica se acha intimamente ligada a esse conceito. Deve-se proporcionar compensação pelo pecado, quer nacional quer pessoal. Assim que se satisfaz essa obrigação, a integridade é restaurada. (Is 60.20; Jl 2.25).

Como adjetivo, *shālēm* é usado para designar uma atitude (um coração "perfeito"; e.g., 1 Rs 8.61; 1 Cr 28.9) e uma quantia total (de dinheiro, Rt 2.12; de pecado, Gn 15.16; das pessoas de toda uma nação, Am 1.6, 9). Um peso exato é chamado de "preciso" (Dt 25.15; ARA, "perfeito") e "justo" (Pv 11.1).

É interessante que *shālēm* qualifica as pedras inteiras (i.e., não cortadas) do altar (Dt 27.6; Js 8.31) e também as pedras lavradas usadas na construção do templo (1 Rs 6.7).

shālôm. ***Paz, prosperidade, bem, saúde, inteireza, segurança.*** *shālôm* e os vocábulos aparentados *shālēm* e *shelem* e seus derivados se encontram entre as palavras teológicas mais importantes do AT. *shālôm* ocorre mais de 250 vezes em 213 versículos distintos (segundo DURHAM, p. 275; *BDB* relaciona 237 usos). A LXX emprega vários vocábulos dos grupos *sôzô*, *eirēnē* e *teleios* para traduzir *shālôm*. *shālôm*, que aparece em outras línguas da família semítica, teve influência na ampliação da idéia grega de *eirēnē* de modo a incluir as idéias semíticas de crescimento e prosperidade.

shālôm significa "ausência de contenda" em aproximadamente 50 a 60 usos; por exemplo, 1 Reis 4.25 [5.4] reflete a segurança da nação nos dias pacíficos de Salomão, quando a terra e os países vizinhos tinham sido subjugados.

Nesse caso, "paz" significa muito mais do que mera ausência de guerra. Pelo contrário, o significado da raiz verbal *shālēm* expressa muito melhor o verdadeiro conceito de *shālôm*. Inteireza, integridade, harmonia e realização são idéias mais próximas do significado da palavra. Em *shālôm* se acha implícita a idéia de relacionamentos não abalados com outras pessoas e de sucesso da pessoa nas suas empreitadas.

Em aproximadamente 25 vezes no AT, usa-se *shālôm* para saudação ou despedida (Jz 19.20; 1 Sm 25.6, 35). Desejar *shālôm* a alguém implica abençoar (2 Sm 15.27); reter o *shālôm* implica maldição (1 Rs 2.6). Em hebraico moderno *shālôm* é usado com o sentido de "bom dia" (e também "boa tarde" e "boa noite") e "até logo". Observe-se o cognato árabe *salaam*.

shālôm é o resultado da atividade divina na aliança (*b'rît*) e também o resultado da retidão (Is 32.17). Em quase dois terços de suas ocorrências, *shālôm* descreve o estado de plenitude e realização, que é resultado da presença de Deus. Isso está especificamente indicado naquelas referências à "aliança de paz" (*b'rît shālôm*, Nm 25.12; Is 54.10; Ez 34.25; Ml 2.5) feita com os representantes escolhidos por Deus, a saber, os sacerdotes araônicos e os monarcas davídicos. A paz que assinala a conclusão de um acordo entre adversários (Isaque e Abimeleque, Gn 26.29), sócios em negócios (Salomão e Hirão, 1 Rs 5.12 [26]) e o homem e Deus (Abraão, Gn 15.15) é expressa em termos de uma aliança firmada entre as partes.

Deus é a fonte desse tipo de paz. Ele é quem dirá *shālôm* ao seu povo (Sl 85.8 [9]). A promessa que ele faz a Davi em 1 Crônicas 22.9-10 coloca *shālôm* no mesmo contexto de *m'nûhâ*, "tranqüilidade", *nûah*, "descansar", e *shāqat*, "estar sossegado", pois essas são bênçãos de Deus. A declaração básica a respeito é a bênção araônica (Nm 6.24-26), que

identifica o homem a quem Deus deu *shālôm* como aquele que é abençoado (*bārak*), guardado (*shāmar*) e tratado graciosamente (*hānan*) por Iavé. Esta é a prosperidade que chega até o homem por meio da dádiva divina.

Também está presente no significado de *shālôm* um forte elemento escatológico. O Messias, "o filho maior de Davi", é especificamente identificado como o Príncipe da Paz (*sar shālôm*) — aquele que traz prosperidade e retidão à terra.

Paulo (Ef 2.14) associa esses temas ao identificar Cristo como a nossa paz. Ele é o príncipe messiânico que traz inteireza, mas é também a palavra definitiva de Deus — o "sacrifício derradeiro" que traz redenção à humanidade.

Bibliografia: — DELLING, Gerhard. "τέλος" . In: *TDNT*. v. 8, p. 49-87. — DURHAM, John. שָׁלוֹם and the presence of God. *Proclamation and presence: Old Testament essays in honor of G. H. Davies*. John Knox, 1970. p. 272-93. — FOHRER, Georg. "σώζω and σωτηρια in the Old Testament. In: *TDNT*. v. 7, p. 970-2. — *JTOT*. p. 126, 179-80, 259. — KOHLER, Ludwig. *Old Testament theology*. Westminster, 1958. p. 240, nota 21. — VONRAD, Gerhard. *Old Testament theology*. Harper and Row, 1962 e 1965. v. 1, p. 130, 372; v. 2, p. 170. _____. שָׁלוֹם in the Old Testament. In: *TDNT*. v. 2, p. 402-6. — *AI*. p. 254 e s.

shelem. ***Oferta pacífica, oferta de gratidão.*** *shelem* ocorre quase 90 vezes no AT, sendo que, com uma única exceção (Am 5.22), todas elas aparecem na forma plural *shᵉlāmîm*. Junto com muitas outras palavras no vocabulário do culto público, *shelem* tem suas raízes no antigo grupo de línguas semíticas ocidentais do norte. Ocorre em ugarítico (*shlmm*, *UT* 19: nº 2424) e a forma aparentemente plural faz paralelo com outros empréstimos lingüísticos (e.g., *ʿûrîm*, *tummîm*, *tᵉrāpîm*).

O ritual para oferecer um *shelem* era igual ao do *ʿōlâ* (q.v.), exceto que se queimava no altar apenas a gordura ao redor do intestino, os rins, o fígado e a gordura do rabo da ovelha (Lv 3). Uma das características do *shelem* era que o sacerdote e o adorador que havia trazido o sacrifício comiam o restante da vítima. Os sacerdotes recebiam como sua parte o peito e a coxa direita ("amostra", *tᵉrûmâ*, *tᵉnûpâ*; veja-se DRIVER, *JSS* 2:100, para uma análise desses termos, que geralmente são traduzidos por "oferta movida" ou "oferta alçada", Lv 7.28-34; 10.14-15). O restante devia ser comido pelo adorador, sua família e seus convidados. Devia-se queimar tudo o que sobrasse depois de três dias.

De acordo com os preceitos de Levítico 7.12-17 e 22.18-30, havia *shᵉlāmîm* de louvor (*tôdâ*), que eram dádivas voluntárias (*minhah*, q.v.) acompanhadas de bolos feitos com ou sem fermento e oferecidos em ação de graças; *shᵉlāmîm* oferecidos de livre vontade (*nᵉdābâ*), num gesto espontâneo, fruto de devoção; e *shᵉlāmîm* de votos especiais (*nādar*), oferecidos para cumprir uma promessa feita anteriormente. Nem sempre estão claras as diferenças entre essas três categorias.

Atualmente há três linhas diferentes de raciocínio em torno do significado de *shelem*. Primeiro, *shelem* simbolizaria a dádiva de *shālôm*, ou seja, a bênção da integridade, bem-estar, e a condição de estar em paz com Deus. Isso envolve mais do que perdão por pecados, pois o resultado que se espera vir dessa condição de *shālôm* é a plenitude de vida, o bem-estar e a paz com os homens.

Uma segunda alternativa é identificada por De Vaux como "sacrifício de comunhão", ou seja, o sacrifício em que o animal sacrificado é partilhado com outros e há uma resultante comunhão fraterna em torno da refeição. Os *shᵉlāmîm* seriam, então, ocasiões sociais "perante" o Senhor (nunca "com" o Senhor; cf. Dt 12.7, 18; 14.23, 26; 15.20). Não

há nenhuma idéia de procurar alcançar uma união mística com Deus por meio desses sacrifícios. Pelo contrário, há uma alegre sensação de compartilhar devido à presença de Deus. Observe-se também que um quarto dianteiro do animal é partilhado com o sacerdote (Lv 7.32).

A terceira, o fato de que *shelem* geralmente aparece no fim das listas das ofertas (embora isso não aconteça na descrição de Lv 1—5) levou alguns estudiosos a defender que esse é um "sacrifício de encerramento". Esse ponto de vista entende que *shelem* deriva de um raro significado que o verbo tem no piel, "concluir". Caso esse sentido esteja correto, as referências do NT a Cristo como a nossa paz (e.g., Ef 2.14) tonam-se mais significativas, pois ele é o derradeiro sacrifício em nosso favor (cf. Hb 9.27; 10.12).

Bibliografia: — FOHRER, Georg. "σωτήριος", In: *TDNT*. v. 7, p. 1021-3. — GERLEMAN, Gilles. Die Wurzel *šlm*. *ZAW* 85:1-14. — *JTOT*. p. 126, 179-80, 258-9. — KÖHLER, Ludwig. *Old Testament theology*. Westminster, 1958. p. 188-9, 250, nota 149.

shʿlōmōh. ***Salomão*** (o homem de paz). Segundo filho de Davi e Bate-Seba, terceiro rei do reino unido.

Os anos finais da vida de Davi foram estragados pela luta política provocada pelos seus filhos a brigar pelo trono. Por influência do profeta Natã e de Bate-Seba (1 Rs 1.11 e ss.), Davi reconheceu Salomão como o seu sucessor.

O reinado de Salomão é significativo pois assinala o primeiro dos governantes dinásticos de Judá. Salomão é caracterizado por sua sabedoria e por suas contribuições às Escrituras do AT.

A compreensão que teve do valor estratégico do seu território, o controle e o monopólio que exerceu sobre as antigas rotas comerciais do antigo Oriente Médio e mais a importante mineração de cobre que teve no sul do mar Morto, junto com todo o trabalho em metal, deram a Salomão a grande riqueza que lhe permitiu manter um grande exército de prontidão e construir e manter as cidades fortificadas (e.g., Megido, Hazor, Eglom, Gezer) que lhe garantiam a independência. A instituição de trabalhos forçados (*mas*) e sua imposição aos israelitas foi extremamente impopular, e seu filho Roboão, ao tentar prosseguir com essa política, forçou a divisão do reino.

A jóia do reino de Salomão foi o templo de Jerusalém, construído sob seu governo. Salomão aparece como precursor do grande rei messiânico (2 Sm 7.12-16).

Bibliografia: — BRIGHT, John. *A History of Israel*. 2a ed. Westminster, 1972. p. 206-24. — HUBBARD, David A. Solomon. In: *NBD*. p. 1201-4.

G.L.C.

שַׁלְמֹן (*shalmôn*). Veja o nº 2 401f.

2402 שָׁלַף (*shālap*) *desembainhar, tirar.*

Usa-se *shālap* 24 vezes, principalmente para designar a ação de tirar uma espada da bainha. Ocorre semelhantemente em acadiano.

shālap é empregado no sentido costumeiro de "desembainhar" uma espada em 1 Samuel 17.51. Utiliza-se o particípio ativo do qal em passagens como Juízes 8.10; 2 Samuel 24.9; e 2 Reis 3.26, para descrever guerreiros: "homens que puxavam da espada" (ARA; PIB, "homens que manejavam a espada"; NEB, "homens armados").

2403 *שלש (*shālash*)

Um grupo importante de passagens envolve o uso do particípio passivo do qal e descreve o Anjo do Senhor de pé com "espada desembainhada". Essa expressão o descreve como alguém em posição de atacar. E assim que, em Números 22.23-31, Balaão se depara com o Anjo e nessa ocasião é solenemente advertido de que corre o perigo iminente de ser fulminado como castigo. Em 1 Crônicas 21.16, Davi vê o Anjo entre os céus e a terra, tendo nas mãos uma espada desembainhada.

Duas passagens requerem uma breve menção. Rute 4.7-8, emprega *shālap* para a ação de tirar um sapato. Em Salmos 129.6 o verbo aparece num contexto que fala da erva que cresce no telhado. Aí os comentaristas estão divididos entre a tradução "antes de florescer [ou brotar]" e "antes de ser arrancada". Ao que parece, há de se dar preferência a esta última opção (como na LXX).

Bibliografia: — DAHOOD, Mitchell. *Psalms III*. *AB*. p. 232. — SPEISER, E. A. Of shoes and shekels. *Oriental & Biblical studies*. University of Pennsylvania Press, 1967. p. 151-6.

H.J.A.

2403 *שלש (*shālash*) ***fazer pela terceira vez, fazer três vezes.*** Verbo denominativo que ocorre no piel e no pual.

Substantivo de Origem

2403a †שלש (*shālōsh*) ***três.***

2403b שלישי (*sh'lîshî*) ***terceiro, um terço.*** Vocábulo empregado 15 vezes.

2403c שלשם (*shilshōm*) ***três dias atrás, anteontem.*** Usado 25 vezes, sempre junto com *'etmôl* ou *t'môl*.

2403d שלשים (*sh'lōshîm*) ***trinta.*** Essa é, morfologicamente, a forma plural de *shālōsh*, "três".

2403e שלי (*shālîsh*) ***I, terça parte (de uma medida).*** Aparece duas vezes.

2403f שליש (*shālîsh*) ***II, um instrumento musical (de três cordas, ou triangular, ou com três travessas).***

2403g †שלישי (*shālîsh*) ***III, escudeiro, ajudante de armas.*** Palavra usada 16 vezes.

2403h שלש (*shillēsh*) ***terceira geração.***

2403i ÷שלשים (*shālishîm*) (*Qerê*), שלשום (*Kethib*) ***coisas excelentes.***

shālōsh. ***Três.*** Esse número desempenha um papel significativo no AT. Na condição de primeiro dos números plurais (dois é considerado dual), muito facilmente esse numeral veio a representar o menor ciclo completo. Não pode ser acidental que se encontrem com tanta freqüência nas Escrituras períodos de três dias, três semanas, três meses ou três anos. Quando Esdras reuniu os judeus junto ao rio, preparando-se para retornar a Jerusalém (Ed 8.15), permaneceu ali três dias, durante os quais reuniu o povo e não achou nenhum levita presente. Parece que esse foi um período de preparativos finais.

Depois de chegarem, esperou três dias antes de contar e registrar a riqueza que tinham trazido consigo (Ed 8.32-33). Semelhantemente Neemias aguardou três dias depois de chegar a Jerusalém antes de inspecionar os muros (Ne 2.11).

Parece que um período de três unidades de tempo era considerado apropriado para a justiça percorrer o seu caminho quando moderada pela graça. E assim que José deixou os seus irmãos presos durante três dias (Gn 42.17). Israel experimentou uma fome de três anos (2 Sm 21.1) antes de descobrir o motivo, e a seca de Elias durou três anos (1 Rs 18.1). Em cada caso o propósito deliberado foi que as pessoas experimentassem plenamente a retribuição e em seguida uma restauração pela graça. É bastante provável que haja um significado semelhante nos três dias em que o corpo de Jesus esteve na sepultura, ou seja, o pecado do homem sendo plenamente julgado e, ao mesmo tempo, a graça sendo triunfante.

Um ato feito três vezes dá uma idéia de algo definitivo. Elias se estendeu três vezes sobre o menino morto (1 Rs 17.21). Depois de ter dado à luz três meninos, Lia sentiu que agora tinha dado provas de si mesma e que agora Jacó certamente haveria de aceitá-la sem reservas (Gn 29.34). A tríplice bênção de Arão em Números 6.24-27, na qual se invoca três vezes o nome do Senhor sobre Israel, tem uma característica definitiva, como também acontece com o triságio de Isaías 6.3, e, conquanto a doutrina da Trindade não fique demonstrada nessa passagem, a passagem pelo menos não conflita com a revelação do NT.

Na condição de numeral que indica a menor quantidade plural, "três" era apropriado para representar um círculo íntimo de amigos ou seguidores. Assim sendo, dos 30 valentes de Davi, três foram distinguidos como os mais próximos (2 Sm 23.9). (Cf. também, dentre os 12 discípulos de Jesus, os três mais próximos.)

O ano religioso tinha completado o seu ciclo após a comemoração das três festas principais (Êx 23.14, 17), e Daniel teve como regra orar três vezes ao dia.

shālîsh. ***Escudeiro, ajudante.*** Originariamente esse substantivo designava o terceiro homem num carro de guerra, aquele que carregava o escudo para o guerreiro e o ajudava. Esse foi um costume adotado dos hititas e assírios. Bidcar, em 2 Reis 9.25, tem essa função. Na maioria das passagens a palavra tem o sentido mais genérico de um alto oficial militar que serve como ajudante do rei (cf. 2 Rs 7.2; 10.25).

shālishîm (*Qerê*), **shlshwm** (*Kethib*). ***Coisas excelentes.*** Essa é uma palavra difícil, que aparece em Provérbios 22.20. A ARA traduz por "excelentes coisas", como plural de *shālîsh*. A BLH traz "trinta provérbios", analisando aí *sh'lōshîm* em vez de *shālishîm*. Outra possibilidade é *shilshōm*, "anteriormente" (cf. MM, "desde muito tempo"). A questão fica complicada devido à obra egípcia "Sabedoria de Amenemopê" um tanto quanto parecida, que está dividida em 30 capítulos e chama atenção para "esses trinta capítulos". Alguns afirmam que se pode demonstrar que Provérbios 22.22—24.22 depende dessa obra, pois esse trecho de Provérbios pode ser dividido em 30 ditos. Primeiro, pode-se dizer que a teoria de depender da obra egípcia é, às vezes, exagerada e algo que não se consegue de forma alguma encontrar na parte final desse trecho. Em segundo lugar, não é segura a divisão em 30 ditos ou provérbios. Eles podem ser divididos de modo diferente. Ademais, pode ser que nesse tipo de escritos houvesse um uso esquemático do número 30 e que esse recurso estilístico se refletisse tanto na obra egípcia quanto nessa parte de Provérbios. Para maiores detalhes, cf. R. L. Harris, Proverbs, *WBC*, p. 556-7.

Bibliografia: Quanto a *shālōsh*: — POPE, M. Number. In: *IDB*. — WHITE, W. Number. In: *ZPEB*.

Quanto a *shālîsh*. — THOMPSON, J. A. Chariot. In: *ZPEB*. — *AI*. p. 122. — WEVERS, J. W. Chariot. In: *IDB*.

H.J.A.

שְׁלֹשִׁים (*sh'lōshîm*). Veja o nº 2 403d.

שְׁלִישִׁים (*shālîshîm*) (*Qerê*), שלשום (*shlshwm*) (*Kethib*). Veja o nº 2 403i.

שִׁלְשֹׁם (*shilshōm*). Veja o nº 2 403c.

2404 שָׁם (*shām*) ***ali, lá.***

shām é um advérbio bastante comum que possui cognatos em ugarítico (*sm*), árabe (*tamma* e *tumma*), aramaico antigo (*shm*) e aramaico bíblico (*tamma*).

O vocábulo pode ter: 1) um sentido locativo, tal como em Amós 7.12, "e ali come o teu pão, e ali profetiza"; 2) um uso ablativo quando empregado com a preposição *min*, como em Gênesis 2.10, "dali", e em 1 Reis 17.13, "disso" (IBB; ARA, "dele"), i.e., "com isso"; 3) uma força direcional, com ou sem o *he* de direção (Gn 2.8, Jr 19.2); ou 4) uma força temporal, "então", "naquela época" (Sl 132.17, "então farei brotar o chifre de Davi" (ARA, "ali").

H.J.A.

2405 שֵׁם (*shēm*) ***nome.***

Esse substantivo aparece 864 vezes, mas menos de 90 no plural. Não há nenhuma etimologia que se tenha comprovado em relação a essa raiz. Duas conjecturas levantadas no passado foram rejeitadas: 1) Redslob (*Zeit. deut. morgenländische Gesellschaft* 1872:751-6) procurou demonstrar que o vocábulo derivava da raiz *shmw*, "ser alto", originando-se daí a idéia de "monumento" (Gn 11.4), "excelência" ou "majestade" (Sl 54.1 [3]), ao passo que outros têm considerado a raiz como uma forma abreviada de *shēma'*. Mas o argumento exposto por W. R. Smith (Kinship, p. 213) é preferido por alguns hoje em dia. Smith entende que *shēm* deriva da raiz árabe *wšm*, "assinalar", "marcar a ferro quente", dando assim a idéia de um sinal externo que distingue uma coisa ou pessoa de outra.

No AT o conceito de nomes pessoais freqüentemente incluía as idéias de existência, caráter e reputação (1 Sm 25.25). Por vezes a forma plural de *shēm* é traduzida por "pessoas" (e.g., Nm 1.2 [PIB], 18, 20; 3.40, 43; 26.55). Ademais, "apagar o nome" equivalia a aniquilar a pessoa (Dt 7.24; 9.14; 1 Sm 24.21 [22] etc.). O nome escolhido para uma criança freqüentemente expressava os desejos ou expectativas que os pais tinham para ela quando viesse a amadurecer. Isso fica especialmente evidente no processo de mudar o nome, por exemplo, quando Jacó se torna Israel (Gn 35.10).

Um dos recursos favoritos (encontrado em 79 passagens) era o uso de um jogo de palavras com o nome da pessoa; observe-se essa forma literária em Jeremias 1.11-12; Miquéias 1.10-15; Oséias 1.4-5, etc. O mesmo recurso se acha no papiro egípcio Westcar,

que conta a história do nascimento de trigêmeos, de como lhe foram dados nomes e então como se registrou um trocadilho com cada nome!

O nome de *YHWH*, geralmente vocalizado como *Yahweh* (aportuguesado para Iavé), é o grande nome da teologia dos nomes do AT. Em Êxodo 6.2-3 o Senhor mostra que nenhuma revelação fora concedida aos patriarcas pelo seu nome, Iavé. Mas, uma vez que o nome ocorre quase 150 vezes em Gênesis, muitos chegaram erroneamente à conclusão de que essa passagem aponta para uma redação posterior daquelas porções de Gênesis ou então para uma inegável contradição entre duas tradições no Pentateuco. A solução reside nos verbos reflexivos no grau nifal em Êxodo 6.2-3 e ao *beth essentiae* antes de *'el shaddāy* e sua força implícita antes de *yhwh*. Isso quer dizer que Deus declara: "Eu me manifestei *no caráter de* [*beth essentiae*] *'el shaddāy*, mas *no caráter de* [*beth essentiae* implícito] Iavé não me fiz conhecer a eles". A mesma idéia está implícita em Êxodo 3.13, em que o pronome interrogativo *mâ*, "o quê?", indaga acerca do caráter de uma pessoa, enquanto *mî*, "quem?", só requer a identificação.

Em algumas passagens *shēm Yahweh* está tão intimamente ligado ao ser de Deus que funciona quase como uma aparição de Iavé (Êx 23.20-21; Is 30.27). Cf. a tabernaculação do nome em vários locais, quase como uma cristofania (Êx 20.24; Dt 12.5; 2 Sm 7.13, etc.).

O nome de Deus também significa a total auto-revelação de Deus em sua santidade e verdade (Sl 22.22 [23]). Pode-se "andar" no nome do Senhor, ou seja, as pessoas devem viver de acordo com o ensino desse nome (Mq 4.5).

Devem-se observar algumas fórmulas importantes ou expressões preposicionadas em que aparece o substantivo *shēm*. "Aclamar sobre algo o nome de alguém" tem o sentido de declarar propriedade, possessão e proteção, como, por exemplo, de Davi sobre uma cidade (2 Sm 12.28), de sete mulheres exigindo para si o nome de um único homem (Is 4.1), de Deus sobre as nações (Am 9.12) e sobre Israel (Is 63.19). Isso ganha bastante destaque com a fórmula "determinar um nome para [*sîm shēm l'*]" (Jz 8.31; 2 Rs 17.34; Ne 9.7), que significa "conferir um novo nome". Mais comum é o emprego do vocábulo no sentido de comissionamento pelo emprego de *b'shēm Yahweh* ou *b'sh'mî* (1 Sm 17.45; 1 Rs 18.32; Jr 14.14; Dt 18.20).

Ao contrário do que propala von Rad (*Studies in Deuteronomy*, p. 37-44), a "teologia dos nomes" não substitui a "teologia da glória do Senhor", que era mais antiga e estava associada à arca, à nuvem e ao fogo. Von Rad sugere um desenvolvimento evolucionista, em que a presença material foi substituída por uma tendência mais cuidadosa de ver todos esses conceitos como hipóstases: a arca, o anjo do Senhor, a face do Senhor, a glória de Deus e o Nome do Senhor são apresentados como representações e garantias da presença de Iavé. Na verdade, tudo isso são preparativos feitos por nosso Senhor com vistas à plena revelação da Trindade bem como da Encarnação de seu Filho, que havia de vir.

Bibliografia: — MOTYER, J. A. *The revelation of the divine name*. Londres, Tyndale, 1956. p. 3-31. — BIETENHARD, Hans. Onoma. In: *TDNT*. p. 252-61. — *THAT*. v. 2, p. 935-62.

W.C.K.

2406 שָׁמַד* (*shāmad*) ***ser destruído, ser exterminado*** (nifal); ***destruir, exterminar*** (hifil).

shāmad ocorre 63 vezes. Existem vários verbos em hebraico cujo campo semântico inclui o sentido de "destruir", mas muitos apresentam esse significado apenas em certos contextos. *kālâ*, por exemplo, tem o sentido perfeitamente inócuo de "concluir", mas no piel pode significar "dar cabo de", "destruir". Algo parecido ocorre com *bāla'*, "engolir", e *'āsap*, "ajuntar". *shāmad*, por outro lado, sempre significa "destruir" ou "aniquilar". Sempre aparece em passagens que tratam de vingança ou do juízo de Deus.

Os objetos da destruição operada por *shāmad* são principalmente pessoas, quer uma nação (Dt 4.26; 28.20, 24, 45), um grupo de nações (Dt 7.23), uma família, etc. Das 63 ocorrências do verbo, em apenas quatro (Lv 26.30; Nm 33.52; Os 10.8; Jr 48.8) o objeto da destruição não são pessoas.

A destruição descrita por *shāmad* geralmente envolve uma catástrofe bem repentina, tais como uma guerra ou um assassinato em massa, mas em uma passagem é resultado do desgaste resultante de fome e opressão (Dt 28.48, 63). Contudo, numa outra passagem Deus é descrito como a causa básica da destruição (*shāmad*), ao passo que o seu povo é o instrumento que ele usa para destruir (*'ābad*, Dt 9.3).

A destruição pode ser permanente (Moabe em Jr 48.42; Jacó em Gn 34.30; os inimigos de Deus em SI 83.11) ou, num número menor de vezes, temporária, como em 2 Reis 10.28, em que o baalismo foi destruído, mas cujas raízes continuaram intactas e mais tarde ressurgiu (2 Rs 21.3).

Bibliografia: — *THAT*. v. 2, p. 963-4.

H.J.A.

2407 שׁמה (*shmh*). **Aceita como raiz de:**

2407a †שָׁמַיִם (*shāmayim*) ***céu.***

Vêem-se cognatos no ugarítico *shmm*, no acadiano *shamû* (no singular, "chuva"; no plural, "céu"), em aramaico, árabe e árabe do sul.

O emprego de *shāmayim* se enquadra em duas amplas categorias: 1) o céu físico; e 2) o céu como morada de Deus. Na primeira categoria a palavra "céu" abrange tudo o que está acima da terra, e em qualquer outra passagem o vocábulo pode incluir tudo ou apenas uma parte do todo. Juntos o céu e a terra constituem o universo (Gn 1.1). Ele dá chuva (Gn 8.2), neve (Is 55.10), geada (Jó 38.29), fogo (2 Rs 1.10), orvalho (Dt 33.13) e trovões (1 Sm 2.10). O céu sustenta o sol, a lua, os planetas e as estrelas (Gn 1.14; 15.5; Is 14.12; Am 5.26). Zacarias 2.6 [10] fala dos quatro ventos do céu, e Salmos 135.7 diz que Deus faz com que o vento saia dos depósitos que possui.

Com freqüência descrevem-se os céus em linguagem figurada, dizendo-se que possuem janelas (Gn 7.11; 2 Rs 7.2; Ml 3.10, embora aqui o mais provável é que a palavra seja "comportas", tais como as que são usadas em irrigação; veja-se *'ărubbâ*), portas (Gn 28.17, *sha'ar*; SI 78.23, *delet*), colunas (Jó 26.11) e alicerces (2 Sm 22.8). O céu é estendido e estirado como uma tenda ou cortina (Is 40.22).

O emprego de tal linguagem figurada não implica a adoção de uma cosmologia pagã, da mesma forma como a expressão contemporânea "nascer do sol" não é sinal de ignorância quanto à astronomia. Freqüentemente a imagem é fenomenológica e é ao mesmo tempo apropriada e de grande força de comunicação. Por esse motivo, um Israel desobediente descobriria que o céu era como ferro (Lv 26.19) ou bronze (Dt 28.23), não dando a tão necessária chuva. Observe-se que, caso se imaginasse o céu como um cofre

de metal, conforme comumente se supõe a partir de Gênesis 1.8, 14, as passagens acima ficariam desprovidas de sentido, visto que o céu já seria de metal. A palavra *rāqîa'* (q.v.) provém de um verbo que significa "forjar com martelo" e "laminar (um pedaço de metal)" com a finalidade de revestir. É a idéia de estender que passa para o substantivo, não a de substância metálica. "Expansão" é uma tradução aceitável.

Em segundo lugar, o céu é a morada de Deus (Dt 26.15; 1 Rs 8.30) e é a partir de lá que ele estende a mão para realizar sua vontade na terra. Assim como o céu está infinitamente elevado acima da terra, de igual modo os pensamentos e caminhos de Deus estão infinitamente acima da capacidade humana de compreender (Is 55.8-9). Deus tem controle absoluto (Sl 2.4). Ele é capaz de operar igualmente juízo (Gn 19.24 e ss.) e salvação (Sl 57.3 [4]; Dt 33.26). Jeremias 23.24 declara que Deus enche o céu e a terra, e Salomão reconhece que o céu inteiro e até o mais alto céu ("céus dos céus", lit., 2 Cr 2.6 [5]) são incapazes de comportar o Deus Todo-poderoso. Por mais vasto que seja o céu, ele é simplesmente parte da criação divina, e Deus está acima de toda a criação. Por isso Salomão não se ilude pensando que Deus precisa de seu templo ou que o templo possa comportá-lo. No entanto, na sua graça Deus condescendeu em habitar ali e em ser procurado pelo homem pecador. Isaías afirma que, embora Deus habite em lugar elevado e exaltado, também habitará com aqueles de espírito contrito e humilde.

O céu conta a glória de Deus (Sl 19.1 [2]), declara a sua justiça (Sl 50.6) e o louva (Sl 69.34 [35]). Por mais majestoso que seja, apenas chama a atenção para o Criador e não deve ser adorado (Êx 20.4; Jr 44.17-25). Conquanto o céu seja o trono divino, um dia desaparecerá como fumaça (Is 51.6) e será enrolado como um pergaminho (Is 34.4). Então Deus criará um novo céu e uma nova terra, livre dos efeitos daninhos do pecado (Is 65.17; 66.22). A alegria e a glória da redenção concluída se refletirá em toda a criação.

Bibliografia: — GASTER, T. H. Heaven. In: *IDB*. — INNES, D. K. Heaven and sky in the Old Testament. *EQ* 43:131-43. — MORRIS, L. L. Heaven. In: *NBD*. — VON RAD, G. In: *TDNT*. v. 5, p. 502-9. — RAYBURN, R. G. Heaven. In: *WBE*. — ROSMARIN, Trude, W. The Term for 'air' in the Bible. *JBL* 51:71-2. — SMITH, W. M. Heaven. In: *ZPEB*. — *THAT*. v. 2, p. 965-9.

H.J.A.

שַׁמּוּ (*shammû*). Veja o nº 2 409d.

שְׁמוּעָה (*sh'mû'â*). Veja o nº 2 412d.

2408 שָׁמַט (*shāmat*) ***largar, deixar cair, soltar, deixar em pousio.***

Termo Derivado

2408a שְׁמִטָּה (*sh'mittâ*) ***remissão.*** Palavra usada cinco vezes, sempre associada com a redução ou o cancelamento de dívidas.

Emprega-se o verbo tanto no sentido físico quanto no metafórico. No sentido físico significa "deixar (algo ou alguém) cair" ou "atirar (algo) ao chão". Em 2 Samuel 6.6 e na passagem paralela de 1 Crônicas 13.9, o verbo tem sido, de modo geral, tratado de duas maneiras distintas: 1) "os bois tropeçaram" (ARA); ou 2) "os bois a tinham feito oscilar"

(PIB) ou "os bois a deixavam pender" (ARC). Visto que no qal o verbo geralmente é transitivo, parece preferível a segunda possibilidade: "os bois fizeram [a arca] cair".

O substantivo *shᶜmittâ* ocorre somente em Deuteronômio, sempre com o sentido de remissão de uma dívida (Dt 15.1-2, 9; 31.10). O mandamento que determinava que a cada sete anos se devia desobrigar as pessoas das dívidas que tivessem contraído, era um lembrete contínuo de que as pessoas que haviam experimentado pessoalmente a graça de Deus na remissão de seus pecados deviam, por sua parte, manifestar o espírito de graça em seus relacionamentos interpessoais.

Em outro contexto o verbo é usado no mandamento de Êxodo 23.11, segundo o qual a cada sete anos se devia "deixar [a terra] descansar", ou seja, "deixar (a terra) de pousio". A lição deixada é de obediência a Deus e de confiança no seu cuidado. Deus prometeu abençoar de modo a compensar e muito qualquer perda que sobreviesse por deixar a terra descansar ou por cancelar a dívida do devedor a cada sete anos.

Bibliografia: — HOENIG, Sidney B. Sabbatical years and the year of Jubilee. *JQR* 59:222-36. — KLINE, Meredith, G. *Treaty of the great king*. Eerdmans, 1963. p. 88 e s.

H.J.A.

שָׁמַיִם (*shāmayim*). Veja o nº 2 407a.

שְׁמִינִי (*shᶜmînî*). Veja o nº 2 411c.

שְׁמִינִית (*shᶜmînît*). Veja o nº 2 411c.

שָׁמִיר (*shāmîr*). Veja o nº 2 416a.

2409 שָׁמֵם (*shāmēm*) ***estar devastado, estar estarrecido.***

Termos Derivados

2409a שָׁמֵם (*shāmēm*) ***devastado, deserto.***

2409b שְׁמָמָה (*shᶜmāmâ*) ***devastação, desolação.***

2409c שִׁמְמָה (*shimᶜmâ*) ***devastação*** (Ez 35.7).

2409d †שַׁמָּה (*shammâ*) ***desolação, horror, assombro.***

2409e שִׁמָּמוֹן (*shimmāmôn*) ***horror*** (a sensação de estar arrasado em face da perspectiva de juízo divino, Ez 4.16; 12.19).

2409f מְשַׁמָּה (*mᶜshammâ*) ***devastação*** (e.g., Ez 6.14; 33.28), ***horror*** (Ez 5.15).

shāmam é, junto com seus derivados, usado 195 no hebraico do AT e uma vez em aramaico bíblico. Fundamental à idéia da raiz é a desolação provocada por uma grande calamidade, geralmente como conseqüência do juízo divino. O verbo *hārab* e seus derivados são muitas vezes encontrados em íntima associação com *shāmam* e muitas vezes há uma sobreposição semântica, mas *hārab* traz consigo a idéia básica de uma situação de muito calor e secura, com ausência de vegetação. Isso pode ser resultado do juízo divino, mas não obrigatoriamente. No caso de *shāmam*, as idéias de calor e secura não são inerentes à raiz; esta, na verdade, descreve o resultado de calamidade e juízo.

Na maioria das vezes "desolação" se aplica a lugares e coisas. Em Isaías 64.10 [9], Isaías ora pela restauração de Jerusalém, cidade que tinha experimentado o juízo divino

e agora era uma desolação (*shĕmāmâ*). Em Joel 2.3 a terra que antes da praga de gafanhotos tinha sido "como jardim do Éden", agora se tornara um "deserto assolado". Outros lugares de desolação são lugares altos (Ez 6.6), as portas de Jerusalém (Lm 1.4), um acampamento (SI 69.25 [26]), depósitos (Jl 1.7), estradas (Is 33.7 [8]) e altares (Ez 6.4).

O livro de Daniel traz quatro passagens que empregam a forma polel do verbo (*mᵉshōmēm* e *shômēm*). Aqui há uma força causativa (ou melhor, factitiva) semelhante ao uso do hifil, com a diferença de que o hifil geralmente envolve uma devastação física, ao passo que o polel aparentemente ressalta o fato de que alguém profanou o santuário ou altar, desse modo deixando-o imprestável para a adoração e o serviço a Deus. Essas passagens são Daniel 8.13; 11.31; 9.27; 12.11. Descreve-se Antíoco Epifânio nas primeiras duas passagens como alguém que acaba com os devidos sacrifícios e em 11.31 como alguém que estabelece uma "abominação" (*shiqquts*), o que geralmente é entendido como um ídolo ou altar pagão. Nessa atividade ele prefigura o anticristo, conforme descrito em 9.27 e 12.11. Jesus se refere às práticas idolatras que o anticristo trará com a expressão "o abominável da desolação" (Mt 24.15; Mc 13.14). É a presença dessa abominação no santuário que o deixa desolado, impróprio para a devida adoração.

Em apenas uns poucos casos especiais, o povo é o objeto da devastação. É assim que Jeremias fala acerca de si mesmo como alguém que foi feito "em pedaços" e deixado "desolado" (Lm 3.11; cf. também 1.13). Obviamente isso é linguagem figurada. Há três passagens em que uma mulher é chamada de "desolada". Em Isaías 62.4 Deus diz que, quando redimir Israel, seu povo não mais será tratado como uma mulher que foi "desamparada" e "desolada", mas sim como "Hefzibá" (IBB, i.e., "Meu prazer está nela") e "Beulá" (IBB, i.e., "Desposada"). Passagem semelhante a essa é Isaías 54.1.

A partir do que se viu acima, não é difícil ver como teve origem o segundo uso principal da raiz, os sentidos de "horror" e "estarrecimento", que são reações provocadas pela visão da desolação. É a reação íntima diante do cenário externo. Exemplos são Jeremias 4.9; 1 Reis 9.8; Salmos 40.15 [16]. Em passagens como 2 Reis 22.19 e Deuteronômio 28.37, Israel se torna um "[objeto de] pasmo" para aqueles que o contemplam; aqui se emprega *shammâ* junto com palavras tais como "provérbio", "motejo", "maldição".

shammâ. ***Desolação, horror, assombro.*** Esse substantivo é usado 39 vezes. Parece que a diferença básica entre *shammâ* e *shᵉmāmâ* reside no fato de que na maioria das passagens *shammâ* ressalta o horror provocado pela desolação do juízo. E com freqüência empregado com palavras tais como "maldição", "censura", "objeto de escárnio", "vaia". Assim sendo, em *shᵉmāmâ* a ênfase recai geralmente sobre a desolação em si, ao passo que em *shammâ*, sobre a reação que isso causa. O verbo *shāmam* cobre ambas as idéias.

Bibliografia: — DEWARD, Eileen F. Mourning customs in I, II Samuel. *JJS* 23:1-27, 145-66. — *TDNT.* v. 3, p. 29-36. — *THAT.* v. 2, p. 970-3.

H.J.A.

שִׁמְמוֹן (*shimmāmôn*). Veja o nº 2 409e.

2410 שָׁמֵן (*shāmēn*) ***ser gordo, engordar.***

Termos Derivados

2410a שָׁמֵן (*shāmēn*) ***gordo, rico.***
2410b שָׁמָן (*shāmān*) ***gordura*** (Gn 27.28, 39, somente).
2410c שֶׁמֶן (*shemen*) ***óleo.***
2410d אשמנים (*'ashmannîm*) ***corpulento*** (Is 59.10, somente).
2410e מִשְׁמָן (*mishmān*) ***gordura*** (e.g., Is 17.14; Dn 11.24).
2410f מַשְׁמָן (*mashmān*) ***alimento preparado com bastante gordura*** (Ne 8.10, somente).

shāmēn. ***Gordo, rico.*** Adjetivo usado dez vezes, é empregado para transmitir a idéia de prosperidade e bem-estar. É sinônimo de *bārî'*, que se refere à obesidade física e também ao bem-estar.

shāmān. ***Gordura.*** Vocábulo usado duas vezes, em Gênesis 27.28, 39. É empregado metaforicamente para designar a riqueza do campo.

shemen. ***Óleo.*** Esse substantivo geralmente designa o azeite de oliva, seja ele puro, seja preparado para usos variados, tais como perfume ou ungüento. E usado 190 vezes. Um sinônimo é *yitshār*, que também significa "azeite de oliva". *shemen* é a palavra geralmente usada em referência ao azeite de oliva em seus vários usos, enquanto *yitshār* se refere ao produto recém-extraído. E regularmente associado com *tîrôsh*, "vinho novo", e *dāgān*, "cereal", em referência ao produto da terra. (As vezes *shemen* é associado com *yayin*, "vinho", como parte de provisões.) A palavra *hēleb* se refere à gordura animal, embora possa ser empregada metaforicamente para designar aquilo que é melhor ou escolhido. *shemen* tem cognatos em acadiano, fenício, árabe, siríaco e ugarítico.

É em geral usado no sentido literal, embora o uso metafórico não seja incomum. O óleo a que a palavra se refere geralmente é o azeite de oliva (o "óleo de mirra", de Et 2.12, pode ter sido uma forma líqüida de mirra ou então mirra misturada com óleo) e geralmente desempenhava um papel bastante importante na vida dos antigos. 1) Era usado como banha na cozinha, misturando-se o óleo com farinha no preparo de pão (1 Rs 17.12-16). 2) Era usado de diversas maneiras como parte de sacrifícios e adoração. O próprio óleo era dado como oferta (Lv 2.15-16; Ez 45.14) ou era misturado com farinha (Lv 8.26; 2.1-3; Êx 29.40). Certas ofertas tinham instruções específicas de não ter nenhum óleo misturado: a oferta pelo pecado (Lv 5.11) e a oferta de manjares de ciúme (Nm 5.15). 3) *shemen* desempenhava uma função simbólica importante em diversas cerimônias de consagração. Assim sendo, reis e sacerdotes foram ungidos com óleo (1 Sm 16.13; 1 Rs 1.39; Lv 8.12; Êx 30.23-33 dá a fórmula para o preparo do óleo da unção), simbolizando com isso as ricas bênçãos de Deus. O tabernáculo e tudo o que fazia parte dele foram consagrados dessa maneira (Lv 8.10). 4) O óleo era importante no preparo de cosméticos e de perfumes (Am 6.6; Ct 1.3; 2 Sm 14.2; Sl 104.15). 5) Era também importante o seu uso com finalidade medicinal (Is 1.6). 6) Utilizava-se também o óleo em lâmpadas (Êx 25.6; 27.20; Lv 24.2).

De forma bastante natural o óleo veio a ser um símbolo de prosperidade. É assim que Moisés, na bênção dispensada a Aser, diz: "banhe em azeite o seu pé" (Dt 33.24). Um sinal

da bênção peculiar de Deus sobre o seu povo aparece em Deuteronômio 32.13, em que se menciona uma situação na qual até mesmo as rochas produzirão mel e azeite. Ou seja, mesmo aquilo que normalmente seria estéril e improdutivo proporciona, sob as bênçãos de Deus, ricas colheitas (cf. também Jó 29.6).

Em Isaías 61.3 e Salmos 45.7 [8] o "óleo de alegria" simboliza a condição bendita daquele que se encontra debaixo do favor especial de Deus.

O verbo, o adjetivo *shāmēn* e os substantivos *shāmān* e *mishmān* se referem, com uma única exceção (Is 6.10, em que os corações estão gordos — i.e., são insensíveis, não reagem), ao bem-estar e à prosperidade. É assim que, em Deuteronômio 32.15 e Jeremias 5.28, o povo de Deus ficou gordo e próspero e se desviou de seu Deus, o qual havia tornado possível a prosperidade deles. Aqui o texto não está falando de obesidade, mas de estar bem alimentado e saudável.

Bibliografia: — MCCARTHY, Dennis J. Hosea XII 2: Covenant by oil. *VT* 14:215-21.

H.J.A.

2411 שׁמן (*shmn*). **II. Aceita como raiz de:**

2411a שְׁמֹנָה (*sh'mōneh*), שְׁמֹנֶה (*sh'mōnê*) ***oito.***

2411b שְׁמֹנִים (*sh'mōnîm*) ***oitenta.***

2411c †שְׁמִינִי (*sh'mînî*), שְׁמִינִית (*sh'mînît*) ***oitava, seminite.***

sh'mînî, sh'mînît. Termo musical que significa "oitava", encontrado em 1 Crônicas 15.21 e nos cabeçalhos de Salmos 6 e 12. Possivelmente se refere a um instrumento de oito cordas ou a uma oitava. Em todas as vezes ocorre junto com a preposição *'al*, "sobre", "conforme", "ao tom de" (ARA, 1 Cr 15.21). Em 1 Crônicas 15.21 diversos músicos estavam comemorando a vinda da arca para Jerusalém tocando harpas "*al* seminite" (cf. TB). Quanto a outros termos afins, veja-se verbete 1506a.

H.W.

שְׁמֹנִים (*sh'mōnîm*). Veja o nº 2 411b.

2412 שָׁמַע (*shāma'*) ***ouvir, escutar, obedecer.***

Termos Derivados

2412a †שֶׁמַע (*shema'*) ***som*** (Sl 150.5, somente).

2412b †שֵׁמַע (*shéma'*) ***informação.***

2412c †שָׁמָע (*shōma'*) ***notícia, fama.***

2412d †שְׁמוּעָה (*sh'mû'â*) ***notícia, rumor.***

2412e †הַשְׁמָעוּת (*hashmā'ût*) ***comunicação*** (uma forma causativa, "aquilo que se faz ouvir" [lit], Ez 24.26).

2412f מִשְׁמַע (*mishmā'*) ***rumor, boato*** (Is 11.3, somente).

2412g מִשְׁמַעַת (*mishma'at*) ***súditos*** (Is 11.14), ***guarda-costas*** (1 Sm 22.14; 2 Sm 23.23 = 1 Cr 11.25).

2412 שָׁמַע (*shāma'*)

O verbo *shāma'* é empregado 1050 vezes no qal, nifal, piel (duas vezes) e hifil. Acham-se cognatos em acadiano, aramaico, árabe, ugarítico e etíope. A idéia básica é a de notar uma mensagem ou simplesmente um som. São sinônimos: *qāshab* (hifil), "dar atenção", "estar atento"; *'āzan*, "dar ouvidos" (um verbo denominativo de *'ōzen*, "ouvido", "orelha"); e *'ānâ*, "responder".

shāma' possui o sentido básico de "ouvir". Isso passa a ter várias conotações, geralmente envolvendo uma ação concreta de ouvir ou escutar: 1) "escutar", "prestar atenção"; 2) "obedecer" (acompanhado de palavras tal como "mandamento", etc.); 3) "atender oração", "ouvir"; 4) "entender"; e 5) "ouvir criticamente", "examinar (em tribunal)". Os graus derivados possuem significados devidamente alterados.

São numerosos os casos de uso do verbo em seu sentido básico. Exemplos são Números 12.2 (o Senhor ouviu a murmuração de Miriã e Arão). Deuteronômio 4.12 (os israelitas ouviram o som da voz de Deus, mas não viram forma alguma) e Gênesis 3.8 (Adão e Eva ouviram a voz de Deus no jardim). O objeto da ação de ouvir pode estar expresso numa oração subordinada, tal como em Gênesis 37.17 ("ouvi-os dizer: ..."), Gênesis 14.14 ("ouvindo Abraão que seu sobrinho estava preso") e Juízes 7.11 ("ouvirás o que dizem").

O significado de "dar ouvidos a" acha-se ilustrado em Gênesis 3.17 (Adão dá ouvidos à voz da sua mulher, i.e., seguiu a orientação dela), 1 Reis 22.19 ("ouve, pois, a palavra do SENHOR"), Salmos 81.11 [12] ("mas o meu povo não ouviu a minha voz", IBB) e Provérbios 12.15 ("o sábio dá ouvido aos conselhos"). Esse uso se mescla com o sentido de "obedecer", como em Êxodo 24.7; Isaías 42.24 ("cuja lei não queriam observar", IBB); Neemias 9.16 ("não obedeceram aos teus mandamentos", BJ); e Jeremias 35.18 ("obedecestes ao mandamento de Jonadabe").

Em Juízes 13.9 Deus "ouviu a voz de Manoá" no sentido de que respondeu à oração deste. Emprego semelhante se acha em Ezequiel 8.18; Salmos 4.1 [2] ("ouve a minha oração", que faz paralelo com "responde-me [*'ānâ*] quando clamo"); e Salmos 34.17 [18] ("o SENHOR escuta [o clamor dos justos]").

Ainda ligado à questão da oração respondida, Deus afirma em Jeremias 11.10-11 um princípio solene e muito importante. Pelo fato de Israel ter-se recusado a ouvir as palavras de Deus quando este falou ao seu povo, Israel há de descobrir que, quando clamar a ele em tempos de dificuldades, Deus não ouvirá (i.e., não responderá a) o seu clamor. Miquéias 7.7 expressa a confiança que tem o justo, aquele que dá ouvidos à voz de Deus, a confiança de que Deus de fato ouvirá a sua oração. Uma palavra mais incisiva de encorajamento aparece em Salmos 94.9, "o que fez o ouvido, acaso não ouvirá?".

O escutar de verdade também envolve a idéia de "entender". Por isso, em Gênesis 11.7, depois da confusão de línguas em Babel, os homens já não eram capazes de "ouvir" (lit.; ARA, "entender") uns aos outros.

shēma'. ***Informação, notícia, fama, boato.*** Substantivo empregado para designar: 1) notícias em geral, tanto boas quanto ruins; 2) a fama que alguém tem; e 3) o que se ouve dizer, em contraste com o conhecimento pessoal que é fruto da experiência. E assim que o vocábulo é usado em Isaías 23.5 em referência à informação ou notícia da chegada de Jacó. Em 1 Reis 10.1 a palavra é usada para descrever a fama de Salomão, que tinha chegado até Sabá. Na grande confissão de Jó, ele testifica que o seu conhecimento anterior de Deus tinha sido por ouvir falar e que, como resultado de seu encontro com Deus,

passou a ver que ele mesmo não era nada em comparação com a grandeza de Deus (Jó 42.5).

shema'. ***Som.*** Substantivo empregado junto com "címbalos" em Salmos 150.5a, "címbalos sonoros". De acordo com *KB*, esses eram címbalos pequenos e tilintantes, em contraste com os címbalos barulhentos e retumbantes do versículo 5b.

shōma'. ***Notícia, fama.*** Essa palavra tem sentido semelhante a *shema'* e significa: 1) "notícia", "informação", acerca de uma invasão (Jr 6.24; ARA, "fama") ou acerca dos feitos de Deus (Js 9.9); 2) "fama" (Js 6.27).

sh^{e}mû'â. ***Notícia, rumor, informação, mensagem.*** Tal como *shēma'*, esse substantivo designa a "notícia" ou a "informação" que é recebida, seja ela boa ou ruim. A "informação" ouvida em 2 Reis 19.7 e Daniel 11.44 possivelmente não era tão precisa, sendo menos "notícia" e mais "rumor" (cf. ARA) ou "informação inquietante". Em Ezequiel 16.56 se usa a palavra no sentido mais básico (no que diz respeito à morfologia), a saber, "algo que é ouvido", "algo que é mencionado" (a expressão diz, lit., "e não foi a tua irmã Sodoma 'algo/alguém mencionado' pela tua boca".)

Peculiar a essa forma da raiz e de importância teológica é o significado "mensagem (profética)", i.e., a mensagem que o profeta mesmo ouve de Deus e transmite ao povo. Esse uso enfatiza a origem divina da sua mensagem.

Bibliografia: — *THAT*. v. 2, p. 974-81.

H.J.A.

2413 שׁמץ (*shmts*). **Aceita como raiz de:**

2413a שֶׁמֶץ (*shēmets*) ***sussurro*** (Jó 4.12; 26.14).

2413b שִׁמְצָה (*shimtsâ*) ***sussurro, escárnio*** (Êx 32.25).

2414 שָׁמַר (*shāmar*) ***I, cuidar, guardar, observar, prestar atenção.***

2414a שָׁמְרָה (*shomrâ*) ***guarda; observação*** (Sl 141.3, somente).

2414b שְׁמוּרָה (*sh^{e}murâ*) ***pálpebra*** (Sl 77.4, somente).

2414c שְׁמֻר (*shimmur*) ***vigília*** (Êx 12.42, somente).

2414d †שֹׁמְרוֹן (*shōmrôn*) ***Samaria.***

2414e אַשְׁמוּרָה (*'ashmûrâ*), אִשְׁמֹרֶת (*'ashmōret*) ***vigília.***

2414f †מִשְׁמָר (*mishmār*) ***guarda, posto de guarda.***

2414g †מִשְׁמֶרֶת (*mishmeret*) ***obrigação, serviço.***

shāmar aparece 420 vezes no qal, 37 no nifal, 4 no piel e hitpael. O cognato acadiano *shamāru* significa "ser criado de", "cuidar de"; o cognato fenício, "vigiar", "guardar"; o árabe *samara*, "vigiar". O sinônimo mais próximo é *nātsar*, "vigiar", "guardar", "cuidar", "observar", o qual é usado de forma bastante parecida de *shāmar*. Existem outros verbos que às vezes se sobrepõem a um dos usos de *shāmar*, mas que de outra forma são bem distintos.

A idéia básica da raiz é a de "exercer grande poder sobre". Pode-se notar que esse significado permeia as várias alterações semânticas sofridas pelo verbo. Em combinações

com outros verbos o sentido é o de "fazer com cuidado", "fazer diligentemente": "'conserva' a inteligência" (Pv 19.8); "'tende ... cuidado' em cumprir todos os estatutos e os juízos" (Dt 11.32); "porventura não 'terei cuidado' [ou 'serei fiel'] de falar...?" (Nm 23.12).

Em segundo lugar, o verbo exprime a atenção cuidadosa que se deve ter com as obrigações de uma aliança, de leis, de estatutos, etc. Este é um dos empregos mais freqüentes do verbo. Desse modo, em Gênesis 18.19 Abraão devia ordenar a seus filhos que guardassem o caminho do Senhor, ou seja, que dessem toda a atenção aos caminhos de Deus (cf. também Êx 20.6; Lv 18.26; Dt 26.16; Ez 11.20). Deve-se assinalar que a observância das leis de Deus não devia ser uma questão de mera teoria ou de obediência superficial. Com freqüência se acrescenta a expressão "para cumpri-las", como em Ezequiel 37.24. Provérbios 4.21 afirma que as leis de Deus devem ser guardadas no coração. Ademais, usa-se a expressão não apenas para designar uma obrigação de obedecer a leis, mas também em referência ao desempenho de uma ocupação sagrada, tal como o sacerdócio (Nm 18.7).

Um terceiro desdobramento da raiz é o de "tomar conta de", "guardar". Isso envolve manter, ou cuidar de, coisas, tais como um jardim (Gn 2.15), um rebanho (Gn 30.31), uma casa (2 Sm 15.16). Ou pode envolver o resguardar-se contra intrusos, como ocorreu com os querubins que guardavam o caminho que levava à árvore da vida (Gn 3.24), ou como porteiros (Is 21.11) ou sentinelas (Ct 5.7). O mesmo é válido quanto a pessoas. É nesse sentido que Caim pergunta: "Acaso sou eu 'tutor' de meu irmão?" (Gn 4.9). Muitas vezes Davi fala do cuidado e proteção divinos, em passagens tais como Salmos 34.20 [21]; 86.2; 121.3-4, 7; e outras. Em Jó 2.6 Deus emprega o verbo *shāmar* na determinação dada a Satanás para não tocar na vida de Jó. Além do mais, Davi admoesta Joabe de uma forma comovente, antes de este pelejar contra Absalão: "cuidai para mim do jovem Absalão" (2 Sm 18.12; ARA, "guardai-me ...").

Com freqüência se usa o verbo para designar a disciplina pessoal, a necessidade de ser cuidadoso com referência à própria vida e ações: "guardarei os meus caminhos" (Sl 39.1 [2]); "o que guarda a boca..." (Pv 13.3).

Uma quarta categoria apresenta o sentido de "considerar", "dar atenção a". Designa a atitude de alguém que presta atenção em, ou reverencia, Deus ou outras pessoas. É assim que, em Oséias 4.10, Israel deixou de prestar atenção em Deus (ARA, "deixaram de 'adorar'"). Salmos 31.6 [7] fala daqueles que reverenciam (*shāmar*; ARA, "adoram") ídolos vãos. Em outro uso correlato, o salmista diz, em Salmos 130.3, "se observares [*shāmar*, 'verdadeiramente atentares para'] ... iniqüidades, quem, SENHOR, subsistirá?" (veja-se também Jó 13.27). O verbo pode ser empregado com um sentido hostil, como em 2 Samuel 11.16, ou com uma idéia de expectativa, como em Zacarias 11.11 e Salmos 59.9.

A última categoria abrange os sentidos de "preservar", "armazenar", "acumular", tais como a ira que Edom insufla e guarda contra Israel (Am 1.11) ou o conhecimento (Ml 2.7). O mesmo também se dá com alimento em Gênesis 41.35 e 1 Samuel 9.24 ou com qualquer coisa de valor (Êx 22.7 [6]).

shōmrôn. ***Samaria.*** Esse topônimo, usado 190 vezes, é o nome da cidade que Onri construiu para ser a capital do Reino do Norte, Israel. Samaria estava situada 11 quilômetros a noroeste de Siquém, sobre uma elevação de 90 metros de altura que Onri comprara de Semer (1 Rs 16.24-32). Onri deu à cidade o nome de Samaria em homenagem a Semer, havendo possivelmente um duplo sentido, visto que o nome da cidade pode significar "posto de vigia".

Em Isaías 28.1-4, embora não seja mencionada nominalmente, fazem-se referências a Samaria como a "soberba coroa", a "gloriosa formosura que está sobre a parte alta do fertilíssimo vale". Porém, ainda que Israel se vangloriasse de Samaria devido à sua beleza e à sua localização estratégica, Deus a condenou por ser a espinha dorsal da idolatria israelita. Em Miquéias 1.5 a cidade é chamada de "transgressão de Jacó", ou seja, era o símbolo da rebelião de Israel contra Deus. Jeremias 23.13 fala dos falsos profetas de Samaria, que profetizam por Baal e desencaminham a Israel. (Cf. também Os 7.1; Am 4.1.)

Foi por essa razão que Deus pronunciou juízo contra a cidade (Am 4.2-4; Is 28.1-8). 2 Reis 17 descreve a queda de Samaria às mãos da Assíria, a qual removeu os moradores da cidade e a repovoou com pessoas provenientes de outros países conquistados. O território do qual Samaria havia sido capital foi transformado em província e incorporado ao império assírio e, mais tarde, aos impérios babilônico e persa. Quando Neemias, depois do exílio, se empenhou na reconstrução de Jerusalém, os moradores de Samaria constituíram a principal força de oposição. A hostilidade que ali se viu continuou a existir até a época do Novo Testamento.

mishmār. ***Guarda, posto de guarda, turno de serviço.*** Emprega-se esse substantivo para designar: 1) o confinamento a que alguém é submetido (Gn 40.3; Lv 24.12); 2) um posto de guarda (Ne 4.3, 16-17; 7.3); e 3) um turno ou divisão de serviço, geralmente do templo, tal como Neemias 12.24 e 13.14.

mishmeret. ***Obrigação, serviço.*** Esse substantivo é usado em dois sentidos principais. O primeiro é o de uma "obrigação" ou "serviço" que se deve cumprir. O segundo tem que ver com algo que deve ser guardado ou preservado, tal como o cordeiro pascal (Êx 12.6), o maná (Êx 16.32-34) ou as cinzas da novilha vermelha (Nm 19.9).

Bibliografia: — BEEGLE, D. M. Samaria. In: *WBE*. — KELSO, J. Samaria. In: *ZPEB*. — WISEMAN, D. J. Samaria. In: *NBD*. — WRIGHT, G. E. Samaria. *Biblical Archeologist* 22:67-78. — *TDNT*. v. 9, p. 237-9. — *THAT*. v. 2, p. 982-6.

2415 שמר (*shmr*). **II. Aceita como raiz de:**

2415a שֶׁמֶר (*shemer*) ***borra, resíduo de vinho*** (e.g., Is 25.6; Sf 1.12).

2416 שׁמר (*shmr*). **III. Aceita como raiz de:**

2416a שָׁמִיר (*shāmîr*) ***espinhos, diamante, pederneira*** (*e.g.*, Is 5.6; Jr 17.1).

שֹׁמְרוֹן (*shōmrôn*). Veja o nº 2 414d.

2417 שמש (*shmsh*). **Aceita como raiz de:**

2417a †שְׁמֶשׁ (*shemesh*) ***sol.*** O plural aparece apenas em Isaías 54.12, "baluartes".

A palavra *shemesh* aparece 131 vezes. Usa-se o sol na indicação das horas e da direção geográfica. Nasce no oriente (leste) e se põe no ocidente (oeste; Zc 8.7). O pôr-do-sol assinala o fim do dia e o começo de um novo dia no calendário civil. "Até que o sol aqueça" refere-se ao meio da manhã (e.g., Ne 7.3). Qualquer coisa feita à luz do sol é

considerada algo feito deliberadamente; por exemplo, aquele que matasse um ladrão que invadisse a casa durante o dia era considerado responsável pela morte de tal pessoa (Êx 22.3 H 2; cf. 2 Sm 12.11 e s.). [Outra interpretação dessa interessante passagem é que a lei permite matar um ladrão em defesa própria enquanto o ladrão estiver invadindo a casa de noite, mas proíbe matar por retaliação um ladrão apanhado mais tarde durante o dia — exigia-se que tal ladrão fizesse restituição. O roubo não era um crime passível de pena de morte. R.L.H.] O livro de Eclesiastes repete com freqüência a expressão "debaixo do sol" (Ec 1.3; passim) para enfatizar que se vive essa vida terrena num trabalho servil, monótono e quase sem significado, quando encarada de uma perspectiva que não leva Deus em conta.

Acreditava-se que o sol tivesse poder. Podia atingir um homem e fazê-lo desmaiar (Jn 4.8). O filho da sunamita provavelmente morreu de insolação (2 Rs 4.19-20). Mas o Senhor protegeu os peregrimos, impedindo que fossem atingidos pelo sol (Sl 121.5 [6]). Num número maior de vezes, considerava-se o sol uma bênção. O sol ajuda os campos a produzir colheitas abundantes (Dt 33.14). Um governante justo é "como a luz da manhã, quando sai o sol, como manhã sem nuvens" (2 Sm 23.4). O próprio Senhor é comparado ao sol porque traz calor e prosperidade para a vida do crente: "o SENHOR é sol e escudo; o SENHOR dá graça e glória" (Sl 84.11 [12]). Visto que o sol sobrevive às gerações, serve de símbolo para a longevidade, por exemplo, o trono duradouro de Davi (Sl 89.36 [37]).

No mundo antigo adorava-se o sol. No Egito, chamado de Rá, era o Deus supremo. A nona praga foi uma disputa direta entre Iavé e Rá; ao eliminar a luz do sol por meio de densas trevas, Iavé demonstrou o seu poder superior. Pela mesma razão Jeremias pronunciou o juízo que viria sobre o Egito, "quebrará as colunas de Bete-Semes" ("Bete-Semes" ou "Casa do Sol" designa a cidade de Heliópolis; 43.13; cf. Ez 32.7). Na Mesopotâmia o sol desempenhava um papel crucial, na condição de deus da justiça. Mas em Israel a adoração do sol era estritamente proibida (Dt 4.19). A adoração de Israel ressaltava que o sol devia sua existência unicamente a Deus (Gn 1.14-19). O sol, como uma criatura de Deus, rende-lhe louvor (Sl 148.3). O sol também obedece às ordens divinas; por exemplo, permaneceu imóvel durante meio dia a fim de que Josué pudesse continuar a derrotar os seus inimigos, e, para servir de sinal da cura que Ezequias haveria de experimentar, voltou dez graus de acordo com o relógio de sol (ou dez degraus nos prédios do palácio, caso ainda não se usassem relógios de sol). Infelizmente a adoração do sol invadiu Israel em diversas ocasiões, particularmente na época de Manassés. Nessa ocasião até mesmo os carros do sol foram colocados junto à entrada do templo (2 Rs 23.11). Ezequiel também descreve a adoração do sol praticada no templo. Houve 25 homens adorando o sol, olhando para o oriente e tendo as costas voltadas para o templo (Ez 8.16). Ao procurar o sol, arrogantemente se desviaram de Iavé, provocando-o à ira (Ez 8.17).

A ira do Senhor terá a sua mais forte manifestação no Dia do Senhor. Enquanto Deus julgar as nações, acontecimentos catastróficos terão lugar no céu: "naquele dia (...) farei com que o sol se ponha ao meio-dia" (Am 8.9; cf. Jl 2.31 [3.4]; Ap 6.12). Então, na era vindoura, já não haverá necessidade do sol como fonte de luz; em vez disso Iavé será a luz e a glória eternas (Is 60.19 e s.; Ap 21.23; 22.5). De acordo com Malaquias, o sol da justiça nascerá trazendo cura em suas asas (Ml 4.2 [3.20]).

Bibliografia: — *THAT*. v. 2, p. 987-98.

J.E.H.

שֵׁן (*shēn*). Veja o nº 2 422a.

שִׁנְאָן (*shin'ān*). Veja o nº 2 421d.

2418 שׁנב (*shnb*). **Aceita como raiz de:**

2418a אַשְׁנָב (*'eshnāb*) ***janela, treliça*** (Jz 5.28; Pv 7.6).

2419 שָׁנָה (*shānâ*) ***I, mudar.***

Termo Derivado

2419a †שְׁנָה (*shānâ*) ***ano.***

Usa-se às vezes o verbo *shānâ* para descrever uma mudança de caráter ou no estilo de vida. Desse modo se expressa a imutabilidade de Deus em Malaquias 3.6: "Porque eu, o Senhor, não mudo" (ARA); a fidelidade de Deus às promessas que faz se vê na afirmação de que não mudará aquilo que falou (Sl 89.34 [35]).

Também se usa o verbo com o sentido de "ser diferente", tal como na afirmação em Ester 3.8 de que os judeus possuem leis e costumes diferentes de todos os outros povos.

Uma troca de roupas está envolvida em 2 Reis 25.29, em que Joaquim é solto da prisão. Em 1 Samuel 21.14 e 1 Reis 14.2, se usa o verbo para indicar a ação de assumir um disfarce. Na primeira passagem Davi se finge de louco, ao passo que na segunda a esposa de Jeroboão se disfarça antes de ir visitar o profeta Aías. Em uma passagem (Et 2.9) o verbo indica a mudança física de um local para outro.

shānâ. *Ano.* Na maioria das vezes se emprega esse substantivo de maneiras que fazem paralelo com o uso que a palavra tem na atualidade. Mas certas expressões exigem um comentário aqui. Isaías 16.14 e 21.16 fala de "anos (...) de jornaleiro". Essas passagens falam da ruína cada vez mais próxima de uma nação e descrevem os anos de espera como anos exaustivos e terríveis de contar o tempo. As fórmulas de datas, ou seja, as maneiras de indicar as datas, geralmente se referem ao reinado de alguém, mas muitas vezes são associadas a acontecimentos significativos, tais como uma fome (Gn 41.50) ou um terremoto (Am 1.1).

Há nomes de anos que, mesmo não sendo fórmulas de datas, dizem muito e, às vezes possuem uma significação profética, e.g. *sh'nat rātsôn*, "ano de benevolência" (lit., Is 61.2; ARA, "ano aceitável"). Isso fala da salvação proporcionada pelo Messias e emprega uma figura de linguagem derivada do *sh'nat d'rôr*, "ano da liberdade" (Ez 46.17; cf. Lv 25.10-11), também denominado *sh'nat yôbēl*, "ano do jubileu" (Lv 25.13), em que todos os que se haviam vendido à escravidão eram soltos. Semelhante a isso é o *sh'nat sh'mittâ*, "ano da remissão" (de dívidas, a cada sete anos, Dt 15.1; 31.10). O *sh'nat g'ûlîm*, "ano da vingança", é uma época de livramento para o povo de Deus, quando Deus lidar com os que outrora oprimiam o seu povo (Is 63.4).

Duas expressões se referem às estações do ano (o equinócio da primavera e o do outono): *t'qûpat hashshānâ*, "virada do ano" (lit.; ARA, "final do ano"; Êx 34.22 [outono]; 2 Cr 24.23 [primavera]); e *t'shûbat hashshānâ*, "retorno do ano" (BJ, 2 Sm 11.1; 1 Rs 20.22, 26 [primavera]).

2420 שָׁנָה (*shnh*)

Bibliografia: — BRUCE, F. F. Calendar. In: *NBD*. — FINEGAN, J. *Light from the ancient past*. Princeton University, 1959. p. 561-98. — LILLEY, J. Calendar. In: *ZPEB*. — SMICK, E. B. Calendar. In: *WBE*.

H.J.A.

2420 שָׁנָה (*shnh*). **II. Aceita como raiz de:**

2420a †שָׁנִי (*shānî*) ***escarlata.***

Essa palavra é usada 42 vezes no AT. O ugarítico possui um cognato, *tn*. A palavra se refere à tintura (ou às vezes ao material tingido) obtida a partir do quermes ou da cochonilha, insetos que vivem numa espécie de carvalho existente no Mediterrâneo (*Quercus coccinea*). Ocorre na maioria das vezes em Êxodo, em combinação com *tôle â*, "quermes", "carmesim".

shānî está associado ao bem-estar e ao luxo em 2 Samuel 1.24, passagem em que Saul é descrito como alguém que cuidou bem das mulheres de Israel. Empregou-se o material de escarlata na fabricação de coisas tais como as cortinas (Êx 26.1), o véu (26.31), a estola sacerdotal (28.5-8) e o manto do sacerdote (28.33). Dessa maneira, utilizaram-se os melhores materiais. Mas parece também que *shānî* adquiriu um significado simbólico por ser utilizado em cerimônias de purificação, como na descontaminação do leproso (Lv 14.4, 6) e da casa do leproso (Lv 14.49, 52), e na descontaminação da impureza cerimonial em geral (Nm 19.6). Visto que *shānî* era a cor do sangue, seria o símbolo natural para isso em tais cerimônias. A palavra torna a aparecer em Isaías 1.18. Depois de dizer aos israelitas que a adoração que lhe prestavam era inaceitável devido às manchas de culpa de crime de sangue nas mãos do povo (v. 15), Deus fala que devem ser purificados e deixar de fazer o mal. O versículo 18 é o convite que ele faz para a purificação. Ele removerá até mesmo a culpa de crime de sangue, simbolizada por uma roupa tingida de escarlata. Por mais impossível que seja, Deus torna a roupa num branco puro e brilhante, representando uma retidão sem máculas (cf. Sl 51.7 [9]; Ap 7.14).

Bibliografia: — JOHNSON, A. F. Colours. In: *WEB*. — WICKWIRE, C. L. Scarlet. In: *IDB*.

H.J.A.

2421 שָׁנָה (*shānâ*) ***III, repetir, tornar a fazer.***

Termos Derivados

2421a †שְׁנַיִם (*sh'nayim*) ***dois.***

2421b שֵׁנִי (*shēnî*), שֵׁנִית (*shēnît*) ***segundo.***

2421c †מִשְׁנֶה (*mishneh*) ***segundo, duplo, repetição.***

2421d †שִׁנְאָן (*shin'ān*) ***repetição.***

O verbo *shānâ* designa a repetição de uma ação, tal como na ordem de Elias para repetir o despejo de água sobre a lenha e o sacrifício sobre o altar, em 1 Reis 18.34. Provérbios 26.11 assemelha o tolo que repete sua tolice ao cão que volta ao seu vômito,

ao passo que, em Provérbios 17.9, o verbo é usado para indicar a ação daquele que passa adiante ou aumenta um erro ou fracasso de outrem.

sh'nayim. ***Dois.*** Palavra empregada 768 vezes. Morfologicamente *sh'nayim* não é plural, mas dual, uma forma comum nas línguas semíticas. Isso aponta para uma diferenciação conceitual entre unidade, de um lado, e pluralidade, de outro, ou seja, um "par". Em hebraico o dual restringe-se a coisas que ocorrem aos pares na natureza, tais como os pés, os braços, as pernas, os olhos, *etc.* É usado mais amplamente em ugarítico.

Além de contar itens, emprega-se *sh'nayim* em passagens que: 1) mostram um emparceiramento; 2) ressaltam contraste ou diferenciação; e 3) indicam uma quantidade pequena indefinida. Na primeira categoria incluem-se os casos freqüentes em que se faz uma aliança ou acordo entre duas partes, tal como entre Davi e Jônatas em 1 Samuel 23.18, e entre Salomão e Hirão em 1 Reis 5.12 [26] (cf. também Zc 6.13).

Contraste e oposição se vêem em 1 Reis 18.21, passagem que mostra Israel indeciso entre dois caminhos. Ezequiel 37.22 fala do fim da divisão e conflito entre os dois reinos de Israel. Jó (9.33) deseja que surja alguém capaz de transpor o abismo existente entre ele e Deus, alguém que seja capaz de pôr as mãos sobre ambos.

Uma quantidade pequena e indefinida é indicada mediante a expressão "um ou dois" (Êx 21.21; Ed 10.13), "dois ou três" (2 Rs 9.32; Am 4.8) ou simplesmente "dois" (1 Rs 17.12).

O recebimento de uma porção dupla, *pî sh'nayim*, é direito do herdeiro (Dt 21.17; cf. também 2 Rs 2.9).

mishneh. ***Segundo, duplo, repetição.*** *mishneh* apresenta basicamente a idéia de uma duplicação de um item inicial; essa duplicação pode ter a conotação de: 1) conseguir duas vezes tanto quanto se tinha originariamente; 2) fazer uma cópia exata; e 3) ter um segundo item ou pessoa, um segundo nível ou seção. É assim que os filhos de Jacó, em sua segunda viagem ao Egito, levaram o dobro de dinheiro que haviam levado na primeira viagem (Gn 43.15). Em Zacarias 9.12 e Isaías 61.7 Deus promete a Israel uma porção dupla, o que pode ter o sentido de superabundância de bênçãos ou talvez, melhor ainda, a bênção e herança totais na condição de herdeiros primogênitos, aquela posição especial que o herdeiro ocupa na casa do pai e em seus planos.

O sentido de "fazer uma cópia" se acha em Josué 8.32. que conta que Josué fez uma cópia da lei a partir das próprias pedras que Moisés talhara (cf. Dt 17.18, de onde surge o título do livro dos judeus sobre a legislação do Pentateuco, *A Mishnah*).

O terceiro sentido do substantivo se vê em Gênesis 41.43, passagem que fala que José vai montado no segundo carro de Faraó. Diversas passagens, tais como 2 Reis 22.14 e Sofonias 1.10, falam do segundo bairro (IBB, "segunda parte") de Jerusalém.

shin'ān. ***Repetição.*** Esse vocábulo ocorre apenas uma vez, em Salmos 68.17 [18], após as palavras "milhares de". *BDB* e a maioria das versões traduzem por "milhares de milhares". Segundo essa interpretação, a raiz *shānā'* é uma variante de *shānâ* II, "repetir". *KB* identifica a palavra com o árabe *saniya*, "ter posição elevada", e traduz por "elevação". Albright (*Norsk teologisk Tidsskrift* 56:2-4) identifica o vocábulo com o ugarítico *ṯnn* e com *shanānu*, palavra encontrada nos tabletes de Alalakh, ambas as palavras com o sentido de "guerreiro" ou, preferivelmente, "arqueiro" (cf. também WARD, *JNES* 20:39). A tradução seria então "vinte mil (carros) e milhares de arqueiros".

Bibliografia: — POPE, M. H. Numbers. In: *IDB*. — WHITE, W. Jr. Numbers. In: *ZPEB*.

H.J.A.

(*shenhabbîm*). Veja o nº 2 422c.

(*shānî*), שֵׁנִי (*shēnî*). Veja os nºs 2 420a, 2 421b.

שְׁנַיִם (*sh'nayim*). Veja o nº 2 421a.

שְׁנִינָה (*shēnînâ*). Veja o nº 2 422b.

שְׁנִית (*shēnît*). Veja o nº 2 421b.

2422 שָׁנַן (*shānan*) ***afiar.***

Termos Derivados

2422a †שֵׁן (*shēn*) ***dente, marfim.***

2422b †שְׁנִינָה (*sh'nînâ*) ***palavra ofensiva, ferina.***

2422c שְׁנְהַבִּים (*shenhabbîm*) ***marfim.*** Possivelmente essa palavra seja composta de *shēn*, "dente", e *habbîm*, "elefante" (um vocábulo africano, cf. *KB*). Ocorre em 1 Reis 10.22; 2 Crônicas 9.21.

O árabe *sanna*, "amolar (instrumento cortante)", "afiar", é cognato de *shānan*. Esse verbo é usado no qal, piel e hitpolel. O piel aparece apenas uma vez, em Deuteronômio 6.7, no texto que fala da instrução cuidadosa dos filhos na lei de Deus. *KB*, no entanto, no que é seguido pela NEB e pela JB, entende que a palavra deriva de uma segunda raiz *shānan*, com o sentido de "repetir".

Usa-se o verbo *shānan* quando se fala da ação de afiar espadas e flechas (Dt 32.41; Is 5.28; Sl 45.6; 120.4; Pr 25.18). Em duas oportunidades é empregado metaforicamente, em referência ao afiar a língua. Em Salmos 64.3 [4] há uma descrição de malfeitores que afiam a língua como a uma espada, preparando-se para atacar o inocente.

shēn. ***Dente, marfim.*** Pode-se usar esse substantivo para descrever a aparência dos dentes de alguém (Gn 49.12; Ct 4.2; 6.6). É também empregado numa variedade de expressões que proporcionam uma descrição vívida e pitoresca de várias emoções e situações. É assim que a lei da retribuição é ilustrada na expressão "dente por dente" (Êx 21.24; Lv 24.20; Dt 19.21). Quebrar o dente de alguém é tirar o poder dessa pessoa (Sl 3.7 [8]; 58.6 [7]). Expressões ainda existentes são "salvar-se só com a pele dos dentes" (Jó 19.20) e "ter os dentes embotados" devido a uvas verdes ou a vinagre (Jr 31.29, 30; Pr 10.26).

shēn também designa "marfim" (tal como em 1 Rs 22.39; Am 6.4), o "dente" de um garfo (1 Sm 2.13) e "dente de rocha" (ARA, "penha 'ingreme'"; 1 Sm 24.4 [5]).

sh'nînâ. ***Palavra ofensiva, ferina, zombaria.*** Esse substantivo descreve o tipo de comentário ferino feito pelos inimigos de Israel, com o uso do mesmo simbolismo empregado na raiz verbal, "afiar a língua (para proferir palavras maldosas)".

H.J.A.

2423 *שָׁנַס (*shānas*) ***cingir.*** Esse verbo ocorre apenas uma vez, no piel (1 Rs 18.46).

2424 שִׁנְעָר (*shin'ār*) ***Sinear.***

shin'ār aparece oito vezes no AT, sendo utilizado para designar o sul da Mesopotâmia, a planície de aluvião entre os rios Eufrates e Tigre. Os sumérios conheciam essa região pelo nome de Suméria e Acade. Posteriormente passou a ser chamada Babilônia. Em duas das oito passagens, a LXX traduz *shin'ār* por "Babilônia" (Is 11.11; Zc 5.11).

Em Gênesis 10.10 se diz que Ninrode, o grande tirano e fundador de império, deu início a seu reino em Babel, Ereque (a Uruque dos sumérios), Acade (Agade) e Calné, na terra de Sinear. A partir dali foi avançando para o norte, na direção da Assíria. Foi ali em Sinear que também a humanidade rebelde construiu a bem-conhecida torre de Babel, num direto desafio a Deus (Gn 11.2). Em Daniel 1.2 vemos que Nabucodonosor leva os utensílios do templo de Deus para a terra de Sinear, e em Isaías 11.11 se conta que Sinear é uma das terras de onde o Israel reajuntado voltará, na época do estabelecimento da era milenar. Em Zacarias 5.11 a mulher no efa, representando o acúmulo do mal (v. 8), é retirada para a terra de Sinear, onde é erigido um templo para ela.

Tudo isso aponta para um significado sinistro de Sinear, mostrando que essa região é o principal centro de desenvolvimento de uma cultura e de uma civilização alicerçadas sobre uma religião falsa, rebelde contra o Deus verdadeiro e a sua palavra revelada, é o berço da tirania imperial; são inimigos do povo de Deus, em suma, são o símbolo da impiedade. (Cf. também as muitas referências bíblicas à Babilônia.)

Além das passagens acima, afirma-se que Anrafel, que guerreou contra o rei de Sodoma, foi rei de Sinear (Gn 14.1, 9). E como parte dos despojos apanhados ilegalmente por Acã também havia uma roupa de Sinear (Js 7.21).

Bibliografia: — JACOBSEN, Thorkild. Shinar. In: *IDB*. — SMICK, Elmer. Shinar. In: *WBE*. — WISEMAN, Donald J. Shinar. In: *ZPEB*.

H.J.A.

2425 שָׂסָה (*shāsâ*) ***saquear, pilhar.***

shāsâ é empregado 12 vezes, geralmente no qal, uma vez no poel. Às vezes é usado em paralelo com *bāzaz*, que por sua vez aparece com freqüência em paralelo com *shālal*. O verbo possui uma variante, *shāsas*.

Esse vocábulo é utilizado de forma bastante semelhante a *shālal* (q.v.), e as observações feitas nesse verbete se aplicam também a esse termo. Na maioria das vezes se usa o verbo na forma participial, sendo traduzido por "espoliador". Desse modo, no conciso texto que resume a época dos juízes (Jz 2.6-23), um Israel desobediente é entregue nas mãos de espoliadores (v. 14). Quando o povo clama a Deus e se arrepende, Deus envia juízos para salvá-los dos saqueadores (v. 16).

Em Salmos 44.10-12 [11-13] o salmista se queixa de que Deus vendeu o seu próprio povo por uma ninharia, espalhou-o entre as nações, fê-los objeto de saque e os pôs como ovelhas que podiam ser comidas como bem aprouvesse aos seus inimigos. Mas Isaías encoraja Israel (Is 17.12-14), dizendo que, pela manifestação divina, as nações gentílicas estarão sujeitas a grandes transtornos, que o terror as atingirá repentinamente à

2426 שָׁסַע (*shā'a*)

tardinha e que. antes do amanhecer, deixarão de existir, "este é o quinhão daqueles que nos despojam". Jeremias afirma o mesmo princípio em Jeremias 30.16 e 50.11.

H.J.A.

2426 שָׁסַס (*shāsas*) ***saquear, pilhar.***

Termo Derivado

2426a מִשַּׁסָּה (*m'shissâ*) ***despojo, saque.***

Essa raiz, uma variante de *shāsâ*, é usada de forma semelhante a *shālal* (q.v.), e os comentários feitos nesse verbete se aplicam também aqui. Além do sentido usual de "saquear", essa raiz é claramente empregada para destacar uma lição moral para Israel. Em Sofonias 1.12-13, aqueles que disseram no coração "o SENHOR não faz bem nem mal" verão os seus bens serem pilhados. Contudo, em Isaías 42.22-25 Deus lamenta profundamente o fato de que, embora seja "um povo roubado e saqueado", Israel não indaga a si mesmo quem é que o entregou para ser saqueado, ou seja, não aprende com a punição aplicada por Deus. Por esse motivo um castigo ainda mais severo aguardava o povo.

H.J.A.

2427 שָׁסַע (*shāsa'*) ***fender, dividir.***

Termo Derivado

2427a שֶׁסַע (*shesa'*) ***fenda, divisão.***

shāsa' ocorre nove vezes, cinco no qal e quatro no piel. No qal sempre descreve o casco fendido de quadrúpedes. No piel é empregado para designar a ação de partir um animal ao meio. Um verbo sinônimo é *pāras*, no hifil. Parece que a distinção entre ambos é que *pāras* se refere a uma fenda ou rachadura no casco, mas que não é necessariamente total, ao passo que *shāsa'* se refere a um casco completamente fendido. O verbo genérico ou comum para "partir" ou "romper" é *pārats*.

Utiliza-se *shāsa'* no qal na descrição de animais limpos. Aqueles animais que têm casco fendido e ruminam o alimento ingerido são limpos (Lv 11.3; Dt 14.6). Aqueles que não satisfazem essas condições são imundos (Lv 11.7; Dt 14.7). Levítico 11.26a se refere a animais cujos cascos não são totalmente fendidos de alto a baixo. (Parece que o camelo, que possui cascos fendidos, mas uma pata larga e única por baixo do casco, se enquadra nessa categoria.)

Usa-se o piel em Levítico 1.17, em que o sacerdote parte a ave sacrificial pelas asas, e em Juízes 14.6, em que Sansão rasga o leão ao meio.

H.J.A.

2428 *שָׁסַף (*shāsap*) ***despedaçar.*** Esse verbo ocorre somente uma vez, no piel (1 Sm 15.33).

2429 שָׁעָה (*shā'â*) ***olhar, considerar.***

shā'â é usado 15 vezes, a maioria delas no qal, uma no hifil e duas no hitpael. Tanto o acadiano quanto o ugarítico possuem cognatos. Um sinônimo freqüente é *rā'â*, "ver", que é o verbo mais comum que diz respeito à visão em geral. Outro verbo com sentido um tanto quanto parecido é *nābaṭ*, "olhar", no hifil, também bastante comum. O campo semântico deste último verbo, embora ocasionalmente se sobreponha ao de ***shā'â***, é consideravelmente mais amplo.

A idéia básica de ***shā'â*** é a de "olhar com interesse". Jamais designa um olhar casual ou desinteressado. Pode-se ver isso nas seguintes definições ampliadas. Em Gênesis 4.45, o verbo significa "olhar com aprovação", "aceitar" (ARA, "agradar-se de"). É assim que Deus aceitou Abel, mas não a Caim. E também em Isaías 17.7-8 Deus diz que está chegando a hora quando "atentará o homem para o seu Criador" (IBB) e não mais atentará para os altares que as suas mãos construíram.

Nessa última passagem o verbo fica bem próximo do segundo significado, "olhar para", "olhar com interesse". Assim, em Isaías 31.1, se diz que os israelitas estão indo para o Egito em busca de ajuda, confiando em cavalos e carros, e não "atentam para" o Santo de Israel.

O terceiro sentido é o de "desviar o olhar de", em que o verbo aparece junto com a preposição ***min***, sempre num pedido que traz a idéia de "deixai-me a sós" (ARA, "desviai de mim a vista"; Is 22.4; Jó 7.19; 14.6; Sl 39.14).

Em uma passagem específica, Isaías 32.3, deve-se considerar o verbo uma variante de *shā'a'*, "estar cego", ou revocalizá-lo como o qal de *shā'a'* (isso não requer nenhuma emenda consonantal). É assim que o fazem praticamente todos os comentaristas e traduções.

O hitpael, usado duas vezes em Isaías 41.10, 23, significa "olhar receosamente ao redor" (ARA, "assombrar-se").

H.J.A.

2430 שׁעע (*sh'ṭ*). **Aceita como raiz de:**

2430a שַׁעְטָה (*sha'āṭâ*) ***tropel (de cascos)*** (Jr 47.3).

2431 שַׁעַטְנֵז (*sha'aṭnēz*) ***material misturado*** (Dt 22.11; Lv 19.19).

2432 שׁעל (*sh'l*). **Aceita como raiz de:**

2432a שָׁעַל (*shō'al*) ***concha da mão*** (Is 40.12), ***punhado*** (1 Rs 20.10; Ez 13.19).

2432b מִשְׁעוֹל (*mish'ôl*) ***caminho afunilado*** (i.e., estrada que passa por lugar apertado, Nm 22.24).

2433 שׁעל (*sh'l*). **II. Aceita como raiz de:**

2433a שׁוּעָל (*shû'āl*) ***raposa*** (e.g., Ne 3.25; Ct 2.15).

2434 *שָׁעַן (*shā'an*) ***apoiar-se, confiar em.*** Ocorre somente no nifal.

2435 שָׁעַע (*shā'a'*)

Termos Derivados

2434a מִשְׁעָן† (*mish'ān*) ***sustento, apoio.*** Palavra usada quatro vezes.
2434b מַשְׁעֵן (*mash'ēn*) ***sustento, apoio.*** Palavra usada uma vez.
2434c מִשְׁעֵנָה (*mish'ênâ*) ***apoio, sustento.*** Palavra usada uma vez.
2434d מִשְׁעֶנֶת† (*mish'enet*) ***bordão, apoio.*** Palavra usada 11 vezes.

O verbo *shā'an* significa basicamente "apoiar-se em" algo ou alguém, tal como num bordão (Ez 29.7), numa lança (2 Sm 1.6) ou num braço ou numa mão (2 Rs 5.18; 7.2, 17). Esse último emprego provavelmente se refere ao relacionamento de um rei com seu confidente ou com aquele que na linha de comando está logo abaixo do rei. Importantíssimo é o fato de que o verbo é usado figuradamente para designar uma atitude de confiança. Assim, em Provérbios 3.5, há uma instrução para as pessoas não se apoiarem em (*shā'an*) seu próprio entendimento. Em vez disso, devem confiar no Senhor. Ezequiel 29.6-7 ilustra vividamente tanto o uso literal quanto o figurado da palavra. O Egito é um "bordão [*mish'enet*] de cana" que se quebra nas mãos de todo aquele que for suficientemente tolo para se apoiar nele (i.e., para confiar no Egito). (Cf. também Is 10.20; 30.12; 31.1; 50.10.)

mish'ān. ***Sustento, apoio.*** Palavra empregada figuradamente para designar aquilo em que alguém se apóia. Em 2 Samuel 22.19 Davi diz que no dia da calamidade Deus foi o seu apoio real. Em Isaías 3.1 o vocábulo é usado em referência aos meios básicos de subsistência física, a saber, pão e água, os quais Deus tirará de Jerusalém. *mash'ēn* e *mash'ênâ* são usados na mesma passagem com significado semelhante.

mish'enet. ***Bordão.*** Elias possuía um bordão (2 Rs 4.29-31), como também o possuíam o Anjo do Senhor em Juízes 6.21 e os nobres descritos em Números 21.18. Em Salmos 23.4 o bordão (ARA, "cajado") do pastor traz conforto às suas ovelhas.

H.J.A.

2435 שָׁעַע (*shā'a'*) ***I, ser besuntado, estar cego*** (e.g., Is 29.9; 32.3).

2436 *שָׁעַע (*sha'a'*) ***II, brincar, deleitar-se.*** Ocorre no pilpel (e.g., Is 29.9), palpel (Is 66.12) e hitpalpel (SI 119.16).

Termo Derivado

2436a שַׁעֲשֻׁעִים (*sha'ăshu'îm*) ***deleite*** (e.g., Is 5.7; Jr 31.20).

2437 שָׁעַר (*sh'r*). **I. Aceita como raiz de:**
2437a שַׁעַר† (*sha'ar*) ***porta (de cidade).***
2437b שֹׁעֵר (*shō'ēr*) ***porteiro, guarda da porta.***

sha'ar. ***Porta.*** Esse substantivo possui cognatos em ugarítico, árabe e fenício. A idéia básica da raiz é a de "escancarar" (como acontece com o verbo em etíope) e "irromper" (como acontece em árabe). Às vezes duas outras palavras são traduzidas por "porta": *petah* e *delet*. A primeira delas na realidade significa "entrada", sendo derivada de um verbo que tem o sentido de "abrir". A segunda se refere a "folhas de porta", que constituem parte da porta em si. *sha'ar* se refere ao conjunto todo e à área adjacente de circulação dos dois lados.

O *sha'ar*, "porta", era naturalmente o meio de acesso controlado a uma cidade murada. Dependendo do seu tamanho, uma cidade possuía um número variado de portas, mas sempre uma porta principal, que freqüentemente consistia de uma porta externa e uma interna (2 Sm 18.24) e, às vezes, de três ou quatro portas, tais como as entradas que Salomão mandou construir em Hazor, Gezer e Megido. Geralmente as portas eram de madeira, com freqüência revestidas de metal (Sl 107.16; Is 45.2). Eram mantidas trancadas com grandes barras, que muitas vezes eram de ferro (Sl 107.16). O conjunto da porta freqüentemente possuía quartos laterais para os guardas. 2 Samuel 18.24 fala de um quarto acima da porta. Também se construíam torres para fortalecer a defesa da porta (2 Cr 26.9), a qual era fechada à noite (Js 2.5; Ne 7.3). Em algumas passagens a palavra designa a porta do templo, como em 2 Reis 15.35; Jeremias 36.10; Ezequiel 9.2.

A porta da cidade era extremamente importante na vida do povo, pois era ali que as pessoas se relacionavam no que diz respeito a questões sociais, administrativas e comerciais. Nesse aspecto a literatura ugarítica apresenta um paralelo interessante: "Ele (Daniel) assenta-se em frente à porta, ao lado das autoridades que estão na eira" (2 Aqht 5.6-7). 1 Reis 22.10 traz: "O rei de Israel e Josafá, rei de Judá, estavam assentados, cada um no seu trono, (...) numa eira à entrada da porta de Samaria." Aí tanto reis quanto anciãos da cidade se assentavam para ministrar a justiça (Dt 21.19; Js 20.4). Quando Absalão lançou as bases para a sua insurreição, foi junto à porta que ele interceptava as pessoas que estavam vindo ver o rei (2 Sm 15.2). Considerava-se uma honra sentar-se entre os anciãos à porta (Pv 31.23).

A praça (com freqüência uma eira) em frente à porta era o local mais natural para reunir o povo, e era ali que os profetas muitas vezes falavam à população (2 Rs 7.1; Jr 17.19-20; 36.10) e aos reis (1 Rs 22.10). Foi ali que Esdras leu e explicou a lei aos judeus (Ne 8.1, 3). Transações legais também ocorriam ali (Rt 4.1; Gn 23.10, 18), e o local também servia de mercado ou feira-livre (2 Rs 7.1).

Freqüentemente se menciona o processo de ministração da justiça mediante a expressão "à porta". É assim que Provérbios 22.22 traz: "não oprimas ao aflito na porta" (IBB). Amós 5.15 clama por justiça "na porta". Por metonímia a porta representa toda a cidade em Gênesis 22.17 e 24.60, passagens em que Abraão recebe a promessa de que a sua descendência possuirá a porta de seus inimigos. Como símbolo do meio de acesso ou entrada, a palavra "porta" é usada em expressões como "portas da morte" (Sl 9.13 [14]), "porta do SENHOR" (Sl 118.20) e "porta dos céus" (Gn 28.17).

[Interessa-nos o fato de que as descrições e medidas das portas dos pátios do templo em Ezequiel 40 conformam-se, de um modo geral, com as medidas dos conjuntos de acesso que Salomão construiu para as cidades de Megido, Hazor e Gezer, as quais foram desenterradas pela arqueologia. R.L.H.]

"Todos os que entravam pela porta" (Gn 23.10) é expressão que, segundo Speiser (*BASOR* 144:20-3), se refere àqueles que têm voz nos assuntos da comunidade. Ainda

segundo Speiser, "os que saíam pela porta da cidade" (Gn 34.24) designa aqueles capazes de empunhar armas.

shô'ēr. ***Porteiro, guarda da porta.*** Essa é uma forma participial que significa "aquele que está ocupado com a porta", ou seja, o porteiro ou guarda. O vocábulo designa o porteiro da cidade em 2 Reis 7.10-11, mas em outras passagens, na maioria das vezes, os porteiros do templo (1 Cr 9.17-26; Ne 7.1).

Bibliografia: — BARABAS, S. Gate. In: *ZPEB*. — EASTON, B. S. Gate. In: *ISBE*. — POPE, M. *Job*, p. 186. — RÜGER, H. P. Das Tor des Königs. *Bib* 50:247-50. — SCHOORS, A. In: *Ras Shamra parallels*. I46. Roma, Pontifical Biblical Institute, 1972. — SPEISER, E. A. *BASOR* 144:20-3. — WRIGHT, G. E. *Biblical archeology*. p. 74, 129, 132, 133, 135, 156, 163.

H.J.A.

2438 שׁער (*shā'ar*) ***II, calcular, estimar*** (Pv 23.7).

Termos Derivados

2438a שַׁעַר (*sha'ar*) ***medida*** (Gn 26.12).

2439 שׁער (*sh'r*). **III. Aceita como raiz de:**

2439a שֹׁעַר (*shō'ār*) ***repulsivo, repugnante*** (Jr 29.17).

2439b שַׁעֲרוּרָה (*sha'ărûrâ*) ***horror*** (i.e., coisa horrível, Jr 5.30; 23.14).

2439c שַׁעֲרוּרִיָּה (*sha'ărûrîyâ*) שַׁעֲרוּרִית (*sha'ărurît*) ***coisa horrível*** (Os 6.10; Jr 18.13).

שְׁעֲרוּרָה (*sh'ărûrâ*). Veja o nº 2 439b.

שַׁעֲרוּרִיָּה (*sha'ărûrîyâ*). Veja o nº 2 439c.

שַׁעֲרוּרִית (*sha'ărurît*). Veja o nº 2 439c.

שַׁעֲשֻׁעִים (*sha'ăshu'îm*). Veja o nº 2 436a.

2440 *שׁפה (*shāpâ*) ***I, pôr a nu.*** Esse verbo ocorre no nifal (Is 13.2) e no pual (Jó 33.21).

Termos Derivados

2440a שְׁפוֹת (*sh'pôt*) ***nata*** (2 Sm 17.29). Significado incerto.

2440b שְׁפִי (*sh'pî*) ***nudez*** (Jó 33.21), ***local desnudo*** (e.g., Nm 23.3; Is 41.18).

2441 שׁפה (*shph*). **II. Aceita como raiz de:**

2441a שָׁפַח (*shâpat*) ***pôr (sobre o fogo)*** (e.g., 2 Rs 4.38; Ez 24.3); ***ordenar, estabelecer*** (Is 26.12).

2441b אשפת (*'ashpōt*) ***monte de cinzas, monte de refugo*** (e.g., 1 Sm 2.8 = SI 113.7).

2441c משפתים (*mishp'tayim*) ***fogueiras*** ou ***montes de cinzas*** (Jz 5.16; Gn 49.14). Significado incerto.

שׁפוֹת (*sh'pôt*). Veja o nº 2 443b.

שׁפוֹת (*sh'pôt*). Veja o nº 2 440a.

2442 שפח (*shph*). **Aceita como raiz de:**

2442a †שפחה (*shiphâ*) ***criada, serva.***

2442b †משפחה (*mishpāhâ*) ***família, clã.***

shiphâ. ***Criada, serva.*** Palavra usada 62 vezes. Aparentemente não é possível fazer distinção entre *shiphâ* e *'āmâ*, sendo que em diversas passagens as duas palavras são permutáveis (1 Sm 1.16, 18; Gn 30.3-4). A raiz *shiphâ* possui cognatos em ugarítico (em que significa "família" e às vezes "prole" ou "descendência") e em fenício, "família". (Não está clara a relação desse vocábulo com o árabe *safaha*. O verbo simples significa "derramar", e *KB* entende que a relação entre um e outro se encontra na ação da serva derramar água sobre as mãos de sua senhora. Hava, no *Al-Faraid Arabic dictionary*, traz o verbete *saffaha* com o sentido de "trabalhar sem lucro". Isso sugere uma relação plausível com *shiphâ*, "serva".) É possível que originalmente a *shiphâ* estivesse mais intimamente associada ao *mishpāhâ*, ou seja, ao núcleo familiar, do que os demais escravos, embora isso não esteja evidente no AT em si.

Já se cogitou que a alternância entre *shiphâ* e *'āmâ* seja um argumento em favor da teoria documentária da autoria do Pentateuco. A descoberta da ocorrência de ambas as raízes em ugarítico favorece agora uma posição contrária.

A *shiphâ*, "serva", era uma escrava que podia ser dada de presente a uma filha, quando esta se casasse (Gn 29.24, 29). Faraó deu diversos presentes, inclusive servas, a Abraão. Embora pareça que a palavra possui um emprego mais amplo com o sentido de "escrava" em geral, aquelas que são mencionadas individualmente no AT são damas de companhia de uma mulher casada. De acordo com a lei de Nuzi, uma esposa estéril podia entregar sua serva ao marido a fim de ter, vicariamente, um filho por meio da serva (Gn 16.2 e ss.; 30.3-4). Um menino nascido de tal união seria o herdeiro, a menos que a própria esposa mais tarde tivesse um filho.

Os hebreus não deviam adquirir outros hebreus como escravos, incluindo-se aí as servas hebréias (Jr 34.9-11; 2 Cr 28.10). Ser reduzido a escravo entre os estrangeiros era, para os israelitas, um sinal da degradação resultante da apostasia da nação (Dt 28.68); no entanto, no fim os gentios servirão a Israel nessa condição (Is 14.2).

mishpāhâ. ***Família, clã, parentes.*** Esse substantivo é usado num sentido mais amplo do que a palavra "família" geralmente indica. O vocábulo que designa os moradores de uma única casa é geralmente *bêt*, "casa", "pessoas da casa", ou *bêt 'āb*, "casa do pai". Na maioria das vezes *mishpahâ* se refere a um círculo de parentes que têm fortes laços sangüíneos.

Com freqüência se emprega *mishpāhâ* como subdivisão de um grupo maior, tal como uma tribo ou uma nação. E assim que, em Números 11.10, Moisés ouve o povo chorar "por famílias". Em Josué 7.16-18, que descreve a busca feita para identificar o homem culpado de deixar Deus insatisfeito com Israel, isola-se primeiramente a "tribo" (*shēbet*) de Judá, em seguida a "família" (*mishpāhâ*) dos zeraítas, então a "casa" (*bêt*) de Zabdi. A casa de Zabdi é então examinada e se descobre que um de seus netos, Acã, ele próprio tendo vários filhos, é o culpado. Juízes 18.19 também contrasta a "casa dum só homem" com uma tribo ou "família" (*mishpāhâ*).

De acordo com Números 27.8-11, caso uma família fique sem herdeiros, isto é, sem filhos, a herança deverá passar para os irmãos do chefe da casa. Se não teve irmãos, então a herança caberá aos irmãos do seu pai. Na ausência destes, a linha de sucessão irá até o "'parente' mais chegado" da família pelo lado paterno. O parente remidor, o *gō'ēl*, procede do clã numa ordem semelhante de preferência.

Bibliografia: — MITCHELL, T. C. Family. In: *NBD.*

H.J.A.

2443 שָׁפַט (*shāpat*) ***julgar, governar.***

Termos Derivados

2443a †שֶׁפֶט (*shepet*) ***julgamento.***

2443b †שְׁפוֹט (*sh'pôt*) ***juízo.***

2443c †מִשְׁפָּט (*mishpāt*) ***justiça, ordenança.***

O sentido básico de *shāpat* é o de executar o processo de governo. No entanto, visto que os antigos nem sempre dividiam as funções governamentais como a maioria dos governos atuais o fazem (entre funções e órgãos legislativos, executivos e judiciários), a tradução usual, "julgar", cria confusão. Isso ocorre porque o verbo "julgar", que é como geralmente se traduz *shāpat*, na atualidade significa antes de mais nada "exercer funções judiciais no governo". A menos que, num contexto de governo (quer civil, quer religioso, ou de outra natureza) se queira traduzir consistentemente o verbo por "governar" ou "dominar", o intérprete há de procurar palavras mais específicas para traduzir no cenário moderno uma palavra de sentido tão amplo. Quanto ao particípio, pode-se traduzi-lo por "líder".

O significado de *shāpat* é ainda mais complicado pelo fato de que, conquanto os antigos conhecessem muito bem o que a lei dizia (fosse ela civil, religiosa, familiar ou qualquer outra), eles não se viam governados por leis, mas sim por homens, ao contrário do que as pessoas imaginam hoje em dia. A idéia de lei, dominação e governo era algo profundamente enraizado no homem. "A ministração da justiça em todas as antigas nações do oriente, como também acontece entre os árabes do deserto até hoje, recai sobre os anciãos patriarcais. (...) [Tais pessoas] teriam o tempo livre necessário, teriam condições de fazer com que as suas decisões fossem respeitadas e, em face da troca de idéias entre pessoas de posição mais elevada, decidiriam com base numa experiência maior e numa reflexão mais amadurecida."

A partir dessas considerações surge o seguinte esboço do emprego dessa palavra básica que designa a ação de governar.

1. Agir como governante. Isso podia ser feito pela congregação de Israel (Nm 18.22-28), por juízes individuais (Dt 1.16; Jz 16.31; 1 Sm 7.16, 17), por um rei (Jz 8.20), pelo Messias (Sl 72.4) ou até pelo próprio Deus (Sl 96.13). Somente Deus é capaz de, em última instância, exercer a verdadeira autoridade, pois ele é "o que julga" toda a terra (Gn 18.25; ARA, "Juiz"). Mas Moisés ao decidir sobre casos variados (quer questões criminais, de família, religiosas ou ainda outras) age em nome de Deus e por autoridade divina (Êx 18.13, 15), e o mesmo é verdadeiro quanto a outros governantes na teocracia do AT (Dt 1.17).

2. Em destaque está o significado de *shāpat* na ação de decidir como juiz casos de disputa na esfera civil, familiar e religiosa. Em tais casos, o dever do juiz era especificamente o de julgar com *mishpāt*, "justiça", e *tsedeq/ts'dāqā*, "retidão" (veja-se Sl 72.2-4), e no caso de haver acusações feitas, eles "julgarão, justificando ao justo e condenando ao culpado" (Dt 25.1).

3. Pelo fato de naquela época haver o domínio da pessoa e não apenas da lei, a autoridade civil (o *shōpēt*, "aquele que julga") possuía autoridade tanto executiva quanto judicial. Tal pessoa também executava ou providenciava que se executassem decisões judiciais. É assim que, por exemplo, no apelo que Davi faz a Deus para que atuasse como juiz na controvérsia entre ele e Saul, Davi declara: "Seja o SENHOR o meu juiz, e julgue [*shāpat*] entre mim e ti, e veja e pleiteie a minha causa, e me faça justiça e me livre [*yishp'tēnî*, lit., 'me julgue'] da tua mão" (1 Sm 24.15 [16]). É por isso que palavras tais como "livrar", "vindicar", "condenar", "castigar" e outros vocábulos correlatos de sentido judicial-executivo são corretamente empregadas nas traduções.

4. Pelo fato de que a verdadeira autoridade pertence a Deus e de que, no final, ele agirá como juiz do mundo no grande e derradeiro julgamento, ele é *shōpēt* exaltado e sublime (Sl 96.13; 50.6; 75.8 [7]) e, enquanto isso não acontece, por meio da providência é sempre o *shōpēt* supremo do universo (Sl 94.2; cf. 103.19).

Todos os usos acima se encontram no qal.

O nifal, no sentido de reciprocidade, idéia esta que o grau ocasionalmente traz, apresenta casos em que o sentido da ação de governar se estende ao ponto de entrar em um processo litigioso. Em tais casos a preposição *et*, "com", precede o objeto do verbo, como na expressão "entrarei em juízo com" (Jr 2.35; cf. Ez 17.20; 20.35, 36, 3; 38.22, em cada uma dessas passagens Deus é autor da ação e espectador). "Pleitear", no sentido legal de requerer em juízo, ocorre com certa freqüência; exemplos disso são: "pleitearei convosco perante o SENHOR" (1 Sm 12.7); "ter uma controvérsia" (Is 43.26, *BDB*); e "executa o julgamento" (Is 66.16, BJ).

O particípio *shōpēt* tem o sentido de juízo de denúncia, como em "os que o condenam" (Sl 109.31, IBB), "acusador" (Jó 9.15; ARA, "Juiz") e "as sentenças que eram contra ti" (Sf 3.15).

shāpat, junto com o substantivo que lhe é derivado, *mishpat*, é a palavra mais comum para designar a função de governo em qualquer esfera e em qualquer manifestação. Aparentemente difere do vocábulo mais raro *dîn* (verbo e substantivo) principalmente por ser um termo mais formal e técnico, enquanto *dîn* é mais poético.

shepet. ***Julgamento.*** Essa palavra aparece sempre no plural, *sh'pātîm*. A semelhança de *sh'pōt*, parece que o significado desse substantivo tem origem em *shāpat* (*BDB*, p. 1047), trazendo a idéia de julgamento no sentido penal, ou seja, de castigo. Em diversos casos os castigos são enviados por Deus. As pragas do Egito são *sh'pōtîm* divinos (Êx 6.6;

7.4; 12.12). Deus castigou Jerusalém com espada, fome, animais selvagens e pestes; estes são chamados de "quatro ... juízos [*sh'pōtîm*]" de Deus (Ez 14.21). *sh'pōtîm* infligidos por homens podem ser castigos divinos (Ez 16.41; cf. v. 38). Os castigos, a que magistrados civis sentenciam aqueles que quebram as leis humanas, também são denominados *sh'pōtîm* (Pv 19.29).

Existe uma clara teologia do castigo retributivo, vindicativo da justiça tanto divina quanto humana, expressa nas palavras *shepeṭ* e *sh'pōt*.

sh'pôt. ***Juízo.*** Nas duas passagens em que é usada, essa palavra assume o sentido de "castigo" como sentença penal, de conformidade com o significado *3c* de *BDB*, "condenar e castigar" (p. 1047). O juízo, ou sentença, da prostituta é ser morta à espada (Ez 23.10). *sh'pôt* aparece em paralelo com espada, fome e peste, que são castigos divinos (2 Cr 20.9).

mishpāṭ. ***Justiça, ordenança, costume, maneira.*** A palavra indubitavelmente representa aquilo que é a idéia mais importante para uma correta compreensão do governo — seja o governo do homem pelo homem, seja o governo de toda a criação por Deus. Embora muitas vezes traduzida por "justiça" nas mais de 400 ocorrências de *mishpāṭ* na Bíblia hebraica, essa tradução freqüentemente é deficiente pelo fato de atualmente se fazer uma clara distinção entre os poderes legislativo, executivo e judiciário no que diz respeito a cargos e funcionários. Por conseguinte, *shāpaṭ*, o verbo bastante comum (do qual deriva o substantivo *mishpaṭ*) que significa "dominar", "governar", e que se refere a todas as funções de governo, fica erroneamente limitado apenas a questões judiciais, ao passo que tanto o verbo quanto o substantivo abarcam todas essas funções.

Uma análise de todos os usos na Bíblia traz à tona pelo menos 13 aspectos correlatos, mas ao mesmo tempo distintos da idéia central. Caso se queira traduzir essa idéia central por uma única palavra em português com campo semântico semelhante, obrigatoriamente ter-se-á de fazê-lo pela palavra "justiça". O substantivo *mishpāṭ* pode ser usado para designar quase qualquer aspecto de governo civil ou religioso, conforme se vê a seguir:

1. O ato de decidir uma ação litigiosa levada a um magistrado civil. *BDB* encontra 204 desses casos, a começar por Êxodo 21.31 — embora PIB traduza de outra maneira. A maioria das ocorrências, porém, é bastante clara (Dt 25.1; Js 20.6 são exemplos).

2. O local onde se decide uma ação litigiosa. Um uso claro desse uso bastante raro (porque não é conclusivo) é 1 Reis 7.7.

3. O processo litigioso é denominado *mishpāṭ*. Existem muitos casos duvidosos, sendo difícil fazer distinção entre os significados 1 e 2. Um exemplo é Isaías 3.14. A palavra "litígio" seria uma tradução apropriada para essa categoria. Os casos mais claros empregam a preposição *'im*, "com", seguida de um substantivo, "um litígio [ou demanda judicial] com fulano" (Jó 22.4), ou então a preposição *'et*, "com" (Sl 143.2).

4. Um caso de litígio (i.e., um caso específico levado ao magistrado). Salomão, por exemplo, pediu a Deus que lhe desse entendimento para poder "ouvir *mishpāṭ*", ou seja, decidir sobre um caso trazido até ele (1 Rs 3.11). Se não se aceitar essa acepção, então a expressão *'ārakti mishpāṭ* ("tenho já bem encaminhada minha causa", Jó 13.18) parece insustentável. Veja-se também 1 Reis 8.59. Com essa conotação a palavra faz paralelo a *rîb*, "demanda".

5. Uma sentença ou decisão dada por um magistrado. Este é um sentido bastante comum. Em tais casos é plenamente correto empregar o costumeiro "juízo" (1 Rs 20.40; ARA, "sentença"). Em Jeremias 26.11, 16, "digno de morte" (PIB; ARA, "réu de morte")

traduz *mishpāṭ mawwet*; nos dois versículos o sentido é claramente o de uma sentença de morte.

6. A época do julgamento. Um exemplo claro é Salmos 1.5; Eclesiastes 12.14, "Deus há de trazer a juízo [*mishpāṭ*] todas as obras".

BDB afirma que "execução do julgamento" em geral é o significado de um grupo que inclui o caso precedente. Parece, no entanto, que os casos citados ficam melhor classificados se levarmos em conta a relação que têm com a idéia ou atributo de justiça.

Todos os exemplos acima se referem principalmente a *mishpāṭ* na esfera judicial do governo.

Segue-se agora um uso bastante parecido com aquilo que as pessoas na atualidade entendem por "autoridade".

7. Soberania, a base legal da ação governamental, no sentido de autoridade ou direito final. Hoje em dia as pessoas estão acostumadas a encontrar isso em constituições e na natureza do homem ("direitos naturais"), mas, de acordo com as Escrituras hebraicas: a) toda autoridade é divina e essa autoridade é denominada *mishpāṭ*: "o *mishpāṭ* é de Deus" (Dt 1.17); "a sorte se lança no regaço, mas do SENHOR procede todo *mishpāṭ*" (Pv 16.33); os indivíduos, por terem sido criados por Deus, possuem *mishpāṭîm*, "direitos", inalienáveis (veja-se R. D. CULVER, *Toward a Biblical view of civil government*, 1974); b) o *mishpāṭ* do magistrado é conferido por Deus. A referência à autoridade de magistrado do Rei Messias é a melhor demonstração disso (Sl 72.1-2). E claro que a doutrina da providência é fundamental a essa idéia (Sl 103.19; cf. Rm 13.1 e ss.). Parece que esse reinado e domínio universal de Deus é a idéia transmitida por *mishpāṭ* em Jeremias 8.7, "o meu povo não conhece a ordenança [*mishpāṭ*] do Senhor" (IBB).

Existem também usos que envolvem o aspecto legislativo da ação de governar.

8. Enfatiza-se o atributo de justiça em toda a administração civil pessoal que é correta.

a) Essa justiça é basicamente um atributo de Deus; todo *mishpāṭ* verdadeiro tem a sua fonte no próprio Deus e, por esse motivo, traz consigo as exigências divinas. "Quando, portanto. as Escrituras falam do *mishpāṭ* de Deus (o que freqüentemente acontece), a palavra possui a conotação particular, não tanto de justos estatutos de Deus, mas de *justas reivindicações* de Deus. Deus, que é o Senhor, pode reivindicar e de fato reivindica" (KOEHLER, *OT theology*, p. 205-6). Todo direito (justiça, autoridade, etc.) que existe é dele, "porque o SENHOR é Deus de justiça" (Is 30.18; cf. Gn 18.25). Deus ama o *mishpāṭ* nessa acepção (Sl 37.28). No *k'tîb* de Salmos 36.6 [7] se lê "teu *mishpāṭ* [singular] é um grande abismo".

b) o *mishpāṭ* como justiça, ou seja, retidão arraigada no caráter de Deus, deve ser um atributo dos homens em geral e do processo judicial no meio deles (Sl 106.37). Homens sábios falam do *mishpāṭ* (Sl 37.30) e pensam nele (Pv 12.5), e Deus o exige dos homens (Mq 6.8). Os justos têm alegria nele (Pv 21.15), e magistrados justos fazem uso dele ao julgar (Mq 3.1; cf. Pv 29.4).

9. *mishpāṭ* também designa uma determinação legal — sendo freqüentemente usado em paralelo com *ḥōq*, "estatuto" (Êx 15.25), e *tôrâ*, "lei" (Is 42.4). As determinações do Pentateuco são *mishpāṭ* (ARA, "o estabelecido"; Lv 5.10; 9.16 et al.); na realidade as determinações individuais da lei mosaica são *mishpāṭ* (Dt 33.10, 21; 16 vezes em Sl 119).

10. Um plano (Êx 26.30); ou 11. costume (2 Rs 17.33); ou até mesmo 12. uma quantidade estabelecida (1 Rs 4.28 [5.8]) parecem fazer parte do alcance dessa palavra, embora esses dificilmente sejam sentidos padronizados, sendo antes sentidos derivados.

13. O direito que alguém tem por força da lei, tanto divina quanto humana, é denominado *mishpāt* (Dt 18.3; Jr 32.7).

Freqüentemente associada com *tsedeq* e *tsᵉdāqâ* nas descrições encontradas no AT sobre a soberania de Deus e da maneira divina de lidar com as suas criaturas, essa idéia é fundamental para a compreensão verdadeira da perspectiva bíblica acerca do mundo e da vida.

Nota: O peitoral usado pelo sumo sacerdote é chamado de "peitoral do juízo" (Êx 28.15, 29-30), não devido a uma suposta revelação oferecida pelas pedras Urim e Tumim, mas porque o peitoral cobria o coração de Arão, sendo que essas pedras devem estar "sobre o coração de Arão, quando entrar perante o SENHOR: assim Arão levará o juízo [*mishpāt*] dos filhos de Israel sobre o seu coração diante do SENHOR continuamente". Aquilo com que Arão se preocupava diante de Deus era a justificação de Israel, ou seja, a sentença judicial (veja-se acima) acerca da culpabilidade. Assim, "na visão profética e também no dia-a-dia da vida oriental, a sentença de justificação era com freqüência expressa pela natureza do manto que a pessoa vestia. (...) Isaías 61.10 é uma boa ilustração disso". Vejam-se também Isaías 62.3; Apocalipse 3.5; 7.9; 19.14; Ester 6.8-9, 12 (A. C. HERVEY, *Smith's dictionary of the Bible*, ed. por Hackett, v. 2, pp. 1066-7).

Bibliografia: MCKENZIE, Donald A. The judge of Israel. *VT* 17:118-21. — *THAT*. v. 2, p. 999-1009.

R.D.C.

שְׁפִי (*shᵉpî*). Veja o nº 2 440b.

שְׁפִיפֹן (*shᵉpîphôn*). Veja o nº 2 448a.

2444 שָׁפַךְ (*shāpak*) ***derramar, entornar.***

Termos Derivados

2444a שֶׁפֶךְ (*shepek*) ***lugar de despejo*** (Lv 4.12).

2444b שָׁפְכָה (*shopkâ*) ***pênis*** (como um conduto de líqüido, Dt 23.2).

Esse verbo é usado 113 vezes. Cognatos são encontrados em acadiano, aramaico, árabe, etíope e ugarítico. Existem quatro verbos comuns que, em graus variados, são sinônimos de *shāpak*: 1) *rîq* no hifil significa "derramar", mas no qal tem o sentido de "esvaziar", de modo que a ação de derramar geralmente envolve o esvaziamento de um recipiente; 2) *nāsak*, "derramar uma libação"; 3) *nātak* significa "escoar" quando usado intransitivamente no qal (observe-se que o cognato acadiano tem o sentido de "gotejar"), ao passo que o pouco comum hifil significa "derramar", "fundir"; 4) *yātsaq* é, junto com *shāpak*, um termo genérico para a idéia de "verter", mas é interessante assinalar que, das 53 ocorrências do verbo, 15 dizem respeito ao óleo da consagração ou ao ungir uma cabeça, e outras 15 se referem a alguma forma de fundição de metal. *shāpak* não aparece em nenhum destes dois últimos sentidos. No entanto, percebe-se que existe uma sobreposição a partir da comparação de Levítico 8.15 com Êxodo 29.12. Na primeira passagem se usa *yātsaq* em referência à ação de deitar o sangue nas bases do altar. Na segunda emprega-se *shāpak*. De outro lado, não se usa *yātsaq* para designar o derramamento de sangue, o que acontece com *shāpak*.

Emprega-se *shāpak* nos sentidos tanto físico quanto metafórico. No primeiro sentido, é o verbo comumente usado para descrever o derramamento de uma grande variedade de materiais. Desse modo, o material derramado pode ser água (Êx 4.9; 1 Sm 7.6), caldo (Jz 6.20), pó (Lv 14.41) ou sangue. Este último caso, o de derramar sangue, constitui o uso mais freqüente do verbo. Nessa acepção pode ser empregado no sentido usual de derramar um líqüido, quase sempre como parte do ritual de sacrifício. Num maior número de vezes o verbo designa a ação de verter o elemento vital da vida humana, isto é, o derramamento de sangue. É assim que, em Números 35.33, Deus declara que o sangue derramado (*shāpak*) que ficou sem castigo profana a terra (cf. também Gn 9.6; Dt 21.7; 2 Rs 24.4; Sf 1.17; Ez 22.3; Is 59.7). Em duas passagens de Amós (5.8; 9.6), diz-se que Deus "chama as águas do mar e as derrama sobre a terra", uma vívida descrição do ciclo da chuva.

Em duas passagens se emprega *shāpak* para designar a ação de derramar água como uma libação (*nāsak* é o verbo geralmente usado para a libação; mas em geral uma oferta de libação não era de água). A primeira delas é 1 Samuel 7.6, em que Samuel reuniu um Israel penitente em Mispa, orou por ele, e então os israelitas "tiraram água e a derramaram perante o SENHOR, [e] jejuaram". O derramamento da água provavelmente simbolizava a atitude de derramarem completamente as suas almas diante do Senhor, numa atitude de devoção a ele. A segunda passagem é Isaías 57.6, em que se faz libação não a Deus, mas aos deuses pagãos da natureza.

Uma expressão idiomática comum traz *shāpak* para indicar a ação de construir uma rampa de cerco ("'levantar' um montão", ARA; 2 Sm 20.15; Is 37.33; Jr 6.6; Ez 4.2). Esse uso provavelmente deriva do fato de que soldados-operários levavam terra em cestos até o local determinado e então ali despejavam a terra.

Na categoria de usos metafóricos, o mais freqüente é o que se refere ao derramamento da ira de Deus. É assim que, em Isaías 42.25, Deus é descrito como alguém a derramar sobre Israel o ardor da sua ira. Certamente o simbolismo é óbvio, mas ao mesmo tempo intensamente solene, e permeia a imagem das taças ou frascos da ira, no livro de Apocalipse.

A expressão "derramavas as tuas prostituições sobre todo o que passava" (IBB, Ez 16.15; 23.8) descreve a idolatria promíscua de Israel. "Derramar o coração ou a alma" é uma expressão ainda costumeiramente usada e bem compreendida.

Por fim, há a promessa maravilhosa do derramamento do Espírito de Deus sobre o seu povo, uma copiosa e bendita provisão do Espírito de graça, provisão vinda da parte de Deus e que produzirá uma surpreendente transformação nos corações, vidas e condição dos homens (Jl 2.28-29 [3.1-2]; Zc 12.10; Ez 39.29).

H.J.A.

2445 שָׁפַל (*shāpēl*) *ser baixo, ficar baixo, afundar, ser humilhado.*

Termos Derivados

2445a שֵׁפֶל (*shēpel*) ***situação humilde, humilhação.***
2445b שִׁפְלָה (*shiplâ*) ***situação humilde, humilhação.***
2445c שָׁפָל (*shāpāl*) ***baixo, humilde.***

2445d שְׁפֵלָה (*sh'pēlâ*) ***Sefelá, planície.***
2445e שִׁפְלוּת (*shiplût*) ***afundamento*** (i.e., lassidão, Ec 10.18, somente).

shāpēl é empregado 30 vezes no qal e no hifil. Há cognatos em ugarítico, árabe, acadiano, aramaico e árabe do sul. *shāhah*, "agachar-se", "encurvar-se", tem sentido semelhante e às vezes ocorre em paralelo com *shāpēl*.

Conquanto a idéia de "ser baixo", "estar baixo" (no sentido físico), esteja subjacente ao verbo e seus derivados, o uso mais importante é o sentido figurado de "degradação", "humilhação", "humildade". A exceção é o nome próprio Sefelá, que será tratado à parte.

No sentido físico, "estar baixo" ou "fundo", *shāpāl* aparece associado com lepra em Levítico 13.20-21, 26; 14.37.

A raiz é usada com maior freqüência naquelas passagens que tratam da ameaça ou promessa divinas de humilhar e aviltar aqueles que são altivos e orgulhosos e ao mesmo tempo exaltar aqueles que têm andado humildemente diante dele. A humilhação e restauração de Nabucodonosor, em Daniel 4, proporciona um exemplo vívido. Muito embora essa passagem esteja em aramaico, o versículo 37 [34], que faz parte do testemunho do rei, emprega a raiz *shāpēl* exatamente com o mesmo sentido em hebraico, "[Deus] pode humilhar aos que andam na soberba". Semelhante sentido ocorre em Daniel 5.19 (também em aramaico), 1 Samuel 2.7, na oração de Ana, e 2 Samuel 22.28, no testemunho de Davi.

Essa verdade é um elemento importante da escatologia de Israel. Isaías 2.6-22 adverte acerca da futura queda dos altivos e arrogantes, quando haverá um dia de ajuste de contas com eles. Os inimigos de Israel também experimentarão esse destino (Is 25.11-12; 26.5). Somente Deus possui essa capacidade de humilhar e exaltar, e, em Jó 40.11, Jó é desafiado com as palavras "atenta para todo o soberbo, e abate-o"; se ele puder!

Também se utiliza a raiz na admoestação a que se cultive um espírito humilde. Em Isaías 57.15 Deus diz que ele habita com os de espírito humilde e vai revigorar e revivificá-los. E também em Salmos 138.6, embora Deus esteja sublimemente exaltado, ainda assim ele se interessa pelos humildes, mas se mantém afastado dos altivos. Provérbios 29.23 recorda-nos de que o orgulho abaterá o homem, mas um espírito humilde alcançará honra. Provérbios 25.7 aconselha que é melhor ocupar um assento menos importante num banquete e então ser convidado a ocupar uma posição de maior destaque do que experimentar o inverso.

sh'pēlâ. ***Planície, Sefelá.*** Nesse topônimo, a idéia de "estar baixo" é referência ao fato de que a região de colinas indicada pelo vocábulo fica em baixa altitude em relação aos montes da Judéia, a leste. A altura média dos montes da Judéia é de 600 a 900 metros. Na Sefelá é de 150 a 240 metros, com uma altura máxima de 450 metros. Essa região de colinas tem 43 quilômetros de comprimento e 16 quilômetros de largura, sendo cortada por diversos vales estratégicos que vão dos montes da Judéia até o litoral. Os principais desses vales são: o vale de Aijalom, onde se deu a histórica batalha de que participou Josué e em que o sol parou; o vale de Soreque, onde Sansão teve freqüentes escaramuças com os filisteus; e o vale de Elá, onde Davi derrotou Golias.

Que a Sefelá é uma área geográfica distinta (à exceção de Js 11.2, 16) é algo que se pode ver em Josué 10.40; Juízes 1.9; Jeremias 17.26; e outras passagens. Aqui ela está especialmente contrastada com o Neguebe e com os montes da Judéia. Em Deuteronômio

1.7; 2 Crônicas 26.10; Obadias 19, a Sefelá também se distingue da planície costeira. Historicamente a região constituiu uma linha de defesa importante para Judá no que diz respeito a ataques vindos do oeste. Até os filisteus serem finalmente subjugados por Davi, ela formava uma zona-tampão entre eles e Judá.

Bibliografia: — AHARONI & AVI-YONAH. *Macmillan Bible atlas*. mapas 56—58. BALY, D. *Geography of the Bible*. Harper & Row, 1974. p. 140-3. — MORTON, W. H. Shephelah. In: *IDB*. — TURNER, G. A. *The historical geography of the Holy Land*. Canon Press, 1973.

H.J.A.

שִׁפְלוּת (***shiplût***). Veja o nº 2 445e.

2446 שָׁפָן (*shpn*). Aceita como raiz de:

2446a שָׁפָן (*shāpān*) ***coelho, hiracóide.*** Veja-se J. W. Klotz, Animals of the Bible, in: *WBE*, v. 1, p. 78.

2447 שָׁפַע (*shp'*). Aceita como raiz de:

2447a שֶׁפַע (*shepa'*) ***abundância*** (Dt 33.19).

2447b שִׁפְעָה (*ship'â*) ***abundância, quantidade*** (e.g., 2 Rs 9.17; Ez 26.10).

2448 שָׁפַף (*shpp*). Aceita como raiz de:

2448a שְׁפִיפֹן (*sh'pîpōn*) ***serpente de chifres*** (Gn 49.17).

2449 שָׁפַר (*shāpar*) *ser agradável.*

Termos Derivados

2449a שֵׁפֶר (*sheper*) ***beleza*** (Gn 49.21).

2449b שִׁפְרָה (*shiprâ*) ***clareza, limpeza*** (diz-se do céu, Jó 26.13).

2449c †שׁוֹפָר (*shôpār*) ***chifre de carneiro.***

2449d שַׁפְרוּר (*shaprûr*) (*Kethib*), שַׁפְרִיר (*shaprîr*) (*Qerê*) ***dossel.***

O verbo *shāpar* aparece uma vez, no qal (Sl 16.6). Nessa passagem Davi se enche de louvor ao seu Deus, e isso ocorre não tanto por causa daquilo que Deus tinha feito por ele, mas mais por aquilo que Deus significava pessoalmente para ele. Deus é a porção e a herança de Davi, e este está plenamente satisfeito e contente com a sua herança, dizendo que aquela porção que lhe cabia era de fato a mais bela.

shôpār, shōpār. ***Trombeta, chifre de carneiro.*** Vocábulo empregado 72 vezes. A palavra é cognata do acadiano *shapparu*, "ovelha selvagem", e do árabe *sawâfirun*, "chifres de carneiro". No AT sempre designa o instrumento musical curvo feito de chifre de carneiro. A palavra usual para indicar o chifre de um animal é *qeren*. Esta é usada apenas uma vez em referência a um instrumento musical. A palavra *yôbēl* significa

basicamente "carneiro" (como também em fenício e árabe), mas no AT designa um instrumento, sendo também, por conseguinte, o nome do ano cujo início era assinalado por esse instrumento, o ano de jubileu. Aparentemente as palavras *yôbēl* e *shôpār* são permutáveis (cf., e.g., Êx 19.13, 16; Js 6.45). Outra palavra que significa "trombeta" é *hātsōts'râ*. Este último instrumento é um tubo reto, freqüentemente feito de metal.

O *shôpār* desempenhou um papel bastante importante na história do AT. Quando Israel esteve no monte Sinai, era um toque forte de *shôpār* que servia de sinal para Israel se aproximar. A chegada da lua nova e do ano novo era anunciada com um toque de *shôpār* (Sl 81.3 [4]), como também acontecia com a chegada do ano de jubileu (Lv 25.9). Esse instrumento tinha um papel vital nas expressões de louvor em Israel (Sl 98.6; 150.3). Era também importante em questões civis e militares. Anunciava um novo rei (1 Rs 1.34; 2 Rs 9.13). Servia para dar ordens de comando em combate (Jz 3.27; 2 Sm 20.1). Foi importante na queda de Jericó (Js 6) e na derrota infligida por Gideão em Midiã (Jz 7).

Com freqüência as Escrituras mencionam o *shôpār* num sentido figurado. O profeta é comparado a uma sentinela que faz soar o alarme de calamidade iminente (Ez 33.3-6; Is 58.1; Jr 6.17).

Bibliografia: — BEST, H. M. Hutton, D. Music. In: *ZPEB*. v. 4, p. 320. — MILLER, J. Music. In: *ISBE*. v. 3, p. 2100. — RAYBURN, R. G. Music. In: *WBE*. v. 2, p. 1162. — SELLERS, Ovid R. Musical instruments of Israel. *BA* 4:33-47. — *TDNT*. v. 7, p. 76-85.

H.J.A.

שִׁפְרוּר (*shaprûr*). Veja o nº 2 449d.

שָׁפַת (*shāpat*). Veja o nº 2 441a.

2450 שִׁפְּתַיִם (*sh'pattayim*) ***pinos em formato de gancho, ganchos*** (Ez 40.43). Significado incerto.

שִׁצָּה (*shetset*). Uma forma variante de nº 2373a.

2451 שָׁקַד (*shāqad*) ***vigiar, estar de vigília.***

Termos Derivados

2451a שָׁקֵד (*shāqēd*) ***amendoeira, amêndoas.***

2451b *שָׁקַד (*shāqad*). Esse verbo ocorre apenas uma vez, como um particípio pual com o sentido de "cálices em forma de amêndoa [ou flor de amêndoa]" (Êx 25.33, 34; 37.19, 20).

shāqad possui cognatos tanto em fenício quanto em siríaco. Às vezes *shāqad* e *shāmar*, "guardar", "vigiar", se sobrepõem, e são usados lado a lado. Neste último verbo a ênfase recai sobre a atenção diligente e sobre a ação de preservar, enquanto em *shāqad* a idéia básica é a de estar alerta. Usa-se o verbo no qal e no pual, neste último grau apenas na forma participial.

A idéia de vigilância, que é fundamental à raiz, fornece a chave para entender o nome hebraico da amendoeira. Essa árvore, que em Israel floresce numa época tão cedo quanto janeiro e fevereiro e que as pessoas carinhosamente vêem como o arauto da primavera, é muito apropriadamente chamado de *shāqēd*, "o despertador".

Esse nome para a amendoeira constitui a base da vívida lição ilustrada apresentada por Deus na ocasião do chamado de Jeremias (Jr 1.11-12). Para Jeremias a vara de amendoeira, *shāqēd*, é um lembrete de que Deus estará atento e será pontual, *shōqēd*, na execução daquilo que prometeu. Essa idéia é posteriormente reforçada em Jeremias 31.28, em que Deus faz referência àquela primeira passagem (cf. também 1.12; 44.27) que constitui a base do ministério de Jeremias. Daniel 9.14 dá a entender que esse simbolismo deixou as suas marcas no próprio Daniel.

A qualidade da atenção necessária a uma sentinela é ressaltada em Salmos 127.1, mas até mesmo essa atenção é inútil a menos que o Senhor guarde a cidade. Essa atitude de estar alerta assume uma característica sinistra em Jeremias 5.6, em que a catástrofe que há de se abater sobre Jerusalém é comparada a um leopardo que está à espreita de sua presa e aguarda o momento oportuno para saltar sobre ela.

H.J.A.

2452 *שָׁקָה (*shāqâ*) ***dar de beber, irrigar.***

Termos Derivados

2452a שִׁקּוּי (*shiqqûy*) ***bebida, refrigério.***

2452b שֹׁקֶת (*shōqet*) ***cocho de água.***

2452c מַשְׁקֶה (*mashqeh*) ***copeiro; irrigação, bebida.***

shāqâ é usado 60 vezes no hifil e uma no pual. É empregado no lugar do causativo de *shātâ*.

Utiliza-se o verbo *shāqâ* no sentido usual de dar de beber a homens (água em Gn 21.19; vinho em Gn 19.32) ou animais (camelos em Gn 24.14; rebanhos em Gn 29.2 e Êx 2.16). Também é empregado no sentido de "regar" ou "irrigar" a terra (Éden em Gn 2.6, 10; um jardim em Dt 11.10; uma floresta em Ec 2.6). Conquanto *mātar* seja, no hifil, a palavra costumeira para "fazer chover", parece que *shāqâ* descreve a chuva em Salmos 104.13 como uma atividade mais pessoal de Deus. Usos incomuns aparecem nos seguintes exemplos: água que sai da rocha (Nm 20.8); restos do bezerro de ouro são moídos e espalhados na água de beber (Êx 32.20); água de amargura (que devia ser bebida por uma mulher suspeita de adultério; Nm 5.24-27); vinagre (Sl 69.21 [22]).

Em Jeremias 8.14; 9.14; e 23.15, se afirma que Deus deu água envenenada ao seu povo. Isso se refere ao castigo duro que Israel está sendo chamado a suportar e do qual não existe saída. Salmos 80.5 [6] fala das lágrimas que Israel é forçado a beber. Mas em Salmos 36.8 [9] Davi fala dos deleites abundantes da comunhão com Deus: "na torrente das tuas delícias lhes dás de beber".

mashqeh. ***Copeiro, bebida, boa irrigação.*** Esse é o particípio do hifil de *shāqâ*. É usado para descrever: 1) o copeiro-chefe de um rei, um cargo de confiança e

responsabilidade (principalmente o copeiro do Faraó em Gn 40 e Neemias em Ne 1.11); 2) uma bebida (Is 32.6; Lv 11.34; e na expressão "vasos de beber" [IBB; ARA, "taças"] em 1 Rs 10.21); e 3) uma terra bem irrigada (Gn 13.10; Ez 45.15).

H.J.A.

שִׁקּוּי (*shiqqûy*). Veja o nº 2 452a.

שִׁקּוּץ (*shāqûṣ*). Veja o nº 2 458b.

2453 שָׁקַט (*shāqaṭ*) *estar tranqüilo, estar sossegado, estar em paz.*

Termo Derivado

2453a שֶׁקֶט (*sheqeṭ*) *tranqüilidade* (1 Cr 22.9).

shāqaṭ ocorre 41 vezes, no qal e no hifil. Algumas das palavras a que esse verbo está associado ou cujos significados às vezes se sobrepõem aos de *shāqaṭ* são: 1) *beṭaḥ*, "segurança", "sensação de confiança"; 2) *nûaḥ*, "sossegar", "descansar"; 3) *hārash*, "estar calado", "estar inativo"; 4) *dāmâ*, "estar calado"; 5) *dāmam*, "estar imóvel", "estar fisicamente parado"; 6) *sha anān*, "sereno", "impassível", "sem ansiedade"; 7) *shābat*, "interromper", "descansar de atividade".

A idéia básica da raiz é a de "sossego". Está implícita a ausência de disputas, guerras ou dificuldades, e por um lado, de preocupação ou ansiedade por outro. Também pode estar implícita a ausência de obrigações prementes ou ainda de algum elemento perturbador que atrapalha o relacionamento entre indivíduos.

O sentido de "repousar da guerra" se encontra especialmente em Josué, Juízes e Crônicas. Nesse sentido é que Josué 11.23 diz "a terra repousou da guerra", ou seja, Josué havia completado a sua parte na tarefa. Juízes apresenta um ciclo de paz, apostasia, opressão, livramento, seguido novamente por paz e descanso da guerra e da opressão. Claramente se vê que essa condição de paz depende e é resultado direto da bênção de Deus sobre um povo obediente. Tanto Asa quanto Josafá foram reis piedosos cujos reinados foram abençoados por Deus com longos períodos sem guerra (2 Cr 14.1, 5-6; 2 Cr 20.30).

Em Jeremias 48.11 se descreve Moabe como uma nação que ficou um longo período sem ser perturbada (*shāqaṭ*), tal como o vinho que descansa tempo demais na borra. Agora Deus o derramará, ou seja, julgará a nação. Semelhantemente em Zacarias 1.11 as nações que têm perturbado Israel não têm experimentado perturbação, mas Deus também as julgará. De outro lado, Deus trará Israel de volta à terra e fará com que viva em sossego, sem ameaças ou perigos que perturbem o seu povo (Jr 30.10; 46.27). Isaías 14.7 afirma que toda a terra descansará quando a Babilônia cair.

shāqaṭ, contudo, é palavra usada não apenas quando o elemento ameaçador ou perturbador é realmente retirado; Deus repetidas vezes desafia o seu povo a descansar nele, não importando quão grandes sejam a ameaça e o perigo. Por isso ele desafia Acaz a estar tranqüilo, totalmente descansado, a despeito da ameaça de uma invasão. Essa sensação de tranqüilidade não depende de algum tipo de ilusão psicológica, mas da disposição de pôr a confiança num Deus que é muitíssimo maior do que todos os seus inimigos. Os perversos, por outro lado, são incapazes de saber o que é essa paz, pois são

como o mar encapelado, que jamais tem descanso, mas está o tempo todo agitado (Is 57.20).

Outro aspecto do verbo se vê em Isaías 62.1: o profeta não consegue se aquietar enquanto Jerusalém estiver sendo afligida. Ele não consegue estar quieto enquanto não se cumprir a redenção completa da cidade. Em Jeremias 47.6-7 a espada do Senhor não consegue repousar enquanto não tiver terminado a sua missão de exercer juízo. E em Salmos 83.1 [2] o salmista implora a Deus que não repouse enquanto os seus inimigos estiverem furiosos e ameaçando o seu povo. Mas em Ezequiel 16.42 Deus diz que, quando seu ministério de julgamento estiver concluído, ele estará tranqüilo e não mais irado. E Jó indaga pertinentemente: "Quando ele dá tranqüilidade, quem pode condenar?" (TB).

H.J.A.

2454 שָׁקַל (*shāqal*) ***pesar na balança, medir o peso.***

Termos Derivados

2454a †שֶׁקֶל (*sheqel*) ***siclo.***
2454b מִשְׁקוֹל (*mishqôl*) ***peso*** (Jó 4.10).
2454c †מִשְׁקָל (*mishqāl*) ***peso.***
2454d †מִשְׁקֶלֶת (*mishqelet*), מִשְׁקֹלֶת (*mishqōlet*) ***instrumento de nivelação, prumo.***

shāqal é empregado 22 vezes, no qal e no nifal. Essa raiz semítica comum aparece em acadiano, ugarítico, fenício, aramaico, árabe e etíope. Tem o sentido de medir o peso de algo numa balança e, por extensão, com bastante freqüência, o de conferir o peso da prata ou ouro dados em pagamento de algo.

Pode-se usar o verbo *shāqal* no sentido simples de pesar um objeto, tal como em 2 Samuel 14.26, que informa que o peso do cabelo cortado de Absalão, por ocasião do corte que ele anualmente fazia, "era de duzentos siclos, segundo o peso real". Em Isaías 40.12 tanto a grandeza de Deus quanto a sua capacidade de cuidar de cada parte da sua criação é descrito mediante a expressão "quem (...) pesou os outeiros em balança de precisão?". Isso faz lembrar Daniel 5.25-26, em que aparece o cognato aramaico, *t'qēl*, "pesar" (e achar em falta).

É mais freqüente o uso do verbo com o significado de "medir o peso de" prata (e às vezes ouro), ou seja, "pagar", como em Gênesis 23.16 e 1 Reis 20.39.

sheqel. ***Siclo.*** Essa era a unidade comum de peso em toda Canaã e Mesopotâmia. Parece que o peso do siclo variava de acordo com a época e o local, mas descobertas arqueológicas recentes mostram que em Israel havia três siclos em uso: o siclo do templo, que pesava aproximadamente dez gramas; o siclo comum ou comercial, que pesava entre 11,5 e 12 gramas; e o siclo pesado ou real, que pesava aproximadamente 13 gramas.

O siclo do templo equivalia a vinte geras (Êx 30.13; Lv 27.25). Não se sabe qual a relação entre, de um lado, os siclos comum e pesado e, de outro, a gera. Um talento (***kikkar***) equivalia a 3 000 siclos, conforme se pode verificar com base em Êxodo 38.25-26. Um peso intermediário era a mina, que valia 50 siclos (Ezequiel 45.12 apresenta um valor

alternativo de 60 siclos, provavelmente refletindo uma prática babilônica). Por questões de conveniência, usavam-se frações do siclo. É assim que o servo de Saul tinha consigo um quarto de siclo, que pôde ser dado como presente a Samuel (1 Sm 9.8). Em Israel a contribuição anual para o santuário era de meio siclo (também denominado *beqa'*, Êx 38.26) para cada homem de 20 anos para cima (Êx 30.13). Na época de Neemias a contribuição era de um terço de siclo (Ne 10.33).

Diversas passagens permitem verificar o valor de compra do siclo.

De acordo com a interpretação comum de Levítico 5.15, um carneiro valia dois ou mais siclos. No NT o siclo era o salário padrão para um dia de trabalho. Abraão comprou a caverna de Macpela por 400 siclos, o que parece um valor excessivo à luz dos 17 siclos pagos por Jeremias para a compra de um campo (Jr 32.9-10), mesmo levando em conta que na época de Jeremias os preços deviam ter caído e que Abraão pode ter comprado mais do que apenas a caverna em si. Onri adquiriu o monte de Samaria por dois talentos (seis mil siclos), e Davi a eira de Ornã por 50 siclos (2 Sm 24.24) e a área maior em que o templo foi construído por 600 siclos de ouro.

O valor atribuído ao primogênito com vistas à sua redenção era de cinco siclos (Nm 3.47; 18.16). Levítico 27.3-6 apresenta os valores monetários a serem atribuídos aos israelitas no que diz respeito a votos de dedicação. Esses valores vão de 50 siclos para um homem adulto até três siclos para uma menina recém-nascida. O valor de um escravo era de 30 siclos (Êx 21.32). Isso torna ainda mais significativa a venda do pastor em Zacarias 11.12 por 30 siclos.

mishqāl. ***Peso.*** Palavra empregada em Levítico 19.35 para expressar a lei divina de que em todas as transações se deve usar pesos honestos. Essa admoestação foi bem apropriada tendo em vista a facilidade de se usarem pesos diferentes com o objetivo de enganar outras pessoas (cf. também Am 8.5).

Bibliografia: — HAMBURGER, H. Money. In: *IDB*. — HUEY, F. B. Weights. In: *ZPEB*. v. 5, p. 920-1. — SCOTT, R. B. Y. Weights and measures of the Bible. *BA* 22:22-39. — LOEWE, Raphael. The earliest Biblical allusions to coined money. *PEQ* 87:141-50. — SELLERS, O. R. Weights. In: *IDB*. — THOMAS, D. W. *Documents from Old Testament times*. London, Nelson, 1958. p. 227-30. — *AI*. p. 195-206.

H.J.A.

2455 שִׁקְמָה (*shiqmâ*) ***sicômoro, figueira*** (e.g., Am 7.14; Is 9.9). Essa é uma figueira grande, que produz figos comestíveis (P. C. JOHNSON, Plants, *WBE*, v. 2, p. 1372).

2456 שָׁקַע (*shāqa'*) ***baixar, afundar*** (e.g., Am 9.5; Ez 32.14).

Termo Derivado

2456a מִשְׁקָע (*mishqā'*) ***aquilo que assentou, aquilo que clareou*** (Ez 34.18).

2457 שָׁקַף (*shāqap*) ***I, olhar, olhar para baixo.***

Esse verbo é usado 22 vezes no nifal e no hifil. O equivalente em árabe do sul significa "pôr uma cobertura ou um telhado sobre"; em árabe, "cobertura", "telhado"; em aramaico, "pináculo rochoso", "rocha". A idéia básica é a de "olhar bem para baixo", como o faz alguém que, estando num pináculo, olha para baixo ou alguém que, estando em cima de uma casa bem elevada, olha para a rua.

A primeira categoria de passagens a empregar o verbo é a daquelas que se referem a um pico ou a uma crista de serra, de onde, olhando-se bem para baixo, se avista uma planície ou vale. É o caso de Números 21.20, que fala do "cume de Pisga, que olha para Jesimom [ou deserto]" (semelhantemente também Nm 23.28; 1 Sm 13.18; cf. Gn 18.16; 19.28).

Uma segunda categoria de passagens fala de Deus que, lá dos céus, olha para a terra e seus moradores embaixo. Em Êxodo 14.24 Deus, na nuvem de glória, olha abaixo para o exército egípcio. Esse é um olhar hostil. Em Salmos 14.2 e 53.2 [3] ele olha para baixo para ver se existe alguém que o procure. Em Salmos 102.19 [20] ele olha para baixo para redimir e pôr em liberdade aquele que está preso; é um olhar de graça. A idéia de bênção também aparece em Salmos 85.11 [12], a qual se concretiza porque "a justiça e a paz se beijaram" (v. 10).

A terceira principal categoria abrange aquelas passagens em que alguém olha para fora a partir de uma janela localizada numa posição elevada. Esse é claramente o caso em 2 Reis 9.30, 32, visto que da mesma janela Jezabel caiu para encontrar a morte, e é o sentido provável em Juízes 5.28; 2 Samuel 6.16; 1 Crônicas 15.29; Gênesis 26.8; Provérbios 7.6.

H.J.A.

שִׁקְעוּרָה (*shiqqa'ḏrûrâ*). Veja o nº 2 047b.

2458 שָׁקַף (*shqp*). **II. Aceita como raiz de:**

2458a שֶׁקֶף (*sheqep*) ***estrutura, moldura de portas*** (1 Rs 7.5).

2458b שְׁקוּף (*shaqûp*), שְׁקֻף (*shᶜqup*) ***armação, moldura de janelas*** (1 Rs 6.4; Ez 41.16).

2458c מַשְׁקוֹף (*mashqôp*) ***verga de porta*** (Êx 12.7).

2459 *שָׁקַץ (*shiqqēts*) ***detestar, tornar abominável.*** Verbo denominativo que ocorre apenas no piel.

Substantivo de Origem

2459a שֶׁקֶץ (*sheqets*) ***coisa abominável.***

2459b שִׁקּוּץ (*shiqquts*) ***coisa abominável, ídolo abominável.***

shiqqēts é empregado sete vezes, todas no piel. Há um cognato em acadiano, *šaqātsu*, "estar manchado", "estar impuro". Encontrados em íntima associação com *shāqats* se encontram os verbos *tāmē'* (no piel), "tornar impuro", e *tā'ab*, "sentir aversão por".

2460 שָׁקַק (*shāqaq*)

O verbo *shāqats* é usado tanto no sentido de "considerar repulsivo", "considerar detestável" (Lv 11.11, 13), quanto no sentido causativo de "tornar detestável", "contaminar" (Lv 11.43; 20.25). Nestas últimas passagens se afirma que a pessoa que ingere alimentos abomináveis se torna, ela própria abominável aos olhos de Deus.

O objeto da repulsa podem ser os alimentos proibidos, como acima, ou "a abominação" (*tô'ēbâ*), um ídolo. Num lindo cântico de louvor o salmista diz acerca de Deus que ele "não desprezou [*shāqats*] nem abominou a dor do aflito" (Sl 22.24 [25]).

sheqets. ***Coisa abominável.*** Em contraste com *shiqquts*, *sheqets* não está necessariamente associado com a idolatria; é, isso sim, usado principalmente para designar alimentos impuros e proibidos. É assim que, em Levítico 11.10-12, se refere a seres marinhos proibidos, cuja característica geral é a de não terem barbatanas nem escamas. Em Levítico 11.13 se refere a vários tipos de aves imundas; em Levítico 11.20, 23, a insetos com asas (cf. *sherets*); e em Levítico 11.41-42, a animais que se rastejam sobre o ventre (*sherets*).

Classificar certos animais na categoria de "imundos" ou "abomináveis" pode, em certos casos, envolver considerações sanitárias. Entretanto, a principal consideração aqui deve ser a de que, independentemente do motivo do grau de compreensão que os israelitas tinham a respeito, certos alimentos eram proibidos e considerados abomináveis. Deviam aceitar esse fato simplesmente com base na confiança em Deus e na obediência a ele.

shiqquts. ***Coisa abominável, ídolo.*** Esse substantivo sempre é empregado em contextos de práticas idolatras, referindo-se tanto aos próprios ídolos como coisas abomináveis e detestáveis aos olhos de Deus quanto a algo associado com o ritual idolatra. Em geral os ídolos são chamados de abominação (Jr 16.18; Ez 5.11; 7.20; 2 Cr 15.8, etc.). Não apenas os ídolos são uma abominação, mas também aqueles que os adoravam "se tornaram abomináveis como aquilo que amaram" (Os 9.10), pois se identificaram com os ídolos.

Antíoco Epifânio, conforme profetizado em Daniel 11.31, e que é um tipo do anticristo, edificou no templo de Jerusalém um altar a Zeus junto com uma imagem desse deus. Isso é chamado de "abominação desoladora", ou seja, uma profanação do altar e que destrói o seu verdadeiro propósito. De igual forma o Anticristo estabelecerá uma abominação no santuário, uma adoração demoníaca e falsificada (Dn 9.27; 12.11).

As "abominações" de Naum 3.6 são *shiqquts*. Parece provável que, visto que em todas as demais passagens *shiqquts* está claramente associado à adoração idolatra, o mesmo seja válido aqui.

É importante reconhecer que, por meio do uso de uma palavra muito pesada como *shiqquts*, Deus quer que o seu povo reconheça a tremenda seriedade e impiedade desse pecado, por mais atraente e popular que ele seja. O povo de Deus precisa encarar o pecado a partir da perspectiva divina (Dt 7.26).

Bibliografia: — HARRIS, R. L. *Man — God's eternal creation*. Moody, 1971. p. 139-44.

H.J.A.

2460 שָׁקַק (*shāqaq*) ***correr, correr de um lado para outro, atacar*** (e.g., Is 33.4; Na 2.5).

Termo Derivado

2460a מִשְׁק (*mashshāq*) ***investida, ataque*** (Is 33.4).

2461 שָׁקַר (*shāqar*) ***enganar, ser falso.***

Termo Derivado

2461a שֶׁקֶר (*sheqer*) ***mentira.***

shāqar aparece seis vezes no qal e no piel. Existem cognatos em acadiano, aramaico e árabe. O verbo é empregado para designar a quebra de uma promessa, ser infiel a um tratado ou faltar a um acordo, daí a conotação de promessa vazia. Um sinônimo próximo é *kāzab*, que é a palavra usual para "mentir" (alguns cognatos dessa raiz designam uma "fonte inconfiável [lit.]" de água). Outras palavras às vezes traduzidas por "enganar" ou "mentir": são *kāḥash* (no piel), "negar a verdade"; *pātâ* (no piel), "desencaminhar", "seduzir"; e *rāmâ* (no piel), "trair", "abandonar".

O alcance do verbo no sentido de quebra de uma aliança foi reconhecido por Moran (*Bib* 42:239), Wagner (*Supp VT* 16:364 e ss.) e Thomas (*JSS*, 1960, p. 283). Assim o salmista pôde dizer que não foi infiel à aliança com Deus (SI 44.17 [18]), e Deus diz em Salmos 89.33 [34] "jamais retirarei dele a minha bondade [ou lealdade da aliança {mas veja-se *hesed* R.L.H.}], nem desmentirei [*shāqar*] a minha fidelidade". O versículo 34 [35] prossegue: "Não violarei a minha aliança". As demais passagens devem ser entendidas de forma semelhante (cf. Gn 21.23; 1 Sm 15.29; Is 63.8; Lv 19.11).

sheqer. ***Mentira, falsidade, engano.*** Esse substantivo designa palavras ou atividades falsas no sentido de não estarem baseadas em fatos ou na realidade. Dessa maneira Davi diz em Salmos 38.19 [20]: "são muitos os que 'sem causa' [*sheqer*] me odeiam." A testemunha falsa de Êxodo 20.16 e Deuteronômio 19.18 apresenta uma acusação falsa, infundada e não baseada em fatos.

Jeremias 23.32 fala daqueles que "profetizam sonhos mentirosos", sonhos baseados em nada mais concreto do que a imaginação do sonhador. Semelhantemente ele menciona aqueles que profetizam falsidade (27.10; cf. também Zc 10.2; 13.3). Não importa quão persuasiva ou "lógica" seja a fala de um profeta, as suas palavras são infundadas e falsas a menos que estejam baseadas na auto-revelação de Deus. Isaías 59.13 faz parte da confissão feita pelo Israel penitente. Incluída nessa confissão se encontra a afirmação de que, nos seus corações, os israelitas haviam concebido e pronunciado palavras mentirosas (*sheqer*). Miquéias 2.11 mostra essa atitude de Israel ao dizer que, se alguém, cuja vida se caracteriza pelo "vento e falsidade [*sheqer*]" (lit.), viesse até o povo de Deus com mentiras, seria tal pessoa que eles escolheriam para ser o seu profeta.

Jó (13.4) acusa os seus amigos de "besuntarem a verdade com mentiras". Num contexto diferente, Jeremias (8.10, 11) diz que desde o profeta até o sacerdote todos estão ávidos por lucro e agem com engano (*sheqer*), curando superficialmente o povo de Deus, anunciando paz, dizendo que tudo vai bem, quando na verdade nada está bem.

Em diversas passagens ídolos são chamados de *sheqer* (e.g., Is 44.20; Jr 51.17). Jeremias 10.14-15 diz dos ídolos que eles são *sheqer* porque "neles não há folego; vaidade

são, obra ridícula". Habacuque 2.18 fala de forma parecida sobre a imagem de fundição, indagando sobre o seu valor se ela é "mestra de mentiras", ou seja, fazendo promessas vazias e despertando esperanças vãs.

Existem outras passagens em que se usa *sheqer* num sentido mais genérico, tal como na resposta enérgica de Jeremias: "E mentira [*sheqer*]" (Jr 37.14). Em 2 Reis 9.12 a idéia implícita é: "Estás fugindo à questão e escondendo alguma coisa!". Emprega-se *sheqer* em Provérbios 12.22 e 26.28 para designar lábios e línguas mentirosos; em Zacarias 5.4 e 8.17 em referências a juramentos falsos; e em Provérbios 20.17 para indicar comida obtida por meio de mentira e engano. Quaisquer que sejam o contexto e as circunstâncias em que aparece a palavra *sheqer*, Deus não tolerará isso, pois ele é o Deus da verdade, da realidade e da fidelidade, e essas também devem ser as características do seu povo.

Bibliografia: — *THAT.* v. 2, p. 1010-8.

H.J.A.

שֹׁקֶת (*shōqet*). Veja o nº 2 452b.

שׁר (*shōr*). Veja o nº 2 469a.

2462 שׂרב (*shrb*). **Aceita como raiz de:**

2462a שָׂרָב (*shārāb*) ***calor intenso*** (Is 49.10), ***chão crestado*** (Is 35.7).

שַׂרְבִיט (*sharbîṭ*). Veja o nº 2 314b.

2463 שָׂרָה (*shārâ*) ***I, soltar*** (Jó 37.3; Jr 15.11).

2464 שׂרה (*shrh*). **II. Aceita como raiz de:**

2464a מִשְׂרֶה (*mishrâ*) ***suco*** (Nm 6.3).

2465 שׂרה (*shrh*). **III. Aceita como raiz de:**

2465a שִׂרְיָה (*shiryâ*) ***arma***, talvez lança comprida (Jó 41.18).

2466 שׂרה (*shrh*). **IV. Aceita como raiz de:**

2466a שִׁרְיוֹן (*shiryôn*), שִׁרְיָן (*shiryān*) ***couraça para o corpo*** (e.g., 1 Sm 17.5, 38; 1 Rs 22.34 = 2 Cr 18.33).

שְׁרֵה (*shērâ*). Veja o nº 2 469b.

שִׂרְיָה (*shiryâ*). Veja o nº 2 465a.

שִׁרְיוֹן (*shiryôn*). Veja o nº 2 466a.

שְׂרִיקָה (*sh'rîqâ*). Veja o nº 2 468b.

שָׁרִיר (*shārîr*). Veja o nº 2 469c.

שְׁרִירוּת (*sh'rîrût*). Veja o nº 2 469d.

2467 שָׁרַץ (*shārats*) ***fervilhar, enxamear.***

Termo Derivado

2467a †שֶׁרֶץ (*sherets*) ***fervilhação, enxame.***

shārats é usado 14 vezes, somente no qal. O cognato siríaco tem o sentido de "rastejar"; e o etíope, de "brotar". O verbo *rāmas* é, até certo ponto, um sinônimo, podendo ele e *shārats* ser usados um em lugar do outro; existe, contudo, uma distinção: *shārats* apresenta as mesmas criaturas como uma multidão fervilhante, enxameante e prolífica, ao passo que *rāmas* chama a atenção para o fato de serem um aglomerado rastejante, lento e sinuoso.

Pode-se ver claramente a idéia básica da raiz em três passagens: Êxodo 8.3 [7.28]; Salmos 105.30; Êxodo 1.7. Nas duas primeiras referências o tema é a praga de rãs que se abateu sobre o Egito: "o rio ferverá de rãs" (BJ; a tradução da ARA, "o rio produzirá rãs em abundância", é um tanto quanto ambígua). Na terceira passagem, o assunto é a natureza prolífica do crescimento de Israel: "os filhos de Israel foram fecundos, aumentaram muito [lit. 'enxamearam', *shārats*] e se multiplicaram, e grandemente se fortaleceram; de maneira que a terra se encheu deles." Do ponto de vista dos egípcios, a terra estava enxameada de israelitas como se um enxame de insetos tivesse vindo sobre eles. A idéia de "fervilhar" é a idéia do uso de *shārats* em Gênesis 1.20-21 (cf. também Gn 8.17).

sherets. ***Fervilhação, enxame.*** Empregado 15 vezes, esse substantivo, em relação a *remes*, mantém as mesmas semelhanças e distinções existentes entre os verbos *shārats* e seu sinônimo *rāmas*.

Em Levítico 11, usa-se *sherets* em referência a: 1) criaturas do mar ("todos os [animais] que enxameiam as águas", v. 10); 2) insetos voadores (vv. 20-21, 23); 3) roedores e vários tipos de répteis (vv. 29, 31); e 4) pequenas criaturas em geral, as quais "anda[m] sobre o ventre e (...) sobre quatro pés" (i.e., insetos, que ficam na posição horizontal, em contraste com as aves, que ficam na vertical, apoiadas sobre dois pés; cf. v. 20) ou que "têm muitos pés" (vv. 41-43).

Em Levítico 11.46 utiliza-se *sherets* para classificar genericamente todos os animais terrestres menores em contraste com as aves e os animais maiores. Os seres marinhos são aí mencionados como aqueles que se movem sinuosamente (*rāmas*) na água. O mais comum é que, quando animais terrestres são classificados numa dessas três amplas categorias, se empregue *remes*, "criaturas rastejantes", em vez de *sherets* (cf. Gn 1.30; 7.8, 14). De outro lado, Gênesis 7.21 diz que *todos* os animais terrestres "rastejam" (*rāmas*; ARA, "movem") sobre a terra. Aí *sherets* representa a terceira grande categoria de animais.

Bibliografia: — KLOTZ, J. W. Animals of the Bible. In: *WBE*

H.J.A.

2468 שָׁרַק (*shāraq*) ***assobiar, silvar.***

2469 שׁרר (*shrr*)

Termos Derivados

2468a שְׁרֵקָה (*sh'rēqâ*) ***assobio, silvo.***
2468b שְׁרִיקָה (*sh'rîqâ*) ***apito, silvo.***

Esse grupo de palavras descreve, na maioria das vezes, a reação que se vê nas pessoas que passam pelas ruínas de uma cidade que outrora fora grande ou até o centro de uma potência. Esses passantes reagem assobiando ou silvando. Visto que se usa a raiz para descrever o apito com que um pastor chama as suas ovelhas (Jz 5.16), deve-se entender que ela designa um som claramente audível. *KB* sugere que uma forma de assobio era praticada como proteção contra os demônios da destruição, mas a maioria entende que essa era uma demonstração de choque, pois é com freqüência encontrada junto com *shammâ*, "horror", ou de surpresa, ou ainda de escárnio (1 Rs 9.8; Jr 19.8; 18.16, etc.). Em Lamentações 2.15-16 e Miquéias 6.16 vêem-se escárnio e alegria em face da humilhação de Jerusalém.

Em Isaías 5.26 e 7.18, Deus assobia para que as nações se reúnam para destruir Israel, mas em Zacarias 10.8 o assobio é um sinal de Deus para Israel, convidando-os a voltar a desfrutar as bênçãos de Deus na terra da promessa. Podem-se entender estas últimas passagens no sentido de soar uma flauta de pastor.

H.J.A.

2469 שׁרר (*shrr*). **Aceita como raiz de:**

2469a שֹׁר (*shōr*) ***cordão umbilical*** (e.g., Ez 16.4; Pv 3.8).
2469b שְׁרָרָה (*shērâ*) ***bracelete*** (Gn 24.22; Is 3.19).
2469c שָׁרִיר (*shārîr*) ***tendão, músculo*** (Jó 40.16).
2469d שְׁרִירוּת (*sh'rîrût*), שְׁרֵרוּת (*sh'rirût*) ***obstinação.***

sh'rîrût. ***Obstinação.*** Esse substantivo é usado dez vezes, oito delas em Jeremias. O vocábulo *sh'rar* é encontrado em aramaico com o significado de "ser duro", "ser firme".

sh'rirût sempre aparece junto com *lēb*, "coração", "mente", e se refere a um povo que obstinadamente se recusa a atender às admoestações divinas. Assim, Jeremias 7.24 se refere aos israelitas como aqueles que não obedeceram, mas andaram de acordo com os seus próprios conselhos e na obstinação de seu coração mau (cf. também 9.13; 11.8).

H.J.A.

2470 שַׁרְשְׁרָה (*sharsh'râ*) ***corrente*** (e.g., Êx 28.14, 22; 1 Rs 7.17).

2471 *שׁרשׁ (*shārash*) ***desarraigar*** (piel), ***lançar raízes*** (poel, poal, hifil). Esse verbo denominativo não ocorre no qal.

Substantivo de Origem

2471a שֹׁרֶשׁ (*shōresh*) ***raiz.***

Esse substantivo possui cognatos em ugarítico, acadiano, fenício, aramaico, árabe do sul e etíope.

No AT emprega-se *shōresh* principalmente no sentido figurado. Serve como figura que naturalmente designa as partes inferiores ou os alicerces de algo. Dessa maneira Jó 28.9 fala das escavações que os mineiros fazem nas raízes das montanhas, e em Jó 36.30 Deus cobre as raízes (i.e., profundezas) do mar. A "raiz de uma questão" (lit.) é a causa de um problema ou situação (Jó 19.28).

Mais freqüente é o conceito de *shōresh* como a fonte de uma existência, quer pessoal quer coletiva. Assim sendo, em Juízes 5.14 se afirma que a raiz de Efraim era Amaleque, ou seja, o território de Efraim se localizava na região montanhosa dos amalequitas (Jz 12.15). Em Daniel 11.7 se diz que um "renovo das raízes" da filha do rei do sul se levantará, ou seja, um dos descendentes dela ganhará destaque.

A capacidade que as raízes de certas árvores derrubadas têm de tornar a brotar e desenvolver novos ramos é utilizada por Jó (14.7-9) para contrastar com o futuro do homem, quando este é derrubado (mas veja-se *hālap*). Isso é o que está por trás da figura de linguagem usada em Daniel 4.15, 26, em que se emprega o cognato aramaico. Nabucodonosor será derrubado, mas a sua raiz permanecerá, de sorte que por fim ele tornará a vicejar. Mais importante ainda, a idéia permeia o uso messiânico da palavra. Em Isaías 11.1 um renovo (o Messias) surge da raiz (aparentemente extinta) de Jessé. Ele vicejará e estabelecerá o reino ideal de Deus. No versículo 10 o próprio Messias é chamado de "raiz" de Jessé, ou seja, ele é o broto que surge da raiz (cf. *hōter*, *nētser* e *tsemah*). Isaías 53.2 diz que esse broto que surge da raiz se encontra numa terra árida, apontando com isso para as origens humildes de Jesus como Messias e para a falta aparente de perspectiva para ele. Em algumas passagens a destruição total do sustento de uma nação em seu passado e em sua esperança de ter uma posteridade é descrita em termos de destruição de raiz e ramos (ou frutos; cf. Am 2.9; Ml 4.1 [3.19]).

Estar firmemente arraigado significa estar firme e vicejante. Dessa maneira Deus havia tirado Israel do Egito como se fosse uma videira e a havia plantado numa boa terra, onde se enraizou. Esse é também o destino dos justos (Pv 12.3, 12). Semelhantemente, ter as raízes bem irrigadas é promessa de um futuro próspero e frutífero (Ez 31.7; Jó 29.9). O homem que confia em Deus e não no próprio homem é como uma árvore dessas (Jr 17.8) e vicejará (cf. Jó 8.17). Depois de Deus ter restaurado Israel, este enraizará e, nutrindo-se das ricas provisões da graça de Deus, prosperará e será frutífero como nunca antes.

Bibliografia: — HIEBERT, D. E. Root. In: *ZPEB*. v. 5, p. 171-2. — MAURER, C. In: *TDNT*., p. 985-7. — PEA, J. Root. In: *WBE*. — WHARTON, J. A. Root. In: *IDB*.

H.J.A.

2472 *שָׁרַת (*shārat*) ***ministrar, servir.***

Termo Derivado

2472a שָׁרֵת (*shārēt*) ***serviço no tabernáculo*** (Nm 4.12; 2 Cr 24.14).

shārat ocorre 96 vezes, sempre no piel. Das 96 ocorrências, 20 estão na forma do particípio *m'shārēt*, empregado como substantivo com o sentido de "ministro", "servo".

O fenício emprega o verbo com o mesmo sentido. *shārat* se distingue do verbo mais comum *'ābad* (q.v.) pelo fato de que *shrt* geralmente designa uma categoria superior de serviço, ao passo que *'ābad* freqüentemente se refere a trabalho servil.

O emprego de *shārat* se enquadra em duas categorias naturais: 1) o serviço pessoal prestado a uma personagem importante, em geral um governante; e 2) o ministério da adoração por parte daqueles que têm um relacionamento especial com Deus, como os sacerdotes.

A posição elevada que esse verbo atribui ao servo e o relacionamento especial que ele desfruta com o seu senhor são vistos em Gênesis 39.4. Aí José foi encarregado de administrar todos os bens de Potifar, e nos versículos 8 e 9 José pôde dizer que Potifar não se preocupava com nada na casa. Ele deixou tudo aos cuidados de José, nada lhe sendo vedado senão a esposa de Potifar. Em 2 Crônicas 22.8 os sobrinhos do rei Acazias servem de ministros (*m'shar'tîm*) de Acazias. Obviamente esses homens não desempenhariam trabalhos servis. Em Ester 2.2 os que serviam ao rei tinham um relacionamento bastante chegado a ponto de o rei os ouvir e de eles serem capazes de apresentar sugestões que o rei acatava. O servo pessoal de Eliseu foi chamado *m'shārēt* (2 Rs 4.43; 6.15). O próprio Eliseu, quando inicialmente chamado a ser profeta, manteve esse tipo de relacionamento com Elias (1 Rs 19.21). Josué foi o principal assistente de Moisés (Êx 24.13; 33.11; Js 1.1). Posteriormente, tal como aconteceu com Eliseu, ele sucedeu a seu antigo senhor.

A segunda categoria envolve principalmente os levitas e sacerdotes que serviam no tabernáculo e, mais tarde, no templo (em uma passagem específica, Sl 103.21, os exércitos angelicais são assim denominados). Em várias passagens o serviço que prestam está especificamente relacionado com o santuário. É assim que Êxodo 28.35 fala do ministério de Arão no lugar santo, e o versículo 43 se refere aos filhos de Arão em seu trabalho de ministrar no altar (cf. Jl 1.13). Os levitas também foram designados dessa maneira. 1 Crônicas 6.17; 16.4, 37, fala do ministério deles de cantar, adorar e louvar. Samuel, em 1 Samuel 2.11, 18; 3.1, serve no tabernáculo como ajudante de Eli.

A posição especial do sacerdote não se limitava meramente ao ritual ou à cerimônia. A ele cabia a responsabilidade solene de representar o povo diante de Deus, e era por meio de seu ministério que Israel tinha acesso a Deus. Ele também se colocava diante do povo como representante oficial de Deus. Nessa condição os sacerdotes resolviam pendências entre indivíduos (Dt 2.15), e em Deuteronômio 17.12 Deus determina que toda pessoa que se recusar a ouvir o sacerdote, que é servo de Deus, será morta.

Salmos 101.6 é um lembrete importante àqueles que desejam habitar na presença de Deus: devem andar sem culpa alguma diante dele. Obviamente isso vai bem além da mera pureza ritual. No fim, toda a nação de Israel, e não apenas uma tribo, servirá a Deus como sacerdotes dele (Is 61.6), dessa maneira cumprindo o chamado divino para que fossem um "reino de sacerdotes" (Êx 19.6). Além disso, Isaías 56.6-9 antecipa a adição até mesmo dos gentios a essa classe privilegiada. Deve-se assinalar que eles se reconhecem como servos (*'ebed*) humildes, mas que amam o nome do Senhor e ministrarão a ele.

Bibliografia: — BODEY, R. A. Ministry. In: *ZBEB*. — DAVIES, G. H. Minister in the Old Testament. In: *IDB*. — FEINBERG, P. D. Minister, ministry. In: *WBE*. — STRATHMANN, H. In: *TDNT*. v. 4, p. 219-22. — *THAT*. v. 2, p. 1019-21.

H.J.A.

2473 שֵׁשׁ (*shēsh*) ***linho fino.***

O substantivo *shēsh* é empregado 38 vezes. A palavra deriva do egípcio *ss* e é usada no AT para designar o linho fino branco de qualidade excepcional e que era importado do Egito. Outras palavras traduzidas por "linho" são: *bûts*, "linho fino branco" (usado somente em Ez e Cr); *bad*, "peça de pano", "linho"; *pēshet*, "linho"; *pishtâ*, "linho"; *'ētûn*, "linho vermelho do Egito"; e *sādîn*, um tecido de luxo.

Visto que *shēsh* era o linho egípcio, é compreensível que a palavra ocorra com maior freqüência no livro de Êxodo. Fazia parte das dádivas ofertadas pelos israelitas para a construção do tabernáculo, cujas cortinas foram feitas de linho (Êx 25.4; 35.6, 23, 25, 35). As roupas do sacerdote eram todas feitas de linho (Êx 28.5, 39; 39.28-29). Um dos objetivos de usar roupas de linho fino era fazer com que os sacerdotes não suassem no trabalho pesado perto do calor do altar (Ez 44.18). José fora esplendidamente vestido com roupas de linho (Gn 41.42). Mais tarde o linho também passou a fazer parte do guarda-roupa feminino (Pv 31.22), sendo marca característica de roupas finas.

Bibliografia: — FENSHAM, F. C. Linen. In: *NBD*. — MYERS, J. M. Linen. In: *IDB*. — ROBERTSON, I. Linen. In: *WBE*.

H.J.A.

שֵׁשׁ (*shēsh*). Veja os nºs 2 336a, 2 379a.

2474 שָׁשָׁא (*shishshē'*) ***conduzir*** (Ez 39.2).

שִׁשָּׁה (*shishshâ*). Veja o nº 2 336d.

שִׁשִּׁי (*shishshî*). Veja o nº 2 336b.

שִׁשִּׁים (*shishshîm*). Veja o nº 2 336c.

2475 שֵׁשַׁק (*shēshak*) ***Sesaque*** (IBB), ***Babilônia*** (ARA).

Esse nome é utilizado duas vezes, por Jeremias (25.26; 51.41).

shēshak, que se refere à Babilônia, é interpretado pela maioria dos estudiosos como um exemplo de *'athbash*, criptografia em hebraico que envolve a substituição das letras sucessivas de uma palavra pelas letras na ordem inversa do alfabeto. Assim *bbl* ("Babel", "Babilônia") torna-se *sh sh k*. A segunda letra do alfabeto, *b*, é substituída pela penúltima letra, *sh*, e *l* é substituída por *k*. Não está claro o objetivo desse código aí, visto que Jeremias certamente não hesitou em falar abertamente sobre a derrocada de Babilônia. Keil é da opinião de que *sheshak* não apenas é resultado de *'athbash*, mas também significa um encolhimento, um afundamento, indicando desse modo o destino da Babilônia. *KB* propõe uma possível ligação com o nome Shish-ku, encontrado em listas mais recentes de reis. Outro caso provável de *'athbash* se encontra em Jeremias 51.1, em que *lēb qāmāy* aparece em lugar de "caldeus" (*kasdim*).

Bibliografia: — BRIGHT, J. *Jeremiah*. In: *AB*. p. 161. — KEIL, C. F. *Jeremiah*, p. 383. — PAYNE, D. F. Sheshach. In: *NBD*. — HELMBOLD, A. Atbash. In: *ZPEB*.

H.J.A.

2477 שׁחה (*shātâ*)

2476 שׁשׁר (*shāshēr*) ***cor vermelha, vermelhão*** (Jr 22.14).

שׁת (*shēt*). Veja o nº 2 478a.
שׁת (*shāt*). Veja o nº 2 380b.

2477 שׁחה (*shātâ*) ***I, beber.***

Termos Derivados

2477a שׁתי (*sh'tî*) ***bebida*** (Ec 10.17, somente).
2477b שׁתיה (*sh'tîyâ*) ***modo de beber*** (Et 1.8, somente).
2477c משׁתה (*mishteh*) ***bebida, banquete.***

Além do uso comum e esperado de *shātâ* (e.g., Gn 9.21; 24.14, 30.38), às vezes existem circunstâncias especiais que cercam o uso do verbo bem como expressões especiais, que requerem atenção. "Comer, beber e regozijar-se" é uma expressão empregada, com variações, para descrever a participação em um banquete comemorativo (1 Sm 30.16; 1 Rs 1.25). Em 1 Reis 4.20 o verbo é usado para descrever condições de prosperidade e paz durante o reinado de Salomão, como se esse (reinado) fosse uma comemoração perpétua. Pode expressar a despreocupação e a desatenção com a própria alma, como em Isaías 22.13, "comamos e bebamos, que amanhã morreremos" (cf. também 56.12; Lc 12.19; 17.26-29). Quando o Messias tiver terminado o seu trabalho, então esse banquete e regozijo será apropriado para o povo de Deus (Is 65.13 e s.).

Quando os israelitas beberam a água saída da rocha em Meribá e Mara (Êx 17.1-6; Nm 20.5-13; Êx 15.23-24), estavam experimentando, num ambiente hostil, a provisão divina para as suas necessidades. Por outro lado, Ageu 1.6 é um lembrete de que não há água suficiente para satisfazer o ser humano, a menos que a bênção de Deus esteja presente.

Figuradamente se diz que Canaã havia de beber as águas dos céus (Dt 11.11), referindo-se a uma agricultura baseada na chuva e não na irrigação. Com esse verbo se descreve a ação de absorver ou assimilar totalmente a "iniqüidade" em Jó 15.16, a "zombaria" em Jó 34.7, e a "violência" em Provérbios 4.17. Beber da própria cisterna (Pr 5.15) significa desfrutar o amor conjugal (cf. Ct 5.1).

mishteh. ***Bebida, banquete, festim.*** Em Daniel 1.5, 8, 16 e em Esdras 3.7, o substantivo se refere àquilo que é bebido, tal como o vinho. Em outras passagens significa "banquete" ou "festim". Designa uma refeição especial preparada para hóspedes de honra, como em Gênesis 19.3, em que Abraão hospeda anjos (cf. também Gn 26.30; 2 Sm 3.20). Também se refere a banquetes de casamento, tais como o de Jacó, em Gênesis 29.22, e ao banquete de casamento de Sansão, que durou sete dias, em Juízes 14.10-17. Tudo o que pedisse uma comemoração podia ser assinalado por um *mishteh*. Feriados anuais também eram denominados *mishteh* (cf. Et 9.19, 22; Jó 1.4-5).

Deus fustiga Judá duramente por se ocupar com folias cuidadosamente planejadas e não prestar atenção às obras de Deus (Is 5.12).

Um coração alegre é comparado com um "banquete contínuo" (Pv 15.15), e as ricas bênçãos que aguardam Israel, depois de Deus ter completado a sua obra de redenção, são

comparadas a um banquete exótico e farto (Is 25.6). Aí o regozijo não se mistura com a tristeza nem com a perspectiva de dias sombrios iminentes.

Bibliografia: — *THAT*. v.2, p. 1022-5.

H.J.A.

2478 שׁתה (*shth*). **II. Aceita como raiz de:**

2478a שֵׁת (*shēt*) ***nádegas*** (Is 20.4; 2 Sm 10.4).

2479 שׁחה (*shth*). **III. Aceita como raiz de:**

2479a שְׁתִי (*sh'tî*) ***urdidura*** (Lv 13).

שְׁתִי (*sh'tî*). Veja os nºs 2 477a, 2 479a.

שְׁתִיָה (*sh'tîyâ*). Veja o nº 2 477b.

שָׁתִיל (*shātîl*). Veja o nº 2 480a.

2480 שָׁתַל (*shātal*) ***plantar***.

Termo Derivado

2480a שָׁתִיל (*shātîl*) ***muda de planta*** (Sl 128.3).

shătal é usado dez vezes no qal. Há cognatos em árabe e aramaico com o mesmo sentido. Em acadiano significa um "broto" ou uma "muda".

Todas as ocorrências do verbo envolvem uso figurado e se referem a Israel ou ao homem justo na forma de uma árvore ou de uma videira. Seis das dez ocorrências aparecem em Ezequiel, quatro no capítulo 17 (vv. 8, 10, 22-23). Essas ocorrências estão na parábola que apresenta Israel como uma árvore transplantada. Aparentemente a palavra significa "plantar" ou "transplantar". Nessa parábola Israel, que rompeu o tratado que tinha com a Babilônia e passou a depender da ajuda do Egito, é desarraigado e posto a secar completamente. Tal árvore é incapaz de tornar a crescer, não importa quão bem esteja plantada. Mas, no fim, Deus plantará Israel numa montanha elevada e fará com que prospere permanentemente. Ezequiel 19.10, 13 fala de Israel como uma videira vicejante plantada num local ideal. Então, por causa do pecado, ela é arrancada e posta no deserto, onde não tem condições de progredir. Isso descreve a deportação de Israel.

Salmos 1.3 e Jeremias 17.8 descrevem vividamente o homem justo que busca a Deus de todo o coração e se desvia do mal. Ele vicejará e será frutífero porque está plantado junto a águas abundantes e perenes. Por maior que seja a seca, ele prosperará. Salmos 92.13 [14] acrescenta que mesmo na velhice ele estará cheio de seiva e vigor e, desse modo, por meio de seu vigor e frutuosidade anunciará a retidão e a fidelidade de Deus.

H.J.A.

2481 שָׁתַם (*shātam*) ***abrir*** (Nm 24.3, 15).

2482 שָׁתַק (*shātaq*) ***estar sossegado*** (Jn 1.11, 13; Pv 26.30; Sl 107.30).

2483 שָׁתַת (*shātat*) ***colocar, nomear*** (Sl 49.15; 73.9).

Nota: a página 1626 e outras que eventualmente estarão faltando, é pelo motivo de estarem em branco no DITAT.

ת

2484 תָּא (*tā'*) ***câmara*** (e.g., 1 Rs 4.28 = 2 Cr 12.11; Ez 40).

2485 תָּאַב (*tā'eb*) ***anelar*** (Sl 119.40, 174).

Termo Derivado

2485a תַּאֲבָה (*ta'ābâ*) ***anelo*** (Sl 119.20).

2486 *תָּאַב (*tā'ab*) ***abominar*** (Am 6.8, somente). Talvez uma variante de *tā'ab*.

2487 *תָּאָה (*tā'â*) ***demarcar*** (Nm 34.7, 8). Esse verbo ocorre apenas no piel.

2488 תְּאוֹ (*t'ô*) ***antílope*** (Dt 14.5; Is 51.20).

תַּאֲוָה (*ta'ăwâ*). Veja o nº 40d, 2 496b.
תַּאֲלָה (*ta'ălâ*). Veja o nº 94b.

2489 תָּאַם (*tā'am*) ***ser em dobro*** (e.g., Êx 26.24; 36.29). Verbo denominativo

Substantivo de Origem

2489a תּוֹאָם (*tô'ām*) ***gêmeos*** (e.g., Gn 25.24; Ct 4.5).

2490 תְּאֵנָה (*t'ênâ*) ***figo, figueira.*** Derivação incerta.

A figueira, *Ficus carica*, é planta nativa do oeste da Ásia e era muito comum na Palestina, especialmente nas regiões montanhosas, ao longo de toda a história escrita. Visto que a cana-de-açúcar só foi introduzida na região à época de Alexandre, o Grande, o figo era uma fonte importante de doce (Jz 9.11) na Palestina (e para o ocidente até o norte do Egito; veja-se Sl 105.33) durante o período do AT, como também acontecia com o mel (Jz 14.18). Em geral menciona-se o figo junto com a uva no AT. Quando havia

escassez ou mesmo absoluta falta de figos e uvas, isso era sinal de aflição humana ou juízo divino (Sl 105.33; Jr 5.17; 8.13; Os 2.12 [14]; Jl 1.7, 12; Hc 3.17; Ag 2.19). Por outro lado, poder assentar-se sob a própria videira ou figueira era participar das bênçãos divinas de paz, prosperidade e segurança, tanto numa lembrança do passado (1 Rs 4.25 [5.5]; veja-se também 1 Mac 14.12) quanto numa esperança escatológica futura (Mq 4.4; Zc 3.10). Quanto a uma figura de linguagem semelhante, vejam-se também 2 Reis 18.31 = Isaías 36.16; Joel 2.22. Na parábola da oliveira, contada por Jotão, a figueira e a videira são as que primeiro indicam as suas pretensões de reinar sobre as demais árvores (Jz 9.7-15).

A mais antiga roupa foi feita costurando-se as folhas resistentes e espalmadas de figueira (Gn 3.7), mas isso não deixa necessariamente implícito que a árvore do conhecimento do bem e do mal (2.17; 3.5 e s.) tenha sido a figueira, como alguns têm sustentado. Mas a sua presença no Éden é subentendida; aliás, é a única árvore identificada pelo nome.

Ao contrário da oliveira, a figueira faz brotar as suas folhas no outono e floresce na primavera (final de março). Os primeiros figos começam a se formar em março e estão maduros em maio (cf. Is 28.4). Os últimos figos, que se formam a partir de novos brotos, amadurecem no final do verão e são colhidos a partir do meio de agosto até outubro. Para uma excelente e sucinta análise do milagre do amaldiçoamento da figueira estéril em Mateus 21.18 e s.; Marcos 11.12-14, veja-se F. F. Bruce, *Are the New Testament documents reliable?*, p. 76-8. Conquanto se tenha a impressão de que naquela ocasião a figueira simbolizou a nação judaica, parece que não existem dados de que isso tenha ocorrido no AT: veja-se J. W. Wenham, *JTS* 5 (1954):206 e s. O paralelo mais próximo no AT é a limitada comparação encontrada em Jeremias 24, em que figos bons (e não figueiras) simbolizam judeus que vão para o exílio, e figos ruins simbolizam Zedequias, os seus príncipes, o remanescente de Jerusalém que permaneceu na terra, e os judeus que fugiram para o Egito (veja-se também 29.17).

R.F.Y.

תַּאֲנָה (*ta'ănâ*), תְּאֵנָה (*tō'ănâ*). Veja o nº 126a,b.

תַּאֲנִיָּה (*ta'ănîyâ*). Veja o nº 124b.

תַּאֲנִים (*t'unîm*). Veja o nº 48b.

2491 תָּאַר (*tā'ar*) *ser arrastado.*

Termos Derivados

2491a †תֹּאַר (*tō'ar*) ***forma.***

2491b *תָּאַר (*tā'ar*) ***esboçar, delinear.*** Esse verbo denominativo ocorre somente no piel (Is 44.13; Nm 34.7, 8).

tā'ar é usado no qal em Josué 15 e 18, capítulos que tratam das fronteiras dos territórios de Judá e Benjamim. No piel, em que o sentido é de "assinalar", "delinear", o verbo é encontrado apenas em Isaías 44.13 (duas vezes), tendo ali a idéia de riscar a forma de um ídolo na madeira, preparando-se para confeccioná-lo. O pual *mᵉtō'ar*,

encontrado somente em Josué 19.13, foi entendido pela ARC como parte de um nome próprio composto, ao passo que a ARA, de modo muito mais plausível, traduziu como verbo ("que se estende"). Os comentários judeus tradicionais explicam *tā'ar* como sinônimo de *sābab*, "fazer um círculo", "riscar", "marcar", "esboçar", "delinear". *BDB*, com pouquíssima justificativa, considera o grau piel um verbo denominativo derivado do substantivo *tō'ar*, dessa forma separando-o desnecessariamente de sua base qal.

tō'ar. ***Forma, figura, aspecto, aparência, vulto.*** As várias conotações da raiz verbal descritas no parágrafo anterior mostram que o substantivo tem basicamente o sentido de "forma". Provavelmente nunca tem o significado de "aparência" (BJ, 1 Sm 28.14) por causa da tautologia que resultaria em passagens como Gênesis 29.17. Ademais, a expressão *shēm tō'ar* foi utilizada por gramáticos tradicionais do hebraico em referência a "um certo tipo de substantivo que não exprime uma qualidade ou uma característica abstrata, (...) mas denota o agente ou o portador de uma qualidade ou característica" (D. J. KAMHI, *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*, 34:261). Desse modo, no AT *tō'ar* descreve o porte, em vez de a aparência, de uma mulher linda (Gn 29.17; Dt 21.11; 1 Sm 25.3; Et 2.7), um homem formoso (Gn 39.6; 1 Rs 1.6), vacas formosas e feias à vista ("formosas de porte", Gn 41.18; "feias de porte", v. 19), etc.

Merecem nota especial os dois usos de *tō'ar* no quarto Cântico do Servo Sofredor (Is 52.13—53.12). O aspecto do servo foi terrivelmente arruinado e desfigurado (52.14), causando repulsa ao se olhar para ele (53.2). No dizer de H. C. Leupold (*Exposition of Isaiah*, v. 2, p. 224): "Não é de admirar que muitos dos primeiros pais da igreja tenham dito que o relato dá a impressão de que Isaías tivesse estado sentado aos pés da cruz" (vejam-se Mc 14.65; 15.15-20).

R.F.Y.

תְּאַשּׁוּר (*t'ashshûr*). Veja o nº 186g.

2492 תֵּבָה (*tēbâ*) ***arca.*** (A ARA traduz por "cesto" em Êx 2.3-5.)

Em Gênesis 6—9 o vocábulo é empregado 26 vezes para denotar um barco imenso, retangular, em forma de caixa, em que Noé, a sua família e os animais entraram para escapar ao juízo do dilúvio. Em Êxodo 2.3, 5, denota o minúsculo barco em que Moisés foi escondido entre os juncos do rio Nilo para escapar da ira do Faraó. Considerando a palavra um empréstimo lingüístico do egípcio (embora T. O. Lambdin não a inclua em sua abrangente análise em *Journal of the American Oriental Society* 73:145-55), é encontrado somente em Gênesis 6—9 e Êxodo 2, e deve-se fazer distinção entre esta palavra e *'ărôn*, "arca" (q.v.), vocábulo muito mais comum, utilizado, entre outras coisas, em referência à arca da aliança.

Tanto as narrativas de Gênesis quanto as de Êxodo possuem paralelos em acadiano. O paralelo mais próximo do relato de Gênesis é a famosa décima primeira tábua da epopéia de Gilgamesh (cf. *ANET*^{2}, p. 93-7), ao passo que se pode comparar o relato de Êxodo com a lenda de Sargom de Agade (cf. *ANET*^{2}, p. 119). As diferenças entre as narrativas do AT e os seus equivalentes acadianos são, no entanto, mais significativas teologicamente do que as semelhanças, conforme comentaristas recentes têm assinalado (veja-se, *e.g.*, A. HEIDEL, *The Gilgamesh epic and Old Testament parallels*^{2}, p. 268 e s.).

Contudo, as muitas semelhanças teológicas entre as próprias narrativas de Gênesis e Êxodo são, indubitavelmente, fruto da atuação do Espírito Santo, que inspirou os dois livros. Ao comentar acerca do relato de Gênesis, U. Cassuto sintetiza da seguinte maneira: "Em ambos os casos está para ser salvo de afogamento aquele que é digno de salvação e está destinado a trazer livramento a outros; aqui é a humanidade que há de ser salva, lá é o povo escolhido" (*A commentary on the book of Genesis*, 2, p. 59). Ademais, a arca de Noé, como símbolo de salvação, é comparada à ordenança do batismo em 1 Pedro 3.20 e s., e, como símbolo da proteção divina contra males externos, era freqüentemente rabiscada pelos cristãos primitivos nas paredes das catacumbas sob as ruas de Roma.

R.F.Y.

תְּבוּאָה (*t^ebû'â*). Veja o nº 212c.
תְּבוּנָה (*t^ebûnâ*). Veja o nº 239c.
תְּבוּסָה (*t^ebûsâ*). Veja o nº 216c.
תֵּבֶל (*tebel*), תֵּבֵל (*tēbēl*). Veja os nºs 248d, 835h.
תַּבְלִית (*tablît*). Veja o nº 246c.
תְּבַלֻּל (*t^eballul*). Veja o nº 248e.

2493 תֶּבֶן (*teben*) ***palha*** (e.g., Êx 5.10; Jr 23.28). Derivação incerta

Termo Derivado

2493a מַתְבֵּן (*matbēn*) ***montão de palha*** (Is 25.10).

תַּבְנִית (*tabnît*). Veja o nº 255d.
תַּגְמוּל (*tagmûl*). Veja o nº 360c.
תִּגְרָה (*tigrâ*). Veja o nº 378b.
תִּדְהָר (*tidhār*). Veja o nº 408b.

2494 תהה (*thh*). **Aceita como raiz de:**

2494a תֹּהוּ (*tōhû*) ***confusão.***
2494b תְּהִלָּה (*tohŏlâ*) ***erro*** (Jó 4.18).

tōhû. ***Confusão, espaço vazio, sem forma, nada, nulidade, vacuidade, vaidade, deserto, caos.*** Uma vez que o vocábulo não possui cognatos conhecidos em outros idiomas, o seu significado tem de ser determinado unicamente a partir de seus contextos no AT. Refere-se a uma área desértica em Deuteronômio 32.10; Jó 6.18; 12.24b = Salmos 107.40b; a uma cidade destruída em Isaías 24.10 (veja-se também 34.11); a um vazio ou confusão moral e espiritual em 1 Samuel 12.21 (duas vezes) e diversas vezes em Isaías (29.21; 41.29; 44.9; 45.19; 59.4); não-existência ou irrealidade em Isaías 40.17, 23; 49.4 (veja-se também o texto hebraico de Eclo 41.10). Na maioria dos casos (se não em todos), *tōhû* carrega um sentido negativo ou pejorativo.

Duas passagens em particular requerem um comentário mais longo. A primeira é Jó 26.7: "[Deus] estende o norte sobre o vazio [*tōhû*] e faz pairar a terra sobre o nada". O contexto do capítulo 26 ressalta não apenas a onipotência e a soberania de Deus na criação e na providência, mas também a facilidade com que ele faz o que lhe agrada. Embora seja incorreto forçar rigidamente a nossa própria e contingente cosmologia do século XX nesse capítulo e insistir em interpretá-lo literalmente na sua totalidade (veja-se, e.g., a metáfora óbvia do versículo 11), ainda assim é marcante o fato de que 26.7 descreve o mundo então conhecido como suspenso no espaço. Ao assim fazer, antecipa (para dizer o mínimo!) descobertas científicas futuras.

A outra passagem que requer análise é, obviamente, Gênesis 1.2a: "A terra era *tōhû wābōhû*". O significado de *bōhû* em si é incerto (torna a aparecer apenas em Is 34.11 e Jr 4.23, as duas vezes em contextos com *tōhû*), embora aparentemente signifique "vazio" (cf. o possível cognato árabe *bahiya*, "estava vazio"). Por isso a expressão *tōhû wābōhû*, em Gênesis 1.2a, tem sido entendida de diversas maneiras como uma hendíadis com o sentido de "um deserto informe" (E. A. SPEISER, *Genesis*, p. 5), "ausência absoluta de qualquer coisa" (H. RENCKENS, *Israel's concept of the beginning*, p. 84), "vazio e lacuna" (H. E. RYLE, *The book of Genesis*, p. 4 — embora sem total convicção). Mas a tradução tradicional, "sem forma e vazia", é muito bem defendida por W. H. Griffith Thomas, em *Genesis — A devotional commentary*, em que ele escreve: "parece que os adjetivos 'informe' e 'vazia' são a chave para entender a estrutura literária do capítulo. O registro dos três primeiros dias se referem aos céus e à terra receberem a sua 'forma' e o registro dos três últimos dias ao enchimento de seu 'vazio'". Veja-se ainda R. Youngblood, *JETS* 16:219-21. A teoria do "intervalo", que propõe um período de milhares de anos implícito em Gênesis 1.2 e que geralmente traduz 1.2a pela frase menos provável "mas a terra ficara sem forma e vazia", tem recebido cada vez menos aceitação em anos recentes. Sua principal base exegética, Isaías 45.18, traz "[Deus] não criou [a terra] *tōhu*" (lit.); essa passagem tem sido interpretada com o sentido de que, portanto, uma criação original (brevemente descrita em Gn 1.1) foi destruída, que se seguiram as eras geológicas (durante o "intervalo") e que a nova criação, apresentada em Gênesis 1.3 e ss., foi feita a partir dos restos da anterior. Mas Isaías 45.18, depois da frase citada, passa a dizer que "[Deus] formou-a para ser habitada" (lit.), dessa forma assegurando ao leitor que *tōhû* não era o seu objetivo final na criação. (Quanto a críticas mais detalhadas da teoria do "intervalo", vejam-se especialmente O. T. Allis, *God spake by Moses*, p. 153-9; B. Ramm, *The Christian view of science and Scripture*, p. 195-210). De semelhante modo, o vocábulo *tōhû* em Gênesis 1.2 se refere não ao resultado de uma suposta catástrofe (para a qual não existe nenhuma base bíblica clara), mas à falta de forma da terra antes que a mão criadora de Deus começasse os majestosos atos descritos nos versículos seguintes. Conforme se vê em Jeremias 4.23, a terra sempre tem a possibilidade de voltar a ser *tōhû wābōhû*, caso Deus decida julgá-la.

Mas assim como é difícil definir *tōhû*, é ainda mais difícil fazer uma idéia mental disso. Agostinho, em suas *Confissões* (Livro 12, 6), admitiu a sua incapacidade de captar visualmente a idéia transmitida pela palavra; Haydn, na abertura "Representação do Caos", em seu oratório *A Criação*, teve muito mais sucesso em expressar musicalmente a idéia. [De outro lado, uma vez que "criar" em Gênesis 1.1 é um sumário de acontecimentos explicados no restante do capítulo (cf. o resumo final em Gn 2.1-3), pode ser que, ao usar o verbo "criar", Isaías esteja se referindo a todas as obras de Deus durante os seis dias. Ele não "criou" um caos mas um cosmos (cf. Bruce K. WALTKE,

Creation and chaos (Portland, Oregon, Western Baptist Theological Seminary, 1974). B.K.W.]

R.F.Y.

תּוּהוּ (*tōhû*). Veja o nº 2 494a.
תְּהוֹם (*t'hôm*). Veja o nº 2 495a.
תְּהֹלָה (*tohŏlâ*). Veja o nº 2 494b.
תְּהִלָּה (*t'hillâ*). Veja o nº 500c.
תַּהֲלוּכָה (*tahălûkâ*). Veja o nº 498e.

2495 תהם (*thm*). **Aceita como raiz de:**

2495a †תְּהוֹם (*t'hôm*) ***abismo, profundezas, lugares profundos.*** Algumas versões modernas empregam, às vezes, "mananciais" ou "mares". O vocábulo é usado 35 vezes.

Várias vezes essa palavra é usada para designar simplesmente uma grande massa d'água. Isaías 51.10 e 63.13 se referem à travessia do mar Vermelho, como também o fazem Salmos 77.16 [17]; 106.9; Êxodo 15.5; e outras passagens. Existem outras referências às águas profundas do mar Mediterrâneo; Jonas 2.5 [6] é referência nítida, o que provavelmente também acontece com Ezequiel 26.19; Salmos 107.26, e outras passagens. Existem algumas referências a fontes na superfície, cujas águas procedem de mananciais profundos. Não sabemos que conceito os hebreus tinham da água subterrânea, mas dominavam a técnica de cavar poços e encontrar fontes nos vales: Deuteronômio 8.7; Salmos 78.15. Provavelmente eles não conceberam uma relação entre as fontes d'água e um oceano por baixo pelo fato simples e observável de que os oceanos têm água salgada e as fontes trazem água doce. As fontes são mais como os rios que elas abastecem.

Tanto *BDB* quanto *KB* utilizam esse vocábulo para promover uma cosmologia estranha. *GB* apresenta como um dos sentidos o de "oceano, geralmente ligado ao grande mar sobre o qual repousa a terra e de onde procede toda a água da terra". Esses autores não observam que Jó 26.7 diz que a terra está suspensa sobre o nada. Passagens que, segundo *GB*, supostamente favorecem essa interpretação incluem: Gênesis 8.2, que simplesmente fala do movimento nas águas profundas; Isaías 51.10 e Ezequiel 26.19, que não se aplicam a esse sentido; Ezequiel 31.4, que se refere a fontes comuns; e diversos outros versículos. *GB* cita Gênesis 49.25 [24], "profundeza que jaz embaixo" (lit.), mas a linha anterior mostra que essa é a profundidade que está sob os céus acima, não sob a terra. Deuteronômio 33.15 é parecido e pode estar numa relação de dependência com o poema de Gênesis. Em resumo, a interpretação desses versículos é parte da cosmologia falaciosa imposta ao AT por estudiosos críticos e apoiada numa leitura literal e forçada de palavras e expressões como "janelas dos céus" ("comportas dos céus", ARA, Gn 7.11; 8.2) no relato do dilúvio (cf. R. L. HARRIS, The Bible and cosmology, *JETS* 5:11-7).

Uma interpretação mais antiga de Gênesis 1.2 viu uma semelhança entre o *t'hôm* do relato da criação de Gênesis e a história de Enuma Elish, na qual a deusa Tiamat foi derrotada por Marduque e a partir do seu corpo foram feitos os céus e a terra. Afirma-se que em Gênesis também está implícita uma luta em que o espírito de Deus atacou com ímpeto o monstro do caos, *t'hôm*, e assim fez o universo ordenado. Muito disso é exegese

tendenciosa. Atualmente se reconhece que *t'hôm* não poderia ter derivado de Tiamat porque a consoante intermediária, uma gutural, perdeu-se em acadiano e não seria fabricada numa palavra tomada de empréstimo. Nesse raciocínio, *ba'al* torna-se o deus acadiano Bel, o qual, por sua vez, volta para o hebraico, em Isaías 46.1, como *bēl*. Na realidade, Tiamat e *t'hôm* provêm da mesma raiz. Essa raiz se referia simplesmente a águas profundas, e esse sentido se manteve em hebraico como um substantivo que designa "água em mares profundos" e "abismo na terra". No entanto, no pensamento animista dos acadianos, o vocábulo assumiu um sentido divinizado, tendo passado a designar a deusa do oceano, Tiamat. Em ugarítico o *h* se acha preservado (*thm*) como em hebraico e às vezes o oceano é divinizado como em acadiano, mas até agora não se achou em ugarítico nenhum relato da criação (*UT* 19: nº 2537).

Bibliografia: — WHITE, W. Tiamat. In: *ZEPB*. v. 5, p. 744-5.

Quanto ao ponto de vista crítico, cf. H. G. MAY. Some cosmic connotations of mayim rabbim 'many waters'. *JBL* 74:9-21.

R.L.H.

תַּהְפֻּכָה (*tahpukâ*). Veja o nº 512f

תָּו (*tāw*). Veja o nº 2 496a.

תּוֹאֵם (*tô'ām*). Veja o nº 2 489a.

תּוּגָה (*tûgâ*). Veja o nº 839b.

תּוֹדָה (*tôdâ*). Veja o nº 847b.

2496 *תָּוָה (*tāwâ*) ***I, rabiscar*** (piel), ***limitar*** (hifil). Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2496a † תָּו (*tāw*) ***desejo, marca.***

2496b תַּאֲוָה (*ta'ăwâ*) ***fronteira*** (Gn 49.26).

Esse verbo, provavelmente um denominativo do substantivo *tāw*, é usado em 1 Samuel 21.13 [14] para indicar a ação de fazer marcas numa porta e em Ezequiel 9.4 para designar a ação de pôr um sinal na testa de alguém. Em Salmos 78.41 a KJV traduz o verbo por "limitaram" (ARC, "duvidaram"), mas por causa do paralelismo talvez seja melhor empregar aqui o homônimo *twh* II, "provocar", "causar dor" (como na ARA). A raiz *t'h*, encontrada no piel com o sentido de "assinalar" em Números 34.7 e s., pode muito bem ser uma formação secundária da raiz *twh* I (assim o entende *KB*).

tāw. ***Desenho, sinal.*** O *tāw*, a última letra (consoante) do alfabeto hebraico, tinha, na maioria dos manuscritos antigos, o formato de um "x". Jó 31.35 utiliza a palavra no sentido de assinatura ou sinal de confirmação, conforme mostra o contexto. Em Ezequiel 9.4, 6, o vocábulo designa um sinal determinado por Deus e que era colocado na testa das pessoas com o objetivo de protegê-las. (Um procedimento um tanto quanto parecido também é descrito em Gn 4.15, embora ali se use uma palavra hebraica diferente e não se mencione a testa.) Na antiga Mesopotâmia um sinal em forma de cruz feito na testa

era denominado *ishpalurtu*(*m*) em acadiano, escrito às vezes com o logograma sumério *BAR*, que parece exatamente como as formas mais antigas do *tāw* (cf. *CAD*, v. 7, p. 253; E. A. SPEISER, In: H. G. GÜTERBOCK & T. JACOBSEN, eds., *Studies in honor of Benno Landsberger on his seventy-fifth birthday*, p. 393). As marcas divinas especiais de proteção serão postas nas testas do povo de Deus no futuro escatológico (Ap 7.2 e s.; 9.4; 14.1).

J. Finegan, em seu recente romance histórico intitulado *Mark of the taw*, observa que na Igreja primitiva os crentes usavam o *tāw* e o viam como um sinal: de salvação futura (devido às referências de Ez 9); do Messias (porque lembrava a primeira letra que no alfabeto grego, era usada na palavra "Cristo", palavra esta que significa "Ungido", "Messias"); e da crucificação de Cristo (por causa do formato da letra; vejam-se especialmente p. 145 e s.).

R.F.Y.

2497 *תָּוָה (*tāwâ*) ***II afligir, ferir***. Esse verbo ocorre só uma vez no hifil (Sl 78.41).

תּוֹחֶלֶת (*tôḥelet*). Veja o nº 859b.

2498 תָּוֶךְ (*tāwek*) ***meio***. Derivação desconhecida. Construto: תּוֹךְ (*tôk*) ***I***.

Termo Derivado

2498a תִּיכֹן (*tîkôn*), תִּיכֹן (*tîkōn*) ***médio***.

Isaías 66.17 apresenta um caso interessante em que a dificílima palavra *battawek*, "no meio", pode ser lida, com uma vocalização diferente, como *bāttêkā*, "tuas casas" (vejam-se o texto e a nota de rodapé da NIV).

תּוֹךְ (*tôk*). Veja o nº 2 509a.
תּוֹכֵחָה (*tôkēḥâ*). Veja o nº 865a.
תּוֹכַחַת (*tôkaḥat*). Veja o nº 865b.
תּוֹלְדוֹת (*tôlēdôt*). Veja o nº 867g.
תּוֹלֵעָה (*tôlē'â*). Veja o nº 2 516b.
תּוֹלַעַת (*tôla'at*). Veja o nº 2 516b.
תּוֹעֵבָה (*tô'ēbâ*). Veja o nº 2 530a.
תּוֹעָה (*tô'â*). Veja o nº 2 531a.
תּוֹעָפָה (*tô'āpâ*). Veja o nº 886a.

2499 תּוּף (*twp*). **Aceita como raiz de:**

2499a תֹּפֶת (*tōpet*) ***ato de cuspir*** (Jó 17.6, somente).

תּוֹצָאָה (*tôtsā'â*). Veja o nº 893e.

2500 תּוּר (tûr) ***procurar, esquadrinhar, espionar.***

Termos Derivados

2500a תּוֹר (*tôr*), תֹּר (*tōr*) ***I, diadema, trança*** (e.g., Ct 1.10; Et 2.12).
2500b יְתוּר (*y'tûr*) ***cadeia (de montanhas).***
2500c תּוֹר (*tôr*), תֹּר (*tōr*) ***II, pomba.*** Derivação incerta.

Em Provérbios 12.26, um versículo difícil, a PIB interpreta *yātēr* (um jussivo do hifil de *tûr*) como uma forma anômala da raiz *ytr* e traduz por "avantaja-se" (cf. o Targum), e a RSV emenda para *yāsûr* (imperfeito do qal de *sûr*) e traduz por "desvia-se" (cf. *ICC* para uma análise completa do problema), ao passo que a ARA tem uma compreensão melhor do texto tal como na sua vocalização atual, interpretando a palavra como "serve de guia para" e entendendo a palavra seguinte, *mērē'ēhû*, não como uma forma de *rēa'*, "amigo", "próximo", precedida do prefixo *min* e seguida de um sufixo pronominal, mas como uma forma de *mērēa'*, "amigo", "próximo", seguida de sufixo pronominal, exatamente como em Gênesis 26.26.

Das 23 ocorrências de *tûr* no AT, mais da metade aparece em Números 13 e s. com o sentido de "espionar", "reconhecer", a terra de Canaã, num preparativo para conquistá-la. Desse modo, parece que "examinar cuidadosamente" é uma expressão que capta o sentido básico da raiz, um sentido que é particularmente claro em Eclesiastes 1.13; 2.3; 7.25, em que a procura insistente por sabedoria é uma preocupação importante na mente do autor.

y'tûr. ***Cadeia (de montanhas).*** Essa palavra aparece em Jó 39.8. Por causa do paralelismo, a RSV interpreta o vocábulo como uma forma verbal ("ele 'enfileira' as montanhas"), uma conclusão que pode estar correta à luz das muitas formas verbais incomuns vistas no livro de Jó.

R.F.Y.

תּוֹרָה (*tôrâ*). Veja o nº 910d.
תּוֹשָׁב (*tôshāb*). Veja o nº 922d.
תּוּשִׁיָּה (*tûshîyâ*). Veja o nº 923a.
תּוּתָח (*tûtah*). Veja o nº 933a.

2501 *תָּזַז (*tāzaz*) ***arrancar com pancadas*** (Is 18.5).

תַּזְנוּת (*taznût*). Veja o nº 563c.
תַּחְבֻּלָה (*tahbulâ*). Veja o nº 596a.
תַּחֲלוּאִים (*tahălû'îm*). Veja o nº 648a.
תַּחֲלָה (*t'hillâ*). Veja o nº 661d.
תַּחְמָס (*tahmâs*). Veja o nº 678b.

2502 תחרא (*tahrâ'*)

תחנה (*t'hinnâ*). Veja o nº 694f
תחנה (*tahănâ*). Veja o nº 690d.
תחנון (*tahănûn*). Veja o nº 694g.

2502 תחרא (*tahrâ'*) ***colete*** (Êx 28.32; 39.23). Significado incerto.

2503 תחש (*tahash*) ***texugo.***

À exceção de Números 4.25 e Ezequiel 16.10, a palavra é sempre regida por *'ôr(ôt)*, "pele(s)", e, portanto, é indubitavelmente o nome de um animal. Em Ezequiel 16.10 se refere ao couro de uma sandália de mulher; as 13 outras ocorrências (em Êx 25—39 e Nm 4) são todas referências às peles utilizadas na cobertura do tabernáculo e seus acessórios. Visto que nunca ou quase nunca se vêem texugos no Sinai e que o árabe *tuhas*, "golfinho", parece ser cognato do hebraico *tahash*, a maioria dos comentaristas atuais traduz o vocábulo hebraico por "golfinho", "toninha", "delfim", ou algo parecido (a tradução da RSV, "cabra", embora não seja impossível, não dispõe de apoio nas línguas cognatas, o que também ocorre com "texugo", na ARC). A toninha comum (*tursiops truncatus*) é encontrada no Mediterrâneo oriental, ao passo que o dugongue (*Dugong dugong*) é abundante no mar Vermelho e no golfo de Aqaba; a pele desse último ainda é usada pelos beduínos para fazer sandálias (veja-se *Fauna and flora of the Bible*, United Bible Societies, p. 22). Se, como parece provável, o *tahash* era a cobertura protetora mais externa do tabernáculo (veja-se especialmente Nm 4.25), a pele de um animal marinho como a toninha ou o dugongue teria sido plenamente apropriada, por causa da sua resistência e impermeabilidade.

R.F.Y.

2504 תחת (*tahat*) ***debaixo de, em lugar de, por, por amor a, abaixo, até onde, conquanto.***

Termos Derivados

2504a תחתון (*tahtôn*) ***inferior, parte de baixo.***
2504b תחתי (*tahtî*), תחתית (*tahtît*) ***inferior.***

Embora "embaixo de", "em vez de", "em troca de" pareçam ser os significados básicos de *tahat* (palavra que é empregada tanto como preposição quanto como advérbio), o espectro de sentidos do vocábulo tem-se ampliado em virtude das recentes pesquisas (vejam-se, e.g., J. A. Fitzmyer, em *Journal of the American Oriental Society*, 81:190, e especialmente J. C. GREENFIELD, em ZAW 73:226-8). Quando usado junto com outras partículas ou quando forma palavras compostas com elas, os significados destas raramente chegam a ser afetados.

A palavra *tahat* é encontrada quase 500 vezes no AT e aparece em numerosos contextos teologicamente significativos. A expressão "debaixo do sol" percorre um caminho melancólico por todo o livro de Eclesiastes e se tornou corriqueira em nosso próprio mundo

cético, especialmente na expressão "não há nada de novo debaixo do sol" (MM, Ec 1.9). A expressão em si parece ter o sentido de simplesmente "neste mundo" (cf. BLH; vejam-se especialmente 7.20; 8.16; 11.2) e talvez permeie a ênfase freqüentemente não-religiosa do autor de Eclesiastes, o qual descreve a aparente futilidade da vida e, ao mesmo tempo, vive nela pela fé (veja-se ainda J. GAMMIE, *JBL* 93 [1974]:363). "Debaixo da língua" é um lugar onde algo é temporariamente retido, para ser solto quando for desejado, por exemplo, doçura (Ct 4.11), mal (Jó 20.12; Sl 10.7) ou louvor (Sl 66.17 em *The amplified Bible* e ASV, marg.). Embora Deus tenha dado ao homem domínio sobre todas as coisas na terra e tenha posto tudo "sob seus pés" (Sl 8.6 [7], citado em Hb 2.8), o verdadeiro e derradeiro domínio, ressaltado pela mesma expressão, pertence a Jesus Cristo (1 Co 15.25, 27; Ef 1.22). Desse modo, "sob", "debaixo de", pode significar "debaixo da autoridade de", assim como uma esposa está sob a autoridade de seu marido (Nm 5.19-20, 29; Ez 23.5; cf. semelhantemente o emprego de *hypandros*, lit. "debaixo de um homem", em Rm 7.2). De igual forma, "sob as mãos de" tem freqüentemente o significado de "debaixo da autoridade/controle de", como é o caso em Gênesis 41.35; Juízes 3.30; Isaías 3.6. Mas *tahat* também pode ser empregado para expressar a idéia de apoio e estabilidade, como, por exemplo, na bastante citada e muito amada expressão encontrada na bênção de Moisés: "por baixo de ti [Deus] estende os braços eternos" (Dt 33.27).

tahat no sentido de "em troca de" tem largo emprego na *lex talionis* do AT, a lei de talião ou da retaliação, mais conhecida na expressão "olho por olho, dente por dente", encontrada em Êxodo 21.24 e Levítico 24.20 (a mesma expressão ocorre em Dt 19.21, mas ali a preposição é *b*ᵉ). Longe de ser cruel e vingativa, a *lex talionis* tinha, sem dúvida alguma, o objetivo de assegurar que seria aplicado não mais do que um castigo justo e apropriado aos crimes cometidos, tanto acidentais quanto premeditados, numa época que, de outra forma, seria significativamente cruel. Veja-se ainda R. L. Harris, *Inspiration and canonicity for the Bible*, Zondervan, 1969, p. 51-2.

Com freqüência *tahat* significa "em lugar de", como, por exemplo, quando alguém ascende ao trono de um monarca morto e então se diz que ele reinou "em lugar do" falecido rei (1 Rs 11.43 e muitas outras passagens). Nesse sentido também se usa *tahat* numa passagem que prefigura a expiação substitutiva em que se descreve Abraão sacrificando um carneiro como holocausto "em lugar de seu filho" (Gn 22.13). A disposição de Abraão de, caso fosse necessário, oferecer Isaque causou uma profunda impressão em Paulo, que viu nisso a disposição de um Pai mais grandioso de oferecer um Filho mais grandioso (cf. Gn 22.12, 16, com Rm 8.32).

tahtî. ***Inferior, o mais baixo, parte de baixo.*** O derivado *tahtî* é usado 20 vezes. Em cerca de um terço dessas ocorrências o vocábulo descreve situações literais — o pavimento inferior da arca (Gn 16), as fontes inferiores de Calebe (Jz 1.15), a pedra inferior do moinho (Jó 41.24 [16]), etc. Os demais casos são de uso metafórico, para qualificar os substantivos "cova", "terra" e "sheol" (*shᵉ'ôl*, q.v.). Em Isaías 44.23 as "profundezas da terra" são simplesmente a terra em contraste com os céus em cima (cf. NIV). Mas na maioria dos casos de uso com *'erets* (seis vezes em Ez, duas vezes em outras passagens) refere-se ao local daqueles que morreram. Há muito debate em torno desse uso e do que isso significa. Um ponto de vista identifica as "mais baixas partes da terra" com "o mundo dos mortos" ou o "além". Em textos acadianos o mundo além-túmulo é descrito como um local sem alegrias, uma espécie de caverna profunda na terra para onde vão todas as pessoas quando morrem e onde há privações e dificuldades (não castigo moral) e uma

existência consciente. Nenhum desses detalhes se acha no quadro descrito pelo AT, mas o ponto de vista é que o AT descreve algum lugar desse tipo mas sem as idéias pagãs associadas.

Teologicamente parece que essa posição tem alguns problemas. Ela diverge da apresentação feita por Cristo em Lucas 16, que descreve dois lugares totalmente separados e bem diferentes. Um velho ponto de vista aceito na igreja é que na época do AT havia um único sheol, com duas divisões, sendo uma delas o *limbus patrum*, do qual Cristo libertou os crentes quando ele "desceu ao inferno". Esta última expressão, encontrada no Credo Apostólico, é encontrada apenas em formas do credo usadas depois do século IV. Não é utilizada no Credo de Nicéia, que é um aprimoramento do Credo Apostólico. A expressão pode ter tido origem em razão da crença num *limbus patrum* ou de uma crença cada vez maior no purgatório; isso não está claro. O versículo de Efésios 4.9 é às vezes citado para sustentar a idéia, mas essa interpretação não resiste a um exame. Esse versículo se refere apenas à descida de Cristo a esta terra, de onde ele subiu novamente aos céus (cf. Ef 4.9). Além disso, parece que Lucas 23.43 torna impossível essa interpretação. A expressão no Credo Apostólico tem sido interpretada de outras maneiras — como referência ao sofrimento de Cristo na cruz (Catecismo de Heidelberg) ou a seu sepultamento e permanência no túmulo durante três dias (Catecismo de Westminster).

Um ponto de vista alternativo é ver nas referências em Ezequiel e em outras passagens uma simples alusão à sepultura. A expressão "profundezas da terra" é encontrada oito vezes. De especial significação são aquelas que aparecem em Ezequiel 31—32, em que se descrevem Faraó e os reis da época como caídos, mortos, jazendo com os incircuncisos. Observe-se Ezequiel 32.24, em que se diz que Elão e seu exército estão no "sepulcro" (*qeber*), nas "profundezas da terra" (*'erets taḥtîyôt*) e na "cova" (*bôr*). Nesses dois capítulos o lugar onde os pagãos jazem é chamado de "sepulcro" (*qeber*) seis vezes, "sheol" (IBB) cinco vezes, "cova" (*bôr*) oito vezes, e "profundezas da terra" cinco vezes. Parece provável que aí esses termos são empregados como sinônimos que se referem ao túmulo, o qual era tipicamente uma caverna de sepultamento, com prateleiras laterais, onde os corpos eram sepultados, às vezes com pompa e com as suas armas. Nesse uso, *'erets taḥtîyôt* significa nada mais do que um lugar embaixo da terra, onde os mortos estão sepultados. Não se refere necessariamente a algum local mítico ou subterrâneo habitado por espíritos ou sombras. Não está implícita uma cosmologia ou mitologia especial.

Os demais empregos de *taḥtî* são Deuteronômio 32.22; Salmos 86.13; 63.9 [10]; 139.15; 88.6 [7], que parecem estar de conformidade com o uso em Ezequiel. Não parece necessário que as traduções apresentem uma ênfase com a idéia de "profundidade". Naturalmente isso não nega que outros versículos falem da existência consciente do espírito depois da morte. Para um estudo mais aprofundado dessas e de outras passagens, cf. A. Heidel, Death and the afterlife in the OT, em *The Gilgamesh epic*, University of Chicago, 1949, p. 137-223.

R.F.Y.

תַּחְתּוֹן (*taḥtôn*). Veja o nº 2 504a.

תַּחְתִּי (*taḥtî*), תַּחְתִּית (*taḥtît*). Veja o nº 2 504b.

תִּיכוֹן (*tîkôn*). Veja o nº 2 498a.

תֵּימָן (*têmān*). Veja o nº 872e.

תֵּימָרָה (*têmārâ*). Veja o nº 2 523d.

2505 תִּירוֹשׁ (*tîrôsh*), תִּירֹשׁ (*tîrōsh*) ***vinho, vinho novo.***

BDB define *tîrôsh* como "mosto", "vinho novo", "vinho fresco". O vocábulo é usado 38 vezes, 20 delas junto com "trigo" e/ou "azeite", para designar o fruto fresco do campo. Pode ser achado "num cacho" (Is 65.8); os tonéis ou lagares transbordam dele (Pv 3.10; Jl 2.24). Em Miquéias 6.15 se afirma que *yayin*, "vinho" (q.v.), é produzido a partir do *tîrôsh*. A palavra nunca é associada à embriaguez, com a possível exceção de Oséias 4.11, em que *yayin* também é mencionado. É natural supor que se deva fazer distinção entre, de um lado, essa palavra, que designa um produto freqüentemente associado à frutuosidade, à produtividade e à bênção, e, de outro, *yayin* e *shēkār* (q.v.), que claramente são embriagantes e muitas vezes são mencionados juntos.

BDB coloca essa palavra sob a raiz *yārash*, mas dados recentes de estudos ugaríticos sugerem que esse é um empréstimo lingüístico (cf. ALBRIGHT, *YGC*, p. 186). Albright afirma que, pelo fato de esse ser o nome de um deus, *Tirshu*, o argumento etimológico em favor de "vinho não-fermentado" cai por terra. Mas, conforme visto acima, o ponto de vista depende do uso hebraico e não da etimologia. O hitita *tuwarsa* significa "videira" de acordo com Gordon. Ele traduz a palavra *trṯ* por "vinho" em seu Glossário (*UT* 19: nº 2613), mas por "mosto" em seu *Ugaritic literature*, Pontifical Biblical Institute, 1949, p. 89.

R.L.H.

2506 תַּיִּשׁ (*tayish*) ***bode*** (e.g., Pv 30.31; Gn 30.35). Derivação incerta.

תֹּךְ (*tōk*). Veja o nº 2 509a.

2507 תָּכָה (*tākâ*). Significado incerto, talvez "foram conduzidos" ou "foram reunidos" (Dt 33.3).

תְּכוּנָה (*t'kûnâ*). Veja o nº 964e.

2508 תֻּכִּיִּים (*tukkîyîm*) ***pavão*** (*BDB*), ***babuíno*** (*KB*, do egípcio) (1 Rs 10.22 = 2 Cr 9.21).

2509 תכך (*tkk*). **Aceita como raiz de:**

2509a תּוֹךְ (*tôk*) ***II***, תֹּךְ (*tōk*) ***fraude, engano.***

Deve-se fazer cuidadosa distinção entre essa palavra e *tôk* II, a forma construta de *tāwek* (raiz *twk*), "meio"; essa palavra (raiz *tkk*) ocorre três vezes no singular (em Sl) e uma no plural (*t'kākîm*, em Pv). A forma singular sempre aparece em contextos em que estão palavras como "maldição" e "engano" (Sl 10.7), "fraude" (ARA, "opressão"; Sl 55.11 [12]) e "violência" (Sl 72.14). Isso é condenado como uma característica de pessoas perversas. Em Provérbios 29.13, o opressor (lit. "homem de opressões") é colocado lado a lado com o pobre como alguém que recebe as bênçãos que Deus distribui igualmente a todos, enfatizando o fato de que todas as pessoas devem sua existência a ele.

R.F.Y.

2510 תְּכֵלֶת (*t'kēlet*)

תִּכְלָה (*tiklâ*). Veja o nº 982e.
תַּכְלִית (*taklît*). Veja o nº 982f.

2510 תְּכֵלֶת (*t'kēlet*) ***azul.***

Praticamente todos os comentaristas recentes concordam que as tinturas usadas pelos povos antigos continham um alto teor de impureza e que, naqueles dias, a incerteza quanto aos resultados do tingimento tornava praticamente impossível para eles reproduzir cores com algum grau de precisão. Palavras como *t'kēlet* e *'argāmān* (e seus cognatos acadianos) denotavam, portanto, cores que iam desde o vermelho vivo até o roxo escuro, e "azul" é simplesmente uma tradução convencional de *t'kēlet*. Pode muito bem ser que os antigos estivessem mais interessados em tons fortes, escuros, vivos e coisas parecidas, do que na exatidão da cor ou matiz em si. De qualquer modo, na antigüidade as tinturas melhores e mais caras eram as de cor azul, violeta e roxa que eram feitas das secreções de diversos moluscos (basicamente *murex brandaris* e *murex trunculus*), que existem em grande quantidade nas águas costeiras do Mediterrâneo oriental, especialmente perto de Sidom e Tiro (daí a denominação "púrpura de Tiro"), mas também perto de Elisá (provavelmente Chipre); veja-se Ez 27.7, e cf. especialmente R. J. FORBES, *Studies in ancient technology*, v. 4, p. 110-22. A importância de tais tinturas para a prosperidade da região é ressaltada pela probabilidade de "Canaã" ser uma palavra hurriana com o sentido de "terra de púrpura"; "Fenícia" possui o mesmo sentido em grego. Tinturas de *murex* (e imitações mais baratas) eram tidas em alta conta por reis (2 Cr 2.7, 14 [6, 13]; 3.14; Et 1.6; 8.15; cf. a denominação "azul real") e outros que podiam se dar a esse luxo (Jr 10.9; Ez 23.6; 27.24). Das quase 50 ocorrências de *t'kēlet* no AT, 40 estão em Êxodo e Números, livros que descrevem o tecido utilizado no tabernáculo e nas roupas usadas por sacerdotes envolvidos com o ritual de adoração. O mesmo tema artístico foi levado para o templo (1 Cr 2.7 [6], 14 [13]; 3.14). Tais cores reais eram apropriadíssimas para adornar o santuário do Rei dos reis. E os filhos de Israel também usavam como sinal característico de sua identidade um cordão azul no canto de cada borla de suas roupas (Nm 15.38).

R.F.Y.

2511 תָּכַן (*tākan*) ***considerar, examinar*** (qal); ***ser igual*** (nifal); ***ser medido*** (pual).

Termos Derivados

2511a תֹּכֶן (*tōken*) ***medição*** (Êx 5.18; Ez 45.11).
2511b תָּכְנִית (*toknît*) ***medição, proporção*** (Ez 43.10).
2511c מַתְכֹּנֶת (*matkōnet*) ***medição*** (e.g., Êx 5.8; Ez 45.11).

De acordo com Dhorme, o sentido básico da raiz *tkn* é "medir", ou seja, "calcular a grandeza de algo mediante comparação com um padrão" (E. DHORME, *Le livre de Job*, Paris, 1926). Esse é também o sentido da raiz em Qumran (cf. M. Z. KADDARI, *Revue de Qumran*, 17:219-24). Driver, contudo, rejeita esse significado e opta pelo sentido de "ajustar (a um padrão)", "regular" (G. R. DRIVER, Hebrew Notes, *VT* 1:242 e s.). R. N.

Whybray, porém, defende a idéia de que, embora não seja possível determinar o significado básico da raiz, os dois sentidos são encontrados. Na sua avaliação o sentido de "ajustar" se encaixa bem no contexto de Ezequiel 18.25, 29; 33.17-30; Salmos 75.4, e o sentido de "medir", "calcular", é o único possível em Provérbios 16.2; 21.2; 24.12; 1 Samuel 2.3 (R. N. WHYBRAY, *The heavenly counsellor in Isaías XI, 13-10*, Cambridge, University Press, 1971, p. 13 e ss.). O sentido proposto por Driver é confirmado em Ezequiel 18.25, em que se diz acerca de Deus que "o caminho do SENHOR não é direito" (i.e., "não está ajustado a padrões comuns"). No segundo grupo de passagens afirma-se que Deus é capaz de medir ou calcular corretamente a situação do coração do homem.

A tensão entre esses dois sentidos possíveis se vê em Isaías 40.13. Nessa passagem a ARA traduz ambiguamente por "guiou". Mas no versículo anterior o mesmo verbo é traduzido por "tomou a medida", e o sentido de "medir" se adapta muito bem ao contexto. A LXX interpreta corretamente o versículo: "Quem conheceu/compreendeu a mente do SENHOR?" (cf. 1 Co 2; 16). Whybray assim traduz a passagem:

Quem entendeu a mente de Iavé,
de quem ele foi conselheiro, quem o instruiu?
A quem ele consultou em busca de orientação,
e quem lhe ensinou como impor a ordem,
e quem lhe mostrou como exercitar a habilidade criativa?

Ao contrário de Marduque, que precisou da sabedoria de seu pai, Ea, para operar a criação, Iavé agiu sozinho baseado em sua inteligência sublime. Ao contrário da noção pagã de que a criação ocorre continuamente como resultado de deuses inimigos que, num conflito mortal, estão numa posição de impasse, na realidade o cosmos experimenta ordem porque é resultado de uma única mente criadora.

Bibliografia: — *THAT*. v. 2, p. 1043-4.

B.K.W.

תַּכְנִית (*taknît*). Veja o nº 2 511b.

תַּכְרִית (*takrît*). Veja o nº 1 037a.

תֵּל (*tēl*). Veja o nº 2 513a.

תְּלָאָה (*t'lā'â*). Veja o nº 1 066a.

תַּלְאֻבָה (*tal'ubâ*). Veja o nº 1 065a.

תַּלְבֹּשֶׁת (*talbōshet*). Veja o nº 1 075c.

2512 תָּלָה (*tālâ*) ***pendurar, enforcar.***

Termo Derivado

2512a תְּלִי (*t'lî*) ***aljava.***

A forma paralela *tālā'* (cf. E. KAUTSCH e A. E. COWLEY, *Gesenius' Hebrew grammar*, 75*nn*, 75*rr*), traduzida por "encurvar", "pendurar", "estar em dúvida", é

atestada somente em Deuteronômio 28.66; Oséias 11.7; 2 Samuel 21.12 (nesta última passagem o verbo aparece no *qerê*), enquanto a forma principal, *tālâ*, é encontrada 28 vezes (caso se inclua o *kethib* em 2 Sm 21.12).

Basicamente o verbo significa "pendurar", seja um utensílio numa estaca (Is 22.24; Ez 15.3), armas numa parede (Ez 27.10 e s., ambos no piel; Ct 4.4) ou uma lira numa árvore (Sl 137.2). É surpreendente que Jó 26.7 descreva o mundo então conhecido como suspenso no espaço, dessa forma antecipando descobertas científicas futuras, quando afirma que Deus "'faz pairar' a terra sobre o nada". Outros exemplos (mais repulsivos) do verbo podem ser vistos em Lamentações 5.12 (nifal); 2 Samuel 4.12; 18.10.

Na maioria das vezes emprega-se *tālâ* em referência à execução de alguém ou à exposição pública do cadáver após a execução. Uma vez que Heródoto (*História*, 3.159) dá a entender que a empalação era um método comum de execução na Pérsia (veja-se também Ed 6.11), é possível que a expressão *tālâ 'al 'ēts*, tradicionalmente traduzida por "pendurar/enforcar numa forca/árvore", na verdade signifique "empalar numa estaca", especialmente em Ester (cf. particularmente a LXX, que emprega *stauroō*, "empalar", "crucificar", para traduzir *tālâ* em Et 7.9). A mesma idéia está implícita em Gênesis 40.19, 22; 41.3, passagens que refletem uma prática egípcia. Um sentido um tanto quanto parecido aparece em Lamentações 5.12, que é reflexo de práticas mesopotâmicas. De uma forma ou de outra, não há provas de que nesses contextos se usasse a execução por enforcamento, ao passo que altos-relevos encontrados na Assíria e datados da época da monarquia hebréia freqüentemente apresentam cadáveres pendurados em estacas nas quais haviam sido empalados. Caso essa interpretação esteja correta, Deuteronômio 21.22 e s. assume clareza maior: "Se um homem, culpado de um crime que merece a pena de morte, é morto e suspenso numa árvore, seu cadáver não poderá permanecer na árvore à noite; tu o sepultarás no mesmo dia, pois o que for suspenso é um maldito de Deus." [Essa passagem, no entanto, pode estar mostrando que o método utilizado em Israel para a execução de criminosos era diferente do de seus vizinhos pagãos. Enquanto estes executavam o ofensor mediante enforcamento ou empalação, Israel apedrejava-o e dava-lhe o castigo adicional de pendurar/empalar o seu corpo (2 Sm 4.12; Flávio JOSEFO, *Antigüidades* 4.202; cf. Js 10.26; 8.29). Uma vez que essa pena adicional demonstrava que a vítima era maldita pelo Senhor, o corpo tinha de ser enterrado até a noite a fim de não contaminar a terra bendita. B.K.W.] Essa passagem famosa, mencionada no comentário de Naum encontrado na caverna IV de Qumran (veja-se J. M. ALLEGRO, *JBL* 75:91), também é mencionada em Atos 5.30; 10.39, e citada em parte em Gálatas 3.13. Em todas as três passagens do NT o assunto é a crucificação de Jesus Cristo, sendo que a empalação do AT se dava provavelmente na estaca vertical e única, denominada *crux simplex*, ao passo que nosso Senhor foi crucificado muito provavelmente no infame poste com trave cruzada, com que todos estamos bastante familiarizados, denominado *crux immissa* (veja-se IRINEU, *Contra heresias*, 2.24.4). Isso dava espaço para que, acima de sua cabeça, fosse pregada a epígrafe (Mt 27.37; Lc 23.38). Ainda mais significativo foi que, ao ser pendurado num madeiro, ele levou a maldição divina em nosso lugar.

R.F.Y.

תְּלוּל (*tālûl*). Veja o nº 2 513b.

2513 תלל (*tll*). **I. Aceita como raiz de:**

2513a חֵל (*tēl*) ***montão, pilha.***

2513b תָּלוּל (*tālûl*) ***exaltado, elevado*** (Ez 17.22).

2513c תַּלְתַּלִּים (*taltallîm*), Significado incerto; empregado figuradamente acerca do cabelo feminino (Ct 5.11).

tēl. ***Montão, pilha, tel.*** Um tel (acadiano *tillu*; árabe *tallu*) é uma colina formada por ruínas, em geral no formato de um monte irregular, indicando o local de uma antiga cidade (ou uma série de cidades construídas uma em cima da outra). Sua aparência característica é fruto do desabamento de muros e prédios e/ou a construção (basicamente no período dos hicsos ou do bronze médio II B-C, c. 1750—1550 a.C.) de imensas fortificações inclinadas, tecnicamente conhecidas como ***glacis***. A topografia do Oriente Médio está salpicada com milhares de téis que (pelos atuais processos de escavação e interpretação) manterão os arqueólogos ocupados durante séculos na medida em que procuram reconstruir a história desses sítios (veja-se especialmente E. YAMAUCHI, *The stones and the Scriptures*, p. 146-66). No AT quase todas as ocorrências de *tēl* aparecem em menções ao resultado do juízo divino contra o povo pecador (Dt 13.16 [17]; Js 8.28; Jr 49.2; e, por implicação, Jr 30.18). Durante os períodos do Exílio e pós-Exílio uns poucos locais da Babilônia já eram conhecidos por estar em ruínas, conforme o demonstram os seus nomes (Ez 3.15; Ed 2.59 = Ne 7.61).

R.F.Y.

2514 *תלל (*tālal*) ***II, zombar, enganar, menosprezar.*** Ocorre no hifil e no hofal (*e.g.*, Gn 31.7; Is 44.20).

Termo Derivado

2514a מַהֲתַלָּה (*mahătallâ*) ***ilusões.***

2515 תלם (*tlm*). **Aceita como raiz de:**

2515a תֶּלֶם (*telem*) ***sulco*** (e.g., Os 4.10; Jó 31.38).

תַּלְמִיד (*talmîd*). Veja o nº 1 116c.

תְּלֻנָּה (*t'lunnâ*). Veja o nº 1 097a.

2516 תלע (*tl'*). **Aceita como raiz de:**

2516a תּוֹלַע (*tôlā'*) ***verme, escarlata, carmesim.***

2516b תּוֹלְעָה (*tôle'â*), תּוֹלַעַת (*tôla'at*) ***verme.***

2516c *תָּלַע (*tāla'*) ***vestir de púrpura.*** Esse verbo denominativo ocorre somente uma vez, no pual (Na 2.4).

2516d מַחֲלַעוֹת (*m'talle'ôt*) ***dentes*** (Jó 29.17; Jl 1.6; Pv 30.14). Acerca de *malle'ôt*, "colmilhos" (Sl 58.6 [Hebraico]), veja-se DAHOOD, *Psalms II*, *AB*, p. 61.

2517 תֹּלָעִיּוֹת (*talpîyôt*)

tôlā', tôlē'â, tôla'at. ***Verme, escarlata, carmesim.*** Todas as três formas dessa palavra significam originalmente "verme", "coro", "larva"; duas delas (*tôlā'* e *tôla'at*) significam também "escarlata", "carmesim". Os vermes que essas palavras designam são provavelmente as larvas de certos tipos de insetos, basicamente moscas, traças e besouros. No AT com freqüência denotam a fragilidade e a insignifância do homem (Jó 25;6; Sl 22.6 [7]; Is 41.14); tais vermes são de um tipo que devora matéria em decomposição (Êx 16.20), inclusive cadáveres (Is 14.11; 66.24; neste sentido cf. também especialmente *tūltu* em acadiano: Gilgamesh recusou-se a acreditar que Enkidu estava morto até que um verme caiu do seu nariz; veja-se *ANET*, p. 90). Esses vermes são de um tipo que se alimenta de várias plantas (Dt 28.39; Jn 4.7), um fato que ajuda a entender a relação entre "verme" e "escarlata". Nos tempos antigos obtinha-se uma tintura na cor carmesim ou escarlata brilhante a partir dos corpos dos quermes fêmeos (árabe *qirmiz*, de onde vem a palavra "carmesim"; nome científico *Coccus ilicis*), insetos que vivem num certo tipo de carvalho natural do Oriente Médio, o *Quercus coccifera* (vejam-se J. LAUDERMILK, *Natural History* 58:116 e s.; R. J. FORBES, *Studies in ancient technology*, v. 4, p. 102-6). A tintura era altamente valorizada (Lm 4.5) e, por esse motivo, era empregada para tingir o tecido usado para construir o tabernáculo e para fazer roupas daqueles que ali adoravam; *tôla'at* é encontrado 26 vezes em Êxodo com o sentido de "(pano da cor de) escarlata". Pelo fato de ter uma cor firme e ser de um tom vermelho escuro, foi muito apropriado o uso dessa tintura na marcante figura de linguagem de Isaías 1.18, em que um Deus perdoador diz a seu povo errante: "ainda que [vossos pecados] são vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã."

Bibliografia: — *TDNT*, v. 8, p. 453-5.

R.F.Y.

2517 תַּלְפִּיוֹת (*talpîyôt*) ***armas*** (Ct 4.4). Significado incerto.

תַּלְתַּלִּים (*taltallîm*). Veja o nº 2 513c.

תֹּם (*tōm*), תֻּם (*tūm*). Veja os nºs 2 522a,c.

2518 תָּמַהּ (*tāmah*) ***estar surpreso, estar estupefato.***

Termo Derivado

2518a †תַּמְהוֹן (*timmāhôn*) ***perplexidade.***

O significado da raiz é de "estar atônito", "ficar emudecido", "estar perplexo", havendo aí um elemento de medo, provocado tanto pela visão de algo surpreendente ou temível (Sl 48.5 [6]; Is 29.9; Hc 1.5; Ec 5.8 [7]; Jr 4.9; Sir 11.13) quanto por ouvir um som aterrorizante (Jó 26.11). Acontecimentos assustadores ou perturbadores podem levar as pessoas a se olharem surpresas (Gn 43.33) ou apavoradas (Is 13.8). O elemento de perplexidade e sobressalto também aparece no contexto de Isaías 14.16. O substantivo cognato *t'mah* ocorre três vezes nos trechos aramaicos de Daniel (4.2 e s. [3.32 e s.]; 6.27 [28]) com o sentido de "maravilha", ou seja, "ato impressionante", "milagre", aí também havendo o elemento de temor.

timmāhôn. ***Estupefação.*** O substantivo hebraico ocorre somente duas vezes (Dt 28.28; Zc 12.4); em ambas o vocábulo aparece junto com *shiggā'ôn*, "loucura", e *'iwwārôn*, "cegueira", três substantivos rimados que denotam aspectos do juízo divino, um fator que freqüentemente está por trás das passagens em que ocorre a raiz *tmh*.

R.F.Y.

תִּמְהוֹן (*timmāhôn*). Veja o nº 2 518a.

2519 תמוז (*tammûz*) ***Tamuz.***

O nome próprio "Tamuz" deriva em última instância do sumério *DUMU.ZI(D)*, "O Vivificador da Criança (no ventre da mãe)", o deus do panteão mesopotâmico que era o patrono da cidade de Bad-tibira, localizada na planície vasta e coberta de pastagens bem no interior do sul da Babilônia. Tamuz era um deus da comida ou da vegetação que incorporava quatro aspectos diferentes: o poder na seiva que sobe pelas árvores e plantas, o poder na tamareira e em seu fruto, o poder nos cereais e na cerveja, e o poder no leite. De todos, o quarto era o mais característico; uma vez que ele simbolizava a capacidade misteriosa que as ovelhas tinham de parir filhotes e produzir leite com os seus poderes vivificadores, Tamuz tornou-se o padroeiro dos pastores, o deus da fertilidade e o produtor de nova vida, o qual supervisionava os currais de gado e os apriscos de ovelhas e deles tomava conta.

Das três dramatizações rituais mais importantes dos sumérios (nas quais conceitos cúlticos eram encenados num contexto formal a fim de obrigar os deuses a realizar os desejos e satisfazer as necessidades dos atores), dois estavam diretamente relacionados com Tamuz. O primeiro era o *hieros gamos*, em que o rei, assumindo ele próprio a identidade de Tamuz, coabitava com uma sacerdotisa (que representava a deusa Inana, também conhecida pelo nome de Istar e que era amante de Tamuz) para assegurar que o poder da fertilidade se espalhasse pela natureza e assegurasse prosperidade e fartura. O segundo se baseava no fato observável de que o fim da primavera trazia consigo o fim da nova vida na natureza, o fim da época de amamentação e de as ovelhas darem cria; a conclusão óbvia era que Tamuz, o poder que havia produzido todas essas bênçãos, havia morrido! Por isso que havia todos os anos uma demonstração impressionante de luto pelo deus morto, no início do verão quente e seco, no quarto mês do calendário mesopotâmico (que equivale ao fim de junho e início de julho), o mês que recebeu o nome de "Tamuz", em homenagem ao deus. Nos rituais ele era pranteado por mulheres que representavam a sua mãe, a sua irmã e a jovem viúva enlutadas. Um ritual acadiano característico traz, num trecho, o seguinte: "No mês de Tamuz, quando Istar faz com que a população toda chore o seu amante Tamuz, e a família se reúne ali, Istar está presente..." (quanto ao texto acadiano veja-se E. EBELING, *Tod und Leben*, v. 1, p. 49).

Em Ezequiel 8.14 a expressão "mulheres ... chorando a Tamuz" é mencionada junto com diversas abominações que Ezequiel observou ocorrerem na área do templo de Jerusalém. Na literatura mesopotâmica Tamuz era representado como jovem, bonito, atraente, sem nenhuma responsabilidade (veja-se especialmente T. JACOBSEN, *Toward the image of Tammuz and other essays*, passim). Desse modo, a adoração de Tamuz era basicamente (talvez exclusivamente) uma adoração estimulada pelas mulheres e sem nenhuma influência positiva ética ou religiosa. [Acreditando que Tamuz ressuscitou dos

mortos, muitos estudiosos têm empregado o mito para explicar ou ilustrar textos no AT, NT e nos apócrifos. Mas E. Yamauchi demonstrou que não há bases sólidas de que o mito ensinasse a ressurreição de Tamuz (Tammuz and the Bible, *JBL* 84:283-90). B.K.W] Não é de admirar que o Deus único e verdadeiro, que não tolera rivais, tenha julgado sem piedade os devotos de Tamuz que havia em Jerusalém (Ez 8.17 e s.).

Semelhante ao culto prestado a Tamuz era o de Adônis, na Síria, que pode ter sido uma mera variante local do culto a Tamuz. Muitos tradutores e comentaristas recentes (cf., e.g., BJ marg., MM, EP, Leupold, *ICC*) vêem em Isaías 17.10 uma referência a jardins plantados em honra de Adônis. Também é possível que o "desejo de mulheres" de Daniel 11.37 seja Adônis (veja-se BJ marg.).

R.F.Y.

תְּמוּנָה (*t^emûnâ*). Veja o nº 1 191b.
תְּמוּרָה (*t^emûrâ*). Veja o nº 1 164a.
תְּמוּתָה (*t^emûtâ*). Veja o nº 1 169d.
תָּמִיד (*tāmîd*). Veja o nº 1 157a.
תֻּמִּים (*tāmîm*). Veja o nº 2 522d.

2520 תָּמַךְ (*tāmak*) ***apanhar, segurar, agarrar, sustentar.***

A idéia básica dessa raiz semítica ocidental é a de "segurar com firmeza". Por conseguinte ela aparece em paralelo com verbos como *'āḥaz*, "apoderar-se de", "prender" (e.g., Pv 3.18).

Na maioria das vezes a raiz é empregada em contextos que tratam de assuntos morais ou verdades espirituais. A primeira categoria pertence a maioria dos usos encontrados em Provérbios: o filho ponderado apega-se às palavras sábias de seu pai (4.4). Aliás, todos os que retêm a sabedoria são felizes (3.18). O homem humilde (29.23) e a mulher graciosa (11.16) alcançam honra, ao passo que o homem forte adquire riqueza (11.16). Ao contrário da mulher virtuosa, que é louvada por ser laboriosa (29.23), os passos da adúltera se apegam ao Sheol (5.5). Enquanto os ímpios estão presos a seu próprio pecado (5.22), o fiel, caso se mantenha firme nos caminhos de Deus (SI 17.5), obterá a recompensa divina (Is 33.15 e ss.).

Também se usa o verbo para designar a ação soberana com que Deus ordena os acontecimentos da história. Ele trará julgamento aonde necessário for (Am 1.5, 8) até que envie o seu servo justo, a quem "susterá" em seu justo domínio sobre as nações do mundo (Is 42.1). Semelhantemente, em Salmos 16.5 Deus "é o arrimo" do Messias (a forma do verbo é um particípio ativo irregular ou um erro de escrita, caso em que se deve analisar como *tōmēk*).

R.D.P.

2521 תְּמוֹל (*t^emōl*), תְּמוֹל (*t^emôl*), אֶתְמוֹל (*'etmûl*), אִתְּמוֹל (*'itt^emôl*) ***antes, antes de, antes daquela época, no passado, anteriormente, recentemente, do passado, atualmente, em épocas passadas, ontem.***

A palavra *t'môl* e seus derivados significam "ontem", mas são empregadas isoladamente apenas seis vezes com esse sentido (1 Sm 20;27; 2 Sm 15.20; Jó 8.9; Sl 90.4; Is 30.33; Mq 2.8; veja-se também Eclo 38.22). Em todas as 24 ocorrências, eles estão combinados com *shilshôm*, tendo a frase, de alguma forma, o sentido de "três dias atrás", "anteontem"; cf., por exemplo, *t'môl shilshôm* (Êx 5.8), literalmente "ontem (e) o dia anterior", o que significa "anteriormente", "recentemente", "antes". A expressão e antiga, aparecendo duas vezes numa das cartas de Amarna, do século XIV a.C., como *tumâl shalshâmi* (cf. *Revue d'Assyriologie* [1922], p. 102, linhas XIV, 16). Na literatura poética do AT *t'môl* se refere à brevidade e à insignificância tanto da vida, quando encarada do ponto de vista humano (Jó 8.9), quanto do tempo, quando encarado do ponto de vista divino (Sl 90.4).

R.F.Y.

2522 תָּמַם (*tāmam*) ***ser completo, estar terminado.***

Termos Derivados

2522a †תֹּם (*tōm*) ***integridade.***

2522b †תֻּמָּה (*tummâ*) ***integridade.***

2522c †תָּם (*tām*) ***perfeito.***

2522d †תְּמִימ (*tāmîm*) ***perfeito.***

2522e תֹּם (*m'tôm*) ***inteireza.***

tāmam pode ter função de verbo auxiliar. Por exemplo, em Josué 3.16 a tradução literal "elas ficaram completas, elas foram cortadas" significa "[elas] foram de todo cortadas".

Com a idéia fundamental que o verbo apresenta de completitude, Samuel indagou a Jessé: "Estão aqui todos' [*hătammû*] os teus filhos?" (MM, 1 Sm 16.11). Cf. *tāmîm* (o derivado mais comum da raiz *tāmam*), que descreve um dia inteiro (Js 10.13) ou uma videira inteira e, portanto, sadia (Ez 15.5). *m'tōm* designa a condição saudável da carne (Sl 38.3). *tāmim* especifica os sacrifícios de Israel, os quais deviam ser animais sem defeito algum, nesse sentido perfeitos, de modo que fossem aceitos (Lv 22.21-22) como tipos de Cristo, o Cordeiro divino sem defeito (1 Pe 1.19). A conversa que é *tāmim* (Am 5.10) corresponde "àquilo que é íntegro, totalmente de conformidade com a verdade e com os fatos" (*BDB*, p. 1071). Eliú pôde assegurar a Jó: "as minhas palavras não serão falsas; contigo está um que tem perfeito [*tāmîm*] conhecimento" (Jó 36.4), pôde fazê-lo por causa de sua inspiração por Deus, que é perfeito (*tāmîm*) no conhecimento (37.16; cf. 32.8, 18; 33.4). No sentido absoluto são os atos (Dt 32;4; 2 Sm 22.31 = Sl 18.30 [31]) e a lei (Sl 19.7 [8]) de Javé que são perfeitos.

tāmam tende naturalmente a designar aquilo que é eticamente direito, correto (Sl 19.13 [14]). A decisão "perfeita" (*tāmîm*), tomada por meio de sortes, é aquela que é correta (1 Sm 14.41). Quando tomada por homens, é a decisão certa (Jz 9.16, 19). Asafe louvou o estar completo (*tōm*) ou a integridade do coração do rei Davi (Sl 78.72). Usa-se *tāmam* com referência aos mandamentos de Deus com o sentido de cumpri-los (Js 4.10). Diz Jó 22.3: "Tem o Todo-Poderoso interesse (...) em que faças perfeitos os teus caminhos?".

Abraão recebeu instrução para ser *tāmîm* (Gn 17.1), da mesma forma como aconteceu com todo o Israel (Dt 18.13; cf. 2 Sm 22.33; Sl 101.2a, 6). Os israelitas deviam pertencer "inteiramente" a Deus; pois, mesmo aí, "as palavras que são traduzidas por 'perfeito' e 'perfeição' originariamente denotavam algo diferente e inferior ao ideal de perfeição" (*IDB*, v. 3, p. 730).

A partir da idéia de "ser gasto", como no caso de dinheiro (Gn 47.15, 18), *tāmam* assume o sentido de "chegar ao fim", "acabar", com referência ao ano (v. 18; cf. Sl 102.27 [28]). O verbo denota o término de várias ações, tais como construir (1 Rs 6.22) ou escrever (Dt 31.24, 30). Finalmente, refere-se à destruição de um povo (Nm 14.33).

Dois problemas de teologia do AT dizem respeito ao verbo *tāmam*: a retidão autoproclamada e o perfeccionismo. Ilustrando o primeiro problema, Davi expressa a sua decisão: "Andarei dentro de minha casa com coração perfeito [*tōm*]" (Sl 101.2b, TB; IBB, "... com integridade de coração"); cf. as suas não poucas declarações de retidão pessoal (Sl 7.8 [9]; 18.20). Contudo, o relacionamento com o farisaísmo do NT é "pura aparência" (KD, *Psalms*, v. 1, p. 72). "Alguns desses pronunciamentos não passam de afirmações de que o locutor é inocente de crimes específicos de que é acusado; outros são declarações genéricas de pureza de propósitos. (...) Aqueles que as fazem não estão afirmando estarem totalmente sem pecado, mas na verdade rejeitam toda comunhão com os ímpios, esperando que no transcurso da Providência se faça distinção entre estes e aqueles" (A. F. KIRKPATRICK, *Cambridge Bible*, *Psalms*, v. 1, p. lxxxvii).

Quanto ao perfeccionismo, a não ser nas passagens acima alistadas, em que se faz referência ao próprio Deus, o AT resiste a declarações de perfeição total. De Noé se disse que ele foi *tāmîm*, "perfeito" (Gn 6.9; NAS, "inculpável em sua época"). Mas comparem-se Gênesis 9.21-23 e até mesmo a criatura "no Éden" (Ez 28.13, seja ela Adão ou Satanás, veja-se *sāṭan*), que era *tāmîm* desde a sua criação até que nele se achou injustiça (v. 15) e que de modo algum era incapaz de pecar. Nas Escrituras o exemplo mais destacado de homem *tām*, "perfeito", é Jó (Jó 1.1). Ele reivindicou ser *tām* (9.21-22) e *tāmîm* (12.4), e se apegou a seu *tummâ*, "integridade" (27.5; 31.6), conforme o reconheceram não apenas a sua mulher (2.9) mas também Iavé nos céus (1.8; 2.3). Tendo por base o significado da raiz de *tāmam*, Jó era um "produto acabado", bem-feito e harmonioso (*IB*, v. 3, p. 909). Ele, contudo, prefaciou as suas próprias declarações com as seguintes palavras: "embora eu seja perfeito, ele demonstraria que sou perverso" (9.20, ASV). Reconheceu os seus pecados (7.20-21; 9.2, 15; 10.6; 14.16-17) até mesmo desde a juventude (13.26), confessou que não podia ser considerado inocente (9.28) e concluiu retirando as suas acusações apressadas contra Deus e arrependendo-se no pó e nas cinzas (42.6). Conforme ele mesmo explicou, "se de fato caí em erro, meu erro diria respeito somente a mim" (19.4), ou seja, ele não era culpado das acusações feitas por seus "amigos" (22.69) e era *tāmîm*, íntegro em sua dedicação à pessoa e às exigências de Deus.

tōm. ***Integridade, força, perfeição.*** A expressão *l^etōm*, empregada em referência à maneira como alguém pode atirar flechas, significa "ao acaso" (1 Rs 22.34, lit. "em sua simplicidade"). O plural, *tummîm*, "perfeições", descreve o Tumim, as pedras preciosas do peitoral de Arão (veja-se *'ûrîm*).

tummâ. ***Integridade.*** Aparece cinco vezes na literatura de sabedoria do AT (e.g., Jó 2.3; Pv 11.3).

tām. ***Perfeito.*** O vocábulo é assim traduzido em nove de suas 13 ocorrências, muitas das quais se referem ao patriarca Jó. Também significa "puro", "reto". O jovem Jacó é descrito como um homem *tām*, palavra que as diversas versões traduzem de diferentes maneiras: "simples" (Gn 25.27, ARC), "pacato" (ARA) ou "sossegado" (IBB).

tāmîm. ***Perfeito.*** Essa palavra se refere a animais que não têm nenhum defeito. O adjetivo também pode ser traduzido por "inteiro", "íntegro", "reto". Designa o padrão divino para as realizações humanas.

Bibliografia: — DEISSLEY, A. Perfection. In: *Sacramentum Verbi*. v. 2, 1970. p. 658-63. — PAYNE, J. B. *Theology of the Older Testament*. Zondervan, 1971. p. 336-8. — *THAT*. v. 2, p. 1045-50.

J.B.P.

תמס (*temes*). Veja o nº 1 223c.

2523 תמר (*tmr*). Aceita como raiz de:

2523a †תמר (*tōmer*) ***palmeira.***

2523b †תָּמָר (*tāmār*) ***palmeira.***

2523c †תִּמֹרָה (*timōrâ*) ***palmeira.***

2523d †תִּימָרָה (*timārâ*) ***coluna.***

2523e תַּמְרוּר (*tamrûr*) ***salto elevado*** (Jr 31.21).

tōmer. ***Palmeira.*** Praticamente todos os léxicos e traduções recentes (*BDB*, *KB*, Moffatt, ARA, IBB, TB) traduzem a palavra por "espantalho" em Jeremias 10.5, tendo por base a passagem paralela no livro apócrifo de Baruque (6.70 [gr. 69]; = Epístola de Jeremias 70 [gr. 69]), em que o texto grego emprega a palavra ***probaskanion***.

tāmār. ***Palmeira.*** Dentre as mais altas e mais graciosas de todas as árvores encontradas no Oriente Médio, a tamareira, *Phoenix dactylifera*, desempenhava numerosas funções na época do AT. Era empregada como marco geográfico (Jz 1.16), como fonte de sombra e alimento (veja-se Êx 15.27), como material de construção (Ne 8.15 e s.) e como modelo para artífices decorarem templos (1 Rs 6.29; Ez 40.16). [Essas "árvores de vida", como alguns acreditam que essas plantas eram consideradas, eram esculpidas na superfície de pilastras e na altura do lambrisamento do lugar santo (cf. Paul Leslie GARBER, A reconstruction of Solomon's temple, *Archaeological discoveries in the Holy Land*, 1967, p. 101-11; cf. 1 Rs 6.21-35). B.K.W.] A tamareira era também um símbolo de imponência (Ct 7.7 [8]) e prosperidade (Sl 92.12 [13]).

timōrâ. ***Palmeira.*** Este vocábulo é empregado apenas com referência à decoração arquitetônica.

timārâ. ***Coluna.*** Palavra usada somente na designação de uma coluna de fumaça em Cantares 3.6; Joel 2.30 [3.3].

R.F.Y.

תַּמְרוּק (*tamrûq*). Veja o nº 1 246b.
תַּמְרוּר (*tamrûr*). Veja os nºs 1 248l, 2 523e.
תַּן (*tan*). Veja o nº 2 528a.

2524 תָּנָה (*tānâ*) ***I, assalariar.***

Termo Derivado

2524a אֶתְנָה (*'etnâ*) ***recompensa.***

O sentido básico é o de "dar/pagar o preço que uma prostituta exige (por seus serviços)". Deve-se fazer cuidadosa distinção entre essas palavras e outras de sentido mais positivo e que também indicam a ação de "assalariar", "contratar", tais como *śākar*, *maskeret* e *p"ullâ*. *BDB* postula que duas raízes, *tny* e *tnn*, estão associadas a esse grupo de palavras, sendo que ambas são aparentadas de *ntn*. A raiz *ytn/ntn*, "dar", "pagar", pode na verdade ser a que, em última instância, deu origem ao grupo; *KB* (p. 101) afirma que *'entan* (raiz *ntn*) é a predecessora de *'etnan*, da qual mais tarde se desenvolveu *'etnâ*. De qualquer modo, em tempos recentes a maioria dos estudiosos pressupõe alguma relação com *ntn* por mais distante que seja. Se foi esse realmente o caso, *tānâ*, por sua vez, poderia ter derivado de *'etnâ* como um verbo denominativo. Talvez também devamos assinalar Ezequiel 16.33, em que *nedeh* e *neden* (cf. o acadiano *nadānu*, "dar", "pagar", cognato da raiz hebraica *ntn*) equivalem a *'etnan* em 16.31, 34, 41.

As passagens do AT em que ocorre esse grupo de palavras: a) estão sempre em contextos de condenação, e b) sempre têm em vista considerações espirituais *e/*ou prostituição cultual. Deuteronômio 23.18 [19] declara que os salários obtidos por meio de prostituição não deviam ser trazidos como oferta à casa do Senhor. Miquéias 1.7 mostra que tais salários (nesse caso quase certamente provenientes de prostituição ritual) serão destruídos por Deus. Em outras passagens as palavras são empregadas num sentido figurado, geralmente de apostasia religiosa, como em Isaías 23.17 e s. e Oséias 8.9 e s. Em nenhum outro lugar a mistura dos sentidos literal e figurado é melhor ilustrada do que em Oséias 2.12 [14] e seu contexto, em que a infidelidade de Gômer com Oséias é um paradigma chocante da infidelidade de Israel com Deus.

R.F.Y.

2525 *תָּנָה (*tānâ*) ***II, contar, recitar.*** Ocorre somente no piel (Jz 5.11; 11.40).

תְּנוּאָה (*t'nû'â*). Veja o nº 1 317a.
תְּנוּבָה (*t'nûbâ*). Veja o nº 1 318c.
תְּנוּךְ (*t'nûk*). Veja o nº 2 527a.
תְּנוּמָה (*t'nûmâ*). Veja o nº 1 325b.
תְּנוּפָה (*t'nûpâ*). Veja o nº 1 330b.

2526 תַּנּוּר (*tannûr*) ***fornalha, forno.***

A palavra denota basicamente o fogareiro ou forno relativamente pequeno e às vezes portátil e não a fornalha, que é maior. Feitos de barro e freqüentemente enterrados no chão, possuíam formato cilíndrico ou de colmeia e tinham entre 60 e 90 centímetros de diâmetro. (Fornos parecidos ainda hoje são feitos e usados no interior da Palestina.) Pães e outros alimentos eram assados ali (Lv 2.4; 7.9; 26.26; cf. também 11.35; Êx 8.3 [7.28]), e aparentemente uma área especial na zona noroeste da antiga Jerusalém era reservada para os padeiros da cidade, pois era defendida pela Torre dos Fornos (Ne 3.11; 12.38). Em Gênesis 15.17 um fogareiro fumegante e uma tocha ardente representam a presença de Deus numa teofania ígnea. O calor de um forno é empregado como símile de ira e paixão em Oséias 7.4, 67 e de fome destruidora em Lamentações 5.10. As chamas do juízo divino são representadas por um forno ardente em Isaías 31.9 e Malaquias 4.1 [3.19] (cf. também Sir 48.1), bem como em Salmos 21.9 [10]; G. R. Driver estabelece um paralelo entre essa passagem e um texto em babilônio antigo (em *Archiv für Orientforschung* 18:129).

R.F.Y.

תַּנְחֻם (*tanhûm*). Veja o nº 1 144d.

תַּנִּין (*tannîn*). Veja o nº 2 528b.

2527 תנך (*tnk*). **Aceita como raiz de:**

2527a תְּנוּךְ (*t'nûk*) ***lóbulo (da orelha)*** (Êx 29.20; Lv 8.23, 24; 14.14, etc.).

2528 תנן (*tnn*). **I. Aceita como raiz de:**

2528a תַּן† (*tan*) ***Dragão, baleia, chacal.***

2528b תַּנִּין† (*tannîn*) ***monstro marinho.***

tan. *Dragão, baleia, chacal.* A palavra *tan* é atestada somente em algumas formas do plural, das quais a mais comum é *tannîm*, que em algumas versões é traduzida por "dragão", "baleia", em razão de uma confusão com o substantivo singular *tannîn*, "monstro marinho" (q.v.). A mesma confusão ocorre no próprio TM de Ezequiel 29.3; 32.2, em que o contexto exige que *tannîm* seja traduzido por "monstro marinho" ou algo parecido. O chacal (*Canis aureus*), um animal que se alimenta de carniça, era muitas vezes visto a perambular pelas ruínas de cidades abandonadas e, desse modo, quase sempre usado como símbolo de desolação e de juízo divino contra nações e indivíduos pecadores.

tannîn. *Dragão, monstro marinho, serpente, baleia.* (A ARA interpreta "chacal" em Lm 4.3.) A palavra denota "qualquer réptil grande" (Êx 7.9, ASV marg.) e em duas oportunidades aparece com a grafia *tannîm* no TM (Ez 29.3; 32.2), aparentemente por causa da confusão com o plural de *tan*, "chacal" (como em *BDB*). Em Lamentações 4.3 o contexto exige "chacais" em lugar de *tannîn*; o *qerê*, aliás, traz *tannîm*. Caso o nome da fonte mencionada em Neemias 2.13 se deva aos chacais que ali bebiam (como o entendem a ASV e a RSV), nessa passagem *tannîn* seria um plural aramaizado; a LXX traduz por *tōn sykōn*, "das figueiras", possivelmente a partir de um texto hebraico que trazia *t'nym*. Referindo-se a qualquer coisa desde grandes cobras (Êx 7.9-10, 12; Dt 32.33; Sl 91.13) até imensas criaturas marinhas (Gn 1.21; Sl 148.7), *tannîn/m* também é utilizado num sentido figurado para denotar os adversários mais poderosos de Deus, sejam da natureza

(Jó 7.12) sejam nações (Babilônia: Jr 51.34; Egito: Is 51.9; Ez 29.3; 32.2; veja-se especialmente A. HEIDEL, *The Babylonian Genesis*, p. 102-14). O ugarítico *tnn* se refere a um monstro marinho mitológico, e certos trechos em que ocorre essa palavra cognata lembram várias passagens do AT que mencionam *tannîn*, inclusive Salmos 74.13 e s. e especialmente Isaías 27.1 (cf. *ANET*, p. 138). Se, como parece provável, os escritores do AT empregaram tais temas dos poetas cananeus, fizeram-no somente de uma forma literária e totalmente desmitologizada (no melhor sentido da palavra!), com o intuito de realçar o fato de que o único Deus verdadeiro sempre derrota todos os seus inimigos (veja-se J. BRIGHT, *The authority of the Old Testament*, p. 129, 178-80).

De um modo mais particular, os profetas de Israel empregaram essa imagem para mostrar o poder que o Senhor tem, na história, sobre os seus inimigos políticos (Jr 51.34; Is 51.9) e, depois da história, sobre o poder espiritual último e derradeiro (Is 27.1; cf. Rev. 12; 13). Quanto ao uso pela Bíblia de alusões mitológicas, vejam-se os comentários criteriosos de M. Dahood, em *AB*, *Psalms I*. p. xxxv, e também E. B. SMICK, Mithology and the book of Job, *JETS* 13:101-8.

R.F.Y.

2529 תנן (*tnn*). **II. Aceita como raiz de:**

2529a אתנן (*'etnan*) ***paga de prostituta*** (e.g., Ez 16.34, 41; Is 23.18). Uma variante de *'etnâ* (q.v.).

תנשמת (*tanshemet*). Veja o nº 1 433b.

2530 *תעב (*tā'ab*) ***detestar*** (piel), ***ser abominável*** (nifal), ***agir abominavelmente*** (hifil). Verbo denominativo. Não ocorre no qal.

Substantivo de Origem

2530a †תועבה (*tô'ebâ*) ***costume abominável, coisa abominável.***

Verbo atestado 22 vezes no AT, *tā'ab* jamais ocorre no grau qal. A grafia alternativa *tā'ab* aparece no piel em Amós 6.8.

Visto que nunca aparece no grau qal, talvez o verbo derive do substantivo, e não o contrário (assim entende *BDB*), pois o piel é com freqüência um grau denominativo. No piel os significados básicos são os de "detestar", "sentir nojo de", num sentido físico (Jó 9.31; 19.19; 30.10; Sl 107.18), e de "rejeitar", "excluir", por razões rituais ou éticas (Dt 7.26; 23.7 [8]). Muitas vezes os dois sentidos se mesclam (Am 5.10; Mq 3.9). De uma forma ou de outra o sujeito pode ser Deus (Sl 106.40) ou o homem (Is 49.7). No hifil o verbo tem o sentido de "fazer coisas abomináveis/detestáveis" (1 Rs 21;26; Sl 14.1; 53.1 [2]; Ez 16.52), ao passo que no nifal significa "ser repugnante", "ser detestável" (1 Cr 21.6; Jó 15.16; Is 14.19).

tô'ēbâ. ***Costume abominável, coisa abominável, abominação.*** A freqüência desse vocábulo atesta a sua importância: 117 vezes ao todo. (Quanto à notória expressão "abominação de desolação", veja-se no verbete *shāqats*.)

São várias as conotações de *tô'ēbâ* (quanto a um estudo completo e recente do substantivo e do verbo, cf. P. HUMBERT, Le substantif *to'ēbā* et le verbe *t'b* dans l'Ancien Testament, *ZAW* 72:217-37). Tal como ocorre com o verbo, com o substantivo a abominação pode ser de natureza física, ritual ou ética e pode causar repulsa em Deus ou no homem. Partilhar uma refeição com um hebreu era ritualmente ofensivo para os egípcios (Gn 43.32), como também o era oferecer certos tipos de sacrifício (Êx 8.22). O homossexualismo e outras perversões são repulsivas a Deus e são colocados sob o juízo divino (Lv 18.22-30; 20.13). A idolatria (Dt 7.25), os sacrifícios humanos (Dt 12.31), comer animais ritualmente impuros (Dt 14.3-8), sacrificar animais defeituosos (Dt 17.1), envolver-se com ocultismo (Dt 18.9-14), realizar transações desonestas (Dt 25.13-16), praticar prostituição cultual (1 Rs 14.23 e s.) e atos semelhantes de desobediência (para mais outras sete abominações, veja-se a lista em Pv 6.16-19) certamente trariam a ira de Deus sobre aqueles que os cometessem. Doze vezes o livro de Provérbios utiliza a expressão "é abominável ao SENHOR". Em Salmos 88, uma oração em que se pede ajuda e que foi escrita por um homem que estava para morrer, enfatiza-se a aparência fisicamente repugnante de um *tô'ēbâ*; os antigos amigos do homem o evitam porque o consideram algo horroroso (SI 88.8 [9]).

Às vezes se emprega *tô'ēbâ* como sinônimo de "ídolo", como em Isaías 44.19, ou mesmo de uma divindade pagã específica, como em 2 Reis 23.13, em que Milcom é chamado de "abominação dos filhos de Amom", em paralelo com "Astarote, abominação [*shiqqûts*] dos sidônios", e "Camos, abominação [*shiqqûts*] dos moabitas". No outro extremo do espectro, até mesmo a oração é uma abominação se for feita por alguém que se recusa a obedecer à Palavra de Deus (Pv 28.9).

Conquanto *tô'ēbâ* inclua aquilo que é estética e moralmente repugnante, o sinônimo *sheqets* denota aquilo que é cultualmente impuro, especialmente a idolatria.

Bibliografia: — *THAT*, v. 2, p. 1051-4.

R.F.Y.

2531 תָּעָה (*tā'â*) ***vaguear, perambular, desgarrar.***

Termo Derivado

2531a תּוֹעֵה (*tô'â*) ***erro.***

O verbo *tā'â* significa "vaguear", "cambalear", "extraviar-se", "perambular". Ocorre na maioria das vezes no grau qal, mas também aparece duas vezes no nifal (Jó 15.31; Is 19.14) e freqüentemente no hifil (com sua costumeira ênfase causativa). *tā'â*, atestado somente em Ezequiel 13.10 (hifil), é provavelmente uma formação secundária dessa raiz.

É possível vaguear num sentido físico (cf., e.g., Gn 21.14), cambalear devido à embriaguez (cf. Is 28.7), e extraviar-se ou desgarrar-se num sentido mental, moral ou espiritual (Sl 95.10 e em muitas outras passagens). Em Salmos 58.3 [4] se diz que os ímpios se desviam desde o momento em que nascem. A passagem mais conhecida em que aparece *tā'â* é Isaías 53.6, em que as conotações física e espiritual se mesclam belissimamente: "todos nós andávamos desgarrados como ovelhas..." Embora, no passado, os pastores de Israel tenham feito as ovelhas se desgarrarem (Jr 50.6), no futuro o filho de Davi será o pastor delas (Ez 14.11).

tô'â. ***Erro, obstáculo.*** O substantivo claramente transmite os mesmos significados básicos do verbo.

Bibliografia: — *TDNT*. v. 6, p. 233-6. — *THAT*. v. 2, p. 1055-6.

R.F.Y.

תְּעוּדָה (*t'ûdâ*). Veja o nº 1 575g.
תְּעָלָה (*t'ălâ*). Veja o nº 1 624n.
תַּעֲלוּלִים (*ta'ălûlîm*). Veja o nº 1 627f
תַּעֲלֻמָּה (*ta'ălummâ*). Veja o nº 1 629a.
תַּעֲנוּג (*ta'ănûg*). Veja o nº 1 648c.
תַּעֲנִית (*ta'ănît*). Veja o nº 1 652f

2532 *תָּעַע (*tā'a'*) ***enganar*** (pilpel), ***maltratar*** (hitpalpel). Não ocorre no qal.

Termo Derivado

2532a †תַּעְתֻּעִים (*ta'tu'îm*) ***erros, faltas.***

O verbo significa "zombar" e aparece apenas duas vezes no AT. Em Gênesis 27.12 Jacó tem medo de Isaque pensar que está zombando dele caso finja ser Esaú. Em 2 Crônicas 36.16 o povo de Judá é criticado por ter ridicularizado os profetas; no mesmo versículo se usam dois outros verbos que têm, respectivamente, os sentidos de "zombar" e "desprezar".

ta'tu'îm. ***Erros, faltas.*** Este substantivo plural abstrato significa "zombaria" e, tal como o verbo, ocorre apenas duas vezes (Jr 10.15 = 51.18). Empregado na expressão "obra de enganos" (IBB), é o epíteto de um ídolo, sendo usado em paralelo com ***hebel***, "falta de valor", "insubstancialidade". Por esse motivo os ídolos enganam os homens e zombam de Deus.

תְּעָפָה (*t'upâ*). Veja o nº 1 583c.
תַּעֲצֻמָה (*ta'ătsumâ*). Veja o nº 1 673e.
תַּעַר (*ta'ar*). Veja o nº 1 692e.
תַּעֲרֻבָה (*ta'ărubâ*). Veja o nº 1 686d.
תַּעְתֻּעִים (*ta'tu'îm*). Veja o nº 2 532a.
†תָּפ (*tôp*). Veja o nº 2 536a.
תִּפְאָרָה (*tip'ārâ*). Veja o nº 1 726b.
תַּפּוּחַ (*tappûah*). Veja o nº 1 390c.
תְּפוּצָה (*t'pôtsâ*). Veja o nº 1 745b.

2533 תְּפִינִים (*tupînîm*) ***pedaços quebrados.*** Palavra usada somente em Levítico 6.14 [21]. Significado incerto.

2534 *חָפַל (*tāpal*) ***I, mostrar-se "indigesto", desagradável*** (somente no hitpael).

Termos Derivados

2534a תֹּפֶל (*tāpēl*) ***tolo*** (Lm 2.14; Jó 6.6, somente).

2534b תִּפְלָה† (*tiplâ*) ***loucura.***

O verbo é encontrado somente em 2 Samuel 22.27, e, uma vez que o versículo correspondente em Salmos 18 traz a raiz *pātal* (SI 18.26 [27]) em vez de *tāpal*, talvez se deva supor que *pātal* tenha sido a raiz original também em 2 Samuel (cf. ARA e *Englishman's Hebrew and Chaldee concordance*, p. 1055). De um modo ou de outro, deve-se fazer distinção entre *tāpal* I e *tāpal* II, a raiz de que derivou *tāpēl*, "caiação".

A raiz *tpl* I e seus derivados têm "loucura", "tolice", como seu significado básico, mas, conforme se vê em Jeremias 23.13, a loucura é uma loucura pecaminosa, não uma mera fraqueza mental. O tratamento clássico desse importante conceito do AT, bem como de muitas outras palavras assim traduzidas, é ainda o de Geerhardus Vos, *HDB*, v. 2, p. 43 e s. É possível que Aitofel, *'ăḥîtōpel*, conselheiro de Davi e que numa hora gozou de confiança e noutra foi considerado traidor, signifique "(meu) irmão é loucura" ou "irmão da loucura" (veja-se especialmente 2 Sm 15.31).

tiplâ. ***Loucura, tolice.*** A ARA traduz por "falta" em Jó 1.22. A IBB revocaliza como *t'pillâ* e traz "clamor" em Jó 24.12, mas sem base suficiente. Palavra atestada apenas três vezes.

R.F.Y.

2535 תפל (*tpl*). **II. Aceita como raiz de:**

2535a תִּפֵל (*tāpēl*) ***caiação*** (Ez 13.10, 11, 14, 15; 22.28).

O significado é incerto. Alguns pensam que é a argamassa de qualidade inferior que contribui para a queda de um muro ou parede (IBB); outros crêem que é a caiação que cobre os defeitos do muro (ARA).

R.F.Y.

תְּפִלָּה (*t'pillâ*). Veja o nº 1 776a.

תִּפְלָצָה (*tipletset*). Veja o nº 1 778c.

2536 תָּפַף (*tāpap*) ***tocar pandeiro.*** Verbo denominativo.

Substantivo de Origem

2536a †תֹּף (*tōp*) ***pandeiro, tamborim.***

tāpap é atestado apenas duas vezes. Provavelmente é derivado de *tōp* (assim o entendem *BDB*, *KB*; veja-se S. B. FINESINGER, *HUCA* 3:64). Em Salmos 68.25 [26] tem o sentido de "batucar" tamborim (a ARA não utiliza verbo; a IBB traz "tocar"); em Naum 2.7 [8], o de "bater" no peito.

2537 תֹּפֶר (*tapar*)

tōp. *Tamboril, pandeiro.* O substantivo *tōp* é um termo genérico para tamborins e tambores médios (os instrumentos de percussão mais comuns nos tempos antigos), dos quais foram encontrados exemplares em escavações no Egito e na Mesopotâmia. Com freqüência, mas nem sempre (cf., e.g., 1 Sm 10.5), eram usados por mulheres e aparecem em contextos de diversão (Gn 31.27; 2 Sm 6.5; 1 Cr 13.8; Jó 21.12; Is 5.12; 24.8; Jr 31.4), de vitória na guerra (Êx 15.20; Jz 11.34; 1 Sm 18.6; Is 30.32) e, acima de tudo, de louvor ao Senhor. Entretanto, o tamboril não está entre os instrumentos mencionados em Crônicas e preceituados para a adoração no templo (1 Cr 15.16-24; 16.4-6, 42; 25.1-6). Somente na procissão que levou a arca a Jerusalém é que se usaram tambores (1 Cr 13.8). Tambores também são mencionados em três salmos (SI 81.2 [3]; 149.3; 150.4). Em Jó 17.6 a KJV traz "tamboril" como tradução do hebraico *tōpet* (mas essa palavra, provavelmente derivada da raiz *twp*, é mais bem traduzida por "cuspir" [ARA]).

R.F.Y.

2537 תָּפַר (*tāpar*) ***costurar*** (e.g., Gn 3.7; Jó 16.15).

2538 תָּפַשׂ (*tāpaś*) ***apanhar, manejar, segurar.***

Esse verbo aparece 49 vezes no grau qal e 15 vezes no nifal. Também é atestado uma vez no piel, em Provérbios 30.28, em que, à luz do contexto, provavelmente se deve traduzir por "podes apanhar uma lagartixa nas mãos" (cf. ARA, IBB, *BDB*).

O verbo basicamente significa "capturar", "segurar", às vezes preparando-se para uma outra ação. É, portanto, empregado para designar a ação de capturar pessoas (2 Rs 14.13) ou cidades (Js 8.8) ou de empunhar armas para usá-las (Am 2.15) ou ainda de apanhar instrumentos musicais para tocá-los (Gn 4.21). Desse modo o verbo também possui o sentido figurado de "ser hábil" ou "ser destro" na lei (Jr 2.8) ou na guerra (Nm 31.27). Os usos figurados do verbo são, de fato, os mais interessantes. Em Salmos 10.2 se diz que os ímpios são apanhados em seus próprios estratagemas, enquanto em Ezequiel 14.5 o Senhor manifesta a sua intenção de capturar ou aterrorizar os corações de seu povo, o qual está adorando ídolos. Provérbios 30.9 adverte contra apanhar ou profanar o nome de Deus e é um exemplo excelente de como a literatura de sabedoria do AT pressupõe a legislação mosaica (Êx 20.7; Lv 19.12; Dt 5.11).

R.F.Y.

2539 תֹּפֶת (*tōpet*) ***Tofete.***

Uma forma alternativa, *topteh*, se encontra em Isaías 30.33, em que a TB traz "Tofete", e a ARA e a IBB, "fogueira". Quanto a *tōpet* I, "cuspir" (Jó 17.6), veja-se *tāpap*.

O nome "Tofete" designava um local no vale dos filhos de Hinom (2 Rs 23.10; Jr 7.31 e s.; 19.6), onde crianças eram oferecidas em holocausto a divindades pagãs. Mais especificamente, "Tofete" eram "altos" (Jr 7.31-32), santuários ao ar livre, situados muito provavelmente num ponto do lado de fora do extremo sul de Jerusalém, onde o vale de Hinom se encontra com o vale de Cedrom, nos arredores de Aceldama, o "Campo de Sangue" (At 1.19; veja-se J. SIMONS, *Jerusalem in the Old Testament*, p. 12, 230). A menção que Jeremias faz ao "vale dos cadáveres e da cinza" (Jr 31.40) talvez diga respeito à terrível prática de sacrifício de crianças em Tofete. Visto que a palavra hebraica

māqôm, "lugar", é muitas vezes usada como termo técnico com o sentido de "altar" (*BDB*), é provável que se deva traduzir "o lugar de Tofete" (Jr 19.13) por "o santuário (pagão) de Tofete". O lugar em si era provavelmente um buraco largo e profundo que tinha uma fogueira de lenha em brasa (Is 30.33), na qual as pobres crianças eram lançadas. A partir da forma abreviada *gê hinnōm*, "vale de Hinom" (vejam-se especialmente Js 15.8; 18.16), um local tão infame que também podia ser chamado simplesmente de "o vale" (Jr 2.23), surgiu a palavra grega *geenna*, "Geena" (TB; ARA, "inferno"; para uma análise completa, veja-se *TDNT*, v. 1, p. 657 e s.), a palavra usada no NT para descrever o local do castigo eterno e ardente para todos aqueles que morrerem sem ter manifestado a fé em Cristo.

A origem do vocábulo "Tofete" é obscura (acerca de várias teorias, vejam-se W. Robertson SMITH, *Lectures on the religion of the Semites*, ed. rev., p. 377, nota 2; W. F. ALBRIGHT, *Yahweh and the gods of Canaan*, p. 275). A própria palavra é usada como substantivo comum com o sentido de "local de sacrifício de crianças" (cf. ALBRIGHT, op. cit., p. 237 e s.; A. MENEN, *Cities in the sand*, p. 56-63). Sua vocalização pode ser original (observe-se a forma alternativa *topteh*), embora a maioria dos comentaristas pressuponha que algum escriba intencionalmente alterou a vocalização para ficar igual à de *bōshet*, "vergonha".

Entre os antigos israelitas o sacrifício de crianças, embora presumivelmente pouco freqüente, ainda assim era suficientemente comum a ponto de exigir sua total proibição nas leis mosaicas (Lv 18.21; Dt 18.10). A despeito das severas advertências do Senhor, tanto Acaz (2 Cr 28.3) quanto Manassés (2 Rs 21.6) queimaram os seus filhos como ofertas. Tais holocaustos eram geralmente oferecidos "a Moloque" (e.g., 2 Rs 23.10), o que pode ter o significado de "a (o deus amonita) Milcom/Moloque" (veja-se 1 Rs 11.5, 7) ou de "como sacrifício" (veja-se o oportuno estudo de ALBRIGHT, op. cit., p. 236); de uma forma ou de outra, "Moloque" pode ser mais um outro exemplo de alteração deliberada, feita por um escriba, para acompanhar a vocalização de *bōshet*.

E bem compreensível que Jeremias tenha atacado a prática abominável de sacrifício de crianças em Tofete, no vale de Hinom, e tenha predito juízo divino contra aqueles envolvidos em tal ofensa (Jr 7.31-34; 19.1-15). O bom rei Josias, contemporâneo de Jeremias, profanou Tofete de modo que ninguém mais pôde praticar o ritual ali (2 Rs 23.10).

DeVaux coletou dados acerca de sacrifício de crianças (*AI*, p. 441-6) e chegou à conclusão de que isso teve origem na cultura cananéia, foi largamente praticado em Cartago e "chegou a Israel, vindo da Fenícia, durante épocas de sincretismo religioso" (p. 446). Obviamente não era um sacrifício costumeiro, sendo reservado, mesmo em Cartago, para épocas de emergência nacional. Albright (op. cit.) assinala que a prática era disseminada nas colônias fenícias, mas pouco comum na própria Fenícia, e atribui isso à influência salutar da religião de Israel.

R.F.Y.

תֹּפֶת (*tōpet*). Veja os nºs 2 499a, 2 539.
תִּקְוָה (*tiqwâ*). Veja os nºs 1 994d, e.
תְּקוּמָה (*t'qûmâ*). Veja o nº 1 999g.
תָּקוֹעַ (*tāqôa'*). Veja o nº 2 541b.
תְּקוּפָה (*t'qûpâ*). Veja o nº 2 001a.
תַּקִּיף (*taqqîp*). Veja o nº 2 542b.

2540 תָּקַן (*tāqan*)

2540 תָּקַן (*tāqan*) ***endireitar*** (Ec 1.15; 7.13; 12.9).

2541 תָּקַע (*tāqa'*) ***golpear, atingir, bater palmas, soar (instrumento).***

Termos Derivados

2541a תֵּקַע (*tēqa'*) ***som*** (Sl 150.3).
2541b תְּקוֹעַ (*tāqôa'*) ***trombeta*** (Ez 7.14).

tāqa' é atestado 66 vezes no grau qal e três vezes no nifal. O verbo transmite três significados distintos, mas ao mesmo tempo relacionados: 1) "atirar", "bater"; 2) "tocar (uma buzina)"; 3) "bater (palmas)". Tocavam-se trombetas para reunir o povo (Nm 10.2), soar o alarme (Jr 6.1; observe-se o trocadilho com o topônimo *t'qôa'*, "Tecoa") e como sinal de regozijo (2 Cr 23.13) ou de triunfo (Js 6.20). Bater palmas também era sinal de alegria (Sl 47.1 [2]) ou de triunfo (Na 3.19), e bater as mãos nas mãos de outrem (o que tinha uma função semelhante ao moderno aperto de mãos) tinha o sentido de comprometer-se como fiador numa transação comercial (Jó 17.3; Pv 6.1; 11.15; 17.18; 22.26).

Bibliografia: — *TDNT*. v. 7, p. 76-85.

R.F.Y.

2542 תָּקַף (*tāqēp*) ***subjugar.***

Termos Derivados

2542a תֹּקֶף (*tōqep*) ***autoridade, poder, força.***
2542b תַּקִּיף (*taqqîp*) ***poderoso, forte.***

O verbo e o substantivo aparecem três vezes cada um; o adjetivo é atestado apenas uma vez. Cada um dos três vocábulos possui uma forma cognata correspondente em aramaico e aparece nesse idioma com significados semelhantes. O verbo hebraico tem o sentido de "sobrepujar", seja Deus em relação ao homem (Jó 24.20), seja um homem em relação a outro (Ec 4.12), seja a aflição e angústia em relação aos ímpios (Jó 15.14). O substantivo se refere ao "poder", "força" ou "autoridade" de um reino (Dn 11.17) ou de um governante (Et 9.29; 10.2). Em geral os comentaristas estão de acordo que, em Eclesiastes 6.10, Deus é o substantivo não expresso que é qualificado pelo adjetivo; o versículo ressalta, então, o fato de que Deus é mais poderoso do que o homem.

R.F.Y.

תֹּר (*tōr*). Veja os nºs 2 500a, c.
תַּרְבּוּת (*tarbût*). Veja o nº 2 103e.
תַּרְבִּית (*tarbît*). Veja o nº 2 103f.

2543 תִּרְגֵּם (*tirgēm*) ***interpretar, traduzir.***

O verbo tem raiz com quatro consoantes e é encontrado apenas uma vez no AT (Ed 4.7), numa forma construída por analogia com o particípio pual: *m'turgām*. Conquanto freqüentemente associada com o acadiano *ragāmu*, "gritar", e com o ugarítico *rgm*, "falar", a palavra hebraica é, talvez, melhor descrita como um denominativo derivado do acadiano *targumānu*, "intérprete", "tradutor" (assim o entende *KB*), que por sua vez provavelmente deriva do hitita (cf. C. RABIN, *Orientalia* 32:134-6). Em Esdras 4.7 o verbo tem a finalidade de introduzir o mais longo dos dois trechos aramaicos do livro de Esdras (4.8-6.18; 7.12-26). O aramaico era a língua franca do Oriente Médio durante o período do pós-Exílio e, por esse motivo, era usada na correspondência entre os governantes dos vários países. O verbo *tirgēm* foi posteriormente utilizado na literatura midráxica com o sentido tríplice de "recitar", "traduzir", "interpretar" (cf. M. GERTNER, *Bulletin of the School of Oriental and African Studies* 25:17), e hoje em dia aparece na forma modificada *tarjumān*, "drogomano", "turgimão", para designar (entre outras coisas) o guia turístico egípcio, alguém que "explica" ou "interpreta" para seus clientes os locais e costumes egípcios. Paráfrases do AT em aramaico oral (a partir do período do pós-Exílio) e escrito (a partir da era pré-cristã, conforme o demonstra o Targum de Jó, encontrado em Qumran) são conhecidas como "targuns" ou "targumim", e só agora a sua importância para uma compreensão melhor do NT está sendo devidamente investigada (cf. M. MCNAMARA, *Targum and testament*).

Bibliografia: — LEVEY, Samson H. *The Messiah, an Aramaic interpretation, the messianic exegesis of the targum*. Cincinnati, Hebrew Union College—Jewish Institute of Religion, 1974.

Quanto ao Targum de Jó, veja-se J. P. M. van der PLOEG & A. S. van der WOUDE. *Le targum de Job de la grotte XI de Qumran*. Brill, 1970.

R.F.R.

תַּרְדֵּמָה (*tardēmâ*). Veja o nº 2 123a.
תְּרוּמָה (*t'rûmâ*). Veja o nº 2 133i.
תְּרוּמִית (*t'rûmît*). Veja o nº 2 133j.
תְּרוּעָה (*t'rû'â*). Veja o nº 2 135b.

2543.1 תִּרְזָה (*tirzâ*) ***cipreste.*** Significado e derivação incertos.

תִּרְמָה (*tormâ*). Veja o nº 2 169c.
תִּרְמִית (*tarmît*). Veja o nº 2 169d.

2544 תֹּרֶן (*tōren*) ***mastro*** (Ez 27.5; Is 30.17; 33.23).

תַּרְעֵלָה (*tar'ēlâ*). Veja o nº 2 188c.

2545 תְּרָפִים (*t'rāpîm*) ***idolatria, ídolos, ídolos do lar, imagem, imagens, terafins.***

Atestada 14 vezes no AT, a palavra *t'rāpîm* é um substantivo plural, provavelmente de origem hitita (assim entende H. A. HOFFNER Jr., *Bibliotheca Sacra* 124:230-8, e, *JNES*

27:61-8). Em todas as passagens, à exceção de um contexto um tanto quanto ambíguo (1 Sm 19.11-17), está claro que os terafins do Israel antigo eram ídolos pagãos do lar (cf. Gn 31.19 com 31.30, 32; Jz 18.17 com 18.24), correspondendo em muitos aspectos aos *ilānu*, "deuses", existentes à mesma época em Nuzi (cf. A. E. DRAFFKOM, *JBL* 76:216-24), e também aos *Penātēs* romanos, de um período bem posterior. Parece que, no segmento apóstata da população de Israel, os terafins tinham a função básica de adivinhação (1 Sm 15.23; 2 Rs 23.24; Ez 21.21 [26]; Zc 10.2), num papel em que, com freqüência, são encontrados no mesmo contexto da estola sacerdotal (veja-se Jz 17.5; 18.14, 17, 18, 20; Os 3.4). Provavelmente eram de origem mesopotâmica (Gn 31.19-21; Ez 21.21 [26]) e aparecem ao longo de toda a história israelita, desde o período patriarcal (Gn 31) até o pós-Exílio (Zc 10.2).

A partir de 1926, com a descoberta e a decifração de certos documentos cuneiformes (especialmente aquele que é identificado como *Gadd* 51) na antiga Nuzi, tornou-se lugar comum afirmar, com base nesses textos, que Raquel roubou os terafins de Labão (Gn 31.17-50) a fim de assegurar o direito de Jacó à herança de Labão depois que este morresse ou, pelo menos, garantir que o clã de Jacó tivesse liderança e poder espiritual (veja-se o estudo oportuno de C. H. GORDON, *The world of the Old Testament*, p. 129 e s., e *BA* 3:5-7). Conquanto essa abordagem seja curiosa, a legislação de Nuzi deixa implícito que receber o legado dos deuses domésticos (e não apenas ter a sua posse) determinava a liderança da família. Em razão disso e de outras dificuldades com a teoria de Nuzi, tem-se sugerido que Raquel, ainda não totalmente separada de sua herança politeísta (vejam-se Gn 35.2; Js 24.2), roubou os deuses com objetivo religioso ou divinatório. Uma prova em favor dessa interpretação pode ser aduzida de Josefo (*Antigüidades*, 18.9.5), o qual declara que, mesmo em épocas bem posteriores, era costume entre os habitantes da Mesopotâmia levar os deuses do lar consigo para todo lugar que viajassem (cf. M. GREENBERG, *JBL* 81:239-48 — embora esse testemunho tardio possa ser uma mera dedução de Gn).

Ainda sem solução está o problema da natureza dos terafins em 1 Samuel 19.11-17. É bem pouco provável que a palavra (usada como singular; cf. RSV, "imagem") se refira aí a deuses do lar, visto que os arqueólogos não encontraram imagens cujo tamanho chegue perto do de um homem adulto (cf. W. F. ALBRIGHT, *Archaeology and the religion of Israel*, p. 114; cf. também Gn 31.34, em que pelo menos dois terafins puderam ser escondidos numa sela). Tem-se, portanto, levantado a possibilidade de que, às vezes, a palavra *t'rāpîm* se refira a uma imagem na forma de uma cabeça, um busto ou uma máscara cúltica (cf. A. R. JOHNSON, *The cultic prophet in ancient Israel*, p. 31, nota 3) ou então de que os terafins de Mical eram "trapos velhos" (W. F. ALBRIGHT, op. cit., p. 207, nota 63). O tamanho e até mesmo o significado e o uso de terafins pode ter variado bastante ao longo dos séculos.

Não é preciso dizer que no AT os terafins jamais foram tolerados como um acessório legítimo da adoração ao Senhor; na verdade eram, com freqüência, objeto da condenação profética (1 Sm 15.23; 2 Rs 23.24; Zc 10.2).

R.F.Y.

2546 תַּרְשִׁישׁ (*tarshîsh*) ***I, uma pedra preciosa,*** talvez jaspe amarelo (e.g., Êx 28.20; 39.13; Ez 1.6).

2547 תַּרְשִׁישׁ (*tarshîsh*) ***II, Társis.***

Deve-se fazer cuidadosa distinção entre esse topônimo, que ocorre 26 vezes no AT, e duas outras palavras: o antropônimo "Társis" (que é usado para duas pessoas diferentes: 1 Cr 7.10; Et 1.14) e o substantivo comum *tarshîsh* I, uma pedra preciosa de identificação incerta.

Presumivelmente Társis era uma cidade localizada em algum ponto do litoral do mar Mediterrâneo ou em alguma ilha desse mar. Locais desde Tarso, no oriente (Ásia Menor), até Tartesso, no ocidente (Espanha), têm sido propostos, sendo que as hipóteses mais recentes se concentram num local mais ao centro, como Tarro, na Sardenha (cf. especialmente W. F. ALBRIGHT, *Yahweh and the gods of Canaan*, p. 219 e nota 30; Y. AHARONI, *The Macmillan Bible atlas*, p. 75). Suas associações insulares ou litorâneas são ressaltadas em passagens como Salmos 72.10 e Isaías 23.6, ao passo que a grande distância a que ficava da Palestina é enfatizada em Isaías 66.19 e Jonas 1.3; 4.2. Gênesis 10.4 e 1 Crônicas 1.7 deixam transparecer que Társis tinha vínculos pelo menos comerciais com as ilhas do Mediterrâneo oriental. Caso o Targum de 1 Crônicas 1.7, que traz "Itália" em vez de "Quitim", reflita com exatidão um dado histórico, aumenta a probabilidade da localização de Társis na Sardenha.

É bem possível que mais de um local tivesse o nome de Társis, especialmente se o vocábulo tivesse originariamente o sentido de "refinaria" ou algo parecido, idéia defendida por W. F. Albright (veja-se o estudo oportuno de ALBRIGHT, *Archaeology and the religion of Israel*, 4a ed., p. 136). Lemos por vezes no AT acerca de "navios de Társis", que eram naus grandes e oceânicas (Ez 27.25) e transportavam todo tipo de carga valiosa, especialmente metais, tais como prata e ouro (1 Rs 10.22; 22.48 [49]; 2 Cr 9.21; Is 60.9; Jr 10.9; Ez 38.13) e também ferro, estanho e chumbo (Ez 27.12). É possível então que Társis tenha sido ou se tornado uma espécie de designação genérica de locais de mineração ou fundição de metais. E desnecessário dizer que um "navio de Társis" não significa necessariamente um navio construído num lugar chamado Társis; também podia ser simplesmente um navio de transporte de minério, caso esteja correta a etimologia proposta acima. As ligações desses navios com os fenícios (1 Rs 10.22; 2 Cr 9.21; vejam-se também os oráculos contra Tiro em Is 23 e Ez 27) mostram que eles trafegavam regularmente pelo Mediterrâneo, ao passo que 2 Crônicas 20.36 afirma explicitamente que "navios que fossem a Társis" foram construídos em Eziom-Geber (na margem norte do golfo de Aqaba), cidade que se ligava comercialmente com o sul e o oriente.

Navios de Társis, tanto ancorados quanto a caminho do mar alto, devem ter proporcionado uma cena realmente imponente. Mas, devido ao orgulho pecaminoso de seus proprietários, essas naus magníficas foram destruídas numa das manifestações do juízo de Deus (1 Rs 22.48 [49]; 2 Cr 20.37; Sl 48.7 [8]; Is 2.16).

R.F.Y.

2548 תִּרְשָׁתָא (*tirshātā'*) ***governador.***

A palavra é atestada cinco vezes no AT (somente em Ed e Ne) e vem sempre precedida do artigo definido. É um substantivo de origem persa e significa algo como "(Sua) Excelência", "(Sua) Honra". Uma comparação de Neemias 8.9 com 12.26 mostra que o vocábulo é hierarquicamente o equivalente persa de *pehâ*, "governador", um substantivo

2549 תַּרְתָּן (*tartān*)

derivado do acadiano e que aparece na segunda passagem. O próprio Neemias é o *tirshātā'* em Neemias 8.9; 10.1[2]; um indivíduo não identificado tem o título em Esdras 2.63 e Neemias 7.65, 69. Se esta última pessoa foi um persa de nascimento, é de ressaltar que assim mesmo ele se interessou por questões tanto políticas quanto religiosas dos israelitas, alguns dos quais incapazes de provar a sua ascendência israelita. Da mesma forma o próprio papel de Neemias como governador não impediu que ele tivesse participação ativa na vida espiritual de seu povo. Até hoje ele serve como modelo exemplar de um líder político dedicado que, embora possuísse um título conferido por um poder estrangeiro, agiu sem fazer concessão alguma em questões espirituais.

2549 תַּרְתָּן (*tartān*) ***Tartã.***

A ARA traduz o vocábulo como um nome próprio, mas pesquisas recentes demonstraram que esse é um título militar (cf. IBB marg. em 2 Rs 18.17 e Is 20.1, os únicos dois lugares no AT em que aparece a palavra). O termo foi tomado de empréstimo do acadiano *tartānu*, "comandante do exército"; a grafia alternativa em acadiano, *turtānu*, está refletida no texto consonantal de Isaías 20.1 (em que ocorre a forma *twrtn*) no grande rolo de Isaías encontrado na caverna 1 de Qumran, próximo das margens do mar Morto, em 1947. O *tartān* era um oficial de alta patente na corte real da Assíria durante a época de Sargom (722-705 a.C.; veja-se Is 20.1) e de Senaqueribe (705-681 a.C.; veja-se 2 Rs 18.17) e também nos reinados de governantes assírios anteriores, embora não se possa dizer que tal pessoa fosse o "imediato" do rei (etimologicamente a palavra não tem relação com o acadiano *terdennu*, "segundo [cronológica ou hierarquicamente]"). Raramente um rei assírio confiava todo o seu exército ao comando de um *tartān*, que poderia chefiar então uma rebelião e assumir o poder absoluto; em geral a patente de *tartān* era exercida por dois homens, sendo que cada um comandava não mais do que metade do exército (A. L. OPPENHEIM, *Ancient Mesopotamia*, p. 102). Os nomes dos dois comandantes de exército assírios não são registrados, o que talvez seja um lembrete sutil de que a proeminência aos olhos dos homens não é necessariamente resultado da vontade diretiva de nosso Deus.

R.F.Y.

תְּשׂוּמֶת (*t'sûmet*). Veja o nº 2 243a.

תְּשׁוּאָה (*t'shu'â*). Veja o nº 2 339c.

תַּשְׁבֵּץ (*tashbēts*). Veja o nº 2 320c.

תְּשׁוּבָה (*t'shûbâ*). Veja o nº 2 340f

תְּשׁוּעָה (*t'shû'â*). Veja o nº 929e.

תְּשׁוּקָה (*t'shûqā*). Veja o nº 2 352a.

תְּשׁוּרָה (*t'shûrâ*). Veja o nº 2 353a.

2550 תֵּשַׁע (*tēsha'*) ***nove.***

2551 תְּשִׁעִי (*t'shi'i*), תִּשְׁעִי (*t'shi'i*) תְּשִׁיעִית (*t'shi'it*) ***nono.***

2552 תִּשְׁעִים (*tish'im*) ***noventa.***

AS PALAVRAS ARAMAICAS

O vocabulário aramaico recebe um tratamento breve, mas que esperamos ser útil. Cinco raízes importantes, as quais são especialmente significativas e diferem do hebraico, são tratadas em pormenores. A maioria das palavras aramaicas já está implicitamente analisada no exame dos cognatos hebraicos. Quando é o caso, faz-se referência a tais cognatos. Os verbetes mais longos são de autoria de Charles D. Isbell; o vocabulário é constituído de material tirado de *BDB* com alguns comentários e desenvolvimento feitos por R. Laird Harris.

O aramaico bíblico é um parente próximo do hebraico bíblico. Para os não iniciados, talvez seja útil dizer que o substantivo aramaico possui uma forma definida geralmente terminada em *qamets 'aleph* (א), de sentido bastante próximo do substantivo hebraico com o artigo definido. A forma sem esse sufixo definido é a que aparece neste Dicionário. A conjugação verbal também é muito parecida, mas a vocalização dos graus diverge um pouco da do hebraico. Os graus hebraicos qal, piel e hifil equivalem aos graus aramaicos peal, paal e hafel (*q'tal*, *qattal* e *haqtel*). Estes também têm graus passivo-reflexivos equivalentes, que começam com o prefixo *hit*. Não há nifal. Ocasionalmente se faz referência a essas formas verbais no exame das palavras aramaicas a seguir.

Por motivo de concisão e pelo fato de que em aramaico bíblico ocorrem muitos empréstimos lingüísticos, em geral não apresentamos raízes hipotéticas quando não há verbos envolvidos, a menos que existam dois ou mais derivados. Também, em face do vocabulário mais reduzido, é menor o número de remissões recíprocas quando as palavras em questão, no que diz respeito à grafia, estão próximas umas das outras (especialmente quando a variação é entre *'aleph* e *he* finais) e são praticamente adjacentes na lista.

א

2553 אב (*'ab*), אַבָּא (*'abbā'*). Veja o nº 4a.

2554 אֵב (*'ēb*) ***fruto*** (Dn 4.9, 11, 18, *'inbeh*, "seu fruto"). Veja o nº 1a.

2555 אבד (*'ăbad*) ***perecer***. Uso semelhante ao hebraico.

2556 אֶבֶן (*'eben*) ***pedra***. Uso semelhante ao hebraico.

2557 אִגֶּרֶת (*'igg'ra*) ***carta***. Uso semelhante ao hebraico *'iggeret*.

2558 אֱדַיִן (*'ĕdayin*) ***então, depois disso***. Cognato do hebraico *'az*. Também empregado com as preposições *b'* e *min* (tendo o sentido de "desde").

2559 אֲדָר (*'ădār*) ***Adar***. O décimo segundo mês dos babilônios. Também usado em hebraico.

2560 אדר (*'iddar*) ***eira***. Palavra não encontrada em hebraico. Possivelmente um empréstimo lingüístico.

2561 אֲדַרְגָּזַר (*'ădargāzar*) ***conselheiro***. Empréstimo lingüístico do persa. Ocorre somente em Daniel 3.2, 3.

2562 אַדְרַזְדָּא (*'adrazdā'*) ***corretamente, sinceramente***. Empréstimo lingüístico do persa. Ocorre somente em Esdras 7.23.

אַדְרַע (*'edra'*) ***braço, poder***. Veja o nº 2 682b.

2563 אזא (*'ăzā'*) ***esquentar, aquecer***. Palavra não usada em hebraico.

2564 אזדא (*'azdā'*)

2564 אזדא (*'azdā'*) ***certo, seguro, assegurado, proclamado*** (*KB*). Empréstimo lingüístico do persa.

2565 אזל (*'ăzal*) ***ir, sair.*** Ocorre também em hebraico, embora seja incomum.

2566 אח (*'ah*) ***irmão.*** Uso semelhante ao hebraico.

אחדויה (*'ahdwāyâ*). Veja o nº 2 722a.

2567 אחידה (*'ăhîdâ*) ***enigma.*** Cognato do hebraico *hîdâ*, "enigma".

2568 אחר (*'ahar*) ***depois.*** Usado em hebraico como também o são as seguintes palavras relacionadas.

2568a אחרי (*'ohŏrî*) ***outro.***
2568b אחרית (*'ahărît*) ***fim.***
2568c אחרן (*'ohŏrān*) ***outro.***

2569 אחשדרפנין (*'ăhashdarp'nîn*) ***sátrapas.*** Empréstimo lingüístico do persa. Também usado no hebraico de Esdras e Ester.

2570 אילן (*'êlān*) ***árvore.*** O cognato hebraico é *ēlôn* (q.v.).

2571 אימתן (*'êm'tān*) ***terrível.*** Cognato do hebraico *'êmâ*, nº 80b.

2572 איתי (*'îtay*) ***existe, existem.*** Usado como o cognato hebraico *yēsh*.

2573 אכל (*'ăkal*) ***comer, devorar.*** Uso semelhante ao hebraico.

2574 אל (*'al*) ***não.*** Usado como o hebraico *'al*, que nega o jussivo.

2575 אל (*'el*) ***estes.*** Esse pronome demonstrativo é usado como o hebraico *'ēlleh*. Veja abaixo o pronome mais comum *'illên*.

2576 אלה (*'ĕlāh*) ***deus, Deus.*** Essa é a palavra usual para designar Deus em aramaico bíblico. Seu estado determinativo é *'ĕlāhā'*; o plural, *'ĕlāhîn*. É semelhante ao substantivo incomum hebraico *'ĕlôah*, que é amplamente usado em Jó (veja o nº 93b). Difere do hebraico por não haver plural de majestade (em que a palavra "Deus" está morfologicamente no plural mas é tratada como singular). Em aramaico bíblico o plural significa apenas "deuses".

2577 אלה (*'ēlleh*) ***estes.*** O mesmo que em hebraico, mas talvez não um empréstimo lingüístico. A forma aramaica usual é *'illên*. Veja-se abaixo.

2578 אלוּ (*'ălû*) ***eis.*** Provavelmente uma variante de *'ărû* (q.v.).

2579 אִלֵּין (*'illên*) ***estes.*** Esse pronome demonstrativo é uma forma aramaica do hebraico *'ēlleh*.

2580 אִלֵּךְ (*'illēk*) ***estes.*** Pronome demonstrativo.

2581 אֲלַף (*'ălap*) ***mil.*** Uso semelhante ao hebraico.

2582 אַמָּה (*'ammâ*) ***côvado.*** Uso semelhante ao hebraico.

2583 אֻמָּה (*'ummâ*) ***nação.*** Uso semelhante ao hebraico.

2584 *אֲמַן (*'ămân*) ***confiar, crer em.*** Usado somente no hafel. O particípio passivo significa "confiável". Uso semelhante ao hebraico.

2585 אֲמַר (*'ămar*) ***dizer, relatar, ordenar.*** Usado como o hebraico *'amar*. O hebraico *dābar* não possui nenhum paralelo em aramaico bíblico. Com freqüência se usa o verbo junto com *'ănâ* na expressão idiomática "respondeu e disse", um semitismo comum no NT.

Termo Derivado

2585a מֵאמַר (*mē'mar*) ***palavra.*** Usado duas vezes: Daniel 4.14; Esdras 6.9.

אִנְבֵּה (*'inbeh*). Veja o nº 2 554.

2586 אֲנָה (*'ănā*). Palavra geralmente utilizada para dar ênfase, como ocorre com a palavra hebraica correspondente *'ănî*.

2587 אִנּוּן (*'innûn*) ***eles, aqueles.*** Usado como o hebraico *hēm*. A semelhança de outros pronomes na terceira pessoa, pode ser usado copulativamente numa oração nominal.

אֱנוֹשׁ (*'ĕnôsh*). Veja o nº 2 591.

2588 אֲנַחְנָא (*'ănahnā'*) ***nós.*** Usado como o hebraico *'ănahnû*.

2589 אָנַס (*'anas*) ***oprimir.*** Usado como o hebraico, que ocorre somente em Ester 1.8.

2590 אַנַף (*'ănap*) ***rosto.*** Usado como o cognato hebraico *ap*, nº 133a.

2591 אֱנוֹשׁ (*'ănāsh*) ***homem, humanidade.*** Usado como o hebraico *'ĕnôsh* (nº 136a, q.v.), mas também pode ser usado em lugar das palavras hebraicas *'ĭsh* e *'ădām*. Empregado junto com *bar*, "filho". A expressão "filho do homem" ocorre somente em Daniel 7.13. A frase hebraica equivalente aparece com freqüência em Ezequiel com o significado de "uma pessoa". Em Daniel 7.13 refere-se a uma pessoa celeste (talvez num contraste intencional com as figuras precedentes de bestas), que se apresenta diante do Ancião de Dias na cena do julgamento. É esse versículo que Jesus aplicou a si próprio em Mateus 26.64 (et al.), assim dando a mais elevada significação à designação de "Filho do Homem", que freqüentemente atribuía a si próprio (veja-se *bar*).

2592 אַנְתָּה (*'antâ*; *kethib*), אַנְתְּ (*'ant*; *qerê*) ***tu.*** Uso semelhante ao hebraico *'attâ*.

2593 אַנְתּוּן (*'antûn*) ***vós.*** Uso semelhante ao hebraico *'attem*.

2594 אַסְפַּרְנָא (*'āspārnā'*) ***completamente.*** Empréstimo lingüístico do persa.

2595 אסר (*'sr*). **Aceita como raiz de:**

2595a אֵסוּר (*'ĕsûr*) ***cadeias, prisão.*** Uso semelhante ao hebraico.

2595b אֵסָר (*'ĕsār*) ***interdito, decreto de interdição.***

2596 אָע (*'ā'*) ***madeira, viga.*** Usado como o cognato hebraico *'ēts*, mas não com o sentido de "árvore" (veja-se *'ĭlān*). Talvez o *'aleph* esteja substituindo o presumível *'ayin* por dissimilação.

2597 אַף (*'ap*) ***também.*** Uso semelhante ao hebraico.

2598 אֲפַרְסָיֵא (*'ăpārsāyē'*). ***Afarsita.*** Empréstimo lingüístico do persa. Talvez título de um oficial (assim o entende *KB*).

2599 אֲפַרְסַכָיֵא (*'ăpārs'kāyē'*) ***Afarsaquita (nome de um povo).*** Talvez corresponda ao título de um oficial (*KB*).

2600 אֲפַרְסַתְכָיֵא (*'ăpārsat'kāyē'*) ***Afarsaquita (nome de um povo).*** Talvez corresponda ao título de um oficial (*KB*).

2601 אֲפַתֹּם (*'app'tōm*) ***tesouro.*** Empréstimo lingüístico do persa.

2602 אֶצְבַּע (*'etsba'*) ***dedo, artelho.*** Uso semelhante ao hebraico.

אַרְבַּע (*'arba'*). Veja o nº 2 986a.

2616 אֻשְׁרְנָא (*'ushsharnā'*)

2603 אַרְגְּוָן (*'arg'wān*) ***púrpura, vermelho púrpura.*** Uso semelhante ao hebraico *'argāmān* (nº 157, q.v.).

2604 אֲרוּ (*'ărû*) ***eis.*** Derivação incerta. Provavelmente uma variante do menos comum *alû*.

2605 אֲרַח (*'ărah*) ***caminho, modo de vida.*** Uso semelhante ao hebraico *'ōrah* (nº 161, q.v.).

2606 אַרְיֵה (*'aryēh*) ***leão.*** Uso semelhante ao hebraico.

2607 אָרִיךְ (*'arîk*) ***apropriado, adequado.*** Possivelmente um empréstimo lingüístico do persa (assim o entende *KB*).

2608 אַרְכֻּבָה (*'arkubâ*). Derivação incerta. Talvez derivado de *b'rak* (q.v.) por metatese.

2609 אַרְכָּה (*'ar'kâ*) ***prolongamento.*** Usado de modo semelhante à raiz hebraica *'ārak* (nº 162, q.v.).

2610 אַרְעָ (*'ăra'*) ***terra, mundo, chão.*** Usado de modo semelhante ao cognato hebraico *'erets*, mas o sentido de "país" não está confirmado. Uma forma alternativa, *araq*, é empregada em Jeremias 10.11a. Em aramaico o *tsadeh* hebraico pode ser representado por *'ayin* ou por *qoph*.

2611 אַרְעִי (*'ar'î*) ***fundo.***

2612 אַרְקָ (*'ăraq*) ***terra.*** Uma variante de *'ara'*.

2613 אֵשׁ (*esh*) ***fundamento.*** Talvez um empréstimo lingüístico do acadiano.

2614 אֶשְׁשֶׁה (*'ĕshsheh*) ***fogo, ofertas queimadas.*** Usado de modo semelhante ao hebraico *'ĕsh* (nº 172, q.v.).

2615 אָשַׁף (*'ăshap*) ***encantador, feiticeiro.*** Usado de modo semelhante ao hebraico *'ashshāp* (nº 181, q.v.).

2616 אֻשְׁרְנָא (*'ushsharnā'*) ***vigas, estrutura.*** A derivação e o significado exato são incertos.

אֶשְׁתַּדּוּר (*'eshtaddûr*). Veja o nº 3 021a.

אִשְׁתִּיו (*'ishtîw*). Veja o nº 3 051.

2617 אָת (*'āt*)

2617 אָת (*'āt*) ***sinais miraculosos, maravilhas.*** Ocorrendo apenas três vezes, essa palavra é usada de modo semelhante ao cognato hebraico *'ôt* (nº 41a, q.v.).

2618 אֲתָה (*'ăthâ*), אֲתָא (*'ăthā'*) ***vir*** (peal), ***trazer*** (hafel). Este é o verbo que, em aramaico bíblico, geralmente dá a idéia de "vir". No aramaico bíblico não existe cognato do verbo hebraico *bô'*. A palavra é usada também em hebraico (veja-se nº 188), mas apenas 20 vezes (em contraste com os 2 500 vezes do hebraico *bô'*). Aparece no NT na expressão "Maranata" (*maran-atha*), "vem, Senhor!"

2619 אַתּוּן (*'attûn*) ***fornalha.*** Empréstimo lingüístico do acadiano.

אִתַּי (*'itay*). Veja אִיתַי (*'itay*), nº 2 572.

2620 אָתַר (*'atar*) ***vestígio, lugar.*** *bā'tār*, com a preposição *beth*, é usado com referência ao tempo, "depois". Usado de modo semelhante ao hebraico *asher* (nº 183d, q.v.).

אַתַּרַי (*'attarâ'*). Veja (*n'tar*), nº 2 881.

ב

2621 ב (*b'*) ***em, com, através.*** Preposição inseparável usada como em hebraico, exceto que não existe o significado "desde", "a partir de", observado em ugarítico.

2622 באש (*b'ēsh*) ***ser mau.*** O cognato hebraico tem basicamente o sentido de "cheirar mal", surgindo daí o sentido de "ser malvado com alguém".

Termo Derivado

2622a בְּאֵישׁ (*bi ysh*) ***mau.***

בְּאתַר (*bā'tar*). Veja o nº 2 620.

2623 בדר (*b'dar*) ***espalhar.*** Usado como o cognato hebraico *bāzar*.

2624 בהל (*b'hal*) ***assustar, alarmar.*** Semelhante ao hebraico.

Termo Derivado

2624a בְּהִילוּ (*b'hîlû*) ***pressa.***

2625 בחל (*b'tēl*) ***parar.*** O cognato hebraico aparece somente em Eclesiastes 12.3.

2626 בין (*bên*) ***entre.*** Preposição usada como em hebraico.

2627 בִּינָה (*bîna*) ***entendimento.*** Semelhante ao hebraico.

2628 בִּירתָא (*bîrtā'*) ***castelo, cidadela.*** Semelhante ao hebraico, à exceção de que o hebraico *bîrâ* inclui os significados "palácio" e "templo".

2629 בית (*bît*) ***passar a noite.*** Esse verbo denominativo não é usado em hebraico.

2630 בל (*bāl*)

Substantivo de Origem

2629a בית (*bayit*) ***casa.*** Semelhante ao hebraico. Como em hebraico, a palavra inclui a idéia de "templo", a casa de Deus.

2630 בל (*bāl*) ***mente.*** Usado somente em Daniel 6.14 [15] na expressão "pôr a mente", ou seja, "decidir".

2631 *בלא (*bālā'*) ***gastar.*** Usado somente no pael. Palavra de uso semelhante ao hebraico *bālâ*, a qual, contudo, também ocorre no qal.

2632 בלו (*b'lô*) ***tributo.*** Empréstimo lingüístico do acadiano.

2633 בנה (*b'nâ*), בנא (*b'nā'*) ***construir.*** Uso semelhante ao hebraico.

Termo Derivado

2633a בנין (*binyān*) ***construção.*** Uso semelhante ao hebraico (somente em Ez 40—42), que pode ter tomado o vocábulo emprestado do aramaico.

2634 בנס (*b'nas*) ***ficar irado.*** Raiz não encontrada em hebraico. Palavra usada somente em Daniel 2.2, em que se refere à ira do rei.

2635 בעא (*b"ā'*) ***pedir, desejar, fazer petição, orar, solicitar, procurar.***

Termo Derivado

2635a בעו (*bā'û*) ***petição, pedido.*** Na liturgia judaica sempre tem o sentido de "oração".

O significado básico da raiz é o de "procurar". Secundariamente a idéia de procurar o favor divino (=orar) ou pedir a um rei (=fazer um pedido) tem sido atestada. No pael (somente em Dn 4.36) acrescenta-se o elemento de ânsia, de sorte que a busca deve ser feita com diligência ou com um sentido de urgência. O cognato hebraico *bā'ā* é usado (embora com pouca freqüência) com o sentido de "procurar", "investigar".

A raiz aparece apenas em Daniel, livro em que tem cinco conotações diferentes. Primeiro, a raiz tem a conotação de busca de uma pessoa ou grupo de pessoas que é feita por um grupo. Em Daniel 2.13, pessoas a serviço do rei foram enviadas com instruções para localizar todos os sábios do reino que, em virtude das suas associações com aqueles que estiveram abaixo das espectativas do rei, deviam ser mortos. Em Daniel 4.36 os antigos conselheiros e nobres do rei Nabucodonosor passaram a procurá-lo uma vez mais (para que voltasse a liderar). Em segundo lugar, a palavra se refere aos inimigos de Daniel, que estavam tentando encontrar motivos legais para matá-lo (Dn 6.4). Descrevem-se como *bā'ayin*, "busca", as atividades por eles desenvolvidas. Em terceiro lugar, o

vocábulo se refere à tentativa por parte de alguém de conquistar o favor de um rei. É assim que, em Daniel 2.16, Daniel "pediu" (*b"'â*) que o rei lhe concedesse mais tempo para poder atender à ordem de recordar e interpretar o sonho do monarca. Esse significado também se aplica a Daniel 2.49. Em quarto lugar, a palavra descreve o pedido (= oração) de compaixão e graça feito a Deus numa situação de crise real. Desse modo, em Daniel 2.18, Daniel e os seus três amigos sabiam que seriam mortos a menos que Deus fosse compassivo com eles, revelando-lhes o mistério que havia embaraçado toda a nação de intelectuais. Daniel 2.23; 6.11, 13, se enquadram nesta categoria. Em quinto lugar, o verbo pode significar simplesmente "perguntar", como em Daniel 7.16.

Nem sempre esses significados são empregados com precisão rígida. Mais de um sentido pode aplicar-se a uma passagem com um grande impacto simbólico. Por exemplo, todo capítulo 6 de Daniel gira em torno da tentativa dos inimigos de Daniel de fazer com que fosse morto. Como pretexto, aconselharam o rei a decretar que ninguém teria permissão de "fazer petição" (*yib'e' bâ'û*) a outra pessoa que não o próprio rei. Com grande habilidade literária, duas vezes o texto emprega lado a lado os sentidos três e quatro. É assim que nos versículos 7 e 12 a raiz *b"'â'* significa pedir a outro ser humano ou a qualquer divindade conhecida dos antigos. E exatamente essa a questão crucial para Daniel. Embora o autor de Daniel tenha, sem dúvida alguma, lembrado que numa ocasião anterior Daniel fizera um pedido a um governante humano (2.16, 49), quando a questão central passa a ser a da soberania divina, é somente a Deus que Daniel está desejoso de "orar" ou fazer um pedido, conforme os seus inimigos sabem muito bem. Está claro que a raiz *b"'â'* é uma palavra chave em Daniel 6 em razão da sua importância em outras passagens do livro e também da sua capacidade de transmitir um amplo espectro de sentidos aparentemente simples.

C.D.I.

2636 בעל (*b"'ēl*) ***proprietário, senhor.*** Uso semelhante ao do hebraico *ba'al*.

2637 בקעא (*biq'â'*) ***planície.*** Uso semelhante ao hebraico.

2638 בקר (*b'qar*) ***investigar, procurar.*** Um sinônimo de *b"'â'* (q.v.). À semelhança do seu sinônimo e do cognato hebraico *bāqar*, essa palavra pode ter um emprego tanto religioso (procura de Deus) quanto secular (busca).

2639 בר (*bar*) ***I, filho.*** Usado como em hebraico (cf. o aramaísmo *bar* em Sl 2.12 e Pv 31.2). A maioria das línguas semíticas traz *nun* em vez de *resh* no fim da palavra, como no hebraico *bēn*, "filho". Não é clara a origem do *resh*, mas observem-se as formas variantes Nabucodonosor e Nabucodorosor em hebraico. O plural de *bar* é grafado com *nun*.

O versículo significativo é Daniel 7.13, que J. G. Machen e muitos outros têm interpretado como a fonte da designação que Jesus faz de si mesmo, "Filho do Homem". Muitos defendem que essa expressão de Daniel 7.13 significa simplesmente "homem", como acontece com *ben 'adām* (Ez 2.1; etc.) em hebraico e com *b'nê 'ănāshā'* (Dn 2.38; 5.21) em aramaico. Talvez essa seja a interpretação correta. A visão de Daniel em 7.1-14 apresenta quatro reinos simbolizados como bestas. O quinto reino é entregue a um

animal e não a uma besta. Mas esse homem é o ser celeste que todos os seres humanos adorarão eternamente (7.14). Por isso, quando Jesus usou esse título, seus adversários não puderam provar que significava algo além do que "homem". Mas, quando Jesus empregou o título ao falar com os seus discípulos (Mt 24.30) e, por fim, com os seus inimigos (Mt 26.64), fica claro que ele se identificou com esse homem celeste de Daniel 7.13, o qual é digno de louvor e adoração eternos.

2640 בַּר (*bar*) ***II, campo.*** Cf. o hebraico *bar*, "cereal".

2641 בָּרַךְ (*b'rak*) ***ajoelhar, bendizer.*** Como também ocorre em hebraico, as duas idéias de ajoelhar e bendizer aparecem nesse verbo. O uso é bastante parecido com o hebraico, pois a idéia de "ajoelhar" se restringe ao particípio ativo do peal. No hebraico esse sentido de "ajoelhar" aparece no qal; a idéia causativa de "fazer ajoelhar", no hifil; e o sentido de "abençoar", no infinitivo e no particípio passivo do qal, e no piel (extensamente), nifal e hitpael. O verbo designa a ação de bendizer ou louvar a Deus. Não é usado em referência à ação de abençoar pessoas, talvez porque são reduzidos os trechos em aramaico bíblico.

Termo Derivado

2641a בֶּרֶךְ (*b'rak*) ***joelho.*** Palavra relacionada à raiz acima.

2642 בְּרַם (*b'ram*) ***só que, porém.*** Derivação incerta.

2643 בְּשַׂר (*b'sar*) ***carne.*** Como em hebraico, essa palavra pode referir-se literalmente a "carne" e também à humanidade e a criaturas em geral (Dn 4.9 [12]). Observe-se a expressão judaica contemporânea ***kosher basar***, "alimento permitido".

2644 בַּת (*bat*) ***bato.*** Uma medida de volume, o mesmo que em hebraico. Veja-se F. B. Huey, Weights and measures, ***ZPEB***, v. 5, p. 916.

בְּתַר (*bātar*). Veja אָחַר (*'ătar*), nº 2 620.

ג

2645 גַּב (*gab*) ***costas, lado.*** Em Daniel 7.6 a palavra aparece no singular no *qerê*, que entende que o vocábulo deriva da raiz hebraica *gābah*. O *kethib* traz a forma plural, "lados", provavelmente derivando-a de uma raiz *ganaba*, encontrada em árabe.

2646 גֹּב (*gōb*) ***cova.*** Essa palavra é semelhante ao hebraico *gēb*, "fosso", derivando do verbo *gûb*, "cavar".

2647 גבר (*gbr*). **Aceita como raiz de:**

2647a גֶּבֶר (*gᵉbar*) ***homem.*** Semelhante ao hebraico *geber*, que, todavia, tem mais acentuada a conotação de "homem forte". Mas veja-se abaixo.

2647b גְּבוּרָה (*gᵉbûrâ*) ***força, poder.*** Semelhante ao hebraico. O verbo do qual provém estas duas palavras é bem atestado em hebraico, embora não em aramaico bíblico.

2648 גִּדְבַּרַיָּא (*gᵉdābrayyā'*) ***tesoureiro.*** Derivação incerta. Provavelmente uma variante de *gizbār*, "tesoureiro", que é um empréstimo lingüístico do persa.

2649 גָּדַד (*gᵉdad*) ***abater.*** Semelhante ao hebraico, o qual, no entanto, não se usa para a ação de abater árvores. A palavra hebraica específica para isso é *gāda'*.

2650 גַּו (*gaw*) ***meio, interior.*** A forma usual possui um *'aleph* final, sendo precedida da preposição *bᵉ*, *bᵉgô'*, "no meio de", e empregada como o hebraico *bᵉtôk*. Provavelmente o vocábulo está relacionado com o hebraico *gaw*, "costas", consideradas como o meio do corpo.

גּוֹב (*gôb*). Veja גֹּב (*gōb*), nº 2 646.

2651 גְּאֶה (*gēwâ*) ***orgulho.*** Semelhante ao vocábulo hebraico, que deriva da raiz *gā'â*.

2652 גּוּחַ (*gûaḥ*) ***agitar.*** Semelhante ao hebraico *gîaḥ*.

2653 גִּזְבָּר (*gizbār*)

2653 גִּזְבָּר (*gizbār*) ***tesoureiro.*** Empréstimo lingüístico do persa.

2654 גּזר (*gʿzar*) ***cortar, determinar.*** Semelhante ao hebraico, o qual, contudo, ressalta mais a idéia de cortar ou cortar em dois. Que essas duas idéias estão relacionadas se vê no nosso vocábulo "decidir", que provém do latim *decidere*, "cortar fora".

Termo Derivado

2654a גְּזֵרָה (*gʿzērâ*) ***decreto.***

2655 גּיר (*gîr*) ***reboco.*** O equivalente hebraico, *gēr*, é usado apenas uma vez, em Isaías 27.9. Refere-se a pedras moídas de um altar. O equivalente árabe designa cal virgem ou calor. A relação pode estar no fato de que o calcário é aquecido para produzir cal virgem, um pó que, quando apagado, é o principal ingrediente da argamassa de cal. De acordo com Albright, a argamassa de cal era usada em Israel a partir de 1200 a.C.

2656 גָּלָא (*gʿlā'*), גָּלָה (*gʿlâ*) ***revelar*** (peal), ***levar para o exílio*** (hafel). O hebraico *gālâ* possui o mesmo duplo sentido.

Termo Derivado

2656a גָּלוּ (*gʿlû*) ***exílio.***

2657 גלל (*gll*). **Aceita como raiz de:**

2657a גִּלְגַּל (*galgal*) ***roda.*** Semelhante ao hebraico. O aramaico bíblico não possui a outra palavra hebraica para roda, *'ôpan*.

2657b גְּלַל (*gʿlal*) ***rolante.*** Ocorre somente em Esdras 5.8; 6.4, em que se refere a pedras grandes, ou seja, pedras que precisam ser roladas ou movidas com roletes. A raiz é comum em hebraico, mas não nessa expressão idiomática.

2657c מְגִלָּה (*mʿgillâ*) ***rolo.*** Semelhante ao hebraico, que deriva do verbo *galal*, "rolar". Documentos em forma de rolo perduraram pelo período da comunidade de Qumran (i.e., 68 d.C.). O fragmento Rylands de João (c. 130 d.C.) é um de nossos livros mais antigos em forma de códice.

2658 גְּמַר (*gʿmar*) ***terminar.*** Semelhante ao hebraico.

2659 גִּנְז (*gʿnaz*) ***tesouro.*** Semelhante ao plural hebraico *gʿnāzîm*, "tesouro", que é empregado somente em Ezequiel 27.24 e Ester 3.9;4.7. Provavelmente é um empréstimo lingüístico.

2660 גַּף (*gap*) ***asa (de ave).*** Derivação incerta.

2661 גְּרַם (*g'ram*) ***osso.*** Semelhante ao hebraico *gerem*.

2662 גְּשִׁים (*g'shêm*) ***corpo.*** Um substantivo derivado dessa raiz é empregado em hebraico para designar uma chuva pesada. O significado de "corpo" é atestado somente em árabe e siríaco.

ד

2663 דָּא (*dā'*) ***isto.*** Este pronome demonstrativo é cognato do hebraico *zeh* (o hebraico *zayin* transforma-se regularmente no aramaico *daleth* caso o fonema proto-semítico original tenha sido *ḏ* (equivalente ao árabe *dhal*).

2664 דֹּב (*dōb*) ***urso.*** Semelhante ao hebraico.

2665 דְּבַח (*d'bah*) ***sacrificar.*** Cognato do verbo hebraico *zābah* e usado de forma semelhante. O verbo ocorre somente em Esdras 6.3 no decreto real acerca da construção do templo. Outras palavras são usadas com esse sentido, especialmente *q'rab*.

Termos Derivados

2665a דִּבְחָא (*d'bah*) ***sacrifício.*** Semelhante ao hebraico *zebah*. Ocorre somente em Esdras 6.3.

2665b מַדְבְּחָא (*madbah*) ***altar.*** Semelhante ao hebraico *mizbēah*. Usado somente em Esdras 7.17, a única passagem aramaica de Esdras que menciona especificamente o altar.

2666 דְּבַג (*d'bēg*) ***apegar-se a.*** Uso semelhante ao hebraico.

2667 דִּבְרָה (*dibrâ*) ***causa, motivo.*** Uso semelhante ao hebraico e, da mesma forma, usado numa expressão idiomática com a preposição *'al*. Provavelmente em hebraico o uso surge a partir do significado de "coisa" que tem a palavra *dābār*.

2668 דְּהַב (*d'hab*) ***ouro.*** Semelhante ao hebraico *zahab*, com ocorrência da costumeira mudança do *zayin* em hebraico para o *daleth* em aramaico bíblico.

2669 דּוּר (*dûr*) ***habitar.*** Semelhante ao hebraico. O particípio desses verbos *'ayin-waw* regularmente desenvolve um *'aleph* médio em aramaico bíblico: *dā'rîn*. Quanto a substantivos relacionados, vejam-se: *dār*, "geração"; *m'dôr*, *m'dār*, "habitação"; e *t'dîrā*, "continuação". Parece que o significado básico da raiz é o de "mover-se em

círculo". Algumas casas mais antigas eram circulares. As gerações recorrem de forma cíclica. O sentido básico do verbo pode denotar a idéia de habitar, que é um significado derivado que aponta para aquilo que é circular, por exemplo, um montão. O substantivo cognato acadiano designa o muro de uma cidade, que na nossa maneira de pensar "circunda" a cidade.

Termos Derivados

2669a דָּר (*dār*) ***geração.***

2669b מָדוֹר (*m'dôr*) ***habitação.***

2669c מָדָר (*m'dār*) ***habitação.***

2669d תְּדִירָא (*t'dîrā'*) ***continuação.***

2670 דּוּשׁ (*dûsh*) ***calcar com os pés.*** Semelhante ao hebraico.

2671 דָּהֲוָה (*dahăwâ*) ***música.*** Somente em Daniel 6.18 [19]. Significado e derivação incertos.

2672 דְּחַל (*d'hal*) ***temer.*** Semelhante ao hebraico *zāhal* II, que é encontrado somente em Jó 32.6.

2673 דִּי (*dî*) ***quem, o que, aquilo que.*** Esse pronome relativo bastante comum em aramaico bíblico é usado: 1) como o pronome relativo hebraico *āsher*; 2) num estado construto (freqüentemente se emprega um pronome pleonástico, lit. "seu nome que era o de Deus", ou seja, "o nome de Deus", Dn 2.20); 3) como conjunção: "que", "conquanto", "porque", etc. Também é usado em várias combinações, especialmente *kōl-qŏbēl-dî*, "porque".

2674 דִּין (*dîn*) ***julgar.*** Semelhante ao hebraico.

Termos Derivados

2674a דַּיָּן (*dayyān*) ***juiz.*** A mesma palavra é empregada duas vezes em hebraico, em 1 Samuel 24.16; Salmos 68.5. A palavra hebraica mais usual para "juiz" é *mishpāt*, que procede de uma raiz diferente e ocorre apenas uma vez em aramaico bíblico.

2674b דִּינָיֵא (*dînāyē'*) ***dinaita (nome de um povo).*** *KB* dá a acepção "juízes". Ocorre somente em Esdras 4.9.

2674c מְדִינָה (*m'dînâ*) ***distrito, província.*** Posteriormente nome da famosa cidade da Arábia.

2675 דֵּךְ (*dēk*) ***este, esta, esse, essa*** Um pronome demonstrativo derivado de *dā'* mediante o acréscimo da terminação *k*. O plural é *'illēk*.

2676 דֵּכֵן (*dikkēn*) ***este, esta, esse, essa, aquele, aquela.*** Um pronome demonstrativo formado pelo pronome *dēk* e a terminação *n*.

2677 דכר (*dkr*). **Aceita como raiz de:**

2677a דְּכַר (*dᵉkar*) ***carneiro.*** Cognato do hebraico *zākār*, termo técnico que designa o macho usado em sacrifício.

2677b דִּכְרוֹן (*dikrôn*) ***memorando, registro.*** Cognato do hebraico *zikkārôn* e empregado de forma semelhante.

2677c דֻּכְרָן (*dokrān*) ***memorando, registro.*** Veja-se *dikrôn*, acima.

2678 דְּלַק (*dᵉlaq*) ***queimar.*** Semelhante ao hebraico.

2679 דְּמָה (*dᵉmâ*) ***parecer-se com.*** Semelhante ao hebraico.

2680 דְּנָה (*dᵉnâ*) ***este, esta, esse, essa.*** Esse pronome demonstrativo é formado a partir do pronome *dā'* acrescido da terminação *n*. O plural é *'illên* (q.v.).

2681 דְּקַק (*dᵉqaq*) ***esmigalhar.*** Semelhante ao hebraico.

דָּר (*dār*) ***geração.*** Veja o nº 2 669a.

2682 דרע (*dr'*). **Aceita como raiz de:**

2682a דְּרָע (*dᵉrā'*) ***braço.*** Semelhante ao hebraico *zᵉrôa'*. Observe-se a mudança de *zayin* para *daleth*. Da mesma raiz procede a palavra *'edra'*, "força" (com *'aleph* protético).

2682b אדרע (*'edra'*) ***braço, poder.***

2683 דָּת (*dāt*) ***decreto.*** Empréstimo lingüístico do persa, também usado no hebraico de Esdras e Ester.

2684 דְּתָא (*dete'*) ***erva.*** Usada de modo semelhante ao hebraico *deshe'*, com que está sem dúvida alguma relacionada. Palavras que em hebraico possuem um *shin* caracteristicamente mudam para um *taw* em aramaico caso o som proto-semítico tenha sido *th* (consoante *tha* em árabe).

2685 דְּתָבָר (*dᵉtābār*) ***juiz.*** Empréstimo lingüístico do persa.

ה

2686 ה (*hă*). Partícula interrogativa. A forma é *ha* antes de palavras que começam com semivogais. O uso é semelhante ao do hebraico. Em aramaico não se usa o artigo definido como em hebraico (*ha*, q.v.). Em vez disso se emprega o estado determinado para indicar o substantivo definido, que termina em *'aleph*.

2687 הָא (*hā'*) ***eis.*** Partícula demonstrativa (cf. o hebraico *hē'*).

2688 הָא (*hē'*) ***eis.*** Usado somente em Daniel 2.43 na expressão *hē' k'dî*, que alguns preferem analisar como *hē'k dî*. Uma partícula demonstrativa.

2689 הַדְבַּר (*haddābār*) ***conselheiro.*** Empréstimo lingüístico do persa.

2690 הַדֵּם (*haddām*) ***membro (do corpo).*** Empréstimo lingüístico do persa.

2691 הַדַּר (*hădar*) ***glorificar (Deus).*** Usado como em hebraico, com exceção de que em hebraico se usa *hādār* para designar a honra dada a homens.

Termo Derivado

2691a הֲדַר (*hădar*) ***honra, majestade.*** Usado como em hebraico.

2692 הֲוָא (*hăwā'*), הֲוָה (*hăwâ*) ***acontecer, tornar-se.*** Em geral emprega-se esse verbo como o verbo hebraico cognato *hāyâ*. Uma peculiaridade do aramaico é que no imperfeito utiliza-se *lamedh* como prefixal em vez do costumeiro *yodh*. Em aramaico também se usa freqüentemente *hăwâ* junto de um particípio para construir uma locução que expressa ação contínua e habitual (e.g., Dn 6.10 [11], "como costumava fazer").

2693 הוּא (*hû'*), הִיא (*hî'*) ***ele, ela.*** Em geral esses pronomes são usados como em hebraico, mas também são muitas vezes usados como elementos copulativos numa oração sem verbo, mesmo quando o sujeito é um pronome da primeira ou da segunda

2694 הֵיכָל (*hêkal*)

pessoa. O masculino também é empregado como pronome demonstrativo. O plural é *'innûn*, "eles", "elas", "aqueles", "aquelas" (q.v.).

2694 הֵיכָל (*hêkal*) ***palácio, templo.*** Essa palavra, também usada em hebraico, é um empréstimo lingüístico do sumério por intermédio do acadiano.

2695 הָלַךְ (*hālak*) ***ir, andar.*** Usado como em hebraico. O aramaico bíblico, porém, não atesta o uso idiomático de verbo auxiliar no infinitivo absoluto como forma de expressar ênfase.

Termo Derivado

2695a הַלְכָּךְ (*hălāk*) ***tributo, taxa, pedágio*** (ARA, ARC e IBB). Esse uso é tomado de empréstimo do acadiano.

2696 הִמּוֹ (*himmô*), הִמּוֹן (*himmôn*) ***eles.*** A primeira forma aparece em Esdras; a segunda, em Daniel. À semelhança das formas singulares *hû'* e *hî'* (q.v.), pode-se empregar esses pronomes como elemento copulativo numa oração sem verbo. Equivalem aos vocábulos hebraicos *hēm* e *hēmmâ*.

2697 הַמְנִיכָא (*hamnîkā'*) ***colar, gargantilha.*** Empréstimo lingüístico do persa, talvez por intermédio do grego.

2698 הֵן (*hēn*) ***se.*** Usado como o hebraico *hēn* quando este significa "se" (mas não quando significa "eis"). Também é empregado em perguntas indiretas, de modo semelhante ao hebraico *'im*.

2699 הַסַּק (*hassiq*). Veja o hafel de *s'laq*.

2700 הַרְהֹר (*harhōr*) ***imaginação, imagem mental.***

2701 ו (*w*ᵉ) ו (*û*) ***e, mas.*** **Utiliza-se a conjunção de modo muito parecido ao hebraico, exceto que o aramaico não emprega o chamado *waw* consecutivo. O *waw* prefixado ao verbo não altera o tempo verbal.**

זָאעִין (*zā'ă'în*). Particípio de *zûa'*, nº 2706.

2702 זְבַן (*z'ban*) ***comprar, ganhar.*** Um substantivo acadiano cognato designa as balanças de transações comerciais.

2703 זְהַר ***advertir.*** Uso semelhante ao hebraico.

2704 *זוּד (*zûd*) ***ser presunçoso.*** Usado somente no hafel. Cf. o hebraico *zîd*.

2705 *זוּן (*zûn*) ***alimentar.*** Usado no hitpael. Cf. o hebraico *zûn*.

Termo Derivado

2705a מָזוֹן (*māzôn*) ***comida.***

2706 זוּע (*zûa'*) ***tremer.*** À semelhança do hebraico *zûa'*, esse verbo pode ter o sentido de "tremer de medo". Esse é, de fato, o único significado atestado em aramaico bíblico.

2707 זִיו (*zîw*) ***brilho, esplendor.*** Talvez um empréstimo lingüístico do acadiano.

2708 זְכוּ (*zākû*) ***pureza, inocência (aos olhos de Deus).*** Usado de forma semelhante à raiz hebraica *zākâ*.

2709 זְמַן (*z'man*) ***concordar*** (Dn 2.9, hafel; o *qerê* lê o verbo como hitpael). Cf. o verbo cognato e denominativo hebraico, que significa "marcar uma hora", "determinar", o que ajuda a explicar o caminho semântico pelo qual "tempo" se torna "concordar".

Substantivo de Origem

2709a זְמָן (*z'man*) ***tempo.*** Provavelmente um empréstimo lingüístico do persa. Usado para designar estações, momentos determinados, períodos de tempo

— mas não os célebres "sete tempos [ou anos]" de Daniel 4.13 e ss., em que a palavra usada é *'iddān*. O equivalente hebraico é usado somente em Esdras, Neemias, Ester e Eclesiastes.

2710 זמר (*zmr*). **Aceita como raiz de:**

2710a זמר (*z'mar*) ***música***. Usado como em hebraico.

2710b זמר (*zammār*) ***cantor***.

2711 זן ***tipo, espécie***. Uso semelhante ao hebraico, mas é incerta a derivação em ambas as línguas.

2712 זעק (*z"aq*) ***gritar, clamar, chamar***. Uso semelhante ao hebraico.

2713 זעיר (*z"êr*) ***pequeno***. Uso semelhante ao hebraico.

2714 זקף (*z'qap*) ***suspender, erguer***. Em hebraico a palavra tem sentido genérico. Em aramaico pode referir-se a empalação (Ed 6.11, NIV; cf. BLH).

2715 זרע ***semente***. Uso semelhante ao hebraico.

ח

2716 *חבל (*hăbal*) ***destruir, machucar.*** Usado apenas no pael e hitpael. Uso semelhante ao hebraico *hābal* II.

Termos Derivados

2716a חבל (*hăbāl*) ***machucado, ferimento.***

2716b הבוּלָא (*hăbûlā'*) ***maldade, dano.***

2717 חבר (*hbr*). **Aceita como raiz de:**

2717a חבר (*hăbar*) ***amigo, companheiro.*** Uso semelhante ao hebraico.

2717b חברה (*habrâ*) ***colega, companheiro.***

2718 חד (*had*), חדה (*hădâ*) ***um.*** Usado, de forma semelhante ao hebraico *'ehād*, como: numeral, substantivo "o mesmo", ordinal "primeiro", artigo indefinido "um", "uma", etc.

2719 חדוה (*hedwâ*) ***alegria.*** Usado de forma semelhante à raiz hebraica *hādâ*.

2720 חדי (*hădî*) ***seios, peito.*** O cognato hebraico *hāzeh* mostra a alteração *zayin-daleth*.

2721 חדת (*hădat*) ***novo.*** Cognato do hebraico *hādash*.

2722 חוה (*hăwâ*) ***explicar, interpretar, mostrar, informar, contar.***

Termo Derivado

2722a אחויה (*ahăwāyâ*) ***declaração, interpretação.*** Esse infinitivo do afel é usado numa construção nominal em Daniel 5.12a.

2723 חוּת (*ḥût*)

O sentido básico da raiz em Daniel (ela não ocorre em nenhum outro lugar) é o de "explicar" ou "destacar". Empregam-se os graus pael e hafel (ou afel), mas sem distinção alguma no sentido. O cognato hebraico *ḥāwâ* é empregado várias vezes com o sentido de "fazer um relatório", "informar", "deixar alguém saber de algo".

A raiz aparece somente em três capítulos de Daniel, sempre com significados que têm íntima relação com a idéia básica de explicar ou interpretar. Um exame minucioso da palavra permite identificar as seguintes conotações. Primeiro, em Daniel 2 utiliza-se *ḥăwâ* com o significado de explicar o sentido de (i.e., interpretar) o sonho do rei. A tradução encontrada na TB, "mostrar", não ressalta o fato de que o rei não apenas está querendo que lhe mostrem o sonho, como também exigindo que lhe dêem uma interpretação adequada daquele sonho. Associada a essa idéia de explicar o significado de um sonho (conforme se vê em Dn 2.4, 6, 7, 9, 10, 11, 16, 24, 27) se acha a cena descrita no capítulo 5 de Daniel. Nesse contexto Daniel é chamado não para interpretar um sonho, mas para decifrar e explicar uma escrita criptográfica que aparecera na parede (veja-se Dn 5.5). E evidente que aquela escrita era extraordinária pois o rei (Belsazar) precisou de alguém não apenas para lê-la mas também para explicar o seu significado (lit., "explicar [ou declarar] sua interpretação").

Uma segunda função de *ḥăwâ* é atestada em Daniel 4.2 [3.32]. Ali o rei é citado assim: "pareceu-me bem fazer conhecidos [*l'hahăwayâ*] os sinais e maravilhas que Deus, o Altíssimo, tem feito para comigo". Conforme o revelam os versículos seguintes, o rei entendeu esses sinais e maravilhas somente porque Daniel havia previamente feito interpretação disso para o rei. De modo que, nesse contexto, parece que *ḥăwâ* significa apenas "anunciar" (em público aquilo que Daniel explicara em particular).

O significado mais óbvio da palavra *ḥăwâ* em Daniel é, portanto, o de denotar a capacidade de fazer algo que os grandes intelectuais do império babilônico foram incapazes de fazer. Daniel pôde explicar acontecimentos vigentes e futuros bem como suas implicações políticas e teológicas. Os encantadores, magos e outros profissionais babilônicos foram incapazes de fazê-lo. Mas Daniel não desponta por causa disso como um simples herói humano. Pelo contrário, o Deus de Daniel desponta como a única divindade que, por meio de sua revelação, dá sentido à história. Essa distinção é feita com todas as letras nos capítulos 2 (vv. 26-28) e 5 (vv. 9, 18).

C.D.I.

2723 חוּת (*ḥût*), חִית (*ḥît*) ***consertar, juntar (alicerces).*** Ocorre somente em Esdras 4.12.

Derivação incerta. Cf. o hebraico *ḥût*, "fio", "linha".

2724 חִוַּר (*ḥiwwār*) ***branco.*** Uso semelhante ao hebraico.

2725 חזה (*ḥăzâ*) ***ver, contemplar.*** Esse verbo é usado com freqüência no sentido normal de "ver" e com referência a "ter visões". O uso é semelhante ao hebraico, mas o aramaico bíblico não chama o profeta de "vidente", como acontece em hebraico.

Termos Derivados

2725a חֲזוּ (*ḥăzû*) ***visão, aparição.*** Usado de modo semelhante ao hebraico *ḥizzāyôn*.

2725b חָזוֹת (*hăzôt*) ***vista, visibilidade.***

2726 חטא (*ht'*). Aceita como raiz de:

2726a חַטַּי (*hăṭay*) ***pecado.*** Usado apenas uma vez, em Daniel 4.27 [24]. É empregado de modo semelhante ao hebraico *hēṭ'*.

2726b חַטָּאָה (*hăṭṭāyā'*) ***oferta pelo pecado.*** Usado uma vez (Ed 6.17), de modo semelhante ao hebraico *hatta't*.

2727 חיא (*hăyā'*) ***viver.*** Usado de modo semelhante ao hebraico. Entretanto, a expressão imperativa usada na corte "ó rei, vive eternamente", que aparece cinco vezes em Daniel, não está no jussivo, como seria de esperar em hebraico.

Termos Derivados

2727a חַי (*hay*) ***vivo, vivente.*** Uso semelhante ao hebraico. Derivado de *hăyā'*.

2727b חֵיוָה (*hêwâ*), חֵיוָא (*hêwā'*) ***besta, animal.*** O hebraico *hay* significa tanto "vivo", "vivente", quanto "ser vivo", "animal vivo". Parece que o aramaico *hêwâ* é um termo mais específico para bestas — tanto os animais literais quanto as bestas simbólicas de Daniel.

2728 חיל (*hayil*) ***força, exército.*** Uso semelhante ao hebraico.

2729 חכם (*hkm*). Aceita como raiz de:

2729a חַכִּים (*hakkîm*) ***sábios.*** Usado principalmente para designar os astrólogos da corte babilônica, em Daniel.

2729b חָכְמָה (*hokmâ*) ***sabedoria.*** Uso semelhante ao hebraico. Relacionado com *hakkîm*.

2730 חֵלֶם (*hĕlem*) ***sonho.*** Usado como o hebraico *hălôm*.

2731 חֲלַף (*hălap*) ***transcorrer.*** Usado em referência à passagem dos anos (Dn 4.16 [13], etc.) de um modo sem correspondente exato em hebraico.

2732 חלק (*hlq*). Aceita como raiz de:

2732a חֲלָק (*hălāq*) ***porção, possessão.*** Uso semelhante ao hebraico.

2732b מַחְלֻקָה (*mahl'qâ*) ***classe, divisão (de funcionários do templo).*** Usado como o hebraico *mahălōqet*. Cognato do substantivo *hălāq*.

2733 חֵמָא (*hĕmā'*) ***raiva.*** Uso semelhante ao hebraico *hĕmâ*. Nas duas línguas a raiz é *yhm*.

2734 חֲמַר (*ḥămar*)

2734 חֲמַר (*ḥămar*) ***vinho.*** Uso semelhante à rara palavra hebraica *hemer*. Usado para descrever o vinho no banquete de Belsazar (Dn 5.1 e ss.) e o vinho a ser dado para a oferta do templo (libações?) em Esdras 6.9; 7.22.

2735 חִנְטָה (*ḥintâ*) ***trigo.*** Uso semelhante ao hebraico *ḥittâ*. O árabe e também o aramaico e possivelmente o egípcio atestam a existência de um *n* assimilado na palavra hebraica.

2736 חֲנֻכָּה (*ḥănukkâ*) ***dedicação.*** Uso semelhante ao hebraico. A festa judaica de Hanukkah é uma festa pós-bíblica que comemora a rededicação do templo por Judas Macabeu em 165 a.C. Cf. João 10.22 (NIV marg.).

2737 חָנַן (*ḥanan*) ***demonstrar favor.*** Uso semelhante ao hebraico. Tal como em hebraico, o significado de "implorar favor" ou "fazer súplicas" é encontrado no grau reflexivo hitpael.

2738 חָסַן (*ḥăsan*) ***tomar posse.*** As palavras hebraicas cognatas dão ênfase à idéia de força e riquezas. É óbvia a associação semântica com a idéia de possuir.

Termo Derivado

2738a חֹסֶן (*ḥōsen*) ***poder (do rei).*** Palavra associada ao verbo acima. Observe-se a conotação de força existente em hebraico.

2739 חֲסַף (*ḥăsap*) ***barro, cerâmica.*** O vocábulo não é usado em hebraico. Seu emprego no aramaico bíblico se restringe aos pés e artelhos da imagem de Daniel 2. A única pergunta é: o barro era mole ou já era cozido, como cerâmica (2.41, NIV)? Uma vez que o quadro é de despedaçar coisas quebráveis, provavelmente a referência seja a barro cozido.

2740 *חסף (*ḥăsap*) ***demonstrar insolência.*** Usado somente no hafel e não no hebraico bíblico.

2741 חָרַב (*ḥărab*) ***ser devastado.*** Usado apenas no hofal para designar uma cidade que é devastada. Usado também com esse sentido no hofal em hebraico.

2742 חַרְטֹם (*ḥartōm*) ***mago-astrólogo.*** Uso semelhante ao hebraico (q.v.). Pode ser um empréstimo lingüístico do egípcio através do hebraico (cf. *KB*, hebraico *ḥartōm*).

2743 חָרַךְ (*ḥărak*) ***chamuscar.*** Encontrado somente em Daniel 3.27. Jamais ocorre em hebraico.

2744 חרץ (*hărats*) ***lombo, junta dos quadris.*** Provavelmente cognato do hebraico *hālāts*, com troca das consoantes líqüidas.

2745 חשב (*hăshab*) ***pensar, considerar.*** Uso semelhante ao hebraico.

2746 חשׁח (*hăshah*) ***precisar.*** O termo não é usado em hebraico, mas a raiz é encontrada em acadiano.

Termos Derivados

2746a חשׁחה (*hashhâ*) ***coisa necessária.***

2746b חשׁחוּ (*hashhû*) ***coisas necessárias (coletivo).***

2747 חשׁוֹך (*hăshôk*) ***escuridão.*** Usado como o hebraico *hōshek*. Ocorre somente em Daniel 2.22.

2748 חשׁל (*hăshal*) ***esmigalhar.*** Usado uma vez em hebraico (Dt 25.18, nifal). Existem cognatos em acadiano e árabe.

2749 חתם (*hătam*) ***selar.*** Uso semelhante ao hebraico.

ט

2750 טָאַב (*ṭ*^{e}*ēb*) ***ser bom.*** Usado como o hebraico *ṭôb*. O *'aleph* que se desenvolve a partir da raiz *y*^{e}*ṭab* (uma variante cognata do hebraico *ṭôb*) é incomum fora do particípio peal.

Termo Derivado

2750a טָב (*ṭāb*) ***bom.***

2751 טַבָּח (*ṭabbāḥ*) ***guarda.*** Usado em hebraico para designar tanto o cozinheiro e (no plural) o guarda do rei. Potifar era um chefe da guarda (Gn 37.36).

2752 טוּר (*ṭûr*) ***montanha.*** Usado de forma semelhante ao hebraico *tsûr*, com a costumeira troca entre *ṭ* e *ts* quando o som proto-semítico é um fricativo enfático. Cf. também o aramaico *qayiṭ*, "verão", e o hebraico *qayits*.

2753 טְוָת (*ṭ*^{e}*wāt*) ***jejum.*** Usado somente em referência ao jejum do rei em Daniel 6.18 [19]. Não usado em hebraico.

2754 טִין (*ṭin*) ***barro.*** Cf. a palavra *ḥăsap*, usada no mesmo contexto dos pés da imagem em Daniel 2. Esse vocábulo não é empregado em hebraico. "Barro cozido" se encaixa bem no contexto.

2755 טַל (*ṭal*) ***orvalho.*** Usado de modo semelhante ao hebraico *ṭal*, que deriva de uma raiz *ṭālal*.

2756 *טָלַל (*ṭ*^{e}*lal*) ***ter sombra.*** Usado somente no hafel. Esse verbo não tem relação com o substantivo *ṭal*, mas procede do hebraico *tsālal*. Observe-se a troca entre *ṭ* e *ts*.

2757 *טָעַם (*ṭ*^{e}*ʿēm*) ***alimentar.*** Usado somente no pael. O cognato hebraico, usado no qal, significa "experimentar", "provar", o que está em harmonia com o derivado a seguir.

2758 טְפַר (*ṭ^epar*)

Termo Derivado

2757a טְאֵם (*ṭ^e'ēm*) ***ato de experimentar, julgamento, ordem.*** O hebraico é semelhante, mas o significado de "ordem", "comando", é raro em hebraico.

2758 טְפַר (*ṭ^epar*) ***unha, garra.*** O cognato hebraico *tsippōren* também significa "unha", mas, ampliando o campo semântico, inclui estilete (Jr 17.1), um sentido não atestado em aramaico bíblico.

2759 טְרַד (*ṭ^erad*) ***expulsar.*** Usado de modo semelhante ao hebraico *ṭārad*.

י

2760 *יבל (*y*ᵉ*bal*) ***levar, carregar.*** Usado no hafel, *y*ᵉ*bal* é similar ao hifil do hebraico *yābal*.

2761 יבשת (*yabbeshet*) ***a terra.*** O hebraico *yabbāshâ* é um termo mais específico que designa terra seca. Aliás, o vocábulo aramaico em Daniel 2.10 pode estar ressaltando a parte da terra onde as pessoas vivem, em vez de a terra toda.

2762 יגר (*y*ᵉ*gar*) ***montão (de pedras).*** Esse vocábulo faz parte do nome que Labão deu à pilha de pedras que testemunhou o juramento entre ele e Jacó (Gn 31.47). O nome aramaico foi *y*ᵉ*gar sāhādûta*, "montão do testemunho". O nome dado por Jacó foi o hebraico *gal'ēd*. Já se ressaltou que a "bênção de Mispa", pronunciada nessa ocasião, não foi na verdade uma bênção, mas uma ameaça e uma sanção à manutenção da aliança de paz. Veja-se *sāhădû*.

2763 יד (*yad*) ***mão, poder.*** Essa palavra comum é usada de modo semelhante ao hebraico.

2764 *ידא (*y*ᵉ*dā'*) ***louvar, dar graças.*** Como no caso do cognato hebraico *yādâ*, há divergência de opiniões sobre se essa raiz (usada somente em Dn 2.23; 6.11) significa "dar graças" ou "louvar". Veja-se a discussão do assunto no verbete sobre a raiz hebraica. Uma possibilidade é que o agradecimento genérico pode ser traduzido por louvor. Mas, quando se tem em vista um motivo específico, pode ser traduzido por "dar graças".

2765 ידע (*y*ᵉ*da'*) ***conhecer, saber.*** Pode-se dizer que esse verbo é empregado de modo bem parecido com o seu cognato hebraico. Mas, no âmbito do aramaico bíblico, nem todos os usos do hebraico (e.g., conhecimento carnal) estão representados.

Termo Derivado

2765a מַנְדַּע (*manda'*) ***conhecimento.*** Derivado do verbo *y*ᵉ*da'*, esse substantivo aramaico desenvolve o *nun* por dissimilação da forma *maddā'*.

2766 יְהַב (*y^ehab*)

Posteriormente esse substantivo foi empregado como o equivalente da gnose grega. Os gnósticos falantes de aramaico foram denominados mandeus.

2766 יְהַב (*y^ehab*) ***dar.*** Em aramaico bíblico essa palavra é, proporcionalmente, usada de forma muito mais vasta do que o verbo correspondente em hebraico. Neste último idioma, o verbo *yāhab* (q.v.) se restringe ao imperativo do qal e, com freqüência, é usado como expressão de cortesia, "vamos", "venha". Em hebraico, o verbo característico para "dar" é *nātan*. Em aramaico bíblico a situação se inverte; *n^etan* se restringe ao imperfeito e ao imperativo do peal, e *y^ehab* é usado em outras formas e graus. Semanticamente, em aramaico o verbo *y^ehab* suplementado por *n^etan* cobre os principais usos do verbo hebraico *nātan*.

2767 יוֹם (*yôm*) ***dia.*** Uso semelhante ao hebraico. No entanto, visto que em aramaico bíblico essa palavra só ocorre 15 vezes, em contraste com 2 285 em hebraico, alguns dos usos menos comuns em hebraico não são encontrados em aramaico bíblico. De interesse é o uso em Daniel 2.28, *b^e'aḥărît yômayyā*, "nos últimos dias" (ARA) ou "nos tempos vindouros" (PIB). Veja-se a análise do hebraico *ʾaḥărît*, nº 68.

2768 יְטַב (*y^eṭab*) ***ser agradável.*** Palavra relacionada com *ṭ^e'ēb*, da mesma forma que o hebraico *yāṭab* está relacionado com *ṭôb*. Mas a expressão hebraica para "ser agradável" geralmente é a expressão completa "ser agradável aos olhos de".

2769 יְכַל (*y^ekil*) ***ser capaz.*** Uso semelhante ao hebraico.

2770 יַם (*yam*) ***mar.*** Uso semelhante ao hebraico.

2771 יְסַף (*y^esap*) ***acrescentar.*** Usado somente em Daniel 4.36 [33]. Os diferentes usos idiomáticos não são atestados na limitada literatura do aramaico bíblico.

2772 *יְעַט (*y^eʿaṭ*) ***aconselhar, aconselhar-se.*** Usado somente no itpael. O uso é semelhante ao do cognato hebraico *yāʿats*. O sentido de "consultar entre si" é encontrado no nifal do hebraico, ao passo que o único emprego do hitpael em hebraico significa "conspirar". Será que o aramaico de Daniel 6.7 [8] está na verdade dizendo que os oficiais haviam conspirado entre si?

Termos Derivados

2772a יָעֵט (*yāʿēṭ*) ***conselheiro.*** Um particípio peal do verbo acima, usado como substantivo.

2772b עֵטָה (*ʿēṭâ*) ***conselho.***

2773 *יְצַב (*y^etsab*) ***assegurar-se.*** Usado somente em Daniel 7.19, no pael. O hebraico *yātsab* é provavelmente um cognato, mas tem mais o sentido de "tomar posição". É usado apenas no hitpael.

Termo Derivado

2773a יְצִיב (*yatstsîb*) ***certo, verdadeiro.*** Quando precedido da preposição *min*, significa "com certeza".

2774 יְקַד (*yᵉqad*) ***queimar.*** Usado seis vezes no relato sobre a fornalha ardente de Daniel 3. Sua gama de sentidos é semelhante à do hebraico *yāqad*.

Termo Derivado

2774a יְקֵדָה (*yᵉqēdâ*) ***queimadura.*** Usado de modo semelhante ao hebraico *yᵉqôd*, que também deriva da raiz *yqd*.

2775 יְקַר (*yqr*). **Aceita como raiz de:**

2775a יְקָר (*yᵉqār*) ***honra.*** O significado básico da raiz hebraica é o de "ser precioso". A conotação de "honra" se vê na palavra hebraica *yᵉqar* e também no aramaico.

2776 יְרַח (*yᵉraḥ*) ***mês.*** Uso semelhante ao hebraico.

2777 יַרְכָה (*yarᵉkâ*) ***coxa, lombos.*** Usado somente em Daniel 2.32. No aramaico bíblico não se atestam extensões desse sentido encontradas em hebraico ("lado", "extremidades", "desvãos").

2778 יְשַׁן (*yshn*). **Aceita como raiz de:**

2778a שְׁנָה (*shēnâ*) ***sono.*** O verbo não é encontrado no aramaico bíblico. Ocorre com freqüência em hebraico, e a forma paralela *shēnâ* está entre seus derivados.

2779 יָת (*yāt*). **Marca do acusativo.** Usado somente em Daniel 3.12. O hebraico *'ēt* (q.v.) é muito comum na Bíblia, mas é raro em poesia e inexistente em ugarítico. O único caso em aramaico bíblico sugere que não é comum nesse dialeto, embora seja encontrado em outros dialetos aramaico-siríacos.

2780 יְתִב (*yᵉtib*) ***sentar-se, habitar.*** Usado de forma semelhante ao cognato hebraico *yāshab*.

2781 יִתִּיר (*yattîr*) ***preeminente, extraordinário.*** Usado como o hebraico *yeter*, que, porém, possui outro sentido ("restante", "excesso") que não é atestado em aramaico bíblico.

כ

2782 כְּ (*k*ᵉ) ***como, conforme, aproximadamente.*** Uso semelhante ao hebraico.

2783 כְּדַב (*k*ᵉ*dab*) ***falso.*** Cf. o substantivo cognato hebraico *kāzāb*, "falsidade". Observe-se a troca *daleth-zayin*.

כְּדִי (*k*ᵉ*dî*). Veja *dî* nº 2 673.

2784 כָּה (*kâ*) ***aqui.*** O aramaico não altera a vogal longa acentuada *a* para *o*, conforme se vê no advérbio demonstrativo hebraico *kōh*.

2785 כְּהַל (*k*ᵉ*hal*) ***ser capaz.*** Uma raiz não atestada em hebraico, que emprega *yākōl* para transmitir essa idéia. Possivelmente existe o relacionamento com uma variante, mas parece que faltam indícios concretos.

2786 כָּהֵן (*kāhēn*) ***sacerdote.*** Uso semelhante ao hebraico.

2787 כּוֹר (*kôr*) ***coro.*** Uma medida de capacidade para secos, equivalente a dez efas. Veja-se o estudo do assunto no verbete *ʾêpâ* nº 82.

2788 *כְּלַל (*k*ᵉ*lal*) ***terminar, completar.*** Usado somente nos graus *shafel* e *ishtafel*, possivelmente um empréstimo lingüístico do acadiano. Mas *kālal* é usado de modo semelhante em hebraico, e existe o grau *shafel* em ugarítico. O grau *shafel* não é tão surpreendente em aramaico como algumas vezes se pensou.

2789 כֹּל (*kōl*), כֻּל- (*kol-*) ***a totalidade, tudo.*** Uso semelhante ao hebraico.

2790 כֵּן (*kēn*) ***assim, conforme segue.*** Uso semelhante ao hebraico.

2791 כְּנֻמָא (*k*ᵉ*nēmāʾ*) ***dessa maneira, conforme segue.*** Pode referir-se tanto ao que precede (Ed 6.13) quanto ao que vem a seguir (Ed 4.8). É como se inicia uma carta em Esdras 5.4 — a antiga maneira de dizer "Prezado senhor".

2792 כְּנָשׁ (*k'nāsh*)

2792 כְּנַשׁ (*k'nāsh*) ***reunir***. Cognato do hebraico ***kānas*** (q.v.) e usado de modo semelhante.

2793 כְּנָת (*k'nāt*) ***colega***. A mesma palavra é empregada no hebraico de Esdras 4.7. Mas aí é provavelmente um empréstimo lingüístico do aramaico, que, por sua vez, pode ter tomado de empréstimo do acadiano.

2794 כְּסַף (*k'sap*) ***prata***. Usado como o hebraico ***kesep*** e sem nenhuma referência clara a moedas, embora moedas gregas e persas estivessem em circulação na época de Esdras (cf. Ed 7.17).

2795 כְּעַן (*k"an*) ***agora***. Uma combinação da preposição ***k'*** com um derivado da raiz *'ānâ*, da qual deriva a palavra hebraica *'ēt*, "tempo". O sentido é "neste tempo" ou "agora".

2796 כְּעֶנֶת (*k"enet*) ***agora***. Uma forma feminina do vocábulo acima.

2797 כְּעֵת (*k"et*) ***agora***. Uma contração da forma ***k"enet***.

2798 כְּפַת (*k'pat*) ***amarrar***. Palavra não atestada em hebraico, mas cognatos ocorrem em acadiano e árabe.

2799 *כְּרָא (*k'rā'*) ***estar aflito***. Palavra não atestada em hebraico. Cognatos ocorrem em acadiano e árabe. Não usado no peal.

2800 כַּרְבְּלָא (*karb'lā'*) ***gorro, turbante***. O vocábulo hebraico tem a conotação de tecido jogado em cima como uma manta. O cognato acadiano refere-se a algum tipo de boné. Talvez a referência seja a um turbante, mas o significado exato é incerto. Ocorre somente em Daniel 3.21.

2801 *כְּרַז (*k'raz*) ***proclamar***. Um verbo denominativo derivado de ***kārôz***, o que sugere que a palavra fora tomada de empréstimo do grego algum tempo antes. Usada somente em Daniel 5.29. Não usada no peal.

2802 כְּרוֹז (*kārôz*) ***arauto***. Essa é uma das três ou quatro festejadas palavras gregas encontradas em Daniel (3.4). O raciocínio tem sido de que essas palavras provam que o livro foi escrito em período posterior ao de Alexandre. Mas é notável que, se o livro de Daniel foi escrito na época dos macabeus, haja tantos empréstimos lingüísticos do persa e tão poucos do grego. É óbvio que Susã e Babilônia, nos dias de Daniel, não estavam isoladas de mercadores, artesãos e soldados gregos. E de esperar que houvesse músicos gregos com instrumentos de nomes gregos (cf. Dn 3.5 etc.) na época de Daniel. *KB* argumenta que na realidade ***kārôz*** deriva de uma raiz do persa antigo e que é cognata da palavra grega.

2803 כְּרְסָא (*korsē'*) ***trono.*** Usado como o hebraico *kissē'*, com inserção de uma consoante líqüida.

2804 כִּכַּר (*kikkār*) ***talento.*** Uso semelhante ao hebraico.

2805 כְּתַב (*k'tab*) ***escrever.*** Uso semelhante ao hebraico.

Termo Derivado

2805a כְּתָב (*k'tāb*) ***escrita.*** A palavra aramaica exprime o sentido de dois vocábulos hebraicos: *k'tab* e *miktāb*.

2806 כְּהַל (*k'tal*) ***muro, parede*** (Dn 5.5). O equivalente hebraico também aparece apenas uma vez (Ct 2.9).

2807 ל (*l*ᵉ) ***para, com respeito a, como, em.*** Essa preposição inseparável funciona também como marca do acusativo e é empregada de modo bem semelhante ao equivalente hebraico. Parece que as formas com *mâ* inexistem em aramaico bíblico, como também acontece com *b*ᵉ, "em", e *k*ᵉ, "como", "quando". Emprega-se o *l*ᵉ tal como em hebraico para assinalar o objeto de um verbo, mas não existe um paralelo com o hebraico *'ēt*. Pode-se indagar se *l*ᵉ chega a ser usado no sentido de "desde", "a partir de", como atualmente se reconhece que acontece no hebraico. Parece que a resposta é que não se verificou tal uso, mas o material disponível em aramaico bíblico é por demais limitado para excluir a possibilidade.

O *l*ᵉ é mais usado em aramaico bíblico do que em hebraico como uma expressão perifrástica que expressa a idéia genitiva, "pertencente a". O emprego junto com um infinitivo para expressar finalidade é idêntico ao hebraico. Em aramaico não há nenhum cognato do hebraico *l*ᵉ*ma'an*.

2808 לָא (*lā'*) ***não.*** Usado como em hebraico. Observe-se que no aramaico bíblico o *qamets* acentuado não muda para *holem*. Dois usos são mais comuns em aramaico bíblico do que em hebraico. Em aramaico bíblico *lā'* pode ser empregado junto a um particípio. E, visto que o aramaico não utiliza a expressão conjuntiva *l*ᵉ*biltî*, "para não", a partícula negativa *lā'* é encontrada junto a um infinitivo de finalidade precedido da preposição *l*ᵉ.

2809 לבב (*lbb*). **Aceita como raiz de:**

2809a לֵב (*lēb*) ***coração.***

2809b לְבַב (*l*ᵉ*bab*) ***coração.*** Essa palavra é mais comum no aramaico bíblico do que *lēb*. O inverso acontece em hebraico.

2810 לבש (*l*ᵉ*bēsh*) ***ser vestido.***

Termo Derivado

2810a לְבוּשׁ (*l*ᵉ*bûsh*) ***roupa, veste.*** Usado como em hebraico.

2811 לָהֵן (*lāhēn*)

2811 לָהֵן (*lāhēn*) ***I, portanto.*** Usado como em hebraico.

2812 לָהֵן (*lāhēn*) ***II, exceto, mas.*** Esse emprego difere do hebraico ***lāhen*** e tem o mesmo sentido do hebraico ***kî 'im***.

2813 לְוָת (*l'wāt*) ***para, em, junto de.***

2814 לֶחֶם (*l'hēm*) ***banquete.*** O cognato em hebraico designa "alimento", mas "banquete" em hebraico é geralmente ***mishteh***. Veja-se ***mishtēy***.

2815 לְחֵנָה (*l'hēnâ*) ***concubina.*** Não usado em hebraico.

2816 לֵילָא (*lêylā'*) ***noite.*** Usado como em hebraico.

2817 לִשְׁ (*lishshân*) ***língua, idioma, povo.***

מ

מְאָ (*mā'*). Veja o nº 2 822.

2818 מְאָה (*m''â*) ***cem.*** O mesmo que em hebraico.

2819 מְאֹזְנָיְא (*mō'zanyā'*) ***balança.*** Ocorre somente em Daniel 5.27.

מְאֵמַר (*mē'mar*). Veja o nº 2 584a.

2820 מָאֲ (*mā'n*) ***vaso, utensílio.***

מְגִלָּה (*m'gillâ*). Veja o nº 2 656c.

2821 *מְגַר (*m'gar*) ***derrubar.*** Usado somente no pael.

מַדְבֵּחַ (*madbah*). Veja o nº 2 665b.
מִדָּה (*middâ*). Veja o nº 2 834.
מָדוֹר (*m'dôr*). Veja o nº 2 669b.
מְדִינָה (*m'dînâ*). Veja o nº 2 674c.
מְדָר (*m'dār*). Veja o nº 2 669c.

2822 מָה (*mâ*) ***quê?, o que quer que.*** Usado em hebraico com preposição prefixada: *k'mâ*, "como!", *l'mâ*, "por quê?".

2823 מוֹת (*mût*) ***morte.*** Ocorre somente em Esdras 7.26.

מָזוֹן (*māzôn*). Veja o nº 2 705a.

2824 מְחָא (*m'hā'*) ***ferir, bater, matar.***

מַחְלְקָה (*mahl'qâ*). Veja o nº 2 732b.

2825 מְטָא (*m'tā'*)

2825 מְטָא (*m'tā'*), מְטָה (*m'tâ*) ***alcançar, conseguir***. Provavelmente cognato do hebraico *mātsâ*, que tem o mesmo significado (assim o entende *KB*).

2826 מְלָא (*m'lā'*) ***encher***. Vejam-se os vocábulos hebraicos *mālē'* e *mālâ*.

2827 מַלְאָךְ (*mal'ak*) ***anjo***. O uso é paralelo ao hebraico.

מִלָּה (*millâ*). Veja o nº 2 831a.

2828 מְלַח (*m'lah*) ***comer sal***. Esse verbo denominativo é usado somente em Esdras 4.14. É provavelmente a expressão idiomática comum no Oriente Médio que significa "dever obrigações a". Se um anfitrião dá sal a um hóspede, este se encontra sob a proteção da hospitalidade daquele, hospitalidade considerada uma obrigação.

Substantivo de Origem

2828a מֶלַח (*m'lah*) ***sal***. Substantivo de Origem do verbo *m'lah*. Veja-se o cognato hebraico.

2829 מלך (*mlk*). **I. Aceita como raiz de:**

2829a מֶלֶךְ (*melek*) ***rei***. Veja-se o hebraico *melek*.

2829b מַלְכָּה (*malkâ*) ***rainha***.

2829c מַלְכוּ (*malkû*) ***realeza, reinado, reino***. Veja-se o hebraico *malkût*.

2830 מלך (*mlk*). **II. Aceita como raiz de:**

2830a מַלְכֵּךְ (*m'lēk*) ***conselho***. O verbo hebraico cognato é usado uma vez, em Neemias 5.7. Provavelmente é um empréstimo lingüístico do aramaico. O acadiano também confirma essa raiz, a qual se deve distinguir de *mlk* I.

2831 *מלל (*m'lal*) ***falar, dizer***. Usado somente no pael.

2831a מִלָּה (*millâ*) ***palavra, coisa***. Esse vocábulo também aparece em hebraico, língua em que tem sido chamado de aramaísmo equivalente a *dābār*, uma palavra própria do hebraico. Mas não existe nenhuma mudança fonêmica que indique ter havido empréstimo quer num sentido quer noutro. Pode ser uma palavra originária do hebraico, mas usada com menor freqüência e que, portanto, forma um bom paralelo poético com *dābār*. Esta e outras palavras foram utilizadas para datar como tardios alguns trechos do AT. Mas mais recentemente o peso do argumento tem enfraquecido com novas descobertas sobre o aramaico e o conseqüente reconhecimento do significado dessas descobertas. Veja-se a proveitosa análise em Archer, *Survey of Old Testament introduction*, p. 137-41.

2832 מַן (*man*) ***quem.*** Usado também com *dî*, "quem quer que". Cf. o hebraico *mî*.

2833 מִן (*min*) ***de (no sentido de origem), por motivo de, mais do que.*** O espectro de usos é semelhante ao hebraico.

מְנֵא (*mᵉnē'*). Veja *mᵉnâ*, nº 2 835.

2834 מִנְדָּה (*mindâ*), מִדָּה (*middâ*) ***tributo.*** Um empréstimo lingüístico do acadiano, encontrado também em hebraico (*middâ*).

מַנְדַּע (*manda'*). Veja o nº 2 765a.

2835 מְנָה (*mᵉná*) ***contar, enumerar*** (peal); ***designar*** (pael). Uso semelhante ao hebraico.

Termos Derivados

2835a מְנָא (*mᵉnē'*) ***mina.*** O mesmo que em hebraico. Geralmente 50 siclos constituíam uma mina, mas no sistema sexagesimal, seria de esperar uma relação de 60 siclos para uma mina, o que é atestado em Ezequiel 45.12. O vocábulo provavelmente é utilizado em Daniel 5.25 num jogo de palavras com *maná*, "enumerar".

2835b מִנְיָן (*minyān*) ***número.***

2836 מִנְחָה (*minhâ*) ***dádiva, oferta.*** Uso semelhante ao hebraico.

2837 מְעָא (*mᵉ"ā'*) ***abdome, ventre*** (mas sem incluir os órgãos internos). Usado como o hebraico *mᵉ"â*.

מַעֲבַד (*ma'ăbad*). Veja o nº 2 894c.

2838 מְעֹהִי (*mᵉ"ôhî*) ***abdome, ventre.*** Esse substantivo é forma composta de *mᵉ"ā'* e um sufixo.

מֵעָל (*me'āl*). Veja o nº 2 911a.

2839 מָרֵא (*mārē'*), מָרֵה (*mārēh*) ***senhor.*** Usa-se essa palavra em referência tanto a Deus quanto ao rei.

2840 מרד (*mrd*). **Aceita como raiz de:**

2840a מֶרֶד (*mᵉrad*) ***rebelião.*** A raiz é comum em hebraico, e o significado dos derivados no aramaico bíblico reflete o uso em hebraico.

2841 מְרַט (*mᵉraṭ*)

2840b מָרַד (*mārād*) ***rebelde.***

2841 מְרַט (*mᵉraṭ*) ***arrancar, puxar para fora.*** Uso semelhante ao hebraico.

2842 מְשַׁח (*mᵉshaḥ*) ***azeite de oliva.*** O cognato hebraico significa mais o óleo composto usado na unção. A expressão hebraica *shemen zayit*, "azeite de oliva", não é empregada no aramaico bíblico.

מִשְׁכַּב (*mishkab*). Veja o nº 3 029a.
מִשְׁכַּן (*mishkan*). Veja o nº 3 031a.
מַשְׁרוֹקִית (*mashrôqît*). Veja o nº 3 049a.
מִשְׁתֶּה (*mishteh*). Veja o nº 3 051a.
מַתְּנָא (*mattᵉnā'*). Veja o nº 2 879a.

נ

2843 נבא (*nb'*). **Aceita como raiz de:**

2843a נְבִיא (*nᵉbî'*) ***profeta.*** Provavelmente um empréstimo lingüístico do hebraico bíblico. Veja-se o exame da questão no verbete sobre o vocábulo hebraico *nābā'*, nº 1277.

2843b נְבוּאָה (*nᵉbû'â*) ***atividade profética.***

2844 נִבְזְבָה (*nᵉbizbâ*) ***recompensa.*** Provavelmente um empréstimo lingüístico do persa.

2845 נִבְרַשְׁתָּא (*nebrashtā'*) ***castiçal.*** Não se trata do candelabro de sete hastes que era usado no templo.

2846 נגד (*nᵉgad*) ***fluir, manar.*** Não está clara qual a relação dessa raiz com o hebraico *nāgad*.

Termo Derivado

2846a נֶגֶד (*neged*) ***em frente de, defronte a.*** Não empregado em textos aramaicos fora da Bíblia e provavelmente um empréstimo do hebraico.

2847 נֹגַהּ (*nōgah*) ***claridade, luz do dia.*** O mesmo que em hebraico.

2848 נדב (*nᵉdab*) ***apresentar-se voluntariamente, oferecer espontaneamente.*** O mesmo que em hebraico.

2849 נִדְבָּךְ (*nidbāk*) ***fileira, camada, carreira (de pedras).*** Provavelmente um empréstimo lingüístico.

2850 נָדַד (*nᵉdad*) ***fugir.*** Semelhante ao hebraico.

2851 נִדְנָה (*nidnâ*)

2851 נִדְנָה (*nidnâ*) ***bainha.*** Significado incerto. Provavelmente um empréstimo lingüístico do persa. Veja-se o hebraico em 1 Crônicas 21.27.

2852 נְהַר (*nᵉhar*) ***rio.*** O mesmo que o hebraico *nāhār*.

2853 נהר (*nhr*). **Aceita como raiz de:**

2853a נְהִיר (*nᵉhîr*), נְהוֹר (*nᵉhôr*) ***luz.*** Veja-se a raiz hebraica *nhr* II.

2853b נְהִירוּ (*nahîrû*) ***iluminação, insight.***

2854 נוּד (*nûd*) ***fugir.*** O cognato hebraico tem mais o sentido de "ir para um lado e para outro".

2855 נְוָלוּ (*nᵉwālû*), נְוָלִי (*nᵉwālî*) ***monturo.*** Provavelmente um empréstimo lingüístico do acadiano.

2856 נוּר (*nûr*) ***fogo.*** A raiz hebraica dá origem às palavras *nēr*, "lâmpada", e *mᵉnôrâ*, o castiçal de sete hastes.

2857 נְזַק (*nᵉzaq*) ***sofrer dano.*** Esse verbo não é empregado em hebraico, mas é usado em acadiano.

2858 נְחַשׁ (*nᵉḥāsh*) ***cobre, bronze.*** O mesmo que em hebraico.

2859 נָחַת (*nᵉḥēt*) ***descer.*** *BDB* (p. 1102) considera poética e tardia essa raiz em hebraico, mas agora é atestada em ugarítico. O significado é o mesmo.

2860 נָטַל (*nᵉṭal*) ***erguer.*** O cognato hebraico tem mais o sentido de levantar e pôr algo sobre alguma coisa. O acadiano *natālu* corresponde bem de perto ao sentido do aramaico bíblico.

2861 נָטַר (*nᵉṭar*) ***guardar.*** O mesmo que o cognato hebraico *nātsar*. Mas a forma *nāṭar* aparece, ainda que raras vezes, em hebraico.

2862 נִיחוֹחַ (*niḥôaḥ*) ***apaziguante.*** Empregado, como em hebraico, para designar ofertas e recompensas aceitáveis.

2863 נְכַס (*nᵉkas*) ***riquezas, bens.*** O mesmo que em hebraico.

2864 נְמַר (*nᵉmar*) ***leopardo.*** O mesmo que em hebraico.

2865 *נְסַח (*nᵉsaḥ*) ***arrancar.*** Usado no hitpeal. O mesmo que em hebraico (língua em que ocorre no qal).

2866 נְסַךְ (*n'sak*) ***oferecer sacrifício.*** Usado no hebraico especialmente para designar a ação de derramar libações. No aramaico bíblico se emprega o verbo para a ação de oferecer sacrifícios em geral (somente em Dn 2.46).

Termo Derivado

2866a נְסַךְ (*n'sak*) ***oferta de libação.***

נסק (*nsq*). Veja *s'laq*, nº 2 889, que assimila inversamente o *l* a fim de tornar as formas como um verbo *pe-nun*.

2867 נְפַל (*n'pal*) ***cair.*** Usado como em hebraico.

2868 נְפַק (*n'paq*) ***sair, aparecer, vir à frente.*** Não encontrado em hebraico, mas amplamente utilizado em dialetos aramaicos.

Termo Derivado

2868a נִפְקָה (*nipqâ*) ***despesa.***

2869 נִצְבָה (*nitsbâ*) ***firmeza.*** A raiz aparece com grande freqüência em hebraico com o sentido de "ficar firme", etc.

2870 נְצַח (*n'tsah*) ***distinguir-se.*** Semelhante ao hebraico *nātsah*, "ser preeminente", a qual, no entanto, é tratada como uma única raiz em *BDB* e como duas em *KB*.

2871 *נְצַל (*n'tsal*) ***resgatar, livrar.*** O mesmo que em hebraico.

2872 נְקָא (*n'qē'*) ***limpo, puro.*** Semelhante à raiz *nāqâ* com seus derivados.

2873 נְקַשׁ (*n'qash*) ***bater (joelhos).*** Provavelmente a mesma raiz que aparece em hebraico, a qual, no entanto, tem mais o sentido de apanhar numa armadilha.

2874 נְשָׂא (*n'sā'*) ***erguer, carregar, levar embora.*** O mesmo que em hebraico, língua em que o verbo é comum.

2875 נְשִׁין (*n'shîn*) ***esposas.*** Ocorre somente em Daniel 6.25. *n'shîn* tem relação com o hebraico *nāshîm* (singular *'ishshâ*). Não está clara qual a relação da palavra com *'ĕnôsh*. *BDB* traz duas raízes *'nsh*, uma para o substantivo masculino, outra para o feminino. Os vocábulos hebraicos *'îsh* e *'ishshâ* apresentam problemas parecidos quanto à sua derivação e relação.

2876 נִשְׁמָה (*nishmâ*)

2876 נִשְׁמָה (*nishmâ*) ***fôlego.*** Ocorre somente em Daniel 5.23. Veja-se o hebraico *nishmâ*.

2877 נְשַׁר (*n'shar*) ***urubu, águia.*** Usado como o hebraico *nesher*.

2878 נִשְׁתְּוָן (*nisht'wān*) ***carta.*** Provavelmente um empréstimo lingüístico do persa.

2879 נְתִינִין (*n'tînîn*) ***servos do templo.*** Semelhante ao hebraico *n'tînîm*.

2880 נְתַן (*n'tan*) ***dar.*** No aramaico essa palavra com o sentido de "dar" é empregada apenas no infinitivo e no imperfeito do peal. A outra palavra com esse sentido, *y'hab*, é largamente utilizada no perfeito, imperfeito e particípio do peal e no passivo do peal. Em hebraico, pelo contrário, emprega-se amplamente *nātan* e limitadamente *yāhab*.

Termo Derivado

2880a מַתְּנָא (*matt'nā'*) ***dádiva.***

2881 *נְתַר (*n'tar*) ***tirar (folhas).*** Ocorre somente em Daniel 4.11, no hafel.

ס

2882 סָבַל (*s'bal*) ***suportar, levar uma carga.*** Significado incerto. Veja-se o hebraico *sābal*.

2883 סָבַר (*s'bar*) ***pensar, pretender.*** O cognato hebraico é *śābar*.

2884 סָגַד (*s'gid*) ***adorar, prestar homenagem.*** Usado com referência a Deus, ídolos e pessoas. Usado como o hebraico *sāgad*.

2885 סְגַן (*s'gan*) ***prefeito, governador.*** Esse empréstimo lingüístico do acadiano também é encontrado em hebraico.

2886 סָגַר (*s'gar*) ***fechar.*** Usado como em hebraico.

2887 סוּמְפֹנְיָה (*sûmpônyâ*) ***instrumento de sopro.*** Essa palavra (Dn 3.5, 15) é tomada de empréstimo do grego *symphonia* (de onde vem o vocábulo "sinfonia") e por muito tempo foi interpretada como uma prova de que o livro de Daniel foi escrito no período grego após as conquistas de Alexandre. Na atualidade geralmente se aceita que, uma vez que houve muitos contatos anteriores entre gregos e persas, esse nome de instrumento musical pode muito bem ter sido encontrado junto com o instrumento na corte persa. O mesmo se pode dizer das três outras palavras gregas nesse trecho de Daniel: *qît'rôs*, "harpa"; *śabb'kā* "trombone"; *psantērîn*, "saltério". Veja-se R. K. Harrison, *Daniel*, em *ZPEB*, v. 2, p. 18.

2888 סוּף (*sûp*) ***cumprir-se, chegar ao fim.*** O hebraico é semelhante, mas não inclui a idéia de cumprimento.

Termo Derivado

2888a סוֹף (*sôp*) ***fim.***

סוּפַנְיָה (*sûppônyâ*). Veja *sûmpônyâ*, nº 2 887.

2889 סלק (*s'lēq*)

2889 סלק (*s'lēq*) ***subir***. No aramaico bíblico um equivalente bastante comum ao hebraico *'ālâ*. O verbo revela a assimilação inversa do *l*, que se vê em outros vocábulos aramaicos, de modo que certas formas se parecem com *n'saq*. Os cognatos hebraicos são *sālēq* e *sālaq* (q.v.).

2890 סאד (*s''ad*) ***apoiar, sustentar***. Usado como em hebraico.

2891 ספר (*spr*). **Aceita como raiz de:**

2891a סִפַּר (*s'pār*) ***livro***. Como o hebraico *sēper*.

2891b סָפַר (*sāpār*) ***escriba, secretário***. Como o hebraico *sōpēr*, que não se limita à mera ação de escrever, mas é também um termo aplicável aos funcionários do governo e a oficiais militares.

2892 סַרְבָּל (*sarbāl*) ***manto***. Provavelmente um empréstimo lingüístico. *KB* é da opinião que a palavra é de origem cita.

2893 סָרָךְ (*sārak*) ***chefe, supervisor***. Provavelmente um empréstimo lingüístico. *BDB* é da opinião que o vocábulo é de origem persa; *KB* entende que tem origem hitita.

2894 סתר (*s'tar*) ***I, esconder***. Como o hebraico *sātar*.

2895 סָתַר (*s'tar*) ***II, destruir***. Pode-se comparar esse vocábulo ao hebraico *sātar*.

ע

2896 עבד (*'ăbad*) ***fazer, realizar, criar*** (peal), ***ser feito, ser realizado, ser executado*** (hitpeal).

Termos Derivados

2896a †עֶבְדָּ (*'ăbad*), עֶבֶד (*'ăbēd*) ***escravo, servo.***

2896b †עֲבִידָה (*'ăbîdâ*) ***serviço, trabalho, ritual, adoração.***

2896c †מַעְבַּד (*ma'ăbad*) ***ação (de Deus na História).***

O sentido básico dessa raiz se refere a serviço, ao cumprimento de um dever ou a atividade. Emprega-se o hitpeal como passivo do peal. O cognato hebraico formal é *'ăbad*, mas o equivalente funcional é *'ăsâ*.

A raiz *'ăbad* ocorre freqüentemente nos trechos em aramaico do AT com uma variedade de funções. Primeiro, pode-se dizer que alguém "faz" uma imagem (Dn 3.1, 15), "dar" (i.e., preparar e oferecer) um banquete (Dn 5.1) ou "fazer" guerra (Dn 7.21). Utiliza-se o passivo (hitpeal) para designar uma busca que precisa "ser feita" (Ed 4.15, 19), para referir-se ao processo sanguinário em que corpos humanos "são feitos" em pedaços (i.e., esquartejados ou picados, Dn 2.5; 3.29) ou para descrever o processo em que uma casa "é transformada" num monturo (Ed 6.11).

Em segundo lugar, Deus pode "agir" ou "operar" de formas divinas. Por exemplo, Deus pode operar sinais miraculosos (Dn 6.27) ou então agir de conformidade com a sua própria e soberana liberdade (Dn 4.35). É claro que uma das principais atividades divinas é a criação, descrita em Jeremias 10.11 como algo de que deuses modelados por mãos humanas (i.e., ídolos) não participaram.

Em terceiro lugar, em Esdras 7.26 conclamou-se todo o povo que morava na província Além-Rio (a província do Trans-Eufrates) a "fazer" (i.e., "obedecer") tanto a lei do Deus de Esdras quanto a lei do rei. "Fazer" a lei de Deus está intimamente associado à idéia de "adoração", a qual, conforme entendida no pensamento semítico, era "serviço" ou "escravidão" a Deus. Aliás, essa idéia continuou de pé até a época do NT, conforme claramente se vê nas inúmeras vezes em que Paulo se refere a si mesmo como o "escravo" (ARA, "servo") de Jesus Cristo. (O grego *doulos* é a tradução comum na LXX do hebraico e do aramaico *'bd*.)

Em quarto lugar, em aramaico bíblico a raiz *'ăbad* denota, na maioria das vezes, a idéia simples de atividade, de "fazer" uma ampla variedade de coisas (vejam-se Ed 4.22; 6.8, 12, 13; 7.18; Dn 4.35; 6.10, 22).

O emprego mais curioso da raiz tem que ver com o nome de um dos três companheiros de Daniel. Esses quatro jovens foram para o cativeiro babilônico tendo nomes claramente hebraicos, cada um deles com sentido simbólico relacionado com a adoração de Iavé, o Deus de Israel. Hananias e Azarias são nomes que contêm a forma abreviada do nome Iavé e significam, respectivamente, "Yah tem sido gracioso" e "Yah tem ajudado". Seus captores babilônicos, porém, rapidamente alteraram esses nomes hebraicos (iavísticos) para nomes babilônicos. Conquanto a etimologia dos novos nomes de Hananias (Sadraque) e Misael (Mesaque) seja incerta, é bem claro o significado do novo nome dado a Azarias. Parece que Abede-Nego (*'ăbēd n'gô*) é uma forma proveniente da dissimilação de Abede-Nebo (acadiano *abdinabu*). Um aspecto da humilhação do cativeiro estava simbolizado na ignomínia de ter o verdadeiro nome, que significava "Yah tem ajudado", alterado para "escravo de Nabu" (o deus babilônio da sabedoria). Um aspecto importante do livro de Daniel é a preocupação em ilustrar que Iavé ainda está no controle da história, a despeito de seu povo estar exilado. Relacionada com essa afirmação teológica acha-se a mensagem de que nenhum deus babilônio merece a adoração ou devoção do povo de Deus. Assim sendo, embora os babilônios tenham podido mudar o nome daquele jovem para Abede-Nego ("escravo de Nabu"), sua fé permaneceu firmada unicamente em Iavé. É nesse sentido que Azarias ("Yah tem ajudado") pôde dizer junto com os seus dois amigos: "Se o nosso Deus, a quem servimos (não *'ăbad*, mas *p'lah*, em toda a passagem), quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente, e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses" (Dn 3.17-18).

'ăbad, 'ăbēd. ***Escravo, servo.*** Esse vocábulo designa a pessoa que realiza a ação descrita pelas formas verbais. Em aramaico bíblico a palavra se refere tanto a um servo de Deus (vejam-se Dn 3.26, 28; 6.21; Ed 6.11) quanto ao servo de um rei humano (veja-se Dn 2.4, 7; Ed 4.11).

'ăbîdâ. ***Serviço, trabalho, ritual, adoração.*** Os usos dessa palavra em Esdras se referem ao trabalho feito na reconstrução do templo em Jerusalém (Ed 4.24; 5.8; 6.7) bem como às atividades em geral de sacerdotes e levitas, as quais, em associação com o ritual e a adoração espiritual (Ed 6.18), constituem serviço a Deus.

ma'ăbad. ***Ação (de Deus na história).*** Encontrada apenas em Daniel 4.37 [34], essa palavra é empregada para descrever o tratamento dispensado pelo Deus dos céus a Nabucodonosor. O rei humano, ao reconhecer que o tratamento que Deus lhe dispensara era justo e correto, também admitiu a sua própria pecaminosidade e fragilidade em comparação com o Deus soberano.

C.D.I.

2897 עבר (*'ăbar*) ***região oposta, além de.*** Essa palavra é empregada no aramaico bíblico apenas na expressão "além do rio", ou seja, a região a oeste do Eufrates. Veja-se a análise do uso semelhante em hebraico no verbete *'ābar*, nº 1556. Em aramaico bíblico, como também em hebraico, a expressão "do outro lado do rio" não deve ser

interpretada do ponto de vista do falante ou do autor. Reum, adversário de Esdras que residia em Samaria, referiu-se a seu território como "além do Eufrates" (Ed 4.17).

2898 עָדָה (*'ădâ*) ***passar.*** Uso semelhante ao hebraico *'ādâ* I.

2899 עַד (*'ad*) ***até, até que.*** Usado como em hebraico.

2900 עִדָּן (*'iddān*) ***época, período, espaço de tempo, ano, era.*** Provavelmente um empréstimo lingüístico do acadiano *e/adānu*, *adānnu*, *hadānnu*. Dois sentidos básicos são igualmente um "instante" no tempo e um "período" de tempo.

A palavra ocorre 13 vezes, todas em Daniel, com três conotações. A primeira, em Daniel 3.5 e 3.15, *'iddān*, ocorre na locução conjuntiva temporal *b'"iddānā' dî*, literalmente "no tempo de" ou "na época em que". Entretanto, conforme fica claro em 3.15 na ARA, a expressão simplesmente significa "quando" e, nessa função, compara-se a três outras expressões idiomáticas que têm o sentido de "quando" e aparecem em Daniel 3: *bah sha'tā'*, "no mesmo instante" (v. 6); *bēh zimnā'*, "naquele momento" (lit., v. 7); e a expressão costumeira *k'dî*, "quando" (também v. 7).

Em segundo lugar, pode-se usar *'iddān* como sinônimo de *z'mān* para designar um período específico de tempo. Em Daniel 2.8 o rei Nabucodonosor acusa os caldeus de tentar ganhar "tempo" (*'iddān*) e assegura-lhes que tem consciência dos planos deles e de que os castigará com severidade, a menos que imediatamente lhe contem e então interpretem o sonho que ele teve. Mas em Daniel 2.16 é concedido o pedido que Daniel fez de ter mais tempo (*z'mān*). Desse modo, ele e seus amigos vão orar e pedem que Deus lhes revele a informação que o rei está cobrando. Vale assinalar que nesse mesmo capítulo o autor utiliza *'iddān* de três maneiras diferentes. Além do significado que se acabou de analisar, Daniel 2.9 emprega *'iddān* com o sentido de "situação", ou seja, circunstâncias. Mais tarde, na oração em que louva a Deus por ter-lhe revelado o sonho do rei, Daniel declara que Deus é aquele que muda "o tempo e as estações" (*'iddānayyā' w'zimnayyā'*, v. 21). Nesse contexto *'iddān* se refere a bem mais do que a curta duração de uma única e difícil circunstância, como aquela enfrentada pelos pretensos sábios do rei Nabucodonosor. Na realidade isso testemunha do poder soberano que Deus tem de controlar o curso da História.

Em terceiro lugar, em Daniel 4 às vezes a função de *'iddān* é problemática. Nesse capítulo os versículos 16, 23, 25 e 32 [13, 20, 22, 29] empregam a expressão *shib'â 'iddānîn*, literalmente "sete tempos". No entanto, a LXX, Josefo e comentaristas judeus tradicionais têm entendido que a expressão significa "sete anos" (veja-se J. J. SLOTKI, *Daniel, Ezra, Nehemiah*, London: The Soncino Press, 1951, p. 33). Apesar disso, não é necessário entender *'iddān* como um período específico nesses versículos e provavelmente a tradução da NAS, "sete períodos de tempo", é preferível a qualquer outra coisa mais específica, tanto em Daniel 4 quanto em Daniel 7.12.

O mesmo é válido para a ocorrência de *'iddān* em Daniel 7.25 na expressão "um tempo, tempos, e metade de um tempo" (IBB, *'iddān w'"iddānîn ûp'lag 'iddān*). Nesse versículo chave, é preciso levar em consideração vários fatores. Em primeiro lugar, não é possível traduzir *'iddānîn* (que é como está no TM) por "dois tempos" (i.e., "dois anos"),

mas deve-se traduzir simplesmente por "tempos", ou seja, o plural em vez do dual. Se a escolha for interpretar a segunda palavra como "dois tempos" (ARA), é preciso revocalizar as consoantes (i.e., *'iddanayin*). Em segundo lugar, a expressão toda pode ser simplesmente uma maneira convencional e apocalíptica de designar um período indefinido de tempo. Em terceiro lugar, por causa das dificuldades envolvidas em chegar a uma interpretação que seja satisfatória para uma larga faixa de estudiosos, é melhor deixar que a tradução da expressão fique tão indefinida quanto se vê no próprio original aramaico. Claro está que *'iddān* pode ter o sentido de "tempo" ou de "ano". Mas é indesejável forçar mais do que isso para atender a uma interpretação específica que requeira a expressão "três anos e meio". Tudo o que se pode dizer com certeza é que Daniel 7 (juntamente com Dn 2; 8—12) aponta para um período de tempo durante o qual parecerá que poderes do mal estarão no controle da política mundial, após o que se seguirá um momento em que Deus reafirmará a sua soberania sobre a história e dará cabo daquelas forças que têm atuado contra o seu reino.

[Os comentários acima foram feitos com todo cuidado e acertadamente instam a que se tenha cautela na interpretação dessas expressões. Alguns, no entanto, podem querer acrescentar que o termo hebraico cognato se encontra em Daniel 12.7, o qual talvez possa ser elucidado por meio da referência aos períodos de 1 290 e 1 335 dias em Daniel 12.12-13. Cf. também Apocalipse 11.2; 13.5; 12.6. R.L.H.]

C.D.I.

2901 עוֹד (*'ôd*) ***ainda.*** Usado como em hebraico.

2902 עִוָיָה (*'ăwāyâ*) ***iniqüidade.*** Ocorre somente em Daniel 4.27 [24]. Vejam-se o hebraico *'āwâ* e o seu derivado *'āwôn*.

2903 עוֹף (*'ôp*) ***aves.*** Usado como em hebraico.

2904 עוּר (*'ûr*) ***palha.*** Derivação incerta.

עז (*'ēz*). Veja o nº 2 920a.

2905 עִזְקָה (*'izqâ*) ***sinete.*** Aparentemente derivado do hebraico "ir em redor", "cavar em redor".

(*'ētâ*). Veja o nº 2 772b.

2906 עַיִן (*'ayin*) ***olho.*** Usado como o cognato hebraico. O sentido "fonte" não se acha em aramaico bíblico.

2907 עִיר (*'îr*) ***desperto, vigilante.*** Esse vocábulo designa "anjo". Cognato do hebraico *'ûr* I, "despertar".

2908 עַל (*'al*) ***sobre, por causa de, acima de, para, contra.*** Essa preposição

corresponde às preposições hebraicas *'al* e *'el*. O aramaico não possui a preposição *'el*, "para". Essa circunstância possivelmente contribui para a confusão ocasional nos textos hebraicos entre *'al* e *'el*. A alternância no hebraico pode ser em virtude do trabalho de copistas ou pode estar na índole da própria língua (veja-se *BDB*, p. 757). O emprego do aramaico *'al* pode ser influência do verbo aramaico *'alal*, "entrar".

עִלָּא (*'illā'*). Veja o nº 2 909a.

2909 עִלָּה (*'illh*). **Aceita como raiz de:**

(Veja-se o hebraico *'ālâ*.)

2909a עִלָּא (*'illā'*) ***sobre.***

2909b עִלַּי (*'illî*) ***aposento superior.***

2909c עִלְיוֹן (*'elyôn*) ***o Altíssimo.***

2909d עִלַּי (*'illāy*) ***o altíssimo, o Altíssimo.*** Pode-se comparar esse uso de *'illāy* com o emprego ocasional de *'al* em hebraico com o sentido de "Altíssimo". Esse uso, reconhecido agora por Dahood em vários salmos, aparece na tradução da IBB em Oséias 7.16; 11.7.

2909e עִלָּת (*'ālāt*) ***holocausto.*** Ocorre somente em Esdras 6.9.

2910 עִלָּה (*'illâ*) ***questão, negócio.*** Provavelmente derivado de uma raiz *'ālal* usada em hebraico.

עִלַּי (*'illî*), עִלַּי (*'illay*). Veja os nºs 2 909b,d.

עֶלְיוֹן (*'elyôn*). Veja o nº 2 909c.

2911 עָלַל (*'alal*) ***entrar.*** O verbo correspondente é empregado apenas uma vez em hebraico. Em vez desse verbo, o hebraico emprega o verbo *bô'*, que não aparece em aramaico bíblico.

Termo Derivado

2911a מֵעַל (*me'al*) ***entrada.***

2912 עָלָם (*'ālam*) ***perpetuidade, antigüidade.*** O cognato hebraico *'ōlām* mostra a tendência da língua hebraica de alterar uma vogal longa tônica *a* para *o*.

2913 עָלַע (*'ala'*) ***costela.*** O cognato hebraico *tsela'* mostra a mudança fonêmica comum de *tsadeh* para *'ayin* em hebraico e aramaico.

עֲלָת (*'ālāt*). Veja o nº 2 907e.

2914 עַם (*'am*) ***povo.*** Usado como em hebraico.

2915 עִם (*'im*)

2915 עִם (*'im*) ***com.*** Usado como em hebraico.

2916 עָמֹק (*'ămîq*) ***abismo, mistérios profundos.*** O hebraico é usado mais extensamente com os sentidos tanto literal quanto metafórico.

2917 עָמַר (*'ămar*) ***lã.*** Usado como o seu cognato hebraico, *tsemer*.

2918 עָנָה (*'ănâ*) ***I, responder.*** Todas as 24 vezes em que se usa esse vocábulo, ele é seguido do verbo *'amar*, formando a expressão "responder e dizer". A expressão é um aramaísmo que significa simplesmente "responder". Essa expressão é freqüente nos Evangelhos, em que a ARC traduz a expressão na sua inteireza.

2919 עָנָה (*'nh*). **II. Aceita como raiz de:**

2919a עָנִי (*'anî*) ***pobre, necessitado.*** Cognato do hebraico *'ănî* e de palavras relacionadas.

2920 עָנַז (*'nz*). **Aceita como raiz de:**

2920a עֵז (*'ēz*) ***cabra.*** Somente em Esdras 6.17. Usado como em hebraico.

2921 עָנָן (*'ănān*) ***nuvem.*** Semelhante ao cognato hebraico.

2922 עָנָף (*'ănāp*) ***galho.*** Usado como o equivalente hebraico.

2923 עָנַשׁ (*'ănāsh*) ***confisco, multa.*** A raiz é usada de forma semelhante ao hebraico, mas inclui idéia mais ampla de castigo, tributo, etc.

עֹנֶת (*'enet*). Veja o nº 2 796.

2924 עָפִי (*'ŏpî*) ***folhagem.*** A palavra aparece uma vez no hebraico (Sl 104.12), língua em que ocorre uma variação entre o *ketib* e o *qere*. O *ketib* traz um *'alep*, talvez por influência de formas aramaicas.

2925 עָצַב (*'ătsab*) ***magoar, entristecer.*** Usado como o cognato hebraico *'ătsab* I.

2926 *עָקַר (*'ăqar*) ***ser desarraigado.*** Um verbo denominativo empregado somente no hitpeal.

Substantivo de Origem

2926a עִקָּר (*'iqqar*) ***raiz, cepo.*** O emprego desse vocábulo tem paralelo bastante próximo ao hebraico.

עַר (*'ār*). Veja o nº 2 930a.

2927 *עָרַב (*'ărab*) ***misturar.*** O uso faz paralelo a *'ărab* I em hebraico, em que, porém, só aparecem substantivos derivados mas não a raiz.

2928 עָרֹד (*'ărōd*) ***jumento selvagem.*** O paralelo hebraico é usado apenas uma vez (Jó 39.5) e *BDB* entende que é um empréstimo lingüístico do aramaico. Mas tanto um quanto outro podem ser igualmente empréstimos lingüísticos.

2929 עַרְוָה (*'arwâ*) ***desonra.*** O equivalente hebraico *'arweh*, "nudez", é usado em sentido mais genérico em aramaico.

2930 ערר (*'rr*). **Aceita como raiz de:**

2930a עָר (*'ār*) ***adversário.*** Há uma palavra hebraico *'ār* (SI 139.20) com o sentido de "adversário", que pode ser um empréstimo lingüístico do aramaico. A palavra hebraica cognata é *tsar* (de *tsārâ* II), "inimigo", que é amplamente empregada.

2931 עֵשֶׂב (*'ăsab*) ***ervas, grama.*** Usado como em hebraico.

2932 עָשַׂר (*'ăsar*), עֶשְׂרֵה (*'asrâ*) ***dez.*** Usado como em hebraico.

Termo Derivado

2932a עֶשְׂרִין (*'eśrîn*) ***vinte.***

2933 עָשָׁה (*'ăshit*), עֲשִׁית (*'ăshît*) ***pensar, planejar.*** O hebraico possui um cognato que possivelmente é um empréstimo lingüístico do aramaico, mas isso não é totalmente certo.

עַת (*'et*). Veja o nº 2 797.

2934 עָתִיד (*'ătîd*) ***pronto.*** Usado como em hebraico.

2935 עַתִּיק (*'attîq*) ***ancião (de dias).*** Usado somente com referência a Deus, em Daniel 7.9, 13, 22. Derivados da raiz hebraica incluem as idéias de valor e eminência.

2936 פֶּחָה (*pehâ*) ***governador.*** Empréstimo lingüístico do acadiano.

2937 פֶּחָר (*pehār*) ***oleiro.*** Provavelmente um empréstimo lingüístico do acadiano.

2938 פְּטַשׁ (*p'tash*) ***uma roupa.*** É incerto o significado exato da palavra.

2939 פָּלַג (*p'lag*) ***dividir.*** Usado como em hebraico.

Termos Derivados

2939a פֶּלֶג (*p'lag*) ***metade.***
2939b פְּלֻגָּה (*p'luggâ*) ***divisão.***

2940 פָּלַח (*p'lah*) ***servir, adorar, reverenciar, ministrar.***

Termo Derivado

2940a פֻּלְחָן (*polhān*) ***serviço, adoração*** (somente em Ed 7.19).

O significado original da raiz era "fender", "fazer um sulco" ou "dividir em dois". A partir desse sentido derivou-se a idéia de cultivar um campo e, em última instância, a de cultivar a (i.e., trabalhar arduamente na) adoração de uma divindade, de onde surge a idéia de serviço ou adoração de uma divindade. Em hebraico bíblico emprega-se a raiz apenas no sentido de "rachar" ou "dividir" e aparentemente não passou a ser um vocábulo que designava o serviço religioso, como é o caso em aramaico.

O verbo *p'lah* ocorre somente em Daniel. No capítulo 3 emprega-se o sentido básico da palavra para descrever o motivo central do incidente da "fornalha de fogo ardente". No versículo 12 fica-se sabendo que Sadraque, Mesaque e Abede-Nego se recusaram a "servir" ao deus de Nabucodonosor (a palavra "deus" aparece aqui no singular porque está em paralelo com a "imagem" que o rei havia levantado. O próprio rei não pôde acreditar que alguém teria a coragem de se recusar a "servir" ao deus/à imagem de ouro que ele publicamente levantara (v. 14) e graciosamente concedeu aos três homens uma segunda

chance de obedecer à sua ordem! O versículo 17 relata a reação dos homens diante do rei, o que deixa o problema claramente perceptível. "Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente, e das tuas mãos, ó rei." Agora a sorte está lançada. A reputação do Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foi vinculada à questão de sua capacidade de livrar os seus servos de uma fornalha de fogo, algo bastante parecido com a maneira como a reputação do Deus de Elias foi vinculada à questão de sua capacidade de criar fogo (1 Rs 18). O versículo 18, contudo, mostra claramente que os três homens pretendiam dizer algo ainda mais radical. "Se [Deus'] não [o fizer], fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses [lit. 'teu deus'], nem adoraremos [*nisgud*] a imagem de ouro que levantaste." Em outras palavras, nas mentes de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego a idolatria é algo tão errado que não adorariam nem serviriam um deus falso, mesmo que Deus decidisse não operar um milagre especial em favor deles, conforme fizera no passado. De sorte que Sadraque, Mesaque e Abede-Nego não aceitaram cometer idolatria, nem mesmo para salvar as próprias vidas.

Deve-se assinalar que em nenhuma parte do livro de Daniel — nem em Daniel 3 — se questiona a capacidade do Deus hebreu. Na realidade, o que acontece é justamente o oposto, pois o livro de Daniel foi escrito para apresentar exemplos históricos do fato de que Deus, de modo muito real, se envolvera de forma salvífica e redentora com as vidas daqueles que o serviam. É assim que em Daniel 6.16 [17] são citadas até mesmo as palavras de um monarca pagão da Pérsia (Dario), o qual declarou a sua crença de que o Deus de Daniel era capaz de livrar Daniel da cova dos leões. O versículo 20 [21] está emoldurado por uma pergunta de retórica, mas obviamente o rei esperava uma resposta de Daniel, e tal resposta significaria que o Deus de Daniel de fato fora capaz de livrá-lo.

C.D.I.

2941 פֻּם (*pum*) ***boca.*** Usado como o hebraico *peh*.

2942 פַּס (*pas*) ***palma da mão.*** Usado como a palavra hebraica derivada de *pâsas*.

2943 פְּסַנְתֵּרִין (*p'santērîn*) ***um instrumento de corda.*** Sem dúvida essa palavra foi tomada de empréstimo do grego *psalterion*, a qual é com freqüência usada na LXX para traduzir o hebraico *nebel*, "harpa". Veja-se o exame do assunto em *Music; musical instruments*, *ZPEB*, v. 4, p. 320. Quanto à questão da data desse empréstimo, veja-se *sumpônyâ*, nº 2887.

2944 פַּרְזֶל (*parzel*) ***ferro.*** Cf. o hebraico *barzel*. A variação dos fonemas *b* e *p* em hitita, acadiano, ugarítico, hebraico e aramaico sugere uma origem não-semítica, provavelmente indo-européia. Cf. o latim antigo *ferzum*.

2945 פָּרַס (*p'ras*) ***partir em dois, dividir.*** O hebraico é semelhante.

Termo Derivado

2945a פֶּרֶס (*p'res*) ***meia mina*** (provavelmente), meio siclo (KB). O vocábulo é provavelmente empregado num jogo de palavras em Daniel 5.25, no texto

escrito à mão que apareceu na parede, "Mene, Mene, Tequel, Ufarsim" (IBB). Pode-se interpretar que essas palavras teriam o sentido de uma mina, um siclo e meia-mina (ou meio-siclo). Isso praticamente não faz sentido, e Daniel interpretou como sendo os verbos "contar", "pesar" e "dividir". O último verbo pode representar um duplo jogo de palavras em sua semelhança com a palavra "Pérsia", que estava prestes a conquistar Belsazar. A palavra "Ufarsim" (IBB) é a conjunção "e" mais o plural de *p'res*.

2946 פְּרַק (*p'raq*) ***despedaçar, romper (pecados).*** A palavra hebraica é usada mais no sentido literal.

2947 פְּרַשׁ (*p'rash*) ***tornar distinto.*** Somente em Esdras 4.18. Usado tanto em hebraico quanto em acadiano com o sentido mais amplo de "explicar".

2948 פַּרְשֶׁגֶן (*parshegen*) ***cópia.*** Um empréstimo lingüístico do persa.

2949 פְּשַׁר (*p'shar*) ***interpretar.*** Também usado em acadiano.

Termo Derivado

2949a פֶּשֶׁר (*p'shar*) ***interpretação (de um sonho).*** O substantivo é usado uma única vez em hebraico, em Eclesiastes 8.1, para designar a interpretação em geral. O vocábulo tornou-se uma introdução padronizada das frases exegéticas dos comentários escritos em Qumran. Uma frase das escrituras é seguida de *pishrô*, "sua interpretação é:".

2950 פִּתְגָם (*pit'gām*) ***mandamento, palavra, assunto.*** Empréstimo lingüístico do persa.

2951 פְּתַח (*p'tah*) ***abrir.*** Usado como em hebraico.

2952 פְּתִי (*p'tî*) ***largura.*** A raiz *pātâ* é encontrada em hebraico com o sentido de "ser largo". Mas o derivado hebraico tem especificamente o sentido de "ser simples", "ser facilmente seduzido", um significado não existente no aramaico bíblico.

צ

2953 צבא (*ts'bā'*) ***estar inclinado, desejar.*** Possivelmente relacionado com o hebraico *tsābâ* I.

Termo Derivado

2953a צְבוּ (*ts'bû*) ***coisa (aparentemente algo desejado).***

2954 *צבע (*ts'ba'*) ***mergulhar, molhar.*** Cf. o hebraico *tsāba'*, "tingir". Usado no pael e hitpael.

2955 צד (*tsad*) ***lado.*** Usado como em hebraico.

2956 צדא (*ts'dā'*) ***propósito.*** O equivalente hebraico, *ts'dîyâ*, também é empregado para designar o propósito mau.

2957 צדקה (*tsidqâ*) ***ação reta, retidão.*** Daniel 4.27 [24] é o único caso em aramaico bíblico dessa conhecida raiz hebraica.

2958 צוָּאר (*tsawwa'r*) ***pescoço.*** Usado como em hebraico.

2959 צְלָא (*ts'lā'*) ***orar.*** Usado no pael. Não usado em hebraico, que utiliza principalmente o hitpael de *pālal*. Cf. o árabe *tsalâ*, "orar".

2960 *צלח (*ts'laḥ*) ***ter sucesso, prosperar.*** Usado no hafel. Usado como o seu equivalente hebraico.

2961 צלם (*ts'lēm*) ***imagem.*** Usado como o hebraico, à exceção de que Daniel 3.19 emprega a expressão "imagem do seu rosto" (lit.) com o sentido de "sua atitude", uma extensão de sentido não atestada em hebraico bíblico.

2962 צִפֹּר (*tsippar*)

2962 צִפֹּר (*tsippar*) ***ave.*** Semelhante ao hebraico.

2963 צְפִיר (*ts'pîr*) ***bode.*** Usado como o hebraico *tsāpîr*, que, contudo, é usado apenas em Daniel, Esdras e 2 Crônicas e pode ter sido tomado de empréstimo do acadiano.

ק

2964 קְבַל* (*q'bēl*) ***receber.*** Um verbo denominativo usado somente no pael.

2965 קֳבֵל (*qŏbēl*) ***diante de, em frente a, defronte, por causa de.*** Quando seguida de *dî*, a palavra tem o sentido de "conforme". Essa preposição aramaica bastante comum é, com freqüência, precedida de *l'* ou de *kol*. Na maioria das vezes é empregada para indicar causa e não uma mera posição, que geralmente é indicada por *qŏdām* (q.v.).

2966 קֳדָם (*qdm*). **Aceita como raiz de:**

2966a קֳדָם (*qŏdām*) ***diante de.*** Empregado como as preposições hebraicas *qedem* e *lipnê*.

2966b קַדְמָה (*qadmâ*) ***tempos passados.***

2966c קַדְמַי (*qadmay*) ***anterior, primeiro.***

2967 קַדִּישׁ (*qaddîsh*) ***anjos, santos.*** O único uso no aramaico bíblico de *qādash*, raiz hebraica bastante comum.

2968 קוּם (*qûm*) ***levantar-se, estar de pé.*** Usado extensamente e de modo bastante parecido com o seu equivalente hebraico.

Termos Derivados

2968a קְיָם (*q'yām*) ***estatuto.***

2968b קַיָּם (*qayyām*) ***duradouro.*** Esses dois derivados mostram extensões naturais do significado da raiz, as quais, porém, não se vêem em hebraico.

2969 קְטַל (*q'tal*) ***matar.*** Este verbo, tão conhecido dos estudantes de hebraico como verbo paradigmático, é encontrado apenas três vezes em hebraico (Jó 13.15; 24.14; Sl 139.19). É possível que seja em hebraico um empréstimo lingüístico do aramaico. É utilizado sete vezes em aramaico bíblico e ocorre em inscrições aramaicas antigas (*KB*).

2970 קְטַר (*q'tar*)

2970 קְטַר (*q'tar*) ***junta do joelho, pergunta difícil.*** Possivelmente o significado original era o de "dar um nó" (*KB*), originando-se o sentido de nó, junta, problema. Há um cognato em acadiano, mas não em hebraico.

2971 קַיִט (*qayiṭ*) ***verão.*** O cognato hebraico é *qayits*.

קִיץ (*q'yâm*), קַיָּם (*qayyâm*). Veja os nºs 2 968a, b.

2972 קִיתְרֹס (*qîtrôs*) ***lira, citara.*** Um empréstimo lingüístico do grego *kitharis*. Quanto à importância dessa palavra e de outros empréstimos lingüísticos do grego para a datação de Daniel, veja-se *sûmpônyâ*, nº 2887.

2973 קָל (*qāl*) ***voz.*** Usado como o hebraico *qôl*.

2974 קְנָא (*q'nā'*) ***adquirir, comprar.*** Usado como o hebraico *qânâ* I.

2975 קְצַף (*q'tsap*) ***estar irado.*** No restrito material de aramaico bíblico, emprega-se esse verbo para designar a ira do rei. O equivalente hebraico é usado tanto para a ira de Deus quanto para a do homem.

Termo Derivado

2975a קְצַף (*q'tsap*) ***ira (de Deus).***

2976 קְצָת (*q'tsāt*) ***fim.*** Derivado de uma raiz *qts'*, que aparece em hebraico como *qātsâ*, "cortar fora".

2977 קְרָא (*q'rā'*) ***chamar, ler em voz alta.*** Usado como o hebraico *qārā'* I. O hebraico *qārā'* II, que significa "encontrar", não é usado no aramaico bíblico.

2978 קְרֵב (*q'rēb*) ***aproximar-se.*** Usado como em hebraico, língua em que o verbo também significa "aproximar-se" mas em que o grau causativo inclui a idéia de "oferecer sacrifício".

Termo Derivado

2978a קְרָב (*q'rāb*) ***guerra.*** Derivado de "aproximar-se", mas com um sentido de hostilidade.

2979 קִרְיָה (*qiryâ*), קִרְיָא (*qiryā'*) ***cidade.*** Usado como o hebraico.

2980 קֶרֶן (*qeren*) ***chifre, buzina.*** À semelhança do hebraico, refere-se tanto ao chifre de um animal quanto ao instrumento musical feito com esse chifre.

2981 קְרַץ (*q'rats*) ***pedaço.*** Substantivo usado junto com o verbo *'ākal*, formando a expressão "comer um pedaço", o que tem o sentido idiomático de "caluniar", "denunciar", uma expressão idiomática bem atestada em acadiano (e.g., nas tábuas de Amarna).

2982 קְשֹׁט (*q'shōt*) ***verdade.*** O equivalente hebraico é usado apenas uma vez (Pv 22.21) e pode ser de origem aramaica.

קְתֹרֶס (*qatrōs*). Veja *qîtrōs*, nº 2 972.

ר

2983 רֵאש (*rē'sh*) ***cabeça, líder.*** Usado como o hebraico *rō'sh*. A vogal média *i/e* também é encontrada em ugarítico.

2984 רבב (*rbb*). **Aceita como raiz de:**

2984a רַב (*rab*) ***grande.*** Usado em forma substantivada com o sentido de "capitão", "chefe". O plural revela reduplicação, ou seja, *rabrᵉbîn*.

2984b רִבּוֹ (*ribbô*) ***miríade.*** Palavra empregada apenas em Daniel 7.10 para designar um número muito grande, "dez mil vezes dez mil" (ARA, "miríades de míriades"). O equivalente hebraico também é usado, mas parece que significa literalmente "dez mil" em Esdras 2.64, trecho paralelo de Neemias 7.66.

2984c רַבְרְבָן (*rabrᵉbān*) ***senhor, nobre.***

2985 רְבָה (*rᵉbâ*) ***crescer.*** Usado como em hebraico.

Termo Derivado

2985a רִבּוּ (*rᵉbû*) ***grandeza.***

רִבְאִי (*rᵉbîʿî*). Veja o nº 2 986b.

2986 רבע (*rbʿ*). **Aceita como raiz de:**

2986a אַרְבַּע (*'arbaʿ*) ***quatro.***

2986b רְבִיעִי (*rᵉbîʿî*) ***quarto (numeral ordinal).*** Esses numerais são empregados como em hebraico. O número "quarenta" não aparece no aramaico bíblico.

רַבְרַב (*rabrab*). Plural de *rab*, nº 2984a.

רַבְרְבִין (*rabrᵉbîn*). Plural de *rab*, nº 2984a.

רַבְרְבָן (*rabrᵉbān*). Veja o nº 2 984c.

2987 רְגַז (*r'gaz*)

2987 רְגַז (*r'gaz*) ***zangar-se.*** O hebraico também emprega essa raiz no seu sentido literal de "tremer", "balançar". No aramaico bíblico só aparece o sentido específico de "estar irado".

Termo Derivado

2987a רְגַז (*r'gaz*) ***cólera.***

2988 רגל (*r'gal*) ***pé.*** Usado como em hebraico, mas não com todas as conotações no restrito material do aramaico bíblico.

2989 *רגש (*r'gash*) ***estar em tumulto.*** Usado no hafel. Também encontrado em hebraico, mas não é um vocábulo comum.

2990 רוּ (*rĕw*) ***aparência.*** Somente encontrado com o sufixo, *rĕwēh* (Dn 2.31; 3.25). Palavra derivada da raiz comum *rā'â*, que não é usada no aramaico bíblico.

2991 רוח (*rwh*). **Aceita como raiz de:**

2991a רוּחַ (*rûah*) ***vento, espírito.*** Usado como em hebraico. Pode-se assinalar que a expressão "Espírito Santo" só é usada duas vezes no AT: Salmos 51.11 [15]; Isaías 63.10. A terminologia mudou de "Espírito do Senhor" para "Espírito Santo" (expressão também utilizada nos MMM) durante o período intertestamentário, talvez em parte para evitar o emprego do nome sagrado. O uso em Daniel de "espírito dos deuses santos" talvez tenha contribuído para a expressão que posteriormente passou a existir.

2991b רֵיחַ (*rêah*) ***cheiro.*** Usado como em hebraico.

2992 רוּם (*rum*) ***elevar-se.*** Usado de modo muito parecido com o hebraico.

Termo Derivado

2992a רוּם (*rum*) ***altura.***

2993 רָז (*rāz*) ***segredo.*** Um empréstimo lingüístico do persa, traduzido muito naturalmente na LXX pelo termo grego *mysterion*.

2994 רְחִיק (*r'hîq*) ***bem longe.*** Usado como *rāhôq* em hebraico.

2995 רַחֲמִין (*raḥāmîn*) ***compaixão.*** Usado no plural para exprimir a intensidade desse sentimento. Palavra comum em hebraico, que também emprega a raiz *rāḥam*.

2996 רחץ (*r'ḥats*) ***confiar em.*** Usado no hitpeal. Encontrado em acadiano, mas não em hebraico.

רֵיחַ (*rêah*). Veja o nº 2 991b.

2997 רָמָא (*rᵉmâ'*) ***atirar, lançar.*** Usado tal como a rara palavra hebraica *rāmâ* I. Usado 12 vezes no aramaico bíblico.

2998 רעה (*r'h*). **Aceita como raiz de:**

2998a רְעוּ (*rᵉ'û*) ***bel-prazer, vontade.***

2998b רַעְיוֹן (*ra'yôn*) ***pensamento.*** O cognato hebraico dessa raiz é *rātsâ*, que mostra a mudança fonêmica *ts/'* (cf. *erets/ara'*). Mas o hebraico emprega derivados de *r'h*, talvez como aramaísmos, em Eclesiastes e Salmos 139.2.

2999 רַעֲנָן (*ra'ănan*) ***florescente.*** Usado como o equivalente hebraico derivado de *rā'an*.

3000 רָעַע (*rᵉ'a'*) ***esmagar, despedaçar.*** Usado como o cognato hebraico *rātsats* (observe-se a mudança fonêmica *ts/'*).

3001 רְפַס (*rᵉpas*) ***pisar, calcar aos pés.*** Usado como o equivalente hebraico, que, contudo, não é comum.

3002 רְשַׁם (*rᵉsham*) ***fazer inscrição, assinar.*** Usado diversas vezes nas passagens em aramaico de Daniel e uma vez no texto hebraico de Daniel (10.21), possivelmente num empréstimo lingüístico do aramaico.

שׁ

3003 שַׁבְּכָא (*śabb'ka'*) ***um instrumento musical.*** Aparentemente um instrumento triangular com quatro cordas. O equivalente grego é *sambykē*, mas não está certo se o grego tomou emprestado do semítico ou vice-versa. Quanto à relevância de palavras gregas em Daniel para datação do livro, veja-se o verbete *sûmpônyâ*, n.º 2887.

3004 שְׂגָא (*śᵉgā'*) ***tornar-se grande.*** O verbo também é usado em hebraico, mas restrito ao livro de Jó. Ali pode ser um aramaísmo ou então uma variante dialetal do hebraico antigo.

Termo Derivado

3004a שַׂגִּיא (*śaggî'*) ***grande, muito.***

3005 שָׂהֲדוּ (*sāhădû*) ***testemunho.*** O equivalente hebraico aparece uma vez em Jó. A palavra é usada como parte da fala de Labão em Gênesis 31.47 na forma enfática *sāhădûtā'*.

3006 שׂוּם (*sûm*), שִׂים (*sîm*) ***pôr, fazer.*** Usado da mesma forma que seu bastante comum equivalente hebraico.

3007 שְׂטַר (*śᵉtar*) ***lado.*** Não usado em hebraico.

3008 שִׂיב (*śîb*) ***ser grisalho.*** O particípio plural é empregado de forma substantivada com o sentido de "anciãos". Usado como em hebraico.

3009 שְׂכַל (*śᵉkal*) ***considerar, contemplar.*** O equivalente hebraico é comum e amplamente empregado para se referir a idéias relacionadas a *insight*, "prudência", "atenção", "sucesso", etc.

3010 שְׂנָא (*śᵉnā'*)

Termo Derivado

3009a שִׂכְלְתָנוּ (*śāklᵉtānû*) ***insight.***

3010 שְׂנָא (*śᵉnā'*) ***odiar.*** Usa-se de forma substantivada o particípio plural para designar "inimigos". O uso é semelhante ao do hebraico.

3011 שְׂעָר (*sᵉ'ar*) ***cabelo.*** Usado como o hebraico *śē'ār*.

שׁ

3012 שׁאל (*shᵉʾēl*) ***pedir, perguntar.*** Usado como o hebraico. A palavra *shᵉʾôl* não ocorre em aramaico bíblico.

Termo Derivado

3012a שׁאלה (*shᵉʾēlâ*) ***assunto, pedido.*** O mesmo desenvolvimento semântico aparece em hebraico.

3013 שׁאר (*shᵉʾār*) ***resto, remanescente.*** O equivalente hebraico é *shᵉʾērît*.

3014 *שׁבח (*shᵉbah*) ***elogiar, louvar.*** Usado no pael, como o equivalente hebraico *shābah* II.

3015 שׁבט (*shᵉbat*) ***tribo.*** Usado como o hebraico *shebet*. No entanto, o sentido de "cetro", "vara", que é comum em hebraico, não existe no aramaico bíblico.

3016 שׁבי (*shᵉbîb*) ***chama.*** Há um equivalente hebraico encontrado somente em Jó 18.5. Não há como chegar à conclusão de qual palavra deriva da outra ou de se ambas eram palavras próprias de suas respectivas línguas.

3017 שׁבע (*shᵉbaʿ*) ***sete.*** Veja o vocábulo hebraico correspondente.

3018 שׁבק (*shᵉbaq*) ***partir, deixar a sós.*** Equivalente aramaico do hebraico *ʿāzab*. O emprego mais famoso deste verbo se acha no grito em que Jesus, na cruz, cita Salmos 22.1 [2], empregando o aramaico *shᵉbaqtanî* em lugar do hebraico *ʿāzabtānî* (Mt 27.46).

3019 שׁבשׁ (*shᵉbash*) ***confundir.*** Não encontrado em hebraico, mas o cognato acadiano é parecido.

3020 שׁגל (*shēgāl*) ***esposa ou concubina do rei.*** Usado somente no plural (Dn 5.2, 3, 23). Origem obscura. O hebraico tem o verbo *shāgal*, "violentar", que pode ter

3021 *שְׁדַר (*sh'dar*)

relação com esse substantivo aramaico. Mas *shēgāl* pode ser um empréstimo lingüístico.

3021 *שְׁדַר (*sh'dar*) ***lutar, esforçar-se.*** Usado no hitpael. Não encontrado em hebraico.

Termo Derivado

3021a אִשְׁתַּדּוּר (*'eshtaddûr*) ***revolta.***

3022 שְׁדַת (*shdt*). **Aceita como raiz de:**

3022a שֵׁת (*shēt*), שִׁת (*shit*) ***seis.***

3022b שִׁתִּין (*shittîn*) ***sessenta.*** O cognato hebraico *shdsh* revela a permuta bastante comum entre *sh* e *t*. O único problema com essa raiz se acha em Esdras 6.3, em que se diz que o segundo templo tinha 60 côvados de largura e 60 côvados de altura. Os valores que seriam de esperar são 20 côvados de largura e de altura. Caso se aceite uma proposta deste escritor, é possível que nessa passagem tenha havido confusão entre o número *shittîn*, plural de seis e que significa "sessenta", com o plural de dois (que em nenhuma outra passagem é usado com o sentido de "vinte"). Em hebraico o dual de "dois" é *shtayim*. As duas palavras são notavelmente parecidas.

3023 *שְׁוָה (*sh'wâ*) ***I, tornar-se como.*** Usado no pael. O equivalente hebraico significa "tornar semelhante", no hifil.

3024 שְׁוָה (*sh'wâ*) ***II, ser posto, ser feito.*** Usado no hitpael. O equivalente hebraico é empregado no piel. O aramaico, assim como o hebraico, utiliza mais amplamente o sinônimo *sûm* ou *śîm*.

3025 שׁוּר (*shûr*) ***muro.*** O cognato hebraico derivado da raiz *shwr* III também significa "muro", mas o sinônimo hebraico mais comum é *hômâ* (de *hmh*), que não ocorre no aramaico bíblico.

3026 שְׁחַת (*sh'hat*) ***corromper.*** Usado como em hebraico.

3027 שֵׁזִב (*shêzib*) ***livrar.*** Não usado em hebraico. Provavelmente um empréstimo lingüístico do acadiano, língua em que, no grau causativo (shapel), é um desenvolvimento do verbo *ezēbu*.

3028 שֵׁיצִיא (*shêtsî'*) ***terminar, acabar.*** Tal como o verbo acima, esse é provavelmente um empréstimo lingüístico de uma forma causativa (shapel) do verbo *asû* (cognato do hebraico *yātsā'*).

3029 שְׁכַב (*shkb*). **Aceita como raiz de:**

3029a מִשְׁכָּב (*mishkab*) ***cama.*** Essa raiz é comum em hebraico, e o derivado *mishkab* é empregado tal como o seu equivalente hebraico.

3030 שַׁכְלֵל (*shaklēl*). Uma forma do verbo ***k'lal***, que apresenta o grau causativo shapel sob a influência do acadiano.

3031 שְׁכֵן (*sh'kēn*) ***habitar.*** Usado como o equivalente hebraico.

Termo Derivado

3031a מִשְׁכָּן (*mishkan*) ***morada (de Deus, em Jerusalém).***

3032 שׁלה (*shlh*). **Aceita como raiz de:**

Esse verbo aparece em hebraico junto com os derivados similares.

3032a שְׁלֵה (*sh'lēh*) ***à vontade.***

3032b שַׁלְוָה (*sh'lēwâ*) ***conforto, abundância, bem-estar.***

3033 שְׁלַח (*sh'lah*) ***enviar.*** Usado como o equivalente hebraico.

3034 שׁלט (*sh'lēt*) ***ter poder, dominar.***

Termos Derivados

3034a שִׁלְטוֹן (*sholtān*) ***domínio.***

3034b שַׁלִּיט (*shallît*) ***dominador (adj.), autoridade.*** Essa raiz também aparece em hebraico, língua em que *BDB* afirma que é tardia. Mas um derivado dela (*shlyt*) aparece em ugarítico como um segundo nome de Leviatã (*AisWUS* nº 2612). A forma árabe deu origem ao título "sultão".

3034c שִׁלְטוֹן (*shiltōn*) ***governante, autoridade.***

3035 שׁלם (*sh'lēm*) ***estar terminado, estar encerrado.***

Termo Derivado

3035a שְׁלֵם (*sh'lām*) ***bem-estar, sucesso.*** O verbo e o seu derivado são semelhantes aos equivalentes hebraicos, que têm emprego freqüente.

3036 שֵׁם (*shum*) ***nome.*** Usado da mesma forma que a palavra hebraica correspondente *shēm*.

3037 *שׁמד (*sh'mad*) ***destruir.*** Usado no hafel, é semelhante ao verbo hebraico, que é utilizado no nifal.

3038 שְׁמַיִן (*sh'mayin*)

3038 שְׁמַיִן (*sh'mayin*) ***céu.*** À semelhança do equivalente hebraico, esse substantivo dual se refere tanto ao céu atmosférico, o céu estrelado, quanto à morada de Deus e dos anjos.

3039 שְׁמָם (*sh'mām*) ***ficar apavorado.*** Usado somente em Daniel 4.16. Essa é a palavra que nos trechos em hebraico de Daniel designa a "abominação desoladora" (Dn 12.11, etc.).

3040 שְׁמַע (*sh'ma'*) ***ouvir.*** Usado como o seu equivalente hebraico.

3041 שֶׁמֶשׁ (*sh'mash*) ***I, sol.*** Essa é a palavra semítica usual para "sol", aparecendo em hebraico, acadiano, árabe. Em ugarítico aparece como *shpsh*, uma forma também atestada em acadiano.

3042 שָׁמַשׁ (*sh'mash*) ***II, ministrar, servir.*** Palavra sem relação com o vocábulo acima, que significa "sol". Provavelmente um empréstimo lingüístico do egípcio.

3043 שֵׁן (*shēn*) ***dente.*** Usado da mesma forma como o hebraico, em que deriva de *shānan*, "afiar".

שְׁנָה (*shēnâ*). Veja o nº 2 778a.

3044 שָׁעָה (*shā'â*) ***curto espaço de tempo, momento.*** Derivação incerta. Um cognato acadiano significa "tempo", "hora". Alguns são da opinião de que o vocábulo derivou do hebraico *shā'â*, "fitar", mas isso é questionado por *BDB* e *KB*.

3045 שָׁפַט (*sh'pat*) ***julgar.*** Veja-se a discussão sobre a palavra no verbete sobre o equivalente hebraico. O verbo inclui muitos dos aspectos de governo — executivo, militar, legislativo, judicial. No aramaico bíblico (Ed 7.25) o vocábulo é claramente usado com a sua conotação judicial, não em razão de alguma mudança de sentido da palavra, mas porque a situação política era diferente.

שַׁפִּיר (*shappîr*). Veja o nº 3 046a.

3046 שָׁפַר (*sh'par*) ***ser belo, ser decoroso.*** O equivalente hebraico enfatiza mais a idéia de beleza, a qual também aparece num derivado aramaico.

Termos Derivados

3046a שַׁפִּיר (*shappîr*) ***belo, formoso (diz-se de folhagem).***

3046b שַׁפְרְפַּר (*sh'parpār*) ***alvorada (como algo belo?).*** Não é certa a relação com a raiz acima.

שְׁפַרְפָּר (*sh'parpār*). Veja o nº 3 046b.

3047 שָׁק (*shāq*) ***perna.*** *Como em hebraico, essa palavra designa a perna dos seres* humanos (somente Dn 2.33). A coxa é denominada *yarkâ*. No uso em hebraico *shôq* também designa a coxa de um animal de sacrifício. A raiz, atestada em hebraico, é *shwq*.

3048 שְׁרָא (*sh'rā'*) ***soltar, habitar*** (peal), ***começar*** (pael). O cognato hebraico *shārâ* significa "deixar solto". O significado "habitar" aparentemente provém da ação de desfazer a bagagem num acampamento. Não é claro como se desenvolveu o significado de "começar". Estranhamente o verbo hebraico *hālal* III significa "contaminar" e possui no hifil um inexplicável significado de "começar".

3049 שְׁרַק (*shrq*). **Aceita como raiz de:**

O verbo não é usado em aramaico, mas tem regularmente o sentido de "assobiar", "apitar", em hebraico.

3049a מַשְׁרוֹקִי (*mashrôqî*) ***flauta.*** Veja-se Music; musical instruments, *ZPEB*, v. 4, p. 320.

3050 שְׁרֵשׁ (*shrsh*). **Aceita como raiz de:**

3050a שֹׁרֶשׁ (*sheresh*) ***raiz.*** Usado como o equivalente hebraico.

3050b שֵׁרְשִׁי (*sh'rôshî*) ***desarraigamento, banimento.*** *Ketib*: *shrshw*.

שֵׁת (*shēt*). Veja o nº 3 027a.

3051 שְׁתָה (*sh'tâ*) ***beber.*** Usado como o hebraico. O causativo "dar de beber" (hebraico *shāqâ*) não é encontrado no aramaico bíblico.

Termo Derivado

3051 מִשְׁתֶּה (*mishteh*) ***banquete.***

שִׁתִּין (*shittîn*). Veja o nº 3 022b.

ת

3052 תְּבַר (*t'bar*) ***quebrar.*** Usado como o cognato hebraico *shabar*. Observe-se a permuta entre *sh* e *t*.

תְּרֵיאָ (*t'dirā'*). Veja o nº 2669d.

3053 תּוּב (*tûb*) ***voltar.*** Empregado, tal como ocorre com o cognato hebraico *shûb*, também com o sentido de "restaurar" e "responder" a uma pergunta. O sentido adverbial comum em hebraico de fazer algo de novo ("tornar e fazer") não é atestado no aramaico bíblico.

3054 תְּוַה (*t'wāh*) ***espantar-se, alarmar-se.*** Não usado em hebraico.

3055 תּוֹר (*tôr*) ***touro, novilho (para sacrifício).*** Usado tal como o cognato hebraico *shôr*.

3056 תְּחוֹת (*t'hôt*) ***debaixo de.*** Usado tal como o hebraico *tahat*, referindo-se a coisas debaixo dos céus (Dn 7.27; Jr 10.11) ou debaixo da sombra de uma árvore (Dn 4.12, 21 [9, 18]).

3057 תְּלַג (*t'lag*) ***neve.*** Usado numa símile com o sentido de brancura, como ocorre com o cognato hebraico *sheleg*.

תְּלִיתִי (*t'litî*). Veja o nº 3058c.

3058 תְּלַת (*tlt*). **Aceita como raiz de:**

3058a תְּלַת (*t'lat*) ***três.*** A forma feminina é *t'lātâ*, empregada como o cognato hebraico *shālōsh*. Observe-se a permuta entre *sh* e *t* neste e nos derivados seguintes.

3058b תְּלַת (*t'lat*) ***terceiro, i.e., o terceiro governante, um dos três*** (Dn 5.16, 29). *taltî* (Dn 5.7) é uma palavra diferente com o mesmo sentido (*BDB*) ou uma forma variante (*KB*).

3059 תַּמָּה (*tammâ*)

3058c תְּלִיתִי (*t^elîtî*) ***terceiro (numa série).*** Como em hebraico, os ordinais de três até dez têm inseridas duas vogais *i* longas. O cognato hebraico é *sh^elîshî*.

3058d תְּלָתִין (*t^elātîn*) ***trinta.***

3059 תַּמָּה (*tammâ*) ***lá, ali.*** O cognato hebraico é *shām*, *shammâ*.

3060 תְּמַהּ (*t^emah*) ***maravilha*** (*BDB*), ***milagre*** (*KB*). Este vocábulo possui um verbo cognato em hebraico, *tāmah*, "estar pasmado". Mas, nas três vezes em que o substantivo aparece em Daniel (4.2, 3 [3.32, 33]; 6.27 [28]), é empregado na expressão "sinais e maravilhas" (*'āt* e *t^emah*), bastante parecida com o hebraico *'ôt* e *mōpēt*. Em Daniel as referências são aos livramentos miraculosos tanto da fornalha de fogo ardente quanto da cova dos leões.

3061 תנא (*tn'*). **Aceita como raiz de:**

O hebraico, o acadiano e o árabe empregam o verbo "repetir", "fazer de novo" (hebraico *shānâ*).

3061a תִּנְיָן (*tinyān*) ***segundo (número ordinal)*** (somente em Dn 7.5).

3061b תִּנְיָנוּת (*tinyānût*) ***a segunda vez*** (somente em Dn 2.7).

3061c תְּרֵין (*t^erên*) ***dois.*** O cognato hebraico é *sh^enayim*. Quanto à dissimilação de *n* para *r* (cf. *KB*), pode-se mencionar a famosa mudança do hebraico *bēn*, "filho", para o aramaico *bar*.

3061d תַּרְתֵּין (*tartên*) ***segundo (número ordinal).***

תִּנְיָנוּת (*tinyānût*). Veja o nº 3061b.

3062 תִּפְתָּיֵא (*tiptāyē'*) ***magistrado*** (*KB*, IBB). Título de autoridade provincial de posição hierárquica desconhecida.

תַּקִּיף (*taqqîp*). Veja o nº 3065c.

3063 תְּקַל (*t^eqal*) ***pesar.*** Cognato do hebraico *shāqal*.

Termo Derivado

3063a תְּקֵל (*t^eqēl*) ***siclo.*** Quanto a uma análise das palavras manuscritas na parede, veja-se *p^eras*.

3064 תְּקַן (*t^eqan*) ***estar em ordem.*** O equivalente hebraico também significa "endireitar". Há um cognato em acadiano.

3065 תְּקֵף (*t^eqēp*) ***fortalecer-se.*** O equivalente hebraico pode ser um aramaísmo. É encontrado somente em Jó e Eclesiastes, mas não há nenhuma prova de que o

vocábulo seja tardio, conforme afirma *BDB*. Atualmente a influência aramaica é reconhecida como muito anterior ao período exílico.

Termos Derivados

3065a תְּקָף (*t'qāp*) ***poder.***

3065b תְּקוֹף (*t'qôp*) ***poder.***

3065c תַּקִּיף (*taqqîp*) ***forte, poder.***

תְּרִין (*t'rên*). Veja o nº 3061c.

3066 תְּרַע (*t'ra'*) ***porta.*** Entende-se muito naturalmente que o hebraico *sha'ar*, "porta", tenha relação com essa palavra aramaica, embora isso envolva uma metátese na forma aramaica (cf. *BDB*, verbete *sh'r*, p. 1044). Como em hebraico, pelo fato de a porta da cidade ser a sede da sua administração, o vocábulo "porta" tornou-se uma palavra que designava a corte real, o palácio.

3067 תָּרָע (*tārā'*) ***porteiro.***

תַּרְתִּין (*tartên*). Veja o nº 3061d.

Agradecimento

Este não faz parte do original "DITAT"!
Ao Senhor Jesus, que me capacitou e me deu forças para,
Digitalizar esta enorme obra literária de mais de 1800 páginas!

Nota expressa do digitalizador!

Se você tem condições financeiras para comprar um exemplar, faça, pois, assim estará ajudando autores e editores que vivem deste ministério.
Só fiz esta digitalização para irmãos que amam a Poderosa Palavra de Deus e não tem como meio Financeiro adquirir uma obra tão espetacular!

Amém

ÍNDICE REMISSIVO

a (s) (artigo) - 459
a favor de - 258a
a fim de que - 1650g
à frente, vir - 2868
a menos que - 1085a
a semelhança de - 937
à vontade - 3032a
à vontade, estar - 2304
Abadom - 2d
abaixar - 789
abaixar-se - 1193, 1944, 2073
abaixo - 1352a, 2504
abaixo, correr - 353
abaixo, pôr - 1415
abaixo, rolar - 353
abalo - 1388a
abandonada como viúva - 103
abandonado (a) - 103, 1412
abandonar - 936, 1357, 1594
abandono - 1594a
abano - 1319c
abate - 786a, 786b
abater - 296, 316, 516, 525, 732, 786, 1364, 2362, 2649
abater árvores - 1048
abatido - 392, 411a, 569, 1001, 1362a, 1362b
abatido, carne de animal - 786b
abatimento - 392b
abdome - 687a, 2837, 2838
abelha - 399f
abençoar - 285
aberto, lugar - 2143d
abertura - 52g, 1854a, 1854b, 1854c, 1854e
abismo - 509a, 2495a, 1889b, 2916
abismo oceânico - 1889a
abominar - 1274, 2486
abominável - 530, 2459, 2459a, 2530, 2530a
abominável, costume - 2530a
abominável, ídolo - 2459b
abominavelmente, agir - 2530
aborrecer - 195, 1666
aborrecido - 2061
abortamento - 1392a, 2385e
abortamento, sofrer - 2385
Abraão - 4a
abraçar - 597
abrandar - 1018
abrasadoras, serpentes - 2292a
abrigar - 710
abrigo - 700a, 700b, 723b, 1551c, 1492d
abrir - 1764, 1795, 1854, 2481, 2951
abrir os olhos - 1803, 1803b
abrolhos - 454e
abster-se - 609, 765, 1216, 1562
abundância - 505a, 536a, 936c, 936g, 943f, 947, 1134a, 1723a, 1789b, 2099c, 2103b, 2231c, 2280a, 2447a, 2447b, 3032b
abundância, existir em - 1569
abundante - 279a, 1723, 2351
abundantes, chuvas - 2099f
abutre - 2147a, 2147b
acabar - 701, 982, 1932, 3028
acácia - 2371
açafrão - 596.1, 1039
acalmar - 2312
acampamento - 690c, 690d, 798b
acampamento, levantar - 1380a
acampar - 690
ação de Deus na história - 2896c
ação reta - 2957
acaso - 1731a, 2068a
acautelar-se - 1698
aceitar - 2131
aceitar uma repreensão - 3
acender - 263, 899, 901, 1081, 1987
acender fogo - 1081
aceso - 736, 1987
acessório - 936e
achar - 1231
acidente - 2068a
acima de - 2908
aço - 1771
açoitar - 1362
açoite (s) - 502c, 2344a, 2344b
acolchoado de retalhos - 948a
acompanhado, manter-se - 161
aconselhar - 887, 1200, 2772
aconselhar-se - 2772
acontecer - 491, 2068, 2692
acontecimento 2068c
acordar - 904, 904a, 1587, 2019
acordo, de - 469a
acorrentar - 2227
acrescentar - 876, 2771
acumular - 2167
acusação - 2252b
acusar - 551, 2252
acutilar - 331
Adão - 25a
Adar - 2559
adequado - 126, 496a, 2607
adiante de, ir - 1988
adiante, passar - 666
adivinhação - 1348a, 2044a, 2044b
adivinhação, praticar - 1348
adivinhador - 72a
adivinhar - 1348
adivinho (s) - 848d, 1143, 1656
admoestar - 532
adoecer - 655
adoentado - 648
adoração - 2896b, 2940a
adoração, prostrar-se em - 1459
adorador - 1722a
adorar - 619, 1667, 2884
adornar - 477, 1566, 1726
adorno (s) - 477c, 656a, 1566a
adquirir - 267, 751, 1088, 2039, 2974
adquirir cereal - 2322
adquirir mediante comércio - 1034
adquirir mediante pagamento - 1153
adultério - 1273a, 1273b
adultério, cometer - 1273
adversário - 1974a, 1999c, 2159b, 2252, 2252a, 2930a
advertência - 41a
advertir - 399, 532, 2703
afadigar-se - 842
afagar - 391
afarsaquita - 2599, 2600
afarsita - 2598
afasta - 2151a
afastado - 2151
afastamento - 1090a, 1480a
afastar - 264.1, 840, 1298
afastar-se - 384, 1167, 1456, 1480
afeição descontrolada - 1559
afeição, objeto de profunda - 676b
afeiçoado - 773

aferrolhar - 1383
afiado - 605, 605a, 605b, 606, 752a
afiar - 1110, 2422
aflição - 38c, 265a, 839a, 1106a, 1585b, 1639a, 1652c, 1652e, 1713b, 1895a, 1895b, 1895c, 1895d, 1895e, 1973b, 1973c, 1973f, 2191a, 2191c
aflição, sofrer - 1973d
afligir - 24, 839, 1652, 2497
afligir-se - 6
aflito - 1652d, 1973, 2799
afluir - 1315
afogar - 789
afrouxamento - 2169a
afugentar - 1454
afundamento - 2445e
afundar - 789, 1920, 2198, 2445, 2456
afunilado, caminho - 2432b
agachar-se - 322, 2073
Agar - 470a
agarrar - 64, 1088, 1257, 1602, 2034, 2520
agarrar-se - 398
ágil - 1152a, 1754, 2028
agir - 547, 752, 914, 1580
agir abominavelmente - 2530
agir com infidelidade - 198, 1230
agir com presunção - 547
agir com soberba - 547
agir com tolice - 830
agir como líder - 1822
agir como príncipe - 2295
agir como sacerdote - 959
agir corruptamente - 594
agir de maneira vã - 463
agir enganosamente - 198
agir injustamente - 1580
agir irrefletidamente - 914
agir orgulhosamente - 547
agir perversamente - 2222
agir rapidamente - 2116
agir sabiamente - 647, 2263
agir sem escrúpulos - 1366
agir traiçoeiramente - 198
agitação - 1300a, 1556d, 1587a, 2112a
agitado - 632, 735
agitado, tanque - 18a
agitados, pensamentos - 2273a
agitar - 371, 591, 1621, 2105, 2652
agitar-se - 1587
agonia - 623b
agora - 519, 1650c, 2795, 2796, 2797
Agora sim! - 462
agoureiro - 848d
agradar - 863
agradar-se de - 712, 2207
agradáveis, promessas - 670e, 670f
agradável - 673a, 637b, 673d, 673e, 793, 847, 1384, 1384b, 1687, 1687a, 2449, 2768
agradável, aroma - 290a
agrado - 831
agrícola toda, produção - 1195c
agricultor - 88a
agrupamento - 598e, 598j
água (s) - 1188, 2299
água, conduto de - 1624n
água, curso de - 832, 835a, 835g, 1624n
água, fonte de - 1288a
água, lugar de tirar - 2299
água, olho de - 1613a
aguaceiro - 389a, 1533a, 2373a
aguardar - 645, 859, 1994, 2232
aguda, gritar com voz - 1610
agudo - 605, 605a, 606
águia - 1437, 2877
águia-pescadora - 1596e
aguilhada de boi - 1116b
aguilhão - 451a, 451b
ah agora!- 122
ah! - 30, 67a, 478, 485, 1085
ah! se - 1085
Ah-ah! - 462
ai de mim! - 101
ai! - 30, 42, 60, 76, 479, 485
ainda - 2901
ainda não - 826
ajeitar - 1694
ajoelhar - 285, 1044, 2641
ajoelhar-se - 1044
ajuda - 1598a, 1598b
ajudante de armas - 2403g
ajudar - 929, 1570, 1598
ajunta - 598e
ajuntado - 598, 598e
ajuntamento - 140a, 140f, 598e, 598j, 774a, 1983b, 1983a, 1995a
ajuntar - 154, 1995, 2167
ajuntar madeira - 639
ajuntar-se - 330, 331
alabastro - 2379, 2379a
alado - 1003a
alarido - 2301c
alarmar - 207, 2624
alarmar-se - 3054
alarme - 207a, 2135b
alarme ocasionado por Deus - 265b
alastrar - 1840
alastrar-se - 1394
alazão - 2294a
álcali - 288c, 288e
alcançar - 284, 398, 1293, 1422, 1731, 2825
alcaparra, semente de - 3b
aldeia (s) - 617a, 723a, 1025c, 1025d
alegrar - 607
alegrar-se - 607
alegre - 2268a
alegria - 607a, 2246a, 2246b, 2719
alegria, gritar de - 2179
alegria, pular de - 1501
além de - 201a, 2897
alerta - 117, 543b
alforje - 1125b
algemas - 754a
algo - 1136
algodão - 1045
algodão, pano de - 630b
alguém - 83a, 107, 1772a
alguém à espreita - 156a
alho - 2347
alho-poró - 725a
ali - 2404, 3059
aliança - 282a
aliança de paz, estabelecer uma - 2401c
aliança, fazer - 1048
alicerce - 875a, 875b, 875d, 875e, 875f, 875g, 2380b
alicerces, juntar - 2723
alicerces, lançamento de - 875d
alicerces, lançar - 875
alienado - 903
alienar - 1556
alienar-se - 1414
alimentado - 279a
alimentar - 10, 85, 539, 962, 2705, 2757
alimentar de ave, canal - 1239b
alimentar de ruminante, bolo - 386a
alimentar-se - 264.1
alimentícios, gênero - 85g
alimento - 539a, 1886a, 1886b
alimento com bastante gordura - 2410f
alimento cozido - 547d
alimento quebradiço - 1410b
alimento seco - 731a, 837a, 1410b
alimento, provar - 815
alimento, usar como - 1105
alinhar - 1694
alisar - 1244
alistar - 1053
alívio - 2132a, 2132b
aljava - 182a, 2512a
alma - 1395a
aloés - 34a
alotar - 669
alpendre - 45c, 1552a
alqueire - 1452
alqueivado, terreno - 1360a
alqueivar - 1357
alta conta, ter em - 905
alta voz, chorar em - 440
alta voz, ler em - 2977
altar - 525b, 2665b
altares de incenso - 677d
alternadamente- 1374a
altíssimo - 1624h, 2909c, 2909d
altiva, postura - 2133e
altivez - 305c, 1421i, 2133a
altivo (a) - 851a, 2133e
alto (s) - 253, 305, 305a, 373a, 1331b, 1331c, 1624g, 2133b
alto da cabeça - 1986a
alto, estar no - 2133
alto, lugar - 253
altura (s) - 305b, 373a, 526a, 1331a, 1999a, 2133a, 2133d, 2133e, 2133h, 2992a

alvo - 1356a, 1731b
alvo, pão - 630c
alvorada - 2369a, 2369b, 3046b
alvoroçado - 505
alvoroçar - 507
amabilidade - 1384a, 1384c
amaciar - 2148
amado - 410a, 846a
amado, ente - 846c
amadurecer - 292, 360
amaldiçoar - 168, 285, 1978
amálgama - 203c
amamentar - 874, 1332, 1579
amanhã - 1185a
amar - 29, 589, 773
amar profundamente - 2146
amarelado, castanho - 1906a, 1906b
amarelo, pêlo - 1880a
amargo (a) - 1248, 1248a, 1248f, 1248h
amargura - 1248c, 1248e, 1248i, 1248j, 1248k, 1248l
amarrar - 102, 141, 592, 592a, 599, 1677, 2090, 2166, 2226, 2798
amarras - 754a
amassar - 1100
amável - 29, 846a, 1384b
âmbar - 770.1
ambição - 2187b
âmbito - 729b
ameaçar - 399
ameia - 798b
amém - 116b
amêndoas - 2451a
amendoeira - 1090b, 2451a
amendoeira, madeira de - 1090b
ametista - 67b
amigo - 1368f, 2186, 2186a, 2186b, 2186f, 2717a
amigo íntimo - 2186f
amolar - 1110
amoldar - 898
Amom - 113, 1642
amonita - 1642a
amontoado - 319a, 1696a, 1874a
amontoar - 418, 424, 684, 1506, 1874
amontoar-se - 1696
amor - 29a, 29b, 29c, 410a, 846b
amor sensual - 1559a
amor, cântico de - 846b
amordaçar - 702
amorosa, bondade - 698a
amorreus - 119
amplitude - 2143a
amplo - 2143c
amplo, lugar - 2143e
ancestral - 4a
ancião - 574b
ancião de dias - 2935
andar - 183, 183c, 183d, 498, 2695
andar de quatro - 2177
andar tropegamente - 1050
andorinha - 454c, 1476
andorinhão - 1476
anel - 789a, 620b, 1560e
anel de sinete - 789a
anelar - 828, 1691, 2305, 2485
anelo - 40, 2485a
ânfora - 1767a
ângulo - 534.1a
angustiado - 623
animais, filhote de - 331a, 331b, 2329a
animal (ais) - 208a, 264a, 786a, 2727b
animal aquático, grande - 1089b
animal dado a chifrar - 1291a
animal despedaçado - 827c
animal limpo - 419c
animal novo cevado - 1181a, 1239a
animal rastejante - 2177a
animal sacrificado, peito de - 634a
animal selvagem - 331a, 331b, 1908
animosidade - 2251a
aniquilação - 982c, 2323e
aniquilado - 784
aniquilar - 1184
anjo (s) - 2827, 2967
ano - 852, 2419a, 2900
anoitecer - 1689
anseio - 40, 2187c, 2187b, 2352a
ansiar - 982b, 1015, 1079, 2305
ansiosa, espera - 40
antecalva - 306b
antecalva, possuir uma - 306a
antemuro - 623d
anteontem - 2403c
anterior - 1988c, 2966c
anterior, estado - 1988c
anteriormente - 2521
antes - 826, 1782b, 1988c, 2521
antigo - 1631a, 1721d, 1988f
antigüidade - 1988a, 1988c, 1988g, 2912
antílope - 2488
antimônio - 1742
anunciar - 1833
anzol - 693c, 1490, 1936b
ao lado - 91, 153a, 1640f
apagado - 445, 944
apagar - 445, 567, 944
apaixonar-se - 29
apalpar - 1262
apanhar - 398, 777, 1123, 1125, 2036, 2520, 2538
apanhar a colheita tardia - 1127c
apanhar brasas - 777
apanhar com armadilha - 906, 1759
apanhar fogo - 777
apanhar girando - 1123
apanhar uma quinta parte - 686
aparar - 336, 384, 559, 559a
aparar grama - 336
aparar mato - 336
aparar o cabelo - 1013
aparecer - 608, 2868
aparecer, deixar - 766b
aparência - 2095f, 2095i, 2990
aparentada, pessoa - 848f
aparição - 2725a
aparição celeste - 2257a
apartado, condição de estar - 717d
apartar - 1298
apartar-se - 1090
apascentar - 2185
apavorado - 1702, 3039
apavorante - 1702b
apaziguante - 2862
apedrejar - 1541, 2114
apegar-se - 398, 2666
apelar - 656
apelidado - 997
apelidar - 997
aperfeiçoar - 985
apertado - 1973a
apertar - 64, 543, 1106, 1192b, 1229, 1660, 1709, 1895
apetite - 1395a
apito - 2468b
aplanar - 1777
aplicar - 1243
apoderar-se - 337, 920, 1115, 1422, 2349
apodrecer - 1237, 2175, 2213
apodrecimento - 1237a, 2213a
apoiar - 1514, 1525, 1598, 2890
apoiar-se - 1514, 2202, 2434
apoio - 1525a, 2197a, 2434a, 2434b, 2434c, 2434d
apoio, ponto de - 1637e
apor um selo - 780
após - 68b
aposento - 612a
aposento superior - 2909b
apostasia - 2340e
apóstata - 2340c, 2340d
apostatar - 2240
aprazível - 673a
apreensão - 393a
aprender - 108, 1116
aprendizagem - 1124a
apresentar-se - 894, 2848
apresentar-se voluntariamente - 2848
apressar - 207, 423, 631, 708, 1152
apressar-se - 51, 631, 1916
aprisco - 980c
aprisionamento - 980a, 980b
aprofundar - 1644
aprontar - 964
apropriado - 829, 1052, 1271, 2607
aproveitar - 882
aproximação - 2065c
aproximação, interromper a - 1492
aproximadamente - 2782
aproximar-se - 1297, 2065, 2978
aprumar - 575
aquática, planta - 1479
aquático, grande animal - 1089b
aquecer - 2563
aquele (a) (s) - 2587, 2676
aqui - 503, 510b, 955, 1739, 2784

aquilo - 2673
aquisição - 1261a, 1370a
ar, atravessar rapidamente o - 394
ar, exalar - 1390a
ar, golpeado com - 2335a
Arã - 163
arado, relha de - 192a, 760d
aradura - 760c
aranha - 1619
Arão - 35
arar - 760
Ararate - 169
arauto - 2802
arável, terreno - 1360a
árbitro - 1776c
arbusto - 1520, 1705c, 2256a
arca (s) - 166a, 365a, 2492
arco - 2088, 2093
arco, corda de - 936b
ardentemente, desejar - 993
ardil - 1366a
ardiloso - 1366, 1698c
ardor - 555a, 736a, 736b, 1611, 2038a
árduo, trabalho - 1666e
área cercada - 980c
arear - 1246
areia - 623a
areia, grão de - 1227b
arfar - 891a
argamassa - 683c, 1664a
argamassa, rebocar com - 795
argola - 789a, 1338a, 1560e
argumento - 865
árido, lugar - 756a
Ariel - 159a
aríete - 1980a
arma (s) - 513, 933a, 968b, 1436a, 2394a, 2465a, 2517
arma branca, estocada de - 449a
arma de guerra - 1980a
arma, ponta de - 1077b
armação - 2458b
armadilha - 906c, 995a, 995b, 1115b, 1929b
armadilha para aves - 1759a
armadilha, apanhar com - 906, 1759
armadilha, preparar uma - 906
armadilha, que prepara - 906a, 906b
armadura - 141, 1544
armar tenda - 32, 1352, 1354
armar-se - 668, 1436
armas, ajudante de - 2403g
armazém - 330d, 330e
armazenado - 140c
armazenar - 154, 1953
aroma - 2131b
aroma agradável - 290a
arômata - 1362c
aromáticas, especiarias - 2215f
arquear - 1680
arqueiro - 2094, 2100a
arquiteto - 116m
arrancada - 1380a
arrancado como despojo - 667a
arrancar - 337, 340, 1088, 1374, 1380, 1445, 1447, 1681, 1819, 1828, 2045, 2275, 2841, 2865
arrancar com pancadas - 2501
arrancar dente - 1446
arrancar pela raiz - 1451
arranhar - 1202, 2289
arranjo - 964e
arrasante - 1394a
arrasar - 972, 1692
arrastado - 2491
arrastar - 386, 1257
arrastar na torrente - 581
arrastar-se - 1458a
arrebatar - 642, 782, 879, 1071
arrebatar numa ventania - 2275
arrebentar - 1444, 1445, 1826
arrecada - 1355c
arrecadação - 140e, 140f
arredor (es) - 388c, 1456b, 1456c
arremessar - 2030
arremessar-se - 1610b
arremessar-se vorazmente - 1610b
arremesso - 797a
arremeter - 408, 1291
arremetida - 408a
arrepender-se - 1344
arrependimento - 1344a
arrogância - 547b, 1556d, 2125b, 2304a
arrogante - 547a, 851a, 1556e
arrojar - 516, 1304
arrolado - 862
arrolar - 862
arrombamento - 783a
arruinar - 516, 1510
arrumar - 1694
artelho - 2602
artesão, ofício de - 763a
artífice - 116m
artifício - 156c
artista - 116c
árvore (s) - 89b, 89c, 183g, 1670a, 1670b, 1705c, 2570
árvore, copa de - 118d
árvore, derrubada de - 2398b
árvore, firmeza de - 999b
árvore, topo da - 1931b
árvores, abater - 1048
asa - 1003a, 2660
asas, bater - 1238
ascendente - 2133g
Aser - 183e
Asera - 183h
asilo - 2026a
asmos, bolos - 1234a
asmos, pães - 1234a
asno, fêmea do - 190a
aspecto - 1368e, 2095f
aspereza - 2166
aspergir - 585, 1335
áspero - 1518a
áspide - 1622
assadeira - 600b
assadeira, aquilo que se prepara na - 600a
assado - 143a, 1915a
assalariado - 2264
assalariar - 1498, 2264, 2524
assar - 143, 292, 1575, 1915, 2023
assassinar - 514, 2208
assassino - 514
assegurado - 2564
assegurar-se - 2773
assembléia - 922c, 1471a, 1991a, 1991b, 1991d
assembléia solene - 1675c
assembléia, local de - 878c
assemelhar - 437
assento - 922a, 922c, 1007
assentou - 2456a
assim - 144, 519, 955, 956, 964b, 2790
assinar - 3002
Assíria - 176
assobiar - 2468
assobio - 2468a
associação - 598a, 598b
associado - 598c, 598f
associar-se - 2186
assombro - 2409d
assumir responsabilidade - 1686
assunto - 2950, 3012a
Assur - 176
assustado - 735, 1702, 1756
assustar - 2624
Astarote - 1718, 1718b
astrólogo - 181
astrólogo-mago - 2742
astúcia - 1425a, 1676b, 1676d, 1698a, 1698b
astúcia, aquele que vence em - 1676b
astuto - 1698c
astuto, receber conselho - 1698
atacar - 325, 2460
ataque - 2460a
atar - 599, 1898, 1940, 1973, 2226, 2281
atarefado - 1651
até - 1565c, 2899
até onde - 2504
até que - 1565c, 2899
atenção - 14, 2084a
atenção, dar - 551
atenção, prestar - 2414
atendimento - 1637d
atentamente, olhar - 2302
atento - 2084, 2084b, 2084c
aterrar - 507, 843
aterro - 1506b
aterrorizado - 540, 708, 784, 784b, 1702, 1756
aterrorizar - 207, 265, 507
atingida - 1731b
atingir - 1364, 1422, 2541
atiradeira - 2114b
atirador - 2030b
atirar - 420, 424, 721c, 799, 800, 908, 910, 1145, 1446, 2030, 2100, 2104, 2168, 2398, 2997
atirar flechas - 721c
atividade - 1651a
atividade profética - 2843b

ato sexual - 1650a
atônito - 332
atordoado - 2188a, 2188c
atormentar - 507
atracadouro - 1827a
atrás - 68b, 68f, 258a
atrás de, correr - 823
atrás de, ir - 2124
atrás, estar - 2124
atrás, três dias - 2403c
através - 258a, 2621
através, cortar - 223
atravessado, pôr - 2264
atravessar - 666, 1556, 1565
atravessar de um golpe - 449
atravessar rapidamente o ar - 394
atrevido - 1663
atribuir - 669
átrio - 722a
aturdido - 1744
aumentar - 401, 876, 1326, 2233
aumento - 2103d, 2103e, 2103f
aurora - 580a
ausência de filhos - 2385d
ausente - 81
autoridade - 2542a, 3034b, 3034c
autoridade do governo - 820
autoridade principal - 959a
autoritário - 2396c
auxílio, vir em - 1590
avaliação - 1776b
avaliador de metais - 230d
avaliar - 1503, 1694, 1694b
avançar - 893
avarento - 267
ave (s) - 1582a, 1959a, 1976, 2903, 2962
ave de rapina - 394a, 394b, 1406a, 1610a, 1821a, 2398a
ave imunda - 133b, 414
ave que forma casal - 2186e
ave, canal alimentar de - 1239b
avermelhado - 26g
avermelhado, cinza - 1906a
aversão - 450a, 2272b
aves de grito retininte - 2179d
aves engordadas - 288g
aves, armadilha para - 1759a
aves, caçador de - 906a, 906b
aves, filhotes de - 337c, 1813c
avestruz - 884a, 884b
avestruz macho - 678b
avidamente, engolir - 1082
avidez, engoliz com - 1120
avisar - 532
avistar - 2357
Azazel - 1593
azedo - 679
azeite - 1883c, 2842
azeite, botija pequena de - 1474a
azeitona - 548
azul - 2510
Baal - 262a
Babel - 197
Babilônia - 197, 2475
babuíno - 2508
bacia - 353c, 380a, 585a, 967d, 1252, 1538a
bago - 386c
baia - 2110a
bainha - 1306, 1692e, 2851
bainha de roupa - 2346a
baixa do serviço militar - 2394f
baixar - 909, 2456
baixeza - 554a
baixo - 433, 769b, 2361a, 2445, 2445c
baixo, ir para - 909
baixo, olhar para - 2457
baixo, parte de - 2504a
baixo, trazer para - 909
Balaão - 251b
balança (s) - 58a, 1777a, 2040a, 2819
balança, pesar na - 2454
balança, pratos de - 58a
balançar - 1324, 2201
balançar pulseiras - 1620
baldaquino - 1552a
balde - 431c, 1604a
baleia - 2528
balsa (s) - 399d, 2200
bálsamo - 242, 1967a
baluarte - 175a, 417a, 623d, 623e, 1506b
baluartes, construtor de - 1462c
banco - 1007
banco sem encosto - 1007
bandagem - 779b
bandeira - 402a, 1379a
bandeja de brasas - 777a
bando - 592b, 1084, 2166b
banha - 651a
banimento - 3050b
banir - 1304
banquete - 1035a, 2477c, 2814, 3051
banquete, dar um - 1035
Baraque - 287b
barba, rapar a - 316, 574a
barbatana - 1523
barbear-se - 351
barbeiro - 348a
barra - 284b, 2212a
barra de metal - 1186a
barrar - 1492
barriga - 236a, 687a, 1047a, 1979a
barro - 796a, 2739, 2754
barro, chão de - 1198a
barro, louça de - 759a
barulhento - 505
barulho - 2301, 2301c, 2339c
barulho, fazer grande - 486
Basã - 293a
base - 875b, 998a, 1398c
base fundida - 1896a
bases, junção de - 2390a
bastante - 425
bastão - 1236
bastar - 2280
bastardo - 1174a
batalha - 954a, 2065b
batentes - 45e
bater - 591, 1177, 1213f, 1364, 1419, 1539, 2217, 2349, 2824
bater à porta - 447
bater asas - 1238
bater joelhos - 2873
bater o pé - 2199
bater palmas - 1177, 1539, 2541
batida de palmas - 1539a
batida, obra - 2086b
batido - 1062a
bato - 2644
baú - 166a
bdélio - 203d
bêbado - 1455b, 2388, 2388b
beber - 1455, 2477, 3051
beber, dar de - 2452
beber, modo de - 2477b
bebida - 1455a, 2388a, 2452a, 2452c, 2477a, 2477c
bebida forte - 2388a
bebidas, oferta de - 1375a, 1375c
beijar - 1435
beijo - 1435a
beira - 1462d, 2278a
Bel - 262c
beldroega - 664
Belém - 241b
beleza - 890c, 1384a, 1869a, 1726b, 2449a
Belial - 246g
belo - 890, 890a, 1271, 1271a, 1384, 3046, 3046a
bel-prazer - 2998a
bem - 793a, 793c, 863
bem feito! - 462
bem longe - 496a, 2994
bem-estar - 793c, 3032b, 3035a
bênção - 183a, 285b
bendizer - 2641
benefício - 360c
benigna na pele, erupção - 210a
Benjamim - 254a
bens - 2167b, 2863
bens roubados - 337b
berço - 158b
berrar - 1610, 2179
Berseba - 194c
besta (s) - 264a, 1046b, 2727b
besuntado - 801, 2435
Betel - 241a
betume - 572, 683b, 1024a
betume, revestir de - 1024
bezerro - 1560a
bicar - 1418
bichar - 2175
bico - 1942
bico do seio - 405
bigode - 2279
bílis - 2098
biscoito - 1410b
blasfemar - 317, 749, 1409
blasfêmia - 1274b
boas, coisas - 793b
Boaz - 260a
boca - 692a, 1738, 2941, 3991
boca, céu da - 1124c
bocado - 1862a
bochecha - 1101a

bode - 1654a, 1719b, 1962a, 2274e, 2506, 2963
bode emissário - 1593
bode montês - 883a
boi - 274a, 2355a
boi selvagem - 2096a
boiadeiro - 274b
bóias - 399d
bola - 418a, 954b
bolacha - 1952b
bolo - 964f, 1575a, 1575b, 1922a
bolo alimentar de ruminante - 386a
bolo chato - 1952b
bolo de passas - 185a
bolo de tâmara - 182.1
bolo duro - 1410b
bolo furado - 660b
bolos asmos - 1234a
bolsa - 739a, 979, 1257a, 1973e
bom - 793, 793a, 863, 2750, 2750a
bondade - 698a, 793b, 1384a
bondade amorosa - 698a
borda - 543a, 1195f, 1462d, 2278a
bordão - 2314a, 2434d
borla - 1912
borra - 2415a
borrifar - 1335
bosque - 888a
bosque cerrado - 1457a, 1457b, 1492d
bota - 1453a
botão de flor - 309d, 1813a
botija - 1952a
botija pequena de azeite - 1474a
botões - 1410c
braçal, trabalho - 1553c
bracelete - 1943c, 1927b, 1943d, 2469b
braço - 583a, 583b, 844, 973a, 2682a, 2682b
bramido - 2301c
bramir - 505, 1314
branco - 630, 1074a, 1074b, 2724
branco na pele, sinal - 211a
branco, linho - 199
branco, pano - 630b
branco, pão - 630c
branco, tecido fino - 219
brandamente - 72b
brandir - 1330
brasas - 341a
brasas, apanhar - 777
brasas, bandeja de - 777a
braseiro - 66a, 777a
bravas, uvas - 195c
brecha - 204a, 271c, 1826a
breve - 2061, 2061a
brevidade - 2061b
briga - 1400a, 1400b
brigar - 499, 531, 1290
brilhante - 211b, 550, 1716, 1903b
brilhante, substância - 770.1
brilhante, tornar - 288
brilhar - 33, 52, 245, 580, 892, 1316, 1405, 1710, 1893, 2072
brilhar, fazer - 1882
brilho - 211b, 531a, 580a, 892a, 1290a, 1290b, 2707
brilho de relâmpago - 226a
brilho incandescente - 1987b
brilho, produzir - 52
brincar - 2436
brinco - 1355c
broche - 620b
bronze - 1349c, 1349b, 2858
bronze, cadeias de - 1349c
brotar - 456, 1813, 1928
broto - 1408a, 1813a, 1928a, 1956a
bruxaria, praticar - 1656
Bul - 215
buraco - 204a, 660f, 758a, 758b, 1409d, 1418a, 1704a
buscar - 259, 274, 276, 716
buscar cedo - 2369
buscar refúgio - 716
buzina - 2980
cá - 503, 1739
cabaças - 1804b
cabana - 1096b
cabeça - 353m, 1986a, 2097, 2983
cabeça, alto da - 1986a
cabeça, calvície na parte detrás da - 2069c
cabeça, cortar - 1048
cabeça, destroncar a - 1207
cabeça, lugar junto à - 2097f
cabeceira - 1823a, 2097f
cabelo (s) - 2274a, 3011
cabelo, aparar o - 1013
cabelo, cachos de - 2003b
cabelo, fio de - 2274b
cabelo, mecha de - 666e, 2128a
cabelos, negrume dos - 2368c
cabeludo - 2274c
cabra - 1654a, 2920a
cabra montês - 155, 560b, 883b
cabrito (s) - 314b, 314c, 1654a
caça - 1885a
caça, instrumento de - 1885e
caçador - 1885b
caçador de aves - 906a, 906b
caçar - 1885
cacho de uvas - 178
cachorro - 981a
cachos de cabelo - 2003b
caçoar - 1905
cacos de louça - 759c
cada, cada um (a) - 61, 137a
cadáver - 326d, 329a, 1286a, 1392e, 1732a
cadeia de montanhas - 2500b
cadeias - 577b, 2595a
cadeias de bronze - 1349c
Cades - 1990e
cadinho - 1972b
caiação - 2254a, 2535a
caiar - 2254
cãibra - 2320a
caibro (s) - 323b, 1021a, 2128b
Caim - 2017
cair - 369, 481, 483, 1392, 1432, 2867
cair chuva - 1442
cair granizo - 280
cair, deixar - 434, 2198, 2408
caixa - 2112d
caixa de madeira - 183f
caixão - 166a
cal - 347a, 2254a
calado - 415c, 568, 761, 768
calafetar com piche - 683d
calamidade - 38c, 483a, 483b, 1050b, 1368, 1765a
calar - 73, 980
calça - 1000a
calcanhar - 1676a
calcanhar, pegar pelo - 1676
calcar - 473
calcar com os pés - 2670, 3001
calcular - 767, 1014, 1802, 2438
cálculo - 767b, 1014a, 1014b
caldeirão - 2025
caldo de carne - 1247a
Cale(m)-se! - 511
cálice - 965, 1982
calma - 1323c
calor - 677a, 677c, 736a, 736b, 860a
calor inclemente - 756b
calor intenso - 2462a
caluniador - 2165b
caluniar - 1131
calvície - 2069b, 2069c
calvície na parte detrás da cabeça - 2069c
calvo - 1244, 2069, 2069a
cama - 1352c, 1706a, 3029a
camada - 2381a, 2849
camaleão - 1433b
câmara - 612a, 1129a, 1431, 2484
câmara subterrânea - 1969a
câmara superior - 1624f
cambaleante - 1925a
cambalear - 420, 1050, 1158, 1328, 1747
camelo - 360d
camelo, corcova de - 400b
camelo, filhote de - 244b
caminhada - 498d
caminhante - 498a
caminho - 161a, 453a, 498c, 1380, 2316d, 2605
caminho afunilado - 2432b
caminho, sair do - 638
camisa - 1003a
Camos - 989
campainha - 1793b
campestre, região - 1812c
campo - 288f, 838a, 1651b, 2236a, 2236b, 2334, 2640
Canaã - 1002
canais do Nilo - 832
canal - 149a, 832, 1769a
canal alimentar de ave - 1239b
cananeu - 1002a
canas - 63

canção - 558a, 558b, 2378a, 2378b
canção satírica - 1292
canção zombeteira - 1292
candelabro - 1029, 1333c
candelabro, saliência do - 1029
canela - 2041
caneleiras - 1233b
caniço de junco - 1559c
caniços - 358a
cano - 358a
cantar - 399, 558, 1653, 2378
cantar louvor - 558
cântaro - 953a, 1284a, 2080a
canteiro de jardim - 1691a
cântico - 558b, 1292
cântico (s) de amor - 846b, 847a
cânticos de louvor - 847a
canto - 153b, 534.1a, 1003a, 1052a, 1725a, 1783a
canto fúnebre, entoar - 2018
cantor - 2710b
cantos, formar - 2057
cantos, pôr em - 2057
cão - 981a
capa - 28a, 28c, 367d, 1466, 1606a
capa, vestir uma - 1032
capacete - 960, 1993
capacidade - 973a
capacidade para secos, medida - 1977a
capacidade, medida de - 1250
capataz - 1802c
capaz - 866, 2369, 2785
capitão - 2099b
capitel - 1029, 1060c, 1915c
captar uma palavra - 658
captura - 1115, 1115a
cara, jóia - 657b
caracol - 248c
caras - 1567a
caravana - 161c
cardado (linho) - 2293a
cardo - 2037a
carecer - 705
carência - 705b
carente - 705c
carestia - 270e
carga - 1421a, 1421d, 1458, 1643a
carga, colocar a - 816
carga, levar uma - 1643, 2882
carga, pôr - 1643
carga, transporte de - 1458c
Carmelo - 1042
carmesim - 1043, 2516a
carmim - 1043
carne - 85b, 85c, 85d, 291a, 786b, 2308a, 2643
carne de animal abatido - 786b
carne, caldo de - 1247a
carneiro - 45d, 1719b, 2677a
carneiro, chifre de - 2449c
carnificina - 1534d
caro - 905, 1062a
carpir - 1571
carranca - 2244a
carregado - 1353b
carregador - 1458b
carregar - 1421, 2760, 2874
carreira de pedras - 2849
carro (s) - 2163a, 2163d, 2163e, 2163f
carro, condutor de - 2163c
carro, conduzir um - 2163b
carro, guiar um - 1309a
carroça - 1560d, 1866a
carroça coberta - 1866a
carta - 23b, 1439, 2557, 2878
carvalho - 100a, 100b
carvão - 341a, 1760a
casa - 241, 241c, 2629a
casa do tesouro - 1369
casa pequena - 1096b
casa, cobertura de - 312
casa, manter em - 1322
casal, ave que forma - 2186e
casamento - 781d
casamento, fazer contrato de - 170
casamento, prometer em - 878
casar-se - 262
casca de ferida - 1966b
cascalho - 721a
casco - 1676a, 1821
cássia - 1986b, 2056a
castanho - 1906b
castanho amarelado - 1906a, 1906b
castelo - 2628
castiçal - 2845
castigado - 1413
castigar - 1659, 1802
castigo - 1577a
castrado, novilho - 1831a
cativa, mulher - 2311b
cativeiro - 350a, 350b, 2311a, 2311c, 2311d
cativo (s) - 141b, 2311a, 2311c
cativo, levar - 2311
cativos, corda de cingir - 1416a
cauda - 562a
cauda gorda - 95a
causa - 38b, 399e, 2667
causar ofensa - 180
cautela - 393a
cauteloso - 1373a
cavaleiro - 1836a
cavalgar - 2163
cavalo - 1477, 1836a
cavalo, mantas para - 717a
cavalos fortes - 2167a
cavar - 323, 723, 968, 1033, 1418, 2004
cavar à procura de água - 2004
cavar ao redor - 1597
caverna - 1704a
cavidade - 1889c, 2047b
cebola - 266a
cedo, buscar - 2369
cedo, levantar - 2386
cedro - 160a, 165a
cedro, madeiramentos de - 160b
cegar - 1586
cego - 1586a, 2435
cegonha - 698c
cegueira - 1586b, 1586c
cegueira repentina - 1521
ceifa - 140b
ceifada, faixa de terra - 1645c
ceifar - 2062
cela - 690a
celebrar - 602
celeiro - 10b, 139a, 330d, 330e, 383a, 1494a
celeiro, chão de - 383a
celeste, aparição - 2257a
cem - 1135, 2818
censo - 1540d
censura - 749a, 865a, 987a
censurado - 987
censurar - 749
centena - 1135
centro - 790a
cepo - 339a, 512e, 1941a, 2926a
cera - 444a
cerâmica - 2739
cerca - 1475a, 2241a, 2261a
cerca ao redor de, fazer - 1470
cerca, pôr uma - 1475
cercada, área - 980c
cercado - 270b, 1462a, 1462c, 1599a
cercado, terreno - 367a
cercar - 148, 270, 1060, 1456, 1475, 1608, 2012, 2241
cercar com hostilidade - 1060
cerco - 1898a
cereais, oferta de - 1214a
cereal - 288b, 403a, 1105a, 1484, 1999b, 2160a, 2322a
cereal, espiga de - 2316c
cereal, feixes de - 1875a
cerimonial, veste - 667b
cerrada, mata - 888a
cerrado, bosque - 1457a, 1457b, 1492d
certamente - 8, 84, 86, 976
certo - 116, 116h, 964, 1365, 1879c, 2564, 2773a
cervo - 1665a
cessação - 147a, 609a, 1740a, 2323a, 2323e
cessar - 147, 235, 363, 438, 609, 982, 1357, 1478, 2323
cesto - 380a, 812a, 981b, 1507a, 1507b
cesto, sela de - 967a
cetro - 1236
céu - 2407a, 3038
céu da boca - 1124c
cevada - 279a, 2274f
cevada, medida de - 1133a
cevado, animal novo - 1181a, 1239a
chacal - 65a, 2528a
chafurdar - 353
chama - 52d, 1077a, 1077b, 1077c, 1081a, 2223a, 2310a, 3016
chamada, pessoa - 2063b
chamado, companheiro de - 598f

chamar - 570, 1947, 2063, 2712, 2977
chamuscamento - 1966a
chamuscar - 1966, 2023, 2335, 2743
chão - 1664a, 2076, 2610
chão crestado - 2462a
chão de barro - 1198a
chão de celeiro - 383a
chão, jogado ao - 421
chapa - 1716a
charco - 2199a
chato, bolo - 1952b
chave - 1854f
chefe - 109b, 1421b, 2054a, 2097, 2099b, 2893
chegar ao fim - 147, 1478, 2888
chegar perto - 1297
cheia, lua - 1006
cheio - 1195
cheio de ramos - 1657b
cheirar - 195, 565
cheirar mal - 195, 565
cheiro - 290a, 2991b
cheiro desagradável - 195a, 195b
cheiro, exalar mau - 565
cheiro, mau - 195c, 1904a
cheiro, sentir - 2131
chicote - 2344a
chifrar - 1291, 2072a, 2980
chifrar, animal dado a - 1291a
chifre de carneiro - 2449c
chifres - 2072
chifres, serpente de - 2448a
chilrear - 1957
chocalhar - 1620, 2178
chocalho - 1328a
chocar-se - 2065
chorar - 243, 442
chorar em voz alta - 440, 1530
choro - 243a, 243b, 243c, 243d
choupo - 1074f
chover - 1187
chumbo - 1665b
chupar - 874
chutar - 261, 972
chuva - 389a, 1187a
chuva (s) com neve - 693.1, 2391a, 3057
chuva contínua - 1463a
chuva de pedras - 280a
chuva pesada - 1463a
chuva temporã - 910b
chuva torrencial - 1463a
chuva, cair - 1442
chuva, gotas de - 2277a
chuva, nuvens de - 635a
chuva, receber - 389
chuvas abundantes - 2099f
chuvas, primeiras - 910a
chuvas, últimas - 1127b
cicatriz - 1966b
cicatriz de queimadura - 961c
cidade - 1180, 1615, 2068g, 2068h, 2979
cidade mãe - 115b
cidade, porta de - 2437a
cidade-estado - 167
cidadela - 164a, 1885c, 1885h, 1885i, 2628
cilada - 156e
cilindro - 353f
cima, passar por - 1786
címbalos - 1919d, 1919f
cinco - 686a
cingido - 543b, 604b
cingir - 59, 141, 604, 2423
cingir cativos, corda de - 1416a
cingir-se - 668, 1032
cinqüenta - 686c
cinta - 604a, 604c, 604d
cintilação de pedra preciosa - 1987b
cintilar - 1405
cinto - 59a, 256a, 604a, 604c, 1172, 1172a, 2090b
cinturão - 668a
cinturão de guerreiro, vestir um - 668
cinza avermelhado - 1906a
cinza gordurosa - 457a
cinzas - 150a, 1664a
cinzas, monte (s) de - 2441b, 2441c
cio, tempo do - 126a
cipreste - 289a, 2543
circuito - 353f, 353g, 615a
circular - 56
círculo - 346b, 418a, 615a, 1471a
círculo, traçar um - 615
circuncidar - 1151, 1161, 1161a, 1204
circuncidar, deixar-se - 116
circundar - 1416
circunstância - 146b
cisterna - 194b, 194e, 302a, 1033a
cítara - 2972
ciúme - 2038
ciumento - 2038b, 2038c
clã - 2442b
clamar - 505, 570, 2135, 2712
clamar por socorro - 1947, 2348
clamor - 134, 134a, 570a, 1888a, 1947a, 2348a, 2348b
clamor por socorro - 2348c
clarear - 33
clareou, aquilo que - 2456a
clareza - 2449b
claridade - 531a, 792a, 2847
claro - 549, 1903a
claro, verde - 918e
classe - 2732b
clava - 933a, 1394c
coalhada - 308b, 672a
coalhada, semelhante a - 1182
coberta - 1008b, 1092b, 1492a, 1866a
coberta do tabernáculo - 1008a
coberta trançada - 948c
coberta, carroça - 1866a
coberta, estrutura - 1492b, 1492f
cobertor - 2102a
cobertor grosso - 2269a
cobertura - 151a, 1008c
cobertura de casa - 312
cobiça - 40
cobiçar - 1559
cobiçoso - 267
cobra - 1347a
cobra venenosa - 1858a
cobrança de tributo - 1218
cobrar - 1296
cobre - 1349a, 1349c, 2858
cobre, tirar aquilo que - 766
cobrir - 707, 710, 808, 881, 1008, 1067, 1492, 1537, 1601, 1634, 2259
cobrir de nuvens - 1574
cobrir de sarna - 1534
cobrir os olhos - 1803b
coçar-se - 377
coceira - 376a
cochichar - 439a, 1107, 2115
cochicho - 1107a
cochilar - 1325
cocho - 2127a
codorniz - 2265
coélete - 1991c
coelho - 2446a
coentro - 313c
cofre - 2112d
coisa - 399a, 2832, 2953a
coisas boas - 793b
coisas, fazer grandes - 315
coisas, toda espécie de - 985d
coisinha - 1948c
colar - 657b, 737a, 1658b, 1897b, 2697
colar, servir de - 1553, 1658c
colcha - 2102a
colchete - 773b
colchetes, prover de - 773c
colega - 1005, 1638a, 2717b, 2793
cólera - 2987a
coleta - 140d
colete - 2502
colheita - 140b, 140d, 2062a
colheita de primavera - 1127a
colheita tardia - 1127a
colheita tardia, apanhar a - 1127c
colheita, gastar o tempo da - 750
colheita, tempo da - 1528
colher - 2062
colher tudo - 1125
colhido - 140c
colina - 309a, 517a
colo - 629a
colocado - 1398
colocar - 249, 895, 1514, 2006, 2243, 2343, 2380, 2483
colocar a carga - 816
colocar em fuga - 284
colocar isca - 2006
colocar limites - 249
colocar sob penhor - 593
colorido - 1872b
colorido, pano - 640a
coluna - 45e, 1029, 1398b, 1398g, 1637c, 1896a, 2523d
colunata - 1467c
com - 187, 1640b, 1640c, 2621, 2915

com relação a - 1063
com respeito a - 2807
comandante - 1289b
combate - 1104c
combate, em formação de - 688a
combate, início do - 954a
combate, preparar-se para o - 668
combater - 1104
combustível - 85b, 85f
começar - 661, 831, 3048
comemorar - 551
comer - 85, 85b, 85c, 281, 815, 1105, 2573
comer sal - 2828
comer, enfastiado de tanto - 1049
comercial, lucro - 1486a
comércio, adquirir mediante - 1034
comestível, gafanhoto - 1509
cometer adultério - 1273
cometer fornicação - 563
cometer uma falta - 1230
comida - 85a, 85b, 85d, 85g, 281a, 281b, 827b, 1105a, 2308a, 2705a
comida saborosa - 815b
cominho - 991b, 2055a
como - 937, 938, 939, 2782, 2807
como se - 976
como? - 75b, 75c, 75e, 492
comoção - 486a
comovido - 505, 2152
compacto - 598
compadecer-se - 694
compaixão - 626, 676, 1319, 1344b, 2995
companheiro (a) - 598c, 1005, 1638a, 2186a, 2186c, 2186e, 2717a, 2717b
companheiro de chamado - 598f
companheiro de profissão - 598f
companhia - 592b, 598a, 598b
comparar - 1694
compassivo (a) - 2136, 2146c, 2146d
compasso - 615a, 615b
compelir - 132, 1304
compensação - 274e
completa, volta - 2001
completamente - 2594
completar - 2788
completo - 985, 2401, 2401d, 2522
comporta - 156d
compra - 1088, 2039c, 2322, 2702, 2974
comprido - 162b, 162c
comprime, aquilo que - 1192a
comprimento - 162a
comprimindo, enrolar - 1092
comprimir - 1027
comprometer-se - 1686
comprovar - 865
computar - 1802
comunhão - 598
comunicação - 2412e
comunidade - 644d
conceber - 514b
concebido - 514b
conceder - 524
conceder permissão, não - 1317
conceder vitória - 929
concepção - 515c
concessão de descanso - 1323d
concha da mão - 2432a
concílio - 1471a
concluir - 982
conclusão - 1932a
concordar - 53, 2342, 2709
concubina - 1770, 2815
concubina do rei - 3020
concupiscência - 40, 1350a
condenar - 1659
condensar - 2048
condição - 146b
condição de estar apartado - 717d
condição humilde, de - 433a
condição social - 998a
conduto - 1942a
conduto d'água - 1624n
condutor de carro - 2163c
conduzir - 453, 835, 1309, 1341, 2474
conduzir com cuidado - 1312
conduzir um carro - 2163b
confederação - 2166b
confessar - 551, 847
confiança - 233b, 233c, 233e, 1011a, 1011b
confiança, depositar a - 700
confiante - 116d, 233
confiar - 233, 353, 2241, 2434, 2584, 2996
confirmação - 1576g
confirmar - 116
confisco - 2923
confissão - 847b
conforme - 2782
conforme segue - 2791
conforto - 3032b
confrontar - 2064
confundido - 987
confundir - 248, 251c, 407, 507, 3019
confusão - 214a, 248d, 486a, 987a, 2494a
confuso - 214, 715
congregação - 878a, 1991a, 1991b
conhecer - 848, 1802a, 2765
conhecido - 1289, 1368f
conhecimento - 848a, 848b, 848c, 848g, 2765a
conhecimento judicioso - 923a
cônjuge - 598d, 2319, 2327a
conquanto - 2504
consagração - 1990a
consagração, coroa de - 1340a
consagrada, pessoa - 1340b
consagrado (a) - 744a, 1340d, 1990
consagrar - 744, 1990
consagrar-se - 1340
consangüíneo, parente - 867f, 2065d
conseguir - 267, 1713, 2825
conseguir fraudulentamente - 1713
conselheiro - 2561, 2689, 2772a
conselho - 596a, 887a, 887b, 1471a, 1584, 2772b, 2830a
conselho astuto, receber - 1698
consentir - 3, 53, 831
conseqüência - 1676e
consertar - 1595, 2723
considerar - 239, 556, 1695, 2429, 2511, 2745, 3009
considerar incircunciso - 1695
consolação - 1344d
consolado - 1344
consolar - 1344, 1344c, 1525
consolo - 1344b
consorte - 598d
conspiração - 2090a
conspirar - 2090, 2119
constância - 116e
constelações - 1011e, 1173
constranger - 132, 1895
constrangimento - 1895a, 1895c
construção - 2633a
construção de estrutura - 255a
construir - 255, 2633
construir com vigas - 2068, 2068e
construtor de baluartes - 1462c
consumação - 982a
consumar - 363
consumir - 85, 263, 507, 701, 982, 1531
consumir de saudade - 982b
conta, ter em alta - 905
contado, tempo - 1213c
contagem - 1540d
contaminação - 301a, 696c
contaminado - 696, 1055
contaminar - 301, 661, 813
contar - 618, 1213, 1289, 1540, 2525, 2722, 2835
contas - 1410c
contemplar - 608, 633, 1282, 2354, 2725, 3009
contenda - 378b, 426c, 1400a, 1400b, 2159a, 2159c
contenda, suscitar - 331
contender - 378, 426, 2159, 2287
contente - 346, 863
conter - 641, 962, 980, 1216, 1675
conteúdo - 1999f
contínua, chuva - 1463a
continuação - 1576a, 2669d
continuamente, que flui - 935a
continuidade - 1157a
contorção - 623f
contorcer - 2155
contorcer-se - 623
contra - 91, 1365, 2908
contrair - 1949
contrário - 512a
contrasteador - 230d
contrato de casamento, fazer - 170
contribuição - 2133i
contrito - 427, 427a, 428

controle - 1675e
controle, manter sob - 765, 951
controvérsia - 2159a
contudo - 47
contundir - 1799
conturbar - 507
contusão - 1799a
contusão, ferir por - 1799
conveniente - 469a
conversar - 399, 2255
convir - 829
convocação - 2063d
convocada, pessoa - 2063b
convocar - 2063
convocar reunião - 1991
copa de árvore - 118d
copeiro - 2452c
cópia - 309b, 861, 1837, 2948
copo - 309b
cópula - 2381b
cor - 2368d
coração - 983a, 1071a, 1071b, 2809a, 2809b
coragem, homens de - 359b
corais - 1783b, 2096b
corajoso - 117, 636
corça - 45m
corço - 685b
corcova de camelo - 400b
corcovado - 308a
corda (s) - 307d, 592b, 621a, 936b, 936h, 1257b, 1857a, 1994d
corda de arco - 936b
corda de cingir cativos - 1416a
corda de harpa - 1211
corda torcida - 1558b
corda, instrumento de - 2943
cordão - 592b
cordão umbilical - 2469a
cordas, música de instrumento de - 1292
cordeirinho - 806a
cordeiro (a) - 806a, 949, 950, 1046a, 2237
cornalina - 26c
coro - 2787
coroa - 1060a, 1608a
coroa de consagração - 1340a
coroa, dar uma - 1608b
coroar - 1060b, 1608b
corpo - 45a, 236a, 326d, 329a, 373a, 2308a, 2662
corpo, membro do - 2690
corpulento - 1554, 2410d
córrego - 7a, 1769b
correia de sandália - 2290a
corrente - 2101a, 2227a, 2227b, 2470
correr - 1140, 2137, 2205, 2460
correr abaixo - 353
correr atrás de - 823
correr de um lado para outro - 2460
corresponder - 1650
corretamente - 2562
correto - 930, 930a, 930d, 964a, 1052
corrida - 2137a, 2137b
corrigir - 865
corrimento - 835f
corromper - 370, 2370, 3026
corrompido - 696
corrosão - 1761b
corruptamente, agir - 594
corrupto - 594
corrupto, moralmente - 98
cortado (a) - 752c, 1412
cortado fora - 1161
cortado, pedaço - 203a
cortante, instrumento - 340d, 752c
cortar - 203, 267, 278, 296, 313, 316, 327, 335, 340, 379, 438, 562, 972, 1048, 1441, 2053, 2060, 2654
cortar através - 223
cortar cabeça - 1048
cortar em dois - 297, 316, 340
cortar em pedaços - 1441
cortar fora - 316, 327, 335, 340, 379, 438, 972, 1048, 2060
cortar madeira - 639
cortar mãos - 1048
cortar prepúcio - 1048
corte - 335a, 340c, 2052a
cortejo - 498c, 498e
cortina - 448b, 917a, 1818a, 2030c
coruja - 884b, 966, 1434b, 1976, 2050a
corvo - 1690a
costa (s) - 39a, 326a, 326b, 326c, 710a, 2386a, 2645
costela - 1924a, 2913
costume abominável - 2530a
costurar - 2537
couraça - 1544, 2466a
couro - 1589a
cova - 194a, 194d, 194e, 323a, 362a, 1704a, 1761a, 2303c, 2343.1a, 2343.1b, 2343.1c, 2360a, 2360b, 2370d, 2646
cova profunda - 509a
côvado - 115c, 359a, 2582
coxa - 16a, 1756c, 2777
coxa, nervo da - 1429
coxa, veia da - 1429
coxear - 1925
cozer pão - 1071d
cozido - 292a
cozido, alimento - 547d
cozinhado - 547d
cozinhar - 292
cozinhar, lugares de - 292b
cozinheiro (a) - 786c, 786d
crânio - 353m
credor - 1424, 1427
crepúsculo - 1434a
crer em - 116, 2584
crescente, lua - 2239a
crescer - 259, 315, 315a, 299, 2233, 2233b, 2985
crescer com viço - 1543
crescimento - 1928a
crestado - 2335a
crestado, chão - 2462a
crestamento - 2335b
crestar - 2335
Creta - 1028
cria - 2329a
criação - 116f
criado (a) (s) - 278, 1389a, 2442a
Criador - 278
criador de ovelhas - 1411a
criança - 867a, 867b, 1579c, 1579d
criança de peito - 1579
criança nascida de incesto - 1174a
criar - 278, 2039, 2896
criatura - 1395a
criaturas voadoras - 1582a
criminoso - 1776d, 2222b
crisol - 1972b
cristal - 311a
crosta da pele - 869a
cru - 1358a
cruel - 681, 681a, 971a, 971b, 2085a
crueldade - 971c
cruzar - 597a
cubo - 774b
cucúrbitas - 1804b
cuidado - 849a, 1698
cuidado, conduzir com - 1312
cuidado, procurar com - 455
cuidar - 1356, 2414
cuidar de pés de sicômoros - 250
cuidar de videira - 1040
culpa - 1577a, 2222a, 2222c
culpabilidade - 180b
culpado - 180, 521a, 614, 638
culto, objetos de - 2086b
cultual, prostituto - 1990c
cume - 253, 2097
cumprir o dever de cunhado - 836
cumprir o papel de resgatador - 300
cumprir-se - 2888
cunhado (a) - 836a, 836b
cunhado, cumprir o dever de - 836
cura - 162d, 321a, 957b, 1624o, 2136a, 2196, 2196a, 2196b, 2196c
curado - 321
curar - 2196
curral - 2204
curso d'água - 832, 835a, 835g, 1624n
curta, lança - 977b
curto - 2061, 2061a
curto espaço de tempo - 3044
curva - 682a
curvar - 453, 690, 1027, 1352
curvar-se - 1044, 1944, 2343
cuspir - 919, 2219, 2219a, 2499a
cutâneas, enfermidade de erupções - 759b
Cuxe - 969

dádiva - 849b, 1023a, 1214a, 1443, 1443c, 1443d, 2353a, 2836, 2880a
Dagom - 403b
Damasco - 443
dança - 623g, 623h
dançar - 416, 623, 1046
daninhas, ervas - 195b
dano - 138a, 1339, 2716b
dano, sofrer - 2857
dar - 849, 1318, 1443, 2766, 2880
dar à luz - 52, 595, 867
dar a sexta parte - 2336d
dar a volta - 1416
dar atenção - 551
dar boas notícias - 291
dar como porção - 669
dar de beber - 2452
dar fruto - 1318
dar graças - 847, 2764
dar lugar a um desejo - 3
dar luz - 52
dar nomes - 997
dar ouvidos - 57, 2084
dar passo (s) - 184, 1943
dar passos curtos e ligeiros - 821
dar provisão - 248b
dar refúgio - 1578
dar testemunho - 1576d
dar títulos - 997
dar um banquete - 1035
dar um penhor - 1555
dar uma coroa - 1608b
dardo - 977b, 1381a, 2314b
dárico - 28.1
Dario - 452
Davi - 410c
de - 1063, 1212, 2833
de acordo - 469a
de acordo com - 939
de dia - 852a
de fato - 86, 116b, 116g, 116i, 116j, 142
de graça - 694b
de mão firme - 116c
de novo - 361a
de quem - 2299
debaixo de - 2504, 3056
débil - 982c, 1614a
Debir - 399h
débito - 614a
debulha - 419a
debulha, local de - 383a
debulhado - 419b
debulhador - 1165
decepar - 335, 1010
decidido - 231, 831
decidir - 752, 865, 887
décima parte - 1711g
décima parte, tomar a - 1711c
décimo - 1711d, 1711f
décimo mês - 791
décimo primeiro mês - 2315
declaração - 618a, 1272a, 1854e, 2722a
declaração exata - 1833a
declaração solene - 94a
declarar - 194, 221, 399, 551, 618
declarar perverso - 1684
declinar - 690
declive - 174a, 298b
declive íngreme - 298b
decoroso - 3046
decrépito - 931a
decretadas - 778
decretar - 340, 728, 752
decreto - 458, 1852, 2654a, 2683
decreto de interdição - 2595b
decurso da vida - 2137b
dedicação - 693b, 1340a, 2736
dedicar - 663, 1990
dedo - 1873a, 2602
dedo mínimo - 2009c
defeito - 446a, 1137a
defender - 367
deficiência - 270d, 270e, 705d
definhamento - 2139b, 2139c
definhante, doença - 2365b
definhar - 409, 1237, 1607
defronte - 1289a, 1365, 2846a, 2965
degrau - 1624m
deitar fora - 1302
deitar por terra - 1374
deitar-se - 2109, 2381
deixar - 382, 609, 1594, 1692, 2394
deixar a sós - 3018
deixar aparecer - 766b
deixar cair - 434, 2198, 2408
deixar de - 172, 363, 1357
deixar de lado - 172
deixar em pousio - 2408
deixar envergonhado - 222
deixar escapar - 936
deixar indigente - 1692
deixar ir - 2394
deixar para trás - 936
deixar-se circuncidar - 116
delegação - 2394f
deleitar-se - 2436
deleite - 2436a
delgado - 448a
delgado, pão - 2218b
delicadeza - 1648a, 1648c, 2164b
delicado - 1648, 1648b, 2164a
delícias - 1567d
delinear - 760, 2491b
delito - 1230a
demandar - 2159
demarcar - 2487
demissão - 1048a
demolir - 1446
demolir a golpes - 2224
demônio - 2330
demonstrar - 2737, 2740
demonstrar favor - 2737
demonstrar insolência - 2740
demorar - 68
demorar-se - 1150
densas trevas - 1626, 1701b
dente (s) - 2516d, 3043
dente, arrancar - 1446
dentes, ranger os - 755
denunciar - 568
deparar - 1731
dependurado - 433
depois - 68b, 68c, 68f, 2568
depois disso - 2558
depositar a confiança - 700
depósito - 154a, 1802f
depressa, sair - 284
depressão - 1889c
deprimido - 1159
derramado - 1442
derramamento de sangue - 1534d
derramar - 243, 897, 908, 1287, 1295, 1375, 1692, 1896, 2444
derramar lágrimas - 243
derreter - 1156, 1219, 1223, 1337
derretido - 1442
derretido, metal - 1375c
derretimento - 1223c
derribar - 516
derrotado - 1218
derrubada - 1392e, 1415a
derrubada de árvore - 2398b
derrubar - 340, 420, 516, 972, 1048, 1446, 1826, 2078, 2821
derrubar ídolos - 1048
desafiar - 749
desafogo - 2132a, 2132b
desafortunado - 659a
desagradável - 2534
desagradável, cheiro - 195a, 195b
desalojar - 920
desamparado - 1705b
desanimado - 941
desanimar-se - 2198
desânimo - 644
desaparecer - 666, 1790
desaparecimento - 666b
desapontado - 222
desarraigado - 2926
desarraigamento - 3050b
desarraigar - 1447, 1451, 1681, 2471
desastre - 135
descalço - 861a, 2399a
descampado, lugar - 1692a
descansando - 2392
descansar - 1323, 2117, 2304, 2323
descanso - 395a, 415b, 438a, 1323a, 1323f, 2117b, 2117c
descanso, concessão de - 1323d
descarga - 534a, 581b
descascada, faixa - 1797a
descascado, ponto - 1797a
descascar - 1797
descendência - 582a, 893b, 1326a, 1363a
descendentes - 867g
descendo - 1351b
descer - 584, 909, 909a, 1351, 1351a, 1934, 2859
descoberto, pôr a - 1692
descobrir - 350, 1692
desconcertado - 222
desconsiderar - 1824, 2383
descontentar - 1666
descontente - 2058
descontrolada, afeição - 1559

descuidadamente, improvisar - 1816
desculpe - 238a
desde - 54a, 111, 1212, 1640c
desdém - 2345a
desdém, manter sob - 224
desdenhar - 213a, 213b, 224, 1276
desejabilidade - 673c
desejado (a) - 773a, 2953a
desejar - 276, 673, 712, 828, 2349, 2635, 2953
desejar ardentemente - 993
desejável - 673a
desejo - 40, 40a, 40b, 40c, 40d, 171a, 673b, 773a, 2303b, 2352a, 2496a
desejo, dar lugar a um - 3
desembainhada, espada - 1854d
desembainhar - 2402
desencaminhar-se - 2325
deserção - 1480a
deserdar - 920
desértica, planície - 1688d
desértico, planalto - 1688a
deserto - 399m, 927b, 2409a
deserto, habitante do - 1908
desesperadamente perverso - 135
desesperado - 135, 1223a
desesperar - 833
desespero - 146c, 1223b
desfalecer - 114, 392, 988, 1079, 1203, 1334, 1614, 1732
desfazer - 1196, 1449
desfazer-se - 1531, 1556, 1997
desfiguração do rosto - 2370c
desfiladeiro - 1556h, 1556i
desfilhar - 2385
desfrutar - 632
desgarrar - 2531
desgastado (a) (s) - 246a, 246b
desgastar-se - 246
desgaste - 246e
desgosto - 1016a
desgostoso - 1016, 1066, 2061
desgraça - 483c
desgrenhar - 1824
designado - 557
designar - 669, 878, 1213, 2835
desígnio - 887a
desistir - 609, 1357, 2323
deslizar - 396
deslocar - 544, 903
desmaiado - 885a
desmaiar - 885, 957
desmaio - 392a, 885b
desmentir - 975
desnucar - 1700
desnudado - 1588
desnudar - 355, 766, 766b, 1705
desnudo, local - 2440b
desobediente - 1242
desolação - 731b, 927a, 1594a, 2339b, 2409b, 2409d
desolado - 180, 731a, 927
desolar - 731, 2331
desonestidade - 1090a, 1510a, 1684b
desonesto - 1684a
desonra - 987a, 2024a, 2929
desonrado - 661b
desonrar - 2024
desorientar - 2169
despachar - 278
despedaçado - 784b
despedaçado, animal - 827c
despedaçador - 2208a
despedaçar - 448, 770, 827, 1013b, 1196, 1394, 1444, 1725, 1773, 1844, 2158, 2192, 2194, 2321, 2428, 2946, 3000
despejar - 2161
despejo, lugar de - 2444a
despenhadeiro - 452a
despensa - 534.1b
desperdiçar - 252, 264.1, 554
despertar - 1587
desperto - 2907
despesa - 2868a
despido - 1705a, 1705b
despir - 1845
despir-se - 1705
despojar - 225, 225b, 225c, 1428, 2331
despojo (s) - 1124b, 1828a, 2400a, 2426a
despojo, arrancado como - 667a
déspota - 1546
desprazer - 860a
desprazer intenso - 860a
despreocupado - 233
desprezado - 2272a
desprezar - 213, 213a, 213b, 224, 1139, 1274, 1390
desprezível - 2028e
desprezo - 224a, 1274a, 1274b, 2345a
desprezo, tratar com - 2345
dessa maneira - 2791
desse modo - 964b
destilar - 1355
destinado à destruição - 666b
destino, deus - 1213e
destituição - 270e
destra - 872a
destroçar - 2224
destroncar a cabeça - 1207
destruição - 2c, 2d, 246c, 247a, 298c, 486a, 512d, 516a, 516c, 594a, 784g, 977a, 1394b, 2007a, 2321b, 2343, 2370a, 2370b, 2370d
destruição, destinado à - 666b
destruído - 2, 439b, 2406
destruidor - 516
destruir - 2, 438, 507, 514, 516, 594, 920, 1446, 1451, 1531, 1829, 1932, 2331, 2370, 2406, 2716, 2895, 3037
destruir totalmente - 744
desviar - 814, 1352, 2250
desviar-se - 682, 1090, 1480, 1605, 1580, 2240, 2240a, 2250
desvirtuante - 1577c
deter - 153, 1675
deterioração - 1050d, 1237a
deteriorado - 2035
deteriorar - 1237
determinada pessoa - 107
determinadas - 778
determinado, local - 878b
determinado, tempo - 557a
determinar - 728, 752, 982, 2654
detestar - 369, 1276, 2459, 2530
deus - 93a, 93b, 2576
Deus - 93a, 93b, 93c, 2576
deus destino - 1213e
Deus na história, ação de - 2896c
deus pagão - 1199h
Deus que, não permita - 661c
Deus, alarme ocasionado por - 265b
Deus, ira de - 2975a
Deus, morada de - 3031a
deuses - 93c
devassidão - 1627c, 1627f
devastação - 2331a, 2339a, 2409b, 2409c, 2409f
devastado - 731, 1878, 2409, 2409a, 2741
devastadora, tempestade - 1528a, 2301a
dever de cunhado, cumprir o - 836
devido a - 1650e
devido tempo - 1650d
devorar - 85, 920, 2573
dez - 1711a, 1711b, 2932
dez mil - 2099d, 2099e
dezena - 1711d
dia - 852, 2767
dia seguinte - 1185b
dia, luz do - 1316a, 2847
diadema - 1089a, 2500a
diamante - 2416a
diante de - 1365, 1782b, 2965, 2966a
dias atrás, três - 2403c
difamação - 396b
diferença - 203
difícil, pergunta - 2970
dificuldade (s) - 486a, 1621a, 1639a, 1895d, 1973d, 1973f, 2112a
dificuldade, que fala com - 1623a
dignidade - 1421j, 2366a
dignitário - 2142a
diligência, observar com - 1116
diligente - 752a
dilúvio - 1142
diminuição - 384a
diminuir - 384, 1228, 2384
dinaíta - 2674b
dinheiro - 1015a
dinheiro de dote - 1153a
dinheiro de resgate - 1734d
direção, mudar de - 1456
direita - 872b
direita, ir para a - 872c
direita, mão - 872d
direita, usar a mão - 872c
direito - 793, 930, 964, 1365
direito de primogenitura - 244c
direito de redenção - 300b

direito, escolher o lado - 872c
direito, lado - 872a, 872d
dirigir - 1309, 1309a, 1694
discernir - 239, 1802a
disciplina - 877b
disciplinar - 877
discípulo - 1116a, 1116c
disco - 9a, 1046c
disco redondo - 1046c
discurso - 118a, 118b, 118c, 399a
disfarçar-se - 716
dispersado - 579
dispersão - 1388a, 1745b
dispersar - 227, 579, 1307, 1394, 2372
disperso (a) - 579, 1745, 1745a, 1752
disposição - 1467a
disposto - 3
disposto a perdoar - 1505a
dissimulação - 1425a
dissipar - 1307
dissolver - 271, 1219, 1223
distância - 947b, 2151c
distanciar-se - 1414
distante - 2151, 2151b
distinção - 1320a
distinguido - 1772
distinguir - 1833
distinguir-se - 2870
distinto - 1772, 2947
distorção - 307c
distorcer - 1510, 1577, 1666
distorcido - 512c
distribuição - 669d, 1802b
distrito - 1046c, 1775a, 2674c
dito enigmático - 1113b
dito zombeteiro - 1258d
divã - 1706a
diversificar - 2216
divertir-se - 1905
dívida - 614a, 1427a
dívida, penhorado em garantia de uma - 1555a
dívidas, grandes - 1555b
dividida, opinião - 1527f
dividido - 1527e
dividir - 203, 223, 271, 307, 340, 465, 669, 718, 719, 721, 1441, 1769, 1806, 1821, 1830, 2427, 2939, 2945
dividir fronteira - 307
divisão - 669d, 719a, 1527f, 1769b, 1769c, 1769d, 2427a, 2732b, 2939b
divisão de funcionários, templo - 2732b
divorciar - 388
dizer - 118, 1201, 1272, 2585, 2831
dizer consigo mesmo - 118
dizimar - 1711c
dízimo - 1711h
dobra - 629a, 1577
dobradiça - 353e, 1914a
dobrar - 354, 597, 597a
dobrar em dois - 1019
dobro - 1019a, 2489
doce - 1268, 1268c, 1687, 1687a
dócil - 108b
documento - 1053a
doçura - 1268a, 1268b, 1268c, 1268d
doença (s) - 411c, 648a, 655a, 655b, 655c, 655d, 1293a
doença de pele, sofrer - 1971
doença definhante - 2365b
doença eruptiva, 869a
doença maligna da pele - 1971a
doença, restabelecer-se de - 644
doente - 648, 655, 1245, 1334, 1378
doente, muito - 135
doer - 1141
dois - 2421a, 3061c
dois tipos - 980d
dois, cortar em - 297, 316, 340
dois, dobrar em - 1019
dois, partir em - 1821, 2945
dolorido - 940
dominador - 3034b
dominar - 262, 866, 1259, 2134, 2295, 2396, 3034
domínio - 1259a, 1259b, 1259c, 2121a, 2288a, 2374b, 3034a
doninha - 654a
dono (a) - 262a, 262b
dor - 595a, 623b, 623c, 1914b
dor (es) de parto - 592, 595, 595a, 623
dor, sofrer - 623
dorar - 2940
dores - 940
dorme - 928a
dormente - 928a
dormindo - 928, 2123
dormir - 489, 928, 1325
dormir, fazer alguém - 928
dorsal, espinha - 1671a
dorso - 303a, 1700a
dossel - 710b, 2449d
dotar - 524
dote - 524a
dote, dinheiro de - 1153a
dracma - 453c
dragão - 2528
duplicado - 1019
duplicar - 1019
duplo - 2421c
duração da vida - 653a
duradouro - 2968b
durante - 1565c
durável - 1721b, 1721c
dureza - 1817a
duro - 117, 354c, 943, 2085a
duro, bolo - 1410b
duro, seixo - 1975a
e - 36, 519, 2701
ébano - 464
Éden - 1568
edificar - 255
edito - 458, 1053a, 1852
Edom - 26e
edomita - 26f
efa - 82
éfode - 142.1
Efraim - 151c
Egito - 1235
égua - 1477a, 2173
eira - 383a, 2560
eis - 461, 510, 510a, 2578, 2604, 2687, 2688
eixo - 1361a, 1547
eixo de roda - 844
ela (s) - 480, 504, 2693
ela mesma - 480
ele (s) - 480, 504, 2587, 2693, 2696
ele mesmo - 480
electro - 770.1
eleger - 231
elevação - 762a, 1331a
elevação frondosa - 762a
elevada, parte mais - 790a
elevada, pedra mais - 2097
elevado - 2133d, 2513b
elevado, local - 253
elevado, lugar - 2234, 2234a
elevado, monte - 308c
elevado, pedra de preço - 206
elevado, salto - 2523e
elevar - 1506a
elevar-se - 2992
eliminar - 384, 1048, 1178, 1932
elogiar - 2313, 3014
Elul - 97
em - 91, 1063, 2621, 2807, 2813
em cima - 1624k, 1624p
em falta - 180a
em formação de, combate - 688a
em frente - 1160, 2846a, 2965
em frente, ir - 1380
em lugar de - 2504
em razão de - 1650e
em troca de - 666a
em vão - 970, 2161c
em volta de - 258a
emagrecer - 2139
emaranhado de galhos - 2230a
embaixador - 771
embalo - 818a
embalsamamento - 691a
embalsamar - 691
embaraçado - 715
embarcação - 1537b
embarcação, vela de - 1379a
embate - 2068b
embelezar - 1321, 1726
emblema - 1379a
embora - 510
embora, mandar - 2394, 2394b
emboscada - 156, 156b
embotados com o vinho - 646a
embotamento - 646b
embotar - 1447
embriagar-se - 2388
embriaguez - 2388c
embrião - 354b
emendar - 204
eminência - 886a, 1320a
emissário, bode - 1593
emitir - 534
emoção, explodir de - 1796
emoções, ocultar - 975

empalidecer - 630
empenhar - 592
empilhar - 418, 684
empobrecer - 920, 1159
empreendimento - 2394d
emprestado, tomar - 1088, 2303
emprestar - 1088, 1427
emprestar a juros - 1424, 1424a, 1430b
emprestar com usura - 1424, 1430b
empréstimo - 1424b
empunhar - 402b
empurrar - 42, 1291, 1793, 1801
emudecer - 102
encaixar - 2210
encaixe (s) - 844, 1850
encalço de, ir ao - 2124
encantado - 712
encantador - 72a, 181, 1015b, 1384, 1384b, 1656, 2615
encantamento - 1107a
encantamento, praticar - 1656
encantar - 1107
encanto (s) - 598a
encerrado - 3035
encerrar - 612, 1675
enche - 1195a
enchente - 1533a
encher - 1195, 2826
encontrar - 878, 1731, 1733, 1988, 2064, 2068
encosta - 909a, 1059
encostar-se - 2202
encosto, banco sem - 1007
encruzilhada - 1828a
encurvado - 682a
encurvar - 713, 1027
encurvar-se - 322
endireitar - 2540
endurecer - 636, 1935, 2087, 2118
enfadonho - 842b
enfaixar - 779, 1649
enfastiado de tanto comer - 1049
enfeitar - 2102
enfeitar-se - 1566
enfermidade - 411, 655a, 655b
enfermidade de erupções cutâneas - 759b
enfermo - 655
enforcar - 903, 2512
enfraquecer - 1151, 1607, 1715
enfrentamento - 2068b
enfrentar - 378, 1988, 2068
enfurecer-se - 505, 1556e
enfurecido - 1016
enganar - 518, 975, 1425, 1713, 1853, 2006, 2169, 2461, 2514, 2532
engano (s) - 1366a, 1425b, 2169a, 2169b, 2325b, 2509a
enganosamente, agir - 198
enganoso - 1366, 1676c
engaste de jóia - 1195d
engenho - 767c
engenhosa, obra - 767a
engolfar - 2373
engolir - 251, 251a, 358, 1098
engolir avidamente - 1082
engolir com avidez - 1120
engordadas, aves - 288g
engordar - 10, 457, 2410
engravidar - 514b
engrossar - 2048
enigma - 616a, 2567
enigma, propor um - 616
enigmático, dito - 1113b
enlaçar - 642, 779, 1649
enlamear com os pés - 2199
enlutado - 2385, 2385c
enojar-se - 1996, 2002
enquanto - 1565c
enriquecer - 1714
enrolar - 354, 1000, 1940, 2049
enrolar comprimindo - 1092
enrugar - 1930
ensinado - 1116a
ensinar - 108, 532, 910, 1116
entalhador - 760a
entalhar - 728, 760, 764, 1855, 2031
entalhar, ferramenta de - 738a
entalhe - 2031a
entalhe, obra de - 760b
então - 36, 54, 144, 519, 976, 2558
ente amado - 846c
entender - 239, 2263
entendimento - 239b, 239c, 1071a, 2263a, 2627
enterrar - 789, 811
entesourar - 992, 1953
entoar um canto fúnebre - 2018
entornar - 909, 2444
entorpecido - 1740
entortante - 1577c
entortar - 1591
entrada - 188a, 212a, 212b, 1854a, 2911a
entrada de luz - 52g
entranhas - 1227a
entrar - 212, 2911
entre - 239a, 2066a, 2626
entregar - 353, 1224
entregar a vida - 1390
entrelaçada, folhagem - 1558a, 1558b
entrelaçadamente, tecer - 2320
entrelaçado (a) - 1558a, 2284
entrelaçar - 1457
entrelaçar-se - 2284
entristecer - 2925
entristecido - 655
entulho - 1664a
entupir - 702
enumerar - 1213, 2835
envelhecer - 1721
envergonhado - 222, 699, 987
envergonhado, deixar - 222
envergonhado, sentir-se - 715
envergonhar - 2024
enviado - 1913a
enviar - 1329, 2394, 3033
envio - 2394e
enviuvada - 103
envoltório - 1092b
envoltura - 1462a
envolver - 1092, 1601, 1940
envolver-se - 1606, 1686
enxada - 1571, 1571a
enxame - 1685c, 2467a
enxame de mosquitos - 999a
enxamear - 2467
enxerga, que - 1803a
enxergar - 2357, 2373
enxofre - 375
enxotar - 388
enxugar - 1178
enxurrada - 581a
época - 2521, 2900
épocas passadas - 2521
equipado - 1436
equipamento - 1436a
equipar para a guerra - 668
era - 2900
ereta, posição - 1999e
ereto, permanecer - 1398
erguer - 575, 1330, 1353, 1421, 1447, 1506, 1999, 2714, 2860, 2874
erguer um estandarte - 402b
erguer-se - 580, 2133
eriçado - 1518a
eriçar-se - 1518
ermo - 927b
errar - 638, 814, 2324, 2325
erro (s) - 2222a, 2325a, 2341a, 2389, 2494b, 2531a, 2532a
erupção - 1534a, 1534b
erupção benigna na pele - 210a
erupção de lepra, surgir - 1814
erupções cutâneas, enfermidade de - 759b
eruptiva, doença - 869a
erva - 52c, 724a, 918b, 1433b, 2684, 2931
erva daninha (s) - 195b, 743a
esbanjar - 538
esboçar - 2491b
escabelo - 474a, 951a
escada - 1094, 1506c, 1624m
escadaria - 1624d
escalar - 1624
escama de peixe - 2082a
escamas, semelhante a - 704
escancarar - 1794, 1842
escapar - 284, 1764, 1774
escapar, deixar - 936
escapulir - 1432
escarlata - 2420a, 2516a
escarnecedor - 1118b
escarnecer - 1113, 1118, 2029
escárnio - 317a, 1113a, 1118a, 2029a, 2413b
escárnio, objeto de - 1905f
escassez - 1222, 2139c
escavação - 1969a
escavação, perfurar mediante - 1033
escavar - 714, 718, 1033
esclarecer - 194
escoar - 1315, 1746
escolha - 231e

escolher - 231, 278, 288
escolher o lado direito - 872c
escolhida, videira - 2294d
escolhido (a) - 231c, 1144b
escolhido, o - 231d
esconde - 588, 590, 811, 1008, 1551, 1953, 2894
esconderijo (s) - 588a, 588b, 590a, 603a, 1551, 1551b, 1551d
esconder-se - 1551
escondido (a) - 769, 1629, 1629a
escondido (s), tesouro (s) - 991a, 1953d
escora - 175a
escora, lado interno da - 2057a
escorar - 1514
escorchado - 578
escória - 1469a
escorpião - 1683
escorre, mel que - 1396
escorregadio - 670, 670f, 1205
escorregar - 1158, 1226
escorrer - 1337, 1767b, 1892, 2193
escorrer lentamente - 2162
escravidão - 1553e
escravizar - 951
escravo (a) - 112, 1553a, 2896a
escrever - 1053, 2805
escriba - 820, 1540c, 2891b
escrita - 1053c, 1053a, 1540a, 2805a
escrito, registro - 455a
escrúpulos, agir sem - 1366
escrúpulos, pessoa sem - 1366b
escudeiro - 367c, 2397a, 2403g
escudo grande - 1938a
escudo pequeno - 1486c
esculpir - 727, 1788
escultura - 2031a
escura, nuvem - 1701b
escurecer - 1641, 1689, 1921
escurecido - 769, 957
escuridão - 145a, 145c, 994a, 1583a, 1583b, 1583c, 1583d, 1701b, 1989a, 2747
escuro - 145b, 625a, 769, 957a, 1583, 1921, 1989, 2368d
escuro, marrom - 625a
escutar - 2412
esfera - 729b, 1259c
esforçar-se - 3021
esfregadura - 1246a, 1246b
esfregando, remover - 2367
esfregar - 1202, 1246
esgotado - 114, 1614a
esgotante - 842c
esmagado - 387, 427, 427a, 428, 429a
esmagamento - 387a, 428a, 429b, 2212b
esmagar - 448, 507, 802, 1394, 1660, 2212, 2306, 2349, 3000
esmagar com os pés - 1660
esmigalhados, fragmentos - 1062b
esmigalhamento - 1394b
esmigalhar - 1062, 1862, 2681, 2748
espaço - 2132a
espaço aberto - 383a
espaço de tempo - 2900
espaço de tempo, curto - 3044
espaçoso - 2132
espaçoso, lugar - 2143e
espada (s) - 732a, 1194d
espada desembainhada - 1854d
espada, punho da - 1398a
espádua - 1059
espalha - 1745a
espalhado - 579
espalhar - 579, 818, 896, 1255, 1352, 1357, 1394, 1745, 1755, 2102, 2197, 2217, 2372, 2623
espalhar semente - 582
espalhar um líqüido - 585
espantar-se - 3054
espanto - 540a, 602b
espatifado - 784b
especiaria - 290a, 1362c, 1986b, 2215a
especiaria para incenso - 1516a
especiarias aromáticas - 2215f
espécie - 561, 1191a, 2711
espécie humana - 25a, 83a
espelho - 2095e, 2095h
espelta - 1013a
espera - 859a
espera ansiosa - 40
esperança - 859b, 1011a, 1282a, 1994c, 1994e, 2232, 2232a
esperar - 439, 645, 859, 1994
espessamento - 2048a
espessar - 2048
espessas, trevas - 1701b
espesso - 1554
espessura - 1554a, 1554b
espevitadeiras - 559d, 1124d
espiga - 1458d
espiga de cereal - 2316c
espiga de trigo - 1202a
espigas caídas, fileira de - 1645c
espinha dorsal - 1671a
espinheiro - 71a, 611a, 620, 1386a, 2003a, 2380c
espinho (s) - 611a, 1490, 1504, 1936a, 1936c, 2003a, 2262a, 2416a
espionar - 2113, 2500
espiritismo, praticar - 1656
espírito - 2991a
espírito familiar - 37a
espírito, render o - 328
espíritos dos mortos - 2198c
espirrar - 586
espirro - 1609a
esplendor - 477a, 482a, 892a, 905b, 2707
espontaneamente, oferecer - 2848
esposa (s) - 137a, 598d, 2875
esposa do irmão - 836b
esposa do rei - 3020
esposa rival - 1974b, 1974c
esposa, tomar por - 1088
espreita - 1877a
espreita, alguém à - 156a
espreita, ficar à - 156
espreitar - 1877, 1894, 1950, 1994
espremer - 543, 1192b, 1229, 1585, 1709, 2248
espremer óleo - 1883d
espremidos, massa de figos - 397a
espumar - 683
esquadra - 125a
esquadrinhar - 2500
esquece - 1428, 2383, 2383a
esquecimento - 1428a
esquentar - 2563
esquerda, mão - 2267a
esquerda, virar à - 2267
esquerdo (a) - 2267a, 2267b
esquerdo, lado - 2267a
esquina - 534.1a, 1783a
esse (a) - 528, 2675, 2676, 2680
estabelecer - 875, 878, 895, 964, 1354, 1398, 1525, 2441a
estabelecer imposto - 1694b
estabelecer uma aliança de paz - 2401c
estabelecer-se - 116, 1323
estabelecimento de uma lei - 728b
estábulo - 2204
estaca - 932a
estado anterior - 1988c
estalagem - 1096a
estampido - 2301c
estandarte - 41a, 402a, 1379a
estandarte, erguer um - 402b
estanho - 203c
estar - 484
estar à vontade - 2304
estar atrás - 2124
estar de pé - 1637, 2968
estar de vigília - 2451
estar em ordem - 3064
estar em paz - 2453
estar em ruínas - 731, 927
estar em trabalho de parto - 867
estar no alto - 2133
estarrecido - 2409
estatura - 1146c
estatuto - 728a, 2968a
este (a) - 528, 2675, 2676, 2680
este (a) (s) - 92, 504, 528, 2575, 2577, 2579, 2580, 2675, 2676, 2680
este (a) ali - 497
este (a) aqui - 497
estela - 1732a
estender - 284, 818, 896, 925, 1265, 1352, 1354, 1357, 1832, 1871, 2071, 2197, 2217, 2291
estender a mão - 472
estender, lugar de - 2372a, 2372b
estepe - 1688a, 1688d
estepes, habitante das - 1688b, 1688c
esterco - 353b, 353d, 441a
esterco de gado - 1955a

estéril - 354c, 1682a
esterilidade - 1197b, 1675b
estíbio - 1742
esticar - 1352, 1832
estilete - 2286b
estilete, ponta de - 1961a
estilo - 1600
estimar - 1694b, 2438
estimativa - 1694a, 1776b
estiramento - 1352d
estocada de arma branca - 449a
estola sacerdotal - 142.1
estômago - 1979a
estopa - 1388b
estoque - 154a
estoraque, gota de - 1355b
estrada - 453a, 1506d
estrado - 474a
estragar - 594
estrangeiro - 330, 1368b, 1368c
estrangeiro, tratar como - 1368d
estrangulamento - 697a
estrangular - 697
estranho - 541, 1368c
estratagema - 767d
estreitar - 2075
estreito - 1973, 1973a
estrela - 942a
estrela da manhã - 499a
estremecer - 735, 917, 1778, 1919, 2112, 2188, 2195
estremecimento - 1778a, 1778c, 2049b
estridente, gritar de forma - 834
estrondo - 2195a, 2301
estrumeira - 441b
estrutura - 255c, 255b, 2458a, 2616
estrutura coberta - 1492b, 1492f
estrutura, construção de - 255a
estrutura, local da extremidade da - 2057a
estudante - 1116c
estudo - 1078a
estultícia - 1011d
estulto - 1011c
estupefato - 2518
estuprar - 2327
esvaziado - 1171a
esvaziar - 1278, 1232, 1234, 1692, 2161
esverdeado - 918e
Etã - 935b
eternidade - 1565a
eterno - 1631a
etíope (s) - 969, 969a
Etiópia - 969
eu - 129, 130
eunuco - 1545
exalar - 2131
exalar ar - 1390a
exalar mau cheiro - 565
exaltação - 299e, 305b, 1421j
exaltado - 305, 305a, 1662, 2133, 2174, 2513b
exaltado em triunfo - 299
exaltar - 500, 526, 1506, 1506a
exaltar-se - 2058
examinar - 230, 729, 1373, 2232, 2511
exata, declaração - 1833a
exausto - 842, 842b, 842d, 885, 885a, 1066, 1614a, 1732
excedente - 1543a
excelência - 936f, 1144a
excelente (s) - 1144b, 2403i
exceto - 81, 246h, 246i, 976, 2812
excremento - 730a, 1473a, 1835a
executado - 2896
executar, mandar - 1169
exercer poder - 2396
exército - 21a, 1398f, 1865a, 1865b, 2728
exibir a incircuncisão - 1695
exigência - 2303a
exigir - 276, 455
exílio - 2656a
exílio, levar para o - 2656
existe (m) - 173, 921, 2572
existência - 921, 1999f
existir - 491
existir em abundância - 1569
exorcista - 181
expansão - 1255d, 1832a, 2143b, 2217b
expectativa - 1282a
expelir - 476, 2013
expelir, locais de - 893d
experiência - 1116
experimentar - 2757a
expiação - 1023b
expiação, fazer - 1023
expiação, local da - 1023c
explicação - 1854b
explicar - 221, 2722
explodir de emoção - 1796
expor - 355, 1748
expor-se ao perigo - 1495
exposta à vista das pessoas - 1588
expressão - 1368e
expulsar - 284, 388, 388b, 420, 468, 476, 920, 1304, 1432, 2759
expulso - 420
expulso vergonhosamente - 369
extensão - 1352d, 1832a, 2143b, 2394e
extenuante - 1639c
exterior - 627a, 627b
exterminado - 2406
exterminar - 2406
externo - 627b
extinguir - 567, 944
extinto - 944
extorsão - 1713a, 1713e
extração de pedras - 1380b
extrair - 2393
extraordinário - 1768, 2781
extravagância - 1758b
extraviar-se - 2324, 2325
extravio - 2129a
extremamente - 1134a
extremidade - 68g, 147b, 2052a, 2053a, 2053b, 2278a
extremo - 2060b
exuberante - 272, 2190a
exultação - 500a, 1635a
exultante - 1625a, 1905a
exultar - 607, 1625, 1635, 2246
fabricar - 1708
faca - 85e, 666d, 2256
faisca - 953b, 1405a, 2223a
faiscar - 1893
faixa (s) - 141f, 604d, 894a, 1009a, 1649a
faixa de terra cei[illegible] - 1545c
faixa descascada - 1795a
fala - 118c, 118b, 388a, 667b, 1201a, 2278a
fala com dificuld[illegible] - 1623a
falar - 118, 399, 1201, 1859, 2255, 2831
falar coisas sem [illegible] - 1629
falar de modo inc[illegible]ível - 1119
falar em provérb[illegible] - 1258
falar imprudente[illegible] - 232
falcão - 43b
falecer - 1390a
falecimento - 666b
falha - 446a
falhar - 147, 957, 975, 1[illegible]
falsidade - 2169d, 2[illegible]
falsidade, tratar co[illegible] - 975
falso - 2461, 2783
falta (s) - 1230a, 2532a
falta de pudor - 1285c
falta de recato - 1285c
falta, cometer uma - 1230
falta, em - 180a
faltando algo - 705
faltar - 1572
fama - 2412c
família - 241, 2442b
familiar, espírito - 37a
familiarizado - 1802a, 2276
faminto - 1020, 2183, 2183b
Faraó - 1825
fardo - 825a, 1353a, 1421d, 1421h, 1458, 1643a
farinha - 2033a
farinha grossa - 1699a
farinha pura - 1512
farinha, massa de - 269a
farpa - 2059a, 2059b, 2262b
farto - 279a
fartura - 1766a, 1789b, 2231a
fascinar - 1481
fatalmente ferido - 660a
fatalmente, ferir - 660
fatia - 752c
fatigante - 1639c
fava - 1743
favo - 1892a
favo de mel - 889a, 889b
favor - 694a, 694e, 1384a, 2207a, 2737
favor, demonstrar - 2737
favorável - 793
fazer - 278, 876, 1667, 1780, 1793, 2243, 2896, 3006
fazer alguém de tolo - 1627
fazer alguém dormir - 928

fazer aliança - 1048
fazer brilhar - 1882
fazer cerca ao redor de - 1470
fazer chover - 389
fazer contrato de casamento - 170
fazer em segredo - 706
fazer expiação - 1023
fazer grande barulho - 486
fazer grandes coisas - 315
fazer inscrição - 3002
fazer jornada - 2353
fazer música - 558
fazer pela terceira vez - 2403
fazer pouco caso de - 554
fazer pouco de - 1502
fazer reconciliação - 1023
fazer sobrar - 936
fazer tijolos - 1074h
fazer três vezes - 2403
fazer um juramento solene - 94
fazer um voto - 1308
fazer uma tentativa - 1373
fazer, tornar a - 876, 2421
fazer-se genro - 781b
fé - 116h
febre - 756b, 1987a
fechada, mão - 2036a
fechado - 74a
fechado, recinto - 722a
fechar - 73, 74, 329, 1462, 1669, 1743, 2051, 2886
fechar com a mão - 2036
fechar com muro - 318
fechar os olhos - 1674
fecundo - 1809
feijões - 1743
feitiçaria - 1051a, 2044a
feitiçaria, praticar - 1051
feiticeiro - 1051b, 2615
feito - 152a, 278, 1553b, 1627c, 1627e, 1627d, 1708a, 1792a, 1792d, 2896, 3024
feito maravilhoso - 1768c
feitos, objetos - 1891a
feixe - 102a, 1645a, 1973e
feixes de cereal - 1875a
fel - 1248g
felicidade - 183a, 183b, 245a
feliz - 793
fêmea - 137a, 1409b
fêmea adulta, ovelha - 2145a
fêmea do asno - 190a
fenda - 603a, 1418a, 1527a, 2427a
fenda de rocha - 1417a
fender - 745, 1769, 1798, 2427
fenômeno - 2257a
fera - 208a
ferida - 543c, 1364d, 1666d, 1799a, 1966b
ferida, casca de - 1966b
ferido - 987
ferido fatalmente - 660a
ferimento - 138a, 543c, 2716a
ferimento grave - 1183a
ferina, palavra - 2422b
ferir - 514, 1293, 1364, 2497, 2824
ferir fatalmente - 660
ferir gravemente - 1183
ferir por contusão - 1799
fermentado (a) - 679, 679a, 679d
fermentar - 683
ferramenta (s) - 57b, 2056b
ferramenta de entalhar - 738a
ferreiro, malho de - 1763
ferrete - 961a
ferretear - 961
ferro - 283a, 1771, 2944
ferro, ponteiro de - 1961a
ferroada - 1936c
ferroar - 1141
ferrolho - 1383c, 1383d
ferrugem - 649a
fértil - 293a
fértil, terra - 1041
fervente - 2225a
ferver - 292, 547, 683, 1390, 2225
fervido - 292a
fervilhação - 2467a
fervilhante - 547c
fervilhar - 547, 2467
festa - 602a
festa das semanas - 2318d
festa religiosa - 602a
festa religiosa, observar uma - 602
fiado - 794a
fiador - 1686
fiar - 794
ficar - 894
ficar à espreita - 156
ficar de pé - 1999
ficar em ruínas - 1401
ficar para trás - 2307
fidelidade - 116a, 116e
fiel - 116, 116d
fígado - 943b
figo - 2490
figo verde - 1729a
figos espremidos, massa de - 397a
figos, juntar - 250
figueira - 2455, 2490
figura - 2257c
figura de linguagem - 1113b
fila - 798a
filactérios - 804a
fileira - 1694a, 1694d, 1694e, 2245a, 2849
fileira de espigas caídas - 1645c
fileira de oliveiras - 2355c
fileira de pedras - 798b
fileira de soldados - 1467b
fileira de videiras - 2355c
filhinhos - 821a
filho (a) - 254, 254b, 277, 821a, 867b, 2639
filho unigênito - 858a
filhos, ausência de - 2385d
filhote de animais - 331a, 331b, 2329a
filhote de camelo - 244b
filhotes de aves - 337c, 1813c
filigrana - 2320b
fim - 298c, 982f, 1478a, 2053a, 2053b, 2053c, 2053d, 2053e, 2060a, 2568b, 2888a, 2976
fim da tarde - 1689a
fim, chegar ao - 147, 1478, 2888
fina, parede - 628a
fina, túnica - 1856
final - 2060b
fingir-se rico - 1714
fino - 448a
fino, linho - 219, 1045, 2473
fino, tecido - 1256
fino, tecido branco - 219
fio - 621a, 936h, 1361a, 1857a, 2005a
fio da urdidura - 433b
fio de cabelo - 2274b
fio de linho - 73a
fio, tirar o - 1447
fios retorcidos - 315c
fique(m) quieto(s) - 511
firmamento - 2217a
firmar - 1354
firme - 116c, 160c, 279a, 624
firme, de mão - 116c
firme, terreno - 1637e
firmeza - 116e, 984a, 1161, 1554b, 2869
firmeza de árvore - 999b
fiscal - 1802c
fissura - 204a, 271c
fita - 15a
fitar - 1894, 2326
fixadas - 778
fixamente, olhar - 2326
fixar - 789, 964
fixo - 557
flanco - 916b
flauta - 660d, 1559c, 3049a
flauta, tocar - 660e
flecha (s) - 182a, 573, 719c, 721b, 721c
flechas, atirar - 721c
flertar com os olhos - 2283
flexível - 1754
flor - 309d, 1405b, 1405c, 1405d, 1813a, 1893a
flor de videira - 1513
flor, botão de - 309d, 1813a
florescente - 2999
florescer - 1405e, 1813, 1893
floresta - 888a
flui continuamente, que - 935a
fluir - 534, 1315, 1140, 2846
fluir livremente - 1543
flutuação - 1777b
fluxo - 534a, 581b
fogão - 967c
fogo - 172, 263a, 777, 2614, 2856
fogo, acender - 1081
fogo, apanhar - 777
fogo, pegar - 2266
fogo, pôr sobre o - 2441a
fogueiras - 2441c
foice - 746, 1292a
fole - 1390b
fôlego - 2876

fôlego, tomar - 1395
folha - 827b, 1022b, 1624a
folhagem - 1558a, 1624a, 1661, 2924
folhagem entrelaçada - 1558a, 1558b
folhas, tirar - 2881
fome - 194b, 194e, 1020, 1020a, 2183a, 2183c
fonte - 194a, 194b, 1283, 1613, 1613a, 2004a
fonte d'água - 1288a
fora - 316, 327, 335, 337, 340, 379, 438, 627a, 893, 972, 1048, 1161, 1212, 2053, 2060
fora de si - 2328
fora de tempo, nascimento - 1392a
fora, jogar - 388, 412, 1072, 1302, 1357
fora, lançado - 1356, 1392
fora, lançar - 252, 476, 564, 579, 920
fora, pôr - 388
fora, puxar para - 337, 2841
fora, vir para - 893
força - 117a, 117b, 117e, 310, 382a, 583a, 625a, 636b, 636c, 636d, 844, 973a, 1134a, 1402a, 1596b, 1596c, 1673b, 2542a, 2647b, 2728
forca - 1670a
força, impelir com - 420
força, tirar à - 337
forcado - 2032
forçado, trabalho - 1218, 1458c
forçar - 447, 951
forma - 898a, 1191b, 2052a, 2491a
formação de combate, em - 688a
formar - 898, 1900, 2075
formar cantos - 2057
formato - 1900a
formiga - 1371a
formoso - 3046a
fornalha - 159a, 967b, 1628b, 2526, 2619
fornicação - 563, 563a, 563b, 563c
fornicação, cometer - 563
forno - 952, 2526
forquilha - 579a
forragem - 248a, 1529a
forrar - 1537
fortalecer - 636, 1248, 1525
fortalecer-se - 3065
fortaleza - 270c, 623e, 623d, 1662a, 1885c, 1885i, 1885h, 1898b
forte - 13c, 117, 117c, 117d, 149, 160c, 636, 636a, 662, 668, 703b, 703c, 1248, 1596, 1596a, 1673, 2388a, 2542b, 3065c
forte, bebida - 2388a
fortes motivos - 1674b
fortes, cavalos - 2167a
fortificação - 270g
fortificações de sítio - 1885d
fortificar - 270
fosso - 752b
fracassar - 970, 982, 1392
fraco - 411b, 411d, 655, 671, 671a
frágil - 114a, 114b, 1607
fragmento - 1828b, 2182a
fragmentos esmigalhados - 1062b
fragrância - 2131b
fralda - 779a, 2316a
franja - 1912
fraqueza - 392a, 392b, 671b, 885b, 2164c, 2198b
frasco - 273a, 1767a
fraternidade - 62b
fraude - 2509a
fraudulentamente, conseguir - 1713
freio - 1264a, 2180a
frente - 1160, 1380, 1980a, 1988a, 2846a, 2965
frente de, em - 1160
fresco - 613a, 824a, 1102a, 2077a, 2154a, 2190a
frescor - 1a, 1102b, 1937a, 2077d
frigideira - 600b, 967d, 1251
frio - 2077, 2077b, 2077c
friso - 543a
fritos, pães - 600a
frivolidade - 2028b
frondosa, elevação - 762a
frondoso (a) - 762a, 1558a
frontal - 804a, 1009a
fronte - 1233a
fronteira - 307, 307a, 307b, 353, 2053d, 2496b
fronteira, dividir - 307
frouxo - 2198a
frustrar - 1829
fruta - 2160a
frutífero - 1809
frutificar - 1809
fruto - 85d, 835d, 1041, 1318, 1318a, 1318b, 1318c, 1809a, 2554
fruto da terra - 893b, 1041, 1556f
fruto, dar - 1318
frutos de verão - 2020a
frutos, primeiros - 244e, 244f
fuga - 284, 1327b, 1774d, 1774e
fuga, colocar em - 284
fugir - 284, 700, 708, 1198, 1300, 1327, 1399, 2285, 2850, 2854
fugitivo - 284a, 284c, 1774b, 1774c
fulano - 1772a
fuligem - 1741a
fumaça - 1712a
fumegante - 1712b
fumegar - 1712
função sacerdotal, ministrar na - 959
funcionário - 1802c, 2374a
funcionários do templo, divisão de - 2723b
funda - 2030, 2030a
fundação - 174b
fundamento - 875c, 2613
fundar - 875
fundição - 897a, 897b, 897c, 1442a
fundida, base - 1896a
fundida, imagem - 1375a, 1375b, 1375c
fundido - 1442
fundir - 897, 1375, 1896, 1972
fundo - 174a, 2611
fúnebre, entoar um canto - 2018
furado, bolo - 660b
furão - 134b
furar - 968, 1409, 1418
furor - 569a
furtivamente, observar - 2206
furtivamente, sair - 364
furúnculo - 2364a
fuso - 1775a
fuso de tear - 1052c
fustigar - 1526
futilidade - 2161b
futuro - 68g
Gade - 313e
gado - 108a, 208a, 264a, 274a, 2039b
gado, esterco de - 1955a
gafanhoto (s) - 304a, 304b, 304c, 338a, 601a, 701a, 734a 2103a
gafanhoto comestível - 1509
gafanhoto novo - 870a
gafanhoto zumbidor - 1919c
gaiola - 981b
gaivota - 2365a
gálbano - 652
galeria - 191a, 191b
galhinho - 2059b
galho (s) - 431d, 559b, 1527b, 1527d, 1657a, 1727a, 2062b, 2242a, 2242b, 2922
galhos, emaranhado de - 2230a
galhos, podar - 1527c
galhos, repassar os - 1727
gamaditas - 359b
gamela - 2127a
gancho (s) - 520, 620b, 773b, 1936a, 1936b, 2073a, 2450
gancho preso na mandíbula - 693c
gancho, pinos em formato de - 2450
ganchos, prover de - 773c
ganhar - 2702
ganho - 842a, 1370a
garantia - 593a, 1555a, 2243a
garantia de uma dívida, penhorado em - 1555a
garfo - 552b
garfo de três dentes - 552a
garganta - 378a, 1098a
gargantilha - 657b, 2697
garra - 2758
gastar - 538, 2631
gastar o tempo da colheita - 750
gastar-se - 269
gavinha - 1357a, 2284a, 2294b
gazela - 1870a, 1870b
geada - 1026b, 2070a
gelo - 2070a

gêmeos - 2489a
gemer - 127a, 467, 505, 1275, 1310, 1313, 1791
gemido - 127, 134, 134a, 466a, 467a, 490, 1275a, 1313b
genealogia - 862a
gêneros alimentícios - 85g
genro - 781c
genro, fazer-se - 781b
gente, mistura de - 1685a
gentileza - 72b
gera - 386b
geração (ões) - 418b, 867g, 2669a
geração, membro da quarta - 2107d
geração, terceira - 2403h
gerar - 867
germinar - 456
gesto nobre - 1299c
Gideão - 316a
giesta - 2226a
gigantes - 1393a, 2198d
Gileade - 356
gileadita - 356a
Gilgal - 3531
Giom - 345a
girando, apanhar - 1123
girar - 1123, 1456
giratório - 353e
giz - 347a
glória - 28a, 28c, 477a, 477c, 482a, 943e, 1869a
glorificar - 477, 1726, 2691
glorioso - 943, 943d
glutão - 554
gôfer, madeira de - 374
Gogue - 324
golpe - 423a, 449, 502c, 598g, 598h, 1179a, 1293a, 1294a, 1294b, 1702c
golpe, atravessar de um - 449
golpeado - 1362a, 1362b, 1364a, 1364b
golpeado com ar - 2335a
golpear - 502, 514, 1179, 1183, 1294, 1362, 1364, 1419, 2441
golpes, demolir a - 2224
Gômer - 363a
gorda, cauda - 95a
gordo (a) - 95a, 279, 279a, 457, 457b, 610, 1554, 2410a
gordura - 457a, 651a, 1737, 2410b, 2410e
gordura, alimento com bastante - 2410f
gordurosa, cinza - 457a
gorro - 2800
Gósen - 390
gostar - 29
gota - 17a, 1249a, 1355a
gota de estoraque - 1355b
gota de orvalho - 2181a
gotas de chuva - 2277a
gotejamento - 434a
gotejar - 1, 434, 584, 1355, 2193
governador - 1757, 2548, 2885, 2936
governante - 1289b, 2054a, 3034c, 3058b
governante subalterno - 1461
governante, terceiro - 3058b
governar - 262, 599, 728, 1259, 2121, 2443, 2295
governo - 820, 1259c, 2288a
governo, autoridade do - 820
gozo - 2246a
graça - 694a, 694c
graça, de - 694b
graças, dar - 847, 2764
gracioso - 694, 694d, 1384, 1384b
gradar a terra - 2235
grade - 742a, 948d, 2230b
gral - 413a
gralha - 1433b
grama - 336, 1433b, 2931
grama verde - 456a
grama, aparar - 336
gramado verdejante - 1a
grampo - 520
grande - 310, 315d, 943a, 943c, 1673, 2099a, 2103, 2233a, 2984a, 3004a
grande animal aquático - 1089b
grande barulho, fazer - 486
grande homem - 83a
grande, escudo - 1938a
grande, tenda - 1977b
grande, tornar-se - 315, 315a, 2103, 3004
grandes coisas, fazer - 315
grandes dívidas - 1555b
grandes quadrúpedes - 1046b
grandeza - 315b, 315e, 2985a
granizo com neve - 693.1
grão (s) - 288b, 403a
grão de areia - 1227b
grão torrado - 2023a
grão-de-bico - 743a
gravação - 1855a
gravar - 764, 1855
grave, ferimento - 1183a
gravemente, ferir - 1183
gravetos - 508a, 2242a, 2242b
gravetos, juntar - 2092
grávida - 515a, 515b
gravidez - 515c
Grécia - 855
grelha - 600b, 948d
grilhões - 577a, 945a
grinalda - 1608a, 1960a
grisalho - 2253, 3008
gritar - 488, 570, 1650, 1888, 1947, 1968, 2135, 2712
gritar com voz aguda - 1610
gritar de alegria - 2179
gritar de forma estridente - 834
gritaria - 471a
gritaria, romper em - 2135
grito - 471a, 471b, 570a, 1947a, 2140a, 2135a
grito retininte - 2179a, 2179b, 2179c
grito retininte, aves de - 2179d
grito sufocado - 127
grosseiro - 822
grosso, cobertor - 2269a
grudar - 398
grupo - 1084, 1991a
grupo saqueador - 313a
grupo, membro de um - 254
guarda - 786c, 1206, 2414a, 2414f, 2751
guarda da porta - 2437b
guarda do sábado - 2323d
guarda, posto de - 2414f
guarda-costas - 786c, 2412g
guardar - 1356, 1407, 2414, 2861
guardar o sábado - 2323c
guarda-roupa, trajes de - 1132a
guarnecer - 1492, 1694
guarnição - 1398c, 1398e
guerra - 1104a, 1104c, 1865a, 2065b, 2978a
guerra, arma de - 1980a
guerra, equipar para a - 668
guerra, provocar - 331
guerreiro, vestir cinturão de - 668
guerreiros - 1811
guiar - 835, 1309, 1341
guiar um carro - 1309a
guinchar - 1881
guloseimas - 1384d
habilidade - 973a
habitação - 32a, 526a, 723b, 1322a, 1581a, 1581b, 2669b, 2669c
habitante das estepes - 1688b, 1688c
habitante do deserto - 1908
habitar - 330, 418, 922, 1581, 2387, 2669, 2780, 3031, 3048
Hadade - 471c
Hagar - 470a
Harã - 747
harém - 2332b
harpa - 1004a, 1211
harpa, corda de - 1211
haste - 2040a
haste de tamareira - 1522
Havilá - 622
hebreu - 1556b
Hebrom - 598i
Helel - 499a
hemorróidas - 803a
herança - 920b, 1342a
herdar - 920, 1342
herdeiro - 920
Hermom - 744b
hesitação - 1747a
Hete - 776
heteu - 776a
him - 494
hipócrita - 696a, 696b
hipopótamo - 208b
hipotecar - 1686
hiracóide - 2446a
hissopo - 55
história, ação de Deus na - 2896c
hitita - 776a
holocausto - 1624c, 2909e
homem - 25a, 83a, 136a, 310a, 1263, 2591, 2647a

homem mortal - 136a
homem, grande - 83a
homenagem, prestar - 2884
homens de coragem - 359b
hômer - 684b
honestidade - 930b, 930e
honesto - 930
honra - 482a, 905b, 2691a, 2775a
honrado - 943
honrar - 477, 526
hordas - 361b
Horebe - 731c
horeu - 740
horrível - 1702a, 2439c
horror - 540a, 1778c, 2409d, 2409f, 2409e, 2439b
hospedaria - 330b, 1096a
hospedar-se - 1096
hostil - 1974
hostilidade - 1060
hostilidade, cercar com - 1060
hostilidade, observar com - 2206
humana, espécie - 25a, 83a
humanidade - 2591
humildade - 1652b
humilde - 1652a, 1939, 2445c
humilde, de condição - 433a
humilde, situação - 2445a, 2445b
humilhação - 2445a, 2445b
humilhação mediante jejum - 1652f
humilhado - 1001, 1193, 2445
humilhar - 1652
humilhar-se - 2343
Iavé - 484a, 484b
íbis - 1434b
idade - 346b
idioma - 2817
idolatra, sacerdote - 996
idolatria - 2545
ídolo (s) - 353h, 831b, 931a, 1048, 1515, 1667a, 1667b, 1667c, 1788a, 1788b, 2257c, 2545
ídolo abominável - 2459b
ídolos do lar - 2545
ídolos, derrubar - 1048
igual - 2511
igualar - 1694
igualmente - 361a
iludir - 1425, 2169
iluminação - 2853b
ilusões - 2514a
imagem fundida - 1375a, 1375b, 1375c
imagem mental - 2700
imagem(s) - 1515, 1788a, 1788b, 1891a, 1900b, 1923a, 2257b, 2257c, 2545, 2961
imaginação - 2257c, 2700
imaginar - 467, 767
imergir - 787
imolação - 2362a
imóvel - 568
impaciente - 2061
impacientemente, vaguear - 2129
impacto terrível - 1702c
impedido - 2166
impedimento - 1675d, 1675e
impedir - 1675
impelir - 423, 1299, 1793
impelir com força - 420
impensadamente - 232
ímpeto - 1596c
implacável - 681, 681a
implorar - 694
imploro - 122
imponente - 2142
importância, sem - 2028
importante, tornar-se - 315
importunador - 1974b
importunar - 110
imposto - 1014a, 1147, 1694b
imposto, estabelecer - 1694b
improvisar descuidadamente - 1816
imprudência - 1758a, 1758b
imprudente - 1758
imprudente, oráculo - 232a
imprudentemente, falar - 232
impureza - 809b, 809c
impureza, purificar da - 638
impuro - 530, 809, 809a
imunda, ave - 133b, 414
imundície menstrual - 1302a
imundície, 1884a, 1884b, 1884c
imundo - 809, 809a
inacessível, lugar - 2234
inaugurar - 693
incandescência - 1727b
incandescente - 1903a
incandescente, brilho - 1987b
incandescente, pedra - 2211a
incansavelmente, perseguir - 435
incendiar - 899
incensário - 777a
incenso - 677d, 1074d, 1724a
incenso, especiaria para - 1516a
incessante - 823
incesto, criança nascida de - 1174a
inchaço - 1421j
inchado - 1868a
inchar - 1662, 1868
incircuncisão, exibir a - 1695
incircunciso - 1695, 1695a, 1695b
incircunciso, considerar - 1695
incisão - 313b, 2046a, 2289, 2289a, 2289b
incitar - 87, 1299, 1481, 1587
inclemente - 760e
inclemente, calor - 756b
inclinado - 2361a, 2953
inclinar - 1352
inclinar-se - 1944, 1985, 2073, 2361
incompreensível - 1768b
incompreensível, falar de modo - 1119
inconsciente - 2123
incrustação - 1195e, 1195f
incumbir - 1887
incurável - 81, 135
indagar - 455
independente - 929c
indício - 41a
indigente - 1692
indigente, deixar - 1692
indigesto, mostrar-se - 2534
indignação - 555a, 568a, 569a, 860a
indignação, mostrar - 568
indignado - 133, 568, 569b, 1016
indulgente - 1784
inerte - 768
infância - 867c
infantaria, soldado de - 2113b
infeccionar - 1237
infeliz - 659a
inferior - 433c, 2504a, 2504b
inferior, membro - 2350a
inferior, mundo - 167
inferior, parte - 241
inferno - 2303c
infidelidade, agir com - 198, 1230
inflamado - 993
inflamado, local - 2364a
informação - 435a, 2412b
informalmente - 399
informar - 2722
informe, massa - 333a
infortúnio - 1368, 2191c
íngreme - 298b
íngreme, declive - 298b
íngreme, lugar - 452a, 909a
inicial - 2097c
iniciar - 741, 831
início - 661d, 875a
início da juventude - 2368c
início do combate - 954a
inimigo - 78, 1974a
inimizade - 78a, 2252b
ininteligível - 1119
iniqüidade - 1577a, 1580a, 1580b, 2902
iníquo - 1580c, 1580d
injuriar - 317
injuriosas, palavras - 317b
injustamente - 1580
injustamente, agir - 1580
injustiça - 678, 678a, 1580a, 1580b
injusto - 1580c, 1580d
inocência - 1412c, 2708
inocente - 711a, 1412, 1412a, 1412b
inquieta, insolência - 2125d
inquietação - 2129a
inquietantes, pensamentos - 2273a, 2273b
inquieto - 505
inquirir - 2303
insaciável - 2183
inscrever - 728, 2221
inscrição, fazer - 3002
insensatez - 44a, 44b, 44c, 501a, 501b, 1011c, 1285b, 1493b, 1493c, 1493d
insensato - 44c, 1285
inserir - 1628
inseto que morde - 2075a
insetos - 1582a
insight - 2853b, 3009a
insígnia - 41a

insignificante - 1948, 1948a, 2009, 2009a, 2009b, 2028
insignificante, tratar como - 213
insolência - 2740
insolência inquieta - 2125d
insolência, demonstrar - 2740
insolente - 1721a
insondável - 81
insossa, planta - 664
inspecionar - 2095
inspirador - 2133g
instalar - 1377
instante - 2116a
instigar - 1481
instruir - 877
instrumento cortante - 340d, 752c
instrumento de caça - 1885e
instrumento de corda - 2943
instrumento de cordas, música de - 1292
instrumento de nivelação - 2454d
instrumento de sopro - 2887
instrumento musical - 2403f, 3003
instrumentos - 57b
insultar - 749
integridade - 2522a, 2522b
inteireza - 2522e
inteiro - 2401d
inteligente - 1071
intenso - 860a
intenso, calor - 2462a
intenso, desprazer - 860a
interceder - 1731
interdição, decreto de - 2595b
interdito - 744a, 2595b
interior - 612a, 1782d, 2650
interiores, partes - 795b
interna, parede - 628a
internas, partes - 2066a
interpor - 1776
interpretação - 1847, 1860a, 2722, 2722a, 2949
interpretação de um sonho - 2949a
interpretar sonhos - 1860, 2543
interrogativa, partícula - 460
interromper a aproximação - 1492
intervalo - 2132a
intervir - 1776
intestinos - 1104b, 1227a
intimidado - 941, 941a
íntimo - 2186f
íntimo, amigo - 2186f
intrometer-se - 378
intuito - 767d
inundação - 509a, 581, 2373a
inutilidade - 246g, 2338a
invadir - 313, 325, 1845
invalidar - 1829
inveja - 2038
inveja, observa com - 2206
invenção - 767c
inventar - 200, 887
inverno - 1549
investida - 408a, 2460a
investigação - 729a
investigar - 274, 729, 2638
invocar - 551, 570
invólucro - 354a, 1601a, 1940b
invólucro de linho - 1466
iogurte - 650a
ir - 498, 1469, 2394, 2565, 2695
ir a pé - 2113
ir adiante de - 1988
ir ao encalço de - 2124
ir atrás de - 2124
ir de lugar em lugar - 2165
ir de um lado para outro - 735, 2344
ir em frente - 1380
ir embora - 56
ir para a direita - 872c
ir para baixo - 909
ir reto - 183
ir sem rumo - 814
ir, deixar - 2394
ira - 568a, 860a, 2058a
ira de Deus - 2975a
ira, provocar à - 1016
irado - 133, 1016, 1712, 2058, 2634, 2975
irar-se - 2112
irmã - 62c
irmandade - 62b
irmão - 62a, 2566
irmão do marido - 836a
irmão, esposa do - 836b
irracional, pessoa - 264b
irrefletidamente, agir - 914
irrigação - 835a, 2452c
irrigado - 2130b
irrigar - 2452
irritação - 1016a, 1016b
irritado - 1016
irritar - 873
irromper - 345, 1796, 1826, 2297
Isaque - 1905b
isca, colocar - 2006
isento - 1412, 1412a
Israel - 2287a
isto - 2663
já - 947c
Jacó - 1676f
janela - 156d, 633g, 660c, 2418a
janelas, moldura de - 2458b
jardim - 367a, 367b, 1691a
jardim cercado - 1808
jardim, canteiro de - 1691a
jarra - 410e
jarretar - 1682
jarro - 1284c, 1918c, 1938b, 1952a, 2080a
jaspe - 67b, 929.1
jaula - 1462b
javali - 637a
jebuseu - 216a
Jedutum - 847c
jejuar - 1890, 1890a, 2753
jejum, humilhação mediante - 1652f
Jerico - 915
Jerusalém - 912
Jessé - 926
Jesurum - 930d
Jezreel - 582e
Jó - 78b
joeirar - 1328
joeirar, pá de - 2153
joelho - 2641a, 285a
joelho, junta do - 2970
joelhos, bater - 2873
joelhos, pôr-se de - 1044
jogado ao chão - 421
jogar - 797, 910, 1145, 1446, 2398
jogar fora - 388, 412, 1072, 1302, 1357
jóia - 1195d
jóia cara - 657b
jóia, engaste de - 1195d
jóias vistosas - 1567a
Jônia - 855
jônios - 855
Jordão - 909b
jornada - 498d
jornada, fazer - 2353
jorrar - 534, 1287, 1928
José - 876a
jovem - 231a, 331b, 867b, 1630a, 1948a, 2009a
jovem, mulher - 1630b
jubilante - 2268a
júbilo - 471a, 500a, 607a
jubiloso - 1625b
Judá - 399h, 850c
judeu, judia - 850, 850a, 850b
judicioso - 2142
judicioso, conhecimento - 923a
jugo - 1628a
juiz - 426b, 2674a, 2685
juiz, ofício de - 1776c
juízo - 767, 767b, 2443b
julgamento - 426a, 2443a, 2757a
julgar - 426, 2443, 2674, 3045
julgável - 1776d
jumento (a) - 190a, 685a, 1616a
jumento selvagem - 1693, 1805a, 2928
junção - 153c
junção de bases - 2390a
junco (s) - 3c, 19, 63, 358a, 1479, 1559c, 2040a
junco, caniço de - 1559c
junípero - 289a
junta do joelho - 2970
junta dos quadris - 2744
juntado - 2390
juntamente com - 187
juntar - 1532, 1927, 1983,
juntar alicerces - 2723
juntar figos - 250
juntar gravetos - 2092
juntar restolho - 2091, 2092
juntas - 398a, 598 l
junto de - 398, 858c, 2813
juntos - 2119a
juntos, rolar - 353
junturas - 598 l
juramento - 94a, 2319a
juramento solene, fazer um - 94
jurar - 94, 2319

juro (s) - 1424, 1424a, 1430a, 1430b, 2103f
juros, emprestar a - 1424, 1424a, 1430b
justiça - 1879a, 1879b, 2443c
justo - 930, 1879, 1879c
juventude - 231b, 867c, 1389b, 1389d, 1389e, 1630c, 1948b
juventude, início da - 2368c
lã - 1931a, 2917
lá - 2404, 3059
lábio - 2278a
lábios, movimento trêmulo dos - 1319b
labuta - 48b, 842e, 1066a, 1639a, 1666a
labutar - 825, 842, 1639
laçada - 1095a
laço (s) - 1115b, 1649a, 1929b, 2043a
lacrar com selo - 780
lactente - 874a, 1579a
lado - 153b, 172, 844, 916b, 1059, 1556a, 1725a, 1876a, 1924a, 2022, 2278a, 2645, 2955, 3007
lado direito - 872a, 872d
lado esquerdo - 2267a
lado interno da escora - 2057a
lado oposto - 1640f
lado para outro, correr de um - 2460
lado para outro, ir de um - 735, 2344
lado, deixar de - 172
lado, pôr de - 153, 382, 1502, 2250
lado, posto de - 1302a
lados, quatro - 2107a
ladrão - 364b
lagar - 841a, 900a, 1750a
lagarto - 675a, 971.1, 1109a, 1867a, 2271
lago - 285c
lágrimas - 442b
lágrimas, derramar - 243
lama - 268a, 796a
lamaçal - 796a, 853a
lamber - 1103, 1126
lamber líqüido - 1126
lamenta - 6b
lamentação - 95, 124a, 124b, 490, 1311a, 1311b, 1311c, 1311d, 2018a
lamentar - 6, 243, 839, 868, 1310, 1311, 1344, 1530
lamento - 124, 490, 839a, 839b, 868b
lâmina - 1077a, 1081a, 1893a
lâmina de metal - 1759b
lâmpada - 1333a, 1333b
lamparinas - 1942b
lança - 690b, 1919b, 2015a, 2172, 2262b, 2314b
lança curta - 977b
lançado fora - 1357, 1392
lançamento de alicerces - 875d
lançar - 287, 799, 800, 910, 1145, 1694b, 2168, 2398, 2997
lançar abaixo - 1072
lançar alicerces - 875
lançar fora - 252, 476, 564, 579, 920
lançar para longe - 496
lançar raízes - 2471
lançar sortes - 845
lançar terra - 1664
lançar-se - 831
lápis-lazúli - 1535
lar - 241
lar, ídolos do - 2545
lareira - 901b, 901c
largar - 2408
largo - 2132, 2143, 2143c
largo, manto - 2120a
largo, véu - 2120a
largura - 2143a, 2143b, 2952
largura da mão - 818b, 818c
lasca (s) - 2059a, 2309a
lascívia - 1559b
latão - 1349c
latir - 1281
latrina - 730b
lavado - 946
lavagem - 2150a, 2150b
lavar - 412, 946, 2150, 2373
lavar, produto usado para - 288e
lavrado, terreno não - 1360a
lavrador - 88a, 838
lavragem - 335a
lavrar - 760, 838
lavrar pela primeira vez - 1360
lavrar recentemente - 1360
leão - 158a, 1070a, 1070c, 1073, 1114a, 2363a, 2606
leãozinho - 1025a
lebre - 123a
legado - 1342a
legal - 930, 1879c
lei - 458, 910d
lei, estabelecimento de uma - 728b
lei, observador da - 930d
leite - 650a
leito - 2381c
lembrança - 551a
lembrar - 551
lenha - 508a, 639, 1670a
lentamente, escorrer - 2162
lentamente, mover-se - 406
lentilha - 1573
leoa - 1070b, 1070c
leopardo - 1372a, 2864
lepra - 1971a
lepra, surgir erupção de - 1814
leproso - 1971
ler a sorte - 1348
ler em voz alta - 2977
lerdeza - 1672b, 1672c
lerdo - 1672, 1672a
leste - 580c
levantadas, nuvens - 1421g
levantamento - 1221h, 1421d, 1421f, 1624i
levantamento de ofertas - 2133i
levantar - 575, 1421j
levantar acampamento - 1380a
levantar cedo - 2386
levantar-se - 299, 580, 1999, 1999d, 2096, 2968
levar - 835, 1458a, 1556, 2760
levar à sujeição - 1001
levar cativo - 2311
levar embora - 364, 386, 581, 1556, 2874
levar para o exílio - 2656
levar uma carga - 1643, 2882
leve - 554
levedura - 2229a
leveza - 2028b
Levi - 1093
levita - 1093a
libação - 1375a, 1375b, 1375c
libação, oferta de - 1220b, 2866a
Líbano - 1074e
liberdade - 454b, 717b, 717d
libertação - 454b
libertado - 1198
liberto - 929
líder (es) - 45b, 45f, 1289b, 1421b, 1719b, 1811, 1822, 1822a, 2983
líder, agir como - 1822
liderar - 1822
ligação - 141f, 153c
ligado - 141a, 598
ligeiro - 2028a
Lilite - 1112
limiar - 1858b
limiar da porta - 1538a
limitar - 2496
limite (s) - 249, 893e
limites, colocar - 249
limpar - 288, 579, 1178
limpeza - 288d, 792b, 1260a, 2449b
limpo - 288a, 549, 550, 550a, 792, 792d, 2872
limpo, animal - 419c
lindo - 890, 890a
lindo, muito - 890b
língua - 1131a, 2817
linguagem - 2278a
linguagem, figura de - 1113b
linha - 1857a, 1994a, 2005a
linho - 1848, 1849
linho branco - 199
linho fino - 219, 1045, 2473
linho, fio de - 73a
linho, invólucro de - 1466
líqüido, espalhar um - 585
líqüido, lamber - 1126
lira - 2972
lírio - 596.1, 2356
liso - 670b, 670d, 1205, 1716, 1716b
lisonja - 670a, 670c, 670f
lisonjear - 670
listado - 1678a
lisura - 670f
liteira - 1866a
litígio - 2159c
litoral - 710a
litro, meio - 1076

livramento - 929a, 929e, 1404a, 1774a
livrar - 300, 717c, 929, 1198, 1404, 1734, 1736, 1774, 2871, 3027
livre - 717, 1412
livremente, fluir - 1543
livro - 1540a, 1540b, 2891a
lixo - 1139a
lobo - 522a
lóbulo da orelha - 2527a
locais de expelir - 893d
local - 241
local da expiação - 1023c
local da extremidade da estrutura - 2057a
local de assembléia - 878c
local de debulha - 383a
local de plantio - 582f
local desnudo - 2440b
local determinado - 878b
local elevado - 253
local inflamado - 2364a
local separado - 203b
lodo - 796a, 2203a
lombo (s) - 668b, 916a, 1267a, 2744, 2777
longa, túnica - 1789a
longe - 496a, 2151
longe de [alguém] fazer - 661c
longe, bem - 496a, 2994
longe, lançar para - 496
longe, voar para - 1582
longínquo - 2151b
longo, véu - 1534c
losna - 1121
lotos - 1863
louça de barro - 759a
louça, cacos de - 759c
louco - 501, 830
loucura - 501a, 501b, 2328a, 2534b
lousa - 1091a
louvar - 285, 315, 500, 847, 2313, 2764, 3014
louvor - 500a, 500b, 500c, 847a, 847b, 2133f
louvor, cantar - 558
louvor, cânticos de - 847a
lua - 913a, 1074c, 2239a
lua cheia - 1006
lua crescente - 2239a
lua nova - 613b
lucrar - 882
lucro - 267a, 936g
lucro comercial - 1486a
lugar - 964c, 998a, 1637a, 1999h, 2620
lugar aberto - 2143d
lugar alto - 253
lugar amplo - 2143e
lugar árido - 756a
lugar de despejo - 2444a
lugar de estender - 2372a, 2372b
lugar de pisar - 2176a
lugar de refúgio - 1578a
lugar de repouso - 1323e, 1323f, 2109a, 2109b
lugar de residência temporária - 330c
lugar de tirar água - 2299
lugar de trabalho - 1651b
lugar de visão - 633g
lugar de, em - 2504
lugar descampado - 1692a
lugar dos pés - 2113c
lugar elevado - 2234, 2234a
lugar em lugar, ir de - 2165
lugar espaçoso - 2143e
lugar inacessível - 2234
lugar íngreme - 452a, 909a
lugar junto à cabeça - 2097f
lugar para pisar - 453b
lugar plano - 930f
lugar queimado - 961c
lugar santo - 1990f
lugar, nenhum - 81
lugares de cozinhar - 292b
lugares profundos - 2495a
luminar - 52f
lustrar - 1244
luta (s) - 378b 426c, 1857c
lutar - 12, 732, 1104, 1400, 1865, 3021
luto - 2385a
luz - 52, 52a, 52b, 52g, 211b, 633g, 1316a, 2853a
luz do dia - 1316a, 2847
luz, dar - 52
luz, dar à - 595, 867
luz, entrada de - 52g
luz, tornar-se - 52
Maalate - 657a
maçã - 1390c
macaco - 2000
machado - 340d, 379a, 978.1, 1050a, 1668a, 2067
macho - 551e, 551f
macho, avestruz - 678b
machucado - 2716a
machucar - 2349, 2716
maciez - 670a, 670c, 670e, 670f, 670g, 2164b
macio - 670, 670b, 1648, 2164, 2164a
maço - 502a
Macpela - 1019b
mácula - 446a, 1137a
maculado - 280b, 696, 1055
macular - 301
madeira - 762a, 1670a, 2596
madeira de amendoeira - 1090b
madeira de gôfer - 374
madeira talhada - 1804a
madeira, ajuntar - 639
madeira, caixa de - 183f
madeira, cortar - 639
madeira, revestido de - 2249
madeiramentos de cedro - 160b
madeiro - 1670a
madeixa - 1823a
madrepérola - 454a
mãe - 115a
magia - 763a
magia, praticar - 1656
mágico - 72a, 848d
magistrado - 1461, 3062
magnificamente - 985c
magnificar - 315, 2233
magnificência - 28a
mago - 738b, 1143
mago (astrólogo-mago) - 2742
mágoa - 1213f, 1248d
magoado - 987, 1016, 2002
magoar - 1666, 2925
mago-astrólogo - 2742
Magogue - 324a
magreza - 975a, 2139b, 2139c
magro - 448a, 2139, 2139a, 2218a
maïs - 936d
mais do que - 1212, 2833
majestade - 299d, 299f, 482a, 2691a
majestoso - 28, 28b
mal - 138a, 195, 565, 678a, 873, 2191a, 2191b, 2191c
mal, cheirar - 195, 565
maldade - 556b, 2191b, 2716b
maldição - 94a, 94b, 168a, 2028d
malhado - 117c, 1410a
malhar - 591
malho - 502a
malho de ferreiro - 1763
mal-humorado - 569b
maligna na pele, doença - 1971a
maltratar - 1627, 2532
malva - 664, 1197c
mamar - 874
maná - 1209
manada - 1572a
manar - 534, 1337, 2846
Manassés - 1217
mancar - 1787
mancha - 598h
manchar - 805
manco - 1787a
mandamento - 1887b, 2950
mandar embora - 2394, 2394b
mandar executar - 1169
mandíbula - 2180a
mandíbula, gancho preso na - 693c
mandrágoras - 410d
maneira - 399e
manejar - 2538
manhã - 274c
manjares, oferta de - 1214a
manjedoura - 10a, 158b
manquejante - 1925a
Manre - 1208
mantas para cavalo - 717a
manter - 1356
manter em casa - 1322
manter perto - 1550
manter sob controle - 765, 951
manter sob desdém - 224
manter-se acompanhado - 161
manto - 28a, 818d, 1037a, 1230b, 1601a, 1606a, 2892
manto do sumo sacerdote - 1793b
manto largo - 2120a
manual, moinho - 2144a
manusear - 1694

mão - 844, 1022a, 2763
mão direita - 872d
mão esquerda - 2267a
mão fechada - 2036a
mão firme, de - 116c
mão, concha da - 2432a
mão, estender a - 472
mão, fechar com a - 2036
mão, largura da - 818b, 818c
mão, palma da - 709a, 1022a, 1789a, 2942
mãos vazias, de - 2161c
mãos, cortar - 1048
mãos, sentir com as - 391
maquinação - 2119b
maquinar - 760
mar - 871a, 2770
maravilha (s) - 152a, 1768a, 2617, 3060
maravilhosa, obra - 1768c
maravilhoso - 1768, 1768b
maravilhoso, feito - 1768c
marca - 41a, 598h, 2496a
marca de queimadura - 961b
marca na pele - 1053b
marcado - 280b
marcha - 909, 1841, 1943, 1943b
marco - 1887a
marfim - 2422a, 2422c
margem - 1003a, 1195f, 2278a,
margem do rio - 314a
marido - 83a, 262a
marido, irmão do - 836a
marinheiro - 592c, 1197d
marinho, monstro - 2528b
marrom escuro - 625a
martelar - 502, 1110
martelo - 502a, 1409c
mas - 47, 84, 519, 976, 2701, 2812
massa - 774a
massa de farinha - 269a
massa de figos espremidos - 397a
massa informe - 333a
massacrar - 786
mastro - 592d, 2544
mata cerrada - 888a
matança - 786a, 786b, 786e, 1364d, 2008a, 2362b
matar - 514, 786, 1048, 1169, 1364, 2008, 2208, 2362, 2824, 2969
material misturado - 2431
mato - 336, 724a
mato, aparar - 336
matrimônio - 781d
mau - 2191, 2191a, 2622, 2622a
mau cheiro - 195c, 1904a
mau cheiro, exalar - 565
mau presságio - 2244a
Meara - 1704a
mecha - 1912
mecha de cabelo - 666e, 2128a
medição - 1146b, 1146d, 2511a, 2511b, 2511c
medida - 1146a, 1146b, 1452, 2438a
medida de capacidade - 1250
medida de capacidade para secos - 1977a
medida de cevada - 1133a
medido - 2511
médio - 2498a
medir - 1146
medir o peso - 2454
meditação - 467b, 467c, 2255a, 2255b
meditar - 466a, 467, 551, 2255
medo - 265a, 332, 332a, 332b, 546, 735b, 784, 784a, 907, 907a, 1373a, 1702, 2184b
medo, ter muito - 2274d
meia mina - 2945a
meia-lua - 2239a
meio - 719a, 719e, 2066a, 2650
meio de refúgio - 1578a
meio litro - 1076
meio siclo - 271a, 2945a
meio-dia - 1883a
mel - 400a
mel de favo - 1396
mel que escorre - 1396
mel, favo de - 889a, 889b
melancias - 234a
melhor - 231d, 863a, 936d, 2097e
melodia - 1385a
melodioso - 1385a
Melquisedeque - 1199i
membro (s) - 898b, 1681a
membro da quarta geração - 2107d
membro de um grupo - 254
membro do corpo - 2690
membro inferior - 2350a
memorando - 2677b, 2677c
memorial - 551b
memorial, porção - 551d
mencionar - 551
meneio - 1319c
menina do olho - 196
menino (a) - 1389a, 1409b
menosprezar - 2514
mensageiro - 1068a, 1913a
mensagem - 1068c
mensal - 613b
menstruação - 1564a
menstrual, imundície - 1302a
mental, imagem - 2700
mente - 970, 975, 983a, 1395a, 1624, 2131a, 2630
mentira - 202a, 970a, 970b, 975, 2461a
mentiroso - 202a, 970, 975b
mercado - 2165c
mercador - 1002b
mercadoria (s) - 1124f, 1194a, 1486b, 1486d, 1594b, 1686c, 2165a
mercadorias, transporte de - 2165a
mergulhar - 787, 1628, 2954
Merodaque - 1241
mês - 613b, 913b, 2776
mesa - 2395a
mesmo (a) - 61, 480
mestre - 910c
metade - 719, 719b, 719d, 719e, 2939a
metade da vida, viver - 719
metais, avaliador de - 230d
metais, que prova - 230d
metal derretido - 1375c
metal, barra de - 1186a
metal, lâmina de - 1759b
metal, ornamentos de - 1804a
metal, revestimento de - 1951a
mexer - 1328
mictam - 1056a
migalha de pão - 1862a
migalhas - 1410b, 1828b
mil - 109a, 2581
milagre - 41a, 152a, 3060
míldio - 918d
milhafre - 43b
milhares, produzir - 109
militar - 2394f
militar, baixa do serviço - 2394f
mimar - 1784
mina - 1213b, 2835a
mina, meia - 2945a
minério precioso - 270a
mínimo, dedo - 2009c
ministrar - 2472, 2940, 3042
ministrar na função sacerdotal - 959
miraculoso (s), sinal (is) - 41a, 2617
mirar - 1612, 1715
mirra - 1108, 1248b
misericórdia - 676a, 698a, 2146
misericórdia terna - 2146b
misericórdia, ter - 2146
mistérios profundos - 2916
misto, tecido - 286a
mistura - 1170a, 1220a
mistura de gente - 1685a
mistura de ungüentos - 2215h
misturado - 1170a, 1220b
misturado, material - 2431
misturado, vinho - 1170a, 1220b
misturar - 248, 1220, 2105, 2215, 2927
misturas, preparar - 2215
mó - 802a
Moabe - 1155
moabita - 1155a
mocidade - 1630c
moço (a) - 1389a, 1389c
modelar - 898
modelo - 255d
modesto - 1939, 1939a
modo - 1900a
modo de beber - 2477b
modo de vida - 2605
moer - 448, 802, 1061, 2367
moído - 1062a
moinho - 802b
moinho manual - 2144a
moinho, pedra de - 1773a
Moisés - 1254
moita - 1457a, 1457b, 1492d, 2256a
moldar - 1900
molde de tijolos - 1074i

moldes - 898b
moldura de janelas - 2458b
moldura de portas - 2458a
molestação - 1339
molhado, pó - 796a
molhar - 2954
Moloque - 1199h
momento - 3044
monstro marinho - 2528b
montanha - 517a, 2500b, 2752
montanhas, cadeia de - 2500b
montanhosa, região - 517a
montão - 684a, 684c, 1301a, 2111b, 2513a
montão de palha - 2493a
montão de pedras - 2114a, 2762
montar - 2163, 2163b
monte (s) - 517a, 553a
monte (s) de cinzas - 2441b, 2441c
monte de refugo - 2441b
monte de ruínas - 1577d
monte elevado - 308c
monte Seir - 2274g
montês, bode - 883a
montês, cabra - 155, 560b, 883b
monturo - 2855
monumento - 844, 1732a, 1887a
morada - 922a, 1322b, 1581a, 1581b, 2387a
morada de Deus - 3031a
morada de pastor - 1322a
morador - 2387b
moral, obrigação - 141d
moralmente corrupto - 98
morar - 330
morcego - 1603
mordaça - 702a
moribundo - 1169a
morno - 677, 677b
morrer - 328, 409, 1169
morrer, preparar-se para - 328
mortal, homem - 136a
morte - 1169a, 1169b, 1169c, 2823
morte, inseto que - 2075a
mortiço - 982c
morto - 328, 660a
mortos, espíritos dos - 2198c
mortos, reino dos - 1169a
moscas - 523a
mosquiteiro - 948a
mosquito (s) - 999a
mosquitos, enxame de - 999a
mosto - 1660a
mostra pegadas, que - 1676c
mostrar - 291, 618, 2722
mostrar indignação - 568
mostrar-se indigesto - 2534
motivo - 352a, 399e, 2667
motivo de riso - 1905a
motivo de tropeço - 1050c
motivos, fortes - 1674b
movem, seres que se - 535a
mover - 1300, 1330
mover-se - 1469
mover-se lentamente - 406
mover-se suavemente - 396
movida, oferta - 1330b
movimento - 2152
movimento trêmulo dos lábios - 1319b
movimento, pôr em - 741, 1448
muda de planta - 2480a
mudado - 486
mudar - 512, 752, 1164, 1721, 2419
mudar de direção - 1456
mudo - 102c, 415c
mugir - 368
muito (s) - 947a, 1134a, 2099a, 2103c, 3004a
muito doente - 135
muito lindo - 890b
muito precioso - 905c
mula - 1807b
mulher - 137a, 1409b
mulher cativa - 2311b
mulher jovem - 1630b
mulheres, véu para - 1929a
mulo - 1807a
multa (s) - 1659a, 1659b, 2923
multar - 1659
multicolorido - 1872b
multidão - 1492c, 2099c, 2103d, 2114a
multiplicar - 401, 947
mundo - 653a, 835h, 1631a, 2610
mundo inferior - 167
muralha - 318a, 318b
murar - 318
murchar - 1203, 1286, 1557
murmuração - 1097a
murmurar - 131, 467, 1097, 2115
murmúrio - 466a
muro - 318a, 318b, 674c, 2022, 2355b, 2806, 3025
muro, fechar com - 318
murta - 475
murteira - 475
músculo - 2469c
música - 505b, 558a, 2671, 2710a
música de instrumento de cordas - 1292
música, fazer - 558
musical - 1385a
musical, instrumento - 2403f, 3003
mutilar - 745, 752
mutuca - 2075a
nação (ões) - 326e, 1069a, 2583
nada - 81, 246f, 1136, 2247
nádegas - 1841b, 2478a
não - 111
não - 77, 81, 90, 246d, 246i, 1064, 1086, 2574, 2808
não conceder permissão - 1317
não permita Deus que - 661c
não santificado - 661b
narciso - 596.1
nardo - 1420
narinas - 1346c
nasce - 1533b
nasce de semente, que - 1533b
nascente - 1283
nascer do sol - 580c
nascer primeiro - 244
nascido - 867d, 867e
nascimento fora de tempo - 1392a
nata - 2440a
natação - 2247a
natrão - 1450
natural da terra - 580b
navalha - 1166, 1692e
nave - 493
navio (s) - 125a, 125b, 1537b, 1907
nazireu - 1340b, 1340c
neblina - 38d, 1421c
Nebo - 1279, 1280
nebuloso - 1655a
necessária (s) - 2746a, 2746b
necessidade - 705, 705e, 1970a
necessitado - 3a, 705c, 2919a
necromante - 181
nefilins - 1393a
negar - 975, 1216
negativo, relatório - 396b
negociando, percorrer - 1486
negociante de ovelhas - 1411a
negociar - 360, 1034
negócio - 1068b, 2910
negro - 625a
negrume - 2368a, 2368c
negrume dos, cabelos - 2368c
Neguebe - 1287a
nem - 81, 90
nenhum lugar - 81
nervo da coxa - 1429
Netinins - 1443a
neto - 254
Neustã - 1347b
nevar - 2391
neve, chuva (s) com - 693.1, 2391a, 3057
neve, granizo com - 693.1
nexo, falar coisas sem - 1099
nigela - 2055a
Nilo - 832
Nilo, canais do - 832
ninhada - 1813b
ninhada, reunir-se como - 404
ninho - 2042, 2042a
nisã - 1359
Nisroque - 1382
nivelação, instrumento de - 2454d
nivelar - 2342
nobre (s) - 45b, 757a, 929c, 1299b, 1839, 2984c
nobre, gesto - 1299c
Noé - 1323b
noite - 1111, 1689a, 2816
noite, passar a - 1096, 2629
noivado - 986b
noivado, promessa de - 986b
noivo - 781c
nome - 2405, 3036
nome próprio - 363a
nomear - 1409, 1802, 2243, 2483
nomes, dar - 997
nono - 2551
nora - 986a

norte - 1953b
nós - 128, 2588
notar - 402
notícia (s) - 291b, 2412c, 2412d
notícias, dar boas - 291
nova - 278a, 613a
nova, lua - 613b
nove - 2550
noventa - 2552
novilho (a) - 1560b, 1831b, 3055
novilho castrado - 1831a
novo - 613a, 1102a, 2721
novo, animal - 1181a, 1239a
novo, gafanhoto - 870a
novo, soar de - 486
novo, vinho - 2505
nozes - 16
nu - 1588b, 1588c, 1588d
nu, pôr a - 2440
nudez - 1588a, 1588b, 1692b, 1692c, 1692d, 2440b
número - 1213c, 1540e, 1540f, 1802g, 2835b
numeroso - 1673, 1673d, 2099, 2103
nunca - 81
nutrição - 116f
nuvem - 1574a, 1655a, 1701a, 2367, 2921
nuvem escura - 1701b
nuvens de chuva - 635a
nuvens levantadas - 1421g
nuvens, cobrir de - 1574
nuvens, trazer - 1655
o (s) (artigo) - 459
o escolhido - 231d
o mesmo - 480
o qual - 184, 480
o que - 2673
o que quer que - 2822
o quê? - 1149
obedecer - 2412
obediência - 902a
objetivo - 2187a
objeto de escárnio - 1905f
objeto de profunda afeição - 676b
objetos de culto - 2086b
objetos feitos - 1891a
oblação - 1214a
obra - 1068b, 1553f, 1627e, 1708a, 1792c, 1792d
obra batida - 2086b
obra de entalhe - 760b
obra engenhosa - 767a
obra maravilhosa - 1768c
obra pregueada - 2286a
obra trançada - 2286a
obrigação - 141e, 2414g
obrigação moral - 141d
obrigar - 51
obscurecer - 1641
obscuridade - 248e
obscuro - 769b
observação - 2414a
observação, posto de - 1950a, 1950b
observador da lei - 930d
observar - 2221, 2354, 2414
observar ao redor - 1950
observar com diligência - 1116
observar com hostilidade - 2206
observar com inveja - 2206
observar furtivamente - 2206
observar os tempos - 1656
observar uma festa religiosa - 602
obstinação - 1549a, 1721a, 2085b, 2469d
obstinado - 1549
obstruir - 1497, 2296
obter - 2039
ocasião - 126a
ocasião, procurar - 353
oceânico, abismo - 1889a
ocidente - 68f, 871a
oco - 205a
ocorrência - 1731a, 2068c
ocultar - 590, 811, 920, 972, 1008, 1551
ocultar emoções - 975
ocultar pensamentos - 975
oculto - 1629
ocupado - 1651
odiado (a) - 1519, 2272a
odiar - 2251, 2272, 3010
ódio - 78a, 2272b
odioso - 2272
odre - 689a, 1270, 1284a
oeste - 68f
ofegar - 1433
Ofel - 1662a
ofender - 198, 594
ofendido - 1066
ofensa, causar - 180
ofensa, reconhecer uma - 180
ofensiva, palavra - 2422b
oferecer - 1224, 1375, 1871
oferecer espontaneamente - 2848
oferecer sacrifício - 2866
oferta - 849b, 1214a, 2065e, 2836
oferta de bebidas - 1375a, 1375c
oferta de cereais - 1214a
oferta de libação - 1220b, 2866a
oferta de manjares - 1214a
oferta movida - 1330b
oferta pacífica - 2401b
oferta pelo pecado - 638d, 638e, 2726b
oferta queimada (s) - 172a, 2614
oferta voluntária - 1299a
oferta votiva - 1308a
ofertas, levantamento de - 2133i
oficial - 1545, 2374a
oficial-mor - 959a
ofício - 998a
ofício de artesão - 763a
ofício de juiz - 1776c
Ofir - 50
ofuscante - 1903, 1903a, 1903b
oh! - 3d, 42
oitavo - 2411c
oitenta - 2411b
oito - 2411a
oleiro - 2937
óleo - 2410c
óleo de unção - 1255a
óleo, espremer - 1883d
olhada - 2095d
olhar - 402, 633, 1282, 1612, 2095, 2429, 2457
olhar atentamente - 2302
olhar fixamente - 2326
olhar para baixo - 2457
olho - 1612a, 2906
olho, menina do - 196
olho-d'água - 1613a
olhos, abrir os - 1803, 1803b
olhos, cobrir os - 1803, 1803b
olhos, fechar os - 1674
olhos, flertar com os - 2283
olhos, pintar os - 974
oliveira - 548
oliveiras, fileira de - 2355c
olmeiro - 408b
Om - 121
ombreira - 535b
ombro - 583a, 1059, 2386a
ômer - 1645b
omoplata - 1059
onda - 353a
onde - 31, 75, 2299
onde? - 75a, 75d, 75f, 75g, 75h
onicha - 2363b
ônix - 2337
ontem - 120, 2521
Oolá - 32b
Oolibá - 32c
opinião - 848a
opinião dividida - 1527f
oponente - 2159b, 2252a
opor-se a - 2251
oportunidade - 126b
oportuno - 126
oposição - 1317a
oposta, região - 2897
oposto - 1365
oposto, lado - 1640f
opressão - 216b, 216c, 1106a, 1585b, 1675a, 1713a, 1713b, 1713d, 2212b
opressor - 868c, 1192a, 1713c
oprimido - 429a
oprimir - 424, 873, 1106, 1296, 1652, 1702, 1713, 1895, 2212, 2589
opróbrio - 2028f
oração - 1776a, 2255b
oráculo - 399g, 1272a, 1421e
oráculo imprudente - 232a
orador - 399i, 1277a, 1991c
orar - 1722, 1776, 2635, 2959
ordem - 118e, 1467a, 1694a, 1887c, 2757a
ordem, estar em - 3064
ordem, pôr em - 1694
ordenação - 1195e
ordenança - 2443c
ordenar - 118, 399, 1887, 2441a, 2585
orelha, lóbulo da - 2527a
órfão - 934a
organizar - 1694

orgulho - 299c, 299d, 299h, 547b, 2125b, 2125c, 2304a, 2366a, 2651
orgulho, portar-se com - 2125
orgulhosamente - 2133c
orgulhosamente, agir - 547
orgulhoso - 299a, 299b, 299g, 547c, 851a, 2125a
oriental - 1988e, 1988f
oriental, vento - 1988d
oriente - 1988a, 1988b, 1988d
orifício - 2321c
origem - 893d, 968a, 1033c
Órion - 1011e
orla - 1038a, 2316a
ornamento - 477b, 990a
ornamento para o pescoço - 2101a
ornamentos de metal - 1804a
ornamentos, tirar - 909
orvalho - 807a, 2755
orvalho, gota de - 2181a
os (as) mesmos (as) - 504
oscilar - 1328, 2188
osso - 382a, 1673c, 2040a, 2661
osso sacro - 1671a
ossos, quebrar - 382b
ou - 36, 519
ourives - 1972a
ourivesaria - 1409a
ouro - 529a, 753a, 1057, 2668
ouro puro - 1753a
ouro refinado - 1753a
outeiro - 517a
outono - 1528
outra pessoa - 2186a
outro - 68a, 2568a, 2568c
ouvido - 57a
ouvidos, dar - 57, 2084
ouvir - 57, 2084, 2412, 3040
ovelha (s) - 949, 950, 1864a, 2237
ovelha fêmea adulta - 2145a
ovelhas, criador de - 1411a
ovelhas, negociante de - 1411a
ovelhas, pastor de - 1411a
ovo - 218a
pá - 385b, 879a
pá de joeirar - 2153
pacífica, oferta - 2401b
pacote - 1001a, 1973e
Padã - 1735
pães asmos - 1234a
pães fritos - 600a
paga de prostituta - 2529a
paga, proporção a ser - 1014a
pagamento - 23a, 1153
pagamento, adquirir mediante - 1153
pagão, deus - 1199h
pai - 4a, 2553
pai, parente por parte de - 1640e
painço - 422a
pairar - 2149
palácio - 142.2, 164a, 240, 241c, 493, 2694
palanquim - 151b
palato - 692a
palavra - 118a, 118e, 399a, 399i, 399j, 658, 1201a, 2585a, 2832, 2950,
palavra ferina - 2422b
palavra ofensiva - 2422b
palavra, captar uma - 658
palavras injuriosas - 317b
palha - 775a, 1162a, 2091a, 2493, 2904
palha, montão de - 2493a
palidez - 918d
pálido - 630
palma da mão - 709a, 1022a, 1789a, 2942
palmas, bater - 1177, 1539, 2541
palmas, batida de - 1539a
palmeira - 1343b, 2523a, 2523b, 2523c
palmo - 587, 818b, 818c
pálpebra - 1582b, 2414b
pancada - 428a, 598g, 1364c, 1364d
pancadas, arrancar com - 2501
pandeiro - 2536a
pandeiro, tocar - 2536
panela - 410e, 1489, 1918a
panela para refogado - 2152a
pânico - 2156a
pano - 1376a, 2270a
pano branco - 630b
pano colorido - 640a
pano de algodão - 630b
pano de saco - 2282a
pântano - 268b
pão - 1046c, 1071c, 1105a, 1575a
pão alvo - 630c
pão branco - 630c
pão delgado - 2218b
pão redondo - 1922a
pão, cozer - 1071d
pão, migalha de - 1862a
papiro - 3c, 358a
papo - 1239
par - 1927a
Parã - 1728
para - 91, 1063, 2807, 2813, 2908
para cima - 1624k, 2133b
para dentro - 1782c
para frente - 496a
para o oeste - 1689b
para que não - 1780
para quem - 2299
para sempre - 1631a
para todo o sempre - 1631a
para trás - 68d, 68e
parábola - 616a
parado - 768
paramentos - 1075b
parapeito - 1679a
parar - 609, 2625
parcialidade - 1421f
parecer - 437
parecer-se com - 2679
parede - 1054a, 2022, 2806
parede fina - 628a
parede interna - 628a
parelha - 1927a
parente (s) - 300b, 644b, 848e, 867f, 1638a
parente consangüíneo - 867f, 2065d
parente por parte de pai - 1640e
parente próximo (a) - 2308a
parentesco - 848f
parque - 1808
parte - 297a, 340a, 669a, 669b, 669c, 669d, 844, 1213a
parte de baixo - 2504a
parte de trás - 68d, 68f
parte interior (es) - 241, 795b
parte mais elevada - 790a
parte posterior - 68g
parte principal - 153b
parte superior - 2097
partes internas - 2066a
partes pudendas - 222d
partícula interrogativa - 460
particular - 2392b
partir - 1300, 1380, 3018
partir em dois - 1821, 2945
partir em pedaços - 1862
parto, dor (es) de - 592, 595a, 623
parto, estar em trabalho de - 867
páscoa - 1786a
pasmo - 486a
passadas - 2521
passadas, épocas - 2521
passado - 54a, 81, 1988f, 2521
passados, tempos - 2966b
passageiro - 609b
passar - 2898
passar a noite - 1096, 2629
passar adiante - 666
passar por cima - 1786
pássaro - 1959a
passas, bolo de - 185a
passas, punhado de - 1930a
passo - 183c, 183d, 498b, 1793a, 1841a, 1943a, 1943e
passo (s), dar - 184, 1943
passos curtos e ligeiros, dar - 821
pastagem - 399c, 1030, 2185a, 2185b, 2185c, 2394d
pastar - 2185
pasto - 1312a, 1322a, 1322c, 2185b, 2185c
pastor de ovelhas - 1411a
pastor, morada de - 1322a
pastorear - 2185
pátio - 722a
pavão - 2508
pavilhão - 2260a
pavimentação, pedra usada em - 1486e
pavimento - 2210a, 2210b
pavor - 784a, 784c, 784d, 784e, 784f, 784g, 1666f, 1756a
paz - 2401a
paz, estabelecer uma aliança de - 2401c
paz, estar em - 2453
pé - 998a, 1793a, 2113, 2988
pé, bater o - 2199
pé, estar de - 1637, 2968
pé, ficar de - 1999

pé, ir a - 2113
pé, permanecer em - 1398
pecado - 180c, 638a, 638c, 638d, 638e, 2324a, 2726a
pecado, oferta pelo - 638d, 2726b
pecador - 638b
pecados, romper - 2946
pecaminosa - 638c
pecar - 638
pedaço - 203a, 297a, 669b, 1441, 1441a, 1773a, 2212a, 2981
pedaço cortado - 203a
pedaço pequeno - 1862a, 1862b
pedaço saboroso - 1128a
pedaço suculento - 1128a
pedaços quebrados - 2533
pedaços, cortar em - 1441
pedaços, partir em - 1862
pedaços, rasgar em - 2074
pedágio - 2695a
pederneira - 665, 1975a, 1975b, 2416a
pedestal - 27a
pedido - 171a, 2303a, 2635a, 3012a
pedir - 656, 2303, 2635, 3012
pedra - 9, 2556
pedra de moinho - 1773a
pedra de preço elevado - 206
pedra incandescente - 2211a
pedra mais elevada - 2097b
pedra preciosa - 287c, 287d, 502b, 953c, 1130, 1391, 2337, 2546
pedra preciosa do peitoral do sumo sacerdote - 2311e
pedra preciosa, cintilação de - 1987b
pedra usada em pavimentação - 1486e
pedras, carreira de - 2849
pedras, chuva de - 280a
pedras, extração de pedras - 1380b
pedras, fileira de - 798b
pedras, montão de - 2114a, 2762
pedreira - 1380b
pegadas - 1676a
pegadas, que mostra - 1676c
pegar - 64
pegar fogo - 2266
pegar pelo calcanhar - 1676
peito - 405, 720a, 720b, 1579, 2332a, 2720
peito de animal sacrificado - 634a
peito, criança de - 1579
peitoral - 772a
peitoral do sumo sacerdote, pedra preciosa do - 2311e
peixe - 401a, 401b, 2082a
peixe, escama de - 2082a
pele - 349a, 869a, 1270, 1589a,
pele, crosta da - 869a
pele, doença maligna na - 1971a
pele, erupção benigna na - 210a
pele, marca na - 1053b
pele, sinal branco na - 211a
pele, sofrer doença de - 1971
pelicano - 1976
pêlo (s) - 2274a, 2274b
pêlo amarelo - 1880a
pelotão de soldados - 89d
peludo - 2274c
pena, ter - 1344
pendente - 1338a, 1543a
pender - 713, 909a, 1543, 1591
pendurado - 2030c
pendurar - 2512
peneira - 948b, 1330a
penhasco - 1508a
penhor - 593, 593a, 1555a, 1686a, 1686b, 2243a
penhor, colocar sob - 593
penhor, dar um - 1555
penhor, tomar em - 593
penhorado em garantia de uma dívida - 1555a
penhores, peso de - 1555b
pênis - 2444b
pensamento - 767d, 1624, 1717a, 1717b, 2255c, 2998b
pensamentos agitados - 2273a
pensamentos inquietantes - 2273a, 2273b
pensamentos, ocultar - 975
pensar - 118, 551, 767, 1717, 2745, 2883, 2933
pepinal - 2083b
pepino - 2083a
pequena, casa - 1096b
pequena, serpente - 2050a
pequeninos - 821a
pequeno (a) - 571b, 1228, 1948a, 2006, 2009, 2009b, 2713
pequeno, escudo - 1486c
pequeno, pedaço - 1862a, 1862b
pequenos rebanhos - 766a
perambulação - 1319a
perambular - 2129, 2199, 2344, 2531
perceber - 239, 815, 1785, 2263
percorrer negociando - 1486
perdão - 1505b
perder - 638
perder a vida - 1390
perdido - 2b
perdiz - 2063a
perdoador - 1505a
perdoar - 1505, 1505a
perdoar, disposto a - 1505a
perdoar, pronto a - 1505a
perdurar - 624
perecer - 2, 328, 438, 2555
peregrinação - 922b
peregrinar - 330
peregrino - 330a, 922d
perene - 935a
perfeição - 982d, 982e, 982f, 985e
perfeito - 985b, 2401d, 2522c, 2522d
perfídia - 1698b
perfumar - 1329, 2131
perfume - 290, 1724b, 2215e, 2131b
perfumista - 2215c, 2215d
perfuração - 449a, 1761b
perfurar - 449, 660, 1409, 1834, 2209
perfurar mediante escavação - 1033
pergunta difícil - 2970
perguntar - 2303, 3012
perigo, expor-se ao - 1495
perigo, pôr em - 749
período - 2900
período de sete - 2318d
permanecer - 330, 922, 1637, 1675
permanecer em pé - 1398
permanecer na soleira - 1538c
permanecer vivo - 644
permissão - 2220a
permissão, não conceder - 1317
permitir - 1357
permutar - 1164
perna - 1044a, 1233b, 2350a, 3047
perneiras - 1233b
pérola - 454a
perpetuidade - 1402a, 1565a, 2912
perpetuidade - 1565a
perpétuo - 1402, 1631a
perplexidade - 2518a
perplexo - 214
perseguição - 2124a
perseguir - 284, 420, 823, 2124
perseguir incansavelmente - 435
Pérsia - 1820
persuadir - 1853
perto - 153a, 398, 2065d
perto, chegar - 1297
perto, manter - 1550
perto, seguir de - 398
perturbação - 486a
perturbado - 207, 505, 569
perturbar - 207, 388, 1621
perversamente, agir - 2222
perversidade - 512f, 1684b, 2222a, 2222c, 2222d
perversidade, revelar a - 1684
perverso - 1684, 2222
perverso, declarar - 1684
perverso, desesperadamente - 135
perverso, tolamente - 830
perverter - 1352, 1510, 1591, 1684, 1684a, 2222b
pervertido - 1352e
pés - 2113c
pés, calcar com os - 2670, 3001
pés, enlamear com os - 2199
pés, esmagar com os - 1660
pés, lugar dos - 2113c
pesada, chuva - 1463a
pesado - 943, 2142
pesado, trabalho - 1639a
pesados, serviços - 1639b
pesar - 58, 839b, 940a, 940b, 1500, 1503, 1666a, 1666b, 1666d, 1666e, 1777, 3063
pesar na balança - 2454
pesaroso - 940, 943, 1561

pesca, rede de - 995c, 995d
pescador - 401d
pescar - 401c
pescaria - 401e
pescoço - 378a, 386d, 1658a, 1700a, 1897a, 1828c, 2958
pescoço, ornamento para o - 2101a
peso - 87a, 943g, 1353a, 1421e, 2454b, 2454c
peso de penhores - 1555b
peso, medir o - 2453
pessoa - 83a, 136a, 382a, 1395a
pessoa aparentada - 848f
pessoa chamada - 2063b
pessoa consagrada - 1340b
pessoa convocada - 2063b
pessoa irracional - 264b
pessoa sem escrúpulos - 1366b
pessoa, determinada - 107
pessoa, outra - 2186a
peste - 1294b
pestilência - 399b
petição - 276a, 2303b, 2635, 2635a
petisco (s) - 815b, 1384d, 1567d
picar - 1141, 1430, 1834
piche - 572
piche, calafetar com - 683d
pico - 308c, 2097
piedoso - 698b
pilão - 413a, 1061a, 1624b
pilão, socar no - 1061
pilar - 1060c, 1637c
pilha - 319a, 353a, 418c, 2111b, 2513a
pilhar - 225, 225b, 2400, 2425, 2426
pingar - 1, 584, 1355
pingo - 584a
pinhão - 13a
pinho - 289a
pino - 932a
pinos em formato de gancho - 2450
pintar os olhos - 974
pipilar - 1957
pisada - 2176a
pisar - 216, 419, 453, 473, 1453, 2176, 2199, 2306, 3001
pisar, lugar para - 453b, 2176a
piscar - 2141
pisoar - 946
pisotear - 216, 1453
pistácia - 237a
placenta - 2393a
planalto desértico - 1688a
planar - 396
planejar - 200, 467, 556, 767, 887, 2933
planície - 271b, 2342a, 2445d, 2637
planície desértica - 1688d
plano - 293a, 556a, 556b, 556c, 887b, 930, 1584
plano, lugar - 930f
planta - 255d, 1025b, 1197c, 1354a, 1354b, 2021, 2256a
planta aquática - 1479
planta insossa - 664
planta, muda de - 2480a
plantação - 1041, 1354a, 1354c
plantar - 789, 1354, 1707a, 2480
plantio - 1354c
plantio, local de - 582f
plátano - 1697a
Plêiades - 963a
pleitear - 426
plenitude - 536a, 1195a, 1195b, 1195c
plumagem - 1399a
pó - 11a, 11b, 427b, 1664a
pó molhado - 796a
pobre - 433c, 659a, 920, 1221, 1496, 1652d, 2138, 2919a
pobreza - 705a, 705e, 1222, 1652e, 2138a, 2138b
poça - 323a
poço - 194a, 194d, 194e, 1033a
poço de sal - 1033b
podadeira - 559c
podado - 1412
podar - 336, 559, 559a, 1010, 2052, 2053
podar galhos - 1527c
poder - 117e, 310c, 624a, 973a, 1596c, 1673a, 1673e, 2287, 2542a, 2647b, 2682b, 2763, 3034, 3065a, 3065b, 3065c
poder do rei - 2738a
poder soberano - 1199e
poder, exercer - 2396
poderio - 973a
poderoso - 13d, 310, 310b, 315, 703c, 947a, 1596d, 1673, 1673d, 1702b, 1994b, 2542b
podre - 1730a
podridão - 2213a, 2213b
poeira - 1664a, 2263b, 2367
poema zombeteiro - 1113b
pois - 976, 1083
polegar - 209a
polido - 2028c
polir - 1246
poluir - 661
pomada - 2215b
pomada, vaso de - 2215g
pomar - 1041
pombo (a) - 854a, 2500c
pompa - 905b
ponta de arma - 1077b
ponta de estilete - 1961a
pontas - 1410c
ponteiro de ferro - 1961a
pontiagudo - 605b
ponto de apoio - 1637e
ponto de observação - 1950b
ponto descascado - 1797a
população rural - 1812b
por - 1063, 2504
pôr - 895, 1377, 1514, 2243, 2343, 2380, 3006
pôr a descoberto - 1692
pôr a nu - 2440
pôr abaixo - 1415
por amor a - 2504
pôr atravessado - 2264
pôr carga - 1643
por causa de - 976, 1556g, 2908, 2965
pôr de lado - 153, 382, 1502, 2250
pôr em cantos - 2057
pôr em movimento - 741, 1448
pôr em ordem - 1694
pôr em perigo - 749
por favor - 238a, 1269
pôr fora - 388
por isso - 1083
por motivo de - 2833
por nada - 694b
por outro lado - 36
por quê? - 848h
por si mesmo - 201a
pôr sobre - 2071
pôr sobre o fogo - 2441a
pôr uma cerca - 1475
porção - 161b, 669a, 669b, 669c, 1213a, 1213d, 1215a, 1255b, 1421h, 1851, 2133j, 2732a
porção memorial - 551d
porção, dar como - 669
porco - 637a
porco-espinho - 2049a
porém - 47, 2642
pórfiro - 206
porque - 2299
porrete - 933a
pôr-se de joelhos - 1044
pôr-se o sol - 909
porta - 45e, 431a, 431b, 431e, 1854a
porta de cidade - 2437a
porta, bater à - 447
porta, guarda da - 2437b
porta, limiar da - 1538a
porta, suporte de - 1914a
porta, verga da - 2458c
portal - 535b
portanto - 2811
portar-se com orgulho - 2125
portas, moldura de - 2458a
porta-voz - 1277a
porteiro - 2437b, 3067
pórtico - 45j, 191a, 1467c
posição - 1637b
posição ereta - 1999e
posicionar-se - 894
posse (s) - 487a, 1460a
posse, tomar - 920, 2738
possessão - 64a, 920a, 920b, 920d, 920e, 1261b, 1342a, 2732a
possivelmente - 763a
possuidora - 262b
possuir - 262, 1342
possuir uma antecalva - 306a
poste - 45e
poste de sinalização - 1379a
poste-ídolo - 183h
posteridade - 1326a, 1363a
posterior - 68f
posterior, parte - 68g
posteriormente - 68b

posto - 1398d, 1637b, 3024
posto de guarda - 2414f
posto de lado - 1302a
posto de observação - 1950a, 1950b
postura altiva - 2133e
pouco - 571b, 1228a
pouco caso de, fazer - 554
pouco de, fazer - 1502
pouco, um - 571a
poupa - 414
poupar - 626, 676
pousio, deixar em - 2408
povo (s) - 115e, 326e, 1069a, 1640a, 2599, 2600, 2674b, 2817, 2914
praça - 383a
prado - 1322c
praga - 1293a, 1294a
praia - 2278a
prancha (s) - 1091a, 1670a, 2128b
pranteadores - 1989b
prantear - 6, 1530, 1779, 1989
pranto - 6a, 6b, 1530a
prata - 1015a, 2794
praticar adivinhação - 1348, 1656, 2044
praticar bruxaria - 1656
praticar encantamento - 1656
praticar espiritismo - 1656
praticar feitiçaria - 1051
praticar magia - 1656
praticar prostituição - 563
praticar violência - 1713
prato - 1251, 2047a
pratos de balança - 58a
prazer (es) - 673, 712b, 1567b, 1648c, 2207a
prazer em, que tem - 712a
prazer requintado - 1648a
prazo - 557a
preceitos - 1802e
preciosa, cintilação de pedra - 1987b
preciosa, pedra - 287c, 287d, 502b, 953c, 1130, 1391, 2337, 2546
preciosidade - 673c, 905b, 1144a
precioso - 298b, 673b, 905, 905a
precioso, minério - 270a
precioso, muito - 905c
preciosos, produtos - 560a
precipício - 298b
precipitar - 914
precipitar-se - 51, 408
precisar - 2746
preço - 1185c
preço da redenção - 300b
preço elevado, pedra de - 206
preeminência - 936
preeminente - 2781
prefeito - 2885
pregar - 291, 1355
prego - 932a, 1518b
pregueada, obra - 2286a
preguiçoso - 1672a
prejudicar - 1216
prejuízo - 138a, 1339
prender - 141, 782, 1354, 1462, 1927, 2227
prender cativos - 1416a
preocupação - 274d
preocupar-se - 632
prepara armadilha, que - 906a, 906b
prepara na assadeira, aquilo que se - 600a
preparação - 1380b
preparado - 1719a
preparar - 964, 1213, 1694, 1990
preparar misturas - 2215
preparar uma armadilha - 906
preparar-se para morrer - 328
preparar-se para o combate - 668
preparativos - 1694c
prepúcio - 1695a, 1695b
prepúcio, cortar - 1048
presa - 782a, 827b, 1124b, 1565b, 1885g
prescrição - 458
presente - 524a, 849a, 849b, 1214a, 1303a, 1305, 1443b, 1443c, 1443d, 2353a, 2359a, 2375, 2389a
presentear - 524, 2359
preservação da vida - 644h
preservado - 1407a
preservar - 929, 936, 1407
preso - 74a, 141a
pressa - 708a, 1152d, 2624a
presságio - 1348, 1895b
presságio, mau - 2244a
pressão - 1585a
pressionado - 51
pressionar - 87, 1192b, 1801
prestar atenção - 2414
prestar homenagem - 2884
prestativo - 793
prestidigitador - 181
presunção, agir com - 547
presunçoso - 2704
pretender - 118, 2883
preto - 625a, 769, 993, 2368, 2368b
prevalecer - 310, 636, 866, 1702
primavera, colheita de - 1127a
primeira vez, lavrar pela - 1360
primeiras chuvas - 910a
primeiro - 61, 661d, 2097c, 2097d, 2097e, 2966c
primeiro mês - 1359
primeiro, nascer - 244
primeiros frutos - 244e, 244f
primogênito (a) - 244a, 244d, 1764a, 1764b
primogenitura, direito de - 244c
princesa - 2295b
principal, autoridade - 959a
principal, parte - 153b
príncipe - 1340d, 1377a, 1421b, 2142a, 2295a
príncipe, agir como - 2295
princípio - 2097a, 2097e
prisão - 1462c, 2595a
prisioneiro (s) - 141b, 141c
privação - 705b
problema - 247, 616a, 1621a
procissão - 498c, 498e
proclamação - 2063c
proclamado - 2564
proclamar - 551, 2801
procriar - 867
procura de água, cavar à - 2004
procurar - 714, 716, 2500, 2635, 2638
procurar com cuidado - 455
procurar ocasião - 353
procurar sinceramente - 2369
produção - 388a
produção agrícola toda - 1195c
produto (s) - 212c, 1194b
produto da terra - 835c, 835d, 1318c
produto do trabalho - 842e
produto extraído da vinha - 752d
produto usado para lavar - 288e
produtos preciosos - 560a
produzir - 867
produzir brilho - 52
produzir milhares - 109
profanado - 661b, 696
profanar - 661
profanidade - 661a, 696c
profecia - 1277b
profeta - 1277a, 2843a
profética, atividade - 2843b
profética, visão - 2095c
profetisa - 1277c
profetizar - 633, 1277, 1355
profissão, companheiro de - 598f
profunda afeição, objeto de - 676b
profunda, cova - 509a
profundamente, amar - 2146
profundas, trevas - 145f, 1921b
profundeza (s) - 1644e, 1889b, 2495a
profundidade - 1644b
profundo - 1644, 1644c, 1644d
profundo, sono - 2123a
profundos, lugares - 2495a
profundos, mistérios - 2916
progenitor - 514b
proibir - 980, 1317
projétil - 1381a
projeto - 556b
prole - 1813b, 2103e
prolongamento - 2609
prolongar - 162
promessa - 94a
promessa de noivado - 986b
promessas agradáveis - 670e, 670f
prometer - 118, 399
prometer em casamento - 878
promontório - 1042
promover - 315, 1748
prontamente - 1650d
pronto - 487, 1719, 1719a, 2934
pronto a perdoar - 1505a
pronunciar - 1201
propagar - 1326
propiciação, v. expiação

propiciatório - 1023c
propício - 2207
propor um enigma - 616
proporção - 2511b
proporção a ser paga - 1014a
propósito - 556, 556c, 887a, 2187a, 2956
propriedade - 64a, 1460a
proprietário - 2636
próprio, nome - 363a
proscrever - 744
prosperamente, viver - 644
prosperar - 2263, 2392, 2960
prosperidade - 1323c, 2392a
próspero - 457, 610, 2392c
prosseguir - 1565
prostituição - 1350a
prostituição, praticar - 563
prostituta, paga de - 2529a
prostituto cultual - 1990c
prostração - 671b
prostrado - 671, 1159
prostrar - 1485
prostrar-se - 619, 1392
prostrar-se em adoração - 1459
proteção - 700
prova - 41a
prova metais, que - 230d
provação - 1066a, 1373a
provado - 230a
provar - 58, 221, 230, 288, 1373
provar alimento - 815
proveito - 882
proveitoso - 1494
prover - 633, 962, 2210
prover de colchetes - 773c
prover de ganchos - 773c
prover de sandálias - 1383b
provérbio - 1258a
provérbios, falar em - 1258b
provincia - 426d, 2674c
provisão - 1886a
provisão, dar - 248b
provisões, suprir-se de - 1886c
provocado - 378
provocar à ira - 1016
provocar guerra - 331
próximo - 153a, 2065a
próximo, parente - 2308a
prudente - 239, 1698
prumo - 129.1, 2454d
público - 291
pudendas, partes - 222d
pudor, falta de - 1285c
pular - 416, 1336
pular de alegria - 1501
pulga - 1825
pulseira - 1620a
pulseiras, balançar - 1620
pulverizar - 1061, 2367
punhado - 1022a, 2432a
punhado de passas - 1930a
punho - 385a, 1029, 2036a
punho da espada - 1398a
pureza - 288d, 2708
purgar - 288
purificação - 792c
purificar - 288, 412, 576, 1023
purificar da impureza - 638
puro - 288a, 549, 550, 550a, 711a, 792, 792d, 2872
puro, ouro - 1753a
púrpura - 157b, 2603
púrpura, vermelho - 2603
púrpura, vestir de - 2516c
pústulas - 217a
puxar - 337, 1257, 1446
puxar para fora - 337, 2841
quadrado - 2107
quadriculadamente, tecer - 2320
quadris - 1267a, 1841b
quadris, junta dos - 2744
quadro - 2257c
quadrúpedes, grandes - 1046b
quando - 111, 519, 938, 939, 976, 1266, 2299
quantidade - 2447b
quarenta - 2106b
quarta geração, membro da - 2107d
quarta parte - 2107a, 2107b
quarto - 612a, 1129a, 1431, 2106a, 2107c, 2986a, 2986b
quatro lados - 2107a
quatro, andar de - 2177
que - 184, 480, 516, 976, 2299
que? - 1210, 2822
Quebar - 947d
quebra - 2321a
quebradiço, alimento - 1410b
quebrados, pedaços - 2533
quebrantado - 427, 428, 784
quebrar - 271, 507, 516, 1394, 1445, 1446, 1447, 1702, 1800, 1829, 2192, 2321, 3052
quebrar ossos - 382b
queda - 216c, 420a
Quedes - 1990d
queijo - 308b, 650a
queima - 901a, 901b, 2292c, 2292d
queimada (s), oferta - 172a, 2614
queimado - 578, 756
queimado, lugar - 961c
queimadura - 961a, 961b, 1966a, 2774a
queimadura, cicatriz de - 961c
queimadura, marca - 961b
queimar - 85, 236, 736, 899, 901, 961, 1081, 1316, 1966, 2266, 2292, 2678, 2774
queixa - 2255a
queixada - 1101a
queixar-se - 131, 2255
queixo - 574a, 1101a, 1124c
quem - 480, 504, 2299, 2673, 2832
quem, para - 2299
quem? - 1189, 1210
quenita (s) - 2016
quente - 677, 677a, 860
querer - 3, 40
querubim - 1036
questão - 2910
quieto - 2117a
quietos(s), fique(m) - 511
Quinerete - 1004b
quinhão - 381a
quinta parte - 686b
quinta parte, apanhar uma - 686
quinto - 686d
quisleu - 1012
quitutes - 1851
Quium - 978
rabiscar - 2496
rachar - 271, 1830
raciocínio - 1776e
rainha - 310d, 310e, 1199b, 1199c, 2829b
raio - 287a, 635a, 773d
raiva - 860a, 1556d, 2733
raiz - 2471a, 2926a, 3050a
raiz, arrancar pela - 1451
raízes, lançar - 2471
ramificação - 1681a
ramificar - 1809
raminho - 643a
ramo (s) - 431d, 559b, 643a, 874c, 1022b, 1408a, 1527a, 1527b, 1657a, 1928a, 2062b, 2284a, 2394c
ramos, cheio de - 1657b
ranger os dentes - 75
rapar - 351
rapar a barba - 316, 574a
rapaz - 1579b
rapidamente - 631a, 1152b
rapidamente o ar, atravessar - 394
rapidamente, agir - 2116
rapidez, voar com - 394
rápido - 1152c, 2028
rapina, ave de - 394a, 394b, 1406a, 1610a, 1821a, 2398a
raposa - 2433a
raquítico - 2027
rasgar - 1828
rasgar - 271, 827, 1819, 2074
rasgar em pedaços - 2074
rasgar roupa - 1819
raspagem - 1246b
raspagem, tirar por - 2056
raspar - 377, 1483, 2056, 2122
rastejante, animal - 2177a
rastejar - 545, 2177
rato - 1618
razão de, em - 1650e
real - 70
realeza - 1199d, 2829c
realizado - 2896
realizar - 363, 1708, 2896
reanimar-se - 1395
rebaixado - 1001
rebanho (s) - 108a, 274a, 1572a, 1718a, 1864a, 1933
rebanhos, pequenos - 766a
rebelar-se - 547, 1097, 1240, 1846
rebelde - 1240, 1242, 1542, 1549, 1549a, 2240a, 2840b
rebelião - 1240a, 1240b, 1242a, 1549b, 1846a, 2840a
rebentar - 2297
rebento - 874b, 874c

rebocar com argamassa - 795
reboco - 2655
rebordo - 1038a
recato, falta de - 1285c
recear - 843
receber - 1088, 1980, 2964
receber chuva - 389
receber conselho astuto - 1698
recebimento - 1124e
recém-colhido - 827a
recente - 613a
recentemente - 2521
recentemente, lavrar - 1360
receoso - 843a
recinto fechado - 722a
recitar - 551, 2063, 2525
reclinar-se - 357
recobrir - 795, 819, 2259
recolher - 140, 1000
recompensa - 360a, 360b, 1443d, 1792b, 2401e, 2401f, 2401g, 2524a, 2844
recompensar - 360
reconciliação, fazer - 1023
reconhecer - 1802a
reconhecer uma ofensa - 180
reconstruir - 255
recordar - 551
recrutamento - 1802a
recuar - 545
recusa - 1138a, 1138b
recusar - 1138, 1216, 2250
rede - 745a, 920c, 995a, 995b, 995c, 995d, 1175a, 1885e, 1885f, 1885g
rede de pesca - 995c, 995d
rede, tecido como - 948a
redemoinho - 353i, 1528
redenção - 300a, 300b
redenção, direito de - 300b
redenção, preço da - 300b
redentor - 300c
redimir - 300
redondeza - 1468a, 1468b
redondo - 1046c, 1560c
redondo, disco - 1046c
redondo, pão - 1922a
redor - 1456b
redor, cavar ao - 1597
redor, observar ao - 1950
redor, voar ao - 1582
redução - 384a
reduzir - 384, 2384
reduzir a ruínas - 2301
reentrâncias - 603a
refains - 2198d
refeição - 85c, 161b
reféns - 1686d
referência - 91
refinado - 1753
refinado, ouro - 1753a
refinar - 576, 1972
refletir - 2255
refogado, panela para - 2152a
refrear - 249, 980, 1675
refrigério - 2452a
refugiar-se - 1578
refúgio - 590a, 700a, 700b, 716, 1327a, 1578, 2026a, 2234a
refúgio, buscar - 716
refúgio, dar - 1578
refúgio, lugar de - 1578a
refúgio, meio de - 1578a
refugo - 203c, 1139a, 1392b, 1483a, 1730a
refugo, monte de - 2441b
regaço - 589a, 629a, 720a, 720b
regalias, viver em - 1567
regato - 1190, 2316b
região - 39a
região campestre - 1812c
região dalém de - 1556a
região montanhosa - 517a
região oposta - 2897
região ressequida - 1903d
registrar - 1053, 2677b, 2677c
registro escrito - 455a
regozijar - 346, 1625, 1632, 1635, 2268
regozijo - 346a, 346c, 2246b, 2268b
rei - 1199a, 2738a, 2829a
rei, concubina do - 3020
rei, esposa do - 3020
rei, poder do - 2738a
rei, tornar-se - 1199
reinado - 1199d, 2829c
reinar - 1199, 1259, 2295
reino - 2829c
reino dos mortos - 1169a
rejeitado - 609b
rejeitar - 564, 1139, 1274, 1357
relações, rompimento de - 1048a
relâmpago - 226a, 287a, 635a, 2223a
relâmpago, brilho de - 226a
relatar - 1213, 1540, 2585
relatório negativo - 396b
relaxar - 2148
relembrar - 551
relha de arado - 192a, 760d
religiosa, festa - 602a
religiosa, observar uma festa - 602
religioso reverente, temor - 1756
relinchar - 1881
relincho - 1881a
reluzente - 1880a
reluzir - 531, 1880
relva tenra - 456a
remanescente - 936a, 2307, 2307a, 2307b, 3013
remar - 783, 2344d
remédio - 321a
remendar - 805
remir - 1734
remissão - 2408a
remo - 2344c, 2344e, 2344f
remoto, tempo - 2097a
remover - 140, 468, 544, 1380, 1565, 2151a
remover esfregando - 2367
render o espírito - 328
render-se - 367e
renovar - 613
renovo - 559b, 874a, 1408a, 1507b, 2394c
reparar - 204, 613
repartir - 669, 1842
repassar os galhos - 1727
repelir - 476
repentina, cegueira - 1521
repentinamente - 1859a
repentino, terror - 207a
repetição - 1576a, 2421c, 2421d
repetir - 1576, 2421
repousar - 1096, 2117
repouso - 2117c
repouso, lugar de - 1323e, 1323f, 2109a, 2109b
repreender - 370, 749, 865, 877, 958
repreensão - 3, 370a, 370b, 865, 865a
repreensão, aceitar uma - 3
represar - 702
representante - 1068a
representar - 1258
reprimido - 957
reprimir - 384
reprova - 877a
reprovar - 370, 749
réptil - 971.1
repudiar - 388, 564
repugnante - 369a, 542, 542a, 695, 1778b, 2439a
repugnar - 369
repulsa - 450a
repulsivo - 2439a
requintado, prazer - 1648a
rescaldo - 1760a
reservar - 153, 1356
reservatório - 285c
resfolegar - 1346a, 1346b
resgatador, cumprir o papel de - 300
resgatar - 300, 1404, 1734, 2359, 2871
resgate - 1023a, 1734a, 1734b, 1734c, 1734d
resgate, dinheiro de - 1734d
residência temporária, lugar de - 330c
residir - 330
resíduo do vinho - 2415a
resistência - 1999g
resistir - 2252
resmungo - 467a
resolver - 865
respeitar - 1802a
respiga - 1125a, 1627a, 1627b
respigar - 1125
respingo - 584a
respiração - 1433a
respirar - 1390, 1741
resplandecer - 892
responder - 1650, 2918
responsabilidade - 141d
responsabilidade, assumir - 1686
resposta - 1650f, 2340f
ressecado - 837a, 1902a
ressecar - 837, 961, 2383
ressequida, região - 1903d

ressequida, terra - 1903c
ressequidão - 1926c
ressequido - 1438
restabelecer-se de doença - 644
restante - 2307b
restar - 2307
restauração - 2340b
restaurar - 613, 1595
resto - 936a, 2307a, 3013
restolho - 2091a
restolho, juntar - 2091, 2092
restringir - 270, 384
resultado - 835d
resvalar - 1226
reta, 2957
retaguarda - 68d, 1676a
retalhos, acolchoado de - 948a
retardar - 1150
reter - 593, 641, 765, 980, 1216, 1675
retidão - 930b, 930c, 930e, 930f, 1879a, 1879b, 2957
retininte, aves de grito - 2179d
retininte, grito - 2179a, 2179b, 2179c
retirada - 2340a
retirar - 353, 667, 1764, 2399
retirar-se - 667
reto - 930, 930a, 1365, 1879, 1879c
retorcidas - 307d
retorcidos, fios - 315c
retornar - 5, 2340
retratar - 727, 728
retribuição - 2401g, 2401h
reunião - 1991, 1983a, 1995a
reunião, convocar - 1991
reunido - 598
reunir - 22, 140, 158, 270, 330, 878, 1000, 1949, 1983, 2792
reunir-se - 2049
reunir-se como ninhada - 404
revelar - 2656
revelar a perversidade - 1684
reverdecer - 456, 2190
reverenciar - 907, 2940
reverente temor religioso - 1756b
revestido de madeira - 2249
revestimento - 795a
revestimento de metal - 1951a
revestir - 668, 707, 795, 1537, 1951, 2120
revestir de betume - 1024
revigorar - 668, 2157
reviravolta - 1456a
revoltar-se - 1240, 1846, 3021a
ribeiro - 7a, 835b
rico - 943, 1714, 1714b, 2410a
rico, fingir-se 1714
ridicularizar - 1118, 1163
Rimom - 2171
rins - 983a
rio - 832, 835f, 1315a, 2852
rio, margem do - 314a
riqueza (s) - 49a, 487a, 703a, 936c, 943f, 1367, 1714a, 2039a, 2863
rir - 1905
risada - 1905a
riso, motivo de - 1905a
risonho - 245a
ritmo - 1943a
ritual - 2896b
rival, esposa - 1974b, 1974c
roca - 1775a
rocha - 1017, 1508a, 1901a
rocha, fenda de - 1417a
roda - 9a, 146a, 353i, 353j, 774b, 844, 2657a
roda, eixo de - 844
rodear - 148, 612, 1416, 1456
roer - 1703
rogar - 656
rolante - 2657b
rolar - 353
rolar abaixo - 353
rolar juntos - 353
rolo - 353n, 2657c
romã - 2170
romper - 516
romper em gritaria - 2135
romper pecados - 2946
romper-se - 1997
rompimento - 2321d
rompimento de relações - 1048a
rosado - 26h
rosnado - 467a, 1313a, 1313b
rosnar - 1313, 1387
rosto - 1782a, 2370c, 2590
rosto, desfiguração do - 2370c
roubada - 364a
roubados, bens - 337b
roubar - 337, 364, 1981
roubo - 337a, 337b, 364a, 783a
roupa (s) - 354a, 666c, 1075c, 1148, 1148a, 1256, 1819, 2270a, 2380a, 2810a, 2938
roupa para solenidades - 1075a
roupa, bainha de - 2346a
roupa, rasgar - 1819
roupa, trocar de - 666c
roupão - 1946a
roupas vistosas - 1567a
rua - 627a, 2350b
Rúben - 2095j
rubi - 953c
ruborizar - 987
rugido - 506a, 2300a
rugir - 505, 2300
ruído - 505, 1998a
ruim - 2191, 2191a
ruína (s) - 2d, 216c, 420b, 516b, 731d, 784g, 1050d, 1392c, 1392d, 1577b, 1577d, 1577e, 1765a, 2301b, 2301d, 2321a, 2339a
ruínas, estar em - 731, 927
ruínas, ficar em - 1401
ruínas, monte de - 1577d
ruínas, reduzir a - 2301
ruminante, bolo alimentar de - 386a
rumo, ir sem - 814
rumor - 2412d, 2412f
rural - 1812a, 1812b, 1812c
rural, população - 1812b
rural, zona - 1812a, 1812c
sábado - 2323b
sábado, guarda do - 2323d
sábado, guardar o - 2323c
sabão - 288e
sabedoria - 647a, 923a, 2729b
saber - 848, 2765
sabiamente, agir - 647, 2263
sábio (s) - 647, 647b, 2263, 2729a
sabor - 815a
saborosa, comida - 815b
saboroso, pedaço - 1128a
sacerdócio - 959b
sacerdotal, estola - 142.1
sacerdotal, ministrar na função - 959
sacerdote - 959, 959a, 996, 1940c, 2786
sacerdote idólatra - 996
sacerdote, agir como - 959
sacerdote, manto do sumo - 1793b
sacerdote, turbante do sumo - 1940c
saciado - 2231d
saciar-se - 2130
saciedade - 2231b
saco - 1125b, 1265a, 2282a
saco, pano de - 2282a
sacola - 739a, 979, 1973e
sacrificado, peito de animal - 634a
sacrificar - 525, 2665
sacrificial, taça - 1412d
sacrifício - 525a, 1214a, 2665a
sacrifício, oferecer - 2866
sacro, osso - 1671a
sacudir - 553, 591, 1328, 1388
sadio - 2401
safira - 1535
sagrado - 1990a, 1990b
sai - 893a
saída - 893c, 893e
sair - 893, 893c, 2565, 2868
sair depressa - 284
sair do caminho - 638
sair furtivamente - 364
sal - 1197a, 2828a
sal, comer - 2828
sal, poço de - 1033b
sala - 1129a
salário - 1185c, 2264
salgadura - 1197b
salgar - 1197
salgueiro - 1690b, 1957a
saliência do candelabro - 1029
saliva - 2162a
salmo - 558c
Salomão - 2401i
salpicado - 1410a
saltar - 416, 430, 566, 1336, 1751
saltar por cima - 1786
saltério - 1284b
saltitar - 821, 1751, 2214
salto elevado - 2523e
salvação - 929a, 929b, 929e,
salvar - 382, 667, 929, 1198, 1404, 1774

salvo - 667, 929
Samaria - 2414d
sandália - 667, 1383a, 2290a
sandália, correia de - 2290a
sandálias, prover de - 1383b
sangue - 436, 1534d
sangue, derramamento de - 1534d
sanguessuga - 1636a
santidade - 1990a
santificado - 1990
santificado, não - 661b
santificar - 1990
Santo - 1990b
santo (s) - 698b, 1990, 1990b, 2967
santo, lugar - 1990f
santuário - 493, 1990f
sapato - 1383a
sapos - 1963
saque - 1565b, 2426a
saqueado - 337a
saqueador, grupo - 313a
saquear - 225, 225b, 2400, 2425, 2426
saraiva - 89a, 280a
sarça (s) - 71a, 287e, 1520
sarmentos - 553a
sarna - 376a, 869a, 1534, 1534a, 1534b
sarna, cobrir de - 1534
sátira - 1113b
satírica, canção - 1292.1a
satisfação - 2207a, 2268b
satisfazer-se - 2130
satisfeito - 1049, 2231
sátrapas - 69, 2569
saturação - 2130c
saturado - 2130b
saudade, consumir de - 982b
saudade, ter - 1015
saudar - 285
saudável - 662, 2196
saúde - 2196c
se - 36, 96, 111, 510, 2698
se não - 1085a, 1780
sebate - 2315
seca - 731f, 1065a, 1909a
seca, terra - 731e, 837b, 837c
secar - 731, 837, 1203, 1557, 1930, 1935
seco - 731a, 837, 837a, 1410b, 1438
seco, alimento - 731a, 837a, 1410b
seco, totalmente - 837
secretamente - 761b
secretário - 2891b
secreto - 1629
secura - 1909a, 1909b
seda - 1256
sede - 1926a
sedenta, terra - 1926d
sedento - 1926, 1926b
sedução - 670a, 1304a
seduzir - 1481, 1853
Sefelá - 2445d
segredo - 1092a, 1629a, 2993
segredo, fazer em - 706
seguir de perto - 398
segunda vez - 3061b
segundo - 2421b, 2421c, 3061a, 3061d
segundo mês - 533
segurança - 233a, 233d, 2304a
segurar - 149, 962, 1216, 2520, 2538
seguro - 116h, 929, 2304a, 2564
seguro, sentir-se - 233
seio (s) - 405, 589a, 629a. 2332a, 2720
seio, bico do - 405
Seir - 2274g, 2274h
Seir, monte - 2274g
seis - 2336a, 3022a
seixo - 1975c
seixo duro - 1975a
sela de cesto - 967a
selar - 599, 2749
selecionada, videira - 2294c
selo - 780a
selo de sinete - 780b
selo, apor um - 780
selo, lacrar com - 780
selvagem - 264
selvagem, animal - 1908
selvagem, boi - 2096a
selvagem, jumento - 1693, 1805a, 2928
sem - 81, 246h
sem fala - 761
sem filhos - 2385b
sem importância - 2028
sem valor - 99a, 554, 1791a, 2028e
semana - 2318d
semanas, festa das - 2318d
semeado - 582b
semeadura - 582a
semear - 582
semelhança - 437a, 437b, 1191b, 1258c
semelhante - 1258, 2342
semelhante a coalhada - 1182
semelhante a escamas - 704
semente - 582a, 1806a, 2715
semente de alcaparra - 3b
semente, espalhar - 582
sementes de uva - 752d
sementes, que nasce de - 1533b
seminite - 2411c
sempre - 1157a, 1631a
sempre, para - 1631a
sempre, para todo o - 1631a
sempre, viver para - 644
senda - 1440b
senhor - 27b, 1546, 2396a, 2636, 2839, 2984c
SENHOR - 484a, 484b
senhora - 310d, 310e
senhorio - 2396b
sensual - 1567c
sensual, amor - 1559a
sentar-se - 357, 922, 2780
sentir - 1168
sentir aversão - 228
sentir cheiro - 2131
sentir com as mãos - 391
sentir-se envergonhado - 715
sentir-se seguro - 233
separação - 340b, 340c
separado (a) (s) - 203, 778
separado, local - 203b
separar - 203, 1795, 1806
separar-se - 203, 1340
sepultamento - 1984b
sepultar - 1984
sepultura - 1984a
sequidão - 731b
ser - 40, 484, 491, 1199
ser vivente - 644c
serafim - 2292b
seres que se movem - 535a
serpente - 1347a
serpente de chifres - 2448a
serpente pequena - 2050a
serpente venenosa - 1954a, 1954b
serpentes abrasadoras - 2292a
serra - 386e, 1423a
serva - 112, 2186d, 2442a
serviço - 1553c, 2414g, 2940a, 2896b
serviço militar, baixa do - 2394f
serviço no tabernáculo - 2472a
serviços pesados - 1639b
servidão - 1553e
servidores do templo - 1443a
servil, trabalho - 1218
servir - 1865, 2472, 2940, 3042
servir de colar - 1553, 1658c
servo (s) - 1553a, 1553d, 2896a
servo treinado - 693a
servos do templo - 2879
Sesaque - 2475
sessenta - 2336c, 3022b
seta - 573
sete - 2318, 3017
sete, período de - 2318d
Sete-estrelo - 963a
setenta - 2318a
setentrional - 1953c
sétimo - 2318b
sétuplo - 2318c
severidade - 1817a
severidade, tratar com - 1627
severo - 636
sexta parte, dar a - 2336d
sexto - 2336b
sexual, ato - 1650a
Shaddai - 2333
Sheol - 2303c
Sião - 1910
siclo - 386b, 2454a, 3063a
siclo, meio - 271a
siclo, vigésima parte do - 386b
sicômoro - 2455
sicômoros, cuidar de pés de - 250
Sicute - 1491
silenciado - 439b
silenciar - 1499
silêncio - 102b, 415a, 415b, 438a, 1499
silenciosamente - 761b

Siló - 2376
silvar - 2468
silvo - 2468a, 2468b
simples - 761b
Sinai - 1488
sinal - 41a, 152a, 804a, 1379a, 1887a, 2135b
sinal (is) miraculoso (s) - 41a, 2617
sinal branco na pele - 211a
sinalização, poste de - 1379a
sinceramente - 2562
sinceramente, procurar - 2369
Sinear - 2424
sinete - 780a, 2905
sinete, anel de - 789a
sinete, selo de - 780b
sino - 1919e
Siquém - 2386b
Síria - 163
sitiar - 690, 1898
sítio, fortificações de - 1885d
situação humilde - 2445a, 2445b
Sivã - 1487
só que - 2642
soar - 505, 2541
soar de novo - 486
soberania - 1199f, 1199g
soberano, poder - 1199e
soberba - 547b
soberba, agir com - 547
soberbo - 547a
sobra - 2307a
sobrar - 1569
sobrar, fazer - 936
sobre - 2908, 2909a
sobrecarregado - 825
sobrepujar - 1402
sobressaltar - 1080
sobrevivente - 2285a
socar - 502
socar no pilão - 1061
social, condição - 998a
sócio - 598f
socorrer - 1590
socorro, clamar por - 1947, 2348
socorro, clamor por - 2348c
Sodoma - 1465
soerguer-se - 357
sofredor - 1639b
sofrer - 648, 839
sofrer abortamento - 2385
sofrer aflição - 1973d
sofrer dano - 2857
sofrer doença de pele - 1971
sofrer dor - 623
sofrimento - 48a
sogro (a) - 674a, 674b, 781a,
sol - 677c, 748a, 2417a, 3041
sol, nascer do - 580c
sol, pôr-se o - 909
sola dos pés - 1022a, 1789a
solda - 398a
soldado de infantaria - 2113b
soldados, fileira de - 1467b
soldados, pelotão de - 89d
soldo - 2264,
soleira - 1538a, 1858b
soleira, permanecer na - 1538c
solene, assembléia - 1675c
solene, declaração - 94a
solene, fazer um juramento - 94
solenidades, roupas para - 1075a
solicitar - 656, 2635
solidez - 973a
solitário - 201b
solo - 25b
soltar - 1449, 1594, 1736, 1764, 1824, 2408, 2463, 3048
solto - 1357
solução - 1847
som - 505b, 1998a, 2412a, 2541a
som de trombeta - 2135b
soma - 2097
sombra (s) - 1921a, 2198c, 2756
sombrio - 769
somente - 201, 2218a
sondagem - 729a
sondar - 729
soneca - 1325b
sonhar - 663
sonho - 663a, 2730
sonho, interpretação de um - 2949a
sonhos, interpretar - 1860, 2543
sono - 928c, 1325b, 2778a
sono profundo - 2123a
sonolência - 1325a
sonolento - 1325
sopa rala - 1247a
soprar - 579, 891, 891a, 1390, 1426, 1434, 1741
sopro - 463a, 2131a
sopro, instrumento de - 2887
sorrir - 245
sorte - 313d, 381a, 1749
sorte, ler a - 1348
sortes, lançar - 845
sorver - 1098, 1234
sós, deixar a - 3018
sossegado - 2117a, 2304a, 2453, 2482
sossego - 2453a
sovela - 2209a
sozinho - 201a, 201b, 373a
suave - 2164, 2164a
suave melodia, de - 1385a
suavemente, mover-se - 396
subalterno, governante - 1461
subida - 1421h, 1624d, 1624j
subir - 580, 1511, 2889
subitaneidade - 1859
súbito, terror - 265
subjugação - 216b
subjugado - 1001
subjugar - 951, 2120, 2542
submerso - 1920
subornar - 2359
suborno - 2359a, 2401f
substância brilhante - 770.1
substância viscosa - 2162a
substituição - 666c
subterrânea, câmara - 1969a
subversão - 512b, 512d, 516a, 516c, 1591a
subverter - 512, 516
suceder - 2064, 2068
sucesso - 1052b, 2263, 2960, 3035a
suco - 442a, 1128a, 2464a
suco da uva - 1403a
Sucote - 1492e
suculento, pedaço - 1128a
súditos - 2412g
suficiência - 425, 487a, 1225, 2280a
suficiente - 1225
sufocado, grito - 127
sugerir - 887
sujar - 795, 813, 819
sujeição, levar à - 1001
sul - 454d, 872e, 1287a
sulco - 313b, 629a, 2515a
sumir - 1790
sumo - 1128a
sumo sacerdote, manto do - 1793b
sumo sacerdote, pedra preciosa do peitoral do - 2311e
sumo sacerdote, turbante do - 1940c
suor - 857a, 857b
superintender - 1402
superior - 1624e
superior câmara - 1624f
superior, aposento - 2909b
superior, parte - 2097
supervisão - 1802d, 2893
suplantar - 1676
súplica - 238, 694f, 694g
suplicante - 1722a
suplicar - 426, 656, 694, 1722, 1731
suportar - 962, 1353, 2882
suporte - 964d
suporte de porta - 1914a
suprimento - 2065f
suprir - 1748
suprir-se de provisões - 1886c
supurante - 835f
surdo - 761, 761a
surgir erupção de lepra - 1814
surpreendentemente - 1859a
surpreender - 407, 1080
surpreso - 2518
suscitar - 378
suscitar contenda - 331
suspender - 2714
suspensão - 1777b
suspirar - 127a, 2305
suspiro - 40, 127
sussurro - 2413a, 2413b
sustentar - 116, 1525, 2520, 2890
sustentar a vida - 644
sustento - 116h, 539a, 2434a, 2434b, 2434c,
tabernacular - 2387
tabernáculo - 2387c
tabernáculo, coberta do - 1008a
tabernáculo, serviço no - 2472a
tabu - 1621
tábua (s) - 350c, 1091a. 2079a
tabuado - 1467b
tabuinha - 350c

taça sacrificial - 1412d
tal - 937, 528
talento - 1046c, 2804
talhada, madeira - 1804a
talhador - 718
talhamento - 718a
talhar - 718, 968, 1048, 1788
talvez - 46
tâmara, bolo de - 182.1
tamareira, haste de - 1522
tamargueira - 179a
também - 36, 142, 2597
tamborim - 2536a
tampa - 1927c
Tamuz - 2519
tanger - 1292
tanque - 285c, 302a
tanque agitado - 18a
tanto quanto - 937
tapar - 1550
tapete - 1951b
tardar - 68
tarde - 145d
tarde, fim da - 1689a
tardia, colheita - 1127a
tarefa - 1651a
Társis - 2547
Tartã - 2549
tatuagem - 1053b, 2046a
taxa - 2695a
tear - 157a, 1361a
tear, fuso de - 1052c
tecer - 157, 1376, 2260
tecer entrelaçadamente - 2320
tecer quadriculadamente - 2320
tecido - 2320c
tecido branco - 630a
tecido como rede - 948a
tecido de cor escura - 640a
tecido fino - 1256
tecido fino branco - 219
tecido misto - 286a
tecido tingido - 1872a
tecido variegado - 2216a
tecido, trama de - 1376b, 1685b
tédio - 1996
telhado - 312, 1883b
telhar - 808
tem o vigor da vida, que - 644e
tem prazer em, que - 712a
Temã - 872f
temer - 546, 623, 708, 843, 907, 1756, 2126, 2672
temerário - 1758
temeridade - 1758a
temeroso - 332, 735, 735a, 907a, 907b
temível - 80b
temor - 907c, 907b, 1756b
temor religioso, reverente - 1756b
temperado - 679c, 691
temperar - 691, 1197
tempero - 26d, 290a
tempestade - 506a, 1528, 2275a, 2275b
tempestade devastadora - 1528a, 2301a
tempestade, vento de - 1478b
tempestuoso - 1528b
templo - 241, 493, 2694
templo, divisão de funcionários - 2732b
templo, servidores do - 1443a
templo, servos do - 2879
tempo - 844, 852, 2709a
tempo contado - 1213c
tempo da colheita - 1528
tempo determinado - 557a
tempo do cio - 126a
tempo remoto - 2097a
tempo, curto espaço de - 3044
tempo, espaço de - 2900
tempo, nascimento fora de - 1392a
têmpora - 2218c
temporã, chuva - 910b
temporão - 1729a
temporária, lugar de residência - 330c
tempos passados - 2966b
tempos, observar os - 1656
tenazes - 1124d
tencionar - 556
tenda - 32a, 1491, 1492d, 2260a
tenda grande - 1977b
tenda, armar - 32, 1352, 1354
tendão - 344a, 2469c
tenra, relva - 456a
tentação - 1373a
tentar - 1373
tentativa, fazer uma - 1373
ter - 262
ter em alta conta - 905
ter misericórdia - 2146
ter muito medo - 2274d
ter pena - 1344
ter saudade - 1015
terafins - 2545
terça parte - 2403e
terceira geração - 2403h
terceira vez, fazer pela - 2403
terceiro - 2403b, 3058b, 3058c
terceiro governante - 3058b
terço - 2403b, 3058b
terebinto - 45g, 45h, 45i
terminado - 2522, 3035
terminar - 267, 363, 982, 2658, 2788, 3028
término - 1932a
termo - 307b
terna misericórdia - 2146b
terra (s) - 25b, 167, 1664a, 2236a, 2610, 2612, 2761
terra ceifada, faixa de - 1645c
terra fértil - 1041
terra ressequida - 1903c
terra seca - 731e, 837b, 837c
terra sedenta - 1926d
terra, deitar por - 1374
terra, fruto da - 893b, 1041, 1556f
terra, gradar a - 2235
terra, lançar - 1664
terra, natural da - 580b
terra, produto da - 835c, 835d, 1318c
terra, torrão de - 2111a
terremoto - 733
terreno - 669b
terreno alqueivado - 1360a
terreno arável - 1360a
terreno cercado - 367a
terreno firme - 1637e
terreno não lavrado - 1360a
território - 353g, 669a
terrível - 80a, 2571
terrível, impacto - 1702c
terror (es) - 80a, 247a, 265b, 332a, 332b, 907d
terror repentino - 207a
terror súbito - 265
tesouraria - 366, 1369
tesoureiro - 334, 2648, 2653
tesouro (s) - 154a, 365a, 703a, 811a, 1953a, 2601, 2659
tesouro (s) escondido (s) - 991a, 1953d
tesouro, casa do - 1369
testa - 1233a
testar - 58, 230, 288, 1373, 1972
teste - 1373a
testeira - 2317a
testemunha - 1576b, 1576c
testemunhar - 1650
testemunho (s) - 1576c, 1576e, 1576f, 1576g, 3005
testemunho, dar - 1576d
testículo - 177
teto - 1537a
texto - 1053c
texugo - 2503
tia - 410b
tiara - 543a
tição - 38a
tigela - 20a, 309b, 1026a, 1252, 1536, 1538a, 1918b
tijolo - 1074g
tijolos, fazer - 1074h
tijolos, molde - 1074i
tingido, tecido - 1872a
tinha - 1447a
tinir - 1620, 1919
tinta - 411e
tinta, vaso para - 2080b
tinteiro - 2080b
tintura - 1872a
tio - 410a
tipo - 561, 2711
tipo de bálsamo - 1967a
tipos, dois - 980d
tiranizar - 2396
tirano - 1646
tirar - 153, 158, 264.1, 270, 296, 350, 384, 431, 667, 1167, 1253, 1257, 1432, 2393, 2402
tirar à força - 337
tirar água - 2299.1
tirar água, lugar de - 2299.1a
tirar aquilo que cobre - 766
tirar folhas - 2881
tirar o fio - 1447
tirar ornamentos - 909

tirar por raspagem - 2056
Tiro - 1965
títulos, dar - 997
tocar - 1293
tocar a trombeta - 726b
tocar flauta - 660e
tocar pandeiro - 2536
tocha - 1122a
toco - 339a
toda espécie de coisas - 985d
toda produção agrícola - 1195c
todo (a) - 137a, 985a
Todo-poderoso - 2333
Tofete - 2539
tolamente perverso - 830
tolerar - 962
tolice - 1011b, 1493c, 1843
tolice, agir com - 830
tolo - 44c, 761b, 810, 830, 1011, 1285, 1285a, 1493, 1493a, 2534a
tolo, fazer alguém de - 1627
tomada - 1115a
tomar - 658, 1088, 1115, 1421, 1555, 1980
tomar a décima parte - 1711c
tomar em penhor - 593
tomar emprestado - 1088, 2303
tomar fôlego - 1395
tomar por esposa - 1088
tomar posse - 920, 2738
tomara - 1085
tonel de vinho - 841a
tonto - 2188a, 2188c
topázio - 1762
topo - 118d, 2097b
topo da árvore - 1931b
tora - 1670a
torcer - 1123, 1510, 1577, 1558, 1680, 1684, 1857, 2290
torcida, corda - 1558b
torcido - 512c, 2358
tordo - 1563a
tormento - 754a
tornar a - 876
tornar a fazer - 876, 2421
tornar brilhante - 288
tornar-se - 484, 491, 2692, 3023
tornar-se grande - 315, 315a, 2103, 3004
tornar-se importante - 315
tornar-se luz - 52
tornar-se rei - 1199
tornar-se velho - 246, 574
tortuosidade - 1090a
tortuoso (a) (s) - 1680a, 1680b, 1684c, 1857b
tosquia - 336a, 351, 1013, 2052
tosquiar - 336
tostar - 292
total - 2097
totalidade - 2789
totalmente seco - 837
totalmente, destruir - 744
toupeira - 654a, 714a
touro - 1831a, 2355a, 3055
trabalha em serviço pesado, que - 1639b
trabalhador - 1666c
trabalhar - 1553
trabalho - 1553f, 1792a, 1792b, 1792c, 2896b
trabalho árduo - 1666e
trabalho braçal - 1553c
trabalho de parto, estar em - 867
trabalho forçado - 1218, 1458c
trabalho pesado - 1639a
trabalho servil - 1218
trabalho, lugar de - 1651b
trabalho, produto do - 842e
traça - 1524, 1715a
traçar um, círculo - 615
traduzir - 2543
traição - 198a, 2169b, 2169c
traiçoeiramente, agir - 198
traidor - 198b, 198c
trajes de guarda-roupa - 1132a
trama - 556a, 556b, 556c, 716a
trama de tecido - 1376b, 1685b
tramar - 556, 2119
trança - 621a, 1960a, 2500a,
trançada, coberta - 948c
trançada, obra - 2286a
trançar - 1558
trancar - 329, 1383, 1497, 1550, 1669, 1675, 2012, 2051
trancar-se - 1562
tranças - 666e
tranqüilidade - 1323a, 1323c, 2453a
tranqüilizar - 2312
tranqüilo - 2304, 2304a, 2392b, 2392c, 2453
transbordamento - 1892b
transbordar - 420, 897, 1746, 1826, 1892, 2373
transcorrer - 2731
transcrever - 1721

tu - 189, 189a, 2592
tubo (s) - 897c, 1942b
tudo - 2789
tudo, colher - 1125
tumor (es) - 217a, 803a, 1662b
túmulo - 320a, 1984a, 1984b, 2303c, 2343
tumulto - 486a, 505, 505a, 2989
túnica - 1058a
túnica fina - 1856
túnica longa - 1789a
turbado - 569
turbante - 309c, 788a, 1726a, 1940a, 2800
turbante do sumo sacerdote - 1940c
turbilhão - 353i
turbulento - 547c
turvar - 432
turvo - 769
tutano - 1181b
uádi - 1343a
uivar - 868, 1311
uivo - 868a, 868b
últimas chuvas - 1127b
último - 68f
ultrapassar - 1556
um - 1717c, 2718
um pouco - 571a
uma vez - 61
umbilical, cordão - 2469a
umbral - 535b
umedecer - 2181
umidade - 1102b, 2130a
úmido - 1102a, 2154, 2154a
unção, óleo de - 1255a
ungido - 1255c
ungir - 457, 1255, 1345, 1474, 1532
ungüentos, mistura de - 2215h
unha - 1961a, 2758
união - 858b
único - 61, 858a
unido - 598c, 858, 2390
unigênito, filho - 858a
unir-se - 398, 1087
urdidura - 2479a
urdidura, fio da - 433b
Urim - 52e
urina - 2377a
urinar - 2377b
urrar - 1968
Ursa - 1617
urso - 396a, 2664
urtiga - 1548, 2037a
urubu - 1821a, 2877
usar a mão direita - 872c
usar como alimento - 1105
usualidade - 661a
usura - 1430a, 2103f
usura, emprestar com - 1424, 1430b
utensílio - 982g, 2820
útil - 1494
utilidade - 1494
uva (s) - 1647a, 1816a
uva, sementes de - 752d
uva, suco da - 103a
uvas bravas - 195c
uvas verdes - 257a
uvas, cacho de - 178
vã, agir de maneira - 463
vaca - 1831b
vacilação - 1747a, 1747b
vacilante - 1527e
vacilar - 1226, 1747
vacuidade - 2338a
vaguear - 161, 814, 1300, 1319, 1328, 1456, 1945, 2344, 2531
vaguear impacientemente - 2129
vaidade - 2338a
vale - 271b, 343, 1644a
valente - 117
valioso - 905
valor - 99a, 195c
vamos - 1269
vangloriar - 500
vantagem - 936d, 936f
vão - 463, 2161a, 2161c
vapor - 463a, 1421c
vara - 353f, 643a, 1158a, 1158b, 1236, 1352b, 1670a, 1775a, 2314a
variegado, tecido - 2216a
varrer - 385, 785
vasilha - 1750b
vasilhame - 410e
vaso - 353c, 982g, 2820
vaso de pomada - 2215g
vaso para tinta - 2080b
vassoura - 785a
vau - 1556c, 1556h, 1556i
vazias, de mãos - 2161c
vazio - 205a, 220a, 220b, 273, 924a, 2161a
vê - 1803a, 2095a
veado - 451
vede - 510a
vegetação - 456a
vegetal - 582c, 582d
veia da coxa - 1429
vela de embarcação - 1379a
velhaco - 1366b
velhice - 574c, 574d, 574e, 2253b
velho - 574, 574b, 928b
velho, tornar-se - 246, 574
velo - 336b
veloz - 1152a
vence em astúcia, aquele que - 1676b
vencedor - 83a
venda - 151a, 1194b, 1194c
vender - 1194
veneno - 860a, 2098
venenosa, cobra - 1858a
venenosa, serpente - 1954a, 1954b
venerar - 1756
ventania, arrebatar numa - 2275
vento - 2131a, 2991a
vento de tempestade - 1478b
vento oriental - 1988d
ventre - 45a, 236a, 342a, 2146a, 2837, 2838
ver - 608, 633, 2095, 2354, 2725
verão - 2020a, 2971
verão, frutos de - 2020a
verdade - 116 l, 2089a, 2982
verdadeiramente - 86, 116b, 116g, 116i, 116j
verdadeiro - 964a, 2773a
verde - 918a, 918c
verde claro - 918e
verde, grama - 456a
verdejante, gramado - 1a
verdes, uvas - 257a
verdor - 918a
verdura - 918b
vereda - 161a, 1440a, 1440b, 2316d
verga de porta - 2458c
vergonha - 222a, 222b, 222c, 699a, 987a, 987b, 1692b, 2024a, 2028f
vergonhas - 222d
vergonhosamente expulso - 369
verme - 2175a, 2516a, 2516b
vermelhão - 2476
vermelho (a) - 26a, 26b, 26h, 680, 685, 2476
vermelho púrpura - 2603
verter - 1375
vespa - 1971b
veste (s) - 1472a, 1964, 2270a, 2810a
veste cerimonial - 667b
vestido - 1075, 2810
vestígio - 2620
vestimenta - 198d, 1075a, 1075c, 1472a,
vestir - 59, 1075
vestir cinturão de guerreiro - 668
vestir de púrpura - 2516c
vestir uma capa - 1032
véu - 448b, 1472b, 1946a, 2188b
véu largo - 2120a
véu longo - 1534c
véu para mulheres - 1929a
viagem - 1380
viajante - 498a, 1440b
viajar - 161, 1945, 2353
víbora - 1791b, 1858a
vibração - 2189b
vicejar - 2190
viço, crescer com - 1543
viçoso - 2154a, 2190, 2190a
vida - 644, 644f, 653a, 1390, 1395a, 2137b
vida, decurso da - 2173b
vida, duração da - 653a
vida, entregar a - 1390
vida, modo de - 2605
vida, perder a - 1390
vida, preservação da - 644h
vida, que tem o vigor da - 644e
vida, sustentar a - 644
vida, viver metade da - 719
vide - 372a
videira - 372a, 1040, 1357a, 2294b
videira escolhida - 2294d
videira selecionada - 2294
videira, cuidar de - 1040
videira, flor de - 1513

videiras, fileira de - 2355c
vidente - 633b, 2095b
vidro - 550b
viga - 323b, 1021a, 1048b, 2068d, 2596, 2616
vigamento - 2068f
vigas, construir com - 2068, 2068e
vigésima parte do siclo - 386b
vigia, torre de - 230b, 1950b
vigiar - 1407, 1950, 2451
vigilante - 2354a, 2907
vigília - 2414c, 2414e
vigília, estar de - 2451
vigor - 49a, 482a, 984a
vigor da vida, que tem - 644e
vil - 554
vilarejo - 1812a
vileza - 554a
vinagre - 679b
vínculo - 141e, 141f
vindima - 270f
vingado - 1413
vingança - 1413a, 1413b
vingar - 300, 1413
vingar-se - 929, 1413
vinha - 1040a
vinha, produto extraído da - 752d
vinho - 683a, 864, 1455a, 1711e, 2505, 2734
vinho misturado - 1170a, 1220b
vinho novo - 2505
vinho, embotados com o - 646a
vinho, resíduo do - 2415a
vinho, tonel de - 841a
vinte - 1711e, 2932a
violência - 678a
violência, praticar - 1713
violentamente, tratar - 678
violentar - 2327
violento - 678, 971a, 1826b
vir - 188, 212, 849, 2618
vir à frente - 2868
vir em auxílio - 1590
vir para fora - 893
virar - 512, 1352
visão profética - 2095c
visão, lugar de - 633g
viscosa, substância - 2162a
visibilidade - 2725b
visitar - 1802
virar à esquerda - 2267
virar-se - 1782
virgem - 295a
virgindade - 295b
visão (ões) - 633a, 633c, 633d, 633e, 633f, 2095g, 2725a
vista - 2095i, 2725b
vista das pessoas, exposta à - 1588
visto que - 976
vistosas, jóias - 1567a
vistosas, roupas - 1567a
vítima - 782a
vitória - 1402a
vitória, conceder - 939
vituperado - 699
vitupério - 699a
viúva - 103, 105
viúva, abandonada como - 103
viuvez - 104, 106
vivaz - 644e
vivente - 644a, 2727a
vivente, ser - 644c
viver - 644, 2727
viver em regalias - 1567
viver metade da vida - 719
viver para sempre - 644
viver prosperamente - 644
vivificado - 644
vivo - 644a, 644e, 2727a
vivo, permanecer - 644
vizinho - 2387b
voadoras, criaturas - 1582a
voar - 13b, 1397, 1399, 1582, 1815
voar ao redor - 1582
voar com rapidez - 394
voar para longe - 1582
volta completa - 2001
volta de, em - 258a
volta, dar a - 1416
voltar - 512, 1469, 1576, 3053
voltar-se - 1456, 2340
voltear - 623
voluntária, oferta - 1299a
voluntariamente, apresentar-se - 2848
vomitar - 2013, 2014
vômito - 2013a, 2013b
vontade - 40, 2998a
vorazmente - 1610b
vorazmente, arremessar-se - 1610b
vós - 189b, 189c, 2593
votiva, oferta - 1308a
voto - 1308a
voto, fazer um - 1308
voz - 1998a, 2973
voz aguda, gritar com - 1610
voz alta, ler em - 2977
xale - 1946a
Zacarias - 551c
zangar-se - 2987
Zebulom - 526b
zelo - 2038, 2038a
zimbro - 289a
zombadores - 518a
zombar - 518, 554, 1117, 1163, 1627, 2029, 2514
zombaria - 518a, 1118a, 1539a, 2029b
zombeteira, canção - 1292
zombeteiro, dito - 1258d
zombeteiro, poema - 1113b
zona rural - 1812a, 1812c
Zorobabel - 578a
zumbidor - 1919a
zumbidor, gafanhoto - 1919c
zunidor - 1919a
zurrar - 1314